O

RAMAYANA

de

VALMIKI

Traduzido para o inglês por

HARI PRASAD SHASTRI – 1952-1959

Traduzido para o português por

ELEONORA MEIER – 2015

LIVRO I – BALAKANDA
LIVRO II – AYODHYA KANDA
LIVRO III – ARANYA KANDA
LIVRO IV – KISHKINDHA KANDA
LIVRO V – SUNDARA KANDA
LIVRO VI – YUDDHA KANDA
LIVRO VII – UTTARA KANDA

Conteúdos

INTRODUÇÃO

[Ao Vol. I, Livros I e II, 1952].

A cultura ocidental só agora está começando a olhar para além das civilizações romana e grega em busca de uma nova inspiração. Ainda assim, é um pouco surpreendente que, embora os poderosos épicos da Ilíada e da Odisseia sejam amplamente conhecidos e amados, só poucos estudiosos têm estudado os seus homólogos hindus conhecidos como o *Ramayana* e o *Mahabharata*. De fato, não existe nenhuma boa tradução inglesa completa[1] moderna do Ramayana, e a melhor daquelas feita na última metade do século XIX não são obteníveis fora das maiores bibliotecas.

O Ramayana é uma obra de grande antiguidade atribuída ao ilustre sábio Valmiki. A sua data de composição não pode ser determinada com alguma certeza, especialmente porque, em comum com outros clássicos em sânscrito, ele não foi a princípio entregue à escrita, mas foi passado adiante de cantor para cantor. Esse processo também conta para o fato de que as várias versões *(Sakhas)* do poema que chegaram até nós diferem levemente no contexto. O fato interessante é que os estudiosos estão de acordo que o Ramayana é a obra-prima grandiosamente concebida e executada de um poeta, e não uma coleção de histórias de muitas fontes, vagamente reunidas.

Infelizmente nós sabemos muito pouco sobre o rishi Valmiki, cujo título 'Adikavi' (Primeiro Poeta) e preeminência em verso sânscrito nunca foram seriamente desafiados até hoje. Ele era um chefe ladrão em uma floresta no norte da Índia e em uma ocasião emboscou dois ascetas para o propósito de roubá-los. Os viajantes, no entanto, lhe falaram com bondade, e lhe ofereceram a verdade espiritual em vez do ouro e da prata que eles não possuíam. Convencido da sinceridade deles e por seu conselho, Valmiki mudou seu modo de vida e tornou-se um devoto de Shri Ramachandra, a Sétima Encarnação de Deus (Vishnu) sobre a terra. Depois de um longo período de meditação sobre a forma e virtudes de Shri Rama, é dito que lhe foi concedida uma visão da vida de Rama do começo ao fim.

Ele deu expressão a essa experiência única, em verso sânscrito, nos 24.000 *slokas* (48.000 linhas) conhecidos como o Ramayana. O *sloka* é uma métrica específica que o próprio poeta descobriu, como é contado em uma bela passagem no primeiro livro.

O poema está dividido em sete livros *(Kandas)* de extensão desigual, que podem ser resumidos muito brevemente como segue:

Livro I. (Bala-Kanda). O rei Dasaratha de Ayodhya (Oudh), realiza um sacrifício na esperança de obter um filho. Nessa época os Deuses *(Devas)* estão alarmados com o poder adquirido pelo titã poderoso chamado Ravana, que, pela prática de magia negra tinha conquistado quase todo o mundo conhecido. A prece do rei Dasaratha é respondida e suas três esposas têm quatro filhos, Rama, Bharata e os gêmeos Lakshmana e Shatrughna, que são todos encarnações parciais de Shri Vishnu. Vishnu, no entanto, se manifesta mais plenamente em Shri Rama do que nos outros irmãos. Os meninos crescem e Shri Rama ganha, como sua noiva, Sita, a filha do rei Janaka do reino vizinho de Videha.

---

[1] A versão do Ramayana incluída em *Hindu Scriptures* é uma edição muito abreviada da original, a maioria das lendas estando omitida.

Livro II. (Ayodhya Kanda). O rei Dasaratha tenciona proclamar Shri Rama herdeiro presuntivo, mas o ciúme da sua segunda rainha, Kaikeyi, é despertado, e ela segura o rei a uma promessa feita anteriormente, que ele iria lhe conceder duas bênçãos. As bênçãos que ela agora assegura são o banimento de Shri Rama para a floresta por quatorze anos, e a instalação do seu próprio filho Bharata como *Yuvaraja*.[2] De acordo com a lei da justiça *(dharma)* um voto deve ser honrado, e Shri Rama aceita calmamente a sentença de exílio. Ele viaja para o sul para Chittrakuta na Floresta de Dandaka com sua esposa Sita e seu irmão Lakshmana. O rei Dasaratha morre de tristeza e Bharata implora a Shri Rama para voltar ao trono, mas o último adere firmemente à defesa do honra de seu pai e ao cumprimento de seu voto.

Livro III. (Aranya Kanda). Depois de cerca de dez anos na floresta com seu marido, a princesa Sita é raptada pelo titã Ravana, e levada por ele até sua capital, Lanka (o moderno Ceilão).

Livro IV. (Kishkindha Kanda). Rama e Lakshmana em busca de Ravana e para resgatar Sita conseguem a ajuda do rei Sugriva, líder da tribo de macacos, cujo ministro-chefe Hanuman se torna o principal devoto e servo de Shri Rama. Ajuda também vem de Vibishana, irmão de Ravana, que desaprovava abertamente a conduta do rei titã, e o avisou do castigo que ele podia esperar pelas ações injustas.

Livro V. (Sundara-Kanda). Os exércitos de macacos chegam à costa sul da Índia, e, construindo uma ponte entre os estreitos, ganham a entrada em Lanka.

Livro VI. (Lanka-Kanda). Depois de uma série de batalhas campais, Lanka é capturada e Ravana é morto por Shri Rama. Sita demonstra sua pureza e fidelidade a seu marido, por submeter-se com sucesso à prova de fogo. O período de exílio de quatorze anos está agora concluído, e Shri Rama retorna com sua consorte, seus irmãos e aliados, para a capital Ayodhya, onde ele começa um reinado longo e glorioso.

Livro VII. (Uttara-Kanda). Esta 'seção posterior', ou epílogo, descreve as dúvidas levantadas nas mentes dos cidadãos relativas à pureza de Sita, e como eles obrigaram Shri Rama a mandá-la para eremitério de Valmiki na floresta, onde ela dá à luz filhos gêmeos, Kusha e Lava. Quando esses meninos crescem, eles retornam para Ayodhya e são reconhecidos por Shri Rama, que posteriormente traz Sita de volta para compartilhar do governo do reino com ele.

Essa em resumo é a história do Ramayana, que, na grandeza poética do original, bem como na obra posterior em híndi sobre o mesmo tema por Goswami Tulsidas, exerceu uma tremenda influência sobre os homens e as mulheres da Índia. Ele não é só poesia de poder dramático e brilho insuperáveis, ele é um tesouro de informações sobre a retórica, medicina, geologia, botânica, geografia e todas as facetas da civilização antiga, pelas quais estudiosos eruditos podem se interessar. Para todo hindu, Shri Rama e Sita são o homem e a mulher ideais, o modelo de marido e mulher. Shri Rama é uma encarnação de Deus, o Princípio Onipenetrante da Verdade e Inteligência, e qual padrão mais alto para a própria vida poderia ser escolhido do que este homem de virtude perfeita, um amante da verdade, compassivo, justo, benevolente, valoroso e cavalheiresco?

A história também pode ser tomada como uma alegoria. Simbolicamente Rama e Ravana representam as forças da luz e das trevas operando no coração humano, assim como no mundo. Veracidade, benevolência, piedade, e justiça são a forças da Luz que são combatidas pela ganância, luxúria, amor ao prazer e poder,

[2] Herdeiro presuntivo.

raiva e egoísmo. O verdadeiro triunfo do homem significa conquistar as forças das trevas. Na Índia é celebrado um festival a cada ano no dia tradicionalmente considerado aquele em que Ravana caiu e o governo da tirania, injustiça, selvageria e iniquidade terminou.

Menção já foi feita ao épico posterior de Tulsidas em híndi sobre a vida de Shri Rama, que é provavelmente o mais amplamente lido de todos nos dias de hoje. Uma versão da história também constitui um episódio no Mahabharata[3] e outro tratamento comparativamente moderno dela é o Adhyatma Ramayana atribuído ao sábio Vyasa.

O próprio sábio Valmiki escreveu um longo clássico metafísico conhecido como o Maharamayana ou Yoga Vasishtha, que trata do desenvolvimento interno de Shri Rama ao invés dos seus atos exteriores, e que continua a ser um dos mais autoritários e respeitados tratados filosóficos de Vedanta.

A vida de Shri Rama entrou na consciência do povo indiano, e muita arte e literatura, como os dramas de Bhababhuti, tiram sua inspiração dela. As palavras de Brahma no Ramayana demonstraram até agora não serem jactância vã: "Enquanto as montanhas e os rios tiverem lugar sobre a terra, a história do Ramayana será contada no mundo."

O objetivo do tradutor é tornar a história conhecida para os leitores ingleses de uma forma completa, a primeira parte da qual é publicada neste volume. Embora não seja possível reproduzir a beleza da forma poética original, o verdadeiro espírito da obra-prima de Valmiki é aqui preservado, e para aqueles que têm visão, todo o significado do seu propósito espiritual será evidente.

[Prólogo ao Vol. II, Livros III, IV, V, 1957].

Hari Prasad Shastri iniciou a tradução do Ramayana do rishi Valmiki por volta de 1945, e ele terminou a obra em 1948. A tarefa de editar a tradução, revisão e compilação dos Glossários foi confiada a alguns de seus estudantes, e o primeiro do três volumes foi publicado em 1952 e foi recebido favoravelmente pelos críticos. Um generoso reconhecimento por parte do Governo da Índia trouxe um subsídio para o custo da publicação do segundo e terceiro volumes o qual é aqui gratamente reconhecido.

O segundo volume do Ramayana segue de perto o padrão do Volume I, exceto que foi decidido dispensar as notas de pé de página na medida do possível, e expandir os Glossários. O equivalente em inglês de todas as palavras sânscritas será encontrado nesses, embora os nomes de algumas árvores não tenham sido investigados.

A preparação do manuscrito do terceiro e último volume [contendo os Livros VI e VII, publicado em 1959] está bem avançada e a publicação está prevista para o próximo ano.

Shanti Sadan,
1957

---

[3] [Mahabharata, Vana Parva, Cap. 271-289].

LIVRO I

BALA KANDA

Capítulo 1 - Shri Narada narra para Valmiki a história de Rama

O sábio Valmiki,[4] o principal entre os munis[5] e o mais eloquente dos homens, constantemente engajado na prática do autocontrole e estudo das escrituras sagradas, questionou Shri Narada:[6]

"Quem há, no mundo de hoje, dotado de qualidades excelentes e heroicas, que é versado em todos os deveres da vida, grato, verdadeiro, firme em seus votos, um ator de muitos talentos, benevolente para com todos os seres, erudito, eloquente, belo, paciente, lento para a ira, que é verdadeiramente grande; que é livre de inveja e quando enfurecido pode encher de terror os corações dos seres celestiais? Ó sábio, eu gostaria de ouvir sobre tal homem de ti, que és capaz de descrevê-lo para mim.

Narada, conhecedor do passado, do presente e do futuro, satisfeito com as palavras do sábio Valmiki, lhe respondeu dizendo:

"Raros de fato são aqueles dotados das qualidades que tu enumeraste, contudo eu posso te falar de um. Nascido na família de Ikshvaku,[7] ele é chamado de Rama; renomado, totalmente autocontrolado, valoroso e ilustre, o Senhor de todos. Sábio, conhecedor do código de ética, eloquente, afortunado, um matador de seus inimigos, de ombros largos, de braços longos, possuindo um pescoço em forma de concha e queixo proeminente, eminente no tiro com arco, com um corpo musculoso, braços estendendo-se até os joelhos, e cabeça e testa nobres; de coragem imensa; possuindo membros proporcionais e pele de tom azulado,[8] famoso por sua virtude; de olhos proeminentes, de peito largo, tendo marcas auspiciosas; aquele que protege os que nele se refugiam e está sempre atento ao bem daqueles dependentes dele; fiel às suas promessas, benevolente para com seus súditos, onisciente, renomado por suas boas ações, puro, e sempre sensível à devoção; meditando em sua própria essência.

"Igual a Brahma, o protetor de seu povo, agradável de olhar; sustentando o universo; o destruidor daqueles que violam o código moral; o inspirador da virtude; o que dá graça especial para seus devotos e para aqueles que observam devidamente ritos sacrificais e são caridosos; familiarizado com a essência da filosofia vêdica;[9] um perito na ciência da guerra; especialista na lei escritural; de memória infalível; amado por todos; de disposição cortês; incapaz de covardia; familiarizado com as leis desse mundo, como também dos outros mundos.

"Como os rios se apressam para o oceano, assim os homens de virtude sempre se aproximam dele.

---

[4] Valmiki: uma vez um chefe ladrão, se tornou depois um sábio plenamente iluminado, autor do Ramayana.

[5] Muni: um sábio santo, uma pessoa piedosa e erudita.

[6] Narada: um grande rishi, filho de Brahma, o Criador. Muitos hinos do Rig-veda são atribuídos a ele.

[7] Ikshvaku: filho de Manu, fundador da linhagem solar de reis, que reinaram em Ayodhya.

[8] Tom azulado: as Encarnações ou Descidas Divinas chamadas Avataras são ditas terem a cor de uma nuvem recém-nascida.

[9] [Vêdica: a grafia em nossos dicionários seria 'védica', porém isso não corresponde à pronúncia correta da palavra, 'vêdica', pois no sânscrito *e* e *o* sempre têm a pronúncia fechada].

"Igual a Vishnu[10] em bravura; agradável para a visão como a lua cheia; quando incitado à ira justa, assemelhando-se à morte que a tudo consome; em paciência como a terra, em generosidade como Kuvera;[11] em veracidade a personificação da virtude. Essas são as suas grandes qualidades – Rama, o herdeiro amado do rei Dasaratha, possuindo todos os atributos excelentes, benevolente para com todos, dedicado ao bem-estar de todos os seres vivos".

Seu pai, o rei Dasaratha, fez os preparativos para instalá-lo como seu regente, mas a rainha Kaikeyi, reclamando as bênçãos anteriormente prometidas a ela, exigiu o exílio de Rama e a entronização do seu próprio filho Bharata. O rei, preso pela sua promessa e pelos laços da honra, enviou seu filho Rama, a quem ele amava como a sua própria vida, para o exílio. Obedecendo ao comando do seu régio pai, e, para satisfazer Kaikeyi, Shri Rama foi para a floresta. O filho da rainha Sumitra, o príncipe Lakshmana, inspirado por afeição e humildade, seguiu seu irmão Rama para o exílio. A filha do rei Janaka, uma encarnação de Lakshmi,[12] dotada das mais elevadas virtudes femininas, vendo príncipe Lakshmana acompanhando Rama, obediente ao seu marido, o seguiu como Vênus segue a lua.

Acompanhado por algumas léguas pelo rei Dasaratha e seu povo, Rama dispensou a carruagem ao chegar à cidade de Shringavera nas margens do Ganges, e mandou o ministro Sumantra retornar à capital.

Aqui o príncipe encontrou seu amado Guha, o chefe dos chandalas,[13] acompanhado por quem, com Lakshmana e Sita, ele cruzou o rio Ganges e entrou na floresta, chegando finalmente à montanha Chittrakuta descrita pelo sábio Bharadwaja. Rama, Sita e Lakshmana moraram alegremente na floresta como devas[14] ou gandharvas.[15]

Oprimido pela dor pela separação dos seus filhos e lamentando a sua ausência, o rei partiu desta vida, enquanto Rama morava na montanha Chittrakuta.

Os santos e sábios ofereceram o trono, deixado vago pela morte do rei Dasaratha, ao príncipe Bharata, que o recusou, não desejando o reino. Partindo para a floresta onde Shri Rama morava, a fim de propiciá-lo, ele se aproximou daquele herói da verdade com humildade e dirigindo sua atenção para o código de justiça que ele conhecia, pediu a Rama para voltar e governar o reino.

O magnânimo, belo e poderoso Rama se recusou a aceitar o trono, preferindo cumprir a ordem de seu pai e, presenteando o príncipe Bharata com as suas sandálias como um símbolo de autoridade, repetidamente o exortou a retornar à capital.

Shri Bharata, tocando os pés de Rama em submissão, partiu e começou a governar o domínio a partir da cidade de Nandigrama, aguardando avidamente o retorno do seu irmão.

Os sábios e eremitas, que moravam na floresta, atormentados constantemente por asuras,[16] se aproximaram de Shri Ramachandra para pedir sua proteção – Shri Rama concordou em matar os asuras malignos para preservar os sábios que tinham procurado a ajuda dele. Os homens santos, cuja aparência se

---

[10] Vishnu: o Senhor como Mantenedor e Sustentador do universo.

[11] Kuvera: o Deus da riqueza.

[12] Lakshmi: a consorte de Shri Vishnu.

[13] Chandala: pária.

[14] Devas: deuses ou seres celestes, literalmente 'brilhantes'.

[15] Gandharvas: músicos celestiais.

[16] Asuras: uma raça de demônios.

igualava ao fogo em brilho, ouviram a decisão de Shri Rama e foram assegurados por ele da sua proteção.

A asuri[17] Shurpanakha, que podia assumir várias formas à vontade, foi dominada e desfigurada por Rama e Lakshmana. Todos os rakshasas[18] perversos vieram liderados por Khara, Dushana e Trishira, para se engajar em combate com Shri Rama, e foram mortos por ele. Shri Rama matou catorze mil rakshasas que habitavam naquela floresta. Sabendo do massacre dos rakshasas, o rei Ravana, levado pela raiva, levou com ele Maricha, um demônio como ele. Maricha, conhecendo a força superior de Rama, procurou dissuadir Ravana de entrar em combate com ele, mas Ravana, que estava marcado pelo destino, ignorou o conselho e foi com Maricha para a morada de Shri Rama. Lá, Maricha atraiu Shri Rama e Lakshmana para longe do eremitério e Ravana, tendo matado o abutre Jatayu, levou Sita embora.

Sabendo do moribundo Jatayu do rapto da filha do rei de Mithila, Shri Rama foi dominado pela aflição e começou a lamentar.

Tendo realizado as exéquias do abutre, enquanto vagando em busca de Sita, ele enfrentou um asura chamado Kabandha cuja forma era ameaçadora e terrível.

Shri Rama o matou e depois executou os ritos fúnebres após o que sua alma subiu ao céu. Ao passar para a esfera celestial, Kabandha falou a Rama de Shabari, uma asceta, e pediu-lhe para visitá-la. Shri Rama, o sempre resplandecente destruidor de seus inimigos, chegou ao local onde Shabari morava e foi devidamente adorado por ela.

Nas margens do Lago Pampa, Shri Rama encontrou o macaco Hanuman que apresentou Sugriva a ele. O poderoso Rama contou toda a sua história para ele até o rapto de Shri Sita. Sugriva tendo ouvido Shri Rama entrou no rito de amizade com ele, testemunhado pelo fogo. Com plena fé em Rama, Sugriva então lhe contou todos os sofrimentos que ele tinha suportado por causa da sua inimizade com Bali e a grande audácia do último. Então Shri Rama prometeu matar Bali,[19] mas Sugriva, incerto da bravura de Rama e desejando testá-lo, mostrou-lhe os ossos do corpo de Dundhubi,[20] formando uma pilha tão alta quanto uma montanha. Com seu pé, Rama chutou a pilha a uma distância de dez yojanas e, disparando uma seta, perfurou sete palmeiras, partindo uma montanha e com a flecha penetrando até o centro da terra. Tendo testemunhado essa façanha, Sugriva estava satisfeito, e depois disso confiou em Rama implicitamente. Em sua companhia ele atravessou vales profundos até a cidade de Kishkindhya; lá, Sugriva de olhos amarelos rugiu como um trovão. A esse som terrível, o poderoso e valente chefe macaco, Bali, saiu, desconsiderando o aviso da sua esposa Tara, e entrou em combate com Sugriva.

Como desejado por Sugriva, Shri Rama matou Bali com uma única flecha; então ele confiou o governo de Kishkindhya a Sugriva que agora, como rei da tribo de macacos, reuniu suas forças e as mandou para todos os quadrantes em busca de Sita.

O chefe abutre, o corajoso Sampati, informou a Hanuman onde Sita estava, após o que o macaco saltou sobre o mar que fica entre Bharatvarsh[21] e Lanka,[22] uma distância de quinhentas milhas.

---

[17] [Asuri: asura fêmea].

[18] Rakshasas: maus espíritos ou demônios, inimigos dos deuses.

[19] Bali ou Vali: um rei titã, filho de Virochana, filho de Prahlada.

[20] Dundhubi: um gigante.

[21] Bharatvarsh, [Bharata varsha]: Índia.

[22] Lanka: Ceilão.

Entrando na cidade de Lanka que era protegida por Ravana, Hanuman viu Sita, meditando sobre Rama no jardim ashoka. Ele lá entregou o anel de Rama para ela e a informou do bem-estar do seu marido. Tendo revivido a coragem de Sita, ele quebrou o portão do jardim e matou sete filhos dos conselheiros de Ravana, cinco grandes capitães e igualou Akshyakumara, o filho de Ravana, ao pó. Então ele se permitiu ser capturado.

Sabendo que não poderia ser subjugado pela arma concedida por Brahma a Ravana, embora reconhecendo o poder da sua bênção,[23] Hanuman se permitiu ser preso, sofrendo muitas indignidades. Posteriormente ele queimou toda a Lanka, só poupando o lugar onde Sita habitava.

Voltando para entregar suas notícias bem-vindas, ele circungirou respeitosamente o poderoso Rama e contou em detalhes como tinha encontrado Sita.

Partindo na companhia de Sugriva e outros, Rama chegou ao mar. Lá ele criou uma tempestade com suas flechas brilhantes e o senhor das águas, Sumudra, apareceu diante dele. Sob sua direção, Naja lançou uma ponte sobre o mar. Cruzando o mar por meio dessa ponte, Shri Rama entrou em Lanka, matou Ravana em batalha e recuperou Sita, mas sendo ela objeto de calúnia, foi abordada por ele com palavras duras no meio da assembleia. Depois de ouvir as palavras de Rama com paciência, Sita entrou em um grande fogo. Pelo testemunho do deus do fogo, Sita mostrou-se inocente e Rama, adorado por todos os deuses, ficou contente.

Os seres animados e inanimados dos três mundos,[24] os deuses e os sábios, deram graças que Ravana tinha sido morto por Shri Rama. Shri Rama entronizou Vibishana[25] como o rei dos asuras e, estando totalmente satisfeito, reviveu todos os macacos e asuras que haviam caído na batalha.

Na carruagem aérea, Pushpaka, acompanhado por Sugriva, Shri Rama, um devoto da verdade, chegou ao eremitério de Bharadwaja. De lá, ele enviou Hanuman ao príncipe Bharata como seu mensageiro, e conversando com Sugriva subiu novamente na carruagem aérea e chegou a Nandigrama.

Sempre obediente ao seu pai, Shri Rama então cortou seus cabelos emaranhados e com Sita ocupou o trono de Ayodhya.

Vendo Shri Rama ocupando o trono, as pessoas eram felizes e satisfeitas, virtuosas e livres de doença, tristeza, fome ou perigo. Ninguém testemunhava a morte de seu filho; nenhuma mulher ficava viúva e todas eram dedicadas aos seus maridos; não havia perigo de tempestades; ninguém perecia pela água; nem havia qualquer causa de medo do fogo; febre e praga eram desconhecidas; não havia escassez, e nenhum perigo de ladrões. Cidades e vilas eram ricas e prósperas; todos viviam felizes como no Satya Yuga.[26]

Shri Rama e Sita observaram inúmeros sacrifícios vêdicos e deram muito ouro, e centenas de milhares de vacas em caridade, assim preparando para si mesmos um lugar nas regiões divinas. Shri Rama contribuiu incalculavelmente para a prosperidade da dinastia, e concedeu imensa riqueza aos brâmanes. Ele empregou seus súditos nos deveres das suas respectivas castas e governou por onze mil anos, depois do que ele voltou para a sua morada celeste, Vaikuntha.

---

[23] O Deus Brahma tinha dado a Ravana uma arma que enredava todos em quem ela era usada de modo que eles não podiam escapar. Era apropriado, portanto, que Hanuman, embora não sujeito a ela, reconhecesse o poder do deus.

[24] Bhur, Bhuvah, Swah. O mundo inferior, intermediário, e superior.

[25] Bibishana ou Vibishana: irmão mais novo de Ravana, mas um devoto de Rama.

[26] Satya Yuga: a Era Dourada.

Aquele que lê a história de Rama, que dá mérito e pureza, é libertado de todo o pecado. Aquele que a lê com fé e devoção por fim é adorado juntamente com seus filhos, netos e servos em sua morte.

Um brâmane[27] a lendo se torna proficiente nos Vedas, e filosofia; um kshatriya se torna um rei; um vaishya se torna próspero no comércio; um shudra ao lê-la se tornará grande em sua casta.

Capítulo 2 – O sábio Valmiki cria a forma métrica para a história

O sábio e eloquente Valmiki com seu discípulo, Bharadwaja, tendo ouvido as palavras de Narada, estava cheio de admiração e adorou Rama em seu coração. Ele ofereceu reverência a Shri Narada, que ansiava permissão para partir e após seu pedido ser concedido subiu através do espaço para os céus.

Narada tendo partido, o grande muni Valmiki foi para as margens do rio Tamasa, que era perto do Ganges. Chegando àquele local e vendo as águas puras e límpidas, Valmiki disse ao seu discípulo: "Ó Bharadwaja, veja quão pura é a água do rio sagrado, realmente ela é clara e agradável como a mente de um homem bom. Ó filho, baixe o cântaro e me traga o meu traje de pele do eremitério. Eu quero me banhar no rio sagrado, não demore".

Obediente ao comando do seu guru,[28] o discípulo trouxe o traje do eremitério do sábio e, retornando rapidamente, o ofereceu a ele. Recebendo o manto de pele das mãos de seu discípulo, o sábio, com seus sentidos totalmente controlados, envolveu-se nele e durante o banho repetiu as orações tradicionais, oferecendo libações de água para os seus antepassados e para os deuses. Em seguida ele passeou pela floresta apreciando as belezas da natureza.

Nessas circunstâncias o sábio augusto, Shri Valmiki, viu um par de aves Krauncha[29] divertindo-se destemidamente em amor. Logo depois, um caçador, espreitando não observado, matou a ave macho na presença do sábio. A ave fêmea, privada de seu companheiro de crista amarela, que agora tinha estado abrindo suas asas no ato de amor para agradá-la, vendo-o sangrando e gritando de angústia, começou a lamentar.

O coração do sábio ficou cheio de pena ao ver a ave derrubada pelo caçador. Tocado pelo lamento do krauncha fêmea e enfurecido pelo ato cruel do caçador, o sábio disse: "Ó caçador, tendo matado a ave no meio do gozo de amor com sua companheira, tu nunca obterás prosperidade. Não visites a floresta por muitos anos a fim de que o mal não te alcance".

Refletindo sobre as palavras que ele tinha dirigido ao caçador, e percebendo sua implicação, o sábio disse para si mesmo: "Que palavras são essas que eu proferi, inspirado por minha compaixão pela ave agonizante?"

O sábio douto e erudito refletiu um momento, e então disse ao seu discípulo: "Aflito pela ave que morria, eu recitei esse verso de quatro pés, cada um de sílabas iguais, que pode ser cantado com a vina.[30] Que ele me traga renome e que nenhum mal seja falado de mim por conta disso".

---

[27] As quatro castas tradicionais; os sacerdotes, os guerreiros, os mercadores e aqueles que servem os outros três.

[28] Guru: tradicional preceptor espiritual.

[29] Kraunch a: Ardea jaculator: uma espécie de garça.

[30] Vina: um instrumento musical de corda.

Com grande alegria o discípulo decorou o verso composto por seu preceptor espiritual, que expressou sua satisfação pela habilidade de seu pupilo Bharadwaja. Banhando-se no rio sagrado, de acordo com o ritual prescrito, o sábio voltou para o seu eremitério, pensando sobre o assunto. O discípulo humilde e erudito Bharadwaja seguiu o grande sábio, carregando seu loshta cheio de água. Ao entrar no eremitério, o sábio adorou o Senhor e realizou outros rituais, e tendo instruído seu discípulo na tradição e na história sagrada, entrou em profunda meditação. O Criador do mundo, o Autonascido, Brahma glorioso e de quatro faces finalmente apareceu diante do sábio santo. Valmiki ergueu-se às pressas, cheio de espanto, e recebendo a Divindade em grande humildade, ofereceu reverências a Ele. Levando-O para um assento, em profunda reverência ele derramou libações de água como ordenado na tradição, fazendo perguntas quanto ao seu bem-estar. O Senhor Abençoado aceitou a homenagem oferecida a ele e mandou o sábio se sentar. Shri Valmiki ocupou o local designado por Brahma e mais uma vez se lembrou do seu pesar pelo incidente do caçador perverso, que matou impiedosamente a ave que estava tão feliz e arrulhando de prazer. Ele recordou o sofrimento da ave fêmea e leu e releu as linhas:

"Pelo caçador ignorante e perverso, nasce o sofrimento
Pois ele matou cruelmente o Krauncha melodioso".

Shri Brahma, vendo o sábio angustiado e triste, disse-lhe: "Ó grande sábio, que essas palavras proferidas espontaneamente por ti, inspiradas pela morte do Krauncha, sejam poesia. Descreve toda a história de Rama, que é a essência da virtude e cheia dos maiores atributos, de acordo com o que tu ouviste de Shri Narada. Narra todos os conhecidos e até então desconhecidos atos de Shri Rama, Sita e Lakshmana e dos asuras. Tudo o que diz respeito ao rei Dasaratha, suas esposas, cidade, palácio, declarações, conduta e o que ele realizou, serão revelados a ti pela minha graça. Nenhuma das tuas palavras se revelará falsa. Traduze em verso os feitos sagrados e encantadores de Rama. Ó sábio, enquanto as montanhas e os rios permanecerem sobre a terra, a história de Shri Rama vai durar. Enquanto a história de Rama durar, tu residirás nas regiões mais elevadas".

Após proferir essas palavras, Shri Brahma ponderou algum tempo consigo mesmo e então desapareceu de vista.

O grande sábio e seu discípulo estavam cheios de admiração por esse evento, e, lendo a estrofe repetidas vezes, a sua alegria aumentou. Repetidamente recitando o dístico, composto por Valmiki, eles perceberam que o sábio santo havia expressado sua tristeza em forma poética. Então Shri Valmiki meditou no Senhor dentro da sua alma e lhe ocorreu narrar a história de Rama em verso similar. Para o bem do mundo, o sábio ilustre e santo, portanto, começou a compor a vida de Shri Rama em verso; aquele Rama, digno de renome mundial, que é generoso e encantador. Shri Valmiki compôs a história da vida de Rama e da morte de Ravana em estrofes belas e medidas, uma obra de mérito infinito.

Capítulo 3 – Os feitos de Rama que serão descritos no poema sagrado

Tendo ouvido a história da vida do sagaz Rama dos lábios de Shri Narada, a qual, quando contada, confere retidão perfeita ao ouvinte, o sábio santo desejou

saber mais sobre o tema sagrado. Lavando as mãos e os pés e bebendo um pouco de água pura, colocando-se de frente para o leste em um assento de grama kusha, com palmas unidas, ele entrou em meditação profunda e numa visão contemplou a história de Rama. Pela graça de Shri Brahma, o sábio santo viu tudo o que Rama, Sita e Lakshmana tinham experimentado, observado e feito. Ele testemunhou em detalhes a vida de Rama, que era a verdade encarnada, e tudo o que ele tinha feito na floresta e em outros lugares.

Pelo poder da meditação espiritual e yoga, o sábio Valmiki viu todo o passado tão claramente como se ele fosse um fruto colocado na palma da sua mão. Assim, tendo testemunhado tudo, o sábio mais iluminado começou a descrever a vida de Shri Rama em verso.

A história de Shri Rama, que confere retidão, prosperidade mundana e alegria ao leitor, que não degrada a mente e concede libertação da tristeza, aquela história que encanta o coração e é tão cheia de pedras preciosas fascinantes quanto o oceano, foi reproduzida por Shri Valmiki, na forma em que Shri Narada a tinha narrado para ele.

O nascimento de Rama, sua coragem, sua benevolência para com todos os homens, sua boa vontade universal, sua clemência, sua aparência agradável, sua doce disposição, seu amor à verdade, sua humildade, seus serviços úteis ao sábio Vishwamitra, a instrução dada pelo sábio Vishwamitra a ele e sua audição paciente; sua quebra do grande arco; seu casamento com a princesa Sita; sua controvérsia com Parasurama; os preparativos para a sua coroação; uma descrição das suas grandes qualidades; a oposição oferecida pela rainha Kaikeyi à coroação; sua partida para a floresta; o lamento e a morte do rei Dasaratha, a tristeza do povo de Ayodhya; a conversa de Rama com o barqueiro; seu adeus a Sumantra; sua travessia do Ganges; sua visita ao santo sábio Bharadwaja; sua partida para Chittrakutana por insistência do sábio; sua morada na cabana de folhas de colmo no Monte Chittrakuta; a tristeza do rei pelo retorno de Sumantra e a partida do monarca para o céu; a chegada de Shri Bharata em Chittrakuta para convencer Rama a voltar ao seu reino; sua permanência no eremitério; sua entrevista com Rama; os ritos fúnebres de seu pai; a recusa de Rama a retornar; o recebimento das sandálias de Rama por Bharata como um símbolo de autoridade; a instalação de Bharata do símbolo e seu governo de Ayodhya a partir de Nandigrama; a visita de Shri Rama à floresta Dandaka; ele matando o perverso Virodha;[31] sua entrevista com o sábio Sharabhanga; sua chegada ao eremitério de Sutikshna; o encontro de Anasuya com Shri Sita e a transmissão de ensinamentos a ela; a visita do sábio Agastya; sua residência em Panchavati; o encontro com Jatayu; o aparecimento de Shurpanakha; a conversa de Rama e Lakshmana com ela; a mutilação de Shurpanakha; a morte de Khara, Dusana e Trishira; a chegada de Ravana; a morte de Maricha; o rapto de Sita; o lamento de Rama por sua separação de Sita; a morte de Jatayu por Ravana; o encontro com Kabandha; a chegada ao Lago Pampa; a entrevista de Rama com Shabati; sua chegada à montanha Rishyamukha; seu encontro com Hanuman; o selo de amizade de Rama com Sugriva; sua promessa de destruir Bali; o combate entre Bali e Sugriva; a morte de Bali; o pranto de Tara; a instalação de Sugriva; a estada de Shri Rama na montanha na estação chuvosa; Sugriva ultrapassando o tempo estabelecido para a sua missão, a ira de Rama contra ele; a entrega por Lakshmana da mensagem para Sugriva; a visita de Sugriva a Rama; sua conciliação de Rama; a organização do exército de macacos; a expedição dos macacos para

[31] Virodha: um demônio comedor de homens.

encontrar a morada de Sita; a descrição da terra dada a eles; a entrega do anel de Rama para Hanuman; a entrada dos macacos na caverna escura; seu jejum na praia em preparação para a morte; sua entrevista com Sampati, o rei dos abutres; sua informação a respeito de Lanka; o salto de Hanuman e sua travessia do oceano; o surgimento da colina Minaka do oceano; a morte do demônio fêmea perverso Singhika que aprisionava suas vítimas por capturar sua sombra; a aparência de Lanka à noite; a entrada de Hanuman em Lanka e suas reflexões solitárias; sua visão do cruel Ravana e sua carruagem aérea Pushpaka; a entrada de Hanuman nos aposentos internos, onde Ravana está bebendo cercado por mulheres; a busca de Hanuman por Sita e sua contemplação da princesa no jardim ashoka; a entrada de Ravana no jardim e sua solicitação de Sita; as censuras dela; a ameaça de Sita pelas asuris; a descrição de Trijata do seu sonho relativo à entrega do anel de Shri Rama para Sita por Hanuman; a conversa sobre esse assunto; o presente da joia para Hanuman por Sita; a destruição do bosque por Hanuman; a fuga das mulheres asuras; a morte dos guardas de Ravana por Hanuman; a captura de Hanuman e a queima de Lanka por ele; a retravessia do mar; o consumo dos frutos da floresta Madhu; as palavras de consolo oferecidas para Shri Rama por Hanuman e a entrega de joia de Shri Sita para ele; a chegada do Shri Rama na costa e a construção da ponte sobre o oceano por Nala e Nila; o cerco de Lanka; a chegada do irmão de Ravana, Vibishana, para refugiar-se com Shri Rama e a revelação por ele do plano para destruir Ravana; a morte de Kumbhakarna e Meghanada; a destruição de Ravana; o reencontro com Sita; a coroação de Vibishana, rei de Lanka; o oferecimento da carruagem aérea Pushpaka por Vibishana para Rama; o retorno de Shri Rama para Ayodhya; o reencontro com o príncipe Bharata; a coroação de Shri Rama como rei; o adeus ao exército de macacos; o regozijo de seus súditos na coroação; o repúdio de Sita; esses e todos os outros atos de Rama sobre a terra foram descritos no poema sagrado escrito pelo próprio Valmiki abençoado.

Capítulo 4 – Os filhos de Shri Rama cantam o poema

Enquanto Shri Rama ainda era rei de Ayodhya, o grande sábio Valmiki compôs este belo clássico.

O rishi santo compôs vinte e quatro mil versos e os dividiu em quinhentos capítulos e seis livros. Além disso, ele compôs o epílogo. A obra estando concluída, ele refletiu desta maneira: "Para quem eu ensinarei esse clássico?"

Enquanto o sábio estava refletindo sobre o assunto, os dois príncipes, Kusha e Lava, os filhos de Rama e Sita, se aproximaram dele e tocaram seus pés em reverência. O grande sábio estudou aqueles dois príncipes virtuosos de fala melíflua, que moravam com ele em seu eremitério naquela época. Sabendo que eles eram sábios e cheios de fé nos ensinamentos dos Vedas, o grande sábio, que havia exposto o significado das escrituras em seus versos, ensinou o clássico para eles. O grande Valmiki lhes ensinou o clássico que descreve os atos de Rama e Sita e tudo o que se refere aos incidentes que levam à morte de Ravana chamados "A morte do neto de Poulastya".[32] Esse clássico histórico é agradável de cantar e adaptado às três medidas de tempo,[33] ele está contido dentro das sete notas e pode ser cantado

[32] Poulastya [Pulastya]: um dos sete grandes sábios, nascidos da mente de Brahma, o Criador.
[33] Três medidas de tempo: lento, médio, rápido.

com a vina. Ele expressa os vários estados de espírito de amor, coragem, desgosto, ira, terror, compaixão, admiração, riso e serenidade.

Os dois príncipes eram músicos hábeis, proficientes em ritmo e melodia e tinham vozes doces; eles eram tão agradáveis de olhar quanto gandharvas.[34] Dotados de beleza divina, os dois doces cantores, as imagens refletidas do próprio Shri Rama, repetiram constantemente o clássico sagrado e o decoraram. Os dois príncipes adoráveis e encantadores recitaram habilmente o clássico sagrado, o Ramayana, que exalta a virtude, diante dos sábios, dos brâmanes eruditos e dos ascetas, como eles tinham sido instruídos a fazer.

Em uma ocasião específica, os dois príncipes, de grande alma, afortunados, e providos de todas as boas qualidades, cantaram o grande épico na assembleia de Shri Rama. Os sábios ouvintes ficaram visivelmente emocionados e derramaram lágrimas de alegria. Estando tomados de admiração, eles gritaram "Excelente! Excelente!", e elogiando os dois cantores, os sábios amantes da virtude sentiram grande alegria. Derramando elogios sobre os irmãos, eles gritaram, "Quão melodiosamente vocês cantam! Quão extraordinário é o poema divino, a história de Rama!"

Estando satisfeito com os doces cantores, um sábio os presenteou com loshtas, outro com frutos deliciosos, um terceiro com mantos de pele e outro com peles de antílope; alguns deram fio sacrifical, alguns recipientes para coletar esmolas, outros deram tangas, grama kusha, vestes de tecido amarelo, lenços e fio para amarrar o cabelo, vasos sacrificais, rosários e machados. Outros deram suas bênçãos a eles, dizendo "Que vocês vivam por longo tempo", e todos aclamaram o autor do poema maravilhoso.

Eles disseram: "Essa métrica será a base do verso de futuros poetas; ele é composto de acordo com regras específicas; os dois príncipes cantaram esse poema maravilhoso com grande destreza; ele promoverá sabedoria naqueles que o ouvirem e lhes concederá longevidade e saúde; ele é realmente capaz de encantar o coração".

Enquanto os sábios estavam assim elogiando os dois príncipes, Shri Ramachandra, passando por aquele caminho, os levou para seu palácio real. Ocupando seu trono dourado, Shri Rama, o destruidor de seus inimigos, ofereceu hospitalidade e reverência aos dois príncipes dignos. Na assembleia, cercado por seus ministros e irmãos, Shri Rama olhou com aprovação para aqueles jovens belos e eruditos, e dirigiu-se aos príncipes Lakshmana, Shatrughna e Bharata dizendo: "Ouçam o poema histórico que esses dois menestréis celestiais e brilhantes cantam, esse poema que retrata incidentes de significado extraordinário".

Então Shri Rama mandou os dois músicos cantarem, e os príncipes soaram suas vinas e cantaram o poema que tinham aprendido, docemente e claramente. Toda a assembleia escutou a música que era totalmente agradável para a mente e o coração.

Shri Rama disse: "Eu admiro a música e o verso cantado por esses dois menestréis que parecem ser dotados de atributos reais".

Dessa forma, elogiados e encorajados por Shri Ramachandra, os dois irmãos, demonstrando a sua habilidade em música, continuaram a cantar. Ouvindo-os na assembleia real, Shri Ramachandra estava encantado.

[34] Gandharvas: músicos celestiais.

Capítulo 5 – O reino e a capital do rei Dasaratha

A terra composta de sete ilhas esteve sob um governante desde o tempo dos reis descendentes de Manu,[35] que eram sempre vitoriosos.

Entre esses monarcas poderosos estava Sagara seguido por seus sessenta mil filhos que escavaram o oceano. Este clássico Ramayana contém a história da Casa de Sagara, fundada por Ikshvaku. Este Rama-Katha[36] será recitado do início ao fim, que todos o ouçam com fé.

Nas margens do rio Sarayu havia um país grande e próspero chamado Koshala, habitado por pessoas contentes. Nele era a cidade de Ayodhya, famosa nos três mundos, fundada pelo renomado Manu, um senhor entre os homens. As avenidas da cidade se estendiam por sessenta milhas; sua beleza era realçada por ruas admiravelmente planejadas, as estradas principais sendo aspergidas com água e cobertas com flores.

O rei Dasaratha protegia a cidade como Maghavan[37] protege Amaravati.[38] Ele morava lá em esplendor, como Indra no céu. A cidade tinha portões belos e enormes e mercados encantadores; suas fortificações foram planejadas por engenheiros e artífices habilidosos. Havia bardos, cantores de baladas e músicos públicos na cidade; os habitantes eram saudáveis e tinham casas espaçosas com altos pórticos em arco, decoradas com bandeiras e estandartes. Ela era cheia de edifícios extensos e jardins belos, cercados por bosques de mangueiras, árvores altas realçando os limites da cidade, dando-lhe a aparência de uma bela moça usando um cinto de folhagem. A cidade era cercada por fortificações sólidas e um fosso profundo que nenhum inimigo podia penetrar, por qualquer meio que fosse. Incontáveis elefantes, cavalos, gado, camelos e mulas eram vistos na cidade. Inúmeros embaixadores e comerciantes residiam lá e pessoas de muitas terras negociavam em paz dentro dos seus muros.

Ayodhya, como Amaravati de Indra, resplandecia com palácios dourados, cujas paredes eram cravejadas com pedras preciosas, os domos parecendo picos de montanhas. Incrustados com gemas, prédios que beijavam o céu podiam ser vistos por toda a capital real. Moradias, altas e formosas, ficavam em terrenos bem colocados e ressoavam com música agradável. Havia habitações encantadoras ocupadas por homens de origem nobre, parecidas com os carros aéreos que carregam aqueles de vida pura e perfeição espiritual para o céu.

Os guerreiros residentes nessa cidade eram daqueles que não matam um inimigo em fuga, eles eram arqueiros hábeis, capazes de perfurar um alvo só pelo som. Muitos tinham matado tigres, leões e lobos vagando perto das suas casas, ou em combate individual ou com diferentes tipos de armas. Essa grande cidade que abrigava milhares de comandantes foi construída[39] pelo rei Dasaratha.

---

[35] Manu: da raiz ‘man’, ‘pensar’. O progenitor da humanidade, criado por Brahma.

[36] Rama-Katha: a recitação do Ramayana.

[37] Maghavan: um título do Senhor Indra, Rei dos Celestiais.

[38] Amaravati: a capital do Senhor Indra.

[39] É indicado que Manu fundou a cidade original naquele local, mas várias cidades construídas por outros monarcas a sucederam.

Em Ayodhya viviam inúmeros homens eruditos empenhados na observância de rituais, havia também artistas e artesãos, homens profundamente versados no Veda e aqueles dotados de todas as virtudes, cheios de sinceridade e sabedoria, assim como milhares de videntes e sábios versados na ciência mística do Yoga.[40]

Capítulo 6 - A cidade de Ayodhya

Morava naquela cidade o rei Dasaratha, um seguidor da tradição do ilustre imperador Manu. O rei era instruído na interpretação dos Vedas, a sua principal riqueza era preeminência em verdade e virtude; ele era alguém que nunca quebrava sua palavra, que era sempre prudente, majestoso e amado por seus súditos, um grande auriga, um digno descendente da dinastia de Ikshvaku, um celebrador de muitos sacrifícios, que sempre se deleitava na prática da justiça; em plena autoridade sobre o seu povo, igual a um grande sábio; um vidente real, famoso nos três mundos, triunfando sobre seus inimigos, um amigo para todos; tendo controle perfeito os seus sentidos e apetites; em prosperidade igual a Indra; em riqueza igual a Kuvera.

Aquele monarca amante da verdade, se esforçando para adquirir perfeição em virtude, prosperidade mundana e felicidade, governava a cidade como o monarca celeste Indra governa Amaravati.

Os cidadãos daquela cidade eram felizes, virtuosos, instruídos, experientes, cada um satisfeito com o seu estado, praticando a sua própria vocação, sem avareza e de fala sincera. Ninguém era indigente ou morava em uma casa pobre; todos viviam felizes com suas famílias, possuindo riqueza, grãos, gado e cavalos. Naquela cidade de Ayodhya ninguém era avarento ou vigarista, ninguém era maldoso, orgulhoso, estouvado, indigno ou ateu. Homens e mulheres eram de conduta correta, totalmente autocontrolados, e em seu comportamento puro e casto eles se igualavam aos grandes sábios. Ninguém carecia de brincos, diademas e colares. Eles se banhavam diariamente e esfregavam seus corpos com óleo, usando essência de rosas e pasta de sândalo. Ninguém comia alimento impuro, ninguém permitia que seu vizinho passasse fome. Todos possuíam ornamentos e ouro, e não havia ninguém que não tivesse aprendido a dominar sua mente. Ninguém na cidade negligenciava oferecer manteiga e objetos perfumados no fogo sacrifical. Ninguém era vil, cruel ou deixava de cumprir seus deveres; não havia ladrões e ninguém nascia de castas misturadas.

Os brâmanes eram dedicados aos seus respectivos deveres, firmes em autocontrole e autorizados a aceitar presentes. Ninguém negava a existência de Deus, ninguém proferia falsidades ou era cativado por prazer mundano e ninguém era culpado de difamação. Todo brâmane era versado nos seis sistemas de filosofia e nenhum deixava de jejuar na lua cheia, ou em outros dias determinados; não havia ninguém que sofresse de enfermidades físicas ou mentais e ninguém era infeliz naquela cidade.

Entre os habitantes, não havia revolucionários e ninguém que não fosse leal ao rei e ao estado. Aqueles que moravam lá adoravam os deuses e o hóspede não convidado; eles eram magnânimos e caridosos.

---

[40] [Nunca é demais lembrar que *yoga* é uma palavra masculina].

Todos atingiam uma idade madura como pessoas virtuosas e amantes da verdade; suas casas eram cheias de filhos, netos e mulheres virtuosas. Os guerreiros estavam sujeitos aos brâmanes eruditos e os mercadores à casta guerreira; conforme a sua casta as pessoas serviam os brâmanes, os guerreiros e os mercadores.

Na administração do império, o imperador Dasaratha seguia o exemplo do primeiro soberano Manu que era supremo em sabedoria, e um deus entre os homens.

Ayodhya abundava em guerreiros, invictos na batalha, destemidos e hábeis no uso de armas, assemelhando-se a leões guardando suas cavernas da montanha.

Havia cavalos na cidade provenientes de Kamroja, Vanaya, Nudi e Vahli, e elefantes das regiões de Vindhu e Himavat.

A cidade de Ayodhya era cheia de homens corajosos e nobres pertencentes às linhagens de Bhadra, Mulla e Mriga, habitantes das regiões de Binchyachala e das montanhas do Himalaia.

A cidade possuía elefantes imensos como grandes colinas. Aquela capital era realmente digna do nome 'Ayodhya', que significa "A cidade que ninguém pode desafiar na guerra". Morando lá, o imperador Dasaratha, governando o reino, parecia a lua no meio de incontáveis estrelas. Aquele grande rei, igual ao próprio Indra, reinava sobre a cidade, guardada por fortificações e muralhas, uma cidade que continha inumeráveis residências de muitos tipos e milhares de habitantes prósperos.

Capítulo 7 – A administração do reino

Sempre dedicados ao bem-estar do rei Dasaratha, os ministros da Casa de Ikshvaku possuíam todas as virtudes; seus conselhos eram baseados na verdade e eles entendiam o significado das ordens reais imediatamente.

Oito dos conselheiros do rei eram famosos; incansavelmente empenhados nos assuntos de estado, eles eram honestos e dedicados ao cultivo da virtude. Seus nomes eram Dhristi, Jayanta, Vijaja, Siddhartha, Atyartha-Sadaka, Ashoka, Mantra-pala e Sumantra.

Os sábios grandiosos e santos, Vasishtha e Vamadeva, ajudavam o rei na sua observância dos deveres espirituais e também agiam como seus conselheiros.

Todos os ministros eram virtuosos, desprezadores de fazer o mal, benevolentes, versados na lei moral, de ampla experiência, desinteressados, magnânimos, familiarizados com o espírito das escrituras, tolerantes, pacientes, obedientes ao rei, fiéis à sua palavra, alegres, livres de avareza e bem familiarizados com os assuntos dos seus súditos companheiros e com os dos súditos de outros monarcas. Eles eram eficientes, firmes em amizade, e julgariam até mesmo os seus próprios filhos se eles violassem a lei.

Esses conselheiros eram peritos na ciência da economia e da guerra, e nunca infligiam castigo imerecido a um inimigo. Eles eram corajosos e sem ambição. Conhecedores de todos os ramos da vida política, eles protegiam todos aqueles que viviam no estado. Aumentando o tesouro real sem sobrecarregarem os eruditos e os guerreiros, eles infligiam penalidades sobre os malfeitores com o devido respeito à sua capacidade de suportá-las. Esses ministros eram puros de coração e de conduta casta. Nenhum tinha relações com a mulher do seu próximo, nenhum era

perverso e todos viviam juntos pacificamente. Cultivando todas as boas qualidades e praticando as várias artes, eles eram famosos por sua coragem, seu bom nome era amplamente divulgado e suas vidas eram guiadas pela razão. Peritos nas leis do país e abençoados com riqueza, eles emitiam decretos sábios e ocupavam suas mentes em debate filosófico.

Conhecedores do código de moral, eles conversavam cortesmente uns com os outros; assim eram os ministros do rei Dasaratha que, informados pelos seus agentes das necessidades das pessoas, as satisfaziam e governavam com prudência.

Na administração do seu reino, o rei nunca permitia que a injustiça causasse dissensão, e tornou-se conhecido em todo o mundo como um oceano de verdade. Aquele leão entre os homens, o rei Dasaratha, reinando sobre a terra, não tinha ninguém superior ou igual a ele. Honrado por seus senhores feudais, cercado de amigos, o rei Dasaratha, como Indra, reinava em majestade.

Benevolente, poderoso, talentoso e afável, o rei Dasaratha protegia Ayodhya e brilhava em esplendor como o sol iluminando o mundo.

Capítulo 8 - O rei deseja realizar um sacrifício para o nascimento de um filho

O rei Dasaratha, aquele rei glorioso e justo, embora realizando grandes austeridades, não tinha um herdeiro para o trono. Então o monarca sábio e de grande alma disse para si mesmo: "Eu realizarei o sacrifício de cavalo (Aswa-medha),[41] para ter um filho".

Tendo assim decidido, o soberano extremamente sagaz convocou uma reunião de seus conselheiros e dirigindo-se ao seu ministro chefe, Sumantra, ordenou-lhe o seguinte: "Convoque rapidamente os preceptores espirituais e sacerdotes". Rápido para agir, Sumantra convocou imediatamente aqueles preceptores altamente eruditos e levou para lá Suyagna, Vamadeva, Javali, Kasyapa e Vasishtha juntamente com outros sacerdotes e brâmanes eminentes.

Tendo oferecido saudações a esses homens santos, o rei Dasaratha, falando em tons corteses, proferiu palavras cheias de verdade e propósito: Ele disse: "Ó sábios, eu tenho praticado virtude e, contudo eu não tive a boa sorte de ser abençoado com um filho; portanto a minha intenção é realizar o sacrifício de cavalo. Eu desejo agir conforme as injunções das escrituras; vocês, ó homens santos, me aconselhem, após a devida deliberação, sobre a forma como eu posso ser bem sucedido no empreendimento proposto".

Os brâmanes eruditos, liderados por Shri Vasishtha, elogiaram a intenção do rei e disseram: "Tu decidiste o procedimento apropriado, ó rei". Muito satisfeitos, eles mandaram que a coisas necessárias para o sacrifício fossem reunidas e que o cavalo fosse solto. Eles disseram: "Ó rei, que um lugar de sacrifício seja escolhido na margem norte do rio Sarayu. Ó rei, essa decisão sagrada tomada por ti, por causa de um herdeiro, seguramente trará a realização do teu desejo".

[41] Aswa-medha: um sacrifício, que nos tempos vêdicos era realizado por reis. Um cavalo, sendo consagrado por certas cerimônias, era solto e permitido vagar à vontade seguido por guerreiros; o governante de cada região na qual o animal entrasse era obrigado a lutar ou a se submeter; ao final o cavalo era sacrificado com ritos especiais.

Ao ouvir as palavras dos brâmanes, o monarca se regozijou e mandou seus ministros trazerem o equipamento sacrifical e soltarem o cavalo sob a proteção dos guerreiros; eles também foram instruídos para erguer um pavilhão sacrifical na margem do rio Sarayu. Ele, além disso, decretou a adoção das medidas que diminuiriam a possibilidade de impedimento do sacrifício, pois mesmo para reis, o sacrifício de cavalo não era realizado facilmente.

O rei disse: "Lembremo-nos de que, durante a celebração do sacrifício, nenhum sofrimento deve ser infligido a ninguém, para que nenhum brâmane perverso e astuto cause obstrução aos procedimentos. Por realizar o ritual sem consideração pelas injunções escriturais, ele fracassa; portanto, levem o sacrifício a uma conclusão auspiciosa. Eu dependo de vocês, e espero que vocês levem o sacrifício a um resultado bem-sucedido".

Os conselheiros responderam, dizendo: "Ó rei, que assim seja".

Abençoando o monarca, os brâmanes eruditos se retiraram, e o rei se dirigiu aos seus ministros dizendo: "Preparem o sacrifício como os sacerdotes oficiantes os instruíram e aceitem a responsabilidade pelo seu sucesso final".

Então o soberano ilustre deixou a corte e entrou nos seus aposentos privados onde moravam as rainhas, que amavam o rei do fundo dos seus corações.

O rei Dasaratha se dirigiu a elas, dizendo: "Eu pretendo celebrar um sacrifício para obter um filho, todas vocês sigam a disciplina prescrita". As rainhas se alegraram ao ouvir essas palavras dos lábios do rei e os seus rostos como lótus brilharam como flores após a partida da estação fria.

Capítulo 9 – Sumantra conta uma tradição que um filho nascerá através da ajuda do sábio Rishyasringa

Sumantra, sabendo dos preparativos para o sacrifício, obteve uma audiência privada com seu soberano e disse: "Eu ouvi falar de uma tradição, contada antigamente para mim por brâmanes augustos. Ó rei, nos tempos antigos, o bem-aventurado Sanatkumara predisse para os santos e sábios ao seu redor que um filho nasceria para ti.

Foi profetizado que um filho de Kasyapa, chamado Vibhandaka, teria um filho chamado Rishyasringa e que ele moraria na floresta só com o seu santo pai, desconhecido para qualquer outro homem ou mulher.

Esse sábio cumpriria o voto duplo de brahmacharya ordenado pelos sábios. Dessa forma, ele passaria um longo tempo adorando a Deus através do sacrifício do fogo e do serviço ao seu pai.

No país chamado Anga, um rei famoso chamado Lomapada oprimiria o povo por seu modo de vida prejudicial e desse modo causaria uma seca. Por conta disso, o rei sofreria grande aflição e convocando os brâmanes diria a eles: "Ó homens sábios, conhecedores como vocês são dos costumes do mundo e também das leis divinas, me digam qual ritual de purificação e arrependimento que posso adotar para expiar meus atos malignos, que ocasionaram essa seca".

Então os brâmanes, versados no Veda, assim responderiam ao rei: "Ó rei, te esforça por todos os meios para trazer o filho do sábio Vibhandaka para cá. Tendo-o trazido aqui com a devida reverência, dá a tua filha Shanta a ele em casamento".

O rei depois de ter ouvido as suas palavras e refletido sobre como ele traria aquele sábio excelente para a corte, então pediria aos seus ministros e sacerdotes

para se aproximarem do sábio, mas eles revelariam relutância em realizar a missão, temendo o poder do rishi.

A fim de evitar o desagrado do monarca, no entanto, depois de deliberarem sobre o método pelo qual o sábio poderia ser trazido à corte, eles fariam a seguinte proposta: "Pelas cortesãs o sábio pode ser convencido a vir para a corte do rei, as chuvas então se seguirão e a seca chegará ao fim. Então o rei unirá sua filha em casamento com o sábio. Por derramar oblações no fogo sacrifical o sábio ilustre, Rishyasringa, irá, por sua graça, obter o filho desejado para o rei Dasaratha".

"Assim falou o ilustre Sanatkumara, em meio aos sábios, e eu agora o contei isso para ti".

O rei Dasaratha ficou encantado ao ouvir essas palavras, e pediu ao ministro para descrever como o rei Lomapada levou o sábio para a sua corte.

Capítulo 10 – Ele descreve como Rishyasringa foi levado à corte do rei Lomapada

Assim requisitado, Sumantra começou a narrar a história em detalhes e disse: "Ó grande rei, ouve como os ministros levaram o sábio Rishyasringa para a corte.

"Os ministros se dirigiram ao rei Lomapada dizendo: 'Nós temos um plano pelo qual o jovem sábio pode ser trazido para cá com sucesso. Ele reside na floresta, dedicado ao estudo sagrado, práticas espirituais e ascetismo, e é totalmente alheio à busca do prazer.

"'Por meio daquelas coisas agradáveis para os sentidos, nós muito certamente seremos capazes de trazer o sábio para a corte. Que cortesãs lindamente vestidas e encantadoras vão lá e, por seus atos, o encantem e o tragam para cá'.

"O rei aprovou o plano e mandou seus ministros o executarem.

As cortesãs então entraram na floresta e estabeleceram sua residência perto do eremitério, buscando um encontro com o jovem sábio. Protegido por seu pai, o jovem asceta raramente passava dos limites do eremitério, nem tinha visto nenhum homem ou mulher além dos seus arredores.

Um dia, impelido pelo destino, o jovem saiu do eremitério e viu as mulheres graciosas e belas, vestidas em mantos de muitas cores de modelo primoroso, cantando docemente. Elas se aproximaram do filho de rishi Vibhandaka e se dirigiram a ele dizendo: "Quem és tu? De quem tu és filho? Qual é o teu nome? Por que tu moras na floresta escura?"

Nunca tendo visto mulheres de beleza e charme antes, Rishyasringa estava cativado e respondeu-lhes, dizendo: "Meu pai é o grande sábio Vibhandaka da família de Kasyapa e eu sou seu filho, meu nome é Rishyasringa. Ó belos seres de aparência encantadora, o meu eremitério é bem perto, por favor, venham até lá e me permitam lhes oferecer hospitalidade lá".

As cortesãs aceitaram o convite e acompanharam o sábio que as recebeu de forma tradicional, colocando diante delas água para lavar seus pés e deliciosas raízes e frutos.

Temendo o retorno do pai e ansiosas para partir com toda pressa, as cortesãs ofereceram ao jovem os doces saborosos que elas tinham trazido, dizendo: "Aceita essas guloseimas que trouxemos para tu desfrutares nessa ocasião". Elas então acariciaram o jovem, alimentando-o com doces e outras iguarias.

O sábio resplandecente compartilhou das oferendas, pensando que eram frutos, sem nunca ter experimentado qualquer outro alimento.

As cortesãs, temendo o retorno do pai, fingiram estar de jejum e deixaram o eremitério. Após a sua partida, o jovem se sentiu deprimido e inquieto.

No dia seguinte, as cortesãs, encantadoramente vestidas, foram novamente ao eremitério e sorriram ao perceber que o jovem sábio se mostrava tão desconsolado. Elas então se aproximaram dele e disseram:

"Ó belo jovem, hoje, por favor, honra o nosso eremitério com a tua presença. Ó auspicioso, nós podemos te entreter melhor lá do que aqui".

O jovem concordou em acompanhá-las e foi com elas para a sua residência. Quando o jovem entrou na cidade, Indra derramou chuva sobre o domínio do rei Lomapada e as pessoas se regozijaram.

Quando a chuva começou a cair, o rei Lomapada, percebendo que o sábio santo havia entrado na cidade, saiu-lhe ao encontro. Oferecendo-lhe saudações humildes e afetuosas, ele lhe ofereceu os presentes tradicionais (arghya)[42] de água e comida, e rogou-lhe para conceder o benefício que seu pai Vibhandaka não infligisse seu descontentamento sobre ele. O rei então levou o jovem para os aposentos internos e o uniu em casamento com sua filha Shanta.

Profundamente reverenciado pelo rei, Rishyasringa viveu feliz na capital com sua noiva, a princesa Shanta.

Capítulo 11 – O rei Dasaratha vai ao rei Lomapada, por cuja permissão Rishyasringa vai para Ayodhya

Sumantra disse: "Ó grande rei, ouve atentamente, além disso, as palavras do grande sábio Sanatkumara:

"'Na Casa dos Ikshvaku, haverá um rei muito justo e amante da verdade chamado Dasaratha que fará uma aliança com o rei Lomapada de Anga.

"'O rei Dasaratha se aproximará do seu amigo Lomapada e pedirá o auxílio de Rishyasringa, o marido da princesa Shanta, na realização do sacrifício que ele deseja celebrar, para que ele seja abençoado com um filho. Depois de madura reflexão, o rei Lomapada permitirá que o marido de Shanta, Rishyasringa, acompanhe o rei Dasaratha. Muito satisfeito, o rei Dasaratha voltará para a sua capital com Rishyasringa e pedirá ao sábio para oficiar no sacrifício que ele está prestes a realizar, para obter filhos e também uma futura morada nas regiões celestes.

"'Como resultado do sacrifício, o rei Dasaratha terá quatro filhos, cada um de valor ilimitado. Esses filhos serão renomados no mundo inteiro e aumentarão a glória da sua dinastia'.

"Essa história foi narrada pelo sábio Sanatkumara no primeiro quarto do Satya-Yuga.[43] Ó grande rei! Tu deves te aproximar de Rishyasringa com uma carruagem e comitiva dignas, e trazê-lo com cerimônia à tua capital".

---

[42] Arghya: uma oferenda cerimonial de água, leite e grama kusa, arroz, durva, pasta de sândalo, flores, etc.

[43] Satya-Yuga, a Era de Ouro. Há quatro Yugas no ciclo do mundo, Satya ou Krita, Treta, Dwapara e Kali, a era de ouro, de prata, de cobre, e de ferro.

Tendo ouvido o bom conselho do seu ministro Sumantra, o rei mandou-lhe informar seu guru Vasishtha desse assunto, e o santo Vasishtha concordou com o plano.

Então o rei, com firme determinação, acompanhado de suas rainhas, conselheiros e sacerdotes, se preparou para partir para a cidade onde Rishyasringa morava. Passando por várias florestas e atravessando muitos rios, o rei chegou à capital de Lomapada. Lá, ele viu o sábio resplandecente, em esplendor como um fogo brilhante, sentado perto do rei Lomapada.

Inspirado pela amizade, o grande monarca Lomapada ofereceu saudações respeitosas ao rei Dasaratha e informou Rishyasringa da sua aliança com este rei, no que o sábio expressou a sua aprovação em palavras de louvor.

Tendo desfrutado da hospitalidade do rei Lomapada por sete dias, o rei Dasaratha se dirigiu a ele assim: "Ó rei, eu desejo iniciar um empreendimento importante, tem a bondade de permitir que tua filha Shanta e seu marido retornem à minha capital para me ajudar".

Ouvindo essas palavras, o rei Lomapada respondeu: "Que assim seja", e voltando-se para o sábio disse: "Vá com a tua esposa para a capital do rei Dasaratha".

O jovem sábio concordou com a ordem do rei Lomapada, e ele, em companhia de sua esposa, partiu com o rei Dasaratha.

Tendo se despedido do seu amigo, o rei Dasaratha despachou mensageiros velozes para irem à frente dele para instruir seus ministros para se prepararem para a sua chegada.

O povo de Ayodhya executou tudo como lhes havia sido ordenado, e, radiantes com o retorno do monarca, cumpriram as instruções dos seus mensageiros. Os cidadãos ficaram encantados ao verem o jovem sábio entrar na cidade e ser homenageado pelo rei, como Indra no céu presta homenagem a Kasyapa.

Tendo introduzido o sábio e sua consorte aos aposentos internos, o rei lhes ofereceu as boas-vindas tradicionais como ordenado nas escrituras.

As senhoras reais também receberam Shanta de olhos grandes com seu marido nos aposentos privados, e expressaram seu prazer e alegria.

Honrados e adorados pelas rainhas, não menos do que pelo próprio rei Dasaratha, a princesa Shanta e seu marido, o sábio, residiram no palácio como Brihaspati[44] reside na cidade de Mahendra.

Capítulo 12 – Rishyasringa concorda em ajudar no sacrifício

O tempo passou e a primavera chegou novamente, enquanto o sábio santo estava na corte do rei Dasaratha. Em um dia propício, o rei decidiu começar o sacrifício.

Ele se aproximou de Rishyasringa e, curvando-se, ofereceu saudações a ele, convidando aquele sábio divino para auxiliar no sacrifício que ele estava celebrando, para preservar a dinastia. O sábio concordou e pediu ao rei para providenciar o material necessário para o sacrifício e para soltar o cavalo.

[44] Brihaspati: o guru dos deuses, também o regente do planeta Júpiter.

O soberano mandou seu ministro Sumantra convocar com toda velocidade os sacerdotes familiarizados com a filosofia do Veda, e enviou convites para os sábios Vamadeva, Javali, Kasyapa, o sumo sacerdote Vasishtha e outros brâmanes nobres e eruditos.

Sumantra, partindo às pressas, se aproximou dos sábios cortesmente e os levou ao rei. O monarca virtuoso, depois de prestar homenagem respeitosa a eles, dirigiu-se a eles humildemente, falando palavras cheias de franqueza e integridade.

Ele disse: "Ó sábios, apesar do meu desejo ardente de ter um herdeiro, eu estou sem um. Eu decidi, portanto, realizar o sacrifício de cavalo para esse fim. Eu desejo que o sacrifício seja celebrado de acordo com as leis escriturais e, pela graça do sábio Rishyasringa, espero atingir o meu objetivo".

Os sábios aconselharam o rei a reunir os artigos sacrificais e a soltar o cavalo. Eles disseram: "Justo é o teu desejo de ser abençoado com um filho; ó rei, tu seguramente obterás quatro filhos ilustres de coragem ilimitada".

As palavras dos brâmanes convenceram o rei de que herdeiros seriam concedidos a ele e ele comunicou sua satisfação aos seus ministros. Ele disse: "Ó conselheiros, reúnam quatro sumos sacerdotes e ponham o cavalo em liberdade sob a proteção de quatrocentos guerreiros. Que um pavilhão sacrifical seja montado na margem do rio Sarayu, e que os ritos protetores adequados sejam celebrados para que não surjam obstruções".

O rei então ordenou que durante o período de sacrifício nem sacerdotes nem outras pessoas deveriam estar sujeitas a qualquer sofrimento que fosse. Ele disse: "Em tais ritos, outros têm sido impedidos por seres sub-humanos, o que tem resultado na anulação do sacrifício. Vocês devem, portanto, usar todos os meios para levar o sacrifício a uma conclusão bem-sucedida".

Ouvindo as palavras do rei, os ministros – muito satisfeitos – começaram a agir de acordo com as suas instruções. Então os brâmanes garantiram ao rei que o sacrifício seria executado sem obstáculos, e, oferecendo-lhe reverência, voltaram para as suas casas.

Os brâmanes tendo partido, o rei se despediu dos seus ministros e entrou nos seus aposentos privados.

Capítulo 13 – O sacrifício é iniciado

No ano seguinte, a primavera tendo retornado mais uma vez, o rei, desejando completar o sacrifício por causa de um herdeiro, prestou homenagem a Shri Vasishtha, oferecendo-lhe saudações humildes de acordo com a ordenança prescrita, e dirigiu-se àquele grande brâmane com submissão, dizendo:

"Ó grande sábio, tem a bondade de terminar a cerimônia sagrada de acordo com a tradição sagrada. Que ela seja realizada de modo que nenhuma interferência possa ocorrer. Tu és compassivo e o teu coração está inclinado em direção a mim. Tu também és meu guru, a responsabilidade do sacrifício deve ser assumida por ti".

O sábio mais excelente respondeu: "Que assim seja. Eu farei como tu desejas".

Depois disso, Shri Vasishtha convocou aqueles brâmanes capazes de realizar os rituais sagrados e também artífices, arquitetos, escritores, atores e dançarinos.

Dirigindo-se aos sacerdotes eruditos, ele disse: "Por ordem do rei, inaugurem o grande sacrifício. Façam com que tijolos aos milhares sejam trazidos para cá com

toda velocidade e ergam muitos tipos de habitações, bem organizadas, supridas com alimentos e todo o conforto para acomodar convidados reais e outros. Preparem centenas de belas casas em locais adequados, junto com provisões e todas as coisas requeridas por brâmanes; ergam também grandes estruturas para os povos de outras terras, e armazenem alimentos e artigos de conforto onde é melhor fazê-lo. Casas boas e bem equipadas devem ser construídas para os aldeões. Certifiquem-se de que a hospitalidade na forma de alimento e repouso seja dada com cortesia e gentileza. Os participantes do sacrifício devem ser acolhidos com respeito e consideração, sendo recebidos de forma apropriada, de acordo com sua casta. Que nenhuma afronta seja feita a ninguém por ganância, raiva ou luxúria. Que artesãos e servos sejam devidamente respeitados, de modo que seus corações estejam colocados em sua tarefa e que ninguém aja de modo disruptivo. Tratem todos com um espírito de boa vontade e cortesia, para que o trabalho possa ser realizado com sucesso".

As pessoas ouviram o sábio santo e responderam: "Nós agiremos de acordo com as tuas instruções, ó sábio, nada será omitido".

Shri Vasishtha então convocou o ministro chefe Sumantra e disse: "Envie convites para o sacrifício a todos os reis justos da terra e também aos brâmanes, kshatriyas, vaishyas e shudras de cada país, nas vá primeiro ao grande soberano de Mithila, o heroico Janaka, realmente eminente, o maior dos guerreiros e um conhecedor do Veda, já que ele é um antigo aliado do rei Dasaratha. Depois disso, traga o sempre verdadeiro rei de Kashi, de conduta exemplar, igual a um deus; e então o idoso e virtuoso rei de Kaikeya, o sogro do nosso soberano, e convide seu filho também. Chame o afortunado rei Lomapada de Anga, o amigo íntimo do rei, e traga para cá, com respeito, Koshala, o rei de Magadha.

"Em seguida, envie mensageiros para os reis dos países do leste do Sindhu, Souriva e Sourashtra, e aos monarcas do sul, com outros grandes reis da terra; que eles venham com seus irmãos, parentes, atendentes e servos".

Tendo ouvido as palavras de Shri Vasishtha, Sumantra cumpriu as instruções dadas por ele, enviando convites por mensageiros especiais aos monarcas de muitas terras, ele mesmo partindo para escoltar alguns dos grandes reis.

Sumantra tendo partido, todos os trabalhadores empregados no sacrifício informaram o santo sábio do seu progresso, e ele os aconselhou ainda mais, dizendo: "Que nada seja oferecido a alguém sem o devido respeito, nem de brincadeira; presentes dados com desprezo levam à destruição do doador".

Poucos dias depois, os reis de longe chegaram ao pavilhão sacrifical trazendo presentes de pedras preciosas.

Então Shri Vasishtha, estando satisfeito, disse: "Ó rei, por teu comando, todos os reis vieram e foram recebidos por mim com a devida hospitalidade. Os preparativos para o sacrifício já estão concluídos, tem a amabilidade de entrar no pavilhão sacrifical e inspecionar os artigos necessários para a cerimônia. Vê como os teus servos providenciaram tudo o que era necessário e satisfizeram todos os teus desejos".

"Por recomendação do sábio Vasishtha e de Rishyasringa, o rei Dasaratha foi para a área sacrifical em um momento auspicioso, quando uma estrela propícia estava em ascensão. Em seguida os brâmanes sábios e Shri Vasishtha elegeram Rishyasringa como sumo sacerdote.

O sacrifício começou de acordo com a lei antiga e o rei, com suas rainhas, se dedicou às iniciações preliminares.

Capítulo 14 – As cerimônias são realizadas com os ritos apropriados

Tendo viajado por toda parte e durante um ano, o cavalo voltou e na margem do rio Sarayu o sacrifício do rei Dasaratha continuou. Os sumos sacerdotes, sob as ordens de Rishyasringa, ajudaram o rei na celebração dos ritos. Brâmanes versados na ciência antiga também oficiaram e auxiliaram o rei de acordo com as instruções previstas no Kalpa Sutra.

As duas partes especiais do sacrifício, Pravargya e Upasada, foram devidamente observadas; então os brâmanes adoraram os deuses com alegria. O sábio ilustre realizou certos ritos e ofereceu a Indra a parte do sacrifício que lhe é devida. Depois todos compartilharam do suco soma que destrói todos os pecados.

O rei de grande alma assumiu devidamente a terceira parte da cerimônia com o auxílio dos brâmanes santos. No sacrifício, nenhuma oblação foi omitida e ninguém ofereceu erradamente no fogo sagrado. Tudo o que foi feito foi executado corretamente realizado sob a supervisão dos sábios.

Durante o período de sacrifício, nenhum brâmane sentiu fome ou sede. Inúmeros sacerdotes estavam presentes e cada um estava acompanhado por centenas de discípulos. Os trabalhadores, servos e outras classes foram regalados como os brâmanes, e monges e ascetas foram aprovisionados abundantemente.

Os idosos, as crianças, e as mulheres foram servidos com tudo o que eles desejavam comer, e aqueles que os acompanhavam eram dispostos e agradáveis.

Por ordem do rei, vestes, dinheiro e outros presentes foram distribuídos livremente com generosidade imensurável. Montanhas de alimentos cozidos e crus eram vistas e todas tinham o que ele exigia para atender às suas necessidades. Homens e mulheres de muitas terras eram diariamente entretidos com comida e bebida. De todos os lados, o rei ouvia as exclamações "Quão deliciosa é a comida, nós estamos todos contentes".

Servos e atendentes vestidos esplendidamente e usando brincos dourados atendiam os brâmanes, enquanto outros adornados com joias serviam outras castas.

No intervalo entre as duas partes do sacrifício, pânditas eloquentes e eruditos debateram problemas metafísicos e disputaram uns com os outros na exibição de sabedoria e perspicácia.

Dia após dia, as cerimônias de sacrifício foram realizadas por sacerdotes santos e instruídos. Não havia nenhum auxiliar no ritual sagrado que fosse iletrado ou não familiarizado com os Vedas.

Cada atendente do rei era inspirado por princípios nobres e todos eram altamente eloquentes e profundamente versados nas escrituras.

Dezoito colunas de madeira foram erguidas no lugar de sacrifício, cada uma feita de um tipo diferente de madeira. Sacerdotes, especializados na arte de rituais sacrificais, as cobriram com ouro. Cada uma das dezoito colunas tinha vinte e um pés de altura, era polida e de forma octangular, e todas estavam firmemente fixadas no solo e cobertas com tecidos bordados. Além disso, elas estavam enfeitadas com sândalo e flores e pareciam tão belas quanto a constelação dos sete sábios,[45] no céu. Poços sacrificais foram construídos por mestres pedreiros e o fogo aceso por brâmanes.

O poço sacrifical preparado para o rei Dasaratha era formado como uma grande águia em ouro, suas asas cravejadas com pedras preciosas.

---

[45] A Ursa Maior, cada estrela da qual é dita ser presidida por um dos sábios imortais.

Os animais a serem sacrificados a cada divindade específica foram amarrados de acordo com a injunção escritural. Havia aves, cobras e cavalos, e de acordo com a tradição, o sumo sacerdote amarrou os animais aquáticos, tais como tartarugas, no pavilhão sacrifical. Trezentos animais e o cavalo que tinha percorrido a terra estavam reunidos.

A rainha Kaushalya alegremente prestou reverência ao cavalo antes de fazer o sacrifício com três golpes de espada. Motivada por desejo justo, a rainha Kaushalya passou a noite vigiando o corpo morto do cavalo, então os sacerdotes fizeram as servas do rei e as cortesãs se aproximarem dele.

Os nascidos duas vezes de sentidos subjugados cozinharam a gordura do cavalo no fogo da forma prescrita pelo shastra. O rei Dasaratha, inalando o odor emitido pela gordura, reconheceu e expiou seus pecados. Dezesseis sacerdotes assistentes fizeram oferendas de partes do cavalo no fogo, em colheres feitas de cana, madeira de plaksha sendo usada em outros sacrifícios. No sacrifício de cavalo, três dias de ritos especiais são observados: durante o primeiro dia o *Agnishtoma* é realizado; durante o segundo dia, o rito *Uktha*, durante o terceiro dia o rito *Atiratra*. Os grandes atos sacrificais chamados *Jyotishtoma*, *Agnishtoma*, *Atiratas*, *Abhijit*, *Vishnajit* e *Aptoryama* também são celebrados.

O rei Dasaratha, o promotor da sua dinastia, após a conclusão do sacrifício, deu quatro partes do seu reino como dakshina[46] para os quatro sacerdotes. O rei distribuiu esmolas seguindo o grande exemplo de Swyambhumanu antigamente. O sacrifício estando concluído, o grande monarca deu grandes partes da terra em caridade aos sacerdotes oficiantes e, finalmente, aquele soberano magnânimo concedeu todo o reino aos sacerdotes auxiliares.

Então os brâmanes santos se dirigiram àquele monarca impecável dizendo: "Ó senhor de homens, nós não somos capazes de proteger, defender e administrar este vasto império, pois nós nos dedicamos ao estudo sagrado. Portanto, ó grande rei, nós devolvemos essas terras a ti, dá-nos em troca algum presente menor, seja gemas, ouro ou moedas para nos ajudar em nossos eremitérios".

Assim abordado pelos brâmanes eruditos, o rei deu a eles cem milhões de peças de ouro, e quatrocentos milhões de moedas de prata. Então os sacerdotes assistentes colocaram todos os presentes do rei diante dos sábios santos, Vasishtha e Rishyasringa, e lhes pediram para distribuí-los.

Cada um recebeu a sua parte justa e os sacerdotes ficaram muito contentes e satisfeitos. O rei deu moedas de ouro para os que vieram testemunhar o sacrifício e dez milhões de moedas de ouro foram concedidas a outros brâmanes presentes naquele momento. Um mendicante carente pediu pelo bracelete cravejado de diamantes usado pelo próprio rei e esse foi lhe dado livremente.

Vendo os brâmanes totalmente satisfeitos, o rei Dasaratha com grande alegria prestou homenagem a eles repetidas vezes.

Os nascidos duas vezes então concederam suas bênçãos ao rei que era extremamente generoso e valoroso que os saudou por se prostrar sobre a terra.

Assim terminou o grande sacrifício, o meio de destruir o pecado e alcançar o céu e difícil de ser realizado por outros monarcas.

Então o rei dirigiu-se a Rishyasringa e disse: "Ó tu de determinação grande e virtuosa, me dize, o que mais deve ser feito por mim para ser abençoado com um herdeiro?"

---

[46] Presentes de caridade dados na conclusão da cerimônia.

O sábio Rishyasringa respondeu: "Ó rei, tu serás abençoado com quatro filhos, que perpetuarão a linhagem real".

Capítulo 15 – Para destruir Ravana, Shri Vishnu decide encarnar

O sábio Rishyasringa, versado nas escrituras, meditou por um tempo e então falou ao rei Dasaratha dizendo:

"Ó rei, eu realizarei o sacrifício Puttatresti,[47] citado no Atharva Veda, que te ajudará no teu esforço para obter um filho".

Então o sábio inaugurou o sacrifício e derramou oblações no fogo sagrado acompanhadas pelo canto de mantras vêdicos.

Os seres celestiais, gandharvas, siddhas[48] e sábios se reuniram para obter a sua parte do sacrifício. Após o sacrifício, todos eles se aproximaram de Shri Brahma, o Senhor da humanidade, e com palmas unidas dirigiram-se a ele:

Eles disseram: "Ó senhor abençoado, tendo sido favorecido por ti, o asura Ravana atormenta perpetuamente a nós que estamos desamparados, já que tu deste grandes bênçãos a ele, e somos forçados a suportar sua opressão terrível.

"Esse senhor dos Rakshasas tem oprimido os três mundos e, tendo derrotado os guardiões da terra, ele sempre humilha o próprio Indra. Provocando os sábios, contemplativos, brâmanes e os deuses, ele mesmo controla os raios do sol e o poder do vento, o próprio oceano fica imóvel na presença dele.

Quando ele se aproxima, ó senhor abençoado, nós ficamos apavorados. Ó dador de bênçãos, tem a bondade de ocasionar a destruição dele".

Ouvindo essas palavras, Brahma refletiu por um tempo e respondeu: "Eu concebi um plano para matar esse tirano perverso. Foi concedido a Ravana que nenhum gandharva, yaksha ou deva seria capaz de matá-lo, mas, pensando que o homem é insignificante, ele não pediu para ser feito invulnerável em relação a ele; portanto, ninguém exceto o homem pode destruí-lo".

Essas palavras, proferidas por Shri Brahma, encheram os celestiais e os outros seres de alegria.

Nesse momento o imortal Vishnu, com concha, disco e maça, o Chefe Supremo do mundo inteiro, vestido em um manto amarelo, apareceu naquele local. Adorado pelos deuses, ele se aproximou e tomou seu assento ao lado de Shri Brahma, então todos os deuses se dirigiram a ele dizendo:

"Ó Madhusudana,[49] para o bem de todos os seres, nós rogamos que Tu nasças como herdeiro do supremamente justo, caridoso e ilustre sábio Dasaratha. Aparece, ó Senhor, sob a forma de quatro filhos para as três consortes daquele grande rei. Descendo em um corpo humano, mata Ravana, o flagelo do universo, a quem nós somos incapazes de destruir. Aquele ignorante, Ravana, pelo seu poder, aflige os devas, siddhas e sábios. Ó Senhor, aquele asura perverso, divertindo-se no jardim de Indra, tem matado incontáveis ninfas e gandharvas. Em companhia dos sábios, nós nos aproximamos de Ti para que possamos ser libertados dessa opressão. Nós tomamos refúgio em Ti, Tu és o nosso único refúgio! Ó Senhor, nós Te rogamos para nascer como homem para destruir o inimigo dos homens e dos deuses".

---

[47] Puttatresti: o sacrifício para aumentar a linhagem por ter filhos.

[48] Siddhas: seres semidivinos que moram na região entre a terra e o sol.

[49] Madhusudana: matador de Madhu, (um demônio).

Assim os deuses apelaram a Shri Vishnu e ele, adorado pelo mundo, respondeu a eles que tinham se refugiado nele:

"Ó devas, não temam mais, que a paz esteja com vocês. Para o seu bem, eu destruirei Ravana, junto com seus filhos, netos, conselheiros, amigos e parentes. Tendo matado aquele asura perverso e cruel, motivo de temor para os sábios divinos, eu governarei no mundo dos mortais por onze mil anos".

Assim Shri Vishnu concedeu uma bênção aos deuses, e em seguida refletiu a respeito de onde na terra que ele deveria nascer como homem.

Então o senhor dos olhos de lótus resolveu se encarnar como os quatro filhos do rei Dasaratha.

Os sábios celestes, os músicos celestiais e as ninfas louvaram o senhor dizendo: "Ó Soberano Universal, destrói o asura perverso, que é arrogante, poderoso e vaidoso, o inimigo de Indra e o flagelo dos ascetas e homens piedosos, que inflige terror em cada coração, causando lamentação universal.

"Destrói, ó Senhor, aquele ser poderoso, juntamente com seu exército, generais, parentes, amigos e seguidores, elimina a causa da aflição do mundo e então volta para a tua morada perfeita".

Capítulo 16 – Ele decide encarnar como os quatro filhos do rei Dasaratha

O senhor onisciente, Shri Narayana,[50] ouviu o louvor oferecido pelos deuses e, honrando-os, proferiu palavras de teor agradável para eles.

Ele disse: "Ó devas, por quais meios o rei dos Asuras pode ser morto, aquele espinho na carne dos homens santos?"

Os deuses de comum acordo responderam ao senhor imperecível, gritando: "Encarna-te na forma de homem e o mata em luta aberta. Ó Conquistador de Teus inimigos, Ravana praticou austeridades por muito tempo, por meio das quais ele ganhou o favor de Brahma reverenciado pelo mundo. Aquele deus lhe concedeu uma benção, pela qual ele se tornou invulnerável a todos exceto o homem. Considerando o homem insignificante, ele não o teme. A bênção concedida a ele por Shri Brahma o tornou arrogante e ele está trazendo destruição para os três mundos e levando mulheres pela violência. Portanto, ó Senhor, só o homem pode causar sua morte".

Ouvindo as palavras dos deuses, Shri Vishnu resolveu escolher o rei Dasaratha como seu pai.

Naquela época, o ilustre rei Dasaratha, o matador de seus inimigos, começou a celebrar o sacrifício para a obtenção de um herdeiro. Shri Vishnu, tendo tomado a decisão de aparecer em forma humana e concluído suas deliberações com Shri Brahma, desapareceu.

Imediatamente saiu do fogo sacrifical do rei Dasaratha de som semelhante à batida de um tambor um grande ser de esplendor ilimitado, de face brilhante, vestido de vermelho e peludo como um leão. Tendo marcas auspiciosas e adornado com belos ornamentos, sua altura era igual ao pico de uma montanha. Andando audazmente como um leão, sua forma brilhava como fogo. Em ambas as mãos ele

[50] Narayana: um nome de Shri Vishnu, 'Aquele cuja residência é a água'.

carregava, como uma esposa amada, um recipiente de ouro, com uma tampa de prata, cheio de payasa.[51]

Esse grande ser dirigiu-se ao rei dizendo: "Ó rei, eu venho Prajapati".[52] O rei, curvando-se com palmas unidas, respondeu: "Tu és bem-vindo, ó Senhor, quais ordens tu tens para mim?"

Então o ser respondeu: "Recebe o fruto do teu sacrifício! Ó chefe de homens, aceita este prato de payasa preparado pelos deuses, ele te trará filhos e aumentará o teu poder. Que ele seja comido pelas tuas esposas, elas então te presentearão com os herdeiros por cuja causa tu realizaste o sacrifício".

O rei recebeu o alimento contido no recipiente dourado preparado pelos deuses e reverentemente o ergueu até sua testa. Tendo recebido o repasto divino, ele se regozijou como um homem sem dinheiro ao obter riqueza.

Em seguida, aquele ser maravilhoso e resplandecente desapareceu, tendo oferecido o alimento consagrado ao rei.

A notícia desse grande evento causou extrema alegria às consortes do rei Dasaratha e elas pareciam tão radiantes quanto os raios da lua brilhando do céu outonal.

Entrando nos aposentos privados, o rei se dirigiu à rainha Kaushalya, dizendo: "Recebe este alimento e compartilha dele para que tu possas ter um filho".

Por conseguinte, o monarca deu metade do prato à rainha Kaushalya e um terço à rainha Sumitra. Então ele deu um oitavo do payasa à rainha Kaikeyi e, após reflexão, o restante à rainha Sumitra. Dessa forma o rei dividiu o prato de payasa entre as suas três rainhas.

Ao compartilharem do alimento, as belas rainhas ficaram radiantes e se consideraram as mais afortunadas.

Tendo consumido o payasa oferecido a elas pelo rei, as rainhas logo ficaram grávidas, seus ventres brilhando como o fogo no sol.

O soberano ilustre, ao perceber que os ventres das suas consortes estavam vivificados e que o seu grande desejo estava prestes a ser realizado, encheu-se de alegria suprema, como Shri Vishnu quando adorado pelos deuses e os seres perfeitos na região celestial.

Capítulo 17 – Para ajudar Shri Vishnu, seres celestiais se encarnam como guerreiros da tribo de macacos

Shri Vishnu tendo se tornado os filhos[53] do rei Dasaratha, o divino Brahma dirigiu-se aos deuses desta forma: "O abençoado Senhor Vishnu, o Oceano da Verdade está engajado em uma tarefa justa para o bem de todos, vocês, portanto devem apoiá-lo por se encarnarem como grandes seres na tribo de macacos, hábeis nas artes da magia, velozes como o vento, conhecedores dos ditames da virtude, sábios e iguais em força ao Senhor, invencíveis, dotados de corpos celestes e hábeis na ciência da guerra. Alguns dentre vocês devem assumir as formas de ninfas, gandharvas e ascetas mulheres que darão à luz heróis na tribo de macacos.

---

[51] Payasa: um preparo especial de arroz em leite.

[52] Prajapati: um nome de Brahma, o criador.

[53] Filhos. O Senhor estava manifestado parcialmente em todos os filhos de Dasaratha.

"No passado, quando eu bocejei, um grande urso, de nome Jambavan, saiu da minha boca".

Os deuses, assim instruídos pelo senhor bendito, fizeram com que guerreiros nascessem na tribo de macacos dos ventes de incontáveis seres celestiais.

lndra criou Bali, o Sol criou Sugriva; Brihaspati criou o sábio Tara, Kuvera gerou Gandha-madana,[54] Vishwakarma[55] gerou o macaco poderoso Nala, Agni gerou Nila, que era tão resplandecente quanto o fogo e superava seu pai em bravura.

Os Aswini-Kumaras[56] produziram Minda e Dvivida; Varuna[57] gerou Suchena; Megha,[58] foi o pai de Sharabha, o poderoso; Pavana[59] gerou o guerreiro chamado Hanuman, cujo corpo era tão duro quanto um diamante e cuja velocidade se igualava à de uma águia; ele superava todos os outros guerreiros em sabedoria e poder.

Havia milhares de guerreiros nascidos na tribo de macacos prontos para destruir Ravana. Todos os ursos, macacos e chimpanzés se pareciam com o deus que lhes havia produzido em características, hábitos e destreza, e muitos tinham coragem marcante. Os chimpanzés fêmeas e ursas deram à luz grandes seres de natureza divina. Elas produziram centenas e milhares de prole saudável. Esses moradores da floresta tinham forma imponente e em força e destemor se assemelhavam a leões e tigres. Todos eram capazes de partir rochas e montanhas e de lutar com suas unhas e dentes. Hábeis com todos os tipos de armas, eles podiam abalar grandes picos, arrancar as árvores mais fortes e por sua velocidade até mesmo envergonhar o deus do mar. Capazes de rasgar a terra com os pés e fazer o oceano transbordar, eles podiam voar no ar e até agarrar as nuvens.

Esses seres da tribo de macacos vagavam nas florestas, capturando elefantes, e por seus gritos fazendo as aves em voo caírem no chão. Assim nasceram milhões de macacos, capazes de assumir qualquer forma, junto com centenas e milhares de chefes macacos.

Esses chefes geraram outros seres bravos e poderosos, alguns dos quais moravam nas montanhas enquanto outros habitavam os vales e as florestas.

Os dois irmãos, Sugriva, a prole de Surya,[60] e Bali, o filho de Indra, se tornaram os líderes de todos os macacos. Outros viviam sob o comando de líderes de grupos, como Nala, Nila e Hanuman. Eles eram tão fortes quanto águias e hábeis em todo tipo de guerra.

Vagando pela floresta, eles matavam leões, tigres e cobras venenosas, O poderoso Bali de braços longos protegia os macacos, ursos e chimpanzés por sua bravura. Esses heróis, invencíveis como montanhas e de tamanho imenso, nascidos para auxiliar Shri Rama, encheram a terra.

[54] Gandha-madana: um general dos macacos aliados de Rama.
[55] Vishwakarma: o arquiteto dos deuses.
[56] Aswini-Kumaras: deuses, filhos do sol, precursores da aurora, também os patronos da medicina.
[57] Varuna: o Netuno hindu.
[58] Megha: o regente das nuvens.
[59] Pavana: senhor dos ventos.
[60] Surya: o sol.

Capítulo 18 – Os filhos do rei Dasaratha nascem e se tornam adultos

Quando o sacrifício do rei Dasaratha foi levado a uma conclusão exitosa, os deuses, recebendo as suas devidas porções, retornaram à sua morada.

O rei também, tendo cumprido as obrigações contraídas por sua iniciação, voltou à capital com suas rainhas, servos, exército e veículos.

Os convidados reais, a quem a devida hospitalidade foi mostrada, prestaram homenagem ao sábio Vasishtha e voltaram para as suas casas. Quando eles partiram, ornamentos, trajes e presentes foram distribuídos aos seus exércitos que foram para as suas próprias cidades com alegria.

O rei Dasaratha assistiu à partida de seus convidados e então reentrou na capital em uma procissão precedida pelos brâmanes santos.

Rishyasringa com sua esposa Shanta então se despediram do monarca e foram para a sua cidade, o rei Dasaratha os acompanhando por alguma distância. Então o rei, esperando ser abençoado com um herdeiro, morou feliz em Ayodhya.

Seis estações após a conclusão do sacrifício, no décimo segundo mês, no nono dia da lua de Chaitramas, a estrela Punarvasu estava em ascensão, e os planetas, o Sol, Marte, Saturno, Júpiter e Vênus estavam exaltados, e aqueles signos do zodíaco, como Áries, Peixes, e Libra em aspectos auspiciosos, a Lua e Júpiter estando em conjunção no período chamado Karka. Então o mundialmente honrado senhor do mundo, dotado de atributos divinos, Shri Ramachandra, nasceu do ventre de Kaushalya.

O promotor da glória da Casa de Ikshvaku, o abençoado Senhor Vishnu nasceu como um filho da rainha Kaushalya. Quando esse filho de esplendor ilimitado nasceu, a rainha parecia mais bela, como Aditi antigamente, favorecida por Indra.

O herói do reino da verdade, Bharata, nasceu da rainha Kaikeyi. Possuidor de toda graça, ele era dotado de um quarto da glória de Shri Vishnu.

Sumitra deu à luz Lakshmana e Shatrughna, heróis hábeis no manejo de armas e também compartilhando da glória de Shri Vishnu.

Bharata nasceu quando a estrela Pushya estava em ascensão em Lagna Meena.[61] Durante a ascensão da estrela Shlasa em Lagna Karka,[62] no momento do nascer do sol Shatrughna nasceu.

Cada um dos filhos do rei tinha atributos especiais, eles eram dotados de grandes qualidades, e eram tão resplandecentes quanto as estrelas Purva,[63] Uttara[64] e Bhadripata.[65]

Naquela ocasião gandharvas tocaram melodias divinas, ninfas dançaram, tambores celestes foram ouvidos e os deuses derramaram flores do céu.

Em todos os lugares na capital, sinais de alegria eram visíveis; as ruas estavam cheias de atores e dançarinos e daqueles que cantavam ou tocavam vários instrumentos.

O rei deu presentes aos bardos e aos cantores de baladas e conferiu riqueza e vacas aos brâmanes.

---

[61] Lagna Meena: Peixes.

[62] Lagna Karka: Câncer. Lagna é o ponto onde o horizonte e o caminho dos planetas se encontram.

[63] Purva: Estrela do Oriente.

[64] Uttara: Estrela Polar.

[65] Bhadripata: um dos asterismos lunares.

As quatro crianças receberam os nomes no décimo segundo dia; o filho mais velho recebeu o nome Ramachandra, e o nome dado ao filho da rainha Kaikeyi foi Bharata.

Os filhos da rainha Sumitra foram chamados Lakshmana e Shatrughna. A cerimônia foi realizada pelo sábio santo Vasishtha com grande alegria. Depois disso, os brâmanes da capital e da região foram regalados e receberam presentes e pedras preciosas.

Parecendo o deus Shri Brahma, o rei demonstrou benevolência universal. Os príncipes cresceram no conhecimento do Veda, em coragem e boa vontade ativa para com todos. Embora todos fossem sábios, cultos e possuidores de todas as virtudes, contudo Shri Ramachandra os superava em veracidade e energia, e era amado por todos, como o orbe impecável da lua. Perito em montar o elefante, o cavalo e a carruagem, ele era hábil no tiro com arco e dedicado a servir seus pais.

Shri Lakshmana nutria um amor demasiado por seu irmão mais velho Shri Ramachandra, o deleite do mundo, e Shri Rama o amava também como se a si mesmo. Shri Ramachandra amava Lakshmana que era dotado de todas as qualidades excelentes, como a sua própria vida, e nem dormia nem compartilhava de nenhum alimento sem o outro.

Quando Raghava montava a cavalo, ocupado na caça, Shri Lakshmana o seguia com arco e flechas para protegê-lo.

Emulando o exemplo de Shri Ramachandra, Bharata amava Shatrughna e era amado por ele com afeto igual.

O monarca estava tão contente e satisfeito com seus quatro filhos quanto Shri Brahma com os quatro Vedas. Observando a sabedoria, prudência e modéstia de seus filhos, que eram dotados de todos os atributos notáveis, o rei Dasaratha derivava uma alegria tão grande deles quanto Brahma dos quatro guardiões da terra.

Os príncipes estudavam o Veda com perseverança, acompanhados afetuosamente pelo rei, e obtiveram proficiência no uso de armas.

Um dia, quando o soberano ilustre estava em conselho com seus parentes, ministros, e preceptores eruditos, deliberando sobre o casamento dos seus quatro filhos, o grande sábio Vishwamitra apareceu na capital. Buscando uma audiência com o rei, ele se dirigiu ao porteiro, dizendo: "Informe ao rei rapidamente que o filho de Gadhi da linhagem de Kaushika está no portão". O guarda tomado de admiração se apressou para o aposento real e transmitiu a notícia com o devido respeito à sua majestade, que com seu guru Vasishtha saiu para receber o sábio no portão e levá-lo para o palácio real.

Como Brahma recebe Indra, desse modo eles cumprimentaram o muni, e vendo aquele asceta resplandecente e poderoso, o cumpridor de grandes votos, de semblante alegre, o rei lhe ofereceu arghya de acordo com a tradição prescrita.

O virtuoso Vishwamitra então perguntou ao rei sobre o bem-estar do império, a prosperidade do seu povo, parentes e amigos e também a respeito do estado do tesouro real. Depois, o sábio questionou a monarca ainda mais, dizendo: "Os teus vassalos são obedientes a ti? Os teus inimigos estão subjugados? Os sacrifícios vêdicos são celebrados devidamente no teu domínio? Os visitantes são acolhidos com hospitalidade adequada?" Então, depois de indagar sobre o bem-estar de Shri Vasishtha e de outros sábios, Shri Vishwamitra entrou no palácio.

Lá o rei mais uma vez lhe prestou reverência e com prazer se dirigiu a ele dizendo: "Ó sábio augusto, a tua chegada me causou uma alegria tão grande quando a aquisição de ambrosia ou o advento da chuva caindo sobre o solo

ressecado. Ó sábio, a tua aproximação é tão agradável para mim quanto o nascimento de um filho para alguém sem um herdeiro ou a recuperação da riqueza para aquele que imaginou que ela estivesse irremediavelmente perdida. Ó sábio poderoso, eu te recebo de todo o meu coração, dize quais ordens tu tens para mim? Quando o teu olhar cai sobre mim, ó sábio, eu me torno justo e adquiro mérito; hoje a minha vida é tornada frutífera e o propósito do meu nascimento é realizado, visto que tu me visitaste. Ó auspicioso, outrora tu foste um sábio guerreiro, ilustre em virtude das tuas práticas sagradas, mas agora tu te tornaste um brâmane[66] e és digno de adoração suprema por mim. A tua chegada conferiu pureza e bênção a mim, e pela tua presença sagrada o reino e eu fomos purgados de todas as ofensas. Tem a bondade de nos falar do propósito da tua vinda. Eu desejo manifestar a minha gratidão a ti por te prestar serviço. Ó Kaushika, não hesites em dizer a tua vontade, eu estou pronto para fazer qualquer coisa por ti; tu és para mim como um deus. Ó vidente Brahman, por te ver, eu adquiri os grandes méritos de uma peregrinação".

Ao ouvir as palavras do rei Dasaratha, de som agradável e em conformidade com os preceitos das escrituras, o grande sábio, o repositório de todas as qualidades excelentes, ficou muito satisfeito.

Capítulo 19 – O pedido de Vishwamitra

Ouvindo as palavras laudatórias e admiráveis daquele leão entre os reis, Dasaratha, o grande sábio Vishwamitra respondeu: "Ó grande rei, quem no mundo exceto alguém da Casa de Ikshvaku, instruído por Shri Vasishtha, poderia articular tais afirmações? Ó monarca ilustre, eu agora vou revelar o meu propósito, o realiza e prova a verdade das tuas palavras.

"Ó chefe de homens, quando eu me ocupo com a celebração de sacrifícios sagrados para aumentar a minha perfeição, dois rakshasas, peritos em magia, criam grandes impedimentos. Quando, após um longo esforço, o sacrifício se aproxima da consumação, então esses dois rakshasas, Maricha e Suvahu, destroem o rito e contaminam o altar com sangue e carne. Os meus esforços sagrados sendo assim frustrados, eu fico desanimado e deixo o local de sacrifício. Ó rei, não me é permitido demonstrar ira quando engajado em sacrifício, e eu, portanto, me abstenho de amaldiçoá-los. Empresta-me os serviços do teu filho, Shri Ramachandra, o verdadeiro, o corajoso, aquele herói, cujas madeixas caem em seu rosto.

"Sob a minha proteção, ele destruirá aqueles rakshasas danosos e eu darei grandes bênçãos a ele. Eu o instruirei para o seu bem em muitas ciências e ele se tornará famoso nos três mundos. Os rakshasas não serão capazes de resistir contra Rama e ninguém mais pode destruí-los. Eles são orgulhosos e poderosos, mas agora, devido aos seus pecados, a sua destruição é iminente, eles não serão capazes de resistir a Shri Ramachandra,

"Não permitas que o afeto de pai te domine, eu te garanto que, na presença de Shri Ramachandra, os rakshasas são tão bons quanto mortos. As virtudes de Rama são conhecidas por Shri Vasishtha e outros ascetas. Ó rei, se tu procuras

[66] Vishwamitra era originalmente da casta guerreira e obteve a condição de brâmane por meio do seu ascetismo. A história dele vem depois.

renome eterno e mérito neste mundo, então deixa Shri Rama vir comigo. Busca o conselho de Shri Vasishtha e dos teus conselheiros, e se eles aprovarem o projeto, dá-me Ramachandra. Tem a amabilidade, ó rei, de me entregar o teu filho amado pelo espaço de dez dias, para que eu possa terminar o sacrifício. Ó rei, ajuda-me a promover o meu sacrifício, e não deixes que o tempo designado passe em vão. Faze o que é auspicioso, não te aflijas".

O honesto e resplandecente sábio Vishwamitra, tendo pronunciado essas palavras justas, ficou em silêncio.

As palavras de Shri Vishwamitra encheram o rei de ansiedade e ele ficou perturbado. Por causa dessas palavras inexoráveis, o monarca tremeu e caiu inconsciente do seu assento, tomado pela dor.

Capítulo 20 – A relutância do rei em permitir que Shri Rama lute com Maricha e Suvahu

Por algum tempo, o rei ficou inconsciente, então recuperando a consciência depois ele disse: "Meu Rama de olhos de lótus tem apenas quinze anos, eu não posso acreditar que ele seja capaz de lutar com os rakshasas. Eu possuo um exército grande e bem equipado e eu mesmo o liderarei contra os demônios. Meus guerreiros experientes, que são corajosos e hábeis em portar armas e que são remunerados apropriadamente por mim, estão aptos para lutar contra os rakshasas em batalha; portanto, não peças por Rama. Eu mesmo, levando meu arco e flechas, conduzirei o exército no campo e lutarei até o meu último suspiro. Com essa proteção, o teu sacrifício chegará a uma conclusão bem sucedida. Eu irei lá pessoalmente, não leves Shri Ramachandra. Shri Rama ainda é uma criança sem experiência militar, ele não pode estimar a força ou a fraqueza do inimigo, ele ainda não adquiriu proficiência na guerra.

"Tu bem sabes, ó sábio, quão espertos são os rakshasas em combate. Shri Ramachandra não é capaz de se opor a eles com sucesso. Eu não posso suportar o pensamento de Ramachandra lutando com eles. Ó sábio, eu não viverei, nem por um momento, se Shri Rama for separado de mim, por isso, eu te suplico, não peças por ele. Se tu insistes em que Rama te acompanhe, então leva as minhas tropas também contigo. Ó augusto Vishwamitra, recorda, eu te peço, que eu tenho agora nove mil anos de idade e gerei esses filhos com grande dificuldade. Esses príncipes são mais valiosos para mim do que a própria vida e Shri Ramachandra é o mais querido de todos eles. Excelente em virtude, ele é meu filho mais velho, portanto, não o tires de mim. Ó grande sábio, quão poderosos são esses rakshasas? Quem são seus defensores e como tu imaginas que Shri Rama pode destruí-los? Ó senhor abençoado, dize se tu pensas que eu e meu exército podemos lutar com sucesso contra esses rakshasas que são habilidosos em magia?"

Shri Vishwamitra respondeu: "Ó rei, Ravana, nascido da grande família de Pulastya, tendo sido favorecido por Brahma com uma benção, está oprimindo os três mundos. Ele é extremamente poderoso e apoiado por muitos seguidores asúricos. Diz-se que esse grande guerreiro Ravana é o rei dos asuras. Ele é o irmão de Kuvera e o filho do sábio Vishravas. Ele não obstrui os sacrifícios menores pessoalmente, mas dois rakshasas poderosos chamados Maricha e Suvahu, induzidos por ele, interrompem os ritos sacrificais".

O rei ouviu as palavras do muni e depois falou: "Eu não sou capaz de lugar contra aquele asura de alma má. Ó conhecedor da lei da justiça, eu sou apenas um homem infeliz e tu és digno do meu culto; tu és verdadeiramente um deus e também meu preceptor espiritual. Uma vez que os deuses, os danavas, gandharvas, yakshas, aves e cobras não podem destruir Ravana, como o homem pode fazer isso? Em batalha, Ravana é capaz de derrotar os guerreiros mais poderosos, é certo, portanto, que nem eu nem o meu exército podemos lutar com ele. Como eu posso então mandar o meu filho, belo como um deus, mas inexperiente na guerra, lutar contra Ravana? Ó sábio, eu não deixarei o meu jovem filho ir. Lavana, o filho de Madhu, está entre aqueles que destroem o sacrifício. Eu não entregarei meu filho. Os filhos de Sunda e Upasunda, Maricha e Suvahu, que parecem a própria morte em batalha, estão entre aqueles que impedem o sacrifício. Eles são habilidosos e guerreiros experientes, eu não me atrevo a enviar meu filho contra eles. Quem quer que tu escolhas, amigos, parentes ou até eu mesmo te acompanharei para me envolver na luta".

Ao ouvir as palavras imprudentes do rei, o sábio santo se enfureceu. Como uma oblação derramada no fogo aumenta a violência da chama, assim as palavras do rei Dasaratha aumentaram o fogo da ira aceso no coração do sábio.

Capítulo 21 – Por conselho de Vasishtha o rei concorda

Ouvindo as palavras do rei Dasaratha inspirado pela preocupação por seu filho, o grande sábio respondeu com desagrado:

"Ó rei, recorda que tu és nascido na casa de Raghu, como tu podes te atrever a quebrar a tua promessa? Essa ação é indigna da tua linhagem real e também é imprópria. Se esse é o teu desejo decidido, eu me despedirei, vive à vontade entre os teus parentes e amigos, ó violador da tua palavra!"

Por causa da ira do sábio augusto, toda a terra se abalou e os deuses começaram a tremer. Vendo o mundo inteiro abalado com terror, o muni sábio e paciente Shri Vasishtha interveio, e assim se dirigiu ao rei:

"Ó rei, tu és nascido na família de Ikshvaku e és a retidão personificada! abençoado pela fortuna, cheio de paciência e perseverança, tu tens mantido grandes votos e não deves, portanto, abandonar o dharma.[67] Os três mundos te conhecem como virtuoso, é teu dever manter a integridade e não agir em contradição com ela. Ó chefe de homens, se alguém que faz uma promessa não a honrar, ele perde o mérito das suas boas ações. Portanto, tu deves ser fiel à tua palavra e deixar Rama acompanhar este sábio. Embora Shri Ramachandra seja inexperiente na guerra, contudo os asuras não serão capazes de derrotá-lo. Além disso, ele está sob a proteção de Shri Vishwamitra e nenhum mal pode alcançá-lo. Como alguém pode roubar o néctar que está cercado pelo fogo? O santo Vishwamitra é a própria virtude, seus poderes são insuperáveis, e não há ser vivo igual a ele em sabedoria e ascetismo. No mundo inteiro dos homens e outros seres, ninguém o supera no uso de armas e ninguém sondou a profundidade da sua natureza. Nem os seres celestiais, nem os sábios, nem os asuras, nem quaisquer outros seres conhecem a glória completa deste sábio. O deus Krishasawa e seus

[67] Dharma: a ação correta tradicional é o dharma, a ação pessoal é o dever. Pensa-se que é melhor traduzi-lo como retidão em ambos os casos.

filhos altamente virtuosos deram todas as variedades de armas para Vishwamitra quando ele era rei. As duas filhas de Daksha, Jaya e Suprabha, inventaram milhares de armas resplandecentes. Shri Vishwamitra não é um, mas muitos em uma forma; ele é ilustre, poderoso e capaz de derrotar qualquer um em batalha. Jaya produziu quinhentas armas extremamente potentes e capazes de destruir uma tropa de asuras. Suprabha também criou quinhentas de armas de guerra que nenhum inimigo no mundo poderia suportar. Shri Vishwamitra é um perito no uso de todas essas armas, ó rei, ele também é capaz de criar muitas novas armas e não há nada nas três divisões de tempo[68] que não seja conhecido por ele. Não hesites em enviar o teu filho Rama com este sábio poderoso e corajoso, Shri Vishwamitra, e não tenhas quaisquer temores por sua segurança. O sábio Vishwamitra é bem capaz de destruir os demônios, mas pede pelos serviços do teu filho para o próprio bem dele".

O guru Vasishtha tendo assim exortado o monarca, o rei concordou alegremente que Shri Ramachandra acompanhasse o sábio.

Capítulo 22 – Ramachandra e Lakshmana partem com Vishwamitra

Instruído por Shri Vasishtha, o rei Dasaratha com um semblante alegre mandou chamar o príncipe Rama e também o príncipe Lakshmana. No momento da sua partida, o Canto da Paz foi recitado pelo rei, enquanto o guru Vasishtha pronunciava a bênção. O soberano ilustre então cheirou as cabeças[69] dos seus filhos com alegria e os entregou aos cuidados do sábio.

Quando Ramachandra de olhos de lótus e o príncipe Lakshmana tinham se despedido, Vayu[70] enviou brisas frescas e suaves perfumadas com fragrância e os seres celestiais derramaram flores, ao som do rufar de tambores e do sopro de conchas.

Shri Vishwamitra seguia na frente seguido pelo ilustre Ramachandra, em seguida, vinha Shri Lakshmana de madeixas flutuantes, tendo um arco na mão.

Os dois príncipes belos e poderosos com aljavas nas costas e arcos nas mãos, adicionando brilho aos dez pontos cardeais, seguiram o muni como se duas cobras de três cabeças[71] estivessem seguindo Shri Vishwamitra ou como os Aswinikumaras e Kinnaras[72] seguem Brahma.

Shri Ramachandra e Lakshmana, armados com seus arcos, adornados com pedras preciosas e usando luvas feitas de camurça, resplandecentes e belos, com espadas na cintura, seguindo o sábio santo, pareciam os dois filhos de Shiva.

Chegando ao rio Sarayu, nove milhas ao sul da capital, o sábio Vishwamitra se dirigiu a Shri Rama em tom gentil, dizendo: "Ó filho, purifica o teu corpo com água, quando tu fizeres isso, eu te ensinarei o uso da Bala e Atibala. A aplicação dessas duas ervas irá te impedir de ficar fatigado ou de sofrer de doença, nem a idade te afetará. Mesmo se tu te retirares para descansar sem a realização da cerimônia de purificação nenhum demônio será capaz de te afligir; ninguém no

---

[68] Passado, presente e futuro.
[69] O abraço tradicional.
[70] Vayu: o deus do vento.
[71] O arco em um ombro, a aljava no outro com a cabeça entremeio davam a aparência de uma cobra de três cabeças.
[72] [Kinnaras: 'Uma raça de seres de forma humana, mas com as cabeças de cavalos, como centauros invertidos'. – Griffith].

mundo será igual a ti em proezas. Ó Rama, ninguém nos três mundos irá rivalizar contigo em boa sorte, habilidade, conhecimento e sabedoria prática. Ó príncipe, quando tiveres aprendido essas ciências, tu serás capaz de responder a qualquer pergunta e serás único em erudição. Essas duas ciências, ó Rama, são as mães de todas as outras ciências. Tu serás capaz de controlar a fome e a sede pela sua aplicação. Ó príncipe da Casa de Raghu, pelo domínio desse conhecimento, Bala e Atibala, tu obterás renome no mundo inteiro. Essas ciências brilhantes são as filhas de Brahma, eu as comunicarei a ti, ó príncipe, porque tu és qualificado para recebê-las. Ó Rama, todos os frutos desse conhecimento já são teus atributos, mas quando tu as dominares, tu serás capaz de ensiná-lo a outros".

Shri Ramachandra então derramou água sobre seu corpo e com semblante alegre disse ao sábio Vishwamitra: "Ó grande Rishi, eu sou teu servo, ensina-me essas ciências".

Possuidor do conhecimento daquelas duas ciências, o poderoso Rama se assemelhava ao sol no outono, emitindo mil raios. Em seguida, os dois irmãos massagearam os pés do guru santo e passaram a noite agradavelmente nas margens do rio Sarayu. Shri Rama não estando habituado a dormir no chão, os dois filhos do rei Dasaratha fizeram uma cama de grama, então, depois de terem ouvido as palavras gentis de Shri Vishwamitra, eles passaram a noite dormindo.

Capítulo 23 – Eles chegam ao eremitério de Kama

Pouco antes do amanhecer, o grande muni Vishwamitra, repousando em sua cama de grama, dirigiu-se aos príncipes, dizendo: "Ó filho da rainha Kaushalya, ó Rama, a aurora está prestes a raiar, levantem-se e realizem as suas devoções matinais".

Os dois príncipes, ouvindo as palavras do sábio generosíssimo, ergueram-se, fizeram suas abluções, ofereceram água cerimonial ao sol nascente, adoraram seus antepassados e começaram a repetir a sagrada Gayatri.[73] Concluídas suas devoções, eles ofereceram saudações com grande reverência ao asceta distinto e ficaram prontos para prosseguir.

Em sua companhia, o sábio santo chegou à confluência dos rios, onde o Ganges se une com o Sarayu.[74] Lá eles viram os ascetas santos em seu eremitério sagrado, onde por muito tempo eles tinham praticado yoga assiduamente.

Vendo o eremitério pacífico, Shri Ramachandra e Lakshmana estavam cheios de alegria e disseram ao sábio Vishwamitra: "Ó senhor abençoado, de quem é esse eremitério sagrado? Quem mora aqui? Nós dois estamos ansiosos para ouvir isso".

O grande sábio sorriu e respondeu a Rama, dizendo: "Ouve, meu filho, eu te direi quem morava aqui antigamente. Kandarpa,[75] a quem os pânditas chamavam Kama, uma vez tomou forma humana e, concentrado em meditação, adorou o Senhor Shiva aqui. Quando Shri Shiva estava passando com sua noiva recém-casada, acompanhado por seres celestiais, Kama tentou agitar a mente do Senhor Shiva e recebeu a devida punição por sua insolência. Ó filho da Casa de Raghu, Shiva em ira abriu seu terceiro olho e os membros do corpo de Kama foram

---

[73] Gayatri: dita ser a mãe de todas as preces, o texto mais sagrado do Veda. [Rig Veda 3.62.10].

[74] [De fato o correto seria 'onde *a* Ganges se une com *a* Sarayu', porque o nome da maioria dos rios hindus é feminino].

[75] O deus do amor.

consumidos. Já que Kama foi reduzido a cinzas pelo deus, ele tem sido um ser desincorporado. Ó Rama, desde aquela época ele é conhecido como Ananga (sem corpo) e a região na qual os seus membros foram espalhados enquanto ele procurava fugir é conhecida como Anga. Esse eremitério pertence ao Senhor Shiva e os homens santos que moram aqui são seus devotos tradicionais; eles são virtuosos e impecáveis. Ó Rama, tu de aparência agradável, esta noite eu interromperei minha jornada nesse eremitério e amanhã atravessaremos o rio sagrado e prosseguiremos. Ó Rama, vamos primeiro nos purificar por nos banharmos e então recitar a sagrada Gayatri silenciosamente, oferecendo oblações ao fogo sagrado, nós depois passaremos a noite no eremitério".

Enquanto Shri Rama e o sábio conversavam, os santos ascetas habitantes do eremitério souberam pelo poder do seu yoga que aqueles grandes seres estavam se aproximando e ficaram muito satisfeitos.

Tendo oferecido arghya a Shri Vishwamitra, eles então ofereceram hospitalidade a Shri Ramachandra e Lakshmana. Acolhidos por aqueles moradores do eremitério que os regalaram com as tradições sagradas e discursos filosóficos, eles ficaram lá para as suas práticas religiosas do anoitecer e com grande prazer permaneceram no eremitério de Kama, os sábios devotos reunindo-se em volta de Shri Vishwamitra, que os envolveu em conversa agradável.

Capítulo 24 – Os dois príncipes com Vishwamitra observam a floresta escura de Taraka

Quando o dia amanheceu, os dois príncipes realizaram as suas devoções diárias e seguiram Shri Vishwamitra até o rio.

Os cumpridores de votos sagrados, os moradores do eremitério sagrado os acompanharam até a margem do rio e arranjaram um barco excelente para levá-los para o outro lado; eles disseram para Shri Vishwamitra:

"Ó grande Rishi, não demores, por favor, sobe no barco com os príncipes reais, agora, e, assim, evita o calor do dia".

Shri Vishwamitra prestou reverência aos devotos e sábios e foi cruzar o rio sagrado. Quando a embarcação estava no meio do rio, o rugido das águas foi ouvido por Shri Ramachandra e seu irmão mais novo. Eles questionaram o sábio santo, dizendo: "Ó senhor venerável, qual é a causa desse tumulto?"

Em resposta a Shri Ramachandra, Shri Vishwamitra descreveu a causa do som da seguinte maneira:

"Ó príncipe, no Monte Kailasha,[76] Shri Brahma criou um lago pelo poder do seu pensamento, por conta do que ele é chamado o Lago da Mente (Manasarovara). O rio sagrado Sarayu nasce no Lago Manasa e flui através da capital Ayodhya, aqui ele se junta o rio sagrado Gunga, e esse som é produzido quando os dois rios se unem. Com a mente concentrada, oferece saudações a eles".

Os dois príncipes reais prestaram homenagem aos rios, e tendo alcançado a margem sul, deixaram o barco e seguiram adiante. Andando mais além, os dois príncipes viram uma floresta escura e terrível e Shri Ramachandra novamente abordou o sábio da seguinte forma: "Ó grande sábio, essa floresta parece escura e sinistra; acima do clamor incessante de grilos e outros insetos, animais temíveis podem ser ouvidos rugindo. A floresta ressoa com seus gritos pavorosos enquanto

---

[76] Mt. Kailasha: a residência do Senhor Shiva.

as notas ásperas e discordantes de aves ecoam através dela. Vê, ó sábio! Javalis, leões, tigres e elefantes abundam lá, ela é coberta de árvores dhara, ashwakarna, kujaja, patala, sillea e tinduka,[77] ela é de fato aterrorizante".

O altamente resplandecente sábio Vishwamitra, ouvindo essas palavras, disse: "Meu filho, eu te direi algo sobre essa floresta escura. Antigamente havia duas cidades chamadas Malava e Karusha, elas eram prósperas e pareciam as cidades construídas pelos deuses. Ó Rama, nos tempos antigos, Indra matou o perverso Vritrasura e então, estando com fome e sede, ele foi a um lugar inauspicioso e isolado onde ficou angustiado por causa do pecado de ter matado um brâmane. Os deuses e sábios santos banharam Indra nas águas sagradas do Ganges, e purgaram seu pecado ao derramem jarros de água carregada com mantras sobre ele. Dessa forma, o remorso de Indra foi apaziguado, a contaminação causada por matar um brâmane foi eliminada e ele ficou muito satisfeito. Purificado e sem pecado, Indra alegremente concedeu uma benção a essa terra dizendo: "Essas duas cidades serão conhecidas como Malava e Karusha e elas obterão grande renome, sua prosperidade será famosa em toda a terra".

"Quando Indra favoreceu desse modo essas duas cidades, os seres celestiais o louvaram e gritaram: 'Que assim seja'. Esses dois lugares logo desfrutaram de grande prosperidade e fama. No decorrer do tempo, uma yakshini[78] perversa nasceu aqui, possuindo a força de mil elefantes. Seu nome era Taraka, a esposa de Sunda, e seu filho era o rakshasa Maricha, que era igual em força ao próprio Indra. Ele possuía braços longos, uma boca enorme, e um corpo gigantesco. Esse rakshasa terrível destrói continuamente as pessoas dessas duas terras.

"Ó Rama, a perversa Taraka saqueia e devasta constantemente esses dois países. Obstruindo a estrada, ela vive a duas milhas de distância daqui; vamos entrar na floresta de Taraka. Ao meu comando, ó Rama, mata a yakshini ímpia e liberta o país. Ó Rama, ninguém ousa vir aqui por medo de Taraka; salva essa terra do demônio fêmea perigoso. É por isso que essa floresta é desabitada, mas tu podes restaurá-la. Essa yakshini má está incessantemente empenhada em seus planos perversos".

Capítulo 25 – Vishwamitra procura convencer Rama de que é seu dever matar Taraka

Ouvindo as palavras de Shri Vishwamitra, Shri Rama de poder e influência ilimitados pronunciou as seguintes palavras auspiciosas:

"Ó grande sábio, diz-se que as yakshinis têm pouco poder, então como é que Taraka chegou a possuir a força de mil elefantes?"

O mahatma ouviu as palavras de Rama e disse: "Ó príncipe, eu vou te contar a história. Esse demônio fêmea adquiriu sua grande força em virtude de uma bênção que ela recebeu. No passado, um yaksha poderoso de nome Suketu, que era virtuoso, mas sem filhos, realizou muitas práticas de yoga que agradaram Shri Brahma, que lhe prometeu uma filha de nome Taraka e deu a ela a força de mil elefantes. Mas o ilustríssimo Brahma não concedeu um filho àquele yaksha. Quando a filha cresceu e possuía o charme da juventude e grande beleza, seu pai lhe deu

[77] Veja o Glossário separado de Flores e Árvores.
[78] Yakshini: um yaksha fêmea, uma classe de seres sobrenaturais acompanhantes do deus da riqueza, Kuvera.

em casamento a Sunda, o filho de Jambha. Depois de algum tempo, a yakshini deu à luz um filho. Seu nome era Maricha e ele era muito poderoso; embora nascido de família yaksha ele se tornou um rakshasa através de uma maldição. Ó Rama, quando o sábio Agastya condenou Sunda à morte por amaldiçoá-lo, então Taraka e seu filho desejaram devorar o sábio. Ao vê-la correndo em direção a ele, o bem-aventurado sábio Agastya amaldiçoou Maricha e disse: 'Torne-se um demônio'. Ele também amaldiçoou aquela mulher cruel para que ela se tornasse uma canibal com feições hediondas. Shri Agastya disse: "Que a tua beleza desapareça e que tu te tornes uma rakshasi terrível'. Então Taraka, levada pela raiva sob essa maldição, começou a destruir essa terra sagrada porque foi aqui que o sábio Agastya realizou suas práticas de yoga.

"Ó Rama, tu deves matar esse demônio perverso e impiedoso Taraka, que assola a região. Para o bem dos brâmanes e do rei, ó Raghava, faze isso; não hesites em destruir essa vil yakshini. É o dever de um guerreiro proteger as pessoas das quatro castas. Um príncipe não deve evitar os atos que são dolorosos e difíceis, para a preservação do seu povo. É de acordo com a lei do dharma eterno, ó Rama, que até atos que parecem cruéis são permitidos àqueles designados para proteger seus súditos. Ó Raghava, Taraka é totalmente má, e, portanto, deve ser destruída. Diz-se que no passado Manthara, uma filha do rei Virochana, foi morta por Indra porque ela era a causa da destruição de outros. O próprio abençoado Senhor Vishnu matou a esposa do sábio Bhrigu, dedicada ao seu marido, e mãe de Shukra, porque ela tinha a intenção de matar Indra. Muitos outros príncipes de grande alma de antigamente também condenaram mulheres malignas à morte. Portanto, tu deves cumprir o teu dever e matar essa yakshini sem demora".

Capítulo 26 – Como a yakshini Taraka foi morta

O filho de Dasaratha, firme em seus votos, ouviu as palavras inspiradoras do sábio Vishwamitra, que o encheram de ardor, e com as palmas unidas ele se dirigiu a ele humildemente:

"Para cumprir as ordens do meu nobre pai e para honrar a sua promessa, eu considero meu dever agir de acordo com as tuas instruções sem hesitação. Meu pai, o imperador, no momento da minha partida de Ayodhya me mandou cumprir as tuas instruções – ó Muni, eu as honrarei. Eu estou preparado para executar teus comandos, ó rishi, porque isso levará ao benefício dos brâmanes e do rei, e também trará felicidade para o povo dessa terra".

Tendo falado dessa maneira, Shri Rama agarrou seu arco e, vibrando a corda, encheu os pontos cardeais com o som. Os ocupantes da floresta ficaram aterrorizados, e Taraka foi dominada por raiva impotente. Cheia de ira aquela yakshini correu na direção de onde vinha o som e Shri Ramachandra, vendo aquele monstro gigantesco e disforme, enfureceu-se e disse a Lakshmana: "Ó irmão, veja essa yakshini temível de tamanho formidável, cujo próprio aspecto infundiria terror nos corações timoratos. Veja, ó Lakshmana, como eu cortarei suas orelhas e nariz e a colocarei em fuga! Ela é horrível, versada em magia negra e difícil de dominar, mas não é apropriado tirar a vida de uma mulher. Uma mulher é digna de proteção, por isso, vou incapacitá-la, por privá-la do poder de movimento, assim impedindo-a de causar mais dano.

Enquanto Shri Rama ainda estava falando, a terrível Taraka correu em sua direção rugindo com os braços erguidos. O rishi Vishwamitra, aproximando-se dela incentivou Rama com um grito, bradando, "Vitória para o descendente de Raghu". Não obstante, Taraka ergueu uma espessa nuvem de poeira e por um tempo Shri Rama e Lakshmana não conseguiam ver nada. Então a yakshini pelo poder da magia fez uma chuva de rochas cair sobre os dois irmãos, e Rama agora estava cheio de ira. Evitando a chuva de rochas e avançando em direção a ela, ele cortou suas duas mãos. Então Shri Lakshmana cortou o nariz e as orelhas da Asuri que já tinha sido privada de suas mãos. Assumindo várias formas, ela tentou enganar os príncipes por desaparecer. Em seguida, a partir do seu esconderijo, ela despejou rochas pesadas sobre eles, e uma chuva de pedras caiu por todos os lados.

Shri Vishwamitra, que estava observando o combate, agora gritou: "Basta, ela não merece mais compaixão; tu não deves poupá-la, ela ganhará força através de seus poderes mágicos e arruinará novamente os nossos ritos sagrados. A noite está se aproximando e à noite os rakshasas são derrotados com dificuldade; mata-a, portanto, sem demora".

Então Shri Vishwamitra apontou a yakshini escondida para Rama, que tirou da sua aljava flechas capazes de seguir o som, e a cercou com elas. O poderoso demônio fêmea, perita em poderes ocultos, cercada pela chuva de setas, avançou rugindo em direção aos príncipes. Com uma seta, Shri Rama perfurou o coração da yakshini perversa, que caiu no chão e expirou. Vendo a terrível yakshini morta, Indra e outros seres celestiais adoraram Shri Rama, gritando: "Bem feito, bem feito, ó santo Rama!" Todos os deuses, cheios de alegria, disseram a Shri Vishwamitra: "Ó muni, que a prosperidade te acompanhe, Indra e os deuses estão satisfeitos com a destreza dos braços de Shri Ramachandra, mostra o teu favor especial para com ele e lhe entrega os dois tipos de armas, naturais e sobrenaturais, pertencentes a Krishashwa. Presenteia Shri Ramachandra, que é digno de recebê-las, com todas as outras armas poderosas, ele é totalmente dedicado a ti; esses dois príncipes estão destinados a realizar coisas grandiosas".

Tendo proferido essas palavras, os deuses reverenciaram o sábio Vishwamitra e voltaram para a sua morada.

A noite caiu, e o sábio santo, contente pela morte da perversa Taraka por Shri Rama, cheirou a cabeça do príncipe e se dirigiu a ele assim: "Ó Rama, essa noite nós ficaremos aqui e amanhã de manhã iremos ao meu eremitério".

Shri Rama se alegrou ao ouvir as palavras do muni e descansou feliz durante a noite na floresta.

No dia em que Taraka foi morta, a floresta, livre da maldição, adornada árvores champaka, ashoka,[79] mangueira e outras, parecia tão encantadora quanto a floresta de Chitraratha.[80]

Shri Ramachandra, a quem os siddhas louvaram por ter matado Taraka, passou a noite na floresta, esperando o amanhecer.

Capítulo 27 – Shri Rama recebe as armas celestes

[79] Champaka: uma espécie de magnólia. Ashoka: uma árvore parecida com o coqueiro. Para a lista completa das árvores veja o Glossário separado.

[80] Chitraratha: o rei dos gandharvas.

Tendo passado a noite descansando na floresta, o ilustre sábio Vishwamitra falou com Rama sorridente, em tom gentil:

"Ó príncipe de grande renome. Eu estou totalmente satisfeito contigo e estou feliz em te dar estas armas por meio das quais tu serás capaz de conquistar e subjugar todos os teus inimigos, sejam devas, asuras ou nagas.[81] Aceita essas armas[82] divinas, ó Rama. Aqui está o grande disco celeste e a arma Dunda, o Disco de Dharma, a arma Kala, o disco de Vishnu e a arma irresistível de Indra. Ó grande príncipe, aqui está a Maça e a Lança de Mahendra, a Brahma-Shira e a Ishika. Ó de braços poderosos, pega a arma Shankara e as duas grandes maças Kaumodaki e Lohitamukhi. Ó grande príncipe, recebe também a poderosa Dharma-pasha, a Kala-pasha e a Varuna-pasha, e outras duas maças chamadas Shoshka e Ashani; a arma Pinaka, a arma Narayana, e a arma Agneya que emite fogo.

"Ó Rama, leva essa arma de vento, Vayuvya, e a arma de cabeça de cavalo, Hayashira, também a arma Krauncha. Eu te dou mais dois poderes e as armas chamadas Kankala, Mushala, Rapala e Kinkini. Ó príncipe poderoso, eu te dou as duas armas sobrenaturais chamadas Vidyadhara e Nandana, úteis na luta contra os Asuras.

"Leva esta joia entre as espadas, que eu te dou, ó poderosamente armado, e outra arma sobrenatural chamada Gandharva, e aqui, ó Rama, está uma muito preciosa para mim chamada Manava. Aqui estão Prashaman, Soura, Praswaprana, Darpana e aquela que tem o poder de secar, e a arma que inflige dor causando lamentação. Eu te concedo também a força para portar a Madana-astra presenteada a mim por Kandarpa que cria no homem desejo sexual insuportável para que ele seja incapaz de lutar. Aqui também está a Paisha-astra e a Mohan-astra.

"Ó príncipe ilustre! Recebe também a arma que produz inércia, e a grandiosa arma Saumana. Ó grande Príncipe, aqui estão a Samvartta, Moushalya, Sattyastra e Mayadhara, e leva a Tajaprabha por meio da qual a força e coragem do inimigo são retiradas, e também a Shishira que gela e a Somastra e Twashtra.

"Ó Rama, agora tu és todo-poderoso e conhecedor dos segredos da magia, contudo leva a Bava, Shitesu e Manava Astra também. Ó príncipe, recebe a Paramodara-astra, leva todas essas armas de mim".

Então o grande Vishwamitra voltou seu rosto para o leste e realizou os ritos de purificação com alegria, conferindo a Rama os mantras[83] para empregar as armas e instruindo-o nos métodos desconhecidos até mesmo para os deuses. Todas essas armas Shri Vishwamitra deu a Rama, e ele, repetindo os mantras apropriados, fez as divindades que as presidem aparecerem diante dele. Aproximando-se com palmas unidas, elas disseram: "Ó príncipe da Casa de Raghu, nós somos teus servos e obedeceremos aos teus comandos".

Shri Rama, as tendo examinado e abençoado, respondeu: "Venham e me sirvam quando eu as chamar".

Depois disso, Shri Ramachandra oferecendo saudações ao venerável sábio Vishwamitra, disse: "Vamos prosseguir, meu senhor".

Capítulo 28 – Ele é instruído no uso delas

[81] Naga: a raça de serpentes.
[82] Para a lista completa veja o Glossário separado.
[83] Mantras: fórmulas sagradas.

Tendo recebido as armas e as instruções para o seu uso, Shri Rama abordou o sábio em tons agradáveis enquanto eles prosseguiam.

Ele disse: "Ó abençoado, pela tua graça, eu recebi armas que nem devas nem asuras podem obter facilmente, tem a bondade de me dizer, além disso, como eu posso retirar essas armas quando elas forem disparadas?"

Em seguida, o sábio supremamente paciente e santo ensinou a Shri Ramachandra o método de retrair as armas propelidas por mantras lhe deu mais com o nome de Satya-vana, Satya-kirti, Dhrishta, Raphasa, Pratiharatara, Parangmukha, Avangmukha, Lakshya, Alakshya, Drirnabha e Sunabhuka, Dasharsha, Shutavaktra, Dasha-shirsha, Shatodara, Dharma-nabha e Maha-nabha, Dunda-nabha e Swanabhuka, Jyotisha e Shakuna e as duas armas Nirashya e Vimala, também a Yogandhara e Vinidra, Ditya e Pramanthana, Shuchivahu, Mahavanu, Nishkali, Virucha, Sarchi-mali, Dhriti e Mali, Vrittiman e Ruchira, Pitryia e Soamanas-vidhuta e Makara, Karavira com Rati, Dhana e Dhanya.

O sábio santo disse: "Ó Rama, recebe também Kamarupa, Kamaruchi, Moha e Avarana, também Jrim Bhala, Sarpa-natha com Sandhana e Varuna. Recebe de mim, ó Rama, a Krishashwa que assume qualquer forma – ó príncipe, que tu possas ser triunfante, tu és digno de possuir essas armas". Shri Rama respondeu: "Que assim seja, meu senhor".

O rishi[84] santo então colocou as armas divinas diante de Rama, algumas das quais brilhavam como fogo, outras com a cor da fumaça e ainda outras que pareciam o sol e a lua. Com palmas unidas as divindades presidentes delas se dirigiram a Shri Rama com submissão, dizendo: "Ó príncipe, nós estamos a teu serviço, o que tu gostarias que nós realizássemos?" Shri Rama respondeu: "Quando chamadas à mente no momento de necessidade, concedam-me auxílio, agora partam, todas vocês".

Oferecendo reverência a Shri Ramachandra, elas responderam: "Assim seja, meu senhor", e voltaram para a sua morada.

Shri Rama então questionou o grande rishi, dizendo: "Ó soberano espiritual, o que é isso que se assemelha a uma nuvem escura perto da montanha? Parece ser um bosque de árvores, agradável à vista, cheio de veados. Eu ouço aves cantando docemente, nós então passamos pela floresta perigosa que era motivo de temor? Ó senhor, vamos descansar aqui em paz; dize-me, de quem é esse eremitério? Ó grande muni, nós estamos agora no teu próprio eremitério, onde os demônios maus, os matadores de brâmanes, obstruem o teu sacrifício? Ó abençoado, tem a bondade de me mostrar o lugar do teu sacrifício. Ó sábio, eu matarei os demônios intrometidos que dificultam as tuas práticas religiosas. Tem a amabilidade de me esclarecer sobre o assunto, ó sábio".

Capítulo 29 – Vishwamitra conta a história do seu eremitério e começa o sacrifício

Para o muito glorioso Shri Ramachandra que indagava a respeito da floresta, o ilustre sábio Vishwamitra respondeu:

"Ó Rama, esse é o lugar no qual o abençoado Senhor Vishnu, o primeiro entre os deuses, habitou, observando suas práticas de yoga por anos imensuráveis,

---

[84] Rishi: um sábio iluminado, que teve uma visão da Verdade ou Realidade.

e antes disso ele pertenceu ao glorioso Vamana.[85] Esse lugar é chamado de Siddha-ashrama, pois aqui essas grandes almas praticaram austeridades com sucesso. Naquela época, Bali o filho do rei Virochana conquistou Indra e os outros devas, junto com as divindades do vento e ele governava os três mundos. Quando Bali iniciou um sacrifício, os devas, sob a liderança de Agni[86] se aproximaram de Shri Vishnu em seu eremitério e disseram: "Ó senhor, o filho de Virochana, o rei Bali, está celebrando um grande sacrifício; enquanto ele ainda está incompleto, vem em nosso auxílio. O senhor concede os pedidos daqueles que buscam seu favor, portanto, pelo poder do teu yoga e para o nosso próprio bem, assume a forma de um anão (Vamana) e garante o nosso bem-estar". Enquanto isso, ó Rama, o sábio Kashyapa, resplandecente como fogo, que era dotado de esplendor supremo em virtude das suas práticas de yoga, com sua esposa Aditi, tendo completado austeridades de mil anos, começou a louvar Madhusudana, o concessor de bênçãos, dizendo: 'Ó Supremo Purusha,[87] Tu és adorado através de austeridade e Tu concedes o fruto da austeridade, Tua natureza é conhecimento e ascetismo, é em virtude da austeridade que eu Te contemplo. Ó Senhor, no Teu corpo eu vejo o mundo inteiro animado e inanimado. Em Ti que és sem início e indescritível eu me refugio'.

"O bem-aventurado Vishnu ficou satisfeito com essa prece e disse ao sábio impecável: 'Ó Kashyapa, tu podes ver a perfeição, tu mereces uma bênção, pede o que quiseres".

"Então Kashyapa, filho de Marichi, respondeu: 'Ó Senhor bem-aventurado, Aditi, os deuses e eu te pedimos para conceder esta bênção – Torna-te o filho da minha esposa impecável e de mim mesmo. Ó Senhor, torna-te o irmão mais novo de Indra e ajuda os devas entristecidos. Este local, pela Tua graça, será então conhecido como Siddha-Ashrama'. (Eremitério dos Perfeitos).

"Após isso, o resplandecente Vishnu nasceu do ventre de Aditi como a encarnação Vamana e, disfarçado de mendicante, ele se aproximou do rei Bali. Dele, ele pediu um pedaço de terra que pudesse ser coberto por três passos e, tendo obtido o que pediu, ele cobriu todo o universo em três passos.

"Esse eremitério tranquilo, antigamente pertencente a Vamana, cujo devoto eu sou, é desfrutado por mim. Aqui os rakshasas causam destruição. Ó leão entre os homens, permanece aqui e os mata. Ó Rama, vamos entrar juntos hoje no Siddha-Ashrama. Ó amigo, esse eremitério não é só meu, mas teu também".

Acompanhado por Shri Ramachandra e Lakshmana, o sábio santo entrou no eremitério, que parecia tão belo quanto a lua outonal acompanhada pelo planeta Punarvasu.[88] Quando os sábios residentes no Siddha-Ashrama perceberam Shri Vishwamitra, eles se levantaram e o saudaram com alegria. Tendo honrado devidamente o sábio resplandecente, eles acolheram os príncipes de forma adequada.

Tendo descansado um pouco, os dois príncipes humildemente e respeitosamente dirigiram-se ao sábio santo, dizendo: "Ó grande sábio, inaugura o teu sacrifício hoje, que ele seja acompanhado pela boa sorte. Este lugar é o Siddha-Ashrama, nós te desejamos sucesso na tua tarefa".

---

[85] Vamana: uma encarnação de Shri Vishnu como o Anão santo.

[86] Agni: o deus do fogo.

[87] Purusha: O Ser Supremo, a Alma do universo. Literalmente o Senhor do corpo, chamado de a cidade de nove portas.

[88] Punarvasu: o sétimo dos asterismos lunares, chamados Nakshatras ou esposas da lua. Punarvasu é o mais amado.

Então o grande sábio, com a devida preparação, a sua mente subjugada, começou o sacrifício enquanto os dois príncipes faziam vigília. Tendo passado a noite dessa maneira, de acordo com as regras prescritas, eles realizaram suas abluções, repetindo o mantra silenciosamente, eles então prestaram respeito a Shri Vishwamitra e ocuparam seus assentos como fazem aqueles que realizam um sacrifício de fogo.

Capítulo 30 – Maricha e Suvahu obstruem o sacrifício e são mortos por Rama

Os dois príncipes, sabendo o que era apropriado em relação à hora e lugar e peritos na arte de vencer seus inimigos, proferiram palavras apropriadas para o lugar e a ocasião.

Eles disseram: "Ó abençoado, nós queremos saber, em qual momento no decorrer do sacrifício os dois demônios aparecem? É essencial que nós estejamos familiarizados com o assunto, para evitar seu o ataque".

Os moradores do Siddha-ashrama, ouvindo as palavras dos príncipes, e notando-os ávidos para combater os demônios, os elogiaram dizendo: "Ó príncipes, a partir de agora, vigiem o sacrifício por seis dias; o sábio Vishwamitra tendo começado o rito observará um silêncio rigoroso durante esse tempo".

Nisso, os dois príncipes ilustres vigiaram a floresta Tapovana continuamente por seis dias sem dormir. Armados com arco e flechas eles protegeram o rishi e seu sacrifício com firme determinação. Cinco dias se passaram sem interrupção, e no sexto dia Shri Ramachandra disse a Lakshmana: "Irmão, esteja preparado hoje".

Quando Shri Rama proferiu essas palavras a respeito da aproximação do conflito com os demônios, o fogo do altar flamejou subitamente. O brâmane oficiante, o sacerdote e Shri Vishwamitra, que estavam assistindo, viram todos os utensílios sacrificais em chamas.

O sacrifício do sábio santo ainda prosseguindo, um clamor grande e terrível ressoou no firmamento. Assim como na estação chuvosa as nuvens cobrem o céu, assim os demônios pelo poder da magia começaram a percorrer o ar.

Maricha e Suvahu e outros demônios, cercando o altar, derramaram torrentes de sangue. Vendo o altar inundado de sangue, Shri Ramachandra e Lakshmana ficaram cheios de raiva e correram para descobrir a causa. Então eles viram Maricha e outros demônios no céu. Raghava, vendo os demônios avançando para ele, disse a Lakshmana, "Ó Lakshmana, veja esses demônios maus comedores de carne, eu os destruirei com a arma Manava, como o vento espalha as nuvens".

Assim dizendo, Shri Ramachandra arremessou a brilhante arma Manava neles, e atingindo o peito de Maricha, infligiu um ferimento. Assim atingido, o demônio foi lançado ao mar, a uma distância de cem milhas. Percebendo Maricha cambaleante, desacordado pela arma Manava, Shri Ramachandra dirigiu-se a Lakshmana, dizendo: "Veja o poder dessa grande arma criada pelo muni! No entanto, apesar de Maricha ter sido privado de seus sentidos, ele não está morto; realmente agora eu destruirei esses demônios maus, impiedosos, pecadores e bebedores de sangue que obstruem o sacrifício sagrado". Assim dizendo, ele agarrou a arma de fogo e a descarregou no peito de Suvahu, que imediatamente caiu no chão e expirou. Nisso, Shri Rama destruiu os demônios restantes com a arma de ar (Vayuvya).

Assim, por matar os obstrutores do sacrifício Shri Ramachandra levou alegria aos corações dos sábios e foi adorado por eles como foi antigamente o vitorioso Indra.

Quando o sacrifício tinha sido concluído com sucesso, percebendo que o mundo estava livre da interferência dos asuras, o rishi Vishwamitra disse a Rama:

"Ó príncipe poderosamente armado, hoje eu realizei o meu propósito espiritual, tu obedeceste aos comandos do teu guru perfeitamente, realmente tu tornaste o Siddha-Ashrama digno de seu nome".

Capítulo 31 – Vishwamitra parte com os dois príncipes para comparecer ao sacrifício do rei Janaka

O grande herói, o sempre alegre Rama, junto com Lakshmana, tendo ajudado com sucesso Shri Vishwamitra, passou a noite no eremitério.

Ao amanhecer, depois de se purificarem, eles se aproximaram de Shri Vishwamitra e ofereceram reverência a ele e aos outros sábios. Curvando-se perante o grande muni, que era tão resplandecente quanto um fogo ardente, eles se dirigiram a ele em tom submisso, dizendo: "Ó grande rishi, nós dois somos teus servos humildes, que outros comandos há para nós? Nós estamos aqui para obedecer".

Os outros rishis, liderados por Shri Vishwamitra, ouviram as palavras de Shri Ramachandra e responderam dizendo: "Ó grandioso, o rei de Mithila, o virtuoso Janaka, está executando um sacrifício sagrado e nós vamos participar. Ó grandes seres, tenham o prazer de nos acompanhar; lá vocês verão um arco raro e maravilhoso. Nos tempos antigos aquele arco foi dado pelos devas para Janaka, ele é extremamente pesado e esplêndido. Nem gandharvas nem asuras podem curvar aquele grande arco, quanto menos o homem? Para testar sua habilidade, grandes reis têm ido à assembleia do rei Janaka, mas nenhum conseguiu erguer o arco e encordoá-lo. Ó ilustre, vamos partir e ver o sacrifício do rei de Mithila e também aquele arco extraordinário. No passado, o rei Janaka realizou um sacrifício e o fruto dele foi o grande arco que ele obteve dos deuses que o instruíram dizendo: 'Coloque este arco na câmara de sacrifício e que ele seja adorado com incenso, perfume e luzes'".

Shri Vishwamitra, tendo relatado esses fatos, partiu acompanhado pelos dois príncipes e outros sábios. Invocando a Vanadevata (A Divindade da Floresta), ele lhe disse: "O meu sacrifício chegou a uma conclusão bem-sucedida, que a minha alegria seja tua. Eu estou deixando o Siddha-Ashrama para as margens do rio sagrado Gunga nas encostas do Himalaia, situado no domínio do rei Janaka".

Então o sábio circungirou reverentemente o eremitério e se voltou para o norte. Quando Shri Vishwamitra iniciou sua jornada, os sábios peritos no conhecimento da ciência de Brahman o acompanharam com os seus bens móveis colocados em centenas de carruagens. As aves e animais do eremitério também os acompanharam por um longo caminho até que o muni santo lhes pediu que voltassem.

Os sábios e o muni santo chegaram às margens do rio Shona ao pôr do sol e, depois de terem se banhado e recitado as suas preces vespertinas, realizaram o sacrifício de fogo.

Shri Ramachandra e o príncipe Lakshmana então ofereceram saudações a Shri Vishwamitra e aos outros rishis, e se sentaram diante deles. Posteriormente Shri Rama perguntou alegremente:

"Ó senhor, que país é esse, coberto com bosques verdejantes? Tem a amabilidade de narrar tudo a respeito dele".

O grande asceta dos votos firmes ficou satisfeito ao ouvir essas palavras e, sentando-se em meio aos sábios, ele descreveu o país totalmente para eles.

Capítulo 32 - Vishwamitra fala dos seus antepassados e da dinastia do rei Kusha

"Ó Rama, nos tempos de outrora havia um rei chamado Kusha, ele era o filho de um brâmane, um asceta notável, fiel aos seus votos, conhecedor do dharma e sempre reverenciado pelos virtuosos. Ele se casou com uma mulher nobre de grande beleza chamada Bhidharvi, e gerou quatro filhos, todos parecidos com ele. Seus nomes eram Kushamba, Kushanabha, Umurita-Rajasa e Basu; esses quatro príncipes eram poderosos e ativos, e desejoso de lhes ensinar os deveres de um kshatriya, o verdadeiro e justo rei Kusha se dirigiu a eles como segue:

"'Ó meus filhos, protejam e cuidem dos seus súditos, essa prática é produtiva de grande mérito".

"Para cumprir as instruções de seu pai, aqueles príncipes fundaram quatro cidades e deram seus nomes a elas. O poderoso Kushamba chamou sua cidade de Kaushambi, e o justo Kushanabha fundou a cidade de Mahodaya. Ó Rama, o príncipe Umurita-rajasa fundou a cidade chamada Dhar-maranya e o príncipe Basu chamou sua cidade de Giribrat, também chamada Basumati. Essa cidade era cercada por cinco picos de montanha e o rio Magadhi ou Shona serpeando através das montanhas parecia uma linda guirlanda. Ó Rama, esse rio, o Magadhi, flui para o leste e irriga os campos férteis em ambas as margens.

"Ó príncipe de Raghu, Kushanabha tomou em matrimônio uma ninfa chamada Ghritachi, e com ela ele teve cem belas filhas, que ao atingirem a maturidade eram encantadoras de olhar. Um dia, vestidas com trajes graciosos, incomparáveis em beleza de forma elas vagavam no jardim como relâmpagos entre as nuvens. Cantando, dançando e tocando instrumentos elas pareciam ser formas divinas que tinham se materializado e descido à terra, ou como estrelas no firmamento.

"Vendo aquelas princesas adoráveis e virtuosas, Vayu o deus do vento falou-lhes assim: 'Eu rogo a vocês todas que se casem comigo; abandonem a sua forma mortal, eu as tornarei imortais. Lembrem-se de que a juventude está passando e a juventude entre os mortais passa ainda mais rapidamente; casadas comigo, vocês serão belas para sempre'.

"As donzelas escutaram o discurso impróprio do deus do vento e responderam zombeteiramente: 'Ó deus do vento, tu sabes tudo o que está se passando nos corações dos homens, mas nós sabemos o que está se passando no teu coração. Por que tu nos insultas, ó Vento? Ó Vayu, que és renomado pela tua sabedoria, nós virgens pelo poder da nossa devoção e autocontrole podemos causar a tua queda, mas porque os méritos dos justos se arruínam quando eles fazem mal a outros, nós manteremos os nossos votos sagrados intactos. Ó estúpido, que o céu nos impeça de escolhemos maridos para nós sem antes procurar a aprovação do

nosso honrado pai. Ele é como um deus para nós e nosso mestre, e nós nos casaremos com os maridos que ele escolher para nós'.

"O deus do vento ficou enfurecido, e entrando em seus corpos, os desfigurou e deformou. Assim afligidas, as princesas em lágrimas se aproximaram de seu pai para obter assistência.

"O rei entristeceu-se ao ver suas filhas naquela condição e disse: 'Ó falem, o que ocorreu? Quem, desconsiderando a justiça, as deformou? Contem-me tudo". O monarca ficou profundamente comovido por esse evento e seu coração tornou-se pesado".

Capítulo 33 – As cem filhas do rei Kushanabha

Quando a cem princesas foram assim questionadas pelo rei seu pai, elas colocaram suas cabeças a seus pés e responderam: "O deus do vento, que permeia tudo, entrou no mau caminho e quis que nós abandonássemos a conduta virtuosa. Nós dissemos a ele que não éramos livres para escolher nosso modo de vida já que o nosso pai ainda era vivo e que ele deveria te consultar se ele quisesse se casar conosco, mas aquele deus pecaminoso, desconsiderando o nosso pedido, desfigurou e deformou os nossos corpos dessa maneira".

O grande rei, ouvindo a queixa das cem virgens, disse-lhes: "Vocês agiram nobremente por praticarem paciência para com a divindade. É adequado que os de mente generosa exercitem a paciência, vocês contribuíram para a honra da nossa dinastia. A paciência é o principal ornamento de homens e mulheres, vocês realizaram algo raro; poucos são capazes de tal paciência. Ó virgens, paciência é caridade, paciência é verdade, paciência é sacrifício. A verdadeira glória do homem é a paciência; paciência é dharma. O mundo está estabelecido na paciência".

Tendo ouvido isso, as princesas foram consoladas, e o rei as dispensou. Então o monarca, poderoso como um deus, convocou seus ministros e os consultou a respeito da aliança de suas filhas com famílias adequadas no momento e lugar adequados.

Nessas circunstâncias um grande muni chamado Chuli, cheio de glória derivada do celibato prolongado e altamente virtuoso, estava empenhado em austeridades sagradas com a finalidade de libertação espiritual.

Naquele local, a virgem filha da ninfa Urmila, chamada Somada, começou a atender o muni. Ela serviu o grande sábio por um longo tempo com fé e devoção inabaláveis e seu guru estava satisfeito com ela; ele disse a ela: "Eu estou satisfeito contigo, qual desejo teu eu realizarei?"

Percebendo que o muni estava altamente satisfeito, aquela ninfa de voz doce familiarizada com a arte da conversa lhe respondeu: "Ó rei dos reis, eu desejo ter um filho, resplandecente com poder divino, um adorador de Deus e dedicado ao dharma. Eu não tenho marido, nem quero ser esposa de ninguém, porque eu sou um brahmacharini,[89] portanto, em virtude do teu yoga, concede-me um filho produzido pelo poder do teu pensamento".

O sábio divino Chuli ficou satisfeito ao ouvir essas palavras e lhe concedeu um filho chamado Brahmadatta, pelo poder da sua mente. Brahmadatta se tornou rei

[89] Brahmachari ou brahmacharini: Estudante religioso celibatário homem ou mulher que vive com o professor e se dedica à prática da disciplina espiritual.

de Kampila e era tão próspero quanto Indra no céu. O rei Kushanabha resolveu dar suas filhas em casamento ao rei Brahmadatta. Kushanabha pediu ao rei Brahmadatta para visitá-lo e com alegria deu-lhe suas filhas em casamento.

Ó Ramaji, o rei Brahmadatta, que era igual a lndra em glória, casou-se com as princesas, uma por uma, tomando suas mãos nas dele. Através do toque da sua mão, as princesas foram libertadas de sua deformidade e restauradas à sua antiga beleza. Quando o rei Kushnabha viu suas filhas livres de sua deformação e devolvidas à sua antiga beleza ele se encheu de alegria.

Foi assim que o rei Kushnabha deu suas filhas em casamento ao rei Brahmadatta, e então mandou seus preceptores as acompanharem para a corte de seu genro.

Somada ficou encantada com a união de seu filho com as donzelas e, recebendo-as com muito carinho, elogiou o virtuoso rei Kushanabha.

Capítulo 34 – Seu filho, Gadhi, é o pai de Vishwamitra

"Ó Ramaji, após o casamento de suas filhas, o impecável rei Kushanabha se preparou para realizar um sacrifício para obter um filho.

"Na inauguração do sacrifício, o magnânimo rei Kusha, filho de Shri Brahma, disse a Kushanabha: ‘Ó meu filho, tu obterás um filho como tu mesmo, ele deve se chamar Gadhi, ele te trará fama imortal".

"Depois de algum tempo nasceu um filho do rei sábio Kushanabha que era um amante da virtude, e seu nome era Gadhi. Esse Gadhi, ó Rama, era meu pai virtuoso,[90] e porque eu nasci na família de Kusha fui chamado Kaushika.

"Eu tinha, ó príncipe, uma irmã mais velha chamada Satyavati, que se tornou a fiel esposa de Richika. Quando seu marido morreu, ela subiu ao céu e tomou a forma do rio Kaushiki. O rio é sagrado e belo, e suas águas dão mérito aos homens. Para abençoar o mundo Satyavati se tornou o rio que corre perto dos Himalaias.

"Ó príncipe, por amor à minha irmã, eu moro nas margens do rio Kaushiki perto dos Himalaias.

"Estabelecida na verdade, fiel ao seu marido, aquela minha irmã, chamada Satyavati, é hoje o rio Kaushiki, grandioso entre os rios e altamente afortunado.

"Ó Rama, para realizar um sacrifício eu fui para o Siddha ashrama, eu já realizei meu propósito.

"Ó Rama, a teu pedido, eu te contei sobre a minha família e origem; a noite está muito adiantada por ouvir essa história, agora descansa, para que, revigorados, nós possamos retomar nossa viagem amanhã. Que a paz esteja contigo!

"As folhas das árvores estão imóveis, os pássaros e os animais estão em silêncio e a escuridão cobre tudo. Quão imperceptivelmente a noite passou. O céu está brilhante com estrelas, como se mil olhos olhassem para em nós.

"A lua brilhante com seus raios frios, subindo lentamente cada vez mais alto, dissipa as trevas. Andarilhos noturnos e os terríveis yakshas comedores de carne perambulam aqui e ali".

Tendo proferido essas palavras, o grande sábio Vishwamitra ficou em silêncio. Os outros munis o louvaram dizendo: "Bem falado, bem falado, ó sábio".

---

[90] O rishi Vishwamitra ainda está falando aqui.

Eles disseram: "A dinastia de Kusha sempre praticou a retidão e os reis dessa linhagem têm sido eminentes por virtude. Dessa dinastia, tu, ó Vishwamitra, és o mais ilustre, a fama dessa linhagem real foi aumentada pelo belo rio Kaushiki".

Assim os grandes sábios elogiaram o rishi Vishwamitra, que então se retirou para descansar, como o sol se põe atrás de uma montanha.

Shri Ramachandra e seu irmão Lakshmana, cheios de admiração, também reverenciaram o sábio santo e se retiraram para dormir.

Capítulo 35 - Vishwamitra começa a narrar a origem do rio sagrado Gunga

Tendo passado a noite com os outros munis nas margens do rio Shona, Shri Vishwamitra disse ao príncipe Rama ao amanhecer: "Levanta-te, ó príncipe, o dia raiou, que a prosperidade esteja contigo! Faze as tuas práticas religiosas matinais e preparemo-nos para a nossa jornada".

Shri Rama ouviu as instruções do sábio santo, recitou suas preces da manhã e se preparou para partir, dizendo: "Ó conhecedor de Deus, as águas do rio sagrado Shona parecem ser muito rasas e se apoiar em um leito de areia, por favor, indica onde devemos cruzá-lo".

O sábio respondeu: "Ó príncipe, eu te mostrarei onde os grandes rishis o atravessam". Depois eles vadearam o rio e viajaram sem parar, apreciando os bosques e as florestas muito belas pelas quais eles passaram.

Depois de prosseguir uma grande distância, num fim de tarde, eles chegaram ao sagrado rio Ganges, amado dos sábios. Ao verem o rio adorável tornado belo pela presença de cisnes e garças, Rama, Lakshmana e os sábios encheram-se de alegria.

Eles pararam nas margens e se banharam no rio sagrado como prescrito pela lei sagrada, então acendendo seus fogos sacrificais eles comeram os restos das oferendas. Segundo a tradição, eles ofereceram água aos seus antepassados e espalhando cobertas, sentaram-se ao lado do sagrado Ganges.

Sentado no meio dos sábios com os dois príncipes diante dele, Shri Vishwamitra foi questionado por Shri Rama da seguinte maneira:

"Ó senhor, eu desejo ouvir a história desse rio sagrado, que percorre os três caminhos.[91] Como o sagrado Gunga, passando através dos três mundos, imerge finalmente no oceano?"

Após esse pedido, Shri Vishwamitra começou a narrar a origem e gênese do rio sagrado.

"Ó Rama, o grande Himavat, Senhor dos Himalaias, o tesouro de todos os metais preciosos, teve duas filhas, que eram insuperáveis em beleza sobre a terra. A mãe delas, Mena, a esposa de Himachala (Himavat) era filha do Monte Meru. Sua filha mais velha se chamava Gunga e a mais nova Uma.

"Os devas, desejando celebrar certos ritos sagrados, pediram para Shri Gunga promover o sucesso do seu empreendimento e, com a permissão de seu pai, a levaram com eles.

---

[91] Na mitologia hindu o universo é dividido em três mundos: Bhur, Bhuvah, Swah, o mundo inferior, intermediário e superior. É dito que o rio sagrado atravessa todos os três.

"Himachala, atento ao bem de todos os seres, deu sua filha Gunga, a purificadora do mundo inteiro, para os deuses, pensando ser seu dever fazê-lo. Os deuses supremamente gratificados levaram sua filha Gunga e, abençoando a todos, deixaram Himachala.

"Ó príncipe da Casa de Raghu, a outra filha de Himachala, chamada Uma, praticou grande ascetismo, considerando-o como a sua principal riqueza. Himachala deu sua filha asceta Uma, que era venerada por todo o mundo, para Shri Mahadeva[92] em casamento, considerando-o um consorte digno.

"Ó Rama, agora eu te falei das duas filhas de Himachala, veneradas por todo o mundo, o rio Gunga e Uma Devi.

"Ó meu filho, ó principal dos discípulos, eu te contei a história de Shri Gunga acompanhando os devas para o céu. Essa bela filha do rei do Himalaia, uma vez residente no céu, é o charmoso rio Gunga, cujas águas destroem todos os pecados".

Capítulo 36 – A história de Uma, a filha mais nova do rei do Himalaia

Ouvindo a narrativa maravilhosa, contada de forma tão eloquente por Shri Vishwamitra, ambos os príncipes elogiaram o sábio santo e disseram:

"Ó sábio divino, tu nos contaste uma história, pela audição da qual grande mérito é adquirido, tem a bondade de nos esclarecer mais sobre a filha mais velha do rei do Himalaia. Tu és onisciente, portanto, descreve para nós detalhadamente como o Gunga, o rio que purifica o mundo, desceu do céu para a terra. Ó tu, versado na ciência do dharma, por que esse rio sagrado é chamado Tripathaga (o que percorre os três mundos) e de onde esse nome é derivado?"

Sentado em meio aos outros sábios, Shri Vishwamitra, cuja única riqueza era verdade e austeridade, falou o seguinte, em resposta ao questionamento de Shri Rama:

"Ó príncipe, nos tempos antigos, o santo Senhor Mahadeva se casou com Parvati,[93] e estando encantado com sua beleza dedicou-se às delícias da felicidade conjugal. De acordo com a medida de tempo dos deuses, o Senhor Mahadeva passou cem anos com aquela devi,[94] mas se manteve sem filhos. Em sua ansiedade, os deuses se aproximaram de Shri Brahma e disseram:

"'Quem será capaz de suportar o poder e a glória dos descendentes produzidos por esses dois seres poderosos?'

"Eles, então, se refugiaram com Shri Mahadeva, dizendo: 'Ó Deus dos Deuses, ó Mahadeva, sempre engajado em fazer o bem a todos os seres, nós oferecemos saudações a ti, sê bondoso para conosco! O teu poder, ó primeiro entre os deuses, ninguém pode suportar, portanto com essa deusa ocupa-te em penitências iogues. Para o bem dos três mundos, retém a tua energia dentro do teu corpo para que o universo possa ser preservado e não sofra destruição'".

O governante do mundo, Shri Mahadeva, ouviu as palavras dos devas e disse: "Que assim seja, ó devas, eu vou conter o meu poder para que todas as

[92] Mahadeva: um título do Senhor Shiva.
[93] Parvati: a consorte do Senhor Shiva.
[94] Devi: outro nome de Parvati. Devi significa literalmente deusa ou brilhante.

regiões, incluindo a terra, possam viver em paz, mas, ó devas, se o meu fluido vital transbordar, quem o receberá?"

Os deuses responderam a Shri Mahadeva, dizendo: "Que a terra o receba".

Então Shri Mahadeva deixou cair sua semente sobre a terra cobrindo as montanhas, mares e florestas. Quando a terra não podia suportar mais, os devas pediram às divindades do vento e do fogo para se unir àquele poder criativo e desse modo uma montanha branca foi criada, e posteriormente uma floresta celestial tão resplandecente quanto a luz do sol. Desta luz ardente nasceu o glorioso Swami Karttikeya.[95]

"Todos os deuses e rishis ficaram cheios de alegria e adoraram o Senhor Shiva e a Deusa Uma. Enquanto eles os adoravam com corações agradecidos, Uma encheu-se de ira e disse: 'Ó devas, a sua ação me encheu de desagrado, vocês não escaparão das consequências'.

"Então Uma, brilhante como o sol, tomou água na palma de sua mão e pronunciou uma maldição sobre os deuses, dizendo: 'Ó devas, vocês me impediram de ter um filho, que vocês não tenham filhos desse dia em diante, que as suas esposas não tenham progênie'.

"Ainda não apaziguada, Uma amaldiçoou a terra também, e disse: 'Ó Terra, tu nunca permanecerás em uma forma, tu terás muitos mestres. Ó tola, tu nunca terás um filho, já que tu me impediste de me tornar mãe'.

"Shri Mahadeva, vendo os devas frustrados, se preparou para partir para a região norte dos Himalaias. Lá, em um pico chamado Himavatprabhava, ele se ocupou em práticas iogues prolongadas, junto com Uma.

"Ó Rama, eu te falei de uma das duas filhas dos Himalaias; agora, com Lakshmana, ouve a história da outra filha do Himalaia, chamada Gunga".

Capítulo 37 - A filha mais velha do rei, Gunga

Enquanto Shri Mahadeva estava ocupado em meditação iogue, os devas, sob a liderança de Agni, foram para a região de Brahma onde, com Indra, eles prestaram reverência ao Senhor do mundo, e disseram: "Ó Senhor, no início da criação tu fizeste de Shri Mahadeva o nosso líder, mas agora ele se retirou para os Himalaias e está empenhado na prática de austeridade com Uma. Ó tu que desejas o bem do mundo, faze o que tu consideras que deve ser feito, tu és nosso único amparo".

Então Shri Brahma encorajou os devas, com palavras gentis, dizendo: "Ó devas, a maldição de Uma Devi, que vocês devem permanecer sem prole, é irrevogável, mas o deus do fogo Agni fará Gunga ter um filho que destruirá os inimigos dos deuses. A filha mais nova de Himanchala (Uma) considerará o filho de sua irmã como dela própria e inevitavelmente dará generosamente seu afeto a ele".

"Ó Rama, as palavras de Shri Brahma encheram os deuses satisfação e eles ofereceram reverência a ele. Então todos eles circungiraram o Monte Kailasha,[96] o repositório de metais preciosos, e pediram a Agni para gerar um filho.

"Agni concordou com seu pedido e se aproximando de Shri Gunga disse: 'Ó Devi, vamos gerar um filho, pois esse é o desejo dos deuses".

[95] Karttikeya: o deus da guerra.
[96] Monte Kailasha: dito ser a residência do Senhor Shiva.

"Assumindo a forma de uma ninfa celestial, Gunga inspirou o deus do fogo a plantar sua semente nela, cada veia dela estando cheia de esplendor. Depois de um tempo, ela se dirigiu a Agni, dizendo: 'Ó deva, eu sou incapaz de suportar o esplendor cada vez maior que tu me transmitiste. O meu corpo está queimando como fogo, a minha mente está agitada e estou cheia de medo".

"Agni respondeu: 'Ó impecável, coloca o feto perto dos Himalaias'.

"Então Gunga Devi expeliu o ser resplandecente, brilhante como ouro. Aquela substância, caindo na terra, tornou-se o ouro mais puro que pode ser encontrado. Todos os objetos em sua proximidade se tornaram de prata e as áreas mais distantes expostas aos seus raios penetrantes se tornaram de cobre, as partes mais inferiores se tornando zinco e chumbo. Dessa forma, o seu brilho foi transmutado em metais e se espalhou e as montanhas e florestas próximas foram convertidas em ouro. Ó Rama, o ouro sendo produzido daquela forma deslumbrante é chamado jatarupa (nascido da forma) e, ó herói, por isso o ouro brilha como fogo. A grama, as trepadeiras, arbustos, todos foram transformados em ouro, e desse esplendor nasceu Kumara.

"Os devas com Indra encarregaram as Krittikas[97] de amamentar a criança e elas o consideravam como seu próprio filho. Os deuses chamaram a criança de Karttikeya e disseram: "Ele será nosso filho e ele será renomado nos três mundos".

"As Krittitas banharam a criança, e quando ele cresceu a sua forma se assemelhava ao fogo. Porque o bebê nasceu prematuramente, os devas o chamaram de Skanda.

"As amas começaram a nutrir a criança com leite e ele brilhava como uma chama. Com seis bocas ele sugava o leite das seis amas ao mesmo tempo. Logo ele se tornou tão poderoso que enquanto ainda um bebê ele desafiava grupos de demônios para o combate. Então todos os deuses o nomearam seu comandante supremo. Os devas e Agni prestaram homenagem afetuosa àquela criança.

"Ó Rama, essa é a história inspiradora e concessora de mérito de Shri Gunga e Karttikeya.

"Ó Raghava, nessa terra, aqueles que leem essa narrativa com fé e devoção terão vida longa, filhos e netos e obterão a região divina de Skanda".

Capítulo 38 – A história do rei Sagara, antepassado de Shri Rama

Shri Vishwamitra em tom gentil contou essa história para Shri Ramachandra, e depois se dirigiu a ele novamente, dizendo:

"Nos tempos antigos viveu um rei chamado Sagara, que governou em Ayodhya. Ele era corajoso e virtuoso e amava seus súditos, mas ele não tinha filhos.

"O nome da sua rainha principal era Keshini, uma filha do rei Vidharba; ela era virtuosa e verdadeira. Sua segunda rainha era Sumati, uma filha de Arishtanemi e ela era graciosa e encantadora.

"O rei foi para os Himalaias e se ocupou em severas práticas de yoga na floresta de Bhrigu-prasravana. Quando ele havia completado cem anos de práticas ascéticas, o sempre verdadeiro maharishi Bhrigu ficou satisfeito com ele e o favoreceu com uma benção. Ele disse: 'Ó rei impecável, tu gerarás muitos filhos e a

[97] Krittikas: as Plêiades, as seis amas do deus da guerra.

tua fama será imensurável. De uma das tuas rainhas nascerá um filho, e da outra sessenta mil filhos'.

"Quando as rainhas souberam da bênção concedida pelo rishi, elas se aproximaram dele, dizendo: 'Ó conhecedor de deus, nós temos certeza de que a tua benção dará frutos, por favor, dize-nos, portanto, qual de nós gerará um filho e qual gerará sessenta mil?'

"Ouvindo suas palavras, o altamente virtuoso Bhrigu disse: "Isso depende dos seus desejos. Digam-me, qual de vocês desejaria ser a mãe do fundador da dinastia e qual deseja gerar sessenta mil filhos ilustres?'

"Ó Rama, a rainha Keshini desejou ser favorecida por um filho apenas, mas Sumati, a irmã de Garuda[98] obteve a bênção de ter sessenta mil filhos poderosos e ilustres.

"Ó príncipe, o rei ofereceu saudações ao rishi Bhrigu e com as suas consortes voltou para a capital.

"Quando o tempo estava maduro, a rainha principal Keshini deu à luz um filho que foi chamado Asamanjasa.

"Ó grandioso, uma cabaça foi produzida pela rainha Sumati da qual, quando aberta, surgiram sessenta mil bebês meninos.

As amas os colocaram em jarros cheios de manteiga e cuidaram deles. Depois de um longo tempo eles atingiram o estado de adolescência, e então se tornaram adultos.

"Ó Rama, o filho mais velho do rei Sagara, Asamanjasa, costumava agarrar crianças e jogá-las no rio Sarayu. Ao vê-las se afogando, ele se alegrava. Esse malfeitor cresceu para oprimir os bons por sua conduta.

"Os cidadãos da capital do rei Sagara exilaram o príncipe, dando, assim, um julgamento sobre ele. Asamanjasa tornou-se o pai de um príncipe valente chamado Anshuman, que era estimado por todos e se dirigia a todos os homens com cortesia.

"Depois de um longo tempo, o rei Sagara decidiu realizar um sacrifício. Ó Rama, o rei convocando os sumos sacerdotes começou os ritos de iniciação".

Capítulo 39 – O cavalo com o qual ele realiza um sacrifício é roubado

Tendo ouvido essa história, Shri Rama dirigiu-se ao muni Vishwamitra, que se parecia com o fogo em esplendor, e disse: "Ó sábio, que a prosperidade te acompanhe constantemente! Eu desejo saber como meu antepassado, o rei Sagara, realizou o sacrifício".

Shri Vishwamitra, muito satisfeito com o pedido ansioso de Shri Rama, respondeu sorridente: "Ouve, ó Rama, a história do rei Sagara de grande alma. Há uma região entre os Himalaias e as montanhas Vindhya, e foi lá que o rei Sagara realizou seu sacrifício. Aquela terra é adequada para esse propósito, ó grande príncipe.

"O grande arqueiro e guerreiro Anshuman foi nomeado o protetor do cavalo solto para o sacrifício. Um rakshasa disfarçado roubou o cavalo, e quando ele estava sendo levado, os sacerdotes se aproximaram do rei, gritando: 'Veja, alguém está

[98] Garuda: uma ave mitológica, metade homem, metade ave, o veículo de Shri Vishnu, e o matador de serpentes. É dito que Garuda roubou o néctar da imortalidade dos deuses, quando ele foi batido do oceano.

levando o cavalo, mate o ladrão e o recupere'. O rei chamou seus sessenta mil filhos e disse: 'Um demônio perverso roubou o cavalo sacrifical, em qual direção ele foi levado? Ele foi consagrado por mantras para evitar obstruções; busquem o cavalo, meus filhos, e que o sucesso os acompanhe. Vasculhem a terra cercada pelos mares, e escavem a terra ao meu comando, até que o cavalo sagrado seja encontrado. Tendo recebido a iniciação, eu não posso deixar este lugar. Vão, meus filhos! Eu ficarei aqui com Anshuman e os brâmanes.

"Ó Rama, mandados por seu pai, aqueles príncipes poderosos partiram alegremente em busca do cavalo. Ó grandioso! eles percorreram o mundo em vão e começaram a cavar o solo com suas unhas que eram tão afiadas quanto diamantes.

"Ó príncipe da Casa de Raghu, eles usaram arados, pás e outros instrumentos para$escavar o solo e a terra tremeu com o som. Enquanto aravam a terra, muitas cobras, demônios e titãs poderosos foram mortos e feridos.

"Ó Raghava, aqueles príncipes poderosos perfuraram a terra até a profundidade de sessenta mil milhas e atingiram os antípodas. Tendo perfurado a terra com suas montanhas, eles procuraram pelo cavalo em Jambudwipa.[99]

"Os devas, gandharvas, asuras e nagas ficaram agitados, e se aproximaram de Shri Brahma; curvando-se diante dele com suas mentes angustiadas e em grande aflição, eles disseram: 'Ó senhor abençoado, os filhos do marajá Sagara estão cavando a terra inteira e eles causaram a morte de muitos grandes seres. Quem quer que se oponha a eles é morto com as palavras, 'Tu és um ladrão, tu roubaste o cavalo sacrifical'".

Capítulo 40 – Os filhos do rei procuram pelo cavalo, eles acusam Shri Kapila de roubá-lo e são reduzidos a cinzas

"O avô Shri Brahma, ouvindo as palavras dos deuses sobre os filhos do rei Sagara, que já estavam condenados, disse:

"'Ó devas, todo este mundo pertence ao glorioso Vasudeva,[100] e ele, sob a forma do sábio Kapila, o sustenta. Esses príncipes serão vítimas da ira do santo Kapila; a terra é eterna e não pode ser destruída'". Os deuses, ouvindo essas palavras, voltaram para as suas próprias regiões, cheios de alegria.

"Enquanto isso, o tumulto causado pelos filhos de Sagara cavando a terra parecia o estrondo do trovão.

"Tendo circundado o mundo inteiro, eles voltaram a seu pai e disseram: 'Nós percorremos o mundo inteiro e matamos deuses, demônios e cobras, mas não encontramos nenhum vestígio do cavalo sacrifical nem do ladrão. Ó pai, que a prosperidade esteja contigo, tem a bondade de refletir sobre o assunto e nos dá mais instruções'.

"O grande monarca respondeu com raiva: 'Vão, cavem a terra mais uma vez, capturem o cavalo, cumpram o seu propósito, então voltem'.

"De acordo com a ordem de seu pai real, os príncipes mais uma vez renovaram sua abertura de túneis e chegaram à forma monstruosa de um grande elefante, que se assemelhava a uma montanha.

---

[99] Jambudwipa: um dos sete continentes dos quais o mundo era composto.
[100] Vasudeva: um nome de Vishnu.

"Ó príncipe de Raghu, toda a terra e as montanhas daquele quadrante são sustentadas por aquele elefante Vimpaksha, e sempre que, por fadiga, ele move seus pés para se confortar, o mundo inteiro treme e se abala.

"Os príncipes o reverenciaram e circungiraram. Eles, então, continuaram a cavar cada vez mais fundo, primeiro para o leste, em seguida, para o oeste. No sul eles viram o segundo grande elefante, cujo nome era Mahapadma. Eles o viram sustentando aquele quadrante da terra e ficaram admirados; eles lhe ofereceram saudações.

"Ó príncipe, os filhos do rei Sagara em seguida cavaram o quadrante norte da terra e viram lá um elefante branco que parecia uma pilha de neve. Seu nome era Hima-Pandara e sua forma era gigantesca; eles o adoraram enquanto ele permanecia sustentando aquele quadrante da terra.

"Então, com zelo furioso, aqueles filhos poderosos e valentes de Sagara cavaram a terra e prosseguiram para aquele quadrante famoso onde eles viram Kapila o eterno senhor Vasudeva e o cavalo pastando perto dele.

"Ó Rama, eles se alegraram, pensando que Shri Kapila havia roubado o cavalo. Cheios de ira, pegando arados, árvores, rochas e pedras, eles correram em direção a ele, gritando: 'Tu és o ladrão do cavalo sacrifical, tu és o ladrão. Ó perverso, nós, os filhos do rei Sagara, te encontramos'".

"Ó Rama, Shri Kapila, ouvindo essas palavras, cheio de raiva, proferiu o som 'Hum' e instantaneamente pelo seu poder imensurável todos os filhos de Sagara foram reduzidos a cinzas".

Capítulo 41 – O neto do rei Sagara, Anshuman, encontra o cavalo e as cinzas de seus tios. Ele descobre que os ritos fúnebres devem ser realizados com as águas do rio sagrado Gunga

"Ó Ramachandra, percebendo que um longo período tinha decorrido desde a partida de seus filhos, o rei Sagara falou ao seu poderoso e resplandecente neto Anshuman:

"'Ó filho, tu és valente, erudito e ilustre como os teus antepassados, vai e procura os teus tios e o ladrão do cavalo também. O interior da terra é habitado pelos seres mais poderosos, arma-te portanto com espada, arco e flechas. Presta reverência àqueles dignos de serem adorados a quem tu encontrares no caminho e presta homenagem a eles; mata aqueles que obstruírem o teu propósito, então, bem-sucedido, volta e garante a conclusão do sacrifício'.

"Assim instruído por seu avô, o príncipe Anshuman, armando-se com espada, arco e flechas, partiu rapidamente. Honrado no caminho por devas, danavas, asuras e nagas, pisachas, aves e serpentes, ele chegou ao elefante poderoso e resplandecente e o adorou, perguntando sobre o seu bem-estar. O elefante disse em resposta: 'Ó príncipe Anshuman, tu realizarás o teu propósito e logo retornarás à capital'.

"O príncipe prosseguiu e inquiriu da mesma forma cada um dos outros elefantes grandiosos. Eles todos aconselharam o príncipe, que tinha prestado o devido respeito a eles, a seguir adiante. Como instruído por eles, Anshuman chegou ao lugar onde as cinzas empilhadas dos corpos de seus tios jaziam. Dominado pela tristeza, Anshuman lamentou ao ver que morte os tinha alcançado. Afligido pela

angústia e dor, de repente ele percebeu o cavalo sacrifical pastando por perto. Desejoso de oferecer o rito de água para seus parentes falecidos, ele olhou em volta mas não pôde encontrar água em lugar nenhum. Estendendo o olhar, ele viu seu tio materno, a águia santa, que se dirigiu ao príncipe do seguinte modo:

"Ó leão entre os homens, não te aflijas, esses príncipes encontraram a morte que mereciam. Eles foram reduzidos a cinzas pelo mahatma Kapila de glória inimaginável. Ó sábio, não é adequado oferecer os ritos habituais para eles. Ó grandioso, realiza os ritos com a água do rio sagrado Gunga, a Filha do Himalaia. Quando as águas da purificadora do mundo, a sagrada Gunga, fluírem sobre as suas cinzas, a cerimônia será coroada de sucesso e os sessenta mil príncipes serão recebidos no céu'".

O ilustre e poderoso príncipe Anshuman ouviu as palavras de Shri Garuda e, voltando rapidamente com o cavalo, se aproximou do rei Sagara, que ainda aguardava a conclusão dos ritos iniciatórios; ele contou-lhe tudo o que a águia tinha dito. O monarca terminou o sacrifício e voltou para sua capital, considerando os meios pelos quais ele poderia fazer Shri Gunga descer à terra; mas em vão.

O rei Sagara, incapaz de conceber qualquer maneira de resolver essa questão, tendo governado por trinta mil anos, partiu daqui.

Capítulo 42 – O filho de Anshuman, Dilipa, fracassa, e seu filho Bhagiratha realiza austeridades para induzir o riu sagrado a descer

Após sua morte, os ministros instalaram o virtuoso Anshuman como rei. Ó Rama, glorioso foi o reinado do rei Anshuman. Ele foi sucedido por seu filho, o mundialmente famoso Dilipa.

O rei Anshuman, deixando seu reino para Dilipa, retirou-se para o topo de um pico do Himalaia e começou a realizar severas austeridades iogues. Tendo passado trinta e dois mil anos desse modo, sem induzir os rio sagrado Gunga a descer sobre a terra, ele abandonou sua vida.

Familiarizado com o destino dos seus tios, e dominado pela aflição, o soberano poderoso Dilipa não encontrou meios de trazer o rio sagrado para a terra. Consumido pela ansiedade, ele refletia diariamente sobre como ele deveria realizar a descida de Gunga e executar os ritos fúnebres para a libertação das almas de seus antepassados. O virtuoso e ilustre rei Dilipa, constantemente ocupado nessas reflexões, foi então abençoado com o nascimento de um filho virtuoso, Bhagiratha.

O famoso monarca Dilipa, celebrando muitos sacrifícios, governou seu reino por trinta mil anos; seus pensamentos estavam sempre dedicados à libertação das almas dos seus antepassados até que, acometido de doença, ele foi reivindicado pela morte. Tendo deixado o reino para o seu filho Bhagiratha, seu espírito ascendeu à região de Indra.

Ó Rama, Bhagiratha era um sábio nobre e virtuoso, mas ele não tinha herdeiro e estava desejoso de obter um filho. Ó Raghava, ele confiou a administração do seu reino aos seus ministros e foi para o lugar sagrado chamado Gokarna onde ele praticou penitências iogues para atrair a descida da santa Gunga.
Com os braços erguidos e os sentidos controlados, ele ficou no meio de cinco fogos na estação mais quente, ingerindo alimento uma vez por mês apenas, e continuou assim durante mil anos.

Ó príncipe poderoso, depois de mil anos, Shri Brahma, o senhor e governador do mundo, ficou satisfeito com Bhagiratha e, acompanhado dos devas, aproximou-se do rei de grande alma e disse:

"Ó Bhagiratha, as tuas práticas virtuosas de yoga provocaram a nossa admiração; pede uma benção, ó afortunado".

O altamente resplandecente Bhagiratha, com palmas unidas dirigiu-se submissamente a Shri Brahma, dizendo: "Ó Senhor abençoado, se tu queres me conferir os frutos das minhas austeridades, e me conceder uma bênção, então me permite libertar as almas dos filhos do rei Sagara por lhes oferecer água em seus ritos fúnebres, do rio sagrado. Ó Senhor, concede também mais uma benção para que a dinastia de Ikshvaku possa ser preservada e que eu possa ter um herdeiro".

O avô do mundo inteiro ouviu o rogo do marajá Bhagiratha e respondeu-lhe em tom gentil e agradável:

"Ó poderoso rei Bhagiratha, tu pediste uma grande bênção, que o sucesso te acompanhe! Que o teu desejo de um filho seja realizado. Ó rei, quando Gunga, a filha mais velha do Himalaia, cair sobre a terra com poder esmagador, a terra não será capaz de sustentá-la; ninguém exceto o Senhor Shiva pode realizar isso!'

Tendo proferido essas palavras ao rei Bhagiratha e tendo falado com Shri Gunga também, Shri Brahma voltou com os deuses para a sua própria região.

Capítulo 43 – O Senhor Shiva solta o rio sagrado que segue a carruagem celeste do rei Bhagiratha

Shri Brahma tendo partido, o rei Bhagiratha, permanecendo sobre a ponta de um dedo do pé, adorou Shri Shiva por um ano inteiro. Ó poderoso, com os braços erguidos, vivendo do ar, sozinho, fixo como um pilar, dia e noite o rei Bhagiratha oferecia suas adorações ao Senhor.

Um ano inteiro tendo passado, o Senhor de Uma, Shri Mahadeva, que é adorado por todo o mundo, falou o seguinte ao rei Bhagiratha: "Ó grandioso, eu estou satisfeito contigo, eu farei o que tu desejas, eu receberei a descida de Gunga sobre a minha cabeça".

Então a santa Gunga, a filha mais velha do Himalaia, objeto de reverência para o mundo inteiro, assumindo a forma de um rio caudaloso, desceu com força torrencial sobre a cabeça de Shiva. A deusa refletiu consigo mesma que ela forçaria para baixo o Senhor Mahadeva até os antípodas. Shri Shiva, lendo seus pensamentos, ficou irritado e decidiu deter o rio poderoso em seu cabelo. Parecendo os majestosos Himalaias, as madeixas de Shri Shiva seguraram Gunga que caía e o rio sagrado permaneceu preso lá. Por inúmeros anos Gunga deu voltas e mais voltas nos cabelos de Shri Mahadeva e não conseguia encontrar uma saída.

Ó Rama, quando Shri Bhagiratha não viu o rio sagrado descendo à terra, ele novamente começou sua penitência para propiciar o Senhor do mundo.

Então Shri Shiva soltou Gunga no lago Brindusara e quando ela caiu se dividiu em sete correntes. Os três braços, conferindo prosperidade, Hladini, Pavani e Nalini, fluíram para o leste a partir da cabeça do santo Shiva.

Em seguida a sagrada Gunga de água pura e agradável foi dividida em mais três ramos, Suchakshu, Sita e Sindhav, todos fluindo para o oeste. O sétimo desses rios seguiu a carruagem do marajá Bhagiratha.

O sábio nobre, em um belo carro, seguiu na frente e o rio sagrado Gunga o seguiu.

Foi assim que o rio sagrado desceu do céu sobre a testa de Shri Mahadeva e de lá veio à superfície da terra.

A queda do rio sagrado provocou uma poderosa reverberação, suas águas fluindo por belos caminhos. Viajando em suas carruagens aéreas tão grandes quanto cidades, contendo elefantes e cavalos, os deuses, sábios, músicos celestes, yakshas e siddhas em grandes números vieram testemunhar a queda do santo Ganges do céu para a terra. Em suas carruagens aéreas chamadas Pariplava, os deuses vieram ver esse evento extraordinário do rio sagrado fluindo sobre a terra, e quando eles desciam dos céus, o esplendor dos seus ornamentos celestes iluminava a abóbada celeste sem nuvens como se mil sóis tivessem surgido lá.

Os peixes vivos e as criaturas aquáticas pulando do rio, jogados para cima pela força da corrente, brilhavam como relâmpago no céu, enquanto a espuma e os borrifos espalhados por todos os lados pareciam bandos de cisnes em voo ou nuvens no inverno.

As águas da sagrada Gunga às vezes subiam alto no ar, às vezes fluíam tortuosamente, às vezes se expandiam, às vezes se chocavam contra as pedras e, às vezes, jorraram para cima depois de caírem ao chão; aquela água pura capaz de remover pecados parecia encantadora fluindo sobre a superfície da terra.

Então os sábios celestes e músicos celestiais e os habitantes da terra tocaram reverentemente aquele rio sagrado caindo das madeixas de Shiva.

Aqueles seres, que por causa de uma maldição, tinham caído das regiões celestes e tinham sido obrigados a viver na terra, foram purificados das suas transgressões por se banharem na sagrada Gunga. Purificados e livres dos seus pecados, aqueles seres resplandecentes retornaram para as regiões celestes, passando pelo céu.

Onde quer o que sagrado Ganges fluísse, as pessoas ficavam limpas dos seus pecados por se banharem em suas águas.

O rei Bhagiratha, andando em uma carruagem celeste, seguia em frente e Shri Gunga seguia atrás dele.

Ó Rama, os deuses, os sábios, rakshasas, asuras, yakshas, as principais serpentes e ninfas seguindo o rei Bhagiratha, junto com os seres aquáticos e cisnes, acompanhavam o rio sagrado. Qualquer rumo que o rei Bhagiratha tomasse, aquele poderoso rio Gunga, a Destruidora de todo pecado, seguia. Fluindo sempre adiante, Shri Gunga chegou onde o sábio Jahnu, fazedor de milagres, estava realizando um sacrifício. Então o rio sagrado varreu o pavilhão sacrifical e tudo o que ele continha. O rishi Jahnu percebendo o orgulho de Gungaji, enfureceu-se e bebeu toda a água daquele rio, realmente um grande milagre!

Os devas, gandharvas e sábios ficaram admirados e começaram a adorar aquele mahatma Jahnu, dizendo: "A partir de hoje o rio sagrado será chamado de tua filha". O poderoso Jahnu, estando satisfeito, soltou o rio através de seus ouvidos. Por isso Shri Gunga é chamada de Jahnavi (filha de Jahnu). Depois disso ela fluiu novamente atrás da carruagem do rei Bhagiratha. Por fim, a santa Gunga chegou ao mar e entrou nas regiões inferiores para cumprir o propósito do rei.

O sábio real Bhagiratha, acompanhado do rio sagrado, olhou com tristeza para as cinzas de seus ancestrais. Ó príncipe da Casa de Raghu, assim que o rio sagrado tocou as cinzas, os filhos do rei Sagara foram ressuscitados, libertos do pecado, e alcançaram a região celeste.

Capítulo 44 – O rei Bhagiratha termina os ritos fúnebres para os seus antepassados

Quando o rei, acompanhado da sagrada Gunga, chegou ao litoral, ele entrou na região subterrânea onde os filhos do rei Sagara tinham sido reduzidos a cinzas.

"Ó Rama, quando a água sagrada fluiu sobre as cinzas, Shri Brahma o Senhor de todos os mundos dirigiu-se ao rei Bhagiratha deste modo: 'Ó grande rei, tu redimiste os sessenta mil filhos do rei Sagara, que agora moram na região celeste. Ó rei, enquanto as águas do mar continuarem sobre a terra os filhos do rei Sagara em forma celestial desfrutarão do céu. Daqui em diante, ó grande soberano, Shri Gunga será a tua filha mais velha e será conhecida pelo teu nome por toda a terra. Esse rio sagrado se chamará Shri Gunga, Tripathaga[101] e Bhagirathi.

"'Ó rei, executa os ritos fúnebres dos teus antepassados e cumpre o teu dever prescrito. O poderoso rei Sagara não foi capaz de alcançar esse objetivo e o rei Anshuman de coragem ilimitada também não conseguiu obter a realização do seu desejo sincero. Teu pai Dilipa, igual a nós mesmos em mérito e um guerreiro plenamente estabelecido nos deveres de sua casta, aquele ilustre Dilipa suplicou à santa Gunga para descer à terra em vão. Esse grande projeto foi realizado somente por ti. Tu adquiriste renome eterno em todo o mundo.

"'Por conseguir isso, tu és possuidor do dharma mais elevado. Ó grande soberano, agora te banha no rio sagrado também. Ó leão entre os homens, purifica-te e adquire mérito, então realiza os ritos fúnebres dos teus antepassados. Ó rei, que a prosperidade te acompanhe, retorna à tua capital, eu agora subirei para a minha própria morada.'"

"O poderoso e ilustre Brahma então subiu ao céu, e o sábio nobre Bhagiratha, tendo realizado as exéquias dos filhos do rei Sagara, com a água do sagrado Ganges, voltou à sua capital.

"Desfrutando de toda felicidade, o rei Bhagiratha começou a governar mais uma vez e o seu povo se alegrou porque ele tinha assumido o governo novamente. Todos foram libertados do sofrimento e ansiedade e eles cresceram em riqueza e prosperidade.

"Ó Rama, eu narrei para ti integralmente a história da descida de Shri Gunga. Que a prosperidade esteja contigo. O crepúsculo chegou e é hora da oração da noite. Essa história dá riqueza, prosperidade, fama, longevidade, filhos, e residência no céu para o leitor. Aquele que faz com que ela seja ouvida por outros, seja ele um brâmane ou um kshatriya, leva alegria aos seus ancestrais e aos deuses.

"Ó Ramachandra, aquele que ouve essa história com atenção fixa obterá tudo o que ele deseja, seus pecados serão perdoados e ele obterá vida longa e renome".

Capítulo 45 – Vishwamitra começa a narrar a história da cidade de Vishala e o batimento do oceano, que leva ao combate entre os devas e os daityas

Shri Ramachandra e Shri Lakshmana ficaram cheios de admiração ao ouvirem as palavras de Shri Vishwamitra, e lhe disseram: "Ó sábio santo,

---

[101] Tripathaga: a que percorre três caminhos.

maravilhosa de fato é a história do rei Sagara e da descida do Ganges, que tu nos contaste".

A noite se aproximou enquanto eles estavam ouvindo a história, e Shri Rama e Lakshmana passaram as horas restantes meditando sobre o assunto.

O dia claro amanheceu e Shri Rama, tendo realizado suas devoções diárias, disse a Shri Vishwamitra: "A noite passou em ouvir essa narrativa divina, ela passou como se fosse um momento. Agora vamos atravessar o rio sagrado e concessor de mérito refletindo sobre a sua origem extraordinária. Sabendo que tu vieste, os outros sábios enviaram um barco em preparação para cruzar o rio sagrado".

Shri Vishwamitra convocou o barqueiro e com os príncipes e os sábios todos foram transportados para o outro lado. Eles descansaram um pouco na margem oposta e acolheram os sábios em sua companhia. À distância eles viram a cidade chamada Vishala, e logo o grande rishi Vishwamitra com os príncipes chegou àquele lugar de beleza, que parecia uma das cidades de Indra.

Então Rama, cheio de sabedoria, se aproximou do sábio santo e perguntou humildemente a respeito da cidade. Ele disse: “Ó grande sábio, qual casa real e ilustre governa aqui? Eu desejo saber".

Ao ouvir essas palavras de Rama, o sábio santo começou a relatar a história da cidade como se segue:

"Ó Rama, presta atenção! Eu te contarei a história dessa cidade, que eu ouvi de Indra.

"Na era de ouro (Satya Yuga) Diti[102] deu à luz um poderoso filho daitya, um asura, e Aditi[103] deu nascimento ao filho altamente afortunado e extremamente virtuoso Devata, um ser celestial. Esses dois seres sagazes procuraram tornar-se imortais, incorruptíveis e livres de doença, velhice e outros males. Após refletirem sobre esse assunto, eles resolveram bater Kshiroda (o oceano de leite) e obter dele a água da imortalidade. Usando a poderosa cobra Vasuki como uma corda e a montanha Mandara como a batedeira, eles começaram a bater o oceano. Quando eles tinham feito isso por mil anos, a cobra Vasuki mordeu as rochas com seus dentes e vomitou veneno. Disso foi produzido o grande veneno que começou a consumir homens, deuses, demônios e o mundo inteiro.

"Os deuses buscaram proteção com o Senhor Shiva e o adoraram gritando 'Protege-nos, protege-nos'. Atraídos pelo clamor pesaroso dos deuses, Shri Mahadeva e Shri Hari[104] apareceram lá com concha e disco.

"Shri Vishnu dirigiu-se sorridente ao portador do tridente, Shri Mahadeva, e disse: 'Ó Senhor, tu és o principal dos deuses e deves, portanto, aceitar tudo o que é produzido primeiro pelo batimento do oceano. Recebe o veneno como o teu presente, o primeiro tributo'.

"Tendo dito isso, Shri Vishnu desapareceu, e o abençoado Senhor Shiva, movido pela aflição dos deuses e pelas palavras de Shri Vishnu, bebeu o veneno terrível, como se ele fosse néctar, e voltou para Kailasha.

"Ó príncipe de Raghu, os devas e os daityas começaram a bater mais uma vez, mas o bastão de bater começou a afundar. Então os devas e os gandharvas louvaram o Senhor Vishnu, dizendo: 'Ó Senhor abençoado, Tu és o Mestre de todos os seres, tu és o refúgio dos deuses – protege a nós todos, ó Senhor grandioso, e sustenta a montanha Mandara que está afundando'.

---

[102] Diti: uma deusa, mãe dos titãs, daityas.
[103] Aditi: uma deusa, denotando ‘infinito’, mãe dos deuses, adityas.
[104] Shri Hari: outro título do Senhor Vishnu.

"Shri Vishnu, assumindo a forma de uma tartaruga, entrou no oceano e apoiou a montanha em suas costas. Agarrando o pico em sua mão, o abençoado Vishnu bateu o oceano, permanecendo entre os devas e os asuras.

"Depois de mil anos, Shri Dhanwantari[105] o professor de Ayur Veda apareceu, segurando um bastão e um loshta em suas mãos; depois disso muitas ninfas emergiram. Ó Raghava, elas foram chamadas de apsaras, 'ap' significando água e 'yara' emergir de; por causa disso aquelas belas donzelas foram chamadas de 'apsaras'. Ó Rama, elas contavam seiscentos milhões e suas atendentes femininas eram inúmeras. Nenhuma foi recebida pelos devas nem pelos daityas, portanto, elas ficaram sem um senhor.

"Então, ó príncipe, Varuni,[106] a filha do deus Varuna, nasceu. Os filhos de Aditi não a aceitaram, mas os asuras o fizeram alegremente. Aqueles que a rejeitaram se chamavam suras (devas), e aqueles que a receberam ficaram alegres e se chamavam asuras.

"Ó Raghava, em seguida, o cavalo celestial Uchchaihshravas e a joia Kaustubha também se ergueram do mar, e eles foram seguidos pela água da imortalidade.

"Ó Rama, os devas lutaram com os danavas[107] pela posse do néctar e os daityas se aliaram com os asuras nessa luta; terrível de fato foi esse combate.

"Depois que muitos tinham perdido suas vidas na luta, Shri Vishnu assumiu a forma de Mohini, uma mulher encantadora, o produto de Maya,[108] e roubou o néctar dos combatentes.

"Aqueles que se opuseram ao imperecível Vishnu foram destruídos por ele. Nesse conflito os deuses mataram incontáveis daityas.[109] Indra, depois de matar os asuras, tornou-se o rei dos devas e com a ajuda dos sábios começou a governar com alegria".

Capítulo 46 – Diti passa por austeridades rigorosas em busca do nascimento de um filho

"Ó Rama, sabendo que seus filhos tinham sido mortos, Diti estava muito aflita e aproximou-se de seu marido Kasyapa[110] com as palavras: 'Ó senhor, por teus filhos poderosos, eu estou sem os meus filhos. Eu desejo um filho que seja capaz de destruir Indra, mesmo que para esse fim eu deva passar por grande penitência. Tais austeridades eu realizarei, se me concederes um filho que seja poderoso, valente, de vontade forte e de propósito firme'.

"O sábio santo respondeu à aflita Diti dizendo: 'Que assim seja! Permanece casta por mil anos, tu então terás um filho capaz de destruir Indra. Por minha graça, o teu filho será o soberano dos três mundos'.

[105] Dhanwantari: médico dos deuses.
[106] Varuni: literalmente 'vinho', a filha de Varuna, o Senhor das águas.
[107] Danavas: [filhos de Danu], gigantes que guerreavam contra os deuses.
[108] Maya: o princípio ou poder indescritível, indefinido pelo qual todas as criaturas são iludidas. (Para mais explicações recorra ao Glossário).
[109] Daityas: Titãs.
[110] Kashyapa: um sábio védico.

"Assim o sábio consolou Diti, e, abençoando-a, partiu para praticar penitência. Diti se retirou contente para a floresta de Kushaplava e começou a passar por austeridades severas.

"Indra então, chegando lá, prestou reverência a ela e começou a servi-la com humildade, suprindo-a com fogo, grama kusha[111] e outras necessidades, massageando seu corpo quando ela ficava fraca por causa do rigor das práticas ascéticas. Ó Rama, Indra serviu Diti por mil anos menos dez dias.

"Então Diti dirigiu-se alegremente a Indra dizendo: 'Ó Indra, o teu pai prometeu me dar um filho depois de mil anos de penitência. Tu logo verás o teu irmão, a quem eu desejo que te supere. Com ele tu compartilharás os três mundos e serás feliz, não tenhas ansiedade'.

"A essa altura a tarde tinha chegado. Diti, dominada pelo sono, colocando seus pés onde a cabeça jazera, descuidadamente assumiu uma postura impura.

"Indra se regozijou e riu alto. Entrando em seu corpo, ele cortou o feto em sete pedaços com sua grande maça. O sono de Diti foi interrompido pelo grito da criança em seu ventre. Indra disse a ela 'Não chores', 'Não chores', e novamente dividiu a criança com sua maça, apesar de os gritos de Diti: 'Não o destruas, não o destruas'.

"Então Indra parou seu ataque assassino e com extrema humildade dirigiu-se a Diti dizendo: 'Ó Diti, tu estavas impura por dormires com teus pés na direção da cabeça da cama, tu assim ocupaste uma posição imprópria. Eu, portanto, cortei o teu filho não nascido em sete partes, já que ele era para ser a causa da minha destruição. Ó Devi, perdoa-me'".

Capítulo 47 – O sábio santo e os príncipes chegam a Vishala e são recebidos pelo rei Pramati

Sabendo que feto estava dividido em sete partes, Diti ficou muito perturbada e disse a Indra:

"Isso ocorreu por minha culpa, ó Indra, de modo algum tu és culpado. Essa criança estando dividida, para o teu bem e o meu próprio, eu declaro que esses sete se tornarão os protetores dos quarenta e nove ventos. Esses sete filhos de aparência divina serão conhecidos como os ventos Bala-Kanda. Que um vagueie na região de Brahma, outro na região de Indra, e o terceiro no espaço. Que os quatro ventos restantes vão para qualquer lugar sob as tuas instruções; que todos sejam conhecidos pelo nome de Maruts, conferido a eles por ti".

Com palmas unidas, o deus Indra de mil olhos disse em resposta a Diti: "Ó Devi, seguramente ocorrerá como tu desejas. Os teus filhos irão vagar sob a forma de devas na floresta Tapovana".

Assim reconciliados e plenamente satisfeitos a mãe e o filho ascenderam ao céu.

Assim eu ouvi, ó Rama! Esta é a floresta Tapovana na qual Indra antigamente serviu sua mãe Diti. Ó leão entre os homens, aqui uma grande cidade foi fundada pelo virtuoso príncipe Vishala, o filho do rei Ikswaku e Alambusa.

---

[111] Grama kusha: grama sagrada usada em cerimônias religiosas, uma grama de talo longo e folhas pontudas. (Desmostachya bipinnata).

Ó Rama, o poderoso filho de Vishala se chamava Hemachandra, e seu filho era o renomado Suchandra. Ó Rama, o filho de Suchandra era Dhumrashwa e seu filho era Srinjaya. O glorioso Sahadeva era filho de Srinjaya e o filho de Sahadeva era o altamente virtuoso Krishashwa.

O filho de Krishashwa era Somadatta e seu filho era Kakustha. O mais ilustre e invencível dos guerreiros, o rei Pramati, filho de Kakustha, é o atual governante de Vishala.

Pela graça do rei Ikswaku todos os soberanos de Vishala são de vida longa, virtuosos e poderosos.

Ó Rama, vamos passar a noite aqui, e amanhã visitaremos o rei Janaka".

Quando o poderoso rei Pramati soube da chegada de Shri Vishwamitra em seu reino, ele foi com seu preceptor espiritual e parentes recebê-lo.

Com palmas unidas, eles lhe ofereceram o devido culto e perguntaram sobre o seu bem-estar. O rei disse: "Ó Muni, hoje eu sou de fato afortunado porque tu tiveste a amabilidade de visitar o meu reino. Ninguém é mais abençoado do que eu."

Capítulo 48 – Eles chegam ao eremitério de Gautama e Vishwamitra conta sua história

O rei Pramati, tendo perguntado a respeito do bem-estar de Shri Vishwamitra, disse:

"Ó sábio santo, que o senhor proteja aqueles dois jovens; tem a bondade de me dizer quem eles podem ser. Esses príncipes, iguais aos deuses em poder, caminhando com o andar de um elefante, destemidos como leões ou touros em combate, cujos olhos parecem lótus, que estão armados com espadas, arcos e aljavas, que rivalizam com os divinos Aswins[112] em beleza e que, na flor da sua juventude, parece deuses visitando a terra. Porque eles estão viajando a pé? Eles são filhos de quem? Porque eles vieram? Abrilhantando a terra como o sol e a lua iluminam o céu; sua maneira de discursar e se comportar mostrando que eles são parentes, porque esses dois heróis de descendência nobre, portando armas poderosas, são encontrados neste caminho difícil? Eu anseio saber".

Shri Vishwamitra narrou para o rei toda a história da visita ao Siddha Ashrama e da morte dos asuras.

O rei ficou muito satisfeito em encontrar os príncipes, e observando que eles eram virtuosos, os acolheu com o maior respeito. Shri Ramachandra e Lakshmana, tendo recebido a hospitalidade do rei Pramati, passaram a noite lá. No dia seguinte, eles partiram para Mithilapuri, a capital do rei Janaka.

Quando eles viram a cidade à distância, eles gritaram: "Como é bela, quão bela ela é!" Em seguida, encontrando um eremitério encantador que estava desabitado, Rama perguntou ao rishi Vishwamitra o seguinte: "Ó sábio, como é que esse belo eremitério não é frequentado? Ó senhor, nos conta, de quem é esse eremitério?"

Shri Vishwamitra, o principal entre os eloquentes, respondeu a Rama dizendo: "Ó príncipe, ouve a história verdadeira desse eremitério, eu te contarei quem foi seu criador e como ele o amaldiçoou em fúria.

---

[112] Aswins: cavaleiros celestiais, filhos gêmeos de Surya, o sol, precursores da aurora.

"Ó Rama, este lugar, uma fonte de admiração até para os deuses, pertencia ao rishi Gautama e parecia a morada dos celestiais. Aqui, com Ahalya, o sábio praticou yoga por milhares de anos.

"Ó Rama, um dia, o sábio tendo ido para um lugar distante, Indra, encontrando Ahalya sozinha, assumiu a forma dele, e disse a ela: 'Ó formosa, eu estou tomado pelo desejo, vamos cumprir o nosso dever conjugal'.

"Ó Raghava, embora Ahalya reconhecesse Indra disfarçado como seu marido, ela ainda concordou com seu pedido. Então Ahalya dirigiu-se a Indra dizendo: 'Ó Indra, eu estou muito satisfeita, agora parte rapidamente, sem ser observado. Ó chefe dos deuses, protege a mim e a ti mesmo de Gautama".

"Indra riu e respondeu: 'Ó tu de bela cintura, hoje eu me regozijo, e agora partirei para a minha região". Nisso ele procurou deixar a cabana de Ahalya.

"Ó Rama, naquele instante, ele observou o rishi Gautama entrar na cabana e ficou agitado e ansioso. Vendo o sábio santo não vencido por devas ou danavas, dotado do poder de yoga, encharcado com água sagrada, brilhando como fogo, segurando o combustível sagrado e a grama kusha em suas mãos, Indra ficou apavorado e empalideceu.

"Shri Gautama, vendo Indra em sua própria aparência, e julgando pela sua aparência culpada que ele estava deixando sua esposa tendo cometido pecado com ela, o amaldiçoou dizendo:

"'Ó canalha perverso, assumindo a minha forma, tu cometeste este ato pecaminoso. Sê impotente'. Amaldiçoado pelo rishi Gautama, Indra foi imediatamente privado da sua virilidade. Em seguida, o sábio Gautama amaldiçoou Ahalya também dizendo: 'Tu permanecerás imóvel neste lugar por milhares de anos, teu alimento o vento somente. Tu serás como a poeira, invisível para todas as criaturas. Quando Rama, o filho de Dasaratha, visitar essa floresta, então tu serás purificada do teu pecado. Tendo-o servido, ó iludida, sem desejo de ganho pessoal, tu serás devolvida a mim no teu corpo presente'.

"Assim o ilustre Gautama amaldiçoou a pecaminosa Ahalya e, abandonando o eremitério, começou suas penitências de yoga em um belo pico do Himalaia, habitado por siddhas".

Capítulo 49 – Shri Rama liberta Ahalya da maldição de Gautama e parte para Mithila

Privado de sua virilidade, Indra ficou deprimido, e dirigindo-se a Agni e aos outros deuses, disse: "Por obstruir as práticas ascéticas do mahatma Gautama, que procurava usurpar meu poder, eu realmente servi ao propósito dos deuses. Evocando sua ira, fazendo-o me amaldiçoar e condenar Ahalya, eu privei o rishi de seu poder espiritual, portanto, ó devas, ó seres divinos, ajudem-me agora a recuperar a minha masculinidade".

Então os deuses com Agni em sua liderança se aproximaram dos Pitris, kavyavahanas e outros seres e lhes disseram: "Indra foi privado de sua virilidade; este carneiro de vocês está em plena posse dos seus poderes, nos permitam transplantar os testículos do carneiro para Indra, nós podemos compensar o carneiro desta maneira – a partir de hoje, que aqueles que desejam propiciá-los ofereçam o sacrifício um carneiro castrado e recebam a recompensa de grande mérito pelas suas mãos".

Os Pitris fizeram conforme pedido por Agni e enxertaram os testículos do carneiro em Indra. Desde aquele tempo, Ó Rama, eles têm aceitado o sacrifício de um carneiro castrado.

Esse evento prova o poder imensurável das práticas do sábio santo. Agora vamos entrar no seu eremitério. Ó Rama, liberta a infeliz Ahalya, para que ela possa mais uma vez retomar sua forma semelhante à ninfa".

Shri Rama aceitou a ordem e entrou no eremitério, precedido pelo sábio Vishwamitra. Lá eles viram Ahalya, em virtude das práticas yôguicas dela. Não percebida por devas, asuras ou homens, parecia que Brahma a tinha criado com as suas próprias mãos como uma grande mestra de poderes ocultos. Assemelhando-se à lua cheia velada na névoa ou o reflexo do sol na água ou um fogo brilhante envolto em fumaça, pela maldição do rishi Gautama ela permanecia invisível, e foi ordenado que ela se mantivesse assim até que ela visse Shri Ramachandra, e, até aquela hora, ninguém dos três mundos olharia para ela.

Com a mais profunda reverência Shri Rama e Lakshmana tocaram os pés de Ahalya e ela, lembrando-se das palavras do rishi Gautama, caiu em devoção diante deles. Em seguida, ela os acolheu com a devida hospitalidade, como ordenado nas escrituras, enquanto os dois príncipes reconheciam a honra prestada a eles. Nesse momento uma chuva de flores caiu do céu, espalhada pelos deuses; músicos celestes cantaram e ninfas celestiais dançaram enquanto todos se regozijaram e prestaram homenagem a Ahalya.

O ilustre sábio Gautama, tomando conhecimento do caso através dos seus poderes divinos, dirigiu-se ao eremitério e se regozijou ao ver Ahalya restituída ao seu estado anterior. Reunidos, ambos adoravam o glorioso Rama e depois retomaram a sua vida espiritual juntos.

Shri Rama, tendo aceitado a homenagem oferecida a ele, partiu de lá para Mithila.

Capítulo 50 – Eles são recebidos no local de sacrifício pelo rei Janaka

Precedidos por Shri Vishwamitra, Shri Rama e Lakshmana chegaram ao lugar de sacrifício do rei. Contemplando o pavilhão sacrifical, eles disseram ao sábio santo: "Quão bem o grande Janaka se preparou para o sacrifício! Ó rishi augusto, milhares de brâmanes versados nos Vedas, de muitas terras, com centenas de carros de boi transportando os seus bens, podem ser vistos aqui. Ó santo pai, vamos escolher um lugar onde tu possas descansar".

O sábio então escolheu um lugar que era isolado e abastecido de água.

Sabendo da chegada de Shri Vishwamitra, o rei Janaka, acompanhado por seu ilustre sacerdote, Shri Shatananda, e muitos outros, apressou-se para aquele local, e ofereceu reverências humildemente ao sábio santo. Então o rei colocou os presentes tradicionais de água adoçada com mel[113] diante dele e ele, aceitando os presentes, perguntou sobre o bem-estar do rei e, além disso, se o sacrifício estava prosseguindo sem obstáculos; ele, então, devidamente perguntou sobre o bem-estar de Shri Shatananda e outros homens santos em serviço ao seu soberano.

---

[113] Madhuparka: uma mistura de coalhos, manteiga, mel e leite de coco – uma oferenda tradicional.

O rei recebeu todos com um semblante alegre e com palmas unidas disse a Shri Vishwamitra: "Ó senhor augusto, por favor, senta-te com os outros grandes sábios". Assim solicitados, eles se sentaram, após o que Janaka com o sacerdote da sua família, brâmanes e conselheiros ocuparam seus lugares, o rei sentou-se no meio de seus ministros.

Tendo cuidado da devida colocação dos seus convidados, o soberano ilustre disse: "Ó senhor, hoje, pela graça dos deuses, todos os preparativos para o sacrifício foram realizados, agora pela tua chegada aqui eu adquiri mérito igual ao fruto do meu sacrifício. Eu sou abençoado porque tu honraste o lugar de sacrifício com a tua presença. Ó sábio divino, os sumos sacerdotes me informaram que o sacrifício será concluído no decurso de doze dias, os deuses então virão receber a sua parte; tu, ó senhor ilustre, os verás".

Tendo assim se dirigido ao sábio, o rei também o questionou seriamente, dizendo: "Que a prosperidade te acompanhe! Ó sábio, quem são esses dois príncipes ilustres, iguais aos deuses em poder, cuja atitude se assemelha à majestade de um elefante, ou de um leão, que são valentes e cujos olhos são como lótus, que estão armados com espadas, arcos e aljavas e cuja beleza rivaliza com os Aswini-Kumara, que são jovens e parecem ter descido do céu para a terra como os deuses? Eles vieram aqui a pé? Eles são filhos de quem? Eles, cujos olhos são grandes e que estão armados com armas sagradas, que usam o cabelo como Karttikeya[114] e que cativam os corações dos homens por suas qualidades magnânimas e virtuosas? Seguramente eles vieram aqui para exaltar os nossos corações e contribuir para a fama da nossa dinastia? Adornando a terra como o sol ou lua adornam o céu, parecidos um com o outro em porte e estatura, ó grande sábio, eles são filhos de quem? Por favor, conta-me tudo".

Ouvindo as palavras do rei Janaka, Shri Vishwamitra disse: "Esses são os filhos do rei Dasaratha".

Ele então falou ao rei da sua residência no Siddha-Asrama e da morte dos demônios, da sua visita a Vishala e do resgate de Ahalya, também do seu encontro com o sábio Gautama. Então ele disse: "Agora nós viermos ver o grande arco".

Tendo contado tudo isso ao rei, o grande muni ficou calado.

Capítulo 51 – O filho de Gautama, Shatananda, conta mais da história do sábio Vishwamitra

Tendo ouvido as palavras do sábio Vishwamitra, Shri Shatananda, o filho mais velho do sábio Gautama, resplandecente em virtude da sua prática de yoga, ficou cheio de admiração e alegria e, vendo Shri Rama ficou atônito.

Vendo os dois príncipes sentados à vontade, Shri Shatananda disse ao sábio Vishwamitra: "Ó sábio santo, minha mãe, há tanto tempo envolvida na prática de austeridade, foi mostrada por ti a Shri Ramachandra? Ó ilustre, minha mãe acolheu esses dois heróis dignos de adoração com frutas e aquelas coisas que ela era capaz de obter no eremitério?

"Ó rishi santo, tu contaste a Shri Ramachandra a história do comportamento impróprio de Indra para com minha mãe nos tempos antigos? Ó santo, em virtude da

---

[114] Karttikeya: o deus da guerra; o cabelo era raspado no topo e as duas partes laterais como asas de corvos deixadas no lado.

chegada de Shri Rama minha mãe obteve o favor do meu pai mais uma vez? Ó Kaushika, meu pai honrou devidamente a Shri Ramachandra, e esse ilustre, tendo recebido a hospitalidade dos meus pais, realmente veio para cá? Ó sábio santo, por favor, me conta; quando o meu pai de mente tranquila entrou no eremitério, ele foi honrado por Shri Rama?"

Shri Vishwamitra, hábil na arte da conversa e conhecedor das leis da retórica, respondeu a Shri Shatananda dizendo:

"Ó grande Muni, eu fiz o que deveria ser feito, por falar o que era apropriado para a ocasião, e ouvir pacientemente o que foi dito, lembrando o meu dever. Como Jamadagni, que primeiro amaldiçoou Renuka e depois foi reconciliado com ela, assim teu pai mostrou benevolência para com tua mãe, e a recebeu novamente".

Ouvindo as palavras de Shri Vishwamitra, o grande Shatananda dirigiu-se a Shri Ramachandra, dizendo: "Ó grandioso, que a tua vinda seja a fonte de prosperidade para todos. É venturoso de fato que tu tenhas visitado o eremitério do meu pai e devolvido minha mãe ao seu estado anterior. Como eu posso louvar suficientemente aquele poderoso sábio Shri Vishwamitra, reverenciado por todos os sábios? Ó Rama, iluminadas são as ações dele; em virtude das suas práticas sagradas ele tornou-se um brahmarishi[115] embora anteriormente um sábio real. Entre os brahmarishis ele é único, ele é conhecido por mim como alguém que está sempre preocupado com o bem de todos. Ó Rama, ninguém é igual a ti sobre a terra, pois tu és protegido por um sábio tão grandioso quanto Vishwamitra. Ouve enquanto eu narro a história do grande Kaushika[116] para ti:

"No passado, esse sábio santo era um monarca virtuoso, versado em todos os ramos do saber, que se deleitava com o bem-estar dos seus súditos, e o destruidor de seus inimigos.

"Kusha, o rei justo e poderoso, era o filho de Prajapati, e seu filho era Gadhi, e o grande e ilustre sábio Vishwamitra é o filho de Gadhi.

"Ao subir ao trono, o rei Vishwamitra governou a terra por muitos milhares de anos. Em certo momento, o rei Vishwamitra, reunindo seu exército, partiu para percorrer a terra. Ó Rama, ele passou por muitas cidades e reinos e cruzou inúmeros rios, montanhas e florestas, visitando muitos eremitérios até que chegou a um pertencente a Shri Vasishtha. Aquele eremitério era densamente plantado com árvores de muitos ramos com folhagem densa nas quais moravam aves de todos os tipos. Muitas espécies de animais frequentavam aquele local, e os siddhas também iam lá, devas, gandharvas e outros seres celestiais contribuíam para a paz e beleza daquele eremitério com a sua presença. Belas aves voavam por toda parte e veados pacíficos vagavam aqui e ali. Muitos brâmanes eruditos também moravam naquele eremitério.

"Sábios brâmanes e também rishis celestes habitavam aquele lugar, de modo que ele brilhava como fogo em virtude da presença deles. Aquele eremitério abrigava muitos grandes estudiosos vêdicos iguais a Brahma, alguns vivendo só do ar, alguns de água, alguns de folhas secas. Outros sábios viviam de frutas e raízes, e havia também milhares de brahmacharis totalmente autocontrolados.

"Cada sábio observava as tradições sagradas, realizando suas devoções da manhã e da noite, repetindo a prece silenciosa (japa), oferecendo água aos espíritos dos seus antepassados, e derramando oblações no fogo sacrifical.

---

[115] Há quatro tipos de sábios ou rishis: o rajarishi ou sábio real [ou nobre], o maharishi ou grande sábio, o brahmarishi ou sábio sagrado, e o devarishi ou sábio divino. A escala ascendente culmina no devarishi.

[116] Kaushika: o nome de Vishwamitra, ele sendo o filho do rei Kusika, ou Kusha.

"Muitos chefes de família aposentados praticantes de yoga moravam lá com suas esposas. Realmente aquele eremitério parecia a morada de Brahma, e o grande e poderoso rei Vishwamitra regozijou-se ao contemplá-lo".

Capítulo 52 – Como o rei Vishwamitra visita o eremitério de Shri Vasishtha e aceita a hospitalidade fornecida pela vaca realizadora de desejos, Shabala

Contemplando o eremitério, o poderoso Vishwamitra, cheio de alegria, curvou-se com grande humildade a Shri Vasishtha que estava ocupado na contagem de seu rosário.

Shri Vasishtha recebeu o rei e o convidou a sentar-se, e ele tendo feito isso lhe foram oferecidas as frutas e raízes que cresciam naquele local.

Honrado pelo sábio santo, o rei Vishwamitra perguntou a ele se estava tudo bem com o sacrifício de fogo, suas práticas espirituais e seus discípulos. Shri Vasishtha contou a ele tudo o que concernia ao seu bem-estar e ao bem-estar daqueles no eremitério, até mesmo às próprias árvores.

Sentado à vontade, Shri Vasishtha disse ao rei Vishwamitra, eminente entre os yogues e um filho do próprio Shri Brahma: "Ó rei, tudo vai bem contigo de todas as maneiras? Tu dás satisfação aos teus súditos de acordo com a lei da justiça e tu governas e proteges o teu povo de acordo com a lei espiritual? A tua receita é justamente recebida e aumentada? Ela é administrada judiciosamente e distribuída para aqueles que são elegíveis e merecedores? Os teus servos são remunerados na época adequada? Os teus súditos te obedecem de bom grado? Ó soberano, tu tens subjugado os teus inimigos? Ó rei impecável, está tudo bem com o teu exército, teu tesouro, teus amigos, teus filhos e netos?"

Em resposta a essas perguntas, o rei Vishwamitra respondeu humildemente: "Tudo está bem, meu senhor!"

Conversando agradavelmente por um longo tempo, contando as tradições antigas um ao outro, eles assim promoveram a sua alegria mútua.

Ó príncipe da Casa de Raghu, quando o rei Vishwamitra fez uma pausa, Shri Vasishtha disse-lhe sorrindo: "Ó rei, embora tenhas contigo uma grande comitiva, no entanto, é meu desejo oferecer-te hospitalidade, juntamente com o teu exército. Fica satisfeito em aceitá-la. Já que tu és um convidado ilustre, é adequado que eu faça tudo ao meu alcance para entreter-te, portanto, tem a bondade de receber o pouco que eu tenho a oferecer".

O rei Vishwamitra respondeu: "Ó senhor, as tuas palavras gentis e agradáveis são entretenimento suficiente. Além disso, tu já me presenteaste com frutas e água pura do teu eremitério. Por me encontrar contigo sozinho, eu estou suficientemente honrado. Ó supremamente sábio, foi apropriado que eu oferecesse homenagem a ti; agora tu me entretiveste, permite-me te oferecer saudações e partir".

O grande sábio se recusou a aceitar a recusa do rei à sua oferta, e ainda insistiu que ele deveria entretê-lo.

Então Vishwamitra disse: "Que seja segundo a tua vontade, meu senhor, eu farei o que tu desejas".

A essas palavras, Shri Vasishtha mandou buscar sua vaca malhada favorita Kamadhenu e disse-lhe: "Ó Shabala, aproxima-te e ouve-me, eu desejo oferecer

hospitalidade ao rei e seu exército. Ó querida, tu és a vaca realizadora de desejos e podes realizar qualquer coisa, portanto, agora prepara pratos magníficos que sejam agradáveis para eles, dos seis tipos de sabor.[117] Produze rapidamente todo alimento que pode ser comido, bebido, lambido ou chupado".

Capítulo 53 – O rei deseja possuir Shabala, mas Shri Vasishtha não a entregará

A vaca Shabala proveu as necessidades de todos de acordo com a instrução de Shri Vasishtha. Cana de açúcar, doces de vários tipos, mel, cevada moída, vinho e outras bebidas excelentes, arroz quente em pilhas tão altas quanto montanhas, leite, curry e outras comidas combinando os seis sabores e inúmeros outros pratos com doces feitos de jagari[118] foram distribuídos. Todos ficaram totalmente satisfeitos e contentes com a hospitalidade de Shri Vasishtha, que atendeu todos os companheiros e serventes do rei Vishwamitra ao máximo dos seus desejos.

O rei com seus sacerdotes familiares, ministros e atendentes, compartilhando do banquete oferecido com generosidade e respeito pelo grande sábio, ficou muito satisfeito.

Quando todos os conselheiros e assistentes pessoais e o exército tinham recebido plena hospitalidade, o rei, totalmente satisfeito, disse a Shri Vasishtha: "Ó sábio santo, tu me acolheste regiamente, por favor, ouve o que tenho a dizer, ó eloquente! Ó senhor, dá-me a vaca Shabala em troca de cem mil vacas excelentes. Shabala é uma joia e joias devem ser desfrutadas por um rei – de acordo com a lei natural, esse tesouro deve, portanto, ser meu".

Shri Vasishtha respondeu, dizendo: "Ó rei, eu não entregaria Shabala em troca de dez milhões de vacas, menos ainda por cem mil. Se tu me oferecesses montanhas de prata eu ainda me recusaria a te dar Shabala, pois ela deve permanecer no meu eremitério.

"Ó rei, como um homem justo se importa com o seu bom nome, assim eu me importo com Shabala. Ela me ajuda a satisfazer os devas, os Pitris e outros seres. O meu sagrado sacrifício de fogo e outros ritos vêdicos, além dos vários ramos de ciência, dependem de Shabala. Ó grande soberano, de fato eu não posso renunciar a esta vaca, ela é meu tudo e atende a todas as minhas necessidades – por essas e numerosas outras razões eu me recuso a ceder a vaca para ti. Ó rei, eu realmente não entregarei Shabala".

As palavras de Shri Vasishtha apenas aumentaram o desejo do rei e ele, sob grande emoção, declarou com paixão: "Ó grande muni, eu te darei quatorze mil elefantes adornados com arreios dourados, ornamentos e aguilhões e, além disso, eu te darei cento e oito carros feitos de ouro maciço, cada um puxado por quatro cavalos brancos como leite. Ao mesmo tempo, eu te ofereço onze mil cavalos bem treinados, cada um com arreios de ouro e mais dez milhões de vacas de cores variadas, que são jovens e saudáveis. Ó, dá-me Shabala, e eu te darei em troca tanto ouro quanto tu desejares. Concede-me Shabala, eu te imploro, e aceita os meus presentes, ó sábio".

---

[117] Os seis tipos de sabor: doce, amargo, ácido, salgado, pungente e acre.

[118] Jagari: açúcar mascavo grosso indiano feito de seiva de palmeira.

Em seguida, o sábio Vasishtha disse: "Sob nenhuma condição eu posso desistir de Shabala, ó rei, ela é minha joia e minha riqueza. Ela é a minha própria vida, meu tudo em tudo, e ela me supre com esmolas e tudo o que eu necessito para o sacrifício. Em resumo, ó rei, Shabala é a fonte da minha vida espiritual e eu nunca vou entregá-la".

Capítulo 54 – O rei Vishwamitra tenta levá-la à força

Ó Rama, percebendo que Shri Vasishtha não concordaria em entregar a vaca de boa vontade, Vishwamitra decidiu levá-la à força.

Ó Raghava, enquanto Shabala estava sendo levada embora violentamente, perturbada pela aflição, ela começou a refletir deste modo: "Por que o santo Vasishtha me abandonou? De que forma eu ofendi o sábio santo? Por que os servos do rei me estão me arrastando para longe do eremitério? Eu sou inocente e dócil, o santo muni é caro para mim; que falha eu cometi para que o mahatma Vasishtha me abandonasse?"

Suspirando repetidamente, Shabala, livrando-se das mãos dos atendentes do rei, correu rapidamente e colocou a cabeça aos pés do sábio santo. Diante de Shri Vasishtha, derramando lágrimas e lamentando alto, ela gritou: "Ó senhor, ó filho de Brahma, tu realmente me abandonaste? Por que os servos do rei estão me tirando da tua presença, pela força?"

Vendo a extremamente aflita Shabala, Shri Vasishtha dirigiu-se a ela como se fosse sua própria irmã, dizendo: "Ó Shabala, não é por minha vontade que tu estás sendo levada dessa maneira, nem tu me ofendeste de alguma forma, ó querida. Ébrio pelo desejo, o rei está te tomando de mim à força. Eu não tenho o poder para te defender. O rei é um guerreiro e senhor da terra, ele está acompanhado por um poderoso exército com cavalos, e elefantes e carros, de fato ele é mais poderoso do que eu".

Shabala, que era hábil em argumentação, escutou as palavras de Shri Vasishtha e disse: "Ó sábio santo, o poder de um guerreiro é como nada comparado àquele de um sábio santo. Ó senhor ilustre, a força de um sábio é divina e baseada no exercício de práticas espirituais e disciplina, ele é, portanto, ilimitado; tu és, ó senhor, incomensuravelmente mais forte do que um kshatriya. A energia daquele rei poderoso Vishwamitra é grande, mas ele não pode igualar a tua força e esplendor. Ó senhor, pela tua força e energia me permite destruir o poder e orgulho desse patife perverso".

Shri Vasishtha respondeu: "Que assim seja! Cria um exército pela tua energia espiritual, que irá destruir as forças do rei".

Mugindo alto, Shabala, em obediência ao sábio, instantaneamente produziu centenas de soldados estrangeiros, que começaram a destruir o exército de Vishwamitra, enquanto ele estava olhando. Percebendo seu exército prestes a ser derrotado, o rei Vishwamitra ficou enfurecido e, subindo na sua carruagem, seus olhos vermelhos de raiva, ele avançou para o ataque. Com várias armas, ele começou a matar milhares de homens, e Shabala, vendo o exército criado por ela, aniquilado, então produziu seres estranhos chamados shakas em tais números, que encheram toda a terra. Muito corajosos, suas peles brilhantes como ouro, vestidos com armadura amarela, equipados com cimitarras e maças, eles começaram a consumir o exército de Vishwamitra como um fogo furioso.

Então o grande Vishwamitra, com o auxílio de armas yôguicas, começou a criar desordem nas fileiras das tropas produzidas por Shabala.

Capítulo 55 – Shabala cria um exército que aniquila as tropas de Vishwamitra

Quando os poderosos guerreiros caíram, perfurados pelas armas das tropas de Vishwamitra, Shri Vasishtha disse a Shabala: "Ó Shabala, cria mais guerreiros pelo poder do yoga".

Shabala, mugindo ruidosamente, produziu soldados bem armados a partir dos seus pés e úberes, e do seu pelo e coxas nasceram os guerreiros extraordinários Harita e Kirata. Por esses, todo o exército de Vishwamitra composto de elefantes, cavalos e carruagens, foi destruído imediatamente. Vendo todo o seu exército exterminado pelo poder de Shri Vasishtha, os cem filhos do rei Vishwamitra portando armas poderosas e com várias armas lançadas pelo pensamento avançaram furiosamente para o sábio santo Vasishtha. Shri Vasishtha apenas proferiu o som "Hum" e eles todos foram imediatamente consumidos. Pelo grande sábio Vasishtha, a infantaria, cavalaria e carros, junto com os filhos do rei Vishwamitra, foram imediatamente reduzidos a cinzas.

Então o monarca ilustre Vishwamitra, cujos filhos e exército tinham sido aniquilados, ficou cheio de vergonha e consternação. Privado da sua glória, ele parecia um mar sem ondas ou uma cobra sem suas presas ou o sol sob eclipse. Como um pássaro sem asas, sua confiança abalada, seu orgulho humilhado, ele ficou cheio de ansiedade. Conferindo o reino ao seu único filho remanescente, ele o exortou a governar de acordo com o dharma e, em seguida retirou-se para a floresta para praticar ascetismo.

Depois de algum tempo, ele obteve a graça de Shri Mahadeva,[119] o magnânimo concessor de bênçãos, e ele, aparecendo diante de Vishwamitra, dirigiu-se a ele dizendo: "Ó rei, por que tu estás passando por penitência? Qual é o teu desejo? Eu te concederei tudo que pedires".

Shri Vishwamitra prestando reverência a Shri Mahadeva disse a ele: "Ó Deus Grandioso, se eu caí nas tuas boas graças, então me instrui nas Upanishads e outros ramos de conhecimento, me ensina também os mistérios e a ciência do tiro com arco. Todas as armas que são conhecidas pelos danavas, yakshas, asuras e outros seres, que elas sejam reveladas a mim pela tua graça".

Ao ouvir o pedido do rei, Shri Shiva respondeu: "Que assim seja", e voltou para a sua morada.

O rei Vishwamitra, tendo adquirido as várias armas de Mahadeva, ficou tão feliz quanto o mar na hora da lua cheia. Ele então resolveu subjugar o sábio Vasishtha e já o considerava como seu prisioneiro.

Indo ao eremitério dele ele descarregou as suas grandes armas como chuva, pondo em chamas a floresta Tapovan. Afligidos por aquelas armas terríveis, todos os sábios começaram a fugir aterrorizados para os quatro quadrantes; até mesmo os discípulos de Shri Vasishtha, junto com inúmeros pássaros e animais, escaparam às pressas em todas as direções. O eremitério de Shri Vasishtha ficou deserto e um profundo silêncio caiu sobre ele, fazendo-o se assemelhar a um campo estéril.

---

[119] Maha-deva: Grande Deus, um nome de Shiva.

Shri Vasishtha bradava repetidamente: "Não tenham medo, não tenham medo, eu destruirei Vishwamitra como o sol dissipa a névoa da manhã".

Então o grande sábio Vasishtha, o mais notável entre aqueles que praticam a prece silenciosa, dirigiu-se furiosamente a Vishwamitra dizendo:

"Tu destruíste o meu eremitério antigo e auspicioso, ó patife perverso e iludido, tu mesmo serás destruído".

Pegando seu bastão igual à vara de Yama, ele avançou como uma chama viva.

Capítulo 56 – Shri Vasishtha por sua força espiritual vence Vishwamitra que então se dedica a penitências

Ouvindo as palavras duras proferidas por Shri Vasishtha, Vishwamitra, erguendo a arma de fogo, gritou: "Pare! Cuidado!"

Então Shri Vasishtha, erguendo seu bastão Brahma em ira, exclamou: "Ó mais vil dos guerreiros, eu estou aqui, solta todas as tuas armas, incluindo aquelas impulsionadas pelo pensamento que obtiveste do Senhor Shiva. Ó filho de Gadhi, hoje eu te privarei de todas essas armas. Como o teu poder como um guerreiro pode se comparar com o de um sábio divino? Ó canalha estúpido, eis a minha energia divina!"

Assim dizendo, Shri Vasishtha apagou a perigosa arma de fogo lançada nele por Vishwamitra como a água apaga o fogo.

Então o filho de Gadhi disparou cinquenta outras armas perigosas sobre o sábio santo, as armas Varuna, Rudra, Indra, Pashupata e Ishika junto com a Manava, Mohana, Gandharva, Swapana, Jrimbhana, Viadana, Santapana e Vilapana; a Shoshana, Darana e a terrível Vatra; a Brahma-pasha e Kalapasha, a Varuna-pasha e o inestimável Pinaka e também os mísseis Shushka e Ardra, a arma Danda e a Pisacha, a Krouncha e o disco Dharma, o disco Kala e o disco de Vishnu, também a arma Vayuvya, Mathana e Haya-shira ele descarregou sobre o grande sábio com as duas Shaktis, a Kankala, Mushala, Vidyadhara, Kala, o tridente Kapala e a Kankana. Todas essas ele lançou no sábio santo.

Então Shri Vasishtha realizou um grande prodígio e só por meio do seu bastão destruiu todas as armas de Vishwamitra. Vendo aquelas armas tornadas ineficazes, Vishwamitra ergueu a Brahman-astra. Nisso, Agni, os sábios divinos e os seres celestes foram tomados de terror e os três mundos tremeram de medo. Mas, por meio do seu poder espiritual e do estudo e prática do Brahman-Vidya, Shri Vasishtha subjugou a Brahman-astra. Quando Shri Vasishtha consumiu essa arma tremenda, seu semblante encantador e agradável tornou-se terrível e de cada poro do seu corpo brotaram flechas de luz enquanto o bastão do sábio santo, brilhando como fogo, irrompeu em chamas.

Todos os sábios agora começaram a louvar a Shri Vasishtha, dizendo: "Teu poder é sem igual e sempre produtivo de benefício, pelo poder do teu yoga, pacifica a Brahman-astra. Ó sábio santo, tu humilhaste o orgulho de Vishwamitra. Ó grande asceta, sê pacificado, para que nós também possamos nos livrar do medo".

Assim abordado, Shri Vasishtha assumiu seu semblante habitual e Vishwamitra, derrotado, suspirando pesadamente, exclamou: "Ai, ai do poder de um guerreiro! O poder real é o poder espiritual. Shri Vasishtha por sua força espiritual

derrotou totalmente o meu. Eu irei, portanto, abandonar a minha natureza guerreira e procurar obter a condição de brâmane".

Capítulo 57 – Shri Vasishtha se recusa a ajudar o rei Trishanku a entrar no céu em seu estado físico

O coração de Vishwamitra estava pesado, se lembrando da sua desgraça, e ele estava cheio de remorso por ter tido inimizade para com Shri Vasishtha.

Ó Rama, com sua rainha ele foi para o quadrante sul e começou sua grande penitência ascética lá.

Depois de muito tempo quatro filhos nasceram dele, todos devotos da verdade, que eram virtuosos e de grande destreza militar. Seus nomes eram Havisyanda, Madhusyanda, Drirha-netra e Maharatha.

Tendo praticado austeridades rígidas por mil anos, o avô do mundo, Shri Brahma, apareceu diante de Vishwamitra e disse: "Ó filho de Kaushika, tu superaste os sábios reais em teu grande ascetismo, tu, portanto, serás incluído entre eles".

Tendo assim falado, Shri Brahma com os deuses foi para Brahmaloka. Vishwamitra estava cheio de vergonha e de cabeça baixa, tomado pela dor, falou desse modo: "Ai! Apesar de austeridades prolongadas, os deuses ainda me consideram um sábio real.[120] Eu não considero esse estado uma recompensa pela penitência pela qual passei".

Ó Rama, com determinação renovada, Vishwamitra, preeminente no campo do esforço, começou sua vida de mortificação novamente.

Nesse momento, o grande rei Trishanku da Casa de Ikswaku, totalmente autocontrolado e um amante da verdade, resolveu iniciar um sacrifício, a fim de entrar no céu em seu corpo físico. Convocando o santo sábio Vasishtha, ele comunicou sua intenção a ele, mas o mahatma Vasishtha, tendo considerado o assunto devidamente, disse: "Ó rei, isso não pode ser".

Desencorajado por Shri Vasishtha e para o propósito de realizar o seu plano, o monarca foi para sul onde os filhos de Shri Vasishtha moravam, levando vidas de pureza e ascetismo. Quando o rei Trishanku viu os filhos do seu próprio guru, aquele sábio grande e ilustre, ele ficou cheio de vergonha, e de cabeça baixa ofereceu saudação a eles, dirigindo-se a eles com grande humildade dizendo: "Ó protetores daqueles que buscam amparo em vocês, eu vim para buscar sua ajuda. Ó seres santos, eu roguei ao seu pai para me auxiliar na celebração de um sacrifício e ele me desencorajou. Eu vim, portando, procurar seu auxílio nessa questão. Ó filhos do meu santo guru, eu lhes ofereço saudações. Repetidamente eu me curvo a vocês, ó santos; e rogo a vocês para oficiarem no sacrifício proposto, que eu desejo realizar para o cumprimento do meu projeto, ou seja, para que eu possa subir ao céu em meu estado encarnado. Desencorajado pelo professor santo Vasishtha, eu considero que só vocês são capazes de me ajudar. Se vocês recusarem, não há ninguém em quem eu possa me refugiar. Os reis da Casa de Ikshwaku sempre têm buscado a orientação de seu preceptor espiritual em tempos de necessidade, e o santo e erudito sábio Vasishtha sempre tem preservado a dinastia e, depois dele, só vocês são meus instrutores".

---

[120] [Sábio nobre]. Veja a nota 115.

Capítulo 58 – O rei apela aos filhos de Shri Vasishtha para conduzir o sacrifício. Eles o amaldiçoam e ele apela para Vishwamitra

Ó Rama! Ouvindo as palavras do rei, os cem filhos de Shri Vasishtha ficaram cheios de ira e disseram: "Ó patife de mente má, desencorajado pelo teu preceptor espiritual, como tu te atreves a procurar nossa ajuda? Ó rei, nós sabemos que tu és um homem ignorante. Shri Vasishtha é capaz de fomentar os sacrifícios dos três mundos, realmente tu não és um verdadeiro discípulo de tal sábio. Nós deveríamos anular a declaração do nosso grande pai?"

Ouvindo essas palavras duras, o rei respondeu: "Desencorajado pelo meu guru e agora por vocês, eu vou procurar ajuda em outro lugar; que tudo fique bem com vocês".

Os filhos do grande sábio se enfureceram ao ouvirem essas palavras faladas em desafio, e amaldiçoaram o rei, dizendo: "Que tu te tornes um da casta caída". Tendo o amaldiçoado dessa maneira, eles retornaram ao seu eremitério.

Quando a noite passou, o rei foi transformado em um ser de nascimento inferior. Sua cor escura, seu corpo emaciado, sua cabeça raspada, todo o seu corpo coberto de cinzas do crematório, seus ornamentos de ouro transformados em chumbo.

Quando o povo da capital viu o rei nessa condição eles fugiram daquele lugar, e Trishanku partiu, cheio de angústia. Mergulhado na angústia dia e noite, ele finalmente buscou refúgio com Shri Vishwamitra. O sábio, vendo o monarca privado de seu reino e condenado a assumir a forma de um ser de casta baixa, foi tomado de compaixão, e se dirigiu a ele dizendo: "Ó príncipe poderoso, que tu sejas próspero! Por que tu viste aqui? Eu sei que tu és o soberano de Ayodhya que, através de uma maldição, chegaste a esse estado".

O eloquente rei Trishanku, com palmas unidas, respondeu em tom submisso: "Ó grandioso, desencorajado pelo meu guru e seus filhos no meu desejo de entrar no céu no corpo físico, eu fui transformado por eles em um chandala.[121] Agora, por vergonha, eu não posso me mostrar para ninguém. Ó senhor, eu falhei em obter o fruto de inúmeros sacrifícios, uma inverdade nunca foi proferida por mim, eu tenho regido meu povo com justiça e por minha conduta satisfiz meu preceptor espiritual e homens santos. Eu desejava fazer um novo sacrifício meritório, mas, ó grande sábio, meu guru negou seu auxílio. Ó senhor, o destino é irrevogável, o destino é inexorável, ninguém pode contrariá-lo. Todos são governados pelo destino. Ó sábio divino, sê favorável a mim, que caí em desgraça! Além de ti, não há ninguém em quem eu possa me refugiar. Ó santo, pela tua energia espiritual, afasta essa má sorte".

Capítulo 59 – Vishwamitra procura a ajuda dos filhos de Vasishtha e Mahodeva; eles se recusam e são amaldiçoados

Shri Vishwamitra ouviu o apelo do soberano caído e em tom agradável falou palavras de conforto, dizendo: "Ó rei, tu és bem-vindo, eu sei que tu és totalmente virtuoso, eu serei teu refúgio, não temas. Eu convidarei para cá os brâmanes

[121] Pária.

eruditos e piedosos que te ajudarão no desempenho do teu sacrifício. Este tu realizarás e alcançarás o céu na forma imposta a ti pelo teu guru. Ó rei, tendo te refugiado comigo, considera o teu propósito já realizado".

Tendo proferido essas palavras, Shri Vishwamitra mandou seus filhos prepararem todas as coisas para o sacrifício. Convocando seus discípulos, ele lhes disse: "Tragam aqui os brâmanes piedosos e eruditos e os filhos de Shri Vasishtha também. Que eles venham com seus discípulos, seus amigos, os eruditos e os sacerdotes. Se alguém desatender a minha ordem, que isso me seja relatado".

Em obediência ao sábio, os discípulos partiram para todos os quadrantes, convocando os sábios e doutos de muitas terras. Retornando, eles se aproximaram Vishwamitra, e disseram: "Ó senhor, por tua ordem os sábios santos estão vindo para cá, alguns já chegaram, exceto Mahodeva; mas os filhos do santo Vasishtha, levados pela raiva, proferiram palavras duras as quais nós te diremos. Eles disseram: "Como os sábios divinos participarão de um sacrifício realizado por um chandala, no qual um kshatriya oficia? E como aqueles brâmanes, obrigados por Vishwamitra, compartilhando do alimento oferecido por um chandala, entrarão no céu?"

Ó grande sábio, essas são as palavras dos filhos de Shri Vasishtha".

Vishwamitra, com os olhos vermelhos de raiva, respondeu: "Por que os filhos de Shri Vasishtha desrespeitariam a mim, que estou empenhado em práticas ascéticas rígidas e sou inocente? Pelo meu poder, aqueles homens de mente má neste dia serão reduzidos a cinzas e entrarão na morada da morte. Pela minha maldição eles se tornarão daqueles que subsistem dos mortos por cem encarnações. Eles comerão a carne de cães e serão chamados de 'Musthika'.

Desprezados por todos, eles vagarão entre os homens, e que o perverso Mahodeva também, tendo imputado falha a mim, nasça como um caçador, por um longo tempo se tornando o destruidor impiedoso das vidas de outros, e por minha ira que ele caia em um estado miserável e abjeto".

Sentado em meio aos sábios, o sábio Vishwamitra, tendo pronunciado essa maldição, ficou em silêncio.

Capítulo 60 – Por medo de Vishwamitra, os sábios auxiliam no sacrifício e o rei Trishanku ascende a um céu criado especialmente

Tendo atingido os filhos de Shri Vasishtha pelo poder do seu ascetismo, Vishwamitra, sentado em meio aos sábios, falou:

"O famoso monarca Trishanku, da dinastia de Ikshvaku, que é magnânimo e virtuoso, se refugiou comigo. Ele está desejoso de entrar no céu em seu estado encarnado, e eu devo realizar isso. Ó sábio, auxiliem-no unidamente neste sacrifício.

Os sábios, ouvindo as palavras de Vishwamitra, e sendo familiarizados com a tradição, deliberaram em si, dizendo: "Ó filho de Kaushika, o rishi Vishwamitra é dado a ira. Se nós não realizarmos o seu desejo, como um fogo devorador ele derramará sua maldição sobre nós. Vamos, portanto, ajudá-lo no sacrifício para que o rei possa entrar no céu em seu corpo físico. Agora vamos inaugurar os ritos.

Então os ritos começaram, como prescrito pela tradição antiga, Vishwamitra atuando como o sumo sacerdote e os brâmanes se tornando os sacerdotes sacrificadores subordinados a ele. Celebrando numerosos rituais, o sacrifício continuou durante um longo tempo. Então Shri Vishwamitra chamou para lá os

deuses para a sua parte do sacrifício, mas nenhum daqueles seres celestiais apareceu. Nisso o grande sábio ficou extremamente irado e erguendo o recipiente sacrifical, disse ao rei Trishanku: "Ó rei, vê o poder do meu ascetismo em virtude do qual eu agora te envio para o céu no teu estado encarnado. Ó rei, embora seja considerado impossível alcançar esse objetivo, pelo poder adquirido por mim eu agora te digo; 'ascende ao céu na tua forma física'".

Tendo proferido essas palavras, o rei Trishanku, na presença dos sábios subiu aos céus instantaneamente.

Vendo Trishanku lá, Indra e todos os outros deuses exclamaram: "Ó Trishanku, tu não tens lugar no céu. Amaldiçoado por teu guru, ó canalha estúpido, cai de cabeça na terra".

Consequentemente Trishanku começou imediatamente a cair em direção à terra, clamando a Shri Vishwamitra, "Protege-me", "Protege-me".

Shri Vishwamitra, ouvindo o grito, ficou bastante irritado e bradou, "Fica, Fica". Naquele momento, permanecendo entre os sábios, o grande rishi parecia Prajapati. Depois disso ele criou sete planetas no quadrante sul chamados Sete Rishis,[122] e então ele criou a Ashwini e vinte e sete outras estrelas. Sentado entre os sábios, cheio de ira, Vishwamitra refletiu consigo mesmo: "Eu criarei outro Indra ou deixarei este céu sem um Indra. Mais ainda, eu farei de Trishanku o Senhor deste céu", e ele começou a criar um novo grupo de deuses.

Nisso, os sábios, deuses e seres celestiais, desnorteados e perturbados, se aproximaram de Vishwamitra e disseram com humildade: "Ó grande sábio, este rei foi amaldiçoado por seu preceptor espiritual e não é digno do céu".

Shri Vishwamitra lhes respondeu, dizendo: "Ouçam, ó deuses, eu jurei que este rei entraria no céu em seu estado encarnado, essa promessa deve ser cumprida. Para esse fim, eu criei a Estrela Polar e outros planetas e esse céu permanecerá enquanto o céu antigo durar, como também os deuses criados por mim, cabe a vocês, portanto, confirmar o que eu prometi".

Os deuses em admiração, tendo ouvido essas palavras, responderam: "Assim seja, ó rishi ilustre, o céu criado por ti durará além do Caminho de Vishwanara, e que Trishanku, suspenso de cabeça para baixo, permaneça como se imortal entre essas estrelas brilhantes. Como as estrelas acompanham homens famosos e bem-sucedidos, assim que esses luminares brilhantes, criados por ti, acompanhem o rei Trishanku".

Shri Vishwamitra, enaltecido pelos deuses, concordou com a sua proposta.

Depois disso, ó Rama, os deuses e os ascetas que tinham participado do sacrifício voltaram para as suas próprias regiões.

Capítulo 61 - O cavalo sacrifical do rei Ambarisha é perdido e ele procura uma vítima humana

Ó Rama, quando Vishwamitra viu os sábios partindo, ele disse aos residentes da floresta Tapovana: "Na região sul, grandes obstruções têm dificultado as minhas penitências, eu, portanto, irei para outro quadrante para realizar austeridade. A oeste deste local, no local sagrado chamado Pushkara, há uma floresta grande e bela onde eu vou continuar as minhas práticas sem ser incomodado".

[122] [Ursa Maior].

Chegando àquele local, o grande sábio, se engajando em práticas ocultas, subsistiu de frutas e raízes.

Enquanto isso, o rei Ambarisha de Ayodhya inaugurou o sacrifício de cavalo, mas o cavalo foi levado por Indra, no que o sacerdote dirigiu-se ao monarca, dizendo: "Ó rei, tu deverias proteger o corcel sacrifical, o cavalo foi roubado devido à tua negligência, portanto, providencia outro ou procura uma vítima humana, de modo que o sacrifício possa ser realizado sem mais obstáculos".

Ouvindo essas palavras, o famoso monarca ofereceu milhares de vacas para quem quer que encontrasse ou um cavalo, ou ser humano. Procurando o animal sacrifical, o soberano ilustre passou por muitos países, cidades e florestas, e entrou em eremitérios e lugares sagrados.

Por fim, o rei Amharisha viu Richika o sábio, com filhos e esposa residindo na montanha Bhrigutunga.

Prestando homenagem a ele, o rei o honrou de várias maneiras e perguntou sobre o seu bem-estar. Ele então lhe disse: "Se for agradável para ti, dá-me um dos teus filhos em troca de cem mil vacas. Depois de procurar em muitos países, eu não encontrei um cavalo ou uma vítima humana para o sacrifício. Ó senhor, portanto, entrega o teu filho para mim e concorda com o meu pedido".

Richika respondeu: "Ó rei, eu nunca darei o meu filho mais velho a ninguém". Sua esposa então disse: "Meu marido não quer se desfazer do seu filho mais velho, mas o filho mais novo Shunaka é o mais querido para mim, eu não me desfarei ele. Ó grande muni, o filho mais velho é amado por seu pai e o mais novo é querido para sua mãe, portanto, esses dois não devem ser levados." Ó Rama, o filho do meio, cujo nome era Shunashepha, ouvindo essas palavras, falou assim: "Meu pai não deseja entregar seu filho mais velho, nem minha mãe seu filho mais novo, portanto, leva-me, ó rei".

Ó Rama, o rei deu ao sábio Richika cem mil vacas em troca de Shunashepha e, subindo na sua carruagem, partiu com ele em sua jornada para casa.

Capítulo 62 – Shunashepha, a vítima humana, procura e obtém ajuda de Vishwamitra

Ó Rama, o ilustre rei Ambarisha, acompanhado por Shunashepha, tendo à tarde chegado a Pushkara, descansou lá. Enquanto o rei descansava, Shunashepha, indo para certo local, viu Shri Vishwamitra, seu tio materno, empenhado com outros sábios na realização de práticas espirituais e ele, triste, sedento e cansado, caiu aos pés do sábio, e disse: "Ó senhor, para mim não existe pai, nem mãe, nem parente, nem casta. Ó sábio pacífico, ó soberano entre os ascetas, eu busco refúgio em ti; em nome do dharma, me salva. Tu podes proteger o mundo inteiro, quanto mais alguém tão insignificante como eu. Ajuda o rei na conclusão do seu sacrifício para que ele possa ser realizado sem impedimento, e para que eu possa viver e chegar ao céu por meio das minhas práticas espirituais. Tu és meu mestre que estou sem mestre. Protege-me, infeliz como sou, como um pai protege seu filho".

Shri Vishwamitra, ouvindo as palavras comoventes de Shunashepha, dirigiu-se aos seus próprios filhos, dizendo: "Ó meus filhos, aquele mundo pelo qual pais

geram seus filhos está próximo,[123] esta criança é o filho do sábio Richika e buscou proteção comigo, vamos proteger sua vida. Vocês são todos virtuosos e caridosos, que um de vocês tome o lugar da vítima sacrifical no sacrifício do rei, e, assim, satisfaça o deus Agni. Dessa maneira, nós podemos resgatar Shunashepha. Ajudem-me na conclusão do sacrifício do rei, propiciem os deuses, e me permitam ser fiel à minha palavra".

Ouvindo essas palavras, Madhusyanda e os outros filhos responderam sombriamente a Vishwamitra, dizendo: "Ó rei dos reis, tu abandonarias os teus próprios filhos e protegeria o de outro? Tal ato se assemelha ao abandono de um prato saboroso para compartilhar da carne de um cão".

Ouvindo essa resposta, Shri Vishwamitra enfureceu-se, com os olhos inflamados de ira, ele disse: "A sua fala é arrogante e contrária ao dharma, é uma violação do afeto filial. Eu considero vocês todos como insubordinados, por isso, eu agora os amaldiçoo. Como os filhos de Shri Vasishtha, que vocês caiam da sua casta alta e, comendo a carne de cães, vaguem pelo mundo durante o período de mil anos!"

Tendo assim amaldiçoado seus filhos, o muni, oferecendo sua proteção a Shunashepha, o instruiu desta maneira: "Ó filho de um sábio, no sacrifício do rei Ambarisha, te permite ser amarrado, enfeitado com a guirlanda vermelha, coberto com pasta de sândalo e amarrado ao poste sacrifical. Eu te darei dois mantras, que quando repetidos, te libertarão".

O sábio santo então o instruiu cuidadosamente nas fórmulas sagradas. Depois disso, Shunashepha se aproximou do rei e disse: "Ó monarca ilustre, começa agora a iniciação sem demora e conclui a realização do teu sacrifício".

O rei, cheio de alegria, foi sem demora ao pavilhão sacrifical. Com o consentimento do sacerdote oficiante, o rei vestiu Shunashepha em traje vermelho e o amarrou ao poste como a vítima consagrada. Estando amarrado, Shunashepha começou a louvar Upendra[124] recitando os mantras que recebeu de Vishwamitra.

Indra, satisfeito com a adoração de Shunashepha, lhe deu a bênção de vida longa vida.

Ó Rama, então o rei terminou seu sacrifício e obteve o fruto desejado de Indra.

Depois disso, o justo Vishwamitra renovou sua penitência yogue em Pushkara e a realizou lá por mil anos.

Capítulo 63 – Depois de mais austeridades Vishwamitra é proclamado um maharishi

Shri Vishwamitra passou mil anos na prática de mortificação, então os deuses foram lhe dar os frutos do seu ascetismo. O supremo Brahma se dirigiu a ele em tom agradável, dizendo: "Ó santo, que tu sejas próspero, tu agora te tornaste um rishi em virtude das tuas grandes austeridades". Tendo dito isso, Shri Brahma e os outros seres celestes voltaram para as suas próprias esferas.

---

[123] Os hindus consideram que a sua esperança de uma existência futura depende em grande parte de seus filhos realizarem suas exéquias.
[124] Um nome de Indra.

Vishwamitra novamente se empenhou em austeridade rígida e desse modo se passaram muitos mais anos. Enquanto assim empenhado, a ninfa celestial Menaka veio se banhar no lago Pushkara. Parecendo um relâmpago iluminando uma nuvem, sua beleza agitou a paixão de Vishwamitra e ele lhe disse:

"Sê bondosa comigo porque estou cheio de grande amor por ti".

Então aquela bela concordou em morar no eremitério do rishi. As penitências de Vishwamitra foram assim anuladas pela presença de Menaka no eremitério. Ó Rama, aquela ninfa passou dez anos naquele local. Após esse tempo, Shri Vishwamitra, percebendo que tinha sido iludido, ficou cheio de vergonha e refletiu sobre a causa da sua paixão. Então ele julgou que os deuses tinham arquitetado esse plano para destruir seu ascetismo e ele gritou: "O que, eu passei dez anos com essa mulher, com se fossem uma noite. Ai! As minhas grandes austeridades foram destruídas por essa paixão".

Suspirando pesadamente e cheio de remorso, ele viu Menaka tremendo de medo, próxima, mas Vishwamitra, dirigindo-lhe palavras tranquilizadoras, despediu-se dela.

Tendo controlado as suas paixões, Shri Vishwamitra foi para as montanhas do norte e começou a fazer penitência nos Himalaias na margem do rio Kaushiki.

Então, ó Rama, os deuses ficaram cheios de temor pelas austeridades praticadas pelo rishi nas montanhas do Himalaia, e aproximando-se de Shri Brahma disseram:

"Ó Avô, agora concede o título de maharishi para Shri Vishwamitra".

Shri Brahma então apareceu diante de Vishwamitra e em tom gentil disse a ele: "Saudações a ti, ó rishi, eu estou satisfeito com a tua austeridade. Eu te nomeio o principal entre os rishis".

Então Vishwamitra, prestando homenagem a Shri Brahma, falou submissamente dizendo: "Ó senhor, eu tenho feito essas penitências para que eu possa me tornar um brahmarishi. Já que tu ainda me nomeias maharishi, eu considero que ainda não sou totalmente autocontrolado".

Shri Brahma respondeu, dizendo: "Assim é, tu ainda não obtiveste completamente o domínio sobre os teus sentidos. Ó grande muni, faze mais penitência". Tendo proferido essas palavras, Shri Brahma voltou para as regiões celestiais.

Então Vishwamitra começou uma penitência extremamente severa, de pé sem apoio com os braços erguidos, vivendo apenas do ar; no verão, permanecendo no meio de cinco fogos, na temporada chuvosa ficando sem uma cobertura, no inverno praticando sua disciplina espiritual na água, assim ele passou mil anos.

Percebendo que Vishwamitra estava passando por essas penitências severas, os deuses ficaram muito perturbados. Finalmente seu senhor, Indra, aproximou-se da ninfa Rambha e pediu-lhe para promover seu interesse e causar dano a Vishwamitra.

Capítulo 64 – Indra fica perturbado e envia Rambha para interromper as novas austeridades do sábio

Indra se dirigiu Rambha dizendo: "Ó Rambha, tu deves realizar esta grande obra e estimular as paixões do grande sábio Vishwamitra, para que as suas práticas espirituais possam ser anuladas".

Ó Rama, Rambha, cheia de apreensão ao ouvir as palavras de Indra, disse com humildade: "Ó Indra, o rishi Vishwamitra se enfurece facilmente, ele certamente me amaldiçoará se eu me aproximar dele. Eu temo entrar em sua presença, portanto, não me peças para realizar essa tarefa".

Para Rambha, tremendo de medo, permanecendo com palmas unidas, em sinal de submissão, Indra, respondeu: "Ó Rambha, não temas, realiza o meu desejo, que o sucesso te acompanhe!

Na primavera, assumindo a forma de um cuco chamando docemente, acompanhado pelo deus do amor, eu tomarei meu lugar em uma árvore florescente não longe de ti. Ó Rambha, vestida em traje belo e encantador desvia a mente do muni das suas práticas espirituais".

Por insistência de Indra, aquela ninfa adorável vestida com trajes encantadores, levemente sorridente, partiu para cativar o coração de Shri Vishwamitra.

Naquele momento, as notas fluídas do cuco começaram a encantar o rishi e ele, em seguida, viu a ninfa Rambha. Afetado pela nota do cuco e o som arrebatador da bela canção de Rambha, Shri Vishwamitra, relembrando sua antiga queda, ficou cheio de receio, e reconhecendo o plano do deus Indra, levado pela raiva, amaldiçoou Rambha, dizendo:

"Ó Rambha, ó desafortunada, tu viste aqui para me atrair para longe da minha penitência, eu, que conquistei a luxúria e a ira. Que tu te tornes petrificada e assuma a forma de uma rocha por dez mil anos. Um brâmane aperfeiçoado no poder de yoga um dia te livrará dessa maldição".

Tendo pronunciado essa maldição sobre Rambha, o rishi se tornou vítima do remorso, pois, cedendo à ira, ele perdeu o fruto de todas as suas práticas yogues.

Rambha tendo sido instantaneamente transformada em pedra, Indra e Kama, percebendo o sábio cheio de ira, fugiram aterrorizados.

Shri Vishwamitra, tendo perdido o mérito das suas penitências não podia obter paz; suas paixões permanecendo indomadas, ele resolveu não falar nenhuma palavra para ninguém e nunca dar lugar à raiva; ele disse: "Por mil anos, eu não respirarei. Reduzindo o meu corpo à última extremidade, dominando meus sentidos, eu obterei a condição de brâmane pelo poder da minha penitência. Por incontáveis anos, eu permanecerei de pé, nem respirando nem comendo, mesmo que os meus membros se tornem atrofiados".

Ó Rama, Vishwamitra decidiu fazer essa mortificação pelo espaço de mil anos.

Capítulo 65 – Vishwamitra realiza outros mil anos de austeridades e ele obtém a condição de brâmane

Depois disso o grande Rishi Vishwamitra, deixando o quadrante norte, foi para o leste e se engajou em um curso mais rígido de austeridades. Observando silêncio por mil anos, ele realizou práticas ascéticas incomparáveis, dificilmente capazes de serem realizadas.

Depois de mil anos, sua forma reduzida à aparência de madeira, o sábio nobre, sob a maior provocação, não foi incitado à raiva. Ó Rama, quando Vishwamitra estava convencido de que ele tinha vencido a raiva, seu voto de mil anos de mortificação estando terminado, ele sentou-se para comer.

Naquela hora, Indra apareceu sob o disfarce de um brâmane e pediu o alimento colocado diante do muni, no que Vishwamitra, acreditando que ele era um sábio, deu-lhe tudo o que ele tinha preparado para si, e, ainda cumprindo o voto de silêncio, não proferiu nenhuma palavra.

"O principal dos sábios, suspendendo sua respiração por mais mil anos, continuou sua penitência, então brotou da sua cabeça uma fumaça que aterrorizou os seres dos três mundos. Pelo poder da sua mortificação, os devas, gandharvas, e outros seres foram privados de sua glória e perderam a consciência.

Angustiados, eles se dirigiram a Shri Brahma dizendo: "Ó Senhor, por todos os meios ao nosso alcance nós procuramos distrair o grande sábio das suas penitências e provocá-lo à ira, mas ele persistiu em suas práticas e está livre de desejo e aversão. Se tu não lhe concederes a condição de brâmane, de fato, os três mundos serão destruídos. Ninguém pode encontrar descanso em nenhum lugar, os mares estão secando e as montanhas são partidas pelo poder das suas austeridades; o sol é privado de seu esplendor, a terra está agitada e o vento não se move. Ó Senhor, não podemos movê-lo da sua decisão. Por conta desse perigo, homens como ateus deram-se à realização de atos de caridade. A paz não é encontrada em lugar nenhum. Ó Ser Divino, para que o poderoso Vishwamitra, resplandecente como fogo, não decida destruir o universo, digna-te a conceder-lhe o seu desejo. Como o tempo, na forma de fogo, na dissolução do mundo, consome o universo inteiro, assim também fará o sábio Vishwamitra. Concede a ele, portanto, a posição de Indra, se ele assim o desejar, pois se Tu negares a posição de brâmane que ele tem procurado adquirir, então apenas a soberania da região da Indra irá contentá-lo".

Assim abordado, Shri Brahma, acompanhado pelos deuses, apareceu diante de Shri Vishwamitra e em tons agradáveis se dirigiu a ele, dizendo: "Ó brahmarishi, reverências a ti, nós estamos satisfeitos com a tua austeridade. Ó santo Vishwamitra, pelo poder da tua penitência, tu obtiveste a condição de brâmane. Os deuses te abençoam, que a prosperidade te acompanhe, que a longevidade seja tua! A partir de hoje, tu és livre, agora vai para onde quiseres".

Oferecendo saudações a Shri Brahma e a todos os deuses, Shri Vishwamitra disse: "Tendo me dado a condição de brâmane e longevidade, deem-me instrução sobre a sílaba sagrada "AUM" e os Vedas também, e, além disso, me deem autoridade para oficiar no sacrifício. Ó deuses, que o filho de Brahma, Shri Vasishtha, totalmente familiarizado com a ciência vêdica, me reconheça como um brahmarishi. Se esse meu desejo for realizado, vocês todos podem partir".

Então os deuses apareceram diante de Shri Vasishtha, que tendo concordado com a sua vontade e selado sua amizade com Vishwamitra, disse-lhe: "Realmente tu és agora um brahmarishi e como tal eu te reconheço". Depois disso os deuses voltaram para a sua própria região. Desse modo o ilustre sábio Vishwamitra alcançou a condição de brâmane.

O sábio divino então prestou homenagem ao grande Vasishtha e, seu propósito cumprido, vagou pela terra empenhado em atos de caridade. Shri Shatananda disse: "Ó Rama, essa é a história de Shri Vishwamitra e de como ele obteve a posição de brâmane. Ó Raghava, realmente ele é o chefe dos sábios e a personificação do yoga. Constantemente envolvido em atos de virtude, ele ainda faz penitências rigorosas".

Tendo proferido essas palavras, Shri Shatananda ficou silencioso.

Quando esse sábio excelente tinha terminado a sua narrativa, o rei Janaka na presença de Rama e Lakshmana humildemente se dirigiu a Shri Vishwamitra

dizendo: "Ó chefe dos sábios, eu sou abençoado que tu tenhas vindo com Shri Rama e Lakshmana ao meu sacrifício. Ó muni, tu, pela tua presença, nos prestaste grande honra. Ó brahmarishi, tu contribuíste para o nosso renome. Shri Rama, meus conselheiros e eu ouvimos a história das tuas austeridades extraordinárias e também das tuas qualidades excelentes. Ó grande sábio, imenso é o teu poder, inimagináveis as tuas penitências, incalculáveis as tuas virtudes, e ninguém jamais se cansa de ouvir sobre os teus atos maravilhosos. Ó senhor ilustre, o sol se pôs e a hora da devoção da noite está próxima, bondosamente nos dá licença para partir; de manhã te veremos novamente".

Shri Vishwamitra, satisfeito com as palavras do rei, elogiou-o e concedeu-lhe permissão para partir, após o que o rei Janaka se levantou, e circungirando o grande sábio, partiu, acompanhado por seu preceptor espiritual e parentes.

Honrado pelos sábios, o grande Vishwamitra, com Shri Rama e Lakshmana também, retornou à sua residência.

Capítulo 66 – O rei Janaka conta a história do grande arco e do nascimento de Sita

O dia amanheceu em paz e o rei Janaka, tendo realizado suas devoções matinais, chamou os dois príncipes e Vishwamitra. Tendo honrado o sábio e os dois descendentes da Casa de Raghu, ele disse: "Ó senhor abençoado, a paz esteja contigo, qual serviço eu posso te prestar? Eu sou totalmente teu".

Assim abordado pelo rei, o sábio respondeu: "Estes dois príncipes são os filhos do rei Dasaratha, eles são renomados na casta guerreira e exaltados por toda a terra. Eles desejam ver o grande arco, que está depositado contigo, tem a amabilidade de permitir que eles o vejam e, assim, tendo realizado seu objetivo, eles voltarão para a sua própria capital".

Assim abordado, o rei Janaka respondeu ao sábio: "Ó rishi santo, ouve de mim por qual razão esse arco está depositado comigo. Houve um rei chamado Devarata na sexta geração do monarca Nimi, que obteve a guarda desse arco. Antigamente, Shri Mahadeva, na destruição do sacrifício de Daksha,[125] levantando seu arco em zombaria, disse aos deuses: 'Ó devas, vocês falharam em me dar a minha parte no sacrifício, por isso, por meio desse arco eu vou destruir todos vocês".

"Ó grande sábio, os devas dominados pelo medo, fazendo súplica ao deus, conseguiram propiciar Shri Mahadeva. Então ele entregou o arco para os deuses e eles o deram ao rei Devarata. Este é o arco.

"Depois disso, enquanto eu estava arando a terra para um sacrifício, uma virgem emergiu dela. Sendo descoberta pelo gume do arado, eu a chamei de Sita,[126] e ela se tornou minha filha. Essa virgem nascida da terra cresceu sob a minha proteção. Para o casamento de minha filha, foi estabelecido por mim e dado a conhecer aos reis que vêm em busca da mão dela que eu não a entregaria a nenhum príncipe cuja força não tivesse sido totalmente provada. Ó sábio renomado, esses reis têm vindo testar sua destreza e eu tenho colocado o arco diante deles e lhes pedido para encordoá-lo, mas nenhum ainda foi capaz de fazer isso. Percebendo que eles eram deficientes em força, eu me recusei a conceder a minha

[125] Daksha, o pai de Parvati, o filho de Brahma, um dos Prajapatis.
[126] Literalmente um sulco.

filha a qualquer um deles. Esses reis, cheios de raiva, considerando que a sua incapacidade de encordoar o arco os desprestigiou, cercaram a minha capital, e infligiram grande sofrimento ao meu povo. Esse cerco durou um ano inteiro e reduziu imensamente o meu tesouro. Passando por penitências severas, eu propiciei os deuses, que me concederam um grande exército com o qual eu derrotei aqueles reis que se retiraram, desprovidos de coragem, mas ainda sofrendo sob injúria imaginada.

"Ó grande sábio, este é aquele arco e vou mostrá-lo para esses dois príncipes. Ó rishi, se Shri Ramachandra puder encordoar o arco, eu darei a minha filha Sita a ele em casamento".

Capítulo 67 – O ilustre Rama quebra o arco e recebe a princesa Sita em casamento

Ouvindo as palavras do rei Janaka, Shri Vishwamitra disse: "Ó rei, que o arco seja mostrado para Shri Rama".

Em seguida o monarca se dirigiu aos seus ministros, dizendo: "Vão, tragam o arco, adornado com flores e sândalo, para cá".

Os conselheiros comandados por Janaka foram para a capital e trouxeram o arco. Quinhentos homens, de grande força, trouxeram o carro de oito rodas sobre o qual o arco estava colocado. Tendo trazido a caixa feita de ferro contendo o arco, os ministros se dirigiram ao seu soberano divino, dizendo: "Ó chefe de homens, aqui está o arco adorado pelos antigos reis, ó soberano de Mithila, ele está à tua disposição".

Então, com palmas unidas em humildade, o rei Janaka falou ao sábio santo Vishwamitra permanecendo com Rama e Lakshmana: "Ó senhor santo, este é o arco que tem sido objeto de adoração para os reis da dinastia de Nimi e que os monarcas da terra, vindo para cá, têm procurado encordoar. Nem os deuses são capazes de erguer, curvar ou encordoar este arco. Como, portanto, os mortais teriam o poder de fazê-lo se os deuses falharam? Ó grande rishi, vê o arco, que os dois príncipes o examinem".

O sábio justo Vishwamitra, ouvindo as palavras do rei, disse a Rama: "Ó filho, vê este arco divino." Então Shri Rama, se aproximando da urna na qual o arco estava, a abriu e olhou para ele.

Ele disse: "Ó senhor divino, pegando-o em minha mão e erguendo-o, eu me esforçarei para encordoar o arco". Então o rei e o sábio responderam: "Que assim seja", e Shri Ramachandra com um leve esforço, agarrando o centro do arco, o ergueu na presença de milhares de pessoas e o puxou sem esforço. Pela força incomparável do ilustre Rama, o arco quebrou-se em duas partes e um som semelhante à queda de um raio ressoou rachando as montanhas e fazendo a terra a tremer, e nisso as pessoas por todos os lados caíram inconscientes, exceto apenas Vishwamitra, Rama e Lakshmana.

Depois de um tempo, as pessoas estando um pouco recuperadas, e os receios do rei acalmados, ele se dirigiu ao sábio excelente com humildade, dizendo: "Ó senhor abençoado, eu testemunhei uma façanha incomparável, extraordinária e incontestável de Shri Ramachandra. Minha filha, a princesa Sita, obterá o príncipe Rama como seu marido e contribuirá para a glória da minha dinastia. Ó grande sábio, hoje o meu compromisso de submeter o futuro pretendente da minha filha a

um teste de força foi cumprido. Agora eu darei a Rama, Sita, que vale mais para mim do que a minha vida. Com a tua permissão, ó sábio, os meus mensageiros em carros rápidos devem ir a toda pressa para Ayodhya, e, contando respeitosamente esse evento ao rei Dasaratha, convidá-lo para a minha capital. Eles devem também informá-lo a respeito do bem-estar dos dois príncipes protegidos por ti e, com a devida honra, trazer o grande rei para cá".

O sábio Vishwamitra concordando com a proposta, o rei comunicou o assunto aos seus mensageiros e, confiando a eles uma missiva pessoal ao rei Dasaratha, os enviou na sua delegação.

Capítulo 68 – O rei Janaka envia mensageiros para convidar o rei Dasaratha para a capital

Comandados pelo rei Janaka, os mensageiros em carruagens velozes, passando três noites a caminho, com seus cavalos muito cansados, chegaram a Ayodhya. Entrando nos portões do palácio, eles abordaram as sentinelas, dizendo:

"Por favor, informem ao rei que viemos da parte do rei Janaka e desejamos uma audiência".

O rei Dasaratha, sendo informado, fez com que os mensageiros fossem levados até ele. Entrando no palácio real, eles viram o rei idoso que parecia um deus. Sua presença benigna e cortês os colocando à vontade, eles se dirigiram a ele em tons gentis e submissos dizendo: "Ó soberano ilustre, o senhor do reino de Mithila, o realizador de grandes sacrifícios, o rei Janaka, pergunta com afeição a respeito do teu bem-estar e também sobre o bem-estar dos teus súditos. Com o consentimento do sábio Vishwamitra ele te envia as seguintes boas novas. A filha dele, que tem sido cortejada por muitos reis incapazes de passar pelo teste de força exigido, que então têm voltado para casa frustrados, foi conquistada pelo teu filho altamente afortunado e esplêndido. Ele, na companhia do sábio Vishwamitra, vindo para cá, quebrou o arco sagrado na presença de uma grande assembleia, portanto, o rei Janaka, querendo ver sua filha casada com teu filho, Shri Ramachandra, te envia a seguinte mensagem: "Ó grande soberano, tem a bondade de visitar meu reino com toda velocidade, junto com teus preceptores, tua família e atendentes e te une com os teus filhos. Aceita a forte afeição que eu tenho por ti. Vem para cá e testemunha as núpcias dos teus filhos.

"Ó rei, essas são as palavras do rei Janaka que nós trazemos a ti, aprovadas pelo sábio Vishwamitra e o sacerdote Shri Shatananda".

Tendo proferido essas palavras, os mensageiros, intimidados pela presença do soberano, ficaram em silêncio.

Ao receber essas notícias, o rei Dasaratha, cheio de alegria, disse ao sábio santo Vasishtha, Shri Vamadeva e seus ministros: "Protegido por Shri Vishwamitra, Shri Ramachandra e o príncipe Lakshmana estão agora na cidade de Mithila. O famoso Janaka testemunhou a destreza de Shri Ramachandra e deseja dar a sua filha em casamento a ele. Se essa união é aprovada por vocês, vamos partir para Mithila imediatamente, para que possamos alcançá-la com toda velocidade".

Os sábios e ministros lá presentes responderam: "Está bem", após o que o rei, muito satisfeito, disse: "Vamos partir amanhã".

O rei Dasaratha com seus conselheiros acolheu os mensageiros do rei Janaka com grande respeito, e eles passaram a noite lá em conforto.

Capítulo 69 – O rei Dasaratha parte com seu preceptor espiritual, parentes e ministros

Quando a noite terminou, o rei Dasaratha, contente de coração, acompanhado por seu preceptor espiritual e parentes, convocou seu ministro-chefe, Sumantra, e disse:

"Que os oficiais da tesouraria levem com eles riqueza e joias em abundância e nos precedam em boa ordem. Que as quatro divisões do meu exército se coloquem em prontidão e que carros e palanquins sejam preparados. Que as minhas ordens sejam cumpridas com rapidez. Permitam que Shri Vasishtha, Vamadeva, Javali, Kashyapa, Bhrigu, Markandeya e Katyayana com outros homens eruditos e santos liderem a procissão. Preparem a carruagem real, que não haja atraso, os mensageiros do rei Janaka estão ansiosos para voltar".

Então o poderoso rei Dasaratha acompanhado pelos sábios santos partiu na viagem seguido por seu exército. Passando quatro noites na estrada, eles entraram na capital do rei Janaka, que, tendo mandado a cidade ser enfeitada, avançou para prestar honras aos seus convidados reais. Aproximando-se do idoso soberano Dasaratha, o rei Janaka se encheu de alegria, e se dirigiu a ele com palavras alegres, dizendo: "Ó grande rei, eu te dou boas-vindas, afortunado de fato sou eu, pois tiveste a bondade de me honrar com a tua presença. Agora tu terás a felicidade de olhar para os teus dois filhos. Duas vezes abençoado sou eu que Shri Vasishtha, acompanhado de outros sábios eruditos, tenha vindo também, como se fosse Indra no meio dos deuses. Todo impedimento à cerimônia de casamento foi afastado e essa dinastia antiga, pela aliança com a Casa de Raghu, adquirirá novo brilho. Ó soberano ilustre, amanhã na conclusão do sacrifício, tendo deliberado com os sábios, tem a amabilidade de celebrar o casamento".

O monarca eloquente, Dasaratha, sentado em meio aos sábios, respondeu: "Eu tenho ouvido que aqueles que recebem caridade estão sujeitos ao concessor daquela caridade! Ó tu conhecedor da virtude, a nossa é nos submetermos a ti em todas as coisas".

Ao ouvir o discurso do soberano veraz, o rei Dasaratha, o rei Janaka encheu-se de admiração.

Todos os sábios então se reunindo, passaram a noite em conversa, alegrando uns aos outros mutuamente.

O rei Dasaratha, estando unido com seus filhos estava cheio de felicidade e se rendeu totalmente à hospitalidade do rei Janaka.

O soberano magnânimo de Mithila, tendo concluído as ordens para os preparativos da cerimônia de casamento, se retirou para descansar.

Capítulo 70 – O rei com Vishwamitra e os príncipes são convidados para a corte do rei Janaka onde Vishwamitra relata a linhagem da dinastia

No dia seguinte, o rei Janaka, tendo realizado o sacrifício com a ajuda dos sacerdotes, disse a Shri Shatananda:

"Meu irmão mais novo, o virtuoso e poderoso Kushadwaja, reside na cidade de Sankanshya, que é cercada por um fosso e ameias, provida de plataformas para peças de artilharia pesadas, o rio Ikshu fluindo ao seu lado, e parece a carruagem aérea Pushpaka. Eu desejo ver aquele excelente, que, com generosidade, me ajudou no ato de sacrifício; é apropriado que ele acompanhe a cerimônia de casamento".

Tendo falado assim para Shri Shatananda, o rei mandou alguns atendentes próximos partirem para lá. Por ordem dele, os mensageiros, como deuses partindo por ordem de Indra, saíram em cavalos velozes para trazer de volta o convidado real.

Chegando a Sankanshya, e sendo recebidos pelo rei Kushadwaja, eles deram-lhe a conhecer a proposta do rei Janaka. O grande rei, concordando com o seu pedido, foi à capital do soberano de Mithila e vendo o virtuoso Janaka de grande alma, junto com Shri Shatananda, curvou-se a eles em saudação.

Tendo ocupado um assento real na assembleia, os dois irmãos ilustres ordenaram seu ministro-chefe, Sudamana, dizendo: "Ó chefe dos conselheiros, rapidamente te aproxima do grande soberano, Dasaratha, de glória ilimitada, e traze aquele excelente à minha corte, junto com os dois príncipes e os seus ministros".

Sudamana, indo para o acampamento do rei Dasaratha, e curvando-se a ele, disse: "Ó grande herói, ó senhor de Ayodhya, o soberano de Mithila humildemente te convida com teu preceptor espiritual, teus sacerdotes e teus dois filhos para a sua assembleia".

Então o rei Dasaratha, acompanhado por seus amigos e parentes, foi ao local onde o rei Janaka estava sentado em meio aos sábios e ministros. E ele, o monarca sábio e eloquente, dirigiu-se ao rei Janaka, dizendo: "Ó grande rei, tu sabes que o sacerdote principal da Casa de Ikshwaku é Shri Vasishtha e meu porta-voz em todas as questões. Portanto, com a aprovação de Shri Vishwamitra ele narrará a linhagem da nossa dinastia para ti".

Tendo falado, Dasaratha ficou em silêncio e Shri Vasishtha então se dirigiu ao rei Janaka e a Shri Shatananda:

"De Brahman, o Imanifesto, surgiu o Eterno e Imperecível Brahma. Dele foi produzido Maricha, Maricha gerou Kashyapa; Kashyapa gerou Surya, Surya gerou Vivaswat, e Vivaswat gerou Manu. Manu era o pai de Ikswaku que foi o primeiro rei de Ayodhya. O filho de Ikswaku era Kukshi e seu filho era Vikukshi; o ilustre Vana era o filho de Vikukshi e o filho de Vana era o poderoso Anranya; seu filho era Prithu e o filho de Prithu era Trishanku; o grande Dhundhumara era filho de Trishanku e seu filho foi o herói Yuvanashwa. O renomado Mandhata nasceu de Yuvanashwa e o filho de Mandhata se chamava Susandhi. Susandhi teve dois filhos, Dhruva-sandhi e Prasenajit. Bharata era o filho de Dhruva-sandhi e o famoso Asit era filho de Bharata. Os três filhos de Asit eram Hihaxas, Talajanghas e Shashavindus, grandes reis, que, hostis ao seu pai, travaram guerra contra ele e o mandaram para o exílio. Então o rei Asit, com suas duas consortes, indo para os Himalaias, lá abandonou a vida, deixando as rainhas grávidas, no que uma delas, para destruir o fruto do ventre da outra, deu-lhe veneno.

"Naquela época, um sábio da família de Bhrigu, de nome Chyavana, morava nas alturas do Himalaia praticando penitência lá. Então a rainha de olhos de lótus, Kalindi, desejosa de ter um filho excelente, aproximou-se do sábio que se assemelhava a um deus e curvou-se diante dele. O brâmane dirigiu-se à rainha,

dizendo: 'Ó afortunada, tu levas no teu ventre um herói, que em breve nascerá com o veneno; não tenhas ansiedade".

"A rainha, fiel ao seu falecido marido, dominada pela tristeza, temendo a morte de seu filho, prestou homenagem ao muni. Depois disso ela deu à luz um filho, nascido com o veneno administrado pela outra esposa, e ele se chamava Sagara.

"O filho de Sagara era Asumanjas, e seu filho era Anshuman. O filho de Anshuman era Dilipa, e o filho de Dilipa era Bhagiratha. O filho de Bhagiratha era Kakustha e seu filho era Raghu. O filho de Raghu, Prabradha, tornou-se um demônio, e posteriormente foi chamado de Kalamashapada e seu filho era Shangana. O filho de Shangana era Sudarshana, e seu filho era Agni-varna. Shighraga era o filho de Agni-varna e o filho de Shighraga era Manu. O filho de Manu era Prashushruka e seu filho era Ambarisha. O filho de Ambarisha se chamava Nahusha e seu filho era Yayati. O filho de Yayati era Nabhaga.

"O filho de Nabhaga era Aja, e o filho de Aja é o rei Dasaratha; os dois filhos do rei Dasaratha são Rama e Lakshmana.

"Ó rei, eu narrei a genealogia do rei Ikswaku para ti. Todos esses reis eram nobres, virtuosos e notáveis em seu amor pela verdade.

"O rei Dasaratha pede as mãos das tuas filhas em casamento para seus dois filhos, que são em todos os sentidos dignos de ser teus parentes. Ó chefe de homens, concede as tuas filhas a eles".

Capítulo 71 – O rei Janaka dá um relato da sucessão e sua dinastia

O rei Janaka, prestando homenagem ao sábio Vasishtha, disse: "Ó maharishi, a paz esteja contigo, ouve o relato da sucessão da nossa dinastia. Na hora de entregar uma filha em casamento é usual que o pai recite a árvore genealógica da sua família, tem a bondade de me ouvir, ó senhor.

"Nos tempos antigos, conhecido nos três mundos era o rei Nimi, eminente em virtude, um amante da verdade e o principal entre os reis daquela era. Nimi gerou Mithi cujo filho foi o primeiro Janaka e ele gerou Udavasu. Seu filho era Nandivardhana e ele gerou Sutetu. Suketu gerou o justo Devarata e o filho de Devarata era o sábio real Brihadratha. Ele gerou o grande herói Mahavirya cujo filho era Dhratiman e seu filho era o veraz Sudhriti. Ele gerou Dhrishta-Ketu e seu filho era o sábio nobre Haryashwa. Haryashwa gerou Maru. Então vieram Prasidhaka, Kirttiratha, Devamirha, Bibudha, Mahidhraka, Kirtivaja e Maharoma. Maharoma gerou Swarnaroma e seu filho era Hraswaroma. Hraswaroma teve dois filhos dos quais eu mesmo sou o mais velho, e este é meu irmão mais novo Kushadwaja. Meu pai, legando o reino a mim e me encarregando de cuidar de Kushadwaja, retirou-se para a floresta. Meu pai idoso tendo passado desse mundo, eu comecei a governar de acordo com o dharma, sustentando meu irmão com a maior afeição. Após algum tempo, o rei Sudhanwa sitiou a capital de Mithila, depois ele me enviou ofertas de paz com a condição de que eu entregasse minha filha, Sita, e também o arco sagrado de Shiva para ele. Ó brahmarishi, ao rejeitar sua oferta uma batalha se seguiu entre nós, na qual Sudhanwa foi morto. Ó grande sábio, o rei Sudhanwa estando morto, eu dei o reino de Sankasya ao meu bem-amado irmão Kushadwaja. Este é o meu irmão bem-amado. Ó sábio, nós nos submetemos em amor, a ti.

"Ó Raghava, para Shri Ramachandra eu dou a minha filha Sita, e o príncipe Lakshmana receberá a princesa Urmila. Sita, semelhante a uma filha dos deuses, eu concedo a Rama; realmente de todo o meu coração eu entrego essas duas filhas minhas aos teus filhos. Ó rei, agora tem a bondade de inaugurar a distribuição tradicional das vacas em caridade. Realiza a cerimônia Nandi-Mukha[127] para que as núpcias possam ser celebradas.

"Hoje a estrela Magda está em ascensão e em três dias a Uttara Phalguni terá surgido; o casamento deve ocorrer naquela conjunção.

"Para assegurar a sua felicidade, que Rama e Lakshmana agora distribuam vacas, terra, sementes de gergelim e outras oferendas necessárias".

Capítulo 72 – O casamento dos quatro filhos do rei Dasaratha é organizado e começam os preparativos

O rei Janaka tendo pronunciado essas palavras, o mahamuni Vishwamitra, como desejado por Shri Vasishtha, disse-lhe:

"Ó rei, magníficas de fato são as duas Casas de Ikshvaku e Videha, sua glória é ilimitada, realmente elas não têm igual. Shri Rama e Sita estão em perfeita harmonia um com o outro, como também Lakshmana e Urmila, cada um é igual ao outro em graça e herança. Ó rei virtuoso, eu tenho algo mais a dizer, ouve-me. Teu irmão mais novo, o rei Kushadwaja, insuperável em virtude, tem duas filhas de beleza incomparável, essas duas eu peço para o sagaz Bharata e o piedoso Shatrughna. Os quatro filhos do rei Dasaratha são jovens, belos, parecidos com os deuses, iguais aos (quatro) guardiões do mundo. Ó grande rei, concede essas duas donzelas aos filhos mais novos do rei Dasaratha. Tu és incomparável em virtude e a Casa de Ikswaku é inigualável".

Ouvindo as palavras magnânimas de Shri Vishwamitra ecoadas por Shri Vasishtha, o rei Janaka com as palmas unidas dirigiu-se humildemente ao dois sábios augustos:

"Ó santos, eu estou orgulhoso de que vocês tenham aprovado a aliança da minha casa com a Casa de Ikshvaku. Suas ordens devem ser cumpridas. As filhas do rei Kushadwaja devem ser dadas aos príncipes Bharata e Shatrughna em casamento. Que os quatro grandes filhos do rei Dasaratha sejam unidos com as quatro princesas no mesmo dia. Ó sábio divino, amanhã a constelação Phalguni presidida pelo deus Bhag[128] estará em ascensão. Os sábios consideram esse período como auspicioso para as núpcias".

Shri Vasishtha respondendo "Assim seja", o rei Janaka, em grande humildade, dirigiu-se aos sábios santos, dizendo: "Ó reis espirituais, é pela sua graça que eu sou capaz de oferecer as minhas filhas em casamento. Considerem-me como seu servo. Vocês são dignos desses assentos preparados para vocês. Que o meu reino agora pertença ao rei Dasaratha e as minhas afeições se estendam ao reino de Ayodhya. Eu falei a verdade. Ó santos, façam o que é considerado necessário".

---

[127] A cerimônia Nandi-mukha: a distribuição de vacas em caridade.

[128] Bhaga: um dos Adityas cuja época especial Uttara Phalguni é considerada favorável para casamentos e alianças.

O rei Dasaratha, ouvindo com atenção as palavras proferidas pelo rei Janaka, ficou satisfeito e respondeu, dizendo: "Ó irmãos, possuidores de inúmeras qualidades excelentes, vocês têm honrado os rishis santos e os reis com hospitalidade abundante. Que vocês sejam abençoados! Que a felicidade seja sua! Com a sua licença eu agora me retirarei para os meus próprios aposentos para inaugurar os ritos preliminares".

Tendo se despedido do rei de Mithila, Shri Dasaratha, precedido pelo sábio santo, foi embora.

No dia seguinte, tendo realizado os ritos tradicionais, o rei Dasaratha deu inúmeras vacas em caridade. Em nome de cada um dos seus filhos, ele deu aos brâmanes milhares de vacas cujos chifres foram cobertos com ouro, produzindo leite rico, junto com seus bezerros. Com cada vaca o rei deu um recipiente de metal para ordenha. Naquele dia, quatrocentas mil vacas foram dadas por ele. Aquele rei poderoso, amando seus filhos sumamente, deu riqueza incalculável em nome deles. O rei Dasaratha, executando essas obras de caridade, cercado por seus filhos, parecia Brahma acompanhado pelos regentes do mundo.

Capítulo 73 – As cerimônias de casamento são concluídas

No dia em que o rei Dasaratha distribuiu as vacas em caridade, o grande herói Yudhajit, o filho do rei Kaikeya, e o tio materno de Bharata, também chegaram à capital de Janaka.

Vendo o rei Dasaratha, ele fez perguntas a respeito do seu bem-estar e disse: "Ó rei, o senhor de Kaikeya, por afeição, envia notícias do seu bem-estar para ti, e procura saber se está tudo bem com os teus amigos. Ó grande rei, o meu pai desejava ver o príncipe Bharata, e para esse fim eu fui para Ayodhya. Lá, sabendo que tu tinhas ido para Mithila com teus filhos, para as suas núpcias, eu vim para cá às pressas para ver o filho da minha irmã"'.[129]

O rei Dasaratha então honrou devidamente seu parente que passou a noite alegremente na companhia dos príncipes.

No dia seguinte, acordando cedo, o rei Dasaratha, executando suas devoções habituais, foi para o pavilhão sacrifical, escoltado pelos sábios.

Em uma hora auspiciosa na presença de Shri Vasishtha e outros sábios, Shri Ramachandra e seus irmãos, enfeitados com todos os ornamentos, estando presentes, as cerimônias preliminares foram realizadas.

Então Shri Vasishtha dirigiu-se ao rei Janaka dizendo: "Ó rei, o rei Dasaratha inaugurou as cerimônias preliminares, ele agora aguarda a tua vontade. O rito sagrado é concluído quando o anfitrião e os convidados se reúnem. Tem a bondade, portanto, de realizar os ritos nupciais principais".

O rei Janaka ouviu as palavras de Vasishtha de grande alma e respondeu: "Qual guarda detém o rei Dasaratha no portão? A sanção de quem sua majestade real procura? Não é essa a sua casa? Que o rei entre! Ó chefe dos sábios, as minhas filhas, de prontidão, permanecem no altar, brilhantes como a chama clara. Eu, próximo, espero por vocês todos. Não há necessidade de demora. Que o rei faça a cerimônia ocorrer sem mais obstáculos".

---

[129] Bharata sendo o filho da rainha Kaikeyi, filha do rei de Kaikeyi.

Então o rei Dasaratha com seus filhos e os sábios santos entrou no pavilhão de casamento. Depois disso, o rei Janaka dirigiu-se a Shri Vasishtha, dizendo: "Ó sábio virtuoso, com os outros sábios realiza a cerimônia de casamento".

Então Shri Vasishtha acendeu o fogo sacrifical no centro do pavilhão. Shri Vishwamitra e Shri Shatananda, permanecendo diante dele, aspergiram o altar com perfume, e o enfeitaram com flores. Em seguida, ele dispôs os recipientes de ouro e a sagrada grama kusha, enchendo muitos vasos com incenso e organizando-os na forma de uma concha. Pratos cheios de grãos tostados e arroz foram colocados lá, e grama durbha espalhada em volta, as fórmulas sagradas sendo pronunciadas sobre eles. Os rishis santos agora acenderam um fogo pronunciando os mantras vêdicos e ofereceram oblações nele.

Shri Sita, enfeitada com joias, sentou-se junto ao fogo sagrado defronte a Shri Ramachandra. O rei Janaka, dirigindo-se ao Filho de Raghu, disse: "Ó Rama, a partir de hoje a minha filha Sita será tua companheira na virtude. Aceita-a, ó príncipe, e toma a mão dela na tua. Essa princesa afortunada, fiel e carinhosa, te acompanhará constantemente, seguindo-te como uma sombra, em obediência amorosa. Que ambos sejam felizes".

Dizendo isso, o rei Janaka aspergiu sobre eles água purificada por mantras. Então todos os deuses gritaram: "Jai! Jai!"[130] e música divina tocou, enquanto uma chuva de flores caiu do céu.

Assim Sita foi unida em casamento a Shri Ramachandra.

Então o rei Janaka disse a Shri Lakshmana: "Ó Lakshmana, vem aqui, que a paz esteja contigo! Toma em tua mão a mão da minha filha Urmila, não demores, ó príncipe".

Tendo assim falado, Janaka igualmente dirigiu-se ao príncipe Bharata, dizendo: "Ó Filho de Raghu, aceita a mão da princesa Mandavi", e ao príncipe Shatrughna, ele disse: "Ó grande príncipe, aceita a mão de Shruta-kirtti. Ó príncipes da Casa de Raghu, sejam gentis e fiéis às suas esposas como elas serão a vocês, recebam-nas agora, que não haja demora".

Assim instruídos pelo rei Janaka, os quatro príncipes, pegando as mãos das quatro princesas conforme orientação do sábio Vasishtha, circungiraram o fogo, o rei Janaka e os sábios realizando os ritos como ordenado pela lei sagrada.

Quando a cerimônia nupcial dos quatro príncipes da Casa de Raghu com as quatro princesas terminou, uma chuva de flores caiu sobre eles do céu. Música divina soou, ninfas dançaram e os cantores celestes irromperam em péons[131] de louvor. Todos esses eventos maravilhosos marcaram o casamento dos filhos do rei Dasaratha enquanto os príncipes, circungirando o fogo, eram unidos com suas noivas.

Depois disso, com suas esposas, eles voltaram para os seus aposentos e o rei Janaka, com seus parentes e amigos, tendo participado das festividades com o coração alegre, também se retirou.

Capítulo 74 – Parasurama aparece em meio a sinais inauspiciosos

[130] Jai! Jai! Literalmente Vitória! Vitória!

[131] [Pé de verso, grego ou latino, formado de três sílabas breves e uma longa].

Quando a noite passou, o grande sábio Vishwamitra despediu-se do rei Dasaratha e do rei Janaka e, abençoando os príncipes e o pai deles, partiu para os Himalaias para meditar lá. O rishi santo tendo ido, o rei Dasaratha pediu a permissão do senhor de Mithila para regressar à sua capital. Despedindo-se do rei piedoso, Janaka o escoltou por alguma distância em seu caminho.

Para o rei de Ayodhya, em nome de sua filha, o rei Janaka deu cem mil vacas, tecidos de lã, incontáveis mantos de seda e elefantes ricamente decorados, cavalos e carruagens. Ele também lhe deu criados homens e mulheres, inúmeras moedas de ouro com quantidades de pérolas e coral. Todos esses e muitos outros presentes o rei Janaka deu com a mente alegre, e tendo se despedido do rei Dasaratha, voltou a Mithila, depois do que o rei Dasaratha com seus filhos ilustres, precedido pelos sábios, partiu na viagem de volta, acompanhado por seu exército.

Conforme os sábios, com Shri Ramachandra, avançavam na companhia do rei, o guincho de aves estranhas e terríveis era ouvido, enquanto cervos assustados fugiam através do seu caminho.

Percebendo esses sinais desfavoráveis, o rei se dirigiu a Shri Vasishtha, dizendo: "Ó guru santo, por que as aves gritam tão ominosamente, e os veados atravessam o nosso caminho? O que esses presságios anunciam? Minha mente está cheia de ansiedade, ó senhor divino".

O maharishi Vasishtha, em tons gentis, respondeu: "Ó rei, o grito temível das aves prenuncia algum grande perigo, mas a travessia dos veados da esquerda para a direita indica um fim rápido para os teus medos".

Enquanto eles ainda estavam falando, a terra começou a tremer e árvores gigantes caíram, a escuridão cobriu a terra e nuvens de poeira velaram o sol, nem os pontos cardeais podiam ser discernidos. Na grande tempestade de poeira que se seguiu, o exército foi dominado pelo terror e todos ficaram paralisados, exceto apenas Shri Vasishtha, o rei Dasaratha e os príncipes.

Quando a poeira se dissipou e o exército estava um pouco recuperado, Shri Vasishtha viu o filho de Yamadagni de aspecto terrível. Com cabelo emaranhado, Parasurama, o que humilha o orgulho de reis e imperadores, se aproximou.

O aspecto do muni semelhante ao esplendor do Monte Kailasha ou os fogos da dissolução no final do período mundial era difícil de ser suportado pelos olhos humanos. Com seu machado de batalha em seu ombro, portando um arco poderoso, brilhante como relâmpago, ele parecia Shiva prestes a derrubar Tripura.[132] Vendo Parasurama semelhante a um fogo ardente, os sábios refletiram entre si e disseram: "Seu pai estando morto, Parasurama veio novamente para destruir a casta guerreira? Sua ira não foi aplacada quando ele antigamente destruiu toda a casta guerreira? Ele voltou novamente para se vingar de nós?"

Refletindo desse modo, eles se aproximaram de Parasurama com as oferendas tradicionais, dizendo: "Ó Rama, aceita este arghya".

Shri Parasurama, aceitando a oferenda, então se dirigiu a Shri Rama.

Capítulo 75 – Ele desafia Rama para o combate

"Ó Rama, ó herói ilustre, eu ouvi falar da tua grande destreza. Eu também estou familiarizado com o teu ato heroico, a quebra do arco em Janakapura,

---

[132] Tripura: o nome de um demônio morto por Shiva.

realmente um feito que desperta admiração e supera a imaginação. Tendo sabido da tua realização, eu, pegando este outro arco, vim aqui. Com esse arco terrível chamado Yamadagni, mostra a tua força, ó Rama, e, colocando uma flecha nele, o dispara. Se tu puderes realizar isso, eu vou me ocupar em combate honroso contigo".

Ouvindo essas palavras, o rei Dasaratha ficou abatido e abordou o rishi humildemente, dizendo: "Ó santo Parasurama, tu és um grande sábio brâmane, não cabe a ti mostrar raiva para com os guerreiros; sê bondoso para com o meu filho, que ainda é uma criança. Tu nasceste na família de Bhrigu e prometeste a Indra não portar armas nunca mais. Tendo dado o domínio do mundo para Kashyapa e te retirado para a montanha Mahendra para a prática de ascetismo, por que tu agora vens aqui para nos destruir? Ó sábio, se Rama for morto, nenhum de nós sobreviverá".

O grande filho de Jamadagni, desconsiderando a súplica do rei Dasaratha, novamente dirigiu-se a Rama, dizendo: "Ó Rama, esses dois arcos de modelo primoroso, famosos em todo o mundo, extremamente poderosos, foram forjados por Vishwakarma.[133] Um deles, manejado por Shri Shiva em combate com Tripura, foi quebrado por ti. O outro, mantido por mim, de poder inexprimível, foi dado a Vishnu pelos deuses e é conhecido por dar a vitória sobre o inimigo; ele é igual em força ao que tu quebraste.

"Antigamente os deuses perguntaram a Brahma qual dos dois se superava o outro e Shri Brahma, familiarizado com a sua intenção, invocou uma disputa entre Vishnu e Mahadeva. Eles entraram em combate um com o outro. Pelo grito erguido por Shri Vishnu, Shri Mahadeva foi tornado imóvel e seu arco desencordoado. Então os deuses e rishis foram àquele local e fizeram os dois deuses se reconciliarem. Depois disso os deuses julgaram o arco de Vishnu como o mais poderoso e Shri Shiva cedeu seu arco ao rei de Mithila, junto com todas as suas setas.

"Este arco, pertencente a Vishnu, foi dado nos tempos antigos por aquele deus a Richika e ele o deu ao seu filho Jamadagni, meu pai. Ele, tendo renunciado ao porte de armas, retirou-se para praticar austeridade, quando o monarca tolo e impulsivo Sahasravaku o matou. Sabendo da morte cruel do meu pai, eu destruí sucessivamente a casta guerreira, de geração em geração, assim adquirindo domínio sobre a terra. Eu conferi esse grande domínio como um presente ao sábio Kashyapa após a conclusão de um sacrifício, e me retirei para a montanha Mahendra, alegremente observando a prática de yoga. Hoje, ó príncipe valente, familiarizado com a tua grande conquista, eu vim para cá para te ver. Recebe esse arco, dado aos meus antepassados por Shri Vishnu, e no espírito de um guerreiro, coloca uma flecha nele. Se tu conseguires puxar o arco, eu te desafiarei para lutar".

Capítulo 76 – Parasurama é vencido e privado de sua glória e poder

Ouvindo essas palavras, Shri Rama, tendo em conta a presença de seu pai, respondeu com moderação, dizendo: "Ó Parasurama, os teus feitos são conhecidos por mim, como também a vingança dos assassinos do teu pai. Parece-me que tu me consideras deficiente em coragem, eu, um kshatriya, e um descendente da linhagem solar. Ó rishi, testemunha a minha destreza".

---

[133] Vishwakarma: o arquiteto dos deuses.

Tendo falado assim, Shri Ramachandra, enraivecido, pegou o arco e as flechas das mãos do rishi e encordoando-o, colocou uma flecha nele. Ao puxar o arco poderoso, o filho de Dasaratha dirigiu-se ao rishi com desafio, dizendo: "Ó sábio, tu és um brâmane e como tal eu te honro; tu és, além disso, um parente de Shri Vishwamitra, portanto eu não vou te matar com essa flecha, mas por essa flecha eu vou te tirar o poder de movimento de modo que tu já não serás capaz de viajar através do espaço, ou eu vou te banir daquelas regiões elevadas que alcançaste pela prática da penitência. Dize: qual é o teu desejo? Essa flecha divina de Vishnu, possuindo o poder de vencer a força e orgulho do inimigo, não pode ser devolvida por mim à aljava, até que tenha cumprido o seu grande objetivo".

Quando Rama colocou a flecha no arco sagrado, Brahma se reuniu com os deuses para contemplar aquele ato glorioso, seguido pelos gandharvas, apsaras, yakshas e outros seres. Shri Ramachandra tendo segurado o arco poderoso, os três mundos começaram a tremer e Parasurama, privado de seu poder divino, ficou consternado. Privado de sua glória e sem poder, Shri Parasurama, com súplica humilde, dirigiu-se a Rama de olhos de lótus:

"Quando o domínio da terra foi dado por mim ao sábio Kashyapa, ele disse: 'Tu não deves habitar este reino'. Portanto, ó Rama, em obediência ao sábio, eu não ficarei na terra à noite. Esse mundo já não é meu, mas pertence a Kashyapa. Ó Rama, não me prives do poder de movimento, mas me permitas voltar rapidamente para a bela montanha Mahendra. Tu não podes me privar dos méritos auferidos pela prática de yoga. Eu sei que tu és o Imperecível, tu és realmente o próprio Vishnu, ninguém além de ti pode empunhar esse arco. Ó filho de Raghu, os deuses se reuniram para te ver; tu és preeminente em combate, e o conquistador de teus inimigos. Ó príncipe virtuoso, ser derrotado por Ti não é ignomínia; dispara a tua flecha incomparável e eu voltarei para a montanha Mahendra".

Então Shri Ramachandra disparou a flecha e o mérito de Parasurama foi anulado, ao que ele partiu rapidamente para a montanha Mahendra.

A escuridão estando dissipada e todo o mundo mais uma vez cheio de luz, Rama foi adorado pelos deuses e sábios, e Shri Parasurama, tendo circungirado o filho de Dasaratha, retornou ao seu próprio eremitério.

Capítulo 77 – O rei Dasaratha com seu exército, e os príncipes com suas noivas, retornam a Ayodhya

Shri Parasurama tendo partido, Shri Rama entregou o arco e as flechas aos cuidados do deus Varuna. Tendo oferecido saudações a Shri Vasishtha e aos outros sábios ele, vendo seu pai cheio de apreensão, se dirigiu a ele, dizendo: "Pai, Shri Parasurama agora se foi, manda o teu exército prosseguir para Ayodhya".

O rei Dasaratha, ouvindo as palavras de Rama, o abraçou e refletiu que o seu filho tinha nascido para ele uma segunda vez. Em seguida, convocando seu exército para avançar, ele em uma carruagem, enfeitada com estandartes, para a fanfarra de trombetas proclamando vitória, entrou em Ayodhya.

As ruas da cidade aspergidas com água e flores pareciam belas, e os cidadãos, regozijando-se com o regresso de seu soberano, o cumprimentaram com gritos de boas vindas.

Recebido pelos brâmanes habitantes da cidade, o rei com seus amigos e parentes, seguido pelos príncipes e suas noivas, entrou no palácio real, que era branco como a neve.

Lá, os parentes do rei o receberam com guirlandas e sândalo. As rainhas Kaushalya, Sumitra e Kaikeyi receberam as noivas e conduziram a afortunada Sita, a ilustre Urmila, e as duas filhas de Kushadwaj ao seu palácio, com ritos auspiciosos. Vestidas em suntuosos mantos de seda, e levadas ao templo para adorar as imagens sagradas, as noivas então ofereceram saudações respeitosas às suas sogras e outras dignas de honra. A partir daí, cada uma começou a viver com seu marido em seu próprio palácio.

Shri Ramachandra com os outros príncipes, possuindo o conhecimento do uso de armas e da ciência da defesa, passava o tempo com seus amigos em serviço a seu pai idoso.

Depois de algum tempo, o rei Dasaratha disse a seu filho Bharata: "Ó meu filho, o teu tio materno, que veio com o propósito de te levar para a casa dele, ainda permanece na capital, portanto, vai com ele ver teu avô".

O príncipe Bharata e o príncipe Shatrughna se prepararam para partir em sua viagem, e se despediram de seu pai e de seu irmão Rama altamente compassivo.

Bharata tendo ido, Shri Rama e Lakshmana serviram o rei envelhecido como se ele fosse um deus e em seu nome realizaram obras de caridade entre as pessoas da cidade.

Rama também serviu sua mãe com profunda afeição, e serviu seu guru com devoção sincera. Seu comportamento nobre satisfazia o rei, os brâmanes, comerciantes e outras castas; sua disposição doce e conduta piedosa encantavam as pessoas da capital. Rama, totalmente dedicado à verdade, era famoso por sua virtude, e dotado de todas as qualidades excelentes como Swyambhu[134] – o próprio Brahma.

Por muito tempo Shri Rama desfrutou de uma vida de contentamento com Sita. Para ele, ela era querida além de todas as coisas e ele entregou todo o seu coração para ela. O amor é reforçado pela beleza, virtude e bondade, e Sita possuía todos esses em um grau de igualdade com Rama. Adorável como uma deusa, Shri Sita era capaz de perceber os pensamentos de seu marido antes que ele os expressasse. A bela Sita, com Shri Ramachandra totalmente satisfeito, parecia Lakshmi, a consorte do incomparável Vishnu.

FIM DO BALA KANDA

[134] Swayambu: o Imperecível ou Autoexistente, um nome de Brahma, o criador.

LIVRO II

AYODHYA KANDA

Capítulo 1 – O rei Dasaratha deseja ver o príncipe Rama feito regente, e convoca um conselho

Bharata de grande alma pediu afetuosamente ao piedoso Shatrughna para acompanhá-lo na viagem até seu avô materno.

Desfrutando de hospitalidade abundante e mantidos por seu tio Ashwapati com todo o afeto, os dois irmãos moraram lá felizes. Satisfeitos com o amor e o acolhimento concedidos a eles, eles diariamente se lembravam do seu nobre pai, o monarca idoso, e o rei também pensava em seus filhos, agora em um país distante.

Os quatro filhos do rei idoso eram tão estimados por ele quanto os seus próprios quatro braços brotando do seu corpo, mas Rama, parecido com Brahma, dotado de todos os bons atributos, era o mais amado por seu pai. Shri Rama, o Purusha[135] eterno, o próprio Senhor Vishnu, desceu à terra a pedido dos deuses, para matar Ravana, o inimigo de todo o mundo.

A encantadora rainha Kaushalya, brilhando com amor materno por seu filho Ramachandra, parecia Aditi no nascimento de Indra.

Inigualável em beleza, corajoso e cavalheiresco, nunca falando mal dos outros, Rama herdou as virtudes de seu ilustre pai; de temperamento alegre, falando palavras gentis para todos, nunca dando uma resposta rude quando tratado com insolência; quando ofendido, perdoando o ofensor e não lembrando mais da ofensa; demonstrando gratidão pelo menor dos favores e dedicando as suas horas vagas dos assuntos de estado a buscar a amizade daqueles eminentes em sabedoria, conhecimento, idade e conduta. Sábio e generoso, ele era o mais notável em se dirigir a outros, falando com afeição; sumamente corajoso, contudo não tornado arrogante por seus próprios poderes; nunca proferindo falsidade, honrando os eruditos e os idosos, mostrando respeito pelo seu povo que era devotado a ele; tendo dominado a ira; extremamente compassivo, venerando os brâmanes; mostrando extrema piedade pelos pobres; bem versado em responsabilidades públicas e individuais, cumprindo seus deveres domésticos, não só para acrescentar brilho à dinastia, mas também para alcançar um estado elevado no outro mundo. Sábio no cumprimento das suas obrigações; como um filho da Casa de Ikshvaku, mostrando-se terno e amoroso para com aqueles que procuravam a sua proteção; reprimindo os malfeitores; sempre buscando o bem-estar de seus súditos; evitando atividades frívolas e conversas superficiais; nem ouvindo nem falando alguma coisa contra o dharma; em debate igual a Brihaspati em eloquência; livre de enfermidades; jovem, belo, tendo conhecimento do tempo e do espaço e sendo capaz de adivinhar o conteúdo do coração de um homem em um único olhar; realmente um grande sábio e por suas qualidades maravilhosas tão amado pelo povo quanto a própria vida. Profundamente versado na ciência e na filosofia do Veda, que ele tinha estudado com seu preceptor espiritual, ele até superava seu pai na arte da guerra. O repositório de toda auspiciosidade, virtuoso, alegre, verdadeiro e sincero; tendo recebido plena instrução dos brâmanes na política sagrada e secular, sabendo o significado da virtude, da prosperidade material e do prazer; de memória prodigiosa, familiarizado com a sabedoria do mundo, possuindo uma disposição agradável, gentil, capaz de esconder seus pensamentos; sabendo quando recusar e quando aceitar presentes materiais; ganhando muitos amigos, firme na sua devoção a seu guru e a Deus, não aprovando o pecado; nunca proferindo uma palavra amarga ou

[135] Purusha: literalmente o senhor da cidade de nove portões, isto é, o corpo – o morador do corpo como o Senhor interno.

que agitaria os corações dos outros; enérgico, deplorando as suas próprias falhas enquanto desculpando as dos outros; um grande protetor, grato, dando apoio àqueles estimados; em todas as circunstâncias fiel à sua palavra; capaz de proteger os interesses de sua família e amigos; sabendo como infligir castigo aos perversos. Adquirindo riqueza por meios justos, e sabendo como distribuí-la com discriminação. Proficiente no Veda, seguindo as artes literárias e dramáticas com entusiasmo, dotado do dom da oratória na língua sânscrita e na própria língua nativa; dependendo só do que é correto para felicidade e prosperidade; prudente, talentoso no esporte, música e pintura; um cavaleiro incomparável seja montado em cavalo ou elefante; hábil no tiro com arco, renomado no campo, antecipando o inimigo no ataque e sabendo como destruir suas defesas; excitado com ira justa quando se engajando em combate, de modo que nem deus nem titã podiam resisti-lo; não falando nada contra ninguém; livre do orgulho e da inveja; sempre submisso, mas não dominado em sua resolução por ninguém; preeminente entre o seu povo; famoso nos três mundos; em paciência assemelhando-se à terra, em sabedoria, igual a Brihaspati, em coragem semelhante a Indra.

Brilhando resplandecente como a lua cheia no amor de seu povo e de seu pai, adorado por suas qualidades excelentes, sua coragem incomparável e sua integridade, a terra desejava fazer dele o seu senhor.

Vendo seu filho ilustre manifestar essas qualidades, o rei Dasaratha começou a refletir desta maneira: "Eu fiquei velho e governei por uma grande quantidade de anos. Eu desejo ver Rama coroado enquanto ainda estou vivo!"

Essa inclinação cresceu na mente do rei, e ele esperou ansiosamente pelo momento em que ele poderia renunciar ao seu trono em favor de Rama. Ele refletiu: "Rama, semelhante a uma nuvem, derramando compaixão sobre todos; amado muito além de mim mesmo; em bravura igual a Yama e Indra, em conhecimento como Brihaspati, em resistência como uma montanha, superior a mim em atributos excelentes; a ele eu desejo conferir o domínio da terra; isso será o meu céu".

Então aquele grande soberano, convocando seus ministros, comunicou-lhes a sua decisão de proclamar Rama, dotado daqueles poderes, raros mesmo em um rei, e uma mina de virtudes extraordinárias, como herdeiro presuntivo.

Naquela época, portentos inauspiciosos apareciam sobre a terra e nos céus, e o rei, consciente de que tinha envelhecido, refletiu que, concedendo o trono a Rama, ele satisfaria seu filho gracioso, e também amenizaria a sua própria tristeza e beneficiaria o seu povo. Cheio de carinho por seus súditos, e para o bem deles, ele desejou aumentar sua felicidade por instalar Rama como herdeiro presuntivo, quando a hora era auspiciosa.

Convocando os príncipes sujeitos e os habitantes de outras cidades e terras com o devido respeito, o monarca idoso os acolheu em seus palácios, conferindo-lhes presentes de vários tipos, mas o soberano de Kaikeya e o rei de Mithila não foram informados da ocasião já que eles saberiam disso posteriormente.

Sentado na assembleia, o rei parecia Prajapati no meio de seus súditos.

Os reis da terra reunindo-se em conselho, o rei Dasaratha ocupando o trono e eles tomando os lugares preparados para eles, reverentemente ficaram em frente à plataforma real, observando as tradições da corte. Cercado por seus senhores feudais e os anciãos, o rei parecia Indra sentado entre os deuses.

Capítulo 2 – Os anciãos e os conselheiros aceitam prontamente Shri Rama como regente

Em voz sonora, o rei Dasaratha se dirigiu aos líderes das pessoas sentadas à sua frente, proferindo palavras que alegraram seus corações.

Quando o monarca idoso começou a falar, as suas palavras pareciam com a batida de tambores, ou a queda do trovão, mas elas eram sobretudo cheias de grande doçura, e proferidas à maneira de um rei. Ele disse: "Vocês bem sabem que esse vasto império foi mantido pelos meus predecessores e seus pais antes deles. Para promover a felicidade e a prosperidade do reino, antigamente protegido pelos reis de Ikshvaku, eu, percorrendo o caminho trilhado por meus antepassados, o tenho preservado ao máximo. Tendo passado sessenta mil anos sob o dossel real, o meu corpo ficou velho e fraco e procura repouso. Os encargos do estado, que não podem ser suportados por aqueles de mente descontrolada, eu tenho exercido, e agora estou cansado. Hoje, portanto, com a aprovação dos brâmanes eruditos aqui presentes e para o bem do meu povo, eu desejo entregar o domínio à proteção do meu filho mais velho. Possuidor de todas as virtudes essenciais, Shri Ramachandra, meu filho amado, igual a Indra em bravura e conquistador de seus inimigos, excelente em todas as virtudes, parece a lua acompanhada pela estrela Pushya.[136]

"Eu desejo instalar como regente,[137] Rama, exaltado entre os homens, o irmão mais velho de Lakshmana, digno de ser seu protetor. Realmente, eu de fato acredito que não só a terra, mas os três mundos irão considerá-lo como o seu senhor. Desejando a alegria do universo, eu colocarei sobre ele o peso do governo e assim me livrarei da ansiedade relativa ao reino.

"Se isso lhes parece adequado, me deem seu conselho ou digam o que deve ser feito de outro modo. Embora esse seja o meu decreto, se vocês julgarem que algum outro será um caminho melhor, então falem para que eu possa saber. É bem sabido que o melhor rumo é determinado após deliberação cuidadosa".

Ao ouvirem as palavras do rei Dasaratha, os outros monarcas e os anciãos gritaram em uníssono: "Excelente, Excelente!" Nisso, um som como um trovão distante, agradável de ouvir, ou como o grito de pavões deleitando-se na tempestade, ergueu-se. Depois disso, a intenção do soberano sendo comunicada a todos, aclamações irromperam que abalaram os alicerces do palácio.

Em seguida, os brâmanes eruditos, os ministros, reis e os anciãos da cidade se reuniram para consulta com aqueles que tinham vindo de longe, e, sendo unânimes, após a devida deliberação, dirigiram-se deste modo ao rei:

"Ó soberano poderoso, tu tens governado por milhares de anos e agora te tornaste idoso, que tu, portanto, nomeies Rama como regente. É nosso desejo que o glorioso príncipe Rama seja visto por nós, montado em um elefante sob o dossel real".

O rei, desejando sondar seus verdadeiros motivos, respondeu com franqueza, dizendo: "Agindo conforme a minha sugestão, vocês todos expressaram a sua vontade de ver Rama nomeado regente, contudo ainda há alguma incerteza em minha mente; digam-me francamente por que vocês desejam ver Rama coroado. Eu errei? Eu falhei em governar com justiça?"

Então os anciãos do povo e os conselheiros responderam ao sagaz soberano Dasaratha deste modo: "Ó rei, teu filho é dotado de atributos excelentes. Ouve sobre

[136] Pushya: o nome da sexta mansão lunar, também uma constelação de três estrelas.
[137] Regente – Yuvaraja = herdeiro presuntivo.

as qualidades divinas e amáveis daquele sábio e perfeito Ramachandra, qualidades que o fazem benquisto por todos e agradáveis de recordar.

"Em seu amor e zelo pela verdade ele é igual a Indra. Tu, ó rei, és enaltecido acima de todos na Casa de Ikshvaku, mas ninguém no mundo pratica a retidão como faz Shri Rama.

"Por sua conduta, ele acrescentou brilho à virtude e prosperidade. Difundindo felicidade entre o seu povo, ele parece a lua alegrando a terra. Em paciência, ele é como a terra, em sabedoria como Brihaspati, em coragem como Indra. Com um profundo respeito pela verdade, livre de inveja e ciúme, sua disposição é excelente.

"Perdoando todas as ofensas, um consolador dos aflitos e angustiados, ele se dirige a todos com gentileza. Reconhecendo cada favor recebido em medida plena, autocontrolado, fiel à sua palavra aconteça o que acontecer, não falando mal dos outros, de fala sincera; cheio de sabedoria ele sempre reverencia os idosos.

"De renome imensurável, Shri Rama, cuja glória e esplendor aumentam constantemente, que na ciência do tiro com arco é superior até aos deuses, asuras e homens, que estudou todos os ramos do saber e o Veda, também é inigualável na arte da música. A morada da paz e prosperidade, sempre cortês, humilde e sábio, e que, tendo recebido a maior instrução dos brâmanes, é hábil em expor o significado do Veda.

"Quando, em companhia de Lakshmana, ele vai para o ataque, assaltando cidades e aldeias, ele nunca se retira sem derrotar totalmente o inimigo. Retornando triunfante, ele pergunta sobre o bem-estar de seus súditos como se eles fossem seus próprios filhos, e dá atenção especial ao bem-estar das mulheres, servos e de seus discípulos como um pai considera as necessidades de sua família.

"Ó majestade, Shri Rama bondosamente pergunta a respeito dos nossos próprios discípulos se eles nos prestam serviço e hospitalidade adequados e além disso se cumprem seus deveres fielmente.

"Ele sofre com os aflitos e se regozija como um pai quando seu povo celebra um festival. Aquele arqueiro poderoso, o observador da verdade, o servo dos idosos, que abençoa todos aqueles que procuram sua proteção, é totalmente justo. Realizando ações nobres, ele não ouvirá ou proferirá palavras que criem discórdia. Possuindo uma fronte graciosa e olhos grandes, nisso assemelhando-se ao próprio Vishnu, Rama, pelo processo de dedução, é capaz de conversar com eloquência. Por sua coragem, valentia, autoconfiança e paciência, ele se tornou a alegria de seu povo.

"Sempre pronto para servir seus súditos, desprezando os prazeres sensuais, ele é capaz de governar os três mundos, quanto mais essa pequena terra?

"Sua alegria e ira nunca são excitadas sem motivo. Ele destrói aqueles que merecem a morte, mas demonstra misericórdia para com os inocentes.

"Generoso com aqueles que têm sua aprovação, disposto a sofrer no exercício do autocontrole; amado por seus súditos, ele evoca devoção em todo coração virtuoso.

"Brilhante como a lua por causa dos seus atributos excelentes, a terra o reclama como seu senhor.

"Ó rei, tu és afortunado por possuir esse grande filho que se parece com Kashyapa, o filho de Marichi. O povo de Ayodhya e os cidadãos do reino de Koshala oram continuamente pela vida e bem-estar de Rama.

"Os homens, as mulheres, os idosos e os de longe e de perto, ao amanhecer e ao anoitecer, unidos rezam a todos os deuses para que Shri Rama possa ser sempre acompanhado pela prosperidade. Ó grande rei, concorda bondosamente

com o nosso pedido. Ó dador de bênçãos, nós te pedimos para instalar Shri Rama como regente sem demora. Teu filho, parecendo o próprio Shri Vishnu, é benevolente e generoso para com todos. Ó rei, faze isso com a mente alegre".

Capítulo 3 – O rei decide que Shri Rama deve ser instalado

Para aqueles que com palmas unidas estavam fazendo essa petição, o rei Dasaratha respondeu cortesmente:

"Hoje, de fato, eu sou feliz e afortunado uma vez que o povo deseja que o meu filho, Shri Rama, seja proclamado regente".

Assim, na presença de seus súditos, o rei em tom afável dirigiu-se a Shri Vasishtha, Vamadeva e outros sábios:

"Nesse mês de Chitra, quando as matas estão belas com árvores florescentes, tenham a bondade, ó santos, de preparar todas as coisas para a instalação do meu filho como herdeiro presuntivo".

Depois que o rei tinha falado, o povo aplaudiu, e quando os gritos de aclamação tinham acabado, o monarca dirigiu-se ao poderoso sábio Vasishtha, dizendo: "Ó senhor abençoado, é adequado que tu encomendes as coisas necessárias para a cerimônia de coroação".

Então Shri Vasishtha mandou os ministros presentes providenciarem ouro, pedras preciosas, unguentos, guirlandas de flores brancas, arroz tostado, mel e manteiga clarificada em recipientes separados, também tecidos novos, carros, armas de todos os tipos, um exército completo, elefantes livres de qualquer imperfeição, bandeiras brancas, um dossel branco, chamaras,[138] cem vasos de ouro brilhantes como fogo, touros com chifres dourados, peles de leão e outros requisitos.

Em seguida o sábio Vasishtha lhes ordenou, dizendo: "Coloquem todos esses no pavilhão sagrado do rei. Que cada portão na capital e nos aposentos privados do palácio seja decorado com guirlandas e sândalo, e que incenso fragrante seja aceso em todos os lugares.

"Ó ministros talentosos, providenciem alimentos doces e que deem saúde, leites e coalhos em pratos atraentes suficientes para alimentar cem mil brâmanes. Amanhã os brâmanes santos devem ser respeitosamente servidos com manteiga, coalhada e arroz tostado e presenteados com dakshina suficiente para preservá-los da escassez para o resto de suas vidas.

"Amanhã, no início da manhã, o Canto da Paz deve ser recitado, portanto, que os brâmanes santos sejam convidados e seus assentos preparados. Que estandartes e arcos de flores sejam expostos em todos os lugares, e as estradas borrifadas com água. Que moças lindamente vestidas com suas acompanhantes esperem às portas do palácio; que alimentos e bebidas refrescantes sejam fornecidos em todos os cruzamentos principais, também doações de dinheiro e objetos rituais que são considerados sagrados; que frutas e flores sejam enviadas separadamente; que guerreiros armados vestidos em traje limpo e armados com cimitarras esperem no pátio do rei".

Desse modo, Shri Vasishtha e Shri Vamadeva realizaram tudo o que tinha sido ordenado pelo rei e, tudo sendo executado para a sua satisfação, informaram ao grande monarca conformemente. Então o soberano ilustre disse ao primeiro

[138] Chamaras: espanadores [ou abanadores] feitos de cauda de iaque.

ministro Sumantra: "Que o talentoso príncipe Rama seja trazido aqui com toda rapidez". Concordando com a ordem real, Sumantra levou para lá em uma carruagem real aquele grande guerreiro, Shri Rama. Cercado pelos governantes da terra, do leste, do oeste, do norte e do sul, os reis de descendência ariana e não ariana e os das florestas e das colinas, o rei Dasaratha parecia Indra no meio dos deuses.

Ele viu seu filho Shri Ramachandra, belo, corajoso, de considerável comprimento de braço, destemido, andando como um elefante ébrio, seu rosto assemelhando-se à lua, belo de se olhar, cativando os corações de todos por sua virtude e generosidade, revigorando seus súditos como as nuvens refrescam os afligidos pelo calor.

O monarca não podia olhar suficientemente para o seu filho amado enquanto ele, acompanhado por Sumantra que o seguia com reverência, desceu da sua carruagem e subiu os degraus do palácio real que parecia o monte Kailasha. Aproximando-se do rei, ele anunciou o seu nome e fez profunda reverência a seus pés.

Vendo o príncipe de pé respeitosamente ao seu lado, o rei o abraçou e pediu-lhe para ocupar o trono de ouro engastado com joias e ouro. Raghava assim sentado parecia o sol nascendo na montanha Sumeru. Toda a assembleia foi iluminada pela presença de Shri Rama que se parecia com a lua passeando no céu outonal cheio de inúmeras estrelas.

Como um homem adornado com muitos ornamentos fica radiante de alegria ao ver a sua própria imagem refletida em um espelho, assim o rei Dasaratha ficou cheio de alegria inefável ao contemplar a glória de seu filho; e como Kashyapa dirigindo-se a Indra, o soberano poderoso sorrindo falou com Rama:

"Ó meu filho, tu és o fruto da minha rainha principal e pareces com ela, tu és muito querido para mim, dotado como és de todos os atributos grandiosos, tu imbuíste o teu povo com as tuas qualidades nobres; aceita, portanto, o alto cargo de regente. Embora, meu filho, tu sejas, por natureza, dotado de todas as boas qualidades e sejas humilde, ouve enquanto eu te digo o que é para o teu bem.

"Mantém longe de ti aqueles maus hábitos nascidos do amor, prazer e raiva; pelo teu serviço secreto familiariza-te de perto com todos os acontecimentos do teu reino e outros domínios, como se ocorressem diante dos teus olhos. Dá alegria ao teu povo por encher os vários armazéns e arsenais. Ó príncipe, o soberano que governa seus súditos com a devida consideração pela felicidade deles faz seus amigos se regozijarem como os deuses que beberam o néctar da imortalidade. Portanto, ó meu filho, conduze-te com a mente totalmente subjugada".

Em seguida, os amigos de Rama comunicaram à rainha Kaushalya a decisão do rei, e ela recompensou os mensageiros dessas boas novas com muitas vacas e pedras preciosas.

Shri Rama, ouvindo as palavras do rei, respondeu: "Que assim seja", e, curvando-se ao grande monarca, deixou o palácio em seu carro, as pessoas cumprimentando-o com alegria enquanto ele passava.

Satisfeitas com o decreto do soberano, elas o aclamaram com saudações, e retornando para suas casas adoraram os seus deuses, propiciando-os para que nenhum impedimento surgisse na instalação de Shri Rama como regente.

Capítulo 4 – Shri Rama e a princesa Sita se preparam para a cerimônia

Os cidadãos tendo partido, o rei consultou novamente os seus ministros, dizendo-lhes: "Amanhã, a estrela Pushya estará em ascensão, eu decreto, portanto, que Rama de olhos de lótus deve, então, ser instalado como meu sucessor".

Dispensando seus conselheiros, o rei, entrando no aposento interno, mandou Sumantra trazer Rama até ele mais uma vez. Em obediência ao comando de seu mestre real, Sumantra foi ao palácio de Rama, para levá-lo para lá.

Rama, ouvindo o porteiro anunciar a segunda visita do ministro, ficou ansioso e mandando trazê-lo com toda pressa lhe perguntou o propósito da sua vinda. Sumantra respondeu, dizendo: "O rei deseja ver-te". Shri Rama então se dirigiu apressadamente ao palácio do rei seu pai.

O rei Dasaratha, se retirando para o apartamento privado, deu instruções para que Rama fosse levado para lá. O príncipe, entrando no palácio de seu pai, curvou-se, com as palmas unidas, de uma distância, e contemplou seu pai.

O rei, levantando-o, o abraçou e, dando-lhe um assento, mais uma vez se dirigiu a ele:

"Ó príncipe, eu já envelheci e governei por muito tempo, desfrutando de todos os prazeres do coração. Eu também realizei centenas de sacrifícios e distribuí grandes quantidades de alimentos e dei presentes caros em profusão como esmola para os brâmanes. Ó grandioso, um filho como tu é fruto de muita caridade e estudo do Veda. Ó excelentíssimo, o que eu desejava dar em caridade, eu dei, e eu estudei o Veda e ofereci muitos sacrifícios. Meu desejo de prazer é passado; eu cumpri todas as obrigações para com os deuses, os sábios, os meus antepassados e os brâmanes eruditos, nada resta a ser feito por mim exceto a tua instalação. Ó meu filho, ouve-me, é a vontade do meu povo que tu te tornes seu soberano; eu irei, portanto, te instalar como meu sucessor. No entanto, ó Rama, sonhos terríveis me visitaram à noite, acompanhados pelo estrondo do trovão e a queda de meteoros, sinais que predizem oposição. Ó Rama, a estrela do meu nascimento está cercada pelo sol, Marte e Rahu; aqueles versados em divinação falam disso como de mau augúrio, que prenuncia ou a morte de um rei ou a visita de alguma calamidade grave. Ó príncipe de Raghu, eu desejo te ver te coroado antes que os meus sentidos falhem. Realmente, a mente do homem é inconstante. Hoje, os astrólogos anunciam que Purnavasu está em ascensão, mas amanhã será a estrela Pushya, auspiciosa para a tua coroação. Eu desejo, portanto, que tu sejas proclamado regente amanhã. Que tu, a partir de agora, jejues com a tua esposa, passando a noite em um leito de grama kusha, com uma pedra como teu travesseiro. É dever dos amigos te rodear para te proteger. Em tais empreendimentos surgem muitas obstruções.

"O príncipe Bharata está na cidade de seu avô, é minha vontade que tu sejas instalado na ausência dele. Teu irmão, Bharata, é virtuoso, compassivo, mestre de seus sentidos e obediente a ti, contudo, ó príncipe, eu sei que a mente do homem é inconstante, até mesmo a mente de um homem justo e devoto pode estar sujeita à inconstância. Amanhã, a tua coroação ocorrerá, portanto, agora volta para a tua residência.

"O rei Dasaratha tendo dito isso, Shri Rama partiu para o seu palácio. Entrando em sua própria morada, ansioso para informar Janaki da proposta do rei e não encontrando a princesa no seu próprio apartamento, Rama foi ao palácio de sua mãe. Lá ele viu a rainha Kaushalya, sentada no templo, cumprindo o voto de silêncio e rezando pelo bem-estar de seu filho. Avisados do decreto do soberano, Shri

Lakshmana e Sumitra já estavam no palácio da rainha principal, e Sita também, tendo sido convocada para lá, estava sentada ao lado dela.

A rainha Kaushalya acompanhada pela rainha Sumitra, Lakshmana e Sita, tendo ouvido que Shri Rama seria instalado quando a estrela Pushya estivesse em ascensão, estava meditando em Narayana,[139] com os olhos fechados e a respiração controlada.

Shri Rama, aproximando-se de sua mãe, prestou reverência a ela e exclamou com alegria: "Ó mãe, meu pai me mandou servir as pessoas e amanhã eu vou assumir a responsabilidade do governo. Shri Vasishtha, meu preceptor, e outros sábios ordenaram que a princesa Sita, essa noite, jejue comigo. Ao amanhecer, a princesa Sita e eu vamos realizar aquelas preces e ritos próprios para a ocasião".

A rainha Kaushalya, muito desejosa desse evento, derramando lágrimas de alegria, respondeu: "Ó Rama, meu filho amado, que tu vivas por muito tempo e que todos os teus inimigos pereçam. Adquirindo o trono, que tu tragas alegria para os teus amigos, parentes e também para a rainha Sumitra. Ó filho, certamente tu nasceste sob uma estrela auspiciosa já que foste favorecido pelo teu nobre pai por teus atributos excelentes. O propósito da minha devoção e austeridade, empreendidos para agradar a Narayana de olhos de lótus, foi cumprido hoje visto que tu estás prestes a obter o reino da dinastia de Raghu".

Shri Rama, ouvindo as palavras de sua mãe, dirigiu-se sorridente a Shri Lakshmana, ele que sempre prestava honras a seu pai, e disse: "Ó Lakshmana, compartilha comigo o governo do reino, tu és o meu segundo eu, o domínio é igualmente teu. Ó irmão, eu desejo a vida e um reino por tua causa".

Nisso, Shri Rama, curvando-se às duas rainhas, com sua permissão se retirou com Sita para o seu próprio aposento.

Capítulo 5 – Eles jejuam por conselho de Vasishtha

O rei Dasaratha, após ter comunicado ao seu filho Rama o conhecimento da sua regência que se aproximava, então chamou seu preceptor espiritual, Shri Vasishtha, e se dirigiu a ele, dizendo: "Ó sábio, cuja única riqueza é a austeridade, bondosamente te aproxima de Shri Rama e faze-o observar um jejum com a princesa Sita em preparação para a sua coroação".

Shri Vasishtha, respondendo, "Que assim seja", foi ele próprio ao palácio de Shri Rama. Subindo em uma carruagem puxada por dois cavalos, ele foi até o palácio, e entrando pelos três portões, se aproximou da morada de Raghava, branca como uma nuvem.

Shri Rama, sabendo da chegada de seu preceptor, saiu rapidamente para recebê-lo e oferecer-lhe a devida reverência. Tomando-o pela mão, ele o ajudou a descer da carruagem e, estudando o seu estado de espírito, fez perguntas a respeito de seu bem-estar.

O venerável Vasishtha disse: "Ó Rama, teu nobre pai é atencioso para contigo, amanhã tu serás proclamado governante do reino, faze jejum hoje. Amanhã, o rei Dasaratha te instalará como regente, como Nahusha antigamente transferiu seu reino para Yayati."

[139] Narayana: um nome do Senhor, as águas (nara) sendo Seu primeiro centro de movimento.

Tendo proferido essas palavras, o conhecedor da verdade, o soberano dos munis, pediu a Rama e Sita para fazerem jejum aquela noite.

Então Shri Ramachandra saudou Shri Vasishtha respeitosamente, e o preceptor real aceitando a sua saudação partiu para sua casa.

Conversando alegremente com seus amigos, Shri Rama, quando pedido por eles, retirou-se para os aposentos internos. O palácio de Raghava estava repleto de homens e mulheres alegres, e parecia um lago cheio de lótus visitado por inúmeras aves.

Saindo do palácio, Shri Vasishtha percebeu que as ruas estavam cheias de pessoas. Todas as estradas que entravam em Ayodhya estavam tão lotadas de espectadores ansiosos para testemunhar a coroação de Shri Rama que ninguém podia passar para lá e para cá sem dificuldade. O som das multidões gritando de alegria, enchendo as estradas, parecia o bramido do mar.

Todas as ruas da capital foram varridas e borrifadas com água; de ambos os lados, guirlandas de flores estavam pendendo, e cada casa estava enfeitada com bandeiras e estandartes. Homens e mulheres, crianças e idosos, todos esperando avidamente o amanhecer, para que eles pudessem testemunhar a cerimônia sagrada, aguardavam com ansiedade o grande festival que promoveria a sua felicidade.

O sacerdote Shri Vasishtha, evitando as ruas lotadas, finalmente chegou ao palácio real. Subindo a varanda que parecia uma nuvem branca, ele cumprimentou o rei como Brihaspati presta homenagem a Indra.

Vendo o sábio se aproximando, o rei levantou-se e perguntou o que Shri Rama tinha dito. Shri Vasishtha respondeu: "Tudo está preparado". Quando o rei se levantou de seu trono, toda a assembleia se levantou para honrar o sábio venerável.

Tendo ouvido o relatório do seu preceptor espiritual, o rei, dispensando a corte, se retirou para o aposento interno, como um leão entra em sua caverna.

Entrando naqueles apartamentos suntuosos e ricamente ornamentados iguais a um dos palácios de Indra, ele se parecia com a lua deslizando pelos céus.

Capítulo 6 – A cidade de Ayodhya é decorada para a proclamação

Shri Vasishtha tendo partido, Shri Ramachandra e Sita de olhos grandes se purificaram, e adoraram mentalmente o Senhor Narayana. Oferecendo saudações ao recipiente contendo a oblação sacrifical e para propiciar Narayana, Shri Rama derramou manteiga clarificada no fogo sagrado. Então compartilhando do restante da oferenda e rezando pelo que era auspicioso, sentado sobre a grama kusha, ele meditou em Shri Narayana. Observando silêncio com mentes purificadas, o príncipe e a princesa dormiram no templo. Três horas antes da aurora, eles se levantaram e fizeram seus servos limparem e decorarem o palácio. Então, depois de ouvirem a recitação das baladas dinásticas que lhes causavam grande prazer, eles realizaram as suas devoções da manhã e repetiram silenciosamente a Gayatri. Quando o sol nasceu, vestidos em trajes de seda, eles saudaram Shri Narayana residente no orbe dourado e depois instruíram os brâmanes eruditos a recitarem o Canto da Paz e outras preces.

O som profundo e melodioso do Canto da Paz, recitado pelos brâmanes, misturando-se com a batida dos tambores, encheu a capital de Ayodhya. Os

habitantes da cidade, sabendo que Rama e Sita estavam fazendo jejum e oferecendo devoção ao Senhor, estavam cheios de alegria.

Ao amanhecer do dia os cidadãos trouxeram figueiras, instalando-as como pilares para enfeitar a cidade para a coroação vindoura. Os templos altos parecendo os picos do Himalaia, as casas majestosas, as estradas, as crescentes e as ruas, as lojas cheias de mercadorias, as mansões onde os membros da família real moravam, as salas de assembleias públicas e as árvores altas estavam todas enfeitadas com bandeiras de diferentes cores que flutuavam na brisa. Aqui e ali, companhias de atores e dançarinos davam alegria ao povo por cantarem docemente e tocarem seus instrumentos melodiosamente. No mercado, nas casas, em casa e fora de casa, todos só falavam da proclamação vindoura de Shri Rama como soberano. Crianças brincando na frente de suas casas também conversavam sobre esse assunto.

Em honra da ocasião, as estradas foram cobertas com flores, e perfumadas com incenso e odores agradáveis; lâmpadas foram colocadas aqui e ali para que a procissão real passasse à noite.

Tendo decorado a cidade, os habitantes, aguardando a proclamação, reuniram-se em assembleias públicas ou ficaram nas tribunas erguidas. Elogiando o rei Dasaratha, eles disseram: "Aquele poderoso rei Dasaratha da dinastia de Ikswaku é de fato um homem piedoso. Percebendo que envelheceu, ele próprio está instalando Rama como governante. Quão bondoso é o nosso rei que ele está nos colocando sob o governo de Shri Ramachandra. Que o Senhor proteja por longo tempo o príncipe como nosso soberano. Shri Rama é simples, altamente erudito, dedicado à justiça e afetuoso com seus irmãos. Virtuoso e sábio, Shri Rama nos ama como aos seus próprios irmãos. Que o justo e impecável rei Dasaratha viva muito, por cuja graça nós vemos Rama entronizado hoje".

Ouvindo os louvores ao rei Dasaratha pelo povo, aqueles que viviam muito distantes foram atraídos para a cerimônia sagrada e se reuniram para ver o cortejo real, enchendo a cidade de Ayodha Puri.

No dia da lua cheia, o tumulto da multidão era como o bramido do oceano. As pessoas vindo de perto e de longe para Ayodhya, que parecia a cidade de Amaravati, aumentaram a beleza da capital como criaturas aquáticas contribuem para a beleza do mar.

Capítulo 7 – A criada corcunda, Manthara, informa a rainha Kaikeyi sobre a vindoura instalação de Shri Rama

Nesse momento, a rainha Kaikeyi tinha uma serva que a tinha acompanhado desde a casa do seu nobre pai e estava sempre a serviço da rainha. Seu nome era Manthara.

Por acaso, subindo a varanda do palácio que parecia a lua cheia, ela viu que a capital Ayodhya estava enfeitada com guirlandas de lótus e as ruas principais aspergidas com água. Bandeiras estavam flutuando dos topos das casas altas, as estradas niveladas, e as ruas largas lotadas de pessoas. Brâmanes santos carregando presentes auspiciosos estavam esperando para oferecê-los a Shri Ramachandra; os templos estavam pintados de branco e melodias de instrumentos musicais ressoavam em todos os lugares. Exultantes com as festas, multidões jubilosas estavam cantando os mantras vêdicos e não só homens, mas elefantes,

cavalos e bovinos demonstravam sua alegria do seu próprio modo peculiar. Bandeiras grandes debruadas com flores estavam sendo carregadas por cidadãos alegres vagando aqui e ali.

Manthara ficou surpresa ao ver essas atividades incomuns e, encontrando a ama real de Shri Rama vestida elegantemente com um manto de seda branca, ela a questionou, dizendo: "Porque a rica rainha Kaushalya, mãe de Shri Rama, está distribuindo imensas riquezas em caridade hoje? Por que o povo da capital está tão alegre? O que o rei alegre está prestes a realizar?"

A ama real, tomada de alegria naquele momento, falou à corcunda Manthara da entronização de Rama. Ela disse: "Amanhã, ao amanhecer, sob a estrela Pushya, o rei Dasaratha irá instalar o impecável Rama, o subjugador da ira, como Yuvaraja".

As palavras da ama encheram a mulher corcunda de ira ciumenta. Descendo rapidamente do alto palácio que parecia o monte Kailasa, aquela mulher pecadora, consumida pela malícia, entrou no quarto da rainha Kaikeyi e, acordando-a, se dirigiu a ela deste modo:

"Por que estás dormindo, ó iludida? Tu estás em perigo iminente; tu estás cega para o futuro sofrimento? Ó bela, a boa sorte que tu alardeias está prestes a findar, como um rio que seca no verão".

A rainha Kaikeyi, aflita pelas palavras amargas da pecaminosa serva corcunda, respondeu-lhe dizendo: "Ó Manthara, está tudo bem? Por que eu te vejo com um semblante sombrio, qual é o motivo da tua angústia?"

Ouvindo os tons gentis da rainha Kaikeyi, Manthara, que era cheia de esperteza, assumindo um semblante triste e fingindo amizade pela rainha, falou com amargura, "Ó devi, uma grande calamidade te aconteceu. Ouve-me! O rei Dasaratha está prestes a proclamar Shri Ramachandra como regente. Eu estou imersa no mar insondável do medo; eu estou aflita pela dor e a tristeza; eu estou como se chamuscada pelo fogo, e para o teu bem eu vim aqui. Ó Kaikeyi, teus problemas são meus problemas, tuas tristezas minhas tristezas, isso eu tenho certeza. Escuta! Tu és a filha de uma grande Casa real e tu és a favorita do rei Dasaratha. Por que tu és enganada por suas artimanhas? Exteriormente, teu marido parece ser alguém que fala a verdade, mas, interiormente, ele é um homem enganoso. A fala dele é agradável, mas o seu coração é duro. Tua honestidade é a causa do teu sofrimento. Persuadindo-te por palavras ilusórias, o rei te visita e te fala palavras insinceras. Ao entregar o reino ao filho de Kaushalya, ele procura fazer dela senhora de todos. Como uma mãe afetuosa, tu tens nutrido no teu colo o inimigo que é chamado de teu senhor. Tu pareces alguém que pressionou uma serpente junto ao peito crendo, por ilusão, que ela é seu bebê. Como uma cobra ou um inimigo prejudica aquele que o poupou, assim o rei Dasaratha hoje se comporta contigo e teu filho. Esse monarca enganoso, pecaminoso, vai destruir a ti, teu filho e teus parentes, que são dignos de felicidade, por entronizar Shri Ramachandra. Ó tu de intelecto iludido, sempre indiferente ao teu próprio bem, ouve-me, ainda há tempo. Faze o que quer que tu possas fazer para o teu próprio benefício e, assim, protege teu filho e a mim".

Ouvindo as palavras de Manthara, a bela rainha levantou-se de sua cama, como a lua outonal. Cheia de surpresa e prazer, ela tirou de seu corpo um ornamento precioso e ofereceu-o à mulher corcunda.

Aquela adorável, inigualável em beleza entre as mulheres jovens, disse a Manthara: "Ó Manthara, tu me trouxeste notícias alegres. Dize-me, o que eu posso te oferecer em troca dessas palavras agradáveis? Eu não acho que há diferença entre Rama e Bharata. Eu ficarei, portanto, plenamente satisfeita se o rei instalar

Shri Ramachandra. Ó querida, nada é mais agradável para mim do que a notícia da entronização de Shri Rama. Pede o que quiseres, que eu te darei".

Capítulo 8 – Manthara convence a rainha de que Bharata deve ser regente e o príncipe Rama banido

Incitada por decepção e raiva, Manthara, lançando longe a joia, com desdém, gritou: "Ó rainha tola, essa não é ocasião de regozijo, tu sabes que tu estás prestes a ser submersa em um mar de tristeza? Eu não posso deixar de rir em silêncio da tua tolice. Tu te alegras quando há razão para lamentar. Eu tenho pena da tua simplicidade, como uma mulher se alegraria pela promoção do filho da sua inimiga? O príncipe Bharata tem o mesmo direito ao reino que Ramachandra. Rama teme o príncipe Bharata e, temendo-o, procura destituí-lo. Lakshmana, embora herdeiro do trono, é servo obediente de Rama, assim como o príncipe Shatrughna é fiel a Bharata. Ó bela, por nascimento Bharata tem direito ao trono. Tradicionalmente, o reino deveria ser dele. Shri Rama é bem versado em assuntos de estado, e age de imediato em seus próprios interesses. Sabendo do perigo que ameaça Bharata da parte de Rama, eu estou cheia de medo.

"Hoje, a rainha Kaushalya é afortunada de fato, seu filho será entronizado pelos brâmanes sagrados ao amanhecer, quando a estrela Pushya estrela estiver em ascensão. Daí em diante, tu terás que ficar em completa submissão como uma pedra, diante da rainha Kaushalya cujos inimigos serão subjugados. Assim, não só tu, mas o príncipe virtuoso Bharata se tornará um servo e dependente da rainha Kaushalya. As mulheres da casa de Shri Rama ficarão cheias de alegria, mas as tuas noras, não tendo prestígio, sofrerão de grande ansiedade e tristeza".

A rainha Kaikeyi, acreditando que Manthara realmente estava disposta benevolentemente para com ela, começou a exaltar as grandes virtudes de Ramachandra, dizendo: "Shri Rama instruído por seu santo guru é verdadeiramente justo, grato, verdadeiro e piedoso; ele, o filho mais velho do rei, certamente merece ser feito regente. Que ele tenha vida longa! Ele sempre vai proteger seus irmãos e servos como um pai protege seus filhos. Ó Kubija,[140] por que estás com ciúmes da coroação de Rama? Após cem anos, Bharata herdará o trono de seus antepassados ilustres. Por que estás triste em tal ocasião alegre, ó Manthara? Shri Ramachandra é tão querido para mim quanto Bharata, ele me serve com maior zelo até do que ele serve a rainha Kaushalya. Se Shri Rama subir ao trono, será como se Bharata governasse a terra; Shri Rama considera seu irmão como a si mesmo".

Ouvindo as palavras da rainha, Manthara, intensamente provocada, suspirou profundamente e disse: "Ó estúpida, tu consideras que a adversidade é prosperidade, tu estás afundando em um oceano de sofrimento, mas não percebes isso. Quando Rama se tornar rei, quem o sucederá, o príncipe Bharata ou seu próprio filho? O príncipe Bharata ficará sem um reino para sempre.

"Ó bela princesa, todos os filhos do rei não podem ocupar o trono, e se pudessem, isso traria calamidade. Portanto, ó Kaikeyi, o soberano confere seu trono ao filho mais velho; no entanto, se o filho mais novo for dotado de boas qualidades que ele pode suceder; o reino é dado a um e somente a um. Quando Rama se tornar rei, então o teu filho, como um órfão, privado de todo o conforto, será expulso

[140] Kubija: corcunda.

da dinastia real para sofrer. Eu vim te dizer isso para o teu bem e tu não compreendes. Se tu fosses sábia, tu não me recompensarias com essa joia por causa do aumento da prosperidade da tua rival. Seguramente, quando Rama assumir a regência, ele vai banir o príncipe Bharata ou condená-lo à morte. Através da proximidade as pessoas adquirem afeto mesmo por objetos inanimados, mas tu enviaste teu filho em sua infância para a casa do teu pai.

"O príncipe Shatrughna acompanhou Bharata; Lakshmana segue Rama como Shatrughna segue Bharata. É dito que uma árvore escolhida para o corte pelos moradores da floresta é preserva pela proximidade dos arbustos espinhosos ishika. Assim Lakshmana sempre protegerá Rama, e Rama em troca preservará Lakshmana. Esses dois irmãos se amam como os Aswins; isso é bem conhecido. Rama, portanto, buscará prejudicar Bharata embora ele sempre vá proteger Lakshmana. Eu, portanto, considero que seria melhor Bharata fugir para a floresta. Se Rama suceder ao reino de seu pai, como o teu bem-estar e o dos teus parentes pode ser assegurado? Para ti Bharata é um filho digno de felicidade, mas para Rama ele é um rival. Quando Rama for rei, Bharata não vai viver por muito tempo. Cabe a ti, portanto, ó rainha, proteger o príncipe Bharata, como o líder de uma manada de elefantes a protege do pulo do leão. Induzida pelo orgulho, tu no passado menosprezaste a rainha Kaushalya; tu achas que ela te poupará quando ela for a rainha principal? Ó bela, observa bem, quando Rama obtiver o reino junto com suas montanhas, mares e vales, então tu e o teu filho, o príncipe Bharata, sofrerão ignomínia. Seguramente, quando Rama for rei, o príncipe Bharata será privado de vida, portanto, age para que Rama possa ser exilado para a floresta e Bharata obtenha o reino".

Capítulo 9 – A rainha Kaikeyi se decide sobre o seu plano perverso

O rosto da rainha Kaikeyi enrubesceu de raiva, e suspirando profundamente, ela disse para Manthara: "Hoje eu de fato banirei Rama e garantirei que Bharata seja proclamado regente. Ó Manthara, como Bharata pode se tornar regente, e Rama ser privado do reino?"

Ouvindo essas palavras, a pecaminosa Manthara, desejando a destruição total de Shri Rama, disse à rainha: "Ouve, ó Kaikeyi, eu vou te revelar o único modo de ação que levará à coroação do príncipe Bharata. Ó Kaikeyi, tu esqueceste o que me contaste frequentemente? Ó amante de poesia, se for a tua vontade ouve dos meus lábios a história, ouve e então age".

Ao ouvir isso, a rainha Kaikeyi, levantando-se da cama, respondeu: "Ó Manthara, conta por quais meios Bharata pode obter o trono e Shri Rama sofrer um revés".

Então a perversa Manthara, desejosa de prejudicar Rama, disse: "Antigamente, quando o teu marido estava envolvido em uma guerra entre os devas e os asuras, ele apoiou a causa de Indra. Ele te levou com ele e eu te acompanhei. Ó Kaikeyi, ao sul, na floresta de Dandaka, governava um rei chamado Timidwaja em sua capital Bijayanta. Ele era versado na magia chamada Shambara, e ele não podia ser vencido pelos deuses. Ele travou guerra com Indra e no grande conflito os asuras, à noite, levavam os feridos de suas camas e os matavam. O rei Dasaratha lutou grandes batalhas com esses asuras que perfuraram seu corpo muitas vezes com suas armas. Ele, caindo inconsciente, tu, ó devi, o levaste do campo de batalha

e, quando eles ainda o atacavam, o protegeste habilmente. Ó bela, então o rei, teu marido, bem satisfeito contigo, te ofereceu duas bênçãos, e tu respondeste: 'Eu as reivindicarei quando surgir a necessidade'.

"Eu não estava então familiarizada com esse assunto, mas tu mais tarde o relataste para mim. Induzida pelo meu amor por ti, eu guardei tudo isso em minha memória. Agora, exige a cessação dos preparativos para a entronização de Shri Rama. Como a primeira benção pede a proclamação de Bharata como regente, e como a segunda o banimento de Rama por quatorze anos. Durante o período de seu exílio, os homens passarão a amar o teu filho e seu governo será assegurado.

"Ó filha de um rei poderoso, entrando no quarto da ira, vestida em traje sujo, atira-te no chão nu. Quando o rei entrar, nem olha nem fala com ele, mas, rolando no chão, continua a chorar. Sem dúvida tu és muito querida para o teu marido que, por tua causa, entraria em um fogo ardente. O rei nunca te provocaria nem suportaria te ver chorar. Ele sacrificaria a própria vida por tua causa. O rei não pode ser indiferente aos teus pedidos. Ó indolente, testa o poder da tua beleza hoje; mas tem cuidado que o rei pode te oferecer diamantes, pérolas, ouro e outras pedras preciosas, e não sê apanhada na cilada da ganância.

"Ó afortunada, faze o rei se lembrar das duas bênçãos prometidas a ti no campo de batalha; esforça-te muito para o sucesso da tua tarefa. Se o rei quiser te levantar, o permite sob o juramento de renovar sua promessa. Dize a ele: 'Ó grande rei, manda Rama para o exílio por quatorze anos e faze de Bharata o soberano do reino'.

"Enquanto Rama estiver ausente, o governo de Bharata será estabelecido e ele reinará para sempre. Ó bela, exige do rei Dasaratha o exílio de Rama e tudo ficará bem com teu filho. Os homens esquecerão seu amor por Rama e deixarão de se importar com ele, e Bharata não terá inimigo em lugar algum. Quando Shri Rama voltar, a supremacia de Bharata estará firmemente estabelecida; governando com amor, ele irá inspirar afeto e muitos amigos vão apoiá-lo. Portanto, ó rainha, questionada pelo rei, sem medo e com firmeza exige que os preparativos para a entronização de Rama cessem".

Kaikeyi, assim persuadida a executar o plano perverso de Manthara e totalmente preparada para lhe dar cumprimento, seguiu seu conselho como um pintinho segue sua mãe. A bela rainha, aflita porque o rei não a tinha consultado a respeito desse grande evento, disse: "Ó Manthara, tu és realmente a minha sincera benquerente! De todas as criaturas deformadas sobre a terra, tu és a mais sábia. Ó Kubija, até agora, eu não consigo entender a real intenção do rei. Mulheres deformadas geralmente são pecaminosas e perversas, mas tu, ó Kubija, és única, semelhante a um lótus inclinando-se à brisa. Apesar do teu defeito físico, tu não deves ser desprezada. Parece que a tua cintura fina, envergonhada do teu peito cheio arredondado, se retraiu. Ó Manthata, o teu rosto é como a lua cheia, tu és realmente adorável, o teu corpo é suave, tua cintura enfeitada com um cinto, tuas coxas são longas, teus membros delgados. Ó Manthara, quando tu andas diante de mim, vestida com um sari de seda, chegando aos teus tornozelos, tu és tão graciosa quando um cisne.

"Familiarizada com toda graça e agrado, a tua corcunda saliente como o cubo de uma roda é certamente cheia de sabedoria, diplomacia e entendimento. Eu, portanto, te presenteio com uma corrente de ouro para enfeitá-la.

"Ó mulher encantadora, quando Bharata se tornar rei e Rama for para o exílio, eu vou cobrir a tua corcunda com ouro laminado. Quando eu estiver certa do

sucesso do meu empreendimento, eu vou aplicar pasta de sândalo à tua corcunda, e à tua fronte um diadema de ouro e pedras preciosas.

"Ó Kubija, eu te darei ornamentos de ouro puro, assim vestida e adornada tu serás livre para viver como quiseres. Tu envergonharás as minhas irmãs rainhas e as precederás com orgulho. Ó tu cujo rosto é incomparavelmente belo, tu és uma rival da lua cheia. Ó deformada, muitas mulheres corcundas usando ornamentos de ouro te atenderão como tuas servas".

Assim bajulada, Manthara, reclinada em um sofá branco, brilhante como uma chama do altar, falou: "Ó afortunada, é inútil construir uma barragem quando a água já escapou, por isso, enceta a tua tarefa imediatamente. Vai esperar o rei no quarto da ira".

Assim incitada pela Kubija, a rainha Kaikeyi de belos olhos, cheia de ambição, entrou no quarto da ira com Manthara. Lá, inspirada pela mulher corcunda, jogando no chão o seu colar de pérolas de valor imensurável, a rainha, rolando no chão, se dirigiu a ela: "Ó Kubija, ou Rama irá para o exílio e Bharata obterá o reino, ou o rei Dasaratha terá notícias da minha morte. Eu nem colocarei ornamentos, nem comerei pratos deliciosos; se Rama for instalado, isso será o fim da minha vida".

Manthara continuou a instruir Kaikeyi da maneira mais cruel, proferindo palavras hostis a Rama. "Saibas bem, ó afortunada, que se Rama se tornar governante, isso significará sofrimento eterno para ti e teu filho. Portanto esforça-te para derrubá-lo".

A rainha, ferida pelas flechas das palavras de Manthara, colocando as duas mãos em seu coração, respondeu com raiva: "Ó Kubija, ou tu levarás a notícia da minha morte ao rei, ou Rama será exilado e Bharata entronizado. Se Rama não for exilado, então eu não dormirei em uma cama nem usarei trajes flutuantes, nem aplicarei pasta de sândalo nem antimônio em meu corpo. Se Bharata não for entronizado, eu não comerei nem beberei. Se isso não for feito, eu não desejarei viver".

Tendo resolvido isso firmemente, lançando seus enfeites no chão, ela, ela mesma, deitou-se como uma kinnari[141] caída. Sua face velada em ira, seu corpo despido de suas guirlandas e joias, a rainha se assemelhava ao céu desprovido do sol e das estrelas.

Capítulo 10 – O rei fica profundamente aflito ao ver a rainha chorosa

Incitada por Manthara, Kaikeyi, como uma kinnari, continuou a rolar no chão como se ferida por uma flecha envenenada. A rainha astuta, elaborando um plano, gradualmente revelou seu esquema para Manthara. Dando suspiros profundos, como uma cobra, Manthara ficou cheia de satisfação, percebendo a sua favorita, Kaikeyi, decidida em seu rumo de ação perverso.

Refletindo sobre o assunto, dilacerada pelo ciúme, a rainha, arrancando suas sobrancelhas, espalhou seus ornamentos brilhantes no chão adornando-o como as estrelas iluminam o firmamento. Jazendo assim, vestida em trajes sujos com seu cabelo despenteado, ela parecia uma ninfa caída do céu.

[141] Kinnaris: seres míticos, coristas celestes, ditas terem surgido do dedo do pé de Brahma.

O rei, tendo dado suas instruções para a instalação de Shri Rama, dispensou a corte e entrou nos aposentos internos das rainhas para informá-las da grande ocasião.

Ansioso para dar as boas novas às suas amadas consortes, o ilustre rei Dasaratha entrou no apartamento interno, indo primeiro à bela morada de Kaikeyi. Como a lua navega em um céu claro após o eclipse, assim o rei entrou no aposento da rainha Kaikeyi. Ele passou pelo jardim embelezado por papagaios, pavões, cisnes e garças. Música estava tocando suavemente, enquanto empregadas anãs e corcundas passavam para lá e para cá. Havia caramanchões folhosos e alcovas em cujas paredes foram pintadas belas imagens. Em todo lugar champaka[142] e asoka[143] abrilhantavam a vista, enquanto outras árvores estavam carregadas de flores e frutos. Altares de marfim, prata e ouro com fontes de água corrente ao lado de assentos embutidos com metais preciosos e joias caras, onde comida e bebida deliciosas eram servidas constantemente, transformavam o palácio no próprio paraíso.

O rei entrou nos aposentos internos, mas não viu a rainha no leito onde o desejo o levara a procurá-la. Chamando alto e não recebendo resposta, ele entristeceu-se; nunca antes Kaikeyi tinha perdido a hora do flerte, nunca antes o rei tinha encontrado o apartamento deserto. O monarca, querendo saber onde a rainha estava, questionou uma serva, que respondeu com medo e submissão: "Ó majestade, ela entrou na câmara da ira".

Ao ouvir essas palavras, o coração do soberano ficou muito perturbado. Inquieto e agitado em mente, o rei curvado com tristeza entrou no quarto da ira e encontrou a rainha deitada no chão de forma imprópria. O rei que, na sua velhice, amava a jovem rainha tão profundamente quanto a sua própria vida, ficou profundamente aflito com a visão. Aquele monarca impecável contemplou a ambiciosa Kaikeyi deitada no chão como um ramo arrancado de uma árvore, ou uma ninfa empurrada do céu. Ela jazia como um apsara caída na terra, quando seu mérito se esgota, ou como uma guirlanda rompida, ou uma corça apanhada numa armadilha pelo caçador, ou como um jovem elefante ferido por uma flecha envenenada.

De pé sobre ela como um imenso elefante, o monarca a olhou com carinho. Afagando-a gentilmente, apreensivo, contudo impulsionado pelo desejo, o rei se dirigiu à sua rainha de olhos de lótus: "Ó devi, eu não sei por que tu estás descontente, por quem tu foste insultada. Ó, dize-me! Ó auspiciosa, eu estou aflito ao te ver deitada no pó, porque tu, sempre benevolente para comigo, estás deitada no chão? Tu és tão querida para mim como a minha própria vida, por que tu ages como alguém possuído por um espírito maligno? Tu estás doente? Se assim for, eu tenho muitos médicos eminentes que podem curar o teu mal, que, estando satisfeitos com os presentes e as honras concedidas a eles, estão prontos para obedecer à minha vontade. Em um instante eles te devolverão a saúde. Ó bela, dize-me os sintomas da tua enfermidade. Ou tu desejas recompensar ou punir algum homem? Não deixes que o encanto do teu rosto seja desfigurado pela dor.

"Para te agradar, eu condenarei à morte alguém que não merece a pena, ou perdoarei alguém que merece a morte. Eu reduzirei um homem rico à pobreza, ou tornarei rico um indigente. Eu e todos os que pertencem a mim somos teus servos obedientes. Eu nunca me oporei à tua vontade, ó rainha. Se eu puder te agradar,

[142] Champaka: magnólia, Michelia champaka.
[143] Asoka: uma árvore parecida com o coqueiro.

mesmo à custa da minha vida, tu tens só que falar. Tu bem sabes o quanto eu te amo, agora me dize o que eu posso fazer por ti.

"Eu juro realizar o que quer que tu desejes. Conhece-me como o monarca de um reino no qual o sol nunca se põe. As terras de Drivira, Sindhu, Souvira, Sourashtra, Dakshinaputha, Vanga, Anga, Maghandha, Matsha, Kashi e Koshala junto com sua produção e riqueza abundantes são governadas por mim. Se tu desejas alguma dessas, me dize.

"Ó frágil, por que tu te causas sofrimento? Levanta-te, levanta-te, ó querida, o que tu temes? Ó Kaikeyi, como o sol dissipa a névoa, eu dissiparei os teus medos".

Assim lisonjeada pelo rei, Kaikeyi pareceu um pouco pacificada, contudo, para afligir seu marido, ela começou a proferir palavras amargas e duras.

Capítulo 11 – Ela pede as duas bênçãos prometidas a ela pelo rei

A rainha se dirigiu ao grande soberano, Dasaratha, que, dominado pelo desejo, tinha sido perfurado pelas flechas de Kama-deva[144] e disse: "Nem eu estou doente nem alguém me insultou. Eu nutro certa ambição que tu podes realizar. Se tu estás disposto a fazer isso, então me dá a tua promessa solene e eu darei a conhecer seu teor a ti".

O monarca resplandecente, agitado pelo desejo, erguendo a cabeça da rainha do chão tomou-a nos braços e respondeu sorridente: "Ó afortunada, tu não sabes que ninguém é mais querido para mim do que tu, exceto aquele leão entre os homens, Shri Ramachandra? Eu juro pelo invencível Rama, que é ainda mais querido para mim do que tu, que eu vou realizar a tua ambição. Ó Kaikeyi, eu juro por Rama, sem ver a quem eu não posso viver uma hora, que realizarei o teu desejo. Ó querida, por meu juramento eu demonstrei a ti a intensidade do meu amor, agora me dize o que tu desejas. Sabendo do grande amor que eu tenho por ti, não tenhas medo; pelos meus atos meritórios, eu te declaro, eu te concederei o que tu pedires".

Seguindo as instruções de Manthara, sabendo que a realização da sua ambição estava perto e preocupada com a promoção de Bharata, Kaikeyi falou asperamente. Satisfeita com a atitude do rei, ela, parecendo o terrível deus da morte, dirigiu-se a ele: "Ó grande rei, antigamente tu me prometeste duas bênçãos, do que os trinta e três deuses foram testemunhas. Ó rei, a lua, o sol, o éter, os planetas, o dia e a noite, os pontos cardeais, o universo e aqueles que nele habitam, a terra, os gandharvas, os asuras, os espíritos e outros seres são testemunhas daquela promessa que me foi dada por ti. Ó deuses, ouçam com atenção as bênçãos que o rei, um amante da verdade, altamente resplandecente e familiarizado com a lei do dever, me concede".

A rainha Kaikeyi, louvando o rei, que estava tomado de desejo e pronto para dar qualquer benção, disse: "Ó rei, lembra como, na guerra entre os deuses e os asuras, tu caíste ferido como morto, e eu te salvei pela aplicação dos meios adequados? Na tua recuperação, tu me prometeste duas bênçãos. Ó monarca verdadeiro, agora eu desejo sinceramente essas duas bênçãos que tu tens o poder de conceder. Se tu, apesar de tuas promessas dadas, não realizares esses desejos, então eu vou renunciar à minha vida, desonrada por ti".

---

[144] Kama ou Kandarpa: o deus do amor.

A rainha, mantendo a mente do rei dominada por suas doces palavras, parecia um caçador que, pretendendo matar um veado, prepara uma armadilha para ele. Então se dirigindo ao rei cego de paixão e disposto a conceder qualquer benefício, ela disse:

"Ó deva, me ouve, eu agora reclamo essas duas bênçãos. Usando os preparativos feitos para a instalação de Rama, que o meu filho Bharata seja proclamado regente, essa é a primeira benção. A segunda promessa feita a mim no campo de batalha agora também deve ser cumprida. Que Ramachandra seja exilado para a floresta por quatorze anos, usando um traje de pele, com cabelos emaranhados como um eremita, enquanto o meu filho, o príncipe Bharata, governa sem entraves. Esse é o meu desejo sincero. Que eu, hoje, veja o exílio de Rama. Ó rei, protetor da verdade, preserva a tua integridade e as tradições do teu nascimento. Os rishis declaram que a observância da verdade é o meio mais excelente de alcançar o céu".

Capítulo 12 – O rei sofre amargamente ao pensar em mandar Rama para o exílio

As palavras duras da rainha Kaikeyi causaram intenso sofrimento e agitação ao coração do rei. Ele começou a refletir: "Eu estou tendo um sonho de dia, a minha mente está desequilibrada, eu estou possuído por um espírito do mal, uma estrela inauspiciosa está me causando aflição ou essa perturbação é o resultado de alguma doença?"

Ponderando algum tempo, o rei se acalmou, mas sua mente ainda estava preocupada, e, recordando as exigências da rainha Kaikeyi, ele voltou a ficar inquieto e agitado como um cervo na presença de uma leoa. Exalando suspiros profundos, sentado no chão, ele parecia uma cobra altamente venenosa hipnotizada pelo poder de um mantra. Ele gritou de raiva, "Ai de mim" e caiu sem sentidos.

Depois de um longo tempo, ele recuperou a consciência, e sofrendo grande aflição, cheio de ira, respondeu a Kaikeyi, enquanto seu olhar parecia como se fosse queimá-la. "Ó tu de má propensão, ó destruidora da minha dinastia, que mal Shri Ramachandra ou eu fizemos para ti? Rama sempre tem te tratado como sua própria mãe. Por que decidiste isso? Ai! Eu te trouxe para a minha casa para a destruição do meu lar. Eu te considerei como a filha de um rei e tu te mostraste ser uma serpente venenosa. Todo o meu povo se une em louvor a Rama. Por qual falha eu devo abandoná-lo? Seria possível eu desistir da rainha Kaushalya, de Sumitra, do meu reino, até da própria vida, mas eu não posso abandonar Shri Rama. Ver o herdeiro legítimo alegra o meu coração; quando não o vejo, a minha mente perde a sua capacidade de agir. O mundo pode continuar a existir sem o sol, as colheitas podem crescer sem água, mas eu não posso viver, mesmo por pouco tempo, sem Shri Ramachandra.

"Portanto, ó pecaminosa, abandona a tua arrogância. Vê, eu coloquei minha cabeça a teus pés, tem piedade de mim. Por que tu resolveste essa crueldade, ó perversa? Se tu desejas testar o meu amor pelo príncipe Bharata, então faze isso. Quando antes tu dizias que Rama, meu filho mais velho, tinha direito ao reino por causa de suas virtudes, tu proferias essas palavras em adulação para me agradar ou para extorquir algum serviço de Rama?

"A notícia da instalação de Rama está te causando um descontentamento ardente. Possuída por um espírito do mal, tu não és tu mesma, eu creio. Ó devi, é uma grande calamidade que a Casa de Ikshvaku, famosa por sua probidade, caia em descrédito.

"Se tu não tivesses sido afligida por um espírito maligno, ou influenciada por um planeta pouco auspicioso, tu nunca terias falado em detrimento de outros. É certo que tu estás possuída por uma entidade maligna. Ó filha, tu disseste muitas vezes que amavas Shri Ramachandra assim como o próprio Bharata. Ó devi, como tu ousas buscar o banimento de Ramachandra por quatorze anos? Como tu podes exigir o exílio do virtuoso e gentil Ramachandra por quatorze longos anos? Ó tu de belos olhos, como podes pensar em enviar Rama para o exílio, que sempre te honra? Rama tem te prestado maior respeito do que Bharata. Eu não consigo compreender como tu podes desejar seu exílio. Reflete bem, ninguém no mundo vai te oferecer maior serviço, respeito e obediência do que Rama.

"Entre os milhares de mulheres e servas nos meus aposentos privados, ninguém nunca fala mal de Rama, e ele de coração puro oferece proteção a todos os seres vivos, enquanto seus súditos sempre o amam e obedecem. Ele ganhou os corações de todos os seres ao proteger os interesses dos necessitados e aflitos. Generosidade, serviço fiel ao seu preceptor, coragem no campo de batalha, habilidade no tiro com arco, contribuíram para o seu renome. Veracidade, austeridade, amizade, pureza, simplicidade de vida, conhecimento de filosofia e serviço ao seu professor são qualidades bem conhecidas de Shri Ramachandra.

"Ó devi, Shri Ramachandra, sempre agindo nos mais altos interesses de todos, igual aos maharishis e aos deuses em iluminação, não deve sofrer os males do exílio. Shri Rama nunca falou uma palavra dura a ninguém, como então eu irei, instigado por ti, dar-lhe essa mensagem impiedosa? O que acontecerá a mim sem Rama que é dotado de perdão, gratidão, autocontrole, renúncia, verdade e virtude, e que nunca inflige dor a nenhum ser humano?

"Ó Kaikeyi, eu envelheci e o meu fim está próximo. Nessa condição infeliz eu te rogo que tenhas misericórdia de mim. A terra cercada pelo mar, e tudo o que está contido nela, será tua. Por que tu me conduzes para a beira do abismo escuro da morte?

"Ó Kaikeyi, eu toco os teus pés em súplica. Protege Shri Ramachandra e me salva de desonrar a minha palavra".

O rei Dasaratha, atingido pelo sofrimento, caiu sem sentidos, todo o seu corpo convulsionado e agitado. Repetidas vezes ele rogou à rainha para levá-lo para além do mar de sofrimento, mas ela, cruel, ficando mais dura a cada instante, respondeu: "Ó rei, se tu te arrependeres das duas bênçãos dadas a mim, ninguém no mundo vai te chamar de justo. Quando outros reis te questionarem sobre as tuas promessas, ó justo, qual será a tua resposta? Tu dirás que aquela a quem tu deves a tua vida e por cuja graça tu ainda vives, que te prestou grande serviço na hora do infortúnio e a quem tu prometeste duas bênçãos, agora teve essas bênçãos recusadas?

"Certamente tu te tornarás um estigma na ilustre dinastia de Ikshvaku, tendo dado promessas das quais agora tu recuas prontamente. Recorda que o rei Shivya, que deu a carne do seu próprio corpo para pagar uma promessa, era da tua casa real. O rei Alarka, igualmente da tua dinastia, arrancou seus olhos para que a visão de um brâmane idoso e erudito pudesse ser restaurada, e assim obteve o estado mais elevado. Não somente o homem é obrigado por sua palavra, o oceano, cujos limites estão fixados, não ultrapassa a costa. Portanto, recordando a tua promessa, não a abandona. Ó rei, tu perdeste a razão? Abandonando a verdade, tu darias a

Rama o reino para poderes desfrutar dos abraços da rainha Kaushalya. Esteja de acordo com o dharma ou não, seja verdade ou falsidade, tu deves cumprir a promessa feita a mim, ela nunca deve ser revogada.

"Se tu retirares tua promessa e concederes o reino a Ramachandra, eu abandonarei a minha vida por beber veneno mortal. Se eu visse a rainha Kaushalya recebendo saudações como rainha principal, eu não seria capaz de suportar.

"Ó grande soberano, eu juro por Bharata e pela minha própria vida que nada exceto o exílio de Rama me satisfará".

Depois de falar essas palavras, Kaikeyi ficou em silêncio, desconsiderando as súplicas do monarca aflito. Compreendendo o pleno presságio das palavras duras de Kaikeyi, implicando o exílio de Rama e o governo de Bharata, o rei permaneceu em silêncio por um longo tempo. Seus sentidos entorpecidos, eu olhou firmemente para o rosto da sua amada rainha, falando assim amargamente.

O marajá Dasaratha, aflito ao ouvir a fala ameaçadora de Kaikeyi semelhante a um raio, inspirando dor e aflição, sabendo que ela tinha resolvido banir Rama, gritou: "Ó Rama! Rama!" e dando suspiros profundos caiu por terra como uma árvore derrubada. Como um louco desprovido de juízo ou como alguém em delírio ou uma cobra hipnotizada por encantamentos, ele caiu, privado de sua glória. Em tons abjetos, ele se dirigiu a Kaikeyi, dizendo: "Quem te instruiu nesse plano maléfico, envolto em traje ilusório? Tu não tens vergonha de te dirigires a mim como alguém possuído? Antigamente, eu não te considerava capaz de tal conduta; na juventude, a tua disposição era o contrário. Quem te dominou para que tu buscasses tal bênção? Para com essas palavras injustas que Rama deve ir para a floresta e Bharata ocupar o trono. Ó pecaminosa, ó de coração cruel, ó malfeitora, abandona a insistência na tua decisão, para o teu próprio bem e por causa dos teus súditos e do teu filho. Ou Rama ou eu devemos ter te ofendido. Como nós fizemos isso, que tu falas assim? Seguramente o príncipe Bharata nunca desejará ocupar o trono enquanto Rama viver. Eu julgo Bharata não menos virtuoso do que Ramachandra. Ao instruir Rama a ir para a floresta, vendo-o aflito, como eu poderei olhar para ele? Como eu poderei olhar para o seu rosto escurecido como a lua no eclipse? Como posso revogar aquela decisão tomada em consulta com meus ministros e amigos que desejam o meu bem-estar, causando confusão, como a derrota súbita de um exército pelo inimigo? O que os reis de outras terras dirão quando souberem da quebra da minha decisão, que foi alcançada por consentimento comum? Eles não dirão: 'O rei Dasaratha da Casa de Ikshvaku é como uma criança. Nós nos surpreendemos que ele tenha governado por tanto tempo". Quando os brâmanes idosos, sábios e cultos perguntarem por Rama, eu devo responder a elas que, coagido por Kaikeyi, eu o enviei para o exílio? Se eu disser isso, na verdade, será considerado falsidade visto que eu já instruí meu guru a instalar Shri Rama como regente. O que sua mãe, a rainha Kaushalya, dirá, se eu banir Rama? Como eu hei de explicar esse ato cruel à rainha Kaushalya? Ela é sempre respeitosa, uma amiga, me servindo como uma criada, guardando meus segredos como uma companheira confiável, praticando virtude como uma mulher e ao cuidar do meu bem-estar parecendo uma irmã, servindo-me com alimento delicioso como uma mãe, sempre falando docemente para mim, sempre desejando o meu bem; seu filho é o mais querido para mim. Como posso deixar de dar a ela o devido respeito? Temendo o teu desagrado, quão grande seria o meu arrependimento e remorso posterior?

"Como alguém que come alimento delicioso, realmente prejudicial para ele, depois fica cheio de arrependimento, assim sabendo que Rama foi exilado por minha ordem, a aterrorizada Sumitra não colocará mais fé em mim. Ó, como é

lamentável, Sita, ouvindo essas más notícias da minha morte e do banimento de Shri Ramachandra, abandonará sua vida, como uma ninfa morre privada de seu companheiro em um vale do Himalaia.

"Eu não vou sobreviver por muito tempo ao exílio de Rama e à aflição de Sita. Desfruta do reino com teu filho, mas como uma viúva! Saibas bem, ó devi, não haverá felicidade para mim na vida se Rama for exilado. Como os homens enfeitiçados pela cor de vinho o bebem enquanto pensam mal dele conhecendo as suas consequências prejudiciais, assim eu, encantado por ti, entrei em união contigo, acreditando-te fiel e verdadeira. Contudo agora eu sei que a tua disposição é incomparavelmente vil. Tu me iludiste com truques sedutores.

"Como um caçador engana um cervo por meio de música agradável, assim ai! o povo da capital pensará em mim como o carrasco de meu filho. Eles vão me evitar como a um brâmane que bebe licor embriagante. Ai de mim se eu ouvir palavras tão amargas! Agora eu estou sofrendo aflição profunda como os homens que consomem o fruto das suas antigas iniquidades. Ó pecaminosa, tendo te protegido por tanto tempo, eu é que errei, como o homem que preserva cuidadosamente a corda com a qual ele é finalmente enforcado.

"Como uma criança, em um lugar solitário, brinca com uma cobra negra não sabendo que ela será causa da sua morte, assim sou eu. Quem é mais perverso do que eu que, durante a minha vida, faço com que o meu filho santo se torne um órfão? O mundo inteiro me desprezará dizendo: 'O rei Dasaratha é dominado pela luxúria e pelo incitamento de uma mulher mandou seu filho para o exílio'.

"Shri Rama em sua infância se absteve de carne, mel[145] e vinho, e fiel ao seu voto de brahmacharya, foi reduzido a um esqueleto pela observância de austeridades severas, muito estudo e serviço firme ao seu preceptor. Agora, um chefe de família, chegou a hora em que ele deveria gozar de saúde e prosperidade, mas agora ele é condenado a sofrer grande privação física. É certo que quando eu o mandar ir para a floresta, ele responderá 'Que assim seja, ó majestade'. Ai, seria muito melhor se pudesse ser de outro modo. O meu filho amado certamente não me desobedecerá. Não conhecendo o meu verdadeiro motivo, e acreditando que a ordem vem da sinceridade do meu coração, ele vai concordar e partir de bom grado; mas todos vão me execrar se Rama nos deixar.

"A morte, que não poupa ninguém, vai me levar para a região de Yama quando Shri Ramachandra tiver ido para a floresta, então, ó Kaikeyi, que injustiça grave tu infligirás aos teus parentes restantes e à rainha Kaushalya? Ela, privada de Rama e Lakshmana, não será mais capaz de suportar sua tristeza e abandonará sua vida.

"Ó Kaikeyi, tendo lançado a mim, Kaushalya, Sumitra e meus três filhos no poço da morte, tu poderás ser feliz? Tu serás capaz de proteger a dinastia de Ikshvaku, que por longas eras tem sido governada sem perturbação, quando Rama e eu tivermos ido? Será que Bharata vai aprovar o banimento de Rama? Se assim for, que ele não realize as minhas exéquias. Ó inimiga, que as tuas ambições sejam realizadas. Quando eu estiver morto e Rama banido, então tu, uma viúva, governarás o reino com teu filho.

"Ó tu residente em nosso meio como a pretensa filha de um rei, se tu fosses verdadeiramente uma princesa, a tua fama incomparável não teria sido manchada, nem eu teria sido aviltado por ti.

[145] O mel naquela época sendo obtido por matar todas as abelhas, Shri Rama o evitava.

"Agora o meu filho, acostumado a andar em cavalos, carruagens, e elefantes, terá que andar com os pés descalços na floresta. Ele, que antigamente era servido à mesa por atendentes em uniformes adornados com joias, disputando uns com os outros, dizendo: 'O meu prato é mais doce, ó senhor', como é que Rama daqui em diante viverá de frutos amargos e insípidos da floresta? Como ele passará a sua vida dependente de frutas e raízes? Como Shri Ramachandra, acostumado a roupas caras e cama suntuosa, dormirá no chão nu, vestido com o manto amarelo de um mendicante? Eu não sei por que uma mulher mal-intencionada emitiria esse decreto cruel que Rama deve ser exilado e Bharata ser instalado como regente.

"Ai daquelas mulheres que procuram o ganho material, hábeis em realizar o seu próprio propósito! Eu não condeno todas as mulheres, mas aquelas como a mãe de Bharata. Ó Kaikeyi, versada em fazer o mal, sempre disposta torpemente e buscando o teu próprio benefício, tu entraste em minha casa para me causar aflição? Qual falha tu viste em mim ou em Ramachandra, o amigo de todo o mundo? Ó Kaikeyi, ao ver Rama sofrendo na floresta a teu pedido, pais vão abandonar seus filhos, esposas fiéis seus maridos, e o mundo inteiro vai te condenar.

"Quando eu vejo Shri Ramachandra adornado e belo como um deus, se aproximando de mim, meus olhos ficam encantados; ao vê-lo assim, eu me encho de alegria e coragem. Os assuntos do mundo podem continuar na ausência da aurora, e a terra existir sem chuva, evocada por Indra, mas ninguém na capital vai desfrutar de felicidade vendo Rama ir para o exílio.

"Ai de mim! Hoje, eu estou prestes a perecer por te nutrir por tanto tempo em meus braços, ó Kaikeyi, uma cobra venenosa decidida a me destruir. Tu és a minha verdadeira inimiga. Agora tu, Rama e Lakshmana realizem as minhas cerimônias fúnebres, então governa o reino com teu filho, Bharata. Destrói os meus parentes e amigos, despovoa as minhas cidades e o país, e vive em harmonia com os meus inimigos, ó tu canalha cruel! Por que os teus dentes não se quebram em mil fragmentos, visto que tu falaste inadequadamente diante do teu senhor, e revelaste ostentações vãs. O meu Rama nunca falou uma palavra áspera para ti. Ele não sabe como falar grosseiramente. Tu acusas Rama de vileza, que sempre foi de fala gentil e que é dotado de todas as qualidades excelentes.

"Ó tu difamadora do reino de Kaikeya, eu não concederei teu pedido tu fiques zangada ou triste ou tires tua vida por engolir veneno ou lances tua cabeça contra uma rocha, ou mesmo afundes na terra. Tu proferes palavras afiadas como a borda de uma navalha, enganosas e comoventes, velando-as em tons gentis, a tua natureza é perversa, tu és a destruidora da tua própria família. Tu infligiste amarga agonia a mim. Embora encantadora em aparência, tu és uma mulher perigosa. Eu não desejo me unir com alguém tão infinitamente perverso.

"De que serve falar de amor e alegria, eu não posso viver sem Ramachandra. Ó devi, abstém-te de me destruir. Eu toco os teus pés, tem piedade de mim".

Encontrando seu coração insensível ao seu apelo, o rei Dasaratha, como um órfão, adulador e abjeto, caiu inconsciente aos pés de Kaikeyi como alguém prestes a morrer.

Capítulo 13 – Kaikeyi ignora a imensurável aflição do rei

O rei Dasaratha, deitado no chão em ignomínia absoluta, parecia o rei Yayati caído do céu. A rainha cruel, vendo seu propósito ainda não realizado, ela mesma

sem medo, contudo inspirando terror no coração do rei, mais uma vez exigiu as bênçãos, dizendo:

"Ó rei, tu sempre te consideraste um homem honesto e fiel aos seus votos, por que tu então retiras as bênçãos prometidas a mim?"

Depois de algum tempo, o monarca extremamente inquieto respondeu com raiva:

"Ó mulher pecaminosa, depois da minha morte quando Ramachandra, o chefe de homens, tiver ido para o exílio, tu podes realizar o teu objetivo. No céu, os deuses vão perguntar sobre o bem-estar de Shri Ramachandra. Se eu responder que enviei Rama para o exílio para agradar Kaikeyi, isso será encarado como uma mentira, e ninguém vai acreditar. Após ter passado inúmeros anos sem um filho, como eu iria, após longo sofrimento e ansiedade, sendo abençoado com um herdeiro, abandonar Rama de braços longos?

"Como Rama, corajoso, erudito, tolerante e paciente, cujos olhos são como lótus, pode ser levado ao exílio por mim? Como eu enviaria o belo Rama, cuja tez é como o lótus azul, para a floresta de Dandaka? Shri Rama, merecendo todo o conforto e prazer, não merecedor de tristeza, como eu poderei ver aquele sábio Ramachandra em sofrimento?

"Se eu morresse sem ver Rama aflito, que não merece nenhum sofrimento, o meu espírito sentiria alegria no céu. Ó impiedosa, ó pecaminosa Kaikeyi, por que, por que tu me obrigas a enviar o meu filho querido e sincero, Shri Ramachandra, para a floresta? Eu me exporei à desonra no mundo inteiro".

Assim lamentando e perturbado, o anoitecer tendo caído e a noite passando em ritmo acelerado, o rei Dasaratha aflito e em grande angústia não sentiu nenhum prazer ao contemplar a lua. O velho rei, suspirando pesadamente, continuou a lamentar, e olhando para o céu estrelado gritou: "Ó Noite, enfeitada com estrelas, não passes para a aurora. Ó Noite auspiciosa, com grande humildade, eu te suplico, tem piedade de mim e não vás embora. Eu não tenho nenhum desejo de ver o rosto dessa cruel Kaikeyi, que me causou sofrimento imensurável".

Então o monarca novamente suplicou a Kaikeyi dizendo: "Um homem virtuoso e, contudo infeliz, eu me refugio em ti, pois tenho pouco tempo de vida. Ó auspiciosa! Saibas disso; eu sou um rei e não sozinho, mas na assembleia real eu proclamei Rama como regente. Tem misericórdia de mim, ó Kaikeyi, ó filha, ó dadora de alegria! Concede regência imperecível para Shri Ramachandra e te torna estimada por mim. Ó Kaikeyi, desse modo tu obterás grande renome.

"Ó tu de bela face, deixa Rama ser instalado, assim tu darás alegria a Shri Ramachandra, a Bharata, à corte, mais que isso, ao mundo inteiro".

Então o soberano de coração puro, com os olhos vermelhos em sua aflição irrompeu em uma torrente de lágrimas, mas a ímpia Kaikeyi ignorou tanto a sua bajulação quanto o seu pranto.

O rei, ao perceber que o exílio de Shri Rama não poderia ser evitado, caiu inconsciente no chão. Suspirando profundamente a todo o momento, o rei Dasaratha passou a noite em grande angústia.

Ao amanhecer, os músicos reais começando a tocar para despertar o grande monarca, foram mandados ficar em silêncio por ele.

Capítulo 14 – O rei é dominado pela dor; a rainha convoca Shri Rama

Kaikeyi, vendo o rei perturbado pelo sofrimento, indeciso sobre como agir, e inquieto como um peixe em terra firme, disse:

"Ó rei, qual é o significado da tua dor e tristeza? Tendo me prometido duas bênçãos, tu incorrerás no pecado de omissão? Aqueles versados no segredo da justiça chamam a verdade de a essência da virtude. Eu te peço apenas para proteger a verdade para o teu próprio bem. Ó rei, nos tempos antigos o teu antepassado, o rei Shivya, cumpriu uma promessa feita ao ceder o seu corpo para um falcão e, assim, adquiriu um estado espiritual elevado. Desse modo também o ilustre Alarka extraindo alegremente os seus próprios olhos os deu a um brâmane cego versado no Veda. O Senhor das Águas, o oceano, prestando o devido respeito à verdade, não vai além dos seus limites na época da lua cheia. A verdade é Brahman. A verdade é a coroa da retidão. O imperecível Veda proclama a glória da verdade. Quando o coração é purificado pela prática da verdade, Brahman é percebido. Ó rei, se tu consideras a verdade como o fruto da virtude, então, seguindo a verdade me concede as duas bênçãos, ó concessor de bênçãos. Para salvaguardar a tua felicidade futura, manda Rama para o exílio! Manda Rama para o exílio a meu pedido. Três vezes eu repito o meu desejo. Se tu não exilares Rama, eu não sobreviverei à desonra e rejeitarei a minha vida na tua presença".

Ouvindo as palavras de Kaikeyi, o rei Dasaratha encontrou-se obrigado e incapaz de escapar, como o rei Bali antigamente na presença de Vamana.[146] Atormentado, com sua mente agitada, seu semblante pálido, o rei parecia um novilho cambaleando entre o jugo e a roda. Ansiedade e tristeza oprimiam o rei; com um esforço supremo, reunindo sua coragem e controlando seus sentidos, seus olhos dilatados, ele se dirigiu a Kaikeyi; "Ó mulher pecaminosa, no momento das nossas núpcias, na presença da chama sagrada, eu tomei a tua mão na minha, mas hoje eu te rejeito e ao filho nascido de ti, o príncipe Bharata. Ó devi, a noite quase acabou e o sol está prestes a nascer. Meu guru e os anciãos vão me incitar a realizar a cerimônia de instalação. Que os preparativos feitos para a instalação sejam usados para os meus ritos fúnebres. Que tu não participes deles, ó Kaikeyi, já que tu te opões à instalação de Shri Rama. Como eu olharei para os rostos daquelas pessoas agora cheios de alegria em antecipação à entronização de Rama, que em breve se tornarão entristecidos e melancólicos?"

A noite iluminada pela lua e as estrelas passou enquanto o rei estava falando, e o dia amanheceu. Então Kaikeyi, eloquente em discurso, mas cheia de iniquidade, levada pela raiva, falou veementemente:

"Ó rei, por que tu falas como alguém afetado por uma grave doença? Convoca o teu filho Ramachandra a vir para cá. Instala o meu filho no trono e manda Rama para o exílio. Então tu terás cumprido o teu dever".

O rei, como um cavalo de boa raça sofrendo sob o chicote, respondeu: "Eu estou preso na rede do dharma, estou desprovido de entendimento, deixa-me ver o meu filho mais velho, Shri Rama".

A manhã já tinha surgido, e a noite tinha fugido; o sol tinha nascido e um planeta auspicioso estava em ascensão. O abençoado senhor Vasishtha, dotado de todas as qualidades excelentes, rodeado por seus discípulos, segurando os artigos sagrados necessários para a instalação, chegou à grande porta. Passando pela

[146] Vamana: o Anão santo, uma encarnação divina.

capital, Shri Vasishtha observou as ruas varridas e regadas. Bandeiras estavam tremulando na brisa em todos os lugares, flores de vários tipos estavam espalhadas nas estradas e guirlandas penduradas aqui e ali. Todos os habitantes pareciam felizes; lojas e tendas exibiam uma variedade de mercadorias, enquanto incenso misturado com âmbar cinzento e sândalo perfumava o ar. Em toda parte as pessoas estavam celebrando o festival e aguardando ansiosamente a coroação de Ramachandra.

Tendo atravessado a cidade de Ayodhya, que parecia Amaravati, Shri Vasishtha chegou ao palácio real, e viu no portão uma assembleia de brâmanes e professores que realçavam a cena. Inúmeros sacerdotes, hábeis no ritual de sacrifício, cortesãos e líderes da classe guerreira, assim como comerciantes, estavam reunidos lá. Shri Vasishtha penetrou nos aposentos privados e entrou lá alegremente. Na porta, ele viu o quadrigário Sumantra de aparência agradável e o sábio santo pediu-lhe para anunciar sua chegada ao rei e informar a sua majestade que ele havia trazido a água sagrada do Gunga em vasos de ouro, e várias sementes, ervas aromáticas e gemas de diferentes tipos. Havia também mel, coalhos, manteiga clarificada, arroz tostado, grama kusha, flores e leite, junto com oito virgens belas e um elefante branco. Uma carruagem puxada por quatro cavalos, uma espada e arco excelentes, um palanquim com carregadores e um dossel semelhante à lua em pureza. Dois chamaras brancos, um jarro de ouro de boca estreita, novilhas brancas, um leão de dentes grandes, um corcel excelente, um trono de leão, uma pele de tigre, combustível sacrifical e fogo. Músicos de todo tipo, cantoras belamente adornadas, professores, sacerdotes, vacas, veados e aves; representantes do povo e dos comerciantes com suas famílias estavam reunidos lá. Essas e muitas pessoas, inspiradas pelo afeto e de fala gentil, tinham vindo com seus líderes para ver a coroação de Rama.

Shri Vasishtha ordenou Sumantra informar ao rei com toda pressa que Rama deveria ser instalado quando a estrela Pushya estivesse em ascensão. Sumantra, instruído pelo sábio real Vasishtha, e tendo acesso ao rei, entrou no palácio gritando "Jai! Jai! à sua majestade". Os guardas lhe permitiram entrar sem obstáculos e Sumantra, se aproximando do rei, ignorante da sua condição, começou a louvar seu mestre real, de acordo com o costume predominante. Com grande humildade ele se dirigiu a ele, dizendo: "Ó soberano benevolente, como o sol ao raiar do dia dá prazer ao mar, assim tu nos dás alegria pelo teu semblante radiante. Aumenta o nosso deleite, ó senhor poderoso! Como na manhã Indra foi adorado por seu quadrigário, após o que ele derrotou os asuras, desse modo eu te saúdo. Eu vim te acordar como os Vidyas e os Vedas acordam Brahma. Como o sol e a lua estimulam a terra que sustenta todos os homens e a vida, assim eu vim te despertar, ó grande soberano. Desperta, ó marajá, e alegra os corações das pessoas pela tua visão. Veste os teus mantos reais e adorna-te com as grandes pedras preciosas, resplandecente como o sol no topo do monte Meru. Ó majestade, que a Lua, o Sol, Shiva e Kuvera sejam auspiciosos para ti. Que Varuna, Agni e Indra te concedam sucesso. A bela noite passou e o dia auspicioso raiou. Ó sábio nobre, levanta-te e cumpre os teus deveres; os preparativos para a instalação de Rama estão concluídos, os principais cidadãos e os habitantes da capital estão esperando reverentemente no portão; o abençoado sábio Vasishtha, com seus discípulos, está à porta. Manda-nos, ó rei, inaugurar a coroação de Rama imediatamente; como gado sem um protetor, um exército sem um general, noite sem lua, vacas sem um touro, assim é o teu reino sem um rei hoje".

O rei, ouvindo as palavras pacíficas de Sumantra, ficou novamente submerso no mar de tristeza; embora dominado pela dor, com os olhos vermelhos de raiva, ele lhe respondeu:

"Ó Sumantra, as tuas palavras de louvor me infligem grande dor".

Sumantra, vendo a condição miserável de seu mestre, e ouvindo suas palavras angustiadas, unindo suas palmas em submissão, recuou, com a língua presa.

Então Kaikeyi, hábil em conseguir seu próprio objetivo, se dirigiu a Sumantra: "Ó Sumantra, estando muito feliz por conta da instalação de seu filho, o rei não dormiu esta noite. Estando cansado, ele agora está dominado pelo sono. Vai tu, portanto, e traze o ilustre Ramachandra aqui; esse assunto não requer nenhuma deliberação".

Sumantra pensou que a chegada de Shri Ramachandra iria pacificar a mente do rei; ele foi rapidamente convocá-lo e no caminho refletiu: "Por que a rainha Kaikeyi convocou Rama às pressas?" O auriga acreditou que a ansiedade do rei o tinha incitado a convocar Shri Ramachandra para o propósito de sua instalação. Sumantra chegou alegremente ao belo palácio de Shri Rama que parecia uma pequena ilha no mar, e viu lá muitas pessoas permanecendo no portão.

Ele viu muitos reis e grandes comandantes reunidos em seus lugares designados.

Capítulo 15 – Sumantra se apressa para o palácio do príncipe Rama

Quando a noite tinha dado lugar à aurora, brâmanes bem versados no Veda, juntamente com os sacerdotes do rei, foram ao portão do palácio. Com eles vieram os conselheiros, os chefes do exército, e comerciantes importantes para testemunhar a instalação de Rama.

O sol tendo nascido e o planeta Pushya com Karrata[147] estando auspicioso,[148] sendo o momento em que Rama nasceu, brâmanes trouxeram vasos de ouro cheios de água, um trono finamente decorado e uma carruagem resplandecente, com um assento coberto com uma pele de tigre. Água foi trazida da confluência do Gunga e Yamuna e dos rios sagrados, lagos e poços, dos ribeiros que fluem a oeste e daqueles que descem das grandes alturas e fluem através das planícies. Dos mares também água foi providenciada e armazenada em vasos brilhantes de ouro e prata, nos quais flores de lótus flutuavam e em cuja superfície gravetos de Gular[149] e figueira foram espalhados.

Mel, coalhos, manteiga clarificada, grama kusha e flores também foram fornecidos. Cantoras lindamente enfeitadas também estavam presentes. Chamaras com cabos de ouro cravejados de joias, um belo dossel, cintilante e redondo como a lua, foram fornecidos para a cerimônia, também um corcel branco equipado, um jovem elefante de tamanho grande, e oito virgens vestidas graciosamente.

Músicos com vinas, bardos e aqueles que proclamam o louvor do rei; tudo o necessário para a instalação de um soberano da dinastia de Ikshvaku foi providenciado por ordem do rei. Não vendo o rei Dasaratha na hora determinada, os presentes disseram: "Quem vai anunciar a nossa chegada para o monarca? O sol

[147] Câncer.
[148] Na conjunção correta astrologicamente.
[149] Gular: ramos de uma árvore fragrante resinosa.

nasceu, mas o rei não saiu; toda a preparação para a instalação de Rama está agora completa".

Enquanto eles estavam falando assim, Sumantra, honrado servo do estado, dirigiu-se aos convidados reais e marajás, dizendo: "Como ordenado pelo rei, eu pretendo trazer Shri Rama diante dele. Na minha volta, eu vou perguntar à sua majestade, por vocês que são dignos de honra, o motivo do atraso".

O idoso Sumantra chegou à porta do aposento interno e entrou, não anunciado. Elogiando a dinastia real de Raghu, ele chegou à câmara onde o rei estava deitado no chão. Derramando o seu louvor, ele se aproximou do arrás pendurado diante da câmara do rei, e disse: "Ó soberano, que Surya, Kuvera, Varuna, Agni e Indra te concedam a vitória. A deusa Noite partiu, a aurora chegou, levanta-te, ó leão entre os reis! Brâmanes, embaixadores e chefes das forças armadas se reuniram e estão desejosos de ver-te".

O rei, despertando, disse ao seu ministro chefe, Sumantra: "Traze Shri Ramachandra aqui rapidamente. Por que tu demoras? Eu não estou dormindo, vai trazer Shri Rama com toda pressa".

Sumantra, curvando-se ao rei, saiu para executar seus comandos. Pensando que a instalação de Rama estava próxima, ele partiu para o palácio, passando alegremente ao longo da estrada real alegre com bandeiras e estandartes. Ouvindo, de todos os lados, pessoas conversando sobre o evento esperado, ele se misturou com a multidão feliz e depois de caminhar certa distância, viu o palácio de Shri Rama, branco como o pico do monte Kailasha e belo como a residência de Indra.

As torres, adornadas com imagens de ouro, cravejadas de corais e joias, tornavam o palácio resplandecente, como as nuvens de inverno nas cavernas do monte Sumeru. A passagem principal, decorada com grinaldas de gemas e pérolas, estava perfumada com sândalo e âmbar cinzento, suavemente perfumada como a montanha Malaygiri e cheia de grous e pavões. As portas e as paredes dos aposentos internos estavam decoradas com pinturas de leões, tigres e lobos, agradáveis para os olhos e a mente.

O palácio de Rama, resplandecente como o sol e a lua, mobiliado como o palácio de Kuvera e igualando a morada de Indra, estava cercado por muitas espécies de aves que se divertiam lá. Homens de terras distantes em trajes adornados com joias esperavam trazendo presentes em suas mãos, ansiosos para ver Rama. O palácio espaçoso estava decorado suntuosamente e os atendentes que serviam lá eram homens de baixa estatura.

Shri Sumantra, alegrando o povo, em sua carruagem puxada por cavalos, chegou à porta do palácio que era cheio de riqueza incalculável e cercado por cervos e pavões que alegravam o coração.

Entrando nos portões e cumprimentando aqueles queridos para Rama, Sumantra chegou à porta do aposento interno. Lá também ele ouviu todos conversando sobre Shri Rama e se alegrou ao ouvi-los falar da sua glória. Ele contemplou o recinto interno, resplandecente e sublime como o monte Meru, que era tornado encantador pela presença de muitos veados e aves. Lá, também, ele viu aqueles de várias terras, descendo das suas carruagens e trazendo presentes.

Ele observou um elefante igual a uma colina em altura, assemelhando-se a uma nuvem escura, que nunca tinha conhecido o toque de um aguilhão e cuja testa estava pingando de suor. Seu nome era Shatrunja, e estava preparado para transportar Rama.

Prosseguindo, Sumantra viu muitos aurigas e cavaleiros preparados com seus cavalos ajaezados. Continuando em seu caminho, o ministro chefe de Shri Rama viu inúmeros artistas e poetas reunidos lá.

Passando pela multidão, ele chegou ao apartamento particular de Shri Rama. Inconteste, o grande Sumantra, parecendo uma nuvem, entrou no apartamento como um crocodilo entra no oceano cheio de pedras preciosas.

Capítulo 16 – Shri Rama em sua carruagem vai rapidamente até o rei

Passando por mais uma entrada, repleta de gente, Sumantra chegou a outro portão onde não havia guarda. Ele viu lá muitos jovens, alertas, vigilantes, e dedicados ao seu mestre, armados com arcos e machados, e usando brincos belos. Além desses, Sumantra viu homens idosos, vestidos de vermelho, esplendidamente trajados, segurando bastões em suas mãos, guardando os aposentos das rainhas. Vendo o virtuoso Sumantra se aproximando com outros, eles permaneceram respeitosamente em atenção.

Sumantra, abordando esses atendentes humildes e experientes, disse: "Tenham a bondade de informar a Shri Ramachandra que Sumantra espera à porta". Eles, sempre desejando o bem de Rama, informaram ao príncipe e Sita sobre a chegada de Sumantra. Sabendo que Sumantra tinha a confiança do rei seu pai, Shri Rama afetuosamente o fez ser convocado.

O quadrigário, entrando lá, viu Shri Ramachandra parecendo o próprio Kuvera, sentado em um sofá dourado, coberto com almofadas macias e ricamente ornamentado. Sua fronte estava ungida com pasta de sândalo pura e perfumada, da cor do sangue de um javali selvagem.

Ao seu lado a princesa Sita, tão bela quanto a Lua acompanhada pelo planeta Chitra,[150] estava sentada, segurando um chamara em sua mão.

Sumantra, versado nos costumes da corte, ofereceu saudações respeitosas a Shri Rama que parecia tão resplandecente quanto o sol do meio-dia. Com as palmas unidas, Sumantra humildemente perguntou sobre o bem-estar do príncipe e se dirigiu a ele que estava assim sentado no sofá, dizendo: "Ó filho excelente da rainha Kaushalya, o rei deseja te ver no apartamento da rainha Kaikeyi, tem a bondade de ir para lá sem demora".

Assim abordado, aquele leão entre os homens, o ilustríssimo Ramachandra, cheio de alegria ao receber a convocação, respondeu: "Que assim seja, eu irei para lá com toda velocidade". Então se dirigindo a Sita, ele disse: "Ó devi, minha mãe Kaikeyi e meu pai deliberaram um com o outro a respeito dos assuntos relativos à minha instalação. Ó princesa de olhos belos, minha mãe Kaikeyi, sempre benevolente e polida, sabendo do desejo do rei, o está influenciando para o meu bem! Aquela filha do grande rei de Kaikeya, sempre obediente ao meu nobre pai, deseja a minha prosperidade. Ele, com sua amada rainha, mandou me buscar através de Sumantra, que é sempre bem disposto para comigo, e deseja o que é agradável para mim, assim como o rei, meu pai, e a rainha, minha mãe. Seguramente, hoje o rei vai me proclamar regente. Eu irei até o rei meu pai com toda pressa, conversa alegremente com as tuas damas de honra".

---

[150] Chitra: Spica virginis.

Ouvindo essas palavras gentis, faladas por seu marido, a princesa Sita de olhos de lótus recitando o Canto da Paz, seguiu Shri Ramachandra até a porta. Ela disse: "Ó marajá, o reino tem muitos brâmanes eruditos que irão te coroar, como Indra foi coroado por Brahma. Quando a iniciação preliminar estiver concluída e tu realizares o sacrifício Rajasuya[151] e eu te contemplar vestido em uma pele de antílope com os chifres do cervo em tua mão, então me permite te prestar homenagem. Que Indra no leste te proteja, que Yama no sul te proteja, que Varuna no oeste te proteja, que Kuvera no norte te proteja".

Tendo se despedido de Sita, Shri Rama deixou seu palácio com Sumantra. Shri Rama, saindo de seu palácio, como um leão sai de sua caverna, viu Shri Lakshmana esperando humildemente na porta.

No portão do meio, Shri Rama encontrou seus amigos e honrou aqueles que se reuniram ali para testemunhar a sua coroação. Então aquele leão entre os homens, o filho do rei Dasaratha, subiu na sua carruagem resplandecente como chama, coberta com peles de tigre e que, em seu curso, fazia um barulho como trovão. Incrustada com ouro e pedras preciosas, ela deslumbrava os espectadores como o brilho do sol. Os cavalos atrelados à carruagem, iguais a elefantes jovens, galopavam tão velozmente quanto os corcéis de Indra.

Shri Rama, sentado no seu carro resplandecente movendo-se rapidamente com um som como o de um trovão saindo das nuvens, parecia a lua correndo nos céus. Seu irmão mais novo, o príncipe Lakshmana, o acompanhava de pé atrás dele na carruagem, com um chamara na mão.

Por todos os lados, gritos de "Jai! Jai!" se erguiam, enquanto a multidão seguia a carruagem de Shri Rama com sua cavalhada de cavaleiros montados e elefantes como montanhas. Guerreiros, cujas frontes estavam ungidas com pasta de sândalo e âmbar cinzento, precediam a carruagem portando espadas desembainhadas em suas mãos. Então seguiam os músicos e os bardos cantando seus louvores, e os gritos dos guerreiros pareciam o rugido de leões. A carruagem avançou em meio a uma chuva de flores derramadas das varandas e janelas por mulheres lindamente enfeitadas, de membros impecáveis, que assim ofereciam saudações a Rama, e desejosas de seu bem-estar cantavam hinos de adoração, dizendo:

"Ó alegria da tua mãe, cujo coração hoje está elevado em exultação por causa de ti; hoje a tua nobre mãe te verá em posse do trono.

"A princesa Sita, extremamente querida por Rama, é estimada a mulher mais feliz do mundo pelas mulheres que, acreditando que ela praticou um alto grau de virtude e ascetismo em um nascimento anterior, dizem: "Como o planeta Rohini[152] encontrou união com a lua, assim a princesa Sita encontrou união com Rama".

Ouvindo os elogios encantadores das mulheres, Raghava prosseguiu, ouvindo a conversa dos cidadãos e as que vinham de longe, a respeito da sua coroação que se aproximava. Alguns diziam: "Hoje Shri Ramachandra, nosso senhor, obterá riqueza e poder ilimitados pela graça do rei seu pai. Aquelas pessoas sobre as quais ele domina obterão o desejo de seu coração e a realização das suas ambições. Se ele desfrutar do reino por muito tempo, o ganho será nosso, uma vez que nenhuma aflição visitará o reino enquanto ele for rei".

Assim precedido por cavalos relinchantes e os louvores da sua dinastia cantados por cronistas e bardos, Rama avançou como o deus Kuvera, enquanto por

---

[151] Sacrifício Rajasurya: um sacrifício grandioso realizado na instalação de um rei.
[152] Rohini: quarto dos asterismos lunares.

todos os lados ele via as estradas enfeitadas cheias de homens e elefantas, carruagens, cavalos e pessoas e tendas cheias de pedras preciosas e mercadorias.

Capítulo 17 – Ele avança para o palácio em meio às palmas de seus amigos

Sentado em sua carruagem, o príncipe viu seus amigos alegres e a cidade, branca como uma nuvem, adornada com bandeiras e estandartes tremulando aqui e ali, fragrante com o perfume do incenso, cheia de uma multidão de homens e enriquecida por prédios majestosos. Passando pelas estradas perfumadas, onde pilhas de madeira de sândalo estavam queimando, e perfumes raros, tecidos de lã e de seda, pérolas não perfuradas e inúmeras gemas expostas à vista, com tendas repletas de artigos de alimento e bebida e mercadorias de todos os tipos, ele contemplou a estrada real adornada como o caminho dos deuses no céu, com todos os símbolos auspiciosos, como coalhos, arroz, sândalo, grãos tostados e leite. Atravessando os cruzamentos alegres com flores e objetos perfumados, em meio às bênçãos e saudações de seus amigos, ele reconheceu seus elogios com humildade. Aqueles de idade avançada gritavam: "Ó príncipe, tu que serás coroado hoje, que o teu reinado se assemelhe ao do teu avô e do teu bisavô, desse modo nós prosperaremos como nos tempos dos teus antepassados, que a nossa felicidade supere até aqueles tempos. Nós não precisamos dos confortos desse mundo, nem daqueles do outro mundo. Vendo Shri Ramachandra retornando após a sua coroação, a nossa alegria será superior a tudo o mais. Nada é mais querido por nós do que a instalação de Shri Ramachandra de glória ilimitada".

Assim Raghava avançou, em meio aos elogios de seus amigos, o foco de todos os olhos e corações, sereno e imperturbável. Aqueles que não foram capazes de contemplá-lo ou não foram notados por ele se tornaram objeto de desprezo para os outros, não só isso, eles eram uma vergonha para si mesmos. O todo-compassivo Ramachandra olhava para cada uma das quatro castas com igual condescendência. Cada um o amava acordo com sua capacidade.

Passando pelos templos, bosques sagrados e pavilhões, Shri Ramachandra os circungirou em reverência. Ele então viu o palácio real, semelhante a uma nuvem branca, suas torres como os picos cobertos de neve do monte Kailasa, suas varandas parecendo quase alcançar os céus como as carruagens de fogo dos deuses; as casas de recreio, incrustadas com pedras preciosas, faziam todo o palácio sobrepujar todos aqueles na terra e até mesmo rivalizar com a morada de lndra.

Aproximando-se do palácio de seu pai, Shri Rama passou pelos três portais guardados por arqueiros, e prosseguiu a pé através do quarto e quinto recintos. Lá, deixando seus atendentes, ele entrou nos aposentos privados do rei.

A multidão, vendo-o entrar no palácio, ficou cheia de alegria e aguardou a sua saída como o mar espera a vinda da lua cheia.

Capítulo 18 – Ele vê o rei cheio de angústia e sem fala; Kaikeyi profere palavras cruéis

Entrando no aposento particular, Shri Ramachandra viu o rei Dasaratha cheio de angústia, com seu semblante pálido, sentado com Kaikeyi no sofá real. Primeiro colocando sua cabeça aos pés do seu pai real, ele então respeitosamente ofereceu saudações à mãe Kaikeyi.

O rei, com seus olhos cheios de lágrimas, com a garganta embargada pela emoção, só pôde pronunciar a palavra "Rama" e nada mais. Como o coração de um homem que toca acidentalmente uma serpente fica cheio de medo, assim ficou o coração de Rama ao ver a miséria do rei. O rei, agitado pela dor e pelo remorso, suspirando amargamente, cheio de angústia, parecia o mar que, calmo por natureza, é agitado por uma forte tempestade, ou Rahu[153] causando o eclipse do sol, ou a alma de um sábio agitada pela afirmação de falsidades. Sem saber a causa da aflição do rei, Shri Rama ficou agitado como o mar no dia da lua cheia. Shri Ramachandra, sempre engajado na busca do bem-estar de seu pai, refletiu: "Por que meu pai não está feliz em me ver hoje? Anteriormente, quando desagradado, ao ver-me ele ficava pacificado, mas hoje, vendo-me, ele está preocupado. Por que ele está dominado pela tristeza e desprovido de sua glória?"

Fazendo reverência a Kaikeyi, ele disse: "Se por uma ofensa involuntária eu causei desgosto ao meu pai, então, ó mãe, o propicia por mim. Outrora, mesmo quando descontente, meu pai era bondoso para comigo, mas hoje eu o vejo de semblante pálido, e profundamente angustiado, e ele não fala comigo. O meu pai venerável está sofrendo alguma aflição física ou mental? É raro de fato para um homem ser consistentemente feliz. Sua majestade viu alguma falha grave no amável príncipe Bharata ou no corajoso Shatrughna, ou nas minhas mães ou em mim? Eu não desejo viver um único instante se sua majestade não está satisfeita comigo, ou está descontente ou se eu o desobedeci. Por que o homem não obedeceria aos seus pais, que são a fonte do seu nascimento e que são deuses viventes? Tu falaste palavras duras, por vaidade, ao rei, ao ouvir as quais seu coração está dilacerado? Ó devi, responde a minha pergunta sinceramente. Dize-me a causa dessa aflição sem precedentes do meu pai".

Kaikeyi, assim abordada por Shri Rama, morta para toda vergonha e hábil em defesa de seu propósito egoísta, falou com arrogância: "Ó Rama, o rei não está zangado nem está sofrendo de dor física, ele tem algo em mente que ele teme revelar para ti. Ele te ama muito e por isso hesita em te falar desse assunto desagradável. Tu deves cumprir o que ele me prometeu e agir de acordo com isso. Tendo antigamente me concedido uma benção, ele agora se arrepende disso como um homem comum. Prometer uma benção e depois procurar se esquivar é como a criação de uma barragem quando a água já passou. Ó Rama, toma cuidado para que o rei não abandone a verdade por tua causa. Entre os homens santos, é dito que a verdade é a raiz do dharma. Se o rei te comandar e tu cumprires seu comando sem mais deliberação, então eu te revelarei toda a verdade. O rei pode não se comunicar contigo diretamente, portanto, fica pronto para executar o que eu ordeno em seu nome".

Shri Rama, muito agitado, respondeu a Kaikeyi na presença do rei: "Que vergonha, ó devi, falar assim comigo. Por ordem de meu pai eu estou disposto a fazer qualquer coisa, até mesmo me jogar no fogo. Por ordem do rei meu pai e

[153] Rahu: um demônio mítico, dito ser a causa do eclipse do sol e da lua por engoli-los.

criador do meu bem-estar eu beberei alegremente veneno mortal ou me jogarei no mar. Ó devi, me revela a vontade dele, eu me comprometo a cumprir o seu comando. Tem a certeza, ó mãe, de que Rama não profere mentira".

Para o sempre sincero Rama, Kaikeyi respondeu nestas palavras danosas: "Ó Ramachandra, há muito tempo o marajá lutou contra os asuras e caiu ferido no campo. Eu então o protegi e ele me prometeu duas bênçãos. Como essas eu peço a instalação do príncipe Bharata e o teu exílio para a floresta de Dandaka. Ó grandioso, se tu desejas que tu e teu pai mantenham a verdade, então me ouve. Em obediência ao teu pai, vai agora para o exílio por quatorze anos. Que as preparações feitas para a tua instalação sejam usadas para a entronização de Bharata. Desistindo do teu direito ao reino, com cabelo emaranhado, usando uma pele de veado, vive na floresta de Dandaka por sete e mais sete anos. Que a terra seja governada pelo príncipe Bharata. Este reino cheio de abundância de gemas, cavalos e elefantes deve ser dele. Por conta disso o rei está angustiado, com seu rosto pálido e ele é incapaz de olhar para ti. Ó Rama, obedece ao rei e o protege por cumprir a sua ordem".

Ao ouvir essas palavras cruéis de Kaikeyi, Shri Ramachandra não revelou nenhum sinal de aflição, mas o rei, percebendo o futuro sofrimento de seu filho, foi dominado pela angústia.

Capítulo 19 – Shri Ramachandra não revela sinal de aflição e se prepara para o exílio

O matador de seus inimigos, Shri Ramachandra, ouvindo as palavras de Kaikeyi, fortes como as dores da morte, não foi de forma alguma alterado por elas, e respondeu: "Que assim seja! Para honrar a promessa feita pelo rei eu partirei para a floresta imediatamente, com cabelos emaranhados, vestido com roupas feitas de pele; mas eu desejo saber por que o soberano ilustre não se dirige a mim? Ó devi, não temas, eu juro, na tua presença, que eu viverei na floresta vestido em peles com cabelos emaranhados; alegrem-se, portanto! Qualquer ordem que o monarca benevolente, sempre atento ao meu bem-estar, impuser a mim, eu executarei alegremente para agradá-lo. Não há nada que eu não faria por ele sem hesitação, mas um pensamento doloroso se mantém em minha mente. Por que o próprio rei não me fala da entronização de Bharata? Ó mãe, pela tua ordem, eu estou disposto a entregar ao meu irmão Bharata não só o reino, mas também Sita, junto com todo objeto de desejo, minha riqueza e minha vida. Quanto mais eu faria pelo meu pai, para que ele possa preservar o voto de veracidade e servir o teu propósito. Torna essa questão clara para o rei. Como é que eu vejo o meu pai de cabeça baixa, derramando lágrimas? Que mensageiros em cavalos velozes convoquem o príncipe Bharata imediatamente da casa de seu tio, enquanto eu, sem considerar o mérito ou demérito das injunções do meu pai, entrarei na floresta de Dandaka por quatorze anos".

A rainha Kaikeyi, muito satisfeita com as palavras proferidas por Shri Ramachandra e certa do seu exílio, o incitou a partir, dizendo: "Assim seja; mensageiros em cavalos de pés velozes irão convocar Bharata imediatamente da casa de seu tio. Ó Rama, estando pronto para entrar na floresta, não demores; parte, portanto, com toda velocidade. Tomado de vergonha, o rei não ousa te pedir

para partir, mas que tu desconsideres isso. Ó Ramachandra, o rei não irá nem se banhar, nem ingerir alimentos até que tu tenhas entrado no teu exílio".

O rei, ao ouvir as palavras de Kaikeyi, gritou "Ai", "Ai", e, angustiado, caiu sem sentidos no sofá dourado. Erguendo o rei, Shri Ramachandra, incitado pelas palavras de Kaikeyi como um cavalo sob o chicote, se preparou para entrar na floresta com toda pressa. Com seu coração inalterado pelas palavras cruéis da rainha, ele respondeu: "Ó devi, eu não desejei o reino para adquirir riqueza e poder, mas, tornando-me regente, eu desejava preservar o dharma. Saibas que eu, como os sábios, sou um protetor do dharma. Se eu puder prestar algum serviço para o meu pai ao custo da minha vida, isso é como se já realizado. Não há maior bem nesse mundo do que servir ao próprio pai por pensamento, palavra e ação. Por essa ordem, não emitida pelo rei, mas por ti, eu vou morar por quatorze anos na floresta desabitada. Ó Sati, tu tens sido minha mãe e ainda não estás familiarizada com a minha natureza. Se tu me conhecesses, não teria surgido a necessidade de consultar meu pai em uma questão tão insignificante. Agora eu vou me despedir da minha mãe, a rainha Kaushalya, e oferecer consolo à minha Sita. Que Bharata governe o reino de acordo com o dharma e sirva fielmente ao nosso nobre pai. Esse é o dever permanente de um filho".

Ouvindo as palavras de Shri Ramachandra, o rei, sem palavras e cheio de tristeza, chorou alto, derramando lágrimas amargas. O ilustríssimo Rama prestou homenagem a seu pai que jazia lamentosamente lá e, então, curvando-se aos pés de Kaikeyi, deixou o aposento. Tendo circungirado o rei e a rainha Kaikeyi com extrema reverência, Shri Ramachandra saiu da câmara interna e viu seus amigos permanecendo na porta. Shri Lakshmana cheio de ira, com os olhos cheios de lágrimas, seguiu Rama.

Shri Rama circungirou os artigos sagrados preparados para a cerimônia de instalação com grande reverência, e rezou para que eles fossem dedicados à instalação do príncipe Bharata. Então se afastando deles sem olhar para trás ele se retirou lentamente.

O abandono da cerimônia não conseguiu diminuir a serenidade de Shri Ramachandra, o esplendor do seu rosto permaneceu inalterado como a lua não sofre diminuição de sua beleza no período minguante. Ao renunciar ao reino e partir para o exílio, Shri Ramachandra parecia um grande yogue e ninguém observou qualquer mudança de humor nele.

Abandonando o dossel real, o belo chamara e despedindo-se respeitosamente e afetuosamente dos seus amigos e representantes do povo e convidados, lembrando-se da tristeza causada a eles, e reprimindo seus sentidos, o príncipe foi para os aposentos de sua mãe para lhe revelar as notícias angustiantes. Aqueles em volta dele não encontraram nenhuma mudança nele, nem nos adornos de seu corpo, postos em preparação para a cerimônia real, nem na alegria do seu rosto. Assim era o verdadeiro Ramachandra. Como a lua outonal não perde o seu esplendor, assim a alegria de Rama de braços poderosos não diminuiu. Dirigindo-se aos que estavam próximos com delicadeza e respeito, ele se aproximou de sua mãe Kaushalya.

O corajosíssimo príncipe Lakshmana, que compartilhava das alegrias e tristezas de seu irmão, o seguiu. Ciente da grande aflição que surgiria nos corações de seus amigos, Shri Rama por causa de sua mãe entrou no palácio em um estado de espírito sereno e alegre.

Capítulo 20 – A rainha Kaushalya fica aflita e desamparada com tristeza

Percebendo aquele leão entre os homens, Shri Ramachandra, com suas palmas unidas em um gesto de despedida, saindo dos aposentos de seu pai, as damas da câmara interna começaram a lamentar alto, dizendo: "Shri Rama, que realizava todos os nossos desejos sem aguardar a injunção do rei seu pai, e que é nosso único amparo, irá hoje para o exílio?

"Desde o seu nascimento ele tem nos honrado e respeitado como a sua própria mãe, a rainha Kaushalya. Quando nós falamos palavras duras para ele, ele nunca ficou com raiva, nem ele alguma vez nos deu qualquer motivo de desagrado. Aquele príncipe que sempre apaziguava os que estavam afrontados está indo hoje para o exílio. Nosso rei, agindo como um homem ignorante, está decidido a destruir seus súditos e está enviando Rama, que é o único amparo de todos os seres, para o exílio".

Desse modo, chorando amargamente, todas as damas de honra e criadas do rei lamentaram como vacas desprovidas de seus bezerros. O rei, ouvindo os seus gritos de angústia, profundamente aflito com pesar por seu filho, tomado de vergonha, caiu em seu sofá. Shri Ramachandra, angustiando-se pelas aflições de seus parentes, respirando como um elefante poderoso se aproximou, com Lakshmana, dos apartamentos de sua mãe.

Entrando lá, ele viu no primeiro portão o venerável e idoso guardião da porta e seus assistentes, que se levantaram ao ver o príncipe, gritando "Jai" "Jai" para ele. Chegando ao segundo portão, ele se encontrou com os brâmanes idosos honrados pelo estado por sua grande erudição. Saudando-os, ele entrou no terceiro portão onde as mulheres, os idosos e as crianças estavam de guarda. As mulheres deram suas bênçãos ao príncipe e foram informar a rainha Kaushalya da chegada de Shri Rama.

De acordo com preceitos das escrituras, a rainha tinha passado a noite inteira adorando Shri Vishnu, desejosa do bem de seu filho. Vestida com um sari de seda, ela estava derramando oblações no fogo sagrado, com alegria. Shri Rama, entrando no aposento de sua mãe, a viu oferecendo oblações na chama sagrada; ele viu ali os artigos sacrificais preparados para a adoração dos deuses; coalhos, arroz, manteiga, doces, arroz cozido no leite, guirlandas de flores brancas, sementes de gergelim, combustível e jarros cheios de água pura.

Shri Rama viu a rainha de pele clara em uma túnica branca, emaciada por longos jejuns. Depois de um tempo, percebendo seu filho, Shri Ramachandra, ela correu em direção a ele como uma égua corre ao encontro de seu potro. Abraçando-o, inspirada pelo amor materno, ela dirigiu-se ao grande Rama com palavras gentis e afetuosas: "Ó meu filho, que tu te tornes idoso e virtuoso como os sábios reais. Que tu alcances a idade apropriada para a tua dinastia. Que tu obtenhas renome e cumpras os teus deveres familiares. Ó caro príncipe, agora te aproxima do teu pai amante da verdade, que te aguarda hoje para te nomear regente do reino".

Oferecendo a seu filho um assento, ela colocou doces diante dele; Shri Rama, apenas tocando-os, com palmas unidas se dirigiu a ela humildemente; ele, sempre carinhoso e agora mostrando ainda maior sensibilidade em proteger a honra de sua mãe, disse: "Ó deusa, tu ainda não sabes da grande calamidade que nos ameaça. Eu devo ir para a floresta de Dandaka e vim pedir a tua autorização. Essa é a época de tristeza para ti, Sita e Lakshmana. Agora, entrando na floresta, o meu assento será de grama kusha e lá, residindo por quatorze anos, eu viverei de mel, raízes e

frutas. O rei concedeu a regência ao príncipe Bharata e eu, abandonando a alimentação real, devo entrar na floresta para comer o alimento de ascetas lá. Por ordem do rei, Bharata será instalado como regente. Por quatorze anos, é ordenado que eu viva na floresta, praticando ascetismo longe dos lugares frequentados pelos homens. De agora em diante a floresta será o meu lar; raízes e frutos silvestres serão meu alimento!"

Ouvindo essas palavras, a rainha caiu no chão como o galho de um abeto cortado do tronco por um machado! Parecendo uma ninfa caída do céu ou uma árvore fantasma derrubada, ela caiu. Shri Ramachandra a ergueu até seu sofá, seu corpo sujo de poeira, como um corcel que rolou na terra, e gentilmente limpou a poeira com as suas próprias mãos. A rainha, digna de toda a felicidade, sentada ao lado de seu filho, cheia de angústia, se dirigiu a ele na presença de Shri Lakshmana:

"Ó filho, ó Rama, se tu não tivesses nascido do meu ventre, eu teria sofrido a angústia de não ter filhos, mas teria sido poupada dessa tristeza. Ó meu filho, se eu fosse uma mulher estéril, eu não estaria aflita desse jeito, pois uma mulher estéril só tem uma dor, a de não ter filhos. A boa sorte que cai sobre uma esposa, ai! não era para ser desfrutada por mim por muito tempo! Tendo um filho, eu procurei a felicidade, mas agora, embora a rainha principal, eu devo suportar as palavras cortantes das minhas rivais consortes, não mais me mostrando deferência. Qual calamidade maior pode acontecer a uma mulher? Os insultos que se acumularão sobre mim, sem ti, se revelarão insuportáveis. Ai de mim! Essa é a época de tristeza e aflição incomensuráveis! Ó meu filho, quando tiveres partido, eu deixarei de viver. Como rainha-chefe, eu já tenho suportado grande provocação; agora, servindo Kaikeyi, eu serei considerada inferior à criada dela, de fato alguns dizem que eu já sou sua escrava. Aqueles que me atendem me abandonarão ao virem Bharata feito regente".

Então a rainha Kaushalya, enfurecendo-se, começou a proferir palavras, amargas dizendo: "Como eu, assim aflita, olharei no rosto de Kaikeyi? Ó Rama, dezessete anos se passaram desde que tu recebeste o fio sagrado.[154] Desde então, eu tenho vivido na expectativa da tua instalação e do término das minhas tristezas, mas agora eu devo sofrer ainda mais. Eu não poderei aguentar isso. Ó Rama, eu não poderei sofrer o desprezo das outras rainhas na minha velhice. Ó filho, não vendo o teu rosto parecido com a lua cheia, como eu suportarei essa vida miserável? Eu tenho feito inúmeros jejuns, adorado os deuses e te nutrido até agora, contudo, infeliz como sou, isso se revelou inútil. Certamente o meu coração é feito de pedra já que não ele não se partiu hoje, ele parece um rio na temporada chuvosa que não transborda sob chuva contínua. Certamente a morte se esqueceu de mim ou não há espaço em sua morada. Se não fosse assim, ele teria me levado daqui hoje como uma corça levada por um leão. Seguramente o meu coração deve ser tão duro quanto ferro, que não se despedaça sob essa aflição. Ó, por que a terra não se abre e me engole; parece que alguém não pode morrer antes da hora marcada. Aquelas austeridades sagradas, jejuns, meditação e penitência empreendidas para a prosperidade do meu filho se revelaram vãos, como sementes semeadas em um campo estéril. Se nesse momento de tristeza eu pudesse morrer, ameaçada com a tua separação, eu abraçaria a morte tão voluntariamente quanto uma vaca privada de seu bezerro. Ó meu filho, para que serve a vida agora para mim, roubada da

[154] Um menino brâmane recebe o fio sagrado por volta dos oito anos de idade, a cerimônia se chama Upa-naya. É possível que Shri Rama o tenha recebido mais cedo.

visão do teu rosto que se assemelha à lua cheia? Ou melhor, eu vou te seguir para a floresta como uma vaca fraca seguindo seu bezerro".

A rainha Kaushalya, a mãe de Rama, aflita e desamparada, percebendo a sua própria posição lamentável, e que seu filho estava comprometido no serviço à verdade, lamentou como uma kinnari cuja prole foi capturada.

Capítulo 21 – Shri Rama, apesar dos lamentos da rainha e de Shri Lakshmana, se prepara para a partida

Shri Lakshmana, tomado pela dor, dirigiu-se à mãe Kaushalya em palavras adequadas para a ocasião. Ele disse: "Ó mãe, não pode ser agradável para ti que Rama, por ordem do rei que está sujeito a uma mulher e esquecido da prosperidade do reino, vá para a floresta. A velhice prejudicou o intelecto do monarca que, impelido pelo desejo, não é mais mestre de seus sentidos; quais palavras ele não proferirá? Eu não vejo falha em Ramachandra pela qual ele deva ser exilado e privado de seu reino. Eu não conheço o homem, seja amigo ou inimigo, que possa encontrar defeitos em Rama mesmo em ausência. Como um deus, ele é sincero, autocontrolado e tolerante até com seus inimigos; qual rei justo abandonaria tal filho sem motivo? Qual filho versado no exercício dos deveres de um soberano daria obediência a um rei tão pueril?"

Dirigindo-se a Rama, Lakshmana continuou: "Ó irmão, antes que a multidão saiba dessas notícias, assume as rédeas do reino, eu te ajudarei na tarefa. Ó Raghava, quem ousará se opor a ti, quando, como a própria morte, eu ficar ao teu lado, armado com meu arco? Se duas ou três, não só isso, se todas as pessoas de Ayodhya se opuserem a ti em teu empreendimento, eu as destruirei. Se todos os partidários de Bharata se opuserem a ti, nem um sequer escapará. Os dóceis são sempre oprimidos. Caso nosso pai, inspirado por Kaikeyi, se torne nosso inimigo, então, embora digno de proteção, eu vou matá-lo, sem dúvida! Até mesmo um preceptor espiritual deve ser reprimido se, incitado pelo egoísmo, ele seguir o caminho do mal e fizer o que não deve ser feito.

"Com qual autoridade o rei confere o reino ao filho de Kaikeyi, quando o filho da rainha principal, justamente herdeiro do trono, ainda vive? Ó matador de teus inimigos, quem se atreverá a incorrer em nossa inimizade e dar a Bharata o reino?

"Ó mãe, eu juro pela verdade, pelo meu arco, pelas leis da caridade, pelo mérito adquirido ao adorar os deuses, que eu sou um servo disposto de Shri Rama. Ó devi, se Rama entrar no fogo ardente ou na floresta escura, saibas que eu o terei precedido. Ó deusa, que tu e Shri Ramachandra contemplem a minha bravura pela qual eu destruirei todos os seus sofrimentos, como o sol destrói a escuridão. Eu também vou matar o rei escravizado por Kaikeyi, que é velho, desprezível, de mente não subjugada e que está na segunda infância".

Ouvindo as palavras do nobre Lakshmana, a rainha Kaushalya foi tomada pela dor e disse para Shri Ramachandra: "Ó filho, tu conheces o conteúdo do coração de teu irmão, agora age como tu consideras adequado. Não te é apropriado abandonar tua mãe entristecida por causa das palavras injustas de sua rival. Ó justo, se tu estás estabelecido no dharma, então permanece aqui, serve-me e adquire virtude. Não há dever maior do que o serviço à mãe. Eu sou, com o rei, igualmente um objeto da tua reverência, e eu ordeno que tu não vás para a floresta. Em tua separação, não há motivo de alegria, nem eu desejo viver, mas contigo terei prazer

em viver, sustentando-me só de ervas. Se tu, deixando-me afligida pela dor, fores para a floresta, então eu me recusei a comer e abandonarei minha vida. Então, ó meu filho, sendo responsável pela minha morte tu irás, como Samudra,[155] sem consideração pela tua mãe, entrar no inferno".

Vendo sua mãe, a rainha Kaushalya, lamentando dessa maneira, o justo Ramachandra falou a ela respeitosamente, dizendo: "Ó deusa, eu não posso ignorar as ordens de meu pai, por isso eu me curvo diante de ti e peço a tua permissão e aprovação para entrar na floresta. Saibas que o sábio Kandu, um grande pândita, familiarizado com seu dever yogue, matou uma vaca em obediência às ordens de seu pai, sabendo que era um pecado, o qual posteriormente não foi apresentado contra ele.

"Nos tempos antigos, igualmente, na nossa própria dinastia, os filhos do rei Sagara, cavando a terra, sacrificaram suas vidas por ordem de seu pai. Por ordem de seu pai, o filho de Jamadagnya, Parasurama, com seu machado, cortou a cabeça de sua mãe Renuka. Ó devi, esses e outros homens divinos obedeciam a seu pai resolutamente. Eu, também, sem hesitação, realizarei aquilo que beneficia o meu pai. Ó mãe, não só eu obedeço ao meu pai, mas todos aqueles homens virtuosos, mencionados por mim, eram obedientes à vontade de seu pai. Eu não sigo uma lei nova, nem uma contrária às tradições da dinastia real, mas sigo o caminho dos meus antepassados ilustres. Eu não estou realizando nada que já não tenha sido realizado neste mundo. Aquele que age de acordo com os comandos de seu pai não renega a virtude".

Tendo falado assim com sua mãe, Shri Rama dirigiu-se a Lakshmana, dizendo: "Ó Lakshmana, eu conheço o teu amor imensurável por mim, a tua bravura e a tua destreza; ninguém pode te resistir. Ó Lakshmana, minha mãe dotada de todas as boas qualidades está agora sujeita à miséria e ao sofrimento por ignorância do dharma e falta de resignação. Ó irmão, o dharma é o maior bem sobre a terra, a verdade e o dharma são um só. A ordem do meu pai está baseada no dharma, portanto, é superior à decisão da minha mãe. Ó herói, é indigno de alguém que busca o fruto supremo do dharma não cumprir uma promessa feita a seu pai, mãe ou a um brâmane erudito, eu não posso, portanto, desconsiderar a ordem do meu pai. Ó herói, inspirada por meu pai, a mãe Kaikeyi me incitou a esse rumo, portanto, ó Lakshmana, abandona a ideia de derramamento de sangue e, abraçando a condição de virtude, segue-me".

Dirigindo-se assim carinhosamente a Lakshmana, de cabeça baixa e com grande humildade Rama voltou-se para a rainha Kaushalya e disse: "Ó deusa, agora me concede permissão para ir para o exílio. Em minha ausência reza por mim. Após ter honrado o meu voto, eu voltarei, como o rei Yayati que, caindo à terra do céu, novamente subiu para lá. Ó mãe, conforta o meu pai infeliz. Não tenhas ansiedade, ó mãe, eu voltarei após quatorze anos como desejado pelo meu pai. Que tu, Sita, Lakshmana e Sumitra obedeçam ao meu nobre pai. Essa é a antiga tradição. Ó mãe, desconsiderando as preparações feitas para a minha instalação, que a tua mente fique livre de tristeza e me permita ir para o exílio como ordenado pelo dharma".

Ouvindo as palavras de Rama, inspiradas por motivos justos, faladas com coragem e equanimidade, a rainha Kaushalya, como alguém devolvido à vida, olhou fixamente para Rama e disse: "Ó meu filho, se tu és versado em dharma e estás consciente do bem feito a ti por teus pais, então eu sou tão digna de respeito quando

[155] Samudra: o senhor dos rios que matou um brâmane.

o teu pai. Ó teu filho, não abandona a tua mãe infeliz mãe e entra na floresta. Ó meu filho, de que vale a minha vida sem ti? A terra, a região dos Pitris, o céu e a região de Mahaloka, que são as moradas da maior felicidade, para mim são todas vazias sem ti. Uma hora contigo é a minha maior alegria, ó meu filho".

Shri Rama, ouvindo o lamento de sua mãe, ficou agitado, como um rei que é perturbado quando em uma noite escura seus carregadores de tochas são atacados no caminho.

Então o respeitoso Rama novamente dirigiu-se a sua mãe que estava quase sem sentidos de tristeza e a Lakshmana angustiado e inquieto, e falou-lhes para o seu bem, em palavras que eram cheias de integridade:

"Ó Lakshmana, eu sei da tua destreza e da intensidade da tua devoção por mim, mas agora, em oposição ao meu propósito, tu aumentas o sofrimento de minha mãe. Ó irmão, há três meios de felicidade neste mundo, eles são a virtude, a prosperidade e o prazer. Aqueles que amam a virtude devem segui-la como uma esposa adquire mérito por ser obediente ao seu marido, e prazer por se tornar agradável para ele e prosperidade por se tornar mãe. O empreendimento que não assegura esses três deve ser abandonado e aquele pelo qual eles são garantidos deve ser executado. Aquele que só procura a prosperidade não tem amigos e tem muitos inimigos, e aquele que é dedicado ao prazer, que não se baseia na virtude, é um objeto de desprezo. Ó irmão, o rei é em primeiro lugar nosso preceptor, em segundo lugar, nosso pai e em terceiro lugar, ele é um homem idoso. Do ponto de vista do dharma, eu devo obedecer aos seus comandos, sejam eles inspirados por raiva ou desejo. Como um homem virtuoso, eu devo cumprir suas ordens. Raro é o filho tão insensível a ponto de desobedecer ao seu pai. Como eu posso escapar das ordens do meu progenitor, que é meu pai e tem plena autoridade sobre mim como um rei, e, além disso, é o consorte da minha querida mãe Kaushalya? Como, portanto, a rainha, abandonando o rei virtuoso, seu marido, me seguiria como uma mulher viúva? Ó deusa, dá-me permissão para partir para a floresta, enquanto tu recitas o Canto da Paz, para que o meu voto possa ser completado.

"Como o rei Yayati antigamente, que voltou para o céu, inspirado por seu amor à verdade, eu, também, voltarei. Ó mãe, eu não ouso desobedecer ao meu pai por causa de um mero reino! A vida é breve e eu não tenho nenhum desejo pelo governo do mundo por meio do sacrifício da virtude".

O poderoso Rama, assim comunicando a sua mãe a sua intenção de entrar na floresta como exigido por Kaikeyi, circungirou a rainha Kaushalya, fixando seu coração em sua partida.

Capítulo 22 – Ele pede a Shri Lakshmana para não se afligir

Shri Ramachandra então se voltou para Shri Lakshmana, que, incapaz de aguentar sua angústia, cheio de ira contra Kaikeyi, com seus olhos alterados, estava respirando pesadamente como um elefante poderoso. Dirigindo-se a ele em palavras afetuosas como um irmão amado e amigo, pacientemente acalmando seus temores, Rama disse: "Ó irmão, desiste da tristeza e da raiva e arma-te com paciência, esquecendo as preparações feitas para a minha instalação, fica pronto para a minha partida para a floresta. Ó Lakshmana, prepara-te com o mesmo zelo como tu te preparaste para a minha coroação. A mente da minha mãe, Kaikeyi, está nublada com desconfiança por conta da minha entronização proposta, portanto, ó

Lakshmana, age de modo que suas suspeitas possam ser dissipadas. Ó irmão, a mãe Kaikeyi acredita que tu usarás a força para me colocar no trono. Isso eu não posso suportar, nem posso permitir que ela sofra de ansiedade. Em nenhum momento eu me lembro de ter voluntariamente dado motivo de desgosto para os meus pais. Ó Lakshmana, vamos aliviar as apreensões do nosso nobre pai, sempre sincero e valente mas agora temeroso de que a sua vida futura seja prejudicada. Se eu não abandonar o desejo pela coroa, o sofrimento causado ao coração do rei, por causa da violação de seu voto, será meu também. Ó Lakshmana, por causa disso, eu desejo entrar na floresta sem demora, abandonando o projeto da minha instalação. Considerando realizado o seu objetivo, a rainha Kaikeyi irá hoje, se eu partir para a floresta, fazer o seu filho Bharata ser convocado e transferir o reino para ele com alegria. O coração de Kaikeyi não encontrará descanso até que eu, vestido com uma pele de veado, com cabelos emaranhados, entre na floresta. Eu não posso afligi-la, que me incitou a ir para a floresta e contribuiu para a minha resolução, portanto, eu partirei sem demora. Ó Lakshmana, a aquisição do reino não é parte do meu destino. Se a providência tivesse me favorecido, Kaikeyi não teria desejado me enviar para a floresta. Ó caro, tu sabes que nenhuma distinção foi feita por mim entre as minhas três mães, nem Kaikeyi me considerava como diferente do príncipe Bharata, mas hoje para frustrar a minha coroação e me mandar para o exílio, ela proferiu palavras cruéis e impiedosas. Isso é a vontade de Deus e nada mais. Se não fosse assim, como Kaikeyi, a filha de um rei, de disposição gentil e natureza nobre, falaria desse modo como uma mulher vulgar na presença de seu marido? Tudo o que é inescrutável para o homem deve ser conhecido como o decreto da providência; nem Brahma pode fugir às consequências do karma.[156] É esse decreto inalterável e fixo que criou a discórdia entre Kaikeyi e mim, não entendido pelo homem.

"Prazer, dor, medo, raiva, lucro e perda, vida e morte, e coisas similares passam a existir como resultado de nosso karma. Até os sábios que praticam grandes austeridades, incitados pelo seu karma, abandonando o ascetismo têm sido afetados pela concupiscência e avareza. Esse acontecimento súbito, nunca receado, essa frustração de um plano bem elaborado, é obra do karma. Portanto, eu de modo algum me arrependo da minha decisão, nem do cancelamento da minha coroação. Que tu também abandones o pesar e seguindo-me te esqueças dos preparativos para a coroação. Ó Lakshmana, com esses vasos de água trazidos para cá para a minha instalação que a minha dedicação à vida ascética seja feita. Mas que uso eu tenho agora para essas águas sagradas? A partir de agora eu vou buscar água com as minhas próprias mãos para cada ritual.

"Ó Lakshmana, não te aflijas que a cerimônia de instalação permaneça não realizada. Nós sabemos pela razão e discernimento que há pouca diferença entre governar um reino e viver em uma floresta. Ó Lakshmana, nem por um instante culpa a rainha Kaikeyi por obstruir a minha coroação; incitados pelo karma, os homens dizem o que é contrário à lei".

[156] Karma: a lei que governa o comportamento da matéria em todas as suas formas grosseiras e sutis.

Capítulo 23 – Shri Lakshmana se oferece para derrotar todos aqueles que impedem a instalação de Shri Rama

Instruído por seu irmão, Lakshmana, de cabeça baixa, estava cheio de angústia por causa da partida iminente de Shri Rama, mas contente em aprender o segredo do dharma. Permanecendo na caverna da raiva por algum tempo, respirando como uma cobra provocada em seu buraco, seu semblante carrancudo semelhante a um leão enfurecido, balançando-se como a tromba de um elefante, com membros trêmulos, evitando seu olhar, ele se dirigiu ao seu irmão mais velho, dizendo: "Ó irmão, nessa má hora, tu estás sujeito a uma grande ilusão. Inoportuna é essa afirmação que a desobediência a um pai é contrária ao dharma. Não convém a alguém virtuoso como tu falar dessa maneira. Tu, um líder entre os guerreiros, podes controlar o teu destino, mas como um homem fraco falas dele como irrevogável. Tu respeitas esses seres perversos,[157] ó virtuoso? Tu sabes quantos enganadores aparecem como homens honestos? Tem em mente como o rei e Kaikeyi para fins egoístas te enganam e te mandam para o exílio. Se essa questão das bênçãos concedidas a Kaikeyi fosse verdade, então por que isso não foi revelado antes que os preparativos para a tua instalação fossem feitos? Se pode se dizer que isso foi feito erroneamente, então esse erro é uma calamidade. Isso causará discórdia entre as pessoas. Como pode o mais novo ter precedência sobre o mais velho em questões de estado? Eu não posso permitir isso, ó grande herói, perdoa-me. Essa lei que tu louvas, pela qual a tua mente é governada, é incompreensível para mim. Tu que és poderoso, por que tu deves te submeter a Kaikeyi? Tu obedecerás à ordem injusta de teu pai, contrária à lei do dharma? Tu não percebes a falsidade deles, ao frustrarem a tua instalação sob o pretexto de conceder uma bênção? Eu considero que seguir esse rumo de ação é digno de condenação. Essa é a razão da minha aflição. Embora nossos pais, o rei e Kaikeyi, desejem te prejudicar e sejam dominados pela paixão, quem, além de ti, toleraria o seu plano? Todavia, tu atribuis essa questão ao decreto do destino. Essa ação é desagradável para mim. Deixa que os fracos e os covardes creiam em um destino tão incerto, heróis e homens de determinação paciente não aceitam os ditames do karma. Aquele que pelos seus próprios esforços conquista o destino nunca sofre. Que seja visto hoje se o destino ou o esforço prevalecem.

"Esse destino[158] que impede a tua instalação, que parece um elefante recusando-se a responder ao aguilhão, e, tendo quebrado seus grilhões, está vagando sem controle, esse decreto eu vou conquistar pela minha destreza.

"Nem os guardiões dos quatro quadrantes, nem todos os habitantes dos três mundos, unidos como um só, podem impedir a tua instalação, quanto menos, então, meu pai? Aqueles que planejaram o teu exílio, eles mesmos devem passar quatorze anos em exílio. Eu frustrarei as esperanças de meu pai e Kaikeyi, que, te privando do reino, procuram entronizar Bharata. O poder do karma não trará tão grande adversidade para aqueles que se opõem a nós como a minha bravura infligirá a eles! Depois de governares por mil anos, te retira para a floresta, deixando teus filhos governarem o reino, então, como os nossos antepassados, que, ficando idosos, se retiravam para um eremitério, que tu continues a viver na floresta. Anteriormente, os reis nos seus últimos anos de vida, entregando seus súditos ao governo de seus filhos e netos, costumavam se retirar para a floresta como ascetas. Se, ó Rama, tu

---

[157] O rei e Kaikeyi.

[158] O resultado do karma.

temes governar contra as ordens do rei, pensando que a administração seria insegura, eu protegerei o teu reino como a costa protege a terra das incursões do mar. Se eu falhar, que eu nunca seja chamado de herói! Agora fixa a tua mente na tua entronização com essas preparações auspiciosas; sozinho eu posso causar a derrota dos reis que obstruem a tua instalação. Esses meus dois braços não são só para exibição, nem o meu arco é uma mera decoração. A minha espada nunca foi concebida para balançar ao meu lado, nem as minhas flechas são projetadas para serem mantidas na aljava! Todos esses são dedicados à tarefa de destruir o inimigo. Eu não vou tolerar a existência dos meus inimigos. Com minha espada afiada brilhante, eu cortarei seus corpos em pedaços, mesmo se for o próprio Indra. Eu cortarei em pedaços elefantes, cavalos e homens com minha espada, criando grandes pilhas e tornando o avanço impossível. Hoje, os meus inimigos cairão como nuvens partidas pelo raio. Pondo o godha,[159] erguendo o meu arco, eu atacarei o inimigo com muitas setas e um grande número deles com uma única flecha. Eu destruirei inúmeros soldados, cavalos e elefantes por perfurar suas partes mais vulneráveis com minhas flechas. Hoje eu demonstrarei o poder das minhas armas e estabelecerei a tua soberania. Hoje esses dois braços acostumados a serem adornados com ornamentos e pasta de sândalo e habituados a distribuir caridade e a proteger os amigos provarão sua destreza por resistirem àqueles que obstruem a tua instalação. Ó Ramachandra, eu sou teu servo, me dize quem é teu inimigo e me manda combatê-lo para que os separando de sua fama e amigos, o reino seja colocado em tuas mãos".

Shri Ramachandra, ouvindo as palavras de Lakshmana, enxugando suas lágrimas, consolou-o, dizendo: "Ó caro, saibas que o meu valor principal é a obediência à vontade de meu pai; cabe aos virtuosos cumprirem as ordens de seu pai".

Capítulo 24 – A rainha percebe que ela não tem poder de impedir a decisão de Shri Rama

Vendo o virtuoso Ramachandra determinado a obedecer a seu pai, a rainha Kaushalya, com os olhos cheios de lágrimas e a garganta embargada pela emoção, disse:

"Ó Rama, tu nunca experimentaste dificuldades. Fruto do meu ventre e semente do rei Dasaratha, tu, seguindo o dharma, sempre falaste gentilmente a todos, como tu serás capaz de aguentar viver na floresta? Ele cujos servos vivem de doces e manteiga, como esse meu Rama poderá viver de raízes e frutas? Quem não sentiria insegurança, sabendo que o rei Dasaratha baniu seu filho ilustre e virtuoso? Se ele age assim com tal filho, o que de mim mesma? Se Ramachandra, amado por todos, é obrigado a entrar na floresta, então indubitavelmente o destino (karma passado) governa as nossas alegrias e tristezas. Ó filho, o fogo da tristeza no meu coração, atiçado pelo vento da tua ausência, alimentado com lamento e aflição; estimulado por lágrimas, emitindo fumaça de ansiedade, me consumirá totalmente e me destruirá, como um incêndio florestal no fim do inverno reduz os arbustos, trepadeiras e grama a cinzas. Ó filho, como uma vaca corre atrás de seu bezerro, assim eu te seguirei para onde quer que tu vás".

[159] Uma proteção de couro e metal, usada no braço esquerdo para protegê-lo da corda do arco.

Rama, ouvindo o discurso da rainha triste Kaushalya, respondeu: "Ó mãe, o rei está muito aflito por causa do truque de Kaikeyi, e eu também devo deixá-lo quando eu for para a floresta. O marajá não sobreviverá se tu também fores comigo. Nenhum ato mais cruel uma mulher pode realizar do que deixar seu marido; isso não deve ser aprovado. Enquanto meu pai viver, tu deves servi-lo. Esse dharma eterno deve ser seguido por ti".

A virtuosa maharani ouvindo os conselhos de Shri Ramachandra, ele que vencia dificuldades com facilidade, respondeu submissamente a ele: "Ó meu filho, as tuas palavras são verdadeiras".

Shri Rama então se dirigiu a ela que estava sofrendo angústia profunda, dizendo: "Ó deusa, tu e eu devemos obedecer ao meu pai. Ele é primeiro meu preceptor, em segundo lugar meu pai, em terceiro lugar teu marido e, finalmente, o protetor, mestre e senhor de todos nós. Tendo alegremente passado quatorze anos na floresta, eu vou voltar e ficar às tuas ordens".

A rainha Kaushalya, com os olhos cheios de lágrimas, ela que não merecia sofrimento, respondeu a Shri Ramachandra, dizendo: "Ó meu filho. Como eu suportarei morar com minhas rivais? Se estás decidido a entrar na floresta sob o comando do teu pai, então como uma corça selvagem me leva contigo".

Para sua mãe lamentosa, Shri Rama respondeu: "Enquanto uma mulher viver, ela deve considerar seu marido como seu mestre e seu senhor. O rei é nosso mestre, como nós estaríamos sem mestre se o rei vive? Bharata também é virtuoso, humilde e dedicado ao bem de todos. Ele, sem dúvida, te tratará com respeito e não se oporá a ti. Quando eu me for, não deixes que o rei sofra por conta da minha separação, e não o deixes ser dominado por essa grande dor. O rei agora é idoso, cabe a ti servi-lo com todo o cuidado. Mesmo uma mulher virtuosa, dedicada à piedade e jejum, se negligente em relação ao seu consorte, chega à condição de um pecador, mas aquela que é dedicada ao seu senhor alcança o céu. A mulher que é sempre dedicada ao seu marido e sempre pronta a buscar o bem-estar dele alcança o céu, mesmo que ela não tenha adorado nenhum deus. Serviço ao marido é um dever sancionado pela tradição antiga, pelo Veda e pela lei das escrituras. Ó mãe, realiza aqueles rituais que promovem a paz universal e serve os deuses com oferendas florais. Por minha causa, dá hospitalidade aos brâmanes piedosos e eruditos e aguarda o meu regresso. Realizando a disciplina de purificação diária, desistindo de alimentos saborosos, e vivendo de pratos simples, serve ao rei. Se o rei ainda estiver vivo quando eu voltar, realmente isso estará bem".

A rainha, com os olhos repletos de lágrimas, angustiada por causa da separação iminente de seu filho, respondeu a Shri Ramachandra: "Ó filho, a tua decisão de entrar na floresta estando fixada, eu não tenho poder de te impedir. Ó herói, o destino é irrevogável, portanto, entra na floresta, sem ansiedade, que tu sejas feliz. Quando retornares, os meus sofrimentos acabarão. Ó auspicioso, quando tu voltares após o cumprimento do teu voto, pagando a dívida que tens com teu pai, a minha alegria será completa. Ninguém pode compreender a teia do destino.[160] É o destino que te impele a te opor a mim. Ó príncipe, agora parte e retorna em segurança, promovendo a minha alegria com um coração puro. Ó filho; eu oro para que tu voltes logo, e para que eu te veja em trajes de pele com cabelos emaranhados".

A rainha Kaushalya, sabendo que Ramachandra estava ansioso para entrar na floresta, reverentemente lhe deu suas bênçãos, proferindo palavras auspiciosas.

---

[160] O resultado dos pensamentos e ações acumulado por incontáveis vidas.

Capítulo 25 – A rainha dá sua bênção e os brâmanes pronunciam a bênção

Reprimindo sua dor, tomando algumas gotas de água pura de sua mão, a rainha Kaushalya, purificando-se, realizou os ritos abençoadores para o bem-estar de Rama. Ela disse: "Ó príncipe da Casa de Raghu, eu não posso te impedir, portanto, parte agora, e após o teu retorno, trilha o caminho dos virtuosos. Ó grande Raghu, que esse dharma que tens praticado com coragem te proteja. Que os deuses que tu adoraste nos templos e nas estradas e os grandes sábios te protejam. Que as armas dadas a ti pelo sábio Vishwamitra te protejam. Ó poderoso, preservado por esse serviço prestado por ti ao teu pai, mãe e à verdade, que tu tenhas vida longa. Que a grama kusha sacrifical, aros de grama sagrada, altares, templos, lugares sagrados, montanhas, árvores de todas as espécies, lagos, rios, aves, serpentes e leões sempre te protejam! Que Brahma, Pusha,[161] Aryama,[162] Indra e Lokapala[163] sejam todos auspiciosos para ti! Que as estações, os meses, as semanas, os anos, o dia e a noite te favoreçam! Ó meu filho, que a meditação sagrada, concentração e dharma, junto com as injunções ordenadas no Veda te protejam! Que o senhor Sanatkumara,[164] Mahadeva[165] com Uma,[166] Brihaspati, os sete Rishis santos[167] e Shri Narada te abençoem! Que todos os seres perfeitos adorados por mim sempre te protejam! Que as cadeias de montanhas, os mares como também Varuna seu senhor, o espaço, a terra, os rios e as estrelas com suas divindades, os planetas e o dia e a noite te protejam na floresta! Que as seis estações, os doze meses, o ano inteiro e as divisões da hora promovam a tua felicidade! Que os devas, os Adityas[168] e os asuras, vagando na floresta sob o disfarce de eremitas, te protejam!

"Que rakshasas,[169] pisachas,[170] aqueles que praticam crueldades, aquilo que é de mau agouro e os comedores de carne jamais te causem dano! Que nem macacos, escorpiões, moscardos, serpentes ou répteis se aproximem de ti! Ó meu filho, que nenhum elefante, leão, tigre, urso ou fera com mandíbulas terríveis, ou búfalos e aqueles com chifres perigosos, sejam hostis a ti; propiciados por mim, que eles não te causem dano na floresta! Que o teu caminho seja abençoado, que o teu entendimento seja coroado com êxito! Ó meu filho, que tu sempre encontres frutas, raízes e meios de subsistência! Que tu sempre trilhes a floresta desimpedido! Que todas as coisas entre o céu e a terra te protejam em todos os momentos! Que Indra, a Lua, o Sol, Kuvera e Yama, adorados por ti, te protejam dos teus inimigos! Que Agni, Vayu, Dhuma,[171] e as fórmulas sagradas, ensinadas pelos rishis, te protejam

---

[161] Pusha ou Pushan: o Sol.
[162] Aryama [ou Aryaman]: o chefe dos Pitris ou antepassados.
[163] Lokapala: guardião dos quatro quadrantes.
[164] Sanatkumara: filho nascido da mente de Shri Brahma.
[165] Mahadeva: deus grandioso, um título do Senhor Shiva.
[166] Uma: Parvati, a consorte de Shiva.
[167] Os sete Rishis santos: Angira, Atri, Aditya, Pulastya, Vasishtha e Vasu.
[168] Adityas: deuses do sol.
[169] Rakshasas: demônios.
[170] Pisachas: fantasmas.
[171] Dhuma: deus da fumaça.

quando inadvertidamente entrares em contato com os intocáveis! Que o Senhor do mundo, Brahma, Vishnu e os deuses não mencionados por mim, te protejam na floresta!"

Então a ilustre Kaushalya adorou os deuses com flores e sândalo, oferecendo oblações e acendendo o fogo sagrado pela saúde e paz de Shri Ramachandra com o auxílio de brâmanes piedosos, versados em rituais. Com manteiga, flores brancas, combustível sacrifical e sementes de mostarda preparadas para a oblação pela rainha Kaushalya, os brâmanes cultos e virtuosos realizaram a cerimônia Hawan[172] pelo bem-estar de Rama.

Em seguida, a mãe de Rama pediu que os brâmanes pronunciassem a bênção e oferecessem as oblações aos Lokapalas, os sacerdotes recebendo o restante. Com mel, coalhos, arroz e manteiga clarificada, os brâmanes pronunciaram suas bênçãos e a rainha, tendo lhes oferecido esmolas abundantes e tudo o que eles desejavam, dirigiu-se a Rama, dizendo: "Ó Rama, que a mesma bênção concedida a Indra na destruição de Bratrasura[173] seja tua. Que a bênção concedida a Garuda[174] quando levando embora o amrita,[175] seja tua, pelo poder do meu culto a Vinata.[176] Que a bênção acompanhante de Indra, o portador da maça, no momento em que o amrita se ergueu do oceano a pedido de sua mãe, Aditi, seja tua. Ó meu filho, que a boa sorte que acompanhou o abençoado Trivikrama,[177] quando medindo o mundo em três passos, seja tua também. Ó Rama, que as estações, o oceano, as ilhas, os Vedas e os pontos cardeais contribuam para a tua felicidade".

Assim, espalhando arroz sobre a cabeça de seu filho, a rainha de olhos grandes, Kaushalya, aplicando pasta de sândalo na testa dele, deu a Rama a madeira medicinal 'Vishalya Karina'. Para sua proteção, a rainha repetiu silenciosamente os mantras, e, embora seu coração estivesse cheio de angústia, parecia com alguém contente. Abraçando seu filho, e beijando sua cabeça, ela disse: "Ó meu filho, agora vai em paz. Que tu, tendo cumprido as ordens do rei, retornes com saúde para Ayodhya. Ó filho, a minha alegria estará completa quando eu te vir na tua coroação. Com os meus problemas acabados e as minhas ambições satisfeitas, no teu retorno do exílio, vendo-te ocupando o trono, eu conhecerei felicidade suprema. Tendo cumprido as injunções do teu pai, tu voltarás, e eu, vendo-te vestido em trajes reais com inúmeras pedras preciosas, então encontrarei a paz. Ó príncipe, agora parte e realiza o desejo da princesa Sita e meu".

A rainha, recitando o Canto da Paz, com seus olhos cheios de lágrimas, abraçando seu filho repetidas vezes, o circungirou, olhando em seu rosto.

Tocando os pés dela várias vezes, o ilustre Ramachandra, resplandecente na luz da perfeição do Eu,[178] partiu para o palácio da princesa Sita.

---

[172] Hawan: uma antiga cerimônia de fogo.
[173] Bratrasura ou Vratrasura ou Vritra: um asura morto por Indra.
[174] Garuda: rei das aves, veículo de Shri Vishnu.
[175] Amrita: o néctar da imortalidade.
[176] Vinata: a mãe de Garuda.
[177] Trivikrama: outro nome de Vamana, o Anão santo, quinta encarnação de Shri Vishnu.
[178] Eu: o Divino no homem.

Capítulo 26 – Shri Rama conta sua decisão à princesa Sita

Shri Ramachandra, sempre dedicado à virtude, despedindo-se de sua mãe, pronto para entrar na floresta, passou pelas ruas lotadas, por suas qualidades excelentes inspirando paz nos corações da multidão.

A princesa asceta Sita, não sabendo do que tinha acontecido, com sua mente cheia de alegria ao pensar na coroação esperada de seu consorte, adoradora dos deuses e proficiente em todos os deveres, aguardava a aproximação de seu marido com o coração feliz.

Enquanto isso, Rama vestido em seu traje habitual, de cabeça baixa em humildade, entrou no palácio cheio de pessoas alegres e ricamente vestidas.

Vendo Ramachandra sem adornos, a princesa ficou cheia de consternação e medo, e levantou-se tremendo de seu assento. Rama, vendo a princesa, mais preciosa do que a vida para ele, não pode conter sua aflição. Sita, vendo o rosto de Rama, triste, pálido e úmido de angústia, se dirigiu a ele: "Ó meu senhor, o que é isso? Hoje o planeta Pushya e a Lua estão em conjunção, e Brihaspati em ascensão, esse é o momento fixado para a tua coroação pelos brâmanes santos, por que tu estás assim aflito? Por que eu não vejo o dossel, puro como espuma, incrustado com cem estrelas sobre a tua cabeça? Por que os chamaras, brancos como a lua ou o cisne, não estão ondeando para cá e para lá sobre ti? Ó grandioso, por que eu não ouço os bardos hoje expressando eloquentemente o teu louvor, ou os pânditas recitando o Cântico da Paz?

"Por que os brâmanes eruditos não te ungiram com mel e coalhos como um símbolo da tua entronização? Por que tu não estás acompanhado por ministros, cidadãos e cortesãos vestidos suntuosamente? Por que quatro cavalos velozes com arreios de ouro, de pés rápidos, não te precedem? Eu não vejo o grande elefante semelhante a uma nuvem, possuidor de todas as marcas auspiciosas, no teu cortejo. Por que tu pareces abatido quando os preparativos para a tua coroação estão concluídos? Ó meu senhor, por que o teu rosto não manifesta sinais de alegria?"

Ouvindo as palavras tristes da princesa Sita, Rama respondeu: "Ó Sita, meu honrado pai me mandou ir para o exílio. Ó princesa, nascida de uma família ilustre, familiarizada com a lei do dharma e eminente em virtude, ouve, enquanto eu te conto o que me aconteceu. Há muito tempo, meu pai, um amante da verdade, deu duas bênçãos para a minha mãe Kaikeyi. Vendo os preparativos para a minha coroação, Kaikeyi exigiu o cumprimento de suas bênçãos e agora ganhou domínio sobre a mente dele. De acordo com as duas bênçãos concedidas a ela, eu devo passar quatorze anos na floresta de Dandaka e o príncipe Bharata deve ser instalado como regente. Eu estou indo agora para o exílio e vim te dizer adeus. Que nenhuma palavra em meu louvor seja repetida para o príncipe Bharata, para que ele não retire sua proteção de ti. Tu deves te submeter à vontade dele por causa do teu sustento. O rei conferiu a regência ao príncipe Bharata para sempre. Cabe a ti agir de tal forma que ele não fique descontente contigo. Ó sábia, agora eu vou para a floresta em obediência à ordem de meu pai, fica aqui com o coração tranquilo. Ó impecável, quando, vestido como um eremita, eu partir para a floresta, então que tu também deixes de te enfeitar. Levantando cedo, adora os deuses de acordo com os rituais prescritos, então, aproximando-te do meu pai e da minha mãe, oferece reverência a eles. Minha mãe, a rainha Kaushalya, tendo envelhecido, está aflita por causa da minha partida, cabe a ti servi-la com respeito. As minhas outras mães devem ser honradas e servidas por ti como a rainha Kaushalya, seus corações

também estão cheios de amor por mim. Como a minha própria mãe Kaushalya, elas também me trataram com carinho, portanto, eu as considero dignas da mesma honra. Os meus irmãos Bharata e Shatrughna devem ser considerados por ti como teus irmãos ou teus filhos. Cabe a ti nunca provocar o príncipe Bharata, a partir de agora o governante do reino e chefe da família. Servido com sinceridade, um rei fica satisfeito, mas se provocado, ele fica cheio de ira. Um monarca renuncia aos seus próprios filhos se eles se opõem a ele e recebe até estranhos, como amigos, que promoveram o seu bem-estar. Ó Kalyani, obedecendo ao rei Bharata, permanece aqui, buscando o bem dele. Ó querida, eu entrarei na grande floresta, cabe a ti ficar aqui; eu te encarrego de agir de tal maneira que ninguém fique descontente.

Capítulo 27 – Ela pede para Rama permitir que ela o acompanhe

Sita de voz doce, digna do amor de Rama, sendo assim instruída a permanecer em Ayodhya, embora cheia de afeto, respondeu indignadamente: "Ó filho de um grande rei, ó Rama, como podes falar dessa maneira? Ó príncipe, as tuas palavras evocam riso. Ó chefe de homens, pai, mãe, filho e nora vivem de acordo com seus méritos e dependentes disso, mas uma esposa desfruta da sorte de seu marido já que ela é uma parte dele mesmo. Eu, portanto tenho o direito de compartilhar da ordem do teu pai e também ir para o exílio.

"A felicidade de uma mulher depende de seu marido, nem pai, mãe, filho, parente ou companheiro a beneficiam na morte; nesse mundo e no outro mundo, só seu marido é seu tudo em tudo. Se tu partires hoje para a floresta, eu te precederei a pé, removendo os espinhos e a grama kusha do teu caminho. Ó herói, renunciando à raiva e orgulho, leva-me contigo sem hesitação. Não há falha em mim que mereça a minha permanência aqui, sem ti. A alegria sentida pelos senhores de homens seja residindo em um palácio ou transportados em uma carruagem aérea pelos céus ou possuindo os poderes óctuplos psíquicos é muito inferior à alegria da esposa a serviço de seu senhor. O meu nobre pai me instruiu plenamente nos deveres de uma esposa e, portanto, eu não preciso de mais instrução sobre o assunto. Seguramente eu te acompanharei à floresta, desabitada por homens, cheia de animais selvagens, tais como ursos e touros. Ó meu herói, eu vou morar na floresta tão alegremente quanto no palácio de meu pai, não tendo ansiedade nos três mundos exceto o serviço ao meu esposo. Ó herói, eu vou vagar contigo na floresta de acordo com a antiga lei espiritual, livre do desejo por prazer, percorrendo a mata de aroma de mel. Ó senhor da minha vida, uma vez que tu podes proteger e sustentar inúmeras pessoas, tu não podes mais facilmente me proteger? Sem dúvida hoje eu entrarei na floresta contigo, ó príncipe afortunado, ninguém pode mudar a minha decisão. Eu viverei feliz de frutas e raízes contigo na floresta, não te causando ansiedade. Sob a proteção de alguém tão sábio como tu, ó senhor, eu desejo desfrutar da beleza de lagos, montanhas e rios sem obstáculos. Ó Rama, eu almejo ver contigo os belos lagos onde os cisnes e as aves kavandava[179] brincam, e lótus encantadores florescem. Lá eu me banharei contigo, ó meu senhor de olhos de lótus, me divertindo lá contigo. Assim eu passaria mil anos contigo, a felicidade desfrutada em tua companhia torna até mesmo as delícias do céu desagradáveis para mim. Ó príncipe, sem ti, o próprio céu não me agrada. Eu almejo entrar na

[179] Ave kavandava: uma espécie de pato.

floresta contigo onde cervos, macacos e elefantes vagam. Ó príncipe, servindo teus pés sagrados, eu passarei o tempo lá tão alegremente quanto na casa do meu nobre pai. Não reconhecendo nenhum outro, em ti a minha mente encontra o seu maior prazer; separada de ti, eu certamente morrerei. Ó mestre, tem a bondade de me levar contigo, com certeza eu não vou te sobrecarregar".

Shri Ramachandra, ouvindo as palavras humildes e comoventes de Shri Sita, não querendo deixar a princesa acompanhá-lo, tentou dissuadi-la, descrevendo as dificuldades de uma vida na floresta.

Capítulo 28 - Shri Rama tenda dissuadi-la

O virtuoso Ramachandra, dedicado à verdade, refletindo sobre as dificuldades a serem suportadas na floresta, apesar da súplica de Sita não estava disposto a conceder-lhe o pedido.

Mais uma vez, ele se dirigiu à lamentosa Sita, insistindo que ela não deveria acompanhá-lo, dizendo: "Ó Sita, tu nasceste nobremente e és dedicada à prática da virtude; fica aqui continuando a agir com retidão. Ó princesa frágil, age de acordo com a minha vontade. A vida na floresta é repleta de miséria, ó Sita, abandona a ideia de compartilhar do meu exílio, os perigos são muitos lá. A floresta é chamada 'Antara', significando que ela é imprópria para habitação humana. Para o teu próprio bem-estar, eu te aconselho a permanecer aqui; na floresta não há conforto. Os rios que brotam das montanhas são difíceis de atravessar, os leões que vagam nas cavernas das montanhas infundem terror no coração e tornam a floresta perigosa; portanto, fica aqui. Ó Sita, muitos animais selvagens que vagueiam à vontade na floresta podem te atacar, portanto, a vida lá é cheia de perigo. Os pântanos profundos e os rios infestados de crocodilos são difíceis de atravessar, mesmo um elefante pode julgá-los intransponíveis. Muitos elefantes selvagens vagam aqui e ali; seguramente a floresta está repleta de perigos. Sem água são os caminhos cobertos de espinhos e trepadeiras venenosas, lá o grito rouco de aves selvagens ressoa; a floresta é uma fonte de sofrimento. Cansado da jornada o viajante não encontra almofadas de seda, nem um leito macio, mas à noite deve dormir no chão nu, sua cama as folhas caídas; realmente a floresta é uma fonte de sofrimento! Ó Sita, na floresta não há nada para comer exceto o fruto que caiu das árvores; com isso o viajante deve ficar satisfeito dia e noite, portanto, a floresta é uma fonte de sofrimento! Ó filha de Mithila, jejuando à extensão máxima, com cabelos emaranhados, vestindo roupas de pele, uma pessoa deve adorar constantemente os devas e Pitris e oferecer hospitalidade respeitosa ao convidado inesperado. Três vezes ao dia abluções devem ser realizadas por aqueles que vivem de acordo com o decreto prescrito, portanto, a floresta é uma fonte de sofrimento. Ó princesa jovem, é necessário fazer oferendas de flores nos altares, colhidas pelas próprias mãos, como ordenado pelos sábios. Um morador da floresta deve ficar satisfeito com qualquer alimento que ele puder obter, portanto, a floresta é uma fonte de sofrimento. Grandes tempestades visitam a floresta, cobrindo-o com escuridão de dia; fome constante e muitos outros perigos prevalecem lá, portanto, ela é uma fonte de sofrimento. Ó bela, grandes cobras e pítons moram na floresta, serpentes tão tortuosas quanto as correntes do rio vivem nas águas e obstruem o caminho do viajante, portanto, a floresta é uma fonte de sofrimento. Ó princesa delicada, escorpiões, répteis venenosos, marimbondos e mosquitos afligem alguém

constantemente na floresta; portanto, a floresta é uma fonte de sofrimento. Ó princesa encantadora, a floresta é cheia de arbustos espinhosos, grama áspera e árvores nodosas que obstruem o caminho, ela é, portanto, uma fonte de sofrimento. A vida na floresta é cheia de condições adversas ao corpo e perigos múltiplos, ela é, portanto, uma fonte de sofrimento. Ó Sita, um morador da floresta deve abandonar a raiva e a avareza e praticar penitências severas, nem o medo deve visitá-lo em meio a sinais de perigo.

"Portanto, não consideres entrar na floresta que não está destinada a ser tua sina. Refletindo cuidadosamente, eu não vejo nada exceto sofrimento na floresta para ti".

Assim Rama revelou sua opinião para Sita e procurou dissuadi-la de entrar na floresta, mas a princesa, muito aflita, incapaz de concordar com seu conselho, então respondeu.

Capítulo 29 – Sita continua com suas súplicas, mas o príncipe não está disposto a permitir a partida dela

Shri Sita, ouvindo as palavras de Rama, ficou muito angustiada e com lágrimas escorrendo pelo rosto, respondeu em voz baixa:

"Ó Rama, os sofrimentos de uma vida na floresta descritos por ti serão, pelo meu amor por ti, transmutados em alegrias. Cervos, ursos, leões, elefantes, sarabhas,[180] aves, touros e outros animais da mata, ao virem o teu rosto incomparável, fugirão aterrorizados. Todos te temem, ó senhor! Instruído por meus superiores a permanecer em tua companhia, cabe a mim ir contigo; separada de ti, eu não posso viver. Quando perto de ti, ó Rama, nem Indra o rei dos devas se atreve a me causar dano. Ó Rama, tu me ensinaste que uma mulher não deve ser separada de seu senhor. Ó senhor sapientíssimo, há muito tempo, na casa de meu pai, eu ouvi de alguém familiarizado com os movimentos dos planetas que eu teria que morar na floresta. Ó poderoso, desde que eu ouvi daquele brâmane hábil nas ciências ocultas sobre a minha vida na floresta contigo, eu aguardei o momento com alegria. Ó, que felicidade viver contigo na floresta! Ó querido, tu deves me conceder permissão para ir para a floresta contigo. Eu devo ir contigo, não pode ser de outra forma, assim eu provarei a minha fidelidade, prescrita pelos meus superiores. A hora da realização da profecia do brâmane está próxima. Ó herói, eu conheço todas as misérias da vida na floresta, mas são aqueles de mente incontrolada que as sofrem. Enquanto ainda vivia na casa de meu pai, uma mulher piedosa e santa previu na presença de minha mãe que eu deveria viver na floresta. Ó meu senhor, antigamente eu te pedi para me deixar me divertir contigo nas florestas. A hora agora chegou, concede o meu rogo e me deixa ir contigo! Ó príncipe, que o empreendimento seja propício. Alegre eu estou para te acompanhar à floresta, te servir será meu grande prazer. Ó senhor, abandonando a inveja, acompanhando-te na floresta, todos os meus pecados serão eliminados através da minha devoção a ti. Eu não tenho outro deus além de ti, se a morte me surpreender eu não sentirei felicidade no outro mundo sem ti. Eu ouvi dos brâmanes que uma mulher, dada por seu pai conforme a lei sagrada para um homem, se torna sua esposa neste mundo e também no outro mundo. Ó príncipe de belas madeixas, em perfeita devoção a ti,

[180] Sarabha: um animal lendário de oito pernas.

cheia de humildade, considerando dor e prazer como iguais, partilhando tuas austeridades, me permite te acompanhar. Se tu ainda não tens vontade de me levar, uma mulher angustiada, para a floresta, então eu buscarei a morte por envenenamento ou afogamento".

Dessa maneira, Sita suplicou a Rama para deixá-la acompanhá-lo, mas ainda assim o grande príncipe não estava disposto a consentir. Vendo Rama não disposto a conceder seu pedido, Sita estava cheia de tristeza, e suas lágrimas quentes caíam, umedecendo a terra. Shri Rama, vendo a princesa corada de ansiedade e indignação ainda procurou desviá-la de seu propósito.

Capítulo 30 – Vendo a determinação fixa dela Rama atende ao seu pedido

Shri Rama voltou a salientar os perigos da floresta e procurou persuadir Sita a não acompanhá-lo; mas Sita, com determinação fixa, tremendo de medo, mas incitada por amor e orgulho, falou como em escárnio: "Ó Rama, se o meu pai, o senhor de Mithila, te conhecesse como um homem apenas na forma, mas no fundo uma mulher, ele nunca teria me unido a ti. Ai! os homens em ignorância falam de Rama como semelhante ao sol em esplendor, quando na realidade ele não é assim. Ó Rama, o que te faz triste? Donde o teu temor que tu, abandonando a mim que sou devotada a ti, irás para a floresta? Ó herói, saibas que eu sou para ti o que Savitri[181] foi para Satyavanta, o filho do rei valente Dyumatsena.[182] Ó príncipe impecável, eu nunca olhei para ninguém, nem em pensamento, além de ti, nem me assemelho àquelas mulheres desonradoras do nome de suas famílias que olham para outros homens; portanto, deixa-me ir contigo.

"Ó Rama, por que tu desejas me ceder a Bharata, eu, que, residente contigo por tanto tempo, tua esposa jovem, sou unicamente dedicada a ti? Seja vivendo como um asceta ou eremita ou residindo no céu, eu te seguirei. Viajar na floresta não vai me cansar; seguindo-te, eu sentirei a mesma alegria como caminhando nos jardins ou me divertindo contigo nos bosques. Ó Rama, em tua companhia, as urzes espinhosas como kusha, sarpat e shara me parecerão tão suaves quanto pele de veado. A poeira erguida pela tempestade, cobrindo meu corpo, será como pasta de sândalo para mim. Eu dividirei contigo o leito de grama com o mesmo prazer como uma cama de tecido de seda. Quaisquer folhas, raízes ou frutas que tu me trouxeres serão tão doces e satisfatórias quanto ambrosia. Apreciando contigo os frutos e flores de cada estação, eu não me lembrarei de minha mãe, pai e casa. Nenhuma ansiedade será causada a ti pela minha presença na floresta, nem o meu sustento será um fardo para ti. Digo-te que a floresta vai ser o céu em tua companhia, e sem ti mesmo o palácio vai ser um inferno para mim. Tem a bondade, portanto, de me deixar ir para a floresta contigo. Eu não temo nada na floresta, mas, se tu ainda te recusares a me levar contigo, então eu vou acabar com a minha vida por meio de veneno; eu nunca vou morar no meio de estranhos. Ó meu senhor, sem ti nada me resta exceto a morte; abandonada por ti, seria melhor morrer. Eu não posso suportar

[181] Savitri: a filha do rei Aswapati, que salvou seu marido Satyavanta [Satyavan] do deus da morte e o devolveu à vida. A história inteira é contada no Mahabharata, Vana Parva, [cap. 291-297].

[182] Dyumatsena: príncipe de Salva.

a dor da tua separação nem por uma hora, como então eu a sofreria por quatorze anos?"

Assim Sita, lamentando e abraçando Shri Rama, chorou alto. De seus olhos, como uma elefanta ferida por flechas envenenadas, brotavam lágrimas contidas por muito tempo, como o fogo é aceso pela fricção da madeira. Gotas cristalinas caíam de seus olhos como a água desliza das pétalas das flores de lótus. O rosto da princesa assemelhando-se à lua cheia, murcho pelo fogo do sofrimento intenso, parecia um lótus retirado da água.

Shri Ramachandra, pegando Sita, aflita e desfalecendo, em seus braços, falou-lhe do seguinte modo: "Ó devi, eu não desejo nem entrar no céu se isso te causa dor! Eu não temo nada! Como Brahma, eu sou totalmente destemido! Embora capaz de te proteger de todas as maneiras, contudo não conhecendo plenamente a tua vontade, eu não quis te deixar compartilhar do meu exílio. Vendo que tu estás destinada a compartilhar do meu exílio, eu não desejo te abandonar, como um homem de conduta virtuosa decide não sacrificar o seu bom nome. Ó bela, seguindo o exemplo dos bons de outrora, eu agirei da mesma forma; que tu me sigas como Suvarchala[183] segue o sol. Ó filha do rei Janaka, eu não estou entrando na floresta por minha própria vontade, mas para obedecer às injunções do meu pai. Ó devi, é o dever de um filho obedecer aos seus pais, eu não poderia suportar a vida se eu não respeitasse a ordem do meu pai. O destino é invisível, quem pode controlá-lo senão os pais e o preceptor espiritual que são divindades visíveis, e as suas ordens devem ser obedecidas. O que no mundo é tão sagrado quanto o culto daquele que concede dharma, prosperidade e prazer? Por esse culto, homenagem é prestada aos três mundos. Ó Sita, observância da verdade, caridade e sacrifício acompanhado por oferendas adequadas (dakshina) é de menos utilidade na obtenção do reino espiritual do que o serviço aos pais e ao guru. Aqueles que servem a seus pais e ao preceptor espiritual obtêm céu, riqueza, conhecimento e progênie e nada é impossível para eles. Aqueles que são dedicados aos seus pais e ao seu guru obtêm entrada para o céu e as regiões dos devas, dos gandharvas e de Brahma. Esta é a eterna retidão – obedecer ao comando de teus pais, firme na prática da verdade. Ó Sita, não sabendo a tua opinião, eu te aconselhei a não me acompanhar, mas agora, vendo a tua determinação fixa eu desejo te levar comigo. Ó princesa, cujos olhos brilham como vinho, tu estás destinada a ser minha companheira, que tu me ajudes no cumprimento do meu dever. É bom que tu desejes estar comigo de acordo com o costume dos nossos antepassados. Ó Sita, te prepara para ir para o exílio sem demora; sem ti, nem o céu me agrada. Concede as tuas joias aos brâmanes em caridade e oferece alimento aos pobres; apressa-te, não demores. Dá aos brâmanes, joias, enfeites, vestes ricas, tudo o que tu possuis ou é usado para o meu entretenimento, tudo o que é meu e teu, sofás, cobertores e veículos dá em caridade para os brâmanes e o que restar distribui entre os servos".

Shri Sita, feliz com a aquiescência do príncipe Rama e sabendo que a sua partida estava decidida, começou a distribuir todas as suas posses. Livre de ansiedade, Sita concedeu aos brâmanes virtuosos sua riqueza e todas as suas joias.

[183] Suvarchala: a consorte do sol.

Capítulo 31 - Shri Lakshmana está decidido a acompanhá-los

Shri Lakshmana estando presente, ouvindo a conversa de Rama e Sita, ficou aflito e incapaz de conter sua dor, e chorando amargamente, falou o seguinte: "Se tu estás resolvido a entrar na floresta na qual moram muitos animais selvagens e elefantes, eu vou te acompanhar com meu arco e flechas. Eu passearei contigo na bela floresta aos sons encantadores de aves e veados abundantes lá. Ó Ramachandra, sem ti eu não me interesso em viver nem na região dos deuses nem desejo imortalidade ou domínio sobre outras residências".

Vendo o príncipe Lakshmana determinado a acompanhá-lo à floresta, Shri Ramachandra procurou dissuadi-lo, mas Shri Lakshmana respondeu: "Ó irmão, já tendo me concedido permissão para te acompanhar, por que tu agora me proíbes? Ó impecável, eu gostaria de saber o que te impede de me levar contigo; minha mente está nublada com temores".

Shri Ramachandra vendo Lakshmana humildemente diante dele pronto para acompanhá-lo, disse: "Ó Lakshmana, tu és caríssimo para mim, virtuoso, corajoso e constantemente engajado em obras virtuosas, tu és tão querido para mim quanto a minha vida. Tu és meu irmão mais novo, meu servo e meu amigo. Se eu conceder teu pedido, quem protegerá as renomadas Kaushalya e Sumitra na tua ausência? Ó irmão, o rei que concedia seus desejos, como uma nuvem responde à necessidade da terra, ainda está sob o jugo do desejo por prazer. Quando Kaikeyi, a filha do rei Ashvapatti, se tornar a rainha-mãe, ela não vai tratar bem as suas consortes rivais. Ela não atenderá às necessidades e confortos da rainha Kaushalya e de Sumitra, nem Bharata, governado por sua mãe, as respeitará. Portanto, ó Lakshmana, permanecendo aqui, ganhando o favor do rei, torna feliz a rainha Kaushalya. Ó irmão, presta atenção à minha instrução. Ó conhecedor do dharma, agindo assim, tu demonstrarás tua grande devoção a mim e também servirás tua mãe e, assim, ganharás grande mérito. Ó Lakshmana, refletindo sobre essas palavras, segue a minha injunção. Sem nós, as nossas mães não podem ser felizes".

Rama tendo pronunciado essas palavras, o eloquente Lakshmana respondeu em tom gentil: "Ó herói, Bharata seguramente terá a devida consideração pelas rainhas Kaushalya e Sumitra. Se Bharata, tendo obtido esse reino imenso, por mau conselho e orgulho não proteger as rainhas, eu seguramente matarei aquele canalha perverso. Ó nobre, a mãe Kaushalya pode muito bem comandar milhares como eu. Aquela rainha ilustre pode facilmente proteger a minha mãe e ela mesma e inúmeros outros. Faze de mim o teu humilde servidor, não há nada de errado nisso. Assim o meu maior desejo será realizado e tu também encontrarás satisfação. Armado com meu arco e flechas, uma espada e gabião, colhendo frutas e flores selvagens, eu te precederei, apontando o caminho. Diariamente eu te fornecerei alimento de asceta, folhas e outras oferendas adequadas. Que tu, com a filha do rei de Videha, te divirtas nas encostas das montanhas. Dormindo ou acordado, eu farei tudo por ti".

Shri Ramachandra ouviu as palavras amáveis de Shri Lakshmana com prazer e respondeu: "Ó Lakshmana, pede a permissão da tua mãe Sumitra e de outros parentes para ires comigo. Ó Lakshmana, vai buscar, sem demora, os arcos temíveis dados pelo próprio Varuna ao rajarishi Janaka no momento do grande sacrifício, também a armadura impenetrável e as aljavas celestes, as duas espadas brilhantes como o sol, decoradas com ouro, que o rei Janaka me ofereceu no momento das minhas núpcias e que foram guardadas com cuidado na casa de Shri Vasishtha".

Sabendo que o seu exílio era indubitável, Shri Lakshmana despediu-se de seus parentes e, trazendo as armas enfeitadas com flores frescas da casa de Shri Vasishtha, apresentou-as a Rama.

Então Shri Ramachandra falou alegremente para Lakshmana e disse: "Ó príncipe belo, tu és bem-vindo nessa hora, ó irmão, eu desejo oferecer todo o meu sustento em caridade para os brâmanes e ascetas, ajuda-me. Para aqueles brâmanes que moram na cidade dedicados ao seu guru, para eles e para os meus servos distribui toda a minha riqueza. Convoca o excelente Suyajna, filho de Shri Vasishtha, e o convida a vir aqui sem demora. Tendo devidamente honrado a ele e a outros brâmanes piedosos, eu partirei para a floresta".

Capítulo 32 – Shri Rama dá sua riqueza aos brâmanes, seus amigos e servos

Comandado por Shri Rama, Lakshmana foi para a casa do rishi Suyajna. Vendo o rishi sentado em seu pavilhão sacrifical, ele fez uma reverência para ele e disse: "Renunciando ao reino, Shri Ramachandra está entrando na floresta, vem com toda pressa para vê-lo embarcar nessa tarefa árdua".

Tendo realizado sua devoção da noite, o rishi Suyajna, com o príncipe Lakshmana, entrou no palácio belo e encantador de Shri Rama. Vendo que aquele conhecedor do Veda tinha chegado, Shri Rama e Sita se levantaram e com palmas unidas saudaram o rishi com reverência. Oferecendo-lhe saudações, Shri Rama deu-lhe esmolas, belos ornamentos, brincos adornados com pedras preciosas, colares de gemas encordoadas em fio de ouro, amuletos e outras joias, e a pedido de Sita, disse: "Ó rishi pacífico, tem a amabilidade de aceitar esse colar e ouro que Shri Sita oferece à tua esposa, também os braceletes e anéis de ouro batido e pulseiras de pedras preciosas; prestes a entrar na floresta, Shri Sita os oferece à tua esposa. Aceita também esse sofá puro macio com um cobertor bordado com pedras preciosas, pérolas e pendões. Este elefante também, chamado Shatranjaya, que meu tio me deu, eu ofereço a ti, ó grande rishi, junto com mil moedas de ouro".

Suyajna, rogado por Shri Rama, aceitou todos os presentes, e deu suas bênçãos a Rama, Lakshmana e Sita. Então Rama, sempre de fala gentil, se dirigiu a Lakshmana como Brahma se dirige a Indra, dizendo: "Ó Lakshmana, chama aqui os dois filhos excelentes do rishi Agastya e de Shri Vishwamitra, e os honra com presentes de pedras preciosas. Dá a cada um em abundância, como um campo de grãos é visitado pela chuva, mil vacas, ouro, prata, joias e ornamentos. Para aquele brâmane, versado no Taittiriya[184] que, diariamente, com devoção, dá a sua bênção à rainha Kaushalya e Sumitra, que é versado no Vedanta e experiente em todos os assuntos, dá veículos, mantos de seda e criadas, de modo que ele possa ficar totalmente satisfeito. Para o meu conselheiro confidencial, Chitaratha, que me serviu por um longo período, dá joias preciosas, tecidos e riqueza abundante, e para os brahmacharis, meus colegas que estudam o Veda e são de conduta excelente, que não exercem uma profissão, vivendo desapegados, desfrutando de bons alimentos, mas dependentes de esmolas, dá mil vacas a cada um desses. Ó Lakshmana, dá a eles oitenta camelos para cada, carregado com joias, mil bois carregados com arroz

[184] Taittiriya Samhita: uma coleção de ensinamentos do Krishna Yajurveda, instruções sobre a realização de sacrifícios.

e duzentos touros para arar o solo. Ó Lakshmana, dá a eles vacas para que eles possam desfrutar de manteiga, leite e coalhos, e a cada um dos brahmacharis que atendem a rainha Kaushalya dá mil vacas e mil moedas de ouro e lhes dá esmolas abundantes para que a minha mãe fique satisfeita conosco".

Obedecendo aos comandos do príncipe Rama, Shri Lakshmana ofereceu hospitalidade aos brâmanes. Como Kuvera, ele deu a cada brâmane riqueza abundante, conforme instruído por seu irmão. Então Shri Rama, vendo seus servos de pé perto dele chorando, lhes deu riqueza suficiente para as suas vidas inteiras e disse: "Até eu voltar da floresta, vigiem o palácio pertencente a Shri Lakshmana e a mim".

Em seguida, todos choraram dominados pelo pensamento de sua partida, e Rama se voltando para o seu tesoureiro disse: "Traze aqui a minha riqueza", e eles empilharam quantidades de ouro e prata diante dele, maravilhosas de se ver. Então Rama com o auxílio de Lakshmana a distribuiu entre os idosos, os doentes e necessitados.

Agora, havia certo brâmane da família de Garga, cujo nome era Trijata, cuja pele era pálida por causa de muitas privações. Ele, trabalhando honestamente, ia para a floresta diariamente com pá, machado e arado, mantendo sua família com as frutas e flores da floresta. Sua esposa, cansada de tanta pobreza, reunindo suas crianças pequenas, dirigiu-se a seu marido, dizendo: "Abandonando o teu arado e a pá, segue as minhas instruções. Vai com toda velocidade e te aproxima do virtuoso Shri Ramachandra, sem dúvida, tu obterás alguma coisa lá".

O brâmane, cobrindo-se com uns poucos trapos miseráveis, partiu para o palácio de Shri Rama, seu semblante, em brilho,[185] parecido com aquele do rishi Bhrigu ou Angiras.

Entrando no quinto portão inconteste, ele chegou onde a multidão estava reunida e se aproximando de Shri Ramachandra, disse: "Ó príncipe ilustre, eu sou desprovido de riqueza e, tendo muitos filhos, subsisto com o que eu encontro na floresta, olha-me com compaixão".

Shri Rama respondeu jocosamente: "Eu ainda tenho muitos milhares de vacas ainda não concedidas a ninguém. Jogando o teu bastão a partir deste ponto, eu te darei tantas vacas quanto puderem ficar no espaço entre ti e onde o bastão tiver caído".

Trijata, ouvindo essas palavras, atando seus trapos firmemente em volta de sua cintura, girando seu bastão, o jogou longe com toda a força. O bastão caiu na outra margem do rio Sarayu onde milhares de vacas e touros reais estavam pastando. Shri Rama ordenou que todos esses fossem levados ao eremitério do brâmane e dirigiu-se a ele deste modo: "Não fiques descontente, ó brâmane, que eu brinquei contigo; eu desejava testar os teus grandes poderes. Agora, o gado será levado para a tua residência, pede, além disso, tudo o que desejares. Ó brâmane, eu darei qualquer coisa que tu pedires; toda a minha riqueza é para ser dada aos brâmanes. Nada me satisfaz tanto quanto a concessão da minha riqueza a brâmanes tais como tu, trazendo-me renome".

Então o brâmane Trijata muito satisfeito, levando as vacas, partiu com sua esposa, cheio de poder, fama e devoção, abençoando Shri Ramachandra.

Depois disso, Rama deu o restante da sua riqueza, adquirida através da virtude, a seus amigos, honrando-os com sinais de respeito. Não houve um

[185] É aqui sugerido que a condição elevada do brâmane se expressava na forma de esplendor espiritual.

brâmane, servo, indigente ou mendigo que ele não tenha honrado com caridade naquele momento.

Capítulo 33 – Ele vai, com Sita e Lakshmana, ao palácio do rei Dasaratha

Shri Rama, tendo, com Sita, distribuído riquezas em abundância aos brâmanes em caridade, foi com Lakshmana e Sita ver o rei Dasaratha, seguido por seus servos portando armas adornadas com flores e sândalo.

O povo da capital, subindo no topo dos edifícios altos e nos telhados das casas de sete andares para vê-los, ficou desanimado. Alguns disseram: "Vejam agora Shri Rama, anteriormente acompanhado por quatro divisões do exército, é hoje seguido apenas por Sita e Lakshmana". Outros responderam: "Shri Rama, tendo provado as delícias da soberania e experimentado todas as alegrias da vida, ele que dá riqueza aos necessitados, incitado pelo dever, deseja tornar frutífera a promessa de seu pai. Hoje Sita, nunca vista antes nem mesmo pelas aves, está exposta à visão das pessoas comuns na estrada".

Um deles disse: "Certamente, o rei está possuído por um espírito maligno senão ele nunca enviaria um filho tão querido para o exílio". E outro, "Ninguém jamais baniu nem mesmo um traidor, quanto menos Shri Rama que ganhou a afeição de todo o mundo por sua conduta excelente? Ele não é só virtuoso mas é inocente, compassivo, culto, verdadeiro, autocontrolado e de mente subjugada. Seus súditos estão tão angustiados ao pensarem em sua ausência quanto a ave aquática durante a seca do verão. Os sofrimentos de Rama, senhor do mundo, afligem a todos, como faz uma árvore arrancada da terra. O glorioso Ramachandra, conhecedor do dharma, parece a raiz de uma árvore da qual as flores, frutos, folhas e galhos são as pessoas. Vamos, abandonando os nossos jardins, campos e casas, compartilhando das suas angústias, seguir Shri Rama. Nossas casas desertas, seu tesouro removido, seus pátios negligenciados, sem grãos ou provisões, sua beleza perdida, serão enterradas no pó. Os devas deixarão de visitá-las, mas os ratos correndo aqui e ali as encherão de incontáveis buracos. Sem água, cobertas de fuligem, sujas, nenhum rito diário será realizado lá. Caídas em ruínas, repletas de recipientes quebrados, como se amaldiçoadas pelo rei ou por decreto divino, de todas essas, totalmente abandonadas por nós, que Kaikeyi desfrute.

"Nós rezamos para que essa cidade abandonada por Shri Rama seja convertida em uma selva e a floresta onde Rama morar se torne uma cidade próspera. Que as cobras abandonem seus buracos, os veados e aves abandonem sua residência nas montanhas e vales, e o leão e o elefante deixem a floresta, com medo de nós e venham habitar na capital de Ayodhya. Que a cidade abandonada por nós, desprovida de feno e cereais tendo-se tornado o refúgio de serpentes, veados e aves, seja governada por Kaikeyi e seu filho e que nós, morando na floresta com Rama, desfrutemos plenamente de toda a felicidade".

Shri Rama passando, ouvindo sua conversa, não ficou perturbado de nenhuma maneira, mas prosseguindo lentamente, como um jovem elefante, com andar majestoso se aproximou do palácio de seu pai, que parecia a montanha Meru. Shri Rama, entrando no palácio real guardado por tropas experientes, viu Sumantra permanecendo lá desconsolado. Shri Rama, com um semblante sorridente,

passando pelas pessoas que estavam aflitas e cheias de dor, se aproximou do aposento de seu pai, desejoso de servi-lo.

Antes de entrar na câmara real, ele pediu a Sumantra, abatido por conta da partida de Rama, para informar ao rei de sua chegada. Desejoso de cumprir a ordem do monarca virtuoso, Shri Rama, determinado a entrar na floresta, pediu a Sumantra para anunciar sua presença para o rei.

Capítulo 34 – O rei dá a sua bênção, enquanto todo o palácio se enche de lamentação

Ramachandra de pele escura, de olhos de lótus, aquele príncipe inigualável, instruiu seu ministro a anunciar sua chegada ao rei. Nisso, Sumantra, entrando no apartamento real, viu o rei extremamente angustiado, lamentando amargamente, como o sol sob eclipse ou um fogo enterrado em cinzas ou um lago sem água.

O erudito Sumantra com palmas unidas dirigiu-se ao monarca extremamente aflito por louvá-lo de forma apropriada e, oferecendo reverência, ele disse: "Jai a ti, ó rei". Então, hesitantemente, em tons baixos e gentis ele acrescentou: "Ó rei, teu filho Rama, aquele leão entre os homens, está à tua porta, tendo distribuído toda a sua riqueza para os brâmanes piedosos e os servos; tendo agora se despedido de seus amigos, ele deseja se aproximar de ti. Provido de todas as qualidades excelentes como o sol com seus raios, ele está prestes a partir para a floresta, tem a bondade de recebê-lo, ó majestade".

O monarca virtuoso, o conhecedor do dharma, profundo como o mar, puro como o céu, falou: "Ó Sumantra, convoca as damas da corte, eu gostaria de ver Rama em sua presença".

Entrando nos aposentos privados das rainhas, Sumantra disse: "Sua majestade exige a sua presença, vão ter com ele sem demora". Assim abordadas por Sumantra, em obediência aos desejos de seu consorte, elas se prepararam para se aproximar do rei. Trezentas e cinquenta mulheres, com seus olhos avermelhados por chorarem por causa da partida de Rama, em torno da rainha Kaushalya, avançaram lentamente em direção ao rei. Elas estando presentes, o rei mandou Sumantra trazer seu filho diante dele.

Sumantra, trazendo Shri Rama, Lakshmana e Sita com ele, entrou rapidamente no aposento do rei. O monarca, vendo Shri Rama se aproximando, se levantou de seu assento, e correu em direção a ele com pressa, com suas consortes, mas antes que o alcançasse ele caiu ao chão inconsciente.

Então Shri Rama e Lakshmana, avançando, ergueram o rei que tinha ficado inconsciente pela dor e sofrimento. O palácio ressoava com os lamentos de mil mulheres gritando, "Rama, Rama", "Ai! Ai!" o tilintar de seus ornamentos abafado pelo tumulto de seus gritos.

Shri Rama e Lakshmana sustentando o rei em seus braços o levaram ao sofá, e depois de um longo tempo ele despertou. Então Shri Ramachandra abordou o monarca que estava afundando no oceano do sofrimento, e disse: "Ó grande rei, mestre de todos, eu estou prestes a entrar na floresta de Dandaka, tem a amabilidade de me olhar com benevolência. Permite também que Lakshmana e Sita me acompanhem, já que eles, recusando o meu conselho que eles deviam permanecer aqui, resolveram me seguir, com propósito fixo. Ó majestade, abandonando a tristeza, nos comanda, como Prajapati comanda seus súditos".

Com os olhos cheios de compaixão, fixando seu olhar em seu filho amado, o rei, sabendo que ele estava prestes a entrar na floresta com o coração sereno, disse: "Ó Ramachandra, eu fui enganado pela rainha Kaikeyi em razão de uma promessa, que tu, me deixando de lado, te apoderes do reino de Ayodhya pela força".

Ouvindo as palavras do rei, Rama, eminente em virtude, falou eloquentemente e humildemente: "Meu senhor, que Deus te conceda ainda mil anos para viver e governar a terra! Desejoso de seguir a verdade, eu seguramente entrarei na floresta, residindo quatorze anos lá. Eu então voltarei para te servir e te oferecer homenagem".

Seguro firmemente nas redes da verdade, o rei, instigado por Kaikeyi, chorou e cheio de angústia respondeu: "Ó filho, para obter felicidade no outro mundo e renome na terra e por causa do teu retorno, entra na floresta com o coração pacífico. Que nenhum medo de qualquer fonte te visite no caminho. Ó Ramachandra, firme na verdade e no cumprimento do dever, ninguém pode te desviar do caminho da retidão. Ó meu filho, não partas ainda, fica mais uma noite com a tua mãe e eu. Satisfeito após a noite, parte de manhã cedo para a floresta. Meu filho, por minha causa, tu empreendeste o que ninguém pode realizar. Para o meu bem e a minha felicidade futura tu escolheste entrar na floresta. Ó filho, na verdade, eu não posso permitir a tua partida, mas estou impotente. Enganado por Kaikeyi, cujos planos se assemelham a um fogo coberto com cinzas, eu estou preso nessa armadilha, mas por que tu também deves sofrer? Ó filho, é de admirar que tu, meu filho mais velho, desejasse que o teu pai mantivesse a veracidade?"

Ouvindo as palavras de seu aflito pai, Shri Rama, profundamente angustiado, respondeu: "Ó pai, se hoje eu permanecesse alegremente no palácio real, o que de amanhã? Portanto, com a tua permissão, eu desejo partir imediatamente. Que o teu reino, cheio de riqueza e de grãos, habitado por teus súditos, cercado por estados tributários, seja dado ao príncipe Bharata! Ó concessor de bênçãos, a minha resolução de entrar na floresta é fixa. Assim tu ordenaste! Eu devo morar na floresta por quatorze anos com os ascetas. Que tu, sem demora, dês o reino a Bharata! Eu não desejo nada, nem a felicidade é tão querida para mim como a obediência aos teus comandos. Ó meu pai, não te aflijas, nem fiques angustiado; o poderoso oceano, senhor dos rios, não ultrapassa os seus limites. Ó majestade, eu não desejo nem reino nem prazer, nem mesmo Janaki,[186] nem deleite, nem céu, nem a própria vida, mas só desejo te ver o devoto da verdade. Ó meu pai, tu és como um deus para mim, eu juro pela verdade e pelos méritos adquiridos por mim que as minhas palavras estão livres da nódoa da hipocrisia. Ó meu pai e senhor, eu não posso ficar aqui por nem mais um momento; contém a tua dor, nada pode me mover da minha decisão. Quando Kaikeyi me mandou entrar na floresta, eu respondi "Eu irei", portanto, fiel à minha palavra, eu partirei. Não fiques angustiado, ó meu senhor, eu viverei na floresta, onde cervos pacíficos são abundantes e aves cantam suas belas canções. Ó pai, é dito que um pai é o deus dos deuses; sabendo que tu és uma divindade suprema, eu sou obediente às tuas ordens. Ó rei augusto, eu passarei facilmente quatorze anos na floresta e então voltarei para ti. Agora cabe a ti pacificar aqueles afligidos e entristecidos. Ó leão entre os homens, cumpre o teu dever e não caias vítima da dor. Eu renuncio à capital, ao reino e à terra; que eles sejam dados a Bharata. Sem hesitar eu seguirei a tua ordem e entrarei na floresta. Que esse reino adornado por altas montanhas e florestas profundas, cheio de cidades e aldeias,

[186] Janaki: um nome de Sita.

seja governado pelo príncipe Bharata de acordo com o dharma. Que a tua palavra seja cumprida. Ó rei, meu coração não é dado a deleites, nem a qualquer objeto de prazer, tudo o que eu desejo é realizar teus comandos, aprovados por homens virtuosos. Ó rei, abandona toda a tristeza por minha causa; eu não desejo nem a felicidade, nem a riqueza, nem a terra, nem Janaki, nem mesmo a vida. Eu desejo que o mundo te conheça como o devoto da verdade. Ó meu senhor, sê feliz. Eu, entrando na floresta cheia de muitas espécies de árvores, vendo as montanhas e rios, viverei alegremente, subsistindo de frutas e raízes".

O rei cheio de angústia abraçou seu filho e caiu ao chão inconsciente. As rainhas todas começaram a lamentar, exceto Kaikeyi somente. Então o idoso Sumantra também caiu inconsciente, e todo o palácio estava cheio de lamentação.

Capítulo 35 – Sumantra acusa a rainha Kaikeyi

Voltando a si, o ministro Sumantra, dominado pela raiva, respirando pesadamente, rangendo os dentes, torcendo as mãos, batendo a cabeça, seus olhos avermelhando-se, sua cor alterada, mostrou todos os sinais de angústia. Percebendo que a rainha Kaikeyi tinha perdido o respeito do rei, Sumantra perfurou o coração dela com palavras tão afiadas quanto flechas, fazendo-a tremer. Penetrando nas partes mais vulneráveis do seu ser, Sumantra expôs os defeitos ocultos da rainha, por suas palavras farpadas. Ele disse: "Ó senhora, tu abandonaste teu marido o nutridor e sustentador dos móveis e imóveis. Não há nada indesejável no mundo que tu não tenhas realizado. Eu te considero a assassina de teu marido e a destruidora de tua família. Por meio dos teus atos vis, tu atingiste o rei Dasaratha, que é inconquistável, que se assemelha a Indra e que é imóvel como uma montanha. Ó Kaikeyi, não insultes o rei idoso que conferiu essas bênçãos a ti. A obediência ao marido deve, em uma mulher, exceder em muito o amor por mil filhos. É a antiga tradição dessa dinastia que o filho mais velho deve suceder seu pai, mas tu procuras revogá-la e fazer de teu filho o governante enquanto o rei idoso ainda vive. Que o teu filho Bharata governe o reino, nós seguiremos Rama para onde quer que ele vá. Ninguém de boa fama permanecerá para ajudar o teu filho na administração, já que tu procuras repudiar o costume imemorial. Eu me admiro que a terra não se abra e te engula pelos teus crimes. Por que os sábios santos não te condenam totalmente? Que tolo corta pela raiz uma árvore de manga doce com seu machado, a fim de plantar uma árvore nimba[187] em seu lugar, que não dá fruto doce, mesmo se regada com leite? É comum dizer que o mel não flui da árvore nimba. Eu vejo que tu és tão perversa quanto a tua mãe. Os pecados cometidos por tua mãe são conhecidos por mim, eu ouvi sobre eles em relatório digno de confiança. Teu pai, em virtude de uma bênção concedida a ele por um Yogi, entendia a linguagem de todas as criaturas; de toda ave, ele entendia a voz. Uma vez, voltando para a capital, ele ouviu a conversa entre duas formigas e riu-se, após o que tua mãe se enfureceu e ameaçou tirar sua vida, dizendo: "Eu preciso saber a causa do teu riso". O rei respondeu, dizendo: 'Ó senhora, se eu te disser a causa da minha risada, isso sem dúvida levará à minha morte". Então tua mãe falou para seu marido, Kaikeya, dizendo: "Eu não me importo se vives ou morres, dize-me a causa do teu riso. Se tu estivesses morto, tu não poderias me insultar com a tua risada".

[187] Árvore Nimba ou Nima, uma árvore de folhas extremamente amargas.

O rei, se aproximando do Yogi, contou-lhe toda a história, e o Yogi disse: "Ó rei, que a tua esposa volte para a casa de seu pai ou morra, não reveles o segredo a ela". Então o rei Kaikeya, com a mente satisfeita, abandonou tua mãe, e viveu livre como Kuvera. Ó rainha pecaminosa, tu também segues o mau caminho, enganando o rei e incitando-o para os maus costumes. É um ditado verdadeiro: 'O filho segue o pai e a filha a mãe'. Não sigas tua mãe, mas obedeças ao teu marido, o rei, nosso protetor, por respeitar a sua palavra. Deixes de ser governada pelo mal e não leves o teu marido para o caminho da injustiça. O rei não vai rescindir a promessa feita a ti. Ó senhor, pede ao rei para dar a coroa a Rama que é o filho mais velho, que é generoso, virtuoso, um cumpridor de seu dever, e um protetor de todos os seres vivos. Se Shri Rama for para a floresta, o mundo inteiro vai falar mal de ti. Que a tua mente fique em paz e deixe Rama ser coroado. Se alguém que não Rama governar o reino, isso não será benéfico para ti. Se Rama se tornar regente, então o rei seguindo a tradição antiga indubitavelmente se retirará para a floresta".

Assim Sumantra com palavras duras acusou a rainha na assembleia, mas Kaikeyi não se alterou de nenhuma maneira, nem demonstrou qualquer sinal de arrependimento, nem sua face mudou.

Capítulo 36 – Ela ignora as palavras do ministro-chefe e do rei

Então o rei Dasaratha, profundamente angustiado por conta de seu voto, abordou o lamentoso Sumantra, dizendo: "Ó Sumantra, prepara quatro divisões do exército carregadas com riqueza para acompanhar Shri Rama. Que mulheres belas e eloquentes e comerciantes sigam em sua esteira, junto com os comerciantes ricos que possam montar estoques abastecidos com as coisas necessárias para o exército de Shri Rama. Que aqueles assistentes pessoais agradáveis para Rama, tendo recebido riqueza abundante, o acompanhem. Que cidadãos escolhidos acompanhem Rama com instrumentos de guerra e veículos, e que aqueles que conhecem os caminhos da floresta vão também. Shri Rama caçando veados e elefantes, bebendo mel fresco e desfrutando a beleza dos rios se lembrará daqueles deixados para trás. Que toda a minha riqueza e grãos sejam enviados com Rama para a floresta desabitada. Celebrando sacrifícios com os sábios em lugares sagrados, dando esmolas a eles, Shri Rama viverá lá alegremente. O príncipe Bharata governará o povo aqui e Rama partirá suprido abundantemente".

Kaikeyi ficou temerosa ao ouvir as palavras do rei, sua boca secou e ela ficou incapaz de falar. Trêmula com agitação, ela então disse: "Ó chefe de homens, Bharata não aceitará o reino despojado de sua riqueza e povo, assemelhando-se ao vinho não fermentado".

Os olhos do rei se avermelharam de raiva por causa das palavras cruéis e desavergonhadas de Kaikeyi, e ele respondeu: "Ó patife perversa, por que tu procuras me esmagar com essa carga de tristeza? Quando tu exigiste o exílio de Rama, tu não adicionaste que ele deveria ir de mãos vazias".

Ao ouvir as palavras do rei, a fúria de Kaikeyi foi redobrada, e ela disse: 'Da tua dinastia, o rei Sagara enviou seu filho Asumanjas para o exílio. Que Rama parta na mesma maneira'.

Ao ouvir essas palavras, o rei Dasaratha gritou: "Ai, ai de mim!" e todo o povo sentiu-se envergonhado, mas Kaikeyi permaneceu impassível. Em seguida, o ministro-chefe, de nome Siddhartha, um homem virtuoso, muito favorecido pelo rei

Dasaratha, dirigiu-se a Kaikeyi, dizendo: "Ó senhora, Asumanjas, agarrando as crianças que brincavam na rua, os jogava no rio Sarayu, por isso ele foi considerado um homem extremamente perverso. O povo da cidade, desgostoso com suas crueldades, pediu para o rei Sagara bani-lo, dizendo: 'Tu preservarás a nós ou ao príncipe Asumanjas na cidade?' O rei Sagara lhes perguntou o motivo de seu temor e eles disseram em resposta: 'O príncipe Asumanjas se tornou insano, pegando as nossas crianças quando brincando e as jogando no rio; ele se alegra com esse ato'. O rei Sagara, portanto, abandonou seu filho malévolo e colocando-o em uma carruagem com sua esposa, roupas e outras coisas necessárias, proclamou: 'Asumanjas está banido para o resto da vida'. Asumanjas, armado com um machado e cesta, vagou na floresta e colheu os frutos das suas maldades. O virtuoso marajá Sagara baniu seu filho por causa do seu mau comportamento, mas, ó rainha, qual pecado Rama cometeu que ele deve ser exilado por ti? Eu não vejo defeito em Rama. Seria tão fácil encontrar uma mácula na lua! Ó senhora, se tu encontraste alguma falha em Rama, então a declara abertamente e ele será banido do reino. Ó Kaikeyi, é um ato injusto abandonar alguém que segue o caminho da virtude, sem motivo real; tal ato destruiria o esplendor do próprio Indra. Ó senhora de belo rosto, não destruas a prosperidade de Shri Ramachandra e te tornes uma fonte de ignomínia para o povo".

Ouvindo as palavras do ministro Siddhartha, o rei Dasaratha, tomado pela dor, falou a Kaikeyi, em tons entrecortados e disse: "Ó pecaminosa, tu ignoras as palavras de meu ministro? Tu estás cega para o teu próprio bem-estar e o meu? Tu estás determinada a seguir o mau caminho? Desistindo da minha riqueza e sustento e dos confortos do palácio, eu vou seguir Rama. Governa à vontade com Bharata para sempre".

Capítulo 37 - Apesar da instrução de Vasishtha, Shri Sita ainda deseja entrar na floresta

Ouvindo as palavras do ministro chefe Siddhartha e aquelas do rei, o príncipe gentil humildemente deu a seguinte resposta: "Ó rei, tendo renunciado a todos os prazeres para viver dos produtos da floresta, que necessidade eu tenho de riqueza, de um exército ou de outros requisitos? Quem se importará com as cordas que atam o assento ao elefante quando se desfez do elefante? Ó grandioso, como eu estou, que razão eu tenho para um exército na floresta? Que ele seja dado ao príncipe Bharata. Tragam-me trajes de pele. Eu passarei catorze anos na floresta, e preciso só de uma pá para escavar raízes e frutas e um cabaz e cesto. Eu desejo partir sem mais demora".

Ouvindo suas palavras, Kaikeyi se levantou e trouxe as vestes de pele, e no meio da assembleia, sem vergonha, dirigiu-se ao príncipe Rama dizendo: "Coloca-os".

Shri Ramachandra recebendo o traje de Kaikeyi, se livrando de sua roupa valiosa, colocou o traje de pele. Shri Lakshmana também tirando seus belos mantos, colocou a roupa de um asceta na presença de seu pai. Shri Sita vestida em um adorável sari de seda, vendo as vestes de pele oferecidas a ela, se assustou, como uma corça ao ver a armadilha do caçador.

A princesa Janaki, dotada de qualidades excelentes, recebeu o traje de pele, com vergonha e angústia. Versada nos deveres de uma esposa fiel, ela, dirigindo-se

ao seu marido divino, com os olhos repletos lágrimas, disse: "Como é que os ascetas vestem os mantos de pele?"

Shri Sita, ignorante do costume, permaneceu confusa, não habilidosa na arte de vestir roupas de pele, colocando uma extremidade da vestimenta em volta do pescoço e segurando a outra em suas mãos, ela ficou perplexa. Então Ramachandra, o principal dos bons, se aproximando da princesa, prendeu o manto da pele sobre o seu sari de seda. Todas as damas da corte, vendo Rama auxiliando Sita a colocar o traje de pele, começaram a chorar e timidamente abordaram o ilustre Rama: "Ó príncipe amado, teu pai não concedeu permissão para Shri Sita entrar na floresta. Que tu entres na floresta de acordo com a ordem do rei, mas não deixes Janaki ir contigo. Permite que a nossa vida seja frutífera ao contemplar seu rosto. Que Lakshmana vá contigo para a tua proteção, mas a bela Sita não tem condições de morar na floresta como um asceta. Ó Rama, incitado pelo dharma, vai sem demora como tu desejas, mas, nós te rogamos, deixa a princesa Sita conosco".

Shri Rama, sabendo que Sita não estava disposta a ficar lá na sua ausência, desconsiderando o pedido, ajudou Sita a vestir as vestes pele. Shri Vasishtha, preceptor do rei, vendo Sita vestida com o hábito de um asceta, ficou descontente, e disse a Kaikeyi: "Ó destruidora da tua dinastia, ó Kaikeyi de mente má, tu enganaste o rei e agora excedes as bênçãos concedidas a ti, tu estás morta para todo o bom senso. Não é para a princesa Sita entrar na floresta, deixa-a governar no lugar de Rama até ele voltar. A mulher é, por assim dizer, metade de seu esposo, portanto, o que lhe é devido é dela também. Shri Sita sendo a metade de Shri Rama na ausência dele tem direito ao trono. Caso Shri Sita acompanhe Rama, então eu e todo o povo de Ayodhya vamos segui-lo. Aonde Rama for com Sita, para lá seguirão os guardas, o povo do reino e os cidadãos da capital. Não só isso, até mesmo o príncipe Bharata e o príncipe Shatrughna, assumindo as vestes de ascetas, vão acompanhar seu irmão mais velho. Então esse reino abandonado pelos homens, povoado por árvores somente, será governado por ti, ó tu, empenhada na destruição de teus súditos. Saibas bem que não há reino onde Shri Rama não é rei, mas a floresta na qual Rama mora se torna o reino. O rei, consentindo de má vontade, pode conferir o reino a Bharata, mas Bharata nunca aceitará a coroa, nem te honrará como sua mãe, se ele for o verdadeiro filho do rei Dasaratha. Mesmo que tu morras, ainda assim o príncipe Bharata, familiarizado com a lei antiga, se recusará a governar o reino enquanto seu irmão mais velho, Shri Ramachandra, viver. Tu, desejando o progresso de teu filho, Bharata, procurando fazê-lo rei, estás na verdade lhe trazendo sofrimento, já que ele seguirá Shri Ramachandra. Ó Kaikeyi, tu verás animais, cobras, cervos, aves e até mesmo árvores se curvarem diante de Rama, governados por seu amor, para não falar dos homens. Ó senhora, remove o traje de pele e permite que Sita se vista com mantos reais, a vestimenta de asceta não convém a ela".

O guru Vasishtha proibiu Sita de vestir o manto de pele e disse à rainha: "Ó filha do rei Kaikeya, tu exigiste o exílio de Rama sozinho, que Sita se vista em mantos nobres quando acompanhando Rama. A benção exigida por ti não implicava o exílio de Shri Sita, portanto, que a princesa, belamente vestida e adornada, entre na floresta em uma carruagem real".

Apesar da instrução do sábio resplandecente, o principal entre os brâmanes e o preceptor do rei, Shri Sita, não abandonando a roupa de asceta, desejou entrar na floresta, vestida como seu marido.

Capítulo 38 – Shri Rama pede ao rei para proteger sua mãe durante a sua ausência

Vendo Sita como uma viúva embora possuindo um marido, vestindo o traje de pele, todas as pessoas presentes condenaram o rei Dasaratha. O rei ouvindo seu murmúrio perdeu todo o interesse na vida, virtude e fama, anteriormente apreciados por ele. Suspirando profundamente, ele disse à sua consorte Kaikeyi:

"Ó Kaikeyi, é inadequado que Sita entre na floresta vestindo o hábito de um asceta. Nosso santo guru Vasishtha falou verdadeiramente. Sita não está preparada para a vida na floresta, essa princesa frágil é digna de felicidade perpétua. A filha do grande imperador Janaka causou prejuízo a alguém, que em meio ao povo ela permanece calada, vestida em um traje de pele, como uma asceta? Eu não prometi que a filha do rei Janaka vestiria a roupa de um devoto. Que essa princesa entre na floresta vestida de forma auspiciosa, com todos os seus ornamentos. A minha morte não está muito distante e a minha mente está em confusão; por prometer essas bênçãos a ti, eu fui reduzido a nada. Esse ato está me consumindo como o bambu por sua floração.[188] Se for dito que Shri Rama te causou dano, ó pecaminosa, que mal Janaki fez para ti? Do que tu acusas a filha do rei Janaka, cujos olhos se assemelham aos da gazela e que é meiga e gentil?

"Ó perversa, por enviar Rama sem motivo para a floresta, tu certamente irás para o inferno; o que mais não te acontecerá por conta das tuas más ações?

"Quando Shri Rama se aproximou de mim, na véspera da sua instalação, tu então não o proibiste de inaugurar a cerimônia e lhe ordenaste que entrasse na floresta com cabelos emaranhados em um traje de asceta. Pelo meu silêncio, eu dei consentimento, mas agora, desejosa de mergulhar no inferno tu requeres que Sita entre na floresta vestida no hábito de um recluso".

O rei Dasaratha, lamentando, não via fim para a sua angústia. Finalmente, impotente e tomado pela dor, por causa de seu filho, ele caiu ao chão.

Shri Rama, de cabeça baixa, pronto para entrar na floresta, observando o sofrimento de seu pai, disse: "Ó rei, minha mãe Kaushalya, dedicada ao seu senhor, idosa e de disposição generosa, que nunca fala mal de ninguém, sem mim se afogará em um mar de tristeza. Ela, que até agora não conheceu sofrimento, agora é digna da tua consideração especial. Ó pai, tu, a quem honra é devida, considera minha mãe com atenção afetuosa, para que ela não sofra pela separação de seu filho e por suportar tantas aflições, mas viva dependente de ti. Ó imperador, igual a Indra em poder, protege a minha mãe em minha ausência para que ela não definhe e morra".

Capítulo 39 - Enquanto eles se preparam para a partida o palácio ressoa com o pesar

Ouvindo as palavras de Rama e vendo-o na aparência de um asceta, o rei perdeu a consciência e suas consortes se afastaram em angústia. Tomado pela dor, o monarca infeliz não podia nem olhar para Rama nem pronunciar uma palavra para ele e por um espaço de tempo permaneceu sem sentidos. Então, recuperando a

[188] É dito que quando o bambu floresce a moita inteira perece.

consciência, o rei de braços longos, se lembrando de Rama, começou a se lamentar: "Agora, sem dúvida, eu sei que em algum nascimento anterior eu separei muitos bezerros de suas mães e privei muitos seres de suas vidas, por conta do que tudo isso me aconteceu. Os ares vitais não deixam o corpo antes da hora marcada; embora atormentado por Kaikeyi, a morte ainda não me reivindica. Ai de mim! Eu vejo Shri Ramachandra, resplandecente como o fogo, despojado de suas vestes reais e vestido em trajes de asceta. Esse mal causado por Kaikeyi, por fraude e pelo desejo de vantagem pessoal é a fonte de angústia universal".

Os olhos do rei estavam cheios de lágrimas, e gritando: "Rama, Rama", sua garganta ficou embargada, e ele não pode dizer mais nada. Depois de algum tempo, ainda derramando lágrimas, ele se dirigiu Sumantra, dizendo: "Atrela os melhores corcéis à carruagem e leva Shri Rama para fora da cidade. Agora está claro que a virtude de um homem o leva à aflição, uma vez que um filho tão sábio e valente está sendo banido por seus pais".

Como instruído pelo rei, Sumantra atrelou os corcéis mais excelentes a uma carruagem ricamente decorada e, levando o carro dourado com os melhores cavalos atrelados ao mesmo diante do príncipe, disse humildemente: "O carro está à disposição".

O rei então convocou seu tesoureiro justo e confiável e falou com ele em palavras adequadas à hora e lugar: "Traze aqui, para Janaki, roupas e ornamentos caros para servirem à princesa por quatorze anos". Como instruído pelo rei, o mestre da tesouraria trouxe os vários artigos e os entregou à princesa Sita. Sita de nascimento nobre, vestindo-se em um manto suntuoso e ornamentos, se aprontou para partir para a floresta. Assim vestida, Shri Janaki iluminou o palácio como os raios do sol nascente iluminam o céu. A rainha Kaushalya abraçou a princesa de conduta virtuosa em seu peito e abençoando-a disse: "O mundo está cheio de esposas desobedientes, que deixam de respeitar seu marido quando ele caiu em infortúnio. Tal é a natureza daquelas que tendo desfrutado grandes prazeres, ao encontrarem seu consorte envolvido em problemas, o condenam e às vezes até o abandonam. Muitas são as mulheres mentirosas, cruéis, incastas, divergentes[189] e presunçosas, cheias de más paixões, as destruidoras de vínculos honrados por longo tempo. Nem uma família digna nem o dever, nem a instrução do guru, nem presentes, as controlam, nem elas honram os laços do casamento, suas mentes sendo inconstantes. Mas aquelas mulheres dedicadas aos seus maridos, de conduta virtuosa, que honram a tradição de sua família, honestas, que seguem as instruções de seu preceptor, consideram o seu senhor como o principal dos homens. Portanto, não condenes o meu filho, agora pronto para entrar na floresta, que deve ser considerado por ti certamente como uma divindade, seja na pobreza ou na prosperidade".

Shri Sita, compreendendo a importância dessas palavras, inspiradas pelo dharma, humildemente respondeu: "Ó nobre senhora, eu cumprirei as tuas ordens. Eu sei que uma mulher deve servir seu marido, e meus pais me instruíram sobre o assunto. Não me consideres uma mulher falsa. Eu sou tão incapaz de abandonar o caminho da virtude quanto a luz do sol a lua. Como um alaúde é inútil sem cordas, como uma carruagem não pode se mover sem rodas, assim é uma esposa sem seu marido, mesmo que ela tenha cem filhos.

"Pai, mãe ou filho podem dar apenas uma pequena quantidade de felicidade, mas o marido é a fonte de alegria ilimitada. Qual mulher é tão indigna que ela não

[189] Cujas mentes não são conhecidas facilmente.

obedecerá a seu marido? Eu estou familiarizada com todos os deveres de uma esposa, sendo instruída por aqueles eminentes em virtude. Um marido é como um deus para a sua consorte, eu nunca deixarei de honrá-lo".

A rainha de coração simples, derramando lágrimas de angústia por causa da separação de seu filho, ouvindo as palavras da princesa Sita, ficou aliviada.

Então Rama disse: "Ó mãe, quando eu estiver na floresta, não olhes para o meu pai com um uma expressão reprovadora, o prazo do meu exílio terminará logo. Os quatorze anos passarão como um sonho. Cercado por meus amigos, tu me verás servindo o meu pai".

Falando assim para sua mãe Kaushalya, Shri Rama pensou em como se dirigir às trezentas e cinquenta outras consortes do rei. Para essas que estavam lamentando amargamente, ele falou com humildade. "Enquanto vivia entre vocês, se eu alguma vez, em ignorância, as ofendi, tenham a bondade de me perdoar".

Essas palavras piedosas e humildes de Rama, inspiradas pelo dharma, tocaram os corações das rainhas, fazendo-as derramarem lágrimas, e seus lamentos pareciam o som das aves krauncha.

O palácio do rei, anteriormente ressoando com a batida de tambores semelhante ao estrondo do trovão, estava naquele dia cheio com o pranto das rainhas cheias de tristeza.

Capítulo 40 – Toda a Ayodhya se aflige ao ver a carruagem de Rama partir

Shri Rama, tomado pela dor, tocou os pés de seu soberano e curvando-se, com Lakshmana e Sita, circungirou o rei. Tendo se despedido de seu pai, Rama com Sita prestou reverência à entristecida rainha Kaushalya.

Em seguida, Shri Lakshmana curvou-se diante da rainha Kaushalya e abraçou os pés de sua mãe Sumitra. Sua mãe, chorando, desejando o bem de seu filho, abençoou Lakshmana e disse: "Ó meu filho, Shri Rama nasceu da rainha Kaushalya para a proteção do mundo, e eu te tive para que, devotado a Shri Rama, tu o acompanhasses à floresta. Ó meu filho, não negligencies o serviço a Shri Rama. Ó impecável, seja na fortuna ou na adversidade, o considera como a tua vida! É dever dos bons estar sujeitos aos mais velhos. A tradição da tua dinastia é a doação de caridade, a realização de sacrifício, a morte no campo de batalha e o respeito implícito pelos teus superiores".

Falando dessa maneira, Sumitra, vendo Rama pronto para partir para a floresta, repetidas vezes exortou Lakshmana desta maneira: "Ó meu filho, entra na floresta com Rama, ó filho, não tenhas ansiedade, não te aflijas por teu pai, mãe, casa ou país, estima Rama como Dasaratha, Janaki como a mim mesma e a floresta como igual a Ayodhya".

Sumantra então se dirigiu a Rama com humildade como Matali[190] se dirige a Indra: "Ó príncipe ilustre, tem a bondade de subir na carruagem. Eu te levarei para onde quer que tu desejes. Que o período do teu exílio ordenado por Kaikeyi comece hoje".

[190] Matali: o auriga de Indra.

Então a bela filha do rei Janaka, adornada com as joias dadas a ela pelo rei, subiu alegremente no veículo à espera, que brilhava como o sol. Shri Rama e Lakshmana também subiram rapidamente no carro enriquecido com ouro e armas.

Tendo em conta o período de exílio, o rei Dasaratha tinha dado mantos e joias à sua nora e ordenado que armas e armas carregadas com mantras, armaduras e escudos fossem colocados na carruagem. Vendo que todos tinham subido, Sumantra colocou a carruagem em movimento guiando os cavalos velozes como o vento. Rama tendo partido para a floresta de Dandaka, toda a cidade, jovens e velhos, homens e mulheres, soldados, elefantes e cavalos, distraídos e cheios de indignação e angústia, se tornaram como seres dementes. A soltura de elefantes, e o relincho alto de cavalos encheram Ayodhya de tumulto e agitação. Jovens e velhos, perturbados, correram atrás da carruagem de Rama como homens dominados pelo sol mergulham na água. Alguns correndo ao lado do carro real, alguns atrás olhando para Rama, outros chorando e lamentando, gritavam para Sumantra: "Ó auriga, conduze lentamente, refreia os teus cavalos, para que possamos ver o rosto de Rama que logo será escondido de nós. Certamente o coração da mãe dele deve ser feito de aço que não se partiu ao ver o príncipe divino partir para a floresta. Grandiosa de fato é Shri Sita, que segue seu marido como uma sombra, como a luz do sol que nunca abandona a montanha Meru. Ó Lakshmana, tu és perfeito, constantemente servindo teu irmão amável e divino. Isso é perfeição, isso é prosperidade, servir ao teu irmão dessa maneira é o caminho para o céu".

Assim lamentando, seguindo a carruagem de Rama, as pessoas não podiam conter suas lágrimas. O monarca aflito e infeliz, o rei Dasaratha, tomado pela dor, saindo do palácio descalço, rodeado por suas rainhas, gritou: "Eu devo ver novamente o meu filho amado". Então ele ouviu o lamento das mulheres chorando como elefantas quando seus companheiros são amarrados em correntes, e como a lua cheia em eclipse, o rei Dasaratha foi desprovido de seu esplendor.

Shri Rama, livre de ansiedade, incitou o auriga, dizendo: "Mais rápido! Mais rápido!" e enquanto ele falava, mandando Sumantra conduzir mais rapidamente, o povo gritava: "Para, para", de modo que o condutor do carro não sabia como obedecer a ambos os comandos. A poeira erguida pelas rodas da carruagem de Rama foi assentada pelas lágrimas das pessoas. Quando Shri Rama deixou a cidade, as pessoas chorando e desnorteadas ficaram perturbadas, as lágrimas das mulheres caindo como gotas de água sobre folhas de lótus, quando os peixes pulam. As pessoas seguindo a carruagem de Rama, e percebendo a angústia do rei, choraram em simpatia. Um grande tumulto então se ergueu das senhoras do palácio e dos atendentes do rei todos chorando e gritando: "Ó Rama! Ó Kaushalya!" e ouvindo o pranto e o lamento das pessoas Shri Rama olhou para trás e viu o rei e sua mãe Kaushalya, descalços, seguindo seu carro, e ficou cheio de tristeza. Shri Rama, amarrado pela corda do dever, desviou os olhos de seus pais, como um potro não permitido seguir sua mãe. Vendo seus nobres pais, não familiarizados com o sofrimento, dignos de carruagens excelentes, correndo descalços em direção a ele, ele disse a Sumantra: "Dirige rapidamente!" incapaz de suportar a visão da aflição de seus pais, como um elefante é incapaz de suportar o aguilhão. Sua mãe Kaushalya tremendo e cambaleante, correu em direção a ele, como uma vaca ouvindo os gritos de seu bezerro que foi amarrado, gritando, "Ó Rama! Ó Sita! Ó Lakshmana!" O rei chamando, "Para! Para!" para o condutor do carro, com Rama gritando, "Vai em frente rapidamente", fizeram o coração de Sumantra ser partido, como alguém permanecendo entre dois exércitos rivais.

Nisso, Rama se dirigiu a ele, dizendo: "Ao retornares ao palácio, quando acusado pelo rei de desobedecer aos seus comandos, dize: 'Em meio ao barulho das rodas rodando eu não pude ouvir'. Mais atraso demonstrará ser calamitoso". Shri Sumantra, acatando as palavras do príncipe, sinalizando para as pessoas que seguiam retornarem, incitou os cavalos adiante. A carruagem, andando mais depressa que o rei, o levou a parar com sua família, e, circungirando Rama mentalmente, ele voltou ao palácio. Os cortesãos então disseram ao rei: "Ninguém segue um amigo a grande distância, a quem ele deseja ver retornar". O rei Dasaratha ouvindo essa injunção, banhado em suor, totalmente infeliz, ficou olhando para a carruagem que se afastava.

Capítulo 41 – Todo o mundo se aflige pelo príncipe Rama

Aquele leão entre os homens, o príncipe Ramachandra, tendo partido em humildade, um grande grito de angústia se ergueu dentre as senhoras do aposento interno. Elas gritaram: "Onde está Ramachandra, o único amparo e refúgio dos órfãos, dos fracos e dos sofridos? Onde está o príncipe Rama, que quando provocado não demonstrava raiva, que não causava agitação a nenhum coração, que apaziguava aqueles que eram coléricos, e considerava a aflição dos outros como a sua própria? Onde está aquele Rama agora, que nos tratava com o mesmo respeito que ele mostrava com sua mãe ilustre, a rainha Kaushalya? Onde ele está vagando agora, aquele Rama, protetor do mundo, que foi para a floresta, perseguido por Kaikeyi, e exilado por seu pai? Ó, quão insensível o rei se tornou, que ele enviou o virtuoso e sincero Rama, o objeto de amor universal, para o exílio". Dessa forma, todas as damas da corte lamentaram em voz alta como vacas que foram desprovidas de seus bezerros. O rei, oprimido pela dor por causa da separação de seu filho, sofria cada vez mais ao ouvir os gritos altos e comoventes das senhoras do palácio. Após a partida do príncipe, nenhum brahmachari realizou a cerimônia de fogo, nenhum chefe de família preparou alimentos, mas passou o dia em profunda angústia. Os elefantes rejeitaram seus arreios e as vacas se recusaram a alimentar seus bezerros, mães não demonstraram alegria ao verem seu primogênito. Trishanku, Marte, Júpiter, Saturno e Vênus e outros planetas inauspiciosos se reuniram em volta da lua, pulsando lá; as estrelas perderam o brilho e os planetas o seu esplendor. Vishaka,[191] ficando obscurecido, mal era distinguível no céu. As nuvens, impulsionadas por um vento forte, ultrapassando umas às outras, pareciam ondas se erguendo no oceano. Quando Shri Rama partiu, um terremoto fez a cidade tremer, os dez pontos cardeais foram cobertos com escuridão, e nem os planetas nem as estrelas eram visíveis. Todos os habitantes da cidade foram dominados pela infelicidade, ninguém compartilhou de alimentos naquele dia ou encontrou prazer em algum passatempo. Todas as pessoas de Ayodhya, suspirando pesadamente, estavam cheias de tristeza e aflitas pelo rei. Aquelas que andavam nas ruas choravam e em nenhum lugar havia qualquer sinal de alegria. Nenhuma brisa fresca soprou, nem a lua brilhou, os raios do sol eram fracos e todo o mundo lamentou por Rama. Filhos não deram atenção aos seus pais, maridos ficaram indiferentes às suas esposas e irmãos não demonstraram carinho uns pelos outros; todos estavam submersos na dor. Os amigos de Rama, inconscientes de si mesmos e cheios de

[191] Vishaka: um asterismo lunar, que aparece em outubro.

aflição, ficaram sem dormir. Sem Rama, Ayodhya parecia a terra, com todas as suas montanhas, sofrendo com a seca. Cada casa foi consumida pela aflição e os gritos de elefantes, cavalos e guerreiros encheram a cidade.

Capítulo 42 – Sem Rama o coração do rei não encontra sossego

Enquanto a poeira erguida pelas rodas do carro de Rama podia ser vista o rei não afastou seu olhar do caminho. Enquanto o rei Dasaratha podia ver seu filho amado e virtuosíssimo, Shri Ramachandra, ele ficou olhando atrás dele, e quando a poeira não era mais visível, o monarca infeliz, cheio de dor caiu por terra. Então a rainha Kaushalya segurando o seu braço direito e a rainha Kaikeyi o esquerdo, o atenderam. O rei virtuoso e correto vendo a rainha Kaikeyi perto dele, disse: "Ó rainha perversa, não me toques, eu não desejo ver o teu rosto. Tu nem és minha consorte, nem eu desejo relacionamento contigo; os teus servos não são mais os meus servos, nem eu sou seu mestre. Tu, que abandonaste a obediência ao teu senhor, eu agora repudio. A tua mão, aceita por mim quando circungirando o fogo sagrado, eu abandono, e renuncio às promessas mundanas e espirituais dadas a ti na cerimônia. Se Bharata, recebendo este reino, ficar satisfeito, então que ele não realize as minhas exéquias".

A rainha Kaushalya, ferida pela dor, ergueu o rei, sujo de poeira, e o levou para a carruagem dele. O rei extremamente aflito, lembrando-se de seu filho em trajes de asceta, parecia alguém que assassinou um brâmane ou que toca um fogo ardente com sua mão nua. Voltando-se repetidamente para o caminho que a carruagem tinha tomado, o semblante do rei se assemelhava ao sol em eclipse. Imaginando que seu filho Rama tinha ultrapassado o limite da cidade, e pensando nele, ele novamente cedeu à aflição, gritando: "Eu vejo as marcas dos cascos dos cavalos que foram atrelados ao carro do meu filho, mas eu não o vejo. Ai de mim! O meu filho, que perfumado com pasta de sândalo, dormia em travesseiros macios, abanado por mulheres belas, hoje dorme debaixo de uma árvore com madeira ou pedra como o seu travesseiro. De manhã, ele vai acordar no chão duro, com sua mente oprimida, seu corpo sujo de poeira, suspirando profundamente como um touro levantando-se ao lado de uma fonte. Os habitantes da floresta verão Rama levantando-se como um órfão e vagando como alguém desamparado. Aquela filha do rei Janaka, digna de toda a felicidade, com seus pés perfurados por espinhos, ouvindo o rugido de animais como tigres, ficará aterrorizada; ó Kaikeyi, a tua ambição está realizada, agora governa o reino como uma viúva, pois eu não posso suportar a vida sem o principal dos homens".

Assim lamentando, o rei voltou para a capital, como um homem que cremou alguém extremamente querido para ele. Ele viu pátios e casas desertas, os mercados abandonados e os templos fechados, enquanto na estrada real apenas os fracos e os aflitos eram vistos. Vendo a cidade desolada e se lembrando de Shri Rama, chorando amargamente, o rei entrou no palácio como o sol entra em uma nuvem. Como a presença de uma águia priva um lago de suas serpentes, tornando-o imóvel, assim a capital parecia quando Shri Rama, Lakshmana e Sita tinham ido para o exílio.

Então o rei angustiado, com a garganta embargada pela tristeza; falou em voz fraca e trêmula: "Levem-me rapidamente para o palácio da rainha Kaushalya, mãe de Rama, em nenhum outro lugar eu posso obter paz".

Os atendentes levaram o rei para os apartamentos da rainha Kaushalya e o colocaram em um sofá, mas o coração do rei não podia encontrar sossego; o palácio sem Rama, Lakshmana e Sita lhe parecia como o céu sem a lua. Não encontrando alegria lá, o rei, levantando as mãos, gritou: "Ó meu filho, ó Rama, tu estás me deixando? Como são abençoados aqueles que, vendo Rama retornar, vão abraçá-lo".

Percebendo a noite escura, semelhante à hora da morte, o rei à meia-noite se dirigiu desse modo a Kaushalya: "Ó Kaushalya, eu não te vejo, a minha vista seguiu Rama, ela nem voltou ainda, portanto, estende a tua mão e me toca, ó rainha".

Vendo seu consorte real imerso na memória de Rama, a rainha, suspirando, sentou-se ao lado do rei e começou a lamentar em simpatia com ele.

Capítulo 43 – O lamento da rainha Kaushalya

A rainha Kaushalya, profundamente aflita pela separação de seu filho, vendo o rei jazendo no sofá imerso em tristeza, disse: "Ó rei, aquela má Kaikeyi, tendo soltado seu veneno sobre Shri Rama, vai vaguear à vontade, como uma cobra que perdeu sua pele. Aquela mulher pecadora, tendo realizado seu plano e enviado Rama para a floresta sempre vai me inspirar terror, como uma serpente venenosa na casa. Se a sua exigência tivesse sido que Rama vivesse na cidade de esmolas ou se ela o tivesse condenado a ser seu escravo, seria melhor do que o exílio. Ela baniu Rama, como a oblação oferecida para os asuras é jogada fora por aqueles que cuidam do fogo sacrifical. Rama de braços longos, o manejador do grande arco, andando como o rei dos elefantes, deve agora ter chegado à floresta com Sita e Lakshmana. Ó rei, considera como o teu filho Rama, que nunca antes experimentou sofrimento, está banido por ti, incitado por Kaikeyi! O que acontecerá com eles agora? Sem riqueza, exilado em sua juventude quando a felicidade de um rei deveria ter sido a sua parte, como ele poderá viver de raízes e frutos silvestres na floresta? Será que chegará o momento em que eu verei Rama, Lakshmana e Sita voltarem, pondo um fim à minha tristeza? Quando amanhecerá aquele dia feliz, quando a capital ilustre cheia de multidões exultantes, decorada com bandeiras, estandartes e guirlandas, receberá Rama? Ó, aquela hora auspiciosa alguma vez soará, quando os cidadãos ouvindo sobre o seu retorno ficarão cheios de alegria, como o mar na época da lua cheia? Quando Shri Rama, com Sita, entrará na cidade, como o touro que, ao entardecer, precedendo o rebanho de vacas, retorna para a cidade? Quando é que o povo da capital, esperando para espalhar o arroz sobre ele, se reunirá aos milhares nas estradas para receber Rama, o subjugador de seus inimigos? Ó, quando eu verei meus filhos, resplandecentes como dois picos de montanhas, voltarem para Ayodhya, enfeitados com brincos, portando a espada e a cimitarra? Quando é que os dois príncipes, circungirando a cidade com Janaki, receberão presentes de flores e frutas das mãos de virgens e brâmanes? Quando é que o virtuoso e sagaz Rama correrá em minha direção, pulando como uma criança? Certamente o meu amor se derrama para ele, como os seios das mães quando amamentando seus bebês. Ó grande rei, por causa disso, Kaikeyi aumentou meu amor pelo meu filho; sem ele, eu sou como uma vaca cujo bezerro foi levado à força por um leão. Meu único filho Rama é versado em todos os clássicos e dotado de todas as qualidades excelentes; sem tal filho, eu não posso viver. Ó grande rei, eu não posso sustentar a vida na ausência de meu filho corajoso e amado; o fogo da

dor causada pela separação de meu filho está me consumindo, como os raios do sol no verão consomem a superfície da terra".

Capítulo 44 – Ela encontra paz no consolo da rainha Sumitra

A virtuosa rainha Sumitra, ouvindo o lamento da rainha Kaushalya se dirigiu a ela em palavras razoáveis: "Ó rainha, por que tu choras de forma abjeta pelo teu filho, o principal dos homens, dotado de todas as virtudes? Ó nobre senhora, Shri Rama renunciou ao trono e entrou na floresta para tornar seu pai ilustre como o devoto da verdade. Shri Rama, honrando seu pai, se comportou como o melhor dos homens e protegeu a futura glória de seu pai. Não há motivo para tristeza, já que Rama está trilhando o caminho do dharma, e não há motivo para se afligir por Lakshmana, sempre compassivo para com todos, impecável, servindo Rama e em todos os sentidos digno do mais alto bem. Janaki de membros delicados, também, está seguindo o teu filho virtuoso. Ó rainha, o exílio de Rama não é motivo para tristeza, pois ele é o protetor de todos os seres e o seguidor da virtude. Ó rainha, a bandeira do seu bom nome tremula sobre os três mundos. Considera a pureza de Rama; nem o sol se atreve a lhe causar sofrimento por seus raios. Na sua presença, os ventos quentes da floresta no verão se tornarão frescos e como a brisa da primavera lhe trarão refresco! Quando dormindo na floresta à noite, a lua, como um pai, vai socorrê-lo com seus raios frios. Aquele Ramachandra, a quem o brahmarishi Vishwamitra deu armas celestes após a morte do seu filho Shambara, aquele filho valoroso, aquele leão entre os homens, dependendo da força de seus braços viverá na floresta tão destemidamente como em seu próprio palácio. Aquele herói cujas flechas destroem seus inimigos certamente será socorrido pela terra. Aquele Rama, dotado de grande destreza, poder e coragem, logo voltará ao término do seu exílio, para reivindicar o reino. Ó senhora, Shri Rama, que ilumina o sol que dá luz ao mundo inteiro, que dá esplendor ao fogo, que é o governante supremo dos governantes, que é a fama da fama e a essência do perdão, que é o principal dos seres; onde quer que ele more, na floresta ou na cidade, tudo é o mesmo para ele. Shri Rama, esse grande herói, vai recuperar rapidamente o seu reino, junto com Sita, a terra e toda prosperidade. Shri Rama por quem, quando partindo para a floresta, o povo de Ayodhya cheio de dor derramou lágrimas, em breve recuperará o reino. Nada é difícil de obter no mundo para ele, que, embora invencível, entrou na floresta, vestido como um asceta, seguido por Sita, que é Lakshmi[192] em outra forma.

"O que seria difícil para ele, que, armado com arco e espada, é precedido em seu caminho por Lakshmana? Ó senhora, abandona a tristeza e a obsessão, seguramente tu verás Shri Rama voltando do seu exílio. Ó tu que és irrepreensível, ó Kalyani, ó auspiciosa, tu verás o teu filho como a lua crescente, colocando sua cabeça aos teus pés. Tu derramarás lágrimas de alegria, vendo teu filho instalado no trono e em posse do tesouro do rei. Ó senhora, nem te aflijas nem que a tua mente fique perturbada, eu vejo que nada é inauspicioso a respeito de Rama. Logo tu verás o teu filho com Sita e Lakshmana. Ó rainha impecável, cabe a ti encorajar outros, portanto, por que tu agora causas angústia ao teu coração? Ó devi, não te aflijas, não há ninguém no mundo mais virtuoso que Rama. Vendo Rama voltando da

[192] Lakshmi: a consorte de Shri Vishnu.

floresta com seus amigos, fazendo reverência a ti, então tu derramarás lágrimas de alegria, como as nuvens na estação chuvosa. Em poucas palavras, eu te digo, o teu filho Shri Rama, voltando para a capital, apertará os teus pés junto dele com suas mãos macias. Vendo teu filho curvando-te aos teus pés tu o cobrirás com lágrimas como as nuvens cobrem as montanhas com chuva".

Assim a bela Sumitra, sempre persuasiva e benevolente para com todos, ofereceu palavras de consolo à rainha Kaushalya e, tendo falado, ficou em silêncio. A rainha principal, a mãe de Shri Rama, ouvindo as palavras da rainha Sumitra, encontrou a paz e esqueceu sua tristeza que parecia a chuva das nuvens outonais que desaparece rapidamente.

Capítulo 45 – O lamento dos brâmanes que seguem Shri Rama

O povo da capital, profundamente devotado a Shri Rama, o mantenedor da verdade, o seguiu em seu caminho para a floresta. Embora o rei Dasaratha, a conselho de seus ministros, tivesse voltado atrás, os cidadãos de Ayodhya continuaram a correr ao lado do carro de Rama. Os habitantes da cidade eram devotados a Rama cujas virtudes o tornavam resplandecente como a lua cheia, e chorando copiosamente, imploraram para o príncipe santo voltar, mas Rama, determinado a provar que seu pai era fiel à sua palavra, seguiu adiante em direção à floresta. Eles, olhando para Rama como um homem sedento olha para a água, foram abordados por ele com terna afeição como um pai se dirige aos seus filhos.

Ele disse: "Ó povo de Ayodhya, por minha causa concedam o amor e a honra mostrada a mim, em maior medida até, a Bharata! O príncipe Bharata, que tem uma disposição excelente, seguramente se comportará benevolentemente para com vocês e virá a ser estimado por vocês. Apesar de jovem, ele é sábio, gentil e dotado de grande coragem. De coração bondoso e caridoso, vocês não terão nenhum motivo de temor após sua acessão ao trono. O rei Dasaratha o nomeou herdeiro presuntivo em consideração à sua grande virtude, nós devemos, portanto, obedecer ao rei. Quando eu estiver ausente na floresta, vocês devem agir para com ele de modo a não causar-lhe desconforto. Que vocês, desejosos de me agradar, obedeçam ao rei".

Rama, repetidamente instruindo as pessoas a obedecer ao rei, só aumentou o desejo delas de vê-lo como seu soberano. Parecia que Rama com Lakshmana puxavam os habitantes aflitos e lamentosos da cidade atrás deles como se amarrados por uma corda.

Entre os superiores em idade, sabedoria e austeridade, os principais, com suas cabeças tremendo pela idade avançada, chamando de longe, diziam: "Ó cavalos velozes e excelentes, voltem, voltem, não avancem mais e favoreçam Rama. Todos os seres são dotados de percepção, mas vocês se sobressaem no sentido da audição, portanto, ouçam a nossa súplica e retornem. Nós sabemos que o coração do nosso mestre é simples e gentil, nós sabemos que ele é um herói firme em seus votos, portanto, voltem a Ayodhya, não levem Rama para longe da cidade para a floresta".

Ouvindo o lamento dos brâmanes idosos e vendo a sua aflição, Shri Rama, fazendo o carro parar, desceu. Com Lakshmana e Sita, ele caminhou em direção à floresta, seguido pela multidão, prosseguindo lentamente a pé. O sempre virtuoso e compassivo Rama foi incapaz de suportar a visão dos brâmanes idosos andando a

pé, muito atrás da carruagem. Os brâmanes vendo que Rama não voltava, apesar de suas súplicas, mas que ainda seguia em direção à floresta, ficaram aflitos e dominados pelo pesar, e gritaram: "Ó Rama, tu és um amigo dos brâmanes e toda a casta está te seguindo com o fogo sagrado levado sobre os seus ombros. Vê, nós estamos levando os dosséis sagrados, como as nuvens outonais, obtidos por nós por celebrar a cerimônia Vaja-peya.[193] Por te cobrir com sua sombra, nós vamos te proteger dos raios do sol. Ó filho, anteriormente a tua mente estava fixa no estudo do Veda, mas agora tu estás determinado a entrar na floresta. A nossa única riqueza, o Veda, nós armazenamos em nossa memória e as nossas consortes estão em casa, protegidas por sua devoção conjugal. Não há motivo para mais reflexão, nós estamos decididos a ir contigo! Se tu não andares no caminho do dharma, quem o seguirá?[194]

"Ó Rama, o que mais pode ser dito? Nós, cujas cabeças são brancas como as penas do cisne, oferecemos humildes saudações a ti. Entre nós, alguns iniciaram seus sacrifícios, ó Rama, sua conclusão depende de ti. Não só nós, mas animais, aves e árvores te suplicam para voltar; tem piedade de todos esses. As árvores, desejando seguir-te, impedidas por suas raízes que penetram profundamente na terra, te imploram para não partir, os seus ramos pendendo baixos no vento. Vê as aves, se esquecendo de buscar seu alimento, pousam imóveis sobre as árvores, suplicando a ti que és compassivo para com todos".

Assim lamentando, os brâmanes viram o rio Tamasa como se obstruindo o caminho de Rama, impedindo seu progresso ulterior.

Então Sumantra, soltando os cavalos cansados, os deixou rolar no chão para aliviar sua fadiga e lhes deu de beber levando-os para tomar banho no rio, e lhes permitindo pastar nas margens do Tamasa.

Capítulo 46 – Shri Rama, com Sita e Lakshmana e o auriga seguem adiante sozinhos para a floresta

Shri Rama, chegando às belas margens do rio Tamasa, fitando Sita, se dirigiu ao seu irmão Lakshmana: "Ó filho da rainha Sumitra, essa é a primeira noite do nosso exílio, não há motivo para ansiedade. A floresta parece deserta e melancólica, as aves e os animais tendo se retirado para descansar. Sem dúvida, a capital de Ayodhya com seus habitantes e meu pai real estão profundamente aflitos por causa da nossa partida. O rei, vendo em nós muitas virtudes, olha para nós com profundo afeto. Ó Lakshmana, eu temo que meu pai e minha mãe ilustre fiquem cegos com pranto incessante. Contudo, o príncipe Bharata, de conduta correta, seguramente oferecerá consolo aos meus pais em palavras obedientes e piedosas. Ó príncipe de braços fortes, refletindo sobre a compaixão do príncipe Bharata, eu não temo pelos meus pais. Ó herói, tu fizeste bem em me acompanhar para a floresta, se não fosse assim, seria grande a minha preocupação com Sita. Ó Lakshmana, há abundância de raízes, frutas e bagas aqui, mas essa noite eu desejo só compartilhar de água".

Tendo se dirigido dessa maneira ao príncipe Lakshmana, Shri Rama disse a Sumantra: "Ó amigo gentil, cuida dos cavalos com grande atenção". O sol tendo se posto abaixo do horizonte, Sumantra, prendendo os cavalos a uma árvore, colocou

---

[193] Vaja-peya: um sacrifício no qual uma bebida desse nome é preparada para os deuses.
[194] Isto é, mostra obediência irrestrita aos brâmanes.

grama tenra diante deles, atento ao seu bem-estar. A hora da Sandhya[195] tendo chegado, o auriga observou suas devoções de acordo com as regras de sua casta, então, com a ajuda de Lakshmana, preparou uma cama para Rama. Vendo a cama feita de folhas macias, nas margens do Tamasa, Shri Rama com Sita e Lakshmana descansou lá.

Notando Shri Rama e Sita dormindo, Lakshmana, deixando seu lugar, relatou as excelentes virtudes de Rama ao auriga. Lakshmana passou assim a noite inteira até o que o sol nasceu, conversando com Sumantra sobre os atributos de Rama.

Desse modo, nas margens do Tamasa, entre rebanhos de gado, Shri Rama e aqueles que o tinham seguido passaram a noite. Ao amanhecer, Shri Rama se levantou e vendo as pessoas ainda dormindo, disse ao seu virtuoso irmão Lakshmana:

"Ó Lakshmana, vê como essas pessoas, abandonando suas casas e propriedades para nos seguir, estão dormindo debaixo das árvores. Parece que elas, prometendo nos trazer de volta, abandonarão suas vidas em vez de serem falsas em sua determinação. Vamos, portanto, ó irmão, deixar este lugar antes que elas acordem. Quando nós tivemos cruzado o Tamasa, não haverá mais motivo para ansiedade. Pela nossa partida silenciosa, as pessoas da capital do rei Ikshvaku não irão, como nós, ser obrigadas a dormir sob as árvores. É o dever de um príncipe protegê-las do sofrimento e não fazer delas as companheiras de seu infortúnio".

Shri Lakshmana respondeu a Ramachandra, dizendo: "Ó sábio, eu aceito a tua decisão, vamos subir no carro imediatamente".

Rama então disse a Sumantra: "Prepara a carruagem rapidamente, eu prosseguirei para a floresta, vamos, portanto partir daqui sem demora".

O auriga, atrelando rapidamente os cavalos à carruagem, humildemente dirigiu-se a Rama, dizendo: "Ó grande príncipe, a carruagem já está pronta, por favor, sobe com Lakshmana e Sita; que a prosperidade te acompanhe".

Shri Rama com seu arco, aljava e outras armas, subiu na carruagem e passou sobre o rio que fluía rapidamente. Cruzando o Tamasa, a uma curta distância da margem, eles atravessaram um caminho acidentado coberto com arbustos espinhosos, e então chegaram a uma estrada larga, onde eles poderiam viajar com facilidade e que era segura contra qualquer perigo. Para iludir os cidadãos, Shri Rama disse a Sumantra: "Ó auriga, dirige primeiro para o sul. Tendo assim dirigido por uma distância, volta novamente, de modo que nenhum rastro de nós possa ser encontrado".

Shri Sumantra, seguindo as instruções de Rama, seguiu adiante, então retornando, ficou diante de Rama. O filho de Dasaratha, o aumentador da glória da casa de Raghu, falou da carruagem, dizendo: "Agora, segue em direção a Tapovana".

Sumantra, virando a carruagem para o norte, prosseguiu na direção da floresta.

[195] Sandhya: práticas religiosas realizadas ao amanhecer e anoitecer.

Capítulo 47 – Aqueles que tinham seguido o príncipe Rama se encontram sozinhos

Quando a noite acabou e o dia amanheceu, os cidadãos acordaram, e não vendo Rama, foram tomados pela aflição, não sabendo como agir. Procurando aqui e ali, com os olhos banhados em lágrimas, eles foram incapazes de descobrir por qual caminho Shri Rama tinha partido. Infelizes e pálidos com angústia, com corações trêmulos e totalmente desanimados, eles irromperam em exclamações tristes, dizendo:

"Maldito seja o sono que velou as nossas percepções, agora nós não veremos Rama de peito largo e olhos grandes. Quão infrutífera é a nossa devoção, já que Rama foi para a floresta deixando a nós, seus amigos fiéis, aqui. Por que Rama, que sempre nos tratou como seus filhos, nos deixou para entrar na floresta? Ou nós encontraremos a morte aqui ou iremos para os Himalaias e pereceremos na neve. De que vale a vida sem Rama? Aqui há madeira seca, vamos coletá-la, e, acendendo uma fogueira, perecer nas chamas. O que nós diremos ao voltarmos? Nós diremos aos outros que abandonamos o poderosamente armado Rama, que é livre de inveja e um devoto da verdade? Ai! Nós não podemos fazer isso. A cidade infeliz com as mulheres, os idosos e as crianças, vendo-nos voltar sem Rama, será mergulhada em tristeza. Tendo abandonado as nossas casas para seguir aquele príncipe autocontrolado, como nós podemos nos atrever a encarar as pessoas sem ele?"

Assim lamentando, com os braços erguidos, cheios de angústia, eles pareciam vacas desprovidas de seus filhotes. Seguindo a trilha das rodas da carruagem, eles seguiram em frente, até que, perdendo o seu rastro, eles ficaram prostrados com pesar. Não encontrando outro caminho para seguir, eles voltaram gritando: "Ai! o que devemos fazer? O destino está contra nós!" Então, pelo caminho pelo qual eles tinham vindo, eles refizeram seus passos para Ayodhya.

Shri Rama não retornando, as pessoas ficaram inquietas, e vendo a capital melancólica, desanimada e atingida pela tristeza, elas choraram, murmurando umas para as outras: "A cidade, sem Rama, não tem beleza, ela se assemelha a um rio que secou, despojado de suas cobras por uma águia". Como o céu sem lua ou o mar sem água, assim a cidade parecia para as pessoas, fazendo seus corações esmorecerem dentro delas.

Entrando tristemente em suas residências magníficas, aflitas e atormentadas, elas eram incapazes de distinguir um dos seus próprios parentes de um estranho.

Capítulo 48 – Ayodhya sem Shri Ramachandra fica desprovida de beleza

Assim aflitos, os cidadãos da capital, seus olhos derramando lágrimas, desejavam abandonar suas vidas. Tendo seguido Rama para a floresta, eles ficaram melancólicos e pareciam estar quase sem vida. Em suas casas, com suas esposas e filhos, eles lamentaram amargamente. Ninguém se regozijou, ninguém ficou alegre, ninguém enfeitou seus filhos para um bom efeito, nem as mulheres se adornaram; nenhum fogo queimou na lareira de nenhuma casa, ninguém ficou feliz por recuperar a riqueza que tinha perdido e ninguém se alegrou com um aumento

repentino de riquezas. As mães não encontraram deleite com o retorno de seu primogênito depois de uma longa ausência. Todas as casas estavam cheias de lamentação; os maridos voltando sem Rama foram repreendidos por suas esposas com palavras amargas, como um elefante é aguilhoado por seu condutor. Em todos os lugares era ouvido: "Sem ver Ramachandra, de que nos servem as nossas casas, mulheres, riqueza, filhos ou prazer? Existe apenas um que é verdadeiramente virtuoso e é Lakshmana, que seguiu Rama e Sita para a floresta! Quão afortunados são os lagos e rios cheios de flores de lótus, cujas águas Rama purifica, entrando para se banhar! Belas florestas, rios com margens verdejantes, lagos e montanhas serão adornados pela presença de Shri Ramachandra. Aquelas montanhas visitadas por Rama, reconhecendo seu amado convidado, vão honrá-lo com a devida hospitalidade.

"As árvores também, seus ramos carregados de flores e botões, nos quais as abelhas estão zumbindo e murmurando, oferecerão sua beleza a Rama. As colinas lançarão flores fora de época e darão frutos e flores em sua honra. As cascatas cristalinas de beleza variada jorrarão das montanhas para dar deleite a ele. As árvores, crescendo nas encostas das montanhas, vão encantá-lo. Onde Rama está, o medo e o perigo são banidos. Os filhos heroicos do rei Dasaratha, mesmo agora, estão apenas a uma pequena distância de nós; venham, vamos segui-los. Não há felicidade exceto no serviço aos pés sagrados daquele iluminado. Realmente ele é o único Senhor do mundo, o Absoluto, o estado mais elevado e nosso único amparo".

As mulheres da cidade, tomadas pela dor, abordando seus maridos disseram: "Vamos seguir Rama, nós serviremos Shri Sita, vocês escoltarão Shri Rama. Lembrem-se, Rama os protegerá e manterá na floresta. Enquanto Shri Sita concederá sustento a nós. De que serve a vida quando o coração está inquieto e a mente desprovida de propósito? Se Kaikeyi governar o reino colocando de lado a lei moral, que alegria nós podemos ter em filhos e posses?; até mesmo as nossas vidas se tornarão sem valor. Kaikeyi será solícita em nosso interesse, ela, que abandonou o rei Dasaratha e seu filho Shri Ramachandra por causa do poder? Nós juramos por nossos filhos que, enquanto vivermos, nunca seremos escravas de Kaikeyi. Quem pode viver feliz sob o governo daquela mulher sem-vergonha e má que exilou impiedosamente o filho do rei? Sem um governante o reino sem defesas será vítima de todo infortúnio e perecerá por causa das maldades de Kaikeyi. O rei não vai sobreviver por muito tempo ao exílio de Rama e sem ele o reino será destruído. O nosso bom karma estando esgotado nós somos miseráveis; vamos recorrer ao veneno, ou seguir Rama, ou procurar algum outro lugar e viver lá desconhecidos. Por exilar Rama, Sita e Lakshmana, através de falsos meios nós ficamos sujeitos ao governo de Bharata como animais são levados para o abate. Shri Rama, uma fonte de alegria parecendo a lua cheia, o destruidor de seus inimigos, de braços poderosos, irmão mais velho de Lakshmana, cujos olhos são como lótus, que fala em tons gentis, que é corajoso, sincero e amado pelo povo, seguramente adornará a floresta onde quer que ele ande".

As mulheres da cidade, aflitas por sua separação de Rama, choraram e lamentaram como fazem os amigos de um homem moribundo. Lamentando dessa maneira, o sol se pôs e a noite caiu, nenhum fogo sacrifical era visível, nem os brâmanes, dedicados ao estudo dos Vedas, entoaram os textos sagrados, ou recitaram os Puranas, e em nenhuma residência alguma lâmpada foi acesa. A cidade de Ayodhya, afetada e desamparada, as bancas de mercadorias abandonadas, estava desprovida de beleza como o céu privado de estrelas. As mulheres de Ayodhya, cheias de tristeza como se os seus próprios filhos ou irmãos

tivessem sido banidos, choraram amargamente, Shri Ramachandra sendo mais querido para elas do que os seus próprios filhos. Na cidade, nenhuma música ou canção foi ouvida, não houve dança ou qualquer sinal de regozijo. Os comerciantes deixaram de expor sua mercadoria e permaneceram afundados em desânimo. Assim Ayodhya, sem alegria ou atividade, parecia tão desolada quanto um oceano sem água.

Capítulo 49 – A carruagem atravessa a fronteira de Koshala

Shri Rama, se lembrando da ordem de seu pai, tinha viajado muito durante a noite. O dia amanheceu enquanto ele ainda estava viajando; oferecendo sua prece da manhã, ele continuou em seu caminho, logo chegando ao limite sul de Koshala.

Apreciando os campos cultivados, as florestas e árvores carregadas de flores, ele seguiu adiante, puxado por cavalos velozes. Enquanto ele passava, ele ouvia as pessoas das vilas e aldeias conversando deste modo: "Ai do rei Dasaratha escravizado pela concupiscência! Ah! como é duro o coração da perversa Kaikeyi, como é cruel a sua disposição; violando a antiga tradição, ela fez essa ação má, ela que baniu o Príncipe da Luz, que é erudito, compassivo e autocontrolado. Como a filha do rei Janaka, criada no conforto, suportará as privações da floresta? Ai! O rei não tem amor por seu filho ou ele não teria abandonado alguém tão perfeito, que é dedicado ao bem-estar de todos".

Ouvindo as palavras dos aldeões, Shri Rama avançou rapidamente e cruzou a fronteira de Koshala. Em seguida, vadeando o rio Vedasruti, uma corrente pura, ele prosseguiu para o sul. Após percorrer uma grande distância, ele chegou às águas frias do Gomati que flui para o oceano, com muitas vacas pastando em suas margens. Os corcéis velozes, controlados por Rama, cruzaram esse rio e, em seguida, o Syandika, em cujas margens pavões e patos eram ouvidos. Rama aqui mostrou a Sita a terra antigamente dada por Manu para Ikshvaku, uma região vasta e aberta de muitos principados. Então Shri Rama, cuja voz parecia um cisne encantado, se dirigiu a Sumantra, dizendo: "Ó auriga, quando chegará o dia em que eu, retornando da floresta, em companhia de meus pais, me divertirei nos bosques florescentes de Sarayu? Caçar na floresta é uma prerrogativa dos sábios nobres. Essa é a atividade favorita dos reis e outros também se dispõem a isso. Eu não a considero nociva e desejo me dedicar a ela quando o período de minhas austeridades terminar".

Assim, firme em seu propósito, Shri Ramachandra continuou a conversar agradavelmente com Sumantra.

Capítulo 50 – Eles chegam ao rio Gunga e encontram o chefe dos barqueiros, Guha

Tendo cruzado a fronteira de Koshala, Rama, voltando seu rosto para Ayodhya, com palmas unidas, dirigiu-se à cidade: "Ó Ayodhya, principal das cidades, protegida pelos reis da Casa de Ikshvaku, eu me despeço de ti e dos deuses teus protetores que moram contigo. Tendo cumprido a ordem do rei, eu irei, voltando da floresta, ver novamente a ti e os meus pais".

Então, erguendo os braços, Shri Rama, as lágrimas caindo de seus olhos, dirigiu-se aos cidadãos do reino de seu pai: "Ó vocês que me trataram com o respeito e o carinho devidos a um mestre, não é adequado que vocês permaneçam comigo, agora voltem para as suas casas e cumpram os deveres de suas famílias".

Curvando-se a Shri Rama, as pessoas o circungiraram com reverência e retornaram para casa, frequentemente parando, chorando e lamentando. Shri Rama, vendo-as chorando e ainda não satisfeitas em contemplá-lo, disse para o auriga conduzir rapidamente e passou para além de sua visão como o sol sai de nossa vista no período da noite.

Prosseguindo em seu caminho, Shri Rama viu cidades prósperas e vilas cheias de homens de disposição caridosa, virtuosa e destemida evidenciada pela abundância de templos e pilares sacrificais em suas cidades. Os jardins cheios de árvores de manga eram enriquecidos por tanques de água translúcida com estradas zeladas cuidadosamente e manadas de gado pastando aqui e ali. Em todos os lugares a recitação do Veda podia ser ouvida. Da sua carruagem, Shri Rama examinou o reino de Koshala e passou para além de seus limites. O sagaz Rama, prosseguindo através da terra extensa habitada por pessoas felizes e prósperas, enriquecida por jardins agradáveis, chegou à fronteira sul de Koshala e viu o santo Gunga, adornado pela presença dos sábios, com suas águas frias que correm em três direções. Perto da margem do rio sagrado, ele viu os belos eremitérios, frequentados por homens santos e piscinas de águas límpidas visitadas por ninfas celestes em diversão. O santo Ganges, honrado por divindades, titãs, músicos celestes e náiades, aquele rio sagrado, mostrando inúmeras vistas encantadoras, embelezado pelos jardins dos deuses, e que no céu é chamado de "Rio dos Lótus Dourados", aquele rio sagrado, o som de cujas ondas colidindo se assemelha à risada profunda, que, se movendo rapidamente, coberto com espuma branca como a neve, flui alegremente para frente e, caindo das alturas sobre as rochas abaixo, parece as madeixas trançadas de uma donzela; às vezes embelezado por redemoinhos, aqui escuro e profundo, lá com o rugido das águas, proclamando a presença da própria Shri Gunga; aquelas águas sagradas nas quais os seres celestes mergulham e nadam, onde lótus brancos flutuam, rodeadas por margens altas ou areias inclinadas; lá onde cisnes, grous, e aves chakur são ouvidas, onde árvores adornam as margens e nenúfares flutuam ou campos de flores de lótus cujos botões revelam sua beleza delicada à maré. Às vezes as águas, avermelhadas por pétalas de lótus, fazem o rio parecer com uma linda mulher vestida em um sari carmesim; aquelas águas espumantes, verdes como esmeralda, onde elefantes poderosos se divertem e também os grandes elefantes guardiões dos quatro quadrantes da terra, ou aqueles que carregam os deuses, onde o som de Hara! Hara! ressoa sempre. Shri Gunga, bela como uma mulher primorosamente enfeitada com gemas brilhantes; Shri Gunga, enriquecida com frutas, flores e aves de todas as cores, cheia de toninhas, crocodilos e serpentes; aquele rio sagrado, caindo dos pés do bem-aventurado Vishnu, divino e impecável, o destruidor do pecado dos outros, tendo se divertido nas madeixas de Shri Shiva, depois descendo à terra, através do poder da penitência de Bhagiratha.

Shri Rama, prosseguindo para a cidade de Shringavera, vendo a rainha do oceano, a santa Gunga, onde as canções da ave krauncha são ouvidas, observando onda após onda surgindo no rio sagrado, aquele guerreiro poderoso, Rama, disse a Sumantra: "Ó auriga, vamos nos abrigar aqui. Lá, sob a árvore ingudi,[196] carregada

[196] Árvore ingudi: figueira sagrada indiana.

de folhas verdes e flores, vamos descansar. Ó benevolente, vamos ficar ao lado do rio poderoso, cujas águas auspiciosas são adoradas pelos deuses, os danavas, serpentes, animais e aves, e vamos oferecer homenagem lá".

Sumantra e Lakshmana respondendo "Que assim seja", pararam a carruagem debaixo da árvore ingudi.

Chegando lá, Shri Rama e Lakshmana desceram da carruagem e Sumantra, desatrelando os cavalos, respeitosamente sentou-se de frente para Rama, ao pé da árvore.

O rei daquele país era um, Guha, querido para Rama como a sua própria vida, por casta um barqueiro, mas possuidor de um exército e designado "rei dos barqueiros". Sabendo que aquele leão entre os homens, Shri Rama, tinha chegado ao seu território, ele junto com seu ministro idoso e parentes saiu ao encontro do príncipe. Shri Rama, vendo o chefe dos barqueiros, de longe, foi com Lakshmana encontrá-lo e recebê-lo. Percebendo que Shri Rama estava em traje de asceta, Guha, aflito, curvando-se diante dele, disse: "Ó príncipe, que este pequeno reino seja como Ayodhya para ti, por favor, emite os teus comandos, eu estou a teu serviço. Ó poderosamente armado, é raro receber um convidado tão profundamente amado!"

Guha então trouxe pratos excelentes de comidas deliciosas, junto com o arghya e disse: "Nós somos teus servos e tu és nosso senhor, aceita esse reino e o governa como teu. Aqui estão pratos de vários tipos, sobremesas, líquidos, especiarias, camas excelentes nas quais descansar e forragem para os cavalos, tudo à tua disposição".

Shri Rama respondeu: "Ó Guha, tu vieste a pé para receber-me por afeto, por isso eu estou devidamente honrado, eu estou satisfeito contigo". Então o tomando em seus braços fortes e abraçando-o, Shri Rama se dirigiu a ele em tom alegre, dizendo: "Ó Guha, pela minha boa sorte eu vejo a ti e teus amigos com boa saúde. Está tudo bem entre o teu povo, e com os teus bens? Ó amigo, tendo renunciado à aceitação de presentes, eu não posso compartilhar do que tu me ofereceste com amor; saibas que tendo assumido o manto de grama kusha e a pele de antílope, eu vivo de frutas e raízes; eu sou o protetor do dharma e servo de meu pai. Sendo um asceta, eu só posso aceitar um pouco de grama para os cavalos e nada além disso – só por isso, eu sou totalmente bem recebido. Estes cavalos do meu pai Dasaratha são queridos para ele, eles tendo recebido aveia, grama e água pura, eu me sinto plenamente honrado".

Nisso, Guha mandou seus servos fornecerem bebida e forragem para os cavalos. Então Rama, assumindo um traje de pele, realizou suas devoções do anoitecer, bebendo a água trazida por Shri Lakshmana. Então Lakshmana lavou os pés de Rama e Sita que se deitaram debaixo da árvore ingudi e sentou-se respeitosamente perto deles. Guha com Sumantra se sentou perto de Shri Lakshmana que, armado com arco e flecha, protegia Rama cuidadosamente, e passou a noite em conversa sagrada. Rama, o filho sábio e ilustre do rei Dasaratha, merecedor de todo o conforto e que agora, deitado no chão, sofria adversidade, passou a noite sem ser perturbado em sono profundo.

Capítulo 51 – A noite é passada na margem do rio sagrado

Guha dirigiu-se a Shri Lakshmana que estava guardando humildemente seu irmão nobre, e disse: "Ó amigo, descansa à vontade nesta cama macia preparada para ti. Nós estamos preparados para a vida da floresta, mas tu, acostumado ao conforto, descansa agora, nós vamos vigiar durante a noite e proteger Shri Rama do perigo, ninguém é mais querido para mim sobre a terra, eu te juro realmente. Para satisfazer Shri Rama, eu adquirirei fama, virtude, riqueza e prazer.[197] Eu, com meu arco e flecha, acompanhado por meus parentes, vigiarei Shri Rama, agora adormecido com Sita. Vagando diariamente na floresta, nada lá é desconhecido para mim, mesmo que um inimigo poderoso me atacasse na floresta, eu poderia resistir a ele".

Lakshmana respondeu: "Eu tenho plena fé no poder da tua proteção, nem temo alguém, mas como, esquecido do dharma, eu posso deixar de vigiar Shri Rama? Vendo o principal herdeiro de Dasaratha, soberano da terra, deitado no chão com a filha do rei Janaka, como eu ousaria descansar enquanto ele está dormindo?

"Vê Nishada![198] Esse príncipe poderoso, Shri Rama, a quem ninguém se atrevia a desafiar, dorme em uma cama de palha. Esse grandioso obtido pelo rei Dasaratha pelo mérito de caridade, austeridade e devoção, tendo se tornado um asceta, seu pai idoso não vai sobreviver por muito tempo e então a terra se tornará uma viúva. Ó Nishada, eu creio que as mulheres chorando e lamentando na nossa partida ficaram em silêncio e o palácio real também, mas eu temo que o rei, Kaushalya e minha mãe, não vão durar mais que esta noite. Consolada por Shatrughna, minha mãe pode durar algum tempo, mas a rainha Kaushalya, a mãe desse herói, certamente vai abandonar sua vida sem Rama. Ai! Ayodhya, o repositório da riqueza e habitada por aqueles que amam Rama, perecerá por causa do infortúnio causado pela morte do rei. Como o rei pode viver sem ver seu amado e virtuoso filho mais velho? A rainha Kaushalya também perecerá, nem minha mãe poderá sobreviver por muito tempo à morte de Kaushalya. Ai! Toda a estrutura do propósito do rei caiu em ruínas; desejando nomear Rama como seu regente, ele deixará este mundo ainda nutrindo essa esperança. Afortunado é aquele que, acompanhando as últimas horas do rei, realizará as suas exéquias – e então percorrerá a cidade de pátios encantadores, palácios e templos com ruas de interseção onde cortesãs encantadoras são vistas; aquela cidade cheia de carruagens esplêndidas, cavalos e elefantes, ressoando com trombetas, possuindo todas as comodidades, cheia de pessoas alegres, enriquecida por parques e jardins, onde conferências e reuniões alegres são realizadas diariamente. Quando nós, voltando da floresta, caminharemos na cidade real? Que o rei Dasaratha continue a viver, para que possamos ver aquele monarca excelente em nosso regresso, com Shri Rama o Defensor da Verdade".

Assim lamentando e aflito, Shri Lakshmana, vigiando Rama, passou a noite. O príncipe Lakshmana, proferindo palavras verdadeiras e afetuosas a respeito de seus pais e superiores, falou assim com Guha, que, aflito e inquieto, chorou como um elefante com dor.

---

[197] Os quatro objetivos legítimos na vida.
[198] Nishada é a tribo da montanha à qual Guha pertencia.

Capítulo 52 – Sumantra é mandado retornar; Shri Rama, Sita e Lakshmana cruzam o rio sagrado

Quando o dia amanheceu, o ilustre Rama de peito largo dirigiu-se ao virtuoso príncipe Lakshmana. "Vê! a deusa Noite desapareceu e o sol está prestes a nascer. Ó, ouve como o melro está cantando e o grito do pavão é ouvido na floresta. Vamos cruzar a Bhagirathi que flui velozmente, que corre para o oceano".

Shri Lakshmana, ouvindo o comando de Shri Rama, permanecendo diante de seu irmão, chamou Guha e Sumantra. Guha adivinhando o propósito de Shri Rama, convocou seus ministros e lhes disse: "Tragam rapidamente um bom barco, firme e forte, capaz de levar Shri Rama para o outro lado".

O ministro de acordo com a instrução de Guha trouxe um barco excelente e disse: "Senhor, o barco está pronto". Então Guha, com as palmas unidas, aproximando-se de Shri Rama se dirigiu a ele deste modo: "Ó senhor, teu barco está disponível, o que mais tu requeres de mim? Ó leão entre os homens, ó príncipe, ó tu cumpridor de grandes votos, o barco capaz de atravessar o rio que corre em direção ao mar está aqui, por favor, entra nele".

O glorioso príncipe Rama respondeu a Guha dizendo: "Tu me forneceste tudo o que eu poderia desejar, agora coloca a bagagem no barco". Os príncipes pondo suas aljavas, e levando seus arcos, chegaram ao lugar onde o barco estava à espera.

Então Sumantra se aproximando do justo Rama, de cabeça baixa e palmas unidas, disse: "Quais ordens tu tens para mim, ó senhor?" Tocando Sumantra com sua mão direita, Shri Rama respondeu: "Ó virtuoso Sumantra, agora volta ao rei e o serve com vigilância, eu não preciso mais de ti. Ó amigo, deixando a carruagem, eu vou entrar na floresta a pé". Sumantra, recebendo a ordem para retornar, imaginou-se já separado de Rama e cheio de tristeza exclamou: "Ó senhor, ninguém no reino deseja que tu entres na floresta com Sita e Lakshmana como um homem comum. Quando eu te vejo, compassivo e sincero, enfrentando grande adversidade, eu considero como inúteis a compaixão, a simplicidade, o voto brahmacharya e o estudo do Veda! Ó príncipe, morar na floresta com Sita e Lakshmana te trará renome igual a alguém que conquista os três mundos; mas nós, separados de ti, ó Rama, estamos condenados e cairemos sob o domínio da pecaminosa Kaikeyi".

O sábio Sumantra, certo da partida de Rama, cheio de aflição, chorou amargamente por muito tempo. Por fim, reprimindo suas lágrimas ele se purificou com água, e foi então abordado por Rama que falou com ele em tons gentis, dizendo: "Entre os ministros da casa de Ikshvaku, nenhum é um amigo tão querido. Tu irás, portanto, agir de tal modo que o rei se liberte do sofrimento? O senhor da terra é idoso, sua mente está confusa e ele é atormentado pelo desejo, portanto, eu te peço para servi-lo. Qualquer que seja a ordem do rei, por afeição pela rainha Kaikeyi, cumpre. Reis governam para realizar seus desejos. Ó Sumantra, age de tal forma que o rei não fique descontente, e para que ele não possa afundar sob o peso da aflição. Quando tu te aproximares dele, que era até então um estranho para o sofrimento, oferece saudações em meu nome e dize: 'Tendo renunciado a Ayodhya e entrado na floresta, Shri Rama, Lakshmana e Sita não sofrem angústia; quatorze anos tendo passado, tu logo os verás retornar!'

"Entrega desse modo a minha mensagem de afeição repetidamente para o rei, para a minha mãe Kaushalya, as outras rainhas e também Kaikeyi. Curvando-se aos pés da minha mãe Kaushalya, dize a ela que está tudo bem comigo e também com Sita e Lakshmana. Aconselha o rei a mandar chamar Bharata rapidamente e

quando ele chegar, que ele seja instalado como regente. Tomando o príncipe Bharata em teus braços, o nomeia rei; tu, assim, ficarás livre da dor causada por essa separação. Depois disso, que Bharata em meu nome seja instruído a tratar as nossas mães com afeto igual e com a mesma honra que é devida ao rei. Que ele considere Sumitra e minha mãe Kaushalya como a sua própria mãe Kaikeyi. Dize: 'Se tu aceitares o reino para agradar ao rei, a tua fama e felicidade em ambos os mundos estarão garantidas'".

Tendo falado assim, Shri Rama desejou dispensar Sumantra de sua presença com a mensagem, mas o ministro, profundamente angustiado, se dirigiu a ele, dizendo: "Ó Ramachandra, perdoa-me se eu profiro palavras com falta de reverência, impelido pela minha devoção por ti, nem me considera um hipócrita. Ó Raghava, Ayodhya, pela tua partida, parece alguém aflito pela perda de um filho, como eu voltarei lá sem ti? Vendo a carruagem sem ti, as pessoas ficarão cheias de angústia, o coração da cidade será partido em dois. Embora tu tenhas viajado longe, ainda nos corações dos cidadãos de Ayodhya tu ainda estás presente com eles. Certamente as pessoas nem se alimentaram nem tomaram água em tua ausência. No momento da tua partida, ó príncipe, tu te familiarizaste com a sua dor, e testemunhaste o seu choro e lamentação. Quando eles virem a carruagem vazia, a sua tristeza aumentará mil vezes. Ao voltar para Ayodhya, com quais palavras eu devo me dirigir à tua mãe? Eu devo dizer 'Eu deixei teu filho na casa do teu irmão, não te aflijas?' Como eu posso proferir tal falsidade, porém como eu posso contar a verdade a ela? Esses cavalos nobres que puxaram a carruagem que trouxe a ti, Lakshmana e Sita, como eles serão conduzidos sem ti? Ó príncipe impecável, eu não posso voltar para Ayodhya sem ti, portanto me deixa ficar contigo na floresta. Se, apesar da minha súplica, tu ainda renunciares a mim, eu irei, com a carruagem, entrar em um fogo ardente. Ó príncipe, todos os seres que procurarem frustrar a tua vida de devoção na floresta, eu irei repelir com a minha carruagem. Por ti, eu estou habilitado a conduzir a carruagem, agora tem a amabilidade de me deixar entrar na floresta contigo. Me aceita, portanto, como o teu protetor e me deixa entrar na floresta, eu te peço com amor extremo. Ó herói, se esses corcéis excelentes te servirem na floresta, eles alcançarão um estado espiritual elevado. Ó príncipe, por qualquer meio que eu possa te servir na floresta, eu vou estimá-lo mais do que a residência no céu ou em Ayodhya. Sem ti, eu sou incapaz de voltar para a capital, como o pecador Indra foi incapaz de entrar em Amaravati. É o meu maior desejo quando o teu período de exílio acabar te levar para a capital novamente. Ó Rama, quatorze anos contigo passarão como um momento, enquanto sem ti, eles parecerão como mil anos. Ó amigo daqueles dedicados a ti, eu resolvi ficar na floresta com o filho do meu senhor. Como tu podes abandonar teu amigo devotado, que só procura fazer o seu dever?"

Assim repetidamente suplicado pelo ministro Sumantra, Shri Rama respondeu-lhe dizendo: "Ó tu que amas o teu mestre, eu sei da tua devoção por mim, mas ouve as razões que me levam a te enviar daqui para Ayodhya.

"Vendo-te voltar à capital, minha mãe Kaikeyi, convencida de que eu entrei na floresta ficará satisfeita e não mais repreenderá o rei, acusando-o de falsidade e injustiça. Eu desejo que a minha mãe Kaikeyi desfrute do reino próspero, regido por seu filho Bharata, portanto, para me agradar, retorna à capital e entrega a mensagem que eu confiei a ti".

Assim Rama, oferecendo explicação a Sumantra então falou palavras de bom senso e encorajamento para Guha, dizendo: "Ó Guha, não é apropriado que eu more na floresta na qual meus amigos residem, portanto, construindo uma cabana

de folhas e galhos em outro lugar eu viverei como um asceta. Para a prosperidade espiritual do meu pai, eu, Sita e Lakshmana, com cabelos emaranhados seguindo a disciplina ascética, residiremos na floresta. Traze-me, portanto, o leite da árvore bhurja.[199] Guha obedeceu à instrução do príncipe, após o que Rama derramou o líquido viscoso em sua própria cabeça e também na cabeça de Lakshmana! Assim Shri Rama, aquele leão entre os homens, e seu irmão Lakshmana pareciam com ascetas e com seus mantos de pele e com cabelos emaranhados pareciam encantadores. Fazendo o voto de brahmacharya, os dois irmãos abordaram Guha dizendo: "Ó Guha, não negligencies os teus exércitos, o teu tesouro, as tuas tropas de defesa e o teu povo. Um reino é regido por diligência e esforço".

Despedindo-se de Guha, Shri Rama com Sita e Lakshmana foram rapidamente para o Ganges. Vendo o barco perto da margem do rio que flui rapidamente e desejoso de cruzá-lo, Rama disse a Lakshmana: "Ó leão entre os homens, segura o barco firme e ajuda a gentil Sita a embarcar, então tu, também, entra nele".

Agindo sob o comando de seu irmão, Shri Lakshmana primeiro ajudou a filha do rei de Mithila e depois subiu no barco. Então o resplandecente Rama seguiu, sendo o último a entrar, e Guha mandou seus servos conduzi-los sobre o rio sagrado.

Ocupando seu lugar no barco, o príncipe Rama começou a recitar o mantra vêdico para a condução segura de todos. Executando o ritual Achmana[200], ele ofereceu saudações a Shri Gunga e Lakshmana também fez reverência ao rio sagrado. Shri Rama mais uma vez se despediu do auriga, do exército e de Guha, e pediu ao timoneiro para remar para o outro lado. O barco moveu-se rapidamente ao som dos remos.

Chegando ao meio do rio, a encantada Sita, com as palmas unidas, adorou Shri Gunga, dizendo: "Ó Gunga, que esse filho de Dasaratha, obedecendo às ordens de seu pai, seja protegido por ti. Que ele, passando quatorze anos na floresta, retorne outra vez com Lakshmana e comigo. Então, ó devi, ó Gunga abençoada, voltando com eles, eu te adorarei. Ó Gunga, tu és a realizadora dos desejos piedosos. Ó tu deusa tripartida, alcançando a morada de Brahma, e aparecendo no reino mortal como a consorte do rei do oceano, ó bela, eu me curvo a ti e te adoro. Quando, retornando com segurança da floresta, Shri Rama ocupar o trono, então eu, desejando te satisfazer, darei cem mil vacas, grãos abundantes e belas vestes para os brâmanes em caridade. Voltando a Ayodhya, eu oferecerei um sacrifício de cem jarros de vinho e arroz para ti. Eu adorarei todos os deuses que residem nas tuas margens e todos os lugares sagrados, como Prayaga e Kashi. Ó impecável, permite que Rama e Lakshmana, livres do pecado, completando o período de seu exílio, voltem novamente para Ayodhya".

Assim adorando a Gunga, a promotora de alegria, eles atingiram a outra margem. Então Rama, chefe de homens, deixando o barco na margem sul, prosseguiu para a floresta com Lakshmana e Janaki, e se dirigiu a Shri Lakshmana, dizendo: "Ó filho de Sumitra, protege cuidadosamente Shri Sita nas áreas solitárias e também nas áreas frequentadas da floresta. Nós devemos vigiá-la neste lugar desconhecido e desabitado, portanto, ó Lakshmana, vai à frente e que Sita te siga, eu andarei atrás para proteger vocês dois, vamos defender uns aos outros, ó príncipe. Até agora, Shri Sita não testou sua força, mas a partir de hoje ela deve

---

[199] Árvore bhurja: uma espécie de bétula.

[200] Achmana: [Acamana], uma cerimônia purificatória.

suportar as dificuldades de uma vida na floresta. Hoje, a filha do rei Janaka vai entrar na floresta onde ninguém habita, nem existem campos ou jardins lá, mas solo duro e árido com brechas escancaradas em todos os lugares".

Shri Lakshmana, assim instruído, foi à frente com Sita seguindo-o, Shri Rama vindo depois.

Enquanto isso, Sumantra, na outra margem, seguiu Raghava com seus olhos, e tomado pela dor, chorou amargamente. Shri Rama, resplandecente como os guardiões da terra, concessor de bênçãos, tendo atravessado o rio Gunga, chegou à terra de Batsya.

Depois disso, os dois irmãos caçaram veados e javalis, e outros animais, e ficando com fome, se alimentaram de raízes e frutos silvestres, como ordenado, descansando ao anoitecer debaixo de uma árvore.

Capítulo 53 – Decididos a seguir seu destino eles entram no exílio

O alegrador do mundo, Shri Rama, sentado debaixo de uma árvore realizou suas rezas do anoitecer (Sandhya) e então se dirigiu a Shri Lakshmana desta maneira: "Ó irmão, essa é a nossa primeira noite na floresta sem Sumantra, não fiques desanimado. A partir de agora à noite apenas um de nós deve dormir, já que a proteção de Shri Sita é nossa preocupação. Ó Lakshmana, colhendo folhas e grama, vamos preparar uma cama e nos deitar".

Shri Rama, acostumado a um leito suntuoso e principesco, deitou-se aquela noite sobre a terra nua. Conversando com Shri Lakshmana, ele disse: "Ó Lakshmana, pode ser que o rei Dasaratha tenha um sono agitado neste dia, mas Kaikeyi, tendo realizado a sua ambição, certamente está satisfeita. Eu temo que ela, ávida pelo reino, mate o rei antes que Bharata retorne. O monarca idoso é indefeso, um escravo de Kaikeyi e sujeito ao desejo; sem mim, como é que o rei infeliz vai se proteger? Vendo a queda do rei e sua sujeição em matéria de desejo, parece que a concupiscência é mais poderosa do que a riqueza ou virtude. Ó irmão, que homem tolo, seduzido por uma mulher, abandonaria um filho obediente como eu? Só Bharata é afortunado, que, com sua consorte, tendo adquirido Ayodhya, vai desfrutar do reino.

"O príncipe Bharata se tornará o governante de todo o império já que a vida do rei está chegando ao fim e eu vim para a floresta. Aquele que abandona a retidão e, desconsiderando a prosperidade, procura satisfazer seus desejos, como o rei Dasaratha, cai vítima da tristeza. Ó belo príncipe, eu creio que Kaikeyi entrou em nossa casa para destruir o rei, para me mandar para o exílio e instalar Bharata como governante do reino. Ó irmão, eu temo que Kaikeyi, cega pelo poder, possa perseguir Kaushalya e Sumitra, elas sendo nossas mães. Que tu, para que Kaushalya e Sumitra não sofram, vás para Ayodhya, por mim. Eu, com Sita, entrarei na floresta de Dandaka. Vai para Ayodhya e te torna o protetor da indefesa rainha Kaushalya. Kaikeyi, maldosamente propensa, por inimizade por nós, pode prejudicar as nossas mães. Ó Lakshmana, seguramente, em algum nascimento anterior, a minha mãe privou outras mulheres de seus filhos e está colhendo o fruto daquela ação nesta vida. Ai de mim, que tive que abandonar minha mãe que me nutriu com tanto amor e que agora deveria desfrutar de felicidade. Ó Lakshmana, que nenhuma mulher dê à luz um filho como eu, que sou a fonte de angústia infinita para minha

mãe. Ó irmão, uma maina[201] ensinada por mim gritou na audição de minha mãe: 'Morda o pé do inimigo enquanto você estiver na sua boca'.[202] Ó Lakshmana, minha mãe desafortunada está hoje afundado em um oceano de dor e eu não sou capaz de socorrê-la. Melhor seria se ela não tivesse tido nenhum filho! Seguramente ela é um objeto de compaixão, lamentando por se separar de mim. Ai de mim! Que aflição extrema é dela hoje! Ó Lakshmana, se eu cedesse à ira, eu seria capaz de subjugar o mundo para não falar de Ayodhya, mas, para manter a retidão, eu não posso demonstrar meu poder. Se fizesse isso, eu incorreria em pecado e poria em perigo a vida futura; eu nunca tomar o reino à força".

Assim lamentando na floresta solitária, Rama, abandonando o comedimento, passou a noite em lágrimas.

Quando, parando de lamentar, Lakshmana viu Rama como um fogo extinto ou um mar calmo, ele se dirigiu a ele assim: "Ó grande herói, sem ti, Ayodhya está sem esplendor, como a noite, ao pôr-do-sol, mas, ó Rama, é indigno de ti te afligir, minando a coragem de Sita e a minha. Como peixes sem água, nós não podemos viver um instante sem ti. Ó grandioso, eu não desejo ver meu pai, meu irmão Shatrughna ou minha mãe Sumitra, nem mesmo o próprio céu".

Ouvindo as palavras de Lakshmana, cheias de bons conselhos, Shri Ramachandra levantou-se e sentou-se ao lado de Sita na cama de folhas. Decidido a seguir seu destino, Shri Rama iniciou o período de exílio. Daquele dia em diante, os dois grandes príncipes da casa de Raghu moraram na floresta isolada, serenos e destemidos como dois leões residentes no cume de uma montanha.

Capítulo 54 – Eles passam a noite em Prayaga no eremitério do sábio Bharadwaja

Quando o sol surgiu em um céu sem nuvens, tendo passado a noite sob uma figueira-de-bengala,[203] eles partiram dali e foram para onde o Gunga e o Yamuna se encontram, fluindo através da vasta floresta. Os dois irmãos ilustres viajando adiante contemplaram belas vistas na floresta, até então não vistas por eles, e eles, às vezes reclinando-se à vontade, se deleitavam com as árvores florescentes. Quando o dia estava quase no fim, Shri Rama disse ao filho de Sumitra: "Ó Lakshmana, olha em direção a Prayaga,[204] uma fumaça está se erguendo como a bandeira do deus do fogo; sem dúvida, isso é um sinal de que o eremitério do santo Bharadwaja está próximo. Nós certamente chegamos à junção do Gunga e do Yamuna, o som desses rios poderosos colidindo é ouvido claramente. Lenhadores cortaram as toras de árvores imensas e muitas são derrubadas no eremitério do sábio santo". Assim conversando, quando o sol estava se pondo, os dois grandes arqueiros chegaram à confluência do Gunga e do Yamuna, e ao eremitério de Bharadwaja. Desejosos de ver o sábio santo, eles pararam respeitosamente a uma pequena distância do lugar. Então Rama lentamente e reverentemente entrou no eremitério, vendo ali o onisciente sábio Bharadwaja de votos poderosos, o conquistador do tempo pela

---

[201] Mainá ou Mina: [sáriká, gracula religiosa], uma ave do tamanho de um papagaio, capaz de repetir palavras.

[202] O significado é que Rama tinha uma ave que foi ensinada a falar. Vendo um papagaio capturado por um falcão, ela gritou: 'Ó papagaio, morda o pé do inimigo'. (Isto é, antes que você seja devorado).

[203] [Árvore banyan].

[204] Prayaga: a confluência do Ganges e do Yamuna, um local sagrado.

disciplina sagrada. Cercado por seus discípulos, oferecendo oblações no fogo sagrado, eles viram o rishi, e Rama com Sita e Lakshmana prestaram reverência a ele. Rama disse: "Ó sábio abençoado e poderoso, nós somos Rama e Lakshmana, os filhos do rei Dasaratha, e esta, minha esposa, é a filha do rei de Videha, essa afortunada está me seguindo para a isolada Tapovana. Meu nobre pai me mandou para o exílio, e o filho de Sumitra, meu irmão mais novo, sempre querido para mim, fazendo o voto de brabmacharya, me seguiu. Ó senhor abençoado, cumprindo as ordens de nosso pai, nós entraremos na floresta sagrada e, praticando dharma, viveremos de raízes e frutos silvestres".

O sábio virtuoso, Bharadwaja, ouvindo as palavras do príncipe Rama, oferecendo a eles madhuparka[205] junto com o arghya, e água para eles lavarem os pés, então lhes deu várias raízes e frutas. Então o sábio santo preparou um lugar de descanso para eles. O maharishi Bharadwaja, sentado em meio aos cervos e aves, assim honrou Rama, indagando sobre o seu bem-estar. Rama recebendo o culto do grande rishi refletiu sobre as palavras faladas a ele: "Ó príncipe, eu te vejo depois de um longo tempo, eu ouvi dizer que foste exilado sem motivo. Permanece aqui à vontade e em paz, neste lugar sagrado e agradável onde os dois grandes rios se encontram".

Shri Rama, sempre dedicado ao bem de todos, respondeu: "Ó senhor, o teu eremitério é próximo das habitações dos homens e muitos virão aqui para ver Sita e a mim. Eu, portanto, não considero prudente ficar aqui. Ó abençoado, me informa sobre um lugar solitário, onde Sita, a filha de Janaka, possa viver em felicidade".

Em tom gentil Shri Bharadwaja respondeu: "Ó filho, a dez milhas daqui há uma montanha, purificada pela presença de muitos sábios que residem lá, bela e agradável para a visão, que tu permaneças lá. Macacos, ursos e chimpanzés vagam lá livremente. A montanha é Chittrakuta, encantadora como Gandhamadana. Aqueles que contemplam os picos de Chittrakuta obtêm mérito espiritual, suas mentes não admitem pecado e, vivendo lá, eles ganham recompensas divinas. Muitos sábios, praticando austeridades lá por milhares de anos, entraram no céu em seu estado encarnado. Ó Rama, esse lugar adorável é uma residência adequada para ti, eu creio, se tu não permaneceres aqui comigo até que o período do teu exílio tenha passado". Assim Bharadwaja honrou Rama com Sita e Lakshmana oferecendo-lhes todos os símbolos de hospitalidade devidos à sua classe real. Desse modo, no eremitério do grande sábio em Prayaga, Rama passou a noite conversando sobre os tempos antigos. Aliviado do cansaço, Shri Rama com Lakshmana e Sita passou a noite agradavelmente no eremitério sagrado. Quando amanheceu, Shri Ramachandra, aproximando-se do grande sábio que era resplandecente em virtude de práticas austeras, dirigiu-se a ele deste modo: "Ó tu devotado à verdade, tendo passado a noite à vontade no teu eremitério agora dá-nos permissão para partir para o lugar indicado por ti".

Shri Bharadwaja então respondeu, "Ó Rama, parte para a montanha Chittrakuta cheia de mel, raízes e frutas, digna de ser tua residência, coberta de árvores e a morada de seres celestes; lá, pavões gritam e elefantes imensos vagam. Vai então para aquele lugar sagrado, que é agradável e cheio de frutas e flores, e onde elefantes e veados passeiam pelas matas. Lá, demorando-te com Sita ao lado das fontes e cachoeiras, nas encostas da montanha e cavernas pacíficas, a tua mente encontrará deleite. Ó Rama, parte para morar naquela montanha alta e

[205] Madhuparka: uma oferenda tradicional, uma mistura de coalhos, manteiga, mel e leite de coco.

encantadora repleta de elefantes e vários animais, onde o tittibha[206] e o kokila[207] cantam".

Capítulo 55 – Eles cruzam o Yamuna e seguem viagem

Shri Rama e Lakshmana, os conquistadores de seus inimigos, tendo passado a noite em Prayaga, ofereceram reverências ao sábio e procederam em direção a Cittrakuta. Em sua partida, Shri Bharadwaja lhes deu sua bênção como um pai abençoa seu filho, e dirigindo-se a Rama, aquele herói da região da verdade, disse:

"Ó grandioso, indo para o oeste da junção dos rios, na margem do Yamuna, que flui para o Gunga de movimento rápido, tu encontrarás uma balsa desgastada. Atravessa o rio por meio de uma vara à qual, em cada extremidade, um jarro virado para cima está pendurado. Na margem oposta, tu verás uma imensa figueira com folhas verdes cercada por muitas outras. As folhas dessa árvore são de uma cor verde escura e ela é frequentada por siddhas. Chegando a esse lugar, que tu, com Janaki, rezes pela realização dos teus desejos legítimos. Descansa lá por algum tempo, então vai além dele; chegando a Nilvan à distância de uma milha, lá muitas árvores sala, jamnu e badri[208] são vistas, esse é o caminho para Chitttakuta e muitas vezes eu percorri essa rota. Ele é belo e livre de incômodos e lá não há perigo de um incêndio florestal".

Após indicar o caminho para Shri Rama, o sábio voltou ao seu próprio eremitério. Oferecendo saudações ao santo, Shri Rama, tendo se despedido, disse a Lakshmana: "Ó Lakshmana, certamente nós somos afortunados que o rishi santo nos tratou tão bondosamente".

Conversando dessa maneira, os dois príncipes seguiram adiante, Shri Sita andando diante deles, e chegaram à margem do Yamuna de corrente rápida. Então eles começaram a considerar como o atravessariam, e coletando alguma madeira construíram uma jangada, amarrando juntas quantidades de bambu seco e enchendo os interstícios com grama kusha. Então Lakshmana, espalhando os ramos de árvores jambu e vettas, fez para Sita um assento confortável. Shri Sita timidamente segurando a mão de seu senhor, Shri Rama colocou sua amada na jangada com suas roupas e ornamentos ao lado dela. Em seguida colocando os machados e o baú coberto com peles de veado, contendo suas armas lá, os dois irmãos começaram a navegar. Chegando ao meio do rio, Shri Sita, curvando-se, orou ao rio sagrado dizendo: "Ó devi, perdoa-nos por passarmos sobre ti, permite que o meu senhor possa cumprir seu voto sem obstruções. Quando eu voltar, para te agradar eu vou oferecer mil vacas em caridade". Então, com palmas unidas, ela disse: "Que o senhor da Casa de Ikshvaku volte em paz para a capital".

Tendo atravessado a encrespada Yamuna, a filha veloz do sol, eles chegaram à sua margem sul; lá abandonando a jangada eles entraram na floresta e na margem do rio e chegaram à figueira fortemente sombreada.

Shri Sita disse: "Ó árvore poderosa, eu presto homenagem a ti, que o meu senhor cumpra seu voto, para que eu possa ver novamente Shri Kaushalya e a rainha Sumitra".

---

[206] Tittibha: um pássaro, Parra Jacana ou Goensis.
[207] Kokila: o cuco preto ou indiano.
[208] Para as árvores veja o Glossário separado.

Então Sita circungirou a árvore com reverência e Rama, vendo a adorável Sita orando por seu bem-estar, disse a Lakshmana: "Segue adiante com Sita para quem nenhuma palavra ruim jamais foi proferida, que é sempre obediente a mim e é mais querida do que a própria vida. Ó chefe de homens, eu, com as minhas armas seguirei atrás. Qualquer fruta ou flor que a filha de Janaka possa desejar na floresta, colhe para ela, de modo que a sua mente possa encontrar alegria".

Shri Sita, entre os dois príncipes, andava como uma elefanta protegida por dois elefantes; a filha de Janaka, vendo muitas coisas, anteriormente desconhecidas para ela, questionava Rama a respeito de cada árvore, arbusto e planta trepadeira. Vendo muitas árvores belas cobertas de flores, Shri Lakshmana levava para a princesa tudo o que ela desejava. Vendo o rio e suas margens arenosas acariciadas pelas ondas, onde cisnes e garças gritavam, Shri Sita estava cheia de alegria.

Tendo percorrido alguma distância, os dois irmãos valentes mataram muitos cervos para alimentação, então, com Sita, passaram pelos bosques agradáveis, ressoando com os gritos de pavões e frequentados por elefantes e macacos.

Vendo um lugar agradável e abrigado que agradou Sita, e eles se alojaram lá livres do medo.

Capítulo 56 – Eles chegam à montanha Chittrakuta e constroem uma cabana

A noite tendo passado, Shri Rama, acordando lentamente, despertou o adormecido Lakshmana e se dirigiu a ele, dizendo: "Ó Lakshmana, como são belos os papagaios, cucos, mainas e outras aves que são ouvidas aqui! Ó Parantapa,[209] essa é a hora de continuar a nossa jornada, vamo-nos daqui, ó príncipe!"

Shri Lakshmana, renunciando ao sono, se livrou de sua sonolência e levantou-se revigorado. Todos eles, se levantando e se banhando no rio Yamuna, ofereceram suas preces matinais. Então, tomando o caminho através da floresta de palasas,[210] eles procederam para Chittrakuta como instruídos pelo sábio santo.

Caminhando com Lakshmana, Rama então falou com Sita de olhos de lótus, dizendo: "Ó filha do rei de Videha, vê como a primavera cobriu as árvores palasa com flores de perfume doce, essas flores vermelhas brilhantes como o fogo e os ramos enfeitados com flores como se adornados com guirlandas. Quão ricas em beleza são as árvores bilwa[211] intocadas pelo homem que não é capaz de se aproximar delas. Aqui podemos coletar alimentos facilmente. Vê, ó Lakshmana, pendurados nas árvores, os favos de mel, de pelo menos um drona[212] de tamanho, cobertos de abelhas. Quão encantadoramente a ave aquática está cantando e o pavão respondendo com seu grito, e olha! a terra está meio escondida com flores. Aqui estão os picos elevados de Chittrakuta onde inúmeras aves cantam e manadas de elefantes vagueiam. Em algum lugar em Chittrakuta um campo nivelado deve se encontrar entre os bosques de árvores, um lugar puro e imaculado, onde nós vamos morar".

[209] Parantapa: opressor do inimigo.
[210] Palasa ou Palasha ou Panasa: Árvore de fruta-pão.
[211] Bilwa: árvore bael ou macieira selvagem. Aegle marmelos.
[212] Drona: uma medida de grãos, aproximadamente 92 libras.

Os dois irmãos, em companhia de Sita, conversando dessa maneira, chegaram à montanha agradável e cativante de Chittrakuta. Chegando àquele local, no qual havia aves de muitas espécies, cheio de várias raízes e frutos agradáveis e piscinas de águas transparentes, Rama disse a Lakshmana: "Ó irmão gentil, como é aprazível essa colina coberta com árvores sombreadas, trepadeiras e frutos de muitos tipos, parecendo agradável, e onde nós podemos viver imperturbados. Dentro da floresta, muitos sábios moram, este lugar é adequado para o nosso eremitério".

Assim decidindo, Rama, Lakshmana e Sita chegaram ao eremitério do sábio Valmiki e, com reverência, prestaram homenagem a ele. O sábio virtuoso, cheio de alegria, prestou homenagem a eles, pedindo-lhes para se sentarem, dizendo: "Vocês são muito bem-vindos!"

Shri Rama, apresentando-se junto com seu irmão e Sita, contou a causa de seu exílio para o sábio e então se dirigiu a Lakshmana, dizendo: "Ó irmão, traze madeira forte e vamos construir uma cabana neste lugar. Ó príncipe excelente, aqui eu desejo morar".

Shri Lakshmana então trouxe muitos pedaços de madeira, cortados das árvores, e erigiu uma cabana coberta com folhas. Quando Shri Rama viu aquela cabana firme e agradável provida de uma porta, ele disse ao dedicado Lakshmana: "Ó Lakshmana, traze carne de veado com a qual nós possamos adorar a divindade da residência! Já que nós pretendemos viver aqui por muito tempo, nós devemos entrar nela com intenção pacífica! Ó filho de Sumitra, tendo matado um cervo preto, o traze aqui rapidamente. Sigamos a lei das escrituras nesse assunto".

Shri Lakshmana tendo obedecido à ordem de seu irmão, Rama disse: "Agora prepara a carne e vamos oferecê-la como um sacrifício. Apressa-te, ó irmão, essa é uma hora auspiciosa".

O ilustre filho de Sumitra matou um antílope preto e o assou nas chamas. Quando ele estava cozido e o sangue drenado dele, Lakshmana dirigiu-se a Raghava, dizendo: "Ó divino, eu preparei a carne do cervo preto, agora oferece o sacrifício para propiciar o deus".

O devoto e resplandecente Rama, hábil em prece silenciosa e sacrifício, tendo se banhado, recitou os textos sagrados, oferecendo homenagem aos deuses, e então entrou na cabana, com seu coração cheio de alegria. Tendo adorado Rudra e Vishnu para a purificação da habitação, ele leu o Canto da Paz e outras preces propiciatórias. Repetindo o japa[213] e se banhando no rio, ele ofereceu oblações para a expiação dos pecados. Ele então erigiu altares nas oito direções para o culto de diferentes deuses e gratificando as divindades que presidem os elementos com oferendas de flores, guirlandas, frutas, carnes cozidas e a recitação de mantras vêdicos, ele, junto com Sita, entrou na cabana encantadora, coberta de folhas, erguida em um local adequado, protegida do vento.

Shri Rama, de sentidos subjugados, morou feliz naquela habitação, construída na floresta, a residência de animais e aves, cheia de árvores e flores, onde elefantes vagavam e os gritos dos animais selvagens ressoavam.

Vivendo na montanha agradável, Chittrakuta, perto das margens do rio Malati, Rama esqueceu a capital e não mais se lembrou da sua renúncia.

---

[213] Japa: prece silenciosa, geralmente a repetição de uma fórmula sagrada.

Capítulo 57 – Sumantra retorna à aflita cidade de Ayodhya

Separado de Rama, Guha estava cheio de angústia. Conversando muito tempo com o auriga, ele viu Rama chegar à margem sul, e se dirigiu para casa.

Sumantra ouvindo integralmente dos homens de Shrangverpira[214] sobre a chegada de Rama em Prayaga, sua reunião e residência com o rishi Bharadwaja e sua jornada em direção a Chittrakuta, se despediu de Guha, e atrelando seus cavalos à carruagem, com o coração triste, partiu para Ayodhya. Passando rapidamente pelas florestas carregadas de flores e observando os rios, tanques, aldeias e cidades, ele chegou à aflita cidade de Ayodhya na noite do terceiro dia. Vendo a cidade silenciosa, ele refletiu: "A cidade com seu soberano, homens, elefantes e cavalos foi consumida pelo fogo do sofrimento, causado pela separação de Rama?"

Ponderando dessa maneira, em sua carruagem conduzida rapidamente, Sumantra chegou ao portão do interior da cidade e entrou. Lá inúmeras pessoas correram em direção à carruagem e rodeando-a, gritaram: "Onde está Shri Rama?" "Onde está Shri Rama?" E Sumantra respondeu: "Tendo chegado às margens do Gunga, o virtuoso Rama me mandou voltar, portanto, eu vim". Então as pessoas, descobrindo que Rama tinha atravessado o rio sagrado, com seus olhos cheios de lágrimas, suspirando pesadamente, gritaram: "Ó Rama, ó Rama!" E todas, a uma só voz, exclamaram: "Ai de nós! Nós estamos privados da visão de Rama, nós estamos destruídos! Nós não mais veremos Rama, o distribuidor de presentes e realizador de sacrifícios, que se sentava em nossas assembleias e que se parecia com a montanha Meru belamente adornada! Ai! Onde está Shri Rama, nosso protetor, familiarizado com a necessidade de cada um e com a felicidade de todos?"

Então Sumantra, seguindo adiante, ouviu de todos os lados, através das treliças das casas, o pranto de mulheres lamentando por Rama, e ouvindo suas lamentações na estrada real, o auriga, cobrindo seu rosto, passou rapidamente em direção ao palácio do rei.

Descendo com toda velocidade do seu carro, ele atravessou os sete portões e entrou na residência real. Vendo Sumantra voltar sozinho, as mulheres, sentadas nas varandas e janelas do palácio, de sete andares de altura, deprimidas pela separação de Rama, irromperam em altas lamentações. Trocando olhares, com os olhos cheios de lágrimas, em vozes embargadas elas deram expressão à sua dor. Ele ouviu, também, o lamento débil das rainhas do rei Dasaratha, dizendo: "O que Sumantra, que saiu com Rama e voltou sozinho, vai dizer à aflita rainha Kaushalya? Certamente a alma humana sofre dor e ansiedade mais prontamente que alegria, uma vez que a rainha Kaushalya ainda vive separada de Rama".

Ouvindo as palavras das rainhas e sobrecarregado com tristeza, Sumantra entrou na residência do rei, e passando pela oitava porta viu no aposento branco o rei infeliz, desconsolado e debilitado pela dor por causa de seu filho. Aproximando-se do rei sentado lá, Sumantra fazendo reverência a ele entregou a mensagem que lhe foi confiada por Shri Rama.

O rei a ouviu em silêncio, com sua mente agitada pela dor e aflição, e caiu inconsciente ao chão. As rainhas, vendo o rei caído em um desmaio, o ergueram em seus braços e o cobriram de lágrimas. Kaushalya e Sumitra, levantando o monarca caído do chão se dirigiram a ele, dizendo: "Ó tu afortunado, por que tu não respondes ao mensageiro de Rama que cumpriu sua tarefa árdua? Ó rei, tendo

---

[214] [Shrangverpura?]

exilado Rama, por que estás agora cheio de vergonha? Levanta-te, não há motivo para essa angústia. Ó senhor, a rainha Kaikeyi não está aqui, por medo de quem tu não ousas te dirigir a Sumantra. Fala sem medo".

Assim exortando o rei, a rainha Kaushalya caiu inconsciente, com a garganta embargada por conta de sua tristeza.

As damas da corte e as outras rainhas, vendo Kaushalya jazendo no chão lamentando, começaram a chorar alto. Então todo o povo de Ayodhya, velhos e jovens, ouvindo o pranto dos aposentos internos do palácio, irrompeu em lamentação, como no dia em que Rama deixou a cidade.

Capítulo 58 – Ele entrega a mensagem de Shri Rama para o rei

O rei, recuperando a consciência depois de um tempo, convocou o auriga real e voltou seu olhar para ele. Sumantra se aproximou reverentemente do monarca idoso que estava angustiado e inquieto, e suspirando pesadamente como um elefante recém-capturado. Então o soberano aflito falou com Sumantra que estava mais triste, com seu corpo coberto de poeira, com os olhos repletos de lágrimas, e disse: "Ó auriga, aquele virtuoso, digno de todo conforto e felicidade agora estará procurando refúgio sob uma árvore. Ó! Qual será seu alimento? Como Rama, o filho do rei Dasaratha, que não merece sofrimento, que é de digno de descansar em um leito real, dormirá como um órfão, na terra nua? Como pode aquele príncipe, anteriormente acompanhado por soldados e elefantes, e cujo carro era puxado por cavalos incomparáveis, dormir agora na floresta isolada? Como Rama e Sita serão capazes de morar na floresta cheia de pítons e outros animais selvagens? Ó Sumantra, como a delicada e entristecida Sita com os dois príncipes, abandonando o carro, pode andar descalça na floresta? Ó auriga, tu és afortunado, pois tu viste os dois príncipes vagando na floresta como os Ashwini Kumaras na montanha Mandara. Ó Sumantra, quando eles entraram na floresta, o que Rama disse? O que Lakshmana disse? O que Sita disse? Ó auriga, fala-me detalhadamente sobre a habitação de Rama, seu sono e sua alimentação, assim poderei viver um pouco mais, como o rei Yayati antigamente, ao ouvir as palavras dos sadhus".

Assim questionado por seu mestre real, Sumantra, com sua garganta embargada, sua fala entrecortada por soluços, respondeu: "Ó grande rei, Shri Rama, o defensor da justiça, unindo suas palmas reverentemente e inclinando sua cabeça, disse: 'Por minha ordem, oferece saudações repetidamente ao soberano mais louvável, renomado por todo o mundo como altamente virtuoso, e a todos os homens e mulheres do apartamento interno, leva notícias do meu bem-estar, com saudações condizentes com a sua posição. Transmite as notícias do meu bem-estar para a minha mãe Kaushalya com o meu mais profundo respeito, e a exorta a não negligenciar seu dever. Que ela pratique o dharma e cuide do pavilhão sacrificial. Dize a ela: 'Ó deusa, honra o rei, meu pai, como tu honrarias um deus. Abandonando orgulho de família e prerrogativa real, serve as minhas outras mães com atenção. Kaikeyi é a favorita do rei, atende a ela como ao próprio rei'".

"Ó rei, Shri Rama instruiu o príncipe Bharata assim: 'Que o príncipe saiba que eu estou bem e o instrui a tratar todas as suas mães com justiça. Dize ao ilustre príncipe Bharata que, embora regente, ele deve continuar obediente ao seu nobre pai. O rei tem idade muito avançada, que o príncipe Bharata não se proclame rei. Que ele obedeça ao rei e aja como coadjutor'". "Shri Rama me carregou de lágrimas,

dizendo: 'Que Bharata considere a minha amada mãe como a sua própria'. Rama, de braços poderosos e altamente ilustre, de olhos de lótus, dirigindo-se a mim dessa maneira, chorou alto.

"Então Shri Lakshmana, irando-se e suspirando pesadamente, disse: 'Que falha esse príncipe nobre cometeu para ser exilado? Seguramente o rei concordou com o desejo tolo da rainha Kaikeyi, concedendo-lhe bênçãos sem considerar se elas eram próprias ou impróprias, pelas quais todos nós estamos envolvidos em miséria. Se Rama sofreu exílio para satisfazer a estupidez da rainha Kaikeyi, então certamente esse é um ato ruim. Mesmo se os deuses decretassem o exílio de Rama eu não veria nenhuma razão para isso. Agindo com discernimento imperfeito o rei baniu Rama sem considerar as consequências, o que certamente lhe causará sofrimento imenso. Eu não vejo afeto paterno no rei; para mim Shri Ramachandra é irmão, mestre, parente e pai. Querido por todo o mundo, Shri Ramachandra, dedicado ao bem de todos, foi banido, como o povo pode aprovar esse ato? Tendo, em oposição à vontade do povo, exilado Shri Ramachandra, que é virtuoso e amado, como ele pode afirmar que ele é um rei?'

"A sagaz Janaki, ó rei, ficou muda, com os olhos fixos e vazios, como alguém possuído por um espírito. Aquela ilustre filha de Janaka, não familiarizada com o sofrimento, chorou de aflição e foi incapaz de falar. Vendo o rosto de seu marido molhado de lágrimas, sua boca ficou ressecada, e, olhando para mim, ela chorou amargamente. Assim Shri Rama, com o rosto contraído pela tristeza, apoiado por Lakshmana, se dirigiu a mim, sentado na carruagem real, enquanto a asceta Sita fixava seu olhar em mim em silêncio".

Capítulo 59 – O rei lamentando a ausência de Rama está se afogando em um mar de tristeza

Sumantra disse: "Ó rei, quando Shri Rama entrou na floresta, eu voltei e parando os cavalos cansados, fiquei imóvel, mostrando sinais de aflição. Fazendo reverência aos dois príncipes, eu subi na carruagem, e contendo a minha tristeza, fui em frente, permanecendo alguns dias com Guha, na esperança de que Sri Rama me chamasse novamente e me levasse com ele.

"Ó rei, voltando para casa, eu vi as próprias árvores cheias de angústia, seus brotos tenros, botões e flores estando murchos! A água nas piscinas e rios estava diminuindo lentamente, as folhas na floresta estavam caindo e os animais estavam imóveis, os elefantes inquietos já não vagavam aqui e ali. Aflita pela separação de Rama, a floresta tinha ficado silenciosa. Ó rei, as águas dos lagos tinham ficado barrentas e as flores de lótus tinham submergido, sendo incapazes de suportar a separação de Rama. Os peixes e as aves aquáticas tinham abandonado seus locais habituais e as plantas aquáticas e as que cresciam na terra já não exalavam seus aromas perfumados, enquanto seus frutos eram desprovidos de sabor. Os jardins estavam privados de beleza e as aves permaneciam imóveis na floresta.

"Entrando em Ayodhya, ninguém parecia estar feliz, e os cidadãos vendo a carruagem real sem Rama estavam suspirando perpetuamente. Ó senhor, vendo, de longe, a carruagem retornar sem Rama, todos estavam mergulhados na tristeza. As mulheres da cidade, das suas janelas, sacadas e telhados, vendo a carruagem sem Rama, irromperam em lamentações. Com lágrimas caindo de seus olhos sem pintura, cheias de angústia, elas afastaram seu olhar de todos. Hoje, eu sou incapaz

de distinguir amigo ou inimigo devido à dor. Todos os homens, junto com elefantes e cavalos, unidos no sofrimento e lamento, estão todos aflitos pela separação de Rama! A cidade de Ayodhya, negligenciada e infeliz, parece a rainha Kaushalya sem seu filho!"

Ouvindo essas palavras, o rei ficou agitado e em voz trêmula dirigiu-se ao auriga: "Ó Sumantra, eu estou profundamente arrependido, que sem deliberar com os meus conselheiros capazes e anciãos, eu concedi as bênçãos para a mal-intencionada Kaikeyi, sob a influência de Manthara. Esse ato não premeditado foi realizado por mim, inspirado pelo meu desejo por Kaikeyi, sem consultar os meus amigos e ministros. Ó Sumantra, essa grande calamidade é o resultado do destino e vai destruir a Casa de Ikshvaku. Ó auriga! Se eu alguma vez fiz algum bem para ti, então me leva até Shri Ramachandra logo; a minha vida está deixando o meu corpo rapidamente, ou vai para a floresta e faze Rama voltar, se ele ainda for obediente a mim. Se aquele poderoso foi para muito longe daqui, então me leva na carruagem e dirige até lá rapidamente; eu desejo olhar para ele só mais uma vez. Onde está Rama, o irmão mais velho de Lakshmana, cujos dentes lembram os nenúfares e que é um guerreiro poderoso? Se eu quiser viver, eu devo ver aquele virtuoso. Se eu não vir Rama de olhos avermelhados, usando belos brincos, cravejados de pedras preciosas, eu certamente perecerei. Ó! O que pode exceder a minha dor, que, no momento da morte, eu não posso ver Rama, o herói da Casa de Ikshvaku? Ó Rama, ó Lakshmana, ó paciente Sita, vocês não sabem que eu estou morrendo de angústia amarga".

O rei, com sua mente submersa no mar de tristeza, gritou: "Ó Kaushalya, esse oceano de miséria causado pela separação de Rama é insondável, a separação de Sita são suas praias, suspiros profundos são os redemoinhos tornados túrbidos pelas minhas lágrimas, o esticar dos braços é seu movimento agitado, lamentações são o som do seu trovão, cabelos desgrenhados são suas algas, as palavras de Manthara são os crocodilos e Kaikeyi é o fogo em suas profundezas, os rochedos não escaláveis são as bênçãos que mandaram Rama para a floresta. Sem Rama, eu estou afundando nesse mar sem fundo, vivo, eu sou incapaz de cruzá-lo. Eu desejo ver Rama e Lakshmana hoje, mas, ai de mim! Eu não posso realizar o meu desejo, como resultado de algum grande pecado cometido antigamente por mim".

Lamentando-se dessa maneira, o rei caiu sem sentidos no sofá. O monarca, lamentando a ausência de Rama, desmaiou. Ouvindo as palavras do rei, a mãe de Rama, a rainha Kaushalya, foi tomada pelo medo.

Capítulo 60 – O auriga tenta consolar a rainha Kaushalya

A rainha Kaushalya, jazendo tremendo no chão como alguém morto ou possuído por um espírito maligno, então disse ao auriga: "Ó Sumantra, me leva para o lugar onde Rama, Lakshmana e Janaki vivem! A vida sem eles, mesmo por um momento, é vã. Volta lá rapidamente na tua carruagem, ou eu devo segui-los ou entrar na região da morte".

Shri Sumantra, chorando e angustiado, respeitosamente procurou consolar a rainha, dizendo: "Ó senhora, abandona a inquietação, fixação e ansiedade nascidas da tristeza! Shri Rama viverá alegremente na floresta! Ó príncipe Lakshmana, autocontrolado, servindo Rama e vivendo de acordo com a virtude vai moldar para si

um futuro auspicioso. Na floresta solitária, Shri Sita, com sua mente totalmente centrada em Rama em devoção, viverá sem medo, como em sua própria casa. Eu não vejo falta de coragem na princesa Sita, parece que ela nasceu para residir em uma terra estranha. Como, nos tempos passados, ela gostava dos parques e jardins, assim ela agora desfruta da floresta desabitada. Sita, cujo rosto se assemelha à lua cheia, com sua mente absorta em Rama, dependendo dele, se diverte na floresta; com seu coração e mente centrados nele, ela não consideraria essa grande capital melhor do que uma selva sem Rama. Caminhando na floresta, vendo as aldeias, rios, cidades e vários tipos de árvores, ela pergunta a Rama a respeito da história e origem delas. Para ela, a floresta é um jardim de diversão na vizinhança de Ayodhya. Isso eu me lembro de Sita, mas o que ela disse sobre Kaikeyi agora escapa da minha mente".

Sumantra, retendo cuidadosamente a referência a Kaikeyi que havia escapado dele por inadvertência, e para propiciar a rainha Kaushalya, se dirigiu a ela novamente, dizendo: "O brilho da face de Janaki não está arruinado pelo cansaço da viagem, ou pelos ventos ou por medo de animais perigosos ou pelo calor do sol. O semblante da princesa, parecendo a lua cheia, não é prejudicado pela residência na floresta. Seus pés, já não pintados de vermelho-alaranjado, parecem tão viçosos quanto lótus.

A princesa, sempre extremamente dedicada a Rama, não colocou seus enfeites, mas com suas tornozeleiras tilintando viaja feliz, fazendo com que os próprios cisnes a invejem. Dependente do poder de Shri Rama, ela não sente medo ao ver um leão ou tigre na floresta. Ó senhora, não há motivo para tristeza por esses três ou pelo rei ou por ti mesma. O exílio autoimposto de Shri Rama, em obediência à ordem de seu pai, permanecerá como um tema de veneração para todo o mundo enquanto o sol e a lua durarem. Tendo banido a tristeza, Shri Rama, seguindo o caminho trilhado pelos sábios, vivendo de frutas e bagas, cumpre as ordens de seu pai".

Embora consolada pelo auriga, a rainha Kaushalya, dilacerada pela tristeza, por estar separada de seu filho, gritou: "Ó meu querido, ó meu filho, ó Rama", e continuou a chorar.

Capítulo 61 – A rainha Kaushalya repreende o rei

O virtuoso Rama, o defensor do dharma, tendo partido, a rainha Kaushalya, chorando amargamente, se dirigiu ao seu consorte real: "Ó rei, o teu nome justo é conhecido em todos os três mundos; tu és considerado compassivo, caridoso e de fala gentil. No entanto, ó grandioso, dize-me, como é que os teus dois filhos, criados no conforto com Sita, poderão suportar a vida na floresta? Como é que a jovem e delicada Sita, digna de felicidade, suportará o calor e o frio? Como aquela princesa de olhos grandes, que vivia de pratos preparados por cozinheiros habilidosos, manterá a vida com os legumes selvagens da floresta? Como ela, acostumada aos acordes agradáveis de música, poderá suportar o rugido dos leões comedores de homens? Como os dois príncipes poderosos, cujos braços lembram o arco-íris,[215] dormirão no chão, apoiando suas cabeças em seus braços? Ó, quando eu voltarei a ver o rosto de lótus de Rama, emoldurado em belos cachos, cujos olhos são como o

[215] Provavelmente por sua extensão.

nenúfar e cujo hálito é perfumado como as ninfeácias? Certamente o meu coração deve ser tão duro quanto um diamante já que ele não se quebra em mil pedaços, sem Rama. Ó rei, banindo os teus filhos, tu foste impiedoso. Dignos de todo o conforto, eles agora estão vagando sem rumo na floresta. Caso Rama retorne, após quatorze anos, o príncipe Bharata vai devolver o reino e o tesouro para ele? Se aqueles que convidam os brâmanes piedosos e eruditos para o sacrifício funeral servirem primeiro os seus parentes pobres e merecedores e, posteriormente, os brâmanes, esses não vão aceitar o alimento desse sacrifício, rejeitando-o como vinho. Os brâmanes consideram como um sinal de desrespeito serem servidos mesmo com aquilo do qual outros brâmanes já compartilharam, que é como um touro despojado de seus chifres, de menor valor. Ó mestre do teu povo, Rama não vai desprezar assim mesmo o reino desfrutado por seu irmão mais novo e não merecedor? Um leão não vai comer o alimento morto por outros, nem Rama vai aceitar o que já foi desfrutado por outros. Como as libações, manteiga, grama kusha e pilares usados no sacrifício não são utilizados novamente, assim Rama não aceitará um reino que parece um sacrifício sem soma.[216]

Shri Rama nunca tolerará essa indignidade, como um leão não tolerará a torção de sua cauda. Todos não temem Rama quando ele aparece no campo de batalha? Ele é justo, indicando o caminho da virtude para os outros, ele próprio nunca vai se apoderar do reino pela força! O poderosamente armado Rama com suas flechas douradas não é capaz de destruir todos os seres vivos e secar o mar? No entanto, hoje, aquele Rama, poderoso como um leão, tornou-se impotente por causa da ordem do rei, como a prole dos peixes é devorada por seus pais. Ó rei, se tu respeitasses as escrituras e as leis eternas, cumpridas e inculcadas pelos sábios eruditos, o teu filho virtuoso não teria sido exilado por ti. Ó senhor, o primeiro apoio de uma mulher é seu marido, o segundo é seu filho, o terceiro seus parentes, mas um quarto ela não tem! Tu deixaste de me considerar como tua, tu baniste o meu filho Rama, e eu não posso segui-lo e te deixar desolado. Ó senhor, tu me destruíste totalmente! Ó senhor, tu trouxeste a desgraça para os teus conselheiros, para todo o reino, para os ministros e para ti mesmo, e eu com meu filho e todos os cidadãos de Ayodhya estamos totalmente arruinados".

Ouvindo as censuras amargas de sua consorte, o rei, refletindo sobre a causa dessa calamidade, dominado pela tristeza, caiu sem sentidos, submerso em um mar de tristeza.

Capítulo 62 – O rei é dominado pela dor

Cheio de angústia ao ouvir as palavras duras da rainha Kaushalya, o rei começou a refletir sobre o que poderia ser feito. Recobrando a consciência, ele suspirou e começou a ponderar consigo mesmo. Ele então se lembrou de como, antigamente, ele tinha matado um jovem asceta inadvertidamente por uma flecha guiada pelo som, na floresta.

O monarca estava agora sujeito a uma dupla causa de dor, a recordação da sua antiga má ação e seu banimento de Rama. Assim aflito, de cabeça baixa, o rei dirigiu-se à rainha em voz vacilante: "Ó Kaushalya, sempre compassiva para com teus inimigos, eu te suplico, com as palmas unidas, para não me olhar com

[216] Soma: uma libação sagrada oferecida aos deuses.

hostilidade. Ó senhora, para a esposa, o marido é um deus seja ele virtuoso ou desprezível, essa é a lei eterna. Eu sei que tu és sábia e familiarizada com o que é próprio e impróprio, não é adequado que tu pronuncies essas palavras ferinas".

Ouvindo esse discurso queixoso, lágrimas brotaram dos olhos da rainha como chuva caindo, e tomando as mãos dele nas dela, ela dirigiu-se ao rei, dizendo: "Ó senhor, não te aflijas, fica em paz, vê, eu coloco minha cabeça a teus pés, não supliques a mim, isso é como a morte para mim! Eu falei o que não devia ser proferido, perdoa a minha transgressão! É a mulher que não é de família nobre que espera que seu marido a solicite com palavras humildes. Ó majestade, eu conheço o dever de uma mulher e sei que tu és um amante da virtude. O que eu disse foi proferido involuntariamente por aflição por causa do meu filho. A aflição destrói a paciência, a aflição destrói a compreensão, não há nada mais destrutivo que a aflição! O golpe de um inimigo desconhecido pode ser suportado, mas o sofrimento decorrente da aflição não é fácil de suportar, mesmo com resignação. Essa é apenas a quinta noite desde o exílio de Rama, mas para mim elas são como cinco anos. A tristeza afastou toda a alegria do meu peito e por causa de Rama a minha dor aumenta, agitando o meu coração como as águas de um rio que flui rapidamente perturbam o oceano".

Enquanto a rainha ainda falava, o sol declinou e a noite caiu. Consolado pelas palavras da rainha Kaushalya, o rei, cansado pela tristeza, caiu no sono.

Capítulo 63 – Ele recorda uma má ação que é a causa dessa angústia atual

Uma hora inteira tendo passado, o rei acordou e foi tomado de angústia. Ele começou a refletir profundamente, mas sua mente estava nublada pela dor e, embora igual a Indra, a morte ameaçava agarrá-lo como Rahu[217] agarra o sol.

Na sexta noite após o exílio de Rama, o rei lembrou-se novamente da sua antiga má ação, e agitado pela lembrança de seu pecado, ele se dirigiu à rainha Kaushalya: "Ó Kalyani, ó auspiciosa, do que quer que o homem faça, seja bom ou mau, ele colhe o fruto. É considerado ignorante aquele que não considera o mérito ou demérito das suas ações antes de executá-las. Ó rainha, aquele, que, apreciando as flores vermelhas da árvore palasa, derruba a árvore de manga adjacente e ainda deseja compartilhar da manga, não realiza a sua expectativa quando a palasa dá frutos. Aquele que, que, sem se importar com as consequências, entra em ação, no fim se arrependerá como o homem que rega a árvore palasa.

"Ó senhora, eu cortei a árvore de manga e reguei a árvore palasa, agora, quando o fruto está maduro, eu também, tendo banido Rama, me arrependo amargamente. Ó Kaushalya, para ser estimado como um arqueiro, na minha juventude, eu guiava as minhas flechas apenas pelo som, e um ato grave foi cometido por mim. Eu sou a causa dessa presente aflição. Ó rainha, como uma criança engole veneno por ignorância, assim eu destruí a minha felicidade por esse ato cometido antigamente por ignorância. Como alguém enganado pela beleza da flor palasa a rega na expectativa dos frutos doces (da manga), assim eu cultivei o fruto que eu agora colho, por disparar a um som. Ó senhora, naquele tempo nós não éramos casados e eu era herdeiro presuntivo.

[217] Rahu: um demônio mítico dito causar o eclipse do sol ou da lua.

"Naquela época, a estação chuvosa estando próxima, o aumento do desejo tendo chegado, o sol secando a terra, causticando o mundo com seus raios, entrou no caminho do sul. Então o calor diminuiu e nuvens refrescantes cobriram o céu, deleitando os pavões, as rãs e as andorinhas. As aves, encharcadas com a chuva, passavam a noite em angústia, jogadas para lá e para cá sobre as árvores pelos ventos úmidos. As águas límpidas nas correntes escuras e túrgidas dos depósitos do solo da montanha fluíam adiante lentamente.

"Naquela estação encantadora, levando meu arco e flechas na minha carruagem, eu cheguei à margem do rio Sarayu, desejando caçar. Posicionando-me em um vau onde búfalos, elefantes e tigres iam beber à noite, eu ouvi o som como o de um jarro sendo enchido com água na escuridão. Não vendo nada e julgando que aquele era o som de um elefante, eu tirei da minha aljava uma flecha mergulhada no veneno de uma cobra e a disparei para onde vinha o som. Tendo disparado a flecha afiada e envenenada, eu ouvi a voz de um jovem gritando, e ele, perfurado no flanco, caiu exclamando, "Quem atirou em um asceta que não tem inimigo no mundo todo? Desejoso de buscar água, eu vim aqui na calada da noite. Que mal eu fiz àquele que me atingiu? Por que eu, que vivo de frutas e raízes na floresta e não feri ninguém por palavras ou por atos, deveria ser morto por armas? Que ganho há em destruir alguém que usa cascas de árvores e peles de veado? A quem eu prejudiquei? Tal ato é contrário à lei, como alguém que não respeita o leito de seu guru é considerado um indivíduo dissoluto, assim aquele que me feriu injustamente não pode ser um homem virtuoso. Eu não me aflijo pela perda da minha própria vida, mas pelo que vai acontecer aos meus pais, quando eu morrer! À qual condição eles serão levados após a minha morte, aquele casal idoso sustentado por mim por tanto tempo? Minha mãe, meu pai e eu fomos mortos por uma única flecha! Por qual o homem tolo todos nós fomos mortos?"

"Ó Kaushalya, eu, sempre desejoso de adquirir virtude e me abstendo do que era mau, ouvindo essa triste queixa, fiquei extremamente angustiado e o arco caiu das minhas mãos. O lamento do sábio me causou a aflição mais profunda, e, oprimido pela dor, eu avancei para onde ele jazia, ferido pela minha flecha. Lá eu o vi deitado no chão, com o cabelo desgrenhado, seu corpo coberto de sangue e poeira, a água se derramando do seu loshta[218] que jazia a uma certa distância dele. Ao me ver ali de pé consternado, ele me encarou com seu olhar como se ele fosse me consumir, e disse: 'Ó rei, que mal eu, um morador da floresta, fiz a ti, que tu me feriste ao buscar água do rio para os meus pais idosos? Tu infligiste um ferimento mortal pela tua seta e desse modo mataste minha mãe e meu pai também, que, fracos, idosos e cegos, e vítimas de sede extrema, aguardam a minha volta. Afligidos pela sede, eles estão esperando pelo meu retorno. Ai de mim! Que fruto eu obtive pela prática de penitência e a audição do Veda e dos Puranas[219] já que o meu pai não sabe que eu estou jazendo mortalmente ferido aqui? No entanto, se ele soubesse, o que ele poderia fazer, já que ele é cego e aleijado? Como uma árvore cortada não pode apoiar outra, assim os meus pais cegos e aleijados não podem me ajudar. Ó rei, vai rapidamente até o meu pai e o informa da minha situação. Eu temo que ele te amaldiçoe e te consuma como o fogo queima a madeira! Ó rei, o caminho visto por ti leva à cabana dos meus pais. Vai lá e os concilia, ó rei, para que eles não se enfureçam e te amaldiçoem. Ó rei, livra o meu lado dessa flecha; essa seta penetrando meu corpo parece um rio que leva a margem longa e arenosa'.

---

[218] Loshta: um pequeno recipiente de coco ou metal usado para pedir esmolas ou para propósitos cerimoniais.
[219] Puranas: Lendas, ou antigos poemas épicos.

"Ó senhora, eu refleti que, enquanto a seta permanecesse fixa ele não morreria, embora sofrendo grande dor, mas que se eu a extraísse ele certamente pereceria. O filho do muni, vendo-me aflito e lendo meus pensamentos se dirigiu a mim em grande agonia e disse: 'Ó rei, embora em angústia e confuso, com meu corpo tremendo de dor e prestes a morrer, eu ainda sou capaz para controlar minha aflição e estou em paz. Põe de lado os teus medos, ó rei, embora o teu pecado seja grave, tu não mataste um brâmane.[220] Ó rei, eu nasci de uma mãe shudra e de um pai vaishya'.

"Enquanto ele falava, com seus olhos revirados, seu rosto empalidecido, lutando e tremendo no chão, eu retirei a seta e ele, olhando para cima em agonia, morreu.

"Ó rainha, profundamente aflito, eu vi aquele tesouro da verdade, lamentando, com seu corpo banhado em suor, no ato de abandonar sua vida".

Capítulo 64 – Dominado pela dor o rei morre

O rei, aflito após a separação de seu filho, continuou a descrever o ato infame, o assassinato do jovem asceta, à rainha e disse:

"Ó Kaushalya, tendo inadvertidamente cometido esse ato cruel, eu, profundamente angustiado, refleti sobre o que poderia então ser feito e decidi procurar os pais e conciliá-los. Pegando o jarro, cheio de água, eu o levei ao eremitério do asceta e lá vi sua mãe e seu pai, idosos e fracos, sentados juntos, como duas aves desprovidas de suas asas. Imóveis, privados por mim do seu amparo, eles estavam sentados, conversando sobre seu filho e aguardando a água. A minha mente estava nublada pelo pesar e eu estava temeroso, mas vendo o par idoso, a minha angústia foi aumentada em mil vezes.

"Ouvindo o som dos meus passos, o pai falou: 'Ó meu filho, por que tu demoraste tanto? Dá-me água rapidamente, ó filho, por que tu estiveste te distraindo na água? Vem depressa para o eremitério, a tua mãe está extremamente ansiosa. Ó meu filho, se de algum modo a tua mãe fez algo que te desagradou, cabe a ti te esquecer disso. Tu és o único amparo para nós que somos cegos e aleijados; tu és os nossos próprios olhos, as nossas vidas dependem de ti, por que tu não falas conosco?'

"Contemplando o muni, e como alguém extremamente consternado, eu proferi palavras desarticuladas, então, pela força de vontade, controlando a minha fala, eu contei a ele todo o infortúnio. Lentamente, eu narrei para o sábio o destino infeliz que se abateu sobre o seu filho e disse: 'Ó mahatma, eu não sou teu filho, o meu nome é Dasaratha e eu sou um kshatriya. Um ato pecaminoso foi cometido por mim do qual eu agora me arrependo. Ó senhor, armado com arco e flecha eu vim para a margem do Sarayu para caçar o elefante, tigre ou leão que pudesse ir lá para beber. Ouvindo o som de um jarro sendo enchido com água e supondo que era um elefante, eu disparei uma seta, e chegando à margem do rio vi um asceta deitado no chão perfurado no coração pela minha arma. Ó senhor, tendo confundido o teu filho, que tinha ido buscar água, com um elefante, eu o matei com uma flecha disparada ao ouvir aquele som. A pedido dele eu extraí a flecha do seu coração causando-lhe

[220] Um pecado mortal, os cinco pecados mortais sendo: matar um brâmane, beber licor intoxicante, roubar, cometer adultério com a esposa do preceptor espiritual e ter amizade com aqueles culpados dos acima mencionados.

dor e ele deixou essa vida lamentando por seus pais cegos. O teu filho foi morto de repente e inadvertidamente por mim sem intento; o que era para acontecer, foi realizado. Tu és um sábio, agora faze o que tu consideras adequado'.

"Ouvindo a história da má ação dos meus próprios lábios, o sábio se absteve de pronunciar uma maldição sobre mim. Com os olhos cheios de lágrimas e seu coração angustiado, ele se dirigiu a mim que lhe suplicava com as palmas unidas: 'Ó rei, se tu mesmo não tivesses confessado essa má ação para mim, a tua cabeça se partiria instantaneamente em mil pedaços pela minha maldição. Ó rei, o assassinato de alguém que mora na floresta por um kshatriya faz com que ele perca a sua condição, mesmo se ele for Indra. Se alguém ataca intencionalmente um sábio ou preceptor espiritual com uma arma, a sua cabeça é partida em sete pedaços. Tu ainda vives, uma vez que a ação foi feita por ti sem intenção, do contrário tu e toda a Casa de Raghu pereceriam'.

"Ó Kaushalya, o sábio disse: "Leva-me ao lugar onde jaz o corpo do meu filho, eu desejo me familiarizar com o seu estado final. Ai de mim! Sob o decreto do destino ele está jazendo sem vida sobre a terra, com seu corpo coberto de sangue, despojado da pele de veado anteriormente usada por ele".

"Ó Kaushalya, levando o sábio profundamente angustiado e sua esposa àquele local, eles tocaram com seus dedos o corpo sem vida de seu filho. Aproximando-se do lugar, eles abraçaram o corpo morto corpo de seu filho, o pai gritando: 'Ó filho, tu não estás nos dando as boas vindas hoje, nem tu falas comigo. Por que tu estás jazendo no chão, tu estás insatisfeito? Ó meu filho, se tu estás zangado comigo, dá atenção à tua mãe virtuosa. Por que tu não me abraças e me falas palavras ternas? Agora que metade da noite se foi, quem vai ler as Escrituras e os Puranas em voz gentil para mim? Ó meu filho, quem realizará as nossas abluções matinais e, depois de oferecer suas devoções da manhã, nos servirá e consolará? Desamparados e privados de recursos, quem colherá raízes, bagas e frutos para mim na floresta, e me alimentará, como um convidado amado? Ó meu filho, como eu nutrirei e sustentarei a tua mãe, cega, asceta e dedicada ao seu filho? Ó meu filho, fica, fica, não entra ainda na residência de Yama. Amanhã a tua mãe e eu te acompanharemos. Sem ti nós estamos angustiados, desamparados e desprovidos de amparo, nós vamos te acompanhar para a morada de Yama. Vendo o Senhor da Morte, nós lhe diremos: "Perdoa as nossas transgressões do passado que nos levaram a ser separados de nosso filho e o deixa ainda ser o nosso amparo. Dá-nos essa bênção, ó Senhor da Morte, e nos torna livres do medo. Tu és justo e o renomado protetor do teu reino! Ó meu filho, tu és inocente e foste morto por um homem pecador, portanto, pelo poder da verdade, entra na morada dos heróis. Vai, meu filho, para aquele estado elevado atingido por aqueles que seguem a verdade e são mortos pelas mãos de seus inimigos, sem recuar. Vai para aquela região sublime alcançada por Sagara,[221] Shivya,[222] Dilipa,[223] Janamejaya,[224] Nahusha[225] e Dhundhumara.[226] Que o estado alcançado por aqueles versados no Veda e que praticam austeridades seja teu. Que o estado, ó meu filho, daqueles que cuidam do

---

[221] O rei cuja história foi contada em um capítulo anterior. [No capítulo 38 do Livro I].

[222] Shivya ou Sivi: rei de Usinara cuja caridade e devoção são glorificadas no Mahabharata, [Vana Parva, cap. 196].

[223] Dilipa: pai de Bhagiratha que trouxe o Ganges para a terra.

[224] Janamejaya: um dois reis virtuosos e grandiosos dos tempos antigos.

[225] Nahusha: pai de Yayati.

[226] Dhundhumara: matador do demônio Dhundhu, um título do rei Kuvalayaswa. [Kuvalaswa; Mahabharata, Vana Parva, cap. 200].

fogo sagrado, daquelas pessoas muito generosas que fazem doações de terra em caridade, que aquele estado adquirido por aqueles que dão milhares de vacas em caridade e servem seu guru determinadamente, ou aqueles que procuram a morte pelo fogo em meditação, seja teu. Ninguém nascido na tua família jamais desceu a um estado inferior, mas aquele que matou nosso filho acabará na miséria".

"Assim, por um longo tempo lamentando em angústia, os pais idosos começaram a oferecer água cerimonial para seu filho morto. O filho daquele sábio em virtude de suas ações meritórias ascendendo para o céu em uma forma celestial, na companhia de Indra dirigiu-se aos seus pais com palavras consoladoras, dizendo: "Em virtude dos meus serviços a vocês, eu obtive esse estado, vocês, também, em breve se juntarão a mim aqui". Depois disso, aquele asceta autocontrolado subiu ao céu em uma carruagem aérea. Ó senhora, aquele grande sábio com sua esposa realizando o ritual de água, disse para mim que estava perto com as palmas unidas: 'Ó rei, agora põe um fim na minha vida também, eu não sinto tristeza em morrer. Esse era o meu único filho e por matá-lo tu me tornaste sem filhos. Como ele foi morto por ti, eu pronuncio uma maldição sobre ti. Que tu sofras a mesma dor que tu causaste a mim, através da separação de teu filho, terminando na tua morte. Ó rei, tendo matado o sábio não intencionalmente, a culpa de matar um brâmane não será tua. Como o distribuidor de caridade recebe o mérito daquelas doações, assim tu padecerás na proporção do sofrimento que tu me causaste, pondo um fim à tua vida".

"Ó rainha, depois de ter me amaldiçoado, eles lamentaram por algum tempo e, em seguida, juntando madeira, acenderam uma fogueira e entrando nela partiram dessa vida. Ó senhor, hoje me lembrando daquela má ação, cometida irrefletidamente na minha juventude, por disparar a seta pelo som, o fruto da minha ação me alcançou, como a doença vem depois da ingestão de alimentos nocivos. Ó senhora nobre, chegou a hora da realização da maldição do sábio".

Tendo dito isso, o rei, chorando e temeroso pela aproximação da morte, falou novamente: "Ó Kaushalya, eu sou prestes a abandonar minha vida por causa do sofrimento pelo meu filho, eu não consigo te ver, te aproxima e me toca. Aqueles prestes a entrar na morada da morte não distinguem nada. Se Rama pudesse me tocar por um instante, ou receber a minha riqueza e a regência, eu ainda poderia viver. Ó senhora auspiciosa, eu não tratei Rama justamente, mas o que ele fez para mim é certo. Qual homem previdente abandonaria até mesmo um filho pecaminoso? Mas qual filho, enviado para o exílio não pensaria mal de seu pai? Ó Kaushalya, eu já não te vejo, a minha memória também está enfraquecendo. Ó rainha, os mensageiros da morte me chamam para partir; qual aflição é maior do que esta, que na hora da morte eu não vejo o virtuoso Rama, o herói da verdade? A dor causada pela ausência do meu filho, que nunca se opôs aos meus desejos, seca a minha vida como o calor seca a água. Eles não são homens, eles são deuses, que olharão para aquele rosto adorável de olhos de lótus e feições encantadoras após quatorze anos! Abençoados são aqueles que verão a face de Rama parecida com a lua cheia, retornando para Ayodhya. Felizes são eles que irão contemplar Rama na capital, como o planeta Shukra,[227] completando sua trajetória nos céus. Ó Kaushalya, meu coração está partido, eu perdi o sentido do tato, paladar e som. Quando a mente expira, os sentidos se extinguem como a chama de uma lâmpada diminui quando o óleo é consumido. Ó Aflição, tu estás me destruindo e levando embora a minha vida como um rio leva as margens por sua força! Ó príncipe, ó herói poderoso, ó único

[227] Shukra: o planeta Vênus.

removedor da minha dor, ó querido do teu pai, ó meu mestre, meu filho, onde tu estás? Ó Kaushalya, ó virtuosa Sumitra, eu parto! Ó minha cruel inimiga Kaikeyi, destruidora da felicidade da minha família".

Assim lamentando, o rei morreu na presença da mãe de Rama e da rainha Sumitra.

Dominado pela dor causada pelo exílio de seu filho, aquele rei generoso e poderoso rei, à meia-noite, morreu.

Capítulo 65 – O palácio se enche com o som do pesar

A noite tendo passado, ao amanhecer, segundo o costume, os bardos chegaram ao palácio do rei, os cantores tradicionais, os versados em retórica e na história da dinastia, e músicos habilidosos familiarizados com ritmo e melodia, começaram a cantar os louvores do rei. O som de seus elogios e de suas canções encheu todo o palácio. Outros proferindo tributos e batendo palmas recitaram os atos admiráveis do monarca. As aves nas árvores perto do palácio e aquelas confinadas em gaiolas acordaram e cantaram. Suas notas se misturaram com as saudações dos brâmanes, a música das vinas, o canto dos santos nomes de Deus e os louvores daqueles que descreviam as grandes obras do rei. Eunucos e servos ficaram perto, prontos para servir, como era seu costume. Aqueles que cuidavam das abluções do rei trouxeram água perfumada com perfumes fragrantes, em jarros de ouro. Homens e mulheres graciosos e bem-vestidos vieram com óleo, unguentos, espelhos, pentes, toalhas e outros artigos e tudo o que era necessário pelo rei foi providenciado segundo o costume. Até o nascer do sol, todos esperaram o rei, então eles se dirigiram uns aos outros dizendo: "Como é isso, sua majestade ainda não se levantou?" Então as mulheres, exceto Kaushalya, que anteriormente atendiam o rei, começaram a despertar seu senhor como era o seu hábito. Tendo com afeto e habilidade tocado o corpo do monarca, elas não encontraram nenhum sinal de vida nele. Então as mulheres, que conheciam bem o movimento do pulso e compreendiam os sinais do sono, começaram a tremer percebendo a condição do rei. Temendo que o rei já não respirasse, elas se agitaram como a grama narcal[228] no meio de um rio corrente, e lentamente ficaram cientes de que seu soberano havia falecido.

As rainhas, Kaushalya e Sumitra, tomadas pela dor por conta da partida de seus filhos, jaziam como mortas. O sofrimento tinha tornado a rainha principal pálida e o seu corpo frágil. As duas rainhas, com seu esplendor diminuído pela tristeza, pareciam as estrelas escondidas pelas nuvens.

Vendo as duas rainhas jazendo inconscientes e o rei morto, as mulheres choraram alto em aflição.

Pelo lamento das mulheres atendentes, como elefantas privadas de seu líder, Kaushalya e Sumitra voltaram a si. Tocando o corpo do rei e encontrando-o frio, elas caíram sem sentidos, gritando: "Ó, meu senhor", "Ó, meu senhor". Jazendo no chão, coberta de poeira, a rainha Kaushalya se assemelhava a uma estrela caída do céu.

[228] Grama narcal: uma espécie de junco.

O rei estando morto, as senhoras dos aposentos internos viram a rainha deitada no solo como um naga[229] fêmea. As outras consortes do rei, com Kaikeyi, tomadas pela dor, caíram inconscientes ao chão.

Os lamentos das mulheres na parte interna, e aqueles que então os seguiram, encheram todo o lugar. A residência real, desprovida de alegria e cheia com o som do pesar, estava repleta de parentes e amigos aflitos lamentando e chorando. As rainhas, atingidas pela tristeza, lamentando copiosamente, como órfãs apegando-se ao seu pai morto, seguraram os braços do monarca poderoso.

Capítulo 66 – Os habitantes de Ayodhya lamentam por seu senhor

Kaushalya colocou a cabeça do rei morto, semelhante a um fogo extinto ou a um oceano sem água ou ao sol sem brilho, em seu colo, e oprimida pela dor, assim se dirigiu Kaikeyi: "Ó Kaikeyi, a tua ambição está realizada, agora governa sem mais oposição. Tendo abandonado o rei, desfruta do reino com teu filho, ó tu de má conduta! Rama tendo partido e o rei também, eu pareço um viajante em um caminho perigoso e difícil sem os seus companheiros. Não há mais alegria na vida para mim! Ai de mim! Qual mulher desprovida de seu senhor, sua divindade, desejaria continuar a viver? Só Kaikeyi é assim, tendo abandonado toda a virtude. Os gananciosos desconsideram as consequências dos seus atos, como um homem faminto devorando alimento venenoso sem considerar seus efeitos. Ai! Kaikeyi destruiu a dinastia de Raghu por instigação de uma mulher corcunda! Quão amargamente o rei Janaka vai lamentar, ao saber que o rei Dasaratha, incitado por Kaikeyi, exilou Rama juntamente com sua consorte. Rama de olhos de lótus, sem saber que o rei está morto, não sabe que eu, hoje, estou sem mestre e sou uma viúva! A filha do rei Janaka, a infeliz Sita, indigna de aflição sofrerá intensamente na floresta. Ouvindo o rugido temível de leões e tigres, na noite escura, ela irá se agarrar aterrorizada a Rama. O idoso Janaka, cuja única filha é Sita, seguramente morrerá de tristeza quando souber dos sofrimentos infligidos à sua filha! Eu, hoje, por devoção pelo meu senhor, entrarei no fogo ardente abraçando o corpo dele".

Ouvindo essas palavras, o ministro chefe, versado na tradição, afastou a rainha Kaushalya do corpo do rei, e colocando-o em um recipiente cheio com óleo, para preservá-lo, realizou as cerimônias necessárias. Os conselheiros familiarizados com os deveres consagrados pelo tempo não estavam dispostos a cremar o corpo do rei na ausência do príncipe. Quando o corpo foi baixado para o recipiente cheio de óleo, as mulheres do palácio choraram amargamente, exclamando: "Ai, o rei está morto". Levantando os braços, derramando lágrimas e pranteando lamentavelmente, elas gritaram: "Ó rei, tendo nos separado da Rama de fala agradável, por que tu, também, nos abandonaste? Como nós viveremos com a mal-intencionada Kaikeyi, que exilou Rama e matou seu marido? Ai de nós! Shri Rama, o principal amparo da nossa vida, foi para a floresta, renunciando à sua parte real. Como nós podemos viver sob as repreensões e a tirania de Kaikeyi, na ausência de Rama e de ti? Será que ela que exilou Rama, o poderoso Lakshmana e Sita e abandonou o rei não nos abandonará também?"

Então as principais rainhas, as consortes do rei Dasaratha, dominadas pela tristeza, derramando lágrimas, se sentiram desprovidas de toda felicidade. Como

[229] Naga: um da raça de serpentes.

uma noite sem lua ou uma mulher adorável e jovem sem seu marido, a cidade de Ayodhya parecia arrasada. Cheia de homens e mulheres chorando e lamentando, a cidade não estava varrida, e seus caminhos estavam sem adornos! O grande soberano, tendo, por aflição pela separação de seu filho, abandonado sua vida, as rainhas choraram deitadas no chão, até que o sol desceu abaixo do horizonte e a noite escura chegou.

Os amigos e parentes do monarca, deliberando entre si, estando relutantes em cremar o corpo do rei na ausência de seu filho, o colocaram, portanto, em um recipiente de óleo.

O rei estando morto, os habitantes da cidade encheram as ruas e pátios, lamentando por seu senhor, fazendo Ayodhya se assemelhar à noite desprovida de estrelas. Homens e mulheres se reuniram, criticando a mãe de Bharata, a rainha Kaikeyi. Todos estavam perturbados e desprovidos de alegria!

Capítulo 67 – Os anciões recomendam que um membro da família de Ikshvaku seja nomeado rei

Para os habitantes da cidade, lamentando e chorando, a noite foi como uma montanha alta, escalada com dificuldade. O sol tendo surgido, os brâmanes conselheiros do reino se reuniram na assembleia real, mesmo aqueles ilustres, Markandeya, Vamadeva, Kasyapa, Gautama, Katyayana e Javali. Esses sábios de renome, juntamente com os ministros, tomando seus lugares na presença do excelente Vasishtha o sumo sacerdote, declararam sua opinião, dizendo: "A noite passada foi como cem anos para nós. Aflito por causa da partida de seu filho, o rei abandonou sua vida. O rei está morto e Shri Rama foi para a floresta, junto com o poderoso Lakshmana. Os príncipes Bharata e Shatrughna estão na capital do reino de seu avô materno. Um membro da Casa de Ikshvaku deve ser nomeado rei para que o país não caia em ruínas. Em um reino desprovido de um soberano, nuvens carregadas de relâmpagos e trovões derramam chuva e granizo! Em uma terra sem governante, os lavradores não semeiam grãos; pais e filhos se opõem uns aos outros e esposas não mais permanecem sujeitas aos seus maridos! Em uma terra sem governante, não há paz, ladrões e salteadores exercem seu poder; mulheres, infiéis aos seus consortes deixam os seus lares! Onde as mulheres perdem a sua virtude, a confiança é também perdida. Em uma terra sem governante, não há assembleias, nem as pessoas visitam parques agradáveis e jardins ou constroem templos e casas de repouso. Em uma terra assim, os brâmanes autocontrolados não oferecerem sacrifícios nem aqueles de votos piedosos os auxiliam no rito sagrado. Em uma terra sem governante, os brâmanes não recebem a sua parte devida das taxas sacrificais; nem atores, nem regentes de música ou dança encontram alegria em tal terra. Os festivais sagrados que promovem a prosperidade da terra não são mais celebrados, nem aqueles que recitam a tradição sagrada dão satisfação aos seus ouvintes. Em uma terra sem governante, virgens enfeitadas com ornamentos dourados não frequentam os jardins floridos no fim do dia, nem os devotos do prazer, em carros velozes em companhia de donzelas encantadoras, se dirigem para a floresta. Em tal terra, os ricos não são protegidos, nem o lavrador, o vaqueiro e o pastor dormem tranquilos com portas abertas. Em uma terra sem governante, grandes elefantes de sessenta anos de idade não vagueiam nas estradas reais adornados com sinos tilintantes. O som do arco do arqueiro não é mais ouvido, nem

os comerciantes percorrendo as estradas em segurança trazem as suas mercadorias para vender de terras distantes. Em uma terra sem governante, o sábio autocontrolado, fixando sua mente, em contemplação, na sua identidade com o espírito que permeia tudo, não recebe hospitalidade quando a noite cai. A riqueza não é inatacável, nem as necessidades do homem são supridas, os exércitos não têm líderes, nem podem se igualar ao inimigo na guerra. Em uma terra sem governante, nenhum homem, trajado esplendidamente, andando em uma carruagem excelente, puxada por corcéis velozes, pode sair sem medo; nem o erudito discutidor pode propor suas doutrinas na cidade ou na floresta. Em tal terra, guirlandas e doces, esmolas ou outros presentes, não são oferecidos por adoradores como um sacrifício, nem na primavera, os príncipes, como árvores florescentes, adornados com sândalo e âmbar gris, caminham no exterior. Um reino sem um soberano é como um rio sem água, uma floresta sem vegetação, ou uma vaca sem um dono. Como uma carruagem é conhecida por seu estandarte, como um fogo é indicado pela fumaça, assim o rei, uma luz que representa o reino, foi extinto. Os homens não amam a sua própria espécie em uma terra sem governante, mas massacram e devoram uns aos outros. Os ateus e materialistas, ultrapassando os limites de sua casta, assumem domínio sobre outros, não havendo rei para exercer controle sobre eles. Como os olhos continuamente indicam o que é perigoso para o corpo, promovendo o seu bem-estar, assim o rei sempre considera a vantagem de seu povo, promovendo a verdade e a conduta ética. O rei conduz o seu povo no caminho da retidão e os guia em integridade, ele é o pai dos seus súditos e o maior dos benfeitores. No caminho do dever ele supera até Yama, Kuvera, Indra e Varuna. O rei, discernindo o bem e o mal, protege o seu reino; sem ele, o país está envolto em escuridão. Ó santo Vasishtha, enquanto o rei vivia, nós obedecíamos aos teus[230] mandatos como o mar se mantém dentro dos seus limites. Ó grande brâmane, considera as nossas palavras e o perigo que ameaça esse nosso reino, e nomeia alguém como rei se ele for da Casa de Ikshvaku".

Capítulo 68 – Mensageiros são enviados ao príncipe Bharata

Shri Vasishtha, tendo ouvido o pronunciamento dos ministros e brâmanes, disse: "O rei legou o reino a Bharata, que, com seu irmão mora feliz na casa do seu tio materno, portanto, despachem mensageiros velozes rapidamente, para trazer de volta os dois príncipes. Isso e nada mais deve ser feito".

Então todos disseram: "Que assim seja, ó senhor".

Vasishtha disse então a Siddartha, Vijaya, Jayanta, Asoka e Nandana:[231] "Venham aqui e prestem atenção ao que eu lhes mando fazer: em cavalos velozes partam para a cidade de Rajagraha e, escondendo todos os sinais de tristeza, abordem o príncipe Bharata desta maneira: 'O santo sacerdote Shri Vasishtha e seus conselheiros te saúdam e te informam que um assunto urgente aguarda a tua atenção na capital'".

"Tenham cuidado para não revelarem a ele a queda da dinastia de Raghu nem falem do exílio de Rama ou da morte do rei. Levem com vocês mantos de seda

[230] Shri Vasishtha sendo o preceptor espiritual do rei.
[231] Ministros do rei.

e gemas excelentes para o rei de Kaikeya e para o príncipe Bharata, e partam sem demora".

Os mensageiros receberam as ordens de Shri Vasishtha e tomando providências para a viagem foram para as suas próprias casas. Em seguida, montando cavalos velozes, habituados a viagens prolongadas, eles partiram para o reino de Kaikeya.[232] Tendo se despedido do santo Guru, equipados com provisões, eles partiram com pressa. Sua rota, ao longo da margem do Malini, ficava ao sul entre a montanha Uparathala e ao norte de Pralamba. Eles cruzaram o sagrado Ganges em Hastinapura e foram para o oeste chegando a Panchala (Punjab) por meio de Kuru Jangala. No caminho, eles viram muitos lagos cheios de água límpida e córregos translúcidos e, passando adiante rapidamente, alcançaram o rio Sharadanda, cheio de água pura e frequentado por muitas espécies de aves aquáticas.

Na margem daquele rio crescia a árvore sagrada Satyapayachan, à qual os mensageiros prestaram homenagem e, em seguida, entraram na cidade de Kalinga. Passando pela aldeia de Abikala, eles atravessaram o rio Ikshumati brotando da montanha Bodhibhavana, um território antigamente pertencente à Casa de Ikshvaku. Lá os mensageiros beberam a água do rio das palmas de suas mãos e encontraram certos brâmanes versados no Veda.

Atravessando a terra de Vahlika, eles avistaram a montanha Sudamana que tinha as marcas dos pés de Vishnu, e a adoraram devidamente. Eles viram os rios Vipasha e Shalmali e muitas piscinas, lagos e reservatórios. Seguindo adiante em sua jornada, de acordo com as instruções do seu mestre, eles viram leões, tigres, elefantes e outros animais.

Depois de um longo período os cavalos ficaram fatigados, mas os mensageiros prosseguiram para a cidade de Giribraja no reino de Kaikeya. Para realizar a vontade do seu senhor e preservar a dinastia real e a honra da Casa de Dasaratha, sem relaxar o seu passo, os mensageiros entraram na cidade ao cair da noite.

Capítulo 69 – O sonho inauspicioso do príncipe Bharata

Na noite em que os mensageiros chegaram à cidade, o príncipe Bharata teve um sonho muito inauspicioso. Vendo aquele sonho ruim, o filho do imperador, quando a noite terminou, estava muito angustiado. Seus amigos íntimos, os companheiros da sua própria idade, vendo-o em aflição, falaram palavras agradáveis na assembleia e contaram tradições engraçadas para distrair sua mente. Alguns tocaram vinas para o seu entretenimento, outros dançaram, atuaram e narraram histórias.

Apesar dos esforços de seus companheiros amáveis, o príncipe Bharata permaneceu melancólico. Por fim, eles se dirigiram a ele, dizendo: "Ó amigo, nós temos tentado, em vão, entreter-te, por que tu não sorris?"

Bharata respondeu: "Ouçam a causa da minha tristeza. Em um sonho, eu vi meu pai em traje desbotado, com o cabelo despenteado, caindo de um pico de montanha em um poço de estrume de vaca. Lá, eu vi aquele grande rei,

[232] [“O Kekayas ou Kaikayas no Punjab figuram entre as principais nações na guerra do Mahabharata; seu rei sendo um parente de Krishna”. – Griffith].

chafurdando como um sapo e bebendo óleo das palmas de suas mãos; depois, eu o vi comendo arroz misturado com sementes de gergelim, com seu corpo lambuzado com óleo, ele estando imerso nisso. Além disso, nesse sonho, eu vi o mar secar e a lua cair sobre a terra e o mundo mergulhado na escuridão. As presas dos elefantes reais se quebraram em pedaços e um fogo ardente de repente foi extinto. Eu vi a terra partida e as folhas das árvores murcharem e as montanhas fendidas e emitindo fumaça. Eu vi o rei em um assento de ferro, vestido de preto e mulheres vestidas de preto e amarelo zombando dele. Aquele rei virtuoso, enfeitado com pasta de sândalo, usando guirlandas de flores vermelhas, sentado em uma carruagem puxada por burros foi para o sul. Eu vi um demônio fêmea de forma monstruosa e vestida de vermelho ridicularizando o rei. Essa visão terrível foi vista por mim. Ou eu mesmo ou Rama ou o rei ou Lakshmana certamente iremos morrer. Quando, em um sonho, alguém é visto andando em uma carruagem puxada por burros, a fumaça da sua pira funerária em breve subirá. Por causa disso, eu estou inquieto, nada me dá alegria, minha garganta está sufocada e minha mente confusa. Eu não vejo razão para temer, mas estou apreensivo. Eu não posso falar ou respirar, meu corpo perdeu seu poder, estou agitado e não posso controlar a minha angústia. Eu nunca vi um sonho tão ameaçador! Refletindo sobre isso, eu estou perturbado, o medo tomou posse do meu coração e eu não sei se alguma vez verei o rei novamente".

Capítulo 70 – A mensagem é entregue, Bharata e Shatrughna partem para o palácio

Enquanto Bharata estava contando o seu sonho, os mensageiros de Ayodhya, dominados pelo cansaço, entraram na cidade de Rajagrahapura dentro do fosso intransponível.

Após se aproximarem do rei de Kaikeya e do herdeiro presuntivo, o príncipe Yudhajita, e sendo recebidos por eles com a devida hospitalidade, eles se dirigiram ao príncipe Bharata dizendo: "O sumo sacerdote Shri Vasishtha e seus conselheiros enviam saudações! Volta rapidamente para Ayodhya, um assunto urgente aguarda a tua atenção lá. Ó grande príncipe, pegando estas vestes preciosas e ornamentos enfeitados com pedras preciosas enviados para ti, oferece-os ao teu tio materno".

Shri Bharata, aceitando os presentes os ofereceu ao seu tio materno com grande carinho, então, aprovisionando os mensageiros e os acolhendo devidamente, ele posteriormente lhes disse: "Ó mensageiros, meu pai o rei está bem? O grande Ramachandra está bem, e meu irmão o príncipe Lakshmana? A rainha Kaushalya, a defensora do dharma, está bem de saúde? Ela, que é virtuosa e patrocinadora de brâmanes, que deve sempre ser adorada, que é sábia e a rainha principal? A segunda das rainhas do meu pai, Sumitra, a mãe de Lakshmana e Shatrughna, está bem? E minha mãe Kaikeyi, obstinada, dada à ira, arrogante e julgando-se sábia, está tudo bem com ela? Que mensagem ela enviou para mim?"

Os mensageiros, assim abordados pelo príncipe Bharata, responderam com respeito: "Ó leão entre os homens, aqueles cujo bem-estar é caro para ti estão bem. A prosperidade te aguarda, portanto, convoca a tua carruagem".

O príncipe Bharata disse: "Eu vou pedir permissão ao rei para partir e informar-lhe de que devo ir sem demora".

Desse modo, dispensando os mensageiros, o príncipe Bharata aproximou-se do seu avô e disse: "Sua majestade, incitado pelos mensageiros, eu desejo voltar

para o meu pai às pressas, eu virei novamente, quando tu tiveres a amabilidade de me chamar".

O rei Kaikeya, cheirando a cabeça do príncipe, se dirigiu a ele em palavras confortadoras, dizendo: "Ó Bharata, Kaikeyi é abençoada em ti, um filho virtuoso! Leva as minhas saudações à tua mãe e ao teu pai. Saúda também o sábio Vasishtha, e os brâmanes sábios e piedosos em meu nome e cumprimenta os guerreiros poderosos Rama e Lakshmana".

O rei Kaikeya, então, se despedindo de Bharata, elogiando-o, deu-lhe grandes elefantes e mantos valiosos, tecidos de lã e peles de veado. Ele lhe deu, também, com grande veneração, muita riqueza, dois mil colares, ornamentos de coral e de ouro e seiscentos cavalos excelentes. Ele também enviou conselheiros sábios e confiáveis para atendê-lo. Então o príncipe Yudhajita deu a Bharata dois elefantes imponentes chamados Iravata e Indrasihra e muitas mulas para transportar seus presentes. Seu tio deu-lhe também certos cães ferozes, criados no palácio, com grandes dentes igualando-se aos tigres em força.

Shri Bharata louvou os presentes conferidos a ele e pediu permissão para partir sem demora. Seu coração estava pesado por causa do seu sonho temível e da urgência dos mensageiros.

O príncipe saiu dos aposentos internos do palácio e, cercado por elefantes e cavalos, permaneceu na estrada real. Entrando no apartamento do rei, inconteste, Shri Bharata se despediu de todos, então subindo em sua carruagem com o príncipe Shatrughna ele iniciou sua jornada. Servos, cavalos, camelos, touros e mulas seguiram a carruagem do príncipe. Escoltado pelos conselheiros particulares do rei, junto com o exército, o paciente e muito valente Bharata juntamente com Shatrughna deixou o palácio destemidamente, como os perfeitos deixam a região de Indra.

Capítulo 71 – O príncipe Bharata vê Ayodhya cheia de pessoas infelizes

Aquele príncipe corajoso e resplandecente, dirigindo-se para o leste, chegou ao rio Suddama, e atravessando-o alcançou o amplo Hladini e o Satali que flui para o oeste. Tendo cruzado o rio em Iladhana, ele chegou a Parvata e ao rio no qual todos os objetos jogados são petrificados, então prosseguindo ele vadeou o rio Shalyakartana. Então o príncipe virtuoso e amante da verdade subiu as montanhas e atravessou o rio Shilavaha perto da floresta Chitraratha, chegando à confluência do Ganges e do Saraswati, e percorrendo a terra de Viramatsya entrou na floresta Bharunda. Finalmente, chegando ao veloz rio Kulinga inspirador de alegria, que desce das montanhas, ele cruzou o Yamuna e permitiu que seu exército descansasse. Lá, os cavalos cansados foram revigorados e seus seguidores se banharam e beberam, levando água com eles para uso futuro no caminho. Depois disso, o príncipe Bharata entrou na floresta desabitada sobre um grande elefante Bhadra, atravessando-a rapidamente. Descobrindo que não podiam atravessar o Gunga em Unchudhana, eles foram para o lugar chamado Pragavata e cruzando lá passaram por outro rio chamado Kutikoshtaka; em seguida, com seu exército, ele chegou à aldeia de Dharmavardhana. Descansando por um tempo em Varutha, o filho de Dasaratha foi para o leste para a floresta chamada Ujjihana que era cheia de

árvores kedumbra.[233] Chegando aos bosques de árvores sala[234] e bhanduka,[235] Bharata, deixando seu exército seguir lentamente, foi em frente com pressa, parando na aldeia de Sarvatirtha. Então, cruzando o rio Uttamika, ele atravessou vários outros rios com a ajuda de pôneis da montanha. Em Hastiprastaka, ele cruzou o rio Kutika, e em Lohitya, o Sukatavati. Chegando à floresta de Sahavana, tendo atravessado o Sthanumati perto de Eksala, ele cruzou o Gaumati em Vinata. Seus cavalos estando muito cansados pela viagem, o príncipe parou à noite em Salawan e ao amanhecer viu Ayodhya.

Tendo passado sete noites no caminho, vendo Ayodhya de longe, o príncipe disse ao seu auriga: "Ó auriga, esta parece ser a cidade renomada e imaculada de Ayodhya cheia de gramados verdes, mas à distância ela parece uma pilha de pó amarelo; antigamente o som da recitação do Veda era ouvido, entoado pelos brâmanes, e a cidade era frequentada por sábios reais. Hoje, eu não ouço os gritos alegres de homens e mulheres em busca de prazer! Os bosques ao anoitecer antes eram cheios de pessoas, correndo para cá e para lá em diversão, mas hoje eles estão solitários e silenciosos. Ó auriga, isto não é como Ayodhya para mim, mas parece ser um deserto. Os nobremente nascidos não são vistos indo e vindo em carros ou montando elefantes e cavalos. Os jardins de flores outrora ficavam cheios de pessoas alegres e os pomares com aquelas que se alegravam lá! Esses jardins, uma vez cheios de flores e árvores, com bosques e pérgulas agradáveis, hoje parecem lamentar. Eu já não ouço o grito de veados ou das aves cantando com alegria. Ó amigo, por que as brisas, fragrantes com o perfume de sândalo e âmbar gris, não sopram como antigamente sobre a cidade? No passado, o som de tambores e a música da vina eram ouvidos por nós, agora tudo está silencioso! Eu vejo sinais agourentos e maus presságios, a minha mente está pesada por causa desses augúrios. Ó auriga, sem motivo aparente o meu coração bate rápido e dolorosamente, a minha mente está nublada, e a apreensão congela os meus sentidos".

Entrando na capital pelo portão norte, seus cavalos estando tomados pelo cansaço, os guardas, indagando sobre o seu bem-estar, tentaram acompanhá-lo em seu caminho. Mas Bharata, profundamente aflito, recusou sua companhia, embora com a devida deferência.

Ele disse: "Ó auriga, eu vejo as casas com as portas escancaradas, despojadas de esplendor e não emitindo fragrância de incenso ou oferenda sacrifical! Cheias de pessoas infelizes e aquelas que estão em jejum, as casas estão desprovidas de todo esplendor. Guirlandas não pendem de nenhuma residência e os pátios se encontram negligenciados e não varridos. Os templos, sem sacerdotes atendentes, perderam o seu antigo esplendor, ninguém adora os deuses e os pavilhões sacrificais estão desertos. As lojas onde antigamente flores e outras mercadorias eram vendidas estão negligenciadas, e os comerciantes parecem deprimidos e ansiosos pela cessação de seu comércio. Aves nos bosques sagrados parecem sem alegria e homens e mulheres em trajes sujos, chorando e lamentando, abatidos pela dor, vagueiam pela cidade".

Falando assim para o auriga e vendo angústia da cidade, o príncipe Bharata seguiu em direção ao palácio. Contemplando a capital outrora alegre como a cidade de Indra, com as estradas e pátios desertos e as casas cobertas de poeira, ele foi dominado pela angústia. Afetado por esses presságios dolorosos anteriormente

[233] Kedumbra: um tipo de acácia.
[234] Árvore sala: árvore sal, Shorea robusta.
[235] Bhanduka: Calosanthes indica.

desconhecidos por ele, Bharata, de cabeça baixa, com seu coração cheio de medo, entrou no palácio de seu pai.

Capítulo 72 – A rainha Kaikeyi começa a contar o que aconteceu

Não vendo seu pai no palácio, Bharata, desejoso de ver sua mãe, foi ao apartamento dela. Kaikeyi, vendo seu filho depois de uma longa ausência, com o coração alegre, ergueu-se do seu sofá dourado. Observando o apartamento de sua mãe, despojado de esplendor, Bharata reverentemente tocou os pés dela. Ela, tendo beijado a cabeça de seu filho, abraçando-o novamente, o fez sentar-se em seu colo, e disse: "Ó filho, quantos dias se passaram desde que tu deixaste a morada do teu avô? Tendo viajado com pressa, tu não estás cansado? Ó filho, o teu avô e o teu tio estão bem? Dize-me, ó querido, tu tens tido saúde desde que visitaste aquele outro país?"

Shri Bharata, assim questionado por sua mãe, contou tudo o que tinha ocorrido. Ele disse: "Ó mãe, sete dias e sete noites se passaram desde que eu deixei a casa do meu avô. Ele e meu tio estão bem. Os presentes de despedida, de riqueza e gemas, que o rei de Kaikeya me deu, eu deixei no caminho, para virem depois de mim, os animais de carga estando cansados! Os mensageiros que transmitiram as ordens do rei me mandaram voltar com toda velocidade. Agora, ó mãe, responde o que eu pretendo perguntar? Por que esse teu sofá dourado não está ocupado pelo rei? Por que os súditos do rei parecem infelizes? O rei costumava residir principalmente no teu palácio, onde ele está hoje? Eu vim aqui para chegar à sua augusta presença! Onde está meu pai agora? Eu vim oferecer saudações a seus pés. Ele está no aposento da minha mãe principal, a rainha Kaushalya?" Kaikeyi, sabendo tudo o que tinha acontecido, mas cheia de ambição, respondeu ao príncipe Bharata, que até agora desconhecia o assunto. Transmitindo a notícia desagradável em voz melífera, ela disse: "Aquele destino, que inevitavelmente alcança todos os seres, sobreveio àquela grande alma, aquele monarca renomado e poderoso, o amparo de seu povo, teu pai!"

O sincero príncipe Bharata, nascido de uma grande família, ouvindo essas palavras, oprimido pela dor, imediatamente caiu ao chão, e caindo batendo com suas mãos na terra, exclamou: "Ai de mim! Estou perdido!" Aquele príncipe resplandecente, profundamente comovido ao saber da morte de seu pai, começou a lamentar, gritando: "Nesse sofá, o meu pai se parecia com a lua no outono, hoje, por conta de sua ausência, essa cama agradável parece o céu privado de estrelas ou o oceano sem água!"

Dando suspiros profundos, chorando amargamente e cobrindo o rosto com um tecido, o príncipe continuou a chorar.

A rainha Kaikeyi, vendo Bharata deitado no chão, dominado pela tristeza, como o ramo de uma árvore shala cortado pelos golpes de um machado, o ergueu e disse ao seu filho divino que se parecia com a lua, o sol ou o elefante em esplendor: "Ó filho de um rei! Ó ilustríssimo! Levanta-te! Levanta-te! Homens piedosos como tu não se entregam à dor dessa maneira! Ó sábio! Como o brilho do sol está fixo naquele orbe, assim tu, que és dedicado à caridade, sacrifício e boa conduta e que segues as injunções dos Vedas, deves ficar calmo!"

O príncipe Bharata, rolando no chão, chorou por um longo tempo, e então respondeu à sua mãe tristemente, dizendo: "Ó mãe, pensando que o rei estava a

realizar um grande sacrifício, tendo concedido o trono a Shri Rama, eu vim para casa com grande alegria, mas agora eu vejo que os assuntos são outros e a minha mente está dilacerada pela angústia, já que eu não vejo mais o meu pai sempre magnânimo! Ó mãe, de qual enfermidade o rei sofria, que ele foi levado embora na minha ausência? Como são afortunados os meus irmãos, Shri Rama e Lakshmana, que realizaram as exéquias do monarca! Se o grande soberano tivesse tido conhecimento do meu retorno, ele não teria abaixado a cabeça e me abraçado? Ai de mim! Onde está aquela mão real, cujo toque me enchia de alegria e que limpava o meu corpo da poeira? Ó mãe, onde está o meu irmão sagaz, Rama, de quem eu sou servo e que se assemelha ao meu pai? Conta-me rapidamente, onde ele pode ser encontrado? Já que o meu irmão virtuoso e iluminado tornou-se agora como um pai para mim, eu desejo me refugiar aos pés dele, só ele é meu único amparo! Ó mãe, que ordens a meu respeito o rei justo e erudito, o monarca sempre verdadeiro de votos firmes, deu? Eu desejo ouvir as últimas palavras do grande soberano!"

Assim questionada, a rainha Kaikeyi respondeu abertamente, dizendo: "O rei, no momento da morte, não falou o teu nome, mas gritou 'Ó Rama, ó Sita, Ó Lakshmana' e assim abandonou sua vida! Teu pai, atado pelos laços do destino e do dever, como um elefante poderoso pego em uma emboscada, proferiu estas palavras no final: 'Aqueles que virem Rama, Sita e Lakshmana retornando da floresta realizarão seu desejo'".

Quando Kaikeyi revelou essa notícia desagradável, o príncipe ficou ainda mais perturbado e perguntou à sua mãe: "Ó mãe, onde está o virtuoso Rama, onde ele está agora com Sita e seu irmão Lakshmana?"

Assim questionada, a rainha começou a contar o que tinha ocorrido, supondo que a notícia do evento desagradável seria bem recebida por seu filho.

Ela disse: "Ó filho, aquele príncipe, vestido em trajes de pele, entrou na grande floresta de Dandaka com Sita e Lakshmana".

Ouvindo de sua mãe que Rama tinha entrado na floresta, o príncipe Bharata ficou alarmado, cheio de dúvidas e preocupado com a honra de sua Casa. Ele disse: "Ó mãe, como é isso? Shri Rama, sem motivo, matou alguém, rico ou pobre? Ou ele olhou para a esposa de outro com desejo? Por que razão Rama, versado nas escrituras, foi exilado para a floresta?"

Então a mãe de Bharata, imbuída de qualidades femininas, caprichosa e calculista, começou a relatar toda a questão. Ouvindo as palavras de seu filho, Kaikeyi, satisfeita, vaidosamente imaginando-se sábia, disse: "Meu filho, Rama não roubou a riqueza de um brâmane, nem matou alguém, rico ou pobre, sem motivo, nem Rama olhou para a mulher de outro com desejo! Meu filho, tendo ouvido que ele seria proclamado regente, eu pedi ao teu pai para banir Rama e conferir o reino a ti! Teu pai, para honrar a promessa feita a mim, realizou o meu pedido. Ele enviou Rama, junto com Sita e Lakshmana, para a floresta. Então aquele monarca poderoso, incapaz de suportar a separação de seu filho, morreu. Ó príncipe justo, agora governa o reino! Por tua causa, eu planejei tudo isso! Meu filho, não te angusties, não te aflijas, o reino e a capital, estando agora sem um governante, dependerão de ti para a subsistência. Portanto, buscando o aconselhamento de Shri Vasishtha e dos brâmanes, executa os ritos fúnebres do teu grande pai e, sem hesitação, aceita o trono!"

Capítulo 73 – O príncipe Bharata repreende sua mãe

Sabendo da morte de seu pai e do exílio de seus irmãos, o príncipe Bharata, profundamente aflito, respondeu à rainha Kaikeyi: "De que me servirá o trono, visto que eu estou ferido pela morte de meu pai e desprovido de meu irmão, que era como um pai para mim? Tu destruíste o rei, e baniste Rama, levando-o a se tornar um asceta! Tu assim esfregaste sal nas feridas que tu infligiste! Tu entraste nessa Casa Real para a sua extinção, como a noite da morte! Meu pai, sem saber que tu eras um fogo devorador, te sustentou. Ó pecaminosa, tu privaste o rei de vida! Ó tu destruidora da família, dominada pela avareza, tu quebraste a paz do lar. Por se unir contigo, meu pai, um amante da verdade, sofreu miséria e dor incalculáveis! Por que tu mataste meu pai virtuoso? Por que tu exilaste Rama? Difícil de fato seria viver com tal mãe! Como Kaushalya e Sumitra agora suportarão a vida? Meu irmão mais velho, Shri Ramachandra, sempre dedicado ao seu dever e ao serviço a seu guru, te tratava como a sua própria mãe. Assim também a minha mãe de posição mais elevada, a rainha Kaushalya, sabendo o que iria acontecer, ainda agia em direção a ti como uma verdadeira irmã, em um espírito apropriado. Tu mandaste o filho dela para a floresta em trajes de asceta e ainda assim tu não te afliges? O que tu ganhaste enviando aquele herói renomado, Rama, para a floresta, Rama, que não era familiarizado com o sofrimento? Tu eras ignorante do meu amor por Raghava, que tu, possuída pela avareza, cometeste esse grande pecado, ó mãe? Por qual poder eu posso governar, sem Lakshmana e aquele leão entre os homens, Shri Rama? O rei Dasaratha sempre dependeu daquele poderoso e valoroso Rama, como a floresta depende de Monte Meru! Como eu posso sustentar o peso do reino, sem o apoio de Rama? Como um bezerro suportaria a carga que põe à prova a força de um touro adulto? Mesmo que me fosse possível governar através da sabedoria e da política sadia, eu ainda não permitiria que a tua má intenção de procurar obter o reino para o teu filho prevalecesse! Eu te abandonaria, ó mãe, se eu não soubesse que Rama te considera como sua mãe também! Ó tu me mente má, tu trouxeste desgraça para a dinastia dos meus antepassados! Como tu concebeste tal propósito, trazendo vergonha para as nossas vidas? É o costume imemorial da nossa Casa que o irmão mais velho deve ocupar o trono e os irmãos mais novos obedecê-lo. Tu não és familiarizada com o dever de um rei nem tu sabes as regras de governo. Na Casa de Ikshvaku, a sucessão do filho mais velho é ordenada. Hoje, tu lançaste ao pó a glória e integridade da Casa de Ikshvaku, que era enriquecida pela conduta nobre de seus reis! Tu também, nasceste em uma Casa renomada e real, como tu vieste a nutrir essa má intenção? Ó mãe, saibas que eu nunca vou realizar os teus maus desejos, aconteça o que acontecer, uma vez que tu introduziste o que é destrutivo de vida nessa Casa real! Eu agora trarei o meu irmão impecável, Rama, de volta para a capital e te frustrarei! Eu não só vou fazer Rama retornar da floresta, mas vou servi-lo com todo o meu coração!"

Assim reprovando Kaikeyi, ele próprio aflito, com palavras ásperas, Bharata falou mais uma vez, rugindo como um leão nas cavernas da montanha Mandara.

Capítulo 74 – Ele lamenta a morte de seu pai e o exílio de Shri Rama

Shri Bharata condenou sua mãe em grande ira, dizendo: "Ó de coração cruel, ó ser perverso, tu não tens virtude, vai para a floresta, eu estou prestes a morrer! Chora por mim; já que tu, tendo abandonado o teu consorte, não lamentas por ele. Dize-me, que mal o rei ou o virtuosíssimo Rama fizeram para ti, já que tu mataste um e exilaste o outro? Ó Kaikeyi, o pecado pelo qual tu destruíste a dinastia é igual ao assassinato de um brâmane! Que tu vás para o inferno! Tu não tens direito a habitar a região para a qual o rei foi! O teu ato e culpa são infames. Ao condenar Rama, que é amado por todo o mundo, tu me garantiste um reino, mas me trouxeste ignomínia. Tu és a causa da morte do meu pai e do exílio de Rama, e também da minha desonra. Teu coração é duro, não és minha mãe mas um inimigo na forma de uma mãe! Ó assassina do teu marido, tu não mereces que alguém se dirija a ti! Ó difamadora do nome íntegro dessa dinastia, tu és a causa de aflição para as minhas mães, as rainhas Kaushalya e Sumitra! Tu perdeste o direito ao título de filha do grande rei Ashwapati; tu és certamente um demônio nascido naquela família para destruir a linhagem do meu pai! Tu baniste Rama para a floresta, ele, que sempre se deleitava na virtude, e tu privaste o meu pai ilustre de sua vida! Sou eu quem deve arcar com o peso da tua maldade, que sou órfão, desprovido de meus dois irmãos e um objeto de aversão universal! Ó tu pecadora, ó viajante no caminho da autodestruição, dize que condição tu obterás, que privaste a virtuosa Kaushalya de seu marido e de seu filho? Ó maligna, tu não sabias que Shri Rama era o principal amparo dos seus parentes, o filho de Kaushalya e um pai para mim? Todos os parentes são estimados, mas para a mãe, o filho é o mais querido, já que ele nasce do corpo e do coração do pai. Tu esqueceste essa verdade?

"Nos tempos antigos, a vaca Kamadhenu, adorada pelos deuses, vendo dois dos seus filhos cansados com a aração, desmaiou. Naquela época, o rei dos celestiais, Indra, estava vagando sobre a terra e as lágrimas perfumadas de Kamadhenu caíram sobre ele. Sentindo o odor doce que brotava do corpo da vaca sagrada Indra percebeu seu mérito superior e assustado, olhou para cima e viu, no céu, a aflita Kamadhenu, chorando copiosamente. O portador da maça,[236] angustiado ao ver a renomada Kamadhenu derramando lágrimas, se dirigiu a ela com humildade e disse: "Ó benfeitora do mundo, por que choras? É a premonição de alguma calamidade futura que te faz lamentar assim?"

A sábia Kamadhenu pacientemente respondeu: "Ó devaraj, tu não tens motivo para temer, eu estou aflita por causa do sofrimento de dois dos meus filhos. Vê, quão infelizes eles são, quão enfraquecidos e oprimidos pelo calor do sol! Ó devaraj! O lavrador os golpeou cruelmente! Nascidos do meu corpo, eu estou cheia de aflição ao vê-los atrelados ao arado pesado! Realmente, nada é mais precioso para uma mãe do que seu filho".

Indra, vendo que a vaca lamentava pelo estado lamentável de dois dos seus inúmeros filhos, reconheceu que para uma mãe nada é mais querido que um filho!

"Ó mãe, Kamadhenu estende as suas bênçãos igualmente para todos e tem o poder de realizar os desejos dos outros. Se ela, que está produzindo constantemente milhares de filhos, cheia de amor materno, lamenta, desse modo, por dois filhos, como então, ó Kaikeyi, Kaushalya vai suportar o exílio do seu único filho? Tu provocaste a separação de Rama da sua mãe Kaushalya e por isso tu não conhecerás a felicidade nesse ou no outro mundo! Eu realizarei os últimos ritos para

[236] Indra às vezes era chamado de 'Portador da Maça'.

o meu pai e então, com meu coração e alma, servirei ao meu irmão e cuidadosamente promoverei sua honra. Tendo trazido Shri Rama de volta para a capital, eu, eu mesmo, morarei na floresta. Ó tu de má intenção, como eu suportarei a tua iniquidade, quando olhado pelo povo da capital com olhar entristecido? Agora te convém entrar no fogo ou te enforcar na floresta de Dandaka, só a morte tu mereces! Somente quando Rama retornar e aquele príncipe da verdade estiver ao meu lado eu encontrarei paz e o meu propósito será realizado!"

Bharata, lamentando e respirando como uma serpente, caiu ao chão como um elefante atormentado pelo aguilhão. Com seus olhos vermelhos de raiva, seu traje frouxo, suas joias postas de lado, ele caiu como a bandeira da Indra, arrancada ao fim da cerimônia.

Capítulo 75 – Ele procura consolar a rainha Kaushalya

O valente Bharata, recobrando a consciência, com os olhos cheios de lágrimas, viu sua mãe cheia de angústia. Sentado no meio de seus conselheiros, ele derramou censuras sobre sua mãe dizendo: "Nunca foi meu desejo governar, nem eu consultei minha mãe nesse assunto; eu não estava familiarizado com a intenção do rei de conceder a coroa a Rama, estando longe da capital com Shatrughna. Eu não sabia nada do exílio de Shri Rama, Lakshmana e Sita, nem como ele veio a ocorrer. Meu coração está cheio de angústia".

Kaushalya, ouvindo o som do pranto de Bharata, disse a Sumitra: "Bharata, o filho da cruel Kaikeyi, chegou, eu quero ver o prudente Bharata".

A rainha, pálida e fraca por causa da sua separação de Rama, avançou tremendo para onde Bharata estava, enquanto o príncipe com seu irmão Shatrughna foram da mesma forma para o apartamento da rainha. Os dois irmãos viram a rainha infeliz prosseguindo com passos instáveis e ficaram cheios de aflição. Curvando-se a Kaushalya, eles choraram amargamente, então a rainha principal abraçou Bharata soluçando de tristeza e disse: "Era o teu desejo governar e a tua mãe cruel realizou essa questão sem impedimento, mas por que razão essa rainha impiedosa mandou o meu filho para a floresta em trajes de asceta? Que a rainha Kaikeyi me expulse também para aquela região onde o meu Rama ilustre e de cor dourada reside! Se não, eu irei junto com Sumitra para onde Rama vive, precedida pelo fogo sacrifical. Ó Bharata, que tu me leves para onde o meu filho, aquele leão entre os homens, em grande aflição está praticando ascetismo. A rainha Kaikeyi te fez soberano desse país, repleto de riquezas, grãos, cavalos, elefantes e carros".

Ouvindo as palavras amargas da rainha Kaushalya, Bharata ficou atormentado como um homem que sofre quando seu ferimento é examinado por uma lanceta. Agitado e confuso, ele caiu aos pés da rainha lamentando. Então, se recompondo, com as palmas unidas, ele dirigiu-se à rainha aflita: "Ó mãe, tu sabes como é grande o meu amor por Rama e também que eu sou inocente nessa questão. Por que tu me repreendes? Que aquele, que é a causa do exílio de Rama, esqueça os ensinamentos dos Vedas e da tradição sagrada. Que ele, que deu seu consentimento para o exílio de Rama, se torne um escravo da casta mais baixa ou incorra no pecado de matar uma vaca. Que tal homem seja sujeito à mesma punição que alguém que retém o salário de seus trabalhadores. Que aquele que concordou com a expulsão do príncipe santo carregue a mesma culpa que alguém que se rebela contra um rei que protege seus súditos como a sua própria prole! Que a culpa

de um rei que pega a sexta parte da receita de seu povo e ainda falha em protegê-lo seja daquele que exilou Rama.

"Que os frutos do pecado incorrido por alguém que, bem equipado com elefantes, cavalos e carruagens e todas as armas, não luta de acordo com a lei da justiça, seja dele! Que ele, que concordou com o exílio de Rama, esqueça os ensinamentos do Vedanta que asseguram felicidade, e todos os segredos obtidos do seu preceptor espiritual por servi-lo! Que tal pessoa não viva para ver a coroação do príncipe Rama cujo semblante é igual ao sol e à lua em esplendor. Que aquele canalha incorra no pecado de alguém que, compartilhando de leite e arroz, não faz uma oferenda aos seus antepassados e convidados ou aos deuses. Que ele seja culpado de não honrar seu preceptor espiritual por oferecer saudações a ele de uma forma apropriada.

"Que aquele patife, que deu consentimento para o exílio de Rama, tenha a mesma culpa que alguém que golpeia uma vaca, insulta seu guru ou trai seus amigos! Que ele incorra na culpa de alguém que renega sua confiança. Que ele, que participou do exílio de Rama, colha o pecado de alguém que não faz bem aos outros.

"Que o miserável, que ordenou o exílio de Rama, carregue a culpa de alguém que, compartilhando de doces, não os divide com seus servos, mulheres, filhos ou aqueles que o cercam, ou alguém que, vivendo de alimentos excelentes, dá a seus inferiores aquele que é cru e mal cozido. Que ele, por quem foi Rama foi mandado para o exílio, morra sem se casar com uma mulher da sua própria casta ou produzir descendentes ou realizar o ritual do fogo! Que ele não veja o filho nascido de sua esposa! Que seus anos sejam breves! Que ele seja morto em batalha, fugindo com medo de um inimigo superior, ou que ele seja como aquele que mata um inimigo em fuga. Que ele, como alguém vestido em trapos, demente, carregando um crânio na mão, vagueie mendigando de porta em porta! Que aquele que conspirou para enviar Rama para a floresta seja entregue ao vinho, a mulheres e ao jogo e se torne um objeto de desprezo por conta da sua concupiscência e raiva. Que ele sempre caia na prática da injustiça e esqueça o seu dever e distribua imensa riqueza em caridade para quem não merece! Que a riqueza acumulada e posses extensas daquele que promoveu o exílio de Rama sejam roubadas por ladrões. Que o pecado de quem dorme ao amanhecer ou ao pôr do sol seja dele! Que o pecado daquele que é culpado de incêndio criminoso ou que olha com desejo para a esposa do seu preceptor espiritual ou que trai seu amigo, seja dele, que defendeu o exílio de Shri Rama! Que ele, que concordou com o exílio de Rama, seja privado do culto de seus antepassados e pais como também dos ritos fúnebres! Que essa pessoa, agora mesmo, seja expulsa da sociedade de pessoas boas e perca o prestígio e o mérito da companhia dos virtuosos! Que a sua mente nunca seja dedicada a tais obras como as que são realizadas pelos virtuosos! Que o homem que procurou exilar Rama deixe de obedecer à sua mãe e sempre esteja ocupado em maldades! Que ele mantenha uma grande família em pobreza extrema! Que ele, sempre inquieto, seja consumido pela febre! Que ele seja culpado daquele pecado incorrido por alguém que não satisfaz um suplicante miserável que o procura em busca de socorro! Que ele seja enganoso, caluniador, vil, depravado e ande sempre com medo da autoridade! Que ele incorra na culpa de quem ignora sua esposa casta e dedicada, que se aproxima dele na época de sua floração! Que ele seja estúpido e, abandonando sua esposa legítima, que ele viva em pecado com outras mulheres! Que a culpa de um brâmane que abandona seus filhos, que estão morrendo de fome, seja dele! Que ele seja como quem contamina um reservatório ou administra

veneno para outro! Que aquele homem perca a força de seus membros, como aquele que busca impedir que hospitalidade seja concedida a um brâmane, por falar mal dele! Que dele seja o pecado de alguém que bebe o leite da vaca que possui novilhos! Que ele incorra no pecado daquele que, tendo água em sua casa, manda embora da sua porta o homem sedento! Que ele carregue a culpa daquele que, arbitrando entre dois disputantes eruditos, concede a vitória àquele que ele favorece!"

Com essas palavras, o príncipe Bharata, procurando consolar a rainha Kaushalya pela separação de seu filho, caiu ao chão, dominado pela angústia.

A rainha então se dirigiu a ele, que, perturbado e aflito, procurando estabelecer sua inocência, havia caído por terra, e disse: "Meu filho, a minha dor aumentou pelas palavras que tu pronunciaste, mas é venturoso que os corações de Lakshmana e o teu estejam fixados no amor por teu irmão. Seguramente tu entrarás na região alcançada pelos abençoados".

Em seguida, a rainha, tomando o príncipe de braços poderosos em seu colo, chorou alto.

O príncipe cujo coração estava dilacerado pela dor também chorou em um excesso de tristeza. Afagado pela rainha, lamentando descontroladamente, prostrado no chão e suspirando pesadamente, ele passou a noite dessa maneira.

Capítulo 76 – O príncipe começa a realização dos ritos fúnebres

Shri Vasishtha, renomado entre os sábios, vendo Shri Bharata vencido pela dor, se dirigiu a ele com palavras sábias, dizendo: "Ó príncipe ilustre, que a felicidade seja tua, contém a tua dor! Agora chegou a hora de realizar as exéquias do grande rei!"

Bharata, jazendo no chão, ouviu os comandos do sábio santo, e levantando-se, começou a realizar os ritos fúnebres.

Os atendentes então removeram o corpo do monarca do recipiente de óleo e o colocaram no solo. Embora o corpo tivesse assumido um tom amarelo por estar imerso em óleo por muitos dias, ainda parecia que o rei estava dormindo.

Eles, então, puseram o rei em um leito cravejado com gemas e Bharata, dominado pela tristeza, começou a lamentar. Ele disse: "Ó grande rei, eu não sei por que, na minha ausência, tu enviaste Rama para a floresta. Para onde tu foste, deixando-me desprovido de Rama, aquele leão entre os homens e fazedor de atos famosos, ó grande soberano, que com uma mente constante é capaz de preservar seu reino imenso? Tu estás morto e Shri Rama está banido. Ó governante poderoso, essa terra está enviuvada e despojada de toda beleza sem ti! Sem ti, a capital parece uma noite sem lua".

Shri Vasishtha novamente se dirigiu a Shri Bharata, vendo que ele ainda era vítima do pesar e disse: "Ó príncipe de braços fortes, esse não é o momento para dar lugar à tristeza ou à procrastinação, agora realiza os últimos ritos para o rei".

Assim abordado, Shri Bharata, com a ajuda dos brâmanes e do preceptor espiritual do monarca, iniciou as cerimônias fúnebres.

No salão sacrifical, os sacerdotes realizaram o ritual do fogo. Os servos colocaram o corpo do rei em uma liteira e o transportaram de lá, chorando e lamentando. Espalhando moedas de ouro, e flores de prata e tecidos diante do

esquife, eles seguiram em seu caminho, enquanto que na frente do palácio, sândalo, âmbar cinzento e incenso foram acesos.

Nas margens do rio Sarayu, uma pira funerária de devadaru,[237] sândalo e outras madeiras perfumadas foi erguida. Ervas aromáticas foram jogadas na pira e o corpo do rei colocado sobre ela. Os sacerdotes sacrificantes derramaram oblações na pira funerária, a fim de que o monarca alcançasse o estado beatífico, e entoaram os mantras tradicionais, enquanto os brâmanes, familiarizados com o Sama Veda,[238] cantaram os hinos Sama.

As rainhas, levadas em palanquins acompanhados pelos guardas reais e idosos, se aproximaram da pira funerária, chorando. Então elas, tomadas pela dor, junto com os sacerdotes, circungiraram o corpo em chamas do rei. O pranto comovente das rainhas afetadas e os gritos de angústia das inúmeras mulheres que as seguiam pareciam o chamado das aves kraunchа na época de acasalamento. Em seguida, as rainhas, abandonando seus veículos, se aproximaram da margem do rio Sarayu e, junto com o príncipe Bharata, os conselheiros e ministros, ofereceram libações de água; depois, chorando amargamente, elas voltaram para a capital, onde, durante o período de dez dias elas dormiram na terra nua.

Capítulo 77 – As cerimônias continuam

No décimo primeiro dia, o príncipe Bharata se purificou e no décimo segundo dia ele realizou cerimônia Sapindi,[239] e distribuiu joias, ouro, prata, trajes suntuosos e outros artigos entre os brâmanes.

Ele também deu em caridade incontáveis cabras brancas e vacas, servos homens e mulheres, carruagens e cavalos. No décimo terceiro dia, Bharata de braços fortes, cheio de tristeza, foi recolher as cinzas do rei e, de pé perto da pira funerária, falou com a voz embargada de emoção. Ele disse: "Ó senhor, meu irmão, Ramachandra, a quem tu me confiaste, entrou na floresta e tu, também, me abandonaste, desamparado e miserável como eu sou. Ó pai, onde tu foste, abandonando a mãe Kaushalya, cujo filho está agora exilado?"

Vendo as cinzas brancas dos ossos do rei e do corpo totalmente consumido, Bharata irrompeu em outro lamento, e chorando, caiu sobre a terra. As pessoas tentaram levantar o príncipe, que estava jazendo no chão, como a bandeira de Indra, com seu suporte quebrado.[240] Os conselheiros ergueram o príncipe Bharata como os sábios antigamente ergueram o rei Yayati, que tinha caído do céu após o término do fruto do seu mérito. Vendo Bharata dominado pela tristeza, Shatrughna, lembrando-se de seu pai, também caiu sem sentidos no chão.

Estando um pouco recuperados, eles trouxeram à lembrança as excelentes qualidades do seu ilustre pai e Shatrughna gritou: "As bênçãos cobradas por Manthara são o oceano habitado pelo crocodilo Kaikeyi, no qual nós estamos submersos. Ó pai, para onde tu foste, abandonando o teu amado e delicado filho Bharata? Por que tu renunciaste a nós, tu que costumavas nos dar alimentos deliciosos, presentes adequados, vestes e ornamentos? Quem agora irá conferir

[237] Devadaru: uma espécie de pinheiro.
[238] Sama Veda: o terceiro Veda.
[239] Cerimônia Sapindi [Sapinda]: a criação de conexão com os parentes através de oferendas fúnebres.
[240] Uma alusão à cerimônia Shakra Dhwana, na qual uma bandeira é levantada em um pilar ou árvore, em honra de Indra.

esses favores a nós? Por que a terra não está partida, assim desprovida de um soberano ilustre e piedoso? Ai de mim! O meu pai partiu para o céu e Shri Rama foi para a floresta! Como eu posso continuar a viver? Desprovido de meu pai e irmão, eu entrarei no fogo. Eu não voltarei para a capital, eu irei para Tapovana'".

Os atendentes do palácio, ouvindo o príncipe sofrendo tão amargamente, ficaram aflitos e caíram ao chão, atormentados como touros cujos chifres são quebrados.

Então o excelente e sábio Vasishtha, sumo sacerdote de seu pai, erguendo Bharata, se dirigiu a ele, dizendo: "Ó príncipe, treze dias se passaram desde a cremação do corpo do teu pai ilustre. Não demores mais, mas recolhe os ossos que restam. Todo homem sofre os três pares de opostos; fome e sede, prazer e dor, vida e morte. Não te permitas sofrer por aquilo que não pode ser evitado".

Em seguida, o sábio Sumantra levantou Shatrughna, e consolando-o explicou a natureza do nascimento e da morte que visita todos os seres. Permanecendo eretos, aqueles dois leões entre os homens, com os olhos vermelhos de tanto chorar, pareciam os estandartes de Indra, destituídos de glória pelos efeitos do sol e da chuva. Então os conselheiros se aproximaram dos dois príncipes e lhes pediram para realizar as cerimônias restantes.

Capítulo 78 – A corcunda, Manthara, incorre no desagrado do príncipe Shatrughna

Enquanto Bharata, ainda angustiado, estava pensando em como ele se aproximaria de Shri Rama na floresta, o príncipe Shatrughna falou: "Ó irmão, como é que Shri Rama, o amparo de todos os seres em infortúnio e que é poderoso, foi banido para a floresta com sua consorte? Mesmo que Shri Rama estivesse confuso, porque o poderoso e corajoso Lakshmana não o defendeu e impediu seu pai? O rei, caindo sob o domínio do desejo, abandonou os preceitos de justiça, o príncipe Lakshmana, que estava familiarizado com o que era certo, deveria ter coibido o rei desse ato pecaminoso".

Enquanto o príncipe Shatrughna estava conversando assim com Bharata, a corcunda Manthara, vestida com roupas caras, enfeitada com pedras preciosas, apareceu na porta leste. Pintada espessamente com pasta de sândalo, vestindo um manto e ornamentos próprios de uma rainha, concedidos a ela por Kaikeyi, com sua cintura rodeada por um cinto de joias, todo o seu corpo coberto de pedras preciosas, ela parecia um macaco cativo. Os guardas vendo aquela escrava perversa e deformada a agarraram e disseram ao príncipe Shatrughna: "Esta é a miserável pecaminosa que causou o exílio de Shri Rama e a morte do rei; lida com ela de acordo com a tua vontade".

Ao ouvir as palavras dos guardas, o príncipe ardendo de indignação refletiu sobre o seu dever e disse àqueles no palácio: "Que essa mulher, a causa do sofrimento de meus irmãos e da morte de meu pai, sofra a consequência de seus atos".

Shatrughna então agarrou Manthara do meio de suas companheiras com tal violência que seus gritos encheram o palácio! As mulheres, vendo Shatrughna tão enfurecido, tratando a corcunda dessa forma, fugiram para todas as direções. Elas refletiram entre elas mesmas, dizendo: "O príncipe enfurecido certamente acabará

com todas nós, vamos, portanto, nos refugiar com a compassiva, generosa e ilustre rainha Kaushalya, só ela vai nos proteger".

O príncipe Shatrughna, o conquistador de seus inimigos, com os olhos vermelhos de raiva jogou Manthara no chão e a arrastou à força para lá e para cá, enquanto todos os seus ornamentos eram espalhados, fazendo com que o palácio se parecesse com o céu outonal, cravejado de estrelas! Arrastando Manthara com raiva diante da rainha Kaikeyi, que procurava regatá-la, o príncipe criticou sua mãe com palavras amargas. Angustiada pela linguagem rude do príncipe Shatrughna, a aterrorizada Kaikeyi correu para o príncipe Bharata em busca de proteção.

Vendo Shatrughna dominado pela raiva, Bharata dirigiu-se a ele, dizendo: "Ó irmão, as mulheres não devem ser mortas por nenhum ser vivo, portanto, perdoa-a e liberta-a! Se as mulheres estivessem sujeitas à lei da retribuição, e se Rama não fosse me desertar como um matricida, eu teria matado essa mulher pecaminosa há muito tempo! Se Shri Rama soubesse do nosso tratamento a essa mulher deformada, ele nunca mais conversaria conosco".

Assim instruído pelo príncipe Bharata, Shatrughna conteve a sua ira e libertou Manthara, que caiu aos pés da rainha Kaikeyi, arquejando e lamentando. Vendo Manthara cheia de medo sob o desagrado de Shatrughna e tremendo como uma ave kraunchа aprisionada, Kaikeyi gradualmente a acalmou.

Capítulo 79 – O príncipe Bharata decide ir para a floresta e trazer seu irmão de volta

De manhã no décimo quarto dia os ministros do rei, reunidos, se dirigiram desta maneira ao príncipe Bharata: "Nosso soberano venerável, o rei Dasaratha, tendo enviado seu filho mais velho Shri Rama e o poderoso príncipe Lakshmana para o exílio, juntou-se, ele próprio, ao círculo dos deuses. Tu és hoje o nosso senhor, ó príncipe poderoso. O reino está agora sem governante e o rei o deixou para ti, não é impróprio para ti, portanto, subir ao trono, e ninguém te criticará por causa disso. Ó príncipe da Casa de Raghu, todos os artigos para a tua coroação estão prontos; os teus parentes, conselheiros e ministros e os cidadãos olham para ti. Ó grande príncipe, aceita o reino dos teus antepassados paternos e faze com que tu mesmo sejas instalado e protege a todos nós".

O falador da verdade, o ilustre Bharata, ouvindo essas palavras excelentes, circungirando reverentemente os artigos destinados à cerimônia de coroação, respondeu aos que assim se dirigiram a ele: "Ouve, ó meu povo, vocês sabem que de acordo com a tradição da nossa Casa Real o trono é herdado pelo filho mais velho do soberano falecido; é, portanto, impróprio que vocês me façam esse pedido. Shri Rama é meu irmão mais velho e, portanto, deve ser rei. Eu entrarei na floresta e residirei lá por quatorze anos em seu lugar. Agora ordenem que todo o meu exército se mantenha de prontidão, eu irei para a floresta e trarei meu irmão de volta, levando comigo todos os artigos necessários para a sua instalação. Rama lá será proclamado rei! Eu o recolocarei como o fogo sagrado é levado para o lugar de sacrifício. Eu nunca permitirei que as ambições da rainha Kaikeyi sejam realizadas. Eu entrarei na floresta, difícil de penetrar, e farei de Rama o rei. Que as estradas irregulares e acidentadas sejam consertadas imediatamente por artesãos qualificados; que eles sejam seguidos por mecânicos e trabalhadores".

As pessoas ficaram satisfeitas ao ouvirem as palavras auspiciosas do príncipe e responderam: "Ó príncipe, que a deusa da prosperidade[241] esteja sempre contigo! Desejoso de fazer de Rama o nosso rei, as tuas palavras são oportunas".

Então todos os presentes sentiram grande alegria e derramaram lágrimas de delícia. Os cortesãos felizes, ministros e funcionários falaram alegremente, dizendo: "Ó chefe de homens, por tua ordem nós estamos convocando os trabalhadores para prepararem o caminho".

Capítulo 80 – Uma estrada real é construída para o príncipe

Assim sendo, comandados pelo príncipe Bharata, adivinhos de água, mecânicos especialistas e diligentes, construtores de pontes, fabricantes de rodas, homens capazes de realizar todos os tipos de trabalho, lenhadores, artesãos hábeis na perfuração de poços, trabalhadores, cortadores de lenha, cozinheiros e aqueles familiarizados com o caminho, partiram. A multidão de pessoas avançando parecia impressionante, como o mar sob a lua cheia.

Aqueles proficientes de várias maneiras, equipados com machados e outras ferramentas, avançaram em grupos, cortando árvores, arbustos e rochas, nivelando-os e abrindo um caminho; plantando árvores onde essas eram necessárias, eles cortaram os ramos de outras que obstruíam o caminho. Homens fortes colocaram fogo em troncos de árvores e limparam a estrada, nivelando os lugares acidentados com barro e enchendo as valas. Outros construíram pontes sobre os pequenos rios e riachos e limparam a estrada de seixos e espinhos, pulverizando as rochas que impediam o fluxo de água. Eles rapidamente construíram barreiras para represar os pequenos córregos e aprofundaram as lagoas, cavando em muitos lugares. Eles também perfuraram poços onde a água era escassa, e construíram plataformas nas quais os homens pudessem descansar. Cal foi espalhada na estrada, árvores foram plantadas onde pássaros cantavam e a rodovia parecia como se adornada com bandeiras. Borrifada com a essência de sândalo e decorada com ramos floridos, ela parecia o caminho dos deuses.

Os especialistas em construção prepararam residências em locais agradáveis perto de água fresca e árvores frutíferas. Acampamentos foram montados para o exército de acordo com as instruções do príncipe Bharata e tudo o que era necessário foi providenciado.

Aqueles familiarizados com as posições planetárias auspiciosas ergueram alojamentos para o ilustre Bharata. Ladeados por fossos profundos com estradas de interseção, esses acampamentos eram tão altos como a montanha azul.

Templos brancos majestosos foram construídos, e fileiras de casas, beirando as estradas, foram adornadas com bandeiras. As varandas dos edifícios, elevadas como pombais, se assemelhavam à morada dos deuses, e toda a arena rivalizava com a capital de Indra.

O caminho preparado para o príncipe Bharata se estendia até as margens do Ganges, em cujas águas frescas peixes deslizavam, conforme ele fluía entre bosques e florestas, e aquela estrada real, erguida por artesãos qualificados, parecia tão bela quanto o céu noturno, adornado pela lua e as estrelas.

---

[241] Shri Lakshmi, a consorte de Shri Vishnu.

Capítulo 81 – Vasishtha convoca a assembleia real

Um pouco da noite encantadora ainda restava quando os bardos começaram a louvar o príncipe; três horas antes de o sol nascer, os grandes tambores foram tocados com bastões de ouro, enquanto conchas eram sopradas e o som de inúmeros instrumentos musicais era ouvido.

A música enchendo os céus aumentou a tristeza do príncipe Bharata, que mandou que ela parasse, dizendo: "Eu não sou o rei". Então se dirigindo ao príncipe Shatrughna, ele disse: "Ouve, ó irmão, quão inapropriados são os louvores agora cantados por insistência da rainha Kaikeyi. Ela nos fez um grande mal. O rei partiu para as regiões dos deuses e me deixou desolado. O futuro e o reino, tremendo de incerteza, se assemelham a um navio sem navegador à deriva no oceano. Meu pai está morto e minha mãe, abandonando o caminho da virtude, mandou Shri Rama para o exílio".

As mulheres do palácio, ouvindo o grande príncipe lamentando, começaram a chorar alto lamentosamente. Nessa hora, o grande e ilustre sábio Vasishtha, versado na ciência de governo, apareceu na sala de reunião, que era decorada com ouro trabalhado, incrustado com pedras preciosas. Acompanhado por seus seguidores, o preceptor espiritual da dinastia real entrou na câmara de conselho como Indra entra na sala celestial chamada Sudharma. Sentado em um trono dourado, que era coberto com um tapete excelente com o desenho da suástica, Shri Vasishtha disse aos mensageiros: "Vão depressa e convoquem os brâmanes eruditos, os conselheiros, os guerreiros e os líderes do exército; questões de grande importância os aguardam! Tragam também os príncipes reais junto com seus secretários e ministros, Yudhajita e Sumantra!"

Um grande tumulto então se ergueu dos convidados, que se aproximaram em carruagens e em cavalos e elefantes.

Os conselheiros, vendo o príncipe Bharata se aproximando, ficaram contentes ao vê-lo como se o próprio rei Dasaratha tivesse entrado na assembleia.

A presença de Bharata contribuiu para o esplendor da corte de modo que ela parecia como quando o rei Dasaratha estava presente, ou como as águas cristalinas do oceano são abrilhantadas por baleias, jacarés, conchas e areia dourada.

Capítulo 82 – Os chefes do exército se preparam para a partida

O sábio Bharata contemplou a assembleia real presidida pelo grande Vasishtha e outros sábios veneráveis, parecida com a noite tornada gloriosa pela lua cheia. Iluminado por aqueles excelentes, que ocupavam seus lugares, vestidos com traje esplêndido, o conclave tinha brilho incomparável. A reunião de homens eruditos se assemelhava à beleza da lua cheia numa noite de inverno.

O sacerdote virtuoso, Shri Vasishtha, vendo todos os ministros e os conselheiros principais, gentilmente dirigiu-se a Bharata, dizendo: "Ó filho, o rei Dasaratha, tendo praticado virtude em sua vida, deixou essa terra rica e próspera para ti. Shri Ramachandra, cumprindo o voto de veracidade, em obediência ao seu pai e em conformidade com o dever que pesa sobre ele, para defender seus pais, não deixou de realizar a ordem de seu pai, como a lua não se abstém de derramar amplamente o seu brilho. Agora desfruta da posse desse reino pacífico dado a ti pelo teu pai e pelo teu irmão! Para agradar aos teus conselheiros, faze com que tu

mesmo sejas instalado. Os reis do norte, do sul e do oeste, os pares do reino e soberanos titulares da fronteira oeste e os monarcas de muitas ilhas te trarão inúmeras pedras preciosas como oferendas".

Ao ouvir as palavras de seu preceptor espiritual, o príncipe Bharata ficou angustiado, sabendo muito bem que de acordo com a antiga tradição da sua dinastia o filho mais velho herda o reino. Lembrando-se de Rama, Shri Bharata resolveu procurar seu irmão mais velho. A garganta do príncipe jovem estava embargada e em tons parecidos com o grito do cisne, ele censurou melancolicamente o guru venerável pela impropriedade do seu comando.

Bharata disse: "Ó senhor santo, como eu posso usurpar a posse legítima de alguém que, versado nos Vedas e nas ciências, adquiridos por residir como um servo na casa de seu guru, sabe bem o seu significado e os segue na prática? Como pode alguém, nascido do rei Dasaratha, se esforçando para cumprir a lei do dharma, tomar posse do reino de Rama? Não só o reino pertence a Rama, mas eu também lhe pertenço. Ó santo, que os teus conselhos estejam de acordo com a justiça! O rei Dasaratha possuiu esse reino como o rei Dilipa e Nahusha antes dele, assim o virtuoso príncipe Rama, o filho mais velho e o mais excelente, deve herdar o reino!

"Se, como instruído por ti, eu o aceitasse, isso seria um grande pecado e digno de um malfeitor, não de acordo com o caminho que leva ao céu e eu deveria ser julgado o destruidor da Casa de Ikshvaku. Eu abomino o mal cometido pela minha mãe, e eu ofereço saudações a Rama residente na floresta; eu vou segui-lo, só ele é rei e digno de governar os três mundos! Seria fácil para ele administrar esse reino".

Todos sentados na assembleia, devotados a Rama, tendo ouvido as palavras justas de Bharata, derramaram lágrimas de alegria. Shri Bharata falou mais uma vez, dizendo: "Se eu não conseguir trazer Shri Rama de volta então eu vou morar lá com ele na floresta como Lakshmana tem feito. Ó homens sábios, me acompanhem à floresta e com a sua boa ajuda, eu tentarei por todos os meios persuadi-lo a voltar; hábeis escavadores, engenheiros e carpinteiros foram enviados à frente por mim para tornar a estrada transitável."

Aquele que amava seu irmão, Shri Bharata, voltando-se para os conselheiros reais, dirigiu-se ao sábio Sumantra sentado perto deles e disse: "Vai depressa e convoca o exército em meu nome para me acompanhar à floresta e traze os líderes aqui".

Sumantra cumpriu alegremente os comandos do príncipe Bharata. Os comandantes militares ficaram cheios de alegria com a ordem do príncipe Bharata de ir com o exército chamar Shri Rama de volta. Em todas as casas, esposas exortavam alegremente seus maridos a irem com toda velocidade e trazerem de volta Shri Rama.

Os líderes do exército subindo em seus cavalos velozes ou em carros de boi e carruagens deram a ordem para marchar. Seu preceptor o guru Vasishtha estando perto, Shri Bharata disse a Sumantra estava ao seu lado, "Prepara o meu carro rapidamente". Sumantra respondeu com reverência "Que assim seja" e muito satisfeito trouxe a carruagem à qual cavalos excelentes estavam atrelados. O príncipe, cheio de coragem, ilustre, de votos fixos e um herói da região da verdade, resolvendo trazer Shri Rama da floresta, dirigiu-se a Sumantra dizendo: "Ó Sumantra, mobiliza o exército e ordena que os meus amigos e os chefes do povo fiquem preparados. Eu desejo chamar Rama de volta, para o bem do mundo".

Como instruído pelo grande príncipe, Sumantra rapidamente deu a ordem para os chefes do exército e os amigos de Bharata, explicando plenamente o seu propósito. Em cada residência os brâmanes, os guerreiros, os comerciantes e os trabalhadores reuniram camelos, carruagens, mulas, elefantes e cavalos excelentes.

Capítulo 83 – Todo o exército chega ao rio Ganges

No início da manhã, o príncipe se levantou e, subindo em uma carruagem excelente, partiu com pressa, desejoso de ver Rama. A carruagem de Shri Bharata era precedida por ministros a cavalo e sacerdotes em coches e brilhava como o veículo do sol. Nove mil elefantes ricamente enfeitados e sessenta mil carroças com arqueiros, junto com cem mil soldados, acompanhavam o príncipe autocontrolado, o devoto da verdade. Kaikeyi, Sumitra e a renomada Kaushalya, viajando em carruagens resplandecentes, foram adiante para trazer Rama para casa. A multidão de nascidos duas vezes procedente da capital conversava unicamente sobre Shri Ramachandra e ouvia apenas o que era relacionado a ele. Eles diziam: "Quando nós contemplaremos Shri Rama, aquele da cor das nuvens, de braços poderosos, de propósito fixo; o destruidor do sofrimento do mundo? Como o sol nascente acaba com a escuridão da terra, assim pela mera contemplação de Shri Rama a nossa tristeza desaparecerá".

Assim conversando sobre Rama e abraçando uns dos outros, os cidadãos seguiram adiante, cheios de alegria.

Os principais comerciantes de Ayodhya que tinham recebido permissão de Bharata para acompanhá-lo, também aqueles que não tinham sido assim favorecidos e outros, seguiram em frente alegremente para encontrar Rama. Gravadores habilidosos, oleiros, tecelões e trabalhadores de gemas, aqueles que faziam abanadores de penas de pavões, lenhadores, estucadores, trabalhadores de vidro e marfim, pedreiros e perfumistas, ourives famosos, fazedores de tecidos de lã, lavadeiros, massagistas, aplicadores de unguentos, médicos e aqueles que fumigavam as habitações com incenso, e também revendedores de vinho estavam presentes. Pisoeiros, alfaiates, chefes de aldeias, vaqueiros, dançarinos homens e mulheres, pescadores e incontáveis estudiosos vêdicos de mente subjugada, dedicados a Rama, seguiram o príncipe Bharata em carroças puxadas por bois. Todos vestidos em trajes puros, com seus corpos ungidos com sândalo vermelho, em veículos de vários tipos, seguiram na esteira do príncipe Bharata. Os líderes do exército acompanharam o príncipe alegremente, agora partindo para trazer o príncipe Rama para casa.

Em carruagens, palanquins, carros de boi ou montados em cavalos e elefantes, os cidadãos prosseguiram por uma distância considerável e chegaram às margens do Ganges em Shringaverapur, onde o amigo de Shri Rama, Guha, morava com seu povo, protegendo a sua região com vigilância. Chegando às margens de Shri Gunga, o habitat das aves chakravaka,[242] aqueles que seguiam o príncipe pararam. O eloquente Bharata, vendo o belo Ganges, inspecionou suas tropas e disse aos seus ministros:

"Que todo o exército acampe aqui esta noite, amanhã vamos atravessar o rio. Agora eu desejo oferecer uma libação para o espírito do meu pai, o rei!"

---

[242] Ave chakravaka: pato brahmani, [pato-ferrugíneo].

Seus conselheiros responderam: "Que assim seja, ó príncipe", e fizeram as pessoas pararem lá, cada uma de acordo com a sua posição. O santo Bharata sozinho em sua tenda, nas margens do Ganges, considerou ansiosamente como ele poderia trazer do melhor modo Shri Rama casa.

Capítulo 84 - Guha, chefe dos barqueiros, se enche de apreensão

Observando o grande exército de Bharata acampado na margem do rio, Guha ficou cheio de apreensão, e disse aos seus seguidores: "Meus amigos, este grande exército que está ocupando as margens do rio não pode ser contado nem na imaginação. Seguramente o príncipe Bharata veio aqui com má intenção, uma vez que a bandeira da sua dinastia voa sobre a sua tenda. Ou ele veio para me amarrar e me destruir, ou ele está indo matar Rama que está exilado por seu pai, e indefeso! Talvez o filho de Kaikeyi deseje matar Rama a fim de ganhar a posse completa do reino. Mas Rama, o filho de Dasaratha, é meu senhor, meu defensor e meu amigo, eu ordeno, portanto, que vocês ponham suas armaduras e peguem em armas, alinhando-se nas margens do Ganges para a proteção de Rama. Que os meus servos e as tropas que vivem de frutas, raízes e carne protejam as balsas do Ganges. Que quinhentos barcos sejam tripulados com suas tripulações, e que cada um seja guardado por barqueiros jovens bem armados e equipados. Cuidem para que eles sejam vigilantes. Se o príncipe Bharata estiver bem disposto para com Rama o seu exército pode cruzar o Ganges hoje".

Assim, mobilizando suas tropas e servos, Guha, o chefe dos barqueiros, levando presentes de peixes, carne e mel, foi ao encontro do príncipe Bharata. Vendo Guha se aproximando, o excelente Sumantra disse a Bharata: "Este Guha acompanhado por mil parentes é o rei deste lugar, ele é um nativo dessa região e está totalmente familiarizado com a floresta, ele é um amigo do teu irmão, Shri Rama. Portanto, ó príncipe, que ele seja admitido em audiência contigo, ele certamente sabe o lugar onde Rama e Lakshmana vivem".

Ouvindo as palavras do sagaz Sumantra, Bharata disse: "Vai e dize a Guha que eu desejo encontrá-lo".

A sanção do príncipe Bharata sendo dada, Guha com os chefes do seu povo se aproximou do príncipe e assim se dirigiu a ele: "Ó senhor, considera este país como o teu próprio domínio; não estando familiarizado com a tua intenção, eu sou incapaz de te oferecer uma recepção apropriada. Esse reino insignificante é teu e nós também somos teus! Nós te suplicamos para permanecer na casa do teu servo. Eu trouxe raízes, frutas e carne fresca e seca para ti e outros produtos da floresta para o teu uso. A minha esperança é que o teu exército fique aqui essa noite como meu convidado; para que possamos ter a oportunidade de servir-te, ó príncipe; Amanhã tu podes seguir adiante com o teu exército".

Capítulo 85 – Ele se enche de alegria ao saber da intenção do príncipe Bharata

O sábio Bharata escutou as palavras do chefe dos barqueiros e revelou seu propósito para ele, explicando seus motivos da seguinte forma: "Ó amigo do meu irmão mais velho, a tua hospitalidade é notável, uma vez que tu desejas entreter um exército tão grande como o que me acompanha".

O príncipe Bharata então se dirigiu a Guha mais uma vez em palavras gentis e bem escolhidas, e disse: "Ó chefe dos Nishadas, por qual caminho eu devo ir para o eremitério do sábio Bharadwaja? O vale do Ganges sendo inundado é difícil de atravessar".

Guha, familiarizado com todos os caminhos e partes inacessíveis da floresta, respondeu com grande humildade: "Ó príncipe ilustre, não tenhas ansiedade. Estes meus parentes, armados com arcos e flechas, totalmente familiarizados com a floresta, te acompanharão, e eu também te seguirei pessoalmente. Mas observando o teu grande exército, eu estou cheio de apreensão. Tu estás indo te aproximar de Rama incitado por alguma má intenção?"

Shri Bharata, cujo coração era puro como os céus imaculados, respondeu-lhe em tons gentis, dizendo: "Ó Guha! Que nunca chegue o tempo em que eu cause aflição a ele. Não me olhes com medo, ó amigo; Rama, meu irmão mais velho, é para mim igual ao meu próprio pai! Ó Guha, eu vou para trazer de volta Shri Rama da floresta. Não imputes nenhum motivo mau a mim! Ó amigo, essa é a verdade e somente a verdade".

Guha se encheu de alegria ao ouvir as palavras do príncipe Bharata e novamente se dirigiu a ele dizendo: "Ó Bharata, abençoado és tu. Em todo o mundo, eu não vejo ninguém igual a ti, já que tu desejas renunciar a um grande império que ficou para ti sem qualquer esforço teu. A tua fama no mundo viverá para sempre, já que tu, angustiado, partiste para trazer Shri Rama de volta ".

Enquanto o príncipe Bharata e Guha estavam assim conversando, o sol se pôs e a noite se aproximou. Satisfeito com a conversa e a hospitalidade de Guha, com seu exército totalmente revigorado, Shri Bharata entrou em sua tenda para descansar. Mas o príncipe, cujo coração antigamente não estava familiarizado com a com tristeza e que era paciente e livre do pecado, que é a principal causa do sofrimento, ainda estava dominado pela dor por causa de Rama. A tristeza por Raghava o consumia internamente, como um fogo consome uma árvore seca e oca na floresta. O suor causado pelo fogo da aflição escorria pelo seu corpo, como a neve flui dos picos dos Himalaias derretendo sob o calor do sol.

Pela montanha, cujo pico era a tristeza, a recordação de Rama as rochas, seus suspiros os rios carregados de minerais, sua desolação a floresta, e o cansaço os promontórios, sua profunda ansiedade os animais selvagens, sua inquietação as ervas, por essa montanha de aflição Shri Bharata estava oprimido.

Assaltado por angústia indescritível, o príncipe suspirava pesadamente e, quase privado de razão, inconsciente de seu corpo, como um touro afastado do rebanho, não teve descanso.

Guha, aproximando-se com seus amigos e parentes, abraçando Shri Bharata, gentilmente começou a tranquilizá-lo a respeito de seu irmão mais velho.

Capítulo 86 – Guha conta da estada de Shri Rama ao lado do rio sagrado

O morador daquela floresta densa, Guha, começou a consolar o príncipe virtuoso e afetuoso, cujo amor pelo piedoso Lakshmana e Shri Ramachandra era inabalável, e disse: "Ó senhor, quando o valente Lakshmana, bem armado, estava mantendo vigília sobre o então adormecido Rama, eu disse a ele, 'Ó amigo, um leito macio está preparado para ti, dorme nele à vontade, ó príncipe de Raghu, aqueles que residem na floresta estão acostumados a dificuldades, mas tu és digno de conforto, nós manteremos guarda sobre Shri Rama esta noite. Ó príncipe, não há ninguém no mundo tão querido para nós quanto Rama. Não fiques ansioso, nós vigiaremos Shri Rama; descansa. Pela graça de Rama, eu espero adquirir grande renome e a riqueza ilimitada do dharma neste mundo. Portanto, ó príncipe, eu vou proteger meu amigo, Shri Rama, que está repousando com Sita! Meus parentes vigiarão; nada na floresta é desconhecido para mim, que a percorro constantemente; eu poderia desafiar um grande exército com sucesso, se ele se atrevesse a atacar Shri Rama!"

"Ó senhor, o ilustre Lakshmana, estabelecido na virtude, me respondeu dizendo: 'Ó Guha, quando os virtuosos Rama e Sita estão descansando sobre a terra nua, como eu ocuparia uma cama confortável? Como pode algum dos confortos da vida ou a própria vida serem meus se Shri Rama também não apreciá-los? Ó Guha, vê Shri Rama, capaz de subjugar os deuses e os demônios, descansando em uma cama de grama. Através de grande austeridade e penitência o Shri Dasaratha foi abençoado com um filho, como ele próprio. Seguramente, o rei não vai sobreviver por muito tempo ao exílio de Shri Rama, e a terra em breve se tornará viúva. As mulheres lamentarão alto e depois ficarão em silêncio. Eu temo que o meu pai, a rainha Kaushalya e a minha mãe Sumitra não vão sobreviver. Talvez a minha mãe continue a viver na expectativa do retorno de Shatrughna, mas Kaushalya, a mãe desse grande herói, certamente morrerá! O rei desejava transferir o trono ao príncipe Bharata, mas essa ambição não será realizada por ele, um dever importante e honroso será cumprido ao executar as cerimônias fúnebres para o meu pai. A capital do rei, cheia de belos terraços e parques, estradas agradáveis e casas altas incrustradas com pedras preciosas, lotada de cavalos, elefantes e carros, ressoando com música, provida de áreas de lazer, onde pessoas felizes e saudáveis se reúnem, é abençoada por aqueles que caminham nela. Ó Guha, será que nós, voltando com Rama, o cumpridor de votos firmes, quando os quatorze anos de exílio estiverem terminados, entraremos alegremente em Ayodhya em sua companhia?"

Guha disse: "Ó príncipe, desse modo, mantendo vigilância, o poderoso Lakshmana, portando seu arco e flechas, passou a noite. Quando o sol claro se ergueu, os dois irmãos principescos, nessa mesma margem do rio sagrado, fizeram seus belos cabelos ficarem emaranhados e foram então transportados por mim, em segurança, sobre o Ganges.

Os irmãos reais, heroicos, resplandecentes e os subjugadores de seus inimigos, com seu cabelo emaranhado, vestidos em peles, armados com arco e aljava, partiram com Sita, olhando de volta para mim, como elefantes poderosos".

Capítulo 87 – Como Shri Rama passou sua primeira noite de exílio

Tendo ouvido a história tocante contada por Guha, o príncipe Bharata começou a refletir sobre Rama. Aquele príncipe jovem de braços poderosos, cujos ombros pareciam os de um leão e cujos olhos eram como o lótus, que era paciente, jovem e de aparência encantadora, embora profundamente triste, finalmente caiu ao chão inconsciente, como um elefante atingido no coração por um aguilhão.

O príncipe Shatrughna, sempre a serviço de Bharata, profundamente aflito por seu estado, abraçando seu corpo, chorou alto. Então todas as mães do príncipe Bharata, emaciadas pelo jejum e pela tristeza por seu senhor falecido, o cercaram, jazendo inconsciente na terra. A piedosa rainha Kaushalya, se aproximando, levantou Bharata e apertou-o contra o peito. A rainha asceta, que amava seu filho, abraçando-o junto ao peito como se ele fosse seu próprio filho, chorando, o questionou, dizendo: "Ó meu filho, tu estás aflito pela dor? A vida dessa família real depende inteiramente de ti! Ó filho, Shri Rama foi para a floresta com Lakshmana, eu vivo só se eu vir o teu rosto. O rei Dasaratha estando morto, somente tu és o protetor do povo. Ó filho, tu ouviste alguma coisa contra Lakshmana ou o meu único filho, que foi com sua esposa para a floresta?"

O renomado Bharata, voltando à sua consciência normal, consolou a lamentosa Kaushalya e então se dirigiu Guha: "Ó Guha, onde o meu irmão passou a noite aqui? O que ele comeu, em qual cama ele descansou? Onde Sita e Lakshmana ficaram?"

Guha, o rei dos Nishadas, contou alegremente como ele tinha acolhido seu convidado afável, Shri Rama. Ele disse: "Ó Bharata, arroz, outros alimentos e frutas em abundância foram colocados por mim diante de Shri Rama. Para me agradar, aquele herói do reino da verdade, Shri Ramachandra, aceitou os presentes, mas relembrando seu dever como kshatriya não compartilhou deles. Ele disse: "Ó amigo, somos guerreiros e é nosso dever dar tudo para os outros, não aceitando nenhum presente para nós mesmos".

Naquela noite, Rama de grande coração, tendo com Sita bebido a água trazida por Shri Lakshmana, retirou-se para descansar, jejuando. Shri Lakshmana terminando a água que sobrou, todos mantiveram silêncio e realizaram a devoção noturna com concentração. Depois disso o filho de Sumitra trouxe grama kusha e a espalhou no chão para servir como um leito para Rama.

Enquanto Shri Rama e Sita descansavam lá, Shri Lakshmana lavou os pés deles com água pura e, em seguida, se moveu para longe para ficar de sentinela sobre eles.

Ó príncipe, aqui está a árvore ingudi, e aqui está o leito de grama no qual Rama e Sita dormiram. Aquele herói, Shri Lakshmana, com sua aljava cheia de flechas amarrada ao seu corpo, usando luvas feitas de pele de goha, puxando a corda de seu arco, deu voltas e mais voltas a uma distância, guardando o casal real.

Eu também, ó príncipe, cercado por meus parentes, armado com um arco excelente, vigiei a noite toda, protegendo Shri Ramachandra, que parecia Indra.

Capítulo 88 – O príncipe Bharata dorme no mesmo local onde Shri Rama tinha descansado

Shri Bharata com seus conselheiros se aproximou reverentemente da árvore ingudi e olhou com amor para o leito de grama. Ele disse para sua mãe: "Essa grama foi pressionada pelo corpo real do ilustre Ramachandra, que passou a primeira noite de exílio neste lugar. Não fica bem para o grande e sábio filho do rei Dasaratha dormir na terra nua! Como pode Shri Rama, que sempre repousava em uma cama macia, dormir no solo descoberto? Shri Rama que morava em um palácio de sete andares, os pisos do qual eram cravejados com flores de ouro e prata, cobertos com tapetes macios de muitas cores nos quais desenhos florais maravilhosos eram tecidos, todo fragrante com o perfume de sândalo e âmbar gris, e que se assemelhava às nuvens; onde os gritos dos papagaios e mainas eram ouvidos constantemente e ar fresco fluía ininterruptamente através de dutos; onde as paredes incrustadas com ouro e prata pareciam a montanha Meru; em tal palácio Shri Rama estava acostumado a descansar, despertado a cada manhã pela doce música dos músicos reais e o tilintar suave das tornozeleiras das mulheres, e devidamente louvado pelos bardos, panegiristas e ministros, em verso e canção. Hoje, ele dorme na terra nua e ouve o grito de chacais e outros animais selvagens. Este caso é inacreditável, parece um sonho! Eu não considero nada mais poderoso do que a vontade do Senhor; como de outra forma o filho do rei Dasaratha seria visto dormindo no chão? Como poderia a filha do rei Janaka, aquela bela princesa, a amada nora do rei Dasaratha, dormir no chão nu?

"Ó mãe, aqui está o leito do meu irmão, sobre o qual ele se jogou, esmagando a grama pelo peso dos seus membros. Parece que Shri Sita descansou aqui também, usando seus ornamentos, uma vez que eu vejo partículas de ouro jazendo aqui e ali. Ó mãe, vê, o lenço de Sita ficou emaranhado aqui, pois neste lugar eu vejo fios de seda! Seja duro ou macio, o leito de seu marido é agradável para uma mulher! Vê, a jovem e delicada Sita, dedicada ao seu marido, não sentiu aflição, descansando aqui. Oh, eu estou perdido! Que patife impiedoso eu sou! Por minha causa, Shri Ramachandra e sua esposa se deitaram nessa cama dura! Ai de mim que Shri Rama, privado de felicidade real, embora nascido em uma linhagem real, querido por todos e a causa de alegria universal, cuja tez parece o lótus azul, cujos olhos são levemente vermelhos,[243] encantador de se ver, não merecendo tribulação, tenha tido que dormir na terra nua.

"Abençoado e afortunado é Lakshmana, que seguiu seu irmão nos tempos de adversidade! Frutuosa é a vida da princesa Sita, que assim acompanhou seu senhor para a floresta. Infelizes somos nós, desprovidos de Shri Rama; nós nem temos certeza de que ele vai nos permitir servi-lo. O rei Dasaratha estando morto, e Shri Rama tendo entrado na floresta, a terra me parece como um barco sem timoneiro. Ninguém deseja usurpar o lugar espiritualmente reservado para ele, que mora na floresta. Hoje a capital está vazia e desprotegida, cavalos e elefantes vagueiam aqui e ali soltos, não havendo ninguém para controlá-los; as portas da cidade estão abertas e não guardadas; o exército está melancólico e indiferente à defesa da capital! Ayodhya externamente sem proteção e desprovida de propósito está em um estado lastimável. Até os seus inimigos se afastam dela, como homens se afastam da comida envenenada!

[243] É dito que essa é uma das marcas de uma encarnação divina.

"A partir de hoje, assumindo um traje de asceta, eu vou dormir no chão e viver de frutas e raízes. Eu viverei na floresta pelo resto do tempo que Rama tem de cumprir para que o seu voto possa ser completado. Meu irmão Shatrughna viverá comigo na floresta, enquanto Lakshmana retorna com Rama para proteger a capital! Os brâmanes eruditos instalarão Shri Rama em Ayodhya! Eu peço que os deuses realizem o desejo do meu coração. Se Rama, no entanto, não realizar o meu pedido, eu vou permanecer na floresta como seu servo, mas como ele rejeitaria o meu apelo? Ele não é compassivo para com os seus devotos?"

Capítulo 89 – O exército atravessa o rio sagrado

Bharata, tendo dormido no mesmo local onde Shri Rama tinha descansado recentemente, e a noite tendo terminado, chamou Shatrughna e disse-lhe: "Levanta-te, ó irmão, que o bem te acompanhe! O dia raiou, não dorme mais! Por favor, convoca Guha, o chefe dos Nishadas, para que ele possa transportar o nosso exército através o rio!"

Shatrughna respondeu: "Ó nobre, eu estou acordado, eu não pude dormir, pois como tu eu estive meditando em Shri Rama!"

Enquanto esses dois, os chefes de homens, estavam conversando, Guha, se aproximando, disse com humildade: "Ó príncipe, tu descansaste à vontade na margem do rio? Alguma perturbação visitou a ti ou ao teu exército?"

Ouvindo essas palavras de Guha proferidas com afeição, Shri Bharata lhe respondeu, dizendo: "Ó rei, nós passamos essa noite em paz, tendo sido muito honrados por ti. Agora que os teus servos transportem o nosso exército sobre o rio".

Guha voltou apressadamente para sua cidade e falou desta maneira aos seus servos e parentes: "Irmãos, se levantam, acordem, que vocês sempre sejam afortunados! Tragam barcos para a margem e transportem o exército sobre o rio!"

Assim abordados, os barqueiros se levantaram e, reunindo quinhentos barcos, os levaram para a margem. Uma barcaça especial que era própria para alto-mar, chamada "Swastika", com grandes sinos pendurados e estandartes flutuantes com aberturas para o ar, também foi fornecida, sobre a qual mantos brancos de lã foram espalhados como tapetes, com pequenos sinos tilintando melodiosamente quando ela navegava. Essa barca era dirigida pelo próprio Guha. Nela entrou o ilustre príncipe Bharata e Shatrughna com as rainhas Kaushalya e Sumitra, e outras senhoras de alta posição, precedidos por seus preceptores espirituais, os sacerdotes e brâmanes eruditos; finalmente, a bagagem foi carregada.

No momento da partida, o barulho daqueles que queimavam o resíduo deixado pelo exército, daqueles que mergulhavam no Ganges sagrado e dos carregadores levando a bagagem, subiu ao céu. Os barcos, cheios de atendentes, guardados por barqueiros escolhidos, navegando rapidamente, os transportaram sobre o rio. Muitas embarcações continham apenas mulheres, enquanto outras estavam cheias de cavalos ou bois, carroças, gado e mulas.

Chegando à outra margem do rio, as pessoas desembarcaram, os barqueiros e parentes de Guha jogando diversos jogos na água enquanto eles voltavam. Alguns dos elefantes, parecidos com montanhas quando se moviam, foram levados para o outro lado por seus cornacas, outros atravessaram em barcos, alguns em jangadas e alguns nadaram. Os servos transportaram o exército sobre o rio, antes de

tomarem seu banho matinal. Durante o período de Maitra, seguinte ao nascer do sol, o exército atravessou o rio sagrado e entrou na floresta encantadora.

Chegando ao sagrado Prayaga, o magnânimo Bharata falou palavras de incentivo para o exército e ordenou que eles acampassem à vontade. Então o príncipe, acompanhado pelo guru Vasishtha e outros sacerdotes, foi ver o sábio Bharadwaja.

Aproximando-se do eremitério daquele sábio erudito e iluminado, o filho de Brihaspati, eles viram, na floresta densa e aprazível, cabanas encantadoras cobertas com folhas.

Capítulo 90 – O príncipe Bharata com Shri Vasishtha visita o eremitério do sábio Bharadwaja

Bharata, vendo o eremitério do sábio Bharadwaja, deixando seu exército uma légua atrás e deixando de lado suas armas e trajes reais, vestido com uma roupa de seda simples, procedeu a pé, precedido por seu preceptor. Vendo o próprio sábio, ele deixou seus conselheiros e seguiu Shri Vasishtha somente. O grande asceta Bharadwaja, vendo o príncipe Bharata se aproximando, levantando-se do seu assento, mandou seus discípulos trazerem o arghya. O muni avançando para cumprimentar Shri Vasishtha, o príncipe Bharata ofereceu saudações a ele, o sábio: reconhecendo-o como o filho do rei Dasaratha. O sábio Bharadwaja então mandando buscar o equipamento ritual o ofereceu com o arghya, e os revigorou com frutas; ele então perguntou a respeito do seu bem-estar e se todos estavam bem em Ayodhya. Então ele perguntou sobre o tesouro do estado e os ministros, mas, sabendo que o rei estava morto, ele não fez nenhuma pergunta a respeito dele.

Em retorno, Shri Vasishtha e Bharata perguntaram sobre a saúde do sábio, a condição de seu corpo, o fogo sagrado, seus discípulos, os cervos e as aves. O grande asceta Bharadwaja lhes informou a respeito de todas essas coisas e então, incitado pelo carinho que ele tinha por Shri Rama, disse a Bharata: "Ó príncipe, qual motivo te trouxe para cá, tu que és agora o soberano do reino? Conta-me tudo. O rei Dasaratha, instigado por sua consorte, baniu o príncipe Rama para a floresta, pelo período de quatorze anos. Eu espero que tu, desejoso de desfrutar do reino sem reservas, não nutras inimizade pelo teu irmão!"

Cruelmente ferido pelas palavras do rishi, o príncipe Bharata, com os olhos cheios de lágrimas e a garganta embargada pela emoção, disse: "Ó senhor, tu és onisciente, se tu me consideras desse modo, então a minha vida é vã. Eu não estou envolvido de nenhuma maneira no destino de Shri Rama. Tal vilania nunca proviria de mim. Ó meu senhor, por que tu me acusas assim? Aquilo que a minha mãe fez, por minha causa, não é aprovado por mim, nem eu jamais perdoaria isso. Eu vou satisfazer aquele príncipe grandioso por oferecer saudações a ele, e com a intenção de trazê-lo de volta para a capital. Ó divino, esse é o meu propósito, tem a bondade de me dizer onde Rama, agora o senhor da terra, pode ser encontrado?"

Rogado da mesma forma por Shri Vasishtha e os outros sacerdotes, Shri Bharadwaja, cativado pelas palavras de Bharata, respondeu: "Ó grandioso, tu nasceste na ilustre família de Raghu, e, portanto, não é motivo de admiração que o respeito obediente pelo teu preceptor, o autocontrole e a adesão ao caminho dos sábios estejam todos unidos em ti! Pelos meus poderes de yoga o conteúdo do teu coração era conhecido por mim, mas eu te questionei para que a tua resolução

pudesse ser estabelecida, e a tua fama proclamada em todo o mundo. Eu sei onde Shri Rama e Lakshmana, familiarizados com a justiça, moram. Eles residem na grande montanha Chittrakuta; vai lá amanhã. Hoje, fica aqui com os teus conselheiros. Ó sábio, concorda com o meu pedido".

Então Bharata, o príncipe de grande renome, aceitou a oferta do sábio e permaneceu toda a noite em seu eremitério.

Capítulo 91 – Shri Bharadwaja acolhe o exército inteiro

O príncipe Bharata tendo decidido ficar no eremitério, o sábio o convidou para uma refeição. Shri Bharata disse: "Ó senhor santo, tu já me regalaste com água, frutas e bagas, eu estou totalmente satisfeito".

Shri Bharadwaja sorrindo respondeu: "Eu sei que tu ficas satisfeito com tudo o que é carinhosamente oferecido a ti, mas, ó príncipe, eu desejo receber todo o teu exército, é apropriado que tu concordes com o meu pedido. Ó grande príncipe, por que tu vieste, deixando o teu exército à distância? Por que vieste desacompanhado pelo teu exército?"

Ouvindo essas palavras, o príncipe Bharata respondeu com humildade: "Ó senhor, eu não vim acompanhado pelo meu exército em deferência a ti. Cabe a um rei ou ao filho de um rei proteger os eremitérios do seu reino! Ó senhor! Eu estou acompanhado por muitos cavalos e elefantes selvagens que ocupam uma vasta área. Temendo que eles destruíssem as árvores, as cabanas de palha e contaminassem a água das lagoas e poços, eu vim sozinho, deixando-os para trás".

Então o maharishi Bharadwaja disse: "Traze o teu exército para cá".

Assim ordenado, o príncipe levou seu exército para lá. Entrando no pavilhão sacrificial, o rishi bebeu três vezes de água lá, e recitando certa fórmula, aspergiu alguma em seu corpo. Então invocando Vishwakarma[244] para proporcionar a hospedagem, e falando devagar, ele disse: "Eu convoco os seres celestes, Vishwakarma e Twashta,[245] que eles preparem residências para o exército. Eu desejo oferecer hospitalidade ao príncipe Bharata, eu, portanto, invoco os deuses Yama, Varuna, Kuvera e também Indra. Que eles me ajudem a fornecer o acolhimento. Eu também convoco todos os rios que fluem acima ou abaixo do leste para o oeste e do oeste para o leste. Que alguns desses produzam o vinho delicioso chamado Maireya[246] e aquele chamado Saura,[247] e também água fresca, doce, como o suco da cana de açúcar. Eu convoco também os músicos celestes chamados Haha e Huhu, juntamente com outros seres divinos e ninfas. Eu convoco as apsaras dançarinas, Ghritachi, Vishwachi, Mishrakeshi, Alambusha, Nagadanta, Hema e Soma, que moram nos Himalaias. Eu invoco as ninfas dançarinas acompanhantes de Brahma e Indra; que elas se vistam em belos trajes, trazendo seus instrumentos. Eu desejo que a floresta celeste Chaitraratha apareça aqui, as folhas de cujas árvores são formadas como belas donzelas. Eu desejo, além disso, alimentos de muitos tipos que possam ser mastigados, chupados ou lambidos, e várias bebidas a serem preparadas pela divindade que preside a lua. Que guirlandas

---

[244] Vishwakarma: o arquiteto dos deuses.
[245] [Tvastar, Tvastr, ou Tvashtri].
[246] Maireya ou Mireya: um tipo de licor inebriante feito das flores de Lythrum Fruticosum com açúcar.
[247] Saura: uma bebida celeste, 'saura' significando 'relativo' ao sol.

de flores frescas sejam aprontadas e belas taças e diferentes pratos de carne sejam produzidos aqui instantaneamente!"

Pelo seu poder de yoga e a recitação adequada dos mantras sagrados, o santo sábio Bharadwaja produziu tudo o que era necessário. De frente para o leste na postura de convite, Shri Bharadwaja sentou-se em meditação por um espaço de tempo. Em seguida, um a um, os deuses apareceram diante dele. As brisas frescas, lentas e perfumadas, soprando das montanhas Malaya e Dadura, diminuíram o calor. As nuvens derramaram flores e o som dos dundubhis (tambores) divinos foi ouvido; zéfiros agradáveis começaram a soprar, ninfas dançaram, os músicos celestes cantaram e as notas da vina eram ouvidas em todos os lugares. A terra e o céu se encheram de sons doces e harmoniosos, ouvidos por todos os seres vivos. Quando a música divina continuou, o exército de Bharata contemplou a estrutura maravilhosa feita por Vishwakarma. Eles perceberam que toda a área em um raio de quatro milhas estava coberta com um tapete de grama verde e brilhante reluzindo como uma esmeralda verde. Sua beleza era realçada por árvores silwa, kapitha, amlaki[248] e árvores de manga. Um bosque apareceu onde as pessoas podiam passear, também um rio divino fluindo entre margens adornadas por várias árvores. Belas mansões brancas foram erguidas, com estábulos para os elefantes e os cavalos. Palácios com suas sacadas decoradas com folhas e flores eram vistos, e outros decorados com verde e ramos de flores e guirlandas de flores brancas puras borrifadas com água perfumada. Essas residências continham pátios retangulares servindo como salões de recepção com espaço para palanquins e coches. Alimentos de todos os tipos, arroz, caldo de cana-de-açúcar e todas as variedades de confeitos eram encontrados lá, com pastéis de curry, panquecas e outros pratos deliciosos servidos em recipientes limpos, enquanto tapetes e assentos excelentes foram espalhados para o relaxamento, e camas com cobertas e colchas impecáveis.

Entrando nessas mansões com a permissão do sábio Bharadwaja, o príncipe Bharata foi seguido por seus servos, ministros e sacerdotes que, percebendo que tudo estava bem suprido, ficaram altamente satisfeitos.

Em uma das mansões, uma sala foi separada contendo um trono onde atendentes segurando o dossel e o chamara estavam a serviço. Bharata com seus ministros circungirou o estrado real como se ele estivesse ocupado por Shri Rama e, curvando-se a ele respeitosamente, Shri Bharata, segurando o chamara, ocupou um assento mais baixo, os conselheiros, sacerdotes e comandantes do exército assumindo posições de acordo com o seu respectivo posto.

Então, por ordem do sábio santo, rios de leite, engrossado com arroz, fluiu diante dos olhos de Bharata. Belas casas, lavadas com cal virgem, apareceram nas margens do rio. Vinte mil mulheres jovens, vestidas encantadoramente e usando belos ornamentos foram lá a pedido de Brahma. Kuvera também enviou vinte mil lindas donzelas enfeitadas com ouro, pedras preciosas e pérolas. Além disso, vinte mil ninfas da região de Indra apareceram, cuja beleza fazia os homens perderem a razão. Narada, Gopha e outros músicos brilhantes começaram a cantar e tocar diante de Bharata, e as ninfas celestes a dançar na presença do príncipe, ao comando do rishi. Todas as flores mais altamente estimadas nos jardins celestes entre os deuses foram vistas em Prayaga, através do poder de Bharadwaja. As árvores aplaudiram, a árvore bahadur tocou os pratos e a pipal dançou, através da influência do sábio, e aquelas chamadas devaparna, tala e kuraka assumiram a forma de anões! Plantas de nome shingsapa, amalaki e jambu, e as trepadeiras que

[248] Para plantas e árvores, veja o Glossário separado.

se enroscam como o jasmim e a mallika, tomando a forma de mulheres no eremitério de Bharadwaja, gritavam: "Ó bebedores de vinho, bebam! Ó famintos, comam kheeva! Venham, saciem-se com vários tipos de carne!"

Cada pessoa foi banhada no rio fresco e atendida por sete ou oito belas donzelas com olhos brilhantes, que massagearam seu corpo com óleo e unguentos. Seu banho concluído, muitas mulheres as enxugaram com tecidos macios e lhes deram água adoçada, com sabor de ambrosia, para beber.

Os tratadores cuidaram atentamente dos cavalos, elefantes, mulas, camelos e bois. Os cavalos pertencentes aos estábulos reais e montados por grandes generais foram alimentados pelos cavalariços com feixes de cana-de-açúcar e arroz tostado e adoçado, seus atendentes e cornacas mal podiam reconhecer seus carregadores. A tropa agora estava embriagada com vinho e entregando-se a todos os prazeres! Cada um era satisfeito em tudo o que desejava; com seus corpos ungidos com pasta de sândalo e unidos com as ninfas em flerte amoroso, eles exclamavam: "Nós nem iremos para Ayodhya nem entraremos na floresta de Dandaka! Que Bharata viva no conforto e Shri Rama more na floresta!"

Assim os guerreiros e cavalariços se expressaram no estado de embriaguez, enquanto milhares de soldados, em exultação, gritavam alto: "Realmente, isso é o céu!" Correndo para lá e para cá com guirlandas em volta de seus pescoços, inúmeros soldados dançaram, cantaram e gargalharam. Embora tivessem compartilhado ao máximo de pratos excelentes, doces como néctar, no entanto, quando viam artigos frescos de alimentação eles não podiam deixar de comer de novo!

Milhares de mensageiros, servos e as esposas dos soldados, vestindo trajes coloridos, se exibiam com orgulho. Elefantes, cavalos, camelos, cervos e aves foram plenamente satisfeitos; ninguém sentiu falta de nada! Ninguém, no exército de Bharata, foi visto em roupas sujas ou com fome ou desleixado, ninguém foi visto com o rosto sujo ou cabelo despenteado!

Os homens viram inúmeros pratos de carne de carneiro, carne de porco, carne de veado e outras carnes cozidas em sucos de fruta e fritas na manteiga com cravo, sementes de alcaravia e lentilhas fervendo suavemente neles. Milhares de recipientes estavam cheios de arroz temperado, decorados com flores e cálamos. Todos ficavam mudos de espanto ao vê-los! Dentro de um raio de cinco milhas, os poços foram cheios com manjar de trigo com leite e condimentos (kheeva) e vacas como Kamadhenu realizavam todos os desejos! As árvores gotejavam mel e os lagos foram cheios com o vinho espumante Maireya, e cercados com iguarias cozidas como veados, galinhas e pavões. Centenas e milhares de pratos foram fornecidos, e miríades de recipientes cheios de coalhos, misturados com sementes de alcaravia, gengibre e outras especiarias perfumadas, foram servidos lá. Lagos de iogurte e leite, junto com pilhas de açúcar podiam ser vistos nas margens do rio, como também folhas perfumadas moídas e unguentos com grandes potes de pasta de sândalo, espelhos e toalhas! Uma abundância de sandálias e sapatos foi fornecida, enquanto antimônio, pentes, escovas, guarda-sóis, arcos e aljavas, armaduras e assentos ornamentais estavam colocados aqui e ali! Tanques, cheios de líquido misturado com ervas para promover a digestão, foram levados para as margens dos lagos onde a descida era fácil, e onde as pessoas podiam se banhar livremente e beber quando quisessem! Esses lagos eram cheios de água pura, cheios de flores de lótus e orlados com grama macia de cor azul e esmeralda; lá, lugares de descanso para os animais também podiam ser encontrados.

Os companheiros do príncipe Bharata ficaram espantados com o entretenimento fornecido pelo maharishi Bharadwaja. Todos passaram a noite em diversão, como no jardim de lndra!

Ao amanhecer, os rios, os músicos e ninfas celestes se despediram do maharishi e voltaram para a sua morada. Mas os seguidores do príncipe Bharata ainda estavam corados e inebriados, com seus corpos pintados com sândalo, as guirlandas de flores em pilhas como montanhas, jaziam em todos os lugares, espalhadas e pisadas por homens e animais.

Capítulo 92 – O príncipe Bharata com o exército parte para o monte Chittrakuta

O príncipe Bharata, tendo passado a noite desfrutando do entretenimento proporcionado, no início da manhã, desejoso de ver Rama, aproximou-se do muni.

Com as palmas unidas, ele ficou diante do rishi santo que estava ocupado no ritual do fogo.

O sábio Bharadwaja o questionou, dizendo: "Ó príncipe impecável, tu passaste a noite no meu eremitério em paz? Estão todos satisfeitos com o escasso entretenimento proporcionado por mim?"

Shri Bharata, oferecendo saudações ao maharishi, que tinha saído de seu eremitério respondeu: "Ó senhor abençoado, eu e todo o meu exército ficamos completamente felizes no teu eremitério, tu satisfizeste plenamente a todos nós. O meu povo passou a noite agradavelmente, eles dormiram em casas excelentes e compartilharam de pratos deliciosos, e perderam todo o sentimento de fadiga causado pela jornada. Ó grande sábio, agora permite que eu me despeça de ti e vá até o meu irmão; olha-me com benevolência, eu te suplico. Ó sábio, o quão longe daqui é o eremitério do piedoso Rama e qual é o caminho para lá?"

O sábio, eminente em práticas ascéticas, respondeu a Bharata, que desejava ver seu irmão: "Ó príncipe, à distância de dez milhas daqui, em um campo cheio de seixos, é a bela montanha chamada Chittrakuta! Ao norte dessa montanha flui o rio Mandakini, serpeando através de florestas floridas, suas margens plantadas com árvores florescentes. Ó amigo, perto daquele rio, na montanha Chittrakuta, tu encontrarás os teus dois irmãos morando em uma cabana coberta de palha. Ó príncipe afortunado, na margem sul do Yamuna tu verás dois caminhos, pega o caminho da direita com o teu exército, cavalos e elefantes! Esse caminho te levará até Shri Rama".

No momento da partida as consortes do rei Dasaratha, descendo das suas carruagens, foram ao lugar onde o grande sábio estava e ficaram circundando-o. Entre elas as frágeis e trêmulas Kaushalya e Sumitra tocaram os pés do homem santo. Então Kaikeyi, frustrada em seus projetos e desprezada por todo o mundo, tocou os pés do sábio e o circungirou. Aflita, ela ficou um pouco longe de Bharata, quando o santo Bharadwaja se dirigiu ao príncipe, dizendo: "Ó príncipe, eu desejo me familiarizar com as tuas mães".

O sempre eloquente Bharata respondeu humildemente: "Ó senhor santo, aqui está a rainha principal do meu pai, infeliz e enfraquecida pelo jejum, contudo semelhante a uma deusa. Ela é a mãe daquele leão entre os homens, o altamente intrépido príncipe Rama! Comparável a Aditi que gerou Prajapati, ela deu à luz Raghava! Ela que, apoiando-se no braço dela, permanece com o coração triste,

como o ramo da árvore karnikara despojado de suas flores, é a rainha Sumitra, a mãe daqueles heróis da verdade, Shri Lakshmana e Shatrughna. Ó grande sábio, ela que trouxe grande aflição àqueles dois chefes de homens e causou a morte do rei Dasaratha por separá-lo de seus filhos, que é dada à raiva e que é vaidosa e superficial, estimando-se favorecida, que é muito ambiciosa e inconstante e ainda olha para si mesma como livre de imperfeições, essa cruel e perversa Kaikeyi, é minha mãe! Ó grande muni, foi ela quem causou o meu grande infortúnio!"

Incapaz de falar mais, com sua garganta embargada pela emoção, o príncipe começou a suspirar pesadamente, com seus olhos inflamados, respirando como uma serpente provocada. Então o sábio santo, familiarizado com o que deveria acontecer, respondeu dizendo: "Meu filho, não repreendas a rainha Kaikeyi, o exílio de Shri Rama será produtivo de grande bem e os deuses e danavas e os sábios ilustres ganharão grandes benefícios por causa da presença de Shri Rama na floresta!"

Ouvindo isso, Bharata se curvou ao rishi e, recebendo a sua bênção, o circungirou com reverência. Em seguida, almejando a permissão do sábio para partir, ele ordenou que seu exército se preparasse para marchar.

Os líderes das tropas montaram em seus cavalos, enquanto outros, subindo em carruagens douradas, iniciaram sua jornada. Elefantes com assentos[249] fixados por correntes douradas e enfeitados com bandeiras esvoaçantes foram em frente, os sinos pendurados nos elefantes machos e fêmeas causando um som como o trovão das nuvens no final da estação chuvosa! Os outros veículos grandes e pequenos, transportando os membros da família real, avançaram também.

Shri Bharata, com a intenção de ver Rama, viajando em um palanquim resplandecente brilhante como o sol ou a lua, com seu grande exército, se moveu para o sul, cobrindo a terra como uma vasta nuvem.

Os cavalos e elefantes estavam todos contentes e aquela grande multidão, inspirando os veados selvagens e as aves com terror, parecia esplêndida quando entrou na floresta profunda.

Capítulo 93 – Eles veem o eremitério de Shri Rama

Conforme o exército imenso atravessava a floresta, os líderes das manadas de elefantes selvagens com seus companheiros fugiam alarmados. Ursos, leopardos e outros animais ferozes podiam ser vistos fugindo nos topos das colinas e nas margens do rio.

Extremamente satisfeito, o príncipe Bharata prosseguiu em meio aos seus soldados que gritavam enquanto marchavam. O exército do ilustre Bharata parecia um oceano, cujas ondas se espalhavam sobre a terra ou como as nuvens que cobrem o céu durante a estação chuvosa. O chão por milhas estava coberto com elefantes e cavalos, de modo que nenhum vestígio dele podia ser visto.

Tendo marchado uma distância considerável, Shri Bharata, percebendo que seus animais estavam cansados, se dirigiu ao santo sacerdote, Shri Vasishtha, dizendo: "Essa região parece ser tão bela como descrita para mim, eu creio que nós chegamos ao local mencionado pelo sábio Bharadwaja. Esta montanha é

[249] [Howdah: um assento para andar nas costas de um elefante ou camelo, tipicamente com um dossel e que acomoda duas ou mais pessoas].

Chittrakuta, e este é o rio Mandakini, e esta é a floresta que, de longe, se assemelhava a uma nuvem azul. Estes são os picos gloriosos de Chittrakuta, que estão sendo pisados pelos meus grandes elefantes! Vê, ó santo guru, como as nuvens escuras derramam água na época das chuvas, assim os elefantes, cujas trombas são marcadas pelos ramos oscilantes das árvores, espalham flores sobre as colinas.

"Ó Shatrughna, contempla a adorável montanha Chittrakuta procurada pelos deuses; em todos os lugares grupos de veados vagueiam realçando a sua beleza, como crocodilos nadando graciosamente no mar. Como nuvens impelidas pelo vento no inverno adornam o céu, assim esses veados correndo diante do exército tornam a floresta encantadora.

"Os nossos soldados, enfeitando suas cabeças com flores, parecem as pessoas do sul que se coroam com flores. Vê, ó Shatrughna, a floresta que parecia aterrorizante e que parecia respirar por estar cheia de homens se assemelha à própria Ayodhya!

"A poeira que se ergue dos cascos dos bois cobre o céu e se assenta lá, até que o vento a dissipa rapidamente, como se aquelas coisas que obstruem a minha visão de Shri Rama estivessem sendo removidas dos meus olhos. Ó Shatrughna, contempla esses cavalos atrelados às carruagens com seus aurigas passando rapidamente pela floresta! E vê aqueles belos pavões com penas longas, correndo com medo para a sua habitação na montanha. Ó irmão impecável, este lugar parece encantador para mim e uma residência adequada para ascetas.

"Como são adoráveis os cervos pintalgados vagando com suas corças; eles parecem como se cravejados de flores. Que os meus líderes vão em frente e procurem o lugar onde Shri Rama e Lakshmana vivem".

Ouvindo as palavras de Shri Bharata, os guerreiros, levando armas nas mãos, entraram na floresta e lá viram um local onde a fumaça estava subindo. Ao verem isso, eles retornaram ao príncipe Bharata e lhe comunicaram a sua crença, de que os dois irmãos reais habitavam onde a fumaça se erguia. Eles disseram: "Se não for Shri Rama e Lakshmana lá, então certamente é algum devoto que pode nos informar a respeito da residência de Raghava!"

Ouvindo esse relatório agradável, Shri Bharata se dirigiu aos líderes do exército, dizendo: "Vocês fiquem aqui, não prossigam, eu, com o santo guru Vasishtha e Sumantra, iremos àquele local".

Assim comandados os guerreiros pararam e Shri Bharata olhou para o local onde a fumaça era visível. Observando a fumaça, os guerreiros, esperando naquele lugar, se alegraram, acreditando que a hora do encontro com Shri Rama estava próxima.

Capítulo 94 – Shri Rama decide passar seu exílio na montanha

Shri Rama, que havia passado muitos dias na montanha, agradava Shri Sita por lhe mostrar muitas cenas de beleza natural, eles mesmos parecendo tão adoráveis como Indra e sua consorte.

Shri Rama disse: "Ó afortunada, contemplando a beleza dessa montanha agradável, a separação de meus amigos ou de meu país não me causa mais dor! Ó centro de alegria! Contempla a beleza desses picos cheios de metais de vários tipos, atingindo os céus e frequentados por aves de todas as espécies! Esses picos,

alguns dos quais brilham como prata, alguns dos quais são avermelhados, alguns amarelos, alguns cintilantes com o esplendor das gemas brilhantes escondidas neles; alguns reluzentes com safira e cristal, e alguns parecendo mercúrio e luzentes como as estrelas! Embora muitos leões e leopardos abundem na floresta, contudo, influenciados pela natureza pura dos ascetas que moram aqui eles deixaram de seguir os seus instintos cruéis. Muitas variedades de aves têm seus ninhos lá naquela colina, árvores carregadas de frutas e flores fornecendo sombra deliciosa tornam a montanha encantadora!

"Aqui há árvores de manga, jambu, asana, lohdra, piyala, panasa, dhuva, ankotha, bhavya, tinisha, bilwa, tindura, bambu, kasanari, arista, varana, madhuca, tilaka, vadari, amlaka, nipa, vetra, dhanwaria, vijaka e outras.

"Ó princesa auspiciosa, contempla a graça arrebatadora dessas colinas onde os sábios kinnaras vagueiam em pares, suas espadas e roupas coloridas penduradas nos galhos. Vê os retiros charmosos dos vidya dharas[250] e seus companheiros. Essas montanhas com suas cascatas e fontes borbulhantes se parecem com elefantes imensos com a linfa escorrendo de suas testas.

"Que mente não se encheria de prazer pelas brisas que saem das cavernas da montanha, impregnadas com fragrância, agradáveis aos sentidos? Ó inigualável, se for para eu morar aqui contigo e Lakshmana por inúmeros anos, nenhuma tristeza ou ansiedade me visitará. Ó senhora adorável, sobre a montanha de Chittrakuta, tornada agradável por uma profusão de flores e frutas, cujos picos encantadores ecoam com o doce canto dos pássaros, eu estou contente em morar! Por residir aqui, dois objetivos foram alcançados, o cumprimento da promessa do meu pai e a satisfação do príncipe Bharata. Ó filha do rei de Videha, observa esse local encantador, onde autocontrole e ascetismo são facilmente praticados. Dize, tu és feliz aqui? A disciplina de residência na floresta é declarada pelos sábios reais como sendo um meio de libertação. Nossos antepassados como Manu afirmaram que a residência na floresta é o meio de adquirir a forma dos deuses. Vê, ó princesa, aquela montanha, adornada por milhares de rochas azuis, amarelas, purpúreas e brancas. À noite, as ervas que curam brilham como o fogo, iluminando os rochedos com seu esplendor. Vê, ó princesa, algumas das cavernas se assemelham a casas, algumas aparecem com jardins de flores, todas realçando a glória da montanha. Parece que Chittrakuta brotou da terra e de todos os lados parece incomparavelmente bela. Observa, ó auspiciosa, como aqueles que se dedicam ao prazer espalharam leitos aqui e ali, e os cobriram com flores de lótus azuis sobrepostas com coberturas de pele. Vê as guirlandas murchas deixadas de lado por eles e as cascas de muitas frutas das quais eles compartilharam.

"Essa montanha Chittrakuta, em variedade de flores e águas transparentes, superou a capital de Indra em beleza. Ó Sita, eu passarei os doze anos aqui com o príncipe Lakshmana e contigo; adotando a maior virtude e disciplina, eu desse modo protegerei o meu reino e ganharei mérito".

Capítulo 95 – Rama aponta as belezas da natureza para Sita

Tendo apontado a beleza das colinas para Sita, Raghava então lhe mostrou o rio agradável Mandakini brotando da montanha. O senhor de olhos de lótus se dirigiu

[250] Vidya dharas: 'Possuidores de conhecimento', uma classe de divindades servidoras de Indra.

à filha do rei Janaka, cujo rosto parecia a lua, dizendo: "Ó princesa, contempla o rio Mandakini com suas margens aprazíveis frequentadas por cisnes, grous e outras aves aquáticas, cheias de árvores floridas de diferentes tipos, que o fazem parecer o rio Sangandhika na região de Kuvera. Seus vaus agradáveis, onde eu desejo me banhar, as águas dos quais foram tornadas turvas pelos grupos de veados que vieram beber e partiram recentemente, todos esses atraem o coração. Ó querida, os ascetas vestidos com mantos de pele e camurça se banham em determinadas épocas nesse rio. Ó princesa de belos olhos, aqui os munis cumprindo votos rigorosos e austeros ficam com os braços erguidos, adorando o sol. As árvores agitadas pela brisa fazem com que as colinas pareçam estar dançando. As flores espalhadas pela força do vento fazem parecer como se Chittrakuta estivesse oferecendo flores ao rio. Ó auspiciosa, aqui as águas do Mandakini brilham como gemas e lá elas formam uma praia de areia. Grupos de seres perfeitos frequentam a margem. Ó princesa, observa as pilhas de flores derrubadas dos galhos pelo vento, e outras flutuando no ar e caindo no rio para serem levadas embora pela água. Ó Kalyani, observa os gansos selvagens permanecendo nos lugares rasos, proferindo gritos doces para convocar seus companheiros ou divertindo-se com eles. Ó adorável Sita, quando eu contemplo a montanha Chittrakuta e o rio Mandakini em tua companhia, eu considero essa uma alegria maior do que qualquer uma que Ayodhya poderia me dar. Vem, ó Sita, e vamos nos banhar no rio Mandakini, frequentado por seres perfeitos que são dotados de controle interno e externo e são dedicados à prática de austeridade. Ó princesa, tu antigamente te divertias com as tuas damas de honra em Ayodhya, hoje te diverte comigo no rio Mandakini, me atirando lótus brancos e espargindo as águas sobre mim. Ó querida, imagina que aqueles que moram aqui são os cidadãos de Ayodhya e que o Mandakini é o rio Sarayu. Ó Sita, eu estou feliz contigo, que és obediente ao meu comando, como é também o príncipe Lakshmana. Ó amada, banhando-me três vezes por dia contigo no rio e vivendo de mel, frutas e bagas, eu não sinto desejo pelos confortos do reino de Ayodhya. Quem não será feliz, residindo nas margens do rio Mandakini, onde manadas de elefantes passeiam e leões e macacos vêm saciar sua sede, e onde as flores crescem durante todo o ano?"

Assim Shri Rama conversou sobre muitas coisas maravilhosas relativas ao rio Mandakini com Sita e, tomando a mão da princesa, passeou com ela sobre a azul e bela montanha Chittrakuta.

Capítulo 96 – Eles veem o exército se aproximando e Lakshmana jura destruí-lo

Tendo mostrado a Sita as belezas do rio Mandakini, Rama e Sita se sentaram em uma rocha. Regalando Videhi[251] com carne de veado, Shri Rama, para agradá-la, falou desta maneira: "Essa carne é pura e ficou deliciosa por ser assada no fogo".

Enquanto conversava assim com Sita, ele observou a poeira subindo como uma nuvem, agitada pelos pés do exército de Bharata que se aproximava e ouviu o passo dos guerreiros marchando, ao som dos quais os líderes dos elefantes com suas manadas corriam para lá e para cá em agitação. Vendo as manadas de elefantes fugindo por causa do tumulto causado pelo exército, Shri Rama disse a

[251] Videhi: um nome de Sita, como a filha do rei de Videha.

Lakshmana: "Ó Lakshmana, a rainha Sumitra é realmente afortunada para ser tua mãe. Esse clamor bélico está vindo das nuvens? As manadas de elefantes residentes na floresta densa, os búfalos selvagens e os cervos estão fugindo aterrorizados! Algum rei ou príncipe veio caçar na floresta, ou algum animal terrível e sedento de sangue entrou na floresta? Investiga o assunto, ó Lakshmana! Nem mesmo as aves estão despreocupadas em seu voo; cabe a ti procurar a causa dessa comoção".

Subindo rapidamente em uma árvore shala, Shri Lakshmana olhou para todas as direções. Primeiro ele examinou o quadrante leste, então ele olhou para o norte e lá ele viu um vasto exército composto de elefantes, cavalos, carruagens e infantaria bem armada!

Descrevendo o exército que se aproximava com seus elefantes, cavalos, carros e bandeiras, Shri Lakshmana disse a Rama: "Ó grandioso, apaga o fogo e que Sita entre na caverna, que tu te armes e pegues teu arco e flecha".

Shri Rama respondeu a Lakshmana dizendo: "Ó filho, verifica pelos símbolos nas bandeiras a quem pertence esse exército".

O príncipe ouviu palavras de Rama e ardendo de raiva, desejoso de destruir o exército, respondeu: "Sem dúvida, Bharata tendo assegurado o trono veio para nos matar a fim de desfrutar do governo sem oposição! Vê, ao lado daquela árvore grande e bela há uma carruagem com uma bandeira branca portando o sinal de uma romãzeira. Os soldados montados em cavalos de movimento rápido estão vindo em minha direção. Eu vejo os condutores de elefantes também. Ó herói, vamos nós dois, armados com arcos e flechas, subir a colina, ou, vestidos em trajes de batalha, fiquemos aqui totalmente preparados. Nós certamente derrotaremos Bharata. Hoje, nós subjugaremos aquele por cuja causa todos os nossos sofrimentos vieram a ocorrer. Ó Rama, aquele Bharata, por cuja causa tu, Sita e eu, fomos privados de nosso reino e lançados em tribulação, está se aproximando como um inimigo. Ele certamente deve ser morto, ó príncipe, eu não vejo pecado em destruí-lo. Não seria pecado matar alguém que procura te ferir. Ó príncipe, ele já te prejudicou; por matar Bharata, tu podes adquirir o domínio sobre toda a terra. Hoje Kaikeyi, ávida pelo reino, verá seu filho morto no campo. Vendo Bharata morto por mim, como uma árvore arrancada por um elefante, Kaikeyi sofrerá grande angústia! Eu matarei Kaikeyi também, e seus amigos e Manthara também. Ó concessor de honra, eu livrarei o mundo da pecaminosa Kaikeyi; hoje eu soltarei a minha ira contida por tanto tempo sobre as forças do meu inimigo, como um fogo consome grama seca. Hoje, eu encharcarei os campos de Chittrakuta com o sangue de meus inimigos. Hoje aqueles elefantes, feridos pelas minhas flechas afiadas, e aqueles homens mortos por mim, serão arrastados para cá e para lá por animais selvagens. Hoje, eu cumprirei o meu voto, por destruir Bharata e seu exército com meu arco e flechas".

Capítulo 97 – Shri Rama não pode acreditar que o príncipe Bharata venha como um inimigo

Vendo Lakshmana dominado pela raiva e desejo de vingança, Shri Rama tentou acalmá-lo dizendo: "Ó Lakshmana, o guerreiro erudito Bharata, armado, está vindo nos ver pessoalmente, que valor tem o escudo ou a espada? O que eu farei com um reino obtido por matar meu irmão Bharata, eu tendo me comprometido a cumprir as ordens do meu pai? Eu nunca vou aceitar riquezas obtidas pelo

assassinato de parentes e amigos que seriam tão aceitáveis para mim quanto comida misturada com veneno! Ó Lakshmana, eu te asseguro, é por causa dos meus irmãos que eu desejo buscar virtude, riqueza legitimamente adquirida, prazeres, e até mesmo o reino. Ó Lakshmana, eu falo a verdade, por este sinal, tocando os meus braços, 'Eu desejo um reino apenas para sustentar os meus irmãos e assegurar o seu bem'. Ó príncipe encantador! A aquisição do reino não é difícil para mim, mas, ó meu irmão, eu não desejo sequer o domínio da região celestial se ele só puder ser adquirido por meios injustos! Ó caro! Que o deus do fogo consuma tudo o que me dá alegria, se isso não for para o teu bem e em benefício de Bharata e Shatrughna! Parece-me que, quando o meu querido irmão, sempre dedicado a mim, voltou a Ayodhya da casa de seu tio materno, após saber que nós três, vestidos em pele tínhamos entrado na floresta, ele, dominado por afeto e tristeza, partiu para cá para nos procurar! Eu não vejo outro propósito para a sua vinda aqui. Ou pode ser que Bharata, furioso com sua mãe a repreendeu com palavras amargas e veio aqui para se reconciliar comigo. É apropriado que Bharata me veja e eu não posso acreditar que ele venha como um inimigo. Que mal Bharata alguma vez fez para nós, ó irmão, que hoje tu tomas por certo que ele está contra nós? É impróprio para ti falar mal ou rudemente de Bharata. Essas coisas mordazes que tu disseste de Bharata, tu de fato disseste de mim. Ó filho de Sumitra, como um pai mataria seu filho, ou um irmão mataria seu irmão, aconteça o que acontecer? Se tu disseste tudo isso por causa do reino, então eu vou desejar que Bharata te dê o reino. Ó Lakshmana, se eu disser a Bharata 'Dá a coroa para Lakshmana', seguramente ele responderá 'Que assim seja'".

Shri Lakshmana foi profundamente humilhado pelas palavras de Rama, seus membros e músculos se contraíram e ele ficou cheio de vergonha. Ele disse: "Parece que o próprio maharaja Dasaratha veio aqui para nos ver".

Vendo Lakshmana envergonhado, Shri Rama respondeu: "Eu também acredito que meu pai veio nos ver, e vai procurar nos levar para casa para a capital, sabendo quão dolorosamente nós sofremos na floresta!"

"Pode ser, também, que o rei, sabendo que Sita é digna de toda felicidade, queira levá-la para casa. Vê, ó irmão, dois cavalos excelentes de raça nobre, rápidos como o vento, aparecem na vista! O elefante grande e idoso Shatrunjaya que transporta o meu pai ilustre marcha à frente do exército, mas eu me sinto apreensivo, pois não vejo o guarda-sol branco do meu senhor renomado! Ó Lakshmana, desce da árvore".

O príncipe tendo descido em obediência a Shri Rama ficou diante dele com palmas unidas.

Enquanto isso Shri Bharata mandou seu exército não se aproximar ou perturbar o eremitério de Rama. O exército com seus elefantes e cavalos ocupava uma área de sete milhas e o prudente Bharata que, para agradar Rama, tinha se livrado de todo o egoísmo e usado apenas meios virtuosos, o fez tomar sua posição a alguma distância da montanha Chittrakuta.

Capítulo 98 – O príncipe Bharata vai a pé encontrar Shri Rama

Aquele nobre, Shri Bharata, realmente obediente às ordens de seu guru, vendo seu exército bem alojado, prosseguiu a pé para encontrar Shri Rama. Assim que o exército estava acampado, ele abordou Shatrughna com estas palavras: "Ó

excelente, tu com teus homens e alguns caçadores rapidamente examina a floresta e procura o eremitério de Shri Rama. Que Guha acompanhado por mil dos seus guerreiros, armados com arcos, flechas e espadas, procure por Shri Rama na floresta. Eu mesmo, na companhia dos conselheiros, dos cidadãos, dos anciãos e dos brâmanes, continuarei a pé através da floresta. Eu não descansarei até que eu tenha visto o santo Rama, o valente Lakshmana e a muito auspiciosa Sita. Eu não procurarei repouso até que eu tenha olhado para o rosto brilhante de Shri Rama, meu irmão mais velho. A minha mente não experimentará paz até que eu tenha colocado a minha testa aos pés de Rama, que carregam as marcas da realeza. A minha alma não encontrará alegria até que eu tenha colocado Shri Rama no trono ancestral e o visto ungido com a água sagrada no momento da sua coroação! Afortunado é o príncipe Lakshmana, que olha para o rosto resplandecente, como a lua, de olhos de lótus, de Rama, todos os dias. Bem-aventurada é a filha do rei Janaka, que segue Shri Rama, o senhor da terra e do mar! Abençoada é também Chittrakuta, igual aos Himalaias, na qual Shri Rama reside, como Kuvera e Chittraratha moram na floresta. Abençoada é essa floresta hoje, cheia de serpentes venenosas e difícil de penetrar, porque o poderoso guerreiro Rama reside nela".

Falando dessa maneira, o valente príncipe Bharata entrou na floresta a pé. O mais notável dos homens eloquentes, o piedoso Bharata chegou ao centro da floresta, onde árvores florescentes e frutíferas enfeitavam os cumes da montanha. Escalando uma árvore shala, ele viu a fumaça subindo do fogo no eremitério de Rama. O príncipe com seus amigos se regozijou como aqueles que cruzaram o oceano, ao encontrar a morada de Rama. Descobrindo que Shri Ramachandra morava na montanha frequentada por ascetas, Shri Bharata, deixando seu exército para trás, na companhia de Guha partiu rapidamente para o eremitério.

Capítulo 99 – Os quatro irmãos se encontram com lágrimas de alegria

Shri Bharata com grande avidez apontou as indicações da posição do eremitério de Shri Rama para seu irmão Shatrughna. Ele pediu para Shri Vasishtha trazer suas mães lá rapidamente, enquanto ele, dedicado ao seu irmão mais velho, seguiu na frente. Sumantra seguiu Shatrughna, que caminhava atrás de Bharata e que estava igualmente ansioso para ver Rama. O príncipe, prosseguindo, finalmente avistou a cabana coberta com folhas no meio dos eremitérios dos ascetas, e viu diante dela uma pilha de madeira quebrada e flores colhidas para adoração. Para marcar o local do ashrama, Shri Rama e Lakshmana tinham amarrado grama kusha e tiras de tecido às árvores. Ele também percebeu grandes montes de esterco de veado e de búfalo seco para combustível, para ser utilizado no inverno.

O ilustre e poderoso Bharata, avançando, falou palavras calculadas para seu irmão e conselheiros, dizendo: "Eu creio que nós chegamos ao lugar mencionado pelo sábio Bharadwaja, e que o rio Mandakini não é muito longe daqui! O príncipe Lakshmana amarrou tiras de pano às árvores, de modo que, ao buscar água em uma noite escura, ele possa saber o caminho de volta para o eremitério. Esta parece ser a estrada percorrida pelos grandes elefantes que estavam rugindo na floresta. Eu percebo a fumaça negra subindo do fogo sacrifical dos ascetas. Aqui, eu verei aquele leão entre os homens, Shri Rama, o grande preceptor, sentado majestoso, como um sábio resplandecente".

Prosseguindo um pouco mais, o príncipe Bharata chegou ao rio Mandakini em Chittrakuta, e abordando seus companheiros disse: "Aquele chefe de homens, um verdadeiro deus entre os seres vivos, está sentado nessa floresta isolada na postura de um asceta. Ai de mim, infame é a minha vida e o meu nascimento, por conta dos quais o muitíssimo resplandecente senhor de todos, Shri Ramachandra, está mergulhado nessa aflição e mora na floresta privado de toda alegria! Desprezado pelos homens por causa disso, eu agora cairei aos pés de Rama e Sita, a fim de conciliá-los".

Enquanto ainda lamentava, Bharata viu a cabana de telhado de folhas, pura e agradável, coberta com ramos frondosos de sala, tala e outras árvores, semelhante a um altar coberto com grama kusha.

Aqui e ali arcos imensos e escudos cobertos com ouro, empunhados em batalha, estavam pendurados, contribuindo para a beleza do lugar, e perto havia uma aljava de flechas, brilhantes como os raios do sol e afiadas como as serpentes com capelos brilhantes do rio Bhagawati. Havia também duas cimitarras em bainhas de ouro e dois escudos brasonados com flores douradas, também muitas peles de veado e luvas com manoplas bordadas com ouro. Aquela habitação era inexpugnável como uma caverna e inatacável pelos grupos de veados selvagens.

Bharata discerniu naquela habitação Shri Rama sentado perto do altar, resplandecente como o fogo. Por um longo tempo, Shri Bharata contemplou a beleza da cena. Ele viu Rama sentado, com seus cabelos emaranhados enrolados no alto da cabeça, brilhante como uma chama, seu corpo vestido em um manto de pele, coberto com a pele de um antílope preto, os ombros parecendo os de um leão, seus braços eram longos, seus olhos como lótus, aquele governante da terra e do oceano, o soberano de decretos eternos! Shri Bharata viu aquele virtuoso com Lakshmana e Sita, sentado em uma plataforma coberta de grama kusha, parecendo com o eterno Brahma.

Vendo-o sentado assim, o piedoso Bharata foi dominado pela tristeza e pelo carinho, e correu em direção a ele, com sua garganta embargada pela aflição, chorando e lamentando. Embora a dor estivesse fora de controle, ele ainda a dominou e falou: "Ai! meu irmão mais velho, digno de um assento na assembleia real, amado por seus conselheiros, está hoje se associando com animais selvagens na floresta. Ele, digno de vestes adornadas com milhares de moedas de ouro, está sentado, vestido com uma pele de veado, a fim de praticar as obrigações da vida honrada. Shri Rama, que era antigamente adornado com guirlandas de diferentes flores, como ele pode suportar o peso de seus cabelos emaranhados? Ele, que deveria adquirir mérito pela realização de sacrifícios auxiliado pelos rishis, hoje aumenta seus atos meritórios pela prática de austeridade. Agora o rosto do meu irmão mais velho, anteriormente adornado com pasta de sândalo, está coberto de poeira! Ai de mim! é por minha causa que Shri Rama, que antes desfrutava de todos os prazeres, está hoje passando por esse infortúnio. Ai de mim, que sou odiado por todos".

Lamentando dessa maneira, o infeliz Bharata, com seu rosto coberto de lágrimas, tentou correr e cair aos pés de Rama, mais caiu inconsciente no caminho. Profundamente aflito, o grande herói, o príncipe Bharata, gritou: "Ó excelente!" e não falou mais. Exclamando apenas, "Ó nobre majestade", ele não pode prosseguir mais. Shatrughna, também chorando, abraçou os pés de Shri Rama, no que Rama, reunindo os dois em seus braços, se derreteu em lágrimas.

Então Sumantra e Guha se aproximaram de Shri Rama e Lakshmana, e parecia como se o Sol e a Lua, Júpiter e Vênus tivessem se unido nos céus. Os

habitantes da floresta, vendo os quatro príncipes reunidos em seu meio, derramaram lágrimas de alegria.

Capítulo 100 - Shri Rama pergunta ao príncipe Bharata a respeito do cumprimento dos seus deveres reais

Shri Ramachandra viu Bharata jazendo no chão, vestido em traje de asceta, com seu cabelo enrolado no alto da cabeça, suas palmas unidas em súplica, assemelhando-se ao sol desprovido de seu esplendor, caído na terra, na época da dissolução do mundo.

Segurando as mãos de seu irmão, que estava emaciado e fraco, Shri Rama o levantou e, cheirando sua cabeça, o abraçou, apertando-o nos braços e ternamente perguntando a ele: "Ó filho, onde está o teu pai, que tu vieste à floresta sozinho? Se ele vivesse, tu não terias vindo aqui desacompanhado! Ai de mim! Eu me aflijo porque eu mal reconheço meu irmão, magro, cansado e cheio de preocupações. O que te traz à floresta? Ó meu irmão, o rei está bem e feliz? Ou será que a dor provocou o seu fim? Ó querido, tu és ainda uma criança, me dize, há alguma coisa errada naquele reino eterno? Ó herói da verdade, tu tens servido o rei bem? Dize, aquele soberano de homens, devotado à verdade e ao dever, o realizador do grande sacrifício, está bem de saúde? Aquele monarca altamente erudito, mestre dos brâmanes ascetas, é plenamente estimado? Ó filho, a mãe Kaushalya e a rainha Sumitra, mãe de um filho ilustre, estão bem? A muito nobre rainha Kaushalya está feliz? Ó amigo, tu respeitas suficientemente aquele meu companheiro magnânimo, humilde, experiente, bem-nascido, ele que é hábil em ação, o filho de Shri Vasishtha? O sacerdote real, altamente versado no Veda, que é sábio e benevolente, te informa sobre o momento de sacrifício? Ó irmão, tu ofereces total reverência aos deuses, pai, mãe, guru, aos teus superiores, aos médicos e brâmanes? Ó amigo, tu dás o devido respeito e honra a Sudhama, hábil na ciência de armas e familiarizado com as armas acionadas por mantras? Tu tornaste teus conselheiros aqueles que são de confiança, pacientes, mestres de ética e que transcenderam a avareza? Ó príncipe, a boa sorte dos reis é a consulta secreta com os peritos nas leis espirituais. Meu filho, tu superaste o sono? Tu acordas cedo? Tu nas horas tardias meditas sobre os métodos de aquisição de riqueza legítima? Tu refletes só em questões de importância e consultas com os teus ministros em público? Os outros monarcas sabem das tuas decisões antes que elas sejam aplicadas? Quando tu estás decidido sobre o que precisa e deve ser feito tu o realizas rapidamente? Os reis menores conhecem a tua resolução determinada após o evento ou antes que tu o coloques em movimento? Tu preferes a companhia e aconselhamento de um pândita erudito à de incontáveis tolos? Em tempos de adversidade, é de infinita vantagem ter a proximidade de um homem erudito. Se um soberano se cerca de dez mil pessoas ignorantes ele não receberá nenhuma ajuda delas, mas se um rei for auxiliado por um ministro sábio, previdente, estudioso, versado nas leis morais e de governo, ele obterá uma grande vantagem. Ó irmão, tu empregas homens de caráter nobre em assuntos de importância e outros inferiores em eventos sem importância? Tu nomeias ministros que são de coração puro, cheios de integridade e de uma disposição nobre, cujos antepassados têm servido a coroa em posições de autoridade? Ó filho da rainha Kaikeyi, os arrogantes e orgulhosos, quando enfurecidos, insultam a ti ou teus ministros? Como uma mulher

despreza alguém que tem relação ilícita com a esposa de outro homem ou os sacerdotes condenam aquele homem que pecou enquanto oferecendo sacrifício, assim é desprezado um rei que cobra taxas severas. Aquele monarca que não condena à morte um homem que, por avareza e iludido pela ambição, acusa outros que são virtuosos, e até ameaçou a vida do rei, é ele próprio destruído! Ó irmão, tu és atendido por tais pessoas? Um comandante supremo que é ativo, vitorioso sobre seus inimigos, perito em armas, paciente na adversidade, dedicado a ti e experiente, foi nomeado por ti? Tu tens honrado com recompensas adequadas aqueles homens que são valentes, distintos, eminentes em ciências militares, engenhosos e cujas habilidades foram testadas? Tu distribuis remuneração e provisões de forma apropriada quando são devidas? Servos que não são pagos na época apropriada ficam irritados e desconsideram seu mestre. Serventes insatisfeitos são uma fonte de perigo.

"Os guerreiros e comandantes vassalos são dedicados a ti? Em momento de necessidade, eles estão prontos para sacrificar suas vidas por tua causa? Tu nomeaste, como teus embaixadores, aqueles que são cidadãos do teu reino, que podem adivinhar os motivos dos outros, que têm bom senso, que são eloquentes, e capazes de vencer seus adversários em debate? Tu empregas três espiões, cada um não familiarizado com o outro para se assenhorearem dos segredos dos quinze,[252] excluindo os teus ministros, sacerdotes e o herdeiro legítimo? Tu colocaste vigilância sobre os inimigos que tu expulsaste do teu reino e também que voltaram? Tu os consideras inofensivos? Tu és auxiliado por brâmanes de opiniões ateístas? Tais homens se julgam sábios, mas, de fato, são tolos, contudo eles podem desviar outros do caminho da virtude, sendo hábeis no envio de almas para as regiões mais baixas. Eles não estudam os tratados autorizados sobre os deveres dos homens, mas se empenham em argumentos contra o Veda e, tornando-se eminentes em conhecimento inútil, discutem assuntos indignos continuamente.

"Ó amigo, tu proteges cuidadosamente a capital Ayodhya, a sede de nossos antepassados e grandes homens, justamente denominada 'Invencível' tendo portões fortes e sendo cheia de elefantes, cavalos e carruagens, onde brâmanes ocupados em deveres espirituais residem, também guerreiros e comerciantes, e homens superiores que subjugaram seus sentidos e estão concentrados em vários empreendimentos; aquela cidade progressiva, que é repleta de templos de muitas formas, frequentados por homens instruídos? Ó irmão, a nossa é uma capital que tem sido o local de muitos grandes sacrifícios, que contém inúmeros templos e lagos, frequentados por homens e mulheres alegres, onde reuniões festivas são realizadas, onde nenhuma parte da terra fica sem cultivo, onde elefantes, cavalos e gado vivem em grandes números, onde ninguém vive em perigo, e que é irrigada por meios artificiais para que as necessidades das pessoas não dependam apenas da chuva; que é encantadora e onde animais perigosos, como leões, não abundam, que está livre de homens perversos, que melhora diariamente e que é protegida pelos espíritos dos nossos antepassados, dize-me, aquela cidade está próspera? Ó irmão, tu estás satisfeito com os lavradores e com aqueles que vivem por cuidar do seu gado? Tu forneces o que eles precisam e os protege do mal? Tu sempre os preservas e lhes proporciona sustento? Ó irmão, um rei deve sempre proteger seus súditos por meios justos. Tu propicias as mulheres do teu reino? Elas são devidamente defendidas por ti? Tu colocas tua confiança nelas? Tu comunicas teus

[252] Os quinze são: camareiros, ajudantes, tesoureiros, mestres das atas, comandantes supremos, chefes de polícia, advogados, magistrados, guardas das florestas e montanhas, esmoleres, carcereiros, porteiros, superintendentes de obras públicas, sacerdotes e pagadores.

segredos a elas? Ó príncipe, tu, bem adornado, te mostras ao teu povo na sala de reunião antes do meio-dia? Aqueles que trabalham para ti se aproximam de ti com segurança, ou eles se contêm por conta do medo? Ambos esses estados são desvantajosos. Tu tratas teus súditos com moderação? Os teus fortes estão bem supridos com riqueza, alimentos, armas, água, armamentos, e equipados com arqueiros e flecheiros? Ó príncipe, a tua tesouraria contém mais do que é necessário para as tuas despesas? A tua riqueza é gasta inutilmente com músicos e dançarinos? Uma parte do teu tesouro é dedicada aos deuses, às tuas irmãs, aos brâmanes, aos hóspedes não convidados, guerreiros e amigos? Tu condenas alguém por avareza sem levar em conta a justiça ou sujeitando o infrator à investigação mais cuidadosa por aqueles eminentes em lei e que têm boa conduta? Aqueles que te servem são homens justos, inocentes de mentira e roubo, e não de má reputação? Ó nobre, aqueles que são presos por roubo, pegos no ato e sua com culpa constatada após a devida investigação, eles são capazes de obter soltura por subornarem os oficiais? Em uma disputa entre um homem rico e um homem pobre, os teus juízes experientes executam a justiça não influenciados por um desejo de ganho? Ó príncipe de Raghu, as lágrimas daqueles que são condenados injustamente por um monarca que vive no conforto e é indiferente à justiça que é dispensada destroem seus filhos e seus rebanhos! Ó príncipe, tu satisfazes os idosos, as crianças e os médicos, por lhes suprir com suas necessidades, tratando-os com carinho e lhes concedendo os benefícios da administração sábia? Tu ofereces saudações ao encontrar teu guru ou os idosos, os ascetas, desconhecidos, objetos sagrados, e os brâmanes que são eruditos e iluminados? Tu usas o tempo reservado para o cumprimento do teu dever para a aquisição de riqueza, ou tu desperdiças a oportunidade de cumprir teu dever e de adquirir riqueza por predileção pelo conforto e dissipação? Ó chefe dos conquistadores, ó conhecedor do significado do tempo, tu divides as tuas horas entre a observância do teu dever, a aquisição de riqueza e a distração legítima? Ó sábio, os pânditas eruditos e os cidadãos rezam diariamente pelo teu bem-estar? Ó Bharata, tu abjuras as quatorze falhas que um soberano deve evitar? Ateísmo, dissimulação, raiva, falta de atenção, procrastinação, negligência para com os sábios, indolência, rendição dos sentidos aos objetos externos, desrespeito ao conselho, consultar aqueles que defendem o mal, o adiamento do que já foi decidido, a ocultação de conselho recebido, o abandono da conduta correta, o oferecimento de respeito igualmente aos de nascimento inferior e superior, e a conquista cruel de outras terras.

"Ó rei, tu estás familiarizado com os resultados dos seguintes e tu refletes constantemente sobre eles? Caça, jogo, dormir durante o dia, calúnia, afeto desmedido, vaidade, concentração em dança e música, vaguear aqui e ali sem propósito; com as cinco fortificações: por fosso, por barreiras altas, por árvores densamente plantadas, por áreas desertas desprovidas de meios de subsistência e por uma região sem água; com os quatro meios para o sucesso: concluir a paz, generosidade, a punição e a semeadura de dissensão nas fileiras do inimigo; com os sete requisitos de administração: o rei, os ministros, governo, tesouraria, território, exército e aliados. Com os tipos de pessoas com quem não se deve contrair amizade: aqueles que falam mal dos outros, o atrevido, o curioso, o ofensivo, aqueles que tiram a propriedade de outros, o abusivo, o cruel; e com os oito objetos que devem ser procurados: virtude, aquisição de riqueza legítima, diversões adequadas, o estudo dos três Vedas, tratado, estratagema, invasão, momento adequado, e se aliar com os poderosos?

"Tu estás familiarizado com os cinco tipos de sofrimento causados por seres celestiais: pelo fogo, água, doença, fome e peste? Tu tens levado cuidadosamente em consideração os infortúnios causados por oficiais, ladrões, inimigos e pelos favoritos do rei? Tu refletes que não é apropriado ser íntimo com uma criança, com alguém que é senil, alguém que há muito tem estado aflito, alguém que foi excomungado, um covarde, um terrorista, alguém que é avarento ou que excita a cobiça, alguém que é desprezado por outros, alguém que é voluptuoso, alguém que consulta a todos, alguém que fala mal dos brâmanes, alguém que atribui tudo ao destino, alguém que é aflito pela fome, ou que vagueia de um país para outro sem um propósito, alguém que tem muitos adversários, alguém que não age no tempo correto, alguém que não é dedicado à verdade, alguém que vive sob o domínio estrangeiro e alguém que é agressivo? Tu tens dado aos seguintes a devida consideração e verificado se eles estão de acordo contigo: teus súditos, as mulheres, o reino, aqueles que perderam sua riqueza, teu inimigo, teu amigo, e aqueles hostis para com o teu inimigo?

"Ó sábio, tu estás familiarizado com os preparativos necessários para uma viagem, os métodos de punição, a elaboração de tratados, e quem há de ser confiável e não confiável? Ó príncipe, tu, consultas com os teus conselheiros coletivamente ou separadamente, e tu tratas cada entrevista como particular? Tu concluis o teu estudo do Veda com doações de caridade? Tu usas a tua riqueza na distribuição de esmolas e em diversões legítimas? Os teus casamentos se tornam produtivos de progênie? Tu praticas o que aprendes com as escrituras? Tu aprovas atos de benevolência, dever e adoração e os considera produtivos de fama e longevidade? Ó príncipe, tu segues o caminho dos teus predecessores, que promove a felicidade e que todos aprovam? Ó Bharata, tu compartilhas sozinho de pratos deliciosos? Quando entre os teus companheiros tu primeiro lhes oferece alimento suculento e então compartilha dele tu mesmo? Saibas, ó irmão, que o monarca que conhece a lei e também sabe como administrar a justiça e governa por meios justos se torna o senhor da terra e entra no céu após sua morte".

Capítulo 101 – Shri Rama ouve o relato da morte de seu pai

Bharata, ouvindo essas palavras de Rama, respondeu: "De que me servirá o cumprimento dos deveres reais, que sou desprovido de toda virtude? Ó grandioso, de acordo com a tradição da nossa linhagem o irmão mais novo não pode ser o rei enquanto o mais velho viver, portanto, ó Raghava, volta comigo para a cidade auspiciosa de Ayodhya e para o bem da nossa família faze com que tu mesmo sejas instalado como rei. Alguns podem considerar o rei um homem, mas eu o considero um deus, uma vez que sua conduta é diferente dos outros, sendo inspirado por dever e graça divina. Quando eu estava na casa do meu tio materno e tu exilado para a floresta, o rei Dasaratha, adorado pelos bons, o realizador de sacrifícios espirituais, partiu para o céu. Assim que tu, com Sita e Lakshmana, deixaste a capital, o rei, dominado pela tristeza e aflição, faleceu. Ó chefe de homens, oferece as libações tradicionais para o teu pai; Shatrughna e eu já executamos esse ritual. Ó príncipe, diz-se que a água e arroz oferecidos por um filho amado concedem bem-aventurança imperecível para alguém que partiu. Ó Raghava, tu foste realmente o amado do teu pai real; pelo sofrimento por tua causa e pelo desejo te ver, o teu pai,

com a sua mente incessantemente fixa em ti, dominado pela tristeza, partiu para o céu".

Capítulo 102 – Todos eles ficam aflitos com pesar

Ao ouvir de seu irmão o relato da morte de seu pai, Shri Rama caiu inconsciente.

As palavras de Bharata se mostraram tão terríveis para Shri Rama quanto a maça de Indra caindo sobre os danavas em batalha. Torcendo as mãos, Raghava caiu ao chão como uma árvore cortada por um machado. O Senhor do Mundo, Shri Rama, caído na terra, jazia como um elefante que, tendo tirado a margem do rio, afunda sob a carga.[253] Seus dois irmãos, juntamente com Sita, vendo que ele tinha caído em um desmaio, o salpicaram com água para recuperá-lo.

Recuperando-se um pouco, Shri Rama começou a lamentar. O príncipe virtuoso, ciente de que seu pai havia falecido, proferiu estas palavras piedosas para Bharata: "O que eu devo fazer em Ayodhya agora meu pai partiu para o céu? Quem pode preservar a capital desprovida desse monarca ilustre? O que eu, indigno e infeliz, posso fazer por aquele magnânimo, meu pai, que morreu pelo sofrimento por se separar e mim e cujos ritos fúnebres eu não fui capaz de realizar? Ó Bharata impecável, tu de fato és abençoado, por quem os últimos ritos do teu pai guerreiro foram realizados. Agora, quando eu voltar para a capital após a conclusão do prazo do meu exílio, ninguém vai me instruir no que é bom e no que é mau. Antigamente, por afeição, meu pai, estando satisfeito com a minha boa conduta, me instruía. Quem agora vai proferir aquelas palavras que caíam agradavelmente em meus ouvidos?"

Voltando seu rosto para Sita cujo semblante se assemelhava à lua cheia, Rama se dirigiu deste modo a ela: "Ó Sita, teu sogro deixou essa vida, Ó Lakshmana, tu estás sem pai! Bharata contou essa notícia amarga para nós. Ó Lakshmana, traze a polpa da fruta ingudi e troca esse traje de pele. Eu desejo oferecer libações de água para o meu nobre pai. Que Sita me preceda e que tu a sigas; em tais ocasiões, esse procedimento deve ser observado".[254] Então Sumantra, o atendente idoso da linhagem real, sábio, inteligente, de bom coração, autocontrolado, e humilde, inteiramente dedicado a Rama, consolou os príncipes e os levou para o rio Mandakini, cujas águas eram sagradas e meritórias.

Profundamente aflitos, os ilustres se aproximaram do rio agradável que passava em meio à mata florescente, e descendo à corrente pura, veloz e não enlameada, eles ofereceram a água ritual em nome de seu pai real, dizendo: "Ó grande rei, que esta água seja tua". Em seguida, Shri Rama, enchendo suas palmas com água, virando-se para o sul, chorou e disse: "Ó rei poderoso, que esta água sagrada oferecida hoje por mim seja tua para sempre na região dos teus antepassados".

Depois disso, Raghava com seus irmãos ofereceu bolos de arroz em memória do rei, às margens do rio Mandakini. Tendo feito um bolo por misturar o suco de

---

[253] ["O senhor da terra à terra afundou, desamparado, como quando uma margem muito alta com ruína súbita enterra profundamente um elefante que dormia". – Griffith].

[254] Quando eles descem para a água a ordem da procissão é que as crianças vão primeiro de acordo com a idade, então as mulheres, então os homens, os mais novos primeiro, os mais velhos por último. A ordem é revertida quando eles emergem.

frutos selvagens com a polpa da fruta ingudi, Shri Rama o serviu sobre a grama kusha e, profundamente triste, chorando, disse: "Ó rei poderoso, tem a bondade de aceitar e compartilhar deste alimento, pois aquele que é o alimento habitual do homem os deuses aprovam".

Então, subindo a ladeira, Shri Rama voltou pelo caminho que ele tinha percorrido. O grande Raghava, chegando à porta da cabana de palha, segurou as mãos de Lakshmana e Bharata e chorou. O som do choro dos quatro príncipes e de Sita ressoou nas montanhas como o rugido de um leão, e o exército ao ouvi-lo ficou muito perturbado, e eles disseram entre si, "Shri Rama e Bharata se encontraram e eles estão lamentando a morte do rei, seu pai".

Deixando seu acampamento e virando seus rostos para onde o som de lamento se erguia, eles foram às pressas para aquele local. Alguns montaram em cavalos e elefantes, alguns andaram em carruagens douradas, e outros se apressam a pé para lá, pois embora Shri Rama tivesse deixado a capital recentemente, lhes parecia como se ele estivesse longe deles há muito tempo. Desejosos de ver Rama, eles foram para o eremitério do príncipe ilustre em vários tipos de veículos e o som do seu avanço e das rodas rodando criou um barulho como um trovão. Elefantes aterrorizados pelo tumulto corriam com seus companheiros para outras florestas, perfumando a floresta com sua linfa. Javalis, lobos, búfalos, cobras, tigres, gado selvagem e cervos de várias espécies ficaram cheios de medo. Patos, aves aquáticas, cisnes, gansos, cucos e garças fugiram em todas as direções. O ar estava cheio de pássaros, e a terra de homens, tornando ambos belos.

Finalmente, o exército chegou ao local onde eles viram o ilustre e inocente Rama, o chefe de homens, sentado em um assento sacrifical, e vendo sua condição eles começaram a praguejar contra Kaikeyi e Manthata e, chegando mais perto, choraram amargamente. Shri Rama, observando-os tão aflitos, abraçou-os como um pai. Abraçando aqueles que eram dignos de sua afeição, oferecendo saudações a alguns, ele tratou aqueles da sua idade e seus parentes com o respeito devido a cada um.

O som do seu pranto encheu a terra e o céu, e reverberou nas cavernas e em todos os quadrantes como a batida de um tambor.

Capítulo 103 – Shri Rama cumprimenta as rainhas

Shri Vasishtha, precedido pelas rainhas viúvas do rei Dasaratha, prosseguindo em direção ao eremitério de Shri Rama contemplou o lento Mandakini e o lugar sagrado frequentado por Rama. Afligida pela dor, a rainha Kaushalya chorou e então disse a Sumitra e às outras rainhas: "Ó vejam! Aqui é o lugar onde os desprotegidos Rama, Lakshmana e Sita, privados de seu reino por Kaikeyi, vêm se banhar. Ó Sumitra, aqui me parece que o teu filho Lakshmana incansavelmente traz água para o meu filho. Embora empenhado nesse trabalho humilde, um serviço gentil realizado para um irmão mais velho é um ato honroso! Embora o transporte de água seja uma ocupação humilde, quando Shri Ramachandra, persuadido por Bharata, voltar para a capital, então o teu filho, digno de todo conforto, abandonará esses deveres laboriosos".

A rainha Kaushalya de olhos grandes então viu o bolo funerário oferecido por Shri Rama em memória de seu pai. Ela viu como o entristecido Rama tinha colocado

o bolo de farinha no solo em memória de seu grande pai, e ela então se dirigiu às viúvas do rei falecido, dizendo: "Vejam como isso foi oferecido por Raghava em memória do grande rei da Casa de Ikshvaku. Eu não considero esse bolo de farinha misturada com o suco da fruta ingudi como digno do mahatma Dasaratha, que era igual a um deus! Como o soberano da terra cercada pelos quatro mares acharia esse bolo de polpa de ingudi aceitável? Nada é mais doloroso para mim do que isso, que o ilustre Rama ofereça esse bolo de farinha insignificante para seu pai falecido! Por que o meu coração não quebra em mil fragmentos, vendo essa oferenda pobre? É um ditado comum entre os homens que o alimento consumido por um homem é o alimento do seu deus e dos seus antepassados".

As consortes do rei consolaram a rainha principal e, seguindo adiante, chegaram ao eremitério onde elas viram Shri Rama sentado como um deus descido do céu. Vendo Shri Rama afastado de todos os prazeres, elas ficaram profundamente angustiadas e choraram amargamente.

Shri Rama, o devoto da verdade, levantou-se e tocou os pés de sua mãe, e as rainhas de olhos grandes com suas mãos delicadas tiraram a poeira dos pés dele. Shri Lakshmana, aflito ao ver sua dor, ofereceu saudações a elas com profundo afeto e elas, limpando a poeira dos pés de Shri Rama, demonstraram o mesmo amor pelo príncipe Lakshmana, já que ele, também, era o filho do rei Dasaratha. Sita também, cheia de tristeza, com os olhos repletos de lágrimas, ficou diante das rainhas tocando os pés delas.

Kaushalya, abraçando Shri Sita que estava emaciada por causa das privações de seu exílio, se dirigiu a ela como uma mãe à sua filha e disse: "Ai! Ai! A filha do rei de Videha, a nora do rei Dasaratha, e consorte de Shri Ramachandra, tem sofrido grandes privações na floresta. Ó Janaki, eu queimo com o fogo da aflição quando eu vejo o teu rosto chamuscado pelo sol como os lírios d'água carmesins desbotados, ou ouro sujo com poeira, ou a lua obscurecida pelas nuvens. Eu estou sendo consumida pela dor decorrente disso, como um pedaço de madeira[255] consumido lentamente pelo fogo".

Enquanto a rainha Kaushalya estava lamentando dessa maneira, Shri Ramachandra se aproximou do santo Vasishtha e tocou seus pés de lótus. Tendo tocado os pés do grande asceta, que era tão resplandecente quanto o fogo, como Indra oferecendo saudações aos pés de Brihaspati, Shri Rama sentou-se perto dele.

Então o piedoso Bharata acompanhado por seus conselheiros, as pessoas mais importantes da cidade, e os seus generais, se aproximou de Shri Rama e ocupou um assento mais baixo.

O heroico Bharata, com palmas unidas, sentado ao lado de seu irmão mais velho, que estava vestido em trajes de asceta, parecia Prajapati sentado diante de Brahma! Naquele momento, os principais cidadãos presentes estavam cheios de curiosidade para saber o que Shri Bharata diria a Raghava. O sempre verdadeiro e valente Rama, sentado com Bharata e Lakshmana, justos se assemelhavam a três fogos rituais no lugar de sacrifício.

Capítulo 104 – Ele pede para o príncipe Bharata ascender ao trono

[255] Videha é o nome dado aos dois pedaços de madeira dos quais um fogo é aceso. Há, portanto, um trocadilho com o nome de Sita, aqui.

Shri Rama, junto com Lakshmana, se dirigiu a Shri Bharata, dizendo: "Ó Bharata, dize por que vieste aqui para a floresta em trajes de asceta, vestido com pele e camurça? Para qual propósito, ó príncipe, tu, abandonando o teu trono, vieste à floresta, vestido com a pele do antílope?"

Assim questionado, Shri Bharata, controlando a sua dor, respondeu: "Ó nobre majestade, meu pai, o rei, por minha mãe agindo de uma maneira imprópria, morreu de tristeza por estar separado de seu filho. Ó príncipe poderoso, minha mãe fez um ato extremamente perverso e perdeu o seu bom nome. Viúva e oprimida pela aflição, ela irá para o inferno. Embora o filho de Kaikeyi, eu ainda sou teu servo. Sê bondoso para comigo e te permitas ser instalado hoje e ascende ao trono como Indra. Os anciãos do povo e a minha mãe, viúva vieram aqui para te suplicar. Tem a bondade de conceder o nosso pedido, ó senhor.

"Ó tu que prestas a devida deferência a todos os homens, sendo o filho mais velho do rei, tu deves por direito ocupar o trono. Aceita a responsabilidade da realeza e satisfaze o desejo dos teus amigos. A terra, te obtendo como seu senhor, descansará satisfeita como a noite de inverno na presença da lua. Eu não sou só teu irmão, mas teu seguidor e servo devotado. Meus ministros e eu te saudamos e te suplicamos a olhar com favor para o nosso pedido.

"Ó chefe de homens, não deixes que esses conselheiros e aqueles que tradicionalmente têm administrado pleiteiem em vão".

Tendo falado, o príncipe Bharata, com os olhos cheios de lágrimas, colocou sua cabeça aos pés de Shri Rama. Shri Rama levantando-o abraçou o príncipe Bharata que estava suspirando como alguém perturbado e disse: "Ó Bharata, por que um príncipe virtuoso e esclarecido como tu agiria de tal modo que seu irmão mais velho cometesse pecado? Ó herói, eu não vejo falha em ti, mas cabe a ti não falar mal da tua mãe. Ó impecável, o pai ou o preceptor espiritual pode ordenar seu discípulo, seu servo ou sua esposa como ele quiser. Portanto, deve ser conhecido por ti que um filho sábio ou devoto deve sempre demonstrar obediência. Eu sou, portanto, submisso ao meu pai.

"Ó adorável, nós estamos sujeitos ao rei e é o mesmo se ele nos enviar para a floresta, para a morada dos ascetas, ou nos manter em sua proximidade. Ó chefe dos virtuosos, uma mãe deve ser reverenciada assim como o pai. Ó Bharata, pelo comando de minha mãe e de meu pai virtuosos eu fui enviado para a floresta, como eu me atreveria a desobedecê-los?

"Ó príncipe, retorna para a capital e, aclamado pelo povo, sobe ao trono, enquanto eu resido na floresta como um asceta. Lembra que o rei assim decidiu na presença de seu povo, e agora ele faleceu. O soberano é o instrutor de seu povo e de ti também, e foi apropriado que ele fizesse o que ele fez. Ó Bharata, desfruta do reino dado a ti pelo meu pai.

"Ó belo, eu permanecerei na floresta de Dandaka por quatorze anos e desfrutarei do que meu pai me concedeu. O monarca ilustre, meu pai, honrado por todo o mundo, me mandou vir para a floresta, e obedecê-lo é a minha felicidade.

"Parece-me que a soberania do mundo inteiro é vã se ela for minha em desafio à ordem de meu pai".

Capítulo 105 – O príncipe Bharata pede para Shri Rama voltar e governar o reino

Os príncipes cercados por parentes e amigos passaram a noite tristes. O dia tendo amanhecido, os irmãos celebraram o sacrifício do fogo e realizaram a repetição de prece silenciosa nas margens do rio Mandakini, em seguida, entrando no eremitério de Rama, eles se sentaram em silêncio profundo, ninguém dizendo uma palavra, uma grande paz prevalecendo sobre todos.

Por fim, Shri Bharata, no meio de seus amigos, quebrou o silêncio e se dirigiu deste modo a Shri Rama: "Ó meu irmão, o nosso ilustre soberano conferiu o reino a mim para satisfazer minha mãe e cumprir a obrigação de suas antigas bênçãos e, minha mãe tendo dado este reino a mim, eu agora o ofereço a ti, desfruta dele sem impedimento. Quando a represa se rompe na temporada chuvosa ninguém pode deter a maré, similarmente ninguém além de ti pode proteger esse vasto domínio. Ó rei, como um burro não pode igualar o passo de um cavalo, nem o voo de uma ave comum o de uma águia, eu também sou incapaz de governar o reino sem ti.

"Ó Rama, feliz é o soberano de quem outros dependem, mas desprezível é aquele que depende de outros. Uma árvore plantada e regada, apesar de crescer e espalhar grandes ramos que nenhum anão pode escalar, e ser coberta com flores, se ela não der frutos, aquele que a plantou sofre descrédito. Ó herói poderoso, que essa metáfora seja entendida por ti, para que tu, sendo o senhor de todos, possas guiar os teus servos. Ó senhor, deixa-nos te ver, o destruidor de teus inimigos, sentado no trono real, brilhando resplandecente como o sol. Que estes elefantes poderosos sigam a tua carruagem e todas as rainhas residentes no palácio se regozijem".

As pessoas ouvintes das palavras de Shri Bharata as aplaudiram dizendo: "Bem dito!" "Bem dito!" Então, o compassivo Rama vendo Bharata aflito e lamentando consolou-o dizendo: "Ó Bharata, o homem não é livre, o tempo[256] o arrasta para lá e para cá. Todos os objetos perecem, todas as almas individualizadas devem partir quando o seu mérito se esgota; filhos, amigos, esposas, todos os que vivem devem morrer um dia. Acúmulo e gasto, prosperidade e miséria, encontro e despedida, e vida e morte são todos semelhantes. Quando a fruta madura cai, nós não ficamos surpresos, portanto, um homem que nasceu não deve temer quando morte o reivindica.

"Como um edifício sustentado por pilares sólidos ao se tornar velho cai em ruínas, assim o homem sujeito à idade um dia tem que encontrar a dissolução. Ó Bharata, a noite uma vez passada não volta; assim as águas do Yamuna, fluindo para o mar, não retornam. Vê, os dias e as noites estão passando, diminuindo o período de duração da nossa vida, como os raios do sol no verão sugam a umidade da terra. Ó príncipe, te aflige por ti mesmo portanto, não há nada mais digno de aflição! A idade faz com que todos definhem, sejam móveis ou imóveis. A morte está sempre ao nosso lado, ela não nos deixa quando viajamos para um lugar distante, e ainda está presente no nosso retorno!

"O que um homem deve fazer quando sua pele está enrugada e cabelos grisalhos cobrem sua cabeça e ele está idoso? O homem se alegra quando o sol nasce e se põe, sem prestar atenção à diminuição dos seus poderes. Ele saúda a aproximação de cada estação, como a chegada da primavera, mas a sucessão das estações devora os dias do homem! Como pedaços de troncos, flutuando no mar, se reúnem por um espaço de tempo, dessa maneira esposas, filhos, parentes, riqueza e propriedade permanecem conosco um pouco, mas, no decorrer do tempo, nos deixam.

---

[256] O tempo na forma de destino.

"Alguém, sentado à beira do caminho, grita para um grupo de viajantes que passa, 'Deixem-me também ir com vocês!' por que então o homem se afligiria ao trilhar a estrada que foi trilhada por seus predecessores? A vida do homem, como um rio corrente, não volta, assim os nossos dias diminuem e nós devemos realizar aqueles atos virtuosos que nos levam ao conhecimento da Realidade.

"Praticando a virtude, o homem deve desfrutar de prazeres mundanos; nosso pai, o ilustre Dasaratha, tendo realizado atos benevolentes e dado presentes caridosos apropriados, morreu, coberto de virtude. Tendo nutrido seus servos e cuidado do seu povo, tendo cobrado somente aqueles impostos justificados pelo dever moral, tendo construído tanques e criado reservatórios e executado muitos atos sacrificais, ele faleceu. Deixando o mundo depois de desfrutar de uma variedade de prazeres e de oferecer incontáveis sacrifícios, o rei, em uma idade avançada, foi para o céu.

"Ó irmão, não é adequado lamentar pelo rei, que, cheio de anos, tendo desfrutado dos prazeres do mundo, respeitado pelos bons, abandonou sua vida. Tendo abandonado o seu corpo desgastado, ele obteve a forma de um ser celestial.

"Um homem sábio, culto e esclarecido como tu não deveria se afligir por um pai assim. Exercitando a paciência, tu deves parar de lamentar e abandonando a tristeza retornar à capital. Ó primeiro entre os eloquentes, teu pai te mandou morar em Ayodhya. Eu também cumprirei as ordens dele que sempre praticava justiça!

"Eu não posso desrespeitar os comandos do meu pai ilustre, ele é digno de ser obedecido por ti e por mim, sendo nosso pai e nosso soberano. Ó filho de Raghu, eu irei, portanto, obedecer à vontade dele e habitarei na floresta. Ó chefe de homens, aqueles que desejam felicidade em um estado futuro, e que são virtuosos e benevolentes, devem obedecer aos seus superiores. Ó grandioso, tem em mente as ordens de nosso pai, um amante da verdade, e volta para a capital para governar o reino!"

O magnânimo Rama, tendo pronunciado essas palavras sábias referentes à necessidade de obediência ao seu pai, ficou silencioso.

Capítulo 106 – Apesar das súplicas exortando-o a voltar, Shri Rama permanece firme em seu voto

Rama, o amante de seu povo, tendo falado, parou; então o piedoso Bharata respondeu a Rama, empregando argumentos persuasivos de teor justo, dizendo: "Ó senhor, quem há neste mundo como tu? A adversidade não te move, nem qualquer coisa agradável te toca. Todos olham para ti como seu superior, contudo tu procuras conselho com os mais velhos do que tu!

"O homem para quem os vivos e os mortos são o mesmo e que é indiferente quanto ao que ele possui ou perde, por que razão ele se afligiria? Ó senhor, aqueles que como tu, sabem, como tu sabes, qual é a natureza da alma e sua essência, não são afetados na hora de infortúnio!

"Ó príncipe de Raghu, como os deuses, tu és magnânimo, tu és sempre tolerante e fiel aos teus votos. Tu és sábio, tu sabes e vês tudo! Tu estás ciente dos motivos das ações dos homens e do motivo de eles as abandonarem, portanto, aquele sofrimento que é intolerável para os outros não te perturba de nenhum modo".

Tendo dito isso, Bharata continuou: "Ó Rama, sê bondoso para comigo, ainda que durante a minha ausência em uma terra estranha a minha mãe tenha cometido aqueles pecados que causam a minha aflição. Eu estou atado pelos laços do dever, senão eu teria matado a minha mãe perversa. Eu sei o que é mau e o que é bom, descendente como eu sou do justo rei Dasaratha, portanto eu sou incapaz de agir de forma contrária à virtude. Eu não posso falar mal nessa assembleia do meu pai piedoso e idoso, que já faleceu, e onde pode ser encontrado o homem tão completamente familiarizado com a lei da justiça como era o rei, contudo, que pessoa conhecedora da lei moral cometeria um erro tão grande motivado pelo desejo de agradar a uma mulher? Há um ditado antigo dizendo que, com a aproximação da morte, o homem perde o poder de julgamento! O rei realmente comprovou esse adágio para o mundo inteiro! Por medo da ira da rainha Kaikeyi ou da sua ameaça de destruição autoimposta, ou por agitação mental, o rei pode ter agido assim sem consultar seus súditos, mas tu não estás vinculado por essa ação. Aquele que imputa as transgressões de seu pai a um motivo justo não é considerado um bom filho; como herdeiro do rei, não revela os erros do teu pai, mas esconde este ato injusto do mundo.

"Ó herói, é teu dever salvar minha mãe Kaikeyi, meu pai, meus parentes e a mim das consequências dessa ação condenada por todos. Ó irmão, lembra o teu dever como um guerreiro e reflete sobre o resultado da tua estada na floresta como um asceta, mas também considera o bem do teu povo. Não cabe a ti adotar esse curso de ação. O primeiro dever de um guerreiro é ser instalado para que ele possa ser capaz de proteger seu povo. Dize, por que um homem, desistindo daquele que é um dever estabelecido, adotaria aquele que é miserável, triste, imaginário e indefinido? Se, ó abençoado, tu desejas passar por essa mortificação, por que tu não a procuras através do trabalho árduo de governar as quatro castas? Diz-se que o dever de um chefe de família é o dharma mais elevado, então, por que tu o abandonas?

"Ó senhor, ouve-me, eu sou apenas teu filho em relação à erudição, idade e estado, como eu seria capaz de governar o reino? Eu, uma criança, desprovido de conhecimento e virtude e em posição também teu inferior; como eu seria capaz de viver sem ti, muito menos governar em teu lugar? Portanto, ó Raghava, ó virtuoso, que tu, com teus parentes, governes o reino sem oposição e adquiras mérito! Ó grande sábio, o santo Vasishtha está aqui presente com os ministros e sacerdotes, permita-te ser coroado e volta conosco para Ayodhya!

"Como Indra, tendo conquistado seus inimigos, entrou no céu acompanhado pelos Maruts, que tu entres em Ayodhya, cumprindo assim os teus deveres para com os deuses, os sábios e os teus antepassados, satisfazendo as ambições dos teus amigos! Considera-me como teu servo, e comanda-me! Ó nobre, que os teus amigos hoje se alegrem com a tua entronização e que os malfeitores fujam para os mais remotos confins da terra! Ó chefe de homens, lava a nódoa da culpa da minha mãe e livra o nosso grande pai desse pecado hediondo. Com a minha cabeça baixa em submissão, eu te suplico; como Shri Vishnu demonstra sua compaixão por todos os seres, te compadece de nós. No entanto se tu rejeitares a minha súplica e partires daqui para alguma outra floresta, então eu te seguirei até lá!"

Shri Rama, assim rogado por Shri Bharata, que tinha colocado a cabeça aos pés de seu irmão em humildade, ainda permaneceu firme em seu voto e não vacilou ou concordou em voltar para Ayodhya. Vendo a constância de Shri Rama, todos os presentes se regozijaram ao vê-lo fiel ao voto, mas lamentaram a sua decisão de não retornar à capital.

Os comerciantes, os brâmanes eruditos e os sacerdotes cheios de admiração, e as matronas chorando, elogiaram Bharata e unidamente suplicaram para Rama retornar.

Capítulo 107 – Ele instrui o príncipe Bharata a voltar e ser instalado

Shri Rama, adorado por Bharata, que procurava lhe suplicar ainda mais, respondeu ao seu irmão mais novo na presença dos outros guerreiros, dizendo: "Ó Bharata, filho da rainha Kaikeyi e do poderoso Dasaratha, o que tu disseste é adequado e correto. Nos tempos antigos quando o rei Dasaratha, nosso pai, pediu a tua mãe, a princesa Kaikeyi, em casamento, ele prometeu ao pai dela que ele seria sucedido por um filho dela. Além disso, na guerra entre os deuses e asuras, o nosso soberano fez a promessa de duas bênçãos para a tua mãe em retribuição aos seus grandes serviços, em consequência do que a tua mãe ilustre e encantadora pediu dois favores do rei, segurando-o à sua palavra.

"Ó leão entre homens! Por uma benção o meu exílio foi garantido e pela outra o reino foi obtido por ti. Ó chefe de homens, como resultado da bênção concedida pelo meu pai eu concordei em viver na floresta por quatorze anos.

"Determinado a provar a verdade da palavra de meu pai, eu entrei na floresta com Sita e Lakshmana, indiferente ao calor e ao frio. Ó grande governante, cabe a ti também provar que o teu pai era um devoto da verdade e te permitir ser instalado rapidamente. Ó Bharata, honra essa dívida, tu deves isso ao rei, e assim protege o bom nome dele. Ao ocupar o trono, tu terás sucesso em me agradar e em alegrar tua mãe, a rainha Kaikeyi.

"Ó amigo, eu ouvi dizer que antigamente um grande monarca chamado Gaya, ao oferecer um sacrifício em Gaya para o espírito de seus antepassados, disse: 'Um filho é chamado de "Puttra" porque ele salva seu pai do inferno e protege os espíritos de seus antepassados por meio de atos de benevolência prescritos'.

"Ter muitos filhos eruditos e virtuosos deve ser muito desejado, pois algum deles pode oferecer um sacrifício em Gaya e assim libertar o espírito de seus antepassados.

"Ó filho de Raghu, todos os sábios reais aprovaram essa doutrina, tu deves também, portanto, aceitá-la. Ó Bharata, volta para Ayodhya com Shatrughna e teu povo e promove a felicidade de teus súditos lá.

"Ó rei, eu vou me retirar rapidamente para a floresta de Dandaka com Sita e Lakshmana. Ó Bharata, sê rei dos homens e eu serei soberano sobre os animais selvagens. Retorna alegremente para a capital e eu procederei alegremente para a floresta.

"Que o dossel real te proteja do calor do sol, eu vou procurar abrigo de seus raios nas sombras densas das árvores. Ó Bharata, Shatrughna de compreensão ilimitada te atenderá, e eu serei atendido pelo ilustre príncipe Lakshmana. Ó irmão, não sê mais vítima da aflição, desse modo nós, os quatro filhos do grande rei Dasaratha, estabeleceremos sua fama no reino da verdade".

Capítulo 108 – Um brâmane profere palavras contrárias ao dharma

Quando Shri Rama assim instruiu Bharata, um brâmane chamado Javali proferiu estas palavras contrárias ao dharma: "Bem falado, ó Raghava, mas tu não deves pensar como homens comuns, pois tu és um homem de compreensão e também um filósofo. Considera bem, ó príncipe, um homem não tem nem um amigo de verdade, nem um inimigo, ele entra no mundo sozinho e o deixa sozinho também. Aquele que pensa 'Este é meu pai' ou 'Esta é a minha mãe' e se apega a essa relação não tem percepção. Do ponto de vista do raciocínio correto, ninguém pertence a ninguém. Como um homem viajando da sua própria aldeia para outra permanece à noite em algum lugar no caminho e o deixa ao amanhecer, assim pai, mãe, riqueza e família permanecem com um homem por um breve espaço de tempo e os sábios não se apegam a eles.

"Ó chefe de homens, tu, sendo jovem, não mereces o caminho do sofrimento cheio de tormentos; não cabe a ti abandonar o reino de teu pai. Volta para Ayodhya e governa aquela terra próspera. A deusa que protege Ayodhya, devotada a ti, aguarda o teu retorno. Ó príncipe, desfruta daqueles prazeres seletos que são próprios para um rei e te diverte na capital como Indra em Amaravati. Dasaratha é nada para ti, nem tu para ele, o rei é uma pessoa e tu outra, portanto, segue o conselho que eu te dou.

"A semente do pai é apenas a causa remota de nascimento do homem, já que se ela não entrar no ventre da mãe ela não pode frutificar; a verdadeira fonte de concepção é o ventre da mãe. O rei partiu para o lugar destinado a todos os mortais. Por que tu alegas esse falso relacionamento e te angustias em vão, ó Rama? Eu lamento por aqueles que, abandonando os prazeres do mundo, procuram adquirir mérito para felicidade na vida futura e caem em uma morte prematura, eu não lamento por outros. Homens desperdiçam comida e outras coisas preciosas por oferecerem-nas anualmente como sacrifícios em honra de seus antepassados falecidos. Ó Rama, um homem morto alguma vez compartilhou de alimentos? Se o que é comido por um nutre outro, então aqueles que viajam nunca precisam carregar provisões no caminho. Parentes podem alimentar um brâmane, em seu nome, em casa!

"Ó Ramachandra, essas injunções das escrituras foram estabelecidas por homens instruídos, hábeis em induzir os outros a dar e em encontrar outros meios de obtenção de riqueza, subjugando assim os simplórios. Sua doutrina é 'Sacrifiquem, doem em caridade, consagrem-se, passem por austeridades e se tornem ascetas'. Ó Rama, sê sábio, não existe outro mundo além desse, isso é certo! Desfruta daquilo que está presente e deixa para trás o que é desagradável! Adotando o princípio aceitável para todos, recebe o reino oferecido a ti por Bharata".

Capítulo 109 - Shri Rama responde com palavras baseadas nos Vedas

Shri Rama, pacientemente dando atenção à pronunciação de Javali, respondeu com o devido senso de julgamento e em palavras baseadas na sua crença de que aqueles deveres ordenados nos Vedas deviam ser cumpridos. "Ó muni, isso que tu falaste com o desejo de me agradar não está autorizado, nem as tuas admoestações são justas, já que até mesmo a análise mais superficial demonstra que elas são falsas. Ó sábio, na assembleia dos bons, homens que não são autocontrolados e que têm falta de integridade e aqueles que agem

contrariamente ao que é ordenado pelas escrituras não são honrados. É a sua conduta que torna o homem virtuoso, um covarde ou um herói, e transmuta impureza em pureza. Se eu adotasse o erro e abandonasse a autoridade dos meus superiores, abandonando a retidão e a honra, como também a conduta moral e os decretos vêdicos, então eu, em conformidade com as tuas crenças e sacrificando a prudência, perderia o respeito de homens sábios e virtuosos.

"Seguindo o teu conselho, se eu deixasse de buscar o caminho da verdade e trilhasse o caminho inferior, por quais meios eu alcançaria o céu? Se eu me afastasse do código de moral, então todo homem poderia agir de acordo com a sua propensão, já que o súdito se espelha no rei, em ação.

"Acima de tudo, um soberano deve manifestar probidade, benevolência, seu principal dever sendo a manter a verdade; a verdade é, realmente, a reino, pela verdade é o mundo sustentado.

"Os deuses e os sábios estimam a verdade como o princípio mais alto. Aquele que diz a verdade atinge o estado supremo. Os homens temem um mentiroso como eles temem uma serpente venenosa, a verdade é a raiz de toda felicidade e o suporte não só desse mundo, mas a melhor forma de alcançar o céu!

"Tudo o que é oferecido em sacrifício, toda austeridade que é empreendida tem seu fundamento na verdade, assim os Vedas declaram, por isso a verdade é a mais sagrada de todas as coisas.

"Um mantém uma família, outro governa o mundo inteiro, outro cai no inferno, outra alcança o céu de acordo com o fruto das suas ações! Familiarizado com a lei do karma fundada na verdade, eu não deveria provar que o meu pai é um devoto daquela verdade? Por que eu, que dei a minha palavra, não deveria seguir aquilo que eu aceito como verdade? Honrando o voto do meu pai, eu nunca vou abandonar o caminho da verdade, seja para governar um reino ou por ser desencaminhado por outros ou por ignorância ou raiva. Tu não ouviste que nem os deuses nem os antepassados recebem as oferendas de alguém que é indeciso, de propósito instável e infiel à sua palavra?

"Eu considero a verdade como a virtude suprema da humanidade. Eu desejo reverenciar aquela verdade mantida pelos homens de antigamente. Se eu seguisse o dever de um guerreiro, eu seria injusto. Fazer o que é falso é digno apenas de almas desprezíveis, avarentas e depravadas. Se eu seguisse esse caminho desonesto, indicado por ti, então eu cometeria falsidade, através da mente, do corpo e da alma. Aqueles que defendem a verdade adquirem terras, notoriedade, fama, e também o céu; portanto, que todos os homens falem a verdade e ajam segundo a verdade!

"Aquilo que tu, depois de muita deliberação, acreditas ser verdade, e recomendas para mim é totalmente inadequado. Ó, como eu posso ignorar a ordem de meu pai, que eu deveria residir na floresta? Quando eu dei a minha palavra na presença de meu pai, para entrar na floresta, a rainha Kaikeyi ficou profundamente alegre, como eu agora lhe daria motivo de angústia?

"Abandonando a falsidade e o engano, diferenciando entre o que deve e o que não deve ser feito, subjugando os sentidos, possuidor de plena fé nas injunções vêdicas, eu me dedicarei ao cumprimento da vontade de meu pai!

"Por sacrifício, alguém adquire o estado de Indra e entra no céu. Os sábios em virtude do sacrifício têm ido para lá".

O ilustre e glorioso Ramachandra, muito descontente com os argumentos materialistas de Javali, falou assim em termos de refutação e repreensão: "Ó Javali, por falar a verdade, por adotar os deveres de sua casta e posição, por mostrar sua

coragem em tempo de necessidade, por fala gentil, pelo serviço ao seu preceptor espiritual, aos deuses e aos convidados inesperados, os homens chegam ao céu! Portanto, aqueles brâmanes instruídos na verdade buscam a virtude com propósito único, de acordo com sua casta e posição, e aguardam ansiosamente a sua entrada em Brahmaloka.[257] Ó Javali, eu vejo com pesar a ação do meu ilustre pai em permitir que alguém de ideias ateístas, que decaiu do caminho da retidão prescrito nos Vedas, permanecesse em sua corte. Aqueles que pregam a doutrina herética da escola Charvaka não são apenas infiéis, mas se desviaram do caminho da verdade. É dever de um monarca lidar com essas pessoas como com os criminosos, nem os homens de compreensão e erudição devem permanecer na presença desses ateus.

"Ó Javali, os versados em sabedoria, que te precederam, realizaram muitos atos sagrados em virtude dos quais eles adquiriram eminência aqui e no reino espiritual. Aqueles sábios sempre praticaram inofensividade, veracidade, ascetismo, caridade, benevolência e sacrifício.

"Ó Javali, aqueles que cumprem o seu dever espiritual, que são os mais notáveis em obras de caridade, e que não ferem ninguém, que frequentam as assembleias dos bons e são reverenciados por todos os homens, eles não têm pecado, seu nome viverá para sempre como o do nosso guru ilustre, Shri Vasishtha".

Rama, tendo pronunciado essas palavras duras para Javali, ele com humildade dirigiu-se a Rama dizendo: "Ó Rama, eu não sou ateu; nessa ocasião, eu assumi esse disfarce ateísta a fim de te desviar do teu propósito e te convencer a voltar para a capital!"

Capítulo 110 – Vasishtha, proclamando a tradição da dinastia, roga a Rama para retornar

Vendo que Rama ainda estava indignado com o discurso de Javali, o santo Vasishtha disse:

"Ó Rama, o sábio Javali acredita na transmigração da alma; ele falou dessa maneira pelo seu desejo de te persuadir a retornar à capital. Ó soberano de homens, ouve de mim a respeito da criação do mundo.

"No começo, tudo era água, desse elemento a terra foi formada, e após isso Brahma e outros deuses vieram à existência. O eterno, imperecível Brahma foi gerado do akasha (éter) e dele surgiu Marichi, e dele Kashyapa foi produzido. De Kashyapa nasceu Vivaswat, e o filho de Vivaswat era o próprio Manu, que foi o primeiro entre os Prajapatis. Ikshvaku era o filho de Manu e a ele o mundo inteiro foi dado por Manu, e Ikshvaku tornou-se o primeiro rei de Ayodhya. O filho de Ikshvaku se chamava Kukshi e seu filho era Vikukshi, cujo filho era o resplandecente e ilustre rei Vana, e o grande guerreiro Anavanya era seu filho. Durante o reinado do virtuoso rei Anavanya não havia fome nem escassez de chuva, nem qualquer ladrão. O filho de Anavanya era Prithu e seu filho era Trishanku. Tão grande era a observância da verdade de Trishanku que ele alcançou o céu em seu estado encarnado. Seu filho era o poderoso Dhundhumara. O filho de Dhundhumara era Yuvanashwa e seu filho era Mandhata. O ilustre Susandhi era filho de Mandhata, e Dhruvasandhi e Prasenagita eram os filhos de Susandhi. O renomado Bharata era filho de

[257] Brahmaloka: a residência de Shri Brahma, o Criador.

Dhruvasandhi e de Bharata nasceu Ajita, contra quem os grandes reis, Himaya, Talagangha e Shashavindu declararam guerra. Ajita os sitiou através da construção de fortificações, mas encontrou sua derrota cercado de dificuldades.

"Renunciando ao seu trono, ele se retirou para os encantadores Himalaias para se dedicar a práticas espirituais. Diz-se que uma das duas suas rainhas estava grávida e a outra lhe deu veneno para destruir o feto. A rainha Kalindi se aproximou do sábio Chyavana, filho de Bhrigu, que morava nos Himalaias naquela época, e lhe prestou homenagem respeitosa. Ele, satisfeito, sabendo que ela desejava um filho, disse: 'Ó deusa, tu darás à luz um filho, que será renomado, virtuoso, magnânimo, de conduta excelente, um promotor da sua linhagem e um subjugador de seus inimigos'.

"A rainha, ouvindo isso, saudou o rishi com reverência; ela então voltou para casa e deu à luz um filho, cujos olhos pareciam o lótus e que se assemelhava a Brahma em esplendor. Tendo nascido com o veneno que sua consorte companheira tinha administrado a ela, o filho de Kalindi foi chamado de Sagara.

"Consagrado em uma época apropriada, o rei Sagara drenou o oceano. Seu filho se chamava Asamanjas, ele oprimiu o povo e o rei ordenou que fosse banido por conta dos seus maus hábitos. O filho de Asamanjas era Anshuman e seu filho era Dilipa. O filho de Dilipa era Bhagiratha. O filho de Bhagiratha era Kakustha cujo filho era Raghu de quem a linhagem real já foi mencionada. Os filhos de Shri Raghu eram conhecidos pelos nomes de Pravriddha, Purushadaka, Kalmashapada e Soudasa. O filho de Kalmashapada era Shankhana que, chegando a um grande poder, por uma maldição, foi destruído com seu exército inteiro. O poderoso herói Sudarshana era filho de Shankhana e seu filho era Agnivarna e o filho de Agnivarna era Shighraga. Seu filho se chamava Meru, e o filho de Meru era Prashusvara, e seu filho era o grande sábio Ambarisha. O filho de Ambarisha era o príncipe sincero Nahusha, cujo filho era o virtuoso Nabhaga. Nabhaga teve dois filhos, Aja e Suvrata, e o filho de Aja era o soberano ilustre Dasaratha. Tu és o filho do grande monarca Dasaratha renomado em todo o mundo, que reinou sobre a terra e o céu.

"Na dinastia de Ikshvaku, o filho mais velho sucede ao trono; enquanto o filho mais velho viver, ninguém mais pode se tornar rei. Não é apropriado que tu violes essa tradição sagrada da Casa de Raghu. Ó grandioso, reina sobre essa terra cheia de tesouros e esses domínios extensos sujeitos a ti, como teu pai fez!"

Capítulo 111 – O príncipe Bharata ainda suplica a Shri Rama que está decidido a cumprir a ordem de seu pai

Tendo falado dessa maneira, Shri Vasishtha continuou, proferindo palavras de sabedoria. "Ó Rama, quando um homem nasce, ele deve considerar como seus professores seu pai, sua mãe e seu preceptor espiritual.

"Ó chefe de homens, os pais conferem ao homem o corpo físico, mas o preceptor espiritual confere sabedoria a ele, e por isso ele é chamado de guru.

"Eu sou o preceptor do teu pai e de ti, presta atenção ao meu conselho e não ignores o caminho do bem. Ó meu filho, aqui estão teus parentes, os brâmanes eruditos e o povo da capital, como também os guerreiros e comerciantes. Cumpre o teu dever para com eles e não ultrapasses os limites da obrigação moral.

"Aqui está a tua mãe piedosa e idosa, a quem tu não deves desobedecer. É chamado de virtuoso o homem que presta obediência à sua mãe.

"Ó príncipe, tu não te desviarás do caminho da ação correta por concordares com o pedido de Bharata para que tu ocupes o trono".

Assim, tendo se dirigido a Rama com brandura, o santo guru Vasishtha retomou seu lugar.

O poderoso Rama, em seguida, respondeu, dizendo: "O bem que os pais fazem para seu filho não pode ser facilmente recompensado. Na infância, eles o presenteiam com belas roupas e pratos deliciosos, eles o colocam para descansar e ternamente esfregam seu corpo com óleo de semente de gergelim e demonstram carinho com conselhos gentis; além disso eles se esforçam única e exclusivamente para o seu maior bem.

"As ordens de meu pai, o criador do meu ser, não devem ser postas de lado".

O magnânimo Bharata, ouvindo essas palavras de Ramachandra, sofreu grande aflição, e falou com Sumantra, dizendo:

"Ó auriga, prepara um assento de grama kusha neste suporte de assento, eu vou me colocar diante de Shri Rama, até que ele tenha a bondade de conceder meu pedido. Como um brâmane, que é desamparado, eu vou ficar à porta dessa cabana, jejuando e cobrindo o meu rosto, até que Shri Rama concorde em voltar à capital".

Sumantra, olhando para Shri Rama, espalhou a grama kusha, e o príncipe Bharata, cheio de dor, sentou-se ali, diante de seu irmão.

Vendo isso, Shri Rama, chefe dos sábios reais, disse a ele: "Ó amado Bharata, que mal eu fiz para que tu sentes, assim, diante de mim? Um brâmane pode adoptar essa medida em relação ao seu agressor, mas não é adequado que uma cabeça coroada faça isso. Ó leão entre os homens, levanta-te, abandona esse voto cruel e volta rapidamente para a capital".

Bharata, aflito, mas resoluto, mantendo-se firme, disse aos cidadãos da capital e do campo que o rodeavam: "Por que vocês também não rogam a Shri Rama?"

Então eles responderam dizendo: "Nós somos incapazes de pressionar Kakustha[258] ainda mais, já que ele está decidido a seguir as ordens de seu pai".

Rama, ouvindo as palavras deles, disse a Bharata: "Ó príncipe, considera as palavras dos teus companheiros versados em justiça e pesa o assunto com cuidado. Tendo refletido sobre as suas palavras com atenção, levanta-te, ó Raghava, e te submete àquilo que te purificará por teres desempenhado um papel que não convém a um guerreiro. Bebe água e me toca também".

Bharata erguendo-se, disse: "Ouçam, ó brâmanes, compatriotas e guerreiros! Eu não desejo o reino de meu pai, eu não incitei minha mãe a exigi-lo. Eu não sabia nada do exílio de Shri Rama. Se for preciso que alguém more na floresta em obediência à ordem de meu pai, então eu residirei lá por quatorze anos em seu lugar".

Shri Rama, surpreso com a resolução de seu irmão, dirigiu-se às pessoas presentes, dizendo: "Amigos, tudo o que foi comprado, prometido ou vendido pelo rei em sua vida não pode de maneira nenhuma ser cancelado por mim ou por Bharata. Nem eu posso aceitar injúria e permitir que Bharata vá como meu representante para a floresta. O que Kaikeyi exigiu foi legitimamente concedido pelo rei.

"Eu sei que Bharata é desinteressado e um verdadeiro discípulo de seu guru, e esse excelente é um amante da verdade. Eu com isso declaro que no meu retorno da floresta eu aceitarei o reino e com meu irmão virtuoso governarei o país com honra.

---

[258] Kakustha: um nome de Rama, como descendente do rei Ikshvaku.

"Ó Bharata, eu cumpri a bênção concedida a Kaikeyi pelo rei e defendi sua honra. Livra o rei da acusação de falsidade e cumpre a segunda benção".

Capítulo 112 – Seguindo o conselho dos sábios celestes, o príncipe Bharata se conforma em se tornar o representante de Shri Rama

Os grandes sábios que estavam presentes ao encontro dos dois irmãos ilustres ficaram admirados. Os sábios reais, aqueles perfeitos também os seres celestiais, que eram invisíveis, elogiaram os dois príncipes e disseram: "Bem-aventurado é o rei, cujos filhos são altamente virtuosos e verazes, nós estamos imensamente satisfeitos em ouvir sua conversa".

Desejosos que a vida e o reinado de Ravana terminassem logo, certos sábios se aproximaram de Bharata e unidos se dirigiram a ele, dizendo: "Ó Bharata, ó príncipe altamente resoluto, ó piedoso e renomado, lembra que nasceste em uma linhagem real, que a palavra de Rama não seja desrespeitada por ti, se tu desejas levar felicidade ao espírito do teu pai. É nosso desejo que o teu pai que entrou no céu possa ser absolvido de todas as dívidas, tendo cumprido as suas obrigações com a rainha Kaikeyi".

Tendo falado assim, aqueles sábios celestes voltaram à sua morada.

Rama, gratificado por suas palavras, disse: "Por vocês eu foi ajudado na defesa da virtude".

O príncipe Bharata com voz trêmula novamente implorou a Rama, dizendo: "Ó Rama, aquele que é hábil em governo justo e que é o mais velho sobe ao trono. Que tu, observando a tradição, satisfaças o desejo da tua mãe Kaushalya. Eu sozinho não tenho nem a coragem para administrar domínio tão vasto, nem seria capaz de satisfazer as pessoas da capital e do reino.

"Nossos parentes, amigos e guerreiros esperam a tua conversão à soberania como o lavrador antecipa avidamente as nuvens de chuva. Portanto, ó sábio, aceita a coroa, pois só tu és capaz de estabelecer este reino".

Tendo falado assim, Bharata caiu aos pés de seu irmão e fervorosamente suplicou a ele, gritando: "Ó Rama, ó Rama".

Shri Rama, levantando o jovem príncipe que, eloquente e de olhos de lótus, se assemelhava a um cisne selvagem, o abraçou e disse: "Essa humildade genuína que tens demonstrado te fornecerá coragem suficiente para governar o reino. Consulta os teus ministros, conselheiros e amigos no grande trabalho do teu governo. A lua pode parar de brilhar, e o Himalaia abandonar as neves, o Monte Meru o seu esplendor ou o oceano ultrapassar seus limites, mas eu não renunciarei ao voto feito na presença de meu pai. Ó amado, não é para ti determinar se o que foi provocado pela tua mãe foi feito por amor a ti ou por ambição de te ver feito rei, tu deves tratá-la como tua mãe".

Então o príncipe Bharata respondeu a Rama que se parecia com o sol em glória e a lua nova em esplendor, dizendo: "Ó nobre, coloca os teus pés nessas sandálias enfeitadas com ouro, já que logo elas vão fornecer o nosso único meio de apoio e proteção".

O ilustre Rama, tendo colocado as sandálias, as tirou e as devolveu a Bharata. Ele, curvando-se reverentemente às sandálias dirigiu-se a Rama assim: "A partir de hoje por quatorze anos eu, assumindo cabelos emaranhados e um traje de pele, viverei de frutas e raízes, aguardando o teu retorno. Oferecendo a

administração do reino a essas sandálias por quatorze anos, se eu não te vir voltando no último dia desse período, eu entrarei no fogo e serei consumido!"

Shri Rama abraçando Bharata com grande reverência respondeu "Que assim seja." Então ele falou mais, dizendo: "Cuida da tua mãe Kaikeyi, e não fica zangado com ela. Em meu nome e em nome de Shri Sita, eu te ordeno solenemente a reverenciar e proteger a rainha Kaikeyi!" Com seus olhos repletos lágrimas, Shri Rama então se despediu de Shri Bharata e de Shatrughna.

Bharata oferecendo a devida reverência às sandálias ornamentadas e brilhantes circungirou Shri Rama e as colocou sobre a cabeça do elefante poderoso pertencente ao rei Dasaratha.

Em seguida, Shri Rama, imóvel como os Himalaias, na prática de virtude, e o promotor da honra da Casa de Raghu, prestou homenagem ao seu santo guru, aos ministros, aos cidadãos e aos seus irmãos, e os dispensou.

Suas mães, tomadas pela dor, não foram capazes de proferir uma única palavra. A elas também Shri Rama ofereceu saudações reverentes e entrou tristemente na sua própria residência.

Capítulo 113 – O príncipe Bharata começa a viagem de retorno

Então Shri Bharata, totalmente conformado, tirando as sandálias da cabeça do elefante, as colocou na dele e subiu no carro com Shatrughna, Shri Vasishtha, Vamadeva e Javali de votos firmes, com todos os conselheiros sagazes o precedendo. Circulando o monte Chittrakuta, eles foram para o leste, junto ao rio Mandakini, onde eles viram incontáveis veios de metal.

Shri Bharata com seu exército foi em frente e a uma curta distância de Chittrakuta viu o eremitério no qual o santo Bharadwaja e outros sábios moravam. Aproximando-se do eremitério do sábio Bharadwaja, Shri Bharata, tendo descido da sua carruagem, ofereceu saudações a ele. Bharadwaja, cheio de alegria, disse a Bharata: "Ó amigo, tu viste Shri Rama? O teu objetivo está realizado?"

Shri Bharata, sempre devotado ao seu irmão, respondeu ao sábio, dizendo: "Ó senhor, eu e o santo Guru Vasishtha suplicamos a Rama para retornar, mas ele respondeu alegremente: 'O decreto do meu pai, que eu deveria residir na floresta por quatorze anos, será cumprido fielmente por mim'.

"Então o erudito e eloquente Shri Vasishtha, hábil em sabedoria, dirigiu-se a Shri Rama desta maneira: 'Ó sábio, tem a amabilidade de dar as tuas sandálias, adornadas com pedras preciosas, ao teu representante. Leva o bem da capital no teu coração'.

"Shri Rama, em obediência ao seu santo guru, voltando-se para o leste, colocou as sandálias e depois disso as entregou para mim.

"Agora, frustrado no meu projeto de trazer Shri Rama de volta, eu estou voltando para Ayodhya com essas sandálias".

O maharishi Bharadwaja, em seguida, proferiu estas palavras auspiciosas: "Ó príncipe versado no conhecimento da virtude, a tua excelência é uma fonte de surpresa tão pequena quanto a água sempre fluindo para uma depressão. O rei Dasaratha, possuidor de um filho justo e amante do dever assim como tu, certamente encontrou a imortalidade".

Shri Bharata, tocando os pés do rishi santo, em grande reverência, com palmas unidas, o circungirou e, em seguida, com seus conselheiros, prosseguiu para Ayodhya.

O exército que seguia o príncipe Bharata, alguns montados em elefantes, alguns em cavalos, e alguns em carros de boi, cruzou o Yamuna com suas ondas cantantes, e chegou às águas sagradas do Ganges.

Tendo cruzado o rio sagrado Gunga, com seus companheiros, Shri Bharata entrou na cidade de Shringavera e de lá seguiu seu caminho para Ayodhya. Contemplando Ayodhya, uma cidade arrasada, abandonada por seu pai, o rei Dasaratha, e por seu irmão, Shri Ramachandra, o príncipe Bharata, profundamente angustiado, disse ao seu auriga: "Observa a capital arruinada desprovida de sua antiga glória, sem adornos e sem nenhum sinal de festa! Quão silenciosa, quão infeliz está essa cidade, anteriormente cheia de vida".

Capítulo 114 – Ele encontra Ayodhya desolada

O príncipe, em sua carruagem que emitia um som trovejante enquanto avançava, entrou em Ayodhya. Lá ele viu a cidade onde gatos e corujas vagueavam, e onde as portas das residências estavam fechadas, escuridão e melancolia reinando sobre tudo. A cidade assemelhava-se ao planeta Rohini,[259] tendo perdido o seu esplendor no eclipse da lua, ou a um rio de montanha cujas águas secaram no calor do sol, abandonado pelas aves aquáticas, todos os peixes tendo perecido.

Triste e infeliz por causa de sua separação de Rama, Ayodhya lembrava a chama sacrificial, que quando a oblação é derramada nela, brilha como um cone dourado e em seguida se reduz a cinzas fumegantes, ou como um exército poderoso privado de suas armas na batalha, com seus cavalos, elefantes, carros e estandartes espalhados amplamente e com seus guerreiros heroicos mortos. Aquela cidade que parecia, por assim dizer, como as ondas do mar açoitadas em espuma pela tempestade, rolando e quebrando e depois afundando em silêncio com a extinção do vento, ou como o pavilhão sacrificial abandonado pelos sacerdotes que saem em busca de esmolas após o sacrifício; ou como vacas desprovidas do touro, que cessaram de pastar no pasto e permanecem desanimadas no recinto cercado; ou como um colar desprovido de suas pedras preciosas; ou como um meteoro, com sua virtude esgotada, caído à terra, privado de seu esplendor; ou como um ramo florescente, carregado de flores na primavera, visitado por um enxame de abelhas, que é subitamente consumido por um fogo florestal.

As ruas estavam desertas e as feiras e os mercados fechados, e nenhuma mercadoria era oferecida para venda. Sombria e temível, Ayodhya parecia as estrelas e a lua obscurecidas por nuvens pesadas na estação chuvosa, ou uma taverna abandonada, seus foliões tendo partido, o licor esgotado e nada exceto fragmentos de vidro quebrado e canecas em desordem selvagem espalhadas aqui e ali. Ayodhya parecia com um tanque afundado na terra, a água tendo sido gasta, as fundações tendo ruído, os jarros e recipientes de barro jazendo espalhados entre os sedentos, permanecendo lá em desespero; ou ela parecia a corda do arco de um grande herói que foi cortada pela seta de seu adversário e está jazendo no chão; ou

[259] Rohini: a constelação de cinco estrelas (Touro) contendo Aldebaran, qual estrela é provavelmente aludida aqui; chamada de 'A Vermelha' e dita ser a consorte favorita da lua.

uma mula velha e mal nutrida, instigada por um soldado, morta na batalha deixada ignorada.

Observando a desolação, o príncipe Bharata, sentado em sua carruagem, falou para Sumitra, que estava dirigindo a equipagem: "Ai! Como é triste que essa cidade, outrora tão alegre, hoje pareça tão melancólica, o perfume inebriante de guirlandas florais e o cheiro de incenso não mais a enchendo. Ó Sumantra, eu não ouço, como antigamente, o ruído de carros barulhentos, o relincho de cavalos e o bramido prolongado de elefantes. Ai! Desde que Rama partiu, os jovens de Ayodhya pararam de se enfeitar com guirlandas de flores frescas e sândalo e os homens já não andam fora de casa adornados com flores. Festivais não são mais celebrados e o povo da capital está imerso em tristeza; parece como se a glória da cidade tivesse partido com Rama. Oh! Ayodhya está desprovida de luz, como a noite nublada com nuvens na época da lua crescente. Quando meu irmão, Ramachandra, voltará como um festival, difundindo alegria em Ayodhya, como fazem as chuvas outonais? Antigamente, as estradas reais da capital eram cheias de jovens ricamente vestidos, mas hoje elas estão todas desertas".

Chorando e lamentando, o príncipe Bharata entrou no palácio de seu pai, o qual, sem o rei, parecia uma caverna sem um leão.

Vendo a divisão interna em total escuridão, o príncipe chorou alto, como os deuses, quando em guerra com os titãs, ficam aflitos ao verem o escurecimento do sol.

Capítulo 115 – O príncipe Bharata se retira para Nandigrama e governa o reino a partir daquela cidade

O triste Bharata, firme em sua decisão, tendo levado suas mães de volta para Ayodhya, disse ao santo guru Vasishtha e aos anciãos:

"Eu almejo a sua permissão para me retirar para Nandigrama e lá suportar as aflições ocasionadas pela ausência de Shri Rama. O rei faleceu e o meu irmão mais velho entrou na floresta. Eu irei, portanto, aguardar o retorno de Shri Rama, já que só ele de fato é o senhor de Ayodhya".

Shri Vasishtha e os conselheiros, ouvindo as palavras do príncipe Bharata, responderam-lhe dizendo: "Ó príncipe, as tuas palavras, inspiradas pela devoção por teu irmão, são dignas de louvor. Realmente, elas te honram! Quem ousará se opor a ti, que és profundamente ligado ao teu irmão e que, nessa terra, alcançaste um estado tão elevado?"

Vendo que os conselheiros não se opunham ao seu propósito, o príncipe disse a Sumantra: "Traze aqui a carruagem!"

A carruagem tendo chegado, Bharata, após conversar com suas mães, subiu na equipagem com seu irmão Shatrughna. Acompanhados pelos sacerdotes e ministros, os dois príncipes foram alegremente para Nandigrama, o guru Vasishtha e os brâmanes piedosos liderando a procissão.

Então o exército, elefantes, cavalos e carros, juntamente com o povo da capital, o seguiram espontaneamente. O inigualável Bharata, cheio de amor fraterno, carregando as sandálias de Shri Rama na cabeça, finalmente chegou a Nandigrama. Descendo da carruagem, ele se dirigiu ao seu preceptor espiritual e aos anciãos, dizendo: "Meu irmão, Shri Rama, deu esse reino para mim, como uma

responsabilidade preciosa, em verdade estas sandálias, enfeitadas com ouro, o representarão".

Erguendo mais uma vez as sandálias reverentemente até sua cabeça, ele se dirigiu ao povo da capital, dizendo: "Ó homens de Ayodhya, aceitem estas sandálias como símbolos dos pés de Shri Rama. Deixem que elas repousem sob o dossel real e abanem o chamara sobre elas. Essas são as sandálias do nosso guru supremo e por elas a justiça será estabelecida no reino. Eu preservarei a confiança amavelmente depositada em mim por Rama, até o seu retorno. Quando ele voltar para Ayodhya, eu mesmo vou ajudá-lo a colocar as sandálias. Então eu, unido com ele mais uma vez, entregarei o reino a ele e como um filho o honrarei. Ao devolver a capital e o reino para Rama, eu removerei o estigma de desonra causado a mim por minha mãe. Shri Rama será instalado e seus súditos serão felizes; então a má fama passará, e eu ganharei honra excelente do povo".

Assim lamentando, o aflito Bharata, com o auxílio de seus conselheiros, retirou-se para Nandigrama e governou o reino a partir daquela cidade. Com cabelos emaranhados, assumindo os trajes de pele de um asceta, Shri Bharata morou em Nandigrama, protegido por seu exército.

Residindo em Nandigrama, obediente a Shri Rama e fiel à sua promessa, Shri Bharata, colocando as sandálias no trono real, estendendo o dossel sobre elas e abanando o chamara sobre elas, entregou os selos do reino à sua guarda, ele próprio passando a sua vida como um servo de Rama.

Toda questão de importância e todo negócio de estado era colocado diante das sandálias, e todo presente levado ao rei era primeiro oferecido a elas, e depois tratado como a ocasião exigia.

Capítulo 116 – Os homens santos de Chittrakuta partem, temendo a vindoura opressão dos asuras

Bharata tendo partido para Ayodhya, Shri Rama viu que os ascetas que viviam em Chittrakuta estavam cheios de apreensão e desejosos de se retirar daquele lugar.

Anteriormente, aqueles homens santos residentes em Chittrakuta procuravam a proteção de Shri Rama, mas agora eles buscavam partir. Pela expressão em seus olhos e outros sinais, eles revelavam suas apreensões e podiam ser observados conversando secretamente em voz baixa entre si.

Shri Rama, vendo a sua ansiedade se dirigiu a eles com humildade, dizendo: "Ó abençoados, a minha conduta em relação a vocês sofreu uma mudança? Por qual razão os seus corações estão cheios de medo? Ó santos, meu irmão mais novo os prejudicou involuntariamente? Ou Shri Sita, sempre dedicada a meu serviço, deu-lhes motivo de ofensa? Por acaso ela fez algo que não é apropriado para uma mulher?"

Assim questionado, um grande sábio, um asceta idoso, com seu corpo emaciado por austeridades, respondeu tremulamente ao sempre compassivo, dizendo: "Ó filho, generoso para com tudo o que vive, Shri Sita é inocente de qualquer violação da atitude tradicional para com qualquer um, muito menos em relação aos homens santos. Na verdade, a razão é que os asuras, por inimizade por ti, começaram a oprimir os sábios, e, portanto, eles estando aterrorizados, buscam como podem se defender em segredo.

"O irmão mais novo de Ravana, Kara, que mora aqui, está expulsando os ascetas de seus eremitérios. Ó amigo, ele é implacável e é um guerreiro poderoso. Ele é brutal e não pode tolerar a tua presença aqui. Desde que tu vieste residir nesse eremitério, os asuras aumentaram a perseguição aos sábios. Aparecendo em formas grotescas e terríveis, eles os enchem de terror, então, para lhes causar mais prejuízo, eles atiram objetos impuros e inauspiciosos nos recintos sagrados, finalmente, quando encontram os eremitas sinceros e puros de coração, eles os matam. Esses asuras de coração mau vagam por toda parte secretamente, até que, vendo que um sábio está sozinho e indefeso, eles põem fim à vida dele.

"Na hora do sacrifício, quando o fogo sagrado é aceso pelos ascetas, então os asuras, espalhando os recipientes e conchas consagrados, extinguem o fogo por jogarem água sobre ele e destruírem os utensílios. Ó Shri Ramachandra, cansados desses asuras perversos, os sábios estão nos incitando a abandonar esses eremitérios e partir daqui.

"Ó Rama, esses asuras terríveis ameaçam matar todos nós, portanto, nós estamos deixando esse eremitério. Não muito distante é a maravilhosa Tapovana pertencente ao maharishi Ashwa; ela é rica em frutas e raízes, lá nós queremos morar. Ó amigo, se isso te parece adequado, vai para lá, pois a tua opressão também está planejada.

"Ó príncipe, embora tu sejas capaz de te defender, a tua permanência aqui com tua santa consorte está repleta de perigos".

Ouvindo as palavras de Kulupati e percebendo que eles estavam ansiosos para ir embora, Shri Rama procurou convencê-los a ficar, mas em vão, e os sábios partiram. Shri Rama os acompanhou uma curta distância, em seguida, se despedindo deles e lhes oferecendo reverência, voltou para a sua morada sagrada. Ao deixar os homens santos, eles o instruíram amorosamente no caminho do dever e se despediram dele.

Shri Rama então não abandou o eremitério, que os sábios tinham abandonado. Entre eles havia uns poucos que, inspirados pelo exemplo de Rama, tinham entregado seus corações a ele, e a eles o príncipe estava sempre atento.

Capítulo 117 – Shri Rama decide deixar o eremitério e vai para o ashrama do sábio Atri

Os rishis tendo deixado o eremitério, Shri Rama refletiu sobre o assunto e julgou mais prudente não morar mais lá. A recordação de seu povo, de suas mães e do príncipe Bharata que tinham se reunido com ele lá lhe causava angústia incessante. Além disso, os elefantes e cavalos do exército de Bharata tinham poluído e devastado o solo, tornando-o sujo e lodoso. Após reflexão madura, ele pensou "Nós partiremos daqui" e, levando Shri Sita e Lakshmana com ele, ele deixou aquele local.

Seguindo adiante, ele chegou ao ashrama do sábio Atri, e prestou homenagem a ele, aquele santo considerando-o com um carinho paterno. Ele concedeu sua graça igualmente a Sita e Lakshmana e tratou Rama com a hospitalidade que lhe é devida.

O virtuoso sábio Atri, sempre dedicado ao bem de todos, convocou sua esposa idosa e piedosa Anasuya, e, respeitosamente pedindo-lhe que se sentasse,

se dirigiu à sua cônjuge excelente e digna. Ele disse: "Shri Sita visitou nosso eremitério, leva-a contigo e a recebe com hospitalidade".

Então o sábio Atri disse a Ramachandra: "Antigamente, quando a chuva foi retida por um período de dez anos, e a terra secou, esta mulher virtuosa, Anasuya, por sua grande austeridade, produziu frutos e bagas para os sábios e fez o sagrado Ganges descer para que eles pudessem se banhar nele; assim, por suas práticas ascéticas árduas, ela dissipou os impedimentos no caminho dos sábios. Ó impecável Rama, essa é a mesma Anasuya que uma vez, para socorrer os sábios, fez dez noites serem reduzidas a uma. Essa Anasuya deve ser muito reverenciada por causa de sua idade, e é o objeto de reverência de todos os seres. Permite que a princesa Sita acompanhe a meiga e idosa Anasuya. Por seus atos grandiosos e nobres, ela adquiriu fama imensurável. Que Janaki a escute".

Em seguida, Shri Ramachandra respondeu: "Que assim seja", e o príncipe ilustre disse a Sita: "Ó princesa, tu ouviste as palavras proferidas pelo sábio; para o teu próprio bem acompanha essa asceta idosa".

Consequentemente Shri Sita foi com Anasuya que era proficiente em todas as virtudes. Por conta de sua idade, sua forma física era fraca e magra, seu cabelo cinzento, enquanto seu corpo tremia como uma palmeira agitada por um vento forte.

Proferindo seu nome, Shri Sita prestou homenagem a ela, a santa gentil retornando sua saudação com humildade e perguntando a respeito do seu bem-estar. A idosa Anasuya, vendo Shri Sita oferecendo reverência humilde, falou palavras encorajadoras, dizendo:

"Ó Sita, afortunada és tu, que és atenta aos deveres para com o teu consorte. É extremamente auspicioso que tu, abandonando o teu povo, o teu conforto individual, a tua riqueza e as tuas posses acompanhes teu marido na floresta.

"Aquela que é dedicada a seu esposo, seja na cidade ou na floresta, independentemente de ele ser pecador ou virtuoso, aquela mulher alcança a região mais elevada. Se um marido é cruel, ou escravo dos desejos, ou pobre, uma esposa virtuosa continuará a adorá-lo como um deus. Ó princesa, eu estudei profundamente e eu não acho que uma mulher pode ter um amigo melhor do que seu marido, pois ele, em todas as circunstâncias, a protege.

"Ó princesa de Videha, aquelas mulheres más que, escravizadas pelo desejo, não consideram o que deve ou não deve ser feito, ó princesa de Mithila, elas imprudentemente cometem atos indignos e, tornando-se detestáveis, decaem da virtude. Mas mulheres como tu, familiarizadas com o que é bom ou mau no mundo, como homens piedosos, alcançam o céu. Ó Sati, tu sempre tens sido fiel ao teu dever conjugal, e através dos teus atos virtuosos, empreendidos junto com o teu marido, obterás mérito e fama".

Capítulo 118 – A princesa Sita recebe presentes de amor da esposa do sábio

A irrepreensível Anasuya tendo falado, Shri Sita, aprovando suas palavras, respondeu gentilmente: "Ó nobre senhora, o conselho que tu me deste não é de modo algum uma fonte de surpresa para mim, pois é minha convicção que o marido é autoridade sobre sua esposa. Mesmo se o marido for pobre e ignorante, contudo as mulheres, tais como eu, não devem sentir aversão por ele.

"Mas o marido que é digno de louvor por causa de suas qualidades excelentes e que é compassivo, autocontrolado, constante em suas afeições, totalmente familiarizado com seu dever e que manifesta a bondade amorosa de um pai, supera toda expectativa.

"Todo o amor que Shri Ramachandra tem por sua mãe Kaushalya ele concede igualmente às outras rainhas, e não só isso, mas para quem quer que o rei tenha olhado com carinho, aquela mulher ele também considera como sua própria mãe.

"Quando partindo para a floresta temível, minha sogra, a rainha Kaushalya, transmitiu certa instrução a mim, e eu gravei as palavras dela na tábua do meu coração. Eu trago à lembrança também o conselho me dado pela minha própria mãe no momento das minhas núpcias.

"Ó virtuosa, a disciplina máxima para uma mulher é o serviço ao seu senhor. Hoje, tu despertaste em minha memória os conselhos anteriormente dados a mim por meus parentes.

"Hoje, Savitri mora no céu por meio do serviço ao seu cônjuge, tu também entrarás na morada suprema através do serviço ao teu senhor. Rohini, uma pérola entre as mulheres e residente na região celestial, sempre acompanha a lua. Assim, muitas outras que seguiram a virtude, com determinação fixa, entram no céu por seus méritos".

Anasuya se alegrou ao ouvir as palavras de Sita e beijando sua cabeça em bênção disse: "Ó Sita, muito mérito adveio a mim por prece e jejum. Ó princesa de coração puro, eu desejo te conferir uma benção em virtude desses méritos. Dize-me, o que tu desejas? Ó princesa de Mithila, as tuas palavras me deram extrema satisfação. Agora dize o que de bom eu posso realizar em teu nome".

Shri Sita, ouvindo as palavras da piedosa Anasuya, versada em serviço doméstico, e estando cheia de admiração, respondeu sorridente: "A tua bondade já realizou todos os meus desejos".

Shri Anasuya ouvindo essas palavras ficou ainda mais satisfeita e disse: "Ó Sita, afortunada eu sou em te ver! Que a minha alegria dê frutos, pede uma benção. Eu posso te dar guirlandas celestiais, trajes e unguentos preciosos para enfeitar o teu corpo. Ó filha de Janaka, os meus presentes irão realçar a tua beleza, eles nunca se desvanecerão e eles te convirão bem. Aplica este pó que eu agora te dou; tu, por isso, aumentarás a beleza do teu marido como Lakshmi aumenta a glória do imperecível Vishnu".

A princesa aceitou as vestes, pó e ornamentos, presentes de amor, da asceta. A ilustre Sita, tendo recebido os símbolos de carinho de Anasuya, sentou-se perto dela com as palmas unidas.

Então Anasuya pediu para Shri Sita contar algo de importância, dizendo: "Ó Sita, eu ouvi um breve relato do teu casamento, o descreve para mim agora em detalhes".

Shri Sita obedientemente respondeu: "Ouve-me, e eu vou contar tudo para ti. O rei de Mithila, aquele monarca corajoso e virtuoso, Janaka, o protetor de seu povo como convém a um guerreiro, uma vez, quando arando a terra para estabelecer uma área sacrifical, me viu como uma filha emergindo do sulco. Naquele momento, o rei, repetindo os textos sagrados, estava lançando as sementes de ervas e, vendo o meu corpo coberto de poeira, ficou atônito. Não tendo filhos, ele me pegou em seus braços e disse: 'Essa será a minha filha', e me tratou com amor extremo. Então, uma voz soou do céu, dizendo: 'Ó rei, realmente ela é tua filha'.

"O rei se alegrou em minha posse e desde o meu nascimento a prosperidade dele tem aumentado. Aquele soberano, constante na realização de sacrifício, me deu aos cuidados da sua rainha principal, ela me nutrindo com afeto materno. Quando eu cheguei à maturidade, meu pai ficou ansioso, como um homem indigente que é privado de tudo o que ele possui.

"O pai de uma filha, mesmo que ele seja igual a Indra, deve se submeter ao seu genro, quer ele seja seu igual ou seu inferior em condição. Meu pai estava disposto a se submeter a essa eventualidade e estava consumido pela ansiedade, como alguém desejoso de cruzar um rio, que se encontra sem o meio de transporte.

"Depois de muito procurar, ele foi incapaz de achar um noivo adequado e estava cheio de medos. Em reflexão profunda, ele decidiu convocar uma reunião de príncipes, para que eu pudesse eleger um marido.

"Nos tempos antigos, por ocasião de um sacrifício, um dos nossos antepassados reais recebeu de Varuna um grande arco com duas aljavas nas quais nunca faltariam flechas. O arco era tão pesado que muitas pessoas juntas não podiam movê-lo e nenhum monarca podia puxá-lo, nem em sonho.

"Por seu mérito, o meu honrado pai adquiriu o arco e ele, convocando os reis em conselho, falou-lhes, dizendo: 'Ó soberanos de homens, eu darei a minha filha em casamento àquele que for capaz de erguer e encordoar este arco'.

"Os reis, vendo o arco semelhante a uma montanha em peso, incapazes de levantá-lo, o reverenciaram e seguiram seu caminho.

"Depois de um longo tempo o resplandecente Ramachandra chegou ao sacrifício do meu pai em companhia do sábio Vishwamitra. O rei, meu pai, ofereceu àquele herói amante da verdade junto com o sábio Vishwamitra, hospitalidade abundante.

"Então Shri Vishwamitra disse ao rei: "Esses são os dois filhos do rei Dasaratha, que desejam ver o arco. Tem a bondade de permitir que esses dois príncipes o vejam'.

"O rei Janaka mandou o arco ser trazido como solicitado pelo sábio Vishwamitra.

"Em um instante Shri Ramachandra, levantando o arco, o puxou. Tendo sido curvado pela correia, o arco se partiu em dois, criando um som como o estrondo do trovão. Depois disso, meu honrado pai fez com que água fosse trazida e a ofereceu para Shri Ramachandra e se preparou para me conceder a ele, mas Shri Ramachandra não consentiu em aceitar a minha mão até que as intenções do seu próprio pai fossem conhecidas.

"O rei Janaka então pediu ao idoso rei Dasaratha para ir até lá e ele, concordando com o assunto, assim o fez. Com a sua aprovação eu fui prometida para Ramachandra de grande alma; minha irmã mais nova, uma moça sincera, Urmila, sendo casada com Shri Lakshmana.

"Ó grande asceta, assim eu fui entregue em casamento e desde então tenho tido extrema alegria em servir ao meu Senhor, Shri Ramachandra, como é meu dever".

Capítulo 119 – Os ascetas santos abençoam os exilados que entram na floresta

Shri Anasuya, fiel ao dever, ouviu essa narrativa excitante e, pegando as mãos de Shri Sita, a abraçou, saboreando a fragrância de seus cabelos, e então se dirigiu a ela, dizendo: "Eu ouvi a tua história expressa brilhantemente e claramente, que tu narraste tão singularmente para mim. Ó de fala doce, eu de bom grado ouviria mais da tua história, mas o sol se pôs atrás da montanha Asatalachala e a noite encantadora está muito próxima. Vê! as aves que procuraram alimentos por toda parte o dia inteiro agora estão voltando para casa para descansar. Ouve! como elas cantam! Os santos ascetas, também, estão voltando do seu banho com seus mantos de pele molhados, com loshtas em suas mãos. A fumaça, em tonalidade parecida com o pescoço de um pombo, erguendo-se dos fogos sagrados dos sábios, está sendo levada pelo vento aqui e ali. As árvores nuas, mal vistas à distância, parecem como nuvens densas na escuridão crescente. A luz está desaparecendo lentamente em cada quadrante. Vê, os viajantes da noite estão no exterior e os cervos da floresta Tapovana estão dormindo em volta dos altares sagrados. Vê! Ó Sita! A noite adornada com estrelas chegou e a lua difundindo sua luz apareceu nos céus.

"Vai, ó princesa, e serve ao teu senhor, Shri Ramachandra. Como eu sou afortunada de ter tido uma conversa agradável contigo! Ó princesa, te veste nesses mantos e ornamentos, e, assim, aumenta a minha alegria".

Shri Sita, adornando-se com as vestes deslumbrantes, colocou sua cabeça aos pés de Anasuya e partiu.

Shri Ramachandra, o muito eloquente, vendo Sita enfeitada com os ornamentos dados a ela por Anasuya, ficou cheio de alegria. Shri Sita então lhe contou da liberalidade da asceta idosa, e mostrou-lhe todos os seus presentes. Raros de fato eram aqueles presentes, e Shri Rama e o grande guerreiro Shri Lakshmana, se alegraram com a generosidade de Anasuya.

A noite passou e o dia amanheceu, os dois príncipes se banharam, realizaram suas devoções matinais e, em seguida, se aproximaram dos ascetas para se alimentar.

Os eremitas piedosos então se dirigiram a Shri Rama e disseram: "Ó príncipe, é perigoso passear na floresta por conta da presença de asuras. Ó príncipe, vagueando sob vários disfarces, esses seres se alimentam de carne humana e bebem o sangue dos homens. Essas criaturas como feras matam e devoram qualquer asceta que seja negligente ou impuro. Ó príncipe, por nossa causa, que tu os destruas. Este caminho, ó príncipe, é a trilha pela qual os sábios vão colher frutas, que esse seja o teu caminho também".

Então os homens santos humildemente abençoaram Shri Rama e ele, o atormentador de seus inimigos, entrou na floresta como o sol entra em uma nuvem escura.

FIM DO AYODHYA KANDA.

LIVRO III

ARANYA KHANDA

Capítulo 1 – Rama é recebido pelos sábios da floresta de Dandaka

Entrando na vasta floresta de Dandaka, o invencível Rama, mestre de seus sentidos, viu um círculo de cabanas pertencentes aos ascetas, cobertas com pele e grama kusha, resplandecentes com esplendor espiritual mal suportado pelo olho mortal, como o sol do meio-dia é uma fonte de tormento para os homens.

Esse retiro, um refúgio para todos os seres, o terreno do qual era zelado cuidadosamente, era frequentado por muitos cervos e multidões de aves e alegrado pela dança das tropas de apsaras.

Belo com suas cabanas espaçosas, onde o fogo sagrado queimava, cercadas por conchas e outros artigos de culto, tais como peles, grama kusha, combustível, jarros de água, frutas e raízes; cercado por grandes e sagradas árvores da floresta, curvadas sob o peso de frutas maduras e deliciosas, todo o eremitério era santificado por oferendas e libações sacrificais e ressoava com a recitação de hinos vêdicos.

Acarpetado com flores de todos os tipos, possuindo tanques cobertos com flores de lótus, ele tinha sido o retiro de eremitas antigos, que subsistiam de frutas e raízes e que, vestindo roupas de pele e peles de antílope negro, com seus sentidos totalmente controlados, assemelhavam-se ao sol ou ao fogo. Agora sábios notáveis e piedosos, praticando toda austeridade, contribuíam para o seu brilho. Parecendo a residência de Brahma, aquele eremitério ressoava com o canto de hinos vêdicos, e brâmanes, versados no Veda, o adornavam com sua presença.

Vendo aquele lugar sagrado, o ilustre Raghava, desencordoando seu arco, entrou, e os sábios augustos, possuidores de conhecimento espiritual, muito satisfeitos, avançaram para encontrá-lo.

Vendo aquele virtuoso, parecendo a lua crescente, com Lakshmana e Vaidehi de beleza deslumbrante, aqueles ascetas de votos rígidos os receberam com palavras de boas-vindas e os habitantes da floresta ficaram pasmos com a bela aparência de Rama, seu aspecto jovem, majestade e traje gracioso e, tomados de admiração, olhavam sem piscar para Raghava, Lakshmana e Vaidehi, como para uma grande maravilha.

Então, aqueles sábios abençoados, dedicados ao bem-estar de todos os seres, conduziram Rama para uma cabana coberta de folhas, onde, oferecendo-lhe a hospitalidade tradicional, aqueles homens afortunados e piedosos, assemelhando-se ao próprio fogo, trouxeram água para que ele pudesse lavar suas mãos e pés. Sentindo grande deleite, aqueles ascetas de grande alma, lhe oferecendo as boas-vindas, colheram flores, frutas e raízes, colocando todo o conteúdo do eremitério à disposição daquele herói magnânimo.

Posteriormente, aqueles ascetas, versados na tradição sagrada, com as palmas das mãos unidas se dirigiram a ele, dizendo: "Ó Raghava, um rei é o defensor dos direitos de seu povo e seu amparo; ele é digno de toda honra e respeito, ele porta o cetro, ele é o guru e compartilha de uma quarta parte da glória de Indra; ele desfruta das mais altas prerrogativas e recebe todas as homenagens. Nós, estando sob o teu domínio, devemos ser protegidos por ti, seja vivendo na capital ou na floresta; tu és nosso Soberano, ó Mestre do Mundo!

"Tendo renunciado a todo o desejo de vingança, subjugado a raiva e dominado os nossos sentidos, que tu nos protejas na prática da virtude, como uma mãe protege o bebê em seu peito".

Com essas palavras, eles prestaram reverência a Rama, que estava acompanhado por Lakshmana, oferecendo-lhe frutas, raízes, flores e todos os

produtos do campo e da floresta, enquanto outros ascetas, parecidos com o fogo em brilho, cumpridores de votos sagrados, honraram ao Senhor de acordo com a tradição.

Capítulo 2 – O demônio Viradha leva Sita embora

Tendo recebido a homenagem dos ascetas, ao amanhecer Rama prestou reverência a eles e, seguido por Lakshmana, entrou na floresta, que era cheia de todas as espécies de veados e frequentada por ursos e tigres.

Lá, árvores, trepadeiras e arbustos tinham sido pisoteados, de modo que os caminhos eram pouco distinguíveis e o reflexo dos tanques e lagos era ofuscante; nenhum pássaro cantava em toda aquela região, que estava cheia com o zumbido de grilos.[260]

Seguido por Lakshmana, Rama examinou as profundezas da floresta com seu olhar e naquela mata, cheia de animais ferozes, Kakutstha, acompanhado por Sita, viu um titã tão grande quanto uma montanha criando um grande tumulto.

De aspecto formidável, hediondo, deformado, com seus olhos profundamente afundados em sua testa, com uma boca vasta e barriga protuberante, vestido em uma pele de tigre, coberto de sangue e repugnante de se olhar, ele infligia terror nos corações de todos os seres; parecia como se a própria morte estivesse se aproximando com a boca aberta.

Três leões, quatro tigres, dois leopardos, quatro veados malhados e a cabeça de um grande elefante com suas presas, dos quais a gordura escorria, pendiam de sua lança.

Vendo Rama, Lakshmana e Sita, a princesa de Mithila, ele correu para eles em fúria, como o Tempo[261] na destruição dos mundos. Então, criando um grande barulho, fazendo a terra tremer, ele agarrou Vaidehi em seus braços e começou a levá-la embora, dizendo:

"Ó vocês, usando cabelos emaranhados, vestidos em mantos de pele, acompanhados por uma consorte comum, vocês estão prestes a morrer! Entrando na floresta de Dandaka, armados com armas, arcos e lanças, de onde vocês vieram, ó ascetas, e por que moram aqui na companhia de uma mulher? Canalhas perversos e maus, quem são vocês, que trazem má reputação para os sábios?

Eu sou o titã Viradha, esse é o meu refúgio e eu vago na floresta impenetrável, armado com armas, me alimentando da carne de ascetas. Esta mulher de membros adoráveis se tornará minha esposa e, em combate, eu vou beber o sangue de vocês dois, ó infames!"

A filha de Janaka, Sita, ouvindo o discurso cruel e arrogante de Viradha de coração perverso, cheia de medo, começou a tremer como uma palmeira agitada pelo vento.

Rama, vendo Viradha carregando a bela Sita para longe, ficando pálido, disse a Lakshmana:

"Ó amigo, vê a filha de Janaka, minha casta consorte, uma princesa ilustre, criada no luxo, retida firmemente nos braços de Viradha! Ai de mim! O desejo de Kaikeyi foi realizado hoje! Ó Lakshmana, a entronização de seu filho não bastou

---

[260] O comentador explica que toda essa destruição era devida à presença do demônio Viradha e que as aves tinham abandonado o lugar com medo dele.

[261] O Tempo na forma da Morte, o Destruidor.

para aquela mulher astuta, já que ela me levou a ser banido para a floresta apesar do amor que os meus súditos tinham por mim. Agora ela que reina suprema no meio de nossas mães ficará satisfeita! Que outro tenha colocado as mãos em Vaidehi é o maior dos meus infortúnios, pior até do que a morte do meu pai ou a perda do meu reino, ó Saumitri!"

Ouvindo as palavras de Kakutstha, Lakshmana, com seus olhos cheios de lágrimas, sibilando como uma cobra ferida, disse rudemente:

"Ó Kakutstha, ó protetor de todos os seres, que és igual ao próprio Indra, uma vez que eu sou teu servo, por que tu lamentas como se tu não tivesses defensor?

"Perfurado pela flecha que estou prestes a disparar em minha ira, o titã Viradha morrerá e a terra beberá o seu sangue. A amargura que eu senti em relação a Bharata por ele desejar o trono eu vou derramar sobre Viradha, como o deus que porta o raio o descarrega numa montanha! Com toda a força do meu braço, atirando essa seta afiada, eu perfurarei o peito dele! Que ele abandone sua vida e caia rolando no chão!"

Capítulo 3 – A luta entre Viradha e os dois irmãos

Depois disso Viradha falou de novo, enchendo a floresta com sua voz:

"Quem são vocês, para onde estão indo, me respondam!"

Então o ilustre Rama respondeu àquele titã, cujo rosto estava vermelho de raiva, dizendo:

"Saibas que nós somos dois guerreiros da linhagem de Ikshvaku, fixos em nossos votos, vagando na floresta; mas agora nós queremos saber quem tu és, vagando aqui e ali nas matas?"

Então Viradha disse a Rama, cuja força era a verdade:

"Ouve e eu te direi, ó príncipe da Casa de Raghu! Eu sou o filho de Java e minha mãe é Satarhada. Eu sou conhecido entre os titãs em todo o mundo como Viradha. Tendo agradado a Brahma pelas minhas penitências, eu obtive uma benção e me tornei invulnerável a qualquer arma na terra; é impossível me matar pelo uso de armas!

"Desistindo dessa formosa, que vocês, renunciando a toda esperança, sem voltarem atrás, partam daqui sem demora e eu lhes concederei suas vidas!"

Então Rama, com os olhos vermelhos de raiva, respondeu àquele demônio hediondo, o cruel Viradha, dizendo:

"Canalha que tu és, maldito seja o teu intento perverso, seguramente tu estás cortejando a morte, e realmente, a encontrarás em combate; espera só um instante e tu não escaparás vivo!"

Curvando seu arco e colocando rapidamente duas setas afiadas nele, Rama atingiu aquele demônio com suas flechas penetrantes e, depois, esticando a corda firmemente, ele disparou sete flechas velozes, adornadas com penas e de pontas de ouro, iguais em voo a Suparna e Anila.

Tendo perfurado o corpo de Viradha, aquelas flechas ardentes, enfeitadas com plumas de garça, caíram no chão sibilando e manchadas de sangue.

Ao receber esses ferimentos, Viradha perdeu seu domínio sobre Vaidehi e brandindo a sua lança em fúria atirou-se sobre Rama e sobre Lakshmana que o acompanhava. Emitindo um rugido poderoso, agarrando sua lança, semelhante ao

estandarte de Indra, com suas mandíbulas escancaradas, ele parecia a própria morte.

Então os dois irmãos derramaram uma saraivada de flechas flamejantes sobre Viradha, que se parecia com o tempo, a morte ou o destino, mas aquele demônio terrível, irrompendo em gargalhadas, parando e abrindo as mandíbulas, vomitou aquelas flechas pontiagudas em virtude do benefício que ele havia recebido. Contendo sua respiração e brandindo sua lança, o demônio Viradha novamente avançou nos dois descendentes de Raghu, no que Rama, o mais hábil dos guerreiros, com duas setas cortou aquela lança, que brilhava como um relâmpago e parecia uma chama no céu.

Despedaçada pelas setas de Rama, a lança caiu no chão, como uma borda rochosa partida pelo raio. Nisso, desafivelando suas espadas, aqueles guerreiros rapidamente caíram sobre Viradha como duas serpentes negras, atingindo-o fortemente repetidamente.

Embora atacado duramente, seu oponente formidável os repeliu vigorosamente com os punhos, mas eles se mantiveram firmes, no que ele tentou erguê-los do chão e Rama, adivinhando a sua intenção, disse a Lakshmana:

"Que o demônio nos leve pelo caminho tanto quanto ele desejar, ó Saumitri! Permite que esse predador noturno nos leve de acordo com o seu capricho, já que ele está procedendo ao longo da nossa trilha".

Logo após, o demônio, orgulhoso de sua força, com grande energia os levantou e os colocou em seus ombros como dois adolescentes; então, tendo colocado os dois descendentes de Raghu em seus ombros, o demônio Viradha, viajante da noite, emitindo um grande rugido, caminhou a passos largos para dentro da floresta.

Entrando naquela floresta, cheia de árvores de todas as espécies, onde diversas aves enchiam o ar com sua canção e que era repleta de chacais, animais e serpentes, ele se assemelhava a uma grande nuvem.

Capítulo 4 – Rama e Lakshmana matam o demônio Viradha

Vendo os dois irmãos, a glória da Casa de Raghu, sendo levados para longe, Sita, erguendo os braços, começou a chorar alto, refletindo desta maneira:

'Rama, o filho de Dasaratha, que é verdadeiro, virtuoso e honesto, está sendo levado por um demônio de aspecto aterrorizante; eu me tornarei uma presa para ursos, tigres e panteras!'

Pensando assim, ela gritou: "Ó principal dos demônios, eu te suplico, me leva e poupa esses dois descendentes de Raghu!"

Ouvindo as palavras de Vaidehi, Rama e Lakshmana, cheios de coragem, se prepararam para matar aquele patife perverso, no que Saumitri quebrou o braço esquerdo daquele demônio temível e Rama o direito; depois disso, aquele titã, parecendo uma massa de nuvens, com os braços quebrados, ficando fraco, de repente caiu no chão inconsciente, como uma montanha atingida pelo raio.

Então os dois irmãos bateram no demônio com seus punhos e pés e erguendo-o, novamente o arremessaram ao chão; contudo, embora atingido por inúmeras setas e ferido por suas espadas, o demônio não morreu.

Vendo que era impossível matar aquele gigante, semelhante a uma montanha, o abençoado Rama, o refúgio de todos os que estão em perigo, falou assim:

"Em virtude de suas penitências, ó tigre entre homens, esse demônio não pode ser vencido em combate com armas, vamos, portanto, lançá-lo em uma cova. Ó Lakshmana, como se para um grande elefante, cava um buraco na floresta para esse demônio de tamanho formidável".

Tendo assim ordenado Lakshmana dizendo: "Cava um buraco", o valente Rama ficou com o pé no pescoço do demônio.

Ouvindo essas palavras, o demônio em voz humilde se dirigiu àquele descendente de Raghu, aquele touro entre homens, dizendo:

"Ó leão entre heróis, sob os golpes de um guerreiro cuja força é igual à de Indra eu estou morrendo. Em minha ignorância, eu não te reconheci, ó leão entre homens! Eu vejo agora que tu és o filho nobre de Kaushalya. Ó filho querido, tu és Rama e esta é a afortunada Vaidehi e o ilustre Lakshmana.

"Por uma maldição, eu tive que assumir a forma monstruosa de um titã, mas na realidade eu sou o gandharva Tumburu, que incorreu na ira de Kuvera. Aquele deus glorioso, sendo conciliado por mim, disse: 'Quando Rama, o filho de Dasaratha, te vencer em luta, então, assumindo a tua forma natural, tu retornarás para a região celestial'. Devido à minha falta reverência por ele, com raiva o senhor Kuvera me condenou por ter concebido uma atração pela ninfa Rambha. Pela tua graça, eu estou livre dessa maldição terrível e agora voltarei para a minha residência. Todas as saudações a ti, ó castigador de teus inimigos!

"Ó filho querido, não muito longe daqui, a cerca de quatro milhas e meia distância, mora o virtuoso Sharabhanga, uma mina de austeridade, um rishi notável e poderoso, refulgente como o sol. Vai lá, sem demora; ele te dará o conselho mais excelente!

Tendo me enterrado em um buraco, ó Rama, segue o teu caminho em paz! Aqueles demônios que estão prestes a morrer devem de acordo com uma lei fixa ser enterrados em uma cova".

Tendo falado assim para Kakutstha, o corajoso Viradha, perfurado por muitas flechas, deixando seu corpo, subiu ao céu.[262]

Então Raghava disse a Lakshmana: "Cava uma cova para esse demônio de atos terríveis, como para um grande elefante na floresta". Tendo falado assim para Lakshmana dizendo 'Cava uma cova!', Rama, que era dotado de grande destreza, permaneceu parado com o pé sobre a cabeça de Viradha.

Então Lakshmana, pegando uma picareta, cavou um grande buraco ao lado do demônio, cujas orelhas pareciam conchas, e o jogou dentro dele, enquanto ele emitia gritos terríveis.

Descobrindo que não podiam matar o grande titã com suas armas afiadas, aqueles dois leões entre os homens, tendo empregado toda a sua habilidade, puseram um fim em Viradha por enterrá-lo no buraco.

O próprio Viradha, um vagueador da floresta, desejando morrer nas mãos de Rama, tinha indicado a ele como ele devia proceder, dizendo: "Eu não posso ser morto por armas".

Ouvindo isso, veio a Rama a ideia de lançá-lo em um buraco, e ao ser lançado nele, aquele demônio todo-poderoso fez a floresta ressoar com seus gritos.

---

[262] As passagens seguintes indicam claramente a retomada da narrativa em uma ocasião posterior.

[“A conclusão desse Canto é toda uma vã repetição; ela é manifestamente ilegítima e uma imitação muito fraca do estilo de Valmiki”. – Griffith].

Tendo jogado Viradha na cova, Rama e Lakshmana, livres de seus temores, se regozijaram naquela floresta, como o sol e lua no firmamento.

Capítulo 5 – O encontro com o sábio Sharabhanga e sua ascensão para Brahmaloka

Tendo matado o poderoso e terrível Viradha na floresta, o valente Rama abraçou Sita e a consolou; então se dirigindo ao resplandecente Lakshmana ele disse:

"Essa floresta impenetrável é perigosa e nós não somos seus habitantes naturais; vamos, portanto procurar o sábio Sharabhanga sem demora".

Raghava então voltou seus passos na direção do eremitério de Sharabhanga e, aproximando-se daquele sábio, cuja alma foi purificada pela renúncia, ele observou uma grande maravilha.

No céu ele viu Indra, esplendidamente vestido em mantos livres de qualquer partícula de poeira, seu corpo brilhando como o sol ou o fogo, sobre uma carruagem esplêndida, seguido por todos os celestiais e inúmeros sábios de grande alma como ele próprio, que serviam como sua escolta. Cavalos baios estavam unidos àquele carro aéreo, que brilhava como o sol nascente e, luminoso como disco da lua, se assemelhava a uma massa de nuvens brancas.

Rama também observou um dossel imaculado com guirlandas magníficas e abanadores maravilhosos feitos de caudas de iaques com cabos de ouro de grande valor, que duas mulheres de rara beleza abanavam para frente e para trás sobre a cabeça daquele deus, enquanto gandharvas, imortais, seres celestes e grandes rishis o homenageavam com cânticos sublimes, enquanto ele pairava no espaço.

Vendo Shatakratu conversando com o sábio Sharabhanga, Rama mostrou a carruagem para seu irmão e pediu-lhe para contemplar a visão extraordinária.

Ele disse: "Ó Lakshmana, tu vês aquele carro deslumbrante de grande esplendor brilhando como o sol no céu? Sem dúvida, esses são os cavalos baios celestes de Indra dos quais nós ouvimos, que viaja através do espaço e que é invocado constantemente na hora do sacrifício. Aqueles guerreiros jovens usando brincos, que, em grupos de centenas, com espadas em suas mãos, ficam em volta dele no céu, com seu peito largo e braços fortes que lembram maças, vestidos de roxo magnífico, parecem com tigres ferozes. Em seu peito brilham fileiras de pérolas, e aqueles leões entre os homens, de aparência bela, parecem ter vinte e cinco anos de idade, que é a idade na qual os deuses sempre permanecem, ó Saumitri. Fica aqui um momento, ó Lakshmana, para que eu possa descobrir quem é realmente esse grande herói na carruagem".

Tendo proferido as palavras 'Fica aqui' para Saumitri, Kakutstha avançou para o eremitério de Sharabhanga.

Vendo Rama se aproximando, o senhor de Saci, despedindo-se do sábio, disse aos deuses:

"Rama está vindo para cá, me levem para a minha morada antes que ele se dirija a mim; mais tarde ele me verá! Quando ele voltar vitorioso, tendo cumprido seu propósito, eu me mostrarei prontamente para ele. É para ele realizar uma grande façanha impossível para qualquer outro executar".

Depois disso, oferecendo saudações ao asceta, com toda a humildade, o deus que porta o raio, o flagelo de seus inimigos, subiu ao céu em sua carruagem, atrelada com cavalos.

Quando o deus de mil olhos tinha partido, Raghava se reuniu com sua consorte e seu irmão e juntos eles se aproximaram de Sharabhanga, que estava sentado diante do fogo sagrado. Abraçando seus pés, Rama, Sita e Lakshmana, a seu convite, sentaram-se no lugar que lhes foi atribuído.

Questionado por Raghava a respeito da visita de Indra, Sharabhanga lhe contou tudo. Ele disse:

"Ó Rama, aquele Deus magnânimo queria me conduzir para Brahmaloka, a região que eu alcancei pelo mérito das minhas penitências, que é inacessível para aqueles que não são mestres de si mesmos.

"Vendo-te te aproximando, saibas bem, ó principal dos homens, que eu não tive vontade de entrar em Brahmaloka antes que eu tivesse apreciado a tua presença gentil no meu eremitério. Ó leão entre os homens, ó príncipe virtuoso e magnânimo, tendo me comunicado contigo, eu ascenderei primeiro aos três céus inferiores e depois disso para o mais alto. Esses mundos de beleza insuperável que foram conquistados por mim, essas sublimes moradas de Brahma, que são minhas por direito, aceita, ó leão entre os homens!"

Ouvindo as palavras do Rishi Sharabhanga, Raghava, aquele leão entre os homens, versado nos Shastras, respondeu:

"Eu também conquistei todos os mundos, ó grande asceta, mas em obediência ao meu voto eu desejo permanecer na floresta".

Assim abordado por Raghava, cujo poder era igual ao de Indra, o eminentemente sagaz Sharabhanga falou novamente, dizendo:

"Ó Rama, o ilustre e virtuoso Sutikshna vive nessa floresta; aquele santo te dirá o que é melhor para tu fazeres.

"Segue o rio Mandakini, essa corrente que é coberta com um tapete de flores, e tu chegarás à residência dele. Lá está o caminho, ó tigre entre homens, mas fica comigo um momento, no entanto, até eu abandonar esse corpo como uma cobra rejeita sua pele".

Depois disso, tendo preparado um fogo e derramado manteiga clarificada nele, Sharabhanga, aquele sábio de mérito supremo, entrou nas chamas com o acompanhamento de fórmulas sagradas.

O cabelo daquele magnânimo foi consumido junto com sua pele enrugada, seus ossos, sua carne e seu sangue, após o que, assumindo uma aparência jovem e esplêndida, Sharabhanga levantou-se da pira como uma chama.

Percorrendo a região onde os fogos sacrificais são cuidados por sábios de grande alma, assim como a dos deuses, ele ascendeu para a residência de Brahma.

Aquele principal dos rishis, de karma purificado, lá viu o avô do mundo, com aqueles seus acompanhantes, que, vendo aquele sábio, se dirigiu a ele, dizendo: "Tu és bem-vindo!"

Capítulo 6 – Os sábios buscam a proteção de Rama

Sharabhanga tendo subido ao céu, os ascetas reunidos se apresentaram diante de Rama, o filho de Kakutstha de energia flamejante, e entre eles estavam aqueles que surgiram das unhas e do cabelo do corpo de Brahma, também da água na qual os pés dele foram banhados; havia aqueles que viviam dos raios da lua; aqueles que se mantinham com grãos moídos; aqueles que faziam penitência por permanecerem na água; aqueles que dormiam no chão nu; aqueles que viviam ao ar livre durante todo o ano; aqueles que subsistiam só de água e de vento; aqueles que nunca procuravam a sombra; aqueles que passavam por longos jejuns; aqueles que praticavam ininterrupta repetição de prece; aqueles que se entregavam a penitência perpétua; aqueles que moravam nos topos das altas montanhas; aqueles que tinham subjugado seus sentidos e aqueles que viviam entre cinco fogos.[263]

Todos esses sábios, fixos em yoga, dotados dos poderes de Brahma, se reuniram no eremitério de Shatabhanga a fim de se aproximarem de Rama.

Aquelas virtuosas companhias de rishis, tendo se reunido lá, se dirigiram a Rama, o mais notável dos bons, que estava familiarizado com o seu dever supremo, dizendo:

"Ó senhor da Casa de Ikshvaku e do mundo inteiro, guerreiro do grande carro, tu és nosso defensor e líder, como Maghavan é dos deuses.

"Tu és famoso nos três mundos por teu valor e glória! Devoção filial, justiça e fé encontram sua consumação em ti, ó senhor. Cabe a ti, que és conhecedor da virtude, perdoar a nossa temeridade ao nos aproximarmos de ti para fazermos a nossa súplica.

"Seria um sinal de defeito para um rei receber um sexto da receita de seu povo se ele não os protegesse como os seus próprios filhos. No entanto, se ele defender aqueles que habitam seu reino como a sua própria vida ou como a vida de seus filhos, a quem ele é sempre dedicado, ele ocupará uma posição elevada na região de Brahma.

"A bem-aventurança suprema adquirida por aqueles ascetas que vivem de raízes e frutas não é igual a um quarto daquela alcançada pelo monarca que governa seus súditos de acordo com a lei.

"Torna-te o defensor daqueles incontáveis brâmanes que vivem na floresta que estão sem um protetor, e assim os defende da perseguição cruel dos titãs.

"Vem e vê os corpos de inúmeros ascetas de coração puro, que foram mortos de diversas formas na floresta por titãs.

"Eles causaram grande carnificina entre as pessoas que moram no lago Pampa, perto do rio Mandakini e em Chittrakuta. Nós não podemos mais suportar a situação terrível desses sábios, provocada na floresta por aqueles titãs de atos cruéis; portanto, nós nos refugiamos em ti; protege-nos, ó Rama, contra aqueles predadores noturnos, que buscam a nossa destruição. Nós não temos refúgio na terra além de ti, ó príncipe valente; nos salva dos titãs".

Tendo ouvido os sábios, o virtuoso Kakutstha respondeu a eles, que eram ricos em penitências pesadas, dizendo:

"Não me roguem dessa maneira; eu não sou o servo dos sábios? É unicamente para cumprir o meu dever que eu entrei na floresta. É para livrá-los da opressão dos titãs e cumprir as ordens de meu pai que eu estou aqui. É em seu interesse e para a sua felicidade que eu vim aqui por minha própria vontade.

---

[263] Cinco fogos: quatro fogos e o sol acima. Veja também o Glossário sob Ascetas.

"A minha estada na floresta será muito vantajosa para vocês; eu matarei os titãs, os inimigos dos ascetas. Que os sábios testemunhem a minha destreza em combate e a do meu irmão também, ó rishis!"

Tendo cedido à súplica dos ascetas, aquele herói, firme em seu dever, acompanhado por Lakshmana, dirigiu seu rumo para o eremitério de Sutikshna, seguido pelos sábios, que lhe prestaram todas as honras.

Capítulo 7 – A reunião entre Rama e Sutikshna

Rama, o flagelo de seus inimigos, acompanhado por seu irmão, Sita e os sábios, se aproximou do eremitério de Sutikshna, e tendo ido longe e cruzado muitos rios profundos ele viu uma montanha maravilhosa tão alta quanto o monte Meru.

Depois disso aqueles dois descendentes da Casa de Raghu seguiram adiante com Sita através de uma floresta repleta de muitas espécies de árvores e, tendo penetrado naquela floresta densa, cheia de árvores carregadas de flores e frutas, Rama observou em um local solitário um eremitério decorado com guirlandas e cascas de árvores.

Lá ele viu o sábio Sutikshna, uma mina de ascetismo, com seu cabelo emaranhado, coberto de poeira, sentado na postura de lótus e se dirigiu a ele, dizendo:

"Ó abençoado, eu sou Rama, que vim aqui para te ver. Tem a amabilidade, ó rishi virtuoso e ilustre, ó essência da santidade, de falar comigo".

Vendo Ramachandra, o sábio, o principal dos ascetas, tomou-o nos braços e se dirigiu a ele assim:

"Sê bem-vindo, ó melhor dos Raghus, ó Rama, chefe de homens virtuosos. Daqui em diante esse eremitério, no qual tu entraste, tem um protetor. Eu tenho esperado por ti, ó herói ilustre, e por essa razão não ascendi para a região dos deuses, deixando o meu corpo aqui na terra. Eu soube que tu, sendo banido do teu reino, tinhas ido para Chittrakuta, ó Kakutstha!

"O chefe dos deuses, Shatakratu, veio aqui e, se aproximando de mim, aquele poderoso rei dos celestiais me informou que eu tinha conquistado todos os mundos em virtude do meu bom karma.

"Todas aquelas bênçãos adquiridas pelos sábios divinos através do ascetismo eu ofereço a ti; desfruta delas com a tua consorte e Lakshmana".

Para aquele sábio grandioso e ilustre de votos rígidos e discurso sincero, Rama, o mestre de seus sentidos, respondeu, como Vasava se dirige a Brahma, dizendo:

"Ó sábio ilustre, eu mesmo conquistei os mundos; porém de acordo com o comando recebido por mim eu escolhi morar na grande floresta. 'Tu és possuidor de tudo, contudo estás empenhado no bem-estar de todos os seres', foram as palavras do asceta Sharabhanga, aquele Gautama de grande alma, para mim".

Ouvindo as palavras de Rama, o grande rishi, renomado em todo o mundo, graciosamente se dirigiu a ele, dizendo:

"Que tu vivas nesse eremitério, ó Rama, que é agradável e frequentado por companhias de sábios, onde se pode colher raízes e frutas em todas as estações, onde grupos de cervos admiráveis se reúnem sem prejudicar ninguém e vêm e vão encantando a todos com sua beleza. Não há nenhum mal a ser enfrentado aqui, salvo o que os cervos ocasionam".

Ouvindo as palavras do grande rishi, o irmão mais velho de Lakshmana, erguendo seu arco e flechas, disse:

"Ó senhor abençoado, o que poderia ser mais lamentável do que se eu com meu arco e flechas polidas afiadas matasse aqueles veados que se reúnem aqui, e, assim, te causasse dor? Por essa razão eu não devo permanecer muito tempo nesse santuário".

Tendo falado desse modo, Rama ficou em silêncio e realizou suas devoções vespertinas; então com Sita e Lakshmana ele se preparou para passar a noite no eremitério encantador de Sutikshna. O anoitecer tendo passado e noite caído, o magnânimo Sutikshna com as suas próprias mãos distribuiu grãos descascados, o alimento tradicional dos ascetas, àqueles leões entre os homens, tendo prestado homenagem a eles.

Capítulo 8 – Rama se despede de Sutikshna

Rama, tendo sido tratado com toda a honra por Sutikshna, passou a noite no ashrama com Saumitri, e acordando ao amanhecer se banhou com Sita nas águas frescas, perfumadas com o aroma dos lótus.

No momento adequado, tendo devidamente adorado Agni e os deuses naquela floresta que continha os retiros dos ascetas, Rama, Lakshmana e a filha de Videha, observando que o sol tinha nascido, aproximaram-se de Sutikshna com cortesia, dizendo:

"Ó senhor, tu nos atendeste generosamente e nos prestaste toda a honra, agora pedimos permissão para partir, uma vez que os ascetas que nos acompanham desejam que nós avancemos sem demora.

"É nosso desejo visitar todos os retiros habitados por homens santos de práticas devotas na floresta de Dandaka. Portanto, te pedimos para nos despedir desses grandes sábios, fixos em seus votos, purificados por penitência e semelhantes a chamas claras.

"Nós desejamos partir daqui antes que os raios do sol brilhem muito violentamente e se tornem insuportáveis, como alguém que usurpou prerrogativas reais por meios ilegais".

Tendo falado assim, Raghava com Saumitri e Sita curvou-se aos pés do sábio, e aquele principal dos ascetas, levantando aqueles dois heróis, apertou-os afetuosamente contra o seu coração e disse:

"Segue o teu caminho com segurança, ó Rama, na companhia de Saumitri e Sita, que te segue como uma sombra. Visita os lugares solitários da floresta de Dandaka, onde residem aqueles eremitas cujas almas são purificadas pela renúncia. Tu verás lá matas ricas em frutas, raízes e flores, magníficos grupos de veados, bandos de aves mansas, tufos de lótus em flor, lagos tranquilos repletos de aves aquáticas, encantadoras nascentes de montanha e cataratas esplêndidas caindo das colinas com bosques maravilhosos ecoando ao grito do pavão. Vai, ó filho, e tu também, filho de Sumitra; então vem novamente a esse retiro quando tu tiveres visto todos".

Assim abordados, Kakutstha e Lakshmana responderam: "Que assim seja!" E circungirando o sábio se prepararam para partir.

Depois disso Sita de olhos grandes entregou àqueles irmãos suas aljavas excelentes, arcos e espadas brilhantes, e se despedindo dos grandes sábios os dois

descendentes da Casa de Raghu, de beleza inigualável, prendendo suas aljavas e portando seus arcos e espadas, partiram rapidamente com Sita.

Capítulo 9 – Sita implora a Rama para não atacar os titãs

Quando seu senhor, a alegria da Casa de Raghu, tendo obtido a permissão de Sutikshna estava prosseguindo em seu caminho, Sita, em voz graciosa e gentil, se dirigiu a ele dizendo:

"Embora tu sejas nobre, um pequeno defeito por graus imperceptíveis se torna grande, mas é sempre possível evitar o mal nascido do desejo. Há três falhas nascidas do desejo; a primeira é falar o que é falso, mas as outras duas são de significância mais grave, ou seja, associação com a esposa de outro e atos de violência cometidos sem provocação.

"Ó Raghava, a falsidade nunca foi, nem nunca poderia ser, a tua fraqueza; nem ainda, ó Indra entre os homens, tu poderias, mesmo em pensamento, cobiçar a mulher de outro; essa falha, destrutiva de virtude, nunca foi tua, ó filho de um rei! Tu sempre centraste a tua atenção na tua própria consorte!

"Tu és justo, humilde e fiel às ordens de teu pai; em ti, justiça e integridade florescem em sua plenitude. Tudo isso é possível para aqueles que dominam os seus sentidos, ó guerreiro de braços longos, e tu és totalmente autocontrolado, ó tu de presença encantadora!

"O terceiro mal, que por ignorância leva os homens a terem hostilidade uns para com os outros sem justa causa, agora se mostra em ti! Ó príncipe valente, tu juraste para os moradores da floresta de Dandaka, cujo defensor tu és, matar os demônios sem piedade, e por essa razão, equipado com arcos e flechas, tu partiste com teu irmão para a floresta conhecida como Dandaka. Vendo-te avançando dessa maneira a minha mente está cheia de apreensão e eu estou refletindo sobre como agir do modo mais vantajoso para o teu bem-estar nesse mundo e no próximo. A tua partida para a floresta de Dandaka não é aprovada por mim, ó herói; eu te direi o motivo.

"Entrando na floresta com teu irmão, armado com arcos e flechas, pode muito bem ser que, ao ver os titãs, tu dispares as tuas setas! Como a proximidade dos feixes de galhos[264] aumenta a violência do fogo, assim mesmo a posse de um arco aumenta a força e a energia de um guerreiro!

"Antigamente, ó príncipe de braços longos, em uma floresta sagrada frequentada por veados e aves morava um asceta devoto e virtuoso. Com a intenção de obstruir suas austeridades, Indra, o senhor de Saci, sob o disfarce de um guerreiro, foi àquele eremitério, de espada na mão. Naquele retiro, ele deixou aquela espada excelente, pedindo ao sábio, envolvido em atos piedosos, para guardá-la sob seus cuidados. Recebendo aquela arma, ele, plenamente consciente da responsabilidade colocada sobre si, percorria a floresta vigiando cuidadosamente a espada que lhe foi confiada. Com a intenção de preservá-la, ele não se aventurava em nenhum lugar sem aquela espada, fosse para colher frutas e raízes ou por outras razões. Portando constantemente aquela arma e negligenciando as suas penitências, gradualmente aquele asceta desenvolveu inclinações guerreiras. Com o tempo aquele eremita insensato, carregando a espada, começou a apreciar nada

[264] [Amarrados e usados como combustível].

mais que a violência e, perdendo a sua sobriedade, se desencaminhou e caiu no inferno.

"Esse, antigamente, foi o resultado portar armas! Como o contato com o fogo opera mudança em um pedaço de madeira, desse modo o porte de armas causa alteração na mente de quem as carrega.

"Por afeição e reverência por ti, eu chamo a tua atenção para esse assunto. Eu não ouso te instruir. Equipado com arcos como tu estás, eu te peço para renunciar a todo pensamento de matar os titãs na floresta de Dandaka sem provocação. Ó guerreiro! o mundo olha com desconfiança para aqueles que atacam sem justa causa. É dever dos guerreiros proteger aqueles de alma subjugada que estão em perigo. O porte de armas e a retirada para a floresta, a prática de guerra e o exercício de ascetismo, são opostos uns dos outros; vamos, portanto, honrar o código moral que diz respeito à paz. Pensamentos assassinos, inspirados pelo desejo de lucro, nascem do manuseio de armas. Quando tu voltares a Ayodhya, tu poderás assumir as funções de um guerreiro mais uma vez. A alegria da minha sogra e sogro[265] será completa se durante a renúncia do teu reino tu levares a vida de um asceta. Assim a felicidade advém para quem cumpre o seu dever; através do cumprimento do próprio dever o mundo inteiro é conquistado, o dever constituindo a sua própria essência. É pela completa negação de si que os santos obtiveram bem-aventurança; a felicidade não nasce do prazer!

"Ó meu amigo, com o coração puro cumpre o teu dever na solidão; tu és familiarizado com a natureza dos três mundos.

"É por fraqueza feminina que eu falo assim, pois quem se atreveria a te instruir sobre o teu dever? Tendo refletido cuidadosamente sobre o que eu disse, faze o que tu consideras melhor sem mais delongas!"

Capítulo 10 – Rama lembra Sita de sua promessa aos ascetas

Ouvindo o discurso de Vaidehi, inspirado por ternura conjugal, Rama, com sua energia reforçada, respondeu à filha de Janaka, dizendo:

"Ó senhora nobre, é com palavras apropriadas, ditadas pela tua afeição, que tu procuraste me instruir nos deveres da minha casta.

"Como eu vou te responder, ó princesa? Tu mesma disseste: 'Guerreiros portam seus arcos para que a palavra "opressão" não possa ser ouvida na terra'. Ó Sita, é por causa daqueles ascetas de penitências severas, cercados de perigos na floresta de Dandaka, que procuraram a minha proteção, que eu vim para cá. Sempre morando na floresta, onde vivem de frutas e raízes, eles são incapazes de desfrutar de uma existência pacífica por conta dos titãs, ó senhora tímida. Esses eremitas da floresta de Dandaka são devorados por esses demônios terríveis, que vivem de carne humana. "Vem nos ajudar" foi o grito daqueles excelentes nascidos duas vezes, e quando ouvi essas palavras saindo de seus lábios, eu prometi obedecê-las e respondi 'Não temam'! Vê-los ajoelhados aos meus pés foi uma fonte da maior aflição para mim, quando era eu que deveria estar tocando os deles".

[265] ["Gorresio observa que Dasaratha estava morto e que Sita havia sido informada de sua morte. Em sua tradução ele substitui pelas palavras do texto 'teus parentes e meus'. Isto é bastante supérfluo. Dasaratha embora no céu ainda tinha um interesse amoroso no destino de seu filho". – Griffith].

"'O que vocês desejam de mim?', eu perguntei àquela assembleia de nascidos duas vezes, após o que, se aproximando, eles falaram as seguintes palavras:

"'Na floresta de Dandaka, inúmeros demônios, assumindo diferentes formas, nos atormentam cruelmente. Ó Rama, nos protege! A hora do sacrifício Homa e os dias da lua cheia chegaram, ó príncipe irrepreensível! Tu és o refúgio seguro de todos os santos e ascetas que atormentados pelos titãs buscam a tua proteção. Pelo poder do nosso ascetismo seria fácil para nós destruir esses viajantes da noite, mas nós estamos relutantes em perder os frutos da austeridade, ganhos no decurso de um longo período.

"'Penitência prolongada está sujeita a inúmeros obstáculos, e é extremamente difícil, ó Rama! Por esse motivo nós nos abstemos de pronunciar uma maldição sobre esses demônios, embora eles nos devorem. Atormentados desse modo pelos titãs que frequentam a floresta de Dandaka, nós imploramos a ti e ao teu irmão para nos proteger; tu és nosso amparo'.

"Ouvindo essas palavras, eu prometi a minha proteção aos sábios da floresta de Dandaka, ó filha de Janaka!

"Enquanto eu viver, portanto, eu não posso violar a promessa dada aos ascetas.

"Eu posso abandonar a minha vida ou até mesmo a ti, ó Sita, bem como Lakshmana, mas eu não posso faltar a uma promessa feita para brâmanes.

"Mesmo que eu não tivesse lhes prometido nada, ó Vaidehi, é meu dever sagrado proteger os sábios; quanto mais agora!

"Eu estou satisfeito contigo, ó Sita, pois alguém não oferece conselho àqueles que não ama. As tuas palavras são dignas de ti, ó bela. Por seguir o caminho do dever tu te tornaste mais preciosa para mim do que a própria vida".

Tendo falado assim para Sita, a filha do rei de Mithila, o magnânimo Rama, carregando seu arco, continuou a vaguear através daqueles lugares ermos arrebatadores com Lakshmana.

Capítulo 11 – Rama visita os diferentes retiros e ouve sobre Agastya

Andando na frente, Rama era seguido por Sita, enquanto atrás dela vinha Lakshmana, com arco na mão. Com Sita, eles foram mais além, vendo muitas colinas e planícies, bosques e rios encantadores com gansos e grous frequentando suas margens, e tanques cobertos com flores de lótus, cheios de aves aquáticas, e grupos de veados, búfalos cornudos no cio, ursos e elefantes, os destruidores de árvores.

Tendo viajado uma grande distância, eles viram, quando o sol estava se pondo, um lago maravilhoso, de cerca de quatro milhas de extensão, atapetado com flores de lótus e lírios d'água, agraciado com manadas de elefantes selvagens e cheio de gansos, cisnes e cercetas.[266]

Daquele lago encantador, de águas tranquilas, o som de instrumentos musicais e canto podiam ser ouvidos, mas ninguém era visível lá. Cativados, Rama e Lakshmana começaram a questionar um sábio chamado Dharmabhrit, dizendo:

---

[266] [Cerceta: espécie de pato pequeno, de plumagem escura, das regiões boreais].

"Ó grande asceta, essa música maravilhosa, ouvida por todos nós, nos move estranhamente; o que ela pode ser? Tem a bondade de nos dizer".

Assim questionado por Raghava, o sábio magnânimo começou imediatamente a contar a história daquele lago mágico.

Ele disse: "Este lago, chamado Panchapsara,[267] está sempre cheio de água e foi criado pelas penitências do sábio Mandarkini.[268]

"Praticando um rígido ascetismo, esse grande sábio, ficando na água por milhares de anos, vivia só de ar! Então os deuses com Agni em sua dianteira ficaram agitados e, reunindo-se, disseram uns aos outros: 'Esse sábio aspira ao nosso estado!' Assim eles falaram, com suas mentes cheias de apreensão.

"Então todos os deuses, para destruir o mérito do sábio adquirido através de suas penitências, enviaram cinco das mais belas ninfas, cuja cor se assemelhava ao relâmpago e, embora o asceta estivesse totalmente familiarizado com o que era bom e mau, ele foi cativado por aquelas ninfas e caiu sob o domínio do deus do amor.

"Aquelas cinco ninfas se tornaram as esposas daquele sábio, que construiu uma residência secreta no lago para elas. Lá elas vivem felizes, trazendo alegria para o asceta, que, em virtude de suas penitências, se tornou jovem. Eles passam o tempo em divertimento e essa é a causa da música extasiante mesclada com o tilintar de seus ornamentos".

Essa foi a história estranha narrada por aquele sábio de alma pura.

Assim conversando, o ilustre Rama e seu irmão visitaram o círculo de eremitérios, cobertos de kusha grama e peles, que eram resplandecentes com o brilho dos brâmanes. Acompanhado por Vaidehi e Lakshmana, o descendente de Raghu, Kakutstha, penetrou no círculo abençoado daqueles leões entre os homens.

Recebido com alegria e honrado por aqueles grandes rishis, Rama vagou pelas matas silenciosas, aquele grande guerreiro permanecia com os ascetas, às vezes por dez meses, às vezes por um ano, às vezes por quatro meses, ou cinco ou seis meses, às vezes por muitos meses ou um mês e meio apenas, às vezes três meses, e às vezes oito. Dessa maneira, envolvido em passatempos inocentes, dez anos se passaram.

Tendo visitado todos os retiros dos ascetas, Rama retornou ao eremitério de Sutikshna e, recebendo a homenagem dos sábios, aquele subjugador de seus inimigos permaneceu lá por algum tempo.

Um dia, quando estava sentado aos pés de asceta, com toda a humildade ele se dirigiu a ele, dizendo:

"Ó abençoado, eu soube que Agastya, aquele mais notável dos sábios, vive nessa floresta, mas ela é tão vasta, que eu não sei onde o seu eremitério pode ser encontrado. Onde se encontra o eremitério daquele rishi sagaz? Pela tua graça, ó senhor abençoado, eu, meu irmão mais novo e Sita desejamos prestar nossos respeitos a ele".

Ao ouvir as palavras do virtuoso Rama, aquele sábio ilustre, Sutikshna, bem satisfeito, respondeu ao filho de Dasaratha, dizendo:

"Era minha intenção falar disso para ti e Lakshmana, ó Raghava e dizer: 'Que tu, com Sita, procures Agastya'. Agora tu mesmo propuseste isso então está bem. Eu agora te direi, ó Rama, onde mora aquele grande asceta Agastya.

"Meu filho, a quatro milhas daqui para o sul tu chegarás ao eremitério do irmão de Agastya, situado em uma planície fértil, coberta de bosques encantadores

[267] Panchapsara: 'Lago das cinco apsaras'.

[268] [Mandakarni. – Griffith].

de figueiras, repleto de frutas e flores, onde a canção de muitas aves pode ser ouvida. Inúmeros lagos de águas tranquilas, acarpetados por lótus e frequentados por cisnes, patos e gansos contribuem para a sua beleza. Tendo passado a noite lá, ao amanhecer segue o caminho, através de uma clareira, para o sul e lá tu chegarás ao retiro de Agastya, a quatro milhas de distância, em um local encantador plantado com árvores adoráveis. Esse lugar encantará Vaidehi bem como Lakshmana e a ti, pois esse canto da floresta, sombreado por inúmeras árvores, é arrebatador.

"Se tu desejas visitar o grande asceta, Agastya, então parte hoje, ó príncipe de sabedoria extraordinária".

Ao ouvir essas palavras, Rama com Lakshmana e Sita, tendo prestado homenagem a Sutikshna, partiram para procurar o sábio Agastya.

Apreciando os bosques e colinas maravilhosas, que pareciam uma massa de nuvens, e os lagos e rios a serem vistos no caminho, Rama procedeu rapidamente pela rota indicada pelo sábio Sutikshna, e cheio de alegria aquele magnânimo disse a Lakshmana:

"Seguramente este deve ser o retiro do irmão ilustre de Agastya, aquele sábio de karma abençoado, que nós vemos agora. Observa como ao longo do trajeto do bosque milhares de árvores, curvadas com o peso de seus frutos e flores, podem ser vistas, e o odor pungente de figos maduros é carregado pela brisa. Aqui e ali jazem montes de lenha, com grama darbha, da cor de lápis-lazúli; vê também aquela coluna de fumaça, como uma coluna de nuvem escura, subindo na floresta de um fogo recém-aceso no eremitério.

"Depois de realizar suas abluções nas lagoas sagradas, os nascidos duas vezes estão oferecendo as flores que eles mesmos colheram. As palavras ditas por Sutikshna se revelaram verdadeiras, ó amigo. Aqui, de fato, é o retiro do irmão de Agastya.

"Em seu desejo de estar a serviço dos mundos, em virtude de suas austeridades aquele grande sábio venceu a morte e separou este quadrante como um lugar de refúgio.

"Aqui antigamente os demônios cruéis Vatapi e Ilvala viviam, dois grandes asuras que juntos conceberam um plano para matar os brâmanes.

"Assumindo a forma de um sábio, o impiedoso Ilvala, usando a língua sânscrita, convidava os ascetas para participarem de um banquete. Preparando seu irmão disfarçado como um carneiro em um prato, ele alimentava os nascidos duas vezes, de acordo com os ritos tradicionais. Quando os ascetas tinham comido, Ilvala clamava em alta voz: 'Ó Vatapi, apareça'.

"Ao som da sua voz, Vatapi, berrando como um carneiro, dilacerando os corpos dos ascetas, emergia.

"Assim, milhares de brâmanes foram mortos por esses devoradores de carne humana, que mudavam a sua forma à vontade e eram cheios de truques.

"A pedido dos Deuses, o grande rishi Agastya foi ao banquete e comeu o enorme asura, após o que Ilvala disse: 'Está bem', e oferecendo água para o convidado lavar suas mãos, gritou: "Saia, ó Vatapi'!

"Mas enquanto aquele matador de ascetas falava assim, Agastya, aquele sábio excelente, irrompendo em gargalhadas, disse-lhe:

"'Como aquele demônio pode sair, uma vez que eu o consumi? Teu irmão, na forma de um carneiro, entrou na residência de Yama'.

"Ouvindo que seu irmão estava morto, o demônio enfurecido avançou no asceta, lançando-se sobre aquele Indra dos nascidos duas vezes, mas o sábio, brilhando com poder espiritual, por um único olhar o consumiu, e ele pereceu.

"Este é o eremitério, embelezado por lagos e bosques, pertencente ao irmão daquele sábio, que por compaixão pelos ascetas realizou aquela façanha árdua".

Enquanto Rama falava assim para Saumitri, o sol se pôs por trás da montanha e a noite se aproximou; fazendo devidamente as suas preces sandhya, ele entrou no eremitério e ofereceu reverências ao asceta.

Recebido calorosamente por aquele bem-aventurado, Raghava passou a noite lá, tendo compartilhado de frutas e raízes e, quando a manhã veio e o disco do sol era visível ele prestou homenagem ao irmão de Agastya, dizendo:

"Senhor reverente, eu te saúdo e te agradeço pela noite pacífica que passei aqui, agora eu irei e procurarei o meu preceptor espiritual, o teu irmão mais velho".

"Assim seja", respondeu o sábio, após o que o descendente de Raghu seguiu pelo caminho indicado a ele, apreciando a floresta com as inúmeras árvores Nirvara, Panasa, Sala, Vanjula, Tinisha, Shiribilwa, Madhuka, Bilwa e Tinduka em plena floração, entrelaçadas com trepadeiras floridas e árvores rompidas pelas trombas de elefantes, onde macacos se entretinham, e que ressoavam com o gorjeio de uma miríade de aves.

Então Rama de olhos de lótus disse ao valente e heroico Lakshmana, que o seguia:

"A julgar pela folhagem lustrosa das árvores e a mansidão dos veados e das aves nós estamos, sem dúvida, não muito distantes do retiro daquele rishi grandioso e de alma pura e de práticas virtuosas.

"Esse eremitério que elimina todo o cansaço, pertencente ao sábio Agastya, bem conhecido entre os homens por sua virtude, com seus bosques cheios de uma fragrância rara, com seus mantos de pele e guirlandas penduradas aqui e ali, frequentado por grupos de cervos mansos, os galhos frondosos permeados por incontáveis aves, pode agora ser visto por nós.

"Tendo vencido Mrityu pelo seu poder, em seu desejo de fazer o bem para o mundo inteiro ele criou esse refúgio inviolável no sul, que é evitado por demônios que temem devastá-lo.

"Desde o dia que essa região foi tornada habitável por aquele asceta virtuoso, os demônios deixaram de exercer seu ódio e crueldade aqui. Essa terra afortunada do sul, famosa nos três mundos, associada com o nome daquele sábio abençoado, não é mais frequentada por aqueles seres perversos.

"A montanha Vindhya, a principal da sua espécie, que ameaçava interceptar os raios do sol, não se atreveu a crescer mais, submetendo-se à ordem de Agastya, e esse retiro encantador, frequentado por veados, pertence àquele de vida longa e de feitos sublimes. O virtuoso Agastya, honrado pelos homens, que está sempre engajado no bem-estar de todos os seres, na nossa chegada nos dará uma grande acolhida.

"Eu quero prestar homenagem àquele grande asceta pessoalmente e passar o resto do meu exílio na floresta com ele, ó meigo! Aqui os deuses, gandharvas, siddhas e os grandes sábios, que vivem de alimento simples, constantemente prestam homenagem ao sábio Agastya, mas homens desonestos, cruéis, maus e perversos não são capazes de permanecer na presença daquele grande asceta.

"Os imortais, no entanto, os yakshas e aqueles da raça de serpentes, os grandes rishis também, dedicados a uma vida virtuosa, moram aqui, e fixos em santidade, esses seres exaltados, descartando seus corpos cansados, assumindo novos, sobem ao céu em carruagens que se assemelham ao sol.

"Lá os deuses realizam os desejos dos virtuosos, lhes concedendo imortalidade, poderes divinos e todos os graus de majestade.

"Nós agora chegamos ao eremitério, ó Saumitri, entra nele e anuncia a minha chegada com Sita para o rishi".

Capítulo 12 – Agastya recebe Rama em seu eremitério

Tendo entrado no eremitério, Lakshmana, o irmão mais novo de Raghava, aproximou-se de um discípulo de Agastya e disse a ele:

"O filho mais velho do rei Dasaratha, o ilustre Rama, chegou com sua consorte, Sita, para prestar homenagem ao sábio. Eu sou seu irmão mais novo, obediente e dedicado a ele e seu humilde servo; por acaso ouviste falar de nós?

"Nós entramos nessa floresta perigosa por ordem de nosso pai real. Nós três desejamos ver o bem-aventurado, anuncia isso a ele".

Ouvindo as palavras de Lakshmana, o discípulo disse: "Que assim seja!" e foi informar Agastya no local onde o fogo sagrado queimava. Com as palmas unidas se aproximando daquele principal dos munis cujas austeridades o tinham tornado invencível, ele transmitiu a notícia da chegada de Rama para ele.

Em conformidade com as palavras de Lakshmana, o estimado discípulo de Agastya disse: "Os dois filhos do rei Dasaratha, Rama e Lakshmana, vieram para o eremitério com Sita. Aqueles dois guerreiros, vencedores de seus inimigos, vieram te ver e oferecer seus serviços; tem a bondade de me instruir no que deve ser feito agora!"

Ao ouvir de seu discípulo que Rama, seguido por Lakshmana e pela auspiciosa Vaidehi, estavam esperando, Agastya respondeu: "Quão venturoso que depois de tanto tempo Rama tenha vindo me ver hoje. Sempre foi o desejo do meu coração ver aquele príncipe grandioso. Dá as boas-vindas a Rama e lhe pede para entrar junto com sua consorte e Lakshmana que o acompanha; que eles sejam trazidos à minha presença; por que isso já não foi feito?"

Assim abordado por aquele muni poderoso, versado na tradição espiritual, o discípulo o saudou com as palmas unidas e disse: "Que assim seja!" Depois disso, saindo do eremitério, ele se aproximou de Lakshmana e se dirigiu a ele, dizendo: "Qual de vocês é Rama? Que ele entre e se aproxime do sábio".

Então Lakshmana, movendo-se para mais perto do portão de entrada do eremitério, apontou Rama e Sita, a filha de Janaka, para ele, e aquele discípulo humildemente comunicou a mensagem do rishi Agastya, conduzindo Rama para dentro do eremitério.

Rama, acompanhado por Sita e Lakshmana, entrando no terreno cercado, que estava cheio de cervos mansos, observou os altares erigidos para Brahma e Agni e também os lugares sagrados dedicados a Vishnu, Mahendra, Vivaswat, Soma, Bhaga, Kuvera, Dhatar e Vidhatar, Vayu, o deus que segura o fio em sua mão,[269] o magnânimo Varuna, Gayatri, os Vasus, os Nagas, Garuda, Karttikeya e Dharma.

Escoltado pelo discípulo, ele viu tudo isso e subitamente viu o próprio sábio famoso. Ao vê-lo à frente dos ascetas, brilhando com o esplendor adquirido pela prática de austeridades, o valente Rama disse a Lakshmana, o aumentador de sua alegria:

---

[269] Yama, o deus da morte.

"Ó Lakshmana, vê aquele asceta abençoado, Agastya, deixando o lugar de sacrifício; é com orgulho que eu me curvo diante daquele tesouro de renúncia".

Falando assim de Agastya, que brilhava como o sol, enquanto ele avançava em direção a ele, a alegria da casa de Raghu segurou os seus pés e prestou reverência a ele. Tendo-o saudado, o virtuoso Rama ficou diante dele com as palmas unidas, acompanhado pela filha de Videha e Saumitri.

Então, abraçando Kakutstha e honrando-o com água e um assento, questionando-o a respeito de seu bem-estar, o santo lhe deu as boas-vindas de acordo com a tradição da floresta. Oferecendo oblações no fogo, e presenteando seus convidados com o arghya, aquele asceta os regalou com alimentos e colocando-se ao lado de Rama, que, conhecedor do seu dever, estava sentado com as palmas unidas, disse-lhe:

"Ó príncipe, um asceta que deixa de oferecer hospitalidade adequada se alimenta da sua própria carne no outro mundo, assim como aquele que dá falso testemunho. Ó senhor do universo, cumpridor do teu dever, guerreiro do grande carro, que és digno de toda a honra e respeito, tu vieste afinal e és meu querido convidado".

Com essas palavras, o sábio Agastya, como um símbolo de homenagem, ofereceu a Rama frutas, raízes, flores, água e outras coisas em grande profusão, e disse-lhe:

"Aqui está um arco celeste e poderoso, incrustado com ouro e diamantes, que pertenceu a Vishnu. Ó tigre entre homens, ele é criação de Vishwakarma.

"Aqui também está o dardo Brahmadatta, que é infalível e parece o sol; ele é eminente e foi-me dado por Mahendra; aqui também estão essas duas aljavas inesgotáveis, cheias de flechas afiadas que ardem como tochas e aqui uma forte bainha de prata e uma espada decorada com ouro.

"Com esse arco, ó Rama, Vishnu matou o grande asura em batalha e anteriormente adquiriu glória inexprimível entre os moradores nas regiões celestes.

"Aceita esse arco, essas duas aljavas, o dardo e a espada, garantias de vitória, ó guerreiro orgulhoso, e os porta como Vajradhara porta o raio".

Assim falando, o ilustre e afortunado Agastya deu a Rama toda a panóplia de armas pertencentes ao poderoso Vishnu, e mais uma vez se dirigiu a ele:

Capítulo 13 – Rama vai para Panchavati a conselho de Agastya

"Ó Rama, que a felicidade te acompanhe! Ó Lakshmana, eu estou satisfeito contigo que com Sita tu vieste aqui me prestar homenagem. Sem dúvida, a longa viagem deve ter cansado vocês dois, como também Maithili, cujos suspiros revelam isso.

"Essa jovem senhora, que não está acostumada ao esforço, veio para a floresta por amor a seu senhor, embora o caminho seja cercado de dificuldades; portanto, ó Rama, faze aquilo que lhe dará prazer.

"Desde o início dos tempos, ó alegria da casa de Raghu, tem sido a natureza da mulher ser fiel a um homem na prosperidade e abandoná-lo na adversidade.

Rápida como um raio em pensamento, afiada como uma espada em palavras, seus humores comparáveis ao voo de uma águia, assim é a mulher! Mas a tua consorte é totalmente livre desses defeitos, ela é digna de louvor e é a mais notável daquelas devotadas a seu senhor; entre os deuses ela é conhecida como uma segunda Arundhati. Será famosa aquela região onde tu, Saumitri e essa princesa peregrinarem, ó conquistador de teus inimigos".

Desse modo o sábio se dirigiu a Raghava, que, com as palmas unidas, em voz humilde, respondeu àquele asceta que brilhava como uma chama, dizendo:

"Eu estou dominado pela graça,[270] uma vez que o primeiro entre os ascetas está satisfeito comigo, como também com meu irmão e minha consorte que me acompanham.

"Indica-me um lugar cheio de árvores, e com água abundante, onde eu possa viver em paz e felicidade".

Ouvindo as palavras de Rama, aquele sábio excelente e magnânimo, refletindo um instante, deu esta resposta ponderada:

"Meu querido filho, a oito milhas de distância daqui há um lugar conhecido pelo nome de Panchavati, onde raízes, frutas e água abundam e onde há muitos cervos. Vai para lá e com Saumitri estabelece um eremitério, vivendo lá alegremente e cumprindo as ordens de teu pai.

"Pelo poder da minha penitência, e em virtude do carinho que eu tinha pelo rei Dasaratha, eu estou familiarizado com a tua história, ó príncipe irrepreensível. Embora tu tenhas prometido ficar comigo nessas solidões as minhas austeridades me revelaram os verdadeiros desejos do teu coração. Portanto, eu te digo mais uma vez: 'Procura Panchavati!' Ela é uma floresta encantadora, que irá encantar Maithili. Aquele lugar, digno de todo o louvor, não é longe daqui, ó Raghava, e fica perto do rio Godaveri; Sita será feliz lá. Cheio de raízes, frutas e todos os tipos de aves, ele é reservado, ó herói de braços longos, e é adorável, agradável e sagrado. Tu de caminhos justos, que és sempre ativo e capaz de defender todos os seres, residirás lá, ó Rama, a fim de proteger os ascetas.

Ao norte da floresta Madhuka, que tu és capaz de ver daqui, ó herói, tu encontrarás um bosque de figueiras. Escala os cumes da montanha, não muito distante, e tu chegarás à renomada Panchavati, localizada lá com seus bosques florescentes".

Ouvindo as palavras do sábio Agastya, Rama, acompanhado por Saumitri, despediu-se daquele asceta ilustre, e tendo-o circungirado, prestou homenagem aos seus pés, e com a sua permissão partiu para os ermos de Panchavati, acompanhado por Sita.

Os dois príncipes, invencíveis em combate, pegando seus arcos e amarrando suas aljavas, resolutamente seguiram o caminho para Panchavati, indicado pelo grande sábio.

Capítulo 14 – Jatayu revela sua linhagem para Rama

Enquanto ele estava prosseguindo para Panchavati, aquele descendente de Raghu observou um abutre grande e poderoso. Vendo aquela ave nos bosques, os

[270] ["Como eu sou abençoado, e que gratidão eu tenho que o nosso grande Mestre se digne a mostrar sua graça ...". – Griffith].

dois príncipes ilustres, Rama e Lakshmana, pensando que ele era um demônio em outra forma, disseram-lhe: "Quem és tu?"

Então, em tons gentis carinhosos, a ave, como se estivesse se dirigindo a alguém querido para ele, respondeu, dizendo: "Querido filho, saibas que eu sou amigo de teu pai!"

Em deferência a essa relação, Raghava prestou reverência a ele, e perguntou-lhe a respeito de seu nome e linhagem, e ele, ao ouvir as palavras de Rama, disse:

"Em uma era antiga existiam os Prajapatis, que eu vou enumerar – o primeiro deles foi Kardama e imediatamente depois dele veio Vikrita, então vieram Shesha e Samshraya, o pai de muitos filhos poderosos, depois vieram Sthanu, Marichi, Atri, Kratu que era cheio de energia, Pulastya, Angira, Pracheta, Pulaha e Daksha seguido por Vivaswat e Arishtanemi; ó Raghava, o renomado Kashyapa foi o último desses. Ó herói de fama infinita, nós ouvimos que o Prajapati Daksha tinha sessenta filhas encantadores e ilustres. Kashyapa se casou com oito dessas donzelas de cintura elegante, Aditi, Diti, Danu, Kalika,[271] Tamra, Krodhavasa, Anila[272] e Manu,[273] e, bem satisfeito, disse-lhes: 'Todas vocês gerem filhos, semelhantes a mim, que serão os Senhores dos três mundos'.

"Então Aditi consentiu, ó Rama, como fizeram Diti, Danu e Kalika, mas as outras se recusaram.

"Aditi se tornou a mãe dos Trinta e três Imortais. Ó meu filho, Diti deu à luz os ilustres Daityas; era a eles que a terra com seus mares e florestas pertencia.

"Danu deu à luz um filho chamado Ashagriva, ó subjugador de teus inimigos, e Kalika deu à luz Naraka e Kalaka; e as cinco filhas famosas, Kraunchi, Bhasi, Shyeni, Dhritarashtri e Shuki foram produzidas por Tamra.

"Kraunchi gerou as corujas e Bhasi os abutres; Shyeni foi a mãe dos falcões e águias possuidoras de grande energia; Dhritarashtri, de cisnes, flamingos e aves aquáticas.

"A bela Shuki gerou Nata cuja filha era Vinata. Ó Rama, Krodhavasa teve dez filhas: Mrigi, Mrigamanda, Hari, Bhadramada, Matangi, Sharduli, Shiveta,[274] Surabhi e Surasa, que eram todas dotadas de beleza; por último, Kadruka nasceu.

"Ó primeiro dos homens, Mrigi se tornou a mãe de todos os veados; Mrigamanda gerou ursos, búfalos e iaques.

"Bhadramada teve uma filha chamada Iravati que era a mãe de Airavata, que é o guardião do mundo.

"Hari deu nascimento a poderosos leões e macacos, amantes da floresta; Sharduli gerou chimpanzés e tigres. De Matangi nasceram elefantes, ó Kakutstha, ó melhor dos homens! Shiveta deu nascimento aos elefantes que sustentam a terra.

"Duas filhas nasceram da deusa Surabhi: Robini, e a auspiciosa Gandharvi.

---

[271] [Kalaka].

[272] [Anala].

[273] ["Eu teria duvidado se Manu seria a leitura correta aqui, mas ela ocorre novamente no verso 29, onde é da mesma maneira seguida por Anala, no verso 31, de modo que certamente parece que o nome Manu destina-se a representar uma mulher, a filha de Daksha. A recensão Gauda, seguida pelo Sr. Gorresio (III. 20.12), adota uma leitura completamente diferente no final da linha, isto é, 'Bala e Atibala', em vez de Manu e Anala. Eu vejo que o professor Roth aduz a autoridade do Amara Kosha e do Comentador sobre Panini para afirmar que a palavra às vezes significa 'a esposa de Manu'. No texto do Mahabharata I. Cap. 65, também, Manu parece ser o nome de uma mulher: 'Anavadya, Manu, Vansa, Asura, Marganapriya, Anupa, Subhaga, Vasi [ou Bhasi] eram as filhas de Pradha (filha de Daksha)'". – Muir. *Original Sanskrit Texts*, Vol. I, p. 161].

[274] [Sveta].

"Robini produziu vacas, e Gandharvi gerou cavalos. Sarasa era a mãe das serpentes de capelo, ó Rama, e Kadru deu origem a todas as outras cobras.

"Manu, esposa do magnânimo Kashyapa, deu à luz homens, brâmanes kshatriyas, vaishyas e shudras, ó leão entre homens.

"Segundo a tradição, de sua boca nasceram os brâmanes, de seu peito os kshatriyas, de suas coxas os vaishyas e de seus pés os shudras.

"Todas as árvores de frutos suculentos nasceram de Anala.

"Vinata, cuja avó era Shuki, ela mesma gerou Kadru e sua irmã, Surasa.

"De Kadru nasceram milhares de serpentes, as sustentadoras da terra, e Vinata teve dois filhos, Garuda e Aruna.

"Saibas que eu nasci de Aruna, assim como Sampati, meu irmão mais velho. Meu nome é Jatayu, o descendente de Shyeni, ó subjugador de teus inimigos.

"Ó meu filho querido, eu estabelecerei minha residência na tua vizinhança, se tu assim o desejares, e vigiarei Sita, enquanto tu estiveres longe com Lakshmana".

Raghava, tendo ouvido muitas vezes sobre a amizade de seu pai com o abutre, ficou cheio de alegria e o abraçou com afeto, prestando reverência a ele.

Tendo pedido àquela ave poderosa para vigiar Sita, ele seguiu para Panchavati com ele, acompanhado por Lakshmana, firmemente decidido a destruir seus inimigos e a celebrar devidamente as suas práticas religiosas diárias.

Capítulo 15 – Rama estabelece sua residência em Panchavati

Quando chegou a Panchavati, frequentada por animais selvagens e cervos, Rama disse ao seu irmão Lakshmana, que estava queimando de energia:[275]

"Ó meu caro, nós chegamos ao local descrito pelo sábio, essa floresta de árvores floridas, a muito amada Panchavati. Ó tu que és cheio de recursos, olha em volta por toda parte e verifica em qual local é conveniente que nós construamos o nosso eremitério. Que ele seja na vizinhança de um tanque onde o charme da floresta e da água contribuam para a sua beleza, onde tu, Sita e eu possamos viver em paz, onde flores, combustível e grama kusha abundem".

Ouvindo as palavras de Rama, o filho de Kakutstha, Lakshmana, com as palmas unidas, na presença de Sita, respondeu a ele:

"Se tu fosses viver cem anos, eu ainda seria o teu servo, ó Kakutstha! Escolhe algum lugar preferido por ti e me manda construir um retiro".

Bem satisfeito com a complacência de Lakshmana, aquele herói ilustre, olhando aqui e ali, escolheu um terreno que combinava todas as vantagens, e naquele local, pegando a mão de Saumitri na dele, disse:

"Aqui está um lugar plano que é agradável e cercado por árvores; é aqui que eu desejo que tu construas um retiro. Perto há um rio encantador, embelezado por lótus, brilhante como o sol, exalando um aroma delicioso, como descrito a mim por aquele rishi de alma pura, Agastya. Esse é o encantador rio Godaveri, cercado de árvores floridas, repleto de cisnes e aves aquáticas, com gansos realçando a sua beleza e apinhado de grupos de cervos, nem muito perto, nem muito longe, que vêm aqui beber.

"E ressoando ao grito de pavões, colinas adoráveis cobertas com árvores florescentes, contendo muitas cavernas, parecem grandes elefantes com enormes

[275] ["Lakshman de vigor irreprimido". – Griffith].

assentos bordados em ouro, prata e cobre, que são ornamentados aqui e ali com pequenos espelhos.

"Árvores Sala, Tala, Tamala, Kharjura, Panasa, Nivara, Tinisha e Punnaga são a sua decoração, enquanto Cuta, Ashoka, Tilaka, Ketaka e Champaka, entrelaçadas com trepadeiras floridas e plantas, abundam como também Syandana, Chandana, Nipa, Panasa, Lakuka, Dhara, Ashwakarna, Khadira, Shami, Tinduka e árvores Patala. Nesse lugar sagrado, nesse local encantador cheio de cervos e aves, vamos morar com Jatayu, ó Saumitri".

Assim abordado por seu irmão Rama, Lakshmana, o matador de guerreiros hostis, dotado de grande energia, erigiu para ele um retiro lá sem demora e construiu uma cabana espaçosa com paredes de lama, sustentada por estacas fortes feitas de longos bambus graciosos, coberta com galhos de árvore Shami.

Trepadeiras, grama kusha e sarpat a fortaleciam, enquanto juncos e folhas foram também utilizados para o telhado, o seu piso sendo bem nivelado.

Então o afortunado Lakshmana, tendo construído aquela cabana excelente, adorável de se ver, foi para o rio Godaveri, e, depois se banhar, reuniu lótus e frutas, retornando ao eremitério para oferecer as flores lá e executar aqueles ritos tradicionais próprios para a paz daquela residência, depois disso levando Rama para a cabana ele havia montado.

Vendo aquele retiro encantador e a cabana coberta de palha, Raghava, que estava acompanhado por Sita, sentiu intensa alegria.

Altamente satisfeito, ele apertou Lakshmana contra o seu coração e em uma voz cheia de ternura e sentimento, disse-lhe:

"Eu estou satisfeito contigo, tu realizaste um grande feito, ó meu irmão, pelo qual como um sinal de satisfação eu agora te abraço. Enquanto tu ainda vives, com teu zelo, tua devoção e tua virtude, ó Lakshmana, o nosso pai ilustre não está morto".

Tendo falado assim para Lakshmana, Raghava, a fonte da prosperidade de outros,[276] começou a viver alegremente naquela região rica em frutas. E servido por Sita e Lakshmana, aquele ilustre viveu lá com eles por algum tempo, como os deuses no céu.

Capítulo 16 – Descrição do inverno por Lakshmana

Enquanto o magnânimo Rama estava permanecendo lá, o outono acabou e o inverno começou.

Um dia, ao amanhecer, o filho da Casa de Raghu foi ao encantador rio Godaveri para realizar suas abluções e o valente Saumitri, de jarro na mão, seguindo humildemente com Sita, se dirigiu a ele, dizendo:

"Agora chegou aquela estação querida por ti, ó príncipe amável, durante a qual todo o ano parece se vestir de esplendor! O chão está coberto de geada e a água não é mais agradável para beber.

[276] ['Que emprestava graça à fortuna'. – Griffith].

"Tendo oferecido grãos maduros aos pitris e aos deuses, os homens são purificados de seus pecados, os seus sacrifícios tendo sido feitos na estação apropriada. Desejosos das necessidades da vida, todos estão agora abundantemente supridos com leite e manteiga.

"Reis, sonhando com a conquista, partiram em suas campanhas. O sol, virando para a região sul, amada de Antaka, faz com que o norte pareça uma mulher cuja marca de tilaka está apagada. A montanha Himavat, coberta de neve, justamente leva seu nome. Aqueles dias claros, quando alguém busca o sol e foge da sombra e da umidade, são extremamente agradáveis, mas agora há apenas tênue luz do sol, geada constante, frio intenso e neve profunda. As longas noites frias estão conosco, quando já não é possível deitar a céu aberto, e a estrela Pushya que servia como um farol agora está obscurecida no ar carregado de neve. A lua, que tira o seu esplendor do sol, já não brilha, e seu disco congelado está opaco, como um espelho manchado pela respiração; enrugada pelo frio, a superfície desse orbe, embora cheia, já não envia seus raios, como Sita, quando a sua tez, bronzeada pelo sol, perde seu brilho.

"Agora que a neve está misturada com seu sopro o vento do oeste é gelado, e as manhãs são muito frias. Os bosques estão envoltos em névoa e os campos de cevada e trigo, cobertos de geada, cintilam ao sol nascente, enquanto garças e grous gritam em coro. Os campos de arroz com espigas semelhantes a flores Kharjura se curvam graciosamente sob o peso dos grãos.

"Com seus raios mal penetrando as nuvens carregadas de neve, o sol, muito depois de ter surgido, parece a lua, mas gradualmente ganhando força durante as horas da manhã alegra o coração ao meio-dia, com seus raios derramando uma beleza pálida sobre a terra, fazendo as estradas da floresta, cobertas com grama e encharcadas de orvalho, brilharem.

"O elefante selvagem, sofrendo de sede extrema, retira sua tromba subitamente ao entrar em contato com a água congelada, e as aves aquáticas, permanecendo nas margens, não se atrevem a entrar no rio, como guerreiros covardes, com medo de colocar o pé no campo de batalha.

"Envolvidas em sereno à noite e cercadas de névoa fria cinzenta ao amanhecer, as árvores, desprovidas de flores, parecem dormir. Os rios estão envoltos em cerração e os grous, com sua plumagem escondida sob a neve, só pode ser distinguidos por seus gritos; as areias nas margens também estão molhadas com a neve.

"Por causa da fraqueza dos raios do sol, a água permanece nas cavidades das rochas duras após a queda da neve e tem sabor doce. Os lótus são queimados pela geada, com seus estames secos, suas pétalas caídas, só os talos restando, e nas garras do frio intenso perderam toda a sua beleza.

"Ó leão entre homens, nessa estação, em devoção a ti, o infeliz e fiel Bharata está passando por penitência na cidade. Renunciando ao reino, pompa e a todos os prazeres, praticando austeridade, ele se entrega ao jejum e à restrição, e nesse exato momento está certamente fazendo o seu caminho até o rio Sarayu, cercado por seus ministros, para realizar suas abluções.

"Criado no luxo, extremamente frágil, atormentado pelo frio, como, na última hora da noite, ele é capaz de suportar a água gelada?

"Com seus grandes olhos que lembram pétalas de lótus, sua pele escura e umbigo achatado,[277] aquele notável e virtuoso Bharata, que é obediente, verdadeiro,

[277] ['Sua forma graciosa é alta e reta'. – Griffith].

contido, com seus sentidos totalmente controlados, de fala doce e gentil, aquele herói de braços longos, o subjugador de seus inimigos, renunciando a todos os prazeres, é totalmente devotado a ti, ó Rama.

"Meu irmão, o magnânimo Bharata, por viver como se banido para a floresta, imitando a ti residente lá, conquistou o céu, ó Rama.

"Diz-se que um homem se assemelha a sua mãe e não ao seu pai. Se é assim, como pode uma mulher tão cruel quanto Kaikeyi ser sua mãe?"

Assim falou o virtuoso Lakshmana com carinho fraterno, mas Rama, incapaz de tolerar que sua mãe fosse criticada, respondeu a ele, dizendo:

"Ela, que ocupa o segundo lugar entre as rainhas, ó meu amigo, não deve ser menosprezada de forma alguma. Não continua a falar de Bharata, o protetor da Casa de Ikshvaku.

"Embora eu tenha decidido morar na floresta o meu amor por Bharata abala a minha determinação e me faz vacilar de novo. Eu me lembro das suas palavras gentis e afetuosas, doces como Amrita, alegrando a alma. Ó, quando eu me reunirei com o magnânimo Bharata e o valente Shatrughna, juntamente contigo, ó alegria da Casa de Raghu?"

Lamentando dessa maneira, Kakutstha chegou ao rio Godaveri, onde ele, seu irmão mais novo e Sita realizaram suas abluções; em seguida, tendo oferecido água aos deuses e aos pitris, aqueles impecáveis adoraram o sol nascente, e o Senhor Narayana, purificando-se assim.

Depois disso, Rama, acompanhado por Sita e Lakshmana, parecia belo, semelhante ao Senhor Shiva acompanhado por Nandi e a Filha das Montanhas.[278]

Capítulo 17 – A chegada de Shurpanakha ao eremitério

Tendo se banhado no rio Godaveri, Rama, Sita e Lakshmana deixaram suas margens e voltaram para o eremitério. Ao chegarem ao seu retiro, Raghava com Lakshmana realizou suas devoções da manhã e entrou na cabana coberta de folhas. Na cabana, aquele herói de abraços longos com Sita ao seu lado vivia alegremente, honrado pelos grandes rishis, e brilhava como a lua acompanhada pela estrela Chitra.

Um dia, enquanto Rama estava recitando os textos tradicionais, aconteceu de um demônio feminino passar por ali, de nome Shurpanakha, que era a irmã de Ravana.

Aproximando-se de Rama, ela observou que ele parecia um deus, com seu rosto radiante, seus braços longos, seus olhos grandes como pétalas de lótus, seu andar majestoso parecido com o de um elefante, com cabelos emaranhados coroando sua cabeça; jovem, cheio de valor, portando as marcas da realeza, sua cor a do lótus azul e atraente como o próprio deus do amor.

Vendo aquele herói, o equivalente a Indra, a rakshasi foi tomada de desejo. Rama era bonito, ela hedionda; a cintura dele era esbelta, a dela grossa e pesada; ele tinha olhos grandes, os dela eram estrábicos; os cabelos dele eram belos, os dela eram vermelhos; toda a aparência dele era agradável, a dela repelente. A voz de Rama era sonora, a dela estridente; ele era belo e jovem, ela velha e

[278] Girija, um nome de Parvati.

desfigurada; ele era amável, ela rabugenta; ele era autocontrolado, ela desregrada; ele era cativante, ela odiosa.

Consumida pela paixão, a rakshasi disse a Rama:

"Com teus cabelos emaranhados e disfarce de asceta, portando arco e flechas, por que tu, acompanhado pela tua consorte, vieste para essas florestas, que são frequentadas por demônios? Qual é o propósito da tua viagem?"

Ouvindo as palavras da rakshasi, Shurpanakha, aquele herói, o flagelo de seus inimigos, com sinceridade perfeita começou a relatar tudo.

Ele disse: "Havia um rei chamado Dasaratha, que era tão poderoso quanto um deus. Eu sou seu filho mais velho, conhecido entre os homens como Rama; este é o meu irmão mais novo, Lakshmana, meu fiel companheiro, e esta, minha consorte, a ilustre Sita, filha do rei de Videha.

"Obrigado pela vontade do meu pai e para cumprir o meu dever, eu vim morar na floresta.

"Mas agora eu gostaria de saber quem é teu pai, quem tu és, e qual a tua raça? A julgar pelos teus encantos, tu és uma rakshasi! Dize-me sinceramente, o que te trouxe aqui?"

Ouvindo as palavras de Rama, a rakshasi, atormentada pelas dores do amor, respondeu:

"Ouve, ó Rama e eu te direi a verdade! Eu sou Shurpanakha, uma rakshasi, que pode mudar sua forma à vontade. Eu vago na floresta, infligindo terror nos corações de todos os seres. Meus irmãos são Ravana, de quem tu sem dúvida ouviste falar, e o poderoso e sonolento Kumbhakarna, o virtuoso Bibishana um estranho às nossas práticas, e outros dois famosos por suas qualidades marciais, Khara e Dushana.

"Eu, que sou mais poderosa do que eles, tendo te visto, ó Rama, desejo unir-me a ti, ó senhor, ó primeiro dos homens!

"Eu sou dotada de poder e capaz de vagar à vontade apenas pelo pensamento; portanto, te torna meu mestre. O que Sita é para ti?

"Deformada, sem beleza, ela não é digna de ti, ao passo que eu provarei ser uma parceira bem combinada, com minha beleza igual à tua; se tu olhares para mim como tua consorte. Essa fêmea humana feia, de aspecto horrível, de abdômen magro, será devorada por mim neste dia na tua presença, junto com esse teu irmão.

"Tu e eu vamos passear no topo das montanhas e através das florestas juntos, explorando toda a região de Dandaka, de acordo com o teu capricho".

Falando assim, a rakshasi lançou olhares apaixonados para Rama que, sorrindo, deu a seguinte resposta astuta.

Capítulo 18 - A mutilação de Shurpanakha

Sorrindo um pouco, Rama, em tons gentilmente zombeteiros, respondeu a Shurpanakha, que tinha sido apanhada no laço do amor, dizendo:

"Eu já sou casado e essa é minha amada esposa! A rivalidade entre co-esposas seria insuportável! O meu irmão mais novo, no entanto, que é de uma disposição alegre, de aparência agradável, virtuoso e casto, se chama Lakshmana e é cheio de vigor. Ele ainda não experimentou as alegrias da companhia de uma esposa e deseja uma consorte. Ele é jovem e atraente e, portanto, seria um marido adequado para ti. Recebe o meu irmão como teu senhor, ó senhora de olhos

grandes e quadris graciosos, e desfruta dele sem uma rival, como o Monte Meru desfruta da luz do sol".

Ouvindo essas palavras, a rakshasi, cega pela paixão, deixando Rama, imediatamente se dirigiu a Lakshmana, dizendo:

"A minha beleza me torna uma esposa digna de ti, portanto, vem e vamos juntos felizes percorrer a floresta de Dandaka e as montanhas".

Assim abordado pela rakshasi Shurpanakha, Lakshmana, o filho de Sumitra, hábil com as palavras, sorrindo, deu esta resposta engenhosa:

"Como tu podes desejar te tornar a esposa de um escravo assim como eu? Eu sou totalmente dependente do meu nobre irmão, ó tu cuja cor parece a do lótus, que és agradável de se olhar e casta! Ó senhora de olhos grandes, tu és um modelo de perfeição, torne-te a consorte daquele herói incomparável. Renunciando àquela mulher feia, velha, má e rabugenta, cujos membros são deformados, ele certamente se dedicará a ti! Ó senhora de aparência arrebatadora e membros encantadores, que homem sensato sacrificaria essa tua beleza incomparável por uma mulher comum?"

Pensando que as palavras de Lakshmana eram sinceras e não entendendo a sua zombaria, aquela rakshasi cruel e deformada, na cegueira de sua paixão mais uma vez se dirigiu a Rama, o flagelo de seus inimigos, que estava sentado na cabana coberta de folhas com Sita, e disse:

"É por essa mulher horrorosa, má e rabugenta, que é velha e deformada, que tu me desprezas?

"Eu vou devorá-la na tua presença hoje, e viverei feliz contigo sem uma rival".

Falando assim, a rakshasi, cujos olhos brilhavam como tochas, lançou-se em fúria sobre Sita, como um grande meteoro descendo no planeta Rohini.

Então o poderoso Rama a conteve, quando, como o laço da morte, ela avançou em direção a Sita, e dirigiu-se com raiva a Lakshmana, dizendo:

"Não é sábio insultar aqueles seres que são vis e cruéis, ó Saumitri. Toma cuidado, vê, Vaidehi está em perigo, ó amigo! Mutila esse demônio hediondo de barriga protuberante, que é mau e cheio de fúria".

O valente Lakshmana, muito enfurecido com a rakshasi, então puxou sua espada da bainha e, na presença de Rama, cortou fora as orelhas e nariz dela.

Com suas orelhas e nariz cortados, Shurpanakha emitiu um grito terrível e correu para a floresta. Sendo mutilada, a rakshasi, derramando sangue, criou um tumulto terrível, como uma tempestade na estação chuvosa e, pingando sangue, aquele monstro hediondo, levantando os braços, mergulhou uivando nas florestas profundas.

Em seguida, a ferida Shurpanakha procurou seu irmão Khara de grande poder, que, cercado por uma tropa de demônios, estava sentado em Janasthana, e se jogou no chão diante dele, como um meteorito caindo do céu.

Desvairada com terror e coberta de sangue, a irmã de Khara, quase privada de seu juízo, contou tudo sobre a chegada de Raghava na floresta com sua consorte e Lakshmana, e as circunstâncias da sua desfiguração.

Capítulo 19 – Shurpanakha conta para seu irmão Khara sobre a sua desfiguração

Vendo sua irmã deitada no chão, mutilada e derramando sangue, o demônio, cheio de raiva, disse a ela:

"Levanta! Dize-me porque tu estás perturbada! Domina o teu pavor e conta lucidamente quem te desfigurou dessa maneira. Quem se atreveu a tocar uma serpente preta e venenosa, esticada pacificamente ao lado dele, com o pé? O tolo que te tratou assim não sabe que nesse dia ele engoliu um veneno virulento e colocou o laço da morte em volta do pescoço.

"Quem te trouxe a esse estado, tu que és imbuída de energia e coragem, que és capaz de vaguear por todos os lugares à vontade, a rival do próprio Antaka? Como é que tu és encontrada nessa situação lamentável? Entre deuses, gandharvas, sábios poderosos e outros seres, quem é suficientemente poderoso para ter te desfigurado? Eu não sei de ninguém em todos os mundos que se atreveria a me provocar, a não ser Mahendra, Ele de mil olhos, que derrotou o demônio Paka. Hoje eu exigirei a vida do teu difamador com as minhas flechas distribuidoras de morte, como cisnes sugam a substância leitosa que flutua sobre a água.

"Derrubados na luta, mortalmente feridos por minhas flechas, o sangue espumante de quem a terra beberá hoje? Os membros de quem os urubus, atraídos pelos meus chamados, rasgarão e devorarão com prazer quando eles caíram sob os meus golpes em combate?

"Nem os deuses nem os gandharvas nem os pisachas nem os rakshasas poderão resgatar das minhas mãos o desgraçado, naquele combate feroz.

"Acalma-te, e com tranquilidade me dize, quem é o canalha que, abusando de seu poder, te maltratou dessa maneira?"

Tendo ouvido as palavras de seu irmão, Shurpanakha, fora de si de raiva, respondeu chorando:

"Eles são dois jovens muito belos e poderosos, com grandes olhos que lembram flores de lótus, vestidos com peles e peles de antílope negro, vivendo de frutas e raízes, com seus sentidos sob controle, praticando penitência e o voto brahmacharya, os filhos do rei Dasaratha, dois irmãos, Rama e Lakshmana, que possuem as marcas da realeza e se parecem com o rei dos gandharvas. Eu sou incapaz de dizer se são seres humanos ou deuses. Entre eles, eu vi uma jovem e bela donzela de cintura fina, adornada com muitos tipos de joias, e é por causa daquela mulher jovem que eu estou reduzida a essa situação, como alguém abandonado e aviltado por conta de sua infidelidade. Eu quero beber o sangue daquela mulher e daqueles dois jovens no campo de batalha".

Ouvindo sua irmã pronunciar essas palavras, Khara, louco de raiva, chamou quatorze demônios de grande força, iguais ao próprio Antaka, e disse a eles:

"Dois homens providos de armas, vestidos com peles e peles de antílope negro, se aventuraram dentro da inacessível floresta de Dandaka em companhia de uma mulher jovem; matem-nos e também aquela própria desgraçada. Minha irmã deseja beber o sangue deles! Ó rakshasas, esse é o maior desejo da minha irmã, vão, portanto, com toda velocidade e com o seu grande poder os destruam. Ao ver os dois irmãos atingidos por seus golpes, minha irmã vai beber o sangue deles no campo, com alegria".

Recebendo esse comando, os quatorze demônios partiram rapidamente, acompanhados por Shurpanakha, como nuvens impulsionadas diante do vento.

Capítulo 20 – Rama mata os demônios enviados por Khara

A cruel Shurpanakha, tendo chegado ao eremitério de Raghava, apontou os dois irmãos e Sita para os demônios, e eles viram Rama, cheio de valentia, sentado em sua cabana de folhas, acompanhado por Sita, servido por Lakshmana.

Vendo Shurpanakha e os demônios que a acompanhavam, o ilustre descendente da Casa de Raghu, Rama, disse para Lakshmana que era cheio de coragem:[279]

"Fica um momento com Sita, ó Saumitri, para que eu possa matar esses demônios que seguiram a rakshasi".

Ouvindo as palavras de Rama, versado no conhecimento do Eu, aquele rebento prudente da Casa de Raghu respondeu com deferência, dizendo: "Que assim seja".

Então o virtuoso Raghava, esticando seu grande arco, incrustado com ouro, se dirigiu aos demônios, dizendo:

"Nós somos os filhos de Dasaratha, dois irmãos, Rama e Lakshmana, que viemos com Sita à inacessível floresta de Dandaka. Vivendo de raízes e frutas, com os nossos sentidos sob controle, nós praticamos penitência e o voto brahmacharya e passamos os nossos dias na mata. Por que vocês procuram nos prejudicar, canalhas que vocês são? É a pedido dos sábios que eu vim aqui castigá-los por suas más ações no campo de batalha. Parem onde vocês estão e não avancem mais! Se vocês desejam viver, voltem atrás, ó predadores noturnos".

A essas palavras, aqueles assassinos de brâmanes, os quatorze demônios, tendo lanças nas mãos, cheios de raiva, com seus olhos vermelhos, terríveis de se ver, cheios de uma exultação feroz, responderam a Rama, cujos olhares ardentes e fala doce revelavam uma coragem que eles não tinham visto até aquela hora, e disseram:

"Por teres incorrido no desagrado do nosso mestre, o muito magnânimo Khara, tu estás prestes a cair sob os nossos golpes em batalha. Que poder tu tens sozinho para matar tantos no campo? És tu que hoje perderás tua vida nesse conflito. Nossos braços portando maças, lanças e dardos vão tirar a tua força e o teu arco cairá da tua mão".

Assim falando, os quatorze demônios, brandindo suas armas formidáveis, lançaram-se sobre Rama, jogando suas lanças no invencível Raghava, mas Kakutstha com o mesmo número de flechas com pontas de ouro cortou aquelas catorze lanças.

E aquele guerreiro ilustre, cheio de ira, tirando mais flechas, que tinham sido afiadas em pedra, agarrou seu arco e colocando-as na corda, fez dos titãs seu alvo.

Então Raghava, disparando aquelas flechas, como Indra seu raio, rapidamente perfurou o peito daqueles demônios, e as setas, todas ensanguentadas, penetraram na terra como serpentes desaparecendo em um formigueiro.

Com seu peito perfurado por aquelas flechas, os demônios caíram ao chão, como árvores cujos troncos foram cortados.

Banhados em sangue, mutilados, desprovidos de vida, eles jaziam estirados sobre a terra, e Shurpanakha, vendo-os assim, cega de raiva, fugiu, para procurar seu irmão Khara.

---

[279] [Ou literalmente, 'ardente de coragem'; Griffith lê 'glorioso'].

Ferida novamente, com o sangue coagulando como uma árvore exsudando resina, Shurpanakha prostrou-se diante de seu irmão e em sua presença criou um grande tumulto, lamentando e gritando, derramando lágrimas, com suas feições distorcidas.

Tendo visto os demônios caírem no campo de batalha, Shurpanakha, voltando com toda pressa para seu irmão Khara, descreveu suas mortes para ele com todos os detalhes.

Capítulo 21 – Shurpanakha incita Khara a lutar com Rama

Vendo Shurpanakha fora de si, deitada no chão, tendo voltado sem realizar seu plano, Khara se dirigiu a ela em tons ásperos, dizendo:

"Eu não coloquei aqueles demônios valentes, que vivem de carne, à tua disposição, por tua vontade? Por que tu ainda reclamas? Eles são zelosos, leais e sempre foram meus servos de confiança. Embora invencíveis, mesmo se tivessem que morrer eles não me desobedeceriam. O que é isso? Eu quero saber a razão pela qual tu estás rolando sobre a terra como uma serpente, gritando 'Ó meu senhor'. Por que, visto que eu sou teu protetor, tu lamentas como alguém abandonado? Levanta-te, levanta-te! Não vamos ter mais dessas lágrimas e desmaios".

Assim Khara, seu irmão, falou àquela terrível rakshasi para confortá-la, e ela, enxugando as lágrimas, disse:

"Quando eu vim aqui com meu nariz e orelhas cortadas, encharcada em sangue, que fluía como um rio, tu me consolaste. Para me agradar, tu mandaste quatorze demônios valentes para matar os cruéis Rama e Lakshmana. Aqueles demônios, furiosos contra Rama, armados com arpões e lanças, caíram vítimas das flechas assassinas dele, em combate. Vendo aqueles guerreiros habilidosos derrubadas no chão em um instante e o grande feito de Rama, eu estou cheia de medo extremo.

"Totalmente trêmula, apavorada e fora de mim, eu me refugio em ti mais uma vez, ó predador da noite, vendo motivo de apreensão por todos os lados. Submersa como estou no infinito oceano de angústia, assombrado pelos crocodilos de aflição e as ondas de medo, tu não vais me salvar? Sob as flechas flamejantes de Rama, os demônios, comedores de carne, que me seguiram estão jazendo no chão.

"Se tu tens alguma piedade de mim e daqueles demônios, se tu és possuidor de coragem e força para enfrentar Rama em batalha, então, ó rondante da noite, mata esse espinho na carne dos demônios, que estabeleceu seu eremitério na floresta de Dandaka.

"Se tu não provocares a morte de Rama, o matador de seus inimigos, no dia de hoje, eu vou abandonar a minha vida na tua presença, desonrada. Eu vejo claramente que, mesmo apoiado pelas tuas tropas, tu não és capaz de enfrentar Rama em batalha intensa.

"Tu te julgas um grande herói, mas tu não és realmente assim, a tua bravura só existe nas tuas próprias imaginações vaidosas; portanto, deixa Janasthana, com toda pressa, com teus companheiros, ó estigma da tua raça! Volta vencedor da luta, pois, se tu não tens nem a força nem a coragem para matar esses dois homens, como tu podes permanecer aqui?

"Derrotado pela destreza de Rama, tu certamente morrerás, pois ele é realmente corajoso, aquele filho de Dasaratha, Rama, e seu irmão também, que me desfigurou, é extremamente valente!"

Assim, na presença de seu irmão, aquela rakshasi lamentou repetidamente, batendo no peito e, dominada pela mortificação, perdeu a consciência. Então, voltando a si depois de um espaço de tempo, atormentada pela dor, ela continuou a gritar e a golpear o peito com suas mãos.

Capítulo 22 – Khara e seus quatorze mil demônios marcham contra Rama

Ouvindo as reprovações de Shurpanakha, Khara, queimando de raiva, sentado em meio a seus guerreiros, respondeu ferozmente:

"O teu desprezo me incita à fúria incontrolável, eu estou fora de mim e não posso mais tolerar isso do que é possível suportar sal derramado em uma ferida. Eu creio que Rama é insignificante e o considero como já morto. Sua ofensa causará o seu fim neste dia; portanto, contém as tuas lágrimas, e não te angusties mais. Eu vou despachar Rama e seu irmão para a região da morte, e tu, ó rakshasi, hoje beberás o sangue quente daquele de atos maus, derrubado por meu machado".

Muito alegre ao ouvir essas palavras saindo dos lábios de seu irmão, Shurpanakha, em sua tolice, começou a louvar Khara, o principal dos titãs.

Primeiro criticado, em seguida enaltecido por ela, Khara chamou Dushana, o comandante de seu exército, dizendo:

"Ó amigo, prepara quatorze mil titãs treinados, que sejam obedientes aos meus comandos, cheios de ardor marcial, que nunca recuam em batalha, que parecem nuvens de trovão e que se deleitam com a crueldade e que têm grande prazer em matar homens.

"Que tu, com toda velocidade, tragas o meu carro também, com arcos, flechas, espadas reluzentes, dardos e lanças, que foram bem afiados. Eu desejo me colocar na vanguarda daqueles titãs magnânimos, a fim de matar o arrogante Rama, ó guerreiro hábil!"

Enquanto ele falava, Dushana atrelou cavalos excelentes ao grande carro, que brilhava como o sol, quando então Khara subiu na carruagem parecida com o pico de Meru, que era vasta, revestida de ouro puro, com rodas douradas e varais cravejados de esmeraldas. Decorada com símbolos de boa sorte, tais como peixes, flores, árvores, rochas, montanhas, aves e estrelas, ela era equipada com bandeiras e lanças, com sinos encantadores pendurados e atrelada a corcéis excelentes.

Então Khara, encolerizado com impaciência, como também Dushana, vendo aquele grande exército, provido de carruagens, escudos, armas e estandartes, gritou para aquela multidão de demônios: "Avancem!"

Depois disso aquele poderoso exército de titãs, contando quatorze mil, equipados com escudos formidáveis, armas e bandeiras, avançou impetuosamente, em meio a um grande tumulto.

Armados com martelos, picaretas, arpões, machados afiados, sabres, discos e lanças brilhantes, assim como dardos, clavas descomunais, arcos imensos, aguilhões, espadas, maças e raios, terríveis de se olhar, aqueles titãs ferozes, obedientes às ordens de Khara, deixaram Janasthana, e ele, retirando-se um pouco,

inspecionou aqueles titãs de aspecto maligno, que estavam avançando, e depois os seguiu.

Obediente à ordem de Khara, o auriga subiu no carro daquele matador de seus inimigos, incitando seus corcéis mosqueados, cujo arreio era feito de ouro puro, avançou com toda velocidade, fazendo os pontos cardeais e outras regiões ressoarem com o som.

E Khara, em tons ásperos, ardendo de raiva, irritado com o desejo de destruir seu adversário, dotado de grande força, igual a Antaka, instigou seu auriga repetidamente, rugindo como uma grande nuvem prestes a soltar uma torrente de granizo.

Capítulo 23 – O exército de titãs avança em meio a maus presságios

Naquele momento presságios terríveis apareceram e de uma nuvem escura caiu uma chuva de sangue. Os corcéis de pés velozes atrelados à carruagem de Khara tropeçaram no caminho plano da estrada real, coberta de flores; o sol estava coberto com um disco preto, margeado, por assim dizer, de sangue, como um círculo de carvões ardentes, enquanto um abutre assustador pousou no estandarte com seu suporte dourado.

Aves e animais predadores, vagando na vizinhança de Janasthana, emitiam gritos ensurdecedores, criando um clamor aterrorizante, e perto daquela região chacais terríveis emitiam uivos temíveis e horripilantes, como demônios.

Imensas e formidáveis nuvens carregadas de relâmpagos, parecendo elefantes com têmporas esmagadas, derramavam uma chuva de sangue, que escondeu todo o firmamento; uma grande escuridão caiu, fazendo os cabelos se arrepiarem, obscurecendo os quatro quadrantes. O anoitecer chegou antes da hora marcada, assumindo uma cor sanguinolenta e, enquanto Khara prosseguia, animais selvagens e aves de aspecto aterrador barravam seu caminho, enquanto garças, hienas e abutres criavam um clamor medonho.

Chacais hediondos, um sinal de infortúnio na guerra, uivavam para o exército que se aproximava, com chamas dardejando de suas mandíbulas, e um tronco sem cabeça, semelhante a uma clava, foi visto perto do sol. Embora a hora do eclipse não tivesse chegado aquele orbe dourado foi apanhado pelo planeta Swarbhanu; os ventos sopravam violentamente e o sol estava desprovido de brilho; embora ainda não fosse noite, estrelas numerosas como vaga-lumes apareceram.

Aves e peixes mergulhavam nas profundezas dos lagos, nos quais as flores de lótus tinham murchado, e naquela hora as árvores estavam desprovidas flores e frutos, e sombrias nuvens de poeira surgiam sem a agitação do vento. Papagaios gritavam descontroladamente 'Chichikuchi' e cometas de aspecto sinistro caíam sem um som; a terra com suas montanhas, matas e florestas, tremeu.

Quando Khara, de pé em seu carro, estava erguendo seu grito de guerra, seu braço esquerdo se contorceu e sua voz se extinguiu; olhando ao redor para todos os lados, seus olhos ficaram repletos de lágrimas, sua cabeça latejava, porém em sua tolice ele não voltou atrás.

Testemunhando esses maus presságios que faziam seus cabelos se arrepiarem, com uma risada desafiante, Khara se dirigiu àquela tropa de titãs, dizendo:

"Eu considero esses presságios medonhos, terríveis de se ver, como nada em comparação com o meu poder e os ignoro como os fortes fazem com os fracos! Eu sou capaz de derrubar as estrelas do céu com minhas flechas afiadas! Eu posso subjugar o império da própria morte! Até que, por meio de minhas armas poderosas, eu tenha abatido Rama, que depende de sua força apenas, como também Lakshmana, eu não vou voltar atrás. Que a minha irmã, por cuja causa eu jurei provocar a morte de Rama e Lakshmana, beba o sangue daqueles dois. Até essa hora, eu não conheci a derrota no campo de batalha; vocês são testemunhas disso, eu não profiro falsidade! Em minha ira eu sou capaz de matar o chefe dos deuses que porta o raio, montado no inebriado Airavata, quanto mais eu sou capaz de matar esses dois mortais?"

Ouvindo aquelas palavras arrogantes, o vasto exército dos titãs, a quem a morte já tinha em seu laço, encheu-se de alegria incomparável, e avançou cheio de vigor, ansioso para entrar em combate.

Nisso, os rishis de grande alma, devas, gandharvas e charanas se reuniram e aqueles seres virtuosos disseram uns aos outros:

"Reverências às vacas, aos brâmanes e a todos aqueles que adquiriram mérito espiritual no mundo!

"Como Vishnu, portando o disco em sua mão, subjugou os Asuras, assim que Rama também triunfe sobre os titãs nessa luta".

Repetidamente expressando esse desejo e muitos outros, os ilustres rishis e os deuses, posicionados no céu, olharam para baixo para o exército dos titãs, que estava prestes a ser destruído.

Então Khara em sua carruagem veloz foi para frente de seu exército e aqueles doze de extrema coragem: Karaviraksha, Parusha, Kalakarmukha, Hemamalin, Mahamalin, Sarpasya, Shyengamin, Prithugriva, Vajnashatru, Vihangama, Dirjaya, Krudhirashana, o cercaram, e Mahakapala, Sthulaksha, Pramatha e Trishiras, esses quatro seguiram Dushana.

Como um grupo de planetas avança na direção do sol ou da lua, assim em sua avidez de entrar na luta aquele exército formidável de titãs se lançou com ímpeto tremendo sobre os dois príncipes.

Capítulo 24 – Começa o combate entre Rama e os Titãs

Quando Khara de grande destreza avançou para o eremitério de Rama os dois príncipes observaram muitos presságios terríveis, e Rama, profundamente alterado, disse a Lakshmana: "Ó de braços fortes, esses presságios inauspiciosos, causando terror a todos os seres, predizem a destruição dos exércitos de demônios.

"Lá nuvens de cor parda, parecendo a pele de jumentos, passam pelo céu, derramando sangue em convulsões terríveis. Vê, ó Lakshmana, a fumaça subindo das minhas setas, como se elas se regozijassem com a disputa vindoura, e meu arco de ouro batido movendo-se por si próprio, ansioso pela ação. Parece-me que o grito das aves selvagens que frequentam as florestas prediz perigo, não só isso, que as próprias vidas dos nossos inimigos estão em perigo. Seguramente uma grande batalha ocorrerá em breve; a contração do meu braço esquerdo prenuncia isso. Ó herói, para nós a vitória é iminente, e a derrota dos titãs assegurada. O teu semblante está resplandecente e exultante, ó Lakshmana! Aqueles guerreiros que entram em combate com uma aparência triste estão perdidos.

"Eu ouço o rugido daqueles titãs de ações cruéis e o som de seus tambores. Se um homem prudente deseja sucesso e quer escapar da derrota, ele deve ser prevenido contra o futuro. Assim, portando teu arco e flechas, levando Sita contigo, te dirige para uma caverna na montanha, protegida por árvores e de difícil acesso. Ó Lakshmana, não te oponhas aos meus comandos, mas, jurando obediência aos meus pés, vai para lá, ó amigo, sem demora. Tu és valente e bem capaz de derrotar os titãs, mas eu desejo matar esses rondantes noturnos sozinho".

Tendo assim falado, Lakshmana, pegando seu arco e flechas, se retirou com Sita para uma caverna inacessível.

Quando Lakshmana entrou na caverna com Sita, Rama se alegrou com a submissão de seu irmão e vestiu sua cota de malha.

Vestido em armadura que brilhava como fogo, Rama se assemelhava a uma chama poderosa iluminando a escuridão, e aquele herói, permanecendo ereto, pegou seu arco e flechas e, pela vibração da corda, fez os quatro pontos cardeais ressoarem.

Então os deuses, gandharvas, siddhas e charanas se reuniram para testemunhar a luta e os rishis de alma grande começaram a conversar uns com os outros, dizendo:

"Que tudo esteja bem com todas as vacas e brâmanes que se encontram sobre a terra! Que Raghava derrote os descendentes de Pulastya em combate! Que ele possa ser tão vitorioso quanto Vishnu, que com seu disco derrotou totalmente os principais dos asuras!"

Tendo falado assim, trocando olhares, eles acrescentaram: "Mas como Rama pode vencer sozinho aqueles quatorze mil demônios de atos terríveis?"

Depois disso aqueles rajarishis e siddhas, posicionados em suas carruagens aéreas, foram movidos pela curiosidade quanto ao resultado do conflito e vendo Rama, esplendidamente equipado, de pé sozinho no campo de batalha, todos aqueles seres ficaram cheios de apreensão; o incomparável Rama, no entanto, o fazedor de atos nobres, assumiu o aspecto daquele deus vingador e de grande alma, Rudra!

Enquanto os deuses, gandharvas e charanas ainda estavam conversando, o exército dos titãs, criando um clamor terrível, vestido em armadura, portando armas e estandartes, apareceu por todos os lados.

Proferindo altos gritos de guerra, empurrando uns aos outros, vibrando suas cordas de arco, escancarando suas mandíbulas, eles gritavam: "Vamos destruir o inimigo!" Esse tumulto apavorante encheu a floresta e infligiu terror nos corações de seus habitantes, que fugiram do som, sem se atrever a olhar para trás.

Então o exército de demônios, parecendo um mar tempestuoso, brandindo todos os tipos de armas, se aproximou de Rama rapidamente, mas ele, um guerreiro experiente, olhando em volta para todos os lados, viu aquele exército de Khara avançando e saiu para enfrentá-lo, tirando suas flechas de sua aljava e esticando seu arco temível, emitindo um grito lancinante pressagiando a morte dos titãs.

Terrível de se ver em sua ira, ele lembrava o fogo na dissolução do mundo, e vendo-o cheio de energia as divindades da floresta fugiram. Em sua cólera, Rama parecia o portador do arco Pinaka decidido a destruir o sacrifício de Daksha.

Com seus arcos e armas, seus carros e suas armaduras, que brilhavam como fogo, as tropas daqueles comedores de carne humana pareciam uma massa de nuvens escuras na hora do nascer do sol.

Capítulo 25 – O combate entre Rama e os titãs continua

Aproximando-se do eremitério, Khara, em companhia com os que o precediam, viu Rama, o destruidor de seus inimigos, cheio de ira, armado com seu arco e, vendo aquele guerreiro poderoso de arco na mão, Khara mandou seu auriga ir até ele com seu carro.

Assim ordenado, Suta guiou seus cavalos para onde o ilustre Rama, empunhando seu arco, permanecia impassível.

Vendo Khara avançando sobre Rama, os titãs, proferindo gritos, o cercaram por todos os lados, e ele, postado em sua carruagem em meio àqueles Yatudhanas, lembrava o planeta Marte cercada por estrelas.

Disparando mil flechas, Khara emitiu um tremendo grito de guerra e todos os demônios em fúria despejaram vários mísseis sobre aquele arqueiro invencível Rama, atingindo-o em seu frenesi com clavas de ferro, espadas, lanças e machados.

Com sua estatura colossal e força extraordinária, eles pareciam montanhas quando se lançavam sobre Kakutstha com seus carros e cavalos.

Em seu desejo de superar Rama, aquelas hordas de demônios, montados em elefantes tão altos quanto os picos das montanhas, o cobriram com uma saraivada de armas, como grandes nuvens despejando sua chuva sobre o rei das montanhas, e Raghava foi cercado por todos os lados por aqueles demônios de aparência feroz.

Como à noite Mahadeva é cercado por seus satélites, assim Rama foi envolvido pelas lanças dos titãs, mas aquele príncipe recebeu os mísseis lançados contra ele como o mar recebe os rios que se esvaziam nele. Como os Himalaias permanecem imóveis ao serem atingidos por um raio, assim ele permaneceu quando aquelas armas terríveis rasgaram a sua carne. Perfurado em todos os membros, o sangue jorrando por todos os lados, ele parecia o sol do anoitecer envolto em nuvem.

Vendo Rama cercado por milhares de titãs, os deuses e os sábios ficaram profundamente agitados, mas ele, ficando furioso, curvando seu arco como uma foice, soltou centenas e milhares de flechas de pontas afiadas, que não podiam ser interceptadas e levavam a morte àqueles que elas perfuravam. Como se em esporte, no campo de batalha, Rama disparou inúmeras setas decoradas com plumas de garças, de pontas de ouro, destruindo inúmeros titãs como o laço da própria morte.

Despreocupadamente disparadas por Rama, aquelas setas atravessavam os corpos dos demônios e, manchadas de sangue, voavam pelo ar como tochas ardentes. Incontáveis flechas tiradas da aljava de Rama caíam às centenas e milhares, roubando dos demônios seu ar vital, seus arcos, suas bandeiras, seus escudos e sua armadura, seus braços enfeitados com ornamentos e suas coxas parecendo trombas de elefantes.

As flechas de Rama, disparadas da corda do arco, cortavam cavalos atrelados às carruagens com seus arreios dourados junto com os aurigas; elefantes com seus condutores, cavaleiros com seus cavalos, foram todos trespassados por suas flechas e despachados para a região de Yama.

Perfurados por aquelas flechas penetrantes, os viajantes da noite emitiam gritos terríveis, e dizimada por aquelas flechas concessoras de morte, a hoste de demônios era incapaz de se defender, como madeira seca é acesa pela proximidade do fogo.

Então certos guerreiros demônios, cheios de energia e zelo, em um acesso de raiva, atiraram lanças, tridentes e outras armas em Rama, mas ele, interceptando-as, cortou as cabeças daqueles demônios com suas flechas, privando-os, assim, de suas vidas. Eles, tendo tido suas cabeças, seus escudos e suas cordas de arco cortadas, caíam por terra, como árvores derrubadas pelo sopro das asas de Garuda.

Então os titãs restantes fugiram, procurando refúgio daquelas flechas concessoras de morte com Khara, mas Dushana, pegando seu arco, os reagrupou e avançou em Rama como se ele fosse o próprio Antaka; depois disso os titãs, ficando mais ousados, lançaram-se em Rama de novo, armados com troncos de árvores Sala e Tala e rochas enormes.

Com lanças, maças e laços, portando dardos, clavas e laçadas em suas mãos, aqueles grandes guerreiros cobriram o campo inteiro com uma torrente de mísseis, derramando saraivadas de árvores e rochas. Nisso o combate se tornou furioso, de arrepiar, e ora parecia como se Rama fosse o vitorioso e novamente os demônios pareciam triunfar. Então, vendo-se cercado por todos os lados, aquele poderoso guerreiro Rama, coberto por uma saraiva de dardos, emitiu um grito terrível, colocando a arma Gandharva, acionada por mantras, em seu arco, no que mil setas se projetaram do seu arco curvado, cobrindo as dez regiões.

Rama disparava as suas flechas com tal habilidade que os demônios eram incapazes de distinguir quando ele as tirava de sua aljava e quando ele as atirava, e suas flechas fizeram a escuridão se espalhar sobre o céu e obscurecer o sol.

Mortos aos milhares, os demônios caíam em pilhas e o campo de batalha estava cheio de cadáveres. Derrubados, estripados, trespassados, dilacerados e cortados em pedaços, eles podiam ser vistos às centenas, e o chão estava coberto com cabeças envoltas em turbantes, braços envoltos em pulseiras, coxas e torsos com seus ornamentos, cavalos, elefantes poderosos, carruagens despedaçadas, espanadores, abanadores, guarda-sóis e estandartes de todos os tipos, e vendo os mortos, os demônios restantes ficaram aflitos e incapazes de resistir mais a Rama, aquele captor de fortalezas hostis.

Capítulo 26 – Rama destrói os titãs e mata Dushana

Vendo suas tropas destruídas, o poderosamente armado Dushana colocou-se à frente de cinco mil titãs intrépidos e invencíveis, para quem o recuo era desconhecido.

Armados com lanças, sabres, rochas e árvores, eles soltaram uma chuva de mísseis sobre Rama de todos os lados, sem poderem feri-lo. Seu ataque era formidável e para todos, exceto Rama, mortal. O virtuoso Raghava, no entanto, enfrentou o ataque com suas flechas, de olhos fechados, tão despreocupado quanto um touro sob a forte chuva. Depois disso, ficando irado, ele resolveu destruir todo o exército de Khara e, ardendo de energia, cobriu aquela hoste e seu líder, Dushana, com suas flechas, no que Dushana, o matador de seus inimigos, enfrentou Raghava com armas que pareciam raios. Então o heroico Rama, enfurecido, cortou o arco imenso de Dushana, matou os quatro corcéis atrelados à sua carruagem e cortou a cabeça de seu auriga com uma seta em forma de meia-lua, depois perfurando o peito de Dushana três vezes com suas flechas.

Então Dushana ergueu sua maça coberta de ouro, que parecia um pico de montanha e era capaz de destruir o exército dos deuses. Cravejada de pregos, suja com a carne de seus inimigos, afiada como um diamante, capaz de atravessar os portões de cidades hostis, aquela arma, semelhante a uma cobra poderosa, era manejada por aquele titã de más ações, que se atirou sobre Rama.

Entretanto, quando Dushana se precipitou sobre ele, Rama cortou ambos seus braços com suas setas, e aquela maça, solta das suas mãos, caiu para frente no campo como a bandeira de Indra, enquanto Dushana, privado dela, com seus braços cortados, caiu ao chão como um poderoso elefante que, despojado de suas presas, sucumbe.

Vendo Dushana jazendo no campo de batalha, todos os seres, testemunhando aquele conflito, gritaram "Bem feito! Bem feito!" e prestaram reverências a Rama.

Enquanto isso, impelidos pelo destino, os três generais, Mahakapala, Sthulaksha e o poderoso titã Pramathin avançaram em Rama; Mahakapala brandindo um grande tridente, Sthulaksha portando um arpão e Pramathin, um enorme machado. Ao vê-los avançando, Raghava, tirando algumas flechas afiadas de ponta de aço, adiantou-se para encontrá-los, como alguém recebe um convidado, e o deleite da Casa de Raghu cortou a cabeça de Mahakapala com uma única flecha e atacou Pramathin com inúmeras setas, ao que ele caiu por terra como uma árvore cortada a machadadas; depois disso, Rama cegou Sthulaksha com suas flechas afiadas e, cheio de ira, com cinco mil flechas matou um número igual dos seguidores de Dushana, enviando-os para as regiões inferiores.

Ouvindo que Dushana e seus guerreiros estavam mortos, Khara, em grande fúria, dirigiu-se aos líderes do exército, dizendo: "Que todos os titãs ataquem aquele canalha miserável, Rama, e o golpeiem com armas de todos os tipos".

Falando assim, Khara, cheio de fúria, atirou-se sobre Rama, seguido por Durjaya, Karaviraksha, Parusha, Kalakarmuka, Hemamalin, Mahamalin, Sarpashya, Syengamin, Prithagriva, Vajnasatru, Vihangama e Rudhinashana, aqueles doze generais valentes com suas tropas, que caíram sobre Rama, disparando suas flechas excelentes.

E Rama, dotado de energia suprema, com suas flechas incrustadas com ouro e diamantes, despachou o restante das tropas de Khara, e aquelas flechas, desprovidas de penas, como hastes de ouro, assemelhando-se a chamas envoltas em fumaça, abateram os demônios como o relâmpago derruba as árvores gigantes. Com cem flechas em forma de asa[280] Rama matou cem titãs; e mil com o mesmo número de setas. Com suas couraças e ornamentos despedaçados, seus arcos quebrados, aqueles viajantes da noite caíram ao chão, banhados em sangue. Com seu cabelo desgrenhado, cobertos de sangue coagulado, eles jaziam no campo de batalha como grama kusha espalhada sobre o altar, e aquela grande floresta, juncada de cadáveres de demônios e suja com a sua carne e sangue, parecia a região do inferno.

Quatorze mil demônios de atos cruéis foram mortos por Rama, um mortal, sozinho e a pé! De todo o exército só Khara do grande carro e o titã Trishiras sobreviveram, todos os outros sendo mortos pelo irmão mais velho de Lakshmana, o ilustre Rama.

---

[280] [Alça ou orelha].

Então, vendo aquele vasto exército destruído no grande conflito, Khara, subindo em sua carruagem esplêndida, avançou sobre Raghava com sua maça erguida.

Capítulo 27 – Rama e Trishiras se enfrentam em combate. Trishiras é morto

Quando Khara estava avançando em Rama, o líder do exército, Trishiras, se aproximou dele e disse: "Ó senhor, abstém-te de entrar em combate com Rama e tendo recorrido a mim, que sou possuidor de destreza, testemunha a derrota dele. Eu te juro por minha espada que eu vou matar Rama e vingar a morte de toda a hoste de demônios. Nessa luta eu serei como Mrityu para ele ou ele para mim, mas tu, ó excelente, deves conter o teu ardor marcial algum tempo e ser apenas um espectador. Se Rama for morto, tu podes voltar para casa triunfante, mas se eu morrer, entra no campo contra ele".

Cedendo às persuasões de Trishiras, Khara disse a ele, que já estava condenado: "Vai, trava combate com Rama!"

Então Trishiras, como uma montanha de cume triplo, avançou em Raghava em uma carruagem reluzente atrelada a corcéis excelentes e, como uma grande nuvem derrama chuva, assim ele disparou uma saraivada de setas, rugindo o tempo todo como um timbale.

Vendo aquele demônio se aproximando, Rama disparou algumas setas de pontas afiadas e uma luta terrível se seguiu, de modo que parecia como se um grande leão e um elefante poderoso estivessem lutando entre si.

Trishiras tendo perfurado a testa de Rama com três setas, aquele herói, enfurecido, se dirigiu a ele em tons cortantes, dizendo: "Ó titã valente, as setas que tu disparaste eu carrego em minha fronte como uma coroa de flores, recebe agora as flechas do meu arco".

Então Rama atirou quatorze setas serpentiformes, atingindo Trishiras no peito, e com mais quatro setas derrubou seus quatro cavalos, matando seu quadrigário com outros oito dardos e com uma única flecha cortando o estandarte erguido na frente de seu carro. Então, quando aquele viajante noturno estava descendo da sua carruagem despedaçada, Rama perfurou seu peito com mais flechas, privando-o de seus sentidos, e ele de bravura incomensurável com suas flechas velozes cortou as três cabeças de Trishiras, fazendo o sangue fluir do tronco atingido, e as cabeças daquele vagueador da noite caíram enquanto ele ainda estava em pé depois da destruição de suas tropas.

Então os titãs restantes, perdendo a coragem, fugiram como veados debandando pela aproximação de um caçador, e Khara, vendo-os fugindo, encolerizando-se, os reagrupou e avançou em Rama como Rahu na lua.

Capítulo 28 – O combate entre Rama e Khara

Vendo que Dushana e Trishiras tinham sido mortos na luta e testemunhando as proezas de Rama, Khara estava cheio de apreensão e refletiu:

"Meu grande exército com meus generais Dushana e Trishiras foi destruído por Rama, sozinho".

Diante disso aquele demônio Khara foi tomado pelo desânimo e se atirou em Rama, como o titã Namuchi em Indra. Esticando seu arco imenso, Khara disparou em Rama algumas setas sugadoras de sangue, parecendo cobras venenosas, e, em sua carruagem, começou a percorrer o campo de batalha, exibindo sua habilidade no uso de armas, cobrindo os quatro quadrantes com suas flechas.

Vendo isso, como Parjanya com suas torrentes de água, Rama, armado com seu arco poderoso, encheu todo o firmamento com suas flechas irresistíveis, que pareciam línguas de fogo, e todo o espaço estava cheio de setas por todos os lados, que tinham sido disparadas por Khara e Rama.

Enquanto aqueles dois heróis lutavam, o sol foi obscurecido e a escuridão desceu; então, como um elefante poderoso golpeado com um aguilhão, Rama atacou seu oponente com Nalikas, Narachas e Vikarnas de pontas afiadas, e aquele demônio, permanecendo em sua carruagem, com arco na mão, se assemelhava à própria Morte carregando seu laço. Naquele momento Khara julgou que o destruidor de suas tropas, dotado de heroísmo, o extremamente poderoso Rama, estava vencido pelo cansaço, mas Rama permaneceu imóvel sob os ataques de Khara, como um leão poderoso ignora a presença de um cervo insignificante.

Então Khara, em sua carruagem ardente como o sol, se aproximou de Rama, como uma mariposa se aproxima de uma chama e, exibindo sua habilidade, cortou o arco de Rama no ponto em que ele o segurava, depois disso atirando sete flechas como maças semelhantes aos raios de Indra, que despedaçaram a armadura de seu adversário resplandecente como o próprio sol, de modo que ela caiu no chão. Rugindo como um leão, ele atirou mil flechas, ferindo Rama de poder sem igual, e naquele conflito Khara deu um grito poderoso.

Perfurado pelas flechas de Khara, o corpo de Rama parecia uma chama clara e sem fumaça, e aquele destruidor de seus inimigos, para atingir a derrota do titã, pegou outro grande arco, encordoando-o com uma vibração poderosa. Erguendo no alto aquele arco prodigioso, chamado Vaishnava, concedido a ele pelo rishi Agastya, Rama avançou em Khara, disparando suas flechas decoradas com penas douradas e cortou sua bandeira banhada a ouro, que caiu da carruagem, como o sol cai sobre a terra, amaldiçoado pelos deuses.

Altamente provocado, Khara mirou no coração de Rama e o perfurou com quatro setas, de modo que ele parecia um grande elefante sob o dilúvio na época das chuvas, e Rama, gravemente ferido por suas flechas, coberto de sangue, enfureceu-se, e aquele principal dos arqueiros, com habilidade consumada, disparou seis flechas bem dirigidas. Com uma, ele atingiu a cabeça de Khara, com duas outras, seus braços, e com as três setas restantes em forma de meia-lua ele perfurou seu peito. Então aquele guerreiro ilustre, em sua ira, atirou treze setas afiadas na pedra de amolar, brilhantes como o sol; uma cortou os varais do carro de seu adversário, mais quatro derrubando os cavalos; com uma sexta ele atingiu a cabeça de seu quadrigário, e com três outras aquele guerreiro notável e intrépido despedaçou os eixos da carruagem; com a décima segunda ele cortou o arco de Khara no ponto em que ele o segurava, e com a décima terceira flecha, que brilhava como um relâmpago, Raghava, que era igual a Indra, trespassou Khara, como se fosse em diversão.

Com seu arco quebrado, privado de seu carro, seus cavalos mortos, seu auriga caído, Khara, de maça na mão, saltou para o chão e ficou esperando.

Vendo o feito de armas de Rama, que era insuperável, os deuses e os grandes sábios se regozijaram e, reunindo-se no céu, com as palmas unidas, glorificando a façanha extraordinária daquele guerreiro poderoso, ofereceram reverências a ele.

Capítulo 29 – Rama e o demônio Khara provocam um ao outro

Então o ilustre Rama se dirigiu a Khara, que estava de pé com maça na mão, privado de seu carro, e em voz severa, disse:

"Ó herói, com o apoio desse exército de elefantes, cavalos, carros e homens, tu adotaste um curso de ação condenado por todos. Aquele que inflige dor a outros por oprimi-los, que é cruel e envolvido em maldades, nunca conhecerá a felicidade, mesmo que ele seja o senhor dos três mundos.

"Ó viajante da noite, alguém que, como um tirano, trabalha contra os interesses dos outros e parece uma cobra perigosa e saqueadora, é por fim destruído! Aquele que, dominado pela avareza ou pela inveja, adota uma má conduta, sem refletir sobre as consequências, perde a sua vida e chega a um fim miserável, como um pato brahmani que se alimenta de granizo.

"Ó titã, como tu podes escapar das consequências do assassinato daqueles ascetas que habitam a floresta de Dandaka, aumentado o seu mérito pela prática de virtude?

"Mesmo se alcançarem a soberania, os perversos, envolvidos em atos cruéis, condenados por todos os homens, não a desfrutam por muito tempo, mas caem como árvores cujas raízes foram cortadas.

"Ó residente na escuridão, como na sua época adequada a árvore desenvolve suas flores, assim no decorrer do tempo as más ações produzem frutos amargos.

"Como um homem que engole veneno logo sucumbe, assim o pecador colhe rapidamente os frutos das suas ações perversas. É para eliminar os instigadores do mal, os opressores de outros, que eu, sob as ordens do rei, vim para cá. Hoje as minhas flechas brilhantes penetrarão na tua carne, como serpentes entram em um formigueiro, e tu seguirás na esteira daqueles ascetas virtuosos que moram na floresta, a quem tu mataste sem provocação. Logo aqueles sábios excelentes, antigamente mortos por ti, voltarão em seus carros aéreos para te ver jazendo no inferno derrubado pelas minhas setas. Ó pior dos homens, ó tu que és de uma raça odiosa, defende-te como quiseres, eu em breve cortarei a tua cabeça como o fruto de uma palmeira".

Ouvindo as palavras de Rama, Khara, com os olhos ardendo de raiva, fora de si, respondeu zombeteiramente: "Ó filho de Dasaratha, tu és só um homem comum; porém, tendo matado esses titãs insignificantes em batalha, tu te enalteces sem razão. Aqueles que são corajosos e valentes nunca se vangloriam de suas proezas; só a escória da casta guerreira louva a si própria como tu fizeste. Onde está o guerreiro que, no campo de batalha, com a sua morte iminente, cantaria o seu próprio louvor? Tu revelaste a tua indignidade por essa autoglorificação, como o latão usando a aparência de ouro revela o seu verdadeiro valor em um fogo de grama kusha.

"Ó Rama, armado com uma maça, eu permaneço imóvel no campo, como uma montanha enriquecida por metais preciosos. Contempla-me com minha maça, como o próprio Antaka armado com seu laço, prestes a acabar com a tua vida; eu

destruirei não só a ti, mas os três mundos! Eu poderia falar mais, mas me contenho, para que o nosso combate não seja interrompido porque a hora do pôr do sol está próxima. Quatorze mil titãs caíram sob os teus golpes; por te matar hoje eu enxugarei as lágrimas dos seus familiares".

Falando dessa maneira, Khara, cheio de fúria, arremessou sua maça admirável envolvida em ouro em Rama. Deixando a mão de Khara, aquela maça maciça e refulgente, parecendo um raio ardente, reduzindo as árvores e arbustos a cinzas, aproximou-se de Rama, mas ele, quando ela estava prestes a cair como o laço da morte, despedaçou-a em fragmentos com suas flechas enquanto ainda no ar. Despedaçada e quebrada, ela caiu no chão como uma serpente atingida pela eficácia de ervas e o poder de encantamentos.

Capítulo 30 – A morte de Khara

Tendo interceptado e quebrado aquela grande maça com suas setas, o sempre virtuoso Rama, embora ainda irado, falou como se estivesse brincando:

"Ó titã, essa é a extensão do teu poder? Como é estranho que alguém tão deficiente em destreza se gabe tão alto! Cortada pelas minhas flechas, eis que a tua maça se encontra em pedaços no chão! Tu te gabaste inutilmente! Tu não declaraste: 'Eu vou enxugar as lágrimas derramadas pela morte dos titãs?' Palavras vãs! Como Garuda antigamente roubou o néctar da imortalidade, eu estou a ponto de privar-te de tua vida, tu canalha vil e mentiroso! A terra neste dia beberá o sangue espumante brotando da tua garganta, que as minhas flechas terão cortado. Logo o teu corpo, coberto de poeira, com os braços estendidos, abraçará a terra, como um amante frenético abraça a mulher que ele ganhou, após longa demora.

"Ó opróbrio da tua raça, após tua morte a floresta de Dandaka se tornará um refúgio para aqueles que são eles próprios um refúgio; as minhas flechas livrarão a floresta de todos os titãs e os ascetas andarão por lá sem medo. Hoje as mulheres titãs em angústia extrema, chorando e apavoradas, fugirão desse lugar. Elas que inspiravam terror em outros, tendo malfeitores como tu como seus cônjuges, hoje provarão as dores da tristeza! Ó patife cruel, decaído e de coração falso, com medo de quem os sábios tremem quando eles derramam suas oferendas no fogo sagrado".

Quando Raghava, dominado pela ira, proferiu essas palavras, Khara, espumando de raiva, começou a lançar insultos contra ele, dizendo: "Realmente, apesar da tua jactância tu estás cheio de terror e diante da morte não sabes se falas ou ficas em silêncio. Aqueles que estão prestes a morrer perdem o poder dos seus cinco sentidos e não sabem mais o que é certo e o que é errado".

Tendo dito isso, aquele viajante noturno, Khara, carrancudo, olhou à sua volta em busca de uma arma e, vendo uma grande palmeira perto, a arrancou violentamente e girando-a com energia impressionante a arremessou em Rama, rugindo: "Agora tu estás morto!"

Nisso Raghava com sua arma cortou aquela árvore em pedaços, e em um acesso de raiva resolveu matar Khara. Com seu corpo coberto de suor, os olhos ardendo, ele perfurou Khara com inúmeras setas, de modo que rios de sangue jorraram de suas feridas, assim como as torrentes da montanha Prasravana.

Entorpecido pelas flechas de Rama e enlouquecido pelo cheiro de sangue, Khara avançou em Rama, que, vendo-o se aproximar cheio de fúria e coberto de

sangue, recuou alguns passos; então, para matá-lo, ele escolheu uma flecha que brilhava como fogo, assemelhando-se à vara de Brahma. E aquele virtuoso disparou aquela flecha em Khara, que tinha sido conferida ao sábio Agastya por Indra, e como um raio ela atingiu o seu peito de modo que ele, consumido pela chama que brotava dela, caiu ao chão. Como Rudra com seu terceiro olho consumiu o demônio Andhaka na floresta de Sweta, como Vritra foi morto pelo raio, como Namuchi pela espuma, como Bala pela maça de Indra, assim Khara caiu.

Então os deuses e os charanas se reuniram e, maravilhados e encantados, tocaram seus tambores, derramando flores sobre Rama e dizendo: "Nesse grande conflito Raghava, por meio de suas flechas afiadas, matou em um instante quatorze mil demônios, capazes de mudar sua forma à vontade, com seus generais, Khara e Dushana. Grande de fato é essa façanha de Rama, versado na ciência do Eu. Que valor! Sua destreza se assemelha à do próprio Vishnu!"

Dizendo isso, os deuses retornaram de onde tinham vindo.

Posteriormente os rajarishis e os paramarishis, acompanhados por Agastya, alegremente prestaram homenagem a Rama e disseram:

"Foi por isso que o matador de Paka, o poderoso Purandara, visitou o eremitério do sábio Sharabhanga. Foi por isso que os grandes rishis te trouxeram a esse lugar, ó príncipe, para que tu pudesses efetuar a destruição dos titãs de atos maus. Tu cumpriste a tua missão entre nós, ó filho de Dasaratha; a partir de hoje os sábios virtuosos podem realizar suas devoções na floresta de Dandaka em paz".

Então aquele herói, Lakshmana, acompanhado por Sita, saiu da caverna da montanha e entrou alegremente no eremitério, e o vitorioso e heroico Rama, honrado pelos grandes sábios, voltou para o ashrama, onde Lakshmana lhe prestou reverência.

Vendo seu consorte retornando vitorioso, tendo trazido felicidade para os ascetas, a feliz Vaidehi o abraçou. Vendo aquelas hostes de demônios mortos, e aquele destruidor de hostes inimigas adorado pelos sábios magnânimos, a filha de Janaka começou a servir seu senhor e cheia de alegria, abraçando-o de novo em seu deleite, experimentou felicidade suprema.

Capítulo 31 – Ravana ouve da morte de Khara e decide matar Rama

O titã Akampana, deixando rapidamente Janasthana, foi para Lanka a fim de procurar Ravana, abordando-o assim:

"Ó rei, os inúmeros titãs residentes em Janasthana pereceram e o próprio Khara caiu no campo de batalha; por acaso, eu fui permitido chegar aqui vivo".

Ouvindo essas palavras, Ravana, com seus olhos avermelhando-se de raiva, dirigiu seu olhar sobre Akampana como se ele o fosse consumir, e disse:

"Quem, buscando a sua própria destruição, se atreveu a exterminar meu povo? Nada no mundo será capaz de protegê-lo, nem mesmo Indra, Kuvera, Yama ou o próprio Vishnu. Nenhum homem pode salvar aquele que me desafiou! Eu sou o Senhor do Tempo, o Consumidor do Fogo, a morte da própria Morte! Em minha ira eu sou capaz de reduzir Aditya e Pavaka a cinzas! Realmente eu posso subjugar o próprio vento em seu curso!"

Nisso, Akampana, com palmas unidas, em uma voz estrangulada de terror, pediu a proteção dele de dez pescoços, que estava louco de raiva, no que aquele

senhor dos titãs deu-lhe garantia de segurança, inspirando-o com confiança, e Akampana então se dirigiu a ele corajosamente, dizendo:

"Há um filho do rei Dasaratha, que é jovem, parecendo um leão, de ombros largos como um touro, possuindo braços longos, belo, renomado e de destreza incomensurável; seu nome é Rama; foi ele que em Janasthana matou Khara e Dushana".

A essas palavras, Ravana, rei dos titãs, respirando como uma grande serpente, questionou Akampana, dizendo: "Ó Akampana, quando chegou a Janasthana Rama estava acompanhado pelo líder dos deuses e todos os celestiais?"

Ao ouvir as palavras de Ravana, Akampana começou a descrever as façanhas grandiosas e nobres de Raghava, dizendo:

"Ó rei, Rama é um guerreiro poderoso, um arqueiro invencível e igual ao próprio Indra em valentia; seus olhos são levemente vermelhos e sua voz lembra um timbale, seu rosto é como a lua cheia. Seguido por Lakshmana, como Anila segue Pavaka, esse é o afortunado líder de monarcas que destruiu a tua colônia, como o fogo, espalhado pelo vento, consome uma floresta! Rama não foi de modo algum ajudado pelos deuses – disso não há dúvida – mas as suas flechas de asas de ouro voando pelo ar, transformando-se em cobras de cinco cabeças, destruíram os demônios. Ó soberano poderoso, para onde quer que eles fugissem em seu terror, eles viam Rama diante deles, e dessa maneira Janasthana foi destruída por ele".

Ouvindo as palavras de Akampana, Ravana gritou: "Eu irei para Janasthana e matarei Rama e Lakshmana!"

Então Akampana lhe respondeu, dizendo:

"Ó rei, ouve de mim a verdadeira extensão da força e destreza de Rama. Extremamente virtuoso e corajoso, ninguém no mundo é capaz de subjugá-lo em sua ira. Por meio de suas setas, ele é capaz de conter um rio em seu curso e de despedaçar o próprio firmamento com suas estrelas e planetas; não só isso, se a terra estivesse submersa, ele poderia levantá-la e, se ele assim o desejasse, alterar os limites do mar e inundar os continentes com suas águas. Ele é capaz de dominar todas as criaturas e controlar o rumo do próprio vento; na verdade, aquele mais notável dos homens, tendo destruído os mundos, pode criar um novo universo. Ó tu de dez pescoços, como um pecador não é capaz de entrar no céu, nem tu, nem teus titãs podem derrotar Rama em combate. Os deuses e os titãs juntos não podem vencê-lo; contudo há uma maneira de destruí-lo, que eu vou agora revelar a ti.

"Rama é casado com uma mais bela do que qualquer mulher na terra, e aquela moça de cintura delgada é conhecida pelo nome da Sita. Na plena flor da juventude, e possuidora de membros proporcionais, ela é uma joia adornada por joias. Em beleza ela supera os seres celestes, ninfas e nagas. Tendo atraído Rama para a floresta, que tu a leves embora! Sem Sita Rama não sobreviverá!"

O senhor dos rakshasas ficou muito satisfeito ao ouvir essas palavras e, depois de um pouco de reflexão, disse a Akampana: "Que assim seja! Amanhã, acompanhado pelo meu auriga somente, eu, de coração contente, trarei a princesa de Videha para esse palácio espaçoso!"

No dia seguinte Ravana partiu em sua carruagem, atrelada a mulas, que era brilhante como o sol, iluminando os quatro quadrantes. Seguindo o caminho das estrelas em seu curso rápido, ela parecia a própria lua cercada por nuvens.

Percorrendo uma grande distância, ele se aproximou do eremitério do filho de Taraka, Maricha, que o acolheu com pratos maravilhosos desconhecidos do homem. Presenteando-o com um assento e água com a qual lavar os pés, aquele demônio

se dirigiu a ele, dizendo: "Ó senhor dos titãs, está tudo bem contigo e com o teu povo? Ó soberano, sendo ignorante da tua intenção, a tua chegada inesperada e súbita me enche de apreensão!"

Então o resplandecente e eloquente Ravana respondeu a Maricha, dizendo:

"Ó amigo! Rama, que é capaz de realizar aquilo do qual a razão recua, destruiu toda a colônia de Janasthana, até então inexpugnável, como também meus generais, Khara e Dushana. Que tu, portanto, me ajudes a raptar sua consorte, Sita".

Ouvindo essas palavras do rei dos titãs, Maricha respondeu: "Ó rei, o homem que assim te aconselhou a respeito de Sita é seguramente um inimigo sob o disfarce de um amigo. Por tal conselho, ele sem dúvida te ofendeu e ele tem inveja do teu grande poder.

"'Rouba Sita!", Quem proferiu tais palavras? Quem procura cortar a cabeça da hoste inteira de titãs? Sem dúvida o homem que te aconselhou dessa maneira é teu inimigo, já que ele deseja que tu extraias as presas venenosas de uma serpente com as tuas mãos nuas. Quem é que procura te desencaminhar e atinge a tua cabeça enquanto estás dormindo feliz?

"Raghava, aquele elefante inebriado, não pode ser resistido no campo de batalha. Com a linhagem de uma Casa ilustre como sua tromba, sua valentia a linfa, seus braços estendidos as presas, tu és totalmente incapaz de competir contra ele. Não despertes aquele leão adormecido que caça os titãs como cervos, as flechas de cuja aljava são suas garras, sua espada afiada as mandíbulas.

"Ó rei dos titãs, não te atires naquele oceano temível e sem fundo chamado Rama, cujo arco é o crocodilo, a força de cujo braço é o pântano, cujas flechas são as ondas crescentes, e cujo campo de batalha é suas águas.

"Ó senhor de Lanka, acalma-te e volta em paz para a tua capital. Ó Indra dos titãs, continua a desfrutar da companhia de tuas esposas, e deixa Rama se deleitar com a dele, na floresta".

Ouvindo as palavras de Maricha, Ravana o de dez cabeças retornou para a cidade de Lanka e reentrou em seu palácio.

Capítulo 32 – Shurpanakha repreende Ravana e o incita a destruir Rama

Quando Shurpanakha viu aqueles quatorze mil titãs de atos terríveis mortos por Rama sozinho no campo de batalha, junto com Khara, Dushana e Trishiras, ela mais uma vez emitiu gritos terríveis e rugiu como um trovão. Vendo a destreza incomparável de Raghava, ela ficou extremamente agitada e foi para Lanka, a capital de Ravana.

Lá ela viu Ravana brilhando em glória, cercado por seus ministros no terraço de seu palácio, como Indra no meio dos Maruts. Sentado em seu trono dourado, ardendo como uma chama, Ravana parecia um grande fogo aceso em um altar, mantido vivo por oferendas sacrificais. Não vencido por deuses, gandharvas, rishis ou outras criaturas, aquele guerreiro, que se assemelhava à própria morte com mandíbulas escancaradas, tinha em seu corpo as feridas causadas pelos raios na guerra entre os deuses e os titãs e em seu peito as marcas das presas de Airavata.

Tendo vinte braços, dez cabeças, um peito largo, usando um traje deslumbrante e portando as marcas da realeza, ele estava adornado com uma

corrente de esmeraldas e ornamentos de ouro fino, e com seus grandes braços, dentes brancos e boca enorme ele parecia uma montanha.

No combate com os deuses, Vishnu o atingiu cem vezes com seu disco, e ele trazia as marcas de outras armas daquela grande luta, mas seus membros estavam intatos e não tinham sido cortados. Ele que era capaz de agitar os mares, um feito não realizado por qualquer outro, cujos mísseis eram os topos das montanhas, ele o flagelo dos deuses, que transgredia toda lei moral, o violador das esposas de outros, o manejador de armas celestes, o destruidor de sacrifícios, que desceu para a cidade de Bhogavati e subjugou a serpente Vasuki, de quem, após sua derrota, ele roubou a consorte delicada; ele que escalou o monte Kailasha e derrotou Kuvera privando-o de sua carruagem aérea Pushpaka, que o transportava para onde quer que ele desejasse; ele que em sua raiva destruiu o jardim de Chaitaratha, a piscina de lótus e o bosque Nandana e todos os retiros aprazíveis dos deuses, e com seus vastos braços, parecidos com picos de montanhas, impediu o curso do sol e da lua, duplos flagelos de seus inimigos, elevando-se em esplendor; praticando ascetismo na imensa floresta por mil anos ele ofereceu suas cabeças em sacrifício a Swyambhu[281] e obteve a benção que nem deva, danava, gandharva, pisacha, pataya nem uraga seria capaz de matá-lo, mas do homem não houve menção; orgulhoso de sua força, ele roubou o suco Soma, santificado por mantras, antes da sua espremedura pelos nascidos duas vezes no sacrifício; esse canalha perverso, Ravana de atos maus, assassino de brâmanes, cruel, impiedoso, deleitando-se em causar danos a outros, era realmente uma fonte de terror para todos os seres.

A mulher titã viu seu irmão cheio de poder, resplandecente em traje suntuoso, adornado com guirlandas celestes, sentado em seu trono, parecendo o Tempo na destruição dos mundos, aquele Indra dos demônios, o descendente orgulhoso de Pulastya e ela, tremendo de medo, para se dirigir a ele, se aproximou daquele matador de seus inimigos, que estava sentado em meio a seus conselheiros. Perturbada com terror e aflição, Shurpanakha, que estava acostumada a vagar por toda parte sem medo, agora mutilada por ordem daquele magnânimo Ramachandra, exibindo as suas feições destruídas diante de Ravana, cujos olhos grandes pareciam emitir chamas, proferiu estas palavras amargas para ele:

Capítulo 33 – As palavras de Shurpanakha para Ravana

Cheia de raiva, Shurpanakha se dirigiu a Ravana, o opressor dos mundos, em tons ásperos, dizendo:

"Ó Ravana, totalmente dedicado ao prazer e entregando-te a todos os caprichos sem escrúpulos, tu estás esquecido da grande calamidade que te ameaça. Aquele monarca que é dado à luxúria e outras dissipações e que é avarento é desconsiderado por seus súditos, como é o fogo no crematório. Aquele rei que não cumpre os seus deveres na época apropriada traz ruína para o seu estado. O príncipe que, cometendo excessos, é governado por suas cônjuges e prontamente dá credibilidade ao conselho de outro, é evitado como a lama de um rio é evitada por um elefante. Aqueles governantes que são incapazes de proteger suas terras, ou de recuperar o território tirado à força deles, vivem sem glória, como montanhas submersas no oceano.

---

[281] [Swyambhu].

"Em inimizade com os deuses, os gandharvas e os danavas, que são mestres de si mesmos, fazendo o que não deve ser feito e inconstante, como tu és capaz de governar como rei?

"Ó titã, tu és infantil e imprudente e não estás familiarizado com o que deve ser conhecido por ti; como tu podes governar? Aqueles monarcas que não têm nem emissários, nem riqueza nem política à sua disposição parecem homens comuns, ó príncipe dos conquistadores! Já que os reis são informados por seus espiões a respeito do que está ocorrendo no exterior, é dito que eles veem longe. Parece-me que tu não cumpres o teu dever e que os conselheiros que te cercam são inexperientes, uma vez que tu és insensível à destruição do teu povo e do seu território.

"Quatorze mil titãs de atos terríveis com Khara e Dushana foram mortos por Rama sozinho; Rama de façanhas imperecíveis livrou os ascetas do medo, estabeleceu a paz na floresta de Dandaka e fustigou Janasthana, mas tu, que és cobiçoso e escravo da luxúria, estás inconsciente do perigo que ameaça o teu domínio. Em tempo de perigo, ninguém vai ajudar aquele monarca que é vil, violento, dissoluto, orgulhoso e pérfido. Até os próprios parentes dominarão um rei que é excessivamente vaidoso, pretensioso, arrogante e irascível. Aquele monarca que falha em seu dever e, sob a ameaça de perigo é embalado em uma falsa segurança, na hora da adversidade será varrido do seu reino como uma palha. Madeira seca, turfa ou poeira têm algum valor, mas um rei que é degenerado é inútil e parece uma coroa de flores desbotadas ou uma peça de roupa estragada pelo uso. Aquele monarca que é vigilante, no entanto, familiarizado com o que está acontecendo e virtuoso, estabelece o seu trono para sempre. O rei que, mesmo durante o sono, ainda está desperto para a ordenação de seu reino, que manifesta sua raiva ou aprovação em um momento apropriado, é reverenciado por todos.

"Ó tu, cujos emissários falharam em te informar da grande carnificina entre os titãs, que és desprovido de sabedoria, ó Ravana, tu és carente de todas essas grandes qualidades.

"Desconsiderando outros, entregue aos prazeres dos sentidos, incapaz de obter vantagem de hora e lugar ou de discernir entre o que é bom e mau, tendo sacrificado o teu reino, tu logo perecerás".

Refletindo sobre as fraquezas que sua irmã tinha atribuído a ele, Ravana, o senhor dos titãs, opulento, arrogante e poderoso, ficou absorto em pensamentos.

Capítulo 34 – Shurpanakha incita Ravana a matar Rama e a se casar com Sita

Ouvindo as palavras amargas de Shurpanakha, Ravana, cercado por seus ministros, perguntou com raiva: "Quem é Rama? Qual é a sua força? Como ele se parece e qual é a extensão da sua destreza? Por que ele penetrou nas profundezas solitárias e inacessíveis da floresta de Dandaka? Com quais armas ele destruiu os titãs naquele conflito, matando Khara e Dushana como também Trishiras? Dize-me a verdade, ó adorável, quem te desfigurou?"

Assim abordada pelo senhor dos titãs, Shurpanakha em um assomo de raiva começou a contar a história de Rama.

Ela disse: "Rama, o filho do rei Dasaratha, parece o deus do amor; seus braços são longos, seus olhos grandes; vestido em mantos de pele e em uma pele

de antílope negro, portando um arco envolto em ouro semelhante ao de Indra, ele dispara flechas ardentes que se assemelham a cobras venenosas. Emitindo um grande grito, ele atira suas setas formidáveis, e na luta eu não podia distingui-lo, mas vi a hoste sendo dizimada sob a chuva de suas setas, como a colheita é destruída pelo granizo enviado por Indra. Em um curto espaço de tempo, sem ajuda, sozinho, ele matou quatorze mil titãs com Khara e Dushana, assim levando a paz aos sábios na floresta de Dandaka e os livrando do medo. De alma cavalheiresca, Rama, o conhecedor do Eu, não iria aprovar a morte de uma mulher e, tendo sido mutilada por ordem dele, eu escapei.

"Seu irmão, dotado de grande valor, é famoso por sua virtude; seu nome é Lakshmana e ele é devotado a Rama. Cheio de fogo, indomável, vitorioso, poderoso, inteligente e sábio, ele é a sua mão direita e o seu próprio ar vital. E a esposa virtuosa, gentil e dedicada de Rama, de olhos grandes, cuja face parece a lua cheia, está sempre ocupada no que é agradável para seu senhor. Com seus cabelos graciosos, nariz bem formado, belos ombros e sua graça e dignidade, alguém a consideraria como uma divindade da floresta ou a própria Lakshmi. Com a pele da cor do ouro derretido, unhas que são rosadas e longas, aquela mulher extremamente adorável é Sita, a princesa de Videha de cintura delgada. Nenhuma mulher tão bonita jamais apareceu no mundo, ou entre os deuses, gandharvas, yakshas ou kinnaras. Aquele de quem Sita se tornar esposa e a quem ela abraçar calorosamente viverá no mundo mais feliz do que Purandara. Com sua amabilidade natural, sua beleza maravilhosa, que é sem igual na terra, ela se revelaria uma consorte digna para ti, e tu também és digno de ser seu senhor. Era para trazer para ti aquela dama de quadris esculturais, peito suavemente arredondado e feições encantadoras, que eu aplicava meus esforços, quando, ó de braços poderosos, eu fui mutilada pelo implacável Lakshmana!

"Quando tu vires Vaidehi, cujo rosto parece a lua cheia, tu serás instantaneamente perfurado pelos dardos do deus do amor. Se tu desejas conquistá-la, então parte rapidamente com o pé direito e sitia o coração dela. Se, ó Ravana, o meu conselho encontra a tua aprovação, então, ó rei dos titãs, o segue sem demora.

"Conhecendo a fraqueza dessas pessoas, ó valente chefe dos titãs, faze de Sita, que é sem defeito, a tua consorte. Sabendo que Rama com suas flechas que nunca erram seu alvo matou os titãs estabelecidos em Janasthana, e da morte de Khara e Dushana, tu tens um dever a cumprir".

Capítulo 35 – Ravana visita o demônio Maricha mais uma vez

Ouvindo as palavras de Shurpanakha, que fizeram seus cabelos se arrepiarem, Ravana dispensou seus ministros e começou a refletir sobre o que deveria ou não deveria ser feito. Explorando a verdadeira implicação do empreendimento e pesando a desejabilidade e a indesejabilidade do assunto, ele chegou à conclusão: 'Eu devo agir desse modo', e, fixo em sua determinação, foi secretamente ao pavilhão esplêndido onde suas carruagens eram mantidas de prontidão, mandando seu motorista trazer seu carro.

Por sua ordem, o zeloso auriga, em um instante, preparou aquela carruagem excelente e maravilhosa, e Ravana subiu no carro dourado cravejado de pedras

preciosas, que corria onde quer que ele desejasse, ao qual mulas em arreios dourados, tendo as cabeças de trasgos, estavam atreladas.

Sobre aquela carruagem, cujas rodas faziam um som como um trovão, o irmão mais novo de Dhanada, o deus da riqueza, prosseguiu ao lado do senhor dos rios e riachos ao longo do litoral.

Sentado sob um dossel branco puro com seus chouris[282] brancos, suas dez cabeças da cor de lápis-lazúli, usando ornamentos de ouro puro, com dez pescoços e vinte braços, o irmão mais novo de Dhanada, o inimigo dos deuses, o matador dos principais entre os ascetas, possuidor de cabeças enormes, semelhante ao Indra das montanhas, com seus dez topos, parecia belo, em sua carruagem, correndo à vontade como uma massa de nuvens coroada de raios e acompanhada por um bando de garças.

E aquele grandioso, dotado de destreza, contemplou as margens do mar com suas rochas e inúmeras árvores, carregadas de frutas e flores de todos os tipos, rodeadas por lagos de água límpida cheios de lótus, e eremitérios espaçosos com seus altares e bosques de bananeiras fornecendo brilho à cena, que era realçado por coqueiros, árvores Sala, Tala e Tamala florescentes.

Esses lugares tinham sido tornados ilustres pela presença de milhares de grandes rishis de penitências rígidas e nagas, suparnas, gandharvas e kinnaras; eles eram tornados agradáveis por siddhas e charanas, que eram totalmente autocontrolados, e aqueles descendentes de Brahma que derivavam seu alimento dos raios solares e aqueles que viviam de alimentação simples como os ajas, vaikhanasas, mashas, valakhilyas e marichipas.[283] Inúmeras ninfas de beleza celeste, adornadas com guirlandas e joias, os divertiam com todos os tipos de passatempos nos quais elas se distinguiam, e as consortes auspiciosas dos deuses os honravam por residirem entre eles, enquanto danavas e outros seres celestes que se alimentavam de amrita frequentavam aquele local. Cisnes, grous, pelicanos e aves aquáticas se divertiam na relva verde-esmeralda, úmida e brilhante com a névoa do mar; carros espaçosos enfeitados com guirlandas celestes dos quais brotavam acordes de música agradável voavam aqui e ali à vontade daqueles que tinham conquistado os mundos por sua austeridade, juntamente com gandharvas e apsaras.

Ravana examinou inúmeras florestas de sândalo, cujas raízes eram cheias de seiva perfumada, deliciando o sentido do olfato, e bosques de excelentes árvores Agallocha e Takkola com árvores de pera e arbustos de pimenta preta e pilhas de pérolas jazendo na costa, e recifes de coral e promontórios de ouro e prata, cataratas de água cristalina e cidades cheias de grãos e tesouros, onde as pérolas do mundo feminino podiam ser vistas, e que eram repletas de cavalos, elefantes e carros.

Nas margens do oceano, o senhor dos titãs viu um local plano e encantador sobre o qual brisa fresca soprava parecendo o próprio céu, no centro do qual crescia uma grande figueira, como uma nuvem brilhante, onde muitos sábios se abrigavam, e por todos os lados os seus ramos se estendiam até uma distância de vários yojanas. Foi lá que o poderoso Garuda levou um enorme elefante e uma tartaruga gigante em suas garras, querendo devorá-los entre os ramos, mas o galho quebrou sob o peso daquela ave enorme, e os vaikhanasas, mashas, valakhilyas, marichipas, ajas e dhumras estando reunidos lá, Garuda teve compaixão deles e transportou o

[282] [Chouri: rabo de iaque provido de cabo e usado em solenidades indianas, como enxota-moscas e como insígnia da realeza; chamara].

[283] Veja sob 'ascetas' no Glossário.

ramo junto com o elefante e a tartaruga em uma garra até uma distância de cem yojanas, onde aquela ave excelente se regalou com sua carne.

Destruindo o império dos Nishadas com o ramo cortado, desse modo libertando os sábios, a sua alegria foi redobrada e a sua energia aumentada, após o que, cheio de força, ele resolveu roubar o néctar da imortalidade. Tendo quebrado as barras de ferro, ele entrou na fortaleza enfeitada com joias e levou o amrita daquele lugar onde tinha sido escondido pelo poderoso Indra.

Foi essa mesma árvore Nyagrodha, frequentada por grupos de grandes sábios, que ainda tinha as marcas da Suparna e que era chamada 'Subhadra', que o irmão mais novo de Dhanada agora viu diante dele.

Passando para o lado mais distante daquele senhor das águas, o oceano, Ravana viu um eremitério solitário, um retiro antigo e sagrado no meio de uma floresta. Lá ele encontrou o demônio Maricha vestido com uma pele de antílope negro, usando cabelos emaranhados e entregue à prática de ascetismo.

Ravana tendo se aproximado dele, Maricha, de acordo com a tradição, o recebeu de muitas formas não conhecidas pelo homem. Colocando alimento puro e água diante de seu soberano, ele humildemente se dirigiu a ele dizendo:

"Está tudo bem com Lanka, ó chefe dos titãs? Com qual propósito tu vieste aqui novamente tão rapidamente?"

Ao ouvir essa pergunta, o poderoso e eloquente Ravana respondeu desta maneira:

Capítulo 36 – Ravana revela seu projeto para o demônio Maricha

"Ó Maricha, ouve-me enquanto eu te conto tudo! Ó meu filho, eu estou profundamente aflito e só tu podes mitigar a minha angústia!

"Tu conheces Janasthana, foi lá que o meu irmão Khara, Dushana de braços longos, a minha irmã Shurpanakha e o poderoso Trishiras e outros titãs comedores de carne, vagueadores da noite, estabeleceram sua residência por minha ordem, para atormentar os sábios naquela vasta floresta, que estavam engajados em suas austeridades.

"Quatorze mil titãs de atos terríveis, cheios de coragem e extremamente habilidosos, moravam em Janasthana sob a liderança de Khara. Esses guerreiros poderosos reunidos lá se encontraram com Rama no campo de batalha. Providos de todos os tipos de armas, vestidos em armadura, e liderados por Khara, eles foram atacados pelo enfurecido Rama, sem uma única palavra provocativa ter sido proferida, que dirigiu as flechas de seu arco contra eles, e sob os dardos ardentes de um simples mortal, lutando sozinho e a pé, aqueles catorze mil titãs de grande coragem caíram; Khara pereceu naquela luta e Dushana foi derrubado com Trishiras também; a paz foi assim estabelecida na floresta de Dandaka.

"Tendo sido exilado para a floresta com sua esposa por um pai ultrajado, aquele mortal insignificante, Rama, o opróbrio da classe guerreira, um homem sem princípios morais, cruel, impetuoso, fanático, ávido e um escravo de seus sentidos, mora em seu eremitério, tendo renegado o seu dever. Essencialmente injusto, visando prejudicar os outros sem justa causa, dependendo só da sua própria força, ele mutilou a minha irmã por cortar fora as suas orelhas e nariz.

"Eu resolvi levar sua consorte, Sita, pela força, que parece uma filha dos deuses, e eu agora peço a tua ajuda nesse empreendimento. Ó herói, eu com meus

irmãos não tenho nada a temer dos deuses, portanto, que tu me acompanhes como um aliado leal; ó titã; tu não tens igual em orgulho e coragem em batalha e em estratégia; tu és também um mestre, sendo versado nas leis da magia.

"Ouve de mim como tu podes me ajudar melhor! Assumindo a forma de um cervo dourado, mosqueado de prata, anda para lá e para cá perto do eremitério de Rama na presença de Sita. Vendo aquela corça adorável, seguramente Sita vai dizer ao seu senhor e a Lakshmana: 'Capturem-na!'

"Quando eles estiverem bem distantes e, por sorte, Sita for deixada sozinha, eu a levarei embora sem impedimentos, como Rahu devora o esplendor da lua. O rapto de sua consorte fará Rama morrer de tristeza, e eu vou recuperar a minha felicidade e segurança com o coração totalmente satisfeito!"

Ouvindo essas palavras a respeito de Sita, as feições benevolentes de Maricha murcharam de terror e, passando a língua sobre os lábios secos, com o olhar fixo como um morto, ele olhou para Ravana. Cheio de medo, sabendo muito bem que a defesa da floresta era mantida valentemente por Rama, com as palmas unidas Maricha se dirigiu a Ravana em palavras que visavam o seu bem-estar:

Capítulo 37 – Maricha tenta aconselhar Ravana contra o seu propósito

Ouvindo as palavras daquele soberano dos titãs, o sábio e eloquente Maricha lhe respondeu, dizendo:

"Ó rei, aqueles que recorrem à lisonja são fáceis de encontrar, mas são raros aqueles que estão dispostos a ouvir aquele discurso que é severo porém salutar. Certamente tu não conheces Rama e não estás familiarizado com as suas grandes qualidades, que se igualam às de Mahendra e Varuna.

"Tu és imprudente e teus espiões são incompetentes; como tu podes viver em segurança com teus titãs, ó amigo? Rama em sua ira não é capaz de livrar o mundo de titãs? A filha de Janaka não virá a ser o que irá determinar a tua morte? Sita não se tornará a causa de uma grande catástrofe?

"A cidade de Lanka não perecerá contigo e teus titãs, já que ela tem a ti, que segues os ditames das tuas paixões, que és escravo dos teus sentidos e que não conheces restrição, como seu senhor? Um monarca sem princípios, como tu, é escravo de seus desejos e em sua perversidade dá atenção apenas aos maus conselhos, colocando assim seus súditos e seu reino em perigo.

"Rama nem foi rejeitado por seu pai, nem é infiel ao seu dever, nem é avarento, nem perverso, nem o opróbrio da casta guerreira. O filho de Kaushalya não é desprovido de lealdade nem de outras virtudes, nem ele é dado à raiva, nem procura prejudicar os outros. Sabendo que seu pai foi enganado por Kaikeyi, mas cheio de devoção filial ele disse 'Eu cumprirei sua promessa' e foi para o exílio na floresta.

Para agradar Kaikeyi e seu pai Dasaratha, ele renunciou ao seu trono e prerrogativas, a fim de entrar na floresta de Dandaka.

Rama não é impetuoso nem é um homem ignorante, cujos sentidos são insubmissos; o que foi contado para ti é falso e nunca deveria ter sido proferido. Rama é o dever personificado; ele é virtuoso, e esse grande herói é o Senhor do Mundo, como Indra é o chefe dos deuses. Em virtude de sua castidade e sua devoção, Vaidehi protege Rama como Prabha o Sol, como tu podes pensar em levá-

la embora à força? Não entres no fogo inextinguível de Rama, que no campo de batalha usa suas flechas como chamas e seu arco como combustível. Não importa o quão grande seja a tua ira, não cabe a ti te aproximar daquele guerreiro invencível, portando seu arco, seu semblante inflamado com ira, equipado com todas as armas, o destruidor de seus inimigos!

"A menos que tu desejes perder o teu reino, a tua felicidade e a própria vida, que é preciosa para todos, não te aproximes de Rama, que parece o próprio Antaka. Como tu podes levar embora a filha de Janaka da floresta, que é protegida pelo arco de Rama de poder imensurável? A esposa amada daquele leão entre os homens, cujo peito é largo, é mais querida para ele do que a sua própria vida, e ela é totalmente devotada a ele. A princesa de Mithila de cintura fina nunca será arrancada dos braços daquele grande guerreiro que parece uma chama em um braseiro aceso.

"Por que iniciar um esforço tão inútil, ó grande rei? Se Rama te escolher no campo de batalha, tudo estará acabado para ti. Uma vez que isso diz respeito à tua vida, tua fortuna e ao teu reino, até então invencível, te aconselha com teus ministros com Bibishana em sua chefia. Em honra reflete e pesa cuidadosamente os méritos e deméritos, ganho e perda, dessa questão. Compara o teu valor com o de Raghava! Considera qual é a tua vantagem e depois faze o que tu achares correto. Não me parece apropriado que tu enfrentes o filho do rei de Koshala no campo de batalha. Eu te aconselho para o teu próprio bem, ó rei dos viajantes noturnos!"

Capítulo 38 – Maricha descreve o seu primeiro encontro com Rama

"Ó rei, antigamente eu possuía grandes poderes e percorria a terra em um corpo semelhante a uma montanha, dotado da força de mil elefantes. Em cor como uma nuvem escura, usando braceletes de ouro fino, minha testa envolvida por um diadema, armado com uma clava, eu semeava terror nos corações de todas as criaturas.

"Vagando na floresta de Dandaka, eu me alimentava da carne de ascetas, e o grande e virtuoso sábio Vishwamitra, alarmado, foi pessoalmente ao rei Dasaratha e se dirigiu àquele Indra entre os homens, dizendo: 'Que Rama me proteja com vigilância no dia do sacrifício! Ó chefe de homens, eu temo Maricha muitíssimo'.

"A essas palavras, o monarca justo Dasaratha respondeu àquele asceta ilustre, Vishwamitra, dizendo: 'Raghava não tem ainda doze anos de idade e não é hábil no uso de armas, mas eu mesmo liderarei um exército composto de quatro angas[284] contra aqueles predadores da noite, ó melhor dos ascetas, e destruirei o teu adversário de acordo com o teu desejo!'

"Assim abordado pelo rei, Vishwamitra respondeu:

"'Realmente tu foste o refúgio dos deuses e as tuas façanhas são famosas nos três mundos, contudo, por mais poderoso que o teu exército seja, ninguém na terra além de Rama tem o poder de derrotar esses demônios. Então fica aqui, ó flagelo de teus inimigos! Embora ainda uma criança, Rama é totalmente capaz de subjugar os demônios, eu, portanto o levarei comigo; que tudo fique bem contigo!'

"Tendo dito isso, o sábio Vishwamitra, muito satisfeito, levou o filho do rei com ele para o seu eremitério.

---

[284] Divisões. Veja o Glossário.

"Na floresta de Dandaka ele iniciou os sacrifícios tradicionais, enquanto Rama, com seu arco encordoado em prontidão, se mantinha bem próximo. Embora uma criança, com sua pele escura de tom azulado e seus olhares brilhantes, vestido com uma túnica simples, portando o seu arco, com seus cabelos amarrados em um nó, usando uma corrente dourada, ele iluminava a floresta de Dandaka com seu esplendor, como a lua nova prestes a surgir.

"Naquele momento, cheio de poder e orgulhoso das dádivas obtidas de Brahma, brilhando como uma nuvem e usando brincos de ouro, eu entrei no eremitério. Vendo-me, Rama pegou sua flecha e a colocou na corda de seu arco com cuidado. Em minha ignorância eu passei por ele, considerando-o apenas como uma criança e avancei em direção ao altar, onde Vishwamitra estava. Nisso Rama disparou uma flecha afiada fatal para seus inimigos, e me atingindo, me arremessou ao mar, a uma distância de cem yojanas! Ó amigo, o valente Rama, não tendo desejo de me matar, poupou a minha vida, mas subjugado pela violência do golpe eu perdi a consciência e fui atirado para as profundezas do oceano. Depois de um longo tempo, recuperando os meus sentidos, eu retornei para Lanka. Embora a minha vida tenha sido poupada, os meus companheiros, que foram me ajudar, foram todos mortos pelo menino Rama de atos imperecíveis, que provou ser um mestre na ciência do tiro com arco.

"Se, me pondo de lado, tu entrares em conflito com ele, então tu certamente atrairás uma retribuição imediata, terrível e inescapável, impossível de ser evitada.

"Os titãs que não conhecem nada exceto diversões e entretenimentos de todos os tipos e que só sonham com assembleias e festividades serão mergulhados na miséria vã.

"Por conta de Sita, a cidade de Lanka, com seus templos e palácios, incrustada com todos os tipos de pedras preciosas, será arrasada sob os teus olhos.

"Mesmo aqueles que são piedosos e inocentes sofrem pelas más ações de outros através de seu contato, como peixes em um lago infestado de cobras.

"Com seus membros perfumados com pasta de sândalo divina, usando ornamentos celestes, tu verás os titãs jazendo sobre a terra por causa da tua tolice. Os sobreviventes com suas consortes, exceto aquelas que foram levadas embora,[285] fugirão para todas as direções, incapazes de encontrar refúgio. Sob uma saraivada de setas, rodeados por chamas, tu verás os edifícios de Lanka reduzidos a cinzas.

"Ó rei, não há pecado maior do que se unir com a mulher de outro; tu tens milhares de concubinas no teu séquito; portanto, apegando-te às tuas esposas legítimas, preserva tua linhagem, tua honra, fortuna, reino e tua vida. Se tu desejas viver feliz com tuas esposas e amigos, não entres em conflito com Rama.

"Se, apesar de meus conselhos amigáveis, tu levares Sita à força, tu e os teus parentes, junto com todo o teu exército certamente descerão para a região de Yama sob as flechas mortais de Rama".

Capítulo 39 – Maricha novamente procura dissuadir Ravana de seguir o seu plano

"Ó Ravana, eu te disse como a minha vida foi poupada; agora ouve o que aconteceu além disso.

[285] ['E com suas esposas, ou viúvos, fugirão ... ' – Griffith].

"Eu não fiquei de modo algum assustado com esse evento e, acompanhado por dois demônios, entrei na floresta de Dandaka disfarçado como um cervo. Lá eu vagava vivendo da carne de ascetas, visitando os retiros sagrados, os fogos sacrificais e locais de adoração, semeando o terror entre os sábios, a quem eu perseguia. Ficando extremamente voraz, eu matava aqueles ascetas, bebendo o seu sangue e devorando a sua carne, a minha crueldade me tornando o terror de todos os habitantes da floresta.

"Enquanto eu vagava aqui e ali jogando obstáculos no caminho dos ritos religiosos, eu encontrei Rama vivendo uma vida de ascetismo com a abençoada Sita e o poderoso Lakshmana, envolvido em práticas piedosas e dedicado ao bem-estar de todos.

"Cheio de desprezo pelo poderoso Rama, que tinha se retirado para a floresta, e refletindo: "Então ele agora se tornou um asceta', eu, me lembrando da minha antiga derrota, cheio de raiva, avancei nele com chifres abaixados, em minha tolice desejando matá-lo. Mas ele, veloz como Suparna ou Anila, puxando seu grande arco, disparou três flechas afiadas e mortais, e essas flechas terríveis com pontas polidas parecendo raios, voaram como uma, sedentas de sangue.

"Conhecendo a habilidade e bravura de Rama de tempos anteriores e reconhecendo o perigo em que eu estava, eu fugi e escapei; mas os dois titãs que me acompanharam foram mortos. Tendo escapado com extrema dificuldade das flechas de Rama preservando assim a minha vida, eu me retirei para este lugar, adotando o caminho de um asceta e praticando Yoga. Desde aquele dia eu vejo Rama, vestido em peles, usando uma pele de antílope negro, portando seu arco, em cada árvore, semelhante ao próprio deus da morte carregando seu laço! Em meu terror, eu vejo milhares de Ramas, ó Ravana! Toda a floresta assume a forma de Rama e até mesmo em lugares desertos eu o vejo! Ó chefe dos titãs, no sono também ele aparece para mim e eu me levanto bruscamente com medo. Tal é o pavor que ele inspira em mim que, mesmo aquelas palavras que começam com a sílaba 'Ra', como 'ratna'[286] e 'ratha',[287] me enchem de temor.

"Tendo reconhecido a destreza daquele descendente de Raghu, eu estou convencido de que não és capaz de resistir a ele em combate, quando até Bali e Namuchi sucumbiram a ele. Se tu entrares em conflito com ele ou fizeres as pazes, não fales o nome dele para mim, se queres me ver vivo!

"Neste mundo, existem inúmeras almas virtuosas dedicadas à prática de Yoga, cumprindo todas as suas obrigações, que ainda perecem com aqueles em volta delas por culpa de outro. Eu também, portanto, seria condenado a morrer pelos erros de outros! Ó viajante noturno, faze o que tu consideras certo, mas eu não te seguirei. Realmente Rama, que é cheio de zelo, coragem e valentia, virá a ser o destruidor dos titãs desse mundo. Embora Khara de mente perversa de Janasthana tenha sido morto por ele por causa de Shurpanakha, como, de fato, pode-se culpá-lo por isso?

"Eu proferi essas palavras para o teu bem e para o bem de teus parentes; se tu as ignorares, tu e o teu povo certamente perecerão em combate com Rama!"

---

[286] Ratna: colar.

[287] Ratha: carruagem.

Capítulo 40 – A ira de Ravana

Como alguém prestes a morrer recusa um remédio, desse modo Ravana repudiou as palavras sensatas e oportunas de Maricha e, tendo ouvido esse discurso salutar, respondeu em tons duros e irrefletidos, dizendo:

"Ó patife, o que tu disseste não dará resultado, como semente que é semeada em solo estéril se perde, nem alterará a minha decisão de entrar em combate com Rama, que é apenas uma criatura tola e insignificante.

"Na tua presença eu levarei a esposa amada de Rama, o matador de Khara, que renunciou a pai, mãe, reino e amigos por uma mulher sem importância. Ó Maricha, a minha mente está fixa; nem os deuses nem os titãs nem o próprio Indra podem alterar a minha decisão.

"É apropriado, quando solicitado, apresentar as vantagens e desvantagens de um projeto e o que melhor servirá ou prejudicará um intento; um ministro sábio, questionado por seu soberano, buscando o bem de seu mestre, responderá com a devida deferência, permanecendo diante dele com as palmas unidas, com palavras apropriadas para a ocasião, mas um discurso sombrio não agrada a um monarca que, tendo em conta a sua dignidade, é afrontado por isso.

"Reis de poder ilimitado representam os cinco deuses: Agni, Indra, Soma, Yama e Varuna, simbolizando ardor, valor, brandura, retribuição e perdão; portanto em todos os momentos eles devem ser honrados e reverenciados. Tu, no entanto, desconsiderando o teu dever, apenas manifestas arrogância. Tu a quem eu vim como um convidado me trataste como um canalha. Eu não te consultei sobre o que é conveniente ou adequado, ó titã, eu peço o teu auxílio nesse empreendimento. Ouve como tu podes me ajudar.

"Assumindo a forma de um cervo dourado salpicado de prata vai ao eremitério de Rama e passa para lá e para cá diante de Vaidehi; após cativá-la, tu podes partir. Vendo-te transformado em um cervo pelo teu poder mágico, Vaidehi, tomada de admiração, imediatamente chamará Rama para te capturar. Quando Kakutstha estiver longe, tendo deixado o eremitério, que tu, imitando a voz dele, profiras gritos tais como 'Ó Sita! Ó Lakshmana!'

"A esse chamado, instigado por Sita, Saumitri, por amor fraterno, estando perturbado, apressadamente seguirá na esteira de Rama. Kakutstha e Lakshmana estando ambos muito distantes, eu levarei Sita embora, como o deus de mil olhos levou Sachi. Tendo realizado isso de acordo com o meu plano, eu vou conferir a metade do meu reino a ti, ó titã.

"Ó amigo, sigas o caminho que leva ao sucesso desse empreendimento e eu te seguirei na minha carruagem. Obtendo a posse de Sita sem luta por enganar Rama, eu voltarei para Lanka contigo, com o meu objetivo realizado.

"Se tu não me obedeceres, mesmo contra a tua inclinação, ó Maricha, eu te matarei imediatamente! Eu te obrigarei! Ninguém pode obter felicidade e prosperidade por se opor à vontade de seu soberano. Realmente por chegar diante de Rama tu arriscarás a tua vida, mas a morte certa te espera se tu te opuseres a mim; portanto, reflete cuidadosamente sobre o que é mais aconselhável, e faze o que tu achares adequado".

Capítulo 41 – Maricha dá mais conselhos a Ravana

Assim comandado pelo imperioso rei dos titãs, Maricha respondeu em tons ousados e destemidos, dizendo:

"Qual patife te aconselhou a tomar esse rumo, que levará à tua extinção, junto com teus filhos, teu reino e teus conselheiros, ó viajante da noite? Ó rei, quem é aquela pessoa má, invejosa da tua boa sorte, que procura abrir os portais da morte para ti? Seguramente ele é teu inimigo, que em sua impotência trama a tua derrota sob os golpes de um antagonista superior. Qual canalha de má intenção visa te impelir ao longo do caminho da autodestruição? Os conselheiros, que não te dissuadem do teu plano cruel, merecem a morte e ainda vivem. Ministros honestos sempre refreiam um rei que, seguindo os seus próprios desejos, entra em um mau caminho. Tu que deves assim ser guiado estás cego.

"Pela graça de seu soberano os ministros alcançam justiça, lucro, prazer e fama, mas esses objetivos nunca são encontrados, ó Ravana, se um rei é deficiente em virtude, e seu povo sofre somente infortúnio.

"Ó tu, principal dos conquistadores, o rei é a base da retidão e da boa reputação de seus súditos, ele deve, portanto ser sempre protegido por eles. Nenhum reino sobrevive sob um soberano que é violento, arrogante e intemperado, ó viajante da noite. Os ministros que aconselham a violência perecem com seu chefe, como uma carruagem é precipitada em um abismo por um motorista imprudente. Muitas pessoas piedosas neste mundo, engajadas em seus deveres, encontraram a destruição com seus parentes por culpa de outros. Um déspota cruel é tão incapaz de proteger seus súditos quanto um chacal é incapaz de defender um bando de veados. Os titãs, cujo senhor tu és, insensato, cruel e escravo das tuas paixões, estão condenados.

"Não sou eu quem deve ser lamentado por essa calamidade inesperada que me atingiu, mas tu, que com o teu exército em breve encontrarás a destruição. Tendo sido derrubado por Rama, ele te matará rapidamente. Com minha missão realizada, eu encontrarei a minha morte sob os golpes do teu adversário. Tenhas certeza de que eu perecerei assim que aparecer diante de Rama e saibas bem que o rapto de Sita te custará a tua vida, bem como a de teus parentes.

"Se tu conseguires tirar Sita do eremitério com a minha ajuda, será o fim de ti, de Lanka e dos titãs.

"Apesar de buscar o teu bem e desejar ser de auxílio para ti, tu ignoras as minhas palavras, como aqueles para quem a última hora soa não seguem o conselho de seus amigos".

Capítulo 42 – Maricha assumindo a forma de um cervo vai para o eremitério

Tendo dirigido essas palavras amargas a Ravana, Maricha, cheio de apreensão, disse: "Vamos, mas saibas que quando eu chegar diante daquele guerreiro equipado com flechas, espada e arco, que ele manejará para a minha destruição, a minha vida estará perdida! Não só isso, aquele que se opuser a Rama não voltará vivo! Para ti ele virá a ser a vara da morte e tu hás de cair sob os seus golpes. De que forma eu posso ajudar no teu plano perverso? Porém eu vou. Que a prosperidade esteja contigo, ó viajante noturno!"

Muito satisfeito por essas palavras, Ravana, abraçando-o calorosamente, se dirigiu a ele em voz melíflua, dizendo:

"Essa magnanimidade é digna de ti, agora que tu estás disposto a concordar com o meu pedido eu sei que tu és realmente Maricha; até aqui outro demônio se dirigiu a mim. Sobe comigo na minha carruagem alada, incrustada com pedras preciosas, à qual mulas com cabeças de trasgos estão atreladas. Após ter cativado Vaidehi de acordo com o meu desejo, foge de lá, e ela, sendo deixada sozinha, será levada para longe forçosamente por mim".

"Que assim seja", respondeu o filho de Tataka, no que Ravana subiu na carruagem parecida com um carro celeste, e deixando aquele local solitário partiu com toda velocidade. Olhando para baixo para muitas vilas, florestas, montanhas, rios, reinos e cidades, eles finalmente chegaram à floresta de Dandaka na qual ficava o eremitério de Rama. Descendo do carro dourado, o senhor dos titãs, acompanhado por Maricha, viu o retiro de Rama e tomando aquele demônio pela mão Ravana disse-lhe:

"Aqui é eremitério de Rama à sombra de palmeiras; agora cumpre o propósito pelo qual nós viemos para cá".

Ouvindo as palavras de Ravana, Maricha em um instante se transformou em um cervo e começou a andar para lá e para cá à frente do eremitério de Rama.

Assumindo uma forma admirável, maravilhosa de se ver, com as pontas de seus chifres cravejadas de pedras preciosas, sua pele mosqueada, sua boca como um lótus vermelho, suas orelhas de cor azul celeste, seu pescoço esticado, sua barriga em um tom de safira, seus flancos da cor da flor Madhuka, brilhando como os filamentos da flor Kanja, seus cascos como esmeralda, suas pernas finas e proporcionais, suas ancas cintilando com todas as cores do arco-íris, aquele demônio em um instante havia se tornado uma gazela arrebatadora de cor iridescente, cravejada com todos os tipos de gemas, de beleza extraordinária. Toda a floresta e o retiro encantador de Rama foram preenchidos com o esplendor daquela forma, maravilhosa de se ver, que tinha sido assumida pelo titã.

A fim de captar os olhares de Vaidehi com suas cores reluzentes, ele vagueou aqui e ali na grama entre as flores. Sua pele era pontilhada com centenas de pontos prateados, dando-lhe uma aparência encantadora, enquanto ele perambulava mordiscando os brotos verdes das árvores.

Aproximando-se do círculo de palmeiras, ele passou lentamente aqui e ali, entre as árvores Karnikara no eremitério, às vezes aparecendo em plena vista de Sita. Aquele corço gracioso de muitas cores vagueou para lá e para cá nas imediações do ashrama de Rama, indo e vindo à vontade, às vezes desaparecendo à distância, então se aproximando novamente, dando saltos alegremente, depois agachando-se no chão, ou seguindo um grupo de veados; então outra vez ele aparecia à frente deles, e por todos os meios esse titã, sob a forma de uma gazela, descrevendo mil círculos alegres, procurou atrair a atenção de Sita. Os outros gamos, se aproximando, cheiravam seu perfume e então se espalhavam em todas as direções, mas o demônio, que anteriormente tinha tido prazer em matá-los, agora, para não trair sua verdadeira natureza, absteve-se de molestar aqueles que se aproximavam dele.

Enquanto isso Vaidehi de olhares brilhantes estava ocupada em colher flores, divertindo-se entre árvores karnikara, ashoka e cuta que ela tanto amava. Quando ela vagava aqui e ali arrancando as flores, aquela princesa de aparência delicada, que não merecia o exílio na floresta, viu diante de si o corço cravejado de pedras preciosas, com seus membros incrustados com diamantes e pérolas. Vendo aquela gama, com seus belos dentes e lábios, sua pele cor de prata, Sita de cintura fina arregalou os olhos de espanto e prazer, e a corça maravilhosa, vendo a consorte

amada de Rama, continuou a andar para lá e para cá diante dela, iluminando a floresta. Olhando para aquele cervo, nunca antes visto pelo homem, Sita, a filha de Janaka, ficou assombrada.

Capítulo 43 – Sita é cativada pelo corço

Então a adorável Sita, de membros perfeitos e pele de cor dourada pura, colhendo flores, viu aquela corça arrebatadora com flancos dourados e prateados e muito encantada chamou seu senhor e Lakshmana, que estavam equipados com armas, dizendo: "Ó príncipe, vem depressa com teu irmão mais novo!" Assim ela gritou repetidamente, enquanto continuava a observar o cervo, e a seu chamado aqueles dois leões entre os homens, Rama e Lakshmana, voltaram os olhos naquela direção e viram o gamo.

Surpreso, Lakshmana exclamou: "Sem dúvida, o titã Maricha assumiu a forma de um cervo. Reis que caçam na floresta, atraídos por essa forma enganosa, são mortos por ele e, ó Rama, este gamo brilhante, cujo esplendor rivaliza com o sol, é o truque de um mágico; um cervo assim não existe sobre a terra, ó mestre do mundo, ele é uma ilusão, nascida da astúcia".

Enquanto Lakshmana estava falando assim, Sita com um sorriso encantado interrompeu-o e, estando totalmente cativada por aquela aparição, disse:

"Ó filho de um rei, esse gamo maravilhoso tomou posse do meu coração; captura-o, ó grande guerreiro, ele servirá como um brinquedo. Muitas criaturas belas, adoráveis de se ver, percorrem a floresta nas proximidades de nosso eremitério, como chamaras, srimaras e rikshas, enquanto tropas de prishatas, vanaras e kinnaras[288] se divertem aqui, mas, ó heróis de braços longos cheios de graça e força, eu nunca vi uma criatura selvagem cujo brilho e modos ágeis suaves fossem iguais aos desse gamo maravilhoso. Com seu corpo esbelto de muitas cores incrustado de pedras preciosas, ele ilumina toda a floresta ao meu redor com um brilho que lembra o da lua. Que beleza! Que resplandecência! Que graça! Que brilho! Esse gamo maravilhoso com seus membros graciosos me possui totalmente. Se tu puderes capturá-lo vivo, ele virá a ser um objeto de extrema admiração no eremitério, e quando o nosso exílio acabar ele será um ornamento para o palácio das rainhas.

"Ó senhor! O príncipe Bharata e minha mãe, vendo esse cervo divinamente belo, serão tomados de espanto. Se tu não puderes capturar esse gamo maravilhoso vivo, a sua pele será preciosíssima, ó leão entre os homens. Eu me deleitarei ao me sentar em seu couro dourado, coberto de grama kusha. Eu peço perdão se esse desejo cruel parece indigno de uma mulher, mas a beleza do cervo excita a minha admiração!"

Aquela criatura graciosa com sua pele dourada, seus chifres cravejados de pedras preciosas, brilhando como o sol nascente ou a Via-Láctea, cativou o próprio Rama que, ao ouvir as palavras de Sita, cedeu ao desejo dela e alegremente se dirigiu a Lakshmana, dizendo:

"Ó Lakshmana, observa como esse cervo provocou o desejo de Vaidehi. Por causa de sua beleza suprema essa corça vai perder a sua vida hoje. Nem na

[288] [Segundo Griffith, os seres são: a vaca da floresta, o cervo, o gamo, o macaco, o urso, o cervo pintalgado e os kinnaras].

floresta, nem na região de Nandana, nem na solidão de Chaitaratha, nem em qualquer lugar na terra um gamo assim existe.

"Vê como, de qualquer jeito que a sua pele aveludada listrada seja tocada, ela reluz. Quando ele abre a boca, a língua dispara para frente como uma chama brilhante em um braseiro aceso ou um relâmpago de uma nuvem. Com sua cabeça de esmeralda e cristal, sua barriga brilhando como madrepérola, o coração de quem não seria roubado por sua beleza indescritível? Quem, ao ver essa aparição divina, brilhante como ouro, coberta com todo tipo de gema, não ficaria encantado?

"É para alimentação e por esporte em que os reis, portando seus arcos, caçam animais selvagens na floresta, e muitos tesouros de diferentes tipos são encontrados lá por acaso, como pérolas, diamantes e ouro, aumentando as posses do homem, superando a imaginação de Indra, e, ó Lakshmana, essa é a riqueza mencionada por aqueles que são versados no Artha-Shastra.

"Vaidehi de cintura fina vai sentar-se comigo no velo daquele cervo maravilhoso; nem a pele de kadali, priyaka, prabeni ou abiki se compara em textura à desse cervo. Verdadeiramente primorosa, essa gazela e sua contraparte[289] nos céus são ambas divinas, uma entre as estrelas e a outra na terra, mas se tu tens certeza de que essa é uma ilusão criada pelo titã, ó Lakshmana, eu vou destruí-la. Aquele Maricha cruel e de alma má matou muitos grandes ascetas vagando na floresta; inúmeros reis, armados com arcos, caçando aqui, caíram sob os seus ataques, quando ele assumiu a forma de um veado ilusório; vamos, portanto, acabar com a sua vida.

"Antigamente Vatapi oprimia os sábios aqui também, e, entrando em seus estômagos, emergia, rasgando-os, como o embrião de uma mula pode causar a morte de sua mãe. Um dia aquele demônio enfrentou o grande sábio Agastya, dotado de poderes divinos, e foi devorado por ele quando apresentado na forma de uma oferenda por seu irmão Ilwali; quando o repasto foi concluído aquele titã gritou: 'Vatapi saia', mas o rishi excelente, abordando Ilwali com um sorriso, disse:

"'Já que cegados pelo teu poder muitos sábios ilustres foram tuas vítimas nessa terra, o teu irmão foi agora totalmente consumido por mim'.

"Ó Lakshmana, esse titã também será aniquilado como Vatapi por ter me aviltado, que estou fixo em meu dever e sou mestre de meus sentidos. Ele encontrará o seu fim, como Vatapi que desafiou Agastya. Permanece aqui sem te ausentar e protege Sita com cuidado. Esse é o nosso primeiro dever, ó alegria da Casa de Raghu! Eu matarei aquele cervo ou o trarei de volta vivo; até que eu volte com o cervo, o que eu farei sem demora, fica aqui com Sita, ó filho de Sumitra. Ela terá o gamo; sua pele lhe custará a sua vida hoje. Agora vigia Sita no eremitério. Até que, com uma única flecha eu tenha derrubado esse corço mosqueado e o matado, fica aqui, ó Lakshmana, com o abutre poderoso, Jatayu, que é forte e sábio e sempre engajado em atos piedosos, e protege Maithili de todas as maneiras".

Capítulo 44 – Rama mata Maricha

Tendo dado essa ordem para seu irmão, aquele guerreiro invencível, a alegria da Casa de Raghu, dotado de grande destreza, colocou sua espada em sua bainha dourada, e pegando seu arco triplamente curvado, sua insígnia pessoal e duas

---

[289] Isso se refere à quinta constelação lunar Mrigashira, dita parecer um cervo.

aljavas cheias de setas, ele partiu a passos largos. Vendo aquele Indra entre os homens, o rei dos animais com medo desapareceu só para reaparecer mais uma vez.

Com sua espada na cintura e levando seu arco na mão Rama correu na direção do cervo e o viu em toda a sua beleza, perto dele. Arco na mão, fixando os olhos no corço enquanto esse fugia para a floresta, ele viu que ele às dava um único salto, e, em seguida, a fim de atraí-lo para frente, permitia que ele se aproximasse. Tímido e medroso, ele saltava no ar, às vezes se tornando visível e então desaparecia nas profundezas das matas.

Como, no outono, nuvens dispersas atravessam a face da lua, de modo que ela às vezes brilha em todo o seu esplendor e em outras parece distante, assim aparecendo e desaparecendo, Maricha, na forma de um cervo, atraiu Rama para longe do eremitério.

Kakutstha se encontrou, apesar de seus esforços, assim iludido e o gamo, fingindo fadiga, se agachava na grama ou, para melhor enganá-lo, se juntava a um bando de veados, mas quando Rama se aproximava ele fugia mais uma vez, se escondendo, apenas para voltar a aparecer à distância. Às vezes, com medo, ele se fazia invisível, então, com Rama em perseguição desesperada, ele aparecia em uma moita longe. Então cada vez mais irado, Rama tirou uma flecha reluzente mortífera, mais brilhante do que os raios do sol, e colocando-a firmemente em seu arco, esticando-o com grande energia, disparou aquela seta que se assemelhava a uma serpente flamejante.

Atirando aquela flecha flamejante, que parecia um lampejo de relâmpago, formada pelo próprio Brahma, aquela seta maravilhosa perfurou o coração de Maricha, que havia assumido a forma de um cervo. Nisso, saltando no ar tão alto quanto uma palmeira, o titã caiu mortalmente ferido e jazeu na terra, tendo apenas poucos momentos de vida. A ponto de morrer, emitindo um grito terrível, Maricha abandonou sua forma assumida.

Relembrando as palavras de Ravana e refletindo sobre como induzir Sita a mandar Lakshmana embora, para que em seu isolamento ela pudesse ser levada para longe, Maricha, considerando que o momento estava próximo, imitando a voz de Rama, gritou "Ó Sita, ó Lakshmana!"

Atingido no coração por aquela flecha extraordinária, descartando a sua forma de veado, Maricha assumiu a forma enorme de um titã. Então Rama, vendo aquele titã de tamanho formidável, se contorcendo no chão e prestes a morrer, com seus membros cobertos de sangue, lembrou-se das palavras de Lakshmana e refletiu: "A ilusão criada por Maricha, citada por Lakshmana, se revelou, é Maricha a quem eu matei. O que Sita não fará ao ouvir o grito do titã atingido: 'Ó Sita, ó Lakshmana'? A qual situação o poderoso Lakshmana terá chegado?"

Assim refletiu o virtuoso Rama, com seu cabelo arrepiado e, tendo matado o titã na forma de um cervo e ouvido o seu grito, um grande temor se apoderou dele.

Aquele corço mosqueado estando morto, Rama rapidamente matou e agarrou a carcaça de outro veado e apressou-se em direção ao eremitério.

Capítulo 45 – Sita envia Lakshmana para ajudar Rama

Ouvindo aquele grito de angústia, que parecia vir de seu marido, Sita disse a Lakshmana:

"Tu não reconheces a voz de Raghava? Vai depressa e vê o que aconteceu a ele. Ouvindo seu grito, o meu coração está cheio de ansiedade; ele deve estar em grande perigo para chamar dessa maneira; vai ajudar teu irmão, ele está precisando de ti. Ele foi dominado pelos titãs como um touro por leões".

Relembrando o comando de Kama, Lakshmana resistiu ao apelo de Sita e não se mexeu, no que Janaki, altamente provocada, disse-lhe:

"Ó filho de Sumitra, sob o disfarce de afeto tu mostras inimizade para com o teu irmão, visto que tu não vais ajudá-lo imediatamente! Por minha causa, Rama está prestes a morrer! Em teu desejo de me possuir, tu te recusas a seguir Raghava; tu recebes com alegria a morte dele e não tens afeição por ele. É por essa razão que tu ficas indiferente à situação dele; se ele está em perigo, de que serve a minha vida? É por causa dele que eu vim para cá".

Assim, chorando e tomada pela dor, Vaidehi falou, e Lakshmana, respondendo a ela que estava tremendo como uma corça assustada, disse:

"Ó Vaidehi, nem serpentes, titãs, seres celestes, deuses, gigantes nem demônios podem vencer teu senhor. Seguramente, ó princesa, entre deuses e kinnaras, feras e duendes, não há ninguém que possa resistir contra Rama em batalha. Ó bela, ele que é igual a Indra é invencível. Não fales assim! Eu não me atrevo a te deixar sozinha na floresta sem Rama.

"Até mesmo os três mundos e os deuses, com o próprio Indra à sua frente, enfrentando Rama em combate, seriam superados por ele, portanto, acalma-te e elimina todo o medo. O teu senhor em breve voltará, tendo matado o cervo maravilhoso; aquela voz seguramente não é a dele, nem a de um deus; ela é uma ilusão, como a cidade dos gandharvas, e foi produzida pelo titã.

"Ó Vaidehi, tu foste deixada aos meus cuidados pelo magnânimo Rama. Ó bela, eu não ouso te deixar aqui sozinha. Nós somos um objeto de ódio para os titãs desde a morte de Khara e a destruição de Janasthana. Os titãs são capazes de simular as vozes de outros na grande floresta e têm prazer nisso para importunar os virtuosos. Ó Vaidehi, não tenhas ansiedade!"

Ao ouvir essas palavras, Sita, com os olhos flamejando de raiva, respondeu: "Ó patife de coração mau, opróbrio da tua raça, que te deleitas no infortúnio de Rama! É de se admirar que um vilão como tu, perverso, cujos motivos são ocultos, fale dessa maneira na hora da angústia de Rama? Por um excesso de perfídia, tu acompanhaste Rama para a floresta e, praticando fraude, cobiças a mim, enquanto assumes a forma de um amigo! Ou tu foste contratado por Bharata como seu agente? O teu plano como também o de Bharata não terá sucesso, ó Saumitri! Como eu desejaria outro após servir Rama de olhos de lótus como o meu senhor? Eu preferiria abandonar a minha vida na tua presença, ó Saumitri; sem Rama, eu não posso manter a vida nessa terra nem por um instante".

Ouvindo essas palavras cruéis, fazendo-o estremecer, Lakshmana, o mestre de seus sentidos, com palmas unidas respondeu-lhe, dizendo:

"Não é para eu te contradizer, tu és como uma deusa para mim. Uma afirmação irrefletida de uma mulher não causa surpresa. Negligente em seu dever, inconstante e irritadiça, a mulher é a causa de discórdia entre pai e filho; realmente eu não posso suportar essas tuas palavras que perfuram meus ouvidos como dardos flamejantes, ó filha de Janaka! Ó Vaidehi, que todos os habitantes da floresta testemunhem que às minhas palavras respeitosas tu respondeste com tanta amargura! Esse dia será difícil para ti por teres me aviltado, eu que sou obediente às ordens do meu irmão mais velho! Que todas as deidades te protejam, ó senhora de

olhos grandes! Presságios sinistros se apresentam para mim! Que eu te encontre segura quando eu voltar!

"A essas palavras, a filha de Janaka começou a chorar e lágrimas escaldantes banhavam seu rosto quando ela respondeu:

"Se eu for separada de Rama eu vou me jogar no rio Godaveri! Ó Lakshmana, eu me enforcarei ou entrarei no fogo, mas eu nunca me aproximarei de qualquer outro homem além de Raghava!"

Assim protestando diante de Lakshmana, Sita, perturbada, batia em seu peito com as mãos e lamentava.

Diante de seu desespero, Lakshmana, angustiado, procurou confortá-la, mas ela se recusou a responder ao irmão de seu senhor, ao que ele, curvando-se diante dela, partiu para se reunir a Rama, olhando para trás repetidamente.

Capítulo 46 – Ravana se aproxima de Sita

Ferido pelas palavras amargas de Sita, Lakshmana, em seu desejo ardente de se juntar ao seu irmão mais velho Rama, partiu sem mais delongas.

Então Ravana, sob o disfarce de um mendicante, valendo-se da oportunidade, se aproximou rapidamente do eremitério com o objetivo de buscar Vaidehi. Com cabelos emaranhados, vestido com uma túnica cor de açafrão e carregando um bastão triplo e um loshta, aquele altamente poderoso, sabendo que Sita estava sozinha, a abordou na floresta, na forma de um asceta, ao anoitecer quando a escuridão encobre a terra na ausência do sol e da lua. Olhando para Sita, a consorte de Rama, Ravana parecia Rahu olhando para Rohini na ausência de Shasi.

Vendo aquela aparição monstruosa, as folhas das árvores pararam de se mover, o vento ficou imóvel, o curso turbulento do rio Godaveri diminuiu e começou a fluir tranquilamente. Ravana de dez cabeças, no entanto, tirando proveito da ausência de Rama, aproximou-se de Sita sob o disfarce de um monge de aparência venerável enquanto ela estava dominada pela aflição por causa de seu senhor.

Aproximando-se de Vaidehi em um disfarce honroso, como Saturno se aproxima da estrela Chitra, Ravana parecia um poço fundo coberto de grama. Ele ficou lá olhando para a gloriosa consorte de Rama de beleza incomparável, Sita, com seus lábios e dentes brilhantes, seu rosto tão radiante quanto a lua cheia, sentada sobre um tapete de folhas, oprimida pela tristeza, chorando amargamente.

Ao ver a princesa de Videha sozinha, vestida em um sari de seda amarela, cujos olhos se assemelhavam a pétalas de lótus, o titã, atingido pela flecha de Kama, a abordou com alegria, fingindo os tons gentis de um brâmane. Elogiando a sua beleza sem igual nos três mundos, que a fazia parecer Shri, ele disse:

"Ó tu, possuidora do brilho do ouro e da prata, que estás vestida em um sari de seda amarela e que, como uma lagoa de lírios estás envolta em guirlandas de flores frescas, tu és Lakshmi desprovida de seu lótus ou Kirti ou uma ninfa de aspecto gracioso? Tu és Bhuti de quadris esbeltos, ou Rati divertindo-se na floresta?

"Quão retos, afiados e brancos são os teus dentes, como são grandes os teus olhos levemente avermelhados com suas pupilas escuras, como são proporcionais e arredondadas as tuas coxas e quão charmosas as tuas pernas, parecendo a tromba afunilada de um elefante! Como são redondas e rechonchudas as tuas bochechas,

como o fruto polido das árvores Tala; quão encantador é teu peito, decorado com pérolas!

"Ó senhora de sorrisos doces, dentes adoráveis e olhos expressivos, como um rio varre suas margens com sua correnteza veloz assim tu roubas meu coração, ó graciosa. Tua cintura é fina, teu cabelo brilhante, os teus seios tocando um ao outro aumentam o teu encanto; nem as consortes dos deuses, dos gandharvas, dos yakshas nem dos kinnaras podem se comparar contigo. Até essa hora, eu nunca vi sobre a terra ninguém tão perfeito; tua juventude, tua beleza e tua graça são inigualáveis nos três mundos!

"Ver-te morando aqui na solidão aflige meu coração. Vem comigo! Não é apropriado que tu permaneças aqui; esse lugar é frequentado por demônios cruéis, que são capazes de assumir diferentes formas à vontade. Tu deves residir em palácios suntuosos e encantadores nas proximidades de cidades agradáveis, cercados por bosques de arbustos de cheiro doce e árvores verdes, onde tu possas passear vestida com belos mantos, enfeitada em guirlandas perfumadas, com um consorte digno da tua beleza, ó graciosa. Ó senhora de olhos escuros de sorriso doce, tu és casada com um dos Rudras, os Maruts ou Vasus? Tu me pareces divina, mas esses não são os retiros dos gandharvas, devas ou kinnaras, mas dos titãs. Como tu chegaste aqui?

"Tu não temes viver entre macacos, leões, tigres, cervos, lobos, ursos, hienas e leopardos? Ó formosa, tu não tremes diante daqueles elefantes terríveis, enlouquecidos com a exsudação de sucos temporais, nessa grande floresta? Quem és tu? A quem tu pertences? Por que razão tu vagas sozinha na floresta de Dandaka, que é frequentada por titãs terríveis?"

Com essas palavras lisonjeiras Ravana de mente má se dirigiu a Sita, e vendo-o no disfarce de um brâmane, ela o recebeu com a hospitalidade tradicional devida a um hóspede não convidado. Levando-o a um assento, ela trouxe água para lavar seus pés e lhe ofereceu comida, dizendo: "Tem a bondade de aceitar esta refeição!" Vendo-o na forma de um duas vezes nascido com seu loshta e manto cor de açafrão, irreconhecível em seu disfarce, Sita o acolheu como um verdadeiro brâmane, dizendo:

"Senta-te, ó brâmane, e aceita essa água para lavar os teus pés, e também essa refeição, composta de frutas maduras e grãos torrados, preparada para ti, da qual, por favor, desfruta".

Assim ela o recebeu com palavras hospitaleiras, mas Ravana, com seu olhar fixo na princesa de Mithila, decidiu levá-la embora, preparando assim a sua própria destruição.

Sita, esperando ansiosamente o seu ilustre senhor retornar da caça, com o príncipe Lakshmana, examinou a floresta vasta e escurecida com os olhos, mas não foi capaz de ver Rama ou seu irmão lá.

Capítulo 47 – A conversa entre Ravana e Sita

Assim abordada por Ravana sob o disfarce de um mendicante, que tinha resolvido raptá-la, Sita refletiu:

'Essa pessoa é meu convidado e um brâmane; se eu não lhe responder ele pode me amaldiçoar!' E pensando assim, ela disse:

"Que o bem te aconteça! Eu sou a filha de Janaka de grande alma, o rei de Mithila, meu nome é Sita e eu sou a consorte amada de Rama. Por doze anos, eu morei no palácio de Ikshvaku, onde todos os meus desejos eram satisfeitos e eu desfrutava de todo conforto.

"No décimo terceiro ano, o rei com a aprovação de seus ministros decidiu entronizar Rama. Tudo estando pronto para a instalação de Raghava, Kaikeyi, uma das minhas sogras, pediu uma benção de seu senhor. Tendo satisfeito meu sogro por seus serviços, ela arrancou duas promessas dele, o exílio de meu marido e a instalação de seu filho Bharata, dizendo: 'Eu não comerei nem beberei nem dormirei se Rama for entronizado e esse virá a ser o fim da minha vida'.

"O senhor da terra, meu sogro, ouvindo-a falar assim, lhe ofereceu diversos presentes, mas Kaikeyi os recusou. Naquela época, meu senhor tinha vinte e cinco anos de idade e eu dezoito. Sendo leal, virtuoso, honrado e dedicado ao bem de todos, meu senhor, Rama, dotado de braços longos e olhos grandes, era renomado em todo o mundo. Nosso pai, o rei Dasaratha, cego pela paixão, a fim de agradar Kaikeyi, não instalou Rama, e quando ele chegou diante de seu pai, para receber a coroa, Kaikeyi dirigiu as seguintes palavras amargas a ele: "Ó Ramachandra, ouve de mim o decreto emitido pelo teu pai. Este grande reino deve ser dado a Bharata e tu deves morar na floresta por quatorze anos. Agora parte e salva teu pai do pecado de perjúrio".

"Então o imperturbável Rama respondeu: 'Que assim seja' e agiu conformemente. Meu senhor de votos firmes, acostumado a dar e não a receber ordens, que sempre fala a verdade sem prevaricação, ouvindo essas palavras aquiesceu e tem cumprido seu voto ao máximo. Seu irmão, o valente Lakshmana, um leão entre os homens e o companheiro de Rama em combate, o destruidor de seus inimigos, dado ao ascetismo, portando seu arco, seguiu Rama para o exílio comigo.

"Assim Raghava, fixo em seu voto, usando cabelos emaranhados, acompanhado por mim e por seu irmão mais novo, penetrou nas profundezas da floresta de Dandaka. Nós três fomos todos banidos do reino por Kaikeyi e, dependendo da nossa própria força, vagueamos na floresta. Permanece aqui por algum tempo, ó principal dos nascidos duas vezes, o meu senhor em breve retornará com uma abundância de raízes e frutas e carne de veado suficiente, tendo matado cervos, vacas e javalis. Mas, ó brâmane, dize-me quem és e qual é o teu nome, família e linhagem. Por que tu percorres a floresta de Dandaka sozinho?"

Ouvindo as palavras de Sita, a consorte de Rama, o poderoso titã respondeu com estas palavras duras:

"Ó Sita, eu sou aquele Ravana, o rei dos titãs, com medo de quem o mundo, os deuses, titãs e homens tremem. Ó fonte de deleite, desde que eu te vi brilhando como ouro, vestida em seda, as minhas consortes deixaram de ter a minha aprovação. Torna-te a rainha principal daquelas incontáveis mulheres, roubadas de muitos quadrantes por mim.

"Lanka, a minha capital, situada no meio do mar, está construída no topo de uma colina. Lá, ó Sita, passeia comigo nos bosques e, assim, esquece a floresta. Ó adorável, se tu te tornares minha esposa, cinco mil servos adornados com diversos ornamentos te atenderão".

A irrepreensível filha de Janaka, assim sendo abordada por Ravana, ficou cheia de indignação e respondeu àquele titã com desprezo, dizendo:

"Eu sou dependente de meu senhor, Rama, que é tão firme como uma rocha, calmo como o oceano e igual ao próprio Mahendra, Rama, dotado de todas as boas qualidades, que parece a árvore Nyagrodha em estatura. Eu sou dependente daquele guerreiro ilustre e nobre, cujos braços são longos, cujo peito é largo, cujo andar é como o de um leão, não só isso, que se assemelha ao rei dos animais; a ele, o maior dos homens, eu dou toda a minha lealdade. A Rama, cujo rosto parece a lua cheia, o filho de um rei, mestre de suas paixões, de poder e renome imensuráveis, eu sempre permanecerei fiel.

"Ó chacal, tu desejas uma leoa, mas não és mais capaz de me possuir do que de agarrar a luz do sol! Tu canalha que procuras levar a esposa amada de Raghava! Realmente tu imaginas que as árvores que vês diante de ti são feitas de ouro,[290] que estás buscando puxar os dentes de um leão faminto e corajoso, aquele inimigo dos cervos, ou extrair as presas de uma cobra venenosa. Tu desejas erguer a montanha Mandara com as tuas mãos nuas ou viver tranquilamente depois de beber veneno? Tu procuras esfregar teus olhos com uma agulha e lamber uma navalha com tua língua! Tu desejas cruzar o oceano com uma pedra em volta do teu pescoço ou agarrar o sol e a lua. Ó tu que buscas roubar a amada esposa de Rama, tu estás te esforçando para carregar um fogo ardente em teu manto ou andar em pontas de ferro.

"A disparidade entre ti e Rama é como aquela entre um chacal e um leão, um riacho e um oceano, o néctar dos deuses e mingau de cevada azedo; entre ouro e ferro, sândalo e lama, um elefante e um gato, uma águia e um corvo, um pavão e um pato, um cisne e um abutre. Mesmo que tu me roubes, se aquele arqueiro poderoso, Rama, cuja destreza é igual à do Senhor de Mil Olhos, ainda viver, tu não serás mais capaz de me devorar do que uma mosca pode comer a manteiga clarificada na qual ela caiu".

Dirigindo-se àquele cruel viajante da noite dessa maneira, a inocente Sita tremia como uma folha ao vento.

Percebendo a aflição dela, Ravana, terrível como a morte, começou a se gabar de sua raça, seu poder, seu nome e seus feitos, a fim de aumentar o seu medo.

Capítulo 48 – Sita desafia Ravana

Provocado pelas palavras orgulhosas de Sita, Ravana, carrancudo, respondeu a ela em tons ferozes:

"Ó dama de bela cor, que a prosperidade te acompanhe! Eu sou irmão do senhor da riqueza, meu nome é Ravana. Eu sou o poderoso Dashagriva de quem, como todas as criaturas diante da morte, os deuses, gandharvas, pisachas, patagas e nagas fogem aterrorizados. Eu subjuguei o meu irmão de sangue Kuvera, que por certa razão eu incitei para o combate e que, vencido por mim, fugiu alarmado de sua residência suntuosa e buscou refúgio em Kailasha, o senhor das montanhas.

"Em virtude da minha destreza eu lhe roubei a sua carruagem maravilhosa, Pushpaka, que se move de acordo com a vontade de alguém, e nela eu percorro os

[290] As árvores do inferno, ditas serem feitas de ouro.

céus. Vendo o meu aspecto temível, os deuses com Indra em sua chefia fogem aterrorizados, ó Maithili. Onde quer que eu ande, o vento sopra com temperança e os raios do sol parecem os da lua. Onde eu paro, as folhas das árvores ficam imóveis e os rios deixam de fluir.

"Além do mar se encontra a minha capital magnífica, Lanka, habitada por titãs poderosos, igual à cidadela de Indra, Amaravati.

"Aquela bela fortaleza, cercada por muralhas deslumbrantes com baluartes dourados e portões de esmeralda, é uma cidade de sonhos.

"Cheia de elefantes, cavalos e carros, ecoando ao som de clarins, ela é embelezada por jardins agradáveis plantados com diversas árvores, que produzem frutos de todos os gostos desejáveis. Ó Sita, ó tu filha de um rei, naquela cidade tu viverás comigo, esquecendo-te da sina das mulheres mortais. Lá tu provarás delícias celestes! Ó senhora de feições delicadas, não penses mais Rama, que é apenas humano e cujo fim está próximo. Colocando seu filho amado no trono, o rei Dasaratha mandou seu herdeiro de destreza insignificante para a floresta. O que tu farias com aquele Rama, privado de seu reino, vivendo como um asceta na solidão, ó beleza de olhos grandes? Eu, o senhor de todos os titãs, vim a ti pessoalmente, trespassado pelas flechas do deus do amor. Não te convém me desconsiderar. Ó dama tímida, se tu me preterires, tu te arrependerás, como Urvashi, que empurrou Puraravas com o pé. Rama é só um mortal e não se iguala nem a um dedo meu em combate. Por sorte eu vim a ti; portanto te entrega a mim, ó formosa".

A essas palavras, Vaidehi, com os olhos faiscando de raiva, embora sozinha, respondeu àquele senhor dos titãs ousadamente, dizendo:

"Já que tu clamas ser o irmão do deus Kuvera, que é considerado com veneração por todos os celestiais, como tu te atreves a cometer esse ato infame, ó Ravana? Sem dúvida, todos os titãs encontrarão a destruição, tendo uma pessoa tão cruel, insensata e luxuriosa como tu como seu soberano. O raptor da consorte de Indra, Sachi, pode sobreviver, mas aquele que leva a esposa de Rama nunca viverá em paz. Ó titã, seria possível para aquele que priva o portador do raio de sua consorte de beleza inigualável viver na terra, mas aquele que me insulta nunca escapará da morte, mesmo que ele beba a água da imortalidade!"

Capítulo 49 – O sequestro de Sita por Ravana

Ouvindo aquelas palavras de Sita, o poderoso Ravana, batendo uma mão na outra, revelou sua forma gigantesca e, hábil em discurso, se dirigiu a ela, dizendo:

"Parece-me que tu abandonaste o teu juízo, tu não ouviste sobre a minha grande destreza e coragem? Permanecendo no espaço, eu sou capaz de levantar a terra; eu posso beber as águas do oceano e destruir a própria morte em combate. Com as minhas flechas eu posso perfurar o sol e rachar o globo terrestre. Tu, que te permites ser enganada por qualquer truque e segues qualquer capricho, vê como eu posso mudar minha forma à vontade".

Falando assim, Ravana, cheio de ira, com os olhos brilhando como brasas, parecia uma chama, e descartando seu aspecto benigno, ele, o irmão mais novo de Kuvera, assumiu uma forma terrível, assemelhando-se à própria morte.

Com olhos fumegantes, vítima da raiva, resplandecente em ornamentos de ouro fino, como uma nuvem escura, aquele viajante da noite apareceu diante dela com suas dez cabeças e vinte braços. Abandonando seu disfarce de asceta, o rei

dos titãs tomou sua forma natural; vestindo um manto vermelho-sangue, ele cravou seus olhos naquela pérola entre as mulheres, Maithili, dirigindo-se em seguida a ela, que se parecia com o sol, cujo cabelo era escuro e que estava vestida com um manto e joias, dizendo:

"Ó dama formosa, se tu desejas um mestre famoso em todos os três mundos então te entrega a mim. Eu sou um marido digno de ti; que tu me sirvas para sempre! Eu te farei uma grande honra e jamais vou te desagradar. Renunciando ao teu apego a um homem, coloca o teu afeto em mim. O que te liga a Rama, ó tu tola que te julgas sábia; ele que foi banido de seu domínio, que falhou em cumprir seu destino e cujos dias estão contados, Rama, que pela ordem de uma mulher abandonou reino, amigos e povo para morar em uma floresta frequentada por animais selvagens?"

Falando desse modo para Maithili, que era digna de ternura e de fala gentil, aquele titã cruel, inflamado pela paixão, a agarrou como Budha apanha Rohini. Com sua mão esquerda ele agarrou o cabelo de Sita de olhos de lótus, e com a direita, as coxas dela. Vendo Ravana com seus dentes afiados como o pico de uma montanha, parecendo a própria morte, os seres celestes fugiram apavorados. Então instantaneamente a grande carruagem pertencente a Ravana, feita de ouro, à qual mulas zurrando estavam atreladas, apareceu e, dirigindo-se a Sita em tons rudes, ele a levantou e, apertando-a, subiu no carro.

Então a virtuosa e desafortunada Sita, sendo dominada pelo titã, começou a gritar alto, "Rama! Rama!", mas ele estava longe nas profundezas da floresta. Embora ela não tivesse amor por ele, Ravana, ardendo de paixão, ergueu-se alto no ar com ela, enquanto ela lutava como a consorte do Indra das serpentes.

Vendo-se levada através do ar pelo rei dos titãs, Sita com gritos estridentes, perturbada pela angústia, gritou: "Ó Lakshmana, ó guerreiro de braços longos, sempre contribuindo para a satisfação dos teus superiores, tu não sabes que eu estou sendo levada por um titã capaz de assumir qualquer forma à vontade? Ó Raghava, tu, que estás disposto a renunciar à vida e à felicidade pela causa do dever, tu não vês que eu estou sendo raptada por alguém de maldade sem igual? Ó tu, o flagelo de teus inimigos, tu não estás acostumado a punir os malfeitores? Por que tu não subjugas a arrogância desse titã perverso? É verdade que uma má ação não dá frutos imediatamente, mas o tempo faz o grão amadurecer.

"Por esse ultraje, privado da tua razão pelo destino, tu, ó Ravana, encontrarás uma vingança terrível, acarretando o teu fim. Ai de mim! Os planos de Kaikeyi são coroados com sucesso, visto que eu, a consorte virtuosa de Rama, sou separada daquele herói. Eu invoco as árvores Janasthana e as florescentes Karnikaras, para que elas possam dizer a Rama rapidamente que Sita foi levada por Ravana! Eu apelo ao rio Godaveri, que ressoa ao grito de grous e cisnes, para informar a Rama que Ravana roubou Sita! Oferecendo saudações às divindades da floresta, eu as invoco para contar ao meu senhor do meu rapto! Eu rogo a todas as criaturas, sejam elas quais forem, seja animal ou ave ou aquelas que habitam a floresta, para anunciar essa notícia para Rama e lhe contar que a sua esposa delicada, para ele mais preciosa do que a vida, foi levada à força por Ravana. Se a morte fosse a minha raptora, ele de braços poderosos, ouvindo essa informação, me salvaria por sua destreza!"

No limite da sua dor, Sita de olhos grandes, proferindo esse lamento, viu o abutre Jatayu, pousado em uma árvore. Ao vê-lo, a bela Sita, levada por Ravana, que estava cheio de desejo carnal, gritou em tons comoventes:

"Ó nobre Jatayu, vê como eu estou sendo impiedosamente levada pelo perverso rei dos titãs, como uma mulher desprovida de seu protetor. Tu não serás capaz de resistir a ele, pois esse cruel e malvado viajante noturno é poderoso, arrogante e provido de armas. No entanto, ó ave, leva as notícias do meu sequestro para Rama e Lakshmana e lhes conta tudo, não omitindo nada".

Capítulo 50 - Jatayu ataca Ravana

Jatayu, que estava dormindo, acordou ao ouvir essas palavras e viu Ravana e a filha de Videha.

Nisso, o rei das aves, com seu bico afiado semelhante ao pico de uma montanha, pousado na árvore, falou brandamente com Ravana, dizendo:

"Ó Dashagriva, eu sou familiarizado com os Puranas, firme em meus votos, e sigo o caminho do dharma. Ó irmão, não cabe a ti cometer essa infâmia na minha presença! Meu nome é Jatayu, o rei dos abutres; ela a quem tu procuras levar é a bela Sita, a consorte fiel e ilustre do protetor dos mundos, aquele senhor de homens, Rama, o filho de Dasaratha, que é igual a Varuna e Mahendra e sempre engajado no bem-estar de todos os seres.

"Como pode um rei, fixo em seu dever, olhar para a esposa de outro homem? Ó tu de bravura imensa, tu deves especialmente defender as consortes de reis, portanto, controla a tua vil inclinação para insultar a esposa de outro. Um homem nobre sempre evitará aquilo que possa trazer opróbrio a ele, e protegerá a esposa de outro como se fosse a sua.

"Ó deleite de Pulastya, quer se trate daquilo que é conveniente ou aceitável, na ausência da autoridade das escrituras, homens de honra seguem o exemplo de um rei em questões de dever. Um rei representa o dever, um rei representa o desejo e é o tesouro supremo de seus súditos; ele é a raiz do bem e do mal.

"Ó rei dos titãs, tu és mau e inconstante por natureza; como tu obtiveste um reino, como um pecador ganhando a morada celestial? É difícil para um homem desregrado e irascível mudar sua natureza; conselhos nobres não são muito lembrados por pessoas perversas. Já que o poderoso e virtuoso Rama nunca fez uma ação má no teu reino ou capital, por que tu procuras provocá-lo? Rama de ação irrepreensível é culpado se ele matou o cruel Khara em Janasthana por conta de Shurpanakha? Por que tu buscas roubar a consorte daquele senhor de homens? Solta Vaidehi neste instante, para que, com seu olhar terrível semelhante a um braseiro brilhante, ele não te consuma, como Indra reduziu Vritra a cinzas com seu raio.

"Ó Ravana, tu estás inadvertidamente carregando uma serpente altamente venenosa no teu manto; sem perceber isso, tu estás usando o laço da morte em volta do teu pescoço. Um homem só deve suportar aquele peso que não vai esmagá-lo e comer apenas aquilo que não dá origem à doença. Quem se envolveria em um ato que não é louvável, nem justo, nem honrado, e que vai custar-lhe a vida?

"Ó Ravana, eu tenho sessenta mil anos de idade e governei o domínio dos meus antepassados com justiça. Eu sou extremamente idoso, tu és jovem e estás equipado com um arco, armadura e flechas, em um carro, contudo tu não escaparás sem dano, se tu procuras levar Vaidehi. Tu não serás capaz de levá-la à força na minha presença mais do que é possível destruir a sabedoria do Veda pela lógica.

"Se tu não tens medo, ó Ravana, então para um instante e luta! Tu cairás na terra como Khara antes de ti! Rama, vestido em mantos de pele, que mais de uma vez venceu os daityas e danavas no campo de batalha, logo teria te matado em combate. Quanto a mim, o que eu posso fazer? Os dois príncipes estão longe, e sem dúvida tu estás fugindo com toda pressa por medo deles, patife! No entanto, enquanto eu viver, tu não levarás a adorável Sita, a consorte amada de Rama, cujos olhos lembram as pétalas do lótus. Mesmo arriscando a minha vida eu prestarei esse serviço ao magnânimo Rama, como se ao próprio rei Dasaratha. Para! Para! Ó Dashagriva, reflete só por um momento. Ó Ravana, eu te derrubarei da tua grande carruagem como um fruto maduro de seu caule! Ó predador noturno, eu te desafio a lutar até o fim".

Capítulo 51 – O combate entre Jatayu e Ravana

Enquanto Jatayu, o rei das aves, estava falando assim, Ravana, aquele Indra entre os homens, usando brincos de ouro, com os olhos vermelhos de raiva, caiu sobre ele e uma luta terrível se seguiu no céu, assemelhando-se a nuvens impelidas pela força do vento; naquele conflito Jatayu, o rei dos abutres, e Ravana, o senhor dos titãs, pareciam duas grandes montanhas aladas.

Então Ravana começou a derramar inúmeras flechas de pontas de aço sobre o poderoso rei dos abutres, mas ele, o principal daqueles cujas asas são sua carruagem, as recebeu impassível e com os pés e garras afiadas aquele principal dos pássaros infligiu incontáveis ferimentos ao titã. Então Dashagriva, cheio de fúria, ansioso para destruir seu adversário, tirando setas formidáveis, iguais ao deus da morte, puxou seu arco até seu ouvido e perfurou o abutre com aquelas flechas, as quais, voando direto para o seu alvo, penetraram nele com suas pontas de aço.

Vendo a filha de Janaka, com os olhos banhados em lágrimas, no carro do titã, Jatayu, ignorando aquelas flechas, atirou-se em seu oponente e, com suas garras aquele valente príncipe da tribo emplumada quebrou aquele arco decorado com pérolas e gemas e as setas também.

Então Ravana, num acesso de raiva, pegou outro arco e cobriu-o com uma chuva de centenas e milhares de flechas. Enterrado sob aquelas flechas, Jatayu parecia um pássaro em seu ninho, mas batendo as asas ele rompeu aquela nuvem de flechas e com suas garras afiadas quebrou aquele arco poderoso; com um golpe de suas asas ele despedaçou o escudo brilhante de Ravana, que se assemelhava ao fogo, e afastou os dardos flamejantes que o cercavam.

Então Jatayu, naquele conflito, matou as mulas velozes com cabeças de demônios, atreladas com ouro, e destruiu o carro de Ravana, provido de um estandarte triplo de varas de bambu, que era guiado apenas pelo pensamento, brilhante como fogo, com seus degraus cravejados de pedras preciosas. Com um único movimento de suas asas Jatayu derrubou o dossel, como a lua cheia, com os chouris e os titãs que os manuseavam.

Com seu arco quebrado, privado de seu carro, cavalos e auriga, Ravana saltou para o chão, apertando Sita contra seu peito. Vendo Ravana descer, com seu carro destruído, todos os seres expressaram a sua alegria e louvaram o rei dos abutres repetidamente, prestando reverência a ele.

Ravana, porém, percebendo que o herói alado estava enfraquecendo por exaustão e pela idade, muito encorajado, ergueu-se alto no ar, apertando a filha de

Janaka junto a ele. Embora sem um arco, suas outras armas estando quebradas em combate, possuindo só sua espada, ele apertou Janaki apaixonadamente contra seu peito. Em seguida, o rei dos abutres disparou em direção a ele, barrando sua passagem, e disse-lhe:

"Ó insensato, tu estás levando embora a amada consorte de Rama, radiante como um relâmpago; é para a tua perdição que tu efetuaste o rapto dela. Como homens sedentos bebendo água potável, tu estás engolindo veneno, com teus amigos, parentes, ministros, exército e povo. Aqueles que por falta de discriminação não conseguem prever as consequências de seus atos logo perecem, assim tu também encontrarás o teu fim.

Pego no laço da morte, para onde tu fugirás? Tu és como o peixe que engole o anzol bem como a isca. Seguramente aqueles dois heróis invencíveis, filhos da Casa de Raghu, não vão tolerar a violação de seu domicílio. O ato que tu cometeste baixamente será condenado pelo mundo, como o caminho frequentado por bandidos é evitado por pessoas honestas. Se tu não és um covarde, luta, ó Ravana, ou pausa um instante e tu jazerás morto sobre a terra, como o teu irmão Khara. Realmente tu estás empenhado naquilo que virá a ser a tua destruição, como alguém que à beira da morte comete um ato cruel. Aquelas ações que levam ao mal não são realizadas nem pelo Senhor da Criação, o próprio Swyambhu".

Proferindo essas palavras duras, o valente Jatayu precipitou-se sobre o demônio de dez cabeças e, agarrando-o em suas garras, rasgou sua carne como o condutor de um elefante rebelde. Infligindo ferimentos profundos, ele mergulhou seu bico em suas costas e arrancou seus cabelos com suas garras. Assim atacado pelo rei abutre, o titã, tremendo de raiva, apertando Vaidehi contra o seu lado esquerdo, espumando de fúria, atingiu Jatayu com a palma da sua mão, no que o poderoso abutre Jatayu, o destruidor de seus inimigos, atirou-se sobre Dashagriva e com o bico arrancou seus dez braços esquerdos. Seus braços sendo cortados, em um instante outros dez brotaram de novo, como serpentes saindo de um formigueiro, cuspindo veneno.

Então, em sua ira, o poderoso Dashagriva soltou Sita para repelir o rei dos abutres com seus punhos e pés, e uma luta poderosa começou entre aqueles dois combatentes intrépidos, o chefe dos titãs e a principal das aves, até que Ravana, puxando a espada, cortou as asas e os pés de Jatayu, perfurando o lado daquele campeão de Rama. O viajante dos céus tendo cortado as duas asas daquele rei dos abutres, Jatayu caiu ao chão, prestes a morrer, e vendo-o no chão, banhado em sangue, Vaidehi, extremamente aflita, disparou em direção a ele, como para alguém da sua própria família.

Então o senhor de Lanka viu aquela ave nobre de destreza excelente, com seu peito amarelo e plumagem parecendo uma nuvem escura, jazendo sobre a terra, como uma tocha extinguida, após o que a chorosa Sita, filha de Janaka, cujo rosto era como a lua cheia, apertou aquela criatura alada, vítima do cruel Ravana, contra seu peito.

Capítulo 52 – Jatayu estando morto, Ravana retoma sua fuga

Vendo aquele rei dos abutres derrubado por Ravana, ela, cuja face era tão formosa quanto a lua, tomada pela dor, irrompeu em pranto, gritando:

"Visões, presságios, sonhos e gritos de aves são os sinais inevitáveis de boa ou má sorte entre os homens. Ó Kakutstha, por minha causa animais e aves estão fugindo; tu não compreendes que uma grande calamidade caiu sobre mim? Ó Rama, essa ave, com pena de mim, tentou me libertar e agora está morrendo na terra devido ao meu mau destino! Ó Kakutstha, ó Lakshmana, se apressem para me ajudar!"

Assim aquela mulher adorável gritou em seu terror, como se eles pudessem ouvi-la, e o chefe dos titãs, Ravana, continuou a persegui-la, que, longe de seus protetores, portando uma guirlanda desbotada, estava pedindo ajuda. Agarrando-se às árvores como uma trepadeira que se entrelaça, gritando: "Salvem-me! Salvem-me!", ela correu para cá e para lá perseguida pelo rei dos titãs. Sem Raghava, que estava muito longe na floresta, ela estava chamando "Rama, Rama!" quando Ravana, assemelhando-se à própria morte, para a sua própria destruição agarrou-a pelos cabelos.

A esse ultraje, todo o universo de seres animados e inanimados tremeu e uma profunda escuridão cobriu tudo. O vento ficou imóvel, o sol escureceu, e o avô do mundo, o próprio Swyambhu, por meio de seu poder divino vendo Sita derrotada, exclamou: "Nosso propósito está realizado!" Vendo mãos violentas colocadas em Sita, os sábios ilustres que habitavam a floresta de Dandaka, reconhecendo que a destruição de Ravana estava agora assegurada, se encheram de alegria!

O senhor dos titãs, no entanto, segurando Sita que estava chorando e gritando: "Rama! Rama! Ó Lakshmana!" subiu com ela no ar.

Da cor do ouro derretido, vestida com um sari amarelo, aquela filha de um rei parecia o relâmpago através das nuvens; seu manto de seda, flutuando ao vento, dava a Ravana a aparência de um vulcão em chamas, e as folhas de lótus acobreadas e perfumadas, caindo de Vaidehi de beleza incomparável, o cobriram. Sua túnica de seda amarela flutuando no ar parecia uma nuvem iluminada pelo sol poente, mas seu semblante puro, enquanto ela estava sendo transportada através do espaço para longe de Rama, tinha perdido o seu esplendor, como um lótus separado de seu caule.

Semelhante à lua se erguendo do coração de uma nuvem escura, Sita, com suas belas sobrancelhas coroadas com belos cachos, parecia como um lótus em flor que tinha perdido o seu brilho.

Com seus dentes afiados e brilhantes, olhos gloriosos, nariz bem formado, boca doce e lábios de rubi, ela se parecia com a lua, adorável de se contemplar, e transportada pelo ar no colo de Ravana, seu rosto, banhado em lágrimas, brilhava tão fracamente quanto aquele orbe durante o dia.

Sita de cor dourada vista contra o titã de cor escura parecia a cilha de ouro que envolve um elefante. Como o lótus amarelo, a filha de Janaka com seus ornamentos brilhantes iluminava Ravana como um raio ilumina uma nuvem de tempestade, e acompanhado pelo som das joias dela se chocando o rei dos demônios se parecia com uma nuvem murmurante.

Enquanto Sita estava sendo levada, as pétalas de seu cabelo caíram em uma chuva sobre a terra, e essa chuva de flores, causada pela fuga rápida de Ravana, o cobriu também, como uma coroa de estrelas circunda o monte Meru, e de repente a sua tornozeleira, incrustada com pérolas, atingiu o solo como um relâmpago.

Como galhos rosados ela cobria os membros escuros do rei dos titãs com um brilho igual à cilha dourada de um elefante e, como um meteoro imenso ilumina os

céus com seu esplendor, assim ela foi levada através do ar pelo irmão mais novo de Vaishravana.

As joias dela, reluzindo como fogo, caíram tilintando no chão, onde se partiram em pedaços, como meteoros caindo do firmamento, e sua corrente de pérolas, brilhante como a lua, caiu de seu peito, emitindo um brilho de luz, como o Ganges caindo do céu.

As árvores, abrigando uma miríade de aves, fustigadas pelo vento seguinte que balançava os galhos mais altos, pareciam sussurrar "Não temas!", e os lagos, atapetados com lótus murchos, repletos de peixes e criaturas aquáticas afetadas, pareciam estar chorando por Maithili como por uma amiga. Avançando irados por todos os lados, leões, tigres e outros animais e aves seguiam a sombra de Sita, e as montanhas também, com suas cataratas como rostos banhados em lágrimas, seus topos como braços erguidos, pareciam lamentar por Sita, enquanto ela estava sendo levada. Vendo Vaidehi carregada pelo ar, o sol glorioso, oprimido pela tristeza, perdeu seu brilho e se tornou apenas disco pálido.

"Não há justiça, nem equidade, nem verdade, nem sinceridade, nem bondade, visto que a consorte de Rama, a princesa de Videha, está sendo levada por Ravana". Assim os seres reunidos lamentavam, enquanto os filhotes das criaturas selvagens, abandonados e aterrorizados, emitiam gritos lamentosos. Erguendo os olhos, vítreos de medo, repetidamente, as deidades da floresta, totalmente trêmulas, testemunharam a angústia de Vaidehi, que estava sendo levada para longe de forma tão cruel e que olhava constantemente em direção à terra e gritava com voz fraca: "Ó Lakshmana, ó Rama".

A sincera Vaidehi, com seu cabelo ondeando atrás dela, sua tilaka apagada, foi levada por Dashagriva para a sua própria destruição; Maithili com seus belos dentes e sorriso gracioso, sem seus amigos, não vendo Rama ou Lakshmana, empalideceu e se sentiu totalmente esmagada sob o peso de seu desespero.

Capítulo 53 – Sita censura Ravana

Encontrando-se levada pelo espaço, Maithili, filha de Janaka, muito alarmada e cheia de angústia, em um acesso de medo, com os olhos vermelhos de lágrimas e indignação, sua voz quebrada por soluços, se dirigiu àquele feroz rei dos titãs que a estava levando para longe, em tons queixosos, dizendo:

"Ó patife vil, tu não te envergonhas desse ato? Sabendo que eu estava sozinha, tu puseste as mãos em mim e me carregaste. Ó ser pecaminoso, foste tu que, procurando me raptar, na forma de um cervo atraíste o meu senhor para longe pelo poder de ilusão.

"O rei dos abutres, aquele amigo do meu sogro, que procurou me defender, está morto! Realmente tu mostraste grande coragem, ó último dos titãs! Para a tua eterna vergonha, tu não me ganhaste em luta justa, mas sem revelar o teu nome![291] Tu não te envergonhas de cometer tal ultraje? Canalha que és, para roubar uma mulher que é indefesa e a esposa de outro! A tua façanha desonrosa será proclamada em todos os mundos. Maldito sejas tu, ó bárbaro infame, que te gabas do teu heroísmo! Maldita seja essa bravura e destreza, ó tu, o opróbrio da tua raça, maldito sejas tu no mundo, pela tua conduta! Como alguém conteria a ti que foges

[291] Era tradicional anunciar o próprio nome antes de entrar em combate.

tão precipitadamente? Para só por um instante e a tua vida estará perdida! Se tu ficasses ao alcance daqueles dois reis dos homens tu não sobreviverias por um único momento, mesmo que estivesses apoiado por um exército! Como uma ave não é capaz de suportar o ardente fogo florestal, tampouco tu poderias suportar a menor de suas flechas; portanto, para o teu próprio bem, me solta imediatamente, ó Ravana!

"Provocado pelo meu sequestro, meu senhor, com a ajuda de seu irmão, vai se esforçar para te destruir se tu não me deixares ir. A tua má intenção, por causa da qual tu procuras me levar, esse propósito vil, nunca encontrará a realização; pois mesmo se eu nunca mais visse meu senhor, que é dotado de sabedoria suprema, e caísse vítima de um inimigo, eu não sobreviveria por muito tempo.

"Tu desconsideras o teu próprio bem e pareces alguém que, em sua última hora, escolhe o que é fatal para si; ninguém que deseja esse fim procura aquilo que irá salvá-lo. Eu vejo o laço da morte em volta do teu pescoço, já que tu não tremes nessa emergência, ó titã. Sem dúvida, tu verás aquelas árvores douradas, com folhas como espadas afiadas e o terrível rio Vaitarani fluindo com sangue e a terrível floresta e a árvore Shamali, com suas flores de ouro refinado e suas folhas de esmeralda, com espinhos de ferro.[292]

"Tendo feito essa afronta a Rama de grande alma, tu não sobreviverás ao veneno que engoliste, ó impiedoso. Tu estás preso firmemente no laço da morte; para onde tu te voltarás em busca de proteção contra o meu senhor magnânimo? Ele que, num piscar de olhos, sem seu irmão, destruiu quatorze mil demônios em combate, como aquele herói, descendente da Casa de Raghu, hábil no uso de todas as armas, cheio de valor, não te perfurará com suas flechas afiadas, tu que roubaste sua amada esposa?"

Com essas palavras desafiantes e outras proferidas em tons lamentosos, Vaidehi, levada para longe nos braços de Ravana, se dirigiu a ele, embora cheia de aflição e medo. No entanto, apesar de sua angústia e lamentações, Ravana continuou seu caminho, carregando aquela princesa doce e gentil, que ainda lutava para se libertar.

Capítulo 54 – Ravana chega a Lanka com Sita

Levada por Ravana, Vaidehi, não vendo ninguém que a defendesse, de repente observou cinco macacos poderosos em pé no cume de uma montanha.

Então aquela princesa de olhos grandes de encantos extraordinários deixou cair entre eles o seu manto de seda, brilhante como ouro, e suas ricas joias. Refletindo 'Que eles transmitam as notícias para Rama', a bela Sita deixou cair seu manto e ornamentos no meio deles.

Em sua ansiedade Dashagriva de olhos vermelhos não viu esse procedimento, mas aqueles macacos excelentes viram Sita de olhos grandes, que não moveu suas pálpebras enquanto estava gritando.[293] Então aquele senhor dos titãs, passando além do lago Pampa, com o rosto voltado para Lanka, continuou seu caminho, agarrando a lamentosa Maithili. Embora sentindo um êxtase de alegria,

[292] Na região do inferno.
[293] Assim não revelando a sua intenção para Ravana.

Ravana de fato estava carregando a sua própria destruição em seus braços, como uma serpente venenosa e de dentes afiados.

Percorrendo o ar, ele deixou para trás florestas, rios, montanhas e lagos e, acelerando como uma flecha disparada de um arco, ele passou sobre aquele santuário de baleias e crocodilos, a morada indestrutível de Varuna, o refúgio dos rios, o oceano. Vendo Sita raptada, as águas ficaram agitadas e as grandes serpentes e peixes ficaram assustados.

Então as vozes dos siddhas e charanas podiam ser ouvidas no céu, dizendo: "O fim de Dashagriva está próximo!" Ravana, no entanto, que simbolizava a própria morte, carregando Sita que se debatia em seu colo, entrou na cidade de Lanka.

Chegando àquela capital com suas estradas amplas e espaçosas, ele entrou no palácio e penetrou nos apartamentos internos. Foi lá que Sita de sobrancelhas escuras, vítima do sofrimento e do desespero, foi estabelecida por Ravana em seu próprio domínio, como Maya derrama sua ilusão.

Então Ravana se dirigiu àqueles demônios de aspecto terrível, dizendo: "Que ninguém veja Sita sem a minha autorização! É minha vontade que ela tenha pérolas, rubis, vestes e ornamentos na medida de seu desejo! Quem quer que fale asperamente com ela, consciente ou inconscientemente, vai perder a vida!"

Tendo falado assim para as mulheres titãs, Ravana deixou o aposento interno e começou a refletir sobre o que mais deveria ser feito agora.

Observando oito titãs valentes, comedores de carne, aquele extremamente poderoso, cego pela bênção que havia recebido, após exaltar a força e o heroísmo dele, lhes disse:

"Equipados com todos os tipos de armas dirijam-se com toda velocidade para Janasthana, onde Khara residia antigamente e, criando coragem, banindo todo o medo, se estabeleçam naquele local, que é agora um deserto por conta do massacre dos titãs. Um exército grande e poderoso estava entrincheirado em Janasthana, que, com Khara e Dushana, foi destruído em combate com Rama. Desde aquele momento, uma ira desmedida que eu não posso controlar tomou posse de mim, impedindo todo resto. Eu quero me vingar do meu inimigo jurado, nem vou dormir até tê-lo matado em combate. Na hora que eu causar a morte do matador de Khara e Dushana eu me regozijarei, como um mendigo ao adquirir riqueza.

"Estabelecidos em Janasthana, me mantenham informado escrupulosamente a respeito de Rama e seus movimentos. Sem descanso, que os viajantes da noite entrem em ação e se esforcem constantemente para provocar o fim de Rama. Estando familiarizado com a sua bravura, que eu tenho testemunhado muitas vezes no campo, eu escolhi vocês para irem para Janasthana".

Ouvindo essas palavras lisonjeiras e significativas de Ravana, aqueles titãs, curvando-se a ele, deixaram Lanka em um grupo e tomaram a direção de Janasthana com toda pressa, tendo primeiro se feito invisíveis.

Mas Ravana, tendo garantido a filha de Mithila e a levado para o palácio, embora tivesse assim incorrido na hostilidade de Rama, entregou-se a êxtases de alegria sem sentido.

Capítulo 55 – Ravana implora para Sita se tornar sua consorte

Após emitir comandos para aqueles oito titãs, conhecidos por sua bravura, Ravana, cuja percepção era nublada, considerou que tinha se preparado para qualquer eventualidade.

Pensando em Vaidehi, violentamente perfurado pelas flechas do deus do amor, ele se apressou para os seus aposentos suntuosos, ardendo de desejo pela sua presença. Entrando lá, Ravana, o rei dos titãs, observou Sita tomada pela dor, rodeada de mulheres titãs, como um navio naufragando no mar à mercê de uma tempestade ou uma gazela separada do bando cercada por cães de caça.

Então Ravana, aproximando-se daquela princesa, cuja cabeça estava baixa e que estava desconsolada, a obrigou a olhar para aquela mansão que parecia a residência dos deuses, contendo muitos andares e aposentos espaçosos, habitada por inúmeras mulheres e enriquecida por incontáveis pedras preciosas, enquanto bandos de pássaros a enchiam com seu gorjeio. Graciosos pilares de ouro, marfim, cristal e prata, incrustados com esmeraldas e diamantes podiam ser vistos, e gongos celestes ressoavam lá.

Ravana, em companhia de Sita, subiu a magnífica escadaria dourada, ornamentada com ouro polido. Aqueles altos edifícios possuíam excelentes janelas de ouro e marfim cobertas com grades de ouro, e seus pisos de mármore eram incrustados com pedras preciosas que derramavam seu brilho em todos os lugares. Então Dashagriva mostrou a Maithili as fontes e piscinas cobertas com flores de lótus e todos os tipos de flores; tudo isso ele levou ao conhecimento de Sita que estava tomada de aflição; e depois de dirigir a atenção de Vaidehi para os esplendores do palácio, aquele patife perverso, com a intenção de seduzi-la, disse:

"Ó Sita, além de idosos e crianças, dez mil titãs, vagueadores noturnos, todos os quais são famosos por suas façanhas, me reconhecem como seu senhor, e cada um entre eles colocou mil servos leais à minha disposição. Esse estado inteiro, como também a minha vida, são teus, ó senhora de olhos grandes. Tu és mais querida para mim do que a própria vida! Ó Sita, torna-te a rainha daquelas numerosas mulheres excelentes que são minhas esposas. Ó amada, sê minha consorte, isso é para o teu benefício. O que adianta considerar qualquer outra coisa, dá a tua consideração à minha proposta; cabe a ti olhar favoravelmente para mim, que estou ardendo de desejo.

"Cercada pelo mar, essa cidade de Lanka, se estendendo por cem yojanas, nunca pode ser tomada pela tempestade, nem mesmo pelos próprios deuses com Indra em sua chefia. Entre os celestiais, yakshas, gandharvas e nagas, eu não posso ver ninguém em todos os mundos igual a mim em destreza. Privado de seu reino, sem posses, dedicado a práticas ascéticas, viajando a pé, o que tu podes esperar de Rama, um mero homem sem recursos?

"Ó Sita, eu sou um consorte digno de ti, me aceita; a juventude logo passa, ó querida; desfruta dessas delícias comigo. Ó senhora de aparência encantadora, não penses em ver Raghava novamente. Como ele poderia vir aqui, mesmo em pensamento? Quem pode acorrentar o vento impetuoso no céu ou agarrar a chama pura de um braseiro? Nada nos três mundos pode te roubar dos meus braços. Governa esse vasto império de Lanka e todos os seres, animados e inanimados; até eu e os deuses seremos teus servos. Banhando-te em águas cristalinas, sê feliz e vive em deleite. O teu antigo mau karma foi expiado pelo tempo passado por ti na floresta. É aqui que serás capaz de colher o fruto das tuas boas ações. Em minha companhia, ó Maithili, desfruta dessas guirlandas com sua fragrância divina e desses ornamentos magníficos. Comigo te diverte na carruagem aérea Pushpaka,

brilhante como o sol, que já foi de Vaishravana, que eu ganhei pela minha bravura em combate, aquele carro vasto e belo, rápido como o pensamento.

"O teu rosto, perfeito e adorável de se ver, puro como uma flor de lótus, está pálido por conta da tristeza e perdeu seu esplendor, ó senhora de membros encantadores e feições graciosas".

Enquanto ele falava, a bela Sita cobriu o rosto que brilhava como a lua com a bainha de seu manto e permitiu que suas lágrimas fluíssem.

Nisso o pecaminoso Ravana, aquele viajante da noite, dirigiu-se a Sita que estava mergulhada em pensamento e desamparada, com suas bochechas pálidas por causa da angústia, dizendo:

"Ó Vaidehi, não temas infringir o dharma; a cerimônia que consagrará a nossa união é sancionada pelo Veda! Eu pressiono os teus pés delicados com minhas cabeças; aceita o meu pedido rapidamente! Eu sou teu escravo e sempre obediente a ti! Que essas palavras, inspiradas pelos tormentos do amor, não se revelem infrutíferas; nunca antes Ravana baixou a cabeça diante de uma mulher".

Tendo falado assim para Maithili, filha de Janaka, Dashagriva sob a influência do destino pensou: "Ela é minha!"

Capítulo 56 – Sita é vigiada pelas mulheres titãs

Ouvindo essas palavras, Vaidehi, embora ainda angustiada, deixou de tremer e colocou uma folha de grama entre ela e Ravana, dizendo:

"O rei Dasaratha, a muralha indestrutível da justiça, cuja piedade lhe trouxe fama, teve um filho, Raghava. Famoso nos três mundos, aquele virtuoso, possuidor de braços poderosos e olhos grandes, é meu deus e meu senhor. É ele, aquele herói, nascido na Casa de Ikshvaku, ilustre, possuindo ombros semelhantes aos de um leão, que, com seu irmão Lakshmana, vai te privar da tua vida!

"Se tu tivesses colocado mãos violentas em mim na sua presença, ele teria te obrigado a te conter e teria te matado em um combate, assim como ele matou o próprio Khara em Janasthana. Esses titãs de aspecto sombrio, a quem tu exaltas para mim, embora sejam valentes, seriam privados de seu poder na presença de Raghava, como as serpentes abandonam seu veneno diante de Suparna. Aquelas flechas douradas, disparadas da corda do arco de Rama, perfurariam seus corpos, como o Ganges leva suas margens! Embora tu não possas ser morto por asuras ou deuses, contudo agora que tu provocaste a fúria de Raghava tu não escaparás vivo.

"Tu tens apenas pouco tempo de vida! Raghava vai empreender o teu fim! Essa vida que tu consideras impossível de perder é como um animal amarrado à estaca sacrifical! Se Rama deixar cair sobre ti o seu olhar ardente de ira, tu serás destruído imediatamente, ó titã, como Mamatha por Rudra! Ele, que é capaz de derrubar a lua do céu e destruí-la ou de secar o oceano, seguramente é capaz de resgatar Sita. A tua vida, tua prosperidade, teu ser e faculdades estão perdidas; Lanka, desprovida de seus habitantes, será deixada desolada por culpa tua. Não só isso, esse ultraje te trará nada além de infortúnio, ó tu que na ausência de meu senhor me levaste embora pela força, nunca mais tu conhecerás a felicidade!

"Meu marido ilustre, acompanhado por seu irmão, dependendo da sua própria energia, não teme viver na floresta de Dandaka. A tua destreza, a tua força, a tua arrogância e a tua presunção serão todas aniquiladas sob a chuva de suas flechas na batalha. Quando a hora, determinada pelo destino para a destruição dos seres,

está próxima, eles ficam loucos sob o seu domínio. O meu sequestro pressagia o teu futuro e o dos titãs e dos que moram nos aposentos internos. Como um intocável não pode se aproximar do altar sagrado, equipado com conchas e recipientes de culto no momento do sacrifício, assim a esposa legítima de alguém fixo em virtude, fiel aos seus votos, não pode ser abordada por um pecador como tu, ó último dos titãs!

"Como um cisne real, divertindo-se em meio aos tufos de lótus com seu companheiro, se preocuparia com um cormorão na margem? Amarra ou destrói este corpo inanimado[294], eu não tenho desejo nem de preservá-lo nem à minha vida, ó titã, pois eu nunca vou me submeter à desonra".

Depois de falar assim em sua ira de fazer o sangue congelar, Vaidehi ficou em silêncio, e Ravana respondeu a ela em tom ameaçador, dizendo: "Reflete bem, ó linda princesa; se tu não te entregares a mim dentro do período de doze meses, os meus cozinheiros te cortarão em pedaços para a minha refeição da manhã".

Tendo falado desse modo, Ravana, o desafiador de seus inimigos, muito irado, se dirigiu às mulheres titãs nestas palavras:

"Ó demônios terríveis de aspecto feroz que vivem de carne e sangue, esmaguem imediatamente o orgulho dessa mulher!"

Quando ele disse isso, aqueles monstros de aspecto terrível, unindo as mãos, cercaram Maithili, e Ravana ordenou aquelas mulheres, formidáveis de se ver, que caminhando atingiam a terra com tal força que ela tremia, dizendo:

"Levem Maithili para o centro do bosque Ashoka, e lá, cercando-a, montem guarda sobre ela secretamente, e às vezes por ameaças e em outras por discurso gentil procurem, de todas as maneiras, quebrar a sua vontade, como se fosse uma elefanta".

Assim comandadas por Ravana, aquelas mulheres titãs, segurando Maithili, a arrastaram para o bosque Ashoka, que era plantado com árvores cobertas com flores de todos os tipos e muitas frutas, capazes de satisfazer todos os desejos, onde os pássaros se divertiam em amor.

E, como uma gazela no meio de tigresas, Sita, a filha de Janaka, com seus membros cedendo sob seu desespero, caiu sob o domínio daquelas titãs.

Como um antílope tímido pego em uma armadilha, Maithili, a filha de Janaka, dominada pela aflição e pelo medo, não pode encontrar socorro. E ameaçada por aqueles monstros terríveis, a princesa de Mithila, incapaz de descansar, lembrando-se de seu senhor e cunhado amados, sob o peso do terror e da tristeza, desmaiou.

Capítulo 57 – Rama vê presságios terríveis

Tendo matado Maricha, aquele titã capaz de mudar sua forma à vontade que perambulava na forma de um cervo, Rama tomou seu caminho de volta para o eremitério com toda velocidade, ansioso para ver Maithili e, enquanto ele se apressava, chacais começaram a uivar tristemente atrás dele. Ao ouvir aqueles sons sombrios, que o faziam tremer, Rama, tomado de temor, refletiu: "Vaidehi está segura e bem ou ela se tornou vítima dos titãs? O grito dado por Maricha sob o disfarce de um cervo, imitando a minha voz, se ouvido por Lakshmana, pode fazê-lo deixar Sita para vir me ajudar! Pode ser que os titãs tenham resolvido matar Sita e

[294] Implicando que o próprio corpo é inanimado quando não energizado pela Consciência.

por essa razão Maricha, sob a forma de uma gazela, me atraiu para longe! Tendo me trazido a uma grande distância, aquele titã caiu vítima de minhas flechas e simulando a minha voz, exclamou: 'Ó Lakshmana, eu estou morto!' Está tudo bem com eles, privados de minha presença na floresta? Por causa de Janasthana eu me tornei odioso para os titãs, e numerosos e terríveis são os presságios que eu agora vejo ao meu redor".

Refletindo assim ao ouvir gritos dos chacais, Rama apressadamente fez seu caminho em direção ao eremitério, ponderando sobre os meios adotados pelo titã ao assumir a forma de um cervo para atraí-lo para longe de seus bem-amados.

Dirigindo seus passos para Janasthana, com o coração cheio de apreensão, ele observou as aves e os animais passando à sua esquerda, emitindo gritos terríveis, e testemunhando esses sinais temíveis Raghava viu Lakshmana se aproximando, de semblante pálido.

Já cheio de ansiedade, Rama ficou ainda mais angustiado ao ver seu irmão abatido dessa maneira.

Observando que ele havia deixado Sita sozinha na floresta isolada frequentada por titãs, pegando Lakshmana pela mão esquerda, ele falou-lhe com uma voz suave, em tons tristes e reprovadores, dizendo:

"Ah! Lakshmana, tu erraste ao vires para cá, deixando Sita desprotegida. Ó meu amigo, como isso pode vir a ser auspicioso? Seguramente a filha de Janaka foi morta ou mesmo devorada pelos titãs que percorrem a mata! Já que tantos maus presságios apareceram para mim, ó Lakshmana, eu me pergunto se nós encontraremos Sita, a filha de Janaka, viva, ó leão entre homens! Visto que essa multidão de animais e chacais estão emitindo gritos temíveis e as aves também, enquanto elas voam para o sul, eu temo que nem tudo esteja bem com aquela filha de um rei, ó herói de grande destreza!

"Aquele titã, usando a forma de um cervo, me enganou e me atraiu para longe do eremitério. Tendo-o matado com dificuldade, prestes a morrer, ele se revelou para mim em sua verdadeira forma. Meu coração está pesado e desprovido de toda alegria, e meu olho esquerdo lateja. Sem dúvida, ó Lakshmana, Sita não está mais lá e ou foi levada embora ou está morta ou perdida na floresta".

Capítulo 58 – O lamento de Rama

Vendo Lakshmana abatido e deprimido, aproximando-se sem Vaidehi, o filho de Dasaratha o questionou, dizendo:

"Ó Lakshmana, onde está Vaidehi, que me seguiu para a floresta de Dandaka e que tu deixaste sozinha ao vires para cá? Onde está ela de forma graciosa, a companheira do meu infortúnio quando eu fui banido do meu reino e, desanimado, percorria a floresta de Dandaka; onde está Sita, sem quem eu não posso viver por um instante, companheira da minha vida, que parece uma filha dos deuses?

"Ó herói, separado da filha de Janaka, cuja pele era como ouro, eu não tenho nenhum desejo pela soberania dos deuses ou da terra. Ó Lakshmana, Sita é mais preciosa para mim que a própria vida. Ó Saumitri, o meu banimento se tornou inútil? Se, por conta de Sita, eu morresse e tu retornasses para a cidade sozinho, isso não seria a consumação dos desejos de Kaikeyi e ela encontraria a felicidade? Kaushalya, com seu filho morto, não se tornaria a escrava abjeta de Kaikeyi quando, tendo realizado seu plano, ela governasse o domínio com seu filho? Se Vaidehi

ainda estiver viva, eu voltarei ao eremitério, mas se a minha esposa virtuosa estiver morta eu abandonarei a minha vida, ó Lakshmana! Se ao voltar ao ashrama a filha de Videha, cujas palavras eram sempre precedidas por um sorriso, não falar comigo, eu renunciarei à minha vida.

"Dize-me, ó Lakshmana, se Vaidehi está viva ou não, ou se em consequência de tu a deixares aquela criatura infeliz foi devorada pelos titãs. Ai! A infeliz Sita, tão delicada e frágil, sem nunca ter experimentado infelicidade, ficará totalmente desolada na minha ausência. Aquele titã, cheio de astúcia e artifícios, gritando 'Ó Lakshmana', te inspirou medo? Eu suponho que Vaidehi, ouvindo aquele grito por socorro proferido em uma voz semelhante à minha, te suplicou para descobrir o que aconteceu comigo e tu vieste aqui com toda velocidade. Tu cometeste um erro irreparável ao abandonares Sita na floresta, assim fornecendo àqueles titãs cruéis e impiedosos uma oportunidade de se vingar. Aqueles demônios comedores de carne estão aflitos por causa da morte de Khara e agora, sem dúvida, mataram Sita. Ai de mim! Eu estou totalmente submerso em um oceano de tristeza, ó destruidor de teus inimigos! O que eu farei agora? Eu tremo diante daquilo que me espera!"

Assim imerso no pensamento de Sita, aquele modelo de perfeição entre as mulheres, Raghava se apressou em direção Janasthana em companhia de Lakshmana.

Amontoando censuras sobre seu irmão mais novo, que estava tomado de com angústia, atormentado pela fome, fadiga e sede, Rama, suspirando pesadamente, com seu semblante pálido, vítima do desespero, entrou em seu eremitério e encontrou-o deserto.

Voltando ao ashrama, aquele herói correu para lá e para cá onde Sita estava acostumada a se divertir e, recordando aqueles retiros onde ela costumava passear, ele ficou perturbado, com seus cabelos arrepiados.

Capítulo 59 – Rama repreende Lakshmana

Saindo do eremitério, Rama, a alegria da Casa de Raghu, continuou a se dirigir a Lakshmana em uma voz fraca, dizendo:

"Tendo confiado Maithili aos teus cuidados durante a minha ausência na floresta, por que tu a abandonaste? Vendo-te aparecer sozinho, tendo deixado Maithili desprotegida, o meu espírito ficou perturbado, receando grave perigo. Ó Lakshmana, vendo de longe tu te aproximando não acompanhado por Sita, o meu olho e braço esquerdo se contraíram e meu coração palpitou".

A essas palavras, o filho de Sumitra, que levava as marcas da realeza, foi tomado de angústia e disse ao arrasado Rama:

"Não, não foi por mim mesmo que eu vim para cá, nem foi pela minha própria inclinação que eu deixei Sita e saí para encontrar-te, mas eu fui instado a isso pelas súplicas dela para vir te ajudar.

"O grito, 'Ó Lakshmana, me salva!' como se proferido por seu senhor, chegou aos ouvidos de Maithili e ela, ouvindo esse chamado desesperado, por afeição por ti, chorando e cheia de terror, me disse: 'Vai! Vai!'. Enquanto ela continuava assim a me incitar, repetindo 'Vai', eu falei com ela, procurando tranquilizá-la, dizendo: 'Eu não sei de nenhum titã que possa despertar medo em Rama; não é ele, mas outro que chama, ó Sita. Como aquele guerreiro ilustre, o inspirador de temor nos próprios deuses, proferiria palavras tão vis e vergonhosas como 'me salva'? Quem imitou a

voz do meu irmão e pronunciou essas palavras covardes e por qual motivo? Seguramente é um demônio que, em seu limite, proferiu o grito: 'Socorro!'. Ó adorável, não cabe a ti tremer como uma mulher de nascimento humilde! Tem coragem, acalma-te e elimina a tua ansiedade. Não há ninguém nascido, nem ainda por nascer nos três mundos, que seja capaz de triunfar sobre Raghava no campo em luta aberta. Ele não pode ser derrotado em combate, nem mesmo pelos deuses com Indra em sua chefia".

"Assim abordada por mim, Vaidehi, perturbada e derramando lágrimas, proferiu estas palavras cruéis:

"'Ó Lakshmana, na tua extrema perversidade tu procuras unir-te comigo após a morte de teu irmão, mas tu nunca me possuirás! Foi por instigação de Bharata que tu acompanhaste Rama, uma vez que, apesar do seu grito desesperado, tu não vais auxiliá-lo. Escondendo o teu verdadeiro propósito, tu traiçoeiramente seguiste Rama por minha causa e por essa razão te recusas a ajudá-lo'.

"Ouvindo as palavras de Vaidehi eu deixei o eremitério, com meus lábios tremendo, meus olhos ardendo de fúria".

Quando Saumitri tinha falado assim, Rama, que estava perturbado pela ansiedade, disse-lhe: "Ó amigo, tu cometeste um grande erro ao vires aqui sem Sita. Tu bem sabes que eu sou capaz de me defender contra os titãs, entretanto, por conta de uma palavra precipitada tu abandonaste Vaidehi.

"Eu não estou satisfeito que tu a deixaste nem que vieste aqui por causa das injúrias de uma mulher indignada. Submeter-te a Sita e ceder ao impulso de raiva te fizeram infringir a lei espiritual e desobedecer a minha ordem.

"Aquele titã que assumiu a forma de um cervo a fim de me atrair para longe do eremitério agora jaz atingido pelas minhas setas. Esticando meu arco, eu coloquei uma flecha nele e a disparei, como se fosse por esporte, abatendo-o.

"Livrando-se da sua forma de cervo e assumindo a forma de um titã enfeitado com braceletes, ele emitiu gritos de agonia; depois disso, fingindo a minha voz, em tons capazes de serem ouvidos bem longe, ele gritou, e ao ouvir aquele grito sinistro tu abandonaste Maithili e viste para cá".

Capítulo 60 – A busca por Sita

Enquanto Rama se apressava, seu olho esquerdo começou a se contrair; ele tropeçou e foi tomado por um acesso de tremor. Observando esses sinais inauspiciosos, ele perguntava repetidamente a Lakshmana: "Será que está tudo bem com Sita?"

Ansioso para vê-la novamente, ele apressou o passo e acelerou adiante, mas quando chegou ao eremitério ele o encontrou deserto e, cheio de apreensão, começou a correr para lá e para cá, procurando por toda parte. Para aquele descendente de Raghu, sua cabana de palha, sem Sita, parecia com um lago desprovido de lótus, privado de sua beleza no final do verão.

Vendo o eremitério deserto, com suas árvores que pareciam estar chorando, suas flores murchas, os cervos e os pássaros melancólicos, desprovido de charme, totalmente desolado, as divindades da floresta o tendo abandonado, os tapetes e peles de veado jazendo aqui e ali, os assentos de grama murchos e pisoteados, Rama começou a chorar e a gritar:

"Aquela tímida foi levada embora ou morta ou devorada ou ela se afogou ou se escondeu na floresta? Por acaso ela ainda não voltou da coleta de frutos e flores ou ela foi trazer água dos tanques ou do rio?"

Exausto com a procura, sem encontrar qualquer vestígio de sua amada na floresta, correndo de árvore em árvore, escalando as colinas, procurando ao lado de rios e córregos, lamentando todo o tempo e dominado pela aflição, ele parecia como alguém lutando em um pântano!

"Ó árvore Kedumbra", ele gritou, "tu não viste a minha querida, que te apreciava? Se tu sabes alguma coisa, então me dize, onde a encantadora Sita pode ser encontrada? Ó árvore Bilwa! Dize, tu viste a ela, que veste um manto de seda, que é tão formosa quanto novos brotos verdes e cujos seios parecem as tuas frutas? Ou tu, ó árvore Arjuna! Dá-me notícias daquela que te amava, aquela filha de Janaka; aquela criatura frágil ainda vive? Esta árvore Kadubha com certeza sabe de Maithili, cujas coxas se assemelham ao seu fruto, e aqui está a bela Vanaspati envolta em trepadeiras florescentes, botões e folhas, em cuja sombra as abelhas zunem, sem dúvida, tu és a monarca das árvores! Certamente esta Tilaka que amava Sita sabe onde ela está agora! Ó árvore Ashoka, dissipadora de dor, prova a verdade do teu nome e alivia a dor que pressiona o meu coração ao revelares a minha amada para mim sem demora. Ó árvore Tala, tem piedade de mim e se viste aquela moça formosa, cujos seios lembram a tua fruta madura, me fala! Ó árvore Jambu, se tu viste o meu querido amor, cujo esplendor parece a Jambunada, então fala sem medo, e tu, a principal das árvores Karnikara, cujas flores são de beleza insuperável, ó amável, dize, tu viste a minha amada?"

Assim o ilustre Rama questionou cada árvore, as árvores Cuta, Nipa, a gigante Sala, Panasa, Kuravasa, também Vakula, Punnaga, Candana e Ketaka, correndo para lá e para cá na floresta como um demente.

Depois disso ele se dirigiu aos animais, dizendo: "Ó cervos, vocês não sabem onde Maithili pode ser encontrada, cujos olhos pareciam os de uma gazela, que, com seus olhares como corça era seguida pelos gamos novos que ela havia domado? Ó elefante, me parece que tu sabes dela, cujas coxas pareciam as tuas trombas; eu rogo, dize-me, tu a viste? Ó tigre, se tu viste a minha esposa gentil, cujo rosto se assemelhava à lua em brilho, então me dize sem medo.

"Por que tu te escondes, ó minha amada? Eu te vejo, ó de olhos de lótus! Não te escondas entre as árvores sem responder! Para! Para! Ó princesa de membros adoráveis, tu não tens piedade de mim? Por que tu zombas de mim? Não é da tua natureza dar-te a essa insensatez, ó senhora de cor bela, é inútil fugir de mim, o teu sari amarelo te torna facilmente distinguível, eu te vi! Para, se tu tens algum amor por mim! Ai de mim! Não é ela – minha Sita de sorrisos graciosos! Sem dúvida ela desapareceu já que a minha dor a deixa indiferente!

"Seguramente aquela mulher jovem foi devorada em minha ausência; Sita, com seu rosto adorável, dentes e lábios excelentes, nariz simétrico e belos brincos, cuja pele parece o jasmim de inverno, pereceu, e sua beleza se extinguiu, como a lua cheia sob o eclipse. O pescoço delgado da minha bem-amada, da cor do sândalo, adornado com um colar, foi devorado, como o de alguém pobre e indefeso, que não possui nem amigos nem parentes.

"Ó de braços fortes, tu não vês a minha amada em algum lugar? Ó, onde tu foste, ó Sita, ó minha adorável?"

Assim Rama lamentou, e, chamando, correu de bosque em bosque, às vezes girando como um redemoinho, às vezes parecendo como alguém que tinha perdido o juízo. Com a intenção de encontrar seu amor, percorrendo a floresta, escalando a

montanha, explorando os rios e as cachoeiras, ele acelerou através das florestas sem descanso.

Procurando por todos os lados sem pausa, buscando Maithili em toda a floresta, na esperança de encontrar sua amada, ele ficou exausto.

Capítulo 61 – O lamento de Rama

Vendo o eremitério e a cabana abandonados, com os assentos de grama espalhados aqui e ali e não encontrando Vaidehi em lugar nenhum, Rama, o filho de Dasaratha, erguendo seus belos braços, proferiu estas palavras dolorosas:

"Ó Lakshmana, onde está Vaidehi, onde ela foi? Ó Saumitri, quem levou ou devorou a minha querida? Ó Sita, se tu te escondeste atrás de uma árvore e estás zombando de mim, então põe fim a essa brincadeira; tu te divertiste com a minha angústia por tempo suficiente! Ó querida, as gazelas jovens com as quais tu brincavas definham na tua ausência, com os olhos cheios de lágrimas. Sem Sita eu não posso viver, ó Lakshmana, eu estou dominado pela dor por causa do sequestro dela. Hoje eu me reunirei com aquele grande monarca, meu pai, no outro mundo, que vai me repreender, dizendo: 'Como aconteceu que tu, tendo me deixado para cumprir o meu voto, vieste aqui antes da hora marcada? Ó escravo dos teus desejos, tu és desprovido de honra e lealdade, ai de ti!'

"Sem dúvida, o meu pai vai se dirigir a mim dessa maneira na outra região! Ó cruel! perturbado como eu estou e dominado pela tristeza, tu me abandonaste, como um bom nome se separa de um caloteiro! Ó princesa adorável, não me deixes! Ó senhora de cintura fina, no abismo no qual tu me mergulhaste, eu abandonarei a minha vida!"

Assim Rama lamentou, desejando ver Sita mais uma vez, mas o desafortunado Raghava não pode ver a filha de Janaka em nenhum lugar. Afundado na miséria por conta de Sita, ele parecia um elefante poderoso preso em um terreno pantanoso no qual pôs os pés.

Então Lakshmana, em seu desejo ardente de consolá-lo, disse: "Ó herói, ó mina de sabedoria, não te aflijas! Vamos juntos aplicar os nossos esforços. Essa colina é famosa por suas muitas cavernas, e Maithili, que, encantada com a floresta muitas vezes passeava nessas matas, sem dúvida se aventurou na floresta profunda ou visitou o lago coberto com lótus em flor ou foi ao rio cheio de peixes e frequentado por aves de bela plumagem. Talvez ela tenha se escondido no desfiladeiro para nos assustar e ver se vamos procurá-la. Ó leão entre os homens, vamos procurá-la sem demora! Ó príncipe afortunado, se tu crês que ela está em algum lugar na floresta, nós não deixaremos nenhum quadrante inexplorado; não te aflijas, ó Kakutstha!"

Essas palavras de Lakshmana, inspiradas por carinho fraterno, confortaram Rama, que com Saumitri começou a procurar Sita mais uma vez com o coração tranquilo. Mas, percorrendo as matas, colinas, rios e lagos por toda parte, examinando os planaltos, cavernas e cumes da montanha, aqueles dois filhos de Dasaratha não conseguiram encontrar Sita em lugar nenhum, e tendo-a procurado por toda parte daquela montanha Rama disse a Lakshmana:

"Eu não vejo nenhuma pista da adorável Vaidehi nessa montanha, ó Saumitri!"

Então Lakshmana em grande aflição dirigiu-se ao seu irmão, que era dotado de energia flamejante, dizendo: "É por percorrer a floresta de Dandaka que tu serás reunido com Maithili, filha de Janaka, ó sagaz, como Vishnu cobriu a terra ao subjugar Bali".

Sendo assim abordado pelo valente Lakshmana, Raghava, cujo coração estava pesado de tristeza, respondeu em tons lamentáveis, dizendo:

"Toda a floresta foi investigada com cuidado por nós, e também os lagos onde os lótus florescem e essa montanha com suas muitas cavernas e cachoeiras, ó príncipe prudente, contudo eu não posso encontrar nenhum vestígio de Vaidehi que vale mais para mim do que o meu ar vital".

Assim lamentando, Rama, tomado de ansiedade, com seu coração contraído pela dor, em um excesso de angústia, desmaiou. Totalmente trêmulo, com a mente confusa, atordoada e enfraquecida, aquele príncipe infeliz, dando suspiros profundos e ardentes, em uma voz estrangulada com soluços, gritou: "Ó Sita, ó minha amada!"

Então Lakshmana, perturbado pela ansiedade, procurou consolar seu querido irmão por todos os meios, permanecendo diante dele com as palmas unidas.

Mas Rama não deu ouvidos às palavras que saíram dos lábios de Lakshmana e, não vendo a sua querida Sita, continuou a chamá-la repetidamente.

Capítulo 62 – O seu desespero

Na ausência de Sita, Rama de lótus de olhos, justo e poderoso, com sua mente perturbada pelo sofrimento, torturado pelo amor por ela, embora incapaz de vê-la, com suspiros amargos, a repreendeu como se ela estivesse presente, dizendo:

"Ó tu, cuja jovem floração é mais graciosa do que os ramos da Ashoka, não te escondas e não aumentes a minha dor! Ó querida! As tuas coxas lembram os ramos de bananeira que te escondem, porém, ó deusa, tu não podes te esconder de mim! Rindo, tu te refugiaste no bosque Karnikara, mas chega dessa brincadeira que está me torturando! Não é apropriado se divertir desse modo em um eremitério, embora eu saiba que o riso é natural para ti, ó querida! Volta, ó moça de olhos grandes, a tua cabana está desolada!

"Ai de mim! É certo que aqueles titãs devoraram a minha Sita ou a levaram e é por essa razão que ela não aparece; ela nunca iria zombar de mim assim em minha tristeza, ó Lakshmana!

"Ó Saumitri, observa esses cervos de cujos olhos as lágrimas caem e que parecem dizer que Sita foi devorada por aqueles viajantes da noite. Ó senhora nobre, onde tu foste? Ó minha casta, minha amada! Ai de mim! Os desejos de Kaikeyi estão realizados hoje! Eu fui para o exílio com Sita e agora voltarei sozinho. Como eu entrarei no palácio das rainhas sem a presença dela? As pessoas não vão dizer: 'Ele é um patife sem coração!'?

"Pela perda de Sita, eu levarei o estigma de covardia e quando o meu exílio acabar, Janaka, o rei de Mithila, vai me perguntar sobre o nosso bem-estar. Como eu lhe responderei?

O soberano de Videha, vendo-me voltar sem Sita, será dominado pela dor por causa de sua morte e se tornará vítima da loucura!

"Não, eu nunca vou voltar a Ayodhya governada por Bharata; o próprio céu seria um deserto sem Sita. Deixa-me na floresta e volta para a opulenta cidade de

Ayodhya. Quanto a mim, eu não posso viver em nenhum lugar sem Sita. Abraçando Bharata ternamente, dize-lhe, em meu nome: 'É a ordem de Rama que tu governes a terra'. Prestando homenagem às nossas mães, Kaikeyi, Sumitra e Kaushalya, com o devido respeito, as protege com todas as tuas forças, aconselhando-te com os sábios. Ó destruidor de teus inimigos, tu deves lhes contar a morte de Sita e a minha, com todos os detalhes".

Assim Raghava lamentou, enquanto percorria a floresta cheio de aflição, longe de Sita de madeixas adoráveis, enquanto Lakshmana, com o rosto pálido de terror, sentiu-se prestes a perder a razão por excesso de dor.

Capítulo 63 – Ele continua a lamentar

Aquele filho de um rei, entristecido e vítima da ansiedade, separado de sua amada, tendo feito seu irmão se angustiar, caiu em um desânimo cada vez mais profundo. Afundado em um abismo de tristeza, Rama com suspiros ardentes e gemidos profundos dirigiu-se a Lakshmana, que estava tomado de ansiedade, com palavras inspiradas pela sua própria aflição, dizendo:

"Não há ninguém no mundo que eu considere mais miserável do que eu; desgraça após desgraça segue uma à outra em sucessão ininterrupta; isso está partindo o meu coração. Certamente, antigamente eu planejei ou executei inúmeros atos de maldade e agora o seu fruto amadureceu e calamidades cada vez maiores me assaltam! A perda do meu reino, a separação dos meus parentes, a despedida da minha mãe, a lembrança dessas coisas contribui para a soma da minha infelicidade. Porém essas dores foram esquecidas como também as privações do meu exílio na floresta, mas agora o desaparecimento de Sita reacende sua lembrança como um braseiro quase apagado subitamente irrompe em chamas.

"A minha jovem e tímida esposa foi levada através do céu por um titã, emitindo gritos de cortar o coração incessantemente em seu terror, ela que antigamente estava acostumada a conversar tão docemente. Seguramente o peito da minha amada, polvilhado com açafrão de grande valor, agora está sujo de poeira e sangue, mas eu ainda vivo! Sita, cuja fala era gentil, clara e doce, cuja beleza era realçada por seus cabelos encaracolados, ficou pálida, tendo caído vítima dos titãs e ela perdeu seu brilho, como a lua na boca de Rahu. O pescoço da minha consorte amada e fiel, enfeitado com um colar de pérolas, pode agora mesmo ter sido cortado pelos titãs em algum lugar deserto, onde eles estão bebendo seu sangue. Sem a minha presença, rodeada de titãs na floresta onde eles moram e levada por eles, a desafortunada Sita de olhos grandes estará gritando lamentavelmente como uma águia-pescadora ferida.

"Neste vale Sita de aparência graciosa, sentada ao meu lado, se dirigia a ti com palavras gentis e sorrisos doces, ó Lakshmana. Talvez ela esteja vagando nas margens desse mais belo dos rios, o Godaveri, tão amado por ela, mas não, ela nunca costumava andar sozinha! Ela cuja face parecia o lótus, com os olhos como suas pétalas, foi colher lírios d’água, mas como isso é possível, uma vez que sem mim ela nunca colhia flores?

"Será que ela entrou na floresta cheia de árvores florescentes, frequentada por bandos de aves de todos os tipos? Ai, não! Ela era temerosa demais para se aventurar sozinha e teria morrido de medo! Ó Sol, testemunha de tudo o que acontece na terra e de cada ato, seja ele bom ou mal, a minha amada se afastou ou

ela foi raptada? Ó dize-me, para que eu não morra de tristeza! Ó Vento, nada no mundo é desconhecido para ti; dize, Sita, a flor de sua raça, perdeu seu caminho ou foi levada, ou ela está morta?"

Assim Rama lamentou, vítima da angústia e do desespero, e o valente Saumitri, fixo em seu dever, se dirigiu a ele em palavras apropriadas para a ocasião, dizendo:

"Ó herói, abandona a tua dor e toma coragem! Olha para o desaparecimento da tua cônjuge com desprendimento e te empenha com energia em tua busca por ela. Homens de espírito não se permitem ser derrubados, mesmo em face de extrema adversidade".

Assim falou o altamente poderoso Lakshmana, apesar de sua angústia, mas Rama, o principal da Casa de Raghu, não prestou atenção às suas palavras e, mais uma vez entregou-se à sua grande tristeza.

Capítulo 64 – A ira de Rama

Aflito, Rama se dirigiu a Lakshmana em voz entrecortada, dizendo: "Ó Lakshmana, vai com toda pressa ao rio Godaveri; pode ser que Sita tenha ido lá para colher flores de lótus".

Ao ouvir essas palavras, Lakshmana imediatamente foi ao adorável rio Godaveri e tendo visitado os vaus sagrados, retornando, falou a Rama, dizendo:

"Eu procurei em todos os lugares sagrados, mas eu não a vi em lugar algum nem ela responde ao meu chamado. Onde Vaidehi pode ter ido? Eu não sei onde aquela senhora de cintura fina pode estar, ó Rama".

Ouvindo Lakshmana falar assim, o infeliz Rama, perturbado pela ansiedade, correu para as margens do rio Godaveri e lá gritou: "Onde está Sita?"

Mas nem os espíritos da floresta nem o rio ousaram informar a Rama que ela tinha sido levada por aquele Indra dos titãs, que merecia a morte.

A Godaveri, relembrando as antigas façanhas do perverso Ravana, foi contida por medo de transmitir o que era conhecido por ela sobre o destino de Vaidehi. O silêncio do rio fez Rama abandonar toda a esperança de ver Sita novamente e tomado pelo desespero por causa do seu desaparecimento, ele disse a Saumitri:

"A amada Godaveri não tem nenhuma resposta para mim, ó Lakshmana. O que eu direi para Janaka ou para a mãe de Vaidehi quando, voltando sem ela, nós nos encontrarmos mais uma vez? Vendo-me sem Vaidehi, eu me tornarei um objeto de ódio para eles.

"Quando, desapossado do meu reino, eu fui forçado a viver na floresta de frutas silvestres, a minha miséria foi amenizada pela princesa de Videha. Onde ela está agora? Longe de meus parentes, incapaz de encontrar Vaidehi, como eu passarei as longas noites sem dormir?

"Eu procurei em todos os lugares, próximo ao Mandakini, em Janasthana e na montanha Prasravana para encontrar Sita. Ó herói, observa os veados selvagens, cheios de energia, que me olham incessantemente e por seus olhares parecem querer se comunicar comigo".

Vendo-os, aquele leão entre os homens, Raghava, fixando seu olhar sobre eles gritou: "Onde está Sita?" com uma voz entrecortada por soluços. Assim abordados por aquele senhor de homens, os veados ergueram e viraram suas

cabeças em direção ao sul, olhando para cima, indicando assim o caminho pelo qual Sita tinha sido levada.

Depois disso aqueles cervos, virando para sul, às vezes fixavam o olhar naquele chefe de homens, e então, olhando para o céu, emitiam gritos, correndo na frente dos dois irmãos, buscando atrair a sua atenção, e Lakshmana, compreendendo os seus movimentos e os seus gritos, disse ao seu irmão mais velho:

"Ó meu senhor, desde que tu abordaste esses veados dizendo: 'Onde está Sita?' Eles, levantando-se, têm indicado a direção sul, vamos, portanto, seguir esse caminho; talvez nós descubramos algum vestígio daquela senhora nobre ou ela mesma".

"Que assim seja", respondeu Kakutstha, dirigindo seu passo para o sul, seguido por Lakshmana. Nisso, olhando para o solo, ele observou algumas flores espalhadas no chão e, extremamente angustiado, disse ao seu irmão:

"Ó Lakshmana, eu me lembro dessas flores, pois eu as colhi na floresta e as dei para Vaidehi, com essas ela enfeitou seu cabelo. Parece-me que o sol, o vento e a terra as preservaram para o meu prazer".

Então Rama se dirigiu à montanha de inúmeras torrentes, dizendo:

"Ó senhor das colinas, tu viste aquela princesa de membros adoráveis, aquela graciosa que eu deixei nesse bosque encantador?"

Então em tom de angústia ele começou a ameaçar a montanha, como um leão ruge na presença de um cervo, e gritou: "Ó montanha, mostra-me aquela senhora cuja pele parece o ouro batido ou eu vou quebrar os teus topos".

Assim questionada por Rama a respeito de Sita, a princesa de Mithila, a montanha teria falado de bom grado, mas por medo de Ravana manteve-se em silêncio; após o que o filho de Dasaratha dirigiu-se àquela massa rochosa, dizendo:

"As minhas flechas ardentes te reduzirão a cinzas, tu serás despojada de teu verdor, tuas árvores, e tuas trepadeiras, e ninguém te habitará. Ó Lakshmana, este rio também será secado por mim se não revelar onde Sita pode ser encontrada, cujo esplendor se assemelha à lua cheia em seu curso".

Em sua ira, Rama de bom grado teria consumido a montanha com seu olhar, quando de repente ele viu a marca do pé do titã no chão e as de Vaidehi, que em seu terror tinha corrido para lá e para cá antes de ser arrastada por ele.

Vendo as marcas dos pés de Sita e as do titã, com o arco quebrado, duas aljavas e partes do carro, Rama, com o coração batendo rapidamente, disse ao seu amado irmão:

"Vê, ó Lakshmana, os fragmentos dispersos dos ornamentos de Vaidehi e as muitas guirlandas e as gotas de sangue brilhantes como ouro derretido cobrindo a terra por todos os lados. É certo, ó Lakshmana, que os titãs que mudam a sua forma à vontade cortaram o corpo de Sita em pedaços, que eles já devoraram. Por conta da Sita uma luta terrível ocorreu aqui, ó Saumitri.

"Este grande arco, incrustado com pérolas, maravilhosamente incrustadas, que está quebrado e jazendo no chão, a quem pode pertencer, ó amigo? A qual titã ou a qual deus, ó meu filho, esta armadura dourada pertence, brilhante como o sol nascente, enriquecida com esmeraldas e pérolas, cujos pedaços estão espalhados sobre a terra? O dossel de quem se encontra aqui, possuindo cem varetas, decorado com guirlandas celestes, com seus suportes quebrados? E de quem são essas mulas, atreladas com ouro, tendo cabeças de trasgo, terríveis de se ver, que foram mortas na luta? Essa carruagem de guerra, brilhante como uma chama, que está virada e quebrada, a quem ela pertence? Estas setas também, de cem dedos

de comprimento, de aspecto aterrorizante, suas pontas douradas sem corte, jazendo em cem fragmentos e as duas aljavas cheias de flechas excelentes, de quem elas são?

"Vê o auriga jazendo no chão, o chicote e as rédeas ainda em suas mãos, que era seu mestre? Sem dúvida, essas pegadas são as de um titã poderoso, ó Lakshmana. Vê como sob mil disfarces se manifesta o ódio amargo desses titãs, que são cruéis e capazes de mudar de forma à vontade! Ai de mim, a bem-aventurada Vaidehi foi levada daqui ou ela está morta e foi devorada! Se a virtude não foi capaz de proteger Vaidehi de ser levada furtivamente na grande floresta e ela foi devorada, ó Lakshmana, como podem mesmo os grandes desse mundo me oferecer qualquer consolo? O próprio Criador supremo do universo, se Ele manifestasse compaixão, seria mal compreendido e julgado com desprezo pelo mundo, e eu, que sou gentil por natureza, que subjuguei meus sentidos e que exerço a misericórdia, desejando o bem-estar de todos, seria considerado desprovido de coragem pelos deuses.

"Ó Lakshmana, as minhas virtudes serão ofuscadas hoje, como tu em breve testemunharás, e a minha ira se manifestará na destruição dos demônios e de todos os seres criados! Como o sol nascente obscurece o esplendor da lua, assim os meus grandes atributos serão afastados e o meu esplendor puro resplandecerá; não haverá escapatória para ninguém nos três mundos, nem yaksha, gandharva, pisacha, rakshasa, kinnara, nem para o homem, ó Lakshmana. Logo tu verás as minhas setas enchendo o firmamento, os planetas parados em suas rotas, a lua velada, fogo e vento detidos, o brilho do sol obscurecido, os topos das montanhas despedaçados, os lagos secos, trepadeiras e árvores arrancadas e o oceano drenado.

"Se os deuses não trouxerem Sita de volta para mim eu destruirei os três mundos! Então, ó Saumitri, eles serão forçados a reconhecer a minha bravura! Ninguém encontrará refúgio em nenhum lugar no espaço, ó Lakshmana; hoje tu verás o universo ultrapassar seus limites. Com a ajuda das setas disparadas do meu arco, que eu vou esticar até o meu ouvido, nenhum ser será capaz de sobreviver; por causa de Sita eu vou livrar o mundo de duendes e demônios e os deuses testemunharão o poder desses mísseis, disparados em minha ira.

"Os mundos dos deuses, gigantes, yakshas e titãs será aniquilado sob o impacto de minhas flechas. Com minhas setas eu quebrarei as defesas dos três mundos, se os deuses não devolverem Vaidehi para mim como ela estava antes de ter sido levada para longe. Se eles não trouxerem de volta a minha amada incólume, eu devastarei todo o universo e tudo contido nele. Até eu me encontrar na presença de Sita uma vez mais, eu soltarei todas as armas de destruição".

Tendo falado assim, Rama, com os olhos faiscando de raiva, seus lábios comprimidos e trêmulos, amarrou firmemente o seu manto de pele e camurça e amarrou seu cabelo, após o que aquele sagaz parecia Rudra empenhado na destruição de Tripura.

Pegando seu arco das mãos de Lakshmana, ele o puxou com força, escolhendo uma flecha terrível de ponta de aço semelhante a uma serpente venenosa, e o refulgente Rama, cheio de ira, o flagelo de seus inimigos, parecendo o fogo na destruição do mundo, disse:

"Como os seres não podem escapar da velhice, do destino ou da morte, assim ninguém é capaz de conter a minha ira! Ó Lakshmana, se eu não recuperar Sita nesse dia com toda a sua beleza imaculada, eu destruirei o universo com seus deuses, gandharvas, seres humanos, punnagas e montanhas".

Capítulo 65 – Lakshmana procura pacificar Rama

Vítima da aflição por causa do rapto de Sita, Rama, parecendo o Fogo da Dissolução, procurou causar a destruição dos mundos.

Com suspiros ardentes ele contemplou o arco encordoado, como Hara no final do ciclo do mundo fica pronto para consumir o universo.

Vendo Rama arrebatado pela raiva, até então nunca manifestada por ele, Lakshmana, com as feições pálidas de terror, se dirigiu a ele com palmas unidas, dizendo:

"Antigamente tu sempre eras gentil, de mente controlada e dedicado ao bem-estar de todos os seres, não cedas agora à ira e não renuncies à tua verdadeira natureza. Como o brilho da lua, o esplendor do sol, a velocidade do vento e a paciência da terra, assim a tua glória é manifesta sem igual e sem fim. Por que tu procuras destruir os mundos por causa do pecado de um só homem?

Não se sabe a quem pertence essa carruagem despedaçada nem por causa de quem nem entre quem a luta, da qual nós vemos os vestígios, ocorreu. Este local traz as marcas de rodas e pés e está borrifado com gotas de sangue; ele é a cena de uma luta violenta, ó filho de um rei, mas é uma luta entre combatentes sozinhos, ó mais eloquente dos homens! Eu não vejo nenhum traço de um grande exército e não é justo que tu destruas os mundos por conta de um homem.

"Reis devem sempre governar com justiça, gentileza e moderação. Tu sempre foste o amparo de todos os seres e seu refúgio supremo. Quem perdoaria o rapto da tua consorte, ó Raghava? Rios, mares, montanhas, deuses, gandharvas e danavas não têm nenhum desejo de te desagradar, assim como o sacerdote oficiante não prejudicaria aquele que empreende um sacrifício depois de ter realizado os ritos preparatórios.

"Ó príncipe, tu deves procurar o raptor de Sita, seguido pelos grandes sábios e por mim com o meu arco. Vamos examinar o oceano, as montanhas, as florestas, as cavernas profundas e inúmeros lagos cheios de lótus. Vamos questionar os deuses e gandharvas em cada região, até encontrarmos o captor de tua consorte. Se os chefes dos deuses não devolverem a tua esposa pacificamente, então, ó rei de Koshala, adota aquelas medidas que tu considerares adequadas. Se, por gentileza, humildade e prudência, tu não recuperares a tua esposa, ó Indra entre os homens, então dispara as tuas inúmeras flechas com pontas de ouro, parecidas com os raios de Mahendra".

Capítulo 66 - Lakshmana procura inspirar Rama com coragem

Dominado pela tristeza e lamentação como um órfão, Rama, profundamente aflito, estava mergulhado na miséria, após o que Lakshmana, o filho de Sumitra, segurando seus pés e pressionando-os, procurou consolá-lo e confortá-lo, dizendo:

"Por grande austeridade e incontáveis atos piedosos o rei Dasaratha te obteve, como os Celestiais adquiriram o néctar da imortalidade. Ligado a ti por tuas virtudes, aquele grande monarca após a tua partida retornou para a região celeste,

assim nós ouvimos de Bharata. Se tu não és capaz de suportar a calamidade que te alcançou, então como um homem comum o faria?

"Ó chefe de homens, coragem! Qual ser vivo não está sujeito à adversidade, que se aproxima como uma chama e passa imediatamente? Assim mesmo é o mundo. Yayati, o filho de Nahusha, não caiu do céu vencido pela má sorte? Em um único dia o grande sábio Vasishtha, o sumo sacerdote de nosso pai, ficou sem os quatrocentos filhos que lhe nasceram; e a Mãe do Mundo, a própria Terra, reverenciada por todos, às vezes treme, ó mestre de Koshala! O sol e a lua, os olhos do mundo, os próprios símbolos da virtude por quem todas as coisas são ordenadas, sofrem eclipse. Aqueles grandes seres, os próprios deuses, estão sujeitos ao destino, ó leão entre os homens; quanto mais o homem? É dito que até Indra e os deuses aguentam vicissitudes; não cabe a ti, portanto, lamentar.

"Mesmo que Vaidehi tenha sido morta ou levada, ó Raghava, não é digno de ti ceder ao desespero como um homem comum. Os teus iguais nunca se alteram nem nos maiores perigos, mas olham para tudo com equanimidade, ó Kakutstha!

"Ó melhor dos homens, após a devida consideração, discrimina entre o que é bom e o que é mau; pessoas de sabedoria correta estão sempre cientes do que é certo ou errado. Devido ao elemento de incerteza, não se pode distinguir imediatamente a vantagem ou desvantagem de uma ação, mas se alguém não agir o resultado desejado não ocorrerá. Assim tu me instruíste muitas vezes, ó herói, e quem é capaz de te ensinar qualquer coisa? Nem mesmo o próprio Brihaspati. Os próprio deuses são incapazes de fixar o limite da tua sabedoria, ó tu de intelecto poderoso.

"Eu quero despertar o poder que a tristeza extinguiu em ti! Tendo refletido sobre a força dos deuses, dos homens e de ti mesmo, ó leão dos Ikshvakus, prepara-te para vencer teus inimigos! De que te serviria destruir o mundo, ó melhor dos homens? Procura o teu adversário pérfido e põe fim à vida dele!"

Capítulo 67 – Rama encontra Jatayu

Ao ouvir essas palavras pertinentes, cheias de sabedoria, proferidas por seu irmão mais novo Lakshmana, Raghava, recuperando a posse de si mesmo, retomou sua coragem mais uma vez. Controlando sua ira, Rama de braços longos, apoiando-se em seu arco maravilhoso, disse a Lakshmana: "Ó meu amigo, o que deve ser feito? Para onde nós iremos, ó Lakshmana? Como encontraremos Sita novamente? Vamos considerar essas coisas com cuidado".

A essas perguntas ansiosas Lakshmana respondeu: "Tu deves investigar Janasthana que é habitada por inúmeros titãs e coberta com árvores e trepadeiras de todos os tipos. Lá, despenhadeiros inacessíveis, abismos e cavernas são encontradas e grutas escuras habitadas por manadas de animais selvagens, o retiro de kinnaras e o refúgio de gandharvas; comigo explora esses lugares. Como as montanhas não são afetadas pela tempestade, nem as adversidades podem assustar os sábios como tu, ó leão entre homens".

Falando desse modo, Lakshmana começou a vasculhar a floresta, e Rama, ainda irritado sob a adversidade, avançou segurando seu arco no qual estava encordoada uma flecha formidável de ponta de aço, quando de repente ele viu Jatayu, aquele excelente rei das aves, semelhante a um pico de montanha, jazendo

na terra coberto de sangue. Vendo aquele grande abutre, como o cume de uma montanha, Rama disse a Lakshmana:

"Sem dúvida, aqui está o titã que, percorrendo a floresta sob o disfarce de um abutre, destruiu Sita, a princesa de Videha! Tendo se satisfeito ao devorar aquela princesa de olhos grandes, ele está descansando à vontade; eu o perfurarei com minhas setas terríveis e ardentes que voam direto para o alvo".

Falando assim, Rama, fixando uma flecha afiada em seu arco, correu em direção a ele e em sua ira parecia que iria destruir a terra, cujos limites são o mar.

Vomitando sangue, aquela ave então se dirigiu a Rama o filho de Dasaratha, na voz triste de alguém a ponto de morrer, dizendo:

"Ó tu de vida longa, aquela divindade a quem procuras na grande floresta, como se procura uma erva que cura,[295] foi levada por Ravana, assim como a minha vida.

"Ó Raghava, na tua ausência e de Lakshmana aquela princesa foi vista por mim sendo arrastada pelo todo-poderoso Ravana. Voando para auxiliar Sita, ó senhor, Ravana foi jogado ao chão por mim na luta que se seguiu, e sua carruagem e dossel foram quebrados. Com um golpe de minha asa eu matei o auriga, mas estando no fim das minhas forças, as minhas duas asas foram cortadas pela espada de Ravana, e ele, agarrando Sita, a princesa de Videha, escapou para o ar. Aquele titã me deixou aqui para morrer; não me mates, ó príncipe".

Recebendo essas notícias preciosas a respeito de Sita, Rama, largando o grande arco, abraçou o rei dos abutres, e, então, apesar de sua determinação, caiu ao chão dominado pela angústia e começou a se lamentar com Lakshmana. Vendo Jatayu sozinho naquele caminho perigoso e isolado, gemendo sem cessar, Rama, cheio de piedade, disse a Saumitri: "A perda do meu reino, o exílio para a floresta, o rapto de Sita e a morte desse duas vezes nascido tornam o meu destino tal que ele consumiria o próprio fogo. Mesmo se o mar estivesse cheio até a borda e eu entrasse nele neste dia aquele senhor dos rios secaria por causa dos meus infortúnios.

"Tal é a adversidade que me cerca que não há ninguém em todos os mundos entre os seres animados e inanimados que seja tão miserável quanto eu! Por causa do meu mau karma, esse amigo de infância do meu pai, o poderoso rei dos abutres, está morrendo sobre a terra!".

Repetindo essas palavras frequentemente para Lakshmana que o acompanhava, Rama começou a acarinhar Jatayu, passando a mão amorosamente sobre o corpo do amigo de seu pai. Então pegando o rei dos abutres, cujas asas tinham sido cortadas e que estava banhado em sangue, em seus braços, ele disse:

"Para onde foi Maithili, que vale mais para mim do que a vida?" e tendo falado assim, Raghava afundou na terra.

Capítulo 68 – A morte de Jatayu

Na presença do abutre, a quem o terrível Ravana tinha abatido, Rama, cheio de compaixão por todos, dirigiu-se ao filho de Sumitra com estas palavras:

"Essa ave, que procurou defender os meus interesses, foi ferida mortalmente na luta com o titã e por minha causa agora está morrendo aqui. Suas respirações

[295] Lit. Oshadi ou Oshadi Prastha, 'o lugar das ervas medicinais'.

vitais são pouco perceptíveis, ó Lakshmana, os seus olhos estão turvos e ele não consegue falar.

"Ó Jatayu, se for possível para ti, então dize o que aconteceu a Sita e como tu chegaste a essa condição lamentável. Por que razão Ravana levou a minha amada? Como aquele rosto radiante e encantador, parecido com a lua, parecia naquele momento, ó melhor dos nascidos duas vezes? Que palavras Sita pronunciou naquele momento? Qual é a força, a aparência e o karma daquele titã? Onde é que ele vive, ó amigo, me responde!"

Vendo Rama lamentando como um órfão, o virtuoso Jatayu respondeu em voz fraca: "Sita foi levada por aquele Indra dos titãs, Ravana, aquele canalha perverso que recorre à ajuda de feitiçaria e é capaz de libertar o vento e a tempestade. Ó filho querido, eu estando exausto, aquele predador noturno cortou as minhas duas asas e, depois disso, agarrando Sita, fugiu na direção sul. A minha respiração está difícil e a minha vista fraca, ó Raghava, eu vejo diante de mim as árvores douradas com folhas formadas de Ushira.[296] A hora em que Ravana levou Sita era aquela na qual o perdedor logo recupera o que está perdido, 'Vindya' é seu nome, ó Kakutstha, e Ravana não estava ciente disso. Como um peixe que engole a isca, ele logo perecerá! Portanto, não percas a esperança de recuperar Janaki; em breve tu te divertirás com ela, tendo matado Ravana em batalha!"

Enquanto o abutre estava respondendo assim para Rama, sangue e pedaços de carne fluíram de seu bico e, à beira da morte, mantendo sua consciência, Jatayu acrescentou: "Ravana é filho de Vishravas e irmão de Vishravana!" e então abandonou sua vida.

"Fala! Fala mais!", exclamou Rama, dirigindo-se a ele com as palmas unidas, mas os ares vitais, afastados do corpo daquele abutre, já estavam dissipados. Então, o rei dos abutres caiu sobre a terra, as pernas, o corpo e a cabeça esticadas e, vendo aquela ave semelhante a uma montanha de grandes proporções, aquela ave de olhos avermelhados, sem vida, Rama, vacilando sob o peso do seu infortúnio, disse a Saumitri em tons amargos:

"Passando muitos anos felizes na floresta, o refúgio de titãs, essa ave finalmente abandonou sua vida! Tendo vivido incontáveis anos, ele agora jaz aqui inanimado! Nada pode resistir ao rumo do destino! Vê, ó Lakshmana, esse abutre que morreu a meu serviço tendo procurado proteger Sita, e que foi morto por Ravana de poder superior. Ele renunciou ao domínio legado a ele por seus antepassados e sacrificou sua vida por minha causa. Sem dúvida, os virtuosos praticam coragem, devoção e cumprimento do dever, mesmo no reino animal, ó Saumitri! Eu não senti uma dor tão forte pelo rapto de Sita como pela morte desse abutre, que se sacrificou por mim, ó castigador de teus inimigos!

"Eu tenho por esse rei das aves a mesma veneração que eu tinha pelo monarca ilustre e afortunado, Dasaratha, ó Saumitri! Traze combustível para que eu possa acender a pira desse rei dos abutres, que morreu por mim. Colocando o corpo desse protetor do reino das criaturas aladas na pira funerária, que foi destruído pelo titã cruel, eu vou cremá-lo. Ó rei dos abutres, ó ser magnânimo, cremado e abençoado por mim, parte e ascende para aquelas regiões além das quais não é possível ir e que são a morada daqueles que habitualmente oferecem sacrifício, daqueles heróis que nunca recuam no campo de batalha e daqueles que distribuem terra em caridade".

[296] Ushira: uma grama como cabelo dita crescer nas árvores no inferno.

Com essas palavras, o virtuoso Rama colocou o rei das criaturas aladas sobre a pira funerária e, cheio de tristeza, acendeu a chama como se realizando o rito para o seu próprio parente.

Depois disso o ilustre Rama, acompanhado por Saumitri, entrou na floresta e, matando alguns cervos Rohi gordos, espalhou a carne na grama verde como uma oblação para aquela ave. Rasgando a carne daqueles cervos e amassando-a em bolas, ele as ofereceu para o abutre naquela agradável região de floresta, colocando-as sobre grama fresca. Depois, para que Jatayu pudesse logo chegar à morada celestial, ele recitou aquelas fórmulas sagradas proferidas pelos brâmanes, depois do que os dois príncipes foram ao rio Godaveri para oferecer água em honra da ave nobre. Seguindo os ritos tradicionais, aqueles dois descendentes de Raghu se banharam e realizaram a cerimônia Udaka[297] para o rei dos abutres, que, tendo caído no campo de batalha, realizou um feito glorioso e difícil e agora, abençoado por Rama, tinha chegado ao lugar preparado para ele no reino dos santos.

Então aqueles dois príncipes, depois de oferecerem os últimos ritos em honra daquela ave excelente, como se para o seu pai, entraram na floresta, com suas mentes voltadas para a recuperação de Sita, como Vishnu e Vasava, os soberanos dos deuses.

Capítulo 69 – Rama e Lakshmana encontram Ayomukhi e Kabandha

Após realizarem os ritos de purificação em honra de Jatayu, os dois príncipes entraram na floresta em busca de Sita, indo para o sudoeste. Armados com espada, arco e seta, aqueles ramos da Casa de Ikshvaku seguiram um caminho até então não trilhado, coberto de arbustos, árvores e trepadeiras de vários tipos, que era de difícil acesso, com moitas densas em ambos os lados e de aparência sinistra; apesar disso os dois guerreiros poderosos prosseguiram através daquela mata vasta e perigosa.

Tendo percorrido Janasthana e coberto mais de três léguas, aqueles irmãos, dotados de grande energia, penetraram nas matas espessas da floresta Krauncha, que parecia um grupo de nuvens e apresentava um aspecto alegre com suas muitas flores brilhantes e grupos de veados selvagens e bandos de aves que a habitavam.

Depois de explorarem essa floresta, ansiosos para contemplar a princesa de Videha mais uma vez, às vezes parando para lamentar o seu desaparecimento, os dois irmãos retomavam a viagem, e cobrindo uma distância de três léguas chegaram ao eremitério de Matanga.

Tendo examinado toda a floresta cheia de feras temíveis e aves e plantada com inúmeras árvores e matas densas, os dois filhos de Dasaratha viram uma caverna na montanha, profunda como a região debaixo da terra onde reina a escuridão eterna.

Então aqueles dois leões entre os homens, se aproximando da caverna, viram a grande forma de um titã fêmea de aparência hedionda. De aspecto temível, ela era um objeto de terror para as criaturas mais fracas com suas feições asquerosas, estômago vasto, dentes afiados, imensa estatura e voz áspera.

Esse monstro subsistia da carne de animais ferozes e agora apareceu diante de Rama e Lakshmana, com seu cabelo desgrenhado, e falou-lhes, dizendo:

---

[297] Cerimônia Udaka: oferecimento ritual de água para os antepassados.

"Vamos passar o tempo em flerte juntos". Então ela agarrou Lakshmana, que tinha precedido seu irmão e acrescentou:

"Estou me chamo Ayomukhi, eu sou tua, torna-te meu senhor, ó herói! Vamos nos entregar a uma longa vida de prazer nos cumes das montanhas e entre as ilhas nos rios".

Ouvindo essas palavras, o matador de seus inimigos, Lakshmana, cheio de ira, puxou a espada e cortou fora as suas orelhas, nariz e seios. Suas orelhas e nariz sendo cortados, aquele titã terrível fugiu com toda velocidade, e quando ela tinha desaparecido, os dois irmãos, Rama e Lakshmana, castigadores de seus inimigos, continuaram com pressa e entraram na floresta densa.

Em seguida o poderoso Lakshmana, cheio de lealdade, charme e nobreza, dirigiu-se ao seu irmão resplandecente com as palmas unidas, dizendo:

"Eu estou consciente de um latejar violento em meu braço esquerdo e a minha mente está cheia de apreensão, enquanto por todos os lados eu vejo presságios infaustos; que tu, portanto, te mantenhas de prontidão, ó grandioso, e segue o meu conselho; esses diferentes augúrios pressagiam perigo iminente. O pássaro Vanchulaka está emitindo gritos terríveis que indicam uma vitória rápida para nós".

Então os dois irmãos começaram a explorar corajosamente toda a floresta, quando um clamor terrível surgiu parecendo rasgar as árvores; tal era o tumulto que parecia que um vento forte tinha passado de repente através da floresta.

Procurando averiguar a causa dessa perturbação, Rama, armado com uma espada, arco na mão, avançando com seu irmão mais novo, viu um titã de vastas proporções, possuindo coxas enormes, de pé diante dele. Sem cabeça, com a boca na barriga, coberto com pelos eriçados, em estatura igual a uma montanha, sua cor a de uma nuvem escura, terrível de se olhar, sua voz ressoando como um trovão.

Brilhando como uma tocha acesa, ele parecia emitir faíscas; o seu único olho, provido de pálpebras amarelas abrindo em seu peito, era estranho e horrendo e esse monstro, possuidor de dentes enormes, estava lambendo os lábios. Apesar da ferocidade e tamanho deles, ele se alimentava de ursos, leões, veados e aves, capturando-os com seus grandes braços a uma distância de quatro milhas. Com as mãos ele agarrava bandos de pássaros e grupos de cervos, que ele colocava em sua boca.

Tendo-os observado a uma milha de distância, ele obstruiu o progresso dos dois irmãos e ficou esperando por eles. Aquela criatura colossal, medonha e terrível de aspecto sinistro, com seu tronco e braços enormes, temível de se ver, esticando-se, agarrou os dois irmãos e os segurou com toda a sua força.

Por conta de sua frieza e coragem, o valente Raghava permaneceu impassível, mas Lakshmana, sendo um mero adolescente e volátil por natureza, começou a tremer, e aquele irmão mais novo de Raghava disse-lhe:

"Ó herói, vê como eu caí sob o poder desse titã; deixa-me como uma oferenda para as forças do mal e segue o teu caminho alegremente; tu logo te reunirás com Vaidehi, essa é a minha firme convicção! Ó Kakutstha, quando tiveres recuperado o reino dos teus antepassados e estiver instalado no trono, lembra-te de mim!".

Ao ouvir essas palavras, pronunciadas por Lakshmana, filho de Sumitra, Rama respondeu: "Não temas, ó valente, pessoas do teu valor nunca ficam perturbadas".

Enquanto isso, o titã sem cabeça, de braços enormes, o principal entre os gigantes, disse-lhes:

"Quem são vocês, cujos ombros se assemelham aos de um touro, armados com grandes espadas e arcos? De fato é venturoso para mim que por acaso vocês tenham ficado ao meu alcance nesse lugar perigoso. Digam por que razão vocês vieram aqui, onde eu espero devastado pela fome, vocês que estão armados com setas, arcos e espadas e parecem touros com chifres pontiagudos? Tendo se aproximado de mim, a sua morte é iminente".

Ouvindo as palavras do perverso Kabandha, Rama, com seu rosto empalidecendo, disse a Lakshmana:

"Nós caímos de um perigo para outro ainda maior, ó herói; essa má sorte pode custar as nossas vidas sem que sejamos capazes de reencontrar a nossa amada Sita. O poder do destino sobre todos os seres é inexorável, ó Lakshmana! Vê, ó leão entre homens, como a má sorte nos leva ao maior extremo; não há nada que pese tanto sobre o homem quanto o destino. Mesmo os guerreiros bravos, poderosos, grandiosos e hábeis no campo de batalha, alcançados pelo destino, são varridos como margens de areia".

Assim falou aquele filho heroico e ilustre de Dasaratha, cheio de angústia, com os olhos fixos em Saumitri, enquanto em sua alma a sua serenidade estava plenamente estabelecida.

Capítulo 70 - Rama e Lakshmana cortam os braços de Kabandha

Vendo os dois irmãos caídos em seus braços como se em uma armadilha, Kabandha lhes disse:

"O que lhes aflige, ó mais notáveis entre os guerreiros? Já que eu estou atormentado pela fome, o fado os destinou para minha alimentação e por essa razão os privou de sua sabedoria".

Ouvindo essas palavras, Lakshmana, embora muito angustiado, decidiu mostrar sua coragem e se dirigiu a Rama em palavras dignas da ocasião, dizendo:

"Nós logo nos tornaremos o alimento desse demônio vil, que com seus braços vastos e poderosos subjuga todos os seres; vamos com nossas espadas cortar os seus braços com toda velocidade, ó senhor, ou ele dará fim a nós. É vergonhoso para os guerreiros acabar com aqueles que não podem se defender como um animal privado de sua liberdade que é levado ao sacrifício".

Essas palavras enfureceram o demônio, que escancarou sua boca terrível, preparando-se para devorá-los, no que os dois irmãos, escolhendo um momento favorável, como se em diversão cortaram os seus dois braços na altura dos ombros, Rama cortando o direito e Lakshmana, com um golpe vigoroso de sua espada, o esquerdo. Então Kabandha, com seus imensos braços cortados, emitindo gritos altos que ressoaram na terra e no céu como um trovão, caiu ao chão. Vendo seus dois braços cortados e o sangue fluindo em córregos, o demônio infeliz questionou aqueles dois guerreiros em voz fraca: "Quem são vocês?"

Assim abordado, o supremamente corajoso Lakshmana começou a exaltar as virtudes de Kakutstha, dizendo:

"Este é Rama, o descendente da Casa de Ikshvaku, conhecido em toda a terra, e eu sou seu irmão mais novo, Lakshmana. Privado de seu reino pela rainha Kaikeyi, Raghava foi exilado para a grande floresta, onde viveu com sua consorte e comigo. Enquanto esse herói, forte como um deus, morava naquele retiro bucólico, um titã roubou sua consorte, em busca de quem nós viemos para cá.

"E tu, quem és tu, vagando nessas matas emitindo chamas, com as tuas coxas afundadas no teu corpo?"

Ao ouvir Lakshmana, Kabandha, relembrando as palavras de Indra, respondeu alegremente:

"Bem-vindos, ó tigres entre homens, vê-los é a minha salvação; para o meu bem, vocês cortaram os meus braços. Ouçam-me como, devido à minha arrogância, eu vim a assumir essa forma monstruosa. Ó ilustres, eu lhes contarei tudo verdadeiramente".

Capítulo 71 – Kabhanda conta sua história

"Ó Rama de braços longos, antigamente eu era cheio de inimaginável energia e coragem; a minha beleza era famosa em todos os três mundos e igual ao sol, à lua e ao próprio Indra. Assumindo uma forma terrível, eu me tornei um objeto de medo para todos e infligi terror nos corações dos ascetas que viviam na floresta.

"Ó Rama, em certa ocasião eu provoquei a ira de um grande rishi chamado Sthulashira, a quem eu atormentei nessa forma repugnante, enquanto ele estava colhendo frutos silvestres. Fixando seu olhar em mim, ele pronunciou uma terrível maldição, dizendo: 'Mantém para sempre essa forma temível, assumida por ti a fim de prejudicar os outros!'

"Apelando àquele asceta ofendido para anular sua maldição, ele teve compaixão de mim e disse: 'Quando Rama te cremar na floresta isolada, depois de ter cortado os teus dois braços, tu recuperarás a tua forma grandiosa e maravilhosa".

"Ó Lakshmana, saibas que eu sou realmente o filho de Danu, que era extremamente belo de se olhar; a minha atual aparência é devida a uma maldição pronunciada por Indra no campo de batalha.

"Por penitências rigorosas eu ganhei a boa vontade de Brahma, e ele me concedeu a bênção de longevidade. Depois disso eu me enchi de orgulho e, pensando 'O que Indra pode me fazer agora', eu o desafiei para o combate, no que ele arremessou sua maça de cem gumes em mim. Pela força dessa arma, as minhas coxas e cabeça foram empurradas para dentro do meu corpo; eu roguei a ele para acabar com a minha vida, mas ele, dizendo: 'Que as palavras de Brahma se revelem verdadeiras', me obrigou a continuar vivendo. Então eu me dirigi a Mahendra, dizendo: 'Como eu viverei sem comida, uma vez que tu forçaste a minha cabeça e coxas para dentro do meu corpo?'

"Nisso, Indra fez os meus braços se estenderem por quatro milhas e colocou uma boca com dentes afiados na minha barriga. Desde então, esticando meus braços, eu vagueio na floresta e agarro leões, tigres e cervos e os coloco em minha boca. Então Indra me disse: 'Quando Rama e Lakshmana cortarem os teus braços, tu alcançaras o céu'.

"Desde então, ó grandioso, eu tenho capturado todos os seres vivos que encontro na floresta e tenho estado à espera de Rama para cortar meus braços; antecipando isso, eu esperei pela morte. Agora, ó senhor, tu chegaste, sê abençoado! Ninguém além de ti pode pôr um fim à minha vida; as palavras do grande rishi se revelaram verdadeiras, ó ilustre. Eu colocarei meu conselho a teu

serviço, ó touro entre homens, e, quando eu receber a consagração do fogo, farei um pacto de amizade com vocês dois".

Ao ouvir essas palavras de Danu, Rama, na audição de Lakshmana, lhe respondeu, dizendo: "Ravana levou a minha consorte ilustre, Sita, enquanto eu e meu irmão estávamos ausentes do eremitério. Eu só sei o nome daquele titã, mas não sua forma, nem estamos familiarizados com sua força, nem onde ele mora. Desamparados e aflitos, nós vagueamos aqui e ali na floresta; cabe a ti mostrar tua compaixão por nós. Depois de reunirmos todos os ramos que estão secos e que foram quebrados por elefantes e de cavarmos um grande buraco, nós te cremaremos na hora indicada por ti. Dize-nos quem raptou Sita e onde ela pode ser encontrada. Nos presta esse grande serviço, se tu sabes a verdade".

Assim abordado por Rama, Danu, hábil com as palavras, respondeu a Raghava, dizendo: "Eu não sou possuidor de clarividência divina, nem conheço a princesa Sita, mas sendo cremado por ti, retomando a minha forma natural, eu poderei te indicar alguém que vai saber o que aconteceu com ela. Sem ser consumido pelo fogo, eu sou incapaz de te dizer quem está familiarizado com aquele titã que levou Sita. Por causa de uma maldição, a minha presciência foi destruída, ó Raghava, e por minha própria culpa eu me tornei um objeto de aversão para todo o mundo, mas antes que o sol com seus corcéis cansados se retire para trás do horizonte ocidental joga-me na cova, ó Rama, e me crema de acordo com os ritos tradicionais.

"Cremado por ti com o devido cerimonial, ó alegria da Casa de Raghu, eu te direi quem conhece aquele titã. Tu deves selar um pacto de amizade com ele de acordo com a lei. Ó Raghava, aquele herói veloz de dará seu auxílio.

"Por uma razão ou outra ele percorreu os três mundos e não há nada no universo que não seja conhecido por ele".

Capítulo 72 – Kabandha diz a Rama como encontrar Sita

Depois que Kabandha tinha falado assim, aqueles dois guerreiros, os mais notáveis entre os homens, Rama e Lakshmana, procuraram uma cavidade na encosta da montanha e acenderam um fogo. Com o auxílio de tições brilhantes Lakshmana acendeu a pira que irrompeu em chamas por todos os lados. O vasto tronco de Kabandha começou a derreter no calor do fogo como um pedaço de manteiga, e depois o poderoso Kabandha, espalhando as cinzas, ergueu-se da pira usando vestes imaculadas e uma guirlanda celeste, e aquele belo demônio, com seus membros cobertos com diversos enfeites, subiu em uma carruagem de beleza deslumbrante puxada por cisnes, em seu esplendor iluminando as dez regiões. Depois disso, permanecendo no céu, ele se dirigiu a Rama, dizendo:

"Saibas, ó Raghava, por quais meios tu poderás recuperar Sita. Há seis meios[298] pelos quais o infortúnio pode ser combatido, e à luz dos quais todas as coisas devem ser consideradas. Aquele que caiu na pior desgraça pode encontrar consolo se ele tiver alguém com quem compartilhar sua sina, mas tu e Lakshmana estão privados desse consolo na calamidade que se abateu sobre vocês por causa do roubo de Sita. Ó Rama, tu que és o principal dos amigos estás precisando de um

---

[298] Seis meios: Sandhi: fazer as pazes; Vigraha: travar guerra; Yana: marchar contra o inimigo; Ashana: manter um posto contra o inimigo; Daidibhava: semear dissensões; Samshraya: procurar a proteção de outros.

amigo. Após a devida reflexão, eu não vejo possibilidade de sucesso para ti exceto por isto.

"Escuta, ó Rama, o que eu estou prestes a te dizer. Há um macaco chamado Sugriva, que foi banido por raiva por seu irmão Bali,[299] filho de Indra. O sagaz e valente Sugriva com quatro de seus companheiros habita a montanha elevada Rishyamuka situada nas margens do lago Pampa.

"Esse Indra entre os macacos, que é cheio de energia e destreza, de aparência brilhante, leal, controlado, inteligente e magnânimo, hábil, corajoso, sábio e poderoso, foi banido por seu irmão por causa do reino. Ele certamente virá a ser teu amigo e te ajudará na tua busca por Sita. Ó Rama, não fiques perturbado por esse motivo; aquilo que está destinado deve acontecer. Ó leão entre os Ikshvakus, o destino é implacável!

"Parte daqui, portanto, com toda velocidade, ó valente Raghava, e procura o poderoso Sugriva. Sem demora conclui uma aliança com ele e, jurando lealdade mútua na presença do fogo, une-te com aquele ser benéfico. Tu não deves desconsiderar aquele rei da tribo de macacos, Sugriva, que é de uma disposição grata, capaz de mudar sua forma à vontade e digno da tua amizade. Tu também serás capaz de realizar os planos dele, mas, beneficiado por ti ou não, ele executará o teu propósito.

"Esse filho da consorte de Riksharajas e de Bhaskara perambula sem descanso nas margens do lago Pampa e está em guerra com Bali. Deixando de lado as tuas armas, procura o retiro daquele macaco na montanha Rishyamuka sem demora e forma um vínculo de amizade com aquele habitante da floresta. Aquele principal dos macacos está familiarizado com todos os retiros dos titãs comedores de carne no mundo e tem explorado seus refúgios exaustivamente; não há nada nessa terra que não seja conhecido por ele, ó Raghava.

"Enquanto o sol de muitos raios continuar a brilhar, ó flagelo de teus inimigos, ele com seus companheiros irá procurar nos rios, nos penhascos, nas montanhas inacessíveis e nas cavernas pela tua consorte. Ele enviará os seus macacos de grande estatura para vasculhar todas as regiões, a fim de encontrar Sita, cuja separação partiu teu coração. Ele vai procurar por Maithili de membros adoráveis até na própria residência de Ravana. Caso a tua irrepreensível e amada Sita tiver sido levada para o cume do monte Meru ou abandonada no inferno mais baixo, aquele leão entre a tribo de macacos, tendo matado os titãs, a devolverá para ti".

Capítulo 73 – O conselho de Kabandha para Rama

Após revelar o caminho para recuperar Sita, o engenhoso Kabandha aconselhou Rama nas seguintes palavras significativas, dizendo:

"Este é o caminho que leva para o oeste para o monte Rishyamuka, ó Rama, cheio de árvores floridas; Jambu, Priyala, Panasa, Nyagrodha, Plaksha, Tinduka, Ashwattha, Karnikara, Cuta, Naga, Tilaka, Naktamala, Nilashoka, Kadamba, Karavira, Agnimukha, Ashoka, Raktachanda, Paribhadraka e muitas outras árvores crescem lá e, subindo nelas ou dobrando-as pela força, elas devem ser usadas por vocês para se sustentarem no caminho com seus frutos doces.

---

[299] [Também escrito Vali e Valin].

"Passando por esses bosques floridos, ó Kakutstha, tu chegarás a outros que se assemelham aos jardins de Nandana, onde, como acontece com os Kurus do norte, as árvores dão frutos e produzem mel em todos os meses do ano e cada estação está representada simultaneamente como na floresta de Chaitaratha. Lá, grandes árvores com ramos imensos, curvadas sob o peso de seus frutos, parecem nuvens altaneiras ao lado da montanha. Lakshmana subirá naquelas árvores com facilidade ou as puxará para baixo para te oferecer o fruto igual em sabor ao néctar da imortalidade. Percorrendo aquelas montanhas adoráveis, vagando de colina em colina e de floresta em floresta, ó heróis, vocês chegarão ao lago Pampa coberto com lótus, livre de pedras e cascalho, cujas margens niveladas não apresentam fendas e, portanto, nenhum perigo de queda. Ó Rama, seu leito é de areia e ele é coberto com lírios flutuantes; cisnes, patos, garças e águias-pescadoras são ouvidas chamando docemente sobre as águas daquele lago; elas nem temem o homem, ó Raghava, uma vez que ninguém jamais caçou lá. Alimentem-se daquelas aves, gordas como manteiga, ó Rama, bem como de Rohita, Chakratunda e Nala.

"Ó Rama, o dedicado Lakshmana te oferecerá peixes diversos e excelentes, sem escamas ou barbatanas, gordos, possuidores de um único osso, que podem ser espetados com setas e assados no fogo. E quando tu tiveres te banqueteado, Lakshmana, trazendo água pura, perfumada com o aroma de lótus, fresca, límpida, brilhante como prata, a oferecerá a ti em uma folha de lótus.

"À noite, vagueando aqui e ali, Lakshmana apontará para ti os grandes macacos que habitam nos bosques e nas cavidades das colinas, e tu verás aqueles macacos selvagens e ferozes, rugindo como touros, vindo para as margens do lago para beber.

"Passeando ao anoitecer, a tua dor será amenizada ao contemplar as árvores em flor e as águas auspiciosas do lago, e tu verás as árvores florescentes Tilaka e Naktamala com os lótus vermelhos e brancos totalmente desabrochados, que dissiparão a tua aflição. Nenhum homem jamais colheu aquelas flores e as guirlandas feitas delas jamais murcham, ó Raghava, pois os discípulos do grande asceta Matanga moravam lá, que, proficientes em penitência, carregados com os frutos silvestres que tinham colhido para seu guru, cobriram a terra com gotas de sua transpiração a partir das quais essas flores brotaram; em virtude de suas austeridades essas flores nunca morrem.

"Aqueles ascetas já faleceram, mas lá ainda vive alguém que os servia, uma mulher mendicante chamada Shabari. Ó Kakutstha, ela, que está sempre fixa em seu dever, é agora extremamente idosa e, ao ver a ti que és honrado por todo o mundo, subirá ao céu.

"Ó Rama, chegando à margem oeste do lago Pampa, tu verás um local adorável, isolado e escondido, que é o eremitério de Matanga. Lá, com medo de sua autoridade divina, nenhum elefante entra, apesar de haver muitos. Esse lugar é conhecido como o bosque de Matanga, ó Raghava, e ali, ó alegria da Casa de Raghu, onde cada variedade de pássaro canta e que se assemelha ao jardim de Nandana ou a um bosque celestial, tu poderás descansar.

"A montanha Rishyamuka, coberta de árvores floridas e cheia de aves, se ergue defronte ao lago Pampa e é de difícil acesso, jovens elefantes barrando o caminho. Essa montanha majestosa foi antigamente criada por Brahma e um homem virtuoso que dorme em seu cume e sonha com tesouro encontrará riqueza ao acordar, ao passo que um malfeitor que tentar escalá-la será capturado por demônios enquanto ainda estiver dormindo. Lá também, o som de trombeta dos elefantes jovens que se divertem no lago Pampa pode ser ouvido. Ó Rama, naquela

parte do eremitério onde Matanga os alojou, elefantes selvagens de grande tamanho, com linfa vermelha escorrendo, correm para o lago, cheios de ardor, como grandes nuvens; lá eles matam sua sede nas águas frias, que são límpidas, agradáveis e extremamente auspiciosas para aqueles que se banham nelas e que exalam uma fragrância doce. Tendo se divertido, aqueles elefantes reentram nas matas com os ursos, panteras e lobos. Vendo-os, assim como os cervos de semblante suave parecendo safira, que são inofensivos e não temem o homem, a tua dor será amenizada.

"Ó Kakutstha, nessa montanha, talhada na rocha há uma grande caverna, de acesso difícil, coberta por todos os lados com frutas deliciosas, e na entrada há um grande lago de água fresca cheio de todos os tipos de répteis; lá o virtuoso Sugriva e seus companheiros vivem, embora às vezes ele resida no topo da colina".

Tendo assim instruído os dois príncipes, Rama e Lakshmana, Kabandha, semelhante ao sol no brilho, envolto em guirlandas, iluminou os céus com seu esplendor. Nisso aqueles dois heróis, vendo aquele abençoado estacionado no céu, falaram-lhe, dizendo: "Vai em paz!" ao que Kabandha respondeu dizendo: "Prossigam, vocês alcançarão o seu objetivo!"

Então Kabandha, após recuperar a sua beleza imaculada, brilhando com graça e esplendor, fixou o olhar em Rama e falou novamente do céu, dizendo: "Celebra uma aliança com Sugriva".

Capítulo 74 – Rama visita Shabari

Os dois príncipes, seguindo as instruções de Kabandha, seguiram ao longo da rota para o oeste que leva ao lago Pampa. Seguindo seu caminho, desejosos de encontrar Sugriva, eles contemplaram as muitas árvores carregadas de flores e frutas, com gosto de néctar, que cresciam nos lados da montanha. Passando a noite em um platô, aqueles dois descendentes de Raghu chegaram à margem oeste do Pampa cheio de lótus e viram o retiro agradável de Shabari.

Aproximando-se daquele eremitério encantador, sombreado por todos os lados por árvores incontáveis, eles viram aquela perfeita que, vendo-os, ergueu-se e com as palmas unidas tocou os pés de Rama e do prudente Lakshmana e, de acordo com tradição, ofereceu água para enxaguar suas bocas e lavar seus pés.

Então Rama se dirigiu àquela mulher asceta, fixa em seu dever espiritual, e disse: "Tu superaste todos os obstáculos ao ascetismo, ó tu de fala gentil? As tuas austeridades aumentam diariamente? Tu subjugaste a tua ira e a tua necessidade por alimento? Ó solitária, tu tens cumprido os teus votos e obtido tranquilidade interior? O teu serviço ao teu guru deu resultados?"

Assim interrogada por Rama, a virtuosa Shabari, reverenciada pelos deuses, extremamente idosa, permanecendo diante dele, ofereceu-lhe homenagem e disse:

"Abençoada pela tua presença, eu adquiri perfeição e o meu ascetismo foi coroado. Hoje o meu nascimento deu frutos e o serviço aos meus gurus foi totalmente honrado. Hoje as minhas práticas piedosas encontraram realização. Ó mais notável dos homens, o maior dos celestiais, adorando-te, eu alcançarei o reino celeste. Ó gentil, ó matador de teus inimigos, ó tu que conferes honra aos homens, purificada pela tua atenção compassiva, eu irei, pela tua graça, chegar aos mundos imperecíveis, ó subjugador de teus inimigos.

"Quando tu puseste os pés no monte Chittrakuta, aqueles ascetas a quem eu servia, subindo em carros celestes de esplendor incomparável, partiram para o céu e aqueles grandes sábios, conhecedores da virtude, me disseram:

"'Rama visitará o teu retiro sagrado; recebe a ele e Lakshmana com a hospitalidade tradicional. Ao vê-lo, tu atingirás a esfera mais elevada de onde ninguém retorna".

"Ó principal dos homens, assim aqueles ascetas abençoados se dirigiram a mim e para ti eu colhi os frutos silvestres de diversos tipos que crescem nas margens do lago Pampa".

Ouvindo essas palavras, Raghava disse a ela, que não tinha sido deixada em ignorância por seus gurus a respeito do passado e do futuro:

"Eu ouvi a verdade sobre a grandeza dos teus gurus de Danu e agora eu de bom grado a testemunharia com meus próprios olhos, se tu julgasses apropriado".

Ouvindo essas palavras saindo dos próprios lábios de Rama, Shabari, guiando os dois irmãos para a vasta floresta, dirigiu-se a eles dizendo:

"Ó Raghunanda, vê essa floresta semelhante a uma nuvem escura, cheia de aves e animais, conhecida como o bosque de Matanga. Aqui os meus gurus de alma pura sacrificaram ao fogo, com seus corpos consagrados pelos mantras através dos quais eles tinham se purificado, consagrando assim a floresta e fazendo dela um lugar sagrado. Aqui também está o altar de frente para o oeste, onde, com as mãos tremendo de fadiga, os meus preceptores veneráveis ofereciam flores aos seus deuses. Ó principal dos Raghus, vê este altar de beleza incomparável, que, por causa do poder das penitências deles, ainda lança seu brilho iluminando as quatro regiões. Observa também os sete mares, atraídos para cá em virtude do seu pensamento, já que, por causa do jejum e do peso dos anos, eles eram incapazes de andar. Esses mantos de pele, deixados pendurados nas árvores por eles na conclusão de suas abluções, ainda estão molhados e os lótus de cor azul-celeste oferecidos por eles em culto não murcharam.

"Agora tu viste a floresta e ouviste tudo o que tu desejavas saber; eu abandonarei o meu corpo para que eu possa me aproximar aqueles ascetas puros de alma a quem eu costumava servir, a quem esse eremitério pertence e cuja serva eu sou.

"Ouvindo essas palavras piedosas, Rama, que estava acompanhado por Lakshmana, sentiu grande alegria e exclamou:

"Isso é extraordinário!" Então se dirigindo a Shabati de práticas ascéticas, ele disse: "Ó santa, eu fui totalmente honrado por ti; agora vai para onde tu queres e sê feliz".

Tendo recebido a permissão de Rama para partir, Shabari, usando cabelos emaranhados, mantos de pele e uma pele de antílope negro, lançou-se ao fogo, depois subindo no ar como uma chama brilhante.

Enfeitada com ornamentos celestes, envolta em guirlandas, emitindo uma fragrância divina, aspergida com pasta de sândalo e vestida em traje celeste, ela apareceu primorosa e iluminou os céus como um lampejo de relâmpago. Em virtude de suas meditações ela ascendeu para aquelas moradas sagradas onde os seus preceptores espirituais, aqueles ascetas de grande alma, moravam.

Capítulo 75 – Rama chega ao lago Pampa

Quando Shabari havia subido ao céu pelo mérito de seu valor espiritual, Rama com seu irmão Lakshmana começou a refletir sobre a influência piedosa daqueles grandes ascetas e, refletindo consigo mesmo sobre a autoridade divina daqueles homens santos, Raghava disse para seu irmão:

"Ó amigo, eu agora visitei o refúgio daqueles sábios magnânimos de ações milagrosas, onde cervos e tigres vagueiam, junto com aves de todas as espécies. Ó Lakshmana, nós realizamos as nossas abluções nas águas sagradas desses sete mares e oferecemos oblações aos nossos antepassados. O nosso mau karma foi assim destruído e a prosperidade manifesta; meu coração está cheio de paz. Parece-me, ó leão entre os homens, que em breve nós encontraremos a boa sorte. Vem, vamos caminhar em direção ao encantador lago Pampa! A montanha Rishyamuka pode ser vista à distância; é lá que os quatro grandes macacos com Sugriva, o filho de Surya, vivem com medo constante de Bali. Eu estou impaciente por ver esse leão da tribo de macacos, Sugriva, pois é ele quem averiguará onde Sita pode ser encontrada".

Assim falou o heroico Rama, e Saumitri lhe respondeu, dizendo: "Vamos para lá sem demora, o meu coração também almeja aquele local". Então, saindo do eremitério de Matanga, o poderoso Rama, senhor de homens, acompanhado por Lakshmana, procedeu em direção ao lago Pampa.

Por todos os lados, ele viu inúmeras árvores em plena floração e tanques onde pequenos grous brancos se aninhavam nos juncos, e pavões, abibes e pica-paus, enchendo a floresta com seus gritos, como também um grande número de outras aves.

Apreciando as árvores de diferentes fragrâncias e muitas lagoas, Rama, cheio de deleite, aproximou-se de uma cujas águas, deliciosas para o paladar, vinham do lago Matanga. Lá os dois descendentes de Raghu permaneceram em recordação silenciosa. Depois disso, a angústia invadindo novamente o coração de Raghu, o filho de Dasaratha, ele entrou no lago encantador coberto de lótus.

Adornado por todos os lados com árvores Tilaka, Ashoka, Punnaga, Vakula e Uddalaka, que eram nutridas por suas águas, ele estava emoldurado em bosques encantadores e suas ondas, puras como cristal, nas quais flutuavam flores de hibisco, fluíam sobre areia fina. Peixes e tartarugas abundavam lá e as margens eram embelezadas por árvores entrelaçadas com trepadeiras amigáveis. Kinnaras, uragas, gandharvas, yakshas e rakshasas o frequentavam e diversas árvores e arbustos lançavam sua sombra sobre ele. Aquele lago era realmente uma joia com suas águas frescas e límpidas, os seus lótus e nenúfares emprestando-lhe um brilho acobreado, enquanto que aglomerados de ninfeáceas lançavam reflexos prateados e o azul de safira era realçado por outras flores. Flores Aravinda e Utpala abundavam em volta do lago, que estava coberto com inúmeros lótus, enquanto bosques de manga em flor forneciam sua sombra, e pavões o enchiam com seus gritos.

Rama, o poderoso filho de Dasaratha, que estava acompanhado por Lakshmana, vendo o lago Pampa adornado como uma noiva com Tilaka, Bijapura, Vata, Lodhra, Sukladruma, Karavira, Punnaga em flor, matas de Malati e Kunda, Bandira, Nichula, Ashoka, Saptaparna, Ketaka, Atimukta e diversas outras árvores de diferentes perfumes, deu expressão ao seu pesar:

"Lá está na margem direita a montanha Rishyamuka, cheia de vários metais e famosa pela variedade de suas árvores e flores, mencionada por Kabandha, onde o

filho do magnânimo Riksharajas, o valente Sugriva, vive. 'Ó mais notável dos homens, procura o rei dos macacos', foram as suas palavras".

Depois disso, Rama falou com Lakshmana novamente, dizendo: "Ó Lakshmana, como Sita poderá viver sem mim?"

Tendo falado assim para Lakshmana, o principal dos Raghus, atormentado por seu amor, o que o impedia de pensar em qualquer outra coisa, entrou no maravilhoso lago Pampa, tendo dado voz à sua tristeza.

Prosseguindo devagar, observando a floresta, Rama, chegando ao lago Pampa, cercado por todos os lados com bosques encantadores, cheios de uma infinidade de aves, entrou em suas águas com Lakshmana.

FIM DO ARANYA KANDA

LIVRO IV

KISHKINDHA KANDA

Capítulo 1 – Rama descreve a primavera e os sentimentos que ela evoca nele

Dirigindo seus passos para o lago Pampa, que estava coberto com lótus de várias espécies, Rama, que estava acompanhado por Lakshmana, com sua mente perturbada, começou a lamentar. Contemplando aquele lago, seu coração se encheu de deleite, e sob a influência do amor ele disse ao filho de Sumitra:

"Ó Lakshmana, quão belo é o lago Pampa com suas ondas puras e límpidas, seus lótus e lírios d'água florescentes, seus muitos tipos de árvores. Oh! Que encantador! Ó Saumitri, observa os bosques Pampa, como eles são agradáveis de se olhar, aquelas árvores magníficas parecendo montanhas cristadas. Eu estou oprimido e aflito pela dor ao me lembrar da angústia de Bharata e do rapto de Sita.

"Embora o meu coração esteja pesado, o lago Pampa ainda é capaz de me encantar, com seus bosques arrebatadores luxuriantes com todos os tipos de flores e suas águas frescas e deliciosas. O mês dos lótus florescentes[300] lhe proporciona uma beleza extrema; serpentes e animais selvagens o frequentam, enquanto veados e aves são abundantes. A grama grossa, de um tom esmeralda profundo, está salpicada com diferentes flores que caíram das árvores e parece um tapete brilhante. Em todos os lados as copas das árvores, curvando-se sob o peso de suas flores, estão totalmente escondidas pelas trepadeiras com suas frondes floridas.

"Ó Lakshmana, essa é a estação de ventos auspiciosos e amor terno, o mês da primavera, quando as flores perfumadas e frutas surgem nas árvores. Vê quão adoráveis são esses bosques florescentes, ó Saumitri, derramando uma chuva de pétalas, como água das nuvens.

"Nos vales encantadores sobre as escarpas, inúmeras árvores, agitadas pelo vento, espalham suas flores sobre a terra. Ó Lakshmana, vê como a brisa, agitando as miríades de ramos das árvores em flor, parece brincar com as flores caídas ou ainda sobre as árvores. O deus do vento brinca com o acompanhamento do zumbido de abelhas e com a música do rouxinol amoroso, desejando, por assim dizer, fazer as árvores dançarem. Emergindo das cavernas nas montanhas, o vento emite um tipo de música, balançando as árvores violentamente de lado para o outro, fazendo as pontas extremas dos seus ramos se encontrarem, unindo-os uns com os outros. O zéfiro com brisa suave acariciante, difundindo o perfume de sândalo, dissipa toda fadiga.

"Agitadas pelo vento, essas árvores parecem somar suas vozes ao zumbido das abelhas em meio aos bosques agradáveis e fragrantes.

"Nos encantadores platôs da montanha, os rochedos, cujas pontas se tocam, resplandecentes com grandes árvores portando belas flores, reluzem com beleza, e as árvores, balançadas pelas correntes de ar que as agitam, com seus topos cobertos de flores e coroados com abelhas, parecem prestes a irromper em canção.

"Vê, por todos os lados, o florescimento maravilhoso das árvores douradas karnikara, que se assemelham a homens vestidos de seda! Essa estação da primavera, ó Lakshmana, com o seu coro de aves de todos os tipos revive a dor causada pela ausência de Sita. Nessa angústia esmagadora, as dores do amor me atormentam. O trinado alegre do cuco me faz sofrer; a alegre ave Datyuhaka que canta das cachoeiras da floresta aumenta a minha dor, ó Lakshmana! Antigamente,

[300] Literalmente, Padmas, Utpalas, Jhashas.

quando ela ouvia a sua voz em nosso eremitério, a minha amada, inebriada de amor e felicidade, chamava por mim.

"Vê como as aves de plumagem variada, emitindo todos os tipos de notas, buscam refúgio de todos os lados entre as árvores, arbustos e trepadeiras! As fêmeas acompanhadas dos machos voam juntas de acordo com sua espécie e se regozijam; inebriados pelos gritos exultantes do Bhringaraja, eles chilreiam melodiosamente. Lá, no lar de Sita, as aves reunidas ficavam alegres pela canção jubilosa do Datyuhaka respondendo ao chamado do cuco.

"O farfalhar das árvores reacende o fogo do meu amor, do qual os cachos das flores Ashoka são o combustível, o zumbido das abelhas o crepitar, e os botões as línguas de chama douradas.

"Esse fogo da primavera está me consumindo! Não só isso, longe daquela senhora dos cílios adoráveis, bela aparência e voz suave, eu não posso sobreviver, ó Saumitri! A estação que traz alegria para a floresta é a época que ela amava, e além de tudo, ela era cativada pela floresta ecoando ao chamado do cuco por todos os lados, ó herói irrepreensível!

"Os sentimentos de ternura que eu tenho pela minha querida e as delícias da primavera que os aumentam são um fogo ardente que logo me consumirá completamente. Eu não viverei por muito tempo separado da minha esposa; a beleza dessas árvores aumenta as dores do meu amor. Não poder mais ver Sita intensifica a minha angústia, ao passo que a presença da primavera faz o suor do desejo irromper em mim. Pensando naquela senhora, cujos olhos parecem os de uma corça, a angústia me mantém em escravidão; a cruel brisa da primavera da floresta me tortura, ó Saumitri!

"Aqui e ali pavões dançam, abrindo suas asas brilhantes na brisa, e suas caudas, decoradas com olhos, parecem treliças de cristal. As fêmeas em volta deles estão inebriadas de desejo e isso fortalece o amor com o qual eu estou cheio.

"Vê, ó Lakshmana, no platô da montanha, como o pavão dança e como a pavoa, com seu coração inebriado de alegria, o segue de perto! Ele estica suas asas radiantes e seus gritos parecem zombar da minha dor, pois na floresta a sua amada não foi levada por um titã e ele pode dançar nesses bosques encantadores com seu terno amor. Nesse mês de flores, na ausência de Sita, a minha estadia aqui é insuportável!

"Vê, ó Lakshmana, o amor é encontrado mesmo entre os animais inferiores! Neste momento, a pavoa está atraída ardentemente pelos passos do macho; assim mesmo a filha de olhos grandes de Janaka seguiria os meus passos com amor renovado, se ela não tivesse sido raptada.

"Ó Lakshmana, as flores que forçam para baixo os ramos da floresta com seu peso no outono não produzirão frutos para mim e, embora tão adoráveis, cairão apodrecendo no chão com seus enxames de abelhas.

"As aves nesse momento, em voo alegre, trinando de amor, parecem chamar umas às outras, invocando arroubos profundos de desejo em mim. Se a primavera também reina onde a minha amada, Sita, habita, que agora caiu sob o domínio de outro, ela estará partilhando meu ardor. Contudo, se a primavera não chegou àquele lugar onde ela está, como aquela senhora de olhos escuros poderá continuar a viver na minha ausência? Se essa estação não chegou onde o meu suave amor reside, o que aquela dama de membros formosos fará, que foi subjugada por um adversário poderoso? A minha consorte jovem e amada, cujos olhos parecem pétalas de lótus e que é de fala gentil, certamente abandonará sua vida no primeiro sopro da primavera. Em meu coração, eu sinto a certeza de que a meiga Sita não será capaz

de sobreviver à separação de mim. A devoção por Vaidehi invade todo o meu ser e o meu amor está totalmente centrado nela.

"Quando eu me lembro do meu meigo amor, essa brisa acariciante, tão fresca e fria, carregando a fragrância das flores, é como um fogo ardente para mim. O deus do vento, que era sempre bem recebido quando Sita estava presente, é hoje uma fonte de dor para mim. Em sua ausência, aquele pássaro voando pelo ar emitindo gritos, o corvo agora pousado em uma árvore, faz um som encantador.[301] Essa criatura alada virá a ser um mensageiro e levará a minha lembrança à mente de Vaidehi de olhos grandes.

"Ouve, ó Lakshmana, o coro inebriante das aves do amor, como elas gorjeiam nas árvores com topos floridos. Aquela abelha voando de repente para os novos brotos verdes da árvore Tilaka, soprada pela brisa, é como um amante tremendo de desejo. A árvore Ashoka, que aumenta o tormento de amantes, se ergue com suas plumas de flores tremulando ao vento, para me atormentar. Olha, ó Lakshmana, para as árvores de manga florescentes, parecidas com aqueles que estão perturbados pelas dores do amor!

"Ó Saumitri, ó leão entre homens! Vê como, em meio à magnífica área de árvores que crescem nas margens do lago Pampa, os kinnaras vagam por todos os lados! Observa aquelas flores Nalina de aroma sutil, ó Lakshmana, brilhando na água como o sol prestes a nascer. Vê a calma superfície do lago Pampa, perfumado com lótus e nenúfares azuis, frequentado por cisnes e aves aquáticas, e os estames das flores de lótus, brilhantes como a aurora, que as abelhas espalharam sobre as ondas.

"Como o lago Pampa cintila! Aves aquáticas são abundantes aqui em todas as estações; quão maravilhosas são suas clareiras da floresta! Ele é encantador com as suas manadas de elefantes e veados, que adoram vir e se banhar nele. Os nenúfares balançando no seio das ondas límpidas, as águas chicoteadas pelo vento impetuoso cintilam com beleza, ó Lakshmana.

"Longe de Vaidehi, cujos olhos são tão grandes como as pétalas do lótus, que sempre amava os nenúfares, a vida não tem atração para mim. Ó pérfido Kama, agora que eu não posso mais me reunir a ela, tu procuras evocar em mim a lembrança daquela doce senhora, cuja fala era mil vezes mais doce ainda; seria possível suportar o amor que sinto por ela, se a primavera com suas flores e árvores não aumentasse o meu tormento! Essas coisas, que me encantavam quando eu estava com ela, em sua ausência não têm mais encanto para mim. Ao ver as pétalas do cálice do lótus, eu digo a mim mesmo: 'Estes se assemelham aos olhos de Sita', ó Lakshmana. A brisa perfumada, soprando através dos estames das flores de lótus e das árvores, parece a respiração dela.

"Ó Saumitri, vê quão maravilhoso é o brilho do tronco florescente da Karnikara nos cumes da montanha à direita do lago Pampa. Essas árvores arrebatadoras com suas flores, despidas de folhas, parecem incendiar os topos da montanha; enquanto aquelas que crescem nas margens do lago, que as irriga, soltam um perfume delicado.

"Malatis, Mallikas, Karaviras e Padmas em flor, árvores Ketaki, Sinduvara e Vasanti, Matulinga, arbustos Purna e Kunda por todos os lados; árvores Shiribilva, Madhuka, Vanjula, Bakula, Champaka, Tilaka, Nagavriksha, Padmaka, Ashoka com suas flores azuis, Lodhra, Simhakesara, Pinjara são vistas por toda parte. Árvores

[301] Isso se refere a um corvo crocitando na hora do casamento de Rama, indicando que ele logo seria separado dela, agora o som significa que a reunião está próxima.

Ankola, Kuranta, Shurnaka, Paribhadraka, Cuta, Patali, Kovidata, Mucukunda e Arjuna espalham suas flores na encosta da montanha. Raktakurava, Ketaka, Uddalaka, Shirisha, Shingshapa, Dhava, Shalmali, Kingshuka, Kuruhaka com suas flores vermelhas, Tinisha, Naktamala, Candaka, Syandana, Hintala, Tilaka e Nagavriksha, essas árvores florescentes estão entrelaçadas com trepadeiras espinhosas em flor.

"Vê, ó Saumitri, como elas se aglomeram nas margens do lago Pampa, com seus galhos balançando ao vento; as trepadeiras parecem estar perseguindo umas às outras, lembrando mulheres adoráveis brincando.

"A brisa passa através das árvores de penhasco em penhasco, de floresta em floresta. Entre elas, algumas estão em plena floração e soltam uma fragrância suave, outras, cobertas de botões, têm um ar sombrio. Que doçura! Quão agradável! Que flores!

"Em meio a essas árvores nas margens do lago Pampa as abelhas parecem estar descansando no coração das flores, parando um momento, então voando de novo, rapidamente pousando em outros lugares, ávidas por néctar.

"A terra afortunada está cheia de massas de flores que caíram ao chão, assemelhando-se à cobertura de um sofá. Nas laterais da montanha se desenrola um tapete brilhante flores douradas e vermelhas de todas as espécies, ó Saumitri. No fim do inverno todas as essas árvores estão agora em plena floração, ó Lakshmana. Nesse mês de flores, as plantas se desenvolvem, competindo entre si, e as árvores, onde os insetos de seis pernas zunem, parecem desafiar umas às outros, manifestando um grande brilho, com seus ramos coroados de flores.

"A ave Karandava mergulhando nas ondas límpidas, divertindo-se com seu companheiro, parece de alguma maneira inspirar amor. Como a do Mandakini, a beleza do lago Pampa é encantadora; suas perfeições são famosas em todo o mundo e, de perto, cativam o coração.

"Se eu pudesse encontrar o meu amor suave novamente, e nós pudéssemos estabelecer a nossa morada aqui, eu nem cobiçaria o reino de Indra nem sentiria pesar por Ayodhya. Aqui, nessas encostas encantadoras, eu passaria o tempo com ela e nem meus pensamentos nem desejos me levariam para longe.

"Na ausência de minha amada, as árvores dessas florestas, totalmente cobertas com todos os tipos de flores, quase me privam de minha razão.

"Olha para esse lago de águas límpidas, ó Saumitri, que está coberto de lótus, frequentado pela ave Chakravaka, a morada de Karandavas, cheio de pelicanos, garças e animais selvagens e ressoam ao gorjeio dos pássaros; realmente o lago Pampa é um paraíso! A grande quantidade de pássaros com suas excentricidades encantadoras e a lembrança daquela mulher jovem, minha amada, cuja face brilha como a lua, cujos olhos parecem flores de lótus, tudo acende o meu desejo. Eu, que estou separado de Sita, cujos olhos se assemelham aos da corça e aos da gazela, ao vê-los se divertindo aqui, estou inquieto, por assim dizer.

"Naquela encosta agradável, cheia de bandos de aves inebriadas de amor, se eu pudesse apenas ver a minha amável, eu ficaria contente. Ó Saumitri, eu certamente viveria de novo se Sita de cintura fina estivesse inalando o ar auspicioso do lago Pampa ao meu lado. Feliz é aquele, ó Lakshmana, que aspira esse ar agradável dos bosques do lago Pampa que transporta a fragrância do lótus e dissipa toda aflição.

"Como é que aquela mulher jovem, cujos olhos parecem pétalas de lótus, a filha amada de Janaka, é capaz de suportar a vida de escrava? O que eu direi

àquele rei virtuoso, o fiel Janaka, quando, na presença do povo, ele me perguntar se está tudo bem com Sita?

"Ela que me seguiu para a floresta sombria para onde meu pai me baniu, aquela Sita, fixa em seu dever, onde ela está, minha amada, agora? Separado dela, como, em minha adversidade, ó Lakshmana, eu poderei suportar a vida? Eu estou perdendo a razão! Quando eu ouvirei a voz incomparável de Vaidehi novamente? Embora ela não encontrasse nada além de infortúnio na floresta, aquela mulher jovem, em sua ternura, ainda conversava docemente comigo, que estava consumido pelo amor, como se ela tivesse deixado de ser infeliz e estivesse cheia de alegria. Como eu, em Ayodhya, responderei a Kaushalya, ó príncipe, quando aquela rainha venerável me perguntar: 'Onde está a minha nora e o que aconteceu com ela?'

"Ó Lakshmana, volta e procura Bharata, nosso devotado irmão; quanto a mim, eu não posso mais continuar a viver sem a filha de Janaka".

Assim o magnânimo Rama lamentou, como se privado de apoio, e seu irmão, Lakshmana, com palavras sensatas e medidas, respondeu-lhe, dizendo: "Ó Rama, reúne a tua coragem e sê feliz, não te aflijas, ó tu, o melhor dos homens. Aqueles na tua condição não têm nada do que se envergonhar e não devem ceder ao desespero. Relembrando a dor causada pela separação daquele ser que é querido por ti, afasta todo o apego excessivo. Nas proximidades do calor intenso, até mesmo um pano úmido pega fogo. Mesmo que ele desça ao inferno ou ainda mais baixo, Ravana de modo algum sobreviverá à sua ação, ó amado Rama. Vamos primeiro procurar esse demônio perverso; ou ele entrega Sita ou ele está perdido. Mesmo que Ravana desça para o ventre de Diti[302] com Sita, eu o matarei se ele não a devolver para ti. Retorna ao teu estado normal, meu nobre amigo, e rejeita esses pensamentos tristes. Seguramente nenhum sucesso é alcançado por aqueles que abandonam suas tarefas sem fazerem os devidos esforços. O esforço é uma arma poderosa, ó senhor, não há poder superior a ele. Com esforço, nada é impossível nesse mundo. Homens resolutos não falham em suas buscas. Só pelos nossos esforços nós vamos recuperar Janaki. Não te permitas ser dominado por teu amor ou teu sofrimento; lança-o para trás de ti. Porventura tu esqueceste a grandeza da tua alma, a fixidez do teu propósito e caráter?"

Assim estimulado por Lakshmana, Rama, que havia se deixado dominar pela tristeza, afastou sua aflição e perturbação e recuperou sua coragem.

Calmo e corajoso além da imaginação, Rama cruzou o Pampa que era cheio de charme, encantador com suas árvores de ramos tremulantes. Quando ele tinha explorado toda a floresta com suas cachoeiras e barrancos, o magnânimo Rama, agitado e tomado de angústia, partiu com Lakshmana, e com o andar jovial de um elefante inebriado com suco Mada, o intrépido e magnânimo Saumitri, com passos rápidos seguiu seu caminho com serenidade, consolando Rama por sua fidelidade e valor.

Quando eles se aproximaram da vizinhança de Rishyamuka, o rei dos macacos observou aqueles heróis de aspecto incomum e, apesar da sua coragem, tremeu, mas não fez nenhum movimento em direção a eles. Aquele macaco magnânimo, que caminhava com a dignidade de um elefante, vendo aqueles dois irmãos avançando, encheu-se de apreensão extrema e ficou perturbado com medo.

Em seu terror pela visão de Rama e Lakshmana, aqueles macacos se esconderam naquela solidão agradável, o refúgio dos cervos das árvores.[303]

---

[302] As entranhas da terra.

[303] Macacos.

Capítulo 2 - Sugriva envia Hanuman para entrevistar Rama

Vendo aqueles dois irmãos ilustres, Rama e Lakshmana, portando grandes espadas em suas mãos, Sugriva ficou ansioso e, com o coração palpitando, olhando ao redor para todos os lados, não pode encontrar um lugar no qual se refugiar. Vendo aqueles dois heróis, ele se moveu inquietamente de um lugar para outro e, aterrorizado, sentiu-se prestes a desmaiar. Extremamente perturbado, o virtuoso Sugriva com seus companheiros começou a refletir sobre os variados aspectos da situação e aquele chefe da tribo de macacos, apontando aqueles dois guerreiros, Rama e Lakshmana, para seus ministros, disse:

"Sem dúvida, Bali enviou estes dois heróis para esse bosque, que é inacessível para ele, e eles, assumindo trajes de pele, vieram aqui e penetraram nessa fortaleza".

Então aqueles conselheiros de Sugriva, vendo os dois arqueiros hábeis, correram para longe daquele cume para um topo mais alto, fugindo às pressas atrás de seu líder e, depois disso, eles rodearam aquele rei dos habitantes da floresta. Em formação cerrada, eles saltaram de rochedo em rochedo, fazendo as rochas tremerem com seus pulos. Saltando com força extrema, eles quebraram as árvores florescentes que cresciam naquela altitude e aqueles macacos extraordinários, saltando em todas as direções naquela grande montanha, infligiram terror nos corações dos veados, dos gatos selvagens e dos tigres.

Depois, os conselheiros de Sugriva, reunindo-se naquele Indra das montanhas, agruparam-se em volta de seu soberano com palmas unidas, e o eloquente Hanuman se dirigiu a Sugriva, que em terror suspeitava que algum plano de seu irmão estivesse em andamento, dizendo:

"Vamos todos banir o medo de Bali! Não há nada para inspirar terror sobre essa, a mais alta das montanhas. Eu não vejo nenhum sinal aqui do cruel Bali de aspecto mau, que te encheu de apreensão e causou a tua fuga, ó touro entre os macacos. Aquela criatura astuta a quem temes, o teu perverso irmão mais velho, não está aqui, ó amigo; eu não vejo razão para a tua apreensão. É evidente, ó Plavamgama, para que a tua natureza símia está a afirmar-se, visto que, por cederes à distração da mente, tu não és capaz de ver claramente. Tu és inteligente, experiente, capaz de ler a expressão de outros e totalmente preparado para qualquer eventualidade, mas um príncipe que se entrega à agitação não é capaz de antecipar qualquer coisa".

Ouvindo a declaração significativa de Hanuman, Sugriva respondeu a ele com maior calma dizendo:

"Vendo aqueles dois guerreiros de braços longos e de olhos grandes, armados com arcos e espadas, parecendo os filhos dos deuses, quem não teria medo? Eu creio que aqueles dois heróis poderosos são mensageiros de Bali. Reis têm muitos amigos, e eu não me sinto capaz de confiar neles. Aqueles que são cautelosos invariavelmente encontram o ponto fraco naqueles que são excessivamente confiantes. Bali é astucioso em cada iniciativa. Aqueles monarcas que são bem informados podem derrotar seus inimigos e devem espiar suas ações com a ajuda de homens comuns.

"Vai, ó Plavamgama, sob o disfarce de um homem comum, e descobre as intenções desses dois estranhos. Estuda os seus gestos, seus costumes e sua fala; observa a sua atitude e como eles estão dispostos.

"Por louvor e cortesias repetidas os inspira com confiança. Interroga aqueles dois arqueiros em meu nome, ó touro entre macacos, e pergunta a eles por que

razão eles vieram para essas matas. Descobre se o seu objetivo é honesto, ó Plavamgama; sua fala e costume irão traí-los se eles estiverem mal-intencionados".

Assim comandado por Sugriva, o filho de Maruta se preparou para procurar Rama e Lakshmana.

Seu mestre, por medo extremo, tendo se tornado inacessível, o macaco Hanuman de qualidades nobres, ouvindo suas palavras com respeito, respondeu: "Que assim seja!" e saiu ao encontro do poderoso Rama e de Lakshmana que o acompanhava.

Capítulo 3 – O encontro de Hanuman com Rama

Por ordem do magnânimo Sugriva, Hanuman, com um salto, deixou a montanha Rishyamuka e se colocou no caminho dos dois Raghavas.

Descartando sua forma de macaco, Hanuman, filho de Maruta, pelo poder da ilusão assumiu o disfarce de um monge errante e, em voz gentil e agradável, se dirigiu aos dois irmãos com humildade, prestando reverência a eles.

Aproximando-se aqueles dois heróis, aquele principal dos macacos os elogiou como eles mereciam, oferecendo-lhes toda a cortesia, e de acordo com o desejo de Sugriva falou graciosamente a eles, dizendo:

"Ó ascetas de penitência renomada, que são cheios de fé e valor e que se assemelham aos rishis e aos deuses, por que vocês vieram a essa região, semeando o medo entre os grupos de cervos e outros habitantes da floresta, examinando as árvores por todos os lados que crescem nas margens do Pampa, aquele lago de ondas cintilantes, o esplendor do qual vocês realçam com seu esplendor, ó heróis de grande ousadia?

"Ó valentes estranhos, quem são vocês, cuja pele brilha como ouro e que estão vestidos em mantos de pele, possuindo braços fortes, vocês que estão suspirando profundamente e cuja visão inspira temor em todos os seres? Vocês têm o aspecto de leões ou guerreiros que são cheios de coragem e heroísmo, armados como vocês estão com arcos parecidos com o de Indra, destruidores de seus inimigos?

"Cheios de majestade e beleza, poderosos como grandes touros, seus braços parecendo trombas de elefantes, radiantes, os principais entre os homens, jovens, iluminando o rei das montanhas com sua refulgência, vocês que são dignos de governar reinos e semelhantes aos deuses, que propósito os traz aqui? Ó heróis, cujos olhos são tão grandes quanto pétalas de lótus, que usam seu cabelo emaranhado enrolado como coroas em suas cabeças, que parecem um com o outro, vocês vieram aqui da região celeste? Realmente o sol e a lua desceram à terra por sua livre vontade. Ó guerreiros de peito largo, vocês que são homens, mas que têm o aspecto de seres divinos, cujos ombros são como os de um leão, que são dotados de grande força e parecem dois touros inebriados de desejo, cujos braços grandes e maciços parecem clavas, que devem ser adornados com todos os tipos de ornamentos, contudo não portam nenhum, parece que vocês dois são dignos de governar a terra inteira, cujas decorações são as montanhas Vindhya e Meru com seus lagos e florestas. Como são belos os seus dois arcos brilhantes, reluzindo com pasta perfumada, cobertos com ouro e resplandecentes como a maça de Indra; as duas aljavas também, cheias de flechas afiadas formidáveis e concessoras de morte que lembram cobras sibilantes; suas duas espadas de imenso comprimento e

tamanho, incrustadas com ouro excelente que brilham como serpentes que acabaram de perder sua pele! Mas por que vocês não me respondem?

"Sugriva é o nome daquele virtuoso rei dos macacos, aquele herói banido por seu irmão, que percorre a terra em grande angústia. Eu vim aqui sob as ordens daquele magnânimo, o chefe dos grandes macacos. O ilustre Sugriva deseja sua amizade. Conheçam-me como o ministro dele, um macaco, filho de Pavana, que vagueio onde eu quero e vim aqui sob o disfarce de um monge errante da montanha Rishyamuka para agradá-lo".

Tendo se dirigido àqueles dois heróis, Rama e Lakshmana, em termos discretos e corteses, Hanuman se calou, e ouvindo aquele discurso, o bem-aventurado Rama, encantado, dirigiu-se a Lakshmana que estava ao seu lado, dizendo:

"Esse é o ministro do rei dos macacos, o magnânimo Sugriva, a quem eu procuro. Ó Saumitri, responde ao conselheiro de Sugriva que é eloquente e caloroso e o subjugador de seus inimigos em termos corteses. Só alguém versado no Rig-Veda e, que está familiarizado com o Yajur e o Sama Vedas, falaria dessa maneira. Ele estudou gramática inteiramente, e embora ele tenha falado longamente, foi sem erros. Eu não vejo nada para ofender, seja em sua boca, seus olhos, testa, membros, ou atitude. Sua fala não é carente de volume, profundidade, segurança ou distinção; sua voz emana de seu peito em tons claros modulados. Ele se expressa com felicidade admirável sem qualquer hesitação; seu tom é harmonioso e move o coração agradavelmente. Qual inimigo, tendo puxado sua espada, não seria desarmado pelo encanto dessa voz que enuncia cada sílaba tão perfeitamente? Ó príncipe irrepreensível, o rei que emprega mensageiros dotados de tal talento certamente terá sucesso em todos os seus empreendimentos, uma vez que eles são fortalecidos logo no início, por essa eloquência".

Nisso, Saumitri se dirigiu àquele ministro eloquente de Sugriva com palavras bem escolhidas, dizendo: "Ó sábio, nós fomos informados dos grandes atributos de Sugriva e estamos nesse momento à procura daquele rei dos macacos. Aquilo que ele ordenar nós vamos realizar sob as tuas instruções, ó excelente Hanuman".

Quando ouviu esse discurso gracioso, aquele macaco, nascido de Pavana, que desejava nada mais que o triunfo de Sugriva, resolveu realizar uma aliança amigável entre Rama e seu mestre.

Capítulo 4 – Hanuman leva Rama e Lakshmana à presença de Sugriva

Ouvindo as palavras corteses de Lakshmana e notando o sentimento de boa vontade para com seu mestre, Hanuman, julgando que Rama estaria disposto a ajudá-lo, refletiu alegremente que o triunfo de Sugriva já estava assegurado.

Ele pensou: "Sem dúvida o magnânimo Sugriva não deixará de recuperar seu reino, pois aqui está aquele que o habilitará a realizar seu plano".

Em seguida, o totalmente encantado e eloquente Hanuman, o principal dos macacos, disse a Rama: "O que te traz com teu irmão mais novo a essa floresta perigosa e inacessível?"

Após essa pergunta, Lakshmana, incitado por seu irmão, contou a história de Rama, o filho de Dasaratha, para ele.

"Havia um rei chamado Dasaratha, que era ilustre, fixo em seu dever e, de acordo com a lei, o protetor das quatro castas. Sem inimigos, ele mesmo não odiando ninguém, ele parecia para todos os seres vivos ser um segundo Brahma.

"O primogênito de Dasaratha, que possuía todas as qualidades excelentes, o amparo de todos, dotado de virtudes reais e de grande majestade, foi banido de seu domínio e, obediente às ordens de seu pai, veio morar na floresta. Submetendo-se ao decreto paterno, ele foi seguido por sua consorte, Sita, como o sol glorioso pelo brilho do pôr do sol ao anoitecer.

"Meu nome é Lakshmana. Eu, que sou inferior a ele em todos os aspectos, sou seu irmão e o acompanho como seu servo. Esse príncipe obediente, que está sempre ciente do que deve ser feito, é extremamente erudito e esse herói, que passa sua vida em promover o bem-estar de todos os seres, que é digno de felicidade e honra, privado de poder supremo, passa seus dias na floresta. Um titã, que era capaz de mudar sua forma à vontade, levou sua consorte, ela estando sozinha, e seu raptor nos é desconhecido.

"O filho de Diti, Danu, que, através de uma maldição, foi forçado a assumir a forma de um titã, comunicou o nome de Sugriva, o rei dos macacos, para nós. Agora eu respondi às tuas perguntas integralmente com toda a sinceridade; Rama e eu buscamos a ajuda de Sugriva. O distribuidor de toda riqueza, ele, que atingiu o auge da glória e era antigamente o guardião dos mundos, veio buscar a proteção de Sugriva. O filho daquele instrutor de seu povo, que era dedicado ao seu dever, de quem Sita era a nora, Rama, busca a proteção de Sugriva. O forte defensor de todo o universo, que era antigamente sua estrada, meu guru Rama, a quem tu vês aqui, veio buscar refúgio com Sugriva. Ele, sob cuja compaixão todos os seres repousam, Rama, veio apelar à boa vontade daquele rei dos macacos. É o filho mais velho do rei Dasaratha, que era dotado de todos os bons atributos e nessa terra constantemente derramava honras sobre monarcas, Rama, famoso nos três mundos, que agora busca refúgio em Sugriva, o senhor dos macacos. Rama, vítima do sofrimento, dominado pela aflição, veio como um suplicante! É para Sugriva, com os líderes das tribos de macacos, favorecê-lo".

Ouvindo Lakshmana, proferindo esse apelo enquanto suas lágrimas escorriam, Hanuman respondeu graciosamente:

"Tais suplicantes, dotados de sabedoria, que dominaram sua raiva e outras paixões e cuja boa sorte os levou à sua presença, são dignos de serem levados diante daquele Indra dos macacos. Ele também é exilado de seu reino e o objeto de inimizade de seu irmão, que levou sua consorte e, depois de maltratá-lo cruelmente, o obrigou a fugir tremendo para a floresta. Aquele filho de Surya, Sugriva, fará um pacto de amizade com vocês, e eu o acompanharei em sua busca por Sita".

Tendo falado assim em num tom gentil e afável, Hanuman disse a Raghava em voz amigável: "Vamos procurar Sugriva".

A essas palavras, o justo Lakshmana curvou-se cortesmente a ele e dirigiu-se ao virtuoso Raghava, dizendo:

"O que esse macaco, nascido do deus do vento, nos disse alegremente, seu mestre vai realizar; é aqui que o teu propósito encontrara realização, ó Rama. A bondade está pintada em seu semblante; ele fala alegremente e suas palavras soam verdadeiras".

Então aquele filho extremamente inteligente de Maruta, Hanuman, foi embora, levando os dois heróis, os descendentes de Raghu, com ele. Abandonando o disfarce de um mendicante e assumindo a forma de um macaco, aquele grande macaco, levando aqueles dois guerreiros em seus ombros, partiu.

Depois disso, aquele filho inteligente de Pavana, que era renomado entre os macacos e dotado de grande destreza, encantado por ter realizado seu plano, escalou a montanha com saltos imensos, levando Rama e Lakshmana com ele.

Capítulo 5 – A aliança de Rama e Sugriva

Da montanha Rishyamuka, Hanuman pulou para o monte Malaya e apresentando os dois descendentes valentes de Raghu para Sugriva, disse:

"Este é Rama, ó rei grandioso e sábio, que veio aqui com Lakshmana, seu irmão; esse verdadeiro herói, nascido na dinastia de Ikshvaku, é o filho do rei Dasaratha.

"Fixo em seu dever, ele está cumprindo as ordens de seu pai, o grande rei que, satisfazendo o deus do fogo, Agni, com os sacrifícios Rajasuya e Ashwamedha, naqueles tempos distribuiu centenas de milhares de vacas em caridade.

"Por causa de uma mulher, seu filho, Rama, que está aqui presente, foi exilado para a floresta e, enquanto esse herói magnânimo estava morando lá, praticando ascetismo, Ravana raptou sua consorte; ele agora procura a tua proteção.

"Esses dois irmãos, Rama e Lakshmana, pedem a tua amizade; recebe esses heróis, dignos de homenagem, com honra!"

Ouvindo essas palavras de Hanuman, Sugriva, o rei dos macacos, que agora tinha se tornado de fácil acesso, disse a Rama:

"Esta é uma grande fortuna e o maior dos ganhos para mim, ó senhor, que tu desejes aliar-te em amizade comigo, que sou um da tribo de macacos. Se essa amizade tem a tua aprovação, então aqui está a minha tão, toma-a na tua e vamos nos vincular firmemente com um voto".

Ouvindo as doces palavras de Sugriva, Rama com o coração alegre apertou a mão dele e, feliz ao pensar na aliança que eles estavam prestes a concluir, o abraçou calorosamente.

Então Hanuman, o subjugador de seus inimigos, que tinha tirado o disfarce de monge, assumindo a sua própria forma, acendeu um fogo por friccionar dois pedaços de madeira. O fogo estando aceso e flores lançadas nele, assim preparando-o, ele o colocou entre eles,[304] cheio de alegria e devoção.

Andando em volta dele ambos adoraram o fogo e, assim, Sugriva e Rama se uniram em amizade. Depois disso os corações do macaco e de Rama ficaram alegres e, olhando um para o outro, eles não podiam ficar saciados.

"Agora tu és o amigo do meu coração na alegria e na dor! Nós somos um!" Assim falou Sugriva em sua satisfação, como também Rama, e quebrando um galho de uma árvore Sala decorado com folhas e coberto com flores, Sugriva o estendeu como se fosse um tapete e com Rama sentou-se sobre ele, enquanto o encantado Hanuman, nascido de Maruta, por sua vez, ofereceu a Lakshmana um ramo de sândalo florescente.

Então, cheio de felicidade, Sugriva, com os olhos arregalados de alegria, disse a Rama em voz gentil e agradável:

"Cruelmente perseguido, ó Rama, eu vim para cá com muito medo, minha consorte tendo sido arrancada de mim, e, em profunda angústia, eu me refugiei

[304] O fogo aparentemente estando em um braseiro.

nessa parte inacessível da floresta, onde eu agora resido, com a minha mente perturbada pelo terror.

"Meu irmão me oprime e é meu inimigo, ó Rama, ó grande herói; livra-me do medo que Bali inspira em mim! Age, ó Kakutstha, de tal maneira que a minha coragem possa ser restaurada".

Ao ouvir essas palavras, o ilustre e virtuoso Rama, um amante da justiça, sorrindo, respondeu a Sugriva, dizendo:

"Eu sei muito bem que o fruto da amizade é a ajuda mútua, ó grande macaco! Eu matarei esse Bali, que levou a tua consorte! Essas flechas pontiagudas que vês, essas setas brilhantes como o sol, voam direto para o seu alvo. Decoradas com penas de garça e parecidas com o raio de Indra, forjadas habilmente, com suas pontas afiadas, assemelhando-se a serpentes provocadas, elas perfurarão aquele canalha perverso com força. Hoje tu verás Bali cair por terra como uma montanha partida atingida por esses dardos pontiagudos, parecendo cobras venenosas".

Encorajado pelas palavras de Rama, Sugriva, radiante, falou novamente, dizendo: "Que eu pela tua graça, ó valente leão entre homens, recupere a minha consorte e o meu reino. Ó rei, impede o meu perverso irmão mais velho de me prejudicar daqui em diante".

No momento em que Sugriva e Rama concluíram sua aliança, o olho esquerdo de Sita, semelhante a um lótus, se contraiu,[305] como também aquele do Indra dos macacos,[306] que parecia ouro, e o do titã, Ravana, que era como uma chama.

Capítulo 6 – Sugriva mostra a Rama o manto e as joias de Sita

Em sua alegria, Sugriva dirigiu-se a Raghava, o deleite da Casa de Raghu, mais uma vez, dizendo: "Meu servo, o melhor dos conselheiros, Hanuman, me contou a tua história, e porque tu vieste para essas solidões silvestres, onde resides com teu irmão Lakshmana.

"Raptada por um titã, a tua consorte, Maithili, a filha de Janaka, está sofrendo longe de ti e do sagaz Lakshmana. Aquele titã, procurando uma oportunidade de te fazer mal, tendo matado o abutre, Jatayu, levou tua consorte, assim tornando-te infeliz. Tu logo ficarás livre da tristeza que o rapto da tua amada te causa.

"Se ela se encontra no céu ou no inferno, eu procurarei aquela senhora e a trarei de volta para ti, ó conquistador de teus inimigos! Saibas bem, eu falo verdadeiramente, ó Raghava. Sita não está destinada a ser o alimento dos deuses ou dos titãs; a tua consorte irá revelar-se um prato envenenado para eles!

"Rejeita a tua dor, eu trarei a tua amada de volta para ti. Como eu imaginava, era, sem dúvida, Sita que eu vi quando aquele titã de ações cruéis a levou embora. Ela estava gritando: 'Ó Rama! ó Lakshmana!' Numa voz lamentável e lutando nos braços de Ravana, como a fêmea do rei serpente.

"Vendo-me com meus cinco companheiros de pé sobre o cume da montanha, ela deixou cair sua capa e joias magníficas, que foram coletadas e preservadas, ó Rama. Eu vou trazê-las para ti e tu talvez sejas capaz de te lembrar delas".

---

[305] Um presságio de eventos vindouros. ["Para os indianos, como para os antigos gregos, o pulsar do olho direito em um homem é um sinal auspicioso, o latejar do olho esquerdo é o oposto. Em uma mulher os significados dos sinais são invertidos". – Griffith].

[306] [Aqui se referindo a Bali. "Bali o rei de fato". – Griffith].

A isso, Rama respondeu a Sugriva com todo carinho e disse: "Vai rapidamente e os traze para mim aqui sem demora, ó amigo!"

Ao ouvir essas palavras, Sugriva, com a intenção de agradar Rama, correu com toda pressa para uma caverna profunda na montanha e, pegando o manto e as joias, aquele macaco mostrou-lhes a Rama, dizendo: "Estes são eles, ó Raghava!"

Então Rama, pegando as vestes e as joias cintilantes, descobriu que seus olhos estavam enevoados de lágrimas, como a lua é velada em nuvem, lágrimas que por sua afeição por Sita caíam em torrentes, e, perdendo a compostura, ele caiu ao chão, soluçando: "Ó minha amada!"

Apertando as joias preciosas junto ao peito, dando suspiros profundos como o silvo furioso de uma cobra em sua toca, com os olhos cheios de lágrimas, percebendo Lakshmana ao seu lado, ele começou a lamentar amargamente, dizendo:

"Ó Lakshmana, vê o manto e as joias de Vaidehi, que, enquanto era levada, ela deixou cair sobre a terra; sem dúvida, foi nessa ladeira gramada que Sita, enquanto era raptada, espalhou seus ornamentos, a condição deles confirma isso".

Ouvindo as palavras de Rama, Lakshmana disse: "Eu não reconheço os braceletes ou os brincos, mas eu conheço as tornozeleiras, pois eu somente adorava seus pés".[307]

Em seguida, Rama disse a Sugriva: "Em que lugar tu viste Vaidehi, a minha casta esposa, mais preciosa para mim do que a própria vida? Qual titã hediondo a raptou? Onde é que mora aquele monstro, que me mergulhou nessa lamentação? Tendo levado Sita embora e acendido a minha ira, ele perdeu sua vida e abriu as portas da morte. Dize, quem é esse titã, que, na floresta, por artimanha levou a minha esposa delicada? Ó chefe dos macacos, hoje eu vou enviá-lo para a região da morte".

Capítulo 7 – Sugriva consola Rama

Assim, em sua angústia, Rama falou, e o macaco, Sugriva, com as palmas unidas, chorando, a voz abalada com soluços, respondeu-lhe, dizendo:

"Na verdade eu não sei onde mora aquele titã cruel, nem sua força, nem a extensão de seu valor, nem a tribo à qual aquele monstro vil pertence, mas, ó subjugador de teus inimigos, eu te peço com toda a sinceridade para dominar a tua aflição. Pelos meus esforços, eu conseguirei devolver Maithili para ti! Por matar Ravana e toda a sua casa e manifestar minha coragem pessoal ao máximo, eu vou agir de tal forma que tu serás feliz em breve. Tu cedeste ao desespero suficientemente, agora mostra a tua resolução natural! Homens como tu não devem se entregar ao desânimo!

"Eu também sofro muito por causa da separação da minha consorte, mas eu não me desespero como tu, nem perdi a coragem. Embora apenas um macaco comum, eu não reclamo. Quanto menos tu deverias fazê-lo, ó herói magnânimo, tu que és sábio, valente e ilustre!

"Tu deves reprimir resolutamente as lágrimas que caem; convém-te não perder a paciência, essa qualidade que distingue os homens de nobreza.

[307] Implicando que ele nunca erguia os olhos acima dos pés dela.

"Um homem corajoso recorre à razão e não se permite ficar alterado na adversidade, na sequência de uma separação de parentes, ou na perda de bens, ou na hora da morte. Mas o homem que é carente de coragem e cede ao desespero inevitavelmente sucumbe à sua tristeza, como um navio sobrecarregado na água.

"Curvando-me diante de ti com as palmas unidas, eu te rogo para reunir toda a tua fortaleza e não ceder à miséria. Aqueles que se permitem ser vencidos pela aflição nunca têm êxito, e sua força é diminuída; portanto, não te entregues à tristeza.

"Aquele que é dominado pelo desespero está em perigo. Afasta a tua dor, ó Indra entre os homens, e revive a tua coragem; que ela seja totalmente restaurada! Eu te falo para o teu próprio bem, como um amigo; eu não desejo te instruir. Portanto, por causa da nossa amizade, não te entregues à tristeza".

Ternamente consolado por Sugriva, Rama enxugou o rosto, que estava molhado de lágrimas, com a ponta de sua túnica e, voltando ao seu estado normal como resultado das palavras de Sugriva, o senhor Kakutstha, abraçando-o, disse:

"Ó Sugriva, tu cumpres o papel de um amigo dedicado, o de prestar serviço com dignidade. Ó amigo, vê como, pelo teu bom conselho, eu me tornei eu mesmo novamente. Não é fácil encontrar um aliado assim, que está sofrendo a mesma adversidade; portanto, te esforça para encontrar Maithili e o titã cruel, aquele perverso Ravana, e dize-me francamente o que devo fazer. Tu és um campo rico que as chuvas visitaram; tudo terá sucesso contigo. Além disso, as palavras que eu recentemente pronunciei[308] com confiança, ó tigre entre os macacos, sem dúvida virão a acontecer. Eu nunca proferi uma falsidade, nem jamais farei isso. Eu juro pela verdade que o que eu disse acontecerá!"

Ouvindo as palavras daquele rei dos homens, o líder sábio dos macacos valentes sentiu em seu coração que seu propósito estava realizado.

Capítulo 8 – Sugriva implora a Rama para ajudá-lo contra Bali

Satisfeito ao ouvir essas palavras, Sugriva se dirigiu alegremente ao irmão mais velho de Lakshmana desta maneira:

"Sem dúvida eu sou favorecido pelos deuses, já que tenho um amigo virtuoso, cheio de grandes qualidades, como tu! Com o teu auxílio, ó irrepreensível, me seria possível conquistar até o reino celeste, quanto mais recuperar meu reino, ó senhor! Eu sou o objeto de reverência para os meus amigos e parentes, ó Rama, uma vez que, testemunhado pelo fogo sagrado, eu fiz uma aliança contigo! Ó descendente da Casa de Raghu, tu em breve me acharás digno da tua amizade, mas não me cabe falar das minhas próprias boas qualidades. É nos grandes heróis como tu, mestres de si mesmos, que o afeto, como a coragem verdadeira, permanece fixo, ó melhor dos homens bem-nascidos! Prata, ouro e pedras preciosas são compartilhados entre amigos como pertencentes a ambos; rico ou pobre, feliz ou miserável, desprovido ou dotado de boas qualidades, um amigo é sempre um amigo. Boa sorte, prosperidade ou território, ó herói irrepreensível, são todos sacrificados por causa de um amigo; só a devoção a ele importa".

"Verdadeiro de fato", respondeu o abençoado Rama ao belo Sugriva, na presença de Lakshmana, que se igualava a Vasava em sabedoria.

---

[308] A respeito de Bali.

No dia seguinte, Sugriva, vendo Rama ao lado do valente Lakshmana, esquadrinhou a floresta às pressas e, observando uma árvore Sala não muito distante, coberta com flores e pesada com folhagem luxuriante, na qual abelhas estavam zumbindo, arrancou um magnífico ramo folhoso, e o espalhando no chão sentou-se com Rama.

Vendo os dois assim instalados, Hanuman, por sua vez, quebrando um ramo de uma árvore Sala, convidou o modesto Lakshmana para tomar seu lugar lá.

Vendo Rama sentado à vontade naquela montanha elevada, carregada de árvores Sala florescentes, irradiando serenidade como um lago calmo, Sugriva, em sua alegria, em tons gentis e agradáveis, inclinando-se para seu amigo que estava mostrando extrema alegria, disse-lhe com a voz tremendo de emoção:

"Atormentado pelo meu irmão, meu inimigo declarado, ó Rama, o medo de Bali aflige a minha mente. Ó tu que és o refúgio do mundo, eu estou sem um defensor, me concede teu apoio!"

Ouvindo essas palavras, o ilustre e virtuoso Rama, fixo em seu dever, sorrindo, respondeu a Sugriva, dizendo:

"Administrar alívio é o fruto da amizade, prejudicar a outros é o da inimizade! Hoje mesmo eu vou matar o sequestrador da tua consorte. Aqui estão as minhas flechas aladas e setas ardentes, ó afortunado, cujos punhos, incrustados com ouro, parecendo o raio de Mahendra, vieram da floresta de Karttikeya e são adornados com plumas de garça. Suas juntas lisas e pontas afiadas lhes dão a aparência de cobras enfurecidas. Tu verás aquele inimigo, o teu irmão chamado Bali, contaminado com más obras, derrubado por essas setas, como uma montanha desmoronando em poeira".

Ouvindo as palavras de Rama, Sugriva, o líder do exército de macacos, sentiu uma alegria indizível. "Excelente! Excelente!", ele gritou. "Ó Rama, eu fui dominado pela angústia e tu és o amparo dos aflitos. Sabendo que tu és meu aliado, eu derramei a minha tristeza no teu peito. Tendo apertado a tua mão na minha, testemunhado pelo fogo, tu te tornaste o amigo mais valioso da minha vida; eu juro pela verdade. Eu te aceitei como meu amigo e te falo confidencialmente. A desgraça que me atingiu constantemente corrói o meu coração".

Assim falou Sugriva, com seus olhos transbordando, sua voz estrangulada com soluços, incapaz de continuar. Então, represando o rio de suas lágrimas, que corriam como uma torrente em fúria, Sugriva, na presença de Rama, dominando-se em um instante e, reprimindo os soluços, enxugou seus belos olhos. Em seguida, aquele macaco ilustre dirigiu-se a Raghava novamente, dizendo:

"Ó Rama, antigamente Bali, me oprimindo com insultos, me baniu do reino. Apoderando-se da minha consorte, mais preciosa para mim do que a própria vida, ele prendeu meus amigos em correntes. Então aquele canalha perverso procurou me destruir, ó Rama, e muitas vezes os próprios macacos foram subornados para esse fim, mas eu os matei. Cheio de apreensão ao ver-te, ó Rama, eu não ousei sair para te encontrar, sendo vítima do medo e ainda aterrorizado.

"Esses macacos com Hanuman como seu líder são meus únicos companheiros; é devido a eles que eu ainda estou vivo, embora a situação seja grave. Esses macacos leais me cercam e me protegem, acompanhando-me em todas as minhas viagens, permanecendo comigo onde quer que eu decida ficar.

"Ó Rama, de que serve falar mais? Meu irmão mais velho, Bali, que se distingue por sua crueldade, é meu adversário. Se ele morrer, naquele momento as minhas desgraças terminarão. A minha felicidade, mais que isso, a minha própria vida, depende da destruição dele. Esse é o único remédio para os meus problemas.

Eu te digo isso enquanto ainda tomado pela dor; feliz ou infeliz, um amigo é sempre o amparo de um amigo!"

Ao ouvir essas palavras, Rama questionou Sugriva, dizendo: "Eu gostaria de saber a origem dessa hostilidade, conta-me a causa da sua inimizade mútua. Quando o motivo para o teu ódio for conhecido por mim, ó macaco, eu vou me preocupar com o teu alívio. Eu refletirei cuidadosamente sobre a questão e em sua força e fraqueza. Grande é a minha indignação ao saber dos teus maus-tratos, o meu coração bate mais rápido, como na época das chuvas o fluxo do rio é aumentado. Fala com confiança serena enquanto eu encordoo o meu arco, e saibas que quando eu disparar a minha flecha para atingir teu adversário, ele já estará morto".

Ao ouvir o discurso do magnânimo Kakutstha, Sugriva e seus conselheiros ficaram muito satisfeitos, e com um semblante alegre Sugriva começou a relatar a verdadeira causa da sua inimizade com Bali para o irmão mais velho de Lakshmana.

Capítulo 9 – A história de Bali e Mayavi

"Bali é o nome do meu irmão mais velho, o flagelo de seus inimigos. Ele era sempre muito estimado por meu pai e minha mãe, e eu, também, o amava. Quando seu pai morreu, ele sendo o mais velho, os ministros, que pensavam muito bem dele, o instalaram como rei dos macacos. Durante seu governo sobre aquele imenso império dos seus antepassados eu vivia em sujeição constante a ele, como um dos seus servos. Por causa de uma mulher, uma grande disputa surgiu entre Mayavi, o filho mais velho ilustre de Dundubhi, e Bali. Uma noite, enquanto outros dormiam, Mayavi se aproximou dos portões de Kishkindha, rugindo com raiva, e desafiou Bali para lutar. Despertado de um sono profundo por aqueles gritos formidáveis, meu irmão, incapaz de se conter, saiu imediatamente, avançando em fúria sobre aquele titã poderoso, a fim de matá-lo. Suas esposas e eu tentamos contê-lo e eu me joguei a seus pés, mas ele nos repeliu e saiu cheio de coragem.

"Então, por devoção, eu o segui. Vendo meu irmão e eu seguindo de perto o titã com medo fugiu com toda pressa. Tomado de terror ele correu, mas nós corremos ainda mais rápido. A lua, que havia surgido, inundou o caminho com sua luz. Oculto por grama, um grande buraco no chão apareceu e o titã atirou-se nele precipitadamente. Nós chegamos à beira e paramos. Bali, que estava dominado pela raiva, com seus sentidos perturbados, me disse:

"'Ó Sugriva, fica aqui, sem deixar a boca da caverna, enquanto eu entro para enfrentar o inimigo e matá-lo!'

"Ouvindo essas palavras eu roguei àquele destruidor de seus inimigos para não ir mais longe, mas ele, sob a ameaça de uma maldição, me disse para não me mover de lá e desapareceu na caverna.

"Depois da sua entrada na caverna, um ano inteiro passou e eu permaneci no meu posto fora; eu imaginei que ele estivesse morto e por minha afeição por ele estava profundamente angustiado e era vítima de pressentimentos temíveis, refletindo: 'Eu não verei o meu irmão novamente'.

"Então, por um longo tempo, sangue misturado com espuma fluiu da caverna e o rugido do titã chegou aos meus ouvidos, mas eu não ouvi os gritos de triunfo que meu irmão mais velho emitia na luta. Depois disso por causa de diferentes sinais eu fui embora, pensando que meu irmão estava morto, mas primeiro eu bloqueei a boca

da caverna com uma pedra tão grande quanto uma montanha. Ó meu amigo, dominado pela tristeza, eu ofereci a água cerimonial para o meu irmão e voltei para Kishkindha.

"Apesar dos meus esforços para manter o assunto em segredo, os ministros souberam disso e, tendo trocado ideias juntos, eles me instalaram como soberano. Eu governei o império com justiça, ó Rama. Entretanto Bali, tendo matado seu inimigo, o titã, voltou. Vendo-me instalado com todas as insígnias da realeza, seus olhos ficaram vermelhos de raiva e ele me oprimiu com injúrias e amarrou meus ministros em correntes.

"Tendo matado seu adversário, meu irmão voltou para a cidade, e eu, prestando reverência àquele grande guerreiro, lhe ofereci a homenagem tradicional, mas ele não respondeu às minhas cordiais felicitações. Eu toquei seus pés com a minha testa, ó senhor, mas Bali furioso se recusou a me perdoar".

Capítulo 10 – A origem do ódio de Bali por Sugriva

"Desejando fazer as pazes, eu tentei aplacar meu irmão, que, retornando, ficou furioso contra mim.

"Eu disse: 'Pela graça dos deuses tu és vitorioso e teu inimigo caiu sob os teus golpes; sem ti eu estaria desprovido de apoio, tu és o meu único defensor, ó meu protetor, minha alegria! Agora aceita este dossel real de muitos suportes, parecendo a lua cheia prestes a nascer. Pega também estes chouris das minhas mãos!

"'Ó rei! Por um ano inteiro eu esperei tristemente ao lado da caverna e, ao ver o sangue fluindo para a entrada e parando lá, o meu coração se encheu de angústia e a minha mente ficou profundamente perturbada. Eu, então, fechei a abertura da caverna com uma grande rocha e deixei aquele local para voltar para Kishkindha em profunda aflição. Vendo-me, o povo daquela cidade e os ministros também me colocaram no trono, sem que eu desejasse isso. Portanto, perdoa-me, tu que és o nosso soberano. Eu fui investido com dignidade real na tua ausência e, assim, protegi a cidade, seus ministros e habitantes, da anarquia. Esse reino foi como uma responsabilidade para mim; eu agora o devolvo para ti, ó amigo. Não fiques irado contra mim, ó destruidor de teus inimigos! Colocando a minha cabeça a teus pés, ó rei, com as palmas unidas, eu apelo a ti. Foi por insistência dos ministros e da população unida que eu fui colocado no trono, eles refletindo que o território seria tomado por um inimigo na ausência de um monarca'.

"A esse discurso humilde Bali respondeu com injúrias, dizendo: 'Maldito sejas tu!' E repetiu a imprecação. Então, reunindo seus súditos e ministros, ele investiu contra mim, no meio dos meus amigos, me repreendendo com palavras amargas, dizendo:

"'Saibam bem que com raiva aquele grande titã, Mayavi, uma noite me desafiou para um combate desejado por longo tempo. Ouvindo a voz dele eu deixei a minha residência real e fui seguido imediatamente pelo meu irmão inescrupuloso, que está aqui presente. À noite, vendo-me seguido por outro, o grande titã fugiu aterrorizado e nós dois o perseguimos de perto. Em sua pressa de escapar, ele entrou em uma grande caverna, e, vendo aquela caverna vasta e temível eu disse ao meu irmão de coração falso: 'Eu não posso voltar para a cidade até que eu tenha

matado o meu rival; espera à beira da cova até que eu o derrube'. Na crença de que ele permaneceria lá, eu entrei naquela caverna inacessível.

"'Enquanto eu estava perseguindo meu inimigo, cuja audácia o tornava realmente formidável, um ano inteiro passou, mas finalmente eu o descobri e o matei com toda a sua família. Aquele titã, ao ser morto, rugiu alto, e um rio de sangue que se espalhou por toda parte encheu a caverna, tornando-a difícil de atravessar. Tendo matado alegremente o meu adversário cruel, eu não pude encontrar a abertura da caverna, a entrada tendo sido fechada. Eu chamei Sugriva repetidamente, mas não houve resposta e a minha situação era grave. À força de chutes eu fui capaz de rolar a rocha para trás e saí, depois do que eu voltei para a cidade. É por isso que eu estou furioso contra o perverso Sugriva, cujo desejo pelo trono superou seu amor fraterno'.

"Com essas palavras, o macaco Bali, privado de todo o senso de vergonha, me expulsou do reino com uma única peça de roupa apenas, tendo me maltratado e levado a minha consorte, ó Rama. Miserável e privado de meus companheiros, eu me refugiei nessa montanha alta, Rishyamuka, à qual, para uma determinada razão, Bali não tem acesso. Essa é toda a história da origem da nossa intensa hostilidade; eu não merecia a grande humilhação que me afligiu, como tu vês agora, ó Raghava. Ó tu que és o dissipador de medo, tira esse pavor de meu irmão de mim e o pune em meu nome".

O príncipe virtuoso, após ouvir a fiel narrativa de Sugriva, sorrindo, respondeu-lhe dizendo:

"Essas minhas setas, brilhantes como o sol, nunca deixam de atingir seu alvo, e com suas pontas afiadas derrubarão aquele perverso Bali com força. Enquanto eu não contemplar esse raptor da tua consorte, esse canalha de práticas perversas viverá, mas nem um instante a mais.

"Eu te vejo mergulhado em um oceano de aflição, assim como eu, e eu vou te ajudar a atravessá-lo; tu sem dúvida irás recuperar a tua prosperidade de outrora".

Ouvindo essas palavras, que aumentaram sua alegria e coragem, Sugriva, em alegria extrema, proferiu as seguintes palavras memoráveis.

Capítulo 11 – Sugriva conta a Rama sobre as façanhas de Bali

Tendo ouvido as palavras de Rama, que o inspiraram com alegria e coragem, Sugriva prestou reverência a ele, mostrando a sua gratidão, e disse: "Em tua ira, indubitavelmente, tu és capaz de queimar os mundos com tuas flechas afiadas, como o fogo no final do grande ciclo; porém reflete sobre a coragem de Bali e, tendo me ouvido com atenção, considera o que deve ser feito.

"Antes de o sol nascer, o infatigável Bali anda do oceano do oeste para o do leste e do mar do norte para o do sul. Ele é tão poderoso que é capaz de quebrar os picos das montanhas altas, jogando-os no ar e pegando-os novamente. Para demonstrar sua força, ele quebrará em duas inúmeras árvores de toda espécie na floresta.

"Uma vez havia um gigante chamado Dundubhi, sob a forma de um búfalo, que se parecia com o pico do monte Kailasha e que era tão forte quanto mil elefantes. O pensamento em seu próprio poder o intoxicou e ele era cheio de orgulho por conta das bênçãos que tinha recebido.

"Aquele gigante chegou ao mar, o senhor dos rios, e se aproximou daquele oceano de ondas barulhentas, rico em pérolas, dizendo: 'Vamos entrar em combate um com o outro!' Mas aquele justo senhor das águas, erguendo-se em toda a sua majestade, respondeu àquele titã que era impelido pelo destino, dizendo: 'Ó hábil guerreiro, eu não posso aceitar o teu desafio, mas ouve e eu te direi quem pode se igualar a ti em luta.

"'Em uma vasta planície, o retiro de ascetas, vive um monarca das montanhas, chamado Himavat, o célebre sogro de Shiva. Ele possui grandes rios, muitas ravinas e cachoeiras e é bem capaz de satisfazer a tua esmagadora avidez por combate'. Pensando: 'O oceano tem medo de mim', aquele principal dos titãs correu para a floresta de Himavat, tão rápido como uma flecha disparada de um arco.

"Rompendo os grandes penhascos brancos, Dundubhi os deixou rolar para baixo, gritando com exultação. Então, como uma massa de nuvens brancas, Himavat de aspecto gentil e benigno, permanecendo sobre o cume da montanha, dirigiu-se àquele titã dessa maneira: 'Não me atormentes, ó Dundubhi, ó tu que te deleitas com a justiça! Eu não estou interessado nas façanhas de guerreiros, mas sou um refúgio dos ascetas'.

"Ouvindo essas palavras daquele monarca justo das montanhas, Dundubhi, com os olhos vermelhos de raiva, respondeu: "Se tu não tens a força para lutar e estás paralisado de medo, então me dize quem é capaz de igualar sua bravura com a minha, pois eu gostaria de entrar em combate com ele'.

"Ouvindo isso, o sábio Himavat, hábil em discurso, respondeu àquele titã poderoso a quem ele havia falado previamente, dizendo:

"'O nome daquele herói de grande inteligência, que mora em Kishkindha, é Bali, filho ilustre de Shakra. Aquele grande sábio é um guerreiro hábil e da tua estatura, ele é bem capaz de entrar em combate contigo como Vasava com Namuchi. Vai com toda velocidade e o procura, já que tu estás sedento para lutar; ele tem pouca paciência e está sempre cheio de ardor marcial'.

"Ao ouvir as palavras de Himavat, Dundubhi em fúria foi até Kishkindha, a cidade de Bali, e assumindo a forma de um búfalo terrível com chifres pontiagudos, assemelhando-se a uma nuvem de tempestade carregada de chuva no céu, aquele titã poderoso chegou aos portões da capital. Fazendo a terra tremer com seus gritos, ele arrancou as árvores perto da entrada da cidade, quebrando-as em duas. Então, como um elefante, ele arrebentou os portões.

"Meu irmão, que estava nos aposentos internos, ouvindo o tumulto, saiu, cheio de impaciência, cercado por suas esposas, como a lua rodeada de estrelas, e aquele líder dos macacos, Bali, disse a Dundubhi em voz clara e medida:

"'Ó Dundubhi, por que tu obstruis a porta de entrada da cidade e berras dessa maneira? Eu sei quem tu és. Tem cuidado pela tua vida, ó guerreiro!'

"Ouvindo essas palavras do sagaz rei dos macacos, Dundubhi, com os olhos vermelhos de raiva, respondeu:

"'Não me trates assim na presença de mulheres, ó guerreiro! Aceita o meu desafio e me enfrenta em combate hoje, para que eu possa medir a tua força, embora, ó macaco, eu esteja disposto a conter a minha ira por uma noite, para te permitir desfrutar do prazer do amor, de acordo com o teu capricho, até o nascer do sol. Distribui esmolas, portanto, aos teus macacos e os abraça pela última vez. Tu és o rei dos cervos das árvores, cumula de favores os teus amigos e o teu povo. Olha bastante para Kishkindha; aproveita a companhia de tuas esposas, pois eu estou prestes a te castigar pela tua insolência. Matar um homem bêbado ou um que

é demente ou cuja força se esgotou ou que está sem armas ou defesa, ou um, como tu, entregue à luxúria, é considerado igual ao infanticídio no mundo'.

"Dispensando todas as suas esposas, incluindo Tara e outras, meu irmão, reprimindo sua ira, sorrindo, respondeu àquele chefe dos titãs, dizendo:

"'Não dês como um pretexto que eu estou inebriado se tu não tens medo de entrar em combate comigo! Saibas que nesse caso essa intoxicação é o vinho dos guerreiros!'

"Com essas palavras, ele lançou fora a corrente de ouro que o seu pai, Mahendra, lhe tinha dado e começou a lutar. Agarrando Dundubhi pelos chifres, que parecia uma montanha, aquele elefante entre os macacos rugiu alto e começou a atacá-lo com golpes. Depois disso Bali com um grito tremendo jogou-o no chão e o sangue começou a fluir do búfalo ferido.

"Então entre os dois combatentes, Bali e Dundubhi, loucos de raiva, cada um desejoso de superar o outro, uma luta terrível se seguiu. Meu irmão lutou com coragem incomparável, igual à de Indra, desferindo golpes com os punhos, joelhos, pés e também com pedras e árvores. O duelo entre o macaco e o titã fez o último enfraquecer, enquanto a força do primeiro cresceu. No fim, Bali, erguendo Dundubhi, o deixou cair no chão e nessa luta mortal o gigante pereceu.

"Quando ele caiu o sangue fluiu em rios das veias de seu corpo e aquele titã de membros vastos jazeu estendido no chão, tendo se reunido aos elementos.

"Levantando o cadáver inanimado em seus dois braços, Bali com um arremesso o impeliu voando a uma distância de quatro milhas. Das mandíbulas do titã, destroçadas pela violência da queda, jorrou sangue e as gotas foram levadas pelo vento até o eremitério de Matanga. Vendo aquela chuva de sangue, o sábio, descontente, refletiu: 'Que canalha perverso ousou me espargir com sangue? Quem é essa criatura má, pérfida e vil, esse louco?'

"Pensando assim, aquele muni excelente saiu do eremitério e viu o búfalo, tão grande quanto uma montanha, jazendo morto no terreno. Em virtude de suas austeridades, ele soube que um macaco era responsável por esse feito e ele pronunciou uma maldição terrível sobre aquele macaco que tinha jogado o cadáver lá dizendo:

"'Que ele nunca venha aqui! Se aquele macaco que, com um jato de sangue, profanou esse bosque, onde eu construí o meu retiro, alguma vez puser os pés nesse lugar, ele morrerá! Se aquele patife perverso que jogou o cadáver desse titã aqui, quebrando as minhas árvores, chegar dentro de quatro milhas do meu eremitério, ele certamente não sobreviverá e seus aliados, quem quer que sejam, que buscaram refúgio na minha floresta, não serão permitidos ficar aqui depois dessa maldição. Que eles vão para onde quiserem, pois eu com certeza amaldiçoarei qualquer um que ficar nesses bosques, que eu tenho protegido como a minha própria prole, e destruir a folhagem e brotos novos, arrancando as frutas e cavando as raízes. A partir de hoje, todos os macacos que eu vir aqui serão transformados em pedra pelo período de mil anos!'

"Ao ouvirem as palavras do asceta, todos os macacos que frequentavam aqueles bosques foram embora, e, vendo-os sair da floresta, Bali os questionou, dizendo:

"'Por que vocês vieram aqui, ó moradores da floresta de Matanga? Felizes são aqueles que residem na floresta!'

"Então aqueles macacos contaram a Bali, que usava um colar de ouro, a causa da sua saída e também sobre a maldição que tinha sido colocada sobre eles.

"Meu irmão, ouvindo as palavras dos macacos, procurou aquele grande rishi e com as palmas unidas tentou apaziguá-lo, mas Matanga se recusou a ouvi-lo e reentrou em seu eremitério.

"Tremendo sob a sombra daquela maldição, Bali começou a vagar sem rumo, mas, com medo da maldição, aquele macaco não se atreveu a se aproximar da grande montanha Rishyamuka ou mesmo olhar nessa direção, ó príncipe.

"Sabendo que ele nunca se aventuraria aqui, ó Rama, eu ando nessas matas com meus companheiros, livre de toda ansiedade. Os ossos empilhados de Dundubhi, vítima da arrogância que sua força inspirava nele, estão aqui e parecem o pico de uma vasta montanha. Bali com sua força tirou todas as folhas dessas sete árvores Sala gigantes com seus ramos imensos, uma após a outra. Sua força é imensurável, ó Rama; eu agora provei isso para ti. Em consequência, eu não vejo como tu podes vencê-lo em batalha, ó rei".

Assim falou Sugriva, e Lakshmana, sorrindo, então lhe perguntou: "O que Rama pode fazer para te convencer de que ele é capaz de vencê-lo?

Sugriva em seguida respondeu: "Se Rama for capaz de atravessar essas sete árvores Sala, que Bali perfurou repetidamente, com uma única flecha, então, por esse sinal, eu saberei que ele pode vencê-lo. Ao mesmo tempo, que ele com um único chute envie a carcaça do búfalo voando a uma distância do comprimento de cem arcos".

Tendo falado, Sugriva, os cantos de cujos olhos eram levemente vermelhos, refletiu por um tempo e, em seguida, dirigiu-se mais uma vez a Rama, o descendente de Kakutstha, dizendo:

"Cheio de coragem e audácia, famoso por sua força e energia, aquele macaco poderoso nunca foi derrotado em combate. Suas façanhas são famosas; os próprios deuses não são capazes de realizá-las. Foi ao me lembrar delas, cheio de terror, que resolvi me refugiar na montanha Rishyamuka. Pensando naquele Indra entre os macacos e quão invencível, irresistível e cruel ele é, eu vim para cá. Cheio de aflição e angústia, eu vagueio nessas florestas com meus companheiros dedicados e excelentes, Hanuman e outros. Tu és para mim um amigo glorioso e ilustre, ó tu que és querido para os teus amigos, ó leão entre os homens! Eu me refugio em ti como em outro Himavat; contudo, eu conheço a força do meu irmão perverso e a sua natureza arrogante, e eu não estou familiarizado com a tua habilidade como um guerreiro, ó Raghava. Seguramente, não é que eu queira te testar ou te humilhar nem te inspirar medo por contar as grandes façanhas dele. A minha própria covardia é bem conhecida! Ó Rama, a tua voz, a tua segurança, a tua audácia e a tua estatura realmente mostram o teu grande poder, que é como um fogo escondido sob as cinzas".

Ouvindo as palavras do magnânimo Sugriva, Rama começou a sorrir e respondeu-lhe, dizendo:

"Se tu não confias em nossa coragem, ó macaco, eu vou te incutir aquela confiança tão essencial na guerra".

Em seguida, com o pé, aquele herói poderoso lançou a carcaça seca daquele titã voando. Vendo a carcaça precipitando-se pelo ar, Sugriva mais uma vez se dirigiu a Rama, que era tão radiante quanto o sol, na presença de Lakshmana e dos macacos e com voz sincera disse:

"Ó meu amigo, quando aquele cadáver estava fresco e a sua carne intacta, ele foi enviado voando pelo ar pelo meu irmão, embora ele estivesse enfraquecido pela embriaguez e fadiga. Agora despojado de carne, leve como uma palha, tu o

chutaste brincando; portanto, me é impossível julgar quem é o mais poderoso, tu ou Bali. Entre um cadáver fresco e ossos secos há uma grande diferença, ó Raghava.

"Por isso eu ainda estou incerto, meu caro amigo, a respeito de quem é o mais forte, tu ou Bali, mas se tu fores capaz de perfurar mesmo uma única árvore Sala, então eu serei capaz de julgar quem é superior e quem inferior. Portanto estica aquele arco, que parece a tromba de um elefante, e puxando a corda até a tua orelha, dispara aquela grande seta, que, eu estou certo, penetrará a árvore Sala e por esse sinal eu ficarei satisfeito. Eu te imploro, ó príncipe, para me fazer esse grande favor. Como entre os planetas o sol é o maior e entre as montanhas as Himalayas, assim como entre os quadrúpedes o leão é o rei, desse modo entre os homens tu és supremo em valor".

Capítulo 12 – A luta entre Sugriva e Bali

Ouvindo o discurso gracioso de Sugriva, Rama, para inspirá-lo com confiança, pegou seu arco e uma flecha formidável, e fazendo pontaria, perfurou as árvores Sala, enchendo o firmamento com o som.

Disparada por aquele guerreiro poderoso, a flecha, decorada com ouro, passou através das sete árvores Sala e, entrando na montanha, enterrou-se na terra. Em um piscar de olhos aquela flecha com a velocidade de um raio, tendo perfurado as sete árvores com extrema velocidade, voltou para a aljava de Rama.

Vendo aquelas sete árvores perfuradas pela seta impetuosa de Rama, aquele touro entre os macacos ficou extremamente surpreso e, tomado de alegria, enfeitado com todos os seus ornamentos, prostrou-se diante de Raghava com as palmas unidas, sua testa tocando o chão.

Espantado com a destreza de Rama, ele se dirigiu àquele grande guerreiro, perito nas tradições escriturais, como também na utilização de cada arma, que estava diante dele e disse:

"Ó leão entre os homens, com as tuas flechas, tu és capaz de destruir todos os deuses com seu rei em combate, por que não Bali também? Ó Kakutstha, quem pode resistir a ti no campo de batalha, tu, que perfuraste sete árvores Sala, a montanha e a terra com uma única flecha! Agora as minhas ansiedades estão dissipadas e a minha satisfação completa. Onde eu poderia encontrar um amigo como tu, que és igual a Mahendra e Varuna? Por minha causa subjuga o meu adversário na forma de um irmão, eu te imploro!"

Rama, abraçando o belo Sugriva, como Lakshmana, em sua grande sabedoria lhe respondeu, dizendo:

"Vamos partir daqui sem demora para Kishkindha. Que tu nos precedas. Quando chegarmos àquela cidade, ó Sugriva, tu deves desafiar Bali, que é um irmão só no nome".

Depois disso eles partiram com toda pressa para Kishkindha, a capital de Bali. Escondendo-se atrás de algumas árvores, eles pararam em uma mata densa, onde Sugriva lançou desafio a Bali com um rugido profundo e desafiador. Com suas roupas envolvidas firmemente em volta dele, ele gritou com toda a sua força, quebrando o silêncio do firmamento.

Quando o poderoso Bali ouviu seu irmão emitindo esse tremendo clamor, ele ficou lívido de raiva e correu para fora como o sol nascendo sobre o topo da

montanha. Então uma luta terrível se seguiu entre Bali e Sugriva, parecendo a colisão de Marte e Júpiter, nos céus.

Com o golpe de suas palmas como o estrondo do trovão e seus punhos que eram tão duros quanto diamantes, os dois irmãos, cheios de fúria, atacaram um ao outro, enquanto Rama, de arco na mão, observava aqueles dois combatentes, que pareciam os Ashvins.

Não podendo distinguir entre Bali e Sugriva, Rama estava relutante em disparar sua seta mortífera. Então Sugriva, derrotado por Bali, vendo que Rama se abstinha de vir em seu auxílio, correu para a montanha Rishyamuka. Exausto, com seus membros cobertos de sangue, subjugado pelos golpes do irmão, que o afligiu furiosamente, ele se refugiou na vasta floresta. O poderoso Bali, vendo-o penetrar profundamente na floresta, disse:

"Vai! Eu te pouparei!", ele próprio não se aventurando a entrar lá, por medo da maldição.

Então Rama, acompanhado por seu irmão e Hanuman, reentrando na mata, encontrou o macaco Sugriva. Quando o último viu Rama retornando com Lakshmana, ele abaixou a cabeça envergonhado e com uma voz chorosa, com os olhos fixos no chão, disse:

"Depois de demonstrar tua força tu deste a ordem: 'Desafia o teu adversário!' Então tu lhe permitiste me derrotar. Por que fizeste isso? Ó Raghava, tu deverias ter me dito francamente: 'Eu não desejo matar Bali', então eu não teria deixado este lugar". Assim, em tons tristes e reprovadores Sugriva de grande alma falou, e Rama respondeu-lhe, dizendo:

"Ó Sugriva, meu caro amigo, não te atormentes, mas ouve a razão pela qual eu não disparei minha seta. Teus ornamentos, roupas, forma e gestos e os de Bali pareciam tanto uns com os outros que não havia diferença entre vocês! A voz, cor, aparência, bravura e fala eram totalmente semelhantes, ó macaco! Desconcertado pela tua semelhança exata, ó melhor dos macacos, eu não soltei a minha flecha mortífera veloz e terrível, a matadora do inimigo, por esse motivo.

"'É preciso ter cuidado para não destruir os dois', eu refleti. Realmente, se eu tivesse acabado com a tua existência, ó chefe dos macacos, por ignorância ou descuido, então minha estupidez e negligência teriam sido evidentes. Matar um aliado é seguramente um pecado grande e hediondo. Além disso, eu, Lakshmana e Sita de cor clara somos totalmente dependentes de ti; na floresta, tu és nosso amparo. Entra mais uma vez em combate, portanto, e não temas nada, ó macaco. Em um piscar de olhos tu me verás perfurando Bali com minha flecha e derrubando-o; tu o verás se contorcendo no campo de batalha. No entanto, usa um sinal distintivo, ó chefe dos macacos, com a ajuda do qual eu possa te reconhecer no meio da luta. Ó Lakshmana, essas flores Gajapushpi desabrochadas e belas, coloca em volta do pescoço do magnânimo Sugriva".

Arrancando a Gajapushpi florescente de onde ela crescia, Lakshmana colocou-a em volta do pescoço de Sugriva. A trepadeira que o afortunado Sugriva usava no pescoço era tão brilhante quanto o sol e se assemelhava a um círculo de grous iluminando uma nuvem sobre a qual eles estão planando. Brilhando com beleza e encorajado pelas palavras de Rama, Sugriva partiu na estrada para Kishkindha com ele.

Capítulo 13 – O eremitério de Saptajanas

O irmão mais velho virtuoso de Lakshmana, junto com Sugriva, deixou a montanha Rishyamuka e seguiu em direção a Kishkindha, que era mantida pelo valor de Bali, Rama levando seu arco dourado e carregando suas flechas que brilhavam como o sol em sua mão.

Sugriva, com o pescoço adornado com uma coroa de flores, cheio de coragem, caminhava à frente dos magnânimos Raghava e Lakshmana, atrás de quem vinha o herói Hanuman com Nala, o valente Nila e o ilustre general Tara, famoso entre os macacos.

Eles observaram as árvores inclinadas com o peso de suas flores e os rios levando suas águas calmas para o mar. As ravinas e rochedos com seus abismos, cavernas, picos e vales charmosos, os lagos com suas águas límpidas de cor esmeralda, adornadas com botões de lótus abrindo, atraíam seu olhar enquanto eles passavam. Patos, grous, cisnes, galinholas e outras aves aquáticas eram ouvidas chamando, enquanto nas clareiras dos boques cervos podiam ser vistos pastando na grama macia e brotos jovens, sem medo dos animais selvagens que percorriam todos os lugares.

Elefantes selvagens e ferozes adornados com presas de marfim, que eram uma verdadeira ameaça para os lagos, por fazerem as margens desmoronarem, perambulavam aqui e ali e, inebriados com suco Mada, golpeando suas testas contra as rochas, pareciam montanhas moventes. Macacos tão grandes quanto elefantes, cobertos de poeira e todas as espécies de animais selvagens e de aves foram vistos pelos seguidores de Sugriva enquanto eles seguiam seu caminho.

Avançando assim com toda pressa, a alegria da Casa de Raghu, Rama, vendo um bosque de árvores, consultou Sugriva: "O que é esse grupo de árvores como uma nuvem no céu? De fato elas parecem com uma massa de nuvens rodeadas por bosques de bananeiras! Grande é a minha curiosidade a respeito delas, ó meu amigo. Eu desejo saber de ti o que elas são".

Após essa pergunta de Rama, Sugriva, ainda caminhando adiante, contou-lhe a história daquela grande floresta. "Ó Rama! Esse é um vasto eremitério que remove todo cansaço e inclui muitos jardins e bosques agradáveis; as raízes, frutas e águas são deliciosas. Sob o nome de Saptajanas, sete Munis de votos rígidos viviam lá, permanecendo na água, só as suas cabeças emergindo dela. A cada sete dias eles compartilhavam de alimento, que era o vento da montanha na qual eles moravam. Depois de setecentos anos eles subiram ao céu em seus corpos. Através do poder do seu ascetismo, esse eremitério, cercado por uma sebe de árvores, é inacessível até para os deuses e os asuras, assim como para os seus líderes. As aves o evitam, como também os outros animais da floresta; aqueles que entram involuntariamente nunca mais voltam. Melodias encantadoras são ouvidas saindo de lá com a música de instrumentos e canto. Às vezes uma fragrância divina se espalha a partir de lá, ó Raghava, e três fogos são acesos; é a sua fumaça que se pode ver daqui; as copas das árvores são envolvidas nela como uma nuvem dourada, lembrando a plumagem de uma pomba.

"Essas árvores são magníficas com seus topos coroados com fumaça, como montanhas de esmeralda coroadas com nuvens de chuva. Presta homenagem com reverência a eles com palmas unidas, ó valente Raghava, como também teu irmão, Lakshmana. Aqueles que oferecem saudações àqueles rishis de alma pura não sofrem nada que seja doloroso".

Então Raghava, com seu irmão Lakshmana, com palmas unidas, ofereceu saudações aos ascetas ilustres. Tendo prestado reverência a eles, o virtuoso Rama, seu irmão Lakshmana e Sugriva com seus macacos seguiram adiante alegremente.

Tendo deixado o eremitério de Saptajanas para trás, eles contemplaram a inacessível Kishkindha protegida por Bali. Rama, seu irmão mais novo Lakshmana e os macacos, famosos por sua coragem, pegando suas armas, mais uma vez se prepararam para matar seu inimigo naquela cidade que o filho do chefe dos deuses protegia por sua bravura.

Capítulo 14 – Sugriva novamente desafia seu irmão para lutar

Retornando para Kishkindha, a cidade de Bali, todos eles se esconderam atrás das árvores na floresta densa. Olhando em volta para todos os lados, o amigo dos bosques, Sugriva de pescoço grosso, começou a exibir sinais de raiva extrema e, cercado por seus parentes, soltou um rugido alto, desafiando seu irmão para lutar. Abalando o firmamento com o seu grito de guerra que parecia uma grande nuvem de tempestade movida por um vento forte, aquele macaco, que era dotado de um andar leonino e se parecia com o sol nascente, adiantou-se.

Olhando para Rama que era hábil em combate, Sugriva disse a ele: "Contempla Kishkindha, cercada por suas muralhas feitas de ouro e uma plataforma de macacos, que está cheia de instrumentos da guerra e de onde inúmeros estandartes flutuam. Essa é a fortaleza de Bali. Agora cumpre a promessa antigamente feita a mim de matá-lo, ó herói, como a bênção da primavera visita as trepadeiras".

Às palavras de Sugriva, o virtuoso Rama, o destruidor de seus inimigos, respondeu: "Tu estás usando aquilo que vai me permitir te diferenciar, essa guirlanda de flores Gaja, colocada por Lakshmana em volta do teu pescoço! Essa trepadeira usada por ti te empresta o brilho do céu no qual o sol está cercado pelas estrelas, ó guerreiro. Hoje, ó macaco, eu vou te livrar do medo e hostilidade que Bali inspira em ti. Indica o teu adversário sob o disfarce de um irmão, ó Sugriva! Até que Bali seja derrubado na floresta, que ele se alegre, pois quando ele cruzar o meu caminho ele não retornará vivo. Se ele o fizer, tu serás justificado em me criticar por não honrar a minha palavra.

"Na tua presença, sete árvores Sala foram trespassadas por mim com uma única flecha; tem certeza de que Bali cairá hoje no campo de batalha sob as minhas flechas.

"Nenhuma palavra trivial alguma vez passou pelos meus lábios, mesmo na adversidade, nem jamais passará, mesmo que fosse para atingir o meu propósito; portanto, bane toda a ansiedade.

"Como um campo fertilizado pelas chuvas de Shatakratu, que tu desafies Bali de diadema dourado. Ó Sugriva, dá um grito que faça sair aquele macaco, orgulhoso de sua vitória, a quem foste incapaz de subjugar antes, e que é belicoso por natureza. Aqueles que se consideram bravos não são capazes de suportar o grito de guerra de seus inimigos, sobretudo na presença de mulheres".

Ouvindo as palavras de Rama, Sugriva de cor dourada soltou um rugido ensurdecedor, rasgando os céus.

Aterrorizadas pelo clamor, as vacas correram para lá e para cá, como mulheres nobres expostas ao perigo de ataque hostil pela negligência de seus bem-

amados, e os cervos selvagens fugiram para longe como cavalos de guerra enlouquecidos feridos em batalha, enquanto as aves caíram no chão como planetas cuja virtude está esgotada.

Então aquele filho de Surya emitiu um rugido semelhante a um trovão, confiante em sua força e radiante com coragem, como o oceano cujas ondas são açoitadas por uma tempestade.

Capítulo 15 – O conselho de Tara para Bali

Seu irmão Bali, que estava sentado no meio de suas esposas nos aposentos internos, ouviu o grito do magnânimo Sugriva e encheu-se de ira. Quando ele percebeu o som daquele tumulto, causando terror a todos os seres, seus sentimentos de luxúria mudaram para aqueles de raiva violenta e, com seus membros tremendo de fúria, de repente, ele que antes brilhava como ouro perdeu seu brilho, como o sol sob o eclipse. Rangendo os dentes, com seus olhos flamejando com fogo, ele parecia um lago do qual os lótus foram arrancados. Ao ouvir aquele grito insuportável, aquele macaco adiantou-se com muita pressa, pisando sobre a terra como se desejasse quebrá-la.

Então Tara, abraçando-o com ternura, mais uma vez declarou sua devoção por ele e, tímida e perturbada, se dirigiu a ele nestas palavras, a sabedoria das quais o futuro iria provar:

"Ó bravo guerreiro, essa raiva que tomou conta de ti é como uma torrente; que tu a abandones, como ao levantar pela manhã tu jogas de lado uma guirlanda murcha. Amanhã ao amanhecer entra em combate com Sugriva, ó valente morador da floresta, pois tu ainda não conheces a força ou a fraqueza do teu inimigo. Eu não aprovo que tu partas imediatamente. Ouve enquanto eu te digo a razão pela qual eu procuro te atrasar!

"Anteriormente Sugriva, com muita raiva, veio aqui e te desafiou para lutar, mas, derrotado e oprimido pelos teus golpes, ele fugiu. Tendo sido atacado e subjugado dessa maneira, ele agora retorna para desafiar-te novamente, o que desperta a minha suspeita. Rugir assim de uma forma tão insolente e arrogante, tão cheio de ira, não é feito sem um motivo específico. Em minha opinião, Sugriva não voltou sozinho, mas tem uma escolta que está pronta para correr em sua defesa; por isso esse grito de desafio. Sugriva é um macaco naturalmente inteligente e sagaz e nunca se aliará com alguém cujo valor não foi testado. Isso, ó guerreiro, é o que eu ouvi do jovem príncipe Angada; portanto fica atento e tem cuidado; isso é para o teu bem! Ele me disse tudo o que ele ouviu de seus emissários a respeito de Sugriva enquanto viajando na floresta. Dois filhos nasceram para o rei de Ayodhya, cheios de coragem, invencíveis em combate; eles são da Casa de Ikshvaku e são renomados; seus nomes são Rama e Lakshmana.

"Esses dois heróis indomáveis selaram um pacto de amizade com Sugriva, e esse aliado do teu irmão é Rama, famoso por suas façanhas militares, o destruidor de exércitos inimigos, que parece o fogo no final do ciclo do mundo. Ele mora na floresta e é o refúgio supremo de todos os virtuosos que procuram sua proteção. Ele é o amparo dos oprimidos, o único repositório de toda glória e está familiarizado com o conhecimento mundano e espiritual; seu prazer consiste em cumprir as ordens de seu pai.

"Como o rei das montanhas é um tesouro de metais preciosos, assim ele é uma mina de todas as boas qualidades. É a paz e não a guerra que tu deves procurar com aquele magnânimo, o invencível Rama, cuja destreza no campo de batalha não tem limite. Ó herói, eu não tenho nenhum desejo de me opor a ti, mas te digo isso para o teu bem. Portanto, dá atenção ao meu conselho! Não busques uma disputa com teu irmão mais novo, ó monarca valente. Eu estou certa de que será vantajoso para ti contrair uma amizade com Rama. Reconcilia-te com Sugriva e coloca todos os pensamentos de ódio longe de ti. Teu irmão mais novo é um habitante da floresta de qualidades amáveis. Ele more aqui ou lá, ele está ligado a ti de todos os pontos de vista, e eu não vejo ninguém como ele no mundo. Com presentes, honras e de outras maneiras, o vincula a ti através da bondade. Abandona a tua má vontade e o deixa no futuro morar perto de ti. Sugriva de pescoço grosso é um aliado poderoso, valioso e natural. Reconquista a afeição do teu irmão; não há outro caminho para a felicidade para ti aqui. Se tu desejas me agradar e reconheces a minha devoção por ti, então em nome do afeto, ó meu amigo, eu te imploro para agir como eu aconselhei. Segue o meu conselho que é salutar; confia em mim e não cede à raiva; vive em paz com o filho do rei de Koshala; não briga com ele, seu valor é igual ao de Indra".

Com essas palavras, que eram cheias de sabedoria e que o teriam permitido se salvar, Tara se dirigiu a Bali, mas ele se recusou a ouvir e, impelido pela força do destino, avançou para encontrar sua morte.

Capítulo 16 – Rama inflige um ferimento mortal em Bali

Assim falou Tara, cuja face era tão radiante quanto a lua, e Bali respondeu em tom de censura, dizendo:

"Quando meu irmão, que é acima de tudo meu adversário, me desafia em fúria, como eu tolerarei isso, ó senhora de rosto adorável? Os corajosos que não estão acostumados a suportar insultos e que nunca recuam em batalha, ó tímida, prefeririam a morte a tal ignomínia. Eu não posso ignorar Sugriva de pescoço fraco que, em sua determinação de entrar em combate, me fez um desafio tão insolente.

"Eu não tenho ansiedade em meu nome sobre Raghava, pois ele é familiarizado com o dharma e piedoso por natureza. Como ele poderia proceder mal? Volta para casa com as tuas companheiras! Por que me seguir mais? Tu demonstraste a tua terna devoção o suficiente! Eu estou prestes a sair para lutar com Sugriva; controla as tuas emoções. Eu punirei sua insolência, mas não tirarei sua vida. Eu entrarei em combate com ele, já que ele deseja isso, e, atacado pelos golpes desferidos com meus punhos e pelos os troncos das árvores, ele fugirá. Aquele covarde não será capaz de resistir à minha força e destreza. Ó Tara, tu me acompanhaste longe o bastante e mostraste a tua afeição por mim suficientemente, agora volta, e eu, tendo obtido satisfação de meu irmão no campo de batalha, te seguirei, eu juro pela minha vida e raça".

Então a virtuosa Tara, abraçando Bali e falando ternamente a ele, chorando, o circungirou, mantendo-o à sua direita, e despedindo-se dele de acordo com a tradição e recitando os textos sagrados para que ele pudesse retornar vitorioso, ela reentrou nos aposentos internos, perturbada pela angústia.

Quando Tara chegou ao santuário interno com as outras mulheres, Bali, perturbado com raiva, saiu da cidade, sibilando como uma grande serpente. Cheio

de ira, respirando pesadamente, ele correu com toda a sua força, olhando em volta para todos os lados, ansioso para encontrar seu adversário.

Finalmente ele viu aquele macaco poderoso, Sugriva de cor dourada, vestido com armadura excelente, cheio de confiança, parecendo um braseiro, e, vendo-o cheio de orgulho, Bali enrolou suas vestes mais firmemente em volta dele, vítima de raiva extrema. Tendo assim envolvido seu traje, com os punhos cerrados, cheio de vigor, ele avançou para enfrentar Sugriva e engajá-lo em combate. De seu lado, Sugriva, também cerrando os punhos de raiva, foi ao encontro de seu irmão, que estava usando uma coroa de ouro.

Então Bali, abordando Sugriva, cujos olhos estavam vermelhos de raiva, que era hábil na arte de lutar e estava avançando em direção a ele em fúria, disse:

"Com este punho cerrado, com meus dedos firmemente fechados, eu te darei um golpe que te fará abandonar a tua vida".

Ao ouvir essas palavras, Sugriva, lívido de raiva, respondeu: "É o meu que expulsará o ar vital de ti por cair sobre a tua cabeça". Depois disso, atacado violentamente por Bali, ele atirou-se sobre ele em fúria, rios de sangue escorrendo dele, como uma montanha da qual caem torrentes. Imperturbável, Sugriva, arrancando uma árvore Sala, atingiu o corpo de seu rival como o relâmpago derruba um pico de montanha. Atingido pela árvore Sala que o enfraqueceu, Bali parecia um navio fortemente carregado, afundando com toda a sua carga nas ondas. Dotados de força impressionante e tão ágeis quanto Suparna, ambos lutaram como dois gigantes formidáveis lembrando o sol e a lua no céu. Cada um desses dois destruidores de seus inimigos procurava encontrar o ponto fraco do inimigo.

Bali se sobressaía em força e valor enquanto o filho de Surya, Sugriva, apesar de sua grande energia, era o mais fraco, e, sua coragem começando a diminuir, ele parou de se gabar e, furioso com seu irmão, fez um sinal para Rama.

As árvores arrancadas com seus ramos e copas, os golpes de punhos, joelhos e pés, caíam intensamente e rapidamente na luta formidável que parecia o duelo entre Vritra e Vasava. Cobertos de sangue, os dois macacos, residentes na floresta, enquanto lutavam se assemelhavam a duas nuvens de tempestade colidindo com um grande barulho.

Rama, observando Sugriva, o príncipe dos macacos, exausto esquadrinhando o horizonte sem deixar de lutar, e, vendo que ele quase estava derrotado, escolheu uma seta para matar Bali, e aquele grande herói esticou seu arco e com aquela flecha, semelhante a uma serpente venenosa, o segurou preparado, como Antaka, portando a Roda do Tempo. A vibração da corda do arco causou alarme entre as aves, que voaram para longe, como também os animais selvagens que fugiram aterrorizados como no final do período do mundo.

Disparada por Rama com um som como o estrondo do trovão, aquela flecha formidável de aspecto deslumbrante perfurou o peito de Bali, e sob o seu impacto fatal o poderoso e valente rei dos macacos caiu por terra, parecendo a bandeira de Indra impiedosamente jogada ao chão no dia da lua cheia no mês da constelação de Áries.

Ferido e inconsciente, Bali caiu, com sua a estrangulada por soluços que cessaram gradualmente. Rama, o mais forte dos homens, atirou aquela flecha formidável, ardente e mortífera, brilhante como ouro, parecendo o próprio Tempo no fim do mundo, que brotou como fumaça saindo da boca flamejante de Hara, e, com sangue escorrendo parecia uma árvore Ashoka florescente na encosta da montanha, após o que o filho de Vasava, como a bandeira de Indra que foi derrubada, caiu sem sentidos no campo de batalha.

Capítulo 17 – Bali repreende Rama

Atingido pela seta de Rama, aquele guerreiro valente caiu ao solo, como uma árvore cortada por um machado. Com seus ornamentos de ouro fino, seus membros paralisados, ele caiu ao chão, como a bandeira do chefe dos deuses, com sua corda cortada.

Na queda do rei dos macacos, a terra escureceu, como o firmamento sem a lua. Embora jazendo sobre a terra, o corpo de Bali de grande alma não ficou desprovido de sua beleza nem de seu ar vital, nem a sua coragem lhe faltou, pois aquele colar de ouro excelente que Indra tinha lhe concedido preservava a vida, a força e a beleza daquele senhor dos macacos. Adornado com aquela corrente dourada, o heroico chefe dos macacos se parecia com uma nuvem ao anoitecer tingida com os tons róseos do crepúsculo! Sua corrente, seu corpo e a flecha perfurando seu coração resplandeciam em glória tripla, mesmo depois de ele ter caído. Aquela flecha disparada pelo valente Rama de seu arco, por sua virtude abrindo o caminho para o céu, levou libertação suprema a Bali.

Jazendo no campo de batalha, como um fogo sem chama, ele parecia Yayati expulso dos reinos divinos, caído na terra, com seus méritos esgotados. Como o sol naquele Tempo, no fim do mundo, lança-se sobre a terra; inaproximável como Mahendra, inacessível como Upendra, com seu colar de ouro, seu peito largo, seus braços imensos, sua boca inflamada, seus olhares selvagens, aquele filho de um rei poderoso jazia. E Rama, seguido por Lakshmana, com os olhos fixos nele, aproximou-se daquele guerreiro jazendo lá como uma chama pura prestes a ser extinta. Cheios de respeito por aquele herói, que estava olhando para eles, os dois irmãos valentes, Rama e Lakshmana, se aproximaram com passos lentos.

Ao vê-los, o supremamente corajoso Bali proferiu estas palavras duras, que pareciam ao mesmo tempo comedidas e justas. Esticado sobre a terra, quase sem esplendor, mortalmente ferido, imóvel, em palavras plenas de significado ele se dirigiu àquele guerreiro orgulhosamente, dizendo:

"Atingindo-me por trás, que mérito tu esperas ganhar por isso, ó tu que infligiste um ferimento mortal em mim, enquanto eu estava envolvido em combate com outro? 'O virtuoso Rama é cheio de nobreza, generosidade e coragem; ele é compassivo, dedicado ao bem-estar de todos os seres, fixo em seu dever; gracioso, onipotente e familiarizado com as regras de conduta e austeridade'; esses são os louvores cantados de ti, esses são os méritos atribuídos a ti por todo o mundo!

"Autodomínio, paciência, lealdade, firmeza de propósito, boa vontade e heroísmo são as virtudes dos reis, ó príncipe, como também a repressão de maus atos. Foi refletindo sobre essas virtudes, acreditando que elas eram tuas, que eu vim lutar com Sugriva. 'Enquanto eu estiver cheio de raiva e envolvido em combate com outro ele não vai me atacar' era a minha convicção, mesmo sem te conhecer. Agora eu percebo que tu és uma criatura perversa, fingindo piedade enquanto na verdade tu és como um poço escondido na grama, sem fé e recorrendo a ações más. Virtuoso externamente, usando o manto de integridade, tu és na realidade um patife, como um fogo oculto por cinzas, nem eu te reconheço por trás da encobridora máscara de virtude.

"Visto que eu não devastei a tua terra, nem a tua cidade e não te ofereci insulto, por que tu me destruíste – eu que sou inocente e que sempre me alimentei

de frutas e raízes, um macaco residente na floresta, que nunca procurei entrar em combate contigo, mas que estava empenhado em lutar com outro? Tu és um filho de um rei e inspiravas confiança pelo teu aspecto benigno e, além disso, tu usas a farda de santidade; quem da casta guerreira, familiarizado com o que é bom e mau, no traje de um homem justo, cometeria um ato tão perverso?

"Tu nasceste da Casa de Raghu e és citado como virtuoso, como podes, assumindo o disfarce de um asceta, te desviar dessa maneira? Equanimidade de alma, generosidade, tolerância, justiça, lealdade, constância e coragem são as características de um rei, ó príncipe, também a imposição de punição aos culpados.

"Nós vivemos na floresta, ó Rama, e somos apenas animais selvagens que se alimentam de raízes e frutas, o que é natural para nós; mas tu és um homem, ó príncipe! Terra, ouro e beleza são as causas da discórdia, mas aqui na floresta, quem nos invejaria frutas e raízes? Em questões mundanas e espirituais, bem como na distribuição de recompensa e punição, um rei deveria ser inteiramente entregue à tarefa de governar e não dominado por qualquer desejo de prazer, mas tu és consumido pelos teus desejos; irascível, inquieto, desrespeitando o código real, o teu arco é o teu argumento estimado! Tu não segues o caminho do dever nem a tua mente se preocupa com os interesses do povo; um escravo da luxúria, tu permites que os teus sentidos te governem, ó chefe de homens. Em resumo, Kakutstha, tu me mataste, que nunca te fiz nenhum mal! Como tu responderás na assembleia dos justos, tendo cometido esse ato condenável?

"O regicida, a brahmanicida, o matador de vacas, o ladrão e aquele que encontra prazer na destruição de outros seres, o incrédulo e aquele que se casa antes de seu irmão mais velho, todos esses vão para o inferno. O informante, o avarento, aquele que mata seu amigo ou contamina a cama de seu guru, sem dúvida, desce para a região dos malfeitores!

"Não é permitido aos bem-nascidos se vestirem com a minha pele, nem podem aqueles, como tu, compartilhar de minha carne se eles seguem a tradição. Há cinco tipos de animais possuidores de cinco unhas em cada pata que podem ser desfrutados pelo brâmane e pelo guerreiro, ó Rama. Eles são o porco-espinho, o ouriço, o veado, a lebre e a tartaruga.[309] Ó Rama, homens de valor não tocarão a minha pele ou ossos nem comerão a minha carne.

"Ai de mim! Eu ignorei Tara, que, sagaz e prudente, me ofereceu bom conselho, mas na minha tolice, dominado pelo destino, eu não o acatei. Ó Kakutstha, como uma mulher virtuosa que se casou com um homem desprovido de fé, a terra está sem um protetor, uma vez que tu és o seu protetor. Como tu podes ter nascido do magnânimo Dasaratha, visto que tu és enganoso, malicioso, de mau coração e traiçoeiro? Tendo excedido os limites de restrição, violado a lei dos virtuosos e ignorado o aguilhão da justiça, esse elefante, Rama, me derrubou. Culpado de tal infâmia, condenado pelos sábios, encontrando-te na presença deles, o que tu dirás?

"Aquela bravura que foi tão alardeada para nós, que somos neutros, eu não te vejo exercendo contra os malfeitores! Se tu tivesses lutado abertamente comigo, ó príncipe, tu estarias agora te encontrando na presença da morte, tendo sido morto por mim. Tu me derrotaste por me pegares desprevenido, como uma serpente morde um homem adormecido, eu que de outro modo era invencível. Tu és governado pelo mal. Para satisfazer a Sugriva, tu me derrubaste.

[309] [Manu, V. 18].

"Se tu tivesses primeiro confidenciado o teu propósito a mim, eu teria trazido Sita de volta para ti em um dia. Não só isso, mas eu teria colocado aquele sequestrador perverso da tua esposa, o titã, Ravana, em teu poder, com uma corrente em volta do pescoço, tendo-o abatido em combate. Mesmo se Sita tivesse sido lançada no fundo do mar ou no próprio inferno, eu a teria trazido de volta para ti por tua ordem, como Vishnu recuperou as escrituras que foram levadas por Hayagriva.

"Sugriva teria obtido o trono legitimamente após a minha partida para o reino celeste, ao passo que agora ele o adquiriu ilicitamente, já que tu me venceste por artifício no campo de batalha. Como a morte nesse mundo é inevitável, eu a considero como nada, mas como tu justificarás a tua conduta para comigo?"

Desse modo, perfurado por uma flecha, com suas feições alteradas, aquele filho magnânimo do monarca dos macacos falou enquanto olhava para Rama, que era radiante como o sol, depois do que ele ficou em silêncio.

Capítulo 18 – Rama responde a Bali

Esse foi o discurso, ditado por um senso de dever e por seus próprios interesses, cheio de censura e de tom duro, que Bali, que estava mortalmente ferido, fez para Rama. Assemelhando-se ao sol desprovido de seus raios ou uma nuvem ressecada ou um fogo que foi extinto, aquele ilustre rei dos macacos, dotado de justiça e razão, tendo repreendido Rama com severidade, foi abordado por ele com as seguintes palavras:

"Ó Bali, por que tu investes contra mim como uma criança, visto que és totalmente ignorante das tradições do dever, do lucro e da convenção social?[310] Sem consultar os teus superiores, que são respeitados pelos brâmanes, em tua tolice símia tu te atreves a me tratar assim, que estou cheio de boa-vontade para contigo.

"Essa terra pertence aos Ikshvakus, junto com suas montanhas, florestas e bosques e eles têm jurisdição sobre os animais selvagens, aves e homens. Ela é governada pelo virtuoso Bharata, que é fixo em seu dever e totalmente familiarizado com a lei, com os meios adequados para aquisição de riqueza e a correta busca de prazer e que está sempre empenhado em reprimir os malfeitores e recompensar os virtuosos. É dever de um rei desenvolver a arte de governo, ser estabelecido na virtude, ser dotado de valor e saber como estimar hora e lugar. Nós outros príncipes cumprimos as suas ordens justas e percorremos toda a terra em nosso desejo de promover a lei. Quando aquele leão entre os homens, Bharata, que preza a equidade, governa o mundo inteiro, quem ousaria cometer uma injustiça? Fixos em nosso dever supremo, obedientes à vontade de Bharata, de acordo com a lei, nós suprimimos a transgressão. Tu violaste a justiça e a tua conduta é condenada por todos, a luxúria sendo o teu único mentor, ignorando como ignoras o caminho real.

"Alguém que segue o caminho do dever deve considerar seu irmão mais velho, aquele que lhe deu nascimento e aquele que o instrui em sabedoria como seus três pais. A retidão exige que um irmão mais novo, um filho e um discípulo virtuoso sejam considerados como a própria prole; mesmo para os virtuosos, o dever

[310] Veja o Glossário em Dharma, Artha e Kama.

é sutil e não é fácil de compreender, só a alma residente no coração sabe o que é certo e errado.

"Ó macaco desatento, tu estás cercado por conselheiros símios irresponsáveis, que são incapazes de se controlar, portanto, é um caso de um cego guiando outro cego, como podes aprender com eles? Eu estou te falando francamente; tu não tens nenhum direito concebível de me repreender em minha ira. Saibas agora por qual razão eu te derrubei.

"Tu agiste em oposição à lei espiritual. Enquanto Sugriva ainda vive, tu tiveste relações conjugais com Ruma, que é tua cunhada. Ó patife perverso, a fim de satisfazer a tua luxúria, tu violaste a lei da justiça e, ó macaco, já que tu não respeitaste a esposa do teu irmão, essa retribuição te seguiu. Eu não vejo outro meio de reprimir aquele que age em desacordo com os interesses de seus súditos, e não age de acordo com o código social, exceto por punição, ó rei dos macacos!

"Sendo um guerreiro de uma família ilustre, eu sou incapaz de tolerar a tua vilania. O homem que faz de sua filha, sua irmã ou sua cunhada um objeto de desejo é punível com a morte; essa é a lei!

"Embora Bharata seja o monarca supremo, nós cumprimos as suas ordens. Como tu que violaste a lei podes escapar da punição? Aquele que não consegue ouvir seu instrutor na forma da lei será julgado de acordo com a lei pelo rei.

"Bharata procura reprimir costumes dissolutos, e nós, que realizamos as suas ordens totalmente tentamos levar à justiça aqueles que, como tu, ultrapassam os limites da lei, ó chefe dos macacos.

"Sugriva é meu amigo e igual a Lakshmana, é para a recuperação de sua esposa e reino que ele entrou em um pacto de amizade comigo. Na presença de seus ministros, eu dei a minha palavra; como pode um homem como eu falhar em cumprir essas obrigações?

"Por todas essas razões baseadas na lei, tu podes julgar por ti mesmo se o teu castigo é merecido ou não. Que ele é totalmente justo, tu serás forçado a admitir e, além disso, aquele que reconhece o próprio dever é obrigado a ajudar um amigo. Tu terias feito o mesmo se tu seguisses a lei. Dois dos versos de Manu são especialmente dedicados a essas regras de conduta e são conhecidos como as autoridades da lei; e tenho sido fiel a eles. 'Aqueles homens que, tendo cometido crime, se submetem à penalidade imposta pelo rei, ficam livres de toda mácula e sobem ao céu como os bons e os que fazem atos benevolentes. Além disso, a punição ou perdão exonera o ladrão de sua culpa, mas o rei que não suprime o vício assume ele mesmo a culpa'.[311]

"O meu digno ancestral Mandhata voluntariamente passou por uma expiação terrível por um monge que era culpado de um delito semelhante ao teu a quem ele perdoou. Outros monarcas, em sua tolice, também cometeram delitos, mas praticaram penitência; é por esse meio que a paixão é subjugada. Mas chega de recriminações! A tua morte foi decretada de acordo com a lei espiritual, ó leão entre os macacos; nós não estamos agindo por impulso pessoal.

"Ouve mais uma razão, ó valente touro entre os macacos; tendo compreendido o seu significado, tu não poderás mais me criticar. Nem eu sigo o meu próprio capricho, nem eu agi precipitadamente, nem com raiva.

"Laços, redes e armadilhas de todos os tipos, expostos ou escondidos, são usados para capturar inúmeros animais selvagens, estejam eles fugindo aterrorizados, ou sem medo, estejam parados. Esses animais estejam

[311] [Manu, VIII. 318 e 316].

enlouquecidos com medo ou não, aqueles que se alimentam de carne os executam sem piedade, enquanto eles estão de costas; não me parece que eles estejam errados. Nesse mundo, até rishis nobres, versados em seu dever, se dedicam à caça. É por isso que, com uma única flecha, eu te atingi, enquanto engajado em combate com teu irmão, ó macaco. O que adianta se tu entraste em combate comigo ou não, visto que tu és apenas um macaco?[312]

"Inquestionavelmente são os reis que ministram a lei não escrita e a felicidade na vida, ó melhor dos macacos! Não se deve nunca repreendê-los, nem tratá-los de maneira desrespeitosa, nem ignorá-los; eles são deuses que, assumindo a forma humana, habitam sobre a terra! Mas tu na tua ignorância da lei, dominado pela raiva, insultaste a mim, que sempre agi conforme a tradição estabelecida dos meus antepassados".

Ouvindo as palavras de Rama, Bali, profundamente mortificado, não mais procurou condenar o filho de Raghu, a tarefa de dever agora tendo sido tornada clara para ele, e com as palmas unidas aquele rei dos macacos lhe respondeu, dizendo:

"Sem dúvida, ó primeiro dos homens, o que tu proferiste é verdade! Contradizer uma personalidade eminente não é permitido àquele que é de ações ordinárias. Foi por ignorância que eu anteriormente te abordei em termos desrespeitosos. Não mantém isso contra mim, ó Raghava, tu que és familiarizado com o significado e as implicações das coisas e dedicado ao bem-estar de todos. Na serenidade do teu entendimento, que nada perturba, o mecanismo de causa e efeito é conhecido por ti. Ó tu cuja fala está de acordo com justiça e que estás familiarizado com o dever, salva a mim que sou caído e o primeiro daqueles que transgridem a lei".

Em uma voz estrangulada com soluços, Bali, gemendo, se expressou com esforço difícil, com os olhos fixos em Rama, e parecia um elefante afundando em um pântano.

"Eu não estou preocupado por mim mesmo ou Tara ou meus parentes, tanto quanto pelo meu filho virtuoso, Angada, de braceletes dourados. Não me vendo mais, aquele desafortunado, que foi tão cuidado desde a infância, vai definhar de tristeza, como um tanque cujas águas secaram. Ele ainda é jovem e sua mente ainda não amadureceu; ele é meu único filho e muitíssimo querido para mim. Tara é sua mãe, ó Rama; que tu protejas aquele poderoso Angada.

"Mostra extrema bondade para com Sugriva e Angada; sê seu guardião e seu guia, ó tu que conheces plenamente as leis da justiça e injustiça. O que tu realizarias por Bharata e Lakshmana, faze por Sugriva e Angada.

"Cuida para que Sugriva não considere a sagaz Tara responsável pelo erro que eu cometi ou deixe de tratá-la com respeito. Sob a tua proteção, que ele governe o reino e, vivendo obediente aos teus conselhos, ele alcançará o céu bem como governará a terra. Quanto a mim, apesar das palavras de Tara, eu desejei receber a morte pelas tuas mãos e saí para entrar em um duelo com o meu irmão Sugriva".

Tendo falado assim para Rama, o agora humilde rei dos macacos ficou em silêncio.

---

[312] ["Eu não posso entender como Valmiki pode colocar uma desculpa como essa na boca de Rama. Rama, com toda cerimônia solene, fez um pacto de aliança com o irmão mais novo de Bali a quem ele considera como um amigo querido e quase como um igual, e agora ele conclui suas razões para matar Bali por dizer friamente: 'Além disso você é só um macaco, você sabe, afinal, e como tal eu tenho todo o direito de lhe matar como, quando e onde eu quiser'". – Griffith].

Então Rama consolou Bali que ainda estava totalmente consciente e falou-lhe com uma voz suave, expressando a essência da sabedoria espiritual e mundana, dizendo:

"Não tenhas ansiedade em nosso nome ou no teu próprio, ó melhor dos macacos. Nós sabemos o que deve ser feito, acima de tudo no que diz respeito a ti. Aquele que pune o culpado e aquele que é culpado e paga a pena ambos cumpriram o propósito de causa e efeito e, portanto, evitam a calamidade. Assim, graças à punição que os livra de toda mácula, eles recuperam sua natureza imaculada pelo mesmo caminho que pavimentou o caminho para a penalidade.

"Põe de lado a tristeza, perplexidade e medo com os quais o teu coração está cheio; tu não podes evitar teu destino, ó chefe dos macacos. O que Angada era para ti, ó rei dos macacos, ele será para Sugriva e para mim; não duvides disso".

O magnânimo Rama, intrépido em combate, proferiu essas palavras cheias de ternura e bondade, de acordo com a retidão, e o morador na floresta respondeu-lhe humildemente, dizendo:

"Perfurado pela tua flecha, a minha mente está confusa, eu te insultei sem saber o que eu estava fazendo, ó senhor, tu cujo valor imensurável é igual ao de Mahendra! Sê pacificado e me perdoa, ó verdadeiro soberano dos macacos".

Capítulo 19 – A aflição de Tara

O poderoso rei dos macacos, que jazia perfurado por uma seta, não respondeu mais às palavras criteriosas de Rama. Com seus membros esmagados por rochas, severamente machucado pelas árvores que Sugriva tinha arremessado nele, trespassado pela flecha de Rama, a ponto de morrer, ele desmaiou.

Tara, sabendo que ele tinha sido derrubado por uma seta disparada por Rama na luta e recebendo a notícia desoladora de que seu senhor estava morrendo, com o coração perturbado saiu apressadamente com seu filho da caverna rochosa. Os macacos que seguiam Angada, no entanto, ao verem Rama com seu arco, fugiram com medo.

Vendo aqueles macacos fugindo aterrorizados, como cervos que se dispersam quando o líder do grupo cai morto, Tara, embora ela mesma estivesse perturbada, reagrupou os macacos assustados, que procuravam escapar de Rama, como se suas flechas já tivessem sido disparadas neles, e disse:

"Ó macacos, vocês são os servos daquele leão entre os monarcas; por que vocês estão abandonando tudo e fugindo em desordem? Bali não foi abatido por seu irmão perverso por causa do trono? Foi de longe que Rama atirou sua flecha de grande alcance".

Assim falou a consorte de Bali, e aqueles macacos, que eram capazes de mudar sua forma à vontade, responderam em uma só voz com palavras apropriadas para a ocasião, dizendo:

"Ó tu, que és a mãe de um filho vivo, volta para casa e protege Angada! A morte, na forma de Rama, atingiu Bali e o está levando embora. Tendo lançado uma saraivada de árvores imensas e grandes rochas, Bali caiu, vencido por setas que pareciam o relâmpago. Vendo aquele leão entre os macacos derrotado, aquele cuja destreza era igual à de Indra, todo o exército de macacos se pôs em fuga. Que os guerreiros salvem a cidade e instalem Angada como rei! Os macacos obedecerão ao filho de Bali, que tomará seu lugar. Se essas condições não tiverem a tua

aprovação, ó senhora de aparência agradável, então os macacos vão procurar outros retiros inacessíveis. Entre aqueles que vivem na floresta, alguns não têm esposas, outros têm esposas comuns, mas nós tememos aqueles que foram privados de suas esposas e ainda as desejam".[313]

Como eles estavam a apenas uma curta distância, aquela senhora de sorrisos doces os ouviu e respondeu com dignidade, dizendo:

"Já que aquele leão entre os macacos está morrendo, de que me serve o meu filho ou todo o reino? Eu procurarei os pés daquele herói magnânimo a quem Rama matou com uma única flecha".

Falando assim, cheia de tristeza, batendo na cabeça e no peito com as duas mãos e chorando, em sua aflição ela correu em direção a ele e, ainda correndo, viu seu senhor jazendo na terra, ele, o matador dos principais dos macacos, que nunca voltou atrás em batalha; ele, que era capaz de arremessar grandes montanhas, como Vasava dispara seu raio com toda a fúria de uma tempestade, rugindo ao mesmo tempo como uma grande massa de nuvens trovejantes; ele cuja bravura era igual à de Shakra; aquele herói perfurado por uma única flecha jazia no chão, como o líder dos antílopes que um tigre abateu como sua presa, ou como um lugar de sacrifício, considerado sagrado por todos, com suas bandeiras e seus altares arrasados por Suparna por causa de uma serpente.

Então Tara viu o poderoso Rama apoiando-se em seu arco, de pé com seu irmão mais novo e o irmão de seu marido, e, fora de si com a dor, ela se aproximou de seu esposo, que havia caído no campo de batalha e, vendo-o jazendo lá, foi dominada pela aflição e caiu no chão. Então, levantando-se como se recém-despertada do sono, vendo seu senhor apanhado no laço da morte, soluçando, ela gritou: "Ó rei!"

Seus gritos lancinantes, semelhantes aos de uma águia-pescadora, comoveram Sugriva profundamente, assim como a presença de Angada também.

Capítulo 20 – Os lamentos dela

Vendo seu senhor jazendo sobre a terra, trespassado por aquela flecha mortífera disparada por Rama, Tara, cujo rosto parecia a lua, aproximando-se dele, o abraçou. À visão de Bali, que jazia como um elefante ferido por uma flecha, aquele macaco semelhante a uma enorme montanha ou a uma árvore arrancada, Tara se desabafou, ferida pela dor, em lamento:

"Ó tu que eras cheio de valentia em combate! Ó herói! Ó melhor dos macacos! É por causa das minhas importunações recentes que tu não queres falar comigo agora! Ergue-te, ó leão entre os macacos, e repousa em um leito confortável! Aqueles grandes monarcas, teus iguais, não dormem sobre a terra; ou a terra é a tua querida amada, já que mesmo na morte tu deitas ao lado dela e me desprezas?

"Sem dúvida, ó guerreiro, graças às tuas grandes façanhas, tu fundaste outra Kishkindha mais gloriosa no céu! Os prazeres que uma vez compartilhamos na floresta e nos caramanchões perfumados estão doravante no fim. Eu estou desprovida de toda alegria e esperança e mergulhada em um mar de tristeza, já que

[313] Uma referência a Sugriva.

tu, o rei dos reis, estás retornando aos cinco elementos.[314] O meu coração deve ser feito de pedra, uma vez que, vendo-te jazendo no chão, a aflição não o faz se partir em mil pedaços. Tu roubaste a consorte de Sugriva e o mandaste para o exílio; é o fruto dessa dupla falha que tu estás agora expiando, ó chefe dos macacos!

"Concentrada no teu bem-estar, eu me submeti às tuas censuras insensatas; eu, que no desejo de te ser útil te dei somente conselhos sábios, ó Indra dos macacos! Agora, ó senhor orgulhoso, iludido pela beleza jovial e sedutora delas, tu estás afetando os corações das Apsaras. Foi o destino irrevogável que no dia de hoje pôs termo à tua existência; tu, a quem Sugriva não podia vencer te submeteste ao seu poder!

"Tendo sem motivo atingido Bali que estava engajado em combate com outro, embora isso seja censurável, Kakutstha não se arrepende. Eu que, até agora, não conhecia a angústia, desprovida do teu apoio, no auge do infortúnio, devo passar a minha vida como viúva. Qual será o destino de Angada, o objeto de minha ternura, um príncipe valente embora jovem acostumado ao prazer, agora à mercê de seu tio paterno, que está cheio de raiva contra nós? Olha longamente para o teu pai virtuoso, ó meu filho amado! Logo tu não o verás nunca mais.

"E tu, ó consola o teu filho, dá-lhe conselhos, abraçando sua testa antes que tu partas na tua última viagem! Seguramente Rama realizou um grande feito ao te abater, mas ele não tem culpa, pois tudo o que fez foi obedecer a Sugriva. Ó Sugriva, exulta, recupera a posse de Ruma e desfruta do reino sem impedimentos; teu irmão, teu adversário, está mortalmente ferido.

"Mas tu, ó meu amado, por que tu não respondes à minha queixa? Olha, as tuas numerosas e adoráveis esposas te cercam, ó rei dos macacos".

Ouvindo as lamentações de Tara, aquelas mulheres infelizes, colocando Angada em seu meio, emitiram gritos lamentáveis por todos os lados. Então Tara falou novamente, dizendo:

"Como tu podes abandonar Angada, ó tu cujos braços poderosos estão enfeitados com braceletes, e partir na tua última jornada dessa maneira? Não é apropriado abandonar um filho que possui tuas virtudes e é amável e belo. Se inadvertidamente eu te ofendi, ó herói de braços longos, então me perdoa! Ó chefe da tribo de macacos, eu coloco minha cabeça a teus pés".

Assim Tara com as outras rainhas lamentou amargamente ao lado de seu senhor, e aquela senhora de beleza incomparável resolveu morrer de fome deitando-se na terra ao lado de Bali.

Capítulo 21 – O discurso de Hanuman

Hanuman, no entanto, o líder dos macacos, tentou gentilmente consolar Tara, que estava deitada no chão como uma estrela caída dos céus, e disse:

"Os frutos de tudo o que é feito sob o impulso da virtude ou do vício devem ser colhidos após a morte, sejam eles bons ou maus. Ó infeliz, por quem tu choras? Ó desafortunada, a quem tu lamentas? Pela vida de quem, aquela bolha, deve-se lamentar? Doravante, o jovem Angada deve ser o objeto da tua solicitude, já que só ele permanece vivo. A partir de agora, tu deves te preocupar com ele e prestar-lhe serviço adequado. Tu bem sabes quão incerto é o futuro de todos os seres; por

[314] Sendo dito que o corpo se reúne aos elementos após a morte.

conseguinte, cabe a ti realizar ações nobres aqui, que estás familiarizada com o teu dever e que és estranha aos atos comuns!

"Ele sob as ordens de quem centenas de milhares de macacos viviam agora chegou à meta máxima do seu destino, e já que ele cumpriu as injunções prescritas pela lei e era famoso por sua imparcialidade, sua generosidade e sua tolerância, ele agora vive entre os conquistadores virtuosos. Porque tu deverias lamentar por ele? Ó irrepreensível, tu agora te tornaste a protetora de todos os principais macacos, do teu filho, e também desse reino dos macacos e ursos. Pouco a pouco consola esses dois (Sugriva e Angada) que estão aflitos, e sob a tua tutela, ó dama formosa, que Angada governe a terra.

"Garantir o futuro e refletir sobre o presente é todo o dever de um príncipe; isso é assim decretado pelo destino. Angada deve ser instalado como rei dos macacos e ser ungido. Vendo teu filho sentado no trono, a tua paz de espírito será restaurada".

Ouvindo essas palavras, Tara, que estava dilacerada pela dor por causa de seu marido, respondeu a Hanuman, que estava ao seu lado, dizendo:

"Eu preferiria me apegar ao corpo desse herói do que a cem filhos como Angada. Eu não sou capaz de governar os macacos nem ele é; esse dever recai sobre o seu tio paterno, Sugriva. Ó Hanuman, não é para eu conferir o reino a Angada; o verdadeiro parente do filho em sucessão ao seu pai é o tio, que serve como um segundo pai para ele e não a mãe, ó principal dos macacos. Não há nada melhor para mim neste mundo ou no próximo do que me refugiar perto do rei dos macacos, meu senhor; para mim, é apropriado compartilhar do leito dele que caiu enfrentando o inimigo".

Capítulo 22 – As últimas palavras de Bali

Bali, cuja respiração era quase imperceptível, e que estava suspirando fracamente, olhou em volta e discerniu seu irmão mais novo, Sugriva, diante dele. Dirigindo-se a ele cuja vitória tinha lhe assegurado a posse do domínio dos macacos, ele falou com voz clara e afetuosa, dizendo:

"Ó Sugriva, não te aproximes de mim com alguma má intenção, eu que fui levado por uma perda fatal de entendimento. Parece-me, ó meu amigo, que não era o nosso destino viver em paz um com o outro; embora amizade seja natural entre irmãos, conosco foi diferente. Hoje, tu recuperarás o reino dos habitantes da floresta, enquanto que eu, observa bem, estou deixando esse mundo e indo para a região da morte. Eu não só estou abandonando em um instante a vida, o reino e grande prosperidade, mas também uma reputação sem mácula. Nesse momento supremo, eu faço um apelo a ti e, embora seja difícil, isso deve ser feito, ó príncipe valente.

"Vê, estendido sobre a terra, com o rosto banhado em lágrimas, Angada, que é digno de felicidade, criado no luxo e, embora uma criança, não possuindo nada concernente à infância! Que tu o protejas de todo perigo, ele que é meu filho e mais valioso para mim do que a vida, aquele meu filho a quem agora eu abandono, embora ele não mereça abandono. Sê seu pai, seu benfeitor e seu guardião em todas as circunstâncias e em perigo sê o seu amparo, como eu sempre fui, ó chefe dos macacos!

"Nascido de Tara, aquele príncipe afortunado, teu igual em valor, te precederá na destruição dos titãs. Esse jovem Angada, filho de Tara, esse herói valente, cuja

destreza é notável, a manifestará em atos de bravura dignos de mim. Além disso, quando a filha de Sushena (Tara), de profundo discernimento e familiarizada com acontecimentos futuros, te ordenar dizendo: 'Faze isso, isso é certo', o faze sem hesitação. Não há pressentimento de Tara de que venha a ocorrer.

"O que quer que Raghava proponha que tu executes com a mesma resolução; seria errado desobedecê-lo e ele vai te punir pelo teu desprezo. Pega essa corrente de ouro, ó Sugriva; a gloriosa Shri[315] que vive nela a deixará quando eu morrer".

Ouvindo as palavras afetuosas e fraternas de Bali, Sugriva ficou triste e sem alegria, parecendo a lua em eclipse. Pacificado por Bali e ansioso para agir de forma apropriada, a pedido de seu irmão, ele tirou a corrente dourada.

Tendo assim transferido esse símbolo de realeza, Bali, a ponto de morrer, olhando para seu filho Angada, que estava diante dele, se dirigiu a ele com ternura, dizendo:

"Que tu ajas de uma maneira apropriada à hora e lugar. Sofre prazer e dor com equanimidade; na alegria e na tristeza sê obediente a Sugriva. Seguramente, ó guerreiro de braços longos, tu sempre foste cuidado por mim, mas não é por viver desse modo que tu ganharás o respeito de Sugriva. Não te alies com aqueles que não são amigos deles, menos ainda com seus inimigos, ó conquistador de teus inimigos! Sê leal a Sugriva, teu senhor, com os teus sentidos totalmente controlados e fica sempre atento aos seus interesses. Não sê excessivamente apegado a ninguém nem despreza ninguém; ambos os extremos são um grande erro, portanto, segue a rota do meio". Com essas palavras, sofrendo intensamente por causa da seta, com seus olhos fitando selvagemente, seus grandes dentes batendo, Bali expirou.

Então um grande tumulto surgiu entre os macacos, assim, privados de seu líder, e todos os moradores da floresta deram vazão a lamentações, dizendo:

"De agora em diante Kishkindha é somente um deserto, o rei dos macacos tendo ascendido ao céu; seus jardins são apenas um ermo, como são as montanhas e os bosques. Aquele leão entre os macacos faleceu; os habitantes da floresta estão desprovidos de sua glória.

"Ele se empenhou em combate com o ilustre Golaba de braços longos, o gandharva, em uma batalha terrível que durou dez anos e mais outros cinco; aquela luta não cessou dia ou noite; então no décimo sexto ano Golaba foi derrubado, aquele imprudente caindo sob os golpes de Bali de dentes fortes. Como ele que nos protegia de todo perigo caiu por sua vez?

"Esse valente líder de macacos estando morto, os moradores da floresta não serão capazes de encontrar nenhum lugar seguro de refúgio, como vacas no meio de uma floresta infestada de leões".

Ao ouvir essas palavras, Tara, que estava submersa em um oceano de dor, olhando no rosto de seu senhor morto, caiu ao chão, abraçando Bali como uma trepadeira agarrada a uma árvore arrancada.

---

[315] Shri ou Lakshmi, a consorte de Vishnu e deusa da prosperidade.

Capítulo 23 – Tara chora sobre o corpo de Bali

Depois disso, cheirando o rosto[316] daquele rei dos macacos, Tara, que era renomada no mundo inteiro, se dirigiu ao seu consorte morto, dizendo:

"Não tendo seguido o meu conselho, ó guerreiro, tu estás agora estendido no chão áspero, duro e pedregoso. Tu então escolheste a terra como teu amor, em vez de mim, uma vez que tu agora deitas abraçando-a, ao passo que para mim tu não pronuncias uma única palavra?

"Ai de mim! O destino favoreceu Sugriva, aquele valente, cujas façanhas nobres agora o levarão a ser considerado como um herói. Os líderes dos ursos e dos macacos prestam homenagem à tua destreza! Ouvindo seus gritos de angústia e os do desafortunado Angada e os meus, por que tu não acordas?

Tendo sido morto em combate, tu dormes sobre essa cama dura, o local onde antigamente os teus inimigos jaziam derrubados por teus golpes. Ó meu amado, tu és o ramo de uma raça gloriosa conhecida por seu heroísmo; tu, para quem a guerra era apenas um esporte, foste embora, deixando-me sozinha sem um protetor, ó monarca orgulhoso! Não, um homem sábio nunca deve dar a sua filha em casamento a um guerreiro. Observa como eu, casada com um kshatriya, estou prestes a morrer, tendo ficado viúva. Meu orgulho está humilhado, e a partir deste momento o caminho para a vida eterna está fechado para mim. Eu estou submersa em um oceano de tristeza sem fundo ou limite! Quão duro é o meu coração que, mesmo vendo meu senhor morto, ele não se parte em mil fragmentos – meu amigo, meu senhor, naturalmente querido para mim, aquele herói, que, caindo no campo de honra sob os golpes de um guerreiro mais poderoso do que ele, retornou aos cinco elementos. A mulher que perde seu consorte, mesmo se ela tiver filhos e for dotada de riqueza, é ainda uma viúva, dizem os sábios. Ó herói! Tu estás jazendo envolto em sangue que flui dos teus membros, como tu eras anteriormente pela seda escarlate do teu leito. Poeira e sangue coagulado cobrem o teu corpo por todos os lados, de modo que eu não posso te segurar em meus braços, ó touro entre os Plavagas.

"Hoje, Sugriva alcançou o propósito pelo qual ele te envolveu nessa luta formidável. Uma única seta disparada por Rama o libertou de todo o medo. Essa flecha que perfurou o teu coração agora me impede de abraçar o teu corpo e eu posso somente olhar para ti, que estás te reunindo aos cinco elementos".

Naquele momento o general Nala tirou do cadáver a seta que parecia uma serpente irritada saindo de uma caverna de montanha e que brilhou quando ele a retirou, como o sol cujos raios foram interceptados pelo pico de uma montanha. Então rios de sangue imediatamente começaram a fluir novamente a partir daqueles ferimentos por todos os lados, parecendo a água de um rio que está manchada pelo arenito que escorreu de uma montanha.

Tara, limpando a poeira do combate com a qual ele estava sujo, lavou seu bravo marido com as lágrimas que brotavam de seus olhos, enquanto ela olhava amorosamente para baixo sobre ele deitado lá, perfurado pela seta de Rama, com seus membros todos cobertos de sangue. Depois, dirigindo-se ao seu filho Angada, cujos olhos estavam vermelhos, ela lhe disse:

"Vê o fim amargo do teu pai, ó meu filho! Quão trágico ele é! Esse é o resultado de uma hostilidade nascida da perfídia! Este corpo, brilhando como o sol

[316] Uma saudação tradicional.

prestes a nascer, entrou na região de morte. Abraça esse monarca orgulhoso, ó meu filho!"

Ao ouvir essas palavras, Angada, erguendo-se, agarrou os pés de seu pai com seus braços arredondados, dizendo: "Sou eu, Angada! Quando eu te abraçava antigamente tu dizias 'Vivas muito, ó meu filho', por que tu não falas assim comigo agora?"

Então Tara disse: "Aqui estou ao lado do teu corpo inanimado, como uma vaca com seu bezerro ao lado de um touro que um leão acabou de matar! Eu não vejo o presente que o rei dos deuses te deu quando satisfeito por sua vitória sobre o Asura, aquela gloriosa corrente de ouro, por que isso? Tu não deves ser roubado da insígnia da realeza mesmo após a morte, ó monarca orgulhoso, pois o rei das montanhas continua a brilhar depois que o sol se pôs.

"Tu não seguiste o meu conselho sábio e eu não pude te impedir. A tua morte no campo de batalha ocasionou a minha e a do meu filho também. A deusa da prosperidade[317] renunciou a ti e a mim".

Capítulo 24 – O remorso de Sugriva

Vendo Tara submersa no oceano insondável de tristeza, o irmão mais novo de Bali ficou cheio de remorso por seu trágico fim e, dominado pela aflição, com o rosto banhado em lágrimas, na presença dela, aproximou-se lentamente de Rama cercado por seus atendentes.

Raghava, portando todas as marcas de realeza, ficou distante, cheio de dignidade e majestade, segurando seu arco e flechas, que pareciam serpentes, em suas mãos.

Então Sugriva se dirigiu a ele, dizendo: "De acordo com a tua promessa, ó Indra entre os homens, tu realizaste esta ação, cujos resultados são aqui manifestados. No meio de meu triunfo, ó príncipe, na presença do morto, o meu espírito está perturbado. Por causa do monarca morto, sua rainha principal está lamentando de modo comovente, a cidade está dando vazão ao lamento e Angada está mergulhado em aflição; tudo isso, ó Rama, rouba a soberania de qualquer prazer para mim.

"A princípio, raiva, ressentimento e extrema inquietação me fizeram ver a morte de meu irmão com satisfação, mas logo, na presença do cadáver daquele rei dos macacos, uma grande tristeza se apoderou de mim, ó principal da Casa de Ikshvaku. Agora está claro para mim que teria sido melhor continuar a viver como eu vivia anteriormente no cume elevado da montanha Rishyamuka do que matar meu irmão.

"'Eu não tenho vontade de te destruir! Vai embora!' Foram as palavras que guerreiro magnânimo me dirigiu. Essa declaração era digna dele, ó Rama, e eu, matando-o, agi de modo vil. Como pode alguém, mesmo que seja desprovido de virtude, aprovar o assassinato de um irmão ou comparar a felicidade experimentada ao obter um reino com a dor sofrida por sua morte? Inquestionavelmente ele não tinha intenção de me matar, sendo muito grande de alma, mas na minha perversidade eu lhe tirei a sua vida.

---

[317] Lakshmi, que era dita ter residido na corrente dourada que Indra tinha dado a Bali.

"Na luta, quando, sob os golpes das árvores, eu estava prestes a sucumbir e gritei, ele imediatamente me tranquilizou, dizendo: 'Não repete a tua impudência; sai daqui!'

"Ele era sempre cheio de afeto fraterno, nobreza e justiça, enquanto eu era cheio de raiva, inveja e das características naturais de um macaco.

"Aquilo que se deve excluir dos pensamentos, sentimentos, desejos e comportamento é o que eu nutri ao assassinar meu irmão, um crime igual ao assassinato de Vishwarupa por Indra. Mas a culpa de Indra foi compartilhada pela terra, as árvores e as águas, assim como pelas mulheres, ao passo que quem é capaz de compartilhar a minha? Quem gostaria de suportar o peso do pecado de um cervo das árvores?

"Eu não sou digno de ser honrado pelo povo, nem de ser aliado do reino, menos ainda eu mereço o trono, tendo cometido um ato tão infame que implica a destruição de um da minha própria raça.

"Eu perpetrei um ato vil e ignóbil, condenado pelo mundo inteiro. Uma tristeza esmagadora me enche, como a chuva torrencial enche uma ravina. Eu estou esmagado pela margem de um rio que foi pisada por um elefante inebriado, cujas costas e cauda são o assassinato de meu irmão de sangue, cuja tromba, olhos, cabeça e presas são o remorso me levando para longe.

"Esse pecado, o peso do qual é intolerável, ó príncipe, ó filho da Casa de Raghu, destruiu tudo o que há de melhor no meu coração, como o fogo consome o ouro, deixando apenas a escória. A companhia dos grandes líderes de macacos, ó príncipe, está metade morta por minha culpa e também por conta do desespero violento de Angada.

"Raro de fato é um filho obediente como Angada, mas um filho é obtido facilmente; no entanto, onde no mundo pode alguém semelhante a um irmão de sangue ser encontrado, ó herói? Hoje, se Angada, aquele chefe de guerreiros, e sua mãe viverem, ela, embora dominada pela tristeza certamente cuidará dele, pois sem ele ela morreria. Quanto a mim, eu desejo entrar na pira ardente a fim de reconquistar o carinho de meu irmão e de seu filho.

"Aqueles líderes de macacos partirão em busca de Sita quando tu ordenares. Ó filho daquele Indra entre os homens, eu, o destruidor da minha raça, que já não sou digno de viver após cometer essa injúria, me despeço de ti, ó Rama".

Ouvindo as palavras do infeliz Sugriva, irmão de Bali, aquele nobre descendente da Casa de Raghu, Rama, começou a chorar, ele, o destruidor de exércitos hostis, pois sua mente estava conturbada. Depois disso, olhando aqui e ali, aquele amparo da terra, o protetor do mundo, Rama, no meio da sua angústia, observou Tara gemendo sob o peso de sua aflição.

A rainha principal daquele leão entre os macacos, de olhos adoráveis, estava deitada ao lado de seu senhor, a quem ela segurava em seus braços. Então o primeiro dos ministros levantou a consorte valente do rei dos macacos, e ela, tremendo quando eles a separaram de seu senhor, a quem ela estava abraçando, viu Rama, cujo esplendor se igualava ao do sol, permanecendo com seu arco e flechas em sua mão.

Adornado com todas as marcas distintivas da realeza, aquele príncipe de olhos grandes, que ela nunca tinha visto, aquele principal dos heróis, foi reconhecido por Tara, cujos olhos pareciam os de uma corça, e ela refletiu 'Esse é Kakutstha!'

Então aquela senhora nobre e infeliz, que tinha sido tão de repente mergulhada em aflição, cambaleando, se aproximou daquele que era igual a Indra, inacessível e todo-poderoso. A venerável Tara, com seu belo corpo debilitado pelo

sofrimento, aproximando-se de Rama de alma pura, que por sua valentia tinha atingido o seu objetivo em combate, se dirigiu a ele assim:

"Tu és de coragem imensurável, inacessível, mestre de teus sentidos e de fé suprema; a tua fama é imperecível, tu és cheio de sabedoria e o amparo da terra! Teus olhos são da cor do sangue; tu levas um arco e flechas na tua mão; tu és dotado de grande força e membros fortes; tu renunciaste aos interesses do corpo neste mundo para desfrutar de atributos divinos. A flecha com a qual tu perfuraste o meu amado senhor, agora usa para me destruir também. Quando eu morrer, eu me reunirei com ele; sem mim, Bali nunca será feliz, ó herói. Longe de mim, mesmo no céu, em meio às Apsaras de cabelos vermelhos, cujas madeixas são trançadas de várias maneiras e que se vestem suntuosamente, ele não será feliz, ó tu cujos olhos se assemelham às pétalas puras do lótus.

"Tu sabes bem que aquele que é separado de sua amada é infeliz! Por causa disso, mata-me, para que Bali não sofra na minha ausência. Se, na grandeza da tua alma, tu refletires 'Eu não vou ser culpado de assassinar uma mulher', dize a ti mesmo, 'Ela é parte do próprio Bali' e me atinge. Não vai ser uma mulher a quem tu executarás, ó filho daquele Indra entre os homens! Em virtude da lei e de acordo com os diferentes textos vêdicos as mulheres não são nada menos que o eu superior do homem. Por isso, os sábios dizem que o presente de uma mulher é, seguramente, o maior dos presentes. Dessa maneira me devolve ao meu amado para que eu possa cumprir o meu dever para com ele, ó guerreiro; por essa oferenda tu não incorrerás no pecado de me matar.

"Cheia de tristeza, desprovida de apoio, deixada desolada, tu não deves poupar a minha vida. Quanto mais porque longe daquele sagaz príncipe dos macacos, cujo andar alegre parecia o de um elefante, com sua corrente de ouro gloriosa, a insígnia de majestade suprema, eu não viverei por muito tempo, ó príncipe".

Assim falou Tara, e, a fim de consolá-la, o senhor magnânimo se dirigiu a ela com sabedoria e entendimento, dizendo:

"Ó consorte de um herói, não te aflijas! O universo inteiro é ordenado pelo criador; similarmente está determinado que a soma do bem e do mal é ordenada por Ele, nem os três mundos, obedientes à Sua vontade, transgridem as Suas leis fixas. Por causa disso, tu alcançarás a felicidade suprema e o teu filho se tornará o herdeiro legítimo do reino. O Senhor ordenou isso na ordem das coisas; as consortes dos heróis não se queixam".

Assim consolada pelo magnânimo e poderoso vencedor de seus inimigos, a esposa do valente Bali, a suntuosamente vestida Tata, parou de lamentar.

Capítulo 25 – Os ritos fúnebres de Bali

Cheio de compaixão pela aflição de Sugriva e aquela sentida por Tara e Angada, Kakutstha, que estava acompanhado por Lakshmana, para consolá-los, disse:

"Não é por chorar que a felicidade do falecido é assegurada! Cumpram o seu dever imediato sem demora! Ao derramarem lágrimas, vocês cumpriram as exigências da convenção social; é inútil tentar evitar o destino. O Tempo[318] é a força

[318] O Tempo na forma de Destino.

impulsora que ordena os eventos do mundo; é o Tempo que cria todas as condições aqui na terra. Ninguém é o verdadeiro agente de ação e ninguém realmente faz com que a ação ocorra. O mundo permanece em virtude dos ditames do seu próprio ser interno. O Tempo é sua fonte, parada e meta. O Tempo não ultrapassa os seus próprios limites, nem sofre decréscimo. Auto-dependente, não há nem parentesco nem amizade nele, nem ele é contido por alguém, nem ele tem alguma causa. Certamente, aquele que vê claramente está consciente do trabalho do Tempo. Dever, prosperidade e prazer estão sujeitos ao Tempo; é por esse motivo que Bali alcançou o seu próprio estado verdadeiro. O rei dos Plavagas colheu o fruto de suas obras, adquirido por seus méritos, pela sua integridade e generosidade. Ele chegou ao céu por conta da sua observância do dever e ele tomou posse dele por sacrificar sua vida. O soberano dos macacos alcançou o estado mais elevado. Tu lamentaste por tempo suficiente; agora realiza os últimos ritos".

Quando Rama parou de falar, Lakshmana, o matador de seus inimigos, falou sabiamente a Sugriva, que estava perturbado, dizendo:

"Ó Sugriva, inaugura as exéquias sem demora com a assistência de Tara e Angada. Emite a ordem que uma grande quantidade de madeira seca seja reunida junto com o sândalo sagrado, para a pira funerária. Bane a indecisão; essa cidade depende de ti. Que Angada traga guirlandas e mantos de todos os tipos, junto com manteiga, óleo, perfumes e tudo o que é necessário.

"Ó Tara, encontra um palanquim sem demora; pronta ação é sempre louvável, ainda mais em uma hora como essa. Que aqueles que são hábeis e fortes, acostumados a palanquins, se mantenham de prontidão para carregar Bali".

Tendo falado assim para Sugriva, o filho de Sumitra, Lakshmana, o matador de seus inimigos, tomou sua posição ao lado de seu irmão.

Ao ouvir o comando de Lakshmana, Tara com o coração palpitante apressou-se para a caverna, decidida a encontrar uma liteira, e logo retornou com uma carregada por macacos fortes para quem o trabalho era familiar.

Ela era de fato magnífica, bem almofadada e semelhante a uma carruagem, os lados sendo maravilhosamente decorados e enriquecidos com imagens esculpidas em madeira. Apoiando-se em suportes magníficos, ela era suntuosamente equipada como um palácio pertencente aos Siddhas e era provida com janelas e varandas que eram espaçosas e embelezadas com esculturas, um trabalho de extrema maestria. Grande e bem construída de madeira do lado da montanha, ornamentos de valor inestimável, cordões de pérolas e coroas esplêndidas lhe davam uma aparência deslumbrante e ela era coberta com argila, pintada de vermelho e aspergida com pasta de sândalo. Enfeitada com guirlandas de lótus, brilhante como a aurora, ela estava coberta com inúmeras flores.

Vendo-a, Rama disse a Lakshmana: "Que o corpo de Bali seja colocado sobre ela com toda velocidade e que a cerimônia fúnebre prossiga". Então Sugriva, chorando, ajudado por Angada, levantou o corpo de Bali e colocou-o sobre a liteira. Tendo colocado o cadáver em seu leito, ele o cobriu com ornamentos de todos os tipos juntamente com coroas de flores e tecidos. Depois disso, Sugriva, o rei dos macacos, ordenou que os últimos ritos do seu nobre irmão fossem realizados nas margens de um rio.

Os grandes líderes dos macacos precediam a liteira, espalhando joias de todos os tipos em profusão. Toda honra devida a um rei desse mundo foi oferecida pelos Vanaras ao seu senhor aquele dia.

Então os ritos fúnebres começaram imediatamente, Angada, Tara e os outros em torno do mestre que tinham perdido. De sua parte, as mulheres que tinham

vivido sob a sua autoridade se reuniram gritando: "Ó herói, ó herói", lamentando assim, a morte de seu senhor.

Todas as mulheres de Bali, que tinham ficado viúvas, com Tara em sua chefia, acompanharam seu soberano falecido, lamentando de modo comovente. Seus gritos foram ouvidos nas profundezas da floresta e ressoaram pelas matas e entre as rochas por todos os lados. Então, em um banco de areia deserto cercado por água, formado por uma torrente proveniente da montanha, inúmeros macacos, habitantes da floresta, construíram uma pira, e aqueles carregadores excelentes reverentemente baixaram a maca de seus ombros e ficaram todos em volta, mergulhados em luto.

Vendo seu senhor deitado no leito fúnebre, Tara, colocando a cabeça dele em seu colo, vítima de dor extrema, começou a lamentar:

"Ó príncipe ilustre e poderoso, ó meu querido, olha para mim! Por que tu não lanças um único olhar sobre todos aqueles que estão mergulhados na tristeza? Tu sorris mesmo na morte, ó herói nobre, e o teu rosto lembra os raios do sol nascente! A morte, sob o disfarce de Rama, te abateu, ó macaco! Uma única flecha disparada por ele no campo de batalha nos tornou todas viúvas. As tuas esposas, aqui presentes, que já não sabem como saltar, ó Indra entre os reis, chegaram a essa estrada dolorosa passo a passo a pé, isso não é conhecido por ti? Tu não amas mais essas mulheres cujos aspectos radiantes se assemelham à lua? Por que tu não olhas para Sugriva, o rei dos macacos? Aqui estão os teus conselheiros, ó soberano, também Tara e os outros, e os principais cidadãos te circundando, todos mergulhados na tristeza. Dispensa os teus ministros como tu costumavas fazer, ó vencedor de teus inimigos, e nós iremos para a floresta contigo em flerte feliz".

Então as mulheres, elas mesmas oprimidas pela aflição, fizeram Tara se levantar.

Assistido por Sugriva, Angada, soluçando, levou seu pai para a pira funerária, com sua mente perturbada pela dor, e, acendendo as chamas de acordo com os ritos tradicionais, mantendo seu pai do seu lado direito, ele o circungirou, tristemente assistindo-o partir em sua última viagem.

Tendo realizado os atos rituais em honra de Bali, aquele touro entre os macacos, acompanhado por Sugriva e Tara, fez suas abluções.

Associando-se com a perda de Sugriva, o poderoso Kakutstha, compartilhando sua dor, oficiou nos ritos fúnebres.

O corpo de Bali, chefe de heróis, cheio de glória, a quem aquele descendente de Ikshvaku havia matado com sua flecha notável, tendo sido cremado, Sugriva, cujo esplendor se assemelhava a uma chama clara, aproximou-se de Rama e Lakshmana que o acompanhava.

Capítulo 26 – Sugriva é instalado como rei

Os ministros chefes cercaram Sugriva, que estava vestido em trajes encharcados e cheio de tristeza. Aproximando-se do ilustre Rama de façanhas imperecíveis, ele ficou diante dele com palmas unidas como os sábios diante do avô do mundo.

Então Hanuman, filho de Maruta, que parecia uma montanha de ouro, com seu rosto brilhando como o sol nascente, se dirigiu a ele com profunda reverência com as seguintes palavras:

"Digna-te, ó Kakutstha, a restabelecer Sugriva no reino vasto e inexpugnável de seus valentes antepassados. Sê bondoso para com ele, ó senhor, e lhe permite voltar para a sua magnífica capital. Que ele regule os seus assuntos com a cooperação dos seus muitos amigos.

"Após o banho purificador de perfumes e ervas aromáticas de todos os tipos ele te prestará homenagem, e dará presentes, guirlandas e gemas preciosas, perfumes e ervas a ti. Tu deves entrar nessa caverna maravilhosa, esculpida na montanha, e unir esses macacos com um mestre, tornando-os felizes!"

Ouvindo as palavras de Hanuman, Rama, aquele destruidor de guerreiros hostis, lhe respondeu com sabedoria e eloquência, dizendo:

"Muitíssimo amado Hanuman, de acordo com as ordens do meu pai eu não posso entrar em uma aldeia ou cidade por quatorze anos. Que Sugriva, aquele touro entre os macacos, entre naquela cidade próspera e gloriosa e seja instalado como rei de acordo com os ritos tradicionais!"

Tendo falado assim para Hanuman, Rama disse a Sugriva: "Tu que estás familiarizado com o teu dever, proclama aquele herói nobre e valente, Angada, herdeiro legítimo do reino. Ele é o filho mais velho do teu irmão mais velho e igual a ele em coragem; Angada tem o coração valente e merece ser teu herdeiro. Agora é Shravana, o primeiro mês da estação chuvosa,[319] que traz as inundações; não é hora para façanhas militares, portanto, retorna à tua capital. Quanto a mim, eu viverei na montanha com Lakshmana. Essa caverna, escavada na rocha, é ampla e arejada e possui um lago cujas águas cristalinas abundam em lótus de todos os tipos. Quando o mês de Kartika[320] chegar, te prepara para matar Ravana, esse é o nosso pacto; enquanto isso, ó amigo, volta para o teu lar e recebe a unção real, satisfazendo assim os teus amigos".

Assim dispensado por Rama, Sugriva, aquele touro entre os macacos, entrou na encantadora cidade de Kishkindha da qual Bali tinha sido o senhor supremo.

Seguindo seu soberano, milhares de macacos se prostraram, tocando a poeira com suas testas, e Sugriva, cheio de coragem, os exortou a se erguerem, se dirigindo aos seus súditos com afeto.

Depois disso aquele guerreiro poderoso entrou nos aposentos privados de seu irmão e, tendo chegado lá, o herói poderoso, Sugriva, aquele touro entre os moradores da floresta, foi proclamado rei por seus amigos, como foi antigamente o deus de mil olhos.

Então eles levaram para ele um dossel branco, decorado com ouro, e dois espanadores magníficos de caudas de iaque com cabos brilhantes dourados, também pedras preciosas de todos os tipos e grãos e grama, junto com ramos florescentes e bens valiosos, unguentos brancos, guirlandas perfumadas, flores selvagens e aquelas que crescem na água, sândalo sagrado, perfumes variados e numerosos, grãos torrados, ouro, sementes de grama panic,[321] mel, manteiga, coalhadas, uma pele de tigre e sandálias feitas maravilhosamente.

Em seguida, seis moças jovens adoráveis, trazendo perfumes, sebo e pigmentos vermelhos e amarelos[322] entraram alegremente e distribuíram joias, vestimentas e alimentos entre os principais dos nascidos duas vezes.

Aqueles versados nas fórmulas sagradas então prepararam pilhas grama kusha e, acendendo uma fogueira, derramaram o Soma, purificado pela recitação de

---

[319] Julho-Agosto.

[320] Outubro-Novembro.

[321] [Qualquer grama do gênero *Panicum*, muitas espécies do qual produzem grãos comestíveis].

[322] Pigmentos. Gorocala amarelo utilizado como Tilak; Manahshila vermelho, uma forma de arsênico vermelho.

preces tradicionais. Então Sugriva, sentado em um trono deslumbrante de base de ouro, coberto com rica tapeçaria e um magnífico baldaquim de três camadas, decorado com guirlandas maravilhosas, de frente para o leste, foi entronizado.

Aqueles leões entre os moradores da floresta tinham visitado as margens de rios e córregos, em toda parte, bem como os lugares sagrados e os mares, para pegar água pura que eles trouxeram em jarros de ouro.

Usando vasos de ouro e os chifres polidos de touros, Gaja, Gavaksha, Gavaya, Sharabha, Gandhamadana, Mainda, Dvivida, Hanuman e Jambavan de acordo com a tradição prescrita nas escrituras e conforme as instruções dos sábios, derramaram água límpida e perfumada sobre Sugriva, como antigamente os Vasus banharam Vasava de mil olhos.

Quando a entronização estava concluída, todos aqueles ilustres líderes dos macacos ergueram um grito de alegria repetidamente. Em seguida, a fim de seguir o conselho de Rama, Sugriva, o rei dos macacos, abraçando Angada, o instalou como herdeiro legítimo.

Angada recebeu a investidura, e aqueles Plavagas magnânimos o aclamaram gritando "Excelente! Excelente!", louvando Sugriva e Rama e Lakshmana de grande alma. Todos estavam muito felizes nessa ocasião auspiciosa; e uma grande multidão alegre, totalmente satisfeita, encheu as ruas, carregando bandeiras e estandartes na encantadora cidade de Kishkindha, que tinha sido cavada na montanha.

Tendo informado ao ilustre Rama da grande cerimônia de coroação e tendo se reencontrado com sua consorte Ruma, o líder heroico do exército de macacos tomou posse de seu reino, como o chefe dos Imortais.

Capítulo 27 – Rama descreve Prasravana

O macaco Sugriva, tendo sido coroado rei, voltou para Kishkindha, enquanto Rama se retirou para a montanha Prasravana. Aquela montanha ressoava com os gritos de tigres e veados, e os rugidos dos leões que a frequentavam eram ouvidos dia e noite; arbustos, diversas trepadeiras e inúmeras árvores eram vistas em toda parte. Ela era habitada por ursos, linces e muitas espécies de macacos e parecia uma massa de nuvens brilhando com luz e beleza. No topo havia uma caverna grande e espaçosa, que Rama, que estava acompanhado por Saumitri, escolheu como uma residência para si próprio.

Tendo feito uma aliança com Sugriva, Rama, o descendente irrepreensível da Casa de Raghu, dirigiu-se ao seu irmão Lakshmana, o aumentador de sua alegria, em palavras apropriadas e significativas, dizendo:

"Ó Saumitri, destruidor de teus inimigos! Nós devemos nos estabelecer nesta caverna rochosa agradável durante a estação chuvosa. Este pico, o mais alto nesta montanha, é encantador, ó príncipe! Rochedos brancos, pretos e pardos o adornam e metais de todos os tipos são abundantes, enquanto seus rios fervilham de rãs; ele é cheio de inúmeras árvores e trepadeiras encantadoras, onde uma variedade de pássaros gorjeia e pavões esplêndidos podem ser ouvidos; árvores Malati, Kunda, Sinduvara, Shirishaka, Kadamba, Arjuna e Sarja o embelezam com suas flores.

"Aqui há um belo tanque, enfeitado com lótus em flor, ao lado da caverna, ó príncipe. Onde a rocha é escavada, ela se inclina para o nordeste, o que fará a nossa estadia mais agradável, enquanto que no oeste ela é mais alta e nós seremos

protegidos dos ventos. Na entrada, ó Saumitri, há uma pedra preta lisa como um pedaço de antimônio lavado em óleo; ao norte, ó amigo, a crista da montanha é magnífica e se parece com uma massa de colírio polido ou uma nuvem estacionária. Ao sul, ela se estende como um véu branco, assemelhando-se ao monte Kailasha, rico em metais, que lhe dão uma aparência deslumbrante.

"Observa esse rio de água translúcida semelhante a Jahnavi no monte Trikuta! Árvores Candana, Tilaka, Sala, Tamala, Atimuktaka, Padmaka, Sarala e Ashoka o embelezam; árvores Vanira, Timida, Bakula, Ketaka, Hintala, Tinisha, Nipa, Vetasa e Kritamalaka crescem em suas margens, adornando-o por todos os lados, como uma mulher vestida em traje valioso e pedras preciosas.

"Inúmeros bandos de aves o enchem com as suas várias notas e aves aquáticas o alegram com suas brincadeiras amorosas. O rio criou ilhas encantadoras que são frequentadas por cisnes e grous; seu aspecto alegre traz à lembrança uma bela mulher usando inúmeros ornamentos. Aqui ele é acarpetado com lótus azuis, lá brilhante com os vermelhos e à distância nenúfares brancos podem ser vistos. Patos se divertem aqui às centenas, enquanto pavões e maçaricos enchem esse rio, cheios de charme e cor, com seus gritos, e grupos de sábios o frequentam.

"Vê como as árvores Kadubha e de sândalo e crescem em grupos de cinco, como se planejadas por uma vontade inteligente. Ah! Que lugar encantador! Ó Saumitri, castigador de teus inimigos, vamos apreciá-lo ao máximo e fazer do nosso retiro um retiro feliz. Kishkindha também não é longe daqui, aquela cidade maravilhosa de Sugriva, onde músicas e o som de instrumentos musicais são ouvidos, ó mais ilustre dos conquistadores! São os macacos guerreiros se divertindo ao som de tambores.

"Tendo recuperado a sua consorte e o seu reino, aquele monarca dos macacos, Sugriva, cercado por seus companheiros, certamente está comemorando o seu retorno à plena prosperidade".

Com essas palavras, Rama com Lakshmana estabeleceu sua residência na montanha Prasravana, onde havia inúmeras cavernas e bosques.

No entanto, apesar da beleza e abundância de frutas, Rama era incapaz de encontrar o mínimo prazer lá. Lembrando-se da mulher que tinha sido arrancada dele e que era tão preciosa para ele quanto a sua própria respiração vital, ainda mais agora, quando a lua estava nascendo sobre o cume da montanha, ele era incapaz de dormir, passando as noites no leito, suspirando, com seu espírito conturbado, vítima de aflição constante.

Vendo Rama desolado e vítima de melancolia profunda, Lakshmana, que estava igualmente aflito, se dirigiu a ele com palavras afetuosas, dizendo: "Para de lamentar, ó herói, tu não deves te afligir dessa maneira. Aquele que se angustia nunca é bem sucedido, tu sabes bem disso. Neste mundo, deve-se ter fé e confiança em Deus, buscar a virtude e se engajar em ação, ó Raghava! Se a tua mente estiver agitada, tu não serás capaz de derrotar aquele titã, o teu adversário, em combate, pois ele é um lutador astuto.

"Bane a tua tristeza e persiste em teu esforço; será teu o triunfo sobre esse demônio e toda a sua família. Ó Rama, tu podes destruir a terra com seus oceanos, florestas e montanhas, quanto mais Ravana! Espera só até o outono, pois agora é a estação chuvosa, então tu destruirás a ele, seu reino e seus parentes. Realmente eu desejo reacender a tua valentia adormecida, como na hora do sacrifício o fogo enterrado sob as cinzas é revivido por libações brilhantes".

Esse conselho salutar e oportuno de Lakshmana foi recebido por Rama com respeito e ele respondeu com voz gentil e amigável, dizendo:

"Ó Lakshmana, inspirado pela devoção, tu me falaste com sabedoria e coragem. Doravante eu irei manifestar aquela coragem que nenhum perigo é capaz de subjugar. Eu esperarei pelo outono e de acordo com o teu conselho dependerei da cooperação disposta de Sugriva e da condição dos rios. Aquele que prestou um serviço merece retribuição; os ingratos que não honram uma obrigação perdem o respeito dos bons".

Com as palmas unidas, Lakshmana ouviu com aprovação esse discurso sensato e se dirigiu a Rama, que havia recuperado o seu semblante alegre, dizendo: "Tu falas verdadeiramente, ó chefe de homens; sem falha, aquele macaco realizará aquilo que tu desejas. Entretanto, enquanto aguardas o outono, suporta as chuvas, resolvendo matar o teu adversário. Reprimindo a tua raiva, vamos passar esses quatro meses de outono juntos, vivendo na montanha frequentada por leões, e então te mantém de prontidão para destruir o teu inimigo".

Capítulo 28 – Rama descreve a estação chuvosa

Tendo matado Bali e entronizado Sugriva, Rama, que estava vivendo no planalto Malyavat, disse a Lakshmana:

"Agora a estação das chuvas chegou, vê como os céus estão carregados de nuvens tão grandes quanto colinas. Após nove meses, o céu, pela ação dos raios do sol, sugou as águas do oceano e está agora dando origem às chuvas.

"Subindo para o céu pela escadaria das nuvens, pode-se decorar o sol com guirlandas de flores Kutaja e Arjuna. O céu se parece com alguém ferido, amarrado com os trapos das nuvens carregadas de umidade, manchadas com os matizes vívidos do sol poente, rodeadas de vermelho. Com a brisa suave como a sua respiração, a cor de açafrão fornecida pelo crepúsculo e suas nuvens amarelas, o céu parece alguém que está doente de amor. Atormentada pelos raios do sol, a terra está derramando lágrimas, como Sita torturada pela aflição. Emergindo do coração das nuvens, frescos como cânfora, perfumados com a fragrância de flores Ketaka, os ventos balsâmicos podem, por assim dizer, ser sorvidos das palmas das mãos.

"Essa montanha de árvores Arjuna floridas, plantada com Ketakas e ungida por chuvas, parece Sugriva livre de seus inimigos. Essas montanhas, que as nuvens escuras vestem como com peles de antílope, apanham as gotas de chuva como o fio sacrifical, com as suas cavernas cheias de vento dando-lhes uma voz; elas se assemelham a discípulos brâmanes estudiosos recitando o sagrado Veda.

"Açoitado pelo raio como correias douradas, o céu parece estar gritando de dor. O lampejo que convulsiona o seio daquela nuvem escura é para mim como Sita lutando nos braços de Ravana. Quando cobertos por nuvens densas, os quadrantes do céu, tão estimados pelos amantes, são encobertos, junto com a lua e as estrelas.

"Sobre os cumes da montanha, como se afogadas em lágrimas, essas árvores Kutaja em plena floração, que suspiravam pela chuva, reacendem o amor em mim no meio da tristeza que me domina.

"A poeira baixou e um vento frio sopra, o calor do verão está suavizado; a atividade marcial dos reis está suspensa, e os viajantes regressaram para as suas próprias regiões.

"Agora as aves aquáticas, em sua pressa para tornar a alcançar o lago Manasa, partiram com seus queridos companheiros. Carruagens e outros meios de transporte não mais se aventuram nas estradas, profundamente sulcadas pela chuva contínua.

"Às vezes visível, às vezes invisível, o céu, semeado com nuvens, parece um oceano cercado com colinas. Os rios que carregam as flores Sarja e Kadamba assumem uma tonalidade amarela por causa dos depósitos metálicos das rochas e fluem rapidamente em meio ao grito dos pavões.

"O fruto Jambu, cheio de sabor e dourado como uma abelha, é agradável ao paladar, e mangas maduras de muitos matizes caem ao chão agitadas pelo vento. Nuvens como altas montanhas, tendo o relâmpago como a sua bandeira e garças como as suas guirlandas, emitem um som reverberante, como grandes elefantes inebriados com o suco Mada que estão prestes a lutar.

"As encostas gramadas daquelas extensões de floresta, revividas pela chuva onde pavões encantados dançam, cintilam brilhantemente sob a lua à noite. Carregadas com um imenso peso de água, nuvens cercadas por grous emitem um som murmurante e em movimento constante viajam sem parar, às vezes descansando nos topos das montanhas. Em seus alegres voos circulares, grous, apaixonados pelas nuvens, se assemelham a uma guirlanda encantadora de flores de lótus suspensa no espaço à mercê do vento.

"A terra, com sua relva fresca repleta de minúsculas joaninhas, se parece com uma mulher cujos membros estão envoltos em um tecido verde brilhante salpicado de vermelho.

"O sono cai suavemente sobre Keshava;[323] o rio corre velozmente para se juntar ao mar; o grou está feliz de estar unido com a nuvem; os formosos se aproximam de seus amantes com alegria.

"Vê como os bosques são alegrados pela dança dos pavões e como as árvores Kadamba estão cobertas de flores; touros, cheios de desejo, seguem as vacas e a terra é tornada adorável por florestas e campos de grãos.

"Os rios correm adiante, as nuvens descarregam a sua chuva, elefantes frenéticos estão trompeteando, as matas crescem mais belas, amantes anseiam por seus amados, pavões dançam e os macacos recuperaram o seu entusiasmo pela vida. Embriagados com o aroma das árvores Ketaka florescentes, entre as quedas d'água trovejantes, os grandes elefantes misturam o seu barrido amoroso com os gritos dos pavões.

"Flores, moídas pela chuva torrencial, estão expelindo seu néctar, que as abelhas pilharam alegremente dos ramos das árvores Kadamba e agora ele está caindo gota a gota. Com seus frutos abundantes semelhantes a cinzas, cheios de sabor, os ramos da árvore Jambu estão fervilhando de abelhas.

"Seguindo a trilha da floresta por entre as colinas, o chefe dos elefantes, ouvindo o estrondo do trovão atrás dele, para em suas trilhas, sedento para lutar e, julgando que esse é um desafio, volta-se em fúria.

"Ora cheios de abelhas zumbindo, ora de pavões de pescoço azul que dançam ou de grandes elefantes no cio, os bosques assumem mil aspectos variados.

"Cheia de árvores Kadamba, Sarja, Arjuna e Kandala, a floresta com o solo saturado com água parecendo vinho e os pavões inebriados que gritam e dançam

[323] A tradição afirma que o senhor Narayana caiu no sono cósmico na estação chuvosa, antes do renascimento de Brahma, que brotou de seu umbigo.

assume a aparência de um salão de banquetes. Os pingos de chuva, como pérolas, caindo nas dobras das folhas, repousam lá alegremente, e as muitas aves coloridas bebem deles, encantadas com esse presente do rei dos deuses.

"O zumbido suave das abelhas e o coaxo alegre das rãs, misturados com o trovão retumbante das nuvens, parecendo o rufar de tambores, criam uma verdadeira orquestra na floresta.

"Os pavões com suas caudas ricamente decoradas são o coro, alguns dançando, alguns chamando, aqui e ali se agarrando às copas das árvores.

"Acordados pelo som do trovão, sapos de diferentes formas e cores, despertados da hibernação e açoitados pela chuva, coaxam alto.

"Os rios, frequentados por aves aquáticas, levam embora as suas margens desmoronadas, orgulhosos de sua velocidade, e, felizes em sua repleção, correm para o seu senhor, o oceano.

"Nuvens escuras carregadas de chuva fresca se fundem e parecem as rochas chamuscadas pelo fogo florestal cujas bases aderem àquelas que estão igualmente expostas.

"Os elefantes passeiam em meio aos bosques encantadores, que estão cheios com os gritos de pavões inebriados na grama pontilhada com joaninhas e plantados com árvores Nipa e Arjuna. Abraçando ardentemente os lótus, cujos estames estão achatados pelas chuvas recentes, os zangões bebem avidamente o néctar desses e da flor Kadamba que foi devastada. Elefantes machos no cio e líderes de vacas se divertem na floresta; o rei dos animais salta através das matas e os reis dos homens estão extasiados e esquecem as suas preocupações e ansiedades enquanto o chefe dos deuses está se divertindo nas nuvens. Torrentes de chuva soltas do céu, fazendo os mares e os rios transbordarem, inundam os córregos, lagos e lagoas junto com toda a terra. Com torrentes de chuva caindo e o vento soprando com extrema violência, as margens dos rios são varridas e as águas afluem adiante de modo que os caminhos familiares já não podem ser trilhados.

"Como reis banhados por seus servos, grandes montanhas ficam sob a chuva das nuvens, que parecem jarros esvaziados pelo rei dos celestiais ajudado pelo deus do vento, e vistas assim, se sobressaem em todo seu esplendor natural.

"O céu, coberto com nuvens, torna as estrelas invisíveis; a terra está saturada com as chuvas recentes e os quatro quadrantes estão envoltos em trevas. Os topos das montanhas cintilam lavados pela chuva, suas grandes cataratas torcendo-se e caindo como cordões de pérolas. Obstruídas em seu curso pelas pedras salientes, essas cachoeiras poderosas se precipitam das alturas nos vales como colares de pérolas que se rompem e se espalham. Aquelas torrentes impetuosas, banhando os limites mais baixos dos picos rochosos, caem em abismos imensos, onde elas se encontram presas e se espalham, assemelhando-se a cordões de pérolas, que as ninfas celestiais quebraram na violência de suas emoções, e são espalhadas em chuvas incomparáveis para todos os lados.

"Só quando as aves se retiram para as árvores e o lótus fecha, enquanto o jasmim da noite se abre, pode-se adivinhar que o sol se pôs atrás da montanha Astachala. Reis adiam suas expedições guerreiras e até mesmo o exército, já em marcha, para; as hostilidades cessam, pois as estradas estão alagadas. Esse é o mês de Prausthapada,[324] quando os brâmanes que cantam o Veda, os cantores do Sama Veda, começam os seus estudos.

---

[324] Agosto-Setembro.

"Seguramente Bharata, o rei de Koshala, tendo coletado as receitas e completado o armazenamento de provisões, está agora empenhado na celebração do festival do mês de Ashada.[325]

"O rio Sarayu deve estar transbordando suas margens e a correnteza aumentando em velocidade, como os gritos de aclamação com os quais Ayodhya vai saudar o meu retorno.

"Sugriva estará a ouvir com alegria as torrentes de chuva caindo, já que ele derrotou seu adversário, retomou sua consorte e recuperou seu vasto reino; mas eu, ó Lakshmana, separado de Sita, exilado do meu imenso domínio, pareço a margem de um rio que foi levado pela correnteza e precipitada em um abismo.

"A minha dor é sem limite, as chuvas fecham todas as vias e Ravana me parece um inimigo formidável e invencível. Incapaz de viajar por essas estradas intransitáveis, eu não desejo fazer exigências a Sugriva apesar da sua devoção, que depois de sofrimento prolongado está reunido com sua cônjuge; eu não desejo demandar uma entrevista por conta da urgência de seus interesses privados.

"Quanto a isso, quando ele tiver descansado e o tempo estiver propício, Sugriva se lembrará por si próprio da ajuda que ele me prometeu, não há dúvida disso. Por causa disso, eu aguardo esperançosamente, até que os rios e Sugriva sejam favoráveis a mim, ó tu que tens as marcas auspiciosas da realeza!

"Um favor obriga um homem a mostrar gratidão; os ingratos que deixam de honrar uma obrigação ferem o coração dos homens honestos".

Lakshmana, permanecendo com as palmas unidas, concordou plenamente com essas palavras que ele ouviu com extremo respeito; então se dirigindo ao magnânimo Rama com um ar alegre, ele disse:

"Ó príncipe, o rei dos macacos não tardará em realizar o desejo que tu expressaste! Aguarda pelo outono e deixa passar a estação chuvosa, reafirmando a tua resolução de derrotar o teu adversário".

Capítulo 29 – Hanuman insta Sugriva a honrar sua promessa

Hanuman observou que os céus ficaram serenos, livres de raios ou nuvens, cheios com os gritos de grous e maravilhosamente iluminados pela luz da lua.

Sugriva, no entanto, tendo atingido o seu objetivo, tornara-se indiferente ao seu dever e responsabilidades próprias, permitindo que a sua mente se dedicasse a ocupações inferiores. Com suas ambições realizadas, ele deixou de nutrir qualquer preocupação acerca de seus assuntos e entregou-se ao prazer com mulheres, satisfazendo a todos os desejos caprichosos.

Tendo realizado as suas esperanças e os seus temores estando dissipados, ele passava o tempo de dia e de noite com a sua consorte favorita Ruma e também Tara que era igualmente estimada por ele, como o senhor dos deuses se diverte entre as tropas de ninfas e músicos. Deixando a administração do estado para os seus ministros sem supervisão, seu reino não estando em perigo, ele tornou-se um escravo dos prazeres dos sentidos.

Vendo isso, o engenhoso Hanuman, o filho eloquente de Maruta, familiarizado com o que deveria ser feito e sabedor do tempo adequado para o cumprimento do dever, aproximando-se do rei dos macacos, que bem entendia o que era colocado

[325] Ashada: Junho-Julho.

diante dele, falou a ele com confiança, com palavras bem escolhidas inspiradas por respeito e carinho, palavras que eram agradáveis, cheias de bom senso, práticas, verdadeiras, salutares, concordantes com a lei e o dever, oportunas e diplomáticas. Assim mesmo foi o discurso de Hanuman, que ele dirigiu ao rei dos macacos.

Ele disse: "Tu recuperaste o teu trono e a tua glória e contribuíste para a prosperidade da tua Casa; agora te resta te preocupar com os teus amigos; esse é o teu dever! Aquele que, reconhecendo o momento apropriado, se comporta honrosamente para com seus amigos, vê o aumento de sua glória e seu poder.

"Aquele que trata com igual respeito a riqueza, o cetro, os amigos e a própria vida, ó príncipe, adquire um vasto império. Que essa seja a tua conduta, te estabelece no caminho da honra, isso é o que tu deves fazer por teus amigos de acordo com o teu voto.

"Aquele que não abandona tudo para se ocupar com os interesses de seus amigos, qualquer que seja o seu objetivo, entusiasmo ou empreendimentos, está cortejando o fracasso.

"Da mesma forma, aquele que permite que a ocasião para ir ajudar seus amigos passe é indigno, mesmo que ele realize grandes coisas. Nós estamos perdendo essa oportunidade de servir aos interesses do nosso amigo Raghava, ó vencedor de teus inimigos. Vamos nos ocupar em encontrar Vaidehi. Rama não te fez lembrar que o tempo determinado passou, embora ele esteja totalmente familiarizado com a hora; embora muito pressionado, aquele príncipe sagaz bondosamente se resignou, ó rei!

"É a Raghava que tu deves a prosperidade da tua Casa, ele exerce enorme influência, seu poder é imensurável, seus atributos pessoais incomparáveis. Retribui o serviço que ele te fez, ó chefe dos macacos, reúne os líderes do teu povo! O atraso ainda não é grave, enquanto Rama não te convocar para cumprir a tua promessa, mas se tu adiares até que ele te obrigue pela força será tarde demais.

"Mesmo se ele não tivesse feito nada para ti, seria teu dever ajudá-lo em sua busca, ó chefe dos macacos! Quanto mais após o serviço que ele te prestou ao te reestabelecer no teu trono e matar Bali.

"Tu és poderoso e a tua coragem é extrema, ó tu que governas os macacos e os ursos, portanto tu estás sob uma obrigação maior de ajudar Rama.

"Sem dúvida o filho de Dasaratha é capaz de derrotar os deuses, os demônios e as grandes serpentes com suas flechas, ele está apenas esperando o cumprimento da tua promessa. Não foi sem arriscar a sua vida que ele te concedeu essa felicidade. Vamos explorar a terra e, se necessário for, o céu, em busca de Sita. Nem os devas, danavas, gandharvas ou asuras acompanhados das hostes de Maruts, nem os yakshas são capazes de fazê-lo tremer, muito menos os titãs.

"É imperativo, ó príncipe dos de cor parda, que tu tentes agradar Rama com toda a tua alma, que é dotado daquele poder que outrora te socorreu.

"Nós não hesitaremos em entrar nas regiões subterrâneas sob as águas, nem em subir para o céu, se tu assim ordenares, ó rei dos macacos! Decreta quem deve proceder e como e em que ordem. Há mais de dez milhões de macacos de força indomável prontos para servir-te, ó príncipe irrepreensível!"

Ouvindo essas palavras pertinentes e razoáveis, Sugriva, em sua retidão, tomou uma decisão suprema.

Sabiamente mandando Nila de valor inesgotável reunir suas tropas de todos os lados, ele disse:

"Reúne todo o meu exército com seus líderes e generais, a quem ninguém pode resistir, e os traze aqui imediatamente. Os Plavagas que estão posicionados

nas fronteiras são habilidosos e corajosos, que eles venham aqui, cuida pessoalmente para que eu seja obedecido imediatamente. Aquele que não se apresentar no prazo de quinze dias a partir de agora será sumariamente executado, ninguém escapará.

"Com Angada, procura os veteranos, cumpre as minhas ordens escrupulosamente".

Tendo feito todos esses arranjos, o chefe dos macacos, o valente Sugriva, retornou aos seus aposentos privados.

Capítulo 30 – A descrição do outono

Sugriva reentrou em seu palácio, e o céu estando livre de nuvens, Rama, que, durante a estação chuvosa, tinha sido dominado pela intensidade da sua angústia, olhando para a lua pura e tranquila e as noites outonais maravilhosamente claras, percebendo que Sugriva estava levando uma vida de prazer e refletindo sobre a sua própria perda, também, que o tempo estava passando, caiu em uma profunda melancolia.

Apesar de logo ter dominado seu humor, contudo o sábio Raghava ficou absorto em pensar sobre Sita, e vendo o céu livre de nuvens assumindo um aspecto sereno, ressoando ao grito de grous, ele começou a lamentar com voz triste. Sentado no cume saliente de uma montanha rica em ouro, sob o céu outonal, os seus pensamentos foram para a sua esposa amada e ele refletiu:

"Que alegria a minha jovem esposa pode sentir agora, ela, que amava o chamado dos grous na floresta e imitava o seu tom? Na minha ausência, como aquela moça delicada pode ter alguma alegria com os tufos de flores que brilham como ouro puro, ela, que antigamente despertava com os gritos dos cisnes? Que felicidade Sita de fala suave e forma delicada pode desfrutar agora?

"Quando ela ouvir o grito dos gansos selvagens, viajando em bandos, o que será daquela princesa, cujos olhos são tão grandes quanto lótus? Eu não sinto alegria sem Sita, cujos olhos pareciam os da corça, quando passeando por rio, lago e floresta, e a minha amada em sua ternura sofrerá cruelmente em minha ausência, por causa do desejo de que a beleza do outono inspira". Assim aquele filho de um rei lamentou como a ave Saranga quando ela pede água de Indra.

Naquele momento, Lakshmana, que tinha saído em busca de frutas, voltou das encantadoras encostas da montanha e vendo irmão mais velho absorto em pensamentos tristes, com sua mente perturbada, sozinho naquele ermo, o sagaz Saumitri, que estava profundamente angustiado com a tristeza de seu irmão infeliz, disse a ele:

"Por que, ó príncipe nobre, tu te tornaste um escravo do amor? Por que essa reversão da tua resolução anterior? O teu sofrimento te impede de refletir calmamente; tranquilidade de espírito é essencial para a realização de qualquer projeto; após madura reflexão, o tempo ordenado junto com a força do teu aliado deve ser utilizado por ti para a realização do teu projeto sem demora, ó amigo!

"Não só isso! A filha de Janaka protegida por ti não será de fácil acesso para o inimigo, ó protetor da raça humana. Ninguém pode se aproximar de um fogo ardente sem ser queimado, ó guerreiro valente!"

Nisso, Rama respondeu ao indomável Lakshmana em tons característicos que eram dignos dele, dizendo:

"As tuas palavras são práticas e sábias, cheias de bom senso e de acordo com o dever e a lei. Nós devemos refletir sobre como agir sem demora; essa busca deve ser adotada; quando se é poderoso, invencível, jovem e valente, não se deve ter dúvidas a respeito do próprio sucesso".

Então se lembrando de Sita, cujos olhos eram tão grandes quanto pétalas de lótus, Rama com um semblante abatido novamente abordou Lakshmana, dizendo:

"O deus de mil olhos, tendo saturado a terra com água e feito os grãos germinarem, com sua tarefa cumprida, está agora descansando. As nuvens, que em meio a ribombos profundos e prolongados se espalharam sobre as montanhas, florestas e cidades, soltando as suas chuvas, estão estacionárias, ó príncipe. A fúria das nuvens de tempestade, parecendo elefantes embriagados, pretas como as folhas do lótus azul, escurecendo as dez regiões, diminuiu. Inchadas com água, as nuvens visitaram os bosques de árvores perfumadas Kutaja e Arjuna com o vento e a chuva e agora desapareceram em seu voo vaporoso, ó meu amigo. O clamor das manadas de elefantes, o grito dos pavões e o som da chuva cessaram, ó irrepreensível Lakshmana.

"Lavadas por nuvens densas que removeram suas impurezas, as montanhas com suas escarpas magníficas brilham iluminadas pelos raios da lua.

"O outono agora manifesta a sua graça nos ramos das árvores Saptacchada, na luz do sol, da lua e das estrelas e na marcha dos elefantes majestosos, e sua influência aparece em toda parte. Nos tufos de lótus abrindo aos primeiros raios do sol, no perfume das flores Saptacchada, na música das abelhas zumbindo, o outono brilha em todo o seu esplendor.

"Os gansos com suas asas grandes e graciosas, amigos do deus do amor, acabaram de chegar, cobertos com o pólen dos lótus e estão andando para lá e para cá nas margens arenosas dos rios, divertindo-se com os cisnes.

"Nos elefantes inebriados, nas vacas, nos rios fluindo tranquilamente, o outono é refletido em seus incontáveis aspectos. Vendo o céu desprovido de nuvens, os pavões na floresta, desprovidos de sua beleza caudal, não são mais atraídos para as suas escolhidas, e tendo perdido seu brilho, a sua alegria se evaporou e eles parecem absortos em seus próprios pensamentos.

"As árvores altas de fragrância doce, as pontas de cujos ramos estão curvadas sob o peso de suas flores, brilhantes como o ouro, encantadoras de se olhar, parecem iluminar as profundezas da floresta.

"Acompanhados por suas fêmeas, os grandes elefantes, frequentadores dos tanques cobertos de lótus e dos bosques, que anteriormente ficavam entre as flores, intoxicados com linfa, agora andam com um passo lento e lânguido, imersos em diversão amorosa.

"O céu está claro e é tão brilhante quanto uma espada desembainhada; a água do rio flui lentamente; uma brisa, refrescando os lírios d’água brancos, sopra e as regiões livres da escuridão resplandecem.

"Livre da lama pelo crescente calor do sol, o solo está coberto com uma poeira grossa que o vento carrega até uma grande distância.

"Esse é o momento em que os reis, em inimizade uns com os outros, partem em suas campanhas.

"Brilhando com a beleza com a qual o outono os dotou, exultantes, com seus membros polvilhados com pó, loucos de desejo e sedentos para lutar, os touros berram em meio às vacas.

"Compartilhando do amor dele, a nobre elefanta, ansiosa e afetuosa, com um passo lento circula em volta do macho inebriado com linfa e o segue na floresta.

"Desprovidos de suas penas da cauda, seu maravilhoso adorno natural, vagando nas margens dos rios, os pavões, como se desprezados pelos grous, se movem tristemente, em bandos.

"Com seus gritos formidáveis, os principais elefantes infundem terror nos patos e gansos que estão nos tanques cobertos com lótus florescentes e, tendo se borrifado com água repetidas vezes, começam a beber.

"Nos rios, livres de lama, com suas margens arenosas e ondulações pacíficas frequentadas por rebanhos de vacas, ressoando ao grito de grous, garças brincam alegremente.

"O som dos rios, das nuvens, das cachoeiras, dos ventos, o grito dos pavões e o coaxar das rãs cessaram. Serpentes venenosas de muitas cores, muito emaciadas, privadas de alimento durante as chuvas, atormentadas pela fome emergem de seus buracos onde ficaram confinadas por tanto tempo.

"A noite, acariciada pelos raios da lua trêmula, lança de lado o seu véu, revelando sua face rosada com suas estrelas, em um êxtase de alegria. A noite, cujo rosto suave é a lua cheia, parece uma mulher jovem, os grupos de estrelas seu sorriso e semblante encantador; iluminada pelo orbe em sua plenitude ela parece como se envolta em um manto branco.

"Saciado com grãos maduros, um encantador bando de grous cruza o céu alegremente em voo rápido, soprado pela brisa como uma guirlanda de flores entrelaçada com muito bom gosto.

"As águas do grande lago, com um cisne solitário flutuando lá adormecido em meio a incontáveis nenúfares, parecem os céus livres de nuvens, iluminadas pela lua cheia e uma miríade de estrelas.

Com sua cinta de cisnes, suas coroas de lótus azuis e brancos em flor, os grandes lagos são extraordinariamente belos e se assemelham a belas mulheres enfeitadas com joias.

"Ao romper da aurora, misturando-se com o som da brisa soprando através dos juncos, parecendo as notas de uma flauta, os rugidos profundos nas cavernas, aumentados pelo vento e o mugido dos touros, parecem estar respondendo uns aos outros.

"As margens do rio adornadas com gramíneas floridas, agitadas por uma brisa suave, parecem tecidos de linho brilhantes dos quais as manchas foram lavadas.

"Zangões, vagando à vontade na floresta, saciados com néctar, pesados com o pólen dos lótus, onde eles repousaram, em um excesso de alegria acompanhados por suas amadas seguem o deus do vento, nos bosques.

"As águas calmas, as gramíneas floridas, o grito de maçaricos, os arrozais maduros, a brisa suave, a lua imaculada, estão todos celebrando a partida da estação chuvosa.

"Hoje os rios, usando seus peixes prateados como cintas, fluem adiante lentamente, como mulheres adoráveis, movendo-se languidamente, tendo passado a noite em amor.

"Com os gansos, as plantas aquáticas[326] e os juncos que os cobrem como xales tecidos, os rios, cintilantes, parecem rostos de mulheres.

"Na floresta, adornada com arcos de flores e cheia do zumbido alegre das abelhas, o deus do amor, hoje, maneja com impaciência o seu arco ardente.

---

[326] Plantas aquáticas, literalmente Shaivala – Vallisneria Octrandra ou Blysa.

"Tendo saturado a terra com suas chuvas profusas e enchido os lagos e os rios, preparando o solo para a colheita, as nuvens desapareceram do céu.

"Pouco a pouco, os rios no outono revelam suas margens, como noivas castas revelando seus encantos.

"Ó meu amigo, as águas tendo diminuído, os rios ressoam ao grito de águias-pescadoras e bandos de gansos abundam nas lagoas.

"Essa é a época, ó príncipe amado, em que os reis declaram guerra uns aos outros e ávidos pela conquista iniciam suas campanhas. O início das hostilidades para os monarcas começou, ó príncipe, e eu não vejo Sugriva se preparando para uma expedição desse tipo.

"Árvores Asana, Saptaparna, Kovidara estão em plena floração como também a planta Bandhujiva e as árvores Tamala nas encostas das montanhas.

"Ó Lakshmana! Vê as margens de areia dos rios cheias de cisnes, grous, gansos e águias pescadoras que são vistos por todos os lados. Os quatro meses de chuva que passaram me pareceram como cem anos, de tão cheio de aflição que eu estava por causa da ausência de Sita.

"Como a ave Chakravaka com seu companheiro, ela me seguiu na floresta, e o isolamento terrível das solidões de Dandaka pareciam para aquela mulher jovem um jardim de delícias. Embora longe da minha amada, dominado pela tristeza, sem o meu reino e no exílio, contudo Sugriva não demonstra piedade por mim, ó Lakshmana!

"'Ele está sem apoio, privado de seu reino, afrontado por Ravana, infeliz, exilado, aquele príncipe amoroso se refugiou comigo'. Assim Sugriva falará, ó meu amigo, e em sua perversidade, ele, o rei dos macacos, tem desprezo por mim, eu, o flagelo de meus inimigos. Tendo fixado um momento para partir em busca de Sita e feito um acordo formal de fazê-lo, aquele falso, tendo alcançado seus objetivos, esqueceu sua promessa.

"Entra em Kishkindha e, em meu nome, te dirige àquele touro dos macacos, o patife Sugriva, o escravo da felicidade doméstica, dizendo: 'Aquele que, depois de ter aumentado as esperanças daqueles que procuraram sua ajuda na adversidade e que anteriormente lhe prestaram um serviço, não cumpre a sua promessa a eles, é considerado o menor dos homens neste mundo, mas aquele valente, que para o bem ou mal lealmente honra a sua palavra dada, ele é o melhor dos homens.

"Até os animais carnívoros se recusam a se alimentar da carne daqueles seres ingratos, que, depois de terem alcançado seu objetivo, não ajudam seus amigos a fazê-lo por sua vez.

"'Certamente tu desejas ver o brilho do meu arco de dorso dourado, semelhante a uma série de lampejos de relâmpago, esticado pronto para o combate. Então tu ouvirás a vibração terrível da minha corda como o estrondo do trovão, quando em ira eu percorrer o campo de batalha'.

"Tendo-o feito se lembrar da minha famosa bravura, ó príncipe ilustre, tu que és meu companheiro, seria estranho se ele não parasse e refletisse. Ó tu conquistador de cidades hostis, já que ele, o rei dos Plavagas, obteve seu desejo, ele já não recorda o tempo escolhido, e o rei dos macacos, inteiramente entregue ao prazer, não parece estar ciente de que quatro meses se passaram. Bebendo e se deleitando com seus ministros e sua corte, Sugriva não se preocupa conosco, que estamos cheios de ansiedade.

"Vai e te dirige a ele, ó herói valente, o informa do nosso desagrado e fala com ele naqueles termos, que são inspirados pela minha ira, dizendo: 'O portão da morte, pelo qual Bali passou, não está fechado! Ó Sugriva, honra a tua promessa,

por medo de que possas seguir o caminho tomado por ele! Teu irmão morreu sozinho, atingido pela minha flecha, mas se tu falhares à fé, eu te destruirei junto com toda a tua casa'.

"Ó maior dos homens, fala tudo o que promova o nosso desejo, nós não devemos demorar, ó príncipe. Dize-lhe 'Honra a promessa que tu me fizeste, ó rei dos macacos, lembra que a virtude é eterna ou, perdendo a tua vida hoje, tu cairás nas mandíbulas da morte, para onde as minhas flechas te despacharão para procurar Bali!'"

Vendo seu irmão mais velho, que estava aflito em seu grande infortúnio, no auge da raiva violenta, Lakshmana, ardendo de coragem, o promotor da glória da Raça de Manu, profundamente angustiado, sentiu um profundo ressentimento para com o rei dos macacos.

Capítulo 31 – Lakshmana vai para Kishkindha

O filho daquele Indra entre os homens, o filho de um rei, então falou para seu irmão mais velho, que, cheio de ternura, desanimado, apesar da sua alegria natural, e cheio de angústia, tinha lhe expressado seu desejo somente agora:

"Não só isso, aquele macaco não é um ser civilizado; ele não considera as consequências imediatas de seus atos nem ele desfrutará da glória do reino dos macacos; não é apropriado que ele tire proveito das circunstâncias dessa maneira. Em sua estupidez, ele tornou-se escravo da felicidade doméstica sem se lembrar da dívida que ele tem contigo; que ele, portanto, morra e procure Bali; o trono não deve ser conferido a alguém desprovido de virtude. Eu sou incapaz de conter a minha raiva violenta; eu matarei aquele Sugriva desleal imediatamente. Aquele filho de Bali com os líderes dos macacos vão nos ajudar hoje a recuperar a princesa".

Então Rama, o destruidor de guerreiros, em termos que eram prudentes e apropriados, se dirigiu a Lakshmana, que com arco na mão desejava acompanhar suas palavras com a ação e que cheio de ira estava queimando para lutar:

"Não, os teus iguais neste mundo não cometem tal ultraje,[327] o guerreiro que nobremente domina sua ira é o maior dos heróis. Não desvirtua a tua integridade natural, ó Lakshmana! Relembra os sentimentos de alegria que a aliança com Sugriva anteriormente despertou em ti. Fala com ele em tons moderados, omitindo todas as expressões duras, a respeito da sua demora e do seu atraso".

Assim aconselhado por seu irmão mais velho, aquele leão entre os homens, o valente Lakshmana, o matador de guerreiros hostis, entrou na cidade de Kishkindha. O sábio e virtuoso Lakshmana, ansioso para realizar o que era agradável para seu irmão, cheio de indignação, entrou na residência daquele macaco, levando seu arco na mão, parecido com o de Indra, alto como o pico de uma montanha, semelhante à montanha Mandara.

Fiel à ordem de Rama, seu irmão mais novo, o equivalente a Brihaspati, pensou consigo mesmo como ele deveria abordar e responder a Sugriva e, cheio de ira por causa da angústia e desgosto de seu irmão, Lakshmana avançou como uma forte tempestade, arrancando árvores Sala, Tala, Ashwakarna e outras com seus passos impetuosos, como um grande elefante quebrando as montanhas e esmagando as rochas sob seus pés, assim encurtando a distância para sua meta.

---

[327] Isto é, matar um amigo.

Aquele tigre entre os Ikshvakus então viu a esplêndida cidade do rei dos macacos, a inacessível Kishkindha, escavada na montanha e cheia de guerreiros. Com seus lábios tremendo em sua fúria contra Sugriva, Lakshmana viu aqueles macacos de aparência formidável caminhando em volta da cidade e, vendo aquele principal dos homens, aqueles macacos semelhantes a elefantes arrancaram partes da montanha, pedras, seixos e grandes árvores. Lakshmana, vendo-os pegando esses mísseis, sentiu sua raiva redobrada, como um braseiro aceso com inúmeros tições, e eles, vendo aquele guerreiro enfurecido, que parecia o próprio deus da morte na dissolução dos mundos, fugiram às centenas para todos os lados.

Nisso, aqueles principais dos macacos, retornando para o palácio de Sugriva, o informaram da aproximação de Lakshmana e de sua raiva, mas aquele rei dos macacos, que estava passando seu tempo em flerte com Tara, não prestou atenção ao que aqueles leões entre os macacos estavam dizendo.

Então, sob as ordens dos ministros, aqueles macacos, com os cabelos em pé, grandes como montanhas ou elefantes ou nuvens, saíram da cidade e, terríveis de se ver com suas unhas e dentes, suas mandíbulas como tigres, se posicionaram a céu aberto. Muitos tinham a força de dez elefantes, outros eram dez vezes mais fortes e alguns eram dotados da força de mil elefantes.

Lakshmana, que estava furioso, reconheceu que Kishkindha, repleta daqueles macacos, que estavam armados com troncos de árvores e eram dotados de grande coragem, era de difícil acesso. E emergindo das paredes e valas, aqueles macacos ficaram corajosamente no campo aberto.

Diante da indiferença debochada de Sugriva e da atitude provocativa dos macacos, o valente Lakshmana, guardião dos interesses de seu irmão mais velho, foi tomado de nova raiva, e aquele leão entre os homens, dando suspiros profundos e ardentes, com seus olhares flamejantes com fúria, parecia um braseiro expelindo fumaça.

Com suas flechas pontiagudas como a língua oscilante, seu ardor militar o veneno, o arco as espirais, ele parecia uma serpente de cinco cabeças ou o fogo ardente no fim do mundo ou o rei serpente enfurecido.

Então Angada, que tinha ido ao seu encontro, em seu terror, sofreu extremo transtorno e aquele guerreiro ilustre Lakshmana, com os olhos vermelhos de raiva, ordenou-lhe, dizendo:

"Ó filho, informa Sugriva da minha chegada e dize-lhe que o irmão mais novo de Rama chegou. Ó conquistador de teus inimigos, atormentado pela dor de seu irmão, Lakshmana espera em teu portão. Procura preparar aquele macaco abordando-o desse modo e volta com toda velocidade para me informar da sua resposta, ó caro filho".

Ouvindo essas palavras ditas por Lakshmana, Angada, cheio de angústia, foi procurar seu tio, que agora ocupava o lugar de seu pai e disse-lhe: "Saumitri chegou!"

Então Angada, oprimido pelos tons duros daquele herói, com seu semblante levando os traços de profunda angústia, foi embora, primeiro prestando homenagem aos pés do rei com grande reverência e depois aos de Ruma.

Aquele príncipe valente, depois de ter tocado os pés de seu pai, então reverenciou sua mãe também e, finalmente, pressionou os pés de Ruma, tendo informado Sugriva do que tinha ocorrido.

Sugriva, pesado com sono e fadiga, não acordou, mas jazia em um estupor bêbado, a indulgência sexual tendo embotado a sua razão.

Entretanto, vendo Lakshmana, com o medo perturbando os seus corações, os macacos o receberam com gritos para aplacar sua ira. Vendo-o tão próximo, eles ergueram um grande clamor, parecendo uma enorme onda ou o bramido de um trovão ou o rugido de leões; e esse grande tumulto despertou aquele macaco de olhos vermelhos, adornado com guirlandas que estava confuso com o licor, com sua mente desnorteada.

Reconhecendo a sua voz, dois ministros daquele rei dos macacos, acompanhados por Angada, se aproximaram dele. Ambos tinham aparência nobre e venerável e se chamavam Yaksha e Prabhava. Agradáveis por seu discurso que ia direto ao ponto e se sentando perto do rei, que se parecia com Indra, o senhor dos Maruts, eles lhe disseram:

"Há dois irmãos, cheios de nobreza e poder, Rama e Lakshmana, que em forma humana são dignos do reino que eles conferem a outros. Um deles, de arco na mão, está à porta; vendo-o, os macacos, aterrorizados, estão erguendo um grande clamor. Esse irmão de Raghava, Lakshmana, seu porta-voz, encarregado por ele de comunicar seus desejos, veio por ordem de Rama e o filho de Tara, o amado Angada, foi enviado a ti com toda pressa por Lakshmana, ó rei, como seu delegado, ó príncipe irrepreensível.

"Aquele guerreiro valente Lakshmana está à porta, com seus olhos ardendo de raiva e consome os macacos com seus olhares, ó rei. Vai rapidamente e coloca a tua cabeça a seus pés com todos aqueles que pertencem a ti, ó grande monarca, para que a raiva dele possa ser apaziguada instantaneamente.

"Realiza escrupulosamente aquilo que o virtuoso Rama deseja, de modo que a sua ira seja acalmada; executa os seus desejos com cuidado, ó rei, cumpre a tua promessa e sê fiel à tua palavra!"

Capítulo 32 – O discurso de Hanuman

Ao ouvir essas palavras de Angada e seus ministros, Sugriva, sabendo da ira de Lakshmana, se levantou de seu assento e voltou a si. Tendo considerado os diferentes aspectos da questão, ele se dirigiu aos seus conselheiros, que eram versados nas fórmulas sagradas, com as quais ele também estava familiarizado e das quais ele era um observador rigoroso, dizendo:

"Eu nem falei nem agi injustamente, por que é que o irmão de Raghava, Lakshmana, está enfurecido contra mim, eu me pergunto? Pessoas maldosamente dispostas, inimigos sempre à procura de um motivo para me acusar de crimes imaginários, colocaram o irmão mais novo de Raghava contra mim. Cabe a vocês todos refletirem sobre a questão com sabedoria, a fim de descobrir a causa de sua raiva. Seguramente eu não temo Lakshmana mais do que Raghava, mas um amigo que fica zangado sem motivo invariavelmente cria ansiedade. É fácil contrair uma amizade, mas extremamente difícil mantê-la, pois, devido à inconstância da mente uma amizade pode ser rompida pelo motivo mais trivial. Devido a isso, eu estou apreensivo em relação ao magnânimo Rama, pois eu não fui capaz de lhe retribuir um serviço proporcional ao que ele fez por mim".

Sugriva tendo falado, Hanuman, aquele principal dos macacos, respondeu de acordo com o seu entendimento, dizendo:

"Não é surpreendente de forma alguma, ó chefe das tribos de macacos, que tu sejas incapaz de esquecer o serviço significativo e inesperado prestado a ti por

Rama. Seguramente aquele herói, para o teu bem-estar, sem medo matou Bali, igual a Indra em poder. Sem dúvida os sentimentos de Rama foram feridos, o que é evidenciado por ele mandar seu irmão Lakshmana, o aumentador de sua felicidade, como seu representante, a ti. Ó tu, o mais hábil em discernir as estações, o outono está aqui em toda sua glória, as árvores Saptacchada e Shyama estando em plena floração, mas tu, entregue ao prazer, não percebes isso. O céu, livre de nuvens, está cheio de estrelas brilhantes e planetas, e em todas as regiões, lagos e rios, a calma prevalece.

"Chegou a hora de iniciar a busca por Sita com a qual tu estás familiarizado, ó touro entre os macacos. Achando-te esquecido, Lakshmana veio te informar que a hora está próxima. Angustiado após o rapto da sua esposa, o magnânimo Rama falará asperamente a ti através dos lábios desse herói; isso é motivo de espanto? Tendo agido de forma inadequada para com ele, eu não vejo outro meio visando o teu bem-estar exceto oferecer reverência a Lakshmana e rogar o seu perdão.

"É dever dos conselheiros falar o que é verdadeiro livremente a um rei e é por isso que depois de reflexão madura eu falei dessa maneira.

"Armado com seu arco, Rama, em sua ira, é capaz de subjugar o mundo inteiro como também os deuses, os asuras e os gandharvas. Não é sensato provocar alguém de quem, posteriormente, o perdão deve ser suplicado, ainda mais quando a lembrança de um favor recebido coloca alguém sob a obrigação de gratidão. Portanto inclina a tua cabeça diante desse homem com teu filho e teu séquito, ó rei, e permanece fiel à tua promessa, como uma mulher à vontade de seu marido. É desaconselhável te opor às ordens de Rama, mesmo em pensamento, porque tu estás bem ciente do poder desse homem cuja destreza é igual à de Indra e dos deuses".

Capítulo 33 – Tara pacifica Lakshmana

A pedido de Angada, e de acordo com a ordem de Rama, Lakshmana, o matador de guerreiros hostis, entrou na bela cidade de Kishkindha situada entre cavernas.

Vendo Lakshmana se aproximando, os macacos muito poderosos de tamanho imenso que guardavam o portão ficaram com as palmas unidas e, vendo o filho de Dasaratha cheio de ira, respirando pesadamente, não se atreveram a obstruir sua entrada.

Então aquele guerreiro poderoso, olhando à sua volta, viu aquela grande cidade decorada com joias e jardins floridos e tornada magnífica por pilhas de pedras preciosas com as quais ela estava cheia; repleta de prédios e templos espaçosos, com joias de todos os tipos em abundância oferecidas como mercadoria, ela era embelezada por árvores florescentes cobertas com todas as frutas desejáveis.

Nascidos dos deuses e gandharvas, os macacos, capazes de mudar sua forma à vontade, usando guirlandas e trajes celestes, aumentavam a beleza da cidade por sua aparência encantadora.

Perfumadas com o aroma de sândalo, aloés e de lótus, as largas estradas também estavam cheias do odor inebriante de Maireya e Madhu.[328]

---

[328] Vinhos feitos de mel.

Lakshmana contemplou grandes mansões também, tão altas quanto as montanhas Vindhya e Meru, e rios de água pura correndo através da cidade. Ele examinou as residências encantadoras de Angada, Mainda, Dvivida, Gavaya, Gavaksha, Gaja, Sharabha, Vidhumati, Sampati, Sutyaksha, Hanuman, Virabahu, Subahu e Nala de grande alma, Kumuda, Sushena, Tara, Jambavan, Dadhibaktra, Nila, Sunetra e Supatala, habitações semelhantes às nuvens brancas enfeitadas com guirlandas perfumadas e cheias de joias, grãos e mulheres adoráveis.

A morada magnífica e inacessível do rei dos macacos, como o palácio de Mahendra, ficava em uma rocha branca e era decorada com cúpulas providas de pináculos que pareciam os picos do monte Kailasha. Árvores em plena floração, frutas de todos os tipos de sabor delicioso, tinham sido plantadas lá e pareciam nuvens azuis, encantadoras com sua sombra fresca, flores celestes e frutas de cor dourada.

Macacos valentes, portando armas nas mãos, guardavam o portão resplandecente, os arcos do qual eram de ouro fino adornado com guirlandas magníficas.

O poderoso Lakshmana entrou no palácio de Sugriva sem impedimento como o sol entra em uma grande nuvem, e tendo atravessado os sete pátios, cheios de meios de transporte e assentos, ele viu os aposentos internos daquele chefe dos macacos, cheios de sofás de ouro e prata com coberturas valiosas e assentos belos.

Ao entrar lá, ele ouviu música agradável misturada com a cadência rítmica de canto com acompanhamento de instrumentos de cordas; e nos apartamentos particulares de Sugriva muitas mulheres bem nascidas, notáveis por sua juventude e beleza, vestidas suntuosamente, coroadas com flores e ocupadas em tecer guirlandas foram observadas por Lakshmana de grande alma. Ele notou também que não havia nenhum dos atendentes do rei que não estivesse ricamente trajado, feliz, bem alimentado e ansioso para oferecer seus serviços.

Ouvindo o som das tornozeleiras e cintas das mulheres, o virtuoso Lakshmana ficou confuso, e irritado com o tilintar daqueles ornamentos aquele herói esticou a corda de seu arco de modo que a vibração ressoou por todos os lados. Depois disso o valente Lakshmana, indignado por conta de Rama, retirou-se para um canto e ficou em silêncio, refletindo sobre sua presunção ao entrar nos aposentos privados de Sugriva. Ouvindo o som do arco, Sugriva, o rei dos macacos, reconhecendo a presença de Lakshmana, começou a tremer em seu trono esplêndido.

Ele refletiu: 'Como Angada anteriormente me informou, Saumitri, por solicitude fraterna, sem dúvida veio aqui'.

Então aquele macaco, informado por Angada, suas notícias agora certificadas duplamente pelo som do arco, entendeu que Lakshmana tinha chegado e ele empalideceu, seu coração estando cheio de apreensão, e Sugriva, o rei dos macacos, dirigiu-se a Tara, de aparência encantadora, com palavras bem pensadas, dizendo:

"Ó senhora de sobrancelhas adoráveis, qual causa de descontentamento tem o irmão mais novo de Rama, que é de natureza gentil? Por que ele veio aqui como um louco delirante? Tu sabes o motivo da raiva desse príncipe? Seguramente aquele leão entre os homens não pode estar enfurecido sem justa causa. Se eu o desagradei involuntariamente, então, considerando o assunto com cuidado, me informa sem demora ou vai tu mesma até ele.

"Ó adorável, pela tua fala agradável procura conciliá-lo. Vendo-te, a sua mente ficará tranquila e a sua raiva será atenuada, pois grandes guerreiros não se

permitem tratar mulheres com aspereza. Quando as tuas palavras gentis o tiverem acalmado e a sua mente e sentidos estiverem sob controle, então eu, por minha vez, me aproximarei daquele príncipe, cujos olhos são tão grandes quanto pétalas de lótus e que é o conquistador de seus inimigos".

Nisso, Tara, vacilando levemente, com seus olhos brilhantes por beber vinho, sua cinta solta, pendurada por um fio dourado, usando a insígnia da realeza, com aparência cabisbaixa se aproximou de Lakshmana. E quando aquele grande guerreiro viu a consorte do rei dos macacos, ele, reprimindo a sua ira na presença de uma mulher, inclinou a cabeça, comportando-se como um asceta.

Sob a influência do vinho e observando a atitude benigna daquele príncipe, Tara, descartando toda reserva, se dirigiu a ele de um modo conciliatório, com palavras calculadas para ganhar sua confiança, e disse:

"De onde brota essa raiva, ó filho de um rei? Quem falhou em cumprir as tuas ordens? Qual pessoa imprudente se aproximou da floresta onde as árvores estão secas com uma tocha flamejante?"

Apaziguado por esse discurso suave, Lakshmana respondeu com cortesia estudada:

"Por que, entregue à luxúria, o teu consorte negligencia o seu dever e os seus próprios reais interesses? E tu, que és dedicada a ele, por que tu não dás a tua consideração ao assunto? Ele tornou-se indiferente aos negócios do reino e a nós mesmos e ao nosso desagrado. Rodeado por parasitas, ó Tara, ele se entrega aos prazeres sensuais.

"Os quatro meses designados como o prazo de espera passaram, mas o rei dos macacos, em uma orgia de embriaguez e prazer, não está ciente disso. Seguramente a dissipação não é um meio adequado para o cumprimento do próprio dever e obrigações. A intemperança traz em sua esteira a perda de riqueza, de virtude e da capacidade de apreciação.

"Não retribuir um serviço recebido é falhar completamente em seu dever e perder um bom amigo é imensamente prejudicial para os seus maiores interesses. Do ponto de vista da prosperidade, a maior das virtudes é a amizade que é baseada na lealdade e justiça; aquele que falha nesses não está fixo em seu dever. Sendo assim, o que deve ser feito, ó tu que estás familiarizada com o caminho do dever?"

Ouvindo essas palavras justas e razoáveis, expressas com gentileza, Tara garantiu ao príncipe o cumprimento indubitável do seu empreendimento e dirigiu-se novamente a Lakshmana dizendo:

"Ó filho de um rei, esse não é o momento para recriminações, tu deves conter tua ira contra o meu senhor; ele tem os teus interesses no coração, perdoa a sua tolice, ó guerreiro.

"Ó príncipe, como pode um homem dotado de todas as boas qualidades ficar furioso com aquele que é carente delas? Qual dos teus iguais, apesar do seu bom caráter, cederia à ira? Eu sei a razão para o descontentamento do aliado valoroso de Sugriva, eu sei do serviço que vocês dois nos prestaram e que devemos retribuir. Eu sei mais ainda, ó melhor dos homens, que se deve dominar as próprias emoções. Eu estou ciente em qual companhia Sugriva se rendeu à luxúria, que é a causa da atual procrastinação que incita a tua ira. Quando o homem sucumbe ao desejo ele se esquece do tempo e lugar como também do seu dever e do que deve ser feito corretamente. Perdoa esse líder da raça de macacos, que, ao meu lado, sem vergonha, entrega-se à diversão sensual da qual ele é escravo. Mesmo os grandes rishis, dedicados à prática de ascetismo, quando levados pelo desejo, perderam o controle de suas mentes, como esse macaco, portanto, volátil por

natureza, quando dominado pela paixão, não se tornaria um escravo do prazer, embora ele seja rei?"

Tendo dirigido essas palavras de profunda compreensão a Lakshmana, cuja coragem era imensurável, a gentil Vanari, com um olhar preocupado, por conta de seu afeto conjugal, então acrescentou para o bem de seu senhor:

"Ó mais excelente dos homens, embora dominado pelo desejo, Sugriva há muito tempo fez preparativos para o teu benefício. Já centenas, milhares e milhões de macacos valentes, capazes de mudar sua forma à vontade, habitando todas as espécies de árvores, vieram aqui.

"Tem a bondade de entrar, portanto, ó guerreiro de braços longos; a conduta casta de um amigo sincero o autoriza a olhar para as esposas de outros".

A convite de Tara e impelido por um desejo de cumprir as ordens que tinham sido dadas a ele, aquele herói ilustre, o conquistador de seus inimigos, entrou no aposento interno.

Lá, sentado em um trono dourado, coberto com um tecido valioso, ele viu Sugriva, parecendo o próprio sol, com seu corpo enfeitado com ornamentos celestes, de uma beleza e dignidade divinas. Usando traje majestoso e guirlandas ele parecia o próprio Mahendra, por todos os lados ele estava cercado por mulheres enfeitadas com coroas e joias dignas de deusas, e seus olhos avermelhados davam-lhe a aparência de Antaka.

Da cor de ouro fino, apertando Ruma firmemente em seus braços, sentado em um trono magnífico, aquele herói de olhos grandes viu diante dele o poderoso Saumitri de olhos expansivos.

Capítulo 34 – Lakshmana repreende Sugriva

Vendo aquele leão indomável entre os homens, Lakshmana, entrando cheio de ira, Sugriva ficou conturbado e, observando aquele filho de Dasaratha respirando pesadamente e ardendo de indignação por conta da calamidade que tinha alcançado seu irmão, o rei dos macacos se ergueu e, deixando seu assento dourado que parecia o estandarte muito enfeitado de Indra, com os olhos vermelhos, se aproximou do príncipe Lakshmana e ficou diante dele como a poderosa árvore Kalpa.[329] Então as mulheres, lideradas por Ruma, o seguiram, como um aglomerado de estrelas cercando a lua.

Então Lakshmana, cheio de ira, disse a Sugriva que estava entre as mulheres com Ruma ao seu lado, como a lua cercada por estrelas:

"O rei que é dotado de qualidades notáveis e nobres e é compassivo, que subjugou seus sentidos e é grato e leal, obtém renome no mundo, mas o monarca que está radicado na iniquidade e é injusto para com seus amigos que lhe prestaram assistência, é o objeto de opróbrio.

"Proferir uma falsidade com referência a um cavalo é ser culpado da morte de cem cavalos,[330] em relação a uma vaca de mil vacas, mas proferir uma falsidade em relação a um homem é destruir a si mesmo, bem como seus parentes.

"Aquele canalha ingrato, que, depois de ter alcançado o seu objetivo, não presta serviço pelo serviço, é culpado do assassinato de todos os seres, ó rei dos

329 Árvore Kalpa: a árvore realizadora de desejos.

330 ["O significado é que se um homem promete dar um cavalo e então quebra sua palavra ele comete um pecado tão grande como se tivesse matado cem cavalos". – Griffith].

Plavagas; esse é o texto recitado por Brahma ao ver aquele que era culpado de ingratidão; ele é conhecido em todo o mundo, ó Plavamgama. Aquele que mata uma vaca ou bebe licor intoxicante ou é ladrão ou viola seu voto ainda é capaz de expiar seu pecado, mas para aquele que é culpado de ingratidão nenhuma expiação é possível.

"Tu és um patife ignóbil, falso e ingrato, ó macaco, por ter obtido o que tu procuravas de Rama sem retribuir seus serviços. Tendo alcançado o teu desejo através de Rama, não é teu dever fazer tudo em teu poder para recuperar Sita? Rendendo-te aos prazeres sensuais, infiel à tua promessa, Rama não te conhece como a serpente coaxando como um sapo, que tu és.[331]

"Em sua compaixão por ti, ó patife perverso, o magnânimo Rama te permitiu recuperar o reino dos macacos. Tu não reconheceste os benefícios conferidos a ti por Raghava de grande alma, portanto perfurado por flechas afiadas tu deverás seguir Bali. O caminho que o teu irmão tomou na morte ainda não está fechado! Honra a tua promessa, ó Sugriva, não sigas em sua esteira. Já que tu não vês o príncipe dos Ikshvakus disparando suas flechas flamejantes, tu ainda és capaz de permanecer sereno e feliz, sem te importar com as ansiedades dele".

Capítulo 35 – Tara defende Sugriva

Assim falou Lakshmana, o filho de Sumitra, cheio de raiva e Tara, cujo rosto era tão formoso quanto a lua, respondeu a ele dizendo:

"Ó Lakshmana, o rei dos macacos não mereceu essa linguagem dura, particularmente dos teus lábios. Sugriva não é ingrato nem falso, nem digno de condenação nem, ó herói, ele profere o que não é verdade nem ele é um impostor!

"O macaco valente, Sugriva, não esqueceu o auxílio prestado a ele por Rama no campo de batalha, que nenhum outro era capaz de dar. Com a ajuda do magnânimo Rama, Sugriva recuperou sua glória e o domínio duradouro do reino dos macacos e foi devolvido a Ruma e a mim mais uma vez, ó flagelo de teus inimigos!

"Tendo estado sujeito à adversidade cruel e agora desfrutando do auge da boa fortuna, ele ficou inconsciente à chegada do momento para o cumprimento de sua promessa, assim como o sábio Vishwamitra antigamente. Durante dez anos, aquele sábio virtuoso ficou apegado à ninfa Ghritachi e não conseguiu perceber que o tempo estava passando, ele, que era hábil em discernir o tempo.[332]

"Sugriva foi privado de prazeres físicos por um longo período, ele estava exausto e não tinha experimentado nenhum relaxamento, ó Lakshmana, Rama, portanto, deve perdoá-lo. E tu, ó Lakshmana, não deves ceder à ira como uma pessoa inferior sem verificar o que ocorreu. Pessoas virtuosas como tu, ó leão entre os homens, não cedem à raiva imediata e irracional. Com toda humildade, eu faço um apelo a ti em nome de Sugriva para controlar a angústia que dá origem a essa raiva em ti. É minha firme convicção que Sugriva está pronto a renunciar a Ruma, Angada, a mim mesmo, reino, riqueza, grãos e rebanhos para agradar Rama. Tendo matado o demônio vil, Sugriva devolverá Sita para Rama, como a lua é reunida com Rohini.

[331] O sentido sendo: 'coaxando como um sapo para atrair sapos'.
[332] Essa história é contada no Balakanda. [Livro I, cap. 63; mas lá a ninfa é Menaka].

"Em Lanka há centenas, milhares e milhões de demônios irreprimíveis capazes de mudar sua forma à vontade; sem destruir esses seres formidáveis é impossível vencer Ravana, por quem Maithili foi levada. Sugriva não pode derrotar aqueles demônios de façanhas terríveis sem o apoio de auxiliares, ó Lakshmana. Essa era a opinião ponderada de Bali, aquele engenhoso e experiente monarca dos macacos. Não sabendo nada sobre o assunto, eu ouvi isso de seus lábios.

"Para te prestar assistência, os mais importantes dos macacos foram convocados para essa tarefa com inumeráveis tropas selecionadas cuidadosamente. Esperando aqueles macacos valentes e poderosos, escolhidos para assegurar o sucesso do empreendimento de Rama, o rei dos macacos ainda não deixou a cidade.

"Ó Lakshmana, há algum tempo Sugriva ordenou sabiamente que esses macacos deveriam se reunir nesse mesmo dia. Milhares e milhões de ursos e centenas de Golangulas,[333] bem como inúmeros kotis[334] de macacos, queimando com energia, estarão à tua disposição hoje.

"Portanto, ó conquistador de teus inimigos, subjuga a tua ira. Vendo o teu rosto distorcido pela raiva e os teus olhos inflamados, as esposas desses principais dos macacos, longe de serem tranquilizadas, estão sofrendo toda a angústia do seu antigo temor".

Capítulo 36 – Lakshmana se reconcilia com Sugriva

Gentil por natureza, Lakshmana ouviu aquelas palavras justas e graciosas de Tara com deferência.

Percebendo a aceitação magnânima do discurso dela, o rei dos macacos se livrou de seu medo como alguém descarta uma roupa molhada. Depois disso Sugriva arrancou a guirlanda pomposa e multicor de seu pescoço e a jogou fora, sua intoxicação estando dissipada, e aquele chefe dos macacos se dirigiu ao temível guerreiro Lakshmana com humildade, assim satisfazendo-o, e disse:

"Ó Saumitri, eu tinha perdido a minha fortuna, a minha fama e o reino dos macacos que, pela graça de Rama, foram totalmente devolvidos a mim. Quem é capaz de igualar isso ou retribuí-lo mesmo em parte para aquele divino Rama, famoso por suas façanhas, ó príncipe? O virtuoso Raghava vai recuperar Sita e matar Ravana por seu próprio valor apenas; quanto a mim, eu somente o acompanharei. Que necessidade de auxílio tem aquele que, com uma única flecha, perfurou sete árvores gigantes e uma montanha, penetrando profundamente na terra? Ele pelo som de cujo arco esticando a terra com suas montanhas treme, que necessidade ele tem de auxílio? Eu seguirei aquele Indra entre os homens, ó Lakshmana, quando ele partir para destruir seu adversário, Ravana, junto com a sua Casa.

"Se eu traí sua amizade ou confiança em alguma medida, que ele me perdoe; existe alguém sem defeitos?"

Essas palavras de Sugriva agradaram ao magnânimo Lakshmana que se dirigiu a ele afetuosamente, dizendo:

---

[333] Golangula: um macaco preto com a cauda de uma vaca.
[334] Koti: um crore ou dez milhões.

"Indubitavelmente ao meu irmão não faltará apoio, ó príncipe dos macacos, sobretudo, ó Sugriva, com a tua cooperação, que és cheio de humildade. Tal é a tua coragem e sinceridade, que tu és digno de desfrutar da prosperidade inigualável do reino dos macacos.

"Com a tua ajuda, sem dúvida, ó Sugriva, o ilustre Rama logo matará seus inimigos em batalha. Virtuoso, consciente do que deve ser feito, intrépido no campo, tu proferiste palavras nobres que são dignas de ti, ó amigo. Quem mais, reconhecendo seu erro, no auge de seu poder, falaria assim, ó touro entre os macacos, exceto meu irmão mais velho e tu?

"Tu és igual a Rama em coragem e força! Tu foste ordenado seu aliado pelos deuses, ó chefe dos macacos. Por que demorar mais, ó herói? Saiamos juntos e ofereçamos consolo ao teu amigo, que sofre por causa da separação de sua consorte.

"Ó Sugriva, perdoa aquelas repreensões que eu dirigi a ti em profunda aflição por causa de Rama".

Capítulo 37 – Sugriva reúne suas tropas

Ouvindo as palavras do magnânimo Lakshmana, Sugriva disse a Hanuman que estava próximo:

"Convoca todos aqueles que habitam as alturas das montanhas Mahendra, Himavat, Vindhya, Kailasha e Mandara, como também aqueles dos picos do monte Pandu e das Cinco Colinas; os que moram nas montanhas que são brilhantes como a aurora; aqueles que habitam as margens mais distantes do mar na região oeste e aqueles nas montanhas nas mansões do sol; aqueles macacos formidáveis que se refugiaram nos bosques Padmachalu; aqueles macacos que se assemelham a nuvens de colírio, que possuem a força do senhor dos elefantes, que residem na colina Anjana; os que possuem o esplendor do ouro, habitando as cavernas das montanhas Mahashaila e aqueles que frequentam as encostas do monte Meru, bem como os que moram no monte Dhumra; aqueles que possuem o brilho do sol nascente, dos saltos imensos, que, no monte Maharuna, bebem o inebriante vinho Maireya; aqueles que vivem nas florestas vastas, formosas e perfumadas com suas clareiras charmosas, onde os eremitérios dos ascetas são encontrados. Com a ajuda dos mais velozes dos macacos convoca todos eles de todas as partes do mundo por meio de presentes e conciliação. Eu já enviei mensageiros que são famosos por sua agilidade, porém, a fim de acelerar mais ainda o processo, que eles sejam seguidos por outros emissários.

"Traze aqueles líderes dos macacos também, que são preguiçosos ou dados ao prazer. Se eles não tiverem respondido ao meu apelo em dez dias, eles sofrerão a pena de morte por infringirem a ordem real. Que aqueles leões entre os macacos sob o meu domínio cumpram as minhas ordens com toda velocidade às centenas, milhares e milhões.

"Semelhantes a montanhas de névoa encobrindo o céu, que aqueles macacos excelentes de aspecto aterrador venham a meu chamado. Que todos os macacos que estão familiarizados com o caminho percorram a terra; os convoca a meu comando com toda velocidade".

Às palavras do rei macaco, o filho do vento despachou grupos de macacos inteligentes para todos os quadrantes. Partindo para aquela região percorrida por

Vishnu, pelos caminhos frequentados por aves e estrelas, os macacos, sob os comandos de seu soberano, partiram imediatamente.

Percorrendo os mares, montanhas, florestas e lagos, eles convocaram todos os diferentes macacos para ajudar Rama. Quando aqueles macacos souberam da ordem de Sugriva, uma verdadeira sentença de morte, eles, com medo, partiram imediatamente para Kishkindha.

Aqueles da tribo Plavagama, que eram pretos como colírio, cheios de energia, vieram do monte Anjana no total de três kotis para se juntar a Rama. Aqueles que se divertiam nas altas colinas, onde o sol se põe, brilhantes como ouro, se ofereceram em dez kotis. Das alturas do monte Kailasha, macacos cuja cor parecia a da juba de um leão vieram em um total de mil e aqueles que viviam de frutas e raízes, que moravam em Himavat, vieram em dezenas de milhões, enquanto aqueles macacos terríveis de atos temíveis, semelhantes a brasas, desceram às pressas da montanha Vindhya aos milhares de milhões. Aqueles que viviam nas margens do mar branco, os moradores das florestas Tamala e aqueles que se alimentavam de cocos não podiam ser contados.

Dos bosques, cavernas e rios, um vasto exército de macacos emergiu, que parecia capaz de absorver os raios do sol. Nessas circunstâncias, aqueles macacos poderosos, que tinham saído com toda pressa para apressar os outros, encontraram uma grande árvore crescendo no cume do monte Himavat. Nos tempos antigos, naquele pico divino e sagrado, um grande sacrifício foi realizado que foi aprovado por Mahadeva, que satisfaz todos os desejos dos deuses. Depois disso muitas variedades de frutas e raízes semelhantes à ambrosia brotaram naquele quadrante das oferendas sagradas de grãos e sementes,[335] e aqueles que compartilhavam delas não tinham necessidade de mais sustento pelo período de um mês inteiro.

Então aqueles principais entre os macacos colheram aquelas frutas celestes e raízes com ervas medicinais daquele local de sacrifício e levaram flores perfumadas também para agradar Sugriva.

Após terem convocado todos os macacos do mundo, aqueles mensageiros seletos voltaram com velocidade na vanguarda de suas tropas, e logo aqueles macacos velozes e espertos tinham retornado para Kishkindha, onde Sugriva estava; e eles o presentearam com as frutas, ervas e raízes que tinham colhido, dizendo:

"Nós vasculhamos as montanhas, rios e florestas; todos os macacos da terra vieram a teu chamado".

Essas palavras agradaram Sugriva, o rei da tribo de macacos, que aceitou livremente todos os presentes que eles tinham trazido.

Capítulo 38 – Sugriva vai ao encontro de Rama

Sugriva, tendo aceitado os presentes que lhe foram apresentados, agradeceu aos macacos e dispensou todos eles.

Tendo mandado embora aqueles milhares de macacos, que executaram sua tarefa, ele considerou sua missão, como a do poderoso Raghava, propriamente quase realizada.

[335] Que tinham sido espalhadas lá.

Então Lakshmana abordou o formidável Sugriva, o principal dos macacos, com uma deferência que o comoveu, dizendo: "Ó amigo, tem a bondade de partir de Kishkindha".

Ouvindo essas palavras ditas por Shri Lakshmana, Sugriva cheio de alegria respondeu: "Que assim seja, vamos avançar, eu estou às tuas ordens".

Tendo assim falado ao ilustre Lakshmana, Sugriva dispensou Tara com as outras mulheres, e depois convocando os líderes dos macacos em alta voz se dirigiu a eles dizendo: "Venham aqui!"

Ao som de sua voz todos aqueles admitidos na presença de mulheres vieram imediatamente e ficaram com palmas unidas diante do rei, cujo brilho se igualava ao do sol e que disse a eles:

"Saiam com toda velocidade e tragam uma liteira, ó macacos!" A esse comando eles partiram com passos rápidos para buscar aquela liteira maravilhosa e, quando ela estava pronta, o soberano supremo dos macacos disse a Saumitri: "Tem a bondade de subir na liteira, ó Lakshmana!"

Falando assim, Sugriva com Lakshmana subiu na liteira dourada que brilhava como o sol e era sustentada por um grande número de macacos. Um dossel branco foi espalhado sobre a cabeça de Sugriva e abanadores magníficos feitos de caudas de iaque foram abanados em volta dele. Elogiado por bardos, ao som de conchas e trombetas, ele pôs-se a caminho com dignidade real. Cercado por centenas de macacos guerreiros portando armas em suas mãos ele seguiu para o lugar onde Rama morava e, tendo chegado àquele local excelente, aquele príncipe ilustre desceu da liteira com Lakshmana e se aproximou de Rama com palmas unidas. Em seguida os macacos, agrupados em volta dele, fizeram o mesmo e, vendo aquele grande exército de macacos parecendo um lago coberto com botões de lotos, Rama ficou bem satisfeito com Sugriva.

Levantando o rei dos macacos, que tinha se prostrado diante dele e cuja testa tocou seus pés, o virtuoso Rama o abraçou para demonstrar seu afeto e estima e pediu-lhe que se sentasse. Depois disso, vendo-o sentado no chão, Rama disse:

"Aquele que divide seu tempo judiciosamente entre o dever, o prazer e a aquisição legítima de riqueza, e honra suas responsabilidades nessas coisas é realmente um rei, ó melhor dos macacos; mas aquele que negligencia seu dever, seus verdadeiros interesses e prazeres legítimos é como aquele que dorme no topo de uma árvore e não acorda até que tenha caído. O monarca que está sempre pronto para destruir seus inimigos e se alegra em favorecer seus amigos, que colhe o fruto do alimento triplo,[336] tem cumprido seu dever.

"Chegou a hora de agir, ó flagelo de teus inimigos, portanto delibera com teus ministros, ó rei dos macacos!"

Assim abordado, Sugriva respondeu a Rama, dizendo: "Eu perdi fama e fortuna junto com todo o reino dos macacos, ó guerreiro de braços longos, mas pelo teu favor os recebi novamente e pela graça do teu irmão, ó grandioso, ó maior dos conquistadores. Aquele que não reconhece um serviço feito para ele é um objeto de desprezo.

"Esses líderes enérgicos partiram às centenas para convocar todos os macacos do mundo, ó matador de teus inimigos. Macacos, ursos e símios cheios de valentia, de aspecto feroz, familiarizados com as matas e florestas inacessíveis, macacos que nasceram dos deuses e gandharvas, capazes de mudar sua forma à vontade, estão a caminho seguidos por suas tropas, ó Rama.

[336] Os três objetivos da vida: dever, riqueza, e prazeres legítimos.

"Esses macacos estão vindo para cá cercados por centenas e milhares,[337] por milhões e dezenas de milhões; esses macacos e seus chefes, que são tão valentes quanto Mahendra e parecem montanhas em estatura, estão vindo juntos das cordilheiras Meru e Vindhya. Eles se unirão a ti para lutar contra o demônio Ravana e, derrubando-o no campo de batalha, devolverão Sita para ti".

Vendo os preparativos feitos por aquele macaco valente, de acordo com seu desejo, o príncipe ilustre ficou encantado e seu rosto se assemelhava ao lótus azul em flor.

Capítulo 39 – A chegada das tropas de Sugriva

Assim falou Sugriva, permanecendo com palmas unidas diante de Rama, e aquele mais virtuoso dos homens, tomando-o em seus braços, o abraçou dizendo:

"Não é de se admirar que Indra envie a chuva, nem que o sol com seus mil raios dissipe a escuridão do céu, ó meu caro, nem que a lua por seu brilho torne clara a noite, nem que os teus iguais criem a felicidade de seus amigos, ó flagelo de teus inimigos. Encontrar nobreza de caráter em ti não é estranho; eu te conheço pelo teor afetuoso da tua fala. Com o teu apoio, ó meu amigo, eu vencerei todos os meus inimigos no campo de batalha; tu és meu aliado e deves me ajudar.

"Para a sua própria destruição, o demônio vil raptou Maithili, como Anuhlada[338] levou Sachi, tendo primeiro enganado seu pai.[339] Em breve, eu perfurarei Ravana com minhas flechas afiadas como Shatakratu, aquele matador de seus inimigos, matou o pai altivo de Paulomi".[340]

Naquele momento, a escuridão cobriu o firmamento e velou o brilho flamejante daquele orbe de mil raios; uma nuvem de poeira pairava sobre todas as regiões, e a terra com suas montanhas, florestas e bosques tremeu. Toda a terra foi coberta com incontáveis macacos parecendo reis de homens e que, tendo dentes afiados, eram dotados de grande força. Num piscar de olhos aqueles principais dos macacos cercados por tropas, totalizando centenas de kotis, dotados de energia extrema, rugindo como trovão, se reuniram provenientes de rios, montanhas e mares com outros que habitavam as florestas.

Macacos da cor do sol nascente ou brancos como a lua, ou do matiz dos estames de lótus ou pálidos, tendo seu lar na montanha dourada, apareceram às dezenas de milhares a serviço daquele macaco renomado e valente Shatavali. Então o pujante pai de Tara, que parecia uma colina dourada, apareceu na chefia de muitos milhares de kotis. Em seguida o pai de Ruma, sogro de Sugriva, que parecia os filamentos de um lótus e era como um sol jovem, chegou acompanhado por outros milhares de kotis de macacos; e aquele principal dos macacos, Kesharin, o pai ilustre de Hanuman, apareceu em companhia de muitos milhares de macacos. E Gavaksha, rei dos Golangulas, dotado de poder terrível chegou, cercado por milhões de macacos; Dhumra também, o destruidor de seus inimigos, avançou com dois mil

---

[337] Literalmente Arvuda: cem milhões. Sanku é mil Arvudas; Madhya é dez vezes um Arvuda; Antya é dez vezes um Madhya; Samudra é vinte vezes um Madhya e um Paradha é trinta vezes um Samudra.

[338] Anuhlada: um filho de Hiranya-kasipu, um daitya, pai de Prahlada. Sua história é encontrada nos Puranas. ["Segundo o Bhagavata Purana o daitya ou asura Hiranyakasipu, e Hiranyaksha seu irmão, ambos mortos por Vishnu, nasceram de novo como Ravana e seu irmão Kumbhakarna". – Griffith].

[339] Puloman: um danava que foi morto por Indra quando ele tentou amaldiçoá-lo por raptar sua filha Sachi.

[340] ["Paulomi é um patronímico denotando Sachi a filha de Puloma". – Griffith].

ursos dotados de velocidade incrível. Depois disso o líder de rebanhos, Panasha de destreza extrema chegou, acompanhado por três milhões de guerreiros poderosos e temíveis e ele foi seguido por Nila de estatura imensa, que se assemelhava a uma massa de colírio, com dez kotis de macacos. E, brilhante como uma montanha de ouro, o heroico Gavaya chegou com cinco kotis de macacos, e em sua devoção a Sugriva o bravo chefe Darimukha trouxe mil kotis. Em seguida os dois poderosos Ashwiputras, Mainda e Dvivida, apresentaram-se com mil milhões de macacos. O bravo guerreiro Gaja conduzia um exército de três kotis de macacos, e o ilustre rei dos ursos, chamado Jambavan, chegou, na dianteira de dez kotis, colocando-se sob o comando de Sugriva. O renomado Rumana veio depois com cem kotis de macacos intrépidos com toda pressa. Cem mil milhões de macacos seguiam Gandhamadana, e um número infinito estava sob o comando do príncipe Angada, que, como seu pai, era cheio de coragem. Depois disso, brilhando como uma estrela, veio Tara de valor supremo, acompanhado por cinco kotis de macacos de uma grande distância, e então Indrajanu, um general bravo e habilidoso, que por sua vez se apresentou à frente de onze kotis, e também Rambha com um ayuta[341] de soldados; e então o líder macaco Durmukha, aquele valente cheio de coragem fenomenal, com dois kotis de macacos, parecendo os picos do monte Kailasha. O próprio Hanuman estava acompanhado por milhares de macacos e o supremamente corajoso Nala era seguido pelos habitantes dos bosques no total de cem, mil e cem macacos. O afortunado Darimukha era escoltado por dez kotis de macacos e com gritos altos tomou seu lugar ao lado de Sugriva. E Sharabha, Kumuda, Vahni e Rambha vieram, aqueles macacos que eram capazes de mudar sua forma à vontade, com suas tropas de números incalculáveis cobrindo toda a terra, suas montanhas e florestas. Todos os macacos habitantes da terra se reuniram em volta de Sugriva, pulando, cabriolando e rugindo, e aqueles Plavagamas cercaram Sugriva como nuvens cerradas em volta do sol. Cheios de coragem e energia, eles deram voz a repetidos gritos de aclamação, inclinando suas cabeças em saudação ao rei dos macacos. Outros, os líderes dos exércitos, segundo a tradição, se aproximaram do rei e ficaram ao seu lado com palmas unidas; e Sugriva, permanecendo com extrema devoção diante de Rama, o informou da chegada dos macacos e então se dirigiu a seus generais, que estavam ardendo de entusiasmo, dizendo: "Ó chefes de macacos, posicionem seus exércitos devidamente na montanha perto de córregos na mata e que cada um averigue o número exato de suas tropas".

Capítulo 40 – Sugriva envia seus macacos para o leste em busca de Sita

Então o senhor dos macacos, com seu propósito cumprido, disse àquele leão entre os homens, Rama, o destruidor de exércitos hostis:

"Aqui, reunidos, estão os principais dos macacos que habitam meus domínios, que são iguais a Mahendra e são capazes de se transportar para qualquer lugar à vontade. Esses macacos ferozes, semelhantes a gigantes e a titãs, de bravura imensurável, renomados por suas façanhas, belicosos, valentes,

[341] Ayuta: dez mil, uma miríade ou um número que não pode ser contado.

incansáveis e extremamente sagazes em todas as suas deliberações, vieram com suas vastas tropas.

"Ó Rama, esses incontáveis milhões, que habitam várias regiões de montanha, atravessando terra e mar, vieram se colocar a teu serviço. Todos estão concentrados no bem-estar de seu mestre e são obedientes às tuas ordens; eles estão sob os teus comandos, cabe a ti dispor deles como quiseres. Embora eu esteja totalmente familiarizado com o teu plano, que tu ordenes tudo como julgares melhor".

Assim falou Sugriva, e Rama, o filho de Dasaratha, tomando-o nos braços, disse-lhe:

"Ó caro e sábio amigo, vamos descobrir se Sita ainda vive ou não e determinar em qual região Ravana vive. Então, tendo chegado onde a filha de Videha for encontrada, nós adotaremos as medidas que as circunstâncias aconselharem, a hora tendo sido fixada.

"Ó senhor dos macacos, não cabe a mim comandar essa expedição nem a Lakshmana; és tu que deves dirigi-la; tu serás seu líder. Que tu, ó senhor, assumas o comando nessa questão, tu estás completamente familiarizado com o meu propósito, ó herói. Tu, o segundo dos meus amigos,[342] és cheio de coragem, sábio, sabendo como escolher o momento adequado, dedicado aos meus verdadeiros interesses, extremamente leal e talentoso".

Assim abordado, Sugriva, na presença de Rama e do sagaz Lakshmana, disse ao seu general, Vinata, que parecia uma grande colina e cuja voz ressoava como um trovão:

"Ó principal dos líderes, que estás acompanhado de macacos tão brilhantes quanto o sol e a lua, tu és capaz tirar proveito de hora e lugar e és hábil ao conduzir teus negócios! Levando contigo centenas e milhares de macacos, explora a região leste com suas florestas, bosques e montanhas, em busca de Sita, a princesa de Videha, e também da fortaleza de Ravana. Procurem entre as fortalezas das montanhas, as florestas e os rios pela amada consorte de Rama, a nora do rei Dasaratha; procurem pela bela Bhagirathi,[343] a Sarayu, a Kaushiki e a Kalindi, a encantadora Yamuna[344] e as grandes colinas que delimitam a Saraswati, o Sindhu[345] e o Shona[346] de águas da cor do rubi, a Mahi e a Kalamahi com suas esplêndidas colinas arborizadas.[347]

"Procurem por eles nos Brahmamalas, Videhas, Malavanas, Kashikoshalas, e Magadhas, nos Pundras e Angas, terras onde o bicho da seda e as minas de prata abundam, e nas montanhas e cidades que ladeiam o mar. Procurem nas casas em Mandara, entre aquelas pessoas cujas orelhas parecem tecidos chegando ao seu lábio inferior, cujos rostos são negros e terríveis, que têm um pé só, embora velozes com o qual, e cujos corpos não se deterioram; aqueles também que se alimentam de carne humana, e os Kiratas, os caçadores que têm cor dourada, de aspecto agradável, possuindo cabelo grosso usado em um nó, que subsistem de peixes crus e aquelas criaturas, homens-tigre, terríveis de se ver.

[342] O primeiro sendo Lakshmana.
[343] [Ganga ou Ganges, a filha de Bhagiratha. Veja o Livro I, cap. 44].
[344] [Rios femininos].
[345] [Indo].
[346] [Sone].
[347] [Griffith lê: "Então percorram o distante leito da Mahí [rio], onde bosques de Kálamahí estão espalhados". Segundo o *sanskritdictionary.com*, kálamahí = masí, o caule do Nyctanthes Arbor Tristis (jasmim coral, jasmim de floração noturna, parijat)].

"Ó moradores dos bosques, procurem com cuidado em todos esses lugares que são acessíveis por escalada e natação e na Ilha dos Sete Reinos Yava também, e nas ilhas Suvarna e Rupayaka cheias de minas de ouro, chamadas de ilhas de ouro e de prata. Além dessas, há a montanha Shishira, cujos picos chegam aos céus, e que é habitada por deuses e gigantes. Procurem aqui nas fortalezas das montanhas, cascatas e florestas pela consorte gloriosa de Rama.

"Depois disso vocês chegarão ao rio vermelho Shona que corre rapidamente; de lá desçam para o litoral, onde os siddhas e os charanas residem. Nesses lugares sagrados encantadores, procurem em toda a parte por Ravana e Sita. Explorem florestas, rios que brotam nas montanhas, áreas selvagens e cumes cavernosos. Cabe a vocês examinar as ilhas terríveis no oceano, onde grandes ondas se erguem e, açoitadas pela tempestade, emitem um rugido estrondoso. Lá vivem asuras de tamanho imenso, que com a permissão de Brahma capturam as sombras das aves que voam sobre o mar. Chegando naquele vasto oceano, que ressoa como nuvens na hora da dissolução do universo, frequentado por serpentes enormes, observem cuidadosamente e, cruzando aquele mar chamado Lohita, cujas águas vermelhas são terríveis de se ver, vocês chegarão à imensa árvore nodosa Shamali. Lá, construída por Vishwakarma, semelhante ao monte Kailasha, decorada com todos os tipos de pedras preciosas, eleva-se a morada de Garuda. Demônios terríveis semelhantes a colinas de diversas formas, chamados Mandehas,[348] pendem suspensos das rochas lá. Dia após dia, ao nascer do sol, esses demônios atormentados por esse planeta caem na água, atingidos pela energia de Brahma e depois se penduram nas rochas mais uma vez.

"Prosseguindo, vocês chegarão ao mar chamado Kshiroda, que parece uma nuvem branca com suas ondas brilhantes como um colar de pérolas. No seu centro se eleva a grande montanha branca Rishabha, com árvores plantadas, tendo flores perfumadas e um lago chamado Sudarshana coberto com lótus prateados deslumbrantes com estames dourados, onde flamingos abundam. Vibudhas, charanas, yakshas e kinnaras na companhia de tropas de apsaras se divertem na margem daquele lago.

"Deixando o mar Kshiroda para trás, ó guerreiros, vocês chegarão ao mar Jalada que é uma fonte de terror para todos os seres. Lá, o rishi Aurva[349] criou um objeto brilhante pelo poder de sua ira que foi transformada na cabeça de um cavalo por Brahma. Seu calor é inigualável e seu alimento é o universo de seres móveis e imóveis. Lá os gritos das criaturas do mar, que são incapazes de suportar as chamas, podem ser ouvidos lamentando em sua vizinhança.

"Ao norte do Mar Svadu se ergue a alta montanha Jatarupashila, cobrindo treze yojanas, de esplendor dourado. Lá, ó macacos, vocês verão os sustentadores da terra, a serpente parecida com a lua, com os olhos tão grandes quanto pétalas de lótus, adorada pelos deuses, e possuindo mil cabeças, o divino Ananta de cor

---

[348] ["Os demônios terrificantes chamados Mandehas tentam devorar o sol; pelo que Brahma pronunciou esta maldição sobre eles: que, sem o poder de perecer, eles deveriam morrer todo dia (e reviver à noite), e, portanto uma competição feroz acontece diariamente entre eles e o sol". "A mesma história se encontra no Vayu [Purana, Parte I, Cap. 50, vv. 162-164], com a adição que os Mandehas são três crores em número. Essa parece ser uma lenda antiga, preservada imperfeitamente em alguns dos Puranas". – Vishnu Purana, Livro II, Cap. 8].

[349] Um sábio nascido milagrosamente que castigou a classe guerreira, mas após a persuasão de seus ancestrais, lançou sua ira no oceano, onde ela assumiu a forma de um ser com uma cabeça de cavalo. [Essa história é contada no Mahabharata, Adi Parva, cap. 181-182].

Em outras versões ela é dita ser o fogo subterrâneo que consome o mundo no final do ciclo e é representada como uma chama com a cabeça de um cavalo.

escura dormindo no topo da montanha. Lá se encontra uma palmeira dourada com três ramos parecendo um estandarte colocado sobre um altar. Esse é o limite da região leste estabelecido pelos deuses.

"Chegando aos céus, medindo cem yojanas, a montanha Udaya se ergue com seu pico dourado, belo com suas árvores Sala, Tamala e Karnikara florescentes brilhantes como o sol.

"Há também o pico Saumanasa de quatro milhas de largura e quarenta de altura. De lá nos tempos antigos, Vishnu, o senhor supremo, mediu a terra com três passos, o segundo sendo o monte Meru.

"O sol passando de Jambudwipa no norte e atingindo o cume de Saumanasa, novamente se torna visível para os residentes em Jambudwipa. É lá que os grandes rishis, Vaikhanasas, brilhantes como o sol, realizam suas austeridades.

"Essa é a ilha Sudarshana, onde o sol nasce, dando luz para todos os seres. Procurem por Janaki e Ravana nessas fortalezas de montanhas e nas florestas e bosques. Lá, quando o sol brilha sobre a montanha Shaila, o leste aparece rosado. Porque o sol nasce lá, Brahma a estabeleceu, em épocas antigas, como a porta de entrada do mundo, chamada Leste. Lá vocês devem procurar Sita e Ravana no leito da montanha, nas cavernas e pelas cachoeiras.

"Além fica o quadrante leste intransponível habitado pelos deuses, desprovido do sol e da lua, coberto pela escuridão. Procurem pela princesa em todas aquelas rochas, bosques e rios que eu lhes dei a conhecer, mas, ó principais dos macacos, vocês podem prosseguir somente até aqui. Mais longe é a região sem sol ou limite da qual eu não tenho conhecimento. Seguindo em busca da residência de Vaidehi e de Ravana, tendo chegado à montanha Udaya, voltem, quando um mês inteiro tiver passado. Não ultrapassem o período; aquele que fizer isso será punido com a morte.

"Tendo atingido o seu objetivo, e encontrado Maithili e explorado com cuidado a região favorita de Mahendra, que é coberta com bosques e arvoredos, voltem satisfeitos".

Capítulo 41 – Sugriva envia outros macacos para explorar a região sul

Em seguida, tendo enviado aquela poderosa hoste de macacos para o leste, Sugriva despachou outro exército bem treinado para ao sul.

Nomeando Angada líder daqueles macacos heroicos, aquele herói, o senhor dos bandos de macacos, familiarizado com as regiões que tinham que ser exploradas, enviou aqueles dotados de velocidade e coragem: Nila, o filho de Agni, e o macaco Hanuman, o extremamente enérgico Jambavan, Suhotra e Sharari, Sharagulma, Gaja, Gavaksha, Gavaya, Sushena, Vrishabha, Mainda, Dvivida, Gandhamadana, Ulkamukha e Ananga, e os dois filhos de Hutashana.

E o rei dos macacos começou a descrever aquelas regiões, que eram de acesso difícil, para aqueles chefes símios, dizendo:

"Vocês primeiro verão as colinas Vindhya, possuidoras de cem picos cobertos de árvores e arbustos de todos os tipos, e o rio encantador, Narmada, frequentado por serpentes imensas, e o rio amplo e charmoso, Godavari, com seus juncos escuros, e o cativante Krishnaveni; as regiões de Mekhalas e Utkala e a cidade de Dasharna também; Abravanti e Avanti, Vidarbhas e Nishtikas e os encantadores Mahishakas. Vocês verão também os Matsyas, Kalingas e Kaushikas, onde vocês

devem procurar pela princesa, e a floresta de Dandaka com suas montanhas, rios e cavernas e o Godavari, também examinem os distritos de Andhras, Paundras, os Cholas, Pandyas e Keralas. Então se dirijam à montanha Ayomukha, rica em minério, com seus picos maravilhosos e bosques florescentes; aquela montanha, possuindo florestas de sândalo encantadoras, devem ser investigadas cuidadosamente por vocês.

"Depois disso vocês verão aquele rio divino de águas puras, o Kaveri, alegrado por tropas de apsaras. No cume da poderosa montanha Malaya, brilhante como o sol, você verão Agastya, o principal dos rishis. Pela permissão dele de grande alma, vocês vão atravessar o grande rio, Tamrapami, cheio de crocodilos. Florestas arrebatadoras de sândalo cobrem as ilhas dessas águas que correm para o mar, que parecem uma noiva jovem indo se encontrar com seu amante.

"Seguindo adiante, ó macacos, vocês verão os portões dourados cravejados de pérolas da cidade dos Pandyas; então, para garantir o sucesso do seu empreendimento, vocês se aproximarão do mar e verificarão a sua capacidade de atravessá-lo. No centro do oceano Agastya fixou aquela principal das montanhas, Mahendra, com suas encostas cobertas de árvores. Totalmente feita de ouro ela se estende profundamente para baixo nas águas; a morada dos deuses, rishis, yakshas e apsaras, repleta de inúmeros siddhas e charanas e de beleza extraordinária, ela é visitada pelo deus de mil olhos a cada lua nova.

"Do outro lado do mar há uma ilha, de quatrocentas milhas de extensão, inacessível para os homens e esplêndida de se olhar; procurem lá com um cuidado especial, ela é a morada do cruel Ravana, que merece a morte, o senhor dos titãs, em esplendor igual ao próprio lndra.

"No meio do oceano vive uma titânide chamada Angaraka, que obtém suas presas por capturar a sombra daqueles que voam no ar. Com seus receios aquietados, procurem lá pela consorte daquele rei de homens cuja glória é ilimitada.

"Além daquela ilha no mar se ergue uma colina adorável sobre a qual moram seres celestes, chamada Pushpitaka, brilhante como os raios do sol ou da lua, banhada pelas ondas do oceano, cujos picos parecem perfurar os céus. Desses, um todo dourado, onde o orbe do dia se demora, os ingratos e os incrédulos não podem ver. Inclinando suas cabeças para aquele pico, ofereçam saudações e continuem procurando. Após isso vocês chegarão à outra montanha, de difícil acesso, chamada Suryavan que se estende por catorze yojanas e, além dessa, à montanha Vaidyuta, sempre verde, com árvores dando todos os frutos desejáveis em todas as estações. Compartilhando desses frutos e raízes deliciosos e bebendo o mel, sigam adiante, ó macacos.

"Além há a montanha Kunjara que encanta os olhos e o coração, onde Vishwakarma construiu a residência de Agastya. Estendendo-se por quatro milhas, esse edifício dourado esplêndido decorado com vários tipos de pedras preciosas se eleva à altura de dez yojanas. Há também a cidade de Bhogavati, a morada da raça de serpentes, com ruas amplas, incapaz de ser capturada, guardada por cobras formidáveis e serpentes de dentes afiados altamente venenosas, onde o terrível rei das serpentes, Vasuki, vive. Examinem aquela cidade com cuidado em cada local oculto onde quer que seja.

"Indo além, vocês encontrarão a bela montanha Rishabha na forma de um touro, cheia de pedras preciosas, onde excelentes árvores Goshiraka, Padmaka, e Harishyama e aquelas que possuem o brilho de fogo são vistas. Aproximando-se da floresta de sândalo, de nenhuma maneira vocês devem entrar lá, pois certo gandharva, chamado Rohita, a protege com outros cinco seres celestiais

resplandecentes como o sol, chamados Shailusha, Gramani, Shiksha, Shuka e Rabhru.

"Depois vocês verão o retiro daqueles ascetas cujo esplendor parece o sol, a lua e o fogo; esse é o fim da terra, onde aqueles que conquistaram as regiões celestiais, vivem. Além é a terrível morada dos Pitris, que é inacessível. Lá a Morte tem sua cidade, envolta em escuridão abismal, ó touros entre os macacos. Prossigam as suas explorações até lá; mas aqueles que vão além nunca mais voltam.

"Tendo examinado todas aquelas regiões que são acessíveis a vocês, em busca de algum vestígio da princesa, aquele que retornar dentro de um mês dizendo 'Eu vi Sita' passará seus dias em felicidade, desfrutando de prosperidade igual à minha, em meio a todo deleite. Ninguém será mais querido para mim; eu o estimarei como um parente e, por maior que seja o número de suas falhas, ele se tornará meu amigo.

"Sua força e vigor são imensuráveis e vocês são nascidos em famílias dotadas de grandes qualidades; portanto se esforcem corajosamente para encontrar a princesa; partam nessa missão de suprema importância e demonstrem seu heroísmo".

Capítulo 42 – Outros macacos são enviados para explorar a região oeste

Tendo despachado aqueles macacos em direção ao sul, Sugriva, dirigindo-se ao líder, Sushena, que parecia uma nuvem, com a cabeça baixa e as palmas unidas se aproximou de seu sogro, o pai de Tara, que era dotado de grande destreza, e falou com ele também. Então ele deu ordens a Maricha, o filho do maharshi, e ao macaco poderoso, Archismat, cercado pelos principais dos macacos, possuindo o esplendor de Mahendra e semelhante a Vainateya em brilho, e também aos filhos de Maricha, os Marichas, os poderosos Archirmalayas, que todos aqueles filhos do asceta[350] deveriam marchar em direção ao oeste, dizendo:

"Ó chefes macacos, que duzentos mil macacos, liderados por Sushena, partam em busca de Vaidehi! Vasculhem os países dos Saurashtras, dos Bahlikas e Chandrachitras abundantes em antimônio e outras províncias e lugares populosos e cidades belas e agradáveis e Kukshi, densas com árvores Punnaga e cheias de árvores Bakula e Uddalaka, assim como as áreas cobertas com Ketakas e os rios auspiciosos cujas águas frescas fluem para o oeste.

"Explorem a floresta dos ascetas e as matas da montanha; lá, depois de terem examinado as regiões semelhantes a desertos, os penhascos muito altos e as cadeias de montanhas, de acesso extremamente difícil, avancem ainda mais, quando vocês verão o mar, que abunda em baleias e crocodilos, ó macacos.

"Então os macacos se divertirão em meio aos bosques cobertos com Ketakas e densos com Tamala e coqueiros. Procurem por Sita e pela fortaleza de Ravana lá, em colinas e selvas, nas margens do oceano e explorem Murachipattana e as cidades encantadoras de Jatapura, Avanti e Angalapa como também a floresta de Alakshita e todos esses reinos vastos.

[350] Marichi.

"Lá, onde o rio Sindhu se une ao oceano, há uma montanha alta chamada Somagiri, possuindo cem picos e coberta com árvores altas. Em suas encostas moram os simhas[351] que carregam baleias e elefantes para seus ninhos. Esses são encontrados nos cumes das montanhas e nos platôs extensos, onde elefantes selvagens vagam, satisfeitos com alimentos, cujo barrido parece o ribombo do trovão. Os macacos, capazes de mudar sua forma à vontade, devem percorrer aquele topo dourado dourado, elevando-se ao céu e coberto com árvores graciosas.

"No meio do mar se eleva o cume dourado da montanha Pariyatra, se estendendo por cem yojanas. Lá moram milhares de gandharvas poderosos, refulgentes como fogo, formidáveis e maliciosos, parecendo chamas. Ó macacos valentes, não se aproximem deles nem procurem comer os frutos daquela região. Aquelas árvores frutíferas são guardadas com vigilância feroz por aqueles gandharvas poderosos, apesar disso vocês devem procurar por Janaki lá, nem vocês devem temer se vocês preservarem sua forma de macaco.

"Lá há uma grande colina, da cor de esmeralda, brilhante como um diamante, chamada Vajra, coberta de árvores e trepadeiras, de cem yojanas de altura e área; examinem com cuidado todas as cavernas daquela montanha.

"No quarto quadrante do oceano é o monte Charavat; lá Vishwakarma forjou o disco Sahasrara, do qual Shri Vishnu se apoderou junto com a concha, quando ele tinha matado Panchajana e o danava Hayagriva. Naquelas cavernas profundas e em meio àquelas encostas encantadoras, procurem por Ravana e pela filha de Videha com cuidado.

"Além, erguendo-se das profundezas do oceano, se encontra a imensa montanha Varaha com seu pico de ouro puro que mede sessenta e quatro yojanas. Sobre ele fica a cidade dourada chamada Pragjyotisba onde o gigante, Naraka, vive. Procurem lá por Ravana e Vaidehi entre os belos planaltos e as enormes cavernas.

"Passando além daquela principal das montanhas, revelando vislumbres do ouro em suas profundezas, vocês chegarão à montanha Sarvasauvarna com suas muitas fontes e cachoeiras; lá elefantes, javalis, leões e tigres rugem incessantemente por toda parte, enchendo-a com seu clamor dia e noite. Então há a montanha chamada Megha onde os deuses coroaram o afortunado Mahendra, ele dos cavalos baios, o subjugador de Paka. Tendo passado por aquela montanha protegida por Mahendra, vocês devem ir para uma cordilheira de sessenta mil colinas de ouro, brilhantes como o sol nascente, lançando sua luz por todos os lados e embelezadas com árvores douradas florescentes. No meio delas se eleva o monarca das montanhas, Meru, a mais notável das colinas, a quem Aditya, bem satisfeito, conferiu uma bênção dizendo:

"'Por minha graça todas as montanhas sob a tua proteção serão douradas dia e noite e aqueles deuses que te habitarem, os gandharvas e danavas, ambos assumirão o esplendor do ouro'.

"Ao anoitecer, os Vishwadevas, os Vasus, os Maruts e os Celestiais se reúnem para adorar o deus-sol, e adorado por eles o sol mergulha abaixo do horizonte percorrendo quarenta mil milhas no espaço de uma hora, quando ele se retira por trás da cadeia de montanhas. No cume dessa montanha se ergue um palácio semelhante ao sol em esplendor, composto de torres incontáveis, que foi construído por Vishwakarma e é agraciado por diversas árvores cheias de aves. Ele é o domicílio do magnânimo Varuna, que carrega o laço em sua mão.

---

[351] Literalmente "leões voadores", possivelmente águias ou aves pré-históricas.

"Entre a montanha Meru e a cordilheira Astachala há uma grande árvore Tala com dez copas, feita de ouro puro, que brilha com esplendor extremo sobre uma base maravilhosa. Procurem em todos os lugares inacessíveis sobre essa montanha, bem como nos lagos e rios, por Ravana e Vaidehi.

"É lá que mora o virtuoso Merusavarni, santificado por seu ascetismo e igual ao próprio Brahma. Curvando-se, vocês devem fazer perguntas ao maharishi Merusavarni, que se assemelha ao sol, a respeito da filha de Mithila.

"A partir do fim da noite, todas aquelas regiões, que o sol ilumina até que ele se ponha atrás das montanhas Astachala, devem ser examinadas por vocês, ó touros entre os macacos, mas daquilo que se encontra além, que é coberto de escuridão e sem limite, nós não sabemos nada!

"Procurem por Sita e Ravana nessa região até a montanha Astachala e, no fim de um mês, retornem; aqueles que demorarem além desse prazo irão morrer. O meu sogro de braços longos, dotado de grande destreza, eu nomeio como seu líder; vocês devem cumprir as suas ordens e ouvir tudo o que ele disser; ele é meu preceptor espiritual. Todos vocês são valorosos e bem capazes de averiguar a sabedoria de um procedimento, contudo vocês estarão fazendo o seu dever em aceitá-lo como seu líder. Dessa maneira, explorem o quadrante oeste. Tendo retribuído o bem que foi feito a nós, vamos alcançar o nosso objetivo. Que vocês também determinem o que é agradável para Rama e, de acordo com o tempo e lugar, o realizem".

Então aqueles macacos e seus líderes com Sushena à sua frente, tendo dado a devida atenção ao sábio conselho dado por Sugriva, ofereceram saudações a ele e partiram para o quadrante protegido por Varuna.

Capítulo 43 – Buscadores são enviados para a região norte

Tendo encaminhado seu sogro para a região oeste, o senhor dos macacos falou àquele macaco heroico Shatavali, em palavras repletas dos seus próprios e dos interesses de Rama: "Com uma escolta de cem mil patrulheiros da floresta, os filhos de Vaivasvat e os teus conselheiros, explora a região norte, ó herói, que é coroada com os picos nevados do Himalaia, e procurem lá por toda parte pela consorte ilustre de Rama.

"Ó mais prudentes dos seres, depois de terem executado essa tarefa e feito o que é agradável para o filho de Dasaratha, nós teremos honrado a nossa obrigação e alcançado o sucesso. O magnânimo Raghava nos prestou um grande serviço e, se nós pudermos dar algum retorno, a nossa vida não terá sido vivida em vão. Prestar assistência a alguém necessitado é tornar a própria vida frutífera, mesmo se não se tem nenhuma obrigação de fazê-lo; quanto mais se alguém é capaz de retribuir a um benfeitor. Refletindo sobre isso, aqueles que valorizam o nosso bem-estar e felicidade devem fazer tudo em seu poder para descobrir Janaki.

"Rama, o mais notável dos homens, reverenciado por todos os seres, o conquistador de fortalezas hostis, está unido conosco em amizade. Dotados de coragem e discernimento, que vocês explorem essas regiões numerosas e perigosas, rios e montanhas.

"Examinem as terras dos Mlecchas, Pulindas, Shurasenas, Prasthalas, Bharatas, Kurus, Madrakas, Kambojas e Yavanas. As cidades dos Shakas devem ser visitadas por vocês, assim como os Varadas, depois explorem Himavat. Nas

regiões dos Lodhras e Padmakas e nos bosques Devadaru, procurem por todos os lados por Ravana e Vaidehi. Chegando ao eremitério Soma, frequentado por devas e gandharvas, vão para a montanha chamada Kala, possuindo amplos platôs. Em meio a essas extensões montanhosas, nos vales e cavernas procurem por aquela dama ilustre, a consorte irrepreensível de Rama. Tendo percorrido aquela montanha de peito dourado, vocês devem escalar o monte Sudarshana e depois o monte Devasakha, o refúgio de aves, repleto de todas as variedades de criaturas aladas e coberto com árvores de diferentes fragrâncias. Em meio às suas rochas douradas, fontes e grutas, busquem por Ravana e a filha de Videha.

Indo além dessa montanha, vocês chegarão a um espaço aberto, medindo quatrocentas milhas de extensão, desprovido de montanhas, rios e árvores, nem quaisquer seres vivos podem ser encontrados lá. Atravessando rapidamente esse deserto vocês chegarão à imaculada montanha Kailasha que os encherá de alegria. Lá, semelhante a uma nuvem pálida, vocês verão o domínio encantador de Kuvera, de ouro polido, construído por Vishwakarma, onde se encontra um grande lago coberto com lótus e lírios florescentes, frequentado por cisnes e patos, onde grupos de apsaras se divertem. Lá o rei Vaishravana, adorado pelo mundo inteiro, o bondoso distribuidor de riquezas, passo o tempo com os Guhyakas.[352] Em meio a essas montanhas, brilhantes como a lua, como também nas cavernas, procurem cuidadosamente por Ravana e Sita.

Chegando ao monte Krauncha, com extrema prudência, entrem nas suas cavernas inacessíveis, que são bem conhecidas por serem extremamente difíceis de penetrar. Lá vivem certos rishis grandiosos e ilustres, refulgentes como o sol, adorados pelos deuses, cujas formas eles assumem. Vocês devem explorar as outras cavernas, platôs e picos da montanha Krauncha completamente. Então o pico Manasa sem árvores será visto, a morada dos pássaros, e o cenário das austeridades de Kama, onde nenhum caminho para nenhuma criatura, deus ou titã, existe; essa montanha também deve ser examinada por vocês. Além dessa é a montanha Mainaka, onde o grande gigante Maya construiu sua morada; esse lugar com seus platôs, planícies e florestas também deve ser investigado por vocês. Mulheres com rostos de cavalos moram lá.

"Indo além de lá, vocês chegarão à morada dos siddhas, onde os ascetas – Valakhilyas e Vaikhanasas – se encontram. Prestem homenagem àqueles grandes seres, cujas austeridades os purificaram de todos os pecados e, com humildade, perguntem a eles a respeito de Sita. Lá é o lago Vaikhanasa coberto de lótus dourados, o recanto de belos cisnes, brilhantes como a aurora. O elefante de Kuvera, de nome Sarvabhauma, na companhia de elefantas, perambula naquela região.

"Além daquele lago há um céu desprovido de lua, sol, estrelas e nuvens, mas que é iluminado como se por muitos raios solares, pela refulgência dos sábios divinos coroados pelo ascetismo, que repousam lá. Deixando essa região para trás, vocês chegam ao rio Shailoda, em cujas margens os juncos Kichaka crescem, com a ajuda dos quais os Siddhas atravessam para lá e para cá. Lá se encontram os Uttara Kurus, com quem aqueles que adquiriram mérito espiritual se refugiam. Há lagos lá, cujas águas são cobertas com lótus dourados e inúmeros rios cheios de folhas verdes escuras e tanques da cor do sol nascente, embelezados por moitas de flores de lótus vermelhos. Pérolas e gemas de grande valor e massas de flores azuis possuindo estames dourados cobrem aquelas áreas, e rios com ilhotas flutuantes,

[352] Seres ocultos servidores de Kuvera.

onde ouro é abundante, e margens altas cobertas com pedras preciosas, são vistos. As árvores lá, repletas de aves, dão frutas e flores em todas as estações, carregadas de sucos deleitáveis e destilando deliciosos perfumes, realizando todos os desejos. Outras árvores excelentes dão ricos trajes de diferentes tipos e ornamentos de pérolas, esmeraldas e outras gemas desejadas por homens e mulheres; algumas também dão frutos que podem ser comidos em qualquer época. Algumas árvores produzem leitos preciosos enfeitados com colchas caras e variegadas e outras fornecem guirlandas encantadoras, bebidas caras e várias espécies de iguarias. Mulheres possuidoras de todas as habilidades, notáveis por sua juventude e beleza, se encontram lá, se divertindo com gandharvas, kinnaras, siddhas, nagas e vidyadharas de grande esplendor; e todos aqueles de obras virtuosas envolvidos em prazer, e aqueles que apreciam o que é agradável e útil, residem temporariamente lá com suas esposas.

"Lá o som contínuo de instrumentos musicais, misturado com risada agradável, é ouvido, dando alegria a todos os seres; lá não há ninguém que não seja feliz ou que sinta falta de qualquer objeto desejável, e todos os dias o encanto daquele local aumenta.

"Além dessa região é o Mar do Norte. Lá no leito do mar se ergue a montanha Somagiri de tamanho imenso. Embora desprovida de sol, por conta do brilho da montanha Soma aquela terra é tão brilhante como se o próprio Vivasvat a aquecesse com seus raios luminosos. Lá reside a Alma do universo, Shambhuinin, em sua forma cósmica como os onze Rudras cercados por brahmarishis.

"Ó principais dos macacos, vocês não devem se aventurar além da região dos Uttara Kurus, nem há qualquer maneira de as criaturas fazerem isso. Aquela montanha, chamada Soma, não pode ser escalada, nem mesmo pelos deuses. Ao avistarem essa montanha, voltem rapidamente. Vocês podem prosseguir até lá, ó mais notáveis dos macacos, mas a região além, onde paira a noite sem fim, é desconhecida para nós.

"Você devem examinar todos esses lugares que eu descrevi para vocês, e também aqueles que eu deixei de mencionar. Ó vocês que são iguais ao vento e ao fogo, por descobrirem o esconderijo da filha de Videha, vocês estarão fazendo o que é extremamente agradável para o filho de Dasaratha assim como para mim! Tendo alcançado o seu objetivo, que vocês com seus parentes, honrados por mim e tendo obtido todas as distinções, com seus inimigos mortos, percorram a terra, o esteio de todos os seres, ó macacos".

Capítulo 44 – Rama dá seu anel para Hanuman

Sugriva revelou seu plano para Hanuman em particular, estando extremamente confiante de que aquele líder, o principal dos macacos, realizaria o seu objetivo.

Então o rei macaco, o senhor de todos os habitantes das florestas, bem satisfeito, se dirigiu ao filho do deus do vento, o inigualável Hanuman, dizendo: "Em nenhum lugar na terra, no ar ou no céu, nas regiões celestes ou nas profundezas do mar, eu não sei de nenhum obstáculo que possa impedir o teu curso, ó melhor dos macacos! Todos os mundos com os asuras, gandharvas, nagas, homens e deuses, assim como as montanhas e os mares são bem conhecidos por ti. Em movimento, velocidade, habilidade e energia tu és igual ao teu pai, ó valente, e não há criatura

nessa terra que seja como tu em vigor, ó herói de recursos infinitos! Reflete, portanto, sobre como Sita pode ser encontrada! Em ti, ó Hanuman, residem força, sagacidade, coragem e diplomacia em combinação com o conhecimento de tempo e lugar".

Percebendo que o sucesso no empreendimento dependia de Hanuman e que o próprio Hanuman foi escolhido por conta de suas façanhas, Rama refletiu: "Esse senhor dos macacos tem extrema confiança em Hanuman e Hanuman também está certo do sucesso; ele que foi testado por seus atos e que é considerado o mais digno por seu mestre certamente realizará o seu propósito".

Então aquele guerreiro poderoso, Rama, considerando que os seus objetivos já estavam alcançados, sentiu uma grande felicidade inundando sua mente e coração e aquele flagelo de seus inimigos, muito satisfeito, deu a Hanuman um anel gravado com seu nome que seria um sinal para a princesa e disse-lhe:

"Ó mais notável dos macacos, por este sinal, a filha de Janaka não deixará de te reconhecer como o meu mensageiro. Ó guerreiro, a tua resolução, a tua coragem e a tua experiência como também as palavras de Sugriva me parecem predizer o sucesso".

Então, pegando o anel e colocando-o na testa, aquele principal dos macacos, oferecendo reverências aos pés de Rama, se preparou para partir. Levando consigo um grupo poderoso de macacos, aquele herói, filho de Pavana, parecendo a lua em um céu sem nuvens cercada por estrelas, partiu.

E Rama se dirigiu àquele guerreiro poderoso dizendo: "Ó tu dotado com a força de um leão, eu dependo da tua valentia; por reunir os teus grandes recursos, faze tudo em teu poder, ó filho do vento, ó Hanuman, para trazer de volta a filha de Janaka".

Capítulo 45 – A partida dos macacos

Convocando todos os macacos, o senhor dos macacos, Sugriva, falou a eles a respeito do sucesso do empreendimento de Rama, e disse:

"Ó chefes dos macacos, conhecendo as minhas ordens, saiam e investiguem aquelas regiões indicadas por mim". Após o que, cobrindo a terra como gafanhotos, o exército partiu. Durante o mês fixado para a busca por Sita, Rama e Lakshmana permaneceram na montanha Prasravana.

O valente Shatavali partiu com toda velocidade para o norte, aquela região maravilhosa onde o monarca da montanha se ergue[353]enquanto o líder dos grupos de macacos, Vinata, foi para o leste. Tara,[354] Angada e outros, na companhia daquele macaco nascido de Pavana, marcharam para a região sul habitada por Agastya; e Sushena, aquele leão entre os macacos, foi para o oeste, aquela região temível protegida por Varuna.

Tendo despachado os generais de suas tropas para cada um dos quadrantes, aquele rei das hostes de macacos sentiu satisfação suprema.

Sob as ordens do seu soberano, todos os líderes de macacos partiram às pressas, cada um na direção atribuída a ele e, cheios de valor, aqueles macacos gritaram, aplaudiram, e uivaram e tagarelaram, avançando sem parar em meio a um

---

[353] O monte Meru.

[354] O general Tara.

grande tumulto. Tendo ouvido as instruções do seu monarca, os líderes desses macacos gritavam: "Vamos trazer Sita de volta e matar Ravana". Alguns diziam: "Eu sozinho derrotarei Ravana em combate aberto e tendo-o abatido, entregarei a filha de Janaka, ainda tremendo de medo, dizendo a ela 'Descansa aqui, tu estás cansada'". Outros diziam: "Sem ajuda eu recuperarei Janaki mesmo que seja das profundezas do inferno; eu arrancarei as árvores, partirei as montanhas, penetrarei na terra e agitarei o oceano". Um disse: "Sem dúvida eu posso transpor quatro milhas em um salto!" e outro, "Eu posso transpor cem", e ainda outro, "Eu sou capaz de saltar mais de cem. Nem na terra, no céu nem no mar, nem montanhas, nem nas florestas, nem mesmo nas regiões inferiores, nada pode impedir o meu progresso". Assim, por sua vez, os macacos, orgulhosos de sua força, falaram na presença de seu rei.

Capítulo 46 – Sugriva narra suas viagens pelo mundo

Os líderes dos macacos tendo partido, Rama questionou Sugriva dizendo: "Como é que tu conheces todos os quadrantes da terra?"

Então Sugriva, curvando-se, disse a Rama: "Ouve-me e eu te contarei tudo.

"Quando Bali perseguiu o gigante Dundubhi, na forma de um búfalo, na direção da montanha Malaya, Mahisha[355] entrou em uma caverna na montanha e Bali, desejoso de matar aquele Asura, o seguiu.

"Eu permaneci obedientemente na entrada da caverna, mas um ano inteiro se passou e Bali não saiu. Em seguida a caverna se encheu de sangue espumante que jorrou, e vendo isso, eu fiquei apavorado e consumido com uma aflição ardente por causa de meu irmão. Perturbado, eu refleti: 'Meu irmão mais velho certamente está morto' e eu coloquei uma rocha, tão grande quanto uma colina, na boca da caverna, pensando 'O búfalo não será capaz de sair e vai morrer'; depois do que eu voltei para Kishkindha abandonando toda esperança de Bali estar vivo.

"Lá obtendo o reino imenso com Tara e Ruma, cercado por meus amigos, eu comecei a passar os meus dias em paz.

"Aquele touro entre os macacos, no entanto, tendo matado Dundubhi, retornou, e tremendo de medo, com toda a humildade, eu transferi a coroa para ele.

"Aquele patife perverso, no entanto, fora de si de raiva, desejando me matar, me seguiu enquanto eu procurava fugir com meus ministros. Foi então que, perseguido ardentemente por ele, eu passei por vários rios, florestas e cidades. A terra me parecia como o reflexo de um tição girando visto em um espelho ou em uma poça".[356]

"Viajando rumo à região leste, eu vi muitas espécies de árvores, belas montanhas, cavernas e lagos encantadores. Eu vi a montanha Udaya rica em ouro e o mar branco, a morada de apsaras. Perseguido por Bali, fugindo sem parar, ó senhor, eu me voltei e continuei o meu curso, então, mudando a minha direção mais uma vez, eu me dirigi para o sul, coberto pela floresta Vindhya e embelezado com árvores de sândalo. Depois disso, vendo Bali entre os bosques, nas montanhas, eu fui para o oeste ainda seguido por ele.

[355] Outro nome de Dundubhi, significando "animal grande ou poderoso", um búfalo.
[356] Literalmente, feita pela marca do casco de uma vaca.

"Foi assim que eu me familiarizei com todo tipo de região e, finalmente, cheguei às montanhas Astachala. Além daquela mais bela e elevada das cordilheiras eu me voltei para o norte e passei por Himavat, Meru e o Mar do Norte.

"Incapaz de encontrar refúgio contra Bali, o sagaz Hanuman me disse: 'Ó rei, eu agora me lembro de que o senhor dos macacos antigamente foi amaldiçoado pelo sábio Matanga nesse próprio eremitério. Se ele entrar nesse retiro a sua cabeça se partirá em cem pedaços; nós podemos, portanto, estabelecer a nossa residência aqui sem ansiedade".

"Ó filho de um rei, eu, por isso, fui para a montanha Rishyamuka, nem Bali ousou ir lá por medo do sábio Matanga. Foi assim, ó rei, que eu visitei todas as partes do mundo e me refugiei nessa caverna".

Capítulo 47 – O retorno dos macacos

Para encontrar Vaidehi, os líderes de macacos, em obediência à vontade de seu soberano, partiram rapidamente em todas as direções para seus destinos, e eles exploraram lagos, rios, planícies, cidades e áreas tornadas intransponíveis por torrentes. Então aqueles chefes dos grupos de macacos examinaram as regiões descritas por Sugriva com suas montanhas, matas e florestas. Empenhados durante o dia em procurar por Sita, quando a noite caía, eles se esticavam no chão, e chegando às árvores cobertas com frutas em todas as estações, eles dormiam lá.

Contando o dia da sua saída como o primeiro, no final de um mês, abandonando a esperança, eles voltaram para seu rei na montanha Prasravana.

Tendo vasculhado a região leste com suas tropas, o poderoso Vinata voltou sem ter visto Sita. Depois disso o grande macaco Shatabali voltou decepcionado com suas tropas, tendo explorado todo o quadrante norte. E Sushena, no fim do mês, percorrendo a região oeste sem sucesso, apresentou-se na companhia de seus macacos diante de Sugriva.

Chegando diante de Sugriva que estava sentado com Rama em um cume da montanha Prasravana, e prestando reverência a eles, Sushena disse: "Nós procuramos em todas as montanhas, bosques profundos, vales, desfiladeiros e nas regiões situadas nas margens do mar. Todos os lugares descritos por ti foram investigados por nós, como também todas as selvas interligadas por trepadeiras abundantes em matagais que são intransitáveis, e os distritos montanhosos. Enormes animais foram encontrados por nós, os quais nós matamos, e examinamos essas regiões densamente arborizadas repetidamente, ó senhor dos macacos. É Hanuman, que é poderoso e de nascimento nobre, que vai descobrir Maithili; o filho do vento foi sem dúvida para onde Sita foi levada".

Capítulo 48 – Angada mata um Asura

O macaco Hanuman, acompanhado por Tara[357] e Angada, partiu rapidamente para o quadrante atribuído a ele por Sugriva. Com todos aqueles líderes de macacos, ele percorreu uma grande distância e explorou as matas e cavernas das

[357] O general Tara.

montanhas Vindhya. Penhascos escarpados, rios instransponíveis, lagos, selvas vastas, bosques, inúmeras colinas cobertas com florestas foram examinadas pelos macacos por todos os lados, sem eles serem capazes de encontrar Maithili, a filha de Janaka, em lugar algum.

Subsistindo de várias raízes e frutas, eles foram dominados pela fadiga naquela região desabitada e sem água em meio a ravinas temíveis, e lugares solitários. Tendo investigado aquela imensa área de acesso extremamente difícil, com suas florestas imensas, contendo cavernas, todos aqueles principais dos macacos destemidamente penetraram em outra região igualmente inóspita, onde as árvores não davam nem frutas, nem flores nem folhagem e onde os rios estavam secos e até mesmo raízes eram raras. Lá, nem búfalos nem veados, nem elefantes, tigres, aves, nem quaisquer outros animais, que são encontrados na floresta, podiam ser vistos. Lá não havia nem árvores, grama, plantas, nem ervas, e naquele local não havia tanques agradáveis com lótus florescentes ou perfumados e nenhuma abelha podia ser vista.

Lá morava o sábio afortunado, Kandu, um tesouro de ascetismo, de fala verdadeira, cujas austeridades o tinham tornado invencível e que era irascível, tendo perdido seu filho jovem da idade de dez anos na floresta. Cheio de ira por causa da morte dele, aquela grande alma tinha colocado uma maldição sobre toda a vasta floresta, tornando-a inadequada para abrigar qualquer criatura. Essa região inacessível, abandonada por animais e pássaros, os recessos ocultos dos bosques, as cavernas das montanhas e curvas dos rios foram examinados cuidadosamente pelos macacos, para executar o desejo de Sugriva, mas eles não puderam encontrar a filha de Janaka ou seu sequestrador, Ravana, lá.

Tendo entrado em uma mata coberta de trepadeiras e arbustos espinhosos eles viram um titã terrível, de atos medonhos, que não tinha nenhum medo, nem dos deuses. Vendo aquele titã formidável, que estava ereto como uma grande colina, os macacos se apertaram próximos uns dos outros se preparando.

Então aquele asura poderoso lhes disse "Vocês estão perdidos!", e, cerrando os punhos, avançou sobre eles em fúria, mas Angada, o filho de Bali, pensando que era Ravana, golpeou-o com a palma da sua mão com tanta força que ele caiu por terra como uma grande colina, vomitando sangue. Quando ele tinha parado de respirar, os macacos triunfantes examinaram aquela caverna de montanha; e tendo se convencido de que ela tinha sido explorada inteiramente, aqueles moradores das florestas entraram em outra caverna temível.

Depois de terem investigado aquele local também, eles saíram exaustos e totalmente desanimados sentaram-se ao pé de uma árvore solitária.

Capítulo 49 – Os macacos examinam a região sul em vão

Então o eminentemente sábio Angada dirigiu-se a todos os macacos e, embora ele próprio fatigado, exortou-os a tomar coragem, dizendo:

"Nós examinamos as florestas, montanhas, rios e selvas impenetráveis, vales e cavernas com cuidado, sem encontrarmos a filha de Janaka, Sita, ou aquele canalha pecaminoso, o titã, que a levou. Uma grande parte do tempo designado para nós por Sugriva, cujos comandos são implacáveis, decorreu; portanto, banindo o langor, o desânimo, o torpor e a fadiga, vamos juntos examinar todas as regiões mais uma vez. Procurem de tal forma que Sita possa ser descoberta por nós. É dito

que perseverança, habilidade e entusiasmo conduzem ao sucesso; eu por isso me dirijo a vocês assim: Ó moradores das matas, explorem toda floresta inacessível hoje sem contar o custo, o sucesso dependerá totalmente dos seus esforços; se permitir ser vencido pelo cansaço ou ceder ao sono não é apropriado. Sugriva é irascível e inflige punições severas; ele sempre deve ser temido, assim como o magnânimo Rama. Eu falo em seus próprios interesses; portanto, se você concordam, ajam conformemente ou que alguém indique qual alternativa beneficiará a nós todos, ó macacos".

Ouvindo as palavras de Angada, Gandhamadana, embora fraco de sede e cansaço, falou com voz clara, dizendo: "Isso que Angada disse é digno dele e é apropriado e oportuno, vamos agir de acordo com ele! Vamos examinar as colinas, cavernas, rochas, lugares desertos e cachoeiras, de acordo com as instruções dadas por Sugriva; vamos vasculhar a floresta e os cumes de montanha juntos!"

Então os macacos, erguendo-se, cheios de coragem, começaram a percorrer o sul coberto pelas florestas Vindhya, mais uma vez. Escalando a montanha que parecia uma nuvem outonal, rica em prata, com seus inúmeros picos e vales, aqueles principais dos macacos, ansiosos para encontrar Sita, percorreram as encantadoras florestas Lodhra e os bosques de árvores Saptaparna. Subindo ao topo da montanha, embora dotados de energia imensa, eles foram dominados pela fadiga, mas eles não viram Vaidehi, a amada consorte de Rama, em nenhum lugar. Depois de examinarem aquela colina com suas inúmeras ravinas, até onde os olhos podiam ver, os macacos desceram olhando para todos os lados, atingindo a base, atormentados e fora de si, pararam por um instante debaixo de uma árvore; em seguida, encontrando-se menos cansados, eles se prepararam para explorar a região sul novamente.

Então os chefes dos macacos, com Hanuman à sua frente, começaram a percorrer as colinas Vindhya mais uma vez.

Capítulo 50 – Hanuman e seus companheiros entram na caverna Rikshabila

O macaco Hanuman, na companhia do general Tara e Angada, novamente explorou os bosques profundos e ravinas da cordilheira Vindhya. Aqueles macacos examinaram as cavernas que ressoavam com o rugido de leões e tigres, bem como as torrentes inacessíveis e poderosas. Finalmente eles chegaram ao topo sudoeste da montanha e, enquanto eles descansavam lá, o tempo passou.

Aquela região é difícil de explorar por conta da vasta extensão das florestas e das ravinas e cavernas perigosas; não obstante o filho do vento examinou tudo cuidadosamente. Separados um do outro por uma distância curta, Gaja, Gavaksha, Gavaya, Sharabha, Gandhamadana, Mainda, Dvivida, Hanuman e Jambavan, o jovem príncipe Angada e Tara, moradores da floresta, começaram a examinar aquelas regiões no sul coberto pela cordilheira.

Enquanto eles estavam explorando esse lugar por todos os lados, eles observaram a abertura de uma caverna chamada Rikshabila, de entrada difícil, guardada por um gigante. Torturados pela fome e sede e cheios de exaustão eles espreitaram essa cavidade coberta por árvores, arbustos e trepadeiras, da qual garças, cisnes, gansos e aves aquáticas estavam saindo, pingando água e cobertas com o pólen de lótus.

Aproximando-se daquela caverna fragrante, de acesso difícil, aqueles macacos foram tomados de espanto e desejaram entrar nela. Então aqueles principais dos macacos, vendo sinais de água, cheios de alegria, se aproximaram daquela câmara subterrânea repleta de todos os tipos de criaturas, parecendo a morada de Indra, que era impenetrável e terrível de se ver.

E Hanuman, o filho do deus do vento, que parecia o pico de uma montanha, disse àqueles macacos formidáveis, que moravam nas matas e florestas: "Nós exploramos a região sul coberta com uma cadeia de montanhas; nós estamos exaustos com fadiga e incapazes de encontrar Maithili. Daquela caverna, cisnes, grous, garças e aves aquáticas estão emergindo de todos os lados, encharcadas com água. Sem dúvida há um poço ou tanque a ser encontrado lá, pois essas árvores na boca da caverna são verdes".

Hanuman tendo falado assim, todos os macacos entraram na caverna escura, desprovida do sol e da lua, que fazia seus pelos se arrepiarem. Eles ouviram o rugido de leões e o som de cervos e aves e aqueles macacos invencíveis sentiram sua coragem e bravura falharem; movendo-se com a velocidade do vento e apesar da escuridão, a sua visão sendo perfeita, eles penetraram profundamente na caverna e viram uma região luminosa, encantadora e maravilhosa cheia de diferentes espécies de árvores de perfume variado. Apertando-se perto uns dos outros, eles avançaram quatro milhas para o interior e, fracos de cansaço, desnorteados, em busca de água, eles continuaram a descer na escuridão. Emaciados, com seus rostos abatidos, esgotados, em desespero por suas vidas, aqueles macacos então viram uma luz. Alegremente eles se aproximaram daquele local e viram árvores brilhando como ouro, possuindo o esplendor do fogo, e eles viram Salas, Talas, Tamalas, Punnagas, Vanjulas, Dhavas, Champakas, Nagavrikshas e Karnikaras em plena floração com cachos de flores douradas, botões vermelhos, galhos e trepadeiras adornando-as, deslumbrantes como a aurora, seus troncos sendo de esmeralda e sua casca luminosa. Havia também lagos de lótus azuis, cheios de aves aquáticas, lá, e grandes árvores douradas cercavam aquele lugar, que brilhava como a primeira luz do amanhecer e peixes de ouro e lótus enormes podiam ser vistos em tanques de águas tranquilas. Palácios de ouro e prata eram encontrados lá com pequenas janelas de ouro refinado enfeitadas com correntes de pérolas, os pisos pavimentados com prata e ouro e incrustados com pérolas e diamantes.

E os macacos viram mansões esplêndidas em toda parte e árvores carregadas de frutas e flores que brilhavam como coral e pedras preciosas e abelhas douradas e mel em abundância. Sofás e assentos maravilhosos de tamanho imenso, decorados com ouro e diamantes, atraíram seu olhar, bem como vasos de ouro e prata, pilhas de aloés e sândalo, alimentos puros, frutas e raízes, veículos caros, xaropes deliciosos, trajes de valor inestimável e grandes pilhas de tecidos de lã e peles maravilhosas.

Enquanto vagando aqui e ali em volta daquela câmara subterrânea, aqueles macacos corajosos viram uma mulher a uma curta distância deles. Vestida em mantos de pele e em uma pele de antílope negro, aquela asceta, dada ao jejum, brilhava com grande refulgência.

Espantados, aqueles macacos pararam de repente e Hanuman se dirigiu a ela dizendo: "Quem és tu? A quem essa caverna pertence?"

Curvando-se àquela mulher idosa, Hanuman, que parecia uma montanha, com as palmas unidas, perguntou-lhe: "Quem és tu? A quem esse retiro, essa caverna e suas joias pertencem?"

Capítulo 51 – A história da asceta

Tendo falado assim àquela asceta abençoada dada à prática de austeridade, que estava vestida em peles e em uma pele de antílope negro, Hanuman acrescentou:

"Nós entramos nessa caverna envolta em escuridão estando totalmente exaustos com fome e sede e vencidos pelo cansaço; tendo penetrado nas profundezas para buscar algo para comer, nós ficamos distraídos ao vermos todas essas maravilhas, de modo que nós quase perdemos os nossos sentidos.

"A quem essas árvores douradas pertencem, que brilham como o sol prestes a nascer, e esses alimentos puros, raízes e frutos; essas mansões de ouro e prata, com suas janelas de ouro refinado no cadinho e sua rede de pérolas? Quem produziu essas árvores douradas cobertas de flores e frutas maravilhosas emitindo uma fragrância deliciosa, os lótus dourados que flutuam sobre as águas puras, os peixes dourados e as tartarugas? Eles surgiram do teu poder ou eles devem sua existência a outro? Cabe a ti contar a nós, que somos ignorantes nesse assunto".

Ouvindo as palavras de Hanuman, a asceta virtuosa, dedicada ao bem-estar de todos os seres, respondeu a Hanuman dizendo: "Ó principal dos macacos, Maya é o nome do mago de grandes poderes por quem todo esse bosque dourado foi construído. Ele que criou esse lugar encantador e celestial antigamente era o arquiteto chefe dos gigantes.[358] Tendo praticado austeridade por mil anos na vasta floresta ele obteve uma benção do avô do mundo, em virtude da qual ele atingiu o domínio completo em sua arte, bem como um controle absoluto sobre os materiais nela exigidos. Tendo realizado tudo, aquele extraordinário, dispondo de todos os prazeres, por um tempo viveu feliz na floresta imensa. Posteriormente ele concebeu uma grande paixão pela ninfa Hema, após o que Purandara arremessou seu raio contra ele e o matou.

"Então Brahma concedeu essa floresta maravilhosa com sua mansão dourada a Hema com a satisfação perpétua dos desejos dela. Eu, de nome Swayamprabha, a filha de Merusavarni, protejo essa residência pertencente a Hema, que, hábil nas artes de dança e canto, é minha amiga querida, ó principal dos macacos! Por sua graça, essa vasta floresta foi entregue em minhas mãos. Agora me dize para qual propósito e com que motivo vocês vieram para cá? Por que vocês estão vagando nessas matas inacessíveis? Tendo comido dessas frutas e raízes e bebido da água pura, contem-me tudo".

Capítulo 52 – Swayamprabha liberta os macacos da caverna

Aquela asceta virtuosa, altamente mistificada, dirigiu-se a todos aqueles líderes de macacos que estavam agora descansados, dizendo:

"Ó macacos, se, satisfeitos com os frutos, a sua fadiga estiver aliviada, eu gostaria de ouvir a sua história, se ela for adequada para ser ouvida por mim".

---

[358] Danavas ou Daityas.

Ouvindo essas palavras, Hanuman, o filho de Maruta, começou a contar tudo com sinceridade perfeita, dizendo: "O soberano do mundo inteiro, Rama, que é igual a Mahendra e Varuna, o ilustre filho de Dasaratha, retirou-se para a floresta de Dandaka em companhia de seu irmão Lakshmana e sua consorte Vaidehi. A última foi levada à força por Ravana.

"Seu amigo é aquele macaco valente chamado Sugriva. Por aquele monarca, o principal dos macacos, nós fomos enviados para cá, e com a ajuda daqueles liderados por Angada nós fomos despachados para examinar a região sul habitada por Agastya e protegida por Yama. Nós fomos encarregados de procurar Sita, a filha de Videha, e o demônio Ravana, que é capaz de mudar sua forma à vontade. Tendo vasculhado as florestas e os mares do sul, dominados pela fome, nós nos sentamos ao pé das árvores. Nossos rostos sem cor, absortos em pensamentos, nós estávamos mergulhados em um oceano de ansiedade que éramos incapazes de atravessar.

"Lançando nossos olhos em volta, nós observamos uma enorme caverna escondida por árvores e trepadeiras e envolta em trevas. Então cisnes, gansos e águas pescadoras voaram para fora da caverna com suas asas pingando água, e eu disse a esses macacos, 'Vamos entrar lá!' o que todos concordaram em fazer. Ansiosos para realizar nosso propósito, nós entramos segurando nas mãos uns dos outros, forçando assim uma entrada naquela caverna escura; esse é o nosso propósito e a razão pela qual nós viemos para cá. Tendo chegado aqui, famintos e exaustos, nós, que estávamos duramente afetados pela fome, fomos acolhidos com frutas e raízes com a hospitalidade tradicional. Tu nos salvaste, que estávamos cansados e sofrendo de inanição; agora dize, qual serviço os macacos podem te prestar em troca?"

Assim abordada pelos macacos, a onisciente Swayamprabha respondeu àqueles líderes macacos, dizendo: "Eu estou bem satisfeita com todos esses macacos excelentes; eu estou apenas cumprindo o meu dever e não tenho necessidade de nada".

Assim respondido com palavras cheias de nobreza e virtude, Hanuman dirigiu-se àquela senhora irrepreensível dizendo: "Todos nós encontramos refúgio contigo, ó asceta virtuosa, mas o tempo fixado pelo magnânimo Sugriva se esgotou desde que entramos na caverna, cabe a ti, portanto, nos ajudar a sair desse lugar. Se as ordens de Sugriva forem desrespeitadas, isso significará a morte para nós. Por favor, salva a todos nós; o medo de Sugriva nos aflige. Grande é a tarefa que tem sido realizada por nós e, se permanecermos aqui, aquele nosso trabalho não será concluído".

Assim abordada por Hanuman, a asceta respondeu-lhe dizendo: "Para um ser vivo sair vivo desta caverna é difícil, mas pelo poder do meu ascetismo adquirido através de autocontrole eu libertarei todos os macacos dessa câmara subterrânea. Vocês todos fechem os olhos, pois ninguém conseguirá sair desse lugar se os seus olhos ficarem abertos".

Então, desejosos de sair, todos aqueles macacos magnânimos imediatamente fecharam os olhos cobrindo-os com as mãos, possuidoras de dedos finos, e num piscar de olhos, a asceta os transportou para fora da caverna e, tendo-os salvado do perigo, a fim de animá-los, disse:

"Essa é a auspiciosa montanha Vindhya coberta com árvores e ervas, lá a montanha Prasravana e o grande oceano. Que a boa sorte os acompanhe! Eu vou para a minha residência, ó principais dos macacos".

Com essas palavras Swayamprabha reentrou na caverna.

Capítulo 53 – Angada e seus companheiros refletem sobre qual rumo tomar

Então os macacos viram aquele oceano imponente, a morada de Varuna, sem praias, estrondoso e cheio de enormes vagalhões.

Agora o mês fixado pelo rei como o prazo estabelecido para a busca tinha passado enquanto eles estavam explorando aquela fortaleza da montanha, a criação milagrosa de Maya. Sentando-se aos pés da montanha Vindhya entre as árvores florescentes, aqueles macacos de grande alma ansiosamente começaram a refletir entre si.

Vendo as árvores da primavera curvadas sob o peso das flores entrelaçadas com centenas de trepadeiras, eles se encheram de apreensão. Reconhecendo a chegada da primavera e sabendo que o tempo determinado para a sua tarefa tinha acabado, cada um por sua vez afundou ao chão.

Então aquele macaco que tinha os ombros de um leão, com braços longos e rechonchudos, o jovem príncipe Angada, dotado de sabedoria, honrando devidamente os macacos idosos e outros moradores das florestas, falou assim:

"Por ordem do monarca dos macacos nós partimos e, enquanto permanecíamos na caverna, um mês inteiro se passou, ó macacos. O mês Ashvayuj[359] era o tempo fixado, o qual não era para ser ultrapassado. Vocês sabem disso! O que deve ser feito agora? Recebendo a ordem de seu mestre, vocês que são seus homens de confiança, políticos, dedicados ao seu bem-estar, hábeis em todos os trabalhos, incomparáveis em sua execução e renomados em cada quadrante, partiram nessa campanha comigo como seu líder nomeado. Agora, não tendo conseguido alcançar o nosso objetivo, nós certamente morreremos, disso não há sombra de dúvida. Quem, falhando em executar os comandos do rei dos macacos, pode viver tranquilamente? O tempo concedido por Sugriva se esgotou, tudo o que resta para nós, os habitantes da floresta, é morrer jejuando. Severo por natureza, cioso de sua autoridade, ele não nos perdoará se voltarmos tendo transgredido as suas ordens. Ele considerará um crime se nós chegarmos diante dele sem notícias de Sita; portanto, é melhor nos permitirmos morrer aqui de fome do que desistir de toda esperança de ver nossos filhos, esposas, riqueza e lares. Seria preferível morrer aqui a perecer ignominiosamente nas mãos de Sugriva. Além disso, eu não fui instalado como herdeiro legítimo por Sugriva, mas por Rama, aquele rei entre os homens, de façanhas imortais. Nutrindo inimizade por mim há tempos, o rei, julgando-me culpado, decidirá tirar a minha vida por meios cruéis. De que serve encontrar a morte na presença dos meus amigos que testemunharão os últimos momentos da minha existência? Eu ficarei aqui na margem sagrada do oceano para o último jejum supremo".

Ouvindo as palavras do príncipe coroado, todos aqueles macacos exclamaram com simpatia:

"Sugriva é duro por natureza e Raghava é dedicado à sua esposa delicada. O rei, vendo que o tempo passou sem que tenhamos sido bem sucedidos em nossa tarefa e que não encontramos Vaidehi, certamente nos executará para fazer o que é agradável para Rama. Aqueles que falham (em executar suas ordens) não podem

---

[359] Setembro-Outubro.

entrar na presença de um rei. Tendo vindo para cá como os principais servos de Sugriva, nós devemos ou encontrar Sita ou obter informações a respeito dela, senão nós devemos entrar na região de Yama, ó herói".

Ouvindo os macacos falarem assim em seu terror, o general Tara disse: "De que adianta se entregar ao desespero? Vamos entrar novamente na câmara subterrânea e estabelecer nossa residência lá. Aquele lugar cheio de flores, comida e água, que foi criado pelo poder da ilusão, é inacessível. Lá não precisamos temer o próprio Purandara ou Raghava ou o rei dos macacos".

Ao ouvirem essas palavras com as quais o próprio Angada concordou, todos os macacos com confiança renovada gritaram: "Sem demora, vamos a partir de agora empregar os meios que nos salvarão da morte".

Capítulo 54 – Hanuman procura dissuadir Angada de seu plano

Quando o general Tara, que era radiante como a lua, tinha falado assim, Hanuman considerou que Angada já tinha usurpado a autoridade suprema.[360] Ele sabia que o filho de Bali era dotado com a inteligência óctupla, os quatro poderes e as quatorze qualidades,[361] era possuidor de valor, energia e ardor marcial, crescendo em glória como a lua na quinzena brilhante, igual a Brihaspati em sabedoria, em bravura semelhante a seu pai e obediente ao conselho de Tara como Purandara respeita a instrução de Shukra.[362]

Então Hanuman, versado em todos os ramos do saber, resolveu conquistar Angada, que se tornou negligente no serviço a seu soberano, e trazê-lo de volta ao caminho certo. Refletindo sobre os quatro meios de trazer a paz, ele escolheu o segundo, o de semear dissensão entre os macacos por sugestão sutil; quando o descontentamento era geral, ele procurou instilar medo no coração de Angada, por meio de palavras duras proferidas em tons severos:

Ele disse: "Ó filho de Bali, certamente tu és um guerreiro mais hábil até do que o teu pai e és capaz de governar o reino dos macacos assim como ele, mas, ó principal dos macacos, os macacos sempre foram inconstantes por natureza. Privados de suas esposas e filhos, eles nunca ficarão sujeitos ao teu governo. Isso eu te declaro na presença de todos! Nem por conciliação, presentes, nem punições tu conseguirás atrair Jambavan, Nila, o macaco poderoso, Suhotra, ou a mim para o teu lado. Aquele que é forte pode derrotar o fraco e usurpar seu lugar, portanto, aquele que é fraco nunca deve, para a sua própria segurança, incorrer na inimizade do forte. Esta caverna, que tu crês ser um refúgio seguro e que é dita ser inexpugnável, pode ser facilmente adentrada por Lakshmana com suas flechas.

---

[360] [Isto é, "Percebeu que Angada havia assegurado através do amor dos Vanars a devolução do reino de Sugriva; ou, como outro comentador explica, percebeu que Angada tinha obtido um novo reino na gruta encantada que os Vanars, por amor a ele, concordariam em ocupar". – Griffith].

[361] Inteligência óctupla: A qualidade de aceitar a verdade e o que é correto, apreciá-lo, lembrá-lo e propagá-lo. Conhecimento do lado positivo e negativo de uma questão, conhecimento da essência última.

Quatro poderes: poder físico, poder mental, poder de recursos, poder de fazer amigos.

Quatorze qualidades: conhecimento de hora e lugar. Paciência. Conhecimento empírico. Habilidade. Força física. Poder de esconder a própria opinião. Honrar as próprias obrigações e promessas. Heroísmo. Apreciação da força do inimigo e da sua própria em relação a ela. Gratidão. Beneficência para com os próprios dependentes ou suplicantes. Não aceitação de insulto. Liberdade de movimentos descontrolados. Equilíbrio.

[362] Shukra: o preceptor espiritual de Indra.

Antigamente essa pequena fissura foi feita por Indra lançando seu raio contra ela, mas Lakshmana a perfurará como uma folha por meio de suas flechas afiadas. Ele possui inúmeras setas desse tipo, cujo impacto parece o raio, capazes de despedaçar as próprias montanhas.

"Ó flagelo de teus inimigos, assim que tu te instalares naquele local, os macacos, relembrando suas esposas e filhos, decidirão te abandonar. Ansiando por felicidade doméstica, sempre inquietos, ansiosos e cansados de sua situação lastimável, eles te abandonarão. Depois disso, privado de amigos, parentes e daqueles que buscam o teu bem-estar, mesmo o tremor de uma folha de grama vai te encher de terror.

"As flechas de Lakshmana, irresistíveis em voo, afiadas, formidáveis e de velocidade extrema, te trespassarão onde tu procurares te esconder.

"Se, no entanto, assumindo uma aparência humilde, tu, conosco, te apresentares diante de Sugriva, ele te estabelecerá no reino e te restaurará como legítimo herdeiro. Um monarca virtuoso, firme em seus votos, honrado e leal, ele deseja o teu bem-estar e seguramente não te matará. Teu tio paterno é dedicado à tua mãe e deseja fazer o que é agradável para ela, esse é o propósito da vida dele e ela não tem outro filho, portanto, ó Angada, volta conosco".

Capítulo 55 – Os macacos decidem morrer de fome

Ouvindo o discurso de Hanuman proferido com humildade, cheio de sabedoria e justiça e lançando honra sobre Sugriva, Angada respondeu-lhe dizendo:

"Estabilidade, pureza de espírito e disposição, compaixão, retidão, ousadia e perseverança são desconhecidas para Sugriva. Ele que, enquanto o filho dela estava vivo, uniu-se à amada rainha de seu irmão mais velho, a quem ele deveria ter legitimamente considerado como uma mãe, deve ser condenado. O que ele sabe de moralidade, ele que, enquanto seu irmão estava nas garras de um Asura, fechou a abertura da caverna? Que gratidão manifestará ele que, tendo apertado a sua mão em amizade, esqueceu os favores recebidos do seu grande benfeitor, Raghava, de obras imperecíveis? Onde está a virtude em alguém que nos mandou procurar por Sita aqui, não por medo da deslealdade, mas de Lakshmana? Quem confiaria naquele patife inconstante, mau e ingrato, mais especialmente aqueles nascidos da sua própria raça? Ele seja possuidor de qualidades boas ou não, tendo me estabelecido no reino, ele permitirá que o filho de seu inimigo fique vivo? Como posso eu, cujas opiniões foram reveladas, que fui considerado culpado, que sou impotente, pobre e fraco, esperar sobreviver se eu for para Kishkindha? Em seu desejo de manter o trono, Sugriva, que é astuto, esperto e cruel, seguramente me colocará em correntes. Para mim a morte por meio do jejum é preferível a ser torturado e confinado. Que todos os macacos me abandonem aqui e voltem para casa. Eu juro que nunca reentrarei na cidade, mas ficarei aqui e jejuarei até o fim; a morte é melhor para mim.

"Curvando-se ao rei e também ao poderoso Raghava, pergunta pelo seu bem-estar por mim e leva notícias da minha saúde e condição à minha mãe adotiva Ruma. Para Tara, minha verdadeira mãe, oferece consolo, pois ela é compassiva e piedosa e naturalmente cheia de amor por seu filho. Quando ela souber da minha morte, ela certamente abandonará sua vida".

Tendo dito isso, Angada, fazendo reverência aos mais velhos, com seu semblante abatido, chorando, espalhando alguma grama kusha sentou-se no chão; quando ele se sentou lá, aqueles principais dos macacos gemeram, com lágrimas ardentes caindo de seus olhos. Então circundando Angada, condenando Sugriva e louvando Bali, aqueles macacos resolveram morrer de fome, sentando-se à beira-mar em pilhas de grama darbha apontando para o sul, aqueles macacos excelentes, bebendo água, de frente para o leste, resolveram morrer, dizendo: "Isso é o melhor para nós!"

Enquanto falavam do exílio de Rama, da morte de Dasaratha, da carnificina em Janasthana, do assassinato de Jatayu, do rapto de Vaidehi, do assassinato de Bali e da ira de Raghava, aqueles macacos estavam cheios de temor; e enquanto aqueles inumeráveis macacos, semelhantes a picos das montanhas estavam sentados lá, toda a região com suas torrentes e cavernas ressoava com suas lamentações, como o trovão no céu.

Capítulo 56 – A intervenção de Sampati

Enquanto os macacos permaneciam sentados no platô da montanha decididos em seu último grande jejum, o rei dos abutres por acaso chegou àquele lugar. Aquela ave de vida longa, o afortunado irmão de Jatayu, era famoso por sua força e destreza.

Saindo de uma caverna na imensa montanha Vindhya, ele observou os macacos sentados lá e, muito satisfeito, disse: "Todo homem colhe o fruto de seus antigos atos, por conta disso, depois de um longo tempo, este alimento vem a mim. Eu comerei estes macacos, um por um enquanto eles morrem".

De olho naqueles macacos, o abutre expressou-se assim, e ouvindo a declaração daquele pássaro faminto, Angada, cheio de apreensão, dirigiu-se a Hanuman com voz fraca, dizendo:

"Vê, por causa de Sita, a Morte, o descendente de Vivasvat, veio a esse local para destruir os macacos. O propósito de Rama não tendo sido efetuado nem a ordem do rei obedecida, essa calamidade alcançou os macacos inconscientes. Tu sabes em detalhes tudo o que Jatayu, aquele príncipe dos abutres, fez em prol de Sita. Todos os seres, mesmo os nascidos do acasalamento de animais, desejam agradar Rama à custa de suas vidas como nós temos feito. Por conta do amor e da compaixão de Rama, as pessoas têm afeto e piedade umas pelas outras. O bem-aventurado Jatayu voluntariamente deu a sua vida para o bem de Rama; nós também, esgotados e prestes a morrer, viemos a essa floresta para prestar um serviço ao filho de Raghu. Nós examinamos a floresta em vão em busca de Maithili. Feliz é aquele príncipe dos abutres que foi morto em combate por Ravana, pois ele está livre do medo de Sugriva e alcançou a morada suprema. A morte de Jatayu e do rei Dasaratha e o rapto de Sita colocou os macacos em perigo. A permanência de Rama e Lakshmana na floresta com Sita, o assassinato de Bali por Raghava com uma seta, o massacre de incontáveis demônios por Rama em sua ira, todos devem sua origem àquelas bênçãos concedidas a Kaikeyi".

Ouvindo essas palavras comoventes e vendo os macacos esticados no chão o magnânimo rei dos abutres ficou profundamente comovido, e aquela ave de bico afiado gritou:

"Quem é que, fazendo o meu coração tremer, fala assim da morte de meu irmão, que vale mais para mim do que a própria vida? Como o demônio e o abutre vieram a lutar em Janasthana? É depois de muito tempo que eu ouço o nome do meu irmão falado. Eu desejo descer do alto dessa montanha elevada. Eu estou bem satisfeito em ouvir do meu irmão jovem e valente, renomado por suas façanhas. Eu quero saber da morte de meu irmão, Jatayu, ó principais dos macacos, e como o rei Dasaratha, cujo filho mais velho é Rama, amado por seus superiores, veio a ser seu amigo? Eu sou incapaz de voar em consequência de as minhas asas terem sido queimadas pelos raios do sol. Ajudem-me a descer dessa montanha, ó conquistadores de seus inimigos!"

Capítulo 57 – A narrativa de Angada

Embora a voz de Sampati vacilasse por causa da angústia, os chefes dos macacos não confiaram nele, duvidando de suas intenções.

Sentados com o propósito de jejuar até a morte, os macacos, vendo aquele abutre, conceberam a seguinte resolução, dizendo:

"Vamos ajudá-lo a descer e ele então devorará todos nós; se ele fizer isso, enquanto estamos sentados aqui jejuando, nós teremos atingido o nosso objetivo e alcançaremos rapidamente o sucesso".

Tendo assim resolvido, eles ajudaram o abutre a descer do cume da montanha e Angada se dirigiu a ele dizendo:

"Havia um grande rei dos macacos chamado Rikhsharajas, o fundador da nossa raça; ele era meu avô, ó ave. Ele teve dois filhos virtuosos, Bali e Sugriva, ambos eram extremamente poderosos. Meu pai Bali ficou famoso em todo o mundo por suas façanhas.

"Ora, aconteceu que o soberano de toda a terra, o descendente de Ikshvaku, o grande e ilustre guerreiro em carro, Rama, o filho do rei Dasaratha, obediente às injunções de seu pai, fixo no caminho da justiça, entrou na floresta de Dandaka com seu irmão Lakshmana e sua consorte Vaidehi. Sua esposa foi violentamente levada de Janasthana por Ravana e o amigo do pai de Rama, o príncipe dos abutres, Jatayu, viu Sita, a filha de Videha, sendo levada através do ar. Tendo quebrado o carro de Ravana e libertado Maithili, aquele abutre velho e exausto finalmente caiu sob os golpes de Ravana. Morto pelo poderoso Ravana, ele teve seus ritos fúnebres realizados pelo próprio Rama e alcançou a morada celeste. Então Raghava aliou-se ao meu tio paterno, Sugriva, e matou meu pai, que o tinha banido do reino com seus ministros.

"Tendo matado Bali, Rama instalou Sugriva como senhor e monarca de todos os macacos. Nós fomos enviados por ele para todas as direções sob as ordens de Rama para procurar por Sita, mas não encontramos Vaidehi, como à noite se é incapaz de perceber o esplendor do sol. Tendo explorado a floresta de Dandaka, nós, por ignorância, entramos em uma caverna através de uma fenda na terra. Aquela caverna foi construída pelo poder ilusório de Maya e lá nós passamos o mês fixado pelo rei dos macacos como o prazo determinado; enquanto executando os comandos de Sugriva, nós ultrapassamos o tempo fixado e por medo nos sentamos aqui, decididos a morrer de fome, pois, se voltarmos para enfrentar a ira de Kakutstha, Sugriva e Lakshmana, nós seguramente seremos condenados à morte!"

Capítulo 58 – Sampati fala aos macacos do esconderijo de Sita

Ouvindo a narrativa lamentável dos macacos, que tinham resolvido abandonar suas vidas, o abutre com voz triste, com lágrimas em seus olhos, lhes respondeu dizendo:

"Ó macacos, vocês me disseram que Jatayu, meu irmão mais novo, foi morto em combate por Ravana, que era seu superior em força. Velho e desprovido de minhas asas, eu só posso me conformar com essas notícias, pois já não tenho o poder de vingar a morte do meu irmão.

"Antigamente, quando Indra matou o demônio Vritra, meu irmão e eu, querendo provar qual de nós era superior, nos elevamos ao céu, nos aproximando cada vez mais do sol com sua auréola de raios. Precipitando-nos nas correntes de ar, nós subimos rapidamente cada vez mais alto, mas, o sol tendo chegado ao seu zênite, Jatayu enfraqueceu. Vendo meu irmão atormentado pelos raios do sol, eu o cobri carinhosamente com minhas asas, pois ele estava sofrendo muito, após o que elas foram queimadas e eu caí na montanha Vindhya, ó principais dos macacos, onde eu permaneci, não sabendo o que lhe tinha acontecido".

Assim abordado por Sampati, o irmão de Jatayu, o eminentemente sagaz príncipe Angada, respondeu: "Se tu és de fato o irmão de Jatayu e ouviste o que eu relatei, então nos dize, tu sabes alguma coisa sobre a residência desse titã? Dize, se tu sabes, se o retiro daquele míope, do mais vil dos demônios, Ravana, está perto ou longe?"

Então o irmão mais velho ilustre de Jatayu respondeu com palavras dignas dele, levando alegria para os macacos, e disse: "Ó macacos, as minhas asas estando queimadas, eu sou um abutre desprovido de força, mas somente por minhas palavras eu prestarei a Rama um serviço notável.

"Eu conheço o reino de Varuna e os abrangidos pelos três passos de Vishnu. Também estou familiarizado com as guerras entre os deuses e os asuras e o batimento do oceano, de onde saiu o Amrita. Embora a idade tenha me privado de força e a minha vitalidade esteja desaparecendo, essa missão de Rama deve ser a minha primeira preocupação.

"Eu vi uma mulher jovem e adorável, lindamente vestida, sendo levada pelo perverso Ravana e aquela bela criatura estava gritando 'Ó Rama', 'Ó Rama', 'Ó Lakshmana'. Arrancando seus ornamentos ela os lançou sobre a terra; sua capa de seda, parecendo os raios do sol caindo no cume de uma montanha, brilhavam contra a pele escura do demônio como um relâmpago iluminando um céu nublado. Já que ela estava chamando 'Rama', 'Rama' eu acredito que ela era Sita. Agora me ouçam, e eu lhes direi onde a residência daquele demônio pode ser encontrada.

"O filho de Vishravas e irmão de Kuvera, aquele demônio, chamado Ravana, reside na cidade de Lanka, construída por Vishwakarma, que se encontra a cem yojanas completos daqui, em uma ilha no mar, provida de portões dourados e baluartes de ouro Kancana, com palácios imponentes brilhando com ouro Hema adornando-a. Uma grande muralha, brilhante como o sol, a circunda, e é lá que a infeliz Vaidehi, vestida em um traje de seda, está confinada nos aposentos internos de Ravana, cuidadosamente guardada por mulheres demônio. É lá que vocês vão encontrar Sita.

"A quatrocentas milhas daqui na margem sul do mar vive Ravana. Ó macacos, apressem-se para lá rapidamente e demonstrem sua coragem! Por meios sobrenaturais, eu sei que tendo visto aquele local vocês voltarão. O primeiro curso é o caminho percorrido pelos picanços de cauda bifurcada e outros que vivem de

grãos; o segundo por aqueles que vivem de insetos e frutas; o terceiro por galos; o quarto por garças, gaviões e aves de rapina; o quinto por abutres; o sexto por cisnes dotados de força, energia, juventude e beleza e o último por águias; nós todos derivamos de nossa origem Vainateya,[363] ó principais dos macacos. Eu vingarei aquele ato execrável daquele comedor de carne (Ravana) como também sua crueldade para com o meu irmão.[364]

"Repousando aqui, eu sou capaz de ver Ravana e Janaki, pois todos nós possuímos a visão supersensível de Suparna.[365] É em virtude da nossa natureza e por causa do alimento que comemos que nós podemos ver claramente a uma distância de quatrocentas milhas. Nós somos instintivamente atraídos para procurar nossa comida à distância, enquanto outras aves a escavam com suas garras ao pé das árvores onde elas se empoleiram, sua visão sendo limitada.

"Procurem por um meio de atravessar as ondas salgadas; tendo encontrado Vaidehi, retornem, com seu propósito cumprido. Agora eu desejo ser levado por vocês para as margens do oceano, a residência de Varuna; eu lá realizarei o ritual de água para o espírito do meu irmão de grande alma, que foi para a morada celeste".

A essas palavras, aqueles macacos poderosos levaram Sampati, cujas asas haviam sido queimadas, para a margem do oceano, após o que eles levaram de volta aquele rei das aves para a montanha Vindhya; e, tendo recebido a informação relativa à Sita, eles sentiram grande alegria.

Capítulo 59 – Ele os encoraja a prosseguir sua busca

Ouvindo aquelas palavras, doces como néctar, proferidas pelo rei abutre, os chefes macacos se encheram de alívio.

Então Jambavan, o mais notável entre os macacos, com todos os macacos, erguendo-se do chão, disse ao rei abutre: "Onde está Sita? Quem a viu? Quem levou a filha de Mithila? Conta-nos tudo isso, e assim sê o meio de salvar os moradores na floresta. Quem é capaz de esquecer o poder das setas de Dasaratha que voam com a velocidade de um raio e aquelas que são disparadas por Lakshmana?"

Então Sampati, mais uma vez consolando aqueles macacos que tinham se erguido de seu jejum e que estavam todos atentos ao que estava sendo contado a respeito de Sita, bem satisfeito, disse-lhes:

"Ouçam como eu vim a saber do rapto de Sita nesse lugar e quem foi que me disse onde aquela senhora de olhos grandes poderia ser encontrada! Faz um longo tempo desde que eu caí nessa montanha inacessível, de muitas milhas de extensão. Agora estou velho e fraco em vida e membros; nessa condição meu filho, chamado Suparshwa, a melhor das aves, me trouxe comida regularmente. Se os gandharvas são extremamente afeiçoados ao prazer e a raça de serpentes propensa à raiva e os cervos extremamente tímidos, nós, de nossa parte, somos vorazes.

"Um dia, atormentado pela fome, eu exigi comida e meu filho voou ao nascer do sol para consegui-la, mas retornou à noite sem nenhuma carne. Ele, o

[363] Vainateya: a águia Garuda, dita ser o mensageiro e o veículo de Vishnu.
[364] Implicando que por enviar os macacos ele se vingaria de Ravana.
[365] Suparna: outro nome de Vainateya ou Garuda.

aumentador de minha alegria, tinha se cansado de procurar alimento e para me propiciar disse com toda a sinceridade:

"'Meu querido pai, desejando te trazer a tua porção habitual, eu voei no ar e me posicionei perto do caminho da montanha Mahendra para obstruir a passagem de milhares de criaturas que percorrem o mar. Lá estava eu, olhando para baixo, guardando a passagem, quando de repente eu observei alguém semelhante a uma massa de colírio, carregando uma mulher tão bela quanto o amanhecer. Vendo-os, eu resolvi capturá-los como minha presa, mas ele me implorou humildemente em tons pacíficos para deixá-lo passar. Ninguém sobre a terra, nem mesmo os maus, devoram de bom grado os pacíficos, quanto menos uma criatura como eu! Ele passou rapidamente, afastando o ar, por assim dizer, com sua energia. Depois disso, aqueles seres que habitam o espaço se aproximaram de mim e prestaram homenagem a mim e os grandes rishis me disseram:

"'"Por sorte Sita ainda vive! É bom para ti que ele tenha passado por ti com essa mulher".

"'Então os gloriosos siddhas se dirigiram a mim e me informaram de que era Ravana, o rei dos demônios, que eu tinha visto com a consorte de Rama, o filho de Dasaratha, a filha de Janaka, que, com seu traje de seda rasgado, dominada por um excesso de angústia, com seu cabelo caindo em volta dela, estava chamando os nomes de "Rama" e "Lakshmana". Assim, ó meu pai, foi como o tempo passou".

"Tudo isso Suparshwa me contou, e mesmo ao ouvir isso eu não considerei empregar a minha força, pois sem asas, como pode uma ave empreender alguma coisa? Mas ouçam como eu posso ajudá-los com a minha palavra e conhecimento, de modo que vocês possam manifestar sua bravura! Pelo meu discurso e minha experiência eu farei o que é agradável para vocês. Eu farei do interesse do filho de Dasaratha o meu interesse, não duvidem. Possuidores como vocês são de inteligência, energia e sabedoria, incapazes de serem superados até mesmo pelos deuses, vocês foram enviados aqui pelo rei dos macacos. As flechas de Rama e Lakshmana providas de plumas de garça são capazes de destruir os três mundos. Embora Ravana de dez pescoços seja dotado de força e energia, certamente ninguém pode resistir aos seus esforços unidos! Não há necessidade de mais atrasos. Agora realizem seu propósito. Os sábios, como vocês, não são dilatórios em seus empreendimentos".

Capítulo 60 – A história do asceta Nishakara

Quando o abutre tinha oferecido oblações de água para o espírito do seu irmão e feito suas abluções, os chefes macacos sentaram-se naquela montanha maravilhosa, colocando-o no meio deles.

Então Sampati, a fim de renovar a confiança deles, disse alegremente para Angada, que estava sentado cercado por todos os macacos que o escoltavam: "Ouçam-me com atenção e em silêncio, ó macacos, e eu lhes direi realmente como eu vim a saber de Maithili.

"Há muito tempo atrás, eu caí no cume da montanha Vindhya, ó príncipe irrepreensível, com minhas asas chamuscadas pelo calor do sol, que as consumiu com seus raios. Ao recuperar a consciência no fim de seis dias, lânguido e desprovido de força, olhando em volta, eu era incapaz de distinguir qualquer coisa. Todavia, ao esquadrinhar os lagos, rochas, rios, lagoas, matas e regiões, a minha

memória voltou e eu refleti, 'Esta montanha cheia de aves alegres, contendo cavernas profundas e inúmeros cumes é certamente o pico Vindhya nas margens do mar do sul".

"Aqui se encontra um eremitério sagrado reverenciado pelos próprios deuses, onde um sábio chamado Nishakara, de austeridades severas, morava; desde aquela época, aquele santo familiarizado com a virtude ascendeu ao céu.

"Eu passei oito mil anos nessa montanha. Então, não tendo visto aquele asceta, rastejando lentamente e dolorosamente para baixo daquele pico alto para o chão coberto com grama pontuda afiada, ansioso para ver o sábio, eu me reuni a ele com grande dificuldade. Anteriormente Jatayu e eu visitamos aquele sábio muitas vezes.

"Naquela área, brisas suaves e perfumadas sopravam e não havia nenhuma árvore sem flores ou frutas. Aproximando-se daquele eremitério sagrado, desejoso de ver o abençoado Nishakara, eu esperei ao pé de uma árvore. Então, à distância, eu vi aquele rishi, brilhando com refulgência, que, tendo realizado as suas abluções, estava retornando para o norte.

"Como todos os seres vivos cercam um doador, assim ele estava cercado por ursos, srimaras, tigres, leões e cobras de vários tipos. E quando eles observaram que o santo tinha entrado em seu eremitério, todos eles foram embora, como, quando um rei se retira, os ministros que o escoltaram se afastam.

"O sábio, ao me ver, ficou satisfeito, e se recolhendo em seu eremitério por um tempo saiu novamente e me perguntou sobre o meu bem-estar. Ele disse: 'Ó meu amigo, por causa das tuas plumas descoloridas, eu sou incapaz de te reconhecer; as tuas duas asas foram chamuscadas pelo fogo e o teu corpo frágil é abalado por ofegos. Em outros tempos, eu conheci dois abutres semelhantes ao vento em velocidade, que eram irmãos, capazes de mudar sua forma à vontade. Tu és, eu sei, o mais velho, Sampati, e Jatayu é teu irmão mais novo. Ambos assumindo forma humana costumavam massagear os meus pés com suas mãos.

"'Por qual doença tu foste afligido? De onde vem a perda das tuas asas? Quem te infligiu esse castigo? Conta-me tudo!'"

Capítulo 61 – Sampati conta sua história para o sábio Nishakara

Então Sampati narrou para o asceta todo o seu ato temível, árduo e estouvado de voar para o sol:

"Ó abençoado, as feridas que recebi, a vergonha que eu sinto e a exaustão que eu sofro, todos me impedem de entrar em uma narrativa longa.

"Por causa do orgulho do nosso poder de voo, Jatayu e eu, para testar os poderes um do outro, jurando na presença dos sábios no monte Kailasha que iríamos seguir o sol até que ele se pusesse por trás da montanha Astachala, voamos para o céu. Chegando juntos a uma grande altura, nós olhamos para baixo sobre a terra com suas várias cidades que pareciam rodas de carruagens. Às vezes, o som de instrumentos musicais chegava a nós, em outros, o tilintar de ornamentos. Em certos lugares nós vimos muitas donzelas vestidas de vermelho que estavam cantando.

"Passando rapidamente pelo ar, nós seguimos o caminho do sol e observamos uma floresta cruzada por picadas verdes; as montanhas pareciam

seixos e os rios como fios amarrando a terra; Himavat, Vindhya e aquela montanha imensa, Meru, pareciam elefantes permanecendo em uma lagoa.

"Todavia nós estávamos transpirando livremente e cheios ansiedade e extremamente fatigados, não mais sendo capazes, em nossa desorientação, de distinguir entre o sul, oeste ou o quadrante presidido pelo fogo; a terra nos parecia ter sido consumida por chamas, como no fim do período do mundo. A minha mente e os meus olhos falhando, com um esforço violento eu os fixei no sol e com muita dificuldade consegui fazê-lo. O orbe ardente nos parecia muito maior que a terra em extensão, e naquele instante, Jatayu, sem falar comigo, começou a cair. Vendo isso, eu voei para baixo do céu e o cobri com minhas asas, em consequência do que meu irmão não foi queimado, mas eu, em minha arrogância fui chamuscado e jogado para fora do curso do vento. Eu supus que Jatayu tinha caído em Janasthana, mas com minhas asas feridas, privado de força, eu caí na montanha Vindhya.

"Desprovido de meu domínio, meu irmão, minhas asas e meu poder, agora eu almejo me lançar de cabeça do topo dessa montanha e colocar um fim à minha existência".

Capítulo 62 – Sampati descobre onde Sita está pelo sábio Nishakara

"Tendo falado assim àquele principal dos sábios, em minha angústia, eu comecei a chorar, e aquele abençoado, refletindo por um tempo, disse a mim:

"'As tuas duas asas com suas penas vão crescer novamente e tu recuperarás tua visão, tua energia e tua destreza. Tendo descoberto a partir dos Puranas e previsto pelo meu poder ascético, eu sei que um grande evento está prestes a ocorrer.

"'Isso diz respeito a certo rei chamado Dasaratha da linhagem de Ikshvaku, a quem um filho, cheio de valentia, nascerá, de nome Rama. Ele irá para a floresta com seu irmão Lakshmana, tendo sido obrigado a fazer isso por seu pai.

"'O filho de Nairriti, Ravana, o rei dos titãs, incapaz de ser morto por deuses ou danavas, irá raptar sua consorte da floresta de Janasthana. E, embora tentada por deliciosas iguarias e objetos de prazer e desejo, aquela nobre e ilustre, dominada pela dor, não compartilhará deles. Então Vasava sabendo disso lhe oferecerá 'payasa' semelhante à ambrosia que os próprios deuses só obtêm com dificuldade. Recebendo esse alimento, Maithili, sabendo que ele vinha de Indra, oferecerá parte dele para Rama, despejando-o no chão, dizendo: 'Se o meu marido ou seu irmão mais novo ainda vivem ou se alcançaram o estado divino, que este alimento seja aceitável para eles'.

"'Os enviados de Rama tendo sido mandados para cá, tu deverás informá-los sobre os fatos relacionados a Sita, ó viajante aéreo! Não saias daqui por nenhuma razão, mas para onde tu podes ir nessa condição? Aguarda a hora e o lugar; tu recuperarás tuas asas. Eu sou capaz de te prover de asas nesse mesmo dia, mas por esperares aqui tu podes prestar um serviço aos mundos. Assim, tu estarás cumprindo o teu dever para com os dois príncipes, os brâmanes, os teus preceptores espirituais, os sábios e Indra. Eu também estou desejoso de ver os dois irmãos, Rama e Lakshmana, após o que eu abandonarei a minha vida'.

"Assim aquele grande rishi, familiarizado com a natureza de todas as coisas, falou comigo".

Capítulo 63 – As asas de Sampati crescem novamente

"Tendo me consolado com essas palavras e muitas outras, o asceta eloquente se despediu de mim e reentrou em seu eremitério. Depois disso eu rastejei lentamente para fora da caverna e escalei a montanha Vindhya para esperar por vocês. Desde aquela época, um século inteiro se passou, e, mantendo as palavras daquele eremita no meu coração, eu aguardo a hora e o lugar.

"Nishakara subiu ao céu, e eu, perturbado por muitos pensamentos, fui consumido pela tristeza. Quando a ideia da morte vem a mim, eu a ponho de lado, lembrando as palavras do sábio. A determinação que ele inspirou em mim para preservar a minha vida dissolve a minha angústia, como uma chama em um braseiro aceso dissipa a escuridão.

"Embora totalmente familiarizado com o poder de Ravana de coração mau, eu me aproximei do meu filho dizendo: 'Ouvindo os lamentos dela e sabendo que aqueles dois príncipes foram privados dela, como é que tu não libertaste Sita?' Por minha afeição pelo rei Dasaratha eu fiquei descontente com meu filho".

Enquanto Sampati estava falando assim para os macacos, as suas asas de repente começaram a crescer novamente na presença daqueles moradores das florestas. Então, vendo seu corpo coberto com penas fulvas, ele sentiu uma imensa alegria e disse aos macacos: "Pela graça de Nishakara, aquele sábio de poder imensurável, as minhas asas, que haviam sido queimadas pelos raios do sol, cresceram novamente e a destreza que eu possuía em minha juventude voltou. Hoje eu recuperei minha força e vigor. Não poupem esforços para encontrar Sita; a recuperação das minhas asas é uma garantia do seu sucesso".

Tendo falado assim para os macacos, Sampati, a mais notável das aves, ansioso para averiguar seus poderes de voo, voou até o topo da montanha. Ouvindo suas palavras, aqueles macacos poderosos ficaram satisfeitos e confiantes em seu sucesso, e se prepararam para demonstrar seu valor.

Com a velocidade do vento aqueles principais dos macacos, concentrados em encontrar Sita, a filha de Janaka, partiram para o sul para o quadrante dominado por Abhijit.[366]

Capítulo 64 – Os macacos ficam desconcertados com a visão do oceano

Assim informados pelo rei dos abutres, os macacos, dotados da força de leões, começaram a saltar por todos os lados, emitindo gritos de prazer.

Ouvindo de Sampati que Ravana seria morto, os macacos felizes alcançaram o mar, ansiosos para descobrir Sita. E chegando àquele local, aqueles guerreiros temíveis contemplaram o oceano, o espelho de todo o mundo.

Chegando ao lado norte do mar do sul, aqueles macacos extremamente poderosos e heroicos pararam lá. E vendo o oceano que às vezes parecia estar

[366] Abhijit: o nome de uma constelação. Alguns comentadores o traduzem como significando "aquele que é para ser conquistado" implicando a região na qual Ravana seria encontrado.

adormecido, em outras brincalhão, às vezes coberto com ondas enormes e repleto de animais aquáticos, fazendo seus pelos se arrepiarem, aqueles principais dos macacos se surpreenderam e ficaram desanimados. Contemplando aquele oceano incapaz de ser atravessado, assim como o próprio céu, os macacos começaram a lamentar, gritando: "O que deve ser feito agora?"

Então o principal dos macacos, o poderoso Angada, vendo o desespero do exército com a visão do mar, começou a tranquilizar aqueles guerreiros afligidos pelo terror, dizendo:

"Nunca se deve ceder à agitação, de todas as coisas essa é a mais fatal; a agitação destrói um homem assim como uma serpente provocada destrói uma criança. Aquele que, quando chega a hora de mostrar seu valor, fica agitado, se enfraquece e não consegue alcançar seu objetivo".

A noite tendo passado, Angada deliberou com os macacos mais velhos, e aquela hoste de macacos em torno dele parecia as hostes dos Maruts cercando Vasava. Quem, exceto o filho de Bali ou Hanuman, era capaz de manter a disciplina entre aquelas tropas?

Após ter reunido os anciãos na companhia do exército, o afortunado Angada, o subjugador de seus inimigos, saudando-os, falou palavras repletas de bom senso, dizendo:

"Quem dentre vocês tem estatura suficiente para atravessar o oceano? Quem é capaz de realizar os comandos de Sugriva, o conquistador de seus inimigos? Qual macaco valente pode saltar as quatrocentas milhas e livrar os líderes dos macacos da sua grande ansiedade? Pela graça de quem nós iremos, coroados com sucesso e contentamento, retornar e ver nossas esposas, nossos filhos e nossas casas? Quem nos permitirá encontrar Rama, o poderoso Lakshmana, e aquele morador na floresta, Sugriva, com o coração leve? Se há algum macaco capaz de saltar sobre o oceano, então que ele nos mostre a sua forma abençoada e nos livre do medo!"

Ouvindo o discurso de Angada, ninguém disse uma palavra e toda a hoste de macacos parecia atordoada. Então aquele principal dos macacos mais uma vez se dirigiu a eles dizendo:

"Ó guerreiros excelentes, de coragem provada, família irrepreensível e dignos de honra, digam o quão longe cada um de vocês é capaz de saltar sobre o mar, sem qualquer coisa poder impedi-los!"

Capítulo 65 – Cada um dos líderes dos macacos declara o que é capaz de realizar

Tendo ouvido as palavras de Angada, aqueles chefes de macacos, cada um na sua vez, começou a falar longamente sobre o que ele era capaz de realizar, Gaya, Gavaksha, Gavaya, Sharabha, Gandhamadana, Mainda, Dvivida e Angada como também Jambavan. Gaya falando primeiro disse:

"Eu posso saltar cem milhas" e Gavaksha disse: "Eu posso saltar duzentas!" Então o macaco Sharabha disse a seus companheiros: "Eu sou capaz de saltar trezentas milhas, ó macacos!" Rishabha depois disse: "Eu posso, sem dúvida, atravessar mais de quatrocentas milhas!" E o poderoso Gandhamadana disse: "Eu posso saltar quinhentas milhas!" Por sua vez, o macaco Mainda disse: "E eu, seiscentas milhas" e o ilustre Dvivida: "Sem dificuldade eu posso saltar sobre

setecentas milhas!" Então Sushena, cheio de energia, o melhor dos macacos, disse: "Eu declaro que eu posso saltar 800 milhas!"

E enquanto eles estavam falando dessa maneira, o mais velho deles, Jambavan, oferecendo saudações a todos eles, falou desta maneira: "Antigamente eu, também, tinha o poder de movimento, mas agora eu tenho idade avançada. Entretanto, na situação atual, nada deve ser negligenciado para garantir o sucesso da missão de Rama e do rei dos macacos: eu, portanto, saltarei trezentas milhas. Não há dúvida alguma sobre isso". Então Jambavan, dirigindo-se a todos os macacos, acrescentou: "Ai de mim! Seguramente eu não tenho a força para isso! Antigamente, eu circungirei o eterno Vishnu quando ele cobriu o mundo em três passos no sacrifício do filho de Virochana; agora, porém, eu estou velho e me canso rapidamente. Quando eu era jovem, a minha energia era grande e inigualável; hoje, eu só posso ir tão longe quanto eu lhes disse, o que não é suficiente para trazer sucesso para o nosso empreendimento".

Então, o sagaz Angada, curvando-se àquele macaco poderoso, se dirigiu a ele com palavras significativas, dizendo: "Eu sou capaz de saltar essas quatrocentas milhas facilmente, mas serei capaz de retornar? Nada é certo!"

Nisso Jambavan respondeu àquele macaco excelente e disse: "Ó mais importante dos macacos, o teu poder de movimento é bem conhecido, mas tu és capaz de atravessar oitocentas milhas?[367] Não é apropriado que tu faças isso. Meu caro filho, o mestre não deve de forma alguma ser comandado por seus servos; tu deves comandar essa expedição. Tu és nosso líder e nosso único bem. O chefe do exército é, por assim dizer, a esposa, que deve ser protegida constantemente; esse é o teu papel, ó caro filho. Deve-se cuidar da raiz de uma coisa, essa é a prática dos homens de experiência; a raiz estando saudável, os sucos que têm como seu propósito o amadurecimento da fruta serão salvaguardados. Tu és a parte essencial desse empreendimento e, ó subjugador de teus inimigos, tu, provido de sabedoria e valentia, és seu princípio essencial. Tu és nosso superior e filho do nosso superior, ó excelente; com o teu apoio nós seremos capazes de cumprir nossa missão".

Assim, em sua grande sabedoria, Jambavan falou e aquele poderoso macaco nascido de Bali, Angada, respondeu-lhe dizendo:

"Se eu não for, nem algum entre esses macacos poderosos o fizer, então, sem dúvida, nós devemos começar o nosso jejum supremo mais uma vez, pois se voltarmos sem termos cumprido as ordens daquele senhor dos macacos, então eu não vejo como podemos esperar preservar nossas vidas. Se ele mostrar clemência ou ira, ele é o chefe dos macacos e desrespeitar sua vontade significa a morte. Nessa questão nenhuma alternativa é possível; portanto, vocês que são capazes de ver claramente devem refletir sobre isso".

Assim falou Angada e aquele macaco poderoso e heroico, Jambavan, respondeu-lhe em palavras oportunas dizendo:

"Ó guerreiro, essa missão será realizada sem obstrução! Eu chamarei o único que é capaz de realizá-la".

Então aquele macaco heroico mandou chamar o mais notável dos macacos, Hanuman, que estava sentado tranquilamente à parte.

[367] Ou seja, ida e volta.

Capítulo 66 – Jambavan apela para Hanuman se sacrificar para o bem de todos

Percebendo o desânimo daquele grande exército composto por centenas de milhares de macacos, Jambavan disse a Hanuman:

"Ó guerreiro, o mais notável entre a multidão, tu que és versado nas escrituras, por que estás sentado à parte, em silêncio? Em coragem e força, tu és igual a Rama e a Lakshmana e ao próprio rei dos macacos, ó Hanuman!

"'O filho de Arishtanemi,[368] o poderoso Vainateya, o ilustre Garuda, é a principal de todas as criaturas aladas. Muitas vezes eu tenho visto aquele pássaro todo-poderoso de asas imensas e energia superior carregando serpentes do oceano; a força que está em suas asas se assemelha à força e ao vigor dos teus braços; ninguém pode resistir a ti. Tua energia, inteligência, coragem e lealdade te diferenciam do resto dos seres, portanto, te prepara para atravessar o oceano.

"A mais nobre de todas as apsaras, Punjika-Thala, sob o nome de Anjana, tornou-se a esposa do macaco Kesarin. Ela era renomada nos três mundos e sua beleza era inigualável na terra. Como resultado de uma maldição, ó amigo, ela nasceu na raça dos macacos, capaz de mudar sua forma à vontade.

"Uma vez aquela filha do rei entre os macacos, Kunjara, tendo assumido a forma de uma mulher radiante com juventude e beleza, adornada com guirlandas de vários tipos, vestida com seda, estava passeando no cume de uma montanha, que parecia uma massa de nuvens no período chuvoso.

"E aconteceu que o deus do vento roubou o manto amarelo de borda vermelha daquela donzela de olhos grandes, que estava no topo da montanha. Então Maruta viu suas coxas arredondadas, proporcionais, e seus seios tocando um ao outro e seu semblante amável e agradável. Vendo aquela jovem mulher de membros adoráveis e cintura fina, todo o seu ser radiante com beleza, ele encheu-se de desejo e fora de si, envolvendo aquela senhora irrepreensível em seus braços, Manmatha a abraçou.

"Em sua angústia, Anjana, fiel aos seus votos conjugais, gritou: 'Quem deseja cortar os laços de uma esposa dedicada ao seu senhor?' Ouvindo essas palavras, o deus do vento respondeu, 'Eu não desejo te fazer mal, ó senhora de quadris encantadores, que o teu coração não fique preocupado. Ao abraçar-te e entrar em ti tu terás um filho dotado de força e inteligência, de imensa energia, de natureza nobre, possuidor de vigor e coragem e em agilidade e velocidade igual a mim mesmo'.

"Essas palavras agradaram a tua mãe e ela deu à luz a ti em uma caverna, ó principal dos macacos.

"Quando ainda era criança, tu viste o nascer do sol sobre a grande floresta e considerando que ele era um fruto tentaste agarrá-lo. Saltando no ar, tu te elevaste por mil yojanas, ó grande macaco e, embora os raios ardentes do sol te atingissem, tu não vacilaste. Vendo-te avançando através do espaço, Indra, cheio de ira, arremessou seu raio em ti, após o que, caindo, tu fraturaste a tua mandíbula

[368] Arishtanemi: um nome de Garuda significando "o aro de cuja roda é incólume".

["A edição revisada de Bengala o chama de irmão de Arishtanemi. 'O comentador diz "Arishtanemi é Aruna". Aruna o auriga do sol é o filho de Kasyapa e Vinata e por consequência irmão de Garuda, chamado Vainateya por causa de Vinata sua mãe'. Gorresio". – Griffith].

esquerda na ponta de uma rocha a partir do que surge o teu nome, Hanuman.[369] Observando-te nesse estado, Vayu, o destruidor, o portador de fragrâncias,[370] no auge da raiva, deixou de soprar em todos os três mundos.

"Então todos os deuses ficaram angustiados por causa da calamidade que se abateu sobre os mundos e esses senhores do universo procuraram pacificar o colérico deus do vento, depois do que, Pavana sendo aplacado, Brahma te concedeu a bênção de invulnerabilidade em combate. Vendo como tu suportaste o impacto do raio, aquele deus de mil olhos estava satisfeito contigo e também te conferiu uma benção excelente, dizendo: 'Tu não morrerás até que desejes fazê-lo! Tu, dotado de vigor extremo, o filho de Kesarin, semelhante ao deus do vento em energia, és filho dele e igual a ele em velocidade'. Ó amigo, nós estamos perdidos, mas tu, possuidor de habilidade e coragem, estás em nosso meio como um segundo senhor dos macacos.

"Na época em que Vishnu cobriu o mundo com três passos, eu, ó filho, circungirei a terra com suas montanhas, florestas e bosques, vinte e uma vezes. Então, autorizados pelos deuses, nós colhemos todas as ervas que (quando lançadas ao mar) produziram o néctar da imortalidade, e naquele tempo a nossa força era muito grande. Agora eu estou velho e a minha destreza me abandonou, mas tu, dotado de todas as virtudes, estás entre nós. Emprega a tua bravura, ó herói, pois tu és o mais adequado para fazer isso. Apressa-te e atravessa o vasto oceano, ó macaco formidável; toda a hoste de macacos está ansiosa para ver a tua destreza. Levanta-te e salta sobre o poderoso mar, pois tu superas todos os seres em movimento. Como tu podes permanecer indiferente ao desespero de todos os macacos? Aplica a tua força, como fez Vishnu quando atravessando os três mundos com três passos, ó leão entre os macacos!"

Assim exortado pelo principal dos macacos, Hanuman, famoso por seu grande poder, o filho do vento, assumiu uma forma preparatória para cruzar o mar que alegrou os corações daqueles macacos.

Capítulo 67 – Hanuman se prepara para ir para Lanka

Vendo aquele líder extremamente ágil dos macacos esticando-se em preparação para cruzar as quatrocentas milhas de mar, os macacos, renunciando a todo desânimo, ficaram cheios de alegria e começaram a gritar e a louvar o heroísmo de Hanuman.

E, tomados de admiração, seres de todas as esferas se regozijaram unidos, assim como quando eles viram o próprio Senhor exibindo seus poderes, quando dando os três passos.

Assim aclamado, o poderoso Hanuman aumentou de tamanho e abanou sua cauda de prazer, demonstrando sua força. Aplaudido pelos macacos mais velhos e cheio de energia, ele assumiu uma forma sem igual, como um leão que se estende na boca de uma caverna rochosa, e aquele filho de Maruta começou a bocejar e a boca daquele macaco inteligente parecia um braseiro ardente ou um fogo sem fumaça.

---

[369] Hanuman: "ele da mandíbula fraturada". ["Hanu ou Hanú significa mandíbula. Hanunam ou Hanúmán significa propriamente aquele de grande mandíbula". – Griffith].

[370] O deus do vento.

Erguendo-se em meio àqueles macacos, com seu cabelo arrepiado de alegria, ele prestou homenagem aos líderes mais velhos e disse-lhes: "Eu sou o filho daquele que destrói os picos das montanhas e é o amigo do fogo, o poderoso e incomensurável Vayu, que circula no espaço, Maruta, de saltos impetuosos, passo rápido e grande alma. Mil vezes eu sou capaz, sem parar, de circundar Meru, aquele colosso que parece lamber os céus. Com meus braços fortes, agitando o mar, eu posso inundar o mundo com suas montanhas, rios e lagos; com minhas coxas e pernas eu posso fazer o oceano, aquela morada de Varuna com seus grandes habitantes, transbordar. Eu posso circundar Vainateya, reverenciado por todos, que se alimenta de serpentes, mil vezes enquanto ele corre uma vez através do espaço. Além disso, eu sou capaz de alcançar o sol que se ergue em glória coroado com raios, antes que ele mergulhe no oeste, e retornar sem tocar a terra. Eu posso saltar para além das estrelas e dos planetas, absorver o oceano e rachar a terra; eu posso quebrar as montanhas com meus saltos e com a energia incomensurável do meu pulo eu posso fazer o mar transbordar. Quando eu subir ao céu, flores de inúmeros arbustos e árvores serão levadas para longe por mim em meu curso aéreo neste dia e cravejado de flores o meu caminho se parecerá com a Via Láctea.

"E, ó macacos, todos os seres me verão percorrendo o ar, rodeando o firmamento, ora subindo, ora descendo, como se estivesse devorando o espaço. Eu dispersarei as nuvens, despedaçarei as montanhas e secarei o oceano com meus pulos constantes. Meus poderes são iguais aos da águia ou do vento; eu não sei de ninguém que supere o rei das aves, o deus do vento ou a mim mesmo. Num piscar de olhos, eu flutuarei através do ar como um raio de uma nuvem. Enquanto cruzando o mar, a minha forma parecerá a de Vishnu dando seus três passos. Meu coração prediz que vou encontrar Vaidehi, portanto, se alegrem. Igual a Maruta em movimento e a Garuda em velocidade, eu cobrirei dez mil milhas; essa é a minha firme convicção. Eu sou capaz de arrancar o 'amrita' de Indra, armado com seu raio, ou do próprio Brahma. Fiquem certos de que, tendo virado Lanka de cabeça para baixo, eu voltarei!"

Aquele macaco de vigor imensurável rugiu dessa maneira, e pasmos, os macacos olhavam para ele com alegria; e ouvindo essas palavras que dissiparam a angústia de seus parentes, aquele principal dos macacos, Jambavan, extasiado de alegria, disse: "Ó herói! Ó filho de Kesarin! Ó filho do vento! Tu dissipaste a imensa ansiedade dos teus companheiros, e esses mais importantes dos macacos reunidos aqui realizarão atos tendentes ao teu bem-estar. Pela graça dos sábios, a aprovação dos nossos anciãos e a bênção dos nossos preceptores espirituais que tu atravesses o oceano. Nós ficaremos sobre um pé aguardando o teu retorno. De ti dependem as vidas de todos os habitantes da floresta!"

Então aquele tigre dos macacos disse aos viajantes das matas: "Nada nesse mundo será capaz de suportar a força do meu pulo. Aqui está a montanha Mahendra com sua compacta massa de rochas e escarpas altas, é do seu topo que eu pularei. Com suas árvores de fragrância variada que a cobrem e seus muitos penhascos, ela poderá suportar o meu peso, quando eu me preparar para saltar sobre quatrocentas milhas".

Com essas palavras aquele macaco, o flagelo dos seus inimigos, nascido de Maruta, cujo igual ele era, escalou aquele monarca das montanhas, atapetado com flores de todos os tipos e relvas gramadas percorridas por veados, contendo trepadeiras florescentes e árvores carregadas de frutas e flores, frequentado por leões e tigres e manadas de elefantes inebriados enlouquecidos com linfa; lá bandos de aves trinavam e cachoeiras caíam por todos os lados.

Subindo aquela montanha, aquele principal dos macacos, igual a Mahendra em poder, começou a vagar de um cume para outro e, esmagada entre os braços daquele de grande alma, a grande montanha emitiu um clamor alto, como um elefante poderoso que foi atacado por um leão, e águas jorraram das rochas despedaçadas e cervos e elefantes ficaram amedrontados, enquanto as árvores gigantes balançavam.

Seus terrenos altos espaçosos foram abandonados pelos pares de gandharvas ocupados em beber e flertar, as aves voaram para longe e os bandos de Vidyadharas fugiram dos altos platôs; as serpentes enormes se esconderam aterrorizadas e os despenhadeiros e minerais se romperam. Com suas serpentes sibilando, com seus corpos metade para fora de seus buracos, a montanha brilhava, como se decorada por flâmulas. Os rishis com medo e agitação fugiram daquele suporte da terra de modo que ela parecia um viajante em uma vasta floresta, abandonado por seus companheiros.

E aquele macaco ágil e valente, dotado de grande velocidade, o destruidor de seus inimigos, cheio de um propósito nobre, já tinha chegado a Lanka em pensamento.

FIM DO KISHKINDHA KANDA

LIVRO V

SUNDARA KANDA

Capítulo 1 – A partida de Hanuman

Então aquele flagelo de seus inimigos, Hanuman, se preparou para seguir o caminho dos charanas[371] em busca do lugar para onde Sita tinha sido levada por Ravana.

Desejoso de realizar essa façanha difícil sem entraves, impossível para qualquer outro, aquele macaco poderoso, esticando sua cabeça e pescoço como um touro, assustando a aves, arrancando as árvores com o peito e destruindo inúmeras criaturas, como um leão transbordando de energia pulou alegremente sobre as encostas gramadas semelhantes ao mar.

Naquele platô da montanha, frequentado pelos chefes da raça de serpentes, embelezado por metais azuis, vermelhos, amarelos, cor-de-rosa e de várias cores, repleto de seres celestiais, yakshas, kinnaras e gandharvas, capazes de mudar sua forma à vontade, aquele principal dos macacos ficou como um naga em um lago. Então, tendo prestado homenagem ao deus-sol, Mahendra, Pavana, Swyambhu e todos os seres, ele se preparou para partir em sua jornada. Voltando-se para o leste e saudando seu pai, o engenhoso Hanuman, tendo resolvido atravessar o oceano para cumprir o propósito de Rama, para alcançar a região sul, expandiu seu corpo sob os olhos dos líderes dos macacos, como o mar aumenta sob a lua cheia.

Assumindo uma imensa estatura, desejoso de percorrer o oceano, ele pressionou a montanha com suas mãos e pés e aquele pico inamovível tremeu sob o seu peso e todas as flores das copas das árvores caíram em uma chuva cobrindo-o totalmente com uma massa de flores perfumadas.

Sob a pressão extrema do peso daquele macaco, água jorrou da montanha como linfa das têmporas de um elefante no cio. Pisoteada por aquele poderoso morador da floresta, a montanha soltou inúmeros rios de ouro, prata e colírio e, daquela massa rochosa, blocos enormes se destacaram contendo arsênico vermelho de modo que ela parecia um braseiro envolto em fumaça.

Esmagadas por todos os lados pelo macaco, aquelas criaturas, habitando em cavernas, feridas e sufocadas, emitiam gritos estranhos e o clamor formidável criado por elas encheu toda a terra e outras regiões.

Grandes serpentes, elevando seus capelos característicos, vomitaram fogo e morderam as rochas com suas presas, e aqueles grandes rochedos, partidos pelo veneno, irromperam em chamas e foram despedaçados em mil fragmentos. As ervas medicinais, também, que cresciam lá, foram afetadas pelo veneno que elas eram incapazes de neutralizar.

Então os ascetas, aterrorizados, pensando que a montanha estava sendo despedaçada por grandes seres, fugiram, bem como os vidyadharas com suas acompanhantes. Abandonando seus assentos dourados, taças e vasos preciosos com os jarros de ouro no salão de festas; abandonando os molhos inestimáveis, vinhos e iguarias de todos os tipos e as peles e espadas com guarda-mão de ouro Kanaka; intoxicados, com seus pescoços rodeados por correntes enfeitadas com joias, adornados com guirlandas e pasta de sândalo vermelha, seus olhos parecendo lótus azuis, eles subiram no ar; e aqueles formosos, usando cordões de pérolas, anéis e braceletes, assustados, ascenderam sorrindo para o céu, perto de seus amados.

[371] Caminho dos charanas ou caminho do vento: seu pai sendo o deus do vento.

Testemunhando essa grande maravilha, maharishis e vidyadharas permaneceram no firmamento olhando para baixo para a montanha e eles ouviram aqueles ascetas de mente pura dizendo: "Esse Hanuman, nascido do vento, dotado de grande energia, desejoso de cruzar o oceano, a residência de Varuna, para realizar o objetivo de Rama e o dos macacos, está ávido para atingir a outra costa, uma façanha muito difícil".

Ouvindo as palavras dos ascetas, os vidyadharas viram aquele principal dos macacos na montanha, eriçado e trêmulo como uma chama, emitindo um grande rugido como o estrondo de um trovão. Então erguendo a sua cauda que se contraía convulsivamente, como uma cobra balançada por uma águia, ele a abanou para lá e para cá e, encontrando-se enrolada em suas costas, ela parecia uma grande serpente levada por Garuda.

E aquele macaco, endurecendo seus braços como duas clavas imensas, preparou seus membros e, agachando-se, contraiu seu pescoço e braços, reunindo toda a sua força e coragem. Esquadrinhando o caminho que ele iria tomar e examinando a distância a ser coberta, ele prendeu a respiração, pressionando seus dois pés firmemente no chão e aquele elefante entre os macacos, Hanuman, achatando suas orelhas, saltou para frente e, cheio de energia, dirigiu-se aos moradores da floresta, dizendo:

"Como uma flecha disparada por Raghava voa com a velocidade do vento, assim eu rumarei para Lanka que é guardada por Ravana. Se eu não conseguir encontrar a filha de Janaka lá, eu irei com a mesma velocidade para a região dos deuses, onde, se apesar dos meus esforços eu não recuperar Sita, eu trarei de volta o rei dos titãs em correntes. Ou, obtendo êxito, eu voltarei ou, arrancando Lanka de sua fundação, eu a trarei para cá, juntamente com Ravana".

Com essas palavras, Hanuman, o principal dos macacos, sem parar para respirar, considerando-se como um segundo Suparna, saltou no ar e, tal era a força de seu salto, que as árvores que cresciam na montanha, sacudindo seus ramos, foram enviadas girando para todos os lados.

Em seu voo rápido, Hanuman levou para longe aquelas árvores com seus ramos floridos cheios de abibes inebriados de amor, para o firmamento. Levadas pelo impulso do seu salto tremendo, aquelas árvores seguiram em sua esteira, como parentes acompanhando seu bem-amado que parte em uma viagem para um país distante. Arrancadas pela força do seu movimento, Sala e outras árvores da floresta seguiram na esteira de Hanuman, como um exército seu líder. Rodeado por inúmeras árvores, as copas das quais estavam carregadas de flores, o macaco Hanuman, assemelhando-se a uma montanha gloriosa, era extraordinário de se ver. E aquelas grandes árvores, cheias de seiva, caíram no mar, como antigamente as montanhas com medo de Indra mergulharam na morada de Varuna.

Coberto com flores de todos os tipos, bem como com rebentos e botões, aquele macaco brilhava como uma nuvem ou uma colina iluminada por pirilampos. Arrancadas por seu pulo, aquelas árvores, espalhando suas flores aqui e ali, mergulharam no mar, como amigos que, tendo escoltado alguém de sua companhia, retornam. Levadas para longe em sua fragilidade pelo vento produzido pelo voo impetuoso do macaco, que os havia separado de suas hastes, as flores multicoloridas caíram no mar.

Coberto com um monte de flores perfumadas de diversos matizes, aquele macaco, em seu voo, parecia uma massa de nuvens embelezada por relâmpagos e as águas cobertas com as flores de seu salto, se assemelhavam ao firmamento

quando as estrelas encantadoras aparecem. Seus dois braços estendidos no espaço pareciam duas serpentes de cinco cabeças saindo do cume de uma montanha.

Às vezes aquele poderoso macaco parecia estar bebendo o oceano com as ondas numerosas e às vezes parecia como se ele fosse engolir o próprio céu. Enquanto ele seguia dessa maneira o caminho do vento, seus olhos, brilhando como relâmpago, lampejavam como duas fogueiras que foram acesas em uma montanha.

Os olhos dele de cor fulva pareciam o sol e a lua em justaposição, e seu nariz acobreado dava ao seu rosto a mesma cor que o orbe solar na aproximação do anoitecer; sua cauda erguida fazia aquele filho do vento aparecer como o estandarte erguido de Indra. Com sua cauda enrolada e dentes brancos, aquele filho extremamente sagaz de Anila, Hanuman, brilhava como a estrela do dia rodeada por um halo de raios e sua forma roliça, de uma tonalidade acobreada, o fazia parecer uma montanha que está sendo escavada por seus depósitos de ocre vermelho. Pulando sobre as águas, o ar aprisionado nas axilas daquele macaco leonino emitia um som como trovão.

Como no espaço um meteoro de uma região superior corre através dos céus, assim aquele elefante dos macacos parecia, ou como um grande pássaro voando no ar ou um grande elefante firmemente amarrado por uma cilha, enquanto o reflexo do seu corpo lançado no mar parecia um navio afundando em uma tempestade.

Onde quer que aquele grande macaco passasse, o mar se erguia tumultuosamente sob a força dos seus saltos e, apressando-se com extrema velocidade, com seu peito como uma grande proa, ele fez o mar salgado se elevar como montanha. Empurrando aquelas ondas altas se elevando à frente dele, aquele leão entre os macacos parecia estar separando o céu e a terra; as ondas que se erguiam pareciam o monte Meru e Mandara e, enfrentadas por ele em seu curso impetuoso, as águas, açoitadas por sua velocidade, cobriram o céu como nuvens outonais. Baleias, crocodilos, peixes enormes e tartarugas foram descobertos por sua vez, como os membros de alguém deixando cair suas vestes, e serpentes do mar, vendo aquele leão entre os macacos viajar através do espaço, acharam que ele era o próprio Suparna.

A sombra daquele grande macaco, de quarenta milhas de extensão e trinta de largura, ficou maior na rapidez de seu voo e, parecendo uma massa de nuvens brancas, caindo sobre as águas salgadas, parecia muito bela. Aquele macaco extremamente ilustre e poderoso de corpo vasto parecia uma montanha alada enquanto ele seguia seu caminho aéreo sem descanso.

Onde quer que aquele elefante poderoso entre os macacos passasse, o mar era instantaneamente transformado em uma fonte e, seguindo o caminho das aves, Hanuman, como o rei da tribo emplumada, empurrava para o lado as nuvens cerradas como o próprio deus do vento. Grandes nuvens, vermelhas, azuis, pálidas ou escuras, espalhadas pelo voo do macaco, pareciam extremamente belas e ele, agora entrando nelas, às vezes oculto às vezes visível, se assemelhava à lua.

Vendo aquele Plavaga[372] correndo com tal velocidade, os deuses, gandharvas e danavas começaram a derramar flores sobre ele e, enquanto ele navegava adiante, o sol se absteve de atormentá-lo e o vento o auxiliou por causa do empreendimento de Rama.

Então os rishis louvaram aquele morador da floresta enquanto ele estava percorrendo o céu e os deuses e gandharvas o glorificaram em canção. Ao vê-lo pulando no espaço, nagas, yakshas e rakshasas de várias raças louvaram aquele

---

[372] Plagava: alguém que se move por saltos e pulos.

macaco excelente e o oceano, sempre desejoso da honra da Casa de Ikshvaku, refletiu: "Se eu não prestar auxílio a este senhor dos macacos eu serei um objeto de opróbrio para todos aqueles dotados de fala; eu não fui criado por Sagara, o principal da linhagem de Ikshvaku? Esse macaco é seu conselheiro, portanto é minha incumbência não deixá-lo morrer nas ondas. Cabe a mim agir de tal modo que ele possa descansar e, assim aliviado por mim, ele alegremente atravessará o caminho restante".

Com esse pensamento magnânimo, o mar se dirigiu àquela mais excelente das montanhas, Mainaka de cor dourada, que estava coberta pelas ondas, dizendo:

"Tu foste colocada aqui pelo rei dos celestiais, como um baluarte contra os asuras que habitam as regiões inferiores. Seu poder é bem conhecido e, para que eles não se ergam de novo daquele inferno de dimensões imensuráveis, tu estás aqui para impedir a sua fuga. No entanto tu és capaz de se mover para cima e para baixo e de lado a lado. Eu ordeno, portanto, ó melhor das montanhas, que tu te levantes. Aquele leão entre os macacos, realizador de façanhas poderosas, engajado no serviço de Rama, dominado pela fadiga está passando por cima de ti; tu és testemunha dos esforços dele, agora te ergue!"

Ouvindo as palavras do oceano, a montanha Mainaka, de peito dourado com suas árvores altas e trepadeiras, imediatamente levantou-se do seu leito aquoso e, como o sol com seus raios ardentes divide a nuvem, aquela grande montanha, que as águas tinham escondido, a pedido de Sagara, expôs seus picos dourados habitados por kinnaras e grandes serpentes, emitindo luz como o sol ao amanhecer, como se estivesse lambendo os céus. Os topos daquela montanha alta, brilhando como uma espada, possuíam o esplendor do ouro e suas cristas douradas emitiam uma luz ofuscante dando-lhe o brilho de mil sóis.

Vendo aquela montanha emergir de repente diante de si do meio do mar, Hanuman refletiu: "Este é um obstáculo", e aquele macaco poderoso e impetuoso esmagou aquela massa rochosa com o peito como o vento espalha as nuvens; então aquela principal das montanhas, reconhecendo o poder de Hanuman, gritou de alegria. Então, assumindo a forma de um homem, posicionando-se em seu próprio topo, com o coração contente ele se dirigiu a Hanuman dizendo:

"Ó mais excelente dos moradores da floresta, tu tens empreendido uma tarefa árdua, fica à vontade no meu topo e continua sem fadiga. O rei oceano nasceu na Casa de Raghu e, ao ver-te empenhado em nome de Rama, oferece reverências a ti. Prestar serviço por serviço é o decreto divino. Desejoso de servir a raça de Raghu, ele é digno da tua consideração. Para te honrar, o deus do mar me adjurou desta maneira:

"'Atravessando cem yojanas através do ar, este macaco está esgotado por seus esforços, deixa-o descansar um pouco sobre o teu topo e continuar seu caminho sem fadiga'. Portanto, permanece aqui, ó melhor dos macacos, e repousa. Tendo te banqueteado com estas muitas frutas doces e fragrantes e raízes, prossegue em teu curso comodamente. Ó mais notável dos macacos, a soma das tuas virtudes é bem conhecida nos três mundos. Ó filho do vento, de todos os Plavagas que são cheios de energia eu te considero o principal, ó leão entre os macacos! Mesmo um homem comum é honrado como um convidado por alguém familiarizado com o seu dever, quanto mais alguém como tu? Tu és o filho de Maruta, o principal dos celestiais, e o igualas em velocidade, ó melhor dos macacos! Ao honrar a ti, que és conhecedor da virtude, se está honrando teu pai, portanto tu mereces a minha reverência. Ouve, há mais uma razão para isso:

"Nos velhos tempos, caro filho, as montanhas, dotadas de asas, começaram a percorrer os quatro quadrantes com a velocidade de Garuda, e, viajando dessa maneira, os grupos de celestiais, ascetas e outros seres tremiam de medo que elas caíssem. Então, muito enfurecido, o deus de mil olhos, o realizador de cem sacrifícios, cortou as asas daquelas centenas e milhares de montanhas com seu raio.

"Quando, cheio de ira, o senhor dos celestiais se aproximou de mim, brandindo sua maça, eu fui varrido de repente por aquele deus do vento de grande alma. Ó principal dos macacos, eu fui assim lançado nas ondas salgadas e, mantendo as minhas asas, fui preservado ileso pelo teu ancestral. Por causa disso, tu és um objeto de adoração para mim e esse é o laço poderoso que nos une, ó chefe dos macacos. A hora de honrar o benefício conferido tendo chegado, cabe a ti conceder essa felicidade ao oceano e a mim, ó ilustre! Repousa então e aceita a nossa homenagem, que somos dignos do teu respeito, ó venerável Hanuman! Feliz eu estou em te ver aqui!"

Assim abordado por Mainaka, a principal das montanhas, aquele macaco excelente respondeu, dizendo: "Eu sou grato pela tua acolhida, mas o tempo urge e eu jurei não descansar no caminho; o dia está em declínio, não deixes que nada perturbe a tua serenidade".

Em seguida, tocando a montanha com a mão, aquele leão entre os macacos, sorrindo, continuou a viarjar através do ar, após o que a montanha e o mar lhe ofereceram suas saudações e lhe deram suas bênçãos. Erguendo-se ao céu, ele olhou para a montanha e o vasto oceano e prosseguiu sem auxílio no caminho do vento.

Vendo Hanuman realizar essa façanha difícil, os seres celestes e os ascetas o aclamaram; então os deuses presentes, por sua vez, aplaudiram a ação daquela montanha dourada de belas encostas, assim como Indra, o deus de mil olhos também, e extremamente satisfeito, o consorte de Sachi homenageou aquela montanha ilustre pessoalmente, dizendo:

"Ó senhor das montanhas, eu estou extremamente satisfeito contigo! Eu te concedo total segurança, portanto, vai para onde tu quiseres, ó amigo. Tu destemidamente ofereceste assistência a Hanuman, que estava exausto depois de atravessar quatrocentas milhas de mar, apesar de todos os perigos. É em nome de Rama, o filho do rei Dasaratha, que o macaco empreendeu essa viagem e tu o acolheste o melhor que pudesses, eu estou bem satisfeito contigo!"

Vendo o rei dos deuses, Shatakratu, muito satisfeito, aquela principal das montanhas sentiu felicidade suprema e, tendo recebido aquela bênção de Indra, retomou seu antigo lugar. Então Hanuman, em um curto espaço de tempo, acelerou sobre o mar.

Então, os deuses, gandharvas e siddhas com os ascetas convocaram Surasa, a mãe das serpentes, que se assemelhava ao sol, dizendo:

"O refulgente filho do vento está cruzando o oceano, tu deves atrasá-lo por algum tempo assumindo a forma de uma rakshasi terrível, tão alta quanto uma montanha, com mandíbulas monstruosas e olhos acobreados, que tu chegues até o céu. Nós queremos testar a sua força e medir sua resistência para ver se ele é capaz de te vencer ou se ele se retira derrotado".

Ao ouvir essas palavras, Surasa, tendo sido honrada pelos deuses, ergueu-se do oceano na forma de um demônio fêmea, deformado e medonho, inspirando terror em todos os seres e, parando Hanuman em seu voo, se dirigiu a ele dizendo:

"Ó principal dos macacos, tu foste destinado pelos senhores do mundo a ser meu alimento, eu estou prestes a te devorar, entra na minha boca! Essa bênção foi antigamente concedida a mim por Dhatar".

Com essas palavras, ela escancarou sua grande boca, colocando-se no caminho de Maruti.

Após ouvir o discurso de Surasa. Hanuman, sorrindo, respondeu-lhe:

"Rama, o filho de Dasaratha, que se retirou para a floresta de Dandaka com Lakshmana seu irmão, e Vaidehi sua consorte, como resultado de certa façanha, tornou-se o inimigo dos demônios. Sua amada esposa, a ilustre Sita, foi posteriormente sequestrada por Ravana. Eu fui enviado até ela em nome de Rama, a quem tu deves oferecer ajuda, ó tu que habitas seu domínio. Tendo encontrado Maithili e me reunido a Rama, cujas ações são memoráveis, eu voltarei e entrarei na tua boca, isso eu te prometo de boa fé".

Assim abordada por Hanuman, Surasa, que era capaz de mudar sua forma à vontade, respondeu: "Ninguém passará vivo por mim, essa é a benção que recebi". Então o vendo continuar em seu caminho, a mãe das serpentes acrescentou: "Eu recebi esse favor de Brahma, primeiro entra na minha boca, e então segue teu caminho".

Depois disso, estendendo suas mandíbulas vastas, ela colocou-se na frente de Maruti. As palavras de Surasa enfureceram aquele leão entre os macacos e ele disse:

"Escancara a tua boca o suficiente para me engolir". Ele tendo dito isso com raiva, Surasa estendeu suas mandíbulas até a extensão de quarenta milhas e Hanuman aumentou sua circunferência conformemente; nisso Surasa alargou sua boca para cinquenta milhas, e vendo as mandíbulas de Surasa bem abertas com sua longa língua, terrível de se ver, parecendo uma montanha, medindo cinquenta milhas, Hanuman se expandiu a esse ponto, também. Então Surasa aumentou sua boca para sessenta milhas e o heroico Hanuman para setenta, após o que Surasa ampliou suas mandíbulas para oitenta milhas, e Hanuman, parecendo o próprio fogo,[373] para noventa milhas. Em seguida Surasa alargou sua boca até a extensão de cem milhas e Hanuman, reduzindo seu corpo como uma nuvem para o tamanho da largura de um polegar, entrou em sua boca e, reemergindo dela, de pé no espaço, se dirigiu a ela dizendo:

"Ó Dakshayani, saudações a ti, eu entrei na tua boca, agora eu vou procurar Vaidehi. A tua benção foi honrada!"

Vendo Hanuman emergindo de sua boca como a lua da boca de Rahu, aquela deusa, assumindo sua própria forma, disse àquele macaco:

"Vai, ó melhor dos macacos! Realiza a tua missão. Tu fizeste bem, ó amigo! Agora devolve Sita ao magnânimo Raghava!"

Vendo essa terceira façanha extremamente difícil realizada por Hanuman, todos os seres glorificaram aquele macaco, gritando: 'Excelente! Excelente!' prestando homenagem a ele; e ele, voando no céu, com a velocidade de Garuda, continuou através do mar, a morada de Varuna, percorrendo o ar que estava cheio de nuvens, onde aves passeavam e que era frequentado por vidyadharas e veículos brilhantes puxados por leões, elefantes, tigres e serpentes aladas. E Maruti, espalhando as nuvens como o próprio vento, seguiu viagem como Garuda através daquele firmamento, que era iluminado por lampejos de relâmpago, parecendo os cinco fogos, habitado por seres que por seus méritos tinham conquistado o céu,

[373] Literalmente, o deus do fogo.

ocupado pelo deus do fogo levando as oblações sacrificais. Adornado pelas constelações de planetas, o sol, a lua e as hostes de estrelas; apinhado de maharishis, gandharvas, nagas e yakshas; puro, imaculado, imenso; habitado por Vishvavasu; trilhado pelo elefante do rei dos deuses, aquela órbita do sol e da lua, o dossel do mundo, estendido por Brahma sobre a terra, era visitado por incontáveis heróis e seres aéreos.

Nuvens imensas, brilhando com os matizes de Kalaguru,[374] vermelho, amarelo e preto, reluziam com esplendor quando elas eram dissipadas por Hanuman e ele, penetrando aquelas ameias nubladas, surgia mais uma vez como a lua na estação chuvosa desaparece e reaparece nas nuvens. Em todos os lugares o filho de Maruta podia ser visto perfurando o ar como o rei das montanhas provido de asas.

Ao vê-lo navegando pelo espaço, um demônio feminino de tamanho imenso, chamado Singhika, que era capaz de mudar sua forma à vontade, disse para si mesma: "Hoje, depois de muito tempo, eu poderei satisfazer a minha fome! Essa grande criatura apareceu em resposta ao meu desejo!"

Refletindo dessa maneira em seu coração, ela capturou a sombra de Hanuman, e ele, sentindo-a presa firmemente, pensou: "O meu poder foi dissipado de repente como um barco poderoso que é retardado em seu curso por um vento contrário!" Então olhando em redor para todos os lados, Hanuman viu aquele ser imenso subindo das ondas salgadas. Vendo aquele monstro, o filho do deus do vento pensou: "Esta é sem dúvida aquela criatura de forma maravilhosa, possuidora de poder superior, dada a segurar sua presa por meio de sua sombra, que foi descrita para mim pelo rei macaco". Concluindo por sua ação que ela era Singhika, aquele macaco sagaz expandiu seu corpo a proporções gigantescas de modo que ele parecia uma massa de nuvens durante as chuvas.

Quando o demônio viu o corpo aumentado daquele macaco poderoso, ela estendeu suas mandíbulas de modo que elas pareciam o céu e as regiões inferiores e, rugindo como trovão, atirou-se sobre ele, mas notando as proporções da sua boca e as partes vulneráveis do seu corpo, aquele macaco inteligente, duro como um diamante, contraindo seus membros, atirou-se dentro das mandíbulas dela.

E os siddhas e charanas o viram mergulhando em sua boca, desaparecendo como a lua devorada por Rahu na hora do eclipse. E Hanuman, com suas unhas afiadas, rasgou as entranhas daquele demônio e, com a rapidez do pensamento, emergiu, tendo-a matado por sua perspicácia, resistência e habilidade e, tendo-a derrubado, começou a se expandir mais uma vez. Posteriormente aquele herói entre os macacos de repente recuperou seu poder, enquanto Singhika, morta por ele, dilacerada, afundou nas ondas, Swyambhu tendo-o criado por a destruição dela.

Vendo Singhika rapidamente derrotada por ele, todos os seres que percorrem os céus se dirigiram àquele principal dos macacos dizendo: "Tremendo é esse ato que tu realizaste neste dia! Poderoso era esse monstro que tu mataste. Ó macaco ilustre, agora segue o objetivo caro ao teu coração sem obstáculos. Aquele que, como tu, possui os quatro atributos: fixidez de propósito, prudência, sabedoria e habilidade, não fracassa em seu empreendimento, ó Indra entre os macacos!"

Honrado por aqueles cujos desejos são realizados, como ele merecia ser, aquele macaco voou para o céu como Garuda, o devorador de serpentes. Então, tendo alcançado a outra margem, Hanuman, olhando em volta para todos os lados, observou incontáveis bosques a cem milhas de distância e, quando seguiu adiante,

[374] Kalaguru: Agallochum, uma espécie de pasta de sândalo.

aquele líder dos moradores da floresta viu uma ilha adornada com árvores de várias espécies e matas pertencentes às montanhas Malaya; e ele inspecionou o mar e as terras que o delimitavam e as árvores que cresciam em suas margens como também as bocas das consortes do oceano.[375]

Olhando para baixo para o seu próprio corpo, que parecia uma grande nuvem cobrindo o céu, aquele macaco independente refletiu: "Observando a minha imensa estatura e a rapidez do meu voo os demônios serão tomados de curiosidade a meu respeito".

Pensando assim, em sua grande prudência, ele contraiu seu corpo, que era do tamanho de uma montanha, e assumiu sua forma comum como alguém cujo juízo foi dissipado retoma o seu estado normal. Abandonando suas dimensões gigantescas, ele assumiu sua forma natural, como fez Vishnu, que tirou o poder de Bali, quando ele deu os três passos.

Constantemente consciente da sua missão, Hanuman, que era capaz de assumir várias formas graciosas, tendo atravessado o mar, uma façanha que não podia ser realizada por qualquer outro, reduziu seu corpo ao seu tamanho anterior.

Posteriormente ele de grande alma, semelhante a um pavilhão nebuloso, pousou no cume da gloriosa montanha Samva, de muitos picos esplêndidos, que era coberta com árvores Ketaka, Uddalaka e Narikela.

Chegando à margem do mar, o macaco, vendo Lanka no topo da principal das montanhas, desceu, tendo assumido a sua forma natural, provocando agitação entre os cervos e as aves.

Por sua coragem tendo atravessado o oceano elevando-se com ondas e cheio de danavas e pannagas, Hanuman, descendo na outra margem, viu Lanka que parecia a cidade de Amaravati.

Capítulo 2 – A chegada de Hanuman a Lanka

Tendo cruzado o mar inconquistável, aquele macaco poderoso, de pé sobre o cume da montanha Trikuta, examinou Lanka, e aquele macaco dotado de grande destreza estava coberto por uma chuva de flores que caíram das árvores por todos os lados, e aquele macaco afortunado, que tinha acabado de percorrer muitas centenas de milhas de mar sem parar para respirar, não sentia nenhuma fadiga.

'Eu sou capaz de viajar muitas centenas de milhas, o que é então esse oceano medindo apenas quatrocentas milhas?' Pensando assim, aquele principal dos macacos, dotado de grande energia, virou-se rapidamente para Lanka, tendo atravessado o oceano imenso, e ele passou entre campos verdes e matas densas perfumadas com o aroma de mel e cruzou o distrito montanhoso coberto de árvores e matas florescentes. Posicionando-se lá, o filho do deus do vento viu florestas e bosques e a própria Lanka empoleirada no topo da montanha.

Árvores Sarala, Karnikara, Kharjura em plena floração com as balsâmicas árvores Priyala, Muchulinda, Kutaja, Ketaka e Priyangu carregadas com perfume; árvores Nipa, Saptachchada, Asana, Kovidara e Karavira carregadas de botões e flores, cujas copas, tremulando ao vento estavam cheias de aves, foram vistas por ele, e lagoas cheias de cisnes e aves aquáticas e atapetadas com lótus brancos e azuis; jardins de flores com fontes ornamentais e parques maravilhosos plantados

[375] As consortes do oceano: provavelmente estuários.

com todas as espécies de árvores que produziam frutos e flores em todas as estações.

Aproximando-se de Lanka, que era protegida por Ravana, cercada por um fosso embelezado com lótus azuis e brancos, o auspicioso Hanuman observou que uma forte guarda tinha sido colocada em volta dela desde o rapto de Sita; e demônios com arcos formidáveis a percorriam por todos os lados, e aquela cidade grande e maravilhosa era cercada por uma muralha dourada, com seus edifícios tão altos quanto montanhas, assemelhando-se às nuvens outonais.

As estradas principais estavam cheias de prédios brancos altos com centenas de torres decoradas com flâmulas e bandeiras flutuantes. Muito extraordinária, com suas arcadas douradas enfeitadas com plantas trepadeiras, a cidade de Lanka para Hanuman parecia ser como a cidade dos deuses. Construída no cume de uma montanha, com seus palácios de branco ofuscante, ela parecia uma cidade aérea. Construída por Vishwakarma e governada pelo próprio senhor dos titãs, ela parecia para aquele macaco estar suspensa no céu; com suas muralhas como as coxas, as extensões de água e bosques, as vestes, shataghnis[376] e lanças o cabelo, os terraços o diadema, Lanka se assemelhava a uma mulher, uma criação do pensamento de Vishwakarma.

Chegando ao portão norte semelhante ao monte Kailasha, que parecia perfurar os céus e sustentar o firmamento com suas magníficas torres altas e, observando aquela cidade repleta de titãs ferozes, como uma caverna cheia de cobras venenosas, protegida pelo oceano e, relembrando aquele adversário terrível, Ravana, o macaco refletiu:

'Mesmo se Raghava de braços poderosos conseguir alcançar essa cidade terrível e inexpugnável protegida por Ravana, o que ele poderia fazer? Não é possível entrar em negociações com esses demônios nem se poderia conquistá-los por subornos nem ter sucesso em semear discórdia entre eles nem superá-los em luta. Entre os macacos, apenas quatro têm poder para alcançar esse lugar – o filho de Bali, Nila, o sagaz Sugriva, e eu. Mas primeiro deixe-me saber se Vaidehi ainda vive ou não; depois de ver a filha de Janaka, eu ponderarei mais sobre essas questões'.

Então aquele elefante entre os macacos, posicionado no topo da montanha, pensou consigo mesmo como ele poderia descobrir Sita, o deleite de Rama. 'Nesta forma eu não serei capaz de entrar na cidade guardada por demônios valentes e ferozes nem levar a melhor sobre aqueles guerreiros cheios de coragem, energia e destreza. Para encontrar Janaki, eu devo entrar na cidade à noite em um momento favorável, em uma forma que não atraia a atenção para que eu possa realizar este grande empreendimento'.

Contemplando aquela cidade, inacessível até mesmo para os deuses e os asuras, Hanuman, suspirando profundamente, refletiu consigo mesmo: 'Como eu posso conseguir encontrar Maithili, a filha de Janaka, sem ser descoberto pelo pérfido Ravana, senhor dos demônios? Como o esforço de Rama, que é conhecedor do Eu, pode não ser reduzido a nada? Como eu posso ver a filha de Janaka sozinha e em segredo? Empreendimentos falham em face de obstáculos levantados por hora e local ou por culpa de um mensageiro incompetente, como a escuridão é dissipada pelo sol nascente. Em relação ao que deve ser feito ou evitado, os melhores planos preparados podem dar em nada por causa da negligência de um mensageiro, nem

[376] Veja o Glossário de Armas.

eles aparecem em todo o seu esplendor; um mensageiro presunçoso pode estragar tudo!

'Como devo agir para que não haja incompetência de minha parte? Como a minha travessia do oceano pode dar frutos? Se eu for descoberto pelos demônios, o plano que o sagaz Rama concebeu, que deseja a destruição de Ravana, vai fracassar. Mesmo se eu assumir a forma de um demônio eu não posso permanecer aqui por muito tempo sem ser descoberto por eles, quanto menos em alguma outra forma. Nem o vento é capaz de circular aqui não reconhecido, eu creio. Nada escapa da vigilância desses titãs formidáveis. Se eu ficar aqui na minha forma natural, eu estarei cortejando o desastre e o propósito do meu mestre será frustrado, portanto, reduzindo o meu tamanho, eu entrarei em Lanka como um macaco, para realizar o plano de Rama. Entrando nessa cidade inacessível à noite, eu adentrarei em cada habitação a fim de achar a filha de Janaka'.

Tendo assim resolvido, Hanuman, ansioso para encontrar Vaidehi, esperou o sol se pôr.

Quando o orbe do dia tinha mergulhado atrás da montanha Asta, Maruti reduziu seu corpo para o tamanho de um gato, extraordinário de se ver e, no crepúsculo, o poderoso Hanuman, saltando para o alto, entrou naquela cidade maravilhosa cruzada por ruas largas com fileiras de casas adornadas com pilares dourados e varandas, que lhe davam a aparência de uma cidade dos gandharvas.

Então ele viu aquela capital contendo edifícios de sete e oito andares com pisos de mármore incrustados com mosaicos de ouro e arcos dourados, dando-lhe um grande brilho e, vendo o esplendor inimaginável de Lanka, em sua ânsia de encontrar Vaidehi, ele sentiu tristeza e alegria.

Com suas guirlandas de palácios rivalizando entre si em brancura, e os arcos entrelaçados com ouro de grande valor, aquela cidade magnífica protegida por Ravana era cercada por guerreiros intrépidos de grande destreza.

E a lua cheia com seus grupos de estrelas parecia estar auxiliando Hanuman e, com seus raios inumeráveis, encheu os mundos com sua luz. Então aquele herói entre os macacos olhou para a lua brilhante como uma concha, branca como leite ou um talo de lótus, que, flutuando toda-luminosa no espaço, parecia um cisne nadando em um lago.

Capítulo 3 – Hanuman entra na cidade

Após descansar no monte Samva de topos altos, que parecia uma grande nuvem, Hanuman, o filho de Maruta, aquele leão entre os macacos, confiante em sua própria força, entrou em Lanka à noite, com sua riqueza de bosques e águas cativantes, protegida por Ravana; aquela cidade encantadora com seus palácios deslumbrantes parecendo nuvens de outono, onde o som do mar podia ser ouvido, as brisas do qual ela inalava dia e noite.

Próspera, cercada por grandes tropas, semelhante a Vitapavati com seus portões brancos e arcos decorados, protegida por elefantes enfurecidos, esplêndida como Bhogavati cheia de serpentes enormes, similar àquela cidade de Indra, embelezada por hostes de estrelas, ressoando ao clamor dos ventos tempestuosos, rodeada por um baluarte dourado, ressoando ao repique de inúmeros sinos e adornada com bandeiras, aquela cidade foi alcançada por Hanuman em exaltação, com seu coração cheio de admiração.

E ele a examinou por todos os lados, com seus portões dourados, os dintéis de esmeralda e os calçamentos cravejados de pérolas, cristais e gemas; com seus degraus incrustados com pedras preciosas, e pisos de lápis-lazúli, as grades de ouro refinado e parapeitos de prata; as escadas de cristal que, livres de poeira, possuíam degraus de esmeralda. E havia aposentos encantadores que, devido à sua elegância, pareciam ser construídos no ar.

Os gritos de maçaricos e pavões podiam ser ouvidos e gansos frequentavam aquele local enquanto cisnes flutuavam majestosamente nos lagos; em todos os lugares o som da batida de tambores e o tilintar de ornamentos ressoava e, vendo Lanka semelhante a Vasvakara, e que parecia estar construída no espaço, o macaco ficou arrebatado.

Olhando para aquela cidade esplêndida pertencente ao senhor dos titãs, que nenhuma outra superava em opulência, o sagaz Hanuman pensou: 'Essa capital, protegida pelos guerreiros de Ravana, não pode ser subjugada pela força e só é acessível para Kumuda, Angada e aquele macaco poderoso, Sushena ou Mainda e Dvivida ou a prole de Vivaswata ou o macaco Kushaparva ou Rikshya, aquele principal dos macacos, ou para mim mesmo'.

Depois disso, recordando o valor da Raghava de braços longos e as proezas de Lakshmana, a confiança daquele macaco foi restaurada.

E aquele macaco poderoso examinou Lanka, a capital do senhor dos titãs, que tinha o mar como suas vestes, estábulos e currais como seus pingentes, os arsenais seus seios, enfeitada como uma mulher, onde a escuridão era dissipada pela luz brilhante das tochas e o esplendor das estrelas.

E quando aquele tigre entre os macacos, filho do grande deus do vento, entrou na cidade, a divindade que presidia a capital protegida por Ravana, ela de aspecto monstruoso, ergueu-se e barrou o caminho daquele filho heroico de Vayu. Emitindo um grande rugido, ela desafiou o filho do deus do vento, dizendo:

"Ó morador da floresta, quem és tu e para que propósito tu vieste aqui? Responde verdadeiramente se tu valorizas a tua vida! Sob nenhum pretexto tu poderás obter entrada nessa Lanka protegida pelas forças de Ravana, que a patrulham por todos os lados".

Então o valente Hanuman respondeu a ela, que estava diante dele, dizendo: "Eu logo te direi tudo sobre isso que tu me perguntaste, mas dize primeiro quem tu és nesta forma hedionda e por que tu me admoestas com raiva, ó irascível".

Ouvindo as palavras de Hanuman, a deusa de Lanka, capaz de mudar sua forma à vontade, enfureceu-se e em tons ásperos dirigiu-se ao filho do deus do vento, dizendo:

"Obediente à ordem do magnânimo Ravana, o rei dos titãs, eu guardo a cidade. Nada pode passar por mim, mas se alguém tramar entrar aqui, ele logo cairá sob os meus golpes, privado de seus ares vitais. Eu sou a própria cidade de Lanka, e aconteça o que acontecer eu permanecerei fiel às palavras que eu pronunciei!"

Hanuman, nascido de Maruta, o principal dos macacos, ficou imóvel como uma rocha, e vendo-a na forma de uma mulher, aquele leão entre os macacos, dotado de inteligência e coragem, falou-lhe assim:

"Eu desejo ver essa cidade com suas torres, muralhas e arcos, e vim para cá para essa finalidade. Grande é o meu desejo de vê-la e explorar suas florestas, bosques e jardins, como também seus grandes edifícios".

Ouvindo essas palavras, a divindade presidente de Lanka, que era capaz de mudar sua forma à vontade, ficou ainda mais irritada e respondeu com raiva:

"Ó insensato, ó último dos macacos! Sem me derrotar, tu não podes ver essa cidade hoje, que é governada pelo rei dos titãs".

Então aquele leão entre os moradores da floresta respondeu àquela viajante da noite, dizendo: "Depois de ver a cidade, ó auspiciosa, eu voltarei de onde eu vim".

Nisso, Lanka emitiu um grito terrível e golpeou aquele macaco excelente com a palma da sua mão. Sob a força do golpe dela, o valente filho de Maruta soltou um rugido e fechando os dedos da sua mão esquerda empurrou-a para longe com o punho. Pensando 'Ela é uma mulher', ele controlou sua raiva, todavia o demônio caiu no chão instantaneamente, com o rosto distorcido e, vendo-a jazendo no chão, Hanuman, que era cheio de coragem e nobreza, teve compaixão dela, ela sendo apenas uma mulher.

Então Lanka, extremamente agitada, dirigiu-se àquele macaco em voz baixa e vacilante, dizendo:

"Ó de braços poderosos, tem piedade de mim! Poupa-me, ó melhor dos macacos! Aqueles dotados de força e destreza param sua mão a tempo! Ó tu de grande poder, tu me derrotaste pela tua bravura! Ouve a seguinte verdade de mim que foi proclamada por Swyambhu que profetizou dizendo: 'Na hora que um macaco te superar pela força os titãs deixarão de ser invencíveis'.

"Aquele momento fixado por Swyambhu chegou, como é demonstrado pela tua presença aqui hoje! A verdade ordenada pelo Autocriado é inalterável. A destruição do injusto rei Ravana junto com todos os titãs é iminente, em consequência do rapto de Sita. Portanto, ó melhor dos macacos, entra nessa cidade, que é protegida por Ravana, e realiza tudo o que desejares. Entrando nessa cidade esplêndida, protegida pelo senhor dos titãs, que está condenado, vai livremente para onde quer que queiras, em busca da filha casta de Janaka".

Capítulo 4 – Hanuman observa a cidade e seus habitantes

Por seu valor, o poderoso Hanuman, o principal dos macacos, tendo triunfado sobre Lanka, aquela cidade esplêndida, capaz de mudar sua forma à vontade, sem passar pelo portão, pulou sobre a muralha e, à noite, entrou no centro da capital.

Hanuman, fiel aos interesses do rei dos macacos, tendo encontrado o seu caminho para aquela cidade, assim colocou seu pé esquerdo sobre as cabeças dos seus inimigos;[377] e aquele excelente filho de Maruta, entrando à noite, prosseguiu pela estrada real coberta de flores e continuou a avançar através daquela capital encantadora, onde o som de instrumentos musicais se misturava com risadas.

Aquela cidade magnífica com suas inúmeras habitações portando o símbolo da maça e do aguilhão, com janelas de diamante, parecia o céu adornado com nuvens. Lanka pertencente aos titãs, com suas mansões opulentas como nuvens brancas, adornadas com lótus e suásticas, com guirlandas penduradas, muito decorada, foi vista por Hanuman com prazer, que a percorreu em nome de Rama e no interesse de Sugriva.

Aquele macaco ilustre, passando de casa em casa, observou as muitas residências de diferentes formas, por todos os lados, e escutou o canto melodioso em modulação tripla, das mulheres doentes de amor, que pareciam ninfas celestes. Ele ouviu o tilintar das suas cintas e o som das suas tornozeleiras, enquanto elas

[377] Colocou seu pé esquerdo... implicando que ele assim iniciou a derrota dos titãs.

subiam as escadas daquelas habitações pertencentes aos nobres, e aqui e ali o som de palmas e os cliques de castanholas. Ele também ouviu a entoação de fórmulas sagradas nas moradias dos titãs e a recitação daqueles ocupados no estudo do Veda.

Ele também viu titãs que cantavam os louvores de Ravana em alta voz, um grande grupo deles estando posicionado na estrada real que eles obstruíam; e ele observou uma grande multidão de espiões no pátio central, que tinham sido iniciados, alguns com cabelos emaranhados, alguns raspados, alguns vestindo peles de veado e alguns totalmente nus, portando punhados de grama darbha, braseiros, picaretas, clavas e bastões, e outros em trapos, que tinham apenas um único olho ou ouvido ou peito que se contraía; e alguns eram anões, horríveis de se ver; e havia arqueiros, espadachins e guerreiros portando cassetetes e barras de ferro ou refulgentes em armaduras curiosas; alguns não eram nem muito gordos nem muito magros nem demasiado altos nem baixos, nem extremamente claros nem escuros nem corcundas nem anões; alguns eram deformados, alguns belos, alguns distintos e havia também porta-estandartes e alguns que carregavam bandeiras e todos os tipos de armas.

E Hanuman observou que alguns estavam armados com lanças, dardos, arpões, flechas, fundas e outras armas, e muitos vagando em volta à vontade usavam guirlandas e estavam cobertos com pasta, borrifados com perfume, vestidos em materiais valiosos e adornados com joias magníficas; alguns daqueles guerreiros poderosos estavam providos de venábulos e maças e centenas e milhares deles estavam guarnecidos no pátio central, empenhados em guardar os aposentos privados com vigilância por ordem de seu rei.

E ele viu o famoso palácio do senhor dos titãs, construído no topo da montanha, com portões arqueados de ouro, cercado por um fosso, embelezado com lótus pálidos e completamente cercado por uma muralha, parecendo o próprio céu; e ele era maravilhoso, ressoante com sons agradáveis e cheio do relincho de cavalos magníficos e animais bem-criados, e do barulho de carruagens e elefantes; e havia quatro elefantes providos de presas semelhantes a grandes nuvens e muitos bandos de cervos.

Então o macaco entrou naquele palácio protegido pelo rei titã, guardado por milhares de yatudhanas poderosos, cujos portais eram ricamente decorados com animais e aves, e ele penetrou no apartamento interno cercado por paredes de ouro Hema e Jambunada, com seus tetos adornados com pérolas e pedras preciosas de grande valor, e permeado pela fragrância de aloés e sândalo.

Capítulo 5 – Hanuman percorre a cidade sem encontrar Sita[378]

Então o afortunado Hanuman viu aquele orbe brilhante da noite em meio às estrelas cobrindo todos os seres com sua luz, como um touro cheio de desejo no meio de um rebanho de vacas, e aquele macaco heroico contemplou aquela lua,

[378] [Griffith omite esse capítulo em sua tradução, e observa: "Eu omito o Canto V, que corresponde ao Capítulo XI na edição de Gorresio. Aquele estudioso observa com justiça: 'O décimo primeiro capítulo, A Descrição da Noite, é certamente uma obra de rapsodistas e uma interpolação de data posterior. O capítulo pode ser omitido sem qualquer dano à ação do poema, e, além disso, a métrica, estilo, conceitos e imagens diferem do teor geral do poema; e aquela repetição contínua dos mesmos sons no final de cada hemistíquio, que não é exatamente rima, mas assonância, revela o trabalho artificial de uma época mais recente'"].

flutuando no céu, branca como o brilho de uma concha ou um talo de lótus, aquela estrela de raios refrescantes que destrói as tristezas do mundo, eleva as marés e derrama sua luz sobre todos os seres. Aquele esplendor que brilha sobre o cume do monte Mandara e ao anoitecer reluz sobre o mar, bem como sobre os lótus dos lagos, agora resplandece da face daquele planeta noturno.

Como um cisne em seu ninho prateado ou um leão em uma caverna da montanha Mandara, ou um guerreiro em um elefante orgulhoso, assim era o esplendor da lua no céu. Como um búfalo de corcova com chifres pontiagudos ou a imponente montanha Shveta com seus picos altos ou um elefante com presas envoltas em ouro, assim a lua parecia com sua distinção claramente definida.

Assim como o grande orbe do sol dissolve o gelo e a geada em tanques barrentos assim as trevas foram dissipadas pelo brilho da lua auspiciosa, cujo símbolo é a lebre, de modo que mesmo as manchas escuras em sua superfície pareciam brilhantes. Como o rei dos animais saindo de sua caverna ou o senhor dos elefantes entrando nas florestas profundas ou um soberano de homens percorrendo seus domínios, assim a lua apareceu em todo o seu esplendor.

O brilho do seu surgimento dissipou a noite, acentuando a cor escura dos titãs, aqueles comedores de carne, e despertando pensamentos de amor nos amantes.

Mulheres, cujas vozes melodiosas tinham encantado os ouvidos, tendo se divertido, agora dormiam nos braços de seus maridos, enquanto titãs de atos estranhos e terríveis saíram saqueando.

E o sagaz Hanuman viu mansões onde intoxicação e loucura reinavam, onde carros, cavalos e assentos dourados eram vistos por toda parte em abundância luxuosa e bélica.

Ele viu titãs em debate violento, erguendo seus grandes braços, discursando selvagemente, ralhando uns com os outros e trocando palavras cáusticas; e alguns estavam batendo no peito e brandindo arcos grandes, enquanto outros ajustavam seus trajes ou abraçavam suas consortes.

E Hanuman observou cortesãs realizando sua toalete, enquanto outras dormiam, e mulheres incomparavelmente adoráveis rindo ou franzindo a testa de raiva. Aqui elefantes gigantescos barriam, ali culto estava sendo realizado, enquanto os guerreiros estavam proferindo ameaças, de modo que a cidade parecia um lago cheio de serpentes furiosas.

E ele viu naquele local pessoas cheias de inteligência, argumentadores talentosos, homens piedosos, líderes da moda e observadores de rituais, e vendo aqueles seres magníficos, dotados de todos os atributos de acordo com a sua natureza, Hanuman estava encantado; tal era o seu esplendor, que mesmo aqueles que eram feios pareciam formosos.

E ele viu suas consortes, cheias de nobreza e de grande beleza, dignas de adornos, semelhantes a estrelas na excelência de sua conduta, que eram cheias de afeto por seus protetores, algumas lançando olhares meigos, outras trocando sinais e algumas bebendo.

E à noite, Hanuman observou mulheres encantadoras sendo abraçadas por seus amantes, demonstrando modéstia ou paixão, como aves se divertindo com seus companheiros, enquanto outras, em suas casas, deitavam pacificamente sobre o peito de seus maridos, cheias de ternura, e fiéis ao seu dever conjugal.

Algumas, deitadas sem roupa, abandonadas por seus amantes, tinham o brilho do ouro e eram maravilhosamente belas com suas peles douradas, membros graciosos e tez como o luar.

E Hanuman viu outras mulheres em suas casas sentindo o auge da alegria com seus senhores, cheias de deleite, enfeitadas com flores, encantando os corações de seus consortes com sua beleza. Aquelas mulheres adoráveis de rosto radiante, parecendo a lua, possuindo olhos maravilhosos com cílios deslumbrantes e pálpebras oblíquas e adornadas com inúmeras joias, pareciam para Hanuman semelhantes aos lampejos de relâmpagos.

Mas de Sita de nascimento nobre, fruto de uma casa real, fixa no caminho da virtude, parecendo uma trepadeira delicada florescente ou a frágil planta Sadhujata, surgida da mente do próprio Brahma, ele não pode encontrar nenhum vestígio. Sita, estabelecida no caminho da castidade, com seu olhar sempre fixo em Rama, sempre absorta em sua contemplação, sua própria mente e coração, exaltada acima de todas as mulheres, vítima de angústia ardente, com seu peito molhado de lágrimas, ela que era antigamente adornada com ornamentos de valor inestimável, Sita com seus cílios charmosos e garganta encantadora, parecendo uma pavoa de pescoço azul se divertindo na floresta, ou o contorno indistinto da lua ou um lingote de ouro coberto de poeira ou uma cicatriz deixada por um ferimento ou uma seta dourada pega pelo vento.

E aquele macaco, depois de sua longa busca, não encontrando Sita, a consorte daquele senhor de homens, Rama, o principal daqueles hábeis em discurso, foi tomado pela aflição e ficou desprovido de toda a coragem.

Capítulo 6 – Hanuman explora o palácio de Ravana

Vagando aqui e ali à vontade sobre os telhados das casas, aquele macaco, capaz de assumir qualquer forma que ele escolhesse, percorreu a cidade de Lanka; e aquele auspicioso chegou à morada daquele senhor dos titãs, cercada por uma muralha brilhante, reluzente como o sol e guardada por demônios terríveis, como uma floresta imensa é protegida por leões.

E aquele principal dos macacos viu aquele palácio maravilhoso com suas arcadas cinzeladas, incrustadas com prata e embelezadas com ouro, cheio de pátios e portais esplêndidos, cheio de condutores de elefantes e guerreiros indomáveis, cavalos irresistivelmente velozes atrelados a carruagens e carroças singulares, cobertas com peles de leão e de tigre, que eram gravadas com imagens de ouro e prata e enfeitadas com sinos tilintantes.

Repleto de pedras preciosas e decorado com assentos valiosos, esse era o refúgio preferido dos maharathas e seu lugar de reunião. Cervos raros e aves de todas as espécies e variedades abundavam lá, enquanto sentinelas disciplinadas o protegiam. Em toda parte mulheres nobres e ilustres podiam ser vistas e o palácio estava cheio com o tilintar de seus ornamentos; lá os principais dos titãs moravam e ele era decorado com símbolos reais e perfumado com sândalo. Lotado de grandes seres, como uma floresta cheia de leões, ressoando à batida de gongos, pandeiros e ao clangor de conchas, ele também era o lugar de adoração dos titãs, onde oferendas eram feitas nos momentos de mudança de lua; às vezes, com medo de Ravana, silenciosa como a mar, e às vezes, ressoando como as ondas, aquela vasta residência pertencente ao poderoso Ravana era coberta de pedras preciosas, e aquele grande macaco a viu resplandecendo em esplendor e cheia de elefantes, cavalos e carros.

'Essa é a joia da Lanka' refletiu aquele macaco ilustre, Hanuman, andando nos arredores do palácio, e começou a percorrer as residências dos titãs e seus jardins, e ele saltou para a morada de Prahasta, e então se lançou corajosamente no palácio de Mahaparshwa; depois disso, aquele macaco poderoso entrou na residência de Kumbhakarna a qual parecia uma massa de nuvens e também na de Bibishana; então sucessivamente ele visitou as habitações de Mahodara, Virupaksha, Vidyujjibha e Vidyunmala e com um salto ele entrou na casa de Vahudanshtra e na de Suka e do inteligente Sarana. Em seguida, as mansões de Indrajit, Jambumala e Sumala foram exploradas por aquele principal dos macacos e, posteriormente, ele prosseguiu para as moradas de Rashmiketu, Suryasachu e Vajrakaya; e depois o filho do deus do vento examinou as casas de Dhumraksha, Sampati, do cruel Vidyudruna, Phana, Vighana e Sukanabha, Shakra, Shstha, Kapatha, Hrasvakarna, Danshtra e do demônio Lomasa, Yudhyonmatta, Matta e do cavaleiro, Dhwajagriva, Sadin, Vidyujjibha e Vijibha, como também a de Hastimukha e de Karala, Vishala e Sonitaksha. O filho ilustre de Maruta então investigou as moradias de outros titãs prósperos uma após a outra, notando sua riqueza.

E tendo examinado todas as residências pertencentes àqueles titãs de todas as maneiras, aquele macaco afortunado se aproximou do palácio do rei. Então o principal dos macacos observou mulheres demônio de aspecto ameaçador, rondando fora dos aposentos onde Ravana dormia, portando dardos e maças em suas mãos e equipadas com lanças e clavas, e ele viu inúmeros grupos delas na morada do rei titã e demônios gigantescos brandindo armas de todos os tipos. Ele viu corcéis de extrema rapidez, vermelhos, brancos e pretos e elefantes criados maravilhosamente, subjugadores de elefantes hostis, treinados para toda finalidade adequada e iguais ao próprio Airavata em conflito, e esses elefantes, os destruidores de exércitos hostis, pareciam nuvens correndo ou colinas em movimento e seu barrido era como o estrondo do trovão.

Então aquele macaco, o filho do deus do vento, viu milhares da hoste titã naquele palácio e carros de ouro e armaduras resplandecentes que brilhavam como o sol nascente; ele também viu muitas liteiras de diferentes formas, e caramanchões, galerias de imagens, ginásios, montanhas construídas de madeira, pavilhões e salões de entretenimento. E, naquele palácio pertencente a Ravana, havia um edifício charmoso tão belo quanto a montanha Mandara, e cercados para pavões, e bandeiras e mastros. Pilhas de joias jaziam em volta e um grande acúmulo de tesouro tinha sido levado lá pelas façanhas daqueles titãs valentes, de modo que ele se assemelhava ao palácio de Kuvera. Por conta do brilho daquelas pedras preciosas e do esplendor do próprio Ravana, aquele palácio brilhava como o sol com seus inúmeros raios.

E aquele chefe macaco viu sofás e assentos de ouro, e vasos feitos com pérolas transbordantes com vinhos,[379] e as dimensões e magnificência daquele lugar o faziam parecer a mansão de Kama ou a morada de Kuvera, e aquele palácio ressoava com o tilintar de tornozeleiras e cintas, com tambores e címbalos, e outros instrumentos musicais, e estava lotado de mulheres tão adoráveis quanto pérolas e cercado por grandes muralhas.

---

[379] Transbordantes com vinhos: literalmente, Madha e Asava, bebidas alcoólicas feitas de mel, melaço, ou da flor da Bassia Caryola, ou, de acordo com alguns, uvas.

Capítulo 7 – A descrição da carruagem aérea Pushpaka

Então aquele macaco poderoso continuou a explorar aquelas residências providas de janelas douradas, cravejadas de esmeraldas, parecendo uma massa de nuvens na estação chuvosa fendida pelo relâmpago e atravessada por bandos de grous. E ele viu vários salões e prédios abastecidos com conchas, arcos e armas de guerra, equipados com torreões tão altos quanto colinas, e essas mansões, contendo tesouros de todos os tipos, eram respeitadas por deuses e titãs e eram impecáveis e construídas por Ravana pelo seu próprio poder.

Hanuman tendo explorado as mansões daquele senhor de Lanka meticulosamente providas com todo conforto, como se Maya as tivesse criado, depois disso visitou o palácio daquele próprio rei dos rakshasas, que superava todos os outros e se assemelhava a uma massa de nuvens altas. De encanto incomparável, parecia como se o próprio céu tivesse descido sobre a terra e sua beleza era deslumbrante. Repleto de inúmeras gemas, árvores de todos os tipos o cobriam com flores como o cume de uma montanha no qual caiu neve; mulheres bonitas serviam como seus ornamentos e ele brilhava como uma nuvem partida por um raio; tal era o seu esplendor que ele parecia uma carruagem maravilhosa puxada através dos céus por cisnes encantadores.

Como o pico de uma montanha rica em minério ou o firmamento adornado pela lua e estrelas ou como nuvens de muitas cores, ele brilhava com inúmeras pedras preciosas. Rochas artificiais feitas de argila, parecendo cadeias de montanhas, plantadas com árvores falsas carregadas com pilhas de flores, moldadas com estames e folhas podiam ser vistas lá, e habitações improvisadas, deslumbrantemente brancas, com tanques cobertos com flores de lótus florescentes possuindo estames dourados, e diversos bosques e fontes arrebatadoras.

O macaco olhou para a grande carruagem aérea chamada Pushpaka, que, brilhando como pérola, planava acima dos edifícios mais altos e continha aves feitas de esmeralda, prata e coral e serpentes moldadas maravilhosamente de vários metais, e cavalos em tamanho real e pássaros com bicos encantadores e asas maravilhosas que se contraíam e expandiam, sua plumagem como a do próprio Kama, posadas em flores de ouro e coral; e havia elefantes com trombas afuniladas, portando folhas de lótus, empenhados em derramar água sobre a deusa Lakshmi, que, sentada em uma piscina, segurava lótus em suas mãos formosas.

Essa era a criação maravilhosa que encontrou o olhar atônito daquele macaco, que parecia uma montanha de cavernas encantadoras ou uma árvore de cujos buracos fragrância deliciosa escapa na primavera.

No entanto, aquele macaco, examinando aquela cidade sublime, protegida por Ravana de dez cabeças, foi incapaz de encontrar a filha de Janaka, tão altamente considerada e profundamente aflita e que tinha sido conquistada pela virtude e valor de seu senhor. E não encontrando a filha de Janaka, apesar das suas investigações e da cautela de sua busca, o ilustre Hanuman, que era virtuoso e generoso da alma, sentiu uma angústia ardente tomar conta de seu coração.

Capítulo 8 – Uma descrição mais detalhada da carruagem aérea Pushpaka

Parando lá, o macaco inteligente, nascido de Pavana, observou mais cuidadosamente aquela carruagem esplêndida incrustada com ouro e pedras preciosas.

Formada de ouro laminado, embelezada com imagens encantadoras, considerada pelo próprio Vishwakarma como uma realização artística incomparável, que viajava no espaço como uma luz guia na órbita do sol, ela era incomensuravelmente resplandecente. Nenhum detalhe daquele carro tinha sido executado desajeitadamente, nenhum ornamento parecia não ser uma joia de grande valor nem havia qualquer coisa superada pelos carros dos deuses, cada parte sendo forjada excelentemente.

Pelo mérito do seu ascetismo e contemplação Ravana a tinha obtido e ela ia para onde quer que seu mestre a guiasse pelo poder de seu pensamento. Irresistível e veloz como o vento, uma fonte de felicidade para aqueles seres magnânimos dados a atos piedosos, que haviam chegado ao auge da prosperidade e da glória, capaz de percorrer firmamento, contendo muitos aposentos e provida de inúmeras obras de arte, cativante para a mente, imaculada como a lua outonal, parecendo uma montanha com picos esplêndidos, carregada por milhares de demônios, cujos rostos estavam enfeitados com brincos, comedores vorazes, de olhos grandes que não piscavam, que viajavam através do espaço com velocidade extrema dia e noite, aquela carruagem aérea, Pushpaka, esplêndida para a visão, coberta com flores, mais formosa que a própria primavera, atraiu o olhar daquele príncipe dos macacos guerreiros.

Capítulo 9 – Hanuman procura no harém

Dentro daqueles recintos, um prédio magnífico, notável por sua amplitude e esplendor, prendeu a atenção de Hanuman, o filho de Maruta; ele tinha duas milhas de largura, quatro de comprimento e pertencia ao próprio rei dos titãs.

E Hanuman, o matador de seus inimigos, andando aqui e ali em busca da princesa de Videha, Sita de olhos grandes, contemplou aquela residência vistosa onde os titãs viviam juntos e ele se aproximou do palácio do rei, cercado por três e quatro elefantes de presas e protegido em toda a sua extensão por guerreiros portando armas em suas mãos. Ele viu aquela habitação, repleta de mulheres titãs, consortes de Ravana, e também as filhas de reis que tinham sido levadas à força por ele, que parecia um oceano repleto de crocodilos, tubarões, baleias, peixes enormes e serpentes, agitado pela força da tempestade. E o esplendor da morada de Vaishravana, Chandra e Harivahana se refletia no palácio de Ravana, um esplendor que era inigualável e imutável, e a prosperidade das residências de Kuvera, Yama e Varuna era rivalizada, mais ainda, ultrapassada, por aquela da residência do titã.

No centro daquele palácio o filho do vento viu ainda outro edifício, bem construído e equipado com inúmeras grades. Antigamente criado no céu por Vishwakarma a desejo de Brahma, aquele carro nobre embelezado com pedras preciosas era chamado Pushpaka, que Kuvera tinha adquirido por austeridades

prolongadas e do qual o rei dos titãs, tendo-o vencido por seu poder, tomou posse. E aquele macaco poderoso subiu naquele carro esplêndido, que continha imagens de lobos feitas de ouro Kartasvara e Hiranya e adornado com pilares finos de esplendor deslumbrante, provido de aposentos privados e pavilhões reluzentes, parecendo as montanhas Meru e Mandara, lambendo os céus e brilhando como o sol.

Essa obra-prima de Vishwakarma tinha muitas escadas douradas e um teto majestoso e maravilhoso; ele continha varandas e galerias de profundo azul safira e outras pedras preciosas; os pisos eram incrustados com pérolas raras que o tornavam ofuscantemente belo; construído de madeira de sândalo vermelho e brilhante como ouro puro, ele se assemelhava ao sol nascente e perfumes sutis se erguiam dele.

Aquele macaco poderoso, posicionado lá, sentiu o odor delicioso de vinhos e iguarias que se erguiam por todos os lados, e aquelas fumaças ambrosíacas e penetrantes lhe pareciam ser a encarnação do próprio Anila e foram inaladas por ele como vindas de um amigo íntimo, e aquele aroma parecia dizer a Hanuman "Vem cá, onde Ravana pode ser encontrado", e ele prosseguiu mais e viu um salão vasto e glorioso.

Ora, aquele aposento espaçoso era muito querido por Ravana, que o considerava como uma mulher muito amada, e suas escadarias enfeitadas com joias e galerias de ouro puro davam-lhe uma aparência deslumbrante, os pisos sendo de cristal com incrustações de marfim, pérola, diamante, coral, prata e ouro. Ele era decorado com muitas pilastras adornadas com pedras preciosas, que eram simétricas, retas, elegantes e ornadas com trabalhos artísticos excelentes, e era sustentado por pilares altos de tamanho igual parecendo asas, de modo que o edifício parecia estar voando no ar e o piso era coberto por um tapete, largo e de quatro cantos como a terra[380] e estampado como com regiões variadas, reinos e moradias, e lá o canto dos pássaros podia ser ouvido e ele era permeado por uma fragrância celestial.

Enfeitado com ricas tapeçarias, escurecido por fumaça de incenso, impecável e puro como um cisne, afestoado com folhas e flores dando-lhe semelhança com Kamadhenu, trazendo alegria ao coração, cor à face, dando origem à prosperidade e banindo toda a tristeza, o apartamento do rei dos titãs satisfazia todos os sentidos, como se fosse uma mãe.

Entrando naquela residência protegida por Ravana, Hanuman perguntou a si mesmo: "Pode esse ser o paraíso ou a região dos deuses ou a capital de Indra ou o estado de bem-aventurança suprema?" e ele examinou a lâmpadas de ouro, que pareciam jogadores absortos em seus dados, que, derrotados por seus oponentes, estão mergulhados em pensamentos, e Hanuman percebeu que o brilho das lâmpadas e o lustre de Ravana e o esplendor das decorações iluminavam o apartamento.

Ele viu inúmeras mulheres, deitadas nos tapetes, vestidas com todos os tipos de trajes, com coroas de flores em suas cabeças, que, sob a influência do vinho, tinham adormecido, tendo parado de se divertir, a metade da noite tendo passado. E por causa do silêncio, aquele grande grupo, enfeitado com ornamentos, o tilintar dos quais já não era audível, parecia um grande lago cheio de lótus, onde o som dos cisnes e o zumbido das abelhas cessou.

Maruti olhou para os rostos daquelas mulheres bonitas com olhos e bocas fechados firmemente, emitindo uma fragrância como a das flores, e elas pareciam

---

[380] A antiga crença hindu era que a terra tinha quatro cantos.

lótus que, dobrando suas pétalas à noite, esperavam pelo amanhecer para abri-las novamente, ou como nenúfares que as abelhas, intoxicadas de amor, visitam continuamente. Com justa causa aquele macaco nobre e poderoso as comparou com ninfeáceas, pois o harém era brilhante com seu esplendor, como o céu estrelado em uma noite outonal serena e, em seu meio, o rei dos titãs brilhava como uma lua clara, cercada por estrelas acompanhantes.

Então aquele macaco disse para si mesmo: "Aqueles planetas que caíram do firmamento, seu mérito estando esgotado, estão todos reunidos aqui", e em verdade, aquelas mulheres, em sua graça, beleza e magnificência brilhavam como meteoros deslumbrantes.

Algumas jaziam envoltas em sono no qual haviam caído em meio à dança e festa, com seus cabelos e coroas em desordem, seus ornamentos espalhados aqui e ali; outros entre aqueles seres encantadores tinham perdido suas tornozeleiras e a marca de tilaka em suas testas tinha sido apagada; algumas tinham permitido que suas guirlandas caíssem para o lado, algumas tinham rompido suas pérolas e, com suas vestes em desordem, suas cintas afrouxadas, pareciam mulas descarregadas, enquanto outras, desprovidas de brincos, com suas guirlandas rasgadas e esmagadas, pareciam trepadeiras florescentes pisoteadas por grandes elefantes da floresta.

Às vezes as pérolas soltas, como os raios cintilantes da lua, jaziam entre os seios das mulheres como cisnes adormecidos, enquanto cordões de esmeralda pareciam marrecos ou aqueles de ouro pareciam aves Chakravata. E aquelas mulheres eram como rios, suas coxas sendo as margens, onde cisnes, gansos e outras aves aquáticas se divertiam ou, dormindo, se assemelhavam a riachos, os sinos dourados em suas cintas, as ondulações, seus rostos, os lótus, seus desejos amorosos, os crocodilos, sua graça, as margens.

Em seus membros delicados as marcas dos ornamentos pareciam abelhas, enquanto os véus de outras, subindo e descendo com sua respiração, tremulavam graciosamente diante de seus rostos como flâmulas brilhantes de fios de várias cores, e os brincos de outras vibravam suavemente com o ar circulante.

Seu hálito, sutilmente perfumado impregnado com o aroma de vinhos adoçados com açúcar que elas tinham bebido, dava deleite a Ravana e, algumas das suas consortes, em sonho, saboreavam os lábios de suas rivais repetidamente, julgando que eles eram os do rei. Apaixonadamente dedicadas ao seu senhor, essas mulheres adoráveis, não mais donas de si mesmas, ofereciam às suas companheiras sinais de sua afeição. Algumas, em seus trajes ricos, dormiam apoiando-se em seus braços carregados de braceletes, algumas repousavam no peito de suas companheiras, algumas em seus colos, seu busto, suas coxas e costas, e sob a influência do vinho, agarrando-se amorosamente umas às outras, aquelas mulheres de cintura fina dormiam, com os braços entrelaçados.

Aqueles grupos de donzelas abraçando umas às outras pareciam uma guirlanda de flores visitadas por abelhas amorosas ou, como trepadeiras se abrindo à carícia da brisa vernal que se entrelaçam, formando cachos de flores, ou os ramos conectados de grandes árvores da floresta fervilhando de enxames; assim parecia essa reunião das consortes de Ravana. E por causa da proximidade dessas mulheres, dormindo perto umas das outras, era impossível distinguir a quem pertenciam as joias, véus e guirlandas que cobriam seus membros.

Enquanto Ravana dormia, a beleza dessas mulheres parecendo lâmpadas douradas parecia vigiá-lo, e lá havia filhas de rajarishis, gigantes e seres celestes, que tinham se tornado suas consortes, e aquele rei titã belicoso as tinha obtido

depois de subjugar seus parentes, embora algumas o tivessem seguido por sua própria vontade por amor. Nenhuma tinha sido levada à força que não estivesse atraída por sua bravura e qualidades e nenhuma tinha pertencido a outro, exceto a filha de Janaka cujo coração estava fixo em Rama; nenhuma era desprovida de nobreza, beleza, inteligência e graça e cada uma era o objeto de desejo de Ravana.

Então o senhor dos macacos, dotado de virtude, refletiu: "Se a consorte de Raghava fosse como uma dessas mulheres, o rei dos titãs seria realmente abençoado hoje, mas Sita é muito superior a elas por causa de suas grandes qualidades, o que é evidente, uma vez que por causa dela esse poderoso monarca de Lanka cometeu esse ato perverso.

Capítulo 10 – Hanuman vê Ravana cercado por suas esposas

Olhando em volta, Hanuman observou um estrado esplêndido, digno dos deuses, feito de cristal incrustado com pérolas, equipado com leitos de esmeralda montados em marfim e ouro e coberto com tapetes ricos e de valor inestimável. E ele viu um dossel branco naquele local, enfeitado com guirlandas celestes que brilhavam como a lua.

E ele observou um leito magnífico incrustado com ouro, flamejante como fogo e tendo guirlandas de flores Ashoka, em torno do qual imagens estavam abanando leques para lá e para cá, criando correntes de ar, e perfumes de todos os tipos o envolviam com fragrância deliciosa. Coberto com tecidos de lã macia e decorado com guirlandas de flores, ele era adornado por todos os lados.

E lá, semelhante a uma nuvem de tempestade, o soberano dos titãs repousava, com brincos brilhantes e reluzentes, olhos avermelhados, vestes douradas, seus membros cobertos com açafrão e sândalo perfumado, como uma nuvem purpúrea ao anoitecer, partida pelo relâmpago. Enfeitado com ornamentos celestes, magnífico de se ver, capaz de mudar sua forma à vontade, enquanto dormia ele se assemelhava à montanha Mandara com suas árvores, bosques e arbustos sem número.

Tendo deixado de flertar, enfeitado com ornamentos de valor inestimável, o deleite dos titãs e querido para todas as mulheres titãs, seu banquete estando terminado, ele dormia na cama de ouro, respirando como uma serpente.

E Hanuman, cheio de temor, encolheu-se de medo, e postou-se em um patamar da escada, apertando-se contra a parede interna; em seguida, aquele macaco corajoso olhou para baixo para aquele leão entre os titãs deitado em um estupor embriagado. E enquanto o rei dos titãs dormia, seu leito luxuoso parecia uma grande catarata perto da qual um elefante em mustha[381] descansa.

Hanuman olhou para os dois braços estendidos, envoltos em braceletes dourados daquele monarca gigantesco, parecendo os estandartes de Indra, que tinham sido antigamente perfurados em combate pelas presas afiadas de Airavata e cortados pelo disco de Vishnu, e os grandes ombros que tinham sido dilacerados pela maça de Indra. Aqueles vastos braços, firmes com músculos bem formados e poderosos, e polegares e unhas portando marcas auspiciosas, com anéis cobrindo os dedos, aqueles braços, grossos como clavas, redondos como a tromba de um

[381] [Musth: condição periódica nos elefantes machos, caracterizada por comportamento altamente agressivo e acompanhado por um grande aumento nos hormônios reprodutivos].

elefante, que jaziam no leito opulento como se fossem duas serpentes com cinco cabeças, cobertos com sândalo da cor do sangue de lebre, fresco, extremamente raro e de uma fragrância deliciosa, massageados por mulheres de beleza soberana com unguentos preciosos, aqueles braços que tinham feito yakshas, pannagas, gandharvas, devas e danavas gritarem de terror, aquele macaco contemplou enquanto eles repousavam sobre o leito, como dois répteis grandes e furiosos dormindo em uma caverna na montanha Mandara. E com seus dois braços grandes, o chefe dos titãs parecia o monte Mandara com seus picos gêmeos.

O cheiro da árvore de manga ou Punnaga, impregnado com o da Bakula misturado com o cheiro de iguarias e o aroma do vinho, saía da vasta boca daquele monarca dos titãs durante o sono e parecia encher todo o aposento. Seu diadema era decorado com rubis e pedras preciosas, brilhante com ouro, e ele estava enfeitado com brincos, coberto com sândalo vermelho, seu peito bem desenvolvido portando um cordão de pérolas; um tecido branco de seda, jogado de lado, revelava suas cicatrizes e ele estava coberto com uma colcha cara amarela. Como uma massa de luz ele estava deitado, sibilando como uma serpente de modo que parecia como se um elefante dormisse nas águas profundas do Ganges. Quatro lâmpadas, colocadas em colunas douradas, lançavam sua luz para os quatro lados como um relâmpago revela a superfície de uma massa de nuvens. Então aquele principal dos macacos viu as esposas daquele grande monarca dos titãs dormindo aos pés de seu senhor, com seus rostos brilhantes como a lua, usando brincos preciosos e guirlandas frescas. Músicas e dançarinas habilidosas, elas estavam deitadas nos braços e no peito daquele Indra dos titãs, vestidas em trajes belos, e o macaco olhou para aquelas mulheres usando pulseiras de ouro e brincos cravejados de diamantes e esmeraldas, seus rostos formosos como a lua, iluminados pelo reflexo de seus brincos de brilhantes, iluminando o salão como as estrelas iluminam o firmamento.

Vencidas pela bebida e flerte amoroso, aquelas esposas de cintura fina do rei dos demônios dormiam profundamente onde tinham estado sentadas; e uma, possuidora de membros encantadores, perita em dança, dormia lá, cansada por seus movimentos graciosos, enquanto outra, abraçando sua Vina, parecia um lótus que tinha caído na água preso a uma balsa que passava; uma terceira donzela de olhos escuros segurava seu Mankuka no colo, como uma jovem mulher seguraria seu filho, enquanto outra com membros graciosos e peito escultural dormia com seu pandeiro pressionado junto ao coração, como alguém abraça seu amor depois de uma longa ausência. Esta, com olhos como lótus, tinha adormecido agarrando sua Vina, como um moça bonita envolve seu amado carinhosamente nos braços. Aqui uma de sentidos controlados estava deitada ao lado de seu alaúde que ela cercava com os braços, parecendo uma prometida deitada ao lado de seu escolhido; lá, uma cujos membros brilhavam como ouro Kanada, sorria, encantadora, os olhos pesados com vinho, embora dormindo, estava batendo em seu tambor. Uma de cintura fina e beleza impecável, cansada pelos festejos, dormia com um címbalo no colo, e ainda outra segurava um Dindima e tinha outra pendurada em suas costas de modo que ela se parecia com uma jovem mãe com seu marido e seu filho. Uma delas, com olhos grandes como pétalas de lótus, abraçando seu Adambara firmemente contra o peito, tinha caído adormecida sob a influência do vinho e ainda outra, com seu recipiente de água virado, parecia uma coroa de flores que é borrifada com água para mantê-la verde; outra, caindo sob o domínio do sono, com as mãos cobria os seios que pareciam duas taças de ouro, e uma, com olhos como lótus, formosa como a lua, tinha adormecido abraçando uma das suas companheiras possuidora de

quadris adoráveis. Mulheres incomparavelmente belas, abraçando instrumentos musicais, os apertavam contra o peito como os amantes abraçam seus escolhidos.

E aquele macaco viu uma cama maravilhosa separada, na qual uma dessas mulheres adoráveis estava deitada, ricamente vestida, adornada com pérolas e pedras preciosas, que parecia dar brilho àquele apartamento magnífico. Vestida em seda brilhante como ouro Kanaka, a rainha favorita de Ravana, chamada Mandodari, aquela mulher de cintura fina de feições graciosas, dormia profundamente, adornada com ornamentos e, vendo-a, o filho do deus do vento disse a si mesmo: "Esta, dotada de riqueza de juventude e beleza pode ser Sita" e ele se alegrou muito. Depois disso, em seu deleite, ele saltou no ar, abanando a cauda e demonstrando sua alegria por suas cambalhotas, brincando, cantando, escalando as colunas de onde ele caía para o chão, exibindo assim a sua natureza de macaco.

Capítulo 11 – A descrição do salão de banquete

Então aquele macaco poderoso rejeitou esse pensamento a respeito de Sita e começou a pensar mais:

"Separada de Rama, aquela mulher adorável seria incapaz de dormir, comer ou se enfeitar nem ela se submeteria a nenhum outro, mesmo que fosse o próprio rei dos celestiais, pois Rama não tem igual mesmo entre os deuses; essa é, portanto, alguma outra".

Com essa convicção, aquele principal dos macacos começou a examinar novamente o salão de banquete, ansioso para encontrar Sita.

Apoiando-se em seus tamborins, tambores e celikas, ou esticadas em camas luxuosas, todas aquelas mulheres dormiam profundamente, cansadas de jogar, cantar, dançar e beber. E aquele líder dos macacos viu milhares de mulheres lindamente adornadas, algumas tendo caído no sono discutindo os encantos umas das outras, algumas debatendo a arte de cantar, algumas peritas em perceber hora e lugar, discorrendo sobre circunstância, algumas entregues à alegria e, em outros lugares também, ele observou mulheres belas e jovens que tinham adormecido falando de beleza, ou, cheias de perspicácia, decidindo o que era oportuno. E no meio delas, o senhor dos titãs parecia um touro em um estábulo espaçoso, rodeado por vacas graciosas. Cercado por aquelas mulheres, aquele rei dos titãs parecia um elefante poderoso acompanhado por elefantas na floresta.

Na residência daquele poderoso rei titã, aquele leão entre os macacos examinou completamente o salão de banquetes, equipado com todos os objetos desejáveis e viu a carne de búfalo, veado e urso em pratos separados junto com pavão e aves em bandejas de ouro, que não tinha sido espetada, e porcos-espinhos, cervos e pavões, temperados com coalhada e sal sochal,[382] e cabras, lebrachos e peixes meio consumidos, com porções de carne de veado temperada e molhos. Havia de vinhos de safras superiores e pratos raros com tortas salgadas temperadas com vinagre e diversos produtos de confeitaria capazes de estimular o apetite. Pulseiras e tornozeleiras caras estavam espalhadas aqui e ali e frutas estavam arrumadas em pratos pequenos, enquanto flores estavam espalhadas por toda parte, dando a todo o piso um ar de esplendor, e sofás e assentos elegantes colocados em volta daquele lugar de festa o faziam brilhar como fogo. Além disso,

[382] [Um tipo especial de sal artificial].

carnes de todos os tipos e sabores, temperadas com diversas substâncias e preparadas por cozinheiros habilidosos, estavam colocadas em volta do salão, e Hanuman observou bebidas deliciosas feitas de uma variedade de ingredientes, algumas de açúcar, algumas destiladas de frutas e flores ou impregnadas com pó perfumado.

O grande piso refletia as inúmeras guirlandas, vasos dourados, tigelas e copos de cristal encontrados em todos os lugares e parecia extraordinariamente belo, e aquele macaco poderoso viu jarros de vinho dourados cravejados de pedras preciosas, alguns dos quais estavam cheios de vinho, alguns meio cheios e alguns totalmente drenados; e havia muitos vinhos que ainda não tinham sido servidos e vários tipos de iguarias que permaneciam intocadas.

Em outro lugar ele viu muitos leitos que estavam desocupados, e alguns onde mulheres de beleza inigualável dormiam, apertando umas às outras em seus braços. Uma dessas mulheres jovens tinha se apossado à força da colcha de outra e, envolvendo-se nela, tinha adormecido. A respiração suave dessas mulheres mal agitava seus trajes ou as guirlandas que as enfeitavam, mas as acariciava como se fosse uma brisa suave, carregada com o odor de sândalo e o Sidhu de gosto doce, com as diversas coroas florais e flores, peles perfumadas preparadas para abluções e incenso, espalhados sobre o carro aéreo, Pushpaka.

E naquela residência do titã havia mulheres de beleza incomparável, algumas de pele escura, algumas da cor do ouro Kancana, que, vencidas pelo sono e cansadas de flerte, pareciam lótus adormecidos.

Assim, aquele poderoso macaco examinou cada canto dos aposentos privados de Ravana sem ver Janaki em lugar algum e, tendo olhado de perto os rostos de todas aquelas mulheres, ele ficou cheio de apreensão, temendo que tivesse falhado em seu propósito. Então ele refletiu: "Contemplar a esposa de outro enquanto ela está dormindo é, sem dúvida, uma violação da lei moral, na verdade, olhar para a mulher de outro nunca foi minha intenção, mas aqui eu vi aquele que tem cobiçado as esposas de outros".

Em seguida, outro pensamento veio àquele macaco sagaz, concentrado única e exclusivamente no cumprimento de seu dever: "Todas essas consortes de Ravana foram vistas por mim sem seu conhecimento, contudo eu não acho oscilação no teor da minha mente. A mente é a força motriz de todo movimento dos sentidos, seja bom ou mau, e a minha permanece imperturbável; além disso, como eu poderia procurar Sita de outra forma? É entre mulheres que se deve procurar por mulheres; cada ser deve ser procurado entre a sua própria espécie, ninguém procura uma mulher entre veados. Portanto, com o coração puro eu explorei o apartamento interno de Ravana, mas eu não vi a filha de Janaka".

E Hanuman escrutinou os rostos das filhas de devas, danavas e nagas, sem encontrar Sita e, não a encontrando naquele lugar, ele deixou o salão de banquetes e começou a investigar outros lugares. Deixando aquele lugar de festa, o filho do deus do vento começou a procurar por Sita em outro quadrante.

Capítulo 12 – Hanuman fica desanimado

Permanecendo nos arredores do palácio, Hanuman examinou as pérgulas, galerias e os apartamentos de dormir, ávido para descobrir Sira, mas sem ser capaz

de encontrar aquela senhora de aparência graciosa lá; e, não encontrando a amada daquele descendente de Raghu, o macaco poderoso refletiu:

"Já que, apesar de meus esforços eu sou incapaz de encontrar a filha de Mithila, seguramente Sita não está mais viva. Aquela mulher jovem e virtuosa, ansiosa para defender sua honra, foi morta pelo iníquo senhor dos titãs por permanecer fiel ao seu dever conjugal ou a filha do rei Janaka morreu de susto ao ver aquelas consortes do soberano dos titãs, que são deformadas, de pele pálida, disformes e que possuem cabeças enormes e formas monstruosas. Falhando em descobrir Sita, a minha coragem foi gasta em vão e uma grande parte do prazo estipulado para os macacos se esgotou; eu não ouso me apresentar diante de Sugriva, que é poderoso e dado a aplicar punição severa. Eu explorei os aposentos internos completamente, mas a gentil Sita não pode ser encontrada lá e eu me cansei em vão. Além disso, quando eu voltar, os macacos reunidos me questionarão dizendo: "Ó valente Hanuman, tendo alcançado a outra margem, o que tu realizaste lá, nos dize?"

Não tendo visto a filha de Janaka, o que eu responderei? O prazo fixado tendo passado, seguramente é apropriado que eu jejue até a morte, e o que os idosos Jambavan e Angada dirão com todos os macacos reunidos já que eu cruzei o oceano para nada? No entanto, a perseverança é a base do sucesso, a perseverança é a base da prosperidade, a perseverança traz felicidade suprema, portanto, eu examinarei todos aqueles lugares ainda não explorados por mim. Além disso, é minha intenção aplicar novos esforços e investigar todas aquelas regiões ainda não visitadas por mim, e os salões de banquetes, os jardins, os pavilhões de esportes, pátios, residências, estradas, becos e carros, embora já investigados por mim, serão examinados mais uma vez.

Tendo assim decidido, Hanuman partiu explorando porões, templos e residências de vários andares, indo para cima e para baixo, para frente e para trás, abrindo algumas portas e fechando outras, entrando aqui e fazendo uma saída ali, até que não havia sequer o espaço de quatro dedos deixado sem escrutínio por ele. E ele visitou as galerias que corriam dentro das muralhas e terraços sustentados por pilares e os bosques e tanques de lótus, e ele viu lá titânides hediondas e monstruosas de todas as formas, mas não a filha de Janaka; e as ilustres consortes dos vidyadharas caíram sob seu olhar, mas não a amada de Raghava.

Hanuman contemplou também as filhas dos nagas, de membros adoráveis, cujos rostos brilhavam como a lua cheia, que tinham sido levadas à força para lá pelo senhor dos titãs, mas não a filha querida de Janaka e, não a vendo entre todas aquelas mulheres adoráveis, um profundo desespero tomou conta daquele guerreiro nascido de Maruta.

Refletindo que os esforços de todos os líderes de macacos e a travessia do oceano tinham sido em vão, o filho de Anila ficou extremamente ansioso e desceu daquele carro aéreo. Depois disso Hanuman, nascido de Maruta, ficou pensativo e uma grande melancolia invadiu sua alma.

Capítulo 13 – O dilema de Hanuman

Descendo sobre os baluartes a partir do carro aéreo, aquele líder de macacos, o ágil Hanuman, parecia um clarão de relâmpago através das nuvens e,

depois de ter procurado nos apartamentos de Ravana sem encontrar Sita, a filha de Videha, ele disse a si mesmo:

"Buscando o objeto de afeição de Rama, eu explorei Lanka repetidamente sem encontrar a filha de Janaka de forma imaculada! Muitas vezes os pântanos, tanques, lagos, córregos, rios, margens, florestas e montanhas inacessíveis foram explorados por mim sem qualquer traço de Sita ser encontrado!

"O rei dos abutres, Sampati, afirmou que Sita estava no palácio de Ravana, mas eu não a vejo aqui, como pode ser isso? Ou a filha de Videha, Maithili, nascida de Janaka, que foi levada contra a sua vontade, estando totalmente desamparada, se rendeu a Ravana? Ou talvez, temendo as flechas de Rama, em sua fuga rápida, aquele titã permitiu que Sita escorregasse de suas mãos, ou ela, vendo-se levada pelo caminho dos siddhas e contemplando o mar, abandonou sua vida? Quem pode dizer se aquela senhora nobre de olhos grandes não sucumbiu por conta da grande velocidade assumida por Ravana e da pressão de seus braços?

"Pode ser que, enquanto Ravana sobrevoava o mar, a filha de Janaka, lutando para se libertar, tenha caído nas ondas, ou infelizmente, longe de seu senhor, procurando defender sua honra, foi devorada por aquele vil Ravana. Aquela dama inocente de olhos escuros não pode ter se tornado o alimento daquelas consortes impuras daquele Indra dos demônios? Sempre absorta na contemplação de Rama, cujo semblante parece a lua, ela deu seu último suspiro, lamentando sua sorte e gritando: 'Ó Rama! Ó Lakshmana! Ó Ayodhya!', ou, tendo sido banida para as masmorras do palácio de Ravana, aquela mulher jovem está sofrendo como uma ave engaiolada? Como poderia a consorte de cintura fina de Rama, nascida do sangue de Janaka, possuidora de olhos como pétalas de lótus, submeter-se a Ravana? Mas, ela tenha sido assassinada ou esteja perdida ou tenha morrido, eu não me atrevo a falar sobre isso para Rama. Dizer a ele seria uma ofensa, mas também é errado a esconder isso dele; o que devo fazer? Eu estou perplexo! Em tal dilema, como devo agir?"

Assim pensando, Hanuman acrescentou: "Se, sem encontrar Sita, eu voltar para a cidade daquele senhor entre os macacos, até que ponto a minha coragem me terá sido útil? A minha travessia do oceano deu em nada, como também a minha entrada em Lanka e a minha inspeção dos titãs. Quando eu chegar a Kishkindha, o que Sugriva e os macacos reunidos me dirão ou aqueles dois filhos de Dasaratha? Se eu me aproximar de Kakutstha com essas notícias fatais dizendo: 'Eu não encontrei Sita', ele vai desistir de sua vida. Ouvindo essas palavras cruéis, terríveis, aflitivas e bárbaras, ele não vai sobreviver e, quando a sua mente estiver recolhida aos cinco elementos, o sagaz Lakshmana, profundamente apegado a Rama, também deixará de existir! Então, ao ouvir que seus dois irmãos estão mortos, Bharata rejeitará sua vida e Shatrughna renunciará à sua existência também. Vendo seus filhos mortos, suas mães, Kaushalya, Sumitra e Kaikeyi, sem dúvida abandonarão suas vidas e, vendo a situação de Rama, seu amigo grato e leal, Sugriva, renunciará à sua vida. Em seguida, a angustiada Ruma, perturbada e dominada pela tristeza, perecerá por causa de seu senhor e a rainha Tara, já inconsolável por causa do fim de Bali, exausta pelo sofrimento não será capaz de continuar a viver. A perda de seus pais levará o jovem Angada à beira da morte e, oprimidos pela morte de seu líder, os habitantes da floresta, tendo sido apreciados com gentileza, presentes e respeito pelo seu monarca ilustre, golpearão suas cabeças com seus punhos e morrerão.

"Daí em diante, aqueles principais dos macacos já não se reunirão para se divertir na mata, entre as rochas e as cavernas, mas com seus filhos, esposas e

servos, em desespero por conta da morte de seu mestre, se jogarão do alto das rochas nos abismos e precipícios. E eles tomarão veneno ou se enforcarão ou entrarão no fogo ou jejuarão até a morte ou cairão sobre as suas próprias armas. É certo que uma grande calamidade virá depois do meu retorno e a Casa de Ikshvaku e os habitantes das florestas encontrarão a destruição.

"Mas, se eu não voltar, aqueles dois virtuosos e grandiosos guerreiros em carros como também os macacos velozes continuarão a viver na esperança de receber notícias de Sita, e eu, não tendo encontrado Sita, existirei por aquilo que cair como minha sina, vivendo uma vida de privações e subsistindo de frutas e raízes na floresta.

"Preparando uma pira funerária às margens do mar, em um lugar cheio de raízes, frutas e água, eu entrarei nas chamas ou me permitirei morrer de fome e, sem falhas, oferecerei o meu corpo emaciado como alimento para as aves e animais predadores. Em minha opinião, essa é a morte que os sábios imaginam para si mesmos; ou devo encontrar Janaki ou entrar no mar.

"A minha brilhante guirlanda de glória, tão nobremente entrançada e gerada de atos corajosos, pereceu porque eu não fui capaz de encontrar Sita. Eu, portanto, me tornarei um asceta vivendo sob as árvores, mas não vou voltar sem ter visto aquela donzela de olhos escuros. Se eu voltar sem encontrar Sita, nem Angada nem os outros macacos sobreviverão. Porém, males incalculáveis estão reservados para aquele que tira a própria vida; no entanto, se eu continuar a viver, eu posso alcançar o sucesso, por isso eu vou manter minha existência! Se eu viver, a reunião de Rama e Sita pode ser efetuada".

Revolvendo essas considerações numerosas e dolorosas em sua mente, aquele leão entre os macacos procurou se impedir de ser dominado pelo desespero. Reunindo toda a sua coragem, aquele macaco poderoso disse para si mesmo:

"Eu matarei Dashagriva o terrível Ravana e assim vingarei o rapto de Sita ou, cruzando o mar, o arrastarei diante de Rama como um animal é oferecido a Pashupati".

Refletindo dessa maneira, aquele macaco, que estava cheio de ansiedade e tristeza, não tendo sido capaz de encontrar Sita, pensou: "Enquanto eu não encontrar a ilustre consorte de Rama eu não pararei de examinar a cidade de Lanka por todos os lados. Se, de acordo com as palavras de Sampati, eu trouxer Rama para cá, Raghava, não vendo a sua consorte, queimará todos os macacos com o fogo da sua ira. Por isso eu ficarei aqui, vivendo uma vida de abstinência com meus sentidos sob controle para que todos os homens e macacos não pereçam por minha culpa.

"Aqui há um grande bosque de Ashoka, contendo árvores enormes, que ainda não foi examinado por mim. Tendo prestado reverência aos Vasus, aos Rudras, aos Adityas, aos Ashvins e os Maruts, para aumentar o tormento dos titãs, eu entrarei nele. Tendo vencido os demônios eu devolverei a divina Sita, o deleite da Casa de Ikshvaku, para Rama como fruto da austeridade é concedido a um asceta".

Tendo assim refletido por um tempo, o filho poderoso do deus do vento se levantou de repente e disse: "Saudações a Rama acompanhado por Lakshmana e Anila! Saudações a Chandra, a Agni e aos Maruts!"

Depois de prestar reverência a todos os deuses como também a Sugriva, o filho do deus do vento, examinando os quatro quadrantes em imaginação por assim dizer, avançou para aquele bosque magnífico e começou a considerar o que mais deveria ser feito.

Ele refletiu: "Esse bosque de Ashoka, que é sagrado com suas matas densas, deve estar cheio de titãs, suas árvores certamente são protegidas por guardas treinados e o próprio Vishvatam bem-aventurado se abstém de soprar vigorosamente aqui. Nos interesses de Rama eu encolherei a minha forma para que eu não seja detectado por Ravana. Que todos os deuses, como também as hostes de sábios, confiram sucesso a mim! Que Swyambhu, os seres celestes, como também os ascetas, o deus do fogo, o deus do vento, o portador do raio, Varuna, a lua e o sol, os Ashvins de grande alma e todos os Maruts me concedam sucesso! Que todos os seres e o Senhor de todos os seres e aqueles desconhecidos, que são encontrados no caminho, confiram sucesso a mim!

"Quando eu verei aquela rainha nobre e irrepreensível com seu nariz arqueado, dentes perolados, sorriso doce e olhos parecidos com pétalas de lótus, brilhante como o rei das estrelas, oh, quando?

"Oh, como aquela frágil e virtuosa, levada impiedosamente por aquele canalha perverso e vil, o flagelo dos seres humanos, que mascara sua selvageria sob um disfarce sedutor, se revelará para mim?"

Capítulo 14 – O bosque de Ashoka

Tendo meditado por um tempo, Hanuman, que tinha se reunido a Sita em pensamento, pulou do baluarte para a muralha circundante e, tremendo de prazer, aquele macaco poderoso, permanecendo lá, viu todas as variedades de árvores e flores, sendo o início da primavera. Ele viu árvores Sala, Ashoka, Bhavya, Champaka, Uddalaka, Nagavriksha, Kapimukha e mangueiras em flor com arvoredos de Amras entrelaçadas com centenas de trepadeiras. E Hanuman, saltando para dentro daquele bosque encantador, como uma flecha disparada de um arco, entrou naquele jardim semelhante ao sol nascente que ecoava com a canção de aves, plantado com mudas de árvores douradas e prateadas e contendo bandos de pássaros e veados, com árvores de diferentes fragrâncias que o encheram de admiração.

Cheio de árvores de todas as espécies, carregadas de flores e frutas, onde cucos chamavam delirantemente e enxames de abelhas zumbiam, onde todas as criaturas expressavam alegria em seus movimentos, onde os gritos do pavão podiam ser ouvidos e aves aquáticas fervilhavam, o coração do espectador era cativado.

E Hanuman, procurando por aquela princesa de membros belos e perfeitos, acordou os pássaros que estavam dormindo docemente, e, soprada pelo vento criado pelas asas daquelas aves em fuga, uma chuva de flores coloridas caiu, cobrindo Hanuman, o filho do deus do vento, no meio do bosque de Ashoka, dando-lhe a beleza de uma colina coberta de flores. Em seguida, todas as criaturas, vendo aquele macaco, enquanto elas corriam de todos os lados, pensaram: "Ele é o deus da primavera".

Totalmente escondida nas flores que tinham caído das árvores, a terra parecia uma noiva coberta de joias e, abaladas de diversas maneiras pelo movimento daquele macaco impetuoso, as árvores derramaram uma chuva de flores multicoloridas. E aquelas árvores, cujas copas estavam despojadas de folhas, das quais flores e frutas tinham caído, pareciam jogadores que apostaram suas vestes e posses só para perder tudo. Golpeadas pelos saltos de Hanuman, aquelas árvores

encantadoras rapidamente deixaram suas flores, folhas e frutos caírem ao chão e, abandonadas pelas aves, não mais capazes de procurar abrigo lá, por causa da agitação causada por Maruti, apresentavam seus ramos nus somente, de modo que o bosque Ashoka, atingido pelos golpes dos pés e da cauda do macaco, parecia uma jovem mulher com seus cabelos desgrenhados, o brilho de seus lábios e dentes esmaecido, sua marca de tilaka apagada e seus braços e pernas com cicatrizes. E em sua pressa, aquele macaco rompia os aglomerados de trepadeiras como o vento dissipa as nuvens durante a estação chuvosa.

Andando aqui e ali, aquele macaco observou lugares que eram pavimentados com ouro e prata, com lagos cheios de água translúcida, com seus degraus incrustados com pedras preciosas, pérolas e coral, seu fundo sendo de cristal e as margens adornadas com árvores de ouro Kancana que emitiam uma luz ofuscante.

Essas piscinas eram cobertas com moitas de lótus e lírios enquanto aves aquáticas aumentavam a sua beleza e elas ressoavam com o grito de Natyuhas, cisnes e gansos; córregos largos e belos, delimitados por todos os lados por árvores, as alimentavam com suas águas que pareciam Amrita e deslizavam sob arbustos variegados decorados por centenas de trepadeiras, o chão sendo acarpetado por flores de rododendro e oleandro.

Então aquele principal dos macacos viu uma colina alta, brilhante como uma nuvem coroada com picos elevados, muitos tipos de árvores e cheia de cavernas, e ela era uma das maravilhas do mundo! E ele viu um rio caindo daquelas alturas, como uma mulher jovem saindo dos braços de seu amante para deixá-lo, e os ramos das árvores, varrendo a água, pareciam como se os companheiros daquela donzela a estivessem detendo, enquanto mais para baixo, Hanuman viu aquele córrego retornando em seu curso, como se a moça, apaziguada, fosse reconciliada com seu amado.

Depois disso, a alguma distância do rio, um tanque cheio de lótus, frequentado por aves de todas as espécies, atraiu o olhar daquele leão entre os macacos, Hanuman, nascido de Maruta; e ele viu uma fonte de água fresca com degraus encantadores feitos de pedras preciosas, sua bacia coberta com pérolas, que era embelezada por todos os lados com inúmeros bandos de cervos, bosques arrebatadores, e mansões construídas pelo próprio Vishvakarma, adornadas com bosques artificiais e árvores carregadas de frutas e flores, os seus ramos se espalhando como guarda-sóis dando sombra, enquanto o chão abaixo era pavimentado com ouro e prata.

E aquele grande macaco viu uma única árvore Shingshapa dourada cercada por um estrado de ouro, e ele viu muitos canteiros de flores e árvores que pareciam chamas, cujo brilho rivalizava com o monte Meru e o levaram a pensar que elas eram feitas de ouro. Vendo essas belas árvores douradas, com seus topos florescentes, botões e brotos agitados pelo vento, emitindo um som como o tilintar de muitos ornamentos, Hanuman estava pasmo.

Escalando rapidamente aquela árvore Shingshapa de muitas folhas Hanuman refletiu: "Daqui talvez eu possa ver Vaidehi, aquele ser infeliz que suspira pela presença de Rama e que, cheia de aflição, vagueia sem rumo para lá e para cá. Sem dúvida, esse bosque de Ashoka embelezado por árvores Candana, Champaka e Vakula, pertence ao perverso Ravana. Aqui para perto dessa bela lagoa frequentada por aves, aquela princesa e esposa real, Sita, certamente virá. Ela, a amada de Raghava, acostumada a vagar nas florestas, sem Rama, certamente virá para cá. Aquela senhora, cujos olhos parecem os de uma corça, atormentada pela dor por causa da separação de Rama, afeita a passear na mata, certamente

caminhará nesse bosque. Ela, a esposa casta e virtuosa de Rama, filha de Janaka, que sempre amou as criaturas da floresta, ansiosa para oferecer sua devoção, virá a esse rio de águas translúcidas para esse propósito.

"Realmente esse belo bosque é digno de ser a morada daquela consorte casta do rei de homens, Rama. Se aquela deusa, cujo rosto parece a lua, ainda vive, ela inevitavelmente visitará esse rio de águas frescas".

Assim pensou Hanuman de grande alma, esperando a consorte daquele senhor de homens aparecer e, se escondendo na árvore Shingshapa coberta com folhas e flores, observou todo o cenário.

Capítulo 15 – Hanuman vê Sita

Sentado na árvore, olhando em volta em busca de Sita, Hanuman inspecionou todo o bosque cheio de árvores entrelaçadas com trepadeiras e perfumado com odores celestiais. Manifestando todos os aspectos de beleza, possuindo o esplendor dos Jardins de Nandana, ele era habitado por vários animais e aves, embelezado por palácios e templos e ressoava ao chamado do cuco. Adornado com lagoas cheias de lótus dourados e nenúfares prateados, equipado com assentos e almofadas, prédios e pátios, com suas árvores cativantes carregadas de frutas e flores em todas as estações e as árvores Ashoka florescentes, ele parecia a refulgência do sol nascente.

Sentado lá, Maruti não se cansava de olhar para aquela bela mata, cuja folhagem estava quase escondida por centenas de aves que se divertiam lá, e a beleza daquelas árvores Ashoka, curvadas sob o peso de suas flores, de modo que o seu florescimento parecia se estender até as suas próprias raízes, dissipava toda tristeza. Toda a região parecia em chamas com o brilho das árvores Karnikara e Kimshuka em flor; a Punnaga de raízes gigantes, Saptaparna, Champaka e Uddalaka resplandeciam em flor e havia milhares de árvores Ashoka, algumas de uma cor dourada, algumas como chamas de fogo e algumas tão escuras quanto colírio, de modo que todo o lugar se assemelhava ao Jardim de Nandana ou ao domínio encantador de Chaitaratha ou mesmo os superava. Essa região celestial inimaginavelmente bela era como um segundo céu, tendo flores como suas constelações ou um quinto oceano, suas pérolas sendo as flores espalhadas lá. Plantado com árvores que floresciam em todas as estações, emitindo aromas de mel, aquele jardim estava cheio com os gritos de aves e animais e perfumado com aromas requintados, um local delicioso, igual àquele rei das montanhas, um segundo Gandhamadana.

Agora, naquele bosque de Ashoka, aquele leão entre os macacos observou, a uma curta distância, um templo esplêndido branco como o monte Kailasha, impecável, suportado por mil pilares, seus degraus de coral, seus pisos de ouro refinado, deslumbrantemente belo, ofuscante para os olhos e de uma altura tal que ele parecia beijar o céu.

Então, de repente, ele viu uma mulher, de vestes sujas, rodeada de titânides, e ela estava emaciada pelo jejum, triste, dando suspiros frequentes, imaculada como a disco da lua em seu primeiro quadrante, resplandecente com um esplendor que agora brilhava só vagamente de modo que ela parecia como uma chama envolta em fumaça.

Vestida com uma túnica suja de seda amarela, desprovida de todo ornamento, ela parecia um tanque de lótus despojado de suas flores. Oprimida, torturada pela aflição e atormentada, ela era como Rohini perseguida por Ketu. Com seu rosto banhado em lágrimas, angustiada, esgotada pela privação, mergulhada na ansiedade e separada de seus amigos e parentes, não mais capaz de ver Rama e Lakshmana, mas apenas os titãs, ela parecia uma gazela cercada por uma matilha de cães.

Com seu cabelo longo semelhante a uma serpente negra, pendendo pelas costas, ela parecia a terra com suas florestas azuis escuras na estação chuvosa. Aquela senhora de olhos grandes, digna de felicidade, não tendo conhecido adversidade até aquela hora, mergulhada em aflição e emaciada estava vestida com traje sujo.

Então Hanuman, vendo-a, por muitas razões deduziu que ela era Sita e refletiu: "Aquela princesa, levada pelo titã capaz de mudar sua forma à vontade, deve ser essa mulher diante de mim".

Seu rosto brilhava como a lua cheia e ela possuía sobrancelhas belas e seios graciosamente arredondados; por seu esplendor ela dissipava as trevas em todas as regiões; seu pescoço era de um matiz azulado, os lábios como o fruto Bimba, sua cintura fina e seu porte cheio de dignidade, seus olhos, semelhantes a pétalas de lótus, igualavam aqueles de Rati, a cônjuge amada de Manmatha, adorável como a lua, adorada por todos.

Agora aquela mulher jovem de forma graciosa estava sentada no chão praticando austeridade como uma asceta, e aquela dama tímida estava dando suspiros frequentes como a consorte do rei serpente.

Enredada em uma imensa teia de tristeza, sua beleza estava velada como uma chama envolta em fumaça ou um texto tradicional obscurecido por interpretação dúbia, ou riqueza que está desaparecendo, ou fé que está definhando ou esperança que está quase extinta ou perfeição não alcançada devido a obstáculos, ou um intelecto que está obscurecido ou fama manchada por calúnia.

Perturbada por sua separação de Rama, atormentada pela presença das titânides, seus olhos, como os de uma jovem corça, vagavam aqui e ali examinando todos os lugares em sua angústia. Lágrimas corriam de seus olhos com suas sobrancelhas arqueadas e cílios escuros e, com suas feições alteradas, ela suspirava repetidamente. Aquela desafortunada, digna de toda decoração, agora desprovida de tudo, coberta com manchas, parecia o rei das estrelas obscurecido pela nuvens pesadas. Vendo Sita naquele estado lamentável, Hanuman ficou perplexo como alguém cujo conhecimento se perde por falta de esforço continuado e, vendo-a sem ornamentos, ele a reconheceu com dificuldade como um texto que é interpretado erradamente. Vendo aquela princesa de olhos grandes e irrepreensível, Hanuman concluiu a partir de suas muitas características distintivas que ela deveria realmente ser Sita.

Vendo no corpo dela aqueles ornamentos que tinham sido descritos por Rama no momento da sua partida, tal como os Svadangstras e as pulseiras adornadas com joias, que estavam agora escurecidos pela poeira e negligência, todavia, para Hanuman eles pareciam ser os mencionados a ele e pensou: "Aqueles que foram perdidos por Sita no caminho eu não vejo, mas os que ela preservou estão certamente aqui.

"O rico manto de seda brilhante como ouro Kanaka, que ela deixou cair, foi encontrado pelos macacos preso em uma árvore, e os ornamentos valiosos que ela deixou cair caíram sobre a terra com um som tilintante. O manto que ela usa agora

está extremamente gasto, mas a sua cor permanece e se assemelha ao próprio esplendor dela. Aqui está aquela por quem Rama sofreu tormento por afeição, compaixão, tristeza e amor: por afeição em consequência de sua amada esposa ser levada para longe; por compaixão, por sua incapacidade de proteger a ela que é dependente dele; por tristeza, pela sua perda; e por amor pela sua separação dela. Realmente pela graça de seu corpo e de sua beleza, que parece a dele, essa senhora de olhos escuros deve ser sua esposa.

Ela tem sua mente fixa nele, e ele nela, é por causa disso que eles são capazes de sobreviver. De fato o senhor Rama realizou um grande feito por ainda existir separado dela e não desistir de sua vida em aflição".

Tendo contemplado Sita, o filho de Pavana permitiu que seus pensamentos voassem para Rama, a quem ele silenciosamente ofereceu reverências, e àquela princesa também.

Capítulo 16 – As reflexões de Hanuman ao ver Sita

Tendo oferecido reverência a Sita que era digna de homenagem, como também a Rama de conduta gentil, aquele touro entre os macacos ficou absorto em pensamentos mais uma vez.

Refletindo por algum tempo, com os olhos cheios de lágrimas por causa de Sita, o macaco sagaz, Hanuman, deu voz à sua angústia com as seguintes palavras:

"Ninguém pode resistir à força do destino, já que Sita, a consorte do irmão ilustre de Lakshmana sempre obediente aos preceptores, experimentou esse infortúnio. Familiarizada com o heroísmo de Rama e do sagaz Lakshmana, essa senhora divina não está mais perturbada do que o Ganges pela aproximação da estação das chuvas. Em caráter, idade, conduta e família, eles são iguais, e Raghava é digno de Vaidehi, essa de olhos escuros, que é dele".

Vendo Sita, radiante como ouro recém-cunhado e que parecia Lakshmi amada dos mundos, Hanuman, se aproximando de Rama em pensamento, disse:

"Por causa dessa senhora de olhos grandes, o poderoso Bali foi morto, e Kahanda, igual a ele em força; por ela, o poderoso demônio Viradha, apesar de sua famosa bravura, também sucumbiu na floresta sob os ataques do valente Rama, como Shambara sob os golpes de Mahendra. Foi por ela que quatorze mil demônios de façanhas notáveis foram perfurados pelas setas de Rama parecendo línguas de fogo em Janasthana. Khara também foi abatido no campo de batalha; Trishiras foi derrotado e o poderoso Dushana também pelo justo Raghava. E foi por causa dela que aquele reino supremo e inacessível dos macacos pertencente a Bali foi adquirido por Sugriva, renomado nos três mundos; foi por essa donzela de olhos grandes que o refulgente senhor das águas foi atravessado por mim e essa cidade foi explorada. Parece-me que, se Rama tivesse virado toda a terra, com os seus limites, de cabeça para baixo por causa dela, isso seria apropriado! Se o domínio dos três mundos estivesse de um lado e Sita, nascida de Janaka, do outro, o primeiro não se igualaria a uma fracção da última; assim é a filha virtuosa do magnânimo rei de Mithila, que é inteiramente dedicada ao seu senhor. Ela, quando um campo estava sendo escavado, surgiu de um sulco que a lâmina do arado tinha virado, coberta de poeira que brilhava como o pólen de um lótus; ela, a nora mais velha do rei Dasaratha, que era cheio de coragem e nobreza e que nunca se soube

ter recuado em batalha; ela, a consorte amada do fiel e respeitoso Rama, conhecedor do seu próprio Eu, está agora em poder dos titãs.

"Renunciando a todos os prazeres, estimulada por amor a seu marido, desconsiderando as privações inevitáveis, ela entrou na bela floresta para viver de frutas e raízes, sempre empenhada no serviço a seu esposo, e se considerou como tendo atingido o auge da felicidade lá, como se a floresta fosse o próprio palácio. Essa senhora, cujos membros parecem o ouro Kanaka e que estava sempre acostumada a sorrir ao conversar, agora sofre angústias inimagináveis e Raghava, como um homem sedento almejando por um rio, suspira pela visão daquela mulher nobre oprimida por Ravana. Reunido com ela, Raghava irá desfrutar de felicidade uma vez mais, como um rei que foi privado de seu trono se regozija ao recuperá-lo.

"Sem nenhum conforto e prazer, longe de seus parentes, ela preserva sua vida na esperança de ver Rama e se reunir a ele. Alheia aos titãs e às árvores cobertas com frutas e flores, seu espírito está totalmente absorto em pensar em Rama. Para uma mulher a maior decoração é seu marido e Sita, embora incomparavelmente bela, não brilha mais na ausência de Rama. É somente o heroísmo de Rama que torna possível para ele continuar a viver separado de sua consorte e o impede de ser dominado completamente pela aflição.

Essa dama de olhos escuros, assemelhando-se ao luar, digna de felicidade, agora está totalmente infeliz e o meu coração está perturbado. Paciente como a terra, essa senhora cujos olhos parecem lótus, que era antigamente protegida por Rama e Lakshmana, encontrando-se ao pé de uma árvore, está sendo guardada por demônios de aspecto hediondo. Como um lírio d'água pego pela geada, a filha de Janaka, com sua beleza desvanecida, está desfalecendo sob a chuva de infortúnios e, como uma corça separada do rebanho, caiu nessa situação difícil. As árvores Ashoka com seus ramos curvados sob o peso das suas flores parecem aumentar a sua tristeza, como também a lua de raios puros que está nascendo nessa primavera".

Refletindo dessa maneira, aquele macaco valente, convencido de que era Sita, postou-se na árvore Shingshapa.

Capítulo 17 – A descrição das titânides que guardavam Sita

Então a lua, pura como um nenúfar, subiu nos céus imaculados, navegando através do firmamento como um cisne flutuando em águas azuis. Como se para ajudá-lo com sua luz, aquele orbe puro e claro cobriu o filho de Pavana com seus raios frios.

Então aquele macaco viu Sita dotada de um rosto como a lua que, sob o peso do sofrimento, parecia um navio pesadamente carregado afundando nas ondas. E contemplando Vaidehi, Hanuman, nascido de Maruta, observou várias titânides de aspecto repugnante à distância, algumas só com um único olho ou orelha, algumas com orelhas escondendo seu rosto, algumas sem orelhas, algumas com narizes em suas testas, algumas possuidoras de cabeças desproporcionalmente grandes e pescoços longos, algumas com cabelos ralos e outras cobertas com cabelo de modo que elas pareciam estar envoltas em um tecido de lã; as orelhas e sobrancelhas de algumas eram baixas, e seus seios e barrigas salientes; outras eram genuvalgas, atrofiadas, corcundas, tortas, anãs, desalinhadas, suas bocas mal definidas, seus olhos inflamados, seus rostos terríveis de se ver. Horrendas, irascíveis, briguentas,

elas estavam armadas com lanças, dardos, martelos e marretas e algumas tinham focinhos como ursos ou os focinhos de veados ou os rostos de tigres, camelos, búfalos, cabras e chacais, e algumas tinham os pés de elefantes, camelos, cavalos e as cabeças de algumas estavam afundadas em seu peito.

Algumas tinham uma única mão ou pé, algumas as orelhas de burros, cavalos, vacas e elefantes ou algumas as orelhas de macacos. Algumas tinham narizes enormes, algumas narizes tortos e algumas absolutamente nenhum, algumas tinham narizes como as trombas de elefantes, algumas tinham seus narizes fixos em suas testas, através dos quais elas respiravam como animais. Os pés de algumas eram como elefantes e algumas tinham os pés de vacas, algumas eram cabeludas; algumas tinham cabeças enormes, faces gigantescas e línguas longas; algumas tinham as cabeças de cabras, elefantes, vacas, porcos, cavalos, camelos e jumentos.

Essas mulheres titãs de aparência formidável seguravam lanças e maças em suas mãos, elas eram mal-humoradas e se alegravam com a discórdia. Seu cabelo era preto como fuligem ou da cor de fumaça, seu aspecto era repulsivo e elas se banqueteavam continuamente, regalando-se com vinho e carne sem cessar, seus corpos estando respingados de sangue da carne que elas consumiam.

Aquele principal dos macacos examinou aquelas titânides cuja aparência fazia seu cabelo se arrepiar e que estavam sentadas em um círculo em volta da árvore de muitos ramos sob a qual a divina e irrepreensível Janaki estava. E o gracioso Hanuman viu aquela filha de Janaka desprovida de seu esplendor, consumida pela dor, com seus cabelos sujos de poeira, como uma estrela que caiu na terra com seus méritos esgotados, Sita, famosa em todos os mundos por sua fidelidade, porém com pouca esperança de ser reunida com seu senhor.

Sem suas joias, ela cujo principal ornamento era a devoção ao seu marido, mantida em cativeiro por Ravana, parecia com uma elefanta separada da manada que foi atacada por um leão ou como a luz da lua envolta em nuvem no fim da estação chuvosa. Com sua beleza esmaecida, ela se assemelhava a um instrumento de cordas que alguém deixou de tanger e pôs de lado. Longe de seu marido, aquela ilustre caiu sob o domínio dos titãs sem ter merecido isso. Mergulhada em um oceano de aflição, cercada por aquelas titânides no meio do bosque de Ashoka, ela parecia Rohini prestes a ser devorada por Rahu e, vendo-a lá, Hanuman pensou que ela se parecia com uma trepadeira despojada de suas flores. Tendo perdido seu brilho, seus membros cobertos de poeira, com sua graça escondida ela parecia um lótus respingado de lama.

O macaco, Hanuman, viu aquela mulher jovem, cujos olhos se assemelhavam aos de uma corça, vestida com um traje sujo e esfarrapado e embora aquela abençoada estivesse desprovida de sua beleza, sua alma não perdeu sua transcendência, mantida como ela era pelo pensamento na glória de Rama e salvaguardada por sua própria virtude.

Contemplando Sita, cujos olhos, arregalados de medo, pareciam os de uma corça, lançando seus olhares aqui e ali como um cervo e consumindo as árvores e suas folhas com seus suspiros, como uma onda montanhosa erguendo-se do oceano de adversidade, incomparavelmente bela com seus membros delgados e forma graciosa, desprovida de ornamentos, Maruti experimentou uma grande felicidade; e Hanuman chorou lágrimas de alegria por esse encontro venturoso e silenciosamente prestou homenagem a Rama.

Tendo se curvado a Rama e a Lakshmana, o valente Hanuman, cheio de felicidade por ter visto Sita, manteve-se lá totalmente escondido.

Capítulo 18 – Ravana vai ao bosque de Ashoka

Examinando as matas cheias de árvores floridas, desejoso de ver Sita de perto e a noite quase tendo passado, perto do amanhecer, Hanuman ouviu o canto dos Vedas por aqueles entre os titãs familiarizados com os Shastras sagrados e as seis partes complementares.[383]

Então o poderoso senhor de dez cabeças dos titãs despertou ao som de música auspiciosa, agradável para os ouvidos e, despertando, o rei grandioso e poderoso, com suas guirlandas e traje em desordem, se lembrou de Vaidehi. Ardentemente apaixonado por ela, aquele titã cheio de orgulho não pôde conter seu desejo.

Então, adornado com todos os tipos de ornamentos, vestido esplendidamente, ele entrou no bosque de Ashoka cheio de inúmeras árvores, carregadas de frutos e flores de todas as espécies com lagoas enfeitadas com flores de lótus e lírios, animado por aves de rara beleza extáticas de amor e lobos esculpidos maravilhosos de se ver.

Dashagriva olhou para aquelas avenidas com seus arcos de ouro e pedras preciosas, repletas de cervos de todo tipo, e atapetadas com as frutas que tinham caído sobre a terra. E cem donzelas, filhas de deuses e de gandharvas, seguiam na esteira do filho de Pulastya, semelhantes às ninfas que seguem Mahendra, e algumas carregavam lâmpadas de ouro enquanto outras levavam chouris e abanadores em suas mãos. Algumas carregando água em jarros dourados, caminhavam à frente, outras seguindo com um assento de ouro e almofadas redondas e uma à direita dele levava uma xícara incrustada com pedras preciosas e cheia de vinho, enquanto outra carregava um dossel semelhante a um cisne, de varetas douradas como a lua e tendo um cabo de ouro fino.

Dessa forma, as mais belas das esposas de Ravana, com seus olhos pesados de sono e vinho seguiram seu senhor augusto como os clarões de relâmpago seguindo uma nuvem. Suas pulseiras e colares de pérola balançavam para lá e para cá, sua pasta de sândalo estava apagada e seu cabelo caía solto enquanto gotas de suor se encontravam nas testas daquelas mulheres de aspecto adorável que tropeçavam por conta dos efeitos do vinho e do sono, e o suor tinha feito as flores que as adornavam murcharem e suas madeixas estavam cheias de pedaços de suas guirlandas; dessa maneira, aquelas mulheres de aparência delicada cheias de orgulho e afeto seguiram o rei dos titãs.

E aquele senhor poderoso, o escravo de seus desejos, com seu coração fixo em Sita, prosseguiu em um ritmo lento.

Então o macaco ouviu o som dos sinos nas cintas e tornozeleiras das mulheres, e a alegria de Maruta viu Ravana de destreza inconcebível, cuja energia e bravura eram inimagináveis, quando ele entrou no portão; e ele estava iluminado por todos os lados pelas inúmeras lâmpadas, alimentadas com óleo perfumado, que eram carregadas por aquelas donzelas e, inebriado de orgulho, desejo e vinho, com os olhos de um vermelho acobreado, ele parecia o próprio Kandarpa desprovido de seu arco. Ele ajustou seu manto magnífico, decorado com flores, impecável como a

---

[383] [Os Vedangas:] Gramática, Prosódia, Astronomia, Pronúncia, o significado de termos incomuns, e Ritual.

espuma do Amrita quando agitado, e que lançado para trás era seguro por um fecho.

Hanuman, escondido atrás da cortina de ramos frondosos, olhou para ele enquanto ele se aproximava, e de seu esconderijo, aquele elefante entre os macacos viu aquele rei poderoso, Ravana, cercado por noivas belas e jovens, com passos majestosos, entrar naquele bosque, que ecoava ao grito dos cervos e pássaros. Já embriagado, enfeitado com ornamentos de valor inestimável, possuindo orelhas pontudas semelhantes a dardos, cheio de energia, aquele filho de Vaishravas, o senhor dos titãs, apareceu cercado por mulheres encantadoras, como a lua entre as estrelas, e aquele macaco ilustre, vendo-o, refletiu:

"Esse é Ravana de braços longos que anteriormente estava dormindo naquele apartamento suntuoso no centro da cidade".

Em seguida, o valente Hanuman, nascido de Maruta, apesar da sua grande coragem e embora altamente refulgente, viu-se eclipsado pela glória de Ravana e encolheu-se entre os ramos frondosos. Ravana, porém, ansioso para ver Sita de olhos escuros de membros impecáveis, cujos seios se tocavam, e cujos cabelos longos eram negros, caminhou adiante.

Capítulo 19 – A aflição de Sita

Vendo Ravana, o senhor dos titãs, dotado de juventude e beleza, usando trajes suntuosos e joias inestimáveis, a princesa irrepreensível tremia como uma palmeira agitada pelo vento e, cobrindo os seios e a barriga com suas mãos, procurando escondê-los, se encolheu.

Dashagriva contemplou Vaidehi, que era guardada por grupos de titânides, e aquela desafortunada, entregue à aflição, parecia um navio afundando no mar.

Sentada no chão nu, Sita, que era fixa em virtude, se assemelhava a um ramo cortado de uma árvore que caiu na terra. Com seus membros cobertos com um tecido sujo, ela, que era digna de ornamentos, agora não mais adornada, parecia um talo de lótus sujo de lama e, embora radiante, sua beleza estava diminuída.

Em imaginação, ela se refugiou com aquele leão entre os homens, Rama, sua mente uma carruagem puxada por corcéis de resolução, e aquela princesa encantadora, dedicada a Rama, emaciada, chorando, separada de seus parentes, era vítima de ansiedade e tristeza e não via fim para seu infortúnio. Balançando-se para lá e para cá, ela se parecia com a fêmea do rei das cobras sob o feitiço de um encantamento ou o planeta Rohini perseguido por Dhumaketu ou uma mulher santa e virtuosa de uma casa nobre que se encontra, através do casamento, colocada em uma família de origem inferior. Ela parecia uma grande reputação que foi perdida ou uma fé que foi desrespeitada ou uma mente que se tornou nublada ou uma esperança destruída, um futuro destruído, uma ordem mal interpretada, uma região obliterada na destruição do mundo ou uma oferenda rejeitada pelos deuses, uma noite na qual a lua cheia é obscurecida por nuvens ou uma lagoa de lótus devastada, um exército privado de seus guerreiros, uma lua sob eclipse, um rio seco, um altar que foi profanado ou uma chama que foi extinta ou um tanque de lótus desprovido de flores, com suas aves aterrorizadas agitadas pelo barrido de elefantes.

Separada de seu marido, consumida pela dor, ela parecia um rio cujas águas secaram, e por conta de seus membros não terem sido lavados, ela se assemelhava

à noite durante o período da lua minguante. Aquela mulher adorável e graciosa, acostumada a um palácio cheio de gemas preciosas, agora, com membros debilitados, lembrava o talo de um lótus recém-arrancado e murchando ao sol.

Como a elefanta que foi capturada, acorrentada a uma estaca, sofrendo por seu companheiro, suspira repetidamente, assim ela parecia. Seus longos cabelos escuros, totalmente negligenciados, jaziam ao longo de suas costas de modo que ela parecia a terra coberta com uma floresta escura no final da estação chuvosa. Torturada pela fome, tristeza, ansiedade e medo, emaciada, desolada, enfraquecida pela abstinência e entregue à austeridade, angustiada, semelhante a uma deusa, suas mãos estavam unidas oferecendo preces a Rama pela destruição de Ravana.

E vendo aquela irrepreensível Maithili com seus belos olhos escuros e cílios graciosos, Ravana, para sua própria destruição, tentou seduzi-la.

Capítulo 20 – Ravana implora a Sita para se casar com ele

Então Ravana, se aproximando de Sita, que estava desamparada, cercada por titãs do sexo feminino e dedicada a uma vida de austeridade, com doces palavras e gestos corteses lhe falou:

"Ó tu cujas coxas se parecem com a tromba de um elefante, que, vendo-me procuras ocultar os teus seios e o teu corpo como se tivesses medo de mim, ó dama de olhos grandes, eu te amo. Tem piedade de mim, ó tu de aparência charmosa, que és adorada por todo o mundo! Não há nenhum homem aqui presente, nem qualquer titã capaz de mudar sua forma à vontade, portanto, bane o medo que eu inspiro em ti, ó Sita.

"Sempre tem sido o privilégio inquestionável e especial dos titãs se unirem com as esposas de outros, seja levando-as por sua própria vontade ou raptando-as à força. Apesar disso, ó Maithili, eu não porei as mãos em ti já que tu não tens afeição por mim, mas, com relação a mim, eu estou totalmente sob o teu domínio, portanto, confia em mim e corresponde ao meu amor. Ó deusa, não tenhas medo de mim, tem coragem, ó querida, e não te deixes ser consumida pela aflição. Usar apenas uma única trança, ficar sobre a terra em traje sujo e jejuar desnecessariamente não ficam bem para ti. Em minha companhia, ó Maithili, desfruta de guirlandas, perfumes, sândalo, ornamentos, vinho, camas e assentos valiosos, canto, dança e música. Tu és uma pérola entre as mulheres, não permaneças nessa condição, enfeita-te como antes. Tendo te unido a mim, ó dama de forma adorável, o que não será teu?

"A tua juventude encantadora está passando, a qual, como a água de um rio, uma vez passada, não retorna. Ó tu de aparência formosa, o criador da tua formosura, Vishvakrita, após te projetar, cessou seu trabalho, pois eu não vejo ninguém que seja igual a ti em beleza e graça! Quem, depois de ter te visto, resplandecente com beleza, resistiria a ti, ó Vaidehi? Até o próprio Brahma é afetado, quanto mais outros seres? Ó tu cujo rosto parece a lua, sobre qualquer parte do teu corpo que os meus olhos repousem, o meu olhar é fixado. Ó Maithili, torna-te minha consorte e renuncia a essa tua insensatez. Torna-te a rainha principal dessas mulheres numerosas e adoráveis que pertencem a mim. Ó tímida, todo o tesouro que eu ganhei em todos os mundos eu te ofereço como também o meu reino. Ó dama alegre, por tua causa, tendo subjugado toda a terra com suas muitas cidades, eu os concederei ao rei Janaka. Ninguém nessa terra pode resistir à minha

bravura; vê o meu valor imensurável em batalha! Os celestiais e os demônios não me acharam irresistível no campo de batalha quando eu rompi suas fileiras quebrando seus estandartes?

"Portanto cede ao meu desejo e te veste em mantos esplêndidos, deixando gemas brilhantes enfeitarem o teu corpo. Ó tímida, desfruta de todos os luxos e confortos de acordo com a tua vontade, te diverte e distribui terra e tesouro para outros. Vive alegremente dependendo do meu sustento e exerce autoridade suprema. Pelo meu favor, todos os teus parentes compartilharão da tua felicidade. Observa a minha prosperidade e glória, ó dama gentil, o que tu podes esperar de Rama que está vestido em mantos de pele? Ó afortunada, Rama foi privado de seu reino e está sem seu poder, ele pratica ascetismo, seu leito é a terra nua, na verdade, é incerto se ele ainda vive. Ó Vaidehi, Rama nunca será capaz de te encontrar, tu que pareces uma estrela velada por nuvens escuras precedidas por grous. Raghava nunca te livrará das minhas mãos, como Hiranyakashipu não foi capaz de recuperar sua consorte Kirti, que tinha caído sob o domínio de Indra.

"Ó dama de doces sorrisos, ó tu de dentes adoráveis e belos olhos, tu arrebatas meu coração como Suparna captura uma serpente. Embora o teu manto esteja rasgado e manchado e tu estejas sem ornamentos, vendo-te, a minha mente se afasta de todas as minhas outras consortes. Ó filha de Janaka, mantém domínio sobre todas as mulheres do meu harém, que são dotadas de todas as habilidades. Ó princesa de madeixas da cor do corvo, essas mulheres, as mais notáveis entre as belezas do mundo, serão tuas escravas e te servirão como as Apsaras servem Shri. Ó princesa graciosa, desfruta dos prazeres do mundo comigo e das riquezas de Kuvera ao máximo dos teus desejos. Ó deusa, nem em ascetismo, força, destreza, riqueza, nem em fama Rama é igual a mim. Portanto bebe, come, te deleita e te entrega a todos os prazeres. Eu te darei imensa riqueza, não só isso, o mundo inteiro.

"Satisfaze todos os teus desejos em minha companhia, ó tímida, e que os teus parentes compartilhem da tua felicidade também. Enfeitada com pulseiras douradas deslumbrantes, ó bela, em minha companhia percorre os bosques de árvores florescentes nas margens do oceano, onde abelhas pretas zumbem".

Capítulo 21 – Sita rejeita os avanços de Ravana com desdém

Ouvindo as palavras daquele terrível titã, Sita, oprimida pela aflição, respondeu com uma voz fraca e débil. A desafortunada Sita, aflita e tremendo, fiel a seu marido e ansiosa para preservar sua virtude, com seu coração fixo em Rama, colocou uma palha entre Ravana e ela mesma e com um sorriso doce respondeu-lhe, dizendo:

"Pega de volta o teu coração e o coloca nas tuas próprias consortes. Como um pecador não pode aspirar ao céu, assim tu não deves esperar me conquistar. Aquilo que nunca deve ser feito e é condenado em uma mulher fiel ao seu senhor, eu nunca farei. Nascida em uma casa nobre, eu fui unida a uma família piedosa".

Tendo falado assim para Ravana, a virtuosa Vaidehi, virando-lhe as costas, continuou: "Não é apropriado que eu me torne tua esposa visto que eu estou unida a outro. Faze o teu dever e segue as regras prescritas por homens íntegros. As esposas de outros, como as tuas próprias, são merecedoras de proteção, ó rondante noturno. Fornece um bom exemplo e desfruta das tuas próprias consortes. Aquele

canalha que, na inconstância e leviandade de seu coração, não está satisfeito com as suas próprias esposas, será levado à miséria pelas dos outros. Ou não há homens piedosos aqui ou tu não segues o seu exemplo, já que a tua mente é perversa e se desvia do que é virtuoso; ou, os eruditos tendo pronunciado conselhos sábios, tu, para a destruição dos titãs, os ignoras.

"Prosperidade, reino e cidade são todos arruinados nas mãos de um monarca vicioso que não é dono de si mesmo, por isso Lanka, transbordante de tesouros, tendo a ti como seu rei, sofrerá destruição em breve. Ó Ravana, aquele ser perverso que causa a sua própria queda, sucumbe, para a alegria de todos. Quando tu encontrares o teu fim, essa má ação fará os oprimidos dizerem: 'Afortunados somos nós que esse grande tirano caiu'.

"Tu não és capaz de me tentar com fortuna e riquezas; como a luz do sol não pode ser separada do sol, assim eu pertenço a Raghava. Tendo repousado no braço daquele senhor de homens, como eu poderia depender de qualquer outro? Como a verdade espiritual conhecida para um brâmane fiel aos seus votos, eu pertenço somente ao senhor do mundo e estou casada legalmente com ele. Será para o teu próprio benefício me devolver para Rama, infeliz como estou, como uma elefanta esperando ansiosamente seu companheiro na floresta. Cabe a ti procurar a amizade de Rama, aquele leão entre os homens, se tu desejas preservar Lanka, e não quiseres causar a tua própria destruição. Ele é sábio, conhecedor de todos os deveres e sempre pronto a servir aqueles que procuram a sua proteção; faze uma aliança com ele se tu desejas sobreviver. Procura conciliar Rama, que é cheio de devoção aos que nele se refugiam e humildemente me conduze a ele novamente. Se tu me levares de volta ao maior dos Raghus, o teu bem-estar estará garantido, mas se tu agires de outra forma tu estarás condenado. Tu podes escapar do raio de Indra, até mesmo a morte pode te ignorar, mas não haverá refúgio para ti contra a fúria de Raghava, aquele senhor de homens, quando tu ouvires a vibração terrível do arco de Rama parecendo o raio lançado por Indra. Logo aquelas flechas, tendo a marca de Rama e Lakshmana, como serpentes com mandíbulas flamejantes, passarão através de Lanka e aquelas flechas, decoradas com plumas de garça, cobrirão toda a cidade aniquilando os titãs. Como Vainateya leva grandes répteis, assim aquela águia, Rama, rapidamente levará os titãs.

"E como Vishnu tirando a radiante Shri dos asuras por cobrir os mundos com três passos, assim o meu senhor, o destruidor de seus inimigos, me recuperará de ti.

"Esse ato covarde foi perpetrado por ti para te vingar pela destruição de Janasthana e do exército de titãs. Na ausência daqueles dois irmãos, aqueles leões entre os homens que tinham saído para caçar, tu me levaste embora, ó patife vil; mas, cão que tu és, tu não ousaste ficar diante daqueles tigres, Rama e Lakshmana! Riqueza e amigos não te serão úteis em conflito com eles e tu serás derrotado como Vritra de uma mão que entrou em combate com Indra de duas mãos.

"Em breve o meu protetor, Rama, acompanhado por Saumitri, extrairá os teus ares vitais, como o sol com seus raios seca águas rasas. Se tomares refúgio na morada de Kuvera ou, aterrorizado, desceres para o reino de Varuna, tu seguramente perecerás, derrubado pelo filho de Dasaratha, como uma árvore imensa derrubada por um raio".

Capítulo 22 – As ameaças de Ravana

A esse discurso severo da graciosa Sita, o rei dos titãs respondeu asperamente:

"No mundo diz-se que, quanto mais gentileza alguém demonstra para com uma mulher, mais ela se torna responsiva, mas quanto mais bondade eu demonstro para contigo mais tu me repeles. Realmente só o amor que eu tenho por ti reprime a minha ira, como um auriga hábil controla os cavalos que procuram sair da estrada. Imenso de fato é o poder do amor, pois mesmo se o objeto de seu afeto invoca sua raiva, o homem a cobre com piedade e ternura. É por esse motivo, ó dama de aparência encantadora, que eu não te mato, tu mereces a morte e a desonra, tu que te deleitas em ascetismo sem razão. Para cada palavra dura que tu dirigiste a mim, tu mereces um fim terrível, ó Maithili".

Tendo falado assim para Sita, a princesa de Videha, Ravana, senhor dos titãs, cheio de indignação, acrescentou: "Eu te concederei dois meses, como o prazo fixado para ti, depois do qual tu deves compartilhar a minha cama. Se tu te recusares, os meus cozinheiros picarão os teus membros para a minha refeição da manhã".

Ouvindo essas ameaças dirigidas pelo rei dos titãs a Janaki, as filhas dos deuses e dos gandharvas ficaram extremamente perturbadas e, pela expressão de seus lábios e olhos e seus gestos procuraram tranquilizar Sita assim ameaçada por ele.

Encorajada por elas, Sita, fortalecida por sua virtude e seu orgulho de Rama, dirigiu-se a Ravana, o senhor dos titãs, nos próprios interesses dele, dizendo:

"Parece que não há ninguém nessa cidade que deseja o teu bem-estar e, portanto, procura te impedir de fazer esse ato desprezível. Quem nos três mundos desejaria possuir a consorte casta daquele de grande alma, que parece a Sachi de lndra? Ó mais vil dos demônios, como tu escaparás das consequências desse insulto oferecido à consorte de Rama, aquele cujo heroísmo é imensurável? Como um elefante enfurecido encontrando uma lebre na floresta, assim tu, a lebre miserável, encontrarás aquele elefante Rama. Tu não temes dizer insultos ao chefe dos Ikshvakus desde que não estejas em sua presença. Por que esses teus olhos cruéis, terríveis, acobreados não caem, olhando para mim tão luxuriosamente, ó criatura ignóbil? Ó patife desprezível, quando tu ameaçaste a cônjuge daquele Rama de grande alma, a nora do rei Dasaratha, por que a tua língua não secou? Ó de dez pescoços, pelo poder do meu ascetismo, eu poderia te reduzir a cinzas instantaneamente se eu tivesse ordem de Rama. Por causa da minha virtude profunda e observâncias ascéticas, eu nunca poderia ter sido tirada de Rama, se esse teu ato maligno não devesse ser a causa da tua destruição, ó Dashagriva! Ajudado pelo irmão de Kuvera e orgulhoso do teu heroísmo, tu atraíste Rama para longe do eremitério e conseguiste me levar furtivamente".

Ouvindo as palavras de Sita, Ravana, o rei dos titãs, lançou olhares ferozes para ela. Como uma massa de nuvens negras, com seus enormes braços e pescoço, dotado de um andar elefantino, com seus olhos ardentes, sua língua como uma chama dardejante, de imensa estatura, usando um diadema de plumas, coberto com colares, borrifado com perfume, enfeitado com guirlandas e braceletes de ouro, sua cintura envolvida por um cinto azul escuro de modo que ela parecia a montanha Mandara envolvida pela serpente no momento do batimento do oceano; com seus braços vastos, o senhor dos titãs parecia uma montanha com picos gêmeos. Adornado com brincos brilhantes como o sol nascente, ele parecia uma colina entre duas árvores Ashoka cobertas de flores vermelhas e botões ou como a árvore dos desejos ou a primavera encarnada ou um altar em um crematório.

Então Ravana lançou olhares furiosos de seus olhos injetados de sangue para a princesa de Videha e, sibilando como uma serpente, dirigiu-se a ela, dizendo: "Ó tu que és apegada àquele miserável sem recursos ou senso moral, eu te destruirei hoje como brilho do sol é obliterado na hora do anoitecer".

Tendo falado assim para Maithili, Ravana, o opressor de seus inimigos, olhou para aquelas titânides de aparência formidável, algumas das quais tinham um único olho ou orelha, algumas orelhas enormes e algumas orelhas de vacas ou elefantes. Algumas tinham orelhas que pendiam e algumas nenhuma, algumas tinham os pés de elefantes, algumas de cavalos, algumas de vacas, algumas eram peludas, algumas possuíam apenas um único olho e pé, algumas tinham pés enormes e outras nenhum absolutamente. Algumas tinham cabeças e pescoços de tamanho excessivo, algumas enormes peitos e barrigas, algumas bocas e olhos desproporcionalmente grandes ou línguas e unhas longas e algumas não tinham nariz ou possuíam mandíbulas como leões, algumas tinham bocas como bois ou focinhos como porcos.

Então Ravana, trespassando aquelas titânides com seu olhar, disse-lhes: "Ó titãs, procurem, por bem ou por mal, por ameaças ou persuasão ou palavras melíferas ou presentes induzir Sita a olhar para mim com favor".

Repetindo seu comando várias vezes, o rei dos titãs, cheio de desejo e raiva começou a insultar Janaki, no que uma titânide chamada Dhanyamalini, se aproximando de Dashagriva, abraçou-o e disse:

"Ó grande rei, te diverte comigo, que necessidade tu tens desse ser humano que é miserável e cujo semblante é pálido? Ó rei dos titãs, não é com ela que os deuses te destinaram a provar os prazeres excelentes que são a recompensa da força dos teus braços. Aquele que ama alguém que não está disposto se expõe ao tormento, enquanto aquele cujo amor é correspondido desfruta de felicidade perfeita".

Tendo dito isso, a titânide puxou Ravana para longe, mas ele, semelhante a uma massa de nuvens, voltou, rindo com desdém.

Então Dashagriva se afastou, fazendo a terra estremecer, e voltou para o seu palácio, que brilhava com o esplendor do orbe do dia.

Circundando Ravana, as filhas dos deuses e dos gandharvas bem como as da raça de serpentes voltaram para aquela residência suntuosa com ele. Assim Ravana, perturbado pelo desejo, deixou a princesa de Mithila de virtude irrepreensível tremendo e entrou em sua própria habitação.

Capítulo 23 – As titânides procuram persuadir Sita a se casar com Ravana

Tendo falado assim para Maithili e emitido suas ordens para as mulheres titãs, Ravana, o flagelo de seus inimigos, foi embora. E depois que aquele soberano dos titãs retornou para o seu apartamento interno, aquelas mulheres de aparência hedionda caíram sobre Sita e, cheias de ira, se dirigiram a ela em tons ásperos, dizendo:

"Tu não valorizas plenamente uma aliança com o filho de Pulastya, o ilustre Ravana, o magnânimo Dashagriva, ó Sita".

Depois disso, uma entre elas chamada Ekjata, com os olhos inflamados de raiva se dirigiu a Sita de barriga pequena, dizendo: "Segundo a tradição, Pulastya é

o quarto dos seis Prajapatis, um filho nascido da mente de Brahma renomado em todo o mundo, ó Sita, e aquele glorioso asceta Vaishravas brotou da mente daquele grande rishi cuja glória igualava os Prajapatis. Ó princesa de olhos grandes, seu filho era Ravana, o flagelo de seus inimigos; cabe a ti te tornar a consorte daquele rei dos titãs. Por que tu não concordas, ó tu de forma adorável?"

Então outra titânide chamada Harijata, revirando seus olhos que pareciam os de um gato, disse furiosamente: "Tu deves te tornar a esposa daquele que derrotou os trinta e três celestiais e seu rei em combate; tu não desejas ser unida com aquele que é heroico, de destreza indomável e que nunca recua em batalha? Renunciando à sua querida e amada rainha Mandodari, aquele poderoso rei Ravana será teu, e tu irás para o apartamento interno deslumbrante, enriquecido por milhares de mulheres enfeitadas com joias, e serás objeto da adoração dele".

Seguiu-se outra titânide de nome Vikata, que disse: "Aquele que triunfa repetidamente sobre os gandharvas, nagas e danavas por sua coragem em batalha tem feito avanços para ti, por que tu não queres ser a esposa daquele ilustre senhor dos titãs, Ravana, que é dotado de riquezas?"

Em seguida, a titânide Durmukhi falou, dizendo: "Ó senhora de cílios encantadores, por que tu não te entregas a ele, com medo de quem o sol não ousa brilhar nem o vento soprar, por cuja ordem as árvores derramam suas flores e as colinas e as nuvens soltam suas águas?

"Ó bela, por que tu não concordas em ser a consorte daquele rei dos reis, Ravana? Nós falamos dessa maneira para o teu bem-estar; concorda com o nosso pedido, ó deusa de sorrisos doces, ou tu certamente morrerás!"

Capítulo 24 – As ameaças delas

Então todas aquelas titânides de aparência hedionda, unidas repreenderam Sita com palavras duras e desagradáveis, dizendo:

"Por que tu não consentes em morar naquele apartamento interno cheio de leitos caros? Ó senhora, tu prezas a união com um simples homem; afasta Rama dos teus pensamentos, pois certamente tu não o verás mais. Vive feliz com Ravana, o senhor dos titãs como teu consorte que possui o tesouro dos três mundos. Tu és uma mulher, ó beleza irrepreensível, e por isso lamentas por um homem que está banido de seu reino e que leva uma vida de miséria".

Ouvindo as palavras daquelas titânides, Sita, com seus olhos de lótus cheios de lágrimas, respondeu-lhes, dizendo: "O que vocês proferiram é imoral e totalmente condenável e nunca terá a minha aceitação. Uma mulher mortal pode não se tornar a esposa de um demônio. Devorem-me, se quiserem, eu nunca concordarei com o seu pedido. Pobre ou privado de seu reino, ele que é meu marido é meu preceptor espiritual e eu sempre o seguirei, como Suvarchala segue o sol ou a bem-aventurada Sachi permanece ao lado de Indra ou Arundhati perto de Vasishtha ou Rohini ao lado de Shashin, Lopamudra de Agastya, Sukanya de Syavana, Savitri de Satyavat, Shrimati de Kapila, Madayanti de Sandasa, Keshini de Sagara e Damayanti, a filha do rei Bhima, ao lado de seu marido Naishada".

Essas palavras de Sita enfureceram as mulheres titãs, que tinham sido enviadas por Ravana, e elas a oprimiram com recriminações duras e amargas enquanto Hanuman estava agachado silenciosamente na árvore Shingshapa. E aquele macaco ouviu os demônios ameaçando Sita dessa maneira.

Cercando Sita por todos os lados, lambendo seus lábios ardentes repetidamente, e armadas com lanças, elas a ameaçaram em um acesso de raiva, dizendo:

"Tu pensas que o grande rei dos titãs, Ravana, não é digno de ser teu senhor?"

Ameaçada por aquelas titânides de aparência terrível, a adorável Sita, enxugando suas lágrimas, refugiou-se embaixo da árvore Shingshapa, onde, cercada por aquelas mulheres, aquela princesa de olhos grandes, tomada de aflição, sentou-se. E todos aqueles demônios hediondos a oprimiram com críticas, enquanto, vestida com um sari manchado de lama, reduzida ao último extremo, com seu semblante abatido, ela permaneceu absorta em sua dor.

Então, um demônio de aspecto repugnante, chamado Vinata, tendo dentes horríveis, e uma barriga saliente, gritou com raiva:

"Ó Sita, tu demonstraste tua devoção ao teu senhor suficientemente, mas todo excesso leva ao sofrimento. Que o bem te aconteça! Nós estamos satisfeitas, tu preservaste as convenções comuns entre os homens, agora ouve o que eu te direi para o teu bem! Aceita Ravana como teu senhor, ele, o chefe da hoste de titãs que, semelhante a Vasava, triunfa sobre seus inimigos e é corajoso, generoso e bondoso para todos os seres. Abandonando aquele indivíduo miserável, Ramachandra, recebe Ravana como teu marido! Com teu corpo borrifado com perfume celestial e enfeitado com ornamentos excelentes, que tu, ó Vaidehi, semelhante a Swaha, a consorte de Agni, ou a deusa Sachi, esposa de Indra, a partir de hoje te tornes a rainha dos mundos! O que tu farás com Rama que é miserável e tem pouco tempo para viver? Se tu não seguires o meu conselho, nesse mesmo instante nós te devoraremos".

Depois disso, outra titânide, chamada Vinata, com seios pendurados, cerrando os punhos furiosamente se dirigiu a Sita, dizendo:

"Ó tola filha do rei de Mithila, por compaixão e tolerância nós temos suportado a tua fala rude e tu ainda não seguiste o nosso conselho sábio e oportuno. Tu foste transportada para a outra margem do oceano que é inacessível para outros; Ravana te aprisionou em seus aposentos privados para ser guardada por nós, ó Maithili, nem mesmo o próprio Indra pode te libertar. Para de chorar e lamentar e te entrega ao prazer e ao deleite, ó Sita; diverte-te com o rei dos titãs. Ó tímida donzela, tu não sabes quão rapidamente a juventude das mulheres passa? Antes que ela desapareça, passa os teus dias alegremente. Até então percorre as florestas encantadoras, bosques e colinas com o soberano dos titãs, ó tu de olhos brilhantes! Milhares de mulheres te servirão se tu aceitares o senhor de todos os titãs como o teu consorte, mas se tu não seguires o meu conselho, eu vou arrancar teu coração e me banquetear com ele, ó Maithili".

Em seguida, outro titã de olhares ferozes, chamado Chandari, brandindo uma grande lança, disse: "Ao ver essa mulher jovem, com os olhos de uma jovem corça que foi raptada por Ravana e trazida para cá, cujo peito agora está tremendo de medo, eu sinto um desejo intenso de comer o seu fígado, baço, peito, coração, membros e cabeça".

Nisso, uma titânide chamada Praghasa disse: "De que serve discutir sobre ela? Vamos parar a respiração na garganta dessa mulher sem coração e informar Ravana de sua morte. Ele, sem dúvida, dirá: 'Devorem-na'".

O titã Ajamukhi então disse: "Vamos dividi-la em partes iguais; disputa é desagradável para mim; que a nossa bebida favorita e diferentes guirlandas sejam trazidas para cá depressa".

Naquele momento, o demônio Shurpanakha disse: "Eu estou de pleno acordo com as palavras de Ajamukbi, que o vinho que dissipa toda ansiedade seja trazido sem demora. Empanturradas com carne humana, vamos dançar no bosque Nikumbhila".

Ao ouvir as ameaças dos titãs monstruosos, Sita, que parecia a filha de um Deus, com sua resistência no fim, irrompeu em lágrimas.

Capítulo 25 - Sita se entrega ao desespero

As muitas ameaças bárbaras das titânides fizeram a filha de Janaka dar vazão às lágrimas e a nobre Vaidehi, aterrorizada, com a voz entrecortada pelos soluços, respondeu-lhes, dizendo:

"Uma mulher mortal pode não ser a esposa de um titã, me rasguem em pedaços se vocês quiserem, mas eu nunca seguirei seus conselhos".

Rodeada por aqueles demônios e ameaçada por Ravana, Sita, que se parecia com a filha de um deus, não conseguia encontrar amparo em lugar nenhum e, tomada de tremor violento, ela se encolheu para longe delas, como uma corça na floresta, separada do rebanho, cercada por lobos. Agarrando-se ao ramo florido de uma árvore Ashoka, mergulhada em angústia, Sita se lembrou de seu senhor. Rios de lágrimas banhavam seu peito adorável e tomada de aflição, ela não podia ver fim para sua desgraça. Como uma bananeira arrancada pela tempestade, ela jazia, o medo que as titânides inspiravam nela tornando seu rosto pálido; com sua longa trança grossa se movendo para lá e para cá enquanto ela tremia, parecendo uma serpente deslizando.

Gemendo em sua dor e tomada de indignação, Maithili, chorando, começou a lamentar, exclamando com tristeza: "Ó Rama!" E novamente, "Ó Lakshmana", "Ó minha mãe Kaushalya", "Ó Sumitra". "De fato é verdadeiro o ditado dos sábios: 'nem homem nem mulher podem morrer antes que a hora soe', já que atormentada pelos titãs selvagens e separada de Rama, eu ainda sou capaz de sobreviver um instante. Ai de mim! Uma mulher de pouca virtude e miserável, eu estou prestes a morrer longe de meu protetor como um navio carregado afunda em meio às ondas impelido pelas rajadas de vento da tempestade. Na ausência de meu marido, eu estou afundando sob o peso da minha aflição, como a margem de um rio corroída pela correnteza. Felizes são aqueles que podem olhar para o meu senhor, cujos olhos se assemelham às pétalas das árvores florescentes, cujo porte é como o de um leão e que é cheio de gratidão e de fala gentil. Desprovida da presença de Rama de alma subjugada, para mim é tão difícil respirar quanto para aquele que engoliu um veneno virulento, e de agora em diante a minha vida está perdida. Qual erro hediondo eu cometi em uma existência anterior que eu tenho agora que sofrer tal infortúnio cruel? Tão intensa é a minha dor que eu desejo morrer, mas, ai de mim, eu estou cercada por essas mulheres titãs e não posso me reunir com Rama. Maldita seja a condição humana, maldita seja a dependência de outros, visto que não se pode abandonar a própria vida quando se assim deseja".

Capítulo 26 – Sita profetiza a destruição do titã

Com seu rosto banhado em lágrimas, de cabeça baixa a filha de Janaka começou a lamentar mais uma vez e, perturbada pela angústia, fora de si, ela rolou sobre a terra como um potro como se ela tivesse perdido a razão, gritando:

"Eu, a esposa de Raghava, que se permitiu ser enganado pelos titãs capazes de mudar sua forma à vontade, fui capturada pelo cruel Ravana que me raptou. Tendo sido feita prisioneira pelos titãs, sujeita aos seus insultos e ameaças, mergulhada em tristeza e ansiedade, eu já não sou capaz de suportar a vida. De que me servem existência, riqueza ou joias, vivendo em meio aos demônios longe de Rama do grande carro?

Certamente o meu coração deve ser de ferro, eterno e imperecível, já que ele não se quebra sob a minha aflição. Ai de mim, criatura vil e perversa que sou, já que eu ainda respiro, na ausência de meu senhor. Nem o meu pé esquerdo tocará aquele vagueador noturno, como eu sentiria algum amor por Ravana, um titã? Ele, que em sua perversidade procura me seduzir, não está familiarizado com a minha natureza, nem com a minha linhagem, nem com a aversão que eu tenho por ele. Dilacerada, despedaçada membro a membro ou lançada no fogo, eu nunca me submeterei a Ravana, de que adianta mais discussão?

"É bem sabido que Raghava é justo, grato e compassivo; que ele tenha se tornado impiedoso é devido ao meu mau karma. Ele não me libertará, ele que em Janasthana destruiu sozinho quatorze mil titãs? Mesmo que Lanka estivesse no meio do mar e inacessível, as flechas de Raghava superariam todos os obstáculos. O que pode impedir o valente Rama de se reunir com sua amada esposa, que foi sequestrada por um titã? Eu temo que o irmão mais velho de Lakshmana não saiba que eu estou aqui, pois se ele soubesse, aquele guerreiro não toleraria essa afronta.

"O rei dos abutres, que teria informado Rama do meu rapto, foi morto por Ravana na luta. Grande de fato foi a coragem mostrada por Jatayu ao vir me ajudar e, apesar de sua idade, procurar destruir Ravana. Se Raghava soubesse que eu estava aqui, nesta mesma hora ele livraria o mundo de titãs com suas flechas flamejantes; ele queimaria Lanka, engoliria o oceano e destruiria o poder de Ravana. De cada residência os gemidos e gritos das titânides, com seus maridos mortos, se ergueriam, como os meus agora ou até mais altos, e Rama, auxiliado por Lakshmana, percorreria a cidade, matando os titãs, pois o inimigo que fica frente a frente com eles perde a vida instantaneamente. Então Lanka, com suas ruas cheias de fumaça saindo das piras funerárias, rodeada por guirlandas de abutres, logo pareceria um ossuário. Logo eu serei vingada! Esse caso vai lhes custar tudo o que lhes é caro, pois esses presságios inauspiciosos podem ser vistos em Lanka, que em breve ela será despojada de seu esplendor.

O rei dos titãs, o vicioso Ravana, tendo sido morto, Lanka, agora próspera e feliz, parecerá uma viúva. Indubitavelmente eu logo ouvirei os lamentos das filhas de titãs em cada moradia, lamentando em sua tristeza. Mergulhada em trevas, desprovida de sua glória, com seus titãs valentes mortos, a cidade de Lanka perecerá, consumida pelas flechas de Rama, quando aquele herói, os cantos de cujos olhos são vermelhos, souber que sou mantida em cativeiro na residência do titã. O tempo fixado pelo cruel e perverso Ravana está próximo e aquele patife vicioso resolveu me destruir. Ignorar o que é proibido é a prática desses demônios vis. Terrível é a calamidade que seguirá esse ultraje; esses titãs que vivem de carne são ignorantes da virtude. Seguramente aquele titã pretende que eu seja a sua refeição da manhã; eu estou desamparada, o que eu posso fazer na ausência do

meu amado? Sem a presença do meu senhor, cheia de aflição, não vendo Rama, os cantos de cujos olhos são vermelhos, que eu logo veja o deus Vaivasvata! Não só isso, o irmão mais velho de Bharata não sabe que eu ainda estou viva, senão ele e Lakshmana teriam percorrido a terra em busca de mim. Sem dúvida, subjugado pelos meus inimigos, aquele guerreiro, o irmão mais velho de Lakshmana, renunciou ao seu corpo e se dirigiu para a região celeste.

Felizes são os deuses, gandharvas, siddhas e os grandes rishis que são capazes de olhar para o heroico Rama. Pode ser que o sagaz e nobre sábio Rama esteja absorto no Absoluto e já não tenha nenhuma necessidade de uma esposa, ou que aquele que está presente inspira alegria, mas os ausentes são esquecidos. Talvez a culpa seja minha, e eu perdi o direito à felicidade, eu, a encantadora Sita, separada do ilustre Rama. A morte para mim é preferível à vida, desprovida daquele magnânimo, daquele grande herói de façanhas imperecíveis, o destruidor de seus inimigos! Pode ser que os dois irmãos, aqueles chefes de homens, tenham deposto suas armas, eles que se alimentam de raízes e frutos silvestres, passando suas vidas na floresta, ou eles foram mortos por traição pelo vil Ravana, o último dos titãs. Se for assim, então, com todo o meu coração eu almejo a morte, nem ela está proibida para mim em minha angústia. Abençoados são aqueles ascetas de grande alma que são iluminados, com seus sentidos subjugados, para quem não há nem desejo nem aversão; para eles, nem amor nem ódio dão origem à alegria ou à dor; eles são livres; saudações àqueles grandes seres! Abandonada pelo amado Rama, versada na ciência da alma e tendo caído em poder do vicioso Ravana, eu renunciarei à minha vida".

Capítulo 27 – O sonho de Trijata

Essas palavras de Sita despertaram grande fúria nas titânides e algumas correram para repeti-las para aquela criatura vil, Ravana.

Em seguida, aqueles monstros de aspecto medonho se aproximaram dela e começaram a ameaçá-la da mesma forma como antes, igualmente com pouco sucesso e algumas disseram:

"Ó desprezível Sita, esses demônios cuja destruição tu planejaste devorarão a tua carne ao seu bel prazer".

Vendo Sita ameaçada por aqueles demônios vis, Trijata, que era idosa e prudente, disse-lhes: "Ó miseráveis, devorem-me, mas não ponham as mãos em Sita, a filha de Janaka e a querida nora do rei Dasaratha. Ontem à noite, eu tive um sonho terrível de arrepiar, prevendo a derrota dos titãs e o triunfo do marido dessa mulher".

Ouvindo essas palavras proferidas por Trijata, todas aquelas mulheres titãs, cheias de ira, aterrorizadas, exigiram que ela falasse mais, dizendo: "Conta o tipo do teu sonho e o que tu viste na noite passada".

Ouvindo essas palavras saindo dos lábios das mulheres titãs, Trijata começou a relatar o sonho que tinha chegado a ela na madrugada, dizendo:

"Eu vi uma carruagem celeste feita de marfim, puxada por cem cisnes percorrendo as regiões etéreas na qual Raghava acompanhado por Lakshmana estava, vestido em traje deslumbrante, adornado com guirlandas. E eu vi Sita usando o branco mais puro, de pé em uma montanha branca como a neve cercada pelo oceano, e ela estava reunida com Rama, como a luz com o sol. E, além disso,

eu vi Raghava sentado em um elefante imenso possuindo quatro presas, semelhante a uma montanha, como também Lakshmana, após o que aqueles dois leões entre os heróis, flamejantes com seu próprio esplendor, se aproximaram de Janaki vestida em mantos deslumbrantes e enfeitada com guirlandas. Nisso, ela subiu nos ombros de um elefante conduzido por seu senhor, aparecendo no céu perto do cume daquela montanha! Depois disso, aquela de olhos de lótus subiu no ar a partir do abraço de seu marido e eu a vi apagando o sol e a lua com a mão. Então aquele principal entre os elefantes com os dois príncipes e Sita de olhos grandes permaneceram sobre Lanka.

"E, também, em sonho, eu vi Rama, e vestido em trajes brilhantes, usando guirlandas, acompanhado por Lakshmana, em uma carruagem puxada por oito bois brancos e eu vi aquele principal dos homens, Rama, cuja essência é coragem, com seu irmão Lakshmana e Sita ascendendo em um carro celeste florido, brilhante como o sol, indo para as regiões do norte.

"Então eu vi Ravana, jazendo no chão coberto de óleo, raspado, vestido de vermelho, enfeitado com flores de oleandro, embriagado e ainda bebendo. E eu o vi cair da carruagem florida, Pushpaka, para a terra, despojado, usando um traje preto, arrastado para lá e para cá por uma mulher. Depois disso eu o vi sentado em uma carruagem puxada por burros, vestido de vermelho, com seu corpo manchado do mesmo modo, bebendo óleo de gergelim, rindo e dançando, com sua mente confusa, seus sentidos nublados, acelerando em direção ao sul. Mais uma vez eu vi Ravana, o senhor dos titãs, amedrontado, cair de cabeça na terra, depois disso saltando de repente, assustado, tonteado com o licor, cambaleando nu como um louco, incapaz de falar, porém balbuciando continuamente, fétido e sujo, parecendo o próprio inferno. Em seguida, indo para o sul, ele entrou em um lago onde até a lama tinha secado e uma mulher escura vestida de vermelho, coberta de lama, colocou uma corda em volta do pescoço de Dashagriva arrastando-o para a região da morte.

"Lá eu vi o poderoso Kumbhakarna e todos os filhos de Ravana, com suas cabeças raspadas, lambuzados de óleo. Dashagriva montava um javali, Indrajita uma toninha e Kumbhakarna um camelo; só Bibishana me apareceu de pé no espaço, sob um dossel branco, acompanhado por quatro ministros. Então um grande grupo de titãs usando guirlandas vermelhas e traje sujo passou, tocando instrumentos de cordas, dançando e bebendo. E vi a encantadora cidade de Lanka, cheia de elefantes, carros e cavalos, com seus portões e arcos despedaçados, caindo no mar. E em Lanka, carmesim com chamas, as titânides estavam rindo e criando um terrível clamor, bebendo óleo. Eu vi Kumbhakarna e todos os outros titãs, de cor escura, vestindo túnicas escarlates, caindo de cabeça em uma fossa.

"Que vocês partam agora já que Raghava está prestes a ser reunido com Sita e, em ira extrema, exterminaá todas vocês com os titãs. Se a sua consorte amada e reverenciada, que, por amor a ele, seguiu-o até a floresta, for ameaçada e atormentada por vocês, Raghava nunca tolerará o insulto. Chega, portanto, dessas ameaças hostis, ocupem-se em consolá-la e implorem seu perdão; vocês devem procurar influenciar Vaidehi pela persuasão. Aquela desafortunada, por cuja causa eu tive um sonho tão significativo, está prestes a ser libertada de suas angústias e reunida ao seu senhor amado e ilustre mais uma vez. Mesmo após as ameaças proferidas por vocês, vamos desistir de todas as palavras duras e implorar seu perdão. Na verdade, um desastre terrível para os titãs virá de Raghava. Por se jogarem aos pés dela vocês podem aplacar Maithili, a filha de Janaka, que é capaz de nos proteger de uma grande calamidade. Além disso, eu não encontro nenhum

defeito nessa senhora de olhos grandes, nem a mínima imperfeição em nenhum dos seus membros.

Realmente eu considero que a desgraça que se abateu sobre esta deusa, que não merece a adversidade, não tem mais substância do que uma sombra.

"Eu prevejo a realização imediata dos desejos de Vaidehi, a destruição do rei dos titãs e o iminente triunfo de Raghava. Vejam as indicações de grande alegria, mantidas sob controle por essa senhora, na contração de seu olho esquerdo grande como uma pétala de lótus e sem causa aparente; o leve tremor do braço esquerdo dessa filha virtuosa de Videha, sua coxa esquerda também, semelhante a uma tromba de elefante, está tremendo, como se o próprio Raghava estivesse diante dela, e as criaturas aladas aninhadas nos ramos acima dela estão emitindo sua canção como se para anunciar a chegada de uma hora auspiciosa".

Então, aquela mulher modesta e jovem, muito encantada com a perspectiva da vitória de seu marido, disse a elas: "Se isso se revelar verdadeiro eu serei sua protetora".

Capítulo 28 – O lamento de Sita[384]

Ouvindo as palavras cruéis daquele rei dos titãs, Ravana, a infeliz Sita começou a tremer, como uma elefanta atacada por um leão na margem da floresta.

Ameaçada por Ravana e rodeada pelos titãs, aquela donzela tímida cedeu ao desespero como uma moça abandonada em uma floresta.

Ela refletiu: "Os sábios verdadeiramente afirmam que a morte não vem antes da hora marcada, pois, criatura indigna que sou, eu ainda vivo após esses insultos. Desprovida de felicidade, cheia de angústia, o meu coração deve ser duro de fato que ele não se parte em cem pedaços neste dia, como o topo de uma montanha atingido por um raio. Mais ainda, eu não sou a culpada por isso – eu posso ser morta por aquele monstro terrível, mas eu não posso dar-lhe o meu afeto mais do que um brâmane pode transmitir os ensinamentos do Veda para alguém de casta baixa. Se aquele senhor dos mundos não aparecer na hora determinada, aquele vil rei dos titãs vai me cortar em pedaços com suas armas afiadas como um cirurgião corta o feto do âmago de sua mãe. Dois meses passarão rapidamente e eu terei que sofrer a dor da morte, criatura infeliz que sou, como um ladrão, que tendo desobedecido ao seu soberano é amarrado e levado para a execução quando a noite acaba.

"Ó Rama, ó Lakshmana, ó Sumitra! Ó mãe de Rama! Ó minhas mães! Eu estou prestes a perecer miseravelmente como um navio afundando no mar golpeado pela tempestade. Certamente aqueles dois príncipes valentes devem ter caído sob os golpes daquela criatura disfarçada como um cervo, como um touro ou leão atingido pelo raio. Não há dúvida de que era o destino na forma de um cervo que me

---

[384] [Observe a descontinuidade do texto. Griffith explica: "Eu omito o Vigésimo Oitavo e Vigésimo Nono Cantos como uma interpolação inequívoca. Em vez de avançar a história ela volta para o Décimo Sétimo Canto, contendo uma lamentação de Sita depois que Ravana a deixou, e descreve os sinais auspiciosos enviados para animá-la, o pulsar do seu olho esquerdo, braço e lado. O Canto é encontrado na edição revisada de Bengala. Gorresio o traduz, e observa: 'Eu penso que o Capítulo XXVIII – Os Sinais Auspiciosos – é uma adição, uma interpolação posterior pelos rapsodistas. Ele não tem nenhum elo com o que o precede ou o segue, e pode ser excluído não só sem prejuízo, mas positivamente para o benefício do poema. A métrica na qual esse capítulo está escrito difere da que é geralmente adotada no decorrer do poema'"].

iludiu, criatura desafortunada que eu sou, e em minha tolice eu enviei aqueles dois príncipes, Rama e Lakshmana, para capturá-lo. Ai de mim! Ó Rama, ó tu de votos verdadeiros e braços longos! Ó tu, cujo rosto brilha como a lua cheia! Ó minha vida, tu, o benfeitor e amigo de todos os seres, não sabes que estou prestes a ser morta pelos titãs. Para mim, que não tenho outro deus a não ser meu marido, a minha paciência, o meu sono sobre a terra nua, a minha observância do dever e a minha devoção ao meu marido foram todos em vão, como um serviço prestado a quem é ingrato. Foi inútil eu ter cumprido o meu dever e ser totalmente dedicada a ti somente já que eu não te vejo, e na tua ausência, definhando, pálida e fraca, abandonei toda a esperança de me reunir contigo. Tendo cumprido corajosamente as ordens do teu pai, tendo cumprido o teu voto, voltando da floresta, tu te divertirás com muitas damas de olhos grandes em paz. Ó Rama, eu, que concebi um amor duradouro por ti, para a minha própria destruição era totalmente apegada a ti; tendo praticado ascetismo e observado os meus votos, eu estou prestes a perder a minha vida, ai de mim, infeliz miserável que sou! Alegremente eu tiraria minha vida por meio de veneno ou por armas afiadas, mas não há ninguém que os trará para mim nessa cidade de titãs".

Dominada pela tristeza, refletindo por um longo tempo, Sita desfez o cordão que prendia seu cabelo, dizendo: "Eu vou me enforcar com essa corda e alcançar a morada da morte".

Então a adorável Sita, cuja forma era cheia de graça, segurou um ramo da árvore sob a qual ela estava e ficou absorta em pensar em Rama, Lakshmana e seus parentes; e muitos sinais auspiciosos, removendo a sua angústia e lhe dando e coragem, bem conhecidos no mundo, apareceram para ela, indicando o advento de bem-estar futuro.

Capítulo 29 – Sita observa presságios auspiciosos

Enquanto a princesa irrepreensível e encantadora permanecia desprovida de alegria e cheia de ansiedade, ela contemplou presságios auspiciosos por todos os lados, parecendo servos dispostos assistentes de um homem rico. E o grande olho esquerdo daquela senhora de aparência adorável, com sua pupila escura, começou a se contrair como um lótus colocado para girar por um peixe. E seu belo braço roliço e arredondado, borrifado com sândalo e aloés, que antes disso tinha servido para seu senhor como um travesseiro, começou a tremer repetidamente. Sua coxa esquerda, semelhante à tromba afunilada de um elefante, moveu-se convulsivamente predizendo que ela em breve veria Rama, e o sari dourado, agora coberto de poeira, de Maithili de olhos grandes, cujos dentes eram como as sementes de uma romã, escorregou dos seus belos ombros.

Confortada por esses sinais e outros também, que prediziam um final feliz, Sita de cílios adoráveis parecendo uma planta seca pelo vento e pelo sol revivendo sob a chuva tardia, sentiu uma grande felicidade. Então seu rosto, seus lábios como o fruto Bimba, seus belos olhos, a curva de seus cílios e seus dentes afiados, recuperaram sua beleza mais uma vez como a lua saindo da boca de Rahu.

Com seu desespero e exaustão eliminados, sua febre dissipada, sua tristeza foi amenizada e seu coração cheio de alegria, aquela senhora nobre parecia tão bela quanto a lua de raios frios no seu período crescente.

Capítulo 30 – As reflexões de Hanuman

O valente Hanuman, que ouviu tudo o que Sita, Trijata e os titãs tinham dito, contemplou aquela donzela ilustre que parecia um ser celestial dos Jardins de Nandana, e muitos pensamentos passaram pela mente daquele macaco.

Ele refletiu: "Ela, que foi procurada em todos os lugares por milhares e milhões de macacos, está aqui e fui eu que a encontrei. Empenhado como um espião hábil para descobrir a força do inimigo eu entrei furtivamente na cidade, e sei tudo sobre a força de Ravana e os recursos dos titãs como também da sua capital. Eu devo consolar a esposa daquele príncipe incomensuravelmente ilustre, que é compassivo para com todos os seres, pois ela está definhando por seu senhor. Eu procurarei ganhar a confiança dessa senhora, cujo rosto parece a lua cheia, que antigamente não conhecia o sofrimento e que não pode ver nenhum fim para os seus infortúnios. Se eu voltar sem ter confortado aquela senhora virtuosa cuja alma está oprimida pela dor, a minha viagem terá sido em vão. Em verdade, quando eu tiver partido, essa ilustre princesa Janaki, abandonando toda a esperança de libertação, renunciará à sua vida e aquele guerreiro de braços longos, cujo rosto parece a lua cheia, ansioso para ver Sita, é igualmente digno de consolo. Falar com ela na presença desses titãs é impossível, então o que devo fazer? Eu estou em um grande dilema. Se eu não lhe der alguma tranquilidade na última hora da noite, ela sem dúvida desistirá da sua vida e se Rama me perguntar, "O que Sita de cintura fina disse?" que resposta eu posso dar a ele se eu não tiver conversado com ela? Se eu voltar sem ter alcançado meu objetivo em relação Sita, Kakutstha me consumirá com seu olhar ardente, então seria em vão instar meu senhor a agir por causa de Rama, colocando-se à frente de suas tropas.

"Eu vou aproveitar a primeira oportunidade oferecida por essas titânides para tranquilizar essa senhora extremamente atormentada, porém, nessa forma insignificante e aparência de macaco, se eu assumir uma voz humana e falar em sânscrito como um sábio, Sita julgará que eu sou Ravana e ela ficará aterrorizada! É essencial, todavia, que eu me exprima na língua humana, como de outra forma eu posso inspirar essa senhora irrepreensível com coragem? Vendo a minha forma e me ouvindo falar, Janaki, que tem sido aterrorizada pelos titãs, será tomada por um medo ainda maior e a ilustre Sita de olhos grandes irá gritar, imaginando que eu sou Ravana, que é capaz de mudar de forma à vontade.

"Ouvindo o seu grito, todo o grupo de titãs, armado com todos os tipos de armas, vai tomar a forma uma grande massa parecendo a própria morte e, medonho e indomável, avançará em mim por todos os lados e procurará me destruir ou me capturar. Então, vendo-me saltar de galho em galho e subir ao topo das árvores mais altas, eles ficarão extremamente alarmados e encherão a floresta com seus gritos selvagens; depois disso eles chamarão os titãs que estão empenhados em guardar o palácio do rei para auxiliá-los e, por conta de sua excitabilidade natural, pegarão todos os tipos de armas, lanças, dardos e espadas e se apressarão para juntar-se à luta. Totalmente cercado por eles, se eu matar aquela hoste de titãs, exausto, eu serei incapaz de cruzar o oceano ou eles, me excedendo em número, terão êxito em me capturar e, sendo um prisioneiro, aquela dama não colherá nenhum benefício da minha tentativa.

"Alternativamente, em sua paixão por fazer o mal, eles podem até matar a filha de Janaka, o que vai frustrar completamente o grande plano de Rama e Sugriva! Janaki vive em um lugar inacessível e secreto cercado pelo mar, guardada por todos os lados pelos titãs com todos os seus acessos fechados. Se eu for morto

ou capturado pelos titãs em combate, eu não conheço nenhum outro macaco que possa atravessar as quatrocentas milhas de mar. Mesmo se eu destruísse milhares de titãs, eu então não seria capaz de alcançar a outra margem do vasto oceano. Batalhas são arriscadas e eu não gostaria de se envolver em um empreendimento tão incerto; que pessoa sábia correria qualquer risco em questão de confiança? Seria um grande erro assustar Vaidehi por abordá-la, mas se eu não fizer isso ela certamente perecerá. Empreendimentos muitas vezes falham por causa de um mensageiro incompetente incapaz de tirar proveito de hora e lugar, como a escuridão é superada pelo sol nascente; em tais casos, quer se trate da realização ou evitação de qualquer assunto, os projetos mais amplamente planejados não têm sucesso. Seguramente um mensageiro presunçoso arruína tudo! Como devo agir, portanto, de modo que a minha missão não se revele vã? Como eu me mostrarei à altura dessa responsabilidade? Como a travessia do oceano não se evidenciará ter sido inútil? Como posso convencer Sita a me ouvir sem inspirar medo nela?"

Tendo feito todas essas perguntas para si mesmo, Hanuman tomou a seguinte decisão:

"Eu falarei a ela sobre Rama de obras imortais, pois então a sua querida consorte não terá medo de mim já que ela está totalmente absorta em pensar em seu senhor. Com uma voz suave, proferindo o nome de Rama, o principal dos Ikshvakus de alma subjugada, e louvando sua piedade e renome em tons agradáveis, eu induzirei Sita a me ouvir. Não há nada que eu faria para inspirá-la com confiança".

Então, o poderoso Hanuman, olhando para baixo para a consorte do senhor do mundo a partir dos ramos da árvore onde ele estava escondido, falou com ela em tons melodiosos e sinceros.

Capítulo 31 – Hanuman louva Rama

Tendo examinado a questão sob todos os aspectos, aquele macaco inteligente começou a derramar doces palavras no ouvido de Vaidehi, dizendo:

"Havia um rei chamado Dasaratha, o possuidor de carruagens, cavalos e elefantes, alguém devoto e ilustre por natureza, a glória dos Ikshvakus. Não ferir ninguém era sua alegria e ele era magnânimo e compassivo, um verdadeiro herói de sua linhagem que encontrou seu esplendor e o crescimento da sua prosperidade nele. Provido de toda insígnia de realeza e majestade, que leão entre os reis, famoso nas quatro regiões, derramava a felicidade da qual ele desfrutava sobre todos. O seu amado filho mais velho, cujo semblante era tão brilhante quanto a lua, se chamava Rama, possuidor de um intelecto aguçado e o mais hábil dos arqueiros. Fiel aos seus votos, o defensor de seu povo, o protetor de todos os seres, defensor da justiça, ele era o flagelo de seus inimigos.

"Por ordem de seu pai idoso, sua palavra seu vínculo, aquele herói acompanhado de sua consorte e seu irmão foi banido para a floresta. Enquanto entregando-se à caça naquela vasta solidão, ele matou um grande número de titãs valentes que eram capazes de mudar de forma à vontade.

Quando Ravana soube que ele tinha destruído Janasthana e matado Khara e Dushana, ele, em fúria, raptou Janaki, tendo atraído seu marido para longe na floresta com a ajuda de Maricha na forma de um cervo.

"Durante a busca em todos os lugares para encontrar a divina e irrepreensível Sita, Rama encontrou um amigo na floresta, o macaco Sugriva. Provocando a destruição de Bali, Rama, o conquistador de cidades hostis, conferiu o reino dos macacos ao magnânimo Sugriva e por seu decreto, milhares de macacos, capazes de mudar sua forma à vontade, partiram para procurar por aquela deusa em todas as regiões. Eu sou um dos daqueles que, a pedido de Sampati, cruzou o mar de quatrocentas milhas de largura, por causa daquela beleza de olhos grandes. Ouvindo de Rama sobre a sua beleza, graça e características distintivas, eu finalmente pude encontrá-la".

Tendo falado assim, aquele touro entre os macacos ficou em silêncio.

E Janaki ficou extremamente surpresa, ouvindo aquele discurso e afastando seus adoráveis cabelos emaranhados que escondiam seu rosto, ela olhou para cima para a árvore Shingshapa.

Ouvindo as palavras daquele macaco, Sita olhou interrogativamente para os quatro quadrantes e outras regiões, enquanto uma alegria extrema inundou todo o seu ser quando ela se lembrou de Rama. Então, olhando de um lado para outro e para cima e para baixo, ela avistou o filho de Vata, que se parecia com o sol nascente, aquele ministro do rei dos macacos de sabedoria incomparável.

Capítulo 32 – Sita vê Hanuman

Vendo aquele macaco de fala agradável, vestido em traje branco, semelhante a um lampejo de relâmpago, agachando-se escondido entre os ramos, brilhante como um grupo de flores Ashoka e como o ouro refinado no cadinho, Sita ficou muito agitada.

Observando aquele principal dos macacos de aparência humilde, Maithili disse para si mesma em extrema surpresa: "Ah! Que macaco de aspecto terrível, inaceitável e horroroso de se ver".

Pensando assim, seus temores aumentaram e ela irrompeu em inúmeras lamentações queixosas. Então a encantadora Sita gritou em seu terror: "Ó Rama, ó Rama, ó Lakshmana!" e a voz daquela princesa virtuosa ficou cada vez mais fraca até que, mais uma vez lançando seus olhos naquele macaco excelente, que tinha assumido uma atitude reverente, Maithili disse para si mesma: "Isso deve ser um sonho".

Observando o rosto daquele Indra entre os macacos com suas cicatrizes profundas como já foi descrito e, olhando para aquele símio excelente, o filho mais ilustre do vento, o primeiro dos sábios, Sita perdeu a consciência e se tornou como um morto. Depois disso, lentamente recuperando seus sentidos, ela disse para si mesma: "Essa visão de um macaco é condenada pelas escrituras e é um sonho de maus auspícios! Pode estar tudo bem com Rama, que é acompanhado por Lakshmana, e com meu pai, o rei Janaka? No entanto, pode não ser um sonho pois, na tristeza e infortúnio que me oprimem, eu já não sou capaz de dormir e, longe dele cujo semblante parece a lua cheia, nenhuma alegria me resta. Por pensar constantemente e chamar por Rama, eu imagino que eu ouço e vejo somente as coisas que estão relacionadas a Rama. Pois o meu amor é um tormento, todo o meu ser flui para ele, sempre absorta em sua relembrança eu vejo e ouço apenas a ele. Isso é uma ilusão? Isso é o que me perturba e me torna inquieta. Eu julgo que este é somente um fantasma da mente ainda pensando assim, eu ainda o vejo, enquanto

um objeto imaginário nunca pode ter uma forma e ele que está se dirigindo a mim dessa maneira tem uma forma distinta. Saudações a Vachaspati que é acompanhado pelo deus que porta o raio! Saudações a Swyambhu e ao deus que compartilha de oferendas! Que eles permitam que a criatura que falou na minha presença seja real e não ilusória!"

Capítulo 33 – A conversa de Hanuman com a princesa Sita

Deslizando para baixo da árvore, Hanuman, cujo rosto era da cor do coral, vestido de um modo humilde, aproximou-se de Sita, e aquele filho poderoso do vento com as palmas unidas se dirigiu a ela em voz suave, dizendo:

"Quem és tu, ó senhora, cujos olhos parecem pétalas de lótus, que, vestindo um traje de seda sujo estás te apoiando no ramo da árvore? Ó irrepreensível, por que lágrimas de sofrimento estão caindo dos teus olhos, que parecem o lótus, como água flui de um vaso quebrado? Ó formosa, quem és tu entre os celestiais, titãs, nagas, gandharvas, rakshas, yakshas e kinnaras? Ou os Rudras alegam que tu és nascida deles ou os deuses do vento ou os Vasus, ó dama de feições primorosas? Para mim tu apareces ser de origem divina. Tu és Rohini, a mais notável e mais brilhante das estrelas, que, separada da lua caiu da morada dos imortais? Ou tu és a adorável Arundhati de olhos escuros, que fugiu por ira ou por orgulho de seu senhor, Shri Vasishtha? É por um filho, um pai, um irmão ou um marido, cuja partida desse mundo tu estás lamentando, ó senhora de cintura fina? Por tuas lágrimas e suspiros e tua situação sobre a terra, me parece que tu não és um ser celestial e, além disso, tu sempre e muitas vezes chamas o nome de um rei. A partir dos sinais no teu corpo eu creio que tu és a consorte ou a filha de um monarca. Tu não és Sita, que foi raptada impiedosamente por Ravana de Janasthana? Que a prosperidade te acompanhe! Pela tua situação miserável, a tua beleza incomparável e o teu traje ascético, eu julgo que tu és a consorte de Rama".

Ouvindo as palavras de Hanuman e cheia de alegria ao ouvir o som do nome de Rama, Vaidehi respondeu a ele, enquanto ele estava sob a árvore, dizendo:

"Eu sou a nora de Dasaratha, o principal entre os reis do mundo, um conhecedor do Eu, o destruidor de exércitos hostis. Eu sou a filha do rei Janaka, o soberano magnânimo de Videha e meu nome é Sita, a consorte do altamente inteligente Rama, que é dotado de sabedoria. Por doze anos eu morei na casa de Raghava, experimentando todas as alegrias terrenas e satisfazendo todos os desejos. No décimo terceiro ano, o rei, com a aprovação de seus ministros, resolveu instalar Rama, a alegria da casa de Ikshvaku, no trono. Quando eles estavam se preparando para ungir como Rama herdeiro legítimo, a rainha Kaikeyi se dirigiu a seu senhor, dizendo:

"Eu não comerei nem beberei do que me for servido diariamente, mas porei fim à minha existência, se Rama for instalado. Que as bênçãos que, por gratidão, tu me concedeste, sejam cumpridas e que Raghava vá para a floresta'.

"O rei, fiel à sua obrigação, recordou as bênçãos feitas para a rainha e ouvindo aquelas palavras cruéis e desagradáveis se perdeu em tristeza. Então aquele monarca idoso, aderindo firmemente ao seu voto, chorando, suplicou ao filho mais velho para renunciar ao trono. Aquele príncipe ilustre para quem as palavras de seu pai deviam ser mais valorizadas do que o trono, concordando interiormente, prometeu obedecer. Rama, sempre um doador, que não buscava retorno,

verdadeiro, nunca proferindo uma falsidade mesmo que lhe custasse a vida, é essencialmente corajoso. Pondo de lado suas vestes caras, o altamente glorioso Rama, de todo o coração, renunciou ao reino e me entregou aos cuidados de sua mãe, mas eu, assumindo o traje de um asceta, rapidamente me preparei para acompanhá-lo à floresta, pois, separada dele, eu não poderia suportar viver nem mesmo nas regiões celestes. Então o afortunado Saumitri, o intensificador da alegria de seus amigos, vestindo trajes de pele e grama kusha também se preparou para seguir seu irmão mais velho. Em deferência à vontade de nosso soberano, firmes em nossos votos, nós entramos na floresta escura e desconhecida. Enquanto ele de esplendor imensurável estava morando na floresta de Dandaka, eu, sua consorte, fui levada pelo titã, Ravana de alma perversa. Dois meses é o tempo fixado por ele, depois do qual eu devo morrer".

Capítulo 34 – A incerteza de Sita ao ver Hanuman

Ouvindo as palavras de Sita, que estava angustiada, Hanuman, o principal entre os macacos, para tranquilizá-la, disse:

"Ó divina Vaidehi, por decreto de Rama eu vim como um mensageiro para ti; ele está seguro e pergunta sobre o teu bem-estar. Rama, o filho de Dasaratha, que é versado no Veda, conhecedor do uso da Brahmastra, o mais notável dos eruditos, oferece saudações a ti, ó rainha! O altamente resplandecente Lakshmana também, o mais poderoso e estimado companheiro do teu senhor, em meio às suas ansiedades ardentes, se curva diante de ti e te deseja o bem".

Ouvindo sobre o bem-estar daqueles dois leões entre os homens, Sita, tremendo de alegria, disse a Hanuman: "Realmente os sábios dizem que a alegria visita um homem mesmo que seja no final de cem anos".

Então Sita e Hanuman começaram a conversar com prazer e confiança mútua. Ouvindo Sita falar dessa maneira, Hanuman, o filho de Maruta, se aproximou mais dela que tinha sido dominada pela tristeza e, quando ele fez isso, ela ficou apreensiva e pensou: "Ai de mim! Por que eu comecei a conversar com ele? Ele é Ravana sob outro disfarce!" Então, soltando o ramo de Ashoka, Maithili de membros impecáveis, exausta pelo sofrimento, deixou-se cair sobre o chão.

Então aquele macaco de braços longos se curvou à filha de Janaka, que, cheia de terror, não ousava levantar os olhos para ele, porém, vendo-o se inclinar humildemente diante dela, Sita, cujo rosto parecia a lua, suspirou profundamente e disse-lhe com voz suave:

"Se tu és outra personalidade de Ravana, que assumiu um disfarce pérfido a fim de aumentar a minha angústia, esse é um ato vil. Tu és aquele que, renunciando à sua própria forma, apareceu para mim em Janasthana como um mendicante, ó viajante da noite. Ó tu, que usas formas à vontade, não te convém me atormentar, que estou aflita e emaciada pelo jejum.

"No entanto, tu não podes ser aquele que eu temo, pois o meu coração sente prazer em ver-te. Se tu és realmente o mensageiro de Rama, que o bem te aconteça! Tu és bem-vindo, ó melhor dos macacos, pois, para mim, é agradável ouvir sobre Rama. Anuncia as virtudes de Rama, ó macaco, e arrebata a minha alma, ó gentil, como a correnteza de um rio carrega suas margens. Ó, que doce sonho um habitante da floresta traz para mim tanto tempo depois do meu sequestro! Se eu pudesse só ver o valente Raghava acompanhado por Lakshmana mais uma

vez, mas até mesmo um sonho me nega esse prazer. Isso pode ser um sonho? Ver um macaco em sonho não dá origem à felicidade, contudo eu estou feliz agora! A minha mente não está desequilibrada ou o jejum perturbou os humores do meu corpo e causou essa ilusão ou por acaso isso é uma miragem? Não, não pode ser uma alucinação porque eu estou em plena posse do meu juízo e vejo claramente esse macaco".

Esses eram os pensamentos que assombravam Sita, como também que os titãs eram capazes de mudar de forma à vontade, o que a convenceu de que esse era o próprio rei dos titãs. Tendo chegado a essa conclusão, a filha de Janaka, de cintura fina, deixou de conversar com o macaco, mas Hanuman, adivinhando o que se passava na mente dela, consolou-a com palavras doces, aumentando a sua alegria, dizendo:

"Brilhante como o sol e como a lua, amado por todos, aquele soberano do mundo é tão generoso quanto Kuvera. Em valor assemelhando-se ao glorioso Vishnu, de fala agradável e verdadeira como Vachaspati, belo, ilustre e afortunado como o deus do amor, o justo dispensador de punição para malfeitores, ele é o principal dos guerreiros em carros do mundo.

"Ele em cujos braços o mundo inteiro se refugia, aquele magnânimo Raghava foi atraído para longe do eremitério por meio de Maricha sob a forma de um veado, permitindo assim que Ravana te raptasse. Logo aquele herói poderoso destruirá Ravana em combate com suas flechas flamejantes disparadas com raiva. Foi ele que me enviou com essas notícias. Exausto pela tristeza por tua separação, ele pergunta sobre o teu bem-estar, como também o altamente resplandecente Lakshmana, aumentador da alegria de Sumitra, que oferece saudações a ti. O rei das hostes de macacos, de nome Sugriva, que é amigo de Rama, também presta homenagem a ti; Rama, Lakshmana e Sugriva sempre te têm em mente; embora sujeita aos titãs, por boa sorte tu ainda estás viva, ó Vaidehi. Em breve tu verás Rama e Lakshmana do grande carro com Sugriva de bravura ilimitada.

"Eu sou ministro de Sugriva, o macaco Hanuman, eu entrei na cidade de Lanka, tendo atravessado o mar, assim colocando o meu pé na cabeça de Ravana de alma perversa. Eu vim aqui para te ver, dependendo da minha própria coragem, eu não sou aquele que tu julgas que eu sou. Renuncia às tuas dúvidas, e tem confiança em minhas palavras".

Capítulo 35 – Hanuman se dá a conhecer a Sita

Ouvindo aquele leão entre os macacos discorrer sobre Rama, Vaidehi falou com ele em tons doces e suaves, dizendo:

"Onde tu encontraste Rama e como vieste a conhecer Lakshmana? Como homens e macacos chegaram a fazer uma aliança? Ó macaco, descreve as características distintivas de Rama e Lakshmana mais uma vez, e assim dissipa a minha tristeza. Fala-me da graça e forma de Rama, seus braços e coxas, bem como de Lakshmana".

A essas questões de Vaidehi, Hanuman, nascido de Maruta, começou a dar uma descrição detalhada de Rama e disse:

"Por boa sorte, reconhecendo-me como um mensageiro de Rama, ó Vaidehi, cujos olhos são tão grandes quanto pétalas de lótus, tu me pediste para descrever o corpo do teu senhor, bem como o de Lakshmana. Ó senhora de olhos grandes,

ouve-me enquanto eu falo daquelas marcas de realeza que eu observei nos corpos de Rama e Lakshmana. Ó filha de Janaka, Rama tem olhos semelhantes a pétalas de lótus, seu rosto parece a lua e ele é dotado de grande beleza e virtude. Em esplendor como o sol, em paciência semelhante à terra, em sabedoria como Brihaspati, em renome igual a Vasava, ele é o protetor de todos os seres e o mantenedor de sua linhagem, o guardião da lei e da tradição e o flagelo de seus inimigos. Ó adorável, Rama é o protetor das pessoas e das quatro castas, ele inaugura e estabelece a ordem social, ele é adorado por todos como o sol e é um observador de votos piedosos; ele sabe bem o momento adequado para prestar homenagem a homens santos e está familiarizado com o caminho da ação correta.

"Nascido com prerrogativas reais, o servo dos brâmanes, instruído, dotado de nobreza, humilde, ele é o flagelo de seus inimigos. Versado no Yajur Veda, honrado por aqueles que conhecem os Vedas, ele é proficiente em tiro com arco e possui um conhecimento profundo dos Vedas e Vedangas. De ombros largos, de braços longos, belo, possuindo um pescoço em forma de concha suas costelas são bem cobertas e musculosas e seus olhos são vermelhos; assim é Rama renomado entre os homens. O tom da sua voz parece o Dundubhi, sua pele é lisa, seus três membros, coxa, punho e pulso são firmes, e os outros, longos, seu umbigo, abdome e peito são proporcionais e altos. As bordas de seus olhos, suas unhas e palmas são vermelhas, sua voz e porte solenes; existem três dobras na pele de seu corpo e pescoço; as linhas nas solas de seus pés e peito são profundas; seu pescoço, costas e coxas são musculosos; seu cabelo é enrolado em três círculos; seu polegar está marcado com quatro linhas indicando seu profundo conhecimento dos Vedas; há quatro linhas em sua testa, o sinal de uma vida longa; ele tem quatro cúbitos[385] de altura; seus braços, coxas e bochechas são cheios; pulsos, juntas dos joelhos, quadris, mãos e pés são proporcionais, seus quatro dentes da frente têm marcas auspiciosas; seu andar é como o de um leão, de um tigre, de um elefante ou de um touro; seus lábios e mandíbulas são carnudos, seu nariz longo, seu rosto, fala, pelos e pele, frios; seus dois braços, dedos, coxas e pernas, esguios; seu semblante, olhos, boca, língua, lábios, palato, peito, unhas e pés parecem lótus; sua testa, pescoço, braços, umbigo, pés, costas e orelhas são amplos. Ele é dotado de graça, renome, e esplendor; sua linhagem é pura de ambos os lados; suas axilas, abdômen, peito, nariz, ombros e testa são elevados; seus dedos, cabelo, pelos, unhas, pele, visão e intelecto, claros e afiados. Raghava se alegra com o que é justo e verdadeiro, ele é cheio de energia e é bem capaz de julgar como agir em todas as circunstâncias; ele é benevolente para com todos.

"Seu irmão Saumitri, cuja mãe é a segunda em posição entre as rainhas, cuja glória é imensurável, se assemelha a ele em beleza, devoção e boas qualidades; ele é de uma cor dourada enquanto Rama é de uma cor escura. Esses dois tigres entre os homens, que almejam te ver novamente, vasculhando a terra por ti, nos encontraram na floresta. Percorrendo a terra em busca de ti eles viram o rei dos macacos, que havia sido banido por seu irmão mais velho, no sopé da montanha Rishyamuka que é coberta por inúmeras árvores. Nós estávamos a serviço do belo Sugriva, o senhor dos macacos, que tinha sido expulso do reino por seu irmão mais velho e, vendo aqueles principais dos homens, vestidos com peles, levando arcos esplêndidos em suas mãos, aquele macaco fugiu para o topo da montanha, perturbado pelo terror. Depois disso ele me mandou ir encontrá-los com toda pressa

[385] [Cúbito: antiga medida de comprimento igual a cerca de 50 cm].

e, por ordem de Sugriva, eu me aproximei daqueles dois príncipes, aqueles leões entre os homens, com as palmas unidas.

"Notáveis por suas belas feições, aqueles dois heróis, sendo informados do que tinha ocorrido, ficaram bem satisfeitos e eu, colocando-os sobre os meus ombros, os transportei para o topo da colina onde o magnânimo Sugriva podia ser encontrado. Lá eu relatei tudo para Sugriva e eles conversaram entre si e uma grande amizade cresceu entre aquelas pessoas ilustres, o rei dos macacos, e aqueles monarcas entre os homens. Então eles confortaram uns aos outros, narrando seus respectivos infortúnios, e o irmão mais velho de Lakshmana consolou Sugriva que tinha sido banido por Bali de grande destreza por causa do amor de uma mulher. Depois disso, Lakshmana contou o sofrimento e a perda que tinham acontecido a Rama para Sugriva, que, ouvindo essa narração de seus lábios, ficou desprovido de seu brilho como o sol sob eclipse. Então, reunindo todos os ornamentos que tu deixaste cair sobre a terra, quando o titã te raptou, os macacos os levaram para Rama com prazer, mas eles não sabiam onde tu estavas.

"Todos aqueles ornamentos que tinham caído tilintando no chão, e que foram coletados por mim, eu entreguei para Rama, que estava fora de si de aflição e, apertando-os contra o peito, aquele deus de beleza divina, o filho de Dasaratha, ardendo de angústia, com muitos gemidos lamentou sua perda. Por um longo tempo aquele herói magnânimo jazeu esmagado sob o peso de sua aflição e eu enderecei muitas palavras de conforto a ele, persuadindo-o a se levantar. Depois do que Rama com Saumitri, olhando repetidamente para aqueles objetos preciosos, os entregou para Sugriva. Em tua ausência, ó dama nobre, Raghava está consumido pela tristeza, como um vulcão queimando com fogo perpétuo. Por causa de ti, insônia, tristeza e preocupação consomem o magnânimo Rama, como os fogos sagrados queimam um templo no qual eles são fechados. A dor da tua separação o abalou como um terremoto violento despedaça uma grande montanha. Ó filha de um rei, ele vagueia entre os bosques encantadores, nas margens de rios e ao lado de cachoeiras mas em nenhum lugar encontra alegria. Ó filha de Janaka, em breve, Ramachandra sem dúvida causará a destruição de Ravana com todos os seus amigos e parentes, e aquele principal dos homens em breve te libertará.

"Foi assim que Rama e Sugriva entraram em uma aliança amigável para realizar a destruição de Bali e instituir uma busca por ti. Então, voltando para Kishkindha com aqueles dois príncipes heroicos, aquele senhor dos macacos matou Bali em batalha e, tendo-o derrotado por sua destreza em luta, Rama fez de Sugriva o rei de todos os macacos e ursos. Essa foi a aliança entre Rama e Sugriva, ó deusa, saibas então que eu sou Hanuman que vim como seu representante. Quando ele tinha recuperado seu reino, Sugriva, reunindo todos os grandes e poderosos macacos, os enviou para todas as regiões para procurar por ti. Sob as ordens de seu rei, Sugriva, aqueles macacos poderosos, iguais ao Indra das montanhas, vasculharam a terra por todos os lados. Desde aquele momento, por medo de Sugriva, aqueles macacos têm estado explorando a terra inteira; eu sou um desses. O filho poderoso e ilustre de Bali, de nome Angada, partiu com uma terça parte do exército sob seu comando; muitos foram os dias e as noites que passamos oprimidos pela angústia, tendo perdido nosso caminho na principal das montanhas, Vindhya. Pendendo a esperança de realizar o nosso objetivo e o tempo determinado tendo passado, com medo daquele senhor dos macacos, nós resolvemos abandonar nossas vidas. Tendo examinado as montanhas e as fortalezas inacessíveis, os rios e as cachoeiras sem encontrar qualquer vestígio de ti, nós decidimos morrer. A partir daí começamos o nosso último jejum no topo da montanha.

"Submerso em um oceano de tristeza, Angada lamentou incessantemente, pensando no teu rapto, ó Vaidehi, na morte de Bali, na nossa resolução de morrer de fome e na morte de Jatayu. Enquanto estávamos jejuando desse modo, à espera da morte, tendo perdido todas as esperanças de levar a cabo as ordens do nosso soberano, para a boa sorte do nosso empreendimento, apareceu lá um abutre poderoso, o irmão de Jatayu, de nome Sampati. Sabendo da morte de seu irmão, ele gritou de raiva:

"'Por quem o meu irmão mais novo foi morto e onde ele mora? Eu desejo ouvir isso de vocês, ó macacos excelentes!'

"Então Angada contou tudo em detalhes para ele e como aquele titã de forma terrível destruiu Jatayu por tua causa em Janasthana. Em sua tristeza pela morte de Jatayu, aquele filho de Aruna nos disse que tu poderias ser encontrada na residência de Ravana, ó donzela excelente!

"Ouvindo as palavras de Sampati, a nossa alegria foi extrema e liderados por ele todos nós nos erguemos e, deixando a montanha Vindhya, chegamos às margens do oceano. Lá uma ansiedade cruel tomou conta dos macacos de novo, ansiosos como eles estavam para te encontrar, mas eu era capaz de dissipar aquela forte angústia da tropa de macacos, que contemplando o oceano, tinha perdido a coragem. Em seguida, eliminando o seu medo eu pulei cem léguas sobre o mar e entrei em Lanka à noite, que estava cheia de titãs; lá eu vi Ravana e te vi tomada pela dor, ó dama irrepreensível!

"Agora eu te contei tudo, que tu, por tua vez, fales comigo, ó deusa! Eu sou o mensageiro do filho de Dasaratha e vim aqui até ti para cumprir o propósito de Rama. Saibas que eu sou ministro de Sugriva e o filho do deus do vento! Está tudo bem com teu senhor, Kakutstha, o principal daqueles que portam armas, como também com Lakshmana possuidor de marcas auspiciosas e sempre empenhado na adoração de seus superiores e no bem-estar de seu senhor.

"Eu vim aqui por ordem de Sugriva e fiz a viagem sozinho. Mudando a minha forma à vontade, eu percorri a região sul e, em minha ânsia de encontrar-te, te procurei por toda parte. Com notícias de ti, eu pela graça divina serei capaz de dissipar a tristeza do exército de macacos, que tem estado lamentando por tua causa, e a minha travessia do oceano não terá sido em vão. Eu ganharei fama por ter te encontrado, ó deusa, e o altamente poderoso Raghava se reunirá contigo sem demora, tendo primeiro matado Ravana, o rei dos titãs com seus filhos e parentes.

"O monte Malyavat é a mais alta das montanhas, ó Vaidehi, e lá vive o meu pai, Kesarin. Obediente à vontade dos sábios divinos, ele uma vez foi para Gokarna e, naquele local sagrado pertencente ao senhor dos rios, provocou a destruição do titã Samvasadana. Eu nasci da consorte de Kesarin, ó Maithili, e meu nome é Hanuman; eu sou conhecido em todo o mundo por minhas façanhas. Para te inspirar com confiança, eu descrevi as virtudes do teu senhor. Em breve, ó deusa, Raghava certamente te levará daqui".

Tranquilizada pelas provas dadas a ela, Sita, exausta pelo sofrimento, reconheceu Hanuman como o mensageiro de Rama.

Então Janaki, em um excesso de alegria, permitiu que lágrimas de felicidade caíssem de seus olhos emoldurados por cílios escuros. O rosto suave daquela donzela de olhos grandes com seus olhos avermelhados brilhava como a lua libertada da influência de Rahu.

Finalmente tomando-o por um macaco de verdade, ela pensou consigo mesma: "Como poderia ser de outra forma?"

Então Hanuman novamente se dirigiu àquela senhora de semblante encantador, dizendo: "Eu te disse tudo, agora tem confiança em mim, ó Maithili! O que mais eu posso fazer por ti e qual é a tua vontade, antes que eu volte? Quando o asura, Samvasadana, foi destruído em combate pelo principal dos macacos a mando dos sábios celestes, eu nasci de Vayu, ó Maithili, e apesar de ser um macaco, eu sou igual a ele em destreza!"

Capítulo 36 – Sita questiona Hanuman

O extremamente poderoso filho de Pavana, Hanuman, para aumentar a confiança de Sita nele, novamente abordou-a com palavras tranquilizadoras, dizendo:

"Ó afortunada, eu sou um macaco, o mensageiro do sagaz Rama; vê este anel precioso no qual seu nome está gravado! Ó deusa, ele foi dado a mim por aquele herói magnânimo de modo que tu deves ter fé em mim. Anima-te, portanto, que o bem te aconteça! Logo haverá um fim para a tua dor!"

Então Janaki, pegando a joia que tinha adornado o dedo de seu marido, foi tomada de alegria, como se ele próprio estivesse presente. Seu semblante gentil com seus olhos grandes começou a reluzir com deleite parecendo a lua livre do domínio de Rahu. Corando de prazer ao receber esse sinal de seu marido, aquela mulher jovem, em sua satisfação, começou a olhar para aquele grande macaco como para um amigo e o homenageou do seguinte modo:

"Ó principal dos macacos, de fato tu que entraste nessa cidade de Ravana sozinho és cheio de coragem, valor e competência. Com tenacidade admirável tu atravessaste o oceano, de quatrocentas milhas de largura, a morada de grandes monstros, reduzindo-o à extensão do casco de uma vaca. Eu não te considero como um macaco comum, ó leão entre os moradores da floresta, já que tu não tens muito medo de Ravana. Ó melhor dos macacos, tu mereceste associação comigo, uma vez que Rama o conhecedor do Eu te enviou como seu mensageiro. É certo que o invencível Rama nunca teria te enviado a mim sem primeiro testar a tua destreza. Por sorte o virtuoso e sincero Rama como também o ilustre Lakshmana, o aumentador da alegria de Sumitra, estão bem, mas se Kakutstha vive intocado pelo mal, como é que ele não queima a terra cercada pelo oceano com sua ira, como os fogos na dissolução dos mundos? Aqueles dois heróis são capazes de subjugar os próprios deuses e ainda assim eles se abstêm de agir; eu creio, portanto, que os meus sofrimentos ainda não estão no fim! Rama não está inquieto; ele não está cheio de ansiedade por minha causa? Aquele filho de um rei está fazendo todos os preparativos para me libertar? Ele está triste e preocupado? Ele perdeu de vista o seu objetivo final; ele está cumprindo o seu dever com coragem? Aquele matador de seus inimigos, desejoso de vitória, está propiciando seus amigos com paciência e presentes e empregando os meios triplos de lidar com seus inimigos? Ele demonstra boa vontade para com seus amigos e eles têm confiança nele? Ele se alia com aqueles de boa reputação e eles lhe prestam honras? Aquele filho de um rei procura o favor dos deuses; ele depende deles para seu poder e fortuna? A afeição de Rama por mim diminuiu como resultado da minha vida longe dele? Será que ele me salvará desse perigo? Ele não está desanimado por esse infortúnio extremo, estando acostumado à felicidade e desabituado à adversidade? Ele tem recebido frequentes boas novas de Kaushalya, Sumitra e também de Bharata? Raghava,

digno de honra, não está tomado de aflição em minha ausência? Ele está refletindo sobre como ele pode me resgatar? Bharata, sempre dedicado a seu irmão, não mandará um grande exército liderado por generais experientes, por minha causa? Ó principal dos macacos, o rei dos macacos, o afortunado Sugriva, não virá me ajudar na chefia de uma hoste de macacos valentes usando seus dentes e unhas? O heroico Lakshmana, o aumentador da alegria de Sumitra, perito no uso de armas, não destruirá os titãs com suas flechas? Eu não verei Rama derrubar Ravana no campo de batalha em breve com seus amigos e parentes por meio da arma de Rudra? O semelhante dourado de Raghava, fragrante com o perfume de lótus, não está obscurecido sob a adversidade, como um lótus privado de água sob o sol escaldante? Ele ainda conserva sua fixidez de propósito, ele que, por causa da retidão, sem pesar renunciou ao trono e entrou a pé na floresta comigo? Nem por sua mãe nem seu pai, nem por qualquer outro ele tem o amor que ele nutre por mim. Eu só viverei enquanto eu ouvir sobre ele".

Tendo dirigido essas palavras, cheias de significado e doçura àquele macaco, aquela dama encantadora ficou em silêncio para que pudesse ouvir mais sobre seu senhor.

E ouvindo Sita, Maruti, de destreza incomensurável, com as palmas unidas prestou reverência a ela e falou de novo, dizendo:

"Ó princesa ilustre, Rama de olhos de lótus não sabe que estás aqui e por essa razão não te libertou como Purandara resgatou Sachi. Sabendo isso de mim, Raghava virá imediatamente para cá com seu grande exército de ursos e macacos e, tendo triunfado sobre o oceano invencível, a morada de Varuna, com suas flechas terríveis, Kakutstha livrará a cidade de Lanka de todos os titãs. Mesmo se a própria morte ou os deuses ou os poderosos titãs procurarem barrar sua passagem, ele destruirá todos eles. Ó princesa, em tua ausência, Rama angustiado já não é capaz de encontrar descanso, como um elefante que é atacado por um leão. Ó deusa, eu te juro pelas montanhas Mandara, Malava, Vindhya, Meru e Dardura e todos os frutos e raízes, que tu logo verás o rosto adorável de Rama com seus belos olhos, lábios como o fruto Bimba, e brincos encantadores, que parece a lua ao surgir. Logo tu verás Rama no monte Prasravana, ó Vaidehi, como Shatakratu sentado em Airavata. Evitando carne e vinho, Rama subsiste apenas de frutas e raízes da floresta, cuidadosamente preparadas por Lakshmana das quais ele compartilha no quinto período do dia. Ele está tão absorto em pensar em ti que ele já não afasta moscas, insetos e vermes de seu corpo. Mergulhado em sua reflexão, perdido na dor, ele está totalmente absorto na tua contemplação. Rama, o principal entre os homens, já não dorme, mas se suas pálpebras fecham de cansaço ele se levanta bruscamente gritando: 'Ó Sita!' em tons gentis. Sempre que ele vê uma fruta ou flor ou qualquer outro objeto querido por mulheres, ele suspira 'Ó meu caro amor!' Ó deusa, aquele príncipe chama incessantemente por ti, gritando: 'Ó Sita', e para te encontrar tem recorrido a todos os meios".

Ao ouvir elogios a Rama, Sita ficou muito encantada, mas aflita também ao saber de sua dor de modo que ela parecia a lua outonal entrando em uma nuvem escura para reaparecer mais uma vez.

Capítulo 37 – Sita se recusa a ser resgatada por Hanuman

Sita de rosto como a lua, ao ouvir esse discurso, dirigiu-se a Hanuman em palavras cheias de piedade e bom senso:

"Ó macaco, tu me revelaste que Rama está totalmente preocupado com minha lembrança e também que ele está mergulhado na aflição, que é como néctar misturado com veneno. Esteja o homem no auge do seu poder ou no abismo da tristeza, a morte o puxa como com uma corda. Os seres vivos são incapazes de escapar do seu destino, ó macaco excelente, vê como eu, Rama e Saumitri estamos afundados na miséria! Como um navio parcialmente destruído flutuando sobre as águas visa alcançar a costa, assim Raghava procura chegar ao fim de seus infortúnios.

"Depois de destruir os titãs, matar Ravana e devastar Lanka, meu senhor não me verá novamente? Dize a ele para se apressar, pois no final desse ano eu devo morrer. Este é o décimo mês e só faltam dois, esse é o prazo fixado para mim por aquele canalha perverso, Ravana. Seu irmão Bibishana suplicou muito a ele para me devolver, mas ele não prestou atenção às suas propostas. Ravana não aprova a minha libertação pois a morte está à espreita dele, impelido, como ele é, pelo destino. Ó guerreiro, a pedido de sua mãe, Kala, a filha mais velha de Bibishana, me disse isso. Há um titã velho e fiel, chamado Avindha, cheio de sabedoria, virtude, inteligência e nobreza, altamente reverenciado por Ravana, que profetizou a destruição iminente dos titãs por Rama, mas aquele patife perverso ignorou as suas palavras salutares. Ó melhor dos macacos, eu ainda espero que o meu senhor em breve seja reunido comigo, pois o meu coração é puro e as virtudes de Rama são infinitas. Ele é dotado de perseverança, coragem, compaixão, gratidão, energia e força, ó macaco. Qual inimigo não tremeria diante dele, que matou quatorze mil demônios em Janasthana sem a ajuda de seu irmão? Aquele leão entre os homens não pode ser superado pelos guerreiros titãs; eu estou familiarizada com os poderes dele como Sachi com os de Indra. Ó macaco, aquele sol, Rama, com suas inúmeras flechas como seus raios, secará o lago de titãs hostis!"

Falando assim, Sita, dominada pela tristeza ao pensar em Rama, com seu rosto banhado em lágrimas, foi novamente abordada por Hanuman, que disse a ela:

"Logo que eu tiver falado com Raghava ele vai se apressar para cá na frente de um exército poderoso composto por ursos e macacos, ou eu devo te livrar hoje mesmo das garras desses titãs e dessas presentes aflições? Sobe nas minhas costas, ó senhora irrepreensível, e levando-te em meus ombros, eu atravessarei o mar; realmente eu sou capaz de carregar a cidade de Lanka junto com o próprio Ravana. Nesse dia, como Anila carrega as oferendas sacrificais para Shakra, eu te levarei de volta para Raghava na montanha Prasravana, ó Maithili! Hoje tu verás Rama, que está acompanhado por Lakshmana, se preparando para destruir o inimigo, como Vishnu empenhado na destruição dos Daityas, e tu verás aquele herói poderoso, ansioso para te ver, naquela montanha solitária, parecendo Purandara sobre a cabeça do rei das serpentes.

"Ó deusa adorável, sobe nos meus ombros, não hesites e te une com Rama, como Rohini é devolvida para Shashanka, como Sachi para Indra, ou Savarshala para o sol. Eu cruzarei o oceano pelo caminho aéreo! Ó formosa, levando-te embora daqui, nenhum dos moradores de Lanka será capaz de me seguir. Eu voltarei como eu vim, ó Vaidehi, carregando-te através do espaço".

Ouvindo essas palavras surpreendentes, Maithili, tremendo de alegria, disse a Hanuman: "Como podes esperar me levar por uma distância tão grande, ó

Hanuman? Isso demonstra a tua natureza de macaco! Como tu consideras possível que o teu corpo pequeno me leve daqui até o meu senhor, aquele rei entre os homens, ó macaco?"

Ao ouvir essas palavras Hanuman refletiu: "Essa é a primeira afronta que sofri! Vaidehi não está ciente da minha destreza e força. Ela saberá que eu sou capaz de assumir qualquer forma à vontade!" Pensando assim, aquele principal dos macacos, Hanuman, o flagelo de seus inimigos, mostrou-se a Sita em sua verdadeira forma.

A fim de inspirar Sita com confiança, saltando para baixo da árvore, aquele macaco começou a se expandir em tamanho e tornou-se igual à montanha Meru ou Mandata ou um braseiro flamejante, e aquele leão entre os macacos, de rosto acobreado, seu corpo como uma montanha, com unhas e dentes como diamantes, permanecendo diante de Sita, disse:

"Eu sou capaz de arrancar Lanka com suas colinas, bosques, campos, palácios, muralhas e portões e seu monarca também! Anima-te, portanto, ó rainha, não demores mais, ó Vaidehi! Vem e dissipa a aflição de Raghava como também a de Lakshmana".

Vendo o filho do deus do vento crescer até o tamanho de uma montanha, a filha de Janaka, cujos olhos pareciam pétalas de lótus, disse-lhe:

"Ó macaco poderoso, agora eu reconheço a extensão dos teus poderes e a tua velocidade que equivale ao vento, também o teu esplendor semelhante ao fogo. Como um macaco comum teria chegado a essa terra além do oceano infinito? Eu sei que tu és capaz de me tirar daqui e me levar embora, mas, ó principal dos macacos, eu devo considerar se as consequências me serão vantajosas. Além disso, é adequado que eu vá contigo? A velocidade igual ao vento pode me deixar tonta e eu posso cair das tuas costas enquanto tu estiveres prosseguindo no alto sobre o oceano. Arremessada no mar cheio de tubarões, crocodilos e peixes gigantes, eu certamente me tornarei a presa escolhida desses monstros. Não, eu não posso ir contigo, ó destruidor de teus inimigos, e para ti, sem dúvida, há também grave perigo. Quando os titãs te virem me levando para longe, eles te perseguirão por ordem do perverso Ravana e, cercado por aqueles guerreiros equipados com lanças e maças, carregando uma mulher, tu estarás cercado de perigo, ó herói! Totalmente armados, em grande número, aqueles titãs te perseguiriam, que estás desarmado; como tu poderias então resistir a eles e me proteger? E quando estiveres engajado em combate com aqueles demônios terríveis, ó mais notável dos macacos, eu, tomada pelo medo, vou escorregar das tuas costas. Aqueles titãs terríveis, enormes e poderosos então acabarão por te derrotar no conflito, ó macaco excelente. Ou, virando a minha cabeça, enquanto tu estiveres envolvido na luta, eu cairei e aqueles titãs perversos me levarão para longe e me trarão para cá ou, me arrancando do teu alcance, me despedaçarão. Vitória ou derrota é incerta em combate! Se eu morrer sob as ameaças dos titãs, ó principal dos macacos, todos os teus esforços para me libertar terão sido em vão. Embora tu sejas bem capaz de destruir todos os titãs, a fama de Rama então sofreria diminuição ou os titãs, me levando para longe, me prenderiam em um lugar secreto desconhecido para os macacos ou para Rama. Então, todos os teus esforços para me resgatar teriam sido infrutíferos, mas se Rama voltar contigo grandes serão as chances de sucesso.

"Ó guerreiro de braços grandes, as vidas de Raghava, de seus dois irmãos e do rei Sugriva dependem de mim. Tendo abandonado a esperança de me libertar, exaustos pela dor e ansiedade, aqueles dois irmãos com todos os ursos e macacos acabariam com sua existência. Ó macaco, além disso, sendo totalmente dedicada

ao meu marido, eu sou incapaz de tocar o corpo de alguém exceto Rama. Quando eu fui forçada a ter contato com os membros de Ravana eu estava impotente e sem um defensor e não estava mais no controle do meu corpo. Se Rama vier destruir Ravana e os titãs e me levar para longe daqui, esse será um feito digno dele! Eu ouvi falar a respeito das façanhas daquele grande herói e eu mesma as testemunhei, nem devas, nagas nem titãs podem se igualar a Rama no campo de batalha!

"Quem, tendo-o visto em combate, manejando seu arco maravilhoso, dotado de coragem e força como as de Indra, poderia resistir a Rama que é acompanhado por Lakshmana e que parece um fogo atiçado pelo vento? Ó principal dos macacos, quem procuraria se opor a Rama, acompanhado por Lakshmana, parecendo elefantes intoxicados com suco Mada, derramando flechas como os raios do sol no momento da dissolução dos mundos? Ó melhor dos macacos, traze o meu amado e Lakshmana com o senhor das hostes de macacos para cá com toda velocidade. Por conta da separação de Rama, eu tenho sido consumida pela dor, agora, ó macaco valente, me faze feliz mais uma vez".

Capítulo 38 – Ela dá sua joia para Hanuman

Muito satisfeito pelas palavras de Sita, aquele leão entre os macacos respondeu assim:

"Ó dama formosa de presença auspiciosa, tu falaste de acordo com a tua natureza feminina e com a modéstia de uma esposa dedicada a seu marido! Como uma mulher, não seria possível para ti atravessar o mar, de quatrocentas milhas de largura, nas minhas costas, e a objeção que fizeste, dizendo: 'Eu não posso tocar o corpo de ninguém exceto Rama' é digna de ti, ó deusa, consorte daquele magnânimo. Quem além de ti pronunciaria tais palavras, ó Janaki? Realmente Kakutstha ouvirá do início ao fim tudo o que tu disseste e fizeste em minha presença, ó princesa. Por muitas razões eu te falei assim, ó dama, ansioso como eu estava para realizar o plano de Rama, e com o meu coração perturbado por sentimentos de afeto. Além disso, foi com grande dificuldade que eu entrei na cidade de Lanka e atravessei o oceano e, debatendo o que deveria fazer, me dirigi a ti dessa maneira. Eu queria te levar de volta para ele que é a alegria da Casa de Raghu neste dia! Foi a minha devoção por ele, e em consideração por ti, que eu proferi aquelas palavras. Como, porém, tu não podes vir comigo, ó dama irrepreensível, dá-me algum sinal que vá inspirar Rama com fé em mim".

Sendo assim abordada por Hanuman, Sita, que parecia a filha dos deuses, respondeu-lhe em tons fracos, com sua voz quebrada com soluços: "Este é o sinal mais perfeito que tu podes levar para o meu querido senhor! Dize isto a ele: 'Ó Rama, quando nós antigamente residíamos aos pés da montanha Chittrakuta na região leste, não muito distante de onde os ascetas moravam, em um lugar rico em raízes, frutas e água perto do rio Mandakini, enquanto percorrendo os bosques floridos, perfumados com fragrâncias, tu, tendo te divertido no lago, descansavas todo pingando em meu peito. Nesse momento um corvo, aproximando-se, procurou me picar e eu joguei uma pedra nele; no entanto, aquele devorador feroz de oferendas, determinado a me ferir, não iria deixar sua presa e, em minha ira, eu tirei o meu cinto, para golpear o pássaro e o meu manto escorregou. Ao ver isso, tu riste de mim, no que eu corei de vergonha e indignação. Atormentada por aquele corvo,

que estava louco de fome, eu me refugiei contigo e, exausta, me joguei em teus braços enquanto tu estavas sentado lá. Embora eu ainda estivesse aborrecida, tu me pacificaste pelo teu riso, e o meu rosto estando banhado em lágrimas, gentilmente secaste os meus olhos; assim eu fui vista por ti, muito furiosa com o corvo, ó senhor. Exausta, ó Rama, eu dormi por um longo tempo em teu peito, e tu, por tua vez, dormiste no meu, ó irmão mais velho de Bharata. Então, quando eu acordei, aquele corvo se aproximou de mim mais uma vez e, quando eu me ergui dos teus braços, rasgou meu peito com seu bico, ó Raghava. Então, pelo derramamento de sangue, tu acordaste, e vendo meu peito dilacerado, ó herói de braços longos, muito indignado e sibilando como uma serpente, tu falaste assim:

"Ó tu, cujas coxas se parecem com a tromba de um elefante, quem feriu o teu peito? Quem procura brincar com uma serpente furiosa de cinco cabeças?"

"Depois disso, olhando em volta, tu viste aquele corvo, que, com garras afiadas e sangrentas, estava diante de mim. Aquele pássaro, príncipe das criaturas aladas, era o filho de Indra, e com a rapidez do vento ele desapareceu na terra. Então tu, ó guerreiro de braços longos, com os teus olhos rolando de fúria, resolveste destruir aquele corvo e, arrancando uma folha de grama kusha, de onde tu tinhas repousado, a transformou na seta de Brahma e ela irrompeu em chamas, como o fogo da morte diante do pássaro. Lançando aquele tição ardente, esse seguiu o pássaro no alto do céu e, perseguido pelo dardo ígneo, o corvo voou de todas as maneiras, atravessando assim muitas regiões e percorrendo os três mundos, rejeitado por seu pai e pelos sábios; finalmente ele buscou refúgio contigo, caindo na terra e suplicando misericórdia de ti. Embora merecedor de morte, tu, ó Kakutstha, sempre disposto a socorrer todos os seres, por compaixão, o poupaste. Então, falando para ele que estava exausto e angustiado, tu disseste: "Essa arma de Brahma nunca pode permanecer ineficaz, portanto, dize o que deve ser feito agora?" Então o corvo respondeu: "Eu te darei o meu olho direito", no que Ramachandra destruiu o olho direito daquele corvo. Tendo sacrificado o olho direito, a sua vida foi poupada e, prestando reverência a Rama, como também ao rei Dasaratha, o corvo, regatado por aquele guerreiro, voltou para sua morada. Ó tu que, em meu nome, disparaste a arma Brahma, mesmo em um corvo, por que tu deixas impune aquele que me raptou? Ó principal dos homens, mostra a tua compaixão por mim e me inspira com esperança. Eu estou familiarizada com a tua grande energia, a tua imensa paciência, a tua incrível força, o teu poder irresistível não tolhido pelas limitações de tempo e espaço, incapaz de ser perturbado, tu que és profundo como o oceano, senhor da terra e igual ao próprio Vasava! Tu, o primeiro entre os arqueiros, que és cheio de ardor e coragem, por que tu não diriges as tuas armas contra os titãs? Nem nagas, gandharvas, deuses nem Maruts podem te resistir em combate".

"Se aquele guerreiro ainda tem alguma consideração por mim, por que ele não extermina os titãs com suas flechas afiadas, ou por que Lakshmana, o repressor de seus inimigos, dotado de energia, não me liberta a mando de seu irmão? Já que aqueles dois tigres entre os homens, iguais a Vayu e a Indra são invencíveis mesmo contra os Celestiais, por que eles me ignoram?

"Ai de mim! Eu devo ser culpada de algum pecado hediondo, visto que aqueles dois flagelos de seus inimigos, embora capazes de fazer isso, deixam de vir me resgatar!"

Ouvindo as palavras comoventes de Vaidehi, proferidas com os olhos cheios de lágrimas, o poderoso Hanuman, o principal dos macacos, disse: "Ó exaltada, eu te juro que as feições de Rama estão alteradas por causa da tristeza que ele sente

por ti e, vendo seu irmão oprimido pela aflição, Lakshmana também está cheio de angústia, essa é a verdade, ó deusa. Já que eu agora te encontrei, não há motivo para lamentar mais e tu logo verás um fim para os teus males, ó adorável. Aqueles dois tigres entre os homens, aqueles príncipes de energia incalculável, em sua avidez para te ver, reduzirão os mundos a cinzas. Tendo matado aquele guerreiro formidável, Ravana, com seus parentes, Raghava voltará contigo para o palácio.

"Agora me fala o que eu devo dizer para Rama e Lakshmana, que são cheios de coragem, e para o ilustre Sugriva e todos os macacos reunidos?"

Hanuman tendo pronunciado essas palavras, Sita respondeu-lhe dizendo:

"Curvando-te àquele senhor do mundo, pergunta pelo bem-estar daquele protetor de homens, a quem Kaushalya deu à luz e deseja-lhe toda prosperidade de minha parte. Em seguida, oferece saudações a ele de quem Sumitra é a mãe feliz, ele que renunciou a guirlandas, joias, à sua amada consorte, ao domínio de um vasto reino difícil de obter e ao seu pai e mãe, depois de se despedir ternamente deles, para seguir Rama. Aquele príncipe virtuoso, que, em sua devoção, sacrificou felicidade insuperável, acompanhou seu irmão Kakutstha para a floresta, tomando conta dele; ele que é grandioso, sábio e agradável de se olhar, possuindo ombros largos e que considera Rama como seu pai e me reverencia como sua mãe, aquele valente Lakshmana, que não sabia que eu estava sendo raptada. Cheio de deferência pelos idosos, digno e corajoso, de fala medida, o principal daqueles queridos para aquele filho de um rei e digno do seu sogro, ele que faz até as tarefas das quais ele não está à altura, cuja presença faz Rama esquecer seu pai, que é mais querido para ele do que eu; Lakshmana, o irmão de Rama, a ele oferece reverências de minha parte e repete as minhas palavras para ele. Que aquele nobre e virtuoso, amado de Rama, sempre brando e puro, ponha fim ao meu sofrimento, ó melhor dos macacos! Ó chefe dos macacos, provoca o sucesso desse empreendimento. Que Rama, instigado por ti, faça um esforço supremo em meu nome. Além disso, repete muitas vezes estas minhas palavras para ele:

"'Eu só tenho um mês de vida, ó filho de Dasaratha! Depois desse mês eu morrerei; eu te juro que essa é a verdade que eu falo! Livra-me das mãos daquele cruel e perverso Ravana, ó herói, como Kaushiki foi salva do inferno'".

Dizendo isso, Sita tirou de seu manto a pérola que antigamente enfeitava a sua testa, que brilhava com esplendor celeste, e dando-a a Hanuman, disse: "Dá isto a Raghava".

Então o valente Hanuman, pegando a joia de valor inestimável, colocou-a em seu dedo, ela sendo pequena demais para o seu braço e, aquele principal dos macacos, tendo recebido a pérola, prestou homenagem a Sita, circungirando-a da esquerda para a direita. Cheio de alegria por ter encontrado a princesa, Hanuman já tinha voltado até Rama e Lakshmana em pensamento.

E pegando aquele ornamento caro e soberbo que a filha do rei Janaka tinha levado cuidadosamente escondido em seu sari, Hanuman, como se salvo de um furacão que o tinha alcançado em uma alta montanha, com o coração cheio de serenidade, uma vez mais se preparou para partir em sua viagem de regresso.

Capítulo 39 – Hanuman acalma os temores de Sita

Após ter dado a joia para Hanuman, Sita disse-lhe: "Este sinal é bem conhecido por Raghava, e vendo essa pérola o valente Rama vai se lembrar de três pessoas: de minha mãe, de mim mesma e do rei Dasaratha. Ó melhor dos macacos, o teu heroísmo sendo mais estimulado por essa aventura, considera cuidadosamente quais novos esforços são necessários; tu és capaz de realizar essa tarefa, pensa, portanto, que rumo de ação Rama deve adotar para trazer minhas desgraças ao fim. Ó Hanuman, procura por teus esforços acabar com os meus sofrimentos!"

Então, o filho do deus do vento de energia imensa respondeu: "Que assim seja", e fazendo reverência a Vaidehi, se preparou para partir, mas aquela exaltada, filha de Videha, vendo Hanuman prestes a partir, com sua voz estrangulada com soluços, disse-lhe:

"Ó Hanuman, comunica os meus desejos pela felicidade de Rama, Lakshmana, Sugriva, seus ministros e todos os outros macacos e, ó melhor dos macacos, de acordo com a retidão, deseja-lhes o bem. Cabe a ti fazer o que fará com que Rama de braços longos me salve do oceano de aflição no qual estou mergulhada. Ó Hanuman, fala de modo que o ilustre Rama me resgate daqui enquanto eu ainda estou viva e, assim, colhe os frutos da virtude. Ouvindo aquilo que tu contarás a ele sobre mim, aquele filho de Dasaratha, sempre cheio de coragem, sentirá sua ousadia aumentada em cem vezes ao pensar em se reunir comigo. O heroico Rama, ouvindo o apelo que eu te encarreguei de entregar a ele, será inspirado a exibir bravura crescente".

Ouvindo as palavras de Sita, Hanuman, nascido de Maruta, com as palmas unidas, respondeu a ela dizendo:

"Em breve Kakutstha, cercado pelos principais macacos e ursos, chegará, e derrotando os seus inimigos em combate, dissipará o teu sofrimento. Eu não sei de ninguém entre os mortais, titãs ou deuses, que possa resistir a ele quando ele dispara suas flechas. Se tu fosses o preço da vitória, ele seria capaz de desafiar o sol ou Parjanya ou Vaivasvata ou o próprio Yama em conflito e se prepararia para conquistar toda a terra que é limitada pelo mar, ó alegria de Janaka".

Ouvindo essas palavras agradáveis, verdadeiras e expressas docemente, Janaki dirigiu-se a Hanuman com respeito, que havia falado por devoção por seu mestre, e disse: "Ó herói, se tu julgares que isso é sábio, então permanece aqui por um dia mais e, tendo descansado em algum lugar escondido, parte amanhã! A tua presença, ó macaco, fará com que eu esqueça o meu grande infortúnio por algum tempo, eu que tenho sentido tão pouca felicidade. Mas se tu partires hoje, ó leão entre os macacos, a minha vida estará em perigo até o teu retorno, isso é certo. Além do mais, não te ver vai ser um tormento maior, aflita como estou pela tristeza e, ó herói, esta dúvida me persegue continuamente, 'Como é que aquele rei poderoso, em meio às tropas de seus macacos e ursos e aqueles dois filhos de um monarca, cruzarão o oceano intransponível?' Em todos os mundos, só três seres têm o poder de atravessar o mar; Garuda, tu e Maruta! Em face desse obstáculo intransponível, quais meios para o sucesso tu podes ver, ó mais hábil dos seres? Sem dúvida, tu és capaz de realizar essa tarefa sem ajuda, ó destruidor de guerreiros hostis, mas então só tu colherias a glória. Se Rama, no entanto, junto com seus exércitos, derrotasse Ravana e, me salvando, retornasse à sua própria cidade, essa façanha seria digna dele. Se, cruzando o mar e sitiando Lanka, aquele destruidor de forças hostis Kakutstha, me levasse daqui, ele teria realizado o que é

natural para ele. Que tu, portanto, ajas de tal modo que aquele guerreiro valente possa ser capaz de manifestar sua destreza!"

Ouvindo essas palavras, carregadas de sentido e razão, cheias de afeto, Hanuman respondeu brandamente:

"Ó rainha, o líder das tropas de ursos e macacos, Sugriva, cheio de energia, resolveu libertar-te. Cercado por milhões de macacos, aquele destruidor de titãs virá para cá sem demora. Há, sob o seu comando, macacos dotados de valor, energia e extrema destreza, rápidos como o pensamento, capazes de ir para cima ou para baixo e para todos os lados, nada pode impedir o seu curso, nenhuma tarefa, mesmo que difícil, derrota a sua coragem imensurável. Além disso, mais de uma vez, por sua resistência incrível, eles rodearam a terra inteira com seus mares e montanhas por todos os lados, por recorrerem ao caminho do vento. Entre aqueles vagueadores das florestas, alguns são iguais a mim e alguns superiores e, em toda a companhia de Sugriva, não há ninguém que seja menos que isso. Visto que eu cheguei a esse lugar, quão mais capazes de fazer isso são aqueles macacos valentes! Nem os superiores são enviados em missões, mas os de menor consideração. Ó rainha, não tenhas ansiedade e abandona a tua tristeza; com um único salto, aqueles principais dos macacos chegarão a Lanka e aqueles dois irmãos, parecendo o sol e a lua prestes a nascer, se apressarão para o teu lado, montados em minhas costas. Tendo matado Ravana e suas hordas, Raghava, o deleite da Casa de Raghu, vai te segurar, ó senhora de membros encantadores, para levar-te de volta para a tua própria cidade. Portanto, que a coragem e a felicidade te acompanhem, tem fé no alvorecer daquela hora; em breve, tu verás Rama brilhando como uma chama.

"Aquele Indra dos titãs, seus filhos, conselheiros e parentes, estando mortos, tu te reunirás com Rama como Shashanka com Rohini. Logo tu verás o fim dos teus problemas, ó divina Maithili, e Ravana cairá sob os golpes de Rama diante dos teus olhos!"

Tendo assim procurado confortar a filha de Videha, Hanuman, nascido de Maruta, preparando-se para partir, falou ainda mais, dizendo:

"Tu logo verás o destruidor de seus inimigos, Raghava de alma subjugada, como também Lakshmana, portando seu arco em sua mão nos portões de Lanka. Em breve tu verás aqueles macacos valentes, dotados da coragem de leões e tigres, Parecendo o senhor dos elefantes, lutando com suas unhas e dentes. Ó nobre, inúmeros grupos de macacos serão vistos por ti, assemelhando-se a colinas ou nuvens, rugindo nos platôs de Malaya e Lanka. Como um elefante atacado por um leão, Rama está profundamente ferido pelas flechas formidáveis do deus do amor! Ó deusa, não chores mais, mas bane o medo e a tristeza do teu coração; tu serás reunida com teu consorte, ó bela, como Sachi foi com Indra.

"Quem pode derrotar Rama? Quem é igual a Saumitri? Aqueles dois irmãos, semelhantes ao vento e ao fogo, são teu amparo. Ó deusa, tu não terás que viver muito tempo nesse lugar habitado por titãs formidáveis; o teu amado não vai atrasar sua vinda; tem paciência até que eu retorne!"

Capítulo 40 – Ele se despede de Sita

Ouvindo as palavras daquele magnânimo filho de Vayu, Sita, que se parecia com uma filha dos deuses, respondeu com palavras significativas, dizendo:

"Como a chuva, amadurecendo os grãos, regozija a terra, assim eu estou alegre em te ver, ó macaco, que falas docemente do meu amado. Em compaixão por mim, que estou emaciada pelo sofrimento, faze o que me permitirá encontrar aquele tigre entre os homens em breve. Ó principal dos macacos, faze-o se lembrar daquele junco que o corvo destruiu em sua ira, tendo sido privado de um olho, e também como, quando a minha marca de tilaka estava apagada, ele pintou outra em minha face, do que ele certamente vai se lembrar. Dize: 'Ó tu que pareces Indra, como, com teu valor, tu podes permitir que Sita seja raptada e colocada no meio dos titãs? Aquela pérola celestial que adornava a minha testa eu preservei com cuidado. Em meus infortúnios, eu tenho olhado frequentemente para ela com prazer como para ti mesmo, ó herói irrepreensível! Entregando essa joia, eu não vou viver por muito tempo, sendo dominada pela tristeza. Por amor a ti, ó Rama, eu aguento miséria insuportável e as ameaças dos titãs que partem o meu coração! Ó destruidor de teus inimigos, eu viverei por mais um mês, após o que, sem ti, eu abandonarei a minha vida. O rei dos titãs é uma fonte de pavor para mim; se eu souber que tu hesitas em vir me socorrer, eu imediatamente desistirei da minha vida'".

Testemunhando as lágrimas e lamentações de Vaidehi, o poderoso Hanuman, nascido de Maruta, respondeu:

"Ó deusa, os teus infortúnios tornaram abatido o rosto de Rama, eu te juro que essa é a verdade, e vendo Rama tomado de tristeza, Lakshmana também está profundamente angustiado. Agora que eu te encontrei, não há motivo para desespero! Logo, logo, tu verás o fim das tuas aflições, ó princesa encantadora! Aqueles príncipes inocentes, os principais dos homens, ansiosos para te ver, reduzirão Lanka a cinzas. Tendo matado Ravana em combate, aqueles dois descendentes da Casa de Raghu te levarão de volta para a sua própria cidade, ó dama de olhos grandes! Ó donzela irrepreensível, agora tu deves me dar um sinal que Rama reconhecerá instantaneamente e alegrará seu coração".

Sita respondeu: "Eu já te provi de um sinal excelente. Vendo essa joia, Rama acreditará imediatamente nas tuas palavras".

Recebendo a pérola maravilhosa, o príncipe dos macacos inclinou a cabeça para aquela exaltada e se preparou para partir. Vendo aquele principal dos macacos expandindo sua forma e carregado de energia, preparando-se para pular, com o rosto banhado em lágrimas, com a voz embargada pelos soluços, Sita disse-lhe:

"Ó Hanuman, não deixa de oferecer os meus bons votos pelo seu bem-estar aos dois irmãos, Rama e Lakshmana, que parecem dois leões, e para Sugriva também e sua corte. Faze o que fará com que Raghava de braços longos me salve desse oceano de aflição, onde eu sou mantida prisioneira. Ao retornares, quando estiveres perto dele, fala a ele da minha aflição dura e amarga e das ameaças dos titãs! Que a prosperidade esteja contigo, o chefe dos macacos".

Tendo recebido essas instruções da princesa, o macaco, com seu propósito cumprido, extremamente exultante, refletindo que pouco restava para ele fazer, já tinha cruzado a região norte em pensamento.

Capítulo 41 – Hanuman destrói o bosque de Ashoka

Tendo sido honrado por Sita, o macaco, deixando aquele local, começou a refletir sobre o pouco que restava para ele fazer já que ele tinha descoberto aquela princesa de olhos escuros.

Descartando os três meios para o sucesso, o quarto agora lhe parecia apropriado e ele pensou consigo mesmo: "Devido à natureza deles, não se pode entrar em negociação com os titãs, nem presentes são úteis com os ricos; não se pode semear discórdia entre aqueles que são orgulhosos de sua força, resta, portanto, a bravura como aplicável aqui. Nessas circunstâncias, a bravura é o único recurso. Quando esses titãs virem os principais dos seus guerreiros caírem em combate, seu ardor marcial será subjugado. Aquele que realiza seu principal objetivo e empreende inúmeros outros compromissos sem pôr em risco a tarefa original é um mensageiro hábil. Aquele que emprega todos os seus recursos para executar uma tarefa menor não tem sagacidade, mas a pessoa que usa incontáveis meios com o esforço mínimo é sábia. Embora a minha missão tenha sido cumprida, se, retornando para a morada do rei dos macacos, eu tiver verificado a força do inimigo e de nós mesmos no campo, eu terei realmente cumprido as suas ordens. Como eu devo agir para que a minha presença aqui venha a ser vantajosa? Como posso provocar um confronto com os titãs e o que posso fazer para que aquele de dez pescoços seja feito medir sua força com a minha? Chegando frente a frente com Dashagriva no campo acompanhado de seus conselheiros, seu exército e auriga, eu facilmente lerei suas intenções e então me despedirei.

"Eu agora irei devastar esse bosque magnífico, semelhante aos Jardins de Nandana, que arrebata a visão e onde todas as variedades de árvores e trepadeiras são encontradas, como o incêndio florestal consome as árvores mortas, e essa destruição incitará a fúria de Ravana. Em seguida o rei dos titãs convocará o seu imenso exército equipado com tridentes e lanças de ferro, e os cavaleiros, carruagens e elefantes, dos quais ele é composto, e uma luta formidável se seguirá. Então eu lutarei com toda a minha força contra os titãs, e tendo derrotado as tropas reunidas de Ravana, retornarei com segurança ao rei dos macacos".

Pensando assim, Maruti, como uma tempestade furiosa, com imensa energia começou a arrancar pela raiz as árvores com suas coxas poderosas e sinuosas, quebrando-as, como também as trepadeiras daquele bosque, onde o barrido de elefantes enfurecidos podia ser ouvido.

Com suas árvores arrancadas, suas fundações despedaçadas, os topos das colinas se romperam e tudo o que era belo devastado, os botões cor-de-cobre, as árvores e trepadeiras desaparecendo, aquele bosque parecia como se um fogo o tivesse consumido e os ramos de flores soprados para lá e para cá se assemelhavam a mulheres com suas vestes em desordem. Com seus vales verdejantes e pavilhões charmosos arruinados, tigres, veados e aves emitindo gritos de medo, e os edifícios caindo em pedaços, aquela grande região ficou desprovida de beleza. E aquele bosque, pertencente às mulheres dos aposentos internos, onde elas estavam acostumadas a passar o tempo, com suas avenidas de árvores Ashoka e suas trepadeiras, agora devastado por aquele macaco, foi transformado por ele em uma pilha de ruínas.

Então, tendo dado àquele poderoso senhor da terra motivo para forte desprazer, aquele macaco, ansioso para lutar contra os incontáveis titãs valentes sozinho, postou-se no portão, brilhando com refulgência.

Capítulo 42 – Ele destrói os Kinkaras

Enquanto isso, os gritos de aves e o estrondo das árvores caindo infligiu terror nos corações dos habitantes de Lanka. Animais selvagens e aves fugiam para lá e para cá aterrorizados por toda parte e presságios inauspiciosos apareceram.

Despertando do sono, aquelas mulheres titãs de aspecto horrível viram o bosque devastado por aquele macaco poderoso e heroico e, para inspirá-las com medo, ele de braços longos, cheio de energia, começou a aumentar em tamanho e elas, observando aquele macaco imenso, tão alto quanto uma colina, de poder inimaginável, questionaram a filha de Janaka, dizendo:

"Quem é este ser? De onde e por que ele veio para cá? Por que ele conversou contigo? Dize-nos, ó dama de olhos grandes, não temas, ó adorável de olhos escuros".

Então, a virtuosa Sita, de membros impecáveis, respondeu a elas dizendo: "Visto que os titãs são capazes de mudar de forma à vontade, por quais meios eu seria capaz de reconhecê-los? Vocês sabem o que ele é e em que ele está ocupado! Sem dúvida, serpentes conhecem o segredo da cauda da serpente! Quanto a mim, eu estou apavorada e não sei o que ele é, mas acredito que ele seja um titã, que veio para cá, capaz de mudar sua forma à vontade".

Ouvindo as palavras de Vaidehi, as titânides fugiram com toda velocidade, só poucas restando, enquanto algumas se apressaram a informar Ravana do que tinha ocorrido.

Em seguida, aquelas titânides de aspecto medonho se aproximaram do rei dos titãs e o informaram sobre aquele macaco formidável no bosque de Ashoka, dizendo:

"Ó rei, há um macaco de tamanho imenso, dotado de força imensurável, que, tendo conversado com Sita, permanece lá. Nós pedimos à filha de Janaka, cujos olhos se assemelham aos de uma corça, para nos informar quem era esse macaco, mas ela não quis revelar isso. Pode ser que ele seja um emissário de Indra ou de Kuvera ou mesmo do próprio Rama, que está ansioso para descobrir onde Sita está. Esse ser de aspecto estranho destruiu completamente o teu maravilhoso jardim de recreio que era cheio de animais de todas as espécies. Não há um único quadrante que não tenha sido assolado por ele, salvo o lugar onde a divina Janaki vive, quer para preservá-la ou por razões de exaustão, não sabemos, mas já que ele não conhece a fadiga, nós julgamos que é por causa dessa mulher. E a árvore Ashoka, coberta de botões e folhagem adorável, sob a sombra da qual Sita está se abrigando, foi poupada por ele. Cabe a ti infligir alguma punição séria a esse ser formidável, que manteve uma conversa com Sita e destruiu o bosque. Ó senhor dos exércitos de titãs, quem se atreveria a conversar com ela por quem o teu coração anseia, sem sofrer a morte?"

Ao ouvir as palavras dos demônios, Ravana, o rei dos titãs, com seus olhos rolando de raiva, inflamou-se como uma pira funerária e, em sua ira suas lágrimas caíram dos seus olhos como gotas de óleo ardente de uma lâmpada acesa.

Então aquele monarca poderoso ordenou que aqueles titãs chamados Kinkaras, cuja força igualava a dele, capturassem Hanuman, depois do que oitenta mil daqueles atendentes saíram rapidamente do palácio, levando maças e ganchos de ferro em suas mãos. Possuindo enormes estômagos e grandes dentes, formidáveis de se olhar, cheios de coragem e ardor marcial, eles estavam todos ansiosos para agarrar aquele macaco. Aproximando-se de Hanuman que estava parado no portão pronto para lutar, aqueles titãs poderosos se precipitaram sobre

ele como mariposas em uma chama. Equipados com maças de diferentes tipos e braceletes envoltos em ouro, com flechas brilhantes como o sol, martelos, machados, arpões, dardos e lanças, eles cercaram Hanuman e começaram seu ataque. Então ele, cheio de força e coragem, parecendo uma colina, chicoteando sua cauda, começou a rugir, agitando-a para lá e para cá, e se expandindo em tamanho, aquele filho do deus do vento encheu Lanka com seu berro. Por causa do barulho do acoite de sua cauda e do seu rugido, as aves começaram a cair do ar e ele proclamou em voz alta: "Vitória ao poderoso Rama e ao valente Lakshmana! Vitória a Sugriva, protegido por Raghava! Eu sou o servo do soberano de Koshala, Rama, de obras imperecíveis, eu sou Hanuman, o destruidor de exércitos hostis, o filho de Maruta. Mil Ravanas não podem resistir diante de mim em combate, quando eu os esmago sob uma miríade de árvores e rochas! Sob os próprios olhos dos titãs, eu destruirei a cidade de Lanka e, prestando reverência a Maithili, partirei, o meu propósito estando realizado!"

Ao ouvirem seus gritos, os titãs foram tomados de terror e eles o viram de pé no alto como uma grande nuvem noturna e, sabendo agora que aquele macaco havia sido enviado por seu mestre, sob o comando de seu senhor eles começaram a atacá-lo por todos os lados com todos os tipos de armas formidáveis. Cercado por aqueles guerreiros, aquele poderoso macaco pegou uma barra de ferro que estava perto do portão, e erguendo-a, golpeou aqueles vagueadores noturnos, e ele parecia o filho de Vinata carregando uma serpente se debatendo. Empunhando a arma, aquele macaco valente começou a destruir os demônios, movendo-se aqui e ali no ar, como Indra de mil olhos subjugou os Daityas com seu raio.

Tendo matado os titãs, aquele filho heroico e poderoso de Maruta, sedento por combate, postou-se no portão.

Posteriormente os poucos titãs que tinham escapado informaram Ravana da destruição de seus servos e, ao ouvir que uma hoste imensa de demônios havia sido morta, o rei, com seus olhos revirados de raiva, mandou sair o filho de Prahasta, que era dotado de coragem incomparável, invencível em batalha.

Capítulo 43 – Ele queima o templo e o monumento

Tendo matado os Kinkaras, Hanuman, refletindo por algum tempo, pensou consigo mesmo: "Eu devastei o bosque, mas não destruí o templo sagrado, eu agora demolirei esse santuário".

Pensando assim, o filho de Maruta, exibindo sua destreza, saltou para o templo que era tão alto quanto o pico do monte Meru, e escalando aquele edifício, que parecia uma montanha, aquele chefe dos macacos manifestava uma grande refulgência, igual ao esplendor do nascer do sol. Então ele começou a destruir aquele santuário majestoso que brilhava com glória igual à montanha Pariyatra. Assumindo proporções imensas, o filho ilustre de Maruta, em sua intrepidez, fez Lanka tremer, enchendo-a com seu rugindo e, naquele clamor terrível e ensurdecedor, as aves e os guardiões do templo caíram ao chão, com seus sentidos subjugados.

Então Hanuman gritou: "Vitória para Rama, hábil no uso de armas, e para o corajoso Lakshmana! Vitória ao rei Sugriva, o seguidor fiel de Rama! Eu sou Hanuman, o destruidor de exércitos hostis, o filho de Maruta, e o servo de Rama, rei de Koshala, de façanhas imortais! Quando eu arremesso árvores e rochas, nem

mesmo mil Ravanas podem me resistir em combate. Tendo destruído a cidade de Lanka e prestado minha reverência à filha do rei de Mithila, com meu propósito cumprido, eu partirei".

Tendo falado assim, o líder colossal dos macacos, permanecendo sobre aquele edifício, emitiu um rugido, e o clamor hediondo infligiu terror nos corações dos titãs.

Em consequência desse grande tumulto, cem guardas do templo saíram, portando todos os tipos de armas, dardos, cimitarras, flechas e machados; e cercando Maruti o golpearam com clavas e barras envoltas com cintas de ouro. Lançando-se sobre aquele macaco excelente com setas brilhantes como o sol, aquela hoste de titãs se assemelhava a um redemoinho imenso no Ganges.

Nisso o filho do vento, o poderoso Hanuman, irando-se, assumindo um aspecto formidável e arrancando daquele santuário um pilar enorme banhado a ouro, que emitia cem raios, o girou em volta rapidamente com grande energia, de modo que o fogo gerado disso incendiou o templo. Vendo aquele monumento em chamas, o líder dos macacos, tendo matado cem titãs, parecia Indra matando os demônios com seu raio e, permanecendo no espaço, ele gritou exultante:

"Milhares de líderes de macacos, semelhantes a mim mesmo, valentes e corajosos, estão vasculhando toda a terra sob o comando de Sugriva. Entre esses, alguns são tão fortes quanto elefantes, outros dez vezes mais fortes, alguns têm a energia de mil elefantes, alguns de uma manada inteira e alguns têm a força do vento, enquanto poucos possuem uma força que não pode ser medida. Esses são os macacos, armados com dentes e garras, que às centenas e milhares e milhões, acompanharão Sugriva quando ele vier exterminar todos vocês. Então nem a cidade de Lanka, nem algum de vocês nem o próprio Ravana vai sobreviver, uma vez que vocês provocaram a ira daquele herói da Casa de Ikshvaku".

Capítulo 44 – A morte de Jambumalin

Sob a ordem do rei dos titãs, o valente filho de Prahasta, Jambumalin de dentes grandes, saiu levando seu arco. Usando traje vermelho e guirlandas com uma coroa e brincos brilhantes, aquele guerreiro invencível de estatura imensa, revirando os olhos ferozmente, puxou seu grande arco, provido de setas brilhantes, igual ao de Indra, com um barulho como um trovão. Então todo o céu e os quatro quadrantes imediatamente ressoaram ao som do estiramento daquele arco.

Vendo-o avançar em uma carruagem atrelada a asnos, Hanuman, dotado de grande vigor, emitiu gritos de júbilo. Nisso o altamente poderoso Jambumalin o crivou com suas flechas afiadas, perfurando a face daquele líder dos macacos com uma seta em forma de crescente, sua cabeça com uma provida de plumas e seus braços com dez com pontas de ferro. Atingido por essas flechas, seu rosto acobreado brilhava como uma nuvem outonal iluminada pelos raios do sol e seu rosto avermelhado, manchado com cinabre, parecia um lótus vermelho no céu, borrifado com gotas de ouro.

Ferido por aquelas flechas, aquele macaco poderoso estava enfurecido e, vendo uma grande rocha de tamanho vasto encontrando-se perto, ele a ergueu e a lançou contra seu adversário com violência, que a enfrentou com dez das suas flechas. Vendo essa façanha reduzida a nada, Hanuman, em fúria, arrancou uma árvore Sala imensa e começou a girá-la no ar, no que o altamente poderoso

Jambumalin, vendo aquele grande macaco girando a árvore Sala, disparou inúmeras setas, cortando-a com quatro flechas e perfurando os braços daquele macaco com cinco outras, sua barriga com outra seta, depois o perfurando no centro do peito com mais dez.

Com seu corpo coberto de setas, tomado de raiva violenta, Hanuman, pegando uma maça, girou-a com extrema velocidade, permitindo-a cair no enorme peito de seu adversário, após o que nem a cabeça, braços, coxas, arco, seu carro, nem seus corcéis nem flechas podiam ser distinguidos, e aquele poderoso guerreiro em carro, Jambumalin, caiu ao chão, como um carvalho que foi derrubado, com seus membros e ornamentos esmagados.

Então Ravana, sabendo que Jambumalin havia sido morto, como também os poderosos Kinkaras, foi dominado pela ira. Revirando seus olhos ardendo de fúria, aquele senhor dos titãs imediatamente emitiu um comando que os filhos dos seus ministros, que eram dotados de extrema coragem e força, deveriam partir para o ataque.

Capítulo 45 – Hanuman mata os filhos dos ministros de Ravana

Então, sob o comando daquele Indra dos titãs, os filhos de seus ministros, em número de sete, assemelhando-se ao fogo em esplendor, saíram do palácio. Escoltados por um grande exército, equipados com arcos, cheios de energia, hábeis no uso de armas, eles, a nata dos guerreiros, estavam todos ansiando pela vitória. Sobre grandes carruagens banhadas a ouro, encimadas por estandartes, atreladas a cavalos, eles criaram um barulho semelhante ao trovão. De coragem inigualável, esticando seus arcos incrustados com ouro refinado, como relâmpagos através das nuvens, aqueles guerreiros atacaram.

Suas mães, todavia, sabendo da morte dos Kinkaras, foram dominadas pela ansiedade como também os seus amigos e parentes.

E, exortando uns aos outros, vestidos em armaduras douradas, eles avançaram em Hanuman, que permanecia de pé no portão. De seus carros trovejantes eles dispararam inúmeras flechas como nuvens na estação chuvosa e, coberto por essa saraivada de mísseis, o corpo de Hanuman foi escondido, como o rei das montanhas é obscurecido pela chuva.

Em seguida, aquele macaco se livrou daquelas flechas e das suas carruagens velozes por executar inúmeras evoluções hábeis no ar, e parecia Indra se divertindo com seus arqueiros, as nuvens. Dando um grito poderoso que infligiu terror na grande tropa, aquele macaco valente pulou sobre os titãs. O flagelo de seus inimigos atingiu alguns deles com a palma das suas mãos e outros com os pés; alguns, ele golpeou com os punhos e alguns ele rasgou com as unhas, derrubando-os com seu peito e coxas, enquanto alguns caíram por terra pela força de seu grito. Caídos no chão, aqueles guerreiros jaziam morrendo e todo o exército fugiu para os quatro quadrantes, cheio de terror. Elefantes barriam e cavalos caíam mortos; o chão estava coberto com os fragmentos quebrados de carros, assentos, estandartes e dosséis; rios de sangue podiam ser vistos fluindo nas estradas e Lanka ressoava com gritos terríveis.

Tendo massacrado aqueles titãs poderosos, aquele macaco heroico, ardendo com coragem, desejando medir sua força contra outros demônios, postou-se no portão mais uma vez.

Capítulo 46 – Ele aniquila cinco generais e suas tropas

Ao saber que os filhos de seus ministros tinham caído sob os golpes daquele grande macaco, Ravana, com um semblante escurecido, escondendo seus temores, tomou uma resolução que ele considerou que se revelaria decisiva.

Então Dashagriva ordenou que os líderes de seus exércitos, Virupaksha, Yupaksha, Durdharsha, Praghasa e Basakama, mestres da estratégia, dotados da velocidade do vento, guerreiros corajosos e habilidosos, capturassem Hanuman, dizendo:

"Ó generais, que são cheios de heroísmo, saiam na chefia de suas tropas com suas frotas de cavalos, carros e elefantes e aprisionem esse macaco. Aproximando-se daquele morador das florestas, exerçam grande prudência e ajam com a devida consideração por hora e lugar. Tendo em conta a sua conduta, eu não creio que ele seja um macaco, ele sendo dotado de destreza extraordinária. Eu considero que ele é um ser superior e não um macaco; talvez ele seja um emissário criado por Indra em virtude de suas penitências para nos destruir. Sob o meu comando, vocês todos têm triunfado sobre nagas, yakshas, gandharvas, devas, asuras e grandes rishis; sem dúvida eles estão tramando alguma traição contra nós, portanto, capturem esse ser pela força. Ó generais, que cada um saia à frente de um exército poderoso, acompanhado por cavalos, carros e elefantes, e façam prisioneiro esse macaco. Em outros tempos eu vi macacos dotados de imensa energia, como Bali, Sugriva, o extremamente poderoso Jambavan, o general Nila e outros, como Dvivida, contudo, não havia nada alarmante em seu andar, sua energia, sua valentia, sua inteligência, sua conduta ou sua capacidade de assumir diferentes formas, esse, porém, é algum grande ser mascarado como um macaco. Mesmo que os três mundos com Indra, os deuses, os titãs e os homens não possam resistir a vocês no campo de batalha, grandes esforços serão necessários para prendê-lo. No entanto, mesmo um guerreiro experiente, desejando triunfar em combate, não é capaz de defender sua vida sem esforço, pois o resultado de uma batalha é incerto".

Obedientes às ordens de seu mestre, todos aqueles titãs valentes, resplandecentes como fogo, acompanhados por suas tropas, se moveram com toda pressa em suas carruagens com armas afiadas e pontiagudas, e em seus corcéis velozes e elefantes enlouquecidos com linfa.

Então aqueles guerreiros viram aquele macaco poderoso, brilhante como o sol que nasce com seu diadema de raios cintilantes, e vendo-o posicionado no portão, possuidor de tremenda força e velocidade, altamente inteligente e corajoso, com sua vasta estatura e braços enormes, eles ficaram com medo e o atacaram de todos os lados com suas armas terríveis.

Então Durdharsha disparou cinco flechas de ferro brancas, e de pontas amarelas, na testa de Hanuman, possuindo o brilho de pétalas de lótus, e, sua cabeça sendo perfurada por aquelas flechas, aquele macaco saltou no ar fazendo os dez pontos cardeais ressoarem com seus gritos, no que aquele guerreiro poderoso e heroico, Durdharsha, de pé em sua carruagem com seu arco esticado, avançou, disparando cem flechas ao mesmo tempo. Então Hanuman, como o vento afastando as nuvens, interceptou aquelas flechas enquanto percorriam o céu, e atacado violentamente por Durdharsha o filho do vento aumentou de tamanho, emitindo rugidos altos e, depois disso, com um grande salto precipitou-se sobre a carruagem

de Durdharsha com força extrema, como uma sucessão de lampejos de relâmpago atingindo uma montanha. Derrubado de seu carro, com seus oito corcéis mutilados, o mastro e a lança quebrados, aquele guerreiro caiu por terra, morto.

Então Virupaksha e Yupaksha, vendo-o jazendo no chão, enfurecendo-se se levantaram de um salto e avançaram sobre Hanuman desferindo golpes com suas maças, golpeando o peito daquele macaco de braços longos enquanto ele estava no espaço; ao que ele, enfrentando o impacto do seu ataque, evitou suas flechas, e aquele macaco extremamente poderoso, o filho de Anila, mergulhou sobre a terra como uma águia; em seguida, agarrando e arrancando uma árvore Sala, atacando aqueles dois titãs com golpes, o filho do deus do vento matou aqueles dois demônios poderosos e heroicos.

Então, sabendo que aqueles três titãs tinham sido mortos pelo macaco, dotado de grande rapidez, o corajoso Praghasa precipitou-se sobre ele rindo com desprezo e o audacioso Basakarna, enfurecido, armado com uma lança, também avançou em direção a ele. Então, cada um de seu lado atacou aquele leão entre os macacos. Praghasa atacando-o com um machado afiado e Basakarna com sua lança e, com seu corpo jorrando sangue, seus membros dilacerados por seus golpes, o macaco, muito enfurecido, parecia o sol nascente.

Depois disso aquele macaco heroico, Hanuman, quebrando o pico de uma montanha, junto com seus animais, cobras e árvores, esmagou aqueles titãs, reduzindo-os a pó; e tendo matado os cinco generais, o macaco começou a destruir a tropa restante. Como o deus de mil olhos destruiu os asuras, assim fez Hanuman, os cavalos com cavalos, os elefantes com elefantes, carros com carros, e guerreiros com guerreiros, e os caminhos estavam obstruídos com elefantes, carros destruídos e os corpos dos titãs. Tendo destruído aqueles generais heroicos com suas tropas e veículos, aquele herói, semelhante ao Tempo, pausando na destruição dos mundos, descansou no portão.

Capítulo 47 – A morte de Aksha

Sabendo que aqueles cinco generais com suas tropas e veículos tinham sido derrubados por Hanuman, o rei dos titãs olhou para o jovem Aksha, que cheio de ardor marcial estava diante dele; e aquele guerreiro impetuoso, armado com um arco incrustado com ouro, respondendo ao seu olhar, pulou como uma chama que resplandece quando alimentada com manteiga clarificada pelos principais dos sábios na câmara sacrifical.

E ele subiu em uma carruagem, adquirida ao preço de sacrifício acumulado, banhada em ouro refinado, adornada com bandeiras bordadas com pérolas, atrelada a oito corcéis rápidos como o pensamento, inconquistável por deuses ou titãs, superando todos os obstáculos, flamejando como um relâmpago, de feitura excelente, capaz de viajar através do espaço, equipada com aljavas, setas, oito espadas, dardos e lanças em disposição ordenada, amarrada com cordas douradas, brilhando com suas armas inumeráveis, tendo guirlandas douradas, rivalizando com o brilho do sol e da lua. Enchendo o firmamento, a terra e suas montanhas com o som de cavalos, elefantes e grandes carros, Aksha, na vanguarda de suas tropas, avançou para aquele macaco, que estava posicionado no portão.

Chegando diante do macaco, Aksha, com o olhar de um leão, no qual admiração e respeito se misturavam, mediu Hanuman com seu olhar, que parecia o

fogo na dissolução dos mundos empenhado em destruir todas as criaturas. Depois disso aquele poderoso filho de Ravana, refletindo sobre a extrema bravura daquele macaco, sua destreza em relação ao inimigo e sobre a sua própria força, inchou de orgulho e parecia o sol no fim do ciclo do mundo. Em seguida, reunindo sua coragem, enfurecido, ele tomou sua posição resolutamente no campo, e com a mente concentrada desafiou Hanuman, irresistível em combate e de destreza inimaginável, dirigindo três flechas afiadas sobre ele.

Observando aquele macaco audacioso, indiferente à fadiga, acostumado a derrotar seus inimigos e orgulhoso, Aksha pegou seu arco, segurando suas flechas na mão. Usando um colete e braceletes de ouro, com brincos admiráveis, dotado de ardor marcial, Aksha avançou naquele macaco e uma luta impressionante se seguiu, que era incomparável na terra e aterrorizou até os deuses e os titãs. Testemunhando aquele conflito poderoso entre o macaco e o jovem titã, a terra gritou, o sol parou de derramar seus raios cálidos, o vento não mais soprou e as montanhas tremeram; todo o firmamento estava cheio com o som e o oceano ficou agitado. Então aquele herói, hábil em visar seu alvo, fixou suas flechas e soltando-as perfurou aquele macaco na testa com três flechas aladas de pontas de ferro banhadas a ouro e parecendo cobras venenosas.

Ferido por aquelas setas mortíferas, com seus olhos cegados pelo sangue que escorria de sua testa, Hanuman se assemelhava ao sol nascente, tendo setas como seus raios. Vendo aquele filho do principal dos monarcas com suas armas esplêndidas erguidas e seu arco maravilhoso, aquele conselheiro valente do senhor dos macacos regozijou-se e em seu ardor empregou toda a sua força. Semelhante ao sol coroado com uma auréola de raios quando ele se ergue sobre o pico da montanha Mandara, Hanuman, ardendo de ira, cheio de força e energia, consumiu o jovem Aksha com suas tropas e veículos com seus olhares ardentes.

Então aquele titã, de seu arco igual ao de Indra carregado de inúmeras setas, fez cair uma poderosa chuva de setas sobre o principal dos macacos na luta, como uma nuvem derrama suas águas em uma montanha alta.

Vendo o jovem Aksha no campo, fervendo de ira e cheio de valor, energia e força, equipado com setas, aquele macaco gritou alto em exultação e, como um elefante se aproxima de um poço escondido na grama, desse modo Aksha, na inexperiência de sua juventude, dando rédeas à sua fúria, orgulhoso de sua bravura, se aproximou daquele guerreiro incomparável em conflito. Hanuman, atingido por aquelas flechas, emitiu um rugido alto semelhante a uma nuvem de trovão e, assumindo um aspecto formidável, cheio de vigor, agitando seus braços e pernas, agitou o ar.

Pulando para cima, aquele titã valente, derramando setas, lançou-se sobre Hanuman e aquele principal dos titãs, extremamente habilidoso, o melhor dos guerreiros em carros, Aksha, ardendo de coragem, o cobriu com uma saraivada de flechas, como uma nuvem cobre as montanhas com granizo. Evitando aquelas flechas por mover-se rapidamente entre elas, aquele macaco heroico, com a velocidade do vento, rápido como o pensamento, começou a percorrer o caminho do ar. Lançando olhares cheios de orgulho em Aksha, que estava armado com arco e flechas, ansioso para lutar e, enchendo o céu com suas inúmeras flechas excelentes, aquele filho do deus do vento ficou pensativo, e com seu peito perfurado pelas setas daquele herói jovem e poderoso, ele emitiu um grande grito. Reconhecendo a habilidade de Aksha, ele ponderou sobre as qualidades marciais daquele guerreiro, refletindo:

"Esse guerreiro notável e poderoso, como um sol recém-nascido em esplendor, tem realizado ações incapazes de serem executadas por um garoto; eu estou relutante em matar alguém que se mostrou à altura de todas as façanhas marciais; ele é de grande alma, cheio de valentia, concentrado e capaz de suportar extrema dificuldade em guerra, digno de ser honrado pelos grandes sábios, nagas e yakshas; sua força e coragem lhe dão uma autoconfiança nobre, e de pé diante de mim, ele me olha direto nos olhos. Certamente o heroísmo desse ser audacioso abalaria a alma dos deuses e dos próprios titãs. Realmente ele é um adversário que não deve ser desprezado, sua bravura aumenta conforme ele luta; se eu ignorá-lo, ele me derrotará, portanto, eu devo destruí-lo porque o fogo se espalhando não pode ser negligenciado".

Pensando assim sobre a força de seu inimigo e a sua própria, aquele poderoso, dotado de energia, resolveu matar seu adversário. Então aquele macaco valente, nascido de Pavana, correndo através do ar, atingiu aqueles oito corcéis excelentes de tamanho imenso, capazes de suportar uma carga pesada em combate, com a palma de sua mão, e a grande carruagem, derrubada pelo golpe administrado pelo conselheiro do rei dos macacos, com seu mastro quebrado, as lanças partidas, os corcéis mortos, caiu à terra do céu.

Então, abandonando seu carro, levando o seu arco e espada, aquele guerreiro saltou no ar, como um asceta como resultado de suas penitências ascende ao céu ao deixar o corpo.

Subindo ao céu frequentado pelo rei das aves, o vento e os celestiais, aquele macaco, com um único salto, agarrando as pernas dele, como Garuda captura uma cobra, com uma força igual à de seu pai, o girou repetidamente e atirou-o violentamente no chão. Com seus braços, coxas e peito esmagados, vomitando sangue, seus ossos e olhos pulverizados, suas articulações deslocadas, seus tendões dilacerados, ele caiu por terra morto pelo filho do vento.

Depois disso aquele macaco poderoso pisoteou seu rival, infligindo terror no coração do rei dos titãs, e de todos os rishis, cakracaras, bhutas, yakshas, pannagas e suras reunidos com seu líder Indra, que olhavam com admiração para o matador símio daquele jovem titã. E Hanuman, tendo destruído o moço Aksha, cujos olhos se inflamavam de sangue no campo de batalha, voltou para o portão e esperou mais uma vez lá, como a Morte na hora da destruição de todas as criaturas.

Capítulo 48 – Hanuman se permite ser capturado pelos titãs

O jovem Aksha tendo sido morto por Hanuman, Ravana, controlando sua agitação, cheio de raiva, mandou Indrajita, que se assemelhava a um deus, entrar em campo, dizendo:

"Tu és o mais notável daqueles que portam armas e tens afligido até mesmo os deuses e os asuras em guerra; tu és famoso entre os guerreiros e adquiriste armas divinas pela graça de Brahma; tu és invencível em combate, mesmo contra os Maruts liderados pelo próprio Indra. Não há ninguém nos três mundos que não se canse em batalha, exceto tu. Tu és protegido por tua destreza de braços e tua bravura é teu escudo; sendo versado no conhecimento de tempo e lugar, tu és extremamente experiente e para ti nenhum feito é impossível de ser realizado no campo, que és cheio de prudência; não há ninguém nos três mundos que não conheça as tuas austeridades iguais às minhas, como também a tua bravura e a

força dos teus braços em combate, mais ainda, dependendo de ti, eu não tenho ansiedade sobre o resultado da luta.

"Na verdade eu não colocava a mesma confiança naqueles que sucumbiram que agora eu coloco em ti, ó destruidor de teus inimigos, nem nos Kinkaras nem em Jambumalin, filho do meu conselheiro, nem nos cinco generais partindo na chefia de suas tropas com inúmeras forças, acompanhados por cavalos, elefantes e carros, nem no jovem, querido amado, Aksha, morto por aquele macaco. Ó herói, tu superas todos eles, portanto, refletindo sobre a tua própria força, com toda pressa age de tal forma que a destruição do exército possa ser evitada. Ó principal dos portadores de armas, considerando a tua destreza e a do teu adversário, que agora repousa tranquilamente depois de criar carnificina entre aquelas hostes hostis, age de modo que seu poder possa ser subjugado. Forças poderosas podem não servir de nada aqui, pois grandes exércitos fogem diante de Hanuman, nem maças têm eficácia; a velocidade da Maruti é irresistível e, semelhante a Agni, ele não pode ser morto por armas. Portanto, revolvendo todas essas coisas em tua mente e refletindo sobre a qualidade divina do teu arco, com a intenção de provocar um resultado auspicioso, te esforça com determinação para vencer teu inimigo por frustrar seus ataques. Seguramente não era a minha vontade te expor a esse perigo, ó principal entre aqueles dotados de inteligência, mas esse rumo de ação é aprovado por guerreiros e está de acordo com o dever dos reis. Na guerra é preciso ser versado nas tradições como também nas regras da ciência militar para emergir triunfante da luta".

Ouvindo as palavras de seu pai, Indrajita, cuja coragem era igual à do filho de Daksha, o circungirou e, inspirado com ardor marcial, se preparou para lutar. Cumulado de homenagens por seus queridos companheiros, que tinham se reunido lá, ele partiu para a batalha. E o filho resplandecente do rei dos titãs, cujos olhos pareciam as pétalas de um lótus, saltou impetuosamente para frente, como o oceano na época da lua cheia. Depois disso, Indrajita de destreza incomparável, igual a Indra, subiu na sua carruagem, veloz como a águia ou o vento, movendo-se livremente, puxada por quatro leões de dentes brancos puros.

De pé em seu carro, aquele mais hábil dos arqueiros, totalmente familiarizado com o uso de armas, o principal dos guerreiros, dirigiu-se rapidamente para onde Hanuman podia ser encontrado.

Ao ouvir o estrondo das rodas e a vibração da corda, o deleite daquele macaco foi redobrado, ao que Indrajita, pegando seu arco e flechas de pontas de aço, versado na arte da guerra, procedeu em direção a Hanuman, e quando ele avançou de ânimo leve, com suas armas na mão, os quatro quadrantes escureceram e chacais soltaram um uivo hediondo. Nagas, yakshas, maharishis, cakracaras e siddhas se reuniram e o céu estava cheio de aves emitindo gritos agudos.

Vendo aquela carruagem caindo sobre ele, com o estandarte de Indra desfraldado, aquele macaco deu um grande grito e expandiu seu corpo; após o que, Indrajita em seu carro celeste puxou para trás seu arco maravilhoso, emitindo um som como um trovão, e aqueles dois poderosos heróis se envolveram em conflito, o macaco e o filho do rei dos titãs, como deus e demônio.

Indiferentes ao perigo eles começaram a lutar, e aquele macaco poderoso escapou do exército impetuoso daquele arqueiro valente e guerreiro consumado em seu grande carro, por executar uma miríade de evoluções no ar com agilidade indescritível. Então o heroico Indrajita, matador de seus inimigos, começou a disparar suas maravilhosas flechas aladas e de pontas de ferro afiadas moldadas

soberbamente, com pontas de ouro, rápidas como relâmpago. Ouvindo o estrondo daquela carruagem, o rufar dos tambores, junto com o som do estiramento do arco, Hanuman saltava para lá e para cá e aquele macaco poderoso, esquivando-se da chuva de flechas, habilmente frustrou aquele arqueiro hábil, cujo alvo ele era, e esticando seus braços, Hanuman, o filho de Anila, desviando daqueles mísseis, saltou para o céu. Assim aqueles guerreiros habilidosos e intrépidos, extremamente velozes em movimento e versados na arte da guerra, se engajaram em combate para o espanto de todos os seres. Nem o titã era capaz de pegar Hanuman desprevenido nem Maruti de surpreender Indrajita, enquanto eles se atiravam um sobre o outro com uma coragem digna dos deuses.

Observando-o incólume embora o alvo de suas setas infalíveis, Indrajita, controlando seus sentidos, ocupou-se em profunda concentração de pensamento em Hanuman, e achando-o incapaz de ser morto, começou a pensar em como ele poderia ser amarrado rapidamente, e aquele mais experiente dos guerreiros, cheio de energia extraordinária, disparou aquela arma poderosa conferida a ele por Brahma naquele macaco ilustre. Sabendo que ele não podia ser morto, Indrajita, hábil em estratégia, refreou aquele filho do deus do vento com a ajuda daquela arma.

Atingido pelo titã com a arma de Brahma, aquele macaco caiu por terra inconsciente, mas sabendo que estava atado por uma flecha pertencente ao Senhor ele não sentiu a menor dor e, embora sem forças, aquele macaco se lembrou da bênção de Brahma. Então o macaco heroico começou a recordar as bênçãos que conferidas a ele por Brahma, e pensando naquela arma concedida pela Autocriado, consagrada por mantras, ele refletiu: "Eu não posso me livrar dessas amarras em virtude do poder daquele Guru do mundo. Além disso, essa subjugação foi ordenada por Ele e deve ser suportada por mim".

Então, pensando no poder daquela arma e na compaixão do avô do mundo para com ele, também na possibilidade de libertação, o macaco submeteu-se ao decreto de Brahma.

Ele pensou: "Embora amarrado firmemente por essa arma, eu não sinto medo; o avô do mundo, Mahendra e Anila vão me proteger; realmente eu creio que é para o meu benefício cair nas mãos dos titãs e, assim, ficar cara a cara com o seu grande rei, portanto, que os meus inimigos me levem cativo!"

Tendo assim decidido, aquele destruidor de seus inimigos, cheio de circunspecção, ficou imóvel, e sendo imobilizado cruelmente pelos titãs, ele respondeu às suas ameaças e abusos com rugidos leoninos. Vendo aquele subjugador de seus inimigos jazendo imóvel, os titãs o amarraram com cordas trançadas de cânhamo e pele e ele voluntariamente se permitiu ser amarrado e insultado por seus inimigos para que pudesse conversar com o rei dos titãs, se ele, por curiosidade, desejasse vê-lo. Amarrado com cordas, o macaco não estava mais sob a influência da arma-Brahma, pois, ele sendo segurado por outras amarras, ela foi anulada. Vendo aquele macaco excelente preso com pele, o valente Indrajita reconheceu que ele estava livre daquela arma sobrenatural e ficou pensativo, dizendo em voz alta:

"Ai de mim, esses titãs tornaram inútil a minha façanha, não estando familiarizados com o poder dos mantras, e essa arma de Brahma sendo anulada, nenhuma outra é eficaz, assim nós estamos todos colocados em um grande apuro, pois essa arma não pode ser disparada duas vezes".

Embora livre do poder da arma, Hanuman não revelou nenhum sinal disso, apesar do sofrimento causado pelos grilhões que o amarravam, e ele se permitiu ser

maltratado pelos titãs e atacado por aqueles demônios cruéis que o golpeavam com seus punhos e o arrastavam diante de Ravana. Livre da arma-Brahma, ainda atado por cordas de cânhamo, aquele macaco poderoso e heroico foi exibido por Indrajita diante de Ravana e sua corte. E aqueles titãs contaram ao rei tudo relativo àquele principal dos macacos, que parecia um elefante enlouquecido que tinha sido amarrado.

Ao verem o principal dos macacos feito prisioneiro, aqueles guerreiros titãs indagaram dizendo: "Quem é esse? Quem o enviou? De onde ele vem? Qual é a sua missão? Quem são os seus apoiantes?" E outros exclamaram com raiva: "Matem-no! Queimem-no! Devorem-no!"

Tendo percorrido parte do caminho, Hanuman observou atendentes idosos sentados aos pés de seu soberano e ele olhou com admiração para o palácio decorado com pedras preciosas.

Em seguida, o extremamente poderoso Ravana viu aquele principal dos macacos arrastado para lá e para cá por aqueles titãs hediondos, e Hanuman olhou para o senhor dos titãs, que era como um sol resplandecente em seu poder e glória.

Vendo Hanuman, ele de dez cabeças emitiu ordens aos seus principais ministros, ilustres por sua linhagem e caráter, que estavam diante dele, e ordenou-lhes interrogar aquele macaco. Então, questionado por sua vez por eles sobre a finalidade da sua vinda, Hanuman respondeu: "Eu sou um mensageiro, eu venho do rei Sugriva".

Capítulo 49 – Sua admiração ao contemplar Ravana

Ponderando sobre as façanhas dele de destreza superior, Hanuman contemplou com admiração o rei dos titãs, cujos olhos estavam vermelhos de raiva e que estava resplandecendo com ouro raro e deslumbrante, adornado com um diadema esplêndido cravejado de pérolas e excelentes ornamentos de diamantes e pedras preciosas criadas pelo poder do pensamento concentrado. Vestido em linho valioso, coberto de pasta de sândalo vermelho, pintado com desenhos variegados, ele parecia esplêndido com seus olhos avermelhados, olhar feroz, dentes afiados brilhantes e lábios salientes.

Para o macaco, aquele de dez cabeças, que era resplandecente e de grande energia, parecia a montanha Mandara com seus topos infestados com inúmeras cobras ou uma massa de antimônio azul. Com um colar de pérolas brilhando em seu peito, seu rosto possuindo o brilho da lua cheia, ele se assemelhava a uma nuvem iluminada pelo sol nascente. Com seus grandes braços carregados de braceletes, cobertos com pasta de sândalo, seus dedos, como serpentes de cinco cabeças, cobertos com anéis brilhantes, ele estava sentado em um trono magnífico e maravilhosamente incrustado de cristais cravejado com pedras preciosas e coberto com tapeçarias ricas. Mulheres, vestidas suntuosamente, o cercavam, com chouris em suas mãos, e ele era assistido por quatro conselheiros experientes, Durdhara, Prahasta, Mahaparshwa e o ministro Nikumbha que estavam em volta dele como os quatro mares circundando a terra; e outros conselheiros também o serviam como os deuses ao seu rei.

Então Hanuman contemplou o senhor dos titãs, vestido em esplendor extremo, parecendo o pico do monte Meru rodeado por nuvens de trovão e, embora sofrendo nas mãos dos titãs da destreza terrível, Hanuman sentiu extrema

admiração à visão daquele monarca, e vendo a refulgência daquele senhor dos titãs, deslumbrado por sua magnificência, ele ficou absorto em pensamentos.

'Que esplendor, que poder, que glória, que majestade', ele refletiu, 'nada está faltando! Se ele não fosse mau, esse poderoso monarca dos titãs poderia ser o protetor do reino celeste e o próprio Indra, mas os seus atos cruéis e implacáveis, abomináveis para todos, o tornam o flagelo dos mundos como também dos deuses e demônios; em sua ira ele poderia fazer da terra um oceano!'

Tais foram os diversos pensamentos daquele macaco sagaz ao contemplar a força e poder imensuráveis do rei dos titãs.

Capítulo 50 – Hanuman é questionado pelos titãs

Vendo aquele de olhos fulvos de pé diante dele, Ravana de braços fortes, o terror dos mundos, encheu-se de raiva violenta. Olhando para aquele leão entre os macacos irradiando esplendor, com sua mente cheia de apreensão, ele refletiu:

"Esse é o abençoado Nandi, que veio para cá, ele que antigamente me amaldiçoou quando, no monte Kailasha, se tornou o objeto do meu escárnio? Ou por acaso ele é Vana o filho de Bali sob a forma de um macaco?"

Com os olhos vermelhos de raiva, o rei então se dirigiu ao principal dos seus conselheiros, Prahasta, em palavras que eram oportunas e repletas de bom senso, dizendo:

"Pergunta a esse patife perverso de onde ele veio, por que razão ele devastou o bosque e por que ele matou os titãs? Qual é o seu propósito ao entrar nessa fortaleza inexpugnável e por que ele atacou meus atendentes? Interroguem esse canalha a respeito dessas questões!"

Ao ouvir essas palavras de Ravana, Prahasta disse a Hanuman: "Ó macaco, sê valente, tu não tens nada a temer! Se foi Indra que te enviou para a residência de Ravana, dize-nos francamente! Não tenhas ansiedade, tu serás libertado! Se tu és de Vaishravana, Yama ou Varuna e penetraste em nossa cidade disfarçando a tua forma real, ou se tu foste enviado por Vishnu, ávido por conquista, então nos dize. Só a tua forma é a de um macaco, não a tua destreza. Revela tudo isso para nós fielmente, ó macaco, e tu imediatamente irás recuperar a tua liberdade, mas se tu mentires, tu pagarás por isso com a tua vida! Portanto, dize-nos por que tu entraste na residência de Ravana".

Assim abordado, o principal dos macacos respondeu ao senhor dos titãs, dizendo:

"Eu não sou de Shakra nem de Yama nem de Varuna nem sou aliado a Kuvera, nem fui enviado por Vishnu. Eu sou realmente um macaco como pareço ser, que vim aqui para ver o rei dos titãs e para esse fim eu destruí o bosque. Para preservar a minha vida eu lutei com os titãs que, cheios de coragem, se apresentaram diante de mim. Nem armas nem correntes podem me dominar, mesmo aquelas dos deuses e dos próprios titãs, eu tendo recebido essa bênção do avô do Mundo. Foi porque eu desejava ver o rei que eu me permiti ser dominado pela arma de Brahma. Embora eu não estivesse sob o feitiço daquela arma, eu permiti que os titãs me capturassem, a fim de promover o plano de Rama por qual propósito eu entrei na presença do rei. Sabendo que eu sou o mensageiro de Raghava, cujo poder é ilimitado, ouve as minhas palavras, o que será para o teu benefício, ó senhor".

Capítulo 51 – As palavras dele

Vendo o poderoso Ravana de dez cabeças, aquele macaco intrépido se dirigiu a ele sem medo, com palavras repletas de perspicácia, dizendo:

"Eu vim aqui por ordem de Sugriva, ó senhor dos titãs! Como um irmão, o soberano dos macacos oferece saudações a ti. Ouve o conselho de um irmão, o magnânimo Sugriva; as suas palavras estão em acordo com a justiça, são vantajosas e salutares neste mundo e no outro.

O rei Dasaratha, o dono de carros, elefantes e cavalos, em esplendor igual a Indra, era amigo de todos e como um pai para seus súditos. Seu filho mais velho, de braços poderosos, muito querido para seu pai, por ordem dele, entrou na floresta de Dandaka com seu irmão Lakshmana e sua consorte Sita. Seu nome é Rama e ele é extremamente valente e sempre permanece no caminho da virtude. Sua consorte fiel, Sita, a ilustre filha de Janaka de grande alma, rei de Videha, desapareceu na floresta de Janasthana. Procurando por essa princesa, o filho do rei com seu irmão mais novo chegou a Rishyamuka e se encontrou com Sugriva. Aquele rei dos macacos prometeu realizar a busca por Sita e Rama concordou em ajudá-lo a recuperar o reino dos macacos. Então, matando Bali em combate, aquele filho de rei estabeleceu Sugriva no trono, como senhor de todos os ursos e macacos. Bali, aquele touro entre os macacos, antigamente conhecido por ti, foi morto por Rama com uma única seta na luta, após o que o senhor dos macacos, Sugriva, fiel ao seu voto, ansioso para encontrar Sita, despachou macacos em todas as direções. Centenas, milhares e milhões de macacos estão explorando todas as regiões altas e baixas, até mesmo os céus, e alguns parecem Vainataya e alguns o vento e aqueles macacos muito ativos correm para lá e para cá sem descanso, incapazes de serem parados. Eu me chamo Hanuman, o amado filho de Maruta e, para encontrar Sita, cruzei quatrocentas milhas de mar. Tendo passado sobre o oceano, vagando pelo teu palácio, eu observei a filha de Janaka.

"Não cabe a ti, que és familiarizado com o que é digno e adequado e te enriqueceste por tuas penitências, raptar a esposa de outro, ó eminentemente sagaz. Seres inteligentes como tu não devem cometer atos proibidos pela lei da justiça que levam à ruína! Quem, mesmo entre os deuses e os titãs, pode resistir às flechas disparadas por Lakshmana ou aquelas de Raghava em sua ira? Não só isso, nos três mundos, não há ninguém que possa afrontar Rama com impunidade. Seguindo o caminho do dever e do lucro, reflete sobre essas palavras repletas de vantagem para ti nas três divisões de tempo e devolve Janaki para Rama, aquele leão entre os homens!

"Eu vi Sita e realizei o que era difícil de alcançar, quanto ao que resta a ser feito, o próprio Rama o realizará. Eu a vi na tua residência, sofrendo dolorosamente; aparentemente tu não estás ciente de que abrigas uma serpente de cinco cabeças na tua mansão. Assim como alimento misturado com veneno não pode ser digerido por deuses ou titãs, assim é ela. Não é digno de ti reduzir a nada aquele mérito adquirido por meio de extrema mortificação, como também uma vida longa e próspera. Tu julgas que pelas tuas penitências tu ganhaste a bênção de não poder ser morto nem por deuses, imortais ou titãs, mas Sugriva não é nem um deus nem um imortal nem um titã. Raghava, ó rei, é um mortal, e Sugriva, o senhor dos macacos, portanto, como tu preservarás a tua vida? Os frutos da virtude não se

misturam com os do vício, nem a equidade destrói a iniquidade. Até hoje tu tens colhido o fruto dos teus méritos, mas em breve tu colherás o fruto dos teus maus atos. Sabendo da destruição de Janasthana, da morte de Bali e da aliança de Rama e Sugriva; reflete sobre essas coisas para o teu próprio benefício. Eu sou indubitavelmente capaz de destruir Lanka com seus cavalos, carros e elefantes sozinho, porém não recebi a ordem de fazê-lo. Na presença das tropas de macacos e ursos Rama prometeu matar seus inimigos, os que levavam Sita. Seguramente, ao causar dano a Rama, até mesmo o próprio Indra não poderia viver em paz, muito menos alguém como tu. Essa Sita, que é conhecida por ti e que permanece em tua casa é a escuridão da morte que causará o teu fim e o de Lanka. Guarda-te de colocar teu pescoço no laço da morte sob a forma de Sita. Considera como podes salvar a ti mesmo. Tu verás essa cidade maravilhosa com seus palácios e rodovias consumida pelo poder de Sita e as chamas alimentadas pela ira de Rama. Portanto, não abandones os teus amigos, ministros, parentes, irmãos, filhos, servos, esposas e Lanka a esse destino. Ó Indra entre os titãs, segue esse bom conselho já que ele é oferecido a ti por alguém que é um macaco, o servo e mensageiro de Rama.

"Tendo aniquilado totalmente os mundos e seus habitantes com tudo o que se move ou não se move, o ilustre Raghava poderia recriá-los todos. Entre os chefes dos deuses, titãs, yakshas, danavas, nagas, vidyadharas, gandharvas, animais selvagens, siddhas, kinnaras ou aves, de modo algum, nem em qualquer lugar, em nenhum momento, entre quaisquer seres, foi encontrado alguém que pudesse oferecer resistência a Rama, cujo valor é igual ao de Vishnu. Uma vez que tu fizeste essa afronta àquele leão entre os reis, Rama, a tua vida está perdida!

"Devas, daityas, gandharvas, vidyadharas, nagas e yakshas são incapazes de se manter em combate com Rama, o protetor dos três mundos, ó rei dos titãs! Mesmo se fosse Brahma o de quatro cabeças, o próprio Swyambhu, ou Rudra o de três olhos, o destruidor de Tripura, ou o poderoso Indra, chefe dos deuses, nenhum deles poderia resistir a Raghava no campo de batalha".

Ao ouvir esse discurso desagradável porém excelente daquele macaco ousado e destemido, o de dez pescoços, com seus olhos revirando de raiva, ordenou que ele fosse morto.

Capítulo 52 – Bibishana suplica por Hanuman

Ouvindo as palavras daquele macaco de grande alma, Ravana, em um acesso de fúria, ordenou que ele fosse morto. Essa sentença, no entanto, emitida pelo rei dos titãs em sua perversidade para alguém tinha se declarado um mensageiro, não teve a aprovação de Bibishana.

Sabendo que o senhor dos titãs estava extremamente irado e o assunto prestes a ser concluído, aquele príncipe, firme na justiça, começou a considerar o que deveria então ser feito, e aquele subjugador de seus inimigos, tendo resolvido como agir, se dirigiu ao seu irmão mais velho em palavras que eram essencialmente verdadeiras e brandas, dizendo:

"Ó rei dos titãs, controla a tua raiva e com a mente tranquila me ouve, estende a tua graça a mim. Monarcas justos, estando familiarizados com as leis de causa e efeito, não tiram a vida de um mensageiro. Ó príncipe valente, é contrário à justiça, contrário ao costume social, e indigno de ti causar a morte desse macaco. Tu és versado no código moral, reconheces uma obrigação, podes distinguir entre alto e

baixo, cumpres os teus deveres reais e estás ciente do propósito último da vida. Se os sábios, como tu, se permitem ser dominados pela raiva, então o estudo das escrituras é apenas um cansaço da carne. Sê pacificado, portanto, ó matador de teus inimigos, ó inconquistável soberano dos titãs, e considera o que é adequado e justo ao dispensar punição a um inimigo".

Ouvindo as palavras de Bibishana, Ravana, o senhor dos titãs, com uma raiva violenta, respondeu-lhe dizendo:

"Ó flagelo de teus inimigos, matar um malfeitor não é pecado, portanto, eu darei fim a esse causador de iniquidade".

Ao ouvir essa fala infame e inescrupulosa, essencialmente perversa, Bibishana, que era o mais importante dos dotados de sabedoria, respondeu com palavras repletas de integridade, dizendo:

"Ó senhor de Lanka, rei de todos os titãs, sê bondoso para comigo e ouve aquilo que incorpora o significado da virtude e do lucro. Sob nenhuma circunstância um enviado é condenado à morte, esse é o veredicto unânime dos bons. Sem dúvida esse é um adversário formidável e ele infligiu dano imensurável a nós, todavia, homens de honra não sancionam o assassinato de um mensageiro embora inúmeras punições tenham sido ordenadas para eles. Mutilação do corpo, açoites, chicotadas, raspagem da cabeça, marcação a ferro quente, um ou todos esses podem ser infligidos a um mensageiro, mas da punição por morte ninguém jamais ouviu falar. Como pode um herói como tu, cuja mente é influenciada por um senso de dever e que é discriminador e familiarizado com o que é nobre e ignóbil, se permitir ser dominado pela raiva? Os virtuosos não cedem à ira! Tu não tens igual entre aqueles que governam sobre um povo e tu és capaz de compreender o significado das escrituras; tu superas os titãs e os deuses. Invencível para os deuses e os titãs que são dotados de destreza, ardor marcial e inteligência, tu tens muitas vezes em batalha derrotado o rei dos celestiais e outros monarcas. Os tolos que, mesmo em pensamento procuram ferir a ti, que és um guerreiro notável e intrépido, que tens lutado com daityas e devas, heroico, intrépido e inconquistável, já estão privados de suas vidas. Eu não vejo justificativa para executar esse macaco. É sobre aqueles que o enviaram que a punição deve cair. Seja ele honesto ou não, a responsabilidade é deles. Defendendo os interesses de outros e dependente deles, um emissário não merece a morte. Além disso, se esse ser for morto, nenhum outro percorredor do céu pode se apresentar para nós, portanto, ó conquistador de fortalezas hostis, não procures tirar sua vida; dirige os teus esforços contra os deuses e seu líder. Ó tu que amas a guerra, se ele for morto, eu não vejo ninguém que possa incitar aqueles príncipes altivos a pegarem em armas contra ti. Não é apropriado que tu, a quem os deuses e os titãs não podem vencer, tires dos Nairritas, cujo deleite tu és, a oportunidade de testemunhar esse combate! Eles são dedicados ao teu bem-estar, corajosos, guerreiros disciplinados eminentes por suas grandes qualidades, inteligentes, famosos por seu ardor e comportamento excelente. Portanto, que alguns deles, partindo sob as tuas ordens hoje, capturem aqueles dois príncipes e estabeleçam a tua supremacia entre os teus inimigos".

Nisso, Ravana, aquele sagaz senhor dos titãs, o formidável inimigo do reino celeste, reconheceu a sabedoria das palavras inspiradas pronunciadas por seu irmão mais novo.

Capítulo 53 – Hanuman é levado amarrado através da cidade

Ouvindo as palavras de seu irmão de grande alma, faladas em conformidade com hora e lugar, Dashagriva respondeu-lhe dizendo:

"Tu falaste verdadeiramente, o assassinato de um mensageiro deve ser desaprovado, é, pois, necessário infligir alguma punição que não a morte a ele. No caso dos macacos, a cauda é, sem dúvida, o embelezamento mais apreciado, portanto, que ela seja incendiada e, depois de ter sido queimada deixem-no ir, após o que seus amigos, parentes e aliados como todos aqueles queridos para ele o verão degradado e mutilado".

Então, o senhor dos titãs emitiu este comando: "Com sua cauda em chamas, que ele seja levado através da cidade de Lanka e suas estradas".

Ouvindo suas palavras, os titãs em sua fúria selvagem começaram a envolver a cauda de Hanuman em trapos de algodão, e assim enfaixado, aquele macaco colossal aumentou de tamanho como um fogo em uma floresta alimentado por madeira seca. E, tendo embebido os tecidos em óleo, os titãs lhes atearam fogo e Hanuman, cheio de raiva e indignação, com seu rosto brilhando como o sol nascente, os atacou com sua cauda em chamas, no que aquele leão entre os macacos foi segurado com mais força pelos demônios reunidos. Acompanhados por mulheres, crianças e idosos, aqueles viajantes noturnos se reuniram para apreciar o espetáculo e o valente Hanuman, que estava amarrado, começou a refletir sobre o assunto e pensou consigo mesmo:

"Indubitavelmente, embora preso, os titãs não são capazes de me impedir de romper minhas amarras e pular entre eles causando nova carnificina, entretanto, é no interesse do meu mestre que eu fiz essa viagem, e é sob as ordens de seu senhor que eles me prenderam, portanto eu não resistirei a eles. Do ponto de vista da estatura, eu sou bem capaz de travar batalha com todos esses titãs, mas por amor a Rama eu sofrerei esse ultraje. Eu examinarei Lanka de novo, já que durante a noite eu não pude ver as fortificações, isso se revelando muito difícil. A noite tendo passado eu verei Lanka de dia. Que eles me amarrem outra vez; mesmo que eles me inflijam dor pela queima da minha cauda, a minha mente não está perturbada".

Enquanto isso, os titãs, agarrando aquele grande macaco de aspecto formidável que era cheio de coragem, um elefante entre os macacos, exultantes, avançaram com alegria, proclamando os crimes dele com conchas e trombetas, e aqueles demônios de façanhas cruéis arrastaram Hanuman, o conquistador de seus inimigos, através da cidade, ele se submetendo voluntariamente a eles.

Então, passando através da capital do titã, o grande macaco examinou aqueles palácios maravilhosos, estradas cobertas, praças bem projetadas e ruas cercadas de mansões, e cruzamentos, becos e vielas, como também o interior das residências, e nos terraços e estradas e ao longo das estradas reais todos aqueles titãs gritavam: "Esse é um espião!"

Então aquelas horrendas mulheres titãs informaram a divina Sita dessas notícias desagradáveis, dizendo: "Ó Sita, aquele macaco de cara vermelha, que conversou contigo, está sendo conduzido através das ruas, com sua cauda em chamas". E ao ouvir essas palavras, Vaidehi, lembrando-se do seu próprio rapto, tomada pela dor, tendo se purificado devidamente, invocou aquele deus que se nutre dos sacrifícios e lhe implorou urgentemente para mostrar sua benevolência para com aquele macaco poderoso. E Sita de olhos grandes, permanecendo diante do fogo, disse: "Se eu sou possuidora de verdadeira devoção por meu marido e tenho praticado penitências, se eu tenho sido uma esposa casta, então te revela frio

para esse macaco. Se o sagaz Rama ainda tem alguma compaixão por mim, se os meus méritos não estão totalmente esgotados, então não queimes Hanuman".

No que Anala de raios ardentes, como se comunicando-se com aquela senhora, cujos olhos eram como os de uma corça, resplandeceu e, ao mesmo tempo, o pai de Hanuman, para agradar aquela deusa, soprou sobre a cauda flamejante com hálito gelado e o macaco, cuja cauda estava em chamas, pensou: "Como é que esse fogo, resplandecendo, não me queima? Eu vejo uma grande chama, contudo não sinto dor, assim como se a neve tivesse caído sobre ela. Em verdade esse é um milagre devido ao poder de Rama que eu testemunhei quando cruzando o mar. Se o oceano e a virtuosa Mainaka agiram de tal maneira, em reverência por ele, o que o deus do fogo não fará? É por causa da virtude de Sita, do poder de Raghava e da afeição do meu pai por mim que Pavaka não me queima".

Posteriormente aquele elefante entre macacos refletiu: "Por que um guerreiro como eu se permitiria ser amarrado por esses titãs vis? É apropriado que eu manifeste a minha bravura e me vingue!"

Então aquele macaco impetuoso e poderoso rompeu suas amarras e saltando no ar proferiu um grito, e aquele filho do deus do vendo chegou ao portão da cidade que era tão alto quanto o pico de uma montanha e onde nenhum titã era encontrado. Então ele, que parecia uma grande colina, assumiu uma forma diminuta e deixando cair seus grilhões ficou livre, após o que ele se expandiu para o tamanho de uma montanha mais uma vez. Olhando à sua volta ele observou um bastão de ferro perto do portão e Maruti de braços longos, agarrando aquela arma, usou-a para matar os guardas. Tendo os destruído, em seu ardor, ele de bravura extraordinária, com a coluna de fumaça da queima de sua cauda parecendo uma auréola, semelhante ao sol glorioso cercado por raios, lançou seu olhar sobre Lanka.

Capítulo 54 – Ele coloca fogo em Lanka

Examinando Lanka, aquele macaco, tendo alcançado o seu propósito, começou a considerar o que mais ele deveria fazer e refletiu consigo mesmo: "O que mais me resta a fazer para afligir os titãs? O bosque devastado, aqueles titãs vis mortos, uma parte do exército destruída, nada me resta exceto demolir sua fortaleza. Com seu forte destruído, seria fácil pôr fim ao meu trabalho; com um pouco de esforço eu posso completar a minha tarefa e obter a recompensa da minha angústia. O portador de oferendas sacrificais que flameja em minha cauda deve ser propiciado por mim, eu irei, portanto, queimar esses edifícios excelentes".

Nisso, com sua cauda em chamas, o que lhe dava a aparência de uma nuvem carregada de relâmpagos, aquele grande macaco começou a percorrer os telhados das habitações de Lanka. Olhando em volta, passando de mansão para mansão, com a mente calma ele rodeou aqueles edifícios e jardins imponentes, e pulando impetuosamente em direção ao palácio de Prahasta, ele de bravura extrema, em força semelhante ao vento, ateou fogo a ele. Depois disso o poderoso Hanuman saltou para a mansão de Mahaparshwa acendendo um fogo igual àquele do fim do mundo. Então aquele macaco de energia imensa saltou sobre a residência de Vajradanshtra e sobre aquelas pertencentes a Shuka e ao inteligente Sarana. Da mesma forma aquele líder de macacos incendiou as casas de Indrajita, Jambumalin e Sumali e aquelas dos titãs Rashmiketu, Suryashatru, Hrasvakarna, Damshtra,

Romasha, Yuddhonmatta, Matta, Dwajagriva, Vidyujjihva e Hastimukha e as moradias de Karala, Vishala, Shonitaksha, Kumbhakarna, Maharaksha, aquelas de Narantaka, Kumbha, Nikumbha e dos magnânimos Yajnashatru e Brahmashatru.

Aquele poderoso touro entre os macacos depois ateou fogo ao tesouro acumulado daqueles titãs ricos, e tendo passado sobre as outras habitações aquele poderoso e auspicioso aproximou-se da residência do rei dos titãs. Então o virtuoso Hanuman, emitindo gritos altos, parecendo uma nuvem na dissolução do mundo, com a ponta de sua cauda em chamas incendiou aquele principal dos edifícios decorado com todas as variedades de gemas, semelhante ao monte Meru ou Mandara, enriquecido com decoração suntuosa.

Atiçadas pelo vento, as chamas se espalharam por toda parte, lançando lampejos lívidos como os Fogos do Tempo e aqueles palácios, enriquecidos com ouro, decorados com pérolas e pedras preciosas, ricamente enfeitados com joias, desabaram, reduzindo-se a pó como as mansões dos celestiais que caíram do céu, seu mérito esgotado. Surgiu então um grande tumulto entre os titãs, que fugiram em todas as direções incapazes de preservar suas moradias, destituídos de seu tesouro, gritando: "Realmente é o próprio deus do fogo sob a forma de um macaco!"

Algumas das mulheres titãs com bebês em seu peito gritando corriam de suas casas e algumas, envoltas em chamas, com os cabelos em desordem, caíam das altas varandas como lampejos de relâmpago no céu. E Hanuman viu vários metais fluindo em uma massa fundida, misturados com diamantes, corais, esmeraldas, pérolas e prata, correndo a partir dos palácios e, como o fogo não se farta de consumir madeira e palha, Hanuman não se cansava de matar aqueles líderes dos titãs, nem a terra de receber seus cadáveres. Como Rudra consumiu o demônio Tripura, assim o macaco impetuoso e poderoso queimou Lanka e, do topo daquela montanha onde Lanka se encontrava, aquela conflagração terrível acesa pelo intrépido Hanuman brotava em línguas de chama. Assemelhando-se aos fogos na destruição do mundo, o incêndio sem fumaça aceso por Maruta brilhava até os céus ajudado pelo vento, alimentando-se das residências dos titãs e dos seus corpos como oferendas sacrificais e, com o ardor feroz de um milhão de sóis, ele consumiu Lanka inteiramente, como com volume crescente o fogo racha o ovo cósmico com um som semelhante a inúmeros trovões. Aquele fogo de fúria incalculável, erguendo-se até o céu, com suas chamas parecendo flores Kimshuka, suas nuvens de fumaça semelhantes ao lótus azul, parecia extremamente belo.

"Realmente este é o deus que porta o raio, Mahendra, o chefe dos trinta, ou Yama ou Varuna ou Anila. Esse não é um macaco, mas o próprio deus da morte que chegou! Ou talvez seja uma manifestação da ira de Brahma, o deus de quatro faces que, sob a forma de um macaco, veio aqui para destruir os titãs, ou é o poder supremo de Vishnu, inimaginável, indizível, infinito e inigualável, que, por seu Maya, assumiu a forma de um macaco?"

Foi assim que os principais titãs falaram, estando reunidos e, vendo a sua cidade subitamente consumida pelo fogo com seus habitantes, cavalos, carros, bandos de pássaros, animais e árvores, eles começaram a lamentar, gritando: "Ó meu pai, ó meu filho amado, ó meu querido, ó meu amigo! Ai, ai de mim! Ó meu senhor, o nosso mérito espiritual está esgotado!" Assim, em meio a um terrível clamor, os titãs gritaram alto, e Lanka, envolta em chamas, com seus heróis mortos, seus guerreiros sucumbindo à ira veloz de Hanuman, parecia ter caído sob uma maldição. No meio do tumulto Hanuman, com orgulho, examinou Lanka ostentando marcas daquele incêndio violento e seus demônios aterrorizados como Swyambhu examina a destruição final do mundo.

Tendo destruído o bosque de árvores raras e matado aqueles titãs poderosos em combate e queimado aquela cidade cheia de palácios esplêndidos, aquele macaco nascido de Pavana descansou.

Tendo matado aqueles titãs em grande número, destruído os bosques densos e espalhado o fogo entre as residências dos titãs, o ilustre Hanuman ficou absorto em pensar em Rama.

Então todos os celestiais louvaram aquele príncipe entre os macacos guerreiros, dotado de imensa energia, igual a Maruta em rapidez, aquele filho sagaz e excelente de Vayu. E todos os deuses, os principais dos ascetas, os gandharvas, vidyadharas, pannagas e bhutas sentiram uma alegria extrema e indescritível.

E tendo devastado a floresta, matado os titãs em conflito e queimado a grande cidade de Lanka, aquele macaco poderoso, sentado no telhado do principal dos edifícios, espalhando os raios de sua cauda flamejante como uma auréola, parecia o sol cercado por um halo. Então, após consumir a cidade de Lanka, aquele grande macaco extinguiu o fogo de sua cauda no mar.

Vendo Lanka consumida pelo fogo, os deuses, gandharvas, siddhas e grandes ascetas ficaram muito admirados.

Capítulo 55 – A ansiedade de Hanuman a respeito de Sita

Vendo Lanka destruída pelo fogo e aquela cidade com seus titãs aterrorizados cheia de tumulto, o macaco Hanuman ficou pensativo e uma grande ansiedade invadiu sua mente.

Ele refletiu: "Ao queimar Lanka sem dúvida eu fiz algo repreensível! Bem-aventuradas são aquelas grandes almas, que com sua sabedoria extinguem a ira nascida dentro delas como um fogo é apagado pela água. Que mal não é cometido por aqueles que dão lugar à ira? Com raiva alguém pode até matar seu preceptor espiritual; e aquele que está enfurecido não se abstém de afrontar homens virtuosos. Aquele que cede à ira é incapaz de discriminar a respeito de quando é apropriado falar ou quando ficar em silêncio; não há iniquidade que não possa ser perpetrada por ele. É dito ser verdadeiramente um homem aquele que, controlando a si mesmo, subjuga a raiva crescente dentro dele como uma serpente rejeita sua pele. Ai de mim, malfeitor miserável e sem vergonha que eu sou, que, esquecendo Sita, matei meu senhor pelo fogo. Se aquela nobre filha de Janaka pereceu nesse incêndio, que consumiu totalmente a cidade de Lanka, eu frustrei o propósito do meu mestre; Sita tendo sido queimada, eu arruinei o plano do meu senhor. Queimar Lanka é uma ocorrência insignificante, mas ao me permitir ser dominado pela raiva eu cortei a própria raiz da minha missão. Seguramente Janaki pereceu pois não resta nenhum canto de Lanka que não tenha sido devastado, toda a cidade se encontra em cinzas. Já que eu sacrifiquei tudo pela minha falta de compreensão, eu abandonarei a minha vida neste instante, ou me atirarei ao fogo ou para dentro das mandíbulas de Vadava, ou darei meu corpo aos habitantes do mar. Vivo, eu não sou capaz de enfrentar o rei dos macacos ou aqueles dois tigres entre os homens, tendo arruinado o seu propósito. Através da minha raiva censurável eu manifestei a minha natureza símia indisciplinada para os três mundos. Ai da cólera desenfreada, incontida e irrestrita, sob a qual eu falhei em proteger Sita quando estava em meu poder fazer isso. Ela tendo perecido, aqueles dois heróis vão morrer também, e após eles deixarem de existir Sugriva abandonará sua vida com todos os seus parentes.

Ao ouvir essas notícias, como o virtuoso Bharata, dedicado ao seu irmão, ou Shatrughna, sobreviverão? Então depois da extinção da linhagem ilustre de Ikshvaku os seus súditos serão dominados pelo pesar.

"Desafortunado sou eu, cujos méritos foram anulados por ser falso aos laços do dever e da vantagem, me permitindo ser dominado por uma ira corruptora, tornando-me assim o destruidor de criaturas!"

Imerso nesses pensamentos melancólicos, Hanuman se lembrou de certos sinais auspiciosos que ele tinha observado anteriormente e disse para si mesmo:

"É possível que aquela adorável, protegida pelo seu próprio mérito espiritual, tenha escapado alegremente da morte? O fogo não pode queimar o fogo! Não só isso, Pavaka não se atreveria a se aproximar daquela virtuosa, preservada por sua própria pureza, que é a consorte de alguém de glória imensurável. Aquele portador de oferendas sacrificais não me queimou devido ao poder de Rama e à virtude de Vaidehi. Como, portanto, ela, o objeto da adoração daqueles três irmãos, Bharata e os outros, e a amada do coração de Rama, pereceria? Uma vez que é a natureza do fogo queimar, ele que reina como mestre invencível em todos os lugares, porém que não queimou a minha cauda, por que ele consumiria aquela exaltada?"

Depois Hanuman lembrou com admiração como a colina Mainaka apareceu para ele no oceano e refletiu: "Em virtude de seu ascetismo, sinceridade e devoção inabalável por seu marido, ela é capaz de consumir o próprio fogo, mas ele não pode consumi-la!"

Ponderando desse modo sobre a magnitude do mérito espiritual da divina Sita, Hanuman ouviu os charanas de grande alma conversando assim:

"Realmente Hanuman realizou uma proeza difícil ao acender um fogo feroz e terrível nas habitações dos titãs. As hostes de mulheres, crianças e idosos estão fugindo e o tumulto ressoa como em uma caverna; a cidade de Lanka com suas torres, muros e portais está totalmente consumida, mas Janaki ainda vive, um grande milagre!"

Essas foram as palavras, semelhantes a ambrosia, que caíram nos ouvidos de Hanuman e a partir desse instante a felicidade inundou seu coração novamente. Por conta dos presságios auspiciosos, das suas próprias conclusões, dos méritos de Sita e das palavras dos santos, Hanuman estava encantado além da conta. Então aquele macaco, tendo alcançado seu objetivo, sabendo que a princesa estava segura, resolveu deixar Lanka após vê-la mais uma vez.

Capítulo 56 – Ele se despede de Sita

Reverenciando Janaki sentada ao pé da árvore Shimshapa, Hanuman disse a ela: "Pela graça do céu eu te encontro ilesa!"

Olhando para ele repetidamente enquanto ele estava pronto para partir, Sita, inspirada por afeto conjugal, disse-lhe:

"Se, ó filho, tu julgares oportuno, então, ó amigo irrepreensível, permanece aqui em algum lugar escondido hoje; parte amanhã, tendo descansado. A tua proximidade, ó macaco, me fará esquecer a minha tristeza esmagadora por um tempo. Tu irás, ó grande macaco, e é incerto se eu ainda estarei viva quando retornares, ó principal dos macacos! Em tua ausência os meus tormentos irão aumentar, e caindo em um infortúnio após outro, eu serei consumida pela dor e aflição. Além disso, ó herói, este medo está sempre presente comigo: como o muito

valente Sugriva ou aquele exército de ursos e macacos atravessará o oceano intransponível ou aqueles dois filhos de homens apoiados por aqueles macacos poderosos? Só três seres são capazes de saltar sobre o mar, Vainateya, tu e Maruta.

"Em face desse obstáculo intransponível, em tua consumada experiência tu vês alguma possibilidade de sucesso? Ó destruidor de guerreiros hostis, só tu és competente para executar essa tarefa, tu obterás renome pela tua coragem; contudo, se Kakutstha, o flagelo de seus inimigos, fosse capaz de devastar Lanka com suas tropas e me levar embora, isso seria digno dele. Portanto, faze o que permitirá que o magnânimo Rama manifeste a sua destreza em conformidade com a natureza de um guerreiro".

Ouvindo essas palavras cheias de afetuosa solicitude, razão e significado, o valente Hanuman respondeu:

"Ó nobre senhora, aquele senhor e principal dos macacos, Sugriva, dotado de poder, resolveu te libertar. Acompanhado por milhares de bilhões de macacos poderosos, ele não vai demorar em vir para cá, ó Vaidehi, e aqueles principais dos homens, a nata da raça humana, Rama e Lakshmana, vindo aqui, afligirão Lanka com suas flechas. Tendo destruído os titãs e seus partidários, o filho de Raghu, ó extremamente formosa, te levará para longe para a sua capital. Anima-te, portanto, ó gentil, e aguarda essa hora! Logo tu verás Rama derrubar Ravana no campo de batalha. O senhor dos titãs estando morto com seus filhos, ministros e povo, tu serás reunida com Rama, como Rohini com a lua. Em breve Kakutstha aparecerá acompanhado pelos principais dos macacos e ursos e, triunfando na luta, porá fim ao teu sofrimento".

Tendo assim consolado Vaidehi, Hanuman, nascido de Maruta, preparou-se para partir, oferecendo saudações a ela e, tendo confortado e mostrado a sua força insuperável por tornar aquela cidade desolada, tendo contrariado Ravana e exibido seu poder incomensurável, Hanuman, prestando reverência a Vaidehi, com a intenção de voltar, resolveu atravessar o oceano uma vez mais.

Então o repressor de seus inimigos, aquele macaco poderoso, ansioso para ver seu senhor, subiu a principal das montanhas, Arishta, coberta com bosques escuros de árvores Padmaka, parecendo um manto que, com as nuvens agarradas aos seus lados, parecia se expandir com alegria sob os raios do sol; os metais espalhados aqui e ali pareciam ser seus olhos e o som solene de suas torrentes parecia a sua voz cantando o Veda; as cachoeiras, o canto de sua música e as árvores altas Devadaru faziam a montanha se assemelhar a um gigante com braços erguidos, o trovejar das torrentes era seus gritos ressoando em volta por toda parte, e as matas outonais agitadas pelo vento faziam-na parecer estar tremendo; conforme a brisa uivava através dos juncos, ela parecia estar assobiando enquanto serpentes grandes e venenosas criavam a ilusão de seu silvo de raiva. Com suas ravinas envoltas em névoa, investindo-a com um ar solene, como se estivesse profundamente absorta em contemplação, e as nuvens se movendo aqui e ali nas suas encostas dando-lhe a aparência de estar andando; com seus picos elevando-se para o céu, de modo que ela parecia estar bocejando, ela era eriçada com escarpas e cheia de inúmeras cavernas. Arborizada com árvores Sala, Tala, Kharjura, Tamala, Karna e Vanisha com uma miríade trepadeiras carregadas de flores e cheia de grupos de veados e contendo inúmeros riachos, com inúmeros rochedos, rica em minerais, entrecortada por regatos, frequentada por maharishis, yakshas, gandharvas, kinnaras e uragas, impenetrável por conta dos espinheiros e

abrolhos, suas cavernas eram cheias de leões, e tigres e outros animais abundavam lá e aquela montanha era provida de árvores com frutas e raízes deliciosas.

Então o principal dos macacos, o filho de Anila, subiu aquela montanha ansioso para ver Rama novamente e, sempre que ele colocava o pé naquelas ladeiras encantadoras, as rochas desmoronavam e se quebravam com um som de trovão.

Tendo escalado o Indra das montanhas, aquele macaco poderoso reuniu sua força, desejoso de atravessar da margem sul para a margem norte do mar salgado e, chegando ao topo, ele viu aquela extensão formidável de água habitada por monstros terríveis. Então o filho de Maruta, com a rapidez do vento que sopra através do espaço, pulou da região sul para a costa norte e, pressionada sob os pés por aquele macaco, a montanha gigante ressoando aos gritos de inúmeros habitantes afundou no seio da terra com seus picos tombando e suas árvores derrubadas. Forçadas para baixo pelos saltos prodigiosos de Hanuman, árvores carregadas de flores caíram ao chão como se tivessem sido atingidas pelo raio de Indra, e o rugido terrível de grandes leões à espreita nas cavernas rasgou os céus quando eles foram esmagados pela montanha caindo. Vidyadharas, com suas vestes rasgadas e seus ornamentos em desordem, fugiram aterrorizados daquele lugar e serpentes grandes e poderosas, cheias de veneno, projetando suas línguas para fora, jaziam em pilhas enroladas, com suas cabeças e pescoços esmagados. Kinnaras, uragas, gandharvas, yakshas e vidyadharas, abandonando aquela montanha, voltaram para o reino celestial e aquela colina imensa, medindo quarenta milhas de extensão e trinta de altura, foi nivelada ao solo com suas árvores e topos altos.

Em seguida, aquele macaco, desejoso de cruzar o mar salgado, cujas margens eram ameaçadas pelas marés, ergueu-se no ar.

Capítulo 57 – O retorno de Hanuman

Como uma montanha alada, com um salto impetuoso, Hanuman viajou sobre o mar aéreo, cujas serpentes eram os yakshas, e os lótus desabrochados, os gandharvas; a lua era o lírio naquelas águas encantadoras, o sol as suas aves aquáticas, Tishya e Shravana seus cisnes e as nuvens seus juncos e musgo; Purnavasu era a baleia e Lohitanga o crocodilo; Airavata a ilha espaçosa; Swati, sua decoração na forma de um cisne; as brisas eram seus vagalhões e os raios da lua suas ondas frias e pacíficas.

Incansavelmente, Hanuman, engolindo aquele espaço adornado com o sol e as estrelas, deslizou passando pelo rei dos planetas. Partindo as nuvens e cruzando aquele oceano sem fadiga, ele viu grandes massas de nuvens, brancas, rosadas, roxas, azuis, amarelas e pretas, parecendo extremamente belas e ele, entrando e reemergindo delas, parecia a lua quando é perdida de vista e fica visível novamente. Correndo através dessas nuvens cerradas em seu traje branco, aquele herói às vezes podia ser visto e novamente era escondido no céu, como a lua. Levado pelo espaço, aquele filho do vento constantemente dispersava os grupos de nuvens, viajando sempre em frente, emitindo rugidos altos parecendo trovões e, depois de ter matado os titãs, tornado seu nome famoso, devastado a cidade de Lanka, atormentado Ravana, infligido derrota àqueles guerreiros poderosos e prestado homenagem a Vaidehi, ele estava retornando agora cheio de glória, através do mar.

E ele, dotado de destreza, prestou homenagem à principal das montanhas, Mainaka, enquanto ele acelerava adiante como uma flecha disparada da corda. Aproximando-se de longe, ele observou aquela montanha sublime, Mahendra, como uma grande nuvem, e aquele macaco poderoso, tendo uma voz vigorosa semelhante ao trovão, encheu os dez pontos cardeais com seus rugidos.

Chegando à margem sul, ansioso para ver seus amigos novamente, ele começou a sacudir sua cauda para lá e para cá e a emitir gritos altos, e conforme ele prosseguia no caminho de Suparna, o clamor rasgou os céus e parecia como se o firmamento e o disco do sol fossem despedaçados.

Então aqueles guerreiros poderosos na costa norte do oceano, aguardando ansiosamente o filho do deus do vento, ouviram o som criado pelas coxas de Hanuman movendo-se a grande velocidade, parecendo nuvens sopradas pelo vento, e aqueles vagueadores da floresta, que tinham estado desanimados, ouviram os rugidos daquele macaco, que eram como o trovão. Ouvindo o clamor provocado por Hanuman, aqueles macacos, que estavam ávidos para ver seu amigo mais uma vez, ficaram muito animados e Jambavan, o principal dos macacos, com o coração exultante, dirigindo-se a todos, falou assim:

"Sem dúvida, Hanuman foi totalmente bem sucedido em sua iniciativa; se não fosse assim ele não causaria esse tumulto".

Então os macacos, ouvindo os movimentos violentos daquele magnânimo, como também seus gritos, muito satisfeitos, pularam para o alto e em sua alegria, saltando de rocha em rocha e de topo em topo, ansiosos para ver Hanuman, subiram para o topo das árvores acenando suas vestes claras.

E o rugido do poderoso Hanuman, nascido de Maruta, parecia o vento uivando através de um desfiladeiro da montanha. Vendo aquele grande macaco, que, descendo, brilhava como uma massa de nuvens, todos os macacos ficaram diante dele com as palmas unidas, no que aquele macaco valente, alto como uma colina, saltou para baixo para a montanha Mahendra coberta de árvores e, transbordando de felicidade, ele pousou naquele pico alto e encantador, como uma colina alada, cujas asas foram cortadas e que caiu do céu.

Então imediatamente todos os macacos com corações alegres começaram a se reunir em volta do magnânimo Hanuman, circundando-o, com seus rostos brilhando de alegria, aproximando-se dele em sua felicidade excessiva. Em seguida, oferecendo reverência a ele eles trouxeram raízes e frutas para aquele maior dos macacos, nascido de Maruta. Em sua alegria, alguns emitiam gritos de alegria e os principais dos macacos trouxeram ramos de árvores para que ele pudesse se sentar.

Enquanto isso o macaco poderoso, Hanuman, prestou reverência aos mais velhos e aos idosos com Jambavan encabeçando-os, bem como ao príncipe Angada. E honrado por todos eles, como ele merecia ser, e cumulado de cortesias, ele os informou brevemente: "Eu vi a deusa!" Então, pegando a mão do filho de Bali, ele se sentou no bosque encantador na montanha Mahendra e, questionado por eles, ele alegremente se dirigiu àqueles principais dos macacos, dizendo:

"No meio do bosque de Ashoka eu observei Janaki; aquela irrepreensível é guardada por mulheres titãs terríveis. Aquela donzela está usando uma única trança de cabelo e suspira constantemente pela presença de Rama. Ela está fraca por conta de jejum, manchada com poeira, emaciada, e usa cabelos emaranhados".

Aqueles principais dos macacos, ouvindo as palavras de Maruti: "Eu a vi", doces como Amrita, inebriados de alegria, começaram a gritar e emitindo gritos de prazer causaram ululações. Alguns agitaram suas caudas para lá e para cá, outros

as ergueram chicoteando-as ou saltaram para o topo e com alegria tocaram o afortunado Hanuman, aquele chefe dos macacos.

E quando Hanuman tinha falado, Angada, no meio daqueles macacos valentes, prestou homenagem a Hanuman em palavras excelentes, dizendo:

"Por valor e coragem tu não tens igual, ó macaco, já que tu atravessaste o oceano imenso e agora voltaste. Só tu nos devolveste as nossas vidas, ó grandioso. Pela tua graça, com o nosso propósito realizado, nós podemos nos reunir a Raghava. Oh, que devoção tu demonstraste ao teu mestre! Que coragem! Que paciência! Pela graça do céu, tu viste a consorte divina e gloriosa de Rama. Pela graça do céu, Kakutstha vai abandonar a dor que a ausência de Sita tem causado a ele!"

Então, em torno de Angada, Hanuman e Jambavan, os macacos cheios de alegria trouxeram grandes rochas e, sentados nelas, ansiosos para ouvir como ele tinha cruzado o mar e visto Lanka, Sita e Ravana, eles esperaram com as palmas unidas, os olhos fixos em Maruti.

E o jovem Angada, rodeado por inúmeros macacos, parecia o chefe dos deuses entronizado no céu entre as hostes inumeráveis.

Quando o glorioso e renomado Hanuman, com o ilustre Angada, que estava adornado com braceletes, estavam sentados, aquele pico elevado e poderoso brilhou com esplendor.

Capítulo 58 – Hanuman relata suas experiências

Depois disso, sobre o cume do monte Mahendra, aqueles macacos, com os olhos fixos no poderoso Hanuman, estavam cheios de deleite, e quando todos aqueles macacos de grande alma e felizes estavam sentados, Jambavan, profundamente contente, perguntou ao grandioso e afortunado filho do vento a respeito do sucesso de sua missão, dizendo:

"Como tu descobriste aquela nobre senhora, como ela se alimenta lá; como aquele cruel de dez cabeças se comporta em relação a ela? Conta sinceramente tudo isso para nós, ó macaco poderoso!

"Como foste capaz de localizar a divina Sita? O que ela respondeu às tuas perguntas? Tendo sabido tudo, nós podemos deliberar sobre o que deve ser feito! Dize-nos também o que, no nosso regresso, nós devemos dizer e o que devemos esconder, ó tu que és bem capaz de subjugar a ti mesmo!"

Então, aquele mensageiro, com os cabelos arrepiados de alegria ao ouvir essas palavras, inclinando sua cabeça em sinal de sua reverência por Sita, respondeu:

"Em sua presença eu pulei do topo da montanha Mahendra no espaço com a mente concentrada, desejoso de alcançar a costa sul do mar. No meu percurso, um obstáculo formidável se apresentou à minha vista e eu contemplei uma grande montanha tendo um pico dourado, divina e esplêndida, que obstruiu meu caminho. Aproximando-me do topo como o sol daquela montanha imensa, refletindo: 'Eu vou despedaçá-lo', eu o golpeei com a minha cauda e aquele pico que brilhava como o sol se quebrou em mil fragmentos. Vendo sua condição, aquela grande montanha se dirigiu a mim em tom agradável, trazendo por assim dizer refrigério para a minha alma, e disse:

"'Conhece-me, ó meu filho, como o irmão do teu pai Matarishvat, famoso como Mainaka, morando no fundo do mar. Antigamente, todas as montanhas maiores possuíam asas e vagueavam sobre a terra causando devastação em todos os lugares. Sabendo do comportamento daquelas montanhas, Mahendra, aquele abençoado, por quem Paka foi punido, com seu raio cortou as asas daquelas montanhas às milhares, mas eu fui salvo pelo teu ilustre pai e aquele deus do vento de grande alma me lançou ao mar, a morada de Varuna. Ó subjugador de teus inimigos, eu desejo prestar ajuda a Raghava, Rama é o mais importante entre os homens virtuosos e é tão poderoso quanto o próprio Mahendra'.

"Ouvindo as palavras do magnânimo Mainaka, eu segredei meu propósito a ele e ele me deu permissão para partir. Então, aconselhando-me a prosseguir, ele desapareceu em sua forma humana e na forma de uma montanha ficou submerso no mar.

"Por um longo tempo eu segui viagem com velocidade até que observei a divina Surasa, mãe das serpentes, no meio do oceano, e aquela deusa se dirigiu a mim dizendo:

"'Tu estás destinado pelos celestiais a ser meu alimento, ó melhor dos macacos, eu estou prestes a te devorar já que foste designado para mim'.

"Ao ouvir isso, eu, com humildade, empalidecendo, a reverenciei com as palmas unidas e proferi as seguintes palavras:

"'Rama, o filho afortunado de Dasaratha, o flagelo de seus inimigos, retirou-se para a floresta de Dandaka com seu irmão Lakshmana e Sita; sua consorte foi raptada pelo perverso Ravana; eu estou indo até ela por ordem de Rama. Nessa questão tu deves ajudar Rama. Tendo visto a filha de Mithila como também o seu senhor de façanhas imperecíveis, eu voltarei e entrarei na tua boca, isso eu te prometo'.

"Assim abordada por mim, Surasa, capaz de mudar sua forma à vontade, disse: 'Ninguém é capaz de passar por mim, essa é a benção que eu recebi'.

"Ouvindo isso de Surasa, eu atingi a magnitude de dez yojanas e então outros dez, mas sua boca assumiu proporções ainda maiores. Vendo suas mandíbulas assim dilatadas, eu instantaneamente assumi uma forma minúscula medindo o tamanho de um polegar e entrei rapidamente em sua boca, emergindo imediatamente, após o que a divina Surasa, assumindo sua forma normal, disse-me:

"'Ó melhor dos macacos, ó caro, vai, realiza a tua missão e devolve Vaidehi para o magnânimo Rama. Sê abençoado, ó poderoso! Eu estou satisfeita contigo!'

"Então todos os seres me elogiaram dizendo: 'Excelente! Excelente!' e eu mais uma vez saltei para o azul infinito como Garuda, quando, de repente, sem nada ser visível, a minha sombra foi agarrada. Retido em meu curso, eu examinei os dez pontos cardeis incapaz de descobrir quem me mantinha prisioneiro. Então me veio o pensamento: 'O que é esse obstáculo que surgiu no meu caminho? Eu não posso discernir sua natureza!' E enquanto olhava para baixo desnorteado, eu vi um demônio terrível alojando-se nas ondas, no que aquele monstro, rindo com desdém, dirigiu estas palavras não auspiciosas para mim, que, embora não intimidado, permanecia imóvel:

"'Para onde vais, ó tu de forma gigantesca? Torna-te meu alimento, que estou com fome, e satisfaze esse corpo privado de sustento por um longo período'. Dizendo: 'Assim seja' eu expandi o meu corpo para mais do que a capacidade da sua boca, mas ela aumentou o tamanho das suas mandíbulas enormes e terríveis para me engolir, nem ela podia compreender que eu era capaz de assumir

diferentes formas à vontade. Num piscar de olhos, abandonando o meu vasto tamanho, eu, arrancando seu coração, voei para o céu.

"Jogando os braços para cima, aquele demônio cruel afundou sob as ondas salgadas como uma montanha, depois do que eu ouvi as vozes harmoniosas daqueles seres magnânimos posicionados no ar, dizendo: 'Aquele demônio terrível, Simhika, foi morto rapidamente por Hanuman'.

"Aquele monstro estando destruído, eu me lembrei da urgência da minha missão, e do atraso que tinha ocorrido em cumpri-la e, depois de atravessar uma grande distância, eu vi a margem sul do oceano e a montanha sobre a qual Lanka estava situada. O sol tendo se posto, eu penetrei na residência dos titãs não notado por eles e, quando eu fiz isso, uma mulher semelhante às nuvens no fim do período do mundo se ergueu diante de mim, irrompendo em gargalhadas. Golpeando aquela forma extremamente terrível, tendo chamas como seu cabelo, que tinha procurado tirar a minha vida, com o meu punho esquerdo eu a empurrei de lado e entrei lá ao anoitecer, depois do que ela, atemorizada, se dirigiu a mim dizendo:

'Eu sou a cidade de Lanka, ó guerreiro! Eu fui derrotada pela tua destreza, tu também triunfarás sobre todos os titãs!'

"Enquanto isso eu procurei pela filha de Janaka durante toda a noite, entrando nos aposentos internos de Ravana, mas não a encontrei lá. Não encontrando Sita no palácio de Ravana, eu estava submerso em um mar de tristeza e, em meio à minha angústia vi um bosque encantador com uma mansão cercada por um muro alto dourado. Tendo escalado aquele muro eu vi um bosque de árvores Ashoka no meio do qual crescia uma grande Shimshapa. Subindo nela, eu vi uma mata de álamos dourados e ao lado da árvore Shimshapa vi aquela supremamente bela, de cor azul escura, cujos olhos pareciam pétalas de lótus, vestida em um único pedaço de tecido. Emaciada por jejuar, com seu cabelo sujo de poeira, Sita, fixa em devoção a seu senhor, estava rodeada de mulheres titãs cruéis e horríveis que viviam de sangue e carne, como uma corça cercada por tigresas. Usando uma única trança, absorta em pensar em seu marido, repousando no chão, com seus membros debilitados, ela se parecia com uma flor de lótus com o advento do inverno. Desprovida por Ravana do objeto de seu desejo, ela tinha resolvido morrer.

"Vendo aquela senhora, cujos olhos pareciam os de uma corça, a consorte ilustre de Rama, eu permaneci sentado na árvore Shimshapa.

"Depois disso eu ouvi um grande clamor misturado com o tilintar de cintas e tornozeleiras vindo do palácio de Ravana e, extremamente agitado, contraindo meu corpo, eu me escondi como uma ave na folhagem espessa da árvore Shimshapa. Logo a seguir o poderoso Ravana acompanhado por suas consortes chegou ao lugar onde Sita estava e, vendo o senhor dos titãs, Janaki de quadris adoráveis se encolheu, escondendo seus seios com os braços e, em grande pavor e extrema confusão, olhando aqui e ali e não encontrando refúgio, aquele ser infeliz foi tomado de um tremor violento.

"Então Dashagriva, inclinando a cabeça, curvou-se aos pés da princesa que estava tomada de extrema aflição, e disse a ela:

"'Ó formosa, que tu me consideres com favor! Se, ó Sita, por orgulho, tu te recusares a me honrar, no final de dois meses eu beberei o teu sangue!'

"Ouvindo essas palavras proferidas pelo perverso Ravana, Janaki, ficando extremamente enfurecida, respondeu com dignidade:

"'Ó mais vil dos titãs, tendo proferido tais palavras para a consorte de Rama de bravura incomensurável, para mim, a nora de Dasaratha da linhagem de Ikshvaku, por que a tua língua não caiu? Ó patife vil, grande de fato foi a tua

coragem ao me levar para longe do ilustre Rama, na ausência dele! Tu não és digno nem mesmo de ser o escravo de Raghava, aquele guerreiro invencível, leal, corajoso e ilustre!'

"Ao ouvir esses termos duros, Dashagriva ardeu de ira como um fogo no qual um tição foi lançado e, revirando os olhos de raiva, cerrando o punho direito se preparou para golpear a filha de Mithila.

"Então todas as mulheres titãs gritaram: 'Para! Para!' e de seu meio, a esposa daquele canalha mau, a adorável Mandodari, correu em direção a ele e com palavras suaves, inspiradas pelo amor que ela lhe tinha, conseguiu pacificá-lo.

"Ela disse: 'Tu cujo valor é igual ao de Mahendra, que necessidade tu tens de Sita? Diverte-te comigo, que não sou de modo algum inferior a ela, ou te diverte com as filhas dos deuses, dos gandharvas ou dos yakshas. O que Sita é para ti?'

"Depois disso, aquela companhia de mulheres levantou aquele poderoso viajante noturno e o conduziu de volta para a sua residência.

"Ravana tendo partido, aquelas titânides de aspecto hediondo criticaram Sita em termos rudes e cruéis, mas Janaki não prestou mais atenção ao seu discurso do que a uma palha, e seus insultos foram inúteis com ela; e aquelas mulheres titãs, que se alimentavam de carne, falhando em suas tentativas, informaram Ravana da inconquistável resolução de Sita, enquanto outras, cansadas de atormentá-la, abandonando a esperança, exaustas, se deitaram para descansar.

"E enquanto elas dormiam, Sita, dedicada ao seu senhor, deu voz a amarga lamentação no extremo de sua angústia.

"Depois disso, erguendo-se no meio delas, Trijata falou, dizendo: 'Devorem-me neste instante, se quiserem, mas não coloquem as mãos em Sita de olhos escuros, filha de Janaka, a nora virtuosa do rei Dasaratha. Realmente eu tive um sonho terrível, de arrepiar, pressagiando a destruição dos titãs e o triunfo do marido dela. Cabe-nos buscar a graça de Vaidehi, a única, eu creio, que pode nos defender de Raghava. Vamos, portanto, contar esse sonho a ela, pois aquela que é o objeto de tal visão, ficando livre de sua angústia, atingirá o auge da felicidade. Por nos curvarmos em submissão, vamos ganhar o favor de Janaki, a única que pode nos salvar desse grande perigo!'

"Nisso aquela mulher casta e jovem, ao ouvir sobre a vitória vindoura de seu senhor, regozijando-se, disse:

"'Se Trijata fala a verdade, então realmente eu vou proteger todas vocês'.

"Observando a situação lamentável de Sita, eu fiquei absorto em pensamento e a minha mente estava perturbada. Então eu pensei sobre como poderia encontrar algum meio de falar com Janaki e comecei a enaltecer a linhagem de Ikshvaku.

"Ouvindo as palavras que eu proferi embelezadas com os louvores daqueles rajarishis, aquela senhora nobre, com os olhos cheios de lágrimas, me questionou dizendo: 'Quem és tu; como e por ordem de quem tu vieste para cá? De onde vem a tua ligação com Rama? Cabe a ti me contar tudo'.

"Ouvindo as suas palavras, eu lhe respondi desta maneira: 'Ó deusa! Rama, o teu consorte, encontrou um aliado dotado de bravura suprema, chamado Sugriva, que é o temível e poderoso rei dos macacos. Saibas que eu sou seu servo, Hanuman, que veio aqui a ti enviado pelo teu senhor de façanhas imperecíveis. Ó dama ilustre, aquele filho altamente refulgente de Dasaratha, o principal dos homens, enviou este anel como um símbolo para ti. Ó rainha, qual é a tua ordem? Eu devo levar-te de volta para Rama e Lakshmana na margem norte do oceano?'

"Ouvindo isso, Sita, a alegria de Janaka, pensou consigo mesma por algum tempo e disse:

"'Permite que Raghava destrua Ravana e ele mesmo me leve daqui'. Inclinando minha cabeça àquela senhora nobre e irrepreensível, eu pedi algum sinal dela que pudesse aumentar a alegria de Raghava, no que Sita me disse:

"'Leva essa joia excelente pela qual tu serás altamente estimado por aquele de braços poderosos'.

"Então, aquela princesa de membros adoráveis me deu uma joia maravilhosa, e com uma voz estrangulada com soluços se despediu de mim. Eu me curvei àquela filha de um rei com profundo respeito e, circungirando-a, comecei a considerar voltar para casa, mas ela, tendo investigado seu coração, se dirigiu a mim mais uma vez, dizendo:

"'Ó Hanuman, conta a minha história para Raghava de tal modo que aqueles dois heróis, Rama e Lakshmana, venham aqui imediatamente acompanhados por Sugriva, ou então, tendo apenas dois meses de vida, Kakutstha não me verá mais, como alguém sem um protetor".

"Ouvindo essas palavras terríveis, uma onda de raiva me atingiu e eu imediatamente resolvi o que deveria fazer. Então, expandindo o meu corpo para o tamanho de uma montanha, ansioso para lutar, eu devastei o bosque. Então todos os animais e aves começaram a fugir com medo e aquelas terríveis mulheres titãs acordaram e contemplaram a devastação. Observando-me, todas elas se reuniram e correram imediatamente às pressas para informar Ravana, dizendo:

"'Ó soberano valente, esse teu bosque inviolável foi destruído por um macaco ordinário que despreza a tua bravura. Mata aquela criatura perversa instantaneamente, que te afronta dessa maneira, para que ele não escape!'

"Nisso, o rei dos titãs, Ravana, enviou inumeráveis guerreiros chamados Kinkaras e oitenta mil desses titãs, armados com lanças e maças, foram mortos por mim no bosque com uma barra de ferro. Então uns poucos, que sobreviveram, foram rapidamente até Ravana para informá-lo da destruição de suas tropas.

"Então eu resolvi destruir o palácio maravilhoso com seu monumento e matei os guardas lá posicionados. Em minha fúria eu coloquei abaixo aquele prédio, o ornamento de Lanka, após o que Ravana enviou o filho de Prahasta, Jambumalin, com um grupo de titãs do aspecto sombrio e temível.

"Com a minha maça formidável eu matei aquele guerreiro poderoso e hábil com seu séquito e Ravana, o senhor dos titãs, ao ouvir isso, despachou os filhos altamente poderosos dos ministros seguidos por um regimento de infantaria, mas com a minha barra de ferro eu os enviei todos para a morada da morte.

"Sabendo que, apesar de seu ardor, eu tinha derrubado os filhos de seus ministros no campo, Ravana mandou cinco dos seus comandantes heroicos saírem na vanguarda de suas tropas, mas eu matei todos eles, ao que Dashagriva enviou seu filho muito poderoso, Aksha, com incontáveis titãs, travarem combate comigo. Então aquele filho jovem de Mandodari, um guerreiro hábil, saltou no ar e eu o agarrei pelos pés, girando-o em volta e jogando-o sobre a terra.

"Nisso Ravana de dez pescoços, cheio de ira, sabendo da queda de Aksha, enviou o seu segundo filho Indrajit, cheio de coragem e ardor marcial, contra mim e eu, tornando ineficaz a bravura de todos aqueles titãs, senti deleite extremo. No entanto, aquele guerreiro de braços longos em quem Ravana tinha confiança suprema, estimulado pelo vinho, continuou a lutar na chefia de seus guerreiros.

"E ele, percebendo que eu era invencível e vendo suas tropas destroçadas, me capturou com a ajuda da arma de Brahma, após o que os titãs me amarraram com cordas e me agarrando me levaram diante de Ravana. Então ele de alma

viciosa conversou comigo e me questionou a respeito da minha vinda para Lanka e por que eu tinha matado os titãs, ao que eu respondi:

"'Eu fiz tudo isso por Sita! Para encontrá-la eu vim aqui! Eu sou o filho de Maruta, o macaco Hanuman! Conhece-me como o mensageiro de Rama e o ministro de Sugriva. É para realizar o plano de Rama que estou diante de ti! Ouve-me agora, ó senhor dos titãs! O rei dos macacos te oferece saudações e pergunta sobre o teu bem-estar, ó herói poderoso! Ele me incumbiu de comunicar esta mensagem em palavras que são ao mesmo tempo adequadas e de acordo com o dever, prazer legítimo e lucro.

"'Enquanto permanecia em Rishyamuka, aquela montanha coberta com árvores, eu fiz uma aliança com Raghava, aquele grande guerreiro, invencível em combate, e ele falou comigo dizendo: 'Ó rei, a minha consorte foi raptada por um titã; cabe a ti me ajudar nessa questão!' Depois disso, na presença do fogo, o Senhor, Raghava, que estava acompanhado por Lakshmana, aliou-se a mim em amizade, que tinha sido privado das minhas prerrogativas reais por Bali.

"'E ele fez de mim o senhor de todos os macacos, após matar Bali em combate com uma única seta. É, portanto, adequado que nós o ajudemos por todos os meios e em virtude desse acordo eu despachei Hanuman para ti como enviado. Então devolve rapidamente Sita para Rama, antes que os macacos valentes derrotem as tuas tropas. Quem não está familiarizado com a bravura dos macacos, cuja ajuda foi solicitada até mesmo pelos próprios deuses?'

"Falando assim para Ravana, ele dirigiu olhares furiosos para mim como se fosse me consumir, e aquele titã implacável mandou que eu fosse morto, desconhecendo o meu poder.

"Enquanto isso, o seu irmão de grande alma, Bibishana, dotado de grande sagacidade, intercedeu por mim da seguinte maneira; dizendo: 'Ó tu principal dos titãs, abandona a tua resolução, que não está de acordo com o código real. A morte de um enviado não é sancionada pela tradição real, ó titã. Um mensageiro simplesmente comunica a ordem de seu mestre! Ó tu de destreza incomparável, não há justificação para a sua destruição, porém, se a sua culpa for considerável, ele pode ser mutilado'.

"Ao ouvir essas palavras de Bibishana, Ravana emitiu este comando aos demônios: 'Ateiem fogo à cauda do macaco!'

"Após essa ordem, aqueles titãs envolveram a minha cauda em cânhamo e trapos de algodão e eles, em armaduras bem-feitas me golpearam com seus punhos cerrados e bastões e atearam fogo à minha cauda. Amarrado e preso com cordas pelos titãs, eu me submeti a isso, resolvendo incendiar a cidade. Assim atado e envolto em chamas, aqueles guerreiros, gritando, me levaram ao longo da estrada real para os portões da cidade. Lá, contraindo o meu corpo eu assumi uma forma diminuta, e me livrando das minhas amarras agarrei uma barra de ferro e ataquei aqueles titãs, depois do que com um pulo, saltando sobre o portão, eu rapidamente queimei toda a cidade e seus portões e torres com a minha cauda flamejante, parecendo o fogo que consome todos os seres no final do mundo.

"Vendo Lanka em chamas eu refleti com ansiedade que Janaki sem dúvida deveria ter perecido, já que não havia nenhum canto da cidade que não tivesse sido reduzido a cinzas. Pensando assim, tomado pela dor, eu ouvi os charanas dizendo em tons auspiciosos:

"'Janaki não pereceu nas chamas!', e ouvindo essas palavras extraordinárias, proclamadas por suas vozes encantadoras, eu recuperei a minha coragem. Depois eu fui reassegurado por muitos sinais auspiciosos que Janaki tinha sido salva das

chamas, e embora a minha cauda estivesse pegando fogo, eu não tinha sido consumido! O meu coração se encheu de alegria e o vento espalhou seus perfumes deliciosos. Em virtude dessas manifestações propícias, pela minha confiança na destreza de Rama e em Sita e nas palavras pronunciadas pelos grandes sábios, a felicidade encheu a minha alma. Em seguida, revisitando Vaidehi, mais uma vez eu me despedi dela e, escalando o monte Arishta, saltei nessa direção para ver vocês todos novamente. Seguindo o caminho do vento, do sol, da lua e dos siddhas e gandharvas, eu encontrei vocês aqui.

"Pela graça de Rama e sua destreza eu cumpri a ordem de Sugriva ao máximo. Eu lhes contei tudo em detalhes e agora lhes resta realizar o que ainda há para ser feito".

Capítulo 59 – Hanuman apela para os macacos resgatarem Sita

Tendo terminado a sua narrativa, Hanuman, nascido de Maruta, acrescentou estas palavras significativas: "Produtivos foram os esforços de Rama e Sugriva! Tendo testemunhado a constância de Sita, eu estou profundamente feliz! Pelo poder de suas penitências, a ilustríssima Sita é capaz de manter a terra ou consumi-la com sua ira, ó macacos. O poder de Ravana também, criado por austeridades, é grande e é por isso que ele não foi destruído quando colocou as mãos sobre Sita. Mais ainda, a chama que alguém toca não é tão digna de ser temida quanto a ira de Sita.

"Agora cabe a todos os macacos poderosos e outros, com Jambavan em sua liderança, tomarem parte nessa expedição, cujo objetivo é agora conhecido por você, para ver Vaidehi reunida com aqueles dois príncipes.

"Sozinho eu fui capaz de entrar em Lanka, habitada por titãs, e afligi aquela cidade pela minha bravura, como também Ravana e seu povo. O que mais eu não poderia fazer, portanto, com os corajosos e poderosos Plavagas, dotados de heroísmo e destreza marcial, fortes e ávidos pela vitória?

"Eu destruirei Ravana com todo o seu exército, seus filhos, irmãos e seguidores em combate. Eu destruirei todos os titãs e evitarei aquelas armas invisíveis e outros mísseis dados a Indrajita por Brahma, Rudra, Vayu, Varuna, espalhando-os e matando os titãs; com a sua sanção a minha bravura irá reprimi-los. Colinas e montanhas arrancadas por mim eu dispararei continuamente, que nem mesmo os próprios deuses podem suportar, quanto menos aqueles viajantes da noite? O mar transborde ou o monte Mandara se mova de seu lugar, Jambavan nunca será intimidado por um exército inimigo em conflito. E aquele macaco heroico, o filho de Bali, sozinho é capaz de destruir toda a hoste de rakshasas. Com o movimento de suas coxas vigorosas, o poderoso Nila poderia derrubar o próprio monte Mandara, quanto mais os titãs no campo de batalha. Entre os celestiais, os titãs, yakshas, gandharvas, serpentes ou aves, me mostrem alguém que poderia resistir a Dvivida? Nem eu conheço alguém que poderia resistir àqueles dois filhos dos Ashvins, dotados de energia suprema, os principais dos macacos, na arena.

"Sozinho eu destruí Lanka, e incendiando-a a reduzi a cinzas. Em cada estrada eu proclamei ruidosamente: 'Que a vitória coroe os invencíveis Rama e Lakshmana! Que o rei Sugriva, cujo apoio é Raghava, prospere. Eu sou o servo do rei de Koshala, o filho de Pavana! Eu sou Hanuman!' Eu anunciei isso em todos os lugares.

"No centro do bosque de Ashoka do vicioso Ravana de alma má a virtuosa Sita espera desesperadamente ao pé da árvore Shimshapa, cercada por mulheres titãs, emaciada com tristeza e sofrimento, parecendo o orbe da lua desprovido de seu esplendor no meio da nuvem. Rejeitando Ravana, cujos poderes o tornaram arrogante, Vaidehi, a filha de Janaka de membros belos, permanece invariavelmente fiel ao seu marido. Totalmente devotada a Rama, a adorável Vaidehi pensa apenas nele, como Poulomi em Purandara. Vestida com uma única peça de roupa, suja de poeira, eu a vi no bosque cercada por titânides que a estavam cumulando de insultos. Seu cabelo estando penteado em uma única trança, aquele ser infeliz estava absorto em pensar em seu senhor. Jazendo no chão, pálida como um lótus com a aproximação do inverno, separada por Ravana do objeto de seu amor, ela tinha resolvido abandonar sua vida.

"Com dificuldade eu fui capaz de reacender as esperanças de Sita por me dirigir àquela donzela, cujos olhos parecem os de uma corça, e contar tudo a ela. E ela, sabendo da aliança entre Rama e Sugriva, ficou feliz e, fixa em sua devoção, o seu afeto conjugal atingiu o seu auge. Afortunado é aquele demônio de dez pescoços que ela não o tenha destruído, devido à bênção que ele recebeu de Brahma; mas é para Rama que a destruição daquele monstro está reservada.

"Já muito enfraquecida, Janaki fica mais frágil a cada dia, na ausência de Rama, como diminui o conhecimento que é praticado no primeiro dia da quinzena lunar.

"Assim vive Sita desgastada pela dor! Vocês devem deliberar quanto ao que é apropriado fazer sobre o caso".

Capítulo 60 – Jambavan rejeita o plano de Angada

Ouvindo essas palavras, o filho de Bali, Angada, disse: "Os filhos dos Ashvins são extremamente poderosos e orgulhosos da bênção conferida a eles pelo avô do mundo, que, a fim de honrar o Ashwi tornou aqueles dois macacos incapazes de serem mortos por ninguém. Esse privilégio único estimulou seu orgulho e aqueles dois guerreiros poderosos, depois de terem derrotado a poderosa hoste celeste, beberam o néctar da imortalidade. Esses dois, cheios de ira, são capazes de destruir toda a cidade de Lanka com seus cavalos, carros e elefantes, o que dizer dos outros macacos? Eu mesmo sou capaz de destruir a cidade com seus titãs e o poderoso Ravana! Quanto mais se estiver acompanhado por guerreiros poderosos, mestres de si mesmos, bem armados, hábeis e desejosos de vitória?

"Nós soubemos que o filho corajoso de Vayu sozinho pôs fogo em Lanka. Ele viu a divina Sita, mas não a trouxe de volta. Eu julgo inadequado que guerreiros tão renomados quanto vocês devam avisar Rama disso. Não há ninguém em salto e em destreza cuja habilidade e bravura se igualem às de vocês nos mundos dos imortais ou entre os daityas, ó principais dos macacos. Poucos escaparam da carnificina causada por Hanuman, portanto, só resta para nós matar Ravana e o resto dos titãs e trazer de volta a filha de Janaka, colocando-a entre Rama e Lakshmana! Que necessidade nós temos de incomodar os outros moradores de Kishkindha? Nós devemos avançar para Lanka e, depois de termos matado os titãs, voltar para Rama, Lakshmana e Sugriva".

Esse era o plano de Angada, no que Jambavan, o principal dos macacos, em sua sabedoria, respondeu alegremente com palavras repletas de bom senso, dizendo:

"Ó grande macaco, ó tu de compreensão suprema, nós recebemos uma ordem do rei dos macacos e do virtuoso Rama para explorar a região sul até os seus limites máximos, mas não fomos mandados trazer Sita de volta, nem isso teria a aprovação daquele leão entre os monarcas, Rama, se fizéssemos isso, pois ele, orgulhoso de sua linhagem, prometeu diante de todos os macacos principais que ele próprio a libertaria. Como as suas palavras seriam tornadas nulas e vãs? Qual é a vantagem de empreender aquilo que não é conducente à satisfação dele? Essa exibição da nossa bravura se revelará inútil, ó principal dos macacos! Vamos, portanto, voltar para onde Rama, com Lakshmana e o ilustre Sugriva, podem ser encontrados, e informá-los sobre o resultado da nossa busca.

O que tu propuseste tem a nossa aprovação, ó príncipe, no entanto, é por seguires o plano de Rama que tu deves procurar o sucesso".

Capítulo 61 – A devastação de Madhuvana

Todos os macacos heroicos liderados por Angada e o grande macaco Hanuman aprovaram altamente as palavras de Jambavan, e aqueles principais dos macacos liderados pelo filho de Vayu, descendo do topo da montanha Mahendra, saltaram adiante. Semelhantes às montanhas Mandara e Meru, eles pareciam elefantes enfurecidos com linfa, cobrindo todo o espaço por assim dizer com a sua sombra, com seus olhos fixos no muito poderoso Hanuman dotado de velocidade, tendo controle de seus sentidos e honrado pelos siddhas. Decididos a produzir o sucesso do plano de Rama, orgulhosos dos resultados obtidos, desejosos de comunicar suas notícias auspiciosas, todos os habitantes virtuosos da floresta, ansiosos para ajudar Rama e ávidos pelo combate, pulando e dançando, alcançaram Madhuvana.

E eles chegaram àquele bosque celestial protegido por Sugriva, plantado com inúmeras árvores, encantador de se olhar, onde ninguém podia entrar. E o tio materno de Sugriva, o poderoso macaco Dadhimukha, guardava aquele jardim pitoresco e espaçoso pertencente ao senhor dos macacos. Extremamente ansiosos para compartilhar dos frutos desse lindo pomar, aqueles macacos de cor fulva, muito encantados, almejavam permissão do príncipe para provar o mel, amarelo como eles. Então ele bondosamente permitiu que aqueles macacos veneráveis, encabeçados por Jambavan, bebessem do mel.

Então, sob o comando de Angada, autorizados por aquele filho jovem de Bali, aqueles macacos subiram nas árvores, fervilhantes com abelhas, banqueteando-se com os frutos e as raízes e, em um acesso de embriaguez, começaram a se divertir aqui e ali.

Cantando, rindo, dançando, curvando-se, declamando, correndo, saltando e batendo palmas, alguns carregavam outros, alguns brigavam e alguns falavam a esmo. Alguns pulavam de árvore em árvore, saltando dos ramos mais altos, alguns saltavam para o ar ou perseguiam uns aos outros em volta das árvores de rocha em rocha, respondendo às canções e risos, gemidos e lamentações uns dos outros, trocando golpe por golpe.

Em seguida, uma confusão geral surgiu entre aquela hoste de macacos e não havia nenhum que não estivesse inebriado ou cheio de entusiasmo.

Vendo o bosque devastado, as árvores despojadas de suas folhas e flores, Dadhimukha ficou cheio de raiva e procurou contê-los. Mas aquele macaco heroico e idoso, protetor do bosque, por sua vez foi repreendido por aqueles macacos insolentes depois do que ele ficou ainda mais determinado a defender a floresta, que foi confiada aos seus cuidados, contra eles. Depois disso ele falou com alguns em termos duros, sem medo ou prudência e golpeou outros com a palma de suas mãos, aproximando-se de alguns ameaçadoramente e de outros com palavras suaves.

Eles, no entanto, animados com licor, reprimidos por Dadhimukha, começaram a maltratá-lo descaradamente sem refletir que a culpa era deles, arranhando-o com suas unhas, mordendo-o com os seus dentes, atacando-o com golpes de suas mãos e pés, e derrubando-o inconsciente devastaram todo o Madhuvana.

Capítulo 62 – A luta entre Dadhimukha e os intrusos

Então Hanuman disse aos macacos: "Ó macacos, colham mel tranquilos! Eu afastarei qualquer um que os impeça!"

Ouvindo essas palavras, Angada, aquele príncipe dos macacos, alegremente ecoou seu conselho, dizendo: "Vocês todos bebam mel. Nós devemos ser guiados por tudo o que Hanuman faça, que realizou seu objetivo; mesmo que seja impróprio, eu estou de acordo".

Ouvindo Angada, aqueles principais dos macacos todos gritaram: "Excelente! Excelente!", elogiando o príncipe repetidamente. Depois disso eles se lançaram no boque Malin com a violência de uma torrente e, tendo entrado naqueles pomares, eles afastaram os guardas pela força. Felizes com o pensamento que Hanuman tinha descoberto Maithili e tendo tido notícias dela, com o consentimento de Angada, eles beberam o mel e se banquetearam com as frutas.

Lançando-se sobre os guardiões daquele pomar que se aproximaram deles às centenas, eles os oprimiram com golpes e os repeliram. Coletando favos de mel do tamanho de um drona com suas mãos, aqueles macacos, amarelos como o próprio mel, bebiam o néctar e jogavam fora os favos; alguns brincando atiravam uns nos outros com cera de abelha ou empilhando os ramos se sentavam sob as árvores; alguns, pesados com a bebida, amontoavam folhas no chão e se deitavam exaustos, enquanto outros, estimulados pelo néctar inebriante, cambaleando, atacavam seus companheiros loucamente. Cantando no máximo de suas vozes, alguns imitavam o rugido dos leões e alguns assobiavam como pássaros, outros, bêbados com mel, dormiam no chão; alguns rugiam com riso ou explodiam em lágrimas, alguns balbuciavam loucamente enquanto outros tentavam interpretar suas declarações.

Enquanto isso, os guardas da floresta, os servos de Dadhimukha, atacados por esses terríveis macacos, esmagados entre seus joelhos, fugiram em todas as direções. Incitados pelo medo, eles se aproximaram de Dadhimukha e disseram: "Autorizados por Hanuman, aqueles macacos terríveis, apesar de nós, devastaram Madhuvana e, esmagados entre seus joelhos, nós quase perdemos nossas vidas".

Muito indignado, Dadhimukha, vendo a destruição no bosque de Madhu, que havia sido confiado a seus guardas, consolou seus subordinados, dizendo: "Vão

àquele local e caiam sobre aqueles macacos insolentes; eu mesmo irei logo depois e expulsarei à força aqueles que estão bebendo o mel".

Ouvindo as palavras de seu mestre, aqueles macacos valentes voltaram para Madhuvana e Dadhimukha, em seu meio, os acompanhou com grande velocidade, levando árvores enormes. Armando-se com rochas, árvores e pedras, todos aqueles macacos, muito enfurecidos, foram para onde os Plavamgamas podiam ser encontrados, onde, mordendo os lábios com raiva, eles protestaram contra eles repetidamente, buscando reprimi-los pela força.

Então todos aqueles macacos, encabeçados por Hanuman, vendo Dadhimukha muito enfurecido, o repeliram com violência e, quando o poderoso Dadhimukha de braços enormes avançou portando uma árvore em suas mãos, o poderoso Angada enraivecido o interceptou com suas mãos e, fora de si de embriaguez, sem mostrar a menor piedade, embora ele a merecesse sendo seu tio-avô, o jogou ao chão com violência. Então aquele macaco, com braços e coxas quebrados e rosto mutilado, banhado em sangue, caiu sem sentidos por um espaço de tempo, depois disso, libertando-se com dificuldade, aquele principal dos macacos se retirou para uma distância e se dirigiu aos seus atendentes, dizendo:

"Vamos todos rapidamente para onde Sugriva de pescoço grosso reside com Rama. Eu contarei todos os crimes do príncipe Angada para ele e cheio de ira aquele soberano punirá todos os macacos. O encantador bosque de Madhu, desfrutado por seus antepassados, inviolável até para os deuses, é muito amado por Sugriva e ele infligirá punição pesada àqueles desgraçados perversos ávidos por mel e matará aqueles que desobedeceram ao seu soberano, com seus amigos e parentes. Então a minha ira, que eu sou incapaz de conter, será apaziguada".

Falando assim para os guardas da floresta, Dadhimukha, seu líder, partiu com eles com toda velocidade e num piscar de olhos chegou ao lugar onde aquele filho sagaz do Sol, Sugriva, estava.

Vendo Rama, Lakshmana e Sugriva, aquele macaco notável e heroico, Dadhimukha, descendo do céu, pousou no chão e com um semblante triste colocando suas palmas unidas na testa, tocou os pés de Sugriva.

Capítulo 63 – Dadhimukha conta como Madhuvana foi devastado

Vendo aquele macaco se prostrando, com sua testa tocando o chão, Sugriva, com o coração comovido, disse-lhe:

"Levanta-te! Levanta-te! Por que tu estás prostrado aos meus pés? Fala sem medo! Por que vieste aqui? Cabe a ti tornar claro o teu propósito. Está tudo bem em Madhuvana? Eu quero saber tudo, ó macaco!"

Assim tranquilizado pelo magnânimo Sugriva, o altamente sagaz Dadhimukha se levantou e falou o seguinte:

"Ó senhor, aquele bosque que nem tu nem Bali permitiam ser desfrutado pelos macacos foi devastado por eles! Procurando afastá-los com meus assistentes, eles, me desrespeitando, continuaram a se banquetear lá alegremente. Eu resisti às suas depredações com a ajuda dos meus guardas, mas sem demonstrarem qualquer consideração por mim, ó príncipe, aqueles selvagens continuaram a sua orgia. Esses meus atendentes, agredidos por eles, foram expulsos do bosque e aqueles incontáveis macacos poderosos, com seus olhos ardendo de raiva, quebraram seus braços e pés e, esmagando-os entre as suas coxas, os

arremessaram no ar. Tu és o senhor vivo desses guerreiros que foram atacados por aqueles macacos, que agora mesmo estão pilhando Madhuvana e bebendo o mel".

Enquanto Sugriva ouvia essas notícias, o sagaz Lakshmana, matador de seus inimigos, perguntou-lhe dizendo: "Ó rei, quem é esse macaco, o guarda da floresta que veio a ti, e qual aflição o levou a falar assim?"

Sendo assim abordado por Lakshmana de grande alma, Sugriva, hábil em conversa, respondeu:

"Ó nobre Lakshmana, este é Dadhimukha, e esse macaco heroico me informa que aqueles moradores guerreiros da floresta liderados por Angada beberam o mel e comeram os frutos do pomar. Tal traquinice não seria cometida por aqueles que falharam em sua missão. Seguramente eles foram bem sucedidos, visto que devastaram o bosque. É por essa razão que eles golpearam com seus joelhos aqueles que obstruíram a sua folia e desconsideraram o valente Dadhimukha a quem eu nomeei como guardião do meu pomar. Em verdade, Hanuman e ninguém mais deve ter descoberto a divina Sita. Só Hanuman poderia realizar tal façanha. O sucesso daquele empreendimento dependia da sagacidade daquele principal dos macacos dotado de coragem, força e erudição. Onde Jambavan e Angada são os líderes e Hanuman o espírito movente, o sucesso está assegurado. Certamente Madhuvana foi devastado por aqueles macacos heroicos liderados por Angada. Tendo explorado a região sul, em seu retorno esse pomar excitou sua cupidez, no que eles o saquearam e beberam o mel, agredindo os guardas e batendo neles com os joelhos. Esse macaco, Dadhimukha de voz suave, renomado por sua destreza, veio me comunicar essas notícias. Ó poderoso Saumitri, sem dúvida, Sita deve ter sido encontrada senão esses macacos jamais teriam destruído os bosque concedido a nós pelos deuses".

Ouvindo essas palavras agradáveis aos ouvidos saindo dos lábios de Sugriva, os virtuosos Lakshmana e Raghava foram tomados de alegria e o ilustre Sugriva, exultante ao receber essas notícias de Dadhimukha, respondeu àquele guardião da floresta, dizendo:

"Eu estou muito satisfeito que aqueles guerreiros, sendo bem sucedidos, tenham comido o mel e os frutos! Deve-se se portar com a arrogância daqueles que foram vitoriosos. Volta para o bosque de Madhu imediatamente e envia para cá todos os macacos com Hanuman em sua chefia! Com esses dois descendentes de Raghu, eu quero interrogar aqueles cervos dos ramos sem demora, que, com a ousadia dos leões cumpriram a sua tarefa, para saber se eles descobriram Sita".

Vendo aqueles dois príncipes com seus olhos arregalados de alegria, no auge da felicidade, o rei dos macacos, percebendo que o sucesso de seu empreendimento estava próximo, sentiu extrema satisfação.

Capítulo 64 – Sugriva consola Rama

Assim abordado por Sugriva, o macaco Dadhimukha alegremente ofereceu reverências a ele e deu saudações a Raghava e Lakshmana. Em seguida, tendo honrado Sugriva e aqueles filhos poderosos da Casa de Raghu, escoltado por seus atendentes, ele saltou para o ar. Partindo com a mesma velocidade com que tinha vindo, ele desceu do céu e, pousando na terra, entrou no bosque de Madhu. Lá ele viu aqueles principais dos macacos, agora sóbrios, passando as horas alegremente,

tendo-se aliviado, o resultado de beber o mel, e aproximando-se deles, aquele herói com as palmas unidas se dirigiu a Angada nas seguintes palavras:

"Ó nobre príncipe, não nutras qualquer animosidade pelos guardas, que, enfurecidos, procuraram afastar-te à força. Que a paz esteja contigo! Ó tu de grande força, compartilha livremente do mel que é teu por direito, já que tu és o herdeiro legítimo e dono do bosque. Cabe a ti nos perdoar por nossa ira, decorrente da ignorância! Como o teu pai antigamente e Sugriva, assim tu és o senhor da hoste de macacos! Ó príncipe irrepreensível, eu contei tudo ao teu tio, que, ao saber da presença dos macacos aqui, da tua chegada e também da devastação da floresta, não ficou nem um pouco furioso, em vez disso ele ficou satisfeito. Muito contente, o teu tio paterno, Sugriva, rei dos macacos, disse: 'Envia todos eles para cá sem demora!'"

Ouvindo essas palavras de Dadhimukha, Angada, príncipe dos macacos, hábil em discurso, dirigiu-se a todos os seus companheiros, dizendo:

"Ó líderes do exército de macacos, sem dúvida, todos esses eventos estão relacionados com Rama. Isso pode ser inferido pelas notícias de Dadhimukha. Não nos convém demorarmos mais aqui, a nossa missão tendo sido cumprida, ó matadores de seus inimigos! Vocês beberam todo o mel em plena medida, ó heroicos habitantes da floresta, nada resta para nós exceto nos juntarmos a Sugriva. Tudo o que todos vocês me aconselharem a fazer, eu porei em vigor. Eu sou seu servo e, embora o príncipe herdeiro, eu não devo emitir ordens a vocês. Vocês todos realizaram a sua tarefa; portanto, tratá-los arbitrariamente seria impróprio para mim".

Ouvindo essas palavras admiráveis de Angada, aqueles macacos, cheios de alegria, falaram assim:

"Quem, da tua posição, ó principal dos macacos, falaria assim? Inebriado de poder, cada um diz: 'Eu sou o líder!' Ninguém além de ti proferiria palavras de tal felicidade. A tua humildade é um bom presságio para nós. Nós estamos todos prontos para voltar para Sugriva o rei dos macacos, sem demora, mas sem a tua palavra de comando nenhum entre nós é capaz de avançar um único passo".

Nisso, Angada lhes respondeu, dizendo: "Está bem, vamos!", ao que todos aqueles guerreiros saltaram para o ar e o espaço foi totalmente preenchido como se por pedras disparadas de um morteiro.

Precedidos por Angada, que era seguido por Hanuman, aqueles Plavamgamas saltaram tempestuosamente no ar com um grande clamor, como nuvens impelidas diante do vento.

Angada tendo chegado perto de Sugriva, o rei dos macacos dirigiu-se a Rama de olhos de lótus, que estava consumido pela aflição, e disse:

"Tem bom ânimo! Tem certeza de que a divina Sita foi encontrada! Esses macacos não teriam retornado de outro modo, o tempo fixado por mim já tendo passado; eu deduzo isso da alegria de Angada! Se Angada de braços longos, o principal dos macacos, não tivesse sido bem sucedido, ele não teria voltado para mim. Se eles não tivessem tido êxito em seu empreendimento, após tal travessura, aquele príncipe jovem, com sua mente perturbada, pareceria abatido. Sem ter visto a filha de Janaka, eles não teriam coragem de destruir Madhuvana que foi obtido dos meus antepassados ou atacado aquele macaco venerável que o guarda. Ó filho nobre de Kaushalya, ó tu fixo em teu voto e fiel às tuas obrigações, em verdade Hanuman e ninguém mais descobriu Sita. Nenhum outro é qualificado para realizar esse objetivo. Ó tu, o mais importante dos virtuosos, os meios para o sucesso são inteligência, resolução, valor e conhecimento, e Hanuman é dotado de todos esses. Onde Jambavan com Angada lidera e Hanuman dirige o trabalho, só pode haver um

resultado. Ó tu de destreza incomensurável, não tenhas ansiedade! Aqueles moradores da floresta, tendo chegado ao auge da insolência, não teriam entrado em uma traquinagem desse tipo se tivessem falhado em sua missão. Eles devastaram Madhuvana e pegaram o mel, eu deduzo, portanto, que eles foram bem sucedidos".

Nesse instante, gritos de "Kilakila" ressoaram no céu daqueles habitantes das florestas, que, orgulhosos da façanha de Hanuman, estavam indo para Kishkindha, assim proclamando o seu triunfo.

Ouvindo esse tremendo clamor, o rei dos macacos, enrolando e desenrolando sua cauda, ficou muito animado, enquanto aqueles macacos, ansiosos para ver Rama, com Angada em sua chefia e Hanuman diante deles, inebriados de alegria, desceram do céu na frente de seu soberano e de Raghava.

Em seguida, Hanuman de braços poderosos, inclinando a cabeça em saudações, informou Rama do bem-estar físico e espiritual de Sita. E ouvindo de Hanuman as palavras auspiciosas doces como Amrita: "Eu vi Sita", a alegria de Rama e Lakshmana foi extrema e Lakshmana olhou para Sugriva, que tinha colocado o assunto nas mãos do filho de Pavana, com profundo respeito, enquanto Raghava, o destruidor de seus inimigos, em extrema felicidade olhou para Hanuman com veneração.

Capítulo 65 – Hanuman conta a Rama sobre seu encontro com Sita

Tendo chegado ao monte Prasravana com seus muitos bosques, Hanuman prestou reverência aos poderosos Rama e Lakshmana. Precedido pelo príncipe herdeiro, Angada, e curvando-se a Sugriva e aos macacos, ele começou a contar a história de Sita e do seu confinamento no harém de Ravana, das ameaças das titânides, da sua devoção inabalável por Rama e do tempo fixado para a sua execução. Tudo isso o macaco contou na presença de Rama.

E ouvindo sobre o bem-estar de Vaidehi, Rama disse: "Ó macacos, onde a ilustre Sita pode ser encontrada e quais são seus sentimentos em relação a mim? Contem-me tudo!"

Ouvindo as palavras de Rama, os macacos pediram a Hanuman, familiarizado com o assunto, para descrever tudo em detalhes. E ele, versado na arte do discurso, concordando com seu desejo, inclinando a cabeça em saudação à divina Sita, voltando-se para o sul descreveu seu encontro com ela e entregou para Rama a joia celeste, brilhando em sua própria refulgência; então o filho de Maruta ofereceu reverência a ele e disse:

"Ansioso para ver Sita, eu atravessei o oceano de quatrocentas milhas de extensão e depois de um tempo alcancei Lanka, aquela cidade pertencente ao cruel Ravana, que está situada na margem sul do mar. Lá eu vi Sita nos aposentos internos de Ravana e lá ela vive, ó Rama, centrando todos os seus pensamentos em ti. Eu a observei insultada por titânides hediondas que estão guardando-a no bosque, e aquela senhora nobre, acostumada por ti à felicidade, agora está angustiada na tua ausência, ó herói. Presa nos apartamentos internos de Ravana sob a estrita vigilância daqueles demônios femininos, usando uma única trança, desamparada, aquele ser desafortunado está absorto em pensar em ti! Deitada no chão, emaciada, parecendo um lótus na aproximação do inverno, rejeitando Ravana, ela está decidida a abandonar sua vida.

"Ó Kakutstha, ó príncipe sincero, com dificuldade considerável eu descobri aquela princesa de quem tu és de certo modo a própria alma e, narrando as glórias da linhagem de Ikshvaku, eu conseguiu ganhar sua confiança, depois do que eu contei tudo a ela.

"Ouvindo da aliança entre ti e o rei Sugriva ela ficou muito encantada, e ela permanece leal a ti em fé e amor. Ó principal dos homens, foi nessa condição que eu a descobri engajada em penitências severas com seu coração fixo em ti. Dando-me esta joia, ela me pediu para te contar o que aconteceu em Chittrakuta a respeito do corvo, ó sagaz e, dirigindo-se a mim desta maneira, ela disse:

"'Ó filho de Vayu, descreve tudo o que viste aqui para Rama e o presenteia com esta joia, que foi preservada por mim com cuidado. Faze com que ele se lembre da marca traçada com pó vermelho no meu rosto! Dize: 'Ó impecável, vendo esta pérola única formada pelas águas que eu te envio, me parece que eu te vejo diante de mim e me alegro em meio à minha angústia. Ó filho de Dasaratha, eu viverei apenas por um mês, após o que, estando em poder dos titãs, eu morrerei!'"

"Essas foram as palavras dirigidas a mim por Sita de membros emaciados, cujos olhos parecem os de uma corça, presa nos apartamentos de Ravana. Eu relatei tudo fielmente a ti, ó Raghava, agora delibera para atravessar o oceano".

Vendo aqueles dois príncipes cheios de esperança renovada, o filho de Vayu, tendo apresentado a joia como um símbolo de reconhecimento para Raghava, descreveu tudo para ele do início ao fim.

Capítulo 66 – A aflição de Rama

Ao ouvir essas palavras de Hanuman, Rama, nascido de Dasaratha, pressionando a joia contra o peito, chorou com Lakshmana. E vendo aquela joia maravilhosa, Raghava, cheio de aflição, com os olhos repletos lágrimas, disse a Sugriva:

"Como o leite flui dos úberes de uma vaca ao ver seu bezerro, assim o meu coração transborda ao ver essa joia! Essa pérola foi conferida a Sita pelo meu sogro na ocasião do nosso casamento e ela a usava na testa, assim realçando a sua beleza. Obtida das águas e reverenciada pelos deuses, ela foi dada a Janaka pelo sagaz Shakra, satisfeito com a sua adoração em um sacrifício.

"Vendo essa gema magnífica, eu recordo a presença do meu pai e do meu sogro, o rei de Videha. Esse ornamento adorável parecia belo na testa da minha amada, e vendo-o, é como se ela mesma estivesse presente aqui. Como se aspergindo água sobre alguém que perdeu a consciência, narra para mim o que Vaidehi disse, repetidas vezes, ó amigo! O que poderia ser mais pungente, ó Saumitri, do que ver essa pérola obtida das águas, sem Vaidehi? Se ela sobreviver mais um mês, ela viverá muito, mas é difícil para mim existir um instante sem Sita! Leva-me para onde tu viste a minha amada; depois de ouvir essas notícias, eu não posso tolerar um momento de demora. Como aquela dama de quadris encantadores, que era sempre tímida, pode suportar a vida em meio àqueles demônios cruéis e temíveis? Como a lua outonal envolta em nuvens é incapaz de brilhar, assim o rosto de Sita não é mais resplandecente. Ó Hanuman, conta-me repetidamente o que Sita te disse. Essas palavras me reviverão como os doentes são curados pela medicina. Ó Hanuman, o que a minha senhora gentil, bela e de

fala doce, que está separada de mim, te disse? Como aquela filha de Janaka é capaz de sobreviver em seu infortúnio terrível?

Capítulo 67 – Hanuman descreve sua entrevista com Sita

Sendo assim abordado por Raghava de grande alma, Hanuman começou a relatar tudo o que Sita tinha dito a ele:

"O leão entre os homens, para dar credibilidade ao meu relatório, a divina Sita descreveu o que ocorreu no monte Chittrakuta. Dormindo feliz ao teu lado, Janaki um dia foi a primeira a acordar, quando de repente um corvo feriu seu peito com o bico. Ó Rama, tu estavas então dormindo no colo de Sita e aquele corvo a atacou novamente, bicando-a cruelmente, e, estando banhada em sangue e sofrimento, ela te despertou. Ó matador de teus inimigos, vendo seu peito ferido, tu, como uma serpente irritada questionaste, dizendo: 'Quem, ó tímida, te feriu com suas garras? Quem ousou brincar com uma cobra de cinco cabeças?' Então, olhando aqui e ali, tu viste o corvo com suas garras afiadas e sangrentas diante de ti. E aquela principal das aves era o filho de Indra, que com a velocidade do vento desapareceu na terra. Então tu, ó de braços poderosos, reviraste os teus olhos furiosamente e resolveste destruir aquele corvo. Pegando um tufo de grama Kusha de onde tu tinhas te deitado, pronunciando o Brahma-mantra, tu lançaste a lâmina que ardia como o fogo na dissolução do mundo na ave, e aquela grama flamejante seguiu em sua esteira.

"Abandonado pelos deuses, que estavam aterrorizados, aquele corvo percorreu os três mundos sem encontrar um protetor e voltou a ti, ó subjugador de teus inimigos, buscando refúgio em ti e caindo por terra diante de ti. Depois disso, ó Kakutstha, tu em tua compaixão o perdoaste, ainda que ele merecesse a morte. Mas, achando impróprio que o objetivo da arma fosse anulado, tu destruíste o olho direito daquele corvo, ó Raghava. Então, prestando homenagem a ti e ao rei Dasaratha, aquela ave, assim salva, retornou à sua residência.

"Sita disse: 'Ó Raghava, tu és o principal daqueles hábeis com armas, poderoso e cheio de integridade, por que tu não disparas as tuas flechas contra os titãs? Nem os deuses, gandharvas, asuras ou Maruta podem resistir a ti em batalha. Se tu em tua magnanimidade tens alguma consideração por mim, então com tuas flechas bem dirigidas destrói Ravana sem demora. Sob a ordem de seu irmão, por que Lakshmana, o flagelo de seus inimigos e o principal dos homens, não corre em minha defesa?

"'Como é que aqueles dois poderosos leões entre os homens, iguais a Vayu e Agni em valor, a quem os próprios deuses são incapazes de vencer, se esqueceram de mim? Indubitavelmente eu cometi um grande pecado, uma vez que aqueles dois flagelos de seus inimigos, que são capazes de fazer isso, não se unem para me resgatar!'

"A essas palavras queixosas e suaves da nobre Vaidehi eu respondi: 'Ó senhora ilustre, Rama está duramente afetado por conta da tua ausência, e vendo seu irmão vítima da tristeza, Lakshmana também está sofrendo, eu juro. Já que eu te encontrei finalmente, o tempo para lamentação é passado. Em um instante tu verás o fim das tuas angústias, ó princesa adorável. Aqueles dois filhos de um rei, os principais dos homens e subjugadores de seus inimigos, ansiosos para ter ver mais uma vez, reduzirão Lanka a cinzas. Tendo matado o cruel Ravana com seus parentes em batalha, Raghava te levará de volta para a sua capital, ó encantadora!

Ó dama irrepreensível, dá-me algum sinal que seja conhecido por Rama e que lhe dará alegria'.

"Nisso Sita, olhando ao redor para todos os lados, tirou do seu manto uma joia excelente que tinha prendido seus cabelos e deu-a para mim, ó poderoso.

"Então eu, inclinando a cabeça em saudação, tomei a joia em minhas mãos e me preparei para partir, ó amado da linhagem de Raghu! Diante disso, vendo-me prestes a me despedir expandindo meu corpo, Sita, a filha bela e desafortunada de Janaka, com seu rosto banhado em lágrimas, se dirigiu a mim em uma voz estrangulada com soluços e, na intensidade da aflição pela minha partida, disse-me:

"Feliz és tu, ó macaco, já que tu verás o poderoso Rama cujos olhos parecem lótus e Lakshmana de braços longos, meu cunhado ilustre!'

"A essas palavras de Maithili eu respondi: 'Sobe nas minhas costas sem demora, ó dama nobre, e nesse mesmo dia eu te mostrarei Sugriva, Lakshmana e o teu consorte Rama, ó princesa afortunada de olhos escuros!'

"Então aquela deusa me respondeu, dizendo: 'Não é adequado para mim subir em tuas costas por minha própria vontade, ó grande macaco! Embora antes disso eu tenha sido tocada pelo demônio, foi por conta da minha impotência, sujeita como eu estava ao destino. Dirige-te para onde aqueles dois príncipes estão!' Depois disso, ela acrescentou:

"'Ó Hanuman, saúda aqueles dois leões entre os homens com Sugriva e seus ministros! Descreve para Rama e Lakshmana de destreza incomensurável a intensidade do meu desespero e os insultos despejados sobre mim pelos titãs. Que a tua jornada seja próspera, ó principal dos macacos!'

"Assim aquela princesa ilustre falou comigo no meio de sua aflição. Refletindo sobre a minha narrativa, tem fé na integridade da virtuosa Sita".

Capítulo 68 – Ele repete suas palavras de consolo para Sita

"Ó principal dos homens, aquela deusa então se dirigiu a mim em meio à sua angústia por amor a ti e solicitude por minha causa, dizendo:

"'Repete tudo isso para o filho de Dasaratha, de modo que ele possa vir com toda velocidade e, tendo matado Ravana em combate, me leve daqui. Ó herói, ó subjugador de teus inimigos, se isso tiver a tua aprovação, repousa escondido aqui em algum lugar secreto por mais um dia para aliviar a tua fadiga e amanhã tu podes te preparar para partir! Ó Hanuman, em tua companhia eu sou capaz de esquecer os meus sofrimentos por algum tempo. Ó tu dotado de grande destreza, eu esperarei o teu retorno, mas duvido se estarei viva então. Não te vendo mais, eu serei consumida pelo medo, criatura infeliz que eu sou, oprimida pela aflição! Além disso eu estou cheia de dúvidas sobre os teus companheiros, os ursos e macacos, e como de fato eles e aqueles dois príncipes serão capazes de atravessar o oceano intransponível. Ó guerreiro irrepreensível, há apenas três criaturas qualificadas para atravessar o mar – Garuda, Vayu e tu mesmo. Perante esse obstáculo insuperável, que possibilidade de sucesso tu vês, ó tu principal daqueles peritos na arte da conversa? É verdade que tu és capaz de realizar esse trabalho sozinho, ó subjugador de teus inimigos, mas tal manifestação de bravura beneficiaria a ti somente. Se Rama no entanto, com as suas tropas, matando Ravana na luta, me levasse de volta em triunfo para a sua capital, isso resultaria em sua glória. Não seria digno de Raghava me capturar às escondidas como fez Ravana, que sob um

disfarce me raptou da floresta. Realmente seria uma façanha de excelência marcante, digna dele, se Kakutstha, o conquistador de seus inimigos, destruísse Lanka e me libertasse. Age de forma que aquele herói de grande alma possa mostrar sua bravura!'

"Ouvindo essas palavras cheias de bom senso, razoáveis e afetuosas, eu respondi pela última vez:

"'Ó deusa, Sugriva, o líder dos ursos e macacos, dotado de valor, resolveu te libertar. Ele tem sob seu comando inúmeros macacos poderosos e corajosos dotados de destreza, que são tão rápidos como o pensamento, capazes de ir para cima ou para baixo e para todos os lados, a quem nada pode impedir, nem eles podem ser intimidados pelas tarefas mais difíceis. Além disso, aqueles macacos grandes e poderosos, dotados de vigor, já circundaram a terra repetidamente, percorrendo o ar. Sugriva tem muitos macacos iguais a mim e maiores; nenhum é inferior. Se eu sou capaz de atravessar o mar, quanto mais esses heróis? Os grandes nunca são enviados em uma missão, mas só aqueles de mérito inferior.

"Ó senhora, agora abandona a tristeza; em um salto aqueles líderes das tropas de macacos chegarão a Lanka e aqueles dois leões entre os homens, como o sol e a lua, vão se apresentar a ti, ó princesa. Logo tu verás, no portão de Lanka, Raghava, semelhante a um leão e Lakshmana, com arco na mão. E tu em breve verás aqueles guerreiros macacos, dotados da força de leões e tigres, cujas armas são suas unhas e dentes, semelhantes aos senhores dos elefantes, se apressando para cá sem demora. Logo tu ouvirás o rugido daqueles líderes de macacos no topo do monte Malaya, parecendo o ribombo das nuvens. Logo tu verás Raghava, o matador de seus inimigos, voltando de seu exílio na floresta, instalado no trono contigo em Ayodhya".

"Depois disso, a filha do rei de Mithila, embora profundamente aflita pela tua ausência, foi consolada por essas palavras auspiciosas e sentiu grande paz".

FIM DO SUNDARA KANDA

LIVRO VI

YUDDHA KANDA

Capítulo 1 – Rama felicita Hanuman. Suas perplexidades

Ouvindo a narrativa fiel de Hanuman, Rama, cheio de alegria, disse: "A missão que Hanuman realizou é de grande significado e a mais árdua no mundo; nenhum outro poderia tê-la realizado, nem em pensamento! Outro além de Garuda e Vayu, realmente eu não conheço nenhum ser capaz de atravessar o oceano imenso exceto o próprio Hanuman. Nem os deuses, danavas, yakshas, gandharvas, uragas nem rakshasas poderiam entrar em Lanka que é protegida por Ravana e, se alguém em sua presunção entrasse nela, ele voltaria vivo? Quem é capaz de capturar aquela fortaleza por assalto, que foi tornada inacessível por sua muralha de titãs, senão alguém cuja coragem e bravura sejam iguais às de Hanuman? Hanuman executou esse serviço importante para Sugriva, manifestando uma força igual à sua audácia. Aquele servo a quem seu mestre confia uma tarefa difícil e que se desempenha com zelo é dito ser um homem superior. Aquele que é disposto e capaz porém que não faz mais do que o que seu soberano exige dele, a fim de tornar-se agradável, é chamado de um homem comum, mas o que é bom e capaz e ainda não executa o comando de seu rei é dito ser o menor dos homens. Hanuman cumpriu a tarefa confiada a ele sem vacilação, para a satisfação de Sugriva; consequentemente, através da descoberta do retiro de Vaidehi por esse mensageiro fiel, a Casa de Raghu, o valente Lakshmana e eu fomos salvos. Mas mesmo assim o meu coração está pesado, já que eu não sou capaz de recompensar o portador dessas boas notícias de forma adequada. Deixem-me, pelo menos, abraçar o magnânimo Hanuman, já que, nas circunstâncias atuais, isso é tudo o que me é permitido!"

Tendo falado assim, Rama, tremendo de alegria, apertou Hanuman em seus braços, que, senhor de si mesmo, com sua missão cumprida, tinha retornado.

Então o grande filho da Casa de Raghu, depois de refletir por algum tempo, acrescentou, na presença de Sugriva, rei dos macacos:

"Embora a descoberta de Sita tenha sido realizada, contudo quando eu vejo aquele vasto oceano, eu fico mergulhado em desânimo. Como o exército dos macacos será capaz de atingir a costa sul, atravessando aquela extensão intransponível de água? Tendo recebido essas notícias de Vaidehi, o que pode ser feito agora para levar os macacos para o outro lado do oceano?"

Na angústia que o possuía, o poderoso Rama, flagelo de seus inimigos, tendo falado com Hanuman, estava cheio de apreensão e ficou absorto em pensamentos.

Capítulo 2 - Sugriva consola Rama

Rama, o filho de Dasaratha, estando mergulhado em desespero, o afortunado Sugriva falou-lhe em tons consoladores, dizendo: "Por que tu cedes à tristeza como um homem comum, ó herói? Livra-te dessa melancolia como os homens ingratos do reconhecimento de favores concedidos a eles. Após as notícias que tu recebeste e agora que o refúgio de teu inimigo é conhecido por ti, eu não vejo motivo para a tua ansiedade, ó Raghava. Prudente e versado nas escrituras, inteligente e culto como tu és, bane, como um senhor de si mesmo, esses temores indignos que são obstáculos para o sucesso. Nós cruzaremos o oceano onde crocodilos monstruosos

abundam, tomaremos Lanka de assalto e mataremos teu adversário! O homem pusilânime e desanimado, cuja mente é agitada pela aflição, não realiza nada que valha a pena e corre para a destruição.

"Para te agradar, esses guerreiros macacos que são corajosos e habilidosos estão prontos para entrar em um fogo ardente! Observando o seu ardor marcial eu estou cheio de confiança; testa a minha coragem por me permitir trazer Sita de volta para ti depois de ter matado o teu adversário Ravana de façanhas más. Mas primeiro constrói uma ponte para que nós possamos nos aproximar daquela cidade do senhor dos titãs. No instante em que virmos Lanka, construída no topo de Trikuta, Ravana estará morto por assim dizer, mas a menos que uma ponte seja lançada sobre esse domínio formidável de Varuna, o mar, os próprios deuses e asuras com seus líderes não podem forçar uma entrada em Lanka.

"Quando o passadiço sobre as águas nas proximidades de Lanka estiver construído e todas as tropas tiverem passado sobre ele, Ravana, por assim dizer, estará derrotado, de tão valentes que são esses macacos guerreiros que podem mudar de forma à vontade.

"Chega dessa atitude covarde, fatal para qualquer empreendimento, ó rei. Nesse mundo, o homem é enfraquecido pela tristeza; aquilo que deve ser feito deve ser realizado com resolução, seguramente é aconselhável agir rapidamente! Para esse empreendimento, ó grande sábio, une energia com virtude, pois, se for uma questão de perda ou morte, os grandes guerreiros, teus iguais, veem a aflição como a consumidora de seus recursos. Tu és o mais importante dos sábios e versado em todas as escrituras; com aliados como eu a tua vitória está assegurada! Em verdade eu não vejo ninguém nos três mundos que possa te resistir em combate, quando tu estás armado com teu arco! Com o sucesso da tua iniciativa nas mãos dos macacos, tu não podes falhar. Quando tiveres cruzado o oceano imperecível tu verás Sita em breve. Desiste dessa melancolia que tu permitiste te invadir e te entrega à tua indignação legítima, ó príncipe. Guerreiros não ousados nunca ganham honra, mas todos temem os coléricos. É para o propósito de cruzar o oceano formidável, o senhor dos rios, que tu vieste aqui conosco; agora, com a tua mente engenhosa pondera sobre isso. Uma vez que o mar tenha sido atravessado pelas minhas tropas, saibas que a vitória é certa; realmente, quando todo o exército tiver passado sobre o mar, nosso triunfo estará assegurado!

"Os macacos, esses soldados corajosos, que são capazes de mudar sua forma à vontade, irão esmagar seus oponentes com uma avalanche de rochas e árvores. Sejam quais forem os meios utilizados, uma vez que tivermos atravessado o domínio de Varuna, Ravana estará como morto aos meus olhos, ó destruidor de teus inimigos! Mas de que servem todas essas palavras? A tua vitória é garantida e os presságios, que eu percebo, enchem meu coração de alegria".

Capítulo 3 – Hanuman descreve a força de Lanka para Rama

Essas palavras de Sugriva, criteriosas e cheias de bom senso, agradaram Kakutstha que disse a Hanuman:

"Pelo poder das minhas austeridades, eu sou bem capaz de atravessar o oceano por lançar uma ponte sobre ele ou até mesmo secando-o. Quais são as fortificações dessa Lanka inacessível? As descreve totalmente para mim, eu quero ouvir tudo sobre elas como se eu mesmo as tivesse visto, ó macaco. Como seus

portões são guarnecidos; qual é a força do exército; que tipo de fosso a circunda e como os retiros dos titãs são construídos? Tu exploraste Lanka à vontade quando a oportunidade surgiu, agora à luz das tuas observações dá-me uma informação exata e completa sobre ela".

Assim interrogado por Rama, Hanuman, o filho de Maruta, o mais eloquente dos narradores, disse:

"Ouve, ó rei, eu te direi a extensão das defesas, dos fossos e o número de tropas que guardam aquela cidade. Eu te descreverei a opulência daqueles titãs e a grande prosperidade da sua capital devido às austeridades de Ravana; eu te falarei também do oceano formidável e dos muitos regimentos de infantaria e a força da cavalaria".

Depois desse preâmbulo, o principal dos macacos começou a descrever claramente tudo o que ele sabia e disse:

"Cheia de pessoas felizes, Lanka abunda em elefantes intoxicados com suco Mada e é fervilhante com carros e titãs. Ela tem quatro caminhos de entrada imensos que são extremamente altos e equipados com portas fortes que são fechadas com barras de ferro maciças. Catapultas, dardos e pedras estão colocados ao alcance da mão, capazes de repelir os assaltos do inimigo e os valentes titãs têm, amontoadas em prontidão, lanças formidáveis às centenas.

"A cidade é cercada por um muro alto dourado difícil de escalar, revestido por dentro com pedras preciosas, coral, esmeralda e pérola. Por todos os lados fossos imponentes de grande esplendor, cheios de água gelada, foram escavados, que são profundos e cheios de crocodilos e peixes. Na entrada desses diques há quatro pontes levadiças longas, equipadas com inúmeras armas e cinco grandes canhões estão colocados em volta, que defendem as entradas contra a aproximação do inimigo, cujos batalhões seriam arremessados por essas máquinas de guerra aos fossos por todos os lados. O mais importante desses baluartes, impossível de tomar, é de força insuperável e deslumbrante com seus pilares e fulcros de ouro.

"Dotado de grande força física, ó príncipe, Ravana é ávido por combate, sempre alerta e inspeciona suas tropas constantemente. Lanka é, portanto, inexpugnável, é uma fortaleza celeste que inspira terror. Cercada por água, construída em uma montanha com suas defesas quádruplas,[386] ela está situada do outro lado do oceano intransponível, ó Rama, onde nenhum navio pode se aproximar dela, porque ela não oferece porto em lugar algum. Construída no topo de uma rocha inacessível, Lanka, onde cavalos e elefantes abundam, assemelhando-se à Cidade dos Deuses, é extremamente difícil de conquistar. Com seus fossos e Shataghnis, seus mecanismos de guerra de todos os tipos, aquela capital do perverso Ravana é única.

"O portão leste é defendido por dez mil homens, todos guerreiros qualificados armados com lanças, os principais dos espadachins; o portão sul é guardado por cem mil guerreiros, lá todo um exército de lutadores experientes está reunido; dez mil soldados armados com espadas e escudos, todos acostumados ao manejo de armas, defendem o portão oeste; o portão norte é protegido por um milhão de homens que estão em carruagens ou montados em cavalos; eles são filhos de famílias distintas. Titãs no total de centenas e milhares ocupam o centro da cidade com um milhão de soldados testados, além disso.

[386] Veja o Glossário em Quádruplo.

"Eu destruí os baluartes e enchi os fossos e, tendo demolido os muros, incendiei a cidade, portanto, se pudermos encontrar algum meio de cruzar o domínio de Varuna, a cidade é nossa; que os macacos deliberem sobre o assunto.

"Angada, Dvivida, Mainda, Jambavan, Panasa, Nala e o general Nila cairão sobre capital de Ravana com suas colinas, bosques, fossos, arcadas e trincheiras e trarão Sita de volta para ti, ó Raghava, que necessidade há do resto dos macacos? Vem, dá o comando rapidamente para todo o exército desses macacos valentes e, em uma hora propícia, vamos partir!"

Capítulo 4 – O exército chega às margens do mar

Depois de ter escutado o discurso criterioso e bem fundamentado de Hanuman, o ilustre Rama, um verdadeiro herói, falou dizendo:

"Agora que tu me contaste tudo a respeito Lanka, aquela fortaleza temível dos demônios terríveis, eu farei os preparativos para destruí-la sem demora, essa é a verdade!

"Ó Sugriva, tem a bondade de ordenar a nossa partida; o sol está no meio do céu e entrou na constelação da vitória.[387] Quanto ao raptor de Sita, ele não escapará, onde quer que vá! Quando Sita souber da minha aproximação as suas esperanças reviverão, como alguém que, tendo tomado veneno e prestes a morrer, bebe o néctar da imortalidade.

"O planeta do norte Phalguni está em ascensão e estará em conjunção com a estrela Hasta amanhã. Vamos partir, ó Sugriva, e que todas as tropas nos acompanhem; todos os presságios são favoráveis! Tendo matado Ravana, eu voltarei com Sita, a filha de Janaka. A minha pálpebra direita está se contraindo o que é uma indicação de que a vitória está perto e que o meu propósito será realizado".

Ao ouvir essas palavras, o rei Sugriva e Lakshmana, curvando-se, prestaram reverência a Rama, que, cheio de fé e versado na lei moral, falou mais uma vez, dizendo:

"Que o general Nila com uma guarda de cem mil guerreiros intrépidos vá à frente do exército para explorar o caminho. Ele deve conduzir suas tropas rapidamente pelo caminho onde frutas, raízes, sombra, água fresca e mel sejam abundantes. Em sua maldade, os demônios são capazes de destruir as raízes e frutas e de arruinar a água no caminho. Os mantenham longe e fiquem em guarda! Que aqueles moradores dos bosques examinem as ravinas e matas densas da floresta, a fim de descobrir as emboscadas do inimigo.

"Aqueles que são fracos devem permanecer aqui, pois sua tarefa é formidável e exige resistência; portanto, que os mais importantes dos macacos dotados de talento prodigioso liderem a vanguarda, composta por centenas e milhares de macacos, parecendo as águas do mar. Que Gaja que é como uma colina e os extremamente poderosos Gavaya e Gavaksha vão à frente como touros orgulhosos liderando as vacas. O líder dos macacos, Rishabha, hábil em saltar, deve proteger o flanco direito do exército e o impetuoso Gandhamadana, semelhante a um elefante em mustha,[388] deve defender o flanco esquerdo. Eu mesmo, montado nos ombros

---

[387] Abhijit. (Veja o Glossário).

[388] [Musth: condição periódica nos elefantes machos, caracterizada por comportamento altamente agressivo e acompanhado por um grande aumento nos hormônios reprodutivos].

de Hanuman, como Indra em Airavata, marcharei no centro das minhas tropas, para incentivá-las. Lakshmana, que parece a própria morte, andará nos ombros de Angada, como Kuvera, o senhor das criaturas e deus da riqueza, em Sarvabhauma. Que o poderoso senhor dos ursos, Jambavan, com Sushena e o macaco Vegadarshin, todos os três, protejam a retaguarda do exército".

Ouvindo as palavras de Raghava, Sugriva, comandante das forças, deu suas ordens aos macacos. Então uma multidão de macacos, ávidos para lutar, saiu das cavernas e picos de montanha, saltando por todos os lados. Honrado pelo rei dos macacos, como também por Lakshmana, o virtuoso Rama, acompanhado por centenas e milhares de macacos parecendo elefantes, partiram em direção ao sul e, sob o comando de Sugriva, aquele grande exército com bom ânimo, mostrando sua alegria, o escoltou.

Protegendo os flancos do exército e avançando, eles correram para o sul, saltando por todos os lados, emitindo rugidos leoninos, rosnando e gritando, se alimentando de mel e frutas deliciosas, brandindo grandes árvores e arbustos floridos. Em sua combatividade, alguns levantavam seus companheiros e os atiravam para baixo, ou subiam nas costas uns dos outros competindo entre si em virar cambalhotas.

"Vamos matar Ravana com todos os seus vagueadores noturnos!" Assim aqueles macacos rugiam na presença de Rama.

Indo à frente do exército, Rishabha, o valente Nila e também Kumuda abriam caminho com a ajuda de inúmeros macacos. No centro, o rei Sugriva, Rama e Lakshmana, flagelos de seus inimigos, estavam cercados por incontáveis guerreiros formidáveis. O macaco corajoso, Shatabali, à frente de dez kotis, era, por si só, suficiente para proteger toda a hoste de macacos! Com uma escolta de cem kotis, Kesarin e Panasa, Gaja e Arka com seus batalhões protegiam os flancos daquele exército, enquanto Sushena e Jambavan, cercados por uma multidão de ursos, tendo colocado Sugriva à frente, formaram a retaguarda. O valente general Nila, um leão entre os macacos, que se destacava em marcha, constantemente inspecionava as fileiras, e Valimukha, Prajangha, Jambha e o macaco Rabhasa andavam por toda parte incentivando os Plavamgamas.

Enquanto aqueles leões entre os macacos avançavam de todos os lados orgulhosos de sua força, eles viram a grande montanha Sahya coroada com centenas de árvores e lagos e tanques adoráveis cobertos com flores.

Sob o comando de Rama de ira abrasadora, contornando os limites de cidades e estradas públicas, aquele vasto e terrível exército de macacos, como a maré do oceano, avançou com um som estrondoso. Ao lado do filho de Dasaratha, aqueles macacos heroicos saltavam adiante com agilidade, como corcéis velozes instigados pela espora. E aqueles principais dos homens, levados nos ombros dos macacos, pareciam belos como o sol e a lua, em conjunção com aqueles dois grandes planetas, Rahu e Ketu, e honrado pelo rei dos macacos e Lakshmana, Rama, acompanhado de seu exército, procedeu em direção ao sul.

Então Lakshmana, montado nos ombros de Angada, falou a Rama que estava realizando seu plano, em tom agradável, dizendo:

"Depois de recuperar Vaidehi e matar Ravana seu sequestrador, realizando assim o teu objetivo, tu voltarás a Ayodhya, que,[389] também, ficará satisfeita. Eu vejo presságios auspiciosos nos céus e na terra, ó descendente de Raghu, indicando o sucesso do teu empreendimento! Um vento favorável sopra atrás do exército, que é

[389] Isto é, a divindade que preside a cidade.

suave, concessor de saúde e auspicioso; aves e animais emitem sons alegres e sonoros; todos os quadrantes estão serenos e o sol brilha claramente. Ushanas, o filho de Bhrigu, também, apresenta um aspecto auspicioso por ti, e a estrela polar não está acompanhada por planetas adversos, os sete rishis, puros e brilhantes, a circungirando. Diante de nós brilha o avô dos Ikshvakus de grande alma, o imaculado Trishanku acompanhado por seu sacerdote; e os gêmeos Vishakas, nossa estrela racial, brilham livres de obstrução.

"Nairrita, a estrela regente dos titãs, está com mau aspecto e em oposição ao planeta ascendente Dhumaketu, pressagiando a derrota dos titãs. Aqueles prestes a morrer, em sua última hora, se tornam vítimas de Graha. A água dos lagos é fresca e tem gosto doce, os bosques estão carregados de frutas, brisas perfumadas sopram suavemente e as árvores estão florescendo fora de época, ó senhor! O exército dos macacos parece esplêndido em suas formações, como a hoste celeste na destruição de Taraka. Examinando toda a cena, ó nobre, tu deves sentir deleite supremo!"

Assim Saumitri falou em tons alegres para seu irmão mais velho para consolá-lo, e enquanto isso o exército dos macacos avançava, cobrindo a terra. A poeira levantada por aqueles ursos e macacos poderosos, equipados com unhas e garras, envolveu toda a terra e o esplendor do sol foi obscurecido. Como uma massa de nuvens envolvendo o céu, aquele exército de macacos avançou em formação sólida abarcando a região sul. Enquanto eles avançavam milhas após milhas, atravessando rios e córregos contra a corrente, eles percorriam muitas léguas de uma vez. Descansando ao lado de lagos de água pura, passando por montanhas cobertas de florestas, através de planícies, através de bosques carregados de frutas, contornando-os ou passando pelo centro, eles seguiam em frente, cobrindo toda a terra, e, com seus rostos manifestando alegria, eles corriam com a rapidez do vento.

Todos aqueles macacos eram zelosos no serviço a Rama, competindo uns com os outros em vivacidade, vigor e destreza. Alguns, orgulhosos de sua juventude e membros flexíveis, aumentavam seu ritmo, correndo com extrema velocidade e executando saltos mortais e alguns desses viajantes das matas gritavam 'Kila! Kila!' chicoteando suas caudas e pisando com força sobre a terra, enquanto outros com braços erguidos quebravam as árvores e pedras aqui e ali ou subiam até o cume das montanhas, como verdadeiros alpinistas. Emitindo gritos e rugindo, eles frequentemente derrubavam punhados de trepadeiras com as coxas. Em sua energia, com suas mandíbulas rígidas, alguns faziam malabarismos com pedras e árvores. Foi às centenas e milhares e milhões que esses macacos formidáveis cobriram a terra com seu esplendor; e aquele grande exército de macacos, cheio de energia, prosseguindo sob as ordens de Sugriva, ávido para lugar e ansioso para libertar Sita, não hesitava nem por um instante.

Então Rama, vendo as montanhas Sahira e Malaya com suas matas densas frequentadas por vários tipos de animais selvagens e florestas maravilhosas, córregos e rios, foi em direção a elas, e os macacos derrubaram árvores Champaka, Tilaka, Cuta, Praseka, Sindubaraka, Tinisha, Karavira, Ashoka, Karanja, Plaksha, Nyagrodha, Jambuka e Amlaka, e, assentadas sobre aqueles planaltos encantadores, as árvores da floresta sacudidas pelo vento os cobriam com flores.

Uma brisa suave, fresca e perfumada com sândalo soprava enquanto as abelhas zumbiam nos bosques perfumados com néctar. Dessa montanha, rica em minério, a poeira erguida por aqueles macacos envolveu o imenso exército por todos os lados.

Nas radiantes encostas das montanhas, árvores Ketaka, Sinduvara, a encantadora Vasanti, a perfumada Madhavi, moitas de jasmins, árvores Shiribilva, Madhuka, Vanjula, Vankula, Ranjaka, Tilaka, Nagavriksha, todas floridas, com Cuta, Patalika, Kovidara, Muchulinda, Arjuna, Shimshapa, Kutaja, Hintala, Tinisha, Shurnakha, Nipaka, a Ashoka azul, Sarala, Ankola e Padmaka floresciam e fervilhavam com macacos se divertindo lá. Lagos e tanques encantadores, frequentados por aves aquáticas, patos e garças, eram encontrados naquela montanha, que era o refúgio de javalis, veados, ursos, hienas, leões e tigres inspiradores de terror e inúmeras cobras venenosas a infestavam. Kumudas, Utpalas e muitas outras flores embelezavam os lagos, e bandos de aves de várias espécies cantavam naquele lado da montanha.

Tendo se banhado naquelas águas e matado a sede, os macacos começaram a se entreter e molhando uns aos outros, escalando a montanha, eles colheram as frutas deliciosas tão perfumadas quanto amrita e as raízes e flores das árvores. Amarelos como o próprio mel, eles, encantados, se banquetearam com os favos do tamanho de um drona, que pendiam das árvores, e, balançando os belos ramos e deixando-os saltar para trás novamente, eles puxavam para baixo as trepadeiras; alguns, bêbados com néctar, dançando alegremente enquanto continuavam em seu caminho; alguns subiam nas árvores, outros matavam a sede e a terra inteira, coberta com macacos, parecia um campo de grãos maduros. Chegando à montanha Mahendra, Rama de braços longos, cujos olhos pareciam pétalas de lótus, subiu até o topo adornado com várias árvores, e daquele pico o filho mais velho do rei Dasaratha contemplou aquele vasto mar com suas ondas crescentes e cheio de peixes e tartarugas.

Tendo atravessado as montanhas Sahya e Malaya, o exército parou em suas fileiras ao longo das margens do mar com suas ondas trovejantes. Então aquele principal dos homens, Rama, descendo do cume e acompanhado por Lakshmana e Sugriva, entrou rapidamente em um bosque adorável às margens do oceano e chegando àquela imensa praia coberta de seixos, lavada pelas ondas elevadas, ele falou assim:

"Ó Sugriva, nós chegamos à morada de Varuna, agora devemos considerar a questão com a qual estávamos preocupados anteriormente. Este oceano, o senhor dos rios, com sua vasta extensão, é impossível de atravessar a menos que algum método especial seja adotado. Vamos acampar aqui, portanto, e deliberar sobre o meio pelo qual nós podemos transportar o exército para a outra margem".

Falando assim, aquele herói de braços longos, que tinha ficado desolado pelo rapto de Sita, aproximou-se do mar e emitiu ordens para as tropas se aquartelarem.

"Que todo o exército monte seu acampamento na praia, ó leão entre os macacos! Chegou a hora de trocar ideias e inventar algum meio de atravessar o mar; que cada líder permaneça com suas tropas e, sob nenhum pretexto que seja, ele deve deixá-las; enquanto isso, eles devem descobrir se alguma emboscada foi preparada pelo inimigo".

Ao comando de Rama, Sugriva, assistido por Lakshmana, fez suas tropas acamparem na margem que era coberta de árvores e a hoste de macacos parecia resplandecente como um segundo oceano cujas ondas eram amarelas como mel. Alcançando aquela margem arborizada aqueles leões dos macacos acamparam, ansiosos para chegar ao outro lado do oceano; e o tumulto causado por aquelas tropas armando suas tendas podia ser ouvido acima do rugido do mar. Aquele vasto exército de macacos, comandado por Sugriva, enfileirado em três divisões, estava profundamente preocupado com a realização da missão de Rama e, a partir da

costa onde eles estavam situados, a hoste de macacos olhava com prazer para o vasto oceano açoitado pela tempestade. Em seguida, os líderes dos macacos examinaram aquela morada de Varuna de extensão ilimitada, cuja costa distante era habitada por titãs. Tornado formidável pela ferocidade de seus tubarões e crocodilos, aquele oceano, com suas ondas espumantes, no fim do dia e na aproximação da noite, parecia rir e dançar. Quando a lua se ergueu, cuja imagem era refletida ilimitadamente em sua superfície, o mar subiu, fervilhando de gigantescos tubarões, baleias e grandes peixes, forte como a tempestade, e ele era insondável, cheio de serpentes de espirais flamejantes e muitos animais aquáticos e recifes. Nesse oceano, difícil de atravessar, cujos caminhos eram intransitáveis, frequentado por titãs, as ondas, nas quais tubarões e monstros marinhos enxameavam, se erguiam e caíam alegremente, colocadas em movimento pela brisa.

Emitindo faíscas e turbulento com seus répteis brilhantes, o oceano, aquele refúgio temível dos inimigos dos deuses, a eterna região do inferno, parecia o céu e não parecia haver diferença entre eles. As águas simulavam o firmamento e o firmamento as águas, ambos manifestando a mesma aparência com as estrelas acima e as pérolas abaixo com as quais eles estavam cheios e, um com suas nuvens corredoras e outro com seus esquadrões de ondas, faziam o mar e o céu parecer idênticos.

Quando onda colidia contra onda sem pausa, o rei dos rios emitia um clamor impressionante como o som da batida de grandes gongos no céu. Com suas ondas murmurantes, suas inumeráveis pérolas e seus monstros por assim dizer perseguindo-o como uma matilha de cães, o oceano, nas garras de um furacão, parecia pular animadamente.

E os macacos magnânimos examinaram aquele oceano açoitado pelos ventos e as ondas que, chicoteadas por suas rajadas, pareciam gemer. Tomados de admiração, aqueles macacos observaram o mar com suas ondas enérgicas, rolando sem parar.

Capítulo 5 – Rama se aflige ao pensar em Sita

Na costa norte, o exército sob o comando de Nila parou e os dois generais, Mainda e Dvivida, os principais entre os macacos, patrulharam acima e abaixo e em todos os lados a fim de proteger a hoste de macacos.

O exército estando assim acampado nas margens do senhor das águas, Rama, observando Lakshmana em pé ao seu lado, disse a ele:

"A tristeza invariavelmente diminui com o passar do tempo, mas, na ausência da minha amada, a minha aumenta diariamente! Não que os meus sofrimentos sejam causados pela separação da minha companheira nem o meu infortúnio por seu rapto, o que eu lamento é que a juventude dela está indo embora. Ó brisa, te apressa para aquele local onde a minha amada está e, tendo-a acariciado, toca-me, causando-me, assim, o mesmo prazer que um viajante cansado sente quando contempla a lua! Aquilo que consome meus membros como se eu tivesse ingerido veneno é o grito da minha querida, enquanto era sequestrada, 'Ajuda, ó tu que és meu defensor!' Com a minha separação dela como os carvões e os meus pensamentos sobre ela como as chamas brilhantes, o fogo do meu amor consome o meu corpo dia e noite!

"Ó Lakshmana, fica aqui enquanto eu mergulho no mar antes de dormir, de modo que o fogo da minha angústia cesse de me atormentar. É suficiente que ela e eu durmamos na mesma terra. Como a terra seca tira alimento para a sua vegetação do solo pantanoso, assim eu existo por saber que Sita ainda vive! Oh, quando eu irei, tendo derrotado os meus inimigos, contemplá-la de membros graciosos, cujos olhos se assemelham a pétalas de lótus, igual à própria Shri? Quando, erguendo delicadamente seu rosto como lótus com seus lábios e dentes arrebatadores, eu beberei em seus olhares, como um homem doente o néctar da imortalidade? Quando aquela donzela divertida me abraçará, com seus seios redondos e trêmulos semelhantes aos frutos Tala pressionados contra o meu corpo, como soberania unida com prosperidade?

"Ai de mim! Embora eu seja seu amparo, aquela princesa de olhos escuros, que caiu entre os titãs, parece uma órfã! Como pode ser que a filha de Janaka, a minha amada, esteja agora no meio de titãs, ela, a nora de Dasaratha?

"Quando eu puser em fuga aqueles demônios, Sita viverá de novo como a lua outonal resplandece novamente quando as nuvens se dispersam. Esbelta por natureza, Sita, por conta da angústia, do jejum e da situação, é agora uma sombra do seu eu anterior.

"Quando, perfurando com minhas flechas o peito daquele rei dos titãs, eu vou esvaziar o meu coração de tristeza? Quando eu verei a virtuosa Sita, semelhante a uma filha dos deuses, com seus braços circundando meu pescoço, derramando lágrimas de alegria? Quando, como uma peça de roupa suja, eu me livrarei da dor nascida da minha separação de Maithili?"

Quando o sagaz Rama estava lamentando assim, o dia declinou e o disco do sol, diminuindo lentamente, desapareceu abaixo do horizonte. Então Rama, a quem Lakshmana procurava consolar, com sua mente ainda envolvida em pensar em Sita, cujos olhos eram tão grandes como pétalas de lótus, perturbado pela dor, realizou suas devoções noturnas.

Capítulo 6 – Ravana consulta seus súditos

Em face da façanha terrível e inspiradora de temor executada em Lanka por Hanuman que era igual a Indra em destreza, o rei dos titãs, derrotado, de cabeça baixe dirigiu-se aos seus súditos, dizendo:

"Lanka, até então inacessível, foi devastada por um mero macaco que teve uma conversa com a filha de Janaka, Sita. Derrubando os palácios e matando os principais dos titãs, ele virou a cidade de cabeça para baixo, essa é a façanha de Hanuman! O que eu devo fazer agora? Que a prosperidade os acompanhe! Que plano vocês consideram apropriado para eu adotar primeiro? Digam o que vocês consideram bom para nós fazermos e que será para o nosso benefício!

"Os sábios afirmam que um bom conselho é a raiz da vitória, é por isso, ó bravos, que eu desejo consultá-los a respeito de Rama.

"Há três tipos de homens no mundo, o bom, o mau e o medíocre. Eu descreverei as qualidades e os defeitos deles todos para vocês:

"Aquele que em suas deliberações consulta conselheiros experientes, seus amigos com quem ele compartilha interesses comuns, seus parentes e seus superiores e então adota seu plano com energia e com a ajuda de Deus é considerado o principal dos homens.

"Aquele que entra em deliberação e segue seu dever por si mesmo sozinho, realizando aquilo que deveria ser realizado, é considerado um homem medíocre.

"Aquele que não consegue pesar as vantagens e desvantagens de uma questão e recusa a ajuda de Deus, simplesmente dizendo 'Eu vou fazer isso', ignora seu dever e é considerado o menor dos homens!

"Assim como existem sempre aqueles que são superiores, aqueles que são medíocres e os que são inferiores entre os homens, assim também existe conselho bom, mau e indiferente.

"O julgamento que é dado após um exame perspicaz da questão e com o qual, reforçado por autoridade escritural, os conselheiros concordam, é considerado excelente.

"Aquelas deliberações, em que a unanimidade é finalmente alcançada após inúmeras discussões, são consideradas medíocres, e aquelas em que cada pessoa continua a manter a sua própria opinião e se opõe às dos outros e onde nenhuma conclusão pode ser alcançada, são consideradas perniciosas. Portanto, uma iniciativa que segue após deliberação sábia terá sucesso.

"Vocês, que são todos eminentemente sagazes, devem decidir o que deve ser feito e eu vou aprová-lo. Rama, cercado por milhares de macacos heroicos, está avançando para Lanka para nos exterminar. Sem dúvida Raghava cruzará o oceano com facilidade em virtude de seus poderes naturais e será seguido por seu irmão mais novo e a hoste de macacos. Ele é capaz de secar o mar por seu valor ou ele pode usar algum outro meio (para construir uma ponte sobre o oceano). Em vista do ataque de Rama sobre vocês com aqueles macacos, façam algum plano para proteger a cidade e o exército!"

Capítulo 7 – Os titãs convencem Ravana a guerrear e o fazem se lembrar das suas antigas façanhas

Ouvindo as palavras de Ravana, seu senhor e amo, todos aqueles titãs poderosos, em sua ignorância, incutiram-lhe desprezo pelo inimigo e com as palmas unidas lhe ofereceram conselho irrefletido, dizendo:

"Ó rei, nós possuímos um vasto exército equipado com maças, lanças, espadas, chuços, arpões e dardos farpados, por que estás apreensivo? Tu não entraste em Bhogavati, tendo vencido a raça de serpentes em guerra? Tu não subjugaste Dhanada, que habitava o topo do monte Kailasha, cercado como ele era por yakshas, criando uma carnificina terrível entre eles? Embora ele se considerasse como o senhor dos homens e se orgulhasse de sua amizade com Mahadeva, em tua ira tu o derrotaste no campo de batalha.

"Ó mais notável entre os titãs, Maya, o senhor dos danavas por medo deu sua filha a ti em casamento e tu também subjugaste o gigante poderoso e arrogante, Madhu, a alegria de Kumbhinasi! Descendo para as regiões inferiores tu derrotaste as serpentes Vasuki, Takshaka, Shankha e Jati apesar de seu poder irresistível, coragem e das bênçãos conferidas a elas, ó senhor! Depois de lutarem por um ano inteiro, embora elas fossem confiantes em sua própria força, tu as forçaste a se submeterem ao teu jugo e aprendeste a ciência da magia delas, ó rei dos titãs, vencedor de teus inimigos!

"Ó grande herói, os filhos valentes de Varuna foram derrotados por ti em campo aberto como também o exército quádruplo que os acompanhava, e tu

desceste para o vasto oceano, aquela região escura, cujo cetro é o mundo aquático, sua coroa a árvore Shalmali, seu laço os grandes vagalhões, suas serpentes os atendentes de Yama, que é irresistível em seu movimento febril e temível e tu ganhaste uma vitória gloriosa lá, vencendo a morte e enchendo todos os teus súditos de alegria.

A terra era povoada com guerreiros numerosos e valorosos, iguais a Indra em bravura, assemelhando-se a árvores gigantes, porém tu destruíste aqueles heróis invencíveis! Raghava não é igual a eles em coragem, virtude, nem em força! Por ora permanece aqui, ó grande rei, por que te fadigar? Indrajita é capaz de exterminar sozinho aqueles macacos. Aquele príncipe, ó grande soberano, retornando de um sacrifício a Maheshvara, que não é superado por ninguém, recebeu uma benção dele não obtida facilmente nesse mundo e, chegando àquele mar divino, cujos peixes são lanças e arpões, que abunda em armas como suas árvores, cujas tartarugas são os elefantes e cujas rãs são os cavalos numerosos, cujos cetáceos são os Adityas e os Maruts, suas grandes serpentes os Vasus, suas águas os carros, corcéis e elefantes, as margens de areia sua infantaria, daquele vasto oceano de hostes celestes, Indrajita se aproximou, para levar seu rei e trazê-lo para Lanka. Posteriormente aquele monarca foi libertado por ordem do avô do mundo e o Vencedor[390] de Shambara e Vritra retornou para sua residência, onde todos os deuses prestaram homenagem a ele.

"Portanto, que o teu filho, Indrajita, avance e destrua o exército dos macacos e Rama também, ó rei; não é digno de ti imaginar que dano possa vir de pessoas comuns, tais pensamentos não devem nem mesmo entrar em tua mente, pois seguramente tu causarás o fim de Rama!"

Capítulo 8 – A jactância dos generais de Ravana

Em seguida, o general heroico, o titã Prahasta, que parecia uma nuvem escura, uniu suas palmas e se expressou assim:

"Nós somos capazes de vencer os devas, danavas, gandharvas, pisachas, patagas e uragas em campo aberto, quanto mais aqueles dois mortais!

"Sob a influência de licor e confiando em nossa própria força, nós nos deixamos ser enganados por Hanuman, mas enquanto eu viver aquele viajante das florestas não entrará vivo aqui novamente, eu limparei completamente a terra cercada pelo mar de macacos junto com suas colinas, florestas e selvas; tu só tens que emitir o comando! Eu te livrarei daquele macaco, ó viajante da noite, e tu não terás que sofrer por conta da tua ofensa".[391]

Posteriormente Durmukha, por sua vez, falou em tom calculado, dizendo:

"Certamente não vamos tolerar esse ultraje que ele cometeu contra todos nós. A devastação da cidade e dos palácios e o insulto oferecido ao nosso soberano por esse macaco será vingado por mim. Partindo sozinho, eu exterminarei aqueles macacos, mesmo que eles se refugiem no mar terrível, no céu ou no inferno!"

Então o poderoso Vajradamshtra, num assomo de raiva, começou a falar, brandindo uma enorme maça manchada de carne e sangue, e disse:

[390] Indra, o rei dos deuses.
[391] O rapto de Sita.

"O que é aquele macaco fraco e miserável, Hanuman, para nós enquanto existirem os poderosos Rama, Sugriva e Lakshmana? Hoje mesmo eu voltarei, tendo matado Rama, Sugriva e Lakshmana sozinho com os golpes de minha maça e tendo derrotado aquele exército de macacos, ou, se te agradar, ouve este outro plano meu; aquele que é engenhoso pode superar seus adversários facilmente.

"Milhares de titãs, capazes de mudar de forma à vontade, corajosos, invencíveis, de aspecto aterrorizante, são dedicados a ti. Que eles, assumindo forma humana, se apresentem diante de Kakutstha, o principal dos Raghus, e, cheios de confiança, digam-lhe:

"'Nós estamos aqui em nome de Bharata, teu irmão mais novo', após o que Rama, convocando suas tropas, virá aqui imediatamente; então, armados com lanças, picaretas e maças, carregando arcos, flechas e espadas em nossas mãos, nós partiremos com velocidade daqui e o encontraremos. Depois disso, posicionados em batalhões no ar, vamos exterminar aquele exército de macacos sob uma chuva de rochas e flechas e os enviaremos para a região de Yama. Se eles caírem na armadilha, isso se revelará desastroso para eles e Rama e Lakshmana inevitavelmente perderão suas vidas".

Então o filho de Kumbhakarna, o valente e poderoso Nikumbha, no auge da raiva, disse na presença de Ravana, o destruidor dos mundos:

"Que todos vocês permaneçam aqui com o nosso grande rei; pois eu mesmo matarei Raghava, Lakshmana, Sugriva e também Hanuman e todos os macacos".

Depois disso, por sua vez, um titã chamado Vajrabanu, tão alto quanto uma montanha, que, em sua ira, estava lambendo os lábios, juntou-se à soma, dizendo:

"Livres de toda ansiedade, ocupem-se com aquelas coisas que lhes dão entretenimento, sozinho eu destruirei toda a hoste de macacos. Permaneçam aqui à vontade e bebam vinho;[392] sozinho eu matarei Sugriva, Lakshmana e também Hanuman, Angada e todos os macacos".

Capítulo 9 – Bibishana aconselha Ravana a devolver Sita

Os generais Rabhasa, o poderoso Suryashatru, Saptaghna, Yajnakopa e Mahaparshwa, Mahodeva, o irreprimível Agniketu e o titã Rashiketu, o vigoroso Indrashatu, filho de Ravana, também Prahasta, Vimpaksha e os extremamente poderosos Vajradamshtra, Dhumraksha, Nikumbha e o titã Durmukha, brandindo maças, arpões, lanças, dardos, chuços, machados, arcos providos de flechas e espadas brilhantes como uma grande extensão de água, todos os quais estavam ardendo de raiva se dirigiram a Ravana dizendo:

"Hoje nós mataremos Rama, Sugriva e Lakshmana como também aquele canalha Hanuman que devastou Lanka!"

Então Bibishana, reprimindo aqueles que tinham pegado suas armas, os persuadiu a se sentarem e falou desta maneira com as palmas unidas:

"Meu querido irmão, os sábios afirmam que quando o objetivo que é procurado não pode ser alcançado pelos três meios,[393] as condições quando a força deve ser usada são determinadas pelos táticos. Ó amigo, atos de coragem que foram testados de acordo com as injunções prescritas têm sucesso contra aqueles

[392] Varuni. Veja o Glossário.
[393] Conciliação, presentes, e semeadura de dissenção.

que estão descuidados quando atacados, ou que são contrários ao poder divino. Agora, Rama está em sua guarda, ele está ávido pela vitória, ele é apoiado pelo poder divino, ele subjugou suas paixões e é invencível, contudo vocês procuram derrotá-lo.

"Quando Hanuman atravessou o oceano, aquele formidável senhor dos córregos e rios, quem poderia ter concebido ou mesmo imaginado o caminho que ele tomaria? O nosso adversário tem recursos imensos e tropas à sua disposição, ó viajantes noturnos, vocês não devem desconsiderá-lo de modo algum! Que mal o ilustre Rama fez ao rei dos titãs que ele devesse ir para Janasthana e raptar a consorte daquele grandioso?

"Se Khara, que atravessou para uma região que não era a dele, foi morto em combate por Rama, não é legítimo para cada um defender sua vida? É por causa do rapto de Vaidehi que nós estamos nesse grande perigo e nós devemos, portanto, entregá-la. Que vantagem há em continuar a briga? Além disso, não é apropriado entrar em hostilidades com aquele príncipe poderoso e virtuoso, que nunca iniciaria uma guerra sem uma causa definida. Portanto devolvam Maithili para ele antes que ele, por meio de suas flechas, destrua essa cidade cheia de riqueza de todos os tipos com seus cavalos e elefantes! Antes que aquele formidável e poderoso exército de macacos ataque essa nossa Lanka, devolvam Sita. Lanka com todos os seus titãs heroicos perecerá a menos que a amada consorte de Rama seja devolvida voluntariamente a ele.

"Eu os adjuro pelo sangue que nos une a seguirem o meu conselho, que é salutar. Devolvam Maithili para Rama antes que ele dispare suas setas para a sua destruição, que são recém-afiadas, de aço, infalíveis, emplumadas e brilhantes como o sol outonal. Devolvam Maithili para o filho de Dasaratha sem demora; renunciem a um ressentimento que destrói toda a felicidade e virtude e adotem a virtude que aumenta o bem-estar e a glória. Sejam pacificados, para que possamos viver em paz com nossos filhos e parentes. Devolvam Maithili para o filho de Dasaratha!"

Assim falou Bibishana, e Ravana, o senhor dos titãs, dispensando todos eles, entrou em seus aposentos privados.

Capítulo 10 – Bibishana insiste em que Sita deve ser devolvida para Rama

Quando o dia amanheceu, Bibishana, famoso por suas façanhas, fixo no conhecimento do que era justo e lucrativo, entrou no palácio do rei dos titãs que parecia uma massa de penhascos semelhante ao pico de uma montanha. Aquela vasta área era o refúgio dos famosos; bem ordenada e dividida, ela era habitada por pessoas eruditas e guardada por titãs leais e vigilantes por todos os lados. Ressoando com o som do vento misturado com o barrido de elefantes inebriados, o clangor de conchas e os toques de trombetas, grupos de moças adoráveis enchiam os corredores com seu falatório. Seus portões eram de ouro puro enriquecido por decorações magníficas parecendo a morada dos gandharvas ou as mansões dos Maruts, e continha pilhas de gemas como as residências das Serpentes.[394]

[394] Serpentes, os Nagas ou a raça de serpentes.

Então aquele de energia muito grande e renome entrou no palácio de seu irmão mais velho, como o sol de raios brilhantes entra em uma nuvem, e ele ouviu as bênçãos invocadas sobre seu irmão para a sua vitória proferidas em voz alta por aqueles versados no Veda. E ele viu aqueles sacerdotes instruídos na ciência dos Mantras e no Veda, adorados com recipientes de coalhadas, manteiga clarificada, flores e arroz descascado. Em seguida, Bibishana de braços poderosos, devidamente honrado pelos titãs, observou o irmão mais novo do concessor de riquezas,[395] que estava sentado lá.

Aproximando-se do trono que era coberto de ouro, embelezado pelo corpo do rei, ele prestou homenagem, oferecendo cortesias adequadas para ele e tomou o lugar indicado pelo breve olhar de Ravana. Depois disso ele se dirigiu ao poderoso Dashagriva na presença de seus ministros somente e, permanecendo diante dele, com discurso tranquilizador procurou pacificá-lo, mostrando o seu conhecimento de tempo e lugar, e expressou-se assim:

"Ó dominador de teus inimigos, desde que Vaidehi foi trazida para cá presságios não auspiciosos têm sido observados! O fogo sacrifical emite faíscas e seu brilho é obscurecido pela fumaça; vapores impuros se elevam dele mesmo depois que as oblações foram derramadas com o acompanhamento de fórmulas sagradas nem ele queima de forma adequada. Nas cozinhas, pavilhões sagrados e nos salões, onde os Vedas são recitados, répteis são encontrados e formigas são descobertas nas oferendas de sacrifícios. O leite das vacas secou, a linfa não flui mais dos elefantes mais fortes, os cavalos não encontram nenhuma satisfação com sua forragem e relincham incessantemente, enquanto os burros, búfalos e mulas, com seus pelos arrepiados, derramam lágrimas, e, embora atendidos por especialistas, não se comportam normalmente, ó rei.

"Corvos ferozes se reúnem de todos os lados, emitindo gritos desagradáveis e são vistos pululando nos telhados dos templos. Urubus planam tristemente sobre a cidade, e ao entardecer chacais aparecem uivando lugubremente. Animais selvagens e veados se reúnem nos portões da cidade, emitindo um barulho ominoso acompanhado de rosnados. Esses presságios indicam que a tua culpa deve ser expiada como o Senhor acha adequado por devolver Vaidehi para Raghava.

"Se, por erro ou conveniência, eu dei motivo para ofensa, tu não deves me condenar, ó grande monarca! Todo o teu povo, homens e mulheres e a tua corte afirmam que a culpa é tua! É por medo que os teus ministros não se atrevem a te aconselhar, mas eu me sinto obrigado a te informar do que eu tenho visto e ouvido. Julga o que tu consideras como certo e age adequadamente".

Assim falou Bibishana em palavras medidas para seu irmão, Ravana, senhor dos titãs, na presença dos ministros, e, ouvindo aquele discurso judicioso, razoável, moderado e lógico, produtivo de grande bem para o passado, presente e futuro, Ravana, que tinha concebido uma paixão por Sita, respondeu com raiva crescente, dizendo:

"Eu não vejo motivo para medo em lugar nenhum! Rama nunca recuperará Maithili! Mesmo que o irmão mais velho de Lakshmana fosse apoiado pelos deuses com Indra em sua chefia, como ele poderia resistir a mim no campo?"

Tendo falado assim, aquele destruidor de exércitos celestiais, Dashagriva, que era dotado com uma força incrível e bravura extrema em combate, dispensou seu irmão Bibishana de discurso franco.

---

[395] O concessor de riquezas: o deus Kuvera, irmão de Ravana.

Capítulo 11 – Ravana convoca sua assembleia

Aquele monarca injusto, um escravo de sua paixão, desconsiderando seus verdadeiros amigos, em consequência de seu mau ato começou a sofrer declínio.

Seu desejo lascivo excedendo a todos os limites, seus pensamentos constantemente ocupados com Vaidehi, embora a ocasião para a guerra estivesse ausente, com seus ministros concebeu que a hora de entrar em hostilidades havia chegado. Então, saindo com ímpeto, ele subiu em sua poderosa carruagem banhada a ouro, incrustada com corais e pérolas e atrelada a cavalos bem treinados. Sentado naquele carro excelente, que reverberava como um trovão, Dashagriva, o principal dos titãs, dirigiu para o palácio de assembleia.

Titãs com espadas, escudos e todos os tipos de armas precediam seu rei na estrada, alguns vestidos com trajes estranhos cobertos com todos os tipos de pedras preciosas marchavam ao seu lado ou seguiam em sua esteira, e eles o cercavam por todos os lados. Os principais dos guerreiros em carros se precipitaram rapidamente em sua vanguarda com suas carruagens ou em grandes elefantes intoxicados com suco Mada ou em cavalos que eles faziam empinarem. Brandindo maças e alavancas, eles seguravam picaretas e dardos em suas mãos.

Quando Ravana se aproximou da assembleia, o som de inúmeros instrumentos musicais podia ser ouvido e o clangor de trombetas irrompeu com o acompanhamento dos veículos rodando enquanto a grande carruagem daquele Indra dos demônios passava ao longo da rodovia decorada esplendidamente. O dossel, que era segurado sobre a sua cabeça, brilhava com uma pureza imaculada, parecendo o rei das estrelas em sua plenitude, e dois abanadores de caudas de iaque com cabos de cristal e franjas douradas eram abanados para lá e para cá da esquerda para a direita. Todos os titãs tendo descido permaneceram as palmas unidas e as cabeças inclinadas em homenagem a seu rei, que estava sentado em seu carro.

Em meio a aclamações e gritos de triunfo daqueles titãs, aquele castigador de seus inimigos fez sua entrada solene no salão de assembleia que tinha sido construído por Vishvakarma.

O piso era de ouro refinado e seiscentos espíritos malignos o protegiam. Naquele excelente salão de audiências, uma obra-prima de Vishvakarma, Ravana fez sua entrada reluzindo com magnificência e se sentou em um trono deslumbrante feito de esmeraldas, atapetado com peles de veado e decorado com almofadas grossas.

Então ele emitiu suas ordens imperiosamente para mensageiros extremamente velozes, dizendo:

"Convoquem os titãs para cá com toda velocidade!" depois acrescentando: "Um grande golpe está prestes a ser desferido pelo inimigo!"

Ouvindo esse comando, seus enviados se dispersaram para buscar em toda Lanka, entrando em todas as casas e vasculhando as rodovias e refúgios de lazer, reunindo os titãs sem cerimônia. Alguns partiram em carros excelentes, alguns em cavalos ou elefantes velozes e fogosos e alguns a pé. A cidade estava repleta de carros, elefantes e cavalos e parecia o céu cheio de aves.

Então eles abandonaram suas montarias e carruagens de todos os tipos a fim de entrar na sala de audiências e se assemelhavam a leões entrando em uma caverna rochosa.

Tendo, cada um por sua vez, prestado homenagem aos pés do rei, eles tomaram suas posições, alguns em assentos, alguns em almofadas, alguns no chão,

e se reunindo naquela sala a seu comando eles se agruparam de acordo com a posição em volta de seu soberano, o senhor dos titãs.

Eles vieram às centenas; ministros eminentes por sua habilidade em lidar com negócios e conselheiros sagazes talentosos capazes de ver tudo com os olhos da compreensão; guerreiros também em grandes números se reuniram no salão que cintilava com ouro, para se prepararem para o sucesso de sua campanha.

Naquele momento, chegando em uma carruagem magnífica, com suas várias partes incrustadas com ouro, Bibishana apareceu na assembleia presidida por seu irmão mais velho e, anunciando-se pelo nome, ele prestou reverência aos pés do rei, após o que Shuka e Prahasta, por sua vez, homenagearam aquele monarca, que lhes conferiu lugares especiais condizentes com sua posição.

Os titãs estavam enfeitados com ouro fino e todos os tipos de ornamentos, vestidos em trajes esplêndidos, e a fragrância de aloés e sândalo raro de suas guirlandas perfumava o salão por todos os lados.

Nem tons duros nem declarações imprudentes nem sussurros altos podiam ser ouvidos na assembleia e, com seus desejos honrados, todos aqueles titãs de destreza extrema fixaram seus olhos no rosto de seu soberano.

Em meio àqueles guerreiros habilidosos cheios de energia, o inteligente Ravana parecia resplandecente naquela assembleia como o deus com o raio entre os Vasus.

Capítulo 12 – A conversa entre Ravana e Kumbhakarna

Então Ravana, o conquistador de exércitos hostis, deixou o olhar vaguear sobre a assembleia e dirigindo-se ao general de suas tropas, Prahasta, disse:

"Ó general, tu, que és familiarizado com os quatro ramos de estratégia, deves dispor as tuas tropas da maneira que a defesa da cidade exige".[396]

Então Prahasta, alerta às ordens de seu soberano e ansioso para executá-las, distribuiu a totalidade de suas tropas dentro e fora da fortaleza e, tendo disposto todo o seu exército na defesa da cidade, ele retornou ao seu lugar na frente do rei e disse:

"Ó senhor poderoso, eu posicionei as tuas tropas dentro e fora da cidade, agora realiza o que tu resolveste fazer rapidamente e sem ansiedade!"

A essas palavras de Prahasta, aquele monarca, que almejava felicidade e que era dedicado ao bem-estar público, se expressou desta maneira em meio a seus seguidores:

"Se o dever, prazer ou interesse pessoal põem em perigo tudo o que é agradável ou desagradável, seja na prosperidade ou adversidade, ganho ou perda, seja útil ou desvantajoso, vocês são obrigados a apontar isso. Nenhum empreendimento meu, no qual eu me engajei com vocês, reforçado pela recitação de fórmulas sagradas, jamais se revelou infrutífero! Como os Maruts, a lua, as estrelas e os planetas seguem na esteira de Vasava, assim que todos vocês me sigam em uma procissão esplêndida assegurando-me da vitória!

"Na verdade eu pretendia mobilizar todos vocês, mas, por Kumbhakarna estar dormindo, eu não insisti nesse assunto! Depois de dormir por seis meses, o principal daqueles que portam armas acaba de se levantar. No que diz respeito à consorte

[396] Conforme elas estejam em carruagens, em elefantes, em cavalos, ou a pé.

amada de Rama, a filha de Janaka, eu a trouxe aqui das solidões da floresta de Dandaka que é frequentada por titãs. Aquela princesa de passo lento não deseja compartilhar minha cama, embora nos três mundos eu não veja ninguém que se compare a ela. De cintura fina, com quadris bem desenvolvidos, seu rosto parece a lua outonal, ela é como uma imagem feita de ouro criada por Maya.[397] Suas palmas das mãos são rosadas, seus pés são delicados e bem formados, suas unhas acobreadas e, vendo-a, eu sou dominado pelo desejo. Brilhante como a chama do fogo sacrifical ela rivaliza com o brilho do sol; sua face com seu nariz arqueado é perfeita e formosa, seus olhos belos. Ao vê-la eu não sou mais dono de mim mesmo e me torno escravo do amor. Dividido entre raiva e alegria, essa paixão se revelou a minha desgraça, a causa de ruína e a eterna fonte de dor e sofrimento. Na esperança da chegada de seu marido, Rama, aquela dama adorável de olhos grandes me pediu a graça de um ano e eu olhei favoravelmente o pedido dela de olhares delicados, mas, como um cavalo exausto na estrada, eu estou cansado das picadas da paixão.

"Como aqueles habitantes das florestas cruzarão o oceano intransponível com os inúmeros monstros que o habitam e como podem aqueles dois filhos de Dasaratha atravessá-lo? É impossível prever o resultado desse empreendimento. Digam o que vocês pensam sobre esse assunto! Um mero homem não causa apreensão; contudo ponderem sobre isso cuidadosamente!

"Antigamente, na guerra entre deuses e titãs, graças ao seu apoio eu fui vitorioso e vocês ainda estão dispostos a ficar ao meu lado.

"Tendo averiguado onde Sita está, aqueles dois príncipes, precedidos pelos macacos com Sugriva em sua chefia, chegaram à margens do mar. Não é para devolvermos Sita, mas para destruirmos os dois filhos de Dasaratha, portanto deliberem sobre isso e adotem uma linha de conduta criteriosa. Na verdade, eu não sei de ninguém no mundo que possa nos vencer, mesmo que ele cruze a água com os macacos; a vitória portanto é indubitavelmente minha".

Ouvindo as divagações daquele amante tímido, Kumbhakarna teve um assomo de raiva e disse:

"À primeira visão de Sita, a consorte de Rama, que é acompanhado por Lakshmana, ela que foi trazida aqui pela força, a tua mente foi totalmente possuída por ela como as águas do lago são preenchidas pelo Yamuna. Ó grande rei, essa conduta não é digna de ti! Tu deverias ter nos consultado desde o início desse caso. O rei que se desempenha de suas obrigações meticulosamente, ó de dez faces, e cuja mente está concentrada no que ele está ocupado, não tem que se arrepender mais tarde! Aqueles empreendimentos que são realizados sem cuidado e contra a lei das escrituras acabam mal, como oferendas impuras derramadas no fogo sacrifical por aqueles que são desatentos. Procurar terminar onde se deve começar ou começar onde se deve concluir é ignorar o que é apropriado e o que não é. Se um adversário examina os defeitos de alguém que é desregrado, ele logo descobre seus pontos fracos, como as aves as fissuras nas montanhas Krauncha. Tu fizeste esse ataque sem prudência e é uma sorte que Rama não tenha te matado, como comida envenenada o comedor dela! No entanto eu farei a minha parte nessa campanha que tu pretendes lançar contra teus inimigos, ó irrepreensível! Eu destruirei os teus adversários, ó viajante da noite, assim como os próprios Indra, Vivasvat, Pavaka, Maruta, Kuvera ou Varuna, eu lutarei contra eles!

[397] Maya: o artífice dos deuses.

"Entrando em combate com meu corpo enorme, do tamanho de uma montanha, e meus dentes afiados, rugindo ao mesmo tempo e brandindo minha imensa maça, eu aterrorizarei o próprio Purandara!

"Antes que o inimigo possa desferir um segundo golpe, eu beberei o seu sangue, portanto, fica confortado, pois por matar o filho de Dasaratha eu te trarei uma vitória auspiciosa! Tendo destruído Rama como também Lakshmana, eu devorarei todos os líderes macacos! Diverte-te, portanto, e bebe o mais excelente dos vinhos o quanto desejares sem ansiedade; faze o que tu julgas ser melhor!

"Quando eu tiver despachado Rama para a região da morte, Sita estará à tua disposição para sempre".

Capítulo 13 – Ravana conta a história da ninfa Punjikasthala

Vendo Ravana cheio de ira, o poderoso general Mahaparshwa refletiu por um momento e, com as palmas unidas, falou assim:

"Aquele que, tendo entrado em um bosque frequentado por animais selvagens e serpentes, não compartilha do mel que ele encontra lá é um tolo!

"Quem é o teu mestre? Tu és o mestre, ó flagelo de teus inimigos! Diverte-te com Vaidehi, tendo colocado o teu pé sobre a cabeça do teu inimigo! Age da maneira de um galo, ó príncipe valente! Aproxima-te de Sita repetidamente, a fim de desfrutá-la e passar o tempo em flerte com ela. Tendo saciado a tua paixão, o que há a temer? Se pego de surpresa ou não, tu és bem capaz de atender a todas as exigências! Sem apoio Kumbhakarna e Indrajita de energia imensa seriam capazes de desafiar o deus que porta o raio armado com sua maça!

"Concessão de presentes, conciliação e semeadura de discórdia nas fileiras do inimigo são os meios de subjugá-los, segundo os sábios, mas nas circunstâncias atuais eu me inclino ao uso do quarto! Ó senhor, nós subjugaremos os teus inimigos pela força dos nossos braços, não duvides!"

Assim falou Mahaparshwa e o rei, agradecendo-lhe, respondeu desta maneira:

"Ó Mahaparshwa, eu te responderei por contar uma aventura estranha que me aconteceu há muito tempo.

"Enquanto ela estava indo adorar o avô do mundo, eu me deparei com a ninfa Punjikasthala, flamejando através do céu como uma chama. Eu a despi de seu traje para deflorá-la, depois do que como um lótus murcho ela chegou à morada de Swyambhu. O magnânimo Ordenador do Mundo, sabendo do caso, se dirigiu a mim com raiva, dizendo:

"'Ó Ravana, a partir de hoje, se tu prejudicares qualquer outra mulher, a tua cabeça se partirá em cem pedaços, isso é certo!'

"Essa maldição me alarmou e é por essa razão que eu não forcei Sita, a princesa de Videha, a subir ao leito nupcial. A minha fúria é como o mar e a minha velocidade parece o vento, mas o filho de Dasaratha não está ciente disso e é por esse motivo ele partiu para lutar comigo. Quem procuraria acordar um leão adormecido em uma toca escondida na montanha cuja ira parece o próprio deus da morte?

"Ramachandra não viu minhas flechas em combate que se assemelham a serpentes com línguas bifurcadas, por isso ele está considerando marchar contra mim. Com meu arco, disparando minhas flechas que são como relâmpagos sobre

ele de uma miríade de lados, eu consumirei Rama rapidamente, como uma floresta é incendiada por tições flamejantes. Eu destruirei seu exército com o meu, como o sol nascente apaga a luz das estrelas. Nem Vasava de mil olhos nem Varuna podem me resistir em batalha! Foi pela força dos meus braços que eu conquistei a cidade defendida por Kuvera!"

Capítulo 14 – Bibishana repreende a atitude dos cortesãos de Ravana

O príncipe Bibishana ouviu a jactância de Ravana e o trovejar de Kumbhakarna e se dirigiu ao rei em palavras que eram vantajosas e sagazes, dizendo:

"Ó rei, por que tu trouxeste aquela grande serpente na forma de Sita para cá, seus seios suas espirais, suas ansiedades seu veneno, sua risada suas presas afiadas, seus cinco dedos seus cinco capelos? Enquanto Lanka ainda não é atacada por aqueles macacos, armados com seus dentes e unhas, que são tão altos quanto colinas, devolve Maithili para o filho de Dasaratha!

"Nem Kumbhakarna nem Indrajita, ó rei, nem Mahaparshwa nem Mahodara nem Nikumbha nem Kumbha nem também Atikaya são capazes de resistir a Rama no campo de batalha! Tu nunca escaparias vivo de Rama mesmo que fosses protegido por Savitar ou os Maruts ou se tu te refugiasses na região de Yama ou mergulhasses no inferno mais baixo!"

Assim falou Bibishana e Prahasta respondeu-lhe dizendo: "Nós não sabemos o que é temer os deuses ou titãs quem quer que sejam, nem temos medo de yakshas, gandharvas, grandes serpentes, aves gigantescas nem de grandes cobras no campo. Por que então deveríamos tremer ao entrarmos em combate com Rama, aquele filho de um rei mortal?"

Ouvindo esse discurso imprudente de Prahasta, Bibishana, que procurava salvar o rei e cujo intelecto estava radicado nos valores de virtude, lucro e conveniência, proferiu estas palavras cheias de bom senso, dizendo:

"Ó Prahasta, as intrigas propostas pelo rei, Mahodara, por ti e Kumbhakarna contra mim, nascido com qualidades como as que Rama possui, são tão improváveis de ter sucesso quanto a entrada nos céus de alguém de alma perversa. É impossível para mim ou para ti ou Prahasta ou todos os titãs matar Rama, que é extremamente experiente. É como se buscássemos atravessar o mar sem um barco! Na presença de tal herói, essencialmente piedoso, aquele príncipe do grande carro, o descendente da linhagem de Ikshvaku que é capaz de qualquer façanha, até mesmo os próprios deuses ficam confusos! É porque aquelas flechas afiadas, irresistíveis e decoradas com plumas de garça, que são disparadas por Raghava, ainda não perfuraram os teus membros, que tu ainda és capaz de te gabar, ó Prahasta! É porque aquelas flechas pontiagudas que Rama dispara, que extinguem os ares vitais e são iguais ao relâmpago em sua velocidade, não penetraram no teu corpo, que tu ainda vociferas dessa maneira! Nem Ravana nem o extremamente poderoso Trishiras nem o filho de Kumbhakarna, Nikumbha nem Indrajita, nem mesmo tu, são capazes de vencer o filho de Dasaratha em combate, que é igual ao próprio Indra. Nem Devantaka nem Narantaka, nem Akampana, o magnânimo Atiratha nem Atikaya são capazes de resistir a Raghava em batalha.

"Vocês, os amigos desse monarca que está dominado pela paixão, violento por natureza e cujos atos são impensados, o lisonjeiam, como se vocês fossem seus adversários, para a destruição dos titãs! Resgatem e libertem esse rei que está preso firmemente nas espirais ilimitáveis de uma serpente possuidora de mil capelos e que é formidável e de energia extrema. Os amigos do soberano, cujos desejos foram satisfeitos por ele, devem salvá-lo, mesmo se fosse por arrastá-lo pelos cabelos de sua cabeça, como alguém que caiu vítima de demônios de poder imensurável. É para vocês unidos resgatarem aquele monarca das águas revoltas do oceano Rama, ele que está afundando na boca do inferno Kakutstha!

"Eu vou repetir aqui estas palavras que são para o benefício da cidade, dos titãs, do rei e da hoste de cortesãos! Eu as repito com lealdade e franqueza: "Que Maithili seja devolvida para aquele príncipe!'

"Aquele que, depois de ter avaliado a força de seus inimigos, seus próprios recursos, a situação e as perdas e ganhos de seu empreendimento e, após reflexão madura, se expressa francamente e criteriosamente para seu mestre, é um verdadeiro conselheiro".

Capítulo 15 – Bibishana repreende Indrajita por sua jactância

Esse discurso de Bibishana, que era igual a Brihaspati em sabedoria, desagradou o grande Indrajita, líder das hostes Nairrita, que lhe respondeu assim:

"O que essas palavras inúteis repletas de medo significam, ó mais jovem dos meus tios? Nenhum outro, mesmo se ele fosse o filho de outra raça que não a nossa, falaria dessa maneira, ou mesmo conceberia tais pensamentos! Valor, coragem, resistência, firmeza, audácia e força estão faltando somente em Bibishana, o irmão mais novo do meu pai.

"Quem são, de fato, esses dois filhos de um rei de homens? Um de nós sozinho, mesmo que fosse o menor dos titãs, seria suficiente para exterminar os dois! Ó covarde, de onde surge o teu medo? Eu não fui capaz de lançar o protetor dos três mundos ao chão, o senhor dos próprios devas? Aterrorizadas, as hostes dos deuses se espalharam em todas as direções e Airavata de barrido alto foi derrubado por mim, cujas presas eu arranquei, dispersando os exércitos celestes pelo meu valor. Eu, que humilhei o orgulho dos próprios deuses e afligi os daityas, eu com minha energia imensurável não sou capaz de subjugar esses dois príncipes, que são mortais insignificantes?"

A esse discurso daquele rival invencível e poderoso de Indra, Bibishana, o principal dos guerreiros, respondeu-lhe em palavras repletas de bom senso, dizendo:

"Meu filho, as tuas reflexões não têm valor! Tu és jovem e o teu intelecto ainda não está maduro; além disso, para nossa ruína, tu és incapaz de determinar o que é conveniente e inconveniente.

"Sob o disfarce de um filho, ó Indrajita, tu és na verdade um inimigo oculto de Ravana e, ouvindo-o tagarelar sobre matar Raghava, tu o apoias. Tu mereces a morte, como também aquele que teve a ideia repugnante de te trazer aqui nesse dia e introduzir um guerreiro jovem, estouvado e arrogante em uma assembleia de conselheiros! Ó Indrajita, tu és irrefletido, imprudente, fraco de intelecto, com a tua mente arruinada pela insensatez e extrema frivolidade e tu falas assim por infantilidade. Quem pode resistir ao impacto daquelas setas brilhantes que Raghava

dispara em combate semelhantes à vara de Brahma, como o destino ou o cetro de Yama? Devolve Sita para Rama com tesouro, pérolas, ornamentos ricos, trajes celestes e pedras preciosas, para que nós possamos viver aqui sem ansiedade, ó rei".

Capítulo 16 – Ravana repreende Bibishana que parte

Bibishana tendo proferido essas palavras que eram razoáveis e cheias de bom senso, Ravana respondeu em tons duros, dizendo:

"Seria melhor viver como um inimigo declarado ou com uma serpente venenosa do que morar com aquele que, sob o disfarce de um amigo, está em conluio com o inimigo. A disposição de parentes que sempre se regozijam com os infortúnios dos outros é bem conhecida, ó titã. Parentes sempre procuram derrubar aquele que é dotado de autoridade, energia, erudição e lealdade e, caso ele seja um herói, ele é o mais condenado por eles. Constantemente encontrando prazer na derrota uns dos outros, com seus arcos prontos para derrubar uns aos outros, com seus corações cheios de engano, eles são formidáveis e perigosos.

"Estes versos antigamente recitados pelos elefantes na floresta Padma, ao verem homens com laços em suas mãos, são bem conhecidos; eu vou repeti-los para ti: 'Nem o fogo nem armas nem armadilhas nos aterrorizam, mas aqueles da nossa própria espécie que são cruéis e egoístas, são eles a quem tememos! Só eles indubitavelmente divulgam os meios de nos capturar!'

"De todos os perigos, aqueles que surgem de parentes são os piores, isso é conhecido por nós. Das vacas temos leite, dos parentes malícia, das mulheres capricho, dos brâmanes ascetismo. Que eu seja honrado por meus súditos e tenha sido chamado para governar um império por descendência, e tenha colocado o meu pé nas cabeças de meus inimigos certamente não terá a tua aprovação! Como gotas de água são incapazes de permanecer nas folhas de lótus, assim a amizade escapa da mão de pessoas indignas. Como no outono as nuvens de chuva, que se esvaziam, falham em saturar a terra, assim a amizade falha com os viciosos. Como as abelhas voam para longe depois de terem sugado o mel que encontraram, assim os desprezíveis abandonam uma amizade depois que ela serviu o seu propósito. Como o ladrão de mel em sua ganância, alimentando-se das flores Kusha, não esgota o néctar delas, assim os perversos não saboreiam a amizade ao máximo.

"Se qualquer outro tivesse dirigido tal discurso a mim, ó viajante da noite, ele teria deixado de respirar naquele exato instante! Quanto a ti, uma maldição sobre ti, ó opróbio da tua raça!"

A essa afronta, Bibishana, que sempre falava o que era verdadeiro, se levantou com maça na mão com quatro outros titãs e, cheio de indignação, aquele afortunado, de pé no espaço, disse a seu irmão, o rei dos titãs:

"Tu perdeste a razão, ó rei, mas digas o que quiseres, um irmão mais velho é igual a um pai e deve ser reverenciado mesmo se ele deixar o caminho da equidade; todavia eu não posso tolerar essas tuas declarações ultrajantes! Palavras de sabedoria que são ditadas por um desejo pelo bem-estar de outros, ó de dez pescoços, não são aceitáveis para aqueles que não são mestres de si mesmos e caíram sob o domínio da morte! Aqueles que fazem discursos elogiosos são fáceis de encontrar, mas raros são aqueles que proferem palavras salutares embora desagradáveis ou aqueles que as ouvirão! Eu não podia tolerar ver-te apanhado no

laço da morte, que leva todos os seres, nem eu desejo te ver perfurado pelas flechas afiadas e douradas de Rama semelhantes a tochas flamejantes. Mesmo pessoas valentes e cheias de habilidade e coragem caem em combate e são levadas como paredes de areia se a morte as supera. Tu deves aceitar esse conselho por conta do seu significado para o teu próprio bem! Por todos os meios te defende bem como essa cidade e os titãs! No teu próprio interesse eu procurei te conter mas as minhas palavras não tiveram a tua aprovação, ó viajante da noite. Adeus a ti, eu vou; tu serás mais feliz sem mim! A ponto de morrer, aqueles cuja vida acabou não ouvem o conselho de seus amigos!"

Capítulo 17 – As palavras dos principais macacos a respeito de Bibishana

Tendo falado assim severamente a Ravana, Bibishana foi embora e quase imediatamente chegou ao lugar onde Rama e Lakshmana estavam.

Semelhante ao pico do monte Meru, como um lampejo de relâmpago no céu, ele foi visto pelos líderes dos macacos que estavam posicionados no chão.

Acompanhado por quatro titãs de coragem renomada, equipado com armadura e flechas, adornado com joias maravilhosas, ele parecia uma massa de nuvens, igual ao deus que maneja o raio, e aquele herói estava portando armas excelentes e estava coberto com gemas celestes.

Vendo-o com seus quatro companheiros, Sugriva, o sagaz rei dos macacos, que era invencível, estando em meio às suas tropas ficou pensativo e, após refletir por um momento, abordou os macacos com Hanuman e outros ansiosamente, dizendo:

"Sem dúvida, este titã, armado com armas e acompanhado por quatro de sua espécie, está vindo para nos matar!"

Ouvindo essas palavras de Sugriva, todos os principais macacos, brandindo grandes árvores e rochas, disseram-lhe:

"Ordena-nos matar rapidamente esses malfeitores, ó rei! Vamos derrubar esses fracos para que caiam na terra!"

Enquanto eles estavam falando assim, Bibishana, que era mestre de si mesmo, tinha chegado à margem norte e parando lá, aquele titã muito inteligente e poderoso, que era totalmente autocontrolado, ao ver Sugriva e os macacos, disse em voz alta a eles:

"Ravana é o nome de um titã cruel e seu senhor, eu sou seu irmão mais novo, meu nome é Bibishana. Foi Ravana que, tendo matado Jatayu, levou Sita de Janasthana. Aquela infeliz é mantida em cativeiro contra a sua vontade em meio a titãs mulheres que a guardam zelosamente. Eu tentei persuadi-los por diversos argumentos, continuamente repetidos, a devolver Sita para Rama, mas Ravana impelido pelo destino não ouvirá o meu conselho sábio. Insultado por ele e tratado como um escravo, eu, abandonando minha consorte e meu filho, vim me refugiar com Rama. Informem Raghava de grande alma, aquele magnânimo protetor dos mundos, que eu, Bibishana, cheguei aqui".

Ao ouvir essas palavras, o veloz Sugriva, cheio de indignação, correu para encontrar Rama e, na presença de Lakshmana, disse-lhe:

"Tendo pertencido às tropas de Ravana, está aqui um adversário nos pegando de surpresa, que sem aviso veio aqui para nos matar na primeira

oportunidade, como uma coruja destruindo corvos! Tu sabes tudo sobre os planos, organização, distribuição de tropas e o serviço secreto dos macacos, como também dos teus inimigos, ó tu que és seu flagelo! Que o bem te aconteça! Esses titãs, que são capazes de mudar suas formas à vontade, escondem seus projetos; eles são ousados e criativos em estratégia, seguramente não se pode confiar neles!

"Esse deve ser um emissário do senhor dos titãs que, sem dúvida, veio semear discórdia entre nós ou descobrir nossos pontos fracos; tendo primeiro ganhado a nossa confiança por artifício, ele mesmo pretende nos atacar um dia. Ajuda que é fornecida por um amigo ou um habitante da floresta como nós ou por um compatriota ou um servo pode ser aceita, mas deve-se evitar aquela oferecida por um inimigo, ó senhor! Esse desertor que veio a nós é um titã por natureza e o irmão do teu adversário, como podemos confiar nele à primeira vista? Ele é Bibishana, o irmão mais novo de Ravana, e ele veio com quatro titãs para pedir a tua proteção. Não, foi Ravana que enviou esse Bibishana; é essencial que tu te convenças a respeito dele, ó tu, o mais circunspecto dos homens! Esse titã de alma enganosa veio para cá com o propósito de te derrubar traiçoeiramente quando tu menos esperares, ó herói irrepreensível! Que ele e seus aliados morram em extrema tortura, esse irmão do perverso Ravana!"

Após ter dado vazão à sua fúria na presença do eloquente Rama, o rei dos macacos, um hábil orador, ficou em silêncio!

Ouvindo as palavras de Sugriva, o poderoso Rama disse aos macacos chefiados por Hanuman que estavam perto:

"Vocês ouviram por si próprios o que o seu soberano expressou em palavras judiciosas de significado profundo a respeito do irmão mais novo de Ravana; em tempos de crise deve-se sempre receber o conselho de alguém que deseja o bem-estar de seus amigos, e que é inteligente e prudente".

Assim abordados por Rama, todos os macacos, desejando ardentemente o seu sucesso, se apressaram a expressar sua opinião, dizendo:

"Nada é desconhecido por ti nos três mundos, ó Raghava; é em deferência a nós que tu nos consultas como amigos! Tu és leal, bravo, piedoso, estabelecido em heroísmo e só ages depois de teres considerado o assunto de acordo com a tradição com plena confiança em teus amigos. Que todos os ministros inteligentes e experientes debatam esse assunto exaustivamente, cada um por vez".

Assim falaram aqueles macacos e primeiro o sagaz Angada sugeriu a Raghava que ele deveria investigar as intenções de Bibishana, dizendo:

"Deve-se sondar de todas as maneiras um desertor que se apresenta. Não nos convém pôr total confiança em Bibishana imediatamente. É em esconder sua verdadeira natureza que esses seres pérfidos agem, e, além disso, eles atacam inesperadamente, o que seria fatal para nós. O examina para descobrir o que é certo ou errado antes de tomar qualquer decisão e, se for para a nossa vantagem, faze uma aliança com ele; se para a nossa desvantagem, rejeita isso. Se for cheio de perigos, então renuncia, mas se ele nos trouxer benefício real, vamos dar-lhe uma recepção adequada!"

Depois disso Sharabha, tendo refletido por algum tempo, deu sua opinião, revelando seus motivos, dizendo:

"Sem demora, ó leão entre os homens, manda um espião, e tendo, por meio de um agente cauteloso, empreendido uma profunda investigação, lida com ele de uma maneira adequada".

Então Jambavan, inspirado por seu conhecimento das escrituras e sua própria experiência, se expressou em termos irrepreensíveis e claros dizendo:

"Bibishana veio a nós da parte de um inimigo declarado, o iníquo senhor dos titãs, e ele chegou aqui sem qualquer respeito por hora e lugar; vamos ficar em guarda contra ele!"

Por sua vez, Mainda, hábil na questão de verdade e erro, um orador fluente, proferiu estas palavras prudentes:

"Bibishana é o irmão mais novo de Ravana, vamos interrogá-lo gentilmente e progressivamente, ó rei dos reis! Quando tiveres te informado dos seus sentimentos, então age conforme as suas intenções sejam honestas ou não, ó príncipe de homens!"

Depois disso, Hanuman, o principal dos seres versados nas escrituras, falou em tom agradável em palavras repletas de integridade, dizendo:

"Nem o próprio Bibishana pode sobrepujar a ti que tens um intelecto elevado e és o principal daqueles hábeis em discurso. Não é por um desejo de falar, nem por emulação nem por um sentimento de superioridade nem por amor ao debate que eu abro a minha boca, ó meu senhor Rama, mas por conta da importância do caso em questão. Isso que os teus conselheiros disseram me parece errôneo e a verdadeira questão não reside aí. Se alguém não interrogar esse titã, é impossível descobrir por que ele veio aqui, mas fazer uso dele tem suas desvantagens também. No que diz respeito ao envio de um espião para fazer investigações como o teu ministro aconselha, eu considero isso como imprudente e não terá êxito. Foi dito que Bibishana não teve consideração por hora e lugar quando ele veio para cá, eu reservo o meu julgamento aqui; parece-me que a hora e o lugar são apropriados, seu erro ou mérito consiste em deixar um pelo outro. Conhecendo a maldade de Ravana e o teu verdadeiro valor, Bibishana, por sua chegada, mostrou seu tato e inteligência. Além disso, foi dito, ó príncipe, 'Que emissários disfarçados o interroguem' e essas palavras me sugeriram vários pensamentos. Aquele que é subitamente interrogado, se ele for sábio, se torna cauteloso e se recusa a falar; o mais amável daqueles que vêm como amigos mudará após um inquérito tão inútil. Não é possível, ó rei, descobrir o caráter de um estranho imediatamente, mas apenas depois de conversas frequentes quando podem lhe escapar palavras que revelarão alguma perfídia. O discurso desse titã não indica uma natureza má e além disso ele tem um semblante aberto e eu não tenho dúvidas em relação a ele. Ele não está envergonhado de modo algum e é senhor de si mesmo, ele não parece ser um patife. Sua linguagem não é a de um ser perverso e eu não sinto qualquer suspeita a respeito dele. Inevitavelmente a verdadeira natureza das pessoas só é revelada gradualmente. Quando uma iniciativa é adequada para o tempo e lugar, ó mais experiente dos homens, e é uma proposição prática, ela encontrará sucesso rápido. Bibishana está ciente da tua magnanimidade e também da baixeza de Ravana. Ele soube da morte de Bali e da coroação de Sugriva e mais ainda ele tem o desejo de governar o reino! Se isso é o que determinou que ele viesse para cá e esses são aparentemente os motivos dele, então essa é uma aliança que vale a pena para nós. Eu disse o que eu tinha a dizer para provar o caráter honesto desse titã; tu me ouviste e o resto depende de ti, ó príncipe dos sábios".

Capítulo 18 – Rama ouve o conselho dos macacos sobre receber Bibishana

Após ouvir as palavras do filho do deus do vento, o invencível Rama, versado nas escrituras, respondeu-lhe e, expressando as suas próprias conclusões, disse:

"Eu também tenho refletido sobre Bibishana e desejo te dar a conhecer o resultado, ó tu que estás estabelecido na virtude! Eu nunca me recusarei a receber aquele que se apresenta como um amigo, mesmo que eu estivesse enganado nenhum homem honesto poderia me criticar por isso".

A essas palavras, Sugriva, aquele leão entre os macacos, pensando cuidadosamente, respondeu em palavras mais razoáveis e em temos eloquentes se dirigiu a Rama, dizendo:

"O que importa se esse vagueador noturno está bem ou mal intencionado, se em tempo de perigo ele abandona seu irmão, a quem ele não trairá posteriormente?"

Ao ouvir essas palavras do rei dos macacos, Kakutstha olhou em volta para aquele grupo e, sorrindo gentilmente, disse a Lakshmana, eminente por suas características puras:

"Aquele que não estudou as escrituras nem possuía reverência pela autoridade não poderia proferir tais palavras como foram expressas pelo senhor dos macacos! Há, porém, algo peculiar nessas circunstâncias, me parece, que pode ser visto particularmente em monarcas. Reis têm dois inimigos declarados, seus parentes e seus vizinhos, que se voltam contra ele em tempos de adversidade; isso é o que traz esse titã aqui!

"Os parentes que não são de natureza perversa honram aqueles de sua própria família que os trataram bem, mas no caso de reis mesmo um parente virtuoso é suspeito! Quanto ao erro que vocês apontam que consiste em aceitar a ajuda de um inimigo, eu lhes direi o que dizem as escrituras sobre isso, ouçam-me!

"Nós não estamos relacionados com os titãs e não é nosso reino que ele cobiça. É certo que seus compatriotas estão informados sobre a partida de Bibishana e por essa razão nós devemos recebê-lo. Eles terão se reunido com alegria e sem ansiedade e depois o grito 'Este ou aquele está com medo', terá criado uma divisão entre eles; isso é o que provocou a chegada de Bibishana aqui.

"Todos os irmãos, ó caro, não se assemelham a Bharata nem todos os filhos o que eu era para o meu pai nem todos os amigos parecem uns com os outros".

Assim falou Rama e Sugriva, levantando-se, como também Lakshmana, curvou-se e, depois disso, aquele macaco extremamente sagaz disse:

"Saibas que foi Ravana que enviou esse viajante noturno! Eu considero imperativo que demos fim a ele, ó tu, o mais circunspecto dos homens! Esse demônio sob a ordem de uma criatura perversa veio aqui para fazer um ataque a ti, a mim mesmo e a Lakshmana, quando estivermos despreparados para isso, ó guerreiro irrepreensível. Ele merece a morte, esse Bibishana, irmão do desumano Ravana, assim como os seus cúmplices".

Tendo falado assim para o príncipe eloquente da Casa de Raghu, Sugriva, o líder do exército, um orador eloquente, ficou silencioso e Rama, tendo ouvido Sugriva, aquele leão entre os macacos, refletiu por algum tempo e então se dirigiu àquele principal dos macacos em termos calculados, dizendo:

"Se esse titã está mal intencionado ou não, o que isso importa, ele não pode me fazer o menor mal. Sobre a terra, pisachas, danavas e yakshas, como também os titãs podem ser mortos por mim com a ponta do meu dedo, se eu assim o desejar, ó rei dos macacos.

"É narrado como um pombo com quem seu adversário tinha se refugiado o acolheu e o convidou a compartilhar da sua própria carne, embora ele fosse o raptor de sua companheira. Tal foi a hospitalidade oferecida por um pombo; o que, portanto, um homem como eu não deveria fazer? Ouve estes versos, preeminentemente sagrados, cantados antigamente pelo filho de Kanva, aquele grande asceta de fala verdadeira, Kandu:[398]

"'O canalha que se aproxima com palmas unidas, procurando refúgio, não deve em nome da humanidade ser morto mesmo que ele seja um inimigo, ó Parantapa! Os desafortunados ou os amedrontados que suplicam por proteção ou se lançam à mercê de seu inimigo devem ser protegidos por aquele que é senhor de si mesmo. Se, em conformidade com a tradição, alguém não prestar assistência de acordo com sua capacidade, seja por razões de medo, ilusão ou raiva, ele é censurado por todos e o suplicante, que perece diante dos olhos daquele de quem ele procurou ajuda em vão, leva embora todo o seu mérito!'

"Portanto é um crime hediondo não dar abrigo aos que o pedem sobre essa terra; é se privar do céu e da glória, e perder a própria força e destreza! Consequentemente eu seguirei o conselho excelente de Kandu, que é piedoso, honroso e leva ao céu como o fruto do mérito. Qualquer ser que tenha procurado a minha proteção dizendo 'Eu sou teu' está assegurado da minha proteção, eu juro! Traze esse estranho até mim, ó macaco, eu lhe oferecerei segurança seja ele Bibishana ou o próprio Ravana!"

Assim Rama falou e Sugriva, o rei dos macacos, respondeu àquele filho de Kakutstha, por quem ele tinha profunda afeição, desta maneira:

"Que surpresa é que tu que és leal, virtuoso e estabelecido na justiça, tu que brilhas como uma joia na cabeça de reis, fales assim? Eu, também, em meu coração, estou convencido de integridade de Bibishana. Dedução, sentimento, tudo foi usado para sondar esse assunto minuciosamente; que ele seja admitido imediatamente entre nós em pé de igualdade, ó Raghava! Que Bibishana, que é cheio de sabedoria, se junte à nossa aliança!"

A essas palavras de Sugriva, o rei dos macacos, Rama imediatamente se juntou a Bibishana como Purandara ao rei das aves.

Capítulo 19 – Bibishana é levado diante de Rama

Raghava tendo-lhe concedido proteção, o irmão mais novo de Ravana, o altamente inteligente Bibishana, se curvou a ele, olhando para baixo para o chão.

Depois disso ele desceu alegremente do céu para o solo com seus companheiros fiéis e aquele virtuoso correu em direção a Rama e, caindo a seus pés com os quatro titãs, se dirigiu a ele em palavras cheias de lealdade e discrição, adequadas à ocasião:

"Eu sou o irmão mais novo de Ravana e fui muito ofendido por ele. Portanto eu vim procurar refúgio contigo, o protetor de todos os seres! Abandonando Lanka, amigos e posses, eu coloco meu reino, vida e felicidade à tua disposição!"

Ao ouvir essas palavras, Rama, em tons tranquilizadores, enquanto parecia consumi-lo com o olhar, disse:

[398] ["No Livro II, Canto XXI, Kandu é mencionado por Rama como um exemplo de obediência filial. É dito que por ordem de seu pai ele matou uma vaca". – Griffith].

"Ó Bibishana, dize-me realmente qual é a força e a fraqueza dos titãs?"

Assim questionado por Rama de façanhas imortais, aquele titã descreveu a força e a extensão do poder de Ravana, dizendo:

"Em virtude de uma benção especial conferida a ele por Swyambhu, Dashagriva é invulnerável para todos os seres, gandharvas, serpentes e aves, ó príncipe. Eu tenho também outro irmão mais velho do que eu, o valente Kumbhakarna, o rival ilustre de Indra na guerra.

"Ó Rama, Ravana tem Prahasta comandando suas tropas, que talvez seja conhecido por ti. Foi ele quem venceu Manibhadra em combate no monte Kailasha! Quando vestido com armadura que nenhuma flecha pode perfurar, equipado com suas luvas de arqueiro, Indrajita, pegando seu arco, se torna invisível, e no campo de batalha, tendo propiciado o deus do fogo, aquele afortunado semeia carnificina entre o inimigo, ó Raghava. Mahodara, Mahaparshwa e o titã Akampana, que são seus tenentes, parecem os Lokapalas no campo de batalha.

"Dez mil kotis de titãs, capazes de mudar de forma à vontade, que se alimentam de carne e sangue, habitam Lanka. Em sua chefia, seu soberano o perverso Ravana fez guerra contra os sustentadores da terra como também os deuses que foram todos derrotados por ele".

Depois de ter escutado Bibishana e pesado suas palavras cuidadosamente, Rama expressou-se assim:

"Essas façanhas de Ravana que tu descreste fielmente são bem conhecidas por mim; eu matarei Dashagriva como também Prahasta e seus filhos e depois disso te instalarei como rei; crê-me, essa é a verdade! Se ele mergulhasse na região de Rasatala ou mesmo em Patala ou se refugiasse com o avô do mundo ele não escaparia vivo! Antes de eu ter aniquilado Ravana com seus filhos, seus irmãos e seus aliados em batalha, eu não voltarei a Ayodhya, eu juro pelos meus três irmãos!"

Assim Rama de feitos imperecíveis falou e o venerável Bibishana curvando-se a ele disse:

"No massacre dos titãs e na captura de Lanka eu te ajudarei com toda a minha força; eu vou romper as fileiras do inimigo".

Quando ele falou assim, Rama o abraçou e depois ordenou Lakshmana dizendo: "Traze água do mar e unge o sagaz Bibishana como rei dos titãs sob a minha orientação, ó nobre irmão!"

Então Saumitri, de acordo com a ordem de Rama, realizou a unção real no meio dos principais macacos e imediatamente aqueles macacos, vendo Bibishana elevado àquele posto supremo, aclamaram aquele titã magnânimo, gritando: "Excelente! Excelente!".

Enquanto isso Hanuman e Sugriva questionaram Bibishana, dizendo:

"Como é que nós, com o imenso exército de macacos que nos circunda, cruzaremos o oceano, esse império indestrutível de Varuna? Quais meios nós devemos usar para atravessar o refúgio do senhor dos córregos e rios rapidamente com nossas tropas?"

A essa questão o virtuoso Bibishana respondeu: "Aquele príncipe, o descendente da linhagem de Raghu, deve abordar o oceano que foi escavado por Sagara[399] e ele certamente vai ajudar alguém da sua própria família".

Assim falou Bibishana, aquele titã sagaz, e Sugriva foi imediatamente com Lakshmana se juntar a Rama.

399 Sagara sendo um dos antepassados de Rama. Sua história é contada no Balakanda. [Livro I, Capítulos 40-42].

Então Sugriva de pescoço grosso transmitiu-lhe esse conselho salutar de Bibishana de refugiar-se com Sagara e isso foi aprovado por Rama disposto virtuosamente. Então aquele ilustre príncipe respondeu a Sugriva, o rei dos macacos, que estava acompanhado por Lakshmana. Cheio de respeito por aquele macaco, que procurava satisfazê-lo de todas as maneiras, ele sorriu para ele como também para seu irmão Lakshmana e disse:

"Esse plano de Bibishana me agrada, ó Sugriva e Lakshmana. Sugriva é sagaz e sempre foi um conselheiro prudente; que vocês dois reflitam sobre a questão e digam o que vocês consideram ser melhor".

Tendo falado assim para eles, aqueles dois guerreiros Sugriva e Lakshmana responderam em tom respeitoso, dizendo:

"Como o conselho de Bibishana não seria aprovado por nós nessas circunstâncias? Ele nos traz os meios para o sucesso. Sem lançar uma ponte sobre o mar aquele formidável domínio de Lanka permanecerá inacessível até para os deuses e titãs com seus líderes. Vamos executar a sugestão do virtuoso Bibishana escrupulosamente; tempo suficiente já foi perdido. Vamos abordar Sagara, para que, com nosso exército, possamos chegar a Lanka da qual Ravana é o amparo".

Ao ouvir essas palavras, Rama foi para a margem que era coberta com erva Kusha pertencente ao senhor de córregos e rios como o deus do fogo sobe ao altar.

Capítulo 20 – Ravana envia Shuka a Sugriva

Nessas circunstâncias, o titã, de nome Shardula, que havia saído para fazer um reconhecimento, viu o exército acampado sob o comando de Sugriva, e aquele espião pertencente ao perverso Ravana, o rei dos titãs, tendo inspecionado aquelas tropas, voltou e, tornando a alcançar Lanka com toda velocidade, disse a seu soberano:

"Observa uma multidão de macacos e ursos, imensurável e ilimitada como o mar, se aproximando de Lanka. Os filhos de Dasaratha, os irmãos Rama e Lakshmana, que são ilustres e dotados de beleza, vieram procurar por Sita. Tendo chegado às margens do mar, eles acamparam lá, ó príncipe ilustre. Essas tropas cobrem dez léguas de extensão em todas as direções! Ó grande rei, cabe a ti te informar do verdadeiro estado das coisas imediatamente! Que os teus emissários investiguem o assunto de forma rápida; restituição, conciliação ou semeadura de discórdia estão envolvidos aqui".[400]

Ouvindo as palavras de Shardula, Ravana, o senhor dos titãs, ficou perturbado e, refletindo sobre o assunto, deu imediatamente ordens para Shuka, o mais hábil dos negociadores, dizendo:

"Vai e procura Sugriva em meu nome e dize àquele príncipe em tons persuasivos e agradáveis:

"Certamente tu, o descendente de uma linhagem de grandes monarcas, o poderoso filho do rei dos ursos, és extremamente poderoso! Tu não tens nada a temer; tu és para mim como um irmão, ó senhor dos macacos. Se eu raptei a consorte daquele príncipe astucioso, o que é isso para ti? Volta para Kishkindha; Lanka não pode ser conquistada por esses macacos por quaisquer meios, nem

---

[400] Os três meios de lidar com o inimigo.

pelos esforços unidos dos deuses com os gandharvas, quanto menos por homens ou macacos?"

A esse comando do rei dos titãs, aquele viajante noturno Shuka, subindo no ar, passou rapidamente através do espaço e, tendo viajado algum tempo por cima das águas, parou e, permanecendo no céu, repetiu tudo o que o perverso Ravana lhe havia dito para dizer a Sugriva. Enquanto ele ainda estava falando, os macacos saltaram para o ar e, golpeando-o com seus punhos, se prepararam para rasgá-lo em pedaços e arremessá-lo ao chão.

Assim maltratado pelos macacos, Shuka falou desta maneira: "Não se ataca um embaixador, ó Kakutstha, portanto, manda embora esses macacos. Aquele que retém a mensagem de seu mestre e dá voz ao que ele não foi autorizado a proferir merece a morte".

Ao ouvir as queixas de Shuka, Rama emitiu um comando para aqueles macacos, que estavam atacando aquele titã, dizendo: "Não o matem!" E Shuka, tendo ficado livre dos ataques dos macacos, estabilizando-se no ar com suas asas, falou outra vez, dizendo:

"Ó Sugriva, tu que és dotado de magnanimidade, ó herói, que és cheio de energia e bravura, o que devo dizer-te da parte de Ravana, o flagelo do mundo?"

Sendo assim abordado, aquele poderoso rei dos macacos, o principal de todos os macacos, interrompeu aquele viajante noturno, Shuka, e deu a seguinte resposta orgulhosa, característica da sua natureza:

"Tu não és meu amigo, nem és digno da minha piedade, nem és meu benfeitor nem tens a minha aprovação! Tu e teus parentes são inimigos de Rama, tu perecerás como Bali e mereces a morte! Eu aniquilarei a ti, os teus filhos, teus parentes, como também Lanka à qual eu sitiarei na chefia do meu grande exército e a reduzirei a cinzas!

"Não só isso, tu insensato Ravana, tu nunca escaparias de Raghava mesmo que fosses protegido pelos próprios deuses com seus líderes. Mesmo que tu te faças invisível no caminho do sol ou entres no inferno ou te refugies aos pés de lótus do rei das montanhas,[401] tu com teus seguidores sucumbirás aos golpes de Rama. Nos três mundos, eu não vejo ninguém, seja pisacha, rakshasa, gandharva, ou asura, que seja capaz de te proteger! Tu mataste o idoso rei dos abutres e raptaste Sita de olhos grandes na presença de Rama e Lakshmana e, tendo-a aprisionado, não a reconheces pelo que ela é! Tu não sabes o quão forte, poderoso e irresistível para os próprios deuses é esse príncipe da linhagem de Raghu, que te privará da tua vida".

Depois disso, o principal dos macacos, o filho de Bali, Angada, assumiu o discurso e disse:

"Ó rei virtuoso, este não é um embaixador, ele tem a aparência de um espião; ele só está aqui para contar nossas tropas, que ele seja preso, não permitas que ele retorne para Lanka. Essa é a minha opinião".

Então, a um sinal do rei, os macacos se lançaram sobre aquele titã, a quem eles agarraram e amarraram, enquanto ele, sem defesa, lamentava em voz alta.

Maltratado por aqueles macacos furiosos, Shuka começou a gritar pelo magnânimo Rama, nascido de Dasaratha, dizendo:

"Eles estão arrancando minhas asas impiedosamente e lançando fora meus olhos, que as consequências de todas as maldades que eu fiz desde o dia em que nasci até a noite em que eu morrer caiam sobre ti se eu perder a minha vida!"

---

[401] O monte Kailasha.

Ouvindo seus gritos, Rama não sancionaria a sua morte e ordenou que os macacos o libertassem.

Capítulo 21 – Rama atira suas flechas setas em Sagara

Posteriormente, espalhando grama Darbha na margem do mar, Rama com as palmas unidas, com o rosto virado para o leste, fez reverência em honra do oceano e se deitou.

Aquele flagelo de seus inimigos apoiou sua cabeça em seus braços que pareciam as espirais de uma serpente e estavam enfeitados com ornamentos de ouro, sua decoração habitual; aqueles braços que antes eram perfumados com sândalo e aloés, açafrão da cor da aurora lhes dando brilho; aqueles braços nos quais Sita se recostava sobre o leito nupcial fazendo-os brilhar como as águas do Ganges fazem brilhar o corpo de Takshaka; aqueles braços, semelhantes às lanças de uma carruagem, que aumentavam a angústia de seus inimigos e o deleite de seus amigos, foram esticados na costa do mar.

O aperto da corda do arco tinha raspado a pele do braço esquerdo daquele arqueiro habilidoso e o direito, aquele concessor de milhares de vacas em caridade, parecia uma grande maça. Apoiando-se em seu cotovelo poderoso, Rama de braços fortes disse:

"Sagara me concederá uma passagem ou ele será morto por mim!"

Tendo assim resolvido, ele se deitou à beira-mar, reprimindo sua fala e com a mente concentrada de acordo com a tradição. Lá, seguindo a injunção escritural, Rama se deitou no chão coberto com grama Kusha e dormiu tranquilamente por três noites. Durante três noites Rama, dotado de erudição e piedade, manteve-se ao lado de Sagara, o senhor das águas. Todavia aquele indolente não pareceu para aquele herói, que ainda não tinha lhe prestado honra como lhe era devido. Então, com os olhos cheios de ira, Raghava, enfurecido contra ele, disse a Lakshmana, o portador de marcas auspiciosas, que estava perto:

"É por desprezo que o oceano não me aparece pessoalmente! Deferência e paciência, integridade e fala amigável, essas qualidades que pertencem a homens virtuosos não são valorizadas por aqueles que são privados delas, que as consideram como fraqueza, enquanto que o fanfarrão, o dissoluto e arrogante que se gabam abertamente e cometem todo tipo de excesso são cobertos de respeito! A mansidão nunca trará vitória nessa terra, ó Lakshmana, não mais do que a vanguarda da batalha! Hoje, perfurados pelas minhas flechas, tu verás monstros aquáticos agitando com seus saltos as águas onde eles vivem por todos os lados! Vê, ó Lakshmana, como eu cortarei as espirais das serpentes e os membros dos grandes peixes como as trombas de elefantes. Hoje eu secarei o oceano com suas ondas numerosas, conchas, pérolas, peixes e monstros. Porque eu demonstrei paciência, o oceano, a morada das baleias, me considera como impotente! Chega de tolerância com essas pessoas! É por causa da minha brandura que ele manifesta sua verdadeira natureza! Traze-me o meu arco, ó Saumitri, e as minhas setas semelhantes a cobras venenosas, eu secarei o mar e os macacos então poderão atravessá-lo a pé! Hoje, embora ele seja indomável, eu derrotarei Sagara com minhas flechas; ele que é limitado pela costa e que é cheio com uma miríade de ondas! Eu eliminarei esse Oceano, a residência de Varuna, que é habitado por grandes gigantes".

Falando assim, com arco na mão, com os olhos arregalados de raiva, Rama parecia extremamente terrível, como o fogo no fim do ciclo do mundo. Segurando seu arco formidável com suas flechas farpadas e temíveis mais firmemente, ele fez a terra tremer como Shatakratu faz com seus raios. Suas flechas flamejantes e impetuosas, incomparáveis em poder, penetraram nas águas do mar e aterrorizaram as serpentes. E aquelas ondas do mar com seus tubarões e monstros ficaram extremamente agitadas, de modo que, com o bramido do vento, um clamor formidável surgiu. Em um instante, o oceano tornou-se uma massa de ondas colidindo, jogando para cima borrifos, conchas e fragmentos de madrepérola, e o pânico se espalhou entre os pannagas de mandíbulas flamejantes e olhos cor de bronze e em meio aos poderosos danavas em sua residência, as profundezas do inferno. Ondas aos milhões tão altas quanto as montanhas Vindhya e Mandara se ergueram daquele senhor das águas com seus crocodilos e grandes peixes e o oceano emitiu um rugido alto, em meio aos vagalhões quebrando, com as serpentes aterrorizadas, demônios e grandes crocodilos em fuga.

Então Saumitri avançou em direção a Rama, que, em seu fervor ardente, estava esticando seu arco incomparável com murmúrios altos, gritando: "Para! Para!" e assim falando, ele pegou aquela arma, dizendo:

"Tu não tens necessidade de agir dessa maneira para realizar o teu objetivo e trazer Sagara à sujeição, ó principal dos heróis! Os teus iguais não se deixam vencer pela raiva! Chama à memória a paciência dos homens virtuosos!"

Naquele instante, os brahmarishis e os rishis celestes, que, invisíveis, estavam posicionados no céu, exclamaram: "Para! Para! Não ajas dessa maneira!"

Capítulo 22 – O exército cruza o oceano

Depois disso o príncipe dos Raghus abordou o oceano em tons ameaçadores, dizendo:

"Hoje eu secarei o mar com as regiões inferiores! Ó Sagara, com tuas águas consumidas pelas minhas flechas, teus habitantes mortos pelos meus golpes, uma grande nuvem de poeira se erguerá do teu leito drenado e os macacos vão atravessar para a outra margem a pé!

"Tu procuras te opor a mim, mas não estás ciente do meu valor ou da minha força! Ó morada dos danavas, estando cheio de orgulho, tu não podes antever o teu destino!"

Depois disso, fixando uma seta semelhante à vara de Brahma e colocando-a em seu arco excelente, Raghava esticou aquela arma, e o céu e a terra pareceram ser rasgados, por assim dizer, e as montanhas tremeram, a escuridão cobriu a terra e todas as regiões foram obscurecidas. Tremores percorreram os lagos e os rios; o sol, a lua e as estrelas se desviaram em seu curso e embora o céu estivesse iluminado pelos raios do sol, ele foi envolto em escuridão e brilhava com uma centena de meteoros, enquanto trovão reverberava com um som incomparável no firmamento. Os cinco Maruts celestes sopraram e como legiões reunidas arrancaram as árvores, dispersando as nuvens num piscar de olhos, quebrando as pontas das rochas e despedaçando os picos das montanhas. No céu, estrondos de trovão ressoavam com imenso poder e tumulto. Os seres invisíveis emitiram gritos de medo e, jazendo prostrados sobre a terra em sua agonia, tremiam de terror, agitados e incapazes de se mover. Em seguida, o oceano com sua massa de água, serpentes e

demônios subiu para além de seus limites até a extensão de uma légua, embora a hora do dilúvio final ainda não estivesse próxima; no entanto, Rama, o descendente de Raghu, o flagelo de seus inimigos, não recuou diante das elevações desordenadas daquele senhor dos rios e córregos!

O próprio Sagara se ergueu das ondas, como o orbe do dia surgindo sobre a montanha do leste, Meru, e aquele Oceano apareceu com os pannagas de mandíbulas flamejantes, e ele tinha a cor da esmeralda, adornado com ouro; guirlandas de pérolas enfeitavam seu traje, e em sua cabeça ele tinha um diadema de todas as espécies de flores; ornamentos de ouro refinado e pérolas de seu domínio eram sua decoração.

Coberto com gemas e metais de todos os tipos, parecendo a montanha Himavat, com as águas elevando-se em volta dele, ele estava rodeado por nuvens e ventos, enquanto os rios Gunga e Sindhu eram suas escoltas.

Erguendo-se, o nobre Sagara, escoltado pelos rios com Gunga e Indus em sua dianteira, se aproximou de Rama com as palmas unidas, que estava com flechas na mão, e, refletindo por algum tempo o Oceano disse:

"Terra, vento, ar, água e luz, ó amado Raghava, permanecem fixos em sua própria natureza. Nem por desejo nem ambição, nem medo, ó príncipe, nem por afeto eu sou capaz de solidificar as minhas águas habitadas por tubarões; todavia eu tornarei possível para ti atravessá-las! Esta é a minha decisão – os tubarões permanecerão inativos enquanto o exército faz seu caminho para o outro lado e, para os macacos, eu me tornarei como a terra!"

Nisso, Rama disse a ele: "Ouve-me, ó tu que és o refúgio de Varuna! Esta minha seta deve cumprir seu objetivo planejado! Onde eu devo deixar cair essa flecha poderosa?"

Ouvindo as palavras de Rama e vendo aquele míssil formidável, o Oceano extremamente poderoso respondeu:

"Ao norte desse lugar há uma região sagrada, Drumakulya, um nome tão famoso no mundo quanto o teu! Lá inúmeros ladrões de aspecto e ações terríveis, tendo Abhiras como seu chefe, bebem minhas águas. A proximidade daqueles seres perversos é intolerável para mim; é lá, ó Rama, que tu deves disparar a tua flecha que nunca erra o seu alvo".

Assim falou o magnânimo Sagara e Rama, de acordo com seu desejo, disparou aquele dardo extraordinário em sua presença. E o lugar, onde aquela seta parecida com um relâmpago caiu, é conhecido no mundo como o deserto de Maru.[402] A terra perfurada por aquele dardo emitiu um grito alto e do seu ferimento escancarado as águas do inferno jorraram. Quando a flecha caiu, ela criou um som estrondoso e a cratera profunda que é conhecida como Vrana[403] foi preenchida com a água das fontes mais profundas; parecia como se a terra fosse dividida, e poços e lagoas apareceram lá. Esse lugar ficou conhecido como Marukantara e é famoso nos três mundos. Depois disso Rama, o filho de Dasaratha, tendo secado as águas do oceano, conferiu uma benção, dizendo:

"Esse lugar será rico em pastagens e livre de doenças; ele será repleto de frutas, raízes, mel, ghee e leite e será perfumado com ervas aromáticas; assim ele permanecerá retendo essas qualidades excelentes!"

Dessa forma o Deserto de Maru veio a possuir essas várias características e, pela graça da generosidade de Rama, assumiu um aspecto agradável. Quando as

[402] Maru: Malwar no Rajastão.
[403] Vrana: O Ferimento.

águas tinham sido secadas, Samudra, o senhor dos córregos e rios, disse a Raghava, que era perito no uso de armas:

"Meu amigo, lá está Nala, filho de Vishvakarma, cujo pai o cumulou de dádivas; ele é generoso e devotado; notáveis são os poderes daquele macaco; que ele construa uma ponte sobre as minhas águas, eu a sustentarei; Nala é tão habilidoso quanto seu pai!"

Com essas palavras o Oceano desapareceu e Nala, aquele príncipe dos macacos, falou ao valente Rama deste modo:

"Recorrendo à habilidade que herdei do meu pai, eu construirei uma ponte sobre o espaçoso e vasto domínio dos monstros aquáticos; o que o oceano disse é verdade!

"Quando se tem que lidar com os ingratos, em minha opinião a vara é o método mais salutar para os homens! Dane-se a tolerância como também a generosidade e a bondade! Seguramente Sagara, essa massa formidável de água, com medo de punição, desejou ver uma ponte construída e por medo ficou disposto a permitir que Raghava passe sobre ele.

"Minha mãe recebeu uma bênção na montanha Mandara de Vishvakarma, que lhe disse: 'Um filho nascerá para ti que se parecerá comigo, ó deusa!'

"Ninguém tendo me questionado, eu não falei dos meus poderes, mas seguramente eu posso construir uma ponte sobre o domínio de Varuna; a partir de hoje que todos os principais macacos comecem a trabalhar!"

Ao comando de Rama, aqueles leões entre os macacos entraram na floresta imensa com entusiasmo às centenas e milhares por todos os lados, e aqueles líderes das tribos de símios, arrancando as rochas, com as quais em tamanho eles se pareciam, e as árvores também as arrastaram para o mar e eles cobriram o oceano com árvores Sala, Ashvakarna, Dhava, Vamsha, Kutaja, Arjuna, Tala, Tilaka, Tinisha, Balalaka, Saptaparna e Karnikarna em plena floração, como também Cutas e Ashokas. Aqueles principais dos macacos transportaram aquelas árvores, com ou sem raízes, levando-as como muitos estandartes de Indra e eles amontoaram Talas e pilhas de árvores Dadina, Narikela, Bibhitaka, Kanya, Bakula e Nimba aqui e ali. Com o auxílio de dispositivos mecânicos, aqueles poderosos colossos desenterraram pedras tão grandes quanto elefantes e rochas, e a água de repente jorrava no ar apenas para cair instantaneamente. Depois disso aqueles macacos agitaram o mar por correrem para ele por todos os lados ou puxarem as correntes.

Aquele imenso passadiço construído por Nala na superfície do mar foi feito pelos braços daqueles macacos de façanhas formidáveis e se estendia por mais de cem léguas.

Alguns traziam troncos de árvores e outros os fixavam; foi às centenas e milhares que aqueles macacos, semelhantes aos gigantes, fizeram uso de canas, troncos e árvores florescentes para construir aquela ponte, correndo para lá e para cá com blocos de pedra semelhantes a montanhas ou picos de penhascos, que, lançados ao mar, caíam com um estrondo retumbante.

No primeiro dia aqueles macacos parecidos com elefantes, de energia imensa, cheios de grande entusiasmo e extremamente alegres, erigiram quatorze léguas de alvenaria. No segundo dia, aqueles macacos altamente ativos de estatura formidável montaram vinte léguas. Pondo-se em movimento, aqueles gigantes lançaram vinte e uma léguas de estrutura sobre o oceano no terceiro dia e no quarto, trabalhando febrilmente, eles construíram vinte e duas léguas em extensão. No quinto dia, aqueles macacos, trabalhadores diligentes, chegaram à vinte e três léguas de distância da outra margem.

Aquele filho afortunado e valente de Vishvakarma, líder dos macacos, construiu um passadiço digno de seu pai sobre o oceano, e aquela ponte erguida por Nala sobre o mar, o habitat de baleias, deslumbrante em sua perfeição e esplendor, era como a constelação de svati no espaço.

Então os deuses, gandharvas, siddhas e rishis supremos, se reunindo, permaneceram no céu, ansiosos para ver aquela obra-prima, e os deuses e gandharvas olharam para aquele passadiço, de construção tão difícil, que tinha dez léguas de largura e cem de comprimento construído por Nala.

Aqueles macacos depois disso mergulharam, nadaram e gritaram à visão daquela maravilha inimaginável que era quase inconcebível e levava alguém a tremer! E todos os seres viram aquele passadiço lançado sobre o oceano e às centenas e aos milhares de kotis, aqueles macacos, cheios de valentia, tendo construído a ponte sobre o imenso repositório de águas, alcançaram a margem oposta.

Vasto, bem construído, magnífico com seu maravilhoso piso pavimentado, solidamente cimentado, aquele grande passadiço semelhante a uma linha traçada sobre as ondas parecia a divisão do cabelo de uma mulher.

Enquanto isso Bibishana, com maça na mão, permaneceu pronto em seu posto com seus companheiros em caso de um ataque inimigo. Então Sugriva se dirigiu a Rama, que era valente por natureza, dizendo:

"Sobe nos ombros de Hanuman e Lakshmana sobre os de Angada. Ó herói, vasto é esse oceano, a morada das baleias; esses dois macacos que percorrem livremente o céu vão transportar vocês dois!"

Então os afortunados Rama e Lakshmana avançaram dessa maneira e aquele arqueiro magnânimo foi acompanhado por Sugriva. Alguns macacos avançaram no centro, alguns se atiraram nas ondas, alguns saltaram para o céu, outros marcharam sobre a ponte, alguns viajaram através do espaço como as aves, e o tumulto tremendo da marcha pesada daquele formidável exército de macacos abafou o bramido do oceano.

Quando aquelas tropas de símios tinham passado sobre o mar pela graça do passadiço de Nala, o rei ordenou-lhes acampar na praia que abundava em raízes, frutas e água.

Ao ver aquela obra-prima que havia se materializado sob o comando de Raghava, apesar das dificuldades, os deuses, que tinham se aproximado com os siddhas e charanas, como também os grandes rishis, ungiram Rama em segredo lá, com água do mar e disseram:

"Que tu sejas vitorioso sobre os teus inimigos, ó tu que és um deus entre os homens! Que tu reines sobre a terra e o mar eternamente!"

Assim, com várias palavras auspiciosas eles aclamaram Rama em meio à homenagem oferecida a ele pelos brâmanes.

Capítulo 23 – Rama vê diversos presságios

O irmão mais velho de Lakshmana viu certos presságios, e como o seu significado era conhecido por ele, ele abraçou Saumitri e disse:

"Ó Lakshmana, ocupando essa região provida de água fresca e bosques cheios de frutas, vamos dividir rapidamente essas forças inumeráveis e nos formar

em batalhões! Grande é o perigo que eu prevejo, pressagiando destruição para o mundo e o massacre dos ursos valentes, macacos e titãs.

"Uma tempestade de poeira está chegando, a terra treme e os picos das montanhas estremecem; árvores caem, nuvens semelhantes a animais selvagens emitem um rugido terrível e soltam chuvas espantosas misturadas com sangue; há um crepúsculo que inspira temor, lúrido como o sândalo vermelho; do sol escaldante, um círculo de fogo cai; cheios de terror, animais selvagens e aves com vozes dissonantes estão dando gritos lúgubres para o sol por todos os lados. À noite, a lua, desprovida de brilho, ardendo com um halo preto e vermelho quando se ergue, parece a destruição ameaçando o mundo. Uma mancha escura aparece no disco solar, que está diminuído, sombrio, sem brilho e acobreado. Vê, ó Lakshmana, uma poeira espessa esconde as estrelas e parece prenunciar o fim do mundo! Corvos, águias e abutres descem rodando, enquanto chacais inspirando o maior terror emitem uivos sinistros. Rochas, maças e lanças, arremessadas pelos macacos e demônios, cobrem a terra que se tornou um pântano de carne e sangue.

"Sem demora, acompanhados por todos os macacos, vamos, hoje mesmo, atacar essa cidade de acesso difícil da qual Ravana é o amparo!"

Assim falou o arqueiro Rama, o subjugador do inimigo em conflito, e, levando seu arco e flechas, ele partiu em direção a Lanka.

Então todos os macacos valentes com Bibishana e Sugriva em sua dianteira se ergueram clamando destruição para seu inimigo poderoso, e a demonstração turbulenta daqueles macacos heroicos, feita com o objetivo de agradar Rama, encheu de alegria aquele filho da Casa de Raghu.

Capítulo 24 – Shuka descreve sua recepção pelos macacos para Ravana

Aquele exército de guerreiros, em formações bem-ordenadas, parecia esplêndido com o brilho que Rama conferia a ele que parecia a lua cheia em uma noite estrelada, e a terra, pressionada sob os pés pelo passo enérgico daquela multidão semelhante ao mar, tremia com medo.

Enquanto isso aqueles habitantes das florestas ouviram um grande tumulto surgindo em Lanka e o formidável rufar de tambores e o som de gongos fazendo seus cabelos se arrepiarem. Esse clamor encheu os líderes dos macacos de alegria e, em seu ardor, eles emitiram gritos que superavam aquele tumulto, e o regozijo dos Plavamgamas, assemelhando-se ao estrondo do trovão nos céus, chegou aos ouvidos dos titãs.

Vendo Lanka enfeitada com muitas bandeiras coloridas, o filho de Dasaratha lembrou-se de Sita e seu coração ficou cheio de aflição. Ele refletiu: 'É lá que aquela mulher jovem, cujos olhos parecem os de uma gazela, é mantida em cativeiro por Ravana, como Rohini quando é dominada pelo planeta de corpo vermelho'.[404]

Dando suspiros longos e ardentes, aquele herói olhou para Lakshmana e falou-lhe palavras apropriadas para a ocasião:

"Vê, ó Lakshmana, essa cidade maravilhosa, construída por Vishvakarma no topo da montanha, colocada no alto de modo que ela parece lamber os céus, onde inúmeros palácios se aglomeram como a residência aérea de Vishnu coberta de

[404] Marte.

nuvens brancas; Lanka com seus bosques florescentes parece magnífica como Chaitaratha que é cheia do canto das aves de todas as espécies e brilhante com frutas e flores! Vê como uma brisa suave balança os galhos dos quais as aves voam como setas, onde abelhas enxameiam e onde os cucos são abundantes".

Assim Rama, o filho de Dasaratha, se dirigiu a Lakshmana e depois disso, alinhando suas tropas de acordo com os métodos tradicionais, ele emitiu os seguintes comandos para aquele exército de macacos.

"Que o valente e invencível Angada coloque suas tropas no centro com o general Nila. Cercado pelos batalhões de símios, Rishabha deve se estabelecer na ala direita do exército, e ele que parece um elefante em mustha, o indomável e corajoso Gandhamadana, deve se colocar à frente do flanco esquerdo. Eu irei para a vanguarda do exército com Lakshmana como o meu ajudante de campo e Jambavan, Sushena e Vegadarshin para espiar o terreno.

"Aqueles três de grande alma, os líderes dos ursos, devem proteger o centro das tropas e a retaguarda estar sob o comando do senhor de macacos, como a região oeste é dominada pelo sol de raios brilhantes".

As inúmeras divisões estando assim habilmente distribuídas, aquele exército, liderado pelos principais dos macacos armados com pedras e árvores enormes, parecia os céus com sua massa de nuvens; e aqueles macacos avançaram para Lanka que eles estavam ansiosos para destruir.

"É com os picos das montanhas que vamos demolir Lanka ou, se necessário for, com os nossos punhos nus!" Tal era a determinação daqueles macacos poderosos.

Naquele instante, o extremamente valente Rama disse a Sugriva:

"As nossas tropas estão devidamente dispostas, agora que Shuka seja libertado!"

Sob a ordem daquele Indra dos macacos, que era cheio de energia, o agente de Ravana foi posto em liberdade. Solto por ordem de Rama e atormentado pelos macacos, Shuka, em um frenesi de terror procurou o rei dos titãs, após o que Ravana com um olhar com desprezo perguntou-lhe:

"Qual é o significado das tuas asas acorrentadas? Por que o teu flanco está ferido? Porventura tu caíste em poder daqueles macacos caprichosos?"

Então Shuka, instigado pelo medo, pressionado por seu soberano extremamente poderoso, deu a seguinte resposta:

"Dirigindo-me para a margem norte do mar, a fim de entregar a tua mensagem fielmente através do emprego de tons suaves e calmantes, aqueles bárbaros Plavamgamas, mal tendo me visto, lançaram-se sobre mim e começaram a me bater e a me socar com os punhos. Era completamente impossível entrar em qualquer forma de mediação com eles ou discutir qualquer coisa; aqueles macacos são ferozes e violentos por natureza, ó senhor dos titãs! O matador de Viradha, Kabandha e Khara, Rama, no entanto, que está acompanhado por Sugriva, está à procura de Sita. Tendo lançado uma ponte sobre o mar e atravessado as ondas salgadas, aquele arqueiro, Raghava, veio para cá e despreza os titãs.

"Os ursos e os macacos, reunindo-se em milhares de divisões iguais a montanhas ou nuvens, cobrem a terra. Não há mais possibilidade de uma aliança entre os macacos e os titãs do que entre um deus e um demônio! Antes que eles cheguem aos baluartes decide rapidamente como hás de agir; ou devolve Sita para Rama ou entra em conflito com ele!"

Assim falou Shuka e Ravana, com os olhos vermelhos de raiva, olhou para ele como se fosse consumi-lo com seu olhar e disse:

"Mesmo se eu tivesse que entrar em conflito com os devas, gandharvas e danavas, eu não devolveria Sita, mesmo que toda a terra tremesse! Quando as minhas flechas cairão sobre Raghava como as abelhas inebriadas caem sobre as árvores florescentes na primavera? Quando, com minhas setas, eu vou consumir seu corpo vertendo sangue como tochas flamejantes destroem um elefante?

"Suas tropas sofrerão eclipse diante do meu exército poderoso como o brilho das estrelas ao nascer do sol. Aquele filho de Dasaratha não está ciente de que eu possuo a força de Sagara e a rapidez de Maruta, é por isso que ele deseja me enfrentar em combate. Rama ainda não viu as flechas semelhantes a serpentes venenosas que repousam na minha aljava; é por isso que ele quer entrar em combate comigo! Aquele Raghava ainda não está familiarizado com o meu grande poder nem com a Vina na forma de meu arco que eu tanjo com minhas setas, a corda produzindo um som formidável, os gritos dos feridos seu acompanhamento terrível, as setas suas inúmeras notas e que, quando eu entrar no rio das fileiras do inimigo como em uma vasta arena, eu farei ressoar no campo de batalha!

"Nem Vasava de mil olhos em pessoa nem Yama de mísseis ígneos nem o próprio Vaishravana é capaz de me derrotar em batalha!"

Capítulo 25 – Ravana envia Shuka e Sarana para espionar os macacos

Rama, o filho de Dasaratha, tendo atravessado o oceano com seu exército, o arrogante Ravana se dirigiu aos seus conselheiros Shuka e Sarana, dizendo:

"Todo o exército de macacos cruzou o oceano intransponível em uma ponte construída por Rama, uma façanha sem precedentes! Eu nunca considerei possível lançar uma ponte sobre o mar!

"Introduzam-se em suas fileiras sem serem descobertos e me informem exatamente a respeito do número e destreza daqueles líderes macacos, dos conselheiros que habitualmente acompanham Sugriva e Rama e dos batedores e guerreiros entre eles; além disso, como o dique foi construído sobre as águas do mar; como o exército avança, dos seus planos e da força e das armas usadas por Rama e pelo corajoso Lakshmana".

A esse comando, os dois titãs, Shuka e Sarana, assumindo a forma de macacos, entraram ousadamente nas fileiras de símios, mas eles foram incapazes de contar a hoste de macacos que era dotada de energia inimaginável de arrepiar, e que entre as cavernas e cachoeiras se espalhava sobre os topos das montanhas. De todos os lados aquelas divisões chegavam, algumas tendo atravessado, algumas atravessando e algumas ainda para atravessar, e aqueles que estavam chegando ou ainda estavam por vir emitiam rugidos altos e, para aqueles vagueadores noturnos, pareciam o mar infinito.

Nessas circunstâncias o ilustre Bibishana reconheceu Shuka e Sarana sob seu disfarce e prendendo-os denunciou-os a Rama, dizendo:

"Aqui estão dois seguidores do rei dos titãs que vieram espionar as condições, ó conquistador de fortalezas hostis!"

Aterrorizados com a visão de Rama e desesperados por suas vidas, os dois demônios, com as palmas unidas, disseram a ele com grande medo:

"Ó filho mais estimado da Casa de Raghu, nós fomos enviados por Ravana para saber mais sobre todo o exército!"

Ouvindo essas palavras, Rama, o filho de Dasaratha, que se alegrava pelo bem-estar de todos os seres, sorrindo, respondeu-lhes dizendo:

"Se vocês inspecionaram todo o exército e examinaram suas posições cuidadosamente e cumpriram a missão que lhes foi confiada, então voltem em paz. Mas se há algo que vocês não investigaram e que ainda desejam ver, então Bibishana irá mostrá-lo a vocês totalmente. Sua prisão não deve causar-lhes qualquer apreensão em relação à sua vida, vocês são enviados e, tendo colocado de lado suas armas, foram capturados; vocês não merecem a morte!

"Ó Bibishana, liberta esses dois viajantes da noite, que vieram disfarçados para nos espionar com a intenção de criar divisão entre os seus inimigos. E vocês, quando vocês retornarem à grande cidade de Lanka, repitam as minhas palavras fielmente ao rei dos titãs, dizendo:

"Aquela força na qual tu confiaste quando levaste Sita para longe de mim, emprega livremente com o auxílio das tuas tropas e aliados. Amanhã ao amanhecer tu verás as minhas setas destruírem a cidade de Lanka com suas muralhas e arcos, bem como o exército de titãs! A minha ira terrível cairá sobre ti e as tuas tropas ao amanhecer, ó Ravana, como o deus que porta o raio, Vasava, o dispara nos danavas!'"

Recebendo esse comando, os dois titãs, Shuka e Sarana, admirando sua justiça, gritaram: "Que tu sejas vitorioso!" e prestaram reverência a Rama.

Retornando a Lanka, eles disseram ao senhor dos titãs:

"Bibishana nos capturou com a intenção de nos matar, ó rei, mas Rama, ele cujo valor é imensurável, vendo-nos, nos deixou ir!

"Naquele local estão reunidos quatro dos principais líderes macacos que são iguais ao protetor dos mundos. Seus guerreiros, hábeis no uso de armas, de destreza comprovada, são Rama o filho de Dasaratha, o afortunado Lakshmana, Bibishana e o muito enérgico Sugriva, cuja força é igual à do grande Indra.

"Mesmo sem os próprios macacos participarem, eles são capazes de penetrar nessa cidade de Lanka com suas paredes e arcos e arrancar as fundações e transferi-las para outro lugar. Tal é a capacidade de Rama e tais as armas que ele poderia destruir a cidade sozinho, seus três companheiros ficando de lado! Sob a proteção de Rama, de Lakshmana e Sugriva aquele exército é completamente invencível, mesmo contra os deuses e asuras combinados! Agora aquele exército de macacos poderosos e agressivos, moradores na floresta, está respirando guerra; é inútil disputar com eles. Faze as pazes e devolve Maithili para o filho de Dasaratha!"

Capítulo 26 – Sarana conta a Ravana sobre os principais líderes dos macacos

Ouvindo a declaração sincera e corajosa de Sarana, o rei Ravana respondeu:

"Mesmo se os deuses, gandharvas e danavas unidos procurassem me atacar e se todos os seres tremessem, eu não devolveria Sita; ó amigo, tendo sido manipulado tão brutalmente pelos macacos tu os temes e por isso consideras oportuno que eu desista de Sita! Qual adversário é capaz de me superar em guerra?"

Após proferir esse discurso arrogante, Ravana, o senhor dos titãs, a fim de examinar o horizonte, orgulhosamente subiu para o seu palácio que era branco como a neve e tão alto quanto inúmeras palmeiras. Acompanhado por seus

ministros, Ravana, que estava arrebatado pela raiva, varreu as montanhas, florestas e o oceano com seu olhar e ele contemplou toda a região coberta com Plavamgamas.

Vendo aquele exército ilimitado e invencível de macacos, Ravana questionou Sarana, dizendo:

"Quem são os líderes desses macacos? Quem são seus guerreiros? Quem seus príncipes? Quem são aqueles que marcham à sua frente para demonstrar seu valor? Quem são os conselheiros de Sugriva e seus generais? Conta-me tudo, ó Sarana! Qual é a força desses macacos?"

Sarana, assim interrogado por aquele soberano dos titãs, estando bem informado, apontou os líderes daqueles moradores da floresta para ele.

Ele disse: "Aquele macaco que está diante de Lanka bramindo em meio a cem mil líderes que o escoltam, cuja voz poderosa abala toda a cidade com seus muros, portões e arcos, suas rochas, florestas e selvas e que está no comando do exército do magnânimo Sugriva, o senhor de todos os cervos das árvores, é o valente general Nila.

"Aquele que mantém seus braços no alto e que pisoteia a terra sob seus pés enquanto marcha, aquele herói cuja face está voltada para Lanka e que, em fúria, boceja convulsivamente, que se assemelha ao pico de uma montanha em estatura e aos filamentos de lótus em cor, que, em um excesso de raiva, continuamente chicoteia com sua cauda, cujo açoite é ouvido nas dez regiões, aquele guerreiro a quem Sugriva, o rei dos macacos, instalou como herdeiro legítimo, se chama Angada e ele está te desafiando para o combate. Aquele guerreiro, igual a seu pai, Bali, é amado por Sugriva e tão dedicado aos interesses de Raghava quanto Varuna aos de Shakra. Que a filha de Janaka tenha sido vista por Hanuman, que é tão rápido como o vento e o servo de Raghava, é tudo devido ao conselho de Angada. Tendo formado inúmeros batalhões com os principais dos macacos, aquele guerreiro está marchando contra ti à frente de seu exército para te destruir.

"Perto do filho de Bali e ele próprio cercado por um número considerável de tropas, o valente Nala, o construtor da ponte, permanece pronto no campo de batalha.

"Aqueles soldados vestidos de cor de açafrão, que estão esticando seus membros, rugindo e rangendo os dentes, estão seguindo aquele que se gaba de que vai destruir Lanka com suas tropas: ele é Shveta de cor prata, que é extremamente ágil e corajoso; aquele macaco inteligente, um guerreiro renomado nos três mundos, veio receber suas ordens de Sugriva e partirá imediatamente para colocar o exército de macacos em posições estratégicas e inspirar entusiasmo entre suas divisões.

"Aquele que antigamente percorria a montanha Ramya, que é também chamada Samrocana nas margens do rio Gaumati, que é coberta com árvores de fragrância variada, e governava um reino lá é o general Kumuda e aquele outro, que puxa alegremente em sua esteira centenas e milhares de guerreiros de pelo longo e caudas imensas pendentes, que têm cor acobreada, amarela, preta, branca e opaca, horrendos de se olhar, é o intrépido macaco Kanda. Ele almeja lutar e se gaba de que ele destruirá Lanka com suas tropas.

"O terceiro, que parece um leão fulvo com uma grande juba e cujo olhar está fixo atentamente na cidade como se quisesse consumi-la com seus olhares, que reside principalmente nas montanhas Krishna e Sahya da cordilheira Vindhya de aspecto agradável, é o general Rambha, ó rei. Trezentos kotis dos mais valentes dos macacos que são formidáveis, impetuosos, cheios de ardor o cercam e seguem seus passos para o propósito de provocar a destruição de Lanka por seus golpes.

"O que está agitando suas orelhas e bocejando continuamente, que, ao enfrentar a morte permanece inamovível e que nunca recua diante de um exército hostil, mas olhando-os desconfiadamente espuma de raiva; ele que chicoteia com sua cauda e range os dentes, aquele herói de energia imensa, totalmente desprovido de medo, ó rei, tem sua residência na arrebatadora montanha dos Salveyas e o nome daquele líder é Sharabha; a ele pertencem quarenta lakhs[405] de macacos chamados Viharas.[406]

"Aquele que é como uma grande nuvem envolvendo o espaço e que, cercado por guerreiros macacos, parece Vasava em meio aos deuses, cuja voz como o rufar de um tambor pode ser ouvida do meio dos macacos, que está ansioso para lutar, reside em Pariyatra, uma montanha que não é ultrapassada por nenhuma em altura; aquele general sempre invencível em combate se chama Panasa. Aquele comandante com cinquenta lakhs de tenentes, cada um dos quais lidera o seu próprio batalhão, que brilha resplandecente em meio à hoste de macacos de saltos aterrorizantes, que estão acampados à beira-mar como um segundo oceano, ele que se assemelha a Dardura[407] é chamado de general Vinata. Em suas viagens ele bebe as águas do Vena, o mais excelente dos rios. Seu exército é composto de sessenta mil Plavamgamas e aquele macaco, chamado Krathana, te desafia para o combate. Seus tenentes são cheios de audácia e vigor e cada um comanda um batalhão. Aquele macaco cujo corpo é bem nutrido e que é da cor do ocre vermelho, que, no orgulho de sua força sempre considera os outros macacos com desprezo, é o ilustre Gavaya. Ele está avançando em direção a ti cheio de fúria e setenta lakhs de guerreiros o acompanham; ele também se gaba de que vai devastar Lanka com suas tropas.

"Aqueles heróis invencíveis não podem ser contados, e os mais nobres dos seus capitães estão cada um na chefia da sua própria tropa particular".

Capítulo 27 – Sarana continua seu depoimento

"Eu descreverei esses líderes valentes que és capaz de ver, que são dedicados a Raghava, cheios de valentia e que contam suas vidas como nada. Aquele, os pelos aderentes a cuja cauda enorme são acobreados, amarelos, pretos, brancos e horrivelmente emaranhados e que estão em pé, uma cauda que, brilhante como os raios do sol, escova a terra à medida que ele avança, é o macaco Hara. Ele é seguido por centenas e milhares de macacos brandindo árvores, esperando o momento para atacar Lanka; eles são os líderes do rei macaco e estão a serviço do governo símio.

"Esses guerreiros que tu vês em tais números incalculáveis, que não são mais capazes de ser contados do que as areias nas margens ilimitadas do mar e que cobrem as montanhas, planícies e rios, agrupados como nuvens sombrias, pretos como colírio, extremamente ferozes e combatentes valentes, são os ursos; observa como eles estão avançando para te enfrentar, ó rei. Em seu meio, cercado por todos os lados por eles, como Parjanya por nuvens de chuva, está seu soberano de olhar terrível e aspecto temível; ele habita Rikshavat, uma montanha muito alta e vai saciar sua sede no rio Narmada; ele é o senhor de todos os ursos e seu nome é

[405] [Um lakh = cem mil].
[406] Viharas: 'Aqueles que vagueiam por toda parte à vontade'.
[407] Dardura: Uma montanha no sul, às vezes associada com o monte Malaya.

Dhumra! Ele tem um irmão, mais jovem do que ele, que se assemelha a ele em estatura, mas que o ultrapassa de longe em valor; vê, Jambavan, semelhante a uma montanha! De sentidos controlados, ele é cheio de reverência por seus superiores espirituais e implacável em combate. Sua inteligência ajudou muito Shakra na guerra entre os deuses e os titãs e ele foi o recebedor de muitas bênçãos. Esses gigantes arremessam grandes rochas tão grandes quanto nuvens das alturas da montanha, que eles escalaram, e eles não tremem diante da morte. Peludos, semelhantes a rakshasas ou pisachas, esses guerreiros de energia insuperável perambulam em grande número. E aquele comandante em quem os olhos dos macacos estão fixos, que ora salta em fúria e, em seguida, fica imóvel, aquele principal dos macacos, ó rei, vive na montanha Sahasraksha, e o nome desse líder extremamente valente é Rambha.

"Aquele que, andando em quatro patas toca a montanha à distância de uma légua com seus flancos, cujo peito tem uma légua de altura, que não é superado por nenhum quadrúpede em beleza é o renomado Samnadana, o avô dos macacos. Extremamente hábil, ele entrou antigamente em combate com Shakra no campo de batalha, que foi incapaz de derrotá-lo, assim é aquele líder superior.

"Outro cujo valor é igual ao de Indra no campo de batalha nasceu de uma jovem donzela gandharva e Krishnavartman. Na luta entre os devas e os asuras ele trouxe ajuda para os celestiais. Aquele ilustre senta-se abaixo da árvore Jambhu naquela montanha, o rei dos picos,[408] frequentado por kinnaras, que constantemente dá alegria ao teu irmão, ó senhor dos titãs. É perto de lá que aquele afortunado, aquele poderoso senhor dos macacos, o general Krathana, cuja bravura não se limita a palavras e que sempre evita a derrota, passa o tempo. Ele está em pé cercado por milhares de macacos; ele também promete esmagar Lanka!

"Aquele que usualmente vagueia perto do Ganges, semeando terror entre os elefantes, lembrando, como ele se lembra, da velha contenda entre elefantes e macacos,[409] aquele líder com voz de trovão, que vive nas cavernas das montanhas, subjugando os elefantes nas florestas e arrancando as árvores, aquele príncipe dos macacos, como o próprio Indra, passa sua vida alegremente na chefia de uma hoste de macacos ao lado do rio que brota dos Himalaias ou Ushirabija, de outro modo Mandara, a mais alta das montanhas. Centenas e milhares e milhões de macacos, orgulhosos de sua força e agilidade, cheios de bravura e fogo, rugindo alto, seguem aquele guerreiro invencível, seu líder, chamado Pramathin. É ele, semelhante a uma grande nuvem impulsionada pelo vento, a quem tu apontaste, cercado por um bando furioso de macacos intrépidos que erguem uma nuvem de poeira de cor amarela que o vento carrega em todas as direções. Aqueles formidáveis e poderosos Golangulas de focinho preto, constando de cem vezes cem mil, que, tendo ajudado na construção do passadiço, se reuniram rosnando em volta do general dos Golangulas, chamado Gavaksha, ameaçam demolir Lanka. Lá onde, frequentadas por abelhas, as árvores produzem frutos em todas as épocas, naquela montanha cercada pelo sol, cujo brilho ela iguala, o brilho da qual, derramado sobre animais e aves, lhes dá o mesmo brilho, cujos platôs nunca são abandonados pelos rishis magnânimos e notáveis, cujas árvores são carregadas de frutos possuidores de todos os sabores desejáveis, onde mel extremamente raro é abundante; naquela montanha dourada e arrebatadora, o general Kesharin vive em meio àqueles prazeres, ó rei.

---

[408] Kailasha.

[409] ["Segundo uma lenda purânica Kesari, o suposto pai de Hanuman, matou um asura ou demônio que apareceu na forma de um elefante, e daí surgiu a hostilidade entre os Vanars e os elefantes". – Griffith].

"Há sessenta mil montanhas douradas maravilhosas no meio das quais Savarnimeru se destaca, como tu entre os titãs, ó rei! É nessa montanha que vivem macacos marrons, brancos e de cor de cobre ou aqueles amarelos como mel, que possuem dentes e unhas pontiagudas e que parecem leões; eles são tão indomáveis quanto tigres, iguais a Vaishvanara, com suas caudas longas enroladas como serpentes vomitando veneno ou como elefantes intoxicados com linfa, tão altos quanto grandes colinas, e eles rugem como o trovão; seus olhos são cinzentos e redondos e quando eles estão em marcha eles criam um tumulto espantoso; todos eles permanecem olhando para Lanka como se estivessem prestes a destruí-la. Em seu meio está o líder poderoso que sempre encara o sol; ele está ansioso para te subjugar; seu nome é famoso no mundo, ele é Shatabali, ó rei, e ele jura destruir Lanka com suas tropas. Corajoso, poderoso, cheio de ousadia, ele se orgulha de seu heroísmo pessoal. Em sua devoção por Rama aquele macaco não poupará sua vida.

"Gaja, Gavaksha, Gavaya, Nala, Nila, todos esses macacos estão cercados por dez kotis de lutadores cada, como também outros líderes macacos impossíveis de contar, tão grande é seu número, ágeis habitantes da cordilheira Vindhya. Todos, ó grande rei, são extremamente poderosos, sua estatura é igual a altas colinas e todos são capazes de nivelar a terra por arrancar e pôr no chão suas montanhas".

Capítulo 28 – Shuka, por sua vez, enumera o inimigo

Sarana tendo descrito as tropas do inimigo para Ravana, o senhor dos titãs, Shuka, por sua vez, assumiu o relato, dizendo: "Tu vês aqueles semelhantes a elefantes intoxicados com linfa, elevando-se como figueiras nas margens do Ganges ou árvores Sala sobre os Himalaias?

"Ó rei, aqueles guerreiros, capazes de mudar de forma à vontade, são irresistíveis, iguais aos daityas e danavas e, em guerra, são dotados da bravura dos deuses. Eles totalizam vinte e um milhões ou mais; eles são companheiros de Sugriva e Kishkindha é a sua residência habitual; esses macacos nascidos dos deuses e gandharvas são capazes de assumir diferentes formas à vontade.

"Os dois que estão lá, que parecem um com o outro e têm o aspecto de deuses, são Mainda e Dvivida, ninguém é seu igual em combate. Autorizados por Brahma, eles beberam a água da imortalidade e se gabam de que vão demolir Lanka por sua própria destreza.

"Quanto ao macaco que tu vês lá, semelhante a um elefante inebriado, que em força e fúria é capaz de agitar o próprio oceano, foi ele que veio a Lanka encontrar Vaidehi e te espionar, ó senhor. Aquele macaco a quem tu observas voltou, ele é o filho mais velho de Kesarin e seu pai é dito ser Vayu; ele é Hanuman, que cruzou o oceano. Capaz de mudar sua forma à vontade, esse guerreiro belo e corajoso não é mais capaz de ser detido em seu curso quanto o próprio Satataga.[410]

"Enquanto ainda uma criança, vendo o sol nascer, ele desejou comê-lo e, saltando, o seguiu a uma distância de três mil léguas, pensando: 'Eu agarrarei Aditya e a minha fome será saciada para sempre!' Com esse pensamento, inebriado com sua própria força, ele saltou no ar, mas não foi capaz de alcançar aquele deus, que é invencível até para os celestiais, rishis e demônios, e ele caiu na montanha onde

[410] Satataga: o deus do vento.

aquele astro radiante nasce. Em sua queda ele fraturou a mandíbula levemente em uma rocha e por causa da força da sua mandíbula ele foi chamado de Hanuman!

"Ao me associar com aqueles macacos eu fui capaz de descobrir sua história, mas sou incapaz de descrever sua bravura, beleza e vigor adequadamente. Ele se gaba de ser capaz de destruir Lanka sozinho; foi ele que anteriormente incendiou a cidade; como é que tu não te lembras dele?

"Próximo está um guerreiro, de cor escura com olhos como lótus, o Atiratha[411] entre os Ikshvakus; seu heroísmo é bem conhecido no mundo; seu senso de dever nunca oscila e ele jamais se desvia da justiça; ele sabe como disparar a arma de Brahma e está familiarizado com o Veda; na verdade, ele é o mais erudito dos estudiosos vêdicos; ele abala o firmamento com suas flechas e fende a terra; sua ira é igual à de Mrityu e ele parece Indra em valor; sua consorte é Sita, que tu raptaste de Janasthana; ele é Rama, que veio travar guerra contra ti, ó rei.

"Aquele que está à sua direita, radiante como ouro refinado no cadinho, de peito largo, olhos avermelhados e cabelos escuros encaracolados é Lakshmana, que é dedicado aos interesses e fortuna de seu irmão; um general e um soldado experiente, ele sabe melhor do que ninguém como manusear todas as armas. Cheio de ardor, invencível, vitorioso, corajoso, acostumado ao sucesso e poderoso, ele sempre foi o braço direito de Rama e o seu próprio ar vital. Sempre que se tratar de Raghava ele nunca será aquele a procurar preservar a própria vida. Ele também jurou exterminar todos os titãs em batalha.

"Aquele que está à esquerda de Rama e que está cercado por um grupo de titãs é Bibishana, a quem aquele rei de reis instalou como soberano de Lanka; ele, cheio de ira, está avançando a fim de entrar em conflito contigo!

"O outro que vês em pé no centro, como uma rocha imóvel, governa sobre os principais daqueles cervos dos ramos; sua coragem é imensurável; por energia, glória, inteligência, força e nobreza, ele se destaca entre os macacos como Himavat entre as montanhas. Ele vive com os principais líderes dos macacos em Kishkindha com seus bosques e árvores, uma fortaleza inacessível de passagens impenetráveis, escavada das montanhas. Ele usa uma corrente de ouro, feita com cem lótus na qual Lakshmi, que simboliza a prosperidade, amada dos deuses e dos homens, vive. Aquela corrente, sua consorte Tara e o império eterno dos macacos foram conferidos a Sugriva por Rama depois que ele matou Bali.

"Ó rei, cem mil multiplicado por cem é chamado de koti e cem mil desses kotis fazem um shanku. Cem mil shankus fazem um maha-shanku, cem mil maha-shankus fazem um vrinda. Cem mil vrindas fazem um maha-vrinda e cem mil maha-vrindas fazem um padma. Cem mil padmas fazem um maha-padma e cem mil maha-padmas fazem um kharva. Cem mil kharvas fazem um samudra e cem mil samudras fazem um ogna. Cem mil ognas fazem um maha-ogna. Aquele senhor dos macacos como também Bibishana com seus conselheiros estão rodeados por cem mil shankus, mais cem mil maha-vrindas, cem padmas, cem mil maha-padmas, cem kharvas, um samudra e um maha-ogna, um koti de maha-ognas e mil samudras, e esse Sugriva veio fazer guerra contra ti!

"Poderoso é esse exército que segue o rei dos macacos, que é sempre forte e corajoso. Na presença dessas tropas que parecem um meteoro resplandecente, ó grande rei, te prepara para derrotar o inimigo e toma medidas para evitar a derrota!"

[411] Atiratha: chefe guerreiro.

Capítulo 29 – Ravana envia novos espiões

Vendo aqueles mais notáveis dos líderes macacos apontados por Shuka – o valente Lakshmana, o braço direito de Rama, o seu próprio irmão Bibishana permanecendo perto de Raghava, o rei de todos os macacos, Sugriva, de bravura extrema, o heroico Angada, neto do portador do raio, o poderoso Hanuman e os invencíveis Jambavan, Sushena, Kumuda, Nila e Nala, aqueles modelos de perfeição entre os macacos, Gaja, Gavaksha, Sharabha, Mainda e Dvivida – Ravana, com o coração agitado, ficou furioso e começou a investir contra aqueles dois heróis, Shuka e Sarana, que haviam completado seu relatório.

Em uma voz estrangulada de fúria, ele os oprimiu com críticas enquanto eles estavam de cabeça baixa diante dele, dizendo:

"Em verdade não é apropriado que tais palavras desagradáveis sejam proferidas por servos leais ao seu rei que tem o poder de infligir punição ou recompensa. É inapropriado que vocês cantem os louvores do inimigo pertencente a uma raça estranha que veio aqui para me atacar! Em vão vocês se sentaram aos pés de seus superiores, preceptores espirituais e idosos, já que as tradições essenciais das escrituras não governam suas vidas ou, se vocês as absorveram, não têm se lembrado delas; vocês estão sobrecarregados de ignorância! Tendo tais servos pouco inteligentes como vocês, é um milagre que eu ainda seja capaz de empunhar o cetro. Vocês não têm medo da morte que se atrevem a se dirigir a mim assim insolentemente, eu, cuja língua dispensa o bem e o mal?

"Mesmo em contato com o fogo as árvores da floresta podem permanecer de pé, mas um malfeitor não pode escapar da condenação de seu soberano! Se a lembrança de seus serviços passados não abrandasse a minha ira, eu certamente os puniria por morte patifes miseráveis, que celebram dessa maneira os louvores dos meus adversários.

"Vão embora! Saiam daqui, deixem a minha presença! Tendo em conta os seus serviços passados eu não os condenarei à morte. Vocês já estão mortos, criaturas ingratas, uma vez que não têm devoção por mim!"

Ouvindo essas acusações, que os cobriram de confusão, Shuka e Sarana prestaram reverência a Ravana, dizendo: "Sê vitorioso!" e se retiraram.

Então Dashagriva disse a Mahodara que estava ao lado dele: "Traze-me outros emissários rapidamente!"

A esse comando, aquele vagueador noturno, Mahodara, sem demora convocou espiões e esses, se apresentando com toda pressa perante o rei, o saudaram com as palmas unidas e expressaram seu desejo de vê-lo vitorioso.

Então Ravana, o senhor dos titãs, disse aos agentes que eram cheios de confiança, coragem e zelo e estavam sem medo:

"Vão e descubram os planos de Rama, quem são seus ministros e quem está mais próximo dele em conselho e amizade, quais são suas horas de sono e de vigília e o que ele pretende fazer em seguida.

"Um monarca sábio que descobre tudo o que diz respeito ao seu adversário através de seus espiões precisa se esforçar somente a um grau moderado para vencer seu inimigo no campo de batalha".

"Que assim seja!", responderam os emissários cheios de alegria e, colocando Shardula à sua frente, eles honraram seu soberano por circungirá-lo. Tendo prestado reverência àquele poderoso senhor dos titãs, aqueles espiões partiram para onde Rama e Lakshmana podiam ser encontrados.

Partindo disfarçados eles observaram Rama, Lakshmana, Sugriva e Bibishana perto da montanha Suvela. Contemplando aquele exército eles foram tomados de terror e, enquanto estavam lá, o príncipe justo dos titãs, Bibishana, os reconheceu e os prendeu, mas apenas Shardula foi mantido prisioneiro, Bibishana dizendo: "Este é o traidor!"

Rama, entretanto libertou Shardula também, que estava sendo atormentado pelos macacos, já tendo, em sua compaixão, dado aos outros titãs sua liberdade.

Espancados por aqueles macacos impetuosos e ágeis eles voltaram para Lanka, gemendo e fora de si; e aqueles emissários, valentes viajantes da noite, que estavam acostumados a penetrar no território inimigo, voltaram a Dashagriva e o informaram de que o exército de Rama estava acampando na vizinhança da montanha Suvela.

Capítulo 30 – Shardula dá um relato de sua missão para Ravana

Os espiões do rei de Lanka o informaram que Rama estava acampando com seu grande exército perto do monte Suvela e, ao ouvir deles sobre a aproximação de Rama à frente de um vasto exército, ele ficou perturbado e disse a Shardula:

"Tu pareces estar abatido o que é estranho à tua natureza, ó viajante noturno! É possível que tenhas caído vítima daqueles macacos selvagens?"

Assim questionado por aquele tigre entre os titãs, Shardula, tremendo de medo, respondeu com uma voz fraca, dizendo:

"Ó rei, é impossível espionar aqueles leões entre os macacos, que são cheios de energia e coragem e protegidos por Raghava, nem se pode interrogá-los para descobrir qualquer coisa! Por todos os lados os acessos são guardados por macacos tão grandes quanto colinas.

"Mal eu tinha penetrado em suas fileiras quando fui reconhecido e agarrado à força e interrogado de todas as maneiras por aqueles macacos, que me atacaram com seus joelhos, punhos, dentes e as palmas de suas mãos; depois fui levado através do exército inteiro por aqueles macacos impiedosos que, tendo me desfilado em todos os lugares, me levaram à presença de Rama, exausto e confuso, com meus membros cobertos de sangue e ferimentos. Eles queriam me matar, apesar das minhas súplicas feitas com as palmas unidas, quando, felizmente eu fui salvo por Rama, que gritou: 'Parem!' 'Parem!'

"Aquele príncipe que encheu o mar com rochas e penhascos está acampado às portas de Lanka, bem equipado com armas, com suas tropas dispostas na forma de Garuda[412] e ele está cercado de macacos por todos os lados. Antes que ele chegue às muralhas, faze uma coisa ou outra com toda velocidade, ou devolve Sita para ele imediatamente ou dá-lhe combate!"

Tendo refletido sobre o que acabara de ouvir, o rei dos titãs, Ravana, deu esta resposta significativa:

"Mesmo que os deuses, gandharvas e danavas estivessem organizados contra mim e todo o mundo estivesse em perigo, eu não devolveria Sita".

Então aquele extremamente poderoso acrescentou:

[412] Em formação de águia expandida.

"Tu exploraste as fileiras de seu exército, quem são os guerreiros entre os Plavamgamas? Qual é a extensão da sua coragem? Quem são esses macacos invencíveis? Eles são filhos e netos de quem? Dize-me a verdade, ó amigo fiel!"

Assim interrogado, Shardula, o mais hábil dos enviados, começou a falar desta maneira na presença de Ravana:

"Primeiro há o filho de Rikhsharajas, invencível em guerra, ó rei, e o filho de Gadgada. Segue-se outro filho de Gadgada e o filho do preceptor espiritual de Shatakratu, o pai do macaco que matou tantos titãs. Então vem o virtuoso Sushena, o valente filho de Dharma, então Saumya nascido de Soma, ó rei, e o macaco Dadimukha, e Sumukha, Durmukha e Vegadarshin, iguais a Mrityu, a quem Swyambhu antigamente gerou na forma de macacos, e ainda há o próprio grande Nila, o filho do portador das oferendas sacrificais,[413] e o filho do vento, Hanuman. Então há o neto de Shakra, o jovem, invencível e corajoso Angada, e Mainda e Dvivida que são ambos valentes e iguais aos Ashvins. Cinco são os filhos de Vivasvata que parece o Tempo como o Destruidor, Gaja, Gavaya, Gavaksha, Sharabha e Gandhamadana.

"Há dez kotis de macacos cheios de bravura e ardor marcial e eu fui incapaz de contar o restante daqueles afortunados filhos dos deuses.

"Aquele filho de Dasaratha com o corpo de um leão, aquele jovem, Rama, a quem ninguém no mundo pode ser comparado em valentia, matou Dushana, Khara, Trishiras e Viradha que caíram sob seus golpes, como também Kabandha, que era igual a Antaka. Ninguém é capaz de descrever as qualidades de Rama por quem os titãs que foram para Janasthana foram mortos.

"Lá também está o virtuoso Lakshmana semelhante ao principal dos elefantes, Matanga, no caminho de cujas flechas o próprio Vasava não poderia sobreviver! Estão lá também Shveta e Jyotirmukha, ambos nascidos de Bhashkara e o filho de Varuna, o macaco Hemaketu. O filho heroico de Vishvakarma, o principal dos macacos, Nala, e o filho impetuoso de Vasu, Durdhara.

"Finalmente, está lá aquele príncipe dos titãs, o teu irmão Bibishana, a quem Rama conferiu a cidade de Lanka como recompensa por sua devoção. Assim eu descrevi todo o exército de macacos posicionado no monte Suvela; tu deves, portanto, decidir o que resta a ser feito!"

Capítulo 31 – Ravana engana Sita sobre a morte de Rama

Enquanto isso os espiões do rei espalharam a notícia em Lanka de que Raghava estava acampado com suas tropas poderosas no monte Suvela.

Ravana, que soube, através de seus emissários, da chegada de Rama à frente de um vasto exército, um pouco perturbado, disse aos seus atendentes:

"Que todos os ministros se reúnam aqui imediatamente! Ó titãs, chegou o momento de trocarmos ideias em conjunto".

A essa ordem, seus conselheiros se reuniram imediatamente e ele entrou em conferência com aqueles titãs leais, então, tendo devidamente deliberado com eles a respeito das medidas imediatas a serem tomadas, Durdharsha[414] dispensou todos eles e voltou para sua residência.

[413] O deus do fogo.
[414] Durdharsha: um nome dado a Ravana significando 'Temível, Inaproximável'.

Levando com ele o titã Vidyujjihva, um mago poderoso e habilidoso, ele voltou seus passos para o lugar onde Maithili podia ser encontrada. Então o rei dos titãs disse a Vidyujjihva, que era proficiente em magia:

"Com teus feitiços, cria uma ilusão para enganar a filha de Janaka! Produze uma cabeça parecida com a de Raghava e um arco poderoso, com suas flechas ajustadas, e então te apresenta diante de mim!"

A esse comando, aquele vagueador noturno, Vidyujjihva, respondeu "Que assim seja" e exibiu seus poderes como um mago, após o que Ravana, satisfeito, concedeu-lhe vestes valiosas.

Em sua impaciência para ver Sita mais uma vez, aquele poderoso monarca dos Nairritas entrou no bosque de Ashoka e o irmão mais novo de Dhanada viu aquela desafortunada que não merecia seu destino, de cabeça baixa, mergulhada em aflição, deitada no chão do bosque de Ashoka para onde ela tinha sido banida, absorta em pensar em seu marido, com mulheres titãs hediondas sentadas não muito distantes dela.

Então Ravana, aproximando-se, demonstrou sua satisfação e se dirigiu àquela filha de Janaka em tons confiantes, dizendo:

"Ó bela, aquele em quem tu confiaste na época em que me repeliste quando eu procurava te consolar, aquele assassino de Khara, o teu consorte Raghava, foi morto em combate. As tuas raízes estão completamente cortadas e o teu orgulho foi humilhado por mim; em consequência da calamidade que te alcançou, tu és minha! Abandona a tua resolução, portanto, o que tu farás com um morto? Ó bela, torna-te a rainha chefe sobre todas as minhas consortes, tu que até agora tens desfrutado de tão pouca felicidade, tu que estás sem recursos! Ó tola, que te achas sábia, ouve como, semelhante à destruição de Vritra, o teu senhor foi morto!

"Para me destruir, Raghava desceu na margem do mar rodeado por um vasto exército reunido pelo rei dos macacos. Tendo percorrido a costa norte com as suas grandes legiões, Rama levantou acampamento quando o sol se pôs. Mandando meus espiões fazerem um reconhecimento, eles chegaram àquela hoste posicionada lá vencida pelo cansaço, profundamente adormecida à meia-noite.

"Sob o comando de Prahasta, as minhas grandes tropas os destruíram durante a noite e Rama e Lakshmana estavam entre eles. Os titãs, empunhando arpões, maças, discos, adagas, bastões, grandes flechas, lanças, kutamudgaras brilhantes, picaretas, chuços, dardos, mós, armas maciças e uma saraivada de mísseis, fizeram uso deles repetidamente para derrotar os macacos. Em seguida, o impetuoso Prahasta com a mão firme cortou a cabeça do príncipe adormecido com sua espada.

"Bibishana, que estava vagando sem rumo, foi capturado enquanto Lakshmana e os macacos guerreiros fugiam em todas as direções. Sugriva, o rei dos Plavagas, teve seu pescoço quebrado, ó Sita; Hanuman da mandíbula fraturada foi morto pelos titãs. Jambavan, enquanto tentava se erguer de seus joelhos pereceu na luta corpo-a-corpo como uma árvore cortada a machadadas, perfurado por inúmeros arpões. Mainda e Dvivida, aqueles dois grandes flageladores de seus inimigos, os principais dos macacos, gemendo e sem fôlego, com seus membros banhados em sangue foram cortados em pedaços pela espada, e Panasa, gritando por auxílio, foi atirado ao chão sob uma árvore do mesmo nome. Perfurado por incontáveis narachas, Darimukha está jazendo em uma cova e o extremamente valente Kumuda morreu gritando, sob uma chuva de mísseis. Angada, atacado por todos os lados por titãs, perfurados por inúmeras setas, vomitando sangue, caiu por

terra e os próprios macacos foram esmagados por elefantes e ceifados como nuvens diante do vento.

"O inimigo fugiu aterrorizado sob os ataques dos titãs, que seguiram em seus calcanhares como leões perseguindo grandes elefantes. Alguns se lançaram ao mar, outros se refugiaram no céu; os ursos com os macacos subiram nas árvores enquanto os titãs de olhar feroz causavam uma grande carnificina entre os Pingalas no meio das rochas e bosques nas margens do oceano. Foi assim que o teu consorte pereceu com suas tropas! Aqui está a sua cabeça, que foi recolhida, pingando sangue e coberta de poeira!"

Então o abominável Ravana, o senhor dos titãs, disse às titânides na audição de Sita:

"Tragam aqui Vidyujjihva de atos cruéis, que trouxe ele mesmo a cabeça de Raghava de volta do campo!"

Então Vidyujjihva, segurando a cabeça e o arco, curvou-se diante de Ravana, após o que o rei disse àquele titã Vidyujjihva de língua comprida, que estava na frente dele:

"Que Sita contemple rapidamente a cabeça do filho de Dasaratha de modo que ela possa ver claramente o triste fim de seu senhor".

Após essa ordem, o titã jogou a cabeça estimada aos pés de Sita e foi embora imediatamente. Ravana, no entanto, brandindo aquele arco grande e brilhante, gritou:

"Aqui está o arco de Rama famoso nos três mundos! Esse é o arco com sua corda esticada pertencente a Rama que Prahasta trouxe do campo depois que ele matou aquele herói à noite!"

Falando assim, ele lançou o arco no chão, perto da cabeça, que tinha sido jogada por Vidyujjihva, e depois ele se dirigiu àquela ilustre filha do rei de Videha, dizendo:

"Agora te submete ao meu desejo!"

Capítulo 32 – O desespero de Sita

Vendo aquela cabeça e o arco maravilhoso e se lembrando da aliança com Sugriva da qual Hanuman tinha falado; vendo aqueles olhos e a cor do rosto semelhantes à de seu senhor e as madeixas na franja das quais uma joia brilhava na testa, todos esses sinais que a convenceram de seu infortúnio, aquela mulher infeliz começou a investir contra Kaikeyi e a gritar como uma águia-pescadora, exclamando:

"Descansa contente, ó Kaikeyi! Ele que era a alegria da sua Casa está morto, e por tua causa toda a linhagem pereceu, ó semeadora de discórdia! O que o nobre Rama alguma vez fez para Kaikeyi que ela teve que presenteá-lo com um manto de pelo e enviá-lo para a floresta?"

Falando assim, Vaidehi começou a tremer e aquela jovem asceta caiu ao chão como uma bananeira cortada pelas raízes. Depois de um tempo aquela mulher jovem de olhos grandes, recuperando o fôlego e a consciência, aproximou-se da cabeça e entregou-se à lamentação, gritando:

"Ai de mim! Eu estou perdida! Ó guerreiro de grandes braços, fiel ao teu voto heroico, sem ti, eu caí na mais baixa profundeza da calamidade. É dito que para uma mulher a morte de seu marido é o maior dos infortúnios! Consorte virtuoso de

uma companheira fiel, tu me precedeste na morte! Eu caí no último extremo e estou imersa em um oceano de tristeza, já que tu foste abatido, tu que de outro modo terias te erguido para me libertar! A minha sogra, Kaushalya, que cuidou de ti ternamente, tu, seu filho Raghava, agora parece uma vaca que perdeu seu bezerro. Aqueles que se gabam de que eles podem predizer o futuro profetizaram uma vida longa para ti; foram falsas as suas palavras, pois tu mal viveste, ó Rama, ou a prudência por acaso às vezes abandona aqueles que são geralmente prudentes como tu eras, pois o tempo, o mestre de todos os seres, leva tudo à maturidade? Como a morte foi capaz de te roubar de surpresa, ó tu, versado na lei de política e na ciência da oportunidade, que eras tão hábil na defesa contra o mal? Pois tendo me segurado em teus braços aquela cruel e desumana escuridão da morte te roubou da existência pela força, ó de olhos de lótus. Aqui estás tu, jazendo no chão, ó guerreiro de braços longos, tendo me abandonado pela terra, o teu amor mais estimado, ó leão entre os homens! Ó herói, aqui jaz o teu arco dourado tão querido para mim, que eu ungia com perfumes e decorava com guirlandas! Tu estás agora reunido no céu com teu pai Dasaratha, o meu sogro, e todos os teus antepassados, ó príncipe irrepreensível!

"Tu desdenhas te reunir à linhagem santa de rajarishis, que pelo mérito de sua conduta virtuosa tomaram seus lugares entre as constelações. Por que tu não olhas para mim, ó rei? Por que tu não falas comigo, eu, tua esposa, que uni a minha juventude à tua? Tu não recordas a promessa feita a mim quando, segurando a minha mão na tua, tu disseste 'Eu serei teu companheiro?' Ó Kakutstha, me leva contigo, infeliz que eu sou!

"Por que, deixando esse mundo para o outro tu me abandonaste em minha aflição, ó tu, o mais sábio dos sábios? Animais selvagens estão rasgando aquele belo corpo, agora um cadáver, que era antigamente perfumado pelas minhas mãos com essências divinas. Tendo realizado o Agnihotra e outros sacrifícios, acompanhados pela doação de esplêndidos presentes em caridade, como é que tu não és honrado pela realização daquela mesma cerimônia?

"Kaushalya, vítima da dor verá só Lakshmana voltar dos três que foram para o exílio. Após sua pergunta ele a informará da destruição dos teus aliados e como tu foste morto enquanto dormias, ao passo que eu fui levada para o domicílio dos titãs, após o que seu coração vai se partir; Kaushalya não vai sobreviver, ó Raghava! Criatura miserável que sou, é por minha causa que o irrepreensível Rama que é cheio de coragem, tendo atravessado o oceano, pereceu na pegada de uma vaca. Foi em um momento impróprio que o filho de Dasaratha se casou comigo, eu, o opróbrio da minha linhagem, pois, assim, o ilustre Rama se casou com a morte. Sem dúvida em uma existência anterior eu recusei um presente raro,[415] eu que hoje choro por meu senhor, que aqui era querido para todos.

"Ó Ravana, une a esposa com o marido e, sem demora, deixa-me morrer perto de Rama. Junta a minha cabeça com a cabeça dele e o meu corpo com o corpo dele; ó Ravana, deixa-me seguir o caminho do meu senhor magnânimo!"

Assim, em sua dor ardente aquela princesa de olhos grandes, nascida de Janaka, lamentou ao ver a cabeça e arco de seu marido e, quanto Sita estava lamentando assim, um titã, que estava de guarda no portão, correu para seu mestre com as palmas unidas, gritando:

"Que tu sejas vitorioso, ó nobre senhor!" depois disso, se aproximando, ele o informou da chegada de Prahasta, o líder do exército, dizendo:

---

[415] Recusei um presente raro: alguns comentadores interpretam isso como tendo obstruído um casamento.

"Prahasta, acompanhado por todos os ministros, veio aqui te encontrar! Ó monarca poderoso, tu, a quem a responsabilidade da realeza tornou tolerante, concede-lhe audiência, pois alguma decisão urgente deve ser tomada!"

Ouvindo essas palavras do titã, Dashagriva deixou o bosque de Ashoka e foi se juntar aos seus conselheiros. Então, tendo deliberado com eles sobre qual ação adotar, ele entrou na câmara de conselho e emitiu suas ordens de acordo com o conhecimento que possuía das tropas de Rama.

Enquanto isso, no instante em que Ravana havia partido, a cabeça e o arco ilusórios desapareceram.

Então o rei dos titãs, em consulta com seus ministros muito poderosos, decidiu sobre as medidas que ele adotaria contra Rama. Todos os generais dedicados aos seus interesses estavam próximos e Ravana, o senhor dos titãs, se assemelhava à Morte o Destruidor enquanto se dirigia a eles, dizendo:

"Com o rufar de tambores, convoquem todas as tropas sem mais explicação".

"Assim seja" eles responderam obedientes às suas ordens, e imediatamente reuniram o vasto exército e, quando eles estavam todos reunidos, informaram o rei que estava ansioso para lutar.

Capítulo 33 – Sarama consola Sita

Vendo Sita em aflição, aquela querida Vaidehi a quem ela amava com tanta ternura, uma titânide chamada Sarama se aproximou dela e, com palavras gentis, tentou consolá-la, oprimida como ela estava pelo pesar e a angústia nos quais aquele Indra entre os titãs a tinha mergulhado.

A afetuosa Sarama, vendo Sita perturbada, parecendo uma égua, que tendo rolado na poeira tinha acabado de erguer, a tranquilizou e, em sua profunda devoção por aquela princesa virtuosa, disse a ela:

"Aquilo que Ravana proferiu e que tu mesma respondeste foi ouvido por acaso por mim enquanto eu estava escondida no bosque solitário, pois onde tu és a causa eu não tenho medo de Ravana, ó dama de olhos grandes! E eu também soube, através da minha perspicácia, por que o senhor dos titãs saiu daqui com medo, ó Maithili.

"Não é possível pegar o prudente Rama de surpresa durante o sono nem se pode matar o mais notável daqueles familiarizados com o Eu nem é possível acabar com os macacos que lutam com árvores e que estão sob a proteção de Rama como os deuses sob o rei dos celestiais. Com seus braços longos arredondados, aquele arqueiro poderoso de peito largo, cheio de ímpeto, vestido em armadura, que é essencialmente virtuoso e famoso no mundo, com o apoio de seu irmão Lakshmana, sempre soube como defender a si próprio e aos outros; ele, aquele guerreiro ilustre versado na ciência da política e da guerra, o exterminador de batalhões hostis, de coragem inconcebível, não, aquele afortunado Raghava, o flagelo de seus inimigos, não pereceu, ó Sita.

"Perverso em pensamento e ação, aquele tirano que oprime todos os seres fez uso de magia para te enganar. Bane a tua tristeza, uma grande felicidade te espera! Seguramente tu és amada por Lakshmi; agora ouve algumas notícias agradáveis, ó abençoada!

"Tendo atravessado o oceano com seu exército de macacos, Rama veio para a costa sul onde ele acampou. Eu vejo que Kakutstha, que está acompanhado por

Lakshmana, alcançou plenamente o seu propósito, ele está seguro em meio a inúmeros aliados que pararam nas margens do mar.

"Titãs zelosos enviados por Ravana para fazer um reconhecimento lhe trouxeram notícias da travessia do oceano de Raghava. Sabendo disso, ó princesa de olhos grandes, ele realizou um conselho de seus ministros".

Enquanto Sarama, a mulher titã, estava assim conversando com Sita, um clamor terrível vindo dos titãs de gargantas fortes chegou aos seus ouvidos e um grande barulho de gongos golpeados com bastões pode ser ouvido. Então Sarama de fala gentil disse a Sita:

"Ouve o som formidável de gongos golpeados com bastões que parece um trovão. Elefantes inebriados são selados e corcéis atrelados a carros; tropas de combatentes podem ser vistas com dardos em suas mãos montados em seus cavalos, totalmente equipados, correndo para cá e para lá aos milhares. As estradas reais estão obstruídas com soldados maravilhosos de se ver, saltando e rugindo como as ondas do mar. Armaduras brilhantes, placas peitorais, escudos, carruagens, cavalos e elefantes pertencentes aos titãs cheios de ira e coragem, correndo adiante, seguem na esteira de seu rei. Vê como eles lançam flechas de luz de todas as cores. Essa multidão de titãs indica que uma calamidade terrível de arrepiar está prestes a cair sobre eles.

"Rama, o teu consorte, cujos olhos parecem pétalas de lótus, semelhante a Vasava o vencedor dos daityas, vai ganhar-te de volta por matar Ravana em combate por seu heroísmo inimaginável, depois do que, com sua ira aplacada, ele vai te levar para longe. Teu senhor com Lakshmana cairá sobre os titãs como Vasava com Vishnu sobre seus inimigos os daityas. Eu logo te verei no colo de Rama que veio para cá, com todos os teus desejos realizados e o tirano morto em batalha. Lágrimas de alegria cairão dos teus olhos, ó Janaki, quando o teu marido, reunido contigo, te segurar junto ao peito. Em breve, ó divina Sita, aquele poderoso Rama soltará a trança que pende em tuas costas que tu tens usado esses muitos meses.

"Vendo o rosto dele radiante semelhante à lua cheia, ó rainha, tu renunciarás às tuas lágrimas nascidas da aflição, como a cobra rejeita sua pele.

"Tendo destruído Ravana em combate, ele certamente não demorará em te alegrar, ó Maithili, tu, sua amada, para que ele possa desfrutar da felicidade que merece. Abraçada pelo magnânimo Rama, tu serás feliz, assim como o campo aberto produzindo uma colheita sob chuvas abundantes. Agora procura refúgio com ele, ó rainha, aquele sol, o teu porto, que se estende daqui até a mais alta das montanhas, como um corcel que segue rapidamente em seu caminho, ele é o Senhor de todos os seres!"

Capítulo 34 – Sarama espiona os planos de Ravana

Sita, que tinha sido dominada pela tristeza ao ouvir as palavras de Ravana, foi consolada e alegrada por Sarama, como a terra seca pela chuva. Desejando ser de mais serviço para a amiga, a titânide afetuosa, hábil no conhecimento de hora e lugar, sorrindo, começou a falar em termos adequados, dizendo:

"Ó senhora de olhos escuros, eu sou capaz de levar uma mensagem de boa vontade de ti para Rama e retornar secretamente, pois quando estou viajando no

céu, que está estendido sem suporte, nem mesmo Pavana ou Garuda podem seguir em minha esteira".

Assim falou Sarama, e Sita, com sua voz não mais carregada de pesar, respondeu em tons gentis e carinhosos, dizendo:

"Tu és capaz de subir ao próprio céu ou de descer para as regiões mais inferiores. Saibas o que é melhor que tu faças, se a tua intenção é me agradar e a tua determinação é fixa. Eu gostaria de saber o que Ravana está fazendo agora. Aquele mago poderoso, o cruel Ravana, um verdadeiro Ravana[416] para seus inimigos, me tonteou com sua perversidade como vinho bebido recentemente; ele me ameaça constantemente e me insulta incessantemente enquanto titãs de aspecto terrível me cercam; eu sou vítima do terror e o meu espírito está inquieto. Ele me faz tremer de medo nesse bosque de Ashoka onde estou confinada. Se na assembleia houver alguma conversa sobre me libertar ou me manter presa, então me comunica a decisão tomada e tu me prestarás um grande serviço".

Assim falou Sita e Sarama respondeu com voz gentil, enquanto enxugava as lágrimas de seu rosto:

"Se esse é o teu desejo, eu irei imediatamente e quando tiver descoberto o seu plano eu voltarei, ó Maithili, ó filha de Janaka!"

Com essas palavras, ela voltou para onde Ravana estava para ouvir qual decisão ele tinha tomado com seus ministros.

Após ter escutado secretamente e sabido dos planos que aquele canalha perverso tinha feito, ela retornou para o encantador bosque de Ashoka. Ao entrar lá, ela viu a filha de Janaka esperando por ela, como Lakshmi desprovida de seu lótus.

Então Sita abraçou Sarama ardentemente, que havia retornado, e se dirigiu a ela em tons amigáveis, oferecendo-lhe o seu próprio assento, dizendo:

"Descansa à vontade e me dize exatamente tudo o que o implacável Ravana de alma perversa resolveu fazer".

Então Sarama descreveu toda a entrevista de Ravana com seus ministros para a trêmula Sita, dizendo:

"A mãe do rei dos titãs, através de um conselheiro idoso, que é dedicado a ela, insistiu repetidas vezes que eles deveriam deixar Vaidehi ir, dizendo:

"'Que eles devolvam Maithili honrosamente para aquele rei dos homens! Suas façanhas surpreendentes em Janasthana deveriam ser uma lição para ti; qual mortal poderia ter feito a travessia do oceano, a descoberta de Sita por Hanuman e a carnificina dos titãs em combate?'

"Assim o velho ministro e sua mãe o exortaram, mas ele não é mais capaz de desistir do seu tesouro do que um avarento do seu ouro. Ele nunca te libertará a menos que ele seja morto em combate, ó Maithili; tal é a decisão daquele patife perverso tomada com seus conselheiros; impelido pela morte sua determinação é fixa. O medo nunca fará Ravana te deixar ir; nem ele fará isso até que tenha sido derrubado por armas ou todos os titãs e ele próprio tenham sucumbido. Quando ele tiver destruído Ravana com suas setas afiadas em combate, Rama te levará de volta para Ayodhya, ó dama de olhos escuros!"

Naquele momento, os brados de todo o exército misturados com o rufar de tambores e o clangor de trombetas se ergueu e a terra tremeu. Esse tumulto criado pelas tropas de macacos foi ouvido pelos partidários do rei dos titãs, que estavam reunidos em Lanka, e sua coragem esmoreceu. Não vendo nenhuma esperança por conta da ofensa de seu soberano eles estavam mergulhados em desânimo.

---

[416] Ravana: aquele que faz com que outros rujam ou gritem.

Capítulo 35 – Malyavan aconselha Ravana a fazer as pazes

Foi à batida de gongos e ao clangor de trombetas que Rama de braços longos, o conquistador de cidades hostis, se aproximou de Lanka e, ao ouvir esse tumulto, o senhor dos titãs fez uma pausa para refletir e então se dirigiu a seus ministros.

O poderoso Ravana, com uma voz que ressoou pelo salão, começou a depreciar Rama, sua valentia, a força de seus braços e sua travessia do oceano, dizendo:

"Eu ouvi tudo o que é relatado sobre Rama; eu sei também da sua coragem no campo, contudo, ao verem aquele guerreiro valente, agora vocês olham uns para os outros em silêncio!"

Logo após ouvir as palavras de Ravana, cujo avô materno ele era, o titã altamente inteligente Malyavan respondeu-lhe assim:

"Ó rei, o monarca que é versado nas quatorze ciências, que se guia pela política, governa um império por um longo período e vence seus adversários, que conclui a paz ou trava guerra em um momento adequado, faz progredir o seu próprio partido e obtém grande poder. Um monarca deve se aliar a alguém mais forte do que ele ou a um igual; ele nunca deve subestimar um inimigo e se ele for mais poderoso deve guerrear contra ele. Por causa disso eu te conselho uma aliança com Rama e a devolução de Sita que é a verdadeira causa da disputa. Devas, rishis, gandharvas, todos desejam que ele triunfe; não traves guerra, mas decide fazer as pazes com ele!

"O Avô bem-aventurado criou dois caminhos que se baseiam na justiça ou na injustiça, o caminho dos deuses e o caminho dos titãs. A justiça é o caminho dos imortais magnânimos e a injustiça o dos demônios e titãs. Quando a virtude destruiu o mal, era a Era Krita e quando a injustiça consumiu a virtude, o planeta Tishya estava em ascensão e tu, adotando a injustiça, percorreste os mundos destruindo a virtude; é por causa disso que os teus inimigos se tornaram poderosos! A serpente do mal, nutrida pela tua tolice, agora está nos consumindo, enquanto os aliados com os deuses são fortalecidos pela prática da virtude. Um escravo dos sentidos, tudo o que tu empreendes excita a ira dos ascetas, aquelas personificações do deus do fogo cujo poder é tão irresistível quanto as chamas brilhantes. Eles purificam suas almas através de austeridades e encontram satisfação na realização de seu dever. Na verdade, aqueles suas vezes nascidos oferecem sacrifícios excelentes e inumeráveis, acendendo o fogo sagrado de acordo com rituais prescritos; eles recitam os Vedas em voz alta e proferem textos sagrados enquanto subjugam os titãs. Espalhados em todas as direções, como as ondas tempestuosas durante a estação quente, a fumaça, erguendo-se do Agnihotra realizado por aqueles rishis, iguais a Agni, se espalha ao longo dos dez pontos cardeais e diminui a energia dos titãs. Em várias regiões santificadas por suas práticas religiosas, a austeridade abrasadora daqueles ascetas atormenta os titãs.

"Tu recebeste a benção de invencibilidade de devas, danavas e yakshas, mas esses são homens, ursos e golangulas poderosos que, cheios de energia e destreza, estão vindo para cá rugindo como leões. Vendo esses presságios sinistros e formidáveis de todos os tipos, eu prevejo o extermínio total dos titãs. Com um clamor aterrorizante, nuvens monstruosas, inspiradoras de horror, derramam sangue

quente em Lanka por todos os lados. Os animais que puxam as carruagens estão derramando lágrimas. Descoloridos com poeira, os quatro quadrantes já não brilham; serpentes, chacais e abutres estão invadindo Lanka, se reunindo nas praças públicas com gritos terríveis; de pé diante de nós em sonho, mulheres negras como carvão com dentes brancos parecendo Kali irrompem em gargalhadas, pilhando as residências e tagarelando incoerentemente; nas casas, cães devoram as oferendas sagradas e burros nascem de vacas, ratos de mangustos; gatos acasalam com tigres, porcos com cães e kinnaras com os demônios e homens. Pombos de pés vermelhos e brancos, mensageiros da morte, por seu voo pressagiam o extermínio dos titãs; papagaios domesticados, caindo sob o ataque de outras aves, gritam 'Chichikuchi'! Aves e animais selvagens, com seus olhos fixos no sol, gritam! A morte na forma de um monstro humano, deformado, careca e de cor fulva visita as residências sucessivamente. Esses e outros presságios igualmente sinistros aparecem. Raghava de coragem fixa é, eu creio, Vishnu em forma humana; ele sem dúvida não é um mero homem; ele que construiu uma ponte sobre o mar é um ser muito extraordinário! Portanto, ó Ravana, para o teu próprio bem, faze as pazes com Rama que é o rei dos homens".

Tendo falado assim, Malyavan, o mais bravo dos guerreiros, ciente do que se passava na mente de Ravana, olhando-o, ficou silencioso.

Capítulo 36 – Ravana ordena as defesas de Lanka

Dashanana[417] não pode tolerar as declarações salutares de Malyavan e, carrancudo, vítima da raiva, revirando os olhos em fúria, respondeu-lhe assim:

"Eu fechei meus ouvidos ao discurso que fizeste, embora com boas intenções; como tu podes considerar um mero homem como Rama, que está sozinho, sem qualquer apoio, apenas o dos cervos das árvores, rejeitado por seu pai e exilado para a floresta, como da minha altura, eu, o senhor dos titãs, o terror dos deuses? Tu então me consideras desprovido de poder?

"Eu estou perdido em determinar se é inveja da minha destreza ou predileção pelo inimigo que te levou a dirigir tais palavras duras para mim, a não ser que tu desejes me estimular! De fato, qual homem versado na ciência dos Shastras falaria assim duramente para um guerreiro experiente, se não fosse para incitá-lo?

"Tendo raptado Sita da floresta, ela que parece Shri desprovida de seu lótus, por que, por medo, eu a devolveria para Raghava? Tu o verás cair sob os meus ataques no meio dos inúmeros macacos que o cercam. Como Ravana, a quem os próprios deuses não ousam enfrentar em duelo, sentiria medo neste conflito? Eu antes preferiria ser cortado em dois a me curvar diante de alguém! Eu fui assim desde o nascimento, é a minha natureza e inalterável! Mesmo se Rama por algum acaso feliz tenha sido capaz de lançar uma ponte sobre o mar, que grande maravilha há nisso, que tu devas ceder ao terror? É verdade que ele cruzou o oceano com um exército de macacos, mas eu te juro que ele não vai voltar vivo".

Vendo Ravana muito irritado e falando com tal fúria, Malyavan, envergonhado, não respondeu, e devidamente invocando seu sucesso como a cortesia exigia, pediu permissão para se retirar.

---

[417] O de dez faces.

Enquanto isso Ravana, assistido por seus ministros, tendo deliberado sobre o que deveria ser feito, começou a planejar a defesa de Lanka.

Então ele confiou o portão leste ao titã Prahasta e o do sul para os guerreiros Mahaparshwa e Mahodara. No portão oeste ele colocou seu filho Indrajita, um mago poderoso, com uma tropa considerável de titãs e estabeleceu Shuka e Sarana no portão norte, dizendo: "Eu mesmo devo ocupar essa posição também!"

Finalmente, ele mandou o titã Virupaksha, que era cheio de energia e coragem, ocupar o centro da cidade com um grande número de soldados.

Tomando todas as precauções para a segurança de Lanka, aquele touro entre os titãs, sob o domínio do destino, considerou seu propósito realizado. Tendo feito preparativos para a defesa da cidade, ele dispensou seus ministros e recebeu as aclamações da assembleia, depois do que ele entrou em seus aposentos internos suntuosos.

Capítulo 37 – Rama faz seus planos para o ataque

Enquanto isso aquele rei dos homens, o soberano dos macacos, o filho do vento, Jambavan o rei dos ursos, o titã Bibishana com o filho de Bali Angada e Saumitri, o macaco Sharabha, também Sushena e seus parentes Mainda e Dvivida, Gaja, Gavaksha, Kumuda, Naja e Panasa, todos tendo chegado ao território do inimigo, se reuniram para trocar ideias entre si.

Eles disseram: "Lá sob os nossos próprios olhos está a cidade de Lanka defendida por Ravana, inexpugnável até mesmo para os deuses e asuras junto ou os uragas e gandharvas. Vamos deliberar quanto aos meios a adotar que irão garantir o sucesso da nossa expedição, para penetrarmos no retiro eterno de Ravana, o rei dos titãs".

A isso, o irmão mais novo de Ravana, Bibishana, proferiu estas palavras que eram justas e irrepreensíveis: "Anala, Panasa, Sampati e Pramati foram para Lanka de onde eles retornaram. Assumindo a forma de aves, todos os quatro entraram naquela fortaleza hostil e estudaram as medidas tomadas por Ravana de perto. Eu darei um relatório detalhado como foi dado a mim das defesas organizadas por aquele canalha perverso; ó Rama, ouve-me!

"No portão leste, Prahasta está posicionado com sua divisão; no portão sul estão os guerreiros Mahaparshwa e Mahodara; Indrajita está no portão oeste onde ele está no comando de uma tropa considerável armada com arpões, espadas, arcos, lanças e martelos. O filho de Ravana tem milhares de guerreiros sob o seu comando, segurando lanças nas mãos, equipados com armas de todos os tipos.

"Apreensivo, vítima de grande ansiedade, Ravana, versado nas fórmulas sagradas, está ele próprio posicionado com os titãs no portão norte. Quanto a Virupaksha, ele, com um forte destacamento armado com lanças, clavas e arcos ocupa o centro da cidade.

"Tendo visto essas hostes assim distribuídas, os meus espiões partiram com toda pressa e retornaram novamente. Os elefantes totalizam cerca de dez mil, a cavalaria de vinte mil e há mais de um milhão de soldados de infantaria. Resistentes e vigorosos, esses guerreiros intrépidos sempre foram os favoritos de seu soberano; cada um dos generais titãs, quando em campanha, comanda um milhão de soldados, ó senhor de homens".

Tendo transmitido essas informações sobre a cidade, o poderoso Bibishana trouxe seus enviados diante de Rama e aqueles titãs confirmaram tudo o que era conhecido sobre Lanka. Depois disso o irmão mais novo de Ravana, em seu desejo de agradar Raghava, dirigiu-se a ele de olhos de lótus mais uma vez, dizendo:

"Ó Rama, quando Ravana guerreou contra Kuvera, sete milhões de soldados o acompanharam. Por vigor, ousadia, energia, extremo poder de resistência e orgulho, eles se igualavam ao seu rei perverso. Não há questão aqui de eu desejar agitar-te pelo que eu disse, mas um desejo de incitar a tua indignação, e não os teus medos, pois em heroísmo cavaleiresco tu és igual aos próprios deuses. Tendo estabelecido essas tropas de macacos em formação de combate, tu destruirás Ravana com o teu grande exército composto por quatro angas[418] que te rodeiam".

Bibishana tendo falado dessa maneira, Raghava deu suas ordens para o ataque, dizendo:

"No portão leste, Nila, aquele leão entre os macacos, deve combater Prahasta com sua incontável infantaria, e que o filho de Bali, Angada, à frente de uma forte divisão, afaste Mahaparshwa e Mahodara do portão sul; aquele filho do vento, cujo valor é imensurável, penetrará na cidade com suas grandes tropas.

"Eu me reservo o direito de matar o rei cruel dos titãs, que devido à bênção que recebeu gosta de oprimir os daityas e danavas como também os rishis magnânimos e que percorre os mundos perseguindo todos os seres. Com o auxílio de Saumitri eu vou forçar uma entrada através do portão norte e seguir na esteira de Ravana e seu exército. Que o poderoso Indra entre os macacos, o valente rei dos ursos e o irmão mais novo do senhor dos titãs ocupem a posição central.

"Os macacos não devem assumir forma humana na luta pois, quando estivermos lutando nas fileiras, a forma de macaco deve servir como um sinal de reconhecimento entre nós. Sete atacarão o inimigo em forma humana, eu, meu irmão Lakshmana, que é cheio de coragem, meu amigo Bibishana e seus quatro companheiros".

Tendo dito isso para Bibishana para o sucesso da empreitada, Rama, no papel de um líder sábio, decidiu ficar no monte Suvela cujas encostas encantadoras ele tinha observado.

Posteriormente à frente de seu grande exército que se espalhava sobre a terra, o magnânimo Rama partiu para Lanka com uma atitude alegre e exultante, decidido a destruir seu inimigo.

Capítulo 38 – A subida do monte Suvela

Tendo resolvido permanecer no monte Suvela, Rama, seguido por Lakshmana, dirigiu-se a Sugriva e também a Bibishana o viajante noturno, que era cheio de integridade, devoção, sagacidade e experiência e, em tons de grande brandura e nobreza disse:

"Vamos subir o monte Suvela, aquele rei de picos e platôs, cheio de centenas de veios metálicos, para passarmos a noite lá. Então seremos capazes de examinar Lanka, o retiro daquele titã, aquele patife que raptou minha consorte para sua própria destruição! Ele não tem respeito pela justiça, virtude nem pela honra de sua Casa, ele que, em consequência da sua natureza vil, cometeu esse ato hediondo".

---

[418] Angas: literalmente membros, provavelmente divisões.

Assim refletindo e criticando Ravana, Rama se aproximou do monte Suvela com suas encostas deslumbrantes e começou a subida. Atrás dele vinha Lakshmana, orgulhoso do seu grande valor, alerta, levando seu arco e flechas e Sugriva, que com seus ministros e Bibishana escalava a montanha também. Aqueles percorredores das colinas saltavam com a velocidade do vento subindo de cem lados ao mesmo tempo nos passos de Raghava e não levaram muito tempo para chegar ao cume.

De lá eles observaram aquela cidade esplêndida com seus maravilhosos portões fechados em muralhas magníficas, como se suspensa no ar; assim Lanka, cheia de guerreiros, apareceu para aqueles líderes macacos e, de pé sobre aquelas muralhas notáveis, os titãs de cor escura pareciam um segundo muro aos olhos dos principais macacos. Vendo-os, os macacos, na presença de Rama, ansiosos para lutar, redobraram seus gritos.

Enquanto isso, o sol, tingido com os fogos do crepúsculo, se moveu para o oeste, e a noite, iluminada pela lua cheia, se aproximou. Então Rama, o líder do exército de macacos, tendo trocado saudações com Bibishana, se estabeleceu alegremente no leito do monte Suvela com os líderes dos macacos.

Capítulo 39 – A descrição de Lanka

Tendo passado a noite no monte Suvela, os valentes macacos generais examinaram os bosques e arvoredos de Lanka e observando que eles eram tão extensos, agradáveis, aprazíveis, grandes e largos, maravilhosos de se ver, eles foram tomados de admiração.

Champakas, Ashokas, Bakulas, Salas e Talas eram abundantes; Tamalas, Hintalas, Arjunas, Nipas, Saptaparnas em plena floração, Nagas, Tilakas, Karnikaras e Patalas cresciam por todos os lados. As árvores com seus topos floridos, em torno das quais trepadeiras magníficas se entrelaçavam, davam a Lanka uma aparência brilhante que ela devia também aos limites plantados com diversas flores e botões vermelhos e delicados como também inúmeras avenidas sombreadas. As flores e frutos fragrantes com os quais as árvores estavam carregadas as faziam parecer homens adornados com joias ou o deslumbrante Chaitaratha, análogo aos jardins de Nandana, um bosque verde resplandecente em todas as estações, cheio de abelhas fervilhantes e brilhante com beleza. Então os macacos valentes capazes de mudar de forma à vontade entraram naqueles bosques frequentados por aves aquáticas inebriadas de amor e com as abelhas, onde os ramos das árvores estavam cheios de cucos e ressoavam com as notas do picanço e o grito da águia-pescadora e, quando eles entraram lá, uma brisa impregnada com o cheiro de flores soprou como um hálito fresco.

Enquanto isso alguns dos líderes irromperam das fileiras de macacos e, com a permissão de seu príncipe, se aproximaram daquela cidade pavimentada. Aterrorizando as aves, cervos e elefantes, eles abalaram Lanka com seu rugido, notáveis como eles eram em gritar e, em seu imenso ardor, eles pisotearam a terra de modo que a poeira ergueu-se em nuvens sob seus pés.

Ursos, leões, búfalos, elefantes selvagens, antílopes e pássaros, alarmados pelo barulho, se espalharam pelos dez pontos do horizonte.

A montanha Trikuta tinha um topo extremamente alto que parecia para tocar os céus; ela era coberta de flores, brilhante como ouro, de cem léguas de extensão,

imaculada, graciosa de se ver, regular, inacessível em altura até mesmo para as aves e não podia ser escalada nem em pensamento, muito menos na realidade; foi nesse promontório que Lanka foi construída da qual Ravana era a rodovia.

Com dez léguas de largura, vinte de comprimento, com seus portões altos que pareciam nuvens brancas e suas muralhas de ouro e prata, ela era uma verdadeira maravilha! Palácios e templos eram a decoração daquela cidade, como nuvens no fim do verão são para a região de Vishnu que se encontra entre a terra e o céu.

Em Lanka, um edifício de mil pilares construído artisticamente, semelhante ao pico de Kailasha que parecia lamber o firmamento, podia ser visto. Esse era o retiro do Indra dos titãs e o ornamento da cidade, vigiado constantemente por uma centena de titãs. Arrebatadora com seu ouro, as montanhas serviam como sua decoração e ela era deslumbrante com seus parques ricos e muitas praças ressoando ao canto de aves de todos os tipos, frequentada por cervos, coberta com várias flores, habitada por titãs de todas as classes, e aquela cidade opulenta de imensos recursos se assemelhava às regiões celestes.

Vendo aquela capital auspiciosa, o irmão mais velho valente de Lakshmana foi tomado de admiração, e Rama com seu vasto exército contemplou aquela fortaleza cheia de tesouros, abastecida abundantemente, enfeitada com palácios, extremamente forte, com suas potentes máquinas de guerra e portões sólidos.

Capítulo 40 - O combate extraordinário entre Sugriva e Ravana

Então Rama, acompanhado por Sugriva e seus líderes macacos, subiu ao topo do monte Suvela que tinha uma circunferência de duas léguas; lá ele parou por algum tempo, examinando os dez pontos cardeais e seu olhar caiu sobre Lanka, que era deslumbrante com seus bosques encantadores que tinha sido construída por Vishvakarma no cume da montanha Trikuta.

Lá além de um portão estava o invencível senhor dos titãs, chanwaras brancos sendo abanados acima dele e o guarda-sol triunfal indicando a sua posição. Ungido com pasta de sândalo vermelho, adornado com ornamentos escarlates, ele estava vestido em traje bordado com ouro e parecia uma nuvem escura. As cicatrizes dos ferimentos, infligidos a ele por Airavata com suas presas, marcavam seu peito, e ele estava envolto em um manto da cor do sangue de lebre, de modo que ele se parecia com uma nuvem tingida com as tonalidades do pôr do sol.

O Indra dos macacos o viu como Raghava também e, ao vê-lo, Sugriva, reunindo sua força, em um impulso de fúria saltou de repente do cume da montanha e desceu no portão. Por um momento ele fez uma pausa, então, com alma destemida ele olhou para aquele titã a quem considerava como uma mera palha e então se dirigiu a ele rudemente, dizendo:

"Eu sou o amigo do protetor dos mundos, Rama; pela graça daquele rei dos reis tu não me escaparás hoje".

Falando assim subitamente ele pulou em cima dele e, tirando seu diadema brilhante, o jogou no chão.

Ao vê-lo prestes a avançar nele novamente, aquele viajante noturno disse-lhe:

"Sugriva tu eras desconhecido para mim, agora serás Hinagriva".[419]

---

[419] Sugriva significando 'de pescoço belo' e Hinagriva 'sem pescoço'.

Falando assim, ele lançou-se sobre ele e com seus dois braços o arremessou ao chão. Saltando para cima como uma bola, aquele macaco golpeou seu adversário por sua vez e transpiração irrompeu nos membros de ambos, e seus corpos estavam vermelhos de sangue; cada um agarrou-se ao outro, paralisando os movimentos de seu oponente, e eles pareciam as árvores Shalmali e Kimshuka.

Então vieram golpes e bofetadas com as mãos e os braços e uma luta indescritível começou entre os dois reis poderosos, os senhores dos titãs e dos macacos. Duro e longo foi o combate entre aqueles dois campeões valentes no portão, cada um por sua vez erguendo o outro, agachando-se e mudando suas posições, passando rasteira um no outro e derrubando um ao outro, acotovelando um ao outro, socando os membros um do outro, e, caindo entre as árvores Sala e o fosso, eles saltavam novamente, parando um instante para recuperar o fôlego. Então, com os braços entrelaçados como cordas, eles permaneciam travados juntos, contorcendo-se e furiosos, cheios de habilidade e energia, movendo-se para lá e para cá. Como um leão e um tigre ou dois elefantes jovens, com suas presas recém-crescidas, examinando um ao outro, com os braços entrelaçados e segurando um ao outro, eles caíram juntos no chão. Depois disso, levantando-se, eles se atiraram um sobre o outro de novo, circulando em volta da arena repetidas vezes, como lutadores hábeis e poderosos e não ficavam fatigados facilmente. Semelhantes a grandes elefantes, com seus braços enormes parecendo trombas, eles agarravam um ao outro firmemente. Circulando em volta várias vezes naquele duelo que era longo e feroz, eles pisoteavam a terra e, se aproximando um do outro, como dois gatos selvagens brigando por um pedaço de carne, cada um tentava matar seu adversário. Assumindo diversas posturas, descrevendo inúmeras evoluções, correndo como a urina de um boi, parando, indo e vindo, eles executaram uma miríade de diferentes movimentos; pisando para um lado, fazendo fintas, torcendo-se para evitar um golpe, voltando-se, lançando-se para o ataque, cada um se jogando sobre o seu oponente, permanecendo firme e ereto, separando-se, apresentando as costas e o flanco, preparando-se para saltar, soltando ou escapando, assim Sugriva e Ravana, para a sua máxima satisfação, multiplicaram aqueles feitos nos quais eles se destacavam.

Entrementes o titã recorreu à magia e quando o rei dos macacos percebeu isso ele voou para o céu triunfante, livrando-se de toda a fadiga enquanto Ravana, dominado pela exaustão, respirando pesadamente, confundido pelo rei dos macacos, ficou frustrado.

Assim o senhor dos macacos, adquirindo fama como um guerreiro, tendo cansado Ravana em combate, subiu para o azul infinito com a rapidez do pensamento, e aquele filho do sol, tendo conseguido esse feito, encantado, voltou ao exército, honrado pelos líderes dos macacos, aumentando assim a alegria do principal dos Raghus.

Capítulo 41 – Rama envia Angada a Ravana

Vendo-o carregando as marcas da bravura, o irmão mais velho de Lakshmana, Rama, abraçando-o, disse a Sugriva:

"Sem me consultar tu agiste assim imprudentemente; tal temeridade não convém em um rei. Pela tua imprudência tu me causaste grande ansiedade como também ao exército e a Bibishana! Ó guerreiro, tu és apaixonado por atos de

ousadia! Não ajas assim no futuro, ó vencedor de teus inimigos! Se tu tivesses sofrido algum infortúnio, de que me valeriam Sita ou Bharata ou meus irmãos mais novos, Lakshmana ou Shatrughna?

"Ó valente flagelo de teus inimigos, se tu não tivesses voltado, embora eu esteja familiarizado com o teu valor, esta era a minha resolução fixa: tendo destruído Ravana em luta com seus filhos, tropas e carros, eu teria instalado Bibishana como rei de Lanka, permitido que Bharata ascendesse ao trono e renunciado à minha vida, ó grande príncipe".

A essas palavras de Rama, Sugriva respondeu, dizendo:

"Ao ver aquele que raptou a tua consorte, ó bravo descendente de Raghu, consciente da minha própria força, como eu poderia ter agido de outra forma?"

Assim falou aquele guerreiro, e Raghava, tendo-o elogiado, se dirigiu a Lakshmana que era dotado de marcas auspiciosas, dizendo:

"Além destas águas frescas e árvores carregadas de frutos, vamos dividir e organizar nossas tropas, ó Lakshmana! Eu prevejo uma terrível calamidade pressagiando destruição universal e morte para os intrépidos ursos, macacos e titãs. Ventos fortes sopram, a terra treme e as montanhas estremecem; árvores se espatifam no solo, nuvens sinistras semelhantes a aves de rapina ribombam de modo aterrador e derramam chuva misturada com sangue; o crepúsculo, vermelho como sândalo, é cheio de horror e do sol, um círculo flamejante cai. Animais e aves selvagens emitem gritos frenéticos e estão pouco à vontade; suas vozes e aspecto feroz os privam de sua beleza. À noite, a lua, despojada de seu esplendor, rodeada de raios pretos e ígneos, arde vermelha, como na época da destruição do mundo. Uma borda fina escura e sinistra de tonalidade acobreada é vista em torno do sol e em sua superfície uma marca negra aparece, e aquele orbe não se aproxima de quaisquer outros planetas como é habitual, tudo o que prefigura a dissolução final do mundo.

"Vê, ó Lakshmana, como corvos, águias e abutres estão voando baixo, circulando rapidamente, emitindo gritos agudos e lúgubres! A terra convertida em lama e sangue será coberta com rochas, lanças e dardos arremessados pelos macacos e titãs! Hoje mesmo, rodeados pelos macacos por todos os lados, vamos fazer um ataque a essa fortaleza defendida por Ravana".

Tendo falado assim para Lakshmana, seu irmão mais novo, aquele guerreiro poderoso desceu rapidamente do cume da montanha e, chegando à parte mais baixa daquela colina, o virtuoso Raghava inspecionou seu exército, que era invencível para o inimigo. Então, a hora tendo chegado, Rama, que estava familiarizado com o momento adequado para agir deu o sinal para avançar e, em um momento auspicioso, com arco na mão, ele se voltou para Lanka.

Bibishana, Sugriva, Hanuman, Nala, Jambavan o rei dos ursos, como também Nila e Lakshmana seguiram, e atrás deles o poderoso exército de ursos e macacos, cobrindo uma vasta extensão de terra, se lançaram na esteira de Raghava. Centenas de rochas e árvores enormes serviam como armas para aqueles macacos, realmente os conquistadores de seus inimigos, que pareciam elefantes.

Logo os dois irmãos, Rama e Lakshmana, aqueles subjugadores do inimigo chegaram à cidade de Ravana, enfeitada com estandartes, encantadora com os jardins de recreio que o adornavam, inacessível com seus muitos portões, muros altos e arcos. Em seguida, os habitantes das florestas, incentivados pelo som da voz de Rama e obedientes às suas ordens, pararam diante de Lanka, que era inexpugnável, mesmo para os deuses.

Então Rama, acompanhado de seu irmão mais novo, com arco na mão, examinou o portão norte, que era tão alto quanto o pico de uma montanha e tomou sua posição lá. O valente filho de Dasaratha, seguido por Lakshmana, avançou sob os muros de Lanka, cuja estrada era Ravana. Ninguém exceto Rama poderia ter se aproximado e examinado o portão norte onde Ravana estava, que era formidável e guardado por ele como o oceano por Varuna e que era defendido por todos os lados por titãs, como os danavas, que semeiam terror nos corações dos fracos, protegem Patala. E Rama observou inúmeras armas e armaduras de todos os tipos empilhadas lá para os combatentes.

Enquanto isso Nila assumiu sua posição com Mainda e Dvivida no portão leste à frente de uma série de macacos.

Angada com suas vastas tropas, assistido por Rishabha, Gavaksha, Gaja e Gavaya, ocuparam o portão sul. Hanuman, aquele macaco virtuoso, estava posicionado no portão oeste com Prajangha, Tarasa e outros guerreiros agrupados em volta dele, enquanto Sugriva ocupava pessoalmente um posto de observação no centro. Na chefia de todos aqueles líderes macacos, iguais a Suparna e Pavana, trinta e seis kotis de guerreiros renomados estavam agrupados em volta de Sugriva.

Enquanto isso, sob o comando de Rama, Lakshmana, assistido por Bibishana, distribuiu suas incontáveis divisões em cada portão. Atrás de Rama, Sushena e Jambavan, aqueles leões entre os macacos, possuidores de dentes de tigres, equipados com árvores e rochas, esperavam alegremente pelo sinal para lutar. Chicoteando suas caudas febrilmente, eles usavam suas mandíbulas e unhas como armas; tremendo em todos os membros, seus rostos estavam fixos sombriamente e eles eram extremamente fortes, alguns tendo a força de dez elefantes, alguns dez vezes mais poderosos, alguns se igualando a mil elefantes em poder e havia alguns que tinham o vigor de um milhão de elefantes e ainda mais, pois a força daqueles líderes macacos era imensurável! Extraordinária e espantosa era a reunião daquelas tropas de macacos parecendo uma nuvem de gafanhotos! A terra e o ar estavam cheios de macacos correndo em direção Lanka ou já posicionados embaixo de seus muros. Às centenas e centenas de milhares, ursos e macacos se precipitaram em direção aos portões de Lanka outros atacaram de todos os lados. As colinas desapareceram completamente sob aquela hoste de Plavamgamas, totalizando milhões, que estavam vagueando em volta da cidade e aqueles macacos heroicos, com troncos de árvores em suas mãos, cercaram toda a Lanka que até mesmo os ventos eram incapazes de penetrar.

Então os titãs, que em sua bravura rivalizavam com Shakra, vendo-se sitiados por aqueles macacos como nuvens cerradas, foram tomados de um terror súbito, e, quando eles ficaram fora de forma, um enorme clamor ergueu-se daquela hoste de combatentes que parecia o rugido do oceano batendo contra a costa! Por causa desse tumulto, toda a Lanka, com suas muralhas, arcos, colinas, matas e florestas, começou a tremer.

Sob a direção de Rama, Lakshmana e Sugriva, aquele exército se tornou ainda mais invencível do que as hostes dos deuses e titãs. Raghava, no entanto, tendo alinhado suas tropas para acabar com os demônios, deliberou com seus ministros e ponderou profundamente repetidas vezes. Desejando agir sem demora e com prudência, ele, em sua experiência consumada com aprovação de Bibishana, se lembrando do dever dos reis,[420] convocou o filho de Bali, Angada, e disse-lhe:

[420] O dever dos reis: se um rei é capaz de realizar seu objetivo por conciliação, ele não deve usar a força.

"Vai meu amigo em meu nome e, passando pela cidade de Lanka sem medo, dize a Dashagriva: 'Tu sacrificaste a tua fama, destruíste o teu reino e, em tua pressa de morrer, perdeste a tua inteligência! Rishis, devas, gandharvas, apsaras, nagas, yakshas e reis, ó viajante noturno, têm sido oprimidos por ti em teu orgulho imprudente. Ó titã, de agora em diante essa arrogância, gerada da benção que recebeste de Swyambhu, deve ser subjugada! Eu infligirei punição adequada pelo teu rapto cruel da minha consorte; é com a vara de castigo que eu me posicionei nos portões de Lanka.[421] Após ter exibido o teu valor marcial, morto por mim tu chegarás à região dos deuses! Que tu demonstres a mesma coragem que empregaste ao levar Sita para longe de mim, após ter me enganado por meio de artes mágicas. Ó mais vil dos titãs, eu livrarei a terra de titãs com minhas flechas pontiagudas, se tu não fizeres um apelo à minha clemência por me devolveres Maithili.

"'Aquele príncipe virtuoso dos titãs, o ilustre Bibishana, que está aqui, sem dúvida reinará em Lanka sem oposição. Não só isso, não é apropriado que, mesmo por um instante, a coroa deva pertencer a alguém tão pérfido quanto tu, uma criatura perversa, que te cercas com os tolos e que não estás familiarizado com o Eu!

"'Entra em combate comigo, ó titã, exerce a tua força e coragem na luta, as minhas setas te punirão e tu serás subjugado! Mesmo se tu percorresses os três mundos na forma de um pássaro, ó viajante noturno, o meu olhar te seguiria e tu não voltarias vivo. Eu te dou este conselho salutar – te prepara para as tuas exéquias, que Lanka recupere seu esplendor, a tua vida está em minhas mãos!"

Provido com as instruções de Rama, o filho de Tara ascendeu no ar, como o deus levando uma oferta sacrifical, e em um instante chegou ao palácio de Ravana onde ele o viu sentado à vontade em meio a seus ministros.

Aquele jovem príncipe dos macacos, Angada de braceletes dourados, como uma tocha flamejante desceu perto do rei e tendo se anunciado, dirigiu todo o discurso extremamente significativo de Rama, sem acrescentar nem tirar nada, a ele, na presença de sua corte, dizendo:

"Eu sou o mensageiro do rei de Koshala, Rama de façanhas imortais. Eu sou o filho de Bali, Angada é o meu nome; por acaso que já ouviste a meu respeito? O descendente de Raghu, Rama, o aumentador da alegria de Kaushalya, fala assim para ti:

"Sai e entra em combate comigo! Mostra o teu valor! Eu vou destruir-te, os teus conselheiros, teus filhos, parentes e aliados. Tu estando morto, os três mundos não serão mais atormentados, ó tu cujos inimigos são os devas, danavas, yakshas, gandharvas, uragas e rakshasas; tu espinho na carne dos ascetas! Bibishana se tornará rei quando fores morto por mim, se tu não devolveres Vaidehi, tendo prestado a ela todas as homenagens, e te lançado aos meus pés!"

Ouvindo essas palavras duras daquele leão entre os macacos, o senhor dos titãs, enfurecido, emitiu a seguinte ordem repetidamente para seus assistentes, dizendo: "Prendam-no e matem-no!"

Após essa ordem ser dada por Ravana, Angada, que em seu esplendor parecia uma tocha acesa, foi agarrado por quatro titãs terríveis e filho de Tara se permitiu ser capturado, sem oferecer qualquer resistência, porque aquele guerreiro valente desejava exibir sua destreza para a hoste de yatudhanas. Depois disso, agarrando três dos titãs, como serpentes em seus braços, ele pulou para o palácio que parecia uma montanha. Sacudidos por seu salto impetuoso os três titãs caíram no chão sob os olhos de seu rei. Então o filho poderoso de Bali escalou o palácio até

[421] Isto é, na forma de Dandadhara, um nome da Morte como o portador da vara de castigo.

o telhado, que igualava o topo de uma montanha em altura, e o impacto de seus saltos o fez cair em pedaços diante do olhar de Dashagriva como um pico nos Himalaias é destruído por um raio.

Tendo destruído o telhado do palácio, Angada proclamou seu nome e com um rugido triunfante subiu no ar. Para o extremo terror dos titãs e a grande alegria dos macacos, ele pousou no meio dos macacos ao lado de Rama.

Então Ravana, cheio de raiva, dando-se por perdido começou a suspirar pesadamente. Enquanto isso Rama, que estava cercado por Plavamgamas emitindo gritos alegres, ansioso para destruir seu adversário, avançou para encontrá-lo em combate.

Então Sushena estava na chefia de inúmeros macacos que eram capazes de mudar de forma à vontade e, sob a ordem de Sugriva, ele patrulhava os portões e aquele guerreiro invencível parecia a lua se movendo entre as estrelas.

Vendo as centenas de divisões acampadas sob os muros de Lanka e reunidas nas margens do mar, os titãs ficaram surpresos, enquanto alguns ficaram aterrorizados, e outros, muito felizes com a perspectiva de lutar, pulavam em exultação. Vendo aquela hoste ocupando todo o espaço entre as muralhas e o fosso, porém, e vendo os macacos como uma segunda muralha, aqueles vagueadores da noite, abatidos, gritavam: "Ai! Ai de mim!", em seu terror.

No meio daquele tumulto terrível, os soldados de Ravana pegaram suas armas poderosas e avançaram como os ventos que sopram na dissolução dos mundos.

Capítulo 42 – Os titãs fazem uma surtida

Então, aqueles titãs se aproximaram da residência de Ravana e lhe informaram que Rama e os macacos tinham sitiado a cidade.

Essa notícia enfureceu aquele viajante noturno que, repetindo seus comandos anteriores subiu ao palácio. De lá ele examinou Lanka com suas colinas, bosques e pomares, que estava cercada por todos os lados por inúmeras divisões de macacos, ansiosos para lutar. Contemplando a terra toda marrom com incontáveis Plavagas, em grande perplexidade ele refletiu: "Como eles podem ser exterminados?"

Tendo ponderado por um longo tempo, Ravana recuperou a confiança e, arregalando seus grandes olhos, ele olhou para Raghava e os batalhões de símios.

Enquanto isso Rama, à frente de seu exército, estava avançando rapidamente sobre Lanka que era protegida por todos os lados e cheia de titãs. Em seguida, o filho de Dasaratha, vendo aquela cidade decorada com bandeiras e estandartes, se lembrou de Sita e ficou cheio de angústia. Ele refletiu: "Aquela filha de Janaka cujos olhos se assemelham aos de uma jovem corça será vítima de ansiedade por minha causa! Consumida pela aflição e emaciada, ela está definhando, com a terra nua como seu leito!"

Pensando sobre os sofrimentos de Vaidehi, o virtuoso Raghava rapidamente emitiu um comando para os macacos se prepararem para a destruição do inimigo.

Ouvindo a ordem de Raghava de obras imperecíveis, os Plavagas, incitando-se mutuamente adiante, encheram o ar com seu rugido.

"Vamos demolir Lanka com rochas e pedras ou com os nossos punhos somente" era a vontade dos líderes dos macacos e, sob os olhos do rei dos titãs, a fim de realizar o desejo acalentado por Rama, aquelas tropas se dividiram em

colunas e começaram a escalar as alturas de Lanka. Lançando-se sobre aquela cidade com rochas e árvores, aqueles Plavamgamas de cor dourada e de rosto acobreado, dispostos a sacrificar suas vidas a serviço de Rama, destruíram inúmeras ameias, baluartes e arcos com golpes de árvores, rochas e punhos e encheram os fossos e as trincheiras de águas claras com areia, pedras, grama e toras.

Os comandantes lideraram suas divisões aos milhares e centenas de milhões de milhares para atacar Lanka e os Plavamgamas arrancaram os arcos dourados, derrubaram os portões, que igualavam o pico de Kailasha em altura, e a partir dos lados e do centro se lançaram sobre a cidade como grandes elefantes com gritos de "Vitória ao poderoso Rama e ao valente Lakshmana!" "Vitória a Sugriva protegido por Raghava!" Gritando dessa maneira, os macacos, que eram capazes de mudar sua forma à vontade, rugindo, correram para atacar a cidade.

Virabahu, Subahu, Nala e Panasa, tendo destruído alguns dos postos avançados, chegaram à base das muralhas e atribuíram cada coluna a um posto de ataque. O portão leste foi sitiado pelo valente Kumuda cercado por dez kotis de macacos triunfantes; seus tenentes eram Prasabha e Panasa de braços longos, que estavam à frente daquelas tropas.

No portão sul estava o guerreiro Shatabali, um macaco de valor comprovado, que estava posicionado com vinte kotis para obstruir a saída. Sushena, o pai de Tara, cheio de coragem e força, com cem mil macacos cercava o portão oeste. O portão norte foi bloqueado pelo poderoso Rama ajudado por Saumitri e Sugriva, o rei dos macacos.

O golangula colossal, Gavaksha, de aspecto austero e energia imensa, apoiava um dos flancos de Rama com um koti de guerreiros e o valente Dhumra, castigador de seus inimigos, defendia o outro flanco com um koti de ursos de fúria temível.

O intrépido Bibishana, acompanhado por seus ministros leais, seguia seu aliado, o heroico Rama, em todos os lugares, enquanto Gaja, Gavaksha, Gavaya, Sharabha e Gandhamadana patrulhavam todos os lados em defesa do exército dos símios.

Enquanto isso, com seu coração cheio de raiva, o rei dos titãs ordenou que suas tropas fizessem uma surtida. A esse comando, saindo dos lábios de Ravana, um enorme clamor surgiu entre os viajantes noturnos e o som de tambores, seus discos brancos como a lua, nos quais os titãs batiam com bastões de ouro, irrompeu por todos os lados, enquanto centenas e milhares de trombetas soaram, sopradas pelos titãs com suas bochechas estendidas ao máximo. Com seus membros escuros adornados com ornamentos e suas conchas, aqueles vagueadores da noite pareciam nuvens orladas com relâmpago ou linhas de garças; e seus batalhões avançaram alegremente sob o comando imperioso de Ravana como, na hora do Pralaya, o mar agitado transborda.

Naquele momento, de todos os lados, um clamor surgiu do exército dos macacos que enchiam Malaya com suas planícies, vales e abismos, e o som das trombetas e tambores e os rugidos leoninos daqueles guerreiros ressoaram sobre a terra, o céu e o mar, como também o barrido de elefantes, o relincho de cavalos, o barulho das rodas dos carros, e o troar dos titãs marchando.

Depois disso uma luta terrível se seguiu entre os macacos e os titãs, como nos tempos antigos entre os deuses e os asuras. Com suas maças flamejantes, suas lanças, arpões e machados, os titãs, demonstrando seu talento natural, atacaram o exército dos macacos, e de seu lado, aqueles macacos gigantes

atacaram seus adversários ferozmente com golpes de árvores, pedras, dentes e unhas.

"Vitória ao rei Sugriva!" bradavam os macacos, "Que o nosso soberano prevaleça!" gritavam os titãs e cada um proclamava seu nome, enquanto outros demônios, permanecendo nas muralhas, golpeavam os macacos abaixo com ganchos e arpões e eles, enfurecidos, saltavam no ar e arrastavam para baixo os soldados postados nas muralhas por agarrá-los com seus braços, e aquele conflito entre os demônios e os macacos era terrível e a terra estava coberta de lama e carne naquela luta assombrosa.

Capítulo 43 – O conflito entre os macacos e os titãs

Aquelas tropas de macacos de grande alma lutaram com ferocidade terrível enquanto os titãs despertaram as dez regiões quando, montados em corcéis com arreios dourados ou elefantes brilhantes como o fogo ou em carros rutilantes como o sol, eles emergiram vestidos em cotas de malha extraordinárias, ansiosos para triunfar nome de Ravana.

Por seu lado, o poderoso exército de macacos, ávido pela vitória, se lançou sobre os demônios de façanhas formidáveis e duelos extraordinários surgiram entre titãs e macacos que avançavam uns dos outros.

Enquanto Tryambaka lutava contra Andhaka, assim o filho de Bali, Angada, lutou com Indrajita, que era dotado de imensa energia. Prajangha foi atacado pelo sempre indomável Sampati e o macaco Hanuman mediu sua força com Jambumali. Tomado de raiva violenta, Bibishana, o irmão mais novo de Ravana, entrou em um combate furioso com o extremamente impetuoso Shatrughna. O valente Gaja lutou com o titã Tapana e o poderoso Nila com Nikumbha. Aquele Indra dos macacos, Sugriva, atacou Praghasa com violência e o afortunado Lakshmana se envolveu em combate com Virupaksha. O inaproximável Agniketu com o titã Rashmiketu, Mitraghna e Yajnakopa juntos entraram em combate com Rama, Vajramushti lutou contra Mainda e Ashanipratha contra Dvivida, aqueles dois principais dos macacos com os maiores dos titãs. O valente filho de Dharma, Sushena, aquele grande macaco de nome ilustre, lutou com Vidyunmalin e, de todos os lados, outros macacos heroicamente se envolveram em inúmeros duelos com outros titãs. Então uma batalha terrível, de arrepiar, ocorreu entre titãs e macacos que eram cheios de bravura e ávidos pelo triunfo.

Dos corpos dos macacos e viajantes noturnos fluíam torrentes, seus cabelos sendo a grama, seu sangue a água levando embora pilhas de cadáveres.

Como Shatakratu com seu raio, assim Indrajita, com sua maça, em fúria, atacou Angada, mas aquele intrépido destruidor de exércitos inimigos despedaçou sua carruagem, cuja estrutura era incrustada com ouro, e matou seus cavalos e motorista. Sampati, ferido por Parjangha com três flechas, golpeou-o na cabeça com uma árvore Ashvakarna; Jambumali, permanecendo em seu carro, cheio de força e fúria rasgou o peito de Hanuman na luta com a força de sua condução, mas ele, que nasceu do deus do vento, se aproximando daquele carro, logo o derrubou com a palma da sua mão. O temível Pratapana, gritando, avançou em Nala, que, com seus membros perfurados pelas flechas pontiagudas daquele titã hábil, subitamente riscou seus olhos.

Quando Praghasa parecia estar consumindo as hostes do rei dos macacos, Sugriva apressadamente o atingiu com uma árvore Saptaparna, enquanto Lakshmana, oprimido por uma chuva de mísseis por Virupaksha, aquele titã de aspecto feroz, o derrubou com um único golpe. Depois disso o indomável Agniketu, os titãs Rashmiketu, Mitraghna e Yajnakopa procuraram destruir Rama com suas flechas, ao que ele, em fúria, com quatro setas formidáveis, parecendo línguas de fogo, cortou as cabeças de todos os quatro no conflito. Vajramushti, atingido por um golpe do punho de Mainda na luta, foi derrubado com sua carruagem, motorista e cavalos, que parecia um carro aéreo pertencente aos deuses; Nikumbha lutando contra Nila, que era semelhante a um pedaço de colírio, o perfurou com suas flechas afiadas como o sol com seus raios perfura uma nuvem; e repetidas vezes aquele viajante noturno de mão hábil, Nikumbha, com cem flechas feriu Nila no combate, depois do que aquele macaco começou a rir e, agarrando a roda da carruagem de seu adversário, ele que parecia Vishnu no campo de batalha cortou a cabeça daquele titã e a de seu auriga.

Dvivida, cujo impacto era semelhante a um relâmpago, golpeou Samaprabha com uma grande rocha ao que os titãs fitaram com espanto e aquele principal dos macacos, Dvivida, que lutava com golpes de árvores, foi perfurado por sua vez com setas parecidas com relâmpagos e, seus membros estando lacerados por aquelas flechas, aquele macaco se enfureceu e com um único golpe de uma árvore Sala derrubou o titã, seu carro e seus cavalos.

Então Vidyunmalin, emitindo gritos altos repetidamente, permanecendo em seu carro, feriu Sushena com setas incrustadas com ouro e vendo-o, aquele principal dos macacos de repente derrubou a carruagem com uma grande rocha. Vidyunmalin, no entanto, aquele ágil viajante noturno, saltou de seu carro e, com maça na mão, ficou preparado no campo após o que aquele leão entre os macacos, furioso, agarrando uma grande rocha, avançou no titã, mas quando ele se precipitou sobre ele, Vidyunmalin com um golpe hábil o feriu na barriga com sua maça. Então o excelente Plagava, recebendo aquele golpe terrível e inesperado desferido por seu oponente, imediatamente virou-se e, em um combate violento, atirou uma rocha nele. Atingido por esse míssil, Vidyunmalin, aquele rondante noturno, com o peito esmagado, caiu sem vida ao chão. Assim, sob os golpes dos guerreiros símios, os titãs heroicos pereceram em uma série de confrontos corpo a corpo como os daityas sob os golpes dos habitantes da região celeste. Bhallas e outras armas, maças, lanças, dardos, carros quebrados, cavalos de guerra que haviam sido mortos, como também elefantes de cujas têmporas linfa exsudava e os corpos de macacos e titãs, com rodas, eixos, jugos e varas cobriam a terra; a carnificina foi terrível, um verdadeiro banquete de chacais. Os troncos sem cabeça de macacos e titãs jaziam em pilhas em todos os lugares no meio daquele conflito terrível que parecia a guerra entre deuses e asuras.

Naquela batalha obstinada, dizimados pelos principais dos macacos, os viajantes da noite, quando o dia terminou, enlouquecidos pelo cheiro de sangue, em desespero fizeram preparativos para o dia seguinte, e aqueles titãs, com seus membros cobertos de sangue, não desejavam nada tanto quanto que aquela noite caísse.

Capítulo 44 – A façanha de Angada

Durante o combate entre macacos e titãs, o sol mergulhou abaixo do horizonte, dando lugar a uma noite de carnificina. Em sua hostilidade mútua, macacos e titãs, ansiosos pela vitória, continuaram a lutar nas trevas reunidas.

"Tu és um titã?", perguntavam os macacos, "Tu és um macaco?" questionavam os titãs e atacavam uns aos outros na escuridão. "Ataca!" "Mata!" "Vem cá!" "Por que tu foges?" podiam ser ouvidos naquela luta espantosa.

Vestidos em armadura, os titãs, com sua cor escura intensificada pela escuridão impenetrável, pareciam colinas cobertas com bosques cheios de ervas fosforescentes e, incitados pela raiva, eles saltavam para frente a fim de cair sobre os Plavamgamas e devorá-los, mas esses se atiravam sobre os cavalos com plumas douradas e os estandartes, como línguas de fogo, e com fúria indescritível os dilaceravam com suas garras. Assim os guerreiros macacos valentes semearam confusão entre os titãs e eles prendiam com garras os elefantes e aqueles montados sobre eles e os carros dos quais os estandartes tremulavam, rompendo-os em pedaços com os dentes.

Cheios de fúria, Lakshmana e Rama, com suas flechas parecendo cobras venenosas, perfuravam os principais dos titãs, tanto aqueles que eram visíveis e os que eram invisíveis, e a poeira que se erguia dos cascos dos cavalos e das rodas das carruagens encheu os ouvidos e os olhos dos combatentes, enquanto rios de sangue fluíam em torrentes terríveis naquele tumulto medonho de arrepiar.

Enquanto isso o som de gongos e tambores, maravilhoso de ouvir, se juntou ao clangor de conchas e ao estrépito de rodas, e um terrível clamor surgiu dos cavalos relinchando misturando-se com os gritos dos feridos. Os cadáveres dos grandes macacos, lanças, maças e os corpos dos titãs, que eram capazes de mudar de forma à vontade, jaziam em montes tão altos quanto uma montanha no campo de batalha. E aquelas armas pareciam ser oferecidas como uma profusão de flores pela terra, que estava totalmente escondida e tornada intransitável por rios de sangue. Aquela noite fatal foi tão calamitosa para os macacos e os titãs quanto a noite da dissolução na qual nenhum ser sobrevive.

Enquanto isso os titãs, auxiliados por aquela escuridão impenetrável, com grande ferocidade despejaram uma chuva de armas sobre Rama e, gritando, avançaram sobre ele em fúria como o oceano no momento da destruição de todas as criaturas. E Rama, num piscar de olhos, com seis flechas semelhantes a línguas de fogo derrubou seis titãs – o indomável Yajnashatru, Mahaparshwa, Mahodara, Vajradamshtra de estatura colossal e os dois emissários, Shuka e Sarana. Com suas inúmeras setas, Rama então perfurou todos eles nos seus órgãos vitais, de modo que sob essa chuva de flechas eles fugiram do campo, mal escapando com suas vidas. Em um instante, aquele guerreiro do grande carro iluminou os pontos cardeais com seus mísseis formidáveis semelhantes a línguas de fogo, de modo que cada quadrante se tornou luminoso. Todos aqueles titãs que ousaram desafiar Rama pereceram como mariposas em uma chama, e aquelas setas, cujas pontas eram de ouro fino, voando por toda parte, iluminaram a noite como pirilampos no outono. Os gritos dos titãs e o rufar de tambores aumentaram os horrores daquela noite além da imaginação e, naquele tumulto terrível que ressoava por todos os lados, parecia que o monte Trikuta estava emitindo murmúrios confusos de suas cavernas incontáveis.

Os golangulas gigantescos, negros como a noite, esmagavam os viajantes noturnos em seus braços para devorá-los e Angada destruía seus inimigos com selvageria na luta.

Então Indrajita, depois que aquele macaco tinha matado seus corcéis e auriga, dominado pela fadiga, fez-se invisível e desapareceu.

Por esse feito, o filho de Bali, digno de ser honrado, foi elogiado pelos deuses e rishis como também pelos irmãos Rama e Lakshmana. Todos os seres cientes da destreza do poderoso Indrajita na guerra, testemunhando a sua derrota e contemplando aquele de grande alma, ficaram exultantes e, no auge da alegria, os macacos com Sugriva e Bibishana, vendo a derrota do inimigo, gritaram "Excelente! Excelente!"

Enquanto isso Indrajita, que tinha sido derrotado no duelo com o filho Bali de feitos formidáveis, foi tomado de ira violenta. Tornando-se invisível em virtude da bênção que tinha recebido de Brahma, aquele patife perverso, que estava exausto pela luta, incitado pela raiva, disparou algumas flechas afiadas brilhantes como o relâmpago em Rama e Lakshmana. No campo de batalha, em sua fúria, ele perfurou os membros daqueles dois Raghavas com setas formidáveis parecidas com serpentes. Envolto pela ilusão, ele procurou confundi-los na luta e, invisível para todos os seres através das suas artes mágicas, aquele vagueador da noite amarrou os dois irmãos Rama e Lakshmana com uma rede de setas. Então os macacos viram aqueles dois guerreiros, aqueles leões entre os homens, enredados pelos dardos serpentinos daquele titã furioso. Não sendo capaz de vencer aqueles dois príncipes em sua forma manifesta, o filho do rei dos titãs, em sua perversidade, recorreu à magia para capturá-los.

Capítulo 45 – Rama e Lakshmana são abatidos por Indrajita

Ansioso para verificar o que havia acontecido com Indrajita, Rama, aquele príncipe ilustre e poderoso enviou dez líderes macacos em sua busca; os dois filhos de Sushena, o macaco, general Nila, Angada o filho de Bali, o valente Sharabha, Dvivida, Hanuman, os extremamente corajosos Sanuprastha, Rishabha e Rishabaskandha.

Esses macacos se atiraram alegremente no ar brandindo enormes troncos de árvores, a fim de explorar as dez regiões, mas Ravani,[422] por meio de suas flechas, disparadas com força do mais excelente dos arcos, impediu seu voo impetuoso e aqueles macacos de saltos incríveis, que foram cruelmente perfurados por aquelas flechas, eram incapazes de discernir Indrajita na escuridão, como o sol é obscurecido quando velado em nuvens. Com aqueles dardos, que dilaceravam a carne, o titã trespassou Rama e Lakshmana e se manteve mestre do campo, e não havia nenhuma parte do corpo de Rama ou de Lakshmana que não estivesse perfurada por aquelas flechas serpentiformes de modo que rios de sangue escorriam de suas feridas abertas, e eles pareciam duas árvores Kimshuka em floração.

Naquele instante, com seus olhos avermelhados, o filho de Ravana, que parecia uma massa de colírio misturado com óleo, embora ainda invisível, disse àqueles dois irmãos: "Quando eu, me tornando invisível, entro em combate, nem o chefe dos deuses, o próprio Shakra, é capaz de me discernir ou de se aproximar de

[422] Ravani: o filho de Ravana, Indrajita.

mim, quanto menos vocês dois! Ó descendentes de Raghu, tendo prendido vocês nessa rede de flechas emplumadas, eu, rendendo-me à violência da minha ira, estou prestes a despachá-los para a região de Yama!"

Dirigindo-se dessa maneira àqueles irmãos virtuosos, Rama e Lakshmana, ele os perfurou de novo com suas flechas pontiagudas gritando exultante.

Semelhante a uma pilha de antimônio, o escuro Indrajita, esticando seu arco imenso, disparou uma chuva ainda mais densa de flechas formidáveis na luta. Aquele guerreiro, que sabia como fazer seus dardos perfurarem os órgãos vitais de Rama e Lakshmana, emitiu um grito contínuo e os dois príncipes na vanguarda da batalha, presos na rede de flechas e dardos, num piscar de olhos ficaram incapazes de distinguir qualquer coisa. Paralisados, perfurados em seus órgãos vitais, exaustos, aqueles dois arqueiros poderosos e corajosos caíram sobre a terra, eles que eram senhores dela! Jazendo naquele leito de heróis, aqueles dois guerreiros, cobertos de sangue, com seus membros espetados com setas, desmaiaram em seu infortúnio. E não havia a largura de um fio de cabelo em seus corpos das pontas de seus dedos até a extremidade de seus pés que não estivesse lacerada, pungida e perfurada por aqueles dardos irresistíveis, e de ambos aqueles guerreiros que tinham sido derrubados por aquele titã feroz, capaz de mudar sua forma à vontade, o sangue quente jorrava como água de uma fonte. E Rama caiu primeiro, com seus órgãos vitais perfurados pelas flechas do colérico Indrajita, que antigamente tinha vencido Shakra, e o filho de Ravana crivou o corpo de Raghava com dardos lisos e polidos tão densos quanto nuvens de poeira. Naracas, Demi-naracas, Bhallas, Anjalis, Vatsadantas, Simhadantas,[423] e aquelas setas semelhantes a navalhas caíram sobre aquele guerreiro, que jazia na terra como um herói, permitindo que o seu arco dourado, que foi cortado, caísse da sua mão.

Vendo Rama, aquele leão entre os homens, cair sob uma chuva de setas, Lakshmana abandonou toda esperança de viver e ele foi vencido pela dor ao ver Rama de olhos de lótus, seu amparo, que sempre se alegrava em batalha, jazendo no chão.

Os macacos também, testemunhando isso, sofreram extrema aflição e, com os olhos cheios de lágrimas, dominados pelo desespero, emitiram gritos pesarosos; e enquanto aqueles dois guerreiros jaziam inconscientes naquele leito de heróis, os macacos os cercaram e, reunindo-se lá, com o filho do vento à sua frente, permaneceram inconsoláveis e vítimas do desespero.

Capítulo 46 – O desespero de Sugriva e seu exército. Bibishana renova a confiança deles.

Enquanto isso aqueles habitantes das florestas, examinando a terra e o céu, viram os irmãos, Rama e Lakshmana, cobertos de setas e o titã descansando, como Indra tendo despejado as chuvas. Acompanhado por Sugriva, Bibishana, lamentando, foi ao local às pressas, e Nila, Dvivida, Mainda, Sushena, Kumuda, Angada e Hanuman se aproximaram, chorando pelos filhos de Raghu.

Respirando apenas fracamente, banhados em sangue, crivados com inúmeros dardos, imóveis, eles jaziam estirados sobre uma cama de setas suspirando como serpentes, lavados em sangue, parecendo dois estandartes

[423] Veja o Glossário de armas.

dourados e aqueles guerreiros, jazendo no leito de um herói, foram cercados por líderes macacos cujos olhos estavam cheios de lágrimas.

Contemplando os dois Raghavas perfurados com dardos, uma profunda emoção agitou aqueles macacos, que estavam acompanhados por Bibishana, e eles inspecionaram os quatro quadrantes sem serem capazes de descobrir Ravani, que tinha se velado em sua magia durante a luta. Mas, enquanto ele estava oculto por seu poder, Bibishana, também recorrendo às artes mágicas, procurando em volta, viu seu sobrinho de façanhas incomparáveis, que era invencível em batalha, permanecendo perto. Embora aquele guerreiro, que não tinha igual no campo, tivesse se tornado invisível em virtude da bênção que recebeu, ele foi reconhecido por Bibishana, que era cheio de energia, glória e destreza.

Indrajita, no entanto, contemplando a sua própria façanha, olhava para aqueles dois guerreiros esticados sobre a terra e, em um excesso de alegria, desejando compartilhá-la com todos os titãs, disse:

"Aqueles dois irmãos poderosos, Rama e Lakshmana, os assassinos de Khara e Dushana, foram agora abatidos pelos meus dardos! Mesmo se eles fossem ajudados pelos deuses e asuras com as hostes de rishis eles nunca seriam capazes de se libertar daquelas flechas que os paralisam! Eu derrotei Rama por causa do meu pai, que é vítima de ansiedade e temor, passando os três quartos da noite sem permitir que seus membros descansem em seu leito. Eu subjuguei aquele canalha, que destrói todos os seres até a sua própria raiz, por conta de quem toda a Lanka está agitada como um rio na época das chuvas. Como nuvens são dissipadas no outono, assim as façanhas de Rama e Lakshmana e de todos os moradores da floresta foram tornadas inúteis".

Tendo falado assim para todos os titãs, que tinham testemunhado a cena, Ravani começou a atacar todos os líderes dos macacos. Primeiro ele derrubou Nila com nove dardos extremamente poderosos, depois ele feriu Mainda e Dvivida com mais três e aquele arqueiro poderoso, tendo perfurado Jambavan no peito com uma seta, disparou dez flechas no impetuoso Hanuman. Então Ravani, na luta, cheio de ira, com setas duplas perfurou Gavaksha e Sharabha, aqueles dois de bravura imensurável, e o líder dos golangulas e o filho de Bali, Angada, foram dominados por inúmeros dardos por Ravani de movimento rápido. Trespassando os principais macacos com flechas semelhantes a línguas de fogo, aquele filho poderoso e colossal de Ravana começou a gritar em triunfo e, tendo oprimido e derrotado os macacos com uma saraivada de armas, aquele herói de braços longos irrompeu em gargalhadas, exclamando:

"Vejam, ó titãs, com uma rede formidável eu retive os dois irmãos na presença das suas tropas!"

Assim ele falou e todos os titãs, versados em magia, ficaram extremamente encantados com sua façanha e o aclamaram unanimemente com um rugido como trovão, gritando: "Rama está morto!" e com essas notícias e vendo os dois irmãos, Rama e Lakshmana, jazendo na terra sem respiração ou movimento, todos eles prestaram homenagem ao filho de Ravana, pensando "Eles estão mortos!" Em um êxtase de alegria, Indrajita, vitorioso em combate, voltou a Lanka espalhando felicidade entre os Nairritas.

Um grande temor, porém, tomou conta de Sugriva, que foi tomado de terror ao contemplar Rama e Lakshmana crivados de flechas e com todos os membros e ossos perfurados, após o que Bibishana disse ao rei dos macacos, que estava aflito, com o rosto banhado em lágrimas, seus olhos selvagens com terror:

"Não tenhas medo, ó Sugriva, detém essa chuva de lágrimas; essas são as eventualidades da guerra; a vitória do titã não está assegurada; o destino ainda pode sorrir para nós, ó guerreiro. Esses dois heróis cheios de coragem vão se recuperar do seu desmaio. Toma coragem e me inspira com coragem, também, que estou desprovido de um protetor, ó macaco! A morte não pode infligir terror em quem encontra sua felicidade na verdade e na justiça".

Falando assim, Bibishana, mergulhando a mão na água, lavou os belos olhos de Sugriva e, depois de tomar água e proferir uma fórmula sagrada, o virtuoso Bibishana então secou o rosto daquele inteligente rei dos macacos e, se dirigindo a ele com palavras cheias de bom senso e conforto, disse:

"Este não é o momento, ó maior dos reis macacos, de demonstrar agitação, emoção excessiva em tal situação leva à morte, portanto, abandona essa pusilanimidade que virá a ser a tua ruína e considera como tu podes servir melhor as tropas. Vigia Rama enquanto ele não recupera a consciência, pois quando eles voltarem a si, os dois Kakutsthas tirarão todo o medo de nós. Isso não é nada para Rama e ele não está morrendo, e Lakshmi,[424] que é inacessível para os que estão condenados, não o abandonou. Portanto recobra o teu ânimo e invoca a tua coragem enquanto eu procuro inspirar as fileiras com confiança renovada. Esses macacos, com seus olhos arregalados, trêmulos e desencorajados com os rumores sussurrados de ouvido em ouvido, ao me verem andando alegremente entre as fileiras do exército, vão abandonar seus temores como uma guirlanda descartada, ó rei dos macacos!"

Tendo tranquilizado Sugriva, aquele Indra entre os titãs, Bibishana, percorreu as fileiras de macacos revivendo sua confiança.

Enquanto isso Indrajita, aquele grande mago, cercado por todas as suas tropas reentrou na cidade de Lanka e procurou seu pai. Aproximando-se de Ravana com as palmas unidas, ele transmitiu as notícias agradáveis para ele, dizendo:

"Rama e Lakshmana são mortos!" Então Ravana levantando-se de um salto alegremente em meio aos titãs, ao ouvir que seus dois inimigos tinham sucumbido, cheirou a cabeça de seu filho e em grande deleite o questionou sobre o assunto.

Sendo interrogado por seu pai a respeito do que havia ocorrido, Indrajita relatou como os dois irmãos, atados por suas flechas, estavam jazendo sem força ou movimento. Ao ouvir essas novidades daquele guerreiro do grande carro, a alegria inundou o mais íntimo de Ravana e Dashagriva, banindo seus temores a respeito do filho de Dasaratha, calorosamente felicitou seu filho que estava ao lado dele.

Capítulo 47 – Sita Rama vê e Lakshmana jazendo no campo de batalha

O filho de Ravana tendo voltado a Lanka, com seu propósito realizado, os principais macacos cercaram Raghava para vigiá-lo, e Hanuman, Angada, Nila, Sushena, Kumuda, Naja, Gaja, Gavaksha, Panasa, Sanuprastha e o poderoso Jambavan com Sunda, Rambha, Shatabali e Prithu, tendo reorganizado suas fileiras, alertas, armados com árvores inspecionaram os quadrantes do céu para cima e para

[424] A deusa da prosperidade.

baixo e por todos os lados e, mesmo se uma grama se agitasse, eles exclamavam: "É um titã!"

Ravana, enquanto isso, cheio de alegria dispensou seu filho Indrajita e então convocou as titânides que guardavam Sita, e elas com Trijata, tendo corrido para lá a seu comando, foram abordadas pelo monarca em sua alegria que disse a elas:

"Informem Vaidehi que Indrajita matou Rama e Lakshmana! Obriguem-na a entrar no avião Pushpaka e os mostrem a ela jazendo no campo de batalha! Seu consorte, aquele por depender de quem ela era tão orgulhosa que se recusou se unir comigo, jaz lá abatido com seu irmão na presença de seu exército! A partir de agora, livre de ansiedade, angústia e expectativa de reunião, Maithili, enfeitada com todas as suas joias, vai se submeter a mim. Hoje, vendo Rama com Lakshmana caído sob o domínio da morte no campo de batalha, não vendo outro refúgio e não esperando por nada mais, Sita de olhos grandes voluntariamente buscará a minha proteção".

A essas palavras daquele monarca perverso, todas elas responderam "Que assim seja!" e foram para onde a carruagem Pushpaka estava, consequentemente subindo nela. Tomando aquele carro aéreo, as titânides, em obediência às ordens de Ravana, se reuniram a Maithili no bosque de Ashoka.

Lá elas a encontraram dominada pela angústia que a separação de seu marido lhe causava, todavia elas a colocaram na carruagem Pushpaka e quando estavam sentadas lá com Trijata, Ravana levou-a em volta da cidade enfeitada com bandeiras e estandartes e ao mesmo tempo o monarca encantado dos titãs fez uma proclamação ser feita em Lanka anunciando que Rama como também Lakshmana tinham sido mortos por Indrajita em combate.

Sita, transportada com Trijata naquele carro, viu as tropas de macacos que haviam sido mortos e testemunhou a alegria exibida por aqueles comedores de carne e os macacos aflitos com tristeza permanecendo em volta de Rama e Lakshmana. E ela viu aqueles dois guerreiros também, jazendo perfurados com flechas, inconscientes, crivados de armas, com suas armaduras despedaçadas, com seus arcos quebrados, trespassados por dardos. Aqueles dois irmãos, que eram cheios de heroísmo, os principais dos heróis estavam jazendo esticados sobre a terra parecendo dois filhos jovens de Pavaka.

E quando a desafortunada Maithili viu aqueles dois intrépidos leões entre os homens perfurados por lanças, ela irrompeu em lamentações comoventes, e Sita de olhos escuros, a filha de Janaka, de membros impecáveis, vendo seu senhor e Lakshmana jazendo no chão, irrompeu em soluços. Exausta com choro e tristeza ao ver aqueles dois irmãos semelhantes aos filhos dos deuses e, acreditando que eles estavam mortos, dominada pela aflição, ela falou assim:

Capítulo 48 – Os lamentos de Sita

Vendo seu senhor jazendo na terra como também o valente Lakshmana, Sita, na angústia que a oprimia, deu voz à sua queixa, dizendo:

"Os adivinhos, lendo os contornos do meu corpo, profetizaram assim: 'Tu terás filhos e nunca ficarás viúva!' – agora que Rama foi morto as suas palavras se revelaram incorretas! Já que Rama está morto, aqueles que predisseram que eu seria a companheira e consorte do realizador de grandes sacrifícios proferiram uma falsidade! Agora que Rama foi morto, aqueles adivinhos, que me disseram que eu

seria muito honrada pelas esposas de guerreiros e reis, provaram que não falaram verdadeiramente! Agora que Rama foi morto, foi provado que os astrólogos entre os brâmanes, que profetizaram abertamente felicidade para mim, falaram falsamente!

"No entanto, eu levo as marcas do lótus em meus pés pelas quais as mulheres nobres recebem a consagração suprema com seus senhores em sua coroação, e não encontro em mim quaisquer sinais de má sorte que indicam viuvez naquelas que estão mal fadadas, porém todos os sinais auspiciosos parecem ser inúteis para mim! Essas marcas de lótus, que os pânditas dizem ser de bom augúrio, não têm nenhum significado para mim, agora que Rama está morto!

"Meus cabelos são excelentes, de comprimento exato e escuros, as minhas sobrancelhas se encontram, as minhas pernas são redondas e lisas, os meus dentes separados uniformemente, os cantos dos meus olhos têm a forma da concha, os meus seios, mãos, pés e coxas proporcionais, as minhas unhas lisas e polidas, os meus dedos bem formados, os meus seios tocam um ao outro e têm mamilos achatados, o meu umbigo também é profundamente entalhado, meu peito bem formado, minha pele tem o brilho de uma pérola, o pelo sobre a minha pele é macio. É dito que eu possuo os doze sinais auspiciosos, meus pés e mãos não têm buracos e são marcados com o grão de cevada[425] e meu sorriso é lânguido. Assim aqueles que interpretam as marcas das donzelas jovens falaram de mim.

"Tendo purificado Janasthana,[426] recebido a notícia do meu destino e cruzado o oceano intransponível, aqueles dois irmãos pereceram na marca do casco de uma vaca. Eles não se lembraram (de que possuíam) as setas de Varuna, Agni, Indra e Vayu, como também a arma Brahmashira?

"Por meio de artes mágicas, um inimigo invisível matou esses dois, Rama e Lakshmana, meus protetores, que são iguais a Vasava em combate e agora eu estou desprovida de qualquer amparo. Não, se ele tivesse vindo à presença de Rama, ele não teria voltado vivo mesmo que possuísse a rapidez do pensamento, mas visto que Rama e seu irmão estão jazendo mortos no campo de batalha, não há nenhum fardo pesado demais para a morte carregar! O destino é inexorável. Eu não choro tanto por Rama e Lakshmana ou por mim ou pela minha mãe, mas pela minha infeliz sogra, Kaushalya, que pensa constantemente na volta de seu filho depois de cumprir seus votos, ela que se pergunta: 'Quando eu verei Lakshmana e Sita com Raghava mais uma vez?'"

Assim Janaki lamentou e Trijata disse-lhe: "Não te desesperes, ó deusa, teu senhor vive! Eu te direi quais considerações poderosas me convenceram de que aqueles dois irmãos, Rama e Lakshmana ainda vivem, ó rainha. Elas são: que a resolução e ardor marcial não animariam os rostos dos soldados que perderam seu líder, nem o carro celeste, Pushpaka, te traria para cá, ó Vaidehi, se aqueles dois heróis tivessem sucumbido. Um exército valente que vê seu comandante cair fica desprovido de coragem e vagueia sem rumo no campo de batalha como um navio que perdeu seu leme. No entanto, não há confusão nem desordem entre as tropas intrépidas que montam guarda sobre os dois Kakutsthas. Eu estou apontando isso para ti por causa da minha afeição por ti. Esses presságios auspiciosos devem te reassegurar plenamente, pois saibas bem, os dois Kakutsthas não estão mortos, eu me apresso a te dizer isso por amor a ti.

"Eu nunca te falei o que não é verdade e jamais farei isso, ó Maithili, pois pela tua conduta e encanto naturais tu encontraste um lugar em meu coração! Além

---

[425] Uma linha natural que cruza o polegar na segunda junta semelhante a um grão de cevada, que é considerado auspicioso.

[426] Purificado Janasthana, isto é, livrado Janasthana dos titãs.

disso, esses dois guerreiros não podem ser vencidos nem pelos deuses e asuras com seus líderes. Isso é o que eu observei e te comuniquei. De fato, há uma grande maravilha a ser vista, ó Maithili; vê como, caídos sob aquelas flechas e privados de seus sentidos, a sua beleza não os abandonou.

"No curso natural, quando os homens perderam suas vidas, as suas feições exibem alteração espantosa, é, portanto, impossível que esses dois não estejam mais vivos. Bane a tua dor por causa de Rama e Lakshmana, abandona a tua tristeza, ó filha de Janaka!"

A essas palavras, Sita, que se parecia com uma filha dos deuses, com as palmas unidas, exclamou: "Que assim seja!"

Enquanto isso, a carruagem Pushpaka, veloz como o vento, tinha retornado e a melancólica Sita reentrou na cidade com Trijata, depois do que descendo do carro, ela entrou no bosque de Ashoka com as titânides.

Tendo voltado à área real arborizada com inúmeras árvores, Sita, recordando os dois príncipes que ela tinha acabado de ver, se tornou vítima de extrema ansiedade.

Capítulo 49 – Rama volta à consciência e chora por Lakshmana

Atados por aquelas armas formidáveis, os dois filhos de Dasaratha, respirando como serpentes, jaziam sangrando sobre a terra.

Aqueles principais dos macacos, os companheiros valorosos de Sugriva, mergulhados na tristeza, estavam todos em volta daqueles dois guerreiros ilustres.

Então o poderoso Raghava, em virtude de seu vigor e força natural, acordou do seu desmaio apesar das flechas que o mantinham preso. Vendo seu irmão sangrando, inconsciente, firmemente amarrado e com suas feições alteradas, Rama, cheio de pesar, lamentou deste modo: "De que me serve a recuperação de Sita ou até a própria vida, já que meu irmão, agora jazendo diante dos meus olhos, foi abatido na luta? Ser-me-ia possível encontrar uma consorte igual a Sita nesse mundo dos mortais, mas não um irmão, amigo e companheiro de armas como Lakshmana! Se ele retornou aos cinco elementos, ele, o aumentador da alegria de Sumitra, eu vou abandonar os meus ares vitais na presença dos macacos!

"O que eu direi para a minha mãe, Kaushalya, ou para Kaikeyi? Se eu voltar sem Lakshmana, como poderei consolar Sumitra tremendo e chorando como uma águia-pescadora, que suspira pelo regresso de seu filho, de quem ela foi separada há tanto tempo? Que resposta eu darei a Shatrughna e ao ilustre Bharata quando eu voltar sem ele que me seguiu para a floresta? Além disso, eu não seria capaz de suportar as censuras de Sumitra; eu deixarei o meu corpo aqui; eu sou incapaz de continuar vivendo. Ai de mim e da minha falta de nobreza, já que, por minha culpa, Lakshmana caiu e jaz em um leito de flechas como alguém que abandonou sua vida!

"Ó Lakshmana, tu sempre me consolaste em meu grande infortúnio; agora que tu estás morto, tu não poderás mais aliviar os meus sofrimentos por tuas palavras. Tu, que, nessa batalha, derrubaste inúmeros titãs, estás caído, perfurado por dardos, como um herói no mesmo campo. Deitado em uma cama de flechas, banhado em sangue, tu és nada além de uma pilha de armas! Parece como se o sol tivesse se posto atrás das montanhas Astachala! Perfurado por lanças, os teus membros expressam a tua agonia sem a ajuda de palavras. Eu seguirei esse guerreiro ilustre para a região de Yama, como ele me acompanhou quando eu me

retirei para a floresta; ele, que sempre amava os seus e era cheio de devoção por mim, encontra-se no estado ao qual os meus erros o levaram, desgraçado que sou!

"Mesmo quando profundamente provocado, aquele herói valente nunca proferia uma palavra desagradável ou dura; ele que era capaz de disparar quinhentas flechas em um tiro e que superava o próprio Kartavirya na ciência do tiro com arco; Lakshmana, que era acostumado a um leito rico e que, com suas flechas podia cortar as do poderoso Shakra, jaz morto na terra.

"Aquelas palavras vãs, que eu proferi, sem dúvida me destruirão já que eu não entronizei Bibishana como o rei dos titãs! Volta imediatamente, ó Sugriva, já que sem o meu apoio tu e os teus líderes serão vencidos por Ravana. Volta a cruzar o mar acompanhado pelo teu exército liderado por Angada com Nila e Naja, ó rei. Eu estou totalmente satisfeito pela grande façanha militar de Hanuman, impossível para qualquer outro, e por aquela realizada pelo rei dos ursos e o general dos golangulas. Aquilo que Angada, Mainda e Dvivida fizeram, o terrível combate que Kesarin e Sampati mantiveram, a luta formidável na qual Gavaya, Gavaksha, Sharabha, Gaja e outros macacos, que estão dispostos a sacrificar suas vidas por mim, participaram, são suficientes para mim. Além disso, não é possível que os mortais evitem seu destino. Ó Sugriva, temendo falhar em teu dever, tu fizeste tudo o que um amigo e companheiro poderia fazer; tudo o que é devido à amizade tu realizaste, ó principal dos macacos! Eu me despeço de todos vocês; vão para onde lhes parecer melhor!"

Ouvindo Rama lamentar assim, os macacos permitiram que lágrimas caíssem dos seus olhos avermelhados, quando, nesse momento, Bibishana, tendo estabelecido ordem nas fileiras, com maça na mão se apressou a se reunir a Raghava. Ao vê-lo, que se parecia com uma massa de colírio, correndo em direção a eles dessa maneira, os macacos, pensando que ele era Ravani, fugiram.

Capítulo 50 – Garuda liberta Rama e Lakshmana

Enquanto isso o ilustre e poderoso rei dos macacos perguntou dizendo: "O que significa essa debandada? O exército parece um navio em meio às ondas atingido por uma tempestade!"

Ouvindo as palavras de Sugriva, Angada, filho de Bali, respondeu: "Tu não vês Rama e Lakshmana do grande carro, aqueles filhos valentes e ilustres de Dasaratha, cobertos com dardos jazendo totalmente ensanguentados em um leito de flechas?"

Então aquele Indra entre os macacos, Sugriva, disse ao seu filho: "A meu ver há alguma outra causa pela qual os macacos, desnorteados, com os olhos arregalados de terror, estão jogando suas armas ao chão para fugir em todas as direções sem vergonha e sem olhar para trás, empurrando uns aos outros e pulando sobre aqueles que caíram!"

Em meio a esse tumulto, o guerreiro Bibishana chegou lá, com uma grande maça em sua mão e disse: "Vitória para Rama! Vitória para Rama!" e Sugriva viu que era aquele titã que tinha causado o pânico entre os macacos a vista do que ele se dirigiu ao ilustre rei dos ursos, que estava perto, e disse:

"É Bibishana que veio para cá! Ao vê-lo os macacos, aterrorizados, fugiram, julgando que ele era filho de Ravana; reagrupa aqueles fugitivos imediatamente, que, com medo, se espalharam em todas as direções e lhes informa que é Bibishana que chegou!"

Em obediência à ordem de Sugriva, Jambavan, percebendo que era Bibishana e reconhecendo a sua voz, tranquilizou os macacos e parou a debandada, quando então livres de ansiedade todos eles voltaram pelo mesmo caminho.

Enquanto isso, o fiel Bibishana, ao ver o corpo de Rama como também o de Lakshmana cobertos com setas, foi tomado de aflição por sua vez. Mergulhando sua mão em água, ele lavou os olhos deles, mas, com a angústia tomando conta do seu coração, ele começou a chorar e a lamentar, dizendo:

"Vejam a que situação esses dois guerreiros poderosos e valentes foram levados por aquele titã com suas artimanhas! O filho do meu irmão, aquele jovem vicioso de alma perversa, em sua astúcia demoníaca, enganou aqueles dois lutadores honrosos. Perfurados por setas, cobertos de sangue, eles estão jazendo no chão como dois porcos-espinhos. Esses dois seres nobres, esses dois leões entre os homens, de quem dependia a posição à qual eu aspirava, para a minha destruição estão jazendo aqui inconscientes. Eu sou como um morto, privado da esperança de me tornar rei estou perdido, enquanto o meu rival Ravana vê seu voto cumprido e seus desejos realizados!"

Assim Bibishana lamentou, após o que Sugriva o abraçou e aquele magnânimo rei dos macacos falou a ele desta maneira:

"Ó príncipe virtuoso, tu certamente reinarás sobre Lanka; Ravana e seu filho não vão alcançar seu objetivo; o dano feito a Rama e Lakshmana não é grave, ambos sairão do seu desmaio e destruirão Ravana e suas hordas no campo de batalha".

Quando ele tinha assim consolado e confortado o titã, Sugriva deu suas ordens a Sushena, seu padrasto, que estava diante dele, dizendo:

"Leva esses dois irmãos, Rama e Lakshmana, com as principais das divisões de macacos para Kishkindha, até que esses dois flageladores de seus inimigos tenham recuperado a consciência. Quanto a mim, eu vou matar Ravana com seu filho e seus parentes e trarei Maithili de volta como Shakra fez com a prosperidade que havia perdido".

Assim falou o rei dos macacos e Sushena respondeu-lhe dizendo:

"Antigamente uma grande guerra ocorreu entre os devas e asuras e, ao se tornarem invisíveis repetidas vezes, os danavas derrotaram os deuses apesar da sua habilidade em manejar armas. Embora eles fossem guerreiros experientes, feridos, inconscientes e quase sem vida, Brihaspati os reviveu com a ajuda de remédios acompanhados pela recitação das fórmulas sagradas.

"Que os macacos, Sampati, Panasa e outros vão depressa colher aquelas símplices perto do oceano de leite; sem dúvida esses macacos estão familiarizados com as duas ervas da montanha, as divinas Samjivakarana e Vishalya, que foram criadas por um deus. Do leito do oceano de leite se erguem as montanhas Chandra e Drona, onde o divino amrita emergiu após a agitação,[427] é lá que essas ervas milagrosas podem ser encontradas. Que o filho do vento, Hanuman vá àquelas duas montanhas colocadas naquele vasto oceano pelos deuses".

Enquanto ele falava, um grande vento surgiu acompanhado por nuvens cerradas e relâmpagos, chicoteando as ondas salgadas e fazendo as montanhas tremerem como por causa de um terremoto. Sob o golpe poderoso das asas de Vata as grandes árvores caíram de cabeça nas águas salgadas do mar, com seus galhos quebrados, enquanto o terror tomou conta das grandes serpentes que habitavam essas regiões e aqueles monstros mergulharam nas profundezas.

---

[427] Referindo-se ao batimento do oceano pelos deuses e asuras.

De repente, Garuda, o valente filho de Vinata, como uma tocha ardente apareceu para todos aqueles macacos e, ao contemplá-lo, as serpentes, que amarravam aqueles dois guerreiros na forma de setas poderosas, fugiram. Então Suparna, tocando os dois Kakutsthas e lhes oferecendo seus bons desejos, com suas mãos limpou seus rostos que brilhavam como a lua.

Sob o toque de Vainateya as feridas de ambos foram fechadas e seus corpos imediatamente assumiram um tom brilhante e resplandecente. Sua coragem, vigor, força, resistência e resolução, essas grandes qualidades, também perspicácia, inteligência e memória foram redobradas.

Tendo posto de pé aqueles iguais de Vasava, o extremamente valente Garuda os abraçou calorosamente e Rama disse-lhe:

"Graças à tua beneficência e graça nós dois fomos libertos do mal singular que Ravana nos causou e a nossa força retornou. Como na presença do meu pai Dasaratha, ou do meu avô Aja, na tua presença também o meu coração está cheio de felicidade. Quem és tu dotado de uma beleza que te distingue, tu portando coroas, perfumes divinos e ornamentos celestes, o traje que te veste estando livre de poeira?"

Então o extremamente ilustre Vainateya, que era cheio de valor e o senhor das criaturas aladas, com seu coração enlevado, se dirigiu a Rama, cujos olhos brilhavam de alegria, e disse:

"Eu sou teu querido amigo, ó Kakutstha, a tua própria respiração, Garuda, que vim aqui ajudar vocês dois. Os Asuras poderosos e os macacos extremamente enérgicos como também os gandharvas com Shatakratu em sua chefia ou os próprios deuses não teriam sido capazes de romper esses laços formidáveis forjados com setas, tecidos com a ajuda de grande magia por Indrajita de atos cruéis. Esses descendentes de Kadru de presas afiadas e veneno sutil, que as artes potentes do titã transformaram em setas, tinham te agrilhoado. Tu és afortunado, ó Rama virtuoso, ó herói verdadeiro, como também Lakshmana, teu irmão, o destruidor de seus inimigos em combate.

"Sabendo da tua situação, reunindo a minha energia por afeição por vocês dois, dando ouvidos ao apelo da amizade somente, eu vim aqui com toda velocidade. Agora que estão livres desses grilhões formidáveis que vocês fiquem atentos constantemente! Todos os titãs por natureza recorrem à traição na guerra, enquanto para vocês, ó guerreiros corteses, a honra é sua única arma. Nunca confiem nos titãs no campo de batalha, pois esses meios pérfidos são sempre utilizados por eles".

Tendo os aconselhado dessa maneira, o poderoso Suparna abraçou Rama com ternura e pediu sua permissão para partir, dizendo:

"Caro e virtuoso Raghava, tu és um amigo para os teus inimigos, permite que eu me despeça. Não perguntes indiscretamente pelo motivo da minha amizade, ó Raghava, que estou tão perto de ti quanto a tua respiração, embora externo a ti. Tu saberás disso quando tiveres obtido sucesso na batalha, ó herói! Quando, sob a chuva dos teus mísseis, Lanka tiver sido destruída exceto pelas crianças e os idosos e tu tiveres matado Ravana, o teu adversário, tu trarás Sita de volta!"

Dito isso, Suparna de voo veloz, que tinha acabado de curar os ferimentos de Rama na presença dos macacos, tendo prestado reverência a ele e o tomado em seus braços, subiu ao céu com a velocidade do vento.

Vendo os dois Raghavas curados de seus ferimentos, os líderes dos macacos, chicoteando suas caudas, rugiram como leões. Depois disso gongos foram tocados e tambores ressoaram, enquanto conchas foram sopradas em meio à

alegria geral. Alguns manifestaram sua força por quebrar as árvores que eles usavam como maças e, em seu frenesi bélico, aqueles Plavamgamas se lançaram sobre os portões de Lanka.

Depois disso um clamor terrível e espantoso surgiu entre os principais dos macacos como, no fim do verão, o estrondo das nuvens de trovão à noite.

Capítulo 51 - Dhumraksha sai para lutar com os macacos

Aquele alarido formidável, criado pelos macacos que estavam cheio de ardor marcial, prendeu a atenção de Ravana e seus titãs, e ele, ouvindo as aclamações alegres e animadas e o tumulto distante, disse aos seus ministros que o cercavam:

"Um grande tumulto, semelhante aos murmúrios das nuvens, provém daquela horda de macacos muito contentes. Sem dúvida a sua alegria é grande, os seus gritos poderosos estão agitando o próprio oceano. No entanto flechas afiadas tornaram os dois irmãos, Rama e Lakshmana, inconscientes, portanto esse tremendo clamor quase me alarma!"

Tendo falado assim para seus ministros, o senhor dos titãs disse aos seus Nairritas, que estavam em volta dele:

"Descubram rapidamente de qual causa procede esse regozijo geral entre aqueles moradores da floresta em sua atual situação dolorosa!"

A esse comando, os titãs escalaram as muralhas apressadamente de onde eles viram o exército e seu líder o ilustre Sugriva com os dois Raghavas também, livres de suas amarras, sentados em nobre tranquilidade, após o que os titãs ficaram atônitos. Com terror em seus corações, aqueles guerreiros ferozes pularam dos muros e, mortalmente pálidos, voltaram ao seu rei. Com semblante abatido, aqueles titãs, hábeis em discurso, fielmente informaram Ravana dessas notícias desagradáveis, dizendo:

"Os dois irmãos, Rama e Lakshmana, a quem Indrajita tinha retido com suas flechas entorpecedoras e cujos braços ele tinha amarrado, se libertaram das flechas que os paralisavam e agora aparecem no campo de batalha com seu vigor natural, parecendo dois elefantes que romperam seus grilhões".

Ao ouvir essas palavras, o poderoso rei dos titãs, cheio de ansiedade e muito furioso, empalideceu e disse:

"Se os meus adversários, tendo sido assim refreados, agora estão livres apesar daquelas flechas formidáveis, aquelas dádivas raras semelhantes a serpentes brilhantes como o sol, que eram infalíveis e com as quais Indrajita os segurou depois de vencê-los em combate, então toda a minha autoridade está em perigo! Realmente aqueles dardos, brilhantes como o fogo, que em batalha privavam meus inimigos de vida foram inutilizados".

Após proferir essas palavras em tons furiosos, sibilando como uma serpente, ele se dirigiu a um titã chamado Dhumraksha que estava sentado entre os titãs e disse:

"Levando contigo uma tropa considerável de titãs vai sem demora e mata Rama e Lakshmana".

Ao comando daquele monarca astuto, Dhumraksha o circungirou e deixou o palácio imediatamente, depois do que, tendo cruzado o limiar ele disse ao general das tropas: "Mobiliza o exército, que necessidade há de atraso quando se entra em batalha?"

Assim falou Dhumraksha e o general reuniu um grande número de tropas de acordo com a ordem de Ravana.

Então aqueles rondantes noturnos, que eram valentes e de um aspecto formidável, com cintos de sinos em volta de suas cinturas, gritaram exultantes e se alinharam em volta de Dhumraksha.

Equipados com todos os tipos de armas, brandindo lanças, martelos, maças, arpões, bastões, porretes de ferro, barras, ganchos, picaretas, laços e machados, aqueles titãs terríveis saíram com o barulho de um trovão. Vestidos em armaduras e sobre carruagens que estavam enfeitadas magnificamente com bandeiras e decoradas com faixas de ouro puro, atreladas a mulas de muitas cabeças ou corcéis de extrema velocidade ou elefantes enlouquecidos com suco Mada, alguns daqueles titãs saltaram adiante como verdadeiros tigres.

E Dhumraksha com um grande estrépito partiu em um carro celeste ao qual mulas com arreios dourados e as cabeças de cervos e leões estavam engatadas; e aquele general valente cercado pelos titãs partiu em meio a riso zombeteiro através do portão leste, onde Hanuman estava posicionado. Quando ele avançou em seu carro excelente atrelado a mulas, cujas vozes ele emulava, aves de mau agouro planaram acima dele e no topo de seu carro um abutre terrível pousou enquanto aqueles devoradores de cadáveres se aglomeraram na ponta de seu estandarte. Escorrendo sangue um enorme tronco decapitado e lívido caiu por terra emitindo gritos inarticulados no caminho de Dhumraksha, e o céu derramou sangue, a terra tremeu, o vento soprou contrariamente com o rugido do trovão e a escuridão obscureceu todos os quadrantes.

Vendo esses augúrios terríveis que apareciam em todo o seu horror, pressagiando má sorte para os titãs, Dhumraksha encheu-se de alarme e o terror tomou conta de todos os soldados que o acompanhavam. No momento em que, cheio de medo, entre incontáveis titãs, ávido para entrar em combate, aquele general valente partiu, ele viu o vasto exército dos macacos semelhante a uma grande enchente, protegido pelos braços dos Raghavas.

Capítulo 52 - Dhumraksha luta e é morto por Hanuman

Vendo Dhumraksha de coragem temível sair, todos os macacos em seu ardor marcial emitiram gritos altos e uma luta impressionante se seguiu entre aqueles moradores da floresta e os titãs, que atacaram uns aos outros com árvores enormes, lanças e maças.

Por todos os lados macacos ferozes eram massacrados por titãs e titãs derrubados ao chão por macacos usando árvores. Os titãs atingiam seus oponentes com setas pontiagudas providas de penas de garça, temíveis de se ver, que nunca erravam seus alvos e maças terríveis, arpões, machados, barras formidáveis e tridentes de todos os tipos, que, brandidos por eles, mutilavam aqueles macacos poderosos, enquanto eles, exasperados, redobravam seus esforços e, sem esmorecer, continuavam a luta. Com seus membros perfurados por flechas, seus corpos trespassados com lanças, aqueles principais dos macacos se armavam com árvores e rochas e com saltos impressionantes, tendo proclamado seus nomes acompanhados de gritos, esmagavam aqueles titãs intrépidos.

Depois disso a batalha se tornou extremamente furiosa entre macacos e demônios e os primeiros em meio a gritos de triunfo pegaram pedras de todos os

tipos e árvores com ramos incontáveis e rochas para destruir o inimigo; os titãs, que se alimentavam de sangue, caíam aos montes, vomitando sangue, com seus lados cortados pelas árvores, enquanto outros eram esmagados pelas pedras e outros ainda despedaçados pelos dentes dos macacos.

Com seus estandartes quebrados, suas espadas quebradas, suas carruagens viradas, eles andavam às cegas e a terra estava coberta com os cadáveres de grandes elefantes parecendo colinas e cavalos com seus cavaleiros esmagados pelas grandes rochas arremessadas sobre eles por aqueles moradores na floresta; e os macacos de bravura extrema avançaram nos titãs, lançando-se sobre eles com grandes saltos e arranhando seus rostos com suas unhas afiadas.

Mutilados, com seus cabelos arrancados, enlouquecidos pelo cheiro de sangue, os titãs caíam em grandes números; alguns daqueles guerreiros ferozes, no entanto, em um acesso de fúria se lançavam sobre os macacos e os golpeavam com as palmas das suas mãos, que ressoavam como o trovão, e os macacos, recebendo aquele impacto violento, com uma ferocidade ainda maior subjugavam os titãs com golpes de seus pés, dentes e árvores.

Vendo seu exército desnorteado, Dhumraksha, aquele leão entre os titãs, em sua fúria começou a criar carnificina entre os macacos belicosos, e alguns perfurados com lanças perdiam rios de sangue, enquanto outros, derrubados por golpes de machado, caíam por terra.

Aqui alguns eram esmagados por barras de ferro, outros dilacerados por arpões ou perfurados por lanças, cambaleavam e caíam, abandonando seus ares vitais. Mortos em grande quantidade, cobertos de sangue, postos em fuga, aqueles habitantes das florestas caíam morrendo sob o ataque furioso dos titãs na luta. Com seus peitos abertos eles jaziam de lado ou, cortados com tridentes, suas entranhas jorravam.

Então aquele conflito imenso tomou proporções terríveis em virtude do número de macacos e titãs que participavam e dos inúmeros dardos, pedras e árvores que eram usados. Com as cordas de arco como o alaúde melodioso, o relincho dos cavalos, as palmas das mãos e o barrido dos elefantes como a melodia, toda a batalha parecia uma sinfonia.

Enquanto isso Dhumraksha, armado com seu arco, na linha da frente de batalha, sob uma chuva de mísseis, dispersava os macacos como em diversão por todos os lados, e Maruti, vendo o exército de macacos sendo exterminado e posto em fuga por aquele titã, atirou-se sobre ele em fúria, com uma grande rocha na mão. Com seus olhos ardendo de raiva, igual a seu pai em coragem, ele arremessou a rocha no carro do inimigo e vendo a pedra cair, Dhumraksha, brandindo sua maça, em sua agitação saltou rapidamente do carro para o chão. Então aquela rocha rolou sobre a terra, tendo quebrado a carruagem com suas rodas, seu mastro, seus eixos, estandarte e arco de Dhumraksha.

Então Hanuman, nascido de Maruta, deixando o carro jazendo, matou os titãs com troncos de árvores providos de seus ramos, e com as cabeças esmagadas, cobertos de sangue, mutilados por aquelas árvores, eles caíram por terra.

Tendo desbaratado o exército do inimigo, Hanuman, nascido de Maruta, quebrando o pico de uma montanha atirou-se sobre Dhumraksha, que, brandindo sua maça, correu para seu adversário, e ele avançou com pressa em direção a ele gritando. Então Dhumraksha, em sua fúria, derrubou aquela arma cravejada de inúmeras pontas na cabeça do enfurecido Hanuman, e atacado por aquele golpe violento e temível, o macaco, que era dotado da força de Maruta, não ficou perturbado de nenhuma maneira, mas atingiu o titã em cheio no crânio com seu pico

rochoso que quebrou todos os seus membros, após o que Dhumraksha de repente caiu por terra como uma montanha desmoronando.

Vendo-o morto, os rondantes noturnos que tinham sobrevivido ao massacre, aterrorizados, reentraram em Lanka, atormentados pelos Plavamgamas.

O filho ilustre de Pavana, no entanto, tendo destruído seus inimigos, fazendo fluir rios de sangue, cansado da matança, recebeu com alegria as felicitações cordiais dos líderes macacos.

Capítulo 53 - Vajradamshtra entra na disputa

Sabendo da morte de Dhumraksha, Ravana o rei dos titãs caiu em um acesso de fúria e começou a sibilar como uma serpente. Cheio de ira, com suspiros longos e ardentes ele se dirigiu ao extremamente poderoso Vajradamshtra, dizendo:

"Ó guerreiro, sai à frente dos titãs e triunfa sobre o filho de Dasaratha, Rama, como também sobre Sugriva e os macacos!"

"Assim seja!", respondeu o general que era versado na arte da magia, e ele partiu rapidamente com as inúmeras divisões que o rodeavam.

Com o máximo cuidado ele reuniu grupos de elefantes, cavalos, burros e mulas, adornando-os com incontáveis bandeiras de diferentes cores, e aquele titã, usando braceletes e um diadema de grande valor, partiu imediatamente, levando seu arco e, tendo circungirado sua carruagem enfeitada com flâmulas, que deslumbrava o olhar com seus revestimentos de ouro puro, ele subiu nela.

Depois disso saiu infantaria de todo tipo, equipada com armas, como cutelos, inúmeros dardos, maças brilhantes, arpões, arcos, lanças, chuços, espadas, discos, martelos e machados afiados. Todos aqueles ilustres leões entre os titãs em seus uniformes resplandecentes e multicoloridos, cheios de ardor montados em elefantes inebriados com linfa, pareciam montanhas em movimento. Suas montarias equipadas para o combate, conduzidas por cornacas[428] portando lanças e aguilhões, eram encabeçadas por aquelas distintas por seus arreios e grande força.

E todo o exército de titãs saiu em fila, parecendo tão brilhante quanto as nuvens partidas pelo relâmpago na estação chuvosa, e eles emergiram do portão norte, onde o general Angada estava posicionado.

Consequentemente, enquanto eles partiam, presságios temíveis apareceram e, de um céu sem nuvens embora ardente, meteoros caíram enquanto chacais, emitindo uivos temíveis, expeliram chamas e fogo. Animais hediondos predisseram a destruição dos titãs que entraram em combate tropeçando miseravelmente.

No entanto, apesar desses maus presságios, o poderoso Vajradamshtra, cheio de energia e coragem, foi em frente ávido para enfrentar o inimigo e, vendo seus adversários, os macacos, avançando, ansioso pela vitória, emitiu gritos tremendos que ecoaram em todos os quadrantes.

Então uma luta furiosa se seguiu entre os macacos e os titãs, e aqueles guerreiros temíveis de aspecto feroz procuraram provocar a destruição uns dos outros. Alguns desses guerreiros, com suas cabeças e corpos cortados, caíam ao chão banhados em sangue, enquanto outros, cujos braços pareciam de aço, se aproximaram uns dos outros, atacando com várias armas, não cedendo terreno. Árvores, pedras e lanças se chocavam com um barulho tremendo, infligindo terror no

[428] [Cornaca: pessoa que trata e guia elefantes na Índia].

coração dos ouvintes e o terrível estrépito de rodas de carruagens, a vibração das cordas de arco, o clangor de trombetas, o rufar de tambores, o ressoar de gongos, criaram um tumulto indescritível.

Então, jogando longe suas armas, eles lutaram entre si em combate corpo-a-corpo, golpeando uns aos outros com as palmas das suas mãos, seus pés, seus joelhos e até com árvores. Alguns dos titãs tinham seus corpos rasgados, alguns eram esmagados por rochas e alguns eram derrubados golpes dos macacos na luta.

Então Vajradamshtra, tendo examinado a cena, começou a semear terror entre os macacos, como Antaka, com laço na mão, na destruição dos mundos.

Cheios de vigor, aqueles guerreiros hábeis, os titãs, levados pela raiva, dizimavam as tropas de macacos com todos os tipos de armas e, de sua parte, o filho audacioso de Vayu derrubou todos aqueles titãs na luta, a fúria redobrando sua força, de modo que ele parecia o fogo da dissolução. Então o valente Angada, igual a Shakra em coragem, brandindo uma árvore, com os olhos vermelhos de raiva, como um leão entre cervos indefesos, causou uma carnificina terrível. Pela força dos golpes deles, os titãs de coragem formidável, com os crânios esmagados, caíam como árvores sob os golpes do machado e a terra, coberta com carruagens de todos os tipos, estandartes, cavalos, corpos de macacos e titãs e rios de sangue, era terrível de se ver. Colares de pérolas, pulseiras, trajes e guarda-sóis decoravam o campo de batalha, que brilhava como uma noite outonal, e o tempestuoso Angada dispersou o grande exército dos titãs como o vento dissipa as nuvens.

Capítulo 54 – Angada mata Vajradamshtra

O extermínio de seu exército através das proezas de Angada encheu de fúria o valente Vajradamshtra. Esticando seu arco formidável, semelhante ao raio de Shakra, ele atacou os batalhões de macacos com uma chuva de flechas após o que os principais dos titãs sobre carros, armados com todos os tipos de armas e cheios de coragem, entraram na disputa, enquanto os macacos, aqueles touros poderosos entre os Plavagas, reunindo-se de todos os lados, lutaram com pedras.

Milhares de armas foram lançadas naquele confronto violento pelos líderes titãs e macacos e, de sua parte, os grandes macacos com o ardor dos elefantes no cio despejaram árvores gigantes e enormes blocos de pedra sobre os demônios de modo que entre aqueles guerreiros intrépidos, os titãs e os macacos, que nunca recuavam em batalha, uma luta tremenda se seguiu.

Macacos e titãs, ainda possuindo cabeças, mas privados de braços e pernas jaziam no chão banhados em sangue e eriçados com flechas, presas de garças, abutres e corvos ou devorados por tropas de chacais.

Macacos e viajantes noturnos caíam no campo de batalha; troncos sem cabeça pulavam para o terror de todos, com braços, mãos e cabeças cortadas e membros talhados em pedaços na luta.

Enquanto isso, o exército de Vajradamshtra, superado pelos macacos, se dispersou sob os seus olhos, no que aquele líder, vendo os titãs aterrorizados e dizimados pelos Plavamgamas, com os olhos vermelhos de raiva, arco na mão, penetrou nas fileiras inimigas, semeando o pânico entre elas. Então ele despachou os macacos com setas providas de plumas de garça que voavam direto para o alvo e perfurava sete, oito, nove ou cinco de seus oponentes simultaneamente, destruindo-os, assim, em sua fúria. Postos em fuga, aqueles batalhões de símios,

com membros mutilados por aqueles dardos, buscaram refúgio com Angada como todas as criaturas com Prajapati; e quando ele viu as divisões de macacos fugindo em desordem, o filho de Bali trocou olhares de ódio com Vajradamshtra e, em um acesso de raiva, eles entraram em um duelo terrível um com o outro de modo que parecia que um leão e um elefante inebriado com linfa lutavam entre si. E o filho de Bali cheio de valentia foi atingido em seus órgãos vitais por cem mil setas semelhantes a línguas de fogo e todos os seus membros foram borrifados com sangue. Então aquele macaco extremamente enérgico de coragem formidável arremessou uma árvore em Vajradamshtra, mas aquele titã intrépido, vendo-a cair, cortou-a em inúmeros pedaços que caíram em pilhas sobre a terra.

Testemunhando a força de seu rival, aquele leão entre os Plavagas pegou uma rocha enorme que ele girou, emitindo um grito e, enquanto ela descia, aquele herói, saltando do seu carro, armado com sua maça, ficou esperando imperturbável. Enquanto isso aquela rocha disparada por Angada caiu na vanguarda da batalha onde ela quebrou a carruagem com suas rodas, eixos e cavalos.

Então o macaco rompeu um grande penhasco da montanha mais uma vez e esse estava coberto de árvores, e ele o derrubou sobre a cabeça de seu adversário de modo que Vajradamshtra, tomado de uma tontura súbita, vacilou e começou a vomitar sangue, agarrando sua maça convulsivamente e respirando pesadamente. Depois disso, voltando a si, em um ataque de fúria ele acertou o filho de Bali em cheio no peito com a maça e, deixando-a cair, começou a lutar com os punhos, e então uma luta corpo-a-corpo seguiu-se entre macaco e titã. Exaustos pelos golpes, esguichando sangue, aqueles guerreiros valentes lembravam os planetas Marte e Mercúrio.

Enquanto isso, o extremamente poderoso Angada, aquele leão dos Plavagas, ficou esperando e agarrou um escudo coberto com o couro de um touro e uma grande espada decorada com sinos de ouro envolta em uma bainha de couro.

Em meio a inúmeras evoluções graciosas, o macaco e o titã atacaram um ao outro, rugindo e sedentos pela vitória. Com seus ferimentos abertos, eles brilhavam como duas árvores Kimshuka florescendo e a luta lhes tirou o fôlego de modo que eles caíram de joelhos na terra. Então num piscar de olhos Angada, aquele elefante entre os macacos, levantou-se, com os olhos ardendo como uma serpente que foi atingida com uma vara e, com sua espada inoxidável que era bem afiada, o filho de Bali, que era cheio de vigor, cortou a cabeça enorme de Vajradamshtra, cujos membros estavam banhados em sangue. Sob o golpe daquela espada, sua bela cabeça caiu, partida em duas, os olhos revirados.

Vendo Vajradamshtra morto, os titãs, loucos de terror, fugiram em pânico em direção a Lanka, fustigados pelos Plavamgamas, com seus rostos consternados, de cabeça baixa em vergonha.

Tendo derrotado o inimigo com seu braço poderoso, o forte filho de Bali sentiu grande alegria em meio ao exército de macacos, honrado por eles por sua grande coragem e ele parecia o deus de mil olhos rodeado pelos celestiais.

Capítulo 55 – Akampana sai para lutar contra os macacos

Sabendo que Vajradamshtra havia sido morto pelo filho de Bali, Ravana se dirigiu ao general de suas tropas que, com palmas unidas, estava perto dele e disse:

"Que os titãs invencíveis de coragem irresistível saiam imediatamente com Akampana em sua chefia, que está familiarizado com o uso de todas as armas e mísseis; ele se distingue em vencer o inimigo e em preservar e liderar suas próprias tropas; ele sempre quis o meu bem-estar e amou a guerra; ele será vitorioso sobre os dois Kakutsthas e o extremamente enérgico Sugriva. O resto dos macacos também são formidáveis, mas, sem dúvida, ele exterminará todos eles".

A esse comando de Ravana, o titã valente, com muita pressa, mobilizou toda uma divisão do exército. Equipados com todos os tipos de armas, aqueles principais dos titãs de aspecto aterrorizante, terríveis de se olhar, correram para a luta para onde seu general os tinha despachado.

Akampana da estatura e da cor de uma nuvem, cuja voz parecia o trovão, subiu em seu carro decorado com ouro fino e partiu cercado por demônios terríveis. Ele, que era incapaz de tremer em batalha mesmo diante dos próprios deuses, pareceu para os macacos ser tão esplêndido quanto o sol. Quando ele acelerou em seu caminho, furioso e ávido para entrar em combate, os cavalos que puxavam sua carruagem foram subitamente privados de sua energia e o olho esquerdo dele que se deleitava na guerra começou a se contrair. Seu rosto ficou pálido, sua voz tremeu, o dia que parecia tão belo tornou-se ameaçador e um vento implacável começou a soprar. Aves e animais proferiram gritos pesarosos, mas aquele titã, que tinha os ombros de um leão e a agilidade de um tigre, ignorando esses presságios, avançou para o campo de batalha e, quando ele seguiu adiante com suas tropas, surgiu um tumulto imenso que parecia convulsionar o oceano, e o som intimidou o exército símio, que, equipado com árvores, se preparou para entrar em combate.

A partir daí uma luta terrível se seguiu entre macacos e demônios e, prontos para sacrificar suas vidas pela causa de Rama e Ravana, aqueles macacos e guerreiros titãs de extrema coragem, que pareciam colinas, lutaram uns com os outros e, os brados que eles emitiam no meio da luta e os gritos de desafio que eles soltavam em sua raiva criaram um clamor indescritível. A poeira densa acobreada, erguida pelos macacos e os titãs, envolveu todo o horizonte e, em meio àquela nuvem amarela semelhante à seda que os cobria, os combatentes já não podiam distinguir uns aos outros no campo. Nem estandarte, bandeira, escudo, arma, nem carruagem podiam ser discernidos naquele manto de poeira e o clamor formidável de guerreiros desafiando e avançando um no outro era pavoroso de se ouvir, porém na confusão nenhuma forma era visível.

Nessa luta macacos caíram sob os golpes de macacos enfurecidos, titãs massacraram titãs na escuridão; Plavagas e demônios matavam inimigos e amigos, e a terra encharcada de sangue estava grossa de lama.

Sob a chuva de sangue a poeira assentou, revelando a terra coberta de cadáveres. Então os macacos e os titãs atacaram uns aos outros com golpes de árvores, lanças, maças, dardos, pedras, barras e picaretas, lutando com seus adversários que pareciam montanhas. Nesse confronto os macacos mataram os titãs de atos temíveis e eles, incitados pela raiva, portando dardos e lanças em suas mãos, destruíram os macacos com suas armas cruéis.

Então Akampana, o líder dos titãs, cheio de ira, consolou todos aqueles soldados ferozes e valentes; os macacos, no entanto, pulando sobre eles, despedaçaram suas armas e oprimiram aqueles titãs com golpes de árvores e pedras.

Naquele instante, os corajosos líderes macacos, Kumuda, Nala e Mainda, num acesso de raiva, como se em diversão, com saltos poderosos e golpes de árvores criaram uma grande carnificina entre os titãs, e todos aqueles leões entre os

macacos provocaram total desordem nas fileiras do inimigo com seus mísseis incontáveis.

Capítulo 56 – Akampana é morto por Hanuman

Testemunhando essa grande façanha executada pelos líderes macacos, Akampana foi tomado de raiva violenta e suas feições ficaram distorcidas. Brandindo seu arco poderoso, ele se dirigiu ao seu auriga com estas palavras:

"Dirige a carruagem com toda velocidade para aquele local, pois aqueles guerreiros estão matando incontáveis titãs no campo de batalha. Aqueles macacos arrogantes de ferocidade extrema, armados com árvores e rochas, se atrevem a me afrontar! Eu exterminarei esses guerreiros audaciosos que estão semeando confusão nas fileiras dos titãs!"

Então, em sua carruagem puxada por cavalos de movimento rápido, Akampana, o mais hábil dos guerreiros em carros, com uma chuva de dardos, oprimiu os macacos de modo que eles não foram mais capazes de manter sua formação e por essa razão eles nem podiam lutar e, subjugados sob as flechas do titã, a confusão se tornou geral.

Então o valente Hanuman, vendo-os cair sob o domínio da morte, perseguidos pelos dardos de Akampana, foi resgatar seus companheiros e, vendo aquele grande Plavaga, aqueles leões entre os macacos se reagruparam e, no campo, se reuniram corajosamente em volta dele. Observando a sua coragem, aqueles principais dos macacos se animaram sob a proteção da bravura dele.

Enquanto isso Akampana, como um segundo Mahendra, fez uma chuva de flechas cair sobre Hanuman que permaneceu tão firme quanto uma rocha, sem se importar com as armas que caíam sobre o seu corpo, e aquele macaco extremamente corajoso resolveu matar seu adversário e, com muitas gargalhadas, o filho impetuoso de Maruta saltou sobre o titã, fazendo a terra tremer por assim dizer, enquanto queimando de energia ele emitia gritos de modo que era impossível olhar para ele como é impossível olhar para um fogo em um braseiro.

Encontrando-se sem armas, aquele principal entre os macacos, na fúria que o possuía, arrancou uma rocha e agarrando o enorme rochedo com uma mão, Maruti, emitindo um rugido, começou a girá-lo rapidamente então o arremessando no líder titã Akampana, como antigamente no confronto Purandara arremessou seu raio em Namuchi.

Akampana, no entanto, vendo aquele rochedo voando em direção a ele, despedaçou-o de longe por meio de grandes dardos em forma de crescente. Vendo aquele pico rochoso despedaçado no ar pelas flechas do titã e caindo em pedaços, Hanuman ficou louco de raiva e vendo uma árvore Ashvakarna tão grande quanto uma montanha, no acesso de raiva que o possuía, aquele macaco a arrancou com violência e agarrando aquela árvore de ramos imensos, em sua grande força, brandiu-a de modo exultante. Então ele começou a correr a passos largos, derrubando as árvores em sua pressa e, no excesso de sua fúria, rasgando a terra com seus pés; e ele derrubou elefantes como também aqueles que os montavam e aurigas com seus carros e a formidável infantaria de titãs.

Vendo Hanuman, como Antaka, o destruidor dos ares vitais, cheio de ira, armado com uma árvore, os titãs empreenderam fuga. Então, o valente Akampana vendo aquele macaco furioso semeando terror entre seus soldados, muito

perturbado, deu um grito poderoso e, com quatorze flechas pontiagudas que rasgavam a carne, ele perfurou o extremamente poderoso Hanuman.

Crivado de flechas de ferro de pontas afiadas, aquele guerreiro símio se assemelhava a uma montanha coberta com florestas e, como uma árvore Ashoka florescente, ele brilhava como uma chama sem fumaça. Arrancando outra árvore, com um salto prodigioso ele atingiu a cabeça do general titã com um golpe terrível e, por aquele golpe com o qual aquele Indra entre os macacos o atingiu em sua fúria, Akampana caiu morto.

Vendo seu líder jazendo sem vida sobre a terra, todos os titãs tremeram como as árvores quando a terra treme. Postos em fuga, todos aqueles guerreiros, jogando longe suas armas, fugiram na direção de Lanka, aterrorizados, perseguidos pelos macacos. Com seus cabelos soltos, em pânico, seu orgulho quebrado pela derrota, seus membros pingando de suor, em sua confusão, eles fugiram em desordem. Depois disso, loucos de medo, olhando para trás continuamente, esmagando uns aos outros em sua pressa, eles entraram na cidade.

E, quando os titãs tinham entrado em Lanka, aqueles macacos extremamente poderosos cercaram Hanuman a fim de prestar homenagem a ele e o poderoso Hanuman, de natureza nobre, honrou todos eles de acordo com sua posição.

Em seguida os macacos triunfantes gritaram com poder e força e mais uma vez perseguiram os titãs com a intenção de matá-los enquanto aquele grande Plavaga, nascido de Maruta, retornando aos seus próprios companheiros, tendo matado o titã, desfrutou do mesmo renome na batalha como Vishnu quando ele venceu o asura poderoso de força imensa na vanguarda da batalha.

Então aquele macaco recebeu a homenagem dos deuses e do próprio Rama como também do muito valoroso Lakshmana e dos Plavamgamas liderados por Sugriva e por Bibishana de grande alma.

Capítulo 57 – Prahasta sai para lutar

Sabendo da morte de Akampana, o irascível senhor dos titãs com um semblante abatido se aconselhou com seus ministros e, tendo refletido por algum tempo e deliberado com eles, Ravana, o senhor dos titãs, passou a manhã inspecionando as defesas; e o rei percorreu aquela cidade decorada com faixas e bandeiras, guardada pelos titãs e cheia de inúmeras tropas.

Vendo Lanka sitiada, Ravana, o soberano dos titãs, disse ao devotado Prahasta, um soldado qualificado:

"Essa cidade assim sitiada e muito pressionada, ó guerreiro hábil, só pode ser salva por mim, Kumbhakarna, tu, que estás no comando do exército, Indrajita ou Nikumbha; ninguém mais poderia realizar tal tarefa!

"Levando um grupo de guerreiros, coloca-te rapidamente em seu meio e parte para triunfar sobre os habitantes da floresta. Nessa surtida, assim que o exército de macacos ouvir o tumulto criado pelos titãs, eles vão se dispersar. Voláteis, indisciplinados e inconstantes, os macacos não serão capazes de aguentar o teu grito mais do que um elefante pode suportar o rugido de um leão. Com seu exército derrotado, Rama com Saumitri, privado de mais autoridade, cairá sob o teu poder, ó Prahasta.

"Um infortúnio hipotético é preferível a um que é certo! Seja desagradável de ouvir ou não, dize o que tu consideras que é para o nosso benefício!"

Assim abordado por aquele Indra entre os titãs, Prahasta, o líder do exército, lhe respondeu como Ushanas ao rei dos asuras, dizendo:

"Ó rei, antigamente nós discutimos esse assunto com os sábios e, depois de examinarmos os diferentes pontos de vista, um desentendimento surgiu entre nós. Devolver Sita era o que eu considerava o rumo mais vantajoso, não fazê-lo significava guerra; nós antevimos isso.

"Eu sempre fui cumulado de presentes e honrarias por ti como também com todos os sinais de amizade. Quando surge a oportunidade, eu não devo te prestar um serviço? Mais ainda, eu não pouparei vida, nem filhos, esposa nem riqueza! Saibas que eu estou pronto a sacrificar a minha vida em teu interesse em batalha!"

Tendo falado assim para seu irmão, o general Prahasta disse aos seus oficiais principais que estavam diante dele:

"Reúnam um grande exército imediatamente; hoje as aves e animais comedores de carne se alimentação do inimigo que eu derrubarei no campo de batalha com minhas flechas rápidas!"

A esse comando aqueles líderes altamente poderosos reuniram as tropas na residência do rei dos titãs. Num instante, Lanka estava cheia de guerreiros temíveis semelhantes a elefantes, equipados com armas de todo tipo.

Enquanto eles propiciavam o deus que se alimenta de oferendas[429] e prestavam homenagem aos brâmanes, uma brisa perfumada, tendo o aroma de manteiga clarificada, começou a soprar e os titãs, todos prontos para a batalha, pegando guirlandas de todos os tipos, se enfeitaram com prazer. Depois disso, armados com arcos e armaduras, eles partiram em seus carros em um ritmo acelerado, com os olhos voltados para o seu rei, Ravana. E eles se alinharam em volta de Prahasta enquanto ele prestava reverência ao seu soberano à batida de um gongo de som terrível, após o que, com suas armas, aquele general subiu em sua carruagem que estava equipada com tudo o que era necessário, atrelada a corcéis extremamente velozes, conduzida habilmente e em perfeitas condições.

Estrondeando como uma grande nuvem, brilhando como a própria lua, inaproximável como a serpente que servia como seu estandarte, solidamente e artisticamente construído, decorado com uma rede de ouro puro, sorridente por assim dizer em sua magnificência, tal era o carro no qual Prahasta, após ter recebido o comando de Ravana, estava.

Então o titã partiu de Lanka imediatamente no meio de um exército poderoso e, na sua partida, o rufar de tambores parecendo o rugido de Parjanya e o toque de trombetas surgiu, que parecia encher a terra e, com o clangor de conchas, os titãs avançaram, criando um tumulto terrível. Narantaka, Kumbhahanu, Mahanada e Samunata, gigantes colossais, seus ajudantes, cercavam Prahasta que emergiu do portão leste em meio a um exército imenso, formidável e poderoso semelhante a uma manada de elefantes e, no centro daquela tropa, vasta como o mar, Prahasta em sua fúria parecia a morte no fim do mundo, ao passo que o barulho, que se ergueu na sua partida com seus titãs dando seus gritos de guerra, causou um sinistro chamado respondente de todas as criaturas.

Em um céu sem nuvens, aves de rapina avançando para encontrar a carruagem circulavam da esquerda para a direita; chacais temíveis vomitavam fogo e chamas, uivando lugubremente; um meteoro caiu do céu e o vento soprava gélido; planetas, em oposição uns aos outros, perdiam seu brilho enquanto nuvens com um som rouco derramavam sangue no carro de Prahasta com o qual seus atendentes

[429] O deus do fogo, Agni.

foram salpicados; um abutre grasnindo, de frente para o sul, pousou no topo do seu estandarte privando aquele titã de seu brilho. Seu auriga, que nunca retrocedia em batalha, apesar de sua habilidade, repetidas vezes permitiu que o aguilhão caísse de sua mão. O brilho daquela surtida de pompa incomparável desapareceu em um instante e os cavalos tropeçaram no chão nivelado.

Vendo Prahasta, conhecido por seu valor marcial, avançando para dar batalha, o exército de macacos, equipado com armas de todo tipo, avançou para encontrá-lo e um clamor formidável surgiu entre eles enquanto eles arrancavam as árvores e pegavam grandes rochas.

Então os titãs gritaram e os macacos rugiram, ambos os exércitos estando cheios de fervor e, em sua fúria e zelo e sua impaciência para matar uns aos outros, eles desafiaram uns aos outros com gritos tremendos.

Enquanto isso Prahasta avançou para as tropas dos macacos a quem em sua tolice ele imaginava que ele iria destruir e, com um salto impetuoso, se lançou sobre aquele exército como um gafanhoto cai em uma chama.

Capítulo 58 – A morte de Prahasta

Vendo Prahasta partindo com ardor marcial, o conquistador Rama, sorrindo, questionou Bibishana, dizendo:

"Quem é esse colosso cercado por um exército imenso, que com tal velocidade, valentia e coragem, avança tão rapidamente? Dá-me a conhecer esse bravo viajante noturno".

A essa pergunta, Bibishana respondeu: "Prahasta é o nome desse titã, ele é o líder do exército; um terço das tropas pertencentes ao rei dos titãs o acompanha. Ele é corajoso, um mestre da ciência de armas e um guerreiro famoso por sua bravura".

Enquanto o terrível Prahasta de façanhas formidáveis avançava rugindo, aquele colosso, cercado por suas tropas, era observado pelo grande e poderoso exército dos macacos que começaram a emitir gritos de desafio.

Espadas, lanças, adagas, chuços, dardos, maças, clavas, barras, venábulos e machados de todo tipo com muitos diferentes arcos brilhavam nas mãos dos titãs que, desejosos de vitória, caíam sobre os macacos.

Árvores em flor, rochas, pedras enormes e pesadas eram as armas dos Plavamgamas, que estavam ansiosos para lutar e, quando se aproximaram uns dos outros, uma luta formidável surgiu entre aqueles inúmeros combatentes, que derramavam uma chuva de pedras e flechas. No conflito, inúmeros titãs causaram a morte de milhares de macacos poderosos e inúmeros macacos destruíram o mesmo número de titãs. Alguns dos combatentes caíam sob as lanças, outros sob grandes flechas, alguns eram derrubados pelos golpes de barras, outros cortados por machados. Privados de seus ares vitais eles jaziam sobre a terra com seus corações transpassados ou cortados em pedaços pela avalanche de mísseis. E aqueles macacos caíam ao chão cortados em dois pelos golpes de espadas, com seus flancos abertos por aqueles titãs ousados e eles, por sua vez, cheios de fúria, derrubavam as fileiras do inimigo, enchendo a terra com eles, e eles os atingiam com árvores e rochedos, aplicando bofetadas trovejantes e golpes terríveis com seus punhos, de modo que os titãs, cegos, com seus rostos cinzentos, vomitavam sangue.

Posteriormente um clamor terrível ergueu-se e, em meio a gritos de dor e rugidos leoninos, os macacos e titãs, enlouquecidos, com suas feições distorcidas, seguindo o caminho dos heróis, se conduziram com grande coragem. Narantaka, Kumbhahanu, Mahanada e Samunnata, companheiros de Prahasta, dizimavam aqueles habitantes das florestas, lançando-se sobre os macacos em fúria, destruindo-os; e Dvivida derrubou um deles chamado Narantaka; em seguida, o macaco Durmukha, saltando para o alto por sua vez, com a mão pronta, atingiu Samunnata com uma grande árvore; Jambavan, no auge da raiva, agarrando uma pedra enorme a atirou com força no peito de Mahanada e, de sua parte, o valente Kumbhahanu, tendo atacado o general Tara, que estava armado com uma árvore enorme, recebeu um golpe que lhe custou a vida.

Enfurecido pelo assassinato quádruplo, Prahasta, que estava em sua carruagem, com o arco seguro na mão, causou uma devastação terrível entre os macacos e os dois exércitos se tornaram um vórtice, parecendo uma tempestade rugindo sobre um vasto oceano. Naquela grande batalha, o titã, intoxicado com o combate, em sua fúria aniquilava os macacos sob uma imensa avalanche de setas. Os cadáveres de macacos e titãs estavam empilhados no chão e o cobriam como montanhas hediondas e a terra, fluindo com o sangue que a inundava, brilhava como no mês da primavera quando coberta pelas árvores Palasha floridas.

Com as pilhas de guerreiros como suas margens, as armas quebradas suas árvores, as torrentes de sangue suas ondas enormes, a morte parecia um oceano recebendo suas cheias; fígados e baços sua lama, entranhas o seu musgo, cabeças e troncos decepados os peixes, e pedaços de carne a grama, inúmeros abutres seus cisnes encantadores, garças seus gansos, coberto como ele estava com a gordura como a espuma, o tumulto o som das suas águas, o campo de batalha se assemelhava a um rio, incapaz de ser cruzado, visitado por aves aquáticas no final da época chuvosa. E os principais dos titãs e dos macacos atravessavam esse rio intransponível como elefantes lideram suas manadas através de um lago que os lótus cobriram com pólen.

Enquanto isso Prahasta, de pé no seu carro, fazendo voar incontáveis flechas dispersando os Plavamgamas, foi observado por Nila e, como um vento violento, o general dos titãs viu Nila avançando sobre ele como uma massa de nuvens no céu.

Dirigindo sua carruagem brilhante como o sol em direção a ele, aquele principal dos arqueiros, esticando seu arco no meio da luta, cobriu Nila com suas flechas farpadas, as quais, perfurando-o em seu voo rápido, passaram através de seu corpo e, como serpentes furiosas, se enterraram na terra com grandes jorros. Quando Nila foi ferido por aquelas flechas pontiagudas semelhantes a línguas de fogo, aquele macaco enorme e poderoso, brandindo uma árvore, golpeou o extremamente temível Prahasta que o tinha atacado com tal fúria.

Rugindo com raiva sob os seus golpes, aquele leão entre os titãs oprimiu o chefe macaco com uma chuva de flechas, e a chuva de mísseis disparada por aquele demônio cruel foi recebida pelo macaco com os olhos fechados. Como um touro permanecendo sob um aguaceiro outonal repentino, assim, sob aquela chuva intolerável de dardos, Nila imediatamente fechou os olhos, suportando-a, embora ela mal pudesse ser suportada. Louco de raiva, sob a saraivada de flechas, aquele macaco grande e poderoso, armando-se com uma árvore Sala, derrubou os cavalos de Prahasta e depois disso com seu coração transbordando de raiva ele cortou o arco daquele bárbaro, gritando repetidamente.

Privado de seu arco, Prahasta, o líder do exército, pegando uma maça formidável, saltou de seu carro, e aqueles dois generais, enfrentando um ao outro,

adversários cheios de coragem, com seus membros cobertos de sangue, como dois elefantes com presas quebradas, cortaram um ao outro com seus dentes afiados. Leão e tigre em porte, leão e tigre em bravura, esses dois guerreiros, vencedores de outros heróis, combatentes intrépidos, sedentos de fama, pareciam Vritra e Vasava.

Enquanto isso Prahasta com um esforço supremo atingiu Nila na testa com sua maça, fazendo o sangue fluir, no que aquele macaco poderoso, com seus membros cobertos de sangue, agarrou uma grande árvore e atingiu Prahasta em cheio no peito com fúria. Ele, no entanto, não prestando atenção ao impacto, brandindo uma barra de ferro enorme, atirou-se sobre o Plavamgama valente. Vendo-o avançando em sua direção com saltos impressionantes, cheio de raiva, o poderoso macaco Nila pegou uma grande rocha que ele jogou rapidamente na cabeça de seu oponente belicoso armado com uma maça. Atirada por aquele chefe macaco, aquela pedra imensa e formidável se quebrou em vários pedaços na cabeça de Prahasta e o titã, privado de respiração, brilho, força e consciência caiu ao chão imediatamente, como uma árvore cortada na raiz.

De sua cabeça e corpo destroçados o sangue fluía, de modo que parecia uma torrente caindo de uma montanha. Prahasta sendo morto por Nila, o exército invencível e poderoso dos titãs, desprovido de alegria, fugiu para Lanka, seu líder tendo sucumbido, e eles não podiam ser detidos, como as águas do mar não podem ser contidas por um dique quebrado.

Com seu líder morto, os titãs desconsolados tornaram a alcançar a residência de seu soberano. Calados e cabisbaixos, mergulhados em um oceano de dor ardente, eles pareciam ter perdido o juízo.

O triunfante guerreiro Nila, entretanto, em seu retorno, foi honrado por Rama com Lakshmana que o acompanhava, e sentiu alegria suprema.

Capítulo 59 – A bravura de Ravana. Rama o derrota, mas lhe concede a vida

Seu general tendo sucumbido na luta contra o principal dos macacos, as tropas fortemente armadas do rei dos titãs se puseram em fuga com a velocidade da maré.

Chegando diante de seu senhor, eles o informaram da morte de seu líder que tinha caído sob os golpes do filho do deus do fogo, e ao ouvir essas notícias o rei ficou cheio de raiva. Sabendo que Prahasta tinha perecido na luta, seu coração se encheu de tristeza e ele se dirigiu aos principais dos seus líderes, como Indra àqueles que nunca envelhecem[430] e disse:

"Esse inimigo não é para ser desprezado, sob cujos golpes o destruidor do exército de Indra, o líder do meu exército com seus seguidores e elefantes, caiu. Eu mesmo entrarei nesse estranho campo de batalha sem hesitação para obter a vitória e destruir o inimigo. Como uma floresta é consumida pelo fogo, assim eu hoje com uma miríade de setas queimarei o exército símio com Rama e Lakshmana".

Falando assim, aquele inimigo do senhor dos celestiais subiu em sua carruagem que brilhava como uma chama e estava atrelada a uma parelha de cavalos, com seu brilho aumentado pelo esplendor do corpo dele.

[430] Os deuses, que são ditos permanecerem jovens.

O som de trombetas, gongos, tambores e rugidos leoninos acompanhados por palmas, aclamações e hinos de louvor, saudou freneticamente a partida do soberano dos titãs. Aqueles comedores de carne, parecendo montanhas ou nuvens, cujos olhares flamejavam como tochas, cercaram o líder supremo dos titãs quando ele saiu, como os bhutas escoltando Rudra, o senhor dos imortais. Saindo da cidade, aquele monarca observou o exército de macacos ferozes com árvores e pedras em suas mãos, pronto para o combate, rugindo como um vasto oceano ou uma massa de nuvens de trovão.

Vendo as divisões de demônios fervendo com fúria, o incomparavelmente ilustre Rama, cujos braços pareciam grandes serpentes, acompanhado por suas tropas, disse a Bibishana:

"Quem está no comando desse exército equipado com todo tipo de estandarte, bandeira e dossel, armado com lanças, espadas, estacas e outras armas e mísseis, que é indomável e composto por soldados intrépidos e elefantes tão altos quanto a montanha Mahendra?"

Assim interrogado, Bibishana, igual a Shakra em bravura, apontou os principais líderes daqueles leões corajosos entre os titãs para ele e disse:

"Aquele herói de cor acobreada montado nas costas de um elefante, fazendo sua cabeça balançar, o rival do sol nascente, saibas, ó príncipe, que é Akampana.

"Aquele que, de pé no seu carro, brande seu arco que parece o de Shakra, cujo estandarte carrega a imagem de um leão e que é como um elefante com suas longas presas curvas é Indrajita, que é famoso pelas bênçãos que recebeu de Brahma.

"Aquele arqueiro lá, semelhante às montanhas Vindhya, Asta ou Mahendra, em seu carro, um guerreiro poderoso, que empunha um arco de tamanho inigualável, se chama Atikaya por causa da sua estatura imensa.

"O guerreiro de olhos semelhante ao amanhecer, montando um elefante selvagem com seus sinos tilintando, que está gritando alto, é Mahodara.

"O condutor do corcel ajaezado brilhantemente, ele que está armado com uma lança reluzente e parece uma massa de nuvens noturnas, cuja fúria rivaliza com o relâmpago e possui a velocidade de um raio bem direcionado, que está sentado no principal dos touros e brilha como a lua, é Trishiras. O outro, semelhante a uma nuvem de chuva, de peito largo e bem desenvolvido, que está vibrando seu arco e tem o rei das cobras como seu estandarte, é Kumbha.

"Aquele que carrega uma maça decorada com ouro e diamantes da qual saem chamas e fumaça, que avança como um porta-estandarte do exército de titãs, é Nikumbha de façanhas prodigiosas.

"Aquele guerreiro em uma carruagem decorada com bandeiras, brilhando como um braseiro incandescente, que está equipado com arcos, espadas e flechas, é Narantaka, que, em combate, luta com picos de montanha.

"Finalmente o que aparece cercado por espectros de forma terrível com cabeças de tigres, búfalos, elefantes poderosos, veados e cavalos, andando sob um dossel branco com uma alça fina, seu diadema parecendo a lua, ele que humilha os próprios deuses, como Rudra em meio aos bhutas é o próprio poderoso senhor dos titãs. Seu rosto é enfeitado por brincos balouçantes, sua estatura formidável iguala a Vindhya, aquele senhor das montanhas, ele que abateu Mahendra e Vaivasvat é o rei dos titãs, igual ao sol em esplendor".

Então Rama, o subjugador de seus inimigos, respondeu a Bibishana e disse:

"Ah! Que glória, que majestade superior é a de Ravana, o senhor dos titãs! Como não se pode contemplar o sol, nem o olho pode se fixar nele, assim é a força

ofuscante da sua magnificência! Nem Devas, Danavas nem heróis possuem um corpo igual ao dele! Quem pode rivalizar com o brilho do rei dos titãs? Todos são tão altos quanto colinas, todos têm rochedos como suas armas, todos estão equipados com dardos ígneos. O senhor dos titãs se destaca entre aqueles guerreiros ardentes como Antaka em meio aos bhutas impetuosos de forma estranha. É para a sua destruição que aquele canalha fica hoje ao alcance dos meus olhos! Hoje eu saciarei a minha ira nascida do rapto de Sita!"

A essas palavras, o valente Rama, que estava acompanhado por Lakshmana, pegou seu arco e, de pé ereto, colocou nele uma seta, a mais poderosa de todas.

Enquanto isso, o orgulhoso monarca dos titãs disse aos seus bravos soldados:

"Tomem suas posições firmemente nos portões e saídas principais, nos postos avançados e fortificações. Sabendo da minha presença entre vocês, esses selvagens vão tentar tirar proveito dessa oportunidade para tomar de surpresa essa cidade até então inexpugnável, ela estando agora desprovida de seus defensores, e eles então vão imediatamente passá-la a fio de espada com suas tropas unidas".

Depois disso Ravana dispensou sua escolta e os titãs ficaram com suas ordens, ao que ele mergulhou no mar de macacos, agitando-o como um grande peixe as águas do oceano.

Logo que aquele Indra dos titãs com seu arco e flechas polidas tinha se lançado na luta, o líder dos macacos correu-lhe ao encontro, arrancando um grande pico de montanha. Agarrando aquela rocha coberta com inúmeras árvores, ele a arremessou naquele rondante noturno, que, vendo-a voando em sua direção, a partiu em pedaços com suas flechas de base dourada. Aquele pico enorme e alto coberto de árvores sendo despedaçado caiu sobre a terra, e o senhor dos titãs, como outro Antaka, escolheu um dardo semelhante a uma grande serpente. Pegando aquela flecha, que rivalizava com Anila em velocidade e possuía o brilho do fogo e a força do raio, ele a atirou com fúria em Sugriva para matá-lo, e aquela arma, igual ao raio de Shakra, disparada pelo braço de Ravana, penetrou no peito de Sugriva em seu voo como antigamente a lança de Guha quando ele a arremessou na montanha Krauncha.

Ferido por esse míssil que o privou de consciência, aquele guerreiro caiu ao chão gemendo. Vendo-o esticado no chão privado de seus sentidos, os yatudhanas deram um grito de triunfo.

Então Gavaksha, Gavaya, Sushena bem como Rishabha, Jyotirmukha e Nala, de extrema corpulência, arrancando rochas, se lançaram sobre o rei dos titãs. Então o senhor dos titãs, com centenas de flechas possuidoras de pontas afiadas, inutilizou seus projéteis e perfurou os líderes dos macacos com uma chuva extraordinária de setas de hastes de ouro maravilhosas.

Sob os golpes com os quais o inimigo dos deuses os atacou, aqueles generais de estatura impressionante foram derrubados, ao que ele cobriu aquele formidável exército de macacos com uma chuva de flechas.

Atacados e feridos, aqueles guerreiros emitiam gritos de terror e dor, e aqueles cervos dos ramos, a quem Ravana estava destruindo com seus dardos, fugiram em busca de proteção até o intrépido Rama, após o que aquele arqueiro poderoso e hábil, Raghava, pegando uma arma, partiu imediatamente. Lakshmana, no entanto, se aproximando dele com as palmas unidas, se dirigiu a ele em tons comoventes, e disse:

"Realmente, ó nobre irmão, eu sou capaz de matar esse patife! Sou eu que vou destruí-lo, dá-me permissão, ó senhor!"

Então o extremamente poderoso Rama, um verdadeiro herói, respondeu a ele dizendo:

"Vai, ó Lakshmana, e neste duelo que a tua coragem prevaleça! Sem dúvida Ravana é dotado de grande força, ele é um guerreiro de destreza marcante; nem os três mundos poderiam suportar sua fúria; procura os seus pontos fracos e protege os teus próprios; fica sempre vigilante e te defende com olhos e arco!"

Assim falou Raghava e Saumitri o abraçou, e então, prestando reverência a ele e se despedindo, entrou na disputa. Lá ele viu Ravana com braços tão grandes quanto a tromba de elefantes, que estava brandindo seu arco temível e flamejante, cobrindo os macacos, cujos membros ele tinha cortado, com uma chuva densa de dardos.

Vendo isso, o muito enérgico Hanuman, nascido de Maruta, para acabar com aquela chuva de flechas, avançou em Ravana e, aproximando-se do seu carro, ergueu seu braço direito e o ameaçou; em seguida, o sagaz Hanuman se dirigiu a ele, dizendo:

"Tu obtiveste a bênção de invulnerabilidade a devas, danavas, gandharvas, yakshas e rakshasas também, mas os macacos são um perigo para ti! Essa minha mão de cinco ramos,[431] que eu ergo agora, vai te roubar a vida que tem residido no teu corpo há tanto tempo".

A essas palavras de Hanuman, o muito valente Ravana, com os olhos vermelhos de raiva, respondeu:

"Bate rapidamente sem medo! Ganha fama eterna, tendo medido a tua força com a minha, eu te destruirei!"

Então o filho do vento respondeu a Ravana que falou dessa maneira, dizendo: "Lembra que eu já matei o teu filho Aksha!"

Nisso, o poderoso senhor dos titãs desferiu no filho de Anila um golpe violento com a palma da sua mão e o macaco cambaleou; então o poderoso e ilustre Hanuman recuperou o equilíbrio e, firmando-se, golpeou aquele inimigo dos imortais em fúria. Sob o impacto violento do golpe do macaco, Dashagriva balançou como uma montanha quando a terra treme.

Vendo Ravana atingido na luta, rishis, siddhas e macacos deram um grito alto, como também os devas, suras e asuras. Então o extremamente determinado Ravana, tendo recuperado o fôlego, disse:

"Bem feito! Bem feito! Ó macaco, tu és um adversário digno de louvor!"

Assim ele falou, e Maruti respondeu-lhe, dizendo: "Maldita seja essa força já que tu ainda sobrevives, ó Ravana! Agora vem, entra em uma luta decisiva contra mim, ó patife perverso! Por que esse alarde? O meu punho está prestes a te despachar para a residência de Yama!"

Ouvindo as palavras de Hanuman, o poderoso Ravana, enfurecido, com os olhos vermelhos de raiva, girando o punho com força o baixou violentamente no peito do macaco e, sob o choque, Hanuman oscilou mais uma vez, enquanto o rei dos titãs, Dashagriva, aquele guerreiro extremamente impetuoso, vendo seu oponente valente desprovido de força, virou sua carruagem em direção a Nila. Com suas flechas como grandes serpentes, ele perfurou os órgãos vitais de seu inimigo oprimindo o general macaco, mas Nila, o líder do exército de macacos, atacado por aquela chuva de armas, com uma mão atirou uma grande rocha no rei dos titãs.

---

[431] Quatro dedos e o polegar.

Enquanto isso Hanuman, ardendo de coragem, tendo recuperado os sentidos, em sua ira marcial gritou furiosamente: "Ó Ravana, rei dos titãs, que estás engajado em combate com Nila, atacar alguém que já lutando com outro é injusto!"

O titã, no entanto, quebrou o rochedo, arremessado por Nila, com sete dardos pontiagudos de modo que ele caiu em pedaços e, vendo a rocha despedaçada, o líder do exército de macacos, Nila, destruidor de tropas hostis, que parecia o Fogo do Tempo, ruborizou-se com fúria e começou a lançar árvores Asvakarna, Sala, Cuta e outras floridas de diferentes fragrâncias na luta, no que Ravana as pegou em seus braços e as quebrou, derramando uma chuva formidável de setas, como de uma nuvem, sobre Pavaki,[432] mas aquele colosso, assumindo uma forma diminuta, saltou para a ponta do estandarte de Ravana.

Vendo o filho de Pavaki assim instalado na ponta de seu estandarte, o rei ardeu de fúria, enquanto Nila soltou um grito, e às vezes o macaco pulava para o ápice da bandeira e, às vezes, para a extremidade do arco e, às vezes, para o topo do diadema, de modo que Lakshmana, Hanuman e Rama também, ficaram admirados.

O titã intrépido também estava surpreso com a agilidade do macaco e pegou uma seta maravilhosa e flamejante, mas os Plavamgamas gritaram alegremente por causa das táticas de Nila, ser divertindo ao verem Ravana desconcertado com seus saltos por todos os lados em combate, e os gritos dos macacos enfureceram Dashagriva, que, em sua confusão, não sabia como agir.

Pegando uma seta carregada com fórmulas sagradas, aquele rondante noturno mirou em Nila, que havia subido ao topo de seu estandarte e, nesse instante, o rei dos titãs disse:

"Ó macaco, a tua agilidade procede de um raro poder de magia; salva a ti mesmo se puderes por esses inúmeros truques com os quais estás familiarizado e empregas constantemente! Esta minha arma acionada por mantra, que estou prestes a disparar, cortará a existência que tu procuras manter!"

Falando assim, Ravana de braços longos, senhor dos titãs, tendo colocado a flecha de Agni em seu arco, atingiu Nila, o general do exército de macacos, com aquela arma e ele, perfurado através do peito por aquela seta carregada com mantras sagrados, foi vencido de repente e caiu por terra, porém em virtude do auxílio poderoso do seu pai e do seu próprio vigor natural, embora subjugado ele não foi privado de vida.

Vendo o macaco inconsciente, Dashagriva, insaciável em combate, em sua carruagem, cujo estrépito ressoava como as nuvens de chuva, avançou em Lakshmana e chegando ao centro do campo, parou, permanecendo lá em sua glória.

Então o majestoso senhor dos titãs ergueu seu arco, após o que Saumitri, de coragem indomável, disse-lhe enquanto se preparava para disparar sua flecha poderosa:

"Ó rei dos viajantes noturnos, agora entra em combate comigo; para de lutar com os macacos!"

Ouvindo aquela voz maravilhosamente modulada que ressoava como a vibração de uma corda de arco, o rei, se aproximando de seu adversário, que estava perto de seu carro, respondeu com raiva:

"Ó filho de Raghu, é a minha boa sorte que te traz ao meu alcance hoje, que tu, em tua tolice, avances para encontrar a tua morte! Nesse mesmo instante tu descerás para a região de Mrityu sob uma chuva de mísseis disparados por mim".

---

432 Pavaki: O nome de Nila como o filho do deus do fogo.

Então Saumitri, impassível, falou àquele titã jactancioso de dentes afiados e protuberantes, dizendo:

"Ó rei, corações valentes evitam se gabar! Ó maior dos malfeitores, tu estás ressoando os teus próprios louvores! Eu estou bem familiarizado com a tua força, coragem, vigor e ousadia, ó rei dos titãs! Aproxima-te! Aqui estou eu com arco e setas nas mãos; para que servem ostentações inúteis?"

Assim abordado, o senhor dos titãs, enfurecido, disparou sete flechas maravilhosamente emplumadas as quais Lakshmana despedaçou com seus dardos de haste de ouro. Observando suas flechas parecendo grandes serpentes, cujas espirais tinham sido suprimidas em um instante, o senhor de Lanka encheu-se de raiva e atirou mais flechas afiadas. O irmão mais novo de Rama, no entanto, fez uma chuva certeira de mísseis de seu arco cair sobre Ravana, mas ele, com a ajuda de armas nas formas de facas, crescentes e pontas de seta de asas compridas, os cortou, sem permitir que o perturbassem.

Vendo que a sucessão de suas flechas se revelou inútil, o rei daqueles hostis aos deuses, atônito pela habilidade de Lakshmana, disparou mais setas afiadas sobre ele de novo e, por sua vez, Lakshmana, igual a Mahendra, colocando alguns dardos afiados em seu arco, que eram formidáveis, rápidos como relâmpago e de refulgência ardente, os disparou no rei titã, para derrubá-lo, após o que Ravana despedaçou aqueles dardos pontiagudos e atingiu seu rival na testa com uma seta tão brilhante quanto o Fogo do Tempo, que tinha sido concedida a ele por Swyambhu. Então Lakshmana, atingido por aquele míssil, cambaleou um pouco, mal capaz de reter seu arco, mas voltando a si com dificuldade ele quebrou aquela arma pertencente ao inimigo de Indra. Tendo quebrado o seu arco, o filho de Dasaratha o atingiu com três dardos pontiagudos e o rei, perfurado por aquelas flechas, desmaiou, recuperando os sentidos com dificuldade. Ferido por aquelas setas, com seu arco inteiramente destruído, seus membros salpicados de carne e derramando sangue, o inimigo dos deuses, ele próprio de energia formidável, pegou uma lança que foi dada a ele em guerra por Swyambhu. Aquela lança fumegante, tão brilhante quanto o fogo, o terror dos macacos na luta, a poderosa guardiã do império titã, foi arremessada em Saumitri o irmão mais novo de Bharata, que recebeu aquela lança caindo sobre ele com setas e dardos, como se fosse um fogo sacrifical; no entanto aquela arma entrou em seu peito largo.

O poderoso Raghu, atingido por aquela lança, jazia no chão, exalando fogo, e o rei dos titãs, avançando nele de repente, enquanto ele ainda estava inconsciente, o agarrou brutalmente com as duas mãos, contudo embora ele fosse capaz de levantar Himavat, Mandara, Meru e os três mundos com os deuses, ele não pode erguer o irmão mais novo de Bharata, pois Lakshmana, embora ferido no peito pela arma de Brahma, recordou que ele era da substância do próprio Vishnu, e aquele espinho na carne dos deuses, embora derrotando Saumitri, foi incapaz de levá-lo para longe.

Nesse instante o filho de Vayu, enfurecido, lançou-se em fúria sobre Ravana como um lampejo de relâmpago e o atingiu com seu punho no peito. Sob aquele golpe, o senhor dos titãs foi subjugado e, tropeçando, caiu. De suas dez bocas, olhos e ouvidos, sangue corria em torrentes e, rolando inconsciente, ele deslizou por baixo do corpo da carruagem; lá ele permaneceu privado de seus sentidos, atordoado, sem saber onde estava. Vendo Ravana, apesar de sua força impressionante, desmaiar no campo de batalha, rishis e macacos começaram a gritar em triunfo como também fizeram os deuses e asuras, enquanto o corajoso Hanuman, levantando Lakshmana em seus braços, que tinha sido ferido por seu

adversário, voltou para Raghava. Por sua amizade e extrema devoção a ele, o filho de Vayu achou Lakshmana, a quem os inimigos eram incapazes de mover, tão leve quanto uma pluma. Depois disso a lança, que tinha derrotado Saumitri, voltou para a carruagem do titã.

Enquanto isso Ravana que era cheio de energia em combate, tendo recuperado a consciência, escolheu algumas setas de pontas de aço e se armou com um arco enorme.

Por sua vez, curado e livre daquela lança, Lakshmana recordou que ele era parte de Vishnu, e Rama, vendo o incontável exército de macacos poderosos derrotado no campo de batalha, avançou em Ravana, mas Hanuman, seguindo-o, disse: "Sobe nos meus ombros para vencer o titã!"

Ouvindo essas palavras do filho de Vayu, Raghava subiu nos ombros daquele grande macaco, como Vishnu em Garuda, a fim de lutar com o inimigo dos deuses.

De pé em seu carro, Ravana apareceu diante daquele senhor de homens e, vendo-o, aquele herói poderoso se precipitou sobre ele, como Vishnu com sua maça erguida avançando furiosamente em Virochana. Então Rama puxou a corda de seu arco e, como o trovão, disse em voz profunda ao senhor dos titãs:

"Para! Para! Tu despertaste o meu desagrado! Para onde, ó tigre entre os titãs, tu fugirás para escapar de mim? Mesmo se tu buscares refúgio na região de Indra ou Vaivaswata ou Bhaskara ou Swyambhu, Vaishnavara, Shankara ou nas dez regiões, mesmo naquelas moradas tu não me escaparás de agora em diante. Aquele que, atingido pela lança, caiu desfalecido no dia de hoje apenas para recuperar a consciência imediatamente, irá agora, assumindo a forma da morte, reivindicar a ti, teus filhos, e netos na batalha. Ó rei do povo titã, aqui está aquele sob cujos golpes quatorze mil titãs de formas terríveis pereceram, que tinham se estabelecido em Janasthana e estavam equipados com armas excelentes".

Ouvindo Raghava falar assim, o extremamente poderoso senhor dos titãs cheio de raiva atirou-se sobre o filho de Vayu, que estava carregando Rama com extrema velocidade através da luta e, relembrando sua antiga hostilidade, ele o atingiu com setas flamejantes semelhantes às línguas do fogo da dissolução. Atingido por aquele titã como também perfurado por seus dardos, a força natural que Hanuman possuía aumentou ainda mais. No entanto, o extremamente ilustre Rama, vendo o ferimento que Ravana tinha acabado de infligir naquele leão entre os Plavagas, encheu-se de raiva e, aproximando-se da carruagem dele com suas flechas finas e pontiagudas, a despedaçou com suas rodas, cavalo, bandeira, dossel, grande estandarte, auriga, dardos, lanças e espadas; depois, com muita força, ele atirou uma arma como um raio caindo sobre o monte Meru de modo que aquele monarca valente, a quem nem trovão nem relâmpago podiam fazer tremer, cambaleou, deixando cair seu arco ao impacto violento do míssil de Rama, que criou uma ferida profunda.

Vendo-o desmaiar, o magnânimo Rama pegou uma seta flamejante no formato de uma lua crescente e a usou para quebrar a coroa do senhor supremo dos titãs, que era tão brilhante quanto o sol.

Em seguida, Rama disse àquele Indra dos titãs, cujo esplendor estava ofuscado, com a armação de seu diadema fendida, e que se assemelhava a uma cobra venenosa privada de seu veneno, ou o sol, com seus raios extintos, desprovido de brilho:

"Tu realizaste um grande feito e os meus bravos soldados sucumbiram sob os teus ataques; agora tu estás cansado; nessa condição eu não te colocarei sob o poder de Mrityu com minhas flechas. Deixa a luta e volta para Lanka; eu te concedo

esse adiamento, ó rei dos viajantes noturnos! Tendo recuperado o teu fôlego, retorna em tua carruagem com teu arco e, permanecendo no teu carro, tu mais uma vez testemunharás a minha destreza!"

Ao ouvir essas palavras, com sua alegria e ostentação subjugadas, seu arco destroçado, seus cavalos e auriga mortos, perfurado com flechas, com seu grande diadema quebrado, o rei voltou para Lanka imediatamente.

Depois da partida daquele poderoso Indra dos rondantes noturnos, Lakshmana tirou as setas dos macacos, que eles tinham recebido enquanto lutavam na vanguarda daquele vasto campo de batalha, e o adversário do rei dos deuses sendo vencido, todos os celestiais, asuras e criaturas do oceano e outras regiões com as grandes serpentes, como também todos os seres na terra e nas águas, se regozijaram.

Capítulo 60 – Os titãs despertam Kumbhakarna

Retornando para a cidade de Lanka, aflito com medo das setas de Rama, com seu orgulho humilhado, a mente do rei estava perturbada. Como um elefante por um leão ou uma cobra por Garuda, aquele monarca tinha sido derrotado por Rama de grande alma, e o senhor dos titãs ficava enlouquecido pela mera lembrança das flechas de Rama possuidoras do esplendor do relâmpago, semelhantes à vara de Brahma.

Sentado em seu trono magnífico e elevado feito de ouro, ele deixou seu olhar vaguear sobre os titãs e disse:

"Já que eu, igual ao poderoso Indra, fui derrotado por um mero homem, todo o ascetismo rigoroso que eu pratiquei foi em vão. Eu pedi para me tornar invulnerável aos devas, danavas, gandharvas, yakshas, rakshasas e pannagas, mas não mencionei o ser humano. Rama, o filho de Dasaratha é aquele, eu creio, de quem Anaranya,[433] nascido na linhagem de Ikshvaku falou, dizendo:

"'Ó senhor dos titãs, na minha casa vai nascer um homem que te matará em batalha com teus filhos, ministros, exército e auriga, ó mais vil da tua raça, ó patife perverso!'

"Eu fui além disso amaldiçoado por Vedavati[434] por um antigo ultraje e talvez ela tenha nascido como a filha de grande alma de Janaka, e o que foi previsto por Uma,[435] Nandishwara,[436] Rambha[437] e Punjikasthala,[438] a filha de Varuna, veio a ocorrer!

---

[433] As histórias de Anaranya, Vedavati e Punjikasthala são contadas no Uttarakanda.
[Anaranya: "Um antigo rei de Ayodhya, dito por alguns ter sido pai de Prithu". – Griffith. Veja o Livro VII, Cap. 19].

[434] ["A filha do rei Kusadhwaja. Ela tornou-se uma asceta, e sendo insultada por Ravana na mata onde ela estava praticando penitência, se destruiu por entrar no fogo, mas nasceu de novo como Sita para ser por sua vez a destruição daquele que a tinha insultado". – Griffith. Veja o Livro VII, Cap. 17].

[435] ["Ravana uma vez se elevou e sacudiu o monte Kailasa a morada favorita de Siva o consorte de Uma, e foi amaldiçoado em consequência pela deusa ofendida". – Griffith].

[436] ["Nandisvara era o principal atendente de Siva. Ravana o desprezou e riu dele por aparecer na forma de um macaco, e o irritado Nandisvara o amaldiçoou e predisse a sua destruição por macacos". – Griffith. Veja o Livro VII, Cap. 16].

[437] ["Rambha, que foi mencionada várias vezes no decorrer do poema, era uma das ninfas do céu, e tinha sido insultada por Ravana". – Griffith].

As palavras dos sábios nunca se revelam falsas, é por causa de tudo isso, portanto, que vocês devem se esforçar ao máximo.

"Que os titãs vão para o cume da montanha Charyapura e despertem Kumbhakarna sobre quem a maldição de Brahma repousa, ele que é sem igual em bravura e que humilha o orgulho dos deuses e dos próprios danavas".

Prahasta estando morto e o próprio rei derrotado na luta, aquele monarca emitiu seus comandos para a hoste terrível, dizendo:

"Guardem os portões e guarneçam de soldados as muralhas, acordem Kumbhakarna que está dormindo profundamente. Ele está dormindo pacificamente alheio a tudo o que está se passando, com seus sentidos dominados pela luxúria, e ele permanece inconsciente por períodos de dois ou três ou nove dias e às vezes por seis, sete ou oito meses. Tendo se reunido em consulta comigo nove dias atrás, ele dorme desde então. Em combate, aquele guerreiro é o baluarte de todos os titãs; ele logo derrubará todos os macacos e aqueles dois filhos de um rei. Ele é o próprio estandarte dos titãs em batalha, mas aquele insensato, concentrado em prazeres vulgares, ainda dorme. Embora derrotado por Rama nessa luta terrível, os meus temores serão dissipados quando Kumbhakarna acordar; de que me serve esse rival de Indra se, em um perigo tão premente, ele não está pronto para me ajudar?"

Ouvindo as palavras de seu soberano, os titãs correram em grande pressa para a residência de Kumbhakarna. Ao comando de Ravana, aqueles comedores de carne e bebedores de sangue pegaram perfumes, guirlandas e um grande estoque de comida e partiram imediatamente. Eles entraram naquela caverna com seus portões medindo uma légua de extensão, o refúgio extraordinário de Kumbhakarna, do qual saía a fragrância de flores. E com sua respiração, Kumbhakarna empurrava aqueles titãs de volta apesar de sua força, que, com dificuldade, tinham entrado na caverna.

Quando tinham entrado naquela residência subterrânea encantadora pavimentada com pedras preciosas e ouro, aqueles leões entre os Nairritas viram aquele gigante temível deitado lá, e aquele monstro, envolto em sono profundo, parecia uma montanha em ruínas e juntos eles tentaram acordá-lo.

Com seus membros cobertos de pelos que estavam eretos, Kumbhakarna, ele de valor irresistível, estava respirando como uma serpente, e, enquanto dormia, emitia roncos terríveis, suas narinas sendo horríveis e sua boca um inferno escancarado. Esticado de corpo inteiro sobre a terra, ele exalava um odor de medula e sangue; seus membros estavam adornados com braceletes de ouro e ele usava um diadema tão brilhante quanto o sol; assim aquele leão entre os nairritas, Kumbhakarna, o matador de seus inimigos, parecia!

Então aqueles titãs poderosos, para satisfazê-lo, colocaram uma pilha de carne de veado tão alta quanto o monte Meru diante dele e empilharam uma grande massa de iguarias, antílopes, búfalos e ursos e um morro prodigioso de víveres, frascos de couro de sangue e carnes de todo tipo na frente de Kumbhakarna, o inimigo dos deuses. Depois disso eles friccionaram aquele flagelo de seus inimigos com o sândalo mais raro e o cobriram com guirlandas celestes e perfumes de cheiro doce, e queimaram incenso e cantaram os louvores daquele guerreiro que era fatal para seus inimigos.

As vozes dos yatudhanas irromperam por todos os lados como trovões e com bochechas cheias eles sopraram com impaciência suas conchas tão brilhantes

[438] ["O próprio Ravana mencionou nesse livro (no Capítulo 13) seu insulto a ela, e a maldição pronunciada em consequência por Brahma". – Griffith]

quanto a lua, causando um tumulto terrível, e aqueles viajantes da noite bateram palmas e sacudiram Kumbhakarna, criando um grande clamor, a fim de despertá-lo, de modo que as aves que passavam pelo ar caíram ao som das conchas, tambores, gongos, palmas e rugidos leoninos.

Como o ilustre Kumbhakarna não acordou de seu sono apesar do grande alvoroço, todas aquelas tropas de titãs pegaram barras, pilões, maças, rochas, clavas, martelos, e com esses e com os golpes de seus punhos aqueles titãs bateram no peito de Kumbhakarna violentamente enquanto ele estava dormindo pacificamente no chão. E a respiração de Kumbhakarna impedia aqueles titãs de se manterem de pé, de modo que eles tiveram que se sentar em volta dele e, com toda a sua força, que era considerável, eles começaram a bater tambores, pratos e gongos e a soprar suas inúmeras conchas e trombetas. Dez mil demônios cercavam aquele colosso que parecia uma pilha de antimônio, e tentavam de todas as maneiras despertá-lo por seus golpes e gritos; no entanto, ele não acordou.

Quando eles não conseguiram despertá-lo por esses meios, eles tiveram que recorrer a métodos mais enérgicos e implacáveis, fazendo cavalos, camelos e elefantes, nos quais eles batiam com paus, chicotes e correias, pisarem em cima dele, enquanto gongos, conchas e trombetas ressoavam enquanto eles esmagavam seus membros sob pilhas de toras pesadas. O barulho dos martelos e pilões que eles manejavam com toda a sua força e os gritos que eles deram encheram toda a Lanka com suas colinas e bosques, mas ainda assim ele não acordou.

Então eles tocaram mil tambores simultaneamente com varas de ouro refinado, mas ainda assim ele não se mexeu do seu sono profundo, estando sob o feitiço da maldição divina.

Finalmente aqueles poderosos viajantes noturnos, cada vez mais enfurecidos, redobraram seus esforços para despertar o titã e alguns bateram tambores, alguns gritaram, alguns arrancaram os cabelos dele e outros morderam suas orelhas, derramando centenas de jarros de água dentro delas, mas Kumbhakarna, mergulhado em sono profundo, não se mexeu. Alguns armados com punhais golpearam aquele titã poderoso na cabeça, peito e membros, mas aquele monstro não acordou, embora atingido por shataghnis presas com cordas, e por fim mil titãs correram para cima e para baixo de seu corpo, até que Kumbhakarna, ficando ciente daquela pressão, ele que tinha permanecido insensível aos golpes violentos de rochedos e árvores, sob o impulso da fome extrema emergiu do sono subitamente, bocejando, e de um salto, levantou-se. Sacudindo seus dois braços semelhantes a espirais de serpentes ou picos de montanhas, duros como diamantes lapidados, aquele vagueador noturno abriu a boca monstruosa, semelhante a Vadavamukha e bocejou horrivelmente, e quando ele bocejou, sua boca parecia o inferno e brilhava como o sol nascendo sobre o alto pico do monte Meru.

Aquele viajante noturno extremamente poderoso, estando acordado, bocejou, dando um suspiro como uma tempestade que abala uma montanha; e Kumbhakarna erguendo-se parecia o Tempo na dissolução do mundo, preparado para devorar todos os seres, e os seus dois grandes olhos, como braseiros brilhantes, reluzentes como relâmpago, se assemelhavam a dois enormes planetas flamejantes.

Então eles se dirigiram para aqueles alimentos de todos os tipos, javali e búfalo, e o gigante os devorou. Em seguida aquele inimigo de Shakra satisfez sua fome com a carne e sua sede com o sangue, e ele engoliu jarros cheios de gordura e vinho, e após ele ter se banqueteado, aqueles viajantes da noite se aproximaram dele e, circundando-o, lhe prestaram reverência.

Erguendo as pálpebras que estavam pesadas de sono, com seu olhar ainda velado, ele deixou o olhar cair sobre os viajantes noturnos por todos os lados e, com uma voz de autoridade, aquele leão entre os nairritas, surpreso ao ser despertado, os questionou, dizendo:

"Por que razão vocês me despertaram assim tão de repente? Está tudo bem com o rei ou ele está em algum perigo? De fato deve haver algum perigo urgente e sério de uma fonte externa já que vocês vieram com pressa me acordar. Eu afastarei todo infortúnio do rei dos titãs hoje mesmo, mesmo se eu tiver que cortar o próprio Mahendra em pedaços ou congelar Anala! Além disso, é certo que não se interrompe o sono de alguém como eu por qualquer motivo trivial. Digam-me francamente por qual razão vocês despertaram a mim, Kumbhakarna, o vencedor de meus inimigos?"

Ao ouvir essas palavras, que tinham traços de ira, Yupaksha, o ministro confidencial do rei, com as palmas unidas, respondeu-lhe dizendo:

"Não são os deuses que nos ameaçam de forma alguma, mas um homem que nos colocou nessa má circunstância, ó príncipe! Não são os devas ou danavas que nos colocaram nesse perigo; ele vem a nós de um mortal. Macacos tão grandes quanto colinas estão sitiando Lanka! Furioso por causa do rapto de Sita, Rama está nos pressionando fortemente. Recentemente, um único macaco incendiou a nossa grande cidade e matou o jovem príncipe Aksha com sua escolta de elefantes. 'Vai-te daqui!' foram as palavras dirigidas por Rama para o rei dos titãs em pessoa, o filho de Pulastya, aquele espinho na carne dos deuses, ele que é igual a Aditya em esplendor. Aquilo que esse monarca nunca sofreu nas mãos dos deuses ou daityas ou danavas ele teve que suportar de Rama, que poupou sua vida".

Ouvindo de Yupaksha que seu irmão tinha sido derrotado em combate, Kumbhakarna, revirando seus grandes olhos, disse:

"Hoje mesmo, ó Yupaksha, todo o exército de macacos com Lakshmana e Raghava será destruído por mim no campo de batalha depois que eu tiver me apresentado diante de Ravana. Eu farei os titãs se fartarem no sangue de macacos e, quanto a Rama e a Lakshmana, eu mesmo beberei o seu sangue!"

Ouvindo essas palavras ousadas daquele titã, cuja raiva aumentava sua ferocidade, Mahodara, o líder dos guerreiros nairrita, tendo lhe prestado reverência com as palmas unidas, disse-lhe:

"Quando tu tiveres ouvido Ravana e pesado as vantagens e desvantagens da questão, então, ó guerreiro de braços longos, parte imediatamente e destrói o inimigo no campo de batalha".

Assim falou Mahodara, e Kumbhakarna, cercado por titãs, cheio de energia e coragem, se preparou para partir. Logo a seguir os titãs, tendo conseguido despertar aquele príncipe de aspecto temível e valor formidável, retornaram ao palácio do rei com toda pressa. Aproximando-se de Dashagriva que estava sentado no trono, todos aqueles rondantes noturnos com as palmas unidas lhe disseram:

"Teu irmão, Kumbhakarna, acordou, ó rei dos titãs, e agora é tua vontade que ele entre no campo de batalha ou tu desejas que ele venha para cá?"

Então Ravana respondeu àqueles titãs que estavam diante dele e, com o coração feliz, disse: "Eu quero vê-lo aqui; que ele receba as honras devidas à sua posição!"

"Assim seja!" responderam todos os titãs e eles voltaram a Kumbhakarna para lhe informar da ordem de Ravana e disseram: "Vai até o rei, aquele leão de todos os titãs deseja te ver; vai e satisfaze teu irmão!"

Então Kumbhakarna, aquele guerreiro invencível e poderoso, sabendo qual era o desejo de seu irmão, exclamou: "Que assim seja!" e pulou do seu leito. Lavando o rosto e se banhando, revigorado e alegre, ele desejou que eles lhe dessem de beber com velocidade, então eles lhe trouxeram uma dose calmante e aqueles titãs se apressaram a cumprir as ordens de Ravana e o presentearam com vinhos e carnes de todo tipo.

Tendo engolido dois mil jarros cheios, Kumbhakarna se preparou para partir e, levemente inebriado e corado, ele ficou eufórico e cheio de energia. Impacientemente, ele marchou como Yama no fim do período mundial, e se aproximando do palácio de seu irmão ele fez a terra tremer com seu passo. Seu corpo iluminou a estrada real, semelhante àquele orbe de mil raios que dá luz à terra e, enquanto avançava, cercado por um círculo de titãs lhe prestando reverência, ele parecia com Shatakratu se aproximando da residência de Swyambhu.

Vendo aquele matador de seus inimigos na estrada real, aquele monstro tão alto quanto o pico de uma montanha, os habitantes da floresta, do lado de fora (da cidade) como também os seus líderes, foram tomados de um súbito pânico.

Alguns correram para Rama em busca de refúgio, outros fugiram com medo, alguns, aterrorizados, debandaram em todas as direções, outros, paralisados com medo, jaziam no chão.

Vendo aquele gigante como um grande pico, adornado com um diadema, que parecia apagar o sol com seu brilho, os moradores das florestas foram tomados de terror e, com a visão daquele prodígio, fugiram em todas as direções.

Capítulo 61 – A história de Kumbhakarna

Enquanto isso o ilustre e valente Rama, com arco na mão, viu aquele gigante Kumbhakarna adornado com um diadema e, vendo aquele Indra entre os titãs com braceletes de ouro, que parecia uma montanha e era semelhante a uma nuvem carregada de chuva, ou Narayana[439] quando antigamente dando os três passos, os macacos se dispersaram mais uma vez.

Em vista da debandada de suas tropas e daquele titã, que parecia estar aumentando de tamanho, Rama, espantado, perguntou a Bibishana:

"Quem é este herói com um diadema e olhos amarelos, semelhante a uma montanha, que pode ser visto em Lanka como uma nuvem partida pelo relâmpago ou um meteoro grande e estranho que caiu à terra; ele, a cuja visão os macacos fugiram para todos os lados? Dize-me, quem é esse colosso? Ele é um rakshasa ou um asura? Eu nunca vi um ser como esse!"

Assim questionado pelo príncipe Rama de façanhas imortais, Bibishana, em sua grande sabedoria, respondeu:

"Foi por ele que Vaivasvata e Vasava foram derrotados em batalha; esse é o ilustre Kumbhakarna, filho de Vaishravas! Não há titã igual a ele em estatura, ele derrotou os devas, danavas, yakshas, bhujamgas, pishitashanas, gandharvas, vidyadharas e pannagas aos milhares, ó Raghava! Os próprios deuses não são capazes de matar Kumbhakarna que, com lança na mão, é de aspecto monstruoso. 'Ele é o próprio deus da morte!' eles gritam.

---

[439] Veja o Glossário.

"O poderoso Kumbhakarna é naturalmente poderoso, enquanto os principais dos titãs devem sua força às bênçãos que eles receberam. Logo que esse monstro nasceu e enquanto ainda um bebê, incitado pela fome, ele devorou milhares de seres. Vendo sua espécie consumida, aquelas criaturas, loucas de medo, se refugiaram com Shakra e lhe contaram tudo o que tinha ocorrido. Enfurecido, Mahendra atingiu Kumbhakarna com seu raio poderoso e, ao impacto da arma de Indra, aquele gigante cambaleou uivando de terror.

"Quando os gritos do titã foram ouvidos, o medo daqueles seres aumentou, e em sua raiva, o poderoso Kumbhakarna arrancou uma das presas de Airavata para perfurar o peito de Vasava e, sob os golpes daquele monstro, Indra parecia uma chama. Vendo isso, os devas, brahmarishis e danavas ficaram estupefatos e Shakra com esses seres celestes foi à morada de Swyambhu e informou Prajapati da perversidade de Kumbhakarna; ele também descreveu para os habitantes da região celeste como ele tinha devorado todas aquelas criaturas, devastado os eremitérios e levado as esposas dos outros e disse: 'Se ele continuar a devorar aqueles seres em um curto espaço de tempo o mundo inteiro se tornará um deserto'.

Ouvindo as palavras de Vasava, o avô dos mundos convocou aquele titã, que apareceu diante dele. Ao ver Kumbhakarna, Prajapati ficou perturbado, mas, recuperando-se, disse-lhe:

"'Seguramente Pulastya te gerou para a destruição dos mundos! A partir de hoje tu dormirás como os mortos!' Atingido pela maldição do Senhor aquele titã prostrou-se diante dele.

"Enquanto isso Ravana, extremamente perturbado, disse a Brahma: 'Tu cortaste a árvore de ouro que estava prestes a dar frutos! Não cabe a ti amaldiçoar teu próprio neto, ó Prajapati; no entanto, as tuas palavras nunca podem ser vãs; seguramente ele deve dormir, mas pelo menos determina um tempo para dormir e um tempo para acordar!'

"Ao pedido de Ravana, Swyambhu respondeu: 'Ele dormirá por seis meses e despertará por um único dia; por um dia esse guerreiro percorrerá a terra para apaziguar sua fome, senão com sua boca enorme ele vai consumir os mundos como um grande incêndio'.

"É por medo da tua destreza que o rei Ravana, cercado de perigo, agora despertou Kumbhakarna, e esse guerreiro de bravura extrema emergiu de seu retiro cheio de raiva e está avançando para os macacos a fim de devorá-los e aplacar sua fome. Vendo Kumbhakarna eles se puseram em fuga; como é que esses macacos podem resistir-lhe em combate? Que lhes seja dito que ele é simplesmente um dispositivo mecânico criado para assustá-los; a essas notícias eles criarão coragem e permanecerão aqui".

Ao ouvir o discurso eloquente e persuasivo de Bibishana, Raghava disse ao general Nila: "Vai, reagrupa as tuas tropas e, tendo ocupado os postos avançados de Lanka, as estradas e as pontes, que eles levantem acampamento, ó Pavaki! Cuida para que os macacos, equipados com rochas, árvores e pedras, se armem com essas armas".

Ao comando de Rama, Nila, o líder supremo, um príncipe dos macacos, emitiu suas ordens ao exército e, depois disso, armados com pedras, Gavaksha, Sharabha, Hanuman e Angada, semelhantes a colinas, avançaram para os portões.

Depois de terem escutado Rama, os macacos, aqueles símios valentes, caíram sobre o exército inimigo com gritos de triunfo, golpeando-o com árvores, e aquela feroz companhia de macacos, brandindo rochedos e árvores, parecia tão

resplandecente quanto uma massa sombria de nuvens se espalhando sobre uma montanha.

Capítulo 62 – O encontro entre Kumbhakarna e Ravana

Enquanto isso aquele leão entre os titãs, resplandecente em glória, ainda pesado de sono, avançou a passos largos ao longo da estrada real; titãs em aos milhares rodeavam aquele mais invencível dos guerreiros e, das casas, uma chuva de flores caiu sobre ele quando ele passou.

Então ele viu a residência vasta e encantadora coberta com ouro daquele Indra dos titãs, que brilhava como o sol, parecendo aquele orbe quando ele entra em uma massa de nuvens, e ele entrou no palácio pertencente ao rei dos titãs, observando-o de longe em seu trono, semelhante a Shakra se aproximando de Swyambhu sentado em magnificência.

Chegando à residência de Ravana com sua escolta de titãs, Kumbhakarna, andando na terra, a fez tremer. Tendo cruzado o limiar do palácio, ele passou pelo pátio e viu seu irmão mais velho, que parecia perturbado, sentado na carruagem Pushpaka. Cheio de ansiedade, Dashagriva, vendo Kumbhakarna, imediatamente levantou-se com alegria e fez-lhe sinal para se aproximar.

Então aquele guerreiro poderoso, curvando-se aos pés de seu irmão, que estava reclinado em um sofá, perguntou-lhe: "O que tu desejas de mim?"

Com prazer renovado, Ravana se levantou e o abraçou, depois do que com saudações fraternas e cortesias tradicionais Kumbhakarna subiu ao trono celeste e brilhante, e aquele gigante estando sentado, com os olhos vermelhos de raiva, perguntou a Ravana:

"Por que tu me arrancaste à força do meu sono, ó rei? Dize de onde surge o teu medo e a quem tu desejas que eu mate hoje?"

Então Ravana respondeu ao enfurecido Kumbhakarna sentado ao lado dele, que estava revirando seus olhos inflamados, e disse:

"Tu dormiste por algum tempo, ó guerreiro, e, em teu profundo esquecimento, estavas indiferente ao perigo no qual Rama me mergulhou. Esse filho glorioso e poderoso de Dasaratha acompanhado por Sugriva, tendo cruzado o mar sem impedimentos, está destruindo a nossa raça. Ai de mim! Vê como por meio de uma ponte esses macacos fizeram um oceano dos bosques e arvoredos de Lanka!

"Os mais importantes dos titãs foram mortos por eles em combate, e eu não vejo como esses macacos podem ser destruídos em batalha por quaisquer meios. Nos salva desse grande perigo, ó herói poderoso, e os extermina hoje! É por esse motivo que tu foste despertado; todos os meus recursos estão esgotados! Ajuda-me a salvar a cidade de Lanka, na qual só restam as crianças e os idosos. Ó guerreiro de braços longos, pelo teu irmão, realiza essa façanha, impossível para outro. Eu nunca antes falei assim para nenhum dos meus irmãos, ó flagelo de teus inimigos! Eu coloquei as minhas esperanças e afeições supremas em ti! Ó touro entre os titãs, quantas vezes, nas guerras entre devas e asuras, tu derrotaste os deuses e seres celestes alinhados contra ti! Invoca a tua bravura, seguramente entre todas as criaturas nenhuma é igual a ti em força, ó herói formidável! Presta-me esse grande serviço, ó tu amante de combate; faze isso por mim, ó tu que és dedicado aos teus amigos! Por tua destreza pessoal dispersa essas tropas hostis como o vento dissipa as nuvens outonais".

Capítulo 63 – Kumbhakarna conforta Ravana

Ouvindo o lamento do rei dos titãs, Kumbhakarna disse com uma risada zombeteira:

"Como um malfeitor cai no inferno como resultado de seus crimes, uma rápida retribuição se seguiu ao erro de julgamento que te vimos cometer antigamente em conselho por falta de confiança em teus ministros! Em primeiro lugar, ó grande rei, tu não refletiste sobre o que poderia acontecer e, no orgulho de tua força, ignoraste as consequências. Aquele que, confiando em seu próprio poder, deixa por último o que deve ser feito primeiro ou que faz primeiro o que deve vir depois é incapaz de distinguir entre o que é sábio e o que é tolo. Como oferendas derramadas em um fogo não santificado assim são aquelas ações desastrosas que são realizadas sem levar em conta o tempo e o lugar ou em oposição a eles. Vai direto para a meta aquele que, em consulta com seus ministros, examinou os três tipos de ação e seus cinco aspectos.[440] Um rei que toma suas decisões de acordo com as leis tradicionais, e se permite ser aconselhado por seus conselheiros e consulta seus amigos, procurando dever, lucro e prazer[441] na época apropriada ou seguindo dois deles ou todos eles juntos, é um monarca sábio e tem uma boa compreensão, ó senhor dos titãs.

"Mas o soberano ou herdeiro legítimo que, depois de ouvir o que é melhor para o cultivo desses três meios ainda não os compreende, gastou seu tempo ouvindo a instrução em vão. O rei que consulta seus ministros a respeito da doação de presentes, conciliação, semeadura de discórdia, tomada de medidas ou de união com o inimigo como também a consideração do que deve ou não deve ser feito e as questões de dever, lucro e busca de prazer, lidando com eles em conformidade com as circunstâncias, e é senhor de si mesmo, não é visitado pelo infortúnio!

"Realmente é um rei aquele que, com conselheiros experientes e sagazes, tendo estudado as vantagens que ele deseja colher junto de um empreendimento e a sensatez de entrar nela, age.

"Nunca se deve seguir o conselho daqueles admitidos ao conselho que não estão familiarizados com o significado das escrituras, cuja inteligência é igual à de animais e que, em sua presunção, tagarelam continuamente! Nem se deve seguir o conselho daqueles que, em sua ignorância da tradição e das obras de ciência política, apenas pretendem acumular riqueza. E aqueles conselheiros que, em sua complacência, mantêm debates plausíveis porém sinistros devem ser excluídos de qualquer deliberação, pois eles arruínam toda transação. Aqueles no pagamento de inimigos bem informados que, para trair seu mestre, o aconselham a agir contra os seus interesses, serão reconhecidos pelo rei quando estiverem na assembleia, e um monarca logo descobrirá aqueles que, sob a máscara de devoção escondem sua

[440] Três tipos de ação: trivial, comum ou ordinária, importante, e urgente.

Cinco aspectos: a consideração por: (1) hora, (2) lugar, (3) as pessoas ou coisas envolvidas, (4) precaução contra infortúnio, e (5) consideração da possibilidade de sucesso.

[441] Dever, lucro e prazer: os três objetivos da vida devem ser procurados na seguinte ordem: dever ou devoção de manhã, lucro ou negócios à tarde e a busca de prazer à noite.

traição, por estudar sua conduta em suas deliberações quando eles se reúnem. Aqueles tolos, que vão precipitadamente para a ação como aves entrando em um buraco na montanha Krauncha, são subjugados pelo inimigo e aquele que, desconsiderando o inimigo, não se protege, não sofre nada exceto reveses e perde sua posição.

"O conselho que o amado Mandodari e o meu irmão mais novo, Bibishana, te deram antigamente, agora eu repito para o teu próprio bem; faze o que tu considerares melhor!"

Ouvindo as palavras de Kumbhakarna, Dashagriva franziu a testa e respondeu com raiva:

"Deve-se respeitar o irmão mais velho do mesmo modo que o próprio preceptor espiritual! De que me interessam teus conselhos? Por que te fadigar? Considera o que é adequado no momento; o que quer que tenha impedido o sucesso, tenha sido tolice ou uma confiança grande demais na força do meu exército, é inútil discutir isso agora! Aconselha-me sobre o que deve ser feito nas atuais circunstâncias. Que a tua bravura remedeie o mal que a minha imprudência causou se tu és realmente dedicado a mim e tens confiança na tua destreza, e se o teu coração está nessa grande luta e tu consideras isso de importância suprema. É um amigo aquele que resgata alguém em perigo; é um parente aquele que ajuda alguém que falhou".

Assim falou Ravana em tons imperiosos e duros e Kumbhakarna, pensando consigo mesmo 'Ele está furioso', respondeu-lhe brandamente em tons suaves. Olhando fixamente para seu irmão, cuja mente estava agitada, ele falou palavras confortantes para ele em uma voz calma, dizendo:

"Ouve com atenção, ó rei, ó flagelo de teus inimigos, ó líder dos príncipes titãs, bane a tua aflição, renuncia à tua raiva e sê tu mesmo novamente! Não há razão para o teu coração ficar perturbado enquanto eu viver, ó senhor! Eu vou matar aquele que é a causa da tua angústia, mas, em qualquer circunstância, eu tinha, necessariamente, que falar para o teu próprio bem por causa do parentesco e do carinho fraterno por ti, ó monarca.

"É por conta disso que eu vou mostrar-me um amigo e um irmão e, em combate, aniquilarei o inimigo sob os teus olhos. Hoje, ó guerreiro de braços longos, tu me verás na frente de batalha, tendo matado Rama e seu irmão e posto em fuga o exército de macacos. Vendo-me trazer a cabeça de Rama do campo de batalha nesse dia tu ficarás feliz, ó guerreiro, e Sita dominada pelo desespero.

"Hoje todos os titãs de Lanka, cujos parentes pereceram, testemunharão a morte de Rama, que é o objeto dos desejos dos homens! Por derrubar o inimigo em batalha, eu secarei as lágrimas daqueles que estão tomados de tristeza e ficaram desolados pela perda de seus parentes. Hoje tu verás Sugriva, o líder dos Plavagas, que parece uma montanha iluminada pelo sol, jazendo na terra. Os titãs, e eu também, estamos ansiosos para matar o filho de Dasaratha; isso deveria te encher de confiança, como é que tu ainda estás tremendo, ó herói irrepreensível? Se ele me matar, Raghava certamente te matará também, mas eu não tenho nada a temer, ó senhor dos titãs! Agora me ordena, ó flagelo de teus inimigos, não procures outro para este confronto, ó herói incomparável! Eu destruirei os teus inimigos, apesar de sua força! Mesmo se fosse Shakra ou Yama ou Pavaka ou Maruta, eu entraria em combate com eles ou com os próprios Kuvera ou Varuna; eu, que em estatura sou como uma montanha, com uma lança afiada como minha arma, meu grito de guerra, meus dentes pontiagudos, à visão dos quais o próprio Purandara treme, lançando longe os meus braços, derrubarei o inimigo com golpes de meus punhos. Ninguém

será capaz de resistir a mim, não importa o quanto eles possam se apegar à vida, eu nem preciso de lança, maça, espada ou dardo afiado, com as minhas mãos nuas somente, eu matarei Raghava, mesmo que ele esteja acompanhado pelo próprio deus que porta o raio! Se ele for capaz de suportar a força dos meus punhos, então as minhas setas beberão o sangue de sua vida! Ó rei, eu estou aqui, por que estás oprimido pelo desespero? Aqui eu espero pronto para exterminar os assassinos de titãs, por quem Lanka foi incendiada, e também os macacos, na luta que está prestes a ocorrer. Eu te conferirei uma glória rara e grandiosa! Se o perigo viesse de Indra ou Swyambhu ou dos próprios deuses, eu os faria medir seu comprimento[442] no campo de batalha, ó rei! Eu vencerei Yama, consumirei Pavaka, lançarei Varuna abaixo, pulverizarei as montanhas e quebrarei a terra! Depois do meu longo sono, que aqueles seres que estou prestes a destruir testemunhem a bravura de Kumbhakarna hoje! Além disso, os três mundos não serão capazes de saciar o meu apetite! Para te agradar eu matarei o filho de Dasaratha! Tendo derrubado Rama e Lakshmana, eu vou devorar todos os principais dos líderes macacos. Alegra-te, portanto, ó rei, e bebe vinho, faze o que tu tens que fazer e bane a dor; hoje eu enviarei Rama para a morada da morte e Sita se tornará tua para sempre!"[443]

Capítulo 64 – O discurso de Mahodara

Ouvindo esse discurso do colossal e valente Kumbhakarna, Mahodara respondeu:

"Kumbhakarna, tu és um ramo de uma raça ilustre, tu és corajoso, mas tens duas características vulgares e, na tua presunção, és incapaz de antecipar o curso dos acontecimentos em todos os seus aspectos.

"Não é verdade que o rei não compreende o que é político e impolítico, ó Kumbhakarna, mas tu, na tua impetuosidade de jovem, só sabes tagarelar! O senhor dos titãs, que está familiarizado com as leis de tempo e lugar, está também ciente do crescimento e das perdas, bem como da nossa situação e da condição do inimigo.

"Que homem de bom senso tentaria aquilo que um velho soldado estúpido sem respeito nem pelos seus superiores se gaba em realizar? Quando tu afirmas que dever, lucro e prazer são essencialmente opostos uns aos outros, isso é uma prova de que tu não estás ciente da sua natureza real. A ação é, sem dúvida, a fonte de todas as experiências e aqui na terra a felicidade é o fruto que buscamos mesmo em nossos atos mais perversos. À parte do prazer, dever e lucro produzem felicidade, mas o fruto colhido da injustiça e maldade é calamitoso. Homens de caráter forte realizam esses atos, cujas consequências eles colhem em outro mundo, enquanto aqueles que se entregam à busca do prazer colhem as consequências aqui.

"Por que aquilo que o rei tem tanto no coração e que nós aprovamos, ou seja, o castigo de seus inimigos, deveria ser colocado de lado de alguma forma? Quanto aos motivos que tu deste para marchar contra Rama sozinho, eu vou te apontar o que é irrefletido e repreensível sobre eles! Como tu podes derrotar Rama sozinho, ele que antigamente destruiu inúmeros titãs extremamente poderosos em

---

442 [Isto é, jazer esticados].

443 ["O texto revisto de Bengala atribui um discurso muito diferente a Kumbhakarna, e o faz dizer que Narada o mensageiro dos deuses tinha dito a ele antigamente que o próprio Vishnu encarnado como o filho de Dasaratha viria destruir Ravana". – Griffith].

Janasthana? Aqueles viajantes noturnos que ele derrotou em Janasthana eram guerreiros valentes também e tu não os vês na cidade, amedrontados? Por instigares Rama, o filho de Dasaratha, que parece um leão ferido, ai de mim! tu estás acordando uma serpente adormecida! Ardente de valentia e inaproximável em sua fúria, inacessível como Mrityu, quem ousaria desafiá-lo? Este exército inteiro não pode enfrentar esse inimigo sem ser posto em perigo, portanto, de nenhuma maneira se recomenda para mim que tu saias para encontrá-lo sozinho, ó filho. Quem desprovido de recursos estaria ansioso para se encontrar com um adversário disposto a sacrificar sua vida e provido de todos os pré-requisitos? Rama não tem igual entre os homens, ó melhor dos titãs, como tu podes te gabar de entrar em combate com ele que é o rival de Indra e Vaivasvata?"

Tendo falado assim para o enfurecido Kumbhakarna, Mahodara disse a Ravana, o destruidor de mundos, que estava cercado pelos titãs:

"Tendo antigamente raptado Vaidehi, por que tu demoras? Se desejas que Sita se submeta à tua vontade, eu vejo um meio de trazê-la aos teus pés. Se te agradar, ó Indra entre os titãs, então me ouve!

"Que seja proclamado que eu, Dvijihva, Samhradin, Kumbhakarna e Vitadarna, todos os cinco, estamos partindo para matar Rama! Vamos enfrentá-lo em uma luta feroz e, se triunfarmos sobre o teu inimigo, não precisaremos recorrer a outro meio, mas, se o teu rival sobreviver e fugir da luta, então nós adoptaremos as medidas que eu planejei.

"Voltaremos do campo de batalha e viremos aqui cobertos de sangue, com nossos membros perfurados por dardos nos quais estará gravado o nome de Rama, e contaremos como nós destruímos Raghava e Lakshmana! Depois disso pressionaremos os teus pés e tu nos cobrirás de honras, após o que, montado em um elefante tu divulgarás a notícia por toda a cidade, relatando como Rama, seu irmão e seu exército foram totalmente destruídos. Simulando uma extrema satisfação, ó subjugador de teus inimigos, tu promoverás festa e regozijo e doarás ouro e escravos aos teus servos e distribuirás guirlandas, trajes e perfumes aos teus guerreiros, tu mesmo manifestando teu deleite por beber. Então um rumor se espalhará por todos os lugares que Rama e seus amigos foram devorados pelos titãs; tal será a informação!

"Então tu irás secretamente aonde Sita está, para lhe oferecer consolo e tentá-la com grãos, diamantes e entretenimento para seduzi-la. Por esse truque, ó rei, a dor de Sita será aumentada e ela, desprovida de felicidade, sem um protetor, irá concordar com o teu desejo. Ao saber que seu marido charmoso está morto, Sita, em desespero e por conta da fragilidade feminina, se submeterá à tua vontade!

"Criada no colo da prosperidade, essa mulher que é digna de felicidade e que está aflita com infortúnio, percebendo que sua felicidade depende de ti, vai se entregar totalmente a ti.

"Esse é o melhor caminho para tu seguires. Até ver Rama poderia ser desastroso; não tenhas ansiedade! Grande felicidade te aguarda aqui sem entrares em combate! Nem perdendo as tuas forças nem cortejando o perigo, triunfa sobre o teu inimigo, ó monarca! Glória, felicidade, prosperidade e renome serão por muito tempo a sina da tua majestade soberana!"

Capítulo 65 – Kumbhakarna entra em combate

Respondendo às críticas de Mahodara, Kumbhakarna disse ao seu irmão, Ravana, o rei dos titãs:

"Realmente eu dissiparei o perigo imediato neste dia por matar aquele canalha, Rama! Livre do teu adversário, sê feliz! Heróis não trovejam em vão como nuvens desprovidas de chuva! Observa como as minhas ameaças encontrarão realização em minhas façanhas! Guerreiros não precisam se vangloriar, e realizam os feitos mais difíceis sem bravatas! Monarcas covardes, desprovidos de inteligência, que se gabam de serem sábios, sempre acharão o teu discurso aceitável, ó Mahodara!

"Todos vocês criaturas efeminadas, faladores agradáveis, que lisonjeiam o rei, sempre têm arruinado qualquer empreendimento marcial. Nada resta em Lanka exceto seu soberano; sua riqueza está esgotada, seu exército destruído e esse monarca está cercado por inimigos no disfarce de amigos! Eu vou sair e lutar, decidido a triunfar sobre o inimigo e, dessa maneira, compensar a tua política calamitosa nessa grande luta".

Ouvindo essas palavras do inteligente Kumbhakarna, o rei dos titãs respondeu rindo: "Realmente Rama aterrorizou Mahodara! Seguramente ele não aprecia a batalha, ó caro amigo! Ó guerreiro sagaz, eu não tenho ninguém igual a ti em devoção e coragem; vai, mata o meu adversário, ó Kumbhakarna, e acelera para a vitória!

"Tu estavas dormindo e foi para a destruição do meu inimigo que eu te acordei; essa hora é de extrema importância para os titãs, ó vencedor de teus inimigos! Vai, arma-te; que aqueles dois príncipes, iguais a Aditya em esplendor, sejam teu pasto! Vendo-te, os macacos vão fugir e os corações de Rama e Lakshmana vão parar de bater".

Tendo falado assim para o extremamente poderoso Kumbhakarna, aquele ilustre leão dos titãs sentiu que tinha recebido uma nova vida. Ciente da bravura de Kumbhakarna e conhecendo seu valor, o rei se expandiu com alegria como a lua imaculada.

Ouvindo suas palavras, que o encheram de alegria, aquele guerreiro foi embora e, tendo ouvido o discurso do rei, se preparou para a batalha. Então aquele flagelo de seus inimigos brandiu vigorosamente a sua lança de ferro decorada com ouro fino que resplandecia brilhantemente e era tão famosa quanto o raio de Indra e igualmente pesada. O flagelo dos devas, danavas, gandharvas, yakshas e pannagas, envolta em guirlandas, enfeitada com flores vermelhas, emitindo chamas, aquela grande lança, manchada com o sangue de seus inimigos, foi pega pelo ilustre Kumbhakarna, que se dirigiu a Ravana, dizendo:

"Eu partirei sozinho, deixa o teu exército poderoso permanecer aqui! Hoje, em minha fome e fúria, eu devorarei os macacos!"

A essas palavras de Kumbhakarna, Ravana respondeu: "Sai acompanhado por tropas equipadas com picaretas e martelos; esses macacos são corajosos e extremamente enérgicos! Aquele que é estouvado o suficiente para enfrentá-los sozinho será rasgado em pedaços por seus dentes, porém, embora eles sejam extremamente difíceis de derrotar, cercando-te com guerreiros e partindo, destrói totalmente aquela hoste inimiga tão fatal para os titãs!"

Nisso, descendo do trono, o poderoso Ravana colocou um diadema, cujo interior era incrustado com pérolas, sobre a testa de Kumbhakarna e enfeitou aquele herói com braceletes, anéis, pedras preciosas e um colar tão brilhante quanto a lua, cobrindo seus membros com guirlandas celestes e perfumadas e colocando brincos

em suas orelhas. Com os braceletes, tornozeleiras e moedas de ouro,[444] com os quais ele estava adornado, Kumbhakarna de olhos grandes brilhava como o fogo sacrifical.

Resplandecente com seu grande cinto azul-escuro, ele parecia a montanha Mandara rodeada pela cobra no momento do batimento da água da imortalidade. Vestido em armadura dourada que nenhuma seta podia penetrar, que em seu brilho natural parecia projetar chamas, ele ficou tão radiante quanto o rei das montanhas cercado por nuvens noturnas. Seu corpo inteiro estava coberto de ornamentos de todos os tipos e, com lança na mão, aquele titã trazia à lembrança Narayana, quando, em seu poder, ele deu os três passos.

Então aquele guerreiro abraçou seu irmão e prestou reverência a ele por circungirá-lo da forma tradicional e, inclinando a cabeça para ele, partiu ao som de conchas e gongos.

Então Ravana, dispensando-o com bons desejos, fez uma escolta de soldados bem equipados acompanhá-lo com elefantes, cavalos e carros, emitindo um som como nuvens de chuva. Valorosos combatentes acompanharam aquele príncipe dos guerreiros montados em serpentes, búfalos, burros, leões, elefantes, antílopes e pássaros.

Foi sob uma prodigiosa chuva de flores, com um guarda-sol sobre ele, portando uma lança pontiaguda em sua mão, cheio de ousadia, que aquele inimigo dos devas e danavas, inebriado com o cheiro de sangue, partiu. E inúmeros titãs o seguiram a pé, cheios de energia e coragem, de aspecto feroz, levando armas em suas mãos, com seus olhos vermelhos; e suas fileiras mediam muitas léguas de extensão e eles pareciam pilhas de antimônio e brandiam maças, espadas, machados afiados, dardos, barras, varas, martelos, grandes árvores Sala e estavam equipados com redes.

Enquanto isso Kumbhakarna, assumindo outra forma terrível e feroz, avançou impetuosamente, medindo cem arcos de largura e seiscentos de altura, formidável, cheio de poder e energia com os olhos semelhantes a rodas de carruagens. E, tendo reunido os titãs, aquele colosso de boca grande, que parecia um rochedo flamejante, disse com uma risada zombeteira:

"Hoje as principais das divisões de macacos serão consumidas por mim em minha fúria uma após a outra, como mariposas em uma chama. No entanto, esses habitantes dos bosques nunca ofenderam e sua raça adorna os jardins de nossas casas.

"O motivo de a cidade estar sitiada é Raghava, e Lakshmana que o acompanha; ele sendo morto, todos serão mortos; eu, portanto vou destruí-lo na luta".

A essas palavras de Kumbhakarna, os titãs emitiram um grande grito que pareceu agitar o oceano.

Então o astuto Kumbhakarna saiu e presságios sinistros apareceram de todos os lados; nuvens escuras e temíveis acompanhadas de meteoros eram vistas, e a terra, o mar e as florestas tremeram. Chacais de aspecto feroz, com chamas saindo de suas bocas, começaram a uivar e aves giravam da esquerda para a direita. Um abutre pousou sobre a lança do titã quando ele avançou, e seu olho e braço esquerdos se contraíram; um meteoro flamejante caiu com um estrondo terrível; o sol perdeu seu brilho e nenhum vento favorável soprava.

[444] Literalmente Nishkas. Veja o Glossário.

Sem dar atenção a esses presságios ameaçadores, de arrepiar, Kumbhakarna partiu, incitado pela força do destino. Tendo cruzado as muralhas, aquele gigante, igual a uma montanha, viu o vasto exército de macacos semelhante a uma nuvem e, vendo aquele mais poderoso dos titãs, tão alto quanto uma montanha, aqueles macacos fugiram em todas as direções, como nuvens empurradas diante do vento. À visão daquela tremenda hoste de macacos se espalhando para os quatro quadrantes como uma massa de nuvens desaparecendo, Kumbhakarna redobrou alegremente os seus gritos parecidos com trovão.

Ouvindo aqueles gritos terríveis, semelhantes ao rugido de nuvens no céu, inúmeros Plavagas caíram por terra como grandes árvores Sala cujas raízes foram cortadas e, quando Kumbhakarna se lançou sobre o inimigo com sua enorme maça para destruí-lo, ele encheu as fileiras dos macacos com medo extremo como o senhor da morte acompanhado por seus asseclas no final do período mundial.

Capítulo 66 – Angada repreende os macacos por fugirem de Kumbhakarna

Tendo saltado por cima do muro, Kumbhakarna, aquele gigante, semelhante ao pico de uma montanha, cheio de coragem, saiu da cidade com pressa e emitiu um grande grito que agitou as águas, abafou o estrondo dos trovões e pareceu despedaçar as montanhas.

Vendo aquele guerreiro de olhar feroz, tão invencível quanto Maghavat, Yama ou Varuna, os macacos debandaram e o príncipe Angada, vendo-os em fuga, dirigiu-se aos poderosos Nala, Nila, Gavaksha e Kumuda, dizendo:

"Esquecendo o seu valor natural e linhagem nobre, para onde vocês estão fugindo em terror como macacos comuns? Voltem, ó companheiros, retornem! É assim que vocês defendem suas vidas? Além disso, esse titã não é capaz de lutar contra vocês todos; ele está aqui para criar pânico entre vocês. Esse grande medo, que o titã inspira em vocês, será dissipado pela nossa bravura; retornem, ó Plavamgamas!"

Reagrupados com dificuldade de aqui e ali e reassegurados, aqueles macacos, armados com árvores, pararam no campo, e aqueles moradores da floresta ficaram lá prontos para avançar em fúria sobre Kumbhakarna, como elefantes inebriados com suco Mada. Depois disso eles o atacaram valentemente com golpes de picos de montanha, rochas e árvores com seus topos floridos, mas eram incapazes de derrubá-lo. Inúmeras pedras e árvores com copas florescentes caíam despedaçadas no chão, tendo entrado em contato com seus membros e aquele herói, enfurecido, de sua parte, derrubou as fileiras daqueles macacos enérgicos por exercer sua grande força, como um fogo que irrompe de repente na floresta. Com seus membros respingados com sangue, aqueles leões entre os macacos, derrotados e cortados, jaziam lá em grandes números parecendo árvores com flores acobreadas. Depois disso, aqueles macacos saltaram para longe sem olhar para qual direção e alguns se jogaram no mar e alguns saltaram no ar. Derrotados por aquele titã, que estava se divertindo, alguns, apesar de sua valentia, fugiram sobre o mar pelo caminho pelo qual eles vieram e alguns, pálidos e perturbados, escaparam para os vales. Os ursos subiram em árvores e alguns procuraram refúgio nas montanhas; outros, já não sendo capazes de ficar de pé,

caíram e permaneceram jazendo sobre a terra insensíveis como se estivessem adormecidos ou mortos.

Vendo os macacos desbaratados, Angada gritou para eles: "Fiquem! Vamos lutar! Voltem, ó Plavamgamas! Mesmo que vocês percorram toda a terra em sua fuga eu não vejo refúgio para vocês em lugar nenhum! Por que vocês procuram preservar suas vidas? Se vocês fugirem, deixando suas armas para que elas não impeçam seu curso, as suas esposas irão ridicularizá-los por essa covardia, que é morte para homens de honra, ó guerreiros! Para onde vocês estão fugindo cheios de medo como macacos comuns, vocês que são nascidos em famílias ricas e ilustres? Onde estão aqueles atos de bravura e destreza dos quais vocês se vangloriavam na assembleia? A crítica de covardia será ouvida por vocês; aquele que procura salvar sua vida por fugir é desprezado! Sigam o caminho escolhido por homens de coragem e superem seus medos. Se, depois de uma breve existência, você jazerem esticados mortos sobre a terra, vocês chegarão a Brahmaloka, inacessível para covardes. Vamos adquirir glória por derrubar o inimigo na luta e, se sucumbirmos, desfrutaremos dos tesouros do céu na região de heróis, ó macacos! Além disso, Kumbhakarna nunca vai voltar vivo, tendo chegado diante de Kakutstha, como uma mariposa que se aproxima de um braseiro ardente. Se alguém, apesar dos nossos números, é capaz de nos dispersar e nós protegemos nossas vidas por fugirmos, então é o fim do nosso renome!"

Esse foi o discurso de Angada, ele dos braceletes dourados, e os fugitivos responderam às repreensões daquele herói, dizendo:

"Esse titã Kumbhakarna tem causado uma carnificina terrível entre nós; não é o momento de parar; a vida é preciosa para nós!"

Com essas palavras, os líderes dos macacos, vendo aquele gigante de olhar temível avançando, se espalharam em todas as direções.

Todavia Angada, por suas exortações e argumentos, conseguiu reagrupá-los e, tranquilizados por aquele filho sagaz de Bali, eles se submeteram às suas ordens e aqueles principais dos macacos voltaram para o campo.

Capítulo 67 – As façanhas de Kumbhakarna. Ele é morto por Rama

Voltando ao ouvirem a voz de Angada, todos aqueles macacos de corpo grande, tomando sua posição resolutamente, desejavam nada mais do que se juntar à luta.

Com sua confiança restaurada pelas palavras do valente Angada, esses macacos, sentindo sua energia restaurada e sua coragem aumentando, avançaram, resolvendo morrer e sacrificar suas vidas. Então aqueles gigantes, se armando com árvores e rochedos enormes, que eles giravam com grande rapidez, se lançaram em Kumbhakarna, após o que, cheio de ira e vigor, aquele guerreiro de estatura imensa, brandindo sua maça, dispersou o inimigo por todos os lados. Setecentos e oito mil macacos jaziam espalhados no chão derrubados por Kumbhakarna e, como Garuda consumindo serpentes, ele agarrava sete, oito, dez, vinte e trinta em seus braços, esmagando-os e devorando-os em sua extrema fúria enquanto corria.

Tranquilizados com extrema dificuldade, aqueles macacos se reuniam aqui e ali e, armados com árvores e pedras, tomavam sua posição na vanguarda da batalha. Naquele instante, Dvivida, aquele leão entre os macacos, semelhante a uma nuvem ameaçadora, arrancando uma rocha, atirou-se sobre o inimigo que era

como um pico de montanha; e aquele macaco, quebrando o rochedo, o arremessou em Kumbhakarna, errando-lhe, de modo que o míssil caiu na tropa de titãs, esmagando cavalos, elefantes e carruagens atreladas a corcéis excelentes. Outra rocha criou mais vítimas e, sob essa avalanche de pedras, os titãs feridos, com seus cavalos mortos, seus aurigas derrubados, derramando sangue e sobre seus carros, subitamente deram gritos terríveis e com a ajuda de setas mortais cortaram as cabeças daqueles principais dos macacos que estavam rugindo.

De sua parte, os macacos, cheios de valentia, arrancavam grandes árvores para esmagar os carros, cavalos, elefantes, búfalos e titãs e, a partir do ar, onde ele estava posicionado, Hanuman derramou rochas, pedras e árvores de todas as espécies na cabeça de Kumbhakarna, mas aquele poderoso se moveu e evitou aquela chuva de árvores. E ele atirou-se sobre aquele grande exército de macacos brandindo sua picareta afiada e, quando ele avançou Hanuman colocou-se no caminho armado com o pico de uma montanha, e, em fúria desferiu em Kumbhakarna um golpe violento, que, em sua corpulência espantosa, parecia uma colina! Em seguida ele cujos membros estavam pingando gordura e com sangue escorrendo cambaleou sob o choque, e o titã arremessou sua lança, que era tão brilhante quanto um raio e como uma montanha jorrando chamas, atingiu Maruti entre os braços, como Guha antigamente atingiu a montanha Krauncha com sua lança formidável. Com seu peito perfurado por aquela lança, fora de si, vomitando sangue, Hanuman, em fúria, emitiu um grito terrível em meio à batalha, como o rugido de uma nuvem de tempestade no fim do período do mundo, e uma grande aclamação ergueu-se das fileiras de titãs quando eles viram sua situação, enquanto os macacos, perturbados e apavorados, fugiram do campo.

Naquele instante, reunindo toda a sua coragem, o valente Nila atirou um rochedo contra aquele titã astuto, que, vendo-o se aproximando, o golpeou com o punho e, no impacto, aquela rocha se quebrou e caiu no chão emitindo faíscas de fogo. Em seguida Rishabha, Sharabha, Nila, Gavaksha e Gandamadhana, aqueles cinco tigres entre os macacos, se lançaram em Kumbhakarna e, na luta, o inundaram com golpes de pedras, árvores, as palmas das suas mãos, pés e punhos, atacando aquele gigante de todos os lados. Kumbhakarna, no entanto, mal sentiu esses golpes e, sem prestar atenção, agarrou o impetuoso Rishabha em seus dois braços. Esmagado nesse abraço, aquele touro entre os macacos caiu ao chão, com a boca cheia de sangue.

Depois disso, na luta, o inimigo de Indra atingiu Sharabha com o punho, Nila com o joelho e Gavaksha com a palma de sua mão. Entorpecidos pelos golpes que tinham recebido, aterrorizados, cobertos de sangue, eles caíram sobre a terra como árvores Kimshuka que foram arrancadas. Aqueles líderes poderosos dos macacos sendo derrotados, o restante se lançou aos milhares sobre Kumbhakarna e, se atirando sobre ele e subindo nele como se fosse uma rocha, aqueles touros entre os Plavagas, que eles mesmos pareciam colinas, o atacaram e o morderam. Com suas unhas, dentes, punhos e braços, aqueles principais dos macacos atacaram o valente Kumbhakarna, um verdadeiro tigre em estatura, e aquele titã, coberto por milhares de macacos, se assemelhava a uma montanha coberta por árvores. Esmagando todos aqueles macacos em seus braços, aquele gigante os devorou, como Garuda as serpentes. Lançados na boca de Kumbhakarna, que parecia o abismo do inferno, os macacos saíam de suas orelhas e narinas. Tão alto quanto uma montanha em sua ira ele devorou aqueles macacos, e aquele príncipe dos titãs os esmagou cobrindo a terra com sua carne e sangue e percorrendo suas fileiras que ele invadiu, de modo que ele parecia o próprio fogo do tempo. Semelhante a Shakra portando o

raio na mão ou a Morte com o laço, assim parecia aquele titã poderoso, armado com sua lança, na luta. Como no verão o fogo destrói as florestas secas, assim Kumbhakarna consumiu as fileiras de símios.

Assim dizimados, com seus líderes abatidos, os Plavamgamas, loucos de terror, emitiram gritos terríveis e, dominados repetidamente por Kumbhakarna, aqueles macacos fugiram até Raghava em busca de proteção. Testemunhando o massacre daqueles macacos, Angada, nascido do filho do portador do raio, lançou-se em raiva sobre Kumbhakarna na luta. Agarrando um grande rochedo, ele rugiu repetidamente, pondo todos os titãs, que acompanhavam Kumbhakarna, para fugir; depois disso ele golpeou a cabeça de seu adversário com a rocha, e aquele inimigo de Indra, cheio de raiva ao receber o golpe, pulou de um salto sobre o filho irascível de Bali. Emitindo gritos altos, aquele titã infligiu terror entre os macacos e, em sua ira, jogou sua lança com força extrema em Angada, mas com um leve salto aquele leão valente entre os macacos, um guerreiro experiente, evitou o impacto e saltou sobre seu adversário, atingindo seu peito com a palma da sua mão. Aquele golpe violento atordoou o gigante, que parecia uma montanha, mas recuperando os sentidos aquele mais poderoso dos titãs, dobrando o punho, com uma risada zombeteira, atingiu Angada que caiu ao chão inconsciente.

Quando aquele leão entre os Plavagas jazia esticado inconsciente no chão, Kumbhakarna, brandindo sua lança, avançou em Sugriva e, vendo aquele colosso correndo na direção dele, o corajoso rei dos macacos saiu para enfrentá-lo depois do que, vendo aquele Indra entre os macacos avançando, Kumbhakarna parou e ficou de frente para ele, com membros retesados.

Vendo Kumbhakarna parado, com seu corpo escorrendo com o sangue dos grandes macacos a quem ele tinha devorado, Sugriva disse-lhe:

"Ao matar esses guerreiros tu realizaste uma façanha muito difícil e, por devorar meus soldados, adquiriste imenso renome; agora deixe estar o exército de macacos, o que tu tens a ver com o povo comum? Procura suportar o peso desta rocha que estou prestes a lançar sobre ti, ó titã! Encontra a tua satisfação em me matar, ó titã, tu que pareces uma montanha!"

Ao ouvir essas palavras do rei dos macacos, que possuía coragem e fortaleza, aquele leão entre os titãs, respondeu: "Tu és neto de Prajapati e filho de Riksharajas, tu és enérgico e corajoso, daí a tua arrogância, ó macaco!"

A essas palavras de Kumbhakarna, Sugriva, pegando uma pedra, atirou-a nele subitamente e atingiu seu peito com aquele míssil semelhante a um raio. A rocha se quebrou no enorme peito daquele gigante e os titãs ficaram assustados, enquanto a partir das fileiras dos macacos se elevaram gritos de alegria. Atingido por aquele pico rochoso, Kumbhakarna, enfurecido, rugia; escancarando sua boca enorme e brandindo sua lança, que parecia um raio, ele a arremessou no rei dos macacos e dos ursos, para matá-lo. Quando ela caiu, o filho de Anila, Hanuman, agarrou com as duas mãos aquela lança afiada e sua haste envolta em ouro arremessada pelo braço do titã e, brincando por assim dizer, quebrou aquela arma poderosa em seu joelho.

Vendo sua lança quebrada em pedaços por Hanuman, o exército de macacos, em um êxtase de alegria, começou a aplaudir. Entrementes ouvindo aqueles viajantes da floresta emitindo rugidos leoninos e louvando Maruti em sua alegria, ao ver sua lança quebrada, o titã ficou furioso e, pálido de medo, arrancou um pico da montanha Malaya nas proximidades, nas imediações de Lanka, arremessando-o em Sugriva a fim de derrubá-lo. Atingido por aquele rochedo, o

Indra dos macacos caiu por terra inconsciente e os yatudhanas emitiram um rugido de triunfo.

Então Kumbhakarna, se aproximando do poderoso rei dos macacos, o ergueu e o levou para longe como um vento violento afastando uma nuvem e, enquanto ele percorria o campo de batalha arrastando Sugriva com ele, que parecia uma grande nuvem, Kumbhakarna, com sua alta estatura, se assemelhava ao monte Meru de picos extremamente altos. Tendo pegado Sugriva, o poderoso senhor dos titãs se dirigiu para Lanka em meio às aclamações de seu próprio povo e os lamentos dos habitantes da região celeste, que estavam inconsoláveis por causa da captura do rei dos Plavamgamas e, tendo derrotado o rei dos macacos, aquele inimigo de Indra e seu rival em poder, refletiu: 'Ele estando morto, todo o exército símio está destruído junto com Raghava!'

Então Hanuman, o filho sagaz de Matuta, vendo Sugriva levado embora por Kumbhakarna e os macacos fugindo, pensou consigo mesmo: 'Agora que Sugriva foi capturado o que eu devo fazer? Seguramente eu vou realizar aquilo que é adequado; para matar esse titã eu assumirei a forma de uma montanha! Quando eu tiver destruído o extremamente poderoso Kumbhakarna em combate por socar seu corpo com golpes e tiver libertado o rei, a alegria dos macacos será geral! No entanto aquele grande macaco é bem capaz de se libertar embora me pareça que, atingido por Kumbhakarna com uma rocha em luta, o chefe dos macacos ainda não está ciente da sua situação. Logo, quando Sugriva recuperar a consciência, ele saberá como salvar a si mesmo e aos macacos nesse grande conflito. Aquele guerreiro não ficará satisfeito se eu libertá-lo, pois o seu bom nome seria manchado e irremediavelmente perdido. É por isso que eu devo demorar um pouco para que ele possa se livrar dessa situação por sua própria bravura e eu me limitarei a reagrupar as tropas dispersas'.

Refletindo dessa maneira, Hanuman, nascido de Matuta, procurou incutir coragem ao exército de símios.

Enquanto isso, carregando a forma grande e trêmula do macaco em seus braços, Kumbhakarna voltou para Lanka, e dos templos, estradas, residências e portões da cidade as pessoas o homenageavam com uma chuva de flores. Sob a chuva de grãos torrados e a fragrância das flores com as quais ele estava encharcado e também por causa do frescor da estrada real, pouco a pouco o valente Sugriva recuperou a consciência. Carregado nos braços de seu rival poderoso, contemplando a grande estrada da cidade, aquele guerreiro foi assaltado por inúmeros pensamentos, 'Capturado dessa maneira, o que eu posso fazer agora? Eu vou agir de modo que isso seja para o benefício dos macacos'.

Em seguida, com suas unhas afiadas, o rei dos macacos atacou imediatamente o inimigo dos deuses e arrancou suas duas orelhas com os dentes, mordendo seu nariz e cortando suas coxas com seus pés.

Com o nariz e as orelhas arrancados pelos dentes e unhas de Sugriva, Kumbhakarna, cheio de raiva, com os membros cobertos de sangue, jogou o macaco abaixo para esmagá-lo. Atirado ao chão com violência terrível e golpeado pelo inimigo dos deuses, Sugriva saltou no ar como uma bola e voou com toda velocidade para se juntar Rama.

Kumbhakarna, com suas orelhas e nariz cortados, encharcado em sangue, brilhava como uma montanha com suas torrentes e, coberto de sangue, vomitando sangue, aquele titã gigantesco de aspecto temível, o irmão mais novo de Ravana, ardeu de raiva. Como uma massa de colírio escuro ou uma nuvem noturna, aquele formidável viajante da noite resolveu entrar em combate mais uma vez e, Sugriva

tendo escapado, aquele inimigo de Indra, furioso, imediatamente lançou-se na luta, mas refletindo 'Eu não tenho arma', aquele guerreiro feroz pegou um martelo enorme. Saindo da cidade, o titã valente começou a consumir o exército formidável dos macacos com a violência do fogo na destruição dos mundos. Faminto e ávido por carne, Kumbhakarna entrou nas fileiras dos macacos e, em sua raiva, como Mrityu no final do período do mundo, devorava indiscriminadamente titã, macaco, pisacha e urso. Então em sua fúria, ele consumia os macacos, agarrando um, dois, três ou mais em uma mão e titãs também, empurrando-os avidamente em sua boca de modo que nele escorriam carne e sangue e, embora atingido pelos picos das montanhas, continuou a se banquetear com aqueles macacos, enquanto eles, vendo seus companheiros sendo devorados, se refugiaram com Rama, no que Kumbhakarna, num assomo de raiva, os perseguiu a fim de consumi-los. Agarrando-os em seus braços, na caça, ele os pegava em grupos de sete, oito, vinte, trinta e cem; seus membros estavam cobertos de gordura, carne e sangue, enquanto coroas de vísceras emaranhadas pendiam sobre suas orelhas, e aquele colosso, de dentes afiados, começou a disparar suas armas de modo que ele parecia o Tempo no fim do mundo.

Naquele instante, o filho de Sumitra, o flagelo das hostes inimigas e o destruidor de fortalezas hostis, enfurecido, entrou na luta e o corajoso Lakshmana atirou sete dardos no corpo de Kumbhakarna, mirando uma chuva de outros mísseis nele, mas Kumbhakarna se livrou daquelas flechas que caíam. Então o valente filho de Sumitra foi instigado além da medida e cobriu a armadura brilhante daquele titã, que era feita de ouro, com suas flechas, como uma montanha é coberta com nuvens pelo vento à noite. Semelhante a uma massa de colírio escuro, aquele titã, crivado de dardos dourados, resplandecia como o sol brilhando em meio às nuvens. E aquele monstro terrível, cuja voz igualava o estrondo de incontáveis nuvens de trovoada, desdenhosamente, aumentando o deleite de Saumitri, dizendo:

"Tu manifestaste a tua coragem por entrares em combate destemidamente comigo, eu que venci o próprio Antaka sem dificuldade no campo! Aquele que é capaz de enfrentar o rival do próprio Mrityu, armado para o combate, é digno de honra, quanto mais se ele entrar em conflito com ele! Montado em Airavata cercado pelos deuses, Shakra, o seu rei, nunca se atreveu a me desafiar para a batalha. Essa coragem de um jovem é gratificante para mim; agora sai daí, ó Saumitri, eu desejo encontrar Raghava!

"Realmente o teu valor, energia e habilidade marcial são agradáveis para mim, mas meu único desejo é matar Rama, quando ele for morto, todos serão mortos! Quando Rama cair sob os meus golpes, eu lutarei com todas as minhas forças contra todos aqueles que permanecerem no campo de batalha!"

Assim falou jactanciosamente o titã e Saumitri, com um sorriso zombeteiro, respondeu em tons temíveis dizendo:

"Que a tua bravura te torna invencível para Shakra e os outros deuses é verdade, ó guerreiro, e hoje tu demonstras o mesmo valor! Lá está o filho de Dasaratha inamovível como uma rocha!"

Ouvindo essas palavras, aquele viajante noturno, o vigoroso e poderoso Kumbhakarna, desconsiderando Lakshmana, passou por ele e, fazendo a terra tremer, avançou em Rama.

O filho de Dasaratha, Rama, no entanto, disparou algumas setas pontiagudas com a arma de Indra no peito de Kumbhakarna e, ferido por Rama em seu curso furioso, chamas misturadas com brasas brotaram de sua boca! Perfurado pela flecha de Rama, aquele leão entre os titãs, emitindo um grito terrível, atirou-se cheio de

raiva sobre Raghava, jogando longe os macacos. Com o peito perfurado por dardos adornados com plumas de pavão, sua maça caiu despedaçada de sua mão e todas as suas armas ficaram espalhadas no chão. Encontrando-se desarmado, aquele colosso criou uma grande carnificina com seus punhos e mãos.[445] Coberto de sangue, que escorria de seus ferimentos, como uma torrente caindo de uma montanha, com seus membros crivados de flechas, enlouquecido pelo cheiro de sangue, ele correu por toda parte em sua ria violenta devorando os macacos, titãs e ursos. Brandindo um enorme rochedo, aquele gigante poderoso e temível, igual a Antaka, o arremessou em Rama, mas antes que ele o alcançasse, aquele herói atingiu-o no centro com o auxílio de sete dardos infalíveis.

O virtuoso Rama, irmão mais velho de Bharata, quebrou-o com setas incrustadas com ouro e, como o pico de Meru, aquele rochedo, brilhando com esplendor, caiu, esmagando duzentos macacos.

Naquele instante, o virtuoso Lakshmana, após refletir profundamente sobre os diversos meios de destruir Kumbhakarna, disse a Rama:

"Ó príncipe, esse monstro não é mais capaz de distinguir entre macacos e titãs; embriagado com o cheiro de sangue, ele devora amigos e inimigos igualmente! Que os principais dos macacos subam nele com coragem e que os seus oficiais e líderes se pendurem nele por todos os lados; sob a carga pesada que o oprimirá enquanto ele estiver correndo pelo chão, aquele insensato aniquilará os titãs e não os macacos".

A essas palavras daquele príncipe inteligente, todos os macacos valentes se lançaram sobre Kumbhakarna com entusiasmo e ele, cheio de ira contra os macacos, que tinham subido em suas costas, os sacudiu violentamente como um elefante feroz seus tratadores. Vendo o titã sacudindo-se assim, Rama disse a si mesmo: 'Ele está enfurecido' e correu para ele com seu arco excelente. Com os olhos vermelhos de raiva, o intrépido Raghava, consumindo-o com seu olhar por assim dizer, saltou rapidamente para frente, reassegurando os líderes que estavam atormentando o poderoso Kumbhakarna e, a fim de incentivar os macacos, pegando seu grande arco incrustado com ouro, que com sua corda parecia uma serpente, Rama avançou com sua aljava enorme cheia de flechas.

Rodeado pela hoste de macacos, aquele guerreiro foi em frente cheio de valor, seguido por Lakshmana, e ele viu o ilustre e poderoso Kumbhakarna, o vencedor de seus inimigos, cercado por titãs, com os olhos ardendo, adornado com braceletes dourados, perseguindo todos aqueles macacos com fúria como um dos elefantes dos quatro quadrantes; e ele parecia as montanhas Vindhya ou Mandara e estava vomitando sangue como uma grande nuvem derramando chuva. Com a língua ele lambia os cantos de sua boca que estavam molhados de sangue enquanto continuava a destruir o exército símio como a morte no fim do mundo.

Vendo aquele príncipe dos titãs resplandecendo como um braseiro brilhante, aquele leão entre os homens esticou seu arco, e o som daquela arma enfureceu aquele principal dos titãs, que, muito provocado, atirou-se sobre Raghava.

Enquanto isso Rama, cujos braços eram como as grandes espirais do rei das serpentes, disse a Kumbhakarna que, possuindo o esplendor de uma montanha, estava correndo para atacá-lo como uma nuvem impelida pela tempestade:

"Vem, ó príncipe dos titãs, não tremas, eu te espero com arco na mão e em um instante te privarei da vida!"

[445] Ele tendo muitos braços.

'Esse é Rama!' refletiu Kumbhakarna e, irrompendo em risada hedionda, avançou em fúria, dispersando os macacos no campo de batalha. Por sua risada monstruosa e terrível, semelhante ao murmúrio de uma nuvem de tempestade, ele parecia partir o coração dos habitantes das florestas, e Kumbhakarna, em seu grande esplendor, disse a Raghava:

"Não me tomes por Viradha, Kabanda ou Khara, Bali ou Maricha; sou eu, Kumbhakarna, que estou aqui! Observa a minha maça terrível e poderosa feita de ferro; com essa, devas e danavas foram antigamente derrubados por mim! Não me desprezes porque eu não possuo nariz nem ouvidos, eu não sinto o mínimo desconforto ou dor por causa de sua perda! Manifesta a força dos teus membros, ó tigre entre os Ikshvakus; tendo mostrado a tua bravura e poder, eu te devorarei, ó príncipe irrepreensível!"

Ouvindo-o falar dessa maneira, Rama disparou uma de suas flechas emplumadas em Kumbhakarna que o atingiu com a força do raio, mas aquele inimigo dos deuses não se abalou nem se moveu e aquelas setas, que tinham perfurado sete árvores Sala e matado aquele touro entre os macacos, Bali, mergulharam no corpo do titã que era tão duro quanto um diamante.

Então, como se elas fossem gotas de água, aquele inimigo do poderoso Indra absorveu aquelas setas através do seu corpo, assim extinguindo a fúria delas, enquanto ele girava sua maça em um frenesi admirável. E essa arma coberta de sangue, o terror dos exércitos celestes, brandida por aquele titã com energia formidável, criou pânico nas fileiras de símios.

Então Rama, pegando outra flecha chamada Vayavya[446] a atirou contra aquele viajante noturno e cortou o braço com o qual ele segurava a maça. Com o braço cortado, ele soltou um grito terrível e seu braço, cortado pela flecha de Raghava, caiu com a maça, como o pico de uma montanha sobre o exército do rei dos macacos, esmagando-o. Depois disso, fora de si, os macacos que escaparam do massacre causado por essa queda, com seus membros lacerados, se refugiaram nas imediações e se tornaram as testemunhas da luta terrível entre aquele Indra entre os homens e o príncipe dos titãs.

Com seu braço cortado por aquela flecha, Kumbhakarna, parecendo o rei das montanhas com seu pico partido por uma grande espada, derrubou uma árvore com sua mão restante e avançou naquele senhor de homens, mas Rama, com uma flecha enfeitada com ouro unida à arma de Indra, cortou fora seu braço erguido como o corpo enrolado de uma serpente e a árvore Tala também.

Vendo o titã com dois braços cortados que, rugindo, estava correndo para ele, Rama tirou duas setas afiadas e em forma de crescente e cortou seus dois pés, após o que as regiões intermediárias, os quatro quadrantes, as cavernas da montanha, o vasto oceano, a cidade de Lanka e as fileiras dos macacos ressoaram com o estrondo da sua queda.

Com seus braços e pernas cortados, aquele titã abriu a boca como Vadavamukha e uivando avançou de repente em Rama como Rahu na lua no céu. Então Rama encheu sua boca com flechas de pontas de aço e emplumadas decoradas com ouro e, com a boca cheia dessa maneira, ele era incapaz de falar e, emitindo sons inarticulados com extrema dificuldade, caiu sem sentidos.

Então Rama escolheu uma seta brilhante como os raios do sol, que parecia a vara de Brahma na hora da dissolução final e era fatal para seus inimigos, a arma de Indra, bem-emplumada e afiada, a rival de Maruta em velocidade, e Rama disparou

---

[446] Arma de Vayu. Veja o glossário de armas.

aquela flecha, cuja haste era admiravelmente incrustada com diamantes e ouro, brilhante como as chamas de um sol resplandecente, veloz como o raio de Mahendra, contra aquele viajante noturno.

Disparado do braço de Raghava, esse míssil, que iluminou as dez regiões com seu brilho e que, em seu aspecto formidável, parecia uma chama sem fumaça, atingiu aquele príncipe dos titãs, igual a Shakra, e cortou sua cabeça com seus dentes proeminentes e brincos balouçantes, como o pico de uma montanha alta, como antigamente Purandara cortou a cabeça de Vritra. A cabeça enorme de Kumbhakarna, com os cachos que a adornavam, parecia a lua flutuando no céu na hora do nascimento do sol, quando a noite passou. Cortada pelas flechas de Rama, a cabeça do titã semelhante a uma montanha caiu sobre a terra esmagando as estradas, residências, portões e edifícios da cidade, derrubando as paredes altas também; e aquele corpo gigantesco de grande esplendor pertencente ao titã caiu no mar, onde esmagou os grandes tubarões, peixes e serpentes enormes, e mergulhou nas profundezas abaixo.

Quando Kumbhakarna, o grande inimigo dos brâmanes e deuses, foi morto em combate, a terra tremeu como todas as montanhas também e os celestiais gritaram de alegria. Depois disso deuses, rishis, maharishis, pannagas, suras, bhutas, suparnas, guhyakas e as hoste de yakshas e gandharvas, que percorriam os céus, exaltaram em voz alta a façanha de Rama.

Mas, vendo aquele príncipe valente da Casa de Raghu, os partidários e parentes do senhor dos nairritas emitiram gritos altos na queda de Kumbhakarna, como fazem os elefantes na presença de um leão. Tendo derrotado Kumbhakarna no campo, Rama, em meio à hoste de símios, parecia o sol emergindo das mandíbulas de Rahu quando ele afasta a escuridão da região celeste.

Em sua alegria, os inúmeros macacos, cujos rostos pareciam lótus abrindo, louvaram o príncipe Raghava, que viu a realização de seus desejos na morte de seu adversário formidável, e o irmão mais velho de Bharata se regozijou por ter matado Kumbhakarna, o flagelo dos deuses, que nunca tinha sido vencido em nenhum grande confronto, como o rei dos celestiais se alegrou com a morte do grande asura, Vritra.

Capítulo 68 - Ravana lamenta por Kumbhakarna

Vendo a queda de Kumbhakarna sob os ataques do extremamente corajoso Raghava, os titãs levaram a notícia ao seu rei, Ravana, e disseram:

"Ó rei, o rival de Kala está morto! Tendo derrubado as fileiras de macacos e devorado os Plavagas, ele, por um tempo, mostrou sua bravura que agora foi extinta pela força invencível de Rama e metade do seu corpo está submersa no vasto oceano. Derramando sangue, com nariz e orelhas cortadas, sua cabeça obstruindo o caminho de entrada de Lanka, ele que parecia uma montanha, Kumbhakarna, teu irmão, derrubado pela seta de Kakutstha, é agora apenas um cadáver nu e mutilado, como uma árvore consumida pelo fogo!"

Ouvindo esse relatório da morte do poderoso Kumbhakarna no campo de batalha, Ravana, tomado de angústia, desmaiou.

Ao saber que seu tio paterno havia sido morto, Devantaka, Narantaka, Trishiras e Atikaya, vítimas do pesar, gemeram alto, e Mahodara e Mahaparshwa, ao

ouvirem que seu irmão tinha perecido sob os golpes de Rama de façanhas imortais, foram tomados de angústia.

Então, recuperando os sentidos com extrema dificuldade, aquele leão entre os titãs, atormentado pela morte de Kumbhakarna, com seus sentidos perturbados, começou a lamentar, dizendo:

"Ó herói, que humilhavas o orgulho dos teus inimigos, ó poderoso Kumbhakarna, incitado pelo destino, tu me deixaste pela morada da morte! Para ir para onde tu me abandonaste sem teres extraído aquele espinho da minha carne ou da carne dos meus parentes? Ó guerreiro poderoso, destruidor de fileiras hostis, de agora em diante eu não mais existo visto que perdi o meu braço direito, o apoio que me livrava do medo dos deuses e asuras. Como tal guerreiro, que reprimia o orgulho dos deuses e danavas, que se parecia com o fogo do tempo, caiu hoje na luta com Raghava? Como Rama foi capaz, com uma seta única, de te esticar no chão, tu, a quem a descida do raio não podia subjugar? Vendo-te sucumbir em combate, os exércitos dos deuses, permanecendo nos céus com os rishis, emitem gritos de alegria. Indubitavelmente nesse mesmo dia os Plavamgamas, fazendo uso de uma ocasião favorável, irão escalar os portões e as fortificações de Lanka por todos os lados, que até então eram inexpugnáveis! Eu não tenho mais necessidade de um reino e o que farei com Sita? Desprovido de Kumbhakarna, eu não desejo mais viver. Já que eu sou incapaz de matar Raghava, o assassino do meu irmão em combate, não seria melhor morrer, pois a vida é vazia para mim? Hoje eu irei para onde o meu irmão foi, mais ainda, longe do meu irmão eu não posso viver por um instante! Testemunhando a minha situação, os deuses, que foram antigamente injustiçados por mim, certamente zombarão de mim! Ó Kumbhakarna, agora que estás morto, como eu vencerei Indra? O discurso prudente de Bibishana, a grande alma que eu desconsiderei em minha cegueira, se revelou verdadeiro; a fim cruel de Kumbhakarna e Prahasta justificou suas palavras! Essa é a consequência desastrosa daquele meu ato, o banimento do virtuoso e afortunado Bibishana".

Essas foram as muitas lamentações ardentes às quais Ravana de dez pescoços deu voz na angústia de sua alma por conta de Kumbhakarna, seu irmão mais novo, o inimigo de Indra, e, sabendo que ele pereceu em combate, ele desmaiou.

Capítulo 69 - Narantaka é morto por Angada

Ouvindo o lamento do perverso Ravana, que estava tomado pela dor, Trishiras se dirigiu a ele assim:

"Ó rei, bravos homens não se entregam à tristeza mesmo pela morte de um guerreiro tão valente quanto o teu irmão mais novo, nosso tio. Já que tu és capaz de conquistar os três mundos, ó senhor, por que, como um homem comum, tu permites que a tua coragem vacile? Brahma te concedeu uma lança, uma armadura, um dardo, um arco e uma carruagem atrelada a mil mulas, emitindo um ribombo como uma nuvem de chuva; equipado com todas essas armas, tu vencerás Raghava! Todavia, se te agradar, ó grande rei, eu mesmo descerei à arena e removerei os teus inimigos, como Garuda as serpentes. Como Shambara caiu sob os golpes do rei dos deuses e Naraka sob os de Vishnu, assim Rama cairá hoje, derrubado por mim no campo de batalha".

A essas palavras de Trishiras, Ravana, o senhor dos titãs, sob o domínio do destino, sentiu-se nascer de novo e, ouvindo Trishiras falar desse modo, Devantaka, Narantaka e Atikaya, queimando com ardor marcial, desejavam nada mais do que entrar em combate. "Fora! Fora!" rugiram aqueles filhos valentes de Ravana, os principais dos nairritas, iguais a Shakra em destreza.

Todos eram capazes de voar no ar, todos eram hábeis em magia, todos tinham humilhado o orgulho dos deuses, todos eram guerreiros invencíveis, todos eram dotados de grande força, todos desfrutavam de grande renome, de nenhum era contado que eles haviam sido derrotados em batalha nem mesmo pelos deuses, gandharvas, kinnaras ou grandes serpentes. Todos eram peritos no uso de armas, todos eram corajosos e lutadores capazes, todos eram muito eruditos e todos tinham sido recebedores de grandes bênçãos.

Cercado por seus filhos, o rei, radiante como o orbe solar, o destruidor do poder e da glória de seus inimigos, brilhava como Maghavat em meio aos deuses, que humilhava o orgulho dos grandes danavas.

Abraçando seus filhos, ele os cobriu com ornamentos e os enviou para lutar, cumulando-os de bênçãos. Não obstante Ravana enviou seus irmãos Yuddhonmatta e Matta para acompanhar aqueles guerreiros jovens e vigiá-los na luta. Então aqueles heróis da estatura imensa prestaram reverência ao poderoso Ravana, o destruidor de criaturas e, circungirando-o, partiram. Depois disso os principais dos nairritas, equipados com todos os tipos de ervas medicinais e perfumes, foram embora, ávidos para lutar, e Trishiras, Atikaya, Devantaka, Narantaka, Mahodara e Mahaparshwa, sob a influência do destino, saíram.

Um elefante magnífico, semelhante a uma nuvem escura, descendente da raça de Airavata, chamado Sudarshana, servia como a montaria de Mahodara e aquele herói, equipado com todas as armas, armado com uma aljava, sentado em seu elefante, brilhava como o sol no pico da montanha Astachala.

Trishiras, nascido de Ravana, estava colocado em um carro excelente puxado pelos principais dos corcéis e ele estava cheio de armas de todos os tipos. De pé em sua carruagem, armado com seu arco, ele parecia tão resplandecente quanto uma nuvem de tempestade sobre o pico de uma montanha, acompanhada de relâmpago, trovão, meteoros e arco de Indra.[447] Com sua coroa tripla, Trishiras brilhava em sua carruagem como Himavat, o senhor das montanhas com seus topos dourados.

Em seguida, o extremamente belicoso Atikaya, filho daquele senhor dos titãs, o mais hábil dos arqueiros, subiu em uma carruagem magnífica com rodas excelentes, eixos firmes, cavalos, carreta e jugo magníficos, rica em aljavas e arcos, cheia de mísseis, espadas e maças, e aquele guerreiro usava um diadema incrustado com ouro e coberto de pedras preciosas de modo que ele parecia Meru brilhando em seu próprio esplendor. Aquele poderoso príncipe dos titãs, cercado pelos principais dos nairritas, cintilava em seu carro como o deus que porta o raio entre os imortais.

E Narantaka, montado em um corcel branco tão rápido quanto o pensamento, arreado com ouro, semelhante a Ucchairavas, estava armado com uma lança como um raio e parecia extremamente resplandecente, lembrando o ilustre Guha, o filho de Shikhin, montado em seu pavão.

Devantaka, portando uma barra de ferro dourado, parecia uma encarnação de Vishnu segurando a montanha Mandara em seus braços e Mahaparshwa, cheio de força e energia, brandia uma maça como Kuvera armado para o combate.

---

[447] O arco de Indra: o arco-íris.

Então esses guerreiros intrépidos saíram de Lanka como os deuses deixando Amatavati e titãs poderosos em elefantes, cavalos e em carros trovejantes como nuvens seguiram, armados com armas excelentes; e aqueles seres jovens brilhavam como o sol resplandecente com suas testas envoltas em diademas, cintilando em esplendor como planetas flamejantes nos céus e, com o brilho dos trajes nos quais eles estavam vestidos, aquela cavalgada brilhante parecia uma nuvem outonal ou um bando de garças no céu.

Determinados a morrer ou vencer seu inimigo, eles foram em frente nessa resolução corajosa, ansiosos para lutar, se gabando, gritando e proferindo ameaças, e aqueles heróis invencíveis partiram equipados com flechas em meio ao clamor e aos aplausos, fazendo a terra tremer por assim dizer.

À medida que os rugidos de suas tropas pareciam rasgar os céus, os poderosos príncipes titãs, cheios de alegria, aumentaram seu passo e viram a hoste de símios brandindo rochas e árvores, enquanto de sua parte, os líderes corajosos dos macacos observavam o exército de titãs com sua massa de elefantes, cavalos e carros avançando como uma nuvem de chuva ao som de centenas de gongos e, equipados com armas enormes, cercados por todos os lados pelos nairritas resplandecentes, parecendo tochas ou sóis ardentes.

Vendo aquela companhia se aproximando, o desejo dos Plavamgamas foi realizado e, armados com rochas enormes, eles redobraram seus gritos em sua avidez de lutar contra os titãs, que responderam com seus gritos. Ouvindo os rugidos que aqueles macacos e seus líderes emitiam, as fileiras de titãs, provocadas pelas aclamações alegres do inimigo, rugiram com uma fúria ainda maior em seu extremo valor.

Então, quando eles entraram em luta com aquela hoste formidável de titãs, os macacos com seus líderes se lançaram sobre eles, brandindo rochas afiadas semelhantes a montanhas e aqueles Plavamgamas, armados com rochedos e árvores, se atiraram sobre as tropas de titãs, alguns lutando no ar e alguns no chão. Alguns entre aqueles principais dos macacos lutaram com árvores de muitos ramos e a luta entre os titãs e os macacos se tornou terrível.

Aqueles macacos de coragem temível deixaram uma chuva inigualável de árvores, pedras e rochas cair sobre o inimigo que os oprimia com uma saraivada de mísseis. Titãs e macacos rugiam como leões no campo de batalha; os Plavamgamas esmagavam os yatudhanas com golpes de rochas e, em fúria atingiam aqueles guerreiros cobertos com armaduras e joias, em carruagens, e montados em elefantes e cavalos na luta. Então os Plavamgamas redobraram os seus ataques contra os yatudhanas com rochedos que eles arrancavam com as mãos. Com seus corpos tensos, seus olhos se projetando de suas cabeças, gritando, eles cambaleavam e caíam, enquanto aqueles leões entre os titãs, por seu lado, perfuravam aqueles elefantes entre os macacos com flechas afiadas, golpeando-os com lanças, malhos, espadas, dardos e arpões e eles matavam uns aos outros indiscriminadamente em seu desejo de triunfar. Dos membros de macacos e titãs o sangue de seus inimigos escorria, e rochas e espadas, lançadas pelos macacos e titãs, cobria a terra manchada de sangue em um instante, de modo que o solo estava coberto de titãs semelhantes a montanhas, que, loucos de ardor marcial, tinham sido esmagados e mutilados por seus inimigos.

Depois disso os macacos, dando e recebendo golpes, com suas rochas despedaçadas, se engajaram em uma luta nova e terrível, usando os membros decepados como armas. E os nairritas atingiam os macacos com os seus próprios cadáveres e os macacos golpeavam os titãs com os titãs mortos. Arrancando as

rochas das mãos de seus inimigos, os titãs as quebravam nas cabeças dos macacos que despedaçavam as setas dos titãs, usando os pedaços para destruí-los. E eles oprimiram uns aos outros com rochedos na batalha e macacos e titãs emitiam rugidos como leões.

Então, com suas armaduras e escudos perfurados, aqueles titãs, atacados pelos macacos, pingavam sangue como árvores sua seiva, e alguns macacos no conflito destruíam carros com carros, elefantes com elefantes, cavalos com cavalos, enquanto os titãs usavam armas como navalhas ou meias luas e Bhallas e setas pontiagudas para quebrar as rochas e árvores daqueles macacos intrépidos. Naquele confronto, a terra ficou intransitável, coberta como estava com macacos e titãs e mutilados e esmagados sob as rochas e árvores na luta.

Cheios de audácia e ardor, os macacos, empenhados na luta, deixando de lado todo medo, lutaram contra os titãs com coração leve e vários tipos de armas.

Testemunhando aquela escaramuça terrível, a alegria dos macacos e o massacre dos titãs, os grandes rishis e as hostes de seres celestes emitiam gritos de triunfo.

Narantaka, no entanto, montado em seu corcel, que era tão rápido quanto o vento, com uma lança pontiaguda mergulhou no centro das fileiras de símios como um peixe no mar, e aquele guerreiro perfurou setecentos macacos com sua lança refulgente e aquele inimigo de Indra, de extrema coragem, em um instante, sozinho, derrotou o exército dos principais dos macacos sob os olhos dos Vidhyadharas e Maharishis, cortando um caminho para si através das fileiras de símios, a carne sangrando sua lama, e que estava coberto com pilhas de cadáveres de macacos tão altas quanto colinas.

Sempre que aqueles leões entre os macacos procuravam barrar seu caminho, Narantaka sempre penetrava em suas fileiras por ceifá-los. Como o fogo queima uma floresta, assim ele consumiu aqueles batalhões de símios, e cada vez que aqueles habitantes dos boques arrancavam árvores e rochas, eles caíram sob sua lança como montanhas partidas pelo raio.

Brandindo sua lança reluzente na vanguarda da batalha, o valente Narantaka percorreu todo o firmamento, derrubando tudo em sua trajetória como o vento na estação chuvosa e, se eles ficavam em seu posto ou saíam-lhe ao encontro, aqueles macacos corajosos não podiam resistir contra ele nem escapar dele de modo que todos caíam, perfurados por aquele guerreiro.

Aquele dardo único semelhante à própria morte,[448] brilhante como o sol, era capaz, por si só, de destruir as fileiras de macacos e deixá-los estendidos sobre a terra, e o impacto daquela lança lembrava o golpe do raio de modo que os macacos eram incapazes de suportá-lo e emitiam gritos altos. Aqueles macacos de grande alma e intrépidos, caindo, pareciam picos de montanhas desmoronando, atingidos pelo raio.

Enquanto isso os poderosos líderes dos macacos, que tinham sido postos em fuga anteriormente por Kumbhakarna, tendo recuperado seu vigor, estavam alinhados ao redor de Sugriva e ele, olhando em volta, observou o exército de macacos fugindo diante de Narantaka, aterrorizado e se espalhando em todas as direções.

Testemunhando essa debandada, ele viu Narantaka, com lança na mão, que estava avançando, montado em seu corcel. Nisso, o ilustre Sugriva, rei dos

---

[448] A ceifeira da morte.

macacos, dirigiu-se ao jovem príncipe Angada, um guerreiro cujo valor se igualava ao de Shakra, e disse:

"Sai contra esse titã ousado que, montado em um cavalo, está destruindo o exército que enviei contra ele e rapidamente o despoja de seus ares vitais".

A esse comando de seu soberano, o intrépido Angada, o principal dos macacos semelhante a uma massa rochosa, irrompeu daquela companhia como o sol emergindo de uma nuvem e, com os braceletes que usava, ele brilhava como uma montanha com seus veios metálicos. Sem quaisquer armas exceto suas unhas e dentes, aquele filho de Bali, em sua grande força, correu ao encontro de Narantaka e disse-lhe:

"Por que tu te esforças com macacos comuns? Que tu com tua lança, cujo impacto é igual ao raio, golpeies o meu peito que eu agora apresento a ti!"

As palavras de Angada, filho de Bali, irritaram Narantaka, que mordeu seu lábio com seus dentes sibilando como uma serpente, e se lançou sobre ele em fúria. Brandindo sua lança, que cintilava como fogo, ele bateu em Angada, mas a arma se quebrou contra o peito daquele filho de Bali, que era tão duro quanto diamante, e caiu ao chão.

Vendo sua lança quebrada, como uma cobra cujas espirais poderosas são partidas por Suparna, o filho de Bali levantou a mão e golpeou a cabeça do cavalo de seu adversário. Caindo de joelhos, com seus globos oculares saindo de suas órbitas, sua língua pendurara para fora, aquele cavalo, tão alto quanto uma colina, caiu por terra, com a cabeça esmagada pelo golpe da palma da sua mão.

Então Narantaka, vendo seu cavalo morto, enfureceu-se e, cerrando o punho, atingiu o filho de Bali na testa com energia de modo que sangue quente jorrou da sua fronte ferida. Em seguida ele flamejou de fúria e em seguida desmaiou e, tendo perdido a consciência por algum tempo, ao voltar a si ficou confuso.

Depois disso Angada, o poderoso filho de Bali, cerrando seu punho, que se igualava ao de Mrityu em força e parecia uma grande rocha, o baixou no peito de Narantaka.

Com o peito esmagado, quebrado pelo choque, vomitando chamas, seus membros escorrendo sangue, Narantaka caiu sobre a terra como uma montanha atingida por um raio, e quando o poderoso Narantaka caiu na luta com o filho de Bali, do céu, os principais dos celestiais e os macacos emitiram um grande grito de triunfo! E Angada encheu o coração de Rama com alegria e ele estava admirado com sua realização extremamente difícil. Depois disso aquele guerreiro de façanhas ilustres se preparou ansiosamente para novos confrontos.

Capítulo 70 – A morte de Devantaka, Trishiras, Mahodara e Mahaparshwa

Vendo que Narantaka estava morto, aqueles leões entre os nairritas, Devantaka, Trishiras e Mahodara, o filho de Pulastya, choraram amargamente.

Então Mahodara, montado naquele Indra dos elefantes semelhante a uma nuvem, avançou impetuosamente no filho extremamente enérgico de Bali.

Em seguida, o valente Devantaka, aflito por causa da calamidade que tinha visitado seu irmão, armando-se com uma maça formidável, também correu para Angada e, por sua vez, o enérgico Trishiras, em sua carruagem que era tão brilhante quanto o sol e atrelada a corcéis excelentes, avançou no filho de Bali.

Atacado por três dos principais dos titãs, que tinham humilhado o orgulho dos deuses, Angada arrancou uma árvore de muitos ramos, e como Shakra o seu raio flamejante, atirou aquele tronco enorme com seus ramos imensos em Devantaka. Nisso Trishiras o cortou com suas flechas que pareciam cobras venenosas e Angada, vendo a árvore despedaçada, correu para frente, e aquele elefante entre os macacos fez uma chuva de árvores e pedras cair sobre os titãs.

Enfurecido, Trishiras as quebrou com suas flechas afiadas e, com a cabeça de sua maça, Mahodara as esmagou, enquanto Trishiras perseguia o valente Angada com seus dardos. Nisso Mahodara incitou seu elefante para avançar sobre o filho de Bali e, em sua raiva, perfurou seu peito com Tomaras que eram iguais ao raio, e Devantaka, provocado, se aproximando de Angada, o atingiu com sua maça e se afastou rapidamente. O ataque combinado daqueles três nairritas deixou aquele guerreiro ilustre impassível; aquele herói ágil e invencível, no entanto se lançou em grande fúria sobre o elefante colossal pertencente a Mahodara e, com a palma da mão, o derrubou.

Com os olhos saindo das órbitas, o elefante caiu morto e aquele filho poderoso de Bali arrancou uma das suas presas, e então, avançando em Devantaka, ele deu-lhe um golpe naquela luta que o levou a cambalear como uma árvore fustigada pelo vento, e ele vomitou sangue profusamente o qual era a cor da laca. Respirando com dificuldade, o enérgico e poderoso Devantaka, brandindo sua maça, atingiu em Angada um golpe violento. Com o impacto, o filho daquele Indra entre os macacos caiu de joelhos, mas logo se levantou novamente e, enquanto fazia isso, Trishiras, com três dardos infalíveis e formidáveis, perfurou aquele filho do rei dos símios.

Enquanto isso Hanuman e Nila, vendo Angada atacado por três dos principais dos titãs, foram ajudá-lo, e Nila atingiu Trishiras com uma rocha que o filho hábil de Ravana quebrou com seus dardos afiados. Despedaçado por cem flechas, com sua superfície em pedaços, aquele pico rochoso, do qual faíscas e chamas jorravam, caiu.

Testemunhando o espanto deles, o corajoso Devantaka, cheio de alegria, na luta atirou-se com sua maça sobre o filho de Maruta e, quando avançou nele, aquele leão entre os macacos saltou para encontrá-lo e com o punho lhe desferiu um golpe estrondoso na cabeça. Em seguida, o filho heroico de Vayu, aquele macaco grande e poderoso, bateu em seu crânio e seu rugido fez os titãs tremerem. Devantaka, o filho do rei dos titãs, ofegando com o golpe, com o crânio rachado, os dentes se projetando para fora, os olhos saindo de suas órbitas, a língua pendurada para fora, caiu por terra imediatamente privado de vida.

Furioso com a morte do principal dos guerreiros titãs, aquele poderoso inimigo dos deuses, Trishiras, fez cair uma chuva temível de flechas afiadas sobre o peito de Nila, e Mahodara, em fúria, montou rapidamente em um segundo elefante tão alto quanto uma colina. Como o sol escala a montanha Mandara, assim ele despejou uma chuva de flechas sobre Nila como, sob um arco-íris, uma nuvem solta uma chuva em uma montanha em meio ao murmúrio do trovão. Coberto com aqueles dardos, com as quais o titã valente o oprimiu, o líder do exército de macacos, com seus membros perfurados, vacilando, desmaiou; então, voltando a si, Nila arrancou uma rocha coberta com árvores de muitos ramos, e com um salto formidável pulou sobre Mahodara e o golpeou na cabeça. Esmagado pelo impacto com o qual aquele elefante entre os macacos tinha acabado de dominá-lo, Mahodara caiu ao chão sem vida, como uma rocha partida pelo raio.

Vendo seu tio morto, Trishiras agarrou seu arco e, cheio de ira, perfurou Hanuman com suas flechas afiadas. Então o filho do vento, provocado, atirou um rochedo no valente Trishiras que o quebrou em pedaços com suas setas afiadas. Vendo que seu míssil foi inútil o macaco fez cair uma chuva de árvores sobre o filho de Ravana na luta e ele, observando aquela chuva de árvores caindo através do ar sobre si, as cortou em fúria com suas flechas afiadas, emitindo gritos de triunfo. Então Hanuman, saltando sobre seu cavalo, o dilacerou violentamente com as unhas, como o rei dos animais rasga um grande elefante.

Depois disso, de sua parte, o filho de Ravana, como a morte com seu laço, armando-se com uma lança atirou-se sobre o filho de Anila. Como um meteoro cai dos céus, assim aquela lança desceu desobstruída e aquele leão entre os macacos a pegou e a quebrou, emitindo um grande grito.

Vendo aquela arma de aspecto formidável destruída por Hanuman, as tropas de macacos deram rugidos alegres como o estrondo do trovão, e Trishiras, o principal dos titãs, empunhando sua espada, perfurou o peito daquele Indra dos macacos.

Ferido pelo golpe de sua espada, o poderoso Hanuman, nascido de Maruta, atingiu aquele de três cabeças no peito com a palma da sua mão. Ferido pelo golpe da palma de Hanuman, o ilustre Trishiras deixou cair sua manopla e caiu desmaiado no chão, e quando ele caiu, o grande macaco, que se assemelhava a uma montanha, quebrou sua espada dando um rugido que infligiu terror em todos os titãs. Incapaz de suportar o terrível grito de triunfo, aquele viajante noturno se levantou e atingiu Hanuman com o punho. O golpe enfureceu o grande macaco que, com raiva, agarrou o titã por sua coroa e, como antigamente Shakra cortou a cabeça do filho de Tashtri,[449] assim Hanuman, com um golpe formidável de sua espada afiada, cortou fora as suas três cabeças cada uma envolta em um diadema e enfeitada com brincos. As cabeças daquele inimigo de Indra com seus grandes olhos semelhantes a pedras, seus olhares como um braseiro ardente, caíram ao chão como estrelas caindo do céu. Quando o inimigo dos deuses, Trishiras, foi morto por Hanuman, que era igual a Shakra em bravura, os macacos gritaram em triunfo e a terra tremeu, enquanto os titãs se dispersaram para todos os lados.

Vendo Trishiras, Yuddhonmatta e os irresponsáveis Devantaka e Narantaka mortos, a fúria da Matta não tinha limites. Agarrando uma maça, banhada a ouro, manchada com carne, sangue e espuma, imensa, brilhante, saturada com o sangue coagulado do inimigo, sua ponta refulgente, enfeitada com guirlandas escarlates, o terror de Airavata, Mahapadma e Sarvabhauma,[450] ele se armou com aquela arma. Em sua fúria, Matta, aquele leão entre os titãs, dispersou os macacos como o fogo no fim do período do mundo.

Enquanto isso o macaco, Rishabha, avançou em direção a Mattanika[451], o irmão mais novo de Ravana, e ficou corajosamente de frente para ele. Vendo aquele macaco, tão alto quanto uma colina, diante dele, Matta, enfurecido, golpeou-o violentamente no peito com sua maça que parecia o raio. Sob o impacto daquela arma, o leão entre os macacos, com o peito dilacerado, cambaleou, com sangue fluindo em jorros do ferimento. Recuperando a consciência após um longo tempo, aquele príncipe dos macacos, com os lábios tremendo, lançou um olhar selvagem em Mahaparshwa e, com um salto, atirou-se naquele titã; após o que o impetuoso líder dos macacos intrépidos, do tamanho de uma montanha em estatura, cerrou o

---

[449] O filho de Tashtri. O filho de Vishvarupa.

[450] Os elefantes que sustentam os quadrantes.

[451] Outro nome de Matta.

punho e golpeou-o em cheio no peito e, como uma árvore cujas raízes foram cortadas, o titã subitamente caiu ao chão, com seus membros derramando sangue. Então Rishabha arrancou aquela maça terrível, que parecia a vara da morte, de suas mãos, gritando em triunfo. Por um instante aquele inimigo dos deuses parecia estar morto, mas, recuperando os sentidos, sua cor a de uma nuvem noturna, ele se jogou sobre o filho do senhor das águas e o golpeou.

Entorpecido pelo choque, o macaco caiu ao chão, mas, tendo recuperado a consciência, levantou-se rapidamente de novo, e, brandindo a maça semelhante a uma enorme rocha, ele desferiu um golpe violento no titã. Quando aquela maça terrível caiu sobre o peito forte do inimigo dos deuses, hostil aos sacrifícios e aos sacerdotes, do seu peito aberto o sangue caiu em torrentes, como águas carregadas de minerais fluem de uma montanha. Depois disso Rishabha, ainda armado com aquela arma formidável, avançou sobre ele rapidamente, golpeando seu adversário poderoso repetidamente, e aquele herói derrubou Mattanika na vanguarda da batalha e, esmagado pela sua própria maça, com seus dentes e olhos forçados para dentro, Matta caiu na terra privado de vida e força como uma rocha despedaçada por um raio.

Após sua queda, todos aqueles guerreiros titãs fugiram e, o irmão de Ravana estando morto, todo o exército dos nairritas, que era tão vasto quanto o mar, jogando longe suas armas, procurando somente preservar suas vidas, se espalharam em todas as direções como o mar rompendo suas margens.

Capítulo 71 – Lakshmana mata o titã Atikaya

Testemunhando a derrota do seu grande exército, de arrepiar, e a morte de seus irmãos iguais a Shakra em bravura, e vendo seus dois tios Yuddhonmatta e Matta, os principais dos titãs, derrubados na luta, o ilustre Atikaya, que parecia uma rocha, que humilhava o orgulho de devas e danavas, ele que tinha sido favorecido por Brahma, teve um acesso de raiva.

Subindo em seu carro, brilhante como cem sóis, aquele inimigo de Indra se atirou nos macacos e, esticando seu arco, aquele titã, usando um diadema e enfeitado com brincos cintilantes, proclamou seu nome, emitindo um grito tremendo. A proclamação de seu nome, o rugido leonino e a vibração temível da corda de seu arco infligiu terror naqueles macacos e eles, vendo aquele guerreiro gigantesco, refletiram: 'Kumbhakarna voltou' e, em seu pânico, se abrigaram uns com os outros. À visão daquela aparição, semelhante a Vishnu dando os três passos, os guerreiros símios, amedrontados, fugiram para todas as direções e na presença de Atikaya, aqueles macacos, desnorteados, buscaram refúgio com aquele que é o refúgio de todos, o irmão mais velho de Lakshmana.

Naquele instante, Kakutstha viu o titã, semelhante a uma montanha, em seu carro, de longe, armado com um arco e rugindo como uma nuvem na hora da dissolução dos mundos. Vendo aquele monstro, Raghava, espantado, reassegurando os macacos, consultou Bibishana, dizendo:

"Quem é aquele arqueiro, tão alto quanto uma colina, com olhos amarelos, de pé em sua vasta carruagem, atrelada a mil cavalos em meio a picaretas afiadas, lanças, dardos reluzentes e pontiagudos, que brilha como Maheshvara entre os Bhutas e que está rodeado por lanças brilhantes que enchem seu carro como línguas de fogo da morte, resplandecendo como uma nuvem partida pelo raio, com

seu melhor arco de dorso dourado iluminando seu carro maravilhoso por todos os lados, como Shakra nos céus? Esse tigre entre os titãs difunde uma luz brilhante sobre o campo de batalha enquanto ele, o príncipe dos guerreiros, avança em uma carruagem refletindo os raios do sol. Na ponta de seu estandarte, Rahu lhe fornece seu esplendor[452] e suas flechas como os raios do sol iluminam as dez regiões; seu arco triplamente curvado, incrustado e com dorso de ouro, retumbante como um trovão, é tão resplandecente quanto o de Shatakratu! Com seu estandarte, bandeira, carregamento e os quatro batedores que a escoltam, aquela carruagem vasta troveja como uma nuvem de tempestade. Trinta e oito aljavas se encontram no carro com arcos temíveis providos de cordas amarelas! Duas espadas brilhantes iluminam seus lados, seus punhos medindo quatro palmos e elas seguramente têm dez palmos de comprimento. Com suas guirlandas vermelhas, esse herói do tamanho de uma montanha, de cor escura, com sua grande boca como a morte, parece o sol encoberto por nuvens! Quem é esse líder titã com os braços carregados de braceletes dourados?"

Assim questionado por Rama, o descendente de Raghu de energia imensa, o extremamente ilustre Bibishana, respondeu:

"Esse é o filho valente daquele rei que é sem igual em poder, Dashagriva de grande esplendor, o irmão mais novo de Vaishravana de façanhas terríveis, o poderoso Ravana, senhor dos titãs. Cheio de reverência por seus superiores, famoso por sua força, o mais hábil daqueles versados na ciência de armas, ele é capaz de lutar a cavalo ou nas costas de um elefante, ou com uma lança ou arco e, quer se trate de uma questão de destruição ou de semear discórdia ou de fazer as pazes, de dar presentes, de usar a diplomacia ou de estratégia, ele é altamente estimado. Sua mãe era Dhanyamalini e ele se chama Atikaya.

"Tendo sido favorecido por Brahma por causa de sua castidade e austeridade, ele obteve a posse de armas extraordinárias com as quais ele tem derrotado seus inimigos, e Swyambhu lhe concedeu invulnerabilidade a deuses e danavas e lhe conferiu essa armadura celeste e um carro que reflete os raios do sol. Cem vezes ele triunfou sobre deuses e danavas, resgatou os titãs e exterminou os yakshas. Em batalha, esse guerreiro intrépido deteve o raio de Indra com seus dardos e repeliu o laço pertencente ao senhor das águas, Varuna. Ele, Atikaya, o mais poderoso dos titãs é o filho inteligente de Ravana e o subjugador do orgulho de devas e danavas. Dirige rapidamente os teus esforços contra ele, ó leão entre os homens, para que ele não aniquile a raça de macacos com suas flechas!"

Naquele instante, o poderoso Atikaya, gritando repetidas vezes, esticando seu arco, se lançou sobre a hoste de macacos.

Vendo aquele monstro terrível em seu carro, o maior dos guerreiros em carros, os principais dos ilustres líderes macacos avançaram para enfrentá-lo, e Kumuda, Mainda, Nila e Sharabha, unindo-se, também saíram com árvores e rochas.

Então aquele titã poderoso, príncipe dos guerreiros, quebrou aquelas rochas e árvores e todos os macacos resistiram a ele, mas aquele herói virtuoso de estatura espantosa os perfurou com dardos de ferro. Oprimidos por aquela saraiva de mísseis, com seus membros deslocados, desmoralizados, eles foram incapazes de suportar os ataques furiosos de Atikaya, e aquele herói semeou terror em meio às tropas dos macacos valentes, como um leão, orgulhoso de sua juventude e força,

[452] Rahu sendo seu emblema.

fica entre um bando de cervos; no entanto, aquele Indra entre os titãs desistia de atingir qualquer um que estivesse indefeso.

Depois disso, com seu arco e aljava, ele correu em direção a Rama e se dirigiu a ele com orgulho, dizendo:

"Aqui estou eu no meu carro com meu arco e flechas nas mãos! Eu não luto com soldados comuns, mas aquele que o deseja e está disposto eu desafio, aqui e agora, para combater!"

Esse discurso irritou Saumitri, o matador de seus inimigos, e, em sua fúria, ele se adiantou com um sorriso de desdém, com arco na mão. Provocado, ele avançou, pegando uma flecha da aljava e colocando-se diante de Atikaya, esticando seu grande arco de modo que a terra, o céu, o mar e as quatro quadrantes ressoaram com o som formidável da corda do arco e o terror tomou conta daqueles viajantes noturnos.

Ouvindo a vibração terrível do arco de Saumitri, o filho poderoso e valente do Indra dos titãs ficou surpreso e, enfurecido ao ver Lakshmana avançando em direção a ele, ele tirou um dardo afiado e falou deste modo:

"Sai daqui, ó Saumitri, tu és só uma criança sem qualquer experiência de guerra; por que tu procuras medir a tua força com a minha, que sou igual à morte? Além disso, seguramente a força dessas setas disparadas pelo meu braço não pode ser suportada pelo próprio Himavat, nem pela terra nem pelos céus. Tu estás tentando despertar o fogo da dissolução que, para a tua boa sorte, agora está adormecido. Joga longe o teu arco e sai daí! Não sacrifiques a tua vida por avançar para me enfrentar! No entanto, se estás decidido a não voltar atrás, então fica e, abandonando a tua vida, entra na residência de Yama! Vê as minhas flechas afiadas, que, feitas de ouro refinado, subjugam a jactância dos meus adversários e parecem o tridente de Shiva. Esta seta também, semelhante a uma serpente, nesse instante beberá o teu sangue como o rei dos animais bebe o sangue do senhor dos elefantes".

Falando assim, em fúria, o titã colocou uma flecha em seu arco, e aquele discurso de Atikaya, cheio de ira e ameaças, enfureceu Lakshmana que era corajoso e virtuoso por natureza, de modo que ele lhe respondeu com orgulho e dignidade, dizendo:

"A superioridade não é medida pelo discurso e homens de valor não se gabam! Aqui estou armado com meu arco, com uma flecha na mão, demonstra a tua bravura, ó patife! Revela-te em ações e para de elogiar a ti próprio! Aquele que se comporta com coragem é dito ser um guerreiro! Tu estás equipado com todos os tipos de armas, estás sobre a tua carruagem e tens um arco; agora mostra o teu valor ou com setas ou com dardos mágicos! Eu cortarei tua cabeça com minhas flechas afiadas como o vento destaca o fruto maduro da palmeira de sua haste! Logo as minhas setas, decoradas com ouro refinado, beberão teu sangue, que as suas pontas farão escorrer por perfurarem os teus membros. Tu disseste 'Ele é apenas uma criança', mas não deixes esse pensamento te fazer me subestimar. Velho ou jovem, saibas que é a morte que está prestes a entrar em combate contigo. Vishnu, enquanto ainda uma criança, cobriu os três mundos com seus três passos!"

Essas palavras de Lakshmana, carregadas de sentido e razão, exasperaram Atikaya, que pegou um dardo excelente. Nisso, vidyadharas, bhutas, devas, daityas, maharishis e guhyakas de grande alma se reuniram para testemunhar o duelo.

Então Atikaya, provocado, colocou uma seta em seu arco e a disparou em Lakshmana e ela devorou o espaço, por assim dizer, mas aquela flecha afiada semelhante a uma cobra venenosa, na forma de uma meia-lua, enquanto voava foi

cortada por aquele matador de seus inimigos e, vendo seu dardo quebrado, Atikaya, em um acesso de raiva tirou cinco flechas de uma vez, e aquele viajante noturno as disparou em Lakshmana, mas antes de chegarem a ele o irmão mais novo de Bharata as despedaçou com suas setas afiadas.

Tendo cortado aqueles mísseis com seus dardos afiados, Lakshmana, o matador de seus inimigos, selecionou uma seta pontiaguda, cujo brilho emitia chamas e a colocou em seu arco excelente, então, curvando-o com força, ele atingiu a testa daquele príncipe dos titãs.

Aquela seta, afundando na testa do titã terrível com o sangue que a cobria, parecia o rei das serpentes entrando em uma montanha e, como a porta de entrada formidável de Tripura tremeu quando atingida pela flecha de Rudra, assim aquele titã vacilou ao impacto da arma de Lakshmana. Respirando pesadamente, aquele colosso refletiu 'Seguramente a seta assim disparada me revela que tu és um adversário digno!' Pensando assim, ele abriu a boca e, esticando os braços grandes, apoiado em seu assento, acelerou sua carruagem para frente.

Uma, três, cinco e sete foram as setas escolhidas por aquele leão entre os titãs e, colocando-as em seu arco e puxando-o, ele as fez voar e aquelas flechas, brilhantes como o sol, pareciam, por assim dizer, incendiar o firmamento. Enquanto isso, impassível, o irmão mais novo de Raghava as cortou com a ajuda de inúmeros dardos afiados. Vendo aquelas setas quebradas, o filho de Ravana, inimigo do senhor dos deuses, furioso, pegou uma arma afiada e, colocando-a em seu arco, ele a disparou com grande força contra Saumitri, que estava avançando em sua direção, atingindo-o no peito. Ferido no peito por Atikaya, Saumitri começou a sangrar profusamente, como um elefante expelindo seus sucos temporais, e aquele príncipe arrancou a flecha e jogou-a fora; depois disso ele selecionou um dardo afiado ao qual ele uniu uma seta carregada com mantra e colocou a arma de Agni em seu arco, após o que arco e flecha emitiram chamas. Então Atikaya, dotado de grande força, pegou a arma de Rudra e fixou uma seta de haste dourada, semelhante a uma serpente, em seu arco.

Então Lakshmana disparou aquela arma poderosa, seu míssil flamejante e temível em Atikaya como Antaka manejando a vara da morte. Vendo aquela flecha unida ao dardo Agneya o viajante noturno disparou a flecha de Rudra unida à arma de Surya, e aqueles dois mísseis correram em direção ao outro no espaço, e suas pontas chamejantes os faziam parecer com serpentes enfurecidas. Devorando um ao outro, eles caíram sobre a terra, com seu fogo extinto, reduzidos a cinzas e privados de seu esplendor, e tendo incendiado o céu, eles jaziam sem brilho na terra.

Depois disso Atikaya, enfurecido, disparou o junco Aishika unido à arma de Twashtar, mas o poderoso Saumitri o cortou com a flecha de Indra. Vendo o junco quebrado, aquele príncipe nascido de Ravana, enfurecido, uniu uma lança à arma de Yama e aquele viajante noturno a arremessou em Lakshmana que a destruiu com a arma Vayavya.

Então, como uma massa de nuvens descarrega sua chuva, Lakshmana, em fúria, cobriu o filho de Ravana com uma chuva de mísseis, e aquelas setas, entrando em contato com cota de malha de Atikaya que era incrustada com diamantes, tiveram suas pontas quebradas e caíram no chão. Vendo-as inutilizadas, Lakshmana, o matador de guerreiros hostis, cobriu seu adversário com mil setas. Inundado por aquela saraivada de flechas, Atikaya, aquele guerreiro poderoso, cuja couraça não podia ser perfurada, permaneceu imóvel, e aquele herói foi incapaz de infligir um ferimento ao titã.

Depois disso, o deus do vento se aproximou dele e disse: "Por causa da bênção recebida de Brahma, aquele guerreiro está vestido em armadura impenetrável, que tu, portanto, o atinjas com a arma de Brahma, de outro modo ele não pode ser morto, sua armadura sendo à prova de qualquer outra coisa!"

Ao ouvir as palavras de Vayu, Saumitri, igual a lndra em destreza, imediatamente pegou um dardo de velocidade incrível e o uniu à a arma de Brahma. Tendo colocado aquela arma excelente com a principal das setas providas de pontas afiadas em seu arco, todas as regiões, o sol, a lua e os planetas ficaram aterrorizados e os céus e a terra também tremeram. Então, tendo fixado a arma de Brahma em seu arco, aquele míssil, cuja haste era como mensageiro da morte e igual a um relâmpago, Saumitri a disparou no filho do inimigo de Indra. E Atikaya viu aquela flecha atirada por Lakshmana de braços fortes, veloz como a tempestade, com seu punho incrustado com ouro e diamantes, caindo sobre ele, e vendo-a, imediatamente a atingiu com suas inúmeras setas, mas aquela flecha, veloz como o próprio Suparna, voou em direção a ele com extrema velocidade e vendo-a se aproximar, como a morte no momento da dissolução, Atikaya a atacou com lanças, arpões, maças, machados, picaretas e setas com energia incansável, mas aquelas armas de aspecto admirável foram inutilizadas por aquele dardo flamejante, que, atingindo-o, cortou sua cabeça com seu diadema.

Cortada pela seta de Lakshmana, a cabeça caiu instantaneamente no chão com sua coroa semelhante ao pico de Himavat. Em seguida aqueles rondantes da noite, que tinham escapado do massacre, vendo o corpo jazendo no chão, com seu traje e adornos em desordem, ficaram atônitos e, com suas feições distorcidas, aqueles seres desafortunados, exaustos com a luta, de repente começaram a emitir gritos agudos e inarticulados. Depois disso aqueles titãs, que cercaram seu líder morto, aterrorizados, sem lhe prestar homenagem, fugiram para a cidade.

Os macacos, no entanto, com seus rostos brilhando como lótus desabrochados, em sua alegria, todos prestaram homenagem a Lakshmana por conta do sucesso que ele havia obtido ao derrubar aquele adversário formidável que era famoso por sua bravura e até então invencível.

Capítulo 72 – Ravana, tomado de ansiedade, faz novos planos

Ao saber que Atikaya havia sido morto pelo poderoso Lakshmana, Ravana ficou extremamente ansioso e falou o seguinte:

"Dhumraksha, cheio de ardor e o mais habilidoso no uso de armas, Akampana, Prahasta, e Kumbhakarna, aqueles guerreiros titãs valentes ávidos por combate, os destruidores de tropas hostis, sempre invencíveis, bravos titãs de estatura imensa que eram versados no uso de todas as armas, caíram com suas tropas sob os ataques de Rama de façanhas imperecíveis. No entanto, muitos guerreiros poderosos foram derrubados pelo meu filho Indrajita, que é renomado por sua força e destreza; aqueles dois irmãos foram acorrentados por suas flechas formidáveis dadas a nós como uma benção. Todos os deuses e asuras combinados, apesar de seu poder, não poderiam ter rompido aquelas amarras terríveis, nem os yakshas, gandharvas ou pannagas! Eu não sei por qual força, magia ou meios sobrenaturais aquele laços foram cortados por aqueles dois irmãos, Rama e Lakshmana.

"Aqueles titãs corajosos, que saíram para lutar a meu comando, todos pereceram em combate com os macacos extremamente valentes. Doravante eu não vejo quem, no campo de batalha, será capaz de matar Rama e Lakshmana ou o poderoso Sugriva e suas tropas.

"Ah! Quão poderoso é Rama! Como é grande o alcance de suas setas! Os titãs que desafiaram esse guerreiro foram todos destruídos! Agora, por causa dele, que defesas sejam estabelecidas em todos os lugares, tanto na cidade quanto em volta do bosque de Ashoka onde Sita está sendo vigiada. Que as entradas e saídas sejam patrulhadas continuamente pelas nossas sentinelas, onde quer que elas estejam colocadas! Estabeleçam-se com os batalhões principais em todos os lugares para observar os movimentos dos macacos, ó viajantes noturnos! À noite, à meia-noite ou ao amanhecer, não importa quando, não relaxem sua vigilância em relação ao exército de símios. Observem quais tropas estão colocadas em formação em linha pelo inimigo, como elas avançam e onde elas param; que os caminhos de entrada e saída e torreões sejam barricados imediatamente!"

Todos os titãs ouviram os comandos do poderoso senhor dos titãs e foram realizá-los. Ravana, o rei dos titãs, no entanto, tendo emitido essas ordens, extremamente desanimado, entrou em sua residência, com o fogo da sua ira latente dentro dele, e aquele monarca poderoso daqueles viajantes da noite, pensando no infortúnio que tinha ocorrido ao seu filho, suspirava sem cessar.

Capítulo 73 – Indrajita tornando-se invisível põe fora de combate o exército de macacos

Os titãs, que tinham escapado do massacre, se apressaram a informar Ravana da morte de seus líderes, Devantaka e outros, como também Trishiras e Atikaya.

Ouvindo essas notícias tristes, grandes lágrimas imediatamente encheram os olhos do rei e por um longo tempo ele permaneceu absorto em pensamentos melancólicos sobre a morte de seus filhos e irmãos.

Vendo o monarca infeliz mergulhado num oceano de tristeza, lndrajita, o filho daquele senhor dos titãs, o principal dos guerreiros, se dirigiu a ele assim:

"Ó meu caro pai, já que lndrajita ainda vive, não te entregues ao desespero! Ó príncipe dos nairritas, aquele a quem o inimigo de lndra ataca com suas flechas em luta não é capaz de preservar sua vida. Hoje tu verás Rama e Lakshmana jazendo esticados no chão, com seus corpos perfurados, despedaçados pelas minhas setas, seus membros crivados com minhas flechas afiadas. Testemunha o voto bem pensado do inimigo de Shakra reforçado pela minha bravura e poder divinos! Hoje mesmo eu subjugarei Rama e Lakshmana com setas que nunca erram o alvo. Que Indra, Vaivasvata, Vishnu, Rudra, os Sadhyas, Vaishvanara, Chandra e Surya testemunhem hoje a minha bravura imensurável tão formidável quanto a de Vishnu no lugar de sacrifício de Bali!"

Tendo falado assim, aquele rival do senhor dos celestiais pediu a permissão do rei para partir e com alma destemida subiu em sua carruagem, que era tão rápida quanto o vento, atrelada a corcéis excelentes e equipada com armas, semelhante ao carro do próprio Hari. Então ele partiu para o campo de batalha imediatamente e aquele herói magnânimo foi escoltado por inúmeros guerreiros, cheios de ardor, levando grandes arcos em suas mãos.

À medida que avançavam, alguns nas costas de elefantes, outros em montarias prodigiosas, como tigres, escorpiões, gatos, mulas, búfalos, serpentes, javalis, leopardos, leões e chacais, tão grandes quanto colinas, corvos, garças e pavões, aqueles titãs de coragem temível estavam armados com dardos, martelos, machados, sabres e maças. Ao som de conchas e ao rufar de tambores, aquele inimigo valente do rei dos deuses avançou para lutar. Com seu guarda-sol, perolado como a lua, aquele matador de seus inimigos brilhava como o firmamento quando aquele orbe está cheio. Abanado por chouris maravilhosos com cabos elegantes, aquele guerreiro, enfeitado com ornamentos de ouro, o principal dos arqueiros, Indrajita, resplandecia como o disco solar e ele, cuja força era irresistível, iluminava Lanka como o sol ardendo no céu. Então aquele intrépido subjugador de seus inimigos, ao chegar ao campo de batalha, alinhou os titãs em volta do seu carro e, de acordo com os ritos tradicionais, aquele príncipe dos titãs rezou ao deus que se alimenta de oferendas sacrificais,[453] cujo brilho ele possuía, recitando os mantras mais auspiciosos, e, oferecendo libações de Soma e grãos torrados, com guirlandas e perfumes, aquele líder resplandece dos titãs invocou Pavaka.

Depois disso ele levou lá armas como Sharapatras, Samidhs e Bibhitakas com mantos vermelhos e uma colher de ferro e, empilhando o fogo com Sharapatras e Tomaras,[454] ele agarrou um bode vivo pelo pescoço.

Inflamando-se de repente o fogo não soltou fumaça, mas manifestou os sinais que prediziam vitória e, tendo sido aceso, as chamas brilhantes como o ouro, girando em direção ao sul, passaram pelo cadinho e consumiram instantaneamente as oferendas.

Então Indrajita, que era hábil em manusear armas, pegou a arma de Brahma e pronunciou um mantra sobre seu arco, sua carruagem e sobre todos. Então ele, tendo proferido a fórmula sagrada e invocado Pavaka, o firmamento, o sol, os planetas, a lua e as estrelas, tremeu. Tendo invocado o deus do fogo, cujo brilho ele possuía, ele, igual a Indra em poder, cuja força era inimaginável, desapareceu no céu com seu arco, flechas, espada, carruagem, cavalos e lança.

Em seguida, o exército de titãs, abundantemente equipado com cavalos e carruagens, bandeiras e bandeirolas, ansioso para lutar, partiu emitindo gritos de guerra e, na luta, aqueles titãs, cheios de raiva, atacaram os macacos com dardos de diferentes tipos que eram afiados, rápidos e bem feitos, e com lanças e ganchos. Vendo-os, o filho de Ravana, abordando aqueles viajantes noturnos, gritou: "Ataquem o inimigo rapidamente a quem vocês estão ansiosos para destruir! Tenham bom ânimo!"

A essas palavras, os titãs, em sua ansiedade para triunfar, rugiram alto e fizeram uma chuva de mísseis cair sobre aqueles macacos terríveis. Armando-se com flechas,[455] maças e cassetetes, Indrajita, de sua parte, no meio dos titãs, atacou os macacos de onde ele estava invisível no céu.

Então os macacos, derrubados na luta, imediatamente começaram a atacar Ravani com golpes de pedras e árvores e, cheio de ira, Indrajita, nascido de Ravana, aquele herói cheio de força, golpeou os macacos com uma única lança e, em fúria feroz, perfurou cinco, sete e nove macacos de uma só vez para a grande alegria dos titãs. Depois disso aquele guerreiro invencível subjugou aqueles macacos sob suas flechas que brilhavam como o sol e eram decoradas com ouro.

---

[453] O deus do fogo, Pavaka ou Agni.

[454] [Ambos são armas].

[455] Diferentes tipos de flechas como Nalikas e Navachas. Veja o Glossário de Armas.

Com seus membros perfurados, os macacos, oprimidos por aquelas setas, caíam como grandes asuras destruídos pelos deuses. Diante desse segundo Aditya que os consumia com aquelas armas formidáveis como seus raios, aqueles leões entre os macacos fugiram, cheios de terror. Com seus corpos mutilados, seus sentidos confusos, eles debandaram, banhados em sangue e aterrorizados, mas, em sua devoção por Rama, os macacos, dispostos a sacrificar suas vidas, subitamente paravam e voltavam gritando, armados com rochas, e, fechando suas fileiras, derramaram uma saraivada de árvores, rochedos e pedras em Ravani.

Essa avalanche mortífera e terrível de árvores e pedras foi, entretanto dispersa pelo poderoso Indrajita, que era sempre vitorioso em combate e, com suas flechas tão brilhantes quanto o fogo, parecendo serpentes, aquele príncipe perfurou as fileiras de seus inimigos. Com dezoito dardos penetrantes ele feriu Gandhamadana; com outros nove ele atingiu Nala, que estava um pouco distante, e, em sua grande força, ele atacou Mainda com sete flechas, arrancando suas entranhas, e Gaja com sete setas não afiadas. Depois disso ele perfurou Jambavan com dez flechas, Nila com trinta e Sugriva, Rishabha, Angada e Dvivida com terríveis flechas flamejantes que tinham sido recebidas como dádivas, tornando assim aqueles principais dos macacos inconscientes, que, atingidos por inúmeras setas caíam sob seu ataque furioso de modo que ele parecia o fogo da própria morte.

Com a ajuda de setas tão brilhantes quanto o sol, disparadas com habilidade, que eram extremamente rápidas, ele dispersou aquelas divisões de macacos naquela grande luta e, com êxtases da mais viva alegria, aquele guerreiro renomado, nascido do Indra dos titãs, testemunhou todo o exército dos símios banhado em sangue, oprimido por aquela chuva de mísseis.

Sob a chuva de flechas e saraiva cruel de armas com as quais ele os atacou, o valente Indrajita percorreu as fileiras de macacos espalhando destruição. Então, deixando seu exército para trás, ele se lançou rapidamente sobre as tropas de macacos naquela grande luta, cobrindo-os com uma enorme onda de flechas formidáveis como o aguaceiro de uma nuvem escura.

Vítimas de suas artes mágicas, com seus corpos esmagados por aqueles mísseis disparados por aquele vencedor de Shakra, os macacos, que eram tão grandes quanto rochas, emitiam gritos lastimáveis, caindo na luta como grandes colinas atingidas pelo raio de Indra, e eles não podiam ver nada exceto aquelas flechas afiadas dizimando suas fileiras, enquanto o inimigo do rei dos deuses, aquele titã, velado em seu poder mágico, se mantinha invisível. Então aquele ilustre príncipe dos titãs fez voar suas setas afiadas que brilhavam como o sol em todas as direções cobrindo os principais dos macacos e os destruindo; e ele fez lanças, espadas e machados parecendo fogo, emitindo chamas como um braseiro ardente a partir do qual voam faíscas, caírem sobre as fileiras dos principais dos Plavagas. Sob as setas e dardos flamejantes, com os quais o vencedor de Indra os oprimia, os líderes macacos pareciam árvores Kimshuka em plena floração.

Quando eles olhavam para cima, alguns, atingidos nos olhos eram cegados, e colidindo uns com os outros, caíam ao chão. Com o auxílio de dardos, lanças e setas afiadas carregadas de mantras, Indrajita, o príncipe dos titãs, subjugou todos aqueles guerreiros, Hanuman, Sugriva, Angada, Gandhamadana, Jambavan, Sushena, Vegadarshin, Mainda, Dvivida, Nila, Gavaksha, Gavaya, Kesarin, Hariloman, Vidyuddamshtra, Suryanana, Jyotimukha, Dadhimukha, Pavakaksha, Nala e Kumuda e, tendo desarmado os líderes macacos, ele fez uma chuva de

dardos brilhantes, como os raios do sol, cair sobre Rama e Lakshmana que o acompanhava.

Sob a onda de flechas, às quais ele prestou tão pouca atenção como se elas fossem gotas de chuva, Rama, de esplendor prodigioso começou a ponderar consigo mesmo e disse para seu irmão:

"Ó Lakshmana, depois de ter dominado o exército símio, aquele Indra entre os titãs, o inimigo dos deuses, confiando em sua arma poderosa, agora nos ataca de novo com seus dardos afiados! Em virtude da bênção que recebeu de Swyambhu, aquele herói, cheio de energia e coragem, tornou-se invisível apesar de seu tamanho formidável. Como Indrajita, que pegou em armas contra nós, pode ser derrubado em combate quando seu corpo é invisível?

"Eu reconheço que essa é a arma e poder de Swyambhu, o beneficente e incompreensível! Com o coração tranquilo, ó sagaz Lakshmana, suporta a queda dessa flecha comigo hoje! Que esse Indra dos titãs, o líder deles todos, nos cubra com uma chuva de dardos! Todo o exército do rei macaco, seus maiores guerreiros tendo sido abatidos, parece ter perdido seu esplendor, mas quando Ravani nos contemplar jazendo esticados inconscientes e impotentes, não manifestando alegria nem raiva, ele certamente se reunirá a Ravana, o inimigo dos deuses, em sua residência, tendo obtido uma grande vitória".

Depois disso Indrajita oprimiu ambos com uma chuva de mísseis e, tendo-os reduzido a um estado de impotência, aquele Indra entre os titãs emitiu um grito de triunfo.

Dessa forma, tendo derrotado o exército dos símios em batalha, como também Rama e Lakshmana, ele voltou imediatamente para a cidade governada pela mão de Ravana, onde, enaltecido pelos yatudhanas e cheio de alegria, ele relatou tudo ao seu pai.

Capítulo 74 – Por instrução de Jambavan, Hanuman vai para montanha de ervas medicinais

Vendo os dois Raghavas jazendo inconscientes no campo, o exército de macacos e seus líderes perderam a coragem, nem Sugriva, Nila, Angada ou Jambavan se atreviam a tomar qualquer ação.

Então Bibishana, o mais notável entre os sábios, vendo o desânimo geral, com suas palavras sagazes tranquilizou aqueles guerreiros pertencentes ao rei símio, dizendo:

"Embora esses dois príncipes estejam jazendo aqui sem consciência, não temam, vocês não têm nenhum motivo para desespero; é para honrar a promessa de Swyambhu que eles se deixaram ser atingidos por Indrajita com sua chuva de mísseis! Indrajita recebeu de Brahma aquela arma excelente que não deve ser resistida. É para prestar homenagem àquele deus que os dois príncipes caíram na luta; portanto, não é o momento de perder o ânimo!"

Tendo prestado honra à arma de Brahma, Maruti respondeu a Bibishana, dizendo:

"Vamos consolar aqueles que ainda vivem entre o exército dos macacos, que foi dizimado por aquela seta celeste".

Então, com tochas nas mãos, aqueles dois heróis, Hanuman e o principal dos titãs começaram a percorrer o campo de batalha juntos durante a noite, e eles viram

a terra coberta com caudas, mãos, peitos, pés, dedos, pescoços e membros cortados, espalhados aqui e ali, dos quais o sangue fluía, e macacos tão grandes quanto colinas caídos no campo, suas armas ainda brilhando.

Depois disso Bibishana e Hanuman viram Sugriva, Angada, Nila, Sharabha, Gandhamadana, Jambavan, Sushena, Vegadarshin como também Mainda, Nala, Jyotimukha, Dvivida e todos os macacos jazendo no campo de batalha. Setenta e seis kotis de bravos macacos foram abatidos no quinto e último período do dia pela estimada arma de Brahma.

Ao olhar para aquele exército formidável, que tinha caído sob os ataques do inimigo e que parecia as águas do mar, Hanuman, acompanhado por Bibishana, começou a procurar por Jambavan e, vendo aquele idoso, curvado com o peso dos anos, crivado com cem flechas, o valente filho de Prajapati, como um braseiro apagado, o neto de Pulastya[456] correu em direção a ele e disse: "Ó herói, é possível que aquelas flechas penetrantes não tenham cortado a tua existência?"

Ao ouvir a voz de Bibishana, Jambavan, o principal dos ursos, que mal conseguia falar, respondeu dizendo: "Ó Indra entre os nairritas, tu que és cheio de valentia, eu reconheço a tua voz, ó piedoso, dize se ele, por conta de quem Anjana e Matarishwan são pais felizes, aquele herói, Hanuman, ainda vive?"

A essa pergunta de Jambavan, Bibishana respondeu: "Por que tu permaneces em silêncio a respeito dos dois príncipes e me questionas sobre o tema de Maruti? Como é que o rei Sugriva, Angada ou mesmo Raghava não te inspiram com uma afeição tão grande quanto a que tu tens pelo filho de Vayu, ó venerável?"

Ouvindo as palavras de Bibishana, Jambavan respondeu: "Ouve, ó tigre entre os nairritas, por que eu pergunto sobre Maruti; é que se o valente Hanuman ainda estiver vivo, mesmo que o exército tenha sido destruído, ele não está destruído! Se Maruti ainda vive, ó caro amigo, ele, o rival de Maruta, igual a Vaishvanara em poder, então ainda há a possibilidade de sobrevivência!"

Nesse momento o filho de Maruta se aproximou daquele venerável com reverência, prestando homenagem a ele e tocando seus pés, e a voz de Hanuman mexeu com seu coração, de modo que o príncipe dos Plavagas sentiu que vida nova tinha sido concedida a ele.

Em seguida, o ilustre Jambavan disse a Hanuman: "Vem cá, ó poderoso, tu deves salvar os macacos, nenhum outro tem o poder e tu és seu melhor amigo. Este é o momento de demonstrar tua destreza, eu não vejo outro; que tu tragas alegria a essas bravas tropas de ursos e macacos! Cura aqueles dois seres desafortunados, Rama e Lakshmana, de seus ferimentos. Prepara-te para atravessar muito acima o grande caminho do mar para chegar a Himavat, a mais alta das montanhas, ó Hanuman, e lá dirige teu curso para aquele pico dourado Rishabha, difícil de escalar e de uma altitude extrema. Lá o cume do monte Kailasha será visto por ti, ó matador de teus inimigos! Entre os picos dessas duas montanhas tu verás a montanha de ervas medicinais erguendo-se em esplendor incomparável, repleta de todas as espécies de plantas curativas. Ó principal dos macacos, tu descobrirás quatro plantas que crescem no topo, cujo brilho ilumina as dez regiões. Elas são: Mritasamjivani, Vishalyakarani, Suvarnakarani e Sandhani,[457] ervas de raro valor.

[456] Pulastya: Ravana e seu irmão mais novo Bibishana eram descendentes do grande sábio Pulastya.

[457] Mritasamjivani: ressuscitadora dos mortos.
Vishalyakarani: curadora de ferimentos infligidos por dardos.
Suvarnakarani: a que cura a pele.
Sandhani: aquela que produz um bálsamo para ferimentos.

Colhe todas as quatro, ó Hanuman, tu, filho do portador de fragrâncias, e retorna para ajudar os macacos por revivê-los".

Ao ouvir essas palavras de Jambavan, Hanuman, nascido de Maruta, sentiu-se infundido com um poder tremendo, como o oceano se ergue com a força do vento. Permanecendo no cume da montanha alta que ele tinha esmagado com seu peso, o valente Hanuman parecia uma segunda montanha. Pisoteada pelos pés do macaco, a montanha afundou, incapaz de suportar a carga que a pressionava tão fortemente, e as árvores caíram ao chão e pegaram fogo por causa do curso rápido do macaco, enquanto os picos, pisados por ele, foram destruídos. Assim esmagada, suas árvores, rochas e solo rasgado, tornou-se impossível para os macacos ficarem eretos sobre aquela alta montanha que estava tremendo, e Lanka, com seus grandes portões destruídos, suas residências e bastiões em ruínas, cheia de titãs aterrorizados, parecia estar cambaleando. Então o filho de Maruta, semelhante a uma montanha, pisoteou aquele suporte da terra, fazendo a terra e o mar tremerem; pressionando a montanha sob os seus pés, ele abriu a boca como as mandíbulas temíveis de Vadava e começou a rugir com todas as suas forças para aterrorizar os titãs e, quando eles ouviram aquele clamor formidável, aqueles leões entre os titãs em Lanka ficaram paralisados de medo.

Depois disso, prestando reverência a Samudra, Maruti, o flagelo de seus inimigos, possuidor de coragem formidável, por causa de Raghava se preparou para a tarefa.

Erguendo sua cauda que parecia uma serpente, achatando suas orelhas e escancarando sua boca, como a entrada para Vadava, ele saltou no ar com um pulo impetuoso, puxando árvores com seus galhos, pedras e uma turba de macacos em sua esteira e, carregados pela força do vento produzido pelo movimento de seus braços e coxas, privados de resistência, todos eles caíram no oceano.

Então o filho de Vayu, esticando seus dois braços que pareciam as espirais de serpentes, com uma força igual ao inimigo dos répteis,[458] partiu na direção daquele pico celeste do senhor das montanhas, deslocando todos os pontos cardeais por assim dizer. E ele observou o oceano que rolava sem parar com suas guirlandas de ondas e todas as criaturas que se movem em suas profundezas enquanto ele corria adiante como o disco disparado pelos dedos de Vishnu. Montanhas, bandos de aves, lagos, rios, lagoas, cidades vastas, províncias populosas, passavam sob seu olhar enquanto ele viajava com a rapidez de seu pai, o deus do vento. E o ágil e corajoso Hanuman, o rival de seu pai em valor, se esforçou para seguir a órbita do sol e, com pressa extrema, o principal dos macacos continuou com a velocidade do vento e todos os quadrantes ressoavam com o som.

Então Matuti, o grande macaco, cheio de energia, relembrou as palavras de Jambavan e de repente Himavat apareceu com seus muitos córregos, seu grande número de cavernas e cachoeiras, os muitos tipos de árvores que a adornavam e seus picos como uma massa de nuvens brancas adoráveis de se olhar. Nisso ele se aproximou do rei das montanhas e, quando ele chegou perto daquele Indra das altas montanhas com picos dourados de grande altitude, Hanuman contemplou aqueles retiros ilustres e sagrados dos ascetas, frequentados pelos principais dos deuses, rishis e siddhas, e ele viu Brahmakosha,[459] Rajatalaya, Shakralaya,

[458] Garuda.

[459] Brahmakosha: a residência de Hiranyagarbha.

Rajatalaya: a residência daquele de umbigo de prata. Uma montanha perto de Kailasha.

Shakralaya: a residência de Shakra.

Rudrasharapramoksha: o lugar onde Rudra disparou a flecha em Tripura.

Rudrasharapramoksha, Hayanana e a fulgurante Brahmashiras e ele reconheceu os servos de Vivasvat.

Depois disso ele viu a Vahnyalaya e a Vaishravanalaya, Suryaprabha e a Suryanibandhana, Brahmalaya e Shankarakarmukha, assim ele percebeu o centro da terra; e Hanuman também descobriu a íngreme montanha Kailasha e a Rocha de Himavat e Vrisha, aquela montanha sublime e dourada, iluminada pelas radiações de todas as ervas que curam, o rei das montanhas, onde todos os símplices crescem. Surpreso ao ver aquela montanha envolta em fogos fosforescentes, o filho do mensageiro de Vasava desceu sobre aquele senhor das colinas coberto com ervas medicinais, para colhê-las.

Em seguida, o grande macaco, nascido de Maruta, cobriu mil léguas, percorrendo aquela montanha onde aqueles medicamentos específicos cresciam naquele mais elevado dos picos; no entanto, aqueles remédios soberanos, sabendo que Hanuman tinha vindo colhê-los, fizeram-se invisíveis. Então aquele herói, não sendo capaz de vê-los, irritou-se e, em sua ira, começou a emitir gritos saltos. Impaciente, com seus olhares inflamados, ele questionou aquela montanha, o suporte da terra, dizendo:

"O que te impele, tu que tens tal força, a te mostrar (ser) sem piedade por Raghava? Ó rei das montanhas, a hora tendo soado, vencido pelo poder dos meus braços, tu te verás partido em pedaços!"

Então, agarrando o topo com suas árvores, elefantes, ouro e muitos tipos de minérios que o adornavam, com seu cume de picos irregulares e platôs sublimes e radiantes, ele o quebrou brutalmente.

Tendo-o arrancado dessa maneira, ele voou para o ar para o grande terror dos mundos, os deuses e seus líderes, e para as aclamações de incontáveis habitantes do céu. Depois disso ele voou para longe com a velocidade de Garuda, carregando aquele pico rochoso que brilhava como o orbe luminoso e ele também estava cheio de esplendor quando seguiu o caminho do sol. Correndo assim nas imediações daquele orbe, ele parecia ser a sua própria imagem, e aquele pico espalhava uma grande luz sobre o filho do deus que é o portador de fragrâncias, de modo que parecia que o próprio Vishnu, armado com seu disco de mil raios de fogo, estava no céu.

Então os macacos, observando-o, gritaram de alegria e ele também, ao contemplá-los, emitiu rugidos tremendos.

Ouvindo aqueles gritos de triunfo, os habitantes de Lanka emitiram um clamor terrível e Hanuman pousou em uma rocha elevada em meio àquela multidão de macacos.

Depois disso ele se curvou aos chefes macacos e abraçou Bibishana.

Então os dois filhos daquele rei dos homens, tendo inalado as ervas maravilhosas, foram curados instantaneamente de suas feridas e os outros, aqueles

---

Hayanana: o lugar daquele de cabeça de cavalo. (Veja Hayagriva).

Brahmashiras: a residência do deus que preside a arma de Brahma.

Vivasvat: o deus da morte.

Vahnyalaya: a residência do deus do fogo.

Vaishravanalaya: a residência de Kuvera.

Suryaprabha – Suryanibandhana : o lugar onde os sóis se encontram.

Brahmalaya: a residência de Brahma de quatro faces.

Shankarakarmukha: o lugar do arco de Shankara.

Rocha de Himavat: a rocha na qual Rudra se sentou para praticar ascetismo.

Vrisha: o nome significa literalmente 'o touro de Shiva'.

macacos valentes, se ergueram por sua vez e todos os bravos Plavagas foram curados imediatamente de seus ferimentos e sofrimentos, depois de terem inalado aquelas ervas maravilhosas, e aqueles que tinham sido mortos voltaram à vida como adormecidos acordando quando a noite acaba.

A partir desse momento os macacos e titãs lutaram na própria Lanka, e, depois disso, por ordem de Ravana e por perversidade, todos os titãs derrubados na luta pelos macacos valentes, os feridos e os mortos, foram lançados ao mar.

Enquanto isso, o filho do portador de perfumes, Hanuman, de saltos formidáveis, levou o pico de ervas medicinais de volta para Himavat e voltou com velocidade para se juntar a Rama.

Capítulo 75 – Lanka é incendiada pelos macacos

Naquele momento, Sugriva, o ilustre rei dos macacos, se dirigiu a Hanuman em palavras repletas de sabedoria, dizendo:

"Agora que Kumbhakarna foi morto e os jovens príncipes pereceram, Ravana não pode mais nos ferir! Portanto que aqueles Plavamgamas valentes e ágeis, que são capazes de fazer isso, se lancem sobre Lanka com tochas em suas mãos!"

Enquanto isso, o sol havia se retirado atrás das montanhas Astachala e na terrível hora da noite, os principais dos macacos se aproximaram de Lanka com tochas flamejantes e aquelas fileiras de símios, equipadas com tições ardentes, avançaram por todos os lados de modo que as sentinelas titãs de aspecto sombrio fugiram imediatamente. Então os macacos alegremente incendiaram portões, pavilhões, rodovias e atalhos e edifícios de todos os tipos, e as residências foram consumidas aos milhares, e os monumentos públicos, tão altos quanto montanhas, tombaram e caíram por terra; tudo foi entregue às chamas! Sândalo de grande valor, pérolas, joias brilhantes, diamantes e corais, tecidos de lã, sedas ricas, tapetes de muitos tipos feitos de lã de cordeiros, vasos e armas de ouro, incontáveis objetos raros, arreios e tecidos para cavalos, colares e cilhas para elefantes, carruagens com seus equipamentos e decorações, armaduras de guerreiros, arreios para suas montarias, espadas, arcos e cordas de arcos, flechas, arpões, lanças e aguilhões, tecidos de lã e crina de cavalo, peles de tigre, inúmeros perfumes, palácios enriquecidos com pérolas e pedras preciosas, com estoques de armas de todos os tipos, todos foram reduzidos a cinzas. E o fogo consumiu todos os prédios com sua ornamentação e devorou as moradias dos titãs que as habitavam.

Vestidos em armaduras incrustadas de ouro, enfeitados com guirlandas e outros ornamentos, seus olhos selvagens com embriaguez, o vinho fazia aqueles habitantes de Lanka cambalear enquanto caminhavam, enquanto cortesãs se agarravam à sua roupa, e eles estavam enfurecidos contra seus inimigos. Armados com maças, espadas e picaretas, eles estavam se empanturrando com carne e bebida ou dormindo em camas suntuosas com os objetos de seu desejo. Cheios de terror eles fugiam perturbados, carregando seus filhos com eles com toda pressa, enquanto suas mansões luxuosas e esplêndidas, que reuniam todo conforto, eram destruídas pelo fogo às centenas e aos milhares por todos os lados. Aqueles edifícios dourados que pareciam tocar os céus construídos como luas e crescentes com suas magníficas galerias superiores, suas janelas gradeadas e terraços decorados com pérolas e cristais, ressoavam aos gritos de garças, pavões e ao tilintar de ornamentos.

Adormecidas em residências de muitos andares, os encantadoras cortesãs, despertadas pelas chamas que as chamuscavam, jogavam longe as joias que impediam sua fuga, gritando: 'Ah! Ai de mim!' em tons agudos.

Enquanto isso os palácios desmoronavam no fogo que as consumia, e aquelas mansões flamejantes espalhavam sua luz longe, como os topos das montanhas altas quando atingidos pelos raios de Indra, de modo que parecia que o próprio pico de Himavat estava em chamas.

As casas em todos os lados, envoltas em fogo, pareciam árvores Kimshuka florescendo; assim Lanka parecia naquela noite! Elefantes e cavalos que haviam se libertado de seus tratadores davam à cidade a aparência do oceano com seus tubarões enlouquecidos e crocodilos na hora do fim do mundo! Aqui um cavalo era visto correndo desenfreado ou um elefante permanecendo imóvel em terror. Lanka em chamas iluminava o mar, cujas águas, estriadas de sombras, pareciam ondear com sangue.

Em um instante os macacos haviam incendiado a cidade e parecia como se toda a terra estivesse em chamas, como na terrível destruição do mundo.

Vendo a fumaça, as mulheres começaram a gritar e, quando as chamas as alcançaram, seus gritos podiam ser ouvidos a cem léguas de distância. Os titãs correram para fora da cidade, com membros cobertos com queimaduras, no que os macacos, ávidos para chegar às vias de fato, caíam sobre eles. Macacos e titãs emitiam tal clamor que fazia as dez regiões, o oceano e toda a terra ressoarem.

Enquanto isso, curados de seus ferimentos, os dois irmãos, Rama e Lakshmana, guerreiros intrépidos, pegaram seus arcos extraordinários e, quando Rama puxou aquela arma excelente, o som terrível da mesma infligiu terror aos titãs e, enquanto ele curvava seu grande arco, Raghava brilhava em glória, como Bhava em sua fúria quando ele estica o arco dos Vedas.[460]

Sob as flechas disparadas por aquele guerreiro, um dos portões da cidade, parecendo o pico do monte Kailasha, caiu ao chão despedaçado, e vendo as flechas de Rama caindo nos templos e mansões, aqueles Indras entre os titãs fizeram um esforço supremo e, enquanto cerravam suas fileiras, eles emitiam rugidos leoninos de modo que parecia que a noite da dissolução final estava próxima.

Então os líderes dos macacos receberam ordens do magnânimo Sugriva, que disse: "Entrem no portão mais próximo e comecem a lutar, ó Plavagas! Se algum entre vocês agir contra as minhas ordens que ele seja morto!"

Então os líderes dos macacos com tochas em suas mãos tomaram suas posições na entrada da cidade e, vendo-os, Ravana cheio de fúria bocejou e as dez regiões foram lançadas em confusão de modo que parecia como se Rudra estivesse manifestando sua ira. Em sua raiva ele enviou Kumbha e Nikumbha, ambos nascidos de Kumbhakarna, com inúmeros titãs e, sob seu comando, Yupaksha, Shonitaksha, Prajangha e Kampana partiram com os dois filhos de Kumbhakarna.

Em seguida, com o rugido de um leão, Ravana disse àqueles guerreiros valentes: "Saiam imediatamente, ó titãs!"

Ao seu comando, aqueles bravos titãs, com suas armas brilhantes, deixaram Lanka emitindo um clamor contínuo e, com o esplendor de seus ornamentos e corpos eles iluminavam todo o firmamento como os macacos também faziam com suas tochas.

[460] Um arco que tem as características apropriadas para arcos como prescritas no Veda sobre Arco e Flecha (Dhanur Veda).

Então a luz da lua e das estrelas e o brilho dos dois exércitos iluminaram o céu enquanto os raios da lua, seus ornamentos e os planetas iluminavam as fileiras de macacos e titãs por todos os lados e a luz das mansões meio demolidas projetava chamas lúgubres sobre as ondas fluídas e tumultuosas.

Com suas bandeiras e flâmulas, suas espadas e machados excelentes, sua cavalaria formidável, carruagens e elefantes, suas inúmeras hostes de infantaria, lanças, maças, sabres, venábulos, dardos e arcos brilhantes, aquele terrível exército de titãs de valor e ardor formidáveis parecia estar equipado com mísseis flamejantes e, em meio ao estrépito de centenas de gongos, seus braços, envoltos em bainhas douradas, estavam brandindo machados, e as lanças dos titãs soavam quando eles golpeavam com suas flechas e seus grandes arcos, enquanto o ar era permeado com a fragrância de suas guirlandas e o aroma do vinho.

Vendo aquele formidável exército de titãs que não era para ser resistido, emitindo o murmúrio de uma grande nuvem, os Plavamgamas ficaram agitados e, enquanto seus oponentes terríveis avançavam em direção a eles, eles emitiam gritos altos.

Depois disso as tropas inimigas se atiraram sobre eles como mariposas em uma chama, e com suas maças girando em suas mãos febris emitiam lampejos de relâmpago que aumentavam o extremo esplendor daquela hoste de titãs.

Enquanto isso, como se vítimas de intoxicação, os macacos se adiantaram ávidos para lutar, atingindo aqueles viajantes noturnos com golpes de árvores, rochas e punhos, enquanto eles avançavam sobre eles disparando suas flechas afiadas. Então aqueles titãs de energia imensa cortaram as cabeças dos macacos que arrancavam suas orelhas com seus dentes e espancavam seus crânios com seus punhos, esmagando seus membros com pedras conforme se moviam. Outros rondantes da noite, de aspecto ameaçador, atingiam os principais dos macacos aqui e ali com espadas afiadas e o matador era morto por sua vez, amaldiçoando e mordendo enquanto eles massacravam uns aos outros. Então um gritava 'Bate!' e era atingido por sua vez, enquanto outro gritava 'É para eu desferir o golpe' e ainda outros gritavam em coro 'Por que te incomodar? Para!'

Em meio aos mísseis manchados, armaduras e armas quebradas, lanças longas eram empurradas para frente e golpes de punhos, maças, sabres, dardos e arados eram dados. Então o confronto entre macacos e titãs assumiu proporções aterrorizantes e, no conflito, os viajantes noturnos matavam seus inimigos às dezenas de sete e, por sua vez, o exército de titãs, com suas vestimentas em desordem, suas armaduras e estandartes quebrados, era atacado e cercado por todos os lados pelos macacos.

Capítulo 76 – A bravura de Angada e Kumbha. Kumbha é morto

No auge daquela luta terrível na qual tantos soldados valentes pereceram, Angada avançou no heroico Kumbha; e o impetuoso Kampana, em fúria, desafiou Angada e, antecipando-se a ele, desferiu-lhe um golpe violento fazendo-o cambalear. Depois disso aquele guerreiro, voltando a si, atirou uma rocha em seu adversário, que, esmagado sob o golpe, caiu ao chão.

Vendo Kampana morto, Shonitaksha dirigiu sua carruagem corajosamente em direção ao macaco e, em sua fúria, o atingiu com suas flechas afiadas e ardentes, rasgando sua carne; então, como o fogo da morte, ele disparou inúmeros Kshuras,

Kshurapras, Narachas, Vatsadantas, Shilimukhas, Karnis, Shalyas e Vipathas[461] flamejantes nele, e aquele filho valente e enérgico de Bali, com os membros perfurados, em sua força, quebrou o arco formidável daquele titã e despedaçou sua carruagem com seus eixos também.

Então Shonitaksha tomou de imediato sua espada e escudo e, sem hesitação, saltou para frente com um pulo impetuoso, mas o corajoso Angada, recebendo o impacto violento, com um grito, quebrou essa arma com a mão. Depois aquele leão entre os macacos, como se seguindo a linha do fio sagrado, deixou cair a lâmina no ombro do titã, cortando-o em dois e, erguendo sua grande espada, o filho de Bali, gritando repetidamente, correu para frente de batalha para procurar mais oponentes.

Então, em companhia de Prajangha, o corajoso Yupaksha dirigiu seu carro furiosamente contra aquele macaco valente e, nesse instante, Shonitaksha, respirando pesadamente, avançou naquele guerreiro de braceletes de ouro.[462] Cheio de energia, Prajangha, o intrépido companheiro de Yupaksha, atirou-se sobre o poderoso Angada, com maça na mão e, entre Shonitaksha e Prajangha o príncipe dos macacos parecia a lua cheia entre dois Vishakhas.[463] Então Mainda e Dvivida foram auxiliar Angada e puseram-se em guarda perto dele, enquanto os titãs de estatura imensa, com seus batalhões preparados, cheios de vigor, atiraram-se furiosamente sobre os macacos com espadas, flechas e maças, e o confronto entre aqueles Indras entre os macacos, nas garras daqueles touros de titãs, foi violento, de arrepiar. Nessa luta, os primeiros, pegando árvores e pedras, as jogavam, mas Prajangha, que era extremamente poderoso, as partia com sua espada. Pedras e árvores caíam intensamente e rapidamente sobre seu carro, mas eram todas cortadas pelas inúmeras flechas do poderoso Yupaksha, enquanto as árvores que, por seu lado, eram lançadas por Dvivida e Mainda, eram esmagadas e destruídas por Shonitaksha, que era cheio de ardor e coragem.

Em seguida, o enfurecido Prajangha, brandindo sua grande espada com a qual ele cortava os membros de seus adversários, pulou em Angada e, vendo-o próximo ao lado dele, aquele Indra entre os macacos, com sua grande força deu-lhe um golpe violento com uma árvore Ashvakarna e, com o punho, atingiu o braço que segurava a espada que caiu com o impacto. Vendo sua espada jazendo no chão, como uma barra de ferro, aquele titã poderoso levantou o punho e, como um raio, baixou-o com grande força na testa do intrépido Angada, o principal entre os macacos, que cambaleou por um instante, mas, tendo recuperado os sentidos, aquele filho corajoso de Bali, fervendo de raiva, tirou a cabeça de Prajangha de seus ombros.

Então Yupaksha, vendo seu tio paterno jazendo no campo, desceu rapidamente de seu carro, com os olhos cheios de lágrimas e, como sua aljava estava vazia, desembainhou a espada.

Vendo Yupaksha correndo em sua direção dessa maneira Dvivida, com um golpe poderoso, o atingiu no peito e, em sua ira, o agarrou com força. Vendo seu irmão valente capturado, o extremamente enérgico Shonitaksha golpeou Dvivida no peito, e o golpe fez o intrépido Dvivida tropeçar, mas ele se agarrou à maça que seu rival procurava erguer novamente contra ele. Enquanto isso Mainda se juntou a Dvivida, e Shonitaksha e Yupaksha, queimando de coragem, envolveram os dois Plavagas em uma luta terrível. O poderoso Dvivida rasgou o rosto de Shonitaksha com as unhas e, arrastando-o para o chão, o esmagou, enquanto Mainda,

---

[461] Veja o Glossário de Armas.
[462] Angada.
[463] Asterismos. (Veja Nakshatras).

estimulado pela ira, apertou Yupaksha em seus braços de modo que ele caiu sem vida sobre a terra.

Então o exército daqueles mais notáveis entre os titãs, desencorajado pela morte de seus líderes, virou-se e fugiu a fim de se reunir aos filhos de Kumbhakarna; e Kumbha, vendo aqueles soldados fugindo com toda pressa, os reagrupou e, vendo que aqueles guerreiros valentes tinham sido tratados cruelmente pelos macacos muito poderosos, e seus líderes estando mortos, Kumbha, cheio de ardor, começou a executar façanhas difíceis no confronto.

Pegando seu arco, ele, o principal e mais habilidoso dos arqueiros, fez voar uma série de setas semelhantes a serpentes venenosas capazes de perfurar os membros e, com suas flechas e arco maravilhoso, brilhando com um grande esplendor ele parecia um segundo Indra iluminado pela refulgência de Airavata! Então ele esticou aquele arco até a orelha e atingiu Dvivida com uma flecha emplumada e de haste dourada e, logo que ela perfurou aquele principal dos Plavagas, que parecia a montanha Trikuta, suas pernas endureceram e, tremendo, ele tropeçou e caiu.

Mainda, no entanto, vendo seu irmão sucumbir naquele grande combate, avançou em direção a seu adversário com uma rocha enorme e aquele herói a atirou no titã, mas Kumbha a despedaçou com cinco setas afiadas e, pegando outro dardo de ponta afiada, parecendo uma cobra venenosa, ele atingiu o peito do irmão mais velho de Dvivida com violência.

Sob o golpe, Mainda, o general dos macacos, com o peito aberto, caiu ao chão inconsciente. Então o colérico Angada, vendo seus tios maternos derrotados apesar de sua bravura, atirou-se em Kumbha que estava esticando o arco e, enquanto ele avançava, Kumbha o perfurou com cinco dardos afiados, depois com mais três, e novamente com três lanças, como se estivesse atacando um elefante. Assim Angada foi atingido pelo poderoso Kumbha com inúmeras flechas, mas, embora os seus membros fossem perfurados por uma sucessão de dardos penetrantes, que eram flamejantes e enfeitados com ouro, contudo ele permaneceu impassível e derramou uma chuva de pedras e árvores sobre a cabeça daquele guerreiro nascido de Kumbhakarna, que cortou e partiu todas as armas que o filho de Bali disparou sobre ele.

Vendo aquele líder dos macacos, Kumbha cortou suas duas pálpebras com setas individuais, como alguém cega um elefante com tochas, de modo que o sangue escorreu e seus olhos foram velados; então Angada, com uma mão protegeu suas pálpebras sangrentas e com a outra agarrou uma árvore Sala que estava perto e, apoiando-a em seu peito, ele despiu aquela árvore frondosa de seus ramos, e, tendo-a dobrado um pouco, ele a arremessou no combate à vista de todos os titãs, e aquela árvore Sala, que lembrava o estandarte de Indra, parecia o monte Mandara. Então Kumbha cortou aquela árvore em pedaços e perfurou seu adversário com sete setas pontiagudas e mortais de modo que Angada caiu de repente, inconsciente.

Vendo o invencível Angada estendido no chão, como o mar quando suas águas recuam, os líderes dos macacos levaram as notícias a Raghava. Então Rama, sabendo que o filho de Bali tinha caído e sido vencido no decorrer de uma luta violenta, emitiu suas ordens aos líderes símios que eram comandados por Jambavan. Ao comando de Rama, aqueles leões entre os macacos, cheios de ira, com seus olhos vermelhos de raiva, avançaram em Kumbha, que estava esticando o arco, e correram para ajudar Angada.

Então Jambavan, Sushena e Vegadarshin, enfurecidos, se atiraram sobre aquele guerreiro nascido de Kumbhakarna, e vendo-os avançar, o titã interrompeu o ataque impetuoso daqueles principais dos macacos com uma chuva de flechas, como uma rocha obstrui o curso de uma torrente e, no caminho semeado com setas, os macacos intrépidos eram incapazes de discernir qualquer coisa, nem, como o mar não pode ultrapassar suas margens, eles eram capazes de passar.

Contemplando as fileiras de símios oprimidas pela chuva de setas, o rei dos macacos, Sugriva, colocando seu sobrinho, Angada, atrás dele, caiu sobre o filho de Kumbhakarna na luta, como um leão impetuoso em um elefante que está vagando nas encostas de uma montanha, e aquele macaco poderoso arrancou árvores enormes, Ashvakarnas e outras de diferentes fragrâncias, em grandes números, que atirou em seu adversário. Então o ilustre filho de Kumbhakarna, com suas flechas afiadas, despedaçou aquela avalanche irresistível de árvores que cobria todo o céu e dissipou aqueles gigantes da floresta que brilhavam como Shataghnis.

Vendo a chuva de mísseis dispersa por Kumbha, o valente monarca dos macacos, cheio de glória e majestade, permaneceu impassível e, atingido de repente por uma flecha, ele agarrou o arco de Kumbha que era igual ao de Indra e o partiu, jogando aquela arma no chão com violência. Então, tendo realizado essa façanha incrível, ele se dirigiu raivosamente a Kumbha, que parecia um elefante cujas presas são quebradas, e disse:

"Ó irmão mais velho de Nikumbha, tua força e destreza ao disparar tuas flechas são admiráveis como a tua devoção filial e coragem e a de Ravana também. Ó tu que és igual a Prahlada ou Bali ou ao matador de Vritra ou Kuvera ou Varuna, só tu és como o teu pai poderoso. Só tu, ó guerreiro de braços longos, armado com tua maça, o matador de teus inimigos, não podes ser vencido pelos deuses mais do que o infortúnio pode oprimir aquele que é mestre de seus sentidos! Avança, ó príncipe inteligentíssimo, e me testemunha em ação!

"Por conta de uma benção, teu tio paterno é capaz de resistir aos devas e aos danavas e, cheio de coragem, Kumbhakarna, por sua vez, desafiava os suras e os asuras! Com teu arco tu és igual a Indra e em valor igual a Ravana! No mundo agora tu és o principal dos titãs em força e poder! Que todos os seres testemunhem o duelo poderoso e prodigioso entre nós hoje semelhante ao combate entre Shakra e Shambara! Ao derrotar aqueles macacos valentes, que possuíam extrema coragem, tu realizaste um feito sem igual e demonstraste a tua habilidade no uso de armas. Ó herói, é por medo de incorrer em censura que eu não te matei, pois as tuas grandes façanhas te cansaram; descansa um pouco, portanto, refletindo sobre a minha bravura!"

Assim lisonjeado por Sugriva com palavras justas, o ardor daquele guerreiro foi redobrado, como o fogo sagrado flameja quando manteiga é vertida nele. Então Kumbha agarrou Sugriva em seus dois braços, após o que, como dois elefantes intoxicados com linfa, aqueles dois, respirando pesadamente repetidas vezes, com seus membros entrelaçados, oprimiram um ao outro, lutando, e de suas bocas emitiam chamas misturadas com fumaça. Sob o pisoteio dos seus pés, a terra afundou e as águas de morada de Varuna transbordaram por todos os lados.

Finalmente Sugriva, depois de ter jogado Kumbha para baixo com violência, o lançou nas ondas salgadas, fazendo assim com que ele se tornasse familiarizado com as profundezas do oceano. Todavia Kumbha se ergueu novamente e pulou em Sugriva, com seu punho desferindo um golpe furioso semelhante a um raio em seu peito, e a armadura do macaco foi quebrada e o sangue jorrou. Aquele golpe violento do punho do titã bateu contra os ossos de seu adversário e, com o impacto,

uma chama brotou semelhante ao fogo que irrompe da montanha Meru quando atingida por um raio. Depois disso Sugriva, aquele poderoso leão entre os macacos, refulgente como o disco solar de mil raios, aparando o golpe, levantou um punho semelhante a um raio e o baixou com força no peito de seu oponente. No impacto, que o quebrou, Kumbha, privado de seus sentidos, afundou como um braseiro cujo brilho se extingue. Sob esse soco, o titã caiu de repente, como o Lohitanga de raios brilhantes expulso do céu por força do destino. E Kumbha caindo, com o peito esmagado por Sugriva, parecia o corpo flamejante de um meteoro brotando do céu!

Então, Kumbha sendo abatido na luta por aquele monarca dos Plavamgamas de valor formidável, a terra tremeu com suas montanhas e florestas e um grande medo tomou conta dos titãs.

Capítulo 77 – A luta entre Nikumbha e Hanuman

Nikumba, vendo seu irmão morto por Sugriva, olhou para o rei dos macacos como se fosse consumi-lo com a fúria de seu olhar, e aquele guerreiro pegou sua maça brilhante e terrível tão grande quanto o pico da montanha Mahendra, semelhante à vara da morte, o suporte dos titãs, que era enfeitada com guirlandas, banhada a ouro e embelezada com diamantes e corais.

Brandindo aquela arma de um esplendor igual ao estandarte de Indra, o afortunado Nikumbha, que era dotado de coragem formidável, escancarando sua boca, emitiu gritos altos. Com o peito adornado com peças douradas, seus braços envoltos em braceletes, seus brincos charmosos e guirlandas graciosas, suas joias e sua maça, Nikumbha brilhava como uma nuvem atingida com relâmpagos e carregada de trovões aos quais o arco de Indra é adicionado. A ponta de sua arma rompia a união dos sete ventos e aquele herói de voz alta brilhava como uma chama sem fumaça, após o que o firmamento com a cidade de Vitapavati, os palácios mais encantadores dos gandharvas, os aglomerados de estrelas e planetas, a lua e os grandes luminares pareciam estar dando voltas com o giro da maça de Nikumbha! Inaproximável em ardor, Nikumbha era semelhante ao fogo na destruição dos mundos, sua maça e seus ornamentos as chamas, sua ira o combustível, e, em seu terror, nem titãs nem macacos ousavam se mover.

Hanuman, no entanto, expondo seu peito, ficou sem medo diante dele, e aquele titã, com braços tão grossos quanto barras de ferro que brilhavam como a estrela do dia, baixou sua arma no peito daquele poderoso de modo que ela se quebrou em cem pedaços, como um meteoro explodindo de repente no espaço. Mas o grande macaco permaneceu imóvel sob o impacto daquela arma como uma montanha em um terremoto. Assim atacado por seu adversário, Hanuman, o mais notável dos Plavagas, girando seu punho com força extrema e erguendo-o, com um salto rápido desferiu em Nikumbha um golpe violento no peito de modo que sua armadura foi despedaçada e o sangue brotou como um raio a partir de uma nuvem.

O choque fez Nikumbha cambalear, mas, firmando-se, ele agarrou o enérgico Hanuman, após o que um grande aplauso irrompeu entre os habitantes de Lanka que testemunhavam aquele combate.

Embora erguido dessa maneira pelo titã, o poderoso Hanuman deu nele um golpe violento com o punho e, livrando-se do aperto de Nikumbha, saltou para o chão, depois disso, com um esforço supremo, em sua fúria, ele o derrubou, esmagando-o, e então, pulando no ar, caiu pesadamente em seu peito, e agarrando

seu pescoço, apertou-o com as duas mãos enquanto ele gritava, ao que ele arrancou fora a sua cabeça que era de um tamanho espantoso.

Em meio aos gritos emitidos por Nikumbha, que tinha caído sob os golpes do filho de Pavana, os exércitos do filho de Dasaratha e do filho daquele Indra dos titãs, ambos cheios de fúria, entraram em uma luta terrível. E Nikumbha estando morto, os Plavagas emitiram gritos de alegria que ecoaram em todos os quadrantes do horizonte e a terra parecia tremer e o céu se desintegrar, enquanto as hostes dos titãs estavam cheias de terror.

Capítulo 78 - Maharaksha sai para enfrentar Rama e Lakshmana

Vendo Nikumbha morto e Kumbha também abatido, Ravana, em extrema ira, parecia um fogo furioso, e aquele nairrita, louco de raiva e tristeza, falou com urgência ao filho de Khara, Maharaksha de olhos grandes, dizendo:

"Vai, ó meu filho, e, ao meu comando, derruba Raghava e Lakshmana com todos os moradores das florestas".

A essa ordem, o filho de Khara, Maharaksha, que era orgulhoso de sua coragem, respondeu:

"Está bem! Eu te obedecerei!" Então, tendo prestado homenagem a Ravana por circungirá-lo, aquele guerreiro valente emergiu de sua residência suntuosa. Então o filho de Khara se dirigiu ao comandante do exército, que estava perto, dizendo:

"Que a minha carruagem seja trazida aqui imediatamente e reúne as tropas o mais cedo possível!"

Nisso, aquele viajante noturno trouxe sua carruagem e reuniu o exército, no que Maharaksha, tendo prestado reverência ao carro e o circungirado, o fez ser conduzido adiante incitando seu auriga com as palavras: 'Dirige!'

Então Maharaksha emitiu esta ordem a todos os titãs: "Precedam-me, ó soldados! Quanto a mim, o magnânimo Ravana ordenou-me matar aqueles dois irmãos, Rama e Lakshmana, em combate! Hoje eu os abaterei com minhas flechas afiadas, ó viajantes noturnos, como também os cervos das árvores e Sugriva. Hoje, sob os golpes da minha maça, o grande exército de macacos será destruído como madeira seca pelo fogo!"

Ouvindo as palavras de Maharaksha, os viajantes da noite, equipados com todos os tipos de armas, cheios de valentia, cerraram suas fileiras. Capazes de mudar de forma à vontade, ferozes, dotados de garras afiadas, com os olhos inflamados, emitindo o rugido de elefantes, de arrepiar, inspirando terror, aqueles gigantes cercaram o enorme filho de Khara, gritando alegremente, abalando a abóbada do céu. Em seguida, conchas e tambores soaram aos milhares em todos os quadrantes, enquanto eles, pulando e batendo palmas, causaram um grande tumulto.

Depois disso o auriga de Maharaksha de repente deixou o aguilhão cair de sua mão, e o estandarte caiu no chão, enquanto os cavalos, atrelados à sua carruagem, diminuíram o ritmo e tropeçaram à medida que avançavam, derramando lágrimas pesarosamente, e, quando o ilustre Maharaksha partiu, uma tempestade de poeira sinistra e cortante surgiu.

No entanto, os titãs, tendo testemunhado esses presságios, partiram sem prestar atenção e cheios de coragem para enfrentar Rama e Lakshmana, e sua cor

era semelhante a manadas de elefantes ou búfalos e eles traziam as marcas dos golpes de maças e espadas recebidos na frente de batalha.

"Aqui estou eu! Aqui estou eu!", gritavam aqueles guerreiros experientes começando a vaguear para lá e para cá no campo de batalha.

Capítulo 79 - Maharaksha cai sob os golpes de Rama

Vendo Maharaksha se aproximar, os principais entre os macacos avançaram ansiosos para lutar. Então uma luta violenta se seguiu entre os rondantes noturnos e os Plavagas, semelhante àquele combate travado antigamente entre devas e danavas, de arrepiar.

Golpes de árvores e espadas, choques de maças e barras de ferro foram trocados, enquanto macacos e viajantes noturnos atacavam uns aos outros, e os titãs criaram carnificina entre os principais dos macacos com espadas, maças, lanças, dardos, arpões, aguilhões e flechas, redes, martelos, bastões e outras armas com as quais eles atacavam por todos os lados.

Oprimidos por uma massa de mísseis que o filho de Khara lançou sobre eles, todos os macacos, perturbados, fugiram cheios de terror e, vendo seus inimigos desnorteados, os titãs emitiram rugidos leoninos e gritos triunfantes, enquanto os macacos se espalharam em todas as direções. Então Rama cobriu os titãs com uma chuva de flechas e, vendo-os subjugados dessa maneira, Maharaksha, aquele viajante noturno, consumido com o fogo de sua ira, desafiou Rama nestas palavras, dizendo:

"Para! É comigo, ó Rama, que tu deves medir tua força! Com flechas afiadas disparadas do meu arco eu estou prestes a te livrar da tua vida! Uma vez que, na floresta de Dandaka, tu mataste o meu pai, lembrando a tua iniquidade, a minha ira aumentou! Ó perverso Raghava, um fogo violento consome os meus membros já que eu falhei em me encontrar contigo naquela grande floresta! Por boa sorte agora tu estás diante de mim; como um leão faminto deseja ver sua presa, assim eu busquei esse encontro! Logos as minhas setas velozes te despacharão para a região dos mortos, onde tu te reunirás aos guerreiros que mataste! De que servem mais palavras? Ó Rama, que todos os mundos testemunhem nosso combate; vamos lutar com dardos, maças, punhos ou qualquer arma que tu preferires!"

Assim falou Maharaksha e o filho de Dasaratha, sorrindo, interrompeu aquele fluxo de palavras, dizendo: "Ó titã, qual a utilidade dessa tagarelice? Isso não é de modo algum digno de ti! No campo de batalha não se triunfa por força de palavras, mas por luta! Quatorze mil titãs e o teu pai, Trishiras e o próprio Dushana caíram sob os meus ataques na floresta de Dandaka! Hoje abutres, chacais e corvos se alimentarão da tua carne seus bicos, unhas e garras, ó patife!"

Ouvindo essas palavras de Raghava, Maharaksha disparou inúmeras setas nele com grande violência, mas Rama, com uma chuva de dardos, cortou aquelas setas de haste de ouro e ricamente enfeitadas com joias repetidamente de modo que elas caíram em pedaços no chão. Então, quando eles entraram em conflito, uma luta terrível se seguiu entre o filho do demônio, Khara, e o filho de Dasaratha, e o ressoar das suas cordas de arco e o estrépito das suas manoplas era como o murmúrio de nuvens carregadas.

Então devas, danavas, gandharvas, kinnaras e grandes serpentes permaneceram no céu ansiosos para testemunhar aquele combate prodigioso. Cada

ferimento infligido aos combatentes redobrava seu ardor enquanto trocavam golpe por golpe, e as incontáveis flechas disparadas por Rama eram destruídas pelo titã, enquanto as do titã eram cortadas por Rama repetidas vezes.

Inúmeros mísseis cobriam todas as regiões e o próprio espaço, e a terra estava coberta por todos os lados de modo que ela não podia ser distinguida. Finalmente Raghava de braços longos, enfurecido, quebrou o arco de seu adversário e com oito Narachas feriu seu auriga; com suas flechas ele destruiu a carruagem e matou os cavalos que caíram ao chão.

Privado de seu carro, Maharaksha, aquele vagueador noturno, ficou no chão e, armado com sua lança, ele brilhava como o fogo na dissolução dos mundos; e ele era irresistível com sua grande lança, um presente de Shiva, que brilhava no ar como a arma de destruição.[464]

Vendo aquela grande lança que emitia chamas, os deuses aterrorizados fugiram para todos os lados enquanto aquele rondante noturno, erguendo-a, atirou-a com fúria contra o magnânimo Raghava. Quando ela caiu flamejante da mão do filho de Khara, Raghava, com quatro setas, cortou-a em seu voo e, quebrada em muitos pontos, aquela lança com seu douramento celeste, tendo sido destruída pelas flechas de Rama, caiu na terra como um grande meteoro.

Vendo aquela arma quebrada por Rama de façanhas imortais, os bhutas gritaram do céu: "Bem feito! Bem feito!" e observando que sua lança estava quebrada, Maharaksha, aquele viajante noturno, erguendo o punho, gritou para Kakutstha, "Para! Para!"

Ao vê-lo avançar, Rama, a alegria da casa de Raghu, sorrindo com desdém, tirou a arma de fogo de sua aljava após o que, atingido pela flecha de Kakutstha, o titã, com o coração trespassado, caiu e morreu.

Testemunhando a queda de Maharaksha, todos os titãs, temendo as flechas de Rama, fugiram para Lanka. Depois disso os deuses se alegraram com a morte daquele viajante noturno, nascido de Khara, que tinha sido atingido pelos golpes violentos de Dasarathi e partido como uma montanha atingida por um raio.

Capítulo 80 – Indrajita parte para lutar mais uma vez

Sabendo da morte de Maharaksha, Ravana, até então vitorioso em guerra, tornou-se vítima de raiva violenta, rangendo os dentes e, enfurecido, ele pensou sobre o que deveria ser feito. Tendo considerado a questão, em sua ira ele enviou seu filho, Indrajita, para a luta, dizendo:

"Tendo triunfado sobre aqueles dois irmãos poderosos, Rama e Lakshmana, retorna, ó herói! Visível ou invisível, tu és superior em todos os sentidos. Tu não foste vitorioso na luta com Indra de façanhas incomparáveis? Portanto, por que tu não terias sucesso com esses dois mortais?"

A esse comando do rei dos titãs, Indrajita, em obediência, foi para o lugar de sacrifício oferecer oblações a Pavaka de acordo com os ritos tradicionais. Durante a cerimônia titãs fêmeas carregando turbantes vermelhos também foram lá e participaram do sacrifício ao fogo. Depois disso os titãs foram às pressas ao lugar onde Ravani estava, e, naquele sacrifício, tais armas como Sharapatras, Bibhitakas, com combustível, vestes vermelhas e conchas de ferro foram colocadas lá, então,

[464] A arma que é dito que Shiva maneja na destruição do universo.

tendo empilhado o fogo com Sharapatras e Tomaras, Indrajita pegou um macho preto vivo pelo pescoço. E aquele braseiro sem fumaça devorou a grama sagrada, oblações e combustível, após o que muitos presságios auspiciosos, indicativos de vitória, apareceram. Com suas chamas, brilhantes como a lua, girando em direção ao sul, o fogo, tendo sido aceso, se apoderou das oferendas.

Então, tendo oferecido oblações a Agni e gratificado os devas, danavas e demônios, Indrajita subiu em seu carro extraordinário que ele tinha tornado invisível. Em seu veículo magnífico atrelado a quatro cavalos, aquele herói, equipado com setas afiadas e armado com seu grande arco, parecia resplandecente. A carruagem com suas decorações de ouro refinado, esculpida com figuras de gazelas, luas e crescentes resplandecia com beleza; e Indrajita possuía um estandarte que, com seus aros dourados e incrustações de esmeralda, brilhava como um braseiro.

Sob a proteção da Vara de Brahma, semelhante ao sol, o poderoso Ravani era invencível. Saindo da cidade, tendo invocado Agni e adquirido o poder de se fazer invisível com o auxílio de fórmulas sagradas lícitas para os titãs, o triunfante Indrajita falou assim:

"Hoje eu matarei aqueles dois que passaram seu exílio na floresta em vão e, em combate, conseguirei uma vitória decisiva para o meu pai, Ravana. Hoje, depois de ter destruído Rama e Lakshmana, eu desfrutarei da felicidade suprema de livrar a terra de macacos!"

Falando desse modo, ele se fez invisível e então avançou furiosamente para a luta, para onde Ravana o tinha enviado. Refulgente, com arco e flechas, aquele ardente adversário de Indra, vendo aqueles dois heróis valentes como uma serpente de três cabeças, que estavam disparando uma torrente de setas no meio dos macacos, refletiu: 'Esses são aqueles dois!' e esticando seu arco ele cobriu aqueles guerreiros com uma chuva de dardos, como Parjanya descarrega sua chuva. Permanecendo em seu carro aéreo, invisível aos olhos, ele oprimiu Rama e Lakshmana com flechas afiadas.

Envoltos por aqueles dardos velozes, Rama e Lakshmana colocaram setas celestes em seus arcos e aqueles dois guerreiros valentes cobriram o céu com uma chuva de mísseis tão brilhantes quanto o sol, sem atingirem Indrajita.

Então aquele titã poderoso encheu o céu com escuridão e fumaça, apagando os pontos cardeais e encobrindo-se em uma densa neblina; e, durante o seu voo aéreo, nem a vibração da corda de seu arco, nem o som das rodas, nem o ruído dos cascos dos cavalos podia ser ouvido nem ele mesmo podia ser visto.

Em meio a essa escuridão temível, aquele guerreiro de braços longos disparou uma chuva de Narachas e modo que ela parecia uma avalanche de rochas e, com suas setas douradas, concedidas a ele como uma bênção, o furioso Ravani feriu Rama e Lakshmana gravemente em todos os membros.

Então aqueles dois leões entre os homens, subjugados por Narachas, como montanhas sob um dilúvio, atiraram suas flechas afiadas e de haste dourada e aqueles dardos, adornados com plumas de garça, atingiram o filho de Ravana no céu e o perfuraram em seu curso, após o que eles caíram na terra cobertos com sangue. Depois disso, aqueles dois príncipes, com o auxílio de inúmeras flechas, procuraram romper a massa de mísseis em seu voo que os queimava cruelmente, e os dois filhos de Dasaratha miraram aquelas setas excelentes na direção de onde aqueles dardos afiados caíam. Ravani, no entanto, um condutor habilidoso, correndo por todos os lados em sua carruagem, atingiu os dois filhos de Dasaratha com setas rápidas e flechas afiadas. Crivados pelas setas de haste dourada que choviam

incessantemente sobre eles, os dois filhos de Dasaratha pareciam árvores Kimshuka floridas.

Ninguém podia seguir a rapidez do curso do titã; ninguém tinha um vislumbre dele, nem de seu carro, nem de suas flechas de modo que ele parecia o sol obscurecido por nuvens pesadas.

Abatidos, feridos e mortos por ele, os macacos jaziam estendidos sobre a terra às centenas, ao que Lakshmana, enfurecido, se dirigiu ao seu irmão, dizendo:

"Eu devo disparar a arma de Brahma a fim de exterminar todos os titãs?" Mas Rama, que levava as marcas de realeza, respondeu-lhe:

"Não, não cabe a ti livrar a terra de titãs! Ninguém pode atacar aquele que se retirou da luta, ou que buscou proteção ou se escondeu ou está diante de ti com palmas unidas ou que está fugindo ou intoxicado! Ó herói de braços longos, vamos lutar para matar Indrajita empregando as flechas extremamente ígneas parecidas com serpentes. Esse mago, esse titã insignificante com seu carro invisível será derrubado pelos líderes macacos se ele se revelar. Se ele penetrar no céu ou no inferno ou percorrer o firmamento, as minhas setas irão consumi-lo onde quer que ele possa se refugiar, e ele cairá, privado de vida!"

Tendo dito essas palavras significativas, aquele herói da Casa de Raghu, que estava cercado pelos Plavagas, em seu grande poder, refletiu sobre como ele destruiria aquele bárbaro, o perpetrador de más ações.

Capítulo 81 – O estratagema de Indrajita. A aparição de Sita

Indrajita, tendo adivinhado a intenção do poderoso Raghava, retirou-se da luta para reentrar na cidade. Depois disso, relembrando a morte daqueles titãs bravos, com os olhos vermelhos raiva, o valente Ravani partiu mais uma vez, saindo pelo portão oeste cercado por titãs; e o extremamente enérgico Indrajita, o descendente de Pulastya, aquele espinho na carne dos deuses, vendo aqueles guerreiros, os dois irmãos, Rama e Lakshmana, ansiosos para lutar, recorreu à magia e fez uma figura ilusória de Sita aparecer na carruagem rodeada por uma grande tropa, e ele fez aparentes preparativos para matá-la.

Para enganar os macacos, aquele patife concebeu seu plano e, avançando para enfrentá-los, resolveu matar Sita por assim dizer. Então os macacos, vendo-o se aproximar, enfurecido, correram para ele com rochas em suas mãos, ansiosos para lutar. Em sua dianteira marchava Hanuman, aquele elefante entre os macacos, armado com um enorme pico de montanha. E ele viu na carruagem de Indrajita a desafortunada Sita, com uma única trança, triste, com as feições debilitadas por causa do jejum; e a amada de Raghava usava apenas uma peça de roupa suja, nem ela tinha lavado o rosto e os membros daquela mulher adorável estavam cobertos de poeira e lama.

Vendo Maithili, Hanuman ficou um momento como se estupefato, pois, apenas pouco tempo desde então ele tinha visto a filha de Janaka e, à visão daquele ser infeliz permanecendo tristemente no carro, sob o domínio daquele Indra dos titãs, Hanuman pensou consigo mesmo 'O que esse titã pretende fazer?' Tendo refletido dessa maneira, o grande macaco, o principal dos Plavagas, correu para enfrentar Ravani.

Vendo aquele exército de símios, o filho de Ravana, cheio de raiva, tirou a espada de sua bainha e brandiu-a sobre a cabeça de Sita na presença deles, e ele

golpeou aquela mulher na carruagem, que foi criada pela ilusão, enquanto ela gritava, "Ó Rama! Ó Rama!" Então Hanuman, nascido de Maruta, vendo o titã agarrá-la pelo seu traje, ficou muito aflito e lágrimas de tristeza caíram de seus olhos quando ele viu a amada consorte de Rama, que era tão divinamente bela. Então, em sua raiva, ele se dirigiu ao filho do rei dos titãs rudemente, dizendo:

"Ó patife, é para a tua destruição que tu puseste as mãos nos cabelos dela! Ó filho de uma família de brahmarishis, tu caíste no ventre de um demônio feminino. Maldito sejas tu por tua conduta infame em nutrir esse desejo! Canalha cruel e desapiedado, guerreiro vil e pueril, tu não te envergonhas te perpetrar tal ato infame? Ó impiedoso, sem coração, o que Maithili fez, separada como ela está de sua casa, de seu reino e dos braços de Rama, que tu procuras matá-la sem misericórdia? Sita sendo morta, tu sem dúvida não sobreviverás por muito tempo, já que, merecendo a morte por esse crime, tu cairás em minhas mãos! Quando tu tiveres abandonado teus ares vitais, teu destino será o inferno mais profundo ao qual os assassinos de mulheres descem e que é evitado pelos mais infames dos malfeitores!"

Falando assim, Hanuman, acompanhado por macacos armados, atirou-se com fúria sobre o filho daquele Indra dos titãs que resistia ao poderoso exército de macacos que corria em sua direção com seus titãs de ferocidade temível. E ele mesmo atacou aquela hoste de símios com milhares de flechas e então se dirigiu a Hanuman, aquele líder macaco, dizendo:

"Eu estou prestes a matar Vaidehi diante dos teus olhos, ela que é a causa de Sugriva, tu e Rama terem vindo para cá! Ela estando morta, eu destruirei Rama, Lakshmana, tu mesmo, ó macaco, e Sugriva, como também o vil Bibishana. Tu disseste 'Não se deve matar uma mulher', ó Plavagama, mas seguramente alguém é justificado por fazer o que irá ferir um inimigo!"

Falando assim, com sua espada provida de uma lâmina afiada, ele golpeou Sita, aquele fantasma ilusório, que estava soluçando e, tendo-a matado, Indrajita disse a Hanuman:

"Vê como a amada de Rama caiu sob a minha espada! Vaidehi está morta, o teu árduo empreendimento foi em vão!"

Tendo assim a matado com sua grande espada, Indrajita, cheio de alegria, em sua carruagem, começou a gritar alto, e os macacos, alinhados diante dele não muito longe, o ouviram rugindo a plenos pulmões, posicionado em sua fortaleza aérea.

Tendo matado a Sita ilusória, o pérfido Ravani demonstrou grande alegria e, vendo-o totalmente satisfeito, os macacos, vítimas do desespero, puseram-se em fuga.

Capítulo 82 – Hanuman reagrupa suas tropas. O sacrifício de Indrajita

Ouvindo aquele clamor formidável e vendo Ravani, cuja voz parecia um trovão de Indra, os macacos fugiram imediatamente para todas as direções.

Então Hanuman, nascido de Maruta, chamou aqueles que, com um semblante abatido, tristes e com medo, estavam fugindo para todos os lados e disse:

"Por que vocês estão fugindo com uma aparência desanimada para todas as direções, ó Plavamgamas? Onde está a sua coragem? Não virem as costas para o inimigo, mas me sigam para a batalha!"

Depois dessa reprimenda do filho virtuoso de Vayu, os macacos, reassegurados, armados com pedras e árvores, avançaram e, em um acesso de fúria, desafiaram os titãs. Em seguida, aqueles leões entre os macacos cercaram Hanuman que os acompanhava na grande luta e, como o consumidor de oferendas queima o leste com seus raios, assim Hanuman, cercado por todos os lados pelos principais dos macacos, consumiu a hoste inimiga. Criando carnificina entre os titãs, aquele macaco muito poderoso, acompanhado pelos batalhões de símios, parecia Yama no dia da dissolução final e, ardendo de raiva e tristeza, Hanuman arremessou uma pedra enorme na carruagem de Ravani.

Vendo aquele míssil descendo, o condutor, mestre de seus cavalos, virou o carro de lado de modo que nem lndrajita nem o auriga foram atingidos por aquela rocha que partiu a terra, enterrando-se após um voo inútil.

Então os habitantes das florestas, gritando, avançaram no inimigo às centenas e aqueles gigantes brandiam árvores e picos de montanhas, de modo que Indrajita foi coberto por uma saraivada terrível de árvores e pedras por aqueles Plavamgamas de coragem formidável. E eles criaram destruição nas fileiras do inimigo, causando um grande tumulto e, sob os ataques ferozes daqueles macacos terríveis, os hediondos viajantes noturnos caíam, oprimidos por árvores no campo de batalha.

Vendo suas tropas tratadas assim brutalmente pelos macacos, lndrajita, enfurecido, cercado por suas divisões, avançou em direção a eles disparando uma quantidade de setas e aquele guerreiro intrépido derrubou os principais dos macacos em grandes números.

Equipados com lanças, rochas, espadas, arpões, picaretas e maças, os macacos, de sua parte, aniquilavam seus companheiros na luta, e o extremamente valente Hanuman fez uso de imensos troncos e ramos de árvores, pedras e rochas para exterminar aqueles titãs de façanhas terríveis.

Tendo impelido para trás as tropas inimigas, Hanuman disse às suas tropas: "Nós temos agido a fim de agradar Rama arriscando as nossas vidas, mas ela, por quem temos lutado, a filha de Janaka, está morta! Tendo informado Rama e Sugriva disso ao retornarmos, nós faremos o que quer que eles ordenem".

Assim falou aquele general macaco e retirando suas tropas heroicamente ele voltou lentamente com elas.

Enquanto isso, vendo Hanuman indo se reunir a Raghava, o cruel Indrajita, desejando oferecer oblações, foi ao altar sacrifical de Nikumbhila e, chegando àquele local, ele invocou o deus do fogo, Pavaka. Após entrar no lugar de sacrifício por insistência dos titãs, Indrajita começou a derramar as libações, e o fogo ardeu, consumindo as oblações e o sangue, e Agni, refulgente, faiscante e satisfeito, parecia o sol poente.

Depois disso Indrajita derramou libações sobre a terra para a prosperidade dos titãs, de acordo com os ritos nos quais ele era bem versado e, vendo isso, os titãs, instruídos no que era apropriado e inapropriado, permaneceram em volta em grandes números.

Capítulo 83 – O discurso de Lakshmana

Enquanto isso naquela luta entre os titãs e os macacos, Raghava, ouvindo o tumulto formidável, disse a Jambavan:

"Ó amigo, a julgar pelo alvoroço terrível e o clamor dos combatentes, Hanuman está realizando um feito extremamente difícil neste momento. Vai, acompanhado pelo teu exército, ó líder dos ursos, e presta teu auxílio àquele príncipe dos macacos que está engajado em combate!"

"Assim seja!", disse o rei dos ursos, e nisso, cercado por suas tropas, ele avançou para o portão oeste para se juntar a Hanuman, e aquele senhor dos ursos viu Hanuman retornando em meio a seus macacos que haviam abandonado a luta e estavam lamentando. Vendo a hoste de ursos, parecendo uma nuvem escura e temível, Hanuman os fez parar e voltar pelo mesmo caminho. Então aquele guerreiro ilustre, junto com aquelas tropas, voltou rapidamente para procurar Rama e, cheio de tristeza, se dirigiu a ele dizendo:

"Enquanto estávamos lutando, sob os nossos próprios olhos, Indrajita, nascido de Ravana, matou Sita que estava chorando, ó destruidor de teus inimigos, e, a minha mente sendo afligida por esse espetáculo, em desespero eu vim te informar do que ocorreu!"

Ouvindo essas notícias, Raghava, tomado de tristeza, caiu por terra como uma árvore cujas raízes foram cortadas e, vendo o filho de Raghu, que era como um deus, jazendo no chão, os líderes macacos de todos os lados correram em direção a ele enquanto ele se encontrava consumido pela violência da sua angústia, parecendo um fogo que foi aceso de repente; e eles o borrifaram com água que estava perfumada com o aroma de lótus azuis e brancos.

Então Lakshmana, cheio de angústia, apertou-o em seus braços e se dirigiu ao semiconsciente Rama, em palavras repletas de bom senso e perspicácia, dizendo:

"Ó tu que andas no caminho da virtude, ó meu nobre irmão, embora tu tenhas dominado os teus sentidos a retidão não foi capaz de te proteger do infortúnio! Eu vejo a forma daquilo que é animado e inanimado, mas não a forma do dharma, portanto, em minha opinião, ele não existe! Objetos inanimados podem ser vistos e também aqueles que são animados, mas a lei espiritual não se manifesta, senão virtuosos como tu não sofreriam adversidade! Se a injustiça trouxesse o mal em sua esteira, então Ravana estaria agora no inferno e tu, que és virtuoso, não serias afligido pela má sorte. Entrementes a calamidade poupa o titã para te derrubar, o que prova que as consequências da justiça e da injustiça estão invertidas! Se a virtude produzisse bons resultados e a injustiça os maus, então aqueles (como Ravana), que abandonaram a virtude, sofreriam más consequências. Aqueles que nunca têm prazer em atividades malignas não devem ser privados de felicidade já que toda a sua alegria está em fazer o bem; aqueles que seguem a justiça devem colher os frutos disso. Já que a prosperidade acompanha aqueles em quem habita a injustiça e aqueles que fazem da virtude seu modo de vida são afligidos, essas palavras (vício e virtude) não têm significado! Ó Raghava, se o malfeitor perecesse através da sua própria injustiça, a própria injustiça pereceria através do seu próprio mal e, ela sendo destruída, como poderia destruir? Se é através do decreto do destino que um homem é morto ou mata outro, então é o destino e não o matador que está errado. Ó tu, matador de teus inimigos, já que não se é capaz de discernir a lei do dharma dispensando retribuição ou ver a sua forma e ela é como se não existisse, como é possível atingir o mais alto por meio do dharma? Se o dharma

realmente existisse, ó rei, ó mais virtuoso dos homens, tu não terias sofrido essa desgraça; portanto é evidente que essa lei não tem significado! O dharma, sendo fraco e impotente, se vincula ao forte e, por causa de sua fraqueza, apaga qualquer diferença entre si e o vício, portanto, em minha opinião, deve-se ignorá-lo. Se a injustiça é apenas o resultado da força, então o abandona já que o poder é o certo. Mas se, como sustentam alguns, o dharma é lealdade à própria palavra, ó flagelo de teus inimigos, então o teu pai é culpado de adharma na duplicidade e crueldade que ele dispensou a ti sem razão! Se se aceita a existência da justiça, então Indra, o portador do raio, o deus de cem sacrifícios, não estava justificado ao realizar um sacrifício após o outro depois de matar o asceta Vishvarupa. Se a justiça dá origem à injustiça, ela deve perecer, ó Raghava! Os homens vão agir de acordo com seus caprichos, ó Kakutstha. Em minha opinião, ó amado Raghava, o dharma de fato foi destruído; tu cortaste suas raízes ao abandonar teu reino! Como rios das montanhas, todo o sucesso é gerado pela prosperidade material. O homem de pouca inteligência, sem recursos, vê todos os seus atos darem em nada como filetes de água secando na estação quente. Renunciar à riqueza quando se está acostumado às vantagens nas quais foi criado é um erro de julgamento e é partir para o caminho errado. Aquele que tem riqueza tem amigos e parentes; aquele que tem riqueza é verdadeiramente um homem de importância; aquele que tem riqueza é um homem sábio. O homem rico é corajoso, o homem rico é sábio, o homem rico é poderoso, acima de tudo, o homem rico é um homem de valor! Ó herói, eu apontei as desvantagens que resultam de desistir da própria fortuna, eu não vejo nenhuma razão para a tua determinação de abandonar a coroa.

"Aquele que possui uma fortuna encontra virtude, prazer e prosperidade à sua disposição; o homem pobre que procura riqueza não pode atingi-la e apenas sonha com ela. A riqueza é a criadora de alegria, prazer, orgulho, raiva e controle interno e externo; tudo isso vem da riqueza, ó principal dos homens! A prosperidade evita homens virtuosos e aqueles que buscam o caminho do dever nesse mundo, nem pode ser discernida mais que as estrelas em um céu tempestuoso! Enquanto, de acordo com a ordem de teu pai, tu vivias em exílio, ó herói, um titã raptou a tua consorte que é mais preciosa para ti do que a própria vida.

"Ó herói, pela minha bravura eu serei capaz de dissipar essa grande dor que Indrajita te causou hoje, ó Raghava, ergue-te, levanta, ó leão entre os homens, ó guerreiro de braços longos, que és fixo em teus votos! Tu não sabes que tu és o Ser, o Ser mais alto?

"Aqui estou eu, ó herói irrepreensível, às tuas ordens! A notícia da morte da filha de Janaka me enfurece! Com minhas flechas eu subjugarei Lanka, seus carros, cavalos, titãs e seu rei".

Capítulo 84 – Bibishana consola Rama

Enquanto Lakshmana, em seu afeto fraterno, estava consolando Rama, Bibishana, que tinha estado restaurando a ordem nas fileiras, chegou àquele local.

Quatro guerreiros, armados com várias armas, o escoltavam e eles pareciam pilhas de colírio preto e eram semelhantes aos líderes das manadas de elefantes. Então aquele herói, se aproximando, viu Raghava mergulhado em aflição, como também os próprios macacos, cujos olhos estavam cheios de lágrimas, e ele viu Raghava de grande alma, a alegria da linhagem de Ikshvaku, atordoado pela aflição

ardente, ao que Bibishana, com o coração trespassado de angústia, perguntou: "Como é isso?"

Então Lakshmana, vendo Bibishana, Sugriva e os macacos, proferiu estas palavras impetuosas:

"Indrajita matou Sita! Ouvindo essas notícias dos lábios de Hanuman, Raghava foi dominado pelo desespero, ó meu amigo!"

Enquanto Saumitri ainda estava falando, Bibishana o interrompeu e se dirigiu a Rama, cuja mente estava agitada, em palavras repletas de bom senso, dizendo:

"Ó Indra entre os homens, isso que tu ouviste falado por Hanuman com um semblante triste me parece tão provável quanto a secagem do oceano! Eu estou totalmente familiarizado com o plano do perverso Ravana; seguramente ele jamais permitiria que Sita fosse maltratada, ó guerreiro de braços longos! Embora constantemente pressionado por mim, que desejava seu bem-estar, para libertar Vaidehi, ele nunca me escutaria. Nem por persuasão nem ameaças, conciliação nem presentes nem por semear discórdia alguém foi capaz de ver Sita, quanto menos pela força de armas? Foi para enganar os macacos que Indrajita saiu para enfrentá-los novamente; essa aparente filha de Janaka é efeito de ilusão, ó guerreiro de braços longos.

"Hoje Indrajita está indo para a área sacrifical de Nikumbhila para oferecer uma oblação. Tendo realizado o sacrifício, ao sair, filho de Ravana será invencível em batalha até mesmo para os deuses liderados por Vasava. Foi ele, no papel de um mago hábil, que fez uso dessa ilusão a fim de minar a coragem dos macacos. Vamos partir agora com nossas tropas antes que ele realize seu objetivo. Livra-te da tristeza que te visitou por causa disso, ó leão entre os homens! Todo o exército está desanimado ao ver a aflição que te domina. Vem, cria coragem, ergue-te, convoca a tua bravura e manda Lakshmana se juntar a nós e às tropas que nós comandamos.

"Com suas flechas afiadas aquele leão entre os homens obrigará Ravani a interromper seu sacrifício, após o que ele pode ser morto. As flechas afiadas e penetrantes do teu irmão, que voam com asas e parecem aves de rapina, beberão o seu sangue. Ó guerreiro de braços longos, que Lakshmana, que é dotado de marcas auspiciosas, derrote aquele titã para destruí-lo, como Indra atira seu raio. Ó melhor dos homens, não é adequado adiar a morte de um inimigo; agora permite que Lakshmana caia sobre o teu adversário rapidamente para matá-lo, como Mahadeva dispara seu raio sobre os inimigos dos deuses, a fim de exterminá-los".

Capítulo 85 – Lakshmana vai ao bosque Nikumbhila para lutar com Indrajita

Assim falou o titã, mas Raghava, que estava tomado de tristeza, não compreendeu totalmente o que foi dito a ele.

Depois disso, tendo recuperado sua força, Rama, o conquistador de fortalezas hostis, respondeu a Bibishana, que estava sentado ao seu lado, dizendo:

"Ó Bibishana, príncipe dos nairritas, eu desejo de ouvir mais uma vez o que tu me disseste; repete o que eu almejo ouvir".

Ouvindo essas palavras de Raghava, Bibishana, hábil em discurso, repetiu o que ele já tinha lhe dito:

"As ordens que tu deste a mim, ó guerreiro de braços longos, em relação à disposição das tropas, foram cumpridas escrupulosamente; as divisões do exército

estão alinhadas por todos os lados e todos os líderes tiveram seus postos atribuídos a eles. Ó senhor poderoso, agora ouve o que mais eu tenho a comunicar.

"Ó príncipe, vendo-te aflito, nós estamos desanimados; abandona a tua angústia, essa aflição que conduz à alegria do inimigo de longe! Tem coragem, ó herói, e destrói os viajantes noturnos! Que a felicidade seja tua, pois tu estás prestes a ser reunido com Sita! Ó alegria da Casa de Raghu, ouve o meu sábio conselho! Que Saumitri saia corajosamente na dianteira de uma tropa considerável e convirja para o bosque Nikumbhila, para matar Ravani em combate com a ajuda de setas, semelhantes a cobras venenosas, disparadas de seu arco!

"Aquele guerreiro[465] por conta de seu ascetismo recebeu uma benção extraordinária, a arma Brahmashira, de Swyambhu, e também corcéis que correm à vontade dele; sem dúvida ele chegou ao bosque Nikumbhila com suas tropas! Se ele conseguir realizar o sacrifício saibas que nós estaremos perdidos!

"'O inimigo que te atacar antes que tu tenhas chegado ao bosque Nikumbhila e acendido o fogo, armado como estás, causará a tua morte, ó inimigo de Indra!' Essas foram as palavras pronunciadas pelo senhor do mundo e assim foi ordenado o fim daquele titã astuto! Ó Rama, envia o teu irmão poderoso para matar Indrajita e, ele estando morto, Ravana com seus amigos também estará morto!"

Bibishana tendo falado desse modo, Rama respondeu-lhe dizendo: "Ó tu, cuja destreza é a verdade, eu conheço o poder mágico daquele bárbaro; seu conhecimento da arma de Brahma dota aquele mago habilidoso e notável de poder imenso de modo que ele é capaz de privar os deuses e o próprio Varuna de consciência em combate! Enquanto ele percorre o céu em sua carruagem, ó príncipe ilustre, não se pode seguir o seu curso mais do que o do sol em meio a nuvens pesadas!"

Então Raghava, que estava familiarizado com o poder mágico daquele inimigo astuto, disse a Lakshmana que brilhava com esplendor: "Vai com todo o exército do senhor dos macacos com seus generais e Hanuman em sua dianteira, ó Lakshmana; leva o exército dos ursos com seu líder Jambavan, e destrói o titã possuidor do poder da magia. Este magnânimo viajante noturno[466] te seguirá com seus ministros para que tu possas cair sobre aquele mestre da ilusão".

Ouvindo essas palavras de Raghava, Lakshmana de coragem formidável, que estava acompanhado por Bibishana, pegou seu arco raro, o mais notável de todos, e vestindo sua armadura, equipou-se com uma espada e flechas, e cheio de alegria, dirigiu-se a ele assim:

"Hoje as setas disparadas do meu arco, tendo perfurado Ravani, irão devastar Lanka como garças devastam um tanque de lótus! Hoje mesmo as flechas correndo do meu arco perfurarão o corpo daquele bárbaro!"

Tendo falado assim para seu irmão, o ilustre Lakshmana, ansioso para matar Ravani, partiu com toda velocidade e, tendo prestado reverência aos pés de seu irmão mais velho e o circungirado, ele partiu para o bosque Nikumbhila, o lugar de sacrifício, onde Ravani podia ser encontrado. Seguido por Bibishana, o príncipe Lakshmana, ardendo de coragem, com os bons desejos de seu irmão, apressou-se para longe. Então Hanuman, na liderança de incontáveis macacos, e Bibishana com seus conselheiros, seguiram rapidamente em sua esteira.

Enquanto as grandes hostes de macacos se lançavam em sua esteira, Lakshmana contemplou as tropas do rei dos ursos posicionadas no caminho. Então

[465] Indrajita.
[466] Bibishana.

o filho de Sumitra, a alegria de seus amigos, já tendo coberto uma grande distância, observou o exército do rei dos titãs alinhado para a batalha e, com arco na mão, aquele conquistador de seus inimigos, a alegria da casa de Raghu, indo ao encontro daquele mago habilidoso, se preparou para entrar em combate com ele em conformidade com a lei de Brahma, e aquele príncipe, que estava cheio de ardor, estava acompanhado por Bibishana, o valente Angada e também pelo filho de Anila.

Então Lakshmana, como alguém entrando na escuridão, penetrou nas fileiras da incontável hoste inimiga que era extremamente formidável, brilhante com suas armas cintilantes e sombreada por suas linhas densas de carruagens poderosas com seus estandartes.

Capítulo 86 – Indrajita interrompe o sacrifício para lutar com Lakshmana

Enquanto esses eventos estavam ocorrendo, o irmão mais novo de Ravana[467] deu o seguinte conselho a Lakshmana, que era vantajoso para o seu empreendimento, mas prejudicial para seus inimigos, dizendo:

"Armado com rochas, lança-te com teus macacos no exército do titã que agora é visível e parece uma nuvem escura. Procura derrubá-los, ó Lakshmana, porque o filho daquele Indra dos titãs se tornará visível no instante em que as fileiras forem rompidas. Com tuas flechas, que se igualam ao raio de Indra, ataca o inimigo; entra na luta com toda velocidade antes que o sacrifício seja concluído. Ó guerreiro, triunfa sobre aquele mago perverso, porém hábil, o perverso Ravani de façanhas cruéis! O terror dos mundos!"

A essas palavras de Bibishana, Lakshmana, dotado de marcas auspiciosas, disparou uma chuva de flechas sobre o filho do senhor dos titãs. Então os ursos e os macacos em grupo, se armando com árvores enormes, avançaram no exército dos titãs que estava alinhado em ordem de batalha e que, com dardos afiados, espadas, picaretas e lanças se lançou sobre os batalhões de símios ávido para vencê-los.

Então uma luta violenta seguiu-se entre macacos e titãs e a cidade ressoava com o tumulto poderoso. Mísseis de todos os tipos, dardos afiados, árvores e picos de montanhas corriam pelo ar de maneira terrível de modo que o céu estava obscurecido e inúmeros titãs, possuidores de braços e rostos monstruosos, arremessavam suas armas nos principais dos macacos, criando terror extremo entre eles, enquanto que, de seu lado, os macacos atingiam os titãs com árvores inteiras e rochedos, esmagando-os na luta. E os principais dos ursos e macacos, de estatura imensa, criaram grande terror entre os titãs com quem eles lutavam. Ao saber que seu exército, subjugado por seus inimigos, estava perdendo terreno, o invencível Indrajita se ergueu, os ritos de sacrifício ainda não concluídos e, deixando o bosque de Nikumbhila, que era escurecido por árvores, Ravani, enfurecido, subiu em sua carruagem que estava pronta atrelada e totalmente equipada; com seu arco e flechas, ele era formidável e parecia uma pilha de colírio preto, aterrorizante de se ver com seus olhos avermelhados, como Mrityu o destruidor.

Vendo-o em seu carro e a hoste de titãs alinhada em volta dele, correndo para atacar Lakshmana com fúria, Hanuman, o flagelo de seus inimigos, que parecia uma montanha, arrancou uma árvore enorme, difícil de manejar e, como o fogo

[467] Bibishana.

consumidor de Kala, aquele macaco, com golpes repetidos, derrubou o inimigo no campo de batalha onde eles jaziam insensíveis.

Vendo o filho de Pavana criando confusão nas fileiras, milhares de titãs o atacaram com dardos, aqueles que portavam lanças com lanças, aqueles com espadas com golpes de suas espadas e aqueles com arpões com golpes de arpões. Barras de ferro, maças, bastões às centenas, Shataghnis,[468] martelos de ferro, machados terríveis, Bhindipalas, golpes de seus punhos como raios, bofetadas ressoando como trovões, foram todos desferidos em Hanuman, que, como uma montanha em estatura, em sua fúria, criava uma carnificina terrível.

Então Indrajita viu o principal dos macacos, o filho intrépido de Pavana, semelhante a uma rocha, destruindo seus adversários e, dirigindo-se ao seu auriga, disse:

"Dirige em direção àquele macaco, ele certamente vai destruir todos os titãs se isso lhe for permitido!"

A essa ordem, o condutor dirigiu seu curso para Maruti e levou o invencível Indrajita, que estava de pé na carruagem, até ele. Então aquele titã temível, se aproximando, deixou cair setas, golpes de espada, arpões, lanças e machados sobre a cabeça daquele macaco, de modo que aqueles mísseis formidáveis que caíram sobre ele levaram Maruti a um acesso de raiva e ele disse:

"Ó filho perverso de Ravana, se tu tens qualquer pretensão de bravura, então luta; com teus dois braços luta comigo! Ó insensato, se tu suportares a minha força, tu serás considerado como o principal dos titãs!"

Então Bibishana apontou o filho de Ravana para Lakshmana enquanto ele, com arco erguido, procurava matar Hanuman, e disse:

"O conquistador de Vasava, o filho de Ravana, que está em seu carro, está prestes a matar Hanuman! Ó Saumitri, mata Ravani com tuas flechas formidáveis de feitura incomparável, as destruidoras de seus inimigos, que põem fim às suas vidas!"

Ouvindo as palavras de Bibishana, aquele magnânimo, um verdadeiro Bibishana,[469] olhou para Indrajita de bravura terrível, que, em sua carruagem, era invencível e parecia uma montanha.

Capítulo 87 – Indrajita e Bibishana censuram um ao outro

Tendo falado assim, Bibishana, encantado, levando Saumitri, que tinha seu arco na mão, apressou-se. Prosseguindo alguma distância, eles entraram em um grande bosque onde Bibishana apontou o lugar de sacrifício de Indrajita para Lakshmana, e o ilustre irmão de Ravana mostrou para Saumitri uma árvore Nyagrodha enorme de aspecto terrível, semelhante a uma nuvem escura, e disse:

"É aqui que o poderoso filho de Ravana oferece suas vítimas e depois disso entra em combate. Tornando-se invisível para todas as criaturas, o titã derrota seus inimigos na luta, paralisando-os com suas flechas excelentes. Perfura o valente filho de Ravana, sua carruagem, corcéis e quadrigário com teus dardos flamejantes antes que ele chegue à árvore Nyagrodha!"

"Que assim seja!", respondeu o poderoso Saumitri, a alegria de seus amigos e, tomado sua posição, ele puxou seu arco extraordinário.

[468] Veja o Glossário de Armas.
[469] Bibishana: aquele que inspira terror.

Nisso Indrajita, o poderoso filho de Ravana apareceu diante deles em seu carro, que brilhava como fogo, vestido em armadura e com sua espada e bandeira. Queimando com ardor, Lakshmana desafiou aquele descendente invencível de Pulastya, dizendo: "Eu te desafio a combater! Que seja em luta justa!"

Assim abordado, o corajoso e extremamente enérgico Indrajita, vendo Bibishana, o oprimiu com repreensões, dizendo:

"Ó tu, nascido e criado nessa raça, o irmão de meu pai, por que tu procuras prejudicar seu filho, ó meu tio paterno, ó titã? Para ti, ó canalha, não há tradição, nem sentimento fraterno nem senso de dever! Ó cruel, tu és digno de pena! Ó ser perverso, tu és objeto de opróbrio para os virtuosos, tu que abandonaste a tua própria espécie para procurar serviço com o inimigo. Não é uma falta de inteligência em ti, que tu não discernes a grande diferença entre viver com seus parentes e procurar um refúgio miserável com estranhos? Mesmo que um estranho seja dotado de todas as qualidades e um parente desprovido de todas elas o parente, embora destituído de todo mérito, é preferível; um estranho é sempre um estranho! Aquele que renuncia à sua própria espécie para seguir outro perecerá sob os golpes do inimigo depois que os próprios parentes tiverem sido destruídos. Só tu és capaz de tal crueldade e de uma atitude tão implacável para com a tua espécie, ó viajante noturno, ó irmão mais novo de Ravana!"

Assim abordado pelo filho de seu irmão, Bibishana respondeu:

"Tu és ignorante do meu caráter que me repreendes dessa maneira, ó titã? Ó príncipe perverso, não me insultes, mas trata-me com respeito. Embora eu tenha nascido na raça dos titãs eu possuo aqueles princípios que pertencem aos homens, a minha natureza não é a dos demônios! Além disso, eu não me alegro com a crueldade nem a injustiça tem a minha aprovação, mas, mesmo se o seu caráter for diferente, como pode um irmão banir seu próprio irmão? Quem rejeita aquele que renuncia ao seu dever e está concentrado em fazer o mal seguramente é afortunado, como quem sacode uma serpente de sua mão. É dito para fugir daquele canalha perverso que habitualmente rouba os bens de seus vizinhos e tem relações com as esposas de outros como alguém fugiria de uma casa em chamas.

"Tomar posse da propriedade de outro ou olhar com desejo para a esposa do vizinho ou suspeitar dos próprios amigos são os três erros que levam à destruição! O massacre cruel de grandes sábios, a guerra contra os deuses, arrogância, raiva, ódio e obstinação são os defeitos do meu irmão, que está destruindo seu império e a si próprio, obscurecendo suas boas qualidades como nuvens encobrem as montanhas. É por conta dos seus vícios que eu abandonei meu irmão, cujo filho tu és. Tu, teu pai e Lanka estão condenados! Ó titã, tu és um mero garoto possuidor de um orgulho presunçoso e és mal-educado! Dize o que quiseres para mim, tu estás pego no laço da morte! Tu sofrerás a punição merecida pelas críticas duras que me fizeste hoje! Daqui em diante tu não serás capaz de te aproximar da árvore Nyagrodha, ó mais vil dos titãs! Tendo ultrajado Kakutstha, tu não podes sobreviver! Entra em combate com este deus entre os homens! Cai no campo de batalha e vai para a residência de Yama para a satisfação dos deuses! Mostra a tua destreza, esgota as tuas armas e mísseis, mas se tu chegares ao alcance das flechas de Lakshmana, tu e o teu exército não voltarão vivos!"

Capítulo 88 – O combate entre Lakshmana e Indrajita

Ouvindo as palavras de Bibishana, Indrajita, fervendo de raiva, respondeu com novas injúrias e avançou sobre ele em fúria. De pé em sua carruagem ricamente decorada, que estava atrelada a corcéis negros, com suas armas e espada levantadas, portando o seu arco poderoso, flexível e terrível e suas flechas que eram fatais para o inimigo, ele parecia o destruidor, a própria morte.

Então Lakshmana em todo o seu esplendor apareceu diante daquele arqueiro poderoso que estava em seu carro, enfeitado com ornamentos, o matador de seus inimigos, o valente filho de Ravana, e, cheio de fúria, Indrajita dirigiu-se a Saumitri, que estava sentado nas costas de Hanuman e parecia o sol nascente, e a Bibishana também e aos principais dos macacos, dizendo:

"Vejam todos vocês a minha destreza! Em um instante, uma chuva de flechas correndo do meu arco irresistível cairá sobre vocês na luta como uma chuva de água do céu! Logo as flechas disparadas do meu grande arco espalharão os seus membros como o vento uma pilha de algodão! Perfurados pelos meus dardos afiados, arpões, lanças, adagas e outras armas, hoje eu enviarei vocês todos para a residência de Yama! Quando, rugindo como uma nuvem de tempestade, eu espalho as ondas de minhas setas com mão firme no combate, quem pode resistir diante de mim?

"Antigamente em uma batalha noturna, com meus dardos que são iguais a raios, eu derrotei vocês dois, deixando-os inconscientes com sua escolta; tu esqueceste? Já que tu desejas medir as tuas forças com as minhas, eu que em minha fúria pareço um réptil venenoso, eu creio que tu estás ansioso para entrar na região da morte!"

Ao ouvir as provocações de Ravani, aquele Indra entre os titãs, o filho de Raghu respondeu indignadamente:

"Não é fácil ter sucesso nesses empreendimentos dos quais tu te vanglorias e, de fato, só aquele que realiza seu objetivo é hábil! Ó tu cuja situação é desesperadora, tu crês ter atingido o teu propósito nesse empreendimento que é insustentável em todos os aspectos simplesmente dizendo 'eu realizei meu objetivo'! Ó insensato, tornar-te invisível no campo de batalha é o procedimento de um embusteiro; homens honestos não praticam isso! Já que eu estou dentro do alcance das tuas setas, ó titã, demonstra a tua bravura; de que serve essa bazófia?"

Assim abordado, Indrajita, que era sempre vitorioso em combate, esticou seu arco terrível e com um braço poderoso atirou suas flechas afiadas em seu adversário. Disparadas por ele, aquelas flechas velozes semelhantes a cobras venenosas atingiram Lakshmana sibilando como serpentes, e o filho impetuoso de Ravana, Indrajita, com aquelas flechas de velocidade extrema, oprimiu Saumitri, que era dotado de marcas auspiciosas, após o que o afortunado Lakshmana, com seus membros perfurados por aqueles dardos, coberto de sangue, brilhava como uma chama sem fumaça!

Enquanto isso Indrajita, contemplando sua façanha, avançou, emitindo um grito muito alto e disse:

"Ó Saumitri, as flechas emplumadas que eu disparei em ti do meu arco vão tirar tua vida, pois seu impacto é mortal! Hoje mesmo, ó Lakshmana, bandos de chacais, águias e abutres descerão sobre ti quando tu tiveres caído inconsciente sob os meus ataques! Rama de alma perversa verá a ti, seu irmão dedicado, derrubado pelo meu braço, com tua armadura despedaçada, teu arco em pedaços, tua cabeça decepada, tu que és um guerreiro somente por nascimento!"

A essas palavras insolentes do filho de Ravana, o sagaz Lakshmana respondeu em termos medidos e criteriosos, dizendo:

"Para de te gabar, ó titã ignóbil de hábitos desonestos, para qual propósito serve o discurso vão? Demonstra o teu valor em ação; tu te vanglorias de tuas façanhas antes de tê-las realizado! Para que fim, ó titã? Age de modo que eu possa crer nas tuas afirmações! Observa como, sem dirigir uma única palavra de desprezo ou provocação para ti e sem me gabar, eu te matarei, ó último dos guerreiros!"

Assim falando, Lakshmana, com cinco Narachas disparados com grande força de seu arco, que ele esticou até a orelha, atingiu o titã em cheio no peito e aquelas setas emplumadas de voo rápido, parecendo serpentes ardentes, brilhavam no peito do nairrita como os raios do sol.

Atingido por aqueles dardos, o filho de Ravana, enfurecido, por sua vez, perfurou Lakshmana com três flechas certeiras. Depois disso uma troca de golpes terrível e espantosa se seguiu entre aqueles leões entre os homens e os titãs, que buscavam triunfar um sobre o outro. Valentes e dotados de força, ambos corajosos por natureza, cada um achou difícil superar o outro, ambos sendo inigualáveis em energia e coragem. Parecendo dois planetas percorrendo os céus, aqueles dois heróis se esforçaram, de modo que eles pareciam aqueles dois guerreiros invencíveis, Bala e Vritra, lutando com orgulho como dois leões, permanecendo impassíveis enquanto disparavam inúmeros dardos um no outro, e o rei dos homens e o príncipe dos titãs lutaram com extremo ardor.

Capítulo 89 – Lakshmana e Indrajita continuam a lutar

Entrementes o filho de Dasaratha, matador de seus inimigos, armando-se com setas, disparou-as em fúria naquele Indra dos titãs, e àquela vibração da corda de seu arco, o líder titã, com seu rosto cinzento, fixou o olhar em Lakshmana.

Bibishana, vendo as feições empalidecidas do filho de Ravana, disse a Saumitri que estava engajado em combate:

"Ó guerreiro de braços longos, eu vejo sinais desfavoráveis em volta do filho de Ravana, apressa-te, pois para ele seguramente o fim está próximo!"

Então Saumitri, escolhendo algumas flechas semelhantes a cobras venenosas, disparou aquelas setas farpadas parecidas com serpentes peçonhentas sobre Indrajita e ele, atingido por aqueles mísseis como raios lançados sobre ele por Lakshmana, ficou atordoado por algum tempo, com os sentidos entorpecidos. Depois disso, vendo o filho valente de Dasaratha colocado no campo, ele se atirou sobre ele, com seus olhos vermelhos de raiva e, aproximando-se, começou a insultá-lo novamente, dizendo:

"Como é que tu esqueceste a minha destreza, quando no primeiro confronto tu e teu irmão foram amarrados e prostrados, que tu agora procuras entrar em combate comigo de novo? Naquela grande luta sob as minhas setas semelhantes raios vocês dois com seus seguidores foram primeiro derrubados ao chão por mim e, em seguida, privados de seus sentidos.

"Parece-me que isso escapou da tua memória! Já que tu ousaste me desafiar, está claro que tu desejas entrar na residência de Yama! Se, no primeiro ataque tu deixaste de reconhecer a minha força superior, eu logo a demonstrarei para ti; para, portanto e me enfrenta com resolução!"

Falando assim, ele perfurou Lakshmana com sete flechas e Hanuman com dez poderosas setas afiadas; depois, com fúria redobrada, Indrajita perfurou

Bibishana com cem dardos certeiros. Vendo isso, o irmão mais novo de Rama, impassível, começou a rir, dizendo:

"Isso não é nada!" e aquele leão entre os homens, Lakshmana, destemido, pegando alguns dardos terríveis, os atirou com raiva em Ravani na luta, dizendo:

"Não, não é armados dessa maneira que guerreiros entram na luta, ó viajante noturno! Os teus dardos são insignificantes e sem poder, levando à minha tranquilidade; sem dúvida não é dessa maneira que homens bravos lutam!"

Com essas palavras, ele, de seu arco, disparou uma chuva de setas em seu adversário. Danificada pelas flechas de Lakshmana, a armadura dourada pesada do titã caiu em pedaços no chão da carruagem, como uma massa de estrelas caindo do céu. Com sua cota de malha partida, crivado de ferimentos provocados por Narachas, o valente Indrajita parecia o sol nascente e, cheio de ira, o corajoso filho de Ravana de valor formidável atingiu Lakshmana com mil flechas, rachando sua armadura celeste.

Então, trocando golpe por golpe, eles avançaram um no outro e, respirando pesadamente, se envolveram em uma luta terrível e, num piscar de olhos, seus membros eram dilacerados pelas setas e de todas as partes de seus corpos o sangue escorria.

Por muito tempo esses dois guerreiros valentes rasgaram um ao outro com suas armas afiadas e, com sua energia desenfreada, os dois combatentes habilidosos procuraram derrotar um ao outro. Ambos crivados de uma massa de flechas, com suas armaduras e estandartes quebrados, eles faziam o sangue quente correr, como cachoeiras soltam suas torrentes, e eles fizeram voar uma saraivada terrível de mísseis com um grande clamor, como as nuvens escuras destrutivas da perdição, soltando suas águas do céu.

Por um longo tempo eles lutaram assim, sem recuar ou sentir qualquer cansaço, e aqueles principais dos arqueiros disparavam suas flechas repetidamente, os dardos de diversas formas cruzavam e voltavam a cruzar uns com os outros no ar. Com agilidade, rapidez e graça, a luta entre homem e titã continuou com um barulho espantoso e cada um, de seu lado, criava um enorme clamor inspirador de terror, como uma tempestade terrível, e o som daqueles dois guerreiros formidáveis em combate violento parecia duas nuvens colidindo no céu. Com Narachas de base dourada, aqueles dois guerreiros procuraram derrotar um ao outro, infligindo ferimentos donde rios de sangue corriam e dos seus corpos perfurados as setas de haste dourada, cobertas de sangue, caíam na terra na qual elas se enterravam. Aos milhares suas flechas afiadas convergiram no céu, partindo e quebrando umas às outras, e ambos fizeram cair uma massa formidável de dardos na luta, de modo que eles pareciam pilhas de erva Kusha destinadas aos dois fogos sacrificais. Os corpos daqueles heróis ilustres, cheios de feridas, brilhavam como uma árvore Kimshuka ou Shalmali, sem folhas e em plena floração na floresta; e o impacto era terrível, enquanto Indrajita e Lakshmana lutavam, um desejoso de superar o outro.

Lakshmana lutou com Ravani e Ravani com Lakshmana, um atacando o outro sem cessar e as torrentes de setas enterradas em sua carne davam àqueles dois guerreiros poderosos a aparência de duas colinas cobertas de árvores, e, com seus membros escorrendo sangue, crivados de flechas, brilhavam como dois fogos.

Assim eles lutaram por um longo tempo sem recuar em combate ou ceder à exaustão. No entanto, para permitir que o invencível Lakshmana, sempre na vanguarda da luta, superasse a fadiga de combate, o magnânimo Bibishana se lançou na luta permanecendo perto dele para lhe prestar seu apoio.

Capítulo 90 – Indrajita perde seu auriga, carruagem e cavalos

Vendo a luta violenta entre homem e titã, que pareciam dois elefantes com presas quebradas desejosos de vencer um ao outro, o irmão valente de Ravana, curioso para ver o resultado do duelo, ficou na vanguarda da batalha, com seu arco excelente na mão.

Permanecendo ereto, ele esticou seu grande arco, disparando flechas longas e pontiagudas sobre os titãs, e essas flechas de impacto ardente, caindo abundantemente e rapidamente, rasgavam os demônios em pedaços como um raio parte as altas montanhas.

Então, por sua vez, os seguidores de Bibishana, os principais dos guerreiros, se armando com maças, espadas e arpões, atacaram os titãs valentes na luta e, cercado por seus companheiros, Bibishana parecia um elefante adulto no meio de elefantes jovens pressionados perto dele.

A fim de encorajar os macacos, cujo maior desejo era matar seus inimigos, Bibishana, o principal dos titãs, familiarizado com o que era apropriado para a ocasião, proferiu estas palavras pertinentes a eles, dizendo:

"Indrajita é o único apoio do rei dos titãs e isso é tudo o que resta do seu exército, por que, portanto, ó principais dos macacos, vocês relaxaram em seus esforços? Esse patife perverso sendo morto na linha de frente da batalha, todos os guerreiros titãs, exceto Ravana, estarão mortos! O valente Prahasta está morto e o todo-poderoso Nikumbha também, Kumbhakarna, Kumbha, Dhumraksha, Jambumali, Mahamali, Tikshnavega, Ashaniprabha, Suptagna, Yajnakopa, Vajradamshtra, Samhradin, Vikata, Arighna, Tapana e Mainda, Praghasa, bem como Prajangha e Jangha, Agniketu, Durdharsha, Rashmiketu que era cheio de energia, Vidyujjihva, Dvijihva e Akampana, Suparshva, Shakramali, Kampana, Devantaka e Narantaka que era cheio de coragem. Por matarem todos esses inúmeros titãs extremamente poderosos, vocês atravessaram o oceano e agora lhes resta apenas cruzar a marca do casco de uma vaca. Ataquem os titãs que ainda restam, ó macacos; todos esses guerreiros, cuja força os enchia de orgulho, pereceram na luta. Não é apropriado que eu mate o filho do meu pai, mas, deixando de lado toda piedade por causa de Rama, eu darei fim ao filho do meu irmão; contudo, embora eu deseje matá-lo, lágrimas enchem meus olhos e me detêm; Lakshmana de braços longos saberá melhor como subjugá-lo! Ó macacos, juntando-se em volta dele, coloquem-se de modo que vocês possam acabar com aqueles que estão perto dele".

Assim incitados pelo titã extremamente ilustre, os principais dos macacos demonstraram sua alegria por chicotearem suas caudas, e então aqueles tigres entre os Plavamgamas, em meio a palmas repetidas, emitiram todos os tipos de gritos, como pavões ao verem as nuvens.

Jambavan também estava cercado por seus líderes e suas tropas, e eles atacaram os titãs com suas unhas e dentes e golpes de pedras. Depois disso aquele senhor dos ursos dizimou os titãs, que, banindo todo medo, cheios de vigor, o oprimiam com mísseis incontáveis como dardos, machados, arpões, lanças afiadas e chuços, atingindo-o, seu exterminador, no combate.

Então um conflito formidável se seguiu entre macacos e titãs, como a disputa terrível entre os deuses e os asuras cheios de ira, e Hanuman, enfurecido, quebrou

um pico de montanha, e tendo feito Lakshmana desmontar, matou os titãs aos milhares. Enquanto isso, depois de um combate terrível com seu tio materno, o valente Indrajita, matador de seus inimigos, se lançou de novo em Lakshmana e um duelo violento surgiu entre aqueles dois heróis em meio ao conflito geral. Então aqueles guerreiros valentes dispararam uma chuva de mísseis com a qual eles oprimiram um ao outro e, num piscar de olhos, eles desapareceram sob uma saraiva de flechas, como o sol brilhando e o brilho da lua sob as nuvens no final do verão. Seus movimentos eram tão rápidos que não se podia perceber quando eles pegavam seus arcos ou os esticavam ou trocavam de mãos ou atiravam suas flechas ou as escolhiam ou as separavam ou quando eles fechavam os punhos ou miravam e lançavam uma sucessão de setas com força, enchendo o céu de todos os lados, nem qualquer objeto era distinguível. Lakshmana atingia Ravani e Ravani, por sua vez, atingia Lakshmana e uma confusão geral surgiu entre eles durante o combate. Flechas farpadas e pontiagudas, disparadas pelos dois guerreiros, enchiam o espaço nos céus por assim dizer, e aqueles dardos afiados, que caíam às centenas, se espalhavam sobre os pontos cardeais e as regiões intermédias, de modo que tudo estava envolto em escuridão e terror extremo tomou conta de todos os seres.

Então o orbe de mil raios baixou atrás das montanhas Asta envolto em sombras, e torrentes de sangue fluíram aquele dia e animais predadores terríveis emitiam uivos a plenos pulmões.

"Que a boa fortuna caia sobre os mundos!" murmuraram os grandes rishis, enquanto os gandharvas com os charanas, em pânico, fugiam.

Enquanto isso Saumitri com quatro flechas perfurou os quatro corcéis negros enfeitados com ouro daquele Indra entre os titãs, e, com o auxílio de um Bhalla afiado, amarelo, brilhante e terrível, equipado com belas plumas, semelhante ao raio de Mahendra, ressoando como o tinido de uma manopla arremessada com força total, aquele poderoso filho de Raghu cortou a cabeça do auriga de seus ombros enquanto ele circulava em volta.

Então, com seu auriga morto, o filho valente de Mandodari tomou as rédeas, pegando seu arco; e era maravilhoso vê-lo dirigindo o carro enquanto lutava. Porém enquanto suas mãos estavam ocupadas com os cavalos, seu adversário o atingia com dardos pontiagudos, e enquanto ele prestava atenção ao seu arco, os cavalos eram perfurados com flechas. Então Indrajita, embora seus cavalos estivessem crivados de dardos, fez com que eles circulassem bravamente sob as setas disparadas por Saumitri com extrema leveza de mão. Vendo seu auriga morto na luta, no entanto, o filho de Ravana perdeu o entusiasmo pelo combate e ficou ansioso, e observando a mudança no semblante do titã, os líderes macacos começaram a aclamar Lakshmana no auge da alegria. Depois disso Pramathin, Rabhasa, Sharabha e Gandhamadana, ansiosos para encerrar a questão, desferiram um ataque poderoso, e aqueles principais dos macacos, dotados de vigor extremo e valor notável, com um salto rápido, se atiraram sobre os quatro corcéis magníficos de Indrajita.

Sob o peso desses macacos que pareciam montanhas, os cavalos vomitaram torrentes de sangue e então, esmagados e mutilados, caíram sem vida ao chão. Tendo matado corcéis do titã e quebrado a sua carruagem, os macacos, com outro salto, voltaram para o lado de Lakshmana.

Saltando de seu carro, os cavalos tendo perecido, e seu auriga estando morto, Ravani fez uma chuva de dardos cair sobre Saumitri, no que, como Mahendra, Lakshmana oprimiu Indrajita com flechas e ele, lutando a pé, seus

corcéis excelentes estando mortos, atirou inúmeros dardos afiados e extraordinários em Saumitri na luta.

Capítulo 91 – A morte de Indrajita

O poderoso viajante noturno, Indrajita, com seus cavalos mortos, ficou no campo em um acesso de fúria, flamejando com valentia, e em seu desejo de triunfar, aqueles dois arqueiros, armados com arcos, se lançaram um contra o outro como dois elefantes poderosos na floresta.

Avançando dessa e daquela maneira, titãs e macacos mataram uns aos outros, não querendo abandonar seus líderes. Naquele momento, o filho de Ravana começou a incentivar os titãs e os elogiou e alegrou por se dirigir a eles desta maneira:

"Ó principais dos titãs, uma profunda escuridão reina sobre todas as regiões e não podemos distinguir entre nós e o inimigo, portanto, lutem sem medo para iludir os macacos, e eu também vou voltar para entrar em combate em outra carruagem! Ó bravos companheiros, não permitam que os macacos triunfem enquanto eu estiver na cidade!"

Depois dessas palavras, o filho de Ravana, matador de seus inimigos, iludindo a vigilância dos moradores das florestas, reentrou na cidade de Lanka para se equipar com uma nova carruagem; e ele fez ser preparado um carro embelezado com douramento magnífico, provido de dardos, espadas e flechas, atrelado aos cavalos mais excelentes e conduzido por um auriga hábil e inteligente, depois do que o ilustre Ravani, vencedor em combate, subiu nele. Rodeado pelos principais dos batalhões, o valente filho de Mandodari, Indrajita, incitado pela força do destino, deixou a cidade e, puxado por corcéis velozes, com extrema coragem ele avançou em Lakshmana e Bibishana que o acompanhava.

Vendo o filho astuto de Ravana sobre uma carruagem, Saumitri, os macacos intrépidos e o titã Bibishana ficaram espantados; Indrajita, no entanto, derrubou os principais dos macacos com fúria. Sob as nuvens de flechas caindo às centenas e aos milhares, Ravani, vitorioso em combate, esticando seu arco a um círculo, matava os macacos em sua ira, exibindo sua extrema habilidade, e os macacos, subjugados pelos Narachas de ímpeto terrível, se refugiaram com Saumitri, como todos os seres com Prajapati. Então, cheio de ardor marcial, aquele descendente de Raghu cortou o arco de Indrajita, demonstrando, assim, a rapidez de sua mão, mas ele, pegando outro, apressou-se a encordoá-lo, porém Lakshmana o despedaçou também com três flechas e, tendo quebrado as suas armas desse modo, Saumitri perfurou o peito de Ravani com cinco dardos semelhantes a cobras venenosas. Então essas flechas, deixando o grande arco, tendo entrado no corpo de Indrajita, caíram ao chão como enormes serpentes vermelhas.

Com sua arma cortada, vomitando sangue, Ravani pegou outro arco poderoso com sua corda firme e, visando Lakshmana, com extrema velocidade fez uma chuva de mísseis cair sobre ele, como Purandara soltando suas inundações. No entanto, irresistível como era aquela chuva de flechas despejada por Indrajita, Lakshmana, o conquistador de seus inimigos, permanecendo inamovível, as repeliu.

Assim Ravani testemunhou a destreza extraordinária de Lakshmana, ele que era o filho intrépido e valente de Raghu. Depois disso Lakshmana, em fúria, perfurou

cada um daqueles titãs com três flechas na luta, mostrando a velocidade de suas flechas, e Indrajita, por seu lado, o perfurou com uma saraivada de flechas.

Então aquele Indra entre os titãs, gravemente ferido por seu adversário valente, o matador de seus inimigos, disparou uma contínua chuva de setas sobre Lakshmana mas, antes que elas chegassem a ele, elas foram cortadas pela lança afiada daquele guerreiro, o destruidor de seus inimigos, e Lakshmana, com uma flecha em forma de crescente, cortou fora a cabeça do auriga de Indrajita em seu carro excelente, enquanto ele estava correndo aqui e ali.

Privados de seu condutor, os cavalos, sem se desviarem de seu curso, continuaram a puxar a carruagem, avançando e descrevendo círculos de um modo magnífico. Então Saumitri, de coragem constante, incapaz de controlar sua raiva, atirou suas flechas contra os corcéis do titã fazendo-os se assustarem.

Provocado por essa ação, o filho de Ravana atingiu o terrível Saumitri com suas dez flechas e aquelas flechas, iguais a relâmpagos, que pareciam compostas por todos os venenos, resvalaram em sua armadura dourada.

Vendo que sua cota de malha era impenetrável, o filho de Ravana, Indrajita, num assomo de raiva, mostrando sua agilidade de mão, atingiu Lakshmana na testa com três setas de juntas graciosas, e aquele guerreiro ilustre, a alegria da casa de Raghu, com três flechas enterradas em sua testa, brilhava na vanguarda da batalha como uma montanha tripla. Embora assim golpeado pelas flechas do titã, Lakshmana, por sua vez, de imediato, disparou cinco setas que atingiram Indrajita, que estava adornado com brincos belos, em cheio no rosto.

Em seguida, Lakshmana e Indrajita, guerreiros da destreza excelente, armados com arcos fortes e poderosos, oprimiram um ao outro com setas afiadas. Com seus membros derramando sangue, aqueles dois heróis, Lakshmana e Indrajita, naquele instante brilhavam no campo de batalha como duas árvores Kimshuka floridas, e, lançando-se um sobre o outro desejosos de vitória, perfuravam os membros de seu oponente com flechas formidáveis. Cheio de ardor marcial, o filho de Ravana atingiu o belo rosto de Bibishana com três dardos e, tendo perfurado aquele Indra dos titãs com três flechas com pontas de ferro, ele atingiu todos os líderes macacos um após o outro.

Altamente provocado, o extremamente enérgico Bibishana derrubou os cavalos do perverso Ravani com uma maça, após o que o poderoso Indrajita, saltando de seu carro, seus cavalos e seu cocheiro mortos, atirou um dardo em seu tio paterno.

Vendo isso, o aumentador da alegria de Sumitra, com sua flecha afiada, cortou-o em dez pedaços em seu voo e ele caiu sobre a terra. Então Bibishana, com seu arco poderoso na mão, disparou cinco Marganas, cujo impacto é igual ao raio, e atingiu Indrajita, cujos cavalos tinham sido mortos, no peito. Tendo passado através de seu corpo, aquelas setas de haste dourada, que voaram direto para a sua meta, foram manchadas de sangue ao que elas se assemelhavam a enormes serpentes vermelhas.

Então, muito enfurecido contra seu tio paterno, Indrajita, que estava no meio dos titãs, escolheu uma seta notável de grande poder que ele tinha recebido de Yama e, vendo-o colocar aquela flecha formidável em seu arco, o valente e intrépido Lakshmana pegou uma de poder imensurável que tinha sido concedida a ele durante o sono pelo deus Kuvera, e aquela arma era irresistível, nem os deuses nem os asuras com seus líderes podiam resistir diante dela.

E aqueles arcos excelentes, parecendo maças, quando esticados por seus braços, emitiram um som agudo como duas águias marinhas e as duas setas

poderosas encaixadas naqueles maravilhosos arcos curvados iluminaram os rostos dos dois heróis com um fulgor vívido. Aquelas setas farpadas disparadas dos arcos iluminaram os céus, colidindo entre si com um impacto violento, e o choque dessas armas formidáveis quando elas bateram uma contra a outra fez com que elas irrompessem em chamas, emitindo faíscas e fumaça. Como dois grandes planetas colidindo, elas caíram quebradas em cem pedaços no campo de batalha.

Vendo aquelas armas cortadas e quebradas na vanguarda da batalha, Lakshmana e Indrajita foram tomados de mortificação e fúria e, em sua ira, Saumitri se armou com a seta de Varuna enquanto o conquistador de Mahendra, lutando a pé, disparou a arma de Rudra na luta que despedaçou o dardo de Varuna, apesar de sua imensa potência. Depois disso, em sua ira, o ilustre Indrajita, vitorioso em combate, como se estivesse prestes a destruir os mundos, pegou a flamejante arma Agneya, mas o valente Lakshmana a desviou com o dardo solar e, vendo sua flecha assim frustrada, Ravani, louco de raiva, pegou a arma Asura que era afiada e fatal para seu inimigo. Então de seu arco correram brilhantes Kutamudgaras, lanças, Bushundis, maças, espadas e machados e, vendo aquela arma horrenda e terrível, irresistível para todos os seres, a destruidora de todos os mísseis, o ilustre Lakshmana a deteve com o auxílio da arma de Maheshvara.

Logo após uma luta prodigiosa ocorreu entre os rivais, de arrepiar e, de todos os lados, Seres, permanecendo no céu, fizeram um círculo em volta Lakshmana, e os céus estavam cheios de uma série de Seres tomados de espanto pelo tumulto temível decorrente desse conflito terrível entre macacos e titãs. Rishis, pitris, gandharvas, garudas e uragas com Shatakratu em sua dianteira observavam Lakshmana durante a luta e, nesse instante, o irmão mais novo de Raghava pegou a principal das setas, a arma Avya de impacto flamejante, para trespassar o filho de Ravana, e também o dardo bem-emplumado e dourado, habilmente moldado, ao qual a hoste celeste prestava homenagem e com o qual Shakra, aquele senhor poderoso de grande energia, que é puxado por cavalos baios, antigamente derrotou os danavas na guerra entre deuses e asuras. Essa arma de Indra, invicta em combate, a mais notável das setas foi colocada por Saumitri no mais excelente dos arcos e o afortunado Lakshmana, para alcançar seu propósito, falou com a divindade que preside essa arma, deste modo:

"Se Rama, o filho de Dasaratha, é realmente virtuoso e leal e em façanhas de heroísmo não tem rival, então mata o filho de Ravana!"

Falando assim, aquele guerreiro, o matador de seus inimigos, esticou seu arco até seu ouvido e disparou uma flecha unida à arma de Indra em Ravani na luta, que era incapaz de errar seu alvo, e ela cortou a bela cabeça de Indrajita, enfeitada com brincos e seu elmo, fazendo-a rolar na terra. Separada do corpo, a cabeça enorme de Indrajita, derramando sangue, parecia uma bola dourada jogada no chão; e o filho de Ravana caiu morto no campo de batalha com sua armadura, seu capacete e seu arco quebrado.

Então todos os macacos com Bibishana, vendo o cadáver, gritaram em júbilo, como os deuses se regozijaram com a morte de Vritra, e nos céus, os bhutas, rishis magnânimos, gandharvas e apsaras, ao verem os líderes do grande exército de titãs se dispersando para todos os lados, atormentados pelos macacos vitoriosos, emitiram gritos de triunfo.

Pressionados duramente pelos macacos, os titãs, lançando suas armas ao chão, fugiram apressadamente em desordem em direção a Lanka e, na debandada geral os titãs, jogando longe suas armas, lanças, espadas e machados, correram em todas as direções ao mesmo tempo. Aterrorizados, atormentados pelos macacos,

alguns reentraram em Lanka, outros se atiraram ao mar ou se refugiaram na montanha. Agora que Indrajita jazia no campo de batalha, os titãs fugiram aos milhares. Como o sol se retira atrás da montanha Asta e seus raios desaparecem, assim os titãs desapareceram do horizonte quando Indrajita tinha caído. Como o orbe solar com seus raios extintos ou um fogo sem calor, assim aquele guerreiro de braços longos jazia desprovido de vida e o mundo, livre de seus sofrimentos e salvo de seu inimigo, se regozijou! E o bendito Shakra estava extremamente satisfeito com a morte daquele titã de ações más e os grandes rishis também, enquanto nos céus, os deuses podiam ser ouvidos batendo seus gongos e as apsaras dançando e os gandharvas magnânimos fizeram cair uma chuva de flores que era maravilhosa de se ver.

Com a morte daquele titã de façanhas cruéis a paz reinou, as águas ficaram límpidas, o ar puro e devas e danavas se alegraram com a queda dele que era uma fonte de terror para todos os mundos. Então um grito de triunfo ergueu-se dos devas, gandharvas e danavas que disseram:

"Agora que os brâmanes empreendam suas atividades sem ansiedade, com seus pecados removidos!"

Em seguida, os líderes macacos, vendo aquele touro entre os nairritas morto em batalha, cuja bravura era irresistível, prestaram homenagem a Lakshmana e Bibishana, Hanuman e Jambavan; e todos os Plavamgamas, rosnando e saltando com sons de mandíbulas, cercaram aquele descendente de Raghu, chicoteando suas caudas e aplaudindo. 'Vitória ao príncipe Lakshmana!' ergueu-se o grito e, abraçando uns aos outros, os macacos, com seus corações cheios de alegria, cantaram os louvores de Lakshmana de todas as maneiras.

Testemunhando essa façanha difícil de Lakshmana, ele que era a alegria de seus amigos, e vendo o cadáver do adversário de Indra, os deuses, muito satisfeitos, sentiram deleite supremo.

Capítulo 92 - Rama elogia Lakshmana que é curado de seus ferimentos pelo macaco Sushena

Lakshmana, agraciado com marcas auspiciosas, com seus membros banhados em sangue, tendo matado aquele conquistador de seus inimigos no campo de batalha, sentiu extrema satisfação.

Levando consigo Jambavan, Hanuman e todos os habitantes das florestas, o valente e ilustre Lakshmana voltou rapidamente para Sugriva e Raghava, apoiando-se em Bibishana e Hanuman. Então, tendo circungirado Rama e prestado reverência a ele, Saumitri ficou ao lado de seu irmão como Upendra ao lado de Indra.

Então aquele herói, Bibishana, aproximando-se com um olhar que por si próprio era eloquente de prazer, descreveu o fim terrível de Indrajita e foi com alegria que Rama soube como a cabeça de Ravani tinha sido cortada por Lakshmana de grande alma, e a notícia de que Indrajita tinha caído sob os golpes de Lakshmana encheu aquele príncipe valente de felicidade inigualável de modo que ele gritou:

"Bem feito, ó Lakshmana, essa proeza extremamente difícil me agrada! A morte de Ravani significa vitória, fica certo disso!"

Então, cheirando a cabeça de Lakshmana, que tinha aumentado sua glória, porém que estava envergonhado, o poderoso Rama fez com que ele se sentasse

em seu colo e, com força gentil, tendo abraçado seu irmão, que estava ferido, contra o peito, ele olhou-o ternamente repetidas vezes. Então Rama, cheirando sua cabeça mais uma vez, passou sua mão rapidamente sobre seu corpo e, para acalmá-lo disse:

"Tu realizaste um feito auspicioso e altamente importante, ó tu cujas façanhas estão além do poder de outros! Agora que seu filho está morto, eu considero Ravana como derrotado. Hoje a morte daquele canalha perverso confere vitória sobre Ravana, o flagelo de homens, a mim, sê abençoado, ó guerreiro! Tu cortaste o braço direito do rei dos titãs no qual ele se apoia como suporte! Bibishana e Hanuman também se comportaram com valentia na grande luta. Em três dias aquele guerreiro foi totalmente vencido; de agora em diante eu estou livre dos meus inimigos, pois Ravana seguramente sairá, partindo com tropas consideráveis. Quando, ao saber da morte de seu filho, o que irá oprimi-lo com pesar, o rei dos titãs avançar cercado por seu vasto exército, eu o cercarei com minhas tropas poderosas e o matarei, por difícil que seja. O conquistador de Indra tendo caído em combate contigo, sob a tua orientação, ó Lakshmana, nem Sita nem a própria terra seriam difíceis de recuperar!"

Tendo dado conforto e carinho a seu irmão, o filho de Raghu, Rama, dirigiu-se alegremente a Sushena, dizendo:

"Arranca as setas do altamente inteligente Saumitri, que é sempre dedicado aos seus amigos, e o recupera. Cura rapidamente as feridas de Saumitri, que é apegado aos seus amigos, e leva de volta à saúde todos aqueles que receberam golpes e ferimentos no conflito, aqueles ursos e macacos cujos batalhões valentes têm árvores como suas armas".

A essas palavras de Rama, o poderoso líder macaco, Sushena, ministrou um remédio soberano nas narinas de Lakshmana e, tendo-o inalado, aquele herói foi imediatamente libertado de seus dardos e ferimentos. Restaurado ao seu estado normal e livre das flechas, suas dores ardentes no fim, sua febre dissipada de repente, Saumitri sentiu alegria extrema. Então Rama, o rei dos Plavagas, Bibishana e o valente chefe dos ursos com suas tropas, vendo Saumitri de pé livre de dor, regozijaram-se.

Então aquele feito supremamente difícil de Lakshmana foi elogiado por Dasarathi de grande alma, e, recordando que o conquistador de Indra tinha caído na luta, o rei dos macacos se encheu de alegria.

Capítulo 93 – A aflição de Ravana ao saber da morte de seu filho

Os embaixadores de Pulastya, ao saberem da morte de Indrajita e a confirmarem, levaram a notícia a Dashagriva com toda pressa, dizendo:

"Ó grande rei, teu filho ilustre foi morto por Lakshmana, que estava acompanhado por Bibishana; nós fomos testemunhas disso! Aquele herói, confrontado por um herói, mediu sua força com a de Lakshmana! Teu filho, não derrotado em nenhum combate, ele que triunfou sobre os deuses com Indra em sua chefia, foi para as regiões celestes, tendo sido subjugado pelas flechas de Lakshmana!"

Ouvindo sobre o fim terrível, cruel e doloroso de seu filho no campo de batalha, aquele touro entre os titãs desmaiou e só voltou a si depois de um longo tempo.

Perturbado pela dor por causa da morte de seu filho, aquele desafortunado, fora de si, irrompeu em lamentações, gritando:

"Ó tu, o conquistador de Indra, como tu te permitiste ser derrotado por Lakshmana neste dia? Em tua ira, tu não eras capaz de derrotar os próprios Kala e Antaka com tuas flechas, como também o pico da montanha Mandara? Quanto mais era possível para ti derrubar Lakshmana na luta? A partir de agora o rei da morte será considerado com maior reverência por mim, já que hoje ele te colocou sob o domínio do destino, ó guerreiro de braços longos! Mesmo entre a hoste celeste, esse é o caminho trilhado por aqueles guerreiros hábeis que travam uma luta corajosa! Quem é morto a serviço de seu senhor vai para as regiões celestes. Vendo Indrajita morto neste dia, os deuses e todos os guardiões do mundo livres de ansiedade vão dormir em paz! Agora os três mundos e a terra inteira com seus bosques parece deserta para mim sem o único Indrajita. Hoje eu ouvirei os gritos das jovens filhas dos nairritas nos apartamentos privados, como o rugido de elefantes em uma caverna na montanha. Ó herói, onde tu foste, abandonando teu direito ao trono, Lanka, os titãs, tua mãe, a mim e as tuas esposas? Seguramente eu deveria ter te precedido para a morada da morte de modo que eu pudesse ter recebido as honras devidas aos que partiram oferecidas por ti, mas o contrário ocorreu, ó herói! Por que Sugriva, Lakshmana e Raghava ainda vivem e por que tu me abandonaste aqui antes de teres me livrado desse espinho triplo?"

Tendo primeiro lamentado dessa maneira, Ravana, o rei dos titãs foi tomado de uma fúria violenta por causa da morte de Indrajita, e a dor de perder seu filho aumentou o fogo da raiva dentro dele que era irascível por natureza, como nos meses de verão os raios do sol se tornam mais intensos. De sua boca meio aberta, ele parecia exalar chama e fumaça em sua raiva, como Vritra antigamente da sua, e seus olhos, naturalmente vermelhos, estavam mais inflamados de ira, brilhando de modo terrível. Sob o domínio da raiva, seu aspecto, sempre uma fonte de terror, o fez parecer o enfurecido Rudra! Lágrimas caíram dos olhos daquele monstro enfurecido como óleo fervente de duas lâmpadas flamejantes. Rangendo os dentes, ele fez um som como o girar do bastão[470] com o qual os deuses e os danavas bateram o oceano lácteo. Louco de raiva, como Antaka ávido para devorar todos os seres animados ou inanimados, ele permitiu que seu olhar vagasse pelos quatro quadrantes do horizonte e nenhum titã ousou se aproximar dele, e em um acesso de raiva o rei dos titãs, sentado em meio aos seus guerreiros, a fim de excitar seu ardor, disse:

"Tendo praticado penitência por milhares de anos e satisfeito Swyambhu em inúmeras ocasiões, como fruto de minhas austeridades ele me concedeu total imunidade contra devas e asuras.

"Brahma me deu uma cota de malha que brilhava como o sol, que, nos meus conflitos com os deuses e os asuras, nenhum dos meus inimigos, embora armado com raios, foi capaz de quebrar. Hoje, vestido com aquela armadura e sobre a minha carruagem de guerra, quem se atreverá a resistir a mim, seja ele o próprio Purandara?

"O grande arco com suas flechas dado a mim quando eu agradei Swyambhu, depois de um confronto com devas e asuras, aquele arco formidável será puxado por mim ao som de inúmeros instrumentos musicais, em uma grande batalha, para a destruição de Rama e Lakshmana!"

---

[470] Isso se refere à montanha Mandara que foi usada pelos deuses e asuras como bastão de bater.

Atormentado pela morte de seu filho, o feroz Ravana, dominado pela raiva, tendo refletido consigo mesmo, resolveu matar Sita. Revirando seus olhos avermelhados, aquele titã cruel e terrível, em sua angústia, disse na presença de todos os viajantes noturnos, em tons melancólicos:

"Meu filho desafortunado, para enganar os macacos, tendo recorrido à magia, mostrou-lhes um cadáver ilusório, dizendo: 'Esta é Sita!' Realmente isso se tornará realidade! Eu matarei Vaidehi que é dedicada àquele canalha perverso!"

Tendo falado assim, ele pegou uma espada que era bem temperada e brilhante como o céu imaculado e saiu correndo às pressas cercado por suas esposas e conselheiros. Ravana, cujo coração estava partido pela tristeza por conta de seu filho, levando a espada, se apressou para encontrar Maithili, e vendo o rei saindo com grande raiva, os titãs emitiram rugidos leoninos e abraçando uns aos outros, disseram:

"Hoje nós veremos aqueles dois irmãos humilhados! Em sua raiva, Ravana derrotou os quatro guardiões do mundo e incontáveis outros caíram sob seus golpes; os três mundos entregaram seu tesouro para ele cuja bravura e valor não têm igual na terra!"

Enquanto eles estavam falando assim, Ravana, num assomo de raiva, estava avançando para onde Sita podia ser encontrada no bosque de Ashoka, e, embora seus amigos procurassem detê-lo, ele corria adiante, como no céu o planeta Rahu cai sobre Rohini.

A irrepreensível Maithili, em meio às titânides que a guardavam, vendo aquele titã furioso com uma grande espada, foi tomada de terror, e a filha de Janaka, Sita, vendo-o continuar a avançar com aquela arma erguida, embora seus amigos procurassem impedi-lo, no auge da miséria, lamentando, proferiu estas palavras:

"Vendo esse patife perverso avançando sobre mim com fúria, eu, que estou indefesa, mas que ainda tenho um defensor, temo que ele pretenda me matar! Apesar da minha lealdade ao meu marido, ele me suplicou repetidamente, dizendo: 'Sê minha consorte' e eu o repeli constantemente. A minha recusa certamente o levou a ceder ao desespero e, em um acesso de raiva ele está se preparando para me matar. Ou pode ser que aqueles dois tigres entre os homens, aqueles irmãos, Rama e Lakshmana, tenham, por minha causa, sido abatidos hoje no campo de batalha. Eu ouço um grande som de gongos e os gritos jubilosos de inúmeras pessoas exultantes! Ai de mim, os dois príncipes morreram por mim ou então esse titã de intenção cruel veio me matar por causa da tristeza por causa de seu filho, ou ele foi incapaz de matar Rama e Lakshmana! Porque não eu segui o conselho de Hanuman, miserável criatura que eu sou! Se eu tivesse partido, sentada em suas costas, eu agora estaria descansando alegremente no colo do meu marido. Seguramente o coração de Kaushalya se partirá quando ele descobrir que seu filho pereceu na luta e, chorando, ela vai relembrar o nascimento, infância, juventude, atos virtuosos e beleza daquele herói magnânimo. Dominada pelo desespero, tendo oferecido as exéquias em honra de seu filho morto, perturbada pela dor, ela vai subir na pira funerária ou se jogar no rio. Maldita seja aquela corcunda perversa Manthara e seus conselhos sinistros; é ela que é a causa dos sofrimentos que oprimirão Kaushalya".

Ouvindo a desafortunada Maithili lamentando assim, ela, que parecia Rohini caída sob o domínio de Rahu na ausência da lua, um conselheiro virtuoso e honesto, o sagaz Suparshwa, procurando com seus companheiros conter Ravana, o rei dos titãs, disse-lhe:

"Por que, ó Dashagriva, tu, o irmão mais novo do próprio Vaishravana, procuras executar Vaidehi num acesso de raiva, desrespeitando a lei?[471] Tu que és um estudioso do Veda, que tens sido purificado por observâncias piedosas e que te deleitas com as escrituras, como tu és capaz de abrigar o pensamento de matar uma mulher? Ó valente monarca dos titãs, poupa a bela Maithili e solta os frascos da tua ira sobre aquele homem, entrando em combate com ele com nosso auxílio. Este é o décimo quarto dia da quinzena escura[472] e amanhã, no dia da lua nova, marcha para a vitória cercado por tuas tropas. Corajoso, armado com tua espada, na tua carruagem excelente, um poderoso guerreiro em carro, tu derrubarás o terrível Dasarathi e tomarás posse da filha de Mithila!"

Então o perverso e poderoso Ravana, dando ouvidos às palavras judiciosas de seu conselheiro devotado, voltou para o palácio e reentrou na sala de reunião cercado por seus amigos.

Capítulo 94 – As façanhas de Rama

Tendo entrado na câmara de conselho, o rei infeliz, o poderoso Ravana, oprimido pela morte de seu filho, sentou-se em seu trono, em profunda aflição, respirando como um leão enfurecido, saudou os líderes de seu exército e se dirigiu a eles dizendo:

"Estabeleçam-se na frente da cavalaria com uma coluna de carruagens, elefantes e cavalos, com os quais vocês estão supridos abundantemente, e, na luta, lancem-se sobre Rama somente, oprimindo-o com uma chuva de mísseis, como nuvens na estação chuvosa. Depois disso, quando seus dardos afiados tiverem perfurado os membros dele naquela grande batalha, amanhã, eu mesmo porei fim à vida de Rama na presença de todos os seres".

Após esse comando de seu rei, os titãs partiram em seus carros velozes, seguidos por inúmeros batalhões. Armados com maças, arpões, espadas, flechas e machados destruidores de vidas, todos aqueles titãs atacaram os macacos, que os combateram com golpes de pedras e árvores. Então, quando o sol nasceu, uma luta notável e terrível ocorreu entre titãs e macacos, terrível de se ver, e eles atingiam uns aos outros com incontáveis armas brilhantes, lanças, espadas e machados no combate e uma prodigiosa tempestade de poeira, surgindo por causa da batalha, foi assentada novamente pelos rios de sangue de titãs e macacos. Com elefantes e carruagens como as margens, dardos como os peixes, estandartes como as árvores, cadáveres como as toras flutuantes, rios de sangue corriam.

Embora encharcados de sangue, os macacos valentes, saltando para cá e para lá na luta, cortavam as bandeiras, armaduras, carros, cavalos e armas de todos os tipos em pedaços. Com seus dentes e unhas afiados os Plavamgamas cortavam os cabelos, orelhas, testas e narizes de seus oponentes. Cem dos principais dos macacos saltavam em cada titã como aves em uma árvore derrubada e os titãs, semelhantes a colinas, golpeavam os macacos temíveis com maças pesadas, lanças, cimitarras e machados. Cortado em pedaços por seus inimigos, o grande exército de macacos procurou proteção com Rama, o filho de Dasaratha, o único refúgio verdadeiro.

---

[471] A Lei do Dharma ou Retidão.

[472] Quinzena escura: a quinzena da lua minguante.

Então aquele herói extremamente enérgico, pegando seu arco, penetrando nas fileiras dos titãs, os oprimiu com uma chuva de dardos, e quando ele entrou em suas fileiras, como o sol entrando nas nuvens, aqueles guerreiros formidáveis, a quem ele estava consumindo com o fogo de suas flechas, eram incapazes de discerni-lo. E os titãs, vendo as façanhas terríveis daquele herói tão desastrosas para eles, reconheceram seu autor como Rama, e como a passagem de um furacão através de uma floresta torna-se patente, assim, quando inúmeros batalhões foram derrubados e grandes carros virados, eles perceberam que isso era obra dele. E eles viram seu exército dizimado por setas, golpeado e esmagado por suas flechas, mas, tão rápidos eram os seus movimentos, que eles não podiam ver Rama e não eram mais capazes de discernir Raghava do que os seres de distinguirem a alma que governa os sentidos.

"Lá está ele que está exterminando nossos grupos de elefantes!" "Lá está ele que com suas flechas afiadas está destruindo cavalaria e infantaria!"

Falando assim, os titãs, considerando uns aos outros como Rama na luta, sob essa ilusão, matavam uns aos outros com raiva, e eles não eram capazes de ver o verdadeiro Rama, que, no entanto, estava destruindo seu exército, pois todos eles tinham sido lançados em confusão pela extremamente poderosa, maravilhosa e poderosa arma gandharva! E às vezes, naquele vasto campo de batalha, milhares de Ramas apareciam para os titãs e às vezes eles podiam ver só um; e o arco daquele herói lhes parecia ser uma miríade de arcos dourados, girando como uma tocha circulando, enquanto o próprio Raghava permanecia invisível!

Com seu corpo o pivô, sua força o brilho, suas flechas os raios, seu arco o aro, a vibração da corda e da manopla o som, a força de sua inteligência sua resplandecência, seu esplendor o ímpeto de sua arma, sua circunferência o círculo traçado por Rama, enquanto ele estava massacrando os titãs, ele parecia a Roda do Tempo aos olhos de todos os seres. E na oitava parte de um dia, Rama com suas flechas flamejantes, sozinho, exterminou o exército de titãs que eram capazes de mudar sua forma à vontade, que compreendia dezoito mil grandes elefantes, catorze mil cavaleiros e duzentos mil soldados a pé.

Exaustos, com seus cavalos mortos, seus carros despedaçados, seus estandartes quebrados, aqueles viajantes da noite, que tinham escapado do massacre, se refugiaram na cidade de Lanka.

Com os cadáveres de elefantes, infantaria e cavalos, o campo de batalha parecia a área onde o poderoso Rudra, enfurecido, se diverte.

Então devas, gandharvas, siddhas e paramarishis gritaram:

"Bem feito! Bem feito!" louvando a realização de Rama.

E o magnânimo Raghava disse a Sugriva que estava perto com Jambavan e os principais dos macacos, Mainda e Dvivida:

"O poder de empunhar essa arma terrível pertence a mim e a Tryambaka[473] somente!"

Tendo destruído o exército do rei dos titãs, Rama, igual ao magnânimo Shakra, que em meio a dardos e setas superava toda fadiga, recebeu a homenagem encantada da hoste celeste.

[473] Tryambaka: um nome de Shiva significando 'o de três olhos'.

Capítulo 95 – Os lamentos das mulheres titãs

Todos aqueles milhares de elefantes e cavalos e aqueles montados sobre eles com as incontáveis carruagens brilhantes como fogo e suas bandeiras flamejantes, como também os inúmeros titãs que eram cheios de valor, capazes de mudar de forma à vontade, armados com maças e machados e maravilhosas flâmulas douradas, caíram sob os dardos ígneos, decorados com ouro fino, de Rama de façanhas imperecíveis.

Vendo isso e ouvindo aquelas notícias, os viajantes noturnos que tinham escapado do massacre estavam cheios de terror, e aqueles titãs miseráveis estavam unidos em um infortúnio comum.

As titânides e aquelas que perderam seus filhos e parentes, tomadas de aflição, se reuniram para prantear e lamentar, gritando:

"Como Shurpanakha, que era velha, hedionda e de ventre afundado, se atreveu a se aproximar de Rama na floresta, ele que era igual ao próprio Kandarpa? Vendo aquele belo jovem, cheio de nobreza, sempre engajado no bem-estar de todos os seres, aquela Rakshasi monstruosa, que teria sido morta por outros, foi dominada pela luxúria. Como pode ela, que era desprovida de todas as boas qualidades, ousar se apaixonar pelo todo-poderoso Rama que é possuidor de aspecto gracioso e dotado de todas as virtudes? Em detrimento de sua própria raça, apesar de seu cabelo cinzento e rugas, por causa de uma paixão ridícula condenada por todos, aquela criatura medonha perseguiu Raghava com suas importunações para a destruição dos titãs, Dushana e Khara.

"Foi por causa dela que Ravana cometeu essa afronta, o rapto fatal de Sita, a filha de Janaka, e provocou a inimizade do implacável e poderoso Raghava.

"Quando o demônio Viradha tentou possuir Vaidehi, ele caiu diante dela sob os golpes de Rama; esse exemplo deveria ter sido suficiente! E quatorze mil titãs de atos terríveis foram cortados em Janasthana pelas flechas de Rama semelhantes a tochas chamejantes, enquanto que, na luta, Khara também foi morto com Dushana e Trishiras por seus dardos que brilhavam como o sol; isso também deveria ter sido suficiente para provar sua bravura!

"Kabandha também, com seus braços de quatro milhas de comprimento, que vivia de sangue, foi morto, apesar de sua fúria e gritos; isso também foi uma demonstração do poder de Rama. Ele matou o filho poderoso daquele deus de mil olhos, o poderoso Bali, que era tão escuro quanto uma nuvem, isso também provou seu valor! E Sugriva, que vivia desconsolado em Rishyamukha, o veículo de suas esperanças quebrado, foi restaurado ao trono por Rama, o que foi mais uma prova de seu poder.

"Todos os titãs aconselharam Ravana para o seu benefício, e Bibishana, conforme seu dever, ofereceu-lhe um bom conselho com palavras razoáveis mas, em sua tolice, aquele monarca os ignorou. Se o irmão mais novo de Dhanada tivesse dado ouvidos a Bibishana, Lanka, que agora se tornou um cemitério, não teria sido devastada.

"Quando ele soube que o poderoso Kumbhakarna tinha sido morto por Raghava e que o invencível Atikaya tinha caído sob os ataques de Lakshmana, como também Indrajita, seu filho amado, Ravana ainda assim permaneceu cego para a verdade!

"'Meu filho, meu irmão, meu senhor pereceu na luta' é o grito ouvido das titânides em todas as famílias. Carruagens, cavalos e elefantes foram derrubados aos milhares pelo poderoso Rama e estão jazendo aqui e ali com os soldados de

infantaria a quem ele também matou. Ele que está nos destruindo é Rudra ou Vishnu ou Mahendra ou o deus de cem sacrifícios sob a forma de Rama, a menos que ele seja o próprio deus da morte! Nós vivemos sem esperança; nossos guerreiros mortos por Rama; nós não vemos fim para os nossos medos e lamentamos a perda dos nossos defensores.

"Por conta das grandes bênçãos que recebeu, Dashagriva parece não ter consciência do perigo terrível que o enfrenta nas mãos de Rama. Nem devas, gandharvas, pisachas ou rakshasas serão capazes de salvá-lo quando ele cair em poder de Rama. Cada vez que Ravana entrou na luta contra Rama presságios pouco auspiciosos apareceram prevendo a sua destruição!

"Quando o avô do Mundo ficou satisfeito com ele, ele recebeu imunidade contra devas, danavas e rakshasas, mas ele não pediu para ser protegido contra os homens. Aqui, sem dúvida, está um daqueles que se revelará fatal para os titãs e Ravana.

"Oprimidos por aquele titã, que estava cheio de arrogância por causa da benção que tinha obtido através de suas penitências severas, os Vibudhas se refugiaram com Brahma e, a fim de ser útil a eles, o magnânimo avô do mundo proferiu estas palavras memoráveis:

"'A partir de hoje os danavas e rakshasas não cessarão de vaguear pelos três mundos atormentados pelo medo constante!'

"Enquanto isso, os deuses com Indra em sua chefia se aproximaram do destruidor de Tripura, o deus cujo veículo é o touro, que os recebeu favoravelmente e, estando satisfeito, Mahadeva disse a eles:

"'Para a sua salvação vai nascer uma mulher que causará a destruição dos titãs! Essa mulher, a quem os deuses empregarão, como antigamente a fome foi usada para acabar com os danavas, será a destruidora dos titãs e de Ravana'. Por raptar Sita em sua perversidade e má conduta Ravana cavou um abismo terrível no qual todos serão tragados! Quem há no mundo que possa nos resgatar? Nós caímos nas mãos de Raghava, que é igual ao Tempo, o Destruidor de Mundos!

"Como elefantes (que estão) presos em uma floresta em chamas, não há refúgio para nós nesse perigo extremo! O magnânimo Bibishana escolheu o momento adequado para se refugiar com ele de quem ele anteviu que o perigo estava por vir".

Assim as consortes daqueles viajantes noturnos lamentaram com gritos agudos, em desespero, mergulhadas em tristeza e terror, com seus braços entrelaçados.

Capítulo 96 – Ravana sai para lutar e encontra maus presságios

De cada residência em Lanka os gritos lancinantes emitidos pelas titânides e seus lamentos de cortar o coração chegavam aos ouvidos de Ravana e, suspirando por um longo tempo, aquele monarca de olhos ferozes refletiu algum tempo e então caiu em uma grande raiva.

Mordendo os lábios, com seus olhos vermelhos de raiva de modo que os próprios titãs não eram capazes de suportar seu aspecto, ele parecia o próprio fogo da dissolução. Com a voz embargada de fúria, ele deu as seguintes ordens aos titãs que estavam próximos, consumindo-os com seu olhar, por assim dizer, e falou:

"Convoquem Mahodara, Mahaparshwa e Virupaksha rapidamente e que tropas partam para a batalha ao meu comando".

A essas palavras, de acordo com a ordem do rei, os titãs, com medo, reuniram os guerreiros e aqueles titãs de aspecto formidável gritaram unanimemente: "Que assim seja!" e tendo realizado muitos ritos de bênção e prestado homenagem a Ravana, aqueles poderosos guerreiros em carros todos reverenciaram seu mestre com palmas unidas, cuja vitória eles desejavam, e partiram para o campo de batalha.

Então Ravana, agitado com fúria, com uma risada zombeteira, disse: "Hoje com minhas flechas, disparadas do arco semelhante ao sol no fim do ciclo do mundo, eu enviarei Raghava e Lakshmana para a residência de Yama! Pela morte de nossos inimigos eu vingarei Khara, Kumbhakarna, Prahasta e Indrajita neste dia!

"Nem o espaço nem os pontos cardeais nem o céu, nem os próprios mares serão visíveis sob a nuvem de flechas com a qual eu os cobrirei. Hoje com meu arco eu cortarei em pedaços os principais dos batalhões de macacos com uma sucessão de meus dardos emplumados. Hoje do alto da minha carruagem, veloz como o vento, eu submergirei o exército de símios sob as ondas de minhas setas com a ajuda de meu arco sob a forma do oceano. Hoje eu serei o elefante que pisoteará aquelas divisões semelhantes a lagos, com lótus abertos os rostos, os estames brilhantes os corpos! Neste dia, com cada flecha disparada em batalha, eu perfurarei as tropas de macacos às centenas, enquanto eles lutam furiosamente com árvores. Por matar o meu adversário hoje, eu secarei as lágrimas de todos aqueles que perderam seus irmãos ou cujos filhos pereceram. Hoje, perfurado por minhas flechas, um número tão grande de macacos jazerá espalhado aqui e ali que, por causa da minha destreza não se poderá discernir a superfície da terra! Hoje os corvos, abutres e animais predadores serão saciados pela carne do inimigo derrubado por meus dardos.

"Que a minha carruagem seja atrelada com toda velocidade e que o meu arco seja trazido imediatamente; que os viajantes noturnos que ainda estão aqui me sigam para a batalha!"

A esse comando, Mahaparshwa deu suas ordens aos líderes do exército, que estavam presentes, dizendo:

"Apressem-se a reunir as tropas!" Nisso, os líderes convocaram os titãs, indo de casa em casa, fazendo todo o circuito de Lanka em um ritmo rápido. Imediatamente todos os titãs de aspecto sombrio correram para fora com um clamor formidável, transportando todos os tipos de armas em suas mãos. Espadas, lanças, cassetetes, maças, martelos, Halas, chuços com pontas afiadas, Kutamudgaras enormes, arpões de todo tipo, discos, Parashvas pontiagudos, Bhindipalas, Shataghnis e várias outras armas. Em seguida, quatro oficiais sob seu comando trouxeram cem mil carruagens para Ravana e trezentos mil elefantes, seis kotis de cavalos, mulas e búfalos e incontáveis soldados de infantaria, todos acelerando para lá por ordem do rei.

Enquanto os líderes reuniam as tropas que podiam ser encontradas na cidade, o condutor do soberano preparou seu carro; e ele estava equipado soberbamente com armas celestes e embelezado com todo tipo de ornamento, abastecido com várias armas, adornado com fileiras de sinos, incrustado com pérolas, brilhante com seus pilares enfeitados com joias e coberto com milhares de pináculos de ouro.

Contemplando-o, todos os titãs foram tomados de extrema admiração e, vendo-o, Ravana, o senhor dos titãs, ascendeu nele e subiu naquele carro brilhando

como uma miríade de sóis, resplandecente como o próprio fogo, e refulgente com seu próprio esplendor. Então Ravana se afastou imediatamente cercado por inúmeros titãs, abaixando a terra por assim dizer com o peso das suas tropas; e, entre os titãs de todos os lados havia um grande ruído de gritos e o som agudo de flautas acompanhadas por tambores pequenos, tambores de guerra e conchas.

"Lá vai o rei dos titãs com seu abanador e dossel, o raptor de Sita, o matador implacável de brâmanes, aquele espinho na carne dos deuses, que está partindo para lutar contra o príncipe da Casa de Raghu!" Tais eram os gritos ouvidos por todos os lados e, no tumulto, a terra tremia enquanto os macacos fugiam aterrorizados.

Enquanto isso, Ravana de braços longos, cercado por seus ministros, marchava adiante, cheio de ardor de combate e certo da vitória. Ao seu comando Mahaparshwa, Mahodara e o indomável Virupaksha subiram em suas carruagens e esses guerreiros, em sua alegria, emitiram gritos de guerra altos o suficiente para abalar a terra e, com brados formidáveis, eles partiram ávidos pela vitória.

O monarca altamente refulgente, cercado por seus batalhões valentes, avançou para a batalha, brandindo seu arco, como Yama na dissolução do mundo, e aquele grande guerreiro, sobre seu carro atrelado a corcéis rápidos saiu através do portão onde Rama e Lakshmana estavam acampados. Naquele momento o sol perdeu seu brilho, os quadrantes foram envolvidos em escuridão, as aves emitiram gritos terríveis, a terra tremeu, os deuses fizeram cair uma chuva de sangue e os cavalos de Ravana tropeçaram, enquanto um urubu pousou no mastro de sua bandeira e chacais sinistros uivaram. Então aquele titã sentiu seu olho esquerdo se contrair e tremores atravessarem seu braço esquerdo, ele empalideceu e sua voz pareceu se extinguir. Quando Dashagriva partiu para lutar, maus augúrios apareceram pressagiando a sua morte; um meteoro caiu do céu com o estrondo do trovão e garças e abutres emitiram gritos lamentosos.

Ravana, no entanto, permaneceu impassível ante os terríveis portentos que apareceram e correu loucamente para a sua destruição, incitado pelo destino.

Ao som dos carros dos titãs, a hoste de rakshasas e o exército de macacos também se prepararam para dar batalha e de todos os lados, impacientes pela vitória, desafiavam uns aos outros.

Enquanto isso, em sua ira, Dashagriva com suas flechas douradas criou devastação entre os macacos, e alguns entre aqueles guerreiros heroicos tiveram suas cabeças cortadas por ele e os corações de outros foram perfurados ou suas orelhas cortadas e alguns caíram sem vida, os flancos de outros sendo rasgados, suas cabeças quebradas ou seus olhos postos para fora. Sempre que o titã de dez cabeças, revirando os olhos furiosamente, virara seu carro na luta, a ferocidade de seus ataques era irresistível para os líderes de seus inimigos.

Capítulo 97 – A luta entre Virupaksha e Sugriva. A morte de Virupaksha

Os cadáveres mutilados dos macacos que haviam caído sob as flechas de Dashagriva estavam amontoados na terra, e os Plavamgamas eram tão incapazes de suportar aquela avalanche irresistível de dardos disparados por Ravana quanto borboletas um fogo ardente. Atormentados por aquelas flechas afiadas, eles fugiam

gritando como elefantes envoltos em chamas e Ravana avançou na luta dispersando-os com seus dardos como o vento dissipa as nuvens.

Tendo, em sua fúria, exterminado aqueles habitantes das matas, aquele Indra entre os titãs correu para encontrar Raghava. Então Sugriva, vendo os macacos cortados em pedaços e derrotados, entregou sua posição para Sushena e se dirigiu para a batalha. Cedendo o comando àquele macaco, que era seu igual em valor, Sugriva saiu ao encontro do inimigo, com uma árvore em sua mão. Ao seu lado e seguindo seus passos marcharam todos os líderes macacos brandindo rochas enormes e todos os tipos de árvores.

Nisso aquele gigante nobre emitiu um grande grito e caiu sobre aquela multidão de titãs, destruindo seus líderes, e aquele monarca poderoso esmagou as divisões de titãs, como no final do ciclo do mundo o vento derruba as grandes árvores; e ele fez cair uma chuva de pedras sobre as divisões de titãs como uma enorme nuvem soltando granizo em meio a um bando de pássaros em uma floresta. Sob a avalanche de pedras atiradas pelo rei dos macacos, os titãs, com suas cabeças despojadas de suas orelhas, caíam como montanhas desmoronando, e enquanto os titãs estavam sendo derrotados por Sugriva, que os estava esmagando enquanto caíam, eles gritaram. Em seguida, Virupaksha, armado com seu arco, proclamando seu nome, saltou da sua carruagem e aquele titã indomável montou em um elefante e, avançando nele, cheio de vigor, emitiu um grito terrível e se atirou sobre os macacos. Então ele derramou uma chuva de dardos formidáveis sobre Sugriva na vanguarda da batalha e deteve a derrota dos titãs, revivendo sua coragem.

Crivado de ferimentos das flechas afiadas dos titãs, aquele Indra dos macacos, uivando de raiva, resolveu matá-lo e brandindo uma árvore, aquele macaco valente e indomável saltou para frente e atingiu a cabeça enorme do elefante do adversário, e sob a virulência do golpe o grande elefante caiu emitindo gritos altos.

Em seguida o titã corajoso pulou das costas do animal atordoado e, virando-se contra o macaco, se jogou em cima dele, mas ele, vestido em armadura coberta com a pele de um touro, desembainhando sua espada, com um passo rápido, avançou desafiadoramente em Sugriva que permanecia firme, esperando. Então Sugriva recebeu o impacto de Virupaksha, e depois lançou uma grande rocha como uma nuvem, no que aquele leão entre os titãs, vendo a pedra caindo, saltou de lado e, cheio de valentia, golpeou o macaco com sua espada. Perfurado pela espada do titã valente, o macaco jazeu no chão por um tempo privado de consciência, então, de repente, levantando-se na grande luta, ele girou o punho repetidas vezes, baixando-o violentamente no peito do titã.

Ferido por seus golpes, o viajante noturno, enfurecido, com sua espada cortou a armadura de Sugriva na vanguarda da batalha e, sob o choque, ele caiu de joelhos. Então o macaco, levantando-se, deu no titã um golpe terrível que ressoou como trovão, mas Virupaksha o evitou habilmente e, com o punho, atingiu Sugriva no peito.

Em seguida, o rei macaco ficou ainda mais furioso e, vendo que o titã tinha aparado seu golpe, procurou uma oportunidade para atacá-lo. Em sua raiva, ele desferiu-lhe um golpe violento na têmpora como o raio de Indra, que o derrubou ao chão, o sangue fluiu de sua boca cobrindo-o como água de uma torrente de montanha. Revirando os olhos em fúria, espumando pela boca e banhado em

sangue, ele parecia mais disforme[474] do que nunca e os macacos viram seu inimigo coberto de sangue, tremendo, e rolando de um lado ao outro emitindo gritos queixosos.

Enquanto isso, os dois exércitos valentes de macacos e titãs, que estavam lutando entre si, começaram a criar um tumulto terrível como dois mares que tinham rompido suas margens.

Na presença do titã todo-poderoso, que tinha sido morto pelo rei dos macacos, a multidão variada de macacos e titãs parecia o Ganges na cheia.

Capítulo 98 – Mahodara é morto por Sugriva

Nessa luta terrível, ambos os exércitos desapareceram gradualmente sob os golpes um do outro, como dois lagos secando sob o calor do verão. A destruição de suas tropas e a morte de Virupaksha redobrou a fúria do senhor dos titãs. Vendo seu exército dizimado e destruído pelos macacos, ele reconheceu que o destino estava se opondo a ele e ficou apreensivo.

Então ele abordou Mahodara, que estava perto dele, dizendo: "De agora em diante, ó guerreiro de braços longos, tu és a minha única esperança de vitória! Vai, triunfa sobre as tropas inimigas! Mostra o teu heroísmo hoje; chegou a hora de retribuir os favores que o teu senhor te concedeu! Luta bravamente!"

A essas palavras, aquele principal dos titãs, Mahodara, respondeu: "Assim seja!" e correu para o exército do inimigo como uma borboleta para uma chama. Então aquele titã extremamente poderoso, cujo ardor tinha sido estimulado pelas palavras de seu mestre e também por conta do seu próprio valor natural, começou a criar carnificina entre os macacos.

De seu lado, os macacos nobres de coração, se armando com pedras enormes, penetraram nas fileiras dos titãs temíveis e mataram todos eles. E Mahodara, no auge da fúria, com suas flechas douradas cortou as mãos, pés e coxas dos macacos na grande luta e eles, após uma luta dura com os titãs, fugiram para diferentes quadrantes, alguns se refugiando com Sugriva.

Testemunhando a derrota de seu exército poderoso, Sugriva avançou em Mahodara e o senhor dos macacos, agarrando uma rocha imensa e formidável semelhante a uma colina, a jogou nele com grande força, para esmagá-lo.

Vendo a pedra caindo, Mahodara, impassível, cortou-a em pedaços com suas flechas. Sob os dardos do titã ela caiu ao chão em mil fragmentos de modo que parecia um bando de urubus amedrontados. Vendo a rocha quebrada, Sugriva, louco de raiva, arrancou uma árvore Sala e atirou-a em seu adversário, que a partiu em muitos pedaços. Com suas flechas, aquele herói, o flagelo de seus inimigos, quebrou a árvore, depois do que Sugriva, observando uma estaca de ferro jazendo no chão, brandiu a barra flamejante diante dos olhos do titã e, com um golpe extremamente violento, derrubou seus corcéis excelentes.

Pulando de seu grande carro, sua parelha de cavalos tendo sido morta, o valente Mahodara, altamente provocado, pegou uma maça e os dois guerreiros, um armado com uma barra de ferro e o outro com uma maça, se aproximaram um do outro, berrando como touros, parecendo duas nuvens carregadas de relâmpagos.

[474] Um trocadilho com a palavra Virupaksha, que significa 'torcido'.

Em fúria, o viajante noturno, com sua maça brilhante resplandecendo como o sol, avançou em Sugriva e, quando a maça terrível estava caindo sobre ele, o líder dos macacos, extremamente valoroso, com os olhos vermelhos de raiva, ergueu sua arma e golpeou, no que a barra instantaneamente caiu ao chão despedaçada. Então, Sugriva, fervendo de raiva, pegou do solo um cassetete imenso dourado em todos os lados e, brandindo-o, atirou-o contra a maça, atingindo-a, no que, após o impacto, os dois mísseis se partiram em pedaços e caíram no campo.

Com suas armas despedaçadas, os dois guerreiros atacaram uns aos outros com golpes de seus punhos e, cheios de ardor e força, pareciam dois braseiros acesos. Em meio a gritos altos, eles atacaram um ao outro, tendo trocado golpes, e rolaram sobre a terra.

Pulando para o alto imediatamente, os dois pugilistas, grandes campeões, castigadores de seus inimigos, esgotaram um ao outro, após o que cada um se apoderou de uma espada que estava ao alcance e, cheios de raiva, jogaram-se um sobre o outro, com suas armas erguidas. Então aqueles dois guerreiros vivazes e experientes se moveram rapidamente da esquerda para a direita um do outro, cada um procurando matar seu oponente. Entretanto, o corajoso, impetuoso e cruel Mahodara, orgulhoso de sua força, perfurou a armadura pesada de Sugriva com sua espada após o que a arma quebrou com o impacto. Então aquele elefante entre os macacos, com a sua própria espada, cortou a cabeça do titã portando um elmo e enfeitada com brincos.

Vendo seu líder jazendo sem cabeça no chão, todo o exército de titãs se dissipou e, tendo matado Mahodara, o macaco com suas tropas começou a festejar, pelo que Dashagriva ficou furioso e Raghava se encheu de alegria.

Com semblante abatido, todos os titãs, subjugados, fugiram loucos de terror, mas o filho de Surya,[475] tendo abatido Mahodara, que parecia parte de uma grande montanha, brilhava com esplendor como aquele próprio orbe com seu brilho inextinguível. E as hostes de deuses, siddhas, yakshas e também os seres que se movem na superfície da terra, olharam com grande prazer para o rei dos macacos, que tinha obtido aquela vitória suprema.

Capítulo 99 – O combate entre Angada e Mahaparshwa

Mahodara tendo sido derrotado por Sugriva, o todo-poderoso Mahaparshwa olhou para seu matador com os olhos vermelhos de raiva e, com suas flechas, começou a semear desordem nas fileiras formidáveis de Angada; e como o vento destaca um fruto de seu caule assim aquele titã cortava os membros superiores dos principais macacos. Com seus dardos, ele cortava os braços de alguns e, cheio de ira, perfurava os flancos de outros. Oprimidos por aquelas flechas, que Mahaparshwa disparava neles, os macacos empalideciam de medo e perdiam a coragem.

Então Angada, querendo dar um pouco de descanso às suas tropas, que tinham sido pisoteadas e dizimadas por aquele titã, saltou para o alto cheio de fúria como o oceano no dia da maré cheia. Agarrando uma barra de ferro que brilhava como os raios do sol, aquele príncipe dos macacos atingiu Mahaparshwa na luta e

[475] Sugriva.

ele, perdendo a consciência, caiu de seu carro, seu condutor tendo sido morto, e jazeu sem sentidos no chão.

Então, o poderoso rei dos ursos que se assemelhava a uma pilha de antimônio preto e era extremamente poderoso, armando-se com uma enorme rocha semelhante ao pico de uma montanha, caminhou à frente de seu batalhão, que parecia uma nuvem, e com um golpe furioso derrubou os cavalos e despedaçou a carruagem do titã.

Mahaparshwa, no entanto, recuperando a consciência, ergueu-se num instante e, com seu grande vigor, perfurou Angada com inúmeras flechas repetidamente e atingiu Jambavan o rei dos ursos com três lanças em cheio no peito, ferindo Gavaksha com inúmeras setas. Então Angada, que estava cheio de raiva, pegou uma estaca enorme e com aquela barra de ferro, brilhante como os raios do sol, o filho de Bali, com os olhos vermelhos de raiva, agarrando-a com as duas mãos e brandindo-a com força, com a intenção de matá-lo, lançou-a em Mahaparshwa, que estava a alguma distância.

Jogada com força, a barra derrubou o arco com suas flechas da mão do titã e cortou seu capacete, após o que Angada, com um único salto, fervendo de raiva, atingiu no titã um golpe com o punho cerrado na orelha, que estava enfeitada com um brinco.

Enfurecido, o valente e ilustre Mahaparshwa agarrou um grande machado em uma mão e com aquela arma inoxidável lavada em óleo, feita de pedra sólida, o titã, num acesso de fúria, atingiu seu antagonista violentamente, mas o golpe, caindo no ombro esquerdo, resvalou em sua armadura. Então Angada, igual a seu pai em bravura, furioso, ergueu seu punho que era tão poderoso quanto o raio e, conhecendo as partes vitais do corpo, desferiu um golpe como o raio de Indra no peito do titã, perto de seu coração.

Nisso, o titã, com o coração dilacerado pelo choque, caiu morto naquele vasto campo de batalha, e vendo-o jazendo estendido na terra sem vida seu exército se assustou, enquanto Ravana caiu em um acesso de raiva.

Então os macacos com Angada emitiram um rugido alegre que ressoou por toda parte, abalando os portões e torres de Lanka por assim dizer. Os deuses também com seu rei emitiram um grande grito e aquele inimigo de Indra, o senhor dos titãs, enfurecido ao ouvir o imenso alvoroço entre os habitantes das regiões celestiais e das florestas, resolveu entrar na luta mais uma vez.

Capítulo 100 – Rama e Ravana lutam com armas mágicas

Vendo Mahodara e Mahaparshwa mortos e, apesar de sua grande força, o valente Virupaksha também abatido, uma grande raiva tomou conta de Ravana, que incitou seu auriga com estas palavras:

"Ao matar Rama e Lakshmana eu removerei esse duplo flagelo, a causa da morte de meus partidários fiéis e o cerco da cidade. Na luta eu cortarei Rama, aquela árvore da qual Sita é a flor e o fruto, cujos ramos são Sugriva, Jambavan, Kumuda, Nala, também Dvivida, Mainda, Angada, Gandhamadana, Hanuman, Sushena e todos os macacos principais ".

Então aquele poderoso guerreiro em carro, que fazia as dez regiões ressoarem, dirigiu-se rapidamente para Raghava com sua carruagem, e a terra, com

seus rios, montanhas e florestas tremeu com o tumulto, e os leões, gazelas e aves que a habitavam foram tomados de terror.

Então Ravana empregou uma arma escura e mágica que era formidável e apavorante e com ela ele consumiu os macacos, que correram para lá e para cá. Em meio à poeira levantada pelos seus batalhões, pois eles eram incapazes de suportar aquela arma criada pelo próprio Brahma, Raghava, vendo aquelas inúmeras divisões se refugiando em inúmeros lugares, perseguidas pelas flechas poderosas de Ravana, ficou pronto esperando.

Enquanto isso aquele tigre entre os titãs, tendo desbaratado o exército de macacos, viu Rama de pé lá invicto com seu irmão Lakshmana, como Vasava com Vishnu, e Rama parecia tocar o céu por assim dizer enquanto ele esticava o seu grande arco, e aqueles heróis com olhos tão grandes quanto pétalas de lótus tinham braços longos e eram os conquistadores de seus inimigos.

De seu lado o extremamente ilustre e valente Rama, que estava acompanhado por Saumitri, vendo Ravana oprimir os macacos na luta, alegremente pegou o centro de seu arco e imediatamente começou a curvar aquela arma excelente que era firme e sonora, rasgando a terra por assim dizer.

Ao som de Ravana disparando uma miríade de setas e de Rama esticando seu arco os titãs caíram ao chão às centenas! Então Ravana, chegando à distância de um arco dos dois príncipes, parecia Rahu na presença do sol e da lua. Desejando ser o primeiro a entrar em combate, Lakshmana com suas flechas afiadas, tendo-as colocado em seu arco, disparou suas setas semelhantes a chamas de fogo. Mal aquele arqueiro tinha disparado seus dardos no ar o extremamente enérgico Ravana os deteve em seu curso, cortando um com um, três com três e dez com dez, demonstrando assim a sua leveza de mão. Saltando sobre Saumitri, aquele guerreiro triunfante, Ravana, se aproximou de Rama no conflito, que estava pronto como uma montanha que não se pode escalar. Caindo sobre Raghava, com seus olhos vermelhos de raiva, o senhor dos titãs disparou uma chuva de flechas sobre ele, mas, com o auxílio de suas flechas afiadas, Raghava cortou aqueles inúmeros dardos que flamejavam de modo formidável e pareciam cobras venenosas.

Então Raghava atacou Ravana com golpes redobrados e Ravana atacou Raghava e eles perfuraram um ao outro com uma saraivada de mísseis variados e penetrantes e, por um longo tempo, descreveram círculos maravilhosos em volta um do outro da esquerda para a direita, oprimindo um ao outro com flechas velozes, ambos permanecendo invictos. E todos os seres estavam aterrorizados testemunhando aquele duelo violento entre aqueles dois arqueiros formidáveis, iguais a Yama e Antaka. O céu estava coberto de nuvens partidas por relâmpagos e o firmamento ficou, por assim dizer, perfurado com buracos por uma chuva de flechas rodopiantes de extrema velocidade, providas de pontas afiadas, adornadas com plumas de garça. Com seus dardos, eles primeiro obscureceram o céu como quando o sol se retira atrás das montanhas Astachala e duas grandes nuvens aparecem de repente.

Depois, entre aqueles dois guerreiros, cada um buscando matar o outro, uma luta incomparável e inimaginável se seguiu semelhante ao duelo entre Vritra e Vasava. Ambos estavam equipados com arcos excelentes, ambos eram guerreiros habilidosos, ambos traziam conhecimento excepcional na ciência das armas para a luta. Em todas as suas manobras eles eram seguidos por um rio de flechas como as ondas em dois oceanos que são açoitados por uma tempestade.

Então, com uma mão hábil, Ravana, o destruidor dos mundos, visando a testa de Rama, disparou uma formidável sucessão de setas de ferro de seu arco, que

Rama recebeu impassível em sua cabeça como uma guirlanda de folhas de lótus. Então, recitando uma fórmula sagrada, armando-se com a arma de Rudra e escolhendo um grande número de lanças, cheio de ira, o ilustre Raghava curvou seu arco e disparou com força aquelas armas em rápida sucessão contra aquele Indra dos titãs, mas aqueles dardos caíram sem romper a armadura de Ravana, que, como uma imensa nuvem, permaneceu impassível.

Então Rama, hábil no uso de armas, atingiu Ravana novamente na testa, enquanto ele estava em seu carro, com setas às quais ele tinha unido uma arma fenomenal, e parecia como se serpentes de cinco cabeças na forma de dardos estivessem penetrando sibilando na terra repelidas por Ravana a quem elas procuravam devorar. Então, depois de ter anulado a arma de Raghava, Ravana, num assomo de raiva, armou-se por sua vez com a terrível arma Asura que ele disparou unida a flechas afiadas e terríveis com pontas imensas, tendo as cabeças de leões, tigres, garças, gansos, abutres, falcões, chacais e lobos ou parecendo serpentes de cinco cabeças. Outras tinham as cabeças de burros, javalis, cães, galos, monstros aquáticos e répteis venenosos, e aquelas flechas afiadas eram criação do seu poder mágico. Atingido pelas flechas asúricas, aquele leão entre os Raghus, ele que parecia o próprio deus do fogo, respondeu com o dardo Agneya que era cheio de poder e a esse ele uniu setas de todos os tipos com pontas que queimavam como fogo e que pareciam sóis, planetas e estrelas em matiz ou grandes meteoros semelhantes a línguas de fogo. Aqueles mísseis formidáveis pertencentes a Ravana colidindo contra aqueles disparados por Rama se desintegraram no espaço e foram aniquilados aos milhares.

Então todos os macacos valentes com Sugriva em sua dianteira, capazes de mudar de forma à vontade, vendo a arma do titã destruída por Rama de karma imperecível, emitiram aclamações alegres e fizeram um círculo em volta dele.

Então o filho magnânimo de Dasaratha, o descendente de Raghu, tendo destruído a arma disparada pelo próprio braço de Ravana, encheu-se de felicidade, enquanto os líderes dos macacos prestaram homenagem a ele com alegria.

Capítulo 101 – Ravana foge de Rama

Sua arma tendo sido destruída, Ravana, o rei dos titãs, cuja fúria redobrou, em sua ira instantaneamente produziu outra; e ele disparou a temível arma de Rudra, forjada por Maya, em Raghava. Depois disso, a partir de seu arco, inúmeras lanças, maças, barras flamejantes duras como diamante, malhos, martelos, correntes e cassetetes com pontas, como raios de fogo, emergiram como tempestades na dissolução dos mundos.

Então o glorioso Raghava, o mais hábil no conhecimento de flechas excelentes, aquele guerreiro de grande renome, quebrou aquela arma com o auxílio do magnífico dardo gandharva, e quando ela foi despedaçada pelo magnânimo Raghava, Ravana, com os olhos vermelhos de fúria, disparou sua arma solar ao que discos enormes e brilhantes emergiram do arco do hábil Dashagriva de coragem formidável, que, caindo, iluminaram o céu por todos os lados, e os quatro quadrantes foram consumidos pela queda daqueles dardos flamejantes que pareciam o sol, a lua e as estrelas.

Com uma massa de flechas Raghava destruiu aqueles discos e dardos disparados por Ravana na linha de frente da batalha e, vendo sua arma quebrada,

Ravana, o senhor dos titãs, com dez flechas atingiu Rama em suas partes vitais. Atingido pelas dez flechas que Ravana tinha atirado do seu grande arco, o extremamente enérgico Raghava não vacilou e, por sua vez, aquele príncipe vitorioso, no auge da raiva, perfurou Ravana em todos os seus membros com a ajuda de inúmeros dardos.

Naquele instante, o irmão mais novo de Raghava, o valente Lakshmana, matador de guerreiros hostis, armou-se com sete flechas e, com aquelas setas extremamente rápidas, aquele príncipe ilustre cortou o estandarte de Ravana em muitos lugares, que tinha a imagem da cabeça de um homem. Com uma única flecha, o afortunado Lakshmana de vigor imenso cortou a cabeça adornada com brincos brilhantes do titã que dirigia o carro, e com cinco setas afiadas cortou o arco semelhante à tromba de um elefante que pertencia ao rei dos titãs.

Então Bibishana, saltando para frente, com sua maça matou os belos cavalos de Ravana que eram tão altos quanto colinas e pareciam nuvens escuras em cor, ao que Dashagriva, saltando rapidamente de seu carro, cujos cavalos tinham sido mortos, encheu-se de ira extrema contra seu irmão, e aquele monarca poderoso e vivaz arremessou uma lança flamejante em Bibishana semelhante a um raio, mas antes que ela atingisse seu alvo Lakshmana a cortou com três flechas, após o que uma grande aclamação ergueu-se dentre os macacos naquela luta formidável, e aquela lança, envolta em ouro, caiu quebrada em três fragmentos como um grande meteoro caindo do céu em meio a uma chuva de faíscas flamejantes.

Então o titã, aquele poderoso Ravana de alma perversa, armou-se com outra lança superior e testada à qual a própria Morte acharia difícil resistir e que era de tamanho imenso e brilhava com sua própria refulgência. Brandida com violência pelo poderoso Ravana de alma perversa ela emitia um brilho lúrido de modo que ela parecia um raio bifurcado.

Enquanto isso o valente Lakshmana, percebendo que Bibishana estava em risco de vida, colocou-se rapidamente na frente dele e aquele herói, esticando seu arco, com uma chuva de dardos perfurou Ravana, que estava esperando para descarregar a arma que tinha em sua mão. Sob a chuva de flechas com a qual o corajoso Saumitri o oprimiu, frustrando assim o seu plano, o titã não mais pensou em golpeá-lo em retorno. Vendo que ele tinha preservado a vida de seu irmão, Ravana, que estava diante dele, se dirigiu a ele desta maneira:

"Ó tu cuja força te torna arrogante, já que tu protegeste esse titã a minha lança cairá sobre ti; tendo perfurado o teu coração, essa arma ensanguentada que o meu braço, igual a uma barra de ferro, vai lançar em ti te roubará os ares vitais e voltará para a minha mão".

Assim falou Ravana, e em um acesso de raiva, apontando aquela picareta adornada com oito sinos extremamente sonoros, criada magicamente por Maya, que era infalível, a matadora de seus inimigos, cujo esplendor lançava chamas por assim dizer, arremessou-a em Lakshmana com um grito poderoso. Disparada com violência terrível e um som de trovão, aquela lança caiu com força em Lakshmana na linha de frente da batalha.

Então Raghava procurou mitigar o poder daquela arma e disse: "Que a boa sorte esteja com Lakshmana! Que esse impacto mortal seja anulado!"

Lançada pelo titã enfurecido sobre aquele herói invencível, a lança que parecia uma cobra venenosa, caindo com extrema violência, penetrou em seu grande peito e era tão brilhante que parecia a língua do rei das serpentes. Disparada com força por Ravana, aquela lança penetrou profundamente no corpo de Lakshmana que, com seu coração trespassado, caiu ao chão.

Vendo Lakshmana nessa condição, próximo a quem ele estava, o extremamente poderoso Raghava, cheio de solicitude por seu irmão, sentiu seu coração ferido, mas depois de um instante de reflexão, com os olhos cheios de lágrimas, enfurecido como Pavaka na dissolução do mundo, ele pensou 'Esse não é o momento para lamentações' e então entrou mais uma vez no conflito temível, decidido a fazer uma tentativa suprema de matar Ravana.

Com os olhos fixos em seu irmão, Rama viu como ele tinha sido perfurado com uma lança na grande luta e estava coberto de sangue, parecendo uma montanha com seus répteis. E os mais vigorosos dos macacos procuraram tirar aquela arma disparada pelo poderoso Ravana, embora eles fossem oprimidos por uma chuva de setas lançadas pelo rei dos titãs; a lança, no entanto, tendo atravessado o corpo de Saumitri tinha penetrado na terra. Então Rama, com suas mãos poderosas agarrou aquela lança e, em sua ira, a quebrou, jogando os fragmentos a uma grande distância e, enquanto ele a tirava, Ravana perfurou todos os seus membros com suas flechas que perfuravam a sua própria medula. Ignorando esses dardos, Rama abraçou Lakshmana e disse a Hanuman e ao macaco poderoso Sugriva:

"Ó principais dos macacos! Reúnam-se em volta de Lakshmana! Ó rei dos macacos, chegou a hora de eu demonstrar minha destreza! Por muito tempo eu tenho procurado essa ocasião! Que o perverso Dashagriva de façanhas infames pereça! O meu anseio parece o da ave Chatak[476] ao ver as nuvens no fim do verão. Em breve, eu te juro, ou Ravana ou Rama deixará de existir no mundo! Vocês são testemunhas disso! A perda do reino, minha permanência na floresta e minhas andanças na floresta de Dandaka, o insulto oferecido a Vaidehi, meu confronto com os titãs, o grande e terrível infortúnio que me visitou, esse tormento semelhante ao inferno acabará hoje quando eu matar Ravana no campo de batalha! Ele por cuja causa eu levei o exército de macacos em minha esteira, tendo instalado Sugriva, quando eu tinha matado Bali em campo aberto, e por cuja causa cruzei o oceano, tendo lançado uma ponte sobre ele, aquele canalha hoje entrou no meu campo de visão e portanto, deixará de viver. Aparecendo diante de mim, Ravana não pode sobreviver mais do que aquele que vem à presença de uma serpente cujo olhar é venenoso ou uma cobra caindo sob o olhar de Vainateya. Sejam testemunhas tranquilas do meu combate com Ravana, ó invencíveis, principais dos macacos; sentem-se na borda da montanha. Hoje nesse duelo os três mundos com os gandharvas, os siddhas e os charanas vão reconhecer os atributos de Rama! Eu realizarei uma façanha que o mundo com todos os seres que se movem ou não se movem, como também os deuses, vão contar enquanto a terra existir!"

Falando assim Rama começou a disparar suas flechas penetrantes embelezadas com ouro em Dashagriva. De seu lado, Ravana, como uma nuvem da qual a chuva cai, derramou setas e cassetetes com violência em Rama. E um forte barulho surgiu quando, para matar um ao outro, aquelas flechas maravilhosas foram disparadas por Rama e Ravana. Cortadas e dispersas, as flechas com pontas flamejantes atiradas por Rama e Ravana caíam do céu sobre a terra, e a vibração de seus arcos, causando grande terror entre todos os seres, era espantoso de se ouvir. Então aquela chuva extraordinária de mísseis, que o herói poderoso disparava em fluxos contínuos de seu arco ardente, oprimiram Ravana que, aterrorizado, pôs-se em fuga como uma grande nuvem impelida diante da tempestade.

---

[476] É dito que essa ave só sacia sua sede em uma estação específica.

Capítulo 102 – A recuperação milagrosa de Lakshmana

Vendo o corajoso Lakshmana deitado no campo de batalha encharcado em sangue, derrubado pela lança disparada pelo poderoso Ravana, Rama entrou em um duelo terrível com aquele titã cruel a quem ele oprimiu com uma saraivada de flechas. Então ele se dirigiu a Sushena e disse:

"O valente Lakshmana, derrubado pela implacável Ravana, está se contorcendo como uma serpente, enchendo-me de angústia! Quando eu vejo aquele herói, mais querido para mim do que a própria vida, como, em minha aflição, eu posso encontrar força para lutar? Se o meu irmão, que é dotado de marcas auspiciosas, aquele guerreiro orgulhoso, retornar aos cinco elementos, para que me servirão a vida ou a prosperidade? A minha bravura está diminuindo por assim dizer e o meu arco parece estar caindo das minhas mãos; as minhas flechas estão sem corte, meus olhos cegos por lágrimas, meus membros estão pesados como quando se está dominado pelo sono, meus pensamentos vagueiam e eu anseio morrer! Nessa extrema infelicidade na qual estou mergulhado, lamentando, minha mente distraída ao ver meu irmão, que está emitindo gritos inarticulados, jazendo na poeira do campo de batalha, abatido pelo perverso Ravana, vítima do sofrimento e gravemente ferido em seus órgãos vitais, mesmo a vitória não pode me trazer felicidade, ó herói. Se a lua está escondida da vista que alegria ela pode dar? De que serve lutar? Qual propósito é servido por viver? O combate já não tem qualquer significado, uma vez que Lakshmana está jazendo morto na frente de batalha. Como aquele guerreiro ilustre me seguiu quando me retirei para a floresta assim eu vou segui-lo agora para a morada da morte.

"Sempre afetuoso com seus parentes, ele era invariavelmente dedicado a mim; eu fui levado a essa situação pelos titãs que fizeram uso de magia na luta. Esposas podem ser encontradas em todo lugar e em todo lugar pode-se encontrar amigos, mas eu não vejo nenhum lugar onde se poderia encontrar um irmão tão querido. Sem Lakshmana de que me servirá governar um reino, ó guerreiro invencível? O que eu direi para Sumitra que ama seu filho tão ternamente? Eu não poderei suportar as críticas que ela dirigirá a mim. O que eu direi para minha mãe Kaushalya ou mesmo para Kaikeyi? Que resposta eu darei a Bharata e ao extremamente poderoso Shatrughna? Tendo ido com ele para a floresta, como eu posso voltar sem ele? Seria melhor morrer do que sofrer a censura de minha família. Qual pecado eu cometi em uma vida anterior que meu irmão virtuoso está agora jazendo morto diante dos meus olhos? Ó meu irmão, ó principal dos homens, ó primeiro dos heróis, ó príncipe, por que, me abandonando, tu irás para as outras regiões? Como é que tu não respondes a mim que estou lamentando? Levanta, olhar ao teu redor, porque tu permaneces deitado aí? Testemunha a minha dor com teus próprios olhos! Em meu desespero, sê meu consolador, ó guerreiro de braços longas, oprimido como estou pela angústia, vagando perturbado em meio os bosques e montanhas".

Enquanto Rama falava assim, dominado pela aflição, Sushena, para consolá-lo, o abordou com estas palavras bem ponderadas:

"Ó tigre entre os homens, abandona essa ideia que te causa dor, esse pensamento que perfura o teu coração como um dardo na frente de batalha. Além disso, Lakshmana, o aumentador de prosperidade, não se reuniu aos cinco elementos, pois suas feições não mudaram e ele não está pálido, em vez disso o seu semblante está sereno e belo! Observa como as palmas das suas mãos lembram as pétalas de um lótus e seus olhos estão brilhantes. Aqueles que se

apresentam assim não abandonaram a vida, ó senhor de todos os homens! Não te aflijas, ó herói, conquistador de teus inimigos, Lakshmana vive, e as provas são as várias batidas de seu coração unidas com seus suspiros embora o seu corpo esteja estendido no chão".

Assim falou o extremamente sagaz Sushena para Raghava e depois disso ele se dirigiu ao grande macaco Hanuman, que estava perto e disse:

"Ó amigo, parte rapidamente, vai para a montanha Mahodaya! Anteriormente tu ouviste Jambavan falar dela, ó guerreiro. No pico sul crescem ervas curativas, as plantas chamadas Vishalyakarani, Savarnyakarani, Samjivakarani e também Samdhani de grande virtude. Traze-as de volta, ó guerreiro, para reviver aquele herói, Lakshmana".

A essas palavras, Hanuman se dirigiu para a montanha das ervas, mas lá ele ficou ansioso, pois aquele macaco ilustre não podia reconhecer aquelas plantas medicinais. Então veio a Maruti, cuja força era imensurável, o pensamento: 'Vou levar de volta o pico da montanha, pois é sobre o cume que as ervas auspiciosas estão crescendo, pelo menos eu deduzo isso a partir do que Sushena disse. Se eu voltar sem ter colhido a Vishalyakarani, a perda de tempo se revelará fatal e uma grande desgraça se seguirá'.

Refletindo dessa forma, o poderoso Hanuman apressou-se em seu caminho e, quando chegou àquela montanha alta, ele sacudiu o topo três vezes e, tendo-o partido, o balançou, com suas árvores numerosas em plena floração de fragrância variada, em suas duas mãos.

Depois disso, como uma nuvem escura carregada de chuva, aquele macaco saltou para o ar levando o pico da montanha e voltou com grande pressa, descendo-o e, tendo descansado um pouco, ele disse a Sushena:

"Eu não conheço as plantas medicinais, ó touro entre os macacos, aqui está todo o topo que eu te trouxe!"

Ao ouvir essas palavras do filho de Pavana, Sushena, o principal dos macacos, tendo arrancado a erva, tomou posse dela, e houve grande espanto entre os macacos ao testemunharem a façanha de Hanuman que até os próprios deuses só poderiam ter realizado com dificuldade.

Em seguida, o principal dos macacos, Sushena, tendo esmagado aquela erva, segurou-a nas narinas de Lakshmana e, ao inalá-la, aquele príncipe, o flagelo de seus inimigos, que estava crivado de flechas, imediatamente levantou-se do chão livre dos dardos e de seus sofrimentos. Enquanto isso os macacos vendo-o de pé gritaram 'Excelente! Excelente!' e, cheios de alegria, prestaram homenagem a ele.

Então Rama, o matador de seus inimigos, disse a Lakshmana: "Vem, Vem!" e, abraçando-o, apertou-o perto de seu coração, com seus olhos molhados de lágrimas. Então, tendo-o abraçado, Raghava disse a Saumitri: "Ó herói, que a boa fortuna te veja voltar dos mortos! Não, seguramente nem a vida nem Sita nem a vitória tinham qualquer atração para mim; em verdade que razão eu tinha para viver já que tu tinhas retornado aos cinco elementos?"

Então Lakshmana, aflito, respondeu ao magnânimo Raghava que tinha falado assim e, com a voz trêmula de emoção, disse:

"Vinculado pelo teu voto, ó tu que tens a verdade como tua destreza, não cabe a ti proferir tais palavras covardes! Além disso, aqueles que falam com sinceridade não anulam uma promessa e a prova que eles dão é o cumprimento de seu voto! Tu não deves ceder ao desespero por minha causa, ó herói irrepreensível! Que tu possas cumprir a tua palavra pela morte de Ravana nesse dia. Não, quando ele chegar ao alcance das tuas setas, o teu adversário não deve retornar vivo, como

um grande elefante não pode viver quando ele cai sob o dente afiado de um leão rugidor. Eu desejo ver aquele canalha perecer antes que o orbe do dia se retire atrás da montanha Astachala, com sua tarefa cumprida. Se tu procuras a morte de Ravana no campo de batalha, se tu desejas cumprir teu dever e se tu aspiras a recapturar a princesa, ó herói ilustre, faze o que eu te digo sem demora".

Capítulo 103 - Rama e Ravana recomeçam seu combate

Ouvindo as palavras de Lakshmana, o valente Raghava, o destruidor de guerreiros hostis, à frente de suas tropas, pegou seu arco e esticando-o fez uma chuva de suas flechas formidáveis cair sobre Ravana.

De seu lado, o senhor dos titãs, sobre sua carruagem, avançou em Kakutstha, como Svarbhanu em Bhaskara; e Dashagriva, de pé em seu carro, atacou Rama com dardos semelhantes ao relâmpago, como uma grande nuvem cobre uma enorme montanha com suas águas. Então Rama, com suas flechas que eram decoradas com ouro e pareciam tições ardentes, oprimiu Dashagriva com elas no campo de batalha.

Nisso os deuses, gandharvas e kinnaras declararam: "Esse combate é desigual, Rama está a pé, enquanto o titã está em uma carruagem!" após o que o principal dos deuses, o bem-aventurado Shakra, tendo ouvido as palavras dos imortais, chamou Matali até ele e disse: "Com a minha carruagem vai rapidamente para onde o ilustre Raghava está lutando a pé! Vai para o campo de batalha e o convida a subir nesse carro; presta esse serviço notável para os deuses!"

Após essa ordem de seu rei, Matali, o auriga celeste, curvando-se, respondeu, dizendo: "Com toda velocidade eu vou cumprir meu dever como auriga!"

Então ele atrelou os cavalos baios ao mais belo dos carros, cujo corpo feito de ouro e enfeitado com centenas de sinos pequenos, com suas hastes de esmeralda, brilhava como o sol nascente, e estava jungido a corcéis excelentes malhados mosqueados de branco, ajaezados com ouro, com suas capas reluzentes como o orbe do dia. Um estandarte flutuava em um mastro dourado sobre aquele carro maravilhoso pertencente a Indra e, sob a ordem do rei dos deuses, Matali subiu nele e, deixando as regiões celestes, foi ao encontro de Kakutstha. Armado com um chicote, em pé no carro, Matali, o auriga do deus de mil olhos, tendo prestado homenagem a ele com as palmas unidas, disse a Rama:

"Saharaksha,[477] ó Kakutstha, ó famoso destruidor de teus inimigos, te emprestou este carro para que tu sejas vitorioso! Aqui também está o grande arco de Indra, seu escudo brilhante como fogo, suas flechas brilhantes como o sol e sua lança vistosa bem polida! Sobe na carruagem, ó guerreiro, e comigo como teu auriga triunfa sobre o titã Ravana, como Mahendra triunfou sobre os danavas!"

Assim abordado, Rama cujo esplendor ilumina os mundos circungirou o carro e, curvando-se, subiu nele. Depois disso um combate extraordinário de carros se seguiu entre Rama de braços longos e o titã Ravana, de arrepiar.

Raghava, hábil no uso de flechas poderosas, lutou com o rei dos titãs, usando arma gandharva contra arma gandharva e seta celeste contra seta celeste. Então o nobre viajante noturno, num acesso de fúria disparou um míssil formidável em seu rival, maravilhoso, terrível, digno de um demônio. Atiradas do arco de Ravana,

[477] O senhor de mil olhos.

aquelas flechas, decoradas com ouro, caindo sobre Kakutstha, foram transformadas em serpentes de veneno sutil e, aqueles monstros temíveis com rostos cor de bronze, vomitando chamas ardentes de suas bocas escancaradas, saltaram sobre Rama, e aqueles répteis cujo contato era igual a Vasuki de espirais de ferro e veneno violento envolveram todas as regiões por todos os lados enchendo todo o espaço.

Vendo aquelas serpentes caindo sobre ele na luta, Rama escolheu a terrível e espantosa arma Garuda e a disparou. Deixando o arco de Raghava, aquelas setas de haste dourada, brilhantes como chamas, se transformaram em águias douradas, matadoras de serpentes, e todos os dardos na forma de serpentes foram destruídos por setas na forma de aves, que pertenciam a Rama, que era capaz de mudar de forma à vontade.

Enfurecido com a destruição de sua arma, Ravana, o senhor dos titãs, fez uma chuva de flechas formidáveis cair em Rama e enquanto ele estava perfurando Rama de façanhas imperecíveis com milhares de dardos, ele feriu Matali com inúmeros outros. Depois disso, tendo visado o estandarte dourado, Ravana quebrou-o com uma única flecha e o dispositivo dourado caiu do alto da carruagem ao chão. Com uma série de setas ele atingiu os corcéis de Indra, para o extremo terror dos deuses, gandharvas, charanas e também dos danavas e, vendo Rama ferido, os siddhas e os grandes rishis estavam atormentados como também o rei dos macacos e Bibishana.

Quando a lua de Rama foi escondida da vista deles por Rahu na forma de Ravana, Budha, na constelação de Prajapati, avançou em Rohini, a amada de Shashin, para a infelicidade de todos os seres. Com suas ondas envoltas em névoa, flamejante por assim dizer, o oceano, elevando-se em fúria, parecia tocar o orbe do dia; e o sol sob o domínio do planeta Dhumaketu assumiu uma cor acobreada terrível de se ver, seus raios extintos, revelando um tronco sem cabeça em seu disco; Angaraka também estava em oposição à estrela brilhante dos Koshalas, cujas divindades presidentes são Indra e Agni; e nos céus aquele planeta atormentou Vishaka também, e Dashagriva com seus dez rostos e vinte braços, equipado com seu arco, parecia a montanha Mainaka.

Enquanto isso Rama, oprimido por aquele demônio de dez pescoços, era incapaz de disparar suas setas no conflito e, franzindo as sobrancelhas, enfurecido, com seus olhos inflamados, estava cheio de raiva e parecia que ele iria consumir o titã.

Ao verem o semblante furioso do virtuoso Rama, todos os seres foram tomados de terror, a terra tremeu, as montanhas, frequentadas por leões e tigres, tremeram, as árvores balançavam para frente e para trás, o oceano, aquele senhor dos rios, foi agitado, e bandos de corvos, zurrando como burros, descreveram círculos no céu por toda parte.

Vendo Rama cheio de ira extrema e aqueles presságios terríveis todos os seres se encheram de medo e Ravana também se sentiu consternado. Os deuses em seus carros, os gandharvas, as grandes serpentes, os rishis, os danavas, daityas e criaturas aladas do ar olharam para aquele conflito entre aqueles dois guerreiros, que lutavam com todos os tipos de armas terríveis, de modo que parecia a dissolução dos mundos. Suras e asuras que foram testemunhar a luta seguiam com os olhos aquele duelo formidável, proferindo palavras de simpatia e encorajamento e os asuras reunidos gritavam para Dashagriva 'Vitória para ti!' E os suras se dirigindo a Rama reiteravam 'Triunfa! Triunfa!'

Naquele instante o cruel Ravana, em sua fúria contra Rama a quem ele pretendia matar, pegou uma arma imensa que era tão dura quanto diamante, ensurdecedora, a destruidora de seu inimigo, equipada com pontas semelhantes a picos de montanhas, terrível de se conceber ou se ver, e Ravana ergueu aquela lança com sua ponta flamejante envolta em fumaça, como os fogos na hora da dissolução final dos mundos, que era mui digna de ser temida, irresistível e que a própria morte não poderia suportar, o terror de todos os seres, a quem ela era capaz de quebrar em fragmentos. No auge da raiva, ele levantou seu braço forte e, cercado por suas tropas valentes, brandindo sua arma, aquele colosso, com os olhos vermelhos de fúria, emitiu um grito agudo a fim de incentivar suas tropas, e a terra, o céu e os quatro quadrantes tremeram com esse grito terrível do rei dos titãs. Com seu braço forte, agarrando aquela arma ele emitiu um grande grito e se dirigiu ao seu adversário insolentemente com estas palavras:

"Esta lança, tão forte quanto um diamante, ó Rama, que eu empunho em minha ira, através da minha destreza em breve tirará as vidas de ti e do teu irmão! Tu compartilharás do destino dos meus bravos soldados que tu massacraste na vanguarda da batalha. Para, portanto, para que eu possa te derrubar com essa lança, ó Raghava".

A essas palavras, o rei dos titãs arremessou sua arma em Rama, e atirada pela mão de Ravana, aquela lança envolta em relâmpago, ensurdecedora com seus oito sinos, atravessou o ar com um lampejo ofuscante.

Vendo aquela lança flamejante, formidável de se ver, Rama esticou seu arco e disparou uma flecha com força, mas quando a lança caiu, Raghava disparou uma massa de setas para interceptá-la, de modo que ele parecia Vasava com suas inundações procurando deter a invasão dos fogos no fim do período mundial. Como borboletas são consumidas por chamas, assim aquelas flechas foram consumidas pela enorme lança de Ravana; então Raghava, vendo suas setas aéreas reduzidas a cinzas, pulverizadas pelo contato com a lança, ficou cheio de raiva e furioso ao extremo. Então Rama, a alegria da Casa de Raghu, pegou sua lança favorecida por Vasava, que Matali tinha trazido com ele, empunhando-a com seu braço poderoso; aquela lança, a destruidora de mundos, com seus sinos sonoros iluminou o céu como um meteoro brilhante. Em seu voo, colidindo com a lança pertencente àquele Indra dos os titãs, ela foi quebrada pelo impacto e aquela lança enorme caiu privada de seu esplendor. Depois disso Rama perfurou os corcéis velozes de Ravana com flechas disparadas com grande força que eram estrondosas e voavam direto para o seu alvo. Exibindo toda a sua força, ele feriu seu rival no peito com dardos penetrantes e sua testa com três flechas, após o que Ravana, com todo o seu corpo perfurado com flechas e coberto de sangue, que corria dos ferimentos em todos os seus membros, parecia uma árvore Ashoka em plena floração. Com seu corpo crivado de dardos atirados por Rama, banhado em sangue, sentindo-se totalmente exausto, aquele senhor dos viajantes da noite, no meio de seu exército, estava cheio de ira extrema.

Capítulo 104 – Rama acusa Ravana e o repreende por seus crimes

Gravemente ferido pelo irado Kakutstha, Ravana, aquele guerreiro orgulhoso caiu em uma grande raiva. Com seus olhos flamejando de raiva aquele titã ergueu seu arco em um acesso de fúria e, naquele grande combate, oprimiu Raghava com

golpes. Como uma chuva pesada, Ravana inundou Rama como nuvens enchem uma lagoa. Submerso em uma chuva de flechas disparadas do arco do titã na luta, Kakutstha manteve-se firme como uma montanha poderosa.

Então aquele herói, resoluto em combate, com suas flechas desviou a sucessão de dardos que caíam sobre ele como os raios do sol. Então, com uma mão hábil, o viajante noturno, em fúria, atingiu o peito do magnânimo Raghava com milhares de dardos e o irmão mais velho de Lakshmana, coberto de sangue, parecia uma enorme árvore Kimshuka florida na floresta. Sua ira despertada pelos ferimentos que tinha recebido, o extremamente poderoso Kakutstha armou-se com flechas cujo brilho parecia o do sol no final do período do mundo; e Rama e Ravana, ambos cheios de raiva, tornaram-se invisíveis um para o outro no campo de batalha que estava escurecido por suas flechas.

Depois disso, no auge da fúria, o valente filho de Dasaratha se dirigiu ao seu adversário nestas palavras zombeteiras e irônicas:

"Tendo levado a minha consorte contra sua vontade em Janasthana, tirando vantagem da ignorância dela, tu não és realmente um herói! Tendo raptado à força Vaidehi que estava vagando desamparadamente na grande floresta longe de mim, tu pensas 'Eu sou um grande herói!' Porque tu molestaste outras mulheres que não tinham protetor, o que é o ato de um covarde, tu te consideras um herói, ó valente! Ó tu que derrubaste as muralhas do dever, ó patife arrogante de natureza inconstante, em tua insolência, tu convidaste a morte para a tua casa, dizendo: 'Eu sou um herói!' É no papel do irmão valente de Dhanada que tu, tornado presunçoso por causa do poder, realizaste essa façanha memorável, notável e gloriosa? Tu logo receberás um castigo adequado por esse ato infame. Ó patife, na tua própria estimativa, pensando contigo mesmo 'Eu sou um herói', que não tiveste vergonha de roubar Sita como um ladrão. Se eu tivesse estado lá quando tu afrontaste Vaidehi, tratando-a tão brutalmente, eu teria te despachado para te unir ao teu irmão Khara derrubando-te com minhas flechas. Por boa sorte, ó insensato, tu estás agora diante de mim; hoje com meus dardos penetrantes eu vou te lançar na residência de Yama. Hoje a tua cabeça com seus brincos deslumbrantes, cortada pela minha arma, rolará na poeira no campo de batalha, onde os animais selvagens vão devorá-la. Abutres atacarão teu peito quando tu estiveres jazendo estendido na terra, ó Ravana, e beberão avidamente o sangue que corre das feridas infligidas por minhas flechas afiadas. Hoje, picado por minhas flechas, jazendo sem vida, aves de rapina arrancarão as tuas entranhas como águias destroem serpentes!"

Falando assim, o valente Rama, flagelo de seus inimigos, cobriu aquele Indra entre os titãs, que estava próximo, com uma chuva de flechas, e sua coragem, força e ardor marcial em disparar suas setas eram formidáveis. Então todas as armas celestes pertencentes a Raghava, versadas na ciência do Eu, apresentaram-se diante dele[478] e, em sua alegria, aquele herói ilustre sentiu a destreza do seu toque aumentar.

Após esses sinais auspiciosos aparecerem por si mesmos, Rama, o destruidor de titãs, atacou o próprio Ravana com violência crescente.

Ferido por inúmeras rochas atiradas pelos macacos e os dardos derramados sobre ele por Raghava, o coração de Dashagriva enfraqueceu dentro dele e, na agitação de sua alma, ele não pegava suas flechas nem esticava o arco nem procurava se opor ao valor de Rama, enquanto as flechas e mísseis de todos os

[478] Ou seja, as divindades que as presidem se apresentaram diante de Rama.

tipos disparados incessantemente por seu adversário tinham a morte como seu alvo de modo que a hora da sua ruína parecia iminente.

Então seu auriga, observando o perigo, dirigiu a carruagem calmamente e lentamente para fora da luta e, horrorizado com a aparência do rei, que tinha ficado prostrado desprovido de energia, ele virou aquele carro terrível, retumbante como uma nuvem, e deixou o campo de batalha com pressa.

Capítulo 105 – Ravana repreende seu auriga

Perturbado pela fúria, com os olhos vermelhos de raiva, incitado pelo destino, Ravana se dirigiu ao seu auriga, dizendo:

"Então eu sou desprovido de valor e de força, privado de destreza, covarde, de propósito instável, fraco, sem energia, sem poderes mágicos e excluído do combate, que tu falhaste comigo e agiste conforme o teu próprio entendimento? Como é que sem respeito por mim e desconsiderando as minhas ordens, na presença do inimigo, tu dirigiste a minha carruagem para fora do campo? Por causa do teu erro hoje, ó patife vil, o que eu havia ganhado por um longo período, glória, valor, honra e renome, estão todos perdidos para mim! Diante de um inimigo famoso por sua bravura, que se orgulha de suas façanhas, tu transformaste a mim, que me deleito em batalha, em um covarde. Se não é por negligência que tu agiste assim, ó vilão, as minhas suspeitas são procedentes e tu foste subornado pelo inimigo. Seguramente não foi um ato de amizade ou de devoção; só um inimigo se comportaria como tu fizeste. Se tu tens alguma lealdade a mim, então retorna no carro imediatamente antes que o meu adversário tenha partido e te lembra dos benefícios que recebeste pelas minhas mãos".

A essas críticas do insensato Ravana, o auriga sagaz respondeu com palavras que eram moderadas e cheias de bom senso, dizendo:

"Eu não estou com medo, nem sou louco, nem cedi às solicitações de um inimigo, nem sou negligente, nem deixei de ser leal a ti, nem me esqueci dos benefícios que tenho recebido da tua mão! Foi pelo meu desejo de estar a teu serviço e para salvaguardar a tua glória e por conta de um afeto sincero que eu agi como achei melhor! Ó grande rei, tu não deves me considerar injustamente como um patife vil e covarde, eu que procuro apenas fazer o que é agradável para ti. Ouve-me, eu te direi o motivo pelo qual eu tirei o teu carro, parecendo uma corrente que flui repelida pela maré, do campo.

"Observando a tua fadiga seguinte à luta tremenda, eu já não reconheci a tua confiança orgulhosa nem a tua força superior. Por puxarem a carruagem incessantemente, os meus cavalos foram vencidos pelo cansaço, eles estavam prostrados e dominados pelo calor, como vacas açoitadas pela chuva; além disso, entre os presságios que se manifestaram em grandes números, não um, pareceu-me que isso era favorável a nós.

"Deve-se, no momento e local adequados, observar as características, gestos, expressão facial, depressão ou entusiasmo e a extensão da fadiga do próprio mestre, ó herói poderoso; também o lugar onde a terra é firme e onde ela é irregular ou nivelada, onde ela é plana ou montanhosa e a hora para o combate; quando o inimigo se expõe ao ataque, como avançar e recuar, parar ou ir em frente, enfrentar o inimigo ou retirar-se para uma distância, tudo isso deve ser conhecido por um auriga quando ele está em sua carruagem.

"Foi por causa da tua prostração e do esgotamento dos teus corcéis e para mitigar essa fadiga terrível que eu empreendi essas medidas específicas. Não foi por capricho, ó guerreiro, que eu afastei a carruagem; foi a devoção pelo meu senhor que me fez resolver agir dessa maneira. Emite qualquer comando que quiseres, ó herói, ó flagelo de teus inimigos, e eu vou cumpri-lo implicitamente com todo o meu coração!"

Então Ravana, totalmente satisfeito com a resposta de seu auriga, dirigiu muitas palavras de elogio a ele e, em seu ardor marcial, disse:

"Dirige rapidamente o meu carro em direção a Raghava, ó auriga, Ravana não pode voltar antes que ele tenha destruído seus inimigos em batalha!"

Falando assim, o rei dos titãs de pé em seu carro concedeu um anel brilhante de grande valor para seu auriga e, sob as suas ordens, o condutor partiu para o campo de batalha. Incitado pela ordem de Ravana, o auriga chicoteou os corcéis para galoparem e, em um instante, a grande carruagem pertencente àquele Indra entre os titãs estava diante de Rama no campo.

Capítulo 106 – O sábio Agastya instrui Rama no Hino ao Sol[479]

Enquanto isso, vendo Rama exausto pela luta, permanecendo absorto em pensamentos no campo de batalha, e Ravana, de frente para ele, preparando-se para começar o confronto de novo, o bem-aventurado Agastya que tinha se juntado aos deuses, e também foi lá testemunhar o grande combate, se aproximou daquele herói e disse:

"Rama, Rama, ó guerreiro de braços longos, ouve o segredo eterno que te permitirá vencer todos os teus adversários. Ele não é outro senão o 'Hino ao Sol', ó caro filho, ele é sagrado, capaz de subjugar o inimigo e traz vitória; essa prece é eterna, imperecível, elevada e auspiciosa, a alegria dos bons, a destruidora de todos os males, a que acalma o medo e a ansiedade, a aumentadora de vida, e os mais excelentes de todos os versos:

"'Ó Tu, que ao nascer és coroado com raios, a quem os Devas e Asuras prestam homenagem, saudações a Ti! Tu és Vivisvata, o resplandecente Senhor dos Mundos, a Alma dos Deuses, o Refulgente, o Criador da Luz, que sustentas as Hostes de Devas e Asuras e os Três Mundos com Teus raios. Tu és o Criador, Mantenedor e Destruidor, Tu és o Deus da Guerra, o Senhor das Criaturas, o Rei dos Celestiais, o Distribuidor de Riqueza. Tu és Tempo e Morte, o Possuidor de esplendor, o Senhor das Águas, os Antepassados, os Vasus, os Sadhyas, os Maruts, Manu, Vayu e o Deus do Fogo. Tu és a Fonte de Vida e das estações, Tu és o Grande Nutridor de tudo, o Gerador de todos, o Corcel nos céus, o Mantenedor, o Possuidor de Raios, o Dourado, o Brilhante, a Energia Cósmica, o Criador do Dia. Tu és onipenetrante, de miríade de raios, o Indicador de todos os caminhos, de quem procedem os sentidos, Tu és O de Mil Raios, o Subjugador das Trevas, Aquele de quem provém toda felicidade, o Removedor dos sofrimentos de Teus devotos, o Infusor de vida no Ovo Cósmico, o Possuidor de Raios. Tu és a causa da Criação, Preservação e Destruição do universo, o Beneficente, o Possuidor de Riqueza, o Portador do Dia, o Professor, O de ventre de fogo,[480] o Filho de Aditi, Tu

[479] Hino ao Sol, o 'Aditya-hridaya', a designação de um hino vêdico.
[480] O de ventre de fogo: que tem o Fogo da Destruição em seu ventre.

és Felicidade suprema, o Removedor de Ignorância, o Senhor do Firmamento, o Dissipador de Escuridão, o versado no Rik, Yajus e Sama (Vedas), Aquele de quem fluem as chuvas, o Amigo das Águas, Aquele que, com um único salto, atravessou a Cordilheira Vindhya. Tu estás concentrado em criar o Cosmos; Tu estás adornado com pedras preciosas; Tu és o Portador da Morte, o Pingala,[481] o Destruidor de todos, o Onisciente, Cuja forma é o Universo, de grande energia, amado por todos, Senhor de todas as ações. Ó Tu, Senhor das estrelas, planetas e constelações, o Criador de tudo, o Resplandecente entre os esplêndidos, a Essência das doze formas,[482] saudações a Ti! Saudações às montanhas do Leste e do Oeste, saudações ao Senhor dos corpos estelares e ao Senhor do Dia! Saudações a Ti, o portador de vitória e da alegria que brota da vitória, ó Senhor dos Corcéis Dourados! Saudações a Ti, O de mil raios, ó Aditya! Saudações a Ti que controlas os sentidos, a Ti o herói que és digno da Sílaba Sagrada,[483] saudações a Ti que despertas o Lótus! Saudações a Ti, ó Feroz, que és o Senhor de Brahma, Ishana e Achyuta! A Ti, ó Sol, Possuidor de Luz, Tu de poder iluminador, o Devorador de tudo, que assumes a forma de Rudra, sejam as nossas saudações! Saudações a Ti, o Destruidor da escuridão, do frio e do inimigo; Saudações a Ti de Alma Infinita, o Destruidor dos ingratos, o Senhor das Estrelas; saudações a Ti, cujo esplendor lembra ouro refinado, o Destruidor da ignorância, o Arquiteto do Universo. Saudações a Ti, o Removedor de escuridão, o Iluminador, o Observador de todos os mundos. És Tu que crias tudo e destróis tudo, que secas, consomes e aniquilas tudo. Tu acordas quando todas as criaturas dormem, em cujo coração Tu resides; Tu és o fogo sacrifical, e o fruto do sacrifício. Tu és a soma de toda ação e o Senhor dela'.

"Ó Raghava, aquele que recita esse hino na hora do perigo, no meio da selva ou em qualquer risco não sucumbe a ele. Oferece uma profunda devoção àquele Deus dos Deuses, o Senhor do Mundo! Aquele que recita esse hino três vezes será vitorioso! Ó guerreiro de braços longos, chegou a hora em que tu triunfarás sobre Ravana!"

Tendo falado dessa maneira, Agastya retornou para o lugar de onde ele tinha vindo. Essas palavras dissiparam a angústia do ilustre Raghava que se sentiu fortalecido, cheio de ardor e bem satisfeito. Depois disso meditando em Aditya ele recitou o hino e sentiu felicidade suprema. Tendo lavado a boca três vezes e se purificado, aquele herói pegou seu arco. Vendo Ravana, ele se regozijou e avançou em direção a ele, a fim de entrar em combate, reunindo toda a sua força com a intenção de matá-lo.

Nesse instante o deus do sol, em meio à hoste dos deuses, sabendo que a destruição do senhor dos viajantes noturnos próxima, lançando olhares de alegria e extrema satisfação para Rama, aproximou-se dele e disse: "Aplica toda a tua força!"

Capítulo 107 – Presságios sinistros aparecem

Depois disso o auriga de Ravana dirigiu seu carro para frente rapidamente, com alegria, devorando o espaço por assim dizer, e aquela carruagem, capaz de esmagar exércitos hostis, tinha um estandarte imenso e parecia a cidade dos

[481] Pingala: a força motriz do canal Pingala.
[482] Doze formas: os doze meses.
[483] A Sílaba Sagrada: o Pranava 'Aum'.

gandharvas. Atrelada a corcéis excelentes enfeitados com ouro, ela era cheia de instrumentos de guerra e adornada com bandeiras e flâmulas. O flagelo das tropas inimigas e a alegria das suas próprias, o carro de Ravana foi conduzido com velocidade excelente pelo seu condutor.

Então aquele príncipe dos homens, Rama, observou a carruagem do rei dos titãs, rodando ruidosamente junto com seu estandarte notável, atrelada a cavalos negros terríveis e semelhante a um Vimana[484] no espaço, brilhante como o sol, deslumbrante de contemplar, como o arco de Indra, e a chuva de flechas caindo dela parecia as águas soltas por uma nuvem. Vendo a carruagem de seu adversário, que descia sobre ele como uma nuvem, com um som parecendo uma montanha quebrada por um raio, Rama, esticando seu arco imediatamente, como a lua crescente, disse a Matali, o auriga do deus de mil olhos:

"Ó Matali, vê o ritmo impetuoso do meu adversário enquanto ele avança sobre mim com raiva violenta! Fica vigilante e dirige para encontrar o carro do meu inimigo, eu desejo destruí-lo como o vento dispersa uma nuvem que se eleva! Sem desvio ou confusão, com teu olhar alerta, tua mente serena, segurando as rédeas com a mão firme, dirige rapidamente! Seguramente tu não precisas do meu conselho, acostumado como estás a conduzir a carruagem de Purandara, contudo em meu desejo ardente de entrar combate eu apelo à tua experiência, eu não te instruo".

Muito satisfeito pelas palavras de Rama, Matali, o auriga mais excelente dos deuses, aumentou a velocidade de seu carro. Passando pela grande carruagem de Ravana pelo lado direito, ele a cobriu com a poeira das suas próprias rodas.

Enfurecido, Dashagriva, com os olhos vermelhos de raiva, crivou Rama de setas enquanto ele estava diante dele. Provocado pelos golpes, Rama, cuja força era redobrada por sua fúria, armou-se com o extremamente poderoso arco de Indra e suas grandes flechas de extrema rapidez que brilhavam como os raios do sol. Logo após um combate feroz se seguiu entre os dois guerreiros, que estavam face a face como dois leões orgulhosos, cada um desejoso de destruir o outro.

Naquele momento devas, gandharvas, siddhas e paramarishis, esperando a queda de Ravana, se reuniram para testemunhar o duelo entre aqueles carros.

Depois disso apareceram presságios terríveis, de arrepiar, prenunciando morte para Ravana e vitória para Raghava. E os deuses fizeram sangue cair sobre a carruagem de Ravana; um grande redemoinho soprou da esquerda para a direita enquanto, no céu, um grande bando de abutres voou sobre sua cabeça seguindo as evoluções de seu carro. Embora ainda fosse dia, Lanka, envolta na luz do crepúsculo, em tons da flor Japa, parecia incandescente; grandes meteoros acompanhados por raios caíam com o som do trovão e os titãs ficaram aterrorizados testemunhando esses portentos tão desfavoráveis para Ravana. Em qualquer direção que o titã dirigisse a terra tremia, e os membros de seus soldados pareciam como se paralisados. Os raios de sol caindo diante de Ravana lhe pareciam acobreados, amarelos e brancos, como minérios de montanha, e os chacais e abutres que o perseguiam, com suas mandíbulas vomitando chamas, começaram a uivar ao verem sua aparência abatida e distorcida de raiva. Ventos contrários sopraram levantando nuvens de poeira no campo de batalha, de modo que o rei dos titãs era incapaz de distinguir qualquer coisa. Indra disparava seus raios para todos os lados sobre o seu exército com um som insuportável, sem uma única nuvem ameaçadora aparecendo; todos os pontos cardeais foram envolvidos em escuridão e

---

[484] Vimana: um carro, lugar ou residência celeste.

uma densa nuvem de poeira escondeu o céu. Aves terríveis[485] lutavam desesperadamente entre si, caindo às centenas diante da sua carruagem, emitindo gritos horrendos. Dos flancos dos seus cavalos faíscas voavam continuamente e de seus olhos lágrimas caíam, fogo e água assim emergindo deles simultaneamente. Muitos outros portentos aterrorizantes, prenunciando a morte de Ravana, apareceram, enquanto presságios propícios a Rama, prefigurando sua vitória iminente, podiam ser vistos.

Vendo aqueles sinais desfavoráveis, Raghava ficou muito satisfeito e considerou Ravana como já morto. Vendo aqueles augúrios relativos a si mesmo, que ele sabia como interpretar, Rama sentiu felicidade suprema e, cheio de confiança, manifestou uma energia incomparável na luta.

Capítulo 108 – As oscilações do combate

Então o duelo renhido de carros entre Rama e Ravana irrompeu com maior fúria de modo que todos os mundos foram tomados de terror.

Os batalhões de titãs e as inúmeras companhias de macacos ficaram imóveis com armas em suas mãos e, vendo aqueles dois guerreiros, homem e titã, todos ficaram atônitos, seus corações batendo rapidamente. Prontos para o combate, com os braços cheios de todos os tipos de mísseis, eles ficaram absortos no espetáculo, esquecendo-se de disparar suas flechas uns nos outros, e os titãs tinham seus olhos fixos em Ravana e os macacos em Rama de modo que ambos os exércitos assumiram um aspecto estranho.

Enquanto isso, observando aqueles presságios, Raghava e Ravana, firmes, resolutos e cheios de raiva lutaram com coragem determinada. 'Eu triunfarei' refletia Kakutstha, 'Eu devo morrer', pensava Ravana, e ambos mostraram toda a sua força com segurança no confronto.

Naquele instante, Dashagriva, em sua ira, colocou suas setas (no arco) e as disparou com força na direção do estandarte da carruagem de Raghava, mas aqueles mísseis não conseguiram chegar à bandeira do carro de Purandara e, resvalando no suporte, caíram no solo. Enquanto isso Rama, enfurecido, esticou seu arco com energia, resolvendo retribuir golpe por golpe e, mirando no estandarte de Ravana, disparou uma flecha afiada semelhante a uma grande serpente, irresistível, brilhante com seu próprio esplendor; e ele fez voar sua arma na direção do estandarte de Dashagriva que, sendo cortado, caiu ao chão.

Vendo sua bandeira destruída e derrubada, o extremamente poderoso Ravana, exaltado com ira, ardeu de cólera e indignação e, sob o aguilhão de sua fúria, disparou uma chuva de setas flamejantes, atingindo os cavalos de Rama. Aqueles corcéis celestes, no entanto, não vacilaram, permanecendo imóveis como se escovados por talos de lótus e, vendo os cavalos não amedrontados, Ravana, enfurecido, atirou uma nova chuva de flechas, maças, barras de ferro, discos, cassetetes, rochas, árvores, lanças e machados, e essas armas foram todas criadas por magia, e, reunindo todos os seus poderes, ele as disparou às centenas e milhares. Apavorante e terrível era aquela inundação interminável de armas ressoando com um som sinistro, mas Ravana falhou em atingir o carro de Rama,

[485] Sharikas: Turdas Salica ou Gracula Religiosa.

embora suas flechas caíssem na hoste de macacos por todos os lados cobrindo todo o espaço, e assim Dashagriva, desatento, continuou lutando.

Ao vê-lo estendendo esforços crescentes na luta, Kakutstha, como se sorrindo, pegava suas flechas afiadas e as disparava às centenas e milhares. Observando-as cair, Ravana, com suas flechas, cobriu todo o céu e, por conta daquela chuva deslumbrante de mísseis disparados por aqueles dois antagonistas, parecia como se um segundo céu de armas tivesse sido criado e, entre elas, não havia nenhuma que não atingisse seu alvo, nenhuma que não perfurasse outra e nenhuma que fosse disparada em vão; e, tendo colidido umas contra as outras, elas caíam ao chão.

Assim Rama e Ravana lutaram com um suprimento crescente de armas e, na luta, eles despejavam suas lanças sem pausa para a direita e para a esquerda, de modo que essas armas formidáveis cobriam o firmamento; Rama atingindo os corcéis de Ravana e Ravana atingindo aqueles pertencentes a Rama; desse modo, ambos trocavam golpe por golpe e ambos, no auge da raiva, entraram em um duelo tremendo de arrepiar. Então com flechas afiadas Rama e Ravana continuaram seu combate e, vendo seu estandarte quebrado, Ravana foi consumido pela raiva.

Capítulo 109 – O duelo continua

Testemunhando o combate entre Rama e Ravana, todos os seres foram tomados de espanto e aqueles dois guerreiros, assumindo um aspecto terrível na luta, altamente furiosos, decidiram matar um ao outro e, em seus carros excelentes, caíram um sobre o outro. Então seus condutores, ostentando sua habilidade como aurigas, avançavam, circulavam e manobravam de várias maneiras. Em seu curso rápido e evoluções velozes, aquelas duas carruagens maravilhosas percorriam o campo de batalha, enquanto os dois guerreiros disparavam inúmeras setas um sobre o outro, como nuvens descarregando suas chuvas.

Tendo apresentado seus recursos imensuráveis no uso de armas, aqueles dois campeões pararam frente a frente, mastro de carruagem com mastro de carruagem, as cabeças de seus cavalos se tocando, seus estandartes entrelaçados. Então Rama atirou quatro setas afiadas, impelindo para trás os quatro corcéis vivazes de Ravana e ele, furioso ao vê-los recuar, disparou suas flechas penetrantes em Raghava.

Aquele herói, no entanto, gravemente ferido pelo poderoso Dashagriva, não demonstrou nem agitação nem emoção, e novamente o de dez pescoços disparou suas flechas, que ressoavam como trovão, visando o cocheiro daquele deus que porta o raio; e ele atingiu Matali com suas flechas com grande força sem ser capaz de perturbá-lo de forma alguma ou de fazê-lo vacilar. Todavia Raghava, indignado com a afronta oferecida a Matali mais do que se tivesse sido dirigida a si próprio, com o auxílio de uma sucessão de dardos decidiu humilhar seu adversário, e o valente Raghava disparou vinte, trinta, sessenta e, depois disso, centenas e milhares de flechas na carruagem de seu rival.

De sua parte, Ravana, o senhor dos titãs, permanecendo em seu carro, enfurecido, oprimiu Rama com uma avalanche de maças e clavas e a luta tornou-se mais violenta, de arrepiar.

Ao som das maças, cassetetes e machados e ao disparo de setas emplumadas, os sete mares se agitaram e o tumulto dos oceanos semeou terror nos

danavas e pannagas aos milhares, nas profundezas do inferno. A terra tremeu com suas montanhas, florestas e selvas; o orbe do dia perdeu seu brilho e o vento deixou de soprar. Devas, gandharvas, siddhas e paramarishis encheram-se de ansiedade como também os kinnaras e grandes serpentes.

"Que a boa sorte esteja com as vacas e os brâmanes! Que todos os mundos durem para sempre! Que Raghava saia triunfante em seu combate com Ravana, o rei dos titãs!"

Oferecendo essas preces, os devas acompanhados por hostes de rishis testemunharam aquele duelo entre Rama e Ravana, um espetáculo de arrepiar, e as hostes de gandharvas e apsaras, observando aquela luta indescritível, gritaram: "O céu parece o mar e o mar o céu, mas a luta entre Rama e Ravana não se assemelha a nada salvo a si própria!"

Assim eles falaram ao contemplarem o combate entre Rama e Ravana. Em sua raiva, o guerreiro de braços longos, o aumentador da glória dos Raghus, Rama, colocou uma flecha, semelhante a um réptil venenoso, em seu arco e cortou uma das cabeças de Ravana, ao que aquela cabeça gloriosa, adornada com brincos reluzentes, rolou na terra na presença dos três mundos. Todavia outra, igual à antiga, cresceu imediatamente e Rama, com uma mão firme, destramente cortou a segunda cabeça com suas setas. Mal ele a tinha eliminado quando outra cabeça apareceu que foi cortada mais uma vez pelos dardos de Rama como raios. Então ele cortou mais cem, sendo incapaz de abater Ravana, e aquele herói, familiarizado com todas as armas, ele, o aumentador da alegria de Kaushalya, que tinha feito uso de inúmeros mísseis, refletiu:

'Essas foram as flechas com a ajuda das quais eu matei Maricha, Khara, e Dushana como também Viradha na floresta Krauncha e Kabandha na floresta de Dandaka; essas foram as flechas com as quais eu trespassei as árvores Sala e as montanhas e Bali e com as quais eu agitei o oceano! Todas essas armas encontraram seu alvo, como é que elas têm tão pouco poder sobre Ravana?'

Embora ele estivesse absorto em reflexões, Raghava, sem parar de agir, disparou uma chuva de flechas sobre o peito de seu adversário. Por seu lado, Ravana, o senhor dos titãs, de pé no seu carro, enfurecido, oprimiu Rama com uma avalanche de maças e clavas. Assim, o conflito terrível e violento, de arrepiar, continuou no ar e no solo e, depois, no topo da montanha.

Devas, danavas, yakshas, pisachas, uragas e rakshasas assistiram o combate temível que durou sete dias, e nem à noite nem de dia por uma única hora Rama e Ravana pararam de lutar, e o filho de Dasaratha e o Indra dos titãs continuaram a lutar dessa maneira. Então o magnânimo auriga do rei dos deuses, não vendo nenhum sinal de Raghava ganhando a vitória, dirigiu-se a ele rapidamente nas seguintes palavras.

Capítulo 110 – A morte de Ravana

Naquele momento, Matali procurou relembrar os pensamentos de Raghava, dizendo: "Como é que tu ages em relação a Ravana como se não estivesses ciente dos teus próprios poderes? Para acabar com ele, dispara a arma de Brahma sobre ele, ó senhor! Predita pelos deuses, a hora da sua destruição está próxima!"

Incitado por Matali, Rama pegou uma flecha flamejante que estava sibilando como uma víbora, antigamente concedida a ele pelo magnânimo e poderoso sábio

Agastya. Um presente do Avô, aquela arma nunca errava o alvo e tinha sido criada outrora por Brahma para Indra e concedida ao rei dos deuses para a conquista dos três mundos. Em suas asas estava o vento, em sua ponta o fogo e o sol, em sua haste o espaço, e, em tamanho, ela parecia as montanhas Meru e Mandara. Com sua ponta extraordinária, haste e douramento, ela era composta da essência de todos os elementos e era tão brilhante quanto o sol. Semelhante ao Fogo do Tempo envolto em fumaça, ela era como uma serpente imensa e era capaz de partir homens, elefantes, cavalos, portões, barras e até rochas. Terrível de se ver, coberta com o sangue de incontáveis vítimas, revestida com sua carne e da têmpera do relâmpago, ela emitia um som trovejante. A dispersora de hostes, ela criava alarme universal e, sibilando como uma grande serpente, era extremamente formidável. Em guerra ela era a fornecedora de alimento para garças, abutres, grous e hordas de chacais; ela era uma forma da própria morte, a semeadora de terror, o deleite dos macacos, o flagelo dos titãs e suas asas eram compostas de inúmeras plumas brilhantemente coloridas, como as de Garuda.

Aquela flecha maravilhosa e poderosa que estava para destruir o titã era objeto de terror para os mundos, a removedora do medo dos partidários dos Ikshvakus, a que tirava a glória do inimigo, e ela encheu Rama de alegria. Tendo-a carregado com a fórmula sagrada, o valente Rama de bravura indescritível colocou aquela arma excelente em seu arco de acordo com o método prescrito pelo Veda e, quando ele aprontou, todos os seres foram tomados de terror e a terra tremeu. Enfurecido, ele esticou o arco com força e, aplicando toda a sua força, disparou aquela arma, a destruidora dos órgãos vitais, em Ravana, e aquela flecha irresistível semelhante a um raio, irrevogável como o destino, disparada pelo braço dele igual ao deus que porta o raio, atingiu o peito de Ravana. Disparado com força extrema, aquele míssil, o destruidor supremo, perfurou o peito do titã de coração perverso e, coberto de sangue, aquele dardo fatal, tendo extinguido seus ares vitais, enterrou-se na terra. Depois disso, tendo matado Ravana, aquela flecha, manchada de sangue que pingava dela, com seu objetivo cumprido, voltou submissamente para a aljava.

E Dashagriva, que tinha sido derrubado de repente, deixou seu arco e flecha caírem de sua mão quando deixou de respirar. Desprovido de vida, aquele Indra dos nairritas de valor formidável e grande renome caiu de sua carruagem como Vritra quando atingido pelo raio de Indra.

Vendo-o estendido no chão, os viajantes noturnos que tinham escapado da carnificina, aterrorizados, seu soberano estando morto, fugiram para todas as direções, de todos os lados, os macacos que, na presença do morto Dashagriva tinham assumido um ar vitorioso, se lançaram sobre eles, armados com árvores. Atormentados pelas divisões de macacos, os titãs, tomados de terror, se refugiaram em Lanka e, tendo perdido seu senhor, em desespero, cederam às lágrimas.

Nas fileiras dos macacos, no entanto, houve gritos de alegria e brados de triunfo proclamando a vitória de Raghava e a derrota de Ravana, e os céus ressoaram com a música dos tambores tocados pelos deuses. Uma chuva de flores caiu do céu à terra, cobrindo a carruagem de Raghava com uma chuva florida encantadora e maravilhosa. O grito de 'Bem feito! Bem feito!' veio do firmamento e as vozes celestes dos deuses magnânimos ergueram-se em louvor a Rama. Após a morte daquela fonte de terror para todos os mundos uma grande alegria encheu a hoste celeste como também os charanas.

O bendito Raghava, por matar aquele touro entre os titãs, satisfez as ambições de Sugriva, Angada e Bibishana; a paz reinou sobre tudo; os pontos

cardeais foram acalmados; o ar tornou-se puro, a terra parou de tremer, o vento soprou suavemente e a estrela do dia recuperou toda a sua glória.

Naquele instante, Sugriva, Bibishana e Angada, os principais dos seus amigos, e Lakshmana também, se aproximaram daquele conquistador feliz e com alegria lhe ofereceram a devida homenagem. Rama, a alegria da Casa de Raghu, cercado por seus partidários no campo de batalha, tendo matado seu adversário por seu poder extraordinário, parecia Mahendra em meio à hoste celeste.

Capítulo 111 – Os lamentos de Bibishana

Vendo seu irmão derrotado, jazendo no campo de batalha, Bibishana, com seu coração partido com dor violenta, começou a lamentar, dizendo:

"Ó guerreiro ilustre, tu que eras renomado por tua habilidade, experiência e coragem marcante, mesmo entre os valentes; ó tu acostumado a um leito luxuoso, como é que estás deitado rígido e imóvel, com teus braços longos enfeitados com braceletes, esticado no chão, tendo permitido que o teu diadema, cujo brilho é igual ao sol, caísse sobre a terra? Ó herói, o que eu previ veio a ocorrer! Levado pela paixão, em tua presunção, ignorando o meu conselho, esse destino alcançou Prahasta, Indrajita, Kumbhakarna, Atiratha, Atikaya, Narantaka, e a ti mesmo. Ai de mim! A muralha dos virtuosos desapareceu, a encarnação do dever partiu, o refúgio dos fortes e poderosos não existe mais. O sol caiu à terra, a lua está obscurecida pela escuridão, o fogo perdeu seu brilho, a energia é desprovida de força, uma vez que o herói, o príncipe dos guerreiros, jaz esticado sobre a terra. O que resta agora que ele está privado de seu poder e aquele tigre entre os titãs jaz como se estivesse adormecido na poeira? Aquela grande árvore, o senhor dos titãs, cuja estabilidade era a folhagem, sua coragem a flor, seu ascetismo a seiva, seu heroísmo as raízes entrelaçadas, foi derrubado no campo de batalha por aquela tempestade, Raghava. Aquele elefante em mustha, Ravana, sua força as presas, sua linhagem a espinha dorsal, sua exuberância a tromba, sua ira os membros, foi apanhado pelo leão, Ikshvaku. Aquele fogo ardente, cuja destreza e energia são chamas propagadas, sua respiração zangada a fumaça, seu ardor marcial o calor, foi extinto por aquela nuvem, Rama. Aquele touro entre os titãs com os nairritas como sua cauda, corcova e chifres, seu amor ao prazer os olhos e ouvidos, ele o conquistador de seus inimigos, igual ao vento em rapidez, aquele tigre dos senhores da terra está morto".

Ouvindo essas palavras cheias de bom senso e virtude proferidas por Bibishana que estava dilacerado pela tristeza, Rama se dirigiu a ele dizendo:

"Não, esse herói não sucumbiu por causa da sua falta de bravura! Dotado de coragem ardente em batalha, tendo demonstrado a maior energia, ele caiu sem ceder. Não se deve lamentar por aqueles que, firmes em seu dever como guerreiros, por causa de renome caem no campo de batalha. Não é o momento de chorar por esse bravo guerreiro, o terror dos mundos e seus líderes, que agora se encontra sob o domínio da morte; ninguém é sempre vitorioso na guerra; às vezes os bravos sucumbem aos golpes do inimigo e outras vezes é o inimigo que é derrotado por eles. Esse caminho seguido por Ravana foi ensinado a nós pelos sábios e a classe guerreira o tem em grande honra. O guerreiro que é morto em batalha não deve ser lamentado, essa é a lei. Nessa convicção, faze o teu dever sem mais ansiedade e considera quais medidas devem ser tomadas agora".

Então Bibishana, que estava dominado pelo pesar; respondeu imediatamente àquele príncipe nobre que tinha falado a ele no interesse de seu irmão e disse:

"Esse valente que, em batalhas anteriores nunca foi derrotado nem pelos deuses reunidos sob o comando de Vasava, atacado por ti no campo, viu seu poder despedaçado como o oceano quando entra em contato com suas margens. O concessor de presentes para aqueles que os desejavam, ele sabia como desfrutar da riqueza e entreter aqueles que o serviam. O distribuidor de tesouros entre seus amigos, ele deixava sua ira cair sobre seus inimigos. Alimentando o fogo sagrado, ele praticava penitências severas, era familiarizado com o Veda e cumpria seu dever como um verdadeiro herói. Agora, com a tua aprovação, eu desejo de realizar suas exéquias".

Tocado por essas palavras comoventes de Bibishana, Rama o mandou executar os ritos fúnebres que levam a alma para o céu, e disse:

"A morte acabou com nossa inimizade que agora não tem nenhuma razão de existir. Ele é tão querido para mim quanto tu; vamos, portanto, realizar as exéquias!"

Capítulo 112 – Os lamentos das consortes de Ravana

Ouvindo que Ravana tinha caído sob os golpes do altamente poderoso Raghava, as titânides, como vacas que perderam seus bezerros, tomadas pela dor; com seus cabelos despenteados, correram para fora dos apartamentos internos e, embora contidas, rolaram na poeira repetidamente. Saindo do portão norte com suas atendentes, elas entraram naquele campo de batalha terrível em busca de seu marido morto e gritavam: 'Ó nosso rei, nosso amparo', correndo para lá e para cá no chão que estava coberto com troncos decapitados, lama e sangue coagulado. Com seus olhos cheios de lágrimas, cheias de angústia, elas emitiam gritos como elefantas que perderam o líder da manada.

Então elas viram o notável e extremamente poderoso e ilustre Ravana, seu senhor, jazendo na poeira e todas elas imediatamente caíram sobre seu corpo como trepadeiras que foram arrancadas na floresta. Em um acesso de emoção, uma o abraçou soluçando, uma pressionou seus pés, uma se pendurou em seu pescoço, enquanto outra, batendo no ar com os braços, rolou no chão e ainda outra, olhando para seu marido morto, desmaiou, e uma, colocando a cabeça em seu colo, chorou enquanto olhava para ele, suas lágrimas banhando o rosto dele, como a geada cobre uma flor de lótus.

Vendo seu senhor deitado esticado no chão, em seu desespero, elas emitiram gritos contínuos de dor enquanto suas lamentações aumentavam: 'Ele de quem o próprio Shakra tinha pavor, ele que era a fonte de terror para Yama, ele por quem o rei Vaishravana foi despojado de sua carruagem Pushpaka, ele que fazia tremer os gandharvas, rishis, e os deuses magnânimos, agora está morto no campo. Ele não tinha nada a temer dos asuras, suras ou pannagas, pois era no homem que o perigo existia para ele; ele, que não podia ser morto por devatas, danavas ou rakshasas está jazendo aqui no chão, derrubado por um mero mortal lutando a pé; ele, que não podia ser morto por suras, yakshas ou asuras, recebeu seu golpe mortal de um homem, como alguém que é indefeso".

Foi assim que as infelizes consortes de Ravana falaram em meio aos seus soluços e, dominadas pela tristeza, continuaram a lamentar sem cessar, dizendo:

"Não seguindo o conselho do teu amigo, que sempre te oferecia conselho prudente, para a nossa destruição tu raptaste Sita e assim os titãs caíram e nós pereceremos neste dia por causa do teu erro. Teu irmão amado, Bibishana, falando contigo em termos razoáveis foi ofendido publicamente por ti em tua insensatez, impelido como tu foste pelo destino; se tu tivesses devolvido a princesa de Mithila para Rama esse desastre terrível e espantoso, que está nos destruindo até a raiz, nunca teria ocorrido. Os desejos do teu irmão, de Rama e dos teus inúmeros amigos teriam sido realizados; nenhuma de nós teria ficado viúva, nem as esperanças dos nossos inimigos seriam realizadas. Mas, em tua perversidade, tendo retido Sita pela força, os titãs, nós mesmas e tu mesmo somos todos vítimas de uma destruição tripla. No entanto, ó touro entre os titãs, não é a tua paixão que é a causa, mas o destino; tudo o que morre é morto pelo destino. Essa destruição dos macacos e dos titãs em combate e a tua, ó guerreiro de braços longos, é obra do destino. Nem as considerações de riqueza, desejo, valentia, nem domínio podem evitar o curso do destino!"

Assim, as consortes infelizes do rei dos titãs lamentaram como águias-pescadoras, oprimidas pela tristeza, com os olhos cheios de lágrimas.

Capítulo 113 - Os lamentos de Mandodari. Os ritos fúnebres de Ravana

Enquanto as consortes de Ravana estavam lamentando dessa maneira, a principal entre elas fixou firmemente nele um olhar terno e triste e, na presença de seu senhor, Dashagriva, que tinha sido morto por Rama de façanhas inconcebíveis, a desafortunada Mandodari expressou sua dor desta maneira:

"Ó guerreiro de braços longos, irmão mais novo de Vaishravana, o próprio Purandara não temia ficar diante de ti em tua ira, e os grandes rishis e os ilustres gandharvas como também os charanas, atacados por ti, não fugiam para todos os quadrantes? Agora Rama, que é apenas um mortal, te derrotou em combate, tu que sobrepujavas os três mundos em destreza; tu cuja força te tornava invencível, como é que caíste sob os golpes de um mero homem, um andarilho da floresta? Tu, capaz de assumir qualquer forma à vontade, vivendo em um lugar inacessível ao homem, como a tua derrota por Rama pode ser explicada?

"Não, eu não acredito que tu foste assim abatido na frente de batalha pela ação de Rama, tu que estavas sempre acostumado a ser vitorioso em todas as circunstâncias. Certamente, tendo recorrido à magia inconcebível, foi o destino em pessoa na forma de Rama, ou pode ser que foi Vasava quem te matou, ó herói poderoso! Mas Vasava teria ousado ficar frente a frente contigo no campo de batalha em vista da tua grande bravura e força, tu o inimigo dos celestiais? Seguramente foi aquele grande Yogi, a Alma Suprema, o Espírito Eterno que te matou. Aquele que não tem começo, meio ou fim, o mais elevado, maior que Mahat,[486] a Base da Natureza, Ele que carrega a concha, o disco e a maça, cujo peito carrega a marca Shrivatsa, a quem a prosperidade pertence, o invencível, indestrutível, eterno Vishnu, o verdadeiro herói assumindo forma humana cercado por todos os deuses em formas de macacos, Ele, o Senhor do Universo, matou-te, tu, o inimigo dos deuses, com teus parentes e os titãs que te acompanhavam!

[486] Mahat: o Intelecto Cósmico.

"Antigamente, tendo subjugado os sentidos, tu conquistaste os três mundos e, posteriormente, os teus sentidos te conquistaram por sua vez. Rama não é um mero mortal; uma vez em Janasthana ele matou teu irmão Khara e os inúmeros titãs que o seguiam; além disso, quando Hanuman audaciosamente penetrou na cidade de Lanka, inacessível para os próprios deuses, nós ficamos extremamente angustiadas. Quantas vezes eu me dirigi a ti, dizendo: 'Não temos nada a temer de Raghava', mas tu não me deste atenção.[487] Essas são as consequências! Sem motivo tu nutriste uma paixão por Sita, ó rei dos titãs, para a destruição do teu reino, vida e povo! Ao insultar a ilustre Sita, que supera Arundhati e Rohini, tu cometeste uma ofensa imperdoável! Ela é mais paciente do que a própria terra, a prosperidade da própria prosperidade, a consorte amada de Rama, de membros impecáveis, que era o esplendor da floresta solitária onde morava. Por raptar aquela desafortunada, assumindo um disfarce e sem ser capaz de desfrutar do esperado deleite da união com Maithili, tu causaste a tua própria destruição!

"Ó meu senhor, o ascetismo daquela dama fiel a seu marido te destruiu! Uma vez que todos os deuses e seus líderes com Agni à sua frente tinham medo de ti, tu não foste destruído instantaneamente quando colocaste as mãos brutais naquela dama de cintura esbelta. Mas, ó senhor, quando chega a hora, aquele que age perversamente colhe o fruto das suas más ações; disso não há dúvida. Aquele que se comporta virtuosamente escolhe felicidade e aquele que age pecaminosamente colhe má sorte. Bibishana encontrou felicidade e tu do mesmo modo encontraste o desastre. Tu possuías outras mulheres que superavam Maithili em beleza, mas em tua paixão tu não percebeste isso. Ninguém morre sem uma causa determinante, para ti não foi outra senão Sita. Longe tu foste procurar aquela mulher que era para ser a razão da tua morte; agora Maithili, livre de seus sofrimentos, se regozijará com Rama. De pouco valor de fato é meu mérito, já que eu caí nesse oceano de angústia, eu que outrora me divertia no monte Kailasha, Mandara e Meru e nos bosques de Chaitaratha e em todos os jardins dos deuses contigo, estando adornada com guirlandas e joias maravilhosas, viajando livremente em uma carruagem de magnificência incomparável, contemplando inúmeras regiões, enquanto agora estou privada de todos os prazeres e alegrias pela tua morte, ó herói! Aqui estou eu, transformada por assim dizer em outra; condenada por causa da instabilidade das fortunas dos reis. Ó príncipe, tão gracioso tu eras com tuas sobrancelhas encantadoras, tez brilhante e nariz arqueado; tu cuja beleza, esplendor e brilho rivalizavam com a lua, o lótus e o sol; deslumbrante com inúmeros diademas e guirlandas variegadas, teus lábios vermelhos e brincos brilhantes; belo e agradável, cujos olhares, enevoados com vinho, vagueavam aqui e ali no salão de banquetes, conversando com sorrisos ternos! Ai de mim! Hoje o teu semblante perdeu seu brilho, ó rei, mutilado como estás pelas flechas de Rama, vermelho de sangue, coberto de carne e cérebros e sujo com a poeira de carruagens. Ah! o período final da minha vida chegou; o triste estado de viuvez! Ser miserável que sou, eu nunca considerei isso! 'Meu pai é o rei dos danavas, meu consorte o senhor dos titãs, meu filho, o conquistador de Shakra! Eu não tenho nada a temer com esses protetores que esmagam a arrogância de seus inimigos, que são terríveis e famosos por sua força e coragem', assim eu falava em meu orgulho. Com tal poder que tu possuías, ó touro entre os titãs, como é que um desastre tão grande te alcançou de repente, através de um mero homem? Tu eras como uma safira maravilhosa, enorme, semelhante a uma montanha e deslumbrante com teus anéis, pulseiras,

[487] ["Eu aconselhei a paz com medo ansioso, eu aconselhei, mas tu não ouvirias". – Griffith].

correntes de esmeraldas e pérolas e tuas guirlandas floridas; cheio de alegria em passatempos e divertimentos. Teu corpo, que brilhava com o esplendor dos teus ornamentos, como uma nuvem partida pelo raio, está agora perfurado por muitas flechas, mal adequado para ser abraçado, sem um espaço que não esteja cheio de dardos, como um ouriço, os músculos rasgados por setas disparadas com violência nas tuas partes vitais, um cadáver, jazendo na terra, que antigamente era de cor escura e agora é da cor do sangue, ó rei! Ai de mim! Aquilo que parecia um sonho tornou-se agora uma realidade! Como Rama foi capaz te derrubar, tu que eras a morte para a própria morte; como aconteceu que tu caíste sob seu domínio, tu que desfrutavas da riqueza dos três mundos a quem tu inspiravas com um medo vívido; tu que conquistaste os guardiões dos mundos, que derrotaste Shankara com tuas flechas, que humilhaste os orgulhosos e demonstraste tua grande coragem. Tu que perturbaste o universo, o flagelo dos virtuosos, cuja força te inspirava a proferir ameaças insolentes na presença do inimigo; tu o amparo da tua família e dos teus atendentes, o matador de guerreiros formidáveis, tu que exterminaste os líderes dos danavas e yakshas aos milhares, tu que triunfaste na luta sobre aqueles que vestiam armadura impenetrável, tu que muitas vezes obstruíste sacrifícios, tu o salvador da tua raça, que desprezavas as leis do dever, que te refugiavas no poder da magia em batalha, que roubavas as filhas dos deuses, asuras e homens daqui e dali e que mergulhavas as esposas dos teus inimigos em luto; tu, o guia do teu povo, que governavas a Ilha de Lanka, tu o perpetrador de atos terríveis, tu que preparavas para nós muitos prazeres e diversões, tu o principal dos guerreiros; vendo-te, ó senhor, que, apesar dos teus grandes poderes, foste derrotado por Rama, o meu coração deve ser duro de fato já que eu ainda vivo sem ti, meu amado. Tendo descansado em leitos suntuosos, ó rei dos titãs, como é que tu estás agora dormindo sobre a terra, o pó como teu cobertor?

"Quando o meu filho ilustre Indrajita foi derrotado por Lakshmana na luta, eu fiquei profundamente angustiada, mas hoje eu estou perdida, eu, que, já desprovida de pais e parentes, agora perco o meu último amparo em ti! Desprovida de prazer e diversões, agora que tu partiste na última jornada da qual ninguém retorna, ó rei, eu vou definhar na tua lembrança perpétua. Eu não posso viver sem ti; leva-me contigo; porque tu me deixas em minha miséria? Tu estás aborrecido por me ver sem véu que cruzei a fronteira da cidade para correr aqui a pé, ó senhor? Olha para as tuas estimadas consortes que descartaram seus véus; vendo todas elas saírem da cidade, tu estás descontente? Esta companhia, com a qual tu te divertias, está desolada, privada de seu líder e tu não as consolas. Tu não tens reverência por nós? Aquelas mulheres as quais tu tornaste viúvas, ó rei, e mais de uma era de linhagem nobre, que eram dedicadas aos seus consortes, firmes em seu dever e submissas aos seus gurus, em sua dor te amaldiçoaram e, por esse motivo, tu caíste sob os golpes do teu adversário. Atingidas por ti, elas te amaldiçoaram e esse é o castigo! Ó rei, a verdade do ditado: 'As lágrimas das mulheres dedicadas aos seus maridos não caem na terra em vão' foi comprovada por ti! Como aconteceu, ó rei, que tu, que superavas todos os mundos em valor, foste tão vil a ponto de raptar essa mulher, tendo atraído Rama para longe do eremitério com o auxílio de um cervo ilusório? Na embriaguez da tua força tu sequestraste a consorte de Rama depois de separá-la de Lakshmana, e, no entanto, se eu refletir cuidadosamente, tu nunca fosses um guerreiro covarde! Essa é a prova evidente da inconstância da sorte. Conhecedor do passado e do futuro e refletindo sobre o presente, aquele

guerreiro de braços longos, meu cunhado verdadeiro,[488] vendo Maithili, a quem tu tinhas sequestrado, suspirando profundamente, me contou o que tinha acontecido. A destruição dos principais dos titãs foi causada por essa paixão que era a fonte da tua luxúria e raiva. Tu sacrificaste os teus reais interesses a esse apetite violento que destrói tudo até as próprias raízes e, por essa ação, todo o povo dos titãs está sem seu líder.

"Não, eu não deveria chorar por ti, embora famoso por tua força e valor, mas a minha natureza de mulher inclina meu coração para a compaixão. Levando contigo a soma daquilo que tu fizeste, seja ela boa ou má, tu foste para o lugar para o qual tu estavas destinado; é por mim mesma que eu devo lamentar, eu que estou mergulhada em aflição pela tua perda.

"Tu não deste ouvidos aos teus amigos que desejavam o teu bem-estar e, embora extremamente sagaz, tu ignoraste os conselhos dos teus irmãos, ó de dez pescoços. As palavras de Bibishana tão cheias de razão, que eram calculadas, prudentes, salutares e afetuosas não foram atendidas por ti apesar da sua significância. Embriagado pelo teu poder, as declarações de Maricha, Kumbhakarna e do teu pai também não foram aceitáveis para ti; eis as consequências!

"Ó tu que pareces uma nuvem escura em cor, que estás vestido de amarelo, usando braceletes deslumbrantes, por que os teus membros estão duros e cobertos de sangue? Tu finges dormir; por que tu não respondes a mim que estou tomada pela dor? Por que tu não falas comigo, a filha do yatudhana extremamente poderoso Sumali, que nunca recuou em batalha? Levanta! Levanta! Por que tu permaneces deitado diante desse novo insulto? Hoje os raios do sol cairão sobre Lanka sem medo. Tua maça, aquela arma brilhante envolta em ouro, como Surya, com a qual tu exterminavas teus inimigos em batalha, parecendo o raio de Indra, que tu manejavas ao teu capricho para a destruição de muitos no campo de batalha, agora se encontra quebrada em mil pedaços pelas setas de Rama. Por que tu deitas abraçando a terra como uma amada? Como é que tu não diriges uma palavra a mim como se eu já não fosse a tua amada?

"Ai de mim, cujo coração não se partiu em mil pedaços, dilacerado pela dor, quando tu retornaste aos cinco elementos!"

Assim Mandodari lamentou, com os olhos cheios de lágrimas; e depois disso, seu coração transbordando de amor, ela desmaiou, caindo inconsciente no peito de Ravana, como um lampejo de relâmpago atingindo uma nuvem carmesim ao anoitecer. Então suas companheiras, aflitas, ergueram a ela que estava lamentando colocando-a em meio a elas, disseram:

"Ó rainha, tu não estás familiarizada com a incerteza do destino nesse mundo e como, em um momento, a sorte dos reis pode mudar?"

A essas palavras, Mandodari respondeu com soluços e gritos, com seu rosto puro e encantador e seu peito banhados em lágrimas.

Então Rama disse a Bibishana: "Prossegue com as exéquias do teu irmão e oferece consolo às suas esposas!"

Em seguida, o sagaz Bibishana, tendo pensado consigo mesmo, deu esta resposta que era discreta, razoável e em conformidade com o dever e o discernimento, dizendo:

"Eu não posso realizar os ritos fúnebres para alguém que falhou em cumprir suas responsabilidades e seus votos, que era cruel, desapiedado e desleal; um violador das esposas de outros! Sob o disfarce de um irmão ele era meu inimigo e

[488] Bibishana.

tinha prazer em infligir ferimentos; Ravana não merece essa homenagem! O mundo pode dizer de mim 'Ele era um bárbaro', mas quando souberem dos atos perversos de Ravana todos vão aprovar minha conduta".

Assim ele falou, e Rama, cheio de alegria, o principal daqueles que são firmes em seu dever, respondeu a Bibishana, que era hábil em discurso, dizendo:

"Eu procuro o teu bem-estar, já que com a tua ajuda eu fui vitorioso, no entanto, é essencial que eu profira o que é apropriado, ó chefe dos titãs! Embora injusto e perverso, esse viajante noturno sempre foi enérgico, valente e corajoso na guerra. É dito que os deuses com Shatakratu em sua chefia não foram capazes de vencê-lo. Ele era magnânimo e poderoso, esse opressor dos mundos. A morte acaba com a inimizade; nós realizamos o nosso propósito, vamos realizar as exéquias; é adequado para mim, assim como para ti, fazê-lo. De acordo com a tradição, essa cerimônia deve ocorrer na tua presença. Executa esse ato piedoso rapidamente, tu receberás muita glória disso".

A essas palavras de Raghava Bibishana apressou-se a executar os ritos fúnebres.

Entrando na cidade de Lanka, aquele Indra entre os titãs, Bibishana, começou a se preparar para a cerimônia Agnihotra em honra de seu irmão. Carroças, madeira de diferentes essências, fogo, utensílios, sândalo, toras de todos os tipos, resinas fragrantes, perfumes, tecidos, joias, pérolas e corais foram todos reunidos por ele e ele logo voltou cercado por titãs, após o que, acompanhado por Malyavam,[489] ele iniciou o sacrifício.

Tendo colocado Ravana, o senhor supremo dos titãs, envolto em panos de linho em um ataúde de ouro, os nascidos duas vezes com Bibishana à sua frente, seus olhos cheios de lágrimas, ergueram a liteira decorada com muitos símbolos perfumados e divinos ao som de inúmeros instrumentos musicais e cantos fúnebres, e todos, virando seus rostos para o sul, pegaram pedaços de madeira que tinham sido distribuídos entre eles.

Em seguida os brâmanes, versados no Yajur Veda, levando tições flamejantes seguiram em frente, e aqueles que tinham se refugiado com eles e as mulheres dos aposentos internos seguiram soluçando com passos cambaleantes, correndo para lá e para cá. E Ravana foi colocado em um terreno espaçoso, em meio à profunda lamentação, e uma grande pira foi construída com pedaços de madeira de sândalo e Padmaka e grama, segundo a tradição; e ele foi coberto com peles de antílope.

Depois, em homenagem ao rei dos titãs, uma oferenda rara foi feita aos antepassados e o altar foi instalado ao sudoeste com o fogo sagrado em seu devido lugar. Em seguida, manteiga clarificada e coalhos foram derramados no ombro de Ravana e um pilão de madeira colocado a seus pés com um entre suas coxas; recipientes de madeira e os bastões de acender inferiores e superiores, com um pilão extra, foram colocados lá de acordo com as regras prescritas. Então os titãs sacrificaram um bode em honra de seu rei, de acordo com a tradição, como ensinada pelos grandes rishis, e, tendo mergulhado um tecido em manteiga, eles cobriram o rosto de seu soberano, que estava adornado com guirlandas e aspergido com perfumes. Depois disso os companheiros de Bibishana, com rostos banhados em lágrimas, cobriram o corpo com panos e todos os tipos de grãos torrados, e Bibishana acendeu a pira de acordo com os ritos sagrados e, tendo-o lavado com um tecido que tinha sido previamente molhado com água e misturado com linhaça e

---

[489] Malyavam: o irmão de Sumali.

grama sacrifical, ele se curvou a ele; então ele se dirigiu às consortes de Ravana repetidas vezes, a fim de consolá-las, finalmente pedindo-lhes para voltar para casa. E quando eles tinham todos reentrado na cidade de Lanka, aquele Indra entre os titãs tomou seu lugar ao lado de Rama numa atitude de reverência.

Rama, no entanto, com seu exército, Sugriva e Lakshmana, alegrou-se com a morte de seu inimigo, como o deus que porta o raio após a destruição de Vritra.

Tendo deixado de lado as setas e o arco que Mahendra lhe tinha dado como também a armadura pesada, Rama, o matador de seus inimigos, renunciou à sua ira, seu adversário tendo sido subjugado, e mais uma vez assumiu um aspecto gentil.

Capítulo 114 – Bibishana é instalado como rei de Lanka

Tendo testemunhado a morte de Ravana, os deuses, gandharvas e danavas subiram em suas respectivas carruagens, falando sobre esses assuntos. Conversando sobre o fim terrível de Ravana, o heroísmo de Raghava, a luta corajosa dos macacos, o grande valor de Maruti e Lakshmana e a fidelidade de Sita ao seu marido, aqueles abençoados voltaram com alegria para o lugar de onde eles tinham vindo.

Raghava, no entanto, enviou de volta a carruagem celeste resplandecente como uma chama que Indra tinha lhe emprestado e se despediu de Matali depois de lhe oferecer seus agradecimentos. Então o auriga de Shakra, dispensado pelo poderoso Rama, subindo em seu carro celeste, ascendeu ao céu.

Matali tendo retornado ao céu em sua carruagem, Raghava, o principal dos guerreiros em carros, no auge da felicidade, abraçou Sugriva e, tendo feito isso, aceitou a homenagem de Lakshmana e voltou para o acampamento em meio às aclamações das fileiras de macacos.

Então Kakutstha dirigiu-se ao filho de Sumitra, o devotado Lakshmana, o portador de marcas auspiciosas, que estava perto dele e disse:

"Ó amigo, instala Bibishana como rei de Lanka! Por conta de sua lealdade, seu zelo e do serviço que ele nos prestou anteriormente, o meu maior desejo é ver Bibishana, o irmão mais novo de Ravana, entronizado em Lanka, ó caro".

Ao ouvir essas palavras do magnânimo Raghava, Saumitri, cheio de alegria, disse: "Que assim seja!", e rapidamente pegou um jarro de ouro que ele colocou nas mãos dos principais dos macacos. Depois aquele guerreiro mandou que água fosse trazida dos quatro mares e os macacos foram lá com toda a pressa e, tendo tirado água dos oceanos, retornaram tão velozes quanto o pensamento.

Então Saumitri, por ordem de Rama, erguendo um jarro excelente, fez Bibishana tomar seu lugar em um assento elevado e, seguindo as injunções prescritas nos textos sagrados, cercado por uma multidão de seus amigos, com aquela água o instalou como rei de Lanka em meio aos titãs.

Todos os macacos assim como os titãs assistiram a instalação de Bibishana, em meio a êxtases de alegria inigualáveis, eles prestaram homenagem a Rama. Os conselheiros de Bibishana estavam extremamente felizes, como também os titãs que eram devotados a ele e, sendo entronizado como rei de Lanka, ele, Raghava e Lakshmana, que o acompanhava, sentiram satisfação suprema. Então o novo monarca, tendo falado graciosamente com seus súditos, foi para onde Rama podia ser encontrado.

Depois disso o povo da cidade lhe ofereceu coalhadas, arroz tostado, doces, grãos torrados e flores, os quais ele colocou à disposição de Rama e Lakshmana, e Raghava, vendo o trabalho de Bibishana realizado e seu objetivo alcançado, aceitou tudo em deferência a ele.

Então Rama se dirigiu ao valente Hanuman, que parecia uma montanha, enquanto esse estava diante dele de cabeça baixa e com palmas unidas, dizendo:

"Com a aprovação do grande rei Bibishana, ó meu amigo, reentra em Lanka e pergunta por Maithili. Dize a Vaidehi que eu estou bem, como também Sugriva e Lakshmana. Ó mais eloquente dos oradores, conta a ela sobre a morte de Ravana no campo de batalha. Transmite essas notícias agradáveis para Vaidehi, ó príncipe dos macacos, e tendo recebido as ordens dela, retorna!"

Capítulo 115 – Hanuman leva a mensagem de Rama para Sita

Assim ordenado, Hanuman, nascido de Maruta, voltou a Lanka coberto de honras pelos viajantes noturnos e, entrando na cidade investido de autoridade por Bibishana que ele tinha procurado, Hanuman entrou no bosque de Ashoka, sabendo que Sita poderia ser encontrada lá.

Lá ele viu Maithili como uma Rohini angustiada, negligenciada, sentada tristemente ao pé de uma árvore cercada por titânides e, aproximando-se dela humildemente e gentilmente, Hanuman baixou sua cabeça em reverência a ela.

Ao aparecimento do poderoso Hanuman aquela deusa permaneceu em silêncio, mas então, tendo-o reconhecido, ela ficou encantada, e notando sua aparência tranquila, Hanuman, o principal dos macacos, se preparou para contar tudo o que Rama tinha dito:

"Ó Vaidehi, Rama está bem assim como Sugriva e Lakshmana; ele pergunta sobre o teu bem-estar! Seu propósito está realizado, ele, o conquistador de seus inimigos, matou seu adversário. Ajudado por Bibishana e os macacos, Rama, com a habilidade e sabedoria de Lakshmana, matou Ravana apesar da sua bravura, ó deusa! Essas são notícias agradáveis, mas eu te alegrarei ainda mais, ó divindade. Nessa guerra, travada por tua causa, ó virtuosa Sita, Rama conseguiu um grande triunfo! Anima-te, portanto, não tenhas mais nenhuma ansiedade; Ravana está morto e Lanka subjugada. Banindo o sono, eu resolvi te libertar e colmatando o mar cumpri meu voto. Não temas agora ficar na residência de Ravana já que Bibishana se tornou o senhor de Lanka. Devido a isso, tem coragem, tu podes morar pacificamente no palácio; o próprio Rama está vindo para cá com um passo alegre ansioso para te ver".

A essas notícias, a divina Sita, com o rosto radiante como a lua por causa da alegria, foi incapaz de proferir uma única palavra e aquele príncipe dos macacos questionou Sita, que permanecia em silêncio, dizendo: "No que tu estás pensando, ó deusa, já que não me respondes?"

Assim interrogada por Hanuman, Sita, fixa no caminho do dever, no auge da alegria, disse em uma voz quebrada por soluços:

"Ouvindo essas notícias agradáveis do triunfo do meu senhor, por um momento a alegria me deixou sem fala. Não, seguramente, pensando sobre isso, ó Plavamgama, eu não sei que presente eu posso te oferecer que seria igual a este! Eu não conheço nada sobre a terra comparável a essas notícias alegres ou com o que eu possa te recompensar dignamente. Ouro, pedras preciosas de todo tipo, até

mesmo um trono ou qualquer objeto nos três mundos não pode ser comparado à tua mensagem!"

A essas palavras de Vaidehi, o macaco, diante dela com as palmas unidas, respondeu alegremente:

"Ó tu que estás sempre engajada no que é agradável e vantajoso para teu senhor e que desejas que ele seja vitorioso, o teu discurso afetuoso confere honra a mim, ó senhora irrepreensível".

Ao ouvir isso, Maithili, a filha de Janaka, dirigiu estas palavras lisonjeiras ao filho do vento:

"Teu discurso é característico e cortês e ditado pela inteligência óctupla é digno de ti. Tu, o filho extremamente virtuoso de Anila, és digno de louvor! Indubitavelmente força, destreza, conhecimento das escrituras, coragem, ousadia, habilidade superior, energia, resistência, firmeza, constância e humildade, essas qualidades brilhantes e muitas outras podem ser todas encontradas em ti!"

Sem ser afetado por esse elogio, Hanuman, diante dela com palmas unidas, dirigiu-se a Sita respeitosamente e disse:

"Com o teu consentimento eu matarei todas as titânides que antigamente te insultaram em teu infortúnio, ó tu cujo marido é um deus. Eu sei que aqueles monstros de forma e conduta hediondas, aqueles seres cruéis de aparência selvagem, aqueles titãs de rosto repugnante mais de uma vez se dirigiram a ti em tons ameaçadores por ordem de Ravana. Concede-me permissão para derrubar aquelas bárbaras de feições distorcidas e aspecto temível. Eu baterei nelas com meus punhos, patas traseiras, braços longos, coxas e joelhos; eu as rasgarei em pedaços com os dentes, mastigarei suas orelhas, arrancarei seus cabelos, as derrubarei e destruirei, já que elas te causaram dor, ó princesa ilustre! Eu exterminarei aqueles monstros que anteriormente te insultaram".

Ouvindo as palavras de Hanuman, a desafortunada Sita, amiga dos aflitos, refletindo cuidadosamente, disse a ele:

"Quem se zangaria com mulheres que são dependentes de um monarca que é seu sustentador, e que agem de acordo com o conselho de outro como meras servas ou escravas, ó macaco excelente? Tudo o que aconteceu comigo é por causa de um mau destino e a consequência de alguma falha cometida antigamente. Colhe-se os frutos das próprias ações. Não fales assim, ó guerreiro de braços longos, o caminho do destino é inexorável! Era inevitável que essas circunstâncias me alcançassem e, com essa convicção, eu desejo por compaixão proteger as escravas de Ravana. Foi sob as ordens daquele titã que essas mulheres me maltrataram. Ele estando morto, elas deixarão de me oprimir, ó filho de Maruta. Há um ditado antigo cheio de sabedoria que um urso proferiu antigamente na presença de um tigre, ouve, ó Plavamgama!

"'Um ser superior não retribui o mal com o mal, essa é a máxima que se deve seguir; o ornamento das pessoas virtuosas é sua conduta. Nunca se deve prejudicar os bons nem os maus nem mesmo os criminosos que merecem a morte. Uma alma nobre sempre usará de compaixão mesmo para com aqueles que gostam de prejudicar os outros ou aqueles de atos cruéis quando eles estão realmente cometendo-os, quem não tem falhas?'"

Ouvindo essas palavras, Hanuman, que era hábil em discurso, disse a Sita, a consorte irrepreensível de Rama: "Tu és digna de Raghava, tu, sua esposa casta coroada de muitas virtudes. Ó deusa, manda-me procurar Rama!"

Nisso, Vaidehi, nascida de Janaka, disse: "Eu quero ver meu marido, o amigo de seus devotos!"

Ouvindo-a falar assim, Hanuman, o filho extremamente inteligente de Maruta, deu esta resposta a Maithili, dando grande alegria àquela princesa.

"Nesse dia tu verás Rama, cujo rosto parece a lua cheia, com Lakshmana e seus amigos de confiança, com seus inimigos mortos, como Sachi olha para Indra, o rei dos deuses".

Tendo falado desse modo para Sita, que era tão radiante quanto a própria Shri, o extremamente valente Hanuman partiu imediatamente para se juntar a Raghava. Sem demora, o principal dos macacos, Hanuman, repetiu as palavras que a filha de Janaka tinha proferido, na sequência correta, para Rama que era igual ao chefe dos deuses.

Capítulo 116 – Rama manda buscar Sita

Aquele macaco muito inteligente, tendo prestado reverência a Rama, cujos olhos pareciam as pétalas de um lótus, o mais hábil dos arqueiros, disse-lhe:

"Cabe a ti visitar Maithili que está consumida pela aflição e por cuja causa esse empreendimento, que foi coroado com sucesso, foi realizado. Na angústia que a oprime, Maithili, com os olhos banhados em lágrimas, sabendo da tua vitória, expressou o desejo de te ver mais uma vez. Confiando em mim outrora, com seus olhares cálidos de emoção, ela repetiu 'Eu desejo ver meu senhor novamente!'"

Essas palavras de Hanuman evocaram instantaneamente pensamentos em Rama, o melhor dos homens, fazendo-o derramar lágrimas. Suspirando profundamente ele disse a Bibishana que estava perto, que se assemelhava a uma nuvem: "Traze a princesa de Videha, Sita, aqui, ungida com unguentos celestes, adornada com joias celestes, tendo lavado sua cabeça; não demores!"

A essas palavras de Rama, Bibishana apressou-se para os apartamentos privados para buscar Sita com suas atendentes. Vendo a infeliz Maithili, Bibishana, o poderoso rei dos titãs, prestou reverência a ela, erguendo suas palmas unidas até a testa, e respeitosamente se dirigiu a ela, dizendo:

"Ó Vaidehi, borrifa-te com unguentos celestes, adorna-te com ornamentos divinos e sobe nesse palanquim! Que a felicidade esteja contigo! Teu senhor deseja te ver!"

Então Vaidehi respondeu a Bibishana que tinha se dirigido a ela dessa maneira, dizendo: "Sem ter me banhado, eu quero ver meu consorte, ó Bibishana".

Ao ouvir isso Bibishana respondeu: "Cabe a ti cumprir as ordens de Rama!" No que a virtuosa Maithili, que considerava seu marido como um deus, repleta de dever conjugal, disse: 'Assim seja!'

Então Sita, com suas tranças onduladas, enfeitada com ornamentos inestimáveis, vestindo um traje deslumbrante, subiu em um palanquim carregado por aqueles titãs acostumados a fazer isso, acompanhada por uma grande escolta sob o comando de Bibishana.

E Bibishana, aproximando-se daquele herói magnânimo, que estava absorto em meditação, curvando-se a ele, alegremente anunciou a chegada de Sita.

Ouvindo que sua consorte, que tinha morado por muito tempo na casa do titã, tinha chegado, raiva, alegria e tristeza oprimiram Raghava, o matador de seus inimigos e, vendo Sita no palanquim, Rama, para testá-la, disfarçando sua felicidade, disse a Bibishana:

"Ó senhor supremo dos titãs, ó meu amigo que sempre se regozijou com as minhas vitórias, traze Vaidehi para mais perto de mim".

Ao comando de Raghava, o virtuoso Bibishana fez a multidão se dispersar, após o que titãs vestidos com armaduras, usando turbantes, com tambores e bastões de bambu em suas mãos começaram a se mover por toda parte afastando os guerreiros, ursos, macacos e titãs, que, se dispersando, ficaram à parte um pouco distantes. E quando eles estavam sendo afastados um enorme clamor surgiu parecendo o rugido do mar fustigado pelos ventos.

Vendo-os se dispersando, enquanto confusão era criada entre eles, Rama, em afeição por eles, ficou indignado com sua partida e, muito irritado, com um olhar que parecia como se ele fosse consumi-lo, dirigiu-se ao extremamente inteligente Bibishana em termos reprovadores, dizendo:

"Por que, me desrespeitando, tu os atormentas? Eles não são o meu povo? Sua conduta, não vestes, paredes, reclusão ou outras proibições reais, são o escudo de uma mulher. Em tempos de calamidade, perigo, guerra, no Swyamvara ou cerimônia nupcial, não é proibido ver uma mulher sem véu. Não é proibido olhar para uma mulher que caiu em angústia e dificuldade, acima de tudo na minha presença. Portanto, deixando o palanquim, que Vaidehi venha aqui a pé de modo que os moradores na floresta possam vê-la ao meu lado".

Ouvindo as palavras de Rama, Bibishana ficou pensativo e conduziu Sita até ele reverentemente, enquanto Lakshmana, Sugriva e também Hanuman, ouvindo Rama falar assim, ficaram tristes.

Então Maithili, confusa e encolhendo-se dentro de si mesma, aproximou-se de seu senhor acompanhada de Bibishana; e foi com espanto, alegria e amor que Sita, cujo marido era um deus, olhou para a aparência graciosa de Rama, ela cujo próprio rosto ainda era belo. Contemplando o rosto de seu senhor ternamente amado, a quem ela não via há tanto tempo e que era tão radiante quanto a lua cheia quando nasce, ela pôs de lado toda ansiedade e seu rosto tornou-se tão belo quanto o orbe imaculado da noite.

Capítulo 117 – Rama repudia Sita

Vendo Maithili de pé humildemente diante dele, Rama deu expressão aos sentimentos que ele tinha escondidos em seu coração, dizendo:

"Ó princesa ilustre, eu voltei a te obter e o meu inimigo foi derrotado no campo de batalha; tenho feito tudo o que a fortaleza podia fazer, a minha ira está aplacada; o insulto e aquele que o fez ambos foram eliminados por mim. Hoje a minha bravura foi demonstrada, hoje os meus esforços foram coroados de êxito, hoje eu cumpri minha promessa e estou livre. Como ordenado pelo destino a mácula da tua separação e o teu rapto por aquele titã de mente inconstante foram expurgados por mim, um mortal. De que serve grande força para os vacilantes, que não se vingam com resolução do insulto oferecido a eles?

"Hoje Hanuman está colhendo o fruto das suas façanhas gloriosas e Sugriva, que é valente em guerra e sábio em conselho, com seu exército está colhendo o resultado de seus esforços! Bibishana também está colhendo os frutos de seu trabalho, ele que rejeitou um irmão, que era desprovido de virtude, para vir a mim".

Quando Sita ouviu Rama falar dessa maneira, seus grandes olhos de corça se encheram de lágrimas e, vendo a amada de seu coração de pé perto dele, Rama,

que estava apreensivo de rumor público, estava dilacerado por dentro. Então, na presença dos macacos e dos titãs, ele disse a Sita, cujos olhos eram tão grandes quanto pétalas de lótus, com seus cabelos escuros trançados, e que era dotada de membros impecáveis:

"O que um homem deve fazer para acabar com um insulto eu fiz por matar Ravana, pois eu guardo zelosamente a minha honra! Tu foste obtida novamente como a região sul, inacessível para o homem, foi readquirida por Agastya de alma pura através de suas austeridades. Sê feliz e que se saiba que essa campanha árdua, tão gloriosamente concluída através do apoio de meus amigos, não foi efetuada totalmente por tua causa. Eu tive o cuidado de varrer completamente a afronta feita a mim e de vingar o insulto oferecido à minha Casa ilustre.

"Surgiu uma suspeita, no entanto, a respeito da tua conduta, e a tua presença é tão dolorosa para mim quanto uma lâmpada para alguém cujo olho está enfermo! Doravante vai para onde melhor te aprouver, eu te dou permissão, ó filha de Janaka. Ó adorável, as dez regiões estão à tua disposição; eu não posso ter nada mais a ver contigo! Que homem de honra daria asas à sua paixão a ponto de se permitir aceitar de volta uma mulher que morou na casa de outro? Tu foste levada no colo de Ravana e ele lançava olhares luxuriosos em ti; como eu posso te reivindicar, eu que me gabo de pertencer a uma Casa ilustre? O objetivo que eu buscava ao te reconquistar foi alcançado; eu não tenho mais qualquer apego por ti; vai para onde quiseres! Esse é o resultado das minhas reflexões, ó adorável! Dirige-te a Lakshmana ou Bharata, Shatrughna, Sugriva ou ao titã Bibishana, faze tua escolha, ó Sita, como melhor te agradar. Seguramente Ravana, vendo a tua beleza arrebatadora e divina, não terá respeitado o teu corpo durante o tempo que tu viveste na residência dele".

Nisso, aquela dama nobre, digna de ser abordada com palavras agradáveis, ouvindo aquele discurso duro de seu senhor amado, que por muito tempo a tinha rodeado com todas as homenagens, chorou amargamente, e ela parecia uma trepadeira que foi arrancada pela tromba de um grande elefante.

Capítulo 118 – Os lamentos de Sita. Ela passa pela prova de fogo

Ouvindo essas palavras duras do colérico Raghava, que a fizeram tremer, aquelas afirmações terríveis, que até aquele momento nunca tinham sido ouvidas por ela e eram agora dirigidas a ela por seu marido na presença de uma grande multidão, Maithili, a filha de Janaka, dominada pela vergonha, perfurada no coração por aquele discurso como seta, derramou lágrimas abundantes. Depois disso, enxugando o rosto, ela se dirigiu ao seu marido em tons gentis e vacilantes, dizendo:

"Por que tu me diriges tais palavras, ó herói, como um homem comum se dirige a uma mulher comum? Eu te juro, ó guerreiro de braços longos, que a minha conduta é digna do teu respeito! É o comportamento de outras mulheres que te encheu de desconfiança! Renuncia às tuas dúvidas já que tu me conheces! Se os meus membros entraram em contato com os de outro foi contra a minha vontade, ó senhor, e não por qualquer disposição da minha parte; isso foi provocado pelo destino. Aquilo que está sob meu controle, o meu coração, sempre permaneceu fiel a ti; meu corpo estava à mercê de outro; não sendo dona da situação, o que eu poderia fazer? Se, apesar das provas de amor que te dei enquanto morava contigo,

eu ainda sou uma estranha para ti, ó príncipe orgulhoso, a minha perda é irrevogável!

"Quando, em Lanka, tu despachaste o grande guerreiro Hanuman para me procurar, por que tu não me repudiaste então? Assim que tivesse recebido a noticia de que tinha sido abandonada por ti eu teria abandonado a minha vida na presença daquele macaco, ó herói! Então tu terias sido poupado de fadiga inútil por minha causa e outras vidas não teriam sido sacrificadas, nem os teus inúmeros amigos esgotados sem nenhum propósito. Mas tu, ó leão entre os homens, por cederes à ira e por julgares assim prematuramente uma mulher, agiste como um homem indigno.

"Eu recebi meu nome de Janaka, mas meu nascimento foi da terra e tu não conseguiste apreciar plenamente a nobreza da minha conduta, ó tu que és bem familiarizado com a natureza dos outros. Tu não tiveste reverência pela união das nossas mãos em minha mocidade e pela minha natureza afetiva, todas essas coisas tu deixaste para trás!"

Tendo falado assim para Rama, enquanto chorava, com sua voz estrangulada com soluços, Sita se dirigiu ao infeliz Lakshmana, que estava tomado de tristeza, dizendo:

"Ergue uma pira para mim, ó Saumitri, esse é o único remédio para a minha miséria! Essas críticas injustas me destruíram, eu não posso continuar a viver! Rejeitada publicamente por meu marido, que é insensível à minha virtude, só há um recurso para mim, submeter-me à prova de fogo!"

Ouvindo as palavras de Vaidehi, Lakshmana, o matador de guerreiros hostis, vítima da indignação, consultou Raghava com o olhar e pelos gestos de Rama ele entendeu o que estava em seu coração, após o que o valente Saumitri, seguindo as suas indicações, preparou a pira.

Nenhum entre os seus amigos se atreveu a apelar a Rama, que parecia a própria Morte, o Destruidor do Tempo; ninguém ousava falar ou mesmo olhar para ele.

Então Vaidehi, tendo circungirado Rama, que estava de cabeça baixa, se aproximou do fogo ardente e, reverenciando os celestiais e os brâmanes, Maithili, com palmas unidas, diante das chamas, falou assim:

"Como o meu coração nunca deixou de ser fiel a Raghava, que tu, ó Testemunha de todos os Seres, me concedas a tua proteção! Como eu sou pura em conduta, embora Rama me olhe como maculada, que tu, ó Testemunha dos Mundos, me concedas total proteção!"

Com essas palavras, Vaidehi circungirou a pira e com o coração destemido entrou nas chamas.

E uma grande multidão estava reunida lá, entre a qual havia muitas crianças e pessoas idosas que testemunharam Maithili entrando no fogo. E, parecendo o ouro que foi fundido no cadinho, ela se jogou nas chamas ardentes na presença de todos. Aquela dama de olhos grandes, entrando no fogo, que é o portador de oferendas sacrificais, parecia para aqueles que a observavam se assemelhar a um altar dourado. Aquela princesa afortunada entrando no fogo, que é nutrido por oblações, parecia, aos olhos dos rishis, devas e gandharvas, como uma oferenda sacrifical.

Então todas as mulheres gritaram: 'Ai de mim!' ao vê-la, como um jato de manteiga santificada pela recitação de mantras, cair nas chamas, e ela parecia para os três mundos, os deuses, gandharvas e os danavas como uma deusa atingida por uma maldição e lançada do céu ao inferno. Então, quanto ela entrou nas chamas, um grito alto e terrível se ergueu dos titãs e dos macacos.

Capítulo 119 – O louvor de Brahma a Rama

Enquanto isso o justo Rama, ouvindo o lamento das massas, aflito, ponderou por algum tempo e seus olhos se encheram de lágrimas,

Então o rei Vaishravana e Yama com os Pitris, o senhor de mil olhos dos celestiais, Varuna, senhor das águas e Mahadeva o bendito deus de três olhos que monta o touro, como também Brahma o criador do mundo, o rei dos eruditos, todos se reuniram, tendo se apressado para lá em suas carruagens tão brilhantes quanto o sol, chegando à cidade de Lanka para procurar Rama.

Levantando seus grandes braços e mãos enfeitadas com joias, eles fizeram reverência com palmas unidas e o rei dos deuses, abordando Raghava, disse:

"Ó Criador do Universo e principal daqueles versados na ciência espiritual, como tu podes manifestar indiferença à queda de Sita nas chamas? Como é que tu não percebes que tu mesmo és o Chefe dos Deuses? Antigamente tu eras o Vasu Ritadhaman, o progenitor dos Vasus! Tu és o Criador dos Três Mundos, Swyamprabhu, o oitavo Rudra e o quinto dos Sadhyas. Os gêmeos Ashvins são teus dois ouvidos, o sol e a lua teus olhos; essas são as formas no começo, meio e fim da criação nas quais tu apareces, ó Flagelo de Teus Inimigos; e ainda tu desconfias de Vaidehi como se fosses um homem comum!"

Assim abordado pelo protetor dos mundos, o líder dos deuses, Raghava, senhor dos povos, o mais notável dos piedosos, respondeu:

"Eu me considero como um homem, Rama, nascido de Dasaratha; quem então eu sou na realidade? De onde eu vim? Que o Avô do Mundo me informe!"

Assim falou Kakutstha e Brahma, o principal daqueles que conhecem a verdade, se dirigiu a ele dizendo:

"Tu és o grande e refulgente Deus Narayana, o Senhor afortunado armado com o disco. Tu és o Javali de Uma Presa, o Conquistador de teus inimigos no passado e no futuro. Tu és o imperecível Brahman, a própria Existência, transcendendo as três divisões de tempo; Tu és a Lei da Justiça, O de quatro braços, o portador do arco Sharnga; Tu és o Dominador dos sentidos, o Purusha Supremo; Tu és invencível, Tu és o Portador da Adaga, Tu és Vishnu, Tu és Krishna e de coragem imensurável; Tu és Senani e Gramani, o Controlador de paixões, a Origem e a Dissolução; Tu és Upendra e o matador do Demônio Madhu, Tu és o Criador de lndra e o próprio lndra; Tu és de umbigo de lótus; Tu levas o combate ao fim. Os Rishis grandiosos e divinos Te reconhecem como seu refúgio e protetor. Tu és os Himalaias de cem picos, a Essência dos Vedas, o Deus de Cem Línguas, o Grande Touro, Tu mesmo és o Criador do Mundo, Swyamprabhu; Tu és o Refúgio e o mais antigo dos Siddhas e Sadhyas; Tu és o sacrifício, a sílaba sagrada 'Vashat' e 'Aum', o maior dos maiores. Ninguém conhece a tua origem ou fim ou quem Tu és realmente. Tu estás manifesto em todos os seres, nas vacas e nos brâmanes; Tu permeias todas as regiões, o firmamento, as montanhas e os rios, Tu, o Deus de Mil Pés, o de Mil Cabeças, Tu de Mil Olhos! Tu és o amparo de todos os seres e da terra. Quando a terra é retirada, sob a forma de uma grande serpente, Tu apareces nas águas sustentando todos os mundos e os Deuses, Gandharvas e Danavas, ó Rama. Eu sou teu coração e a Deusa Saraswati, tua língua; os Deuses são os pelos do Teu corpo, eu, Brahma, os criei assim. Quando tu fechas teus olhos, é noite, e quando tu os abres é dia. Os Vedas são teus Samskaras;[490] nada existe além de ti;

[490] Samskaras: Impressões latentes.

todo o universo é Teu corpo, a terra Tua paciência; Agni Tua ira, Soma Tua beneficência, a marca Shrivatsa, Teu símbolo sagrado.

"Tu cobriste os Três Mundos com três passos; Tu refreaste o terrível Bali e estabeleceste Mahendra como rei. Sita é Lakshmi e Tu, o Deus Vishnu, e Krishna Prajapati. Foi para matar Ravana que tu entraste em um corpo humano. Essa tarefa que nós confiamos a Ti foi realizada, ó tu, o principal daqueles que cumprem seu dever. Ravana tendo caído, que Tu ascendas ao céu alegremente! A tua força é irresistível, ó Rama, e as tuas façanhas nunca são infrutíferas. Contemplar a Ti e oferecer adoração a Ti nunca é inútil! Não é em vão que os homens são devotados a Ti sobre a terra. Aqueles que são sempre fiéis a Ti chegam a Ti que és o Purusha primevo e seus desejos serão realizados nesse mundo e nos outros mundos. Aqueles que recitam esse tema eterno, antigo e tradicional, transmitido pelos Rishis, nunca sofrerão derrota".

Capítulo 120 - Sita é devolvida a Rama

Ouvindo aquelas palavras excelentes pronunciadas pelo Avô, Vibhabasu, que mantinha Vaidehi em seu colo, tendo extinguido a pira, ergueu-se, e aquele portador de oferendas sacrificais, assumindo uma forma corpórea, levantou-se e segurou a filha de Janaka. Então aquela mulher jovem, bela como a aurora, usando ornamentos de ouro refinado, vestida com uma túnica vermelha, tendo cabelo escuro e ondulado, usando guirlandas novas, a irrepreensível Vaidehi foi devolvida a Rama pelo deus do fogo.

Depois disso, a Testemunha de todo o mundo, Pavaka, dirigiu-se a Rama, dizendo: "Aqui está Vaidehi, ó Rama, não há pecado nela! Nem por palavra, sentimento ou olhar a tua consorte adorável mostrou-se indigna das tuas nobres qualidades. Separada de ti, essa desafortunada foi levada para longe contra a sua vontade na floresta solitária por Ravana, que tinha se tornado orgulhoso por conta de seu poder.

Embora aprisionada e vigiada de perto por titânides nos aposentos internos, tu sempre eras o foco de seus pensamentos e sua esperança suprema. Cercada por mulheres hediondas e sinistras, embora tentada e ameaçada, Maithili nunca deu lugar em seu coração para um único pensamento a respeito daquele titã e estava unicamente absorta em ti. Ela é pura e sem mácula, recebe Maithili; é meu comando que ela não sofra reprovação de nenhuma maneira".

Essas palavras encheram o coração de Rama de alegria e ele, o mais eloquente dos homens, aquela alma leal, refletiu por um instante consigo mesmo, com o olhar cheio de alegria. Então o ilustre, firme e extremamente valente Rama, o melhor dos homens virtuosos, ouvindo aquelas palavras endereçadas a ele, disse ao chefe dos deuses:

"Por causa do povo, era imperativo que Sita passasse por essa prova de fogo; essa mulher adorável morou nos aposentos internos de Ravana por um longo tempo. Se eu não pusesse à prova a inocência de Janaki as pessoas diriam: 'Rama, o filho de Dasaratha, é governado pela luxúria!' Eu sei muito bem que Sita nunca deu seu coração a outro e que a filha de Janaka, Maithili, sempre foi devotada a mim. Ravana não era mais capaz de influenciar aquela dama de olhos grandes, cuja castidade era a sua própria proteção, que o oceano pode ultrapassar seus limites. Apesar da sua grande perversidade, ele era incapaz de se aproximar de Maithili

mesmo em pensamento, que era inacessível para ele como uma chama. Aquela mulher virtuosa nunca poderia pertencer a ninguém além de mim pois ela é para mim o que a luz é para o sol. Sua pureza é evidente nos três mundos; eu não poderia renunciar a Maithili, nascida de Janaka, mais do que um herói a sua honra. Cabe a mim seguir seu conselho sábio e amigável, ó Benevolentes Senhores do Mundo".

Tendo falado assim, o vitorioso e extremamente poderoso Rama, cheio de glória, adorado por seus feitos nobres, foi reunido com sua amada e experimentou a felicidade que ele merecia.

Capítulo 121 - Dasaratha aparece para Rama

Ouvindo aquelas palavras excelentes proferidas por Raghava, Maheshvara se dirigiu a ele com eloquência ainda maior, dizendo:

"Ó de olhos de lótus, ó Tu possuidor de braços longos e peito largo, ó flagelo de teus inimigos, é venturoso que tenhas realizado esse grande feito, ó mais piedoso dos homens!

"Ó Rama, é bom para todos os seres que tu tenhas dissipado essa escuridão profunda e terrível do mundo todo, esse medo criado por Ravana. Vai agora e consola o desafortunado Bharata com tua presença, as ilustres Kaushalya, Kaikeyi e Sumitra, a mãe de Lakshmana. Governa sobre Ayodhya, dando satisfação aos teus inúmeros amigos e estabelece a dinastia da linhagem de Ikshvaku. Ó herói poderoso, tendo realizado o sacrifício Ashvamedha e adquirido renome supremo, tendo distribuído riqueza entre os brâmanes, que tu atinjas o estado mais elevado.

"Vê o rei Dasaratha em sua carruagem, teu pai, teu superior no mundo dos homens, ó Kakutstha! Tendo atravessado o mar da relatividade por tua graça, cheio de glória ele entrou na região de Indra; presta homenagem a ele com teu irmão Lakshmana!"

Ouvindo as palavras de Mahadeva, Raghava, que estava acompanhado por Lakshmana, curvou-se diante de seu pai, que estava em seu carro aéreo no alto, e aquele príncipe com seu irmão Lakshmana viu seu pai brilhando com sua própria refulgência, vestido em traje imaculado. Com extremo prazer o rei Dasaratha, em sua carruagem, mais uma vez viu seu filho que era tão precioso para ele como a própria vida, e aquele guerreiro de braços longos, em seu assento, pegou-o no colo e abraçando-o, disse:

"Longe de ti eu não aprecio o céu no qual eu moro com os Deuses, ó Rama, essa é a verdade! Ó mais eloquente dos homens, as palavras dirigidas a mim por Kaikeyi, que foram planejadas para efetuar o teu banimento, nunca foram apagadas do meu coração! Abraçando a ti e a Lakshmana e vendo-te bem e feliz, eu estou livre da minha aflição como o sol quando a névoa se dissipa. Pela tua graça, ó meu filho, tu que és verdadeiramente filial e de alma nobre, eu estou redimido, como o brâmane virtuoso Kahola foi por Ashtavakra. Agora está claro para mim, ó filho querido, que, para destruir Ravana, os Deuses determinaram que o Purusha supremo se encarnasse como homem.

"Seguramente Kaushalya verá todos os seus desejos realizados, ó Rama, quando ela te vir retornar da floresta, ó matador de teus inimigos. Ó Rama, o povo, vendo-te voltando para a cidade e instalado como rei e governante do mundo, de fato será abençoado! Eu desejo te ver reunido com Bharata, teu irmão dedicado,

puro leal e valente. Tu passaste quatorze anos na floresta com a minha amada Sita e Lakshmana, ó filho querido. O prazo do teu exílio acabou, os teus votos estão honrados, e, além disso, por matar Ravana no campo de batalha tu agradaste aos Deuses. A tua tarefa está realizada; tu ganhaste renome infinito, ó matador de teus inimigos; agora, instalado como rei, que tu com teus irmãos vivas por um longo tempo!"

Com palmas unidas, prestando reverência ao rei Dasaratha, que tinha se dirigido a ele dessa maneira, Rama respondeu:

"Ó pai virtuoso, dá tuas bênçãos a Kaikeyi e a Bharata! Tu pronunciaste uma maldição terrível sobre eles, dizendo: 'Eu renuncio a ti e ao teu filho!' que essa maldição não caia sobre Kaikeyi ou seu filho, ó senhor". "Que assim seja!", respondeu o grande monarca, prestando reverência com palmas unidas a Rama que tinha falado assim, e então, abraçando Lakshmana, disse a ele:

"Tu adquiriste mérito extremo, ó piedoso, e a tua fama será grande na terra; pela graça de Rama tu chegarás ao céu e o teu poder será inconcebível. Auxilia Rama e sê feliz, ó tu que és o aumentador da alegria de Sumitra. Rama está sempre engajado no bem-estar de todos os seres. Os três mundos com seus Indras, os Siddhas e os grandes Rishis honram esse grande herói e o adoram como o Purusha supremo. Ele, teu irmão, é o invencível, imperecível Brahman, a essência do Veda, que é secreta, e o soberano interno de todos, ó caro filho! Tu adquiriste grande mérito e glória ao servires a ele e à princesa de Videha com devoção!"

Tendo falado desse modo com Lakshmana, o rei prestou homenagem a Sita que estava diante dele com palmas unidas, e dirigiu-se a ela em tons gentis, dizendo:

"Minha filha, não leves a mal que Rama tenha renunciado a ti! Ó Vaidehi, ele agiu assim no teu próprio interesse para demonstrar a tua inocência! A prova da tua conduta casta, que tu deste hoje, te coloca acima de todas as outras mulheres. Ó minha filha, tu não precisas ser instruída a respeito do teu dever para com teu marido, no entanto, eu devo te dizer que ele é o Deus Supremo".

Tendo assim se dirigido aos seus dois filhos e a Sita, o rei Dasaratha, o descendente de Raghu, ascendeu à região de Indra em sua carruagem. Sobre seu carro aéreo, cheio de majestade, seu corpo brilhando com esplendor, aquele principal dos homens, tendo dado seu conselho aos seus dois filhos e a Sita, voltou para a residência do soberano dos deuses.

Capítulo 122 – A pedido de Rama Indra restabelece o exército

O rei Dasaratha tendo partido, Mahendra, o vencedor de Paka, dirigiu-se a Raghava, que estava diante dele com palmas unidas, e disse:

"Ó Rama, ó leão entre os homens, a nossa presença aqui não deve ser infrutífera; nós estamos satisfeitos contigo; pede o que desejares!"

Ouvindo essas palavras magnânimas do bem-aventurado Mahendra, Raghava, de alma compassiva, respondeu-lhe com alegria:

"Já que tu desejas me gratificar, ó chefe dos Vibudhas, me concede o que eu te peço! Ó mais eloquente dos oradores, que todos os macacos valentes, que por minha causa desceram para a região da morte, sejam ressuscitados e vivam novamente. Eu quero ver felizes todos aqueles macacos que por minha causa deixaram seus filhos e esposas, ó Senhor grandioso.

"Aqueles macacos corajosos, aqueles heróis que cortejaram a morte e, coroando seu sacrifício, sucumbiram, devolve à vida, ó Purandara! Dedicados aos meus interesses eles desconsideraram a morte; tem a bondade de devolvê-los às suas famílias; eu te solicito esse favor! Eu desejo ver os golangulas e os ursos com toda a sua antiga energia, livres de seus sofrimentos e de seus ferimentos, ó Deus munificente. Que haja flores, raízes e frutas, mesmo que seja fora de época, e rios com água pura em abundância onde quer que os macacos possam ser encontrados".

Ouvindo essas palavras do magnânimo Raghava, Mahendra respondeu gentilmente:

"Difícil de fato é realizar essa bênção que tu almejas, ó caro príncipe dos Raghus, mas as minhas palavras nunca são vãs; que assim seja! Que todos aqueles que foram mortos em batalha pelos titãs, os ursos e os gopucchas, cujas cabeças e braços foram cortados, sejam ressuscitados! Que aqueles macacos se ergam exultantes, sem dor ou feridas, com todo o seu vigor e coragem naturais, como adormecidos que acordam no final da noite, e que eles se reúnam com seus amigos, parentes e tribos! Ó Tu, o manejador do grande arco, que as árvores sejam carregadas de frutas e flores, mesmo fora de época, e os rios sejam cheios de água pura".

Então aqueles macacos excelentes, que anteriormente estavam cobertos de ferimentos, se levantaram curados, como pessoas que estavam adormecidas, e houve espanto geral entre os macacos, que questionaram uns aos outros, dizendo: 'O que é isso?'

Vendo seu propósito realizado, os deuses, em um excesso de alegria, dirigiram-se unanimemente a Rama, que estava acompanhado por Lakshmana, louvando-o e dizendo:

"Agora volta para Ayodhya, ó rei, e dispersa os macacos; consola a dedicada e ilustre Maithili! Procura o teu irmão Bharata que, na tristeza da tua separação, se entregou às penitências. Aproxima-te do magnânimo Shatrughna e de todas as tuas mães, ó flagelo de teus inimigos! Sê instalado como rei e alegra os corações dos cidadãos pelo teu retorno!"

Tendo falado assim para Rama que estava acompanhado por Saumitri, os deuses, prestando reverência a ele, voltaram alegremente para o céu em suas carruagens fulgurantes como o sol; e Rama com seu irmão ordenou o acampamento do exército.

Depois disso, sob a proteção de Rama e Lakshmana, aquela grande e gloriosa companhia de pessoas felizes, radiante com esplendor, parecia a noite iluminada por todos os lados por aquele orbe de raios frios.

Capítulo 123 – Bibishana coloca a carruagem Pushpaka à disposição de Rama

Tendo passado a noite, Rama o conquistador de seus inimigos levantou-se alegremente e Bibishana, prestando reverência a ele com palmas unidas, se dirigiu a ele, dizendo:

"Aqui estão vários artigos para banho, tais como unguentos, ornamentos, pasta de sândalo, trajes e guirlandas celestes de todos os tipos. Mulheres de olhos

de lótus, versadas na arte de aplicar perfume, aguardam a tua vontade, como é apropriado, ó Raghava!"

A essas palavras Kakutstha respondeu a Bibishana dizendo: "Convida os principais dos macacos e Sugriva para se banharem primeiro, pois o piedoso Bharata, acostumado à felicidade, aquele herói jovem e leal está sofrendo por minha causa. Longe de Bharata, o filho de Kaikeyi, que tem sido fiel ao seu dever, eu não dou valor a banho ou trajes ou joias! Arranja para que possamos voltar logo para Ayodhya, certamente a rota é extremamente árdua".

Assim Rama falou e Bibishana respondeu: "Eu providenciarei para que tu chegues àquela cidade em um dia, ó príncipe! Que a felicidade esteja contigo! Existe um carro aéreo chamado Pushpaka que brilha como o sol, que o poderoso Ravana tomou à força de Kuvera, tendo-o derrotado em combate. Aquela carruagem celeste e maravilhosa, que vai a toda parte à vontade, está à tua disposição, ó tu de destreza inigualável! Aquele carro, brilhante como uma nuvem, que te transportará para Ayodhya em perfeita segurança, está aqui. Mas se eu sou digno de uma benção, se tu recordas algum mérito em mim, então fica aqui por pelo menos um dia, ó virtuoso. Se tu tens alguma amizade por mim, então permanece aqui com teu irmão Lakshmana e Vaidehi, tua consorte. Tendo recebido toda homenagem possível, ó Rama, tu deves partir. Eu preparei aquelas honras ditadas pelo meu afeto, ó Rama, que tu desfrutes delas com teus inúmeros amigos e teu exército também. Eu te peço com toda a humildade, pela minha profunda estima e sentimento de amizade por ti, ó Raghava; eu sou teu servo e, portanto, não posso te comandar".

Então Rama respondeu a Bibishana, que tinha falado assim na presença de todos os titãs e dos macacos e disse: "Ó herói, tu me honraste com tua amizade com toda a tua alma e em todas as tuas ações provaste a tua suprema afeição por mim. No entanto, eu não posso aceitar o teu pedido, ó rei dos titãs, porque o meu coração me pede para ver meu irmão Bharata novamente, ele que veio para Chittrakuta a fim de me levar de volta para Ayodhya, porém, quando ele se curvou diante de mim, eu não atendi o seu apelo. Eu quero ver Kaushalya, Sumitra e a ilustre Kaikeyi, como também minha casa, meus amigos, o povo da cidade e do campo. Concede permissão, ó caro Bibishana, tu me prestaste honra suficiente! Não fiques zangado, ó meu amigo, eu te peço. Ó principal dos titãs, prepara o carro aéreo rapidamente, a minha tarefa foi realizada, que justificação há para permanecer aqui por mais tempo?"

Ouvindo as palavras de Rama, aquele Indra entre os titãs, Bibishana, se apressou para arranjar a carruagem aérea Pushpaka, dourada e brilhante como o sol, com seus assentos de esmeralda e pérola, seus aposentos alinhados em volta, inteiramente prateada, suas bandeiras brancas e suportes e apartamentos dourados enriquecidos com lótus de ouro que estavam enfeitados com muitos sinos. Ao redor das janelas, incrustradas com pérolas e gemas raras, fileiras de sinos foram colocadas emitindo um som melodioso, e aquele palácio movente, semelhante ao pico do monte Meru, construído por Vishvakarma, era repleto de ornamentos valiosos, ouro e joias e cintilava com prata, e os seus pisos eram incrustados com cristais e os tronos da esmeralda (exibidos lá) equipados com coberturas raras.

Depois de preparar aquele veículo indestrutível, a carruagem Pushpaka, que era tão rápida quanto o pensamento, Bibishana ficou diante de Rama, e aquele carro aéreo, que ia a toda parte à vontade do ocupante e parecia uma montanha, tendo sido colocado à sua disposição, o magnânimo Rama que estava acompanhado por Saumitri, ficou admirado.

Capítulo 124 - Rama parte para Ayodhya

A carruagem Pushpaka tendo sido preparada e decorada com flores, Bibishana, que estava um pouco distante com palmas unidas, reverentemente questionou Rama com alguma urgência, dizendo: "O que eu devo fazer agora, ó Raghava?"

O extremamente ilustre Raghava, tendo refletido por algum tempo, na presença de Lakshmana, respondeu afetuosamente, dizendo:

"Todos os habitantes das florestas ocasionaram o cumprimento da minha missão por seus esforços; ó Bibishana, gratifica-os abundantemente com joias e riquezas de todos os tipos. Com o apoio deles tu recapturaste Lanka, ó soberano dos titãs! Cheios de ardor, eles não temeram arriscar suas vidas e jamais recuaram em combate. Eles cumpriram sua tarefa; agora os recompensa, distribuindo ouro e pedras preciosas entre eles. Quando, em tua gratidão, tu os tiveres cumulado de presentes, os macacos estarão totalmente satisfeitos. "Tu sabes como dar e como receber, tu és generoso e mestre dos teus sentidos, todos sabem que tu és um renunciante, é por isso que me dirijo a ti e te exorto, ó príncipe; um rei travará guerra em vão e seu exército o abandonará na primeira oportunidade se ele for totalmente desprovido daquelas qualidades que o tornam agradável para todos".

Ouvindo as palavras de Rama, Bibishana concedeu pedras preciosas e riquezas de todos os tipos em abundância a todos os macacos e, vendo os principais dos macacos carregados de joias e prata, Rama subiu na carruagem de seu adversário, segurando a casta e ilustre Vaidehi junto ao peito e acompanhado por seu irmão Lakshmana, aquele arqueiro valente.

De pé na carruagem, Kakutstha se despediu de todos os macacos, dos poderosos Sugriva e Bibishana e disse:

"Ó mais notáveis dos macacos, vocês fizeram tudo o que poderia ser solicitado de um amigo, agora vão para onde quiserem, eu dou a vocês todos permissão para partir. Ó Sugriva, tu que nada temes exceto a injustiça, tu fizeste tudo o que um companheiro devotado e leal poderia fazer; volta para Kishkindha à frente do teu exército. E tu, Bibishana, ocupa o trono de Lanka que eu conferi a ti. Nem os habitantes do céu e seus chefes serão capazes de te perturbar. Eu vou para Ayodhya, que foi a residência real do meu pai e desejo me despedir de todos vocês e lhes oferecer minhas saudações!"

Assim falou Rama e todos os líderes dos macacos e os próprios macacos como também o titã Bibishana, prestando reverência com palmas unidas, responderam:

"Nós queremos ir para Ayodhya, leva-nos todos contigo! Nós teremos grande prazer em percorrer os bosques e matas e em assistir a tua instalação, da qual tu és digno. Tendo prestado reverência à rainha Kaushalya, nós voltaremos para as nossas casas sem demora, ó maior dos reis!"

Assim eles falaram e o virtuoso Rama respondeu aos macacos, Sugriva e Bibishana, dizendo: "Nada seria mais agradável para mim, como também para os meus inúmeros amigos, do que voltar para a capital com todos vocês. Apressa-te a tomar teu lugar com os teus macacos na carruagem, ó Sugriva, e tu também, ó Bibishana, com teus ministros, ó rei dos titãs".

Então Sugriva com os macacos e Bibishana com seus conselheiros tomaram seus lugares na carruagem celeste Pushpaka e, todos estando instalados, aquele carro aéreo extraordinário pertencente a Kuvera subiu no ar sob o comando de Raghava. Na carruagem, que resplandecia brilhantemente, e era atrelada a cisnes, Rama exultou, tomado de alegria, e parecia o próprio Kuvera, enquanto todos os macacos, ursos e titãs, cheios de vigor, sentados confortavelmente no carro celeste viajaram à vontade.

Capítulo 125 – Rama fala a Sita dos lugares sobre os quais eles estão passando

Sob o comando de Rama, aquela carruagem aérea atrelada a cisnes voou pelo ar com um grande barulho, e Rama, a alegria dos Raghus, deixando seu olhar cair por todos os lados, disse à princesa de Mithila, Sita, cujo rosto parecia a lua:

"Vê como Lanka foi construída por Vishvakarma no cume da montanha Trikuta, que lembra o pico do monte Kailasha. Vê o campo de batalha coberto com uma lama de carne e sangue; lá, ó Sita, uma grande carnificina de macacos e titãs ocorreu. Lá jaz o feroz dos titãs, Ravana, que, apesar das bênçãos que havia recebido, foi morto por mim por tua causa, ó senhora de olhos grandes.

"Aqui Kumbhakarna foi derrubado como também outro viajante da noite; Prahasta e Dhumraksha pereceram aqui sob os golpes do macaco, Hanuman. Vidyunmalin foi morto neste local por Sushena de grande alma, e em outro, Lakshmana derrotou Indrajita, o filho de Ravana. Angada derrotou os titãs chamados Vikata e Virupaksha, hediondos de se olhar, como também Mahaparshwa e Mahodara. Akampana sucumbiu, como também outros guerreiros valentes, Trishiras, Atikaya, Devantaka e Narantaka, Yuddhonmatta e Matta, ambos grandes heróis, Nikumbha e Kumbha, os dois filhos de Kumbhakarna, que eram cheios de coragem; Vajradamshtra, Damshtra e inúmeros outros titãs pereceram aqui e o invencível Maharaksha a quem me matei em combate; e Akampana[491] foi morto e o poderoso Shonitaksha enquanto Yupaksha e Prajangha também sucumbiam na grande luta. Vidyujjihva, um titã de aspecto temível, caiu lá e Yajnashatru morreu também; o poderoso Suptaghna também, assim como Suryashatru, foram mortos com Brahmashatru, que não tinha igual, e aqui o consorte de Mandodari, por quem ela chorou cercada por suas companheiras em número de mil ou mais.

"Aqui é o lugar onde o oceano foi atravessado, ó dama de aparência adorável, e, tendo passado sobre o mar, lá está o local onde a noite foi passada. Lá a ponte que eu lancei sobre o oceano de ondas salgadas por tua causa, ó senhora de olhos grandes, aquele passadiço, de construção difícil, foi erigido por Nala. Contempla o oceano, ó Vaidehi, a residência indestrutível de Varuna, que parece sem limites, cujas águas trovejantes abundam em conchas e pérolas. Ó Maithili, olha aquela montanha dourada que, partindo as ondas, ergueu-se do leito do oceano para permitir que Hanuman descansasse. E aqui a nossa sede foi estabelecida; aqui, antigamente o Senhor Mahadeva me concedeu uma benção e lá é o local sagrado e purificador conhecido como Setubandha[492] onde até mesmo os maiores pecados são purificados. Aqui Bibishana, o rei dos titãs, veio pela primeira vez a mim. Agora

---

[491] Akampana aparece duas vezes; não se sabe se isso se refere ao mesmo guerreiro ou a outro.

[492] Esse lugar ainda pode ser visto perto de Rameshwara, um lugar de peregrinação.

nós chegamos a Kishkindha com seus belos bosques, ela é a capital de Sugriva onde eu matei Bali".

Então Sita, vendo a cidade de Kishkindha da qual Bali era antigamente o suporte, disse a Rama em tons gentis, carinhosos e desejosos: "Eu desejo entrar na tua capital real, Ayodhya, ó príncipe, com as consortes amadas de Sugriva, com Tara à sua frente, como também as esposas dos outros líderes dos macacos!"

Assim falou Vaidehi e Raghava respondeu: 'Que assim seja!', atingindo, posteriormente, as alturas de Kishkindha, ele fez a carruagem aérea parar e disse a Sugriva: "Ó leão entre os macacos, manda todos os Plavamgamas, acompanhados por suas esposas, virem a Ayodhya com Sita e comigo. Que todos venham, ó rei, e apressa-te para partir, ó Sugriva!"

Ao ouvir a ordem de Rama, aquele cuja energia era imensurável, Sugriva, o monarca ilustre dos macacos, acompanhado por seus ministros entrou nos aposentos internos e, vendo Tara, disse-lhe:

"Ó querida, sob a ordem de Raghava, que deseja agradar Vaidehi, vai rapidamente reunir as consortes dos macacos magnânimos para que elas possam partir para Ayodhya para visitar as esposas do rei Dasaratha".

Ouvindo as palavras de Sugriva, Tara, de belos membros, reuniu todas as macacas e disse-lhes: "Sugriva nos manda partir para Ayodhya! Façam-me o favor de me acompanhar e testemunhem a entrada de Rama no meio do povo da cidade e da região e o esplendor das esposas de Dasaratha".

Assim comandadas por Tara, as macacas, tendo primeiro se enfeitado e a circungirado, subiram no carro, ansiosas para ver Sita, e aquela carruagem imediatamente ergueu-se no ar com elas.

Então Raghava, olhando para baixo para todos os lados, tendo chegado aos arredores de Rishyamuka, mais uma vez se dirigiu a Vaidehi, dizendo: "Ó Sita, aqui há uma grande montanha semelhante a uma nuvem partida pelo raio, cheia de ouro e outros metais. Foi aqui que eu encontrei aquele Indra entre os macacos, Sugriva, e entrei em um acordo com ele para matar Bali. Aqui está o lago Pampa com seus campos maravilhosos de lótus azuis e aqui, separado de ti, pela profundidade da minha aflição eu chorei! Foi nessas margens que eu vi a virtuosa Shabari.

"Aqui eu matei Kabandha, cujos braços se estendiam por quatro milhas! Ó Sita, em Janasthana, eu me deparei com aquela árvore magnífica, a Ashwatta, perto da qual Jatayu, o famoso e valente monarca das aves pereceu sob os golpes de Ravana por tua causa, ó adorável. E lá está o nosso eremitério, ó senhora de tez brilhante, onde a nossa cabana encantadora coberta de folhas pode ser vista. Foi lá que tu foste levada à força pelo rei dos titãs.

"Lá está a arrebatadora Godavari[493] de águas transparentes e lá, o retiro de Agastya pode ser visto, que é coberto com folhas de palmeira, como também eremitério de Sharabhanga onde o deus de mil olhos, o destruidor de cidades, entrou em segredo. Ó deusa de cintura fina, vê os ascetas com Atri em sua chefia, iguais a Surya e Vaishnava; naquele local o gigante Viradha caiu sob os meus golpes e ali, ó Sita, tu visitaste o sábio virtuoso. Vê, ó dama de forma bela, o rei das montanhas, Chittrakuta, aparece; foi lá que o filho de Kaikeya veio implorar o meu perdão. Aqui é a encantadora Yamuna com seus bosques deslumbrantes e aqui o retiro de Bharadwaja aparece à vista, ó Maithili. Agora estamos avistando o Ganges, o rio sagrado de três braços. Lá é a cidade de Shringavera onde meu amigo, Guha, mora, e lá, o rio Sarayu com fileiras de pilares de pedra em suas margens

[493] [Rio de nome feminino].

comemorando os reis da Casa de Ikshvaku! Vê lá a residência real do meu pai! Ó Vaidehi, reverencia Ayodhya, nós voltamos!"

Durante esse tempo os macacos e os titãs estavam pulando ao redor em alegria ao verem aquela cidade e, com os palácios dos quais ela estava repleta, seus grandes espaços e os elefantes e cavalos que a enchiam, Ayodhya parecia para os macacos e titãs como Amaravati, a cidade do poderoso Indra.

Capítulo 126 – O encontro de Rama com o sábio Bharadwaja

Tendo completado os quatorze anos de exílio, no quinto dia da quinzena lunar o irmão mais velho de Lakshmana chegou ao eremitério de Bharadwaja e se curvou diante daquele asceta. Prestando-lhe reverência, ele questionou o sábio, dizendo: "Ó abençoado, tu sabes se todos estão bem e felizes na cidade? Bharata é fixo em seu dever? As minhas mães ainda vivem?"

Assim Rama questionou Bharadwaja e o grande sábio, sorrindo, respondeu ao príncipe dos Raghus alegremente e disse: "Bharata, com seus cabelos emaranhados, cumprindo as tuas instruções, aguarda o teu retorno. Na presença das suas sandálias, às quais ele presta homenagem, ele governa tudo no melhor interesse da tua família e do país.

"Vendo-te vestido em peles, partindo a pé, com a tua consorte compondo o terceiro,[494] banido do teu reino, inteiramente dedicado ao teu dever, obediente às ordens do teu pai, renunciando a todos os prazeres, como um deus expulso do céu, antigamente eu fiquei cheio de pena de ti; então, ó guerreiro vitorioso, tu, desapossado por Kaikeyi, te alimentavas de frutas e raízes; mas agora eu te vejo, com o teu propósito realizado cercado por amigos e parentes, tendo triunfado sobre teu inimigo e a minha alegria é suprema!

"Eu sei tudo o que tu padeceste de bom e mau enquanto viveste em Janasthana, ó Raghava, e como, empenhado em proporcionar bem-estar aos sábios, buscando protegê-los todos, a tua consorte irrepreensível foi raptada por Ravana. Eu sei do aparecimento de Maricha e do engano de Sita; o encontro com Kabandha; tua chegada ao lago Pampa, a aliança com Sugriva quando Bali caiu sob os teus golpes; a busca por Vaidehi e a façanha do filho do deus do vento; a construção do passadiço por Nala e a descoberta de Vaidehi; como Lanka foi incendiada pelo principal dos macacos enquanto ele estava amarrado; como Ravana, orgulhoso de sua força, caiu na luta com seu filhos, parentes, ministros, infantaria e cavalaria; como, após a morte de Ravana, que era um espinho na carne dos deuses, tu encontraste os celestiais e recebeste uma bênção deles; todas essas coisas eu sei por força das minhas penitências, ó herói, ó tu que és fixo em virtude.

"Por isso eu mandei meus discípulos levarem a notícia à cidade e também vou te conceder um benefício, ó mais hábil dos guerreiros; mas aceita primeiro o Arghya, amanhã tu irás para Ayodhya".

Ouvindo essas palavras, o príncipe ilustre, de cabeça baixa, respondeu com alegria: "Está bem!" e fez o seguinte pedido: "Na estrada que eu tomar para chegar a Ayodhya, embora não seja a estação, que todas as árvores deem frutos

[494] Rama e Lakshmana sendo os outros dois.

açucarados e que aqueles frutos tenham a fragrância de 'Amrita'[495] e que toda variedade possa ser encontrada lá; ó abençoado!"

Então o sábio respondeu: "Assim seja! O teu desejo será realizado imediatamente!" Então as árvores daquela região instantaneamente se assemelharam às do Paraíso. Aquelas que não tinham nenhum deram frutos, e aquelas que não tinham flores ficaram cobertas de flores; árvores que tinham murchado ficaram envoltas em folhagem e todas gotejavam mel por três léguas ao longo do caminho.

Enquanto isso, os principais dos macacos se regalaram com aqueles frutos celestes na medida do seu desejo e, extasiados de alegria, eles imaginaram que tinham entrado no céu.

Capítulo 127 - Rama envia Hanuman para procurar Bharata

Quando ele viu Ayodhya, aquele descendente de Raghu de passo rápido cheio de magnanimidade entregou-se a pensamentos agradáveis e, tendo refletido por algum tempo, aquele herói triunfante e ilustre disse ao macaco Hanuman:

"Apressa-te com toda velocidade para Ayodhya, ó principal dos macacos, e verifica se todos estão felizes no palácio real. Passando por Shringavera, te comunica com Guha, o rei dos Nishadas, que vive em uma região arborizada, e lhe oferece as minhas saudações. Quando ele souber que eu estou seguro e bem, livre de todas as ansiedades, ele ficará contente, pois ele é meu segundo eu e meu amigo. Ele te mostrará alegremente o caminho para Ayodhya e te dará notícias de Bharata. Pergunta a Bharata a respeito do seu bem-estar e informa a ele que eu voltei com minha consorte e Lakshmana, com a minha missão cumprida. Dize-lhe do rapto de Sita pelo implacável Ravana, do meu encontro com Sugriva e da morte de Bali em combate; de como eu me propus a encontrar Maithili e como tu a descobriste, tendo cruzado as grandes águas daquele domínio do imutável senhor dos rios! Conta a ele da nossa chegada às margens do mar, do aparecimento de Sagara e como o passadiço foi construído; como Ravana pereceu; das bênçãos concedidas a mim por Mahendra, Brahma e Varuna e, pela graça de Mahadeva, o encontro com meu pai. Informa Bharata, ó meu amigo, que eu venho acompanhado pelo rei Bibishana e o senhor dos macacos. Dize-lhe: 'Tendo derrotado o exército do inimigo e obtido uma glória sem paralelo, Rama, com seu objetivo realizado, está se aproximando com seus amigos valentes'. Observa cuidadosamente a expressão no rosto de Bharata quando ouvir essas notícias e como ele se comporta. Tu saberás tudo por seus gestos, a cor de seu rosto, seus olhares e suas palavras. A mente de quem não seria movida pelo pensamento de (ascender a) um trono ancestral, realizando todos os seus sonhos, e a um reino abundante em prosperidade, hostes de elefantes, cavalos e carros? Se o afortunado Bharata desejar reinar em seu próprio direito, então, por mútuo acordo, que aquele descendente de Raghu governe toda a terra!"

Ao receber essas instruções, Hanuman, nascido de Maruta, assumindo forma humana, partiu com toda pressa para Ayodhya e avançou com velocidade, como

---
[495] Amrita: o néctar da imortalidade.

Garuda mergulhando sobre uma grande serpente a qual quer agarrar. Percorrendo o caminho de seu pai, a morada brilhante das grandes aves, e atravessando a confluência formidável do Ganges e Yamuna, ele alcançou a cidade de Shringavera. Então o valente Hanuman procurou Guha e disse-lhe, com a voz ressoando de alegria:

"Teu amigo, Kakutstha, aquele herói verdadeiro que está acompanhado por Sita como também por Saumitri, pergunta sobre o teu bem-estar. Tendo passado a quinta noite da lua com o sábio Bharadwaja a pedido dele, Raghava agora se despediu dele e tu o verás amanhã".

Dito isso, o ilustre e ágil Hanuman, cujos pelos estavam arrepiados de alegria, seguiu adiante indiferente à fadiga. Depois disso ele cruzou o rio sagrado para Parasurama, e Valukini, Varuthi e Gaumati e a floresta formidável de árvores Sala, também muitas regiões densamente povoadas e cidades opulentas. Tendo viajado uma grande distância aquele principal dos macacos chegou às árvores floridas que crescem na vizinhança de Nandigrama e parecem as de Chaitaratha, os jardins do rei dos celestiais. Lá, ele viu pessoas que, com suas esposas, filhos e netos, bem-vestidas, estavam entregues à diversão naqueles ambientes agradáveis.

Então, à distância de uma légua de Ayodhya ele observou Bharata, vestido com uma pele de antílope negro, triste, magro, usando cabelos emaranhados, com seus membros cobertos de poeira, vivendo em um eremitério, aflito por conta do infortúnio de seu irmão. Vivendo de frutas e raízes, praticando penitência, autocontrolado, com cabelo amarrado, vestido em peles e em uma pele de antílope negro, disciplinado, de alma pura, semelhante a um brahmarishi em esplendor, ele, tendo colocado as sandálias de Rama diante dele, governava a terra por proteger as quatro castas de todos os perigos com a ajuda de seus ministros e sacerdotes virtuosos, e oficiais superiores usando roupas vermelhas o rodeavam. E seus súditos, fiéis ao seu dever, tinham resolvido não negligenciar o bem-estar de seu rei, que, semelhante à própria justiça, parecia ser o deus do dharma encarnado.

Então Hanuman, prestando reverência com as palmas unidas, disse àquele príncipe leal: "Teu irmão, Kakutstha, por cujo exílio para a floresta de Dandaka em mantos de pele e com cabelos emaranhados tu te angustias, pergunta a respeito do teu bem-estar. Eu te trago boas novas, ó príncipe, abandona o teu desespero; chegou o momento em que tu serás reunido com teu irmão Rama. Tendo matado Ravana e recuperado Maithili, Raghava está retornando com seus amigos valentes, com seu propósito cumprido. O poderoso Lakshmana também está chegando e a ilustre Vaidehi, companheira devotada de Rama, como Saci é para Mahendra".

Ouvindo as palavras de Hanuman, Bharata, o filho de Kaikeyi, desmaiou de alegria, a felicidade fazendo-o perder a consciência. Em um momento, no entanto, o descendente de Raghu, Bharata, ergueu-se respirando com esforço e se dirigiu a Hanuman que tinha lhe trazido essas notícias agradáveis. Profundamente comovido, o afortunado Bharata, abraçando o macaco o orvalhou com lágrimas que caíam dele em grandes gotas, não inspiradas por sofrimento, mas pela alegria, e disse:

"Sejas tu deus ou homem que vieste aqui por compaixão por mim, ó meu amigo, eu quero te dar um presente pelas notícias felizes que me trouxeste. Eu te ofereço cem mil vacas, como também cem aldeias prósperas e dezesseis mulheres jovens como tuas consortes, possuidoras de cachos, de expressão agradável, pele dourada, nariz simétrico, tornozelos adoráveis e aparência graciosa, parecendo a lua, enfeitadas com todos os tipos de ornamentos, todas de famílias nobres".

Ouvindo daquele príncipe dos macacos do retorno milagroso de Rama, Bharata, cujo desejo de ver seu irmão novamente o lançou em um êxtase de alegria, acrescentou alegremente:

Capítulo 128 – Hanuman conta a Bharata sobre tudo o que aconteceu com Rama e Sita durante o seu exílio

"Realmente é com alegria que eu ouço essas notícias sobre o meu protetor após os inúmeros anos que ele passou na floresta. Quão apropriado é o ditado bem conhecido, 'A felicidade vem para o homem mesmo que seja depois de cem anos!' "Como Raghava e os macacos fizeram uma aliança e para qual propósito? Responde as minhas perguntas com franqueza!"

Assim interrogado pelo príncipe, Hanuman, sentando-se sobre uma pilha de grama Kusha, começou a descrever a vida de Rama na floresta e disse:

"Ó senhor, tu sabes como ele foi exilado por conta das duas bênçãos concedidas à tua mãe; como o rei Dasaratha morreu em consequência do banimento de seu filho; como os mensageiros, ó senhor, te trouxeram de volta de Rajagriha; como, retornando a Ayodhya, tu recusaste a coroa; como tu foste a Chittrakuta apelar ao teu irmão, o flagelo de seus inimigos, implorando-lhe para aceitar o trono, desse modo em conformidade com o costume dos homens virtuosos; como Rama renunciou ao reino e como, ao retornar, tu trouxeste as sandálias daquele herói ilustre; tudo isso, ó guerreiro de braços longos, é bem conhecido por ti, mas o que aconteceu após a tua partida, ouve agora de mim!

"Após o teu retorno, a angústia tomou conta dos habitantes da floresta, criando um grande tumulto. Então Rama, Sita e Lakshmana entraram na enorme, terrível e solitária floresta de Dandaka que era trilhada por elefantes e formidável com seus leões, tigres e veados. Tendo penetrado em suas profundezas, o poderoso Viradha apareceu diante deles emitindo gritos terríveis. Erguendo-o, enquanto ele rugia como um grande elefante, aqueles dois guerreiros o jogaram de cabeça em um buraco e tendo realizado essa façanha difícil, os dois irmãos, Rama e Lakshmana, ao anoitecer chegaram ao eremitério encantador de Sharabhanga. Aquele sábio tendo subido ao céu, Rama, um verdadeiro herói, prestou reverência aos ascetas e então foi para Janasthana.

"Quatorze mil titãs, que moravam em Janasthana, foram mortos durante o tempo em que o poderoso Raghava residiu lá. Por terem caído nas mãos do solitário Rama, durante o quarto período, aqueles demônios foram totalmente exterminados. Aproveitando-se do seu grande poder para assediar os ascetas, os demônios, habitantes da floresta de Dandaka, foram mortos por Rama em combate. Os demônios estando mortos e Khara também, Rama em seguida despachou Dushana e subsequentemente Trishiras. Depois disso um demônio feminino, chamado Shurpanakha, aproximou-se dele e, sendo ordenado a fazer isso, Lakshmana, levantando-se, pegou a espada e imediatamente cortou suas orelhas e nariz. Assim mutilada, aquela titânide se refugiou com Ravana.

"Então um titã temível a serviço de Ravana, chamado Maricha, assumindo a forma de um cervo enfeitado com pedras preciosas, enganou Vaidehi, que, ao contemplá-lo, disse a Rama: 'Ó meu amado, captura-o para mim, ele vai animar a nossa solidão".

"Raghava, com arco na mão, correu em perseguição àquele cervo e o destruiu com uma única flecha, ó meu amigo.

"Enquanto Raghava, no entanto, estava assim envolvido na perseguição, Lakshmana também tinha deixado o eremitério, e Dashagriva, entrando lá, rapidamente capturou Sita, como Graha apanha Rohini no céu. Matando o abutre Jatayu, que procurou libertá-la, o titã, agarrando Sita, partiu com toda pressa para sua capital. Enquanto isso alguns macacos de aparência estranha, tão grandes quanto colinas, estando sobre o cume de uma montanha, surpresos, observaram Ravana, o rei dos titãs, prosseguindo com Sita em seus braços; e, subindo ao céu com ela na carruagem Pushpaka, que era tão rápida quanto o pensamento, o todo-poderoso Ravana voltou para Lanka. Lá, ele entrou em seu vasto palácio decorado com ouro puro e, com muitas palavras, procurou consolar Vaidehi, mas ela, considerando seu discurso e sua figura com desdém e como menos do que uma palha, foi presa no bosque de Ashoka.

"Enquanto isso Rama retornou, tendo matado o veado na floresta e, quando o fez, ele viu o urubu tão amado de seu pai, morto, pelo que ele sofreu tristeza extrema. Então Raghava com Lakshmana partiu em busca de Vaidehi e eles atravessaram o rio Godavari, com suas florestas floridas.

"Na grande floresta os dois príncipes encontraram um titã chamado Kabandha, aconselhado por quem aquele herói verdadeiro foi para a montanha Rishyamuka a fim de conferenciar com Sugriva e, mesmo antes de se conhecerem, eles eram amigos firmes.

"Sugriva anteriormente tinha sido banido por seu irmão irascível Bali e, em consequência desse encontro, uma sólida aliança foi formada entre eles. Rama pela força de seus braços o estabeleceu no trono, tendo matado Bali, aquele gigante cheio de valor, no campo. Recuperando seu reino, Sugriva prometeu em retorno partir com todos os macacos para encontrar a princesa e, sob o comando de seu soberano magnânimo, dez kotis daqueles Plavamgamas se dirigiram a diferentes regiões.

"Enquanto, desanimados, nós estávamos descansando na alta montanha Vindhya, mergulhados no desespero, muito tempo passou. Entretanto o poderoso irmão do rei dos urubus, chamado Sampati, nos informou que Sita estava residindo no palácio de Ravana, após o que eu, a quem tu vês aqui, fui capaz de dissipar a tristeza de meus companheiros e, recorrendo à minha própria destreza, atravessei cem léguas de oceano e descobri Maithili sozinha no bosque de Ashoka, vestida com um tecido de seda sujo, manchada com poeira, aflita, porém fiel ao seu voto conjugal. Aproximando-me daquela dama irrepreensível eu prestei reverência a ela e dei-lhe um anel em nome de Rama, como garantia, e ela, por sua vez, me deu uma joia brilhante.

"Com minha missão cumprida eu voltei e dei a Rama aquela prova, a joia brilhante; e ele, recebendo notícias de Maithili, recuperou o entusiasmo pela vida, como alguém que, no limite, bebe Amrita. Reunindo sua força, ele resolveu destruir Lanka, como, quando chega a hora, Vibhabasu se prepara para destruir os mundos.

"Chegando ao litoral, o príncipe mandou Nala construir um passadiço e o exército de macacos valentes cruzou o oceano sobre aquela ponte.

"Prahasta caiu sob os golpes de Nila, Kumbhakarna sob os de Raghava, Lakshmana matou o filho de Ravana e Rama, o próprio Ravana. Tendo sido recebido pelo concessor de bênçãos, Shakra, como também Yama, Varuna e Mahadeva, Swyambhu e Dasaratha, Rama foi cumulado de favores por todos os rishis. O glorioso Kakutstha, flagelo de seus inimigos, ficou feliz por obter essas

bênçãos e voltou para Kishkindha acompanhado dos macacos na carruagem Pushpaka.

"Ele chegou ao Ganges mais uma vez e está morando com o Sábio,[496] onde, sem impedimentos, tu deves vê-lo amanhã, quando a estrela Pushya estiver em um aspecto auspicioso!"

Então, ouvindo as palavras encantadoras de Hanuman, Bharata, cheio de alegria, prestou reverência a ele e, em tons agradáveis ao coração, disse: 'Depois de um longo tempo os meus desejos são finalmente realizados!"

Capítulo 129 – Bharata parte para encontrar Rama

Ouvindo aquelas notícias maravilhosas, Bharata, aquele herói real, o matador de guerreiros hostis, encantado, emitiu um comando para Shatrughna, dizendo:

"Que todos os homens justos, purificando-se, adorem todas as Divindades e altares sagrados da cidade com guirlandas perfumadas e diversos instrumentos musicais. Que os bardos familiarizados com a tradição e todos os panegiristas, com as rainhas, ministros, guardas, o exército, os cortesãos, brâmanes, nobres e os principais dos artesãos saiam da capital em grupos, para contemplar a face de Rama, que é tão adorável quanto a lua".

Após essa ordem, Shatrughna, o matador de guerreiros hostis, reuniu alguns milhares de trabalhadores, a quem ele dividiu em grupos, e disse a eles:

"Encham os buracos e nivelem o solo irregular de Ayodhya até Nandigrama. Borrifem todas as partes com água tão fria quanto gelo e que os outros espalhem grãos torrados e flores em todos os lugares; estabeleçam grandes estandartes em todas as estradas principais da capital. Ao nascer do sol, que todas as residências sejam enfeitadas com coroas e guirlandas, com muitas flores e decorações em cinco cores; que contingentes de soldados fiquem ao longo da estrada real para mantê-la livre".

A esse comando de Shatrughna, que encheu todos de alegria, Dhristi, Jayanti, Vijaya, Siddhartha, Arthasadhaka, Ashoka, Mantrapala e Sumantra partiram. Milhares de elefantes inebriados com linfa e elefantas com cilhas de ouro, portando bandeiras, esplendidamente adornados, nos quais guerreiros ilustres estavam montados, saíram, enquanto outros partiram em cavalos e em carruagens também, e guerreiros armados com lanças, catanas e redes, equipados com estandartes e flâmulas eram escoltados pelos principais dos seus líderes e milhares de soldados de infantaria.

Depois disso as liteiras, levando as consortes do rei Dasaratha, com Kaushalya e Sumitra à sua frente, também partiram. E Bharata, sempre fixo em seu dever, rodeado pelos nascidos duas vezes, os anciãos da cidade, os comerciantes e os conselheiros com guirlandas e doces em suas mãos, alegrado pelo som de conchas e tambores, seus louvores cantados por panegiristas, tendo colocado as sandálias do ilustre Rama sobre sua cabeça, pegou o guarda-sol branco decorado com guirlandas brilhantes e dois chouris dourados feitos de caudas de iaques, dignos de um rei. Então aquele príncipe magnânimo, emaciado pelo jejum prolongado, pálido, vestindo mantos de pele e uma pele de antílope negro, mas cheio de alegria ao ouvir as notícias da aproximação de seu irmão, partiu com sua

[496] Bharadwaja.

escolta para encontrar Rama e o som dos cascos dos cavalos, o barulho das rodas dos carros, o clangor de conchas e batida de tambores, o rugido dos elefantes, os soar de trombetas e o estrondo de gongos fizeram a terra tremer quando toda a cidade procedeu para Nandigrama.

Então Bharata, olhando ao redor, disse a Hanuman, o filho de Pavana: "É devido à leviandade da tua natureza de macaco que eu não vejo Kakutstha, o ilustre Rama, flagelo de seus inimigos? Nem aqueles macacos, capazes de alterar sua forma à vontade, podem ser vistos!"

A essas palavras, Hanuman, declarando a verdade, respondeu a Bharata, o amante da virtude: "Aquele exército silvestre chegou às árvores cobertas de frutas e flores, escorrendo mel, onde o zumbido das abelhas inebriadas de amor pode ser ouvido. Tudo isso foi criado em virtude de um benefício concedido por Vasava ao sábio Bharadwaja, como uma recompensa por sua hospitalidade excelente. Pode-se ouvir seus gritos de deleite e, a meu ver, aqueles macacos cruzaram o rio Gaumati. Observa aquela imensa nuvem de poeira perto da floresta; em minha estimativa, os macacos estão sacudindo os ramos das árvores Sala; vê aquela carruagem aérea, brilhante como a lua, que pode ser vista à distância, que é o carro celeste Pushpaka criado pelo pensamento de Brahma e que foi obtido por aquele herói depois que ele havia matado Ravana e seus parentes. Brilhante como o sol nascente, aquela carruagem celeste, rápida como o pensamento, que está levando Rama, pertence a Dhanada, que a recebeu de Brahma. Nela estão os dois irmãos valentes, filhos da Casa de Raghu, acompanhados por Vaidehi, o extremamente ilustre Sugriva e o titã Bibishana".

Naquele momento, das mulheres, crianças, jovens e idosos ergueu-se o clamor alegre de 'Rama chegou!' alcançando os céus.

Descendo de suas carruagens, elefantes e cavalos para ir a pé, as pessoas viram aquele príncipe em seu carro aéreo, parecendo a lua no céu. Com palmas unidas, Bharata avançou alegremente para encontrar Rama, a quem ele prestou reverência, oferecendo-lhe água com a qual lavar as mãos e os pés, como também o Arghya.

Naquela carruagem, criada pelo pensamento de Brahma, o irmão mais velho de Bharata com seus grandes olhos parecia tão radiante quanto o deus que porta o raio. Então Bharata, com uma saudação profunda, prestou reverência a seu irmão Rama, que estava sentado no carro, como o sol no cume do monte Meru, e ao comando de Rama, aquele veículo rápido e excelente, atrelado a cisnes, desceu à terra. Então o fiel Bharata, se aproximando de Rama, cheio de alegria, mais uma vez prestou reverência, e Kakutstha, puxando Bharata para si, a quem não via há muito tempo, o fez sentar-se em seu colo, abraçando-o afetuosamente. Depois disso, Bharata, o flagelo de seus inimigos, se aproximou de Lakshmana e Vaidehi e saudou-os amavelmente; então o filho de Kaikeyi abraçou Sugriva, Jambavan, Angada, Mainda, Dvivida, Nila e Rishabha também, e Sushena, Nala, Gavaksha, Gandhamadana, Sharabha e Panasa, apertando-os, por sua vez em seus braços.

Sob a forma de homens, aqueles macacos, capazes de mudar de forma à vontade, alegremente desejaram boa sorte a Bharata; em seguida, depois de abraçá-lo, aquele príncipe, cheio de valentia, disse a Sugriva, aquele leão entre os macacos: "Nós somos quatro irmãos, tu serás o quinto, ó Sugriva; a benevolência cria amizade e a inimizade malevolência!"

Então Bharata se dirigiu a Bibishana em palavras confortadoras, dizendo: "Sê abençoado; a tua cooperação assegurou o sucesso desse empreendimento difícil!"

Naquele instante, Shatrughna, tendo prestado reverência a Rama e a Lakshmana, curvou-se reverentemente aos pés de Sita. Então Rama se aproximou de sua mãe, que estava pálida e esgotada pela tristeza e, prostrando-se, tocou seus pés, regozijando, assim, o coração dela, depois do que ele saudou Sumitra e a famosa Kaikeyi, a partir daí reverenciando as outras rainhas e seu preceptor espiritual.

Então todos os cidadãos, com as palmas unidas, disseram a Rama: "Sê bem-vindo, ó herói de braços longos, tu és o aumentador da alegria de Kaushalya!"

Para o irmão mais velho de Bharata, aqueles milhares de grupos unidos em saudação faziam os habitantes da cidade se assemelharem a um lótus em flor.

Então Bharata, familiarizado com o seu dever, ele mesmo pegou as sandálias de Rama e as prendeu nos pés daquele Indra entre os homens e então com palmas unidas disse-lhe: "Esse reino que eu recebi em confiança eu agora entrego de volta para ti na sua totalidade. Hoje, já que eu te vejo como senhor de Ayodhya, o propósito da minha existência foi cumprido e os meus desejos realizados. Agora examina teu tesouro, teus depósitos, tua casa e teu exército; por tua graça, eu os aumentei dez vezes!"

Essas palavras proferidas por Bharata com amor fraterno fizeram os macacos e o titã Bibishana derramarem lágrimas. Depois disso, em sua alegria, Raghava fez Bharata sentar-se em seu colo e, com sua carruagem e exército, procedeu para o eremitério.

Chegando àquele local com Bharata e suas tropas, Rama desceu do seu carro aéreo e então falou àquela carruagem excelente, dizendo: "Agora vai e te coloca à disposição de Vaishravana, eu te dou permissão para partir".

Assim dispensado por Rama, aquele carro excelente foi para a direção norte e chegou à residência de Dhanada. O carro celeste Pushpaka, que havia sido levado pelo titã Ravana, voltou por ordem de Rama com toda velocidade para Dhanada.

Como Shakra toca os pés de Brihaspati, Raghava, tendo tocado os pés de seu amigo, seu preceptor espiritual, sentou-se com ele ao seu lado, um pouco distante, em um assento excelente.

Capítulo 130 - Rama é instalado como rei. Os benefícios provenientes da recitação e audição do Ramayana

Erguendo suas palmas unidas até a testa, Bharata, o aumentador da alegria de Kaikeyi, disse ao seu irmão mais velho, Rama, aquele herói verdadeiro:

"Tu honraste a minha mãe ao conferires o reino a mim; agora eu te dou de volta o que foi confiado a mim. Como posso eu, que sou só um touro novo, suportar a carga pesada que um totalmente adulto mal é capaz de sustentar? Em minha opinião, é tão difícil proteger as fronteiras desse reino como construir uma barragem que foi varrida por uma torrente. Como pode um burro ultrapassar um cavalo ou um corvo superar um cisne em voo? Eu também não sou capaz de seguir os teus passos, ó herói, ó flagelo de teus inimigos! Como uma árvore com um tronco e ramos vastos, plantada em um quintal, que se tornou imensa e difícil de escalar, seca quando deu flor sem produzir nenhum fruto, assim, ó príncipe de braços longos, se, sendo o nosso mestre, tu não sustentas todos nós, nós teus servos estamos no mesmo caso!

"Que o universo hoje testemunhe a tua entronização, ó Raghava, tu que és tão radiante quanto o sol ao meio-dia em todo o seu esplendor. De agora em diante, que seja ao som de gongos, ao tilintar de cintas e tornozeleiras e aos acordes suaves de canto melodioso que tu despertes e adormeças. Que tu governes o mundo enquanto o sol girar e a terra durar".

Ouvindo as palavras de Bharata, Rama, o conquistador de cidades hostis, respondeu "Que assim seja!" E tomou seu lugar em um assento excelente.

Depois disso, sob o comando de Shatrughna, barbeiros hábeis e de mãos ágeis rapidamente cercaram Raghava; e primeiro Bharata se banhou e o poderoso Lakshmana também, em seguida, Sugriva, aquele Indra entre os macacos, seguido por Bibishana, o senhor dos titãs; após o que Rama, com seus cabelos emaranhados cortados, realizou suas abluções e ele estava vestido em mantos de grande valor, coberto com guirlandas e borrifado com todos os tipos de perfume; depois ele reapareceu brilhando em seu próprio esplendor. O herói, Bharata, acompanhou a paramentação de Rama, e Shatrughna, o mantenedor da prosperidade dos Ikshvakus, a de Lakshmana, e todas as consortes do rei Dasaratha atenderam Sita. Kaushalya, por amor a seu filho, ela mesma enfeitou todas as consortes dos macacos com alegria.

Então, Shatrughna tendo emitido o comando, Sumantra atrelou uma carruagem magnífica e quando aquele carro celeste, brilhante como chama, tinha sido trazido diante dele, Rama, aquele guerreiro de braços longos, conquistador de fortalezas hostis, tomou seu lugar nele. Sugriva e Hanuman, cuja beleza se igualava à de Mahendra, banhados e vestidos em mantos de beleza divina e brincos reluzentes, seguiram; depois as consortes de Sugriva, como também Sita, avançaram ansiosas para ver a capital.

Em Ayodhya todos os ministros do rei Dasaratha, com o preceptor espiritual de Rama, Vasishtha, em sua chefia, deliberaram a respeito do que devia ser feito; e Ashoka, Vijaya e Siddhartha, com total atenção, entraram em consultas sobre as honras a serem prestadas a Rama pela cidade e disseram:

"Preparem tudo que é necessário para a coroação do magnânimo Rama, que é digno dessa honra, começando com a prece de bênção".

Tendo emitido essas ordens, os ministros como também o preceptor espiritual saíram da cidade com pressa para ver Rama, que parecia o deus de mil olhos em sua carruagem puxada por cavalos baios. E Raghava, sentado em seu carro, prosseguiu ao longo da estrada para sua capital; Bharata tomou as rédeas, Shatrughna o guarda-sol, Lakshmana o abanador e Sugriva um dos chouris, enquanto aquele Indra entre os titãs, Bibishana, segurava o segundo que era feito de caudas de iaques de brancura deslumbrante e como a lua, abanando-o para frente e para trás sobre o príncipe, atrás de quem ele estava. Nesse instante, a música doce dos louvores de Rama tocou no céu cantada por companhias de rishis e deuses com os hostes Marut.

O ilustre Sugriva, aquele touro entre os macacos, estava montado em um elefante chamado Shatrumjaya, tão alto quanto uma colina, e nove mil elefantes levavam os macacos, que na forma de homens prosseguiam pelo caminho, enfeitados com ornamentos de todos os tipos.

Então aquele senhor de homens avançou para a cidade cercada de palácios, ao som de conchas e ao rufar de tambores; e os habitantes da cidade viram Raghava radiante com beleza avançando em sua carruagem, e, tendo trocado saudações, eles tomavam seus lugares atrás Kakutstha, o magnânimo Rama, cercado por seus irmãos. No meio de seus conselheiros, dos brâmanes e do povo,

Rama brilhava com esplendor como a lua entre as estrelas; e, enquanto ele avançava ao longo da rodovia, precedido pelos músicos e aqueles que portavam a Swastika nas palmas das mãos, ele foi assistido por uma multidão alegre. À frente de Rama marchavam aqueles que carregavam grãos torrados e ouro, e virgens e vacas estavam lá com os nascidos duas vezes e homens com as mãos cheias de Modaka.[497]

Entrementes Rama informou a seus ministros de sua aliança com Sugriva e da bravura do filho de Anila e dos macacos; e os habitantes de Ayodhya ficaram maravilhados com a narrativa relativa às façanhas dos macacos e do valor dos titãs. Enquanto relatava esses incidentes, o ilustre Rama, que estava acompanhado dos Vanaras, entrou em Ayodhya, que era cheia de pessoas saudáveis e felizes, e onde cada casa estava decorada.

Então eles chegaram à residência ancestral, a morada dos descendentes de Ikshvaku, e aquele o príncipe, a alegria da Casa de Raghu, prestou reverência a Kaushalya, Sumitra e Kaikeyi e depois se dirigiu a Bharata em palavras gentis e razoáveis, dizendo:

"Que Sugriva fique no palácio magnífico situado entre as matas no bosque de Ashoka, que abunda em pérolas e esmeraldas".

A essas palavras, Bharata, aquele herói verdadeiro, tomou Sugriva pela mão e o levou para o palácio. Enquanto isso servos carregando lâmpadas a óleo, sofás e tapetes entraram imediatamente como ordenados por Shatrughna e o muito valente irmão mais novo de Raghava disse a Sugriva: "Que tu, ó senhor, dês os teus comandos para a coroação de Rama!"

Nisso, Sugriva entregou quatro urnas douradas incrustadas com gemas para os líderes macacos, dizendo: "Amanhã, ao amanhecer, cuidem para que vocês retornem com suas urnas cheias dos quatro mares, ó macacos".

A esse comando, aqueles macacos poderosos, parecendo elefantes, imediatamente se ergueram no ar, de modo que eles pareciam águias velozes, e eles eram Jambavan, Hanuman, Vegadarshin e Rishabha, que trouxeram de volta suas urnas cheias de água, enquanto outros quinhentos macacos tiraram água em seus jarros de quinhentos rios. O poderoso e valoroso Sushena voltou com seu recipiente, adornado com todas as variedades de pedras preciosas, trazendo água do mar do leste; Rishabha, sem demora, trouxe água do mar do sul; Gavaya, com sua urna polvilhada com sândalo vermelho e cânfora, a encheu no vasto oceano do oeste, e Hanuman, o filho maravilhoso de Anila, que era tão rápido quanto o vento, com sua enorme urna, incrustada de diamantes, tirou água do mar gelado do norte.

Vendo a água trazida por aqueles principais dos macacos para a coroação de Rama, Shatrughna, acompanhado por servos, transmitiu as notícias ao sumo sacerdote Vasishtha e seus companheiros, e aquele venerável se apressou para lá com os brâmanes, ao que ele fez Rama acompanhado por Sita subir a um trono incrustado com pedras preciosas. Então Vasishtha, Vijaya, Javali, Kashyapa, Katyayana, Gautama e Vamadeva consagraram aquele leão entre os homens com água pura e perfumada, como os Vasus coroaram Vasava de mil olhos.

Então os Ritvijs e os brâmanes com dezesseis virgens, conselheiros, guerreiros, como também os comerciantes, ficaram cheios de alegria e Rama foi aspergido com água pura, e os seres celestes, permanecendo no firmamento com os Lokapalas e os deuses se reuniram para ungi-lo com o suco de todas as ervas sagradas.

---

[497] Modaka: um tipo de doce.

E tendo sido coroado pelo magnânimo Vasishtha, os sacerdotes colocaram vestimentas reais nele; e Shatrughna portava o dossel imaculado brilhante, e Sugriva, o rei dos macacos, o chouri feito de caudas de iaques, o senhor dos titãs, Bibishana, levando o segundo, que era tão brilhante quanto a lua. Depois disso, sob o comando de Vasava, Vayu concedeu a Raghava uma guirlanda dourada brilhante embelezada com cem lótus, e um colar de pérolas enriquecido com todas as variedades de gemas também foi conferido àquele senhor de homens por Shakra.

Os deuses e os gandharvas cantaram e as tropas de apsaras dançaram na instalação do virtuoso Rama, que era digno daquela honra. A terra também foi coberta com colheitas ricas e as árvores com seus frutos e flores emitiram sua fragrância em honra de Raghava. Centenas e milhares de cavalos, vacas e novilhas foram distribuídas entre os nascidos duas vezes por aquele príncipe, que já tinha dado centenas de touros aos brâmanes; e Raghava lhes deu trinta crores de ouro e trajes ricos e ornamentos inestimáveis.

Em seguida, uma coroa de ouro incrustada com pedras preciosas, brilhante como os raios do sol, foi oferecida a Sugriva por aquele líder valente de homens, que concedeu dois braceletes cravejados de esmeraldas, o esplendor das quais rivalizava com o da lua, a Angada, filho de Bali. E Rama deu a Sita um colar de pérolas enfeitado com gemas que era sem igual e semelhante aos raios do luar, e vestes celestes e imaculadas ricamente bordadas com ornamentos magníficos. Então Vaidehi, a alegria de Janaka, se preparou para dar o seu próprio colar ao filho do vento como uma recordação e, soltando-o de seu pescoço, ela olhou para todos os macacos e para seu senhor repetidamente, ao que Rama, entendendo seu gesto e o aprovando, disse à filha de Janaka: "Dá o colar a quem quiseres, ó dama ilustre e adorável!"

Então Sita de olhos escuros deu o colar para o filho de Vayu, e Hanuman, em quem coragem, força, glória, habilidade, competência, reserva, prudência e audácia sempre podiam ser encontradas, aquele leão entre os macacos, adornado com aquele colar parecia tão radiante quanto uma montanha coberta por uma nuvem branca prateada por uma auréola de raios de luar.

Depois disso todos os macacos mais velhos e principais receberam presentes apropriados de joias e trajes, após o que Sugriva, Hanuman, Jambavan e todos aqueles macacos, tendo sido cumulados de favores por Rama de façanhas imperecíveis, e recebido pedras preciosas além disso, de acordo com seus méritos, com tudo o que seus corações podiam desejar, voltaram alegremente para o lugar de onde eles tinham vindo; e Rama, o flagelo de seus inimigos, senhor da terra, procurou Dvivida, Mainda e Nila e satisfez todos os seus desejos.

Então, o festival do qual tinham participado estando terminado, os principais dos macacos se despediram daquele senhor de homens e voltaram para Kishkindha. E Sugriva, o rei dos macacos, tendo assistido a coroação de Rama e sendo cumulado de honras por ele, voltou para sua capital.

Depois disso, Bibishana, aquele monarca virtuoso, tendo obtido o reino de seus antepassados, voltou para Lanka cheio de glória com os principais titãs.

O extremamente ilustre e magnânimo Raghava, tendo matado seus inimigos, governou seu império em paz, aumentando a alegria do seu povo.

Dedicado à virtude, Rama dirigiu-se a Lakshmana que era fixo em seu dever, dizendo: "Ó fiel, me ajuda na defesa da terra protegida pelos antigos reis com seus exércitos. Como era o costume dos nossos antepassados nos tempos de outrora, compartilha do peso dos negócios de estado comigo como herdeiro presuntivo".

No entanto, apesar das súplicas fervorosas dirigidas a ele, Saumitri não aceitou a distinção e Rama de grande alma a conferiu a Bharata. A partir de então aquele príncipe realizou o Paundarika, Ashvamedha, Vajimedha e outros sacrifícios de muitos tipos repetidas vezes. Reinando por dez mil anos, ele ofereceu dez sacrifícios de cavalo, distribuindo riqueza imensa em caridade, e Rama, cujos braços chegavam até seus joelhos, o poderoso irmão mais velho de Lakshmana, governou a terra em glória e realizou muitos sacrifícios com seus filhos, irmãos e parentes. Nenhuma viúva jamais era encontrada em necessidade nem havia qualquer perigo de cobras ou doenças durante o seu reinado; não havia malfeitores em seu reino e ninguém sofria dano; nenhuma pessoa idosa jamais participou do funeral de um parente mais jovem; a felicidade era universal; cada um se dedicava ao seu dever e eles só tinham que olhar para Rama para abandonar a inimizade. Os homens viviam por mil anos, tendo cada um mil filhos que eram livres de enfermidade e ansiedade; árvores davam frutos e flores perpetuamente; Parjanya enviava chuva quando era necessário e Maruta soprava auspiciosamente; todas as obras empreendidas davam resultados venturosos e todos se engajavam em seus respectivos deveres e evitavam o mal. Todos eram dotados de boas qualidades; todos eram dedicados a observâncias piedosas e Rama governou o reino por dez mil anos.

Esse épico renomado e sagrado, o mais notável de todos, que concede vida longa e vitória aos reis, foi composto pelo rishi Valmiki, e aquele que o ouve constantemente nesse mundo é libertado do mal; se ele deseja filhos, ele os obtém, se riqueza, ele a adquire.

Aquele que, nesse mundo, ouve a história da entronização de Rama, se ele é um rei, conquistará a terra e derrotará seus inimigos. As mulheres obterão filhos como Sumitra e Kaushalya obtiveram Rama e Lakshmana, e Kaikeyi, Bharata.

Ouvir o 'Ramayana' concede longevidade e vitória iguais às de Rama, ele de obras imortais. Aquele que, dominando sua ira, ouve com fé esse épico, composto antigamente por Valmiki, supera todos os obstáculos, e aqueles que ouvem essa história apresentada por Valmiki retornarão de suas viagens por terras estranhas e alegrarão os corações de seus parentes. Eles obterão de Raghava a realização de todos os desejos que conceberem nesse mundo, e sua recitação trará deleite para os celestiais; ele pacifica as forças adversas naquelas casas onde ele é encontrado.

Ouvindo-o, um rei conquistará a terra; se ele for um estrangeiro ele ficará bem; as mulheres que ouvem esse épico sagrado em sua gravidez darão à luz filhos que serão insuperáveis. Aquele que o recita com reverência será libertado de todo o mal e viverá por muito tempo. Guerreiros devem ouvi-lo recitado pelos nascidos duas vezes de cabeça baixa a fim de alcançar prosperidade e obter filhos.

Rama está sempre satisfeito com aquele que ouve esse épico ou que o recita em sua totalidade e quem faz isso obterá uma felicidade comparável à de Rama, que é Vishnu, o Eterno, o Deus Primevo, Hari de braços longos, Narayana, o Senhor. Tais são os frutos produzidos por essa narrativa antiga. Que a prosperidade esteja contigo! Recita-o com amor e que o poder de Vishnu aumente!

Os seres celestes se regozijam com a compreensão e audição do 'Ramayana' e os ancestrais são gratificados. Aqueles que, com devoção, transcrevem essa história de Rama, composta pelo rishi Valmiki, chegam à região de Brahma.

Ouvir esse poema raro e belo nesse mundo traz famílias prósperas, riqueza e grãos em abundância, esposas encantadoras, felicidade suprema e sucesso total em todos os empreendimentos.

Essa narrativa que promove vida longa, saúde, fama, amor fraterno, sabedoria, felicidade e poder deve ser ouvida com reverência por homens virtuosos desejosos de felicidade.

FIM DO YUDDHA KANDA[498]

[498] ["O Ramayana termina, epicamente completo, com o retorno triunfante de Rama e sua rainha resgatada para Ayodhya e sua consagração e coroação na capital de seus antepassados. Mesmo que a história não estivesse completa, a conclusão do último Canto do sexto livro, evidentemente a obra de uma mão posterior à de Valmiki, que fala do reinado glorioso e feliz de Rama e promete bênçãos àqueles que leem e ouvem o Ramayana, seria suficiente para mostrar que, quando esses versos foram adicionados, o poema era considerado como concluído. O Uttarakanda ou Último Livro é apenas um apêndice ou um suplemento e relata somente eventos antecedentes e subsequentes aos descritos no poema original. Estudiosos indianos, no entanto, levados por amor reverente à tradição, unanimemente atribuem esse Último Livro a Valmiki, e o consideram como parte do Ramayana". – Griffith].

LIVRO VII

UTTARA KANDA

Capítulo 1 – Os sábios prestam homenagem a Rama

Quando Rama recuperou seu reino, tendo matado todos os titãs, todos os sábios foram lhe prestar homenagem.

Kaushika, Yavakrita, Gargya também, e Kanva, o filho de Medhatithi, que morava na região leste; Svastiyatreya, os abençoados Namuchi e Pramuchi, Agastya e Atri, os bem-aventurados Sumukha e Vimukha, liderados por Agastya, vieram da região sul, e Nrishangu, Kavashin, Dhaumya e o grande rishi Kausheya, que habitava a região oeste, também se apresentaram com seus discípulos; e Vasishtha, Kashyapa, Vishvamitra, Gautama, Jamadagni e Bharadvaja vieram com os sete rishis que estavam estabelecidos no quadrante norte.

Chegando ao palácio de Raghava, aqueles ascetas magnânimos que brilhavam como fogo, o devorador de oferendas, se apresentaram no portão e eles eram todos familiarizados com o Veda e suas partes componentes e versados nas várias tradições.

Dirigindo-se ao porteiro, o virtuoso Agastya, o príncipe dos sábios, disse-lhe: "Que a chegada dos ascetas seja anunciada ao filho de Dasaratha!"

Então, o guardião vigilante da porta, ouvindo essas palavras do sábio Agastya, partiu imediatamente, digno de confiança, hábil na arte do procedimento, instruído em conduta e gestos, ele entrou na presença daquele soberano magnânimo, que era tão radiante quanto a lua cheia, e o informou da chegada daquele príncipe dos sábios, Agastya.

Sabendo que aqueles ascetas, que se pareciam com o sol nascente, tinham chegado, Rama disse ao porteiro: "Faze-os entrar com todo o devido respeito!"

Depois, quando os sábios tinham entrado, Rama ergueu-se em deferência a eles e os honrou com água e o Arghya, dando uma vaca a cada um.

Então Rama, curvando-se, prestou reverência a eles e fez com que assentos elevados e caros incrustados com ouro fossem trazidos, que eram cobertos com almofadas de grama Kusha e peles de antílope, e aqueles sábios poderosos se sentaram de acordo com a posição e, questionados por Rama sobre o seu bem-estar, os grandes rishis versados no Veda, que estavam acompanhados por seus discípulos, responderam-lhe, dizendo:

"Ó herói de braços longos, alegria da Casa de Raghu, tudo está bem conosco! Pela graça do céu nós te vemos feliz e livre dos teus inimigos! Pela graça divina, ó rei, tu mataste Ravana, aquele destruidor dos mundos, nem é grande coisa para ti matar Ravana com seus filhos e netos! Equipado com teu arco, tu podes, sem dúvida, destruir os três mundos! Pela graça do céu nós te vemos com Sita vitorioso hoje. Nós te vemos com teu irmão Lakshmana, que é dedicado aos teus interesses, no meio das tuas mães e outros irmãos, ó príncipe virtuoso. Pela graça do céu, os viajantes da noite, Prahasta, Vikata, Virupaksha, Mahodara, Akampana e Durdharsha pereceram. Pela graça divina, ó Rama, Kumbhakarna, ele, cuja forma monstruosa não tinha igual no mundo, foi derrotado por ti em combate. Trishiras, Atikaya, Devantaka e Narantaka, aqueles poderosos rondantes noturnos, foram abatidos por ti, ó Rama. Pela a graça do céu, tu mediste a tua força contra aquele Indra dos titãs a quem os próprios deuses eram incapazes de destruir e o venceste em duelo. Seguramente não foi pouca coisa para ti superar Ravana em luta, mas, pela graça divina, tu foste capaz de entrar em disputa com Ravani e, em combate, matá-lo também.

"Uma vez que foste libertado de suas amarras mágicas, ó herói de braços longos, pela graça do céu tu triunfaste sobre aquele inimigo dos deuses que caiu sobre ti como o próprio Tempo! Nós nos maravilhamos ao saber da morte de Indrajita! Ao nos concederes a dádiva sagrada e agradável da segurança, tu aumentaste a tua vitória, ó Kakutstha, ó flagelo de teus inimigos!"

Ouvindo aqueles sábios de alma pura falarem assim, Rama ficou extremamente surpreso e, com as palmas unidas, respondeu-lhes dizendo:

"Ó abençoados, eu venci Kumbhakarna e aquele viajante noturno, Ravana, ambos os quais eram cheios de bravura, por que, portanto, vocês me elogiam especialmente por causa de Ravani? Já que eu venci Mahodara, Prahasta, o titã Virupaksha, também Matta e Unmatta que eram ambos invencíveis, e aqueles grandes guerreiros, Devantaka e Narantaka, por que esse elogio por conta de lndrajita? Eu não derrotei aqueles viajantes noturnos, Atikaya, Trishitas e Dhumraksha que eram cheios de coragem? Por que então vocês me enaltecem por causa de Ravani? Em que se encontravam seu poder especial, força e destreza? Como ele era superior a Ravana? Se eu puder saber, pois isso não é uma ordem que eu lhes dou, se não for um segredo que vocês não possam revelar eu desejo saber, portanto, falem! O próprio Shakra foi vencido por ele; em virtude de qual bênção e de que fonte o filho derivou aqueles poderes que seu pai Ravana não possuía? De onde esse titã ganhou preeminência sobre seu pai em combate? Como ele foi capaz de triunfar sobre lndra? Falem-me agora de todas as bênçãos que ele recebeu, ó principais dos sábios!"

Capítulo 2 – O nascimento de Vishravas

Assim questionado pelo magnânimo Raghava, o ilustre Kumbhayoni respondeu o seguinte:

"Saibas, ó Rama, das façanhas brilhantes daquele guerreiro e como ele matava seus adversários sem ser ferido por eles; mas primeiro eu vou te falar do nascimento e linhagem de Ravana, ó Raghava, e depois da benção rara concedida a seu filho.

"Outrora, durante o Kritayuga, vivia um filho de Prajapati, ó Rama, e aquele senhor, chamado Pulastya, era um paramarishi igual ao próprio avô do mundo. Era-se incapaz de enumerar todas as virtudes que ele devia ao seu caráter excelente e é suficiente dizer que ele era o filho de Prajapati e, como tal, era o favorito dos deuses. Ele era amado por todo o mundo por causa das suas qualidades encantadoras e grande sabedoria. Para continuar suas práticas ascéticas, aquele principal dos Munis foi para o eremitério de Trinabindu e estabeleceu sua residência nas encostas da grande montanha Meru. Lá, aquela alma virtuosa, com seus sentidos totalmente controlados, entregou-se à prática de austeridade, mas algumas jovens donzelas, cujos pais eram rishis, pannagas e rajarishis, vagando naquelas solidões, o perturbavam. Acompanhadas por apsaras, elas chegavam para se divertir naquele local e, como era possível encontrar frutas em todas as épocas e se divertir naqueles bosques, as moças jovens iam brincar lá constantemente. Atraídas pelos encantos do retiro de Pulastya elas cantavam, tocavam seus instrumentos e dançavam, desse modo em plena inocência distraindo o eremita do exercício de suas penitências.

"Nisso, aquele sábio poderoso e exaltado gritou de indignação: 'Aquela que cair sob meu olhar conceberá imediatamente!

"Então todas aquelas donzelas que ouviram o sábio magnânimo, aterrorizadas com a maldição do brâmane, deixaram aquele local; mas a filha do sábio Trinabindu não o tinha ouvido. Entrando no bosque, vagando aqui e ali sem medo, ela não pode encontrar as companheiras que estavam com ela.

"Naquele momento o rishi ilustre e poderoso, nascido de Prajapati, estava se concentrando nas escrituras sagradas, com sua alma purificada pelo ascetismo. Ao ouvir a recitação do Veda, aquela donzela jovem se aproximou, e vendo aquele tesouro de ascetismo, ela instantaneamente empalideceu e manifestou todos os sinais de gravidez. Então, descobrindo sua condição, ela ficou extremamente confusa e disse: 'O que aconteceu comigo?' Depois disso, percebendo a verdade, ela voltou para o eremitério de seu pai.

"Ao vê-la naquele estado, Trinabindu disse: 'O que significa essa estranha condição na qual tu te encontras?'

"Nisso, com palmas unidas, a moça desafortunada respondeu àquele tesouro de ascetismo, dizendo: 'Eu não sei, caro pai, o que me trouxe a essa situação. Precedida pelas minhas companheiras, eu fui visitar o eremitério sagrado daquele rishi grandioso e de alma pura, Pulastya. Depois disso eu não pude encontrar nenhuma daquelas que me acompanharam para a floresta, mas, percebendo a alteração no meu corpo, tomada pelo medo, eu voltei aqui'.

"Então o rajarishi Trinabindu, de aspecto radiante, entrou em meditação por algum tempo e foi revelado a ele que isso era obra do asceta e, a maldição daquele sábio grandioso e de alma pura tendo sido esclarecida para ele, ele, levando sua filha, foi até onde Pulastya podia ser encontrado e disse-lhe:

"'Ó abençoado, aceita esta minha filha com toda a sua perfeição natural como esmola oferecida espontaneamente. Ó grande rishi, seguramente ela sempre será totalmente obediente a ti que és dado à prática de ascetismo e à mortificação dos sentidos'.

"Ouvindo as palavras do rajarishi virtuoso, aquele duas vezes nascido, que estava disposto a aceitar a jovem, disse: 'Está bem!' e, tendo dado sua filha àquele rei dos sábios, Trinabindu retornou ao seu eremitério enquanto a jovem esposa permaneceu com seu consorte, agradando-o com sua virtude. Seu caráter e conduta encantaram tanto aquele sábio poderoso e augusto que, em sua alegria, ele dirigiu-se a ela dizendo:

"'Ó dama de membros adoráveis, eu estou bem satisfeito com as tuas virtudes excelentes e te darei um filho semelhante a mim mesmo que irá perpetuar ambas as nossas casas; ele será conhecido pelo nome de Pulastya e, como tu me ouviste recitando o Veda, ele também se chamará Vishravas'.[499]

"Assim, com o coração cheio de alegria, o asceta falou com sua consorte divina e, em pouco tempo, ela deu à luz um filho, Vishravas, que era famoso nos três mundos e cheio de glória e piedade. Erudito, olhando para todos com um olhar igual, feliz no cumprimento de seu dever, como seu pai inclinado ao ascetismo, assim era Vishravas.

---

[499] Da raiz 'Sru', ouvir.

Capítulo 3 - Vishravas se torna o protetor da riqueza

"O filho de Pulastya, aquele principal dos Munis, não demorou a se estabelecer no ascetismo como seu pai. Fiel, virtuoso, dedicado ao estudo dos Vedas, puro, desapegado de todos os prazeres da vida, seu dever era seu objetivo constante.

"Sabendo da vida que ele estava levando, o grande Muni Bharadwaja deu sua própria filha de tez radiante a ele e Vishravas aceitou a filha de Bharadwaja com os ritos tradicionais, e começou a considerar como poderia perpetuar sua linhagem e felicidade. Em extrema alegria, aquele principal dos ascetas, familiarizado com o seu dever, gerou com sua esposa um filho maravilhoso cheio de vigor, dotado de todas as qualidades bramânicas.[500]

"No nascimento dessa criança, seu avô paterno estava cheio de alegria, e Pulastya, vendo-o, pensou consigo mesmo como ele poderia fazê-lo feliz. 'Ele se tornará o "guardião da riqueza"', disse ele em seu prazer, que era partilhado por todos os sábios, e deu-lhe um nome, dizendo: 'Já que o menino parece Vishravas, ele será conhecido como Vaishravana!'

"Depois disso Vaishravana, retirando-se para as solidões bucólicas, cresceu até se parecer com o poderoso Anala, que é invocado na hora do sacrifício e, enquanto permanecia naquele retiro, o pensamento veio àquele magnânimo: 'Eu seguirei o meu dever supremo; o caminho do dever é o caminho mais elevado'.

"Por mil anos ele se entregou ao ascetismo na grande floresta e, praticando austeridades severas, realizou penitências pesadas. No final de mil anos, ele passou pela disciplina seguinte, bebendo água, ele se alimentava só de ar ou não ingeria nenhum alimento. Mil eras se passaram como um único ano, após o que o poderoso Brahma, acompanhado das hostes dos deuses e seus líderes, chegou ao eremitério e disse a ele:

"'Eu estou muito satisfeito com as tuas realizações, ó filho dedicado, agora escolhe uma benção! Que a prosperidade te acompanhe; tu mereces um favor, ó sábio!'

"Então Vaishravana respondeu ao avô do mundo, que estava perto e disse: 'Ó Abençoado, eu desejo ser o salvador e protetor do mundo!'

"Na satisfação de sua alma, Brahma, que estava acompanhado pela hoste celeste, respondeu alegremente: 'Que assim seja! É meu desejo criar quatro guardiões do mundo. Agora haverá a região de Yama, a região de Indra, a região de Varuna e a procurada por ti. Vai, ó asceta virtuoso, e reina sobre o domínio da riqueza! Com Shakra, Varuna, o senhor das águas, e Yama, tu serás o quarto. Recebe como teu veículo essa carruagem chamada Pushpaka, que é tão brilhante quanto o sol, e sê igual aos deuses. Sê feliz, nós agora voltaremos para o lugar de onde viemos, tendo realizado aquilo que tínhamos que fazer ao conferirmos esse presente duplo, ó caro filho!"

"Com essas palavras Brahma se retirou para a região dos deuses, e quando a hoste celeste, com o Avô à sua frente, tinha ido para a região celeste, Vaishravana, tendo se tornado o senhor da riqueza, humildemente se dirigiu ao seu pai com palmas unidas e disse:

"'Ó abençoado, eu recebi uma benção rara do avô do mundo, mas o divino Prajapati não me atribuiu um lugar de residência; que tu, portanto me aconselhes, ó

[500] Tais como autocontrole, pureza, austeridade, etc.

bem-aventurado, ó senhor, a respeito de onde um retiro agradável pode ser encontrado, onde nenhum sofrimento venha para nenhum ser vivo'.

"A essas palavras de seu filho Vaishravana, o principal dos ascetas respondeu dizendo: 'Ouve, ó mais virtuoso dos homens! Nas margens do oceano, ao sul há uma montanha chamada Trikuta. Em seu topo alto, que é tão grande quanto a capital do poderoso Indra, a arrebatadora cidade de Lanka foi construída por Vishvakarma para os rakshasas e ela parece Amaravati. Mora em Lanka e sê feliz! Não hesites! Com seus fossos, muralhas douradas, máquinas de guerra e as armas com quais ela está cheia, com suas arcadas de ouro e esmeraldas, aquela cidade é uma maravilha! Os rakshasas a deixaram antigamente por medo de Vishnu e ela está deserta, todos os demônios tendo ido para a região mais inferior. Agora Lanka está vazia e não tem nenhum protetor. Vai e a habita, meu filho, e sê feliz! Nenhum mal te visitará lá'.

"Ouvindo as palavras de seu pai, o virtuoso Vaishravana foi morar em Lanka no cume da montanha, e logo, sob o seu governo, ela estava cheia de milhares de nairritas encantados se divertindo.

"Aquele justo rei dos nairritas, o sábio bem-aventurado Vaishravana, morava em Lanka, aquela cidade cercada pelo mar e, de vez em quando, o santo senhor da riqueza, na carruagem Pushpaka, ia visitar seu pai e sua mãe. Louvado com hinos pelas hostes dos deuses e gandharvas e entretido pelas danças das apsaras, aquele guardião da riqueza, irradiando glória como o sol, ia visitar seu pai".

Capítulo 4 – A origem dos rakshasas e as bênçãos que eles receberam

Esse discurso de Agastya encheu Rama de espanto. "Como foi que os rakshasas antigamente moravam em Lanka?", essa foi a pergunta que Rama fez ao asceta, balançando a cabeça e lançando olhares inquisitivos para ele de tempos em tempos.

Ele disse: "Ó abençoado, as palavras 'Antigamente Lanka pertencia aos comedores de carne' dos teus lábios me causam extrema surpresa. Foi-nos dito que os rakshasas eram a progênie de Pulastya e agora tu afirmas que eles devem sua origem a uma fonte diferente. Ravana, Kumbhakarna, Prahasta, Vikata e Ravani eram mais fortes do que eles? Quem, ó brâmane, foi seu primeiro rei? Qual era o nome dele de força tremenda? Por qual falha eles foram expulsos por Vishnu? Conta-me tudo em detalhes, ó sábio irrepreensível e, como o sol afasta a sombra, dissipa assim a minha curiosidade!"

Ouvindo as palavras justas e eloquentes de Raghava, Agastya, espantado, respondeu: "Antigamente Prajapati criou as águas, escolhendo aquele elemento como sua fonte e, em seguida, para protegê-la, aquele nascido do lótus gerou todas as criaturas. Então aqueles seres, atormentados pela fome e sede, humildemente se apresentaram diante de seu criador e questionaram dizendo: 'O que devemos fazer?'

"Ao que Prajapati, sorrindo, deu esta resposta a todos eles: 'Protejam as águas cuidadosamente, ó filhos de Manu!' Então alguns disseram: 'Rakshami' (vamos proteger) e outros 'Yakshami' (vamos sacrificar). Assim abordado por aqueles aflitos pela fome e pela sede, o Criador disse:

"'Aqueles entre vocês que disseram "Rakshami" serão rakshasas e aqueles entre vocês que disseram "Yakshami" serão yakshas'.

"Nisso, dois irmãos surgiram, chamados Heti e Praheti, iguais a Madhu e Kaitabha, que eram rakshasas, opressores de seus inimigos; e o justo Praheti retirou-se para as solidões para praticar ascetismo, mas Heti fez tudo em seu poder para encontrar uma esposa e, imensamente inteligente e de grande sabedoria, ele desposou a irmã de Kala, uma jovem chamada Bhaya,[501] que era extremamente aterrorizante; e o principal daqueles possuidores de filhos gerou um filho com o nome de Vidyutkesha.

"O filho de Heti, Vidyutkesha, possuía o esplendor do sol e cresceu como um lótus em um lago e, aquele viajante noturno tendo chegado à flor da juventude, seu pai resolveu que ele deveria casar. No interesse de seu filho ele procurou a filha de Sandhya, que era igual a ele em beleza, e Sandhya, refletindo 'uma filha deve inevitavelmente ser dada a um estranho' deu-lhe a Vidyutkesha em casamento, ó Raghava.

"Vidyutkesha, aquele viajante noturno, tendo recebido a filha de Sandhya, começou a se divertir com ela como Maghavat com a filha de Paulomi. Depois de um tempo, ó Rama, Salatantaka estava grávida, como uma nuvem é carregada com água do oceano.

"Dirigindo-se à montanha Mandara, a rakshasi deu à luz um filho que era tão belo quanto uma nuvem, como Ganga foi libertada de uma criança pelo deus do fogo. Tendo dado à luz aquela criança, ela novamente desejou se divertir com Vidyutkesha e, abandonando seu filho, ela voltou para seu consorte. Então a criança que tinha acabado de nascer e era tão radiante quanto o sol outonal, cuja voz parecia o estrondo de uma nuvem, colocando o punho em sua boca chorou por um longo tempo e Shiva, que estava seguindo o caminho do vento, montado em seu touro e acompanhado por Parvati, ouviu o som de choro e com Uma viu o filho da rakshasi que estava chorando. Deixando-se ser movido por compaixão por sua consorte, Bhava, o destruidor de Tripura, fê-lo igual a sua mãe em idade e concedeu imortalidade a ele. Em seguida, o imutável e imperecível Mahadeva concedeu um carro aéreo a ele que percorria o espaço, para agradar Parvati, e ela, de sua parte, também conferiu uma benção a ele, dizendo:

"'Os rakshasas conceberão instantaneamente e darão à luz quando conceberem; seus filhos chegarão imediatamente à idade de suas mães".

"Depois disso, o altamente inteligente Sukesha, orgulhoso das graças que tinha recebido, tendo obtido essa grande fortuna do senhor Hara, começou a percorrer todos os lugares, exibindo-se em seu carro aéreo e parecendo Purandara quando obteve o céu.

Capítulo 5 – A história dos três filhos de Sukesha

"Um gandharva chamado Gramani, que era tão brilhante quanto o fogo, tinha uma filha chamada Devavati com toda a beleza da sua juventude, famosa nos três mundos, igual a uma segunda Shri,[502] e aquele gandharva virtuoso, vendo Sukesha

[501] Bhaya: Medo.
[502] Shri: a deusa da prosperidade, Lakshmi.

assim dotado, a entregou para ele como uma segunda Shri de quem ele era o guardião.

"Aproximando-se do seu amado consorte, que tinha atingido uma condição soberana em virtude das bênçãos que havia recebido, como um mendicante a quem riqueza foi conferida, Devavati ficou muito encantada. Unido àquela mulher, o viajante da noite parecia tão majestoso quanto um grande elefante, a prole de Aryama. Com o tempo Sukesha se tornou pai, ó Raghava, e gerou três filhos, iguais aos três fogos sacrificais, Malyavam, Sumali e Mali, os principais dos heróis, rivais do deus de três olhos; tais eram os filhos do soberano dos rakshasas. Em repouso, eles pareciam os três mundos, em ação, eles eram como os três fogos sacrificais,[503] tão poderosos quanto os três Vedas e tão formidáveis quanto os três humores do corpo.[504]

"Esses três filhos de Sukesha, brilhantes como três fogos, vicejaram como doenças que foram negligenciadas e, sabendo das dádivas que seu pai havia recebido, que o levaram a uma soberania ampliada e que ele devia ao seu ascetismo, os três irmãos foram ao monte Meru para praticar penitência.

"Adotando um curso rígido e formidável de austeridade, ó principal dos monarcas, aqueles rakshasas entregaram-se a mortificações temíveis, semeando o terror entre todos os seres. Por conta de suas penitências, fé, virtude e equanimidade, escassos de serem testemunhados na terra, eles agitaram os três mundos com os deuses, asuras e homens.

"Então o deus de quatro faces,[505] em sua carruagem extraordinária, chegou para prestar homenagem aos filhos de Sukesha e disse: 'Sou eu que sou o concessor de bênçãos!'

"Pelo que eles, reconhecendo-o como Brahma, o dispensador de favores, que estava acompanhado pelos Indras e suas hostes, com palmas unidas, tremendo como árvores, responderam-lhe dizendo:

"Se a nossa penitência foi aprovada por ti, ó senhor, então nos concede as bênçãos de permanecer invencíveis, de destruir nossos inimigos, de viver por muito tempo, de nos tornarmos poderosos e de sermos dedicados uns aos outros'.

"'Que assim seja!', respondeu o deus, que era um amante de brâmanes, aos filhos de Sukesha e ele voltou para Brahmaloka. Logo a seguir aqueles viajantes noturnos, ó Rama, que tinham se tornado extremamente arrogantes por causa das bênçãos que haviam recebido, começaram a atormentar os deuses e os asuras, e os celestiais com os grupos de rishis e charanas, sendo assim perseguidos e não tendo protetor com quem pudessem se refugiar, pareciam seres no inferno.

"Enquanto isso, ó príncipe de Raghu, os três rakshasas procuraram o imortal Vishvakarma, o principal dos arquitetos e alegremente lhe disseram:

"'Ó tu, que com os teus recursos próprios criaste os palácios dos grandes deuses, fortes, deslumbrantes e inexpugnáveis, que tu com tua inteligência transcendente construas uma habitação para nós de nossa própria escolha nas montanhas Himavat, Meru ou Mandara. Constrói para nós uma vasta morada igual à que pertence a Maheshvara'.

"Então Vishvakarma de braços poderosos falou aos rakshasas a respeito de uma residência igual à Amaravati de Indra e disse: 'Nas margens do mar do sul há uma montanha chamada Trikuta e há também outra chamada Suvela, ó príncipes dos rakshasas. No pico central semelhante a uma nuvem, inacessível mesmo para

---

[503] Os três fogos sacrificais: Garhapatya, Ahavanya e Dakshina. Veja o Glossário.

[504] Os três humores do corpo: vento, bile e muco.

[505] Brahma.

as aves e que é cortado em quatro lados, há uma cidade de trinta léguas de extensão, cobrindo um espaço de cem léguas de comprimento. Cercada por paredes douradas, perfurada por portões e equipada com terraços de ouro, ela se chama Lanka, e foi construída por mim sob as ordens de Shakra. Vão e se estabeleçam naquela cidade, ó rakshasas invencíveis, como os habitantes do céu vivem em Amaravati. Quando vocês ocuparem aquela fortaleza de Lanka com os inúmeros rakshasas que os cercam, ninguém será capaz de expulsá-los e vocês vão derrotar seus inimigos'.

"Assim aconselhados por Vishvakarma, os principais dos rakshasas seguidos por milhares de seus companheiros foram habitar a cidade de Lanka. Rodeada por muralhas fortes e fossos profundos, ela era cheia de centenas de palácios dourados e lá os viajantes noturnos começaram a viver em grande felicidade.

"Naquela época, vivia uma gandharvi chamada Narmada, ó descendente de Raghu, e ela tinha três filhas nascidas por sua própria vontade, que eram tão adoráveis quanto Shri ou Kirti. Embora não de sua raça, ela deu as suas três filhas, cujos rostos eram tão radiantes quanto a lua cheia, àqueles três Indras entre os rakshasas. As jovens gandharvis de extrema atração foram casadas por sua mãe sob a constelação Uttara Phalguni, que é presidida pelo deus Bhaga.[506]

"Tendo aceitado suas esposas, ó Rama, os filhos de Sukesha se divertiram com elas, como os celestiais se divertem com as apsaras. E a consorte de Malyavam, Sundari[507] em nome e natureza, deu à luz muitos filhos – Vajramushti, Virupaksha, Durmukha, Suptagna, Yajnakopa, Matta e Unmatta. Sundari teve uma filha também, ó Rama, a adorável Anala.

"De sua parte, a consorte de Sumali, cuja cor parecia a lua cheia, se chamava Katumati e ela era mais querida para ele do que a sua própria vida. Eu vou enumerar os filhos que aquele viajante noturno gerou com ela de acordo com seu nascimento, ó grande rei:

"Eles eram Prahasta, Akampana, Vikata, Kalikamukha, Dhumraksha, Danda, Suparshwa de grande energia, Samhradi, Praghasa, Bhasakarna, Raka, Pashpotkala, Kaikasi de sorrisos graciosos e Kumbhanasi. Esses, segundo nos dizem, eram os filhos de Sumali.

"A esposa de Mali era a gandharvi chamada Vasuda, que era extremamente graciosa, cujos olhos pareciam pétalas de lótus e que rivalizava com a mais arrebatadora das yakshis. Ouve, ó senhor Raghava, e eu te falarei da prole que o irmão mais novo gerou com ela; eles eram Anala, Anila, Hara e Sampati; esses filhos de Mali se tornaram os conselheiros de Bibishana.

"Enquanto isso, aqueles principais dos viajantes noturnos cercados por centenas de seus filhos, na embriaguez de sua força extrema, atormentaram os deuses e seus líderes com os rishis, nagas e yakshas. Percorrendo a terra, irresistíveis como a tempestade, implacáveis como a morte em combate, presunçosamente orgulhosos de suas bênçãos, eles constantemente impediam os sacrifícios dos sábios.

---

[506] Bhaga: um Aditya considerado no Veda como o que preside o amor e o casamento.

[507] Sundari: o nome significa 'Bela'.

Capítulo 6 – Vishnu sai em defesa dos deuses

"Assim afligidos, os deuses e os rishis, aqueles tesouros de ascetismo, aterrorizados, buscaram proteção com o deus dos deuses, Maheshvara, ele que cria e destrói o universo, o soberano interno, que é imanifesto, a base dos mundos, o guru supremo, adorado por todos. E os deuses, aproximando-se daquele inimigo de Kama,[508] o destruidor de Tripura, se dirigiram a ele com a voz tremendo de medo, e disseram:

"'Ó Bhagavat, os filhos de Sukesha, incitados pelo orgulho por causa das bênçãos que receberam do avô do mundo, aqueles castigadores de seus inimigos, estão oprimindo os filhos do senhor das criaturas. As nossas residências, que deveriam ser nosso refúgio, não mais nos dão proteção; tendo expulsado os deuses do céu, eles próprios assumiram o papel de deuses.

"Eu sou Vishnu", "Eu sou Rudra", "Eu sou Brahma", "Eu sou rei dos deuses", "Eu sou Yama", "Eu sou Varuna", "Eu sou a lua", "Realmente eu sou o sol", assim, Mali, Sumali e Malyavan falam, aqueles rakshasas formidáveis em combate, que nos atormentam como também aqueles que os precedem. Nós estamos apavorados, ó senhor, livra-nos do medo; assume uma forma terrível e subjuga aqueles espinhos na carne dos deuses".

"Após essa súplica dos deuses unidos ser dirigida a Kapardin[509] de cor avermelhada, ele em deferência a Sukesha respondeu à hoste celeste dizendo:

"'Não, eu não destruirei esses rakshasas, eu não sou capaz de matá-los, ó deuses, mas vou lhes revelar como vocês podem se livrar deles! Esse passo tendo sido dado, ó maharishis, vão e busquem refúgio com o senhor Vishnu que os destruirá ele mesmo!'

"Então, oferecendo reverências a Maheshvara, com gritos jubilosos eles se apresentaram diante de Vishnu, embora cheios de terror por causa daqueles viajantes noturnos.

"Curvando-se ao deus que porta a concha e disco, eles lhe prestaram grande homenagem e, em tons trêmulos denunciaram os filhos de Sukesha, dizendo:

"'Ó senhor, em virtude das bênçãos que receberam, os três filhos de Sukesha, como três fogos, entraram em nossa residência e tomaram posse dela. Lanka é o nome daquela fortaleza inacessível construída sobre o cume do monte Trikuta; é lá que esses viajantes noturnos, nossos perseguidores, se estabeleceram. Vem em nosso auxílio e os destrói, ó matador de Madhu! Nós nos refugiamos contigo, sê nosso salvador, ó senhor dos deuses! Oferece os seus rostos como lótus, cortados pelo teu disco, a Yama. Em tempo de perigo, ninguém além de ti pode nos dar proteção, ó senhor. Como o sol dissipa a névoa, desse modo que tu dissipes o nosso terror em relação a esses rakshasas que com seus partidários se deleitam com a guerra!'

"Quando os deuses tinham falado assim, o senhor dos senhores, Janardana, que inflige terror nos corações de seus inimigos, os tranquilizou dizendo:

"'O rakshasa Sukesha, que, por conta das bênçãos recebidas de Ishana, está inebriado de orgulho, é conhecido por mim e seus filhos também, o mais velho dos quais é Malyavan. Aqueles rakshasas, os mais vis de todos, ultrapassaram todos os limites e eu os exterminarei em minha ira, ó deuses, não temam!'

---

[508] Kama, o deus do amor que, tendo perturbado as meditações de Maheshvara foi reduzido a cinzas por ele por um único olhar do seu terceiro olho.

[509] Kapardin: utente de um kaparda, um nó específico no cabelo.

"Ouvindo as palavras do poderoso Janardana, Vishnu, cada um dos deuses retornou à sua residência, cantando seus louvores.

"Sabendo da intervenção dos deuses, aquele viajante noturno Malyavan disse a seus dois irmãos valentes: 'Os imortais e os rishis foram unidos procurar Shankara para realizar a nossa destruição e se dirigiram a ele assim:

"Ó Senhor, os filhos de Sukesha, embriagados de orgulho, pelo poder que receberam daquelas dádivas nos atormentam sem pausa. Atormentados por esses rakshasas, é impossível para nós, ó Prajapati, permanecer em nossos retiros por medo daqueles perversos; que Tu nos defendas e os subjugues, ó Deus de três olhos, e, com a Tua palavra de poder 'Hum', os queimes, ó Consumidor Supremo.

"'Assim os deuses falaram e o matador de Andaka, sacudindo a cabeça e as mãos, respondeu-lhes dizendo:

"'Destruir os filhos celestes de Sukesha em campo aberto é impossível para mim, mas vou dizer-lhes os meios pelos quais eles podem ser mortos. Que o deus que leva a maça e o disco em suas mãos, que está vestido de amarelo, Janardana, Hari, Narayana, o senhor de Shri, seja seu refúgio!'

"Tendo recebido esse conselho de Hara e se despedido do inimigo de Kama, os deuses foram para a morada de Narayana e contaram tudo a ele. Então Narayana disse aos deuses, que tinham Indra em sua chefia: 'Eu matarei todos os seus inimigos, ó deuses, não temam!'

"'Ó principais dos rakshasas, Hari prometeu àqueles deuses, que estavam cheios de terror, que ele nos destruiria. Portanto façam o que vocês acham apropriado. Narayana matou Hiranyakashipu e outros inimigos dos deuses; Namuchi, Kalanemi, Samrhada aquele principal dos guerreiros, e Radheya, Bahumayin, o virtuoso Lokapala e Yamala, Arjuna, Hardikya, Shumbha, Nishumbha, todos aqueles asuras e danavas, cheios de coragem e força, ditos serem invencíveis no campo, que tinham oferecido centenas de sacrifícios, eram versados em magia e hábeis no uso de armas e que eram todos uma fonte de terror para seus inimigos. Sabendo disso, cabe a nós nos unirmos para matar o perverso Narayana que quer nos exterminar".

"Ouvindo Malyavan, seu irmão mais velho, falar assim, Sumali e Mali lhe responderam como os gêmeos Ashvins se dirigem a Vasava, dizendo:

"'Nós estudamos o Veda, fizemos doações de caridade, oferecemos sacrifícios, salvaguardamos nossa soberania, obtivemos o benefício de longevidade e ausência de doenças e estabelecemos a justiça. Mergulhando nossas armas no oceano sem fundo dos deuses, nós o temos explorado; nós derrotamos nossos inimigos embora seu valor fosse inigualável; não só isso, nós não temos nada a temer de Mrityu, Narayana, Rudra, Shakra e Yama, todos hesitam em se opor a nós! Já que nos reunimos, vamos nos ajudar mutuamente e exterminar os deuses, cuja perfídia nos foi revelada'.

"Tendo trocado ideias desse modo entre si, aqueles valentes nairritas de corpo enorme se atiraram na luta, como Jambha e Vritra antigamente.

"Ó Rama, assim decididos, convocando toda a sua força, eles partiram para lutar, sobre suas carruagens, elefantes e cavalos que pareciam elefantes, mulas, touros, búfalos, botos, serpentes, baleias, tartarugas, peixes e aves semelhantes a Garuda, também em leões, tigres, javalis, cervos e iaques.

"Intoxicados de orgulho, todos aqueles rakshasas marcharam para fora de Lanka, e aqueles inimigos dos deuses resolveram sitiar Devaloka. Percebendo que a destruição de Lanka estava próxima, todos os seres que a habitavam, reconhecendo o perigo em que estavam, ficaram totalmente desanimados, enquanto os rakshasas,

levados em carruagens extraordinárias se apressaram para Devaloka às centenas e aos milhares, mas os deuses evitaram o caminho que eles tinham tomado.

"Então, por ordem de Kala, presságios terríveis apareceram na terra e nos céus, prenunciando a morte dos líderes rakshasa. Das nuvens uma torrente de sangue quente e ossos caiu, os mares ultrapassaram seus limites e as montanhas tremeram. Chacais de aspecto formidável uivaram lugubremente, emitindo risada rouca que parecia o estrondo de nuvens. Grupos de fantasmas passavam em sucessão e bandos de abutres, vomitando chamas, pairavam como o destino sobre o chefe dos rakshasas. Pombos de pés vermelhos e gralhas fugiam em todas as direções, corvos grasnavam e gatos de duas patas eram vistos.

"Desconsiderando esses presságios, os rakshasas, orgulhosos de sua força, continuaram a avançar sem parar, capturados no laço da morte. Malyavan, Sumali e Mali de imenso poder precediam os rakshasas como braseiros flamejantes; Malyavan, que parecia o monte Malyavan, era escoltado por todos os viajantes da noite, como os deuses por Dhatar. Aquele exército dos principais dos rakshasas, trovejando como nuvens cerradas, ávido pela vitória, avançou para Devaloka sob a liderança de Mali.

"Então o senhor Narayana, sabendo disso a partir de um mensageiro dos deuses, resolveu entrar em combate com eles. Aprontando suas armas e aljavas, ele montou em Vainateya e, tendo colocado sua armadura celeste, que brilhava como mil sóis, ele amarrou duas aljavas deslumbrantes cheias de flechas. Afivelando sua espada imaculada, aquele deus, cujos olhos pareciam lótus, equipado com sua concha, disco, maça, espada, armas excelentes e seu arco,[510] totalmente equipado, montou no filho de Vinata,[511] que era tão alto quanto uma colina, e depois disso o senhor partiu a toda pressa para matar os rakshasas.

"Nas costas de Suparna, Hari de cor escura, vestido de amarelo, se assemelhava a uma nuvem transpassada com relâmpago no pico de uma montanha dourada. Quando ele partiu, com seu disco, espada, arco, lança e sua concha em suas mãos, siddhas, devarishis, grandes serpentes, gandharvas e yakshas cantaram os louvores do inimigo renomado da hoste Asura.

"Com a rajada de suas asas, Suparna atingiu a hoste de rakshasas, derrubando seus estandartes e espalhando suas armas de modo que eles cambalearam como o topo escuro de uma montanha cujos rochedos estão desmoronando.

"Com suas flechas excelentes, no entanto, manchadas com carne e sangue, como os fogos da destruição no final do ciclo do mundo, que eles disparavam aos milhares, aqueles viajantes noturnos cobriram e perfuraram Madhava.

Capítulo 7 – O combate entre Vishnu e os rakshasas

"Em meio a ribombos, as nuvens na forma de rakshasas derramaram uma chuva de armas no pico Narayana, como com suas torrentes elas cobrem uma montanha, e o escuro e imaculado Vishnu, cercado por aqueles viajantes noturnos morenos e poderosos, parecia o monte Anjana sob chuva. Como gafanhotos em um campo de arroz ou mosquitos em uma chama, como moscas em um pote de mel,

[510] O arco de Vishnu, chamado 'Sharnga'.
[511] Filho de Vinata: Garuda.

como monstros no fundo do mar, assim as setas, afiadas como diamantes, rápidas como o vento ou o pensamento, que os rakshasas disparavam em Hari, perfurando-o, desapareciam como os mundos desaparecem na hora da destruição universal.

"Guerreiros em carros ou sentados na cabeça de elefantes, soldados a cavalo, infantaria posicionada no céu, líderes dos rakshasas parecendo montanhas, com suas flechas, lanças, espadas e dardos, fizeram Hari segurar seu fôlego, como os nascidos duas vezes quando praticam Pranayama.[512]

"Como um oceano onde os peixes brincam, aquele deus invencível, sob os golpes incontáveis daqueles viajantes da noite, puxou seu arco e disparou suas flechas sobre eles; então Vishnu com força extrema, como o relâmpago, rápido como o pensamento, os perfurou com suas armas penetrantes e lanças às centenas e aos milhares. Tendo-os dispersado sob uma carga de flechas como o vento um aguaceiro, o Purusha supremo soprou sua grande concha Panchajaya, e aquele rei dos búzios, nascido das águas, no qual Hari soprou com toda a sua força, ressoou de tal modo temível que abalou os três mundos por assim dizer. O som do rei das conchas infligiu terror nos rakshasas, como o rei dos animais na floresta aterroriza os elefantes inebriados com linfa. Ao som da concha, os cavalos já não eram capazes de ficar eretos, o frenesi dos elefantes foi subjugado, enquanto os guerreiros caíram de seus carros desprovidos de força.

"Disparadas de seu arco, as flechas de Vishnu, possuidoras de hastes emplumadas, tendo partido os rakshasas, penetravam na terra. Perfurados por aqueles dardos que a mão de Narayana disparava na luta, os rakshasas caíam sobre a terra como rochedos atingidos pelo raio, com seus membros poderosos dilacerados pelo disco de Vishnu, o sangue correndo em torrentes, como de montanhas que secretam ouro. O som daquele rei dos búzios, a vibração da corda do arco e a voz de Vishnu abafaram os gritos dos rakshasas.

"Então Hari cortou seus pescoços trêmulos, seus dardos, bandeiras, arcos, carros, flâmulas e aljavas. Como os raios caem do sol, como massas de água jorram do mar, como elefantes poderosos descem da encosta da montanha, como torrentes de chuva caem de uma nuvem, assim os dardos e flechas lançados por Narayana de seu arco caíam às centenas e aos milhares. Como um leão diante de um Sharabha, como um elefante diante de um leão, um tigre como diante de um elefante, como uma pantera diante de um tigre, como um cão diante de uma pantera, como um gato diante de um cão, como uma cobra diante de um gato, como ratos diante de uma cobra, desse modo os rakshasas fugiram diante do poderoso Vishnu. Alguns escaparam, outros caíram em sua fuga e o resto jazia estirado no chão. Enquanto matava seus inimigos aos milhares, o destruidor de Madhu enchia a concha com seu fôlego, como Indra as nuvens com água.

"Posto em fuga pelas flechas de Narayana, aterrorizado com o som da concha, o exército dos rakshasas, com suas fileiras rompidas, fugiu em direção à Lanka.

"Vendo suas tropas desbaratadas, dizimadas pelas setas de Narayana, Sumali cobriu Hari com uma chuva de dardos no campo de batalha, como a névoa obscurece o sol, após o que os rakshasas valentes criaram coragem. Então Sumali, orgulhoso de sua força, reagrupando suas tropas, lançou-se adiante com um grande grito. Balançando seus brincos como um elefante sua tromba, aquele viajante noturno, em sua alegria, ergueu um grande clamor como uma nuvem perfurada pelo raio e, enquanto Sumali gritava dessa maneira, Hari cortou a cabeça do seu auriga

512 A ciência do controle da respiração.

com seus brincos deslumbrantes, e os corcéis daquele rakshasa viraram repentinamente, levando Sumali para longe, o líder dos titãs, como aqueles outros corcéis, os sentidos, quando não controlados, levam embora o bom senso do homem.

"Depois disso, enquanto Sumali estava sendo levado para longe pelos cavalos de sua carruagem, Mali, alerta, armado com seu arco, avançou sobre o poderoso Vishnu que, em seu veículo, havia se atirado na luta; e ele disparou suas flechas enfeitadas com ouro de seu arco, que caíram em Hari perfurando-o, como aves penetram na montanha Krauncha. Atacado pelas setas, que Mali atirava aos milhares de luta, Vishnu permaneceu tão imperturbado quanto alguém em pleno controle de seus sentidos diante da adversidade.

"Vibrando a corda de seu arco, Bhagavat, o criador de todos os seres, ainda com sua espada e maça, disparou uma saraivada de flechas em Mali, como trovão e relâmpago, penetrando seu corpo, e aquelas flechas beberam seu sangue como serpentes uma dose agradável.

"Na confusão em que ele havia jogado Mali, o deus que porta a concha, o disco e a maça atingiu seu diadema e derrubou sua bandeira, seu arco e seus corcéis. Privado de sua carruagem, aquele poderosíssimo viajante da noite pegou sua maça e, com essa arma na mão, como um leão do alto de uma montanha, atirou-se sobre o rei das aves,[513] como Antaka em Ishana, golpeando-o na testa, como Indra atinge uma montanha com o raio.

"Ao receber esse golpe violento desferido por Mali, Garuda, distraído com a dor, levou o deus para longe da luta, e Vishnu tendo se afastado através desse ato de Mali e de Garuda, um grande clamor surgiu dos rakshasas gritando em triunfo.

"Ouvindo os rakshasas gritando assim, o irmão mais novo de Harihaya, o bem-aventurado Hari, ficou furioso com o rei das aves que servia como sua montaria e, com a intenção de matar Mali, embora ele estivesse de costas, ele disparou seu disco que era tão brilhante quanto o orbe solar, cujo brilho ilumina os céus. Semelhante à roda de Kala,[514] o disco caiu na cabeça de Mali e a cabeça terrível daquele líder dos rakshasas, assim cortada, rolou para baixo em meio a torrentes de sangue, como antigamente a de Rahu.

"Naquele instante, os deuses, extasiados de alegria, emitiram rugidos como leões, gritando com toda a sua força, 'Vitória para Ti, ó Senhor!'

"Vendo Mali morto, Sumali e Malyavan, em dor ardente, se refugiaram em Lanka com suas tropas. Enquanto isso Garuda, tendo se recuperado, refez seus passos e, em fúria, dispersou os rakshasas com as rajadas de vento das suas asas. Com seus rostos de lótus cortados pelo disco, seus peitos arrancados pela maça, seus pescoços cortados pela relha, suas testas abertas por lanças, alguns perfurados pela espada, alguns mortos por flechas, aqueles rakshasas começaram a cair dos céus nas águas do mar.

"Narayana, como uma nuvem luminosa, com as flechas excelentes disparadas de seu arco, como muitos relâmpagos, exterminava aqueles rondantes noturnos com seus cabelos despenteados e ondeando ao vento. Com seus guarda-sóis quebrados, seus trajes ricos rasgados pelas flechas, suas entranhas abertas, seus olhos arregalados de medo, aqueles guerreiros, jogando longe suas armas, caíram em um frenesi de terror. Parecendo elefantes atacados por um leão, aqueles

[513] Rei das aves: Garuda, o veículo de Vishnu.
[514] Roda de Kala: a roda do tempo composta de dias, semanas, meses, anos, décadas, séculos e eras.

viajantes noturnos com suas montarias emitiam gritos enquanto fugiam daquele leão primevo,[515] que os perseguia.

"Oprimidos por uma chuva de dardos de Hari, eles jogavam fora suas armas, e os viajantes da noite pareciam nuvens escuras que o vento empurra diante de si. Suas cabeças cortadas pelo disco, seus membros esmagados com golpes da maça, cortados em dois por golpes da espada, aqueles principais dos viajantes noturnos, lembrando nuvens sombrias, desmoronavam como rochas e cambaleavam caíam na terra a qual eles cobriram completamente como montanhas escuras que foram despedaçadas.

Capítulo 8 – O combate entre Vishnu e Malyavan

"Quando o exército que o seguia foi destruído por Padmanabha,[516] Malyavan parou em sua fuga, como o oceano quando atinge a costa. Com os olhos vermelhos de raiva, sua cabeça tremendo, aquele viajante da noite disse a Padmanabha, o Purusha supremo:

"'Ó Narayana, tu és ignorante da antiga tradição dos guerreiros, já que tu, como se um estranho à sua casta, matas aqueles que, em seu terror, recuaram na luta. Aquele assassino que comete o pecado de matar um inimigo que virou as costas para ele, ó chefe dos deuses, não alcança o céu, como fazem os virtuosos ao deixarem esse mundo. Seguramente se tu desejas entrar em combate, tu que estás armado com concha, disco e maça, aqui estou eu! Mostra a tua destreza para que eu possa testemunhá-la!'

"Vendo Malyavan permanecendo imóvel, como a montanha desse nome, o irmão mais novo do rei dos deuses, em sua coragem, respondeu ao principal dos rakshasas, dizendo:

"'Eu jurei aos deuses que vou livrá-los do terror que tens inspirado, matando-te, eu honrarei essa promessa. O bem-estar dos deuses vale mais para mim do que a própria vida; portanto, eu destruirei vocês todos; agora desçam para o inferno mais profundo!'

"Assim falou o senhor dos senhores, ele cujos olhos pareciam lótus carmesim e, cheio de fúria, o rakshasa, com sua lança, cortou seu peito. Manejada pelo braço de Malyavan, aquela arma, emitindo o som de um sino, brilhava no peito de Hari como raio através de uma nuvem. Depois disso, ele que é caro para o deus que porta a lança,[517] extraindo aquela lança, arremessou-a em Malyavan e, como antigamente Skanda a disparou, aquela arma, voando da mão de Govinda, correu para o rakshasa como um grande meteoro atingindo a montanha Anjana, e ela caiu no seu peito poderoso, que estava enfeitado com inúmeros diamantes, como um raio acerta um topo rochoso. Aquele golpe cortou em pedaços a sua armadura e os seus olhos ficaram velados, mas, recuperando a consciência, ele ficou de pé mais uma vez, como uma rocha inamovível. Armado com uma clava de ferro com inúmeras pontas, ele golpeou violentamente o deus no centro do peito e, em seu ardor marcial, tendo ferido o irmão mais novo de Vasava com o punho, aquele

[515] Leão primevo: referindo-se à encarnação de Vishnu como Nrsingha [Narasimha], metade homem, metade leão.
[516] Padmanabha: o de umbigo de lótus.
[517] O deus que porta a lança: Karttikeya, também chamado de Skanda.

viajante noturno recuou para a distância de um arco. Naquele momento, o grito 'Excelente, excelente' surgiu no céu.

"Em seguida o rakshasa atacou Garuda, e Vainateya, furioso, o afastou com a rajada de suas asas como uma tempestade violenta dispersa uma pilha de folhas secas.

"Vendo seu irmão mais velho rechaçado pela rajada de vento das asas de Garuda, Sumali, confuso, com suas tropas fugiu na direção de Lanka. E empurrado para trás pela violência do vento produzido por aquelas asas, Malyavan também, acompanhado por suas tropas, fugiu para Lanka coberto de vergonha.

"Ó príncipe de olhos de lótus, os rakshasas tendo sido repetidamente derrotados em batalha por Hari e tendo perdido os mais valentes dos seus líderes, em sua incapacidade de resistir a Vishnu, que os estava destruindo, abandonaram Lanka e foram morar em Patala com suas consortes. Ó príncipe da Casa de Raghu, aqueles rakshasas, famosos por sua força e que eram descendentes da linhagem de Salakatankata, permaneceram sob a liderança de Sumali. Foste tu que destruíste aqueles guerreiros da família de Pulastya chamados Sumali, Malyavan, Mali e seus companheiros, que eram todos extremamente engenhosos e mais poderosos do que Ravana. Nenhum outro poderia ter subjugado os inimigos dos deuses ou teria extirpado aqueles espinhos na carne dos celestiais, exceto Narayana, o deus que porta a concha, o disco e a maça. Tu és o deus de quatro braços, Narayana, eterno, invencível e imutável, que veio exterminar os rakshasas. Tu és o pai de todos os seres, que, sempre que a justiça declina, e por amor àqueles que se refugiam em ti, apareces para acabar com os malfeitores.

"Ó senhor dos homens, eu relatei em detalhes tudo o que diz respeito à origem dos rakshasas. Saibas, além disso, ó príncipe dos Raghus, do poder incomensurável de Ravana e seus filhos.

"Por um longo tempo, Sumali vagou pelas regiões inferiores, atormentado pelo medo de Vishnu, enquanto o poderoso deus da riqueza, cercado por seus filhos e netos, permaneceu em Lanka.

Capítulo 9 – O nascimento de Dashagriva e seus irmãos

"Depois de um tempo, aquele rakshasa, chamado Sumali, emergiu das regiões inferiores para percorrer o mundo dos homens. Com seus brincos de ouro puro, ele, semelhante a uma nuvem escura, levava com ele uma jovem que parecia Shri sem seu lótus e, quando aquele rakshasa vagava sobre a terra, ele viu o senhor da riqueza, que em sua carruagem Pushpaka estava indo visitar seu pai. Contemplando aquele filho de Pulastya, aquele senhor que era tão radiante quanto um deus, avançando para ele semelhante ao fogo, ele, espantado, voltou do mundo dos homens para Rasatala.

"A partir de então aquele rakshasa extremamente inteligente refletiu 'Qual é a melhor maneira de aumentar nosso poder?' Assim o principal dos rakshasas, que era semelhante a uma nuvem escura e usava brincos dourados, refletiu consigo mesmo e, tendo considerado por algum tempo, aquele rakshasa extremamente sagaz disse à sua filha Kaikasi, pois esse era o nome dela:

"'Minha filha, é hora de tu te casares; a tua juventude está passando e, com medo de serem recusados, aqueles que estão apaixonados por ti não são aceitáveis. Esforçando-nos para cumprir nosso dever, nós apenas buscamos o teu

benefício. Seguramente, tu és dotada de todos os bons atributos e pareces Shri em pessoa, ó cara filha! Uma filha jovem é uma fonte de ansiedade para seu pai que está preocupado com sua honra, nem ele sabe com quem ela vai se casar. Ó filha amada, a família da mãe, a família do pai e aquela na qual ela é recebida são todas as três envolvidas nessa ansiedade. Que tu, portanto procures aquele asceta abençoado, o principal dos filhos de Pulastya e escolhas Vishravas, o descendente de Pulastya, ó minha filha. Indubitavelmente tu gerarás filhos iguais ao senhor da riqueza, que, em seu esplendor, rivaliza com o sol'.

"A essas palavras, em obediência filial, aquela jovem foi procurar Vishravas onde ele estava passando por penitência. Naquela hora, ó Rama, aquele nascido duas vezes, o descendente de Pulastya, estava ocupado no sacrifício de fogo e ele próprio parecia um quarto fogo. Sem se importar com a hora tardia e, em obediência ao seu pai, ela se apresentou perante o asceta e, parando lá com olhos baixos, fixos em seus pés, ela arranhava a terra de vez em quando com o dedo do pé.

"Vendo aquela moça adorável, cujo rosto parecia a lua cheia e que brilhava com seu próprio esplendor, aquele Muni de linhagem nobre a questionou, dizendo:

"'Ó afortunada, tu és filha de quem? De onde tu vens e por qual razão ou com que motivo? Responde-me sinceramente, ó bela!' Assim questionada, a jovem respondeu com as palmas unidas: 'Pelos teus próprios poderes, ó Muni, tu deves estar familiarizado com as minhas intenções! Saibas somente, ó brahmarishi, que é por ordem do meu pai que eu vim, e Kaikasi é meu nome. O restante deve ser conhecido por ti'. Então o Muni, refletindo por algum tempo, proferiu estas palavras:

"'Eu sei bem, ó afortunada, o que te traz aqui, tu desejas ter filhos comigo, tu cujo andar é como o de um elefante inebriado! Mas, tendo te apresentado nessa hora,[518] ouve-me, ó afortunada, tu darás à luz filhos de aspecto escuro que se deleitarão com a companhia de malfeitores. Ó dama de forma adorável, tu gerarás rakshasas de façanhas cruéis'.

"A essas palavras Kaikasi prostrou-se dizendo: 'Ó abençoado que recitas o Veda, eu não desejo de ti esses filhos cuja natureza é depravada, compadece-te de mim!'

"Assim rogado pela jovem donzela, Vishravas, o principal entre os Munis, como a lua na presença de Rohini, acrescentou: 'Ó dama de rosto encantador, o filho que darás à luz por último será semelhante a mim, com certeza ele será virtuoso'.

"Assim ele falou àquela moça jovem, ó Rama, e depois de algum tempo ela deu à luz uma criança horrenda com o rosto de um demônio, extremamente escuro; e ele tinha dez pescoços e grandes dentes e parecia uma pilha de colírio; seus lábios eram da cor de cobre, ele tinha vinte braços e uma grande boca e seu cabelo era vermelho-fogo. Em seu nascimento, chacais e outros animais selvagens com mandíbulas flamejantes circularam da esquerda para a direita. O deus Parjanya derramou uma chuva de sangue, enquanto nuvens emitiam sons dissonantes; o sol parou de brilhar, fortes ventos sopraram e o oceano imutável, o senhor dos rios, ficou agitado.

"Seu pai, que parecia o avô do mundo, então lhe deu um nome e disse: 'Essa criança de dez pescoços se chamará Dashagriva'.

"Depois dele o poderoso Kumbhakarna nasceu, aquele gigante que era inigualável na terra, e uma filha de aspecto medonho, chamada Shurpanakha, enquanto que o último filho de Kaikasi foi chamado de Bibishana.

---

[518] Isto é, ao anoitecer, interrompendo as devoções noturnas, o que não era auspicioso.

"Quando esse grande ser nasceu, uma chuva de flores caiu e, nos céus, gongos celestiais ressoaram enquanto uma voz do céu gritou: 'Excelente', 'Excelente'.

"Depois disso Kumbhakarna e Dashagriva vicejaram naquela vasta floresta e cada um era extremamente poderoso e eles eram castigadores dos mundos. O insensato Kumbhakarna percorria os três mundos devorando os grandes rishis que eram fixos em seu dever, e ele ainda permanecia insatisfeito.

"Quanto ao virtuoso Bibishana, sempre dedicado à retidão, o estudo do Veda sendo seu principal alimento, ele vivia como o subjugador de seus sentidos.

"Depois de um tempo Vaishravana, o senhor da riqueza, foi visitar seu pai em sua carruagem Pushpaka e, vendo-o flamejando com refulgência, a rakshasi procurou Dashagriva e disse-lhe: 'Meu filho, vê Vaishravana, teu irmão, brilhando com glória e vê o teu estado, que és da mesma família, ó Dashagriva. Tu que tens poder imensurável, te esforça para ser como o próprio Vaishravana'.

"Ouvindo as palavras de sua mãe, o arrogante Dashagriva sentiu uma onda de amargura avassaladora, e então ele formulou este voto: 'Eu te juro realmente que me tornarei igual ao meu irmão, se não seu superior em poder; bane quaisquer temores que possam ter entrado em teu coração!'

"Depois disso, em sua raiva, Dashagriva, acompanhado por seu irmão mais novo,[519] começou a realizar uma tarefa extremamente difícil, passando por uma penitência rígida. (Ele pensou) 'Vou realizar meu objetivo por meio do ascetismo' e, tendo assim resolvido, ele foi para o eremitério encantador de Gokarna para purificar a alma. Lá aquele rakshasa com seu irmão mais novo realizou austeridades insuperáveis. Tais foram suas mortificações que ele agradou ao Senhor, o avô do mundo, que, em sua satisfação, concedeu-lhe aquelas bênçãos que lhe garantiriam a vitória".

Capítulo 10 – A respeito das penitências praticadas por Dashagriva e seu irmão

Então Rama perguntou ao Muni: "Como aqueles irmãos altamente poderosos praticaram penitência, ó brâmane, e de que natureza ela era?"

Então Agastya de mente tranquila respondeu a Rama e disse: "Várias foram as observâncias virtuosas de cada um deles; Kumbhakarna também, aplicando toda a sua força, seguia constantemente o caminho do dever. No calor do verão ele ficava em meio a cinco fogos e, na época das chuvas, ele assumia a postura Vira,[520] enquanto que na época de inverno ele permanecia mergulhado em água.

"Assim dois mil anos passaram durante os quais ele se aplicou à piedade e permaneceu no caminho correto.

"De sua parte, Bibishana, que era a própria virtude, concentrado no dever e de alma pura, permaneceu sobre uma perna por cinco mil anos. Essa penitência realizada, tropas de apsaras dançaram e uma chuva de flores caiu, enquanto os deuses cantavam seus louvores. Durante outros cinco mil anos, ele ficou de frente para o sol, com a cabeça e os braços erguidos, sua mente fixa na contemplação do Veda. Dessa maneira, Bibishana, como um habitante do céu nos jardins de

[519] Kumbhakarna.
[520] A postura que é favorável para a regulação da respiração.

Nandana, viveu por dez mil anos. E Dashagriva se privou de alimento pelo mesmo período e a cada mil anos sacrificava uma de suas cabeças ao deus do fogo. Assim, nove mil anos se passaram e nove das suas cabeças tinham sido sacrificadas ao fogo; quando dez mil anos se passaram, Dashagriva se preparou para cortar a sua décima cabeça quando o avô do mundo apareceu, e ele, com os deuses, muito satisfeito, apresentou-se diante de Ravana e disse-lhe:

"'Eu estou satisfeito contigo, qual benção eu te concederei nesse dia? Tu não passaste por essas austeridades em vão. Ó tu que és familiarizado com o dharma, rapidamente escolhe a dádiva que mais vai te agradar; tu tens a minha aprovação, ó Dashagriva!'

"Então Dashagriva, encantado, curvando-se àquele deus, respondeu com voz trêmula de alegria: 'Ó Bhagavat, para os seres vivos não existe medo como o da morte; não há inimigo comparável a Mrityu, portanto, eu escolho a imortalidade!'

"Assim falou Dashagriva e Brahma respondeu-lhe dizendo: 'Não é possível te conceder imortalidade, escolhe alguma outra bênção!'

"A essas palavras de Brahma, o criador do mundo, ó Rama, Dashagriva respondeu com palmas unidas: 'Que eu não seja morto por suparnas, nagas, yakshas, daityas, danavas, rakshasas nem pelos deuses, ó Eterno, ó Senhor dos Seres. Eu não temo outras criaturas, que, com os homens, eu considero como meras palhas, ó tu que és adorado pelos celestiais'.

"Assim falou o rakshasa Dasaratha, e o Senhor, o avô dos mundos, que estava acompanhado pelos deuses, disse a ele: 'Será como tu desejas, ó principal dos rakshasas!' Então, tendo respondido a Dashagriva dessa maneira, ó Rama, o Avô acrescentou: 'Ouve o grande favor que eu te concederei, além disso, em minha satisfação. As cabeças que foram antigamente sacrificadas por ti no fogo, ó irrepreensível, agora crescerão novamente como elas eram antes e, ó rakshasa, eu finalmente te concederei outra benção que é difícil de obter, ó meu amigo, tu serás capaz de assumir qualquer forma que desejares à vontade'.

"Logo que o Avô tinha falado assim, as cabeças do rakshasa Dashagriva, que tinham sido consumidas pelo fogo, cresceram novamente.

"Ó Rama, tendo falado assim para Dashagriva, o avô dos mundos disse a Bibishana: 'Ó meu caro Bibishana, tu cujo intelecto está fixo na virtude, eu estou satisfeito contigo, escolhe uma benção, ó virtuoso e piedoso'.

"Então Bibishana de alma pura, que irradiava boas qualidades como a lua seus raios, falou com as palmas unidas, dizendo: 'Ó Bhagavat, eu tenho me esforçado para fazer o que eu deveria fazer. Tu és o Guru do Mundo; se, em tua satisfação, tu me concedes um benefício, então me ouve, ó Senhor Abençoado. Que a minha alma sempre esteja fixa na justiça em meio à maior adversidade. Sem ser instruído, que eu possa ser capaz de usar a arma de Brahma. Que quaisquer pensamentos que venham a mim, onde ou em qualquer estado que eu me encontre, sempre estejam em conformidade com a virtude e que eu possa cumprir o meu dever! Ó mais sublime dos seres, essas são as bênçãos que eu considero como as mais preciosas; para aqueles que seguem o dharma nada é impossível!'

"Então Prajapati, cheio de alegria, novamente dirigiu-se a Bibishana dizendo: 'Ó filho querido e virtuosíssimo, que seja como tu dizes, embora tu tenhas nascido na raça rakshasa, ó matador de teus inimigos, nenhum mal jamais entra no teu coração! Eu te concedo imortalidade!'

"Após proferir essas palavras, quando Prajapati se preparava para conceder um benefício para Kumbhakarna, todos os deuses, com palmas unidas, se dirigiram a ele assim:

"'Quanto a Kumbhakarna, não lhe concedas quaisquer dádivas! Tu bem sabes como os três mundos temem esse patife perverso! Nos jardins de Nandana, sete Apsaras e dez servos de Mahendra foram devorados por ele, ó Brahma, como também rishis e homens. Esses são os feitos desse rakshasa antes de receber uma bênção; se uma for conferida a ele, ele pode consumir os três mundos! Ó tu cujo esplendor é imensurável, fingindo conceder-lhe uma benção faze com que ele fique confuso; dessa maneira, os mundos viverão em paz e ele receberá o que merece'.

"Assim falaram os deuses, e Brahma, nascido do lótus, pensou na deusa, sua consorte, e, assim que ele a chamou à lembrança, Sarasvati apareceu ao seu lado e com palmas unidas disse-lhe: 'Ó Senhor, eu estou aqui, o que devo fazer?'

"Então Prajapati respondeu àquela deusa, que tinha chegado lá, dizendo: 'Ó tu que és a Fala, permanece na boca daquele Indra entre os rakshasas e profere aquilo que os deuses desejam'.

"'Assim seja!' ela respondeu e, tendo entrado em sua boca, Kumbhakarna disse: 'Dormir por inúmeros anos, ó Senhor dos Senhores, esse é meu desejo!'

"'Que assim seja!' respondeu Brahma e, com os deuses, ele partiu.

"A deusa Sarasvati então deixou o rakshasa, enquanto Brahma com os deuses ascendeu à região celeste.

"Quando Sarasvati tinha partido, Kumbhakarna voltou a si, e aquele patife perverso, em seu infortúnio, refletiu, 'Como tais palavras podem ter passado pelos meus lábios? Eu devo ter sido confundido pelos deuses que vieram para cá'.

"Tendo recebido essas diferentes dádivas, os três irmãos de energia flamejante voltaram para a floresta Sleshmataka onde eles viveram felizes.

Capítulo 11 – Dhanada cede Lanka para Dashagriva

"Sumali, sabendo das bênçãos que os viajantes noturnos tinham recebido, abandonando seu medo, emergiu das regiões inferiores, e os companheiros daquele rakshasa, Maricha, Prahasta, Virupaksha e Mahodara correram para fora também cheios de fúria.

"Depois disso Sumali com seus amigos, cercados pelos principais dos rakshasas, procuraram Dashagriva e, abraçando-o, disseram: 'Pela graça do céu, ó caro filho, o desejo do meu coração foi realizado já que tu recebeste essas bênçãos excelentes do Senhor dos três mundos. O grande medo que nos forçou a abandonar Lanka para nos refugiarmos em Rasatala, no qual nós fomos precipitados por Vishnu, agora foi dissipado! Muitas e muitas vezes, sob a ameaça daquele terror, nós abandonamos nosso retiro, mas, sendo perseguidos, mergulhamos juntos no inferno. Teu irmão, o astuto senhor da riqueza, tomou posse da cidade de Lanka, a morada dos rakshasas. Se for possível por conciliação, presentes ou força, recuperar a posse dela, então faze isso, ó herói irrepreensível! Tu então te tornarás o soberano de Lanka e, pela tua graça, a raça rakshasa, que foi desestabilizada, será reinstalada; então tu reinarás sobre todos nós, ó senhor'.

"Então Dashagriva respondeu ao seu avô materno que estava perto e disse: 'O senhor da riqueza é meu irmão mais velho, não é apropriado que tu fales assim'.

"Calmamente repreendido dessa maneira por aquele Indra dos rakshasas, o mais poderoso deles todos, Sumali, estando ciente de suas intenções, não insistiu mais.

"Algum tempo depois, como Ravana continuava a residir naquele local, Prahasta dirigiu estas palavras significativas a ele: 'Ó valente Dashagriva, tal discurso não é digno de ti; amor fraterno não é a preocupação dos heróis! Ouve-me! Havia duas irmãs que se amavam e que eram extremamente belas; elas eram casadas com o senhor das criaturas, o Prajapati Kashyapa, e com ele Aditi gerou os deuses, aqueles senhores dos três mundos, enquanto Diti gerou os Daityas. Aos Daityas, aqueles heróis virtuosos, a terra, com suas montanhas, cercada pelo oceano, pertencia antigamente. Eles se tornaram extremamente fortes, todavia eles foram mortos na guerra pelo poderoso Vishnu, que entregou o imperecível mundo triplo para os deuses. Tu não és, portanto, o único a agir em oposição a um irmão, o que foi feito pelos deuses e asuras. Portanto segue o meu conselho!'

"Dashagriva, ouvindo essas palavras se encheu de alegria e, tendo refletido um momento, ele disse: 'Está bem!' E, em seu deleite, naquele mesmo dia, o valente Dashagriva com seus viajantes noturnos foi para a floresta que fazia fronteira com Lanka. Posicionado na montanha Trikuta, aquele viajante da noite enviou Prahasta, que era hábil em discurso, como seu embaixador, e disse a ele:

"'Vai rapidamente, ó Prahasta, e fala ao principal dos nairritas, abordando-o com palavras conciliatórias, dizendo: 'Esta cidade de Lanka, ó rei, pertence aos magnânimos rakshasas! Ó meu amigo, tu tomaste posse dela; isso não é justo, ó tu que és irrepreensível! Se tu a devolveres para nós agora, ó herói de façanhas inigualáveis, eu ficarei satisfeito e a justiça terá sido mantida'.

"Então Prahasta se dirigiu à cidade de Lanka, cujo forte amparo era Dhanada, e se dirigiu àquele senhor da riqueza de linhagem ilustre com as seguintes palavras: 'Eu fui mandado vir aqui pelo teu irmão Dashagriva, que está bem próximo, aquele herói de braços longos que é piedoso e o principal dos guerreiros, e as minhas palavras são as de Dashanana, ó senhor da riqueza!

"'Esta cidade deslumbrante, ó herói de olhos grandes, era ocupada antigamente pelos rakshasas de façanhas terríveis, cujo chefe era Sumali. É por esse motivo, caro filho de Vishravas, que Dashagriva te pede para devolvê-la para eles; esse pedido é feito com toda cordialidade'.

"Tendo ouvido Prahasta, Vaishravana respondeu em palavras dignas de quem é hábil em discurso e disse: 'Lanka foi concedida a mim pelo meu pai quando tinha sido abandonada pelos viajantes da noite; eu a povoei por incentivos de presentes, honras e todos os tipos de privilégios. Agora vai e leva esta resposta para Dashagriva: "A cidade e o reino sob meu domínio são teus também, ó herói de braços longos, desfruta desse reino, sem restrições; compartilha desse domínio e de suas riquezas comigo sem divisão"'.

"Após falar dessa maneira, o senhor da riqueza foi visitar seu pai e, prestando reverência a ele contou a natureza do pedido de Ravana, dizendo: 'Ó meu pai, Dashagriva me enviou um mensageiro, dizendo: "Entrega a cidade de Lanka que era antigamente ocupada pela raça rakshasa'. O que devo fazer agora, ó bençoado, dize-me?'

"A essa pergunta, o brahmarishi Vishravas, o principal de todos os ascetas, disse a Dhanada que estava diante dele com palmas unidas: 'Ouve-me, ó meu filho, Dashagriva de braços longos falou desse assunto na minha presença e eu o repreendi muitas vezes; ele é muito vicioso e, em minha ira, eu disse a ele: "Tu serás destruído; seria melhor para ti ouvir as minhas palavras que são repletas de razão e de integridade". Ele é perverso, no entanto, e as bênçãos que recebeu o embriagaram de modo que ele já não pode discriminar entre o que é justo e injusto. É por causa da minha maldição que ele caiu nessa condição lamentável. Que tu,

portanto, te retires para o monte Kailasha, aquele suporte da terra, ó herói de braços longos, e deixa Lanka com teus seguidores imediatamente. Naquele local corre a encantadora Mandakini, o mais excelente dos rios, cujas águas estão cobertas de lótus dourados brilhante como o sol, e Kumuda, Utpala e outras variedades de nenúfares de fragrância doce. Devas, gandharvas, apsaras, uragas e kinnaras permanecem lá, divertindo-se constantemente. Não é adequado, ó Dhanada, que tu entres em combate com aquele rakshasa, pois tu és familiarizado com as bênçãos especiais que ele recebeu'.

"Ouvindo essa resposta e obediente ao conselho de seu pai venerável, Dhanada deixou Lanka com sua consorte, seus filhos, seus ministros, seus veículos e sua riqueza.

"Entrementes Prahasta procurou o poderoso Dashagriva e, com o coração alegre, disse a ele, em meio a seus conselheiros: 'A cidade de Lanka está agora livre, Dhanada a abandonou e partiu. Estabelece-te nela de modo que, conosco, tu possas cumprir o teu dever'.

"Assim Prahasta falou, e o todo-poderoso Dashagriva invadiu Lanka com seus irmãos, seu exército e sua corte. Como os deuses entram no céu, assim aquele inimigo dos celestiais entrou na cidade que Dhanada tinha acabado de abandonar e que era dividida por estradas bem planejadas. Entronizado pelos viajantes da noite, Dashanana se instalou naquela cidade, que estava cheia de rakshasas semelhantes a nuvens escuras.

"O senhor da riqueza, no entanto, em reverência pelas palavras de seu pai, construiu uma cidade no monte Kailasha que era imaculada como a lua, adornada com palácios esplêndidos suntuosamente decorados, como Purandara construiu Amaravati.

Capítulo 12 – Os casamentos dos rakshasas

"O mais notável dos rakshasas, tendo sido ungido rei, com seu irmão começou a considerar dar sua irmã em casamento. Ele, portanto, deu aquela rakshasi ao rei dos Kalakas e o próprio senhor dos danavas apresentou Shurpanakha, sua irmã, a Vidyujjihva.

"Isso sendo realizado, aquele rondante noturno partiu para a caça e então ele viu o filho de Diti, Maya, ó Rama. Vendo-o acompanhado por uma jovem, aquele rakshasa, Dashagriva, disse-lhe: 'Quem és tu vagando na floresta que é desprovida de homem ou animal? Como é que tu estás na companhia dessa jovem donzela cujos olhos parecem os de uma corça?'

"Ó Rama, a essa questão, que lhe foi feita por aquele viajante noturno, Maya respondeu, dizendo: 'Ouve-me e eu te direi a verdade! Havia uma ninfa chamada Hema de quem tu já ouviste. Os deuses a concederam a mim, como Pauloma foi dada a Shatakratu. Cheio de amor por ela, eu passei séculos ao seu lado quando ela foi tirada de mim pelos deuses. Treze anos se passaram e no décimo quarto eu construí uma cidade dourada que decorei com diamantes e esmeraldas pelo auxílio dos meus poderes mágicos. Lá eu morei, sem Hema, triste, deprimido e extremamente miserável. Depois disso, levando a minha filha comigo, eu deixei aquela cidade para me retirar para a floresta. Esta é minha filha, ó rei, que foi criada no colo de Hema e eu estou aqui procurando um marido para ela. Uma filha é uma grande calamidade, pelo menos para todos os que têm consideração pela honra

dela. Realmente, ela é uma fonte de ansiedade para a família de seu pai e de sua mãe.

"'Dois filhos também nasceram para mim por minha esposa; o primeiro era Mayavi, ó caro amigo, e Dundubhi veio imediatamente depois. Eu te disse toda a verdade de acordo com teu desejo! E agora, meu caro filho, eu gostaria de saber alguma coisa de ti, quem és tu?'

"A essas palavras o rakshasa respondeu respeitosamente: 'Eu sou da linhagem de Pulastya e meu nome é Dashagriva, meu pai era o sábio Vishravas, que era o terceiro filho de Brahma.'

"Ao ouvir essas palavras daquele Indra entre os rakshasas, ó Rama, indicando que ele era o filho de um grande sábio, Maya, o principal dos danavas quis dar sua filha a ele. Tomando a mão dela na dele, Maya se dirigiu àquele rei dos rakshasas, dizendo: 'Ó rei, esta filha, cuja mãe foi a ninfa Hema, a jovem Mandodari, pois esse é o nome dela, que tu aceites como tua consorte'.

"'Que assim seja!', respondeu Dashagriva, após o que, acendendo um fogo lá, ele tomou a mão dela na sua, ó Rama. Maya sabia da maldição que o pai de Dashagriva, aquele tesouro de ascetismo, tinha pronunciado, no entanto, ele concedeu sua filha em casamento a ele, sabendo que ele era filho do avô do mundo. Ao mesmo tempo, ele deu-lhe uma lança maravilhosa que ele tinha obtido através de suas penitências supremas. Foi com essa arma que Ravana feriu Lakshmana. Então, tendo ocasionado esse casamento, o senhor de Lanka voltou para aquela cidade.

"Lá, com o consentimento deles, ele escolheu duas esposas para seus dois irmãos; a filha de Virochana, chamada Vajravala, foi dada por ele a Kumbhakarna, e Bibishana recebeu como esposa a virtuosa Sarama, a filha do rei dos gandharvas, o magnânimo Shailusha, e ela tinha nascido às margens do lago Manasa.

"Naquela época, na temporada chuvosa, as águas do lago Manasa estavam avolumadas e a mãe da menina gritou afetuosamente, 'Não transbordes, ó lago!'[521] Consequentemente a moça foi chamada de Sarama.[522]

"Essas alianças tendo sido concluídas, os rakshasas se entregaram ao prazer, cada um com sua própria consorte, como os gandharvas nos jardins de Nandana.

"E Mandodari deu à luz um filho com a voz de uma nuvem de tempestade, ele que é conhecido por ti como Indrajita. Mal havia nascido aquele filho de Ravana começou a rugir com uma voz terrível, semelhante ao trovão, e a cidade ficou ensurdecida, ó Raghava. Portanto, seu pai o chamou de Meghanada;[523] e ele cresceu nos magníficos apartamentos privados, escondido no colo das principais das mulheres, como um fogo fica oculto sob aparas; e aquele filho de Ravana enchia sua mãe e pai de alegria.

Capítulo 13 – Os crimes de Ravana

"Algum tempo depois, o senhor dos mundos enviou Nidra[524] para Kumbhakarna na forma de sono irresistível e Kumbhakarna disse para seu irmão,

---

[521] Saranariddhata: 'ó lago (Saro), não transbordes'.

[522] Sarama: a esposa de Bibishana que fez amizade com Sita quando em cativeiro.

[523] Meghanada: o nome significa 'o rugido de uma nuvem de tempestade'.

[524] Nidra: a personificação do sono.

que estava presente: 'Ó rei, o sono me mantém em escravidão, prepara um abrigo para mim'.

"Portanto o rei escolheu alguns artesãos, semelhantes a Vishvakarma, que construíram uma residência esplêndida para Kumbhakarna, de uma légua de extensão e duas de comprimento, que era muito suntuosa e isolada. Por todos os lados ela era decorada com colunas de cristal incrustado com ouro; as escadarias eram feitas de esmeraldas com fileiras de pequenos sinos pendendo das sacadas esculpidas em marfim, os pisos sendo de diamante e cristal.

"Todos teriam sido constantemente e totalmente felizes naquele local, que era encantador e luxuoso de todas as maneiras, e que foi construído pelos rakshasas e parecia uma caverna sagrada na montanha Meru. Foi lá, tomado pelo sono, que o poderoso Kumbhakarna descansou inúmeros anos sem acordar.

"Enquanto seu irmão, o poderoso Kumbhakarna, dominado por Nidra, dormia por milhares de anos sem acordar, Dashanana, de emoções desenfreadas, atormentava os devas, rishis, yakshas e gandharvas e invadia seus belos parques e bosques como um louco, devastando-os; e aquele rakshasa agitava os rios, como um elefante se divertindo, sacudindo as árvores como uma tempestade violenta e golpeando as colinas como se pelo raio.

"Ouvindo sobre as façanhas de Dashagriva, o virtuoso senhor da riqueza, refletindo que ele era seu próprio irmão, pela honra de sua família e desejoso de expressar afeto fraterno, enviou um mensageiro para Lanka do interesse de Dashagriva.

"Então o mensageiro, entrando na cidade, aproximou-se de Bibishana que o recebeu com honra e perguntou sobre a sua visita. Depois de perguntar sobre o bem-estar de Dhanada e seus parentes, Bibishana o levou até Dashanana na sala de reunião onde ele estava descansando.

"Vendo o rei brilhando com seu próprio esplendor, o mensageiro disse: 'Saudações a ti, ó rei' e tendo prestado reverência com essas palavras ficou algum tempo em silêncio. Naquela hora Dashagriva estava reclinado em um sofá suntuoso adornado com capas valiosas no que o mensageiro se dirigiu a ele dizendo:

"'Ó rei, eu trago a ti as palavras proferidas por teu irmão em sua totalidade: 'Entre nós dois, a igualdade de conduta deveria existir como entre outros da nossa linhagem. Basta dessas más ações! A partir de agora te comporta de uma maneira decente e, se possível, toma a virtude como teu guia! Eu vi os jardins de Nandana devastados e, diz-se que os rishis têm sido perseguidos; as medidas que os deuses estão tomando contra ti são conhecidas por mim. Eu fui desrespeitado por ti em incontáveis ocasiões, mas mesmo se um jovem erra, ele deve ser protegido por seus parentes.

"'Tendo me dirigido ao platô de Himavat para praticar dharma e subjugar meus sentidos, eu me forcei a passar por penitência para satisfazer o Senhor Mahadeva; lá eu vi aquele Deus divino acompanhado por Uma e um olhar do meu olho esquerdo caiu sobre a deusa! "Quem é essa mulher?", eu me perguntei, desejando esse conhecimento e não por outro motivo, pois Rudrani tinha assumido uma forma sem precedentes. Então a deusa, por seu poder celeste, destruiu o meu olho esquerdo, que se tornou amarelo e a luz ficou obscurecida como se pela poeira.

"'Então eu fui para outro vasto platô da montanha e fiquei lá por oitocentos anos observando silêncio. Tendo concluído essa penitência, o deus Maheshvara veio a mim e, muito alegre, disse:

"'Eu estou satisfeito com as tuas austeridades, ó asceta virtuoso e santo. Esse voto foi cumprido por mim e por ti, ó senhor dos rishis; ninguém mais poderia

ter observado uma mortificação similar. Essas práticas são extremamente rígidas e eu mesmo antigamente as segui também. Concede-me a tua amizade, portanto, ó impecável, tu me conquistaste e a tua penitência foi frutífera. Como a deusa, cuja forma tu olhaste, queimou o teu olho esquerdo, tornando-o amarelo, tu serás chamado de Ekakshipingali'.[525]

"'Tendo assim contraído uma amizade com Shankara, eu me despedi dele e, em meu regresso, eu soube da tua má conduta. Abandona esse comportamento desrespeitoso que trará desonra para a nossa família. Os deuses com as hostes de rishis estão considerando como eles podem te destruir'.

"Ouvindo essas palavras, Dashagriva, com os olhos vermelhos de raiva, cerrando os punhos e dentes, lhe respondeu assim: 'Ó mensageiro, eu sabia o que tu estavas prestes a proferir! Nem tu és meu irmão, nem foi ele que te enviou, pois o senhor da riqueza não está falando em meus interesses! Aquele tolo me obriga a ouvir sobre a sua amizade com Maheshvara! Esse teu discurso é intolerável. Eu o suportei até agora, pois ele é meu irmão mais velho e, como tal, não é justo que eu o mate. Agora, ouvindo as tuas falas, esta é a minha decisão: pela força dos meus braços eu vou conquistar os três mundos. Unicamente por causa dele eu despacharei os quatro guardiões do mundo para a região de Yama!'

"Tendo dito isso, o senhor de Lanka, Ravana, matou o mensageiro com um único golpe de sua espada e o entregou para os cruéis rakshasas devorarem. Posteriormente, subindo em sua carruagem em meio a aclamações, no afã de dominar os três mundos, ele partiu para procurar o senhor da riqueza.

Capítulo 14 – O combate em Ravana e os yakshas

"Ravana, orgulhoso de sua força, cercado por seus seis ministros, Mahodara, Prahasta, Maricha, Shuka, Sarana e Dhumraksha, aqueles heróis, que sonhavam apenas com a guerra, partiu, como se em sua fúria ele fosse consumir os mundos.

"Então ele percorreu cidades, rios, montanhas, florestas e bosques e logo chegou ao monte Kailasha. Ao saberem que o senhor dos rakshasas, ávido para lutar, cheio de insolência e maldade acompanhado por seus conselheiros, havia se estabelecido na montanha, os yakshas não ousaram permanecer lá por medo dele. Então eles disseram uns aos outros: 'Este é o irmão do nosso rei', e, sabendo disso, eles se aproximaram de Dhaneshvara e, chegando a sua presença, eles comunicaram as intenções de seu irmão para ele. Então, com a permissão de Dhanada, eles partiram com alegria para dar batalha.

"O impacto daquelas tropas valentes do rei dos nairritas foi tão violento quanto o mar; e as montanhas pareceram ser despedaçadas, enquanto uma luta furiosa se seguia entre os seguidores dos rakshasas e, vendo seu exército jogado em desordem, Dashagriva, o viajante noturno, depois de muitos gritos encorajadores, ficou furioso. Então os companheiros do rei dos rakshasas, de coragem formidável, enfrentaram cada um mil yakshas. Atingido por golpes de maças, barras de ferro, espadas, picaretas e dardos, Dushana, mal capaz de respirar, foi oprimido por uma chuva de armas que caiu abundantemente e fortemente como granizo das nuvens. No entanto, ele permaneceu imóvel sob as

[525] Ekakshipingali: o de olho amarelo.

flechas dos yakshas, como uma montanha que as nuvens inundam com inúmeras chuvas.

"Depois disso, aquele herói, brandindo sua maça como o cetro de Kala, atirou-se sobre os yakshas a quem ele lançou na residência de Yama. Como o fogo, inflamando-se por conta o vento, consumindo uma pilha de grama ou feixes secos que estão espalhados em volta, assim ele destruiu o exército dos yakshas.

"E seus ministros, Mahodara, Shuka e os outros, só permitiram que uns poucos dos yakshas escapassem, que pareciam nuvens dispersas pelo vento. Subjugados por golpes e quebrados, eles caíam na luta, cheios de fúria, mordendo seus lábios com seus dentes afiados. E alguns dos yakshas, exaustos, se agarravam uns aos outros, com suas armas quebradas, e caíam no campo de batalha como diques cedem perante uma onda de águas. Com aqueles que estavam mortos ascendendo para o céu, aqueles que lutavam correndo para cá e para lá e as companhias de rishis testemunhando a cena, não havia um único espaço restante em lugar nenhum.

"Vendo os principais dos yakshas dispersos apesar da sua bravura, o poderoso senhor da riqueza enviou outros yakshas e, ao seu chamado, ó Rama, um yaksha chamado Samyodhakantaka avançou imediatamente à frente de uma grande tropa. Atingido por ele na luta, como por um segundo Vishnu com seu disco, Maricha caiu ao chão como uma estrela caindo das alturas do monte Kailasha, seus méritos esgotados.

"Depois disso, aquele viajante da noite, recuperando a consciência, reuniu sua força em um instante e entrou em combate com o yaksha, que, tendo sido derrotado, fugiu. Entrementes Dashagriva, com seus membros carregados com ornamentos de ouro, prata e esmeralda, avançou para os próprios portais das defesas exteriores e, vendo aquele viajante noturno entrar, o porteiro procurou impedi-lo; mas o rakshasa forçou seu caminho para dentro, após o que o yaksha o agarrou. Vendo-se detido, ó Rama, ele não desanimou e começou a quebrar a porta, enquanto o yaksha, oprimido por seus golpes, derramando sangue, parecia uma montanha da qual minerais estão escorrendo.

"Embora atingido pelo yaksha com o batente, aquele herói não foi morto por causa dos presentes raros recebidos de Swyambhu, e, por sua vez, armando-se com o mesmo batente, ele atingiu o yaksha que, com seu corpo reduzido a pó, desapareceu, não deixando vestígio.

"Então, testemunhando a força dos rakshasas, uma debandada geral ocorreu entre os yakshas, que, loucos de terror, procuraram refúgio nos rios e nas cavernas, jogando fora suas armas, exaustos, com suas feições distorcidas.

Capítulo 15 – O Combate entre Ravana e Dhanada. Ravana se apodera de Pushpaka

"Vendo os principais dos yakshas fugindo aos milhares, o senhor da riqueza disse ao poderoso Manibhadra: 'Ó príncipe dos yakshas, mata o perverso Ravana de maus hábitos e salva os valentes e heroicos yakshas!'

"A esse comando, o invencível Manibhadra de braços longos saiu para lutar cercado por quatro mil yakshas e eles se lançaram sobre os rakshasas, a quem eles atingiram com golpes de maças, barras, dardos, lanças, espadas e clavas. E eles

entraram em uma luta violenta, caindo sobre o inimigo com a rapidez de aves de rapina, gritando 'Avancem! Avancem!' 'Rendam-se!' 'Nunca!' 'Lutem!'

"Vendo aquele combate formidável, os devas, gandharvas, rishis e cantores do Veda ficaram extremamente admirados. Mil dos yakshas caíram sob os golpes de Prahasta no conflito, e aquele herói irrepreensível, Mahodara, matou mais mil, enquanto que, em sua fúria, ó príncipe, Maricha, sedento para lutar, matou dois mil do inimigo num piscar de olhos.

"De sua parte, os yakshas lutaram bravamente, mas os rakshasas invocaram seus poderes de magia e, assim, ganharam ascendência no combate, ó leão entre os homens. Enquanto lutava com Dhumraksha no grande conflito, Manibhadra recebeu um violento golpe no peito de uma lança, mas permaneceu impassível, e ele, por sua vez, atingiu o titã Dhumraksha na cabeça ao que ele caiu sem sentidos.

"Vendo Dhumraksha ferido e coberto de sangue, Dashanana atirou-se sobre Manibhadra no meio da luta e, enquanto ele estava avançando sobre ele em fúria, o principal dos yakshas, Manibhadra, o perfurou com três dardos. Ferido, Dashagriva desferiu um golpe no diadema de Manibhadra que caiu para um lado e, daquele dia em diante, ele ficou conhecido como 'Parshvamauli'.[526]

"Manibhadra, tendo sido posto em fuga apesar da sua coragem, um grande clamor surgiu na montanha, ó rei. De longe, o senhor da riqueza, que estava armado com uma maça e cercado por Shukra, Prausthapada, Padma e Shakha, contemplou Ravana, e, vendo seu irmão em campo, tendo perdido toda a dignidade, privado de sua glória por causa da maldição, o sagaz Kuvera se dirigiu a ele com palavras dignas da casa de seu avô, dizendo:

"'Apesar do meu aviso, tu não desistes, ó patife perverso, tu reconhecerás as consequências no futuro, quando caíres no inferno. Aquele que por desatenção bebe veneno e, quando percebe isso, em sua ilusão, não se contém, saberá os resultados de seu ato em seus efeitos. Os deuses não aprovam necessariamente nem mesmo atos dármicos, quanto menos aqueles que ocasionam uma condição como a tua, é por causa disso que tu estás reduzido a esse estado e não pareces estar ciente disso. Aquele que não honra sua mãe, pai, um brâmane ou um preceptor colherá o fruto de sua falha quando ele cair sob o domínio do senhor da morte. O tolo que não mortifica seu corpo sofrerá futuramente, quando após a morte ele entrar na região que as suas obras mereceram. Nenhum homem perverso vê seus projetos realizados como ele teria desejado; como ele semeia assim ele colherá. Nesse mundo, prosperidade, beleza, poder, filhos, riqueza e destreza são todos obtidos por atos piedosos. Entregue a tais ações iníquas, tu irás para o inferno. Eu não mais falarei contigo; assim deve-se agir a respeito dos malfeitores!'

"A essas palavras de Dhanada, que eram dirigidas aos conselheiros de Ravana liderados por Maricha, eles sendo atingidos, se viraram e fugiram. Dashagriva, no entanto, que tinha recebido um golpe na cabeça da maça daquele poderoso senhor dos yakshas, não se moveu. Então yaksha e rakshasa entraram em um duelo feroz e prolongado, sem sentirem fadiga, e Dhanada disparou a arma de fogo no senhor dos titãs, que a aparou com a arma de Varuna. Em seguida Ravana, recorrendo à magia, natural para um rakshasa, se transformou de mil maneiras para matar o adversário, e ele de dez pescoços assumiu a forma de um tigre, um javali, uma nuvem, uma montanha, um oceano, uma árvore, um yaksha e um daitya. Assim, embora usando muitas formas, a sua própria permaneceu escondida. Então, pegando uma arma poderosa, Dashagriva, girando-a, baixou

[526] Parshvamauli: 'alguém cujo diadema está torto'.

aquela maça enorme na cabeça de Dhanada, e o golpe derrubou o senhor da riqueza sem sentidos, que caiu coberto de sangue, como uma árvore Ashoka cujas raízes foram cortadas.

"Então, Padma e outros rishis cercaram Dhanada e o levaram através do céu para o bosque de Nandana.

"Tendo vencido Dhanada, o principal dos rakshasas, com o coração alegre, como um sinal de vitória, se apoderou da carruagem Pushpaka, que era provida de pilares dourados e portas de esmeralda, enfeitada com cordões de pérolas e arborizada com árvores que frutificavam em todas as estações; rápida como o pensamento, ela percorria todos os lugares à vontade em seu voo aéreo. Possuidora de escadas douradas, incrustada com pedras preciosas e com pisos de ouro refinado, aquele veículo indestrutível dos deuses, uma alegria perpétua para os olhos e o coração, aquela obra-prima criada por Vishvakarma por ordem de Brahma, com seus inúmeros enfeites, era de fato uma maravilha. Tudo o que podia ser desejado era encontrado nela e ela tinha uma magnificência que nada podia superar; nem muito quente nem muito fria, ela era agradavelmente amena em todas as estações.

"Subindo nessa carruagem, que ele havia adquirido por sua bravura, correndo para onde quer que ele quisesse, o rei Ravana, em seu orgulho e maldade, acreditava ter derrotado os três mundos. Tendo conquistado Vaishravana, ele desceu do monte Kailasha e, tendo por sua destreza obtido essa grande vitória, aquele viajante da noite, deslumbrante em seu diadema e colar de pérolas perfeitas, em sua carruagem extraordinária, brilhava como fogo.

Capítulo 16 – A origem do nome de Ravana

"Ó Rama, tendo derrotado seu irmão, o senhor supremo dos rakshasas foi para o grande pântano onde Mahasena nasceu; e Dashagriva contemplou aquela extensão vasta e dourada de juncos emitindo raios de luz como um segundo sol. Subindo a montanha que se erguia no centro desse pântano, ó Rama, ele observou que a carruagem Pushpaka foi subitamente privada de movimento.

"Então o rei dos rakshasas, cercado por seus atendentes, refletiu: 'Como é isso, o carro parou? Por que é que ele ainda não está se movendo visto que foi criado para seguir a vontade de seu dono? Por que é que o carro Pushpaka não vai para onde quer que eu deseje? Isso não é o feito de algum habitante da montanha?'

"Então, ó Rama, o inteligente Maricha disse-lhe: 'Não é sem motivo, ó rei, que a carruagem Pushpaka não se move mais. Sem dúvida, ela só é capaz de servir a Dhanada e, uma vez que está separada do senhor da riqueza ela ficou imóvel!'

"Enquanto ele falava assim, um anão temível de cor amarela e negra apareceu, que era extremamente robusto e tinha cabeça raspada e braços curtos; esse era Nandi. Aproximando-se daquele Indra entre os rakshasas, aquele servo de Bhava, Nandi, dirigiu-se sem medo a ele dizendo: 'Vai embora, ó Dashagriva, o Senhor Sankara está se divertindo nessa montanha; é proibido que aves, serpentes, yakshas, devas, gandharvas e rakshasas venham aqui'.

"Ouvindo as palavras de Nandi, Ravana, com seus brincos tremendo em sua ira, seus olhos vermelhos de fúria, saltou da carruagem Pushpaka e aproximando-se ao pé do pico exigiu: 'Quem é esse Shankara?'

"Então ele viu Nandi em pé ao lado daquele deus, apoiando-se em seu tridente reluzente, brilhando com seu próprio esplendor, como um segundo Shankara. Vendo aquele de face de macaco, o rakshasa em seu desprezo riu zombeteiramente, rugindo como uma nuvem trovejante. Muito irritado, o bem-aventurado Nandi, Shankara em outra forma, disse a Dashagriva, que estava próximo:

"'Já que tu me ridicularizaste em minha forma de macaco, ó Dashanana, por irromper em risada alta parecendo trovão, macacos, semelhantes a mim em forma, dotados de força prodigiosa, nascerão para destruir a ti e a tua raça. Armados com unhas e dentes, ó bárbaro, eles vão descer como uma avalanche de rochas, e rápidos como o pensamento, ansiosos para lutar e, orgulhosos de sua força, esmagarão o teu grande orgulho e a tua destreza com a dos teus partidários e teus filhos. Eu sou bem capaz de te matar agora, ó viajante noturno, mas não é mais necessário te executar visto que os teus atos anteriores já te alcançaram'.

"Ouvindo essas palavras proféticas daquele deus magnânimo, os gongos celestes ressoaram e uma chuva de flores caiu do céu. Desconsiderando as palavras de Nandi, o extremamente poderoso Dashanana se aproximou mais da montanha e disse: 'Como é por tua causa que o curso da Pushpaka, na qual eu estava viajando, foi impedido, eu arrancarei a montanha, ó vaqueiro! Qual é a natureza do poder que capacita Bhava a se divertir aqui continuamente como um rei? Ele não está ciente do que deve ser conhecido por ele e de que chegou a hora de ele tremer'.

"Falando assim, ó Rama, ele agarrou a montanha em seus braços e a balançou violentamente de modo que a massa rochosa vibrou. Em consequência do tremor da montanha, os atendentes do deus ficaram aflitos e a própria Parvati, apavorada, agarrou-se ao pescoço Maheshvara.

"Então, ó Rama, Mahadeva, o principal dos deuses, como se em diversão, pressionou a montanha com seu dedão do pé e, ao mesmo tempo, ele esmagou os braços de Ravana, que pareciam pilares de granito, para a grande consternação de todos os conselheiros daquele rakshasa. E ele, em dor e fúria, de repente emitiu um grito terrível, fazendo os três mundos tremerem, de modo que seus ministros acharam que era o estrondo do trovão na dissolução dos mundos! Então os deuses, com Indra em sua chefia, cambalearam em seu caminho; os oceanos ficaram agitados, as montanhas balançaram, e os yakshas, vidyadharas e siddhas gritaram: 'O que é isso? Pacifica Mahadeva, o de garganta azul, o senhor de Uma; além dele, não há refúgio no mundo, ó Dashanana! Por hinos e prostração busca refúgio com Ele, propiciado e gratificado, Shankara te olhará com benevolência'.

"Ouvindo as palavras de seus ministros, Dashanana, curvando-se diante dele, adorou o deus cujo estandarte porta o touro, pela recitação de hinos e inúmeros textos sagrados. Assim aquele titã lamentou por mil anos.

"Depois disso o senhor Mahadeva, aplacado, soltou os braços de Dashanana de debaixo da montanha e se dirigiu a ele dizendo: 'Eu estou satisfeito com a tua coragem e resistência, ó Dashanana! Quando tu foste aprisionado sob a rocha, tu emitiste um grito terrível, infligindo terror nos três mundos. Por essa razão, ó rei, a partir de agora o teu nome será Ravana, e celestiais, homens, yakshas e outros seres do universo te chamarão de "Ravana" – "Aquele que faz os mundos gritarem". Ó Pulastya,[527] segue o caminho que te agradar sem medo, tu tens minha autorização para partir'.

[527] Mahasena, o senhor da guerra, Karttikeya.

"Assim falou Shambhu para o senhor de Lanka e ele, por sua vez, disse: 'Ó Mahadeva, se tu estás satisfeito, então eu te peço, dá-me uma benção! Eu não posso ser morto por deuses, gandharvas, danavas, rakshasas, guhyakas ou nagas nem por quaisquer outros grandes seres, eu não levo em conta o homem julgando-o como demasiado insignificante. Eu recebi uma vida longa de Brahma, ó destruidor de Tripura, mas eu desejo viver mais; concede isso a mim, como também uma arma'.

"Assim falou Ravana, e Shankara deu uma espada extremamente brilhante a ele, famoso como Chandrahasa.[528] Então o senhor das criaturas lhe concedeu um novo sopro de vida e, entregando-lhe a arma, Shambhu disse: 'Nunca trates essa arma com desprezo, se tu a desrespeitares, ela certamente voltará para mim!'

"Tendo recebido seu nome do grande deus Maheshvara, Ravana prestou reverência a ele e voltou a subir em seu carro aéreo Pushpaka. Depois disso, ó Rama, ele começou a percorrer todo o mundo subjugando os principais dos guerreiros, irresistíveis em combate, e aqueles que eram cheios de coragem e ferventes de ardor, que sonhavam apenas com guerra e que pereciam com suas tropas por se recusarem a se submeter a ele. Mas aqueles, que sabiam que Ravana era invencível, se mostravam mais cautelosos e diziam àquele titã, orgulhoso de sua força, 'Nós fomos vencidos!'

Capítulo 17 – A história de Vedavati

"Ó rei, quando Ravana de braços longos estava percorrendo a terra, ele chegou à floresta do Himalaia e começou a explorá-la. Lá ele viu uma jovem, radiante como uma deusa, usando uma pele de antílope negro e cabelos emaranhados, levando a vida de uma asceta. Vendo a moça jovem e adorável que estava entregue a práticas austeras, ele foi dominado pelo desejo e perguntou a ela rindo:

"'Por que, ó abençoada, tu adotaste uma vida tão inapropriada para a tua idade? Seguramente tais caprichos não combinam com a tua beleza, ó dama tímida, uma beleza que nada supera, e que inspira outros com desejo, não deve ser escondida.

"'De quem és filha, ó afortunada? De onde vem o teu modo de vida? Quem é o teu consorte, ó jovem senhora da aparência adorável? Aquele com quem tu estás unida é feliz de fato! Eu te peço que me contes tudo; por que essas mortificações?'

"Sendo assim questionada por Ravana, aquela jovem, radiante com beleza e rica em práticas ascéticas, tendo-lhe oferecido a hospitalidade tradicional, respondeu:

"'Meu pai se chama Kushadwaja, um brahmarishi de renome imensurável, o filho ilustre de Brihaspati, a quem ele é igual em sabedoria. Eu, sua filha, nasci da fala daquele magnânimo, cuja atividade constante é o estudo do Veda; meu nome é Vedavati. Naquela época, os devas, gandharvas, yakshas, rakshasas e pannagas se aproximaram do meu pai para pedir a minha mão, mas meu pai não quis me dar em casamento a eles, ó rei dos rakshasas, pela razão que eu agora te revelarei; ouve atentamente, ó leão entre os heróis!

[528] Ele sendo um descendente de Pulastya.

"'Meu pai escolheu Vishnu, o chefe dos deuses, o próprio Senhor dos Três Mundos, para ser meu consorte e por esse motivo ele não permitiria que eu me casasse com nenhum outro. Ouvindo isso o rei dos daityas, Shumbhu, orgulhoso de sua força, ficou muito ofendido e, durante a noite, enquanto meu pai dormia, ele foi morto por aquele perverso. Minha mãe desafortunada, que até então tinha sido tão feliz, abraçando o corpo do meu pai, entrou no fogo.

"'Agora eu desejo realizar seu desejo em relação a Narayana; é Ele a quem eu dei meu coração. Com esse intuito eu estou passando por uma penitência rígida. Eu te disse tudo, ó rei dos rakshasas; Narayana é meu senhor; eu não desejo nenhum outro que não seja o Purusha Supremo. Por causa de Narayana eu tenho me submetido a essas mortificações severas. Tu és conhecido por mim, ó rei, vai embora, tu o filho de Pulastya. Pela graça das minhas austeridades eu sei tudo o que tem ocorrido nos três mundos'.

"Então Ravana, descendo de sua carruagem, subjugado pelos dardos do deus do amor, mais uma vez se dirigiu àquela jovem de penitências severas, dizendo: 'Ó dama de quadris encantadores, tu és presunçosa em nutrir tal ambição; é aos idosos que cabe a acumulação de mérito, ó tu cujos olhos parecem os de uma corça. Tu possuis a beleza dos três mundos, ó dama tímida, mas a tua juventude está passando; eu sou o senhor de Lanka e me chamo Dashagriva! Torna-te minha consorte e desfruta de todos os prazeres conforme o teu capricho. Quem é esse a quem tu chamas de Vishnu? Em valor, ascetismo, magnificência e força, o que tu amas não pode se comparar conosco, ó dama jovem e afortunada!'

"Quando ele falou assim, Vedavati gritou 'Que vergonha! Que vergonha!' e então se dirigiu àquele viajante noturno novamente, dizendo: 'Quem, se ele tivesse alguma sabedoria, deixaria de prestar homenagem ao Senhor Supremo dos Três Mundos, Vishnu, que é reverenciado universalmente, senão tu, ó Indra entre os rakshasas?'

"A essas palavras de Vedavati, aquele viajante noturno agarrou o cabelo da jovem, após o que, Vedavati, com indignação, cortou seus cabelos com sua mão que tinha sido transformada em uma espada. Queimando de raiva, ela, como se fosse consumir aquele rondante noturno, acendeu um braseiro e, em sua ânsia de abandonar sua vida, disse-lhe: 'Maculada pelo teu contato, ó rakshasa vil, eu não desejo viver e me lançarei no fogo diante dos teus olhos. Já que tu me insultaste na floresta, ó patife, eu renascerei para tua destruição. Não é possível para uma mulher matar um homem mau, e se eu te amaldiçoar as minhas penitências serão anuladas; se, no entanto, eu alguma vez dei alguma coisa em caridade ou ofereci algum sacrifício, que eu seja de nascimento imaculado e a filha nobre de um homem virtuoso'.

"Assim falando, ela se jogou no fogo que ela tinha acendido, e logo uma chuva de flores caiu.

"Vedavati é a filha de Janaka, seu suposto pai, ó senhor de braços fortes, e a tua consorte, pois tu és o eterno Vishnu. Aquela mulher, que, com raiva, antigamente amaldiçoou o inimigo que parecia uma montanha, o destruiu por apelar ao teu poder sobrenatural. Assim aquela deusa renasceu entre os homens, surgindo como uma chama sobre o altar, de um campo que era virado pela lâmina de um arado. Primeiro ela nasceu como Vedavati na Era de Ouro e, posteriormente, na Era de Prata, ela renasceu na família do magnânimo Janaka na linhagem de Mithila, para a destruição daquele rakshasa".

Capítulo 18 – O deuses assumem mil formas por medo de Ravana

"Vedavati tendo entrado no fogo, Ravana voltou a subir em sua carruagem e começou a percorrer a terra mais uma vez. Tendo chegado a Ushirabija, ele viu o rei Marutta realizando um sacrifício em companhia dos deuses.

"Um brahmarishi chamado Samvarta, o irmão do próprio Brihaspati, familiarizado com a tradição, estava ajudando em meio à hoste celeste. Percebendo o rakshasa, tornado invencível por conta das bênçãos que havia recebido, os deuses, temendo um ultraje de sua parte, assumiram a forma de animais.

"Indra tornou-se um pavão, Dharmaraja um corvo, Kuvera um camaleão e Varuna um cisne. As outras divindades tendo escapado de modo semelhante, ó matador de teus inimigos, Ravana entrou no lugar de sacrifício como um cão impuro.

"Aproximando-se do rei, Ravana, o senhor dos rakshasas, disse-lhe: 'Luta ou te submete!'

"Então o monarca respondeu: 'Quem és tu?' Ao que Ravana, com uma risada sarcástica, respondeu: 'Eu estou encantado com a tua simplicidade, vendo que não foges diante de mim, Ravana, o irmão mais novo de Dhanada. Nos três mundos pode haver qualquer outro que seja ignorante da minha força, eu que venci meu irmão e levei seu carro aéreo?'

"Então o rei Marutta respondeu a Ravana, dizendo: 'Em verdade tu és muito afortunado que triunfaste sobre o teu irmão mais velho em combate. Ninguém nos três mundos pode ser igual a ti em glória, porém atos injustos nunca podem ser aprovados. Ter cometido esse ato sórdido, tu te orgulhas e ter vencido teu irmão! Que curso de ascetismo tu seguiste antigamente que te obteve essa benção? Eu nunca ouvi nada igual ao que tu me contaste. Para onde estás; tu nunca te aproximarás de mim vivo! Nessa mesma hora, com minhas flechas afiadas, eu te enviarei para a morada da morte!'

"Falando assim, o rei, armado com seu arco e flechas, no auge da raiva, avançou, mas Samvarta barrou o caminho; então o grande rishi disse a Marutta: 'Ouve as palavras inspiradas pela minha simpatia por ti! Tu não deves entrar em combate. Se esse sacrifício em honra de Maheshvara permanecer incompleto, a tua linhagem será destruída. Como pode alguém, que assumiu um sacrifício, lutar? Como ele pode demonstrar raiva? Além disso, é duvidoso se tu triunfarás; o rakshasa é difícil de derrotar'.

"Ouvindo as palavras de seu guru, Marutta, aquele senhor da terra, jogando longe seu arco e flechas, ficou calmo e entregou-se totalmente à cerimônia.

"Então Shuka, considerando que ele tinha aceitado a derrota, proclamou com gritos de triunfo, 'Ravana é o vencedor!'

"Tendo devorado os grandes rishis, que estavam presentes no sacrifício, Ravana, empanturrado com seu sangue, começou a percorrer a terra mais uma vez. Quando ele partiu, os celestiais com Indra em sua chefia retornaram e falaram com aquelas criaturas cujas formas eles tinham emprestado.

"Em sua alegria, Indra disse ao pavão, cuja cauda era azul escura: 'Eu estou satisfeito contigo, ó ave virtuosa, tu não terás nada a temer de serpentes; tu terás mil

olhos na tua cauda e demonstrarás tua alegria quando chover, como um testemunho da minha satisfação'.[529]

"Essa foi a bênção conferida ao pavão por aquele senhor grandioso. Ó monarca, as caudas dos pavões, que eram azuis escuras anteriormente, tornaram-se brilhantemente coloridas por causa dessa benção.

"Ó Rama, Dharmaraja disse em seguida ao corvo, que tinha pousado na estaca sacrifical: 'Ó ave, eu estou satisfeito contigo, ouve as minhas palavras auspiciosas. Tu não serás visitado pelas várias doenças às quais todos os seres estão sujeitos, pois tu me gratificaste, fica certo disso! Pela graça da bênção que eu te concedo, ó ave, tu não terás necessidade de temer a morte e terás vida longa, até que sejas morto pelo homem. Aqueles que habitam o meu império, que são atormentados pela fome, serão satisfeitos, como também os seus parentes, quando tu tiveres te alimentado'.

"Varuna, por sua vez, disse ao cisne, o rei das criaturas aladas, que estava se divertindo nas águas do Ganges: 'Tu aparecerás em uma forma deslumbrante e graciosa, radiante como o orbe lunar, extremamente belo, branco como espuma pura. Em contato com meu elemento,[530] tu te regozijarás continuamente. Tu sentirás uma felicidade que não tem paralelo, que será o sinal da minha aprovação!'

"Ó Rama, antigamente os cisnes não eram totalmente brancos, suas asas eram escuras nas pontas e seus peitos eram da cor de esmeralda.

"Por sua vez, Kuvera abordou o camaleão que estava descansando em uma rocha e disse: 'Eu te concedo uma cor dourada por conta do prazer que me deste. A tua cabeça terá uma cor dourada inalterável como sinal do meu favor'.

"Tais foram as bênçãos conferidas àquelas criaturas após o sacrifício dos deuses, que, quando a cerimônia tinha sido concluída, voltaram com o rei para sua morada".

Capítulo 19 – Ravana luta com Anaranya que morre profetizando o fim de Ravana

"Tendo triunfado sobre Marutta, o senhor dos rakshasas, Dashanana, percorreu as cidades reais sedento por combate e, se aproximando dos monarcas poderosos que eram iguais a Mahendra e Varuna, aquele senhor dos titãs lhes dizia: 'Lutam ou se submetam! Assim eu decidi, não há escapatória para vocês!'

"Então, embora não covardes, aqueles monarcas sagazes, fixos em seu dever, deliberaram entre si e, apesar da sua grande força, reconhecendo o poder superior de seu inimigo, ó caro filho, todos aqueles príncipes, Dushkanta, Suratha, Gadhi, Gaya e o rei Pururava, disseram-lhe: 'Nós estamos derrotados!'

"Então Ravana, o senhor dos rakshasas se aproximou de Ayodhya, que era tão fortemente fortificada por Anaranya como Amaravati por Shakra. Apresentando-se diante aquele leão entre os homens, um rei que era igual a Purandara em valor, Ravana disse: 'Entra em combate conosco ou admite a derrota, essa é a nossa ordem!'

[529] Indra sendo 'o portador de chuva'.
[530] Literalmente 'meu corpo', a água, Varuna sendo o senhor dos rios.

"O rei de Ayodhya, Anaranya, ouvindo o perverso monarca dos rakshasas falar assim, respondeu indignado: 'Ó senhor dos titãs, eu aceito o teu desafio, fica e faze os teus preparativos enquanto eu também farei os meus'.

"Depois disso, embora já derrotado por tudo o que ele tinha ouvido narrado e, apesar da sua grande destreza, o rei saiu com seu exército, em uma tentativa de matar Ravana, com seus elefantes totalizando dez mil, seus cavalos um milhão, suas carruagens aos milhares e sua infantaria, que, ó príncipe, cobria a terra inteira. E aquela tropa avançou para lutar com sua infantaria e cavalaria e uma luta terrível e extraordinária ocorreu entre o rei Anaranya e o senhor dos rakshasas.

"Nas garras das tropas de Ravana, o exército daquele monarca, tendo lutado por um longo tempo e demonstrado extrema coragem, foi totalmente destruído como uma libação derramada em um fogo é consumida totalmente. Entrando em contato com aquelas fileiras projetando chamas, os batalhões restantes foram completamente aniquilados como mariposas que entram num braseiro.

"Vendo seu vasto exército eliminado como centenas de rios desaparecem no mar no qual eles se esvaziam, o rei, cheio de fúria, esticando seu arco, que parecia o de Shakra, avançou no auge da raiva em direção a Ravana no que seus seguidores, Maricha, Shuka e Sarana, fugiram como cervos. Então aquele descendente de Ikshvaku disparou oitocentas flechas sobre a cabeça do soberano dos rakshasas, mas, como chuvas soltas das nuvens no cume de uma montanha, aquelas flechas caíram sobre ele sem infligir um único ferimento.

"Enquanto isso o senhor dos rakshasas, provocado, atingiu o rosto de Anaranya, derrubando aquele rei de sua carruagem ao que o monarca, tremendo convulsivamente, caiu ao chão desamparado, como uma árvore Sala derrubada na floresta por um raio. Então o rakshasa questionou ironicamente aquele descendente da linhagem de Ikshvaku, dizendo:

"'O que tu ganhaste por entrar em combate comigo? Nos três mundos, ninguém pode resistir contra mim, ó chefe de homens! Eu creio que tu estavas imerso em prazer e sequer ouviste falar da minha bravura!'

"Assim falou Ravana e o rei mal respirando respondeu: 'O que eu posso fazer agora? Seguramente o destino é inexorável! Não foste tu que me venceste, ó rakshasa, apesar da tua bazófia, foi o Tempo que me subjugou; ele é o verdadeiro autor da morte! O que posso fazer, agora que eu cheguei ao fim dos meus dias? Além disso, ó rakshasa, eu não recuei nessa luta contigo na qual estou prestes a sucumbir, mas, por conta do teu desrespeito por um dos magnânimos Ikshvakus, eu te digo isto, ó rakshasa: se eu alguma vez dei algo em caridade, se eu alguma vez realizei um sacrifício, se eu alguma vez pratiquei uma penitência rígida, se eu protegi meus súditos, que as minhas palavras se revelem verdadeiras; na Casa dos magnânimos Ikshvakus nascerá um guerreiro chamado Rama, o filho de Dasaratha, que extinguirá os teus ares vitais!'

"Quando essa maldição estava sendo pronunciada, o som dos gongos celestes podia ser ouvido e, do céu coberto de nuvens, uma chuva de flores caiu. Então o rei, aquele Indra entre monarcas, ascendeu para a região de Trivishtapa, e após aquele soberano ter entrado no céu, o Rakshasa foi embora".

Capítulo 20 – O encontro de Ravana com o sábio Narada

"Quando o rei dos rakshasas estava percorrendo a terra, semeando terror entre seus habitantes, ele viu Narada, aquele principal dos Munis, andando em uma nuvem e, tendo prestado reverência a ele e perguntado sobre o seu bem-estar, Dashagriva o questionou a respeito da sua presença lá. Então Narada, o rishi supremamente ilustre e celeste de esplendor imensurável, posicionado no pico de uma nuvem, respondeu a Ravana que estava no carro aéreo Pushpaka, dizendo:

"'Ó rei dos rakshasas, ó meu amigo, para um momento! Ó filho de Vishravas, descendente de uma linhagem nobre, eu estou satisfeito com as tuas façanhas valentes. Vishnu, derrotando os daityas, me agradou e tu também me encheste de alegria por atormentares os gandharvas e uragas e exterminá-los. Eu te direi algo que deve ser conhecido por ti se tu estiveres disposto a ouvir! Presta atenção às minhas palavras, meu caro filho!

"'Por que destruir o mundo, ó caro filho, tu, a quem os deuses não podem matar? Esse mundo passa e está sob o poder de Mrityu; não é digno de ti atormentar o mundo dos mortais, tu que não podes ser destruído por suras, danavas, daityas, yakshas, gandharvas e rakshasas. Quem mataria criaturas que estão sempre confusas em relação ao seu bem-estar e são vítimas de grandes calamidades? Quem atacaria um mundo como esse que é dominado pela velhice e doença? Que homem sábio iria desfrutar de fazer guerra nesse mundo dos homens em meio a um rio perene de todo tipo de aflição que o visita por todos os lados? Como alguém pode afligir esse mundo que é perecível, atingido por forças divinas, fome, sede e velhice e atacado por infortúnio e decepção?

"'Às vezes, cheios de alegria, os homens se entregam à música e dança, enquanto outros estão gritando de angústia, seus rostos derramando lágrimas que caem de seus olhos. Por apego à mãe, pai, filhos ou afeição por seus consortes, eles correm para males que eles não conhecem, então por que atormentar um mundo já abatido pela necedade? Seguramente tu até então dominaste o mundo dos homens, ó caro! Tu deves sem dúvida descer para a residência de Yama; é Yama a quem tu deves vencer, ó Paulastya,[531] ó tu o invasor de fortalezas hostis. Quando a morte é subjugada, realmente todo o universo é subjugado'.

"Assim falou Narada, radiante com seu próprio esplendor, após o que o senhor de Lanka começou a rir, e reverenciando-o, respondeu: 'Ó grande rishi, tu que encontras felicidade na companhia dos deuses e gandharvas e que te alegras com a guerra, eu estou decidido a descer para Rasatala com a finalidade de conquista e, tendo triunfado sobre os três mundos e colocado a raça serpente e os deuses sob o meu jugo, eu agitarei o oceano que contém o néctar da imortalidade'.

"Em seguida o bem-aventurado rishi Narada perguntou a Dashagriva: 'Por que então tu permaneces aqui engajado em outro caminho? Seguramente a via que leva à cidade de Yama, o rei dos mortos, é extremamente difícil, ó herói invencível, ó flagelo de teus inimigos'.

"Nisso, caindo na gargalhada, como o estrondo do trovão no outono, Dashanana gritou: 'De fato está realizado!' E acrescentou: 'Resolvido a matar Vaivasvata, ó grande brâmane, eu irei para a região sul, onde aquele rei, nascido de Surya, vive. Realmente, ó santíssimo, em minha ira e ardor marcial, eu juro que vencerei os quatro guardiões do mundo! Aqui estou eu, pronto para marchar contra

[531] Ravana é aqui tratado como um descendente de Pulastya.

a cidade do rei dos Pitris. Eu empreenderei o fim de Mrityu, aquele que mergulha todos os seres em pranto'.

"Tendo falado assim para o Muni e se despedido dele, Dashagriva foi embora e entrou na região sul acompanhado por seus ministros.

"Narada, no entanto, cheio de ardor bramânico ficou por um tempo mergulhado em pensamento e, enquanto ponderava, aquele Indra entre os ascetas se assemelhava a um fogo sem fumaça.

"Ele pensou: 'Como a morte pode ser derrotada, ele que aflige os três mundos com seus governantes e todos os seres animados e inanimados, visitando-os com justa retribuição no término de suas vidas? Ele, a testemunha de suas oferendas e sacrifícios, como um segundo Pavaka; Ele cujo poder energiza os mundos quando os seres obtendo consciência desenvolvem sua atividade, e com medo de quem os três mundos ficam perturbados. Ele diante de quem os três mundos fogem aterrorizados, como aquele principal dos rakshasas se atreve a ficar diante dele? Ele que é Vidhatar e Dhatar, o distribuidor de recompensas e punições de acordo com as obras dos homens; ele o conquistador dos três mundos, como Ravana pode vencê-lo? E se ele subjugá-lo, que outra ordem que ele vai estabelecer? A curiosidade me impele a descer para a residência de Yama para testemunhar o duelo entre Yama e aquele rakshasa pessoalmente'.

Capítulo 21 – Ravana vai para as regiões inferiores desafiar Yama

"Refletindo dessa forma, o principal dos ascetas partiu com passo rápido para a residência de Yama, a fim de familiarizá-lo com o que tinha ocorrido e lá encontrou o deus Yama diante de um fogo, dispensando a justiça para todos os seres de acordo com seus merecimentos.

"Então Yama, tornando-se consciente da presença do grande rishi Narada, oferecendo-lhe um assento confortável e o Arghya, segundo a tradição, disse-lhe: 'Ó devarishi, está tudo bem ou a retidão está em perigo? Por que vieste aqui, tu que és venerado pelos deuses e gandharvas?'

"Então, Narada, aquele rishi abençoado, respondeu-lhe dizendo: 'Ouve o que tenho a dizer-te e faze o que considerares adequado! Aquele viajante noturno chamado Dashagriva está chegando aqui para te derrotar pela força da sua vontade, embora tu sejas invencível. É por essa razão que eu vim para cá às pressas, com medo do que poderia acontecer a ti, ó senhor que porta a vara'.[532]

"Naquele instante, eles viram a carruagem do rakshasa, brilhante como o sol, aproximando-se à distância; e o poderoso Dashagriva avançando no deslumbrante carro Pushpaka dissipou a escuridão da região da morte.

"Por todos os lados aquele herói de braços longos contemplou aqueles que estavam comendo o fruto dos seus atos bons e maus e ele observou os soldados de Yama e seus atendentes, seres ferozes de aspecto formidável e medonho. Ele viu aqueles submetidos à tortura emitindo gritos, entregando-se a lamentações amargas, devorados por vermes e cães ferozes, proferindo guinchos que rasgavam os ouvidos, enchendo todos de terror; e aqueles que estavam cruzando o rio Vaitarani, que fluía com sangue, afundando a cada passo nas areias ardentes que

[532] A vara de punição.

os causticavam; e malfeitores sendo cortados em pedaços no bosque Asipatra[533] ou mergulhados na região Raurava[534] ou na Ksharanadi[535] ou cortados com Kshuradharas,[536] clamando por água, torturados por fome e sede, emaciados, aflitos, pálidos, com os cabelos em desalinho, cobertos de lama e sujeira, feridos e dementes, correndo para cá e para lá. E Ravana os viu às centenas e aos milhares no caminho, e ele viu outros em palácios, onde gongos e instrumentos musicais podiam ser ouvidos, divertindo-se como o resultado de suas boas ações. E leite era fornecido aos que tinham dado vacas em caridade e arroz para aqueles que tinham distribuído arroz e residências para aqueles que tinham dado residências a outros; cada um colhendo os frutos dos seus próprios atos. Outros entre os virtuosos estavam cercados por mulheres jovens enfeitadas com ouro, pedras preciosas e pérolas magníficas, resplandecentes com seu brilho próprio; todos esses apareceram para Ravana de braços longos, o senhor dos rakshasas.

"Então os que estavam em tormento como punição por suas maldades foram audaciosamente libertados pelo rakshasa que era poderoso e valente, e aqueles fantasmas, recebendo de repente aquela clemência inesperada, libertados por aquele monarca poderoso, precipitaram-se sobre ele, e um grande clamor surgiu, após o que os soldados pertencentes a Dharmaraja, que eram cheios de coragem, correram para aquele local.

"Armados com setas, barras de ferro, arpões, maças, lanças e picaretas às centenas e aos milhares, eles atacaram o carro Pushpaka bravamente. Assentos, galerias superiores, pisos e arcos foram destruídos rapidamente por aqueles guerreiros que caíam sobre ele como um enxame de abelhas; mas o carro aéreo celeste, embora quebrado, era indestrutível e retomou sua forma anterior através do poder de Brahma. Aquele grande exército do magnânimo Yama não podia ser contado e só a guarda avançada totalizava cem mil guerreiros.

"Árvores, rochas, mísseis às centenas foram jogados em profusão com toda a sua força por aqueles seguidores valentes de Dashanana e pelo próprio rei. Embora seus membros estivessem cobertos de sangue e dilacerados por todos os tipos de mísseis, os ministros do principal dos titãs lutaram como gigantes e os mais notáveis dos guerreiros, os soldados intrépidos de Yama e os seguidores de Ravana ,atingiram uns aos outros com golpes redobrados, ó príncipe. Depois disso, deixando seus adversários, as tropas de Yama avançaram em Dashanana com suas lanças e o rei dos rakshasas, com seu corpo vertendo sangue, brilhava como uma árvore Ashoka florida.

"Enquanto arpões, maças, dardos, lanças, chuços, setas, flechas, rochas e árvores se derramavam do arco poderoso daquele guerreiro corajoso. Uma chuva formidável de árvores, pedras e armas de todos os tipos caiu sobre as tropas de Yama e então sobre a terra.

"Tendo cortado todos aqueles mísseis e repelido aquela saraivada de projéteis, os soldados de Yama atacaram aquele titã temível, que lutava sozinho contra centenas e milhares e todos eles o cercaram como uma massa de nuvens em volta de uma montanha e, com seus Bhindipalas e suas lanças, eles o atacavam com tal força que ele mal podia respirar. Sua cota de malha rompida, cortada em pedaços em meio a rios sangue que corriam de seu corpo, cheio de raiva ele abandonou Pushpaka e saltou para o chão. Equipado com arco e flechas, ele se

---

533 Asipatravana: um bosque no inferno onde as folhas são tão afiadas quanto espadas.

534 Raurava: outro inferno.

535 Ksharanadi: um rio no inferno, cujas águas são ditas serem corrosivas.

536 Kshuradhara: um instrumento afiado como navalha.

expandiu em energia no combate e recuperando os sentidos rapidamente, cheio de fúria, ele ficou lá como um segundo Antaka. Colocando a seta celeste, Pashupata[537] em seu arco e curvando-o, ele gritou: 'Parem! Parem!' e, esticando a corda até a orelha, ele disparou aquele míssil na luta, como Shankara quando atacando Tripura.

"E aquele dardo com seu círculo de fogo e fumaça parecia um fogo ardente que, crescendo, consome uma floresta durante o verão. Com sua coroa de chamas, aquela flecha, atirada pelo comedor de carne, percorreu o campo de batalha livremente, reduzindo os arbustos e árvores a cinzas. Então os soldados de Vaivasvata caíram como os estandartes do grande deus Indra, consumidos pela violência do fogo, e aquele rakshasa de coragem formidável com seus companheiros proferiu um grande rugido que convulsionou a terra".

Capítulo 22 – O duelo entre Ravana e Yama; Brahma intervém

"Ouvindo aquele grande tumulto o senhor Vaivasvata percebeu que seu inimigo tinha triunfado e que seu exército estava destruído. Sabendo que suas tropas estavam mortas, com os olhos vermelhos de raiva, ele se dirigiu ao seu auriga, dizendo: 'Leva a minha carruagem lá rapidamente!'

"Então o condutor levou o vasto carro celeste do seu poderosíssimo mestre e aquele extremamente energético subiu nele. E Mrityu, o destruidor do mundo triplo de mudança perpétua, com uma lança e malho na mão e o Tempo como sua vara, ficou ao lado de Yama; e aquela arma divina ardia como fogo.

"Vendo Kala[538] muito enfurecido, inspirando terror no universo inteiro, os três mundos foram agitados e os habitantes do céu foram tomados pelo medo. Em seguida o auriga incitou os cavalos que eram da cor do sangue, e dirigiu sua carruagem trovejante ao encontro do senhor dos rakshasas; e, em um instante, seus cavalos, iguais aos pertencentes a Hari, levaram Yama com a velocidade do pensamento para a cena do combate.

"Vendo aquela carruagem terrível que Mrityu acompanhava, os seguidores do principal dos rakshasas fugiram, dizendo: 'É impossível lutarmos com ele!' Em sua covardia, fora de si com terror, eles fugiram. Dashagriva, no entanto, na presença daquela carruagem que espalhava terror no universo, permaneceu impassível e não sentiu medo.

"Chegando ao alcance de seu adversário, Yama, em fúria, disparou flechas e dardos perfurando as partes vitais de Ravana, mas ele, mestre de si mesmo, disparou uma chuva de flechas na carruagem de Yama, como uma nuvem solta suas águas, e embora o rakshasa fosse incapaz de repelir aquelas flechas grandes que caíam às centenas em seu peito forte, contudo ele não sentiu nenhum efeito ruim; todavia, depois de uma luta que durou sete dias, e todos os mísseis de vários tipos que Yama, o flagelo de seus inimigos, disparava sobre ele, Ravana, desviando o rosto, ficou perturbado e uma luta terrível se seguiu entre Yama e o rakshasa, cada um ansioso para triunfar e não recuando no combate.

"Naquela hora devas, gandharvas, siddhas e grandes rishis com Prajapati em sua chefia se reuniram no campo de batalha, pois o duelo que ocorria entre o senhor dos rakshasas e o rei dos mortos parecia com a dissolução dos mundos.

[537] A arma de Shiva.

[538] Kala: o Tempo como a Morte.

"Ravana, esticando seu arco, como o raio de Indra, encheu todo o espaço com suas flechas e ele atingiu Mrityu com quatro setas farpadas e seu condutor com sete, depois disso com suas flechas velozes perfurando Yama em suas partes vitais cem mil vezes.

"Então, da boca do enfurecido Yama emergiu um círculo de fogo, acompanhado de vento e fumaça, realmente um fogo de ira. Vendo aquela maravilha na presença dos deuses e danavas, Mrityu e Kala ficaram cheios de raiva e Mrityu, em um acesso de raiva, disse a Vaivasvata: 'Me permite destruir este rakshasa perverso! No dia de hoje, de acordo com a lei natural, esse rakshasa deixará de existir! Hiranyakashipu, o afortunado Namuchi, Shambara, Nishandi, Dhumaketu, Bali, Virochana, o gigante Shambhu, monarcas poderosos, Vritra e Bana, os rajarishis versados nos Shastras, punnagas, daityas, yakshas e tropas de apsaras, com a terra e suas montanhas, rios e árvores e o grande oceano, foram todos destruídos por mim no fim do ciclo do mundo, ó grande rei. Aqueles seres e outros em grandes números, que eram poderosos e invencíveis, foram aniquilados pelo meu olhar, quanto mais facilmente eu posso causar a morte desse viajante noturno? Deixa-me ir, portanto, ó senhor virtuoso, para que eu possa destruí-lo! Nenhuma criatura, por mais poderosa que seja, pode sobreviver se o meu olhar cair sobre ela. Esse poder não é meu; é uma lei natural que, em quem quer que eu lance o meu olhar, ó Kala, ele não vive nem por um instante'.

"Assim falou Mrityu e o ilustre senhor da justiça respondeu: 'Acalma-te, eu o matarei!' Então o senhor Vaivasvata, com os olhos vermelhos de raiva, ergueu a vara da morte que nunca erra seu alvo, aquela vara a cujos lados os laços da destruição estão atados, e ele pegou um martelo como um lampejo de relâmpago, o qual, por seu aspecto apenas, extingue a respiração dos seres vivos, quanto mais quando ele cai sobre eles! Essa arma cercada por chamas, aquela maça imensa, que parecia consumir o rakshasa, emitia faíscas quando aquele ser poderoso a pegou. Então, quando o deus se preparava para golpear Ravana, o avô do mundo apareceu de repente e disse:

"'Ó Vaivasvata poderosamente armado, ó tu cuja coragem é imensurável, saibas que tu não deves atingir o viajante noturno com tua vara. Eu dei uma bênção a ele, ó rei dos deuses, tu não deves torná-la nula, pois eu dei a minha palavra! Realmente aquele que me faz parecer um enganador, seja ele um deus ou um mero mortal, torna o mundo triplo culpado de engano! Essa arma terrível, se disparada com raiva, irá derrubar todos os seres, independentemente de eles serem queridos para mim ou não. Destruição inevitável e morte para todos vêm na sequência dessa Vara da Morte de esplendor imensurável criada por mim! Sem dúvida, ó meu amigo, tu não deves deixá-la cair na cabeça de Ravana, pois uma vez que ela cair, ninguém sobreviverá nem mesmo um instante. Se ela cair no rakshasa Dashagriva, se ele morrer ou não morrer, de qualquer forma o engano terá sido praticado! Portanto desvia essa vara erguida do rei de Lanka e confirma a minha boa-fé em deferência aos mundos!'

"Assim abordado, o virtuoso senhor da morte, Yama, respondeu: 'Eu refrearei a vara porque tu és nosso mestre, mas, como eu não posso matar meu adversário que está protegido pela tua benção, o que eu farei agora na luta? Eu me tornarei invisível para o rakshasa!' Falando desse modo, ele desapareceu com sua carruagem e cavalos.

"Depois disso Dashagriva, mestre do campo, proclamou seu nome e, voltando a subir em Pushpaka, emergiu da residência de Yama. Vaivasvata, no entanto, com

os deuses, precedidos por Brahma, voltou alegremente para a região celeste, assim como o grande muni Narada também".

Capítulo 23 – A luta de Ravana com os filhos de Varuna

"Tendo derrotado Yama o principal dos deuses, Ravana de dez cabeças, guerreiro orgulhoso, foi procurar seus seguidores. Vendo-o com seus membros cobertos de sangue, crivado de ferimentos, eles ficaram muito surpresos. Com Maricha à sua frente, eles lhe ofereceram felicitações por sua vitória e, tranquilizados por ele, todos eles tomaram seus lugares na carruagem Pushpaka. Depois disso o rakshasa desceu para a região aquosa[539] habitada por daityas e uragas sob a poderosa proteção de Varuna. De lá ele foi para a capital Bhogavati, onde Vasuki reina, e, tendo subjugado os nagas, entrou com alegria na cidade feita de pedras preciosas. Lá os Nivatakavachas,[540] daityas protegidos por Brahma, viviam, e o rakshasa, aproximando-se deles, desafiou-os a lutar. Imediatamente aqueles daityas intrépidos, cheios de valentia, armados com todas as armas em seu ardor marcial, avançaram com alegria.

"Então os rakshasas e os danavas atingiram uns aos outros furiosamente com lanças, tridentes, Kalishas, arpões, espadas e Parashvadhas e, enquanto eles lutavam assim, um ano inteiro se passou sem nenhum dos lados ser vitorioso ou sofrer derrota.

"Ao fim desse tempo, o Avô, o senhor dos três mundos, o deus imperecível, apareceu em sua carruagem maravilhosa e, para levar ao fim as atividades bélicas dos Nivatakavachas, aquele Antigo deu-lhes a conhecer o propósito da sua intervenção, dizendo: 'Ravana não pode ser derrotado em batalha por deuses ou asuras e vocês mesmos não podem ser destruídos nem pelos imortais e danavas juntos. Teria a minha aprovação se os rakshasas se unissem a vocês em amizade; sem dúvida todos os benefícios são compartilhados por amigos'.

"Então, na presença do fogo, Ravana celebrou uma aliança com os Nivatakavachas e tornou-se seu amigo.

"Honrado por eles segundo a tradição, ele permaneceu naquele local por um ano, onde passou seu tempo exatamente como em sua própria cidade. Lá, tendo estudado cem formas de magia ele tornou-se proficiente em uma, e então começou a explorar Rasatala a fim de descobrir a capital do senhor das águas, Varuna. Chegando à cidade de Ashma, ele matou todos os habitantes e, com sua espada, perfurou seu cunhado poderoso, Vidyujjihva, o consorte de Shurpanakha, que era orgulhoso de sua força e que, com a língua, estava lambendo um rakshasa, preparativo para devorá-lo. Tendo-o matado, Ravana, em um instante, destruiu quatrocentos daityas. Foi então que a morada celeste de Varuna, semelhante a uma nuvem, deslumbrante como o monte Kailasha, apareceu para aquele monarca, e lá ele viu a vaca, Surabha, de quem leite sempre flui e que forma o oceano Kshiroda.

"Ravana viu Vararani, mãe das vacas e touros também, de quem nasce Chandra de raios refrescantes, que abre a noite, tomando refúgio sob quem, os grandes rishis subsistem da espuma daquele leite do qual surgiu o néctar da imortalidade, o alimento dos deuses, como também Svadha, o alimento dos pitris.

---

[539] A região aquosa: literalmente Rasatala, o inferno dito estar situado no fundo do oceano.

[540] Uma raça de gigantes.

Tendo circungirado aquela Vaca extraordinária, conhecida como pelos homens como Surabha, Ravana entrou em uma região formidável defendida por tropas de todo tipo. Foi então que ele viu a esplêndida residência de Varuna, repleta de centenas de cataratas, sempre apresentando um aspecto encantador e semelhante a uma nuvem outonal.

"Tendo derrubado os líderes do exército em batalha, a quem ele crivou de golpes, Ravana disse àqueles guerreiros: 'Informem rapidamente o rei que Ravana veio para cá em busca de batalha, dizendo: "Aceita esse desafio se tu não tens medo, do contrário, prestando reverência a ele declara, 'Eu estou derrotado'".

"Entrementes, os filhos e netos do magnânimo Varuna, provocados, partiram com Go e Pushkara.[541]

"Aqueles seres valentes, cercados por suas tropas, atrelaram suas carruagens que rumavam para onde quer que eles desejassem e brilhavam como o sol nascente.

"A partir daí uma luta terrível se seguiu, de arrepiar, entre os filhos do senhor das águas e o astuto Ravana. Os bravos companheiros do rakshasa Dashagriva, em um instante, destruíram todo o exército de Varuna.

"Vendo seu exército derrotado na luta, os filhos de Varuna, oprimidos por uma chuva de mísseis, interromperam o conflito e, quando eles estavam escapando debaixo da terra, eles viram Ravana na carruagem Pushpaka e se lançaram no céu com seus carros velozes. Tendo atingido uma posição igualmente vantajosa, uma luta violenta irrompeu de novo e um conflito terrível começou no ar como aquele entre os deuses e os danavas. Com suas flechas, semelhantes às de Pavaka, eles colocaram Ravana em fuga e, em sua alegria, emitiram inúmeros gritos de triunfo.

"Então Mahodara, provocado ao ver Ravana assim duramente pressionado, banido todo o medo da morte e, em seu ardor marcial, lançando olhares furiosos em volta, com sua maça golpeou as carruagens que estavam correndo à vontade com a velocidade do vento, fazendo-as caírem na terra. Tendo matado os soldados e destruído os carros dos filhos de Varuna, Mahodara, vendo-os privados de seus carros, emitiu um grito alto. As carruagens com seus corcéis e seus condutores excelentes, destruídas por Mahodara, jaziam no chão e, embora desprovidos de seus veículos, os filhos do magnânimo Varuna, em virtude da sua destreza natural, se mantiveram corajosamente no céu sem serem perturbados. Esticando seus arcos, eles perfuraram Mahodara e, reunindo-se, cercaram Ravana no campo de batalha e, com suas setas formidáveis como raios disparadas de seus arcos, eles o oprimiram em sua raiva, como nuvens despejam chuva em uma grande montanha.

"De sua parte, o irascível Dashagriva, semelhante ao fogo da dissolução, derramou uma temível saraivada de mísseis em suas partes vitais com força irresistível e ininterrupta, e havia maças de todo tipo, Bhallas às centenas, arpões, lanças e enormes Shataghnis. Então os filhos de Varuna, submetidos a andar a pé, se viram restritos como elefantes de sessenta anos que entraram um grande atoleiro e, vendo os filhos de Varuna assim feridos e exaustos, o extremamente poderoso Ravana emitiu gritos de alegria como uma nuvem imensa, e emitindo aqueles rugidos altos, ele atingiu os filhos de Varuna com flechas de todos os tipos que ele vertia sobre eles como uma nuvem.

"Então eles recuaram e caíram de cabeça no chão, e seus seguidores os levaram às pressas do campo de batalha para suas casas, enquanto o rakshasa gritava 'Levem as notícias para Varuna!'

---

[541] Dois generais.

"Depois disso um dos conselheiros de Varuna, chamado Prahasta, respondeu-lhe dizendo: 'Varuna, o senhor das águas, aquele monarca poderoso, a quem tu estás desafiando para o combate, foi para Brahmaloka para ouvir a música gandharva. Por que te esgotar em vão, ó herói, uma vez que o rei não está aqui?'

"Então o senhor dos rakshasas, tendo ouvido isso, proclamou seu nome e emitiu gritos alegres; e depois, saindo da morada de Varuna e voltando para o lugar de onde ele tinha vindo, Ravana subiu aos céus e dirigiu seu curso para Lanka".

ALGUNS COMENTADORES CONSIDERAM QUE OS PRÓXIMOS CINCO CAPÍTULOS SÃO INTERPOLAÇÕES

Primeiro Dos Capítulos Interpolados – Primeira série – O encontro de Ravana com Bali

"Posteriormente, os seguidores de Ravana, embriagados pela guerra, percorreram a cidade de Ashma, e Dashanana viu lá um grande palácio, cujas arcadas eram incrustradas de esmeraldas e adornadas com redes de pérolas. Repleto de colunas douradas e altares sagrados, as escadarias, feitas de ouro, eram cravejadas de diamantes e enfeitadas com pequenos sinos e assentos encantadores colocados aqui e ali, de modo que ele parecia o palácio de Mahendra.

"Vendo aquela bela morada, o poderosíssimo Ravana refletiu consigo mesmo: 'De quem é esta mansão maravilhosa semelhante ao pico do monte Meru? Vai, ó Prahasta, e verifica rapidamente a quem pertence essa residência!'

"Então Prahasta entrou naquele domicílio excelente e, não encontrando ninguém no primeiro apartamento, foi para outro, penetrando em sete aposentos até que finalmente ele observou um fogo queimando, em cujas chamas ele viu um homem sentado, rindo alto; e, ouvindo aquela risada temível, o cabelo de Prahasta ficou em pé. O homem assim sentado como se inconsciente no fogo, ofuscante de se olhar como o sol e semelhante ao próprio Yama, estava usando uma corrente de ouro. Vendo isso, aquele viajante noturno saiu rapidamente da casa e comunicou tudo a Ravana.

"Ó Rama, Dashagriva, parecendo um pedaço de colírio, descendo de Pushpaka, procurou entrar naquela habitação, mas um indivíduo de corpo grande, coroado de lua, barrou a porta. Sua língua parecia uma chama, seus olhos eram vermelhos, seus dentes deslumbrantes, seus lábios como o fruto Bimba, seu nariz espantoso e ele tinha forma bela com um pescoço curvado como uma concha, marcado com três linhas, suas mandíbulas enormes, sua barba espessa, seus ossos bem cobertos com carne, possuindo grandes presas, todo o seu aspecto terrível, de arrepiar; e ele segurava uma maça na mão enquanto ficava na porta; então, quando Ravana o viu, seu cabelo se arrepiou, seu coração bateu furiosamente e seu corpo tremeu.

"Percebendo esses presságios não auspiciosos, Ravana começou a pensar consigo mesmo e, enquanto estava refletindo dessa maneira, aquele ser se dirigiu a ele, dizendo: 'Em que estás pensando, ó rakshasa? Dize-me, sem medo! Eu te darei o prazer do combate, ó herói, ó viajante noturno!'

"Então ele falou novamente a Ravana, dizendo: 'Tu desejas entrar em conflito com Bali ou tens alguma outra intenção?'

"Ouvindo essas palavras, Ravana foi dominado pelo medo de modo que seu cabelo ficou em pé, mas, recobrando a coragem, ele respondeu: 'Ó tu, o mais notável dos peritos em discurso, quem reside nessa mansão? Eu entraria em combate com ele se tu me aconselhasses a fazê-lo!'

"Então aquele ser lhe respondeu dizendo: 'O senhor dos danavas vive aqui, ele é extremamente magnânimo, valente, possuidor da verdade como sua destreza, dotado de muitas qualidades, resplandecente, semelhante a Yama portando um laço na mão, brilhante como o sol nascente, incapaz de ser derrotado em combate, impetuoso, invencível, vitorioso, um verdadeiro oceano de realizações, de fala mansa, o amparo daqueles que dependem dele, dedicado ao seu preceptor e aos brâmanes, e familiarizado com a hora adequada (para a execução de ações), dotado de grandes poderes, sincero, belo, hábil, heroico, sempre empenhado no estudo do Veda; embora andando a pé, ele se move como o vento, ele brilha como o fogo, irradiando calor como o sol, ele não teme deuses, espíritos, cobras nem aves, o medo é desconhecido para ele. Tu desejas lutar com Bali, ó senhor dos rakshasas, ó tu dotado de energia suprema? Então entra nessa casa rapidamente e te engaja na luta!'

"Sendo assim abordado, o titã de dez pescoços entrou para onde Bali estava, e aquele principal dos danavas, que parecia uma chama de fogo e era tão difícil de olhar quanto o sol, vendo o senhor de Lanka, caiu na gargalhada e, pegando o rakshasa pela mão colocou-o em seu colo, dizendo: 'Ó senhor de dez pescoços dos rakshasas, ó de braços longos, qual desejo teu eu realizarei? Dize o que te trouxe aqui?'

"Sendo assim abordado por Bali, Ravana respondeu: 'Ó ilustre, eu ouvi dizer que antigamente tu fosses aprisionado por Vishnu, realmente eu tenho o poder de te livrar dessas amarras!'

"Ouvindo essas palavras de Ravana, Bali riu e disse: 'Ouve e eu te direi, ó Ravana! Aquele de cor escura que está à porta antigamente subjugou todos os danavas e outros senhores poderosos e eu também fui preso por Ele. Ele é tão invencível quanto a Morte; ninguém no mundo pode iludi-lo. Ele, que fica na entrada, é o Destruidor, Criador e Preservador, Senhor dos Três Mundos. Nem tu nem eu o conhecemos; Ele é o Senhor do passado, presente e futuro, Ele é o Tempo, Ele é o Kali Yuga, Ele derrota todos os seres; Ele é o Criador e Destruidor dos três mundos e de todas as coisas animadas e inanimadas; aquele grande Deus de todos os Deuses cria e recria o universo repetidas vezes para sempre. Ó viajante noturno, Ele é o dispensador dos frutos de sacrifícios, presentes e oblações, em verdade Ele é o Criador e Preservador de todo o universo, não há ninguém nos três mundos comparável a Ele em majestade e glória. Ó filho da Casa de Pulastya, Ele tem os danavas, nossos antepassados, e a ti, sob seu controle, como animais amarrados com cordas.

"'Vritra, Danu, Shuka, Shambu, Nishumbha, Shumbha, Kalanemi, Prahlada e outros, Kuta, Virochana, Mridu, Yamala, Arjuna, Kansa, Kaitabha e Madhu todos irradiavam calor como o sol e eram tão resplandecentes quanto seus raios, todos se moviam como o vento e derramavam chuva como Indra, todos celebravam sacrifícios e passavam por penitências severas, todos eram de alma elevada e seguidores do Caminho do Yoga, todos adquiriam riqueza e desfrutavam de muitos prazeres, todos distribuíam presentes abundantemente, estudavam o Veda e protegiam seus súditos, todos eram defensores de seus parentes e matadores de seus inimigos, ninguém podia resistir contra eles nos três mundos e eles eram

poderosos, totalmente familiarizados com os Shastras e todos os ramos de conhecimento e eram conhecidos por nunca recuarem em batalha.

"'Eles governaram os reinos dos Deuses, tendo-os derrotado mil vezes, e eles estavam sempre empenhados em atormentá-los e em proteger os seus próprios seguidores. Inflados de orgulho e arrogância, dados ao apego, eles eram tão refulgentes quando o sol recém-surgido, mas o glorioso Hari, o Senhor Vishnu, sabe como provocar a destruição daqueles que perturbam os Deuses perpetuamente. Ele cria todos eles e Ele mesmo constantemente causa o seu fim; existindo por Si mesmo na época da dissolução.

"'Esses altamente poderosos e ilustres chefes Danava, capazes de assumir qualquer forma à vontade, foram destruídos por aquele Deus glorioso, e, além disso, todos aqueles heróis, ditos serem invencíveis e irresistíveis na guerra, foram derrotados pelo poder extraordinário de Kritanta'.[542]

"Tendo falado assim para Ravana, o senhor dos danavas novamente se dirigiu ao rei dos rakshasas, dizendo: 'Ó herói, ó tu dotado de grande força, pega esse disco brilhante que tu vês e aproxima do meu lado; eu então te direi como eu rompi meus grilhões para sempre. Faze o que eu te disse, ó de braços longos, não demores!'

"Ó descendente de Raghu, ouvindo isso, o rakshasa muito poderoso, rindo, foi para onde o disco celeste estava. Orgulhoso de sua força ele se considerava capaz de levantá-lo com facilidade, mas, pegando-o, ele não pode movê-lo de modo algum e, envergonhado, aquele altamente poderoso tentou novamente e mal o erguendo, aquele rakshasa imediatamente caiu ao chão inconsciente, banhado em uma poça de sangue, como uma árvore Sala que foi cortada.

"Enquanto isso os conselheiros do senhor dos rakshasas, que estavam na carruagem Pushpaka gritaram alto 'Ai de nós! Ai de nós!' e, posteriormente, o rakshasa, recuperando os sentidos, levantou-se, de cabeça baixa de vergonha e Bali disse-lhe:

"'Aproxima-te, ó principal dos rakshasas, e ouve as minhas palavras, ó herói! Esse disco incrustado com pedras preciosas, que tu procuraste levantar, era um ornamento para a orelha pertencente a um dos meus antepassados e ele se manteve aqui onde caiu, olha para ele! Ó tu, dotado de grande força, o outro caiu no cume de uma montanha e, além desses dois, sua coroa também caiu na terra diante de um altar durante o confronto. Antigamente nem o tempo, a morte, nem a doença podiam vencer o meu antepassado Hiranyakashipu, nem ele podia ser visitado pela morte durante o dia, ao amanhecer ou ao anoitecer. Ó principal dos rakshasas, nem um objeto seco nem um molhado, nem qualquer arma podia acabar com ele.

"'Veio a ocorrer que ele entrou em uma briga terrível com Prahlada,[543] e o antagonismo tendo crescido entre ele e o indefeso e corajoso Prahlada, o Senhor apareceu na forma de Nrsingha, ele de aspecto terrível que era a causa de terror para todos os seres. Ó principal dos rakshasas, aquele Ser terrível, lançando olhares aqui e ali, oprimiu os três mundos e, erguendo Hiranyakashipu em seus braços, ele rasgou seu corpo com as unhas; aquele mesmo Ser, o supremo e imaculado Vasudeva está à porta! Eu agora te falarei daquele Deus supremo, ouve-me, se as minhas palavras têm algum significado para ti. Aquele que está à porta subjugou milhares de Indras e centenas e milhares de grandes Deuses e Rishis'.

[542] Kritanta: a encarnação da força do destino, literalmente 'o que põe um fim'.
[543] Prahlada, filho dele, um devoto de Vishnu.

"Ouvindo essas palavras, Ravana disse: 'Eu vi Kritanta, o Senhor dos Espíritos e a própria Morte! Seu cabelo é formado de serpentes e escorpiões, ele carrega um laço em sua mão, sua língua é como uma chama de fogo dardejando como um relâmpago, suas mandíbulas temíveis, seus olhos vermelhos; ele é dotado de velocidade imensa e é o terror de todos os seres, como o sol incapaz de ser encarado. Invencível em combate, o castigador dos malfeitores, mas mesmo ele foi derrotado em conflito, nem eu senti o menor medo dele, ó senhor dos danavas. Eu não conheço essa pessoa (na porta), cabe a ti me dizer quem é ele'.

"Ouvindo essas palavras de Ravana, Bali, o filho de Virochana, respondeu: 'Ele é o Senhor Hari, Narayana, o Protetor dos três mundos. Ele é Ananta, Kapila, Vishnu e o altamente refulgente Nrsingha; Ele é Kratudhama e Sudhama que porta a maça terrível em suas mãos. Ele parece os Doze Adityas, Ele é o primeiro homem, o Purusha primevo e excelente; Ele é como uma nuvem azul escura e é o primeiro Senhor dos Deuses. Ó de braços longos, Ele é cercado por chamas; Ele é o Yogi supremo, amado por Seus devotos; Ele projetou o universo, o preserva e o destrói, assumindo a forma do Tempo dotado de grande poder. Esse Hari, levando o disco na mão, é o sacrifício e é adorado no sacrifício, Ele é a única grande forma de todos os Deuses, todos os seres, todos os mundos e toda a ciência; Ele é Baladeva, ó poderosamente armado, o Matador de guerreiros; Ele tem o olho de um herói e é o eterno Guru, o Pai dos três mundos. Todos os sábios, desejosos de libertação, meditam nele. Quem o conhece dessa maneira fica livre do pecado; aquele que O recorda, O adora e O cultua obtém tudo'.

"Ouvindo essas palavras de Bali, o altamente poderoso Ravana, com os olhos vermelhos de raiva, saiu com armas erguidas.

"Vendo-o assim inflamado pela fúria, o Senhor Hari, que tinha uma maça em sua mão, refletiu: 'Em deferência a Brahma, eu ainda não matarei esse pecador',[544] e fazendo-se invisível, ele desapareceu.

"Então Ravana, não vendo aquele Purusha lá, se alegrou, e, gritando exultantemente, saiu da residência de Varuna e partiu pelo mesmo caminho pelo qual ele tinha vindo".

Segundo dos Capítulos Interpolados – Primeira Série – Ravana desafia o deus do sol

"Após refletir por algum tempo, o senhor de Lanka foi para a região solar, passando a noite no topo encantador do monte Sumeru. Andando na carruagem Pushpaka, que era dotada da velocidade dos cavalos do sol, ele avançou por vários caminhos, e viu o sol glorioso e resplandecente, o purificador de tudo, enfeitado com braceletes dourados e coroado com um halo incrustado com pedras preciosas. Sua face encantadora era adornada com um par de brincos brilhantes, seu corpo embelezado com Keyuras,[545] ornamentos dourados e guirlandas de lótus carmesins. Seu corpo estava coberto com sândalo vermelho e ele era fulgurante com mil raios.

"Vendo o Sol, o principal dos deuses, Surya, aquela Divindade primeva sem fim ou meio, tendo Uchhaisravas como seu corcel, ele, a Testemunha do Mundo, senhor da terra, Ravana foi oprimido por seus raios e disse a Prahasta: 'Ó

[544] Já que Brahma tinha lhe concedido a bênção de invulnerabilidade.

[545] Keyuras: braceletes usados na parte superior do braço.

conselheiro, vai por minha ordem e informa o Sol da minha intenção dizendo: "Ravana veio aqui para te desafiar, luta ou admite a derrota; faze um ou o outro rapidamente!'"

"Ouvindo essas palavras, aquele rakshasa avançou em direção ao sol e viu dois porteiros chamados Pingala e Dandi e, tendo comunicado as resoluções de Ravana para eles, ele ficou em silêncio, sendo subjugado pelos raios do sol.

"Aproximando-se do sol, Dandi relatou o assunto para ele e, ouvindo da intenção de Ravana, o sagaz Surya, aquele inimigo da noite, disse-lhe: 'Ó Dandi, ou subjuga Ravana, ou dize a ele "Eu fui derrotado, faze como achares melhor!"'

"A esse comando, Dandi se aproximou de Ravana de grande alma e o informou do que o sol tinha dito.

"Ouvindo as palavras de Dandi, o senhor dos rakshasas proclamou sua vitória por um rufar de tambores e foi embora".

Terceiro dos Capítulos Interpolados – Primeira Série – O duelo de Ravana com o rei Mandhata

"Tendo passado a noite no topo encantador do monte Sumeru e deliberado por algum tempo, o poderoso senhor de Lanka foi para a região da lua. Lá ele viu alguém aspergido com unguentos celestes, sentado em sua carruagem acompanhado por apsaras e sendo abraçado por elas, seguindo seu caminho; cansado pela satisfação do desejo. Vendo tal pessoa, sua curiosidade foi despertada e, observando um rishi, chamado Parvata, lá, ele lhe disse: 'Tu és bem-vindo, ó sábio abençoado, realmente tu chegas em um momento apropriado! Quem é esse ser desavergonhado prosseguindo em uma carruagem acompanhado de apsaras? Ele parece não estar ciente de seu risco!'

"Assim abordado por Ravana o rishi Parvata disse-lhe: 'Ó filho, ó tu dotado de grande inteligência, ouve-me e eu te direi a verdade. Por ele todos esses mundos foram subjugados e Brahma propiciado, e ele está em seu caminho para um lugar bem-aventurado. Como tu, em virtude do ascetismo, conquistaste os mundos, ó senhor dos rakshasas, assim ele fez; e, tendo bebido o suco Soma e executado muitos atos piedosos, ele partiu em sua jornada. Ó principal dos rakshasas, tu és valente e tens a verdade como tua destreza; os poderosos nunca são ofendidos pelos virtuosos!'

"Então Ravana viu um carro grande e excelente, radiante e refulgente, do qual vinda o som de música e canto e ele disse: 'Ó grande rishi, quem é aquele indivíduo dotado de esplendor que procede cercado por cantores encantadores, dançarinas e kinnaras?'

"Ouvindo essas palavras, Parvata, o principal dos sábios, respondeu novamente: 'Ele é um herói, um guerreiro poderoso, que nunca recuou em batalha. Tendo realizado inúmeros feitos heroicos em combate e matado muitos adversários, ele recebeu incontáveis ferimentos e, finalmente, sacrificou sua vida por seu mestre. Tendo destruído uma miríade de pessoas em batalha, ele foi finalmente morto por seus inimigos. Ele está agora para ser um convidado de Indra ou pode ser que ele esteja indo para alguma outra região auspiciosa. Esse principal dos homens está sendo entretido por canto e dança'.

"Então Ravana perguntou mais uma vez: 'Quem anda lá brilhando como o sol?'

"Ouvindo as palavras de Ravana, Parvata disse: 'Essa pessoa, parecendo a lua cheia, adornado com vários ornamentos e vestes, ó rei poderoso, a quem tu vês em uma grande carruagem acompanhado por tropas de apsaras, distribuiu muito ouro, pois ele prossegue com resplendor supremo em um carro veloz'.

"Ouvindo as palavras de Parvata, Ravana disse novamente: 'Ó principal dos rishis, dize-me qual desses reis que seguem aqui, se solicitado, me concederá o prazer da batalha? Realmente tu és meu pai; indica-me tal pessoa, ó tu familiarizado com a piedade'.

"Assim abordado, Parvata mais uma vez respondeu a Ravana, dizendo: 'Ó grande rei, todos esses monarcas desejam o céu não o conflito, mas, ó poderoso, eu te indicarei um que vai entrar em combate contigo.

"'Há um rei extremamente poderoso, o senhor das Sete Ilhas, bem conhecido pelo nome de Mandhata, que lutará contigo'.

"A essas palavras de Parvata, Ravana disse: 'Dize-me onde vive esse rei, ó tu de grande devoção, eu irei para onde aquele principal dos homens reside'.

"Ouvindo as palavras de Ravana, o sábio disse novamente: 'O filho de Yuvaneshwa, tendo conquistado o mundo que consiste em Sete Ilhas, de mar a mar, Mandhata, o principal dos reis está vindo para cá'.

"Então Ravana de braços longos, orgulhoso da dádiva concedida a ele nos três mundos, viu o heroico Mandhata, o senhor de Ayodhya e o principal dos monarcas. O senhor das Sete Ilhas estava viajando em um carro dourado e decorado resplandecente como o de Mahendra, radiante com sua própria beleza, aspergido com unguentos celestes, e o de dez pescoços disse a ele: 'Dá-me combate!'

"Sendo assim abordado, ele, rindo, disse a Dashanana: 'Se a tua vida não é estimada por ti, então entra em combate comigo, ó rakshasa!'

"Ouvindo essas palavras de Mandhata, Ravana disse: 'Ravana não sofreu nenhum dano de Varuna, Kuvera ou Yama, por que ele temeria um mero homem?'

"Tendo dito isso, o senhor dos rakshasas emitiu ordens para os titãs que eram invencíveis em batalha, quando então, em fúria, os conselheiros do rakshasa de alma perversa, bem hábeis na arte da guerra, começaram a disparar uma saraivada de setas.

"Então o monarca poderoso, Mandhata, com flechas douradas emplumadas, atacou Prahasta, Shuka, Sarana, Mahodara, Virupaksha, Akampana e outros generais, e Prahasta cobriu o rei com setas, mas, antes de chegarem a ele, aquele principal dos homens as quebrava em pedaços. Como grama é consumida pelo fogo assim aquela hoste de rakshasas foi consumida pelo rei Mandhata por meio de centenas de Bushundis, Bhallas, Bhindipalas e Tomaras.[546] Como Karttikeya partiu o monte Krauncha com suas flechas, assim Mandhata, cheio de raiva, perfurou Prahasta com cinco Tomaras dotados de extrema velocidade e, brandindo sua maça, semelhante à de Yama, repetidamente ele atingiu violentamente a carruagem de Ravana, e aquela maça parecendo o raio caiu com força de modo que Ravana foi derrubado como a bandeira de Shakra. Depois disso a alegria do rei Mandhata foi aumentada, como as águas do oceano salgado na hora da lua cheia, mas toda a hoste rakshasa, gritando de terror, permaneceu em volta do inconsciente senhor dos rakshasas. Recuperando os sentidos rapidamente, Ravana, o terror de todos os seres, senhor de Lanka, derramou mísseis sobre o corpo de Mandhata e, vendo

[546] Veja o Glossário de Armas.

aquele rei caindo inconsciente, os viajantes noturnos altamente poderosos ficaram muito alegres e emitiram rugidos leoninos.

"Recuperando os sentidos em um momento, o rei de Ayodhya, vendo seu adversário aclamado por seus seguidores e ministros, ficou furioso, e assumindo uma forma deslumbrante como o sol ou a lua, instantaneamente começou a matar os titãs com uma saraivada terrível de setas; e suas flechas e o barulho delas oprimiu toda a hoste rakshasa, que parecia um oceano tempestuoso.

"Então um conflito espantoso começou entre homem e demônio e aqueles dois líderes heroicos e de grande alma de homens e rakshasas, como pessoas possuídas, assumindo a atitude de guerreiros, entraram em campo com espadas e arcos e, muito enfurecidos, começaram a atacar uns aos outros com flechas, ferindo uns aos outros no ataque. Em seguida, colocando a arma Raudra em seu arco, Ravana a disparou, mas Mandhata a desviou com a arma de fogo. Então Dashanana pegou a arma gandharva e o rei Mandhata a Brahma-astra, uma fonte de terror para todos. E Ravana pegou a celeste e terrível arma Pashupata, a aumentadora de medo nos três mundos, obtida de Rudra, em virtude de suas penitências rígidas.

"Vendo isso, todos os seres móveis e imóveis foram acometidos de terror e os três mundos, incluindo tudo o que era animado e inanimado, deuses e serpentes, juntos se refugiaram em suas moradas debaixo da terra.

"Enquanto isso, em virtude de sua meditação, os dois principais dos ascetas, Pulastya e Galava, cientes do conflito, protestaram com esses dois guerreiros de várias maneiras e contiveram o rei e o senhor dos rakshasas. Em seguida, o homem e o rakshasa se reconciliaram e, muito encantados, voltaram para o lugar de onde tinham vindo".

Quarto dos Capítulos Interpolados – Primeira Série – Ravana visita a região da lua e recebe uma bênção de Brahma

"Os dois rishis tendo partido, Ravana, o senhor dos rakshasas, prosseguiu por quarenta mil milhas na atmosfera superior, ao que ele chegou àquela excelente esfera mais elevada onde cisnes, dotados de todas as virtudes, habitavam. E, tendo passado, ele subiu ainda mais alto por dez mil léguas, onde por todos os lados as nuvens Agneya, Pakshana e Brahma[547] estão eternamente estabelecidas. Depois disso ele foi para uma excelente região aérea onde os siddhas e os charanas de grande alma sempre residem, que tem dez mil léguas de extensão.

"Ó matador de teus inimigos, ele então passou para uma quarta região, onde os bhutas e os vinayakas permanecem perpetuamente e, posteriormente, ele foi para o quinto reino aéreo, que se estende por dez mil léguas, onde Gunga, o principal dos rios pode ser encontrado, e os elefantes chefiados por Kumuda, de cujos corpos gotas se derramam constantemente enquanto eles se divertem nas águas, borrifadas do rio sagrado que eles espalham em todas as direções. Aqui as águas caem em chuva e neve sob os raios do sol, purificadas pelo vento, ó Raghava.

---

[547] Agneya: nuvens produzidas pelo fogo.
Pakshana: nuvens aladas.
Brahma: aquelas criadas por Brahma.

"Então aquele rakshasa foi para a sexta região aérea, ó tu dotado de grande esplendor, onde mora Garuda, sempre reverenciado por seus parentes e amigos, e, em seguida, subiu para a sétima região aérea, que se encontra dez mil léguas mais alta, onde vivem os Sete Rishis.[548] E mais uma vez prosseguindo dez mil léguas para o alto ele chegou à oitava região aérea onde Gunga, conhecido como o Ganges do céu, com correntes fortes, é encontrado no caminho do sol e que, sustentado pelo ar, emite um grande rugido.

"Agora eu descreverei a região ainda mais elevada que essas, onde o deus da lua vive e sua extensão é de oitenta mil léguas. Lá a lua cercada por estrelas e planetas, de quem centenas e milhares de raios brotam, ilumina o mundo, trazendo felicidade a todos os seres.

"Então, vendo Dashagriva, a Lua flamejando por assim dizer, o consumiu com seus fogos frios e, tomados de medo desses raios, seus conselheiros não foram capazes de resistir-lhes e Prahasta, proferindo as palavras 'Que a vitória seja tua!' depois disse: 'Ó rei, nós estamos sendo destruídos pelo frio e devemos deixar esse lugar! Ó principal dos monarcas, os raios gelados da lua têm a propriedade do fogo'.

"Ouvindo as palavras de Prahasta, Ravana, fora de si de ira, ergueu seu arco, vibrando-o e começou a atacar a lua com Narachas, após o que Brahma foi rapidamente àquela região e disse: 'Ó de dez pescoços, ó poderosamente armado, ó filho de Vishravas, ó gentil, vai embora daqui rapidamente; não oprimas a Lua, pois aquele Rei altamente refulgente dos nascidos duas vezes deseja o bem-estar de todos. Eu te darei uma fórmula mística! Aquele que a relembra na hora da morte não sucumbe!'

"Assim abordado, o rakshasa de dez pescoços, com palmas unidas, disse: 'Ó Deus, se eu tenho a tua aprovação, então, ó Senhor dos Mundos, ó Tu de grandes penitências, comunica-me esse mantra sagrado, ó tu verdadeiramente piedoso, por recitar o qual, ó grandioso, eu ficarei livre do medo dos celestiais. Realmente, pela tua graça, ó Senhor dos Deuses, eu me tornarei invencível para todos os asuras, danavas e aves.

"Assim abordado, Brahma disse a Dashanana: 'Ó senhor dos rakshasas, não repitas este mantra diariamente, mas apenas quando a tua vida estiver em perigo. Segurando um cordão de contas Rudraksha e repetindo-o, tu te tornarás invencível; mas se não o recitares, tu não encontrarás o sucesso. Ouve e eu te comunicarei essa fórmula sagrada, ó principal dos rakshasas, recitando a qual tu obterás vitória na luta:

"'Saudações a Ti, ó Deus, ó Senhor dos Senhores, ó Tu adorado pelos celestiais e asuras. Ó Tu, o mesmo no passado, presente e futuro, ó Grande Deus, ó Tu que tens olhos fulvos, ó Tu, um menino assumindo a forma de um Ser idoso, ó Tu que usas uma pele de tigre. Ó Deus, Tu és digno de ser adorado e és o Senhor dos três mundos. Tu és Ishwara, Hara, Haratanemi, o Fogo no fim do ciclo do mundo, Yugantadahaka; Tu és Baladeva, Tu és Ganesha, Lokashambu, e Lokapala, Tu és dotado de braços enormes, Tu és bendito, o Portador do Tridente; Tu és possuidor de dentes e mandíbulas temíveis, o maior dos deuses, Tu és Tempo, Tu és Poder, Tu és o de garganta azul[549] e possuidor de uma barriga imensa, Tu és Devantaka, o principal dos ascetas e o Senhor de todas as criaturas. Tu és o líder, Protetor, Hari-Hara, Destruidor e Preservador, Tu usas cabelos emaranhados, és barbeado e envolto em uma tanga, Tu és poderoso e ilustre, Tu és o Senhor dos

[548] O Arado, [Ursa Maior], do qual os Sete Rishis são ditos serem os Regentes.

[549] O de garganta azul: Shiva, que bebeu o veneno batido do oceano e veio a ficar com a garganta azul. A história é contada nos clássicos.

espíritos e trasgos, o amparo de todos, protetor de todos, destruidor de todos, o Criador e Eterno Preceptor, Tu és o Portador do Kamandalu,[550] o manejador do arco Pinaka e o Dhurjata.[551] Tu és digno de veneração, Tu és Aum, o mais elevado de todos, o Primeiro Cantor do Sama-Veda. Tu és a Morte e a natureza da morte, Pariyatra[552] e o cumpridor de grandes votos; Tu és um brahmachari vivendo em uma caverna portando uma Vina, um Panava e uma aljava em tuas mãos; Tu és imortal, encantador de se olhar como o sol recém-surgido; Tu habitas no crematório; Tu és o ilustre Senhor de Uma, transcendendo toda mácula; Tu arrancaste os olhos de Bhagadeva e os dentes de Pusha. Tu és o vencedor da febre e levas um laço em Tua mão, em verdade Tu és Dissolução e Tempo de boca flamejante, o fogo sendo o teu símbolo, Tu és altamente refulgente, e o Senhor dos homens. Tu és demente e fazes as pessoas tremerem; Tu és o Quarto e profundamente venerado dos homens, Tu és o Anão Santo, Vamanadeva, e o Anão que circungira o Leste. Tu usas a imagem de um mendigo com três madeixas, e és astuto por natureza. Tu detiveste a mão de Indra e dos Vasus, Tu és as Estações, o Criador de estações; Tu és o Tempo, o Mel e Aquele de olhos de mel. Tu és o Senhor das ervas, uma árvore imponente dando frutos e flores; Teu assento é feito de flechas; Tu és sempre adorado por pessoas em todas as condições; Tu és o Criador e Protetor do Universo, o Purusha Eterno e verdadeiro; Tu és o controlador da Justiça, Virupaksha, os Três Dharmas, o protetor de todos os seres. Tu és O de Três Olhos de muitas formas brilhantes como um milhão de sóis, Tu és o Senhor dos Celestiais, o principal dos Deuses, usando cabelos emaranhados e a lua crescente, Tu és digno de ser abordado e és uno com os seres criados; Tu és o Tocador de todos os instrumentos musicais, sempre criando e vinculando tudo, e ocasionas a libertação de todos os seres. Tu és Pushpadanta, indivisível, o principal dos Destruidores; Tu tens barbas fulvas, portas um arco e és temível e dotado de poder terrível'.

"'Esses cento e oito nomes sagrados e excelentes, proferidos por mim, destroem todos os pecados, concedem mérito e dão amparo àqueles que o procuram. Ó Dashanana, se tu os recitares, tu serás capaz de derrotar teus inimigos!'"

Quinto dos Capítulos Interpolados – Primeira Série – Ravana e o Maha-Purusha

"Tendo conferido essa graça a Ravana, o Avô, surgido do lótus, foi rapidamente para a sua própria região e Ravana, tendo obtido a bênção, partiu.

"Depois de poucos dias, aquele flagelo dos mundos, o rakshasa Ravana, com seus conselheiros, alcançou as margens do oceano do oeste e, em uma ilha, um indivíduo foi visto lá sentado sozinho, brilhante como fogo, chamado Mahajambunada. Sua forma era terrível como o fogo da dissolução e, vendo aquele ser altamente poderoso semelhante a Mahendra, o chefe dos deuses entre os celestiais, ou o sol entre os planetas, um leão entre os sharabhas, Airavata entre os elefantes, Sumeru entre as montanhas e Parijata entre as árvores, Dashagriva disse:

---

[550] Kamandalu: o loshtha de coco usado por ascetas que não podem tocar o metal.

[551] Dhurjata: literalmente, uma carga, 'Ele cujos cabelos emaranhados são uma carga', ou Ele que suporta a carga dos três mundos.

[552] Pariyatra: o nome de uma montanha bem conhecida na cordilheira Vindhya.

"'Entra em combate comigo!' e seus olhos chamejaram como um aglomerado de planetas.[553] Rangendo os dentes, ele fez um som como um moinho e o poderosíssimo Dashanana em meio aos seus conselheiros rugiu alto. Depois disso, com dardos, Shatis, Rishtis e Pattikas, ele atacou aquele Ser altamente refulgente de braços longos, de aspecto terrível, dentes enormes, forma ameaçadora, pescoço como concha, peito largo, barriga de sapo, rosto leonino, pés semelhantes ao cume do monte Kailasha, as palmas das suas mãos e as solas dos seus pés como lótus vermelhos, dotado da rapidez do pensamento e do vento, aterrorizante, portanto uma aljava, adornado com sinos e chouris, rodeado por chamas, emitindo um som agradável como uma rede de Kinkinis,[554] usando uma guirlanda de flores douradas em volta do pescoço, nobre, como o Rig-Veda e parecendo a Anjana ou montanha dourada.

"Como um leão permanece impassível pelo ataque de um lobo ou um elefante, ou o monte Sumeru pelo rei das serpentes, ou o vasto oceano pela corrente de um rio, aquele ser também não ficou perturbado, mas, dirigindo-se a Dashagriva, disse: 'Ó viajante noturno de mente viciosa, eu logo te livrarei do teu desejo por combate'.

"Ó Rama, o poder daquele ser era mil vezes maior do que o de Ravana, que era uma fonte de terror para os mundos. Piedade e ascetismo, que são as bases da obtenção de tudo no mundo, estão em suas coxas, o desejo está no seu órgão masculino, os Vishvadevas estão em sua cintura e os ventos no lado dos seus intestinos; os oito Vasus habitam em seu meio, os oceanos permanecem em sua barriga, os quadrantes são seus quadris, os Maruts suas juntas, os Pitris estão em suas costas e o Avô tomou refúgio em seu coração. Atos de caridade de fazer muitos presentes de vacas, ouro e terra estão no cabelo de suas axilas; as montanhas, Himalaya, Hemakuta, Mandara e Meru são seus ossos, o raio está em sua palma, o céu em seu corpo, as nuvens noturnas de chuva estão em seu pescoço; o Criador e o Preservador e os Vidyadharas são seus braços; Ananta, Vasuki, Vishalaksha, Iravat, Kamvala, Asvatara, Karkotaka, Dhananjaya, os venenosos Takshaka e Utpatakshaka[555] se abrigaram sob suas unhas para vomitar seu veneno. O fogo está em sua boca, os Rudras em seus ombros; as quinzenas, meses, anos e estações em suas mandíbulas, a quinzena lunar e a metade escura do mês são suas narinas, as correntes aéreas são os poros de seu corpo, Sarasvati com sua Vina está em sua garganta, os Asvins estão em seus ouvidos e o sol e a lua em seus dois olhos.

"Ó Rama, todos os ramos do Veda e os sacrifícios, toda a galáxia de estrelas, fala agradável, boas ações, energia e ascetismo são sustentados pelo seu corpo em forma humana.

"Então aquele Purusha atingiu Ravana divertidamente com suas mãos, que eram tão poderosas quanto um raio e, assim, atacado, Ravana caiu ao chão imediatamente, e tendo posto em fuga aquele viajante noturno, o grande Purusha semelhante ao Rig-Veda, parecendo uma montanha enfeitada com guirlandas de lótus, entrou na região sob a terra.

"Então Ravana se dirigiu aos seus conselheiros desta maneira: 'Ó Prahasta, ó Shuka, ó Sarana e vocês outros ministros, para onde foi subitamente aquele Purusha? Digam-me!'

---

[553] Literalmente Grahamala, um grupo de planetas ou meteoros.

[554] Kinkinis: pequenos sinos.

[555] Grandes serpentes.

"Ouvindo as palavras de Ravana, os viajantes noturnos disseram: 'Aquele Purusha, que esmaga o orgulho de devas e danavas, entrou naquele local!'

"Como Garuda mergulha sobre uma serpente assim o mal intencionado Ravana se aproximou rapidamente da entrada daquela caverna e entrou nela sem medo. Entrando lá, ele viu três guerreiros, escuros como colírio, usando Keyuras,[556] adornados com guirlandas vermelhas, cobertos de pasta de sândalo, enfeitados com diversos ornamentos dourados cravejados de pedras preciosas; e ele viu três crores de seres sublimes, destemidos, puros, radiantes como fogo, concentrados em dançar.

"Vendo-os, Dashagriva não teve o menor medo, mas os assistiu girando enquanto ele ficava na entrada; e todos eles pareciam o Maha-Purusha, que tinha sido visto anteriormente por ele, e todos tinham cor semelhante, traje, forma e todos eram igualmente dotados de energia. Então os cabelos de Dashagriva se arrepiaram enquanto ele olhava para eles, mas, por causa da bênção que tinha recebido do auto-nascido, ele saiu vivo daquele local. Depois disso ele viu o Maha Purusha deitado em um leito, e sua residência, seu assento e sua cama eram todos brancos e caros e ele dormia lá envolto em chamas.

"E lá, com um abanador em suas mãos de lótus estava sentada a deusa Lakshmi, a mais bela em todos os três mundos e a decoração deles, por assim dizer; casta, enfeitada com guirlandas celestes, borrifada com pasta de sândalo excelente, adornada com ricos ornamentos e com vestes valiosas. E o perverso Ravana, senhor dos rakshasas, tendo entrado lá sem um conselheiro, vendo aquela donzela casta de doces sorrisos, sentada em um trono real, ficou cheio de desejo e quis segurá-la pela mão, como alguém sob o domínio da morte afaga uma serpente adormecida.

"Vendo aquele senhor dos rakshasas com o traje frouxo e sabendo que ele estava desejoso de agarrá-la, a divindade de braços enormes, dormindo, envolta em chamas, riu alto e de repente por seu poder começou a consumir Ravana, o atormentador de seus inimigos, que caiu ao chão como uma árvore arrancada. Vendo aquele rakshasa caído, o Purusha se dirigiu a ele dizendo: 'Levanta-te, ó principal dos rakshasas, tu não encontrarás a morte hoje! Tu viverás protegido pela benção do Avô. Portanto, sai daqui sem medo, ó Ravana, a tua morte ainda não está decretada!'

"Recuperando a consciência depois de um tempo, Ravana foi tomado pelo medo e sendo assim abordado, aquele inimigo dos deuses se levantou, com seus cabelos arrepiados, e disse àquela divindade altamente resplandecente: 'Quem és tu dotado de energia notável e semelhante ao fogo da dissolução? Dize quem és tu, ó deus e de onde vieste para cá?'

"Sendo assim abordado por Ravana de mente má, o deus, sorrindo, respondeu com voz tão profunda quanto o murmúrio das nuvens, dizendo: 'O que tu tens a ver comigo, ó Dashagriva? Tu serás morto em breve!'

"Sendo assim abordado, o rakshasa de dez pescoços, com palmas unidas, disse: 'Por conta da benção de Brahma eu não trilharei o caminho da morte; não há ninguém nascido entre os homens ou deuses que possa se igualar a mim ou, em virtude de sua destreza, desconsiderar a benção do Avô. Suas palavras nunca podem ser vãs, e ninguém pode, por mais que se esforce, provar que elas são falsas; eu não vejo ninguém nos três mundos que possa anular a sua benção a mim.

---

[556] Keyura: um ornamento usado na cintura. [Um bracelete para a parte superior do braço, segundo o dicionário de Monier-Williams].

Ó deus grandioso, eu sou imortal, eu não tenho medo de ti e mesmo que eu tenha que encontrar a morte, que ela seja através de ti e nenhum outro, ó senhor; a morte pelas tuas mãos me trará glória e renome!'

"Então Ravana dotado de bravura terrível viu os três mundos com todas as criaturas animadas e inanimadas dentro do corpo da divindade. Os Adityas, os Maruts, os Sadhyas, os Vasus, os gêmeos Ashvins, os Rudras, os Pitris, Yama, Kuvera, os mares, montanhas, rios, todos os ramos de conhecimento e do Veda, Fogo, os planetas, as estrelas, o céu, os siddhas, gandharvas, charanas e os maharishis familiarizados com o conhecimento do Veda, Garuda, os Nagas, os outros deuses, yakshas, rakshasas e daityas foram todos vistos em suas formas sutis nos membros daquele Purusha deitado lá".

Nisso, Rama de alma virtuosa disse a Agastya, o principal dos munis: "Ó senhor, dize-me quem era aquele Maha Purusha naquela ilha? Quem eram aqueles centenas e milhares de seres? Quem é o Purusha que humilha o orgulho dos daityas e danavas?"

Ouvindo as palavras de Rama, Shri Agastya respondeu: "Ó tu existente eternamente, ó Deus dos Deuses, escuta atentamente e eu te direi. Aquele Purusha na ilha era o ilustre Kapila e todos aqueles que estavam dançando são as Divindades que se igualam ao inteligente Kapila em energia e poder. E aquele rakshasa, inclinado ao pecado, não foi olhado por Ele com um olhar colérico, por isso ele não foi imediatamente reduzido a cinzas, mas Ravana, que parecia uma montanha, com seu corpo perfurado, caiu ao chão. Como um homem astuto penetra um segredo, assim aquele Purusha perfurou o corpo de Ravana com suas palavras como setas.

"Depois disso aquele rakshasa de grande destreza, tendo recuperado os sentidos depois de um longo tempo, voltou para onde seus conselheiros estavam".

Capítulo 24 – Ravana rapta várias mulheres e é amaldiçoado por elas

"Enquanto Ravana de alma perversa estava retornando no auge da alegria, continuando sua viagem, ele raptou as filhas jovens de reis, rishis, deuses e danavas. Sempre que ele encontrava uma jovem donzela de beleza notável, ele matava todos os seus parentes e amigos e a levava em sua carruagem. Desse modo as filhas de pannagas, rakshasas, asuras, homens e yakshas foram obrigadas a entrar em sua carruagem e todos aqueles seres infelizes, sob o domínio do medo, em sua dor, derramavam lágrimas ardentes como fogo.

"As filhas de jovens nagas, gandharvas, grande rishis e danavas lamentavam às centenas no carro aéreo Pushpaka, e essas mulheres encantadoras com tranças longas, membros graciosos e rostos tão radiantes quanto a lua, com seus seios redondos brilhando como um altar e decorados com diamantes, seus quadris como os eixos de uma carruagem, que pareciam as consortes dos deuses com suas cinturas elegantes e sua cor semelhante ao ouro refinado, estavam loucas de medo e angústia. O murmúrio de seus suspiros chamuscava o ouvido, dando à carruagem Pushpaka a aparência de uma cerimônia de fogo que é iluminada por todos os lados.

"Caídas sob o poder de Dashagriva, aqueles mulheres estavam tomadas de aflição e a tristeza expressa em seus olhares e aparências fazia com que elas se

assemelhassem a antílopes negros que se tornaram vítimas de um leão. E uma perguntava a si mesma 'Será que ele não vai me devorar?' Enquanto outra, no desespero que a oprimia, pensava 'Ele está prestes a me matar!' Recordando suas mães, pais, maridos e irmãos, mergulhadas na tristeza e aflição, aquelas mulheres, assim reunidas começaram a lamentar, dizendo:

"'Ai de mim! O que será do meu filho sem mim? O que será da minha mãe?' e, submersas em um oceano de dor, elas gritavam: 'O que posso fazer agora longe do meu senhor? Ó Morte, eu te chamo para me levar embora pois a aflição agora é minha sina. Eu cometi algum delito antigamente em outro corpo?'

"Então todas aquelas mulheres infelizes, afundadas em um oceano de desespero exclamaram: 'Nós não vemos fim para a nossa miséria! Ai do mundo! Seguramente ninguém é mais vil que o poderoso Ravana, já que sob os seus golpes os nossos consortes indefesos pereceram, como as estrelas desaparecem ao nascer do sol. Ah! Aquele rakshasa poderoso tem prazer em imaginar os meios de nossa destruição! Ai! Ele se entrega ao mal sem escrúpulos, ele é indiferente a toda condenação; até agora ninguém foi capaz de pôr fim aos feitos desse canalha perverso, mas é um grande pecado colocar as mãos nas esposas de outros homens; esse rakshasa é o mais vil de todos visto que ele procura diversão com elas. Por causa disso, uma mulher será a causa da morte desse ser perverso!'

"Quando aquelas mulheres virtuosas e nobres tinham proferido essas palavras, gongos celestes soaram e uma chuva de flores caiu. Amaldiçoado por suas cativas, Dashagriva pareceu perder todo o seu poder e glória e, ouvindo aquelas mulheres, que eram castas e dedicadas aos seus consortes, lamentando desse modo, aquele touro entre os rakshasas ficou perturbado.

"Depois disso ele fez sua entrada na cidade de Lanka com as aclamações dos viajantes da noite e, naquele momento, a feroz rakshasi, que era capaz de mudar de forma à vontade, a irmã de Ravana, de repente afundou no chão diante dele, e Ravana, ajudando-a a se erguer e confortando-a, disse: 'Ó querida, o que é isso? Por que tu procuras falar comigo tão urgentemente?'

"Então, com os olhos inflamados e inundados de lágrimas, ela lhe disse: 'Ó rei, eu fiquei viúva por causa da tua conduta cruel! Ó senhor, a tua valentia em combate reduziu os daityas chamados Kalakeyas ao número de catorze mil e, além disso, o meu marido valente que era mais valioso para mim que a própria vida. Ele foi morto por ti, seu inimigo, um irmão apenas no nome e, por ti, eu mesma estou morta, ó príncipe, tu meu parente! De agora em diante, eu terei o título de viúva por tua culpa! Não era para ti poupar um cunhado na luta?'

"Ouvindo essas palavras indignadas de sua irmã, Dashagriva, a fim de apaziguá-la, falou suavemente, dizendo: 'Seca as tuas lágrimas, minha cara irmã, e nada temas! Eu te cumularei de presentes, homenagem e favores. No calor da batalha, sendo levado por um desejo de triunfar, eu disparei as minhas flechas sem ser capaz de distinguir o meu próprio povo de outros e não reconheci o meu cunhado que atingi no auge do conflito. Foi assim que o teu consorte caiu sob os meus golpes na luta. Ó minha irmã, o que quer que se apresente nesse momento eu farei por tua vontade. Tu deves ir morar perto do teu parente, Khara, que desfruta de soberania. Catorze mil rakshasas ficarão sujeitos àquele príncipe poderoso nas expedições e distribuição dos despojos. Lá, aquele filho da irmã da tua mãe, teu primo Khara, o viajante noturno, sempre será obediente aos teus comandos. Que aquele guerreiro vá rapidamente e guarde a floresta de Dandaka; Dushana será seu comandante; é grande a sua coragem. O corajoso Khara deve sempre obedecer à tua vontade e ser o líder dos titãs capazes de mudar de forma à vontade'.

"Tendo dito isso, Dashagriva colocou um exército de quatorze mil rakshasas, cheios de bravura, sob o comando de Khara. Cercado por todos aqueles titãs de aparência formidável, Khara partiu destemidamente imediatamente para a floresta de Dandaka. Lá ele estabeleceu sua autoridade sem impedimentos e Shurpanakha morou perto dele na floresta".

Capítulo 25 - Dashagriva se alia a Madhu

"Dashagriva, tendo entregado aquele exército temível para Khara e consolado sua irmã, tornou-se mestre de si mesmo mais uma vez e ficou livre de ansiedade.

"Posteriormente aquele poderoso Indra entre os rakshasas entrou no maravilhoso bosque Nikumbhila onde ele viu centenas de postes e altares sacrificais e, como se ardente com brilho, um sacrifício estava sendo realizado.

"Lá, vestido com uma pele de antílope negro, segurando um loshta de coco e bastão, ele viu seu próprio filho, Meghanada de aspecto terrível. Aproximando-se dele, o senhor de Lanka, abraçando-o, perguntou-lhe: 'O que estás fazendo aqui, ó filho, dize-me verdadeiramente!'

"Então aquele excelente nascido duas vezes de penitências rígidas, Ushanas,[557] para que o sacrifício viesse a ser auspicioso,[558] respondeu a Ravana, dizendo: 'Eu mesmo te direi, ó rei, ouve tudo o que ocorreu. Sete sacrifícios com inúmeros ritos preparatórios foram realizados pelo teu filho, o Agnisthoma, Ashvamedha, Bahusvarnaka, Rajasuya, Gomedha e o Vaishnava e, tendo se engajado no sacrifício Maheshvara, difícil para os homens empreenderem, teu filho, em sua conclusão, recebeu presentes do próprio Senhor das Criaturas: uma carruagem estável e celeste que corre à vontade no céu, o poder de ilusão pelo qual a escuridão é criada no campo de batalha de modo que mesmo os deuses e asuras não podem mais achar seu caminho, e, para exterminar o inimigo em combate, ó rei, ele também recebeu duas aljavas inesgotáveis, um arco que nenhuma arma pode quebrar e uma seta poderosa. Tendo recebido esses presentes, teu filho, ó Dashanana, deseja se encontrar contigo no término do sacrifício e logo se apresentará diante de ti'.

"Então Dashagriva disse: 'Isso não está bem feito, uma vez que o nosso inimigo, Indra, foi adorado com essas oferendas. No entanto, o que está feito está feito e, sem dúvida, tu obterás mérito desse modo, vamos agora voltar, meu amigo, e entrar na nossa residência'.

"Depois disso Dashagriva voltou com seu filho e Bibishana para sua morada e fez com que todas as cativas, que estavam chorando e soluçando, fossem trazidas; e o virtuoso Bibishana, estando ciente de sua intenção em relação àquelas mulheres, que eram nobres e verdadeiras pérolas, filhas de deuses, danavas e rakshasas, disse ao seu irmão: 'São práticas como essas, que tu segues com intenção deliberada apesar do teu conhecimento das causas da destruição dos seres, que são destrutivas para o teu bom nome, a tua família e fortuna! Depois de maltratar os parentes delas, tu raptaste todas essas mulheres nobres, enquanto Madhu te afronta por levar Kumbhinasi'.

[557] Ushanas: outro nome do sábio Sukra.
[558] Meghanada tendo feito o voto de silêncio até que a cerimônia estivesse terminada.

"Então Ravana respondeu: 'Eu não estava ciente disso; quem é esse Madhu de quem falas?' E Bibishana respondeu indignado para seu irmão e disse: 'Saibas as consequências do teu karma ruim! O irmão mais velho do nosso avô materno, Sumali, aquele homem idoso virtuoso chamado Malyavan, viajante noturno, o pai da nossa mãe, é o avô de Kumbhinasi, de modo que nós somos virtualmente seus irmãos. Ela foi levada por Madhu, um rakshasa do poder superior, enquanto o teu filho estava empenhado no sacrifício e eu estava me banhando nas águas. Kumbhakarna, de sua parte, ainda estava sob a influência do sono. Tendo matado os ministros idosos, aquele principal dos rondantes noturnos imediatamente levou embora a princesa muito impiedosamente, embora ela estivesse nos limites dos aposentos internos. Embora essas más notícias fossem conhecidas por nós, nós não matamos o raptor já que é imperativo que uma jovem seja provida de um consorte por seus irmãos. Esse é o fruto do teu comportamento perverso e iníquo que, como vês, tu estás agora colhendo nesse próprio mundo'.

"Ouvindo essas palavras de Bibishana, aquele Indra dos rakshasas, Ravana, incitado pela maldade de sua alma, como um oceano de ondas revoltas, com os olhos vermelhos de raiva, disse: 'Que o meu carro seja atrelado rapidamente, que os meus guerreiros fiquem preparados com meu irmão Kumbhakarna e os principais dos viajantes noturnos em seus veículos empilhados com todas as armas. Hoje, tendo matado Madhu, que se atreve a desafiar Ravana, eu irei para a região dos Deuses, ansioso para lutar, cercado por meus companheiros'.

"Quatro mil Akshauhinis dos principais dos titãs, armado dos pés à cabeça com várias armas, correram para fora imediatamente, ávidos por combate corpo a corpo, e Indrajita marchava na vanguarda com seus guerreiros. Ravana ocupava o centro e Kumbhakarna a retaguarda. Quanto ao virtuoso Bibishana, ele permaneceu em Lanka, fiel ao seu dever. Todos os outros guerreiros avançaram contra cidade de Madhu e eles estavam montados em mulas, búfalos, cavalos fogosos, botos e grandes serpentes, cobrindo o céu e, vendo Ravana em marcha, centenas de daityas, que tinham inimizade com os deuses, o seguiram.

"Enquanto isso Dashanana, tendo chegado a Madhupura, entrou nela, mas ele não encontrou Madhu lá, mas a sua própria irmã, que, prestando homenagem a ele, com uma profunda reverência lançou-se a seus pés, pois Kumbhinasi temia o senhor dos rakshasas.

"Então ele, levantando-a, disse-lhe: 'Não tremas!' e o rei dos rakshasas acrescentou 'O que tu desejas de mim?' Então, ela respondeu: 'Ó príncipe de braços longos, se eu tenho a tua aprovação, então, ó herói orgulhoso, não mates o meu marido; não é apropriado reduzir mulheres de nobreza a essa aflição. De toda má sorte, se tornar uma viúva é a maior. Sê fiel à tua palavra, ó Indra dos monarcas, e recebe a minha súplica com benevolência. Tu mesmo disseste "Tu não tens nada a temer!"'

"Então Ravana, em tons alegres, respondeu à sua irmã, que estava próxima a ele, dizendo: 'Onde está o teu marido, dize-me rapidamente! Eu irei com ele conquistar a região dos deuses. Eu não matarei Madhu por causa do meu terno afeto por ti'.

"A essas palavras, Kumbhinasi despertou seu marido, aquele viajante noturno, que estava dormindo profundamente e, no auge da alegria, disse-lhe: 'Meu irmão poderoso, Dashagriva, está aqui, que deseja conquistar o mundo dos deuses; ele te escolheu como seu aliado, vai, pois, ó titã, com teus parentes e lhe presta o teu forte apoio. É justo que tu o ajudes nesse assunto por conta da sua magnanimidade e da honra que ele te prestou'.

"Ao ouvir isso, Madhu respondeu: 'Que assim seja!' e vendo Ravana, o senhor dos rakshasas, ele se aproximou dele de acordo com a tradição e lhe prestou a devida homenagem.

"Assim honrado, Dashagriva passou uma noite na casa de Madhu, e então partiu em seu caminho. Tendo alcançado Kailasha, aquela montanha que servia como refúgio de Vaishravana, o Indra entre os rakshasas, semelhante a Mahendra, fez seu exército montar acampamento".

Capítulo 26 – Nalakuvara amaldiçoa Ravana

"Foi em Kailasha, o sol tendo se retirado atrás da cordilheira Astachala, que Dashagriva, cheio de vigor, optou por acampar o exército.

"Quando a lua imaculada ergueu-se sobre a montanha com um esplendor igual ao dele, a vasta hoste que compunha o exército, equipada com diversas armas, jazia adormecida.

"O poderoso Ravana, descansando no cume da montanha, examinou o esplendor das florestas à luz da lua, os flamejantes bosques Karnikara, os Kadambas e Vakulas, tanques cobertos de lótus em flor, as águas do Mandakini, as árvores Champaka, Ashoka, Punnaga, Mandara, Cuta, Patala, Lodhra, Priyanga, Arjuna, Ketaka, Tagara, Narikela, Priyala, Panasa e outras. Kinnaras de garganta azul, extasiados de amor, cantavam melodias que arrebatavam a alma de alegria; lá os vidyadharas, inebriados, com seus olhos inflamados, se divertiam com suas consortes. Como um carrilhão de sinos, música doce era ouvida das tropas de apsaras que estavam cantando na residência de Dhanada. Árvores, agitadas pelo vento, cobriam a montanha com uma chuva de flores, destilando o perfume de mel e hidromel, e uma brisa fragrante, carregada com o aroma encantador de néctar e pólen, soprava, aumentando o desejo voluptuoso de Ravana. As músicas, as miríades de flores, o frescor da brisa, a beleza da montanha à noite, a lua em seu zênite, lançaram Ravana, aquele guerreiro poderoso, em uma agitação de paixão.

"Enquanto isso Rambha, a mais encantadora das ninfas, adornada com ornamentos celestes, estava a caminho de um festival sagrado e seu rosto era como a lua cheia, seus membros cobertos com pasta de sândalo, seu cabelo semeado com flores de Mandara, e ela estava coroada com flores celestes. Seus olhos eram belos, a cintura alta, adornada com um cinto de joias, e seus quadris eram bem formados, a dádiva do amor por assim dizer. Ela era encantadora com seu semblante embelezado com as marcas de flores[559] que florescem nas seis estações e, em sua beleza, imponência, brilho e esplendor, ela parecia Shri. Envolta em um traje azul escuro, como uma nuvem de chuva, seu semblante brilhante como a lua, suas sobrancelhas arcos resplandecentes, seus quadris como as trombas afuniladas de elefantes, as mãos como dois botões frescos, sob os olhos de Ravana ela passou através das fileiras do exército.

"Então ele, levantando-se, perfurado pelas flechas do amor, com sua mão deteve o curso daquela ninfa que estava envergonhada e, sorrindo, perguntou-lhe: 'Onde estás indo, ó dama de quadris adoráveis? Qual boa fortuna tu estás perseguindo? Para quem essa hora auspiciosa amanheceu? Quem está prestes a desfrutar de ti? Quem, nesse dia, vai beber o elixir dos teus lábios exalando o

---

[559] Era costumeiro as mulheres usarem tintura de flores para traçar desenhos na pele.

perfume do lótus que rivaliza com néctar ou ambrosia? Quem acariciará esses dois seios semelhantes a duas taças, arredondados, florescentes, que tocam um ao outro, ó jovem mulher? Quem tocará os teus quadris largos brilhantes como ouro refinado cobertos com guirlandas deslumbrantes, divino de se olhar? É Shakra ou Vishnu ou os gêmeos Ashvins? Ó adorável, se tu passares por mim para procurar outro, esse não será um ato cortês! Descansa aqui, ó dama de membros adoráveis, nessa encantadora encosta da montanha, sou eu, que exerço domínio sobre os três mundos, que com palmas unidas dirijo esse humilde pedido a ti, eu, Dashanana, senhor dos três mundos e seu ordenador, portanto, concede o meu pedido'.

"Ouvindo essas palavras, Rambha, tremendo, com palmas unidas respondeu: 'Olha-me com benevolência, não é apropriado que tu te dirijas a mim dessa maneira, tu que és meu superior! Antes é teu dever me proteger de outros se eu estiver em perigo de sofrer violência em suas mãos, pois além do dever eu sou praticamente tua nora, eu falo a verdade!'

"Então Dashagriva respondeu a Rambha, que tinha se prostrado aos seus pés, e cujos cabelos estavam arrepiados apenas ao vê-lo, e disse: 'Se tu fosses a consorte do meu filho, tu serias minha nora de fato!' Então ela respondeu:

"'Na verdade é assim, por lei, eu sou a esposa do teu filho e mais valiosa para ele do que o seu ar vital, ó touro entre os rakshasas; ele é o filho do teu irmão Vaishravana, que é renomado nos três mundos, e se chama Nalakuvara, um asceta em virtude, um guerreiro em matéria de valor e, em fúria, ele se assemelha a Agni; em paciência ele é semelhante à terra! Eu estava indo encontrar aquele filho do guardião dos mundos; é por causa dele que eu estou enfeitada com esses ornamentos para que ele e nenhum outro desfrute de mim. Por essas razões, deixa-me ir, portanto, ó rei, ó subjugador de teus inimigos, pois aquele príncipe virtuoso me aguarda impacientemente. Não é para ti frustrar seus desejos, deixa-me ir! Segue o caminho dos virtuosos, ó touro entre os rakshasas! Eu devo te prestar homenagem e tu deves me proteger!'

"Assim ela se dirigiu a Dashagriva, que respondeu a ela em tons suaves, dizendo: 'Tu disseste que és minha nora! Para aquelas que têm só um marido, esse argumento é válido, mas em Devaloka os deuses criaram uma lei que é dita ser eterna, que apsaras não têm consortes nomeados nem os deuses são monogâmicos!'

"Assim falando, o rakshasa, que tinha se postado no cume da montanha, estimulado pelo desejo, violou Rambha e, quando ela foi libertada de seu abraço, com suas guirlandas e seus ornamentos arruinados e arrancados, ela parecia um rio onde um grande elefante, divertindo-se, enlameando as águas, removeu as margens. Seu cabelo em desordem, suas mãos cerradas, como uma trepadeira com suas flores agitadas pelo vento, tremendo de terror, ela procurou Nalakuvara e, com as palmas unidas caiu a seus pés.

"Então ele a questionou dizendo: 'O que é isso, ó abençoada? Por que tu te prostras aos meus pés?'

"Então, ela, suspirando profundamente, tremendo, com as palmas unidas começou a lhe contar tudo e disse: 'Ó senhor, essa noite, Dashagriva escalou o pico Trivishtapa enquanto ele estava acampado naquela montanha com seu exército e eu fui vista por ele quando vim te encontrar, ó conquistador de teus inimigos! Aquele rakshasa me agarrou e me questionou dizendo 'A quem tu pertences?' Então eu lhe disse tudo, realmente toda a verdade, mas ele, embriagado de desejo, não me escutou quando eu insisti com ele, dizendo: 'Eu sou tua nora!' Recusando-se a ouvir os meus rogos, ele me atacou sem piedade! Esse é meu único erro, ó tu de votos

firmes, tu deves, portanto, me perdoar. Ó amigo, em verdade não há igualdade de força entre homem e mulher!'

"Essas palavras encheram o filho de Vaishravana de indignação, e sabendo desse ultraje supremo, ele entrou em meditação, e tendo averiguado a verdade, o filho de Vaishravana, com os olhos vermelhos de raiva, imediatamente pegou água na mão e aspergiu todo o seu corpo de acordo com a tradição, após o que ele pronunciou uma maldição terrível sobre aquele Indra dos rakshasas, dizendo:

"'Já que, apesar da tua falta de amor por ele, ele te violou assim brutalmente, ó abençoada, por causa disso ele nunca será capaz de se aproximar de outra mulher jovem a menos que ela compartilhe seu amor; se, levado pela luxúria, ele violentar alguma mulher que não o ame, a cabeça dele vai se partir em sete pedaços'.

"Tendo proferido essa maldição como uma chama ardente, gongos celestes ressoaram e uma chuva de flores caiu do céu. Todos os deuses com o Avô à sua frente ficaram cheios de alegria, familiarizados como estavam com todo o curso do mundo e a futura morte do rakshasa.

"Quando Dashagriva soube da maldição, no entanto, seu cabelo se arrepiou e ele deixou de se unir com aquelas que não tinham afeição por ele. Depois disso, entre aquelas que tinham sido raptadas por ele e permaneciam fiéis aos seus consortes houve grande regozijo quando elas souberam da maldição proferida por Nalakuvara, que era agradável para o seu coração".

Capítulo 27 – A luta entre os deuses e os rakshasas. A morte de Sumali

"Tendo atravessado o monte Kailasha com sua infantaria e cavalaria, o extremamente poderoso Dashanana chegou a Indraloka e, como um oceano que transborda, o tumulto do exército rakshasa, se aproximando por todos os lados, reverberou em Devaloka.

"Sabendo da chegada de Ravana, Indra tremeu em seu trono e se dirigiu aos deuses reunidos, Adityas, Vasus, Rudras, Sadhyas e hostes de Maruts, dizendo: 'Preparem-se para lutar contra Ravana de mente perversa!'

"Ao comando de Shakra, os deuses, seus iguais na guerra, dotados de grande valor, se armaram corajosamente para o combate. Mahendra, no entanto, que temia Ravana extremamente, profundamente perturbado, procurou Vishnu e lhe falou assim:

"'Ó Vishnu, como eu resistirei ao rakshasa Ravana, cuja força é formidável e que, ai de mim, está avançando para me atacar? Ele deve seu poder à bênção que recebeu de Brahma e a nada mais e as palavras proferidas por aquele deus nascido no lótus devem ser levadas a efeito! Concede-me novamente aquele auxílio que tu me deste quando eu destruí Namuchi, Vritra, Bali, Naraka e Shambara! Ó Senhor, ó Deus dos Deuses, Matador de Madhu, não há refúgio além de Ti nos três mundos com todos os seres animados e inanimados. Tu és o bendito Narayana, o eterno nascido no lótus; Tu és o Sustentador dos Mundos e de mim mesmo, Shakra, o rei dos deuses; Tu criaste os três mundos com todos os objetos móveis e imóveis e, no fim do ciclo do mundo, tudo é recolhido em Ti, ó Bhagavat; portanto, ó Deus dos Deuses, dize-me realmente se tu te armarás com espada e disco para entrar em combate com Ravana?'

"Assim falou Shakra, o rei dos deuses, e aquele senhor soberano, Narayana, respondeu-lhe dizendo: 'Não temas! Ouve-me, Por causa da bênção que ele recebeu que o torna invencível, esse patife perverso não pode ser vencido pelos deuses e asuras juntos! Embriagado com seu poder, aquele rakshasa, acompanhado por seu filho, certamente realizará um grande feito. Quanto ao teu pedido, que eu entre em combate com ele, eu certamente não enfrentarei o rakshasa Ravana em luta, pois Vishnu nunca deixa o campo de batalha sem abater seu adversário; não é possível realizar isso hoje já que Ravana é protegido pela bênção, mas eu te juro, ó rei dos deuses, Shatakratu, que eu mesmo me tornarei a causa da morte aquele titã. Os deuses se regozijarão quando eu lhes anunciar que a hora soou! Eu falo a verdade, ó poderoso senhor dos deuses, consorte de Sachi, portanto, luta com o auxílio dos deuses e bane todo medo!'

"Então os Rudras com os Adityas, Vasus, Maruts e os dois Ashvins, se reunindo, avançaram para enfrentar o rakshasa. Naquele instante, o fim da noite tendo chegado, um grande clamor ergueu-se do exército de Ravana enquanto eles entraram no campo por todos os lados, e aqueles guerreiros valentes, cheios de excitação ao verem uns aos outros, avançaram avidamente no inimigo. Depois disso a confusão foi semeada entre as fileiras dos daivatas pela presença daquele exército indomável e vasto na vanguarda da batalha e uma luta terrível se seguiu entre os deuses, danavas e rakshasas, em meio a um tumulto temível e sob uma chuva de mísseis de todos os tipos.

"Então aqueles rakshasas valentes de aspecto sombrio se agruparam ao redor Ravana na luta, e Maricha, Prahasta, Mahaparshwa, Mahodara, Akampana, Nikumbha, Shuka, Sarana, Dhumaketu, Mahadamshtra, Ghatodara, Jambumalin, Maharada, Virupaksha, Saptaghna, Yajnakopa, Durmukha, Dushana, Khara, Trishiras, Karaviraksha, Suryashastru, Mahakaya e Atikaya, Devantaka, Narantaka e o poderosíssimo Sumali, o avô materno de Ravana, todos aqueles guerreiros, cercando seu líder valente, entraram no campo de batalha.

"E com setas afiadas, enfurecido, ele começou a atacar a hoste celeste, como uma tempestade dispersa as nuvens; e as tropas dos deuses foram derrotadas pelos viajantes noturnos, ó Rama, e espalhadas em todas as direções como um grupo de veados diante de leões.

"Enquanto isso o corajoso Savitra, o oitavo Vasu, entrou no campo de batalha cercado por soldados, cheio de ardor marcial, equipado com todos os tipos de armas e começou a semear terror nas fileiras inimigas quando ele apareceu no meio da luta. Depois disso os dois Adityas, cheios de bravura e intrepidez, Twastar e Pushan, à frente de uma divisão, entraram na disputa por sua vez, ao que se seguiu uma luta terrível entre os rakshasas e os deuses, que nunca recuavam em combate e eram zelosos pelo seu bom nome. E os celestiais lá presentes caíram às centenas de milhares sob os golpes dos rakshasas, que eram formidáveis e que estavam armados com armas de todo tipo. De sua parte, os deuses, formidáveis em seu vigor e coragem extrema, com a ajuda de setas impecáveis, despachavam seus inimigos para a região de Yama. Então, ó Rama, o rakshasa Sumali, totalmente armado, atirou-se sobre o inimigo em fúria e dispersou toda a hoste celeste com seus mísseis numerosos e penetrantes, como um furacão violento as nuvens, e com golpes formidáveis de lanças e dardos, os dizimou, de modo que os deuses foram incapazes de resistir.

"Os imortais tendo sido assim postos em fuga por Sumali, o oitavo Vasu, Savitra, enfurecido, ficou firme, e cercado por suas tropas, cheio de energia e coragem deteve a investida daquele viajante noturno, após o que um duelo temível,

de arrepiar, ocorreu entre Sumali e o Vasu, ambos guerreiros que não sabiam o que era recuar em batalha. Sob os mísseis poderosos de seu adversário, a carruagem do rakshasa, que estava atrelada a serpentes, de repente caiu em pedaços; e, tendo despedaçado seu carro na luta com seus dardos incontáveis, o Vasu pegou sua maça com a intenção de matá-lo. Brandindo aquela arma de ponta flamejante, semelhante à vara da morte, Savitra baixou-a na cabeça de Sumali e a maça caiu sobre ele com o lampejo de um meteoro, de modo que ela parecia um grande raio lançado por Indra em uma montanha. Depois disso nada do rakshasa podia ser visto, nem ossos nem cabeça nem carne, pois aquela maça, derrubando-o no campo de batalha, o reduziu a pó.

"Então os rakshasas, vendo que Sumali tinha caído na luta, questionando uns aos outros, fugiram todos, desbaratados por aquele Vasu que os tinha derrotado".

Capítulo 28 – O duelo entre Indra e Ravana

"Vendo Sumali derrotado e reduzido a pó por Vasu e seu exército em fuga atormentado pelos deuses, o valente filho de Ravana, cuja voz se assemelhava ao ribombo de uma nuvem de tempestade, provocado, reagrupou os rakshasas e, sobre uma carruagem excelente que corria onde quer que ele quisesse, aquele grande guerreiro atirou-se sobre a hoste celeste. Como um fogo que consome as florestas ele entrou no campo armado com todas as armas, e quando os deuses o viram, uma debandada geral ocorreu, ninguém ousando enfrentar tal combatente. Então Shakra deteve todos aqueles fugitivos admoestando-os assim:

"Vocês não devem tremer nem fugir, voltem e lutem, ó deuses! Vejam o meu filho, que é invencível, entrando na luta!'

"Naquele momento o filho de Shakra, o deus ilustre Jayanta, em sua carruagem que era maravilhosamente construída, se dirigiu para o campo de batalha. Então os deuses, circundando o filho de Sachi, voltaram para lutar com Ravani e uma disputa bem equilibrada se seguiu entre deuses e rakshasas.

Então Ravani disparou suas flechas douradas em Gomukha, filho de Matali, o auriga de Jayanta, enquanto o filho de Sachi, por sua vez, com ira atormentou o condutor de Ravani por todos os lados. Com seus olhos dilatados pela fúria que o possuía, o poderoso Ravani cobriu seus adversários com dardos e, depois disso, em sua ira, ele disparou inúmeras armas extremamente afiadas sobre a hoste celeste e shataghnis, lanças, dardos, maças, espadas, machados e rochedos enormes foram todos atirados por ele sobre eles. Então os mundos ficaram agitados e enquanto Indrajita dizimava os batalhões inimigos os quadrantes foram envoltos em trevas.

"Enquanto isso o exército dos deuses abandonou Jayanta e em confusão rompeu suas fileiras, sendo oprimido pelas flechas de seu rival.

"Rakshasas e deuses não podiam distinguir uns aos outros e as tropas, lançadas em desordem por todos os lados, fugiram em todas as direções.

"Os deuses atingiram os deuses e os rakshasas os rakshasas, desnorteados com a escuridão que os envolvia, enquanto outros fugiam. Naquele instante, um guerreiro, cheio de valor, chamado Puloman, o principal dos daityas, agarrou Jayanta e o levou para longe. Agarrando o filho de sua filha, ele mergulhou no mar, pois ele era seu avô materno e pai de Sachi.

"Sabendo do desaparecimento de Jayanta, os deuses, abatidos e desencorajados, se dispersaram. Então Ravani, enfurecido, emitindo gritos altos, cercado por suas tropas avançou nos deuses.

"Não vendo seu filho e observando a fuga dos deuses, o senhor dos celestiais disse a Matali: 'Traze a minha carruagem!' e Matali atrelou o carro divino, poderoso e enorme, levando-o com toda pressa para seu mestre. Então, acima da carruagem e diante dele, nuvens, partidas pelo raio, impulsionadas pela tempestade emitiram ribombos formidáveis e os gandharvas tocaram todos os tipos de instrumentos musicais, enquanto as tropas de apsaras dançaram na partida do rei dos deuses, e Rudras, Vasus, Adityas, os dois Ashvins, como também as hostes dos Maruts, armados com todo tipo de arma, formaram a escolta do senhor dos trinta, quando ele partiu.

"Quando Shakra avançou, um vento cortante soprou, o sol parou de brilhar e um grande meteoro caiu. Ao mesmo tempo, o valente Dashagriva, queimando de ardor, ele próprio subiu no carro divino Pushpaka construído por Vishvakarma e atrelado a serpentes enormes, que, por assim dizer, fazendo os cabelos se arrepiarem, consumiam tudo com o vento da sua respiração.

"Daityas e titãs cercaram o carro celeste que estava rodando para o campo de batalha, avançando para encontrar Mahendra, e Dashagriva, tendo dispensado seu filho, tomou seu lugar, enquanto Ravani deixou o campo e permaneceu uma testemunha tranquila.

"Então a luta foi retomada entre os rakshasas e os deuses, que, como as nuvens, faziam uma chuva de mísseis cair na luta. E o cruel Kumbhakarna, brandindo armas de todo tipo, chegou lá, ó rei, sem saber com quem o conflito estava ocorrendo; usando seus dentes, seus pés, suas mãos, lanças, picaretas, malhos ou qualquer coisa que fosse para atacar os deuses em sua fúria. Tendo atacado os Rudras formidáveis, sucedeu mal àquele viajante da noite, que, em um instante, foi crivado de ferimentos; e o exército dos rakshasas, duramente pressionado pelos deuses ajudados pelas hostes de Maruts e armados com todas as armas, foi totalmente derrotado e, na luta, alguns caíam ao chão mutilados e palpitantes, enquanto outros se mantinham agarrados às suas montarias. Alguns titãs entrelaçaram seus braços em volta de seus carros, elefantes, asnos, búfalos, serpentes, cavalos, toninhas e javalis com cabeças de trasgos, onde eles jaziam imóveis, após o que os deuses os perfuraram com suas flechas e assim eles morreram. A visão de todos aqueles rakshasas jazendo aqui e ali no sono da morte naquele vasto campo de batalha parecia além de estranha e, na linha de frente da batalha, um rio corria, sangue sendo suas águas, armas seus crocodilos, no qual abutres e corvos abundavam.

"Enquanto isso Dashagriva, fervendo de raiva ao ver seu exército inteiramente derrotado pelos deuses, atirou-se com um salto naquele mar de guerreiros, matando os celestiais na luta e desafiando o próprio Shakra.

"Então Shakra esticou seu grande arco que emitiu um ruído estrondoso e, quando ele o puxou, a vibração daquela arma fez os quadrantes ressoarem. Então Indra, curvando aquele grande arco, disparou suas flechas flamejantes como fogo ou o sol na cabeça de Ravana e, de sua parte, aquele titã poderoso cobriu seu rival com uma chuva de flechas disparadas de seu arco, e ambos derramaram mísseis de todos os lados de modo que nada podia ser distinguido e todo o firmamento estava envolto em escuridão".

Capítulo 29 – Ravani captura Indra

"Na escuridão que tinha sobrevindo, os deuses e os rakshasas se engajaram em uma luta terrível, matando uns aos outros na embriaguez de sua força e, na obscuridade que os envolvia como um grande véu, só os extremamente intrépidos Indra, Ravana e Meghanada não foram iludidos.

"Contemplando aquele exército totalmente aniquilado, Ravana de repente foi tomado de fúria violenta e emitiu um grande rugido. Em sua fúria aquele guerreiro invencível se dirigiu ao seu condutor, que estava perto com o carro, dizendo: 'Leva-me através das fileiras do inimigo de um lado para o outro! Hoje mesmo, com as minhas armas numerosas e poderosas, todos os deuses no meu caminho serão despachados por mim para a região de Yama. Eu mesmo matarei Indra, Dhanada, Varuna, Yama e todos os deuses e logo os derrubarei e os pisotearei sob os meus pés. Não demores, dirige o carro adiante rapidamente, e novamente te digo, "Dirige através das fileiras inimigas de ponta a ponta! Nós estamos agora nos jardins de Nandana, portanto, me leva para a montanha Udaya!"'

"A esse comando, o auriga conduziu seus corcéis, que eram tão rápidos quanto o pensamento, através das fileiras inimigas.

"Adivinhando a intenção de Ravana, Shakra, permanecendo em sua carruagem no campo de batalha, dirigiu-se aos deuses, cujo soberano ele era, dizendo: 'Ó deuses, ouçam-me, isto é o que eu considero apropriado: Dashagriva deve, sem demora, ser capturado vivo. Aquele rakshasa extremamente poderoso entrará em nossas fileiras em sua carruagem com a velocidade do vento, como um oceano cujas ondas estão transbordando no dia da maré alta. Ele não pode ser morto pois uma benção especial o protege, mas procurem capturá-lo na luta! Foi por aprisionar Bali que eu fui capaz de desfrutar dos três mundos; por essa razão vamos fazer o mesmo com esse desgraçado perverso'.

"Assim falando, Shakra deixou Ravana e foi para outra parte do campo, semeando terror entre os rakshasas a quem ele atacava, ó grande rei.

"Enquanto o infatigável Dashagriva ia para a esquerda, Shatakratu penetrou pela ala direita das tropas do adversário. Tendo avançado cem léguas, o rei dos rakshasas cobriu toda a hoste dos deuses com uma chuva de setas.

"Vendo a carnificina que estava sendo criada em seu exército, o intrépido Shakra deteve Dashanana por cercá-lo, após o que os danavas e rakshasas vendo Ravana superado por Shakra gritaram 'Ai de nós! Estamos perdidos!'

"Permanecendo em seu carro, Ravani, que estava cheio de raiva, penetrou nas fileiras da formidável hoste celeste e desbaratou o exército por recorrer ao poder de ilusão que tinha sido conferido a ele por Pashupati. Em seguida, deixando os deuses de lado, ele avançou no próprio Shakra, e o altamente enérgico Mahendra não viu o filho de seu adversário. Os deuses, porém, cuja força era imensurável, cortaram a armadura de Ravani, até ferindo-o, mas ele permaneceu imperturbável e com suas flechas excelentes perfurou Matali que estava avançando em direção a ele, cobrindo Mahendra de novo com uma chuva de mísseis.

"Então Shakra desceu de seu carro dispensando seu auriga, e montando Airavata ele perseguiu Ravani, que tinha ficado invisível através de seu poder mágico, mas ele, saltando para o céu, o atacou com setas. Vendo que Indra estava exausto, Ravani o amarrou por sua magia e o levou para o lado onde o seu próprio exército estava. Vendo Mahendra levado à força da luta, todos os celestiais perguntaram 'O que aconteceu? Não se pode discernir o mágico que triunfou sobre Shakra, aquele guerreiro vitorioso, que, pela ajuda da magia, levou Indra embora

apesar da sua habilidade'. Então todas as divisões dos deuses, em sua ira, oprimiram Ravana com uma chuva de flechas e o forçaram a recuar, enquanto ele, desgastado no confronto com os Adityas e os Vasus foi incapaz de continuar a luta.

"Vendo seu pai atormentado e atacado com flechas no confronto, Ravani, permanecendo invisível no combate, disse a ele: 'Vem, ó caro pai, vamos abandonar a luta, saibas que a vitória foi obtida, portanto, abandona a tua atividade febril! O rei dos deuses e dos três mundos foi capturado! Os deuses viram o orgulho, que inspirava suas tropas, humilhado. Desfruta dos três mundos à vontade, tendo superado o inimigo pelo teu valor, porque te fatigar ainda mais com o combate?'

"Ouvindo as palavras de Ravani, os batalhões dos deuses e dos imortais, privados de Shakra, que os tinha liderado, abandonaram a luta. E o inimigo todo-poderoso dos deuses, o ilustre soberano dos rakshasas, assim rogado por seu filho a parar de lutar, cuja voz querida ele reconheceu, respondeu a ele com deferência, dizendo:

"O teu valor é igual ao dos maiores dos heróis, tu em quem a minha família e povo encontram seu progresso, ó príncipe, já que hoje tu venceste aquele cuja força é incomensurável, ele, o soberano dos deuses. Sobe na carruagem de Vasava e procede para a cidade com teu exército como escolta; eu, de minha parte, com meus companheiros, seguirei alegremente com toda velocidade".

"Nisso, o valente Ravani, cercado por suas tropas com o chefe dos deuses em correntes, partiu para sua residência, posteriormente dispensando os rakshasas que tinham lutado na campanha".

Capítulo 30 – Narração da maldição pronunciada pelo sábio Gautama sobre Shakra

"Quando o todo-poderoso Mahendra tinha sido vencido pelo filho de Ravana, os deuses com Prajapati à sua frente foram até Lanka e, se aproximando de Dashagriva que estava cercado por seus irmãos, Prajapati, a partir do céu, onde ele estava posicionado, se dirigiu a ele em tons conciliatórios, dizendo:

"'Meu caro Ravana, eu estou satisfeito com o comportamento do teu filho no campo de batalha! Seguramente em valor e heroísmo ele é teu igual, se não teu superior! Tu derrotaste os três mundos por tua destreza e cumpriste teu voto; eu estou satisfeito contigo e teu filho. Ele, permanecendo lá cheio de força e energia, se tornará famoso nos mundos sob o nome de Indrajita[560] e aquele rakshasa, com cujo apoio os deuses foram trazidos sob a tua sujeição, se tornará poderoso e invencível. Ó herói de braços longos, liberta Mahendra, o castigador de Paka, e dize o que os habitantes do céu devem te dar como resgate?'

"Então aquele guerreiro vitorioso, Indrajita, respondeu dizendo: 'Ó senhor, se esse deus é para ser libertado, então me concede imortalidade!'

"Então, o todo-poderoso Prajapati respondeu a Meghanada, dizendo: 'Não há ninguém imortal na terra, seja animal, ave ou qualquer outro ser poderoso'.

"Ouvindo esse decreto irrevogável do Avô, o Senhor, o vencedor de Indra, o corajoso Meghanada, disse-lhe: 'Então me ouve, e que venha a ocorrer dessa maneira após a libertação de Shatakratu! Este é o meu desejo, eu, que adoro Pavaka constantemente com oblações e mantras e que me deleito em lutar e em

[560] Conquistador de Indra.

vencer meus inimigos: que a carruagem de Vibhabasu atrelada a corcéis seja colocada a meu serviço e que a morte seja incapaz de me derrubar quando eu estiver sobre ela! Esse é o meu pedido, mas, se eu entrar em combate sem ter terminado as minhas preces e oferecido as minhas oblações ao deus do fogo, então que eu pereça! Todos, ó senhor, buscam a imortalidade por meio de penitências; eu desejo adquirir a imortalidade através da bravura!'

"'Que assim seja', disse o Avô abençoado, e depois disso Shakra foi libertado por lndrajita e os deuses voltaram para a sua própria morada.

"Enquanto isso, ó Rama, o infeliz Indra, com sua glória diminuída, seu coração cheio de ansiedade, estava mergulhado em melancolia e, vendo-o nessa situação, o Avô perguntou-lhe, dizendo:

"'Ó Shatakratu, tu antigamente não cometeste algum grande pecado? Ó chefe dos deuses, ó senhor, quando em minha sabedoria eu criei os homens, todos eles possuíam a mesma cor, forma, linguagem e aparência, não havia diferença entre eles em forma ou aspecto, no entanto, a minha mente ficou preocupada quando eu refleti sobre aqueles seres, e eu criei uma mulher como distinta deles, modificando cada uma das características masculinas. Assim eu fiz uma mulher, que por causa da graça de seus membros tornou-se conhecida como Ahalya; 'Hala' significando feio, do qual 'Halya' é derivado, e ela em quem 'Halya' não aparece se chama Ahalya; esse foi o nome que lhe dei. Quando eu moldei aquela mulher, ó chefe dos deuses, ó touro entre os celestiais, eu pensei, 'A quem ela pertencerá?' É assim, ó senhor Shakra, ó destruidor de cidades, que tu vieste a saber dessa mulher e, em teu coração, sendo o senhor do universo, tu decidiste "ela será minha"'.

"'Enquanto isso eu a coloquei sob a proteção do magnânimo Gautama e ele, tendo tomado conta dela por muitos anos, a devolveu para mim, ao que eu, tendo testado o autocontrole absoluto daquele asceta ilustre e reconhecendo a perfeição da sua austeridade, a entreguei a ele em casamento. Aquele muni virtuoso e famoso ficou satisfeito com a companhia dela, mas os deuses estavam em desespero porque ela tinha sido dada a Gautama e tu, enfurecido, com teu coração cheio de desejo, foste ao eremitério do sábio e viste a mulher que era tão radiante quanto uma chama em um braseiro, no que tu a violaste no calor da tua paixão. Depois disso tu foste visto por aquele rishi nobre no eremitério e, em sua indignação, aquele asceta extremamente poderoso te amaldiçoou, devido ao que, ó rei dos deuses, tu acabaste de sofrer essa mudança de circunstância. E aquele asceta se dirigiu a ti, dizendo:

"'"Já que tu violaste cruelmente a minha esposa, ó Vasava, tu serás capturado por teu inimigo no campo de batalha! Essa paixão vil que tu manifestaste, ó patife perverso, sem dúvida se espalhará entre homens e mulheres e todo aquele que for culpado disso terá metade da responsabilidade, enquanto a outra metade será tua; nem a tua condição será permanente, pois a soberania de quem quer que os deuses escolham como seu rei não durará; essa é a maldição que eu pronuncio sobre ti!"

"'Assim falou Gautama e depois ele criticou sua esposa, e aquele asceta exaltado se dirigiu a ela, dizendo: "Ó desavergonhada, deixa o meu eremitério! Embora jovem e encantadora, já que tu és inconstante, a tua beleza não mais pertencerá a ti somente no mundo e certamente será compartilhada por todos os seres, visto que por tua causa essa injúria foi perpetrada por Indra! A partir de agora, todos os seres compartilharão da tua beleza!"

"'Então Ahalya procurou apaziguar o grande rishi Gautama, dizendo: "Foi por ignorância que eu me permiti ser seduzida por Indra, ó grande asceta, pois ele

assumiu a tua forma, não foi por ceder ao desejo, ó rishi, portanto me perdoa, esse é teu dever!"

"'A essas palavras de Ahalya, Gautama respondeu: "Na Casa de Ikshvaku nascerá um guerreiro poderoso chamado Rama, renomado no universo e ele se dirigirá para a floresta por causa dos brâmanes. Aquele herói de braços longos não será outro senão Vishnu em forma humana; tu o verás, ó abençoada, e, vendo-o, tu serás purificada, pois é ele quem pode apagar o pecado que tu cometeste. Tendo-lhe oferecido a hospitalidade tradicional, tu voltarás para mim mais uma vez e nós retomaremos a nossa vida comum, ó dama de rosto formoso!"

"'Tendo falado assim, o rishi reentrou em seu eremitério, enquanto sua consorte se entregou penitências rígidas. É por causa da maldição desse sábio que tudo isso ocorreu; portanto, ó herói poderoso, relembra o pecado que cometeste. É por isso que tu caíste vítima dos teus inimigos, ó Vasava, e por nenhuma outra causa, portanto, com os teus sentidos totalmente controlados, oferece rapidamente um sacrifício a Vishnu. Purificado por esse rito propiciatório, tu retornarás à região celeste. Teu filho, ó senhor, não pereceu na luta, mas foi levado para o oceano por seu avô materno'.

"Ouvindo as palavras de Brahma, Mahendra realizou um sacrifício em honra de Vishnu e depois disso o senhor dos deuses subiu ao céu, reinando lá como rei.

"Eu descrevi para ti quão grande era o poder de Indrajita, que derrotou o rei dos deuses, quanto mais, portanto ele era capaz de triunfar sobre os outros seres!"

Ouvindo essas palavras de Agastya, Rama e Lakshmana como também os macacos e os titãs exclamaram: "Que extraordinário!", e Bibishana, que estava ao lado de Rama, disse: "Eu me lembro desse feito notável agora, eu fui testemunha disso antigamente".

Então Rama se dirigiu a Agastya dizendo: "Tudo o que disseste é verdade!"

"Essa, ó Rama, é a narrativa da origem e progresso de Ravana, o espinho na carne dos mundos, que, como seu filho, levou embora Shakra, o rei dos deuses, na luta".

Capítulo 31 – Ravana vai para as margens do rio Narmada

O todo-poderoso Rama, em seu espanto, curvou-se ao excelente rishi Agastya e novamente o questionou, dizendo:

"Ó abençoado, ó melhor dos nascidos duas vezes, quando aquele rakshasa cruel começou a percorrer a terra os mundos estavam desprovidos de guerreiros? Não havia nenhum príncipe, nenhum ser capaz de se opor a ele, já que aquele senhor dos titãs não encontrou resistência, ou os governantes dos mundos tinham perdido seu poder ou os muitos reis que ele derrotou não tinham armas?"

Tendo ouvido as palavras daquele filho de Raghu, o sábio bem-aventurado respondeu a ele sorrindo, como avô do mundo aborda Rudra, e disse: "Foi destruindo os governantes dessa maneira que Ravana percorreu a terra e, ó Rama, Senhor dos Mundos, ele chegou à cidade de Mahishmati que rivalizava com a dos deuses, onde o deus do fogo habitava perpetuamente. Lá um monarca reinava, chamado Arjuna, em esplendor semelhante ao fogo que era mantido lá sempre escondido em um poço coberto por juncos.[561]

---

[561] Agni Kunda: um poço ou cova no chão onde o fogo sagrado é mantido.

"Naquele dia, o poderoso soberano dos Haihayas, o senhor Arjuna, foi ao rio Narmada se divertir com suas esposas e naquele momento Ravana se aproximou de Mahishmati, e aquele Indra entre os rakshasas questionou os conselheiros do rei, dizendo: 'Digam-me rapidamente onde está o senhor Arjuna, falem a verdade; eu sou Ravana que vim medir minha força com a do mais poderoso dos monarcas. Anunciem minha chegada a ele!'

"Ouvindo as palavras de Ravana, os ministros sagazes informaram o rei dos rakshasas da ausência de seu soberano, e o filho de Vishravas, ouvindo das pessoas da cidade que Arjuna tinha saído, partiu na direção da cordilheira Vindhya, que, como uma nuvem flutuando no espaço, lhe parecia semelhante a Himavat e, brotando da terra, ela parecia lamber os céus e possuía uma miríade de picos. Leões frequentavam suas cavernas enquanto as suas cataratas cristalinas, caindo sobre os penhascos, ressoavam como gargalhadas, e deuses, gandharvas como também apsaras e kinnaras com suas consortes, divertindo-se lá, a transformavam em um paraíso. Seus rios corriam em ondas translúcidas e aquela cordilheira Vindhya, como Himavat, com seus picos e cavernas parecia Shesha com seus capelos, suas línguas dardejando.

"Olhando para ela, Ravana chegou ao rio Narmada, cujas águas puras fluíam sobre um leito de pedras e que se esvaziava no mar do oeste. Búfalos, srimaras, leões, tigres, ursos e elefantes, atormentados pelo calor e a sede, agitavam as águas, enquanto Chakravakas, Kavandas, Hamsas, Sarasas e outras aves aquáticas, com seu gorjeio apaixonado, abundavam lá. As árvores floridas formavam seu diadema, os pares de aves Chakravaka seus seios, as margens de areia suas coxas, os bandos de cisnes seu cinto brilhante; o pólen das flores empoava seus membros, a espuma das ondas era seu manto imaculado; doce era seu contato para quem quer que entrasse nele e ele era adorável de se olhar com seus lótus florescentes.

"Descendo da carruagem Pushpaka, perto do Narmada, o mais belo dos rios, Dashanana, um touro entre os titãs, acompanhado de seus ministros, foi em sua direção como em direção a uma mulher bela e atraente e se sentou nas margens arenosas adoráveis que eram frequentadas por sábios.

"Contemplando o Narmada, Ravana de dez pescoços, cheio de deleite, exclamou 'Esse é próprio Ganges!' Depois disso ele se dirigiu a seus ministros Shuka e Sarana e outros, dizendo:

"'Surya de mil raios parece ter transformado o mundo em ouro e, no céu, aquele orbe do dia cujos raios, que agora mesmo eram intensos, tendo me observado sentado aqui, ficou tão frio quando a lua. Anila, refrescado pelas águas do Narmada, inspirado por medo de mim, sopra suavemente difundindo um perfume doce; esse rio maravilhoso, o Narmada, aumentador de felicidade, em cujas águas crocodilos, peixes e aves abundam, parece uma moça tímida. Vocês que foram feridos pelas armas dos reis iguais a Shakra em combate e que foram cobertos com sangue como a seiva de uma árvore de sândalo, agora mergulhem no belo e hospitaleiro Narmada como elefantes inebriados com linfa e liderados por Sarvabhauma mergulham no Ganges. Banhar-se nesse grande rio os livrará de todos os males! Quanto a mim, eu em breve oferecerei flores em tranquilidade para Kapardin nessa margem de areia que brilha como a lua outonal".

"Ouvindo essas palavras de Ravana, Prahasta, Shuka e Sarana com Mahodara e Dhumraksha mergulharam no rio Narmada e, agitado por aqueles líderes titãs semelhantes a elefantes, o rio parecia o Ganges quando Vamana, Anjana, Padma e outros grandes elefantes se divertem nele.

"Depois disso, emergindo das águas, aqueles rakshasas muito poderosos logo reuniram pilhas de flores que eles colocaram na margem de areia, cujo brilho encantador rivalizava com o de uma nuvem deslumbrante e, em um momento, aqueles titãs tinham empilhado uma montanha de flores, após o que o rei dos rakshasas entrou no rio para se banhar, como um grande elefante entrando no Ganges.

"Tendo se banhado e recitado a mais excelente das preces segundo a tradição, Ravana emergiu das águas e se livrou de suas vestes molhadas, vestindo-se em um manto branco. Então os rakshasas seguiram seu rei, que avançou com palmas unidas, de modo que eles pareciam colinas moventes. Onde quer que o senhor dos rakshasas fosse um Shiva-Linga dourado era levado diante dele, e ele o colocou em um altar de areia e o adorou com flores, perfumes e pasta de sândalo. Tendo prestado homenagem a esse símbolo que liberta todos os seres de seus sofrimentos e que era grande e extremamente belo, adornado com uma lua crescente, aquele viajante noturno, com os braços erguidos, dançou e cantou diante dele".

Capítulo 32 – Arjuna captura Ravana

"Não longe de onde o temível senhor dos rakshasas estava fazendo suas oferendas de flores nas margens arenosas do Narmada, Arjuna, o principal dos conquistadores, soberano supremo de Mahishmati, estava se divertindo com suas esposas nas águas daquele rio. No meio delas, aquele monarca parecia um grande elefante rodeado por inúmeras elefantas. Então ele, desejando medir a grande força de seus mil braços, deteve o curso rápido do Narmada e as águas, assim paradas pela miríade de braços de Kartavirya, fluíram para a sua fonte carregando suas margens. Com seus peixes, crocodilos e tubarões, seu tapete de flores e grama kusha, a corrente do Narmada ficou turbulenta, como na época das chuvas, e, como se propositadamente solta por Kartavirya, aquela inundação levou embora todas as oferendas florais de Ravana, ao que ele, deixando o sacrifício apenas metade executado, lançou seu olhar sobre o rio que lhe parecia semelhante a uma consorte estimada que está extenuada.

"Depois de examinar as águas subindo como ondas do mar, correndo do oeste para oprimir a costa leste, Ravana observou que, em pouco tempo, as aves não mais a evitavam e ela havia retornado ao seu estado natural, como uma mulher que é apaziguada.

"Apontando com o dedo de sua mão direita, Dashagriva sinalizou para Shuka e Sarana que eles deveriam procurar a causa da elevação da corrente e, a esse comando de seu rei, os dois irmãos, Shuka e Sarana, subiram no ar e de dirigiram para o oeste. Tendo percorrido duas milhas, aqueles viajantes noturnos observaram um homem no rio se divertindo com algumas mulheres e ele parecia uma imensa árvore Sala, com seu cabelo flutuando no rio e os cantos de seus olhos estavam inflamados pelo desejo que agitava seu coração. E aquele flagelo de seus inimigos bloqueava o rio com seus inúmeros braços, como uma montanha a terra com suas incontáveis encostas e contrafortes, e inúmeras mulheres formosas o cercavam, como um elefante no cio é cercado por elefantas.

"Vendo aquela visão prodigiosa, os dois rakshasas, Shuka e Sarana, voltaram juntos para Ravana e lhe disseram: 'Ó príncipe dos rakshasas, um indivíduo

desconhecido, semelhante a uma enorme árvore de Sala, para divertir suas consortes, está impedindo o curso do Narmada como um dique. Contido por seus braços inumeráveis o rio está lançando grandes ondas como o mar!'

"Ouvindo essas palavras de Shuka e Sarana, Ravana disse, 'É Arjuna' e correu para longe, ansioso para entrar em combate com ele. E quando Ravana, o senhor dos rakshasas, partiu para enfrentar Arjuna, uma violenta tempestade de poeira surgiu acompanhada por nuvens ribombantes derramando gotas de sangue, e aquele Indra entre os rakshasas, escoltado por Mahodara, Mahaparshwa, Dhumraksha, Shuka e Sarana, prosseguiu na direção onde Arjuna estava. Logo aquele rakshasa poderoso, da cor do antimônio, alcançou as águas do Narmada e lá, cercado por suas esposas, como um elefante por elefantas, o principal dos monarcas, Arjuna, apareceu diante dele. Então o senhor dos rakshasas, que estava embriagado com poder, com os olhos vermelhos de raiva, disse aos ministros de Arjuna em tons tonitruantes: 'Ó conselheiros do senhor Haihaya, o informem rapidamente que aquele que se chama Ravana veio lutar com ele!'

"Quando ouviram essas palavras de Ravana, os ministros de Arjuna levantaram suas armas e lhe responderam dizendo: 'Ó Ravana, tu de fato escolheste um momento excelente para o combate! Tu lutarias contra um príncipe que está bêbado e que está, além disso, em meio a suas consortes? Tu realmente desejas lutar com o nosso rei enquanto ele está cercado por suas esposas? Conforma-te a esperar com paciência hoje, ó Dashagriva, e quando a noite terminar, se tu ainda desejares fazê-lo, então desafia Arjuna, ó caro amigo. Se, no entanto, tu estás decidido a combater, ó tu saciado com a guerra, então nos derrota aqui e em seguida encontra Arjuna e luta com ele'.

"Então os ministros de Ravana mataram alguns dos conselheiros de Arjuna e os devoraram avidamente, e um grande tumulto surgiu nas margens do Narmada dos seguidores de Arjuna e ministros de Ravana. Os soldados do rei dos Haihayas atacaram Ravana e seus ministros, sobre quem eles se atiraram com fúria terrível com flechas, dardos, lanças e tridentes que perfuravam como raio, e eles criaram um tumulto como o mar com seus crocodilos, peixes e tubarões.

"Enquanto isso, os ministros de Ravana, Prahasta, Shuka e Sarana, enfurecidos e cheios de valentia, dizimaram o exército de Kartavirya, e os seguidores de Arjuna, loucos de terror, o informaram do ataque por Ravana e seus ministros.

"A essas notícias, Arjuna se dirigiu à multidão de mulheres, dizendo: 'Não tenham medo', e correu para fora da água, como outro Pavaka emitindo chamas terríveis, de modo que ele parecia o fogo da dissolução no fim do período mundial. Adornado com braceletes de ouro refinado, ele imediatamente agarrou uma maça e lançou-se sobre os rakshasas, a quem ele dispersou como o sol a escuridão. Com seus braços, Arjuna, tendo brandido a maça imensa, a deixou cair com a força do voo de Garuda.

"Então Prahasta, inabalável, semelhante a uma colina, com maça na mão, ficou barrando seu caminho, como a cordilheira Vindhya obstruindo o sol, e ele arremessou aquela arma terrível atada com cobre, emitindo um grande grito como Antaka. Na ponta da lança atirada pela mão de Prahasta uma chama brilhante apareceu como a ponta de uma árvore Ashoka que parecia brilhar, mas o filho de Kritavirya, Arjuna, sem ser perturbado, habilmente desviou aquela maça que estava caindo sobre ele, com sua própria arma. Então o senhor supremo dos Haihayas atirou-se em seu adversário com sua arma pesada que ele brandia em seus quinhentos braços.

"Atingido pelo golpe poderoso daquela maça, Prahasta, que o tinha confrontado, caiu como uma montanha que foi partida pelo raio de Indra.

"Vendo Prahasta jazendo lá, Maricha, Shuka e Sarana, como também Mahodara e Dhumraksha fugiram do campo de batalha.

"Seus ministros derrotados e Prahasta derrubado, Ravana jogou-se sobre Arjuna, o principal dos monarcas, e um duelo formidável de arrepiar ocorreu entre aquele rei de uma miríade de braços e Ravana de vinte braços. Como dois oceanos que transbordam, duas montanhas abaladas até suas fundações, dois sóis flamejantes, dois fogos ardentes, dois elefantes embriagados com sua própria força, dois touros lutando por uma novilha, duas nuvens ribombantes, dois leões orgulhosos de sua força, como Rudra e Kala enfurecidos, assim o rakshasa e o rei Arjuna, armados com maças, atacaram um ao outro com golpes terríveis. Semelhantes a montanhas, capazes de resistir aos temíveis golpes do raio, assim homem e rakshasa suportaram os golpes da maça. Como o barulho do trovão cria reverberações, assim o impacto daquelas armas ressoava em cada quadrante. A maça de Arjuna, caindo no peito de seu adversário, lhe dava a aparência de ouro ou de uma nuvem iluminada por um raio. Do mesmo modo, cada vez que a maça de Ravana caía sobre o peito de Arjuna, ela parecia um meteoro caindo em uma montanha alta. Nem Arjuna nem o soberano dos rakshasas se cansavam na luta, que permaneceu indefinida como antigamente o duelo entre Bali e Indra. Como dois touros lutam com seus chifres ou dois elefantes com suas presas afiadas, assim lutaram aqueles dois mais valentes dos homens e dos rakshasas. Finalmente Arjuna, em fúria, com toda a sua força golpeou o peito enorme de Ravana com sua maça, mas, protegido pela armadura dada a ele por Brahma como uma bênção, aquela arma tornou-se impotente e caiu fendida na terra. Sob o golpe desferido por Arjuna, no entanto, Ravana caiu para trás à extensão de um arco e ficou prostrado gemendo.

"Percebendo que ele estava derrotado, Arjuna avançou imediatamente em Dashagriva e o agarrou como Garuda uma serpente. Com seus inúmeros braços, aquele rei poderoso pegou Dashanana e o amarrou como Narayana amarrou Bali.

"Ravana tendo sido capturado, todos os Siddhas, Charanas e Devatas gritaram: 'Bem feito! Bem feito!' e derramaram flores sobre a cabeça de Arjuna. Como um tigre que capturou uma gazela ou um leão um elefante, assim o rei dos Haihayas emitiu rugidos altos como uma nuvem.

"Depois disso o viajante noturno, Prahasta, tendo recuperado a consciência, vendo Dashanana amarrado, avançou em Arjuna com fúria e as tropas dos rakshasas o atacaram com extrema violência como, no final da estação quente, as nuvens de chuva irrompem sobre o oceano.

"'Solte-o! Solte-o!' eles gritavam incessantemente, atacando Arjuna com barras de ferro e lanças mas, totalmente impassível pela saraivada de armas, antes que eles pudessem alcançá-lo, o intrépido rei dos Haihayas, flagelo de seus inimigos, rapidamente segurou aqueles projéteis arremessados nele pelos inimigos dos deuses, e por meio de muitos mísseis terríveis e irresistíveis, ele os colocou em fuga como o vento dissipa as nuvens.

"Tendo dispersado os rakshasas, Arjuna, o filho de Kritavirya, cercado por seus amigos, levando Ravana amarrado, voltou para sua cidade. Então os nascidos duas vezes e o povo espalharam flores e arroz sobre ele quando ele fez sua entrada na capital, parecendo o deus de mil olhos quando capturou Bali".

Capítulo 33 – Arjuna liberta Ravana a pedido de Pulastya

"Ouvindo dos deuses no céu da captura de Ravana, que parecia a retenção do vento, Pulastya, apesar do seu autodomínio, foi tomado de terno afeto por seu descendente e se aproximou do senhor de Mahishmati. Entrando no caminho do vento, a quem ele igualava em velocidade, aquele nascido duas vezes, com a rapidez do pensamento, chegou à cidade de Mahishmati e, como Brahma entra capital da Indra, ele entrou naquela cidade que parecia Amaravati e era cheia de pessoas prósperas e alegres.

"Andando a pé, ele avançou como o sol com tal esplendor que o olho mal podia pausar sobre ele e, vendo-o, os habitantes correram para informar Arjuna.

"'É Pulastya', disse o soberano dos Haihayas ao vê-lo, após o que, com palmas unidas, ele tocou sua testa em saudação enquanto se adiantava para encontrar o asceta. Como Brihaspati diante de Shakra assim o Purohita precedia o rei, trazendo o Arghya e também as oferendas Madhuparka.

"Então o rishi se aproximou como o sol nascente, e Arjuna, profundamente comovido ao contemplá-lo, lhe prestou homenagem como Indra oferece reverência a Brahma. Presenteando-o com o Madhuparka, uma vaca, e água para lavar os pés, como também o Arghya, aquele Indra entre os monarcas se dirigiu a Pulastya com a voz tremendo de alegria e disse:

"'Já que eu te vejo, ó tu cuja visão é difícil de obter, hoje Mahishmati tornou-se igual a Amaravati, ó principal dos nascidos duas vezes! Hoje eu estou feliz, ó Senhor, hoje os meus desejos estão consumados; hoje o meu nascimento se tornou frutífero; hoje a minha penitência foi abençoada já que eu agora abraço os teus dois pés que são adorados pela hoste celeste. Aqui está o meu reino e aqui meus filhos e minhas consortes a teu serviço; quais são as tuas ordens?'

"Então Pulastya, tendo perguntado sobre seu bem-estar, o cumprimento do seu dever e os fogos sacrificais e seus filhos, disse ao soberano dos Haihayas: 'Ó principal dos reis, cujos olhos são tão grandes quanto pétalas de lótus, cujo rosto brilha como a lua cheia, ninguém é igual a ti em força visto que venceste Dashagriva, ele diante de quem o mar e o vento são parados e permanecem imóveis com medo, ele, meu neto, a quem tu capturaste no campo de batalha, que até agora era invencível. Tu consumiste sua glória e tornaste teu nome ilustre. Ó caro amigo, a meu pedido, agora liberta Dashanana!'

"Então, Arjuna, sem dizer uma palavra, tendo ouvido o apelo de Pulastya, alegremente soltou o principal dos rakshasas e, depois de libertar o inimigo dos deuses, Arjuna o homenageou com joias, guirlandas e trajes celestes e fez uma aliança com ele na presença do fogo, então, prostrando-se aos pés do filho de Brahma,[562] ele voltou para sua residência.

"Depois disso o próprio Pulastya dispensou o poderoso senhor do rakshasas depois de abraçá-lo e ele, tendo recebido hospitalidade, partiu, envergonhado de sua derrota, enquanto Pulastya, o filho daquele avô do mundo, ele o principal dos munis, que tinha acabado de libertar Dashagriva, voltou para Brahma-loka.

"Assim, apesar da sua imensa força, Ravana, que tinha sido derrotado por Kartavirya, foi libertado a pedido de Pulastya. Assim os poderosos são vencidos por aqueles que são ainda mais poderosos do que eles, ó tu que aumentas a felicidade dos Raghavas! Aquele que deseja a sua própria felicidade não deve desprezar seus adversários.

---

[562] Pulastya.

"Enquanto isso, o senhor dos comedores de carne, tendo feito uma amizade com o monarca de mil braços, começou a percorrer a terra cheio de arrogância, derrotando seus governantes".

Capítulo 34 – Bali pendura Ravana em seu cinto

"Libertado por Arjuna, Ravana, o senhor dos rakshasas, percorria a terra incansavelmente e sempre que ele ouvia falar de alguém que possuía uma força extraordinária, fosse homem ou titã, em sua arrogância ele o procurava a fim de provocá-lo para o combate.

"Um dia ele chegou à cidade de Kishkindha e desafiou o rei Bali do diadema de ouro. Lá ele encontrou só os parentes daquele macaco, Tara, o pai dela Sushena e o senhor Sugriva, que respondeu àquele beligerante, que tinha acabado de chegar, dizendo:

"'Ó rei dos rakshasas, Bali, que teria aceitado o teu desafio, não está aqui, que outro Plavamgama é capaz de te enfrentar em combate? Bali foi para os quatro oceanos executar a cerimônia Sandhya, ó Ravana, ele logo vai voltar, tem paciência por algum tempo! Aquela pilha de ossos brancos como conchas pertence àqueles que desejaram medir sua força em combate com o senhor dos Vanaras, ó príncipe. Mesmo que tu tivesses bebido o néctar da imortalidade, ó Ravana, o teu encontro com Bali poria fim à tua existência. Ó filho de Vishravas, olha para esse universo maravilhoso mais uma vez pois em breve não mais te será possível fazer isso. Já que estás com pressa de morrer, no entanto, vai para o mar do sul onde tu verás Bali que parece o deus do fogo'.

"Então, depois de ter investido contra Tara e os outros, Ravana, aquele Ravana dos mundos,[563] voltou a subir em sua carruagem Pushpaka e dirigiu para o mar do sul. Lá ele viu Bali, semelhante a uma montanha de ouro, absorto na realização de Sandhya.

"Descendo do carro Pushpaka, Ravana da cor do colírio espiou Bali em silêncio, a fim de agarrá-lo, mas por acaso foi observado por ele que não teve dúvidas quanto ao seu intento cruel, embora Bali permanecesse impassível como um leão na presença de uma lebre ou Garuda diante de uma serpente, e ele não ficou perturbado de modo alguma pela intenção malévola de Ravana.

"Ele refletiu: 'Este é Ravana, que com malícia em sua alma se aproxima para me agarrar. Eu vou pendurá-lo no meu cinto e irei para os outros três oceanos, então todos verão o meu adversário, Dashagriva, com seus braços e pernas e vestes balançando, enganchado ao meu lado como uma cobra pega por Garuda.

"Pensando assim, Bali permaneceu lá recitando seus mantras vêdicos em voz baixa, como o rei das montanhas. Cada um desejando agarrar o outro, no orgulho que sua força inspirava neles, o soberano dos macacos e o senhor dos rakshasas procuraram realizar seu plano.

"Percebendo pelo som de seus passos que Ravana estava prestes a colocar suas mãos sobre ele, Bali, embora estivesse de costas, pegou o titã como Garuda uma serpente e, tendo capturado o senhor dos rakshasas, o enganchou em seu cinto, e então aquele macaco, com um salto, pulou para o ar, e embora lacerado e

[563] Ravana significando 'Aquele que faz outros gritarem'.

ferido por suas unhas, Bali carregou Ravana como uma tempestade impulsiona uma nuvem.

"Enquanto isso os ministros de Dashanana, a quem ele estava levando embora, caíram sobre Bali emitindo gritos altos a fim de fazê-lo soltá-lo. Perseguido por eles, Bali, em seu curso aéreo, brilhava como o sol que é seguido por um grupo de nuvens no espaço. Aqueles principais dos rakshasas, exaustos pelo vento que fazia seus braços e coxas tremerem, foram parados em seu curso, e as próprias montanhas abriram caminho para Bali, quanto mais aqueles que, feitos de carne e sangue, procuravam sobreviver. Com uma velocidade impossível para bandos de aves, aquele Indra entre os macacos, com grande pressa, prestou reverência a todos os oceanos cada um por vez e, ao anoitecer, recebeu a homenagem de todas as criaturas aladas no caminho, ele, o mais notável entre elas; depois com Ravana ele finalmente chegou ao mar do oeste. Lá aquele macaco realizou a cerimônia Sandhya e, tendo se banhado, ainda carregando Dashanana, foi para o mar do norte. Posteriormente aquele grande macaco com seu adversário percorreu milhares de léguas, veloz como o vento ou o pensamento. Tendo celebrado a cerimônia Sandhya no mar do norte, Bali, levando Dashanana, foi para o mar do leste. Lá, Vasavi, o senhor dos macacos, realizou suas devoções vespertinas e, ainda com Ravana, ele voltou para Kishkindha. Tendo realizado Sandhya nos quatro oceanos, aquele macaco, cansado de carregar Ravana, parou em um bosque perto de Kishkindha e aquele rei dos macacos, desprendendo Ravana do seu cinto, com uma rizada zombeteira, disse: 'De onde tu és?'

"Bastante espantado, o rei dos rakshasas, cujos olhos estavam semicerrados de cansaço, se dirigiu ao senhor dos macacos assim: 'Ó principal dos macacos, ó tu que pareces Mahendra, eu sou o senhor dos rakshasas, Ravana, e vim na esperança de entrar em combate contigo, e aqui estou eu, teu prisioneiro! Que força, que energia, que poder interior te habilitou a me segurar desse modo sem fadiga e com tal velocidade, ó macaco valente? Seguramente há apenas três seres que poderiam ter agido assim, a mente, o vento e Suparna. Tendo testemunhado o teu poder, ó touro entre os macacos, na presença do fogo eu gostaria fazer uma aliança de amizade sincera e duradoura contigo! Consortes, filhos, cidade, reino, prazeres, vestuário e alimentos serão todos compartilhados por nós, ó rei, ó principal dos macacos!'

"Então, acendendo um fogo, macaco e titã se tornaram irmãos e se abraçaram. Apertando as mãos, o macaco e o titã entraram alegremente em Kishkindha, como dois leões em uma caverna rochosa. Parecendo outro Sugriva, Ravana permaneceu lá por um mês, e depois seus ministros, desejosos de derrotar os três mundos, o levaram para longe.

"Assim Ravana agiu com Bali antigamente e, embora humilhado por ele, jurou ser seu irmão na presença do fogo. A força de Bali era inigualável, ó Rama, era imensurável; porém tu o consumiste como o fogo um grilo".

Capítulo 35 – A história da infância de Hanuman

Então Rama fez mais uma pergunta àquele sábio, cujo eremitério era na região sul e, prestando homenagem a ele com grande reverência, com palmas unidas se dirigiu a ele em termos significativos, dizendo:

"Seguramente a destreza de Bali e de Ravana era incomparável, contudo, a meu ver pelo menos, ela nunca foi igual à de Hanuman! Coragem, habilidade, força, tenacidade de propósito, sagacidade, experiência, energia e bravura podem ser todas encontradas em Hanuman!

"Quando, contemplando o oceano, o exército dos macacos estava em desespero, aquele herói de braços longos os consolou, viajando cem léguas e destruindo a cidade de Lanka. Entrando nos aposentos internos de Ravana, ele descobriu Sita e a encorajou com suas palavras. Sozinho, Hanuman matou aqueles que marchavam à frente das forças inimigas, os filhos dos ministros de Ravana, os kinkaras, e depois, quando ele tinha rompido seus grilhões e admoestado Dashanana, ele reduziu Lanka a cinzas como Pavaka o mundo. Essas façanhas não foram superadas por Indra, Varuna, Vishnu ou Kuvera. Pelo poder de seus braços eu conquistei Lanka e recuperei Sita, Lakshmana, meu reino, amigos e parentes. Quem exceto Hanuman, o companheiro do rei dos Vanaras, teria sido capaz de obter notícias de Janaki? Mas como é que em sua devoção por Sugriva ele não consumiu Bali no momento da briga, como um fogo um arbusto? Parece-me que Hanuman ainda não estava ciente de seus poderes quando ele testemunhou o rei dos macacos, a quem ele amava como a si mesmo, aviltado! Conta-me em detalhes e candidamente tudo sobre Hanuman, ó asceta bem-aventurado e ilustre, ó tu a quem os deuses veneram!"

Ouvindo essas palavras sagazes, o sábio, na presença de Hanuman, respondeu: "O que disseste sobre Hanuman é verdade, ó príncipe dos Raghus! Eu não considero que alguém é igual a ele em força ou o supera em inteligência e rapidez, mas antigamente uma maldição irrevogável foi pronunciada sobre ele pelos sábios, por conta da qual esse herói ficou inconsciente do seu grande poder, ó flagelo de teus inimigos.

"Em sua infância, ó poderoso Rama, ele fez algo de que eu não posso falar, de tão pueril que foi, mas, se tu assim desejares, ó Raghava, eu o revelarei para ti.

"Há uma montanha chamada Sumeru que Surya doura como um benefício; lá Kesharin, o pai de Hanuman, vive. Vayu gerou um filho extraordinário em sua consorte estimada e ilustre, Anjana, e ela trouxe aquele filho, cuja cor era como a de uma espiga de grãos, ao mundo. Desejando colher alguns frutos, aquela mulher adorável penetrou em um matagal, e a criança, que na ausência de sua mãe sofreu muito com fome, começou a emitir gritos agudos, como Karttikeya no bosque Shara.

"Naquele momento, ele observou o sol nascendo como um grupo de flores Java,[564] e, ávido por comida, ele imaginou que fosse uma fruta e correu em direção a ele. Virando-se para o sol nascente, a criança, ele mesmo semelhante ao amanhecer, desejando pôr as mãos nele, saltou para o céu. E os saltos de Hanuman, ele sendo apenas uma criança, surpreenderam muito os devas, danavas e yakshas que refletiram, 'Nem Vayu, Garuda, nem mesmo o próprio pensamento tem a velocidade desse filho do vento que pulou para o céu. Se, enquanto ainda criança, a velocidade do seu voo é essa, qual não será quando ele obtiver sua força juvenil'.

"Nessas circunstâncias Vayu seguiu na esteira de seu filho para que o sol não o queimasse e o protegeu com seu hálito refrescante. Assim Hanuman, erguendo-se no espaço, atravessou milhares de léguas e, por causa do poder de seu pai e da sua própria inocência, se aproximou do sol.

[564] Hibiscos.

"'Aquele pequeno não está consciente de seu erro' refletiu Surya, "temos que agir adequadamente", e ele se absteve de consumi-lo.

"Então naquele mesmo dia que Hanuman saltou para o céu para se apoderar do orbe solar Rahu[565] tinha se preparado para pegá-lo ele mesmo e, entrando em contato com aquela criança na carruagem do sol, Rahu saltou para longe com medo, ele, o flagelo do sol e da lua. Provocado, aquele filho de Simhika foi para a residência de Indra e, carrancudo, disse àquele deus, que estava cercado pela hoste celeste:

"'Ó Vasava, para satisfazer a minha fome, tu me deste o sol e a lua, por que tu os presenteaste a outro, ó matador de Bali e Vritra? Hoje, que é o momento da conjunção, eu tinha ido tomar posse do sol quando outro Rahu se aproximou e o agarrou'.

"Ouvindo essas palavras de Rahu, Vasava, surpreso, levantou-se do seu trono e, portando seu diadema de ouro, saiu. Então ele montou Airavata, o principal dos elefantes, que era tão alto quanto uma colina ou o pico do monte Kailasha com suas quatro presas, escorrendo suco mada, enorme, ricamente ajaezado e cujos sinos de ouro tocavam alegremente.

"Então Indra mandou Rahu precedê-lo e dirigiu seu curso para onde Surya e Hanuman estavam. Nisso Rahu partiu com toda velocidade deixando Vasava muito atrás e a criança, Hanuman, o viu quando ele se aproximou, no que ele soltou o sol e, tomando Rahu por uma fruta, uma vez mais saltou para o céu para agarrar o filho de Simhika.

"Observando aquele Plavamgama soltando o sol a fim de lançar-se sobre ele, o filho de Simhika, de quem só a cabeça permanecia visível, refugiando-se sob a proteção de Indra, em seu terror, gritou 'Indra, Indra' sem cessar, e Indra, reconhecendo a voz de Rahu antes que fosse capaz de discerni-lo, respondeu ao seu apelo, dizendo: 'Não tenhas medo, eu estou prestes a matá-lo!'

"Enquanto isso, vendo Airavata, Maruti pensou: 'Ó, que fruta adorável!' E se jogou sobre aquele senhor dos elefantes, e enquanto ele procurava agarrar Airavata, sua forma terrível de se ver apareceu de repente sobre Indra e seus seguidores. Depois disso quando ele avançou no consorte de Sachi, Indra, não irritado indevidamente, com seu dedo disparou um raio que atingiu Hanuman e, no impacto, a criança caiu em uma montanha, em sua queda quebrando a mandíbula esquerda. Ao ver seu filho jazendo inanimado sob o golpe do raio, Pavana ficou enfurecido contra Indra, e o deus Maruta, que penetra e permeia todos os seres, se retirou para uma caverna para a qual ele levou seu filho. Depois disso, como Vasava retém as torrentes, ele causou imensos sofrimentos a todos os seres por impedir a passagem de excrementos e urina neles.

"Por conta da ira de Vayu todas as criaturas por toda parte ficaram desprovidas de sua respiração de modo que suas articulações foram deslocadas e elas se tornaram como blocos de madeira. Todos os estudos sagrados, a sílaba sagrada 'Vashat', cerimônias religiosas e deveres sendo suspensos pelo desagrado de Vayu, os três mundos se tornaram um inferno.

"Então todas as criaturas com os gandharvas, devas, asuras e homens, em sua aflição e desejo de serem felizes mais uma vez, correram para Prajapati; e os deuses, com suas barrigas inchadas, com palmas unidas, lhe disseram:

"'Tu criaste quatro tipos de seres, ó abençoado, Tu és o seu protetor. Tu nos deste Pavana como o Senhor das nossas vidas, por que, no entanto, ele que se

[565] O demônio que causa o eclipse periódico do sol.

tornou o Soberano dos Ares Vitais agora trouxe essa desgraça na forma de uma mulher nos aposentos internos?'

"Ouvindo essas palavras de todos os seres, Prajapati, que era seu protetor, disse-lhes: É verdade!' e acrescentou 'Saibam o motivo que incitou a raiva de Vayu e causou esse impedimento. Ó seres, isso eu investiguei por mim mesmo. O principal dos deuses, neste dia, fez seu filho cair por instigação de Rahu, após o que o deus do vento ficou furioso e Vayu, embora sem corpo, circula em todos os corpos. Um corpo desprovido de Vayu é como um pedaço de madeira, Vayu é o ar vital, Vayu é a própria felicidade, Vayu é o universo; sem Vayu, o mundo inteiro não pode ser feliz; agora que o universo está desprovido de Vayu está privado de vida; todas as criaturas sem respiração são como tábuas. Por não termos honrado o filho de Aditi, nós devemos procurar Maruta, o causador dos nossos males, para que não pereçamos!'

"Então, acompanhado por todos os seres, Prajapati com os devas, gandharvas, serpentes e guyhakas se aproximou de Maruta no lugar para o qual ele tinha levado seu filho, a quem o rei dos deuses tinha derrubado.

"Enquanto isso, vendo o filho de Sadagati,[566] radiante como o sol, fogo ou ouro naquela caverna escura onde ele tinha se retirado, o deus de quatro faces foi tomado de compaixão como também os devas, gandharvas, rishis, yakshas e rakshasas".

Capítulo 36 – As bênçãos concedidas à criança Hanuman e como ele foi amaldiçoado pelos ascetas

"Assim que viu o avô do mundo, Vayu, levando seu jovem filho, por quem ele tinha chorado como um morto, correu em direção a Dhatar. Com suas madeixas ondulantes, seu diadema e as guirlandas com as quais ele estava enfeitado, Vayu, tendo se curvado três vezes, caiu aos pés de Brahma.

"Então ele, que estava familiarizado com o Veda, com seus braços decorados com braceletes deslumbrantes, tocou a criança como se de brincadeira, e então, aquele deus surgido do lótus, meramente por acariciar a criança, o reanimou como a semente que é regada.

"Vendo seu filho restabelecido, o deus do vento, soprando auspiciosamente, começou a circular em todos os seres como outrora e, livres das obstruções provocadas por Maruta, todas as criaturas ficaram felizes, como lagos cobertos com lótus sobre os quais um vento gelado deixou de soprar.

"Então Brahma, que possui os três pares de qualidades,[567] que é ele próprio a essência da Trimurti, tendo sua residência nos três mundos,[568] ele que é reverenciado pelos deuses, disse aos celestiais, em sua ansiedade para propiciar Maruta: 'Saibam a verdade, eu comunicarei isso a vocês porque é importante! Ouçam todos vocês, Mahendra, Agni, Varuna, Maheshwara, Dhaneshwara e outros, essa criança irá realizar tudo o que vocês têm que realizar, portanto lhe concedam todas as bênçãos para gratificar seu pai'.

[566] Sadagati: um nome de Vayu, o deus do vento, significando 'o que sempre segue', seu filho sendo Hanuman. O deus do vento também é conhecido como Vayu, Kesarin e outros títulos.
[567] Os três pares de qualidades: renome e virilidade; majestade e beleza; conhecimento e desapego.
[568] Os três mundos: Bhur, Bhuvah, Swah.

"Então, o deus de mil olhos, encantado, com sua fronte radiante, tirou sua guirlanda de lótus e falou assim: 'Já que o raio escapou da minha mão e quebrou sua mandíbula, essa criança será chamada de Hanuman. Eu darei um benefício excelente a ele; a partir de hoje, ele será invulnerável aos raios!'

"Então Martanda, por sua vez, aquele abençoado que dissipa a escuridão, disse: 'Eu darei uma centésima parte do meu esplendor a ele, e quando ele for capaz de aprender os Shastras eu o dotarei de eloquência!'

"Depois disso Varuna lhe concedeu a seguinte benção, dizendo: 'Inúmeros anos passarão, porém meu laço e minhas águas nunca serão usados contra ele!'

"Depois disso Yama lhe concedeu o benefício de invulnerabilidade e imunidade à doença e disse: 'Como um sinal da minha satisfação, eu lhe darei a bênção adicional de nunca ser morto em batalha!'

"Então Dhanada de olhos vermelhos falou assim: 'Esta maça segurada por mim o protegerá em combate!'

"Depois disso o deus Shankara, conferindo o principal dos favores a ele, disse: 'Eu impedirei as minhas flechas de feri-lo!'

"Então Vishvakarma do grande carro, lançando os olhos na criança, disse: 'Ele será invulnerável às armas celestes forjadas por mim e sua vida durará!'

"Finalmente, o magnânimo Brahma falou assim: 'Nenhuma das minhas armas será capaz de prejudicá-lo!'

"Contemplando a criança enriquecida pelas dádivas dos deuses, o senhor de quatro faces, guru dos mundos, em sua satisfação abordou Vayu, dizendo: 'Teu filho, Maruti, será o terror de seus inimigos, o amparo de seus amigos e invencível! Capaz de mudar de forma à vontade, ele realizará tudo o que desejar e irá para onde quiser com velocidade inimaginável. Para destruir e Ravana e agradar Rama, ele irá realizar tais feitos de armas que farão todos os seres tremerem!'

"Essas palavras pacificaram Vayu, como também os imortais e, com o Avô à sua frente, todos eles partiram para o lugar de onde tinham vindo.

"Vayu, o portador de perfume, levando seu filho, voltou para casa e, contando a Anjana sobre as bênçãos que ele tinha recebido, foi embora.

"Ó Rama, recebendo essas graças que o encheram de poder, e com a temeridade natural para ele, Hanuman parecia o oceano que está transbordando.

"Em seu ardor destemperado, aquele touro entre os macacos descaradamente começou a criar problemas nos eremitérios dos grandes rishis. Espalhando as colheres, jarros, pilhas de cascas e fogos sacrificais usados por aqueles sábios amantes da paz, derrubando-os e quebrando-os, por essas façanhas ele, que tinha sido tornado invulnerável a todas as armas bramânicas por Shambhu, se distinguiu.

"Sabendo de onde seu poder era derivado, os grandes rishis o toleravam, no entanto, apesar das advertências de seu pai, Kesharin, o filho de Anjana, excedeu todos os limites, ao que muito furiosos, aqueles rishis poderosos, nascidos na linhagem de Bhrigu e Angiras, o amaldiçoaram, ó príncipe dos Raghus, sem, no entanto, dar vazão à toda sua raiva e irritação.

"Eles disseram: 'Uma vez que, no conhecimento do teu poder, ó Plavamgama, tu nos atormentas, pelo efeito adverso da nossa maldição tu não terás consciência dele por um longo tempo, mas, quando ele for lembrado por ti, tu serás capaz de exercê-lo eficazmente'.

"Depois disso, o conhecimento dos seus poderes foi tirado dele em virtude das palavras dos grandes rishis e, a partir daquele momento, Hanuman percorreu as solidões em um estado de espírito calmo.

"Naquela época, Riksharajas, cheio de refulgência, semelhante ao sol, o pai de Bali e Sugriva, governava todos os macacos, e depois de um reinado prolongado aquele soberano dos macacos sucumbiu à lei natural de tempo e, tendo morrido, os ministros, versados nas fórmulas sagradas, instalaram Bali no lugar de seu pai e Sugriva como herdeiro legítimo.

"Hanuman e Sugriva eram como um só e não havia diferença entre eles; eles se amavam como Agni e Anila, mas quando a disputa entre Bali e Sugriva surgiu, Hanuman, por conta da maldição dos brâmanes, não tinha conhecimento de seus poderes, nem, no terror no qual Bali o havia lançado, Sugriva os relembrou, ó senhor. A maldição dos brâmanes tendo lhe roubado esse conhecimento, o principal dos macacos apoiou Sugriva como um aliado na luta, que parecia um leão que um grande elefante subjuga. Por valor, energia, inteligência, força, amabilidade, brandura de disposição, conhecimento do que é adequado e inadequado, firmeza, habilidade, coragem e audácia, quem pode superar Hanuman no mundo?

"Aquele Indra entre os macacos para adquirir gramática se refugiou com o deus-sol e, em seu espírito de investigação que era sem igual, ele viajou da montanha onde ele nasce para aquela em que ele se põe, com um grande livro, uma vasta enciclopédia compreendendo os Sutras, seus Comentários, seu significado e a síntese.

"Aquele príncipe dos macacos se tornou um estudioso consumado e ninguém o igualava nos Shastras nem na interpretação da Prosódia. Em todas as ciências e nas regras de ascetismo ele rivalizava com Brihaspati. Pela tua graça, ele se tornará um verdadeiro brâmane familiarizado com o significado dos mais recentes sistemas gramaticais. Como um oceano, ávido para engolfar os mundos, como Pavaka desejoso de consumi-lo na dissolução final, quem é capaz de desafiar Hanuman, esse segundo Antaka?

"Ó Rama, por tua causa os deuses criaram Hanuman e os outros principais dos macacos, Sugriva, Mainda, Dvivida como também Nila, Tara, Tareya, Nala, Rambha, Gaja, Gavaksha, Gavaya, Sudamshtra, Prabhojya, Atimukha e Nala como também os ursos com os principais macacos que foram todos criados pelos deuses, ó Rama.

"Eu respondi a tua questão plenamente e acabei de te contar sobre a façanha de Hanuman realizada na infância".

A história de Agastya surpreendeu muito Rama, Saumitri, os macacos e os rakshasas, e Agastya se dirigiu a Rama, dizendo: "Tu ouviste tudo o que eu tinha a dizer; agora que nós te vimos e recebemos a tua hospitalidade, nós almejamos permissão para partir!"

Ouvindo as palavras do extremamente piedoso Agastya, Raghava com palmas unidas, curvando-se àquele grande rishi, disse: "Hoje os deuses, meus pais, minha família e antepassados foram abençoados pela tua visão sagrada, de fato, santificados para sempre. Na alegria do meu retorno, isto é o que eu tenho a te pedir. Cabe a ti em teu afeto concedê-lo.

"Eu, que vim estabelecer os habitantes da cidade e do campo em seus deveres particulares, desejo a tua cooperação no sacrifício que agora desejo realizar, ó tu que pertences aos virtuosos. Tu, cujo ascetismo elimina todas as imperfeições, não me ajudarás nessas cerimônias, pois então eu serei bem-vindo por meus antepassados e a minha felicidade será completa? Que vocês todos se reúnam aqui!"

Após esse pedido, Agastya e os outros rishis de penitências rígidas responderam: "Que assim seja!" e foram para seus eremitérios.

Tendo falado assim, todos aqueles ascetas partiram na ordem em que eles tinham chegado.

Raghava, tendo refletido sobre as declarações do sábio, estava muito admirado, e, o orbe do dia tendo se retirado atrás da montanha Asta, ele dispensou os macacos e os reis; depois aquele principal dos homens, tendo realizado as devoções vespertinas e a noite tendo chegado, retirou-se para os aposentos internos.

Capítulo 37 – Homenagem é prestada a Shri Rama

A instalação de Kakutstha, que era versado na ciência do Eu, tendo ocorrido, a noite seguinte foi passada por seus súditos em regozijo, e quando ela tinha passado, ao amanhecer, aqueles que eram encarregados de acordar o rei se reuniram no palácio. Depois disso aqueles menestréis de voz doce, como os kinnaras eruditos, cantaram agradavelmente para aquele príncipe valente como para um filho querido:

"Ó herói gentil, acorda! Ó tu que aumentas a felicidade de Kaushalya, quando tu dormes todo o universo é envolto em sono, ó monarca! Teu heroísmo é igual ao de Vishnu e tua beleza à dos Ashvins. Tu, o rival de Brihaspati em sabedoria, és um segundo Prajapati. A extensão da tua vida é como a da terra, teu esplendor como o do sol, tu és dotado da velocidade do vento e a tua profundidade é como a do mar. Tu és inabalável como Sthanu[569] e o teu charme rivaliza com a lua. Nenhum rei jamais foi semelhante a ti no passado, nem jamais haverá um monarca assim no futuro, ó soberano. Ó leão entre os homens, já que tu és invencível, firme em teu dever e sempre buscas o bem-estar dos teus súditos, glória e prosperidade nunca te abandonarão. Humildade e piedade sempre residem em ti, ó Kakutstha!"

Esses e louvores similares foram dirigidos a ele pelos bardos como também pelos Sutas,[570] que, com hinos divinos, procuraram despertar Raghava, e foi em meio a esses cânticos melodiosos que ele acordou do sono e se levantou de seu leito, que estava coberto com tecidos brancos, como Vishnu quando ele deixa a cobra que serviu como sua cama.

Então aquele herói magnânimo se levantou e incontáveis atendentes se aproximaram dele, curvando-se com palmas unidas, oferecendo-lhe belos jarros para se lavar e, tendo se banhado e purificado, ele foi na hora estabelecida acender o fogo sacrifical e, posteriormente, com passos rápidos, ele entrou no pavilhão sagrado reservado para os Ikshvakus. Lá por um longo tempo Rama prestou homenagem aos deuses, aos seus antepassados e aos brâmanes, segundo a tradição, então, saindo cercado por seu povo, ele foi para a área externa do palácio acompanhado por seus conselheiros e também os sacerdotes da família, que brilhavam com seu próprio esplendor, liderados por Vasishtha. Kshatriyas ricos, senhores de inúmeras províncias caminhavam ao lado de Rama, como os celestiais ao lado de Shakra. Bharata, Lakshmana e Shatrughna, de grande renome, alegremente formavam uma escolta de honra em volta dele, como os três Vedas no sacrifício Adhvara.[571] Ao seu lado caminhavam inúmeros atendentes com palmas unidas e semblante radiante, chamados Muditas. Vinte macacos cheios de energia e

---

[569] Sthanu: Shiva.

[570] Sutas: uma classe de atendentes pessoais.

[571] Adhvara: um sacrifício religioso, especialmente o sacrifício Soma.

bravura liderados por Sugriva seguiam Rama, e Bibishana entre quatro rakshasas caminhava ao lado daquele herói, como guhyakas ao lado do senhor da riqueza. Anciãos e comerciantes e aqueles de famílias nobres, curvando-se ao rei, o seguiam com dignidade, e aquele soberano, rodeado pelos rishis abençoados e ilustres, reis poderosos, macacos e rakshasas, como o chefe dos deuses, recebeu homenagem contínua dos ascetas; e os louvores incontáveis daqueles que entraram na presença de Rama, e as tradições, cheias de eloquência e piedade, eram recitadas constantemente pelos brâmanes magnânimos versados nas Escrituras.

Primeiro dos Capítulos Interpolados – Segunda Série – O nascimento de Bali e Sugriva

Após ter ouvido toda a história, aquele descendente da Casa de Raghu dirigiu-se ao sábio Agastya e disse: "Senhor venerável, Riksharajas era o nome do pai de Sugriva e Bali, mas qual era o nome da sua mãe? De onde ela veio e por que Bali e Sugriva foram assim chamados? Conta-me tudo a respeito desse assunto".

Então o sábio Agastya respondeu: "Ó Rama, eu contarei resumidamente tudo o que eu ouvi de Shri Narada quando ele visitou meu eremitério.

"Uma vez, quando aquele asceta altamente virtuoso estava viajando através do mundo, ele veio ao meu retiro e eu lhe prestei a devida homenagem e lhe dei as boas-vindas. Quando ele estava sentado à vontade, estando curioso, eu lhe fiz essa mesma pergunta e ele me respondeu dizendo: 'Ouve-me, ó grande asceta, principal dos piedosos, há uma montanha chamada Meru, que é toda dourada, encantadora e belíssima. Seu pico central é muito reverenciado pelos deuses e o maravilhoso salão de assembleia de Brahma está situado lá, que se estende por mais de cem léguas. O deus de quatro bocas, surgido de um lótus, sempre reside lá e, em certa ocasião enquanto estava praticando Yoga, algumas lágrimas caíram de seus olhos, após o que o Patriarca, com a mão, as removeu permitindo que caíssem sobre a terra e delas nasceu um macaco.

"Ó principal dos homens, logo que esse macaco apareceu, Brahma de grande alma o instruiu em tons gentis, dizendo: 'Vai para aquela principal das montanhas onde os deuses vivem eternamente, ó chefe dos macacos, e subsiste lá de várias frutas e raízes. Naquela montanha encantadora tu deves viver dependendo de mim, ó principal dos macacos, vivendo desse modo por algum tempo, tu obterás prosperidade'.

"Ó Rama, aquele grande macaco, oferecendo saudações aos pés de Brahma, disse ao criador do mundo: 'Ó Senhor, eu cumprirei a tua ordem e viverei dependendo de Ti!'

"Depois disso aquele morador da floresta foi imediatamente para o bosque cheio de frutas e flores, e lá ele viveu de frutas, colhendo mel e várias flores, retornando a Brahma toda noite com uma oferenda das frutas e flores mais excelentes, que ele colocava aos pés daquele Deus dos Deuses. Dessa maneira ele passou um longo tempo naquela montanha.

"Ó Rama, uma vez aquele grande macaco, Riksharajas, ficou atormentado pela sede e foi para o pico norte do monte Meru, onde ele viu um lago ressoando com as canções de uma miríade de aves. Balançando o pescoço em deleite, ele observou seu reflexo nas águas e, vendo aquela imagem, o chefe macaco cheio de raiva e ansiedade se perguntou, 'Qual arqui-inimigo meu vive nessas águas? Eu

destruirei a morada excelente desse de alma viciosa!' Pensando assim consigo mesmo, aquele macaco, em sua impetuosidade, mergulhou no lago e com um salto emergiu mais uma vez, mas quando ele se ergueu das águas ele se viu transformado em uma mulher, que era extremamente charmosa, graciosa e formosa.

"Sua cintura era larga, as sobrancelhas simétricas, seu cabelo preto e crespo, seu rosto belo e sorridente, seu busto alto e sua beleza incomparável. Nas margens daquele lago ela parecia encantadora, iluminando os quatro quadrantes, agitando as mentes de todos os seres e, nos três mundos, ela era bonita como ninguém. Ó Rama, ela parecia uma trepadeira símplice, Sastilata, ou Lakshmi sem seu lótus ou os puros raios da lua ou Parvati.

"Naquela época, Indra, o senhor dos celestiais, tendo adorado os pés de Brahma, estava retornando por aquele caminho e o deus-Sol também chegou lá.

"Vendo simultaneamente aquela forma feminina adorável, eles foram dominados pelo desejo, e, suas mentes estando agitadas, eles foram totalmente arrebatados.

"Então Indra gerou um filho naquela mulher, de nome Bali, assim chamado porque sua semente caiu sobre o cabelo daquela beleza, e o deus solar gerou outro filho nela, chamado Sugriva, que brotou do pescoço dela.

"Aqueles dois macacos poderosos tendo nascido, Indra conferiu uma corrente de ouro permanente a Bali e voltou para o seu próprio domicílio e, tendo engajado Hanuman, o filho do deus do vento, a serviço de Sugriva, o deus do sol também voltou para a região celeste.

"Ó rei, quando o sol nasceu depois que aquela noite tinha passado, Riksharajas retomou sua própria forma de macaco e ele deu aos seus dois filhos muito poderosos, aqueles principais dos macacos possuidores de olhos amarelos, capazes de mudar de forma à vontade, algum mel como néctar para beber. Depois disso, levando-os com ele, ele foi para a residência de Brahma e aquele deus, vendo Riksharajas com seus dois filhos, o consolou de diversas formas e deu uma ordem para seu mensageiro, dizendo:

"'Por minha ordem, ó mensageiro, vai para a bela cidade de Kishkindha, aquela grande capital, dourada e encantadora, é digna de Riksharajas. Lá vivem milhares de Vanaras, além daqueles que são dotados de poderes mágicos. Inacessível e cheia de pedras preciosas, aqueles das quatro castas a habitam, e ela é pura e sagrada.

"'Por ordem minha, Vishvakarma criou aquela cidade celestial e encantadora de Kishkindha; que tu encontres uma residência para Riksharajas o principal dos macacos e seus filhos lá, e, tendo reunido os principais Plavamgamas e os recebido com cortesia, o instala no trono. Ao verem esse chefe macaco, dotado de inteligência, todos eles se tornarão sujeitos a ele'.

"Brahma tendo falado assim, o mensageiro celeste com Riksharajas foi para a belíssima cidade de Kishkindha com a velocidade do vento, onde, como ordenado por Brahma, ele instalou Riksharajas como rei.

"Depois disso, tendo se banhado e sendo adornado com uma coroa e vários ornamentos, Riksharajas com o coração alegre começou a governar sobre os macacos, e todos os Vanaras residentes na terra compreendendo as Sete Ilhas e cercada pelo mar se tornaram sujeitos a ele.

"Assim Riksharajas foi pai e mãe de Bali e Sugriva; que a prosperidade esteja contigo! Os eruditos, que ouvem e fazem com que outros ouçam essa narrativa, que aumenta a sua alegria, obtêm todos os seus desejos.

"Ó senhor, eu descrevi devidamente detalhadamente tudo o que diz respeito ao nascimento dos reis macacos e dos rakshasas".

Segundo dos Capítulos Interpolados – Segunda Série – Ravana questiona Sanatkumara sobre Hari

Shri Rama com seus irmãos, ouvindo aquela história antiga e maravilhosa ficou surpreso e, tendo ouvido a narrativa do rishi Agastya disse: "Pela tua graça, ó rishi, eu ouvi esse tema altamente sagrado! Ó grande muni, eu estou cheio de espanto ao ouvir a história de Bali e Sugriva. Ó abençoado, eu não estou surpreso que aqueles dois filhos dos deuses sejam tão poderosos já que sua origem foi divina!"

Rama tendo pronunciado essas palavras, Agastya disse: "Ó de braços longos, assim mesmo foi ocasionado o nascimento de Bali e Sugriva nos tempos passados. Eu agora narrarei outra lenda antiga para ti, ó Rama, a respeito de porque Ravana raptou Sita, ouve-me com atenção!

"Na Era de Ouro, Ravana ofereceu reverência ao filho do Avô, aquele rishi verdadeiro Sanatkumara, que, brilhando com seu próprio esplendor, era tão resplandecente quanto o sol, e que estava sentado em seu próprio retiro, e tendo prestado homenagem a ele Ravana disse:

"'Ó Senhor, quem há agora entre os deuses, que é valente e poderoso e por cuja ajuda os celestiais podem derrotar seus inimigos, alguém a quem os nascidos duas vezes cultuam diariamente e em quem os devotos meditam constantemente? Ó tu, cuja riqueza é tua piedade e que possuis as riquezas sêxtuplas, bondosamente me conta em detalhes".

"Estando familiarizado com intenções de Ravana, o glorioso sábio Sanatkumara, tendo conhecimento de todas as coisas através das suas meditações, disse-lhe afetuosamente: 'Ouve-me, ó meu filho, os sábios, em seus sacrifícios, devidamente prestam homenagem ao Senhor do Universo, cuja origem é desconhecida para nós, que é adorado diariamente pelos celestiais e asuras, Ele é o extremamente poderoso Narayana de cujo umbigo Brahma, o criador do mundo, brotou, e de quem todas as coisas animadas e inanimadas são nascidas. Iogues meditam sobre Ele e oferecem sacrifícios em Sua honra de acordo com os Puranas, Vedas, Pancharatras e outros rituais. Em combate, Ele é sempre vitorioso sobre os daityas, danavas, rakshasas e outros inimigos dos deuses, todos os quais sempre O adoram'.

"Ouvindo as palavras do grande asceta Sanatkumara, Ravana, o senhor dos rakshasas, reverenciando-o, respondeu: 'Sendo mortos por Hari, a qual estado os daityas, danavas e rakshasas alcançam e por que Hari os destrói?'

"Então Sanatkumara respondeu: 'Aqueles que são mortos pelos deuses residem em Swarga, mas nascem de novo na terra quando seu mérito se esgota. Eles nascem e morrem, sofrem e desfrutam de acordo com os méritos dos seus nascimentos prévios, mas aqueles que são mortos pelo Manejador do Disco, o Senhor dos Três Mundos, Hari, chegam à região dele, já que até Sua ira é como uma bênção, ó rei!'

"Ouvindo as palavras proferidas por aquele poderoso asceta Sanatkumara, aquele viajante noturno, Ravana, cheio de alegria e admiração, começou a refletir sobre como ele poderia entrar em conflito com o Senhor".

Terceiro dos Capítulos Interpolados – Segunda Série – Sanatkumara descreve as características de Narayana

"Quando Ravana de alma viciosa estava pensando assim, o grande asceta Sanatkumara disse-lhe: 'Ó guerreiro de braços longos, o que a tua mente concebeu será realizado em um confronto grandioso! Alegra-te e espera um pouco!'

"Ouvindo essas palavras, Ravana de braços longos se dirigiu ao sábio e disse: 'Ó principal dos rishis, conta-me em detalhes quais são Suas características distintivas?'

"Tendo escutado o senhor dos rakshasas, o asceta respondeu: 'Ouve e eu te direi todas: ó principal dos rakshasas, no universo de seres animados e inanimados, aquele deus grandioso é onipenetrante, sutil, eterno e onipresente. Ele está presente na região celeste, na terra e na região debaixo da terra, nas montanhas, nas florestas e em todos os objetos estacionários, rios e cidades; Ele é "Aum", Ele é a Verdade, Ele é Savitri e a terra; Ele é o sustentador da terra e a Serpente Ananta; Ele é dia e noite, manhã e tarde, a morte, a lua, o tempo, o vento, Brahma, Rudra, Indra e Varuna. Ele faz os mundos aparecerem e brilharem; Ele os cria, os destrói, reina sobre eles e se diverte neles. Ele é eterno, o Senhor dos homens, Ele é Vishnu, o Antigo Purusha e a único Destruidor. O que mais há para dizer, ó Dashanana? Ele permeia os três mundos, o móvel e o imóvel. Usando traje amarelo como os filamentos de um lótus, Narayana parece os lampejos de relâmpago. Portando a marca Shrivatsa em seu peito, aquele Senhor de cor de nuvem, como a lua, é agradável de se olhar. Lakshmi reside em Seu corpo na forma de guerra, como relâmpago nas nuvens. Nem devas, asuras nem nagas são capazes de olhar para Ele, mas só aquele com quem Ele está satisfeito O contempla. Ó meu filho, nem pelos frutos de sacrifício, penitência, autocontrole, presentes nem rituais, nem por quaisquer outros meios alguém pode ver aquele Deus Supremo. Só o veem aqueles que entregaram toda a sua vida e existência a Ele e que, em virtude de conhecimento discriminativo, queimaram todos os seus pecados. Se tu desejas contemplá-lo, ouve-me e eu te direi tudo.

"'No final da Era de Ouro e no início da Era de Prata, o Senhor Narayana assumirá forma humana por causa dos homens e dos deuses. Um filho, chamado Rama, nascerá para Dasaratha da linhagem de Ikshvaku, que governará a terra. Rama será altamente refulgente, poderoso e tão paciente quanto a terra, e seus inimigos em combate não serão capazes de olhar para ele, como alguém é incapaz de olhar para o sol.

"'Sua consorte, a graciosa Lakshmi, será famosa sob o nome de Sita e nascerá como a filha de Janaka, o rei de Mithila; ela brotará da terra. Em beleza, ela será inigualável no mundo; dotada de marcas auspiciosas ela sempre seguirá Rama como uma sombra, como a lua é acompanhada por seus raios; de conduta virtuosa, ela será casta e paciente. Sita e Rama sempre aparecerão juntos como o sol e seus raios. Ó Ravana, eu agora te contei tudo o que diz respeito a Narayana, o grandioso, eterno e incompreensível Brahman'.

"Ó Raghava, ao ouvir essas palavras, o poderoso senhor dos rakshasas começou a elaborar meios pelos quais ele pudesse entrar em combate contigo. Meditando repetidamente sobre as palavras de Sanatkumara, ele começou a vaguear aqui e ali".

Ouvindo essa narrativa, Rama, com os olhos arregalados de espanto, ficou muito admirado e, estando encantado, ele novamente se dirigiu a Agastya, o principal dos sábios, dizendo: "Narra mais as tradições antigas, ó senhor".

Quarto dos Capítulos Interpolados – Segunda Série – Agastya continua a história

O ilustre rishi Agastya, surgido de um vaso,[572] prestando reverência a Rama, como Brahma presta homenagem a Shiva, dirigiu-se àquele herói cuja destreza era a verdade, dizendo: "Ouve-me!"

Depois o altamente refulgente Agastya começou a contar os eventos subsequentes àquela lenda, e o sábio abençoado com o coração encantado descreveu para Rama tudo o que ele tinha ouvido narrado, dizendo:

"Ó Rama ilustre e de braços longos, é por esse motivo que Ravana de alma viciosa roubou Sita, a filha de Janaka. Ó tu que possuis braços longos, ó grande guerreiro, ó tu que és invencível, Narada me contou essa história no cume da montanha Meru. Ó Raghava, o altamente refulgente me contou essa história na presença dos devas, gandharvas, siddhas, ascetas e outros grandes seres. Ó senhor dos monarcas, ó concessor de honras, ouve essa história que remove grandes pecados! Ouvindo-a, ó tu de braços longos, os rishis e os devas, com corações satisfeitos, seus olhos brilhando com o esplendor das flores de lótus, disseram ao asceta Narada:

"Aquele que ouve ou narra essa história com fé e devoção será abençoado com filhos e netos e, após sua morte, será honrado na região celeste'".

Quinto dos Capítulos Interpolados – Segunda Série – Agastya continua a história

"Ó Rama, Ravana, o senhor dos rakshasas, orgulhoso de sua força, acompanhado de seus guerreiros, começou a percorrer a terra desejoso de conquista. Sempre que ele ouvia falar de alguém entre os daityas, danavas ou rakshasas que fosse poderoso, ele os desafiava a lutar.

"Ó senhor da terra, depois de ter percorrido o mundo todo, o rakshasa de dez pescoços viu o sábio Narada voltando de Brahmaloka para o seu próprio domicílio, como um segundo sol passando através das nuvens. Então Ravana, com o coração alegre, aproximou-se dele e, com as palmas unidas, abordou o sábio, dizendo:

"'Ó tu dotado dos seis tipos de riqueza, muitas vezes tu viste toda a criação, de Brahma até um inseto. Dize-me, ó grandioso, em qual região os habitantes são os mais poderosos? Eu desejo desafiá-los para o combate de acordo com meu capricho'.

"Então, refletindo um instante, o sábio divino Narada respondeu-lhe dizendo: 'Ó rei, há uma grande ilha no Oceano Lácteo, onde todos os habitantes são dotados de grande força e são de estatura enorme, tão refulgentes quanto os raios da lua, possuindo pele clara, vozes profundas como o ribombo das nuvens e que são

[572] É dito que Agastya nasceu em um jarro de água.

extremamente valorosos. Seus braços são longos e como barras de ferro, ó rei dos asuras, assim são as pessoas daquela ilha, que são tão poderosas quanto tu desejarias ver na terra'.

"Ouvindo as palavras de Narada, Ravana disse: 'Ó sábio divino, porque as pessoas daquela ilha são tão fortes e como é que esses seres poderosos foram viver naquele local? Ó senhor, relata tudo para mim em detalhes. O mundo inteiro é sempre visto por ti como uma fruta na palma da mão!'

"Ouvindo as palavras de Ravana, o sábio abençoado disse: 'Ó senhor dos rakshasas, as pessoas daquela ilha constantemente adoram Narayana com todo o seu ser. Seus corações e mentes estão sempre fixos nele e, depois de terem dado suas vidas e almas a Narayana somente, eles foram abençoados com essa morada e vivem em Sweta-Dwipa. Aqueles que morrem em batalha nas mãos de Shri Narayana, Portador do disco e Preservador do Mundo, vão para a região celeste. Ó amigo; nem por meio de sacrifícios, penitência, presentes excelentes nem por qualquer outro ato piedoso alguém chega àquela região cheia de felicidade'.

"Ouvindo essas palavras de Narada, Ravana ficou admirado e pensando um pouco, disse: 'Eu vou entrar em conflito com essas pessoas!'

"Depois disso, se despedindo de Narada, ele foi para Swetadwipa e Narada, ponderando por um tempo, curioso para testemunhar o confronto, partiu rapidamente para aquela ilha, ele gostando muito de travessuras e conflitos.

"Ó príncipe, Ravana, com seus rakshasas, avançou em Swetadwipa, rasgando os quatro quadrantes com seus rugidos leoninos, e Narada o precedeu para aquela ilha que era de acesso difícil até mesmo para os devas.

"Lá o carro Pushpaka do poderoso Ravana foi atacado por ventos adversos de modo que ele foi incapaz de resistir contra eles e foi lançado para todos os lados como uma palha, nem podia permanecer parado por conta das rajadas furiosas. Então os conselheiros de Ravana lhe disseram: 'Ó senhor, nós estamos fora de nós mesmos e dominados pelo medo; não é possível para nós permanecermos aqui, como então seremos capazes de lutar?'

"Falando assim, os rakshasas fugiram em todas as direções; em seguida, Ravana mandou embora seu carro aéreo decorado com ouro com os rakshasas e, assumindo uma forma terrível, entrou na ilha sozinho.

"Depois disso, quando ele estava se aproximando, ele foi observado por muitas mulheres daquela ilha branca, que, se aproximando, pegaram sua mão e sorrindo disseram: 'Por que vieste aqui? Quem és tu? Quem é teu pai? Quem te enviou, dize-nos tudo francamente?'

"Então Ravana, enfurecido, respondeu: 'Eu sou o filho do sábio Vishravas e meu nome é Ravana! Eu vim para cá para lutar, mas eu não vejo guerreiros aqui!

"Quando o rakshasa de coração perverso tinha falado assim, as donzelas riram suavemente, mas uma delas, enfurecida, de repente pegou Ravana como se ele fosse uma criança e, como se de brincadeira, o jogou para lá e para cá para suas companheiras, dizendo: 'Vejam, eu peguei um inseto, como ele é maravilhoso com suas dez mãos, vinte braços e sua cor semelhante a uma pilha de antimônio!'

"Depois disso elas o passaram de mão em mão divertindo-se, cada uma o girando com seus dedos e Ravana, cansado de ser manuseado dessa maneira, ficou muito enfurecido e mordeu a mão de uma daquelas formosas, que, sentindo dor, o soltou, e então outra, agarrando o poderoso rakshasa, subiu ao céu. Então Ravana, em fúria, a feriu com suas unhas e, sendo solto por aquela donzela, o viajante noturno, aterrorizado, caiu nas águas do mar, como um pico de montanha quando despedaçado por um raio.

"Ó Rama, aquelas mulheres jovens de Sweta-Dwipa novamente se apoderaram do rakshasa e começaram a arremessá-lo para lá e para cá. Naquele momento, o ilustre sábio Narada, observando a situação de Ravana, ficou surpreso e, rindo alto, começou a dançar de alegria.

"Ó grande rei, desejoso de receber a morte pelas tuas mãos, o cruel Ravana raptou Sita. Tu és Narayana, o Portador da Concha, disco e maça. Tu levas o lótus, o raio e o arco em tuas mãos. Tu és Hrishikesha e estás adornado com a marca Shrivatsa, Tu és o Maha-Yogi, sempre adorado pelos devas e tu conferes destemor aos Teus devotos. Tu assumiste uma forma humana para matar Ravana. Tu sabes que o teu próprio Eu é Narayana, ó Abençoado, não esqueças o teu Eu real, lembre-se de que Tu és o Ser verdadeiro; o próprio Brahma declarou que Tu és o mistério de todos os mistérios!

"Ó príncipe dos Raghus, Tu és os Três Gunas, os Três Vedas, as Três Regiões, a dos celestiais, dos homens e a região sob a terra, Tu te divertes nas três divisões de tempo, Tu és familiarizado com a ciência do tiro com arco, música e medicina, Tu és o destruidor dos inimigos os deuses. Nos tempos de outrora, Tu atravessaste os Três Mundos com três passos. Tu nasceste de Aditi e és o irmão mais novo de Indra, nascido para prender Bali. Ó principal dos deuses, o propósito dos devas foi realizado! Os cruel Ravana com seus filhos e parentes foi morto; os rishis, que têm piedade como sua riqueza, e todos os deuses estão satisfeitos. Ó Chefe dos Imortais, tudo isso foi ocasionado pela Tua graça!

"Sita é a personificação de Lakshmi e surgiu da terra; por tua causa, ela nasceu na Casa de Janaka. Levando-a para Lanka, Ravana a protegeu com cuidado como própria mãe. Ó Rama, eu relatei toda a história para ti, o imortal Narada a descreveu para mim, tendo-a ouvido do rishi Sanatkumara; Dashanana seguiu fielmente as instruções de Sanatkumara.

"Quem ouve essa narrativa com fé e conhecimento na hora sacrifício, suas oferendas de alimentos, tornando-se imperecíveis, chegam aos antepassados".

Ouvindo esse tema divino, Rama de olhos de lótus, com seus irmãos, ficou muito admirado e os macacos, com seus olhos arregalados de prazer, com Sugriva, os rakshasas, Bibishana, os reis, seus conselheiros e os brâmanes reunidos, kshatriyas, vaishyas e shudras olharam para Rama com alegria.

Então o altamente refulgente Agastya disse a Rama: "Ó Rama, todos nós já te vimos e fomos homenageados por ti, e agora eu peço licença para partir".

Falando assim e tendo recebido a devida homenagem, eles voltaram para o lugar de onde tinham vindo.

O sol tendo se posto, Rama, o principal dos homens, se despediu dos macacos e do seu soberano e executou devidamente os ritos Sandhya; então, a noite tendo iniciado gradualmente, ele entrou nos aposentos internos.

Capítulo 38 – Rama se despede de seus aliados

Tendo sido devidamente instalado como rei, Raghava passou seus dias administrando todas aquelas coisas referentes aos habitantes da cidade e da região. Depois de algum tempo, ele, com palmas unidas, se dirigiu ao rei de Mithila nestes termos: "Ó senhor, agora que a nossa felicidade está assegurada pelo teu apoio, sendo em virtude da tua grande destreza que eu fui capaz de matar Ravana, todos aqueles das casas de Ikshvaku e Mithila, em todos os lugares, desfrutam de uma

felicidade sem paralelo. Retorna à tua capital depois de aceitar estas joias; o príncipe Bharata te acompanhará como tua escolta".

"Que assim seja!", respondeu Janaka, e se preparou para partir, então acrescentando: "Eu estou satisfeito contigo e com a tua conduta, quanto às joias com as quais tu me cumulaste, eu as deixo todas para a minha filha, ó príncipe!"

Janaka tendo partido, Raghava, com as palmas unidas, respeitosamente se dirigiu ao filho de Kaikeya, seu tio materno, o príncipe Yudhajita, dizendo: "Esse império, eu mesmo, Bharata e Lakshmana também estamos à tua disposição, ó leão entre os homens. O rei, teu pai idoso, pode estar sofrendo por tua causa e o teu regresso neste dia o alegrará, ó senhor. Lakshmana te seguirá como tua escolta depois que tiveres aceitado riqueza e pedras preciosas de todos os tipos".

Concordando com seu pedido, Yudhajita respondeu "Está bem! Quanto às pérolas e ao ouro, que tu os mantenhas para sempre!" Depois disso o filho de Kaikeya prestou reverência a Rama, mantendo-o do seu lado direito e depois de receber homenagem ele partiu, seguido por Lakshmana como Vishnu por Indra na hora da destruição de Vritra.

Tendo se despedido do seu tio materno, Rama abraçou seu amigo, Pratardana, o rei de Kashi, e se dirigiu a ele nestas palavras: "Tu provaste a tua amizade e devoção ao máximo, ó príncipe, como testemunhado pela campanha empreendida com Bharata.[573] Agora retorna hoje para a encantadora cidade de Benares da qual tu és o amparo e que é cercada por grandes muralhas e portões magníficos".

Falando assim, o virtuoso Kakutstha, erguendo-se de seu trono, segurou-o em um abraço apertado por um longo tempo, depois disso permitindo-lhe partir. Despedindo-se do rei de Kashi, Raghava, o aumentador da alegria de Kaushalya, voltou rapidamente para a sua própria cidade em segurança.

Tendo dispensado Kasheya, Raghava sorridente dirigiu palavras corteses aos cem monarcas presentes e disse a eles: "Sua lealdade tem sido inabalável e sua afeição duradoura; pela graça da sua devoção e a coragem de guerreiros magnânimos como vocês, aquele canalha perverso e insensato, Ravana, foi morto! Foi a bravura de vocês que o destruiu, eu fui apenas o motivo da sua destruição na luta com suas tropas, seus filhos, seus ministros e seus parentes. Ao ouvir que a filha do rei Janaka tinha sido raptada na floresta, o magnânimo Bharata convocou todos vocês. Sua devoção foi unânime, ó príncipes de grande alma, mas a sua estadia aqui foi prorrogada e agora eu desejo me assegurar do seu regresso em segurança".

Então os reis, muito satisfeitos, responderam-lhe dizendo: "Pela graça do céu tu triunfaste, ó Rama, e recuperaste o teu reino! Pela graça divina tu recuperaste Sita! Pela graça divina o teu inimigo foi derrotado! Ver-te vitorioso e livre dos teus inimigos, ó Rama, era o nosso desejo mais ardente e é agora a nossa suprema satisfação! Os louvores com os quais nos cumulaste são naturais para ti, ó tu cujos méritos são de tal ordem que não podemos correspondê-los com nossas homenagens. Nós estamos prestes a nos despedirmos de ti, mas tu sempre permanecerás em nossos pensamentos! Ó guerreiro de braços longos, nós voltaremos cheios de devoção por ti. Que tu, ó grande príncipe, sempre nos consideres com afeição".

---

[573] Um comentador explica que quando Rama estava lutando com Ravana o rei de Kashi e Bharata foram auxiliá-lo.

"Assim seja!", respondeu Rama e os reis muito alegres prestaram reverência a Raghava com palmas unidas, ansiosos para voltar para casa e, tendo sido devidamente honrados por ele, foram para os seus próprios países.

Capítulo 39 – Rama cumula seus aliados de presentes

Aqueles príncipes magnânimos partiram alegremente em seus incontáveis elefantes e cavalos cujo passo sacudia a terra. Muitas divisões de exército, cheias de ardor, tinham vindo auxiliar Raghava sob o comando de Bharata com seus regimentos e esquadrões. Depois disso, no orgulho de sua força, aqueles monarcas disseram: "Nós não vimos o adversário de Rama, Ravana, no campo de batalha; Bharata nos chamou tarde demais ou aqueles rakshasas seguramente logo teriam caído sob os nossos golpes. Com a proteção dos valentes Rama e Lakshmana nós teríamos lutado com sucesso sem ansiedade às margens do oceano".

Conversando sobre esse e outros assuntos, aqueles reis cheios de alegria retornaram aos seus reinos, àqueles impérios poderosos que eram prósperos, felizes, cheios de prata e de grãos e transbordantes de tesouros. Chegando com segurança às suas capitais, aqueles monarcas, ansiosos para agradar Rama, lhe prestaram homenagem enviando-lhe todos os tipos de objetos preciosos: cavalos, transportes, joias, elefantes inebriados com linfa, sândalo raro, ornamentos celestes, pedras preciosas, pérolas, corais, escravas adoráveis, cobertores feitos de pele de cabra e uma grande variedade de carruagens.

Os poderosos Bharata, Lakshmana e Shatrughna, tendo aceitado aqueles presentes, tomaram o caminho de volta para a capital e, voltando à deslumbrante cidade de Ayodhya, aqueles leões entre os homens entregaram todos aqueles objetos de grande valor para Rama, que, recebendo-os, alegremente os entregou para Sugriva, que tinha cumprido o seu dever, e também para Bibishana e os outros rakshasas e os macacos, por cuja ajuda ele tinha alcançado a vitória, e aqueles macacos e titãs enfeitaram suas cabeças e braços com as joias que Rama lhes dera.

Então o soberano dos Ikshvakus, aquele guerreiro do grande carro, ele cujos olhos pareciam as pétalas do lótus, Rama, sentando Hanuman e Angada em seus joelhos, disse a Sugriva: "Este Angada, teu filho ilustre, e o filho do vento, teu ministro, ó Sugriva, ambos os quais são dotados de sabedoria e dedicados aos nossos interesses, merecem todos os tipos de honra e, por tua causa, também, ó rei dos macacos".

Com essas palavras, o ilustre Rama tirou alguns ornamentos extremamente raros de seu peito e decorou Angada e Hanuman com eles.

Depois disso Raghava se dirigiu aos principais dos líderes macacos – Nila, Nala, Kesharin, Kumuda, Gandhamadana, Sushena, Panasa, os valentes Mainda e Dvivida, Jambavan, Gavaksha, Vinata e Dhumra, Balimukha, e Prajangha, Samnada de grande coragem, Darimukha, Dadhimukha e Indrajanu, e com uma voz agradável, consumindo-os com o olhar por assim dizer, em tom suave disse: "Vocês são meus amigos, meus irmãos, meu próprio Eu! Foram vocês que me salvaram do infortúnio, ó moradores das florestas! Feliz é o rei Sugriva que possui tais amigos excelentes!"

Proferindo essas palavras, aquele leão entre os homens lhe deus joias de acordo com seus méritos como também diamantes de grande valor e então abraçou

todos eles. Depois disso eles beberam mel perfumado e compartilharam de iguarias seletas, raízes e frutas e, permanecendo lá por um mês, tal era sua devoção por Rama que lhes parecia que apenas uma hora tinha passado. Rama também passou o tempo feliz na companhia dos macacos, que eram capazes de mudar de forma à vontade, e dos titãs extremamente poderosos e dos ursos de grande energia.

Dessa forma o segundo mês do outono passou e os macacos e os titãs saborearam delícias de todos os tipos naquela cidade pertencente aos Ikshvakus que era cheia de atrações e, durante o tempo em que eles estavam assim entretidos, pela graça da atenção afetuosa de Rama, as horas voaram alegremente para eles.

Capítulo 40 – Rama se despede dos ursos, macacos e titãs

Dessa forma, os ursos, macacos e titãs passaram seu tempo com Rama, e posteriormente o poderoso Raghava disse a Sugriva: "Retorna para Kishkindha, meu amigo, que não pode ser conquistada pelos próprios deuses ou asuras. Com teus ministros, governa o teu império sem obstáculos. Ó rei poderoso, tu deves considerar Angada com afeto extremo como também Hanuman e o magnânimo Nala, Sushena teu sogro valente, e Tara o principal dos guerreiros, o invencível Kamuda e Nila que é cheio de força, o enérgico Shatabali, Mainda, Dvivida, Gaja, Gavaksha, Gavaya, o poderoso Sharabha e o rei dos ursos o indomável Jambavan. Olha também com carinho para Gandhamadana, o ágil Rishabha, os Plavamgamas Suptala, Kesharin, Shumbha e Shankashuda, todos esses magnânimos, que para servir a minha causa estavam dispostos a sacrificar suas vidas; olha para eles sempre com amizade e nunca lhes causes dor".

Tendo falado assim para Sugriva, a quem ele abraçou repetidas vezes, Rama disse afetuosamente para Bibishana: "Governa Lanka fielmente; tu és familiarizado com o teu dever, essa é minha convicção como também daqueles da capital, dos rakshasas e do teu irmão Vaishravana. Não dês lugar na tua alma para o mal, ó rei! Monarcas justos estão seguros de prosperidade terrena. Penses sempre em mim e em Sugriva, meu aliado, ó príncipe, e parte em perfeito contentamento sem ansiedade!"

Ouvindo as palavras de Rama, os ursos, macacos e rakshasas gritaram: "Excelente! Excelente!" louvando Kakutstha repetidamente dizendo: "Tua sabedoria, ó herói de braços longos, tua coragem extraordinária, tu extrema bondade, ó Rama, já te tornaram igual a Swyambhu!"

Enquanto os macacos e titãs estavam falando assim, Hanuman, curvando-se a Raghava, disse: "Eu sempre terei o maior carinho por ti, ó príncipe, a minha devoção é tua para sempre, ó herói, eu não darei minha fidelidade a nenhum outro objeto. Enquanto a tua história for contada no mundo seguramente a vida permanecerá no meu corpo, ó valente Rama. As apsaras me contarão a tua história e todas as tuas façanhas divinas, ó alegria dos Raghus, ó leão entre os homens, e, ouvindo-as, ó grande herói, o néctar dos teus feitos dissipará todas as minhas ansiedades, como o vento afasta um grupo de nuvens".

Enquanto Hanuman estava falando, Rama se levantou de seu trono maravilhoso e, abraçando-o com ternura, disse-lhe: "Sem dúvida assim será, ó melhor dos macacos, enquanto a minha história circular no mundo a tua fama vai durar e a vida permanecerá no teu corpo. Por todo o serviço que tu me prestaste eu

daria a minha vida e ainda permaneceria teu devedor, ó macaco. Em meu coração, a memória do que tu fizeste por mim sempre habitará, ó Hanuman; é em tempos de infortúnio que se recorre àqueles a quem se beneficiou".

Depois disso, tirando de seu pescoço um cordão de pérolas do qual pendia uma esmeralda tão brilhante quanto a lua, Raghava o colocou em volta do de Hanuman e, com aquele colar de pérolas caindo sobre seu peito, o macaco parecia radiante como o monte Sumeru quando a lua passa sobre o topo daquele pico dourado.

A um sinal de Hanuman, aqueles macacos poderosos, tendo colocado suas cabeças aos pés de Raghava, erguendo-se um após o outro, foram embora.

Sugriva, que segurava Rama em um abraço firme, e o virtuoso Bibishana estavam tremendo com soluços e todos estavam lamentando, com os olhos cheios de lágrimas, fora de si, perturbados pela dor por assim dizer, ao deixarem Raghava. Cobertos de presentes pelo magnânimo Rama, cada um voltou para a sua própria região, como almas deixam o corpo. Titãs, ursos e macacos, após se curvarem a Rama, o aumentador da glória da linhagem de Raghu, com os olhos cheios de lágrimas causadas por essa separação, tomaram a estrada para os seus próprios países.

Capítulo 41 – Rama dispensa a carruagem Pushpaka

Tendo dito adeus aos ursos, aos macacos e aos titãs, Rama de braços longos começou a viver feliz com seus irmãos.

Um dia, ao meio-dia, o grande príncipe Raghava ouviu uma voz melodiosa falando do céu, dizendo: "Ó meu amigo Rama, olha para mim e saibas, ó príncipe, que sou eu, Pushpaka, que venho da morada de Kuvera. Por ordem dele eu voltei do seu palácio; foi ele, ó principal dos homens, que me disse para me colocar a teu serviço, dizendo:

"'Tu foste obtido pelo magnânimo príncipe Raghava na luta quando ele matou Ravana, aquele invencível monarca dos titãs. Eu senti extrema felicidade pela morte daquele canalha com suas tropas, filhos e parentes. Tendo sido capturado em Lanka por Rama, o Paramatman, vai e o serve como um veículo, ó amigo! Sou eu que te ordeno! É meu desejo supremo que tu leves aquele herói, a alegria da linhagem de Raghu, ao redor do mundo; vai sem ansiedade!

"Obediente às ordens do ilustre Dhanada, eu te alcancei sem dificuldade e me coloco à tua disposição. Inacessível para todos os seres, por vontade de Dhanada, em obediência aos teus comandos eu venho entregar meu poder a teu serviço".

Ouvindo essas palavras, o valente Rama respondeu ao carro Pushpaka no céu, que tinha voltado para ele, dizendo: "Ó mais extraordinário dos carros, ó Pushpaka, sê bem-vindo; a generosidade de Dhanada não deve me achar em falta!"

Então Raghava de braços longos homenageou Pushpaka com grãos torrados, flores e perfumes fragrantes, dizendo: "Vai agora, ó Pushpaka, para onde quer que desejes, mas vem novamente sempre que eu te chamar à mente! Vai pelo caminho dos Siddhas, ó amigo, e que nenhum mal te aconteça. Que tu não sofras nenhuma colisão em tuas jornadas fantásticas no espaço, essa é a minha vontade!"

Rama, tendo dispensado o carro aéreo com a devida homenagem, Pushpaka respondendo 'Assim seja', foi para onde ele queria e, quando aquele carro de alma

pura tinha desaparecido, Bharata, com palmas unidas, se dirigiu ao seu irmão mais velho, a alegria da Casa de Raghu, dizendo:

"Ó herói, tu, que tens a alma de um deus, sob o teu reinado se vê seres que não são da raça humana falando com frequência, não há nenhuma doença entre os homens e os seus dias são passados em paz; até mesmo os idosos não morrem e as mulheres dão à luz sem dor, enquanto todos gozam de boa saúde. Uma felicidade verdadeira pode ser vista entre os cidadãos e, na época das chuvas, Parjanya derrama o néctar da imortalidade; brisas suaves auspiciosas e perfumadas sopram e as pessoas da cidade e do campo todas exclamam 'Que esse rei reine sobre nós por muito tempo', ó príncipe!"

Ouvindo essas palavras corteses e lisonjeiras proferidas por Bharata, Rama, o principal dos monarcas, ficou extremamente satisfeito.

Capítulo 42 – A felicidade desfrutada por Rama e Sita

Tendo dispensado a carruagem Pushpaka, que era incrustada com ouro, Rama de braços longos entrou no bosque de Ashoka que era embelezado por árvores de sândalo, Agallocha, manga, Tunga e Kalakeya com bosques de Devadaru por todos os lados, enquanto árvores Champaka, Aguru, Punnaga, Madhuka, Panasa e Asana o adornavam e radiantes Parijatras brilhavam como fogos sem fumaça. Árvores Lodhra, Nipa, Arjuna, Naga, Saptaparna, Atimuktaka, Mandara e Kadali o protegiam com uma rede de mato trançado e trepadeiras; árvores Priyangu, Kadamba, Bakula, Jambu, Dadima e Kovidara o embelezavam por todos os lados com suas flores magníficas, frutas maravilhosas de fragrâncias celestiais, néctar divino, brotos tenros e botões. Árvores celestes de forma graciosa, espessas com folhagem densa e flores encantadoras estavam zumbindo com abelhas inebriadas. Kokilas, Bhringarajas e outras aves de plumagem variada, com as cabeças coroadas com pólen das árvores de manga, contribuíam para a beleza daqueles bosques maravilhosos. Algumas das árvores tinham o brilho do ouro ou pareciam línguas de fogo, outras eram tão escuras quanto colírio e por toda parte apenas flores de fragrância doce e coroas de flores de todos os tipos podiam ser encontradas.

Lagoas de várias formas, cheias de água límpida nas quais tufos de lótus floridos e nenúfares flutuavam, eram acessíveis por degraus feitas de rubis. Árvores em plena floração adornavam as margens que ressoavam ao chamado de Datyuhas e Shukas e aos gritos de gansos e cisnes. Aquele bosque era cercado por rochas planas de diferentes formas dentro das quais havia clareiras relvadas do resplendor de esmeralda e pérola, e essas eram adornadas por árvores que rivalizavam entre si na profusão de suas flores, a terra abaixo estando empilhada com flores, parecendo o céu cheio de estrelas, de modo que ele parecia o jardim de Indra ou Chaitaratha criado por Brahma.

Assim era o retiro idílico de Rama com suas pérgulas cheias de inúmeros assentos e leitos gramados convidativos para o descanso; e o aumentador da alegria de Raghu entrou naquele magnífico bosque de Ashoka e sentou-se em um trono de grande esplendor, que estava decorado com inúmeras flores e coberto com um tapete de grama Kusha.

Tomando Sita pela mão, Kakutstha deu-lhe vinho delicioso feito de mel destilado para beber, como anteriormente Purandara tinha oferecido para Sachi.

Posteriormente iguarias puras e frutas de todos os tipos foram trazidas por servos, enquanto apsaras adoráveis, hábeis nas artes de cantar e dançar, começaram a se apresentar na presença do príncipe e tropas de ninfas e uragas, cercados pelas kinnaris embriagadas com vinho, dançaram diante de Kakutstha, e o virtuoso Rama, o mais cativante dos guerreiros, alegrou aquelas mulheres arrebatadoras e encantadoras.

Sentado ao lado de Vaidehi, ele estava radiante com esplendor e parecia Vasishtha ao lado de Arundhati. Dessa forma, na alegria que o possuía, Rama, semelhante a um deus, a cada dia preparava um novo deleite para Sita, a princesa de Videha, que era como a filha de um ser celeste.

Enquanto Sita e Raghava se divertiam assim por um longo tempo, a estação das flores, que produz prazer perpétuo, passou e, enquanto aqueles dois provavam todo tipo de felicidade, a primavera apareceu uma vez mais. Um dia, depois de ter cumprido as funções de estado, aquele príncipe virtuoso voltou para seu palácio, onde passou o resto do dia. De sua parte, Sita, tendo adorado os deuses e realizado seus deveres matinais, oferecendo seus serviços para todas as suas sogras sem distinção, se enfeitou com joias maravilhosas e se reuniu a Rama, como Sachi quando reunida com o deus de mil olhos quando ele retorna para sua cidade Trivishtapa.

Vendo sua consorte brilhando com beleza, Raghava sentiu um prazer inigualável e exclamou "Está bem!", em seguida, ele se dirigiu à bela Sita, que parecia uma filha dos deuses, e disse: "Agora, ó Vaidehi, que tu levas um filho em teu ventre, o que tu desejas, ó senhora de quadris adoráveis? Que prazer eu posso preparar para ti?"

Sorrindo, Vaidehi respondeu a Rama, dizendo: "Ó Raghava, eu quero visitar os retiros sagrados dos rishis de penitências rígidas, que vivem nas margens do Ganges onde subsistem de frutas e raízes, e lá eu me jogarei aos pés deles, ó senhor. Ó Kakutstha, é meu desejo supremo mesmo passar uma noite no eremitério desses ascetas que vivem de frutas e raízes".

Então Rama de façanhas imperecíveis deu-lhe permissão para fazê-lo, dizendo: "Fica em paz, ó Vaidehi, amanhã, sem falta, tu irás lá!"

Tendo respondido a Maithili, nascida de Janaka, dessa maneira, Kakutstha foi para a corte central cercado por seus amigos.

Capítulo 43 – Rama se informa a respeito dos rumores correntes de seus amigos

Tendo entrado lá, o rei foi cercado por companheiros agradáveis acostumados com a troca de experiências engraçadas, Vijaya, Madhumatta, Kashyapa, Mangala, Kula, Suraji, Kaliya, Bhadra, Dantavakra e Sumagadha, e eles divertiram o magnânimo Raghava com contos divertidos de todos os tipos em meio a grande alegria.

Raghava, no entanto, durante alguma narrativa, questionou Bhadra, dizendo: "Ó Bhadra, o que eles dizem de mim na cidade e no campo? O que eles dizem de Sita, Lakshmana e Bharata? O que eles dizem de Shatrughna e Kaikeyi nossa mãe? Reis são sempre objetos de críticas estejam eles na floresta ou no trono".

Ao ouvir a pergunta de Rama, Bhadra, com as palmas unidas, respondeu: "Entre os habitantes da cidade, apenas o que é bom é falado de ti, ó rei, acima de tudo eles falam de tua vitória sobre Dashagriva, a quem tu mataste, ó caro príncipe!"

Ao ouvir essas palavras de Bhadra, Raghava disse: "Conta-me tudo com sinceridade, sem reservas, quais rumores, bons ou maus, o povo da cidade põe em circulação sobre mim? Quando eu souber deles, eu me esforçarei para fazer o que é apropriado no futuro e evitarei o mal. Conta-me tudo em plena confiança sem medo. Deitado de lado todo escrúpulo, relata todos os rumores atuais sobre mim no reino!"

Assim exortado por Raghava, Bhadra, com as palmas unidas, com profunda reverência, se dirigiu àquele herói poderoso em tons calculados, dizendo: "Ouve, ó rei, o que as pessoas estão dizendo, seja bom ou mau, nas estradas, mercados, ruas, bosques e parques: 'Rama realizou o impossível ao lançar uma ponte sobre o mar, que nós saibamos isso nunca foi feito por seus predecessores nem mesmo pelos deuses e danavas juntos. Com seus soldados de infantaria e cavalaria ele destruiu o invencível Ravana e tornou os macacos, ursos e rakshasas sujeitos a ele. Tendo matado Ravana na luta e recuperado Sita, Raghava, tendo dominado sua raiva, trouxe sua esposa para casa novamente. Que prazer seu coração pode sentir em possuir Sita, a quem Ravana antigamente segurou em seu colo, tendo-a raptado à força? Como é que Rama não se encheu de aversão por ela depois que ela foi levada para Lanka e conduzida para o bosque de Ashoka, onde foi deixada à mercê dos titãs? Nós agora teremos que tolerar a mesma situação a respeito das nossas próprias esposas, já que o que um rei faz, seus súditos seguem!'

"Essas são as palavras correntes em todos os lugares entre as pessoas da cidade e do campo, ó rei".

Ao ouvir essas palavras, Raghava, angustiado, respondeu: "É assim que eles falam de mim?"

Então todos, curvando-se até o chão com reverência, responderam ao desafortunado Raghava e disseram: "É verdade, ó senhor da terra!"

Tendo ouvido seu testemunho unânime, Kakutstha, o flagelo de seus inimigos, dispensou seus companheiros.

Capítulo 44 – Rama convoca seus irmãos

Após dispensar seus companheiros, Raghava começou a ponderar consigo mesmo e depois disse ao porteiro que estava próximo: "Vai rapidamente e busca o filho de Sumitra, Lakshmana de marcas auspiciosas e o afortunado Bharata e o invencível Shatrughna".

Ao comando de Rama, o porteiro prestou reverência com palmas unidas e foi para a residência de Lakshmana na qual ele entrou inconteste e lá, tendo saudado o príncipe magnânimo, ele disse: "O rei deseja te ver, vai até ele sem demora!"

"Está bem!", respondeu Saumitri e, em obediência à ordem de Raghava, ele subiu em uma carruagem e se apressou para o palácio. Quando ele partiu, o porteiro se aproximou de Bharata e, saudando-o de forma semelhante, disse: "O rei solicita respeitosamente a tua presença!"

Ouvindo essas instruções emitidas por Rama, Bharata, erguendo-se rapidamente de seu assento, partiu apressadamente a pé. Vendo o virtuoso Bharata indo embora, o mensageiro rapidamente se aproximou da morada de Shatrughna e,

com palmas unidas, se dirigiu a ele, dizendo: "Vai depressa, ó príncipe dos Raghus, o rei deseja te ver; Lakshmana já te precedeu como também o renomado Bharata".

A essas palavras Shatrughna desceu de seu trono e, curvando-se até o chão, foi se juntar a Raghava.

Entrementes, o mensageiro, tendo retornado, prestou reverência a Rama e lhe comunicou que seus irmãos tinham chegado. Sabendo da chegada dos príncipes jovens, Rama, que estava profundamente perturbado, com um semblante abatido, profundamente triste, disse ao porteiro: "Apressa-te e os traze à minha presença! A minha existência depende deles, eles são o meu próprio alento vital!"

A esse comando daquele Indra dos homens, os príncipes, vestidos de branco, se curvaram com palmas unidas e entraram respeitosamente. Ao verem Rama, que parecia a lua em eclipse ou o sol que o crepúsculo priva de seu esplendor, cujos olhos estavam cheios de lágrimas e que parecia um lótus desprovido de seu brilho, eles colocaram suas cabeças aos seus pés e depois ficaram em silêncio. Então o poderoso Rama, derramando lágrimas, tendo-os levantado, os abraçou e disse-lhes:

"Sentem-se! Vocês são toda a minha riqueza, vocês são minha própria vida! Foi com a sua ajuda que eu obtive um reino e agora governo, ó príncipes!"

Assim falou Kakutstha e todos, atentos e profundamente comovidos, se perguntaram quais palavras ele poderia estar prestes a lhes dirigir.

Capítulo 45 – Rama manda Lakshmana levar Sita para o eremitério

Todos tendo tomado os seus lugares cheios de tristeza, Kakutstha, com suas feições arrasadas, disse-lhes: "Ouçam-me todos vocês, que o bem lhes aconteça! Não deixem que a sua atenção vagueie! Isto é o que as pessoas estão dizendo sobre mim a respeito de Sita! Os habitantes da cidade como também aqueles do campo me censuram severamente e suas críticas perfuram meu coração! Eu nasci na linhagem dos ilustres Ikshvakus e Sita pertence à família de Janaka de grande alma. Meu caro Lakshmana, tu sabes como, na floresta solitária, Ravana raptou Sita e que eu o destruí. Foi então que me veio o pensamento referente à filha de Janaka, 'Como eu posso levar Sita desse lugar de volta para Ayodhya?' Então, para me reassegurar, Sita entrou no fogo na minha presença e na dos deuses, ó Saumitri! Agni, o portador de oferendas sacrificais, testemunhou a inocência de Maithili e Vayu também, que estava então viajando através do espaço, e Chandra e Aditya proclamaram anteriormente diante dos deuses e todos os rishis que a filha de Janaka não tinha culpa. Os deuses e gandharvas testificaram a sua conduta pura em Lanka, onde Mahendra colocou as provas na minha mão, ainda que eu soubesse do meu próprio íntimo que a ilustre Sita era inocente. Foi então que eu a aceitei de volta e retornei para Ayodhya. Desde então uma grande tristeza, ao ouvir a reprovação do povo da cidade e do campo, encheu meu coração. Quem quer que seja, se sua má fama for circulante no mundo, ele cai para um estado inferior, enquanto os boatos difamatórios existirem. A desonra é condenada pelos deuses; a honra é reverenciada no mundo e, é por causa da boa reputação que as grandes almas agem. Quanto a mim, eu temo a desonra tão fortemente que eu renunciaria à minha vida e a vocês mesmos por conta disso, ó touros entre os homens. Quanto mais portanto é minha incumbência me separar da filha de Janaka. Vejam em que oceano de tristeza eu caí! Não há infortúnio maior do que esse! Amanhã, ao

amanhecer, ó Saumitri, leva a minha carruagem com Sumantra como teu auriga e, fazendo Sita subir nela, a deixa além dos limites do reino.

"No outro lado do Ganges o magnânimo Valmiki tem seu eremitério de aspecto celeste situado junto ao Tamasa; é em um local solitário que tu deves deixá-la, ó tu que és a alegria da Casa de Raghu. Vai depressa, ó Saumitri, e cumpre a minha ordem. Não discutas isso de modo algum; vai portanto, ó Saumitri, não é hora para observações. Qualquer resistência da tua parte me causará extremo desgosto. De fato, eu te juro pelos meus dois pés, por minha vida, que aqueles que procurarem me fazer mudar minha resolução de qualquer forma ou se opuserem ao meu desejo eu considerarei como meus inimigos. Se vocês estão sujeitos a mim e me consideram com reverência, então me obedeçam e levem Sita embora daqui hoje mesmo. Anteriormente ela apelou para mim dizendo: 'Eu gostaria de visitar os retiros sagrados das margens do Ganges, que seu desejo seja realizado!"

Tendo falado assim, o virtuoso Kakutstha, com os olhos cheios de lágrimas, reentrou em seus apartamentos escoltado por seus irmãos, com seu coração partido pela dor, suspirando como um elefante.

Capítulo 46 – Lakshmana leva Sita embora

Quando a noite tinha passado, Lakshmana, com o coração triste e semblante abatido, disse a Sumantra: "Ó auriga, atrela cavalos velozes ao mais excelente dos carros e, por ordens do rei, prepara um assento confortável e luxuoso para Sita, ela, de acordo com o desejo do rei, a meus cuidados, visitará os retiros dos grandes rishis de práticas piedosas, portanto traze o carro aqui com toda velocidade!"

Então Sumantra dizendo, "Que assim seja!" atrelou alguns cavalos magníficos a uma carruagem esplêndida que estava bem equipada com almofadas e, aproximando-se de Saumitri, que cumulava de honras seus amigos, ele disse: "O carro está pronto, que o deve ser realizado seja feito, ó senhor!"

A essas palavras de Sumantra, Lakshmana reentrou no palácio do rei e, tendo se aproximado de Sita, aquele touro entre os homens se dirigiu a ela assim: "De acordo com o desejo que tu expressaste para ele, aquele senhor de homens, o rei, me encarregou de te levar aos retiros desejados. A pedido do nosso soberano, eu te conduzirei sem demora àquelas excelentes solidões dos rishis nas margens do Ganges, ó divina Vaidehi. Eu te levarei àqueles eremitérios habitados pelos sábios".

A essas palavras do magnânimo Lakshmana, Vaidehi sentiu felicidade extrema de tanto que ela pensou que a expedição a agradaria e, tendo se enfeitado com trajes caros e joias de todos os tipos, ela se preparou para partir, dizendo: "Eu darei estas joias como também os mantos excelentes e vários tesouros para as esposas dos ascetas".

"Está bem", disse Saumitri, fazendo Maithili subir na carruagem e, relembrando a ordem de Rama, ele seguiu adiante puxado por cavalos velozes.

Então Sita disse a Lakshmana, o aumentador de prosperidade: "Eu vejo incontáveis presságios não auspiciosos, ó alegria da Casa de Raghu, observa como o meu olho esquerdo se contrai e todos os meus membros tremem, além disso, a minha mente está confusa e eu me sinto extremamente inquieta enquanto toda a minha coragem se esvaiu, ó Saumitri. A terra parece deserta, ó príncipe de olhos grandes, pode o teu irmão ser feliz, ó tu que és tão dedicado a ele? Que tudo esteja

bem com as minhas sogras, sem distinção, ó herói! Que todos os seres na cidade e no campo sejam felizes!"

Assim, com palmas unidas, Sita, a divina Maithili, orou, e Lakshmana, ouvindo, abaixou a cabeça e, embora seu coração estivesse contraído pela aflição, ele gritou em tons alegres, "Que tu também sejas feliz!"

Entrementes eles chegaram às margens do Gaumati e descansaram em um eremitério, e no dia seguinte, ao amanhecer, Saumitri, levantando-se, disse ao auriga: "Atrela o carro rapidamente! Hoje, com grande força, eu suportarei as águas do Bhagirathi na minha cabeça, como fez Tryambaka".[574]

Assim comandado, o condutor, com palmas unidas, disse a Vaidehi: "Sobe!" e deu rédea aos cavalos jungidos à carruagem, que eram tão velozes quanto o pensamento, ao que ela, ouvindo a voz do auriga, subiu naquele carro excelente. Posteriormente, Sita de olhos grandes acompanhada por Saumitri e Sumantra chegou ao Ganges, que destrói todos os pecados e, chegando lá ao meio-dia, vendo as águas do Bhagirathi, o infeliz Lakshmana começou a chorar abertamente em sua profunda angústia e a virtuosa Sita, em sua extrema solicitude, observando a miséria de Lakshmana, perguntou-lhe, dizendo:

"Por que tu estás sofrendo? Nós chegamos às margens do Jahnavi, o objeto dos meus desejos por um longo tempo e, no momento de regozijo, por que tu me causas dor nessa maneira, ó Lakshmana? Ó touro entre os homens, a tua aflição é por causa desses dois dias de ausência de Rama, tu que estás sempre a serviço dele? Rama vale mais para mim do que a vida, ó Lakshmana, todavia eu não me angustio; não te comportes como uma criança! Vamos cruzar o Ganges e visitar os sábios para que eu possa distribuir as vestes e as joias. Tendo prestado homenagem aos grandes rishis, que devemos a eles e, passando um dia lá, vamos voltar para a cidade. Meu coração está impaciente para ver Rama novamente, cujos olhos são como as pétalas de um lótus, cujo peito é como o de um leão, aquele principal dos homens!"

A essas palavras de Sita, Lakshmana, enxugando seus belos olhos, saudou os barqueiros e eles, com palmas unidas, disseram "O barco está pronto!"

Ansioso para cruzar aquele rio esplêndido, Lakshmana subiu no barco, e, com a mente preocupada, levou Sita através do Ganges.

Capítulo 47 – Lakshmana conta a Sita que ela foi repudiada

O irmão mais novo de Raghava, tendo primeiro ajudado Maithili a embarcar, entrou no barco bem equipado pronto para partir, e então disse a Sumantra: "Espera aqui com o carro" e, tomado pela dor, ele mandou a embarcação zarpar.

Chegando à margem mais distante do Bhagirathi, Lakshmana, com palmas unidas, seu rosto banhado em lágrimas, disse: "Uma estaca foi cravada em meu coração pelo nobre e virtuoso Rama, que me trará censura universal. A morte seria melhor para mim neste dia, realmente a morte seria preferível à missão na qual estou engajado, que o mundo vai condenar. Perdoa-me e não imputa essa ofensa a mim, ó princesa ilustre".

Depois disso, prestando reverência, Lakshmana atirou-se ao chão. Ao vê-lo chorar, prestando-lhe homenagem e invocando a morte, Maithili, alarmada, disse a

---

[574] Tryambaka: o senhor Shiva.

Lakshmana: "O que é isso? Eu não entendo nada; dize-me a verdade, ó Lakshmana, por tu estás agitado? O rei está bem? Conta-me a causa da tua dor!"

Assim questionado por Vaidehi, Lakshmana, com seu coração cheio de angústia, de cabeça baixa, sufocado com soluços, dirigiu-se a ela dizendo: "Ao saber em conselho aberto que ele era objeto de crítica severa na cidade e no campo por tua causa, ó filha de Janaka, Rama, de coração partido, voltando para casa me falou sobre isso. Eu não posso repetir as coisas faladas em confiança para mim, ó rainha. Embora tu sejas irrepreensível aos meus olhos, o rei te repudiou. A condenação pública o perturbou; não interpretes mal o assunto, ó deusa. Eu estou prestes a te deixar nas imediações dos eremitérios sagrados. O rei me mandou fazer isso sob o pretexto de satisfazer teu desejo. Os retiros dos ascetas nas margens do Jahnavi são sagrados e encantadores, não te entregues ao sofrimento, ó adorável. O principal dos rishis, o extremamente ilustre sábio Valmiki era um grande amigo do teu pai, o rei Dasaratha. Refugiando-te sob a sombra dos pés daquele magnânimo e vivendo em castidade, sê feliz, ó filha de Janaka. É por permanecer fiel ao teu senhor e praticar devoção a Rama em teu coração que tu, por tua conduta, obterás felicidade suprema, ó deusa".

Capítulo 48 – Lakshmana deixa Sita nas margens do Ganges

Ouvindo as palavras duras de Lakshmana, a filha de Janaka, dominada pelo desespero, caiu no chão, mas, recuperando a consciência depois de um tempo, com seus olhos banhados em lágrimas, ela se dirigiu a ele com voz entrecortada, dizendo: "Seguramente esse meu corpo foi criado para o infortúnio e o suportará desse momento em diante. Que pecado eu posso ter cometido nos tempos passados ou a quem eu separei de seu marido, que eu, que sou virtuosa e casta, deva ser rejeitada pelo rei?

"Antigamente eu vivi na floresta seguindo os passos de Rama e estava contente no infortúnio em que me encontrava, ó príncipe, agora, como eu posso, abandonada por todos, viver na solidão, ó querido Lakshmana? A quem eu confiarei a aflição que me oprime? O que posso dizer aos ascetas, ó senhor? Por qual pecado, por qual razão eu sou repudiada pelo magnânimo Raghava? Eu não posso abandonar minha vida nas águas do Ganges para que eu não acabe com a linhagem real! Portanto faze o que te foi ordenado, ó Saumitri, deixa-me em minha situação miserável! Tu deves cumprir as ordens do rei, porém ouve-me, que tu com palmas unidas prestes homenagem a todas as minhas sogras e, tendo adorado seus pés, te dirijas ao rei. Com a cabeça baixa, fala a todos eles, ó Lakshmana, e também dize ao rei, que está sempre fixo em seu dever: 'Ó Raghava, tu sabes que eu sou verdadeiramente pura e que eu tenho estado ligada a ti por amor supremo, mas tu renunciaste a mim por medo da desonra, porque os teus súditos te criticaram e repreenderam, ó herói. Tu deverias, no entanto, ter me poupado, pois tu és o meu único amparo'. Além disso, tu deves dizer para o rei que está estabelecido na justiça: 'Como tu ages no que diz respeito aos teus irmãos, assim tu deverias agir em relação aos teus súditos; esse é preeminentemente o teu dever e te trará renome imensurável; por sua observância tu desfrutarás dos frutos da terra! Quanto a mim, eu não estou aflita por causa de mim mesma, ó príncipe de Raghu, é para ti manter teu bom nome imaculado! O marido é como um deus para a mulher, ele é sua

família, e seu preceptor espiritual, portanto, mesmo ao preço de sua vida, ela deve procurar agradar seu senhor'.

"Repete estas palavras para Rama, é tudo que eu te peço. Tendo testemunhado que eu estou em gravidez avançada, parte".

Assim falou Sita e Lakshmana, profundamente triste, curvou-se até o chão sem ser capaz de respondê-la. Depois ele a circungirou soluçando alto e, depois de refletir por algum tempo, disse: "O que disseste, ó bela princesa, eu nunca ergui meus olhos para o teu rosto e tenho sempre olhado apenas para os teus pés, ó irrepreensível. Como, na ausência dele, eu me atreveria a olhar para aquela que Rama abandonou na floresta solitária?"

Com essas palavras ele prestou reverência a ela e reentrou no barco. Embarcando no esquife, ele incitou o barqueiro, dizendo: "Atravessa para a outra margem".

Fora de si de angústia, em aflição profunda, ele, tendo chegado à outra margem prosseguiu em sua carruagem de movimento rápido, voltando-se repetidas vezes para contemplar Sita, que, como se desprovida de todo apoio, estava vagando em volta perturbada no outro lado do Ganges. Com seus olhos fixos na carruagem e em Lakshmana, agora bem distantes, Sita foi tomada de tristeza, e, esmagada pelo peso de seu infortúnio, a mulher ilustre e nobre e virtuosa, vendo-se sem um protetor na floresta, que ressoava com o grito de pavões, vítima do desespero, irrompeu em soluços altos.

Capítulo 41 – Valmiki oferece sua proteção a Sita

Vendo Sita, que estava soluçando, os filhos dos rishis correram para procurar o bem-aventurado Valmiki de penitências rígidas e, tendo prestado reverências aos pés daquele grande asceta, os filhos dos sábios lhe informaram que uma mulher estava chorando nas proximidades, dizendo:

"Ó senhor, uma senhora semelhante a Shri, a quem nós nunca vimos antes e que deve ser a consorte de algum grande homem, com suas feições distorcidas, está lamentando nas imediações do eremitério! Ó abençoado, tu certamente a considerarás como uma deusa caída do céu! Realmente a mais adorável das mulheres, em profunda aflição, apareceu diante de nós na margem de um rio, derramando lágrimas escaldantes, tomada de aflição. No infortúnio que certamente não foi merecido, ela está sozinha e sem um protetor. Nós não conhecemos a senhora, mas que tu a recebas com bondade pois ela está perto desse retiro e veio se refugiar contigo".

Valmiki, aquele príncipe dos sábios, estando ciente de tudo em virtude de seu ascetismo, averiguando a verdade das palavras deles, com passos rápidos foi para onde a rainha estava chorando e, quando ele se adiantou, os discípulos seguiram aquele muni ilustre.

Levando o Arghya em suas mãos, procedendo a pé, o sagaz Valmiki chegou às margens do rio e viu a consorte amada de Raghava lamentando como alguém desolado. Depois disso, tendo-a consolado em virtude de sua santidade, o grande asceta se dirigiu a ela com voz gentil, dizendo:

"Ó senhora virtuosa, tu és a nora do rei Dasaratha, a consorte amada de Rama, a filha de Janaka! Ó fiel, em virtude das minhas meditações, o motivo que te traz aqui foi revelado para mim. Ó auspiciosa, eu estou plenamente consciente da

tua pureza, pois tudo o que acontece nos três mundos é conhecido por mim. Pela minha visão espiritual, eu estou convencido da tua conduta casta, ó filha de Janaka; tu estás sob a minha proteção, ó Vaidehi, anima-te! Não longe do meu eremitério há muitas mulheres ascetas estabelecidas em práticas piedosas, elas vão cuidar de ti como sua própria filha, ó querida criança. Agora aceita o Arghya e confia em mim, abandonando toda ansiedade. Não te aflijas, mas considera esta como a tua residência".

Ouvindo essas palavras excelentes do sábio, Sita, prestando reverência aos seus pés, com palmas unidas, acompanhou o asceta.

Vendo o sábio se aproximando, seguido por Vaidehi, as mulheres ascetas saíram ao encontro deles e, cheias de alegria, disseram: "Ó principal entre os sábios, sê bem-vindo, faz tempo desde que tu nos visitaste, nós nos curvamos a ti, que são as tuas ordens?"

Ouvindo suas palavras, Valmiki respondeu: "Esta senhora é Sita, a consorte do virtuoso Rama, ela é a nora do rei Dasaratha, a filha casta de Janaka. Embora inocente, seu marido renunciou a ela, nós todos devemos, portanto, protegê-la; ela é digna da nossa afeição! Esse é meu desejo, que sou seu preceptor espiritual; por minha ordem, prestem-lhe todas as honras".

Tendo colocado Sita a cargo daquelas mulheres ascetas, o grande e ilustre sábio Valmiki, seguido por seus discípulos, retornou ao seu eremitério.

Os seguintes Versos Tradicionais aparecem aqui no texto original

Assim essa história antiga foi narrada em sua totalidade, que coisas boas lhe aconteçam! Que o poder de Vishnu aumente!

Aqueles que instalaram Shri Rama, que tem a cor de um lótus azul, em seu coração, alcançarão sucesso, e eles jamais sofrerão derrota!

Que as chuvas venham quando forem necessárias; que o solo produza uma rica colheita de grãos e que a terra seja livre de distúrbios. Que os brâmanes sejam sem ansiedades e justos.

Que a prosperidade reine no devido tempo e as monções nunca falhem. Que Raghunath sempre triunfe e Shri sempre reine.

Que os reis da terra protejam seus súditos de acordo com a justiça. Que as vacas e os brâmanes prosperem. Que todos os mundos sejam felizes.

Que a boa sorte esteja com o rei de Koshala, que é um oceano de virtude; Que a boa sorte esteja com aquele monarca nascido do Soberano do Mundo.

Que a boa sorte esteja com Punyashloka,[575] o Conhecedor do Veda e do Vedanta, que aparece na forma de uma nuvem de cor escura causando ilusão para os seres humanos.

Que a boa sorte esteja com rei da cidade de Mithila, o companheiro próximo de Vishvamitra, a personificação da prosperidade em uma forma graciosa.

Que a boa sorte esteja com o abençoado Rama, cujos súditos são cheios de alegria, que é, com seus irmãos e Sita, sempre dedicado ao seu pai.

Que a boa sorte esteja com Aquele que é constante e nobre, que habitou em e que abandonou Saketa (Ayodhya) e vagou por Chittrakuta adorado pelos autocontrolados.

---

[575] Vishnu.

Que a boa sorte esteja com meu Guru, que, portando o arco, a flecha e a espada, sempre era adorado com devoção por Janaki e Lakshmana.

Que a boa sorte esteja com aquele rei dos abutres que vivia na floresta de Dandaka, que é o inimigo daqueles que se opõem aos deuses, que é um grande devoto e um concessor de libertação.

Que coisas boas aconteçam àquele que é exaltado por Sattwa, que é extremamente acessível, que é perfeito em virtude e que desejava compartilhar das raízes e frutas oferecidas a ele em reverência por Shabari.

Que a boa sorte esteja com o destruidor de Bali, ele de firmeza suprema, o realizador do desejo do rei macaco, cujo companheiro era Hanuman.

Que a boa sorte esteja com aquele que é resoluto em combate, o principal dos conquistadores dos rakshasas, o bem-aventurado herói dos Raghus, que atravessou o oceano por uma ponte.

Que a boa sorte esteja com o abençoado Rama, Rei dos Reis e príncipes, que voltou para a cidade celeste e foi instalado lá com Sita.

Que a boa sorte esteja com naquele que era honrado pelos principais Acharyas e todos os grandes sábios da antiguidade empenhados em prece, devoção e bênçãos.

Capítulo 50 – Sumantra procura consolar Lakshmana

Tendo visto a princesa de Mithila conduzida para o eremitério, uma profunda angústia tomou conto do infeliz Lakshmana, e aquele herói disse a Sumantra, que dirigia seu carro repetindo as fórmulas sagradas:[576]

"Vê em que aflição a situação de Sita lançou Rama! O que poderia ser mais triste para Raghava do que ter que renunciar à filha de Janaka, uma esposa casta? É evidente para mim que o destino separou Raghava de Vaidehi! Ó auriga, o destino é inexorável! Raghava, que, em sua ira, matou os deuses, gandharvas, asuras e rakshasas, está sob a influência do destino. Antigamente Rama, por ordem de seu pai, viveu na vasta e solitária floresta de Dandaka por quatorze anos, mas mais doloroso e cruel para mim parece o repúdio de Sita por escutar a calúnia do povo. Que justificação havia, ó Suta, para esse procedimento desonroso resultante dos relatórios irrefletidos sobre Maithili?"

Ouvindo essas palavras proferidas por Lakshmana, o leal e sagaz Sumantra respondeu: "Não te aflijas sobre Maithili, ó filho de Sumitra, ó Lakshmana, isso foi previsto antigamente pelos brâmanes para teu pai. Seguramente Rama está destinado a se tornar extremamente infeliz; o infortúnio é sua sina! Sem dúvida aquele herói de braços longos será separado de todos aqueles que ele ama. Sob o domínio do destino, aquele grande homem vai renunciar a ti, Shatrughna e Bharata. Não repitas para Bharata ou Shatrughna o que Durvasa proferiu ao responder ao rei que o estava questionando. Foi na presença de uma grande assembleia quando eu estava presente, ó touro entre os homens, que o rishi pronunciou essas palavras, o próprio Vasishtha, com os outros, estando lá.

"Ouvindo as palavras do rishi, o principal dos homens, Dasaratha, então me exortou dizendo: 'Não repitas nada do que ouviste para outros'. Eu cumpri sua ordem escrupulosamente e, a meu ver, sob nenhuma circunstância eu deveria

---

[576] Literalmente: "O mantra do auriga".

divulgar o assunto para ninguém, mas, se eu posso confiar na tua discrição, ó caro, então me ouve, ó alegria dos Raghus. Se eu repetir o segredo antigamente confidenciado a mim pelo rei Dasaratha, então isso é destino e inevitável. É por causa do destino que uma desgraça semelhante, a fonte de tua atual aflição, ocorreu. Não fales disso diante de Bharata nem na presença de Shatrughna".

Quando ele ouviu essas palavras sérias e solenes de Sumantra, Saumitri disse ao auriga: "Conta-me toda a verdade!"

Capítulo 51 – Vishnu é amaldiçoado por Bhrigu

Assim solicitado por Lakshmana de grande alma, o auriga começou a relatar o que o asceta tinha dito.

"Antigamente um grande sábio, chamado Durvasa, o filho de Atri, passou a estação chuvosa no eremitério de Vasishtha. O teu pai extremamente ilustre foi lá ele mesmo, desejoso de ver o magnânimo sacerdote da família e ele observou o grande asceta, Durvasa, brilhante como o sol, radiante com seu próprio esplendor, sentado ao lado de Vasishtha. Aqueles dois sábios, os principais dos ascetas, o saudaram com respeito e lhe deram as boas-vindas, honrando-o com um assento, frutas e raízes, e com água para lavar os pés. Depois disso ele viveu em sua companhia e os rishis ilustres lá presentes, ao meio-dia, costumavam narrar tradições agradáveis, e uma vez durante a sua narração, o rei, com palmas unidas, disse ao asceta magnânimo, o filho de Atri:

"'Ó abençoado, quanto tempo a minha dinastia vai durar? Até que idade Rama vai viver? E meus outros filhos, quanto tempo eles sobreviverão? Quanto tempo os filhos de Rama viverão? Tem a bondade de me contar o destino da minha linhagem, ó senhor abençoado'.

"Ouvindo as palavras do rei Dasaratha, o altamente refulgente Durvasa começou a falar assim: 'Saibas, ó rei, o que aconteceu outrora durante o conflito entre devas e asuras. Os daityas, a quem os suras ameaçavam, se refugiaram com a consorte de Bhrigu, e, ela tendo lhes dado um abrigo, eles viveram lá em segurança. Vendo-os assim socorridos, o chefe dos deuses, furioso, com seu disco afiado cortou a cabeça da esposa de Bhrigu.

"'Vendo o assassinato de sua consorte, Bhrigu, em sua ira, imediatamente amaldiçoou Vishnu, o destruidor dos exércitos inimigos, dizendo: 'Já que em tua fúria insensata tu mataste a minha esposa, que nunca deveria ter morrido assim, tu tomarás nascimento no mundo dos homens, ó Janardana, e lá tu viverás separado da tua consorte por muitos anos'.

"'Tendo pronunciado essa maldição, Bhrigu foi tomado de remorso, e seus méritos sendo esgotados pela maldição que ele proferiu, ele começou a propiciar aquele deus, prestando homenagem àquele que se deleita em penitência e protege seus devotos. Depois disso aquele deus falou, dizendo: 'Para o bem dos mundos eu ficarei sujeito à tua maldição'.

"'Foi assim que o ilustre Vishnu foi amaldiçoado por Bhrigu nos tempos de outrora e desceu à terra, se tornando o teu filho, ó principal dos monarcas. Famoso nos três mundos sob o nome de Rama, ele tem que sofrer as terríveis consequências da maldição de Bhrigu. Ele reinará em Ayodhya por um longo tempo. Aqueles que o seguem serão felizes e prósperos e, tendo reinado por onze mil anos, Rama irá para Brahmaloka. Tendo realizado muitos grandes sacrifícios, distribuindo

presentes caros, ele, que não pode ser derrotado pelos seres mais poderosos, estabelecerá muitas dinastias e ele vai gerar dois filhos com Sita'.

"Após relatar tudo a respeito do passado e do futuro da sua dinastia ao rei Dasaratha, Durvasa ficou em silêncio, ao que o rei prestou reverência aos dois ascetas magnânimos e voltou para a cidade.

"Foi isso que eu ouvi antigamente contado pelo Rishi e eu mantive isso em meu coração; nenhuma dessas coisas poderia ter acontecido de outro modo. Os dois filhos de Sita serão instalados em Ayodhya por Raghava, as palavras de um sábio nunca deixam de ser frutíferas. Sendo assim, não te aflijas por Sita ou por Rama, ó filho de Raghu. Anima-te, ó príncipe".

Ao ouvir esse discurso notável do condutor do carro, Lakshmana sentiu felicidade incomparável e gritou "Excelente! Excelente!"

Entrementes, enquanto Lakshmana e o auriga estavam assim conversando no caminho, o sol se pôs e eles pararam nas margens do rio Keshini.

Capítulo 52 – Lakshmana procura Rama

Tendo passado a noite ao lado do Keshini, Lakshmana, a alegria da Casa de Raghu, levantou-se ao amanhecer e seguiu seu caminho.

Ao meio-dia, aquele príncipe do grande carro entrou na cidade opulenta de Ayodhya, lotada de pessoas felizes. O extremamente sagaz Saumitri, no entanto, ficou extremamente apreensivo, refletindo "Na minha chegada, quando eu cair aos pés de Rama, o que eu direi a ele?" Quando ele estava ponderando assim ansiosamente, a residência de Rama, brilhante como a lua, ergueu-se diante dele, e o príncipe, descendo na porta do palácio, com o coração apertado, de cabeça baixa entrou sem obstáculos. Vendo seu irmão mais velho, Rama, sentado em seu trono em profunda angústia, os olhos de Lakshmana se encheram de lágrimas e, tocando seus pés, com sua alma aflita, com grande reverência ele lhe ofereceu reverências e se dirigiu a ele em tons melancólicos, dizendo:

"De acordo com o teu comando, ó senhor, eu deixei a filha de Janaka nas margens do Ganges perto do retiro esplêndido do sábio Valmiki, seguindo o conselho dado a mim. Foi lá na entrada do eremitério que eu abandonei a casta Sita e voltei para te servir. Não sofras, ó principal de todos os homens, isso foi decretado pelo destino. Seguramente aqueles como tu, que são inteligentes e sábios, não cedem ao desespero. Todo crescimento termina em decadência, aqueles que sobem alto, caem, e todas as reuniões terminam em separação; a morte é o fim da vida. Portanto, em relação a filhos, esposas, parentes e riqueza, o desapego deve ser praticado, pois a separação deles todos é certa. Tu que és capaz de controlar o espírito pelo espírito e a mente pela mente e todos os mundos, ó Kakutstha, quanto mais tu és capaz de controlar a aflição. Não, não, em circunstâncias similares, os mais notáveis dos homens, como tu mesmo, não se angustiam. Certamente tu serás criticado de novo, ó Raghava, por te entregares à aflição por conta de calúnia. Sem dúvida as pessoas vão te condenar. Ó melhor dos homens, tu que és tão bem dotado de firmeza de propósito, abandona essa pusilanimidade e para de sofrer".

Ouvindo as palavras do magnânimo Lakshmana, o filho de Sumitra, Kakutstha, amado de seus amigos, respondeu-lhe em tons alegres, dizendo:

"Será como tu dizes: ó melhor dos homens, ó valente Lakshmana, eu estou satisfeito pela execução das minhas ordens, ó herói. Ó príncipe gentil, a minha

angústia foi amenizada pelas tuas palavras oportunas; eu serei guiado por elas, ó Saumitri".

Capítulo 53 – Rama conta a Lakshmana a história de Nriga

Ouvindo o discurso notável de Lakshmana que o encheu de admiração, Rama respondeu: "Certamente nesses tempos seria difícil de encontrar um parente como tu, ó caro irmão! Ó tu que tens marcas auspiciosas, que és dotado de inteligência e és uno comigo em pensamento, agora saibas tudo o que está se passando no meu coração e, sabendo-o, faze o que eu te ordeno.

"Ó caro Saumitri, quatro dias se passaram desde que eu me inquietei com os interesses do meu povo e a minha alma está atormentada; agora convoca os meus súditos, os sacerdotes da família e também os ministros com todos aqueles a cujos assuntos atenção deve ser dada! O rei que não cumpre seus deveres em relação ao seu povo a cada dia sem dúvida cai no inferno mais escuro.

"Conta-se que antigamente monarca chamado Nriga reinava, que era ilustre, verdadeiro, puro de coração e dedicado aos brâmanes. Uma vez na ocasião de uma peregrinação sagrada para Pushkara aquele monarca deus aos brâmanes centenas e milhares de vacas com chifres dourados, acompanhadas de seus bezerros.

"E sucedeu que uma vaca com seu bezerro, pertencente a um brâmane pobre, foi doada acidentalmente e ele, faminto e sedento, procurou em vão aqui e ali por aquela vaca por um longo tempo. Finalmente, tendo chegado a Kankhala, ele observou sua vaca na morada de um brâmane e, embora em boa saúde, ela tinha envelhecido. Então aquele brâmane chamou a vaca pelo nome gritando 'Shabali, vem' e o animal, ouvindo-o, reconheceu a voz dele que estava aflito pela fome e o seguiu.

"Então o asceta, em cuja casa a vaca estava retida, rapidamente o perseguiu e, alcançando aquele rishi, se dirigiu a ele em tons rudes, dizendo 'Essa vaca pertence a mim e me foi dada pelo principal dos monarcas; foi Nriga que a concedeu a mim como um presente'.

"Então uma grande discussão se seguiu entre aqueles dois brâmanes eruditos, e disputando, ambos se aproximaram daquele que tinha dado a vaca, mas, embora esperassem lá por um longo tempo, eles não conseguiram ganhar admissão ao palácio. Tendo permanecido lá por muitos dias e noites, eles ficaram muito enfurecidos e aqueles dois ascetas ilustres, furiosos por não alcançarem seu propósito, proferiram a seguinte maldição terrível:

"'Já que tu te recusaste a nos conceder audiência para resolver nossa disputa, que tu te tornes um lagarto e permaneças invisível para todos os seres; nesse estado tu passarás centenas e milhares de anos em um fosso; quando Vishnu, em forma humana, descer à terra entre os Yadus, cuja glória ele aumentará, tu serás libertado da maldição! Ele se chamará Vasudeva. Quando chegar o Kali Yuga, Nara e Narayana descerão à terra para aliviá-la de sua carga'.

"Tendo pronunciado essa maldição sobre o rei, os dois brâmanes ficaram em silêncio e ambos concordaram em dar a vaca, que tinha ficado velha e fraca, a outro brâmane.

"Ó Lakshmana, o rei Nriga ainda está sofrendo sob aquela maldição terrível. A tolice de não comparecer à disputa entre concorrentes deve ser atribuída ao rei. Portanto, que todos aqueles que vieram por razões de arbitragem sejam conduzidos

à minha presença, embora um rei não procure o fruto do dever cumprido. Vai agora pessoalmente e vê se alguém procura audiência comigo".

Capítulo 54 – O fim da história de Nriga

Ouvindo as palavras do extremamente refulgente Rama, o muito sagaz Lakshmana, com palmas unidas, respondeu: "Ó Kakutstha, foi por uma falha muito trivial que os nascidos duas vezes atingiram Nriga, aquele sábio nobre, com essa maldição terrível semelhante à vara de Yama. Ó principal dos homens, o que o rei Nriga respondeu àqueles ascetas enfurecidos quando eles o condenaram a tal sofrimento?"

Assim questionado por Lakshmana, Raghava retomou a história, dizendo: "Ó gentil, ouve o que aquele príncipe fez primeiro quando foi atingido pela maldição. Sabendo que os dois sábios tinham partido, o rei reuniu seus ministros, cidadãos e sacerdotes principais e, na presença de seus súditos, disse:

"'Ouçam-me cuidadosamente! Tendo pronunciado uma maldição terrível sobre mim, os rishis Narada e Parvata, com a velocidade do vento, voltaram para a região de Brahma. Que o jovem príncipe Vasu, aqui presente, seja instalado no trono hoje. Que artesãos construam três fossos, onde eu expiarei a maldição lançada sobre mim pelos brâmanes, um à prova de chuvas, um contra o frio e um terceiro contra o calor; que essa habitação seja feita confortável e árvores carregadas de frutas e moitas cobertas de flores sejam plantadas ao redor, como também arbustos de todos os tipos para dar sombra. Os arredores desses fossos devem ser agradáveis e vou passar o tempo agradavelmente lá até o término dos meus sofrimentos. Que flores de fragrância doce sejam semeadas com frequência por meia légua por todos os lados!'

"Tendo feito esses arranjos, ele instalou Vasu no trono e se dirigiu a ele, dizendo: 'Meu filho, sê sempre fixo em teu dever e governa teus súditos de acordo com as leis dos kshatriyas. Mantém diante dos teus olhos a maldição que os dois brâmanes pronunciaram sobre mim. Não sofras por minha causa, ó principal dos homens. O destino é justo, ó meu filho, foi o destino[577] que me mergulhou nessa aflição. O que deve acontecer vai acontecer; o que temos de seguir será seguido; o que é para ser alcançado será alcançado, seja bom ou mau, de acordo com os atos de uma existência prévia. Não te aflijas, ó meu filho'.

"Tendo falado assim para seu filho, o altamente ilustre rei Nriga desceu para o fosso construído para tomar sua residência lá. Tendo entrado naquele buraco profundo adornado com pedras preciosas, o magnânimo Nriga sofreu a maldição que os dois brâmanes tinham pronunciado sobre ele em sua ira".

Capítulo 55 – A história de Nimi

"Eu narrei a maldição de Nriga em detalhes, mas, se tu assim desejares, ouve a seguinte história!"

[577] Karma. Veja o Glossário.

Nisso, Saumitri disse: "Eu nunca me canso de ouvir essas histórias maravilhosas, ó rei!"

Assim falou Lakshmana e Rama, a alegria dos Ikshvakus, começou a contar muitas lendas extremamente instrutivas, dizendo:

"Era uma vez um rei chamado Nimi, o duodécimo filho do magnânimo descendente dos Ikshvakus, e ele era cheio de coragem e verdade. Aquele monarca altamente valoroso fundou uma bela cidade, semelhante à dos deuses, nas imediações do eremitério de Gautama, e o nome daquela cidade que era Vaijanta! Ela servia como a residência do sábio real Nimi e, enquanto ele vivia naquela enorme capital, ele refletiu 'Eu vou realizar um grande sacrifício para agradar meu pai!'

"Após ter convidado seu pai, Ikshvaku, o filho de Manu, ele primeiro deu as boas vindas a Vasishtha, o principal dos rishis; e então o rajarishi Nimi, a alegria de Ikshvaku, convidou Atri, Angira e também Bhrigu, aquele tesouro de ascetismo.

"Entrementes Vasishtha disse a Nimi, o principal dos sábios nobres: 'Eu já estou comprometido com Indra, portanto espera por mim até que o sacrifício dele esteja concluído'.

"Logo depois, o grande asceta Gautama empreendeu o sacrifício[578] enquanto o poderoso Vasishtha estava oficiando na cerimônia de Indra.

"O rei Nimi, aquele principal dos homens, tendo reunido os brâmanes, celebrou um sacrifício nas proximidades de sua cidade ao lado da montanha Himavat, sua duração excedendo cinco mil anos.

"O sacrifício de Indra estando concluído, o bem-aventurado e irrepreensível sábio Vasishtha voltou ao rei e se ofereceu como sacerdote oficiante. Observando que Gautama tinha, no intervalo, ocupado aquele cargo, Vasishtha ficou cheio de raiva e, ansioso para ver o rei, procurou o monarca, mas naquele dia ele estava em um sono profundo e a fúria do magnânimo Vasishtha irrompeu de novo, de modo que começou a amaldiçoar o rei, que não tinha conhecimento da sua presença lá, dizendo: 'Já que tu escolheste outro e falhaste em me tratar com o devido respeito, ó rei, o teu corpo se tornará sem vida!'

"Então o rei acordou e, ao ouvir a maldição pronunciada contra ele, num assomo de raiva, disse ao filho de Brahma: 'Quando eu estava inconsciente e adormecido, tu, fora de ti com raiva, me sujeitaste ao fogo da tua ira semelhante à vara de Yama! Por isso, fica certo de que o teu corpo também, ó brahmarishi, será desprovido de sensação por um longo tempo'.

"Assim ambos, dominados pela raiva, o principal dos reis e o chefe dos ascetas, mutuamente amaldiçoaram um ao outro e eles, cujos poderes eram iguais aos dos deuses, foram instantaneamente privados de seus corpos".

Capítulo 56 – A maldição da ninfa Urvashi

Tendo ouvido essa história, Lakshmana, o matador de seus inimigos, com palmas unidas, dirigiu-se ao refulgente Rama, dizendo: "Ó Kakutstha, como aquele nascido duas vezes, adorado pelos celestiais, e o rei, tendo abandonado seus corpos, os recuperaram uma vez mais?"

---

[578] No lugar de Vasishtha.

Assim questionado por Lakshmana, Rama, tendo a verdade como sua destreza, respondeu: "Depois da sua maldição mútua, aqueles dois virtuosos, aquele sábio entre os monarcas e o principal dos ascetas, tendo se separado de seus corpos, viveram em suas formas sutis. Então o grande rishi Vasishtha, desejoso de recuperar a forma física, procurou seu pai, e aquele sábio virtuoso em seu corpo sutil prestou reverência aos pés daquele deus dos deuses, o Avô, e se dirigiu a ele, dizendo:

"'Ó Senhor, por causa da maldição do rei Nimi eu estou privado do meu corpo físico, ó Senhor dos Senhores, ó Mahadeva, eu estou imerso no ar! Aqueles privados de um corpo sofrem grande infortúnio, muitos atos virtuosos não podem ser realizados sem um corpo, ó Senhor, pela tua graça me concede outra forma!'

"Então Brahma Swyambhu, cujos poderes são imensuráveis, disse-lhe: 'Entra na semente vital de Mitra e Varuna, ó ilustre! Tu então nascerás sem uma mãe, ó principal dos nascidos duas vezes, e, dotado de grande virtude, recuperarás a tua condição'.

"Assim falou o Avô divino, e Vasishtha, circungirando-o, partiu de imediato para a residência de Varuna. Naquele tempo, Mitra, sendo adorado pelos principais dos celestiais, estava reinando sobre o reino de Varuna e a principal apsara, Urvashi, chegou lá por acaso acompanhada por suas amigas.

"Contemplando a adorável Urvashi se divertindo nas águas, Varuna foi tomado de extremo prazer e desejou se unir com aquela ninfa, cujos olhos eram tão grandes quanto pétalas de lótus e cujo rosto era tão radiante quanto a lua, mas ela, com palmas unidas, respondeu-lhe dizendo: 'Mitra já me convidou para esse propósito, ó chefe dos deuses!'

"Então Varuna, estando afetado pelo desejo, disse: 'Já que tu não desejas te unir comigo, eu soltarei a minha semente vital no vaso criado por Brahma, ó tu de quadris adoráveis e bela tez, assim o meu desejo será satisfeito'.

"Ouvindo esse discurso amável, Urvashi ficou muito satisfeita e disse-lhe: 'Que assim seja, pois a minha mente está fixa em ti, embora o meu corpo pertença a Mitra, ó senhor!'

"A essas palavras de Urvashi, Varuna descarregou sua poderosa semente vital, que brilhava como fogo, no vaso. Então a divina Urvashi imediatamente procurou Mitra e ele, no auge da raiva, disse a ela: 'Por que tu me abandonaste, que te escolhi primeiro? Por qual razão tu aceitaste outro, ó tu sem senso moral? Por esse delito, eu te condeno a viver no mundo dos homens por um tempo; tu serás unida com o filho de Budha, o sábio real Pururavas, que governa sobre Kashi! Vai até ele, ó pecaminosa!'

"'Então Urvashi, sob a influência daquela maldição, foi para Pratisthana até Pururavas, o filho amado de Budha, e ela teve com ele um filho belo, Ayu, que era cheio de coragem e tornou-se o pai de Nahusha, igual a Indra em glória, e quando o senhor dos celestiais disparou seu raio em Vritra e sofreu eclipse,[579] Nahusha reinou em seu lugar por milhares de anos.

"Em consequência dessa maldição, Urvashi, de dentes encantadores, belos olhos e sobrancelhas graciosas, desceu sobre a terra onde ela passou muitos anos e, o período da maldição tendo expirado, ela voltou para a região de Indra".

[579] Sendo oprimido pelo pecado de matar um brâmane.

Capítulo 57 – O fim da história de Vasishtha e Nimi

Ouvindo esse tema extraordinário e divino, Lakshmana, muito satisfeito, disse a Raghava: "Ó Kakutstha, como aquele nascido duas vezes e o rei, adorados pelos deuses, que tinham sido privados de corpos físicos, os recuperaram novamente?"

Assim questionado, Rama, aquele verdadeiro herói começou a narrar a história do magnânimo Vasishtha, dizendo: "Ó príncipe dos Raghus, a partir daquele vaso no qual dois deuses poderosos tinham esvaziado sua semente vital, dois sábios nasceram, que eram os principais dos rishis. Primeiro Agastya apareceu, aquele asceta abençoado, e ele disse a Mitra, 'Eu não sou teu filho' e foi embora. Ó Lakshmana, a semente de Mitra antigamente recebida por Urvashi se encontrava no mesmo vaso que a de Varuna.

"Depois de um tempo Vasishtha nasceu por sua vez, ele que é adorado pelos celestiais, ele é um deus para os Ikshvakus e o poderoso e altamente refulgente Ikshvaku escolheu o irrepreensível Vasishtha como seu sacerdote familiar para o bem da nossa linhagem, ó meu amigo! Eu assim descrevi para ti como renasceu o magnânimo Vasishtha, que anteriormente estava sem corpo, agora ouve a história de Nimi.

"Vendo o rei privado de seu corpo, todos os rishis sagazes o ajudaram pela celebração de um sacrifício e os principais dos nascidos duas vezes preservaram o corpo daquele principal dos monarcas por meio de unguentos, tecidos e ervas com a ajuda dos cidadãos e dos servos. Na conclusão do sacrifício, Bhrigu disse Nimi, 'Eu te devolverei à vida, ó rei, eu estou satisfeito contigo'.

"Então os deuses em sua alegria lhe disseram: 'Escolhe uma benção, ó sábio nobre, onde a tua consciência será fixada?'

"Assim falaram os deuses e o espírito de Nimi respondeu: 'Eu desejo viver nos olhos de todos os seres, ó Deuses ilustres!"

"'Que assim seja', disseram os celestiais, 'Tu viverás nos olhos de todos os seres na forma de ar. Pela tua graça, ó senhor da terra, seus olhos se fecharão repetidas vezes para o descanso quando tu te movimentares na forma de ar'.

"Tendo dito isso, os deuses voltaram para a sua região e os rishis magnânimos levaram o corpo de Nimi para a área de sacrifício e começaram a esfregá-lo com grande energia com o acompanhamento de fórmulas sagradas. E das Aranis[580] assim agitadas violentamente, um ser notável e altamente ascético ergueu-se e, por ter nascido de um corpo inanimado, ele foi chamado de Mithi, o rei de Videha, e através desse nascimento ele se tornou o antigo Janaka.[581] Foi daquele ser de penitências severas, que se chamava Mithi, que a linhagem de Mithila se originou. Ó amigo, eu te disse tudo sem omitir nada a respeito da maldição e do nascimento maravilhoso daquele sábio real e do principal dos reis".

Capítulo 58 – Shukra amaldiçoa Yayati

Assim falou Rama, e Lakshmana, o matador de seus inimigos, disse ao seu irmão poderoso que era resplandecente com esplendor: "Ó leão entre os monarcas,

---

[580] Aranis: os bastões usados para acender o fogo sagrado feitos de madeira da figueira sagrada.

[581] Alguns comentadores explicam que o nome 'Janaka' significando 'Pai' foi dado ao pai ou gerador daquela grande linhagem.

essa antiga história do rei de Videha e do sábio Vasishtha é surpreendente e maravilhosa, mas porque o rei Nimi, um guerreiro cheio de coragem, que tinha recebido iniciação, foi incapaz de perdoar o rishi Vasishtha?"

Assim questionado por Lakshmana, que era familiarizado com os Shastras, Rama, o principal dos guerreiros, respondeu ao seu irmão ilustre, dizendo: "Ó valente, o perdão nem sempre é mostrado pelos homens! Ó Saumitri, ouve com qual resignação o rei Yayati suportou as injúrias feitas a ele!

"O rei Yayati, a prosperidade de seu povo, era o filho de Nahusha, ele tinha duas esposas, cuja beleza era inigualável na terra. Uma era sua favorita, Sharmishtha, nascida de Diti e do daitya Vrashparvan, a outra consorte de Yayati era a filha de Shukacharya e se chamava Devayani, que não era amada por seu marido.

"Dois filhos de grande beleza e amabilidade nasceram delas, Sharmishtha gerou Puru e Devayani, Yadu. Puru era o favorito de seu pai por causa de suas boas qualidades e também por causa de sua mãe, após o que Yadu, muito angustiado, disse a Devayani:

"'Tu, que nasceste na família do filho divino de Bhrigu de façanhas imperecíveis, estás exposta à miséria e ao desprezo. Isso é intolerável, vamos entrar no fogo, ó rainha, e que o rei se divirta por inúmeras noites com a filha do daitya. Ou, se tu és capaz de suportar isso, então me permite seguir meu caminho. Permite isso porque eu não vou tolerar e resolvi pôr fim à minha vida'.

"Ao ouvir essas palavras de seu filho, que chorava, Devayani, dominada pela aflição, muito indignada, trouxe seu pai à lembrança e, sendo lembrado, Bhargava imediatamente apareceu diante de sua filha e, vendo-a perturbada e fora de si, ele a questionou dizendo: 'Ó filha, qual é o problema?' Então Bhargava, com o coração apertado, a questionou repetidamente, após o que Devayani, enfurecida, respondeu ao seu pai, dizendo:

"'Eu entrarei no fogo ou beberei veneno ou me jogarei nas águas, pois não continuarei a viver. Tu não sabes a que miséria e desprezo eu estou sujeita! Quando uma árvore é negligenciada, aqueles que vivem nela sofrem. O rei me desrespeita e me trata com desdém, portanto tu também és desrespeitado!'

"A essas palavras, que o encheram de fúria, o descendente de Bhrigu começou a amaldiçoar o filho de Nahusha, dizendo: 'Ó Nahusha, já que na maldade do teu coração tu olhaste para mim com desprezo a velhice virá sobre ti e tu te tornarás senil'.

"Tendo falado assim e confortado sua filha, o descendente de Bhrigu, aquele brahmarishi altamente ilustre retornou para a sua própria residência.

"Tendo consolado sua filha, Devayani, e pronunciado essa maldição sobre o rei, o principal dos nascidos duas vezes, Shukra, radiante como o sol, partiu".

Capítulo 59 – Puru toma o lugar de seu pai amaldiçoado por Shukra

"Ao ouvir essas palavras do enfurecido Shukra,[582] o desafortunado Yayati, dominado pela velhice, disse a Yadu: 'Ó Yadu, meu filho, tu és familiarizado com o dharma, toma a minha velhice para ti mesmo e me devolve a minha juventude para que eu possa continuar a me entregar a várias diversões. Ó principal dos homens,

[582] Também chamado Bhargava.

eu ainda não estou satisfeito com os prazeres; uma vez que eu estiver satisfeito, eu retomarei a minha senilidade'.

"Ouvindo essas palavras, Yadu respondeu àquele principal dos monarcas, dizendo: 'Tu me excluíste de todos os assuntos, ó rei, e me privaste da tua proximidade, que Puru, que festeja contigo, tome isso para si próprio!'

"Ouvindo as palavras de Yadu, o rei se dirigiu a Puru, dizendo: 'Ó herói, toma a minha velhice para ti.'

"Nisso, Puru, com palmas unidas, gritou: 'Que boa sorte é a minha! Favorece-me, eu estou às tuas ordens!'

"Essa resposta de Puru encheu Nahusha de extrema alegria e, vendo-se livre da senilidade, ele sentiu satisfação inigualável. Então, recuperando sua juventude, ele realizou milhares de sacrifícios e governou a terra por inúmeros anos. Depois de muito tempo, o rei disse a Puru: 'Dá-me de volta a minha velhice, meu filho, que eu depositei contigo! Eu coloquei essa decrepitude em ti e é por isso que eu agora a reclamo. Não temas, eu estou satisfeito com a tua submissão à minha vontade e te instalarei como rei em sinal da minha satisfação'.

"Tendo falado assim para seu filho, Puru, o rei Yayati, nascido de Nahusha, se dirigiu duramente ao filho de Devayani, dizendo: 'Tu és um rakshasa intratável nascido para mim como um guerreiro, ó tu que ignoras as minhas ordens! Tu nunca serás rei! Já que tu me desprezaste, que sou teu pai e teu guia espiritual, pois, tu gerarás rakshasas e yatudhanas terríveis! Seguramente, ó tu de alma perversa, a tua linhagem não se misturará com os descendentes da linhagem lunar e se assemelhará a ti em conduta'.

"Tendo falado assim para o bem de seu reino, aquele sábio real investiu Puru com a dignidade suprema e ele próprio se retirou para a floresta.

"Depois de um longo tempo, quando a hora fixada soou, ele foi para a morada celeste. Então Puru governou o império com grande equidade e glória na cidade de Pratishthana no reino de Kashi.

"Yadu, no entanto gerou milhares de yatudhanas na inacessível cidade de Durga. Dessa maneira Yayati suportou a maldição de Shukra de acordo com as tradições dos kshatriyas, mas Nimi nunca praticou o perdão.

"Eu relatei tudo para ti, sigamos o exemplo daqueles que aceitam tudo, para que não caiamos como Nriga".

Enquanto Rama, cujo rosto parecia a lua, estava falando dessa maneira, os céus ficaram enfeitados com estrelas e o leste ficou de uma cor dourada rosada como se tivesse vestido um manto coberto com o pólen das flores.

Primeiro dos Capítulos Interpolados – Terceira Série – Um cão chega como peticionário

Na clara luz da aurora, Rama de olhos de lótus realizou os ritos da manhã e tomou seu lugar na câmara de conselho no trono real, na companhia dos brâmanes e dos cidadãos envolvidos nos assuntos de estado. E o sacerdote Vasishtha com o sábio Kashyapa e outros bem versados nas regras de governo, ministros familiarizados com a lei, escrituras e ética eram da assembleia, que parecia o Salão de Justiça de Indra ou de Yama ou de Kuvera.

Em seguida Rama disse a Lakshmana, que era dotado de marcas auspiciosas: "Ó Saumitri, ó guerreiro de braços longos, vai para o portão da cidade e chama aqueles que vieram aqui como peticionários".

Então, de acordo com a ordem de Rama, Lakshmana, dotado de marcas auspiciosas, foi para o portão e chamou aqueles que tinham vindo como queixosos, mas ninguém se apresentou, pois, sob o governo de Ramachandra, não havia nem pobreza nem doenças e a terra estava cheia de grãos e ervas. Nem crianças nem jovens nem aqueles de meia idade encontravam a morte, o reino era governado com equidade e não havia adversidade. Assim, durante a administração de Rama não era visto ninguém que precisasse de justiça.

Então Lakshmana, com palmas unidas, disse a Rama: "Ninguém veio como queixoso", ao que Rama, com o coração muito satisfeito, respondeu: "Vai mais uma vez, ó Saumitri, e vê se alguém se apresenta! Sob o decreto real, a injustiça não deve prevalecer. Embora as leis inauguradas por mim protejam os meus súditos de danos, como as setas que eu disparo, ó de braços longos, que tu te empenhes em vigilância em seu nome".

Assim abordado, Lakshmana saiu do palácio e observou um cachorro sentado no portão. Fixando seu olhar firmemente nele, aquele cão uivava sem cessar e o valente Lakshmana, vendo-o naquela situação, disse: "Ó afortunado, o que te trouxe aqui? Fala sem medo!"

A essas palavras de Lakshmana, o cão respondeu: "Eu quero comunicar algo para Rama de obras imortais, que é o amparo de todos os seres e que confere destemor a todos".

Ouvindo as palavras do cão, Lakshmana entrou no belo palácio para informar Rama e, tendo relatado o assunto para Ramachandra, ele saiu e disse ao cachorro: "Se tu tens algo verdadeiro a dizer então vem e informa o rei!"

Ouvindo as palavras de Lakshmana, o cão disse: "Já que eu sou vilmente nascido, eu não posso entrar no templo de um deus, no palácio de um rei ou na morada de um brâmane, nem nós podemos ir aonde há fogo, Indra, o sol ou o vento! O rei é a personificação da virtude; Shri Ramachandra é verdadeiro, bem versado na ciência da guerra e está sempre engajado no bem-estar de todos os seres; ele é perfeitamente conhecedor da hora e lugar de exercer as seis qualidades, um mestre de ética, onisciente, onividente e é o deleite de seus súditos. Ele é a lua, o sol, Agni, Yama, Indra, Kuvera e Varuna. Ó Saumitri, vai e comunica ao rei, o protetor de seus súditos, que sem a sua permissão eu não posso entrar".

Então Lakshmana, nobre de espírito e altamente refulgente, entrou no palácio e disse a Rama: "Ó de braços longos, aumentador da alegria de Kaushalya, eu tenho cumprido as tuas ordens e relatarei tudo para ti, ouve-me! Como um peticionário, um cão está no portão esperando a tua vontade".

Então Rama respondeu dizendo: "Quem quer que seja, traze-o para dentro rapidamente!"

Segundo dos Capítulos Interpolados – Terceira Série – O destino do brâmane que feriu o cão

Ouvindo as palavras de Rama, o sagaz Lakshmana imediatamente mandou buscar o cão que ficou diante de Rama, e ele, vendo-o, disse: "Vem, comunica sem medo o que tens a dizer!"

Então, o cão, cujo crânio estava cortado, disse: "O rei é o protetor dos animais e seu senhor! Ele está desperto quando outros dormem; por administrar a lei, o rei protege o dharma; sem seu apoio, seu povo perece. O rei é o senhor, o rei é o pai de todo o mundo! Ele é Kala,[583] Ele é Yuga,[584] Ele é a criação que compreende todos os seres animados e inanimados; Ele é o dharma porque Ele sustenta todos, pois é o dharma que sustenta os mundos, pelo dharma os Três Mundos são mantidos; é o dharma que reprime os perversos; é por isso que ele é chamado de Dharana;[585] o dharma é maior do que tudo e confere benefícios após a morte do corpo; nada é superior ao dharma no mundo. Ó rei, caridade, compaixão, reverência pelos sábios e ausência de perfídia são as principais virtudes que constituem o dharma. Aqueles que seguem o dharma são felizes nessa vida e na próxima. Ó Raghava, ó tu de votos firmes, tu és a autoridade das autoridades. Tu és bem conhecido por tal conduta que é seguida pelos piedosos. Tu és um oceano de boas qualidades e a morada da justiça. Ó principal dos reis, se na minha ignorância eu disse muitas coisas para ti, de cabeça baixa eu imploro o teu perdão; não fiques zangado comigo".

Ouvindo essas palavras do cão, que eram cheias de sabedoria, Rama disse: "O que devo fazer por ti, fala sem medo!"

Então o cão respondeu: "Ó rei, é pelo dharma que um rei governa, é pelo dharma que um rei protege seus súditos e se torna um refúgio, livrando os homens do medo. Tendo isso em mente, ó Rama, ouve-me. Há um brâmane chamado Sarvatha-siddha que vive de esmolas e que tem todos os seus desejos satisfeitos. Por nenhuma falha minha ele infligiu um ferimento na minha cabeça".

Ouvindo essas palavras, Rama enviou um mensageiro que levou Sarvatha-siddha lá, e ele, vendo Rama na assembleia daqueles sábios refulgentes e principais, disse: "Ó rei impecável, para qual propósito tu mandaste me buscar?"

Então o rei respondeu, dizendo: "Ó brâmane, tu feriste este cão. Que ofensa ele cometeu que tu o atingiste severamente com teu cajado? A raiva é um inimigo mortal, a raiva é um inimigo de fala agradável no traje de um amigo; a raiva é a primeira das paixões e semelhante a uma espada afiada; a raiva tira a essência dos bons; ela leva embora tudo o que é adquirido por ascetismo; sacrifícios, presentes e caridade são todos destruídos pela raiva, por isso é adequado banir a raiva por todos os meios. A paixão corre solta por todos os lados como corcéis extremamente perversos. Saciado com todos os objetos de prazer, é melhor governar esses apetites com paciência. Pela mente, fala e visão, um homem deve se engajar no bem-estar de outros. Ele deve abandonar a aversão e não ferir ninguém. O dano que uma mente descontrolada pode fazer está além do alcance de uma espada afiada ou de uma serpente que foi pisada ou de um inimigo que foi provocado. Mesmo a natureza de quem aprendeu humildade não pode ser sempre confiável; um estudo das Escrituras não altera o caráter inato de um homem, aquele que esconde sua natureza irá revelar o seu verdadeiro eu em algum dado momento".

Rama de façanhas imperecíveis tendo falado assim, Sarvatha-siddha, o principal dos nascidos duas vezes, disse: "Ó rei, andando o dia inteiro em busca de esmolas eu fiquei zangado e bati no cão. Ele estava sentado no centro de uma rua estreita e eu pedi a ele para se afastar; então, movendo-se com relutância, ele ficou à beira da estrada. Ó descendente de Raghu, naquela hora eu estava dominado

[583] Kala: o tempo.
[584] Yuga: o ciclo do mundo.
[585] Dharana: defensor, mantenedor.

pela fome e o golpeei por sua conduta perversa. Eu sou culpado, ó rei, pune-me, ó senhor dos monarcas, administra correção e eu ficarei livre do medo do inferno".

Em seguida, Rama questionou todos os seus ministros, dizendo: "O que deve ser feito agora? Qual punição deve ser infligida a ele? Por administrar justiça de acordo com o crime os nossos súditos são protegidos".

Então Bhrigu, Angiras, Kutsa, Vasishtha, Kashyapa e os outros rishis, ministros, principais comerciantes e sábios familiarizados com os Shastras, que estavam presentes lá, disseram, "Um brâmane está livre de punição", e os sábios, conhecedores da lei, tendo falado assim, aqueles ascetas se dirigiram a Rama, dizendo: "Ó Raghava, um rei é o governante de todos e tu acima de todos, pois tu és o castigador dos três mundos, o eterno Vishnu".

Eles tendo falado assim, o cão disse: "Tu solenemente perguntaste 'O que devo fazer por ti?' portanto, se tu estiveres satisfeito comigo e quiseres me conferir um favor, que tu nomeies este brâmane para ser chefe da assembleia sagrada do mosteiro Kalanjava".

Então o rei sancionou imediatamente a nomeação e o brâmane, honrado e satisfeito, montado em um elefante, procedeu para ocupar seu cargo novo e digno.

Nisso os conselheiros de Rama ficaram surpresos e disseram: "Ó tu de grande esplendor, esse brâmane não foi punido, em vez disso tu o favoreceste com uma benção!"

Ao ouvir as palavras dos ministros, Rama disse: "Vocês não sabem o segredo da questão, o cão sabe-o bem!"

Depois disso, questionado por Rama, o cão disse: "Ó rei, eu era antigamente o chefe da assembleia de Kalanjava, e depois de adorar os deuses, alimentar os brâmanes e regalar os servos, homens e mulheres, eu costumava ingerir meu alimento. Eu administrava devidamente todas as coisas e a minha mente era intocada pelo pecado. Eu protegia os artigos pertencentes às divindades tutelares com cuidado, cultivava a virtude, seguia o dharma e me dedicava ao bem-estar de todos os seres. Apesar disso, eu caí nessa condição miserável. Ó Raghava, esse brâmane é dado à raiva e perverso, ele fere os outros e é rude e cruel, ele desonrará sete gerações de sua família. Ele de modo algum será capaz de cumprir os deveres de chefe de uma assembleia.

"Aquele que deseja ver seus filhos, amigos e animais caírem no inferno, é feito chefe dos deuses, vacas e brâmanes! Ó Raghava, perece aquele que priva os brâmanes, mulheres ou filhos de seus bens legítimos; aquele que se apropria indevidamente das oferendas dos brâmanes ou dos deuses vai para o inferno mais baixo".[586]

Ouvindo as palavras do cão, os olhos de Rama se arregalaram de espanto. Em seguida, o cão partiu para o lugar de onde veio.

Em seu nascimento anterior ele tinha sido de mente elevada, mas nasceu em um estado degradado naquela existência. Dirigindo-se à cidade sagrada de Kashi, aquele cão, desejando deixar seu corpo em um lugar sagrado, depois empreendeu um jejum sem água.

---

[586] Essa história parece implicar que se um homem é nomeado para uma posição de autoridade e não cumpre as responsabilidades fielmente ele estará em um grave perigo nas futuras encarnações.

Terceiro dos Capítulos Interpolados – Terceira Série –

Por um longo tempo um abutre e uma coruja viviam perto da cidade de Ayodhya em uma floresta em uma montanha, que era cortada por muitos riachos, onde cucos chamavam e que abundava em leões, tigres e aves de todos os tipos.

Um dia, o abutre perverso, alegando que o ninho da coruja era seu, começou a discutir com ele, após o que ambos disseram: "Vamos procurar Rama de olhos de lótus, que é o rei do povo, e que ele decida a quem o ninho pertence".

Tendo assim concordado, o abutre e a coruja, discutindo um com o outro, instigados pela ira, chegaram diante de Rama e tocaram seus pés. Vendo aquele senhor de homens, o abutre disse:

"Ó preservador da humanidade, tu és o principal dos devas e asuras, ó resplandecente, em audição e inteligência tu és superior a Brihaspati e Shukracharya. Tu conheces o karma bom e mau de todas as criaturas. Em beleza tu pareces a lua, em esplendor o sol, em glória o Himalaya, em profundidade o oceano, em destreza o Avô, em paciência a terra, em velocidade o vento; tu és o Preceptor Espiritual de todos os seres animados e inanimados e és dotado de todo tipo de riqueza; tu és ilustre, clemente, invencível, vitorioso e mestre de todas as escrituras e leis. Ó principal dos homens, ouve o meu apelo! Ó Senhor de Raghu, eu construí um ninho para mim e esta coruja o está agora ocupando como o seu próprio, portanto, ó rei, que tu me protejas!"

O abutre tendo dito isso, a coruja falou, dizendo: "É verdade que em um rei é para ser encontrada uma porção da lua, de Indra, do sol, Kuvera e Yama, mas há também uma medida de homem nele. Tu, porém, és o próprio Narayana onipenetrante, Tu, impelido por teu próprio Ser julgas imparcialmente todas as criaturas, mas certa suavidade é manifesta em ti e, portanto, as pessoas dizem que és dotado de uma parte da lua. Ó Senhor, por raiva, punição e recompensa, tu afastas os pecados e os perigos de teus súditos; é de ti dar e retirar, tu és o distribuidor, destruidor e protetor e és como Indra para nós. Em energia tu és como o fogo, irresistível para todas as criaturas e, uma vez que tu espalhas teu brilho sobre todos os seres, tu és como o sol! Tu pareces o senhor da riqueza e és até superior a ele, pois a prosperidade reside em ti. Tu olhas para todas as criaturas sejam animadas ou inanimadas com o mesmo olhar, ó Raghava, e consideras inimigo e amigo iguais, protegendo devidamente os teus súditos. Ó Raghava, aqueles que incorreram em tua ira já estão mortos, portanto, tu és louvado como Yama. Ó principal dos reis, já que, em forma humana, tu és misericordioso e benevolente, as pessoas cantam a tua glória, tu que estás decidido a não prejudicar os homens. O rei é a força dos fracos e desamparados, a visão dos cegos e o amparo daqueles que buscam a proteção dele. Tu és também nosso Senhor, portanto, ouve o nosso apelo! Ó rei, entrando em meu ninho, este abutre está me oprimindo; só tu, ó principal dos homens, és o divino castigador de criaturas!"

Ouvindo essas palavras, Rama chamou seus ministros com os do rei Dasaratha, Vrishti, Jayanta, Vijaya, Siddhartha, Rashtravarddhana, Ashoka, Dharmapala e altamente poderoso Sumantra e outros, que eram bem versados na lei, magnânimos e familiarizados com os Shastras, inteligentes, de nascimento nobre e hábeis em conselho.

Posteriormente convocando os dois, Rama, descendo do seu trono, questionou o abutre: "Há quanto tempo esse ninho foi feito? Dize-me se tu te lembras disso!"

Então o abutre respondeu: "Desde a época em que os homens nasceram primeiro na terra e se espalharam pelos quatro quadrantes do globo eu tenho vivido nesse ninho".

Então a coruja disse: "Na época em que árvores primeiro cobriram a terra esse meu ninho foi construído".

Ouvindo essas palavras, Rama disse aos seus conselheiros: "Não é uma assembleia aquela onde não há homens sábios e idosos, nem aqueles que não se estendem sobre temas de justiça. Não é religião aquela onde a verdade não pode ser encontrada e não é verdade aquela onde há dolo. São mentirosos aqueles conselheiros que permanecem em silêncio quando eles estão bem informados sobre algum assunto. Aquele que não fala por causa de paixão, medo ou raiva, se amarra com mil laços de Varuna e, ao final de um ano inteiro, só é libertado de um único pecado".

Ouvindo essas palavras, os ministros disseram a Rama: "Ó tu de grande intelecto, o que a coruja disse é verdade, o abutre falou falsamente. Tu és uma prova disso, ó grande rei, uma vez que o rei é o último refúgio de todos, a base do povo e o próprio dharma eterno. Aqueles punidos pelo rei não caem em um estado inferior, eles são salvos do inferno e se desenvolvem em virtude".

Ouvindo essas palavras dos ministros, Rama disse: "Ouçam o que é narrado nos Puranas! Antigamente o sol, a lua e o firmamento com suas estrelas, a terra com suas montanhas e florestas, os três mundos com tudo o que se move e não se move imergiram nas águas do grande oceano.

"Naquela época, Narayana existia como um segundo Sumeru e, em sua barriga, jazia a terra com Lakshmi. Tendo destruído a criação e entrado nas águas, o altamente refulgente Vishnu, idêntico às almas das criaturas, dormiu lá por muitos anos. Contemplando Vishnu dormindo após a destruição dos mundos, e sabendo que todas as entradas estavam obstruídas, o grande Brahma entrou em sua barriga. Então um lótus dourado brotou do umbigo de Vishnu, e aquele grande Senhor, o Criador, Brahma, ergueu-se daí e se dedicou a penitências severas com a finalidade de criar a terra, o ar, as montanhas, as árvores, os homens, répteis e todas as outras formas de vida do ventre ou ovo.

"Depois disso, da cera nos ouvidos de Narayana, dois daityas valentes e terríveis, Madhu e Kaitabha, nasceram. Vendo o Avô, eles ficaram muito enraivecidos e avançaram nele, quando então Brahma, o Autonascido, gritou alto.

"Despertado por esse som, Narayana entrou em combate com Madhu e Kaitabha e os matou com seu disco e a terra ficou encharcada com o sangue deles. Então, purificando-a mais uma vez, Vishnu, o Preservador do Mundo, a cobriu com árvores e criou ervas medicinais. Assim cheia com a medula de Madhu e Kaitabha a terra foi chamada de Medini. É por isso que eu julgo que essa morada não pertence ao abutre, mas à coruja, ó conselheiros, a coruja tendo afirmado que construiu o ninho quando as árvores foram criadas em primeiro lugar, isto é, antes que os homens aparecessem. Esse abutre vicioso deve, portanto, ser punido, pois esse de mente perversa, tendo roubado o ninho de outro, agora o está oprimindo".

Naquele momento uma voz foi ouvida no céu, dizendo: "Ó Rama, não mates o abutre, pois ele já foi reduzido a cinzas pelo poder do ascetismo de Gautama. Ó Senhor dos Homens, esse abutre em um nascimento anterior foi um rei heroico, verdadeiro e puro, com o nome de Brahmadatta. Um dia, um brâmane chamado Gautama, a própria personificação do Tempo, foi à casa de Brahmadatta em busca de alimento e disse: 'Ó rei, eu me alimentarei na tua casa por mais de cem anos!'

"Então, com as próprias mãos oferecendo àquele brâmane refulgente água para lavar os pés, o rei Brahmadatta o acolheu com a devida hospitalidade. Uma vez, acidentalmente, carne foi misturada com o alimento de Gautama de grande alma e ele, enfurecido, proferiu uma maldição terrível, dizendo: 'Ó rei, torna-te um abutre!'

"O monarca então respondeu: 'Ó tu de grandes votos, não me amaldiçoes dessa maneira, sê conciliado, foi em ignorância que essa ofensa foi oferecida por mim, ó grandioso! Ó irrepreensível, que tu ajas de forma que essa maldição seja anulada!'

"Reconhecendo que o crime tinha sido cometido involuntariamente pelo rei, o asceta disse: 'Ó rei, um monarca nascerá sob o nome de Rama na linhagem de Ikshvaku. Ó principal dos homens, tu serás libertado da maldição quando ele te tocar'.

Ouvindo essas palavras do céu, Rama tocou Brahmadatta e ele, abandonando sua forma de abutre, assumindo um corpo belo borrifado com perfumes celestes, adorou Rama e disse: "Ó tu familiarizado com a piedade, por tua graça eu fui salvo de um inferno terrível, tu verdadeiramente puseste fim à maldição para mim!"

Capítulo 60 – Os ascetas procuram Rama

Enquanto Rama e Lakshmana passavam o tempo conversando desse modo, a noite amena de primavera se aproximou e, quando a aurora imaculada irrompeu, Kakutstha, tendo realizado o seu culto da manhã, foi para a câmara de audiência para cuidar de assuntos de estado.

Então Sumantra se aproximou dele e disse: "Ó rei, há alguns sábios que estão esperando no portão com Chyavana, o descendente de Bhrigu, à sua frente; esses rishis ilustres buscam audiência contigo, ó grande rei, e, ansiosos para te ver, esses moradores das margens do Yamuna me enviaram para anunciar sua chegada".

Ouvindo essas palavras, o virtuoso Rama, familiarizado com seu dever, disse: "Que aqueles ascetas abençoados, cujo líder é Bhargava, entrem. "Então, em deferência à ordem do rei, o camareiro, com palmas unidas, curvando-se, introduziu aqueles ascetas eminentes, totalizando mais de cem, que eram resplandecentes com seu próprio esplendor. Depois disso os sábios magnânimos, entrando no palácio, com seus loshtas cheios de água sagrada tirada de lugares sagrados, levaram vários tipos de frutas e raízes como uma oferenda ao rei, que Rama aceitou com prazer.

Então aquele príncipe de braços longos disse àqueles sábios ilustres: "Ocupem esses assentos de acordo com sua vontade".

Assim convidados por Rama, os grandes rishis tomaram seus lugares nos assentos dourados brilhantes; vendo-os instalados, Rama, com palmas unidas, prestando reverência a eles, os questionou dizendo: "Por que razão vocês vieram? Em minha devoção eu tento saber o que eu posso fazer por vocês? Eu estou às suas ordens, ó ilustres, e realizarei tudo o que vocês desejarem, com grande alegria. Todo o meu reino e a vida em meu peito e tudo o que eu sou está a serviço dos nascidos duas vezes; essa é a verdade que eu falo!"

Ouvindo esse discurso, os rishis magnânimos de penitências severas, que viviam nas margens do Yamuna, gritaram: "Excelente!" e com extrema alegria, eles acrescentaram: "Ó tu, o melhor dos homens, ninguém nessa terra falaria como tu fizeste. Muitos monarcas, embora extremamente corajosos e poderosos, não ousam se envolver em um empreendimento quando consideram as dificuldades; tu, porém, mesmo sem saber em que consiste o assunto, em tua reverência pelos brâmanes, dás a tua palavra que tu irás, sem dúvida, honrar. Cabe a ti livrar os sábios de um grande perigo, ó senhor".

Capítulo 61 – A história de Madhu

Então Kakutstha questionou aqueles ascetas, que tinham falado dessa maneira, dizendo: "Digam o que devo fazer, ó munis, para afastar de vocês esse perigo?"

A essas palavras de Kakutstha, Bhargava respondeu: "Saibas a causa dos nossos medos e de onde eles surgem, ó príncipe! Antigamente no Krita Yuga um daitya altamente inteligente, o grande asura Madhu, o filho mais velho de Lola, que era bem disposto para com os brâmanes e protegia todos aqueles que buscavam refúgio com ele, estava unido em uma amizade inigualável com os deuses supremamente ilustres. E Madhu, que era dotado de coragem e sempre fixo em seu dever, recebeu uma arma maravilhosa de Rudra, que o tinha em alta estima. Tirando, do seu próprio tridente, outro de grande poder e beleza, aquele magnânimo, bem satisfeito, o deu a ele e disse:

"'Tu tens cumprido o teu dever em um grau notável, o que evocou a minha graça! Na extrema alegria que eu agora sinto, eu te concedo essa arma excelente. Enquanto tu não atacares os deuses ou os brâmanes, ó grande asura, essa lança permanecerá contigo, do contrário ela irá desaparecer. Quem quer que temerariamente te provoque para o combate será reduzido a cinzas por essa arma que, depois disso, voltará para a tua mão!'

"Tendo recebido esse presente raro de Rudra, o grande asura prostrou-se diante de Mahadeva e disse: 'Ó Senhor, Tu que és o chefe dos deuses, ó Bem-aventurado, que essa arma sempre permaneça na minha família'.

"Assim falou Madhu, e o senhor de todos os seres, Shiva, aquele grande deus, respondeu a ele dizendo: 'Não, isso não pode ser, no entanto, já que o teu apelo tem a minha aprovação, ele não terá sido proferido em vão; o teu filho herdará essa arma. Enquanto ela estiver na mão dele, ele será invulnerável a todos os seres, mas somente se ela permanecer lá'.

"Então Madhu, o principal dos asuras, tendo recebido aquela dádiva notável e extraordinária do deus, construiu para si uma residência magnífica. Ele tinha uma esposa amada, a afortunada e ilustre Kumbhinasi, que nasceu de Vishvasu com Anala, e ela lhe deu um filho cheio de vigor chamado Lavana. Cruel e perverso desde a infância, ele estava sempre engajado em prejudicar os outros e, vendo a conduta iníqua de seu filho, Madhu ficava furioso e aflito, mas ele não dizia nada. Depois de um tempo ele deixou esse mundo e entrou na morada de Varuna, tendo legado a arma para Lavana e o instruído na natureza do presente.

"Agora Lavana, devido ao poder daquela arma e sua perversidade natural, tornou-se o flagelo dos três mundos e particularmente dos sábios, seu poder sendo

igualado pelo poder daquela arma. Tu ouviste tudo, agora tu deves decidir, ó Kakutstha, pois tu és nosso amparo supremo.

"Muitos monarcas, ó Rama, foram solicitados pelos sábios para livrá-los do medo, mas, ó príncipe valente, nós não encontramos um protetor. Sabendo que tu destruíste Ravana com sua infantaria e cavalaria, nós te reconhecemos como o nosso salvador, ó filho querido. Nós não sabemos de outro rei na terra capaz de nos salvar; nós te pedimos para nos libertar do terror que Lavana nos inspira. Essa, ó Rama, é a causa do nosso medo atual; tu és capaz de dissipá-lo; realiza o nosso desejo, ó tu cujo valor é inconquistável".

Capítulo 62 – Shatrughna pede permissão para lutar com Lavana

Esse foi o discurso dos ascetas, e Rama, com palmas unidas, os questionou, dizendo: "Do que ele vive? Como ele se comporta? Onde é que ele mora?"

Raghava tendo-os questionado desse modo, todos os ascetas o informaram sobre como Lavana se sustentava e disseram: "Seu alimento consiste de todas as criaturas, especialmente os ascetas, seu modo de vida é selvagem e ele perambula constantemente em Madhuvana. Tendo matado milhares de leões, tigres, antílopes, aves e até homens, sua alimentação diária é a carne deles, e esse monstro, como Antaka na dissolução dos mundos, também devora todos os seres".

Ouvindo essas palavras, Raghava disse àqueles grandes sábios: "Eu matarei esse demônio, não temam". Tendo dado sua palavra aos ascetas de grande refulgência, Rama, a alegria de Raghu, disse aos seus três irmãos que estavam presentes: "Quem é corajoso o suficiente para matar esse Asura? Sobre quem deve cair a escolha, sobre o valente Bharata ou o sagaz Shatrughna?"

Ouvindo as palavras de Raghava, Bharata respondeu: "Sou eu que vou matá-lo! Que a tarefa seja confiada a mim!"

Ouvindo Bharata, cheio de energia e coragem, falar assim, Shatrughna, o irmão mais novo de Lakshmana, levantou-se de seu assento dourado e, curvando-se diante daquele senhor de homens, disse: "Bharata de braços longos já provou sua coragem; que ele permaneça entre nós, ó alegria dos Raghus. Quando Ayodhya estava anteriormente privada da tua nobre presença, Bharata, escondendo sua tristeza em seu coração, governou o reino até o retorno do seu senhor. Passando por inúmeras dificuldades, ó príncipe, deitando-se em um leito duro em Nandigrama, o extremamente ilustre Bharata viveu de frutas e raízes, com seu cabelo emaranhado e vestido com peles. Tendo suportado tal teste, aquele filho de Raghu não deveria ter que passar por mais provações visto que eu, teu servo, estou aqui".

Assim falou Shatrughna e Raghava disse: "Que assim seja, ó descendente de Kakutstha, cumpre as minhas ordens e eu te instalarei como rei na esplêndida capital de Madhu. Ó guerreiro de braços longos, que Bharata fique aqui como tu desejas; tu és valente e experiente e bem capaz de estabelecer um reino com suas províncias prósperas e uma capital que é banhada pelo Yamuna, pois aquele que, depois de ter destruído uma dinastia, não instala um rei, vai para o inferno. Quanto a ti, quando tu tiveres matado o filho de Madhu, Lavana de costumes perversos, que tu governes o reino dele com retidão, se tu desejas realizar os meus desejos. Não questiones o que eu disse, ó herói, o irmão mais novo, sem dúvida, deve obedecer ao mais velho. Ó descendente de Kakutstha, recebe a consagração pelas minhas

mãos com as bênçãos tradicionais pronunciadas por Vasishtha e os outros brâmanes".

Capítulo 63 – A instalação de Shatrughna

Essas palavras de Rama encheram de confusão o valente Shatrughna e ele falou com extrema modéstia, dizendo: "Ó senhor de homens, essas medidas não me parecem ser justificadas! Como pode um irmão mais novo ser instalado quando os mais velhos ainda vivem? Ainda assim, é imperativo que eu me submeta à tua vontade, ó príncipe afortunado, pois para mim seria impossível desconsiderar qualquer ordem tua. Eu ouvi dos teus lábios, ó herói, e as escrituras me ensinaram que nunca se deve se opor a alguém em autoridade uma vez que ele tenha falado. As minhas palavras foram imprudentes quando eu disse 'Eu vou matar o temível Lavana em campo aberto'. Essa fala infeliz me coloca em um sério dilema, ó principal dos homens. Não se deve acrescentar nada quando os mais velhos falaram, pois isso é uma mancha moral e, no outro mundo, vem a ser um motivo de represália. Eu não falarei novamente, ó senhor Kakutstha, por medo de que uma segunda observação me traga punição. Eu farei a tua vontade. Ó principal dos homens, ó alegria de Raghu, mas faze de modo que em meu interesse esse ato impróprio seja apagado".

Assim falou o corajoso Shatrughna de grande alma e Rama, muito satisfeito, disse a Bharata e Lakshmana: "Preparem tudo para a instalação com cuidado. Hoje mesmo eu instalarei aquele tigre entre os homens, descendente da Casa de Raghu. Ao meu comando, convoquem os Purodhas, ó filhos de Kakutstha, e os cidadãos, Ritvijs e ministros".

Ouvindo a ordem do rei, os grandes guerreiros em carros, sob a direção dos Purodhas, começaram a cerimônia. Depois disso, os senhores e os brâmanes entraram no palácio do rei e a entronização do magnânimo Shatrughna foi realizada solenemente, para a grande alegria de Raghava e da cidade.

O afortunado Shatrughna, filho de Kakutstha, tendo recebido a unção divina, parecia um segundo sol, como Skanda quando foi antigamente entronizado pelos habitantes do céu liderados por Indra.

Entrementes, Shatrughna sendo instalado por Rama de façanhas imperecíveis, os habitantes da cidade estavam muito satisfeitos como também os brâmanes ilustres, e Kaushalya, Sumitra e também Kaikeyi, que com as outras rainhas se regozijaram em sua residência real.

Depois disso os rishis, que viviam às margens do Yamuna, por conta da entronização de Shatrughna, profetizaram a morte de Lavana.

Apertando o recém-coroado junto ao seu coração, Raghava, em tons carinhosos, aumentado assim a sua coragem, disse-lhe: "Aqui está uma flecha infalível que derruba fortalezas hostis; por meio desta tu destruirás Lavana, ó meu querido irmão, alegria da Casa de Raghu. Ela foi moldada, ó descendente de Kakutstha, quando Swyambhu, o divino Ajita, repousava nas águas fora da vista dos deuses e asuras, invisível para todos os seres. Aquele deus que formou essa seta, a mais notável de todas, para matar aqueles dois seres perversos, Madhu e Kaitabha, pois ele estava enfurecido contra eles, quando ele desejou criar os três mundos apesar de todos os rakshasas.

"Tendo destruído Madhu e Kaitabha para o bem de todos os seres com essa arma magnífica, Brahma criou os mundos. Eu não disparei esse dardo anteriormente sobre Ravana, a quem eu desejava matar, ó Shatrughna, pois todas as criaturas teriam sido grandemente diminuídas desse modo.

"Quanto à arma superior dada a Madhu pelo magnânimo Tryambaka para a destruição de seus inimigos, Lavana, enquanto ele está percorrendo as regiões em busca da sua nutrição favorita, a deixa em sua residência onde ele a honra de várias formas; mas quando o desejo de combate surge nele ou ele é desafiado, aquele demônio pega aquela arma e reduz seus inimigos a cinzas. Ó principal dos homens, antes que ele retorne para a cidade e enquanto ele estiver sem sua arma, coloca-te na entrada equipado com tua flecha poderosa. Antes que ele torne a alcançar sua morada, desafia aquele demônio para o combate, ó guerreiro de braços longos, e tu o derrotarás. Se agires de qualquer outra forma tu não poderás matá-lo; enquanto que, utilizando esses meios, ó valente, tu o exterminarás. Tu sabes tudo e como evitar aquela arma de força irresistível pertencente ao antigo Shitikanta".[587]

Capítulo 64 – Shatrughna parte para enfrentar Lavana

Tendo falado assim para Shatrughna, o filho de Kakutstha, e o encorajado repetidamente, Rama, a alegria da casa de Raghu, continuou: "Aqui estão quatro mil cavalos, dois mil carros, cem elefantes seletos e tendas equipadas com todos os mantimentos, também cantores e dançarinos. Ó principal dos homens, eu te dou moedas de ouro e prata; leva contigo uma quantidade de ouro e parte, tendo te provido com suprimentos de armas, alimentos e meios de transporte.

"Por palavras e presentes, que tu satisfaças esse exército bem nutrido que é alegre, contente e disciplinado, ó príncipe valente. Onde não há riquezas, nem mulheres nem parentes, servos dedicados não serão encontrados, ó Shatrughna. Tendo posto em ordem o teu grande exército composto de pessoas cheias de ardor, que tu vás sozinho, com arco na mão, para o bosque de Madhu. Age de tal maneira que Lavana, o filho de Madhu, não esteja ciente de que tu estás te aproximando, buscando entrar em combate com ele, para que ele esteja sem suspeita; não há outro meio de matá-lo. Ó principal dos homens, aquele que se aproxima dele com esse propósito perece inevitavelmente sob os seus golpes. O verão tendo passado e a estação chuvosa estando próxima, tu destruirás o perverso Lavana, pois a hora terá soado!

"Com os grandes rishis à sua frente, envia as tropas adiante para que elas tirem proveito do verão para atravessar as águas do Jahnavi. Lá tu deves cuidar para acampar todo o exército no rio e tu, que és veloz a pé, deves ir à frente com teu arco. Parem no local indicado para vocês e estabeleçam os acampamentos sem obstrução, de modo que ninguém possa ter motivo de queixa".

Tendo assim emitido suas ordens e posto seu exército em ordem, Shatrughna circungirou Rama, curvando-se a ele, com palmas unidas, e, com grande humildade, prestou reverência a Bharata e Lakshmana como também ao sacerdote da família, Shri Vasishtha.

Tendo recebido a permissão de Rama para partir, aquele herói, o flagelo de seus inimigos, o circundou e foi embora. Mandando avançar seu exército, composto

[587] Shitikanta: o senhor Shiva.

de inúmeros elefantes e corcéis boa raça, aquele descendente de Raghu se despediu do rei e partiu em sua missão.

Capítulo 65 – A história de Saudasa que é amaldiçoado pelo sábio Vasishtha

Tendo feito seu exército parar após um mês de marcha, Shatrughna partiu sozinho com um passo rápido. Dois dias depois, aquele herói, a alegria dos Raghus, chegou ao eremitério sagrado de Valmiki, o principal dos retiros, e, com palmas unidas, prestando reverência àquele sábio magnânimo, falou assim: "Ó abençoado, eu desejo passar a noite aqui onde a missão do meu irmão mais velho me levou; amanhã, ao amanhecer, eu partirei para o oeste".

Assim falou Shatrughna de grande alma, e o mais notável dos sábios, sorrindo, respondeu-lhe, dizendo: "Sê bem-vindo, ó príncipe ilustre! Esse eremitério, ó caro amigo, também pertence aos descendentes da linhagem de Raghu; aceita de mim sem hesitação um assento e água para as tuas mãos e pés!"

Então, Shatrughna, sendo honrado, aceitou as frutas e raízes para sua refeição e, alimentando-se delas até que ficou totalmente satisfeito, ele questionou o grande rishi, dizendo: "De quem é essa área fértil ao leste do eremitério, que foi criado por sacrifício?'[588]

A essa pergunta, Valmiki respondeu: "Ó Shatrughna, ouve a quem essa região outrora pertencia! Um dos teus antepassados era o rei Saudasa, e desse monarca nasceu Mitrasaha,[589] que era cheio de vigor e extremamente virtuoso. Um dia, o valente e justo Saudasa, tendo seguido a caça, observou dois rakshasas vagando aqui e ali, na forma de tigres, e aqueles monstros estavam devorando milhares de antílopes a fim de apaziguar seus apetites insaciáveis. Vendo aqueles dois rakshasas, que tinham desprovido a floresta de cervos, Saudasa foi tomado de raiva violenta e perfurou um deles com um dardo longo. Tendo-o matado, aquele principal dos homens recuperou a compostura e, com sua raiva dissipada, ele olhou para o rakshasa morto. Observando-o contemplando seu companheiro dessa maneira, o demônio sobrevivente, cheio de angústia ardente, disse-lhe: 'Tu mataste o meu companheiro que não tinha te feito nenhum mal, eu me vingarei de ti um dia, desgraçado!'

"Falando assim, o rakshasa desapareceu. No decorrer do tempo, o filho de Saudasa, Mitrasaha, chegou ao trono, e Saudasa empreendeu o sacrifício Ashwamedha nas imediações desse ashrama com Vasishtha como o sacerdote oficiante. Esse continuou por muitos anos e tinha esplendor extremo de modo que parecia um oferecido pelos deuses. No término dos ritos, o rakshasa, trazendo à lembrança a sua mágoa passada, assumiu a forma de Vasishtha e disse ao rei: 'Agora que o sacrifício foi concluído, que carne seja trazida rapidamente para que eu coma, sem demora!'

"Ouvindo aquele rakshasa, transformado em um brâmane, falando assim, o rei se dirigiu a seus cozinheiros, que eram hábeis em sua arte e disse: 'Rapidamente preparem Havis[590] e aqueles pratos saborosos de carne que agradarão meu guru!'

---

[588] Isto é, pelos grãos espalhados durante o sacrifício.

[589] Em algumas versões, Viryasaha.

[590] Havis: qualquer coisa oferecida que tenha sido cozida em ghee.

"Essa ordem daquele monarca confundiu completamente os cozinheiros, após o que o rakshasa, assumindo a forma deles, preparou um prato de carne humana que ele levou para o rei, dizendo: 'Aqui está um prato saboroso feito de carne!'

"Ó principal dos homens, o rei, com sua consorte, Madayanti, apresentou os pratos trazidos pelo rakshasa, que eram compostos de carne, para o sábio Vasishtha, e aquele asceta, percebendo que carne humana lhe tinha sido oferecida, ficou cheio de raiva e começou a pronunciar uma maldição sobre ele, dizendo: 'Já que te aprouve, ó rei, me oferecer uma refeição dessa natureza, isso seguramente se tornará teu alimento'.

"Então Saudasa, indignado, por sua vez tomou água em sua mão e estava prestes a amaldiçoar Vasishtha quando sua esposa o conteve, dizendo: 'Ó rei, visto que o sábio bem-aventurado é nosso preceptor espiritual, não é adequado que tu pronuncies uma maldição sobre ele, um sacerdote é como um deus".

"Então aquele monarca virtuoso derramou aquela água carregada de poder e alguma caiu em seus pés, que ficaram manchados, e a partir desse momento o ilustre Saudasa ficou conhecido como Kalmashapada.[591] Então aquele monarca, com sua consorte, tendo se prostrado diante de Vasishtha repetidas vezes, o informaram do que o rakshasa, sob a forma de um brâmane, havia feito.

"Ouvindo daquele principal dos monarcas sobre o ato vil do rakshasa, Vasishtha dirigiu-se ao rei mais uma vez dizendo: 'As palavras que eu pronunciei com raiva não podem ser pronunciadas em vão, mas eu vou te conceder uma benção. Tu serás libertado da maldição em doze anos e, pela minha graça, não te lembrarás do que ocorreu, ó principal dos homens'.

"Tendo sofrido as consequências dessa maldição, Saudasa, o matador de seus inimigos, recuperou seu reino e governou seus súditos. Ó descendente de Raghu, esse é o belo local daquele sacrifício realizado por Kalmashapada sobre o qual tu perguntaste'.'

Depois de ouvir a história terrível daquele monarca, Shatrughna, reverenciando aquele grande rishi, entrou na cabana de telhado de folhas.

Capítulo 66 – O nascimento de Kusha e Lava

Nessas circunstâncias, durante a noite que Shatrughna passou na cabana coberta de folhas, Sita deu à luz dois filhos e, à meia-noite, os jovens ascetas levaram as notícias agradáveis e auspiciosas para Valmiki, dizendo: "Ó abençoado, a consorte de Rama deu à luz filhos gêmeos, que tu realizes os ritos que irão protegê-los das forças do mal".

Ouvindo essas palavras, o grande rishi foi ver aqueles recém-nascidos, que eram tão brilhantes quanto a lua nova e cheios de vigor, como filhos gêmeos dos deuses.

Chegando onde Sita estava, ao ver aqueles dois bebês, seu coração se encheu de alegria e ele realizou o rito rakshasa.[592] Pegando um punhado de grama Kusha com suas raízes, aquele nascido duas vezes, Valmiki, pronunciou a fórmula de proteção para a destruição das forças do mal, dizendo: "Uma vez que elas esfregarão o primogênito dos filhos com a grama Kusha abençoada com a ajuda de

[591] Kalmashapada: pés manchados.
[592] Para evitar o mal.

mantras, seu nome será Kusha e, como o nascido por último será cuidadosamente seco pelas mulheres ascetas com as raízes da grama, ele se chamará Lava. Portanto esses dois se chamarão Kusha e Lava e, por esses nomes que eu lhes dei, eles se tornarão famosos".

Depois disso as ascetas se purificaram e reverentemente receberam a grama das mãos do muni, usando-a nas duas crianças. O rito tendo sido realizado à noite, Shatrughna, ouvindo as notícias agradáveis, os nomes que as crianças teriam, e louvores a Rama, e que também Sita tinha resistido a esse nascimento duplo e afortunado, aproximou-se da cabana coberta de folhas onde Sita jazia e disse: "Ó mãe, sê feliz!"

Assim, para o magnânimo Shatrughna, aquela noite da estação das chuvas no mês de Shravana passou alegremente e rapidamente e, no dia seguinte, ao amanhecer, aquele grande herói, tendo oferecido suas devoções matinais, com mãos unidas prestou reverência ao sábio e retomou sua jornada.

Depois de uma marcha de sete dias, chegando às margens do Yamuna, ele parou no eremitério de rishis de grande renome, e aquele ilustre príncipe ouviu as lendas agradáveis e antigas de Chyavana da linhagem de Bhrigu e de outros sábios. Dessa forma, Shatrughna, o filho daquele principal dos monarcas, o rei Dasaratha, em grande alegria passou a noite conversando com os ascetas, dos quais Kancana era o líder, sobre vários temas.

Capítulo 67 – A história de Mandhata

A noite tendo chegado, Shatrughna perguntou ao filho de Bhrigu, Chyavana, a respeito da força de Lavana, dizendo: "Ó brâmane, quão poderosa é a sua arma? Quem Lavana matou antigamente com aquela seta esplêndida em combate?"

Assim questionado por ele, o extremamente virtuoso Chyavana respondeu ao magnânimo Shatrughna, a alegria dos Raghus, dizendo: "Ó filho de Raghu, inúmeras são as façanhas dele! Ouve o que sobreveio a um descendente de Ikshvaku. Anteriormente reinava lá em Ayodhya o filho valente de Yavanashwa, Mandhata, que era renomado nos três mundos por sua coragem.

"Tendo colocado a terra inteira sob seu jugo, aquele monarca tentou conquistar o reino celeste. Grande foi o medo de Indra e dos deuses ao verem os preparativos de Mandhata, que desejava conquistar a região dos devas. Sabendo de sua intenção de compartilhar o trono e o reino de Indra, o deus que castigou Paka se dirigiu ao filho de Yuvanashwa em tons conciliatórios e disse:

"'Tu ainda não governas sobre toda a terra, não a tendo subjugado totalmente, ó rei, porém tu aspiras ao trono celeste. Quando toda a terra estiver sob o teu domínio, então, com teus servos, teu exército e teus carros, toma posse do reino dos deuses'.

"Assim falou Indra, e Mandhata lhe respondeu, dizendo: 'Quem na face da terra contestou meu domínio?'

"Então o deus de mil olhos disse: 'O rakshasa chamado Lavana, filho de Madhu, que vive na floresta, não reconheceu tua autoridade, ó guerreiro irrepreensível!'

"A essas palavras extremamente desagradáveis proferidas por Indra, o rei baixou a cabeça envergonhado, sendo incapaz de responder-lhe. Depois disso, prestando reverência ao deus de mil olhos, ele partiu cabisbaixo e retornou à terra.

"Então aquele príncipe, o matador de seus inimigos, ocultando sua raiva, colocou-se à frente de seus servos, infantaria e cavalaria e marchou contra o filho de Madhu, a fim de conquistá-lo. E aquele principal dos homens mandou um mensageiro a Lavana para desafiá-lo para um combate, que, chegando diante dele, cobriu de insultos o filho de Madhu e, enquanto ele ainda falava, o rakshasa o devorou.

"Como seu enviado não retornou, o rei, enfurecido, atacou Lavana com uma chuva de flechas, no que o rakshasa, pegando seu tridente, zombeteiramente o arremessou nele para exterminá-lo e aos seus seguidores, e o tridente flamejante, aquela arma formidável, reduziu o rei, seus servos, sua infantaria e cavalaria a cinzas e voltou para a mão de seu mestre.

"Assim pereceu aquele grande monarca com seus soldados de infantaria e carruagens. Ó meu amigo, isso foi através do poder daquele tridente, que é insuperável! Amanhã de manhã tu sem dúvida matarás Lavana antes que ele tenha pegado sua arma; a tua vitória está assegurada! Os mundos serão libertados como resultado da tua façanha. Ó principal dos homens, eu agora te disse tudo a respeito do perverso Lavana; é por causa disso que Mandhata sucumbiu em sua tarefa. Amanhã ao amanhecer, ó magnânimo, tu, sem dúvida, o matarás! Ele terá partido em busca de alimento sem seu tridente. A tua vitória está, portanto, assegurada, ó principal dos homens".

Capítulo 68 – Shatrughna enfrenta Lavana

Enquanto Chyavana estava contando essa história e todos estavam lhe desejando uma vitória esmagadora, a noite passou rapidamente para o magnânimo Shatrughna.

Entrementes, quando o amanhecer sem nuvens irrompeu, o rakshasa audaz saiu da cidade ávido para encontrar alimento e, durante esse tempo o intrépido Shatrughna cruzou o Yamuna e, com arco na mão, tomou sua posição no portão de Madhupura.

Ao meio-dia, aquele rakshasa de karma ruim voltou carregado de incontáveis seres vivos e, vendo Shatrughna de pé no portão com sua arma, o demônio o questionou: "O que farás com essa arma? Em minha ira, ó menor dos guerreiros, eu devorei milhares de homens como tu com suas armas; é a morte que te traz aqui. Eu ainda não estou totalmente alimentado, ó mais vil dos homens, porque tu vieste lançar-te em minha boca, ó tolo!"

Assim ele falou, rindo alto, e o corajoso Shatrughna derramou lágrimas de raiva e, em sua fúria, faíscas de fogo saíram de todos os seus membros. Então, em um acesso de raiva, ele disse àquele viajante noturno: "Eu entrarei em duelo contigo! Eu sou o filho de Dasaratha, o irmão do sagaz Rama, meu nome é Shatrughna, um verdadeiro Shatrughna,[593] e é o meu desejo de te matar que me traz aqui! Eu quero lutar contigo, portanto, fica em guarda! Tu és o inimigo de todos os seres; tu não escaparás vivo de mim!"

A essas palavras o rakshasa, sarcástico, respondeu ao príncipe, dizendo: "É a minha boa sorte que te trouxe para mim, ó insensato. Rama matou o irmão da minha tia materna, Ravana, por causa de uma mulher, ó patife. Ó senhor de homens, eu

---

[593] Shatrughna: 'Matador de seus inimigos'.

sofri toda a destruição da família de Ravana e é porque eu deixei de vingá-los que tu estás excessivamente confiante. Eu vou exterminar todos vocês, ó mais vil dos homens, eu os varrerei como palha, tanto os que já nasceram quando os que ainda estão para nascer. Ó tu de intelecto vicioso, eu aceito o teu desafio! Espera só um momento até eu ir buscar a minha arma, uma adequada para a tua destruição!"

Nisso Shatrughna respondeu imediatamente dizendo: "O que, tu me escaparás vivo? Aquele que tem alguma inteligência não permite que saia livre um inimigo que se adiantou por sua própria vontade. Aquele, que, em sua estupidez, permite que um inimigo escape, perece. Olha longamente para o mundo, pois, com as minhas flechas afiadas, eu vou te despachar para a residência de Yama, tu o inimigo dos três mundos e de Raghava".

Capítulo 69 – A morte de Lavana

A essas palavras do poderoso Shatrughna, Lavana caiu em uma raiva violenta e gritou: "Espera", batendo as mãos e rangendo os dentes, e depois atacando aquele leão dos Raghus com golpes redobrados.

Então Shatrughna, o matador de seus inimigos, respondeu a Lavana de aspecto formidável, que tinha se dirigido a ele desse modo, dizendo: "Quando os outros foram mortos por ti, eu ainda não era nascido, mas hoje, perfurado pelos meus dardos, que tu entres na região de Yama! Que os rishis e os brâmanes eruditos nesse dia sejam testemunhas da tua morte em combate, ó patife! Quando as minhas flechas tiverem te consumido na luta, tu que és um viajante noturno, a cidade e o campo também estarão em paz. Como os raios do sol penetram no lótus, assim as terríveis setas pontiagudas, disparadas pelo meu braço, perfurarão o teu coração".

Então Lavana, fora de si de raiva ao ouvir essas palavras, arremessou uma grande árvore em Shatrughna atingindo seu peito, mas ele a cortou em cem pedaços, e o rakshasa, encontrando-se frustrado, agarrou um grande número de árvores e as arremessou em seu adversário; então Shatrughna, queimando de ardor, cortou aquelas inúmeras árvores, uma por uma, com três ou quatro flechas bem temperadas em forma de crescente e, depois disso, ele fez uma chuva de dardos cair no rakshasa valente sem fazê-lo recuar. Com uma risada zombeteira, Lavana, brandindo uma árvore, golpeou a cabeça daquele herói de modo que ele caiu inconsciente, e quando aquele guerreiro caiu, um grande grito de "Ah! Ah!" se elevou dos rishis, devas, gandharvas e apsaras também.

Nisso o rakshasa, pensando que Shatrughna estava morto, não entrou em sua casa, embora a oportunidade se apresentasse e, vendo-o jazendo no chão, ele não foi em busca de seu tridente, mas, pensando: "Ele está morto", ele começou a recolher seu alimento.

Shatrughna, no entanto, recuperando os sentidos, em um instante pegou sua arma e foi para o seu lugar na porta da cidade mais uma vez, em meio às aclamações dos rishis; e ele escolheu uma flecha celeste, infalível e magnífica que iluminou as dez regiões com seu brilho e parecia o relâmpago em sua velocidade. Aquela seta, untada com pasta de sândalo da cor de sangue, maravilhosamente emplumada, era extremamente temida pelos líderes dos danavas, as montanhas e também os asuras, e, vendo essa arma terrível, flamejante como o Tempo no fim do período do mundo, todos os seres foram tomados de terror. Então devas, asuras,

gandharvas e as tropas de apsaras e todo o universo tremeu e se refugiou com o avô dos mundos. E os deuses, fora de si com medo, questionaram o senhor dos senhores, o concessor de graça, o avô dos mundos, se o universo estava prestes a ser destruído. Ouvindo-os falar dessa maneira, Brahma, o Avô, dirigiu-se a eles em tons tranquilizadores, que restauraram sua serenidade, dizendo:

"Ouçam-me, ó deuses, é para destruir Lavana em combate que Shatrughna está armado com essa arma. Ó principais dos deuses, todos são oprimidos pelo poder dessa arma eterna forjada pelo Deus primordial, o Criador do mundo. Ó meus filhos, essa flecha refulgente que causa esse terror foi forjada para a destruição dos demônios, Madhu e Kaitabha, pelo deus magnânimo, Vishnu, que é o único que a entende. Na realidade, ela é a forma primeva do próprio Vishnu, portanto, vão e testemunhem a morte do principal dos rakshasas, Lavana, sob os golpes daquele guerreiro valente, o irmão mais novo de Rama".

A essas palavras daquele deus dos deuses, os devas foram para o lugar onde o combate entre Shatrughna e Lavana estava em progresso, e aquela arma de esplendor celeste, que Shatrughna tinha na mão, parecia para todos os seres como o fogo que arde diante na dissolução dos mundos!

Vendo o firmamento cheio com a hoste celeste, o descendente de Raghu emitiu um rugido leonino e, depois, olhou para Lavana repetidas vezes. Após essa nova provocação de seu adversário, o rakshasa, enfurecido, esticou seu arco até o ouvido, e aquele mais hábil dos arqueiros disparou sua grande seta no peito do inimigo, que, perfurando-o, entrou nas regiões inferiores. Tendo penetrado no próprio Rasatala, a arma celeste, honrada pelos deuses, imediatamente voltou para aquele herói, a alegria dos Ikshvakus, e, perfurado pela seta de Shatrughna, Lavana, aquele rondante noturno, caiu como uma montanha atingida por um raio.

Depois disso, Lavana sendo morto sob os olhos dos deuses, o tridente celeste poderoso voltou para Rudra. Quando, com uma única flecha, aquele herói dos Raghus destruiu o terror dos três mundos com seu arco e flecha extraordinários, ele parecia o orbe de mil raios que dissipa a escuridão.

Em seguida os devas, grande rishis, pannagas e apsaras gritaram em coro: "Por boa sorte o filho de Dasaratha triunfou; o medo está banido e, como um grande réptil, Lavana jaz esticado na terra".

Capítulo 70 – Shatrughna se estabelece na cidade de Madhu

Lavana estando morto, os deuses com seus líderes, precedidos por Agni, falaram com Shatrughna em termos afetuosos, dizendo: "Por boa sorte, ó caro filho, tu és vitorioso; por boa sorte, Lavana o rakshasa está destruído! Ó leão entre os homens, ó piedoso, pede uma benção. Os distribuidores de bênçãos, aqueles que desejavam teu triunfo, estão reunidos aqui, ó guerreiro de braços longos, não deixes que a nossa presença seja infrutífera!"

Ouvindo essas palavras dos deuses, aquele guerreiro de braços longos, Shatrughna, colocando suas palmas unidas em sua testa, respondeu humildemente: "Que eu possa tomar posse dessa cidade deslumbrante e pitoresca, construída pelos deuses, é o meu maior desejo!"

Então os celestiais responderam com prazer "Que assim seja! Essa cidade encantadora seguramente se tornará Shurashena!"[594] Com essas palavras os celestiais de grande alma voltaram para o seu domicílio; o valente Shatrughna, porém, convocou seu exército que estava acampado nas margens do rio Yamuna e as tropas foram imediatamente àquele local, tendo sabido da sua vitória, e ele se estabeleceu lá no mês de Shravana.

Os habitantes daquela região de aspecto celeste viveram lá por doze anos em paz e felicidade, e os campos abundavam em grãos. Sob a égide dos braços de Shatrughna, Indra enviava chuva na época adequada e a cidade estava cheia de pessoas saudáveis e felizes. Aquela capital tinha o brilho da lua crescente e se erguia em esplendor nas margens do Yamuna; e ela era magnífica com seus edifícios e praças, mercados e rodovias e os habitantes pertencentes às quatro castas.

Shatrughna embelezou os magníficos e grandes edifícios que Lavana construiu antigamente e pintou de várias cores. Parques e locais de entretenimento podiam ser encontrados em todas as partes daquela cidade, que também era adornada com obras de arte humana e divina. De aspecto celeste, ela era cheia de diferentes tipos de mercadorias, e os comerciantes de todos os países chegavam lá. Olhando para aquela cidade opulenta, Shatrughna, o irmão mais novo de Bharata, no auge da prosperidade e felicidade, experimentou satisfação suprema.

Depois de doze anos, enquanto ele ainda morava naquela residência encantadora, o pensamento veio a ele, "Eu desejo ver Rama novamente", consequentemente, enquanto residia naquela cidade cheia de pessoas de todas as condições, o príncipe resolveu olhar para os pés do chefe dos Raghus mais uma vez.

Capítulo 71 – Shatrughna procura o sábio Valmiki

Agora no décimo segundo ano, Shatrughna, com uma pequena escolta de servos e soldados, desejou voltar a Ayodhya, onde Rama reinava. Tendo dissuadido seus conselheiros principais e chefes guerreiros de acompanhá-lo, ele partiu em seu corcel mais excelente com cem carruagens.

Aquele descendente de Raghu, tendo coberto quinze fases (da viagem) chegou ao eremitério de Valmiki onde ele parou. E aquele principal dos homens prestou reverência ao asceta, que, como anfitrião, com as próprias mãos lhe ofereceu água para lavar os pés e o Arghya. Em seguida, o sábio relatou as tradições mais agradáveis e variadas para o magnânimo Shatrughna e, falando da morte de Lavana, ele disse:

"Tu realizaste uma façanha difícil ao matá-lo! Ó jovem valente, muitos monarcas poderosos com suas tropas de infantaria e cavalaria sucumbiram em sua luta com Lavana. Tu o mataste como se fosse em esporte, ó principal dos homens! Pela tua bravura, o medo dos mundos acabou. A morte de Ravana foi provocada com grande dificuldade por Rama, mas esse feito de armas esplêndido foi realizado por ti sem qualquer problema! Pela queda de Lavana, grande alegria irrompeu entre os celestiais e a felicidade reina agora em meio a todos os seres em todo o mundo, ó príncipe da Casa de Raghu! Estando presente na assembleia de Vasava, eu

[594] Shurashena: 'Digna de heróis'.

testemunhei teu combate, e o meu coração também se encheu de forte felicidade; agora, por cheirar o topo da tua cabeça, eu testifico o grande afeto que tenho por ti".

Com essas palavras, o ilustre Valmiki cheirou o topo da cabeça de Shatrughna e ofereceu a ele e seus seguidores a hospitalidade tradicional. Tendo comido, Shatrughna, o principal dos homens, escutou os cânticos mais doces que contavam a história de Rama e como tudo tinha ocorrido. Instrumentos de cordas acompanhavam o canto no modo triplo,[595] que era expressivo e melódico; e ele ouviu a história de Rama e o que tinha sido antigamente realizado por ele; suas façanhas imortais como tinham ocorrido nos tempos passados, e aquele principal dos homens, Shatrughna, ficou arrebatado, com seus olhos cheios de lágrimas, e ele permaneceu absorto, suspirando repetidamente. Parecia-lhe que essa canção fazia o passado viver mais uma vez, e os companheiros de Shatrughna, conquistados, ouviam o poema sinfônico encantador, de cabeça baixa.

Depois disso, aqueles guerreiros gritaram: "Maravilhoso!" E começaram a questionar uns aos outros, dizendo: "O que é isso? Onde estamos? Isso é uma visão ou um sonho? Será que estamos vendo esse épico admirável em um sonho?" Em sua extrema admiração, eles disseram a Shatrughna: "Ó príncipe, interroga Valmiki, aquele principal dos sábios", pois todos estavam tomados de espanto, mas Shatrughna respondeu-lhes, dizendo: "Ó soldados, não é adequado interrogar tal pessoa. Muitos milagres acontecem nesse eremitério, no entanto, não cabe a nós questionar um grande asceta por curiosidade".

Tendo falado assim para suas tropas, o filho de Raghu prestou reverências àquele rishi ilustre e entrou em seus próprios aposentos.

Capítulo 72 – Shatrughna retorna para ver Rama

Embora aquele leão entre os homens tivesse se deitado, ele foi incapaz de dormir e sua mente estava absorta no maravilhoso épico de Rama, e enquanto ele ouvia aqueles acordes arrebatadores acompanhados de instrumentos de cordas, a noite passou rapidamente para o magnânimo Shatrughna. A noite tendo terminado, aquele príncipe, após realizar suas devoções matinais, com palmas unidas se dirigiu ao principal dos ascetas, dizendo: "Ó abençoado, eu desejo ver aquele que é a alegria da linhagem de Raghu e almejo permissão para me despedir de ti e dos outros acetas de penitências rígidas".

Ao ouvir a petição de Shatrughna, o flagelo de seus inimigos, filho da linhagem de Raghu, Valmiki o abraçou e lhe concedeu permissão para partir. Então aquele príncipe, tendo reverenciado o principal dos ascetas, subiu uma carruagem magnífica e, na ânsia de ver Rama, logo alcançou Ayodhya.

Tendo entrado naquela cidade encantadora, o afortunado descendente de braços longos dos Ikshvakus procurou Rama de grande renome e o viu sentado em meio aos seus conselheiros, seu semblante radiante como a lua cheia, e ele parecia o deus de mil olhos rodeado pelos imortais.

Prestando homenagem ao resplandecente e magnânimo Rama com palmas unidas, ele se dirigiu àquele herói, cuja destreza era a verdade, dizendo: "Ó grande rei, tudo o que tu ordenaste foi realizado por mim; o perverso Lavana está morto e sua cidade está ocupada. Agora doze anos foram passados longe de ti, ó alegria

[595] Isto é, cantado do coração, garganta e cabeça.

dos Raghus, e eu não posso mais viver separado de ti, ó príncipe. Tem piedade de mim, ó Kakutstha, tu cuja coragem é incomensurável; não me peças para permanecer lá por mais tempo como um bezerro separado de sua mãe".

Enquanto ele falava assim, Kakutstha o abraçou e disse: "Não cedas ao desânimo, ó valente, essa conduta não é digna de um guerreiro. Reis não se retiram para terras estrangeiras, ó Raghava, o dever de um rei é a proteção do seu povo. Ó virtuoso Shatrughna, que tu me visites de vez em quando em Ayodhya, então tu deves voltar à tua capital. Eu também te estimo mais que a própria vida, no entanto, é essencial cuidar da segurança do teu reino. Entretanto permanece aqui comigo por sete dias, ó Kakutstha, e depois disso volta para Madhura com a tua escolta de servos e cavalaria".

Ouvindo as palavras de Rama que eram agradáveis para o coração e em conformidade com o dharma, Shatrughna respondeu com tristeza: "Que assim seja!"

Então, tendo passado uma semana próximo a Rama, aquele arqueiro habilidoso, Shatrughna, de acordo com a vontade de seu irmão, fez os preparativos para partir. Reverenciando aquele herói verdadeiro, o magnânimo Rama, e Bharata e Lakshmana, ele subiu em seu carro e, sendo acompanhado por uma grande distância por Lakshmana e Bharata, ele se apressou para tornar a alcançar sua capital.

Capítulo 73 – A morte do filho de um brâmane

Tendo dito adeus a Shatrughna, o afortunado Rama encontrou satisfação em governar seu reino com equidade.

Então algum tempo depois, um camponês idoso, um brâmane, levando seu filho morto em seus braços chegou ao portão do palácio, chorando e gritando alto repetidas vezes "Que pecado eu cometi em uma existência anterior?"

Tomado pela dor paterna, ele repetia incessantemente, "Ó meu filho, meu filho! Ah! De que falha eu fui culpado antigamente em outro corpo que eu tenho que ver o meu único filho encontrar a morte? Esse menino ainda não tinha chegado à adolescência, o seu décimo quarto ano não tendo sido completado! Para a minha desgraça, antes desse tempo, essa querida criança foi abatida pela morte! Em poucos dias, eu e tua mãe também morreremos de tristeza, ó caro filho! Eu não me recordo de alguma vez ter dito uma mentira; eu não me lembro de alguma vez infligir um ferimento em algum animal ou de fazer mal a qualquer pessoa! Por qual crime essa criança, nascida para mim, foi para a morada de Vaivaswata nesse dia, antes que ele tivesse cumprido os deveres de um filho para com seu pai? Nunca antes eu testemunhei ou ouvi falar de uma coisa tão terrível, no reinado de Rama, quanto pessoas morrerem prematuramente. Rama deve ter cometido uma falta grave já que, no seu reino, crianças sucumbem. Certamente os jovens que habitam outros países não precisam temer a morte! Ó rei, dá-me de volta a vida do meu filho, que caiu sob o domínio da morte! Com minha esposa, eu abandonarei a minha vida no portão do rei como se eu não tivesse um protetor! Depois disso, tendo sido culpado de brahmanicídio, ó Rama, sê feliz! Que tu vivas por muito tempo com teus irmãos! Ó monarca poderoso, sob o teu governo, após um período de prosperidade no teu império, o infortúnio agora nos alcançou, colocando-nos sob o domínio da morte, ó Rama! A partir de agora nós não desfrutaremos da menor felicidade já que o império dos magnânimos Ikshvakus não tem mais um esteio. Com Rama como seu protetor,

a morte de crianças é certa. As pessoas perecem sob o governo injusto de um monarca impiedoso. A má conduta de um rei ocasiona a morte prematura de seus súditos. Quando, nas cidades e no campo, crimes são cometidos e nenhuma supervisão é exercida, então a morte deve ser temida! Sem dúvida, o rei será considerado como culpado na cidade e no campo, daí a morte dessa criança".

Essas foram as inúmeras recriminações que o pai infeliz dirigiu ao rei enquanto ele abraçava seu filho junto ao peito.

Capítulo 74 – O discurso de Narada

Os lamentos comoventes daquele brâmane desafortunado alcançaram os ouvidos do rei e ele, na profunda angústia que sentiu, reuniu seus ministros, Vasishtha e Vamadeva, com seus irmãos e os anciãos da cidade também.

Em seguida, oito brâmanes foram levados à presença do rei por Vasishtha, que parecia um deus, e eles disseram: "Que a prosperidade esteja contigo!"

Depois que aqueles principais dos nascidos duas vezes, Markandeya, Maudgalya, Vamadeva, Kashyapa, Katyayana, Javali, Gautama e Narada tomaram seus lugares, e aqueles rishis estavam reunidos, Rama prestou reverência a eles com palmas unidas. Então os ministros e os cidadãos receberam um acolhimento cordial, como era apropriado, e, todas aquelas pessoas altamente refulgentes estando sentadas perto dele, Raghava os informou sobre as críticas daquele nascido duas vezes.

Ouvindo as palavras do príncipe, que estava cheio de angústia, Narada deu esta resposta memorável na assembleia dos sábios: "Saibas, ó rei, o que causou a morte prematura dessa criança! Quando tu estiveres por dentro do assunto, faze o que considerares como teu dever!

"Ó príncipe, alegria dos Raghus, antigamente, no Krita Yuga, só os brâmanes praticavam ascetismo; aquele que não era um brâmane de modo algum se dedicava a isso. No fim daquela era, tudo foi consumido e absorvido em Brahman. Em seguida, os brâmanes renasceram iluminados e dotados de imortalidade. Naquela era, ninguém morria prematuramente e todos eram sábios.

"O Treta Yuga se seguiu quando nasceram os filhos de Manu,[596] que praticaram austeridades; esses homens nobres eram os governantes, e cheios de energia e heroísmo. Naquela era, brâmanes e kshatriyas eram iguais em poder e nenhuma distinção podia ser encontrada entre eles; foi então que as quatro castas foram estabelecidas.

"Quando aquele Yuga, que tinha sido livre de necedade, foi consumido no Fogo,[597] a injustiça colocou um pé na terra e, por conta da injustiça, a glória diminuiu e o período de vida foi encurtado, ó melhor dos monarcas. A carne, que era comida antigamente,[598] tornou-se alimento impuro em todo o mundo e, nessas condições, os homens se entregaram a boas ações, refugiando-se na pureza e virtude para se livrarem do mal.

"No Treta Yuga, brâmanes e guerreiros praticavam ascetismo e o restante estava sob a obrigação suprema de obediência, adequada às classes vaishya e shudra; o dever dos shudras sendo a servir as outras três.

[596] Os kshatriyas ou a classe guerreira.
[597] O Fogo da dissolução que destrói os mundos no fim de um Ciclo.
[598] Os homens viviam de carne por meio da caça antes que a agricultura fosse conhecida.

"Ó grande rei, no Dwapara Yuga, a falsidade e o mal aumentaram, a injustiça tendo colocado um segundo pé na terra, e então os vaishyas começaram a praticar penitência, de modo que o dharma, sob a forma de ascetismo, era realizado pelas três castas, mas os shudras não eram autorizados a realizá-lo durante aquela época, ó principal dos homens.

"Ó príncipe, um homem da casta mais baixa não pode se entregar à penitência no Dwapara Yuga; é só no Kali Yuga que a prática do ascetismo é permitida à casta shudra. Durante o Dwapara Yuga é um grande crime alguém de nascimento shudra realizar tais práticas.

"Neste momento, em teu império, uma penitência rígida está sendo realizada por um shudra ignóbil, ó príncipe, e essa é a causa da morte daquela criança.

"A prática da injustiça, seja na cidade ou no campo, traz infortúnio e o monarca que não administra uma punição imediata vai para o inferno, disso não há dúvida.

"Um ato de mortificação que é prescrito é bem feito e um sexto do mérito vai para o rei que governa com justiça. Mas como aquele que não protege o seu povo desfrutaria da sexta parte? Ó leão entre os homens, tu deves investigar os acontecimentos no teu reino e suprimir o mal onde quer que seja praticado, de modo que a virtude possa prosperar, a vida do homem ser prolongada e a criança ser revivida".

Capítulo 75 – Rama faz uma viagem de inspeção em seu reino

Ouvindo as palavras como néctar de Narada, Rama ficou muito satisfeito e disse a Lakshmana: "Ó caro amigo, tu que és fiel aos teus votos, vai e consola aquele brâmane importante e faze com que o corpo da criança seja colocado em um vaso de óleo com unguentos preciosos e pomadas perfumadas, de modo que ele seja coberto e não sofra decomposição. Age de tal maneira que o corpo da criança não se dissolva ou deteriore".

Tendo emitido esse comando para Lakshmana, que era dotado de marcas auspiciosas, o altamente ilustre Kakutstha pensou em Pushpaka, e disse: "Vem!" Consciente da sua intenção, a carruagem dourada[599] apareceu diante dele na mesma hora e curvando-se, disse-lhe: "Eis-me aqui a teu serviço, ó príncipe de braços longos!"

Ouvindo as palavras agradáveis de Pushpaka, Rama reverenciou os grandes rishis e subiu na carruagem. Armado com seu arco, suas duas aljavas e sua espada reluzente, Raghava deixou a cidade a cargo de seus dois irmãos, Saumitri e Bharata, e então aquele monarca dirigiu seu curso para a região oeste que ele explorou por toda parte; em seguida, ele foi para a região norte delimitada pelos Himalaias, mas não encontrou indício de más ações lá; depois, a região leste foi cuidadosamente examinada por ele e aquele príncipe de braços longos, do alto de seu carro, viu pessoas de moral pura lá, tão imaculadas quanto um espelho. Então ele, que causa felicidade aos grandes rishis, percorreu a região sul e, ao lado da montanha Shaivala, um vasto lago apareceu para ele, nas margens do qual o bem-aventurado Raghava viu um asceta praticando uma penitência extremamente rigorosa, de cabeça para baixo.

---

[599] Isto é, a divindade que preside Pushpaka.

Nisso aquele príncipe nascido de Raghu se aproximou daquele que tinha entregado a práticas rigorosas e disse: "Bendito és tu, ó asceta, que és fiel aos teus votos! De qual casta tu surgiste, ó tu que envelheceste em mortificação e que estás estabelecido em heroísmo? Eu estou interessado nesse assunto, eu, Rama, o filho de Dasaratha. Qual propósito tu tens em vista? É o céu ou algum outro objetivo? Que benção tu buscas por meio dessa penitência difícil? Eu quero saber o que tu desejas ao realizares essas austeridades, ó asceta. Que a prosperidade esteja contigo! Tu és um brâmane? Tu és um kshatriya invencível? Tu és um vaishya, um da terceira casta ou tu és um shudra? Responde-me sinceramente!"

Então o asceta, que estava pendurado de cabeça para baixo, assim questionado por Rama, revelou sua origem àquele príncipe nascido de Dasaratha, o principal dos reis, e o motivo pelo qual ele estava praticando penitência.

Capítulo 76 - Shambuka é morto por Rama

Ouvindo as palavras de Rama de façanhas imperecíveis, aquele asceta, com sua cabeça ainda pendurada para baixo, respondeu: "Ó Rama, eu nasci de uma aliança shudra e estou realizando essa penitência rigorosa para adquirir a condição de um deus neste corpo. Eu não estou dizendo uma mentira, ó Rama, eu desejo alcançar a região celeste. Saibas que eu sou um shudra e meu nome é Shambuka".

Enquanto ele ainda falava, Raghava, puxando sua espalha brilhante e inoxidável da bainha, cortou sua cabeça. O shudra sendo morto, todos os deuses e seus líderes com os seguidores de Agni gritaram: "Bem feito! Bem feito!" cumulando Rama de louvores, e uma chuva de flores celestes de fragrância divina caiu por todos os lados, espalhadas por Vayu. Em sua satisfação suprema, os deuses disseram àquele herói, Rama: "Tu protegeste os interesses dos deuses, ó príncipe altamente inteligente, agora pede uma benção, ó filho amado de Raghu, destruidor de teus inimigos. Pela tua graça, esse shudra não será capaz de alcançar o céu!"

Ouvindo as palavras dos deuses, aquele herói da região da verdade, com palmas unidas, se dirigiu a Purandara de mil olhos, dizendo: "Já que os deuses estão satisfeitos comigo, que o filho daquele brâmane seja ressuscitado! Concedam-me esse, o maior de todos os favores! Foi por causa da minha negligência que aquela criança, o filho único daquele brâmane, morreu antes de seu tempo. Devolvam-lhe sua vida! Que a prosperidade seja sua! Eu prometi que devolveria seu filho àquele nascido duas vezes, não deixes que as minhas palavras se revelem falsas!"

Assim falou Raghava e o principal dos celestiais, cheio de alegria, deu-lhe esta resposta, aumentando a sua felicidade: "Ó Kakutstha, sê feliz! Hoje mesmo aquela criança recebeu nova vida e foi devolvida aos seus pais. A criança foi ressuscitada no instante em que a cabeça do shudra caiu. Sê feliz! Que a prosperidade te acompanhe! Agora, deixa-nos ir, ó Raghava, ó principal dos monarcas, nós desejamos visitar o eremitério de Agastya. A hora da consagração está próxima para aquele grande rishi! Ó príncipe ilustre, por doze anos ele viveu na água. Ó Kakutstha, vamos juntos oferecer felicitações àquele asceta. Vem e visita o principal dos rishis também e sê feliz".

"Que assim seja!", disse o aumentador da alegria dos Raghus, e ascendeu na carruagem incrustada de ouro, Pushpaka. Enquanto isso, os deuses tinham partido

em seus vastos carros e Rama os seguiu sem demora ao eremitério de Kumbhayoni.

Vendo aqueles deuses vindo encontrá-lo, o virtuoso Agastya, aquele tesouro de ascetismo, prestou reverência a todos sem distinção e, tendo recebido sua homenagem e oferecido saudações a ele, os deuses voltaram alegremente para as suas residências com seus atendentes. Quando eles partiram, Rama desceu do avião Pushpaka e ofereceu reverências àquele rishi ilustre.

Agastya, radiante em seu próprio esplendor, retribuiu a saudação de seu soberano magnânimo, que, tendo recebido hospitalidade suprema, sentou-se, ao que o ilustre Kumbhayoni de penitências rígidas disse-lhe:

"Bem vindo, ó principal dos homens! Ó Raghava, é a minha boa sorte que te traz aqui! Ó Rama, tu és digno do maior respeito por causa dos teus excelentes e inúmeros atributos, ó príncipe! Tu és um convidado digno de honra e permaneces no meu coração. Os deuses me dizem que tu vieste aqui depois de matar o shudra e, por esse ato de justiça tu devolveste o filho de um brâmane à vida! Passa a noite aqui comigo, ó Raghava, pois tu és Narayana, o Senhor Bendito e tudo pode ser encontrado em Ti! Tu és o divino Purusha! Amanhã de manhã tu podes voltar à cidade na carruagem Pushpaka.

"Ó meu amigo, aqui está um ornamento feito por Vishvakarma, que é de origem divina e brilha por sua própria luz. Tem a bondade de aceitá-lo, ó Kakutstha. Dar de novo o que se recebeu é dito ser do maior benefício. Tu és digno desse ornamento e também das mais altas recompensas já que tens protegido os deuses e seus líderes. Eu tenho, portanto, o direito de te oferecer isso, aceita, ó príncipe".

NOTA: Os quatorze versos seguintes são considerados interpolações.

Então aquele grande guerreiro dos Ikshvakus, ponderando sobre os deveres dos kshatriyas, respondeu àquele asceta magnânimo, dizendo: "Ó rishi ilustre, só brâmanes podem aceitar presentes, é censurável um kshatriya fazê-lo. Não é apropriado para um kshatriya aceitar um presente de um brâmane. Dize-me, portanto, como eu posso fazer isso?"

Nisso, o rishi Agastya respondeu, dizendo: "Ó Rama, ó filho de Dasaratha, no início da Era de Ouro a raça humana não tinha rei, só os celestiais tinham Vasava como seu governante. Para obter um rei, portanto, os homens se aproximaram de Brahma o deus dos deuses e disseram: 'Ó Senhor, tu fizeste de Indra o governante dos celestiais, então confere um soberano a nós, que será o principal dos homens; nós não podemos viver sem um rei, essa é a nossa firme convicção!'

"Então o avô do mundo mandou buscar Indra e os outros deuses e disse: 'Que vocês todos sacrifiquem uma parte do seu bem-estar!' E os celestiais entregaram parte de seu poder e um rei nasceu, quando então Brahma o chamou de Kshupa.[600] Em seu corpo, Brahma colocou uma proporção igual dos poderes dos deuses e o nomeou como governante dos homens. Em virtude da porção da energia de Indra, o rei Kshupa trouxe a terra sob seu controle; pela porção da energia de Varuna, ele promoveu a saúde em seu corpo; pelo poder de Yama, ele governou o povo. Ó Rama, em virtude da porção de Indra, tu és o Soberano da terra, que tu aceites essa joia e concedas tua graça a mim".

Ouvindo as palavras do sábio, Rama aceitou a joia brilhante e celeste cintilante como os raios do sol e, tendo aceitado aquele ornamento excelente,

[600] Kshupa: um arbusto ou árvore pequena com raízes.

Dasarathi questionou o grande sábio Kumbhayoni, dizendo: "De onde tu obtiveste esse enfeite divino de feitura celeste? Quem o deu a ti, ó brâmane, eu te pergunto por curiosidade, tu és um oceano de maravilhas!"

Então Agastya respondeu: "Ouve, ó Rama, como eu obtive esse ornamento no Treta Yuga".

Capítulo 77 – A história de Swargin

"Ó Rama, antigamente no Treta-Yuga havia uma vasta selva de cerca de quatrocentas milhas de extensão, onde não havia nem animal nem ave, e lá eu estava passando por uma penitência rígida. Ó meu amigo, eu comecei a percorrer aquela solidão desabitada! Eu não posso descrever sua beleza com as frutas, raízes de sabor raro e as árvores de essências variadas.

"No centro havia um lago de cerca de quatro milhas de extensão, cheio de cisnes e aves aquáticas, aves Chakravakra sendo seu ornamento. Ele era coberto com lótus e nenúfares, nem ervas daninhas nem musgos cresciam lá e suas águas eram profundas, tranquilas e doces. Perto daquele lago maravilhoso eu encontrei um eremitério espaçoso que era de grande antiguidade e desprovido de homem ou animal. Foi lá que passei uma noite de verão, ó principal dos homens. Ao amanhecer, eu me levantei para executar minhas devoções matinais e dirigi meus passos para o lago. Lá eu vi um corpo morto, gordo e sem manchas, brilhando em esplendor na água. Essa visão me fez refletir por algum tempo, ó Raghava, e eu fiquei nas margens do lago me perguntando, 'O que pode ser isso?'

"Ó Senhor, um momento depois apareceu uma maravilhosa carruagem celeste, que era magnífica, e atrelada a cisnes que eram tão rápidos quanto o pensamento. Nessa carruagem eu vi um homem de beleza extraordinária, ó alegria da Casa de Raghu, que estava cercado por milhares de apsaras adornadas com ornamentos celestes. Algumas estavam cantando encantadoramente enquanto outras tocavam instrumentos musicais, como mridangas, vinas e panavas; algumas estavam dançando e algumas, com o auxílio de chouris brilhantes como raios da lua, possuindo cabos ornamentados, estavam abanando o rosto daquele jovem de olhos de lótus. Então ele, que era tão radiante quanto o pico do monte Meru, deixando seu assento, desceu do carro e, sob o meu olhar, devorou aquele cadáver. Tendo satisfeito sua fome com a carne abundante, ele mergulhou nas águas e depois de lavar as mãos e enxaguar a boca de acordo com a tradição, ele voltou a subir em sua carruagem.

"Vendo aquele ser celeste prestes a partir, eu lhe falei desta maneira, ó príncipe: 'Quem és tu que pareces um deus? Por que tu compartilhaste dessa carne proibida, ó meu amigo? Dize-me como esse alimento repugnante te beneficia, tu que és igual aos celestiais? Há algum mistério nisso, ó amigo, eu gostaria de saber o que é; eu não posso acreditar que um cadáver seja um alimento adequado para ti'.

"Assim, por curiosidade, em tons amigáveis, eu falei àquele Nakin,[601] ó príncipe, e tendo me ouvido, ele me contou tudo".

[601] Nakin: alguém que mora em 'Naka', o céu, um ser divino.

Capítulo 78 – Shveta conta sua história

"Tendo ouvido essas palavras auspiciosas, aquele ser celeste, com palmas unidas me respondeu desta maneira, ó Rama, alegria da Casa de Raghu.

"'Ouve, ó brâmane, sobre o que me aconteceu antigamente, ocasionando a minha felicidade e também o meu sofrimento. Saibas do destino inexorável sobre o qual tu me questionaste.

"'Nos tempos passados o meu pai ilustre, o poderoso Sudeva, reinava sobre os Vidarbhas. Ele teve dois filhos com suas duas rainhas, ó brâmane, eu fui chamado de Shveta e meu irmão mais novo Suratha. Meu pai tendo ascendido ao céu, eu fui instalado como rei pelo povo, e consequentemente me dediquei a governar com equidade.

"'Mil anos se passaram enquanto eu governava o império piedosamente e protegia meu povo de acordo com o dharma. Sabendo por certas indicações que eu estava envelhecendo, ó principal dos nascidos duas vezes, eu refleti sobre as leis do tempo e fui para a floresta. Lá eu penetrei em um bosque inacessível, onde não havia nem animais nem aves, para praticar penitência nas margens deste belo lago, tendo primeiro colocado o meu irmão Suratha no trono como senhor do império.

"'Perto desse lago, eu me entreguei a mortificações severas e pratiquei austeridades por milhares de anos na grande floresta. Essa penitência excessivamente rígida me fez chegar a Brahmaloka, a qual nada transcende. Tendo ascendido ao céu, fome e sede extremas me assaltaram, ó principal dos nascidos duas vezes, depois do que, com minha mente perturbada, eu me aproximei do Senhor dos três mundos, o Avô, e disse-lhe: "Ó Abençoado, em Brahmaloka alguém não deveria estar sujeito à fome e sede; de qual ato meu surge esse desejo de comer e beber? Qual deve ser o meu alimento, dize-me, ó Avô Divino?"

"'Então o Avô me respondeu, dizendo: "Ó filho de Sudeva, a tua própria carne será a tua nutrição saborosa e tu te alimentarás dela diariamente. Tu sempre nutriste bem o teu corpo quando estavas realizando uma penitência excelente. O que é semeado sempre floresce, ó virtuoso Shveta. Sem fazer quaisquer doações, tu praticaste ascetismo; é por essa razão que estás sujeito à fome e sede no céu, o qual tu alcançaste. Portanto, o teu próprio corpo que foi bem nutrido será o teu alimento no céu, e ele será convertido em Amrita, mas quando o grande e invencível rishi Agastya vier para a floresta ele te libertará dessa escravidão, ó Shveta! Meu amigo, ele pode salvar as hostes dos próprios deuses, quanto mais ele é capaz de te salvar do domínio da fome e da sede ao qual tu estás sujeito, ó herói de braços longos".

"'Ó senhor dos nascidos duas vezes, desde o decreto de Bhagavat, aquele Senhor dos Senhores, eu venho me nutrindo miseravelmente do meu próprio corpo! Por inúmeros anos eu tenho me alimentado dele sem ele diminuir, ó Brahmarishi, e o meu apetite é descomunal. Que tu me salves dessa situação dolorosa; a libertação não virá a mim de nenhum outro que não o asceta Kumbhayoni! Ó sábio querido e excelente, aceita este presente, que o bem te aconteça, concede-me esse favor! Eu darei ouro, posses, vestes, alimentos saborosos e muito mais além disso, como também ornamentos a ti, ó principal dos sábios, eu te ofereço tudo o que é desejável e toda felicidade, como o preço da minha libertação, ó, concede-me essa graça!'

"Ouvindo essas palavras daquele ser celeste desafortunado, eu aceitei a joia rara para salvá-lo e, assim que eu recebi essa joia magnífica, o corpo mortal daquele rishi nobre derreteu. Seu corpo sendo assim dissolvido, aquele rajarishi sentiu extrema satisfação e ascendeu alegremente para Swarga. É por isso que aquele ser

celeste, que parecia Shakra, me deu essa joia divina, maravilhosa de se ver, ó Kakutstha".

Capítulo 79 – Os cem filhos de Ikshvaku

Após ouvir a história extraordinária de Agastya, Raghava, cheio de reverência e admiração, começou a questioná-lo, dizendo: "Ó abençoado, por que não há animais selvagens ou aves nessa floresta onde o rei de Vidarbha, Shveta, costumava praticar aquela penitência rígida? Por que aquele príncipe entrou nesse boque deserto e desabitado para se entregar à realização de ascetismo? Eu desejo saber tudo em detalhes".

Ao ouvir essa pergunta inspirada por curiosidade, aquele principal dos ascetas começou a falar assim: "Nos tempos antigos, na era de ouro, ó Rama, o Senhor Manu era o governante da terra. Seu filho era Ikshvaku, o aumentador da felicidade de seu povo. Tendo colocado seu filho mais velho, o invencível Ikshvaku, no trono, Manu disse: 'Torna-te o fundador das dinastias reais do mundo!'

"Ó Rama, Ikshvaku prometeu seguir suas ordens e Manu, muito satisfeito, acrescentou: 'Eu estou satisfeito contigo, ó nobre, sem dúvida tu fundarás uma dinastia, mas, enquanto governares os teus súditos com firmeza, nunca punas alguém que não tenha culpa! Uma punição dispensada ao culpado de acordo com a lei é útil para conduzir um monarca para o céu, portanto, ó herói de braços longos, ó caro filho, tem bastante cuidado ao empunhares o cetro, esse é o teu dever supremo na terra'.

"Tendo aconselhado seu filho repetidamente dessa maneira, Manu se dirigiu alegremente para a morada eterna de Brahma.

"Seu pai tendo ascendido para a região celeste, Ikshvaku de glória imensurável refletiu ansiosamente consigo mesmo sobre como ele criaria progênie. Tendo realizado muitos sacrifícios e atos de caridade, ele foi abençoado com cem filhos semelhantes aos filhos dos deuses. O mais jovem de todos, ó descendente de Raghu, era estúpido e ignorante e não ouvia os conselhos dos mais velhos. Por causa da sua falta de virtude, o rei o chamou de Danda, pensando que a vara (Danda), inevitavelmente cairia sobre ele.

"Quando o monarca foi incapaz de encontrar uma província adequada para seu filho, ó Raghava, conquistador de teus inimigos, ele construiu um território para ele entre as montanhas Vindhya e Shaivala. Danda tornou-se rei e lá construiu uma cidade incomparavelmente bela naquele local encantador, rodeado por montanhas. Ele chamou aquela cidade de Madhumanta, ó senhor, e escolheu Shukra Deva de práticas piedosas como seu preceptor espiritual. Danda com seu guru governou aquela cidade habitada por pessoas felizes como o rei dos deuses no céu. Aquele monarca, o filho do principal dos homens, com a ajuda de Shukra Deva governou como o grande e magnânimo Shakra no céu sob a orientação de Brihaspati".

Capítulo 80 – Danda insulta Aruja

Tendo contado essa história para Rama, o grande asceta, nascido de um jarro, continuou: "Danda, ó Kakutstha, totalmente autocontrolado, continuou a governar por inúmeros anos, superando todos os obstáculos. Um dia, no deleitável mês de Chaitra, o rei se dirigiu para o deslumbrante eremitério de Bhargava e viu a filha daquele asceta, que estava andando na clareira da floresta, e ela era incomparável em beleza na terra de modo que ele foi tomado de desejo. Perfurado pelos dardos do deus do amor, ele se aproximou daquela donzela jovem e a questionou, dizendo: 'De onde és tu, ó dama de quadris graciosos? Quem é teu pai, ó bela? Estando aflito pela paixão, eu te faço essas perguntas, ó bela dama!'

"Assim ele falou em sua agitação, e a filha do asceta respondeu docemente: 'Eu sou a filha mais velha de Shukracharya de obras imperecíveis, saibas que o meu nome é Aruja, ó principal dos reis, e eu moro nesse eremitério. Não forces as tuas atenções sobre mim, ó rei, porque eu sou uma moça ainda sob a autoridade do meu pai. O meu pai é o teu guru, ó grande príncipe, tu és o discípulo daquele asceta magnânimo; aquele grande Sábio te infligirá uma punição terrível, em sua ira. Tu deves agir honestamente a meu respeito, de acordo com a lei do dharma, ó príncipe. Primeira te aproxima do meu pai e pede a minha mão ou consequências terríveis se seguirão ao teu ato. Em sua ira, meu pai consumirá os próprios três mundos, ó tu de forma impecável; se, no entanto, tu pedires a minha mão, ele irá concedê-la a ti'.

"Assim falou Aruja, mas Danda, que havia caído sob o domínio do desejo, com palmas unidas, respondeu a ela em seu frenesi, dizendo: 'Dá-me os teus favores, ó encantadora, não adies, por tua causa a minha respiração está sendo extinta, ó tu de rosto adorável. Tendo me unido a ti, o que me importa se a morte ou a mais terrível vingança se seguir? Corresponde ao meu amor, ó tímida, esse amor que me oprime".

"Falando assim, ele agarrou aquela mulher jovem brutalmente em seus braços poderosos e saciou sua luxúria nela. Tendo cometido esse ultraje monstruoso, Danda voltou para a inigualável cidade de Madhumanta com toda velocidade. Aruja, no entanto, soluçando perto do eremitério, aterrorizada, aguardou seu pai, que se assemelhava a um deus".

Capítulo 81 – A destruição do reino de Danda

"Ao saber do que tinha acontecido, o rishi bem-aventurado e ilustre, cercado por seus discípulos, voltou ao eremitério, atormentado pela fome. Como a lua que foi devorada pelo planeta Rahu ao amanhecer e é desprovida de seu esplendor, ele viu a desafortunada Aruja coberta de poeira; e aquele brâmane, já estando consumido pela fome, caiu em um assomo de raiva, de modo que parecia que ele desejava destruir os três mundos. Então ele se dirigiu a seus discípulos dizendo:

"'Testemunhem a terrível calamidade nascida da minha ira, como fogo, que sobrevirá àquele malfeitor, Danda! Chegou a hora da destruição daquele monarca desprezível e sua corte, ele, que se atreveu a colocar a mão na chama do fogo sacrifical, logo colherá os frutos do seu ato perverso! Em sete noites, ele perecerá com seus filhos, infantaria e cavalaria. Pakashana[602] destruirá o território daquele

[602] Pakashana: 'Castigador do demônio Paka', um título de Indra.

canalha com uma chuva de poeira por uma distância de cem léguas de extensão. No reino de Danda, em sete dias, todas as coisas animadas e inanimadas perecerão totalmente e tudo o que cresce desaparecerá completamente sob a chuva de cinzas!'

"Tendo falado assim para os habitantes do eremitério, com seus olhos vermelhos de raiva, ele acrescentou: 'Tomem sua residência além dos limites dessa região!'

"Ouvindo as palavras de Shukracharya, todos aqueles que moravam no eremitério deixaram aquele local para se estabelecerem em outro lugar, e Shukracharya, tendo falado assim para aquela companhia de sábios, se dirigiu à sua filha Aruja e disse:

"'Permanece nesse eremitério, ó tola, e te entrega à meditação. Ó Aruja, aguardando a hora da tua libertação, desfruta despreocupada desse lago de aspecto encantador de quatro milhas de extensão! Aquelas criaturas que se refugiarem contigo naquela hora não sofrerão de modo algum por causa da chuva de poeira!'

"Ao comando do brahmarishi, seu pai, Aruja, que estava tomada pela angústia, respondeu; 'Assim seja!'

"Tendo dito isso, Shukracharya encontrou uma habitação em outro lugar.

"Enquanto isso, o reino daquele principal dos homens com seus servos, seu exército e seus carros foi reduzido a cinzas no sétimo dia, como previsto por aquele intérprete do Veda. Ó príncipe, aquele império situado entre as montanhas Vindhya e Shaivala, seu soberano tendo deixado de manter o dharma, assim amaldiçoado pelo brahmarishi, desde então tem sido conhecido como o deserto de Dandaka, ó Kakutstha, e o lugar onde os ascetas viviam ficou conhecido como Janasthana. Eu agora respondi totalmente a tudo o que tu perguntaste, ó Raghava. A hora para as devoções da noite está passando, ó herói; de todas as direções, os grandes rishis com seus loshtas cheios, tendo se banhado, ó príncipe, estão agora adorando o deus-Sol. O sol se retirou atrás das montanhas Astachala enquanto esses intérpretes eruditos do Veda estavam lendo os Brahmanas juntos; que tu também realizes as tuas abluções, ó Rama".

Capítulo 82 – Rama se despede de Agastya

Seguindo a ordem do rishi, Rama, para realizar suas devoções vespertinas, aproximou-se do lago sagrado frequentado por tropas de apsaras. Após ter terminado suas abluções e os ritos da noite, ele voltou para o eremitério do magnânimo Kumbhayoni. Então Agastya, para sua refeição, preparou muitos tipos de frutas e raízes com arroz e ingredientes puros, e o mais notável dos homens compartilhou daquele alimento que parecia Amrita e passou a noite lá alegremente.

Ao amanhecer, aquele subjugador de seus inimigos, o príncipe dos Raghus, tendo realizado os rituais da manhã, aproximou-se do sábio antes da sua partida e, prestando reverências àquele grande asceta, nascido de um jarro, disse-lhe:

"Permite-me voltar a esse retiro, eu te peço! Eu sou feliz por ter recebido a graça de olhar para um asceta tão grandioso a quem eu visitarei novamente para a minha santificação!"

Ouvindo as palavras de Kakutstha, maravilhosas de se ouvir, ele, cuja visão era a justiça, com grande prazer, respondeu: "Ó Rama, ó alegria dos Raghus, a tua fala, brilhantemente expressa, é de grande eloquência. Tu mesmo és a santidade de

todos os seres! Ó Rama, quem quer que lance um único olhar de amor sobre ti é purificado; ele vai para o paraíso onde recebe a homenagem dos Senhores do Terceiro Céu; mas aqueles que te olham com um olhar malévolo são derrubados subitamente pela vara da morte e caem no inferno! Ó príncipe, descendente da linhagem de Raghu, tu és a salvação de todos os seres na terra e aqueles que sempre falam de ti adquirem perfeição. Vai em paz! Governa o teu império com equidade; tu és o caminho do mundo!"

Assim falou o muni, e o príncipe virtuoso, com palmas unidas, reverenciou aquele asceta e, tendo oferecido saudações àqueles principais dos sábios e aos outros munis, subiu tranquilamente na carruagem dourada Pushpaka. Quando ele estava partindo, as companhias de sábios derramaram bênçãos de todos os tipos sobre ele, ele que era igual a Mahendra, como os devas aclamam aquele deus de mil olhos.

Permanecendo no espaço, Rama, em sua carruagem dourada Pushpaka, parecia a lua cercada por nuvens. Posteriormente, ao meio-dia, Kakutstha entrou em Ayodhya em meio a aclamações contínuas e, tendo chegado ao pátio central, desceu do carro. Quando o príncipe deixou Pushpaka, aquela carruagem magnífica, que corria onde quer que se desejasse, dispensando-a, ele disse: "Vai, que o bem te aconteça!"

Depois disso Rama emitiu este comando para o porteiro que estava no pátio e disse: "Vai e anuncia a minha chegada para Lakshmana e Bharata, aqueles dois heróis velozes, e os chama aqui sem demora".

Capítulo 83 – Bharata convence Rama a não realizar o sacrifício Rajasuya

A esse comando de Rama de façanhas imperecíveis, o guarda convocou aqueles dois príncipes jovens e voltou para informar seu mestre. Então ele, vendo Bharata e Lakshmana, abraçou os dois e disse-lhes:

"Eu cumpri fielmente a tarefa dos excelentes nascidos duas vezes, agora eu quero realizar o sacrifício Rajasuya, que em minha opinião é indestrutível e imutável, o suporte da lei e o destruidor de todo mal. Acompanhado por vocês dois, que são partes de mim, eu desejo me preparar para esse sacrifício baseado no dharma eterno, pois é um dever fundado nos costumes. Foi após a realização do sacrifício Rajasuya que Mitra, o flagelo de seus inimigos, obteve a condição de Varuna por meio dessa rica oferenda. Tendo celebrado aquele sacrifício de acordo com a tradição que era bem conhecida para ele, Soma adquiriu um estado imperecível e renome no mundo. Que vocês, portanto, me falem o que é melhor agora, e considerando o assunto comigo, digam francamente o que é mais vantajoso para o futuro".

Assim falou Raghava, e Bharata, um argumentador hábil, com palmas unidas respondeu dizendo: "Ó caro irmão, em ti o mais alto senso de dever pode ser encontrado! É em ti que o mundo encontra seu apoio; em ti, toda glória reside, e também valor imensurável, ó herói de braços longos. Todos os reis da terra, e nós também, te consideramos como o protetor do universo, assim como os deuses e Prajapati. As crianças olham para ti como seu pai, ó príncipe valente, que te tornaste a salvação dos seres vivos também, ó Raghava; como tu realizarias um sacrifício de tal natureza, ó senhor, no qual a destruição de muitas casas reais está envolvida?

Além disso, ó rei, isso significa a aniquilação total daqueles guerreiros que se tornaram os heróis da terra, o que virá a ser uma causa de condenação universal. Ó leão entre os guerreiros, ó tu cujas virtudes te tornam inigualável em poder, não destruas o mundo que está totalmente sujeito a ti".

Quando Rama ouviu Bharata falar assim, em palavras doces como néctar, ele sentiu uma alegria extrema e dirigiu esta resposta benigna ao aumentador da alegria de Kaikeyi, dizendo: "Eu estou feliz e satisfeito com o que disseste, ó herói irrepreensível, esse discurso firme, de acordo com a justiça, que tu proferiste, ó leão entre os heróis, preservou a terra! À decisão que tomei de prosseguir com o grande sacrifício Rajasuya eu agora renuncio após o teu conselho excelente, ó virtuoso Bharata. Os sábios nunca devem cometer qualquer ação prejudicial para o mundo. Pelo contrário, deve se estar disposto a receber bons conselhos até mesmo de uma criança, ó tu, o irmão mais velho de Lakshmana; eu estou satisfeito com o teu conselho que é sábio e ponderado, ó príncipe valente!"

Capítulo 84 – A história de Vritra

Assim falou Rama para Bharata de grande alma, e depois disso Lakshmana dirigiu este discurso eloquente àquele que aumentava a felicidade dos Raghus, dizendo: "O grande sacrifício Ashwamedha remove todos os pecados e é o meio infalível de purificação; que te agrade realizá-lo, ó alegria dos Raghus!

"É dito nos Puranas que o magnânimo Vasava, manchado pelo pecado de brahmanicídio, foi purificado através da realização do sacrifício de cavalo. Ó guerreiro de braços longos, nos tempos antigos, quando devas e asuras estavam unidos, vivia um daitya universalmente honrado chamado Vritra. A largura do seu corpo era de cem léguas e ele tinha três vezes essa altura. Em sua benignidade, ele lançava seu olhar beneficente em todas as direções nos três mundos. Leal, grato, muito inteligente, ele governava seu território fértil com cuidado e integridade e, sob o seu domínio, a terra produzia tudo o que podia ser desejado, flores, raízes e frutas deliciosas. Sem ser cultivada a terra era abundantemente frutífera e por muitos anos aquele príncipe magnânimo desfrutou de um império rico maravilhoso de se ver. Então lhe veio pensamento: 'Eu executarei uma penitência rígida; na verdade, o ascetismo é uma grande alegria, todas as outras felicidades são meras ilusões".

"Tendo estabelecido seu filho mais velho sobre o seu povo como rei de Madhura, ele se entregou a uma penitência rígida que causou terror entre os deuses. Quando Vritra estava se mortificando dessa maneira, Vasava, em sua extrema aflição, procurou Vishnu e falou-lhe o seguinte:

"'Por conta de seu ascetismo aquele herói de braços longos, Vritra, conquistou os mundos; ele é poderoso e virtuoso; eu não serei capaz de superá-lo. Se ele continuar com essas austeridades, ó chefe dos deuses, nós estaremos sujeitos a ele enquanto os mundos durarem. Tu negligenciaste o extremamente ilustre Vritra ou ele não viveria um instante diante da tua ira, ó Senhor dos Deuses. A partir do momento que ele conseguiu te propiciar, ó Vishnu, ele assumiu a direção dos mundos. É para ti em tua grande solicitude favorecer o universo, então, pela tua graça, os mundos viverão em paz, livres de aflição. Todos os habitantes da região celeste fixaram o olhar em ti, ó Vishnu. Mata Vritra e por esse grande feito os salva! Tu sempre deste apoio aos deuses magnânimos que não podem ser resistidos por seus adversários; sê o refúgio daqueles que não têm outro refúgio!'"

Capítulo 85 – A morte de Vritra

Ouvindo Lakshmana falar assim, Rama, o matador de seus inimigos, disse-lhe: "Ó tu fiel ao teu dever, conta o resto da história da destruição de Vritra!"

A essas palavras de Raghava, o virtuoso Lakshmana, aumentador da alegria de Sumitra, continuou seu tema elevado, dizendo: "Essa foi a súplica dirigida por todos os habitantes do céu, liderados por aquele senhor de mil olhos, a Vishnu, que respondeu a todos aqueles deuses com Indra em sua dianteira, dizendo:

"'Um laço antigo me liga ao magnânimo Vritra, portanto eu não posso favorecê-lo por matar aquele grande asura; não me é possível lhes conceder essa felicidade suprema, mas eu indicarei os meios pelos quais o deus de mil olhos pode destruí-lo. Eu dividirei a minha essência natural em três partes, ó principais dos deuses, e por esses meios aquele deus de mil olhos pode sem dúvida matar Vritra. Um terço do meu ser entrará em Vasava, uma segunda parte no raio e uma terceira entrará no seio da terra, assim Vritra perecerá!'

"Assim falou o Senhor dos deuses, e os deuses responderam a ele dizendo: 'Ó Matador de Daityas, seguramente o que Tu falaste acontecerá! Que a vitória seja Tua, nós agora nos despediremos infundidos por Teu poder, para matar o asura Vritra, ó Senhor!'

"Então todos os deuses magnânimos com Sahasraksha à sua frente foram ao grande retiro do asura Vritra. Então eles viram o mais poderoso dos asuras, refulgente com seu próprio esplendor que parecia consumir os mundos e o próprio espaço. Vendo o principal dos asuras, os deuses foram tomados de terror e pensaram, 'Como é que vamos matá-lo?' 'Como podemos evitar a derrota?'

"Enquanto eles estavam pensando assim, Sahasraksha, o destruidor de cidades, tendo o raio em suas mãos, o arremessou em Vritra, atingindo sua cabeça. Como o fogo do tempo, formidável, brilhando com sua coroa de chamas, aquele raio caindo sobre a cabeça de Vritra causou pavor a todos os mundos.

"Então o extremamente ilustre rei dos deuses, refletindo sobre a iniquidade que ele tinha perpetrado ao matar seu inimigo, fugiu com toda pressa para os confins do mundo; e o pecado do brahmanicídio o perseguiu em sua fuga e entrou nele, de modo que Indra ficou sujeito à grande aflição.

"Com o inimigo destruído, mas privados de seu líder, os deuses com Agni à sua frente prestaram homenagem a Vishnu, senhor dos três mundos, dizendo: "Tu és o caminho, ó Mestre Supremo, o Primogênito, Pai do Universo! Para a proteção do mundo tu assumiste a forma de Vishnu. Pela tua graça, Vritra está morto, mas o pecado de brahmanicídio mantém Vasava em escravidão, que tu o libertes!'

"Então Vishnu respondeu aos deuses que tinham falado assim, e disse: 'Que Shakra, ele que carrega o raio, realize um sacrifício em minha honra e eu vou purificá-lo de seu pecado. Que ele que destruiu Paka ofereça o sagrado sacrifício de cavalo e ele se tornará rei dos deuses mais uma vez, sem ter nada a temer'.

"Tendo assim se dirigido aos deuses nessas palavras semelhantes a amrita, Vishnu, o senhor dos celestiais, enquanto eles ainda o estavam aclamando, voltou a Trivishtapa".

Capítulo 86 – Indra é libertado por meio do sacrifício Ashwamedha

Tendo assim descrito a morte de Vritra em detalhes, Lakshmana, o principal dos homens, continuou: "O extremamente valoroso Vritra, que inspirava terror nos deuses, sendo destruído, Shakra, seu matador, cheio da culpa de brahmanicídio, não conseguiu voltar ao seu juízo e, tendo tomado refúgio no limite dos mundos, com sua mente confusa, perturbado, ele permaneceu lá por algum tempo, parecendo uma serpente que está perdendo sua pele. E, o deus de mil olhos tendo desaparecido, o mundo inteiro ficou agitado e a terra parecia estar perdida, desprovida de sua umidade, suas florestas secaram.[603] Não havia águas correntes para alimentar os lagos e os rios e uma grande desolação tomou conta de todos os seres por conta da falta de chuva.

"Então os deuses, vendo a decadência do mundo, que os enchia de angústia, começaram a se preparar para o sacrifício de acordo com as palavras que Vishnu tinha proferido anteriormente, e todas as hostes dos deuses acompanhados de seus preceptores espirituais e dos rishis procuraram o aterrorizado Indra em seu retiro.

"Vendo Sahasraksha assaltado pela culpa de brahmanicídio, ó principal dos homens, e tendo prestado homenagem ao chefe dos deuses, eles realizaram o Ashwamedha. Ó mais notável dos homens, então ocorreu o grande sacrifício de cavalo, que foi oferecido pelo magnânimo Mahendra para se purificar do pecado de brahmanicídio, e a cerimônia estando concluída, o espírito de brahmanicídio saiu do corpo de Indra e aproximando-se dos deuses perguntou-lhes, dizendo: 'Digam-me, onde será a minha residência?' E os deuses responderam com alegria: 'Divide-te em quatro partes, ó maligno!'

"Ouvindo as palavras dos deuses poderosos, o espírito de brahmanicídio fez isso, variando a sua habitação, ele com quem coabitação é um desastre, e disse: 'Reprimindo o egoísmo e seguindo o meu próprio capricho com um quarto de mim mesmo eu morarei nos rios inundados na estação chuvosa. Com outro quarto indubitavelmente eu viverei perpetuamente na terra como Ushara.[604] Eu falo a verdade! Com a terceira porção eu viverei por três noites cada mês com mulheres radiantemente jovens, cujo orgulho eu humilharei; com a minha quarta parte eu viverei naqueles que por falso relatório causam a morte de brâmanes inocentes, ó divindades poderosas'.

"Então os deuses responderam, dizendo: 'Ó tu, com quem viver é uma calamidade, faze como dizes, realiza o teu plano!'

"Cheios de alegria, os deuses então prestaram homenagem a Vasava de mil olhos, que foi purificado de seu pecado e libertado de sua aflição. E, Sahasraksha tendo sido instalado no trono, a paz veio para o mundo inteiro e Indra homenageou aquele sacrifício esplêndido.

"Essa é a preeminência da cerimônia Ashwamedha, ó alegria dos Raghus! Executa o sacrifício de cavalo!"

Ouvindo essas palavras exaltantes de Lakshmana, cujo encanto tocou seu coração, aquele soberano magnânimo, igual a Indra em força e destreza, sentiu satisfação suprema.

[603] Ele sendo aquele que envia chuva.
[604] Ushara: solo salino.

Capítulo 87 – A história de Ila

Depois de ter escutado Lakshmana, o eloquente e poderoso Raghava respondeu com um sorriso: "Ó melhor dos homens, Lakshmana, isso que tu relataste a respeito da morte de Vritra e dos resultados do sacrifício de cavalo é totalmente verdadeiro, ó amável. Diz-se que antigamente Kardama, filho de Prajapati, o extremamente virtuoso e abençoado Ila, reinava sobre a província de Bahlika. Aquele monarca altamente ilustre, ó leão dos homens, tendo feito toda a terra sujeita a ele, reinava sobre seus súditos como seus próprios filhos.

"Os deuses magnânimos, os ricos daityas, os nagas, rakshasas, gandharvas e yakshas, inspirados pelo medo, o adoravam constantemente, ó caro amigo, ó alegria dos Raghus, e os três mundos tremiam diante daquele potentado irascível. Assim era aquele príncipe, o soberano ilustre dos Bahlikas, cheio de energia, muito inteligente e fixo em seu dever.

"Durante o adorável mês de Chaitra, aquele guerreiro de braços longos foi caçar na floresta encantadora com seus atendentes, infantaria e cavalaria, e aquele príncipe magnânimo, naquele bosque, matou animais selvagens às centenas e aos milhares, porém não estava satisfeito. Inúmeros animais de todos os tipos já tinham perecido quando ele chegou à região onde Karttikeya tinha nascido. Lá o principal dos deuses, o invencível Hara, estava se divertindo com a filha do rei das montanhas, e, tendo se transformado em uma mulher, o Senhor de Uma, cujo emblema é o touro, procurava entreter a Deusa em meio às cachoeiras. Onde quer que houvesse seres masculinos ou árvores na floresta, tudo o que havia assumia uma forma feminina. O rei Ila, o filho de Kardama, penetrou naquele local matando inúmeros animais e observou que eles eram todos fêmeas, e então ficou ciente de que ele também estava transformado em uma mulher, como também seus seguidores. Sua angústia foi grande por essa metamorfose e ele reconheceu que isso era obra do consorte de Uma e ficou aterrorizado. Então aquele monarca, com seus atendentes, seu exército e seus carros, se refugiou com aquele deus poderoso de garganta azul, Kapardin, e o magnânimo Maheshwara, rindo com aquela deusa, o concessor de graça, disse ao filho de Prajapati:

"'Levanta, levanta, ó rishi nobre, ó filho valente de Kardama, exceto a masculinidade, pede o que quiseres!' O rei ficou muito desapontado com essa resposta do magnânimo Shiva. Transformado em uma mulher, ele não quis aceitar nenhuma outra dádiva do principal dos deuses e, em sua profunda angústia, aquele príncipe, caindo aos pés da filha do rei das montanhas, Uma, com todo o seu coração suplicou-lhe, dizendo: 'Ó tu que distribuis teus favores em todos os mundos, ó Deusa adorável, cuja visão nunca é infrutífera, lança o teu olhar misericordioso em mim!'

"Sabendo o que se passava no coração do rajarishi, aquela deusa, que estava diante de Hara, ela, a consorte de Rudra, deu a seguinte resposta: 'Metade da bênção, que tu pedes de nós dois, será concedida por Mahadeva e a outra metade por mim, portanto, recebe essa metade de homem e mulher, segundo a tua vontade!'

"Ouvindo aquela bênção notável e ímpar concedida por aquela deusa, o rei, tomado de alegria, disse: "Se eu tenho a tua aprovação, ó Deusa, cuja beleza é incomparável na terra, que eu seja uma mulher durante um mês e, no segundo mês, assuma a forma de um homem!'

"Então aquela deusa de aparência graciosa, compreendendo o seu desejo, respondeu amigavelmente: 'Assim será, ó rei, e quando tu fores um homem, tu não

te lembrarás de que alguma vez foste uma mulher e, no mês seguinte, tendo te tornado uma mulher, tu te esquecerás de que alguma vez foste um homem!'

"Foi assim que o rei, nascido de Kardama, sendo um homem por um mês se tornava uma mulher no mês seguinte sob o nome de Ila, a mulher mais encantadora nos três mundos".

Capítulo 88 – Budha encontra Ila

A história de Ila, narrada por Rama, surpreendeu muito Lakshmana e Bharata, e ambos, com palmas unidas, lhe pediram para contar mais detalhes sobre aquele rei magnânimo e suas transformações, dizendo: "O que aquele rei infeliz fez quando foi transformado em uma mulher e como ele se comportou quando se tornou um homem novamente?" Ouvindo essas palavras inspiradas pela curiosidade, Kakutstha contou a eles o que tinha acontecido com aquele monarca, dizendo:

"Tendo sido transformado em uma mulher, ele passou o primeiro mês em meio às suas atendentes, seus antigos cortesãos, e aquela dama, a mais bela na terra, cujos olhos pareciam pétalas de lótus, entrando em uma floresta profunda, vagando a pé entre as matas, arbustos e trepadeiras, tendo abandonado todos os meios de transporte, passou o tempo no vale sinuoso. Então naquela região arborizada, não longe da montanha, havia um lago encantador frequentado por aves de todas as espécies; lá Ila viu Budha,[605] o filho da lua, que era tão radiante quanto aquele orbe ao surgir.

"Budha, que permanecia inacessível nas águas, tinha se dedicado a uma penitência rígida, e aquele sábio ilustre era benevolente e extremamente compassivo. Em seu espanto, Ila agitou as águas com suas companheiras, e vendo-a, Budha caiu sob o domínio do deus do amor com suas flechas e, não mais autocontrolado, tornou-se inquieto, enquanto ele estava no lago. Vendo Ila, cuja beleza era insuperável nos três mundos, ele refletiu: 'Quem é essa dama, mais adorável que as celestes? Eu nunca antes vi tal esplendor entre as esposas dos devas, nagas, asuras ou apsaras. Se ela já não for casada com outro, ela é digna de mim!'

"Como ele se demorou, pensando dessa maneira, a companhia deixou a água e Budha, ponderando, emergiu de lá. Depois disso aquelas mulheres tendo sido convocadas por ele foram para o seu retiro e elas prestaram reverência a ele, ao que aquele asceta virtuoso as questionou, dizendo: 'A quem essa dama, a mais encantadora em todo o mundo, pertence? Por que ela veio aqui? Contem-me tudo sem hesitação'.

"Ouvindo essas palavras justas faladas em tons gentis, todas aquelas mulheres responderam com vozes doces, dizendo: 'Essa senhora é nossa mestra, ela não tem marido e vagueia na floresta em nossa companhia'.

"Ouvindo a resposta daquela mulheres, aquele nascido duas vezes trouxe à lembrança a ciência pela qual tudo pode ser percebido,[606] após o que ele ficou familiarizado com tudo o que tinha ocorrido a respeito do rei Ila, e aquele principal dos sábios disse àquelas mulheres: 'Aqui na região montanhosa vocês viverão como

[605] Budha: o planeta Mercúrio.
[606] A fórmula sagrada de Avartani.

kimpurushis![607] Façam seu lar nessa montanha; vocês se alimentarão de raízes, folhas e frutas e terão kimpurushas como seus consortes!'

"A esse comando do filho de Soma, aquelas mulheres, que eram homens, tendo sido transformadas em kimpurushis, tomaram sua residência nas encostas da montanha".

Capítulo 89 – O nascimento de Pururavas

Ouvindo sobre a origem das kimpurushis, Lakshmana e Bharata disseram a Rama, aquele senhor de homens, "Que extraordinário!"

Em seguida, o ilustre e virtuoso Rama continuou a história de Ila, o filho de Prajapati, dizendo: "Quando ele viu que todas aquelas tropas de kinnaris tinham partido, o principal dos rishis disse à bela Ila com um sorriso: 'Eu sou o filho amado de Soma, ó dama de aparência graciosa, olha-me com benevolência!'

"Assim ele falou naquela floresta solitária abandonada pelos outros, e aquela solitária graciosa e bela lhe respondeu, dizendo: 'Ó caro filho de Soma, eu vagueio onde eu quero, eu estou a teu serviço, faze o que quer que te agrade!'

"Ao ouvir essa resposta encantadora, o filho da lua ficou radiante e uniu-se a ela em amor. Então o enamorado Budha passou o mês de Madhu,[608] que desapareceu como um momento, em flerte com Ila, e, o mês tendo terminado, ela de rosto de lua acordou de seu leito e viu o filho de Soma entregue à prática de penitência nas águas, sem suporte, com seus braços esticados para cima, e disse-lhe: 'Ó abençoado, eu vim a essa montanha inacessível com meu séquito de atendentes, eu não os vejo em lugar nenhum, onde eles foram?'

"Ouvindo as palavras do rajarishi, que havia perdido todo o conhecimento do passado, Budha, para tranquilizá-lo, disse em tons amigáveis: 'Uma grande tempestade de granizo oprimiu teus atendentes enquanto tu estavas adormecido, tendo tomado refúgio no eremitério com medo do vento e da chuva. Fica contente, bane toda a ansiedade e acalma-te! Ó herói, vive aqui em paz, nutrindo-te de frutas e raízes'.

"O rei, confortado por essas palavras, então deu esta resposta nobre, no sofrimento que a perda de seu povo lhe causava: 'Eu não posso abandonar o meu reino, embora privado de meus servos; eu não devo demorar um instante, ó asceta ilustre, permite-me partir. Eu tenho um filho mais velho fixo em seu dever e extremamente ilustre, ó brâmane, seu nome é Shashabindu; ele me sucederá. Não só isso, eu não posso abandonar as minhas consortes e os meus bons servos, ó asceta ilustre, não me repreendas'.

"Assim falou aquele Indra entre os monarcas e Budha, que primeiro o consolou, então dirigiu estas palavras surpreendentes a ele, dizendo: 'Tem a bondade de ficar aqui; não te aflijas, ó poderoso Kardameya; no fim de um ano eu te concederei uma benção".

"Ouvindo essas palavras de Budha de obras imperecíveis, que era familiarizado com o Veda, Ila resolveu permanecer lá. O mês seguinte, tornando-se uma mulher, ele passou em flerte com Budha e, depois, tornando-se um homem mais uma vez, ele passou o tempo no exercício do dever. No nono mês, a adorável

---

[607] Kimpurushis: as fêmeas dos kimpurushas, seres que são meio humanos, às vezes identificados com os kinnaras.

[608] Madhu: o mês que é parte de fevereiro e março.

Ila deu à luz um filho, o poderoso Pururavas e, depois que ele nasceu, ela entregou o menino nas mãos paternas de Budha, com quem ele se parecia".

Capítulo 90 – Ila recupera sua condição natural através da realização do sacrifício Ashwamedha

Rama tendo narrado a história do nascimento maravilhoso de Pururavas, os ilustres Lakshmana e Bharata o questionaram mais uma vez, dizendo: "Depois que Ila tinha passado um ano com o filho do deus-lua, o que ela fez? Ó senhor da terra, nos conta tudo!"

Assim questionado por seus dois irmãos em tons afetuosos, Rama continuou a relatar a história de Ila, o filho de Prajapati, e disse: "Aquele herói tendo recuperado sua virilidade, o extremamente inteligente e ilustre Budha convocou os sábios, o extremamente nobre Samvarta, Chyavana o filho de Bhrigu, o asceta Arishtanemi, Pramodana, Modakara e o eremita Durvasa. Quando eles estavam todos reunidos, o eloquente Budha, capaz de discernir a verdade, disse àqueles sábios, seus amigos, que eram dotados de grande poder: 'Saibam o que aconteceu com aquele rei de braços longos, o filho de Kardama, para que a sua felicidade possa ser restabelecida!'

"Enquanto aqueles nascidos duas vezes estavam assim conversando, Kardama chegou àquela floresta acompanhado por Pulastya, Kratu, Vashatkara, e Omkara de grande refulgência. Todos aqueles ascetas, felizes por se encontrarem juntos e desejando ser úteis ao senhor de Bahli, expressaram individualmente seus pontos de vista sobre ele; Kardama, no entanto, se expressou com extrema sabedoria para o bem de seu filho, e disse:

"'Ó nascidos duas vezes, ouçam o que eu tenho a dizer para a felicidade do príncipe. Eu não vejo nenhum remédio além do Deus que tem o touro como seu emblema. Não há maior sacrifício que o Ashwamedha, que é caro ao coração do poderoso Rudra. Vamos, portanto, realizar esse sacrifício poderoso'.

"Assim falou Kardama e todos os principais dos sábios aprovaram esse meio de conciliar Rudra.

"Depois disso um rajarishi, o discípulo de Samvarta, o conquistador de fortalezas hostis, cujo nome era Marutta, realizou aquele grande sacrifício que ocorreu perto do eremitério de Budha, após o que o glorioso Rudra ficou extremamente satisfeito e, a cerimônia estando realizada, o consorte de Uma, em extrema alegria, dirigiu-se a todos àqueles sábios na presença de Ila, dizendo:

"'Eu estou satisfeito com sua devoção no sacrifício Ashwamedha. Ó brâmanes ilustres, o que devo fazer por este rei dos Bahlis?'

"Assim falou aquele senhor dos deuses, e os sábios, em ponderação profunda, fizeram o senhor dos deuses olhá-los com benevolência para que Ila pudesse recuperar sua masculinidade. Então Mahadeva, agradado, deu-lhe de volta a sua virilidade, e tendo conferido esse favor a Ila, o deus poderoso desapareceu.

"O sacrifício de cavalo estando completo e Hara tendo se tornado invisível, todos aqueles nascidos duas vezes, de olhar penetrante, retornaram para os lugares de onde eles tinham vindo. O rei, porém, renunciando à sua capital, fundou a cidade de Pratishthana na região central, que era inigualável em esplendor, enquanto Shashabindu, aquele rajarishi, conquistador de cidades hostis, viveu em Bahli.

Desde aquela época Pratishthana tornou-se a residência do rei Ila, o valente filho de Prajapati, e, sua hora tendo chegado, ele foi para a residência de Brahma.

"O filho de Ila, o rei Pururavas, sucedeu-lhe em Pratishthana. Esse é o mérito do sacrifício Ashwamedha, ó touros entre os homens. Ila, que era antigamente uma mulher, tornou-se um homem novamente, o que teria sido impossível por quaisquer outros meios".

Capítulo 91 – Rama dá a ordem para o sacrifício Ashwamedha ser realizado

Tendo narrado essa história para seus dois irmãos, Kakutstha de glória imensurável dirigiu estas palavras piedosas para Lakshmana, dizendo: "Reúne para conselho, Vasishtha, Vamadeva, Javali, Kashyapa e todos os brâmanes versados no sacrifício Ashwamedha. Ó Lakshmana, eu soltarei o corcel ajaezado de acordo com a tradição!"

Após esse comando ser transmitido a ele, Lakshmana, de passo rápido, reuniu todos aqueles sábios e os conduziu à presença de Rama. Quando eles viram Rama, que parecia um deus, reverenciando seus pés, eles derramaram bênçãos sobre ele. Tendo realizado o Pranjali,[609] Raghava se dirigiu àqueles sábios a respeito do sacrifício Ashwamedha, em um discurso inspirado pelo dharma.

Ouvindo as palavras de Rama e tendo oferecido homenagem ao deus cujo emblema é o touro, todos aqueles nascidos duas vezes elogiaram muito o Ashwamedha, e esse elogio satisfez grandemente Kakutstha, que os vendo prontos para realizar a cerimônia, disse a Lakshmana:

"Ó herói de braços longos, dá a conhecer ao magnânimo Sugriva que ele deve vir aqui com seus grandes macacos e os inúmeros moradores na floresta para desfrutar desse grande festival e se alegrar. Que Bibishana, ele que não tem rival em coragem, venha cercado por sua hoste de rakshasas, que se movem onde querem, a fim de me ajudar no grande sacrifício Ashwamedha. Que monarcas ricos, que desejam me prestar um serviço, venham com toda pressa com seus séquitos para ver o lugar de sacrifício e todos os virtuosos nascidos duas vezes, que foram para terras estrangeiras, convoca todos eles para o sacrifício Ashwamedha, ó Lakshmana. Convida todos os rishis, aqueles guerreiros de braços longos, minas de ascetismo, que vivem em partes distantes com suas esposas, como também os tocadores de pratos, malabaristas e dançarinos.

"Que uma vasta estrutura seja montada perto do rio Gaumati na floresta de Naimisha; ó guerreiro de braços longos, esse é preeminentemente um lugar sagrado. Que ritos propiciatórios sejam realizados em todos os lugares e centenas de brâmanes, familiarizados com a lei, compareçam na floresta de Naimisha a esse grande sacrifício, o maior de todos e que é insuperável, ó alegria dos Raghus. Reúne todo o povo rapidamente, ó príncipe virtuoso, e não os deixes partir indispostos, insatisfeitos ou sem terem sido cumulados com favores segundo a tradição. Ó herói, envia com antecedência cem mil cargas de arroz em boas condições e um ayuta de sementes de gergelim e feijão, bem como grão de bico, lentilhas, quantidades de sal, óleo de boa qualidade e inúmeros perfumes.

[609] Prajali: um gesto de respeito. Veja o Glossário.

"Que Bharata primeiro forneça cuidadosamente cem kotis de ouro e o mesmo tanto de prata, e vá na frente. No centro, os comerciantes, todos os malabaristas, dançarinos, cozinheiros e mulheres devem ser alinhados, que eles sejam numerosos e jovens de coração; as tropas, no entanto, devem ir à frente com Bharata. Lojistas, crianças, os idosos, os nascidos duas vezes em profunda meditação, os pedreiros, carpinteiros, agentes e também as mães e mulheres dos apartamentos dos príncipes com a estátua de ouro da minha consorte para consagração, como também sacrificadores qualificados, devem ser reunidos primeiro pelo ilustre Bharata, que irá precedê-los.

"Ó príncipe, ele fará pavilhões serem montados dignos dos reis poderosos e seus séquitos. Alimento, bebida e vestes devem ser fornecidos para aquelas escoltas brilhantes".

Depois disso Bharata foi embora seguido de Shatrughna e dos macacos magnânimos que cercavam Sugriva, acompanhados pelos principais sacerdotes. Bibishana, à frente dos rakshasas e mulheres em grande número, forneceu uma escolta para os rishis de penitência rígida.

Capítulo 92 – Descrição do sacrifício Ashwamedha

Tendo organizado tudo em detalhes com rapidez, o irmão mais velho de Bharata soltou o cavalo marcado com manchas pretas, adornado com sua própria insígnia. Colocando Lakshmana, assistido pelos sacerdotes, a cargo do corcel, ele mesmo foi para a floresta de Naimisha com seu exército.

Aquele príncipe de braços longos, contemplando o vasto e belo local sacrifical, ficou muito satisfeito e exclamou: "Que extraordinário!" Durante a sua estada na floresta de Naimisha, os reis levaram todos os seus presentes para Rama e ele, por sua vez, lhes supriu abundantemente com alimentos, bebidas e provisões de todos os tipos. Bharata e Shatrughna estavam a serviço do rei; os macacos magnânimos, que acompanhavam Sugriva, atendiam os sacerdotes com humildade; Bibishana com seus inúmeros titãs se tornaram os servos mais diligentes daqueles rishis de penitências rígidas. Pavilhões suntuosos montados para os monarcas poderosos e suas comitivas estavam sob as ordens daquele príncipe muito valente. Tais foram os arranjos excelentes concebidos para o sacrifício Ashwamedha.

Entrementes Lakshmana vigiava cuidadosamente as idas e vindas do cavalo. Assim aquele magnânimo leão entre os monarcas prosseguiu com a maior meticulosidade nesse principal dos sacrifícios, durante o qual nada era ouvido exceto 'Dê profusamente de tudo o que for solicitado', e, no sacrifício Ashwamedha, aquele príncipe generoso fornecia tudo o que todos pediam até que eles estivessem totalmente satisfeitos. Pratos doces de todos os tipos, confeitos, até que eles já não estivessem em demanda, foram distribuídos por macacos e titãs, e ninguém foi visto em trapos ou aflito ou com fome, mas, naquele esplêndido banquete real, apenas aqueles que estavam felizes e satisfeitos podiam ser observados. Entre os sábios veneráveis presentes, os mais velhos não conseguiam se lembrar de um sacrifício onde tamanha generosidade prodigiosa tivesse ocorrido.

Aqueles que desejavam ouro receberam ouro, aqueles que preferiam posses as receberam, aqueles que cobiçavam joias tiveram joias concedidas a eles; e se via prata, ouro, pedras preciosas e vestes sendo distribuídas continuamente em grandes quantidades.

"Nem Shakra, nem Soma, nem Yama, nem Varuna jamais realizaram algo de tal magnitude", proclamavam os ascetas; e, por todos os lados, macacos e titãs estavam distribuindo trajes, prata e arroz em profusão para quem os procurava.

Esse sacrifício daquele principal dos monarcas foi realizado de acordo com todas as tradições e, no fim de um ano inteiro, ele ainda não tinha chegado ao fim, nem o tesouro estava esgotado.

Capítulo 93 – Valmiki manda Kusha e Lava recitarem o Ramayana

Enquanto esse sacrifício esplêndido estava ocorrendo, os discípulos de Valmiki, aquele sábio abençoado, chegaram lá de repente e, tendo testemunhado o festival divino, admirável de se ver, aquela companhia de rishis construiu algumas cabanas confortáveis um pouco distantes. Inúmeros carros de boi cheios de provisões, com frutas e raízes excelentes foram amontoados no bosque encantador de Valmiki, e depois aquele sábio disse aos seus discípulos, Kusha e Lava:

"Vão, e com grande entusiasmo cantem o épico Ramayana, alegremente e cuidadosamente, nos recintos sagrados dos rishis, nas habitações dos brâmanes, ao longo das estradas e rodovias e na residência dos príncipes e, especialmente, ele deve ser cantado na porta do pavilhão de Rama, onde o sacrifício está ocorrendo, e também diante dos sacerdotes.

"Aqui estão frutos saborosos de todas as espécies que crescem nas regiões montanhosas, comam e depois cantem. Vocês não sentirão nenhuma fadiga, ó caros, por conta dessas raízes e frutas suculentas que vão preservar a pureza de suas vozes. Se Rama, o Senhor da Terra, indicar que vocês devem ser ouvidos pelos sábios reunidos, ajam em conformidade. A cada vez vocês terão vinte Sargas[610] para cantar, que vocês aprenderam de mim previamente. Acima de tudo, não nutram o mínimo desejo de recompensa! De que serve o ouro para ascetas que vivem de frutas e raízes? Se Kakutstha os questionar, dizendo: 'Quem é o seu Mestre?' respondam ao rei desta maneira, 'Nós dois somos discípulos do grande sábio Valmiki!' Cantem sem medo com o acompanhamento destes instrumentos de cordas de um tom até então desconhecido, que vocês afinaram suavemente. Cantem o poema desde o início sem demonstrarem qualquer falta de respeito ao rei, que é o pai de todos os seres de acordo com a lei.

"Amanhã, portanto, ao amanhecer, com o coração alegre e tendo o cuidado de cantar com vozes doces, façam-se acompanhar desses instrumentos de cordas de intervalos harmonizados".

Tendo repetidamente emitido essas instruções, aquele asceta nascido de Pracetas,[611] de nascimento nobre, o ilustre sábio Valmiki, ficou silencioso.

Ao receberem os comandos daquele sábio, os dois filhos de Maithili humildemente responderam: "Vamos agir de acordo com as tuas ordens!" E aqueles conquistadores de cidades hostis então se despediram.

Aqueles rapazes jovens permitiram que os conselhos excelentes do rishi entrassem em seus corações, como os Ashvins recebem os ensinamentos de Bhargava e, ansiosos para colocá-los em prática, eles passaram o tempo de forma agradável naquela noite auspiciosa.

---

[610] Sargas: capítulos ou divisões.

[611] Pracetas: um nome do deus Varuna.

Capítulo 94 – Kusha e Lava cantam o Ramayana

Quando a aurora apareceu, aqueles dois ascetas jovens, tendo se banhado e acendido o fogo sagrado, começaram a cantar, como o rishi os tinha previamente instruído a fazer.

Kakutstha ouviu aquele poema, composto pelo idoso Valmiki, inédito até então, posto em música em múltiplas cadências, acompanhado por instrumentos de corda, em ritmo medido, e, ouvindo aqueles músicos jovens, Raghava ficou perplexo.

Durante um intervalo no sacrifício, aquele principal dos monarcas convocou os grandes sábios, reis, pânditas, naigamas,[612] gramáticos idosos, brâmanes veneráveis e os versados em música, os nascidos duas vezes, aqueles versados em presságios e os cidadãos especialmente instruídos em estética, aqueles que tinham conhecimento de métricas, palavras e acentos, aqueles que conheciam os diferentes ritmos e medidas, aqueles versados em astronomia, aqueles especialistas na ciência de sacrifícios e rituais e liturgistas experientes, aqueles versados em discernir causa e efeito, filósofos, estudiosos, professores de hinos e lendas e do Veda, aqueles familiarizados com os Vrittas e Sutras, e também cantores e dançarinos.

Então, tendo reunido todos eles, Rama apresentou os dois cantores para aquela multidão vasta e murmurante de ouvintes para o seu próprio grande prazer. Os dois jovens discípulos do sábio começaram aquela recitação que se desenrolou melodiosamente, semelhante ao canto dos gandharvas, e a companhia não ficava saciada de ouvir uma música tão bela. Em seu deleite, ascetas e grandes potentados pareciam consumir aqueles músicos com seu olhar, a quem eles olhavam repetidamente, e toda a assembleia tendo centrado sua atenção sobre eles, cada um disse para seu vizinho: 'Ambos se assemelham a Rama, como representações duplas do mesmo planeta. Se eles não usassem cabelos emaranhados e trajes de pele, nós não veríamos nenhuma diferença entre os cantores e Raghava!'

Enquanto o povo da cidade e do campo falava dessa maneira, Kusha e Lava, tendo introduzido a primeira parte de acordo com as instruções de Narada, continuaram até o vigésimo Sarga[613] durante a tarde, então Raghava, tendo ouvido os vinte Sargas, disse para seu amado irmão: "Dá a esses dois músicos dezoito mil peças de ouro imediatamente com qualquer outra coisa que eles possam desejar, ó Kakutstha!"[614] Então Saumitri ofereceu isso instantaneamente para os rapazes jovens, um após o outro, mas Kusha e Lava de grande alma não aceitariam o ouro que foi oferecido a eles, indagando com espanto: "Que bem é esse? Grãos, frutas e raízes bastam para ascetas como nós, o que nós faríamos com ouro ou prata na floresta?"

Essas palavras surpreenderam muito todos os assistentes de Rama e, desejando conhecer a origem do poema, aquele príncipe ilustre questionou aqueles dois discípulos do asceta, dizendo: "O que é essa composição poética? Onde é a residência do autor sublime desse grande épico? Onde está esse touro entre os ascetas?"

---

[612] Naigramas: intérpretes do Veda.

[613] Capítulo.

[614] Esse título sendo usado para Lakshmana também.

A essa pergunta de Raghava, os dois discípulos do sábio responderam dizendo: "O bem-aventurado Valmiki, que está participando do sacrifício, é o autor do poema em que toda a tua vida é contada. Vinte e quatro mil versos e cem Upakhyanas[615] foram utilizados por aquele asceta, filho de Bhrigu.[616] Quinhentos Sargas divididos em seis Kandas, junto com o Uttarakanda, ó rei, são a obra daquele rishi magnânimo, o nosso guru. A tua conduta, tuas circunstâncias, toda a tua vida é desenrolada com as suas vicissitudes. Se tu desejares, ó rei, tu podes ouvi-lo de nós nos intervalos do sacrifício, nos teus momentos de lazer".

Posteriormente Rama, acompanhado pelos sábios e monarcas magnânimos, tendo ouvido aquele canto melodioso, voltou para o pavilhão sacrifical.

Aquela recitação acompanhada por Talas e Layas,[617] dividida em Sargas em notas e tons harmoniosos, na qual a escanção era enfatizada pelos instrumentos de corda, foi ouvida pelo rei dos lábios de Kusha e Lava.

Capítulo 95 – Rama manda buscar Sita

Rodeado pelos ascetas, reis e macacos, Rama escutou durante muitos dias aquele épico sublime e esplêndido, e enquanto os dois filhos de Sita, Kusha e Lava, estavam cantando, ele os reconheceu. Tendo refletido profundamente, ele convocou mensageiros de conduta virtuosa e na assembleia falou a eles daquela princesa, dizendo:

"Vão e repitam as minhas palavras àquela abençoada e digam: 'Se ela for irrepreensível em sua conduta e sem pecado, então, se assim o desejar e tiver a aprovação do rishi, que ela prove a sua boa fé!' Vocês, em seguida, retornem e me informem a respeito desse assunto. Amanhã ao amanhecer que Maithili, a filha de Janaka, ateste a sua pureza sob juramento na minha presença, diante da assembleia!"

A esse comando extremamente significativo de Raghava, os mensageiros foram imediatamente procurar o principal dos ascetas e, curvando-se àquele sábio, que brilhava com esplendor infinito, eles, com humildade, comunicaram as palavras de Rama a ele.

Ouvindo-os, o asceta extremamente ilustre, sabendo do desejo de Rama, disse "Que assim seja! Que a prosperidade esteja com vocês!"

Então aqueles mensageiros reais voltaram com a resposta do muni e a repetiram fielmente para Raghava e ele, sendo informado da decisão daquele sábio magnânimo, cheio de alegria, se dirigiu aos rishis e aos reis reunidos, dizendo: "Ó abençoados, com seus discípulos, os reis e seus atendentes e todos aqueles que queiram fazê-lo, testemunhem o voto que Sita fará!"

Essas palavras do magnânimo Raghava foram elogiadas por todos os principais rishis e aqueles reis poderosos que abordaram o monarca dizendo: "Essa conduta só é possível em Ti e não é encontrada em nenhum outro lugar do mundo, ó príncipe!"

Tendo resolvido assim, Raghava, o flagelo de seus inimigos, disse: "Amanhã isso ocorrerá", ao que ele dispensou a assembleia.

---

[615] Upakhyanas: episódios ou histórias.

[616] Realmente na linhagem de Bhrigu.

[617] Talas e Layas: modos musicais.

O teste por juramento sendo fixado para o dia seguinte, o magnânimo e ilustre Rama deu permissão para todos os grandes sábios e reis partirem.

Capítulo 96 – Valmiki leva Sita diante de Rama

Quando a noite tinha passado, o grande descendente de Raghu foi para o lugar de sacrifício ao qual ele tinha convocado todos os rishis: Vasishtha, Vamadeva, Javali, Kashyapa, Vishvamitra, Dirghatmas e Durvasa de penitências rígidas, também Pulastya e Shakti, Bhargava, Vamana, Markandenga, Dhirghayus e o altamente renomado Maudgalya, Garga, Chyavana, o virtuoso Shatananda, o célebre Bharadwaja, o ilustre Agniputra, Narada, Parvata e Gautama de grande glória, todos esses ascetas e outros de observâncias austeras, em grande número.

Inspirados por curiosidade, todos eles se reuniram, como também os intrépidos titãs; e os macacos valentes e reis, intrigados, se reuniram lá da mesma maneira, com os guerreiros, comerciantes e milhares da casta mais baixa. Brâmanes de penitências rígidas chegaram de todas as regiões e todos se reuniram para estar presentes à tomada do juramento por Sita; e aquela imensa multidão ficou absolutamente imóvel, como se transformada em pedra.

Sabendo que todos tinham chegado, o principal dos sábios imediatamente se aproximou com Sita seguindo-o, de cabeça baixa, com palmas unidas, sufocada por soluços, sua mente absorta em Rama.

Vendo Sita andando atrás de Valmiki, como a santa Shruti seguindo os passos de Brahma, ergueu-se um grande clamor com gritos de "Halahala!" de todos aqueles que estavam oprimidos com tristeza profunda por causa da princesa desafortunada. E alguns gritaram "Salve, ó Rama!" e alguns "Salve, ó Sita!" Enquanto o restante aclamava ambos. Então, avançando em meio àquela multidão, o principal dos ascetas, acompanhado por Sita, dirigiu-se a Raghava, dizendo:

"Eu sou Valmiki, e aqui, ó Dasarathi, está Sita de costumes e conduta virtuosos, que, por causa da calúnia, foi abandonada perto do meu eremitério, a crítica do povo tendo te inspirado com medo, ó virtuoso! Sita provará sua inocência; tu deves emitir o comando. Esses dois filhos de Janaki, irmãos gêmeos, heróis invencíveis, são teus filhos também; eu te falo a verdade! Eu sou o décimo filho de Pracetas, ó alegria dos Raghus, eu não me lembro de jamais ter proferido uma mentira; realmente esses dois são teus filhos. Durante incontáveis anos eu pratiquei ascetismo, que eu nunca colha os frutos disso se Maithili for culpada! Eu não tenho nada pelo que me censurar em relação a pensamento, palavra ou ação; se Maithili for culpada, que eu nunca colha os frutos disso! Com os meus cinco sentidos e a mente como o sexto, meditando em meio a cachoeiras da floresta, a inocência de Sita me foi revelada. Essa senhora de conduta pura e irrepreensível, para quem seu marido é um deus, dará prova da sua boa fé, ó tu que temes a condenação pública! Ó principal dos homens, aqui está essa senhora a quem eu proclamo ser essencialmente casta, eu cuja visão é divinamente iluminada e que, embora ela fosse extremamente amada por ti e sua inocência bem conhecida, tu repudiaste quando o teu espírito ficou perturbado pela crítica das pessoas!"

Capítulo 97 – Sita desce à terra

Assim falou Valmiki, e Raghava, ao ver aquela princesa de cor clara, com as palmas unidas, respondeu na presença da assembleia: "Ó brâmane afortunado e virtuoso, que assim seja! Eu concordo totalmente com as tuas palavras irrepreensíveis. Essa garantia me foi dada anteriormente por Vaidehi na presença dos Deuses e, acreditando naquele juramento, eu a reinstalei em minha casa, mas grande fato foi a condenação pública, por isso eu mandei Maithili embora. Ó brâmane, embora totalmente convencido da sua inocência, foi por medo das pessoas que eu rejeitei Sita, que tu me perdoes! Eu reconheço esses gêmeos, Kusha e Lava, como meus filhos! Eu desejo fazer as pazes com a casta Maithili em meio à assembleia".

Sabendo da sua intenção, os mais importantes dos deuses, liderados por Brahma, todos se reuniram lá para testemunhar a defesa de Sita, e Adityas, Vasus, Rudras, Vishvadevas, as hostes de Maruts e todos os grandes rishis, Nagas, Sadhyas, Suparnas e Siddhas se reuniram com prazer. Vendo os deuses e os sábios, o principal dos homens, Raghava, mais uma vez afirmou: "Eu estou de acordo com as palavras irrepreensíveis do rishi Valmiki! Eu desejo me reconciliar com a casta Vaidehi na presença dessa assembleia".

A defesa de Sita encheu de emoção todos os que a testemunhavam e, naquele momento, Vayu, o principal dos deuses, enviou uma brisa pura e perfumada para grande deleite da assembleia, como antigamente na era de ouro, e ela parecia maravilhosa para todas aquelas pessoas de muitas terras que a sentiram!

Vendo aquela assembleia, Sita, vestida com um manto amarelo, com as palmas unidas, a cabeça baixa, os olhos baixos, disse: "Se, em pensamento, eu nunca dei importância a ninguém exceto Rama, que a Deusa Madhavi[618] me receba!"

Enquanto Vaidehi ainda estava falando, um milagre aconteceu e, da terra ergueu-se um trono celeste maravilhoso apoiado sobre as cabeças de Nagas de poder imensurável, seus corpos adornados com gemas divinas. A deusa Dharani, oferecendo-lhe as boas-vindas, tomou Maithili em seus braços, fazendo com que ela se sentasse naquele assento celeste e, enquanto ela ocupava o trono, uma chuva de flores caiu sem cessar do céu. Então os deuses irromperam em aclamações altas, gritando "Excelente! Excelente! Ó Sita, a tua virtude é suprema!"

Dos céus, os deuses, com corações satisfeitos, vendo Sita descer à terra, a louvaram repetidamente, e, naquele lugar de sacrifício, onde todos estavam reunidos, os sábios, reis e os principais dos homens não foram capazes de se recuperar de seu espanto. No céu, na terra e nas regiões inferiores, todos os seres, animados e inanimados, danavas de grande estatura e os principais dos pannagas gritaram de alegria, enquanto outros permaneceram absortos em seus pensamentos ou olharam para Rama e para Sita em êxtase. Toda a assembleia testemunhou a descida de Sita à terra e, naquele momento, um grande tremor atravessou o mundo inteiro.

[618] A deusa Terra, também chamada Dharani.

Capítulo 98 – A raiva e tristeza de Rama, Brahma o apazigua

Quando Vaidehi tinha descido à terra, todos os macacos e sábios gritaram na presença de Rama, "Excelente! Excelente!" mas Rama, profundamente angustiado, apoiando-se em um bastão usado no sacrifício, com os olhos velados de lágrimas, de cabeça baixa, estava tomado pela dor. Suspirando repetidas vezes, deixando cair muitas lágrimas, vítima da dor e da ira, ele disse:

"Vendo Sita, a personificação de Shri, desaparecer na minha presença, a minha alma experimenta uma agonia até então desconhecida. Antigamente, quando ela estava em Lanka, no outro lado do vasto oceano, eu a trouxe de volta, quanto mais facilmente eu seria capaz de arrancá-la do seio da terra! Ó Deusa Vasuda, devolve a minha Sita, a quem tu reténs, ou tu testemunharás a minha ira! Tu deves me conhecer já que tu és seguramente a minha sogra e Maithili surgiu de ti quando Janaka estava usando o arado. Portanto, deixa Sita ir ou abre-te para mim para que eu possa viver com ela em Patala ou então em Nakaprishtha! Traze de volta Maithili por causa de quem eu estou perturbado! Se tu falhares em devolver Sita para mim em sua forma original, eu te lavrarei com tuas montanhas e florestas e te destruirei para que nada reste exceto água!"

Assim falou Kakutstha, cheio de ira e tristeza, e Brahma, acompanhado das hostes dos deuses, dirigiu-se ao filho de Raghu, dizendo: "Ó Rama, virtuoso Rama, não fiques furioso, relembra tua origem e natureza divinas, ó flagelo de teus inimigos! Seguramente, ó príncipe, eu não preciso te lembrar de que ninguém é superior a ti! Agora recorda que tu és Vishnu, ó herói invencível! A casta e virtuosa Sita, que estava inteiramente absorta em ti antigamente, chegou felizmente à região dos nagas, em virtude de suas práticas ascéticas. Tu, sem dúvida, te reunirás a ela no reino celeste. Ó Rama, ouve, na assembleia, o que eu relato nesse poema, o mais belo dos épicos, recitado em tua honra, eu te darei a conhecer tudo em detalhes, não duvides. Nesse poema de Valmiki tudo está incluído a partir do momento do teu nascimento, ó herói, o bem e o mal que te visitaram e o que vai acontecer no futuro. Aquele grande poeta, ó Rama, é totalmente devotado a ti, nenhum outro é digno da honra concedida por poetas exceto Raghava. Antigamente, na companhia dos deuses, eu ouvi todo o clássico; ele é divino, maravilhosamente belo, verdadeiro e removedor da ignorância. Ó principal dos homens, ó extremamente virtuoso Kakutstha, ouve a conclusão do Ramayana e o que diz respeito ao futuro. Ouve agora com os rishis, ó príncipe valente e ilustre, ao final desse poema sublime intitulado Uttara. Seguramente, ó Kakutstha, esse epílogo excelente não pode ser ouvido por ninguém mais além de ti, que és o sábio supremo, ó herói, ó alegria da Casa de Raghu".

Tendo falado assim, Brahma, o senhor dos três mundos, retornou à sua residência com seus seguidores, os deuses.

Entretanto, os rishis magnânimos e de grande alma, cuja residência era Brahmaloka, por ordem de Brahma, ficaram, desejosos de ouvir o 'Uttara Kanda' e o que aconteceria com Raghava.

Tendo escutado as palavras significativas daquele deus dos deuses, o ilustre Rama disse a Valmiki: "Ó abençoado, os rishis de Brahmaloka desejam ouvir o 'Uttara Kanda' e tudo o que acontecerá para mim; amanhã que isso seja narrado por ti!"

Tendo assim decidido, Rama procurou Kusha e Lava e, dispensando a companhia, retornou com eles para a cabana de telhado de folhas do rishi Valmiki, onde ele passou a noite lamentando por Sita.

Capítulo 99 – A morte das rainhas

Quando a noite deu lugar à aurora, Rama convocou os grandes ascetas e disse aos seus dois filhos: "Agora cantem sem ansiedade", e quando os grandes e magnânimos sábios estavam sentados, Kusha e Lava cantaram o epílogo do Ramayana.

Sita tendo reentrado na terra, provando assim a sua fidelidade, e o sacrifício estando concluído, Rama, em extrema tristeza, não vendo Vaidehi, considerou o mundo como um deserto, e ele dispensou os reis, ursos, macacos e titãs e a hoste dos principais brâmanes, tendo-os cumulado de tesouros.

Despedindo-se deles, Rama de olhos de lótus, que estava sempre absorto em pensar em Sita, retornou para Ayodhya. A alegria da Casa de Raghu nunca procurou outra consorte, mas, em cada sacrifício, ele instalava uma imagem de ouro de Janaki em seu lugar. Por dez mil anos Rama realizou o sacrifício Vajamedha, e o Vajapeya, dez vezes mais, distribuindo quantidades de ouro, e aquele afortunado também executou os sacrifícios Agnisthoma, Atiratra e Gosava, fazendo caridade abundante.

Por um longo tempo, o magnânimo Raghava ocupou o trono, com seu coração colocado em seu dever; ursos, macacos e titãs estavam sujeitos ao seu governo e monarcas vinham diariamente lhe prestar homenagem. Parjanya enviava chuvas na época adequada e ela era abundante, os céus eram claros, as regiões puras, a cidade e o campo repletos de pessoas alegres e satisfeitas. Ninguém morria prematuramente nem havia qualquer doença, e, no reinado de Rama, ninguém era desamparado.

Depois de muitos anos, no entanto, a mãe idosa de Rama, cercada por seus filhos e netos, faleceu, e ela foi seguida por Sumitra e pela famosa Kaikeyi, que tendo realizado muitos atos virtuosos foram para a região celeste, onde elas felizes foram reunidas com Dasaratha e receberam o fruto do seu mérito no céu.

De tempos em tempos, em memória de sua mãe, Raghava distribuía presentes para os brâmanes dedicados ao ascetismo, e o virtuoso Rama ofereceu exéquias acompanhadas de presentes de gemas para os sábios e realizou austeridades incomparáveis em honra de seus ancestrais.

Assim, milhares de anos se passaram alegremente durante os quais, com o auxílio de sacrifícios, aquele príncipe promoveu a execução do dever em todos os seus aspectos.

Capítulo 100 – Rama envia Bharata para conquistar os gandharvas

Um dia Yudhajita, o rei de Kaikaya, enviou seu preceptor espiritual, Gargya, o filho de Angiras, um brahmarishi de glória imensurável, ao magnânimo Raghava, com dez mil cavalos como um símbolo do seu afeto insuperável, e também tapetes, joias, diversos tecidos esplêndidos e enfeites brilhantes; esses foram os presentes concedidos a Rama por aquele monarca.

Sabendo da chegada do grande rishi Gargya com aqueles presentes magníficos de Ashwapati, seu tio materno, o virtuoso Raghava saiu com sua

comitiva para encontrá-lo à distância de uma milha, e ele lhe ofereceu homenagem, como Shakra presta reverência a Brihaspati.

Tendo saudado o rishi e aceitado os presentes, ele perguntou-lhe integralmente a respeito do bem-estar do irmão de sua mãe e família. Conduzindo o rishi abençoado para seu palácio, Rama começou a interrogá-lo, dizendo: "Que mensagem meu tio te confiou ao te enviar para cá?"

Tendo chegado lá, o grande rishi, ouvindo as palavras de Rama, revelou sua missão em termos eloquentes, dizendo: "Isto, ó herói de braços longos, é o que o teu tio materno, Yudhajita, em sua afeição por ti, te pede para ouvir. Há um país dos gandharvas, rico em frutas e raízes, situado nas margens do rio Sindhu; aquela região é extremamente fértil. Os gandharvas, guerreiros armados e hábeis, a defendem. Quando tu a tiveres conquistado, ó virtuoso Kakutstha, e destruído as suas magníficas fortalezas, toma posse das suas cidades, que são bem construídas. Nenhum outro pode conseguir isso; a região é muito bela; segue o meu conselho, é para o teu benefício".

Esse discurso de seu tio, transmitido pelo grande rishi, satisfez Raghava que respondeu: "Assim seja!", e ele olhou para Bharata; depois, encantado, Raghava, com palmas unidas, falou novamente àquele nascido duas vezes, dizendo: "Estes dois príncipes jovens vão explorar a região, ó brahmarishi! Bharata é o pai desses jovens valentes, Taksha e Pushkala. Sob a proteção do meu tio eles se mostrarão dedicados no cumprimento de seu dever. Com Bharata à sua frente, esses dois príncipes jovens, acompanhados por suas tropas, matarão os filhos dos gandharvas e tomarão posse das duas cidades. Tendo subjugado aquelas duas grandes capitais e instalado seus dois filhos, o meu irmão muito virtuoso voltará uma vez mais".

Assim Rama falou àquele brahmarishi, e, posteriormente, deu ordens para Bharata partir com seu exército, tendo primeiro instalado aqueles príncipes jovens.

Sob a constelação Saumya,[619] precedido pelo filho de Angiras, Bharata partiu com suas tropas e seus dois filhos, e parecia que aquele exército, deixando Ayodhya, seguido até uma grande distância por Raghava, não poderia ser abordado nem pelos próprios deuses. Então aqueles seres que vivem de carne, e titãs de estatura colossal, seguiram na esteira de Bharata, sedentos de sangue, e os temíveis Bhutagramas, em seu desejo de devorar os cadáveres dos gandharvas, vieram às centenas e aos milhares, e leões, tigres, javalis e aves em números incontáveis precediam as tropas. Em um mês e meio esse exército composto de guerreiros alegres e saudáveis chegou ao reino de Kaikeya.

Capítulo 101 – O massacre dos gandharvas e a conquista de sua região

Ao saber da chegada de Bharata à frente de um vasto exército acompanhado por Gargya, o rei dos Kaikeyas, Yudhajita, sentiu extrema alegria e partiu a toda pressa com uma grande companhia contra os gandharvas.

Bharata e Yudhajita, tendo unido forças, se aproximaram da cidade dos gandharvas com suas tropas e seguidores velozes, após o que, sabendo da invasão, os gandharvas se reuniram, ávidos por combate, cheios de vigor e gritando por toda parte.

---

619 O planeta Mercúrio.

Então uma batalha terrível de violência espantosa se seguiu, que durou sete dias, sem a vitória ser decisiva para nenhum dos dois exércitos. Rios de sangue, com cadáveres flutuando, corriam por todos os lados, cimitarras e lanças sendo os crocodilos. Então Bharata, o irmão mais novo de Rama, enfurecido, disparou uma seta terrível acionada por mantras, chamada Samvarta,[620] nos gandharvas. Pegos no laço da destruição, trezentos mil gandharvas foram mortos em um instante, cortados em pedaços por aquele herói. Os habitantes da região celeste não foram capazes de se lembrar de um conflito terrível assim no qual, num piscar de olhos, um número tão grande de guerreiros tivesse perecido.

Todos os gandharvas estando mortos, Bharata, o filho de Kaikeyi, entrou naquelas duas cidades opulentas e magníficas, e lá Bharata estabeleceu Taksha em Takshashila e Pushkala em Pushkalavata, no país dos gandharvas, na deslumbrante região de Gandhara. Transbordantes de tesouros e pedras preciosas, adornadas com bosques, elas pareciam competir entre si em magnificência.

Por cinco anos Bharata de braços longos, o filho de Kaikeyi, ocupou essas capitais da beleza suprema, cujos habitantes eram de conduta irrepreensível, e, posteriormente, ele voltou para Ayodhya. Essas cidades com seus inúmeros parques, cheias de veículos e mercados bem abastecidos, encantadoras além da imaginação, eram embelezadas por edifícios fabulosos e inúmeros palácios, resplandecentes com uma infinidade de templos magníficos e adornadas com árvores Tala, Tamala, Tilaka, e Bakula.

Então o afortunado Bharata prestou reverência ao magnânimo Raghava, que era Dharma personificado, como Vasava oferece saudações a Brahma, e Raghava ouviu com satisfação quando Bharata lhe contou do extermínio total dos gandharvas que havia sido realizado e da ocupação do seu território.

Capítulo 102 – Rama confere reinos aos filhos de Lakshmana

Ouvindo aquelas notícias, Rama com seus irmãos se regozijou e ele proferiu estas palavras memoráveis na presença deles: "Os teus dois filhos jovens, Angada e Chandraketu, são dignos de reinar, ó Saumitri, pois eles são fortes e enérgicos; eu vou instalá-los como reis! Vem, encontra para esses dois valentes uma região agradável que não seja limitada, onde não haja perigo de traição de monarcas hostis, onde eles possam viver à vontade e onde os retiros dos ascetas não sejam roubados! Ó amigo, procura uma região assim sem causar prejuízo a ninguém!"

Assim falou Rama e Bharata respondeu: "Há uma região encantadora e saudável chamada Karupatta; que duas cidades que sejam salubres e belas sejam estabelecidas lá para os magnânimos Angada e Chandraketu que serão chamadas Angadiya e Chandrakanta".

Essas palavras de Bharata foram aprovadas por Raghava, e ele trouxe aquela região sob o seu governo e estabeleceu Angada lá. A cidade de Angadiya foi construída para Angada por Rama de obras imperecíveis e ela era esplêndida e bem fortificada. Quanto a Chandraketu, que era um gigante, seu tio construiu Chandrakanta para ele na região dos Mallas,[621] e aquela capital era celestial e igual a Amaravati.

[620] Samvarta: uma arma com a qual Kala ou o Tempo destrói os mundos.
[621] Mallas: gigantes.

Depois disso, muito satisfeitos, Rama, Lakshmana e Bharata, aqueles guerreiros invencíveis, compareceram à instalação dos dois príncipes jovens que, tendo recebido a unção divina, fixos em seu dever, dividiram o território, e Angada tinha a região oeste e Chandraketu a região norte. Angada foi acompanhado pelo filho de Sumitra,[622] enquanto Lakshmana e Bharata seguiram na esteira de Chandraketu.

Seus filhos estando firmemente estabelecidos no trono, Lakshmana tomou o caminho de volta para Ayodhya, tendo permanecido em Angadiya por um ano. De sua parte, Bharata permaneceu com Chandraketu mais um ano, depois disso voltando para Ayodhya para assumir seu lugar novamente aos pés de Rama.

Ambos, Saumitri e Bharata, em seu amor por ele e sua extrema devoção, se esqueceram de que o tempo estava passando, e assim dez mil anos se passaram, enquanto eles se dedicavam aos assuntos de estado. Ocupando seus dias dessa maneira, com seus corações satisfeitos, cercados de esplendor, morando juntos naquela cidade virtuosa, eles pareciam os três fogos cujas chamas são alimentadas com libações abundantes em meio a grande solenidade.

Capítulo 103 – A Morte é enviada para procurar Rama

Depois de um longo tempo, a Morte, sob a forma de um asceta, apresentou-se às portas do grande e virtuoso Rama e disse: "Eu sou um mensageiro de um maharishi todo-poderoso e vim para ver Rama sobre um assunto de grande importância".

Ouvindo essas palavras, Saumitri apressou-se a anunciar a chegada do asceta para Rama, dizendo: "Tu podes estender o teu domínio sobre ambos os mundos, ó príncipe ilustre! Um mensageiro veio te ver, que, em virtude de suas penitências, é tão radiante quanto o sol".

Ouvindo as palavras de Lakshmana, Rama disse: "Traze aquele esse asceta de grande esplendor, que carrega uma mensagem de seu mestre, ó caro irmão!"

Então Saumitri respondeu: "Que assim seja!" e introduziu aquele sábio, flamejante em esplendor, cercado por assim dizer por raios ardentes. Aproximando-se do mais importante dos Raghus, que brilhava com sua própria refulgência, o rishi, com uma voz harmoniosa, se dirigiu a Raghava, dizendo: "Que a felicidade seja tua!"

Em seguida, o extremamente ilustre Rama, tendo lhe prestado a homenagem tradicional e lhe oferecido o Arghya, perguntou-lhe a respeito da sua condição. Tendo informado Rama do seu bem-estar, o mais hábil dos oradores, aquele asceta ilustre, sentou-se em um trono de ouro, e então Rama lhe disse: "Sê bem-vindo, ó grande sábio, que mensagem tu tens para mim, já que tu vieste como um embaixador?"

A essa pergunta daquele leão entre os homens, o sábio disse a ele: "Se tu respeitas os desejos dos deuses, essa reunião deve ocorrer apenas entre nós; quem quer que nos ouça deve ser executado por ti; as palavras do Senhor dos Ascetas são secretas e devem ser acatadas por Ti".

"Que assim seja!", respondeu Rama, e tendo dado essa garantia, ele emitiu o seguinte comando para Lakshmana: "Fica na porta, ó guerreiro de braços longos, e

[622] Shatrughna.

dispensa o porteiro. Eu devo matar todo aquele que ouvir a conversa entre esse Muni e mim, pois ela deve ocorrer só entre nós".

Tendo enviado Lakshmana para guardar a porta, Kakutstha, nascido de Raghu, disse: "Ó asceta, tu podes agora revelar aquilo que te foi confiado, fala sem medo, eu vou guardá-lo em meu coração!"

Capítulo 104 – A Morte entrega sua mensagem

"Saibas, ó soberano magnânimo, que este é o propósito da minha vinda! Foi o Avô bem-aventurado que me enviou, ó príncipe poderoso. Eu fui seu filho em uma existência anterior, ó conquistador de cidades hostis! Nascido de Maya, ó herói, eu sou a Morte que destrói tudo! O Avô, Senhor do Universo, fala assim a ti:

"'A tua tarefa está realizada, ó amigo, ó protetor dos mundos! Tendo antigamente destruído todos os seres com a ajuda de Maya, deitado em meio às águas do vasto oceano, tu deste nascimento a mim. Tu já havias criado a Serpente de grandes espirais, Ananta, como também dois Seres poderosos, Madhu e Kaitabha, cujos ossos esmagados cobriram a terra que apareceu naquela época com sua cadeia de montanhas. De um lótus celeste, brilhante como o sol, que brotou do teu umbigo, tu me produziste e me deste a tarefa de criar o mundo. Já que tu me deste essa responsabilidade, eu me apoio em ti por auxílio, ó Senhor da Terra! Que tu vigies todos os seres, pois és tu que és minha força. Em virtude da tua natureza invencível e eterna, tu deves fornecer proteção à toda a criação, pois tu assumiste a forma de Vishnu! Ó poderoso filho de Aditi, tu aumentaste o poder dos teus irmãos e quando eles procuraram realizar suas tarefas tu os auxiliaste. Quando, ó príncipe, todas as criaturas estavam sendo exterminadas por Ravana, tu, desejando matá-lo, te lembraste dos homens. Então tu resolveste viver entre eles pessoalmente por onze mil anos e depois retornar para nós. Tu, que és nascido da mente, concluíste a tua estadia entre os mortais; é a hora, ó principal dos homens, de voltar para nós; se for teu desejo prolongar a tua permanência entre as criaturas, ó grande rei, faze isso e sê feliz!'

"Essas são as palavras do Avô: 'Se tu preferes tomar posse do mundo dos Deuses mais uma vez, ó Raghava, eles com os seus líderes serão libertados de toda ansiedade, já que Vishnu estará entre eles'".

Tendo ouvido as palavras do Avô, que a Morte lhe tinha comunicado, Raghava, sorrindo, respondeu ao destruidor dos mundos, dizendo:

"Essas palavras totalmente admiráveis daquele Deus dos Deuses seguramente me causam alegria suprema, como também a tua vinda para cá. Eu vim para o bem dos mundos, esse é o propósito da minha existência; que tu sejas feliz! A tua chegada aqui tocou o meu coração; eu partirei sem demora. O Avô proferiu o que é verdadeiro, eu devo cuidar de tudo o que diz respeito aos deuses sob meu domínio, ó Destruidor do Universo!"

Capítulo 105 – O sábio Durvasa chega para visitar Rama

Enquanto os dois estavam assim conversando, Durvasa, aquele sábio abençoado, que desejava ver Rama, chegou ao portão do palácio e, aproximando-se de Saumitri, aquele asceta ilustre disse: "Leva-me imediatamente à presença de Rama, o assunto é urgente!"

Assim falou o sábio magnânimo, e Lakshmana, o matador de seus inimigos, curvando-se, disse-lhe: "Qual é o assunto? Explica-te, ó sábio abençoado! O que posso fazer por ti? Raghava está ocupado, ó brâmane, tem paciência por algum tempo!"

Ouvindo essa resposta daquele leão entre os homens, o grande rishi, muito enfurecido, disse a Lakshmana, a quem ele parecia consumir com seu olhar: "Anuncia a minha presença aqui para Rama imediatamente, ó Saumitri, ou eu pronunciarei uma maldição sobre o reino, sobre ti, a cidade, sobre Raghava, Bharata e sobre a tua Casa! Ó Saumitri, eu não posso mais conter a minha indignação!"

Ao ouvir as palavras alarmantes do asceta poderoso, Lakshmana ponderou algum tempo consigo mesmo sobre o seu significado, e refletiu: "Seria melhor que eu perecesse do que todos os outros fossem destruídos!"

Nisso, ele deu a conhecer a chegada do asceta a Raghava, e Rama, ouvindo a notícia, despediu-se da Morte e, com toda pressa, procurou o filho de Atri. Tendo prestado reverência com palmas unidas àquele grande sábio flamejante em esplendor, ele o questionou, dizendo: "O que eu posso fazer por ti?"

A essa pergunta aquele rei dos ascetas, o sábio Durvasa, respondeu: "Ó virtuoso Rama, ouve-me, nesse dia eu terminei um jejum de mil anos. Ó irrepreensível Raghava, dá-me agora o que tu tens pronto para comer!"

Ao ouvir essas palavras, o rei Raghava, com o coração muito contente, ofereceu ao principal dos sábios pratos que tinham sido preparados, e aquele asceta, tendo compartilhado daquele alimento semelhante a Amrita, se dirigiu a Rama, dizendo: "Está bem!" E voltou para seu eremitério.

Depois disso Rama relembrou as palavras da morte naquela reunião solene e, de cabeça baixa, com o coração apertado de angústia, ele ficou incapaz de falar. Refletindo repetidamente consigo mesmo, o ilustre Raghava pensou: "Tudo está perdido!" e ficou em silêncio.

Capítulo 106 – Rama bane Lakshmana

Vendo Rama de cabeça baixa, aflito e semelhante à lua em eclipse, Lakshmana falou com ele em tons alegres e afetuosos, dizendo: "Tu não deves te afligir por minha causa, ó guerreiro de braços longos; já foi ordenado assim e isso tem suas raízes em uma causa passada! Mata-me sem hesitação, sê fiel ao teu voto! Aqueles que não honram sua promessa vão para o inferno! Se tu tens alguma afeição por mim, ó grande rei, e encontras algum mérito em mim, então me mata e cumpre a lei, ó Raghava!"

Assim falou Lakshmana, e Rama, com a mente agitada, reuniu seus ministros e sacerdotes e lhes contou o que tinha ocorrido, da chegada de Durvasa e da promessa que tinha feito ao asceta. Quando eles tinham ouvido essas coisas, os ministros e brâmanes ficaram em silêncio, no entanto, o ilustre Vasishtha falou assim:

"Ó príncipe de braços longos, eu vejo que a separação de Lakshmana é para ti uma calamidade, que faz com que o teu cabelo se arrepie. Ó ilustre Rama, o abandona; a morte é poderosa, não deixes que as tuas palavras se revelem falsas. Quando uma promessa não é honrada e a virtude é destruída, sem dúvida os três mundos com todos os seres animados e inanimados, com as hostes dos deuses e rishis, perecem! Portanto, ó leão entre os homens, para salvar os três mundos e assegurar a continuidade do universo, bane Lakshmana!"

Ouvindo essas palavras, que estavam de acordo com o dever e a justiça, aprovadas por todos, Rama, no meio da assembleia, disse a Lakshmana: "Para que a justiça não pereça, eu te expulso, ó Saumitri, uma sentença de banimento ou a morte é o mesmo para homens de honra!"

A esse decreto de Rama, Lakshmana, chorando, com a mente agitada, partiu com toda pressa sem retornar para sua casa.

Tendo chegado às margens do rio Sarayu, ele executou suas abluções e, com palmas unidas, fechando as portas dos sentidos, começou a meditar. Enquanto estava assim reprimindo seus sentidos, ele não soltou sua respiração enquanto se entregava à contemplação, e os deuses com seus líderes, as tropas de apsaras e as companhias de rishis o cobriram com uma chuva de flores. Tornando-se invisível para os homens, o poderoso Lakshmana foi levado embora no corpo por Shakra, que o carregou para a região celeste. Vendo a quarta parte de Vishnu entrando no céu, os principais dos deuses, encantados, com alegria e em união ofereceram homenagem àquele descendente de Raghu.

Capítulo 107 – Rama instala Kusha e Lava no trono

Tendo banido Lakshmana, Rama, vítima da tristeza e desolação, disse aos seus sacerdotes, ministros e cidadãos: "Hoje eu darei a unção real ao valente Bharata, que é fiel ao seu dever, e farei dele o Senhor de Ayodhya; depois disso irei para a floresta. Façam todos os preparativos, não percam tempo, pois hoje eu também seguirei o caminho que Lakshmana tomou!"

Assim falou Raghava e seus súditos se curvaram como se privados de toda força. De sua parte, Bharata, fora de si ao ouvir as palavras de seu irmão, recusou a coroa e se expressou assim: "Eu juro de verdade, ó rei, sem ti eu não desejo reinar, nem em Svarga, ó tu, a alegria dos Raghus! Estabelece os teus dois filhos, os valentes Kusha e Lava, nos Koshalas do sul e nas regiões setentrionais; envia mensageiros velozes a Shatrughna para anunciar a nossa partida, que não haja demora!"

Ouvindo essas palavras de Bharata e também vendo os cidadãos que, de cabeça baixa, estavam dominados pelo pesar, Vasishtha falou: "Ó amado Rama, vê como essas pessoas estão se prostrando, tendo sabido o que elas desejam, o realiza, não as aflijas!"

Assim falou Vasishtha e Kakutstha, tendo-os feito se levantarem, disse ao povo: "O que se pede de mim?", e eles todos lhe disseram: "Se tu estás nos deixando, nos deixa te acompanhar para onde quer que vás, ó Rama; se tu amas os teus súditos e esse afeto é insuperável, nos deixa, com nossos filhos e esposas, seguir o caminho virtuoso contigo; seja para um retiro inacessível, rio ou mar, tu não deves nos abandonar; leva todos nós para onde quer que queiras, ó tu nosso

mestre! Esse é o nosso desejo supremo, o nosso desejo mais querido; sempre será a alegria dos nossos corações te acompanhar, ó príncipe!"

Reconhecendo o profundo apego de seu povo, Rama respondeu: "Que assim seja!", e ocupou-se em realizar o que ele tinha empreendido naquele dia.

Ele entregou os Koshalas do sul para o valente Kusha e os do norte para Lava; depois disso, colocando aqueles dois príncipes em seu colo, ele os entronizou em Ayodhya e deu-lhes milhares de carruagens e inúmeros elefantes com dez mil cavalos. Tendo-os suprido com joias e tesouro em abundância e lhes dado pessoas alegres e saudáveis para acompanhá-los, ele enviou os dois irmãos, Kusha e Lava, cada um para a sua própria capital.

Aqueles dois heróis estando instalados em suas respectivas cidades, Rama enviou um emissário ao magnânimo Shatrughna.

Capítulo 108 – Rama emite seus últimos comandos

Os mensageiros, incitados pela ordem de Rama, foram prontamente e rapidamente para Madhura sem parar no caminho. Depois de três noites eles chegaram àquela cidade onde todos eles informaram Shatrughna do que tinha acontecido; o banimento de Lakshmana, o voto de Raghava, a instalação de seus dois filhos e a decisão de seus súditos o seguirem; como uma cidade encantadora tinha sido construída para Kusha sob o nome de Kushavati no cume alto das montanhas Vindhya pelo virtuoso Rama, e que Shravasti era o nome da capital deslumbrante e famosa de Lava; eles lhe contaram também dos preparativos feitos por Raghava e Bharata para levar todas as pessoas de Ayodhya e entrar em Svarga.

Tendo relatado todas essas coisas para o magnânimo Shatrughna, os mensageiros ficaram em silêncio e depois acrescentaram: "Apressa-te, ó rei!"

Ouvindo essas notícias terríveis sobre a destruição iminente de toda a sua Casa, Shatrughna, a alegria de Raghu, reuniu seu povo e convocou o sacerdote da sua família, Kanchana, para comunicar a verdade a eles sobre a sua partida imediata com seus irmãos.

Depois disso, aquele príncipe valente instalou seus dois filhos, tendo distribuído riqueza abundante em partes iguais entre eles, e Subahu foi estabelecido em Madhura e Shatrughatin em Vaidisha. Isso sendo realizado, aquele descendente de Raghu partiu para Ayodhya em uma única carruagem.

Lá ele viu o magnânimo Rama semelhante a um braseiro flamejante, vestido com uma túnica de lã fina, em meio aos sábios imperecíveis. Reverenciando-os com palmas unidas, seus sentidos sob controle, ele se dirigiu ao seu irmão virtuoso, cujo pensamento também estava sempre fixo em seu dever, e disse: "Eu entronizei meus dois filhos, ó rei, e vim aqui; saibas bem que eu estou decidido a te seguir! Não te oponhas a mim, ó valente, pois eu não quero que a tua vontade seja desconsiderada por alguém como eu".

Vendo que a sua determinação era fixa, Rama disse a Shatrughna: "Assim seja".

Tendo parado de falar, os macacos, que eram capazes de mudar de forma à vontade, com as companhias de ursos e titãs chegaram lá de todas as direções com Sugriva à sua frente, todos estando unidos em seu desejo de ver Rama, que permanecia com o rosto voltado para o céu.

Devas, rishis e gandharvas com seus filhos, sabendo da partida planejada de Rama, tinham todos se reunido, dizendo: "Nós viemos aqui para te seguir, ó príncipe! Partir sem nós, ó Rama é nos derrubar com a vara da morte".

Naquele instante, o extremamente poderoso Sugriva, curvando-se àquele herói de acordo com a tradição, se dirigiu a ele com humildade e disse: "Tendo instalado o virtuoso Angada, ó príncipe, saibas que eu vim aqui com a intenção de te acompanhar!"

A essas palavras, o ilustre Kakutstha, sorrindo, respondeu: "Assim seja!" Depois disso ele disse a Bibishana, o rei dos rakshasas: "Enquanto existirem pessoas, ó poderoso senhor dos rakshasas, que tu permaneças em Lanka. Enquanto a lua e o sol continuarem a brilhar sobre a terra, enquanto elas falarem de mim no mundo, o teu império durará; essa é a vontade do teu amigo, obedece! Governa o teu povo de acordo com a justiça e não questiones mais isso. Só mais uma coisa que eu quero te dizer, ó monarca poderoso dos rakshasas: adora a Divindade da Casa de Ikshvaku, o Guia do Universo, Shri Jagannath, a quem os próprios Devas com seus líderes adoram perpetuamente".

"Assim será", respondeu Bibishana, e depois Kakutstha se dirigiu a Hanuman, dizendo: "Resigna-te a continuar a viver, não tornes nula a minha vontade. Enquanto a minha história for contada no mundo, ó principal dos macacos, tu poderás ser feliz e recordar as minhas palavras!"

Então Hanuman, concordando com a fala de Rama, em seu deleite, disse: "Enquanto a tua história purificadora circular no mundo, ó Rama, eu permanecerei na terra submisso à tua vontade!"

Então Raghava deu a mesma ordem para Jambavan e disse: "Até o Kali Yuga começar, continua a viver na terra!"

Depois disso, dirigindo-se a todos os outros ursos e macacos, ele disse: "Se for o seu desejo, então me sigam!"

Capítulo 109 – A partida de Rama para a Mahaprasthana

Quando veio a aurora, Rama de peito largo e ilustre, cujos olhos eram tão grandes quanto pétalas de lótus, disse ao seu preceptor espiritual: "Que o Agnihotra queimando brilhantemente com os nascidos duas vezes e também o dossel sacrifical sejam levados à frente e tu, meu Senhor, os preceda nessa grande jornada".

Então Vasishtha, cheio de majestade, realizou os rituais prescritos relativos à Mahaprasthana sem omitir nada. Então Rama, vestido em seda fina, invocando Brahma e recitando os mantras vêdicos, levando grama Kusha em ambas as mãos, partiu para o rio Sarayu, parando de vez em quando, silenciosamente fazendo seu caminho ao longo da rota irregular, radiante como o sol, ele saiu de seu palácio com os pés descalços e, à sua direita, Shri Lakshmi caminhava com seu lótus, à sua esquerda, estava a grande deusa Vyavasaya[623] e, assumindo forma humana, suas inúmeras setas, arco maravilhoso e todas as outras armas o acompanharam. Os Vedas, nas pessoas dos brâmanes, o sagrado Gayatri, Protetor do Mundo, a sílaba sagrada "Aum" e a invocação "Vashat" seguiram na esteira de Rama como também

[623] A deusa da terra.

os rishis de grande alma, e todas as Divindades da Terra acompanharam aquele herói para os portões abertos do céu.

Seguiam seus passos as mulheres dos aposentos internos com os idosos, as crianças, servos, eunucos e atendentes pessoais. O fiel Bharata com suas esposas acompanhado por Shatrughna seguia na esteira de Rama, acompanhados pelo fogo sacrifical. Todos os sábios magnânimos com os artigos ritualísticos, tendo se reunido lá com seus filhos e esposas, se juntaram à procissão do virtuoso Kakutstha. Ministros, grupos de servos com seus filhos, seus parentes e seus rebanhos seguiram alegremente os passos de seu mestre. Todos os cidadãos, pessoas felizes e saudáveis, eminentes por suas boas qualidades, se juntaram à partida de Raghava e todos os homens e mulheres com suas aves, animais e amigos, purificados de seus pecados, seguiram em frente com alegria. Devotados a Rama, os macacos, tendo se banhado, encantados e satisfeitos, gritavam exultantes com toda sua força, "Kilakila!"

Naquela multidão, ninguém estava triste, abatido ou infeliz, mas uma felicidade universal enchia todos ao mais alto grau. Em seu desejo de ver Rama partindo, as pessoas do campo, através do qual ele passou, ao vê-lo, tomaram seus lugares em sua comitiva. Ursos, macacos, titãs, cidadãos, com profunda devoção, o seguiram na maior serenidade. Até os seres invisíveis da cidade se juntaram à procissão de Raghava quando ele foi para o céu. Vendo-o, todas as criaturas, animadas e inanimadas, amorosamente o acompanharam nessa viagem. Nem um único ser, nem mesmo o menor deles, podia ser visto em Ayodhya; até aqueles nascidos de animais seguiram na esteira de Rama.

Capítulo 110 – Rama ascende para o céu com os outros seres

Quando ele tinha procedido cerca de seis milhas, o orgulho dos Raghus viu as águas sagradas do Sarayu fluindo para o oeste, redemoinhando e encrespando-se em seu curso, e ele seguiu mais adiante para o Goprataraka Ghata,[624] seus súditos se amontoando em volta dele por todos os lados.

Naquele momento, quando Kakutstha estava se preparando para ascender ao céu, Brahma, o avô do mundo, rodeado pelos deuses e os rishis ilustres adornados com joias, apareceram sentados em seus carros aéreos, e todo o firmamento brilhava com um esplendor transcendente, um resplendor extraordinário emanando do brilho daqueles seres celestes de ações virtuosas. Brisas puras, amenas e perfumadas sopravam, enquanto chuva após chuva de flores era espalhada pelos deuses. Então, ao som de uma miríade de instrumentos e ao canto dos gandharvas e apsaras, Rama entrou nas águas, ao que o Avô, do alto, proferiu estas palavras:

"Salve ó Vishnu! Salve ó Raghava! Com teus irmãos divinos, agora entra na tua morada eterna! Volta para o teu próprio corpo, se tu assim desejares, ó guerreiro de braços longos! Ocupa o reino de Vishnu ou o éter brilhante, ó deus poderoso! Tu és o amparo do mundo, embora existam alguns que não Te reconhecem sem Maya de olhos grandes, a tua antiga consorte! Tu és o Inconcebível, o Ser Grandioso, o Indestrutível, o Eterno. Entra no teu corpo verdadeiro se tu assim desejares".

Ouvindo essas palavras do Avô, o extremamente virtuoso Rama tomou sua decisão e entrou na morada de Vishnu em seu corpo com seus irmãos mais novos.

---

[624] Vau de gado.

Então os imortais começaram a adorar aquele deus que tinha retornado à sua forma como Vishnu, e os Sadhyas, os hostes de Maruts com Indra e Agni à sua frente, as companhias celestes de rishis, os gandharvas e apsaras, suparnas, nagas, yakshas, daityas, danavas e rakshasas e todos os moradores do céu sentiram alegria suprema, seus desejos realizados, seus pecados purificados, e eles todos gritaram "Salve! Salve!"

Em seguida, o todo resplandecente Vishnu disse para o Avô: "Concede a cada um desses meus súditos uma morada adequada. Eles são meus devotos e verdadeiramente merecedores, tendo sacrificado suas vidas por mim!"

Assim falou Vishnu, e o deus Brahma, Guru dos Mundos, respondeu dizendo: "Todos aqueles que se reuniram aqui irão para a região chamada Santanakas! Sim, até os animais que morrem meditando sobre os Teus Pés sagrados viverão nas imediações de Brahmaloka onde eu uni todas as coisas prazerosas. Os macacos e os ursos, as manifestações de várias divindades, já retornaram para os mundos dos deuses, de onde eles vieram, e Sugriva entrou no disco do sol!"

Precisamente quando o grande deus estava falando, os macacos e os ursos, tendo assumido as suas formas imaculadas, chegaram ao Goprataraka Ghata diante dos olhos dos deuses reunidos. Naquele momento todos aqueles que entraram nas águas do rio Sarayu abandonaram suas vidas alegremente, com os olhos cheios de lágrimas de êxtase, e, tendo abandonado seus corpos, tomavam seus lugares em uma carruagem celeste. Quanto àqueles em forma animal, que entraram nas águas do Sarayu às centenas, eles ascenderam ao terceiro céu em corpos divinamente resplandecentes e pareciam tão refulgentes quando os deuses em suas feições celestes. Todos os seres, animados ou inanimados, que entraram naquelas águas chegaram à região dos deuses, e, por sua vez, os ursos, macacos e titãs, abandonando seus corpos no rio, também alcançaram o céu.

Tendo concedido a todos um lugar no paraíso, o avô do mundo acompanhado dos deuses, no auge da felicidade, voltou ao terceiro céu, sua morada suprema.

Capítulo 111 – A virtude Suprema do Ramayana

Esse então é o todo do grande épico e sua continuação chamado Ramayana, que foi composto por Valmiki e é reverenciado pelo próprio Brahma.

O Senhor Vishnu voltou para Svargaloka como outrora, Ele que permeia os três mundos e tudo o que eles contêm, tanto os que se movem quanto os fixos. Deuses, Gandharvas, Siddhas e grandes Rishis no céu sempre ouvem com prazer o poema Ramayana. Esse épico, que promove vida longa, concede boa fortuna e destrói o pecado, é igual ao Veda e deve ser recitado pelos sábios para homens de fé.

Ao ouvi-lo, aquele que não tem filho obterá um filho, aquele que não tem fortuna se tornará rico; ler apenas um pé desse poema irá absolvê-lo de todo pecado. Aquele que comete pecados diariamente será totalmente purificado por recitar um único sloka.

O recitador dessa narrativa deve ser recompensado com trajes, vacas e ouro, pois, se ele está satisfeito, todos os deuses estão satisfeitos. Aquele que recita esse épico Ramayana que prolonga a vida será abençoado com seus filhos e netos nesse mundo e, depois da sua morte, no outro mundo. Aquele que, com devoção, recita o

Ramayana na hora em que as vacas são soltas ou ao meio-dia ou ao anoitecer, nunca sofre adversidade.

A encantadora cidade de Ayodhya, tendo permanecido deserta por inúmeros anos, será repovoada por um príncipe chamado Rishabha.

Essa narrativa, que concede longevidade, com o Bhavishya e Uttara, cujo autor é o filho de Pracetas, tem a aprovação do próprio Brahma.

Glossário

(Nota: Para Flores, Árvores, e Armas, consulte os Glossários separados).

A

Abhijit. Uma constelação que denota vitória quando o sol entra nela.
O vigésimo segundo Nakshatra.
Um título e nome de Vishnu.
Abhiki. Uma ovelha.
Abhiras. Um líder de ladrões que morava em Drumakulya.
Abravanti. Uma cidade.
Achmana, acamana ou achamana. Rito purificatório no qual água é pega na palma das mãos e derramada sobre a cabeça e peito e a boca enxaguada; também inclui tocar várias partes do corpo.
Acharya. Um professor espiritual.
Achyuta. Um título de Vishnu significando 'Imperecível'.
Adambara. Um tambor, trombeta ou rugido de elefante durante a batalha.
Adhvara. Um sacrifício, especialmente o Sacrifício Soma.
Adhvarya. Um sacerdote oficiante.
Adhyas. Uma leitura, capítulo ou seção de uma obra.
Adideva. Um título dado a Rama significando 'Principal dos Deuses'.
Aditi. Mãe dos deuses, que representa o espaço ou infinito.
Adityas. Deuses do sol ou filhos de Aditi.
Aditya-Hridaya. 'O coração do Sol', um nome de um Hino vêdico.
Aditya-Varcas. 'O que constitui o conhecimento de Aditya'.
Adrikritasthali. Apsaras ou ninfas.
Agaru. Agallochum, uma espécie de sândalo ou Aloe Exorcaria indiano, usado como incenso ou para perfumar.
Agastya. Um grande rishi, o renomado autor de vários hinos no Rig-Veda. Esse sábio, cujos poderes milagrosos são descritos nos grandes clássicos, acolheu Rama, Sita e Lakshmana em seu eremitério durante o seu exílio. É dito que ele nasceu em um vaso. (Veja o Uttarakanda, Capítulo 57).
Agneya. Uma montanha.
O quadrante sudeste do qual Agni é regente.
Uma nuvem produzida pelo fogo.
Agni. O deus do fogo.
Agnigarbha. 'De ventre de fogo', um nome de Agni que causa o fogo da dissolução no fim do ciclo do mundo.
Agnihotra. O sacrifício de fogo.
Agniketu. Um guerreiro titã.
Agnikunda. Um poço ou buraco onde queima o fogo sacrifical.
Agniputra. Um sábio, o título significa 'Filho de Agni'.
Agnisthoma. Uma série de oferendas ao deus do fogo celebradas por cinco dias durante a primavera.
Agnivarna. O filho de Sudarshana.
Agrahayana. Uma festa semelhante ao Festival da Colheita.

Ahalya. A esposa do rishi Gautama, que foi transformada em uma rocha por ele quando ele a amaldiçoou por flerte com o deus Indra; ela foi finalmente restaurada à sua própria forma por Rama.
Ahaskara. 'Criador do Dia', um título do deus-Sol.
Ahavaniya. Veja sob Três Fogos.
Airavata. O elefante sagrado que transporta o deus lndra. Um dos elefantes que sustentam os quatro quadrantes da terra.
Aja. Um rei da dinastia de Ikshvaku, o pai de Dasaratha.
Ajamukhi. Uma titânide.
Ajas. Uma classe de eremitas, veja em Ascetas.
Ajita. 'Invencível', um nome dado a Vishnu.
Akampana. O titã que informou Ravana da destruição de Janasthana e que o convenceu a raptar Sita. Ele foi morto por Hanuman.
Akopa. Um ministro na corte do rei Dasaratha.
Aksha. Um filho de Ravana, que foi morto por Hanuman.
Akshauhini. Um exército composto de um grande número de cavalaria, infantaria, carros e elefantes.
Alaka. Capital de Kuvera.
Alakshita. Uma floresta onde Narada morou.
Alambusha. Mãe de Vishala.
Alarka. Um herói famoso por sua devoção.
Amaravati. A capital de lndra que também é chamada Vitapavati.
Ambarisha. Um rei de Ayodhya cuja história é contada no Balakanda.
Amrita. O 'néctar da imortalidade' produzido pelo batimento do oceano pelos deuses e demônios.
Anala. O deus do fogo.
O nome de um dos filhos de Mali.
A esposa de Kashyapa.
A filha de Sundari.
Ananga. 'Sem corpo', um nome dado ao deus do amor depois que ele foi reduzido a cinzas por Shiva.
Um guerreiro macaco que era filho de Hutasena, o deus do fogo, Agni.
Ananta. A serpente de mil cabeças, também chamada Shesha, na qual o senhor Vishnu repousa durante o retraimento dos mundos. O nome significa 'Eterno', 'Infinito'.
Anaranya. Um rei da linhagem de Ikshvaku.
Anasuya. A esposa do rishi Atri.
Andhaka. Um demônio, filho do sábio Kashyapa e Diti, que era dito ter mil braços e cabeças, que foi morto por Shiva.
Anga. O reino governado pelo rei Lomapada, provavelmente Bengala.
Uma parte ou membro; um exército é dividido em angas; o termo foi traduzido como divisões nesse texto.
Angada. O filho de Bali, um guerreiro macaco, herdeiro legítimo do reino dos macacos.
Angadiya. A cidade governada por um dos filhos de Lakshmana.
Angalapa. Uma cidade que os macacos exploraram em busca de Sita.
Angaraka. Um demônio feminino.
O planeta Marte.
Angiras. Um dos sete sábios imortais, o pai de Gargya.
Anila. O deus do vento.

Um dos filhos de Mali.
Anjali. Uma saudação feita com as palmas das mãos unidas.
Anjalipanas. Ascetas que bebem da concha de suas mãos.
Anjana. Uma ninfa de quem o deus do vento se enamorou e que posteriormente deu à luz Hanuman.
Anshuman. O filho de Asmanjas; sua história é contada no Balakanda.
Antaka. Um nome de Yama, o deus da morte.
Antigas. Uma medida implicando um grande número.
Antya. Dez vezes um Madhya.
Anuhlada. O filho de Hiranyakashipu, um daitya e pai de Prahlada cuja história é contada no Vishnu Purana. Anuhlada raptou Sachi, consorte de Indra, e foi morto por ele.
Aparaparvatas. Uma cordilheira.
Apas. Um título significando 'Amigo da Água'.
Apsara. Um espírito da água ou ninfa; a palavra 'ap' significando 'água' e 'sara' 'emergir da'. As apsaras eram as esposas dos gandharvas.
Arani. A madeira da figueira sagrada que é usada para acender o fogo em sacrifícios.
Aranya. Uma floresta ou bosque.
Arbuda. Cem milhões.
Archirmalayas. Os descendentes do asceta Maricha.
Archisman. Um líder macaco.
Arco de Indra. O arco-íris.
Arghya. Uma oferenda tradicional de água, leite, grama kusha, arroz, grama durva, sândalo, flores e assim por diante.
Arighna. Um guerreiro titã.
Arishtanemi. Um sábio.
Um nome de Garuda significando 'A pina de cuja roda é ilesa'.
Arjuna. O rei dos Haihayas, o filho de Kritavirya que derrotou Ravana.
Um Asura.
Arka. Um líder macaco.
Arshishman. Um titã, o pai de Sumali.
Artha. Dharma, Artha e Kama – Dever, Prosperidade e Prazer legítimo, que são ditos serem os três objetivos da vida.
Artha-Shastra. A ciência de governo político e moral. Os Artha Shastras são antigos tratados hindus que resumem os principais deveres do homem no campo da política e economia onde os assuntos são tratados do ponto de vista individual e não universal.
Arthasadhaka. Um dos ministros da corte de Dasaratha.
Aruja. Patronímico dos descendentes de Bhrigu.
A filha de Shukracharya, o nome significa 'pureza'.
Aruna. Uma águia ou gaio, o irmão de Garuda.
Arundhati. A esposa do rishi Vasishtha, que era um modelo de excelência conjugal.
A estrela da manhã.
Aryama. Chefe dos Pitris ou antepassados.
Asava. Vinho feito de açúcar e mel da flor 'Bassia Latifolia'.
Ascetas. Sábios que praticavam austeridades dos quais alguns são:
Ajas. Aqueles mencionados no Veda.
Ardrapatavasas. Aqueles que praticavam prece silenciosa.

Asmakuttas. Aqueles que viviam em cabanas de pedra de alimentos não cozidos.

Dantolukhalis. Aqueles que ingeriam alimentos crus, como grãos, e os esmagavam entre os dentes.

Gatrasayyas. Aqueles que dormiam no chão sem fazer um leito.

Marichipas. Aqueles que viviam por absorver os raios do sol ou da lua.

Pancagnis. Aqueles que praticavam ascetismo entre cinco fogos, isto é, quatro fogos e o sol acima.

Patraharas. Aqueles que viviam das folhas das árvores.

Samprakalas. Aqueles ditos serem nascidos da água na qual os pés de Brahma são limpos.

Vaikhanasas. Aqueles nascidos das unhas de Brahma.

Valakhilyas. Aqueles nascidos do corpo de Brahma.

Ashadha. Um mês, parte de junho e julho.

Alguém que nasce sob a constelação Ashadha.

Ashaniprabha. Um guerreiro titã.

Ashma. A cidade no reino de Varuna que pertencia a Bali.

Ashoka. Um dos conselheiros de Rama. (Para a árvore desse nome veja o Glossário separado).

Ashrama. Um eremitério ou retiro na floresta.

Ashtavakra. Um sábio de grande eminência espiritual.

Ashva. Um sábio.

Ashvagriva. O filho de Kashyapa.

Ashvamedha. O sacrifício de cavalo dos tempos védicos realizado só por reis.

Ashvapati. Veja Yudhajita.

Ashvatara. O nome do principal da raça de serpentes; seu significado é 'rápido', 'veloz'.

Ashvayuj. O mês que é parte de setembro e outubro.

Ashvins ou **Ashvini-Kumaras**. Cavaleiros celestes, precursores da aurora, filhos gêmeos do sol e patronos da medicina.

Ashviputras. Os filhos dos Ashvins.

Asi. De 'Asi Pattra Vana', um inferno onde as árvores têm folhas tão afiadas quanto espadas.

Asita. O pai de Sagara.

Asura. Um demônio ou titã, inimigo dos deuses.

Atala. Veja Patala.

Atapin. Um nome do sol significado 'o que causa calor'.

Uma ave 'Falco Cheela'.

Atharva Veda. O Quarto Veda.

Atibala. Veja Bala e Atibala.

Atikaya. 'De corpo enorme', um nome de um guerreiro titã.

Atiratha. Um grande guerreiro em carro, aquele que pode lutar com inúmeros arqueiros, embora menos que dez mil.

Atiratra. Uma parte opcional do sacrifício Jyotishtoma; também o início e a conclusão de certos outros sacrifícios.

Atodyas. Um instrumento musical.

Atri. Um dos sete sábios imortais.

Atyartha Sadaka. Um dos conselheiros do rei Dasaratha.

Aum ou **Om**. A sílaba sagrada dita ser o primeiro som na criação; seu significado pode ser estudado na Mandukya Upanishad.

Aurva. Um grande rishi, o neto de Bhrigu; o nome é derivado de 'uru' ou 'coxa', pois é dito que ele foi produzido da coxa de sua mãe. Suas austeridades alarmaram os deuses e sua raiva contra a classe guerreira, que havia matado seus antepassados, era inigualável. Eventualmente ela foi mitigada pela intervenção dos Pitris e lançada no mar onde o fogo de sua ira se tornou um ser com uma cabeça de cavalo chamado Hayashira.
Avanti. Uma cidade explorada pelos macacos em busca de Sita.
Avartani. Uma prece que é dita induzir a descida da Divindade e fazer todas as coisas serem percebidas.
Avindaya. Um titã.
Avindha. Um titã sábio e idoso.
Avô do mundo. Um título dado a Brahma, o Criador.
Ayodhya. A capital de Koshala que era governada pelo rei Dasaratha, possivelmente Oudh.
Ayomukha. Uma montanha.
Ayomukhi. Uma titânide.
Ayurveda. O 'Veda da Vida', uma obra sobre medicina atribuída ao sábio Dhanvantari, que surgiu do oceano quando ele foi batido pelos deuses e titãs.
Ayus. O filho de Pururavas e Urvashi; ele era o pai de Nahusha.
Ayuta. Um número que não pode ser contado, uma miríade ou às vezes dito ser mil mais cem; também às vezes denotando dez mil.

B

Bahadur. Um título semelhante a um título de cavaleiro.
Bahlika. Um país vasculhado pelos macacos em busca de Sita.
Bahlikas ou Vahlikas. Bactrianos ou povo do norte e oeste da Índia.
Bahudamshtra. Um titã.
Bahumayin. Um asura.
Bahusuvarnaka. Um sacrifício no qual distribuições generosas de ouro são feitas.
Bala e **Atibala**. A 'ciência das fórmulas sagradas', dada a Rama pelo sábio Vishvamitra.
Bali ou **Vali**. O macaco rei de Kishkindha, irmão de Sugriva.
Balimukha. Um líder macaco.
Bana. Um rei que era o filho de Vikukshi e o pai de Anaranya.
Basakarna. Um líder titã.
Bhadra. Um dos cortesãos de Rama.
Bhaga. Um deus mencionado nos Vedas; esse é o nome de um Aditya que preside o amor e o casamento; o título realmente significa 'Mestre Rico' ou 'Senhor Benevolente' e 'Concessor de Riqueza'; esse nome é usado também para a lua.
Bhagiratha. Um descendente do rei Sagara, que por suas penitências trouxe o rio Ganges para a terra.
Bhagirathi. Um nome dado ao rio Ganges em memória do sábio Bhagiratha.
Bhanu. Um título do sol significando 'Possuidor de Brilho'.
Bharadwaja. Um sábio que acolheu Rama, Sita, Lakshmana e depois Bharata na floresta. (Veja o Balakanda). Muitos Hinos Vêdicos são atribuídos a ele.
Bharata. O irmão mais novo de Rama e filho da rainha Kaikeyi.
Bharatvarsha. A Índia antiga.

Bhargava. Um patronímico do sábio Chyavana, o descendente de Bhrigu. Ele também é usado para Shukra e outros.
Bhasakarna. Um titã morto por Hanuman.
Bhaskara. Um nome do deus-sol, que era o pai de Sugriva.
Bhasvat. Um nome dado ao deus-sol significando 'Luminoso', 'Esplêndido', 'Possuidor de Luz'.
Bhava. Um nome de Shiva.
Bhavishya. Um dos dezoito Puranas; uma revelação de eventos futuros por Brahma.
Braya. 'Medo', a irmã de Kala e consorte de Praheti.
Bheri. Um timbale.
Bhogavati. Uma luxuosa cidade subterrânea pertencente às serpentes; às vezes chamada de Putkari.
Bhramara. Zangão.
Uma ave.
Bhrigu. Um sábio vêdico, dito ser o filho de Manu.
Bhringaraja. Um picanço ou abelha.
Bhujamgas. Seres da raça de serpentes.
Bhur, **Bhuvah**, **Swah**. O mundo inferior, intermediário e superior.
Bhutas. Espíritos ou fantasmas.
Bhutagramas. O agregado de seres vivos ou uma multidão de espíritos ou fantasmas.
Bhuti. A mãe da ninfa Manu.
Bibhutaka. Uma concha dupla feita de madeira para derramar ghee no fogo sacrifical.
Bibishana ou **Vibishana**. O irmão mais novo de Ravana, mas um devoto de Rama; ele foi instalado como rei de Lanka após a morte de Ravana.
Bindusara. Um lago.
Bishaka ou **Vishaka**. Um devoto que constantemente contempla a Divindade.
Um dos Nakshatras.
Brahma. O aspecto criativo da Divindade.
Brahmachari. Um estudante religioso que vive na casa de um professor espiritual ou guru, tendo feito certos votos.
Brahmacharini. A contraparte feminina de um brahmachari.
Brahmacharya. Qualidade de estudante religioso que implica a tomada de certos votos.
Brahmadatta. Um rei que foi amaldiçoado pelo sábio Gautama e tornou-se um abutre.
Brahma Jnana. O Conhecimento de Brahman, a Verdade ou Realidade através da percepção direta.
Brahma Kosha. A morada de Hyranyagarbha.
Brahma Laya. A morada da Brahma de quatro faces.
Brahman. O Absoluto ou Realidade Mais Alta, ser sem atributos.
Brahmanmalas. Uma região explorada pelos macacos quando em busca de Sita.
Brahmaputra. O filho de Brahma ou um brâmane.
O nome de um rio.
A extremidade oriental dos Himalaias.
Brahmarshi. Uma constelação que alguns dizem ser Shravana.
O nome de uma determinada classe de rishi, superior a um maharishi e da classe bramânica. Às vezes escrita Brahma-rishi.

Brahmashatru. Um guerreiro titã.
Brahmashiras. A morada da divindade que preside a Arma de Brahma.
Brahmavadi. Aquele que recita ou expõe o Veda, ou ensina o conhecimento espiritual.
Brihaspati ou **Vrihaspati**. O Preceptor espiritual dos deuses, também dito ser o regente do planeta Júpiter, que é chamado pelo mesmo nome.
Budha. O planeta Mercúrio.

C

Castas. Há quatro castas, a sacerdotal, guerreira, comerciante e aquela que serve as outras três.
Chabanya. Um sábio que acolheu Shatrughna em seu eremitério.
Chaitraratha ou **Chitraratha**. O rei dos gandharvas.
Chaitya. Uma lápide, coluna, monumento ou pilha sacrifical.
Chakracharas. Designação de uma classe de seres; o nome significa 'Que se movem em um círculo'.
Chakratunda. Um peixe semelhante a uma roda.
Chakravaka. Um pato bramani [ou brahmani] ou ganso avermelhado.
Chamara. Um chouri ou abanador feito de caudas de iaques, uma insígnia de realeza.
Chandala. Um pária.
Chandari. Uma titânide.
Chandas. Um hino sagrado ou verso distinto daqueles nos Vedas.
Chandra. A lua.
Chandrachritas. Um país explorado pelos macacos quando eles estavam à procura de Sita.
Chandrahasa. A cimitarra reluzente, espada de Ravana, que ele recebeu de Shiva como uma bênção. O nome significa 'Que ridiculariza ou envergonha a lua'.
Chandrakanta. A cidade governada por filho de Lakshmana.
Charanas. Os panegiristas dos deuses.
Charavat. Uma montanha no oceano onde Vishvakarma forjou o disco usado por Vishnu.
Charyagopura. A montanha onde Kumbhakarna dormia.
Chatak. 'Cuculus melanoleucus', uma ave que, de acordo com a lenda, vive apenas de gotas de chuva.
Chaturanga. Um exército composto de soldados de infantaria, cavalaria, elefantes e carros.
Chitra. O planeta Espiga.
O mês Chitra ou Chaitra que é parte de fevereiro e março.
Chittrakuta. Uma montanha sagrada onde Rama e Sita viveram no exílio e é até hoje considerada um retiro sagrado.
Chyavana. Um sábio, filho do rishi Bhrigu.
Cinco aspectos. A consideração de (*a*) hora, (*b*) lugar, (*c*) pessoas e coisas em questão, (*d*) precaução contra o azar, (*e*) da possibilidade de sucesso.
Conhecedor do Eu. Um conhecedor da Verdade ou Realidade – um ser iluminado.

D

Dadhimukha. Um macaco que guardava um bosque e foi maltratado pelas tropas vitoriosas da Angada.
Daityas. Gigantes, titãs ou demônios.
Daksha. Um dos filhos de Brahma, cuja filha Uma tornou-se a consorte de Shiva.
Dakshayani. Um demônio feminino também chamado Surasa.
Dakshina. Oferenda tradicional feita depois de uma cerimônia sagrada.
Damshtra. Um guerreiro titã.
Danavas. Uma raça de gigantes que eram inimigos dos deuses.
Danda. Um bastão ou vara.
O nome do filho de Sumali cuja história é contada no Uttarakanda.
Dandadhara. 'Portador da Vara', um nome da morte como portadora da vara de punição.
Dandaka. O nome de uma vasta floresta situada entre os rios Godavari e Narmada, a cena do exílio de Rama e Sita.
Dandi. Um dos porteiros do deus-sol.
Danshira. Um titã.
Dantavakra. Um dos cortesãos de Rama.
Danu. Um nome do demônio Kabandha.
Um dos antepassados de Bali.
Dardura. Uma montanha no sul, às vezes associada ao monte Malaya.
Darimukha. Um guerreiro macaco.
Darmapala. Um dos ministros de Rama.
Darsha. Sacrifício bimensal realizado nas mudanças da lua por aqueles que mantêm um fogo perpétuo.
Dasaratha. Rei de Koshala e pai de Rama, Lakshmana, Bharata e Shatrughna.
Dashagriva. 'O de dez pescoços', um título dado a Ravana.
Dashanana. 'O de dez faces', um título dado a Ravana.
Dasyus. Ladrões.
Datyuha ou **Datyuhaka**. Um pequeno caimão semelhante a um cuco.
Defesas quádruplas. Defesa por água, montanha, floresta ou por meios artificiais.
Devaloka. A região celeste ou a morada dos deuses.
Devantaka. 'Matador de Deuses', o título de um guerreiro titã.
Devarishi. Veja em Rishi.
Devas. Os Deuses ou os Brilhantes.
Devasakha. Uma montanha que era chamada de 'Refúgio dos Deuses'.
Devavati. A filha do gandharva Gramani que se tornou a consorte de Shiva.
Devayani. A esposa de Nahusha.
Devi. Um título dado a Parvati, a consorte de Shiva.
Dhanada. Um nome de Kuvera significando 'Concessor de Riqueza'.
Dhananjaya. Um título que significa 'vitorioso em batalha', utilizado para o deus da lua, o deus do fogo e outros.
Dhaneshwara. 'Senhor da Riqueza', um título dado a Kuvera.
Dhanurveda. O Veda do Tiro com Arco.
Dhanyamalini. A mãe de Atikaya.
Dhara. Uma das esposas do sábio Kashyapa.
Dharani. A deusa da terra personificada como a esposa de Dhruva.
Dharma. Justiça ou dever, o rumo de conduta ordenado tradicionalmente; um dos quatro objetivos da vida que são Dharma, Artha, Kama e Moksha – dever,

prosperidade, prazer legítimo e libertação. Dharma é personificado como um dos Prajapatis, o deus da lei moral e dever espiritual.
Dharmabrit. Um sábio que Rama encontrou perto do 'Lago das Cinco Ninfas'.
Dharmapala. Um dos conselheiros de Rama.
Dharmaraja. A título de Yama como deus da justiça.
Dhatar ou **Dhatri**. 'Criador', 'Autor', 'Fundador', um nome dado a Brahma, Vishnu e outros.
Dhaumya. Um sábio.
Dhrishti. Um dos principais conselheiros da corte do rei Dasaratha.
Dhruva. A divindade da Estrela Polar cuja história é contada no Vishnu Purana.
Dhuma. O deus da fumaça.
Dhumaketu. Um meteoro, cometa ou estrela cadente.
O nodo descendente personificado.
Um titã.
Dhumra. Senhor de todos os ursos, um aliado de Rama.
Dhumraksha. Um guerreiro titã.
Dhundhumara. Um título dado ao rei Kuvalashwa significando 'Matador do Demônio Dhundu'.
Dhurjat. Um título significando 'O que tem cabelo emaranhado'.
Dhwajagriva. Um titã.
Dilipa. O pai do sábio Bharadwaja.
Dindima. Um instrumento musical.
Dirghatamas. Um sábio.
Dirghayus. Um sábio.
Diti. A filha de Daksha e esposa de Kashyapa; ela se tornou a mãe dos daityas.
Divakara. 'O que traz o dia', um título do sol.
Drona. Uma medida, aproximadamente noventa e duas libras.
Drumakulya. Um lugar sagrado citado pelo senhor das águas no qual é dito que Rama perdeu sua arma destrutiva.
Dukula. Tecido de seda ou muito fino feito da casca interna da planta do mesmo nome.
Dundubhi. Um filho de Maya, um gigante que lutou com Bali o rei dos Macacos.
Um timbale.
Durdharsha. Um título dado a Ravana significando 'Terrível', 'Inaproximável' ou 'Inatacável'.
Durgapura. Cidade de Yadu.
Durmukha. Um guerreiro macaco.
Durmukhi. Uma titânide.
Durvasa. Um sábio.
Dushanta. Um general do exército de Khara que foi morto por Rama.
Dushkanta. Um rei que cedeu a Ravana sem lutar.
Dvijihva. Um guerreiro titã.
Dvivida. Um guerreiro macaco.
Dyumatsena. Príncipe de Sabra [ou Salva] e pai de Satyavanta [Satyavan].

E

Ekajata. Uma titânide.
Ekakshipingala. 'O de um olho', um título dado a Kuvera.

Ekashalya. Uma criatura aquática; a palavra significa 'que tem uma ponta ou extremidade', possivelmente um peixe-espada.

G

Gadgada. O pai de Jambavan.
Gadhi. O pai do sábio Vishvamitra e o filho do rei Kushanabha, daí o patronímico 'Kaushika'.
Um rei que cedeu a Ravana sem lutar.
Gaja. Um líder macaco.
Galava. Um sábio que impediu Ravana e o rei Mandhata de usarem a grande arma destrutiva e os reconciliou.
Gandhamadana. Um general do exército de macacos que foi ferido por Indrajita.
Uma montanha de florestas perfumadas a leste do monte Meru, às vezes chamada de 'Montanha de Fragrância Inebriante'.
Gandhara. Uma região onde as cidades que eram governadas pelos filhos de Bharata foram estabelecidas, agora Afeganistão.
Gandharvas. Músicos celestes.
Gandharvi. A esposa de Kashyapa e mãe dos cavalos.
Ganges ou **Ganga** ou **Gunga**. O rio sagrado Ganges conhecido sob muitos outros nomes, tais como:
Bhagirathi em homenagem ao sábio Bhagiratha.
Harasekhara: o elmo de Shiva.
Khapaga: que flui por três caminhos.
Mandakini: que flui suavemente.
Jahnavi em homenagem ao sábio Jahnu e assim por diante.
Gargya ou **Garga**. Um grande sábio que é mencionado nas Upanishads.
Garhapatya. Um fogo sagrado perpétuo mantido por um chefe de família que o recebeu de seu pai e o passou adiante para seus descendentes. Veja também 'Três fogos'.
Garuda. Rei das aves, o veículo de Vishnu e o destruidor de serpentes, às vezes retratado como uma águia ou gaio com uma cabeça humana.
Gautama. Um grande sábio, o marido de Ahalya.
Gavaksha. Um líder macaco, rei dos Golangulas.
Gavasthana. 'Provido de raios' ou 'que tem o mérito de bons auspícios', um título dado ao deus-sol.
Gavaya. Um guerreiro macaco.
Gaya. Um rei que cedeu a Ravana sem lutar.
Um guerreiro macaco.
Gayatri. A prece mais sagrada do Rig-Veda, que é personificada como uma deusa e considerada a consorte de Brahma e mãe dos quatro Vedas.
Geya. Um líder macaco.
Ghanavrishti. 'Aquele de quem flui o fruto dos atos', ou 'Aquele de quem vêm as chuvas', um nome dado a Indra.
Ghatodara. Um guerreiro titã.
Ghora. Um titã.
Ghritachi. Uma ninfa, a esposa de Kushanabha e mãe de cem filhas.
Go. Um líder das tropas de Varuna.
Godavari ou **Godaveri**. Um rio perto da floresta de Dandaka.

Godha. Uma pele de couro ou metal usada no braço para protegê-lo da corda do arco.
Goha. Couro macio, possível pele de vaca ou corça.
Gokarna. Um eremitério.
Golangula. Um macaco preto que tem uma cauda como uma vaca; também chamado Gopuccha.
Golobha. Um gigante.
Gomedha. O sacrifício de vaca.
Gomukha. O filho de Matali e o auriga de Jayanta.
Gopratara. 'Um vau para gado', um local de peregrinação perto do rio Sarayu.
Gosava. O sacrifício de uma vaca com duração de um dia.
Graha. Um planeta não auspicioso, como Marte, Saturno, Rahu e Ketu.
Grahamala. Um agrupamento ou grupo de planetas desfavoráveis.
Gramani. O líder de um exército ou chefe de uma aldeia ou comunidade.

Um gandharva que deu sua filha Devavati para Sukesha em casamento.

Gridhas ou **Gridhiras**. Aves de rapina.
Grihi. Aquele que, depois de ter terminado seus estudos, se casa e se torna um chefe de família. Grihasta.
Guha. Rei dos Nishadas, uma tribo de montanha; ele era um grande devoto de Rama.
Guhyakas. Seres ocultos que eram atendentes de Kuvera.
Gulma. Um grupo de tropas constituído por nove pelotões, nove elefantes, vinte e sete cavalos e quarenta e cinco soldados a pé.
Gunas. 'Guna' literalmente significa um fio ou cordão, mas também é usado para qualidade, atributo ou propriedade; por exemplo, o ar possui tangibilidade e som como seus gunas.

Segundo a filosofia Sankhya, a natureza consiste em um equilíbrio dos três gunas: tamas, rajas e sattwa, ou escuridão e inércia, paixão-luta e, finalmente bondade; esses gunas são as características de todas as coisas criadas.

Guru. Um professor tradicional de ciência espiritual, aquele que dissipa a ignorância.

H

Haha. Um gandharva.
Hala. 'Feiura' do qual 'Halya' que significa 'feio' é derivado. Veja a história de Ahalya.
Hala Hala. O veneno batido do oceano pelos deuses e demônios.
Hamsa. Um cisne, garça ou flamingo.
Hanuman ou **Hanumat**. Um macaco que foi ministro de Sugriva e amigo e um grande devoto de Rama. Ele era o filho de Pavana, o deus do vento, e da ninfa Anjana. O nome realmente significa 'Aquele de mandíbula fraturada'.
Hara. Um nome de Shiva.

Um filho de Mali.

Um guerreiro macaco.

Hara-Hari. O nome de Shiva e Vishnu unidos.
Haridashva. Um nome do deus-sol e de Indra.
Haridikya. Um asura.
Hari. O nome do senhor Vishnu que significa 'Cativante', 'Agradável'.
Harihaya. 'Que tem cavalos baios', um título dado a Indra.
Harijata. Uma titânide.

Hariloman. Um guerreiro macaco.
Haritanemi. Um daitya.
Haritas. O povo nascido da vaca Shabala.
Harivahana. O nome de Garuda.
A morada de lndra.
Hasta. Uma estrela identificada como Corvus.
Hastimukha. Um titã.
Hastinapura. Uma cidade no Ganges.
Havis. Uma dose sagrada ou qualquer coisa oferecida como uma oblação com fogo, manteiga clarificada ou ghee.
Havishpanda. O filho de Vishvamitra.
Hawan. Uma oferta especial para os deuses em uma antiga cerimônia de fogo.
Hayagriva. 'O de pescoço de cavalo', de acordo com uma lenda, o próprio Vishnu assumiu essa forma para recuperar os Vedas, que tinham sido roubados por dois daityas, Madhu e Kaitabha.
Hayanana. O 'Lugar do de pescoço de cavalo'.
Hema. Uma ninfa que era a consorte de Maya, o grande mago.
Uma espécie de ouro.
Hemachandra. Um filho de Vishala e pai de Suchandra.
Hemakuta. Uma montanha.
Um líder macaco, filho de Varuna.
Heti. Heti e Praheti eram titãs ou daityas nascidos das águas no momento da criação.
Himapandura ou **Himapandara**. Um dos elefantes dos quatro quadrantes que sustentam a terra.
Himavat. 'A Morada das Neves', o Himalaia.
Rei dos Himalaias.
Hiranyagarbha. O nome de Brahma como nascido do Ovo dourado, uma manifestação da Alma Suprema.
Hiranya-Kashipu. 'Vestido em ouro', um título dado a um daitya que obteve a soberania dos três mundos de Shiva por um milhão de anos e que perseguiu seu filho Prahlada que era um devoto de Vishnu.
Hiranyaretas. 'Que tem semente de ouro', um nome de Agni e do sol.
Homa. O sacrifício Homa é o ato de fazer uma oblação para os deuses por derramar manteiga no fogo com o acompanhamento de preces e invocações. É considerado como um dos cinco grandes sacrifícios chamados Deva-yajnas.
Hradini. Um titã.
Hrasvakarna. Um titã.
Hrasvaroman. O pai de Janaka.
Hrishikesha. Um nome de Vishnu que significa 'Senhor dos órgãos dos sentidos'.
Huhu. Um gandharva.
Hutasena. 'Comedor das oferendas sacrificais', um nome dado ao deus do fogo, Agni.

I

Ikshumati. Um rio.
Ikshvaku. O filho de Manu, fundador da Linhagem Solar de Reis que governava Ayodhya.

Ila. O nome do rei Kardama quando ele tinha sido transformado em uma mulher.
Ilvala. Um demônio subjugado pelo sábio Agastya.
Indra. O rei dos deuses que é conhecido por outros nomes tais como:
Mahendra: Grande Deus.
Shatakratu: Aquele de cem sacrifícios.
Purandara: Destruidor de Cidades.
Vajrapani: Ele da Mão de Raio.
Senhor de Sachi, (Sachi sendo sua consorte).
Maghavan: Possuidor de riqueza, e outros títulos.
Indrajanu. Um general macaco.
Indrajita. O filho de Ravana, também chamado Ravani e Indrashatru.
Indraloka. Morada de Indra, o reino celeste.
Indrashatru. Veja lndrajita.
Indrayanu. Um líder macaco.
Indu. Uma constelação.
Um nome usado para a lua e o planeta Mercúrio.
Inteligência óctupla. Isto inclui a qualidade de aceitar a verdade e o que é certo, apreciando-o, relembrando-o, propagando-o e o conhecimento da essência última.
Iravat. Um título que significa 'Concessor de Alegria ou Repouso'.
O nome de uma das grandes serpentes.
Iravati. A mãe do elefante Airavata.
Ishana. 'Soberano', 'Mestre', um nome de Shiva.
Itihasa. Lenda ou tradição, história ou relato tradicional de eventos passados.

J

Jabali ou **Javali**. Um brâmane na corte do rei Dasaratha.
Jaganatha. 'Senhor do Mundo', um título dado a Vishnu, Rama e Dattatreya.
Jagari. Açúcar mascavo grosso feito de seiva de palmeira.
Jahnavi. Um nome dado ao rio sagrado Ganges.
Jahnu. O sábio que absorveu o rio sagrado Ganges.
Jalada. Um mar que era considerado uma fonte de terror para todos os seres no qual o rishi Aurva tinha lançado sua ira.
Jambavan ou **Jambavat**. O rei dos ursos, um dos aliados de Rama.
Jambha. Um demônio morto por Indra.
Jambhumali. Um titã.
Jambu. Um rio fabuloso, dito fluir do monte Meru da seiva de uma árvore Jambu gigante, que se supunha ser um marco similar à Estrela Polar.
Jambudwipa. Um dos sete continentes dos quais se dizia que o mundo era composto.
Jambunadi. Ouro retirado do rio Jambu.
Janaka. Rei de Mithila e pai de Sita.
Janardana. 'Excitador ou Agitador de Homens', um nome dado a Vishnu.
Janasthana. A colônia de titãs na floresta de Dandaka. O nome significa 'Refúgio de Demônios'.
Jangha. Um titã.
Japa. A repetição silenciosa de uma prece ou fórmula sagrada.
Jardins de Chaitraratha. Os jardins celestiais pertencentes ao deus Kuvera.
Jatapura. Uma cidade examinada pelos macacos em busca de Sita.

Jatarupa. Ouro em sua pureza original.
Jatarupashila. Ao norte do Mar Svadu é essa montanha de esplendor dourado, onde Ananta dorme.
Jatayu. O rei dos abutres, que tentou impedir Ravana de raptar Sita e foi morto por ele.
Jati. Uma das grandes serpentes.
Java. O pai do demônio Viradha.
Jaya. Uma deusa, a produtora de armas; ela era filha de Daksha.
Jayanta. Um dos ministros do rei Dasaratha.
O filho de Indra, que entrou em um duelo com Indrajita e foi salvo por ser levado embora por seu avô materno.
Jishnu. Um título que significa 'Vitorioso', 'Triunfante' dado a Vishnu.
Juta. Os cabelos emaranhados de um devoto.
Jyotirmukha. Um guerreiro macaco.
Jyotishtoma. Uma cerimônia sagrada, realmente a Cerimônia de Soma com quatro ou sete subdivisões.

K

Kabandha. Um asura ou demônio que foi morto por Rama.
Kadamvari. Vinhos naturais que não necessitam de preparação.
Kadru. A filha de Daksha, que se tornou esposa do rishi Kashyapa e mãe das serpentes de muitas cabeças incluindo Shesha e Vasuki.
Kahola. O pai do sábio Ashtavakra, que amaldiçoou seu filho enquanto ele estava no útero fazendo com que ele nascesse com oito corcundas.
Kaikasi. A consorte de Vishravas e mãe de Ravana, Kumbhakarna, Bibishana, Shurpanakha e outros rakshasas.
Kaikeya. O reino governado pelo rei Kaikeya que era o pai de Kaikeyi.
Kaikeyi. A consorte favorita do rei Dasaratha e mãe de Bharata.
Kailasha. Uma montanha sagrada que se dizia ser a morada de Shiva.
Kaitabha. Um daitya morto por Vishnu.
Kakutstha. Um título usado para os descendentes de Kakutstha na Casa de lkshvaku, também para Puranjaya, um príncipe da linhagem solar cuja história é contada no Vishnu Purana. A palavra vem de 'Kakud' um emblema de realeza e 'stha' significando um príncipe ou neto de lkshvaku.
Kala. Tempo; às vezes o Tempo como a Morte.
A filha de Bibishana.
Uma montanha examinada pelos macacos em busca de Sita e Ravana.
Kalaguru. Aloés ou Agallochum, uma espécie de sândalo.
Kalahamsa. Gallinule Porphyria, uma espécie de pato ou ganso.
Kalaka. A esposa do rishi Kashyapa e mãe dos Danavas.
A filha de Kashyapa e Kalaka.
Kalakeyas. Gigantes ou danavas nascidos de Kalaka.
Kalamahi. Um rio.
Kalanemi. Um asura, o inimigo dos deuses.
Kalapas. Um colar de pérolas ou uma faixa tecida de pérolas ou pequenos sinos.
Kalikamukha. Um filho de Mali.
Kalindi. A esposa do rei Asit, mãe de Sagara.
Um rio.

Kaliya. Um dos cortesãos de Rama.
Kalmashapada. O nome do rei Saudasa, cuja história é contada no Uttatakanda.
Kalmashi. Um titã, demônio ou trasgo.
Animais que são manchados ou de uma cor variegada.
Kalpa. Um Dia, e Noite de Brahma, mil Yugas. Uma árvore do paraíso.
Kama. O Cupido indiano ou deus do amor, também chamado por outros nomes.
Veja também em Artha.
Kamadhuk. A vaca realizadora de desejos que pertencia ao sábio Vasishtha.
Kampana. Um titã.
Kampilya. A cidade governada por Brahmadatta.
Kamvala. Um tecido de lã ou traje superior.
Kanaka. Um tipo de ouro.
Kanakhala. Uma montanha.
Kancana. Um tipo de ouro.
Um sábio da linhagem de Bhrigu.
Kanchana. Sacerdote da família de Shatrughna.
Kanda. Um macaco guerreiro.
Kandarpa. Outro nome do deus do amor.
Kandu. Um rishi que amaldiçoou uma floresta.
Kansa. A antepassado de Bali.
Kanva. Um grande rishi, filho de Medhatithi, o pai de Kandu.
Kapalashiras. Um sábio.
Kapardin. 'Que usa um Kaparda', um nó especial de cabelo; um nome dado a Shiva.
Kapatha. Um titã.
Kapi. Um macaco.
Kapila. Um grande sábio, fundador do Sistema Sankhya de Filosofia, que se dizia ser uma encarnação de Vishnu. Ele destruiu os filhos de Sagara cuja história é contada no Balakanda.
Kapivati. Um rio.
Karala. Um titã, um daqueles cuja habitação foi incendiada por Hanuman.
Karanda ou **Karandava**. Uma espécie de pato.
Karaviraksha. Um titã.
Kardama. O filho de Prajapati, um sábio.
Kardameya. O filho de Kardama, veja em Ila.
Karenu. Um elefante.
Karka. O signo de Câncer.
Karkotaka. O nome de uma grande serpente.
Karkutaka. O nome de uma cidade.
Karma. A lei que rege o comportamento da matéria em todas as suas formas grosseiras e sutis de acordo com o propósito divino.
Kartar. O sol.
Kartasvara. Um tipo de ouro.
Kartavirya. Um título de Arjuna, o rei dos Haihayas.
Kartika. Outubro, quando o sol entra em Libra.
Kakttikeya. O deus da guerra, que também é chamado de Skanda e Mahasena. Ele era filho de Shiva.
Karushas. Um povo.
Kashi. A moderna Benares, uma cidade sagrada. O rei de Kashi era aliado de Rama.
Kashikoshalas. Uma região explorada pelos macacos em busca de Sita.

Kashya. Um asceta.
Kashyapa. Um grande sábio vêdico, neto de Brahma, que era o pai de Vivasvata.
Katyayana. Um sábio e escritor de grande celebridade, o autor do Dharmashastra.
Kaupin. Uma tanga.
Kaushalya. A rainha principal de Dasaratha e mãe de Rama.
Kausheya. Um rishi.
Kaushika. Um título de Vishvamitra em homenagem a seu avô.

O nome de um devoto que foi para o inferno por ter apontado uma estrada para ladrões pela qual eles perseguiram e mataram algumas pessoas que fugiam deles.

Kaushiki. A irmã de Vishvamitra que se tornou um rio.
Kaustubha. A célebre joia que foi batida do oceano e mais tarde adornou o peito de Vishnu.
Kavandhas. Espíritos ou fantasmas sem cabeça.
Kavashin. Um sábio.
Kaveri. Um rio, o recanto de apsaras.
Kavyahanas. Uma classe de seres celestes.
Kesarin. O pai de Hanuman, um macaco guerreiro.
Keshini. Um rio.
Keshni. A rainha principal do rei Sagara.
Ketumati. A consorte de Sumali.
Keyura. Um bracelete usado na parte superior do braço.
Khaga. 'O que corre no mais alto dos céus', um título do sol.
Khara. Um titã, o irmão de Ravana, que foi morto por Rama.
Khiva ou **Kheeva**. Manjar de trigo com leite; trigo descascado cozido em leite e adoçado.
Kila-Kila. O grito dos macacos.
Kimpurushas. Seres metade humanos, metade animais, às vezes identificados com os kinnaras.
Kinkaras. Titãs enviados por Ravana para capturar Hanuman depois que ele tinha destruído o bosque de Ashoka.
Kinkini. Um pequeno sino ou faixa tecida de pequenos sinos.
Kinnaras. Seres celestes com cabeças de cavalo que acompanham o deus Kuvera.
Kiratas. Uma tribo de caçadores.
Kirti. Uma ninfa celeste personificando fama e glória.
Kishkindha. O país governado por Bali, possivelmente Mysore; esse reino foi entregue a Sugriva por Rama.
Koshala. O reino governado pelo rei Dasaratha.
Koti. Dez milhões.
Koyashtika. Um abibe.
Krathana. Um macaco guerreiro.
Kratu. Um grande sábio, um dos sete sábios imortais, regentes das estrelas da constelação do Arado [ou Ursa Maior].
Kratudhama. 'Protetor de sacrifícios', um título de Vishnu.
Krauncha. Uma espécie de garça, Ardea Jaculator.

Uma montanha.

Kraunchacharya. Um sábio.
Krauncharanya. Uma floresta.
Kraunchavata. Uma montanha.

Kraunchi. Uma filha de Kashyapa e Tamra; ela se tornou a mãe das corujas e aves de rapina.
Krikara ou **krikala**. Uma perdiz.
Krishnagiri. Uma montanha.
Krishnavartman. Pai de Krathana, um líder macaco.
Krishnaveni. Um rio.
Kritanta. Destino, fado ou morte. O nome significa 'O que leva ao fim'.
Kritayuga. A era de ouro.
Krittikas. As Plêiades, amas do deus da guerra, Karttikeya.
Krodhavasha. Uma das esposas de Kashyapa.
Krosha. Uma distância igual à distância que a voz alcança.
Kshakanadi. O rio Kshara, dito ser no inferno, suas águas são corrosivas.
Kshatraveda. Um tratado no Veda relativo aos deveres de um guerreiro.
Kshatriyas. Aqueles da classe guerreira.
Kshirodha. O oceano de leite.
Kshupa. O nome de um dos reis da linhagem de Ikshvaku; a palavra significa um arbusto ou moita, literalmente: 'O que tem raízes'.
Kshuradhara. Um instrumento afiado como navalha.
Kukshi. Filho de Ikshvaku, pai de Vikukshi.
Uma região explorada pelos macacos em busca de Sita.
Kula. Um dos cortesãos de Rama.
Kulinga. Uma cidade.
Um rio.
Uma ave.
Kumbha. Um titã, um filho de Kumbhakarna.
Kumbhahanu. Um dos companheiros de Prahasta.
Kumbhakarna. O irmão de Ravana, um monstro morto por Rama.
Kumbhayoni. Um nome dado ao sábio Agastya referente ao seu nascimento em um jarro.
Kumbhinasi. A consorte de Madhu.
Kumuda. Um líder macaco.
Um dos elefantes dos quatro quadrantes.
Kunjara. O pai de Anjana e avô materno de Hanuman.
O lugar onde Vishvakarma construiu uma residência para Agastya.
Kurari. Uma águia-pescadora.
Kurus. Uma tribo.
Uma floresta.
Kusha. Um dos filhos de Rama e Sita.
Kushadvaja. O irmão de Janaka e pai das esposas de Shatrughna e Bharata.
Kushambha. O filho de Kusha e neto de Brahma.
Kushanabha. O filho de Kusha e irmão de Kushambha; suas filhas se casaram com Brahmadatta.
Kushaparva. Um macaco, filho de Vivasvata.
Kushashva. O filho de Sahadeva e pai de Somadatta.
Kushavati. A cidade construída por Rama para seu filho Kusha.
Kushikas. Os descendentes de Kusha.
Kutika. Um rio.
Kutikoshtika. Um rio.
Kutsa. Um asceta.

L

Lagna Karka. O signo de Câncer.
Lagna Meena. O signo de Peixes.
Lagnas. Os doze signos do Zodíaco são considerados como se erguendo acima do horizonte no decorrer do dia. O Lagna tem o nome do signo, ele dura a partir do primeiro surgimento do signo até que o todo esteja acima do horizonte. Lagna literalmente significa o ponto onde o horizonte e o caminho do planeta se encontram.
Lakshmana. O filho do rei Dasaratha e da rainha Sumitra e o irmão favorito de Rama, que o acompanhou em seu exílio. Lakshmana era dito ser a encarnação da serpente Shesha que sustenta o mundo, e também um aspecto de Vishnu.
Lamba. Uma montanha.
Lanka. O reino governado por Ravana, o rei dos titãs, ou o que é agora o Ceilão.
Lava. O filho de Rama e Sita.
Lavana. O filho de Madhu e Kumbhinasi que foi morto por Shatrughna.
Layas. Tempo no que diz respeito à música, rápida, moderada e lenta.
Lohitanga. O planeta Marte.
Lokapalas. Os guardiões dos quatro quadrantes que eram deuses.
Lokashambhu. 'Criador de Alegria', 'Portador de Felicidade', um título dado a Brahma ou Shiva.
Lola. Um danava, o pai de Madhu.
Lomapada ou **Ramapada**. Um rei cuja história é contada no Balakanda.
Lomasa. Um titã.
Lopadmudra. A esposa do sábio Agastya.
Loshta. Um recipiente de coco ou metal utilizado para pedir esmolas e para propósitos cerimoniais.

M

Macacos. Às vezes chamados de Vanaras ou moradores da floresta ou cervos das árvores, etc. Veja também Viharas, Valimukhas.
Mada. Os sucos temporais de um elefante no cio.
O frenesi da intoxicação.
Madana. O deus do amor, Kama ou Kandarpa.
Madayanti. A esposa do rei Saudasa.
Madgu ou **Madguka**. Ave aquática.
Madha. Licor alcoólico feito de mel e melado da flor da *Bassia latifolia*.
Madhava. Um nome de Vishnu.
Madhavi. Um nome da terra significando 'Beleza primaveril' ou 'Bebedora de Soma'.
Madhu. Um demônio, morto por Vishnu.
Madhucchanda. O filho de Vishvamitra que foi amaldiçoado por seu pai por desobediência.
Madhumanta. Uma cidade fundada por Danda.
Madhumatta. Um dos cortesãos de Rama.
Madhuparka. Uma mistura de coalhada, manteiga, mel e leite de coco, uma oferenda tradicional.
Madhupura. A cidade de Madhu tomada por Ravana.
Madhushpanda. Um filho de Vishvamitra.

Madhusudana. Um nome de Vishnu significando 'Destruidor de Madhu'.
Madhuvana. O bosque devastado pelos macacos.
Madhya. Um número igual a dez Arbudas.
Magadha. Um reino, agora Bihar do Sul.
Magadhas. O povo de Magadha.
O território dos Magadhas.
Panegiristas.
Magdha-Phalguni. A estação do meio de janeiro ao meio de março.
Maghavan. Um título do deus Indra.
Mahadamshtra. Um titã que lutou contra os deuses.
Mahadeva. 'Grande Deus', um título de Shiva.
Mahakaya. Um guerreiro titã.
Mahanada. 'De garganta sonora', o nome de um guerreiro titã.
Mahapadma. Um dos elefantes que sustentam os quatro quadrantes.
Mahaparshwa. 'De flanco poderoso', um guerreiro titã.
Mahaprasthana. Morte, a palavra significa 'Partindo na grande jornada' ou 'Saída da vida'.
Maharada. Um guerreiro titã.
Maharaksha. Um titã, filho de Khara.
Maharatha. Um filho de Vishvamitra.
Maharathas. Guerreiros em carros, aqueles que podem enfrentar sozinhos dez mil arqueiros.
Maharathras. Grandes guerreiros.
Maharshis. Grandes rishis, também escrito maharishis.
Maharuna. Uma montanha.
Mahasena. O deus da guerra, Skanda ou Karttikeya.
Mahashala ou **Mahashaila**. Uma montanha onde o sol era dito nascer.
Mahat. Intelecto Cósmico.
Mahatejas. 'De grande energia ou brilho', um título.
Mahatma. 'Grande alma', um título dado a um rishi ou sábio.
Mahavana. Grande floresta.
Mahendra. Um nome de Indra.
Uma montanha no centro do mar visitada por Indra na época da lua nova.
Maheswara. Um nome de Shiva.
Mahi. A deusa da terra.
Mahimati. A cidade governada por Arjuna, rei dos Haihayas.
Mahisha. Um 'animal grande ou poderoso', um nome dado a Dundubhi, o búfalo morto por Bali.
Mahishmati. Uma cidade governada pelo deus do fogo.
Mahodara. O nome de um filho de Vishvamitra.
Um general do exército de Ravana. O nome significa 'De barriga imensa'.
Mahodaya. Um asceta que foi transformado em um da casta mais baixa pela maldição de Vishvamitra.
A montanha onde cresciam as ervas sagradas que reviveram Lakshmana.
Maina. Uma ave pequena aproximadamente do tamanho de uma andorinha que pode ser ensinada a repetir palavras. Também chamada de Mina ou Mynah.
Mainaka. Uma montanha dourada ao norte de Kailasha.
Uma ninfa que tentou Vishvamitra.
Mainda. Um líder macaco.
Maireya ou **Mireya**. Licor extraído da flor da *Lythrum fruticosum*.

Maithila ou **Mithila**. A capital de Videha, um reino governado pelo rei Janaka.
Maithili. Um nome de Sita como filha do rei de Mithila.
Maitra. O período de manhã cedo.
Makara. Uma espécie de monstro marinho, às vezes confundido com um tubarão, crocodilo ou golfinho.
Malavana. Um país.
Malaya. Uma montanha no cume da qual Agastya habitava.
Mali. Um dos filhos de Sukesha.
Malyavan ou **Malyavat**. Sogro de Ravana, o irmão de Sumali e pai de Mandodari.
Manasa ou **Manasarovar**. Um lago no monte Kailasha, dito ser escavado da mente de Brahma. O nome significa 'Lago da Mente'; ele ainda é considerado um lugar sagrado.
Mandakini. Um rio perto do monte Chittrakuta.
Uma montanha sem árvores onde Kama praticou austeridades.
Mandala. Um círculo.
Mandara. Uma montanha usada no batimento do oceano pelos deuses e asuras.
Mandarkani. Um sábio, que criou o Lago das Cinco Ninfas.
Mandavi. A esposa de Bharata, a filha do rei Kushadwaja.
Mandehas. Demônios terríveis que pendiam suspensos de rochas na residência de Garuda.
Mandhata ou **Mandhatri**. Um rei da linhagem de Ikshvaku, o filho de Yuvaneshwa.
Mandodari. Consorte de Ravana e mãe de Indrajita.
Mangala. Um guerreiro macaco.
Manibadra. Um dos guerreiros de Kuvera, que foi morto por Prahasta.
Manibhadra. Um yaksha derrotado por Dashagriva; veja em Parshva-Mauli.
Mankuka. Um instrumento musical.
Manmatha. Um nome de Kama, o deus do amor.
Manthara. A criada corcunda de Kaikeyi, que inspirou sua patroa a exigir o cumprimento das bênçãos que o rei Dasaratha tinha conferido a ela.
Mantra. Uma fórmula sagrada.
Mantrapala. Um ministro da corte de Dasaratha.
Manu. O primeiro homem, a quem foi dada a verdade sagrada por seu pai Vivasvata. Veja Bhagavadgita Cap. IV, versos iniciais.
Maricha. Um demônio que, disfarçado como um cervo, atraiu Rama para longe de seu eremitério, deixando assim Sita sozinha e permitindo que Ravana a raptasse.
Marichas. Descendentes do asceta Maricha.
Marichiman. 'O que tem raios', um título dado ao sol.
Marichipas. Veja em Ascetas.
Markandeya. Um sábio que era notável por suas austeridades.
Um Purana que recebe o nome dele.
Martanda. Um nome do sol.
Martandaka. 'Aquele que infunde vida no Ovo do Mundo', um nome do Senhor.
Maru. Um deserto que surgiu de uma fissura feita pelas setas de Rama em Drumakulya.
Marukantara. O lugar no qual Rama disparou uma flecha a pedido do Oceano.
Marutas ou **Maruts**. Senhores da Tempestade.
Maruti. Um nome de Hanuman como filho de Maruta, o deus do vento.
Marutta. Um rei que enfrentou Ravana enquanto sacrificava aos deuses.
Um sábio, discípulo de Samvarta. Marutta oficiou no sacrifício Ashvamedha para o rei Ila.

Mashas. Uma classe de sábios ou eremitas.

Uma medida.

Matali. O auriga de Indra.

Matanga. Um sábio.

Uma floresta ou bosque.

Matangas. Elefantes.

Matarishvan. Um ser aéreo mencionado no Rig-Veda como o que trouxe o fogo para a terra.

Mathura. Uma cidade sagrada.

Matta. Um guerreiro titã.

Maudgalya. Um sábio.

Maya. O poder ilusório do Senhor pelo qual o universo passou a existir e aparece como real.

O filho de Diti, um gigante que criou uma caverna mágica para a ninfa Hema, sua consorte. Maya era o artífice dos deuses.

Mayavi. Um gigante morto por Bali.

Medini. Um nome da terra por ela ter sido coberta pela medula de Madhu e Kaitabha depois que eles tinham sido mortos por Vishnu.

Megha. O regente das nuvens.

Meghanada. Um nome de Indrajita que significa 'o rugido de uma nuvem de tempestade'.

Meghas. Instrumentos musicais.

Um das 'ragas' ou escalas musicais.

Mekhala. Um ornamento usado em volta da cintura.

Meru. Uma montanha sagrada dita ser a morada de seres celestes.

Merusavarni. Um grande asceta.

Mitraghna. Um guerreiro titã morto por Rama.

Mitrasaha. O filho do rei Saudasa, um rei da linhagem de Raghu.

Mlecchas. Estrangeiros, bárbaros, comedores de carne; um povo dito ter nascido da vaca sagrada Shabala para proteção dela.

Modaka. Um tipo de guloseima.

Modakara. Um sábio.

Mridanga. Uma espécie de tambor.

Mridu. Uma das fortalezas de Bali.

O planeta Saturno.

Um Danava.

Mrigi. A filha de Krodavasha, a mãe dos elefantes.

Mritasamjivani. Veja no Glossário de Flores e Árvores.

Mrityu. O deus da morte, outro nome de Yama, significando 'Portador da Morte'.

Muditas. Uma classe de servos.

Muhurta. Um instante, um momento, uma hora de acordo com o contexto.

Mundi. 'Barbeado' ou 'careca'.

Muni. Um sábio santo, uma pessoa piedosa ou erudita, um título dado a um homem sagrado.

Murachapattna. Um país.

Muraga. Um pandeiro.

Mushtikas. Pessoas amaldiçoadas por Vishvamitra que posteriormente assumiram a casta mais baixa.

N

Nabhaga. O filho de Yayati e pai de Aja.
Nagabhogas. Serpentes marinhas.
Nagas. Os da raça de serpentes.
Nahusha. O pai do rei Yayati. A história curiosa de Nahusha é encontrada no Mahabharata e nos Puranas.
Naigamas. Intérpretes do Veda.
Naimisha. Um bosque assim chamado porque Gauri-mukha destruiu o exército de Asuras lá num 'piscar de olhos', 'Nai-misha' significado 'piscar'. Foi nesse bosque que Rama celebrou o sacrifício Ashvamedha.
Nairrita. A estrela regente dos titãs.
Nairritas. Um nome dado aos titãs como descendentes de Nairriti ou Nirriti.
Nakaprishta. O céu mais alto (de Naka – firmamento), no qual não há infelicidade.
Nakin. Um residente do céu ou 'Naka', um ser divino.
Nakshatra. Os hindus, além da divisão comum do zodíaco em doze signos, o dividiram em vinte e sete Nakshatras, dois em cada signo. Cada Nakshatra tem seu nome próprio: 1º. Aswini. 2º. Bharani. 3º. Krittika. 4º. Rohini. 5º. Mrigasiras. 6º. Ardea. 7º. Punarvasu. 8º. Pushya. 9º. Alesha. 10º. Magna. 11º. Purva-phalguni. 12º. Uttaraphalguni. 13º. Hasta. 14º. Chitra. 15º. Svati. 16º. Vishaka. 17º. Anuradha. 18º. Jyesatha. 19º. Mula. 20º. Purvashadha. 21º. Uttarashadha. 22º. Abijit. 23º. Sravana. 24º. Sravishtha ou Dhanishta. 25º. Shatabhishaj. 26º. Purva Bhadrapada. 27º. Uttara-Bhadrapada. 28º. Revati. (O último é usado se Abijit for omitido).
Nala. Um chefe macaco, general no exército de Sugriva.
Nalakuvera. O filho de Vaishravana que se casou com Rambha e amaldiçoou Ravana por seu ataque a ela.
Nalini. Um rio.
Namuchi. Um demônio morto por Indra por meio da espuma da água.
Um sábio.
Nandana. Os jardins celestes de Indra.
Nandi. O touro sagrado que é o veículo de Shiva e que simboliza o Sattwa-guna.
Nandigrama. A cidade da qual Bharata governou na ausência de Rama.
Nandishvara. Um sábio que amaldiçoou Ravana.
Narada. Um sábio divino que apareceu para Valmiki e lhe contou a história da vida de Rama. Veja o Balakanda.
Naraka. O inferno, do qual Manu enumera vinte divisões, algumas sendo a morada de serpentes ou demônios. As sete mais conhecidas são: Atala, Vitala, Sutala, Rasatala, Talatala, Mahatala e Patala.
O nome de um demônio morto por Indra.
Um filho de Kashyapa e Kalaka.
Narantaka. 'Destruidor de homens', um filho de Ravana.
Naravahana. O rei de Kailasha que foi vencido por Ravana.
Narayana. Um nome de Vishnu, assim chamado porque as águas (Nara) foram seu primeiro lugar de movimento.
Narmada. Um rio.
Uma gandharvi, cujas filhas se casaram com Sumali, Mali e Malyavan.
Nartakas. Dançarinos, atores, bardos, mímicos ou arautos.
Nascido duas vezes. [Veja Upa-Naya]. Apenas um brâmane pode ser exatamente denominado 'nascido duas vezes', mas o título veio a ser posteriormente estendido às classes guerreira e agrícola.

Natas. Dançarinos.
Natyuha ou **Natyuhaka**. Um pequeno caimão.
Nidhis. Os tesouros personificados do deus da riqueza.
Nikumbha. Um titã, filho de Kumbhakarna.
Nikumbhila. Um bosque na periferia de Lanka.
Nila. Um chefe macaco, general do exército de Sugriva.
Nimi. Um nobre antepassado do rei Janaka.
Nishadas. Uma tribo de montanha na cordilheira Vindhya que vivia da caça.
Nishakara. Um asceta, amigo dos animais e dos abutres Sampati e Jatayu.
Nishka. Uma peça ou pepita de ouro, às vezes usado como um ornamento.
Nishumbha. Veja Shumbha.
Nivatakavachas. Uma raça de gigantes. A palavra significa 'Cuja armadura é impenetrável'.
Niyuta. Cem mil.
Nriga. Um rei cuja história é contada no Uttarakanda.
Nrishangu. Um sábio.
Nrisngha. Uma encarnação de Vishnu como metade homem, metade leão.

O

O de Garganta Azul. Um título dado a Shiva, cuja garganta assumiu essa cor quando ele bebeu o veneno batido do oceano pelos deuses e asuras.
Om. Veja em Aum.
Omkara. A sílaba sagrada 'Om' ou 'Aum'.
Oshadhi ou **Oshadhi-prastha**. O 'Lugar das ervas medicinais', uma cidade nos Himalaias mencionada no 'Kumara Sambhava', um poema sobre o deus da guerra por Kalidasa.

P

Padma. Uma medida, mil bilhões.
Um yaksha.
Um elefante.
Um lótus.
Padmachalu. Bosques onde os macacos procuraram por Sita.
Padmanabha. 'O de umbigo de lótus', um nome de Vishnu.
Padmaprabodha. 'Aquele que desperta o lótus', um título do sol.
Padmavana. 'A floresta de lótus', um retiro celeste.
Pahlavas. Guerreiros nascidos da vaca sagrada Shabala, para a proteção dela. Um nome possivelmente dado aos persas.
Paka. Um demônio morto por Indra.
Pakashasana. 'O Castigador de Paka', um título dado a Indra.
Pakshaja. A lua.
Nuvens aladas.
Palvala. Um lago.
Pampa. O lago ao lado do qual Rama e Lakshmana descansaram em seu exílio.
Panasa ou **Panasha**. Um líder macaco.
Um titã que era um dos conselheiros de Bibishana.

Panava. Um tambor ou prato.
Panchajana. Um danava morto por Vishnu.
Panchajanya. A concha de Vishnu.
Panchapsaras. O 'Lago dos Cinco Ninfas', criado pelo sábio Mandarkani.
Pancharatra. O nome da seita Vaishnava.
Panchavati. Um distrito perto da nascente do rio Godavari.
Pandu. Uma montanha.
Pannagas. Serpentes celestes, a prole de Kadru.
Paradha. Trinta vezes um Samudra.
Paragas. Criaturas aladas.
Paramarishis. Rishis grandiosos ou supremos.
Paramatman. O Absoluto, Brahman.
Parantapa. Um título significando o 'Subjugador ou Opressor ou de um inimigo'.
Parasurama. 'Rama com o Machado', a sexta da Encarnação de Vishnu, como o filho de Yamadagni e Renuka.
Paratpara. Um título que significa 'Maior que os maiores'.
Pariharyas. Pulseiras.
Pariplava. Uma colher usada em sacrifícios.
Parishtaranika. Um leito ou pira funerária.
Pariyatra. Uma das principais cadeias de montanhas na Índia, dita se erguer do mar.
Parjanya. Um deus vêdico ou deus da chuva. Às vezes usado como um título de Indra.
Parshva-mauli. 'Aquele com o diadema torto', um nome dado ao yaksha Manibhadra depois de ser atingido por Dashagriva em combate.
Parusha. Um titã.
Parvan. O período de mudança da lua.
Parvata. Um sábio que amaldiçoou o rei Nriga.
Parvati. Consorte de Shiva; também conhecida sob muitos outros nomes tais como: Devi, Girija, Kanya, Sati, Padma-Lanchana, Shiva-Duti, Uma e assim por diante.
Pashpotkala. Filho de Sumali e Ketumati.
Pashupati. 'Senhor das Criaturas', um título dado a Shiva.
Pataha. Um tambor de guerra.
Patala. Veja em Naraka.
Pattikas. Placas de metal (geralmente cobre) inscritas com éditos reais.
Paulastya. Relativo a ou descendente de Pulastya.
Pauloma. A esposa de Kashyapa e mãe dos danavas.
Paulomi. A consorte de Indra, também conhecida como Sachi.
Paundarika. O sacrifício Soma que dura doze dias.
Paurnamasa. Um sacrifício realizado na lua cheia.
Pavaka. Um nome de Agni, o deus do fogo.
Pavakaksha. Um guerreiro macaco.
Pavaki. O 'Filho do Fogo', um nome de Skanda, o deus da guerra.
Pavani. Um rio.
Payasa. Uma preparação de arroz e leite.
Pedra de Himavat. A pedra sobre a qual Rudra se sentou para praticar ascetismo.
Phalguni. Um Nakshatra.
Phana. Um titã.
Pinaka. Arco sagrado de Shiva.
Pinda. Um bolo ou oferenda fúnebre.

Pingas. 'Fulvos', um nome dado à raça de macacos.
Pisachas. Fantasmas ou espíritos malignos.
Pishitakashanas. Trasgos ou duendes comedores de carne, um nome também dado aos titãs.
Pitris. Antepassados ou Manes.
Plavagas ou **Plavagamas**. 'Aqueles que se movem por saltos ou pulos', os macacos.
Prabha. A consorte da lua e às vezes dita ser a personificação da luz do sol.
Prabhakara. Um nome do sol.
Prabhava. Um ministro de Sugriva.
Prabhavishnu. Um nome de Vishnu.
Prabhojya. Um líder macaco.
Pracanda. 'O Feroz', um nome do sol.
Pracetas. O décimo primeiro Prajapati, Guardião do Oeste.
O pai de Valmiki.
Um nome dado a Varuna e Agni.
Pradakshina. Uma saudação que consiste em circungirar uma pessoa mantendo-a do lado direito.
Praghasa. Um titã morto por Hanuman.
Prahasa. Um dos ministros de Varuna.
Prahasta. Um titã, pai de Jambumalin e conselheiro de Ravana. Ele foi o conquistador de Manibhadra e mais tarde foi morto por Nila.
Praheti. Um daitya, veja Heti.
Prahrada. Um daitya.
Prajangha. Um guerreiro macaco.
Prajapati. 'Senhor dos Seres', um nome dado a Brahma e outros deuses.
Prajapatis. Os filhos de Brahma.
Prajyotisha. Uma cidade.
Pralamba. Uma montanha.
Pralaya. O tempo de dissolução do mundo no final de um ciclo do mundo.
Pramatha. Um titã.
Pramathin. Um macaco conhecido pela sua coragem.
Pramati. Um dos ministros de Bibishana.
Pramodana. Um asceta.
Pramuchi. Um asceta.
Prana. Ar vital ou respiração.
Pranayama. A prática ou ciência do controle da respiração.
Pranjali. Um gesto de respeito, segurando as mãos levemente côncavas, lado a lado como se apresentando uma oferenda.
Prasabha. Um guerreiro macaco.
Prasenajit. O filho de Susamdhi e irmão de Dhruvasamdhi.
Prasravana. Uma montanha.
Pratapana. Um titã.
Pratardana. O rei de Kashi, também chamado Kasheya, um aliado de Rama.
Prathishthana. Uma cidade fundada pelo rei Kardameya.
Pratihara. Um porteiro.
Pratyaksthali. Um bosque sagrado ou um local de frente para o oeste.
Prausthapada. O mês que é parte de agosto e setembro.
Prayaga. A confluência do Ganges e Yamuna, que é considerada um local sagrado.
Pretas. Fantasmas.

Prishata. Um cervo pintalgado ou cavalo malhado.
Prithivi. A terra.
Prithu. O filho de Anaranya e pai de Trishanku.
Um guerreiro macaco.
Prithugriya. Um titã.
Priyaka. Um cervo mosqueado.
Pulaha. O décimo segundo Prajapati.
Pulastya. Um dos Sete Sábios Imortais e o avô de Ravana.
Puloma. A filha do demônio Vaishvanara que se tornou a esposa de Kashyapa.
Punarvasu. O sétimo e considerado o mais auspicioso Nakshatra.
Pundarika. Uma ninfa.
Pundras. Uma região.
Puntikasthala. Uma ninfa insultada por Ravana.
Punyashloka. 'Bem falado', 'Famoso', um título de Vishnu.
Puranas. Lendas e histórias dos tempos antigos em forma épica; há dezoito Puranas principais.
Purandara. 'Destruidor de Cidades', um título de Indra.
Purodhas. Veja Purohita.
Purohita. Um sacerdote da família.
Puru. O filho de Yayati.
Pururava. Um rei que se rendeu a Ravana sem lutar.
Pururavas. O filho de Budha e Ila. Pururavas se casou com a ninfa Urvashi e seu filho era Ayus.
Purusha. O Espírito Supremo, a Alma do Universo, o homem original.
Uma medida, dita ser de doze palmos.
Purvaja. 'Que aparece antes da criação', um título aplicado aos antepassados.
Pusha ou **Pushan**. O sol ou o 'sol recém-surgido' ou 'mantenedor', uma divindade védica, irmão de Surya, personificado como um pastor nos céus.
Pushkala. O filho de Bharata.
Pushkalavata. A cidade dos gandharvas governada pelo filho de Bharata.
Pushkara. Um general do exército de Varuna.
Pushpadanta. 'De dentes brilhantes' [lit. 'floridos'], o nome de um dos atendentes de Shiva.
Um sábio.
Pushpitaka. Uma montanha no mar, onde seres celestes moravam.
Pushpotaka. Uma titânide, filha de Sumali.
Pushya. Uma constelação de três estrelas considerada auspiciosa. Quando a lua está em certo grau do signo de Câncer, é dito que ela está sob o asterismo Pushya.
Putra. Um filho, que é dito libertar o pai do inferno ou 'Put',
Puttresti. Uma cerimônia para ampliar a família pelo nascimento de filhos.

Q

Quatorze qualidades. Conhecimento de tempo e lugar, paciência, conhecimento empírico, habilidade, força física, poder de esconder a própria opinião, o respeito por obrigações e promessas, heroísmo, avaliação da força do inimigo e da própria relação a ele, gratidão e beneficência para com os próprios dependentes ou suplicantes, não aceitação de insulto, liberdade de movimentos descontrolados (equilíbrio).

Quatro poderes. Força física, poder mental, poder de recursos e o poder de fazer amigos.

R

Rabhasa. Um guerreiro titã.
Rabhru. Um gandharva, um dos guardiões da floresta de sândalo.
Raghava. Um título daqueles que pertencem à Casa de Raghu à qual o rei Dasaratha e seus antepassados pertenciam.
Raghu. O filho de Kakutstha e pai de Pravriddha.
Rahu. Um demônio mítico dito causar o eclipse do sol ou da lua por assumir a forma de um meteoro.
Rajagriha. A cidade governada pelo tio materno de Bharata, da qual Bharata foi trazido para casa por ocasião do exílio de Rama.
Rajahamsa. Um cisne real ou flamingo.
Rajarishi. Um rishi real [ou nobre]. Veja também em Rishi.
Rajas. Veja em Gunas.
Rajasuya. Um grande sacrifício realizado nos tempos antigos na instalação de um monarca.
Rajatalaya. O 'Lugar daquele de umbigo de prata', uma montanha perto do monte Kailasha.
Raka. Um dos filhos de Sumali.
Raksha. Ritos para evitar o mal.
Rakshasas. Titãs ou demônios.
Rakshasi. Uma titânide ou demônio feminino.
Rakta. 'De uma cor vermelha ou carmesim', um nome do sol.
Rama ou **Ramachandra**. A encarnação de Vishnu que apareceu como o filho mais velho do rei Dasaratha. É em volta desse grande personagem que o Ramayana é escrito.
Rama-Katha. A recitação do Ramayana, que tem sido uma tradição na Índia há milhares de anos.
Rambha. Uma ninfa que simbolizava a perfeição da beleza e que foi muitas vezes enviada do reino de Indra para desviar os sábios de suas práticas piedosas.
Um líder macaco.
Ramya. Uma montanha.
Rasala. Uma preparação de leitelho.
Rasatala. Um inferno, dito ser no fundo do mar; ele foi explorado pelos filhos de Sagara e é mencionado frequentemente.
Rashmiketu. Um guerreiro titã morto por Rama.
Rashtravardhana. Um dos ministros de Rama.
Ratalaya. 'De umbigo de prata', a morada de uma forma de Hiranyagarbha.
Ratha. Uma carruagem.
Ratna. Um colar.
Raurava. Um dos infernos.
Ravana. Um titã que se tornou rei de Lanka e depois inúmeros atos perversos, raptou Sita e foi finalmente morto por Rama.
Ravi. O sol.
Renuka. A esposa de Yamadagni e mãe de Parasurama.
Richika. Um asceta que deu seu segundo filho Shunashepha para ser sacrificado.

O filho de Bhrigu a quem Vishnu deu seu arco.
O marido de Satyavati.
Rig ou **Rig-Veda**. O Veda original, uma coleção de hinos.
Rikshabha. Uma montanha.
Rikshabila. A caverna mágica onde os macacos permaneceram por um tempo, quando à procura de Sita.
Riksharajas. O pai de Bali e Sugriva, um rei dos macacos.
Rikshas. Os ursos.
Rikshavat. Uma montanha.
Rikshya. Um macaco.
Rishakha. Um líder macaco.
Rishi. Um grande sábio ou ser iluminado dos quais havia quatro classes:
Maharishi: Um grande rishi.
Rajarishi: Um rishi real [ou nobre].
Brahmarishi: Um rishi sagrado.
Devarishi: Um rishi divino.
Rishyamuka. A montanha na qual Sugriva se refugiou e onde ele encontrou Rama.
Rishyashringa. 'O de chifres de cervo', o filho do sábio Vibhandaka, que se casou com a filha do rei Lomapada, Shanta, e depois realizou a cerimônia Puttresti para o rei Dasaratha.
Ritadhaman. Um título de Vishnu, que significa 'de natureza verdadeira e pura'. É também usado para o décimo terceiro Manu.
Ritu. Qualquer tempo fixo designado para o culto regular ou sacrifício tal como Vasanta, a primavera; Grishna, a estação quente; Sarad, o outono; Hemanta-Shishira, a estação fria e úmida.
Ritvijs. Os sacerdotes que oficiam em uma cerimônia de instalação.
Roda de Kala. A 'Roda do Tempo'.
Rohi. Um peixe – Cyprynus Rohita Ham.
Um cervo.
Rohini. A estrela Aldebaran.
Rohita. Uma espécie de veado.
Um gandharva que guardava uma floresta de sândalo.
Rohitas. O nome dos corcéis do deus-sol.
O nome de uma divindade celebrada no Atharva Veda, provavelmente uma forma do sol ou deus do fogo.
Romasha. Um macaco.
Rudhirashana. Um titã.
Rudra. Um nome de Shiva.
Rudras. Os filhos de Kashyapa e Aditi.
Rudrasharapramoksha. Um lugar sagrado para Shiva onde ele disparou a flecha em Tripura o demônio.
Ruma. A consorte de Sugriva.
Rumana. Um guerreiro macaco, general do exército de Sugriva.
Rupayaika. Uma ilha cheia de minas de ouro, onde os macacos procuraram por Sita.
Ruru. Um cervo.
Rushiras. Uma classe de yatudhanas.

S

Sachi. Consorte de Indra que se dizia ser a filha do daitya Puloman.
Sadagati. 'Sempre-andante', um nome de Vayu, o deus do vento.
Sadhya. A filha de Daksha.
Sadhyas. Os ritos personificados e preces dos Vedas, que vivem entre o céu e a terra e são classificados como divindades.
Sadin. Um titã.
Sagara. Um rei cuja história está registrada no Balakanda.
Sahasradhaba. O disco de Vishnu que foi forjado por Vishvakarma.
Sahasraksha. O 'Deus de Mil Olhos', um título de Indra.
Sahasrarchis. 'O de Mil Raios' um título do sol.
Sahira. Uma montanha.
Sahya. Uma montanha pela qual os macacos passaram em sua marcha para o mar.
Sakata. Um almofariz de madeira para limpar arroz.
Salakatankata. Uma raça de gigantes à qual Malyavam, Mali e Sumali pertenciam.
Salakatantaka. A filha de Sandhya e a consorte do titã Vidyukesha.
Salveyas. As montanhas onde o macaco Sharabha vivia.
Samhrada. Um dos filhos de Sumali.
Um guerreiro titã.
Samidh. O combustível, madeira, toras ou grama em uma oferenda sacrifical.
Samnada. Um chefe macaco.
Samnadana. Avô dos macacos.
Samnunata. Um titã.
Sampati. O abutre, irmão de Jatayu, que disse aos macacos onde Sita era mantida em cativeiro.
Samrocana. Uma montanha.
Samskaras. Impressões latentes.
Samudra. Uma medida, vinte vezes um Madhya.
As águas como um todo, o oceano.
Samva. A montanha na qual Hanuman pousou em seu voo para Lanka.
Samvarta. O irmão de Brihaspati.
Samvasadana. Um titã morto pelo pai de Hanuman, Kesarin.
Samyodhakantaka. Um yaksha, um dos guerreiros de Kuvera.
Sanatkumara. Um dos filhos nascidos da mente de Brahma.
Sandhana. Uma montanha.
Sandhya. A deusa do amanhecer e anoitecer.
Devoções realizadas ao amanhecer e anoitecer.
Sanru. Uma medida, mil Arbudas.
Santanas ou **Santanakas**. Uma região próxima ou a extensão de Brahmaloka onde os ursos e os macacos seguiram adiante deixando seus corpos.
Sanu. Um guerreiro macaco.
Sanuprastha. Um guerreiro macaco.
Sapindi. A cerimônia Sapindi foi realizada para estabelecer uma conexão com parentes por meio de ofertas fúnebres.
Um dos generais titãs.
Saptajanas. O eremitério dos sete sábios.
Saptaghna. Um guerreiro titã.
Saptarshi. Os sete rishis que se diz serem os regentes das sete estrelas do Arado [Ursa Maior].

Sapta-Sapti. 'Aquele de quem provêm os sete sentidos' ou 'O que tem sete corcéis', um título do deus-sol.
Sarabha ou **Sharabha**. Animal lendário de oito pernas.
Sarama. A filha do rei dos gandharvas Shailusha; ela era a consorte de Bibishana.
Saranga. Uma ave ou animal de cor variada, como o pavão ou cervo pintalgado.
Sarasa. Um ganso.
Saraswati. A deusa da fala e erudição.
Um rio.
Sarayu. O rio sagrado, o Sarju.
Sarga. Um capítulo.
Sarvabhauma. O elefante que carregava Kuvera.
Um dos elefantes dos quatro quadrantes.
Sarvanshadi. Consiste em 'Mura Valerian' e medicamentos semelhantes.
Sarvasau Varna. Uma montanha.
Sarvathasiddha. Um brâmane que maltratou um cão, sua história é contada no Uttarakanda.
Sarvatmabhuti. Todos os seres coletivamente.
Satarhada. A mãe do demônio Viradha.
Satataga. O deus do vento.
Satyavati. A irmã do sábio Vishvamitra, que assumiu a forma do rio Kaushika.
Satya Yuga. A Era de Ouro. Existem quatro Yugas que compõem o ciclo do mundo:
Satya Yuga. Era de Ouro.
Treta Yuga. Era de Prata.
Dwapara Yuga. Era de Cobre.
Kali Yuga. Era de Ferro ou Preta.
Saudasa. Um rei da linhagem de Ikshvaku.
Saumanasa. Um dos elefantes dos quatro quadrantes.
Uma montanha onde os ascetas ou Vaikhanasas realizaram suas austeridades.
Saumitri. Um nome de Lakshmana como filho de Sumitra.
Saumya. O planeta Mercúrio.
Saura. Uma poção divina; o nome significa 'relativo ao sol'.
Saurashtras. Uma região onde os macacos procuraram por Sita.
Sauvarcala. Sal Sochal ou alcalino.
Savita ou **Savitri**. O sol, o produtor de calor e das espirituais faculdades do calor.
Seis tipos de sabor. Doce, amargo, ácido, salgado, picante, acre e azedo.
Senani. O líder de um exército.
Um nome para o deus do amor.
Setubandha. O local sagrado onde Rama lançou a ponte sobre o mar para Lanka.
Shabala. A vaca realizadora de desejos pertencente a Vasishtha.
Shabari ou **Shibri**. Uma mulher asceta a quem Rama visitou enquanto em exílio.
Shadvala. Um local gramado.
Shaila. Uma montanha.
Shailoda. Um rio.
Shailusha. Um gandharva, guardião de uma floresta de sândalo.
Shaivala. A montanha onde Rama encontrou o asceta shudra e o matou.
Shakas. Um povo.
Shakra. Um nome de Indra, o rei dos deuses.
Shakradhwaja. Um estandarte ou a bandeira erguida em honra de Indra.
Shakralaya. A morada de Shakra.

Shakramali. Uma lendária vara espinhosa da árvore de algodão usada para torturar os maus no inferno.
Shalyaka. Um porco-espinho. Veja também o Glossário de Armas.
Shambara. O demônio da seca representado no Rig-Veda como o inimigo de Indra.
Shambarakarmoka. O lugar do arco de Shambara.
Shambhu. 'Portador de Felicidade', o nome de um deus vêdico, mais tarde associado com Shiva.
Shambhuinin. A 'Alma do Universo', na sua forma cósmica dos onze Rudras.
Shambuka. Um shudra que procurou se tornar um brâmane e foi morto por Rama.
Shamkha. Uma das grandes serpentes.
Shankhas. Uma medida, cem bilhões ou cem mil crores.
Shankhashuda. Um guerreiro macaco.
Shanku. Uma medida, dez bilhões.
Shanta. A filha do rei Lomapada que se casou com o sábio Rishyashringa.
Sharabanda. A mãe do demônio Viradha.
Sharabha. O chefe dos ursos.
Sharabhanga. Um sábio que foi visitado por Rama e Sita na floresta de Dandaka.
Sharabhu. 'Nascido do Junco', um nome de Karttikeya.
Sharabi. Um guerreiro macaco.
Sharagulma. Um líder macaco.
Shardula. Um dos espiões de Ravana.
Sharika. Uma ave, 'Turdas Salica' ou 'Gracula Religiosa'.
Sharmishta. A filha de Diti e esposa do rei Yayati.
Sharnga. O 'Arco do Tempo' pertencente a Vishnu.
Shashabindu. O filho de Kardameya.
Shashanka. O consorte de Rohini, um nome da lua.
Shashi. 'De marca de lebre', um nome do deus-lua.
Shashtras. Ensinamentos de autoridade divina e reconhecida.
Shatabali. Um líder macaco.
Shatagulma. Um guerreiro macaco.
Shatananda. O filho do sábio Gautama e o guia espiritual do rei Janaka.
Shatapattra. Um título que significa 'Que tem cem pétalas'. 'Que tem cem penas', dito de um pavão ou garça. 'Que tem cem asas' ou meios de transporte, dito de Brihaspati.
Shatavala. Um líder macaco.
Shatavali. Um guerreiro macaco.
Shatha. Um titã.
Shatrughatin. Um filho de Shatrughna.
Shatrughna. 'Matador de Inimigos', o quarto filho do rei Dasaratha.
Shatrumjaya. O elefante que carregou Sugriva na procissão da coroação de Rama.
Shikhin. O deus da guerra, Karttikeya é chamado por esse nome como o filho de Shikhin ou Shiva.
Shiriranashana. 'O que remove a arrogância intelectual ou maldade', um título.
Shishira. 'Benevolente, de raios frios', um título.
Shishumara. 'Matador de Crianças', uma palavra usada para um crocodilo, uma toninha ou um golfinho.
Shitikantha. Shiva, o nome significa 'de garganta de casca [ou de pele]'.
Shiva. O Senhor no aspecto de 'Destruidor da Ignorância' e 'Senhor da Bem-aventurança'.

Shivi ou **Shivya**. Um rei da dinastia de Raghu que resgatou o deus Agni quando ele tinha se transformado em um pombo e era perseguido por Indra na forma de um falcão.
Shona. Um rio sagrado.
Shonitaksha. Um guerreiro titã.
Shravana. O mês que é parte de julho e agosto.
Um Nakshatra.
Shravasti. A cidade governada por Lava, filho de Rama.
Shri. A consorte de Vishnu, Lakshmi, que é a deusa da prosperidade.
Um título de cortesia.
Shrimati. A esposa do sábio Kapila.
Shrivatsa. A marca ou anel que Vishnu carrega em seu peito.
Shruta-Kirti. A consorte de Shatrughna.
Shruti. Os Vedas separadamente.
Shtanu. 'O Firme', um nome de Shiva.
Shudra. Alguém da casta mais baixa.
Shuka. Um dos espiões de Ravana.
Um gandharva.
Um papagaio.
Shukra. O planeta Vênus.
Um grande sábio, Shukrachacya que se dizia ser o filho de Bhrigu e cujo patronímico era Bhargava.
Shumbha. Shumbha e Nishumbha eram dois Asuras e irmãos que lutaram contra os deuses e foram mortos pela deusa Durga.
Um guerreiro macaco.
Shunaka. O filho do sábio Richika.
Um asura.
Shunashepha. O segundo filho do sábio Richika que foi oferecido como um sacrifício humano, mas salvo pelo sábio Vishvamitra.
Shura. Um gandharva, guardião de uma floresta de sândalo.
Shurashena. A região em volta de Mathura. A palavra significa 'Digno de heróis'.
Uma cidade governada por Shatrughna.
Shurpanakha. A irmã de Ravana, uma titânide que foi mutilada por Rama e Lakshmana.
Shvasana. Um nome do deus do vento.
Um nome do demônio da seca.
Shveta. Uma montanha.
O planeta Vênus.
O rei de Vidarbha.
Um macaco guerreiro.
Um filho do rei Sudesa.
Shyeni. A filha de Kashyapa e Tamra, mãe das aves de rapina.
Siddhartha. Um dos conselheiros do rei Dasaratha.
Siddhas. Seres semidivinos que vivem entre a terra e o sol.
Sidhu. Uma espécie de rum destilado do melaço.
Sikhandi. 'Vencedor', um título.
Simhas. 'Leões voadores', provavelmente águias.
Sindhu. O rio Indo.
Uma região ao leste de Koshala.

Singhika ou **Simhika**. Um demônio feminino que capturou a sombra de Hanuman quando ele estava cruzando o oceano.
Sita. A filha do rei Janaka, rei de Mithila, e consorte de Rama.
Skanda. O deus da guerra, que era o filho de Shiva, também chamado Karttikeya.
Sleshmataka. Um tipo de madeira retirada das árvores *Cordia myxa*.
Uma floresta.
Smriti. Literalmente 'O que é lembrado', tradição ou leis dadas por Manu e outros.
Sol. O sol aparece sob incontáveis nomes, tais como: Anshuman, Ahaskara, Bhanu, Bhaskara, Divakara, Divakara, Gavasthana, Prabhakara, Surya, Savita, Sura, Suvarnasdrisha, Twasta, Vyomanatha e outros.
Soma. O deus-lua, dito ser um filho do sábio Atri.
O suco que é fermentado da Asclepias-acida; ele é usado como uma bebida ou libação em cerimônias sagradas.
Somadatta. A filha de Urmila e mãe de Brahmadatta.
Somagiri. Uma montanha.
Soura, Sourahtra. Região ao leste de Koshala.
Srimara. Um monstro marinho.
Uma espécie de veado.
Sthulashira. Um sábio que foi atormentado pelo demônio Kabandha.
Subahu. Um filho de Shatrughna, que foi instalado na cidade de Madhava.
Um guerreiro macaco.
Um demônio que perturbou os sacrifícios do sábio Vishvamitra.
Subhadra. Uma árvore sagrada.
Suchena. Um filho de Varuna.
Sudamshtra. Um líder macaco.
Sudanana. Um dos ministros do rei Janaka.
Sudarshana. Um lago coberto de lótus prateados.
Uma ilha onde o sol é dito nascer.
Um elefante montado em batalha por Mahadeva.
Sudesa. Um rei dos Vidarbhas.
Sudhama. O nome de um dos guardiões dos quatro quadrantes.
Um nome de Vishnu.
Uma montanha.
Sugriva. O rei dos macacos, um aliado de Rama.
Suhotra. Um guerreiro macaco.
Sukanabha. Um titã.
Sukesha. Um daitya, filho de Vidyutkesha; sua história é contada no Uttarakanda.
Sumagadha. Um dos ministros de Rama.
Sumali. O filho de Sukesha e pai de Mandodari, consorte de Ravana.
Sumantra. Um dos ministros da corte de Dasaratha.
Sumati. A esposa mais nova do rei Sagara que deu à luz sessenta mil filhos.
Sumeru. Uma montanha sagrada.
Sumitra. A mãe de Lakshmana e Shatrughna.
Sumukha. Um sábio.
Sunabha. 'O que tem um belo umbigo', um nome dado à montanha Mainaka.
Um nome dado ao filho de Garuda.
Sunda. O pai de Maricha.
Sundari. Um nome que significa 'Bela' a consorte de Malyavan.
Suparna. Um nome de Garuda, o rei das aves.
Suparshva. Um filho do abutre Sampati.

Supatala. Um guerreiro titã.
Suprabha. Uma deusa que criou armas celestes; ela era uma filha de Daksha.
Suptagna. Um macaco guerreiro.
Sura. O sol.
Surabhi. A filha de Krodhavasha; ela se tornou a consorte de Kashyapa.
Suraji. Um dos cortesãos de Rama.
Suramukra. Um general titã.
Suras. Um nome dos deuses; no Veda é aplicado à prole do Sol.
Surasa. Um demônio feminino que tentou impedir Hanuman quando ele estava atravessando o oceano.
Surashena. A região em volta de Mathura.
Surashtras. Um dos ministros do rei Dasaratha.
Suratha. Um rei que se rendeu a Ravana sem lutar.
Um filho do rei Sudesa, rei dos Vidarbhas.
Suryaksha. Um macaco guerreiro.
Suryanana. Um macaco guerreiro.
Suryanbandana. O lugar onde os sóis se encontram.
Suryaprabha. A morada de Surya, o deus-sol.
Suryasachu. Um titã.
Suryashatru. Um general titã.
Suryavana. Uma montanha.
Sushena. Um general macaco, o pai de Tara, consorte de Bali.
Suta. Auriga de Khara.
Sutagna. Um filho de Malyavan e Sundari.
Sutas. Uma classe de assistentes pessoais.
Sutikshna. Um sábio que vivia na floresta de Dandaka e acolheu Rama, Lakshmana e Sita durante seu exílio.
Sutras. Versos expressos em linguagem breve e técnica; ritmos e estrofes poéticas. Há Sutras sobre inúmeros assuntos começando com os Vedas.
Suvarchala. A consorte do deus-sol.
Suvarna. Um das ilhas douradas e prateadas ricas em minas de ouro.
Suvarnasadrisha. 'O de aspecto dourado', um nome do sol.
Suvarnimeru. Uma das assim chamadas 'montanhas de ouro' das quais havia sessenta mil.
Suvasasuvarna. Uma montanha.
Suvela. Uma montanha perto de Lanka onde Rama posicionou suas tropas.
Suyajna. Um dos guias espirituais do rei Dasaratha.
Svadamshtras. Ornamentos usados nas orelhas.
Svadha. Uma oblação oferecida aos Pitris. A palavra significa 'Poder ou força inerente'.
Svadu. Um mar do qual a montanha Jarupashila se ergueu.
Svaha. A consorte de Agni.
Uma palavra de energia usada em invocações e sacrifícios.
Svahakaras. A pronunciação de 'Svaha' em cerimônias.
Svarbhanu. O demônio Rahu.
Svati. A estrela Arcturo.
Svavidh. Um porco-espinho ou ouriço.
Swamprabhu. Um título 'brilhante por si próprio'.
Swarga. A região celeste.
Swargin. Um habitante da região celeste.

Swayamprabha. A filha do sábio Merusavarni.
Swyambhu. O 'Auto-existente', um nome do Criador.
Swyamvara. Uma cerimônia em que a noiva escolhe o seu próprio consorte.
Svasti. Uma bênção.
Svastivachana. Um rito religioso preparatório para um sacrifício.
Svastiyatreya. Um sábio.
Syandara. Um rio.
Syryavam. Uma montanha no mar.

T

Taittirya. Uma das Upanishads.
Taksha. Um filho de Bharata.
Takshaka. Um nome de Vishvakarma.
Um nome de uma das grandes serpentes.
Takshashila. A cidade governada por Taksha, filho de Bharata, que dizem ser identificada com Taxila que foi ocupada pelos gregos e bárbaros.
Tala. Uma tira de couro usada por arqueiros.
Um chocalho usado em música.
Tamabheda. 'Dissipador de escuridão', um nome do sol.
Tamas. Veja em Gunas.
Tamasa. Um rio.
Tamra. Uma das esposas de Kashyapa.
Tamraparni. Um rio que tem fama de ser repleto de crocodilos.
Tapana. 'Possuidor de riqueza', um título associado com o sol, uma estrela e um titã.
Tapas. Penitência ou austeridade.
Tapovana. Uma floresta.
Tara. A consorte de Bali.
Um general macaco.
Taraka. Um meteoro.
Tarasa. Um macaco guerreiro.
Tareya. Um líder macaco.
Tarkshya. Nos tempos antigos considerado a personificação do sol na forma de uma ave, mais tarde tornou-se o nome de Garuda.
Tarkshyas. O pai dos macacos.
Tataka. Uma yakshini, a mãe de Maricha.
Um lago.
Tejas. Brilho, energia ou esplendor e poder espiritual.
Tikshavega. Um titã.
Tilaka. Uma marca auspiciosa colocada na testa.
Timi. Uma baleia ou peixe grande.
Timidhvaja. O pai de Indra e também dos danavas e Shambara.
Timingila. 'Que engole até um 'Timi' ou peixe fabuloso', um nome dado para descrever um monstro marinho.
Timironmathana. 'Senhor do Firmamento', o sol.
Tishya. Um asterismo em forma de seta contendo três estrelas, também chamado Pushya e Sidhya.
O Kali Yuga.

Touro. O touro branco, chamado Nandi, que é dito ser o veículo do deus Shiva representa o Sattwa-guna. (Veja em Gunas).
Três divisões de tempo. Passado, presente e futuro.
Três fogos. O fogo Ahavaniya no leste para oferendas aos Devas, o fogo Dakshina no sul para oferendas aos Pitris e o fogo Garhapatya no oeste, que é mantido perpetuamente e passado de pai para filho e a partir do qual os outros fogos sacrificais são acesos.
Três humores do corpo. Vento, bile e muco.
Três tipos de ação. Trivial, comum ou vulgar, importante e urgente.
Três pares de qualidades. Renome e virilidade, majestade e beleza, conhecimento e desapego.
Três residências sagradas, ou os três mundos. Bhur, Bhuvah, Swah, o mundo inferior, intermediário e superior, também chamado Tri-loka e Tri-bhuvana, que é o céu, a terra e os mundos inferiores.
Treta Yuga. A Era de Prata.
Tri-Bhuvana, Tri-Dasa. Veja em Trinta.
Tridiva. Uma região dos deuses.
Trijata. Um brâmane cuja história é contada no Balakanda.
Uma titânide que falou em defesa de Sita.
Trikuta. 'O de três picos', a montanha sobre a qual Lanka foi construída.
Trinabindu. Um sábio cuja filha se tornou a consorte do sábio Vishravas.
Trinta, **Os**. Esse título 'Tri-Dasa' se aplica aos deuses; em números redondos trinta e três: doze Adityas, oito Vasus, onze Rudras e os dois Ashvins.
Tripathaga. 'O que flui por três caminhos', 'O que percorre os três mundos', um nome do Ganges.
Tripura. Um demônio morto por Shiva.
Uma cidade incendiada pelos deuses.
Trishanku. Um rei da linhagem solar cuja história é contada no Balakanda.
Uma constelação.
Trishiras. Também chamado de 'Trimurdhana', um titã de três cabeças morto por Rama.
Trivarsha. Três chuvas consecutivas favoráveis às colheitas.
Trivishtapa. A cidade de Indra também chamada de Amaravati.
Tryambaka. 'O de três olhos', um nome de Shiva. Esse título também pode significar 'O que profere os três Vedas ou as três Sílabas místicas'.
Tumburu. Um gandharva amaldiçoado pelo deus Kuvera e nascido como o demônio Viradha.
Tvashta ou **Tvashtri**. Um nome ligado ao sol, a um dos Adityas e também a Vishvakarma; o significado é 'o que brilha'.

U

Ucchaishravas. O cavalo branco de Indra produzido a partir do batimento do oceano pelos deuses e asuras. Dito se alimentar de ambrosia e ser o principal dos corcéis.
Udaya. Uma montanha dourada.
Udgatar. Um dos quatro sacerdotes oficiantes em um sacrifício.
Ugra. 'Poderoso', 'Formidável', 'Terrível', um nome dado a Rudra ou Shiva e também ao sol.

Ukhara. A terra quando saturada com sal ou estéril.
Ukthya. O segundo dia do sacrifício Ashva-medha.
Ulkamukha. Um macaco, filho de Hutashana, o deus do fogo.
Uma. Um nome de Parvati, filha de Himavat e consorte de Shiva.
Unmatta. Um guerreiro titã.
Upakhyanas. Episódios ou contos, recitações tradicionais.
Upa-Naya. A cerimônia da investidura do cordão sagrado por qual ato o nascimento espiritual é conferido a um jovem e ele se torna um membro da classe brâmane ou nascida suas vezes. A idade na qual essa cerimónia ocorre é entre oito e dezesseis anos.
Upanishad. Doutrina esotérica. A terceira divisão dos Vedas, fazendo parte da Palavra revelada.
Upasunda. Um guerreiro titã.
Upatakshara. A Grande Serpente.
Upendra. Um nome de Vishnu e depois de lndra.
Uragas. Grandes serpentes, as da raça Naga.
Urmila. A consorte de Lakshmana.
Urvashi. Uma ninfa mencionada no Rig-Veda. Muitas lendas são contadas sobre ela nos clássicos.
Ushanas. Outro nome de Shukra, o guru dos asuras e daityas. Esse sábio ajudava Indrajira em seus sacrifícios.
Ushara. Solo salino. (Veja Uttarakanda, Cap. 86).
Ushirabija. A montanha que também é chamada Mandara onde o rei Marutta realizou seu sacrifício.
Ushiras. Uma grama semelhante a cabelo que cresce nas árvores douradas do inferno.
Veja também o Glossário de Flores e Árvores.
Uttaraga. Um rio.
Uttara Kanda. O livro sétimo e suplementar do 'Ramayana'.
Uttara Kurus. Uma linhagem que é dita favorecer pessoas espirituais.
Uttara Phalguni. Uma constelação sob a qual se diz que Sita nasceu.

V

Vachaspati. A mãe dos deuses e deusas da fala e erudição. Ela também é chamada de Saraswati.
Vadaba ou **Vadava**. 'Fogo da Égua', o fogo subterrâneo ou o fogo das regiões inferiores, imaginado emergir de uma cavidade chamada a 'boca da Égua' sob o mar.
Vadavamukha. 'Boca da Égua', a entrada para a região inferior dita ser encontrada no polo sul onde o fogo submarino é encontrado.
Vagadeva. Um dos Adityas que preside a riqueza.
Vaghrinasaka. Uma ave de asas brancas e de garganta escura.
Uma espécie de cabra.
Vahni. 'Portador de Brilho', um título.
Um guerreiro macaco.
Vahnyalaya. A morada do deus do fogo.
Vahudamshtra. Um titã.
Vaideha ou **Videha**. O reino governado por Janaka.

Vaidehi. O nome de Sita como filha de Janaka, rei de Vaideha.
Vaidisha. A cidade onde o filho de Shatrughna governou.
Vaidya. Um médico.
Vaidyuta. Uma montanha.
Vaijanta. A cidade fundada pelo rei Nimi.
Vaikhanasa. Uma classe de rishi ou eremita que vivia no monte Saumanasa.
Vainateya. Um nome de Garuda.
Vairochana ou **Virochana**. Um nome do sol e da lua, que significa 'O que ilumina'.
Um descendente de Virochana.
Um patronímico de Bali.
O filho de Prahlada.
Vaishnava. Relativo a Vishnu ou um sacrifício em sua honra.
Os Vaishnavas são devotos de Vishnu.
Vaishravana. Um nome de Kuvera, irmão de Ravana.
O nome da filha do sábio Bharadwaja.
Vaishravanavanlaya. A morada de Kuvera.
Vaishvadevas. Relativo a todas as divindades ou Vaishvas ou Vishvas.
Vaishvanana. O deus do fogo, Agni.
O zodíaco.
Vaishyas. Aqueles das classes comerciantes ou agrícolas.
Vaitarani. Um rio no inferno.
Vaivasvat. Veja Vivasvat.
Vaivasvata. Um nome do deus da morte, Yama.
Vajapeya. Um sacrifício no qual uma mistura azeda de farinha e água é oferecida aos deuses.
Vaji-medha. O sacrifício de cavalo. 'Vaji' significado 'rapidez' ou 'força' como aplicadas aos cavalos.
Vajra. Uma montanha.
Vajrabanu. Um titã.
Vajradamshtra. 'Com dentes como raios', o nome de um titã morto por Angada.
Vajradhara. 'Manejador do raio', um título de Indra.
Vajrahanu. Um titã poderoso.
Vajrakaya. Um guerreiro titã.
Vajramushti. Um guerreiro titã.
Um filho de Malyavan e Sundari.
Vajravala. A filha de Virochana que se casou com Kumbhakarna.
Valakhilyas. Seres divinos, do tamanho de um polegar, sessenta mil dos quais surgiram do corpo de Brahma e são ditos circundarem o carro do sol.
Vali. Oferendas aos espíritos do ar.
Valimukhas. 'Os de face enrugada', os macacos.
Vallaka. Uma garça pequena.
Um alaúde indiano.
Valmiki. Poeta, sábio e autor do Ramayana.
Valukini. Um rio.
Vamadeva. Um grande rishi que estava presente na instalação de Rama.
Vamana. O Anão Santo, a quinta Encarnação de Vishnu.
Vana. Uma floresta.
Vanaprastra. Um festival semelhante à Festa da Colheita.
Vanaras. 'Habitantes da floresta', um nome dado à raça de macacos. Uma raça específica de elefantes.

Vanaris. Macacas.
Vanculaka. Uma ave mítica.
Vara de Brahma. Veja o Glossário de Armas.
Varana. Uma montanha.
Vararani. A mãe das vacas e touros.
Varuna. O Netuno indiano, senhor das águas.
Varuni. A filha de Varuna que era a personificação do vinho.
Vinho preparado de uma erva (Hogsweed), destilado com suco de tâmara ou palmeira.
Varuthi. Um rio.
Vasava. Um nome de lndra.
Vasavi. Um nome de Bali, como filho de Indra ou Vasava.
Vashat. Uma palavra de poder, uma sílaba sagrada.
Vashatkara. A pronunciação de 'Vashat' em cerimônias.
Um sábio.
Vasishtha. Um grande sábio, o preceptor espiritual do rei Dasaratha e o próprio guru de Rama.
Vastupati. 'Senhor Permanente', um título.
Vasu. O filho do rei Nriga, cuja história é contada no Uttarakanda.
Um dos sete sábios imortais.
Vasuda. 'Aquela que concede riqueza ou tesouro', um nome da terra.
Uma gandharvi que se casou com Mali.
Vasudeva. Um nome do Senhor.
Vasudha. 'Que contém riqueza', um nome da terra.
Vasuki. O rei serpente.
Vasuretas. Um nome de Agni.
Vasus. Os filhos de Kashyapa e Aditi. Os oito Vasus eram originalmente personificações de fenômenos naturais, eles eram Apa, Dhruva, Soma, Dhara, Anila, Anala, Pratyusha e Prabhasa.
Vasvokasara. Outro nome de Amaravati, a cidade de Indra.
Vata. Um nome de Vayu, o deus do vento.
Vatapi. Um demônio consumido pelo sábio Agastya.
Vayu. O deus do vento.
Vedangas. Uma ciência sagrada considerada subordinada a e em algum sentido uma parte dos Vedas. Seis assuntos estão sob a denominação: Siksha, pronúncia; Kalpa, ritos religiosos; Vyakarana, gramática; Chandas, prosódia; Jyotish, astronomia; Nirukti, explicação de palavras difíceis.
Vedas. As Escrituras Sagradas da religião hindu, a fonte do conhecimento divino.
Vedavati. A filha do brahmarshi Kushadwaja.
Vegadarshin. Um líder macaco.
Vedhas. 'Organizador', 'Distribuidor', 'Criador', um nome de Brahma.
Vedi. Um altar de grama kusha ou um lugar de sacrifício.
Vena. Um rio.
Vibhabasu, 'Abundante em luz', um título do deus do fogo.
Vibhandaka. O filho do sábio Kashyapa e pai de Rishyashringa.
Vibhudas. Seres celestes ou deuses.
Vibishana. Veja Bibishana.
Vibudha. Um deus ou professor da verdade espiritual.
A lua.
Vidarbha. Uma região, provavelmente Birar, cuja capital era Kundipura.

Vidhatar. Um nome de Brahma, o Criador.
Vidyadharas. 'Portador de conhecimento mágico', uma classe particular de bons ou maus espíritos assistentes dos deuses.
Vidyudruna. Um titã.
Vidyujjihva. Um titã hábil em magia que criou uma cabeça ilusória de Rama e seu arco para enganar Sita.
Vidyuldamshtra. Um guerreiro macaco.
Vidyunmali. Um guerreiro macaco.
Vidyunmalin. Um guerreiro titã.
Vidyutkesha. Um daitya, filho de Heti.
Vighana. Um titã.
Vihara. Um jardim de recreio ou área de lazer, templo ou santuário.
Viharas. 'Aqueles que vagam por toda parte à vontade', um nome dado aos macacos.
Vijaya. Um ministro na corte do rei Dasaratha.
Vijihva. Um titã.
Vikata. Um titã.
Vimpaksha. Um titã.
Vimukha. Um sábio.
Vina. Um alaúde indiano.
Vinata. A mãe de Garuda.
Um guerreiro macaco.
Vinayakas. Uma classe de seres, às vezes malévolos.
Vindha. A hora que é auspiciosa para encontrar o que foi perdido.
Vindhya. Uma montanha ordenada por Agastya não aumentar em altura.
Vipaga. Um rio.
Vipanci. Um alaúde indiano.
Vira. Um nome do sol.
Uma postura que é favorável para a regulação da respiração.
Virabanu. Um guerreiro macaco.
Viradha. Um demônio, filho de Java e Shatarada que foi morto por Rama e tinha sido anteriormente o gandharva Tumburu.
Virochana. Veja Vairochana.
Virupaksha. Um titã, também chamado Virupanetra. A palavra Virupaksha significa 'O de olhos deformados', é um nome também dado a Shiva que é dito ter três olhos.
O filho de Malyavan.
Um dos elefantes dos quatro quadrantes.
Viryasana. O filho do rei Saudasa que ficou conhecido como Kalmashapada por conta de uma maldição.
Vishaka. Um asterismo lunar.
Um mês da estação florida.
Vishala. Um titã.
Vishalaksha. 'O que tem olhos belos', um nome de Shiva, Garuda e de uma grande serpente.
Vishampati. 'Senhor de Homens', um título.
Vishnu. O Senhor no aspecto de 'Mantenedor do Universo'.
Vishravas. Um grande sábio nascido de Prajapati. O nome vem da raiz 'Sru' ouvir, porque sua mãe concebeu quando ouvia o Veda sendo recitado. Ele é dito ser o filho de Pulastya no Ramayana e era o pai de Ravana e Kuvera.
Vishva. A filha de Daksha.

Um título significando 'Aquele que permeia tudo'.
Vishvas ou **Vishvadevas**. Todos os deuses que se diz serem os 'Protetores dos Homens' e 'Concessores de Recompensas'. Eles são os filhos de Vishva.
Vishvakarma. O arquiteto dos deuses. O 'Criador de Armas'.
Vishvakrita. Outro nome para Vishvakarma.
Vishvamara. 'Possuidor de todas as coisas desejáveis' ou 'Concessor de todas as bênçãos' ou 'Adorado ou estimado por todos', um título.
Vishvamitra. Um grande sábio cuja história é contada no Balakanda.
Vishvanatha. 'Senhor do Universo', um nome de Shiva.
Vishvarupa. Um título de Vishnu que significa 'Onipresente' ou 'O que usa todas as formas'.
Vishvatam. O deus do vento.
Vitapavati. A cidade sobre a qual Kuvera governava.
Vitardana. Um guerreiro titã.
Vittapa. Um nome de Kuvera.
Vivasvat. 'O Brilhante', o sol. Vivasvat era dito ser o pai de Manu.
Vrana. O poço das águas do inferno.
Vrashparvana. Um daitya, pai de Sharmishta, a consorte do rei Yayati.
Vrinda. Um número grande, uma multidão.
Vrisha. O touro de Shiva, também chamado Nandi.
Vrishabha. Um guerreiro macaco.
Vrishadwaja. Um nome de Shiva 'O que tem o touro como seu veículo'.
Vrishti. Um ministro da corte de Rama.
Vritra ou **Vritasura**. Um demônio morto por Indra.
Um dos antepassados de Bali.
Vyavanayakas. Servos da rainha Kaushalya.
Vyavasaya. O poder de retirada.
Um nome de Vishnu.
Vyomanatha. 'Senhor do Firmamento', o sol.

Y

Yadu. O filho de Yayati e Devayani. Yayati foi o fundador dos Yadavas em qual linhagem Krishna nasceu.
Yajna. Um sacrifício ou penitência.
Yajnakopa. Um guerreiro titã morto por Rama.
Yajnashatru. Um guerreiro titã.
Yajurveda. A parte do Veda que trata de rituais.
Yaksha. Um ministro de Sugriva.
Yakshas. Seres sobrenaturais, atendentes de Kuvera.
Yakshinis. Yakshas femininos.
Yama. O deus da morte.
Yamala. Um asura, inimigo dos deuses.
Yamala-Arjuna. Inimigos de Krishna que na forma de árvores ele arrancou como uma criança.
Yamuna. Um rio sagrado.
Yatudhanas. Espíritos malignos que assumem várias formas. O nome também é dada aos rakshasas.

Yava. Uma ilha examinada pelos macacos em busca de Sita e Ravana.
Yavakrita. Um rishi.
Yavanas. Um povo dito ter nascido da vaca sagrada Shabala.
Yayanta. Um dos ministros de Rama.
Yayati. O filho de Nahusha, um antepassado do rei Dasaratha, sua história aparece no Mahabharata e no Vishnu Purana.
Yoga. 'União': os métodos (de meditação, controle da mente, autodisciplina etc.) através do qual o homem veio a perceber a identidade do seu próprio ser essencial com Deus.
Yogandhara. 'O Unido', um título.
Yojana. Uma medida, cerca de quatro ou cinco milhas.
Yuddhonmatta. Um guerreiro titã.
Yudhajita. Príncipe de Kaikeya, tio materno de Bharata.
Yuga. Uma era ou período mundial. Os Yugas são em número de quatro e sua duração é de vários milhares de anos. Entre cada um dos períodos há um tempo chamado Sandhya ou Crepúsculo quando a criação é retirada e fica latente no Espírito Supremo, Brahman.
Yugantadahaka. O 'Fim do Tempo', ou o 'Consumidor dos Ciclos Mundiais', um nome de Vishnu.
Yupaksha. Um titã morto por Hanuman.
Yuvanashva. O filho de Dhundhumara e pai de Mandhata.

Glossário de Flores e Árvores

(Sempre que possível derivados em latim ou inglês são apresentados, mas em alguns casos nenhum equivalente foi descoberto).

A

Adumbari. Uma espécie de figueira.
Adumvari. Agaru, *Amyris agallochum*, uma espécie de sândalo.
Agnimukha. *Semecarpus Anacardium*, *Plumbago zeylanica*.
Agnimukhya. 'Marking Nut plant'. [*Semecarpus Anacardium*].
Amlaka. *Phyllanthus emblica*. Um arbusto de muitos ramos que parece cicuta. O fruto é conhecido como Myrabolan e possui propriedades curativas; ele é muitas vezes visto na mão de 'Menhla' o Buda da Medicina.
Amra. Manga, *Mangifera indica*. Uma árvore de tronco curto coberta com folhagem sempre verde que floresce de janeiro a março; as flores são parcialmente brancas e parcialmente amarelo esverdeadas, com uma faixa laranja em cada pétala. Essa árvore é sagrada para os hindus e budistas. A madeira é usada para piras funerárias e as flores são dedicadas à lua e ao deus do amor.
Ankola ou **Anrota** ou **Ankolata**. *Alangium hexapetalum*. Uma árvore de pequeno ou médio porte, parcialmente decídua com ramos armados com espinhos, que cresce em toda a Índia em regiões secas. A madeira é marrom verde-oliva, dura e compactamente granulada, as folhas oblongas, lisas e verdes escuras. As flores sozinhas ou em cachos são brancas e perfumadas; o fruto, um bago, é vermelho arroxeado. Raízes e frutas são utilizadas medicinalmente. Diz-se serem uma cura para a mordida de cobra e rato e também para aliviar cólicas e doenças do sangue. É usada como uma substituta para a Ipecacuanha.
Aravinda. *Nymphaea nelumbo*, um nenúfar.
Arista. *Sapindus saponaria*, a Fruta-de-sabão.
Arjuna ou **Arjunaka**. *Terminalia arjuna*. Uma espécie de árvore Nimba ou Neem. Uma árvore alta perene, geralmente encontrada na margens de córregos. As flores crescem em cachos na ponta dos ramos e as flores que formam borlas são pequenas.
Arjuna Jarul. 'Queen’s Flower' ou 'Crêpe Flower'. Uma importante árvore de madeira que tem valor medicinal. As flores que são lilases rosadas ou brancas aparecem em abril e duram toda a estação quente.
Asana. *Terminalia tomentosa*. Uma árvore de floresta comum que produz madeira excelente semelhante à Árvore Arjuna e raramente vista fora das áreas de floresta.
Ashoka. *Saraca indica*. Uma pequena árvore perene que produz uma profusão de cachos de flores laranjas e escarlates em janeiro e fevereiro e tem uma folhagem verde escura profunda brilhante. É dito que Buda nasceu sob uma árvore Ashoka e Sita foi mantida prisioneira por Ravana em um bosque de Ashoka. Os hindus e os budistas a consideram sagrada e é dita florescer onde o pé de uma mulher pisou. A casca é adstringente e amarga, refrescante e febrífuga, útil em cólicas, emaciação e certo envenenamento; é altamente benéfica em doenças vaginais e eficaz em hemorragias e úlceras.

Ashvakarna ou **Ashwakarna**. *Vatica robusta*, a Árvore Sal, uma árvore grande que cresce nos distritos do leste da Índia central. A madeira, que se classifica com teca é de uso geral em Bengala. As flores são abundantes e esbranquiçadas ou de cor rosa pálida.
Ashvalagna. *Shorea robusta*.
Ashvattha ou **Ashwattha**. A figueira da qual há muitas variedades:
> ***Ficus benghalensis***: A Figueira de Bengala.
> ***Ficus religiosa***: A Pipal ou Figueira dos Pagodes.
> ***Ficus glomerata***: A árvore Rumbal ou Umbar.
> ***Ficus elastica***: A Árvore-da-borracha indiana.

Atimukha. *Premna spinoza*. A madeira dessa árvore é utilizada para acender o fogo.
Atimukta. *Dalbergia oujeinensis*. Cresce nas áreas montanhosas do norte da Índia a vinte ou trinta pés de altura. As flores são abundantes e esbranquiçadas ou de cor rosa pálida.
Atimuktaka. Ébano da montanha. Essa árvore é comumente conhecida como Harimantha.

B

Badri ou **Vadri**. *Ziziphus jujuba*. A jujuba, uma árvore atrativa pequena ou média que floresce em abril, suas flores formando estrelas verdes pálidas. A polpa da fruta é comida com açúcar e a semente crua. Sorvete é feito dela e o inseto da laca se alimenta dessa árvore; suas secreções são utilizadas para corantes, laca, tinta e vernizes.
Bakula ou **Vakula**. *Mimusops elengi*. Uma árvore com flores perfumadas da qual vem uma droga do mesmo nome. As flores são brancas, mas mudam para um amarelo pálido; o fruto é um bago ovoide, amarelo quando maduro. A casca, que é pungente e doce, é usada para doenças das gengivas e dentes e faz um bom gargarejo.
Balalaka. *Flacourtia cataphracta*. Um arbusto com folhas peludas e frutos comestíveis; floresce em março e abril. A madeira de grãos finos é usada para pentes e torneamento.
Bandhujiva. *Pentapetes phoenicia*. Uma planta com uma flor vermelha que abre ao meio-dia e murcha na manhã seguinte ao nascer do sol.
Banjula ou **Vanjula**. *Hibiscus mutabilis*. Rosa-louca. Floresce em setembro e outubro e possui grandes folhas em forma de coração; as flores têm três ou quatro polegadas de diâmetro, de cor branca pura de manhã, mudando gradualmente para rosa pálida e vermelha à noite.
Bhadra. O nome de várias plantas e também uma árvore.
Bhandira. *Mimosa seressa*, uma figueira alta.
Bhanduka. *Calosanthes indica*. Essa árvore que cresce até quarenta pés de altura é encontrada em toda a Índia. A casca é grossa, as folhas macias, sem pelos e lisas.
Bhava. *Laburnum* indiana. Os macacos têm predileção especial pela polpa doce das vagens nas quais as sementes se encontram; também é usada para aromatizar o tabaco e como um purgante. A madeira é boa para combustível e carvão.
Bhavya. *Dillenia indica* [Maçã-de-elefante] ou *Dillenia elliptica speciosa*. Uma árvore que cresce até quarenta pés; é uma perene; as flores são grandes e brancas com chifres amarelos e aparecem no final dos ramos. Essa árvore é encontrada em

florestas densas e é muito cultivada em volta de templos. A casca e folhas são medicinais e o suco do fruto ácido misturado com açúcar faz uma bebida refrescante. Há outra pequena árvore frutífera aliada à *Magnolia speciosa* desse nome.

Bhaya. *Trapa bispinosa*. Uma erva flutuante, que cresce por toda a Índia e Ceilão, as flores aveludadas têm quatro pequenas pétalas brancas.

Bibhitaka ou **Bibhidaka** ou **Vibhidaka**. *Terminalia bellerica*. A *Belleric myrabolan*, uma árvore de floresta importante, embora não considerada útil para madeira, estando sujeita ao ataque de insetos. O seu fruto, no entanto, que aparece como uma bola aveludada cinzenta, é usado para fins medicinais, como também para tinturas e curtimento. As sementes produzem óleo e se diz que, ingeridas em excesso, produzem intoxicação. O alimento favorito de macacos, esquilos, veados e outros animais. Os ramos de flores, de borlas macias, aparecem de março a junho. O fruto é conhecido como *Myrobalan* e esse nome é usado também para o fruto da Amlaka (*Phyllanthus emblica*) e *Terminalia chebula*, os três fazendo um tônico chamado 'Trefala Churan'.

Bijapura. *Citrus medica*. A cidreira.

Bilva. *Aegle marmelos*, comumente chamada Bael. A macieira selvagem que tem uma fruta deliciosa que, verde, é usada para fins medicinais. Suas folhas são usadas em cerimônias na adoração de Shiva.

Bimba ou **Vimba**. *Momordica monadelpha*. Uma planta que produz uma cabaça vermelha brilhante.

C

Chamikara. Uma espécie de maçã de espinho.

Champaka. Uma das Magnólias, que cresce selvagem na região leste sub-himalaica e colinas baixas, também em Assam, Burma e sul da Índia; ela é muito cultivada. Uma árvore alta, bela, de crescimento rápido que é perene, as flores são amarelas escuras ou laranjas e muito perfumadas. As raízes, cascas, flores e sementes são usadas para várias finalidades. A casca tem qualidades estimulantes, expectorantes e adstringentes, as flores produzem um óleo perfumado usado em conjuntivite e gota.

Chandaka. Cravo-da-índia. Os botões secos dessa árvore são o cravo pungente e aromático.

Chandana. *Sirium folium*. Sândalo vermelho ou falso, de perfume doce que cresce em leitos rochosos nos Himalaias mais baixos. Tem folhagem perene e floresce o ano inteiro. As flores são de cor rosa escura, vermelha pálida e branca em ramos e são oferecidas a Shiva. O veneno contido nas folhas, quando transformado em uma pasta, é usado para as doenças de pele e lepra.

Cuta. Manga.

D

Dadima ou **Dadimah**. *Punica granatum*. Uma romãzeira que cresce em toda a Índia e é nativa da Pérsia e do Afeganistão. Um grande arbusto ou árvore pequena, às vezes, com numerosos ramos ascendentes. As flores têm forma de funil e cor laranja. O fruto é duro globoso e amarelo, tingido com vermelho quando maduro. A

casca-raiz é um vermífugo. O suco é apetitoso e tônico, útil em febre, dispepsia, biliosidade e azia e tem outras propriedades curativas.
Darbha. *Poa cynosuroides*, uma grama usada em sacrifícios.
Devadaru. Uma variedade de pinheiro, provavelmente árvore mastro, assim chamada por conta de seus troncos retos altos serem ideais para os mastros dos barcos a vela. Uma árvore bela reverenciada pelos hindus, que a plantam perto de seus templos. Morcegos e raposas apreciam seus frutos.
Devaparna. A Folha Divina, uma planta medicinal.
Dhanvana. *Grewia asiatica*. Uma pequena árvore, amplamente cultivada na Índia, exceto em Bengala Oriental. As flores são amarelas.

Várias outras plantas têm esse nome.

Dhanwaria. *Echites antidysenterica*, uma planta trepadeira.
Dhara ou **Dhaura**. *Woodfordia floribunda*. Um arbusto pequeno, expansivo, que floresce de dezembro a maio e do qual um corante vermelho é obtido a partir da flor vermelha brilhante.
Dhatri. *Stereospermum acerifolium*.
Dhatura. *Datura fastuosa* (Solanaceae). Um arbusto anual venenoso com um forte cheiro desagradável que cresce em toda a Índia. As flores, semelhantes ao convólvulo em forma, são brancas arroxeadas por fora e brancas por dentro; o fruto é uma pequena bola espinhosa de forma cheia de sementes lisas marrons amareladas. As folhas, flores e sementes são utilizadas medicinalmente e são narcóticas e soporíferas. Fomentações das folhas são ditas aliviarem as dores e inchaços de reumatismo e as flores secas, quando em pó, são inaladas para asma e bronquite e tosse.
Dhava. O arbusto *Grislea tomentosa*, que é comum em toda a Índia, as flores escarlates em ramos longos propagados aparecem na estação quente.
Dhuva. Uma da família da Acacia.
Drona. Uma pequena árvore que dá flores brancas, vulgarmente conhecida como Ghalaghasiya ou Halaksiya.
Dukula. Uma planta de cujo talo um tecido muito fino é feito.
Durva. *Panicum dactylon*. Agrostis.

G

Gajapushpi. Flor de elefante, uma espécie de Arum.
Galaghasiya. Veja Drona.
Goshiraka. Uma árvore de sândalo.
Gular. Uma árvore resinosa, fragmentos da qual, colocados em água em um loshta, são utilizados para fins cerimoniais.

H

Harishyama. Veja Shyama.
Hataka. Uma maçã de espinho que é de cor dourada.
Hijjal. Veja Nichula.
Hintala. *Phoenix sylvestris*. A 'Wild Date Tree' ou 'Toddy Palm'. Florestas dessas árvores cobrem áreas consideráveis na Índia e as árvores dão uma produção

excelente de óleo de palma, tapetes são tecidos com as folhas e cestas dos talos assim como cordas.

J

Jambhu ou **Jambhuh**. *Eugenia jambolanum*. A Maçã Rosa ou ameixa de Java, que é sagrada para Krishna e plantada perto de templos. Essa árvore cresce em toda a Índia e é perene de tamanho médio. As flores, que são perfumadas e de cor esbranquiçada, aparecem no período de março a maio. Vinagre é destilado a partir do suco da fruta, um bago de uma semente, roxo escuro quando maduro. A casca, folhas e frutos têm outras propriedades medicinais.
Jambuka. Uma espécie de uva sem sementes.
Jamnu. *Prunus padus L*. Cereja de pássaro.
Japa. Ibisco ou 'Shoe Plant', que tem grandes flores individuais em forma de sino de um vermelho rico chinês. Essas são utilizadas para decoração em festivais. As flores trituradas são usadas para o polimento de sapatos.

K

Kadala ou **Kadali**. *Musa sapientum*. Uma bananeira, que tem uma haste perecível macia e é poeticamente um símbolo da fragilidade da existência humana.
Várias plantas, como *Pistia stratiotes* e *Bombay heptaphyllum*.
Kadamba. A planta *Nauclea cadamba*.
Kahlara. Um nenúfar branco.
Kakubha. Veja a árvore Arjuna.
Kalaguru. Uma espécie de árvore de sândalo.
Kalayaka. Várias sementes leguminosas, principalmente *Phaseolus*. Também alguns tipos de grãos de leguminosa e ervilhacas.
Kaleyaka. Uma madeira de Aloés perfumada.
A árvore de sândalo amarelo.
Uma espécie de cúrcuma.
A planta *Curcuma xanthorrhiza*.
Kamanari. Uma espécie de Mimosa.
Kamranga. *Averrhoa carambola*. Uma pequena árvore densamente ramificada de flores brancas e roxas variegadas e uma variedade produz um fruto amarelo doce comestível.
Kandi. *Amorphophallus campanulatus*, uma planta que tem uma raiz bulbosa, que é cultivada em toda a Índia. O tubérculo é adstringente e doce, de fácil digestão e aumenta o apetite. É considerado útil para tumores abdominais, cólicas e obesidade.
Kanya. *Aloe perfoliata*. Essa árvore produz flores brancas perfumadas em março e abril.
Várias outras plantas, uma dos quais é a tuberosa.
Kapimuka. A planta do café.
Kapitha. A jaqueira, *Feronia elephantum*, que é cultivada em toda a Índia e nativa do sul da Índia. Uma árvore decídua de folha de tamanho médio com espinhos; as flores são numerosas, pequenas, vermelhas escuras, cor-de-rosa pálidas, mudando para amarelas esverdeadas. O grande bago globoso de muitas sementes é usado para inúmeros propósitos tanto culinários quanto medicinais.

Karanja. *Pongamia glabra*. As flores dessa árvore em ramos curtos brancos aparecem quando as novas folhas são desenvolvidas. Ela é uma árvore medicinal da qual é feita uma embrocação para doenças de pele. O suco é aplicado a feridas e usado para a limpeza dos dentes, pois tem qualidades antissépticas.
Karavira. Outro Oleandro perfumado que é comum a muitas partes da Índia nos leitos rochosos dos Himalaias inferiores, estradas marginais e rios. A folhagem é perene em todo do ano, mas em seu auge durante as chuvas; as flores são cor-de-rosa escuras e brancas, simples e duplas. A seiva é venenosa.
Karnikara. [Cássia-imperial]. *Pterospternum acerfolium*, também chamada de *Cassia fistula*.

O nome comum dessa árvore é Kaniyar e ela é uma das *Laburnums* indianas.
Karpura. *Ficus glomerata* ou figueira selvagem. Em abril, as novas folhas de vermelho escuro brilhante lhe dão uma bela aparência; o seu fruto é muito apreciado. Essa árvore é comumente conhecida como Rumbal ou Udumbara.
Kasanari. *Gmelina arborea*. [Gamelina]. A planta do alcaçuz.
Kashas. Canas ou juncos.
Kashasthali. *Bignonia suaveolens*. *Tecoma stans*. Ipê amarelo de jardim, uma extensa trepadeira com flores amarelas claras da qual existem diversas variedades.
Kedumbra. Uma árvore com flores perfumadas de cor laranja.
Ketaka. *Pandanus odoratissimus*. Cresce nas partes mais quentes da Índia. As folhas são pendentes, verdes e brilhantes e as flores compactas como uma espadice como amentilho de amarelo alaranjado.
Khadira. *Acacia catechu*. A Areca ou palmeira de Betel que cresce nas regiões costeiras úmidas quentes do sul da Índia e Ceilão. A noz de Betel é o fruto universalmente mastigado por povos asiáticos.
Kharjura. *Phoenix sylvestris*. Veja Hintala.
Kichaka. *Arundo karka*. Um junco ou bambu oco ou cana-de-oco ou cana de chocalho.

Uma árvore do mesmo nome.
Kimshuka ou **Kumshuka**. *Butea frondosa*. Uma árvore com belas flores laranjas e uma quantidade de suco pegajoso leitoso. Ela é chamada de 'Flor da Floresta' ou 'Árvore Papagaio'. De janeiro a março ela é uma massa de laranja e vermelho-alaranjado; as flores são constantemente visitadas por pássaros. Corantes são obtidos dessas flores, óleo das sementes e goma do caule.
Kovidara. *Bauhinia variegata*. [Casco-de-vaca-lilás ou unha-de-vaca-lilás]. O ébano das montanhas. Uma das mais lindas das árvores indianas; como a Pariyatra, ela é chamada de 'Árvore do Paraíso'. Ela tem uma casca marrom escuro lisa; as folhas caem na estação fria e as flores grandes de perfume doce abrem nos ramos nus. Sua cor varia de magenta, malva, rosa com manchas carmesins ou brancas com um salpico de amarelo. A árvore é útil por sua madeira e produz óleo e goma e tens usos medicinais.
Kritamala. Outra *Laburnum*.
Kshupa. Uma planta ou arbusto com ramos e raízes curtas.
Kuanda. Uma planta comumente chamada Sakurunda, a *Amaranth* ou *Barleria* amarela.
Kuayral. Outro ébano da montanha.
Kujaja. *Wrightia sntidysenterica*, uma planta medicinal.
Kumuda. Um nenúfar branco, chamado de 'Lírio da Lua', os outros lótus abrindo para o sol.
Kunda. *Jasmine multiflorum*.

Kuraka. *Boswellia thurifera*, árvore de olíbano.
Kurubaka Dronapushpi. A Flor Drona; Drona significando 'vaso', 'copo', ou 'pote', ela provavelmente produz uma cabaça.
Kusha. *Demontachya bipennata*. Uma grama sagrada usada para cerimônias religiosas, que tem hastes longas e folhas pontiagudas como juncos.
Kuvala ou **Kuvalaya**. Um nenúfar, a espécie azul.

L

Lakuca ou **Lakuka**. *Artocarpus lacucha*. Do mesmo gênero que a jaqueira; é cultivada nas planícies do norte da Índia.
Lohdra. *Symplocos racemosa*. A casca dessa árvore é utilizada como um corante.

M

Madhava. Manga.
Madhavi. A erva Basil.
Uma espécie de grama *panicum*.
Uma espécie de planta leguminosa.
Madhuka. *Bassia latifolia*. A Mohwa ou 'Butter Tree' indiana. Uma grande árvore decídua com casca grossa cinzenta encontrada em regiões rochosas secas de colina, valiosa por suas flores deliciosas e nutritivas, que florescem à noite e caem no chão ao amanhecer. Elas têm sabor de figos e são muito procuradas por ursos, aves e cervos de modo que os nativos, para recolher as flores para si próprios, têm que proteger as árvores.
Madhura. Jasmim perene.
Madura. Uma árvore similar à Cássia, que tem longos ramos de flores rosas pálidas que aparecem em janeiro e fevereiro. O fruto é um feijão longo plano. Essa árvore não parece tem quaisquer usos econômicos ou medicinais.
Mallika. Jasmim noturno.
Mandara. *Erythrina indica*, a árvore de coral da qual existem diversas variedades. Ela cresce ao longo das costas e floresce de janeiro a março; suas ricas flores vermelhas fazem uma aparência impressionante ao longo dos ramos nus; elas não têm perfume. Folhas novas são comidas em pratos com curry e a madeira, que não racha nem empena, é usada para artigos esculpidos.
Matulinga. Uma cidreira ou lima doce.
Maunja. Um tipo de grama.
Mritasamjivani. A 'ressuscitadora dos mortos', uma erva.
Muchukunda. *Pterospemum suberifolium*, uma variedade branca da *Calotropis gigantea,* uma maçã de espinho.
Muchulinda. Provavelmente conectada com a 'Muchi Wood' ou 'árvore de coral'.
Myrabolan. Veja Amlaka.

N

Naga. *Mesua ferrea*, uma árvore pequena.
Nagavriksha. Um arbusto de montanha.

Naktamala ou **Naktamallaka**. *Caleduba arborea* ou *Dalbergia arborea*.
Nalina. *Nelumbium speciosum*. Um nenúfar.
Narcal. *Phragmites karka* Trin. Uma espécie de junco.
Narikela. Uma árvore alta não ramificada com uma plumagem terminal de folhas pinuladas; suas flores são amareladas e se assemelham amentilhos duros. A noz é comestível e óleo é obtido dela, que é usado para sabão, xampus e fins culinários; ele também é útil para a fabricação de velas.
Nichula. *Barringtonia acutangula*, comumente chamada Hijjal.
Nilashoka. Uma Ashoka com flores azuis.
Nimba. *Azadirachta indica*, [amargosa e nim] Uma árvore com frutos amargos, do tamanho de uma oliveira; as folhas são mastigadas em funerais e são ditas afastarem a doença e, quando secas, repelirem os insetos; a madeira é semelhante à de mogno.
Nipa ou **Nipaka**. Uma espécie de árvore Kadamba.
Nivara ou **Naivara**. Arroz Selvagem.
Nyagrodha. *Ficus indica*. A figueira indiana.

O

Oshadi. Uma planta anual que morre após abrir.

P

Padma. Ó lótus rosa, às vezes essa flor é usada como um símbolo da deusa Lakshmi, consorte de Vishnu, que é muitas vezes vista levando essa flor.
Padmaka. *Costus speciosus* ou *arabicus*, uma espécie de abeto.
Palasha. *Butea frondosa*. Uma árvore alta reta que cresce até quarenta ou cinquenta pés nas planícies dos Himalaias até o Ceilão e Birmânia. As pétalas das flores são vermelhas laranjas brilhantes, cobertas com um pelo prateado.
Panasa. Como a Kapitha, essa árvore, *Artocarpus integrifolia*, é também uma jaqueira que tem o maior fruto comestível do mundo, pesando até cem libras, redondo e irregular; ele tem grande demanda, mas é menos preferido que a manga e a banana. Essa árvore cresce na floresta nos Ghats Ocidentais.
Parabhadraka. *Erythrina fulgens.* Uma árvore de coral que tem cachos angulares de ricas flores vermelhas ao longo de seus ramos nus de janeiro a março.
Patala. Uma planta trepadeira tropical.
Patali ou **Patalika**. *Bignonia suavolens*. Uma árvore com flores de perfume doce, possivelmente a Lohdra vermelha.
Pinjara. *Mesua roxburghii*. Uma árvore de tamanho médio encontrada nas montanhas de Bengala Oriental e do Himalaia Oriental. As folhas são verdes escuras e brilhantes e as flores compostas por quatro pétalas brancas puras e grandes chifres dourados.
Pipal ou **Pippala**. A Pipal, uma figueira, *Ficus religiosa*.
Piyal ou **Priyala** ou **Pryala**. Uma árvore semelhante à Madhuka.
A planta de óleo comum.
Uma planta como a videira.
Priyakanya. Conhecida como Saj e Maddi, uma árvore comum de floresta que produz madeira dura excelente.

Priyangu. Semente perfumada, painço italiano.
Pimenta longa.
Priyangu Katuki. Açafrão.
Priyankara. Várias plantas.
Punnaga. *Rottleria tinctoria*. As flores dessa árvore produzem um corante amarelo.
Purna. Um cipreste.
Purnasa. Manjericão sagrado.

R

Rajiva. Um lótus vermelho.
Raktachandan. A árvore de sândalo vermelho.
Ranjaka. Orgulho de Barbados. Essa árvore cresce à altura de dez pés e grandes ramos de flores divididos em ramos menores aparecem no final dos galhos; elas são vermelhas alaranjadas com listras amarelas, mais tarde tornando-se completamente vermelhas. Essa árvore é medicinal e usada para cicatrização de feridas e como um purgante; a madeira chamuscada é usada no fabrico de tinta.
A flor de pavão, que é associada com o deus Shiva e, portanto, sagrada para os hindus.

S

Sala. *Shorea robusta*. A árvore Sal, Sala ou Shala.
Sallaka. *Bignonia indica*. 'Gum tree'. Flores azuis escuras em cachos aparecem no início da estação quente e depois desbotam para prateadas pálidas quando bagos dourados aparecem. Uma resina verde translúcida exsuda dessa árvore, com um odor agradável. A madeira, goma, cascas e frutas todos têm valor medicinal. A madeira é conhecida como *Lignum vitae* ou Pau Brasil.
Sandhani. Uma erva medicinal. 'Aquela que produz uma pomada para feridas'.
Saptacchada. *Sterculia foetida*. Chichá-fedorento [oliva-de-java, castanha-da-Índia], uma amendoeira selvagem. As sementes pretas dessa árvore são assadas e comidas como castanhas, mas, ingeridas cruas, causam náusea e vertigem.
Planta leiteira de sete folhas.
Saptaparna. *Alstonia* ou *Echites scholaris*, a Árvore de Sete Folhas.
Sarala. *Pinus longifolia*, uma espécie de pinheiro.
Sarja. Murdah Branca.
Sarpat. *Saccharum bengalense* Retz. (*Saccharum sara* Roxb.).
Uma das canas de açúcar.
Sastilata. Uma trepadeira longa e sinuosa.
Shadvala. Grama verde fresca.
Shaivala. *Vallisneria Octandra* ou *Blyxa*, uma planta aquática.
Shalmali. *Bombax malabaricum* ou *gossampinus Malabaricum* ou *Salmalia malabarica*, Paineira-vermelha-da-índia. Uma árvore alta e bela encontrada em toda a Índia, exceto nas áreas mais secas. As flores grandes, aparecendo em janeiro ou fevereiro, são escarlates brilhantes e cor-de-rosa; elas são muito procuradas por aves de todas as espécies, e pessoas de aldeias também as consideram comestíveis. Em abril, a fruta aparece como dedos verdes que mais tarde se tornam marrons e se abrem quando um algodão macio é liberado e flutua para o chão; esse

é usado para isca de fazer fogo e para estufar travesseiros. Uma goma adstringente também é obtida dessa árvore.

Diz-se ser uma árvore que cresce no inferno e sua lendária haste espinhosa é utilizada para torturar os perversos.

Shami. *Acacia suma*. Supõe-se que essa árvore, possuidora de madeira muito forte e dura, contém o fogo; ela é empregada para acendimento por atrito.

O arbusto *Serratula anthelmintica*.

Shimshapa ou **Shingshapa**. *Dattergia sisu*. Uma espécie de Ashoka.

Shiribilva. Veja em Bilva.

Shirisha ou **Sirisha**. *Acacia sirissa*. Uma parenta próxima da Árvore de Chuva.

Shirishkapir. Outra das *Sirissas*. Essa árvore tem uma flor branca pequena que é perfumada à noite. Ela também produz uma goma semelhante à goma arábica. As suas sementes são utilizadas em doenças oftálmicas e são úteis na hanseníase.

Shurnaka. Um tipo de grão pertencente à variedade chamada Shashtika.

Shyama. Uma figueira sagrada em Prayaga.

O manjericão sagrado.

Uma planta trepadeira, o *Ichnocarpus* ou *Echites frutescens*.

Sillea. *Cephalostashum capitatum* Munro, um grande bambu.

Datura metel, uma maçã de espinho.

Simhakesara. *Cassia sianica*. Uma Cássia com flores amarelas brilhantes.

Sindhuvara. *Vitex negundo*, uma pequena árvore.

Sleshmataka. *Cordia myxa*. *Scarlet cordia* ou 'Aloe Wood'. Essa árvore produz flores brancas perfumadas em março e abril. O fruto é como uma cereja pálida, a noz é comestível e da polpa se faz visco para apanhar pássaros; ela também é medicinal.

Sukladruma. *Symplocos racemosa*, uma árvore que produz flores brancas.

Sura. Outra árvore Sala.

Suvarnyakarani. Uma erva sagrada 'Aquela que cura a pele'.

Svadamshtra. *Asteracantha longifolia*.

Syandara. *Dalbergia ougeninensis*, uma árvore semelhante à Atimukta.

T

Tagara. O arbusto *Tabernaemontana coronaria*, que tem flores brancas deslumbrantes que as mulheres usam em seus cabelos. As sementes do fruto de três nervuras fazem um corante vermelho; as raízes misturadas com suco de limão são usadas como uma cura para doenças dos olhos; um pó fragrante e perfume são preparados a partir da madeira perfumada.

Takkola. *Pimenta acris*.

Tala. *Borassus flabelliformis*. A Palma de Palmira, uma das mais importantes das árvores indianas. Um tipo de açúcar é obtido a partir dela e a bebida inebriante 'Araca' é feita a partir da fermentação desse suco. Abanadores, tapetes, etc., são feitos das folhas, que também são utilizadas como coberturas; a madeira dura externa da árvore é transformada em estacas e outros objetos domésticos e os caules tornados ocos usados como canos de água. A polpa gelatinosa da fruta e as sementes moles da fruta jovem são cozidas e comidas como vegetais. Escovas vêm das nervuras das folhas e os talos são utilizados para tochas.

Tamala. *Phyllanthus emblica*. Uma árvore com casca negra e flores muito brancas, amada por poetas como Jai-deva. A fruta, *Myrobalan*, com a de outra árvore faz o tônico chamado 'Trefala Churan'.
Tilaka. Uma árvore com belas flores semelhante à planta de gergelim.
Timida. *Sesamum indica*, a planta de gergelim que tem uma semente oleosa usada na culinária.
Timira. Uma planta aquática.
Timisha ou **Tinisha**. Uma planta trepadeira com flores roxas.
Uma espécie de abóbora ou melancia.
Tinduka. *Diospyros glutinosa* ou *Diospyros embryopteris*, um tipo de ébano.
Tindura. Um dióspiro.
Tunga. *Rottleria tinctoria*. Um coqueiro.

U

Uddala ou **Uddalaka**. *Paspalum frumentaccum*. 'Uddalakapushpa-bhanjika' ou 'o rompimento das flores Uddalaka' é um jogo jogado pelas pessoas dos distritos do leste da Índia, [um esporte no qual flores Uddalaka são esmagadas].
Ushiras. Nardo.
Uma grama, a pequena *Saccharum*.
Andropogon muricatus, uma raiz perfumada.
Utpala. O lótus azul.
Um nenúfar.
Costus speciosus, uma planta.

V

Vamshas. Bambus.
Vandhira. *Memisa sirissa*.
Vanira. *Calamus rotang*, uma cana, [ou uma palmeira escandente].
Vanjula. *Hibiscus mutabilis*, [a Rosa-louca].
Varana. *Crataeva tapia*. Uma árvore sagrada e medicinal.
Vasanta Dru. Uma árvore de manga.
Vasanta Duta. *Gaetnera racemosa*. Uma trepadeira.
Uma flor de trombeta.
Vasanta Kusuma. *Cordia latifolia*. O nome significa 'Que tem flor na primavera'.
Vata. Uma espécie de figueira.
Vetra. Uma palmeira ornamental.
Vettas. Canas de vime.
Vibhidaka. Uma árvore de cujas nozes os dados são feitos.
Vibhita ou **Vibhitaxa**. A árvore *Terminalia belerica*.
Vijaka. A cidreira.
Vishalyakarani. Uma erva medicinal, 'Curadora de ferimentos infligidos por dardos'.

Glossário de Armas

A

Agneya. A arma de fogo ou arma do deus do fogo Agni.
Aindra. Arma de Indra.
Aishika. Uma flecha.
Akshas. Parte de uma roda, provavelmente o cubo.
Alakshya. Uma arma cuja trajetória não pode ser seguida.
Anjalis. Setas semelhantes a mãos com as palmas côncavas como em uma saudação.
Ankusha. Um aguilhão.
Ardea. A arma chamada de 'Teia'.
Ardra. A arma que produz umidade.
Arhani. O raio.
Asiratna. Uma espécie de seta ou dardo.
Asura. Uma arma mágica usada pelos asuras.
Avanagmukha. Uma arma com uma cabeça curvada ou dobrada.
Avarana. A arma de defesa, ou proteção.
Avya. Uma espécie de dardo ou flecha.

B

Bhallas. Setas em forma de crescente.
Bhindipalas. Setas curtas ou dardos lançados à mão ou atirados através de um tubo.
Uma lança de ferro ou dardo ou uma pedra presa a uma corda.
Bibhitaka. Uma arma que rompe ou perfura.
Brahmadanda. A vara de Brahma.
Brahmapasha. O laço de Brahma.
Brahmashira. 'De cabeça de Brahma' portanto, de quatro pontas.
Bushundi. Uma espécie de maça. Esse nome é aplicado a várias armas.

D

Daitya. A arma dos gigantes ou daityas.
Danda. O nome significa vara ou bastão como, por exemplo, a vara da morte ou castigo pertencente a Yama.
Darana ou **Daruna**. Uma arma que rasga ou divide em pedaços.
Darpana. A arma que seca.
Dashaksha. A arma de dez olhos.
Dashashirsha. A arma de dez cabeças.
Dhana. A arma que rouba o inimigo de seus despojos.
Dhanya. A arma que traz boa sorte.

Dharma-Astra. A arma de castigo merecido, [vingança, nêmesis].
Dharmanabha. A arma de meio [centro, umbigo] sagrado.
Dharmapasha. A arma que tem o poder de enredar o inimigo.
Dharmashakra. A arma de justiça ou virtude.
Dhrishta. A arma ativa, uma espécie de seta.
Dhriti. A arma de paciência.
Ditya. A arma titânica.
Dridhanabha. A arma de centro firme.
Dundunabha. Uma forma da arma Danda.

G

Gandharva. A arma dos gandharvas.

H

Hala. Uma arma em forma de um arado.
Hayashira. A arma com cabeça de cavalo.

I

Ishika. A arma ardente.
Ishu. A flecha acionada por mantras.

J

Jambhaka. Armas nas quais se diz que espíritos malignos residem.
Jrimbhaka. Realmente fórmulas mágicas ditas exorcizarem armas que possuem maus espíritos.
Jyotishta. A arma luminosa.

K

Kalapasha. O laço da morte.
Kalashakra. O disco da morte ou o tempo como a morte.
Kalisha. Um machado ou machadinho.
Kamaruchi. Uma seta ou dardo, que é brilhante e capaz de ir aonde quiser.
Kamarupa. Uma arma capaz de assumir qualquer forma à vontade.
Kamkala. Um arpão.
Kandarpa. Uma arma que excita o desejo sexual, nomeada em homenagem ao deus do amor Kandarpa.
Kankala. Uma arma para proteger o flanco, possivelmente uma parte da armadura.
Kapala. Um elmo.
Karavira. A arma da mão valente.
Karnis. Setas farpadas com dois lados parecendo orelhas.

Kasha. Um chicote.
Kaumodaki. A maça de cabeça de ferro pertencente a Shri Vishnu.
Kinkini. A palavra realmente significa um pequeno sino, daí a arma pode ter sinos pendurados nela.
Koumadaki. Uma arma que dá alegria à terra.
Krouncha ou **Krauncha**. O bico da garça.
Kshapani. Um remo ou rede; algo que destrói o destruidor.
Kshura. Uma seta com uma borda como navalha ou uma lâmina afiada afixada à seta.
Kshurapras. Uma seta em forma de crescente.
Kulisha. Veja Kalisha.
Kuntala. Uma arma em forma de foice.
Kuta. Um punhal.
Kutamudgara. Uma arma escondida semelhante a um martelo.
Kuvera Astra. Um instrumento para derramar ouro.

L

Lakshya. Uma arma que pode ser seguida em sua trajetória.
Lohita Mukhi. A de boca sangrenta.

M

Madana. Arma de Kandarpa.
Mahabahu. A arma de braço grande ou de mão grande.
Maha-Maya. A grande ilusão mágica ou a arma mentirosa.
Mahanabha. A arma de centro largo.
Mahishwara. A arma de Shiva.
Mali. A arma que segura ou amarra.
Manada. Uma arma mágica específica utilizada pelos gandharvas.
Manava. A arma de Manu.
Marganas. A essência da natureza de uma seta.
Mathana. Uma arma que inflige dano ou sofrimento.
Mayadhara. A grande ilusão.
Modaki. Uma das duas belas maças míticas.
Modana. A arma de embriaguez.
Moha. A arma que causa perda de consciência.
Mohan. A arma de atração.
Moushala ou **Mushala**. Um cassetete.
Murchana. Uma das cinco setas de Kandarpa.

N

Nairasya. Fórmulas mágicas pronunciadas sobre armas.
Nalika. Uma seta ou dardo de ferro e também uma lança ou venábulo.
Nandana. A arma que produz alegria empregada pelos vidyadharas.
Naracha. Uma flecha de ferro.

Narayana. Uma arma de água.
Nirashya. A desencorajadora.
Nishkali. A pacífica.
Nishtrinsha. Uma espada, cimitarra ou alfanje de mais de trinta dedos de comprimento.
Nivata Kavacha. Armadura impenetrável.

P

Painaka ou **Pinaka**. O tridente ou arco de Shiva.
Paisha Astra, **Pisacha** ou **Paishacha**. A arma fantasmagórica usada pelos pisachas. Também chamada de 'comedora de carne vermelha' ou 'míssil do diabo'.
Panthana. A arma movente.
Paramo Dara Astra. A arma suprema clareadora.
Paranmukha. A arma de boca grande.
Para Vira. Matadora dos bravos.
Parashava. Uma arma de ferro.
Parashvada. Um machado ou machadinha.
Parigha. Uma clava de ferro ou cassetete cravejado de ferro.
Pasha. Uma corda.
Pashupata. A arma sagrada para Shiva.
Path. Uma espécie de espada.
Pitriya. A arma dos Pitris.
Prama Thana. A batedeira.
Prasha. Um dardo farpado.
Prashamana. A arma de destruição.
Prashvaprana. Uma arma que lida com os ares vitais.
Prasvapana. Uma arma que causa sono.
Prathama. Arma de Vayu.
Pratiharatara. Aquela que neutraliza os efeitos de outras armas.
Purang Mukha. Uma arma que tem sua face virada.

R

Rabhasa. A desoladora.
Rakshas. A Titã-Astra que destrói a fortuna, a coragem e a vida dos inimigos.
Rati. A arma de prazer.
Rishtis. Espadas, setas ou lanças, armas dos Maruts.
Ruchira. A arma aprovadora.
Rudra. A arma Rudra sagrada para Rudra ou Shiva.

S

Sala. Uma seta de ângulos curtos.
Samvarta. A arma que cobre, pertencente a Kala ou ao Tempo que ele usa para a destruição dos mundos.
Sandhana. A arma braço.

Santapana. A arma que queima ou caustica.
Uma das flechas de Kama ou Kandarpa.
Sarchimali. Aquela que tem força ou poder.
Sarpanatha. A arma sagrada para o senhor das serpentes.
Satya Astra. A arma da existência.
Satya Kirti. A justamente famosa.
Saumya. A arma da lua.
Saura. A arma heroica.
Shaktis. Arpões de ferro, lanças ou piques.
Shakuna. A arma em forma de abutre.
Shalya. Um dardo, lança ou arpão com ponta de ferro.
Sankara. Uma arma de Shiva chamada de 'Causa do Bem-Estar'.
Shankar Astra. A arma com uma boca flamejante.
Sharnga. O arco de Vishnu.
Shatagni. Uma maça com pontas ou uma pedra incrustrada com pontas de ferro; ela é chamada de 'matadora de centenas'.
Shatapatra. 'Que tem cem penas', provavelmente uma seta.
Shatavaktra. A arma de cem bocas.
Shatodara. A arma de cem ventres.
Shikari. Uma das duas belas maças míticas.
Shilimukhas. Setas que parecem penas de garça.
Shitesu. Flecha afiada.
Shoshana. Uma arma usada para secar a água e combater a arma Varshana.
Shuchivanu. A arma de mão pura.
Shushka. A arma seca.
Simhadamshtra. Uma arma parecida com dentes de leão.
Somastra. A arma de orvalho.
Sunabhaka. A arma de centro fino.
Sura Astra. Uma arma chamada 'A destruidora de inimigos' que rouba o brilho e a beleza.
Soumanva. A arma da mente controlada.
Svapana. Uma arma que afeta o sono.
Svanabhaka. A arma ricamente centrada.

T

Tamasa. A arma de inércia.
Tejasprabha. A arma de sol.
Tomara. Uma barra de ferro, pé de cabra, lança ou dardo.
Trimbaka. A bocejadora.
Tvashtra Astra. A Astra do demônio do caos, uma arma que possui o poder do arquiteto dos deuses.

U

Usiratma. Uma cimitarra.

V

Valla. Veja Bhalla.
Varshana. A arma produtora de chuva.
Vatra. A sopradora, uma arma sagrada para o deus do vento.
Vatsadanta. Uma arma parecida com dentes de bezerro.
Vayavya. Uma arma com o poder do vento.
Viddana. A arma que rasga ou despedaça.
Vidhuta. A arma que vibra fortemente.
Vidyadhara. A arma encantadora, pertencente aos vidyadharas.
Vikarni. Uma flecha.
Vilapana. A arma que causa lamentação.
Vimala. A arma inoxidável.
Vinidra. A arma de insônia.
Vipatha. Uma seta grande.
Vipatra. Uma arma que parece a arma Karavira.
Vishnushakra. O disco de Vishnu.
Vrittimat. Uma arma que gira como uma roda.

Y

Yamya. A arma dupla.
Yaugandhara. Uma fórmula mágica específica falada sobre as armas que pertencem a um rei.